O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

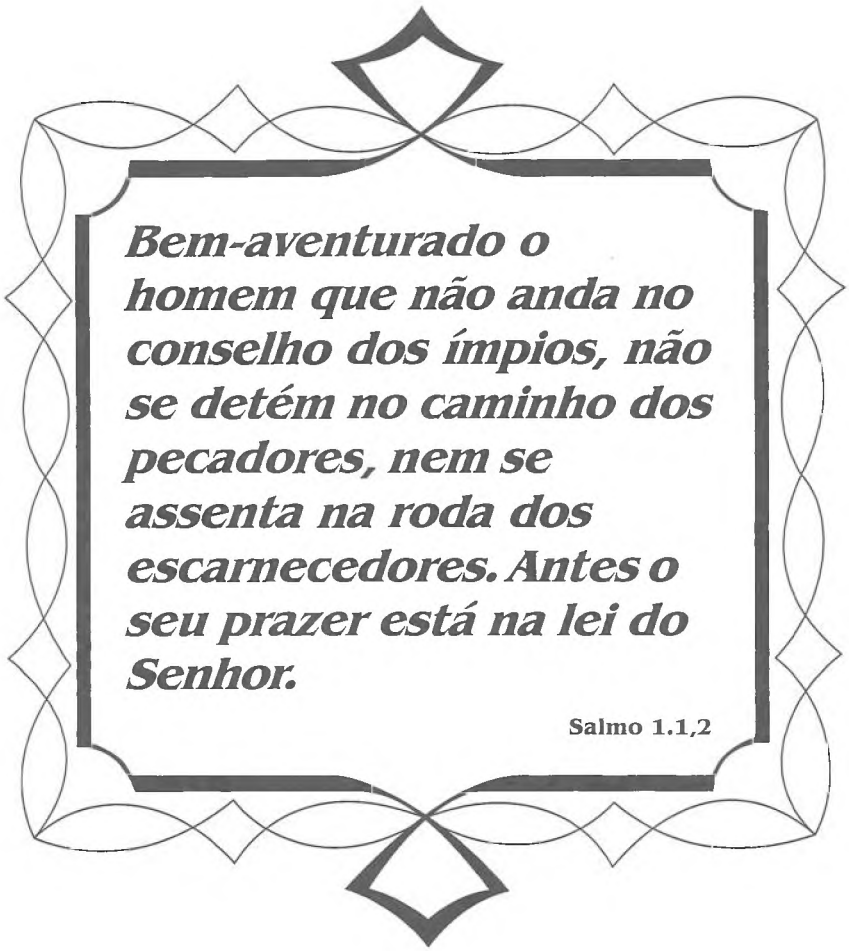
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

SALMOS

HAGNOS

SALMOS

O Hinário de Israel



Salmos

150 Capítulos
2.461 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. O Título e Vários Nomes
II. Caracterização Geral
III. Idéias dos Críticos e Refutações
IV. Autoria e Datas
V. Várias Compilações e Fontes Informativas
VI. Conteúdo e Tipos
VII. A Esperança Messiânica
VIII. Usos dos Salmos
IX. A Poesia dos Hebreus
X. Pontos de Vista e Idéias Religiosas
XI. Canonicidade
XII. Os Salmos no Novo Testamento
XIII. Bibliografia

I. O Título e Vários Nomes

1. O moderno título desse livro do Antigo Testamento vem do grego *psalmós*, que indica um cântico para ser cantado com o acompanhamento de algum instrumento de cordas, como a harpa. O verbo grego *psallein* significa «tanger». A Septuaginta diz *Psalmoi* como o título do livro. E é da Septuaginta que se deriva nosso título moderno do livro. A Vulgata Latina diz, como título, *Liber Psalmorum*.

2. O título hebraico antigo do livro era *Tehillim*, «cânticos de louvor». Esse título refletia o principal conteúdo dessa coletânea em geral. Mas vários outros vocábulos hebraicos introduzem salmos específicos, a saber:

Shir, «cântico» (29 salmos). *Mizmor*, «melodia», «salmo» (57 salmos); essa palavra subentende o tanger de algum instrumento de cordas, pelo que é similar ao termo grego *psalmós*. *Sir Hammolot*, «cânticos dos degraus» (Sal. 120 a 134), que eram cânticos entoados por peregrinos que subiam a Jerusalém para celebrar as festividades religiosas. *Miktam*, cujo sentido exato se perdeu, embora haja nas composições envolvidas a idéia de lamentações e expiação (Sal. 16, 56-40). *Maskil*, «instrução», que são salmos didáticos (Sal. 74, 78 e 79). *Siggayon*, também de significado duvidoso, mas talvez uma palavra relacionada ao termo hebraico *saga*, «dar uma guinada», «girar», referindo-se a um tipo de música agitada (Sal. 7). *Tepilla*, «oração», referindo-se a alguma composição poética entoada como uma oração ou petição (Sal. 142). *Toda*, «agradecimento», *Le annot*, «aflição». *Hazkir*, «comemorar» ou «lembrança», como no caso de um pecado cometido (Sal. 38 e 70). *Yedutum*, «confissão» (Sal. 39, 62 e 77). *Lammed*, «ensinar» (Sal. 60). *Menasseah*, «diretor musical» (55 salmos). *Yonat elem rehoqim*, que diz respeito a alguma «pomba» (deve estar em foco algum tipo de sacrifício). *Ayyelet hassahar*, «corça do alvorecer» (estando em foco algum sacrifício). *Sosannim*, «lírios» (Sal. 60, 65 e 69), talvez uma referência ao uso de flores em cortejos nos quais eram entoados salmos. *Neginot*, uma referência a instrumentos musicais que sem dúvida acompanhavam o cântico de salmos (Sal. 6, 54, 55 e 67). *Sela*, «elevar», talvez uma direção para que se elevasse a voz, em algum tipo de bênção ou vozes responsivas (39 salmos). *Nehilot*, «flautas», uma referência ao acompanhamento do cântico de salmos por meio desse instrumento de sopro.

A complexidade desses títulos reflete tanto a própria complexidade da coletânea quanto o seu variegado uso em conexão com a devoção privada e com a adoração pública, especialmente aquele tipo que era acompanhado por música.

II. Caracterização Geral

«O livro de Salmos, tradicionalmente atribuído a Davi, é uma antologia de cânticos e poemas sagrados dos hebreus. Aparece na terceira seção do Antigo Testamento, chamada os Escritos (no hebraico, *Ketubim*). A palavra *salmos* é de origem grega e denota o som de algum instrumento de cordas. Seu nome, em hebraico, é *tehillim*, 'louvores'. Os temas dos salmos envolvem não somente louvores ao Senhor, mas também alegria e tristeza pessoais, redenção nacional, festividades e eventos históricos. O seu fervor religioso e poder literário têm conferido a essa coletânea uma profunda influência através dos séculos, e não menos no mundo cristão».

«Tem havido intensa disputa entre os eruditos acerca da antigüidade e autoria desses salmos, e acerca de sua conexão com o rei Davi. Provavelmente foram compostos durante um período bíblico de mil anos ou mesmo mais. Dentre os cento e cinqüenta salmos, setenta e três têm, no seu título, as palavras «de Davi»; e muitos deles foram compostos na primeira pessoa do singular. Alguns desses, ou porções dos mesmos, parecem ser de data posterior à do reinado de Davi. Entretanto, o cotejo com outras peças poéticas religiosas do Oriente Próximo e Médio da mesma época geral sugere que alguns dos poemas atribuídos a Davi datam, realmente, do tempo dele. Sem importar o que os especialistas digam, é apenas natural que a crença popular tenha atribuído a obra inteira ao maior dos reis de Israel, um poeta e músico que se sentia em íntima comunhão com Deus» (WW).

Os salmos reverberam as mais profundas experiências e necessidades do coração humano, e assim exercem uma atração permanente sobre as pessoas de todas as religiões. Incorporaram o que havia de melhor nas formas poéticas dos hebreus, tendo-as desenvolvido, e eram acompanhados por um surpreendente desenvolvimento musical, com freqüência usado para acompanhar a recitação dos salmos na adoração formal de Israel.

Tem-se tornado comum aos eruditos liberais aludirem aos salmos como «o hinário do segundo templo», o que serve de uma boa descrição. Contudo, não há nenhuma razão constrangedora que nos force a duvidar de que pelo menos muitos dos salmos, bem como a música que os acompanhava, já faziam parte da liturgia do primeiro templo de Jerusalém. Ver a terceira seção, intitulada *Idéias dos Críticos e Refutações,* quanto aos argumentos pró e contra acerca da data e da compilação dessa coletânea de hinos e poemas. Esse hinário do segundo templo contém muitos elementos antigos que correspondem ao que se conhece sobre a poesia antiga de outras culturas, e não somente da cultura hebréia; e isso favorece a antigüidade pelos menos de uma parcela razoável da coletânea.

Seja como for, a fé religiosa viva resplandece através desses hinos e poemas. O Saltério é o hinário do antigo povo de Israel; e, posteriormente, veio a ser o livro veterotestamentário mais constantemente citado no Novo Testamento. Os primeiros hinários cristãos, em vários idiomas, incorporaram muitos dos salmos, que então foram musicados. Sob o primeiro ponto, temos dado indicações sobre os muitos tipos de salmos que compõem a coletânea, e, nas seções quinta e sexta, ilustramos essa questão um pouco mais. Os principais tipos de salmos são os de louvor, lamentação, confissão, júbilo, triunfo, agradecimento, salmos reais, imprecações contra os inimigos, história sagrada, sabedoria, liturgias, cânticos festivos. O livro de Salmos reflete muitos aspectos da vida religiosa e das aspirações do antigo povo de Israel, e é dotado de profunda beleza e percepção espiritual, o que tem feito do livro uma parte imortal da literatura religiosa.

III. Idéias dos Críticos e Refutações

Apesar de todos os homens louvarem os salmos, nem todos pensam que eles foram autenticamente compostos por Davi e produzidos

naquele antigo período da história. Talvez a maioria dos eruditos modernos veja os salmos como uma série de coletâneas que terminou unida em uma única grande coletânea, embora a totalidade tivesse sido composta e desenvolvida no processo de um longo tempo.

Alistamos os principais pontos de vista dos críticos, juntamente com as refutações às suas críticas:

1. O uso do termo hebraico *le* levanta uma questão de interpretação. Essa palavra pode significar «por», envolvendo assim a idéia de autoria. Porém, também pode ter o sentido de «pertencente a», não requerendo assim a idéia de que determinados salmos foram compostos pelo indivíduo que aparece no título. Onze salmos presumivelmente são atribuídos aos filhos de Coré, mas essa palavra hebraica aparece nos títulos introdutórios. No entanto, o trecho de II Crô. 20.19 mostra-nos que esses homens formavam uma guilda de cantores do templo, após o exílio. Não é provável que eles tenham, verdadeiramente, composto os salmos que lhes são atribuídos; antes, esse grupo de salmos foi selecionado por eles (provavelmente procedentes de diferentes autores), e os cantores os usavam em seu trabalho.

Resposta. Apesar de ser verdade que o vocábulo hebraico em questão pode envolver o sentido de «pertencente a», e que, de fato, em certos casos assim deve ser entendido, também é verdade que tal termo pode significar «por», indicando a autoria. E se havia uma guilda musical dos filhos de Coré, que existiu depois do exílio babilônico, é também provável que essa guilda já existisse desde tempos mais antigos, e que os seus descendentes é que foram mencionados em II Crônicas. Ver no *Dicionário* sobre *Coré; Coate e Coatitas.* A passagem de I Crô. 6.31 ss. fornece-nos os nomes daqueles que *Davi* nomeou para ocuparem-se da música sacra, e os filhos de Coré estavam entre eles. Ver o vs. 38. «Quando da reorganização instituída por Davi, os coatitas ocuparam certa variedade de ofícios, incluindo um papel na música executada no templo» (ND).

2. *Os títulos dos salmos* não eram originais, e sem dúvida contêm muitos desejos piedosos, não informações históricas autênticas.

Resposta. É verdade que as tradições tendem por adicionar toda espécie de material não histórico, mas também podemos estar tratando com anotações e observações verdadeiramente antigas dotadas de valor histórico, pelo menos no que se aplica à maioria dos salmos. A baixa crítica (estudo do texto dos manuscritos antigos) arma-nos de um constante testemunho em favor desses títulos. Todavia, este último argumento não é muito definitivo, visto que todos os manuscritos que temos dos Salmos são tão posteriores que se torna impossível fazer qualquer afirmação quanto ao valor histórico dos títulos, meramente por se encontrarem em todos os manuscritos conhecidos. *Todos os* manuscritos conhecidos do livro de Salmos são de data relativamente recente.

3. *Setenta e quatro dos salmos são atribuídos a Davi,* mas entre eles manifesta-se uma grande variedade de estilo, expressão e sintaxe, mostrando que dificilmente eles foram compostos por um único autor.

Resposta. Esse tipo de argumento só pode ter peso se também for exatamente detalhado quais problemas estão envolvidos. Argumenta-se que são achados aramaísmos nos salmos de Davi. Os eruditos conservadores dizem que isso poderia ter ocorrido durante o processo de transmissão dos textos. Questões assim só podem ser tentativamente resolvidas por eruditos no hebraico. Entretanto, todos os autores são, parcialmente, compiladores, pelo que é possível que Davi, embora poeta de alto gabarito, algumas vezes tenha incorporado composições não de sua autoria, em seus poemas. Além disso, é possível que vários dos chamados salmos de Davi não fossem de sua autoria, embora esse reparo não caiba à grande massa deles. Salmos anônimos provavelmente também foram atribuídos a Davi, visto que ele foi o principal para a coletânea. No Novo Testamento, certos salmos são atribuídos a Davi, embora os títulos do Antigo Testamento não digam tais coisas. Isso pode ter sido instância do que acabamos de asseverar. Não há necessidade de nos empenharmos pela autoria davídica desses salmos. Mas precisamos defender o conjunto dos salmos de Davi. Quanto a observações neotestamentárias, ver Atos 4.25 e Heb. 4.7. O trecho de I Crô. 16.8-36 contém porções dos Salmos 96, 105 e 106, e parece atribuí-los a Davi, ao passo que, no próprio livro de Salmos, eles figuram como anônimos. E no tocante a Heb. 4.7, alguns estudiosos argumentam que esse versículo não precisa ser interpretado com o sentido de que a autoria davídica está em pauta, pois estariam em foco apenas as questões do uso de idéias e o cuidado na prestação de ações de graças.

4. *Muitas coletâneas,* incorporadas naquilo que finalmente veio a ser o Saltério, provavelmente indicam um processo muito prolongado. Assim, apesar de alguns dos salmos terem sido de autoria davídica, a maior parte não o é, e a compilação final ocorreu após o exílio babilônico.

Resposta. Na primeira seção, acima, ficou demonstrado que, de fato, muitos dos títulos dos salmos sugerem fontes múltiplas, muito mais complexas do que se dizer que Davi e alguns outros, como Asafe, Salomão, os filhos de Coré etc., nos legaram os salmos. Todos os bons hinários são como antologias de hinos adicionados através dos séculos. Porém, o reconhecimento desse fato não anula a idéia de que Davi foi o principal e mais volumoso contribuinte, e que outros salmos, como os de Asafe, também pertencem, autenticamente, à época de Davi. Ver a quinta seção, abaixo, quanto à complexidade de fontes que aparentemente estão por trás do livro de Salmos. Parece que precisamos admitir que o livro de Salmos recebeu contribuições da parte de muitos, ao longo de um prolongado tempo. Contudo, isso não anula o antigo âmago do livro, especialmente aquela porção que pertence autenticamente a Davi.

5. *Os títulos davídicos* relacionam os salmos a certos eventos da vida de Davi, mas a leitura desses salmos envolvidos revela-nos que o seu conteúdo nada tem que ver com o que aqueles títulos dizem.

Resposta. É admirável que as mesmas evidências possam ser interpretadas de modos diferentes, tudo dependendo de como os intérpretes aparentemente queiram distorcer a questão. Alguns eruditos liberais admitem nada menos de dezoito salmos como de autoria autenticamente davídica; mas outros desses mesmos eruditos não podem achar um único salmo que seja tão antigo que possa ser atribuído a Davi. Na quarta seção, *Autoria e Datas,* apresentamos um estudo sobre esses salmos que parecem refletir circunstâncias verdadeiras da vida de Davi. E consideramos isso adequado para demonstrar a presença de genuínos salmos davídicos no livro de Salmos, mesmo que isso não possa ser aplicado a todos os setenta e quatro salmos a ele atribuídos.

6. Apesar de poder ser demonstrado que alguns dos salmos contêm elementos antiquíssimos, que mostram afinidade com a poesia norte-cananéia (como aquela que foi encontrada em Ras Shamra; ver no *Dicionário* a respeito) ou com os antigos textos babilônicos, pode-se interpretar melhor esse ponto supondo-se que antigos elementos tivessem sido incorporados, e não que todos os salmos fossem verdadeiramente antigos. Por outra parte, pode-se mostrar que material literário semelhante aos salmos era bastante comum em tempos pré-exílicos, segundo se vê em Osé. 6.1-3; Isa. 2.2-4; 38.10-20; Jer. 14.7-9; Hab. 3.1 ss.; I Crô. 16.8-36. O mesmo sucedeu em tempos pós-exílicos, conforme se vê em Esd. 9.5-15 e Nee. 9.6-39. Com base nas evidências, podemos afirmar que essa forma de composição escrita era encontrada em várias colunas antigas, e isso cobrindo um período de tempo muito longo.

7. O *guerreiro Davi* poderia ter sido o autor desses monumentos de espiritualidade? Infelizmente é verdade que, em muitas ocasiões, Davi agiu como um puro selvagem. Mas ele viveu em tempos extremamente

violentos, e precisou usar da violência a fim de sobreviver. Ficamos desconsolados ao ler os relatos de matanças insensatas que ocorreram em seus dias. Davi desejou construir o templo de Jerusalém; e o profeta Natã encorajou-o a fazê-lo. Mas, pouco depois, o Espírito de Deus mostrou a Natã que Davi não era a pessoa indicada para a obra, devido à sua trajetória sangüinária. E assim a tarefa foi transferida para Salomão, um dos filhos de Davi. O relato acha-se no sétimo capítulo de II Samuel. O trecho de I Sam. 27.8 ss registra o incrível incidente no qual Davi e seus homens executaram todos os homens, mulheres, crianças e até animais, meramente a fim de engodarem a Aquis, *fazendo-o pensar que era contra Judá que Davi tinha agido.* Isso Davi fez a fim de fortalecer a sua posição diante daquele monarca pagão, quando exilado no território dele. Davi queria que Aquis pensasse que a sua inimizade contra seu próprio povo israelita era tão grande que ele *nunca mais seria uma ameaça para os vizinhos de Israel.* Ora, um homem assim tão brutal poderia ter composto uma poesia tão sublime? Diante dessa indagação, relembramos o leitor de que os poemas homéricos, uma literatura de insuperável beleza e técnica, foram escritos dentro do contexto de *matanças e ameaças de morte. Tem havido* grandes poemas de fundo belicoso, com também soberba prosa. De fato, as guerras têm inspirado muitas grandiosas peças de literatura, além de notáveis produções teatrais. Também devemos considerar que Davi, embora tivesse vivido em tempos selvagens, também tinha outro lado em sua personalidade, o lado de uma profunda devoção ao Senhor. Isso fica claro nos livros de I e II Samuel, I e II Reis, além de várias outras referências a Davi, espalhadas pela Bíblia. Outrossim, a habilidade de Davi como poeta e músico já era proverbial em seus próprios dias. Os trechos de I Crô. 6.31 ss. e 16.8-36 fornecem-nos indicações a esse respeito. Finalmente, cumpre-nos considerar a natureza do próprio ser humano, um misto de nobreza e vileza, em uma mesma criatura. O sétimo capítulo da epístola aos Romanos elabora esse ponto. Até Adolfo Hitler gostava de cães! A passagem de Amós 6.5 mostra quão grande era a reputação de Davi como músico e poeta (ver também II Sam. 1.17 ss.; 3.33 ss.), a qual continuou a ser notória mesmo séculos depois de sua morte. A Bíblia chega a revelar que Davi inventou instrumentos musicais. O Cântico de Moisés (Êxo. 15) e o Cântico de Débora (Juí. 5) mostram que a poesia dos hebreus era muito antiga e muito bem desenvolvida. Não há nenhuma razão em supormos que o templo original de Jerusalém não contasse com música e poesia dessa qualidade altamente desenvolvida. Não há nenhuma dúvida razoável acerca do papel desempenhado por Davi em tudo isso, a despeito de sua natureza belicosa, e, com freqüência, violenta.

8. Pode-se explicar melhor os salmos como composições que giraram em torno de tempos pós-exílicos e isso por várias razões, algumas das quais foram descritas acima. A música e a liturgia elaborada *servem de outro fator de uma data posterior.*

Porém, contra isso, além dos argumentos que já foram expostos, deveríamos observar que os *Manuscritos do Mar Morto* (ver a respeito no *Dicionário*) já continham muito material proveniente dos Salmos, e isso evidencia que os Salmos *já haviam sido escritos em* um período histórico anterior ao daquele em que foram produzidos os rolos do mar Morto. Todavia, essa resposta não nos faria retroceder até os dias de Davi, mas somente até um tempo anterior ao tempo dos Macabeus. No entanto, o argumento é sugestivo, mesmo que não conclusivo.

9. *A esperança messiânica* é por demais pronunciada no livro de Salmos para que essas composições sejam consideradas saídas da pena de Davi. Historicamente, essa esperança ajusta-se melhor ao período dos Macabeus, sendo similar ao material dos livros pseudepígrafos, no tocante aos anseios dos judeus pelo aparecimento de um Libertador. Uma posição mais radical é aquela que diz que nada semelhante ao Messias cristão está em foco, mas tão-somente a figura de um Rei-Salvador, como aquela que foi concebida no tempo dos Macabeus.

Resposta. Contra essa idéia, deve-se observar que desde tempos bem antigos na história de Israel esperava-se um Messias (ver Deu. 18.15). Isaías (750 A.C.) também reflete essa forte ênfase messiânica, conforme é claro para todos os que estudam a Bíblia, e isso certamente é anterior, e em muito, ao período pós-exílico. Ademais, afirmar que os antigos hebreus não poderiam ter tido a esperança messiânica é apenas uma opinião subjetiva. Podemos opinar subjetivamente que os hebreus poderiam ter tido tal esperança. Além disso, há indicações, extraídas da própria história da literatura bíblica, que mostram que o tipo de esperança messiânica davídica é mais antigo que a esperança refletida nos livros pseudepígrafos. O fato é que o livro de I Enoque contém uma esperança messiânica *muito mais refinada e muito mais parecida com a do Novo Testamento* do que aquela que transparece no livro de Salmos, refletindo um estágio posterior desse ensino. O artigo sobre I Enoque no *Dicionário* certamente demonstra que, quanto a esse aspecto, I Enoque está *mais próximo do Novo Testamento do que o livro de Salmos.* Quanto a pormenores sobre a esperança messiânica no livro de Salmos, ver a seção VII abaixo, que se dedica a esse assunto. Finalmente, no tocante a essa questão, precisamos relembrar dois itens incomuns e *místicos que sempre acompanham as culturas humanas, antigas e* modernas; o poder de curar e o de prever o futuro. Visto que o Messias brotou dentre o povo de Israel, não há nenhuma razão em supormos que a sua vinda não pudesse ter sido percebida com muita antecedência. Mas o contra-argumento mais definitivo aqui é que o próprio Jesus Cristo ensinou a natureza messiânica dos Salmos; «...importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos» (Luc. 24.44).

10. A música e a liturgia elaborada, refletida no livro de Salmos, falam sobre uma época posterior à de Davi, ou seja, a época do segundo templo, terminado o exílio babilônico.

Resposta. Não há razão para crer que uma elaborada situação músico-litúrgica não se caracterizava no primeiro templo. O trecho de I Crô. 6.31 ss. certamente ensina que, desde bem cedo, o aspecto musical de fé religiosa ocupava um largo espaço na religião dos hebreus. As observações musicais, existentes nos títulos dos salmos, referem-se a três elementos: instrumentos musicais, melodias utilizadas, vozes e efeitos musicais. Nada há nesses elementos que necessariamente pertença a tempos posteriores aos de Davi, embora, como é óbvio e como ninguém pretende negar, tudo isso tenha sido sujeitado a um progressivo desenvolvimento e elaboração. Nos tempos pós-exílicos havia guildas de músicos, como a dos filhos de Coré (ver II Crô. 20.19); mas esse trecho mostra que essa família formava uma antiga guilda musical, desde os tempos do primeiro templo de Jerusalém.

Observações Gerais sobre o Conflito: Críticos Versus Conservadores. Temos dado um sumário bastante detalhado do debate que *ruge entre estas duas facções de estudiosos. Opino que não há como* solucionar todos os problemas envolvidos, visto que cada teoria tem sua contrateoria. Parece-me que a solução desses problemas só poderia partir de especialistas no idioma e na cultura dos hebreus, os quais, além disso, fossem técnicos no estudo dos próprios Salmos. E isso, como é óbvio, está acima da maioria dos eruditos do Antigo Testamento, para nada dizer sobre os leitores comuns. Controvérsias dessa natureza têm alguns elementos positivos, especialmente se forçam pessoas interessadas a estudar os livros da Bíblia em profundidade. Quanto ao seu lado negativo, essas controvérsias podem ser prejudiciais ao espírito da fé religiosa, dando maior ênfase à contenda do que à espiritualidade. A fim de ilustrar essa declaração, o leitor pode meditar

sobre o fato de que uma de minhas fontes informativas (uma respeitável enciclopédia) desperdiça espaço desproporcionalmente grande sobre estas questões controvertidas, ao mesmo tempo que dedica muito pouco espaço à mensagem e ao valor dos salmos, como uma coletânea sagrada. Certas pessoas (em sentido positivo ou em sentido negativo) gostam de debate, e acima de todas as coisas, elas debatem. É óbvio que isso é um exagero, que só pode ser prejudicial para a espiritualidade. Assim sendo, que debatamos, mas que o façamos sem hostilidade e exageros. Quando o amor transforma-se em ódio teológico, então eu me despeço e vou-me embora.

IV. Autoria e Datas

Quanto a esta particularidade, precisamos depender essencialmente dos informes dados nos títulos de introdução aos Salmos. Se dependermos somente desses títulos, obteremos o seguinte quadro:

Setenta e quatro salmos são atribuídos a Davi; dois a Salomão (Sal. 72 e 127); um a um sábio de nome Hemã (Sal. 88); um a um sábio chamado Etã (Sal. 89; quanto a esse, ver I Reis 4.31); um a Moisés (Sal. 90); vinte e três aos cantores levíticos de Asafe (Sal. 50; 73-83); vários aos filhos de Coré (Sal. 42, 43, 44-49, 84, 85, 87). Os quarenta e nove salmos restantes são anônimos.

Os informes existentes nos salmos subentendem que várias guildas musicais ou escreveram ou utilizaram os salmos. Quanto a uma exposição mais completa a respeito, ver a quinta seção da Introdução.

Várias Compilações e Fontes Informativas. Os eruditos conservadores contentam-se em confiar no valor histórico desses informes. Os eruditos liberais, por outra parte, têm achado pouco ou nenhum valor nessas informações. R. H. Pfeiffer considera-os «totalmente irrelevantes». Mas, se os estudiosos conservadores estão com a razão, então a maior parte dos salmos foi composta nos dias do Davi. E, se os liberais estão certos, podemos pensar em um desenvolvimento gradual da coletânea, a começar por Davi, com uma compilação final nos tempos pós-exílicos. Na terceira seção, ventilamos os argumentos e os contra-argumentos que circundam a questão. Não se pode duvidar que desde antes de Davi havia uma literatura similar à dos salmos, que tem paralelo em várias culturas da época. Penso que nada de fatal pode ser dito acerca do possível valor dos pontos dos salmos, mesmo que não cheguemos a ponto de canonizar esses títulos juntamente com o texto, dependendo estupidamente de qualquer coisa que esses títulos digam.

Os argumentos que cercam a palavra hebraica *le* («por» ou «pertencente a»?) não podem anular a antiga autoria davídica, mas, em alguns casos, podem apontar para os processos de seleção e compilação, e não exatamente autoria. Ver III.1. A baixa crítica (que trata do texto dos manuscritos) favorece uma data definitiva, pois todos os manuscritos que chegaram até nós são de origem relativamente recente, e não se sabe quando foram acrescentadas as composições poéticas. Podemos conjecturar com segurança, porém, que esses títulos são posteriores à época de Davi, embora possam estar alicerçados sobre sólidas tradições históricas. Em caso negativo, precisamos depender do conteúdo dos salmos que refletem situações diversas na vida de Davi, e não dos títulos propriamente ditos. Muitos eruditos conservadores têm preferido esse argumento, apresentando assim um caso que merece respeito.

Salmos que Parecem Redefinir Situações Genuínas na Vida de Davi: Catorze dos salmos refletem motivos específicos de sua composição. Dependo aqui das informações supridas por Z. A ordem de apresentação é cronológica, e não numérica.

O Salmo 59 foi ocasionado pelo incidente registrado em I Sam. 19.11, e projeta luz sobre o caráter de certos associados invejosos de Davi (59.12).

O Salmo 56 mostra como o temor que Davi sentiu em Gate (ver I Sam: 21.10), acabou transmutando-se em fé (56.12).

O Salmo 38 ilumina as demonstrações de bondade subseqüentes, da parte do Senhor Deus (38.6-8, cf. I Sam. 21.13).

O Salmo 142, à luz da perseguição descrita em seu sexto versículo, sugere as experiências de Davi na caverna de Adulão (cf. I Sam. 22.1), e não em En-Gedi (ver sobre o Salmo 57, mais abaixo).

O Salmo 52 (cf. o vs. 3) enfatiza a iniqüidade de Saul, como superior de Doegue, que foi o carrasco executor dos sacerdotes (cf. I Sam. 22.9).

O Salmo 54 (cf. o vs. 3) impreca julgamento contra os zifeus (cf. I Sam. 23.13).

O Salmo 57 envolve a caverna de En-Gedi, quando Saul foi apanhado na própria armadilha que havia armado (57.6; cf. I Sam. 24.1).

O Salmo 7 apresenta-nos Cuxe, o caluniador benjamita (7.3), ao mesmo tempo em que o oitavo versículo desse mesmo salmo corresponde a I Sam. 24.11,12.

O Salmo 18 é repetido na íntegra em II Sam. 22; cronologicamente, deveria ter sido posto em II Sam. 7.1.

O Salmo 60 (cf. o vs. 10) ilumina a perigosa campanha militar contra os idumeus (ver II Sam 3.13,14; I Crô. 18.12), também referida em I Reis 11.15.

O Salmo 51 elabora o pecado de Davi com Bate-Seba e contra Urias (ver II Sam. 12.13,14).

O Salmo 3 retrata (cf. o vs. 5) a fé que Davi demonstrou ter, ao tempo da revolta de Absalão (cf. II Sam. 15.16).

O Salmo 63 lança luz sobre a fuga de Davi para o Oriente nessa ocasião (cf. II Sam. 16.2), pois, em suas fugas anteriores, ele ainda não subira ao trono de Israel (ver Sal. 63.11).

O Salmo 30 alude ao pecado de orgulho de Davi, devido ao poder do seu exército (ver os vss. 5, 6; cf. II Sam. 24.2), antes da perturbação que perdurou pouco tempo (cf. II Sam. 24.13-17; I Crô. 21.11-17). A isso seguiu-se o seu arrependimento e a dedicação do altar e da *casa* (a área sagrada do templo; I Crô. 22:1) de *Yahweh.*

Entre os salmos restantes cujos títulos determinam a sua autoria, os vinte e três salmos compostos pelos cantores de Israel exibem panos de fundo inteiramente diferentes uns dos outros, visto que aqueles clãs levíticos continuaram em atividade durante e após os tempos do exílio babilônico (ver Esd. 2.41). A maior parte desses vinte e três salmos pertence aos dias de Davi ou de Salomão. Todavia, o Salmo 83 ajusta-se dentro do ministério do asafita Jaaziel, ou seja, em torno do 852 A.C. (cf. os vss. 5-8 com II Crô. 20.1,2,14), ao passo que os Salmos 74, 79 e as estrofes finais dos Salmos 88 e 89 foram compostos por descendentes de Asafe e de Coré que, ao que tudo indica, sobreviveram à destruição de Jerusalém, em 586 A. C. (ver Sal. 74.3,8,9; 79.1; 89.44). Entre os salmos sem títulos ou anônimos, alguns poucos são oriundos do tempo do exílio babilônico (Sal. 137), do tempo do retorno dos judeus a Judá, em 537 A.C. (Sal. 107.2,3 e 126.1), ou da reconstrução das muralhas, sob a liderança de Neemias, em 444 A.C. (Sal. 147.13). Outros salmos, que refletem momentos trágicos, facilmente poderiam estar vinculados às desordens provocadas pela revolta de Absalão, ou então a certas calamidades que se abateram sobre Davi (cf. Sal. 102.13,22, 106.41-47). R. Laird Harris recomenda que se use de grande cautela na crítica a respeito das datas de determinados salmos, escrevendo: «É de regular interesse que as alusões históricas dos salmos não ultrapassam os tempos de Davi, excetuando o Salmo 137, um salmo anônimo que versa sobre o cativeiro. Vários salmos dizem respeito, em termos gerais, aos tempos do cativeiro e às dificuldades enfrentadas em períodos de deso-

lação do templo (por exemplo, Sal. 80; 85 e 129). Entretanto, essas são descrições poéticas bastante gerais, e não deveríamos esquecer que Jerusalém foi saqueada por mais de uma vez. O próprio Davi enfrentou duas conspirações em seu palácio. Nenhum dos salmos acima referidos é atribuído a Davi, embora alguns deles pudessem ter sido compostos em seus dias, ou pouco mais tarde» (Cf. F. H. Henry, editor, *The Biblical Expositor,* II, pág. 49).

Após termos suprido tais informações, nem por isso temos demonstrado que todos os setenta e quatro salmos atribuídos a Davi foram, na realidade, escritos por ele. Porém, temos dado motivos para crer que a contribuição de Davi foi real e vital. A posição radical que diz que os Salmos, como uma coletânea, foram compostos em tempos pós-exílicos, pelo menos em sua maioria, não resiste à investigação. Podemos concluir, portanto, que a maior parte dos salmos foi composta mais ou menos na época do primeiro templo de Jerusalém, ou seja, 1000 A.C., ou ligeiramente mais tarde.

V. Várias Compilações e Fontes Informativas

Já apresentamos o essencial desta questão, conforme aparecem diversos informes nos títulos dos salmos, no segundo parágrafo da quarta seção da Introdução. Se esses títulos estão essencialmente corretos historicamente falando, então outras fontes informativas devem ser rebuscadas entre os quarenta e nove salmos anônimos. Sempre que um título não for de caráter histórico, teremos o aumento no número de salmos anônimos.

Diversas coletâneas secundárias (envolvendo assim autores e datas diferentes) podem estar indicadas nos títulos hebraicos *shir, miktam, maskil* etc. Uma de minhas fontes informativas conjectura que pode ter havido um mínimo de dez coletâneas menores de salmos, antes da compilação final do Saltério. Temos o *Saltério Eloísta* como exemplo de uma coletânea distinta. Esses são salmos onde o nome divino predominante é Elohim. Trata-se dos Salmos 42 a 83. Curiosamente, o Sal. 53 é uma recensão eloísta do Sal. 14; e o Sal. 70, de Sal. 40.13-17. Além disso, temos os *Cânticos dos Degraus,* um grupo distinto de salmos (120 a 134) que, provavelmente, eram usados pelos peregrinos, quando subiam para celebrar festividades religiosas em Jerusalém. O trecho de Sal. 135.21 tem uma doxologia que pode ter assinalado o fim de uma dessas coletâneas secundárias. As doxologias finais do quarto livro podem ter encerrado originalmente uma pequena coletânea, que acabou fazendo parte do todo. Ver Sal. 106.48. As coletâneas secundárias refletem crescimento e a idéia de crescimento implica diferentes datas para diferentes segmentos do livro de Salmos.

VI. Conteúdo e Tipos

A. Quatro Tipos Principais:

1. *Os Salmos de Davi.* O livro I (Sal. 1 - 41) é essencialmente atribuído a Davi, exceto o Salmo 1, que é a introdução a esse livro I, e o Sal. 33, que não tem título. Parece que foi Davi quem primeiro coligiu o primeiro grande bloco de material que, finalmente, veio a fazer parte da coletânea total, no livro de Salmos. Um total de setenta e quatro salmos lhe são atribuídos; e, como é óbvio, eles não ficam todos no livro I.

2. *Os Salmos de Salomão.* Os livros II e III exibem um maior interesse nacional que o livro I. Esses livros incluem os Sal. 42 a 89. O rei Salomão foi o responsável pela doxologia de 72.18-20, e pode ter sido o compilador (embora não o autor) do livro II. Porém, os Sal. 42 a 49 são produção do clã cantante dos filhos de Coré. O Salmo 50 é de autoria de Asafe.

3. *Os Salmos Exílicos.* O livro III contém os Salmos 32, 52, 74, 79, e 89, que aludem à história posterior de Israel, já distante do período de Davi, mencionando a destruição de Jerusalém, em 586 A.C., e certas condições próprias do exílio. Porém, esse livro mostra certa variedade de composições, da parte de vários autores. De Davi (como o Sal. 86), de Asafe (Sal. 73 -83), dos filhos de Coré (Sal. 84, 85 e 87).

4. *Os Salmos da Restauração, Pós-Exílicos e Macabeus.* Nestes salmos predomina o interesse litúrgico. Os Salmos 107 e 127 devem ter provindo do tempo após o retorno dos exilados, em 537 A.C., e talvez existissem em uma coletânea separada, que foi então adicionada. Um inspirado escriba pode ter trazido o livro V (Sal. 107 - 150) à existência, unindo-o aos livros I – IV, ao adicionar a sua própria composição (Sal. 146-150) como uma espécie de grande aleluia! relativo ao Saltério inteiro. E isso pode ter ocorrido em cerca de 444 A.C. (Sal. 147.13), quando Esdras proclamou a renovação da adoração de Israel no segundo templo de Jerusalém. Alguns estudiosos pensam que o próprio Esdras pode ter sido o responsável pela compilação final (Esd. 7.10). Outros eruditos têm pensado que o período dos Macabeus foi o tempo da produção de muitos salmos, a começar por 168 A.C. Porém, naquele período, o aramaico já havia sobrepujado quase inteiramente o hebraico, e os salmos não foram compostos em aramaico. Ademais, o material dos Manuscritos do Mar Morto contém os salmos, fazendo a data de sua composição retroceder para antes do período dos Macabeus. Por conseguinte, é improvável que um grande número de salmos se tenha originado no tempo dos Macabeus.

B. Os Cinco Livros:

O livro de Salmos divide-se em cinco livros, cada um dos quais termina com uma doxologia. São os seguintes: Livro I (Sal. 1-41); Livro II (Sal. 42-72); Livro III (Sal. 73-89); Livro IV (Sal. 90-106); Livro V (Sal. 107-150).

C. Temas Principais:

1. *O tema messiânico.* Preservei este assunto para ser ventilado na seção oitava, onde ele é descrito pormenorizadamente.

2. *Louvor.* Alguns exemplos são Sal. 47; 63; 104; 145 - 150.

3. *Pedidos de bênção e proteção.* Sal. 86; 91 e 102.

4. *Pedidos de intervenção divina.* Sal. 38 e 137.

5. *Confissão de fé,* especialmente no tocante aos poderes e ofícios do Senhor. Sal. 33; 94; 97; 136 e 145.

6. *Penitência pelo pecado.* Sal. 6; 32; 38; 51; 102; 130 e 143. Em algum destes salmos, o perdão recebido é o assunto principal.

7. *Intercessão* em favor do rei, da nação, do povo etc. Sal. 21; 67; 89 e 122.

8. *Imprecações.* Queixas contra os adversários e o pedido para que Deus proteja, faça justiça e vingue. Sal. 35; 59; 109.

9. *Sabedoria, homilias espirituais,* com o oferecimento de instruções (salmos pedagógicos). Sal. 37; 45; 49; 78; 104; 105-107; 122.

10. O *governo e a providência divina.* Como Deus trata com todas as classes de homens, incluindo os ímpios. Sal. 16; 17; 49; 73 e 94.

11. *Exaltação à lei de Deus.* Sal. 19 e 119.

12. *O reino milenar do Messias.* Sal. 72.

13. *Apreciação pela natureza.* Temos aqui um reflexo da bondade, da glória e da beleza de Deus. Sal. 19; 29; 33; 50; 65; 74; 75; 104; 147 e 148.

14. *Salmos históricos e nacionais,* onde é elogiada a condição de Israel. Sal. 14; 44; 46-48; 53; 66; 68; 74; 76; 78-81; 83; 85; 87; 105; 108; 122; 124-129. São passados em revista muitos incidentes da história de Israel, e a providência divina é celebrada. O futuro de Israel é projetado de forma esperançosa.

15. *A humilde natureza humana e sua grandeza.* Sal. 8; 31; 41; 78; 100; 103 e 104.

16. *A existência da alma e sua sobrevivência.* Sal. 16.10,11; 17.15; 31.5; 41.12; 49.9,14,15. Historicamente, essa crença entrou

no judaismo mediante os Salmos e os livros dos profetas, e mostra-se ausente no Pentateuco.

17. *Liturgia.* Sal. 4; 5; 15; 24; 26; 30; 66; 92; 113-118; 120-134.

VII. A Esperança Messiânica

Ver a décima segunda seção quanto a uma lista completa de citações extraídas do livro de Salmos e contidas no Novo Testamento. Muitas dessas citações são de natureza messiânica. O próprio Senhor Jesus referiu-se aos Salmos, que prediziam a seu respeito (ver Luc. 24.44). Billy Graham chegou a asseverar que todos os Salmos são messiânicos. Certamente isso é um exagero, mas o fato de que esse livro do Antigo Testamento foi o mais constantemente citado pelos autores do Novo Testamento mostra que ali o elemento messiânico certamente é fortíssimo. Por esse motivo, destaquei essa questão do restante do conteúdo deste verbete, para efeito de ênfase.

1. *Sal. 2.1-11.* O poderoso Filho de Deus, exaltado pelo Pai contra os seus adversários, triunfa sobre tudo e todos. Este trecho é citado em Atos 4.25-28; 13.33; Heb. 1.13 e 5.5; onde recebe uma interpretação messiânica.

2. *Sal. 8.4-8.* A exaltação do Filho de Deus. Todas as coisas foram postas debaixo de seus pés, o que sob hipótese nenhuma pode aplicar-se a um mero ser humano. Esta passagem é citada em Heb. 2.50-10 e I Cor. 15.27, dentro de contextos messiânicos.

3. *Sal. 16.10.* A incorrupção do Filho de Deus em sua morte; sua divina e miraculosa preservação; sua segurança no Pai. Este salmo é citado em Atos 2.24-31 e 13.35-37, sendo aplicado à ressurreição de Cristo, bem como à sua autoridade e exaltação gerais.

Há seis salmos da paixão: Sal. 16; 22; 40; 69; 102 e 109.

4. *Sal. 22.* Um dos salmos da paixão que fornecem detalhes sobre a crucificação e descrevem os sofrimentos do Messias. Este salmo é citado em Mat. 26.35-46; João 19.23-25 e Heb. 2.12. O Sal. 22.24 prediz a glorificação de Cristo; o vs. 26 fala sobre a festa escatológica e o futuro trabalho de ensino do Messias (vss. 22, 23, 25; Heb. 2.12).

5. *Sal. 40.6-8.* A encarnação. A citação acha-se em Heb. 10.5-10.

6. *Sal. 46.6,7.* O trono eterno do Messias. Sua natureza divina (vs. 6), embora distinta do Pai (vs. 7). O trecho de Heb. 1.8,9 cita esta passagem.

7. *Sal. 79.25.* A maldição sobre Judas Iscariotes, citada em Atos 1.16-20.

8. *Sal. 72.6-17.* O governo do Messias. Seu reino será eterno (vs. 7); seu território será vastíssimo (vs. 8); todos virão para adorá-lo (vss. 9-11).

9. *Sal. 89.3,4,28,29,34-36.* O Messias como o Filho de Davi; sua descêndencia será eterna (vss. 4, 29, 36, 37). Este salmo é citado em Atos 2.30.

10. *Sal. 102.25-27.* A eternidade do Filho-Messias. Uma invocação a Yahweh (vss. 1-22) e a El (vs. 24) é aplicada a Jesus Cristo.

11. *Sal 109.6-19.* Judas Iscariotes é amaldiçoado. O Messias teria muitos adversários, mas havia um maior de todos. O plural aparece nos vss. 4,5 e muda para o singular no vs. 6, sendo reiniciado no vs. 20. Este salmo é citado em Atos 1.16-20.

12. *Sal. 110.1-7.* A ascensão e o sacerdócio do Messias. Ele é o Senhor de Davi (vs. 1), e é sacerdote eternamente (vs. 4). Este salmo é citado em Mat. 22.43-45; Atos 2.33-35; Heb. 1.11; 5.6-10; 6.20; 7.24.

13. *Sal. 132.11,12.* Ele, o Filho de Davi, é a semente real e eterna. Este salmo é citado em Atos 2.30.

14. *Ofício de Profeta, Sacerdote e Rei.* Que o Messias pudesse ocupar esses três ofícios, foi profetizado antes mesmo do tempo de Davi. O Messias é visto como profeta (Deu. 18.15), como sacerdote (Lev. 16.32) e como rei (Núm. 24.17). Ora, nos Salmos há indicações acerca de todos esses três ofícios. Ele é profeta em Sal. 22.22, 23, 25; Sal. 23. Ele é sacerdote, divino e humano em Sal. 110.2. Ele é rei em Sal. 2; 6; 12; 24 e 72. Essas três idéias são combinadas em Sal. 22.12 e 110.2.

Quanto a completos detalhes sobre a questão dos ofícios de Cristo como profeta, sacerdote e rei, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ofícios de Cristo.* Ver a tradição profética em geral sobre o Messias, com referências cruzadas com o Novo Testamento, no artigo chamado *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.*

VIII. Usos dos Salmos

1. Todos os estudiosos concordam que os Salmos eram o *hinário* do segundo templo de Israel. No entanto, essa restrição não é imperiosa. O trecho de I Cor. 6.31 ss. demonstra o uso de música elaborada no culto divino, nos próprios dias de Davi. Portanto, o uso litúrgico dos salmos foi importante desde o começo. E isso teve prosseguimento na Igreja cristã, onde muitos salmos foram musicados e usados no culto de adoração. Além disso, muitos versículos, porções de salmos ou idéias ali contidas foram incorporados nos hinos cristãos.

2. Os salmos prestam-se muito bem a *devoções particulares*, sendo extremamente ricos em conceitos espirituais, além de excelentes como consolo e inspiração para o louvor ao Senhor. Muitos salmos são obras-primas literárias em miniatura, conforme se vê nos Salmos 1; 2; 8; 19; 22; 23 e 91. Qualquer seleção será forçosamente defeituosa, mas essa seleção ilustra o ponto.

3. Os Salmos são uma Bíblia em miniatura dentro da Bíblia, conforme Lutero afirmou, repletos de idéias religiosas e de fervor. Não foi por acidente que os autores do Novo Testamento citaram mais dos Salmos do que de qualquer outro livro do Antigo Testamento. Ver a décima segunda seção quanto a uma demonstração desse fato. O próprio Senhor Jesus muito se utilizou dos salmos. Ele e os seus discípulos entoaram o *Hallel* (Sal. 113 -118), por ocasião da Última Ceia.

4. *Textos de prova acerca do messiado de Jesus* são abundantes nos Salmos, conforme é demonstrado na sétima seção da Introdução.

5. Uso dos Salmos em Ocasiões Especiais. Os títulos dos salmos dizem-nos que muitos deles eram usados em certas ocasiões, como o sábado, as festividades religiosas etc. Para exemplificar, o Sal. 92 era usado no sábado, e talvez igualmente o Sal. 136. Os Sal. 120 - 134 são conhecidos como «Salmos dos Degraus», porquanto eram entoados pelos peregrinos quando subiam a Jerusalém, para celebrar as principais festas dos judeus.

Alguns eruditos pensam que vários salmos eram usados na festa anual da entronização de Yahweh, como Rei de Israel, um costume que tinha paralelos no paganismo. Os Sal. 47; 93; 95 - 99 são designados como tais. E alguns estudiosos supõem que essa prática se alicerçasse sobre a festa do Ano Novo na Babilônia, o *akitu*, quando o deus Marduque era carregado pelas ruas da cidade de Babilônia. Depois de um elaborado ritual, era-lhe conferido mais um ano de autoridade no país, como um rei divino. Presumivelmente, as palavras de Sal. 24.7,8: «Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória... o Senhor poderoso nas batalhas», refletem aquele costume, que teria sido copiado pelos israelitas. Mas a maior parte dos eruditos conservadores assevera que salmos que supostamente aludem a essa festa podem ser explicados melhor de outras maneiras. Talvez aquelas assertivas do Sal. 24 reverberem o transporte da arca da aliança para Jerusalém. Além disso, os salmos que exaltam ao Rei, de modo geral, fazem-no Rei sobre todas as coisas e sobre todos os povos, e não meramente sobre Israel. E

isso pode ser um argumento contra a interpretação que fala em uma entronização específica do Rei divino sobre a nação de Israel. Essa universalidade pode ser vista em Sal. 93; 95-100. Com base em raciocínios subjetivos, alguns eruditos opinam que Israel jamais haveria de emular uma festividade pagã, e argumentam que não há nenhuma evidência convincente e direta de que havia tal festividade em Israel. Outrossim, de que adiantaria ao homem entronizar a Deus? Em sociedades idólatras, idéias assim podem parecer razoáveis; mas não nas comunidades onde Deus aparece como todo-poderoso e transcendental.

6. *Crítica de Forma: Formas Literárias.* Hermann Gunkel, em sua obra *Awrewahlte Psalmen,* 1905, procurou demonstrar, no livro de Salmos, cinco distintas formas literárias que, por sua vez, implicariam usos específicos dos Salmos. Essas formas literárias seriam: a. hinos para cultos de adoração pública; b. lamentações e intercessões coletivas, em tempos de desastre nacional; c. salmos reais, cuja função prática era a de confirmar a autoridade do rei, como cabeça da teocracia em Israel; d. salmos de ação de graças; e. lamentações, intercessões e confissões individuais, além de pedidos para que fossem supridas necessidades pessoais. Não parece haver nenhuma razão para duvidarmos da exatidão geral dessas observações. Pois podemos estar certos de que havia um uso coletivo e comunal dos salmos, embora também houvesse um uso individual e privado.

7. *Magia e Contra-Encantamentos.* Alguns estudiosos têm sugerido que trechos do livro de Salmos, como 6.6-8; 64.2-4; 69; 91; 93.3-7 e 109 talvez fossem usados como fórmulas mágicas, para neutralizar as forças demoníacas. Isso poderia envolver uma prática coletiva e cúltica, ou então uma prática individual. Argumentos em favor e contra essas práticas (mormente no caso do uso dos salmos) estão baseados em sentimentos e raciocínios subjetivos, porquanto é extremamente difícil determinar quanta verdade possa haver nesse parecer. Seja como for, sabemos que tais práticas eram e continuam sendo comuns em muitas culturas. Sempre haverá muitas forças malignas ao nosso redor, que precisarão ser exorcizadas.

IX. A Poesia dos Hebreus

Como é evidente, os Salmos são a grande coletânea de composições poéticas da Bíblia. Quedamo-nos admirados diante da qualidade de muitas dessas antigas peças literárias, algumas das quais são obras-primas em miniatura. A poesia teve uma antiga e longa tradição na literatura dos hebreus. Ver no *Dicionário* sobre *Pentateuco,* primeira seção, décimo ponto, quanto a ilustrações a respeito, extraídas da porção mais antiga do Antigo Testamento. Ver também sobre *Poeta, Poesia,* especialmente em sua segunda seção, *Poesia no Antigo Testamento.*

X. Pontos de Vista e Idéias Religiosas

1. Apesar de os Salmos serem composições líricas, expressões emocionais e de fervor religioso, também transmitem muitos pensamentos, e, indiretamente, apresentam muitas doutrinas. A teologia hebréia geral faz-se presente, com algumas adições, como a crença na existência da alma e sua sobrevivência diante da morte biológica, e um fortíssimo tema messiânico. O estudo sobre os temas, na sexta seção, onde os principais temas são alistados, dá uma idéia sobre a multiplicidade de idéias apresentadas nesse livro da Bíblia.

2. A existência da alma e sua sobrevivência diante da morte física foi uma doutrina que só passou a ser expressa mais tarde, no judaísmo. No Pentateuco não há nenhuma referência clara e indisputável a esse fato. Muitas leis nunca são associadas a alguma recompensa ou punição após-túmulo. Não faltamos com a verdade ao afirmar que a maior parte dos ensinamentos do judaísmo sobre essa questão foi tomada por empréstimo. Tendo começado a ser expressa nos Salmos e nos livros dos profetas, foi nos livros apócrifos e pseudepígrafos, porém, que esse assunto encontrou seu maior desenvolvimento, antes do começo do Novo Testamento. O relato sobre Saul e a feiticeira de En-Dor demonstra a crença na existência da alma ao tempo de Davi. Ver I Sam. 28.3 ss, quanto à interessante narração do encontro de Saul com o espírito de Samuel. Indicações existentes no livro de Salmos, acerca da crença na existência da alma são: 16.10,11; 17.15; 31.5; 41.12; 49.9,14,15.

3. Os salmos imprecatórios, de fervorosa invocação a Deus para que mate os inimigos, podem ser facilmente entendidos dentro do contexto histórico, quando o povo de Israel quase sempre via-se sob a ameaça de um punhado de inimigos mortais; e o próprio Davi, como indivíduo, sempre teve de enfrentar tais dificuldades. Naturalmente, a atitude desses salmos não é a mesma que a de Jesus, o qual exortou os homens para que amassem seus inimigos. As imprecações fazem parte da natureza humana, e não nos deveríamos surpreender em encontrá-las nas páginas da Bíblia. Porém, é ridículo defender a espiritualidade das imprecações propriamente ditas. Muitos estudiosos conservadores têm tentado fazer precisamente isso. Talvez o comentário de C. I. Scofield, em sua introdução ao livro de Salmos, seja o mais sugestivo que podermos achar: «Os salmos imprecatórios são um grito dos oprimidos, em Israel, pedindo justiça, um clamor apropriado e correto da parte do povo terreno de Deus, e alicerçado sobre promessas distintas do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18); porém, um clamor impróprio para a Igreja, um povo celeste que já tomou seu lugar junto com um rejeitado e crucificado Cristo (ver Luc. 9.52-55)». Exemplos de salmos imprecatórios são os de números 35, 59 e 109.

4. O ensino sobre o Messias, apesar de não tão avançado quanto no livro de I Enoque (se comparados aos conceitos que figuram no Novo Testamento), é surpreendentemente extenso. Dediquei a sétima seção da Introdução ao assunto.

5. Apesar de que muitos dos salmos foram designados para um uso litúrgico, neles aparecem muitas indicações de uma apropriada atitude individual espiritual, bem como da correta espiritualidade pessoal. Quanto a esse aspecto, os salmos concordam, grosso modo, com os livros dos profetas. Ver Sal. 15.1 ss.; 19.14; 50.14,23; 51.16 ss.

6. Há uma exaltada doutrina de Deus nos salmos tão generalizada que aparece praticamente em todos os salmos.

7. A importância da experiência religiosa pessoal é uma ênfase constante no livro de Salmos. Deus é retratado como quem está à disposição dos seres humanos, refletindo assim o ensino do *teísmo,* e não do *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também permanece interessado na sua criação, intervindo, recompensando e castigando. Mas o deísmo alega que Deus, ou alguma força divina criadora, após ter criado tudo, abandonou o mundo, deixando-o à mercê de forças naturais.

8. São ressaltados os deveres do homem para com Deus, como o arrependimento, a vida santificada, a adoração, o louvor, a obediência através do serviço e o amor ao próximo.

9. A adoração pública é uma questão obviamente frisada no livro de Salmos, visto que muitas dessas composições eram usadas exatamente nesse contexto. Precisamos pesquisar pessoalmente as questões religiosas; mas também precisamos fazê-lo coletivamente. A participação na adoração pública é encarecida em trechos como Sal. 6.5, 20.3, 51.19; 66.13-5.

10. A adoração não-ritual não é desprezada, devendo fazer parte integrante da busca espiritual dos homens. Ver Sal. 40.6 e 50.9.

XI. Canonicidade

Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Cânon,* no que se aplica ao Antigo Testamento. Para os saduceus, somente o Pentateuco era considerado digno de ser chamado de Escrituras santas e autoritárias.

Para os judeus palestinos, como era o caso dos fariseus, as três grandes seções de livros sagrados aceitos eram: o Pentateuco, os Escritos (que incluíam os Salmos) e os Profetas. Na ordem da arrumação judaica, os Escritos formavam a terceira seção. Entre os judeus da dispersão, vários livros apócrifos eram aceitos. E não é inexato falar sobre o Cânon Alexandrino. Além disso, havia as obras pseudepígrafas, revestidas de prestígio suficiente para que muitas idéias ali contidas fossem aproveitadas pelos escritores do Novo Testamento, embora, como uma coletânea, os livros pseudepígrafos nunca tivessem obtido condição canônica. É que a canonicidade origina-se, essencialmente, do valor interno de uma obra escrita, que se torna óbvio para todos quantos a lêem, além de originar-se da consagração da antigüidade, o que é uma espécie de processo histórico religioso, e, finalmente, de originar-se de pronunciamentos oficiais da parte de líderes religiosos, pronunciamentos esses que formam a base tradicional acerca dos livros sacros. Os estudiosos conservadores, ademais disso, pensam que o poder e a presença do Espírito Santo estão envolvidos nesses vários aspectos da questão. Mas os eruditos liberais mais radicais são da opinião de que o processo inteiro depende da mera seleção natural (uma espécie de seleção do leitor, aplicada às questões religiosas); mas, assim pensando, esses eruditos olvidam-se totalmente do elemento sobrenatural e dos poderes divinos por trás desse processo. Ver no *Dicionário* sobre *Inspiração.*

Se a coletânea dos Salmos foi-se formando através de um longo período de tempo, chegando a ser compilada somente após o cativeiro, então nenhuma canonização final poderia ter ocorrido até estar completa a coletânea. Porém, coletâneas preliminares (como aquelas de Davi, de outras antigas personagens e de clãs de músicos) tiveram suas próprias canonizações preliminares, o que explica a sua preocupação no decorrer de muitos séculos.

«No caso dos livros I, II e IV do Saltério, a canonização deve ter ocorrido com considerável presteza. O Sal. 18 foi incluído dentro do livro canônico de Samuel, dentro de meio século após a morte de Davi... Os Salmos 96 - 105 e 106 foram *designados* por Davi como um padrão para a adoração pública, bem no início de seu governo sobre todo o Israel (ver I Crô. 16.7-36). A designação de muitos outros salmos, para que os músicos os preparassem para a adoração prestada por Israel, serve de evidência de uma similar canonização consciente dos poemas de Davi. E o fato de que Davi e Salomão compilaram intencionalmente os livros I, II e IV, quando ainda viviam, fornece-nos testemunho extra do reconhecimento da autoridade espiritual pelo menos daqueles oitenta e nove salmos pelos contemporâneos desses dois monarcas». (Z)

O livro III, portanto, que contém as porções pós-exílicas do livro de Salmos, foi acrescentado. Talvez muitos dos salmos ali envolvidos fossem pré-exílicos e já fizessem parte da coletânea. Há pouco ou mesmo nenhum testemunho externo quanto à aceitação canônica do livro de Salmos, até o período intertestamentário. Somente então obtemos algumas declarações acerca do uso desses poemas. Por exemplo, o trecho de II Macabeus 2.13 refere-se aos livros de Davi, juntamente com os escritos de outros reis e de profetas. A passagem de Sal. 79.2 é citada como Escritura. Os Salmos já faziam parte da versão da Septuaginta do século III A.C., o que significa que o recolhimento e a autoridade desses poemas devem ter sido cristalizados antes do preparo daquela versão. O material das cavernas de Qumran, do século II A.C., também exibe os Salmos, o que serve de outro índice da aceitação da coletânea desde tempos mais remotos do que alguns estudiosos têm pensado. O rolo principal dos Salmos, encontrado na caverna II (além de cinco outros fragmentos), apresenta amplo material extraído dos livros IV e V dos Salmos. Esse material, porém, apresenta alguma variação na ordem sucessiva dos salmos, sugerindo que houvesse certa fluidez no arranjo dos salmos, e que o livro de Salmos ainda não havia chegado à sua forma final, conforme o conhecemos atualmente. Entretanto, alguns especialistas pensam que os salmos achados na caverna II formavam uma espécie de lecionário, e não uma completa coletânea dos salmos, em sua ordem normal. Porém, é impossível determinar a verdade por trás dessa questão.

Seja como for, de acordo com o arranjo final dos escritos do Antigo Testamento, encontramos a Lei, os Profetas e os Escritos. E o livro de Salmos fazia parte dessa terceira porção, os Escritos. Josefo referiu-se ao Antigo Testamento como uma coletânea de vinte e dois livros: Pentateuco, cinco; Profetas, treze, e os Hinos de Deus e Conselhos dos Homens (Apion, 1.8), que incluíam os Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

Outrossim, temos as próprias declarações canônicas do Senhor Jesus, em Mat. 23.35 e Luc. 24.44.

Os Salmos são o segundo livro mais volumoso da Bíblia, perdendo somente para as profecias de Jeremias, mas o livro de Salmos é o mais constantemente citado no Novo Testamento. É dificílimo pôr em dúvida sua posição no cânon da Bíblia e sua autoridade espiritual.

XII. Os Salmos no Novo Testamento

Os Salmos são citados no Novo Testamento por cerca de oitenta vezes, o que significa que, dentre todos os livros do Antigo Testamento, esse foi o mais constantemente utilizado pelos autores neotestamentários. A muitas dessas citações foi dada uma interpretação messiânica, sobre o que comentei com pormenores na sétima seção e o artigo separado intitulado *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.*

Salmos	Novo Testamento
2.1,2	Atos 4.25,26
2.7	Atos 13.33; Heb. 1.5 e 5.5
4.4	Efé. 4.26
5.9	Rom. 3.13
8.3 LXX	Mat. 21.16
8.4-6 LXX	Heb. 2.6-8
8.6	I Cor. 15.27
10.7	Rom. 3.14
14.1-3	Rom. 3.10-12
16.8-11	Atos 2.25-28
16.10	Atos 2.31
16.10 LXX	Atos 13.35
18.49	Rom. 15.9
19.4	Rom. 10.18
22.1	Mat. 27.46; Mar. 15.34
22.18	João 19.24
22.22	Heb. 2.12
24.1	I Cor. 10.26
31.5	Luc. 23.46
32.1,2	Rom. 4.7,8
34.12-16	I Ped. 3.10-12
35.19	João 15.25
36.1	Rom. 3.18
40.6-8	Heb. 10.5-7
41.9	João 13.18
44.22	Rom. 8.36
45.6,7	Heb. 1.8,9
51.4	Rom. 3.4
53.1-3	Rom. 3.10-12
68.18	Efé. 4.8

69.4	João 15.25
69.9	João 2.17; Rom. 15.3
69.22,23	Rom. 11.9,10
69.25	Atos 1.20
78.2	Mat. 13.35
78.24	João 6.31
82.6	João 10.34
89.20	Atos 13.22
91.11,12	Mat. 4.6; Luc. 4.10,11
94.11	I Cor. 3.20
95.7,8	Heb. 3.15; 4.7
95.7-11	Heb. 3.7-11
95.11	Heb. 4.3; 5
102.25-27	Heb. 1.10-12
104.4	Heb. 1.7
109.8	Atos 1.20
110.1	Mat. 22.44; 26.64
	Mar. 12.36; 14.62
	Luc. 20.42,43 e 22.69
	Atos 2.34,35
	Heb. 1.13
110.4	Heb. 5.6,10 e 7.17,21
112.9	II Cor. 9.9
116.10	II Cor. 4.13
117.1	Rom. 15.11
118.6	Heb. 13.6
118.22	Luc. 20.17
	Atos 4.11
	I Ped. 2.7
118.22,23	Mat. 21.42
	Mar. 12.10,11
118.25,26	Mat. 21.9
	Mar. 11.9,10
118.26	João 12.13
	Mat. 23.39
	Luc. 13.35; 19.38
132.11	Atos 2.30
140.3	Rom. 3.13
	Rom. 3.13

XIII. Bibliografia

AM NET BA E I IB IOT ND WBC WES YO Z

Ao Leitor

1. *Uma Introdução Elaborada*

Provi uma introdução elaborada que apresenta ao leitor questões como: título e vários nomes; caracterização geral; idéias dos críticos e refutações; autoria e data; várias compilações e fontes informativas; conteúdo e tipos; a esperança messiânica; usos dos salmos; a poesia dos hebreus; pontos de vista e idéias religiosas; canonicidade; e os salmos no Novo Testamento. O leitor deve familiarizar-se com esses itens, pois sem eles dificilmente poderá compreender o livro. Contudo, mesmo sem compreender essas coisas, o leitor poderá tirar vantagem de passagens inspiradoras em suas devoções pessoais e para ensinar lições e pregar sermões.

2. *Os Livros Poéticos do Antigo Testamento*

Os livros bíblicos que foram escritos em forma poética, e não em forma de prosa, são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão e Lamentações de Jeremias.

3. *Literatura de Sabedoria*

No Antigo Testamento, os livros geralmente classificados como parte da literatura de Sabedoria são: Jó, Salmos (especialmente os Salmos 19, 37, 104, 107, 147 a 148), Provérbios, Eclesiastes e Sabedoria de Salomão. Nas páginas do Novo Testamento, a epístola de Tiago é a que mais se aproxima desse tipo de literatura religiosa. Quanto a um tratamento completo, ver as introduções àqueles livros, bem como, no *Dicionário,* o artigo que versa sobre *Sabedoria.*

4. *Títulos do Livro*

As traduções modernas seguem o título da Septuaginta, que estampa a palavra *salmos* (*psalmos*), como tradução à palavra hebraica *mizmor,* a qual se refere à música executada mediante instrumentos de cordas em acompanhamento às recitações de 57 dos 150 salmos; por causa desse uso freqüente, o livro todo finalmente veio a ser assim chamado na Septuaginta e, dali, nas traduções modernas. O título hebraico do livro é *Tehillim,* "cânticos de louvor".

5. *Salmos Messiânicos*

Certo famoso pregador afirmou que "todos os salmos são messiânicos"; mas isso por certo é um exagero. Entretanto, há diversos salmos que são definidamente proféticos e messiânicos. Os salmos usualmente considerados messiânicos são os de número 2, 8, 16, 22, 23, 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118. Outros salmos têm reflexos messiânicos.

6. *Salmos Reais*

Estão intimamente relacionados aos salmos messiânicos, e alguns deles realmente são também messiânicos, ao passo que outros apenas contêm alguns reflexos: salmos 2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 93, 96, 97, 98, 101, 110, 132 e 144.

7. *A Fé e a Vida Religiosa*

Dentre todos os livros do Antigo Testamento, Salmos é o que mais vividamente retrata a vida espiritual e a fé dos indivíduos em todas as circunstâncias, boas e más, jubilosas e trágicas. "A mais simples descrição dos Cinco Livros dos Salmos é que eles formam o livro das orações e dos louvores inspirados de Israel. São revelações da verdade, não de forma abstrata, mas em termos da experiência humana. As verdades assim reveladas estão carregadas de emoções, desejos e sofrimentos do povo de Deus, pelas circunstâncias através das quais esse povo passará" (*Scofield Reference Bible,* Introdução).

"O espírito vivo de qualquer religião brilha mais esplendoroso por meio de seus hinos. O *saltério* é o hinário da antiga nação de Israel, compilado a partir de composições líricas mais antigas, para ser usado no templo de Zorobabel (Esd. 5.2; Ageu 1.14). A maioria dos salmos provavelmente foi composta para acompanhar atos de adoração no templo de Jerusalém" (*Oxford Annotated Bible,* Introdução).

8. *Classificações dos Salmos*

1. *Lamentação,* o maior grupo, com mais de 60 dos 150 salmos.
2. *Ações de graças e louvor,* mais de 30.
3. *Hinos,* cerca de 18.
4. *Salmos reais,* cerca de 17.
5. *Salmos messiânicos,* cerca de 15.
6. *Litúrgicos,* cerca de 11.
7. *De sabedoria,* cerca de 11.
8. *De história sagrada,* cerca de 9.
9. *De chamamento à adoração,* cerca de 8.
10. *De confiança,* cerca de 5.

11. *Cânticos de Sião,* cerca de 3.

12. *De louvor à lei,* cerca de 3.

13. *De proteção,* cerca de 91 (outros exprimem sentimentos similares).

14. *De tipos mistos,* nos quais nenhum tema é dominante, mas vários temas se fazem presentes.

15. *De oração pela vitória na batalha,* Salmo 20 e partes de muitos outros.

16. *Didáticos,* partes de muitos salmos, sendo o Salmo 15 um bom exemplo.

17. *De doxologia,* o Salmo 150, que encerra a coletânea.

Quanto a detalhes sobre essa classificação, ver o gráfico no início do comentário do livro. Ali identifico os salmos pertencentes a cada classe.

Muitos salmos identificam-se com mais de uma classificação, e há salmos que contêm uma mistura de temas.

9. *Cinco Livros*

Em imitação ao Pentateuco, o saltério divide-se em cinco livros, cada qual com a sua própria doxologia.

10. *Salmos de Davi*

Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, embora essa cifra não seja exata. Ver o ponto abaixo, intitulado *Subtítulos.* Davi foi o grande *cantor* de Israel (II Sam. 23.1).

11. *Subtítulos*

Essas composições não pertenciam originalmente aos autores dos salmos, mas foram adicionadas por editores muito tempo após as composições terem sido originalmente redigidas. Tentam identificar os autores envolvidos e ligam certos salmos a circunstâncias históricas do Antigo Testamento. Mas a maioria das identificações é mera conjectura. Ocasionalmente, contudo, alguma informação útil pode ser encontrada.

12. *Um Monumento Literário*

Reconhece-se universalmente que o livro de Salmos é uma das mais refinadas composições poéticas de todos os tempos. O fato de que o Novo Testamento cita o livro de Salmos mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento serve de confirmação espiritual dessa avaliação.

13. *Salmos e Versículos*

Há 150 salmos, num total de 2.461 versículos. Este livro, portanto, ocupa cerca da décima parte de todo o Antigo Testamento.

14. *Citações no Novo Testamento*

O saltério é o livro mais freqüentemente citado do Antigo Testamento. Ver uma lista completa de citações na seção XII da *Introdução* ao livro.

CLASSIFICAÇÃO DOS SALMOS

1. Salmos de lamentação	3,4,5,6,7,9,10,12,13,14,17,22,25,26,28,30,31,35,36,38,39,41,42,43,44,51,53,54,55,56,57,58,59,60,61,64, 69,70,71,74,77,79,80,83,85,86,88,90,94,102,109,120,120,123,125,126,129,130,137,139,140,141,142,143,144. A maioria destes salmos são imprecatórios. Subdivisões podem ser alistadas: contra *acusações* falsas (3,4,5,7,17,26); contra *inimigos* do corpo, isto é, doenças (6,22,28,30,31. 9-12). A maioria termina com um gito de vitória, mas alguns em *desespero* (como 31.9-12; 38; 88; 123). A categoria de lamentação é, por muito, a maior.
2. Salmos de ação de graça e louvor	18,19,21,30,32,40,46,48,65,66,67,75,76,84,89,100,103,104,107,111,116,136,138,146,147,148,149
3. Hinos majestáticos	8,36,46,65,66,76,93,95,96,97,98,99,100,103,104,111,113,115,135,145,146,147,148,149,150. Alisto uma representação de salmos musicados de qualidade excepcional
4. Salmos reais	2,18,20,21,45,47,72,89,93,96,97,98,99,101,110,132,144
5. Salmos messiânicos	2,8,16,22,23,24,40,45,68,69,72,89,102,110,118
6. Salmos litúrgicos	24,50,68,81,82,95,108,115,121,132,134,135,136,145,146,147,148,149,150. Estes salmos e, sem dúvida, outros, foram musicados e utilizados nos ritos e cerimônias da adoração pública do templo.
7. Salmos de sabedoria	1,19,36,37,49,73,91,96,97,112,119,127,128,133. Porções de outros refletem esta categoria: 34 e 36 servem de exemplo.
8. Salmos de história sagrada	78,105,106,124,126,135,136. Estes salmos provavelmente eram utilizados em festas de celebração
9. Chamada à adoração	29,33,46,89,97,98,113,135. Tais salmos são associados, intimamente, aos salmos intimamente, aos salmos litúrgicos e podem ser assim classificados.
10. Salmos de confiança	4,11,16,23,27,62,131. Muitos outros salmos têm elementos de confiança, embora não pertençam a esta categoria como unidades.
11. Cânticos de Sião	48,76,84,87,122,125
12. Louvor à lei	1,19,119 e porções de muitos outros.
13. Salmos implorando proteção e dando louvor	31,39 e muitos versículos de outros salmos que não são especificamente desta classificação.
14. Tipos mistos	Diversas classificações podem ser dadas a partes de salmos em que nenhuma única classificação domina.
15. Oração implorando vitórias	em batalhas 20 e partes de muito outros. A guerra inspirava receio, e o receio inspirava gritos (orações), implorando ajuda.
16. Salmos didáticos	1,15,32,78,105,106,135,136. Estes salmos servem para ensinar lições importantes
17. Doxologia de louvor	117,150 e versículos individuais de outros salmos.
Salmos Penitencias	Na liturgia da igreja cristã, vários salmos são utilizados para expressar remorso ou tristeza por causa de certos pecados cometidos. O cristão sincero se arrepende de tais atos e condições. Os sete salmos penitenciais são: a) ira: Salmo 6; b) orgulho: Salmo 32; c) glutonaria: Salmo 39; d) sensualidade; Salmo 51; avareza: Salmo 102; f) inveja: Salmo 130; g) preguiça: Salmo 143.

EXPOSIÇÃO

Salmo Um

"Este salmo serve de prólogo para o saltério inteiro. Ao terminar a obra completa de compilação que reuniu os diferentes componentes dos Salmos, uma feliz inspiração levou os editores a escolher o Salmo 1 como introdução ao livro inteiro. Apesar de ser um salmo breve, seu conteúdo retrata vividamente o *tipo* de *homem* que se alimentará das palavras dos salmistas: "Os teus decretos são motivo dos meus cânticos, na casa da minha peregrinação" (Sal. 119.54). Toda a variação de interesses religiosos está refletida nesse hino; as orações e as meditações do saltério estão relacionadas, direta ou indiretamente, às ordenanças da lei. Portanto, o saltério é um manual apropriado para os indivíduos piedosos. Mas a lealdade de todo o coração à lei e à fé em suas promessas (ver Deu. 28.1-14) foi submetida a severos testes nos eventos da história. Os observadores da lei pareciam freqüentemente sofrer sob a má sorte, ao passo que os ímpios prosperavam. Por conseguinte, entre as muitas vozes que se fazem ouvir no saltério, ouvimos expressões de dúvida e desespero da parte de homens cuja alma, perplexa diante dos caminhos de Deus no mundo, estava "abatida" (ver Sal. 42.9-11 e 73.2-14). O salmista sabia bem que os fatos da história e da experiência individual com freqüência parecem falhar diante das expectativas dos fiéis. Mas ele afirmou que, a despeito de todas as aparências, é verdade permanente que Deus cuida de todos quantos O temem e, portanto, tudo vai bem com os que amam a Sua lei, e tudo vai mal com aqueles que a desprezam" (William R. Taylor, *in loc.*).

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza deste livro.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que funciona como uma espécie de introdução aos Salmos. Dou ali classificações e listo os salmos pertencentes a cada uma das classes.

Os Salmos de Davi. Os Salmos 1-41 são essencialmente atribuídos a Davi, com exceção do primeiro deles, que funciona como uma introdução ao primeiro livro de Salmos, e dos Salmos 2 e 33, que não têm título. Ver sobre *Autoria* e *Datas*, na seção IV da Introdução. Ver também a seção VI quanto a informações sobre os principais tipos de salmos e seus arranjos. A seção B enumera os cinco livros dos Salmos.

Este primeiro salmo é um *salmo de sabedoria.* Cf. Jer. 17.5-8.

Duas Seções no Salmo Primeiro:

1. *Vss. 1-5:* O homem justo é, inicialmente, descrito de forma negativa. Há certas coisas que ele não pratica: não tem comunhão com os ímpios e suas obras. Então o justo é descrito positivamente: ele se dedica, dia e noite, à meditação e à observância da lei, a qual lhe serve de código de ética e de manual para a vida diária. Tal homem, de acordo com o autor sagrado, terá uma vida estável e próspera.
2. *Vss. 4-6:* A sorte do ímpio é descrita. Podemos deduzir o caráter do ímpio a partir do vs. 1. Esse caráter mostra o que o justo deve evitar. Os ímpios não são como uma árvore saudável, plantada ao lado de águas abundantes, mas, antes, parecem-se com a palha que é soprada pelo vento. Essas pessoas ímpias desaparecem através do julgamento de Deus contra todos os que negligenciam a lei e a ela desobedecem. É óbvio, pois, que todos os homens prestarão contas ao Senhor. O *teísmo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia)* ensina que Deus não é somente o Criador. Ele também se faz presente entre nós, intervém na história humana, recompensa e pune. Isso deve ser contrastado com o *deísmo* (ver também na *Enciclopédia*), que supõe que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou a criação e deixou as leis naturais no controle das coisas. Os salmos e, de fato, a Bíblia inteira, são altamente *teístas.*

1.1

Bem-aventurado. O hebraico diz aqui, literalmente, "oh, felicidade de" ou, simplesmente, "feliz". O justo tem tanto alegria interior como felicidade exterior. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Bem-aventuranças de Jesus.* Compreendemos que a alegria aqui mencionada é dada por Deus, como recompensa aos piedosos que a merecem por terem observado a lei. Presume-se que o *guardador da lei* seja um homem espiritual, inspirado pelo Espírito a ser bom e a praticar o bem.

Anda. Ver no *Dicionário* o artigo sob o título *Andar, Metáfora do.*

A Trilogia Negativa. Há três coisas que o homem bom não faz:

1. Ele não *participa* dos conselhos dos ímpios nem aceita seus conselhos; ele não adota seus planos nem seu padrão de vida. Cf. Jó 10.3 e Jer. 7.24.
2. Ele não imita os caminhos dos ímpios nem age como eles. Ele não *se detém* no caminho dos pecadores nem é companheiro deles.
3. Ele não se assenta junto aos zombadores. Em outras palavras, não acompanha os ímpios nos lugares onde eles se reúnem para planejar, promover e praticar atos pecaminosos e rebeldes. Ninguém encontra um homem bom em companhia de tais indivíduos. Cf. Sal. 26.4,5.

Notem-se as *trilogias poéticas:* andar, ficar de pé e assentar-se (para descrever os *caminhos* dos pecadores). Além disso, fala-se em ímpios, pecadores e escarnecedores, termos que descrevem a *natureza* dos ímpios.

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Vícios,* quanto às diversas maneiras pelas quais os pecadores se expressam. O homem bom luta e ganha a vitória contra essas tendências viciosas, mas os ímpios se submetem voluntariamente a elas.

> *Não me tenho assentado com homens falsos, e com os dissimuladores não me associo. Aborreço a súcia de malfeitores e com os ímpios não me assento.*
>
> (Salmo 26.4,5)

1.2

Antes o seu prazer está na lei do Senhor. O vs. 1 deste salmo declara negativamente qual é o comportamento do homem bom: ele não imita os ímpios nem desfruta sua companhia. Quanto ao lado *positivo,* o piedoso deleita-se na lei do Senhor, o código mosaico, que é o seu manual de fé e conduta. O deleite de tal homem é a sua *ocupação,* conforme se lê no hebraico posterior. Ver Pro. 31.13; Ecl. 3.1,17; 8.6. O *principal interesse* de estudo do homem piedoso é seguir a lei mosaica. O conteúdo dessa lei, conforme visto nos salmos, é indicado em Sal. 19.7-10. Cf. Pro. 3.1-3. Ver também Sal. 119.

Medita. Esta palavra traduz um termo hebraico que indica proferir sons baixos, inarticulados, como aqueles que uma pessoa faz ao ler para si mesmo, mas não em voz alta. A palavra também é usada com o sentido de *murmurar,* como faz uma pomba (ver Isa. 27.14), ou como lamentam os homens (ver Isa. 16.7), ou como faz um leão ao rugir baixo (ver Isa. 31.4), ou como encantamentos sussurrados (ver Isa. 8.19). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Meditação.*

"Não se trata de um estudo ocasional para o homem piedoso. Antes, trata-se de seu trabalho *dia e noite.* Seu coração dedica-se a esse mister. É o seu *emprego.* Seu estudo é freqüente e, de fato, *perpétuo"* (Adam Clarke, *in loc.).* "Tal meditação necessariamente envolve estudo e retenção da matéria estudada" (Allen P. Ross, *in loc.).*

Josué foi orientado a dar esse tipo de atenção à lei (ver Jos. 1.8). Ver também Sal. 119.97. "Isso deve ser compreendido com diligente leitura e consideração da lei, com o emprego do raciocínio e um estudo profundo... diariamente" (John Gill, *in loc.*). O versículo, naturalmente, exalta o lado intelectual como uma ajuda ao crescimento espiritual. As experiências místicas não representam tudo, nem são a única forma de desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* E ver também o verbete denominado *Misticismo.*

A Lei de Moisés - Idéias dos Hebreus:

1. *A lei transmite vida.* Originalmente, isso significava longa e próspera vida *física* (teologia patriarcal), mas nos Salmos e nos Profetas surge em cena a idéia de uma vida além-túmulo, visto que a doutrina da imortalidade da alma emergiu nessa época. Ver as notas em Deu. 4.1; 5.33; 6.2; 22.6,7; 25.15 e Eze. 20.1.
2. *Israel tornou-se uma nação distintiva* mediante a possessão e o uso da lei de Moisés. Ver Deu. 4.4-8. A lei era a marca distintiva de Israel, o que fazia a nação ser o que era, em contraste com os povos destituídos da lei.
3. *A lei compunha-se de estatutos eternos.* Não havia no judaísmo a expectação de que algum outro sistema substituiria a lei mosaica como medida justificadora e santificadora. Ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29.
4. *A tríplice designação* revela algo de seu caráter. Ver Deu. 6.1.
5. *A possessão da lei* era o âmago do pacto mosaico. Ver as notas introdutórias em Êxo. 19. A guarda do sábado era o *sinal* desse pacto.
6. *A desobediência conduz à morte.* Na teologia patriarcal, isso significava a morte física, especialmente a morte física *prematura.* Porém, de acordo com o pensamento posterior dos hebreus, surgiu a noção de uma espécie de segunda morte, envolvendo a alma, embora não houvesse nenhuma doutrina acerca de recompensas para os bons e castigo para os maus. Essas doutrinas só se desenvolveram nos livros do período entre o Antigo e o Novo Testamento, ou seja, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque, e não no Antigo Testamento. Ver as muitas ameaças de morte em Êxo. 20, onde ameaças de sérias infrações foram lançadas. Ver também a morte pelos próprios pecados, em Deu. 25.16 e Eze. 18.20. Ver a morte pelos pecados dos pais, em Êxo. 20.5.
7. *Artigos a serem consultados no Dicionário,* para um estudo mais detalhado: *Lei no Antigo Testamento;* e Lei, Função da. E, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver os artigos: *Lei e Jesus, A; Lei e o Evangelho, A; Lei no Novo Testamento, A; e Lei e a Graça, Conflito, A.*

A ÁRVORE FRUTÍFERA

Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto faz será bem sucedido.

Salmo 1.3

FRUTO DO ESPÍRITO

O fruto do Espírito e: Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.

Gálatas 5.22

O PARAÍSO DE DEUS

Bendigo-te, Senhor, porque cresço entre as árvores, que em fileira devem a Ti fruto e ordem. Que força franca ou encantamento oculto pode destruir-me o fruto, ou fazer-me mal, enquanto a cerca protetora for Teu braço?

O clima diversificado da Palestina, devido aos desníveis totpográficos, naturalmente permite a produção de grande variedade de frutas. As mais comuns são: banana, laranja e outras frutas cítricas, tâmaras, rosáceas em geral, dióspiro, jujuba, uvas, figos, azeitonas, romãs, amoras pretas, vários tipos de melão, amêndoas e ameixas. Os frutos plantados em jardins podem ser colhidos durante quase todos os meses do ano.

Caros leitores, o sistema hebreu de fé religiosa era o da justificação *mediante a observância da lei,* uma vez que a doutrina da alma começou a fazer parte da fé hebréia. Embora a fé fizesse parte do ensino veterotestamentário, e possamos ilustrar a graça divina a partir de certas passagens, é inútil e anacrônico forçar a justificação pela fé a entrar naquele documento. Essa foi uma contribuição do apóstolo Paulo, e, de fato, tratava-se uma *nova doutrina.* Até no Novo Testamento a antiga posição persistiu, como se vê no livro de Tiago, onde temos fé e obras (da lei) combinadas como a base da justificação. Ver Tia. 2.14 ss., e a controvérsia sobre o legalismo em Atos 15. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Legalismo.*

1.3

Ele é como árvore. *Prosperidade Espiritual e Econômica.* O homem piedoso, que já prosperava espiritualmente, pelo decreto de Deus também deve prosperar economicamente. Essa era a fé constante dos hebreus, que eles mantinham mesmo quando a adversidade parecia ensinar o contrário. Portanto, o homem bom é como uma árvore que conta com um suprimento de água abundante infalível, a saber, o rio da vida que passa próximo. Alguns estudiosos pensam que este versículo significa *valetas da irrigação* (ver Deu. 11.10,11), uma prática empregada pelos egípcios e babilônios, mas não muito usada na Palestina. A lei de Deus controlava o que um homem fazia (Sal. 1.2) e então dava a ele bom suprimento, acima de suas expectações. Há o plantio, o cultivo e a colheita de bons frutos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura, Metáfora da,* quanto a um desenvolvimento detalhado das idéias deste versículo.

Correntes de águas. No hebraico temos a expressão *palgey mayim,* correntes ou divisões de águas, em alusão ao costume de preparar irrigação nos países do Oriente, onde as correntes de águas são construídas pela mão humana, com base em rios e correntes de águas naturais referidas em Deu. 11.10 como a "rega da terra". A figura é a de um lugar desértico que conta com pouca ou mesmo nenhuma água. Apesar disso, a provisão adequada contribui para a frutificação nas estações do ano apropriadas. O fruto é algo a ser esperado e produzido no tempo devido, por haver permanente provisão de água. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água,* que inclui informações acerca de usos metafóricos.

Para outras comparações entre o homem bom e uma árvore, ver Sal. 52.8 (a oliveira), Sal. 128.3 (a videira); Osé. 14.6 (a oliveira e o cedro). Apresento vários artigos no *Dicionário* sobre *Árvore.*

Cf. Jer. 17.8. Ver Gál. 5.22,23, quanto ao *fruto do Espírito,* o que aponta para o cultivo de virtudes por parte do crente, pelo poder de Deus. Ver também Eze. 31.4 nessa conexão. "... o rio do amor de Deus... a fonte das águas vivas chegadas do Líbano, para reavivar, refrescar, suprir e consolar o povo de Deus... as graças do Espírito" (John Gill, *in loc.*).

1.4

Os ímpios não são assim. Os *ímpios,* em contraste, não são comparados nas Escrituras com uma árvore bem regada e frutífera. Antes, são como a palha inútil dos campos, que o vento dispersa. O julgamento de Deus cai sobre eles, em lugar das bênçãos abundantes. Visto serem estéreis, serão eliminados. A figura, neste versículo, é o ato de trilhar as sementes. As espigas produzem seu grão, e o que resta é inútil. O vento dispersa parte da palha inútil, e os homens queimam o restante. Os homens lançam ao ar a palha, para que o grão dela se separe, e o que sobra, sendo de menor peso, é soprado pelo vento. O que cai de volta ao chão é então queimado, no tempo apropriado.

As versões da Vulgata, o etíope e o árabe duplicam aqui a negativa, como um reforço: "Não são assim os ímpios, não são". "O ímpio nunca se mostra constante. Seus propósitos são abortados. Sua conversação é leviana, emocional e tola. Suas profissões e amizades são insignificantes, ocas e insinceras. Tanto ele quanto suas obras são levados para a destruição, pelo vento dos julgamentos de Deus" (Adam Clarke, *in loc.).*

Cf. Jó 21.28; Isa. 17.13; Osé. 13.3 e Mat. 3.12. "No Oriente, existem eiras em lugares altos. O grão trilhado é lançado ao vento para ser levado e tangido como se fosse palha" (Fausset, *in loc.*).

A figura simbólica denota "a ruína fácil dos ímpios que se precipita sobre eles em um único instante. Eles não podem evitar as lufadas de ar, nem podem resistir diante de Deus. Como a palha, são soprados para longe" (John Gill, *in loc.*).

1.5

Por isso os perversos não prevalecerão no juízo. A palavra *juízo,* aqui usada, não indica o julgamento para além-túmulo, em algum sentido cristão. A própria doutrina do *seol* (ver a respeito no *Dicionário*) ainda não estava bem desenvolvida quando os salmos foram escritos. Antes, o autor sagrado nos deu uma idéia geral e deixou os detalhes nas mãos de Deus. Os ímpios terminam muito mal, tanto física quanto espiritualmente. Eles não podem suportar, temporal ou espiritualmente, os julgamentos de Deus (cf. Sal. 10.3; 37.9,13,15,17,35,36). Estamos falando sobre os julgamentos divinos, prontos a cair sobre qualquer indivíduo, e não sobre determinado dia escatológico de julgamento. Os livros pseudepígrafos e apócrifos (pertencentes ao período entre o Antigo e o Novo Testamentos) é que desenvolveram a idéia do "julgamento escatológico". O Novo Testamento levou avante o processo. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque. O julgamento escatológico será terrível, mas também remedial, e não somente retributivo (ver I Ped. 4.6). Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* Ver somente retribuição no julgamento é condescender diante de uma teologia inferior.

No ato de trilhar o grão, o trigo e a palha eram separados; e os juízos de Deus exercem esse efeito separador. Ver em Mat. 13.25 ss. como o trigo e o joio são separados um do outro, e como o joio é queimado.

Na congregação dos justos. Há um grande exagero aqui em ver o "céu" onde os justos se reúnem, mas de onde os ímpios são separados. A palavra "congregação", no livro de Salmos, refere-se a "Israel", em contraste com os pagãos. Ou então, pode referir-se aos homens fiéis que se reuniam para adorar no templo. A congregação devia ser santa (ver Núm. 16.3). Os ímpios serão excluídos dos lugares de reunião dos bons. A idéia é de "separação" para os bons. Seja onde for que os bons estiverem, os maus não estarão, quando Deus tiver julgado os homens.

1.6

Pois o Senhor conhece o caminho dos justos. O conhecimento especial de Yahweh (o nome divino usado neste versículo) mantém os piedosos separados dos ímpios. Yahweh sabe com o que se parecem os homens e ameaça-os de acordo com esse conhecimento. Ele conhece o caminho dos bons e o caminho pervertido dos ímpios. O caminho dos justos conduz à vida, mas o caminho dos ímpios leva à destruição. Ver o uso que Jesus fez da metáfora dos "dois caminhos", em Mat. 7.13,14. "... os ímpios terminam em nada, mas o Senhor recompensa os justos" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos *Caminho* e *Caminho de Deus,* que ilustram este versículo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Caminho, Cristo como.* Quanto aos nomes divinos, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de,* bem como o artigo separado chamado *Yahweh.*

Conhece. Isto é, reconhece com um discernimento cheio de discriminação e apreciação (cf. Sal. 31.7; 144.3; Êxo. 2.25; João 10.14). Assim disse Shakespeare, em seu livro intitulado *As You Like It:* "Sei que és meu irmão mais velho e, na gentil condição de sangue, você deveria conhecer-me" (Ellicott, *in loc.*).

> *O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel.*
>
> (Provérbios 12.10)

Essa declaração ilustra a noção de que Deus conhece os que Lhe pertencem. Cf. Sal. 112.10, quanto ao conhecimento negativo de Deus. O termo "caminho" significa a atitude geral e as ações da vida de uma pessoa, o que ela é e o que ela faz. Deus tem consciência de tais coisas e age em conformidade. O vs. 6 é a conclusão do vs. 1, formando um paralelo entre a idéia de dois caminhos distintos para os bons e os ímpios, e mostrando como cada qual tem sua própria conclusão natural, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário).*

Salmo Dois

Este segundo salmo do saltério não tem subtítulo no texto massorético da Bíblia em hebraico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah): Texto Massorético.* Por conseguinte, nenhum nome é vinculado a ele, mas muitos supõem que seu autor tenha sido Davi. O mesmo se declara em relação ao primeiro salmo.

Este é um salmo real, de coroamento. Está em vista o Rei Ideal, e muitos supõem *que se trate de um salmo messiânico que faz referência ao Rei dos reis.* Talvez esse salmo fosse empregado para encabeçar os salmos de Davi, tal como o primeiro salmo tornou-se a habilidosa introdução ao livro inteiro. Ver na Introdução a seção denominada *Cinco Livros* e também o título anterior chamado *Ao Leitor,* sob o subtítulo *A Fé e a Vida Religiosa* (segundo parágrafo), quanto aos tipos ou categorias de salmos que compõem o livro de Salmos. Muitos dos salmos reais são também considerados messiânicos. Quanto aos principais temas dos salmos, ver a Introdução, seção VI.C.

Davi era considerado o *rei ideal* de Israel. Ver I Reis 15.3 e também Deu. 17.14 ss. O Messias, como é óbvio, era o verdadeiro Rei Ideal, que Davi previu com antecedência.

"O segundo salmo apresenta a ordem de estabelecimento do reino dividida em seis partes: 1. O enfurecimento dos gentios (vss. 1-3) e as vãs imaginações do 'povo', isto é, os judeus. Ver a inspirada interpretação de Atos 4.25-28. 2. A derrisão de Yahweh (vs. 4), contra os homens que se opõem ao Seu pacto. 3. O vexame (vs. 5) cumprido na destruição de Jerusalém, em 70 D. C., e na dispersão romana, em 138 A. C. 4. O estabelecimento do Rei rejeitado sobre Sião (vs. 6). 5. A sujeição da terra ao governo do Rei (vss. 7-9). 6. O apelo presente das potências mundiais (vss.

10-13). Outros salmos messiânicos óbvios são os de números 8, 16, 22, 23, 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118, enquanto outros poderão sê-lo" *(Scofield Reference Bible,* com alguma condensação e adaptação).

"Outros salmos reais são os de números 18, 20, 21, 45, 72, 101, 110, 132 e 144. O conteúdo do Salmo 2 descreve uma celebração de coroamento, a despeito da oposição por parte de pessoas rebeldes, em territórios circundantes. Em uma palavra, o salmista exortou as nações pagãs a abandonar seus planos rebeldes contra o Senhor e contra o Rei Ungido, submetendo-se à autoridade do Filho, a quem Deus determinou que governasse as nações com cetro de ferro (conforme indicado em Atos 4.25)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

2.1

Por que se enfurecem os gentios...? A primeira dentre seis seções deste salmo diz respeito à fúria das nações contra o Ungido do Senhor (o Rei de Israel e, profeticamente, o Rei dos reis). Seu reino seria estabelecido no meio da hostilidade e contra toda a oposição. Ver a introdução ao primeiro salmo. No Oriente, a morte de um rei e a apresentação de seu substituto era, com freqüência, seguida por um tempo de levantes e assassinatos. Usualmente, a família do antigo rei era eliminada para impedir que qualquer pretendente ao trono se opusesse à coroação do novo rei e ao governo subseqüente. Nações vizinhas, como Moabe, Amom e Edom, por muitas vezes estiveram em sujeição a Israel e poderiam aproveitar da transição para iniciar uma revolta. Tais condições e circunstâncias históricas provavelmente emprestaram colorido ao segundo salmo. A questão aqui retratada, entretanto, é mais profunda. Os planos traçados eram contra Yahweh e Seu Ungido, uma linguagem que quase certamente aponta para algo além de uma sucessão ordinária de reis em Israel — porquanto falava do Messias. Os críticos não têm sido capazes de identificar com exatidão as circunstâncias históricas do salmo segundo. Portanto, provavelmente faremos bem relatando a questão do Rei Ideal da casa de Davi (ver Sal. 17.23,24), isto é, Jesus (ver Atos 4.25, 26; 13.33; Heb. 1.5; 5.5; Apo. 2.27 e 19.18).

O vs. 1 é uma espécie de expressão retórica que indica *admiração.* Como poderia algum homem ou nação opor-se ao Rei Ideal de Israel? Os homens deveriam apoiar os planos de Deus, que são sempre beneficentes. Mas homens rebeldes surpreendem-nos com seus atos.

Imaginam. A palavra hebraica correspondente significa "resmungar" (ver Sal. 1.2, quanto ao termo), falando de planos que estão sendo formados na mente maligna dos homens, com um resmungo acompanhante. Daí temos "traições sussurradas", que passam de um lado para outro entre as nações circunvizinhas, incluindo a própria nação de Israel. Ou seja, trata-se de uma insurreição para tentar deter a cerimônia de coroamento do novo rei. Referir-se isso à ameaça dos filisteus, quando Davi subiu ao trono de Israel, parece uma interpretação um tanto exagerada. Josefo, contudo, contou-nos que os filisteus planejaram uma ação não somente contra Davi, mas também contra toda a Síria, a Fenícia e outras cidades-estados (*Antiq.* VII.c.4).

"Povos" (no singular na King James Version) é expressão interpretada por alguns como referência a *Israel,* em oposição ao Messias; mas a Revised Standard Version (provavelmente de forma correta), no que é acompanhada por nossa versão portuguesa, traz o plural, fazendo a palavra referir-se às nações pagãs.

2.2

Os reis da terra se levantam... Ver o penúltimo parágrafo dos comentários sobre o vs. 1. Profeticamente, entretanto, a questão é mais profunda. O Messias subirá ao Seu trono em tempo de tribulação, e Seu governo será imposto. Pelo menos, é isso o que supõem os que acreditam na aparição literal do Messias na terra, durante o tempo do milênio. A King James Version apresenta a letra A em maiúsculo, indicando o Messias, com o intuito de tornar o Salmo 2 um salmo messiânico. Mas a Revised Standard Version e a maioria das traduções (incluindo a nossa versão portuguesa) deixam-nos *interpretar* o salmo como messiânico, mesmo sem a palavra *Ungido.* Profetas, sacerdotes e reis eram ungidos para seus ofícios. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Unção.* A palavra *Ungido* é tradução do vocábulo hebraico *messiah.* O termo grego equivalente é *Xristós.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Messias,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Cristo.* Davi, na qualidade de *rei ideal* de Israel (ver I Reis 15.3), agia como uma profecia acerca do Rei dos reis.

... se levantam. Com o intuito hostil de impedir a coroação do Messias. Os reis conspiraram para impedir um plano de ação que poderia mostrar-se eficaz. Eles se revoltaram porque não queriam que o Messias governasse sobre eles. Jesus, em Sua encarnação, recebeu oposição de todos os envolvidos, tanto da parte dos governantes civis pagãos como da parte do próprio povo de Israel. Condições como essa são antecipadas quanto à coroação futura, até que o Poder divino endireite todas as coisas.

2.3

Rompamos os seus laços. *As nações rebeldes* não aceitavam nenhuma restrição à sua liberdade e maneira de viver rebelde. Será preciso o poder de Deus para alinhar as nações ao plano divino. "O vs. 3 registra a resolução das nações: elas desejavam estar livres do controle político desse rei. Suas expressões descrevem a *servidão* a esse rei, como se elas estivessem *amarradas.* E não podiam tolerar esse aprisionamento" (Allen P. Ross, *in loc.*). Os povos pagãos não queriam ter nada que ver com a lei divina e suas restrições ao deboche. Cf. Sal. 1.1,6. Ver a natureza geral da lei e suas funções, descritas em Sal. 1.2.

Isto posto, os homens preferem as cadeias do pecado ao jugo suave de Jesus. Para os ímpios, porém, o jugo de Jesus é uma insuportável escravidão (ver Jer. 5.5). Ver Mat. 11.29,30.

> *Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são pesados.*
>
> (I João 5.3)

2.4

Ri-se aquele que habita nos céus. Inicia-se aqui a *segunda* parte do salmo: a derrisão de Yahweh, que zomba dos escarnecedores e rebeldes. O *riso divino,* naturalmente, leva-nos à idéia antropomórfica de Deus, na qual as emoções humanas são atribuídas ao Deus Todo-poderoso. A *personalização* (mormente a humana) torna Deus menor do que Ele realmente é, mas temos imensas dificuldades para falar sobre Deus sem usar expressões humanas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.* Seja como for, este versículo é claro: será muito difícil para os rebeldes lutar contra Deus. Eles terão de enfrentar a ira divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.*

"Em aterrorizante ira, Deus resolveu mostrar que o Rei que Ele estabeleceu em Sião é inviolável: 'Eu, eu instalei meu Rei em Sião' (Moffatt)" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Estamos agora nas cortes do céu. As palavras de abertura do vs. 4 contrastam terrivelmente com a implícita auto-importância dos conspiradores à face da terra. Eles levam extremamente a sério a si mesmos e aos seus planos rebeldes. Mas sua real significação é medida pelo riso zombeteiro de Deus e por Sua derrisão de desprezo. Aquilo de que Deus zomba, Ele visita, e com amargo desprazer (vs. 5)" (J.R.P. Sclater, *in loc.*).

"Costumamos falar sobre a ironia dos acontecimentos. O hebraico atribui ironia a Deus, que controla os eventos" (Ellicott, *in loc.*).

Quanto à figura de Deus entronizado em Seu céu, cf. Sal. 9.11; 22.3; 29.10; 55.19; 102.12; 113.5 e Isa. 6.1. O poder no alto reduz o poder cá de baixo ao nada. O Grande Rei controla os fracos reis da terra. O Rei dos reis deverá governar o mundo.

> *Também eu me rirei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei.*
>
> (Provérbios 1.26)

2.5

Na sua ira, a seu tempo. *O ato de Deus que zomba dos ímpios* consiste em lançar-lhes voz de julgamento e cumprir Suas ameaças mediante grande variedade de desastres. O original hebraico diz literalmente: Deus "os aterrorizará grandemente". Cf. Deu. 29.24. Tal é a sorte dos que negligenciarem a lei ou desobedecerem a seus preceitos, o que é uma das características dos ímpios (ver Sal. 1.1).

Este versículo assinala a *terceira* parte do salmo. Os *estudiosos dispensacionalistas* referem-se à ira envolvida para falar na destruição de Jerusalém, pelos romanos, em 70 D.C., na subseqüente dispersão romana dos judeus, em 138 D.C., e então na grande tribulação dos últimos dias, contra as nações pagãs do mundo inteiro. Essa interpretação, entretanto, provavelmente vê acontecimentos demais no versículo simples que está à nossa frente.

2.6

Eu, porém, constituí o meu Rei. Temos aqui a quarta porção do salmo. A despeito dos planos e rebeliões das nações ímpias, o propósito de Deus se cumprirá na entronização do rei, e também do Rei, no aspecto profético do segundo salmo. O Rei é levado a reinar em *Sião* (ver no *Dicionário* detalhes completos). Esse ato porá fim à rebeldia. *Sião* é mencionada quarenta vezes no livro de Salmos. Originalmente, Sião era uma fortaleza cananéia que Davi capturou, subjugando assim os jebuseus (ver II Sam. 5.7). O templo de Jerusalém foi erguido no lugar da antiga fortaleza, e a cidade de Jerusalém cresceu em redor. Cf. Lam. 1.4 e Zac. 8.3. Esse monte é chamado "colina santa", um sinônimo de *monte do templo,* o lugar elevado onde a lei era supremamente honrada e o culto dos hebreus era efetuado. Cf. Sal. 3.4; 15.1; 24.3; 78.54; Dan. 9.16,20; Oba. 16 e Sof. 3.11. A colina santa finalmente tornou-se o centro do império israelita (Sal. 43.1,2; Isa. 31.4; Jer. 3.16,17). O Messias, assumindo a liderança e tendo como pioneiro a pessoa de Davi, reinará sobre a terra inteira (ver Sal. 132.13; Eze. 43.7; Luc. 1.32,33). Então Israel não mais rejeitará o seu Rei (ver Mat. 23.38,39; Sal. 21.5 e Apo. 11.25,26).

2.7

Proclamarei o decreto do Senhor. A quinta porção do salmo (vss. 7-9) — um domínio universal. O Rei também é, supremamente, o Filho, por eterna geração, conforme afirmam os intérpretes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Geração Eterna.* Esse é o corolário necessário à doutrina da Trindade e diz-nos que nunca houve tempo em que o Filho não existisse. Ele não foi criado, Ele não se tornou um Filho. Pelo contrário, sempre foi o Filho; o "elemento tempo" deve ser visto como uma "seqüência lógica", não uma real designação temporal. *Esse dia é,* assim sendo, o Dia Eterno. Mas não é provável que o autor do salmo tenha antecipado tão pesada teologia cristã. Assim sendo, na aplicação histórica do versículo, o *rei* tornou-se filho especial quando se tornou o rei ungido. A declaração "tu és meu filho" é citada dentre o pacto davídico (II Sam. 7.14). Ver sobre o *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. Ver também Sal. 89.26,27. Ver o artigo geral sobre *Pactos,* no *Dicionário.* Este versículo é citado em Atos 13.33 e em Heb. 1.5 e 5.5, onde lhe é dada uma aplicação cristã. Ver a exposição sobre esses versículos no *Novo Testamento Interpretado.*

As mesmas palavras, "tu és meu filho, hoje eu te gerei" encontram-se no código de Hamurabi, 170-171, para indicar uma adoção legal. No Antigo Testamento, essas palavras retratam uma relação especial de Deus com o rei, similar à de um pai com seu filho. No Egito, o Faraó era deificado e passava a ser considerado filho especial de Deus; e uma idêntica noção se encontrava na Babilônia e, antes disso, na Assíria. De alguma maneira, os reis eram considerados proles da deidade. O Antigo Testamento jamais deificaria um monarca, mas o relacionamento entre pai e filho se aplicava aos reis em um sentido metafórico. Rom. 1.4 mostra que a ressurreição declara o poder que anunciava a filiação especial de Cristo, mas mesmo nesse caso não precisamos pensar em um começo como tal, mas antes, como uma observação que já era verdadeira, mas que agora tornava-se mais evidente ainda. Naturalmente, o cristianismo abriga a idéia da divindade do Filho na expressão, tal como acontecia no caso das nações acima mencionadas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Divindade de Cristo.* Cf. o versículo com Isa. 43.13. Na qualidade de Filho Especial de Deus, o Rei tem um reinado universal.

2.8

Pede-me, e eu te darei as nações por herança. O rei, exaltado em Jerusalém, de súbito tornou-se *rei universal,* e não meramente o potentado de Israel. As nações pagãs tornar-se-ão Dele; Ele será o único poder sobre elas. Os estudiosos dispensacionalistas vêem aqui o governo do Messias durante o *milênio* (ver a respeito no *Dicionário*). Se o sentido messiânico for negligenciado aqui, então só podemos dizer que o versículo promete a algum grande futuro rei israelense o domínio do mundo conhecido, naquele tempo, que circundava o mar Mediterrâneo. Isso nunca aconteceu. Israel nunca se tornou uma potência universal como a Babilônia ou Roma, mas essa pode ter sido a *esperança.*

A figura de um *príncipe ideal,* que sempre estaria prestes a aparecer, jamais se cumpriu, pelo tempo em que este salmo foi composto, em algum sucessor real de Davi. Essa esperança tornou-se parte de tradição profética da nação de Israel e, finalmente, veio a referir-se ao Messias.

2.9

Com vara de ferro as regerás. *Um Governo Severíssimo.* As nações tinham-se mostrado rebeldes e seriam subjugadas. O reino teve de ser *imposto* pelo poder de Deus e não se instalou graças a uma evolução geral de bons poderes e condições favoráveis. Por conseguinte, o cetro de ferro do príncipe universal teve de esmagar todos os oponentes, a ponto de *despedaçá-los,* como um oleiro despedaça os vasos que não o agradam ou que considera dotados de defeitos fatais em sua fabricação. "O quadro provavelmente é tirado dos costumes de execração dos egípcios, nos quais o Faraó usava seu *cetro* para quebrar jarras votivas (peças de cerâmica) que representavam cidades e nações rebeldes" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cabia ao exército egípcio *cumprir os desejos destruidores do Faraó. No começo de seu governo, um novo rei* devia impor sua autoridade por eliminar os rebeldes. Quanto ao sentido messiânico, ver Mat. 20.44, que fala da *pedra esmagadora,* o Messias.

Cf. Isa. 30.14 e Jer. 19.11, onde é empregada a mesma figura. Ver também Apo. 2.26,27, que fala o mesmo tipo de coisa sobre o Messias, quando Ele receber Seu poder universal.

2.10

Agora, pois, ó reis, sede prudentes. Os vss. 10-12 assinalam a *sexta porção* do salmo. Às nações rebeldes foi feito o apelo de que se sujeitassem ao príncipe universal de Israel. "Na estrofe de conclusão, nossa atenção volta-se aos conspiradores. Um *ultimato* é dirigido a eles. Aquilo que tinham ouvido teria de modificar seus conselhos. Caso contrário, a fúria do Senhor irromperia contra eles. Eles deviam prestar obediência a Ele, isto é, ao Pai, por meio do Filho. A revolta contra o Rei é a mesma coisa que a revolta contra Deus" (William R. Taylor, *in loc.*). Os rebeldes que derem ouvidos às advertências serão *sábios,* portanto o que fizerem pode salvar sua vida e sua alma. "A sabedoria envolve a capacidade de *aprender,* particularmente por parte dos líderes, a disposição de pôr todas as faculdades próprias à disposição de Deus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Se os homens não possuíssem livre-arbítrio, não se lhes fariam apelos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio.* Sem livre-arbítrio, não haveria responsabilidade moral.

"Algumas vezes, Deus reprova os reis e os príncipes da terra por causa de seus pecados e por causa de Seu povo, para que aprendessem a justiça. Ver Sal. 105.14,15 e Isa. 26.9" (John Gill, *in loc.*).

2.11

Servi ao Senhor com temor. O princípio da sabedoria é o *temor do Senhor,* conforme diz Sal. 111.10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* especialmente I.1, *O Temor de Deus.* Há um temor real, e então, como resultado, uma *confiança reverente. Tendo sido humilhados e espiritualizados até certo ponto,* eles podiam, subseqüentemente, servir ao Senhor com regozijo, mas mesmo assim não sem tremor. Alguns estudiosos, contudo, põem o tremor no vs. 12, ou seja, "beijai o Filho com tremor" (pelo menos assim diz a Revised Standard Version).

"*Servir, regozijar-se, temer e tremer* descrevem as reações religiosas dos justos na adoração. Eles são levados a viver na submissão; vidas caracterizadas muito mais pelo temor que pela arrogância; vidas cheias de exultação, e não da melancolia da opressão. A imagem é a de sujeição a um monarca supremo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

2.12

Beijai o Filho para que se não irrite. Aqui se recomenda a *obediência* ao filho, pelo que "com tremor, beijai o Filho". O hebraico dos vss. 11 e 12 é incerto, pelo que a Revised Standard Version diz "beijai os pés do Filho", como uma tradução possível, que se adapta ao espírito desses versículos. "Beijar os pés era um ato de reverência requerida da parte dos príncipes subjugados a seus senhores (cf. Sal. 72.9; Isa. 49.23 e Miq. 7.17)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Os que eram antes rebeldes podem tornar-se *abençoados,* se forem obedientes. "*Confiança* é uma palavra característica do Novo Testamento para 'fé' ou 'crença'. Ocorre 152 vezes no Antigo Testamento e traduz um vocábulo veterotestamentário que significa *refugiar-se* (Rute 2.12); *apoiar-se em* (Sal. 56.3; *depender de* (Sal. 22.8); *permanecer* (Jó 35.14)" (*Scofield Reference Bible,* comentando este versículo).

No sentido cristão, o direito de julgar foi entregue ao Filho de Deus (ver João 5.22), pelo que a obediência a Ele é essencial para evitar o julgamento e desfrutar a bênção. "Os rebeldes contra o reino de Deus devem ser conquistados da maneira *mais nobre,* sendo por ele atraídos" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 118.9 e 146.3.

Salmo Três

Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi pelos editores que compilaram os subtítulos. O primeiro livro (Salmos 1 a 41) presumivelmente é de sua autoria. Trinta e sete salmos desse primeiro livro são declaradamente pertencentes a Davi, segundo os editores do livro. Mas os Salmos 1, 2, 10 e 33 não têm essa designação. Os subtítulos não faziam parte do original, e é provável que a maioria deles seja derivada de meras suposições. Para alguns, os eventos históricos parecem confirmar tal informação. O terceiro salmo, para exemplificar, parece ter sido composto por Davi quando ele fugia de Absalão, e, presumivelmente, podemos encontrar indicações disso no próprio salmo. A maior parte das identificações, entretanto, vem dos tempos pós-exílicos, e coisa alguma nos inspira confiança. É provável que algumas informações sejam verdadeiras, mas a maior parte é simples conjectura. Cf. os Salmos 7, 8, 30 e 51, em que certos incidentes da vida de Davi se relacionam aos materiais desses salmos. Seja como for, o Salmo 3 é um apelo ao livramento divino em uma situação de crise, o que poderia ajustar-se a muitos incidentes da vida de Davi, ou de algum outro indivíduo não-identificado. O Salmo 3 é também um dos *mais de sessenta salmos de lamentação que encontramos no livro de Salmos.*

Quanto à fuga de Davi de Absalão, ver II Sam. 15-18. "Apesar de inúmeros adversários que estavam convencidos de que não havia esperança para Davi, esse eleito de Deus descobriu a segurança e proteção de Deus, durante a noite e, assim sendo, adquiriu confiança em seu livramento final" (Allen P. Ross, *in loc.*). O Salmo é um salmo não somente de lamentação, mas também de ação de graças do autor pela segurança que lhe foi conferida em uma situação de crise.

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto aos *cinco livros* dos Salmos, ver a *Introdução* ao livro, em sua seção VI.B. Quanto aos *temas principais* dos Salmos, ver a seção VI.C. Ver a *classificação* dos salmos sob o título geral *Ao Leitor,* oitavo ponto. Ver também o gráfico no início do comentário do livro. Quanto à lei mosaica, que funciona como manual de fé e conduta do homem piedoso, ver as notas no Salmo. 1.

Salmos messiânicos *óbvios* são os de números 2, 8, 16, 22, 23, 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118. Mas outros salmos também têm reflexos messiânicos.

3.1

Senhor, como tem crescido o número. O *subtítulo* relaciona este salmo à fuga de Davi, quando Absalão tentou usurpar o trono de Israel. Ver II Sam. 15-18. Mas os subtítulos são, em sua maioria, meras suposições, conforme se reflete na autoria e nas circunstâncias históricas, não fazendo parte das composições originais mas sendo devidas a editores subseqüentes, de tempos muito posteriores. A situação referida reflete desespero tamanho que faria um homem perecer, não fosse a proteção divina. Muitos inimigos faziam ameaças, sedentos por matar. Eles confiavam que o pobre homem em fuga não tinha chance de escapar e caçaram-no como se fosse um animal. Vários salmos falam de inimigos avassaladores que ameaçavam matar e ferir a outros. Cf. Sal. 6.10; 17.9; 25.2,19. Homens ímpios que oprimem e atacam são chamados "perseguidores" (ver Sal. 7.1); "odiadores" (35.19); "os que buscam matar" (40.14); "malfeitores" (64.2). O vs. 6 deste salmo quase certamente identifica os homens malignos envolvidos como pertencentes ao próprio povo do salmista. Nesse caso, não eram inimigos estrangeiros. O próprio salmo não revela a *razão* dessa aflição, pelo que a referência à perseguição movida por Absalão é apenas uma suposição.

Cf. os momentos de perseguição sofridos por Jesus antes de Sua crucificação, em Luc. 22.53. Ver também Sal. 41.9. Um amigo ergueu o calcanhar contra o Messias. Ver também Mat. 26.30. É por isso que alguns estudiosos imaginam que este salmo seja messiânico.

3.2

São muitos os que dizem de mim. Muitos inimigos tinham certeza de que seriam os executores de Davi, porquanto viam sua vítima tão impotente perante eles e sem chance de receber ajuda divina. *Muitos* contra um *só* provocaram total desespero. A Septuaginta diz "em seu Deus". O siríaco diz "não há ajuda para ti em teu Deus". Os inimigos ignoravam qualquer poder divino que pudesse salvar Davi. É que eles eram *ateus práticos,* se não mesmo teóricos; e assim são todos os que se entregam à prática de atos de violência, especialmente os que o fazem no nome de Deus, o que é uma blasfêmia.

(Selá). Os tradutores dos tempos antigos ficavam perplexos diante dessa palavra, seu significado e função nos vários salmos onde ela aparece. A *Oxford Annotated Bible,* no vs. 2 deste salmo, diz-nos que se tratava de uma orientação litúrgica, talvez para relembrar que os salmos, nesse ponto, deveriam ter um interlúdio musical. Devemos lembrar que os salmos deviam ser musicados. Essa suposição provavelmente é tão boa quanto outra qualquer. Talvez esta palavra venha de *salah,* "elevar-se", e poderia significar "elevar o tempo da música para cantar, neste ponto". No Sal. 9.16, a palavra é associada ao vocábulo hebraico *higgaion,* uma referência ao som de instrumentos musicais. Outros estudiosos identificam a palavra como derivada de um termo que significa "fazer silêncio". Nesse caso, *selá* indica que os cantores deveriam manter silêncio, enfatizando alguma declaração ou pensamento. Essa palavra acha-se por setenta e três vezes nos salmos. Seja como for, permanecemos em dúvida se ela nos convoca a fazer silêncio e meditar no que acaba de ser dito, ou se devemos levantar grande ruído, cantando e tocando instrumentos musicais. Aben Ezra conjecturou que sua força fosse a de um "Amém!". Certo autor tentou mostrar que era um nome divino. "Muita coisa tem sido dita sobre o significado dessa palavra, mas nada temos além de conjecturas para guiar-nos. A Septuaginta sempre a traduz pelo termo grego *diapsalma,* ou seja, uma 'pausa' no salmo que estivesse sendo entoado" (Adam Clarke, *in loc.*). Perplexas, algumas traduções simplesmente a deixam sem tradução.

3.3

Porém, tu, Senhor, és o meu escudo. Embora perseguido pelos homens, Davi confiou em Deus, em seu desespero, e invocou-O como *escudo* e proteção contra os opressores. Deus seria a sua *glória,* conferindo-lhe triunfo e alegria, ou seja, exultação em seu livramento. A cabeça de Davi, pendida em temor e tristeza, erguer-se-ia em triunfo. "A frase, 'e o que exaltas a minha cabeça' é evangelicamente sugestiva e faz-nos pensar sobre o poder da cruz para restaurar a esperança através do perdão. No batistério de Florença há uma maravilhosa estátua de Maria Madalena. Ela é ali retratada como uma mulher aos trapos, *mas* sua cabeça está erguida e, em seus olhos, o artista conseguiu colocar uma esperança extraordinária, embora desesperada. Foi o momento em que ela descobriu o Salvador... George Matheson falava sobre a cruz que ergue a cabeça, talvez uma reminiscência deste salmo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Escudo. Quanto à proteção divina, simbolizada como um escudo, ver as notas expositivas em Sal. 5.12 e 91.14. Cf. Efé. 6.13, especialmente o vs. 16, onde o escudo simboliza a *fé* que detém qualquer dardo inflamado do Maligno.

"A significação dessa sublime confiança destaca-se quando lemos, em II Sam. 15.30, como o monarca humilhado subiu descalço até o monte das Oliveiras, de cabeça pendida e enrolado em seu manto, sem nenhuma glória ou dignidade restante. Ele estava mudo e humilhado, sob os insultos e maldições de Simei" (Ellicott, *in loc.*).

> *Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.*
>
> (I Pedro 2.23)

3.4,5

Com a minha voz clamo ao Senhor. Conforme diz certo hino evangélico, "Senhor, ajuda-me a passar a noite", Davi passou uma noite cheia de terríveis acontecimentos, por ocasião de sua fuga de Absalão. Mas Yahweh conduziu-o através das trevas até o raiar de um novo dia. Davi estava abatido, mas não vencido. Quando ele atravessava o deserto, subindo pela colina santa de Sião, invocou Yahweh para que o Senhor visse sua triste situação e o livrasse. Então ele deitou-se para dormir naquela primeira noite, enquanto seus inimigos, em Jerusalém, regozijavam-se diante de sua derrota.

"A razão da explosão de confiança de Davi (vs. 3) é expressa nos vss. 4 e 5. Deus o sustentou através daquela noite, no meio de seus inimigos, e *essa proteção* foi para ele um sinal do completo livramento que viria... deitei-me para dormir; despertei porque *o Senhor* me susteve" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O nome divino usado neste versículo é *Yahweh* (o Eterno). Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Deus, Nomes Bíblicos e Yahweh.*

"O conselho de Aitofel foi derrotado, e Davi sentiu-se seguro (II Sam. 17.1, 16, 22, 24). Assim também Jesus se preparou para dormir no meio da tempestade, no mar da Galiléia (ver Mar. 4.38, 40), antecipando Seu sono no túmulo. Ele também foi capaz de exclamar: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Luc. 23.46; Sal. 23)" (Fausset, *in loc.*).

Simbolicamente, alguns eruditos vêem a morte (sono) e a ressurreição (novo dia) de Jesus, nestes versículos. Se isso é mais que um símbolo que pode ser empregado, então temos ainda mais evidências de que este salmo é messiânico. Devemos ter cuidado para não supercristianizar os salmos. Certamente nem todos os salmos são messiânicos, conforme asseverou um famoso pregador.

Selá. Quanto a notas expositivas completas sobre esta palavra, ver Sal. 3.2.

3.6

Não tenho medo de milhares do povo. *A rebeldia de Absalão* foi apoiada por muitos dentre o povo, de tal modo que, apesar de as palavras "milhares do povo" poderem significar simplesmente "muitos", não representam nenhum exagero. Havia, no coração deles, o intuito assassino. Eles queriam livrar-se de Davi e de seus conselheiros. Naturalmente, somos lembramos da fuga de Jesus quando Seus inimigos se preparavam para matá-Lo. Davi, tendo passado uma noite pacífica, símbolo do livramento final que viria, não temia aquela grande multidão de inimigos. E isso, em si mesmo, não foi uma pequena realização.

> *O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?*
>
> (Salmo 27.1)

"Força e números nada são contra o Deus onipotente" (Adam Clarke, *in loc.*). Em vez de refugiar-se no ateísmo quando estava em aflição, Davi correu para o Senhor. A confiança no Senhor é o único bem satisfatório (Sal. 2.12). Cf. este versículo em I Reis 20.12.

3.7

Levanta-te, Senhor! Deus tinha a reputação de desferir golpes poderosos nos maxilares de homens rebeldes, e de quebrar seus dentes nesse processo. Davi implorou que Deus agisse em seu favor, naquela hora de necessidade, quando ele não tinha defesa nem forças. Os inimigos eram como feras vorazes que perseguiam ou atacavam para apanhar as suas presas. A derrota deles foi descrita, apropriadamente, como a quebra e o esmagamento de suas queixadas, que se abriam para despedaçar e matar. Seus dentes temíveis foram quebrados, e os atacantes foram inutilizados. Tal é a experiência humana. Muitos de nós têm passado pela experiência de ver quebrados os dentes dos opressores. Muitos de nós têm visto seus antigos inimigos derrotados. E então podemos olhar para trás e sorrir diante de toda a confusão; mas, no meio de tudo, tememos e ficamos amargurados.

> *Desperta! Por que dormes, Senhor? Desperta, não nos rejeites para sempre. Por que escondes a tua face, e te esqueces da nossa miséria e da nossa confusão?*
>
> (Salmo 44.23,24)

3.8

Do Senhor é a salvação. *A Salvação Vem do Senhor.* Sem dúvida a Revised Standard Version está correta ao dizer, em lugar de "salvação", *livramento,* de maneira que não cristianizamos este versículo, fazendo-o referir-se à salvação da alma. Davi estava falando sobre o *livramento* de seus opressores. Absalão exibiu-se com arrogância ao ter seu muito breve dia. Joabe, entretanto, pôs fim à história (ver II Sam. 18.7-17). Os ímpios asseveraram que Deus não defenderia Davi. Eles pensavam que sua morte seria inevitável e simples de efetuar (vs. 2). Mas sofreram uma grande surpresa. Davi saiu daquela experiência mais forte do que nunca. Quando alguém tinha ao lado um homem temível como Joabe, não precisava de muito mais ajuda!

Uma vez libertado, Davi prosperou e viu novas dimensões da bênção do Senhor. Ele era um bem-aventurado (Sal. 1.1), porque andava de acordo com a lei, e não segundo os planos maus dos ímpios. Ver sobre *Lei de Moisés, Idéias dos Hebreus,* na exposição de Sal. 1.2.

Adam Clarke, cristianizando o versículo, disse: "Somente Deus salva. Ele é a fonte da qual nos chegam ajuda e salvação, e é Ele o merecedor dos louvores de todas as almas salvas. Sua bênção está sobre Seu povo".

"Note o leitor como é usual terminar em uma nota de confiança e de ação de graças" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"... reconciliação e paz pelo sangue de Cristo, adoção e vida eterna: as bênçãos de graça e as bênçãos de glória" (John Gill, *in loc.*).

Salmo Quatro

Informações Gerais que se Aplicam a Todos os Salmos:

1. Quanto aos *cinco livros* dos salmos, ver a Introdução ao livro, seção VI.B.
2. Quanto aos *principais temas* dos salmos, ver VI.C.
3. Quanto à classificação dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro. Esse gráfico age como uma espécie de introdução ao saltério e lista os salmos pertencentes às diferentes classes. Há dezessete classes; porém, maior número poderia ser criado.
4. Quanto à lei como o *manual* de fé e conduta do homem bom, ver Sal. 1.2.
5. Os salmos messiânicos óbvios são os de números 2, 8, 16, 22, 23, 24, 40, 41, 45, 68, 72, 89, 102, 110 e 118. Outros contêm referências ou reflexos messiânicos.
6. Os *subtítulos* dos salmos não faziam parte dos documentos originais, mas foram adicionados pelos editores, muito tempo após a composição original. Esses subtítulos tentam identificar os autores envolvidos e ligam certos salmos a circunstâncias históricas conhecidas do Antigo Testamento. A maioria dos informes dos subtítulos consiste em conjecturas. Os subtítulos atribuem cerca de *metade* dos salmos a Davi.
7. Dentre todos os livros das Escrituras, Salmos é o mais citado no Novo Testamento. Provi uma lista de comentários na seção XII na Introdução ao livro. As maciças citações dos salmos nos livros do Novo Testamento confirmam seu valor espiritual e literário.

O Salmo 4, como é óbvio, está intimamente relacionado ao Salmo 3 (um salmo de *lamentações*), e alguns estudiosos supõem que eles representem uma única composição. O subtítulo atribui esse salmo a Davi, endereçando-o ao mestre de canto. Era uma composição que devia ser acompanhada por instrumentos de cordas. No primeiro Livro, os Salmos 1 a 41 são declarados como de autoria davídica, embora não se afirme abertamente que os Salmos 1, 2, 10 e 33 tenham sido escritos por ele.

Neginoth é a palavra hebraica usada para indicar *instrumentos de corda,* a qual não é traduzida por algumas versões. Esses instrumentos de corda são mencionados em conexão com os Salmos 3, 5, 53, 60, 66 e 75. Orientações musicais aparecem nos subtítulos dos Salmos 4, 6, 54, 55, 61, 67 e 76. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Música e Instrumentos Musicais.*

No Salmo 3, Davi buscou ajuda da parte de Yahweh em uma situação desesperadora, quando sua própria vida estava sob ameaça. Ele chegou com toda a confiança, pois o Senhor o libertou. O Salmo 4, então, começa com uma nota de otimismo. Davi foi libertado e orou para que isso continuasse. Ele tinha recebido a misericórdia e a graça divina necessária.

"A Davi foi assegurada a ajuda do Senhor. A cerimônia durante a qual este salmo era usado evidentemente incluía sacrifícios (vs. 5), e talvez as pessoas passassem a noite no templo (vs. 8). Cf. Sal. 3.5" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

4.1

Responde-me quando clamo. *Davi continuava invocando a Deus,* que responde às nossas orações, e vivia freqüentemente necessitado de livramento de seus inimigos (tema do terceiro salmo). Cf. Sal. 3.4. Não há aqui o mesmo "clamor de desespero", pois aqui o clamor é de urgência. As orações de Davi tinham sido respondidas. Ele foi livrado de uma crise fatal. Saiu dessa crise mais forte do que estava antes da rebeldia de Absalão, mas continuava a orar, porquanto sempre tinha necessidades e aflições das quais precisava ser libertado.

Deus da minha justiça. A referência primária aqui é ao fato de que Davi tinha uma *causa justa,* pelo que Deus o livrou de suas aflições. Mas a referência também é geral. Davi era obediente à lei mosaica e nem por uma vez sequer tocou na idolatria, em sentido algum. Esse era um de seus principais sinais distintivos, embora, ocasionalmente, ele caísse em pecados graves. Ver Sal. 1.2 sobre como a lei devia ser o manual de fé e conduta do judeu piedoso. "O conceito de um Deus supremamente justo e Aquele que estabelece a justiça é um dos mais nobres *legados da fé dos hebreus ao mundo.* O espírito disso é sumariado nesta indagação: 'Não fará justiça o Juiz de toda a terra?'. A força dos inocentes, diante da calúnia ou da opressão, jaz no apelo à fonte eterna da retidão" (Ellicott, *in loc.*).

A versão siríaca diz aqui "vindicador de minha retidão". Nesse caso, Deus interveio em favor de Davi contra Absalão, porquanto a causa de Davi era justa, e a causa de Absalão era pervertida.

> *Não fará justiça o Juiz de toda a terra?*
>
> (Gênesis 18.25)

... me tens aliviado. A aflição é como um lugar apertado que nos ameaça esmagar. O livramento divinamente conferido proveu *amplo espaço* onde não havia nenhuma ameaça. Naquele amplo lugar, o homem bom era abençoado, ou seja, *bem-aventurado.* Os *lugares apertados,* entretanto, acabam voltando, pois o homem nasceu para as tribulações, tal como as faíscas sobem no ar e não sabem voar de outra maneira. Ver Jó 5.7.

"Nenhum indivíduo tem o direito de esperar que Deus o ouça, se ele não clamar" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.2

Ó homens, até quando...? O salmista estava em perigo iminente. As acusações dos ímpios transformaram sua honra em desgraça. Os que tinham poder para tanto queriam terminar com ele. Tinham por hábito dizer mentiras e cometer perjúrio. Eles procuravam destruir um homem inocente, conseguir a sua ruína e matá-lo. Jeremias também sofreu por causa de homens dotados de posição e poder. Ele estava, definitivamente, *fora do seu círculo. Somente um rei destronizado, como Davi, que fugia de* Absalão, poderia falar daquela maneira. Talvez um profeta ou sacerdote tenha proferido tais palavras, alguém que criticava as classes sociais superiores corruptas que perseguiam homens bons por causa de suas ameaçadoras palavras de reprimenda.

Ó homens. *Filhos dos homens* é a tradução literal de uma frase hebraica geralmente entendida como "homens de alta posição" (Ellicott, *in loc.*).

> *Amar, buscar, valorizar as coisas falsas e vãs, é nada senão mentiras.*
>
> (Milton)

Antigos intérpretes hebreus interpretaram "homens" como a multidão que deu apoio à causa de Absalão. Eram os príncipes que queriam ver Davi morto, e Absalão reinando no lugar de seu pai. O paralelo com a vida de Jesus é obvio. Quem foram os que provocaram a morte de Jesus, por meio de acusações falsas, se não a classe dominante?

Selá. Quanto a esta palavra misteriosa, ver as notas expositivas sobre Sal. 3.2.

4.3

Sabei, porém, que o Senhor distingue. Talvez haja aqui uma referência ao pacto davídico, no qual Davi foi escolhido, como rei especial, e em quem estaria investida a esperança messiânica. Ver sobre esse pacto em II Sam. 7.4. O homem *separado* para um propósito especial seria alguém cujas orações Deus ouviria e responderia. Em conseqüência, não se poderia brincar com ele. Davi descreveu a si mesmo como *piedoso* porque aceitava a lei como seu código de ética e conduta (ver notas expositivas em Sal. 1.2). Ademais, ele era o objeto do amor que circundava o pacto estabelecido por Yahweh. *Sob os cuidados de Deus,* Davi estava seguro, e, finalmente, sua causa seria vindicada. Davi tinha consciência de ter sido escolhido por decreto divino para honra real e um pacto eterno, pelo que tinha especial confiança nos atos de Deus em seu favor. "É privilégio das naturezas verdadeiras e heróicas elevar-se a uma consciência de força e dignidade, nas horas de perigo" (Ellicott, *in loc.*).

Conta-se uma história acerca de George Patton, um dos principais generais americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Em certa oportunidade, o avião no qual ele viajava ameaçou cair. Ele se mostrou ansioso diante do perigo, mas então se lembrou de sua missão. Sua ansiedade desapareceu imediatamente. *Coisa alguma poderia prejudicá-lo, e coisa alguma o prejudicou. Mas quando sua* missão terminou, e a guerra se acabou, ele morreu em um estúpido acidente de automóvel, na Alemanha. Tinha chegado a sua hora, sem dúvida.

4.4

Irai-vos, e não pequeis. Os homens rebeldes e ímpios são advertidos a reconsiderar o seu curso. Embora estivessem irados, não deveriam pecar. Não deveriam perder o controle próprio. Para evitar a catástrofe, aqueles homens de alta posição social tinham de restringir a própria ira, comungando com sua consciência (coração) para se certificar de que não cometeriam erros precipitados e fatais. Quando descansavam à noite, distantes da confusão e do rebuliço da vida diária, deveriam aproveitar os momentos de solidão e tranqüilidade para reexaminar motivações e atitudes. Eles estavam atacando um homem bom a fim de agradar e servir a um homem ímpio. Tais atos não podiam deixar de ser percebidos pelo olho divino. Eles estavam brincando com fogo. Se aqueles homens endireitassem seus caminhos com Deus, estariam em boas relações com Davi, abandonando suas intenções assassinas.

Irai-vos. A palavra hebraica é *rigzu,* a qual significa, basicamente, *tremer* (Sal. 18.7), embora também possa significar *estar irado* (ver Isa. 28.21). Uma pessoa trêmula estaria *admirada diante de Deus,* e daria apoio a Davi.

Eles se estavam arriscando diante do Vingador. A revolta deles só poderia terminar em desastre. Ver Efé. 4.26, onde temos a mesma palavra grega que aparece na Septuaginta, quanto a este versículo. A *ira* pode acender-se, mas os homens não devem permitir que o sol se ponha sobre essa ira, ou seja, a ira deve passar antes do anoitecer. A ira de longa duração transforma-se em atos de violência e crimes. À noite, em seus dormitórios, opressores, ímpios e homens irados devem ficar tranqüilos e mudar de idéia quanto a planos violentos. O paralelo com a vida de Jesus é óbvio.

Selá. Ver sobre esta palavra nas notas expositivas de Sal. 3.2.

4.5

Oferecei sacrifícios de justiça. *Homens arrependidos,* que naturalmente tinham pecado em atitudes e atos, deviam oferecer os sacrifícios apropriados como expiação. Assim perdoados, podiam pôr sua confiança em Deus. Ver Sal. 2.12, quanto a essa *confiança.* "Não sacrifícios hipócritas conforme Absalão oferecera (ver II Sam. 15.7-9), mas sacrifícios de expiação por suas más ações, em consonância com o princípio da justiça (ver Deu. 33.19), acompanhados por uma *renúncia* de todo o coração, e resguardando-se de ira contra o rei escolhido por Deus (ver Sal. 56.18; Pro. 15.8)" (Fausset, *in loc.*). *O sacrifício* pressupõe uma mudança de coração. "Nenhum sacrifício, nenhuma realização de dever religioso, valerá coisa alguma para homem algum, se seu coração não estiver correto com Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

"A cerimônia na qual este salmo era usado evidentemente incluía sacrifício (vs. 5) e talvez até passar a noite no templo (vs. 8). Cf. Sal. 3.5" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). "Sacrifícios de *justiça* significam sacrifícios requeridos pela lei mosaica, que é santa." Cf. Sal. 51.19 e ver Deu. 33.19. Ver também Isa. 41.8. "Os sacrifícios de justiça eram aqueles oferecidos de acordo com a lei, da maneira correta, contanto que os animais oferecidos não apresentassem aleijão nem tivessem mácula alguma" (Mal. 1.13,14) (John Gill, *in loc.,* que prosseguiu a fim de cristianizar o versículo e falar do sacrifício final de Cristo).

4.6

Há muitos que dizem. *As amargas experiências da vida* levam muitos a clamar em alta voz, algumas vezes desesperadamente: "Quem nos mostrará o bem?". Em seguida, pedem que Yahweh, sua única esperança, faça brilhar sobre eles o resplendor de Sua luz. Nessa iluminação, o bem é trazido sobre a face deles. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Os gregos, quando em desespero, entregavam as coisas "aos deuses e à oração". Faz parte de uma boa teoria dizer: "Deus está no trono, e tudo está bem no mundo". Algumas vezes, entretanto, precisamos de *demonstrações específicas* desse princípio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.* A oração, naturalmente, é o instrumento desse apelo, e o Espírito é o agente dessa *iluminação.* Isso nos ensina o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador continua presente em Sua criação, intervindo na história humana, recompensando piedosos e castigando ímpios. Isso deve ser contrastado com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), o qual ensina que Deus abandonou Sua criação e a deixou entregue aos cuidados das leis naturais. Mas a lei natural, apesar de algo admirável, tem muitos lapsos e defeitos. Algumas vezes, precisamos ver a face de Deus para saber melhor o que fazer. Esse é o *misticismo* corretamente compreendido. Ver sobre esse termo no *Dicionário.*

Se uma pessoa nos saúda com um rosto brilhante e alegre, ela ganha nossa confiança. Temos então certeza de que coisas boas podem acontecer. Quando recebemos a iluminação do Senhor, somente o bem pode decorrer daí. Essas palavras sobre a *fisionomia* de Deus (cf. Sal. 67.1) nos fazem lembrar da bênção sacerdotal de Núm. 6.24-26:

> *O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer*
> *o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti;*
> *o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz.*

4.7

Mais alegria me puseste no coração. *A colheita* é um tempo de regozijo, por ser a culminância de muito trabalho, e apresenta a continuação da vida. Mais que a alegria da época, foi a alegria do coração de Davi quando ele viu o livramento com que Yahweh o salvou de seus inimigos. Sua alegria excedia à corriqueira alegria humana. Houve nessa alegria algo do Ser *divino,* porquanto Davi sabia que Deus tinha intervindo em seu favor, que a Presença de Deus se havia manifestado. Havia certa grandeza na alegria de Davi. No versículo não há menção alguma de que houvera uma má colheita, mas, antes, que, de alguma maneira, Deus a havia providenciado. Este, porém, não é o assunto do versículo. A figura da colheita foi escolhida porque esta representava o episódio mais feliz da comunidade. Todavia, havia uma alegria ainda maior do que essa.

> *Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes.*
>
> (Salmo 126.6)

> *... alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa...*
>
> (Isaías 9.3)

4.8

Em paz me deito e logo pego no sono. Cf. Sal. 3.5. A alma perturbada tem dificuldades para dormir, mas o sono torna-se fácil para o homem que está contente e seguro. Em meio a inimigos ferozes que lhe ameaçavam a vida, Davi foi capaz de descansar em paz, como se estivesse "seguro nos braços de Jesus", conforme diz certo hino evangélico. "Verdadeira alegria e paz dependem não das circunstâncias, mas da proteção e das provisões de Deus. Cf. Sal. 5.22 e Rom. 14.17" (Allen P. Ross, *in loc.*). A *alegria* é um dos aspectos do fruto do Espírito, conforme assevera a Epístola aos Gálatas. Trata-se de um cultivo do Espírito e é algo essencialmente espiritual, e não circunstancial.

"Ele pode ter sido um grande estadista, mas naquela noite era uma criança, um filho confiante de Deus, um dos entes amados a quem Deus deu paz em seu sono" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Martinho Lutero tinha um amor especial pela parte final do Salmo 4 e pediu que Ludviz Teuffel o musicasse, para servir de réquiem na ocasião de sua morte.

"Quão poucos se deitam em paz com sua consciência e com Deus. Davi gozava de duas grandes bênçãos: descanso no sono e paz na alma" (Adam Clarke, *in loc.*). "... cercado pelo favor de Deus, rodeado por Seu poder. Ver Deu. 33.28" (John Gill, *in loc.*).

Assim que se deitou, Davi foi capaz de pegar no sono. O Senhor havia preparado para ele tanto segurança quanto alegria, enquanto seus inimigos rugiam "lá fora".

> *Israel, pois, habitará seguro,*
> *a fonte de Jacó habitará a sós,*
> *numa terra de grão e vinho;*
> *e os céus destilarão orvalho.*
> *Feliz és tu, ó Israel!*
>
> (Deuteronômio 33.28,29a)

Salmo Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi *sete* comentários que são úteis para a compreensão do livro de Salmos.

Este *quinto salmo* representa uma oração oferecida durante os sacrifícios matinais. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas.* Ver também o verbete *Sacrifício Vespertino,* onde discuto os sacrifícios matinais e vespertinos. Ver o vs. 3. Esse versículo deixa claro que o cantar ou recitar de tais salmos estava incluído na adoração do templo de Jerusalém. O ministério da música era parte importante da adoração do antigo Israel. Sua introdução foi atribuída a Davi, que desenvolveu tanto hinos para serem cantados, como instrumentos musicais a serem empregados para acompanhar os cânticos. Ver I Crô. 25, quanto às ordens de levitas apontados para o ministério da música sacra.

As orações de Davi, de manhã e à tarde, incorporavam apelos de livramento dos inimigos, o principal tema dos Salmos 3 e 4. Cinco estrofes incorporam as orações. Os bons têm de ser abençoados; os ímpios têm de ser destruídos. Devemos relembrar que os tempos eram de grande brutalidade, e sobreviver diariamente era uma preocupação constante. Davi tinha adversários dentro e fora do território de Israel. Ele conseguiu derrotar *oito* inimigos de Israel (ver as notas em II Sam. 10.19), mas muitos inimigos pessoais, dentro do acampamento, levantaram-se para tomar seu lugar. A

verdadeira paz só ocorreu na época de Salomão. Portanto, suas orações, naturalmente, clamavam por segurança, bem como pela derrota de seus inimigos.

Classificações dos Salmos: Ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de introdução aos salmos. Dou ali dezessete classificações, e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um salmo de lamentação, dos quais há cerca de sessenta, dentre a coletânea de 150 hinos.

O *subtítulo* diz-nos que este salmo pertencia a Davi e era dirigido ao chefe do cântico. Quanto a informações sobre os subtítulos, ver o ponto sexto das *informações gerais* sobre todos os salmos providos na introdução ao Salmo 4. O significado do termo *Neheloth*, no subtítulo do Salmo 5, é controverso. Alguns estudiosos dizem que não estão em foco instrumentos musicais, afirmando que essa palavra significa *herança*, em referência ao caráter do salmo. Outros eruditos vêem vários tipos de instrumentos. Mas a Septuaginta retém a idéia de herança. Esse salmo deveria ser musicado em "favor daquele que obtiver a herança". A Vulgata concorda com isso. De fato, *nachal* significa "herdar". Israel obteve herança na Terra Santa, enquanto a nossa herança está em Cristo (ver Rom. 8.16,17). A nossa versão portuguesa da Bíblia, entretanto, dá *flautas* como o significado da palavra. Concordando com isso, John Gill (*in loc.*) afirmou que estão em vista instrumentos de sopro, em lugar de instrumentos de corda, as *Neginoth* (ver a introdução ao Salmo 4). Mas Gill adicionou que aquilo que está em foco "cabe a cada um conjecturar".

5.1

Dá ouvidos, Senhor. Este salmo, como muitos outros, começa com um apelo urgente, e aqui o salmista se expressa por meio de gemidos. Cedo pela manhã, ele tinha de solicitar a proteção contra os ímpios que o assediavam. O salmista prostrou-se no templo, com o coração pesado e a mente perturbada. Ele orou na direção do Lugar Santo (vs. 7), o local da arca sagrada onde a presença de Deus se manifestava.

> *Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis.*
>
> (Romanos 8.26)

5.2

Escuta, Rei meu e Deus meu. A oração era uma "petição de ajuda", dirigida a Yahweh, Deus e Rei de Davi. Cf. Sal. 44.4; 68.24; 74.12 e 84.3. Davi voltou-se à "mais alta autoridade", porquanto precisava de uma intervenção divina em sua vida.

"Quando tenho poder para orar e pedir as coisas de que preciso, então, ó Senhor, dá ouvidos às minhas *palavras*. Mas a verdade é que não tenho poder para pleitear diante de Ti, e o temor apossa-se de meu coração. Portanto, o Senhor, considera os meus *gemidos*" (Jarchi).

> *Ele, Jesus, nos dias de sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas cousas que sofreu.*
>
> (Hebreus 5.7,8)

Davi foi o *rei* de Israel (ver I Reis 15.3), mas em sua aflição pleiteou diante do Rei dos reis, o Poder da corte celeste. Isso é correto, pois Nele vivemos e nos movemos, e temos o nosso ser (ver Atos 17.28).

5.3

De manhã, Senhor, ouves a minha voz. Davi começava seus dias com uma oração, um excelente hábito. Ele participava dos sacrifícios matinais, e aproveitava esse momento sagrado para enviar seu apelo à corte celeste. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifício Vespertino*, que presta informações sobre os sacrifícios matinais e vespertinos. Ver também o artigo geral denominado *Sacrifícios e Ofertas*. Além disso, ver o verbete chamado *Orações*. Homens espirituais têm experimentado o poder da oração. Verdadeiramente, em certas ocasiões, ocorrem grandes coisas através da oração. Deus intervém. Quando isso não acontece, devemos continuar orando. As circunstâncias podem mostrar-nos o caminho, mas algumas vezes precisamos de uma intervenção divina. "Se não nos for dada uma resposta imediata, que o coração do homem reto não suponha que sua oração não tenha sido ouvida. Pois a oração encontrou seu caminho até o trono da graça e ficou ali registrada" (Adam Clarke, *in loc.*). É conforme diz certo hino evangélico: "Acredito que a menor oração pode ser ouvida acima do temporal".

"A oração é a oblação espiritual que o crente apresenta pela manhã, a *primeira coisa* que ele faz a cada dia. Esse era o costume dos hebreus. As duas outras ocasiões em que se ofereciam orações eram ao meio-dia e no fim do dia (ver Sal. 55.17)" (Fausset, *in loc.*).

5.4

Pois tu não és Deus que se agrade com a iniqüidade. *Homens iníquos* planejavam contra a vida do rei; mas Deus sabia de tudo e não permitiria que algum evento inesperado ocorresse. Por sua vez, Davi sabia que só a intervenção divina salvaria a sua vida, porquanto os inimigos eram muitos, brutais e estavam resolvidos a matar. Davi tinha a convicção instintiva de que um homem reto pode *raciocinar com o Senhor*, como faz com um amigo (cf. Gên. 18.23-33; Jó 13.17-28). Além disso, Deus odeia aqueles que realizam atos ímpios e destruidores, e automaticamente estaria contra os adversários de Davi (vss. 5 e 6). Seu papel seria reduzi-los a nada (vs. 6). "As pessoas presunçosas e cheias de si, que não evitam nem o assassinato nem o engano, são odiadas e destruídas por Deus. Tais pessoas são inteiramente detestáveis a Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Seis palavras exprimem a natureza dos ímpios nesta passagem: arrogância; iniqüidade; insensatez; sanguinolência; engano; mentiras. O Todo-poderoso Deus é inimigo natural desses homens, dotados de tão nefastos atributos. Eles não podem habitar com Deus em Seu lugar santo, e não há paz para eles na terra, que é o estrado dos pés divinos. Mas Deus habita com os piedosos (ver Isa. 57.15).

5.5

Os arrogantes não permanecerão à tua vista. Das *seis palavras* usadas para caracterizar os pecadores, este versículo contém duas: eles são arrogantes e praticam a iniqüidade. Deus os destruirá, porquanto os *odeia*. Está em pauta a *ira de Deus* (ver no *Dicionário*). Ver Rom. 9.13. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

> *Semeai um hábito, e colhereis um caráter.*
> *Semeai um caráter, e colhereis um destino.*
> *Semeai um destino, e colhereis... Deus.*
>
> (Prof. Huston Smith)

"É um tolo e um louco aquele que perde o fôlego atrás de nenhum prêmio, em sua luta contra o Todo-poderoso. Isso é o que fazem todos os ímpios. Portanto, todo homem iníquo é um tolo e um louco" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação.*
>
> (Salmo 14.1)

5.6

Tu destróis os que proferem mentira. A *ira de Deus* destruirá prontamente os ímpios, embora, de acordo com a nossa maneira de computar o tempo, isso possa parecer muito demorado. Os *mentirosos* não sobreviverão aos açoites de Deus. Os sanguinolentos, que aleijam e matam, serão aleijados e mortos. Os *enganadores* não serão capazes de ocultar seu jogo pervertido. Antes, serão desmascarados e executados. Das *seis palavras* que descrevem os pecadores, este versículo contém *três*. Ver as notas no vs. 4 para uma lista dessas palavras. Homens ímpios e desarrazoados vão piorando cada vez mais. Eles acumulam atributos profanos e tornam-se culpados de inúmeros crimes.

Um estudo sobre a criminalidade nos Estados Unidos da América revelou que os chamados "ofensores primários", quando são finalmente apanhados, já cometeram crimes suficientes para serem enviados à prisão por cem anos!

> *Vivem,*
> *Pensam que vivem,*
> *Embora não tenham conhecido a vida.*
> *Fazem suposições,*
> *Querem dominar tudo,*
> *Mas esquecem de dar o primeiro passo*
> *Para o domínio do mundo interior.*
> *Eu penso que um dia*
> *Todos se voltarão*
> *Para a própria alma.*
> *Por enquanto não passam de estátuas,*
> *Que querem ser colocadas no alto*
> *Para serem adoradas.*
> *Pobre humanidade ausente!*
>
> (Maria Cristina Magalhães)

5.7

Porém eu, pela riqueza da tua misericórdia. *Em violento contraste* com os ímpios, estava Davi, que entrava humildemente no tabernáculo, a casa de Deus, inclinando a cabeça em súplica ao Poder supremo, para que fosse protegido de poderes malignos nas suas portas. Na casa de Deus, ele encontraria misericórdia em seu tempo de crise. Temendo a Deus, mas não ao homem, ele adoraria o Todo-poderoso, que controla todas as coisas com as próprias mãos, e cuja providência era sua porção diária. Ver sobre a *Providência de Deus no Dicionário*. Davi não exaltou suas próprias virtudes, para contrastá-las com os maus atributos dos ímpios. Ele se gloriava em Deus, e não em si mesmo. Sua suficiência estava no Todo-poderoso. Davi vivia cheio com a suficiência de Deus.

Tal como os rios buscam um mar que não podem encher,
Mas eles mesmos são cheios no abraço do mesmo,
Absorvidos, em descanso, cada rio é regado,
Concede-nos essa graça.

(Cristiana G. Rossetti)

E me prostrarei. No hebraico original temos uma palavra que significa "adorar", no sentido de "prostrar-se". Isso simboliza a atitude certa de um homem ao buscar a presença de Deus. Entrementes, os ímpios vangloriam-se como um bando de loucos e arrogantes.

5.8

Senhor, guia-me na tua justiça. *Davi, homem assediado,* ameaçado por inimigos poderosos, necessitava da *liderança* especial e protetora do Deus que dirige os destinos dos homens. Nisso residia a sua esperança, para que ele não morresse de forma estúpida e prematura, somente porque assim desejavam os ímpios. Deus teve de revelar a Davi como agir e viver, conservando seus inimigos à distância. Davi precisava da iluminação divina para saber o que deveria fazer.

O poeta podia agora voltar-se com toda a confiança para os seus inimigos. Ele tinha uma proteção que faria estancar todos os seus ataques. Seria capaz de evitar planos astutos e continuar a caminhar pelas veredas da justiça, em obediência à lei (ver Sal. 1.2, quanto à natureza e ao uso da lei). Ele teria uma longa e próspera vida, enquanto Deus poria fim a seus adversários. Ele cumpriria a sua missão, mas a vida de seus inimigos seria cortada prematuramente.

Uma Metáfora. Podemos entender este versículo metaforicamente. O homem piedoso tem muitos inimigos, por dentro e por fora, que podem perturbar sua vida e tentar levá-lo por caminhos errôneos. "Davi era muito sensível ao fato de que o caminho do homem não está em si mesmo, e de que ele não era capaz de dirigir os próprios passos. Por conseguinte, desejava ser guiado pelo Senhor, conduzido pela mão direita de Deus, em retidão, e mantido em *Seus caminhos*" (John Gill, *in loc.*).

5.9

Pois não têm eles sinceridade nos seus lábios. Os ímpios são totalmente *pragmáticos* ao decidir o que é mais vantajoso para eles, desconsiderando qualquer padrão de verdade. Além disso, suas mentiras são propositadamente destruidoras: eles dizem mentiras para ferir e matar. São verdadeiros filhos do diabo, o pai dos mentirosos e assassinos (ver João 8.44). Note-se como esse versículo combina a mentira com o assassinato. Os pecadores "se professam amigos, mas tudo é oco e enganador" (Adam Clarke, *in loc.*). Até suas lisonjas são apenas meios de obter vantagens pessoais, procurando prejudicar seus semelhantes.

O *coração* deles promovem a destruição. Eles não têm escrúpulos e são traidores. Brutais e insensíveis, são desavergonhadamente depravados.

A sua garganta é sepulcro aberto. Na Palestina, os sepulcros eram feitos escavando-se um buraco na rocha ou no chão. Quando, por negligência, ficavam descobertos, podiam causar morte ou ferimentos aos que se aproximassem sem saber de sua existência. No Antigo Testamento, não são poucas as referências aos efeitos mortíferos da calúnia, do falso testemunho e da mentira. Cf. Sal. 7.4; 52.2; 64.3; Pro. 18.21 e Jer. 9.8. A garganta aparece aqui como o instrumento da fala que se torna como um sepulcro devorador, a consumir suas vítimas. Paulo cita essa parte do versículo em Rom. 3.13, onde as palavras são associadas a mentiras destruidoras e venenosas.

Senhor, disse eu:
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um selvagem somente,
É o crescimento venenoso de mente maligna,
Ato alienado do mais indigno.

Senhor, disse eu:
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Punhalada irreversível de inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.

Disse o Senhor a mim:
Uma palavra sem afeto, lançada contra vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de dores cruéis,
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando sua horrível cabeça,
é um desejo secreto de ver alguém morto.

(Russell Champlin)

Com a língua lisonjeiam. Ver a expressão em Sal. 12.1, onde há notas expositivas sobre os "lábios suaves" dos ímpios. Literalmente, seus lábios eram "suaves".

5.10

Declara-os culpados, ó Deus. Os homens cortam-se e queimam-se e promovem violência uns contra os outros de tal modo que precisam pagar por seus crimes, por serem, eles mesmos, vítimas da violência, mas violência da parte do Senhor, que julga os seres humanos. Davi pediu ao Senhor que seus opressores não conseguissem escapar com seus crimes, enquanto o olho divino não estivesse olhando para eles. Os ímpios precisam "carregar a própria culpa", isto é, receber o que merecem, tal como a *lex talionis* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Aqueles que preparavam armadilhas para outros (tomando conselho contra eles) haveriam de cair no laço, tanto o laço armado por eles mesmos, como outros armados por outras pessoas. Seriam apanhados de surpresa e terminariam vítimas do ódio e da violência. Esses tinham enchido a taça da iniqüidade, e sua queda ocorreria em breve. Ver as notas expositivas em Gên. 15.16.

Os chamados *salmos imprecatórios* enfatizam a lei da colheita segundo a semeadura, impondo essa colheita em termos semelhantes e, algumas vezes, impondo os mesmos modos de sofrimento. O *pacto abraâmico* (ver as notas expositivas em Gên. 15.18) envolvia maldição da parte de não-participantes. Mas o clamor de imprecação não é apropriado para o crente do Novo Testamento. Ver Romanos 12.19, que diz:

Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.

Jesus recomendou que amássemos nossos "inimigos" (ver Mat. 5.44), mas quem conseguiu amar os próprios inimigos senão o Senhor Jesus?

Ver outros exemplos de *imprecações* nos Salmos 35, 59 e 109.

5.11

Mas regozijem-se todos os que confiam em ti. Regozijar-se com gritos de alegria é característica daqueles que *confiam* em Deus. Ver Sal. 2.12, quanto a notas sobre o significado dessa *confiança*. Os santos que se regozijam estabelecem violento contraste com o mal que espera pelos ímpios. Parte da *alegria* do homem bom ocorre porque Deus julgou os seus opressores. Essa é uma boa doutrina veterotestamentária, embora não seja tão boa à luz do Novo Testamento. Seja como for, a vindicação dos justos é algo bom em si mesmo, tanto quanto uma razão para os justos agradecerem a Deus. "A vindicação do salmista seria uma nova demonstração da bondade de Deus a Seus servos fiéis, visto que a força da fé apóia-se no fato de que Deus abençoa os justos e os defende 'como se fosse um escudo'" (William R. Taylor, *in loc.*).

Folguem de júbilo para sempre. A Revised Standard Version mostra-se correta aqui na tradução, embora a maior parte das versões não mencione o ato de "cantar". Mas esse ato é referido por mais de setenta vezes no livro de Salmos. Trata-se de uma maneira natural de expressar *alegria*. Este versículo é a primeira referência ao ato de cantar no livro de Salmos.

Em ti. O nome do Senhor é mencionado nada menos de cem vezes nos Salmos. A palavra "nome" refere-se à pessoa do Senhor, ao Seu caráter intrínseco e aos Seus atributos externos, revelados à humanidade. Precisamos amar o Ser divino, bem como as realidades divinas.

Os que amam o teu nome. As pessoas realmente piedosas amam o nome de Deus, mas homens menores não experimentam esse estado ou emoção. Guardar a lei (ver Sal. 1.2) ou nela *deleitar-se* é a maneira veterotestamentária de amar a Deus, o Doador da lei. Ver notas expositivas em Sal. 1.2.

Os *homens ímpios* amam vãs palavras e atos de violência e depravação e também muitos *vícios* (ver o artigo no *Dicionário*). O amor a Deus consiste em guardar os Seus mandamentos (ver I João 5.3), e o indivíduo realmente nascido de Deus ama as outras pessoas (ver I João 4.7) e, através delas, ama a Deus. Alguns místicos elevam-se em êxtase ao lugar onde podem louvar diretamente a Deus, mas essa experiência é estranha à maioria dos homens. Alguns cristãos, entretanto, conseguem amar a Jesus, o Cristo, e isso também é amor a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Amor*.

Eu tencionava chegar até Deus
E para Deus eu me apressei deveras;
Pois no seio de Deus, meu próprio lar,
Chegaram multidões em glória ofuscante,
E por fim fiz ali descansar o eu espírito.

(Johannas Agrícola)

5.12

Pois tu, Senhor, abençoas o justo. Parte da *bênção geral* dos justos consiste em contarem eles com a proteção de Deus.

Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.

(Salmo 91.14)

Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.

(Salmo 91.11)

Como escudo. No hebraico temos a palavra *tsinnah*, escudo grande e longo, apropriado para o uso por parte de uma pessoa de estatura gigantesca (I Sam. 17.7,14). Esse escudo visava proteger o corpo inteiro do soldado, pelo que é devidamente referido como símbolo da completa proteção oferecida aos homens bons. Lutero, quando enfrentava tribulações em Augsburgo, onde recebia a proteção de seu patrono, o eleitor da Saxônia, ao ser indagado sobre quem o protegeria se o eleitor o abandonasse, replicou: "O escudo do céu".

Tende bom ânimo. Sou eu. Não temais!

(Mateus 14.27)

Este versículo deve ser comparado a Sal. 3.3, onde a imagem do escudo também é empregada. Ver Efé. 6.12 ss., especialmente o vs. 16, onde o escudo simboliza a *fé*, capaz de deter todos os dardos inflamados do maligno. Cf. também Zac. 3.17 e Rom. 8.38,39. A vida cristã é comparada a uma guerra, e os inimigos são entidades espirituais do mal, e não meramente tiranos físicos.

Salmo Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi *sete* comentários úteis para a compreensão do livro.

Muitos dos salmos são *pedidos desesperados de ajuda*, usualmente solicitando livramento de atos praticados por homens iníquos que tinham o intuito de ferir e matar. O Salmo 6 é igualmente um pedido de ajuda, em oração; mas agora o matador potencial revelava-se em forma de uma *enfermidade* física. Os hebreus temiam os fenômenos psíquicos, porquanto pensavam que algo de diabólico poderia estar nessas manifestações (ver Deu. 18.9-12). Mas também temiam e até desprezavam os médicos e a medicina natural. Em primeiro lugar, pensavam que apelar para a cura natural era uma afronta ao Curador sobrenatural, Yahweh, o verdadeiro Médico do corpo: "Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades" (Sal. 103.3). Naturalmente, os antigos médicos freqüentemente apelavam para encantamentos mágicos em suas curas, e não meramente para a medicina natural, baseada em ervas. Isso era razão suficiente para os hebreus rejeitarem os médicos e suas práticas; mas o apelo à medicina *natural*, de acordo com a mente dos hebreus, era motivado pela ausência de fé. Algumas pessoas continuam a compartilhar essa atitude ridícula até hoje. Ademais, as forças psíquicas são forças naturais. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Parapsicologia*. Naturalmente, afirmar que essa forma de cura é natural, em muitos casos, não equivale a negar que existem forças psíquicas malignas. Seja como for, quando se tratava de cura do corpo físico, os hebreus supunham que ao homem bom bastasse invocar Deus e deixar os médicos fora da questão.

Conforme se vê em Sal. 103.3, de acordo com a mente dos hebreus, os *pecados* estavam intimamente associados às enfermidades. O salmo diante de nós reflete essa atitude, uma vez que os enfermos indagam por que Yahweh os estaria repreendendo (vs. 1). As enfermidades eram consideradas resultado da *ira* de Deus. Esse salmo tem sido interpretado por algumas almas sofredoras, e por certas pessoas avessas à questão, como um salmo espiritual, e talvez até demoníaco; mas esse não parece ser o seu intuito. Como é lógico, podemos fazer esse tipo de *aplicação* sem abandonar a interpretação principal.

De acordo com o antigo pensamento dos hebreus, Deus era a *única causa*, pelo que, mesmo que alguma agência física fosse considerada a força por trás da enfermidade em pauta, a Causa Final era o próprio Deus. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias,* mas até hoje alguns cristãos continuam a perpetrar essa teologia inferior. Para exemplificar, os hipercalvinistas fazem tudo da predestinação, e os curadores psíquicos dizem que todas as enfermidades têm causas espirituais. Ambas as teologias são, obviamente, deficientes e exageradas. O livre-arbítrio do homem é uma bendita realidade, e sem ele não pode haver *responsabilidade*. Mas também é bom tomar uma injeção de antibiótico, se ela vai curar uma infecção no corpo. É uma estupidez ver demônios em tudo. Meus amigos, já vi uma injeção de penicilina fazer efeito, quando a oração nada pôde, pelo que louvemos Deus pela penicilina. Deus ilumina a mente dos cientistas, e não apenas a mente de certos indivíduos religiosos.

Quanto a outros salmos relacionados à cura física, ver os Salmos 30, 32, 88, 103 e 116.

O *subtítulo* faz deste um dos salmos de Davi e diz-nos que ele foi musicado para ser acompanhado por *instrumentos de cordas,* sendo endereçado ao mestre do canto. O termo hebraico *shiminith* sugere um instrumento com *oito* cordas. A maioria dos autores hebreus sugere que se trate de uma harpa com oito cordas. Cf. I Crô. 15.21. Existem outras interpretações dessa palavra, como, literalmente, "oitava". Alguns pensam que se refere a um poema com oito estrofes; ou então que deveria ser entoado no oitavo dia, presumivelmente no dia da circuncisão. Alguns cristãos antigos referiam-se à *oitava era,* ou milênio, antecipada como um poema, e pensavam que esse salmo tinha valor místico nessa referência. Mas o mais provável é que esteja mesmo em foco a harpa de oito cordas.

Não podemos encontrar nenhum acontecimento específico na vida de Davi que possa ter provocado a composição desse salmo, mas Davi, provavelmente, passou por algumas enfermidades ameaçadoras que o Antigo Testamento não registrou. Por outra parte, os subtítulos, inseridos por editores muito tempo depois de os salmos terem sido compostos, usualmente são apenas suposições no que diz respeito à autoria ou às circunstâncias históricas que cercam determinado salmo. Por certo nada há de autoritário em torno dessas suposições, embora, sem dúvida, algumas vezes elas contenham informações válidas.

Alguns intérpretes cristãos relacionam este salmo com o Salmo 51 (Davi estava espiritualmente enfermo e solicitava a cura divina), mas tal conexão provavelmente não é verdadeira.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico existente no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas. O Salmo 6 é um dos salmos de lamentação, dos quais há mais de 60 na coletânea de 150 salmos.

6.1

Senhor, não me repreendas na tua ira. *O salmista estava enfermo, à beira da morte,* e lançou a culpa dessa enfermidade nos seus *pecados,* devido aos quais estava sendo castigado. Havia íntima conexão entre as enfermidades físicas e os pecados, dentro do pensamento dos hebreus.

Quem perdoa todas as tuas iniqüidades,
quem sara todas as tuas enfermidades.

(Salmo 103.3)

Algumas enfermidades ocorrem como *resultado natural* do pecado, e outras, sem dúvida, decorrem da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O assunto, porém, tem sido submetido a exageros, embora pareça não haver dúvida de que essa questão estivesse pre-

sente na mente dos hebreus. A mesma atitude mental impedia que as pessoas vissem curas naturais perpetradas pelos médicos, quando elas dependiam exclusivamente da cura divina. Falei sobre a questão, detalhadamente, na introdução a este salmo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cura,* quanto a uma detalhada descrição sobre esse tema.

Não sabemos dizer se o autor do Salmo 6 foi Davi ou não. O subtítulo o identifica assim, mas nessas notas expositivas temos, em sua maior parte, conjectura e fantasia. Usualmente os inimigos estavam do "lado de fora", ou homens iníquos dentre as nações pagãs (inimigas de Israel), ou homens rebeldes e facciosos dentre o povo de Israel. Aqui, porém, o inimigo é interno e físico. Seja como for, se a ira de Deus continuasse por mais tempo, a enfermidade de Davi seria fatal, pelo que o pedido de socorro era cercado de urgência.

Cf. Sal. 38.1, que tem as mesmas palavras de introdução. A dor e a tristeza podem ser providências divinas disciplinares, e não punição. Ver Sal. 94.12; Pro. 3.11,12; Jer. 10.24; Heb. 12.3,11 e Apo. 3.19.

No teu furor. Ou seja, "aceso desprazer". O salmista estava, realmente, enfermo. O Oleiro divino estava prestes a quebrar o vaso.

6.2

Tem compaixão de mim, Senhor. A *enfermidade* tinha produzido a fraqueza física, e o corpo alquebrado estava prestes a expirar. Isto posto, o salmista invocou o poder divino para que interviesse em *misericórdia,* ou seja, em provisão desmerecida, que terminasse em "cura". Os *ossos* do homem estavam abalados, pois aqui "ossos" é palavra usada como expressão idiomática para o corpo inteiro, porquanto são os ossos o arcabouço do corpo humano. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Misericórdia.*

"Temos aqui uma oração feita em circunstâncias familiares. Um homem honesto e humilde estava enfermo, e orava pedindo ajuda e cura. Aparentemente, segundo as evidências do vs. 1, a enfermidade era física, e ele temia não recuperar mais a saúde. No vs. 5, entretanto, o tom se modifica. Dali por diante o salmista fala como quem estava cercado por inimigos ativos, de cujos planos ele conseguira escapar. Aqui o sujeito bem pode ser a *nação,* talvez olhando para o fim do exílio" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Ou então os inimigos do corpo foram *personalizados,* em um sentido metafórico. A enfermidade era como um exército opressor que ameaçasse esmigalhar cada um de seus ossos. "De maneira diferente do que fizera Jó, o salmista aceitou o veredicto de seus contemporâneos, de que, quando a aflição chegava, deveria haver pecado ali" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal,* e, na seção V do livro de Jó, na *introdução,* ver como o livro manuseia a questão. Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Uma resposta comum e geralmente verdadeira é que a colheita corresponde à semeadura; mas também há outras respostas, e também um *enigma* na questão, que nossas filosofias e teologias ainda não foram capazes de esclarecer.

Liturgia Eclesiástica. Dentro dessa classificação, o Salmo 6 é o primeiro dos sete salmos penitenciais. Os outros são os de número 32, 38, 51, 102, 130 e 143.

6.3

Também a minha alma está profundamente perturbada. A *própria alma* do salmista estava perturbada, e ele implorou para saber por "quanto tempo" o severo teste perduraria. Haveria esperança de recuperação? Na teologia patriarcal não havia nenhum ensino sobre a existência e sobrevivência de uma alma imaterial, nem visão sobre uma vida pós-túmulo, onde os bons seriam recompensados e os maus seriam punidos. Nos Salmos e nos Profetas temos o começo da doutrina da alma imaterial e da sobrevivência da alma diante da morte, o que, ato contínuo, foi desenvolvido nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e, posteriormente, ainda mais, nas páginas do Novo Testamento. Contudo, não sabemos dizer aqui se a referência à alma é à verdadeira parte imaterial que se preocupava por habitar em um corpo físico enfermo. Seja como for, era uma situação crítica, que ameaçava a própria vida.

Até quando? Hoje em dia vemos os homens tomando as coisas em suas próprias mãos, na *eutanásia* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Minha mãe, que sofreu por quatro anos e meio de agonia com câncer, embora fosse uma mulher devota, pensou em suicidar-se. Adverti-a a respeito, mas não tenho nenhuma resposta para esse problema. Será o suicídio com a ajuda de outras pessoas uma solução justa para casos desesperados de dor e sofrimento? Ainda recentemente li um artigo no qual o articulista exaltava o dia no qual deveria morrer como *o maior dia* de sua vida, o dia em que seria livrado da dor. Os homens chegam a esse extremo quando o sofrimento é difícil e longo. Esse é um assunto acerca do qual precisamos de luz para compreender as implicações morais envolvidas na questão.

Até Quando? A sentença está interrompida, assinalando a agitação de espírito, em que o indivíduo parece nunca obter alívio de seu sofrimento. Minha mãe fez a mesma pergunta quando falava comigo um dia: "Quanto tempo é preciso para esta enfermidade matar uma pessoa?", perguntou ela. A resposta "Espere!" é duríssima. É fácil dizer a outra pessoa que espere, mas também é duro quando chega a nossa vez de sofrer. Cf. outros "por quanto tempo?" (ver Sal. 13.1,2; 35.17; 74.10; 79.5; 80.2; 89.46; 94.3 e 119.84).

6.4

Volta-te, Senhor, e livra a minha alma. *Volta-te,* disse o salmista ao "Deus ausente" que estava em algum lugar, aparentemente sem consciência dos sofrimentos de Davi. Já tinha-se queixado de como Deus negligenciava as suas orações, parecendo agir de maneira arbitrária. Não dispomos de respostas fáceis para tais questões. Confiamos, mas algumas vezes temos a sensação de que somos negligenciados. Por conseguinte, conservamo-nos confiantes e orando pela intervenção divina. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Oração.*

Nada prometo: amigos se separarão;
Todas as coisas podem terminar, pois tudo começou;
E a verdade e a singeleza de coração.
São mortais, tal como o é o homem.

(A. E. Housman)

Minha alma. Não há aqui menção alguma à alma imaterial. É a pessoa do salmista que está em pauta. Ele estava prestes a desaparecer da cena da vida mortal.

Por tua graça. Isso porque o salmista pensava estar sendo punido por causa de seu pecado. Mas até um pecador pode receber uma livre dispensação graciosa, se clamar por misericórdia! Adam Clarke, *in loc.,* supunha que seja o crente desviado que tem de pedir a Deus que "retorne"; mas a vida nos ensina que a questão não é assim tão simples. Os *inocentes* sofrem, conforme mostra o livro de Jó (ver Jó 2.3). Talvez o *caos* (ver a respeito no *Dicionário*) tenha participação na questão, pelo que devemos orar a respeito disso todos os dias. Em meio à discussão sobre o problema do mal (que investiga por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem), o livro de Jó inclui dois capítulos que tratam da questão do caos (Jó 40 e 41). Ver Rom. 8.20 e a exposição desse versículo no *Novo Testamento Interpretado.*

6.5

Pois na morte não há recordação de ti. Temos aqui uma declaração que faz parte característica da teologia patriarcal, pois nesse tempo ainda não se tinha desenvolvido uma doutrina da alma imortal e de sua sobrevivência diante da morte biológica. É difícil enxergar a questão de outra maneira. A declaração é clara e dogmática: a morte é o fim. O livro de Jó também deixa a questão nesse ponto e não inclui uma bendita vida pós-túmulo ao debater as *razões* do sofrimento. Em Jó 19.25,26, Jó elevou-se a uma esperança superior, mas mesmo assim ali estava a sua *inocência,* pela qual ele queria vindicar em uma existência pós-túmulo, e não a solução para o problema do sofrimento. Quanto a este versículo, simplesmente temos de confessar que ainda não havia na consciência e no espírito dos hebreus nenhuma noção da *sobrevivência da alma.* Há versículos nos salmos, entretanto, que atingem esse ponto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma* IV. 7, quanto a versículos bíblicos que falam da alma. Ofereci a passagem de Sal. 86.1 entre esses versículos. Quanto a vários artigos sobre a sobrevivência da alma e a esperança no outro lado da existência, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários artigos sobre *Imortalidade* e *Experiência Perto da Morte.* Em nossos dias, as investigações científicas se estão aproximando do assunto, e isso com resultados surpreendentes. Pessoalmente, acredito que talvez dentro de cinqüenta anos a ciência terá fortes e conclusivas evidências em favor da existência da alma e de sua sobrevivência diante da morte biológica. Neste Salmo 6, entretanto, ainda não atingimos essa esperança.

Na morte não há recordação de ti. O salmista não quis dar a entender meramente que nunca mais compareceria no templo para louvar a Deus. Mas o que ele queria dizer é que ele nunca mais louvaria, porquanto haveria de transformar-se em nada. Portanto, se Deus quisesse ser louvado, teria de salvar o corpo de Davi!

No sepulcro. A doutrina do mundo inferior precisou de um longo tempo para desenvolver-se. Essa doutrina apontava, no começo, simplesmente para o *sepulcro.* Em seguida, tomou-se uma espécie de vida no nada, para entidades vazias que esvoaçariam sem autoconsciência. Finalmente, as *almas* eram consideradas pessoas reais. Ato contínuo, as almas boas foram separadas das más, e é então que temos o início da doutrina das recompensas e punições. Mas é evidente, com base neste versículo, que a doutrina da alma ainda não havia progredido muito. Ver no *Dicionário*

o artigo chamado *Sheol*, quanto a uma completa descrição. Ver também sobre *Hades*, o equivalente grego do termo hebraico *sheol* (ou *seol*). Essa palavra parece derivar-se de um termo que significa "pedir" ou "buscar"; mas é difícil ver como isso se relaciona ao *sepulcro*. Talvez esteja em foco a idéia de os mortos *serem consultados* por *médiuns*. Contudo, alguns eruditos vêem nessa palavra hebraica uma ligação com a idéia de "oco". O seol era compreendido como algo que ficava debaixo da terra, em um lugar oco, mas a derivação real do vocábulo permanece em dúvida.

No seol imperava o silêncio (ver Sal. 94.17; 115.17). Cf. Jó 14.21: "Os mortos nada sabem". E, naturalmente, Ecl. 9.5,10 contém declarações enfáticas sobre o nada que impera no seol:

> *... os mortos não sabem coisa alguma, nem tão pouco terão eles recompensa... no além, para onde tu vais, não há obras, nem projetos, nem conhecimentos, nem sabedoria alguma.*

Mas isso é contradito claramente por Ecl. 12.7:

> *... e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.*

Os críticos talvez estejam corretos ao supor que *diferentes* autores estejam envolvidos, expressando pontos de vista opostos. Talvez um único autor tenha alcançado mais fé, ou vacilado no tocante à questão, algumas vezes negando e outras afirmando a imortalidade da alma.

O leitor deveria contrastar isso com a esperança apresentada no cristianismo. Em I Ped. 3.18-4.6 temos Cristo levando o Seu evangelho a almas condenadas no hades e dando-lhes oportunidade para a salvação ou para o aperfeiçoamento de suas condições. Por isso é que encontramos no Credo dos Apóstolos: "Cristo desceu ao inferno". Isto acrescenta outra dimensão à missão de Cristo, que foi tridimensional: na terra, no céu e no hades. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades*, quanto a descrições completas.

6.6

Estou cansado de tanto gemer. Com uma expressão hiperbólica tipicamente oriental, o salmista fala sobre suas lágrimas, que eram tão abundantes que *inundavam sua cama! Eram lágrimas que acompanhavam* pedidos para que Deus salvasse a sua vida e restaurasse o seu corpo. Ele estava *cansado* de tanto pedir, visto que Deus ignorava as suas súplicas. "Ele gemia e chorava, de tal maneira que ensopava seu travesseiro e, pela manhã, seus olhos, desgastados de tanto chorar e por falta de sono, ficavam embaçados" (William B. Taylor, *in loc.*). Verdadeiramente, o homem enfermo não queria morrer, e lutou como se a morte fosse um tigre! Mas um corpo desgastado tem uma maneira de tirar da pessoa a vontade de lutar. Muitos acabam aceitando a morte com um suspiro de alívio, dizendo que, finalmente, a luta terminou. "Os orientais dão-se a licença de chorar e expressar outros sinais de emoção, que as nações ocidentais, ou, pelo menos, as raças teutônicas, tentam suprimir ou esconder" (Ellicott, *in loc.*, com uma anotação intitulada *quão verdadeiro!*). Cf. Sal. 42.3:

> *As minhas lágrimas têm sido o meu alimento, dia e noite.*

Ver também Sal. 119.136; Lam. 3.48,49 e Jó 7.3,4.

6.7

Meus olhos de mágoa se acham amortecidos. *A Enfermidade Envelhece.* Esta é a mensagem do salmista neste ponto. Algumas vezes, a velocidade do envelhecimento torna-se realmente notável. Em meio aos sofrimentos, o salmista disse: "Estou envelhecendo". E em seguida temos a declaração de quem provocava tudo: seus muitos "inimigos". Isso parece mudar a causa dos sofrimentos, de algo corpóreo para todos aqueles ímpios, os quais queriam prejudicá-lo e matá-lo. Ou então os inimigos externos foram usados metaforicamente para indicar a enfermidade, como um exército atacante. Ou seus inimigos, ao ouvir falar de sua enfermidade, alegravam-se e esperavam que ele se acabasse logo. Dessa maneira, adicionavam o peso deles à aflição de Davi.

> *Rapidamente os mortais envelhecem quando caem em tribulação.*
>
> (Homero, *Odisséia*, xix, 360)

"A tristeza tinha trazido sinais de idade avançada prematura (cf. Jó 17.7; Sal. 31.9) (Ellicott, *in loc.*).

6.8

Apartai-vos de mim. O salmista solicitou aos inimigos que mantivessem distância. Talvez eles atacassem o homem enfermo em seu leito, quando ele estava indefeso. Talvez ele tivesse apelado para que não adicionassem o peso *deles aos seus sofrimentos físicos*. Mas alguns vêem uma mudança no curso dos acontecimentos, ou seja, o clamor de enfermidade física reverteu-se para o apelo de proteção contra os inimigos, conforme encontramos nos Salmos 3 a 5. Todavia, o apelo era por ambas as coisas: Davi precisava de cura para o corpo e livramento dos inimigos, que nunca lhe davam descanso, sem importar se ele estava enfermo ou são. A cura é ajudada por amigos que oram; ao passo que a enfermidade pode piorar por causa dos que desejam o mal do doente. Existem poderes em favor dos bons e dos maus, e esses poderes passam de uma pessoa para outra.

O Senhor ouviu a voz do meu lamento. O enfermo se sentia melhor e, assim sendo, disse aos inimigos que se mantivessem distantes. Ele estaria pronto para combater em seu corpo renovado. Tinham-se mostrado *eficazes* o choro e *os apelos de Davi*.

Algumas vezes Deus faz o Seu povo chegar-se chorando ao trono da graça e dali por diante passa a liderá-lo, de acordo com as súplicas. Ele ouve o seu clamor e responde. Cf. Jer. 31.9. O sofrimento pode servir de *disciplina*.

"No vs. 8, a nota de angústia subitamente transforma-se em uma nota de exultante confiança" (William R. Taylor, *in loc.*).

6.9

O Senhor ouviu a minha súplica. *Deus é um Deus que Responde às Orações.* Este é o motivo pelo qual continuamos a orar, a despeito de alguns lapsos nessa bênção. *Yahweh* (o Eterno) tem consciência dos sofrimentos dos mortais, e sai em nossa ajuda. Temos visto evidências em favor disso. O Deus distante pode tornar-se repentinamente o Deus presente. Então Ele ouve nossas orações e concede favores aos homens. A oração consiste, essencialmente, em dar e receber, embora isso possa ser temperado pelo louvor. *A súplica do salmista foi apresentada em meio à angústia* (vss. 1,2 e 4). O terrível desprazer de Deus tornou-se vexatório. A oração muda as coisas, pelo que tudo se tornou causa de exultação. A *cura* foi concedida e, juntamente com a cura, veio também a libertação de inimigos atormentadores.

> *"Oh, Deus, se eu tivesse certeza de que morreria esta noite, me arrependeria imediatamente". Essa é a mais comum das orações, em todos os idiomas.*
>
> (James M. Barrie)

> *Que Deus me conceda a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar; coragem para alterar as coisas que posso mudar; e sabedoria para reconhecer a diferença.*
>
> (Reinhold Niebuhr)

6.10

Envergonhem-se e sejam sobremodo perturbados. *Os inimigos do salmista* estavam preparados para atacar o homem enfermo. Então Deus interveio, e o autor teve coragem de dizer-lhes para "se perderem", conforme falamos em uma expressão moderna. Portanto, Davi teve *livramento duplo:* da enfermidade e de seus inimigos, que nunca desistiram de sua causa destrutiva. O salmista sofrera a vergonha de sua enfermidade, a qual era um julgamento da parte de Deus. Agora chegara a vez de seus inimigos sofrerem vergonha. Sua causa nefanda havia sido derrotada e, de cabeça baixa, eles se retiraram da presença do homem bom. Mas voltariam algum outro dia para assediá-lo. Os que vinham avançando para atacá-lo, entretanto, de súbito retrocederam aterrorizados, porquanto Deus havia respondido à oração do enfermo. Assim sendo, Yahweh *retornou* (ver o vs. 4) quando o homem clamou a Ele, em sua aflição. Deus deixou de ser um Deus indiferente. Ele agiu, curou o pobre homem e despediu os seus inimigos. Essa meia-volta dos inimigos dificilmente pode ter acontecido "em meio ao arrependimento e à conversão", conforme comentam alguns eruditos, cheios de esperança. Aben Ezra e Kimchi tomaram esse ponto de vista otimista do versículo. O original hebraico poderia ser interpretado dessa maneira, mas dificilmente era isso que estava na mente do salmista. E por certo a *vergonha* aqui referida não acontecerá no "mundo do porvir", ou seja, *um julgamento* na existência pós-túmulo, conforme alguns antigos intérpretes hebreus chegaram a imaginar.

> *Meus inimigos todos estarão anulados e derrotados. Com grande confusão todos se retirarão e corarão de vergonha. Eles voltaram apressadamente pelo caminho através do qual tinham chegado. Em um único momento eles serão abatidos.*
>
> (Milton)

Salmo Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi ali *sete* úteis comentários para compreender o livro de Salmos.

Neste sétimo salmo, temos outro grito pedindo ajuda, tal como nos Salmos 3 a 5. O salmista atravessava profunda tribulação e sua vida estava sendo ameaçada, pelo que ele clamou a Deus pedindo livramento das amargas perseguições daqueles inimigos que nunca lhe concediam um único momento de repouso. Vemos muito dessa situação no livro de Salmos, metade dos quais é atribuída a Davi nos subtítulos. Os intérpretes sempre se esforçam por encontrar na vida de Davi evidências históricas, que expliquem seus salmos, usualmente com pouco sucesso. Na maior parte de sua vida, Davi esteve em tribulações enquanto vagueava pela terra, lutando contra este ou aquele inimigo. Ver II Sam. 10.19, quanto aos *oito* povos que ele aniquilou ou fez escravizar por parte de Israel. Mesmo depois de tornar-se rei de Israel, Davi sofreu debaixo de revoltas, como aquela encabeçada por seu próprio filho, Absalão. As tribulações de Davi não foram poucas, e é difícil identificar qual tribulação tê-lo-ia inspirado a compor o salmo presente.

O subtítulo sugere que as palavras tenham sido inspiradas pela experiência de Davi com o benjamita Cuxe, o que alguns entendem como uma referência a Simei, que vergastou Davi quando este partiu de Jerusalém, enquanto Absalão procurava tirar-lhe a vida (ver I Sam. 16.5-11). Alguns eruditos, entretanto, preferem pensar em Husai, conselheiro de Absalão. Outros falam em Saul, um benjamita. Mas Cuxe refere-se a um etíope, mencionado somente aqui em toda a Bíblia, pelo que a citação está perdida na história, sendo inútil tentar recuperar o que se passou. E mesmo que a história pudesse ser recuperada, isso não significa que o Salmo 7 foi realmente escrito por causa de algum dos inimigos mencionados. Os subtítulos não foram originalmente escritos, mas adicionados muito tempo depois por editores que tentavam preencher espaços vazios em nosso conhecimento.

Em tom de oitava. No subtítulo, pode significar "louvor", e isso descreve a natureza deste salmo: louvor por causa do triunfo obtido. Mas alguns estudiosos pensam que essa palavra se refira de algum instrumento musical específico, que achamos impossível identificar. Outros dizem que a palavra significa "errado", como se estivesse descrevendo o modo errático de tocar a música. A Septuaginta diz *dithyrambic,* referência a um hino selvagem, apaixonado, em honra a Dionísio. Isso concordaria com a presumível natureza errática da música. Mas a nossa versão portuguesa parece dar a impressão de que a música deveria ser entoada mediante o uso de vozes femininas, naturalmente, uma oitava acima das vozes masculinas.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que age como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas. O Salmo 7 é um dos salmos de *lamentação,* dos quais há mais de 60.

"Ao orar pedindo livramento de seus amigos caluniadores, o salmista afirmou solenemente sua *inocência* e apelou ao Justo Juiz de toda a terra, para vindicá-lo, julgando os ímpios" (Allen P. Ross, *in loc.*).

7.1

Senhor, Deus meu. "Senhor", no hebraico original, é *Yahweh,* enquanto "Deus" é *Elohim.* O Deus Eterno, Todo-poderoso, foi invocado pelo aterrorizado salmista. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de,* bem como artigos separados sobre cada nome. Os inimigos de Davi estavam aproximando-se rapidamente e com intuitos assassinos. Somente Deus podia salvar o pobre Davi dessa crise. Seus ferozes inimigos estavam prestes a despedaçá-lo, como se fossem leões a perseguir algum pobre mortal (vs. 2). Algumas vezes, orações de desespero como essa eram respondidas, e livramentos miraculosos eram concedidos. Mas de outras vezes isso não acontecia. Portanto, Senhor, leva-nos a receber sempre respostas "positivas"! Os vss. 2 e 5 têm o singular, pelo que talvez esteja em vista um único perseguidor, tal como Saul ou Absalão. Naturalmente, os inimigos de Davi sempre eram acompanhados de uma multidão (o plural, no vs. 1), para assegurar o sucesso em seus atos de destruição. Davi (ou alguma outra pessoa) tinha sido acusado de algum malfeito (vss. 3 e 4), e assim o perseguidor tinha saído para *vingar-se* ou *efetuar justiça. Protestos de inocência* não deteriam o perseguidor.

7.2

Para que ninguém, como leão, me arrebate. Os animais ferozes eram abundantes na Palestina antiga e representavam uma ameaça constante às populações humanas, para nada falarmos sobre o gado. Por conseguinte, as feras são comparadas a inimigos humanos, uma reminiscência do leão e do urso da juventude de Davi. Ver Sal. 3.7; 10.9; 17.12; 22.13; 35.17 e 57.4. Somente Deus podia livrar o homem bom de inimigos brutais e traiçoeiros, naquela sociedade de selvagens primitivos. A palavra "livrar" aparece aqui pela primeira vez, dentre as muitas ocorrências desse vocábulo nos salmos. O ponto de ataque deste salmo evidentemente era alguma espécie de acusação formal de criminalidade ou má ação. Homero (Odisséia 9.v.292,293) comparou o feroz leão da montanha a um certo Polifemo, homem especialmente brutal. Essa fera devorava inteiramente qualquer outro animal que capturasse, incluindo os seus ossos.

7.3,4

Senhor, meu Deus, se eu fiz o de que me culpam. Alguma acusação específica está em foco neste versículo, embora saibamos de que tipo de acusação se tratava. Alguns estudiosos conjecturam que fosse a suposta deslealdade e traição potencial contra Saul. Mas nem o próprio Saul jamais lançou tal acusação contra ele. Ele simplesmente estava tentando realizar uma execução particular. Contudo, este versículo está vinculado a I Sam. 24.12,13 e 26.18, para mostrar quão magnânimo Davi se mostrou para com o sanguinário Saul. Seja como for, o salmista jurou por Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) que era inocente e estava sendo perseguido injustamente. A seriedade dessa alegação foi agravada pelo "fato" de que ele havia enganado um amigo (vs. 4). Cf. este ponto com Sal. 41.9 e Jer. 38.22. Um apelo de inocência podia ser feito no templo, onde um voto era tomado, ou um juramento era proferido em concordância com o modo de proceder indicado em I Reis 8.31,32. Tal traidor perderia a própria vida (vs. 5). A Septuaginta, a Vulgata e a versão siríaca dão uma tradução diferente: "Se eu retaliei com mal àquele que me fez o mal". Nesse caso, o significado seria que Deus se abstivera de tomar vingança, embora tivesse sido prejudicado. Aí, a questão concernente a Saul, mencionada anteriormente, poderia ser o pano de fundo do sétimo salmo. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Juramentos e Vingança.*

7.5

Persiga o inimigo a minha alma e alcance-a. A intenção de matar era o motivo que animava aquele que perseguia o salmista. Essa execução estaria justificada *se* (ver o vs. 4) Davi fosse culpado de qualquer coisa de que estivesse sendo acusado. O vs. 5 faz parte do *juramento.* Yahweh-Elohim (vs. 3) seria a *causa* da execução, *se* Davi fosse culpado. As palavras "minha glória" referem-se à própria *vida* de Davi, sendo equivalentes ao termo *alma* (vss. 2 e 5). "Pó" aponta para a terra que enchia o sepulcro, dando a subentender, naturalmente, que nem todos os sepultamentos ocorriam na rocha. É provável que somente os ricos pudessem ser sepultados na rocha. *Pó,* neste caso, é usado como um eufemismo para *sepultura.* Cf. Isa. 26.19; Jó 7.21 e Dan. 12.2. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sepultamento, Costumes de; Túmulo e Juramentos.*

"Honra deve ser a mesma coisa que alma ou vida, conforme fica claro em Sal. 16.9 e 57.8... o paralelismo no vs. 5 favorece essa interpretação" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, não está em foco aqui nenhuma idéia de alma imaterial e imortal, que uma pessoa não possa tocar, pois a sua autoridade não desce a tanto. Cf. este pensamento com Mat. 10.28, onde o corpo é contrastado com a alma, segundo a doutrina da sobrevivência da alma diante da morte biológica que já se tinha tornado parte integrante de teologia dos judeus.

Selá. Quanto a notas expositivas sobre esta palavra misteriosa, ver as explicações detalhadas em Sal. 3.2.

7.6

Levanta-te, Senhor, na tua indignação. *Deus já determinou o julgamento dos ímpios* e toma decisões justas sobre casos que estejam sendo disputados. Portanto, o salmista invocou a justiça divina para que fizesse o que era certo. *Yahweh,* "em Sua ira", castigaria os que perseguissem o inocente Davi. A *ira* dos homens seria arrancada por eles estarem sujeitos à ira de Deus. Este versículo torna-nos parte do *juramento* (vs. 3). O homem buscava *vindicação.* Deus executaria os que queriam ser executores. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Justiça.* Não há aqui nenhuma idéia de punição para além do sepulcro, embora alguns intérpretes cristianizem a questão, fazendo a passagem ensinar tal coisa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

"Dois pontos destacam-se aqui com clareza: 1. Deus realmente julgará os ímpios, e o homem moderno precisa ser relembrado desse fato. 2. É razoável orar que Deus possa efetuar uma vívida e sombria realidade desse julgamento, aqui e agora" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Yahweh foi convocado a *levantar-se,* e Ele fez exatamente isso (vs. 6). Ademais, Sua ira era justificada.

"Deus, Aquele que guardava Israel, nunca dorme nem dormita... embora, algumas vezes, em Sua providência, Ele pareça estar dormente e inativo, *como se* desconsiderasse o que acontece no mundo. Portanto, Seu povo se dirigia a Ele *como se* Ele estivesse dormindo" (John Gill, *in loc.*). Ver Sal. 121.3,4, quanto à referência de John Gill.

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim.

(Lamentações 3.22)

"A Ti entrego a minha causa. Levanta-Te e assenta-Te no trono de Teu julgamento, a meu favor" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 9.19.

7.7

Reúnam-se ao redor de ti os povos. "Yahweh convocará e arranjará as nações diante de Seu tribunal, e então retornará ao Seu trono elevado a fim de presidir. Essa explicação está mais em consonância com o contexto (ver o versículo seguinte) do que supor que o julgamento tivesse ocorrido entre as duas cláusulas do versículo e a partida de Deus para as alturas, como uma vitória terminada à Sua batalha... O quadro de arranjo das nações certamente é favorecido do ponto de vista que fez deste salmo a expressão dos sentimentos da comunidade, e não dos sentimentos de um indivíduo" (Ellicott, *in loc.*).

Nos países do Oriente, a fim de proferir seu julgamento sobre um caso, o rei assentava-se em seu trono, e as pessoas reuniam-se para ver o que aconteceria e ouvir a sentença. O homem perseguido apresentaria o caso contra os seus perseguidores, e seria determinado se ele era inocente ou não das acusações, e todas as pessoas tomariam conhecimento do caso. A comunidade tinha de participar e ver claramente que ele não era culpado. Uma intervenção divina tinha de ocorrer, para que o salmista fosse completamente libertado de seus inimigos e de suas acusações.

7.8

O Senhor julga os povos. O próprio Deus seria o Juiz. Ele interviria e testaria o caso. A justiça certamente seria feita, o que nem sempre acontece quando os homens são os juízes. O salmista tinha certeza de ser inocentado, porque era um homem honesto e *íntegro*. Deus é o Juiz universal; Ele julga Israel e as nações, mas até um *caso isolado* pode atrair a Sua atenção. O livro de Jó mostra-nos que era lugar comum, dentro do pensamento da época, que o caso de um solicitador comum fosse trazido à presença do Deus eterno. Talvez *seres celestiais*, e não meramente homens, estejam sendo vistos aqui como quem participava do julgamento (Sal. 82.1). Essa é opinião de alguns estudiosos, mas há outros que discordam.

Retribuiu-me o Senhor segundo a minha justiça, recompensou-se conforme a pureza das minhas mãos, pois tenho guardado os caminhos do Senhor, e não me apartei perversamente do meu Deus.

(Salmo 18.20,21)

Deus, o Juiz, Torna-se o Escudo do Homem Bom (Salmo 7.9,10)

7.9

Cesse a malícia dos ímpios. Visto que Deus é um Poder justo e todo-conhecedor, e tem a autoridade para intervir, o salmista confiava que o veredicto resultante seria em seu favor, visto que era um homem inocente. Os *maus planos* arquitetados contra o salmista chegariam ao fim devido à intervenção divina.

Em Deus foi formada a minha defesa.
E Nele jaz a minha causa;
Nele, que tanto é justo quanto sábio,
Ele salva o reto no coração, pelo menos.

(Milton)

Cf. Sal. 62.7, onde lemos: "Deus, minha salvação".

Sondas a mente e o coração. O penetrante olhar de Deus vê tudo e separa os bons dos maus, tratando com eles segundo o caráter de cada um. Quanto ao sentido da palavra "coração", ver os comentários em Sal. 16.7 (segundo parágrafo até o fim), onde ofereço detalhada nota expositiva. Ver o artigo intitulado *Coração*, no *Dicionário*.

Deus como o Escudo do Homem Bom (Salmo 7.10)

7.10

Deus é o meu escudo. Lê-se no hebraico, literalmente, "meu escudo está em Deus". Deus serve como escudo do homem inocente, protegendo-o de todo ataque, ou então vai à batalha com ele, como seu "escudeiro". Quanto ao conceito de Deus como escudo de um homem, ver também Sal. 3.3; 5.12; 18.35; 28.7; 33.20; 59.11; 84.8,11; 91.4; 115.9,10; 119.114 e 144.2. Cf. a *metáfora militar* de Efé. 6.12 ss. No vs. 16, é destacado o escudo da *fé*, capaz de proteger um homem de todos os dardos inflamados do maligno. Estão em vista a *proteção* e a *providência* de Deus.

"Agora deixo a minha causa nas mãos do Juiz. Não tenho nenhuma apreensão incômoda ou temerosa, porque sei que Deus salvará o homem de coração reto" (Adam Clarke, *in loc.*).

Estamos informados de que, quando a Inglaterra enfrentava os ataques de Hitler, e bombas explodiam por toda parte, Winston Churchill foi capaz de dizer: "Nosso coração está em paz". Corria o ano de 1940, e muitas provas de sangue ainda se seguiriam, mas a confiança era plena, porquanto a causa da Inglaterra era justa.

7.11

Deus é justo juiz. O *julgamento de Deus* pode ocorrer de uma entre duas formas: pode vindicar o homem justo com bênçãos que se seguirão; e também pode condenar o ímpio com punições que se seguirão. Deus intervém na história humana e na vida dos indivíduos. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador não abandonou a Sua criação, mas sempre que necessário intervém. Ele recompensa os bons e castiga os maus. Contraste-se o *deísmo* (ver também no *Dicionário*). De acordo com o deísmo, Deus abandonou o universo, entregando-o ao governo das leis naturais, as quais, embora impressionantes, estão cheias de defeitos e deficiências. A Septuaginta diz: "Deus é um Juiz justo, forte e longânimo, não deixando manifestar Sua ira todos os dias". Mas o sentido mais correto provavelmente é o que aparece na Revised Standard Version: "Deus... tem indignação todos os dias". E a nossa versão portuguesa concorda com isso. Note o leitor, igualmente, as expressões antropomórficas: emoções tipicamente humanas são atribuídas a Deus. A personalização de Deus diminui deveras a Sua estatura, tornando-O menor do que Ele realmente é. Mas é difícil falar sobre Deus sem empregar expressões comuns da linguagem humana. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo*.

Apesar de Deus ter indignação todos os dias contra os pecadores, devemos lembrar que o juízo é um dedo da amorosa mão de Deus. Não devemos condescender diante de uma teologia inferior, fazendo o julgamento divino ter somente um aspecto retributivo. Pois esse julgamento também é remedial. Ver I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado*. Naturalmente, o julgamento final não está em pauta neste versículo; antes, enfatiza-se a destruição no mundo que os ímpios devem sofrer. Eles colherão o que tiverem semeado.

7.12

Se o homem não se converter. Deus prepara as Suas armas para ferir o indivíduo que não se arrepende. Temos de considerar Sua *espada*, recentemente afiada, e também as *flechas* que em breve serão atiradas por Seu arco. Os impenitentes sofrerão *toda a espécie* de desastres e finalmente virá a morte, o golpe derradeiro.

Metáforas sobre as Armas de Deus. Temos a *espada* e as *flechas de Deus* (vs. 12); e também uma *cova*, na qual o pecador cairá por acidente (vs. 15), sendo esse o truque favorito do caçador para capturar algum pobre animal que de nada suspeita. Na verdade, porém, é o inimigo que determina a própria destruição, mediante seus atos violentos e pecaminosos (ver I Reis 8.32). Os ímpios sofrem os efeitos da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

"Como se fosse um guerreiro, Deus prepara armas mortíferas contra os ímpios. Espadas, arcos e setas com freqüência provêem o quadro do decreto de julgamento divino, que destruirá os ímpios" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Naquele dia o Senhor castigará com a sua dura espada...

(Isaías 27.1)

Entesou o seu arco qual inimigo;
ficou a sua destra como adversário,
e destruiu tudo...

(Lamentações 2.4)

7.13

Para ele preparou já instrumentos de morte. Este versículo amplia o vs. 12. Ver ali sobre *Metáforas sobre as Armas de Deus*. As setas eram matadoras, mesmo a considerável distância, quando empregadas por guerreiros aptos que desde há muito vinham praticando a arte de matar. Deus é o Principal Arqueiro, que mata a longa distância, estando Ele no céu. Deus nunca erra o alvo. A justiça

divina sempre se impõe. O homem que persegue injustamente a outro pode olhar para cima, pois em breve uma flecha divina o atingirá. Justiça é o nome desse jogo.

Já vem dum país remoto, desde a extremidade do céu, o Senhor, e os instrumentos da sua indignação, para destruir toda a terra.

(Isaías 13.5)

Deus desfere contra eles uma seta; de súbito se acharão feridos.

(Salmo 64.7)

O *ímpio Saul,* que por tanto tempo perseguiu o inocente Davi, finalmente foi derrubado mediante uma flecha divina. Foi quando ele caiu sobre sua própria espada aguçada, e esse foi o fim de sua história (ver I Sam. 31).

7.14

Eis o ímpio está com dores de iniqüidade. *A Metáfora da Gravidez.* Os ímpios concebem o mal e ficam grávidos com o tumulto. Então eles produzem mentiras. Eles apelam a todos esses males para dar à luz coisas destrutivas, e então destroem a si mesmo, pois, por assim dizer, eles se matam na hora do parto. É assim que as coisas funcionam no caso do pecado e dos pecadores. "Descrevendo o curso *laborioso* do pecador na senda do mal, desde o início de sua concepção até a sua maturidade, empregando a imagem de uma mulher que está em dores de parto (cf. Tia. 1.14,15)..., sua maldade nele ricocheteará" (Fausset, *in loc.*).

Concebem a malícia e dão à luz a iniqüidade.

(Jó 15.35)

7.15

Abre e aprofunda uma cova. O *Grande Caçador* prepara uma armadilha para apanhar o ímpio, que de nada suspeita. De súbito esse homem cai na cova preparada para ele e sua história termina. As armadilhas antigas para apanhar animais normalmente eram buracos profundos, escavados na terra, para impedir que um animal que ali caísse escapasse. Por sobre o topo do buraco, ramos e folhagem eram espalhados para ocultar o perigo. O método era bastante rude, mas eficaz, especialmente na Palestina, onde havia abundância de animais selvagens. A metáfora da cova refere-se à *subitaneidade* da queda dos ímpios e sua *impotência* para livrar-se da dolorosa queda. Mesmo na Segunda Guerra Mundial covas eram escavadas para soldados que de nada suspeitavam.

Afundam-se as nações na cova que fizeram,
no laço que esconderam prendeu-se-lhes o pé.

(Salmo 9.15)

7.16

A sua malícia lhe recai sobre a cabeça. *A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) é a essência deste versículo, que deve ser comparado a Gál. 6.7,8. Ver sobre *Lex Talionis,* no *Dicionário,* ou seja, o castigo em consonância com o crime cometido. Pense o leitor sobre o iníquo Saul, que perseguiu o inocente Davi a fim de matá-lo meramente para garantir o próprio poder e por causa de ciúmes pessoais. Saul chegou ao final de sua vida bem no meio daquela cena onde matar ou ser morto era a ordem do dia (ver I Sam. 31). Pense o leitor sobre Hitler, cujas ordens provocaram a morte de milhões de seres humanos, e que cometeu suicídio (tirando a própria vida!) por causa do avanço temível das tropas russas. "Essa é a retribuição de Deus. O castigo diz respeito à gravidade do crime, olho por olho e dente por dente (ver Êxo. 21.24,25). Jesus declarou que 'aqueles que usam da espada, à espada serão mortos' (Mat. 26.52)" (Allen P. Roses, *in loc.*). "O mal que ele concebeu e planejou em sua mente, e tentou fazer cair contra a cabeça de outras pessoas, caiu sobre ele mesmo, como um *justo julgamento* do céu" (John Gill, *in loc.*).

Sobre a própria mioleira desce a sua violência. Isso porque é bastante fácil matar um homem com uma pancada na cabeça, e esse mesmo método é usado na matança de animais. Os criminosos, algumas vezes, eram assim executados. Além disso, ocasionalmente alguns eram projetados de um local alto na frente de exércitos que avançavam, um método cru mas eficaz.

7.17

Eu, porém, renderei graças ao Senhor. Enquanto os iníquos são mortos, por terem matado a outros, enquanto outros colhem uma sorte amarga por terem semeado a destruição, o homem justo é livrado, pelo que levanta a sua voz em louvor, e *entoa* um cântico de livramento. Ele exalta o Deus que o abençoa. Deus julga em *retidão,* certificando-se que tanto os ímpios quanto os retos colham em consonância como o que tiverem semeado. Ver o desenvolvimento dessa idéia no versículo anterior. É provável que tenhamos aqui um *voto* formal de agradecimento. O homem justo mostrará liturgicamente sua gratidão mediante sacrifícios apropriados e oferendas de ação de graças no templo.

Quanto ao *cântico* como uma maneira de prestar ação de graças e louvor, ver também, por exemplo, Sal. 9.2,11; 13.6; 18.49; 21.13; 17.6; 30.4,12; 33.2; 51.14; 57.7; 66.2,4,32; 75.9; 96.1; 101.1; 144.9 e 149.1,3,5. Existem cerca de 70 dessas referências. O livro de Salmos consistia em *louvores cantados,* nos quais instrumentos musicais desempenhavam importante papel. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Música e Instrumentos Musicais.*

Cantarei louvores ao nome do Senhor Altíssimo. Temos aqui um título especial de Deus, que fala de Sua elevada posição nos céus, bem como de Sua autoridade suprema na terra; e fala também de seus altos atributos e poder supremo, por ser Ele soberano nos céus e na terra. Cf. também outros salmos onde essa expressão pode ser encontrada: 9.2; 21.7; 46.4; 47.2; 73.11; 77.10; 78.17,56; 82.6; 91.1,9 e 107.11. Ver no *Dicionário* o artigo *Altíssimo,* quanto a detalhes.

O Deus Altíssimo garante que a justiça será feita e que os homens colherão o que tiverem semeado. O poder de Deus será teisticamente aplicado à vida dos homens.

O Deus Altíssimo mostrou estar acima de todos os adversários de Davi. Ele efetuou e pronunciou Seu julgamento de Davi. E o julgamento divino saiu em favor do salmista; e Deus então retornou aos Seus altos céus, uma vez que a justiça estava feita.

Salmo Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi *sete* úteis comentários à compreensão do livro de Salmos.

Este oitavo salmo é um "hino que celebra a glória de Deus, bem como dignidade humana, outorgada por Deus" *(Oxford Reference Bible,* comentando este versículo). O Salmo 8 tem sido corretamente chamado de messiânico, visto que as palavras atinentes ao homem (vs. 5) certamente também apontam para o Filho, o irmão dos outros homens que buscam retornar ao Pai celeste.

Salmos Messiânicos. Os salmos que são obviamente messiânicos são os de número 2, 8, 16, 22, 23, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118. Além desses, temos de considerar os *salmos reais,* intimamente relacionados aos salmos messiânicos, pois o Messias é, igualmente, o Rei dos reis. Ver os Salmos 2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 132 e 144. Também existem referências e alusões em outros salmos, que falam tanto sobre o Messias, ou sobre a missão messiânica, quanto sobre a obra realizada do Messias.

"Neste salmo oitavo, Davi maravilhou-se de que o glorioso Senhor dos céus, cujo nome é excelente, viesse a usar pessoas de modo gracioso, no domínio da terra. A passagem considera a *dignidade dos homens* como representantes de Deus sobre a terra, sem enfatizar as conseqüências da queda, sob a forma de caos e rebeldia" (Allen P. Ross. *in loc.*).

Classificações dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

"O autor sagrado foi impelido ao louvor, ao contemplar a glória de Deus, conforme esta se manifesta nas maravilhas da criação, o que, por sua vez, excitou reflexões sobre o papel do homem no esquema das coisas. O hino é assinalado por sua originalidade, sua imaginação e elevação de pensamentos. O caráter artístico da composição deste salmo tem conferido a ele um lugar especial no saltério, cercado de elogios de antigos e modernos intérpretes. Cf. Sal. 144.3; Jó 7.17; Mat. 21.16; I Cor. 15.25; Heb. 2.6,7" (William R. Taylor, *in loc.*). As referências mostram que este salmo é citado por diversas vezes no Novo Testamento.

Subtítulos. O Salmo 8 foi atribuído a Davi. Endereçado ao mestre do coro, era entoado em honra à colheita. A palavra hebraica *gitite* tem sido interpretada como uma referência à colheita ou, mais especificamente, aos "lagares", exatamente conforme se lê no subtítulo deste salmo, o que é uma referência à vindima, ou seja, à colheita de uva. Mas alguns estudiosos vêem um sentido metafórico nesta palavra, como se dissesse respeito aos julgamentos divinos. As uvas, sendo pisadas, podem ter esse significado. Ver Apo. 14.19. Essa aplicação, entretanto, parece fora de ordem, considerando o tom elevado do salmo. Ainda outros intérpretes pensam que está em vista alguma característica musical não-identificada. Seja como for, os subtítulos foram escritos muito tempo depois que os salmos foram compostos, e usualmente contêm apenas conjecturas quanto à autoria e às circunstâncias históricas que os acompanham.

8.1

Ó Senhor, Senhor nosso. O caráter *impressionante* da criação é ilustrado no artigo sobre *Astronomia,* no *Dicionário.* Bilhões de galáxias, com seus bilhões de estrelas, realmente deixam nossa mente ofuscada. Naturalmente, um homem que saia à noite só pode ver alguns poucos milhares de estrelas com os olhos desarmados. Mas até mesmo *essa* minúscula porção da glória celestial é estonteante. Nós, os modernos, sabemos muito mais sobre os céus do que os antigos sabiam, e nossa ciência nos tem ajudado a descartar teorias cosmológicas errôneas. No artigo chamado *Astronomia,* ilustro com um gráfico aquilo em que os hebreus realmente acreditavam. No entanto, não temos razão para mostrar-nos orgulhosos, pois o nosso conhecimento ainda representa uma pequena parcela do que poderia ser conhecido. Mistérios de proporções gigantescas esperam ser-nos revelados, provavelmente incluindo o fato de que há, "lá fora", muitos planetas habitados, onde habitam seres de maior ou menor inteligência do que nós, seres com formas de vida similares à nossa, e seres cujas formas de vida são diferentes da nossa.

A glória de Deus é a inteligência.

(Joseph Smith)

Aquilo que sabemos sobre a criação fala claramente, para nós, dos dois principais atributos divinos: inteligência e poder. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus.* Os filósofos baseiam vários argumentos em prol da existência de Deus sobre as maravilhas da criação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* os seguintes verbetes: *Argumento Cosmológico; Argumento Teleológico* e *Argumento Axiológico.* Ver também os *Cinco Argumentos de Tomás de Aquino;* e ver o verbete chamado *Deus,* seção IV, onde apresento discussões detalhadas. Esses argumentos estão alicerçados sobre a observação e a experimentação. Além disso, há muitos argumentos baseados na *razão,* os quais apresento no artigo sobre *Deus,* seção IV.

A Bíblia, naturalmente, não se envolve em especulações teológicas e filosóficas sobre a questão, mas simplesmente exerce fé nessa crença, como autoevidente. Sem embargo, esses argumentos são medidas válidas para edificação da fé. A glória de Deus se evidencia na natureza. Suas pegadas são claras ali. Sua grandeza está ali. Seu poder está ali. Sua inteligência está ali. Sua majestade está ali. Somente os seres humanos calejados pelo ateísmo e pelo ceticismo deixam de sentir o impacto do que podemos perceber todos os dias, com nossa própria mente.

"Contempla a criação de Deus e deixa que a cena te atinja a mente. Serás forçado a admitir que o Criador é alguém que a humanidade deve exaltar e reconhecer como grande, maior que toda a nossa imaginação... Que tua visão te leve ao pensamento sobre o caráter *esmagador* de Deus... Aquele que é elevado e exaltado, que habita na eternidade (ver Isa. 57.15); o Deus que se oculta (ver Isa. 45.15)... o Pai das luzes (Tia. 1.17), no qual não há variação, nem sombra de mudança. Aqui se exibe a atitude mental essencial de toda verdadeira adoração" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Note o leitor como a palavra "magnífico" começa e encerra este oitavo salmo. O nome de Deus é assim denominado.

A Ti, Alma eterna, seja o louvor!
O qual, desde a antiguidade até os nossos dias,
Por meio de almas de santos e profetas,
Tens enviado Tua luz, Teu amor, Tua Palavra.

(Richard W. Gilder)

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.

(Salmo 19.1)

Não há Deus, senão Deus.

(O Alcorão)

8.2

Da boca de pequeninos e crianças de peito. Deus usa a força das crianças para silenciar Seus inimigos, isto é, louvor para alcançar a força de Deus. Cf. Mat. 21.15,16, onde Jesus usou as palavras deste versículo para justificar o louvor que Ele recebe da parte das crianças. O poder de Deus move-se por toda a criação. Isso pode ser vital nos céus; esta é uma cena nas obras de Deus sobre a terra, onde Ele vindica os Seus santos e acerta as contas com os ímpios. Quando Deus se move, até as mais fracas entidades, como os infantes, podem confundir os fortes (cf. I Cor. 1.27). "A humanidade, até as fracas crianças e até os infantes, representa a força de Deus na terra" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os Salmos Messiânicos. Este salmo tem parte nessa nobre classificação. Ver a introdução a este salmo, terceiro parágrafo, quanto às notas expositivas.

"As alegres bocas balbuciantes dos bebês provêem defesa do Criador contra todas as calúnias do inimigo" (Ewald). Por isso diz certo hino evangélico:

Quando ouço chorar um bebê recém-nascido,
Então sei por que creio.

"Não há aqui exagero algum. Até as criancinhas ficam de boca aberta diante da grandeza da natureza. Não se pode esquecer o olhar de admiração nos olhos de um menino de dezoito meses, quando ele viu o mar pela primeira vez, nem o seu choro amargurado quando um ramo de laburno, que estava em período de inflorescência plena, foi quebrado da planta para ser dado a ele. 'Oh! Estava bom onde estava', chorou ele. Lembramos como criancinhas se juntaram em louvor a nosso Senhor, quando Ele, como um Rei, entrou em Jerusalém, e como elas aceitaram de bom grado o abrigo de Seus braços. Elas saudaram o Rei e aceitaram a Sua defesa, 'seguras nos braços de Jesus'" (H. R. P. Sclater, *in loc.*).

Um objeto de beleza é uma alegria para sempre;
Nosso amor por esse objeto aumenta. Ele nunca
se transformará em nada.

(John Keats)

Canto ao grande poder de Deus,
Que fez as montanhas se elevarem;
Isso espalhou os mares inundantes,
E edificou os altíssimos céus.
Canto à Sabedoria que ordenou
Que o sol governasse o dia;
A lua fica cheia por Sua ordem,
E todas as estrelas obedecem.

(Joseph Parker)

8.3

Quando contemplo os teus céus. O salmista, ao contemplar os céus à noite, maravilhou-se diante dos grandes luminares: o céu para governar o dia, e a lua para brilhar à noite, por Sua ordem. Ele não percebeu nenhum acidente nesses corpos luminosos, que foram determinados por Deus. Nesses corpos luminosos, ele sentiu a grandeza e a soberania de Deus.

Senhor de todos os seres, entronizado ao longe,
Tua glória flameja do sol e das estrelas.
Centro e alma de toda esfera.
E, no entanto, tão próximo de todo coração amoroso.

(Oliver Wendell Holmes)

Nosso conhecimento é pequeno demais para descrever as maravilhas da natureza, e a nossa mente é pequena demais para raciocinar sobre elas. Todavia, *sentimos* o poder delas, bem como o poder e inteligência de Deus nelas. Nem todas as coisas podem ser definidas pela razão; nem todas as coisas se sujeitam à investigação experimental. Colombo descobriu um mundo, mas ele não tinha mapa, salvo aquele decifrado no firmamento. Ordena, pois, que a luz terna da fé rebrilhe. Esse é o mapa que nos conduz a pensar sobre as realidades divinas.

Se quando a fé tivesse dormido
Eu ouvisse ser dito: 'Não mais creias'
...
Um calor no peito dissolveria
A parte mais fria da razão enregelada,
E qual homem iracundo, o coração
Erguer-se-ia e diria: 'Eu senti'.

(Alfred Lord Tennyson)

8.4

Que é o homem...? O ser humano é tão insignificante e, no entanto, tão grande; tão pequeno, mas tão importante; tão tolo, mas tão sábio.

ASSUNTOS DE DESTAQUE NOS SALMOS

Imediatamente antes do começo da exposição deste Livro de Salmos, apresento um gráfico que ilustra as dezoito classificações das composições. Além de ter muitos gêneros, os salmos também discursam sobre um grande número de assuntos. Aqui ofereço uma lista mostrando onde estes assuntos especiais são comentados com mais detalhes do que idéias de menor eminência.

Assuntos de Destaque	Referências
Abençoado (o homem justo)	1.1
Ação de graças	Salmos 18,19,21,30,32 *et al.*
Acorda, Deus!	35.23; 44.23; 59.4
Acrósticos (salmos)	Introdução ao Salmo 34
Adoração	Salmos 29,33,46,89,97 *et al.*
Ajuda divina	115.9
Altíssimo	7.17
Amar a lei	119.47
Amor constante	136.1
Amor fiel	119.47
Asas de proteção	17.8; 36.7; 61.4
Avareza	Salmo 102 (um dos salmos de penitência)
Bênção	1.1
Benignidade (amor constante)	136.1
Braço do Senhor	77.15; 89.10; 98.1
Caminho	1.6; 37.5
Confiança	Os salmos de confiança são: 4,11,16,23,27,62,131 e muitos versículos de outros salmos
Corações, fé de	119.112
Coré, autor de alguns salmos	84,85,87,88 *et al.* (12 no total)
Cova	143.7
Cura divina; cura natural	31.9; 103.3
Dá ouvidos	143.1
Degraus, salmos de	Introdução ao Salmo 120
Deleitar na lei	119.47
Destruição, alegria na	52.6-9; 64.10
Deus adormecido	78.65
Deus como escudo	3.3; 7.9,10; 89.18;1.4
Deus como fortaleza	91.2
Deus como professor	20.4 (Pro. 2.6)
Deus como refúgio	46.1
Deus como rocha	42.9
Deus como salvação	3.8; 9.14; 18.46; 50.23; 62.2 (nota de sumário); 79.9; 85.4; 119.74; 140.7; 149.4
Deus como torre forte	61.3
Deus é santo, portanto seja santo	99.9; 111.9 (Lev. 19.2)
Deus, olho de	34.15
Deus, temor de	34.9; 36.1; 89.7; 119.38 (Pro. 1.7)
Deuses (Elohim)	82.1
Didáticos, salmos	1,15,32,78, 105,106,135,136: ensino de lições cardinais
Doenças, salmos de	6,22,28,30,88,102,116. Estes salmos fazem parte dos salmos de lamentações: procuram o poder divino para curar os inimigos do corpo
Doxologia de louvor	117,150 e versículos individuais de outros salmos
Elohim (deuses)	82.1
Ensino de Deus	109.28
Ensino divino	119.68
Entendimento	119.73

Envergonhado	25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21; 78.66; 83.16; 86.17; 109.28; 119.31; 127.5
Esconder	69.17. Não esconder o Rosto divino.
Escudo, Deus como	3.3; 7.9,10; 84.8; 89.8; 91.4; 115.9; 119.114; 144.2
Escuta	64.1
Espadas, palavras como	55.21; 57.4; 59.7; 64.3
Esperança na lei	119.147
Fidelidade	143.1
Flechas de Deus	64.7 (referências)
Flechas dos iníquos	57.4; 58.7; 64.3; 120.4
Fome	37.19; 38.19
Fortaleza, Deus como	91.2
Generosidade	41.1; 112.9
Glória	66.2
Hallel, salmos de	Introdução ao Salmo 113
Herança	37.9,11,22,29,34; 106,40
Herança, Israel como	33.12
Higaiom	9.16
Implorando vitória em batalhas	20 e partes de muitos outros salmos
Imprecações	38.4 A maioria dos salmos de lamentação é ou tem elementos de imprecações. Ver *classificações dos salmos* antes do começo da exposição (1.1)
Inabalável	21.7; 52.22; 66.9
Indiferença divina	10,11; 28.1; 59.4; 82.1; 143.7.
Justiça (retidão) da lei	119.142
Leão, metáfora de	22.13
Lei, a verdade	119.151
Lei, louvor a	119 (completo), ver também Salmos 1 e 19
Levantar os olhos	121.1
Liberalidade	41.1-112.19
Liturgia, salmos de	24,50,68,81,95 *et al.* Ver *Classificações dos Salmos* antes do começo da exposição (1.1)
Lombos	66.11
Louvor	119.171
Louvor à lei	119.119
Mão do Senhor	81.14
Mão direita do Senhor	20.6
Meditar	119.97
Messiânicos, salmos	2,8,16,22,23,24,40,45,68,69,72,89,102,110. Outros salmos têm relfexos messiânicos
Moisés, salmo de	90
Nome do Senhor	31.3
Nome santo do Senhor	30.4; 33.21
Observando (guardando) a lei	119.44
Ódio	25.19
Olho de Deus	34.15
Órfãos, salmos	Os salmos que não têm subtitulo são assim chamados. Ver a introdução ao Salmo 91
Ossos, símbolo	6.2; 32.3; 34.20; 35.10; 102.3
Ouve	42.9; 64.1
Ouvido divino	35.15
Palavras (lábios) como espadas	55.21; 57.4; 59.7; 64.3
Pecado, palavras para expressar	32.1
Penitência, salmos de	6,32,39,51,102,130,143
Piscar dos olhos	35.19
Providência de Deus	75.6,7; 121.4; 127.1,2; 145.9,10
Reais, salmos	Ver a introdução ao Salmo 8
Rede	35.7; 66.11
Redenção	31.5; 71.23; 107.2
Refúgio, Deus como	46.1

Relva, metáfora da	**37.2**
Rins	16.7
Rocha, Deus como	**18.2; 28.1**
Romagem a Jerusalém	Salmo 122
Rosto brilhante do Senhor	**84.9; 119.135**
Rosto do Senhor	31.16; 34.16; 41.12; 119.135
Santo porque Ele é santo	**99.9; 111.9 (Lev. 19.2)**
Santos	97.10
Selá	**3.2**
Seol	6.5; 9.13,17; 88.10
Temor do Senhor	**34.9; 36.1; 119.38 (Pro. 1.7)**
Torre forte, Deus como	61.3
Universalidade de Elohim	**66.1**
Uso apropriado da língua	5.9; 12.2; 15.3; 34.12; 35.28; 36.6 *et al.*
Verdade	**119.51**
Vingança	58.10
Votos do Senhor	**76.11**

Depois de eu ter olhado para aquelas estrelas, tendo elas olhado sem piedade para mim, como olhos que brilham com lágrimas celestes, sob a pequena sorte do homem.

(Carlyle)

Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti,
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome.

(Alfred, Lord Tennyson)

Note o leitor o *toque teísta* deste versículo. O Altíssimo Deus, entronizado em Seu céu, Criador de todas as maravilhas da natureza que observamos, tem contudo um sentimento especial por aquela criatura humilde, o homem. Deus "pensa" no homem. Ele sente a dor do homem; conhece as necessidades do homem; responde às orações do homem, mesmo quando ele chora como uma criança tola, em sua ignorância. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo*, bem como seu contraste com o *Deísmo*.

Oh, a grandeza e a pequenez;
a excelência e a corrupção;
a majestade e a maldade do homem.

(Pascal)

"Davi ficou profundamente admirado de que o Senhor do universo ao menos tivesse pensado sobre o homem" (Allen P. Ross, *in loc.*). Considere o leitor a mensagem de João 3.16, que costumamos citar tão descuidadamente!

8.5,6

Sob seus pés tudo lhe puseste. Essas palavras foram ditas acerca do homem que exerce domínio sobre toda a terra, conforme descrito nos vss. 7 e 8. Mas também há uma referência messiânica ao domínio universal do *Logos*, que veio a chamar-se Cristo, em Sua encarnação. Ver Heb. 2.6-9. Cf. esse pensamento com Efé. 1.9,10, onde, finalmente, todas as coisas são vistas *recapituladas* no Logos. Ver Efé. 4.10. Ele deverá "preencher todas as coisas" e ser "tudo para todos". Além disso, ver Fil. 2.9-11, onde o Senhorio universal de Cristo é referido com detalhes.

8.7,8

Ovelhas e bois, todos. *O domínio do homem é descrito* em dois versículos que falam especialmente sobre como o reino animal foi sujeitado ao homem, em harmonia com a promessa e a instituição de Deus (ver Gên. 1.26 e 2.19,20). O homem tornou-se o *vice-regente* de Deus. Ademais, cabe aos homens remidos compartilhar da imagem do Filho e ser elevados Seus vice-regentes nos céus (ver Rom. 8.29; I João 2.2; II Cor. 3.18). Essa é nossa mais excelente doutrina, ou seja, como o homem pode vir a compartilhar da natureza divina (ver II Ped. 1.4). Quanto a esse importantíssimo assunto, que contém a própria essência do evangelho, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos denominados *Imagem de Deus, o Homem como* e *Transformação segundo a Imagem de Cristo*.

De harmonia em harmonia celeste,
Teve início este arcabouço universal:
De harmonia em harmonia
Soou, por toda a gama das notas
O diapasão, apontando para o Homem.

"Deus deu ao homem uma partilha em Sua própria dignidade, conferindo-lhe *domínio* sobre o resto da criação" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 7). Este versículo refere-se diretamente à passagem de Gên. 9.2.

As sendas dos mares. As inúmeras espécies de peixes e animais marinhos têm suas sendas nos mares e, de alguma maneira, sabem aonde estão indo e o que estão fazendo ali. Até mesmo sobre aquelas criaturas, o homem estabeleceu seu domínio. *O Targum* fala aqui sobre o *leviatã*, aquele temível animal que aparece no capítulo 41 do livro de Jó. Alguns estudiosos pensam aqui em *navios* feitos pelos homens. É do reino animal que o homem extrai seu alimento e suas vestes e encontra pleno emprego para esses elementos. Os homens têm exercido domínio sobre todas as esferas: o ar, a terra e o mar. Pela graça de Deus, a glória divina é confirmada no quarto lugar: os céus.

Foi grande revelar Deus a seres angelicais;
Foi maior estimar o homem humilde.
Foi grande habitar no exaltado favor divino;
Foi maior ser Salvador do homem quebrantado.

(Russel Champlin)

8.9

Ó Senhor, Senhor nosso. "A fim de que o homem não se absorvesse na contemplação de sua própria grandeza, o versículo concludente lembra o homem sua posição subordinada. Majestade e domínio são prerrogativas de Deus" (William R. Taylor, *in loc.*).

"A explosão de louvor no vs. 1 é a linguagem da *esperança do crente*. No vs. 9, está em foco o louvor, ao contemplar o homem a consumação de redenção. Todos os remidos por Deus juntar-se-ão na execução desse cântico (ver Apo. 19.1,4-6)" (Fausset, *in loc.*).

Este salmo termina com as mesmas palavras com as quais começou, o que mostra que o senso de respeito que afetava o autor sagrado permanecia com ele e, sem dúvida, até tinha aumentado" (John Gill, *in loc.*). Ver a exposição do vs. 1.

Salmo Nove

Quanto às *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto à *classificação* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como um frontispício. Dou ali, igualmente, dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este *é um salmo de lamentação*. Há, dentre os 150 salmos, nada menos de 60 assim classificados. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um grito desesperado por ajuda, a fim de o salmista ser libertado de algum inimigo: de potências estrangeiras, de inimigos dentro de Israel, ou do corpo (alguma enfermidade que ameaçasse a vida do corpo físico).

Talvez os Salmos 9 e 10 fossem originalmente uma única composição, conforme existem até hoje dentro da versão da Septuaginta. Na Bíblia hebraica, entretanto, esses dois salmos são ligados, visto que quase cada estrofe (uma sim, uma não) começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico, tornando-os *salmos acrósticos* (ver comentários abaixo). Os Salmos 9 e 10 têm certo número de expressões similares; ambos se encerram com uma declaração enfática sobre a *mortalidade* do homem, que deveria inspirar os homens a uma conduta apropriada; ambos se referem às *nações* (ver Sal. 9.5,15,17,19,20 e 10.16).

Todavia, há algumas diferenças entre os Salmos 9 e 10. O Salmo 9 é um cântico de triunfo, dando especial agradecimento após a lamentação, enquanto o Salmo 10 é essencialmente uma queixa contra inimigos pessoais. O Salmo 10 não tem subtítulo, e o subtítulo que há na introdução ao Salmo 9 pode ter servido originalmente a ambos os salmos. O Salmo 9 contém a misteriosa palavra hebraica *Selá* no final, assinalando uma divisão natural, se não mesmo uma composição originalmente diferente. Foram editores subseqüentes que supriram essas notas introdutórias. Usualmente trata-se apenas de conjecturas quanto à autoria e às circunstâncias históricas que podem ter inspirado a composição. Isso não pertencia às composições originais.

Subtítulos. A palavra hebraica *mutelabem* não parece ser o nome de um instrumento musical, mas pode significar a expressão *morte para o filho* (conforme diz nossa versão portuguesa); e isso poderia ligar esses salmos a II Sam. 12.20 ss. Entretanto, mediante leve alteração do hebraico original, o título poderia ser "morte do campeão", e isso apontaria para a morte de *Golias*. Todavia, alguns estudiosos dizem que está em vista a morte de Saul. A versão árabe, porém, diz "os mistérios no filho". É inútil multiplicar as conjecturas. Na realidade, não sabemos dizer o que os editores subseqüentes quiseram afirmar com seu subtítulo. Cerca de metade dos 150 salmos é atribuída a Davi, o que, sem dúvida, é um exagero. Mas pelo menos parte deles é de autoria davídica, visto ter sido ele o *suave salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Salmos Acrósticos. Um salmo acróstico é aquele em que cada linha ou segunda linha começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Esse estilo literário bastante artificial fez com que os salmos assim escritos se tornassem *um tanto desconjuntados*, pois as idéias ficavam frouxamente vinculadas. A palavra *acróstico* vem do grego *akros* (fim ou ponta) + *stixos* (linha de um versículo). Nas composições em hebraico, essas letras especiais figuram no começo das linhas, mas nas composições em outros idiomas podem figurar em qualquer lugar.

9.1

Louvar-te-ei, Senhor, de todo o meu coração. O salmista começou com um cântico de louvor e ação de graças. Ele expressou alegria, louvor e triunfo. Não há palavras capazes de exprimir, de maneira adequada, a gratidão pelo que o Senhor fizera por ele. O efeito de suas exclamações foi acentuado pela letra hebraica *álefe,* que inicia a estrofe. O coração inteiro foi vazado sob a forma de um cântico exaltando as obras maravilhosas de benefício realizadas por Deus, que tinham tocado a vida do salmista.

A primeira porção do salmo (vss. 1-12) fala de Deus como o verdadeiro Juiz e Esperança dos aflitos. Em vista disso, Davi resolveu louvar o Senhor de todo o seu coração e falar de Suas maravilhas, mostrando-se jubiloso em comunhão com Deus e *cantando* sobre Seus feitos *extraordinários* e Suas obras *inigualáveis.* Essa é uma expressão usada com freqüência para falar das *obras* de Deus.

"É isso que, nas páginas do Novo Testamento, é chamado de 'fazer melodia no coração' bem como 'com graça no coração' (Efé. 5.19 e Col. 3.16)" (John Gill, *in loc.*). Devemos lembrar que os salmos eram musicados, cantados e acompanhados por instrumentos musicais.

As tuas maravilhas. Incluindo a obra de criação (ver Sal. 8.1), mas também as maravilhas que Deus tinha feito na vida pessoal do salmista.

Haverá chuvas de bênçãos,
Essa é a promessa de amor;
Haverá períodos de refrigério,
Enviados do Salvador acima.
De chuvas de bênçãos precisamos:
Misericórdias estão caindo sobre nós,
Mas pedimos mais chuvas.

(El Nathan)

9.2

Alegrar-me-ei e exultarei em ti. Falando em termos gerais, o salmista ficava transportado de júbilo com tudo quanto tinha visto Deus fazer na natureza e na sua própria vida; por isso entoou louvores a Yahweh, o Deus Altíssimo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altíssimo.* Ver também Sal. 7.17, quanto a uma lista de referência onde aparece esse título de Deus. O poder do alto havia tocado a vida de Davi, e esse era o segredo de seu sucesso e alegria.

"Ele tinha um vívido senso das múltiplas implicações da *intervenção divina* em seu favor (cf. os vss. 13 e 14)" (William R. Taylor).

Várias *razões* para os louvores do salmista são registradas nos vss. 3-6.

9.3

Pois ao retrocederem os meus inimigos. *Eis algumas razões* pelas quais o autor do salmo agradeceu a Deus:

1. O salmista teve a vitória sobre os inimigos por meio da intervenção divina (vs. 3).
2. Yahweh tinha vindicado sua causa contra os inimigos. Sua causa era justa, e os inimigos eram iníquos (vs. 4).
3. Seus inimigos foram repreendidos e retrocederam, e então foram destruídos (vs. 5).
4. O nome de nações ímpias, e não de meros indivíduos, foi esquecido completamente da memória (vs. 5).
5. Até a memória daqueles pecadores se perdeu, ilustrando o fato de seu total aniquilamento (vs. 6).

Este salmo, tal como tantos outros, preocupa-se com a derrota dos inimigos. Devemos lembrar que os povos daquele tempo eram *selvagens brutais,* quando a sobrevivência diária dependia de defender-se violentamente. Eis a razão pela qual Saul e Davi foram tão louvados: as muitas pessoas que foram capazes de matar. Ver I Sam. 18.17. Além disso, Sansão foi louvado porque conseguiu matar mais adversários, em sua morte, do que havia feito em toda a vida (ver Juí. 16.30)! Até hoje, é uma glória matar, na estimativa de algumas pessoas, se essa morte presumivelmente promove o bem de outrem. Que o leitor considere o que está acontecendo no Oriente Próximo, atualmente, entre árabes e judeus!

O salmista deu graças a Deus, que manifestou a Sua *presença* para libertá-lo dos inimigos. Foi assim que Deus se tornou o General do *exército,* e o nome do jogo era *matança.* Ou, algumas vezes, Deus era o defensor *pessoal* de algum homem, *executando* um único inimigo que o assediava.

9.4

Porque sustentas o meu direito e a minha causa. A causa do salmista foi vindicada. Seus adversários eram homens ímpios e violentos. Eles ganharam o que mereciam, quando foram executados com a ajuda do poder divino. Deus, em Seu trono, enviou o decreto mortífero de execução e arranjou as circunstâncias através das quais isso se tornou possível! Cf. Sal. 7.6-8; 43.1 e Jer. 11.20. Naturalmente, os hebreus não eram os únicos que misturavam Deus em suas matanças. O deus-sol da Babilônia era pintado como Juiz de toda a humanidade, que aplicava duríssimos golpes contra os injustos.

O céu continua acima de todos.
Ali está sentado um Rei que
Nenhum rei pode corromper.

(Shakespeare, Henrique VIII)

9.5

Repreendes as nações, destróis o ímpio. *Os julgamentos de Deus* voltam-se contra indivíduos, mas também contra as nações. Ver as notas sobre as *oito* nações que Davi conseguiu obliterar ou sujeitar à escravidão, com a ajuda de Yahweh (ver II Sam. 10.19). Israel foi libertado para tornar-se uma nação distintiva e poderosa. Sem isso, provavelmente teria permanecido tribos errantes de nômades, em uma terra hostil. Salomão também aproveitou a paz que Davi trouxe, na era dourada de Israel.

... lhes apagas o nome. Deus apagava assim o nome de um indivíduo do livro da vida, garantindo sua retirada da lista dos vivos para sempre. O ideal era o aniquilamento. Não era considerado vantajoso tomar prisioneiros de guerra. O genocídio era a melhor forma de matar, porquanto não permitia que um inimigo lutasse por outro dia. Cf. o versículo com Êxo. 17.14; Deu. 25.19 e Núm. 24.20. Ver sobre *guerra santa,* em Deu. 7.1-5; 20.10-18. O povo aniquilado era oferecido como oferenda queimada a Yahweh, pelo que a matança se tornava um ato religioso! Nenhuma criatura viva era poupada, seja homem, mulher, criança ou animal. E não era permitido tomar despojos.

A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão.

(Provérbios 10.7)

9.6

Quanto aos inimigos, estão consumados. *Os inimigos de Israel* foram obliterados de tal modo que se *desvaneceram em ruínas eternas* (conforme diz a Revised Standard Version). Suas cidades foram arrasadas ou reconstruídas e ocupadas pelos hebreus. A memória das cidades destruídas se perdeu para a humanidade, juntamente com os seus habitantes. Este versículo fala da guerra em seu pior aspecto, mas para os homens era a guerra em seu melhor aspecto. Ver sobre *Guerra,* no *Dicionário.* A violência humana é bizarra e continua sem abatimento. A violência é glorificada e transformada em obra de Deus. A consciência do homem tem sido envenenada com profunda iniqüidade. O amor de Deus brilha através das páginas do Novo Testamento e ajuda a contrabalançar a violência que transparece no Antigo Testamento. Graças a Deus, no Antigo Testamento, muitos textos majestáticos erguem-se como picos acima da fumaça, e neles vemos a glória de Deus.

Não é ruim. Que brinquem.
Que os canhões ladrem, e que o avião bombardeiro
Fale suas prodigiosas blasfêmias.
...
Quem se lembraria do rosto de Helena,
Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?
...
Nunca chores. Deixa-os brincar.
A antiga violência não é muito antiga,
A ponto de não poder gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

"Multidões das cidades dos cananeus pereceram tão completamente que nem nome nem vestígio resta delas" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.7

Mas o Senhor permanece no seu trono eternamente. Em contraste com as "nações perdidas" e com os "nomes apagados", *Yahweh* perdurará para sempre. E isso, por sua vez, confere-nos a esperança de um destino final decente. Mas Ele está ali, em Seu trono, para continuar e julgar os iníquos, assim que eles erguerem suas feias cabeças. Ele sabe quem tem a razão. E também sabe quem está errado, e passará julgamento de acordo com o Seu conhecimento. O salmista repousou o seu caso no Ser divino.

"Davi passou a falar sobre a perpetuidade do reino de Deus, em contraste com o 'breve tempo de usurpação' do inimigo (ver Apo. 12.12)" (Fausset, *in loc.*).

"*Sic transit gloria mundi.* Estes versículos (6 e 7) nos oferecem, com muita dignidade, o contraste entre a natureza transitória dos poderes do mundo e a permanência daquilo que é imutável. O memorial perecerá juntamente com eles, mas o Senhor permanecerá para sempre" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Todas as coisas chegam ao fim, mas Deus e os espíritos santos permanecem para sempre" (Adam Clarke, *in loc.*). "Todo triunfo do direito sobre o erro que ocorra agora é uma garantia do justo julgamento final" (Fausset, *in loc.*).

9.8

Ele mesmo julga o mundo com justiça. O salmista, estando com a razão, ansiava pela *intervenção divina*, a qual endireita as coisas, no que diz respeito tanto aos inimigos pessoais quanto aos inimigos do Estado. Todas as dispensações de Deus, às nações ou aos indivíduos, estão baseadas na justiça. Contrastar essa idéia com a dos gregos, que faziam de seus deuses ampliações deles mesmos, em seus vícios e injustiças. Eis a razão pela qual homens como Platão tinham melhores crenças religiosas, em suas filosofias, do que as crenças comuns das religiões populares.

9.9

O Senhor é também alto refúgio para o oprimido. Deus é aqui retratado como o "alto refúgio" do homem bom, um lugar onde ele pode abrigar-se da opressão dos iníquos, quando estes perseguem e criam tribulações para seus semelhantes. Naturalmente, essa declaração também é verdadeira em um sentido geral, porquanto há muitas tribulações que assediam um homem e não são causadas por outros homens. Mas neste exemplo os opressores são as causas da dor. A fortaleza é uma *cidadela* para onde os perseguidos podem retirar-se, para ali encontrarem o poder de sobreviver e então revidar.

Quanto a Deus como *alto refúgio* (no hebraico, *misgob*) e *fortaleza,* ver também Sal. 18.2; 46.7-11; 48.3; 59.9,16,17; 62.2,6; 94.22 e 144.2. Além disso, temos uma palavra similar, igualmente traduzida por "refúgio" (no hebraico, *mahseh*), em Sal. 14.6; 46.1; 61.3; 62.7,8; 71.7; 73.2 e 91.2,9. Ademais, há um termo hebraico traduzido por "alto refúgio" (no hebraico, *manos*), em Sal. 59.16 e 142.5. As idéias envolvidas são de segurança, proteção, reversão de perigo e potencial para ferir os perseguidores, diante da assistência divina.

> *Porque foste a fortaleza do pobre, e a fortaleza do necessitado na sua angústia; refúgio contra a tempestade e sombra contra o calor; porque dos tiranos o bufo é como a tempestade contra o muro.*
>
> (Isaías 25.4)

9.10

Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome. "Encontramos aqui uma declaração significativa. Saber a verdade acerca de Deus produz confiança interior de que as provações não podem abalar-nos. 'E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste' (João 17.3). Ademais, nenhum de nós vive inteiramente sem *evidência* do abrigo divino dado à alma. Talvez até mártires tivessem sido capazes de declarar, juntamente com o salmista: 'Tu, Senhor, não tens esquecido aqueles que te buscam'. Foi quando ele estava sendo apedrejado que o rosto de Estêvão brilhou como o de um anjo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Os que conhecem o teu nome. Esses têm uma familiaridade *experimental* com a misericórdia de Deus, pelo que Nele depositam sua confiança. Eles estão convictos de que o Ser divino nunca os abandonará, pois Ele nunca se esquece daqueles que estão em tribulação mas Nele confiam.

9.11

Cantai louvores ao Senhor. *O coro continuava* o hino de louvor a Yahweh, que habita na Sião celestial, mas também visita a Sião terrestre e cuida de Seu povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sião*. Ali foi construído o templo, e seu principal ambiente fechado era o Santo dos Santos, onde se manifestava a presença divina. Deus sempre intervinha potencialmente em favor de Seu povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo,* em contraste com o *Deísmo*. Personalizar Deus é reduzi-lo a um ser menor do que Ele realmente é. No entanto, existe a *graça interventora* mediante a qual Ele se torna pessoal para aqueles que O buscam. Existem evidências que comprovam o Seu interesse por nós, porquanto temos uma história universal e pessoal de Seus *feitos*. O autor sagrado de nada sabia sobre o método científico, mas sabia de *experiências repetidas* com o poder de Deus e seus resultados beneficentes. Assim sendo, ele foi inspirado a ter fé na continuidade da situação. Ver notas expositivas sobre o senso de *confiança,* em Sal. 2.12. Aqueles que confiam são os *bem-aventurados*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

"Os vss. 11 e 12 formam o *sumário* de conclusão da primeira porção do salmo, onde o autor estabeleceu tanto o que Deus tinha feito quanto o que Deus é. Muito apropriadamente, isso toma a forma de um cântico de ação de graças" (Fausset, *in loc.*).

9.12

Pois aquele que requer o sangue lembra-se deles. O Deus justo abençoava aqueles que Nele confiam e estava sempre pronto a defendê-los de seus brutais inimigos, os quais pretendiam prejudicá-los e matá-los. Ele acertaria as contas de sangue. Lembraria dos clamores dos justos, quando prejudicados e mortos, e não esqueceria o clamor dos humildes. Ele feriria os opressores. Assim sendo, uma vez mais, conforme é tão freqüente nos salmos, Deus ou é *louvado* por defender a causa dos perseguidos, ou é invocado a fazê-lo. Naquele meio ambiente brutal e hostil, a sobrevivência diária aos abusos e ao derramamento de sangue era um problema constante. A sobrevivência era atribuída a Deus, e a segurança física contínua era sempre motivo de petição. Deus é "o vingador do sangue, lembrando-se sempre dos inocentes" (Duhm). Consideremos "Deus, Aquele que se lembra" do "homem, que se esquece". Esquecer a injustiça é uma das armas do diabo. As pessoas esquecem prontamente! Porém, há Aquele que se lembra e, sendo Ele o Juiz de toda a terra, fará o que é certo (ver Gên. 18.25).

"Isso não se aplica aos cananeus, aos moabitas, aos amonitas e aos filisteus, os quais derramaram injustamente o sangue do povo de Deus, mas a todas as nações da terra, as quais, para ampliar seu território, aumentar as suas riquezas ou estender o seu comércio, faziam guerras destruidoras. Quanto ao sangue que tais nações derramaram, seu sangue também seria derramado... Deus se lembra" (Adam Clarke, *in loc.*).

Aquele que requer o sangue. O termo hebraico por trás desta expressão é *qual,* uma alusão ao vingador do sangue que procurava e matava quem tivesse matado um seu ente querido. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Vingador do Sangue* e *Goel (Remidor)*.

O leitor deve comparar este versículo com Apo. 6.9,10, que diz algo similar: "Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo, e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?".

9.13

Compadece-te de mim, Senhor. Uma vez mais, o grito pedindo ajuda foi para que Yahweh anulasse os adversários do salmista, fizesse-os retroceder e derrotasse seus desígnios sanguinários. É o Deus *gracioso* que ouve e replica favoravelmente ao apelo do justo.

Portas da morte. A referência aqui é ao *seol,* e neste caso a palavra é um simples sinônimo de *sepultura* ou morte. O conceito do submundo passou por uma evolução a ponto de tornar-se a habitação dos espíritos reais, dos mortos saídos deste mundo, bons ou maus. Em seguida, o seol foi dividido em compartimentos para os santos e para os pecadores, antes de haver-se desenvolvido a doutrina do céu, no mundo dos espíritos, destinado aos bons. O artigo sobre essa palavra, no *Dicionário,* ilustra a questão. Pensava-se que o seol ficava sob a superfície da terra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* onde há um gráfico que ilustra a cosmologia dos hebreus antigos, incluindo o *seol*. Dizia-se, ocasionalmente, que o seol teria *portões,* porquanto seria uma espécie de fortaleza do mal que era trancada com portões, que impediam a saída de quem ali ingressasse. Também havia altas muralhas. A mitologia babilônica e a egípcia emprestavam ao submundo elevadas muralhas e portões. Cf. essa idéia com as passagens de Sal. 107.18; Isa. 38.10; Mat. 16.18 e Apo. 1.18. Agora falamos sobre metáforas poéticas, mas os antigos levavam todas essas coisas muito a sério. Ver também Sal. 6.5, onde ofereço notas adicionais que se aplicam aqui. Ver também Jó 38.17.

9.14

Às portas da filha de Sião. Os portões de *Sião* (ver a respeito no *Dicionário*) são contrastados com os do *seol* (vs. 13), e os alegres louvores são contrastados ali com a melancolia do sepulcro. O seol era considerado um lugar de completo *silêncio* (ver Sal. 88.10-12), até que homens como Dante fizeram os ímpios gritar de dor ali. As chamas do seol foram acesas no livro de I Enoque, e nenhum desenvolvimento de uma doutrina do inferno ocorreu durante os dias do Antigo Testamento. Isso teve de esperar pelo aparecimento dos livros apócrifos e pseudepígrafos. E, quase em seguida, houve os embelezamentos do Novo Testamento. Sião geralmente aparece como sinônimo de Jerusalém, pelo que as mura-

lhas aqui em foco são as da cidade, e não da colina chamada Sião, onde também foi construído o templo. Jerusalém é retratada como a *mãe dos bons* (Sal. 87.5; Isa. 37.22; Lam. 1.5), pelo que a população dessa cidade é chamada de *filha* de Jerusalém (ver Isa. 1.8; 10.32; Miq. 4.8). Comparar as expressões similares de "filha de Tiro", em Sal. 45.12 e "filha de Babilônia", em Sal. 137.8.

Se fosse libertado, o salmista iria ao tabernáculo (ou templo), para oferecer os sacrifícios apropriados de ação de graças e entoar hinos de louvor ao Libertador celestial.

9.15

Afundam-se as nações na cova que fizeram. Encontramos aqui outro versículo, semelhante a Sal. 7.16, no qual os ímpios são punidos de acordo com a gravidade de seus crimes, mediante a *Lex Talionis* (lei da retribuição de acordo com o crime cometido, quando o julgamento aplicado correspondia ao que os ímpios praticaram contra os bons). Ver no *Dicionário* sobre essa expressão. Ver também *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* As notas em Sal. 7.16 ampliam o tema. Examinar também Gál. 6.7,8, no *Novo Testamento Interpretado,* onde há detalhes abundantes.

Os ímpios — que haviam preparado *covas* onde os bons, sem nada suspeitar, haveriam de cair — cairiam, eles mesmos, nesses buracos, sofrendo assim o mesmo que tinham planejado para seus semelhantes. O simbolismo, naturalmente, é a de um caçador que apanhou um pobre animal em sua cova e matou-o sem misericórdia, estando este impotente na armadilha. Já tivemos ocasião de examinar esse simbolismo em Sal. 7.15, onde comento a questão com algum detalhe.

Ademais, temos de considerar as *redes* do caçador, que apanhavam pássaros e animais. Cf. Sal. 35.8 e 57.6. A justiça divina, entretanto, lançará no rosto dos pecadores aquilo que eles planejaram contra os bons. A traição dos planejadores e a *impotência* dos que foram apanhados nos planos maus são enfatizadas juntamente com as tragédias *súbitas e inesperadas* daí resultantes.

Neste versículo, Yahweh torna-se o *Caçador celeste,* que surpreende os ímpios em sua armadilha e em suas redes, e liberta os justos dos atos de traição. Indivíduos maldosos e espertos são assim derrotados pela sabedoria divina.

> *Salvou-se a nossa alma, como um pássaro do laço dos passarinheiros; quebrou-se o laço, e nós nos vimos livres.*
>
> (Salmo 124.7)

9.16

Faz-se conhecido o Senhor. O Senhor, ou seja, Yahweh, o *Deus eterno,* tem a reputação de punir os ímpios conforme a gravidade de seus pecados, ao mesmo tempo que liberta os homens bons. O símbolo do caçador continua desde o vs. 15. Isso enfatiza a lei da colheita segundo a semeadura; e quem faz essa lei operar é Deus. Por conseguinte, sua operação é firme e exata.

> *Os moinhos de Deus moem devagar, mas seguramente.*
>
> (Provérbio grego)

> *Embora os moinhos de Deus moam lentamente,*
> *Contudo moem excessivamente fino,*
> *Embora, com paciência, Ele fique esperando,*
> *Com exatidão Ele mói a tudo.*
>
> (Henry Wadsworth Longfellow)

Ao assim dizer, o poeta exclamou: *Higaion. Selá.* O sentido da primeira palavra é desconhecido; e, quanto à segunda palavra, comento sobre ela em Sal. 3.2. Alguns interpretam a primeira delas como *meditação;* e isso daria a seguinte tradução: "Medite-se sobre isto!" ou talvez: "Aumentai a intensidade da música. Selá". *Higaiom* é palavra que ocorre somente aqui nos Salmos. Contudo, alguns intérpretes dizem acerca dela *som solene.* Mas tanto uma quanto a outra palavra provavelmente transmitiam ordens aos músicos para que tocassem de determinada maneira. "Alguns estudiosos pensam que essas palavras são reações aos músicos, algo como as palavras italianas usadas nas composições musicais: *presto, largo vivace, allegro*" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.17

Os perversos serão lançados no inferno. Os ímpios são *aqui ameaçados com a sepultura, a morte ou o seol* (ver a respeito no *Dicionário,* bem como as notas expositivas em Sal. 9.13). Não há razão para supormos que essas palavras signifiquem ir para o lamentável submundo do sofrimento das almas. A doutrina da retribuição e do julgamento, para além da morte biológica, ainda não se tinha desenvolvido. Quando este salmo foi escrito, a pena máxima que um ser humano podia sofrer era a morte prematura, e é isso que está em vista no salmo à nossa frente. Tanto os indivíduos quanto as nações podem *morrer* prematuramente. Davi conseguiu aniquilar, essencialmente, *oito* nações (ver em II Sam. 10.19), o que significa, de acordo com este versículo, que Davi as enviou para o *seol.* Os iníquos esquecem-se de Deus. Esses homens podem ser ateus históricos (existe uma divindade em algum lugar), mas ateus práticos (a existência de um deus ou de um Deus não tem nenhuma aplicação em sua vida). Esses se conduzem *como se* Deus não existisse.

Os vss. 17 e 18 contêm *duas promessas* que sumariam os resultados morais dos atos humanos. Os ímpios são enviados ao sepulcro, mas os homens pobres e bons, os oprimidos, alcançam a bênção de Yahweh. Os ímpios, por sua vez, em breve serão esquecidos, mas a memória dos bons prossegue continuamente. Ver Isa. 14.9-20, quanto a um excelente e dramático escrito literário a respeito do *seol.* "Isa. 14.9-20 é uma das maiores passagens literárias da Bíblia" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Nessa passagem temos um estágio mais avançado do desenvolvimento da doutrina do seol, como também a sobrevivência da alma e o julgamento no outro lado da vida estão certamente em vista, pelo menos em alguma forma preliminar. Cf. Luc. 16.19 e ss. Até mesmo ali temos um estágio do desenvolvimento da doutrina no seol, onde os bons e os maus estão em *compartimentos* separados no hades, pois os bons ainda não eram vistos em um céu, nas dimensões celestiais.

9.18

Pois o necessitado não será para sempre esquecido. Se Deus lança os ímpios na sepultura, onde são esquecidos por Ele ou pelos homens, o mesmo não ocorre aos *necessitados* que agora invocam o nome de Deus, pois são homens justos. Esses não lançados no *seol,* nem são esquecidos. O resultado moral dos atos humanos fez uma diferença em seus destinos. A *esperança* do homem pobre não perece. Deus ouve suas orações e julga seus opressores. Alguns estudiosos vêem aqui a "esperança do céu", cristianizando o versículo; mas dificilmente isso pode ser verdadeiro no estágio do desenvolvimento da teologia hebréia refletida no livro de Salmos. Não estamos tratando de um conceito em que os ímpios não têm nenhuma esperança, mas os justos têm (ver I Cor. 15.18). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Esperança. Parte da esperança* que aqui transparece consiste em *vindicação:* os justos são demonstrados quanto ao que são, e os injustos são punidos como ímpios que são. Há certa vingança na justiça, e os homens bons esperam que ela ocorra. Ver o vs. 5, quanto ao *apagar* o nome dos ímpios.

9.19

Levanta-te Senhor; não prevaleça o mortal. Yahweh foi convidado a levantar-se do trono e agir contra os pecadores em favor dos santos. Se Yahweh não se levantasse, então os ímpios prevaleceriam contra toda a justiça. Deus precisa efetuar a justiça. Emanuel Kant baseou sobre a justiça um argumento em favor da existência de Deus. Neste mundo, é óbvio que a justiça não é feita. Portanto, deve haver um mundo para além do sepulcro onde a justiça possa ser servida. Para que a justiça seja efetuada, deve haver um Juiz sábio e suficientemente poderoso que garanta a recompensa e a punição de acordo com o que cada indivíduo tiver semeado durante sua vida terrena. Ademais, a alma tem de sobreviver, a fim de receber a justiça, a saber, a recompensa e/ou a punição de que se tiver tornado merecedora. Por isso, dissemos: *Deus* terá de efetuar a justiça, ou ela nunca será efetuada.

"Este salmo termina com um apelo pela *ação divina,* para que o ímpio não prevaleça... Como os salmos martelam quanto a esse ponto! Os poetas e novelistas que possuem um conhecimento similar são um grande dom ao século XX. O pregador e o professor muito devem esforçar-se para aprender deles" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Este versículo deve ser comparado a Sal. 7.6, onde Yahweh também é chamado para levantar-se, para 'erguer-se' de Seu trono e começar a agir.

9.20

Infunde-lhes, Senhor, o medo. Com grande pavor, os homens percebem sua debilidade e seu caráter temporal. O "medo" referido neste versículo é o receio da Força Destruidora celestial. A morte os ameaça e eles temem o nada que os está tomando, por meio das dores preliminares. Então esses indivíduos entendem com toda a clareza que são seres mortais, sujeitos à lei divina que aniquila os ímpios.

"Por mais numerosas, ricas e aguerridas que sejam as nações contrárias a Deus, a sua natureza permanece a mesma. Eles são apenas seres mortais moribundos, e não Deus!" (Fausset, *in loc.*)

Selá. Ver Sal. 3.2, quanto a esta palavra e seus vários significados e usos possíveis.

Salmo Dez

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi sete úteis comentários para compreender o livro de Salmos.

Este é um salmo de lamentação.

Os Salmos 9 e 10 formam uma unidade, pelo que, na Septuaginta, apresentam-se em uma única composição. Portanto, a introdução que supri ao Salmo 9 aplica-se igualmente aqui.

O Salmo 10 também não tem subtítulo, outra indicação de que forma uma unidade com o salmo anterior, e de que o subtítulo existente no início do Salmo 9 aplica-se também a este.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Ali apresento dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

A idéia de *louvor* pela vindicação dos justos torna-se claramente evidente no Salmo 9, porém menos evidente no Salmo 10. Temos aqui uma oração para que Deus não adie a ajuda prestada aos aflitos. Os ímpios sempre têm grande poder que utilizam para prejudicar e matar. Somente Deus pode detê-los. Deus parecia estar oculto, indiferente ao sofrimento dos justos (vs. 1), e o salmista invocou o Senhor para logo vir em ajuda dos justos perseguidos, pois, de outro modo, seria tarde demais. O mal ganharia o dia. Havia muitos ais originados pelos homens na terra. O povo de Deus foi preso na tirania dos pecadores.

Este salmo continua o modo de encabeçar versículos com letras de alfabeto em seqüência, um método de composição chamado *acróstico*. Este método é citado e descrito na introdução ao Salmo 9.

O Salmo 10 é um lamento, e seu tema é o clamor à ajuda contra os opressores. Este é o tema mais comum e mais repetido no livro de Salmos. Foi escrito em um tempo em que era necessária a ajuda divina diária para que os justos sobrevivessem diante de atos de violência, pois, a qualquer tempo, tribos hostis podiam atacar e matar. A brutalidade da época provocava então muitos clamores em busca de socorro, os quais são registrados no livro de Salmos.

10.1

Por que, Senhor, te conservas longe? Deus mantinha-se aparentemente indiferente, enquanto homens ímpios e injustificáveis atacavam os inocentes a fim de matá-los. Deus se escondia, enquanto os pecadores faziam o que bem queriam. Por isso o salmista clamou pedindo ajuda. Somente a intervenção divina serviria naquele momento de crise. A aparente indiferença de Deus é algo contrário ao conceito do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que defende que Deus não somente criou o mundo mas também nele intervém a fim de punir os pecadores e recompensar os bons. Essa noção de indiferença divina concorda com a posição do *Deísmo* (ver também a respeito no *Dicionário*), que supõe que o Criador tenha abandonado o universo criado e o deixou entregue às leis naturais, para ser governado e regulamentado. As leis naturais são forças maravilhosas, estando em óbvia operação neste mundo; mas também são forças cheias de deficiências e defeitos. Somente com a presença de Deus a vida humana pode ter algum cumprimento ou destino decente. Por esse motivo o salmista invocou o "Deus deísta" para que se tornasse, prontamente, um "Deus teísta". De outra maneira, os ímpios teriam caminho livre.

Os salmistas com freqüência proferiam suas queixas, lamentações e clamores de ajuda, com palavras concernentes à aparente indiferença de Deus. Cf. Sal. 13.1; 33.22; 42.9 e 43.2.

> *Deus meu. Deus meu,*
> *por que me desamparaste?*
> *Por que se acham longe de meu salvamento*
> *as palavras de meu bramido?*
>
> (Salmo 22.1)

10.2

Com arrogância os ímpios perseguem o pobre. Os ímpios são perseguidores dos homens pobres e justos, pelo que merecem cair na armadilha que eles mesmos prepararam. Uma vez mais, temos aqui a colheita em consonância com o que foi semeado, o que corresponde à *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O salmo invoca o uso da *Lex Talionis*. Ver no *Dicionário* os artigos sobre esses temas. Cf. Sal. 7.16 e 9.15,16, onde as notas expositivas também se aplicam, pelo que não entro aqui em detalhes.

Arrogância. Os homens, de modo geral, caracterizam-se por esse atributo negativo, mas especialmente os ímpios, destituídos de toda espiritualidade. Eles se transformam em pequenos deuses e se esquecem de sua mortalidade (ver Sal. 9.20). O julgamento de Deus pode trazê-los de volta a uma estimativa ponderada sobre as coisas.

Os vss. 2-11 listam uma série de características dos pecadores que oprimem os pobres e os justos.

A Diatribe contra os Ímpios. Os ímpios são arrogantes; perseguidores dos pobres (vs. 2) e jactanciosos. A glória deles está na sua vergonha; são gananciosos; eles renunciaram ao Senhor e aos Seus caminhos (vs. 3); são orgulhosos; não buscam a Deus; são ateus práticos, se não mesmo teóricos (vs. 4). Seus caminhos são ofensivos e espalham destruição; eles são soberbos e resistem à justiça e ao julgamento de Deus (vs. 5); pensam que nem Deus nem os homens podem impedi-los de continuar em seus caminhos de destruição; supõem que nunca se levantará adversário que os faça parar (vs. 6). A boca deles é cheia de maldição, engano e opressão; eles falam o que é errado e o que é iníquo e põem por obras o erro e a iniqüidade. Preparam armadilhas para apanhar os que de nada suspeitam; armam embustes e esperam, ocultos, para assassinar (vs. 8); escondem-se em lugares secretos como o leão esperando por uma vítima, e assim apanham o pobre para tirar-lhe a vida (vs. 9); esmagam vítimas inocentes (vs. 10). Pensam que Deus não vê nem se lembra da iniqüidade deles; acreditam que Deus está escondido, ou se mostra indiferente para com o que eles fazem; e, *de fato, estão certos de que a retribuição divina nunca ocorrerá* (vs. 11).

Contra todos esses atos, o salmista invoca a ajuda e a intervenção divina.

10.3

Pois o perverso se gloria da cobiça de sua alma. Os ímpios são jactanciosos. Eles se vangloriam do mal que praticam e de como têm poder de fazer o que querem. Eles transformam-se em pequenos deuses e acreditam ser independentes de Deus e dos homens. Esquecem-se de sua mortalidade (ver Sal. 9.20). São cobiçosos e falam bem do homem gananciosо. Proferem maldições e renunciam ao Senhor. Desfizeram-se de todos os escrúpulos e atiraram-se à pilhagem e à matança. "... o espírito gananciosо, altivo, irreligioso e tirânico dos inimigos do salmista..." (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo).

"A descrição os ímpios é terrível. Eles não têm freios quanto à sua concupiscência pelas possessões; desfizeram-se das restrições próprias da religião, porquanto não somente blasfemam de Deus, mas até negam a Sua existência; deixam-se impressionar por seu sucesso. ... e ignoram todas as advertências acerca dos atos de julgamento divino... acreditam na permanência de sua segurança e violam todos os códigos de conduta humana" (William R. Taylor, *in loc.*).

Eles são tudo quanto o Senhor abomina, e elogiam aqueles que, como eles, são abominados por Yahweh.

Cf. a diatribe deste salmo com algo similar dado pelo apóstolo Paulo, em Rom. 1.18-32. Ver no *Dicionário* o verbete chamado Vícios. A imaginação humana é extremamente fértil e, quando os homens se voltam para o mal, continuam a imaginar novas maneiras de pecar. Tantos homens são *cheios de vícios*. Eles se tornam especialistas no vício.

> *Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são*
> *passíveis de morte o que tais coisas praticam, não somente*
> *as fazem mas também aprovam os que assim procedem.*
>
> (Romanos 1.32)

10.4

O perverso na sua soberba não investiga. Os *ímpios mostram-se arrogantes* aos homens e a Deus. São uma lei para si mesmos, como pequenos deuses, e vangloriaram-se no palco da vida. O homem mau é por demais orgulhoso para buscar a Deus. Ele pensa que a oração é uma piada, e a vida de retidão é um enfado. Diz ele: "Não há Deus". Talvez o ímpio acredite que exista um deus em algum lugar, mas isso nada significa para ele. Ele é um ateu prático, se não mesmo teórico. Deus não tem lugar em sua vida; Deus não o motiva a coisa alguma. Ele é um indivíduo autodeterminado, e todas as suas motivações são perversas. "O ímpio não pode aceitar uma posição teísta do universo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Quando muito, ele é como um de meus professores de filosofia, um agnóstico com algumas tendências teístas. Esse é o homem cego acerca de quem Jesus falou com tanta tristeza (ver Mat. 15.44). Cf. Sal. 14.1 e 53.1.

Na sua soberba. Diz aqui o hebraico, literalmente, na altura do seu nariz, referindo-se a um gesto comum e universal dos homens orgulhosos que empinam o nariz, por desprezarem outras pessoas. O ímpio até empina o nariz na presença de Deus.

10.5

São prósperos os seus caminhos em todo tempo. O pecador continua a prosperar, e pensa que assim continuará em sua vida. Ele não prevê surpresa de

nenhuma espécie. "Seus caminhos sempre alcançam sucesso", para a consternação do justo, que não obtém sucesso. Ver Jó 20.21. Coisa alguma escapa à sua ganância, pelo que ele sempre anda endinheirado, pensando que isso durará para sempre. Ele prossegue em seu caminho ousado e precipitado, crendo que aí está a sua vitória, enquanto outras pessoas têm receio e temor de arriscar-se. Entrementes, os julgamentos de Deus estão "fora de seu ângulo de visão". Esses julgamentos estão esperando a hora de manifestar-se, mas o ímpio não consegue enxergá-los. Definitivamente, ele é um homem "deste mundo" e um homem "daqui desta vida". Coisa alguma sobre a eternidade jamais influenciou sua conduta. Os ímpios têm sua partilha de inimigos, mas ele a "despreza". Se tal homem não tem medo de Deus, como algum homem poderia perturbar a sua paz? Esse homem vive de nariz empinado (vs. 4) e continua a torcer o nariz daqueles a quem considera inferior.

O perverso insulta a Deus e despreza os homens. Mas Deus destrói tal indivíduo com o Seu sopro; basta que Ele dê uma ordem e essa pessoa será destruída. "Traga-me a cabeça daquele homem, Giaffer!", disse um tirano asiático. *E prontamente a cabeça foi trazida ao tirano! Não houve julgamento, nem objeção* feita por quem quer que fosse. Havia apenas a vontade de um homem, que foi obedecida sem discussão.

Certa ocasião, um pregador começou um sermão dizendo: "O diabo é um tático inferior". Esse pregador deve ter vivido em um mundo diferente daquele em que vivemos, ou então nunca deixou seu escritório para ver o que está acontecendo por aqui.

10.6

Pois diz lá no seu íntimo. Continua a diatribe contra os ímpios. Quais outras coisas o perverso pensa em fazer?

O homem comunga com seu coração maligno e indaga sobre qualquer mudança que poderia prejudicá-lo. Mas o homem interior, sendo mau, diz: "Nada poderá prejudicar-te". Ele acredita messa palavra e continua piorando cada vez mais. E crê que nenhuma adversidade pode atingi-lo. Ele se julga imortal e invencível, esquecendo que é apenas um pobre mortal, com os dias de vida já contados (ver Sal. 9.20).

Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade.
A justiça, invisível e muda, lhe segue os passos.
Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda.
Pois todo o erro nem a noite esconderá!
O que fizeres, de algum lugar, Deus te vê.
E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais.
Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.
Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,
Ele virá e varrerá da terra os iníquos.

(Ésquilo)

10.7

A boca ele a tem cheia de maldição, enganos e opressão. O ímpio tem a boca suja. Ele nunca pára em suas maldições. Ele jamais deixa de enganar as pessoas com suas mentiras. Sua língua é o instrumento de seus enganos que promove causas ímpias. Ela o livra de suas tribulações e faz outras pessoas entrar em dificuldades. "A cláusula 'enganos e opressão' significa que as palavras ditas por ele provocam calamidades" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Falar é uma atividade barata. Palavras, palavras, palavras, nada mais que palavras. Ele somente fala!". Essa declaração ilustra uma depreciação comum da importância da fala. Mas haverá algo no mundo mais poderoso para o bem ou para o mal do que as palavras? A fala é a faculdade que mais diferencia os homens dos animais. É um sinal de personalidade. A autoconsciência manifesta-se através da fala. O pensamento é quase impossível sem as palavras, que são o veículo das idéias. As ações são antecedidas pelos pensamentos, e do pensamento procedem os atos, como o relâmpago antecede o trovão. Mas o pensamento é impulsionado pela sugestão verbal. Porque a boca fala do que está cheio o coração (Luc. 6.45). Portanto, Tiago (no terceiro capítulo de sua epístola) estava muito perto da verdade quando pôs tamanha ênfase sobre a língua" (Eston, comentando Tia. 3.2).

A língua fala soberbamente,
pois dizem: Com a língua prevaleceremos,
os lábios são nossos.
Quem é senhor sobre nós?

(Salmo 12.4)

Debaixo da língua. A metáfora envolve uma serpente, que os antigos pensavam ter o veneno debaixo da língua. Eles não sabiam da existência de um saco de veneno. O ímpio é como uma cascavel que transmite veneno por meio da língua, matando a outros mediante calúnia e perjúrio. Kimchi, de modo um tanto exagerado, afirmou que o coração está abaixo da língua, pois, afinal, está "lá embaixo", e assim emitiu a metáfora em que a língua arrasta o veneno do coração mau.

Aguçam a língua como a serpente;
sob lábios têm venenos de áspide.
Selá.

(Salmo 140.3)

10.8

Põe-se de tocaia nas vilas. O ímpio pratica toda a espécie de vícios e até mata os inocentes, o pináculo de seus crimes. Faz isso mediante traição, emboscadas e ações furtivas. Ele mantém os olhos fixos no pobre, para ver quando poderá prejudicá-lo, tomando as suas propriedades e matando-o para ficar com seus bens, se isso for possível. "Os ladrões árabes se postam como lobos entre os montes de areia, e com freqüência saltam de júbilo sobre o viajante solitário; em um instante tomam-lhe os bens e então voltam a internar-se no deserto" (Thompson, *The Land and the Book*). Esse homem é como um predador que sobrevive matando outros animais. Por isso, no versículo seguinte, é empregada a figura simbólica de um leão.

"É nas vilas que ladrões e assaltantes se ocultam e onde se preparam para roubar viajantes ao longo do caminho. A palavra pode significar cortes ou palácios (conforme se lê na versão siríaca) e, nesse caso, a alusão seria a alguma pessoa notável que comete crimes secretos" (John Gill, *in loc.*).

10.9

Está ele de emboscada como o leão na sua caverna. Agora a metáfora passa do ladrão escondido para o leão que pratica métodos similares, escondendo-se para atacar a vítima e saltando de súbito para despedaçar a presa. "Os orgulhosos ímpios são comparados a bandidos, feras e caçadores que consideram os pobres suas vítimas, e não seres humanos como eles" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Na antiguidade, a Palestina era infestada de animais selvagens, alguns deles muito perigosos, como o leão e o urso, para nada dizer sobre o (comparativamente) humilde lobo que vagueava pelos campos. Havia muitas perdas de gado, e muitos incidentes em que seres humanos eram mortos.

Acha-se a minha alma entre leões ávidos de devorar os filhos dos homens.

(Salmo 57.4)

Na sua rede. A figura simbólica agora muda para o caçador. Assim também temos ladrões, leões, caçadores (e pescadores) usados como figuras simbólicas. Os peixes eram apanhados por meio de redes e ficavam totalmente impotentes diante dos pescadores. Outros animais terrestres eram apanhados em covas (ver Sal. 7.15 e 9.15). Matar é o nome do jogo, no qual as vítimas são exploradas por seus algozes. Os pecadores vivem para matar e matam para viver. As figuras simbólicas empregadas sugerem tanto esperteza quanto brutalidade. São os pobres e os incapacitados que se tornam vítimas, como o indivíduo pobre que se torna almoço de um tubarão.

10.10

Abaixa-se, rasteja. As vítimas são impotentes. Esmagadas, afundam no chão sob o poder do ataque. "Eis aqui a figura patética da sorte dos fracos e desafortunados. Note o leitor as expressões verbais que dão idéia de descida: abaixa-se, rasteja, caem. Isso conta a história de tanto desperdício humano, especialmente entre as mulheres e as crianças, sempre vítimas da violência" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Abaixa-se. O termo da King James Version, bem como da nossa versão portuguesa, pode também ser traduzido como "esmaga", o que aparece na versão siríaca e em várias traduções modernas.

10.11

Diz ele, no seu íntimo. Os impotentes, os assediados e os que vivem sob ameaça de morte perguntam: "Onde está Deus em tudo isso? Será Ele indiferente? Terá havido uma falha em Sua vigilância ou em Sua memória? Será que o deísmo está correto, em comparação ao teísmo?". Ver comentários sobre o vs. 1 deste salmo, que é similar a este. Mas no vs. 1, é o homem bom que pergunta sobre o "Deus tão distante e indiferente", e aqui temos o ímpio que espera que Deus "se mantenha sempre distante" e não interfira em seu destino. O perverso acredita que Deus não vê ou não se importa com o que vê, pelo que também não julga os atos malignos. "Visto que Deus não o castiga imediatamente, o ímpio fica

convencido de que Deus não se importa com os justos em seus sofrimentos" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"A longa impunidade do pecador fomenta a sua idéia de que Deus não toma conhecimento dos erros praticados na face da terra. Isso nos inspira a um urgente clamor pela imediata interposição de Deus, sendo a base da oração do próximo versículo" (Fausset, *in loc.*).

> *Jurou o Senhor pela glória de Jacó:*
> *Eu não me esquecerei de todas as suas obras,*
> *para sempre.*
>
> (Amós 8.7)

Cf. Sal. 94.5-9, um trecho bastante parecido com esta passagem.

10.12

Levanta-te, Senhor! Cf. Sal. 3.7; 7.6 e 9.19, onde temos clamores similares, pedindo que Deus desperte, saia de seu trono e golpeie os opressores. O Deus deísta foi invocado para tornar-se um Poder teísta, exterminando a injustiça. "De modo característico, a queixa do salmista é seguida por um apelo para que o Senhor se ponha a agir. O apelo, por sua vez, é seguido por uma série de argumentos cujo propósito é fortalecer o apelo: a sorte dos pobres na terra (vs. 12); a impiedade dos opressores (vs. 13); a miséria que o próprio Senhor tinha testemunhado (vs. 14); a confiança dos pobres e impotentes no Senhor, por causa do que Ele havia feito no passado (vs. 14); e a soberania do Senhor nos negócios dos homens (vs. 16)" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. Miq. 5.9; Êxo. 7.5 e Isa. 5.25.

> *A tua mão se exaltará sobre os teus adversários; e todos os teus inimigos serão eliminados.*
>
> (Amós 5.9)

> *Levante-te, Senhor! Salva-me, Deus meu, pois feres nos queixos a todos os meus inimigos,*
> *e aos ímpios quebras os dentes.*
>
> (Salmo 3.7)

10.13

Por que razão despreza o ímpio a Deus? O homem iníquo renuncia a Deus (Revised Standard Version). Ele é totalmente depravado. É um ateu teórico ou um ateu prático, ou mesmo ambas as coisas. Ele comunga com seu coração ímpio e ali encontra a certeza de que Deus (se é que existe um Deus) não julgará suas más ações. O ímpio nega a existência de uma lei tal como a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Ele acredita no caos, vive em um mundo caótico para o qual contribui por meio de sua violência, e aposta que o caos continuará. Portanto, para que ter qualquer código moral? Ele sabe que um dia morrerá, mas não espera nenhuma vida pós-túmulo. Assim sendo, por que desempenhar o papel do homem justo mas ignorante, que nada tem para esperar e nada possui nesta vida?

Note o leitor a qualidade ética do ateísmo. Um dos assuntos discutidos na filosofia é a ética sem o teísmo. Alguns podem atingir esse ponto. Conheci um ateu que era muito consciente quanto aos pobres e aflitos, e cheio de boas obras. Sem dúvida esse fenômeno existe, mas, para cada exemplo positivo, temos milhares de casos contrários. Além disso, um bom ateu pode ser somente um ateu consciente, ao passo que é um teísta inconsciente. Em outras palavras, superficialmente, ele diz "Não há Deus", mas nas profundezas de sua alma ele comunga com Deus. Será possível? Sim, penso que sim. Existem formas de piedade que "não freqüentam a igreja", mas, apesar disso, são reais.

Cf. o vs. 4, que tem algo similar e onde dou comentários adicionais.

10.14

Tu, porém, o tens visto. No passado, Deus se mostrara forte em favor dos órfãos, pelo que o homem fraco e perseguido toma coragem e pede a Deus que repita as realizações passadas tanto pela justiça quanto pela misericórdia. Verdadeiramente, há circunstâncias em que somente uma intervenção divina tem valor. Existem ocasiões em que os homens são reduzidos a nada — desesperançados e empobrecidos em si mesmos. É conforme diz certo hino evangélico:

> *Estarei perdido, Senhor,*
> *se tirares a mão de sobre mim.*

Por várias vezes encontramos essa expressão quando os gregos estavam em condição de desespero em alguma batalha: "Eles se lançaram nos braços dos deuses e da oração".

"A experiência parece dar-nos muita evidência de um Deus que está dormindo. No entanto, também há evidências de um Deus que 'não dormita nem dorme' (Sal. 121.4). Essa evidência torna-se mais forte quando assumimos a visão mais longa" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Deus está escrevendo o atual capítulo sobre a vida. É exatamente aí que vemos muitas dificuldades, talvez até a desesperança total. E é exatamente aí que Deus se mostra aparentemente indiferente. Mas o capítulo não foi concluído. Folheando a Bíblia apenas algumas poucas páginas, podemos ver algo que nos levará a dizer:

> *Isto procede do Senhor,*
> e é maravilhoso aos nossos olhos.
>
> (Salmo 118.23)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

O adiamento atual pode ser um fato irritante, mas é apenas parcial. O grande Artista ainda não terminou a sua pintura. Quando assim fizer, Ele provará que não errou um único toque dos Seus pincéis. O tecelão está trabalhando em seu tapete. Vemos as cores escuras e nos admiramos como elas poderão adaptar-se ao esquema geral das coisas. Mas quando o tapete estiver terminado, reconheceremos a necessidade das cores escuras, para emprestar ao tapete uma beleza singular. Uma pesada chuva cai e isso perturba nossa mente. Mas o agricultor está em sua fazenda, regozijando-se.

10.15

Quebranta o braço do perverso e do malvado. O braço é o instrumento de ação e força. O pobre homem perseguido pede que Deus quebre o braço do perverso, para que termine a opressão e seja anulado o poder do tirano. A longo prazo, há somente um braço, o de Deus, somente um poder, o poder de Deus.

> *Filho do homem, eu quebrei o braço de Faraó, rei do Egito, e eis que não foi atado, nem tratado com remédios, nem lhe porão ligaduras, para formar-se forte e pegar da espada.*
>
> (Ezequiel 30.21)

Até nada mais achares. *A Busca Completa.* Deus é invocado a fazer completa investigação de todas as obras do pecador opressivo, rebuscando até que nada mais possa ser encontrado. Esse choque inspiraria Deus a julgar o pecador e libertar o homem justo de seus planos mortíferos. Se todas as vilanias do perverso fossem trazidas à luz, Deus nada poderia fazer senão remediar a situação, com algum julgamento difícil. Talvez Deus não julgasse porque não estivesse percebendo o que acontecia. Se Ele visse, entraria em ação. Portanto, com uma linguagem antropomórfica, o salmista faz seu apelo. Personalizar Deus torna-o menor do que Ele realmente é. Mas nossos "dilemas de linguagem" levam-nos a pensar dessa maneira e usar tal linguagem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropomorfismo.*

10.16

O Senhor é rei eterno. A soberania de Deus garante um fim justo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* O Deus Supremo é Rei sobre toda a terra. Deus tem poder, em Seus decretos, para endireitar todas as coisas e em consonância com a lei da colheita segundo a semeadura. Ele é forçado a fazer assim. Ele se obriga a si mesmo, porque combina o Poder com a Justiça, algo que as divindades gregas nunca faziam. O que elas faziam era correto meramente porque o faziam, e porque nenhum poder menor poderia intervir. Isso reflete o *Voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Dentro desse sistema, a vontade é suprema, e a razão é desconsiderada. Mas o Deus da Bíblia não é um Deus voluntarista, exceto em algumas passagens, como o capítulo 9 de Romanos. Por conseguinte, acreditamos na graça divina, no amor e na retribuição justa, temperados pelo amor.

> *O oposto da injustiça não é a justiça — é o amor.*

Da sua terra somem as nações. Israel conseguiu expelir nações suficientes para tomar possessão da terra de Canaã. Em seguida, Davi aniquilou ou confinou a oito nações, o que comento em II Sam. 10.19. O salmista provavelmente estava pensando naquela circunstância quando escreveu este versículo. Ele queria que Deus "continuasse a agir como estava fazendo", a fim de livrá-lo de sua aflição.

10.17

Tens ouvindo, Senhor, o desejo dos humildes. O poeta tinha confiança de que sua oração havia sido ouvida e a resposta estava a caminho.

Creio que o Senhor ouviu-me a orar.
Creio que a resposta está a caminho.
Não lances fora nossa confiança
No Senhor, nosso Deus.

"Este salmo termina com um tom de confiança. A linguagem obtém um ritmo mais nobre e mais alegre. Os vss. 17 e 18 facilmente poderiam ser usados no templo como um hino de louvor" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "O salmista estava tão confiante em uma resposta favorável ao seu apelo que viu a vitória para os oprimidos como algo ao alcance da mão" (William R. Taylor, *in loc.*).

A Economia Divina. "Deus 1. prepara o coração; 2. sugere a oração; 3. ouve o que é criado; 4. responde à petição" (Adam Clarke, *in loc.*). Assim, por igual modo, o compositor de hinos estava certo de que a menor oração pode ser ouvida acima do rugir da tempestade.

"A fé, neste caso, toma como certo que aquilo que é pedido, mediante a fé, será obtido de forma efetiva. "Abençoada será para sempre" (I Crô. 17.27). Não somente devemos considerar o poder da vontade, mas também que o querer é devido à graça proveniente de Deus (Fil. 2.13). Deus prepara o coração de tal modo que seu povo tem somente as coisas que são agradáveis diante Dele (Rom. 8.26)" (Fausset, *in loc.*).

O coração do homem pode fazer planos,
mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor.

(Provérbios 16.1)

10.18

Para fazeres justiça ao órfão e ao oprimido. A oração respondida garante que se fará justiça ao órfão e ao oprimido. Então o ímpio aprenderá a não mais oprimir, porque algum terrível desastre o atingirá e, finalmente, ele será reduzido a nada, no sepulcro, sua moradia final.

"Os terroristas são aterrorizados; os assassinos são mortos; aquele que causa sofrimento, sofrerá. As contas são fechadas. A fé de que Deus defende os aflitos e os necessitados contra a tirania dos ímpios era um conforto para o salmista, bem como a base de sua oração" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Exultai sobre ela, ó céu, e vós, santos, apóstolos e profetas,
porque Deus contra ela julgou a vossa causa.

(Apocalipse 18.20)

Então os homens se meterão nas cavernas das rochas, e nos buracos da terra, ante o terror do Senhor, e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra.

(Isaías 2.19)

Salmo Onze

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4. Provi sete úteis comentários para compreender o livro de Salmos.

Este é um dos salmos de confiança.

"Salmo 11; confiança no interesse de Deus pela justiça. Este tipo de salmo (um cântico de confiança) provavelmente se desenvolveu como desenvolvimento da expressão de confiança que é uma característica comum das lamentações (ver Sal. 5.3-7; 7.10-16; 9.3-12)" (*Oxford Annotated Bible*, Introdução).

O salmista estava prestes a cair nas mãos de inimigos cruéis e traiçoeiros, algo muito comum na antiga Palestina, onde tribos brutais atacavam e eram atacadas, matavam e eram mortas quase em base diária. O herói era o homem que mais matava, com um efeito salvatício para o próprio povo. Ver sobre esse conceito em I Sam. 18.7. Os salmos têm certo número de temas e classificações (ver o terceiro ponto das informações gerais apresentadas na introdução ao livro de Salmos). Mas o tema principal é o clamor pedindo justiça contra os opressores. Trata-se, pois, de um salmo de confiança. Muitos dos salmos são essencialmente isso, e a maioria deles termina em um cântico de louvor, pelo livramento dado ou já a caminho. Este salmo, pois, segue o padrão familiar.

Classificação dos Salmos. Quanto a informações detalhadas, ver o gráfico no início do comentário ao livro de Salmos, o qual atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. Um ou mais editores, longo tempo após os salmos terem sido escritos, tentaram identificar os autores e salientar circunstâncias histórias que podem ter impulsionado os compositores originais. As notas existentes nesses subtítulos são pouco mais que conjecturas, embora, algumas vezes, possam ter acertado em cheio o alvo. O Salmo 11 aparece como composto por Davi (o que é verdade quanto a cerca de metade dos salmos), mas nenhuma circunstância histórica é sugerida. A maioria dos salmos é dirigida ao mestre do coro, e algumas vezes são mencionados instrumentos musicais que, presume-se, acompanhavam os cânticos. Ou então, em alguns casos, são mencionados os temas principais. O subtítulo do Salmo 11 menciona apenas a autoria e a apresentação da composição ao mestre do coro.

11.1

No Senhor me refugio. O homem perseguido pode ter sido um soldado em batalha que teve de enfrentar a morte quase certa, pelo que um soldado colega ou o seu próprio coração lhe disse: "Foge como se fosses um pássaro". Ele, porém, lutava por seu país e por seus amigos. Outros dependiam dele. Por isso mesmo, ele respondeu ao camarada ou ao coração temente: "No Senhor deposito minha confiança. Como me podes fazer uma sugestão como essa?". Algumas vezes enfrentamos situações que achamos impossíveis de enfrentar. Fugir, abandonar o projeto, buscar uma mudança de atmosfera, são idéias que sobem à nossa mente. Em seguida devemos fazer a pergunta sóbria quanto ao que nosso destino requer. Fugir pode ser, algumas vezes, a solução correta, mas não com tanta freqüência assim. É conforme Sêneca disse: "Você precisa não de uma mudança de ares, mas, sim, de uma mudança de coração". "Mudança de ares" equivale a "mudar-se para outro lugar". O homem fraco logo desiste, mas é como alguém já disse: "Sempre é cedo demais para desistir".

As forças do mal prevalecem com muita freqüência. São homens armados de pistola, e homens com pistolas usualmente prevalecem; mas também existe o Fator Divino que não devemos negligenciar. Que podemos fazer exceto o que nós mesmos fazemos, à base da misericórdia e do poder de Deus? Foi isso que o salmista fez. O clamor abrupto, sem prefácio, implica a urgência desesperada do perigo. Quais homens não invocam a Deus, quando se acham em uma situação desesperadora?

Algumas versões dizem aqui "no Senhor confio". Mais literalmente, entretanto, essas palavras podem ser traduzidas conforme lemos em nossa versão portuguesa: "No Senhor me refugio", tal como lemos também em Sal. 7.1.

Diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio.

(Salmo 91.2)

Um pássaro se expõe ao perigo nas planícies abertas, como um soldado que se engaja em batalha em um lugar aberto. Um pássaro foge para as montanhas, onde há pouco acesso e abundância de lugares onde se esconder. Algumas vezes era sábio que os soldados se refugiassem nos montes e vivessem para lutar por mais um dia. Mas o poeta, que havia experimentado uma situação difícil, em meio à batalha, decidiu permanecer firme e continuar combatendo, entregando o resultado final a Deus.

11.2

Porque eis aí os ímpios. Os inimigos, em tão grande número, eram de outras nações, porquanto Israel vivia em quase constante guerra; e também estavam dentro das fronteiras de Israel, porque havia oposição interna. Mas esses inimigos também podiam manifestar-se "no corpo", como enfermidades (tal como no Salmo 6). A maioria dos salmos é composta por gritos pedindo ajuda contra essa variedade de inimigos. Há certo número de classes de salmos, tocando certa variedade de temas. Quanto a isso, ver a introdução ao Salmo 4, sob *informações gerais*, terceiro ponto. O tema mais proeminente é exatamente o deste salmo, um grito pedindo ajuda contra inimigos de guerra, ou então o vs. 2 deveria ser considerado metaforicamente, um clamor pedindo ajuda contra inimigos no campo de batalha, que eram parecidos com soldados inimigos. Provavelmente, o uso litúrgico do salmo era suficiente para incluir ambas essas idéias.

A flecha serve de símbolo de qualquer arma usada contra os justos. Uma flecha pode ser atirada secretamente, de certa distância, de algum lugar escondido. A flecha era um matador versátil, tal como eram os adversários do salmista. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Armas, Armaduras*; *Guerra* e *Flecha* Cf. Sal. 10.8.9, onde temos algo similar, mas sob metáforas diferentes.

11.3

Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo? A metáfora muda para a idéia de edificação. Uma estrutura depende de seus alicerces para continuar a existir. Um ato de destruição que fere o alicerce derrubará todo o edifício. Assim sendo, as armas, reais ou figuradas, podem derrotar o homem

justo. Até mesmo palavras caluniosas podem aniquilar fatalmente. O alicerce, neste caso, pode ser "aquilo em que um homem deposita sua confiança", a saber, o poder interventor de Deus. Deus tem de responder às nossas orações. Ele não pode mostrar-se indiferente. Se Ele for indiferente, o homem bom fracassará. Talvez a imagem simbólica seja a de um terremoto que despedaça uma casa em um único momento, solapa seus alicerces e produz confusão geral.

> *Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas;*
> *vacilam todos os fundamentos da terra.*
>
> (Salmo 82.5)

Alguns estudiosos vêem aqui os alicerces da sociedade, especialmente em suas leis e qualidades espirituais (assim pensavam Símaco e Jerônimo). A Septuaginta faz isso referir-se ao que Deus edificou, de modo geral. Entre as coisas edificadas por Deus, estão o direito dos justos e a correta ordenação da sociedade sob a lei divina.

11.4

O Senhor está no seu santo templo. O salmista consola-se diante da idéia de que Deus, lá no alto, é sempre o mesmo. Ele não se abala, continua no Seu trono; e assim, finalmente, tudo estará bem no mundo. Sua soberania pode parecer demorada para agir, mas é eficaz e segura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. A justiça está sendo servida. Nenhum homem escapa ao escrutínio do Deus Altíssimo. Seus olhos vêem a tudo. Ele não está dormindo. Os filhos dos homens nada podem ocultar. Estão sujeitos às Suas leis e aos Seus julgamentos. O templo é o lugar de habitação de Deus. Talvez a referência seja ao Santo dos Santos, onde a presença de Deus se manifestava. Nesse caso a idéia é: "Deus está aqui, conosco!". Ou então a palavra é metafórica, referindo ao templo dos céus, de onde Deus olha para a terra. Cf. Sal. 9.4-6. Deus não é arbitrário ou indiferente.

> *... o Senhor do alto do seu santuário, desde os céus, baixou*
> *vistas à terra, para ouvir o gemido dos cativos, e libertar os*
> *condenados à morte.*
>
> (Salmo 102.19,20)

Cf. o ato de Deus ver tudo, com Sal. 33.13,14. A onipotência é uma virtude divina, assim como a onisciência. Esses dois atributos unem-se quando Deus governa os homens. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Atributos de Deus*.

11.5

O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio. O Deus onipotente, que tudo sabe, "prova os homens", tanto os bons quanto os maus. Deus não é arbitrário em Seus julgamentos. Seu julgamento é certo, mas também é reto e proporcional aos crimes cometidos pelos indivíduos julgados. Mas uma coisa é certa: a Sua alma abomina ao que ama a violência. A própria vida e o ser de Deus voltam-se contra aqueles que prejudicam e matam outros injustamente. Esse tratamento injusto, Deus não deixará passar sem a justa retribuição. Aquilo que os violentos amam, Deus odeia. "Essas palavras relembram a terrível e final destruição que aniquilou Sodoma (Gên. 19.24)" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se de sua aliança com*
> *Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de*
> *Israel, e atentou para a sua condição.*
>
> (Êxodo 2.24,25)

11.6

Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre. Talvez esteja em pauta o que aconteceu a Sodoma e Gomorra, o que mencionei no vs. 5. Isso serviu de exemplo do que pode acontecer quando os homens se esquecem de Deus e distorcem as Suas leis. Deus faz chover brasas de fogo e enxofre sobre os que pervertem a justiça, homens violentos e completamente debochados em seus pecados. O que sucede aqui é muito pior do que aquele feroz vento oriental, o siroco. Antes, o que aconteceu foi um terrível sopro divino contra os ímpios, o qual não pode ser explicado por termos menores que esse. O fogo e a fumaça que aplicam a morte espalham-se por sobre as cidades da planície. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vento Oriental*, o qual é, com freqüência, usado metaforicamente para indicar os julgamentos de Deus. Mas os efeitos do vulcão eram como os do vento, por mais ameaçador que fosse este último. O espírito do versículo pode ser vindicativo, conforme dizem alguns, mas os assédios constantes dos inimigos davam a Israel uma visão pessimista de suas reformas ou de qualquer mudança sem a intervenção da violência, humana ou divina.

> *Elevamos nossa querela à Vontade dos céus,*
> *a qual, quando Ele vê que a hora está madura na terra,*
> *Fará chover uma quente vingança sobre as cabeças dos*
> *ofensores.*
>
> (Shakespeare, *Ricardo II*, 1.2)

11.7

Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça. Yahweh (nome divino que aparece no texto original hebraico) é justo. Por essa razão, Ele espera que os homens sejam justos.

> *Eu sou o Senhor vosso Deus: portanto vós vos consagrareis,*
> *e sereis santos, porque eu sou santo.*
>
> (Levítico 11.44)

Yahweh ama a retidão e recompensa o homem que a pratica. Ele faz brilhar o Seu rosto sobre aquele homem. "Os retos contemplarão o Seu rosto", esta é a promessa da *visão beatífica*. Ver sobre esse tema no *Dicionário*. É possível que, pela visão de Deus, o poeta hebreu indicasse o triunfo da retidão e o reconhecimento da inocência do homem bom. A luz e a paz vêm depois das trevas e das tribulações, conforme se vê em Jó 33.26. Na teologia, entretanto, muito mais do que isso é antecipado.

"Eles amam as coisas que Deus também ama e terão liberdade de acesso à Sua presença e, ali, o aprazimento de Seu favor (ver Sal. 17.15; Gên. 33.10; 43.3,5), ou em uma abordagem especial ao culto do templo, ou no curso geral de vida (Sal. 4.6; 42.4; 89.15-17)" (William R. Taylor). Naturalmente, distante das páginas do Antigo Testamento, temos muito mais da visão beatífica, o que explico no artigo.

Este versículo, pois, contrasta com a maneira pela qual Deus trata os homens profanos.

"Deus ama os que se parecem com Ele. Sua fisionomia (Seu rosto) está sempre aberta e descoberta de nuvens para os retos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Tipicamente, os salmos de lamentações e de clamor por ajuda terminam em alguma elevada nota de triunfo, porque as orações são ouvidas ou porque há uma fé firme de que assim acontecerá. Cf. Sal. 8.9; 9.20 e 10.18, quanto a outros exemplos dessa questão.

Salmo Doze

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro de Salmos.

Este é um dos salmos de lamentações, que inclui um grito pedindo livramento da opressão exercida por inimigos. (Ver o terceiro ponto do tópico *informações gerais* quanto às classes dos salmos.) Esse é o tema principal do livro de Salmos, embora, como é óbvio, haja muitos outros temas importantes. Devemos lembrar que os hebreus do Antigo Testamento viveram tempos de guerras brutais, com destruição quase diária, efetuada contra eles e, com bastante freqüência, impetrada por eles a outrem. Sempre haveria algum inimigo espiando pelos portões. Davi conseguiu confinar ou aniquilar oito nações inimigas, o que comento em II Sam. 10.19. Salomão, pois, teve um tempo de paz e levou Israel à sua época áurea. Mas isso não durou por muito tempo. De fato, a nação de Israel já tinha começado a desintegrar-se no governo de Salomão; após a morte deste, a nação dos hebreus foi dividida em dois reinos, o do norte (Israel) e o do sul (Judá-Benjamim), e em breve mergulharia novamente em grande confusão.

Há uma lamentação especial neste salmo, pois parece que os ímpios tinham tomado conta de tudo, e até os que eram retos haviam abandonado seus caminhos e caído no deboche. Seja como for, o salmista estava amargurado por causa da vitória avassaladora da iniqüidade e da deserção de homens de natureza nobre. Alguns estudiosos pensam que este salmo foi escrito quando Doegue e os zifeus trairam Davi para Saul. Ver I Sam. 22 e 23. Outros eruditos supõem que este salmo não seja de autoria davídica, mas, antes, foi escrito durante o cativeiro babilônico.

Classificação dos Salmos. Quanto a informações detalhadas, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que age como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. Editores, muito tempo depois da composição dos salmos, tentaram atribuir a eles algum autor, e, algumas vezes, identificar circunstâncias históricas que teriam inspirado a composição. Em sua maior parte, eles conjecturaram sobre questões, mas é provável que haja algum material válido nessas introduções.

Este salmo, como a maioria, é endereçado ao mestre do coro e declarado como pertencente a Davi. No hebraico temos a palavra *sheminith*, que nossa versão portuguesa traduz, literalmente, por *oitava*. A mesma palavra aparece no subtítulo do Salmo 6, onde dou informações. Cerca de metade dos 150 salmos é atribuída a Davi, mas por certo isso é um grande exagero. Não há, contudo, razão alguma em duvidarmos de que um bom número dos salmos seja de autêntica autoria davídica.

12.1

Socorro, Senhor! Assim exclamou o salmista, ilustrando a urgência de sua necessidade de ajuda da parte do Senhor. Os ímpios tinham-se apossado de tudo. Se houvesse ainda homens retos, eles eram grandemente dominados pelo número dos injustos e/ou lhes faltava convicção. A sociedade se tornara ímpia. Os mentirosos eram o governo (vs. 2), e a opressão (uma das principais características dos ímpios) era o caminho do dia (vs. 5). Este salmo é um protesto contra os modos lassos de uma geração que pouco valorizava as virtudes comuns da honestidade e da sinceridade na fala e nas atitudes. Por conseguinte, o salmo preocupa-se com certos aspectos de conduta social, que caracterizavam o judaísmo posterior, contra o que fala a literatura de sabedoria. Cf. Sal. 73.4-20; Pro. 6.16-19; 8.6-9; Eclesiástico 4.20-23 e Salmos de Salomão 12.5.

Este salmo é um grito autêntico de *religião deprimida*. O ponto a observar é que esse lamento é, algumas vezes, um clamor desculpável, mas dificilmente totalmente verdadeiro. Deus nunca fica sem testemunha. O que os piedosos com freqüência precisam fazer, em tempos de deboche, é que alguma voz clame a Deus, que algum líder se levante para guiar os poucos que têm sido marginalizados. Naturalmente, somos lembrados acerca de Elias e dos sacerdotes de Baal. Ver I Reis 19.18. Sete mil israelitas que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal permaneciam na nação, o que, sem dúvida, ultrapassava em muito qualquer estimativa que Elias havia feito. Na época em que foi composto o Salmo 12, existia uma geração desprezível que tomara conta da nação, homens vis que se jactavam arrogantemente (vss. 7 e 8), situação que provocou o pedido desesperado por ajuda.

Cf. o clamor do homem que, cansado da vida, não podia mais tolerar a injustiça e considerava suicidar-se.

> *Não há ninguém que seja justo.*
> *A terra foi entregue aos obreiros da iniqüidade.*
> *A morte está diante de mim como o*
> *odor da mirra.*
>
> (Da antiga literatura egípcia)

12.2

Falam com falsidade uns aos outros. Mentirosos, lisonjeadores e enganadores tinham tomado conta de tudo. O coração dúplice era o estilo da época. Os homens nunca falavam o que realmente sentiam. Estavam procurando vantagens pessoais ou propositadamente queriam prejudicar os outros com suas palavras de falsidade. Eles oprimiam com palavras e atos como uma expressão natural de sua depravação (vs. 5). Quanto ao uso apropriado da linguagem, ver as notas expositivas sobre Sal. 10.7, que podem ser usadas para iluminar o versículo atual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

Lábios bajuladores. Literalmente, "lábios suaves". Cf. Sal. 5.9, onde encontramos idêntica expressão e também outros trechos que abusam da linguagem. O homem de "lábios suaves" é um indivíduo sem sinceridade. Ele fala suavemente para agradar os outros, a fim de obter alguma vantagem ou honra, e suas palavras suaves podem prejudicar ou mesmo matar.

Coração fingido. Literalmente, diz o hebraico original, "com coração de diversos tipos", o que aponta para um coração (expressão do ser) que pensa ou faz uma coisa agora, mas algo diferente pouco depois. Cf. os pesos de diferentes tamanhos que podem ser empregados para enganar os que de nada suspeitam (ver Deu. 25.13).

"Um homem sem coração é uma maravilha, mas um homem com dois corações é um monstro" (Thomas Adams).

12.3

Corte o Senhor todos os lábios bajuladores. O Senhor (isto é, Yahweh, o nome de Deus no texto, o Deus eterno) é contra os que falam com bajulação e mentiras. Deus tem um julgamento especial preparado para esses. São orgulhosos os que não dão espaço para Deus em sua vida. Eles serão "cortados", isto é, sofrerão a execução divina. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Ira de Deus.* Na época de composição deste salmo, não havia ainda, na teologia dos hebreus, nenhuma doutrina desenvolvida de retribuição do outro lado da sepultura. Os primeiros sinais dessa doutrina apareceram em Dan. 12.2. Mas foram nos livros apócrifos e pseudepígrafos, escritos no período entre o Antigo e o Novo Testamento, que essas doutrinas se desenvolveram. De fato, as chamas do inferno foram acesas em I Enoque. O Novo Testamento levou avante a doutrina. Portanto, versículos como Sal. 12.3 estão falando de um julgamento temporal, em que a morte prematura era o tipo de julgamento mais temido. Seja como for, Yahweh responde aos orgulhosos, aos que falam suavemente e corrompem a sociedade.

Alguns intérpretes pensam que os vss. 5 e 6 são similares a Isa. 33.10-13, porquanto constituem uma espécie de oráculo dos tempos pós-exílicos. De qualquer maneira, esses versículos parecem ser um oráculo citado de uma época anterior, que pronunciou a condenação sobre os corruptores de massas. Cf. Sal. 105.42; 119.140; 130.3; Heb. 4.12. A *Oxford Annotated Bible* não tenta localizar os versículos na história, mas supõe que eles provavelmente tenham sido proferidos por algum sacerdote do templo ou profeta, sob a forma oracular.

Seja como for, ver a conexão. Os bajuladores logo se transformam em opressores francos, visto que o coração deles fica pútrido. Eles pensam que podem prevalecer através de uma linguagem abusiva e falsa (vs. 4). Se isso falhar, passam a perseguir abertamente os bons. Em contraste, as palavras do Senhor são puras e verazes (vs. 6).

12.4

Pois dizem: Com a língua prevaleceremos. Os que falam com falsidade são orgulhosos (vs. 3) e acreditam não ter nenhum inimigo real. Ninguém prevaleceria contra eles. Estes ignoram a Deus como se Ele não se importasse com o que está acontecendo. Não reconhecem senhores, nem homem, nem Deus. Conseguem contaminar toda a sociedade com sua perversidade. É óbvio que eles ganharam tal força que somente uma intervenção divina pode endireitar as coisas, justamente o objeto de oração do salmista (ver o vs. 1).

12.5

Por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados. Ver as notas expositivas relativas aos vss. 3 e 4, que continuam até os vss. 5 e 6, considerados a citação de algum oráculo que o salmista incorporou em seu hino. A opressão contra os pobres é um tema constante dos salmos. Cf. Sal. 9.18 e 10.2,8. O pobre é o justo perseguido pelo homem rico e maldoso. Naturalmente, a condição de pobreza não torna as pessoas boas e, algumas vezes, dá-se exatamente o contrário. Mas é uma observação verdadeira que o dinheiro torna as pessoas orgulhosas, e elas se tornam opressoras dos pobres. Aqueles que enganam e usam de trapaças (vss. 2 e 3) com freqüência são os que conseguem ajuntar dinheiro e poder. Este salmo queixa-se de que tais homens tinham tomado conta da sociedade. Era difícil, se não mesmo impossível, encontrar uma alma nobre em toda a nação. Portanto, Yahweh levanta-se de Seu trono e prepara Seus temidos raios para projetá-los contra os ímpios. O tempo do julgamento deles é chegado. O homem bom, portanto, será seguramente separado do merecedor do fogo. Aqueles que se tiverem inflamado contra os justos, entretanto, não escaparão de receber vergastadas da parte do Senhor. O hebraico original não é claro, motivo pelo qual alguns estudiosos pensam que Deus é quem sopra, destruindo os ímpios com Seu hálito de fogo. Outros vêem o gentil sopro de Deus refrigerando o homem perseguido, como se fosse uma brisa suave enviada do céu. Outros ainda imaginam o homem piedoso a suspirar por segurança, que somente Yahweh pode dar, abençoando-o naquele lugar.

12.6

As palavras do Senhor são palavras puras. As palavras de Yahweh são boas e refinadas, sem nenhuma falsidade, em contraste com as palavras enganadoras dos ímpios (vss. 2-4). Elas proferem bênçãos para os bons e julgamento condenatório para os perversos, e renderão resultados apropriados para cada caso. A prata era purificada por repetidas passagens pelo fogo, e assim as palavras de Deus são "absolutamente puras e fiéis". A palavra aqui traduzida por "cadinho" é um *hapax legomenon*, uma palavra usada somente uma vez em toda a Bíblia. Neste caso, o seu sentido é disputado. O Targum conjecturou "fornalha" e os eruditos têm seguido essa suposição, por falta de melhor tradução. Seja como for, as palavras são *sem defeito e eficazes.*

Sete vezes. Vezes suficientes para garantir a pureza. Mas sete é, igualmente, o número completo e perfeito, o número divino, sem dúvida selecionado pelo salmista tendo em mente essa idéia metafórica.

> *Puríssima é a tua palavra,*
> *por isso o teu servo a estima.*
>
> (Salmo 119.140)

12.7

Sim, Senhor, tu nos guardarás. Como resposta à oração do homem reto, os poucos justos, em meio a uma sociedade totalmente corrupta e violenta, não

seriam prejudicados, nem espiritual nem fisicamente. Conforme é típico nos salmos de lamentação, que abrigam o clamor dos perseguidos para serem libertados daqueles que os ameaçam, este salmo termina com uma nota *otimista*, declarando com a certeza da ajuda divina. A sociedade corrupta em nada mudará. Isso seria esperar demais. Mas o homem bom será preservado no meio dessa corrupção. A Septuaginta, seguida por algumas traduções, como a Revised Standard Version, repete aqui o pedido do vs. 1, em lugar de afirmar a resposta à oração do salmista.

A corrupção era tão universal (vs. 1) que os ímpios aparecem como o espírito da época, algo do que o Senhor tinha de preservar os piedosos.

> *Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no maligno.*
>
> (I João 5.19)

Os bons não são seus próprios guardadores. Deus tem de protegê-los, guardá-los e fazê-los prosperar, ou essas coisas não poderiam acontecer em uma era ímpia, completamente impregnada de corrupção. Em uma era ímpia, os injustos é que prosperam.

12.8

Por todos os lugares andam os perversos. Os pervertidos andam por toda a parte, como um bando de animais selvagens. Quão parecida é essa situação com as circunstâncias das metrópoles atuais! Diz literalmente o hebraico original: "Vão de um lado para o outro". Mas o que está em vista é o simples desassossego. Eles percorrem todos os lugares procurando vítimas, como os animais que se põem à espreita de suas presas.

Os desregrados buscam suas vítimas sem haver quem os impeça. Há leis, mas eles as desconsideram impunemente. E quando, finalmente, são punidos, isso acontece com tal leniência que eles não são impedidos de prosseguir com a sua violência.

"Eles se exaltaram como deuses, acima de todos os objetos de adoração (II Tes. 2.4), pelo que, por conseguinte, terão de ser humilhados abaixo de todas as coisas, tornando-se mais vis que o barro. Por isso diz Sal. 92.6,7: Sois deuses... Todavia, como homens, morrereis" (Fausset, *in loc.*).

> Quando se multiplicam os justos, o povo se alegra. Quando, porém, domina o perverso, o povo suspira.
>
> (Provérbios 29.2)

Salmo Treze

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todo o livro de Salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro ponto desses comentários discute a classificação dos salmos. O tipo mais comum é o salmo de lamentações, que contém um clamor dos justos para serem livrados dos seus inimigos, usualmente os que ameaçam a segurança do corpo físico. Os salmos foram escritos durante tempos brutais e sanguinários, quando a sobrevivência diária era uma questão entregue às orações, porquanto os homens malignos eram violentos e impiedosos, e faziam vítimas quase todos os dias. Havia aqueles inimigos "externos", como as nações que Israel teve de expulsar da Terra Prometida, mas os remanescentes continuavam pressionando os filhos de Israel. Davi aniquilou ou isolou oito nações (ver II Sam. 10.19), e isso trouxe paz por tempo suficiente para Salomão edificar a época áurea de Israel. Mas em breve as coisas desintegraram-se de novo, e a violência retornou. Foi aí que Israel se tornou também uma nação violenta, pois, quando terminaram os inimigos externos, eles asseguraram que houvesse conflitos internos acompanhados de muito derramamento de sangue. Foi assim que na Terra Prometida jamais houve descanso, e período de paz eram ali exceções.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um dentre os muitos salmos de lamentação. Embora breve, é um peça especial de poesia, como a expressão pungente das emoções de uma alma perturbada. Ele abriga certa simplicidade e beleza e é recomendado na liturgia cristã. João Calvino escolheu-o, juntamente com outros dezessete salmos, para ser musicado e usado para adoração pública, em 1539. Marcus Dods falou de sua natureza estranha. Tal como se dá com quase todos os hinos de lamento, este salmo começa com um apelo desesperado, mas termina com um alto tom de confiança e alegria. A fé precisa ser recompensada, e é exatamente isso que acontece. Os inocentes são libertados. A justiça prevalece.

"Neste salmo Davi tinha confiança plena no amor leal de Yahweh (vs. 5), embora não tivesse obtido livramento imediato da opressão do adversário, inimigo de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. As notas de introdução aos salmos não faziam parte original deles, mas foram produto de editores de tempos subseqüentes. Eles conjecturaram sobre a autoria e, algumas vezes, tentaram identificar circunstâncias históricas sobre as quais as composições poéticas poderiam ter sido fundadas. Temos aqui somente que Davi foi o alegado autor do salmo e que a composição foi dirigida ao mestre do canto. Cerca de metade dos salmos tem sido atribuída a Davi, um claro exagero; mas não há por que duvidar que pelo menos parte dos salmos foi composta por Davi. Além disso, alguns de seus salmos, desde os tempos mais antigos, foram transformados em hinos de louvor e usados no culto do tempo, e, em tempos posteriores, essa função foi conferida a muitos outros salmos. O ministério de música sempre foi importante no culto dos hebreus. Ver I Crô. 25.

13.1,2

Até quando, Senhor? Estes dois versículos apresentam quatro perguntas, cada qual encabeçada pelas palavras *até quando?*.

1. Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre? *A morte é iminente. O inimigo é forte; a batalha não está correndo conforme se esperava; e parece que não há nenhuma ajuda. Uma intervenção divina se faz necessária para impedir a morte prematura, a morte violenta às mãos de um inimigo temido. O versículo não identifica o inimigo, quer se trate de um inimigo pessoal, como Saul, o perseguidor, quer um dos muitos molestadores de Israel.*
2. *Até quando ocultarás de mim o teu rosto?* O pobre homem estava sob perigo iminente e apenas uma intervenção divina poderia impedir a desgraça. Não obstante, Deus (Yahweh, o Deus eterno) mostrava-se indiferente diante da cena, e nada fazia. Ele lembrava o Deus deísta, divorciado de Seu universo, e em nada parecia com o Deus teísta, o qual intervém, recompensando os bons e punindo os maus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo*. "Deus não somente deixou de tomar a iniciativa em favor próprio, mas também parecia indisposto a ouvir os apelos do salmista, porquanto ocultava Seu rosto" (William R. Taylor, *in loc.*).
3. *Até quando estarei eu relutando dentro em minha alma?* (vs. 2). O pobre homem estava sofrendo o máximo de ansiedade e temia perder a própria vida. Mas prosseguiu, dia após dia; seus dias, contudo, estavam contados, e qualquer um deles poderia ser o último de sua vida. Yahweh permitia que ele sofresse a dolorosa antecipação do extermínio, enquanto (aparentemente) olhava em outra direção. Essa total indiferença de Deus deixava o homem desesperado, e a "cada dia" (conforme diz a Septuaginta) ele não encontrava alívio.
4. *Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?* Outro agravante era que, enquanto Deus permanecia distante, o inimigo assassino estava por perto, esperando apenas o momento certo de aplicar o golpe mortífero.

O clamor melancólico é evidente no caso do homem bom, enquanto este continuasse sendo um homem que buscava a Deus. "Vale a pena observar que a amargura expressa no vs. 1 não impediu que o autor recebesse das mãos de Deus experiências que levavam a águas tranqüilas e a cânticos de louvor (vs. 6)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará? Acaso blasfemará o inimigo incessantemente o teu nome?*
>
> (Salmo 74.10)

Cf. também com Sal. 79.5 e 89.46.

"*Até quando*, por quatro vezes, referidos por causa de um profundo abatimento e ansiedade da alma" (Ellicott, *in loc.*).

"Uma *perplexidade da desesperança* foi descrita, na qual o crente agora pensa em um plano, mais tarde em outro e, finalmente, desiste de tudo, como algo sem solução" (Fausset, *in loc.*).

> *Por todos os lugares andam os perversos, quando, entre os filhos dos homens, a vileza é exaltada.*
>
> (Salmo 12.8)

13.3

Atenta para mim, responde-me, Senhor. A ameaça de morte iminente foi a causa da ansiedade do salmista, conforme demonstra o versículo. O homem precisava ter os olhos iluminados, o que possivelmente significa que ele necessitava da "sabedoria divina" para saber como escapar do perigo. Mas alguns eruditos vêem uma restauração de energias vitais conforme requerido pela situação. O

salmista estava fraquíssimo e impotente diante do inimigo, pois sua resistência se encontrava quase no fim. Nesse caso, os olhos têm de representar as energias vitais do corpo físico, ou suas forças, uma metáfora estranha, para dizer a verdade, se é que isso é indicado no versículo. Contudo, talvez William R. Taylor (*in loc.*) esteja correto quando concorda com esse modo de pensar: "Os efeitos das lutas mentais e espirituais sobre o seu corpo estavam registrados no embaçamento dos olhos (cf. Sal. 6.7; 38.10; Lam. 5.17)", o qual prosseguiu para afirmar que certamente não está em pauta aqui uma visão física enfraquecida.

Para que eu não durma o sono da morte. Não haveria luz, pois os olhos semicerrados poderiam fechar-se permanentemente. Está em vista a morte física, e não há esperança expressa acerca de uma existência pós-túmulo, doutrina que não fazia parte da teologia patriarcal e só muito lentamente começou a manifestar-se nos profetas. Essa doutrina foi, essencialmente, um desenvolvimento do período entre o Antigo e o Novo Testamento, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. Naturalmente, fazia séculos que esse era um dos principais temas da filosofia grega e das religiões orientais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*, onde apresento vários artigos sob esse título. O que o salmista temia era uma morte violenta, prematura e insensata, às mãos de homens ímpios, e foi com base nisso que enviou seu pedido urgente a Yahweh.

Cf. Sal. 6.5 e I Sam. 14.27.29.

> *Pois, na morte, não há lembrança de ti;*
> *no sepulcro quem te dará louvor?*
>
> (Salmo 6.5)

Ver as notas expositivas sobre esse versículo que reforçam o que foi dito anteriormente.

13.4

Prevaleci contra ele. A idéia de que o assassino ímpio exultaria sobre a sua morte era intolerável, levando o homem perseguido a clamar ainda mais pela intervenção divina. Que os inimigos de Deus tivessem permissão de regozijar-se porque um homem bom fora executado, era uma situação ridícula demais para ser tolerada.

Vindo eu a vacilar. O versículo prossegue na idéia da morte prematura, violenta e insensata do homem bom. Este confiava em Deus, obedecia à Sua lei e, no entanto, estava abalado diante de tudo quanto acontecia, e fora lançado em uma cova. O homem pensava que receberia uma vida longa porque obedecia à lei, visto ser essa a promessa constante das Escrituras (ver Deu. 5.16; 22.6,7; 25.15). Mas, ao contrário, ele fora completamente abalado e estava condenado a uma morte miserável.

> *Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara*
> *todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida.*
>
> (Salmo 103.3,4)

13.5

No tocante a mim, confio na tua graça. Conforme é comum nos salmos de lamentação que incorporam um grito pedindo socorro, o salmista retorna aqui à esperança e à fé. Ele confiava na misericórdia de Deus.

Quanto ao significado da palavra "confiar" nos salmos, ver as notas expositivas em Sal. 2.12.

A *salvação*, neste caso, não deve ser cristianizada. Não está em pauta a salvação da alma; antes, está em foco o livramento de uma morte insensata, prematura, às mãos de homens ímpios. "O salmista foi um dos muitos homens de fé que, no Antigo Testamento, acreditava no sol, quando a noite estava na maior negridão. O alvorecer justificou a sua fé" (William R. Taylor, *in loc.*).

Teu salvamento. O poeta teve o cuidado de dar o crédito a Deus. Sua situação era desesperadora, além do poder humano de corrigir. Somente uma intervenção divina funcionaria, e ela foi providenciada. Portanto, o livramento era de Deus, e não do homem. A ocasião de desespero foi transformada em regozijo. Quão importante é conseguir uma notável vitória!

13.6

Cantarei ao Senhor. O regozijo (vs. 5) era expresso por meio de cânticos, um modo comum de exprimir júbilo. Note o leitor que Yahweh tanto era o assunto como o objeto dessa feliz canção. O poeta cantou para Deus, e Deus era a essência do cântico. O Senhor havia tratado com ele abundantemente, e sua vida fora salva. Foi-lhe devolvido pleno vigor; ele continuou vivo, com seus propósitos e suas esperanças, aos quais o ímpio assassino poderia ter eliminado para sempre.

"Minhas tristezas eram profundas, de grande direção e opressivas, mas em Teus favores há vida. Um único momento dessa alegria espiritual vale por um ano de tristezas!" (Adam Clarke, *in loc.*, com uma nota expositiva ímpar).

> Sê generoso para com o teu servo, para que eu viva e
> observe a tua palavra.
>
> (Salmo 119.17)

> *Voltar à fortaleza, ó presos de esperança; também hoje vos*
> *anuncio que tudo vos restituirei em dobro.*
>
> (Zacarias 9.12)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. "... tudo o que é generoso e abundante e fornece uma justa ocasião de louvores e ação de graças. Ver Sal. 16.7 e 103.1-5" (John Gill, *in loc.*).

Mediante a fé, o coração é encorajado. Na vitória, o coração prorrompe em uma canção. No cântico, mais fé é gerada, e assim o homem bom caminha de uma vitória a outra. Mas nada disso seria possível se Deus decidisse não intervir nesse caso desesperado.

Salmo Quatorze

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza de todo o livro.

Os Salmos 14 e 53 (ambos de lamentação) são virtualmente iguais; apresento a exposição geral no último deles. Faço aqui apenas alguns comentários adicionais. "Os salmos são idênticos, com a exceção de alguma leve variante textual, mas em sua maior parte o texto está mais preservado no Salmo 53. Uma comparação entre os salmos, particularmente no tocante aos textos de Sal. 14.5,6 e Sal. 53.5, fornece-nos excelente exemplo das mudanças de transmissão textual e evidência do que devemos permitir, em numerosas instâncias, onde não somos favorecidos com o testemunho das duplicatas" (William R. Taylor, *in loc.*). Fausset (*in loc.*), por outra parte, pensa que o Salmo 14 foi uma alteração propositada do Salmo 53, tornando-o útil para a liturgia do santuário de Jerusalém. "Por conseguinte, ele omitiu qualquer elemento, no Salmo 53, que fosse mais apropriado ao uso particular do que ao uso público. Em lugar do nome geral *Elohim*, o Criador, ele introduziu o nome especial *Yahweh*, o cumpridor do pacto com o Seu povo". Esse comentário, entretanto, parece bastante fantasioso, e também menos provável do que simplesmente supor que meras variantes textuais expliquem a diferença. A verdade é que não sabemos por que o nome *Elohim*, no Salmo 53, foi mudado para *Yahweh*, no Salmo 14. O primeiro desses nomes fala sobre o poder de Deus: Ele é o Todo-poderoso. O segundo fala de Sua eternidade: Ele é o Deus eterno.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. O subtítulo do Salmo 53 é mais elaborado do que o do Salmo 14, e convido o leitor a examinar as notas correspondentes. O subtítulo do Salmo 14, por sua vez, é extremamente simples, atribuindo o salmo a Davi e dizendo-nos que a composição foi apresentada ao mestre do canto. Essas anotações de introdução foram providas por editores posteriores e não apareciam originalmente no início dos salmos; usualmente eram meras conjecturas quanto a questões de autoria e circunstâncias históricas que podem ter inspirado as composições.

J. R. P. Sclater oferece-nos outra conjectura sobre a razão pela qual o Salmo 53 foi colocado em outro lugar no saltério: "Os Salmos 14 e 53 são um só. Evidentemente, o salmo original foi inserido em uma coletânea mais antiga e, posteriormente, no saltério elohístico (Salmos 42 a 83). Na primeira versão, o nome *Yahweh* foi usado do começo ao fim. E, na segunda, foi usado o nome divino *Elohim*. Existem pequenas variações, mas os poemas são essencialmente idênticos". Se o raciocínio do dr. Sclater está correto, então o salmo original continha o nome divino *Yahweh*, o qual foi substituído por *Elohim*, no Salmo 53. Se o Salmo 53 é mais primitivo que o Salmo 14, então ao menos em uma particularidade o Salmo 14 está mais em acordo com a composição original, quanto ao nome divino empregado. Então o dr. Sclater estaria correto ao dizer que os Salmos 14 e 53 são cópias de um salmo original, cuja forma exata, nos mínimos detalhes, permanece em dúvida. Em ambos os salmos, porém, estão presentes os elementos essenciais. Duas coletâneas independentes dos salmos

O ATEU TOLO

Diz o insensato no seu coração; Não há Deus! Corrompen-se e praticam abominação; Já não há quem faça o bem.

Salmo 14.1

O *ateu* chega à conclusão de que não há um Deus através de evidências negativas, especialmente a presença e o poder do mal e dos sofrimentos no mundo.

O *ateu prático* acredita teoricamente que existe um Deus, mas conduz sua vida como se Ele não existisse. Este tolo *acredita* como um teísta, mas *age* como um ateu. Todo pecado é um ateísmo prático.

O ATEU UM HOMEM VAZIO

Se pudesse esvaziar-te de ti mesmo. Como uma concha desabitada. Então ele poderia achar-te no leito do oceano e dizer: "Este não está morto", Enchendo-te dele mesmo. Mas estás tão repleto com o teu próprio eu que ele diz: "Este homem é cheio de si mesmo. melhor deixá-lo como está. É tão pequeno e cheio que não há espaço para mim"

T.E. Brown

tinham, cada qual, uma versão do salmo original, pelo que, quando foram reunidos em uma única coletânea (formando o nosso saltério), a duplicação foi preservada e tornou-se evidente.

14.1-7

Conteúdo Geral. "O conteúdo é claro. Nos vss. 1-6, encontramos a condenação dos judeus ateus, tal como já havíamos visto nos Salmos 10 e 12. No vs. 7, que alguns consideram uma edição litúrgica, o escritor respira seus anseios por um dia melhor, quando aqueles que estão cansados diante da impiedade opinam sobre o ateu prático e sua inevitável história de futilidade e temor. Isso recebe *uma forma dramática que é digna de ser notada*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Seja como for, encontramos neste salmo (e em sua versão quase idêntica do Salmo 53) uma denúncia do ateu prático, em suas variações ética e (possivelmente) teórica. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ateísmo*, quanto a um tratamento completo sobre o assunto.

Salmo Quinze

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro ponto das informações gerais descreve as várias classes de composição.

Este é um salmo didático, com o intuito de fornecer instruções espirituais ao leitor. *Provavelmente foi preparado para ser usado no templo como peça da* liturgia dos hebreus. A grande pergunta era: "Quem deve ser admitido à adoração no lugar da adoração, o templo de Jerusalém?". Em outras palavras, está em vista a adoração pública. Ela precisava ser regulamentada. Nem todo homem que se aproximava do tabernáculo (e, posteriormente, do templo) tinha o direito de entrar e participar dos ritos e cerimônias ou do ministério de música. Todas as espécies de leis, tanto as morais quanto as cerimoniais, resguardavam a pureza da adoração. *Instruções baseadas na lei eram necessárias para salvaguardar a questão.* Os vss. 2-5 oferecem as qualidades necessárias, isto é, as qualificações morais. O vs. 5 faz uma declaração simples quanto às recompensas que o indivíduo adequadamente preparado poderia esperar. Ele não havia corrompido o templo.

Este salmo não menciona os requisitos cerimoniais de participação no templo, mas podemos estar certos de que eles nunca foram negligenciados em período algum da história de Israel. A mente dos hebreus não distinguia claramente os *aspectos cerimoniais e morais da lei, conforme fazemos na teologia atual.* Para os hebreus, a lei cerimonial também fazia parte da ética.

"A data pós-exílica deste salmo é demonstrada pelo conhecimento do salmista dos livros de Deuteronômio e Levítico (cf. Deu. 23.20 e Lev. 5.4; 25.26), os quais, para ele, tinham autoridade quase canônica. Além disso, o caráter catequético... do salmo aponta para um período pós-exílico posterior" (William R. Taylor, *in loc.*, cujas idéias sobre a data deste salmo são bastante disputadas).

"Este salmo delineia o caráter sem jaça daquele que estava realmente *apto* a adorar no santuário do Senhor" (Allen P. Ross, *in loc.*). Isso significa que ele teria de se atualizar quanto a ritos, cerimônias, sacrifícios etc. ... da lei cerimonial.

Subtítulo. Nenhuma elaboração é dada pelos editores subseqüentes que prepararam as notas de introdução. O Salmo 15 foi simplesmente atribuído a Davi. As notas de introdução, entretanto, não faziam parte dos salmos originais e usualmente não passavam de conjecturas sobre a autoria e as circunstâncias históricas que possam ter inspirado a composição.

15.1

Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? O assunto tratado aqui não é viver de forma permanente no templo, conforme faziam os sacerdotes, em cabines laterais. O que está em pauta é qual indivíduo poderia chegar ao lugar do culto e ser admitido na adoração santa. Ele precisava ter certas qualificações morais para entrar naquele lugar (vss. 2-5) e receberia um galardão da parte de Deus se estivesse devidamente qualificado e obedecesse às leis (vs. 5). Ver as notas expositivas de introdução acima, quanto a uma elaboração desse tema.

Este salmo explica quem é digno de ser um convidado do Senhor. Em um sentido metafórico, o indivíduo qualificado "reside com o Senhor", de tal forma que, onde estiver, aí estaria o templo, no seu coração. Mas a aplicação específica é aos adoradores no templo.

Habitará. A palavra hebraica correspondente seria mais bem traduzida por "residente temporário", como se fosse um hóspede. Assim é que temos a palavra "tabernáculo" para corresponder a essa idéia, e não a palavra templo, embora o salmo tenha sido escrito definitivamente quando o templo já existia, ou mesmo depois que o primeiro templo havia sido destruído, e o segundo templo já estava construído.

Morar...? Esta palavra, no original hebraico, significa "residir de forma permanente", mas isso era verdade somente em sentido metafórico. O homem bom mora com Deus; esse é seu direito permanente. Talvez a palavra *tabernáculo* tenha sido usada para lembrar ao adorador seu papel de peregrino neste mundo. Mas no tabernáculo de Deus, os adoradores adoram e permanecem, em um sentido figurado.

Santo monte. Onde esteve por algum tempo o tabernáculo e também onde o templo foi mais tarde construído. Somente um homem santo poderia ingressar ali para adorar, e os vss. 2 ss. mostram como um indivíduo qualquer se qualificava.

15.2,3

Qualificações dos Adoradores:

1. *Vive (anda) com integridade.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar, Metáfora do*, quanto a informações detalhadas sobre a questão. De acordo com a teologia hebraica, o andar do homem santo era obedecer à lei de Moisés. Ver sobre o *estatuto eterno* em Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17; 16.29. Quanto à designação tripla da lei, ver Deu. 6.1. Quanto à vida através da lei, ver Deu. 4.1; 5.33 e Eze. 20.1. Quanto a Israel como nação distinta entre as nações, porque tinha a lei, ver Deu. 4.4-8.

> *O que anda em integridade será salvo, mas o perverso em seus caminhos cairá logo.*
>
> (Provérbios 28.18)

Assim é o homem que é o oposto daquele que tem coração dúplice (ver Sal. 12.2).

2. *Pratica a justiça.* Isso aponta positivamente para as boas obras, em consonância com os ditames da lei, especialmente no amor a Deus e ao próximo, a maior de todas as leis (ver Deu. 6.3 ss.). E também fala negativamente, evitando as coisas condenadas pela lei, sobretudo os atos de perversidade contra outros seres humanos. Ver o capítulo 31 de Jó quanto a todas as coisas que o homem justo não faz, o que lhe empresta reputação inculpável. Ver também Jó 30.25 e Mat. 23.23.
3. *Não difama com sua língua.* Já podemos observar (ver Sal. 5.9; 10.7 e 13.19) que o homem bom controla a língua, falando coisas que beneficiam, além de evitar coisas que prejudicam a outros. Se o coração de um homem estiver correto, também estarão corretas as suas palavras.

> *Isto acima de tudo: sê veraz para contigo mesmo.*
> *E seguir-se-á, tal como a noite segue-se ao dia,*
> *Que não poderás ser falso para com qualquer homem.*
>
> (Shakespeare, *Hamlet*)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

> *Faz tudo passar através de três portas de ouro:*
> *As portas estreitas são:*
> *Primeira: É verdade*
> *Em seguida: É necessário. Em sua mente*
> *Fornece uma resposta veraz.*
> *E a próxima é a última e mais estreita:*
> *É gentil?*
> *E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios.*
> *Então poderás relatar o caso, sem temores,*
> *Qual seja o resultado de tuas palavras.*
>
> (Beth Day)

> *Disse-me o Senhor: Uma palavra sem afeto, lançada contra a vítima que odeias, é um dardo abrindo feridas de dores cruéis. A bisbilhotice corta o homem pelas costas. Um ato covarde que não podes retirar. Ódio no teu coração, ou inveja levantando a sua horrível cabeça, é um desejo de ver alguém morto.*
>
> (Russell Champlin, meditando sobre Mat. 5.21,22)

4. *Não faz mal ao próximo.* Isso porque a segunda maior lei da legislação mosaica, na qual todas as outras se cumprem, consiste em amar ao próximo e fazer-lhe o bem (Mat. 22.39; Rom. 13.8 ss.).
5. *Nem lança injúria contra o seu vizinho.* O homem bom não fere o próximo mediante palavras ou atos, nem participa de campanhas de malefícios. Ele mesmo não é detrator nem caluniador, e não participa de maledicências. As

calúnias assacadas pelo homem mau desnuda o homem bom de seu verdadeiro caráter e veste-o de vilanias. Dessa forma, o homem reto é transformado no que não é. Aqueles que se alimentam de calúnia são como as moscas que depositam ovos nojentos nas feridas abertas. O homem bom não encoraja o caluniador, envolvendo um ouvido simpático na sua direção. Antes, vê a questão conforme ela realmente é: um jogo doentio. Por isso mesmo notou Adam Clarke, *in loc.*: "O receptador é tão mau quanto o ladrão".

15.4,5

Continua aqui a lista das qualificações do indivíduo que pode participar corretamente da adoração no templo:

6. *Tem por desprezível ao réprobo.* O homem reto tem senso espiritual suficiente para distinguir entre o homem bom e o mau. Ele conhece a vida do hipócrita que vem ao templo com um rosto de piedade, e um coração imundo. Ele também reconhece quem tem cometido crimes, grandes e pequenos, contra outras pessoas. Não respeita o poder ou o dinheiro desse homem vil, que é uma criatura ímpia, libertina, alguém cujas boas obras são réprobas. E, algumas vezes, esses indivíduos são encontrados em lugares importantes (ver Sal. 12.8 e Dan. 11.21) e grandemente apoiados e estimados pelos homens do mundo. No entanto, para Deus, são uma abominação" (John Gill, *in loc.*).

> *Por todos os lugares andam os perversos, quando entre os filhos dos homens a vileza é exaltada.*
>
> (Salmo 12.8)

7. *Mas honra aos que temem ao Senhor.* Pelo lado positivo, o homem bom é qualificado para adorar no templo, é homem conhecido por seu temor a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, primeiro ponto, *Temores Benéficos*, quanto a detalhes sobre essa virtude fundamental. O homem bom é, ele mesmo, alguém que teme a Deus e honra os dotados de genuína espiritualidade.
8. *O que jura com dano próprio, e não se retrata.* "O homem correto leva a sério seus compromissos solenes, embora as circunstâncias se tenham alterado, desde que ele fez o juramento, para sua desvantagem (ver Lev. 5.4)" (William B. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Juramentos e Votos.* "Uma pessoa reta também guarda os seus juramentos, mesmo que para isso seja prejudicada. E mesmo que ela faça um juramento precipitado, conscientemente guardará a sua palavra" (Allen P. Ross. *in loc.*). Esse texto, naturalmente, não dá margem a juramentos pecaminosos, como aquele de Jefté, um dos juízes de Israel, que causou a morte de sua própria filha. Ver sobre essa história em Juí. 11.29 ss. Aquele homem teria agido corretamente se tivesse encontrado uma alternativa para seu juramento, e até teria satisfeito sua consciência com essa alternativa. Não obstante, continuou com uma vontade de ferro, apesar de ter ficado muito chocado.
9. *O que não empresta o seu dinheiro com usura* (vs. 5). Um hebreu não podia emprestar dinheiro a um irmão hebreu e esperar juros de empréstimo. Ver Êxo. 22.25. Alguns intérpretes garantem que era permitido praticar a usura nos empréstimos a dinheiro, em negócios normais, mas não no caso de um homem necessitado. Aí a misericórdia precisava ser observada, em lugar de sua ganância para enriquecer. Entretanto, conjecturo que Allen P. Ross (*in loc.*) esteja correto, ao afirmar: "Cobrar juros de um colega israelita era algo proibido como quebra da fraternidade (ver Êxo. 22.25; Lev. 25.36)". Sabemos, entretanto, que os hebreus podiam cobrar juros dos povos gentílicos. Taxas de juros, na antiguidade, variavam de 20 a 50%, menos do que a taxa média que se verifica nos negócios de empréstimos de dinheiro em São Paulo! Embora Fausset (*in loc.*) tenha afirmado corretamente que tal versículo não pode aplicar-se às negociações modernas, teríamos de aplicar a lei da moderação. Contudo, a exploração é o nome do jogo no mundo dos negócios, visto que ali a ganância atua como deus. Cf. também o versículo com Deu. 23.30.

Usura. A palavra hebraica correspondente significa "mordida". Por isso, talvez até hoje tenhamos a expressão idiomática moderna "dar uma mordida", para indicar cobranças exageradas.

Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Juros.*

10. *Nem aceita suborno contra o inocente.* Qualquer homem que se deixasse subornar tornava-se impossibilitado de adorar no templo. Nessa questão, por igual modo, ele respeitava a legislação mosaica que proibia esse ato. Ver Êxo. 23.8 e Deu. 27.25. Apesar disso, tais males eram perpetrados e a justiça era corrompida. Ver Pro. 25.18; Isa. 1.23; Eze. 22.13; Amós 2.6 e Luc. 12.57-59.

Conclusão. O homem que fazia todas as coisas listadas nos vss. 2-5 era considerado justo e digno de participar da adoração no templo de Jerusalém. Ele não podia ser arrastado para fora de suas convicções interiores e de sua integridade, e também ninguém podia tirá-lo de seu legítimo lugar de adoração, o templo. O indivíduo capaz de enfrentar esse teste é, realmente, um homem inabalável. Ele é abençoado com segurança e resistirá a qualquer assalto, pois é inabalável como uma rocha (ver Mat. 7.24,25).

Salmo Dezesseis

Quanto a *informações gerais* aplicáveis a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro ponto das informações gerais descreve as várias *classes* dos salmos.

Este salmo é chamado de *salmo de confiança,* juntamente com os Salmos 4, 11, 23, 27, 62 e 131. Quanto a notas expositivas sobre o que significa a palavra *confiança* nos salmos, ver as notas em Sal. 2.12. Os intérpretes diferem quanto à maneira como os salmos devem ser classificados, com seus diferentes títulos e classes mais ou menos determinadas. Além disso, existem salmos que pertencem a mais de uma classe.

Parece que alguns dos *salmos de confiança* surgiram dentre os *salmos de lamentação,* o que sem dúvida ocorre com este salmo. Talvez o grito pedindo ajuda contra inimigos atacantes simplesmente se tenha tornado um grito de confiança, em alguns salmos. Tipicamente, os salmos de lamentação começam com um grito pedindo socorro e terminam com ações de graças pela resposta divina à oração. Assim sendo, um salmista prestes a escrever uma lamentação simplesmente passa por cima da ação de graças. E, finalmente, como é natural, alguns salmos de confiança são expressões de fé e confiança em Yahweh, em termos gerais, inteiramente à parte de qualquer necessidade imediata pela intervenção divina.

"Este salmo é uma celebração da alegria de comunhão que Davi recebeu ao aproximar-se do Senhor, impelido pela fé. Ele pode ter sido escrito quando Davi enfrentava grande perigo no deserto ou a opressão contra o seu governo. Sem importar qual era a ocasião exata, Davi estava convencido de que, por conhecer e confiar no Senhor como sua porção da vida, também podia confiar Nele diante da morte" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que age como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. Não sabemos o que significa a palavra *mictã* (que também aparece nos Salmos 56 a 60); mas uma boa conjectura é "oração" ou "meditação". A Septuaginta, no entanto, traduz essa palavra por "sobre uma *coluna* de Davi", uma inscrição de confiança que foi gravada de maneira permanente em uma pedra, como lembrete. O Targum fala de um "direito de gravação", ou seja, algo que merecia ser gravado em uma peça de bronze, possivelmente. Outros vêem nisso a palavra "ouro" e, finalmente, temos a expressão "um salmo de ouro de Davi". As versões siríaca e árabe ignoram o sentido dessa palavra e falam da *ressurreição de Cristo,* considerando este salmo como messiânico. Pedro e Paulo citam-no nessa conexão. Ver Atos 2.25-31 e 13.35-37. O vs. 10 certamente é uma profecia sobre Cristo. Os salmos usualmente considerados messiânicos são os de número 2, 8, 16, 22 a 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118. Outros salmos provavelmente contêm reflexões messiânicas.

Os *salmos reais* estão intimamente relacionados aos salmos messiânicos e a outros salmos com reflexões messiânicas. Ver os Salmos 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 110, 132 e 144. Ver a seção VII da *Introdução, A Esperança Messiânica.*

16.1

Guarda-me, ó Deus. O salmista confiava que Deus o manteria em segurança. O poeta pode ter assim começado a produzir outro salmo de lamentação (a classificação mais comum), mas em seguida começou a *confiar,* sem ter descrito o perigo no qual se encontrava. Seja como for, este salmo termina como um salmo de *confiança* (ver as notas expositivas sobre Sal. 2.12). Ver as observações de introdução a este salmo, quanto a detalhes sobre a questão.

Este salmo é uma "meditação regada pela oração de que o salmista desfrutava em sua comunhão com Deus. Gunkel classificou-o como um dos *salmos de confiança,* que incluem os Salmos 4, 11, 23, 27, 62 e 131. A característica dominante desses salmos é uma expressão de confiança em Deus como a fonte das mais elevada satisfação da vida" (William R. Taylor, *in loc.*).

Em ti me refugio. A Revised Standard Version diz aqui "em ti confio". Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Sal. 2.12. Os vss. 1-8 oferecem uma espécie de revisão de como o poeta tinha chegado a conhecer e a confiar em Yahweh. O vs. 1 parece sintetizar o salmo inteiro.

> *Guarda a minha alma e livra-me; não seja eu envergonhado, porque em ti me refugio.*
>
> (Salmo 25.20)

Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Salmo 16.10

MORTE, NÃO TE ORGULHES

Morte, não te orgulhes, embora alguns te tenham chamado De poderosa e espantosa, pois não és tal; Pois aqueles que pensas teres vencido, Não morrem, pobre morte; e nem podes matar-me. Do descanso e do sono, que são apenas tuas figuras, Vêm muito prazer; então de ti muito mais deve vir; E logo nossos melhores homens contigo se vão – Mas isso é repouso para seus ossos, e livramento da alma! És escrava da sorte, da chance, de reis e homens desesperados, E habitas com o veneno, a guerra e a enfermidade; Papoula e encantamentos podem fazer-nos dormir também E são melhores que teu golpe. Por que te inchas, pois? Passando um breve sono, e despertamos eternamente, E a morte já não existirá: morte, tu morrerás.

John Donne

NÃO ESTOU EM LUTA CONTRA A MORTE

Não estou em luta contra a morte
Sobre mudanças na forma e no rosto;
Nenhuma vida inferior desta terra
Pode assustar jamais a minha fé.

Um processo eterno tem prosseguimento;
De estado em estado avança o espírito;
Mas isso não passa de cascas despedaçadas
Ou de crisálidas arruinadas de alguém.

Também não culpo a Morte, por ter tirado
Desta terra o uso bom da virtude;
Sei que transplantado em valor humano
Florescerei com proveito, algures.

Só por isso me saciou na Morte,
O laurel que ornará meu coração:
Ela separa de tal modo as nossas vidas
Que não ouvimos mais a voz um do outro.

Alfred Lord Tennyson

16.2

Digo ao Senhor: Tu és o meu Senhor. *A espiritualidade de um homem* não pertence, realmente, a ele. É desenvolvida pelo Ser divino no homem. Portanto, para os judeus, Yahweh era o Senhor: "Não tenho bem à parte de ti" (Revised Standard Version). O significado do original hebraico é incerto, e a Revised Standard Version segue a interpretação de Jerônimo e do Targum dos judeus. Outra idéia é a que diz que a bondade do homem não chega ao nível da bondade divina, pois lhe é inferior (King James Version). E também existem outras idéias, como: "Outro bem não possuo, senão a ti somente" (Atualizada); "além de ti não tenho outro bem" (tradução da Imprensa Bíblica Brasileira); "À parte de ti não tenho outro bem" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o Senhor bem nenhum lhes faltará.*
>
> (Salmo 34.10)

16.3

Quanto aos santos que há na terra. *Além de deleitar-se em Yahweh,* o homem bom também se deleita nos irmãos, homens piedosos. É com eles que o crente comunga e encontra benefício mútuo. Os santos são "nobres" ou "excelentes", e isso por terem sido transformados pelo princípio divino. Contraste o leitor essa declaração com Sal. 1.1, onde os ímpios se deleitam nos *caminhos poluídos* e nas *veredas pecaminosas,* bem como em seus pares. O hebraico deste versículo também é incerto, pelo que os intérpretes tomam certas liberdades para arrancar dele algum sentido. Seja como for, não existe bondade à parte de Deus (vs. 2), que a transmite aos santos; e o poeta encontrava o seu deleite em ambas as manifestações dessa bondade, a celestial e a terrena. Todo indivíduo tem uma sociedade de amigos e conhecidos com a qual se identifica, e podemos determinar muito sobre um homem pelo grupo humano com o qual ele se identifica.

> *Um homem é conhecido pela companhia com a qual mantém comunhão.*
>
> (Provérbio do século XVII)
>
> *Melhor sozinho do que mal acompanhado.*
>
> (Provérbio do século XV)

16.4

Muitas serão as penas. *Contra a Idolatria.* Os indivíduos ímpios são, algumas vezes, religiosos, tendo uma espiritualidade substituta que é contrária ao yahwismo. Alguns preferem "outro deus" a quem prestam lealdade. Nesse caso, eles "multiplicam" suas dores, porque a pesada mão de Deus é contra a idolatria. Os que praticam ritos do paganismo podem esperar tribulação da parte do Verdadeiro Deus, o qual vigia a estupidez deles. Por conseguinte, o homem bom não participará das *libações* nem de outros aspectos do culto idólatra. A *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*) era uma ofensa capital proibida nos Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*). Ver Êxo. 20.3,4 e Deu. 17.2-5. A morte por *apedrejamento* era o método comum de execução dos idólatras. O homem espiritual tem uma lealdade estrita para com Yahweh, e essa lealdade governa seu modo de falar e agir. Contraste o leitor as ameaças constantes neste versículo e as bênçãos prometidas aos justos nos vss. 5 e 6.

As suas libações de sangue. Entre os pagãos, as libações incluíam até sacrifícios humanos, uma das características mais repelentes do paganismo (ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Moleque, Moloque* e *Deuses Falsos*).

A Yahweh eram oferecidas, com exclusividade, *libações de vinho* (ver Núm. 28.7,8 e Êxo. 29.40), embora obviamente houvesse sacrifícios cruentos.

Essas tristezas multiplicadas podem atingir o *corpo físico* (ver Pro. 10.10) ou o *coração* (ver Pro. 15.13).

No parecer do poeta sagrado, tão detestáveis eram os idólatras que ele se recusava até mesmo a proferir seus nomes e os de seus ídolos horríveis, *deuses falsos* nos quais somente os tolos confiam. Isso ocorria em obediência às instruções do Pentateuco. Ver Êxo. 23.13 e cf. Osé. 2.17.

16.5

O Senhor é a porção da minha herança. Em contraste com os idólatras, que corriam atrás de deuses estrangeiros, o salmista achava seu prazer e sua esperança exclusiva no yahwismo. Era ali que ele encontrava sua *porção escolhida* e seu *cálice* de abundância. O poeta refere-se aqui a todas as coisas que lhe eram importantes, e isso compunha a substância e a alegria de sua vida. Parte dessa *porção* era a partilha do homem na terra e nos benefícios por ela produzidos. O *cálice* pode referir-se à prática de passar o cálice de vinho de convidado a convidado, em uma festa de banquete, e isso fala sobre o aprazimento e o destino na comunhão com pessoas associadas. Cf. Mat. 26.27,39. Além disso, encontramos a expressão "tu és o arrimo da minha sorte", o que significa que sua boa sorte não pode ser perdida ou diminuída, porque é Deus quem a garante, para benefício do crente. Está em pauta a participação de um homem no *pacto,* pois é assim que ele se junta aos piedosos, na sua herança. Ver sobre *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18, onde ofereço detalhada nota expositiva. Ver também sobre *Pacto Mosaico,* na introdução a Êxo. 19, e ver sobre *Pacto Palestino,* na introdução a Deu. 29. Ver o artigo geral sobre *Pactos,* no *Dicionário.*

"*Tu, Senhor, és a porção da minha herança.* Isso foi dito em alusão aos sacerdotes levitas, que não tinham herança na terra de Canaã... pois o Senhor era a herança deles (ver Núm. 18.20; Deu. 18.1,2)" (John Gill, *in loc.*).

16.6

Caem-me as divisas em lugares amenos. Temos aqui uma alusão à divisão do território conquistado da Palestina entre as tribos e as famílias de Israel, em que onde cada família e homem tinha a sua porção. Nem todos os que receberam terras ficaram felizes com a localização e os recursos, mas, *metaforicamente,* o texto indica que todos estavam felizes com a herança espiritual no yahwismo. As heranças eram medidas por meio de fios e alocadas pelo lançamento de sortes, que se pensava ser controlado pela vontade de Deus. Por conseguinte, cada tribo e família recebia exatamente o que fora determinado pela vontade divina. Ver a divisão das terras mediante uma linha de medir (Amós 7.17). Ver também Jos. 17.5 e Miq. 2.5. Quanto à distribuição do território por meio de sortes, ver Jos. 14.

É mui linda a minha herança. O autor sacro fala aqui da herança literal do território de Canaã e também de sua herança espiritual na fé dos hebreus. Este versículo tem sido cristianizado para apontar a recompensa de uma pessoa no mundo celeste, ou seja, a herança de Cristo. Ver Rom. 8.16,17. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Herança,* especialmente em sua seção III, *Co-herdeiros com Cristo.* Em I Ped. 5.3, o povo de Deus é chamado de *herança de Deus.*

16.7

Bendito o Senhor, que me aconselha. O *homem bom* também é conduzido pelo Espírito de Deus em sua vida diária. A ele Deus confere sabedoria e iluminação. Tais coisas fazem parte de sua herança espiritual. *À noite* seu coração comunga com Deus, mediante sonhos, visões e experiências intuitivas. Ele se torna um "conhecedor" de Deus porque anda perto do Espírito de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Iluminação* e *Misticismo.* "A noite é um tempo favorável para receber as comunicações divinas. Cf. I Reis 3.5; II Crô. 1.7; Dan. 7.2 e Atos 27.23" (William R. Taylor, *in loc.*).

O meu coração me ensina. Nossa versão portuguesa e outras assim dizem, de modo compatível com uma expressão moderna. Mas o hebraico fala aqui, literalmente, em "rins". Os rins eram tidos, pelos hebreus antigos, como a sede dos afetos e impulsos da vontade. Portanto, no "ser mais interior", à noite, Deus instrui os homens, mostrando-lhes a Sua vontade, inspirando-os a atos de bondade, levando-os ao longo do caminho e ensinando-lhes o certo e o errado. O *remoer* da consciência faz parte de tudo isso, mas por certo muito mais está envolvido, visto que a comunhão com o Ser divino faz parte da questão. "A consciência reverbera a voz de Deus" (Ellicott, *in loc.*), embora essa Voz, em nosso interior, envolva ainda mais que isso.

> *Espírito de Deus, desce sobre meu coração;*
> *Desmama-o da terra, move-Te a cada novo pulsar;*
> *Tolera minha fraqueza, poderoso como Tu és,*
> *e faz-me amar-Te, como devo Te amar.*
>
> (George Croly)

"Os rins e a gordura deviam sempre queimar em sacrifício, para indicar que os mais secretos propósitos e afetos da alma fossem devotados a Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Cesse a malícia dos ímpios, mas estabelece tu o justo; pois sondas a mente e os rins, ó justo Deus.*
>
> (Salmo 7.9)

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Rins.*

16.8

O Senhor, tenho-o sempre à minha presença. *Yahweh* atraía toda a atenção do autor sagrado. Deus era seu Instrutor e Juiz, a fonte de sua espiritualidade

e bênçãos temporais. O salmista estudava a lei do Senhor, para que pudesse conhecer e seguir Suas instruções. Ele sempre tinha Yahweh "perante os seus olhos" e "em seu coração".

"Aquele que tem Deus sempre diante dos olhos recebe um coração tão destemido que até a cruz e os sofrimentos são aceitos com bom ânimo" (Martinho Lutero).

Estando ele à minha direita não serei abalado. Em outras palavras, Deus está na posição de poder e proteção, e torna-se o poder na vida da pessoa, bem como Seu protetor. O poeta sabia que não podia ser abalado. Cf. Sal. 15.5, onde anoto esse pensamento (ver sob o título *Conclusão*). O poeta não deixava *abalar* suas convicções íntimas; ele não era perturbado em sua vida; mostrava-se firme na fé; era protegido de acontecimentos perturbadores e tragédias. Ver Sal. 109.31 e 110.5, *quanto ao Senhor à nossa mão direita.* "*É simplesmente impossível que* aquele que tem Deus sempre à direita sofra qualquer dano real" (Fausset, *in loc.*). O Targum dos judeus fala da glória *shekinah* como perto do homem, pelo que esse homem é invencível. O simbolismo pode ser uma *metáfora militar.* O guerreiro é protegido por seu companheiro e escudeiro.

Não serei abalado. Quanto a notas expositivas completas sobre este conceito, ver Sal. 21.7.

Referências Messiânicas. Os vss. 8-11 deste salmo foram citados por Pedro no dia de Pentecoste (ver Atos 2.25-28), e o Sal. 16.10 foi citado por Paulo em Antioquia (Atos 13.35-37). Ambos aplicaram este salmo à ressurreição de Cristo. Quanto aos salmos considerados messiânicos, ver notas sob *Subtítulo,* na introdução a este salmo. Ver também, na Introdução ao livro de Salmos, seção VII, a parte intitulada *A Esperança Messiânica.*

16.9,10

Alegra-se, pois, o meu coração. Visto que o Senhor era seu protetor, o corpo do poeta repousava seguro, a salvo de todos os ataques. *Livramento da morte* é a referência primária. Mas, de acordo com o *olho profético,* está em vista a ressurreição, a saber, a ressurreição de Jesus, o Cristo. O vs. 10 traz a *alma* para dentro da questão, o que, na época em que este salmo foi escrito, só pode ter significado que o *homem inteiro* seria livrado de uma morte prematura, ou seja, o corpo físico não sofreria decomposição no seio da terra. Mas, aos *olhos do profeta,* a *ressurreição* de Jesus dentre os mortos está em evidência, pelo que o Seu corpo não experimentou corrupção. Portanto, para o poeta e para Jesus, a morte não representava ameaça, porquanto havia uma intervenção divina que anularia toda a possibilidade de dano. Por semelhante modo, "Deus não permitirá que a morte destrua aquela plenitude de comunhão de que os crentes desfrutam com o Senhor (ver II Cor. 5.8; Fil. 1.23). Essa expressão de fé só se tornou possível porque Cristo chegou a conquistar a morte (ver Luc. 24.6) e então ressuscitou para tornar-se o primogênito de todos quantos dormem" (I Cor. 15.20)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O salmista esperava viver todos os anos de vida determinados para ele, evitando morrer violenta e prematuramente e ser entregue ao insaciável monstro *Seol* (ver Isa. 5.14), sempre pronto a devorar os homens (ver Sal. 116.3). Este é o significado primário da declaração do salmista. Portanto, em seu estado original, o *indivíduo piedoso* receberia uma vida longa, porque observava a lei mosaica (ver Deu. 5.16; 22.6,7). Mas, aos *olhos do profeta,* quem está em pauta é o Santo, o Cristo ressurrecto. Sua alma não permaneceu no hades, ao qual desceu para *realizar um ministério de misericórdia (ver* I Ped. 3.18-4.6). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo detalhado chamado *Descida de Cristo ao Hades.* Naturalmente, a palavra hebraica *seol* equivale ao termo grego *hades.* Há artigos detalhados sobre *seol* e sobre *hades,* no *Dicionário* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

A Questão que Resta. Porventura o salmista obteve aqui um vislumbre da imortalidade da alma como o homem imaterial, distinto de seu corpo? Há intérpretes que respondem afirmativamente; e outros respondem com um sonoro "não". Sabemos que a teologia patriarcal não incluía nenhuma doutrina sobre uma alma imortal, nem visão de recompensas e punições para além do sepulcro. Mas nos Salmos e nos Profetas essas doutrinas começaram a aparecer. O maior desenvolvimento dessa doutrina, entretanto, ocorreu nos livros pseudepígrafos e apócrifos, e o Novo Testamento ampliou a idéia. Estou apenas supondo, por conseguinte, que tenhamos aqui um *indício* da imortalidade, mesmo que não haja uma declaração dogmática em seu favor. Naturalmente, na aplicação profética, temos aqui a noção da *Imortalidade.* Ver sobre esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* onde há vários artigos sobre o assunto. Ver também o artigo intitulado *Experiências Perto da Morte,* quanto a uma abordagem científica da questão.

"É quase impossível acreditar que um homem tão religiosamente sensível como este poeta não tenha olhado para além da morte com uma curiosa indagação de esperança. Seja como for, é perfeitamente óbvio que, se o Espírito inspirou os salmos, então estamos livres para entender essas frases amáveis à luz do Deus a quem Cristo revelou... O tema do salmo bem poderia ser 'o fim da viagem': Deus vai à frente e a alma O segue. Deus está ao meu lado, e minha alma está protegida por Seus cuidados. Minha alma está à mão direita de Deus, honrada e tendo recebido liberdade na plenitude de Sua alegria" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Outra indagação, um corolário da primeira questão, é: *até que estágio* já se tinha desenvolvido a doutrina do seol na época em que este salmo foi escrito? Originalmente, o seol apontava somente para a *sepultura.* Em seguida, tornou-se um lugar onde ficavam presos, a vaguear, espíritos sem autoconsciência, algo semelhante aos fantasmas das histórias populares. Posteriormente, concebeu-se o seol como habitado por entidades reais, almas inteligentes. O seol, mais tarde ainda, foi separado em compartimentos para os bons e para os maus. Ato contínuo, o lugar tornou-se uma localização de tormentos. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque, conforme sabem os eruditos. E, finalmente, Jesus, o Cristo, reverteu o terror que ali predominava, com a Sua descida ao hades, a palavra grega correspondente ao seol dos hebreus. Os artigos intitulados *Seol* e *Hades* (sobretudo este último) contam a história desse desenvolvimento. Estou conjecturando que, pelo tempo em que o salmo presente foi escrito, o *seol* se estivesse tornando um lugar de almas genuínas, mas não sabemos até que altura *esse desenvolvimento chegou quando este salmo foi escrito.* O *significado profético* desse vocábulo, contudo, é claro, afinal de contas.

16.11

Tu me farás ver os caminhos da vida. A *vereda da vida* é, no âmbito deste salmo, uma vida próspera e longa, vivida em concordância com os requisitos da lei. Os benefícios são diversas bênçãos divinas, que nos conferem "plenitude de alegria" e "prazeres", alguns físicos, mas, especialmente, espirituais. É como dizia Epicuro: "Os prazeres mentais são superiores aos prazeres físicos". Porém, de acordo com o que a Bíblia diz, há prazeres espirituais que são dados ao homem bom. Dentro do *meio ambiente profético,* encontramos as bênçãos do homem espiritual, o qual participa da vida ressurrecta de Jesus, sendo transformado à Sua imagem, de glória em glória (ver II Cor. 3.18; Rom. 8.29). A partir desse estado, atualmente e entrando nas eras da eternidade, fluem bênçãos divinas com uma alegria acompanhante.

Em lugar da morte, foi conferida *vida abundante,* porquanto os efeitos da morte foram anulados:

> *Onde está, ó morte, a tua vitória?*
> *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*
> *O aguilhão da morte é o pecado,*
> *E a força do pecado é a lei.*
> *Graças a Deus que nos dá a vitória*
> *Por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.*
>
> (I Coríntios 15.55,56)

> *Morte, não te orgulhes, embora alguns te tenham chamado de poderosa e temível, pois não és tal coisa. Pois aqueles sobre quem pensas que tu derrubas, não morrem, ó pobre Morte.*
>
> (John Donne)

Na tua destra. Ou seja, na posição favorecida perto do poder de Deus, a fonte de todas as bênçãos.

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

Cf. Atos 2.33. Na aplicação neotestamentária, estão em vista as bênçãos de Cristo, sendo Ele quem as dispensa. A destra ou mão direita é o lugar de honra, ou seja, a fonte de todas as provisões e benefícios. Cf. Sal. 45.9; Mat. 25.33,34. Da mesma maneira que Cristo está atualmente à mão direita do Pai, também os homens redimidos estarão à mão direita de Cristo. Ver Heb. 1.3.

Salmo Dezessete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro ponto das informações gerais descreve as várias classes dessas composições.

Este é outro salmo de *lamentação*, o tipo mais comum. Caracteristicamente, esses salmos começam com um grito pedindo ajuda contra uma variedade de inimigos, externos e internos, ou do corpo (alguma enfermidade), e então terminam com um tom de fé e louvor, uma vez que a oração da pessoa tenha sido respondida, ou que se espere que será em breve respondida.

Este salmo fala de inimigos externos que ameaçavam a vida física (vss. 10-12). Podiam ser inimigos de guerra, ou inimigos pessoais, dentro do acampamento de Israel. Mas o vs. 1 parece fazer desses adversários os que levantaram falsas acusações contra o poeta, e isso apontaria para inimigos internos. O salmista leva sua causa a Deus, para ser decidida no templo (vs. 2). Ele pleiteava por vindicação (cf. I Reis 8.31,32). *Talvez algum oráculo tenha dado a resposta e a vindicação.* Como todos os salmos de lamentação, este lança luz sobre a violência e a traição dos tempos em que a sobrevivência diária diante da morte era um desafio constante. Tornava-se necessário uma *intervenção divina* para salvar os piedosos da destruição nas mãos de homens cruéis e desarrazoados.

Classificações dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que age como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes de salmos e listo os que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. Temos aqui uma simples "oração de Davi". Editores posteriores supriram as notas expositivas de introdução aos salmos. Elas *não faziam parte* das composições originais e usualmente são apenas conjecturas quanto à autoria e às possíveis condições históricas que inspiraram as composições. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, sem dúvida um exagero. Mas pelo menos parte disso pertence a ele, embora seja bastante difícil afirmar o número exato.

Três salmos têm o simples subtítulo de "uma oração de Davi": os de números 17, 86 e 142. A importância da oração é assim enfatizada. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Oração.* Alguns estudiosos vêem I Sam. 23.26 e 24.11 como indicações das circunstâncias históricas de Davi, seu desespero e então a defesa de sua integridade. Mas essas coisas são apenas conjecturas, sem nenhuma evidência real.

17.1

Ouve, Senhor, a causa justa. Davi (ou algum outro poeta) tinha ciência da própria integridade, ameaçada então por um ou mais inimigos que apresentavam falsas acusações contra ele. A *gravidade do caso evidencia-se* pelo desesperado grito do poema. O poeta precisava de livramento da opressão que poderia terminar em sua execução, legal ou ilegalmente. O vs. 1 é um apelo, e o vs. 2 é uma petição. A urgência do clamor é provada pelo *tríplice chamamento.* "Ouve... atende ao meu clamor... dá ouvidos". A oração foi uma petição em altos brados, e não um apelo silencioso, dito no coração.

"O escritor deste salmo dramático foi, como é claro, um judeu piedoso, que observava a lei e os caminhos dos seus antepassados e, por conseqüência, tinha atraído a hostilidade ativa dos judeus mundanos. Assim sendo, ele se tornou o representante da classe de homens que, desdenhando de seguir a manada e sem medo de expressar seus pensamentos, encontram-se em perigo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Alguns fazem deste texto um salmo messiânico, e o clamor seria o do Justo Jesus perante Seus perseguidores (ver I Ped. 2.23). Mas a maioria dos estudiosos não classifica assim este salmo. Ver a introdução ao salmo anterior, sob *Subtítulo,* quanto a uma lista de salmos considerados messiânicos, bem como de *salmos reais* intimamente relacionados aos salmos messiânicos.

17.2

Baixe de tua presença o julgamento a meu respeito. *A vindicação* era o principal objeto desta oração. O caso seria julgado. Falsas acusações se seguiriam. Deus precisou intervir para salvar o pobre homem de sofrer injustamente, talvez até de ser executado. Uma decisão justa só poderia descer da parte de Deus, e talvez tenha chegado mediante um oráculo no templo (vs. 2; cf. Sal. 61.5). Na *presença* de Deus, no Santo dos Santos, o homem justo goza de segurança, e uma oração proferida com a pessoa voltada para aquele lugar, *embora ela não pudesse entrar ali, seria eficaz.*

"Que a minha causa seja testada diante do Teu tribunal, onde o julgamento certamente obterá o sucesso, visto que sou inocente e Tu és justo" (Ellicott, *in loc.*). O olho divino, que vê todas as coisas, não teria dúvidas sobre o decreto final.

17.3

Sondas-me o coração. A *integridade do autor sagrado* foi divinamente *confirmada.* Ele não carecia de uma decisão de tribunal para deixar isso claro, embora, aparentemente, estivesse sendo forçado a isso. Deus já o havia julgado e o considerara inocente de todas as acusações, mas homens ímpios não estão interessados em coisas como essa. Pois os piedosos intervêm em seus caminhos e impedem suas operações ímpias. Nos *períodos noturnos,* quando os sonhos e a meditação examinavam a vida do salmista e sua conduta, a sentença era dada. A presença divina fez-se presente para guiar os sonhos e as intuições. O poeta sabia, em tais momentos de sóbria tranqüilidade, que não era culpado do que seus inimigos diziam. "... à noite, quando a alma está especialmente aberta para o escrutínio divino (cf. Sal. 16.7)" (William R. Taylor, *in loc.*). Os estudos sobre sonhos têm demonstrado, além de qualquer sombra de dúvida, que os sonhos são nosso juiz e nosso corpo de jurados, *se* tivermos aprendido a interpretá-los. É verdade que alguns sonhos são apenas *cumprimento da vontade,* conforme afirmava Freud, mas muitos deles são *exames* morais e espirituais de nossa vida. São uma herança espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sonhos.*

> *Tens testado o meu coração.*
> *Tens-me visitado durante a noite.*
> *Não tens encontrado malícia em mim.*
> *Minha boca não tem transgredido.*
> *A malícia não se manifesta em meus lábios.*

O poeta sacro não havia ofendido em pensamento, palavra ou ação. Ver Sal. 12.2, quanto a comentários sobre o uso apropriado da linguagem, e ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

Note o leitor as palavras de teste: "sondas-me", "provas-me". A *natureza completa* do exame divino é assim enfatizada.

17.4

Quanto às ações dos homens. Deus confirmara que o poeta sagrado tinha *evitado* as veredas dos ímpios. Ver Sal. 1.2, quanto a uma elaboração desse pensamento. O autor falava aqui de ladrões e assassinos, e não meramente de pecadores comuns. Cf. Eze. 7.22; 18.10; Jer. 7.11. Este versículo chama-os de *violentos.* Enquanto estes percorriam veredas de destruição, o poeta sagrado tinha certeza de caminhar exclusivamente pelos caminhos abençoados de Deus (vs. 5). Cf. Jó 31.33 e Osé. 6.7.

"... ele identificava os ímpios, evitava-os e, como um príncipe fiel, proibia seus súditos de tornar-se companheiros dos ímpios, restringindo os bondosos de seguir maus exemplos; antes, ele fizera da Palavra de Deus a regra de sua conduta" (John Gill, *in loc.*).

17.5

Os meus passos se afizeram às tuas veredas. Os passos do poeta foram fixados nos caminhos de Deus mediante o poder do Ser divino. Ele não era um homem quaiquer. Era dotado de uma espiritualidade superior e derivava seu poder da Fonte de toda bondade. Por essa razão, seus pés não *escorregavam.* Ele não era culpado de ofensas e equívocos. Andava com segurança pelo caminho da retidão. Ele era um homem *constantemente* espiritual, e não apenas ocasionalmente espiritual. Naturalmente, entendemos que o poeta era bem versado na lei mosaica; conhecia o seu conteúdo e mostrava-se seguidor consciencioso *dos preceitos, com fiel rigidez. Era a lei de Moisés que dava a Israel sua característica mais distintiva* (ver Deu. 4.4-8). Mas os ímpios não se importavam com essa espécie de distinção. O que distinguia os ímpios eram o deboche e a violência.

Cf. Sal. 73.2 e Jer. 10.23. Ver também Isa. 42.1.

> *Quanto a mim, tu me susténs na minha integridade, e me pões à tua presença para sempre.*
>
> (Salmo 41.12)

Os homens podem ocasionalmente andar nos caminhos do Ser divino; mas, sem a ajuda divina, eles não podem conseguir isso *constantemente,* conforme demonstra abundantemente a experiência humana.

17.6

Eu te invoco, ó Deus. O homem perseguido invoca a Deus, sua única esperança, aguardando uma resposta e uma intervenção que o vindicaria das acusações contra ele assacadas. Ele acreditava que Deus intervinha na vida humana (*teísmo,* ver no *Dicionário*). Ele não acreditava que os homens estavam abandonados às suas próprias forças e recursos. Existem os recursos divinos. E ele agora apelava para esse fator. Tinha confiança na oração e utilizava-se dela com entusiasmo. O "eu" inicial dessa frase é enfático. O salmista se contrastava com aqueles *homens violentos,* que só queriam prejudicá-lo. Ver o vs. 4. Este versículo é uma espécie de renovação do pedido, um fortalecimento, porquanto agora o poeta sacro declararia petições específicas. Os elementos dessa petição estendem-se do vs. 7 ao vs. 14, e então o vs. 15 fornece a esperançosa conclusão de toda a questão.

17.7

Mostra as maravilhas da tua bondade.

1. A *expectação do poeta* encontra um objeto na "bondade" de Deus ("amor constante", Revised Standard Version). Há maravilhas nesse amor, do qual o solicitador carecia naquela hora de crise. Do grande acúmulo do amor e da bondade celeste, o poeta extrairia tudo de que precisava para reverter a situação, prosseguindo em paz e prosperidade. "Sua oração estava baseada no amor leal de Deus por ele" (Allen P. Ross, *in loc.*).
2. Deus é um Salvador cuja poderosa *mão direita* agiria em favor do homem bom. A mão direita é um lugar de honra quando alguém está "próximo de Yahweh", mas é também um agente de poder para efetuar o que é certo e fazer o que está *além da capacidade do indivíduo.* Note o leitor o nome divino no versículo anterior: *Elohim. El* (um nome semita comum para Deus) significa "o Poder". Por conseguinte, o poeta convocou esse elevadíssimo poder para ajudá-lo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Ver também o artigo intitulado *Providência de Deus.* "... mão direita... poder irresistível" (Fausset, *in loc.*).
3. Aqueles que recebiam *favores* do poder divino tinham de *confiar* Nele. Ver Sal. 2.12 e suas notas expositivas quanto ao significado da palavra *confiança* nos Salmos. Confiar é crer, mas também aponta para o ato de agir. Sobre bases veterotestamentárias, consiste em obedecer à lei para obter o favor divino. Deus responde às orações daqueles que Nele confiam, porquanto eles se acham no "terreno da oração".
4. O homem bom é *defendido* das astúcias dos homens ímpios, violentos e réprobos, e era disso que o poeta mais precisava naquela hora. Os *adversários* teriam de chegar ao fim. Eles se mostravam ousados e cruéis. Já haviam feito muitas vítimas inocentes.

17.8

Guarda-me como a menina dos olhos.

5. São recomendadas aqui *proteção especial* e *bênção.* Deus é solicitado a cuidar do homem bom como ao "homenzinho de Seus olhos" (conforme diz, literalmente, o original hebraico), com base no fato de que a pupila reflete o que vê e dá ao indivíduo a imagem daquilo que contempla. A idéia é que os *olhos divinos* continuam olhando para o homem bom com favor, refletindo a sua imagem. Nesse olhar há cuidado e proteção, tudo baseado no *amor constante* sobre o qual repousam as bênçãos divinas (vs. 7). A palavra *menina* (que aparece em nossa versão portuguesa) mostra que a imagem do homem contemplado é reduzida a uma pequena imagem, como se fosse uma criança refletida na pupila dos olhos. Está em foco o *olhar divino*, aquilo que vê e protege o homem bom. Este é o *objeto* da contemplação divina, e nele Deus se deleita, porquanto ama aquilo que vê.

> *... rodeou-o e cuidou dele,*
> *guardou-o como a menina dos seus olhos.*
>
> (Deuteronômio 32.10)

6. É-nos dada outra metáfora que fala em *proteção;* mas vemos amor nessa espécie de salvaguarda. Muitas espécies de aves recolhem os filhotes *debaixo de suas asas,* a fim de prover-lhes segurança, e podemos presumir que até um pássaro sente alguma espécie de amor nesse momento. Talvez as asas dos querubins que se estendiam por sobre a arca, no Santo dos Santos, tenha inspirado esta metáfora. O deus-sol do Egito era pintado com asas estendidas, em um gesto de proteção. Além disso, temos a *águia*-mãe, que também deve ter provido inspiração para esta metáfora. Ver o uso que Jesus fez desta figura simbólica, em Mat. 23.37. Ver também Sal. 36.7; 57.1; 61.4; 63.7; 91.4.

> *Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhos, estendendo as suas asas, e, tomando-os, os leva sobre elas, assim só o Senhor o guiou.*
>
> (Deuteronômio 32.11,12)

17.9

Dos perversos que me oprimem.

7. *Proteção e livramento* são assim providos, diante de inimigos mortíferos, a saber, aqueles que cercam um homem bom, como se ele fosse uma presa a ser morta. Esta é uma metáfora extraída da ação de caçadores que se espalham por todo o largo trecho de terreno e apertam o veado, por todos os lados, limitando-o a uma pequena circunferência. Em seguida, o veado é forçado a entrar nas redes e armadilhas colocadas dentro de uma área restrita. Ato contínuo, há as terríveis flechas que matam o impotente animal. Ou a alusão pode ser a um pobre soldado apanhado em emboscada ou que fica no centro do fogo cruzado do inimigo. Tal soldado enfrenta morte certa. Somente Deus pode salvar a sua vida.

17.10

Insensíveis cerram o coração.

8. *Os ímpios prosperam e ficam nédios* (símbolo de superabundância e lazer). O hebraico diz, literalmente, "a gordura deles se fechou", ou seja, "eles se cobriram inteiramente de gordura, isto é, com uma capa espiritual" (Fausset, *in loc.*). Existe aquela obesidade espiritual dos pecadores orgulhosos, que ficam à vontade à custa dos bons. Ver Deu. 32.15; Jó 15.27; Sal. 73.7; e 119.70.

> *Engordou-se, engrossou-se, ficou nédio, e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha da sua salvação.*
>
> (Deuteronômio 32.15)

Os gordos são geralmente orgulhosos e arrogantes, e assim abusam de sua faculdade da fala. Ver Sal. 12.2 e 17.3, quanto ao uso apropriado da linguagem. Homens ímpios são cruéis e zombam de suas vítimas. Não respeitam nem a Deus nem aos homens. A boca deles está repleta de maldições e amargura, como o veneno de serpentes (Rom. 3.13; Sal. 140.3).

17.11,12

Andam agora cercando os nossos passos. O *leão,* como se fosse um caçador, observa a sua vítima, cerca-a, por assim dizer, e ataca-a para matá-la. O leão "segue" o homem (conforme diz a Revised Standard Version). Cobiçoso e faminto (vs. 12), esse animal anseia por derramar o sangue de sua vítima inocente e por esmagar os seus ossos. O leão persegue *incansavelmente* a sua presa. Cf. Sal. 7.2, onde ofereço amplas notas expositivas sobre esta metáfora. A *metáfora do leão* fala de um poder superior e cruel que põe fim doloroso a algum poder que lhe é inferior e não consegue resistir aos seus ataques. Além disso, há aquele elemento de perseguição, bem como a *incapacidade* da vítima de livrar-se. Por conseguinte, o poder de Deus tem de estar presente para livrar a vítima. O poeta sagrado precisava da intervenção divina contra uma força superior, cujo propósito era matar. Animais selvagens eram abundantes na Palestina antiga, e vários deles eram matadores temíveis, como o urso e o leão. O gado sempre sofria diante deles, e muitas pessoas eram mortas. Tal como o leão, os indivíduos ímpios não têm piedade; são brutais, irracionais, e cuidam somente dos próprios interesses. As pessoas são vistas por eles como *vítimas,* e não como outros seres humanos.

Os leões ocultam-se em *lugares secretos,* de onde saltam repentinamente a fim de matar. Um leão velho é temível, mas os *leões jovens* são ainda piores. Homens ímpios, por igual modo, encontram todas as maneiras de ferir a outros. Cf. Jó 22.14 e Lam. 3.44.

17.13

Levanta-te, Senhor, defronta-os, arrasa-os. *Está em foco a vingança por meios violentos,* diretamente da parte de Deus ou através de algum intermediário humano.

A expectação do assassino é matar, e podemos ter certeza, conforme alguns afirmam, que os assassinos *gostam* de matar. Portanto, a esperança de matar, se não tiver cumprimento, gera *desapontamento,* conforme declara o poeta. No caso dele, somente Deus poderia assegurar que o atacante saísse desapontado. Antes que o assassino pudesse matar, como implorou o salmista, que Deus "o derrubasse com a Sua espada", conforme diz a Revised Standard Version, seguida de perto pela nossa versão portuguesa. O atacante ímpio seria, de repente, cortado em dois pela espada divina, e esse seria o seu fim. E assim o atacante sairia tão surpreendido quanto desapontado, ao mesmo tempo que a *vida* do indivíduo inocente seria livrada de todas as suas tribulações. "A petição final do salmo (vss. 13 e 14) é uma oração apaixonada pedindo *vingança"* (William R. Taylor, *in loc.*). "Que a tua mão lhes tire a vida, que ela os despache para fora do mundo, da porção deles entre os vivos" (A. E. Cowley, com uma paráfrase). O poeta esperava que houvesse violenta derrubada de seus inimigos. Os tiranos só compreendem a violência, e, algumas vezes, a violência é mesmo o único remédio. A ira de Deus pode operar diretamente através de alguma praga divina. Mais freqüentemente, é efetuada através de instrumentos humanos.

> *Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor. Envio-o contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação.*
>
> (Isaías 10.5,6)

17.14

Com a tua mão, Senhor.

9. A *morte prematura* foi solicitada aos ímpios, embora seus filhos pudessem escapar e até prosperar.

Homens ímpios têm sua "porção" (ou herança) somente neste mundo, em contraste com os piedosos (ver Sal. 16.5). Ao serem cortados prematuramente, porém, eles perdem até isso, mas seus filhos podem prosseguir e prosperar. O ventre dos ímpios será cheio de sua prosperidade, mas isso não os ajudará quando a morte os atingir subitamente. Mas eles, passando as riquezas aos filhos, garantem assim o bem-estar de sua prole. Alguns intérpretes, pensando ser estranho esse pedido da parte de um homem que orava por vingança, supõem que os filhos, neste caso, sejam dos indivíduos justos. O homem justo, libertado de homens violentos, prosseguiria para a prosperidade, assim como seus filhos. Mas isso parece requerer uma repentina guinada de pensamento no meio de uma frase. Além do mais, há ainda outra interpretação, que diz que os "ventres serão cheios" de violência e perda, algo ironicamente mencionado; e então essa mesma fórmula, "o enchimento com o mal" passaria de geração em geração, nas famílias dos ímpios. Este sentido concorda com o horrendo pedido feito pelo salmista, mas não há certeza se esse é o sentido da frase.

Seja como for, é indiscutível que o ímpio tem sua porção somente nesta vida, e nada restará se houver uma existência pós-túmulo. Portanto, este versículo pode dar a entender que a porção dos justos perdura para além do sepulcro, embora esse ensino, por mais precioso que seja, não fique claro na presente passagem.

Adam Clarke oferece-nos outra explicação sobre este versículo. É um *fato,* embora *indesejável,* que os ímpios deixam seus bens materiais aos filhos, os quais, com toda a probabilidade, prosseguirão nos caminhos pecaminosos dos pais. Por isso, o poeta sacro registrou uma *queixa* que acontece com freqüência. A despeito disso, ele queria que os *ofensores originais* fossem cortados de modo violento. Deus pode cuidar desses filhos, em Sua justiça, numa ocasião futura. Talvez esses filhos ajam corretamente, talvez não. Provavelmente, não.

17.15

Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face. *Conclusão.* Conforme usualmente acontece com os salmos de lamentação, as observações finais infundem esperança. Se seguirmos aqui a *King James Version*, então temos uma esperança verdadeiramente esplêndida, mas a Revised Standard Version apresenta uma distorção diferente. O versículo parece transferir-nos para o terreno do Novo Testamento. O homem piedoso despertará do sepulcro e contemplará a face de Deus, a visão beatífica! Não somente isso, mas também assumirá a semelhança (a forma) de Deus. Essas doutrinas são encontradas em versículos neotestamentários como Rom. 8.29; II Cor. 3.18 e I João 3.2. Este versículo, se é que tem mesmo este significado, é, para todos os efeitos práticos, um versículo gêmeo de I João 3.2, que diz:

> *Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é.*

Quanto a esses ensinos, ver os artigos da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* denominados *Transformação segundo a Imagem de Cristo* e *Visão Beatífica.* Mediante essas doutrinas, o crente chega a participar da natureza divina, um conceito ousadíssimo, e também nossa mais excelente verdade espiritual. Temos a natureza divina de maneira finita, para dizermos a verdade, mas uma natureza divina *real* e *sempre crescente,* por toda a eternidade. Ver sobre os versículos acima mencionados no *Novo Testamento Interpretado.* A glorificação, por conseguinte, é um processo eterno, e não um acontecimento único, com resultados fixos. Esse é o tipo de programa que deveríamos esperar do Deus para o qual a estagnação é impossível.

É possível, porém, que a King James Version e outras versões tenham cristianizado este versículo. A Revised Standard Version diz: "Contemplarei tua face em retidão; quando eu despertar, ficarei satisfeito ao contemplar a tua forma". Isso só pode significar que o poeta, como adorador no templo de Jerusalém, entraria em contato com a presença de Deus de uma maneira incomum, e, nesse caso, estaria olhando para "além", para uma vida futura. Talvez "ver a Deus" signifique apenas uma notável *bênção espiritual* para o homem que foi salvo da morte prematura pela intervenção divina. Deus sorrirá então para ele? O poeta passaria por sua "noite de testes". Depois dessa noite, haveria um *novo dia* (enquanto o salmista ainda vivesse) e, nesse novo dia, uma bênção especial acompanharia o seu caminho. O salmista assim usufruiria de "uma relação mais íntima com Deus". Cf. Sal. 11.7 e Núm. 12.8.

"O salmista não estava antecipando a morte, ou o despertar da ressurreição, depois de haver morrido. Pelo contrário, contrastava a destruição dos ímpios (que vivem sem Deus) com *a sua própria* vida, que era vivida na graça de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*). Esse intérprete provavelmente capturou o sentido do versículo, e podemos lamentar que a visão do poeta sacro não tenha sido uma previsão da mais elevada doutrina do Novo Testamento. Estas palavras são uma excelente descrição do que um ser humano pode esperar na presença de Deus, mas ficou ao Novo Testamento a tarefa de apreender essa verdade superior. Como é apenas natural, intérpretes judeus posteriores usaram este versículo como texto de prova em favor da ressurreição, e os intérpretes cristãos o têm chamado de *messiânico.* Calculo que ambas as interpretações sejam exageros do sentido tencionado, embora tais palavras por certo nos façam lembrar doutrinas superiores.

Salmo Dezoito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, *onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro* ponto das informações gerais descrevem as *classes* dessas composições poéticas.

Este é um salmo de *ação de graças.* Usualmente esses salmos consistem no ato de agradecer pelo livramento das mãos de inimigos, o que certamente é verdadeiro neste caso.

II Samuel 22 e o Salmo 18 são essencialmente idênticos, e ofereço a exposição na passagem de II Samuel. A seguir, adiciono apenas alguns poucos detalhes, incluindo estes pontos: *diferenças* nas duas versões do hino de ação de graças; *paralelos,* onde identifico os versículos, em II Sam. 22, paralelos de cada versículo deste salmo; e, finalmente, algumas *adições ilustrativas.*

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que age como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Subtítulos. A passagem de II Sam. 22.1 é idêntica ao subtítulo do Salmo 18. Tais adições de introdução não faziam parte dos salmos originais, mas foram compiladas por editores subseqüentes que tentaram identificar os autores dos salmos, e também os ambientes históricos que podem ter inspirado tais composições poéticas. A maior parte do material assim provido é apenas fruto de conjecturas, embora ocasionalmente forneça algo válido. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, o que certamente é um exagero, mas pelo menos parte disso é, realmente, de autoria davídica.

Os *eruditos disputam* sobre qual das duas versões deste salmo é a original. Teria o compilador do saltério porventura incluído um poema escrito originalmente como parte de II Samuel, ou o autor de Samuel teria tomado um salmo por empréstimo para ilustrar a sua história? Talvez a segunda idéia seja a correta. Entretanto, é possível que o hino original tenha surgido independentemente de ambos os livros, e tenha sido copiado pelos dois autores, que o incluíram, cada qual, em seus respectivos livros. Seja como for, houve um poema original que foi modificado na cópia, pelo que as duas versões contêm poucas e notáveis diferenças. Alguns estudiosos sugerem que tenham sido feitas mudanças no poema, quando este foi introduzido no saltério, tornando-o mais apropriado a propósitos litúrgicos.

18.1

Eu te amo, ó Senhor. *Este comentário de introdução* ao Salmo não está presente em II Samuel 22. O amor a Deus é o principal mandamento do Decálogo, bem como um princípio orientador de todos os atos. Ver Deu. 6.5. Jesus aproveitou o mesmo tema, e com idêntica ênfase (ver Mat. 22.37). Em seguida, o apóstolo Paulo reconheceu plenamente a validade da doutrina e fez do amor ao próximo a essência da lei (ver Rom. 13.8-10). O apóstolo João mostrou que o amor é a essência da espiritualidade, bem como a prova do novo nascimento (ver I João 4.7 ss.). No artigo do *Dicionário,* chamado *Amor,* dou detalhes completos a respeito do maior de todos os princípios espirituais e forneço poesia ilustrativa.

> *O oposto da injustiça não é a justiça — é o amor.*
>
> *Pois limites de pedra não podem conter o amor, e o que o amor pode fazer, isso ele ousa tentar.*
>
> (Shakespeare, *Romeu e Julieta*)

As duas grandes colunas da espiritualidade são o *amor* e o *conhecimento.*

Força minha. Através do poder e da força de Deus, Davi foi libertado de todos os seus inimigos. "Isso faz soar a nota-chave do poema. O Deus forte e poderoso é objeto do pensamento de Davi, do começo ao fim. É o cântico de um guerreiro, e seu conceito de Yahweh é o conceito de um guerreiro" (Ellicott, *in loc.*). Somente pela *força* do Senhor, Davi foi capaz de derrotar os *oito* inimigos de Israel, aniquilando-os ou confinando-os. Ver sobre isso em II Sam. 10.19. A força se faz necessária para evitar o mal e fazer o bem, conforme Adam Clarke, *in loc.*, nos relembrou.

A minha mão será firme com ele,
o meu braço o fortalecerá.
O inimigo jamais o surpreenderá.

(Salmo 89.21,22)

18.2

O Senhor é a minha rocha. Este versículo (em sua primeira parte) é idêntico a II Sam. 22.2, onde são oferecidas notas expositivas.

A divisão dos versículos é, em alguns pontos, diferente na versão dos Salmos e de II Samuel, pelo que o vs. 2 deste salmo incorpora dois versículos de II Samuel 22.

A segunda parte do versículo é paralela a II Sam. 22.3, mas o paralelo tem uma pequena adição no fim: "Ó Deus, da violência tu me salvas".

18.3

Invoco o Senhor, digno de ser louvado. Este versículo é paralelo a II Sam. 22.4, onde ofereço a exposição.

18.4

Laços de morte me cercaram. Este versículo é quase idêntico a II Sam. 22.5, onde ofereço as notas expositivas e anoto as diferenças.

18.5

Cadeias infernais me cingiram. Este versículo é idêntico a II Sam. 22.6. Ver as notas expositivas *ali*.

18.6

Na minha angústia invoquei o Senhor. Este versículo é idêntico a II Sam. 22.7, onde ofereço as notas expositivas.

18.7

Então a terra se abalou e tremeu. Este versículo é essencialmente igual a II Sam. 22.8, com alguma leve diferença de expressão. Anoto as diferenças nas notas sobre o original.

18.8

Das suas narinas subiu fumaça. Este versículo é quase igual ao trecho paralelo de II Sam. 22.9, embora ali tenhamos uma pequena adição, que diz: "Dele saíram carvões, em chama". É provável que essas adições tenham sido feitas pelos editores, que incorporaram aos hinos para ilustrar as vitórias de Davi sobre os inimigos. Também é provável que o poema original não apresentasse as grandes diferenças que II Samuel 22 contém. A versão dos salmos provavelmente está mais próxima ao poema original, ou talvez seja mesmo o original. Mas a versão do livro de Salmos algumas vezes é mais longa (ver os vss. 12 e 13). O editor de II Samuel aparentemente, pelo menos em algumas ocasiões, condensou o texto.

18.9

Baixou ele os céus e desceu. Ver o paralelo, em II Sam. 22.10.

18.10

Cavalgava um querubim, e voou. *Ver o paralelo em II Sam. 22.11.*

18.11

Das trevas fez um manto em que se ocultou. O trecho paralelo, em II Sam. 22.12, parece ser uma leve nova redação do hino original, o que produziu algumas pequenas diferenças. Anoto sobre essa questão nas notas de II Samuel. Algumas vezes, eventuais diferenças na tradução de um mesmo texto hebraico explicam as discrepâncias em duas versões de uma passagem qualquer. As traduções não se têm dado ao trabalho de harmonizar essas discrepâncias, pois tradutores diferentes talvez traduziram livros diferentes.

18.12

Do resplendor que diante dele havia. Este versículo é mais longo que o trecho paralelo, II Sam. 22.13, adicionando as pedras de granizo e repetindo a menção às *nuvens espessas* (vs. 11), o que o editor de II Samuel omitiu por ser uma declaração supérflua. Comento sobre as diferenças na exposição de II Sam. 22.13.

18.13

Trovejou, então, o Senhor, nos céus. Novamente, este versículo é mais longo do que a sua versão em II Sam. 22.14. A tradução mais breve omite a repetição sobre o "granizo", além de não fazer menção às "brasas de fogo", que já haviam sido citadas em II Sam. 22.1. O editor, como é evidente, *aparou* o texto mais longo, eliminando as referências repetidas.

18.14

Despediu as suas setas. Ver o trecho paralelo de II Sam. 22.15, quanto à exposição.

18.15

Então se viu o leito das águas. Ver o trecho paralelo de II Sam. 22.16, quanto à exposição.

18.16

Do alto me estendeu ele a mão. Ver o paralelo, II Sam. 22.1, quanto às notas expositivas.

18.17

Livrou-me de forte inimigo. Ver o paralelo, II Sam. 22.18, quanto às notas expositivas.

18.18

Assaltaram-me no dia da minha calamidade. Ver o paralelo, II Sam. 22.19.

18.19

Trouxe-me para um lugar espaçoso. Ver o paralelo, II Sam. 22.20.

18.20

Retribuiu-me o Senhor. Ver o paralelo, II Sam. 22.21.

18.21

Pois tenho guardado os caminhos do Senhor. Ver o paralelo, II Sam. 22.22.

18.22

Porque todos os seus juízos me estão presentes. Ver o paralelo, II Sam. 22.23.

18.23

Também fui íntegro para com ele. *Ver o paralelo, II Sam. 22.24.*

18.24

Daí retribuir-me o Senhor. Este versículo é idêntico ao trecho paralelo de II Sam. 22.25, exceto pelo fato de que aqui temos "a pureza das minhas mãos", ao passo que o editor de II Samuel eliminou a referência às "mãos".

18.25

Para com o benigno, benigno te mostras. Ver o trecho paralelo, II Sam. 22.26.

18.26

Com o puro, puro te mostras. Ver o paralelo, II Sam. 22.27.

18.27

Porque tu salvas o povo humilde. Ver o trecho paralelo de II Sam. 22.28. Encontramos aqui menção aos "olhos altivos" dos *ímpios*, ao passo que em II Samuel os olhos são os *de Deus*, que humilham os orgulhosos. A *inspiração verbal* nem sempre explica dificuldades e diferenças.

18.28

Porque fazes resplandecer a minha lâmpada. Aqui o Senhor *ilumina a lâmpada* do homem bom, ao passo que em II Sam. 22.29 o Senhor *é* a lâmpada

do homem bom. Tais diferenças foram introduzidas pelos "editores", provavelmente sem nenhuma razão aparente. Deus é luz; Ele cria e envia a luz.

18.29

Pois contigo desbarato exércitos. O trecho paralelo é II Sam. 22.30. As leves diferenças são comentadas ali.

18.30

O caminho de Deus é perfeito. O trecho paralelo é II Sam. 22.31.

18.31

Pois quem é Deus senão o Senhor? O trecho paralelo é II Sam. 22.32.

18.32

O Deus que me revestiu de força. No trecho paralelo de II Sam. 22.33, Deus é o refúgio do poeta. Aqui, entretanto, Deus o cinge de força. O vs. 40 do trecho paralelo apanha a idéia do *cingimento*.

18.33

Ele deu a meus pés a ligeireza das corças. O trecho paralelo é II Sam. 22.34.

18.34

Ele adestrou as minhas mãos para o combate. O trecho paralelo é II Sam. 22.35.

18.35

Também me deste o escudo do teu salvamento. O salmo tem um texto mais longo. A passagem de II Sam. 22.36 ignora a referência à "mão direita de Deus", a qual empresta força e apoio. Cf. a *metáfora* da mão direita, em Sal. 16.8,11 (o lugar de honra ao lado do Ser divino); e em Sal. 17.7 (o poder de Deus para ajudar e livrar de inimigos).

18.36

Alargaste sob meus passos o caminho. O trecho paralelo é II Sam. 22.37.

18.37

Persegui os meus inimigos e os alcancei. O trecho paralelo é II Sam. 22.38.

18.38

Esmaguei-os a tal ponto que não puderam levantar-se. O trecho paralelo é II Sam. 22.39.

18.39

Pois de força me cingiste. O trecho paralelo é II Sam. 22.40.

18.40

Também puseste em fuga os meus inimigos. O trecho paralelo é II Sam. 22.41.

18.41

Gritaram por socorro. Este salmo é um *grito duplo* pedindo ajuda, mas o trecho paralelo, II Sam. 22.42, substitui esse grito por *buscar* ajuda.

18.42

Então os reduzi a pó. O trecho paralelo é II Sam. 22.43.

18.43

Das contendas do povo me livraste. O trecho paralelo é II Sam. 22.44.

18.44

Bastou-lhe ouvir-me a voz. O trecho paralelo, II Sam. 22.45, é idêntico, exceto pelo fato de que as frases aparecem na ordem inversa.

18.45

Sumiram-se os estrangeiros. O trecho paralelo é II Sam. 22.46.

18.46

Vive o Senhor. O trecho paralelo é II Sam. 22.47.

18.47

O Deus que por mim tomou vingança. O trecho paralelo é II Sam. 22.48.

18.48

O Deus que me livrou dos meus inimigos. O trecho paralelo é II Sam. 22.49.

18.49

Glorificar-te-ei, pois, entre os gentios. O trecho paralelo é II Sam. 22.50.

18.50

É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei. O trecho paralelo é II Sam. 22.51.

Salmo Dezenove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. O terceiro ponto dessas informações gerais descreve a *classificação* das composições.

Este é um salmo de *ação de graças* e *louvor*. Trata-se de um "hino a Deus como o Criador da natureza e o Doador da lei" (*Oxford Annotated Bible*, introdução).

"Tal como o Salmo 8, este breve hino brilha como um dos mais nobres exemplos de poesia dos hebreus. Não segue nenhum dos padrões tradicionais da composição de hinos, e, do começo até o fim, seu material manifesta frescos discernimentos poéticos e teológicos" (William R. Taylor, *in loc.*).

Duas Divisões:

1. Sal. 19.1-6: O poeta sacro exalta a glória de Deus nos céus.
2. Sal. 19.7-14: O poeta sacro exalta as maravilhas da lei de Deus, que serve de luz dos homens sobre a terra, a maneira pela qual Deus manifesta Sua presença entre os homens. Os estilos dessas duas partes são tão diferentes que os críticos supõem que duas composições distintas, da parte de dois autores diferentes, tenham sido reunidas em um único salmo.

A lei não é maravilha menor que a criação divina, e pode-se pensar que as duas maravilhas pertenciam uma à outra, o que explicaria o arranjo do salmo. O sol é o luminar principal de Deus nos céus físicos; e a lei é a maior luz de Deus sobre a terra física. Davi comoveu-se ao observar o primeiro; e, novamente, emocionou-se ao contemplar o segundo. Ambos são espécies de revelações, uma mediante a natureza, e outra através de escritos inspirados.

O Antigo Testamento com freqüência descreve o Senhor como Doador da Lei e Criador. De acordo com esse pensamento, na primeira parte deste salmo é usado o nome divino *El* (Deus) (vs. 1), ao passo que na segunda parte é usado o nome divino *Yahweh* (vss. 7-9,14). Esse era o nome pessoal pelo qual Deus se tornou conhecido em Israel, a saber, o Deus Eterno. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Subtítulo. Temos aqui a introdução simples que diz: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi". As notas introdutórias ao Salmo 19 foram produzidas por editores subseqüentes, mesmo sem autoridade para tanto, que contavam unicamente com conjecturas sobre a autoria e as circunstâncias históricas que teriam inspirado a composição.

19.1

Os céus proclamam a glória de Deus. Deus, neste caso, é chamado de *El*. É o Criador dos céus, com seus bilhões de galáxias de bilhões de estrelas. Isso

A GLÓRIA DE DEUS

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras; e deles não se houve nenhum som.

Salmo 19.1-3

CONTEMPLANDO A GLÓRIA

Quando se ouvia o erudito astrônomo
Quando as provas, as cifras, foram catalogadas perante mim;
Quando me foram mostrados os mapas, os diagramas,
Para adicionar, dividir e medi-los;
Quando eu, sentado, ouvia o astrônomo que conferenciava
Sob aplausos, no salão de conferências,
Quão logo, inexplicavelmente, fiquei cansado e enfadado;
Até que, levantando-me e saindo sem ruído, pus-me a vaguear,
No ar úmido e místico da noite, e, de vez em quando,
Olhava, em silêncio perfeito, as estrelas.

Walt Whitman

demonstra a Sua glória e o Seu poder. Daí o emprego do nome divino *El*, que transmite a idéia de *poder*. Na natureza vemos dois grandes atributos divinos: *poder* e *inteligência*. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Atributos de Deus*. Os céus são *proclamadores*. Paulo tirou proveito desse tema, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, onde declarou que os pagãos são indesculpáveis em vista da luz fornecida pela natureza.

> *Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis.*
>
> (Romanos 1.20)

No entanto, a passagem de Rom. 2.12 mostra-nos que aqueles que recebem somente a revelação dada pela natureza *perecem* sem a lei. Portanto, Paulo prosseguiu para mostrar que há uma nova revelação que vem em nosso socorro, a qual nos livra tanto da lei, com suas demandas sem esperança, como também do pecado. Assim sendo, Paulo, tal como o autor sagrado do Salmo 19, combina o Criador com a revelação. Nesse Salmo temos a combinação Criador-lei. E na epístola aos Romanos temos a combinação Criador-evangelho.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia*, que ilustra a grandeza da criação, a qual faz nossa mente maravilhar-se e meditar sobre o poder e a inteligência de Deus. "A glória de Deus é a inteligência" (Joseph Smith). Os céus contam a história da glória de Deus. Diz literalmente o original hebraico, neste ponto: "Os céus estão contando".

"Davi poderia ter extraído a ilustração do glorioso poder de Deus com base em Suas obras na terra, mas preferiu usar os *céus* por não estarem maculados pelo pecado que manchou nosso mundo inferior. Ademais, a luz que emana dos céus, sobretudo do *sol*, capacita-nos a ver todas as outras obras visíveis de Deus" (Fausset, *in loc.*).

Firmamento. Os intérpretes modernos fazem o firmamento ser "a grande expansão dos céus, os céus estrelados". De acordo com a cosmologia dos hebreus, a imaginação era diferente. Os hebreus imaginavam uma taça invertida que cerraria a habitação de Deus da habitação dos homens sobre a terra. Essa taça era concebida como um objeto *sólido*, ou seja, um *firmamento*. Ver a cosmologia hebraica ilustrada no artigo do *Dicionário* chamado *Astronomia*. Ver Gên. 1.6, quanto à primeira menção a essa palavra e noção.

"A majestática criação serve de evidência sobre o ainda mais majestoso Deus Criador" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Ao contemplar os céus, o poeta deve ter pensado: "Quão nobre deve ter sido a mente que sonhou e concretizou os céus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). E esse mesmo autor recente prosseguiu a fim de falar do indivíduo que, nas ilhas do norte do Reino Unido, exclamou: "As estrelas me apresentaram Deus".

19.2

Um dia discursa a outro dia. Os céus foram personificados no vs. 1, "contando a história da glória de Deus". E neste versículo a criação feita por Deus, ainda personificada, fala por meio do dia e da noite. Em qualquer tempo podemos observar as maravilhas de Deus, e a qualquer momento podemos ouvir a Sua voz a falar.

> *O espaçoso firmamento lá no alto,*
> *Com todo o seu céu azul e etéreo,*
> *Os céus esplêndidos, a cantar sua canção,*
> *Proclamam o grande Original;*
> *O sol incansável, dia após dia,*
> *Exibe o poder do Criador, e*
> *Publica-o, para todas as terras,*
> *A obra da Mão Toda-poderosa.*
>
> (Joseph Addison)

O sol, a luz, os planetas, as constelações e a própria terra, juntamente com todas as criaturas primordiais, unem-se para exaltar o Poder lá do alto.

Discursa. Literalmente, "derrama" ou "abre as fontes", provavelmente uma alusão a como a luz parece emanar de alguma grande fonte de água. O dia e a noite são reveladores que nunca gozam de descanso, testificando continuamente. Alguns homens ouvem, outros não.

Revela conhecimento. Literalmente, "sopra", talvez uma alusão aos grandes ventos que governam a terra, bem como à brisa noturna que acalma nosso espírito. Ver Can. 2.17. A mensagem de Deus chega até nós por meio da luz, por meio do vento, por meio da brisa. A revelação de Deus é tanto abundante quanto variada.

19.3

Não há linguagem, nem há palavras. A *fala divina*, que nos chega do céu, sugeriu ao poeta as muitas nações, cada qual falando em seu próprio idioma. Assim também, a *Voz* que chega do céu dirige-se a todos os povos que falam uma multidão de línguas. Em outras palavras, a revelação da natureza é absolutamente *universal*. Nenhum ser humano escapa do testemunho da natureza. A linguagem emanada dos céus é, igualmente, inteligível a todos os homens (ver Rom. 1.18-20). Paulo aplicou este versículo à propagação universal do evangelho (ver Rom. 10.18), que é a *revelação superior* de Deus, dirigida à alma humana, visando sua salvação eterna. Assim como a luz que vem do céu beneficia a todos os homens, também o faz o evangelho, a Luz do Espírito.

Alguns intérpretes, sem embargo, não vêem na *voz* uma alusão as *línguas humanas*, mas imaginam *criaturas celestes* (ou corpos celestes) a falar a homens de todos os lugares, por meio de uma língua universal. A Revised Standard Version, bem como a nossa versão portuguesa, faz a comunicação efetuar-se sem o uso de *palavras*: "Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som". Em outros termos, a comunicação é *silenciosa*, mas eficiente, sendo compreendida por todos os homens, de todos os lugares.

19.4

No entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz. A palavra "voz" aqui é interpretação da Revised Standard Version. Temos uma *linha de comunicação* que sai dos céus e atinge todos os rincões da terra, todas as nações, todos os povos. A Septuaginta e Jerônimo interpretam essa palavra como "som", que alguns consideram ser o texto superior, talvez o original no hebraico. A palavra hebraica que figura no texto massorético (ver sobre *Massora (Massorah); Texto Massorético*, no *Dicionário*), é *kav*, "corda". A revelação de Deus alcança todos os pontos da terra, assim como um cordão de medir o faz, em algumas construções. Deus, por assim dizer, *mede* a terra inteira como o lugar ao qual deve aplicar-se Sua revelação.

As suas palavras até aos confins do mundo. Esta porção do versículo diz a mesma coisa que a primeira parte, mas muda a metáfora. Agora, em lugar de medir a terra toda para fazer a revelação, as *palavras* (a linguagem dos corpos celestiais) soam e são ouvidas por toda a parte. Isso aponta para a idéia de *universalidade*. Assim também sucede ao evangelho. Para garantir disseminação e receptividade universal (pois ninguém será julgado sem a chance de ouvir o evangelho), Cristo teve uma missão *tridimensional:* na terra, nos céus e no hades. Nenhum único indivíduo passará ao estado eterno sem a oportunidade de ouvir a mensagem de salvação. Nenhuma pessoa tomará uma decisão na *ignorância*, na *falta de informação*. Isso, meus amigos, é algo *necessário*, sob pena de termos um Operador e uma operação deficiente.

Uma tenda para o sol. Entre todas as maravilhas naturais de Deus, o poeta sacro viu o sol como um rei. Esse é o mais óbvio e poderoso orador dos céus, a Luz Ímpar de Deus. Por conseguinte, o resto dos céus estrelados parece ser apenas a *tenda* do sol, isto é, o lugar de sua habitação. Os vss. 5 e 6 continuam a exaltar o sol.

De manhã, o sol emerge de sua tenda e cumpre o circuito por toda a terra, falando da glória de Deus enquanto avança. À noite, o sol retorna à sua tenda e permite que a lua cumpra seu circuito e continue a revelar a glória de Deus.

Há um eloqüente hino ao deus-sol, de nome *Shamash*, nos mitos babilônicos e assírios, mas este salmo não toma por empréstimo as idéias constantes nesse hino pagão.

> *Ó Shamash!*
> *Oh, o horizonte do céu que tu percorres,*
> *A tranca dos céus que tu abres, e*
> *Os portões do céu que tu fechas.*
> *Ó Shamash!*
> *Sobre o mundo todo levantas a cabeça!*
> *Ó Shamash!*
> *Com a glória do céu encobres a terra,*
> *Enquanto tomas o curso por todo o mundo.*

19.5

O qual, como noivo que sai dos seus aposentos. O sol abandona sua tenda como se fosse um noivo, enfeitado com jóias, saindo de seu aposento para ser admirado por todos, os quais observam: "Quão feliz é a dama que ficou com ele!". Allen P. Ross (*in loc.*) diz quão excitado fica o homem que corre atrás de sua noiva. Trata-se de uma cena onde transparecem o vigor, o poder, o luxo e a alegria. Assim também o sol parece incorporar essas qualidades quando surge em cena para iniciar o circuito de um novo dia. Está em pauta a *câmara nupcial*. O homem emerge extremamente bem vestido e feliz. Ele encontrou o amor de sua vida.

Outra metáfora diz que um *homem forte* anela por participar de uma corrida, por saber que vencerá. Nessa metáfora encontramos os fatores de força e confiança. Assim também o sol sai de sua tenda e se precipita pelo céu como se fosse um homem forte, e todos o admiram, enquanto ele percorre sua corrida vencedora.

Estes versículos exaltam as glórias do sol, e não o sol propriamente dito, como se fosse uma divindade (tal como ocorre no paganismo, que adora o sol), mas o faz porque o Criador investiu o sol com a luz e suas qualidades. O salmo presente, pois, é uma interpretação monoteísta do universo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Monoteísmo.*

Aposentos. No hebraico, temos a palavra *chuphah,* uma *recâmara de casamento* ou um *leito* (ver Joel 2.16), mas no hebraico posterior, o dossel que protegia os nubentes.

Metaforicamente, como é claro, isso nos faz lembrar do *Sol da Justiça,* a Luz da salvação. Ver Mal. 4.2.

19.6

Principia numa extremidade dos céus. O sol faz um círculo inteiro em volta do globo terrestre e toca em todos os lugares. Sua luz e seu calor são sentidos universalmente, e outro tanto sucede no caso da glória de Deus. "Os céus provêem uma vereda ao longo da qual o sol, como um atleta, percorre o seu curso diário" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). O sol espalha a vida. Sem a sua luz e o seu calor, coisa alguma poderia existir na terra. Portanto, o circuito diário do sol pelos céus é uma jornada doadora de vida, e não meramente uma jornada de revelação. Em ambos os casos, Deus é exaltado: Ele revela a verdade sobre Si mesmo, mas também sustenta a vida. Quanto ao sentido espiritual da luz e da vida, ver João 1.4,8,9.

> *Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.*
> *... A verdadeira luz, que alumia a todo homem...*

"Cristo não somente ilumina nossa mente, mas também vivifica nossa alma, aquece nosso coração e o leva a queimar internamente; levantando-se com cura em Suas asas e fazendo do Seu poder o sabor da vida" (John Gill, *in loc.*).

A Lei da Luz da Alma (19.7-14)

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Decálogo* e *Dez Mandamentos.* Esta composição poética, talvez independente da primeira parte do salmo, exalta originalmente a lei, a luz de Deus sobre a terra, tal como o sol é a Sua luz no céu. Ver nas notas introdutórias a este salmo sobre como essas duas porções se ajustam e sobre como é correto reuni-las, embora pareça tratar-se de duas composições diferentes. Esta porção do salmo tem afinidades com o Salmo 119, o Hino à Lei.

"Da mesma forma que o sol domina a revelação natural de Deus (vss. 4-6), a lei domina a revelação divina específica no Antigo Testamento" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Poder da Lei:

1. A possessão da lei fazia de Israel uma nação distintiva (Deu. 4.4-8).
2. A *obediência* à lei tinha por intuito dar vida longa, vida física (ensinamento original) e vida espiritual (judaísmo posterior). Ver Deu. 4.1-5.33; 6.2; Eze. 20.1.
3. Ver a *tríplice designação* da lei, cada nome com seu próprio significado (Deu. 6.1).
4. Quanto à lei como o *estatuto eterno,* ver Êxo. 29.42; 31.16 e Lev. 3.17.
5. Quanto ao *pacto mosaico,* ver a introdução a Êxo. 19. A composição à nossa frente adiciona outras descrições da lei, e do homem bom esperava-se que aprendesse a lei e seguisse todas as suas demandas, conforme tanto enfatiza o Salmo 1.

19.7

Qualidades e Descrições da Lei:

1. A lei é *perfeita,* por ser *do* Senhor e Dele *proceder.* Ver Êxo. 19. A lei não apresenta *falhas.* É um guia perfeito. Não há como negar isso.

> *As palavras do Senhor são palavras puras,*
> *prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes.*
>
> (Salmo 12.6)

2. A lei *converte a alma.* Ela faz um homem ser aquilo que deve ser, alguém que obedece aos preceitos e assim vive na retidão. Não está em foco a salvação evangélica e, sim, fazer um homem cumprir todos os seus deveres na esfera terrestre. A lei torna um indivíduo distinto, da mesma maneira que distingue uma nação inteira (ver Deu. 4.4-8; cf. Sal. 1). É inútil pensar aqui na doutrina paulina da justificação pela fé, não pela lei, e tentar reconciliar esses dois pensamentos. Os hebreus sempre acreditaram na justificação pelas *obras da lei.* Que pode haver de mais evidente que isso, no Antigo Testamento? Paulo, entretanto, apresentou uma *nova doutrina* que não precisa ser reconciliada com a antiga. Até o apóstolo Tiago se apegou à antiga religião, quanto à questão da justificação. Sobre a controvérsia entre Paulo e Tiago, ver a introdução à epístola de Tiago, seção VII, no *Novo Testamento Interpretado. O judaísmo posterior* naturalmente usava declarações como estas para falar sobre a salvação da alma, mas este salmo não tinha em mente esses pensamentos quando foi originalmente composto. O homem bom, nas páginas do Antigo Testamento, evitava a idolatria e seguia o yahwismo. Assim é que ele se convertia.
3. O *homem simplice* pode tornar-se *sábio* por meio da lei. Isso aponta para a sabedoria espiritual, e não para a sabedoria que encantava os gregos. O homem espiritual anda conforme deveria andar (Sal. 1.1), isto é, teme a Deus, o princípio da sabedoria (ver Pro. 9.10).
4. *A designação da lei em seis aspectos,* no salmo presente: lei; testemunho (vs. 7); preceitos; mandamento (vs. 8); temor; juízos (vs. 9). Essas palavras podem ser entendidas como sinônimos, ou, melhor ainda, como outras tantas descrições da lei. A primeira delas tem um sentido geral. O autor sagrado falava sobre a lei de Moisés, a revelação escrita e base do pacto mosaico. Essa lei é um *testemunho* sobre o que é certo e o que é errado.
   A lei (*torah,* no hebraico) significa, em seu uso primário, "instrução". É um testemunho (no hebraico, *eduth*). A lei *aponta* para Deus e para o caminho de Deus, que deve ser seguido pelo homem. Metaforicamente, testifica sobre Cristo, o qual cumpriu a lei e até a ultrapassou. Ver o verbete chamado *Testemunho,* no que diz respeito à lei, em Êxo. 25.16. Fica entendido o relacionamento entre a nação de Israel e Deus.

19.8

Continuam aqui as qualidades e as descrições da lei:

5. Os *preceitos* (elementos específicos da lei) têm poder e fazem nosso coração regozijar-se. Eles enlevam a vida do indivíduo, em lugar de calcá-la para baixo, porquanto é melhor ser santo que ser profano; é melhor andar corretamente que andar errado; é melhor viver cheio de amor que cheio de ódio. A alegria brota do coração do homem quando ele reconhece que está certo diante de Deus.
6. Os *mandamentos* (leis específicas incorporadas na lei em geral) são puros. A palavra hebraica é *barah,* que significa "aclarar", "limpar", e fala de como a lei é pura e limpa, e como ela limpa os homens, quando aplicada à vida prática. Na lei existem tanto medidas cerimoniais quanto medidas purificadoras. Visto que Deus é santo, assim também o homem deve ser santo (ver Lev. 19.2).
7. Os *mandamentos* iluminam os olhos, mostrando ao indivíduo como ele é, o que ele deve ser, e como ser aquilo que ele deve ser. A lei ilumina a vida do homem com bondade e santidade. A lei também mostra ao homem o que ele deve evitar. Ele nada deve ter com a corrupção e a idolatria do paganismo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Iluminação.*

19.9

Continuam aqui as qualidades e descrições da lei:

8. O *temor* do Senhor é limpo, tal e qual a Sua lei (ver sob o ponto 1 do vs. 7). Temer a Deus leva o indivíduo a limpar a sua vida, e a lei lhe diz como livrar-se das poluções que o haviam sujado. A lei, por si mesma, é limpa, livre de corrupções morais, enganos ou declarações ilusórias. O yahwismo não continha elementos poluentes, conforme acontecia com as religiões pagãs. O termo hebraico por trás dessa idéia é *tehorah,* derivado de *tahar,* "puro", "limpo". A lei não é contaminada e limpa o indivíduo contaminado.
9. A lei é um *estatuto eterno* (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17; 16.29). Os hebreus jamais teriam imaginado que algum avanço na fé surgiria e substituiria a lei como doador e guia da vida, conforme vemos na fé cristã, especialmente nos escritos de Paulo (Rom. 3). Os hebreus pensavam que sua lei era perfeita, infalível e insubstituível. Isso mostra como avança a verdade e como os que *aderem* ao passado ficam na poeira de tradições obsoletas.

> *Da covardia que teme novas verdades,*
> Da preguiça que aceita meias-verdades,
> *Da arrogância que pensa saber toda a verdade,*
> *Ó Senhor, livra-nos!*
>
> (Arthur Ford)

Seja como for, a lei tinha uma *perpetuidade* que encorajava os homens a continuar em seu caminho reto, sabendo que amanhã não surgiria nenhum novo padrão para abalar sua vida. Esta porção do versículo volta-se contra o *relativismo* pragmático, que imagina que cada homem tem a sua própria

verdade e amanhã poderá abandoná-la por algo melhor. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Relativismo.* A eternidade da lei também lhe empresta a qualidade da *integridade,* em contraste com as inovações do paganismo.

19.10

Continuam as qualidades e descrições da lei:

10. A lei é um *tesouro precioso.* Ela tem grande valor em si mesmo, como revelação de Deus, e grande valor para os homens que a seguem. Ela lhes confere longa vida e prosperidade e os torna indivíduos distinguidos. A lei é aquele ouro celestial que vale mais do que o ouro. A mercadoria mais valiosa do antigo Oriente Próximo e Médio era a lei dos hebreus. A maioria dos homens prefere o ouro a Deus, mas o poeta tinha razão quando apontou para o Ouro dos céus. O ouro é uma riqueza cobiçada pelos homens. Eles sacrificam sua vida e sua existência por causa do ouro, uma riqueza frívola. Mas existe o verdadeiro ouro da Palavra de Deus.

> *Para mim vale mais a lei que procede de sua boca do que milhares de ouro ou de prata.*
>
> (Salmo 119.72)

11. A lei é *doce como o mel,* que os homens procuram para que a sua vida diária tenha mais *prazer.* É um prazer consumir doces, pois, do contrário, a indústria da fabricação de doces encerraria suas atividades. Esta porção do versículo diz-nos que devemos encontrar nosso prazer nas realidades espirituais que, de fato, são superiores às realidades materiais. "A observância da lei é uma alegria, e não uma carga" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). O mel era a substância mais doce conhecida pelos antigos. O prazer traz *alegria.*

> *Palavras agradáveis são como favo de mel, doces para a alma, e medicina para o corpo.*
>
> (Provérbios 16.24)

"Satisfações delicadas do corpo não são negadas. Mas a retidão moral e sua realização aparecem *em primeiro lugar*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *Há alegria no serviço de Jesus,*
> *Enquanto avanço por meu caminho.*
> *Alegria que enche o coração com louvores,*
> *Todas as horas e todos os dias.*
>
> (Oswald J. Smith)

19.11

Continuam aqui as qualidades e descrições da lei:

12. A lei dá *instruções aos judeus* contra certas coisas. Ela adverte o homem bom sobre o que ele não deve fazer, o que, naturalmente, é a finalidade do maior número dos mandamentos originais e da multidão de leis menores que se seguiam. Ver Jó 31, quanto à variedade de pecados que Jó evitava. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vícios,* quanto aos muitos tipos de pecados existentes que aprisionam os homens. A lei adverte contra as loucuras e os resultados deprimentes dos atos errados. O homem bom é avisado e liberta-do de muitas armadilhas.

> *A lei é santa; e o mandamento, santo e justo e bom.*
>
> (Romanos 7.12)

Entretanto, "não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço" (Rom. 7.19). A experiência humana mostra que a lei está acima de nosso poder de cumpri-la.

Mediante a lei vem o conhecimento do pecado (vs. 3.20), mas ela não nos dá poder de derrotar o pecado. Tal poder nos é conferido pelo Espírito de Deus, pois do contrário não seremos capazes de fazê-lo. Essa é uma boa teologia paulina, mas não o que diz o salmista no salmo presente.

13. Quando um homem guarda a lei, recebe *grande recompensa.* Sobre bases veterotestamentárias, isso significa a felicidade decorrente da santidade (ver Sal. 19.10); prosperidade material; e, além disso, uma longa vida física. Com a passagem do tempo, a teologia judaica começou a falar sobre uma vida pós-túmulo, fazendo versículos como este falar de uma recompensa eterna em um lugar melhor do que a vida terrestre. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Galardão.* Nos livros escritos entre o período do Antigo Testamento e o período do Novo Testamento, desenvolveu-se uma doutrina primitiva do céu e do inferno, que foi grandemente delineada nos escritos do Novo Testamento. Como é natural, vários intérpretes cristianizaram os versículos diante de nós, fazendo-os ensinar, *por antecipação,* o que apenas o Novo Testamento diz.

19.12

Continuam aqui as qualidades e descrições da lei:

14. O poder da lei é tal que um homem, ao estudá-la, obterá discernimento quanto a seus *pecados secretos,* ou seja, pecados ocultos a ele mesmo; porém, uma vez que se desvencilhe deles, esse homem sairá *limpo* de sua experiência. Note, porém, o leitor, como o poeta sacro apela diretamente a Deus para realizar esse serviço. Há uma *iluminação* que vai mais fundo do que o estudo. Dificilmente um homem pode compreender sua própria natureza pecaminosa, bem como os atos pecaminosos derivados dessa natureza, a menos que receba iluminação da parte do Senhor. Foi exatamente esse o pecado do salmista. Ver sobre os pecados cometidos sem conhecimento do indivíduo, em Lev. 5.2. Tendo escrito o que escreveu, isso não significa que o salmista pensava que não pudesse guardar a lei. Ele tão-somente supunha que é necessária a iluminação divina para que o indivíduo seja capaz de fazer isso de maneira plena. Como é natural, só Deus pode compreender tudo quanto há de mal, mas o homem bom pode *guardar a lei* de maneira aceitável, de uma maneira em que ganhe a vida. A teologia dos hebreus sempre assumia essa posição.

É um erro cristianizar este versículo e tentar extrair dele a necessidade da justificação pela fé. Ademais, no contexto do Salmo 19, não estamos tratando da salvação da alma.

19.13

Continuam aqui as qualidades e as descrições da lei:

15. A *maioria dos pecados* é cometida com pleno conhecimento de que está sendo cometido algum erro. Nada há de secreto no tocante à maioria dos atos pecaminosos. Quanto a *pecados voluntariosos,* cometidos em conhecimento e arrogância, não havia sacrifício a ser oferecido no Antigo Testamento, embora possamos presumir que um homem pudesse ser perdoado de tais pecados, se os apresentasse diretamente a Deus, pedisse perdão e se arrependesse (Sal. 51).

Soberba. O hebraico entende aqui, literalmente, pecados que "borbulham", isto é, pecados agravados. O poeta provavelmente estava pensando em Núm. 15.28 ss. Os pecados voluntários não contavam com nenhum ato expiatório. Certamente é essa noção que está em vista também em Heb. 6.1-8 e 10.25,26. Tais pecados conduzem à apostasia, porquanto o homem peca contra o seu conhecimento e contra a sua luz, e continua a escorregar para baixo. Ver o *Novo Testamento Interpretado* quanto às passagens na epístola dos Hebreus, mencionadas acima, para um completo estudo sobre a teologia envolvida.

16. A lei protegia o indivíduo da *grande transgressão* que os homens cometem quando apostatam. O texto não define a questão, mas a *idolatria* sem dúvida está em pauta. De acordo com a mentalidade dos hebreus, esse era o pecado de número um. Ver sobre esse assunto no *Dicionário,* onde apresento um estudo elaborado a respeito. *Pecar habitualmente* certamente não está em vista, embora isso surtisse o efeito de produzir um idólatra que acabaria caindo na apostasia. Também não devemos cristianizar o versículo, fazendo deste o imperdoável pecado contra o Espírito Santo (ver Mat. 12.31). Os pecados de presunção levam um homem a cair na idolatria, finalmente. O poeta sacro não queria nada com esse processo de desintegração. A Revised Standard Version oferece uma tradução diferente: "... inocente de grande transgressão", em lugar de "livre de grande transgressão". Se esse é realmente o sentido da passagem, então nenhum pecado está em pauta, mas somente uma vida de muito pecado. A nossa versão portuguesa concorda com a Revised Standard Version neste ponto, contra a King James Version e outras traduções.

19.14

Continuam aqui as qualidades e descrições da lei:

17. Pelo *lado positivo,* a lei instrui um homem concernente a todos os seus atos, e coloca retas palavras de louvor em seus lábios, finalmente, protegendo-o dos pecados da língua; e assim, até a meditação de seu coração é pura e agradável diante de Deus. Para que isso aconteça, Yahweh tem de ser a força do indivíduo, *capacitando-o* a agir dessa maneira. O indivíduo entrega sua vida a Yahweh *como sacrifício* — essa é a idéia constante no versículo. Yahweh aceitaria tal homem? A maioria dos homens falharia no teste do sacrifício, que deveria ser *sem defeito.* Mas o homem aceito tem o Senhor como força e redenção. Seu sacrifício é aceito e seus pecados são perdoados.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.

(Romanos 12.1)

"Este belo versículo de encerramento é uma possessão permanente de adoração cristã, tanto em particular como em público. Nas igrejas não-litúrgicas este versículo é usado com freqüência como oração, antes ou depois do sermão. Se nossas *palavras* públicas e nossa *meditação* forem *aceitáveis* aos olhos do Senhor, teremos sido bem-sucedidos como arautos, testemunhas e mestres. Se, em particular, forem *aceitáveis,* teremos, pela graça de Deus, obtido sucesso *na vida.* Pois então estaremos falando ou meditando "como se Cristo estivesse ao nosso lado", ou pelo menos como se não devêssemos ser perturbados em olhar ao redor para vê-Lo ali. Afinal de contas, nisso consiste o teste" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Salmo Vinte

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. O *terceiro* ponto dessas informações gerais descreve as *classes* das composições. O Salmo 20 consiste em uma oração pedindo vitória em batalha. Presume-se que ele tenha sido composto para acompanhar os *sacrifícios* oferecidos antes de começar uma luta, a fim de assegurar a vitória, agradando Yahweh e garantindo Sua ajuda. Ver o vs. 3. Cf. II Sam. 10.14-19. Essa oração parece ter sido entoada quando o povo se aproximava do altar de sacrifício.

Uma das classes de salmos são os *salmos reais.* Ver os Salmos 2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 93, 101, 110, 132 e 144. Alguns classificam o Salmo 20 como um salmo real, em lugar de lhe atribuir uma classe separada. O rei é louvado, ou então ele necessita de algo especial, como a intervenção divina para sua segurança e a garantia de vitória ou sucesso em algum empreendimento.

Duas Partes do Salmo:

1. Vss. 1-5: Esta parte é dirigida ao rei, e pede que Deus lhe conceda resposta favorável.
2. Vss. 6-9: É dada certeza ao rei de que suas orações foram respondidas e de que os seus inimigos serão derrotados. Parece que algumas cerimônias religiosas eram efetuadas entre o cântico das duas partes do salmo.

Este salmo era pré-exílico, porquanto é mencionada a existência de um reinado em Judá. Um *oráculo* foi proferido pelo sumo sacerdote.

O Ambiente. O rei estava a caminho da guerra, mas parou no santuário (templo) a fim de orar pedindo vitória. Os sacrifícios eram feitos antes e, aparentemente, no meio das duas partes do cântico. A congregação uniu-se ao rei em sua oração. Os sacrifícios apropriados foram feitos, aparentemente entre as duas partes da canção. O rei recebeu a certeza de que obteria vitória na batalha, e alegres ações de graças foram dadas por isso.

Subtítulo. Somos informados de que este salmo foi apresentado ao mestre de canto e foi composto por Davi. As observações de introdução foram preparadas por editores subseqüentes, e usualmente eram meras conjecturas que tentavam identificar os autores das composições e, algumas vezes, encontrar as condições que teriam inspirado a composição.

Classificação dos Salmos. Ofereço duas classes detalhadas dos salmos: 1. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas. 2. Repito esse material em forma mais breve, sob o título, *Ao Leitor,* justamente antes da exposição de Sal. 1.1. Ver o oitavo ponto dos itens apresentados.

20.1

O Senhor te responda no dia da tribulação. O Deus dos patriarcas, chamado aqui *Yahweh* (o Deus Eterno), foi invocado para defender o guerreiro em batalha, na qual ele arriscava a vida por causa de seu povo. Em tempos anteriores, proferir o nome divino traria poderes mágicos. Mais tarde, o nome divino era considerado quase um agente ou *representante* do Senhor (cf. Sal. 54.1 e 124.8), ou seja, o seu *segundo eu* (cf. Sal. 20.7). Ainda mais tarde, o *nome,* tal como a lei, era considerado *mediador* entre Deus e os homens. O "Deus de Jacó", como sinônimo do Senhor, *identificava-o* mais especificamente ainda como o Deus de Israel. Muito apropriadamente, temos aqui o Deus que operou grandes livramentos para o Seu povo (ver Sal. 46.7), cumprindo as promessas feitas a Jacó (ver Mal. 1.7,8).

Proferir o nome divino, por si só, traz confiança, porque assim declaramos crer que não estamos sozinhos, que existe um Poder nas alturas, e que Deus realmente intervém na vida humana (ou seja, cremos no *Teísmo,* em contraste com o *Deísmo;* ver os termos no *Dicionário*).

As palavras são aqui dirigidas ao *rei.* Durante as batalhas importantes, era costumeiro que o rei liderasse seu exercito como o comandante-em-chefe, e, de fato, um homem tornava-se rei, naqueles dias brutais, por ser um grande, habilidoso e comprovado *matador.* Foi assim que Saul matou seus milhares, mas Davi seus dez milhares (ver I Sam. 18.7). Matanças em massa produziam grandes hinos de louvor!

20.2

Do seu santuário te envie socorro. É provável que tenhamos aqui uma *dupla referência:* o rei, a caminho da batalha, parou no santuário (o templo) para oferecer os sacrifícios apropriados que garantiriam a ajuda de Yahweh. Então Yahweh, no santuário celestial, manifestaria Seu poder em favor do rei, dando-lhe notável vitória. Era costume, entre várias nações, incluindo os gregos e os romanos, oferecer sacrifícios antes de uma batalha para encorajar os deuses a mostrar misericórdia para com eles, ajudando-os na batalha que ocorreria. O santuário terrestre (o Santo dos Santos) era o lugar onde o poder de Deus manifestava a Sua presença. Havia ajuda para tempos de necessidade.

Israel era o povo dos *pactos,* que foram reforçados e relembrados no templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.*

Te envie socorro. Literalmente, no original hebraico, lemos: "Estabeleça-te nas alturas", isto é, torne-te tão seguro como um lugar bem elevado" (William R. Taylor, *in loc.*, com uma excelente nota expositiva).

20.3

Lembre-se de todas as tuas ofertas de manjares. Sacrifícios e oferendas eram realizados, votos eram feitos, promessas eram afirmadas, e assim o rei se equipava para ir à batalha com toda a confiança. Ele não se olvidara do culto a Yahweh, e Este, por Sua vez, não se esqueceria dele nos momentos de crise. As ofertas queimadas eram um procedimento padronizado. Ver no *Dicionário,* para plenas informações, o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas.*

O hebraico diz aqui, literalmente, "considere como gordura os teus sacrifícios queimados". Somente animais gordos eram aceitáveis como sacrifícios, e, além disso, *o sangue e a gordura* eram oferecidos a Deus como *Sua porção.* Quanto ao sangue e à gordura relacionados aos sacrifícios, ver Lev. 3.17. Um sacrifício era uma refeição comunal, a menos que fosse um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*). Os sacerdotes ajudantes tinham suas *oito* porções (ver Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). O restante era dividido entre os que tomavam parte no sacrifício e na *refeição comunal* efetuada. Ver Mal. 1.7,8, quanto à regras sobre os *animais gordos,* oferecidos como sacrifícios. Ver as ofertas de manjar ou cereais que acompanhavam os sacrifícios de animais, em Lev. 7.37; 27.37; II Reis 16.15.

Selá. Quanto a conjecturas sobre o sentido e o uso dessa palavra misteriosa, ver Sal. 3.2 e suas notas expositivas.

20.4

Conceda-te segundo o teu coração. O rei tinha saído, *a fim de obter grande vitória.* Isso debilitaria os inimigos de Israel. Esse era o seu projeto. Ver como Davi aniquilou ou confinou *oito* povos, em II Sam. 10.19. Isso deu a Salomão tempo para edificar e firmar a nação de Israel, trazendo-lhe a sua *época áurea.* Entretanto, a paz em breve foi desmanchada pela divisão da nação de Israel em duas partes: o norte (Israel) e o sul (Judá). Havia evidências do favor de Deus e de Sua intervenção, cada vez em que a espada cortava um soldado inimigo. Essa era a natureza daqueles tempos brutais e irracionais, e até hoje não progredimos grande coisa.

Talvez este versículo registre a oração do sumo sacerdote (ver a respeito no *Dicionário*), que, naturalmente, seria o alto dignitário que oficiava nos sacrifícios.

Metaforicamente, temos aqui um encorajamento para tentarmos realizar as coisas no nome do Senhor. Ele intervém por nós. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Talvez, *tipicamente,* tenhamos aqui a prefiguração do Senhor Jesus Cristo contra o mal, bem como de Sua salvação, que alguns intérpretes vêem ao cristianizar o versículo.

20.5

Celebraremos com júbilo a tua vitória. A vitória referida é o livramento de algum perigo físico, e não a salvação espiritual da alma, embora metaforicamente talvez possamos ver isso no texto. O homem vitorioso é *jubiloso.* A vitória concede-nos a alegria de cumprir os nossos propósitos, especialmente quando ela é

alcançada após longas lutas. Os soldados deixavam suas bandeiras desfraldadas quando se aproximavam dos inimigos. Eles lutavam pelas realidades simbolizadas nos emblemas dessas bandeiras. Deus era honrado pelos pendões e, *satisfeito,* reagia favoravelmente. Essa linguagem logicamente é antropomórfica e antropopatética. Atribuimos qualidades (atributos) e emoções humanas a Deus, visto que nossa linguagem limita severamente a nossa expressão. Personalizar Deus é algo que O reduz a menos do que Ele realmente é. Mas, ao assim agir, somos apanhados na armadilha da linguagem humana, pelo que fazemos tudo quanto está ao nosso alcance. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Antropomorfismo; Antropopatismo* e *Mysterium Tremendum,* o mistério que é Deus.

Os *pendões* geralmente continham a inscrição do nome de Deus, mas os macabeus, heróis do judaísmo durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento, puseram seus próprios nomes nos pendões de batalha. Ver Êxo. 15.11, onde lemos:

> *Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?*

Cf. este versículo, igualmente, com Jer. 50.2 e Êxo. 17.15.

A Resposta Favorável (20.6-9)

20.6

Agora sei que o Senhor salva o seu ungido. Os sacrifícios apropriados tinham sido feitos; a refeição comunal estava terminada; os pendões haviam sido desfraldados; o exército de Israel marchava, na *certeza* de que suas petições a Yahweh tinham atraído Sua atenção, e que Ele já estava preparando as Suas trovoadas, as quais deixariam o inimigo atônito e garantiam a vitória para Israel. Yahweh, em Seu elevado e santo santuário, lá no Seu céu, não deixaria Seu povo decepcionado. Ele daria ao rei, o comandante-em-chefe, a sabedoria e o poder de que este necessitava. Ele também interviria diretamente na batalha, se necessário fosse.

Este versículo pode abrigar uma resposta favorável do *oráculo* do sumo sacerdote, ou dá uma indicação dada pelo *Urim e Tumim* (ver a respeito no *Dicionário).* Alguém gritou: "Boas novas! O oráculo diz que vencerás, ó rei!".

Possivelmente esse oráculo seguia-se aos sacrifícios e fazia parte do procedimento em tais ocasiões.

Sua destra. Achar-se alguém a *destra* de Deus era estar no lugar da mais elevada honra. Receber ajuda da *mão direita* de Deus significava receber a intervenção divina, que se mostra eficaz para assegurar a vitória. Ver Êxo. 15.6; Sal. 16.8; 17.7; 21.8; 45.4; 48.10; 74.11; 108.6; 110.1; 118.15; Mat. 22.44; Atos 2.33; Rom. 8.34; Efé. 1.20; Heb. 1.3; I Ped. 3.22.

20.7,8

Uns confiam em carros, outros em cavalos. A vitória caracterizava-se pela queda do inimigo e pelo levantamento triunfal de Israel (vs. 8). Carros de combate de metal, especialidade de alguns dos adversários de Israel, e excelentes cavalos de guerra, que combatiam da mesma maneira que os homens, não traziam bem algum a esses adversários. O *nome* obtinha sempre a vitória. Esse nome era representado nos pendões (vs. 5), e a presença de Deus honrava a fé dos israelitas ali exibida. Note-se o nome divino no vs. 8: *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Falsa Jactância. Os homens iníquos, ou meramente ignorantes, são cheios de falsas motivações e jactâncias. Mas a batalha depende do Ser divino, e não de coisas que as pessoas transformam em pequenos deuses. Tradicionalmente, o exército de Israel era de infantaria. Sendo fraco por si mesmo, se alguma vitória chegasse a ser obtida, a Yahweh seria dado todo o crédito. Em contraste, os inimigos de Israel desenvolviam modos superiores e armas de guerra mais sofisticadas, e jactavam-se nessas coisas. Aos reis de Israel foi ordenado que *não multiplicassem cavalos;* mas Salomão ignorou o mandato divino (ver Deu. 17.16). Em breve, Israel saía a combate com excelentes carros de combate de metal e cavalos de guerra treinados. Contudo, se Yahweh não concedesse a vitória, esta não seria obtida.

Algumas vezes um exército mal treinado e mal equipado obtém grande vitória sobre uma força superior, pela pura necessidade e pelo desejo feroz de sobreviver, embora isso seja um tanto raro. Quase sempre é o exército bem treinado e bem equipado que vence. Atualmente, uma explosão atômica bem planejada é mais decisiva do que um exército inteiro. E nós, os crentes, possuímos o Poder do alto para as nossas batalhas. A alma tem de estar preparada e disciplinada na guerra espiritual.

O apóstolo Paulo usou a metáfora do *boxe* (ver I Cor. 9.26), e é admirável que muitas pessoas religiosas apreciem uma boa luta de boxe. No boxe há os elementos da disciplina, coragem e bravura masculina, e todos admiram essas qualidades. Ocasionalmente, temos de admitir tristemente que fomos *derrubados.* O adversário nos atingiu com algum golpe de sorte? Fomos derrubados, mas não derrotados. Levantamo-nos para continuar lutando. O fim da boa luta para o vencedor é ser posto no pedestal do triunfo. Até mesmo um campeão é derrotado vez por outra, mas sempre volta à carga. Certa ocasião, vi uma luta de boxe de um campeão contra outro. No quinto *round* um deles foi terrivelmente castigado. Mas no sexto, aquele que quase fora derrotado voltou e ganhou a luta. Nunca me esquecerei de suas palavras, ao descrever a luta alguns anos mais tarde: "Aquele foi meu momento mais excelente!". Também precisamos de horas excelentes e, algumas vezes, de *horas as mais excelentes.* Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

20.9

Ó Senhor, dá vitória ao rei. *Este salmo termina com um tom de calma,* um tom de confiança. A verdadeira religião nem sempre é a que faz mais barulho e dá maior espetáculo. Ellicott tem um interessante comentário aqui: "A mudança da segunda para a terceira pessoa é característica da maneira hebraica de conquistar as emoções, permitindo o encerramento de um poema para que morra em uma linguagem calma e subjugada. Cf. Sal. 110.7". J. R. P. Sclater (*in loc.*), refere-se a este final subjugado como *dignificado.* Hensley Henson, em suas memórias, fala sobre a *angústia* que as religiões barulhentas lhe causavam, um ruído sustentado por sua elaborada música e coros e por seus sermões gritados.

"Os adoradores reunidos respondiam em uníssono com uma oração, dirigida ao Senhor, para demonstrar que o livramento lhes fora assegurado e que o rei fora poupado na batalha. O pedido a que o Senhor deveria responder aparece no começo e no fim deste salmo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo, como é claro, é cristianizado por aqueles que pensam que está em foco o Rei Messias, o qual conquista toda a iniqüidade e salva as almas de Seu povo, a despeito das maquinações de Satanás. Ver Col. 2.15.

Salmo Vinte e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto à *classificação dos salmos,* ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um dos *salmos reais.* Existem cerca de dezessete deles. Alguns salmos reais também são obviamente messiânicos, enquanto outros têm alusões e reflexões messiânicas, o que é verdadeiro no caso do Salmo 20. A aplicação primária do Salmo 21, obviamente, é ao rei de Israel, pois os salmos reais falam de algo essencial para o rei, como sua coroação, seu governo, seus triunfos, sua grandeza etc.

Duas Divisões no Salmo 21:

1. Vss. 1-7: As bênçãos e vitórias passadas do rei.
2. Vss. 8-13: As esperadas vitórias futuras do rei.

Na antiguidade, os reis usualmente tinham de ser *matadores* campeões. De fato, eles eram escolhidos pelas habilidades militares e por sua reputação de serem matadores em massa dos inimigos de seus respectivos povos. Foi assim que as mulheres de Israel cantaram que Saul matara milhares, mas Davi matara dezenas de milhares (ver I Sam. 18.7). Os reis das nações por muitas vezes agiam como comandantes-em-chefe e acompanhavam seus exércitos às batalhas. Ver Sal. 20.1,2. Os sacrifícios apropriados eram oferecidos antes da batalha, para garantir a ajuda divina (ver Sal. 20.3). Talvez um oráculo fosse conseguido para encorajar o exército a marchar com a bênção de Deus e a certeza da vitória (ver Sal. 20.6).

Este também é um salmo de *ação de graças,* porquanto retrata as bênçãos do rei vencedor e projeta para o futuro um sucesso idêntico. O Salmo 20 primeiramente pede a vitória e depois agradece por ela. Não é impossível que aquele e este salmo se refiram ao mesmo acontecimento. Seja como for, os dois salmos estão intimamente relacionados, pelo que aparecem juntos no saltério.

Subtítulo. A observação de introdução diz apenas que este salmo foi endereçado ao mestre do coro e composto por Davi. Tais comentários foram preparados por editores posteriores e não têm autoridade canônica. Usualmente, meras conjecturas eram oferecidas quanto à autoria e ao ambiente histórico que pode ter inspirado as composições poéticas. Mas não há que duvidar que, algumas vezes, dessa maneira eram providas informações autênticas.

21.1

Na tua força, Senhor, o rei se alegra! O Senhor aparece aqui, no original hebraico, como *El,* o Poder, sendo seguro confiar Nele. Ele dará livramento diante de todos os perigos e ataques do inimigo. Seu povo podia *regozijar-se* nesse fato. A *força* assim exibida, no contexto deste salmo, manifestava-se por ocasião das

batalhas. As guerras eram intermináveis, e a proteção divina fazia-se interminavelmente necessária. Assim sendo, receberemos alegria em qualquer batalha que tenhamos de enfrentar.

"O Salmo 21 tinha por intuito ser usado nas antífonas. Nos vss. 1-7, o povo de Israel ou seus representantes (talvez um grupo de donzelas), que cantavam e louvavam a Deus, saiu ao encontro do rei, que voltava da batalha. Nos vss. 8-12 eles se dirigem diretamente ao rei, contando suas realizações. No vs. 13 todos se reúnem em uma atribuição final de louvores a Deus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

O Targum dirige este salmo ao Messias e, naturalmente, os intérpretes cristãos têm aceitado a sugestão. Ver Col. 2.15, quanto às vitórias do Rei dos reis sobre todos os perigos do mal. Nesse caso, o livramento é *físico*, dentro do meio ambiente histórico, mas *espiritual*, sob o ponto de vista profético.

21.2

Satisfizeste-lhe ao desejo do coração. O que o rei mais queria era a *vitória sobre os inimigos*. Foi assim que Davi derrotou *oito* povos adversários de Israel (ver II Sam. 10.19), o que permitiu que seu filho, Salomão, inaugurasse a época áurea da história de Israel. O que Davi mais queria ("o desejo do seu coração") foi-lhe concedido pela graça e pelo poder divino. Aquilo que ele havia pedido com tanta diligência *não lhe foi negado. Ele orara e Deus ouvira. Davi não encontrou* "lá no alto" um Deus indiferente, sobre o qual fala o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário).* Pelo contrário, seu Deus interveio em seu favor (posição do *teísmo;* ver também no *Dicionário*). Suas orações foram eficazes e não precisaram de longo tempo para serem respondidas. A situação era de urgência, e Deus agiu de pronto. Ele atirou Seus raios, ferindo e derrubando os adversários. Exibiu Seu poder e limpou o campo. Bradou com Sua voz poderosa do céu e fez a terra estremecer. Estendeu o Seu braço direito e fez a maré virar ao contrário. Levantou Davi e o estabeleceu a grande altura, porquanto este tinha confiado Nele. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Ver Sal. 20.4, que é passagem bastante similar a este versículo.

> Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão.
>
> (Salmo 2.8)

Uma interpretação popular, mas errônea, é a que diz que *Deus* é quem insufla em nosso coração os desejos divinos, e então nós os "desejamos" como se *nós* mesmos fôssemos os originadores. Isso pode exprimir uma verdade, mas não é a idéia que figura neste versículo.

Selá. Quanto a notas expositivas completas sobre esta palavra misteriosa e seus usos alegados, ver Sal. 3.2.

21.3

Pois o supres das bênçãos de bondade. Primariamente, estão aqui em vista as vitórias militares, bem como a paz e a prosperidade de um povo vitorioso, que dependia de contínuo sucesso em guerras intermináveis.

Um símbolo de vitória foi posto sobre a sua cabeça — a coroa. "As donzelas estavam acostumadas a sair ao encontro de um monarca que retornasse vitorioso, a fim de oferecer-lhe uma coroa, ou coroa de louvor, que servia como símbolo de extraordinário regozijo. Cf. I Sam. 18.6; Sal. 68.11; Can. 3.1; Sabedoria 2.8; *Judite* 15.13; III *Macabeus* 7.16" (Ellicott, *in loc.*).

Uma coroa de ouro puro. A coroa permanente de um rei, talvez referindo-se, historicamente, à coroa do rei de Rabá, que Davi conquistou quando obteve a vitória sobre ele. Ver II Sam. 12.26-30.

> *Saí, ó filhas de Sião, e contemplai o rei Salomão com a coroa com que sua mãe o coroou no dia do seu desposório.*
>
> (Cantares 3.11)

Quanto a um *sentido messiânico,* ver Apo. 14.14, onde a coroa de ouro também é mencionada. Aqui é simbolizada a autoridade real, divinamente conferida. A coroa é um *reconhecimento* visível desse fato. Ver o artigo detalhado sobre *Coroa,* no *Dicionário,* que inclui os usos metafóricos. Ver também sobre *Coroas.*

21.4

Ele te pediu vida e tu lha deste. Uma *vida longa* é sempre desejável. Ver as notas elaboradas sobre isso, em Gên. 5.21. Uma das promessas ao homem que observava a lei era exatamente essa. Ver Deu. 2.6,7,15; 5.16. Era calamidade especial morrer prematuramente, especialmente por intermédio de algum inimigo. Pensava-se que isso era devido ao julgamento de Deus. A *vida* referida neste versículo não é a espiritual. Este salmo não contempla vida para além do sepulcro, a qual entra nos salmos aqui e ali, e também nos livros dos profetas, mas não fazia parte da teologia patriarcal. O desenvolvimento desse tema (na religião dos hebreus) teve de esperar pelos livros pseudepígrafos e apócrifos, bem como pela elaboração do Novo Testamento. Mas já fazia bastante tempo que a noção fazia parte integral das religiões orientais e da filosofia grega. Portanto, em sentidos importantes, Platão sabia mais que Moisés, o que é um fato notável. Se o leitor não acredita nisso, que leia os diálogos de Platão. Eles o deixarão boquiaberto. O *Logos* implanta Suas sementes em todos os lugares.

Longevidade para todo o sempre. Alguns intérpretes apegam-se a essas palavras para provar que está em pauta a vida eterna, mas "na linguagem do antigo Oriente, *para todo o sempre* não significa mais do que muitos anos" (William R. Taylor, *in loc.*). Contudo, "à luz do evangelho, não podemos atribuir a essas palavras um sentido tão pobre. Nenhuma frase mais aquecedora do coração, na presença da morte, pode ser encontrada nos Salmos, se deixarmos que os lábios de Cristo a diga. Conta-se a história de um bravo jovem que estava prestes a morrer, no vigor da vida, e que orou anelantemente para ser poupado. Mas ele morreu. Mas o que é que Cristo nos mostra? Quais distantes horizontes Ele faz rebrilhar à nossa frente? Se as orações do pobre jovem tivessem sido respondidas, isso teria significado apenas um adiamento. Mas *conforme as coisas aconteceram, o melhor presente* de Deus lhe foi dado sem *espera,* ou seja, a vida para todo o sempre" (J. R. P. Sclater, com uma nota expositiva veraz e eloqüente, mesmo que este salmo apenas dê isso a entender, sem ensiná-lo diretamente). Essa doutrina é verdadeira, não obstante. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alma;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Imortalidade.*

21.5

Grande lhe é a glória do teu salvamento. "Salvamento" aparece na Revised Standard Version como *ajuda,* o que dá no mesmo que salvamento, embora também pudéssemos entender esta palavra como "livramento". Não está em pauta a salvação da alma. Ver as notas no versículo anterior. Antes, está em vista o livramento temporal da morte, com uma prosperidade subseqüente em paz. Porém, como uma aplicação, podemos fazer essa palavra significar mais do que isso. A glória do rei de Israel não visava somente a ele próprio, nem havia sido ganha por seus próprios esforços. Antes, foi outorgada por Deus, e para o bem de todo o povo de Israel. O resplendor e a majestade do rei foram *concedidos* divinamente, e isso também é uma verdade quanto a todas as coisas de que desfrutamos:

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

Cf. Heb. 2.9, onde muito do mesmo fraseado foi usado e aplicado a Cristo. Talvez aquele versículo seja um reflexo do versículo atual, pelo que temos uma implicação messiânica, se não diretamente uma antecipação messiânica.

21.6

Pois o puseste por bênção para sempre. O rosto rebrilhante de Yahweh havia trazido poder e glória. O rei de Israel regozijava-se nessa luz. De fato, ele estava pleno de alegria na presença de Deus, que o tinha beneficiado. Os intérpretes, *cristianizando* o versículo, aplicam-no à ascensão de Cristo, apontando para Atos 2.28, que, de fato, pode ter apanhado as palavras deste salmo, dando-lhe uma aplicação messiânica. Por outra parte, pode estar em pauta aqui meramente o que os teólogos chamam de "acomodação", ou seja, a conformação de certos versículos do Antigo Testamento a situações do Novo Testamento, sem que haja, realmente, alguma antecipação profética. Seja como for, ver Sal. 1.1, quanto a sentimentos similares. Ver também Atos 2.33.

> *Tu me farás ver os caminhos da vida;*
> *Na tua presença há plenitude de alegria,*
> *Na sua destra delícias perpetuamente.*
>
> (Salmo 16.11)

21.7

O rei confia no Senhor. Todos os benefícios do rei derivavam-se de sua *confiança* no Senhor. Quanto ao uso dessa palavra nos salmos, ver notas expositivas em Sal. 2.12. Na confiança entregamos a nossa vida e nessa entrega há vida.

Altíssimo. Ver as notas expositivas sobre o termo em Sal. 7.17, e ver também o verbete com esse nome no *Dicionário.* A bênção recebida veio do mais elevado lugar e do Poder mais alto possível. Portanto, a bênção era adequada à situação.

Jamais vacilará. Quanto a uma declaração parecida, ver as notas em Sal. 10.6 (ali a respeito do fingimento de um homem impio); Sal. 15.5; 16.8; 30.6; 46.5; 55.22; 62.6; 66.9; 93.1; 112.6 e 121.3. *Vacilar* seria um prejuízo. *Jamais vacilar* é estar seguro e não sofrer nenhum prejuízo. Significa cumprir o próprio propósito na vida. No movimento há certa decadência. No estado estacionário, há preservação de valores. O rei continuaria reinando e não seria atirado fora do trono. Os propósitos divinos seriam, dessa maneira, cumpridos.

Quanto a uma aplicação cristã, ver I Cor. 15.58:

> *Meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.*

Esperava-se que a dinastia davídica continuasse para sempre. Porém, somente no governo e no reinado de Cristo, isso se tornou possível, por ser Ele Filho de Davi (ver Rom. 1.3). A linhagem de Davi, nas páginas do Antigo Testamento, não perdurou por longo tempo. Seu trono caiu e a linhagem precisou ser considerada pelo ângulo messiânico. Nesse sentido, pois, o rei de Israel é *inabalável.*

"Talvez isso possa ser mais bem compreendido acerca daquele de quem Davi foi o *protótipo. Seu* trono e governo permanecerão para sempre" (Adam Clarke, *in loc.*).

As Vitórias Futuras do Rei (21.8-13)

Quanto aos vss. 8-13: "Um oráculo que promete uma sucessão de vitórias, dirigidas ao rei por um sacerdote ou profeta do templo (cf. Sal. 20.5)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 8). Os vss. 1-7 contam as bênçãos e as vitórias passadas do rei, ao passo que os vss. 8-13 antecipam a continuação de seus sucessos. Os adversários do rei seriam aniquilados porque o Poder dos céus estava com ele.

"Aqui a congregação dirige-se ao rei. Visto que ele confiava no Senhor, sabia que derrotaria de forma convincente os seus inimigos" (Allen P. Ross, *in loc.*).

21.8

A tua mão alcançará todos os teus inimigos. O verbo, literalmente traduzido, é "descobrirá", com o sentido de "cair sobre". Nesse cair sobre a mão dos inimigos, seria efetuado um aniquilamento. A figura simbólica é reforçada ao dizer que se tratava da mão direita de Davi. Quanto à metáfora da "mão direita", esta é usualmente aplicada a Deus, o lugar de honra ao lado Dele, bem como o terrível *uso* de Sua mão direita para julgar e endireitar as coisas, ou para efetuar alguma grande obra. A mão direita do rei só era forte e eficaz por lhe terem sido dados poder e favor da parte de Deus, a fim de que ele agisse como delegado de Deus. Talvez a expressão "descobrirá" nos dê o sentido de "buscar e destruir", porquanto os inimigos de Israel seriam expostos e se tornariam incapazes de ocultar-se da *vingança divina.*

Os que te odeiam. Os que são treinados para matar também devem ser treinados para odiar. O ódio anda de mãos dadas com o assassinato. Israel estava cercado de odiadores e assassinos. O rei tinha de ser um supermatador para impedir que seu país fosse dominado pela opressão e pela ocupação armada. Por outra parte, quando os israelitas foram elevados acima de outras nações, por terem recebido um período de poder superior, foram eles quem odiavam e matavam, conforme o Antigo Testamento nos diz abundantemente. O ódio é o extremo oposto do amor. Naturalmente, essa matança era sempre realizada em nome dos deuses ou de Deus. Tal era a natureza da época. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Ódio.*

21.9

Tu os tornarás como em fornalha ardente. O *fogo* é um bom elemento destruidor. Os exércitos sempre têm-se utilizado dos incêndios para levar a cabo um povo atacado, ou para aniquilar uma infeliz cidade capturada. Davi, pois, incendiava as fortalezas, as cidades e os lares de seus adversários. O fogo é sempre usado como um paralelo da *ira de Deus* (ver no *Dicionário*). O fogo de Davi era imaginado como aplicação da ira ardente de Deus. Davi tinha a sua *fornalha,* a qual era acesa pelo fósforo divino e representava uma extensão da fornalha divina. Cf. Sal. 79.5, onde a ira de Deus é comparada ao fogo. Em I Enoque o lugar de julgamento transformou-se em um abismo incendiado, pelo que os eruditos dizem, com razão, que "as chamas do inferno foram acesas em I Enoque". Alguns versículos do Novo Testamento mantêm acesas essas chamas, de maneira que incontáveis gerações de cristãos têm pensado literalmente sobre as chamas do inferno. Se essas chamas são literais, então Deus é o Grande Monstro do século, e não o Grande Salvador. Tal interpretação ignora completamente o Deus de amor, que enviou Cristo em Sua missão tridimensional: à terra, ao hades e aos céus, a fim de redimir e restaurar. Ver no *Novo Testamento Interpretado* as notas expositivas sobre Efé. 1.9,10 e I Ped. 3.18-4.6. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo,* quanto a observações que a maior parte das pessoas gostaria de considerar. O fluxo da revelação nos tem conduzido a certos conceitos antigos que os hebreus criaram e que os cristãos, há muito tempo, deveriam ter descartado.

Cf. Mal. 4.1.

21.10

Destruirás da terra a sua posteridade. No hebraico, temos aqui, literalmente, a palavra "fruto", embora a referência seja aos resultados da procriação, e não a produtos agrícolas. "Posteridade", portanto, é um sinônimo de "descendência". As vitórias do rei de Israel não somente destruiriam os exércitos inimigos, mas também as famílias dos soldados inimigos, incluindo mulheres e crianças, e até seu gado. Seria uma "guerra santa" (ver a respeito em Deu. 7.1-6 e 20.10-18). Nessa modalidade de guerra, "a coisa inteira" era oferecida a Yahweh, como se fosse um *sacrifício,* e era totalmente queimada (o que também acontecia nos *holocaustos;* ver a respeito no *Dicionário*). Tal forma de destruição garantia paz a longo termo. Era assim cometido o genocídio, e, excetuando alguns poucos que se misturavam com o invasor de terras, ou com Israel, várias raças foram totalmente obliteradas da Palestina. Ver os *oito* povos que Davi aniquilou ou confinou, em II Sam. 10.19.

Justificava-se que tudo isso, naturalmente, foi feito por orientação de Yahweh, como o general dos exércitos do Senhor.

> *Pois o Senhor ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada.*
>
> (Salmo 37.28)

21.11

Se contra ti intentarem o mal. Atacar o povo de Yahweh e Seu culto era a mesma coisa que atacar o próprio Yahweh. Portanto, a destruição era uma *reação divina* contra homens violentos. O inimigo possuía seus *esquemas iníquos,* seus próprios planos de extermínio, pelo que tinham de sofrer o que eles mesmos haviam planejado para os outros. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A capacidade de o inimigo retaliar requeria não somente que as batalhas fossem ganhas, mas também o extermínio de exércitos, e até de todos os povos envolvidos. Ver Jos. 6.21 e Deu. 13.15,16. Mas os acontecimentos passados serviam de prova suficiente de que essa obra seria realizada. Naturalmente, começavam em seguida os ataques lançados por grandes potências estrangeiras, como o Egito, a Assíria e a Babilônia, pelo que, no fim, Israel é que acabou exterminado ou levado para o exílio. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiros.* Todos esses infortúnios que atingiram os inimigos de Israel ou a própria nação de Israel, segundo informa a Bíblia, foram causados pelo pecado ou pela negligência espiritual.

21.12

Porquanto lhes farás voltar as costas. O inimigo seria posto em fuga, enquanto as flechas de Yahweh se precipitavam atrás dos adversários, matando os que se desgarrassem. Além disso, os dardos de Deus seriam atirados no rosto do inimigo. Assim sendo, a fuga finalmente seria permanente. A Palestina seria limpada de inimigos "interiores" de Israel, e esta nação ficaria em posição de supremacia. Salomão surgiria em cena em uma era de paz e estabeleceria a Época Áurea de Israel, ampliando mais ainda as fronteiras da nação, ou seja, todos os territórios a nordeste, até o rio Eufrates, e para o sul, até o rio do Egito. Ver as descrições existentes no *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18. Nem toda a terra prometida a Abraão foi conquistada então, mas quase toda, excetuando somente a extensão até as margens do rio Nilo. O "rio do Egito" não correspondia ao Nilo, no que diz respeito aos resultados da expansão dos territórios de Israel, embora certamente o Nilo estivesse em vista, no Pacto Abraâmico. Quanto a melhores explicações sobre a questão, ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Rio do Egito* e *Ribeiro do Egito.*

21.13

A Conclusão Exaltada. O rei de Israel finalmente será supremo e reinará sozinho. Yahweh era o *poder* por trás dele, pelo que o rei é *exaltado* no fim deste salmo. E o povo de Israel irrompeu em cânticos, por causa da *força divina* que lhes foi conferida para garantir a vitória. Este salmo foi musicado e entoado no templo, e os louvores a Yahweh ressoaram de parede a parede. Alguns comentadores o endereçam ao rei, que foi chamado para erguer-se e obter a vitória através da força de Yahweh, mas isso requer uma emenda duvidosa do trecho hebraico por trás da tradução. Este versículo pode ser um *voto,* conforme pensam alguns eruditos. Vendo as vitórias finais de Yahweh, o coro do templo, e, de fato, o povo todo de Israel, cumpriria seus votos de trazer cânticos especiais de louvor à presença de Yahweh, seu Comandante-em-chefe.

Salmo Vinte e Dois

Quanto a *informações gerais* aplicáveis a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário sobre o livro de Salmos que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo messiânico, dos quais há cerca de dezesseis. Mas também existem outros salmos com alusões ou reflexões messiânicas. Os salmos considerados messiânicos são os de número 2, 8, 16, 22 a 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118.

Dentro do *contexto histórico,* este salmo é chamado de *salmo de lamentação,* o *grupo maior de salmos, com mais de 60 exemplos.* Os salmos de lamentação começam com um clamor urgente a Deus, pedindo livramento dos inimigos, e então terminam com uma nota de *louvor,* pois a resposta à oração foi conferida, ou em breve o será. O Salmo 22, portanto, é a *lamentação do Messias* em um sentido *profético.* Jesus o citou na cruz (ver Mar. 15.34), e por isso este salmo foi incluído nas sete palavras finais pronunciadas antes de Sua morte. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Sete Palavras da Cruz.*

Do *ponto de vista histórico,* a circunstância que provocou o clamor de angústia parece ter sido uma *enfermidade mortal, um inimigo alojado no corpo físico.* Cf. sobre as mesmas circunstâncias no Salmo 6. O inimigo geralmente estava do "lado de fora", como guerreiro inimigo; mas algumas vezes estava do "lado de dentro", alguma revolta contra o rei ou alguma outra pessoa ímpia que ameaçava a sua vida.

Do *ponto de vista profético,* a circunstância que causou o clamor de angústia foi a cruz que, de fato, poria fim à vida física de Jesus. Pareceu, naquele momento, que tudo estava perdido, e assim Jesus, em Sua fraqueza humana, clamou pela ajuda do "Deus distante", que parecia tê-Lo abandonado. Este salmo contém elaborada *conclusão de louvor e ação de graças.* Os vss. 22-31 dedicam-se à exaltação do Senhor, muito mais do que qualquer outro salmo de lamentação. A aplicação messiânica do salmo naturalmente foi a causa de tão longa expressão de louvor, visto que era Jesus, triunfante sobre a morte, que estava sendo previsto. Isso foi muito mais importante do que o fato de algum homem piedoso ser livrado de uma enfermidade "quase fatal" do corpo físico. Não obstante, do ponto de vista histórico, o homem piedoso foi libertado de sua enfermidade e assim dirigiu-se ao templo para cumprir seus votos e proferir uma palavra de louvor a Deus, pela misericórdia obtida.

Subtítulo. Este salmo é atribuído a Davi (mas ver o vs. 17) e endereçado ao mestre do coro. Recebeu o título de *Ajelé hassaar,* que tem sido variegadamente entendido pelos intérpretes. Essas palavras podem fazer referência a algum instrumento musical que acompanhava o salmo no culto do templo. No entanto, elas *parecem significar "corça da manhã". É difícil definir qual é o sentido exato.*

Fausset (*in loc.*) supõe que a corça seja emblema de alguém perseguido até a morte (ver Isa. 13.14). Nesse caso, podemos ver aqui o Cristo, perseguido e morto como uma corça que tentava futilmente fugir de seus caçadores.

Alguns estudiosos pensam em "dores do coração", uma indicação de como o salmo deveria ser entoado. Perdeu-se a conexão histórica, bem como o sentido das palavras em relação ao salmo, pelo que temos de conjecturar sobre a questão, ou seja, sobre como os antigos hebreus agiam em relação à composição. Seja como for, *os subtítulos dos salmos não faziam parte do original, sendo* adições introdutórias posteriores feitas por editores que queriam informar-nos quanto à autoria e às circunstâncias históricas inspiradoras, ou referir-se a orientações musicais ou instrumentais relacionadas ao cântico. A maior parte dessas anotações não passa de conjecturas.

"Os Salmos 22 a 24 formam uma *trilogia.* No Salmo 22, o Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas (João 10.11). No Salmo 23, o Grande Pastor, trazido de novo dentre os mortos, através do sangue do pacto eterno (ver Heb. 13.20), cuida ternamente das ovelhas. No Salmo 24, o Pastor Principal aparece como o Rei da Glória, para trazer a Si mesmo as ovelhas e recompensá-las (ver I Ped. 5.4).

Este salmo é um quadro gráfico da morte por crucificação. Os ossos das mãos, dos braços, dos ombros e da pélvis estão desconjuntados (vs. 14). Há intensa transpiração causada pelos sofrimentos violentos (vs. 14). A ação do coração está afetada (vs. 14). Há exaustão das forças e uma sede intensa (vs. 15). As mãos e os pés estão traspassados (vs. 16). Há uma nudez parcial e a modéstia está ferida (vs. 17)... Quanto ao cumprimento dessas predições nas páginas do Novo Testamento, ver o vs. 1 (Mat. 27.46), o grito de desolação; então temos os períodos de luz e de trevas, ver o vs. 2 (Mat. 27.45); em seguida, as zombarias e o desespero, ver os vss. 6-8,12,13 (Mat. 27.39,43); o lançamento das sortes, ver o vs. 18 (Mat. 27.35) — todas essas coisas se cumpriram literalmente. Quando lembramos que a crucificação era uma forma de execução romana, e não judaica, a prova da inspiração torna-se irresistível" (*Scofield Reference Bible, introdução aos Salmos*).

Duas Divisões do Salmo 22:
Vss. 1-21: O clamor da alma turbada: um apelo ao Pai.
Vss. 22-31: Ação de graças da alma triunfante.

Os *críticos* que querem negar o sentido profético e messiânico deste salmo não ignoram os muitos paralelos com os evangelhos, que demonstro nas notas da *Bíblia Anotada de Scofield, acima.* Mas eles acreditam que esses paralelos foram "arranjados", isto é, inventados, para fazer da morte de Jesus o cumprimento da profecia. Esse tipo de incredulidade, porém, só nos pode afastar da verdade, em vez de aproximá-la de nós. É sempre melhor acreditar de mais do que de menos.

Cf. o Salmo 69, que tem *reflexos da crucificação.*

22.1

Deus meu, Deus meu. *O clamor de quem se sentia negligenciado. No hebraico, Eli, Eli, lama azavtani.* O Targum apresenta *lamá sabbachtani,* como as palavras proferidas por Jesus na cruz, aparentemente seguindo a versão siríaca. Ver Mat. 27.46, quanto a notas expositivas completas, no *Novo Testamento Interpretado.* Cf. Mar. 15.34. Vários manuscritos do Novo Testamento dão palavras diferentes, causando bom número de variantes textuais. No comentário dou amplas anotações sobre essa questão. O livro apócrifo de Pedro, refletindo tendências docéticas, diz: "Meu poder, meu poder, tu me abandonaste!". Esse clamor de desolação foi lançado ao término das três horas de escuridão e, curiosamente, é a única das *sete declarações* de Jesus na cruz registrada tanto por Mateus como Marcos.

No *contexto histórico,* algum indivíduo piedoso, identificado no subtítulo como Davi, sofreu uma enfermidade mortal da qual pleiteou a um "Deus distante" libertação. Não temos incidente registrado como esse relacionado à vida de Davi no Antigo Testamento. Alguns eruditos supõem que fosse uma *lamentação de Jeremias,* na prisão, que acabou sendo acrescentada aos Salmos. Nesse caso, então, diríamos que Jeremias foi um tipo de Cristo em seus sofrimentos. Alguns pais da Igreja pensavam que este salmo seria exclusivamente profético e messiânico, sem nenhuma base histórica.

Cf. Heb. 5.6,8,9.

As palavras do meu bramido. O "bramido" pode ser o de um leão (ver Isa. 5.29), mas a palavra também foi usada para indicar os profundos queixumes de um homem (Sal. 38.9). Nessa expressão há o sinal de uma intensa agonia e desolação mental. "... expressando a veemência de seu espírito, que clamava a Deus, a imensa grandeza de Suas tristezas e as dores excruciantes de Seus sofrimentos. Foi isso que o apóstolo quis dar a entender com 'forte clamor e lágrimas' (Heb. 5.7)" (John Gill, *in loc.*).

22.2

Deus meu, clamo de dia. O clamor se processava *dia e noite,* o que, sem dúvida, aponta para um *ambiente histórico,* visto que os sofrimentos de Jesus, na cruz, não duraram dia e noite. Essas palavras implicam um *sofrimento prolongado,* talvez estendendo-se durante várias semanas e aproximando-se gradualmente da morte certa. Portanto, este versículo alerta-nos a não exagerarmos no sentido profético, a expensas do sentido histórico. O pobre homem orava a um Deus deísta, que tinha abandonado a Sua criação e a deixara governada pelas leis naturais, e não a um Deus teísta, que intervém na vida humana. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.* No livro de Jó, é comum ver aquele homem miserável clamando a Deus, o qual, aparentemente, esqueceu seus sofrimentos. Finalmente, todavia, no capítulo 38, o trovão da presença de Deus ribomba, o que também acontece na segunda porção do salmo presente (vss. 22-31). Para tornar este salmo um salmo exclusivamente messiânico, os intérpretes referem-se a *outros* sofrimentos de Jesus, como os do jardim do Getsêmani, que também se teriam prolongado por bastante tempo. Mas isso é um refinamento desnecessário de uma falsa idéia.

22.3

Contudo tu és santo. *Embora distante,* Deus é reconhecido como *santo,* e assim o homem *piedoso* tem razão de esperar Nele. O Deus Santo está *entronizado sobre os louvores de Israel* (Revised Standard Version), e assim o homem enfermo teve razão (não distinta) de proferir louvores, quando sua enfermidade foi curada. Naturalmente, o Cristo abandonado na cruz em breve entoaria louvores a Deus, pois Sua causa fora reivindicada pela ressurreição.

Os louvores de Seu povo, no santuário, serviam de *trono* no qual Deus se assentava (ver Sal. 80.1). Os louvores de Israel tinham tomado o lugar dos querubins no Santo dos Santos, onde se manifestava a glória *shekinah.*

O *Deus do Pacto* jamais abandonaria o Seu povo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.*

> *Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu, que conduzes a José como um rebanho; tu, que estás entronizado acima dos querubins.*
>
> (Salmo 80.1)

22.4,5

Nossos pais confiaram em ti. Havia muitos precedentes para a fé. O poeta relembrou Yahweh que a *antiga confiança* Nele tinha pago grandes dividendos, e assim esperava que seu caso fosse tratado com bondade. Além disso, deveríamos *adicionar, no caso do salmista,* as questões de dias passados e dizer: "O Senhor *sempre* ajuda Seu povo quando clamamos a Ele!". Por que o passado deveria ser considerado melhor do que o presente? "Visto que Deus é o mesmo *imutável Yahweh,* o sofredor apela em fé para que, assim como Deus ajudou os *antepassados,* não pode deixar de ajudar um Seu filho confiante, *agora.* Nós, por igual modo, podemos pedir socorro em nossas aflições (Sal. 44.1)" (Fausset, *in loc.*). Davi, refletindo sobre a história passada de Israel, foi encorajado a continuar a orar, ou isso aconteceu com Jeremias, ou alguma outra pessoa piedosa? A oração do Messias foi respondida, *imediatamente.* Oh, Senhor, concede-nos tal graça! A antiga nação de Israel teve sua escravidão egípcia, sua experiência no mar Vermelho, e sua conquista da Terra Santa. Houve muitas provações, muitos testes e muita oração em busca de socorro. E assim também *nós* devemos continuar a orar.

Confiaram, e os livraste. A idéia de confiança aparece *três vezes* nos vss. 4 e 5. Ver Sal. 2.12, quanto ao significado da palavra "confiar" nos Salmos. Ver uma quarta repetição no vs. 8.

22.6

Mas eu sou verme, e não homem. *Embora os pais* tivessem confiado em Yahweh, pelo que também foram recompensados, o pobre homem (Davi, ou Jeremias ou algum outro, ou Jesus na cruz) continuou orando a Deus que não o ouvia e parecia esquecido de seus sofrimentos.

Deixa-me sentir que estás sempre próximo;
Ensina-me a suportar as lutas da alma,
A conter a dúvida que se levanta,
o suspiro rebelde;
Ensina-me a paciência da oração não-respondida.

(George Croly)

Verme. Uma criatura humilde, sem valor, ou aparentemente sem valor, pisada e esmagada, *indefesa,* tratada com todo o desrespeito. Um objeto de desprezo que os homens rejeitam e tratam com derrisão (cf. Jó 30.9-11). Quando Jó adoeceu, as pessoas não correram em seu socorro. Pelo contrário, seus três amigos molestos (ver Jó 16.2) tinham apenas críticas contra ele, e disseram: "Estás recebendo o que mereces. Estás colhendo o que semeaste".

Jó era uma reprimenda entre os homens, sua história era contada entre sussurros e risadas. Ele estava sendo desprezado. Contudo, o verme foi convocado para que não temesse:

Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel; eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu Redentor é o Santo de Israel.

(Isaías 41.14)

22.7

Todos os que me vêem zombam de mim. Cf. Mat. 27.42,43, onde se lê sobre os insultos de homens iníquos contra o Senhor Jesus Cristo. Este salmo trata desse aspecto da experiência humana: vss. 6-8,12,13. Os que escarneciam de Jesus evidentemente não sabiam que estavam cumprindo uma profecia, e por certo também não sabiam que Jesus era o Servo Sofredor de Yahweh. Ver a descrição no capítulo 53 do livro de Isaías.

Os zombadores balançavam a cabeça ao contemplar o homem a quem consideravam desprezível, como se fossem tão sábios a ponto de poder avaliar corretamente a situação. Eles o abandonaram; eles o desprezaram, pois, afinal, Deus não tinha feito a mesma coisa? (vs. 8). Existe a brutal mentalidade da *multidão* que faz com que grandes crimes sejam cometidos contra os inocentes. Por outro lado, há *indivíduos* que também são criminosos sem misericórdia.

Afrouxam os lábios. Eles fechavam os lábios em um gesto de arrogância. E então os escancaravam para dizer blasfêmias e insultos. Cf. Jó 16.10.

Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

(Isaías 53.3)

Ver Mat. 27.39, quanto ao cumprimento dessas palavras na experiência de Jesus.

22.8

Confiou no Senhor! livre-o ele. Este versículo, quanto a seus elementos essenciais, foi citado inconscientemente pelos zombadores de Jesus. Ver Mat. 27.43. Supostamente Jesus deveria descer da cruz, se é que Ele tinha tal poder junto de Deus e havia confiado Nele (vs. 42). O homem que se deleita em um amigo também o livra. Mas se Jesus não conseguisse sair da cruz, estaria recebendo o que merecia. Os que escarneciam de Jesus tinham isso em mente e supunham que Jesus não fosse o que afirmava ser, mas, sim, algum reles pecador que estava colhendo o que tinha semeado. De outra sorte, como explicar tais sofrimentos? Além disso, quem jamais ouvira falar de um Messias *sofredor?* A teologia deles não tinha espaço para tal conceito.

Dentro do *ambiente histórico,* o pobre homem enfermo, moribundo, foi zombado por aqueles que observavam Sua agonia, concluindo, sem dúvida juntamente com ex-amigos, tal como sucedera no caso de Jó, que Jesus era realmente culpado. Eles tinham apenas *uma resposta* para o que estavam vendo: "Este homem é pecador e está recebendo o que merece. Por que deveríamos ter misericórdia dele, quando Deus não o faz?".

Confiou. Pela *quarta vez* encontramos esta palavra no salmo. Ver as outras três vezes nos vss. 4 e 5. Ver em Sal. 2.12 uma explicação de como a palavra foi usada no salmo.

22.9

Contudo, tu és quem me fez nascer. Desde o nascimento, o *minúsculo infante* contava com a bênção e a orientação de *Yahweh* (o nome divino que figura no vs. 8, isto é, o Deus Eterno). Ele tinha um destino especial. No sentido histórico, se *Davi* estava em pauta, então a história está ali na Bíblia, para dizer-nos o que aconteceu. Ele era o *rei ideal* de Israel. Ver I Reis 15.3. Embora Davi tenha cometido grandes erros, nunca tocou na idolatria, a praga da maioria dos monarcas de Judá e de todos os de Israel. Se compreendermos isso no sentido profético, veremos as profecias apontando para *Cristo* no Antigo Testamento e então para Sua vida e teologia no Novo Testamento. Jesus foi chamado para o Egito, através de um sonho revelador, para que Sua vida fosse salva da violência. Foi trazido de volta à Terra Santa por meio de outra revelação. Então Jesus viveu Sua missão redentora. Ele teve uma missão *tridimensional:* na terra, no hades e nos céus. O Espírito de Deus estava com Ele do começo até o fim, e mesmo após o final na cruz.

Se o poeta e Jesus receberam as bênçãos divinas desde os primeiros anos, seriam eles abandonados ao atingir a idade adulta? O registro sagrado mostra-nos que não! Mas para ambos houve momentos de trevas.

"A confiança do salmista foi extraída de seu treinamento como criança. Desde o começo, ele fora ensinado a confiar no Senhor, que o havia tirado do ventre materno. Por toda a sua vida, o Senhor havia sido o seu Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

22.10

A ti me entreguei desde o meu nascimento. Este versículo repete os elementos essenciais do vs. 9. O poeta se lançou nos braços de Deus desde os primeiros anos. Note o leitor o nome divino aqui: *Elohim,* ou seja, o Poder. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* "Deus era o Deus do pacto de eternidade a eternidade... Agora, todas essas primeiras aparições do poder e da providência de Deus, em favor de Cristo, como homem, são referidas em oposição às zombarias e perseguições de seus inimigos... encorajando a fé e a confiança Nele para mostrar que Deus continuava com Ele para ajudar, conforme vemos em seguida" (John Gill, *in loc.*).

22.11

Não te distancies de mim. O Poder que estivera com o salmista no passado agora o socorreria na crise presente. Não havia outra ajuda, e a crise era aguda e ameaçava sua vida. No sentido histórico, a enfermidade do corpo avançava além dos poderes humanos de cura. No sentido profético, o Messias estava prestes a ser executado por homens ímpios e desarrazoados. Mas a esperança não termina com a morte biológica, e a história da ressurreição miraculosa de Cristo coroa o poder maravilhoso.

Nosso Deus, Nossa Ajuda
Nosso Deus, nossa ajuda em eras passadas,
Nossa esperança pelos anos vindouros,
Nosso abrigo dos golpes tempestuosos,
E nosso lar eterno!
...
Sê Tu nosso guia enquanto a vida perdurar,
e nosso lar eterno.

(Isaac Watts, meditando sobre o Salmo 90)

"Diante de tal crise, quando foi mais *necessária* a presença de Deus, o Messias implorou que Ele não se afastasse muito" (Fausset, *in loc.*). "Um Deus presente em uma bênção presente. Sempre precisamos da ajuda divina; porém mais especialmente quando as perturbações estão à mão" (Adam Clarke, *in loc.*). "Satanás marchava na direção Dele, com seus principados e poderes, para atacá-Lo no jardim e na cruz. Judas, um de Seus discípulos, estava nas proximidades para traí-lo. Uma multidão armada de espadas e cacetes estava prestes a apoderar-se Dele. Os pecados de toda a raça humana estavam sendo depositados sobre Ele. A hora da morte se aproximava. Ele foi arrancado da poeira da morte, vs. 15" (John Gill, *in loc.*). Todas essas coisas aconteceram a fim de que a salvação pudesse tornar-se uma realidade por intermédio Dele.

22.12

Muitos touros me cercam... touros de Basã. No *Dicionário* há uma nota expositiva detalhada sobre *Basã,* pelo que não repito aqui o material. Os touros domesticados daquele lugar eram símbolo de força e de ataques furiosos contra qualquer intruso. Esse touro chifrava e pisava aos pés, pelo que representava de forma apropriada a opressão e a perseguição que podiam levar à morte. O gado era criado no distrito de Basã, sendo um lugar muito fértil, uma jóia do território do outro lado do rio Jordão. Ver Núm. 21.33, quanto às terras de pastagem e aos animais domesticados do lugar. O autor ilustra a natureza brutal dos inimigos do salmista, bem como a sua ferocidade. Não passavam de animais selvagens, piores do que aqueles touros que, virtualmente, infestavam as terras de pastagem das regiões a leste do lago da Galiléia. Naqueles dias, quando faltavam poderes criados pelos homens, os animais eram as metáforas favoritas. Foi por isso que Virgílio, *Georgic.* 1.1. vs. 65, e Ovídio, *Metam.* 1.9. Fab. 1, usaram o touro como símbolo de força.

22.13

Como faz o leão que despedaça e ruge. Agora *o leão* é o animal usado para ilustrar o desespero da situação. Essa fera, com um apetite tão voraz, pronto a matar homem ou animal para suas refeições suntuosas, estava ali, de boca escancarada, preparado para atacar, e sabedor de que nenhuma força poderia resistir-lhe. A boca matadora e devoradora estava aberta. A morte é iminente, terrível e agonizante. Cf. Lam. 2.15,16 e 3.10.

> *Todos os seus inimigos abrem a boca contra ti, assobiam e rangem os dentes; dizem: Devoramo-la.*
>
> (Lamentações 2.16)

Quanto ao *rugido* do leão, ver Amós 3.4. Quanto a outras instâncias nas quais os salmos se referem aos leões como inimigos, ver Sal. 7.2; 10.9; 17.12; 22.21; 35.17; 57.4 e 58.6.

22.14

Derramei-me como água. *O homem perseguido perdeu as forças,* como quando um homem derrama água de uma jarra no chão. Suas forças foram jogadas fora; elas se perderam. Todos os seus ossos estavam desconjuntados, resultado da crucificação, quando a postura desnatural prolongada separava osso de osso por suas juntas. O coração era sujeitado a uma tensão incrível, devido à angústia mental e física da cruz. O coração, por assim dizer, dissolveu-se no peito e tornou-se quase inútil em seu heróico esforço para fazer o sangue continuar fluindo. Mas o trabalho do coração era inútil, seja como for, visto que a vida estava sendo sugada do homem crucificado.

Meu coração fez-se como cera. *Coração,* neste lugar, provavelmente significa "coragem". Quem poderia manter a coragem estando crucificado? Dentro do contexto histórico, o intenso sofrimento físico de um corpo moribundo roubava do *homem sua coragem e suas forças, levando-o ao desespero.* "... como se derrete a cera..." (Sal. 68.2). Assim também o coração do Messias se dissolveu, diante da indignação da ira de Yahweh contra os nossos pecados, porquanto foi Ele quem os levou sobre Si" (Fausset, *in loc.*).

22.15

Secou-se o meu vigor, como um caco de barro. *Uma sede extrema* era característica dos sofrimentos na cruz e é também um dos fenômenos de certas enfermidades. A boca do indivíduo torna-se como um vaso ressecado, quando deixa de ingerir água por longo período. A língua apega-se aos maxilares. As glândulas salivares ressecam-se como fontes que perderam seus mananciais de água. O pó da morte já está em seus lábios; o homem já começou a escorregar para o sepulcro. Os líquidos do corpo ressecam-se devido à perda do sangue e ao suor profuso, algo comum na crucificação, o que é duplicado em parte no sofrimento extremo de algumas enfermidades.

> *O caminho para a morte poeirenta...*
>
> (Shakespeare, Macbeth)

22.16

Cães me cercam. Os *cães* (outro animal que serve de ilustração) falam dos cães selvagens do Oriente, e não de nossos cães (relativamente) mansos do Ocidente. Os ferozes cães do Oriente vagueavam pelas ruas em busca de um pouco de comida, prontos para matar, uma ameaça a outros animais e aos homens. Eles percorriam as ruas em bandos, pelo que podiam cercar suas vítimas, conforme diz este versículo. O número deles tornava-os temíveis e irresistíveis. Somente as armas modernas podiam salvar uma vítima de uma matilha de cães. A referência profética, naturalmente, é aos muitos perseguidores de Jesus, os grandes e os pequenos, que finalmente O levaram à morte. Quanto a outras Escrituras que comparam os homens a *cães,* ver Mat. 7.6 e Apo. 22.15. Os homens, como se fossem cães, cercaram Jesus em Seu julgamento, diante de Caifás e Pilatos. Eles continuaram a agir dessa maneira escarnecedora quando Jesus estava na cruz. A *mentalidade da multidão* tirou vantagem da corrupção de cada coração individual, e assim um bando de perseguidores levantou-se contra Jesus. O olhar profético viu que eles não passavam de cães brutais.

Dentro do contexto histórico, doenças físicas extremas são comparadas com cães que destroem, e o mesmo terrível temor se faz presente, tal como no sentido profético.

Touros, leões, cães e búfalos (vs. 21) são os animais usados para falar da opressão e da morte certa, às mãos de inimigos sanguinários. Ver I Reis 12.19, quanto aos cães predadores do Oriente. A assembléia ímpia é aptamente assim distinguida, pois eram animais selvagens que atacavam o pobre sofredor. Virgílio, *Eneida* ii.351, usou a mesma metáfora deste versículo.

Traspassaram-me as mãos e os pés. O discernimento profético do poeta sagrado foi espantoso. Não obstante, alguns críticos deixam de ver aqui uma alusão à cruz. É difícil entender como isso poderia aplicar-se ao contexto histórico. Como um homem meramente enfermo teria mãos e pés traspassados? Poderíamos fazer a *referência aplicar-se a guerreiros inimigos que podiam ferir qualquer parte do* corpo de um inimigo, mas o corpo enfermo de um homem que morria de uma doença horrível parece ser o pano de fundo histórico deste salmo. Mediante uma emenda, poderíamos fazer o texto referir-se ao "amarrar", e não ao atravessar, e então poderia ser obtido algum sentido que evitasse a óbvia referência profética ao atravessar mãos e pés de Jesus (ver Luc. 24.39,40). Mas que ganharíamos se anulássemos a profecia, quando todas as evidências são que essa função não pertence somente aos profetas, mas até o povo comum, nos sonhos noturnos? Definitivamente, o futuro pode ser previsto. Um dos fenômenos psíquicos mais comuns é o do *conhecimento prévio* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos.* Assim sendo, se indivíduos médios podem ver anos à frente, mediante sonhos comuns, por que não poderiam homens especiais (os profetas) ver centenas de anos à frente?

Ademais, a *profecia,* no seu sentido bíblico, envolve mais do que apenas o *conhecimento prévio.* Trata-se de um dom do Espírito, visando um propósito espiritual. Em conseqüência, embora a *credulidade* seja ridícula, sempre será melhor acreditar de mais do que acreditar de menos. Como é óbvio, acreditar no poder da profecia não é acreditar de mais. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Profecia, Profetas* e *Dom da Profecia.* Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete intitulado *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.* Ver João 19.37; 20.25-27, quanto ao cumprimento da profecia referida neste versículo.

22.17

Posso contar todos os meus ossos. O *homem crucificado* estava muito consciente da dor de seus ossos desconjuntados (vs. 14), pelo que podia *contá-los,* percorrendo de dor em dor. A outra porção do versículo recua aos vss. 13 e 16, as zombarias das multidões, ao que temos adicionado os olhares vazios dos circunstantes. Eles, "assentados ali, o guardavam" (Mat. 27.36). O hebraico subentende aqui "olhar com deleite um objeto, em lugar de desviar a vista de tão cruel espetáculo" (Fausset, *in loc.*). "Ele estava fraco e emaciado, e Seus inimigos O contemplavam, considerando-O já morto, pelo que dividiram as Suas vestes, das quais Ele não precisaria mais (vs. 18), referindo-se a Mat. 27.35" (Allen P. Ross, *in loc.*). Dentro do contexto histórico, o versículo fala do extremo sofrimento físico do poeta sacro, bem como de seus alegados amigos e vizinhos (que, como no caso de Jó, tinham-se tornado seus inimigos, identificando seus pecados como a causa de sua tristeza, e zombando dele por ter caído sob a pesada mão de Deus). Se Deus o estava tratando daquela maneira, por que eles deveriam mostrar-se bondosos?

22.18

Repartem entre si as minhas vestes. *O poeta continuava* a proferir suas espantosas declarações proféticas. Ele previu como os homens dividiriam as vestes de

Jesus (ver Mat. 27.35). Talvez a única possessão de qualquer valor que Jesus tinha fosse a Sua *túnica inconsútil*. Essa túnica teria sido um pequeno prêmio ao soldado romano que a tomaria para mostrar aos familiares e amigos e contar-lhes sobre o louco judeu que pensava ser rei. Ver João 19.23. Dentro do contexto histórico, vemos os parentes do homem reunindo-se em torno do moribundo, falando sobre como dividiriam as possessões e propriedades. Mas porventura fariam essa divisão por meio do lançamento de sortes? Talvez sim, se porventura o moribundo não tivesse uma declaração escrita de herança ou não tivesse dito coisa alguma sobre o destino de seus pertences. Na história pessoal de Jesus, o lançamento de sortes foi outro aspecto do drama sagrado (ver João 19.24). Da mesma forma, os abutres, históricos e proféticos, reuniram-se em redor de suas respectivas vítimas.

Este versículo parece ser contra a autoria davídica do salmo, porque Davi não foi tratado assim em nenhuma crise de sua vida e, certamente, não por ocasião de sua morte.

Na *guerra,* os que matam ainda assim saqueiam suas vítimas, e isso certamente era verdade nas guerras antigas. Além disso, era comum aos executores obter as vestes de suas vítimas! Mas quem gostaria de ter tais itens?

22.19

Tu, porém, Senhor, não te afastes de mim. *O poeta sacro retorna aqui a seus gritos de desespero,* porquanto seus inimigos o tinham avassalado, e só havia esperança no Ser divino. Este versículo é essencialmente equivalente ao vs. 11, onde ofereço mais anotações. Cf. declarações similares em Sal. 28.7,8; 46.1; 59.9,17; 81.1 e 118.14, onde Deus é chamado de *força* que salva alguém de suas dificuldades.

Note o leitor a série de petições que terminam com a idéia de *salvação:* "não te afastes de mim"..., "apressa-te", ... "livra", ... "salva-me"... (vss. 19-21).

22.20

Livra a minha alma da espada. Se, dentro do contexto histórico, a angústia era um corpo enfermo, então é difícil ver por que a palavra *espada* foi usada aqui. Naturalmente, pode ser devido a um uso *metafórico,* onde a enfermidade é comparada à espada impiedosa, que matava a tantos naqueles tempos brutais. Caso contrário, temos de supor que o salmo, neste ponto, fale de forma generalizada sobre qualquer espécie de inimigo. Além disso, o sentido profético deve usar a palavra metaforicamente, pois, enquanto os soldados levavam espadas, a vida de Jesus foi ameaçada pela crucificação.

A palavra "alma" significa aqui "vida", embora possa haver uma alusão à alma imaterial, idéia que começou a aparecer no pensamento hebreu na época dos Salmos e dos Profetas. Talvez, dentro do contexto profético, esteja em pauta a ressurreição, pelo que a petição era que Deus salvasse o corpo da morte, antes que esta se consolidasse, ou mesmo *depois* da morte, pela divina intervenção do reavivamento.

Cão. O salmista retorna aqui à metáfora dos inimigos representados como uma fera qualquer. Ver os vss. 12, 13, 16 e 21 (o touro, o leão, o cão e o búfalo).

A minha vida. Um paralelo de "alma", que figura neste mesmo versículo. Diz aqui o original hebraico, "minha única", ou seja, uma referência terna à tão preciosa vida de um homem. Essa palavra também é usada para indicar um *filho único* (ver Gên. 22.2,12; Jui. 11.34). O quanto os homens valorizam a própria vida! E com muita razão, pois a vida é um dom de Deus, e quanto mais o é a alma imortal, a fagulha da vida divina?

> *Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?*
>
> (Marcos 8.36,37)

No contexto do Novo Testamento, a alma imortal está obviamente em vista. A alma de Jesus não permaneceu no hades (ver Atos 2.27). Mas, antes de abandonar aquele local, a Bíblia diz que Ele realizou ali uma missão de misericórdia (ver I Ped. 3.18-4.6). É um *erro* roubar a maravilhosa história de Jesus dessa obra de amor. Em seguida, o Seu corpo foi ressuscitado, outro aspecto da Sua maravilhosa história.

22.21

Salva-me das fauces do leão. O *leão* volta à cena como emblema de *inimigos brutais e temíveis, a enfermidade do corpo do homem* (aplicação histórica) e o homem ímpio que crucificou Jesus (a aplicação profética). Ver o vs. 13, onde a imagem já tinha sido usada e onde ofereço outras referências.

> Como leão que ruge, e urso que ataca, assim é o perverso que domina sobre um povo pobre.
>
> (Provérbios 28.15)

Dos chifres dos búfalos. Ver o artigo detalhado sob o título *Boi Selvagem,* no *Dicionário.* Essas palavras são usadas por *nove vezes* no Antigo Testamento, estando em foco, provavelmente, o *Bos Primigenius.* Esse magnífico e poderoso animal está atualmente extinto. Mas quando estava vivo provocou terror entre homens e animais. Era muito maior do que os touros domésticos atuais. O leitor pode encontrar mais detalhes no artigo referido. No presente contexto, o boi selvagem toma seu lugar, metaforicamente, junto com outros animais mencionados anteriormente, para simbolizar um inimigo temível, destruidor e sem misericórdia.

"O boi selvagem da Síria, agora extinto, era notório por sua ferocidade e força" (William R. Taylor, *in loc.*).

Ação de Graças a Deus. Certeza de Orações Ouvidas e Respondidas (22.22-31)

Se classificássemos este salmo como um salmo de lamentação (dos quais há mais de 60 entre os 150 do saltério), teríamos aqui a mais longa e final nota de otimismo e louvor deles todos. Isso é justificado pela idéia de que o Salmo 22 é um dos mais excelentes salmos messiânicos (dos quais há mais de 20). Foi o Messias quem prestou os louvores porque, embora tivesse sofrido uma morte miserável, Ele foi ressuscitado em poder e glória pouco depois, e o mundo inteiro regozija-se desse fato desde então. Os salmos de lamentação começam com gritos desesperados, pedindo livramento de inimigos, e tipicamente terminam com ações de graças porque os clamores seriam ouvidos, ou, pelo menos, esperava-se que em breve seriam ouvidos e atendidos. Ver sobre as *classes* dos salmos no gráfico existente no início da exposição do livro de Salmos, que agem como uma espécie de frontispício. Quanto a notas expositivas adicionais, ver a introdução ao salmo presente. Este salmo é o *lamento do Messias,* dentro de seu contexto profético.

"A cena subitamente muda. O homem que soltava um clamor de desespero, agora começava um hino de ação de graças, como um prelúdio às oferendas realizadas por seu livramento" (William R. Taylor, *in loc.*).

22.22

A meus irmãos declararei o teu nome. O *homem libertado* de sua mortal enfermidade (contexto histórico), ou o Messias ressurrecto, que teve Sua morte revertida (contexto profético), agradeceu publicamente, e outros uniram-se a Ele em louvores cantados. Os vss. 23 e 24 apresentam as palavras que foram entoadas. As grandes vitórias nunca são mantidas em segredo. O homem que as experimenta contará o que aconteceu por anos a fio. De fato, um homem nunca se cansa de relatar seus grandes triunfos. A igreja atual, a despeito de todas as suas faltas, continua a falar sobre a ressurreição triunfal de Jesus.

Orações São Respondidas. Foram atendidas as orações do Messias que tinham um sentido universal para todo o tempo. O livramento de *casos desesperados* sempre foi e tem sido o tema daqueles que, de alguma forma miraculosa, foram libertados de tais experiências. Notemos, igualmente, que esses acontecimentos não são tão raros, e a maioria dos homens espirituais pode ao menos citar um exemplo pessoal.

Heb. 2.12 é uma citação de Sal. 22.22, e estão em vista os efeitos da morte e da ressurreição de Jesus. Jesus foi libertado vitoriosamente. Cf. Heb. 5.7. Em Rom. 15.9, as palavras são aplicadas à missão cristã entre os gentios, e de como pessoas participam da *alegria* da missão bem-sucedida de Cristo.

22.23

Vós que temeis o Senhor, louvai-o. O *triunfo do Messias* é razão suficiente para inspirar o povo de Israel ao louvor e à adoração. O salmista convidou toda a congregação de Israel a unir-se a ele no cântico. A substância da oração *foi a ação de graças e o louvor,* porquanto o homem desolado fora ouvido, sua oração fora respondida, e a saúde lhe fora restaurada (dentro do contexto histórico) e ele fora trazido de volta da morte (dentro do contexto profético). "Seus agradecimentos e louvores seriam publicados no templo, no meio da congregação. Os vss. 23 e 24 constituem as palavras do hino" (William R. Taylor, *in loc.*). O *temor do Senhor* é o frontispício do hino. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor,* quanto a um estudo detalhado a respeito.

O hino liga o tempo presente (ou o tempo futuro) com o passado, pelo que o povo de Israel foi chamado de a "semente de Jacó". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Patriarcas (Bíblicos); O Período Patriarcal.*

22.24

Pois não desprezou nem abominou a dor do aflito. O *hino de louvor* menciona especificamente o *clamor pedindo ajuda,* do vs. 1, e o tema da primeira seção deste salmo, vss. 1-22, no qual o clamor foi mais elaborado. O Deus que estava *oculto* de súbito apareceu e abençoou com alegria e triunfo. A oração do homem aflito foi respondida, embora essa resposta tenha sido adiada. A ação

divina se fez presente, embora tenha esperado pelo tempo apropriado para manifestar-se.

"Embora Deus tenha esquecido o Messias por algum tempo, e na Sua ira tenha escondido o Seu rosto por alguns momentos, para que o Messias suportasse toda a maldição da lei, contudo Ele voltou e não ocultou Seu rosto para sempre" (John Gill, *in loc.*). "É ofício do Messias ajudar e salvar os pobres e os humildes. Deus não rejeita os suspiros de alguém cujo coração é contrito" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.25

De ti vem o meu louvor. *Um voto fora feito:* "Oh, Senhor, se me livrares, farei tal e tal...". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Voto.* A oração foi respondida; o voto foi cumprido; toda a congregação ocupou-se do cântico, porquanto um homem importante recuperara a saúde, depois de ter estado quase morto, e o Messias fora ressuscitado dentre os mortos. Aqueles que se juntaram no cântico eram os que *temiam a Deus* (conforme se vê no vs. 23; ver as notas ali quanto a detalhes e referências). No sentido messiânico, os *votos* estão contidos nos *pactos,* sobretudo no *Novo Pacto.* Ver o artigo chamado *Pactos,* especialmente suas seções V e VI.

Dentro do contexto histórico, os *votos* podiam ser pagos a qualquer tempo, mas as ocasiões favoritas para que isso acontecesse eram as festas das semanas e dos tabernáculos, ambas vinculadas à colheita (ver Deu. 16.10-15). Sacrifícios de ação de graças eram oferecidos, e amigos e vizinhos eram convidados para freqüentar e participar dos louvores e dos festejos que acompanhavam a questão. Aqueles que estavam aflitos, os pobres, as viúvas etc., também participavam (ver Deu. 16.11 e 12.18).

> *Como é grande a tua bondade, que reservaste aos que te temem, na qual usas, perante os filhos dos homens, para com os que em ti se refugiam!*
>
> (Salmo 31.19)

22.26

Os sofredores hão de comer e fartar-se. O pobre homem que estivera enfermo e então fora curado, era um homem humilde. Ele seria o principal elemento do cântico de ação de graças e de festejos. Mas também seriam convidados os pobres e desolados, os *mansos perpétuos.* Ver notas expositivas sobre o vs. 25, quanto a isso.

O *coração deles* viveria para sempre. O coração, neste caso, fala do homem em sua inteireza. *O coração deles, antes desanimado,* seria revivificado, e a alegria e o triunfo daí resultantes não seriam passageiros. Ver sobre o vs. 14. O "coração" pode representar aqui a "coragem". No sentido profético, "no verdadeiro sacrifício haverá provisão tal para todos os crentes que eles terão plenitude de alegria. Os que ofereciam os sacrifícios alimentavam-se do que ofereciam. Jesus, o verdadeiro Sacrifício, é o pão que desceu do céu. Os que comerem desse pão jamais morrerão" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.27

Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão. A alegria universal não pode deixar de ser mencionada. As obras de Yahweh não se limitavam à nação de Israel. O Messias universalizou a operação de Deus e estendeu-a à era da eternidade futura, em seus propósitos restauradores e redentores (ver Efé. 1.9,10 e 4.8). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Mistério da Vontade de Deus.* Todos virão a Ele; as nações do mundo serão Sua herança, e não apenas a nação de Israel. Todas as nações prestarão louvores a Ele, porquanto o poder será grande. Este versículo certamente vai além do contexto histórico e afirma a natureza messiânica do salmo. Realmente seria um exagero se um homem enfermo que tivesse reconquistado a saúde convocasse todas as nações para acompanhá-lo ao templo, a fim de ajudá-lo a prestar louvores!

"Não está em foco meramente o *livramento* dado ao santo sofredor, mas também a *salvação* provida ao mundo inteiro, por intermédio Dele, que despertou as nações a relembrar-se de Deus (Zac. 12.10)" (Fausset, *in loc.*). "O salmista então voltou sua atenção ao mundo em geral. Ele antecipou que o mundo se voltaria e adoraria (se inclinaria perante) o Senhor (vs. 27), por ser Ele o Rei soberano, Aquele que governa as nações (vs. 28)" (Allen P. Ross, *in loc.).*

22.28

Pois do Senhor é o reino. O *reino deste vasto mundo* pertence a Yahweh, que em Sua encarnação, era Jesus Cristo. Portanto, Ele é *o Rei dos reis e o Senhor dos senhores* (ver Apo. 19.16). Por isso mesmo, Seu domínio é tão vasto quanto o mundo, e Sua graça é como o mar.

> *Há largura na misericórdia de Deus,*
> *Como a largura do mar;*
> *Há uma bondade em Sua justiça*
> *Que é mais do que a liberdade.*
>
> *O pecador é bem recebido,*
> *E há mais graças para o bom;*
> O Salvador é cheio de misericórdia,
> *Há cura em Seu sangue.*
>
> (Frederick W. Faber)

Cf. Apo. 19.6, que diz: "Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todopoderoso". Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Reino.*

22.29

Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar. Os *ricaços* da terra virão e comerão de Seu banquete, humildes perante Ele, embora gordos por sua própria esperteza. Eles serão humilhados e não serão deixados do lado de fora do banquete do Messias. A Revised Standard Version diz aqui "orgulhosos", interpretando assim a expressão idiomática hebraica e fazendo a opulência ser de gordura dos indivíduos orgulhosos, que cederão diante do poder do Messias. Estão em vista os reis e príncipes, os nobres, os ricos e os poderosos. *Todos* prestarão lealdade a Ele.

Universalismo. Até mesmo os que morreram e foram para o *seol* (ver a respeito no *Dicionário*), ao ouvir o cântico triunfal do Messias, erguer-se-ão e juntar-se-ão aos cânticos, juntamente com Ele. Poderíamos aceitar tudo isso poeticamente e dizer que até os mortos (idealmente) levantarão a voz no *sepulcro* (significado primário do seol). Mas o versículo por certo aponta para um avanço na doutrina sobre o mundo inferior, habitado por aqueles que podem ser considerados *pessoas* reais, vivas, conscientes. Por enquanto, apesar desse avanço, ainda não temos as doutrinas do céu e do inferno, embora elas estivessem tomando forma nesse sentido. No entanto, neste ponto o autor sacro está interessado somente em mostrar que a adoração e a sujeição ao Messias será universal e incluirá o mundo inferior inteiro. Isso concorda com Fil. 1.10,11, que diz:

> *Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.*

A *prostração* e a *confissão* serão daqueles que forem *beneficiados* pela missão restauradora e redentora de Cristo, visto que sua missão *tridimensional* inclui um ministério de salvação até mesmo no hades (I Ped. 4.18-4.6), doutrina essa, da descida de Cristo ao hades, que a maior parte dos primeiros pais cristãos confessava e ensinava. Note-se como a Sua ascensão e visita ao hades tiveram o *mesmo propósito:* torná-Lo *tudo para todos* (ver Efé. 4.8-10). Tal é a graça de Deus que o poeta viu a distância, tendo percebido como até os que estavam no seol participariam do cântico universal. É um erro diminuir a amplitude do *hino universal.* Quanto a maiores detalhes sobre esses conceitos, ver no *Novo Testamento Interpretado* a exposição dos versículos mencionados.

> *De harmonia em harmonia celeste,*
> *Teve início este arcabouço universal;*
> *De harmonia em harmonia*
> *Soou, por toda a gama das notas*
> *O diapasão, apontando para o Homem.*

A *teologia patriarcal* não incluía a doutrina da sobrevivência de uma alma imaterial e imortal, ante a morte biológica. Neste ponto dos Salmos, tal doutrina certamente é exibida diante de nossos olhos. Ela foi desenvolvida nos livros pseudepígrafos e apócrifos, e mais ainda nas páginas do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Imortalidade.*

"Bertrand Russell enfrentou honestamente (em um programa de rádio em Londres) o fato de que não há escapatória do pessimismo, a menos que, porventura, se prove ser verdadeira a noção da imortalidade. Para emprestar significado à vida, precisamos asseverar que a personalidade é o estofo da realidade e, por conseguinte, que ele deve permanecer. Uma vez mais, devemos avançar dos Salmos para Cristo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

22.30

A posteridade o servirá. As gerações vindouras servirão a Cristo; todos os povos O servirão; todos quantos estão no céu, na terra e no seol, haverão de servi-Lo e adorá-Lo. Todas as coisas serão restauradas, tendo Ele como *centro,*

conforme lemos em Efé. 1.9,10, que é o *mistério da vontade de Deus.* É isso o que Deus planeja fazer o tempo todo, mas o que tornou conhecido exclusivamente *por meio de Paulo, através do mistério revelado. Todas as coisas que foram* ditas *antes,* acerca do destino dos homens, tornam-se *obsoletas,* por meio dessa grande revelação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.* Ver também o verbete chamado *Universalismo,* onde exploro os limites desse plano de Deus. Ver ainda, no *Dicionário,* o artigo *Mistério da Vontade de Deus.*

"O salmista apoiou o universalismo sobre a sua própria experiência com o Ser divino. Somente o Deus que está acima de todos os deuses opera o milagre de seu livramento" (William R. Taylor, *in loc.*). De acordo com a aplicação profética, somente esse mesmo Deus poderia ter planejado o plano universal. Pessoalmente espero que esse plano funcione, *de fato,* não apenas de forma potencial, ao que muitos o reduzem. Pois um plano que realmente nunca funciona, mas permanece apenas como potencial, não é um grande plano. Por que Deus teria falhado? Meus amigos, o plano de *Deus* não pode falhar! Seu poder e Seu amor predestinadores estão operando. Com a passagem do tempo, tudo será efetuado corretamente. O Artista Mestre completará o Seu magnificente tapete. Você estará ali. Eu estarei ali. Todos estaremos ali. O Artista Mestre nunca erra em uma pincelada. Um plano tão grandioso não pode ser reduzido aos "eleitos", conforme dizem alguns intérpretes.

Pois o amor de Deus é mais amplo
Do que a medida da mente humana;
E o coração do Eterno
É maravilhosamente bondoso.

(Frederick W. Faber)

22.31

Hão de vir anunciar a justiça dele. Pessoas que ainda nascerão serão incorporadas ao plano divino. Elas também serão arrastadas nos louvores da grandeza de Deus e de Seu poderoso empreendimento. Assim o evangelho espalhou a palavra até os confins da terra. O evangelho foi levado ao hades. O evangelho levou a Palavra aos céus.

Cristo, Salvador de Todos os Mundos
Cristo, o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos,
até a beira mesma da condenação.
Amando, buscando, sondando, salvando além do sepulcro ou túmulo.
Não decretos divinos, dogmas de homens, eras agora e então,
mentes mesquinhas, embotadas pelo sentido e pelo tempo,
Podem limitar Seu imutável poder salvador,
uma fixa esperança sublime.

Oh, Cristo imutável, Redentor perene,
na transição dos séculos o mesmo.
Constante e perpétuo é o poder reconquistador
do teu nome.
Ponto do tempo chamado terra e um Jesus terreno não são tudo, não podem ser tudo,
Esferas além, mundos vindouros,
Jesus Cristo deverá fascinar.
Ponto de tempo terminado pela morte, significa para alguns o fim da própria vida, para outros, o fim da esperança,
ambas visões míopes, sem dúvida.

Pois tu, ó Cristo eterno, no tempo e fora do tempo seguras a ti com segurança.

Amando, buscando, sondando, salvando além
do sepulcro e túmulo.
Tu és o Cristo de todos os mundos, em todos os mundos,
até a beira da condenação.
Na condenação? Na condenação!

(Russell Champlin, meditando sobre I Ped. 2.18-4.6)

Seus triunfos serão cantados por línguas ainda não moldadas.

(Ellicott)

Permitamos que este versículo permaneça em seu escopo universal. O Targum fala aqui a respeito dos *milagres* já consumados. Por conseguinte, há o milagre contínuo das operações da graça e do amor. Por que minha teologia diminuiria isso?

Salmo Vinte e Três

Quanto a *informações gerais* aplicáveis a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro de Salmos. Quanto às *classes* dos Salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes de salmos e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este salmo é chamado de *salmo de confiança.* Há cerca de *seis* desses hinos especiais que celebram a confiança em Deus. Ver Sal. 2.12, quanto a notas expositivas que mostram como essa palavra é usada nos salmos. Se aplicarmos este salmo ao grande Pastor, o Senhor Jesus Cristo (ver João 10), então teremos aqui salmo *messiânico.*

Subtítulos. Neste salmo temos o simples subtítulo que diz: "Salmo de Davi". As notas introdutórias dos salmos não faziam parte do original, mas foram adições subseqüentes de editores que usualmente apenas conjecturaram sobre as questões de autoria e circunstâncias históricas que podem ter inspirado as composições poéticas. Cerca de metade dos salmos foi atribuída a Davi, um número sem dúvida exagerado, mas pelo menos alguns deles pertenceram ao famoso guerreiro e rei. A menção à "casa do Senhor", no vs. 6, se isso significa o templo de *Jerusalém, eliminaria deste salmo a origem davídica.* Mas *se compreendermos* aqui o tabernáculo, então Davi pode ter sido o autor.

"Ao usar as imagens de um pastor e de um gracioso conviva, Davi refletiu sobre os muitos benefícios que o Senhor lhe dera em meio aos perigos da vida, e concluiu que a proteção persistente e amorosa de Deus o restauraria à plena comunhão" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Com a passagem dos séculos, este salmo ganhou, para si mesmo, um *lugar supremo* na literatura religiosa mundial. Todos quantos o lêem, sem importar a idade, raça ou circunstância, encontram, na tranqüila beleza de seus pensamentos, uma amplitude de profundo discernimento espiritual que tanto satisfaz quanto toma conta de sua alma. Este salmo pertence à classe que transpira confiança na fé no Senhor. Ele se assemelha às seções ou estrofes dos salmos de lamento, que originalmente consistiam em uma forte afirmação de fé no carinhoso amor do Senhor. Portanto, o salmista aqui não tem prefácio de queixas sobre as dores da enfermidade ou da traição de amigos, mas começa, tal qual termina, com palavras de agradecido reconhecimento da inigualável bondade do Senhor" (William R. Taylor, *in loc.*, que exibe a própria eloqüência ao referir-se à Palavra Sagrada).

"O conceito dominante é o de Deus na qualidade de guia e protetor, através das vicissitudes da vida. A sugestiva imagem de um *pastor,* aplicada ao Senhor, recua até os dias da função pastoral dos patriarcas (ver a declaração de Jacó, Gên. 48.15) e desde então foi constantemente enriquecida (cf. Sal. 78.53,54; Isa. 40.11; Eze. 34.1-23; João 10)" (*O Novo Comentário da Bíblia,* introdução aos Salmos).

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Pastor,* que pode ser usado para ilustrar e elucidar o salmo.

Este poema tem duas porções distintas:

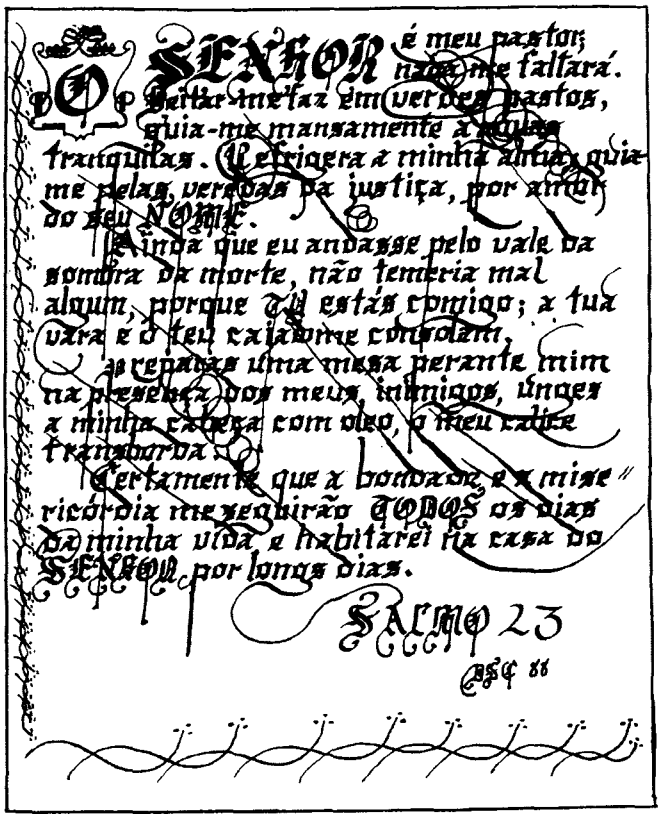
1. O Senhor como Pastor (vss. 1-4)
2. O Senhor como Conviva Gracioso (vss. 5,6)

O Senhor como Pastor (23.1-4)

23.1

O Senhor é o meu pastor. O salmista desejava expressar vividamente o seu senso dos cuidados de Deus. Ele refletiu sobre o passado e concluiu que Deus o guiara como um pastor conduz suas ovelhas impotentes e totalmente dependentes. O autor sagrado levou em conta a lealdade e devoção dos pastores orientais em seus cuidados pelas ovelhas, que o capítulo 10 do evangelho de João exprime de forma tão eloqüente. Visto que "o Senhor é o meu pastor, por isso mesmo nada me faltará". Essa era a confiança que tinha o Pastor sagrado. Quando aplicamos esta figura a Jesus, o Cristo, então faremos do Salmo 23 um salmo messiânico, e não apenas um salmo de confiança. No gráfico apresentado no início do comentário sobre o livro, classifico o poema tanto como um salmo de confiança como também como um salmo messiânico.

Nada me faltará. O pasto era fértil; as terras eram boas; havia abundância de água; o Pastor era poderoso e sábio. Como poderia uma de suas ovelhas sentir falta de alguma coisa? Assim é que a piedade está vinculada à prosperidade, tanto material como física, na mente dos hebreus. Deixamos a questão nessa altura e esperamos pelo melhor em nossa vida. O pastor, se é um bom pastor, cuida de cada ovelha *individualmente.* Alguns pastores antigos chegavam a dar nomes pelo menos às principais ovelhas; cuidavam de cada uma delas particular-



Caligrafia de Darrell Steven Champlin

O PASTOR E OS PASTORES

Jesus... o grande Pastor das ovelhas...

Hebreus 13.20

... Pastor e Bispo das vossas armas...

I Pedro 2.25

CARACTERÍSTICAS DO VERDADEIRO PASTOR

- Instrui como as ovelhas devem agir (João 10.7).
- Guia o rebanho (João 10.4,10,17).
- É o exemplo moral e espiritual das ovelhas e vai adiante delas (João 10.4).
- É inteiramente devotado ao seu rebanho (João 10.11).
- Garante a segurança do rebanho (João 10.27-30).
- Imita o pastor, sendo um subpastor. Ele alimenta e protege os rebanhos (Jer. 31.10).
- Procura as ovelhas perdidas (Eze. 34.12).
- Livra as ovelhas dos animais ferozes (Amós 3.12).

mente. Agiam em favor de todas, coletivamente, e de cada uma especificamente. "Lá fora" há perigos, isto é, animais predadores. Havia também o problema do suprimento. O pastor resolve todos os problemas. De certa feita, ouvi um sermão no qual o pastor falava sobre as dificuldades pelas quais ele havia passado, sobre as enfermidades que tinha sofrido, sobre os temores que tinha experimentado, e concluiu a respeito de cada uma dessas coisas: "*O Senhor* resolveu meu problema".

"A *metáfora era apenas natural para Davi, o rei-pastor. Também era uma* metáfora comum no antigo Oriente Próximo e Médio, visto que muitos monarcas se compararam a pastores, na liderança do povo. A profecia sobre o Messias vindouro incorporava a mesma figura (ver Isa. 40.11), e Jesus se identificou com o Bom Pastor (ver João 10.14). E Ele também foi chamado de Grande Pastor (ver Heb. 13.20), bem como de Supremo Pastor (ver I Ped. 5.4)" (Allen P. Ross, *in loc.*). Segurança e suprimento pertencem a todos quantos O conhecem. Naturalmente, o capítulo 10 do evangelho de João inclui a questão da *salvação espiritual*, que consiste no Suprimento Final.

Dentro do *ambiente histórico*, o Pastor é Yahweh, o Pai de Israel. Ver Sal. 77.20:

> *Guiaste a teu povo como a um rebanho, pela mão de Moisés e Arão.*

Ver também Sal. 80.1. Cf. Gên. 49.24; Isa. 40.11; Eze. 34.23; 37.24; Zac. 13.7; I Ped. 2.25 e 5.4.

23.2

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Os dois elementos essenciais para as ovelhas são água e pasto, pelo que essas coisas representam neste salmo a *provisão completa* que os homens bons recebem da parte do Senhor. Portanto, os homens bons não sofrem necessidade (vs. 1). O Pastor guia Suas ovelhas para um pasto luxuriante. Ali há alimento suficiente *e descanso*, um elemento igualmente essencial à vida e ao bem-estar. O pastor é um *líder*, pois as ovelhas são *lideradas*, em contraste com o gado vacum, que precisa ser *tangido* pelo boiadeiro. Ver Heb. 2.10, quanto a Jesus como o *Pioneiro* pelo caminho. Cf. Atos 20.28 e I Ped. 5.2.

> *Não terão fome nem sede, a calma nem o sol os afligirá; porque o que deles se compadece os guiará, e os conduzirá aos mananciais das águas.*
>
> (Isaías 49.10)

Cf. o Salmo 23 com Luc. 15.3 ss., a parábola de Jesus sobre a ovelha perdida. Ali vemos o interesse do pastor por *cada indivíduo*. Há ali alegria, quando uma única alma é salva e entra na *plenitude* do Senhor.

Além disso, existe a orientação divina "pelas veredas da justiça" (vs. 3), um dos elementos essenciais para o homem espiritual.

"Essa é a mais completa figura da felicidade que já foi traçada. Representa o estado mental pelo qual todos, igualmente, suspiram, e cuja ausência torna a vida um fracasso" (Ellicott, *in loc.*). "... água, o amor eterno de Deus que é como um rio, cujas torrentes tornam alegre o coração de Seu povo" (John Gill, *in loc.*).

Na terra arenosa e rochosa, a Palestina, onde o sol quente seca os riachos e os transforma em *wadis*, dando suas águas apenas parte do ano, a água é a *grande consideração*, e seu suprimento é a ilustração superior de provisão e refrigério. Portanto, este salmo tem sido chamado de "salmo da provisão", e as pessoas o citam quando precisam de recursos para a vida e para as questões diárias.

Os Subpastores. São os que continuam o trabalho do Supremo Pastor e devem imitar os atos Dele. Quanto a eles, ver Atos 20.28 e I Ped. 5.2; e, no Antigo Testamento, Eze. 34.1-10. Alimento para a alma é a Palavra de Deus (ver Heb. 5.12-14; I Ped. 2.2). Ver também João 21.15-17.

23.3

Refrigera-me a alma. "Alma" significa "vitalidade, vida" (*Oxford Annotated Bible*, o que provavelmente é verdade aqui, embora nos Salmos a doutrina da alma imaterial e imortal tivesse apenas começado a surgir). Assim sendo, em um sentido real, a parte espiritual do homem também é refrigerada pela ministração do Pastor. O empreendimento visa o bem do corpo e da alma.

"... revivendo-me quando desmaiavam (ver Sal. 19.8) e temporariamente vencidos pelas tentações. O Bom Pastor cuida não somente das ovelhas saudáveis, mas também e especialmente dos enfermos. Ver Eze. 34.16" (Fausset, *in loc.*). "... traze de volta a minha alma da destruição, converte minha alma do pecado, para que ela não pereça eternamente" (Adam Clarke, *in loc.*). "Aqui a lição espiritual é clara: o Senhor provê perdão e paz para aqueles que O seguem" (Alien P. Ross, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

Guia-me pelas veredas da justiça. Nenhuma provisão terá grande valor a menos que seja uma provisão espiritual. Com base no Antigo Testamento, a vida vivida em concordância com a lei está em vista aqui. Guardar a lei era garantir longa vida física (ver Deu. 5.16; 22.6,7). E isso, no judaísmo posterior, incluía a vida eterna, espiritual, da alma. A lei fazia de Israel um *povo distintivo*, em contraste com as nações pagãs (ver Deu. 4.4-8). A lei nos apresenta o amor a Deus e ao próximo, que são elementos essenciais da espiritualidade (Rom. 13.8 ss.). A lei era o estatuto eterno (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29). Cristo, o Espírito, toma o lugar da lei (ver Rom. 8.1 ss.) e é seu cumpridor. O Bom Pastor sabe quais são as veredas certas, e é por elas que guia as ovelhas. Ele não perderá uma única ovelha, e elas todas obterão cumprimento espiritual. O caminho reto nem sempre é o melhor. Você pode vagar por clareiras ensolaradas, ao passo que o caminho certo seria através da ravina ou de caminhos perigosos. A melhor jornada nem sempre segue o caminho mais fácil. Deve haver uma liderança em algum lugar. A vereda que não melhora espiritualmente é um desvio, e não uma vereda de vida.

Por amor do seu nome. A vida e o destino do Pastor e de Suas ovelhas estão intimamente entrelaçados. O que o Pastor faz pelas ovelhas, Ele faz por Si mesmo, porquanto são Seus irmãos que Ele está conduzindo à glória (ver Heb. 2.10). Eles são conduzidos à glória de Cristo e essa glória torna-se deles, pelo que Ele recebe o crédito e os louvores.

"O trato providencial de Deus é reconhecido em consonância com o Seu caráter, e Ele recebe toda a reputação, por causa de Sua grande consciência" (Ellicott, *in loc.*).

"... para exibir a glória de Sua graça, e não por causa de algum mérito em mim. Os motivos de Deus para conduzir-se na direção dos filhos dos homens são derivados da perfeição e bondade de Sua própria natureza" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Êxo. 23.21.

> *Jesus, como um pastor, lidera-nos,*
> *Precisamos muito de Teu terno cuidado.*
> *Em Teus pastos agradáveis nos alimenta,*
> *Para os usarmos prepara o Teu aprisco.*

23.4

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte. *A morte é um dos fatos duros da vida* e, contudo, uma experiência gloriosa para alguns, de acordo com as informações que obtemos nas *Experiências Perto da Morte* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Todas as evidências apontam para a natureza otimista do ato de morrer. As ovelhas podem usufruir de uma vida bendita e próspera. Terão, contudo, sua partilha de tribulações. Mas sem importar se elas viverem bem ou em tribulação, todas chegarão à morte.

> *Recolhei, botões de rosa, enquanto puderdes,*
> *Os Tempos Antigos continuam valendo,*
> *E esta mesma flor que sorri hoje,*
> *Amanhã estará morrendo.*
>
> (Roberto Herrick)

Meu irmão, missionário evangélico primeiramente no Zaire e mais tarde no Suriname, conta a história da morte de sua sogra, a quem ele nunca conheceu. Mas a esposa dele, que era apenas uma menina na época, estava presente por ocasião do falecimento. Ela morreu no Congo (atualmente Zaire), vítima da peste negra. Por longo tempo, a família havia labutado ali, mas era essencialmente ignorada pelos nativos, que não tinham nenhuma inclinação por receber a "nova fé". Foi então que a mãe da família ficou muito enferma e faleceu. O pai da família escavou um tronco como se fosse um caixão de defunto, e o corpo morto da mulher foi posto ali. Os nativos estavam ao redor, enquanto a família do missionário conduzia seu próprio culto fúnebre. Os nativos observaram a cena incomum, o homem branco sepultando sua esposa na floresta africana. A esposa de meu irmão, sendo então apenas uma criança, leu as Escrituras, de pé sobre o tronco que servia de caixão, antes que este fosse baixado no buraco cavado no solo. Os nativos acompanharam tudo com olhos admirados, em especial a pequena menina lendo a Bíblia, de pé sobre o caixão mortuário da mãe. Então foram proferidas as bênçãos finais, e o tronco foi baixado à terra.

Logo havia conversações por toda a parte. Por que aquilo aconteceu? Um dos presentes ao funeral dirigiu-se então ao missionário e disse: "Sabíamos que sua religião era boa para viver, mas não sabíamos que ela também era boa para morrer". Ao descobrir que a religião evangélica também era "boa para morrer", eles abriram o coração para a nova fé.

O *Bom Pastor* fez isso tornar-se uma realidade: quando morremos, vamos para aquela noite boa.

Pelo vale da sombra da morte. A experiência da morte inclui cerca de quinze acontecimentos distintos, que descrevi no artigo chamado *Experiências Perto da Morte*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Uma dessas

experiências é a passagem através de um canal escuro, através de um vale ou corredor. Esse túnel leva à Luz e a uma Nova Vida. Ali encontramos o Ser da luz, o Senhor Jesus Cristo. Por que, pois, haveríamos de temer qualquer mal? O Senhor está ali conosco; Ele nos consola com a Sua vara e o Seu cajado; Ele nos conduz de uma vida para outra. Meus amigos, temos aqui, neste salmo, a esperança da imortalidade, porque como pode alguém de nós dizer que não teme o mal da morte, se estamos sendo conduzidos para o esquecimento e o aniquilamento total? De que adiantaria ter um Pastor, se é a isso que Ele nos conduz? Portanto, observe bem o leitor: o salmo promete que o Senhor, tendo-nos conduzido através *desta vida,* no fim nos guiará a uma vida superior e mais gloriosa. É por isso que chamamos Cristo de Bom Pastor. Sua *vara* nos disciplina, nos guia e nos conduz. Há provisão para todas as necessidades, tanto na vida quanto na morte. A vara também era usada para contar as ovelhas, pois cada uma delas tinha de passar por baixo do objeto, enquanto a contagem estava sendo feita. O Supremo Pastor conta todas as Suas ovelhas. Nem uma delas se perde, nem mesmo na morte. Todas estarão na Sua presença. Todos estaremos ali quando as ovelhas passarem sob a vara do Senhor até a Vida Eterna.

O Salmo 23 tem sido lido em incontáveis leitos de morte e em inúmeros cultos funerários. Conta-se uma história dramática sobre um desses acontecimentos:

O moribundo era um homem bom, mas alguém que certamente não exibia nenhum tipo de fé religiosa. O homem havia caído em profundo estado de coma. Seus familiares, de pé ao lado dele, esperavam receber algum sinal que lhes dissesse: "Tudo está bem com a alma dele". Mas ele jazia ali, naquele coma profundo, sem reagir diante de nada. Que poderiam eles fazer? Eles simplesmente leram o Salmo 23. Foi uma cena inesquecível, porque durante algum tempo o homem não reagia, mas quando chegaram a "não temerei mal algum, porque tu estás comigo", de súbito o homem despertou e repetiu *essas palavras* com os familiares. Imediatamente, porém, ele mergulhou de novo em seu estado de coma e logo morreu, tendo proferido como últimas palavras as benditas palavras da imortalidade.

A Ti, Alma eterna, seja o louvor!
A qual, desde a antiguidade até os nossos dias,
Através de almas de santos e profetas, Senhor,
Nos tens enviado Tua Luz, Teu Amor, Tua Palavra.

(Richard W. Gilder)

O Senhor como Gracioso Hospedeiro (23.5,6)

23.5

A Mesa Farta. A figura agora muda para um banquete. Talvez devamos compreender a jubilosa festa à qual as ovelhas são conduzidas por ocasião da morte, ou, simplesmente, uma nova figura é empregada, não diretamente vinculada com a do Pastor. Sem dúvida, o terno cuidado do Pastor sugere o fato de que Deus também preparou uma mesa na nossa presença, mesmo diante de nossos inimigos.

"O salmista usa a metáfora de um *hospedeiro* para conferir mais rica expressão a esta cena calorosa, íntima e plena, em seu relacionamento com Deus. Ele era um convidado sob a proteção do divino Hospedeiro. No Oriente Próximo e Médio, um homem que fosse caçado por seus inimigos precisava apenas entrar ou ao menos tocar na tenda daquele com quem buscasse refúgio para estar seguro e desfrutar graciosa hospitalidade. Seus inimigos tinham de estacar e olhar de fora da entrada para dentro, mas nada podiam fazer. Uma mesa esplendorosa era então servida, digna de um monarca. O Hospedeiro divino ultrapassava os requisitos básicos da hospitalidade. A refeição assumia proporções de um banquete, quando ungüentos de aroma suave eram derramados sobre a cabeça do convidado (ver Luc. 7.46) e não havia falta de coisa alguma. O cálice transbordava, pois era o cálice da saturação. O salmista tinha seus inimigos, mas os planos deles haviam sido frustrados porque o Senhor declarara: 'Este homem é meu amigo'" (William R. Taylor, *in loc.*, que nos oferece assim outra de suas eloqüentes notas expositivas, com as quais, ocasionalmente, orno este comentário).

O ato de *ungir,* como é natural, fazia parte da hospitalidade oriental. Seu sentido era refrigerar e refrescar, a provisão de um gracioso hospedeiro que não poupava o azeite caríssimo. Ato contínuo, os cálices eram *cheios* dos melhores vinhos, e não havia falta de acepipes, visto terem sido metaforicamente retratados como "transbordantes". O convidado podia ser um homem perseguido. Seus inimigos estavam "do lado de fora", uivando como um bando de animais selvagens. Mas quem se importava? Ele estava com seu Hospedeiro, em meio à abundância, plenamente protegido de qualquer coisa que estivesse "lá fora", neste mundo hostil. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Unção.*

Aplicações Espirituais. "A cabeça da pessoa era ungida com perfumes refrigeradores, em um banquete (ver Ecl. 9.8). 'O óleo da alegria' (Sal. 45.7) era aplicado; a *alegria* do Espírito Santo era conferida (ver Isa. 51.1,3; I João 2.20). O amor e a unidade fraternal eram os odores fragrantes desse óleo (Sal. 132.2). A manifestação do nome de Cristo produz o óleo da alegria (Can. 1.3)" (Fausset, *in loc.*).

O cálice que transborda é, literalmente, "meu cálice é bebida abundante". Cf. Sal. 11.6 e 16.5. A Septuaginta diz: "Teu cálice intoxicador, quão excelente é ele!". Billy Graham de certa feita falou com um viciado em drogas sobre esse problema: "Você pode sentir-se bastante alto em Jesus". Existem intoxicadores naturais e espirituais. Há uma feliz e jubilosa exultação espiritual. No dia de Pentecoste, os crentes foram cheios com o Espírito, e, para os circunstantes, a alegria deles parecia causada pelo vinho (ver Atos 2.15). Não devemos esquecer a *dimensão da alegria em nossa fé, enquanto indagamos:* "Devo fazer isto? Devo fazer aquilo?", sobrecarregados com nosso senso de dever.

23.6

Bondade e misericórdia certamente me seguirão. Uma conclusão apropriada encerra o nobre Salmo 23. Em sua jornada para o Lar Eterno, os peregrinos não viajam sozinhos. São acompanhados pela Bondade e pela Misericórdia, até chegarem a habitar na casa do Senhor, e isso para sempre. Dentro do ambiente histórico, *Davi* estava falando de suas freqüentes visitas ao tabernáculo, onde ele se entregava à adoração, ao louvor e à oração. Ou está em vista algum outro autor, que fazia a mesma coisa no templo, depois da época de Davi na terra. Em ambos os casos, estão em mira os deleites da espiritualidade e, como uma aplicação, temos os deleites do Céu de Deus, o eterno lar das almas remidas. O passado é uma profecia sobre o futuro. A provisão e a alegria do passado predizem a mesma situação, sob forma ainda mais gloriosa, quanto ao futuro. Continuarei a ter Cristo como meu Pastor; serei Seu convidado nas Mansões lá do alto.

Os Cães do Pastor. Os cães eram importantíssimos nas lides do pastoreio. Eles ajudavam a cuidar das ovelhas; proviam disciplina; aumentavam a proteção. Um antigo pregador notou a ausência de cães no *salmo do pastor* e completou esse detalhe em seu sermão. O pregador fez com que os fiéis cães do pastor fossem a *bondade* e a *misericórdia.* Ele declarou: "O Senhor é o meu pastor e, sim, mais do que isso. Ele tem ótimos cães pastores chamados Bondade e Misericórdia. Eles vão à frente das ovelhas e as seguem. Com eles e o Pastor, até pobres pecadores como você e eu podemos esperar chegar em casa, finalmente".

O Rei do amor é o meu Pastor,
Cuja bondade nunca falha;
Nada me faltará se eu for Dele,
E Ele é meu para sempre.
...
E assim, através dos dias inteiros,
Tua bondade nunca falha;
Bom Pastor, deixa-me cantar teus louvores,
Em Tua casa para todo o sempre.

(Henry W. Baker)

Para todo o sempre. Uma fiel tradução de nossa versão portuguesa, referindo-se à situação histórica da composição e, conforme comentei acima, no tocante à adoração do tabernáculo no templo. Os *longos dias,* conforme outra tradução, tratam, espiritualmente, da *alegria eterna* do Céu, o tabernáculo eterno. É assim que a transitória existência terrena nos conduz à permanência da vida eterna.

"Os dois últimos versículos parecem ser a linguagem de um sacerdote que estava retornando do cativeiro para viver no templo e servir a Deus pelo resto de sua vida" (Adam Clarke, *in loc.*). Assim também os crentes, tendo vivido seu cativeiro nesta vida mortal, chegarão ao lar no templo celestial.

Com essa radiosa nota de esperança encerra-se o nobre Salmo 23. E acreditamos que ela dá o tom da esperança futura na direção da qual estamos avançando. Este salmo é pleno de esperança e alegria. Vale a pena ser alguém um homem espiritual!

Salmo Vinte e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro de Salmos. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este salmo tem sido chamado de *salmo litúrgico,* porquanto celebra a entrada no santuário. Talvez fosse entoado por um coro postado nos portões do templo. Há no total onze salmos especificamente empregados no culto dos hebreus: 24, 50, 68, 81, 82, 95, 108, 115, 121, 132 e 134.

"Este salmo, conforme mostra seu conteúdo, deve ter sido entoado em alguma ocasião de cortejo. Compõe-se de três porções originais e independentes (vss. 1-2; vss. 3-6; e vss. 7-10), pois as diferenças de métrica, forma, atitude e

conteúdo são inconfundíveis. Entretanto, o rito litúrgico para o qual o salmo foi preparado servia para vincular os elementos disparates do salmo, formando uma unidade" (William R. Taylor, *in loc.*).

Embora atribuído a Davi por editores subseqüentes, este salmo parece vir do período pós-exílico. Talvez os vss. 7-10 fossem pré-exílicos, mas tenham sido reunidos em uma composição única, quando se preparou o salmo para uso em ocasiões litúrgicas. Foi durante o período pós-exílico que as festividades da Lua Nova e do Ano Novo se tornaram eventos religiosos especiais. Nesse período, por igual modo, elas foram incorporadas à festa geral dos tabernáculos.

Subtítulo. Temos aqui o subtítulo simples "salmo de Davi". Essas notas de introdução foram adicionadas por editores subseqüentes, não fazendo parte das composições originais. Editores posteriores conjecturaram quanto a questões como autoria e circunstâncias históricas que possam ter inspirado a composição. Algumas vezes, sem dúvida, essas conjecturas acertaram em cheio no alvo.

"Quanto à maneira de pensar, este salmo segue bem de perto o Salmo 23, porquanto exalta o Senhor como Criador e Rei. O pastoreio e a soberania de Deus estão entrelaçados de modo que não é possível destacar uma coisa da outra. A experiência do pastoreio leva à aceitação jubilosa da soberania" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Alguns estudiosos supõem que este salmo reflita a circunstância histórica em que Davi trouxe a arca da aliança para Jerusalém, até que, finalmente, ela foi instalada no templo construído por seu filho, Salomão. Talvez as portas (vs. 7) se refiram à antiga fortaleza que acolheu a arca, o símbolo da presença de Yahweh (ver II Sam. 6). Mas o salmo poderia falar do retorno triunfal da batalha, e da subseqüente ascensão ao templo. Seja como for, era necessária uma preparação para essa subida. Um homem precisava ter mãos limpas e coração puro para aproximar-se do santo templo do Senhor. Ou, então, mais provavelmente ainda, a composição foi reunida com bases em diferentes fontes, visando propósitos litúrgicos, conforme sugiro nas notas acima.

Um Salmo Messiânico. Alguns eruditos fazem este salmo (em seu sentido profético) referir-se à *ascensão de Cristo.* Ver o vs. 8 e cf. Col. 2.15 e Heb. 2.14,15. Cf. o vs. 10 com Apo. 5.11-14 e 17.14. Cerca de dezesseis salmos são considerados messiânicos, embora outros, indubitavelmente, contenham alusões ou mesmo referências messiânicas. Os salmos usualmente considerados messiânicos são os de número 2, 8, 16, 22 a 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 89, 102, 110 e 118.

24.1

Ao Senhor pertence a terra. A *terra física* e a terra cultivada, e todos os seus habitantes, pertencem ao Senhor (Yahweh, o Deus eterno), por ser Ele o Criador, Benfeitor e Guia de todos. Ele é o Deus *capaz,* Aquele que intervém e diante de Quem somos responsáveis. Em 1598, quando a França foi, pela primeira vez, declarada um lugar de adoração livre, pelo Edito de Nantes, este *salmo* foi lido para abrir o culto de adoração que se seguiu à implementação do citado edito. Por quê? Porque ele começa com a declaração universal: todos pertencem ao mesmo Senhor. Assim também o cântico entoado nos portões do templo, antes da adoração solene, relembrou como o Criador é o Deus de todos, e a verdadeira fé não tem portas fechadas.

> *Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor até às extremidades da terra, vós os que navegais pelo mar, e tudo quanto há nele, vós, terras do mar, e seus moradores.*
>
> (Isaías 42.10)

Nos tempos antigos, este salmo era entoado no primeiro dia da semana, e os cristãos judeus aceitaram essa prática, fazendo do primeiro dia um tempo de descanso cristão. Cristo representa o apelo universal, Ele é o Salvador universal. Ver João 12.32, que diz:

> E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.

Tudo o que nela se contém. "Nela" refere-se à terra física, à terra cultivada, aos habitantes e todos os tesouros da terra, sua prata, seu ouro, suas árvores, plantas, vegetação, os animais selvagens e os domesticados, as muitas colinas e vales.

Este versículo representa um reconhecimento geral da *soberania* de Deus. Ver sobre o assunto no *Dicionário.* Essa soberania atua por meio do amor, pelo que todas as coisas e todos os seres humanos são beneficiados por terem como soberano o mesmo Yahweh, o mesmo Deus eterno. Paulo aludiu a este versículo quando falava sobre a liberdade cristã, em I Cor. 10.25,26,28.

24.2

Fundou-a ele sobre os mares. A referência, aqui, é ao ato criador. Como é apenas natural, o Criador de tudo está interessado por tudo; Ele é o benfeitor de tudo e é soberano sobre tudo.

Mares... correntes. A referência é a Gên. 1.2 e seu abismo primevo. Para uma ilustração daquilo em que os hebreus acreditavam sobre o cosmos, ver o gráfico apresentado no artigo do *Dicionário,* chamado *Astronomia.* A crença dos antigos era que o grande mar das águas primevas era separado pelo firmamento, uma espécie de taça invertida que deixava águas acima do arco e águas abaixo dele, sobre as quais a terra flutuaria. Só não se pensava sobre o quê essas águas repousavam. Os intérpretes modernos fazem essas expressões serem *poéticas* a fim de tentar adaptar as crenças antigas às idéias modernas; para os hebreus, porém, tais declarações eram "científicas", e não mera "poesia". A inspiração divina não está interessada na exatidão científica; ela cuida somente da exatidão *espiritual.*

Cf. Gên. 1.9,10; Jó 38.8 e II Ped. 3.5. O mundo criado precisava tornar-se *habitável,* o que explica a necessidade de separar as águas para que aparecesse a *terra seca.* Quanto à idéia de a terra repousar sobre as águas, cf. Sal. 136.6 e Pro. 8.25-29. A idéia de a terra ser pendurada sobre o *nada* (ver Jó 26.7) foi uma inovação interessante, mas o sentido não fica claro. A gravidade cósmica não é o nada, e, além disso, até agora, pouco sabemos sobre a maneira como a terra está suspensa no espaço. E também não entendemos como profundidade os campos *magnéticos* e a *gravidade.*

24.3,4

Quem subirá ao monte do Senhor? Essas palavras foram endereçadas à multidão, a qual é advertida de que nem todos poderiam avizinhar-se do templo e seu culto. Somente os *qualificados* ousam fazer isso. O vs. 4 fornece instruções específicas quanto a essa qualificação. Um homem precisa ter coração puro e mãos limpas. Estão em foco os *requisitos morais* da lei mosaica.

A lei mosaica era o documento de Israel em matéria de crença e prática. Era seu estatuto eterno (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29). Tornava Israel uma nação *distintiva,* livre das práticas idólatras dos pagãos (ver Deu. 4.48). A *triplice designação* ilustrava a sua essência (ver Deu. 6.1). Era a provisão de toda a vida e existência, bem como o *fator abençoador* (ver Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15). Suas leis cerimoniais de purificação tinham de ser obedecidas e eram consideradas obrigações morais. Em outras palavras, um homem precisava estar "em dia" com a fé e a prática, a fim de aproximar-se do templo de Jerusalém. Os sacrifícios e os ritos apropriados tinham de ser cumpridos. Qualquer tipo de imundícia teria de ser evitado. Além disso, temos os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*), guias morais para o homem espiritual que constituíam a própria essência da lei.

Falsidade. Devemos incluir aqui a idolatria e outras práticas vãs dos pecadores.

Nem jura dolosamente. Ver Êxo. 20.7 sobre a questão. Nem *mentiras* nem *testemunhos falsos* eram tolerados. A língua não deveria falar o engano em um tribunal de lei, nem em qualquer outro lugar, perante juízes ou homens. O poeta proferiu alguns poucos exemplos de coisas que eram proibidas pela lei, mas afirmava que "tudo quanto está na lei" tinha de ser observado. O homem precisava ter *atitudes corretas* (no coração) e *atos retos* (mãos limpas). A lavagem das mãos simbolizava e libertava a pessoa das poluções (ver Mat. 27.24; Sal. 26.6; 73.13).

24.5

Este obterá do Senhor a bênção. O indivíduo que passasse no teste do vs. 4 tinha liberdade de continuar marchando na direção do templo, para realizar a liturgia, os sacrifícios, os ritos, os votos etc. Tal pessoa podia esperar corretamente a bênção de Deus, porquanto tinha obtido *qualificação* para isso. O homem que continuasse a avançar, cheio de pecados, seria julgado por presunção e desrespeito às regras do culto.

A justiça do Deus da sua salvação. A Revised Standard Version diz aqui "vindicação", em lugar de "justiça". O homem de coração puro seria declarado apto a receber as bênçãos de Deus. Isso incluiria a *salvação,* a retidão espiritual e o bem-estar da alma, não definidos no Antigo Testamento em nenhuma extensão. Dan. 12.3 é uma das melhores declarações sobre a questão naquele documento. O Antigo Testamento não delineava as doutrinas do céu e da terra, que começavam a tomar forma nos livros apócrifos e pseudepígrafos e receberam tratamento mais profundo no Novo Testamento. Neste versículo, não está em pauta nada parecido com a salvação cristã da alma, embora alguns intérpretes, cristianizando o texto, consigam enxergar isso. Talvez até haja uma alusão profética à salvação cristã, embora sem definição. Uma *devida recompensa,* conforme pensam alguns, seria o significado de "salvação" neste caso, de acordo com William R. Taylor, *in loc.*, e isso poderia ser interpretado de maneira temporal ou espiritual, dependendo de quanto teria avançado a noção de salvação na época em que foi escrito o salmo. Seja como for, não é errado interpretar espiritualmente este versículo, embora corramos o risco de dizer mais do que o poeta pretendia dizer. Seja como for, é claro que as bênçãos de Deus coroam a fidelidade do homem.

24.6

Tal é a geração dos que o buscam. Aqueles que fossem *vindicados*, declarados aptos — os limpos de coração e de mãos — *esses* seriam a *geração* que buscava e achava Deus. Eles procuravam a *face* (a presença) do mesmo Deus de Jacó e dos outros patriarcas, e assim continuavam a cumprir os ideais da nação — eram os escolhidos de Deus. Formavam um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Os que não se qualificavam não tinham o direito de realizar o culto no templo, e a presença que se manifestaria no Santo dos Santos os ignorava. Os verdadeiros interessados eram os filhos de Jacó, o qual lutou com o Anjo do Senhor e prevaleceu (ver Gên. 32.24 ss.). Esses também venceram quando seguiram as tradições dos patriarcas e de Moisés, as quais distinguiam *Israel* das outras nações.

Selá. Quanto a conjecturas sobre o que significa esta palavra misteriosa, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

> *Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-me pelo teu nome, tu és meu.*
>
> (Isaías 43.1)

Jacó era o suplantador cuja mente estivera fixa nas realidades deste mundo, um homem de enganos e esperteza. Mas Deus endireitou a sua alma e Ele se encontrou com o Anjo do Senhor face a face e tornou-se *Israel*, um "príncipe com Deus", alguém que lutou com o *Poder* (El) e saiu-se vencedor.

Um Cântico de Antífona (24.7-10)

24.7

Levantai, ó portas, as vossas cabeças. É aqui que alguns intérpretes vêem a porção messiânica do salmo e aplicam-na à ascensão de Cristo. Dentro do *contexto histórico*, tudo quanto está em foco são os portões do templo. O cortejo estacou diante daqueles portões e chamou por eles (personificando-os). Vozes clamaram como resposta. O "Rei da Glória" queria entrar. As vozes perguntaram: "Quem é esse Rei?". A interpretação messiânica faz com que esses portões sejam os do Céu, onde Cristo entrou após a Sua ressurreição e ascensão. Os romanos erguiam arcos triunfais para seus conquistadores e, quanto maior fosse a vitória e o vitorioso, maior (mais alto) era o arco. Assim sendo, o Rei dos reis aproximou-se do arco mais elevado de todos, depois de ter obtido a maior de todas as vitórias.

Os intérpretes fazem de Davi o *rei ideal* de Israel (ver I Reis 15.3), a personagem histórica que se tornou um tipo do Rei dos reis. Alguns estudiosos referem-se ao fato de que Davi trouxe a arca da aliança ao tabernáculo, depois de ela ter sido guardada na casa de Obede-Edom. Triunfalmente, os portões da cidade foram abertos para recebê-la. Ver II Sam. 6.12 ss., quanto à história. Esta pode ter sido a circunstância histórica que inspirou a composição do salmo original, mais tarde adaptado para propósitos litúrgicos. O leitor deve lembrar que estamos apenas conjecturando.

Os portais são aqui *personalizados* como se tivessem mente própria e fossem capazes de responder ao rei e cumprir a sua vontade. Os portais fechados mantinham a cabeça abaixada; mas um portal aberto seria aquele que levantasse a própria cabeça.

Ó portais eternos. A Revised Standard Version diz aqui *portas etemas*. Está em pauta a antiguidade das portas, e não a sua eternidade. A palavra "portais" encoraja a interpretação messiânica, mas não fazia parte das circunstâncias históricas.

O Rei da Glória. Historicamente, pode estar em pauta a arca da aliança, símbolo da presença de Yahweh. Portanto, Yahweh era o Rei que pedia admissão, entrada. Dentro do contexto profético, todavia, sem dúvida está em pauta o Rei dos reis. É difícil ignorar a palavra profética aqui, embora alguns críticos tenham tentado fazer isso, com grande esforço. Notemos que este Rei é também o Senhor dos Exércitos, ou *Yahweh* no contexto antigo.

Comparar este texto com o eloqüente texto de Calímaco, que proferiu palavras similares a Apolo:

> *Retrocedei, vós, ferrolhos; retrocedei, portas gigantescas.*
> *Cedei lugar!*
> *Pois não está distante o Deus do Dia.*
>
> (Hino a Apolo, vss. 6 e 7)

24.8

Quem é o Rei da Glória? *O Diálogo.* O hino, sem dúvida, era entoado como uma antífona. Os portais personificavam responder à demanda por entrada: "Quem é o Rei da Glória?". A multidão, que vinha transportando a arca, respondeu: "O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas". A alusão parece ser à arca que Davi trazia ao tabernáculo por ele mesmo levantado, o qual simbolizava a presença de Yahweh; assim, na realidade, era *Yahweh* quem estava sendo trazido ao tabernáculo. Ele é o forte na batalha, o General do Exército, Aquele que dava a Israel suas vitórias. Essas vitórias estavam sendo celebradas pela multidão que se dirigia ao tabernáculo (templo) para oferecer os sacrifícios apropriados de ação de graças. Tempos mais tarde, o hino foi adaptado para a adoração geral, *generalizando* assim o cântico do guerreiro.

Profeticamente, temos em mira a ascensão de Cristo. Ele, que estava vindo de uma recente vitória sobre as forças do mal, na terra e no hades (ver Col. 2.15), tinha direito legítimo de entrar no templo celeste. Os *portais eternos* abriram-se diante Dele, como o *Herói* da batalha, o qual trazia a salvação, derrotando o reino do mal e todos os poderes de Satanás. Ver Apo. 7.14 e 19.11-21.

24.9,10

Levantai, ó portas, as vossas cabeças. Este versículo é uma duplicação virtual do vs. 7, que aqui reaparece para efeito de repetição dramática. Recebe elaborações desnecessárias diante da idéia de que tais repetições subentendem "duas vindas de Cristo", uma por ocasião de Sua ascensão, e outra por ocasião do julgamento final. "A repetição do vs. 7 serve para salientar, com maior ênfase, o poder do Senhor, pois Ele é o Senhor dos Exércitos, o General das forças de Israel, que conquista todas as coisas para Seu povo, Aquele que abafou a rebeldia das forças do mal e anulou seus planos perversos.

Salmo Vinte e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este salmo pertence à mais numerosa das classes de salmos: é um salmo de *lamentação*. Mais de 60 dos 150 salmos existentes são assim classificados. Tipicamente, esses salmos começam com um grito desesperado pedindo ajuda, descrevem os vários tipos de perigos enfrentados e então terminam com uma nota de triunfo e ação de graças, seja pela resposta dada à oração, seja em antecipação de uma resposta aguardada para breve, em reação ao pedido feito.

Este salmo foi composto como um poema acróstico. Cf. os Salmos 9 e 10, quanto ao estilo literário. Cada versículo, ou cada um de dois versículos, começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico, circunstância que pode explicar a aparente ausência de seqüência lógica.

Subtítulo. O subtítulo deste salmo é simplesmente "salmo de Davi". Esta nota de introdução foi adicionada por editores muito tempo depois de as composições originais terem sido preparadas. Os editores tentaram identificar os autores e prestar informações sobre possíveis circunstâncias históricas que possam ter inspirado a composição. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Não obstante, não há razão para duvidarmos de que certo número dessas composições poéticas foi, realmente, escrito por Davi, *o suave salmista de Israel* (II Sam. 23.1).

Os eruditos que devem conhecer essas coisas dizem-nos que o estilo acróstico só apareceu mais tarde, após o exílio, pelo que os salmos escritos nesse estilo devem ser considerados posteriores. Naturalmente, eles podem ter incorporado elementos anteriores. O salmo à nossa frente combina uma mescla de hinos, sendo distinguíveis os vss. 4-5; 8-10 e 12-14. E isso também parece obedecer a um estilo característico de uma época posterior.

Este salmo exalta o caráter de Deus, em contraste com o homem humilde e pecaminoso que precisa receber instrução e ajuda divina para ser resguardado do perigo.

Os Salmos 25 e 34 formam um par, pois este último é também um salmo acróstico e apresenta características semelhantes, incluindo certas irregularidades. Mas o Salmo 25 é uma oração pessoal, enquanto o Salmo 34 é uma oração e um louvor público.

25.1,2

A ti, Senhor, elevo a minha alma. A *vida essencial* é levantada perante Yahweh em uma súplica sincera, e o salmista pede ajuda para ser livrado de inimigos (vs. 2). A despeito de seu estilo acróstico, fazendo as linhas começar com letras sucessivas do alfabeto hebraico, o poeta conseguiu expressar adequadamente o seu apelo. Provavelmente através do *homoeoteleuton* (similaridades nos fins das linhas), uma linha foi deixada de figurar. William R. Taylor sugeriu que o poema dizia, originalmente:

Espero, ó Yahweh, por Ti,
Elevo a minha alma a meu Deus.

A alma eleva-se para ser salva, por causa das ameaças de inimigos de um ser mortal, o que mostra quão urgente se tornava a intervenção divina. Note o leitor como os dois nomes divinos são usados: *Yahweh* (vs. 1, o *Deus Eterno*) e *Elohim* (vs. 2, o Poder, ou Deus *Todo-poderoso).* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

O salmista tinha uma causa justa a defender; se fosse derrotado, seria *envergonhado* e, pior, seria morto, perdendo qualquer causa de qualquer espécie. Davi conseguiu dominar ou confinar *oito* povos, e isso possibilitou à nação estabelecer-se e atingir sua época áurea sob Salomão, filho de Davi. Ver II Sam. 10.19, quanto ao fato de que Davi derrotou seus adversários.

Não seja eu envergonhado. Embora tenha confiado em Yahweh-Elohim, o salmista acabou caindo sob o poder dos inimigos, porque sua causa, que era também a de Israel, se perdeu; ou então, é bastante possível (vs. 7) que seus pecados lhe tenham impedido a vitória e ele se envergonhasse de si mesmo por causa do fracasso na batalha. Cf. a questão da *vergonha* com Sal. 31.17 e 34.5.

Ampara-me segundo a tua promessa, para que eu viva; não
permitas que a minha esperança se envergonhe.

(Salmo 119.116)

Uma confiança e esperança não-cumpridas envergonhariam um homem. Talvez seja esta também a idéia do versículo. Aquele homem "confiou em Deus". Todavia, sua confiança estava mal colocada e era fantasiosa. Ver, porém, o vs. 7. Talvez pecados diversos possam ter estragado os planos do homem, levando-o à derrota, conforme sugerido acima. Por conseguinte, ele precisava ser perdoado de seus pecados a fim de poder triunfar.

25.3

Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado. O *poeta orou* para que aqueles que o acompanhassem, talvez seus colegas de farda, fossem também preservados da vergonha da derrota e da falsa esperança. Mas desejou que os inimigos de Israel sofressem vergonha, pois a mereciam: eles deveriam ser derrotados para que se demonstrasse que a confiança em deuses falsos era inadequada.

O guerreiro que fracassasse era um homem envergonhado. Ele culpava a si mesmo, a outros, ou a seu deus, a quem ele tinha oferecido vãos sacrifícios e a quem fizera orações. "Seu trabalho" tinha fracassado. Todos nós nos sentimos envergonhados quando nossa obra não é devidamente executada.

Os inimigos de Davi (ou de algum outro poeta) eram "transgressores" contra Israel, o povo de Deus, por lançarem guerra contra eles, sem nenhuma razão real para tanto. Eles não estavam atrás de saques. Além disso, *desfrutavam* guerras e matanças. Contudo, a causa deles não era justa. Eles não tinham sido "provocados" por Israel. Agiram por sua própria perversidade. Eram indivíduos *traiçoeiros.* Cf. Sal. 41.9 e Osé. 6.7.

Espiritualizando o versículo, J. R. P. Sclater, *in loc.*, disse: "A pessoa deve fazer uma pausa aqui para pensar. Alguns são tão *terrivelmente tentados* que acabam caindo. Mas todos nós sabemos o que é sofrer uma tentação desprezível ou, pior ainda, uma tentação auto-inventada, e cair. Podemos sucumbir diante de formidáveis tentações por nos demorarmos nelas. Em outras palavras, tentamos a nós mesmos. Esse *tipo* de tentação nos deveria deixar *envergonhados*".

25.4

Faze-me, Senhor, conhecer os teus caminhos. É necessário que o Senhor nos mostre o caminho, *para evitarmos as tentações,* grandes ou pequenas, e para *evitarmos cometer erros.* Precisamos ser liderados em meio à *luz.* Sim, é mister que o Senhor nos mostre o caminho e nos ensine as Suas veredas. Se o *pecado* for a razão pela qual o homem pode ser derrotado e envergonhar-se (vs. 3), então ele precisa oferecer os sacrifícios apropriados e entrar limpo na batalha. A *vereda* que o poeta precisou aprender a percorrer é a vereda da lei, o *estatuto eterno* (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29). Cf. Salmo 1.1. A lei tornava Israel *distinto* dos povos pagãos (ver Deu. 4.4-8). O Salmo 119 é o grande Hino da Lei, onde também vemos a multidão de seus atributos e como isso se aplicava a cada faceta da vida em Israel. O ensino, pois, deveria estar centralizado na lei e seus requisitos. Os *dez mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) são a essência da lei, que dão luz e instrução a Israel. Naturalmente, a graça suplementava a lei, e o Espírito substituiu o legalismo pelo zelo, mas essa já é uma verdade avançada, própria do Novo Testamento. Quanto ao ensino sobre a verdade e o ser conduzido pela vereda certa, cf. Sal. 19.7-10 e 119.35.

Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me
comprazo.

(Salmo 119.35)

Quiçá o poeta sacro tivesse em mente a passagem de Êxo. 33.13, que deve ser comparada com este versículo. Ela fazia parte de certa oração de Moisés.

25.5

Guia-me na tua verdade e ensina-me. A petição foi *repetida,* e então um apelo foi feito ao Deus Todo-poderoso (Elohim), para que Ele respondesse à oração e a tornasse eficaz. A *salvação* é o objetivo da oração, e isso deveria ser compreendido aqui como livramento de todo dano, e não como salvação da alma. A oração era contínua, porquanto a necessidade era urgente. O poeta orava o dia inteiro e, sem dúvida, todos os dias. A lição espiritual é a *perseverança na oração.*

"Muitos perdem o benefício de suas orações intensas porque não *perseveram.* Eles oram por algum tempo e depois desanimam e desistem. Dessa forma, perdem tudo quanto foi operado nele e por eles" (Adam Clarke, *in loc.*).

Acredito que o Senhor ouviu minha oração;
Acredito que a resposta já está a caminho.
Não lances fora a tua confiança
No Senhor, teu Deus.

Embora a oração consista principalmente em *pedir e receber,* também funciona como uma *disciplina.* A oração nos ensina várias coisas. Não nos dá meramente algo pelo qual pedimos. Algumas vezes esse aspecto da questão leva as respostas a serem adiadas. Ver sobre *Oração* no *Dicionário,* quanto a detalhes sobre esse importante assunto.

Tua verdade. Temos aqui um paralelo aos caminhos e veredas do vs. 4, e isso vem através da lei, conforme amplamente anotado.

"Faze-me ter uma experiência real da fidelidade divina em minha passagem pela vida" (Ellicott, *in loc.*).

25.6

Lembra-te, Senhor, das tuas misericórdias e das tuas bondades. *Yahweh é o Deus da misericórdia e do amor constante* (ver a Revised Standard Version); e o poeta precisava ter uma demonstração imediata desses princípios, *para que* sua vida fosse salva da destruição, a qual levaria seus inimigos a triunfar sobre ele, projetando-o na vergonha.

A *história* conta como a bênção de Deus desceu do céu como se fosse uma chuva pesada.

Suas nuvens estão inchadas de misericórdia, irrompendo em
bênçãos sobre a tua cabeça.

(William Cowper)

Desesperado, o poeta sagrado precisava de uma demonstração imediata da realidade das nuvens chuvosas de Deus. Assim sendo, Yahweh foi convocado a *lembrar* como Ele tinha atuado em outros casos e a *repetir Sua realização* em favor do homem pobre. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O guerreiro duvidava do poder de Deus e estava ansioso para que o poder divino entrasse em ação *naquele exato momento!*

Manifestou os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos, aos
filhos de Israel...
Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade,
sobre os que o temem...
Atendeu à oração do desamparado, e não lhe desdenhou as
preces.

(Salmo 103.7,17 e Salmo 102.17)

O *caráter* revelado e historicamente comprovado de Yahweh como um Poder que abençoa era a base da oração daquele homem. Mas ele ansiava por ver tal poder "no dia de hoje", porquanto sem isso ele estaria perdido. É conforme diz certo hino evangélico:

Estou perdido, ó Senhor, se Tu
Tirares a Tua mão de sobre mim.

25.7

Não te lembres dos meus pecados da mocidade. O salmista havia semeado más ações quando jovem. Esses pecados porventura impediriam suas orações agora? Jó disse a mesma coisa e não cria que pecados cometidos há tanto tempo tinham causado os sofrimentos pelos quais ele passava. Ver Jó 13.26. Além disso, havia as *transgressões* que podiam referir-se ao tempo presente. Isto posto, sua derrota em batalha poderia subentender o fato de que ele era um pecador e não merecia ser livrado de seus inimigos. Porém, o salmista implorou que o Deus Yahweh misericordioso o perdoasse de todos os pecados, antigos e novos, não lhe permitindo cair diante dos inimigos. De conformidade com Miq. 7.18-20, é precisamente isso o que Deus está disposto a fazer. Devemos esquecer, tendo eliminado de nossa vida os pecados, para que Deus pare de relembrá-los. Considere o filósofo que arruinou sua carreira universitária por ter-se tornado viciado em bebidas alcoólicas. Mais tarde, porém, aquele mesmo homem *recuperou-se de seu vício e avançou* para tornar-se um grande evangelista! Os pecados de um homem não são o próprio homem. Ele pode despir da velha roupa e vestir um novo traje.

Alguns intérpretes pensam que o autor do Salmo 25 era Davi, lembrando antigos pecados, dos quais os mais pesados eram os de adultério e assassinato, no caso de Bate-Seba e Urias. Davi poderia achar que esses grandes pecados o *levariam a fracassar na batalha, em consonância com a Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

25.8

Bom e reto é o Senhor. O poeta sacro tinha a consciência culpada. Em contraste, porém, um pecador insensato qualquer oferecia resistência a Yahweh, *reto* em todos os seus caminhos e *bom* em Suas disposições, contrastando com homens perversos, que lançam tudo no caos. O Deus *bom* e *reto* é quem ensina o caminho aos pecadores, conduzindo a maior conformidade com Sua própria imagem.

> Santos sereis porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo.
>
> (Levítico 19.2)

O padrão do caminho é a lei, sobre a qual comentei amplamente no vs. 4. Os pecadores não devem perseverar em seus pecados; antes, devem fugir para o Deus santo, pedindo-Lhe perdão e transformação, *por amor a si mesmos.* Eles têm de chegar ao lugar onde fluem as bênçãos e o poder divino. E assim como foram ousados e endurecidos em seus pecados, precisam agora ser ousados em conquistar o bem.

> *Com lembranças claras, augustas e sublimes,*
> *Lembrando-se da grande Verdade e Direito de Deus,*
> *Ambas as coisas imutáveis,*
> *Ela se tornou senhora de suas fraquezas.*
>
> (Adaptado de linhas escritas por A. H. Clough)

Temos luz suficiente para viver por ela. Algumas vezes, porém, é preciso que nossa memória seja despertada para inspirar nossa mente. Jesus nos deixou o bom exemplo. Lembremo-nos Dele, e assim poderemos ser conduzidos por Seu caminho pelo Deus santo. Ele foi o Pioneiro e foi aperfeiçoado por Seus sofrimentos (ver Heb. 2.10). Ele conhecia o caminho, ensinou sobre o caminho e é, Ele mesmo, o Caminho.

> Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti.
>
> (Salmo 51.13)

25.9

Guia os humildes na justiça. O pecador humilde tem interesse em mudar seus caminhos e assim "provar" as promessas de Deus; mas o pecador arrogante persiste em seus pecados e traça o seu próprio caminho. O poeta sagrado era sábio o bastante para conhecer esses fatos e aproximar-se de Deus com humildade. *A esse homem,* pois, Deus guiará na direção da retidão. *Esse homem* obterá luz no caminho de Deus, seja através da lei, de experiências intuitivas ou de sonhos e visões. Deus sabe como operar na vida de cada indivíduo. Até pecadores endurecidos podem ser suavizados e tornar-se receptores dos ensinamentos divinos. Mas o poeta sacro era apenas um homem comum, dotado de bom coração, mas continuava a transgredir por causa de suas fraquezas. Deus tinha tocado em seu coração, e ele caminhava em direção ao aprimoramento. Nessa vereda, Deus ouviria e responderia às suas orações desesperadas pedindo livramento dos inimigos, que estavam prestes a pôr fim à sua carreira como soldado.

> *Castiga-me, ó Senhor, mas em justa medida, não na tua ira, para que não me reduzas a nada.*
>
> (Jeremias 10.24)

> *Não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos.*
>
> (Jeremias 10.23)

25.10

Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade. *As veredas traçadas por Deus,* seguidas por um homem, são caracterizadas pela misericórdia e pela verdade, atributos divinos que permeiam tudo quanto Deus faz. Os que estão em aliança com Deus são os beneficiários. Essa gente também guardará seus *testemunhos* e se referirá à lei. Ver sobre a *tríplice designação* da lei, em Deu. 6.1. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Pactos,* vários dos quais se aplicam a Israel. Ver especialmente *Pacto de Moisés,* na introdução a Êxo. 19. Além desse, há o *Pacto Palestino,* comentado na introdução a Deu. 19. Finalmente, ver o *Pacto Davídico,* em II Sam. 7.4.

Visto que Deus era alguém que participava dos pactos, Seu ofício foi cumprir Suas promessas. Entre elas estava a instrução na lei, para fazer um homem ser bom e agir bem. A misericórdia divina estender-se-á até esse homem. Ele será conduzido por aquilo que é certo.

> *Eu tencionava chegar a Deus,*
> *É para Deus que tanto me apresso;*
> *No peito de Deus está o meu lar;*
> *... ali deixarei o meu espírito, finalmente.*
>
> (Johannes Agrícola)

25.11

Por causa do teu nome, Senhor. O poeta sagrado, a outra parte do pacto, invocava a Deus, o principal participante, que respondesse à sua oração, por "Sua causa". Se um passarinho cair por terra, Deus tem consciência disso (ver Mat. 10.29), e até uma pequena queda como essa é controlada por Deus. Deus seria vindicado mediante a vitória do salmista, porquanto confiava Nele. O pecado se fazia presente e era grande, mas o perdão por meio de sacrifícios apropriados também estava presente. Então Deus ficaria livre para responder à oração do homem que sofria alguma aflição. "A própria grandeza do meu pecado cria a *necessidade maior* da misericórdia. Quanto mais perigoso for o ferimento, mais o Médico compassivo será movido a aplicar o remédio apropriado para efetuar a cura. Cf. II Sam. 24.10; Isa. 55.7 e Rom. 5.20" (Fausset, *in loc.*).

> *Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.*
>
> (Isaías 55.7)

Nome. Ou seja, o *caráter revelado* de Deus, como santo, misericordioso e perdoador. Perdoar o pecador é uma ilustração de como Deus trata com aqueles que se arrependem. Cf. Isa. 43.25.

25.12

Ao homem que teme ao Senhor. O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria, pelo que aos que começam a carreira sendo sábios, é assegurado que serão ensinados quanto aos caminhos de Deus. Ver Sal. 111.10. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor,* especialmente o primeiro ponto.

> *... escolhei hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.*
>
> (Josué 24.15)

Muitos benefícios são outorgados ao homem que teme a Deus, incluindo os segredos de Seu pacto (vs. 14). Além disso, há as bênçãos temporais e espirituais, como também a prosperidade material e espiritual (vs. 13). Mas o pecador arrogante apalpa estupidamente as trevas e nada encontra no final. Cf. Sal. 119.30,173.

25.13

Na prosperidade repousará a sua alma. O homem que teme a Deus "habitará na prosperidade", conforme diz a Revised Standard Version, uma crença comum e persistente dos hebreus, algumas vezes provada na vida diária, e outras vezes, não. Que fosse feita a vontade de Deus. Seja como for, temos dinheiro para promover causas boas: de outra sorte, de que adianta termos dinheiro.

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

Não há grande virtude em ser pobre, pelo que rogamos a Deus que nos dê *ampla suficiência!* É uma inconveniência alguém não ter fundos suficientes para atender às suas necessidades pessoais e seus projetos particulares, pelo que Deus nos dê o que nos é conveniente! O homem que prospera materialmente verá prosperar seus filhos, porquanto eles herdarão as terras de seus pais, dadas por Deus, as heranças de família dos filhos de Israel.

Espiritualizar este versículo é algo que nos permite aprender outras lições. Não basta ter muito dinheiro. Precisamos também ter muitas boas obras, especialmente aquelas inspiradas pela lei do amor. Precisamos prosperar nisso mais do que nas coisas materiais. O guerreiro pobre que clamou para que a intervenção divina o salvasse de seus adversários não prosperaria nem física nem espiritualmente. E nós também não prosperaremos, a menos que Deus, de alguma maneira, reverta a maré da adversidade.

Cristianizando o versículo, poderíamos dizer:

> *Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça.*
>
> (II Pedro 3.13)

Essa é a prosperidade final, a herança final na *Terra.*

Ver sobre o *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18, quanto à herança de Israel da terra. Cf. Mat. 5.5, que pode ser uma citação parcial que combina a idéia dos *humildes,* do vs. 9, com a idéia daqueles que *herdarão* a terra, no vs. 13.

25.14

A intimidade do Senhor é para os que o temem... a sua aliança. Está em foco a aliança, ou seja, os *preceitos* da lei que dão direção espiritual apropriada ao homem bom. A Revised Standard Version diz "amizade", e a King James Version diz "segredo", em lugar de "aliança", que requer uma compreensão diferente do texto hebraico envolvido. O termo hebraico *sod* pode referir-se a um *conselho privado,* reunido para tomar alguma deliberação. Nesse caso, o homem bom é "participante das reuniões secretas de Deus", ou seja, é alguém que compreende a mente e os planos divinos. Ou então essa pessoa é amiga de Deus, alguém aceito no conselho secreto de Deus. Fausset defende "intimidade familiar" como o sentido dessas palavras, o que se reflete em nossa versão portuguesa. Seja como for, a lei é a comunicação geral de Deus ao homem, o fruto de Seu conselho. A palavra hebraica *sod* também significa "lugar de repouso", do qual também obtemos a idéia de uma conversa confidencial.

Os que gozam de tal amizade com Deus são as pessoas que *temem* a Deus, algo anotado detalhadamente no vs. 12. Para esses, o pacto divino é revelado, com seus requisitos e bênçãos, e sua natureza obrigatória. Ver o vs. 10, quanto a notas expositivas detalhadas. Ver como, naquele versículo, o pacto e os testemunhos (a lei) são reunidos.

Literatura de Sabedoria. Estes versículos nos fazem lembrar da *literatura de sabedoria* dos hebreus: Jó, Provérbios, Eclesiastes e certos escritos hebreus não-canônicos. Alguns salmos ou parte deles participam dessa forma de escritos. Os *salmos de sabedoria* são os de número 1, 36, 37, 49, 73, 91, 96, 97, 112, 127, 128 e 133. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sabedoria,* seção III, *Literatura de Sabedoria,* quanto a maiores detalhes.

25.15

Os meus olhos se elevam continuamente ao Senhor. Os *olhos* da alma contemplam o Senhor, o qual é Poderoso e pode livrar da miséria; a oração é o agente que efetua esse propósito. Aquele cujas orações são respondidas é tirado da rede que algum homem perverso lhe armou, como se fosse um animal para ser apanhado e morto. Ver Sal. 9.15, quanto à metáfora da caça. O poeta confiava na *Providência de Deus* (ver no *Dicionário*) bem como no fato de que a oração pode fazer atuar essa providência em casos específicos de necessidade.

25.16,17

Volta-te para mim e tem compaixão. Temos aqui outro pedido de ajuda, em um fraseado levemente diferente, dirigido ao Poder (*El*), pois há provisão de livramento de homens violentos e seus planos ímpios. Não fora isso, o ouvido de El teria de voltar-se na direção do poeta, atentando às suas orações de desespero. O salmista estava desolado e aflito, pois sua vida corria perigo. Ele, uma vez mais, elevou a alma (vs. 1) a Yahweh. Novamente, ele menciona as *tribulações* de sua alma (vs. 17). Ele estava sofrendo uma crise de perigo mortal. Somente uma intervenção divina poderia salvá-lo das armadilhas e ciladas dos ímpios. Se o Senhor afastasse a mão, ele estaria perdido. A Revised Standard Version diz aqui "As tribulações de meu coração são muitas", o que, sem dúvida, reflete uma compreensão diferente do texto hebraico envolvido, requerendo uma emenda do texto. "Suas muitas tribulações o impulsionaram para o Único que podia livrá-lo" (Fausset, *in loc.*).

> *Antes de ser afligido andava errado,*
> *mas agora guardo a tua palavra...*
> *Foi-me bom ter eu passado pela aflição,*
> *para que aprendesse os teus decretos.*
>
> (Salmo 119.67,71)

25.18

Considera as minhas aflições. *O olhos do homem aflito* voltaram-se para El (o Poder), e agora ele chama o Senhor para voltar os olhos na *sua* direção. "Olha para a minha aflição e para a minha dor." Um único olhar naquela situação lastimável seria suficiente para excitar a compaixão divina, a qual levaria o Poder a agir. Ao mesmo tempo, seriam perdoados os *pecados* cometidos, a *causa* aparente de tanto perigo e aflição. Isso reitera as idéias do vs. 7, onde o leitor pode acompanhar maiores detalhes. A misericórdia e a graça divina não se limitam aos retos, porque, se assim fosse, teríamos uma bem pequena população neste mundo. Não obstante, é uma verdade padrão que ser alguém limpo de pecados permite que as bênçãos divinas fluam em sua direção. Quando os *inocentes* sofrem (conforme se vê no livro de Jó), então nos vemos envolvidos no misterioso *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*): por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem. Podemos atribuir a maior parte do sofrimento humano à *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), mas essa não é a única causa dos sofrimentos. Existem enigmas que incluem os estúpidos atos do *caos,* dos quais precisamos de livramentos diários, em resposta às orações específicas.

25.19

Considera os meus inimigos, pois são muitos. O salmista fora amaldiçoado com o aparecimento de muitos e fortes adversários que combinavam atos de violência e crueldade. Somente o Ser divino era capaz de salvar o poeta de qualquer dano. O *ódio* inspira os homens a atos malignos e violentos, e isso é verdade tanto nas ruas como na guerra. Aos soldados ensina-se a odiar, o que torna mais fácil matar o inimigo. O ódio é o amor do diabo. O amor de Deus enleva e abençoa. O amor do diabo destrói. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ódio,* onde também ofereço detalhado artigo. A maior parte dos atos dos demônios está associada a isso, pois sem a presença do *ódio* a influência e a possessão demoníaca são quase impossíveis. Assim sendo, sem alguma espécie de ódio, os atos mais destruidores deste mundo (praticados pelos homens) não ocorreriam. O ódio é o *instrumento específico* da violência e da confusão.

> *Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.*
>
> (I João 4.20)

O *ódio importa em homicídio* e leva à sua prática (ver Mat. 5.21,22; I João 3.15). Uma das obras da carne, o ódio é contrário às virtudes cultivadas pelo Espírito, principalmente o amor, que lhe é oposto (ver Gál. 5.20). Com freqüência, oculta-se atrás de uma capa de engano (ver Pro. 10.18). O ódio provoca contendas (ver Pro. 10.18) e amargura a vida do indivíduo (ver Pro. 10.12). Ele é incoerente com o conhecimento de Deus (ver Rom. 1.30).

> *A quem os homens temem, odeiam; e a quem odeiam, querem vê-lo morto.*
>
> (Quintus Ennius)

> *É característica da natureza humana odiar o homem a quem se enganou.*
>
> (Tácito)

25.20

Guarda-me a alma e livra-me. "Alma", neste caso, é a "vida física", a qual estava sendo ameaçada de extinção. Yahweh tinha de livrar a vida do poeta sagrado, ou ele seria estupidamente destruído pelo inimigo incansável. Então o homem seria levado à *vergonha*, porquanto confiava em Deus, que, no entanto, nada fizera por ele. Isso repete a idéia contida no vs. 2 (ver comentários). A *confiança não-recompensada* é uma questão séria, independentemente de assinalar a relação entre homem e homem, ou entre Deus e homem. Ver sobre a *confiança* usada em Sal. 2.12.

> *Livra a minha alma da espada, e das presas do cão a minha vida.*
>
> (Salmo 22.20)

25.21

Preservem-me a sinceridade e a retidão. O salmista havia confessado e abandonado seus pecados, pelo que esperava a ajuda divina em sua aflitiva situação. Sua retidão havia de salvá-lo, porque Yahweh veria o que estava acontecendo e correria em seu socorro. O poeta sacro, pois, continuava a *esperar* no Senhor a ajuda de que necessitava; mas ele começava a ficar desesperado, porque Deus o fizera esperar tanto, que já não restava mais tempo. Deus tinha de agir, e prontamente, ou a causa do salmista estaria perdida. "Se um homem vem a Deus na força de uma boa consciência, Deus deve vindicar a sua causa (Jó 13.16)" (William R. Taylor, *in loc.*).

25.22

Ó Deus, redime a Israel. O *clamor personalizado* foi agora *generalizado*, a fim de ser aplicado à nação inteira de Israel. O guerreiro era um defensor do Estado, e o seu livramento ajudaria no livramento da nação. Este versículo, entretanto, poderia ser um comentário editorial posterior, adaptando o salmo para um uso litúrgico, do qual a comunidade inteira de Israel participaria. Seja como for, nenhum homem está sozinho. O bem-estar do indivíduo e o da comunidade estão entrelaçados. Nenhum homem é separado, como uma ilha, do continente.

> *Os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará as suas cabeças; gozo e alegria os alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido.*
>
> (Isaías 35.10)

Salmo Vinte e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é outro salmo de *lamentação*. Há mais de 60 deles dentro da coletânea dos 150 salmos. Esses salmos primeiramente registram algum *grito de desespero* da parte de algum homem que carece de livramento da parte de um inimigo, guerreiro estrangeiro, país atacante ou mesmo alguma doença física que ameace a vida. Além disso, esses salmos terminam com uma nota de louvor e ação de graças, por ter sido respondida a oração, ou por se esperar para breve a resposta e o conseqüente livramento. Neste salmo, temos um clamor pela vindicação contra uma acusação injusta. Cf. I Reis 8.31,32. O poeta sacro declarou-se inocente dessas acusações (vss. 4-7). Seu protesto foi dramatizado por uma cerimônia litúrgica (vss. 6 e 7). O homem libertado prometeu fazer um voto (vs. 12).

"O Salmo 26 é uma forte afirmação de integridade, revelando-se uma oração reconhecida por Deus... Aqui, o salmista declara que permaneceu separado dos pecados, identificando-se com a adoração a Yahweh. Sobre essa base, *ele orou* com a confiança de que o Senhor lhe pouparia uma sorte como a que atinge os pecadores" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Neste salmo temos o simples subtítulo "salmo de Davi", cuja intenção é dizer-nos que este salmo foi composto por ele, embora não se encontre nenhum incidente específico, na vida de Davi, que confirme tal declaração. As notas de introdução (subtítulos) foram adicionadas por editores subseqüentes e não faziam parte original dos salmos. Usualmente são apenas conjecturas referentes à autoria e aos eventos históricos que possam ter inspirado as composições. Cerca de metade da coletânea de 150 salmos tem sido atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida, mas não há razão para negar que Davi escreveu, pelo menos, alguns deles. Afinal, ele era o *suave salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

"As circunstâncias que levaram à composição deste salmo são similares àquelas refletidas nos Salmos 3 a 5, 7 e 17. O salmista passava por tribulação devido a falsas acusações assacadas contra ele por pessoas ímpias e inescrupulosas. Visto que as acusações eram de natureza capital (pois poderiam ser a causa de sua execução), ele tinha razão para temer que seu fim estava iminente (vs. 9)" (William R. Taylor, *in loc.*). Portanto, ele precisava ser divinamente vindicado. Talvez isso viesse através de um oráculo, ou mediante o uso do *Urim e do Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*), ou através de algum outro ato de homens espirituais, que excluiriam o caso do tribunal.

Enquanto outros salmos de sua espécie são mais específicos, este é mais geral, pelo que poderia ter sido escrito como uma peça flexível para adaptar-se a todos os casos de perseguição contra o justo, que fosse efetuada através de algum processo legal.

26.1

Faz-me justiça, Senhor. O *poeta estava tão seguro de sua integridade*, bem como de que não era culpado das acusações feitas contra ele, que conclamou o próprio Yahweh para julgar o caso. Convém-nos ser cuidadosos ao dizer que "Deus está ao meu lado". Os homens mais iníquos têm o desplante de invocar Deus como testemunha de sua integridade. Tais juramentos geralmente são totalmente inúteis. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Juramentos*. Não obstante, o poeta fez o contraste entre si mesmo e essas "pessoas vãs" que o perseguiam (vs. 5), e estava seguro de sua posição. Portanto, conclamou o Senhor a agir em favor dele (*vindicando* assim a sua causa) (vs. 1); e também a *examinar* se o caso (vs. 2; *cf.* Sal. 139.23) era válido ou não.

O Homem era Inocente das Acusações. Ele sempre confiara em Yahweh, sem hesitações. Veja o leitor como a palavra "confiança" foi usada em Sal. 2.12. O salmista era inocente de toda acusação e sempre fora inocente. Não é que ele tivesse sido mau ontem e bom hoje. Sua espiritualidade havia sido sempre forte. Poderia haver aqui uma referência messiânica à inocência e pureza de todo pecado por parte de Cristo, que sofreu as calúnias dos ímpios, mas o salmo não é messiânico em sua totalidade.

Tenho andado na minha integridade. Quanto à metáfora do ato de *andar*, ver essa palavra no *Dicionário*. Isso fala de uma "conduta contínua", a própria *essência* da vida. Talvez o ambiente histórico seja a ocasião em que Davi fugia de Saul, acusado de traição. Mas parece que Saul nunca teve a intenção de levar Davi a um tribunal, para que seu caso fosse julgado. Ver os vss. 6 e 7.

26.2

Examina-me, Senhor, e prova-me. *Que o Senhor Fosse o Juiz.* Deus só se pronunciaria depois de um detalhado escrutínio da questão. Deus julgaria as evidências. Esse julgamento seria completo e exato. Seriam testados os *rins* do poeta, isto é, seus *sentimentos*. Seus *pensamentos* (mente, *coração*) também seriam esquadrinhados. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Órgãos Vitais*, onde discuto o que os hebreus pensavam sobre esses órgãos e como certos sentidos metafóricos foram a eles vinculados. Ver também, no *Dicionário*, o artigo separado intitulado *Rins*. Os hebreus associavam os rins às emoções, e o coração às operações da mente, bem como às emoções e aos sentimentos. Não repito aqui os detalhes do artigo que ilustram o texto presente. O exame feito por Yahweh, pois, estender-se-ia às motivações, e não meramente aos atos. Cf. a metáfora do teste mediante o fogo (ver Sal. 66.10).

26.3

Pois a tua benignidade tenho-a perante os olhos. O *amor constante de Deus* (conforme diz a Revised Standard Version) estava sempre diante dos olhos do salmista. Deus jamais escapava da sua visão. Tudo quanto ele fazia era com respeito ao Ser divino. Em bases veterotestamentárias, isso significa que o homem era cuidadoso observador da lei, o teste da espiritualidade na época. A lei era o manual de fé e conduta do homem bom. Ter e observar a lei mosaica era o que tornava Israel uma nação *distinta* (ver Deu. 4.4-8). Os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) eram as regras básicas da lei, de onde o restante emanava. Andar pelo caminho da lei significava que o poder estava sob a bênção contínua do amor de Deus. O salmista já havia sido alvo de muitas bondades, bem como de muitos benefícios, da parte do amor de Deus. Agora carecia de ajuda especial, ser vindicado das falsas acusações que enfrentava e que lhe poderiam custar a vida. A bondade de Deus tinha de estar ao seu lado. E isso ele esperava com razão, visto que seu andar era inocente e fiel a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar, Metáfora do*. Ver também os sobre o vs. 2, anteriormente.

Benignidade. Ou seja, *amor constante*, os atos beneficentes de Deus em favor do homem. Deu. 6.5 mostra que o amor de Deus é o primeiro mandamento. Rom. 13.8 ss. afirma que desse mandamento se deriva a lei em sua inteireza. Mas quando um homem ama, isso é porque Deus amou primeiro.

Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou...

(I João 4.10)

26.4

Não me tenho assentado com homens falsos. O poeta sagrado não tinha como companheiros indivíduos maus, pelo que não estava moralmente poluído por tais associações. Outrossim, não se havia envolvido nos planos malignos de outras pessoas. Ele não era um pecador privado nem público. No registro de sua vida, não existiam atos de violência. Ele não havia promovido nem sedições nem levantes contra as autoridades. Ele nada tinha que ver com homens como aqueles mencionados em Sal. 24.4, nem havia caminhado ao longo com os pecadores (ver Sal. 1.1). "Com facilidade ele seria um bom puritano, saído dentre eles e mantendo-se separado do mundo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Não me tenho assentado. Em conselhos maus, que planejassem a confusão; em reuniões particulares nas quais os participantes ficam pensando em seus deboches; em reuniões políticas clandestinas; ou, metaforicamente, ele não mantinha companhia com homens maus.

"... pessoas vãs, homens cheios de vaidade, viciados em coisas vazias deste mundo; que buscam as riquezas, as honras, os prazeres e o aprazimento de tais coisas... cujo andar é um espetáculo vazio; que caminham inchados em sua mente carnal... homens de vã conversação... faladores indisciplinados... homens culpados de idolatria" (John Gill, *in loc.*).

26.5

Aborreço a súcia de malfeitores. Homens assim separados do mal aborreciam as reuniões dos malfeitores; o salmista, portanto, não participava da adoração idólatra deles, nem de sua vã política, nem de empreendimento algum que interessasse a indivíduos de mente debochada. Ele não tomava parte em assembléias que planejavam a maldade contra outros ou pretendiam perturbar-lhes a paz. Não se "assentava com eles", uma reiteração do que se lê no versículo anterior.

Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros...
Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toquei em cousas impuras; e eu vos receberei.

(I Coríntios 5.9; II Coríntios 6.17)

Malfeitores. Esta palavra é tradução de um vocábulo hebraico que significa "quebrar em pedaços". O poeta sacro nada tinha que ver com homens destruidores que perpetram atos violentos que *partem* as coisas.

26.6

Lavo as mãos na inocência. O salmista reforçou assim seus protestos de inocência, referindo-se ao costume de lavar as mãos, um ritual que significava: "Estou limpo de qualquer mal". Ver Deu. 21.6 ss. A lavagem das mãos dos anciãos no sangue de uma novilha recém-abatida, juntamente com a declaração de inocência, livrava a comunidade de toda a suspeita de culpa no assassinato de outrem. Cf. o ato de Pilatos, que lavou as mãos em água, declarando-se inocente do sangue de Jesus, ou seja, não ter parte na Sua condenação e reconhecendo Nele um inocente (ver Mat. 27.24). As *mãos* são os instrumentos de *ações*, boas ou más, pelo que são objetos apropriados para serem lavados em tais rituais. Cf. Sal. 73.13 e Jó 9.30.

... ainda que me lave com água de neve, e purifique as mãos com cáustico.

(Jó 9.30)

Cf. Êxo. 30.17 ss.

Ao redor do teu altar. O salmista não mantinha associações amistosas com os ímpios, mas estava sempre no templo, observando os rituais daquele lugar e expressando sua espiritualidade. Para demonstrar respeito pelos lugares santos, os hindus circundavam seus templos várias vezes por dia e assim efetuavam um ato de devoção pública. No texto presente, temos algo similar. Os sacerdotes que serviam no templo costumavam circundá-lo, ao oferecer os sacrifícios. Eles prendiam os sacrifícios nos chifres do altar, nas quatro esquinas, o que tornava necessário o circuito. Lavar as mãos era, igualmente, parte do rito. Tais atos tornavam-se símbolos de piedade. E também fazia parte dos ritos dos pagãos lavar as próprias mãos, quando se estava envolvido nos ritos sagrados (conforme se lê em Tibull. 1.2, *eleg.* 1 e Plauto, em *Aulularl*, ato terceiro).

Talvez houvesse um cortejo que marchava ao redor dos altares de sacrifício e, naturalmente, envolvia o *cântico de hinos* (vs. 7) no processo. Se isso acontecia, este é o único versículo a afirmá-lo em toda a Bíblia.

26.7

Para entoar, com voz alta, os louvores. Os ritos sempre incluíam cânticos e a execução de instrumentos musicais, e classes especiais de levitas eram nomeadas para esse trabalho, a cada geração. Os homens eram treinados nos cânticos e no manuseio de instrumentos. Ver I Crô. 25, quanto às guildas musicais. O poeta sacro era um homem piedoso que participava dessas cerimônias, enquanto evitava os locais onde homens ímpios se reuniam para falar de qual confusão se ocupariam.

As sessões de cânticos tinham o propósito de louvar o Senhor. As obras maravilhosas de Yahweh eram o tema dos hinos. Sem dúvida, alguns dos salmos que estão no nosso saltério eram usados e, em tempos posteriores, muitos foram empregados. O salmista estava sempre com o Senhor, enquanto homens malignos estavam com o diabo. "Foi assim que Israel tornou conhecidas as maravilhas de Deus, operadas no livramento dessa nação no mar Vermelho (ver Êxo. 14 e 15), e Ele ainda o fará, de novo, na ocasião de ainda maior e final libertação (ver Isa. 63.7). Aquele cujo coração está tão repleto da bondade de Deus que seus lábios não podem deixar de proclamá-lo, esse se engajará em tais atos" (Fausset, *in loc.*).

26.8

Eu amo, Senhor, a habitação de tua casa. Enquanto o piedoso poeta *odiava* as assembléias dos ímpios (ver o vs. 5), *amava* o templo e seus rituais e, naturalmente, por trás desse amor estava o amor ao Ser divino, que é a expressão do primeiro e maior mandamento (ver Deu. 6.5). Toda *verdadeira* piedade flui daí. O templo se tornara o *principal deleite* daquele homem, e uma (talvez até a principal) razão pela qual ele queria continuar a viver era para engajar-se continuamente em suas atividades espirituais.

Se Davi estava envolvido, então o salmo fala do tabernáculo, mas, se o autor foi um poeta posterior, estava em mira o templo. O culto e seus aparatos evoluíram e o mesmo aconteceu com aqueles que dele participavam. Aqueles lugares eram a *habitação* de Yahweh, porquanto Ele manifestava a Sua glória na arca da aliança, que era conservada no Santo dos Santos. Quando o tabernáculo foi erguido, a glória de Yahweh o encheu (o que também aconteceu no caso do templo; ver Êxo. 40.34,35). Cf. Heb. 9.24. Davi trouxera a Jerusalém o tabernáculo, o qual, ali, até o templo ser construído, serviu de centro de adoração, tal como acontecera no deserto. Ver II Sam. 15.25. Ver no *Dicionário* o artigo *Shekinah*.

26.9

Não colhas a minha alma com a dos pecadores. *Visto que o salmista era um homem piedoso* e queria continuar a viver para pôr em prática seus ritos e deveres espirituais, ele ansiava não ser "colhido" (ver também a Revised Standard Version quanto a essa tradução) juntamente com os ímpios, na sua destruição. Ele queria viver para adorar; queria viver para servir; ele tinha de continuar vivendo a fim de cumprir sua missão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ele "orou para ser poupado de um fim súbito, o que é próprio dos pecadores, e não dos santos (cf. I Reis 8.31,32)" (William R. Taylor, *in loc.*). O salmista não tinha derramado sangue inocente, conforme haviam feito os ímpios de seu tempo, pelo que não queria que seu sangue fosse derramado por algum pecador violento. Deus varreria o lugar, em Seu julgamento. Os bons seriam poupados, ou, pelo menos, essa era a esperança do poeta, pela qual ele orava tão intensamente.

Não colhas a minha alma. A referência não é a de um julgamento para além do sepulcro, pois isso não fazia parte da teologia dos hebreus, naquela época. Está em pauta a *morte prematura*, algo que a mente dos hebreus tanto temia, porquanto isso era extremamente comum, naquele tempo de enfermidades descontroladas e violência irrefreada.

Não colhas. A Vulgata Latina interpretou isso como "destruir". Sem importar se está em pauta a "limpeza da casa" ou a "colheita do plantio", a morte prematura seria o resultado final daqueles que sofressem o julgamento.

26.10

Em cujas mãos há crimes. Este versículo descreve os ímpios, que serão "colhidos" ou "varridos"; são homens cujas mãos praticam enganos ou planos maus: a mão direita deles estava cheia de peitas. Eles são perversos no coração e planejam e agem em conformidade. Aceitam dinheiro para matar outros e para realizar atos estúpidos de impiedade. São elevados a altas posições, porque o *dinheiro* os leva até ali. Eles usam dinheiro para elevar e rebaixar outras pessoas, ou mesmo para eliminá-las, quando desejam fazê-lo. São indivíduos egoístas cujos atos sempre visam o próprio benefício, mesmo quando esses atos parecem feitos em favor de outras pessoas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Egoísmo*.

... nem aceita suborno contra o inocente.

(Salmo 15.5)

"... aceitam subornos, mediante os quais os olhos dos juízes são cegados, as palavras dos justos são pervertidas, as pessoas são erroneamente respeitadas ou desrespeitadas, e os julgamentos são distorcidos" (John Gill, *in loc.*).

Não torcerás a justiça, não farás acepção de pessoas, nem tomarás suborno; porquanto o suborno cega os olhos dos sábios e subverte a causa dos justos.

(Deuteronômio 16.19)

26.11

Quanto a mim, porém, ando na minha integridade. Em contraste com os que são descritos no vs. 10, o poeta era habitualmente bom, pois *andava nas veredas* da justiça e da bondade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Andar, Metáfora do.* Cf. os vss. 1 e 3 deste salmo, que emprega a mesma metáfora. O salmista, pois, estava certo de que seus caminhos eram *aceitáveis diante de* Deus, e de que ele era *digno* de ser poupado de morte prematura às mãos de homens ímpios. Cf. Sal. 1.1, o frontispício dos Salmos. A redenção, neste caso, não é da alma, mas é o livramento dos planos de homens violentos que intentam matar o corpo. O poeta, então, clamou pela misericórdia divina. Ele era digno, mas precisava de toda a misericórdia que pudesse, além da recompensa que receberia por ser uma pessoa boa.

Seu *andar* era na integridade, isto é, em concordância com os princípios da lei que governavam toda a vida e a existência, bem como o culto no templo.

26.12

O meu pé está firme em terreno plano. As *veredas do guerreiro* eram traiçoeiras, levando-o a cair e a ferir-se. As veredas dos ímpios eram perversas e podiam fazer um homem bom cair na morte. O autor continua a metáfora do andar (vss. 1,3,11), mas, pelo contrário, embeleza-a. Em contraste com os caminhos perigosos e favoráveis a acidentes, o poeta queria que seus pés fossem postos *em terreno plano* (Revised Standard Version). O lugar de adoração era o terreno mais nivelado no qual ele podia pensar. Ele queria ser poupado para poder freqüentar o lugar de adoração e de ritos espirituais.

Em tempos de guerra e catástrofe, os homens clamam a Deus pedindo ajuda. É conforme alguém já disse: eles se tornam bêbedos ou fanáticos religiosos. Naturalmente, tais condições usualmente só duram enquanto dura a crise, e então os homens voltam ao que eram antes. Conheci um homem que foi soldado durante a Segunda Guerra Mundial e enfrentava a morte diariamente. Ele escreveu à sua esposa, que estava em Salt Lake City, EUA, dizendo que, *se* o Senhor o tirasse daquela confusão em segurança e lhe permitisse voltar para casa, ele O serviria para sempre. A vida do homem foi poupada. Portanto, o que o homem fez? Exatamente o que disse que faria. Ele seguiu a vereda espiritual. Tornou-se diácono por muitos anos em uma igreja evangélica e nunca se desviou desse caminho. E viveu mais do que muitos jovens que nunca tinham ido à guerra. Sua luz brilhava na igreja e em toda a cidade. O poeta sagrado, pois, queria ser um homem *como esse.*

O nome desse homem era Jim Williams, e registro aqui essa nota em sua memória. Como nota de rodapé, vale a pena adicionar que ele tinha uma filha que se tornou uma missionária evangélica.

Outra "história de guerra" é a de *Thomas Dorsey.* Somente cidadãos americanos de mais idade, como eu, lembram-se dele. Ele foi um famoso tocador de trompete e líder de banda. E como sabia tocar! Ele também foi militar durante a Segunda Guerra Mundial, e por algum tempo enfrentava a morte diariamente no campo de batalha. Quando estava nessa crise, compôs o seguinte hino:

Precioso Senhor, toma a minha mão!
Guia-me avante, permite-me ficar de pé.
Através da tempestade, através da noite,
Guia-me ainda até a luz.
Toma a minha mão, precioso Senhor,
Leva-me para o meu lar.

Quando meu caminho ficar lúgubre,
Precioso Senhor, fica mais perto;
Quando minha vida estiver quase no fim,
Ouve meu grito! Ouve minha chamada!
Segura minha mão para que eu não caia.
Toma minha mão, precioso Senhor.
Leva-me para o meu lar.

(Thomas Dorsey)

Meus amigos, como as coisas andam conosco? Quais votos fizemos? Quais promessas firmamos? Temos guardado a nossa palavra? O quanto nos temos entregue à boa luta (II Tim. 4.7)?

Salmo Vinte e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, o qual atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este salmo é um cântico de *confiança.* Outros salmos dessa classe são os de número 11, 16, 23, 63 e 131. Sobre como a palavra *confiança* é usada no livro de Salmos, ver Sal. 2.12. Alguns salmos de confiança podem ser salmos de lamentação que foram truncados. Esse tipo de salmos (dos quais há mais de 60 no saltério) começa tipicamente com um clamor pedindo livramento de algum inimigo, dá detalhes sobre esse inimigo e então termina agradecendo pela oração respondida ou porque uma resposta favorável é esperada para breve. Se considerarmos somente essa parte de agradecimento e louvor, teremos um salmo de confiança. Naturalmente, podemos falar em confiança com base em um contexto de perigo ameaçado por inimigos, pelo que nem todos os salmos desse tipo tinham essa base.

Este *salmo consiste em dois elementos distintos tão diferentes que,* originalmente, podem ter sido composições separadas que, finalmente, vieram a tornar-se um único salmo:

1. Vss. 1-6: Fé e coragem.
2. Vss. 7-14: Um grito pedindo livramento.

Há confiança no livramento de inimigos, pelo que o salmo está intimamente relacionado aos salmos de lamentação. A primeira parte, entretanto, é definida como um salmo de *confiança.* William R. Taylor, *in loc.*, considera as duas partes como composições separadas e faz da primeira parte (um salmo separado) um salmo de *confiança,* enquanto a segunda é um salmo de *lamentação.*

"Davi, no começo, expressou jubilosa confiança no Senhor, a despeito de uma hoste de inimigos que ameaçavam a sua vida. Subitamente, porém, sua atitude mudou: ele orou ansiosamente para que o Senhor não se esquecesse dele, mas o ajudasse e o consolasse em seu tempo de necessidade. Visto que o Senhor era sua fonte de consolo e esperança, o salmista se fortaleceu, esperando que o Senhor entrasse em ação. O salmo é um salmo de confiança corajosa" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este salmo "incorpora um ato de devoção e uma oração pedindo livramento" (*Oxford Annotated Bible,* sobre o vs. 1).

Subtítulo. Aqui o subtítulo é simples: "salmo de Davi". As notas de introdução foram providas por editores subseqüentes e não faziam parte das composições originais. Os editores tentaram identificar os autores dos salmos e dizer algo sobre as circunstâncias históricas que poderiam ter inspirado essas composições poéticas. Usualmente temos nessas introduções apenas conjecturas, mas algum material válido pode aparecer aqui e ali. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, certamente um exagero, mas alguns deles, sem dúvida, tiveram autoria davídica, pois, afinal ele foi o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

27.1

O Senhor é a minha luz e a minha salvação. Se um homem tem Yahweh como *Luz* e *Salvação,* não precisa temer nenhuma pessoa ou coisa. Essa era a feliz condição do poeta sagrado. Ademais, ele tinha o Senhor como *Força,* de modo que nenhum poder lhe resistiria ou efetuaria algum mal contra ele. Ele era *destemido* por causa desses fatores.

Luz. Ver a respeito no *Dicionário.* Está em pauta a iluminação espiritual. O homem sabia como agir. A iluminação espiritual sem dúvida fazia parte do quadro. O homem cresceu em sua espiritualidade, porquanto foi iluminado pelo Espírito. *Dominus illuminatio meu.* Essas palavras latinas são a tradução da Vulgata Latina para este versículo. O conhecimento é um dos dois pilares da espiritualidade; o outro, e principal deles, é o amor. A iluminação é parte do conhecimento e, algumas vezes, um fator que supera o conhecimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Iluminação.* Este versículo foi cristianizado no Novo Testamento, para fazer de Cristo a Luz (ver João 1.4).

Salvação. Ver a respeito no *Dicionário.* Este salmo aponta para o livramento do mal e da morte, mas não é errado fazer uma aplicação espiritual, enfocando a salvação da alma.

Fortaleza. Temos aqui uma metáfora de origem militar. Esta palavra também pode ser traduzida por *refúgio.* O poeta tinha um lugar no qual se esconder em

segurança em períodos de perigo. Então, o tempo todo, tinha esse poder que Deus dá. Na qualidade de soldado espiritual, ele contava com uma fortaleza para a qual podia recuar, ou da qual podia lançar seus mísseis para pôr fim a seus inimigos. Quanto aos lugares fortificados, ver Sal. 37.39; 42.2; 52.7. Isa. 17.9 usa a palavra para referir-se a *cidades fortificadas.*

> *Vem do Senhor a salvação dos justos, ele é a sua fortaleza no dia da tribulação.*
>
> (Salmo 37.39)

"Com o Senhor ao lado, todos os poderes dos homens, ou mesmo Satanás, nada eram contra ele... Por isso, ele fala com triunfante confiança: 'A quem temerei?'" (Fausset, *in loc.*).

27.2

Quando malfeitores me sobrevêm. *Houve grande vitória* sobre assassinos cruéis. Eles tinham vindo para "devorar carne", ou seja, para efetuar destruição total, como um animal selvagem devora sua presa, mas Yahweh levou-os a tropeçar e cair. Os soldados reagiram e acabaram com eles. Yahweh pôs-se ao lado dos soldados e fez suas lanças encontrar o alvo. Houve intervenção divina na batalha e os assassinos potenciais foram executados. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* a qual operava no campo de batalha.

Ver Jó 19.22, onde os caluniadores foram chamados de "devoradores de carne". A Revised Standard Version diz "caluniadores contra mim", em lugar do hebraico literal "comei a minha carne", compreendendo este versículo da mesma forma que o versículo do livro de Jó, mas a figura continua sendo a de exércitos cruéis que atacam. Eles protestaram contra os caluniadores, suas barbaridades e ameaças, mas se tornaram vítimas, eles mesmos, da violência que perpetraram contra outras pessoas.

27.3

Ainda que um exército se acampe contra mim. *Os tempos do salmista* eram cruéis e bárbaros. A sobrevivência diária era uma preocupação constante. Se alguma enfermidade não apanhasse a pessoa, um exército inimigo, com seus inevitáveis saques e matanças de cidadãos (e não meramente de exércitos), assim faria. Os ferozes povos da Palestina nunca davam a si mesmos ou a outrem paz alguma. Ver os *oito* povos que Davi aniquilou ou confinou, em II Sam. 10.19. Quando um exército chega aos portões de uma cidade, a situação pode tornar-se desesperadora, até mesmo sem esperança. Contudo, o poeta sagrado, mediante a graça e a misericórdia de Deus, conseguiu sobreviver a tais situações, provavelmente por repetidas vezes. Assim sendo, ao menos ele podia dar graças a Deus por ser um *sobrevivente,* enquanto tantos haviam encontrado a *morte prematura,* uma grande calamidade para a mente hebraica da época.

> *Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados.*
>
> (Salmo 3.6)

27.4

Uma cousa peço ao Senhor. Este versículo, muito usado e apreciado, dentro do contexto *histórico* refere-se ao desejo do poeta de ter uma longa vida, ser livrado de seus inimigos, e assim ter a oportunidade de engajar-se no culto a Yahweh no templo, por extenso período. A palavra "morar" pode apontar para um sacerdote que estabeleceria seu lar no próprio templo, em um de seus apartamentos, providos para essa classe. Ou a palavra pode significar simplesmente "visitas freqüentes" por parte de Davi ou de outra pessoa qualquer, que, por assim dizer, estabeleceria moradia no templo (na casa de Davi, o tabernáculo).

Uma cousa. O principal e todo consumidor desejo do poeta sacro era ter o pleno benefício do templo e seu culto. Essa era a normativa de sua vida.

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33)

Para contemplar a beleza do Senhor. Em primeiro lugar, isso se refere à natureza magnificente do templo, com todo o seu rico mobiliário. Em segundo lugar, refere-se à beleza do culto a Yahweh e como isso agradava as pessoas envolvidas. Cf. Sal. 23.6, que contém elementos similares. O peregrino viera para ficar.

Cristianizando e espiritualizando o versículo, podemos pensar em termos do templo celestial, os céus, o lugar onde os justos são recompensados.

Meditar no seu templo. Ou seja, buscar orientação de todos os tipos, tanto para a vida espiritual como para a vida física, em segurança, livre dos assédios do inimigo. Também podemos compreender aqui a busca espiritual do homem bom, que estava vitalmente ligado ao templo e seu culto, especialmente à lei mosaica, elemento que tornava Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8).

"O vs. 4 soa como a aspiração de um servo do templo, um levita, mas pode ser uma expressão dos propósitos da vida em geral de um *guerreiro devoto,* e, podemos assim sendo, aplicá-lo aos peregrinos cristãos" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

27.5

Pois no dia da adversidade. *O templo* era um lugar de refúgio para o poeta. Ele se ocultaria em seu *pavilhão,* e, assim, ficaria protegido de todos os seus inimigos. Quanto ao termo pavilhão, a Revised Standard Version diz "abrigo", e aqui essa palavra é sinônima de tenda ou tabernáculo, ou de templo, e esse lugar é encarado como um lugar de refúgio e segurança. A palavra relembra os abrigos rudes nos quais o povo (e, simbolicamente, Deus) ficavam abrigados no tempo do êxodo (ver Lev. 23.43). Ver também sobre abrigo (no hebraico, *seter*) no Sal. 91.1 e 109.114. Estar perto da Fonte do Poder também adicionaria segurança contra homens iníquos e seus desígnios.

> *O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente.*
>
> (Salmo 91.1)

Elevar-me-á sobre uma rocha. O *templo* agia como uma fortaleza segura, a *rocha elevada* onde os homens se refugiam muito acima do vale, nas montanhas, longe da cena de matança. A alusão é à Rocha de Israel (ver Isa. 30.29), um dos nomes de Deus, que fala de Seu poder e de Sua aptidão para proteger o povo. O versículo em Isaías faz da Rocha como o lugar de adoração ao qual os homens sobem. A presença de Deus ali *também* é uma rocha de refúgio. Na presença de Deus ficamos livres de todas as tempestades da vida.

> *Leva-me para a rocha que é alta demais para mim.*
>
> (Salmo 61.2)

Este versículo é cristianizado para fazer da Rocha a pessoa de Cristo, conforme encontramos em I Cor. 10.4.

A Rocha: o templo; Deus; Cristo; o princípio espiritual que opera através da presença de Deus.

27.6

Agora será exaltada a minha cabeça. *Seguro no abrigo* sobre a elevada Rocha, o homem estava livre de seus inimigos, que ficariam a uivar, por causa de sua destruição, no vale da guerra. Ele foi *elevado acima* dos inimigos, e, assim permaneceu, guardado em segurança, fora do alcance deles. Dessa forma o salmista passava o tempo praticando o culto do templo, seus sacrifícios e suas cerimônias. Para ele era um tempo *jubiloso.* Os sacrifícios eram efetuados juntamente com os atos de comer e festejar, e não com rosto tristonho. Os sacrifícios eram acompanhados pelo ministério da música, para o que músicos levitas especiais eram preparados de geração em geração (ver I Crô. 25). Por tudo isso, o poeta sagrado esperava passar por muita diversão no sentido espiritual.

> *Há alegria no serviço de Jesus,*
> *Enquanto viajo pelo meu caminho;*
> *A alegria enche meu coração de louvores,*
> *Toda hora de todos os dias.*
>
> (Oswald J. Smith)

Cf. Núm. 10.10; 23.21; Sal. 81.3 e 89.16.

> *Em teu nome de contínuo se alegra, e na tua justiça se exalta.*
>
> (Salmo 89.16)

Um Grito de Desespero; um Apelo Pedindo Ajuda (27.7-12)

27.7

Ouve, Senhor, a minha voz; eu clamo. Tendo contemplado a segurança pela qual "esperava", bem como a *alegria* de uma adoração contínua na colina de Sião, de repente o poeta sagrado voltou ao campo de batalha no vale e enviou ao alto um pedido de ajuda, porquanto sua vida corria perigo. É possível que, origi-

nalmente, esta seção fosse um salmo de lamentação diferente, *enquanto a primeira porção* (vss. 1-6) fosse um salmo de louvor e ação de graças. Ver a introdução ao salmo quanto a comentários sobre essa possibilidade. Se, originalmente, o salmo tinha mesmo duas seções, então há uma "transição de uma confiança triunfal para um apelo suplicante, descendo em pensamento dos céus a terra" (Fausset, *in loc.*).

27.8

Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença. *Yahweh Quer que os Homens O Busquem.* O "indivíduo que busca" é o homem bom que está desenvolvendo a sua espiritualidade. Desde que convidado a buscar a face de Yahweh, o poeta sagrado aceitou ansiosamente o convite e passou a agir da maneira recomendada.

Visto que ele me ordena buscar a Sua face,
Acreditar em Sua Palavra e confiar em Sua graça,
Deixarei com Ele todos os meus cuidados.

(W. W. Walford)

"Buscar a face de um rei envolvia a idéia de buscar seu favor e proteção (ver o vs. 4)" (Fausset, *in loc.*).

Muitos buscam o favor do que governa, mas para o homem a justiça vem do Senhor.

(Provérbios 29.26)

O título hebraico dos vss. 7 e 8 é difícil e tem sofrido várias emendas. William R. Taylor sugeriu o seguinte, que é bastante vívido e potente:

Ouve, ó Senhor, a minha voz, quando clamo a Ti; sê gracioso comigo e me responde, ó meu Deus, pois meu coração está amargurado; tua face, ó Senhor, eu busco. Não escondas a tua face.

27.9

Não me escondas, Senhor, a tua face. *A Face Divina Poderia Ser Escondida.* Talvez houvesse a presença de pecado, o que tornava a situação difícil. Ou talvez Deus se mostrasse simplesmente indiferente para com o perigo que o pobre homem corria. Com o tempo, porém, a ajuda divina estava lá, pelo que o poeta trabalhou com base nesse precedente. Ele corria perigo de vida, pelo que pleiteou não ser "lançado fora" como lixo, no vazio. Deus era o Deus da sua *salvação, ou seja, o Deus libertador, em quem havia poder para salvar de qualquer* perigo que surgisse. "Com base nessa *motivação*, o salmista implorou que o Senhor não o rejeitasse. Sua oração foi fortalecida pelo conhecimento de que o Senhor não se olvidaria dele, tal como seus pais tinham feito (vs. 10, o que era, naturalmente, improvável)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Nem um verme é ferido em vão;
Nem uma mariposa com vão desejo
É lançada em uma chama infrutífera,
Senão para servir ao ganho de outra.
...
Assim se descortina o meu sonho.
Porém, quem sou eu?
Um infante a clamar à noite;
Um infante a clamar pedindo luz:
E sem linguagem, mas apenas com um clamor.

(Alfred Lord Tennyson)

Os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males.

(I Pedro 3.12)

27.10

Porque se meu pai e minha mãe me desampararem. "À parte de Deus, o salmista não tinha ajudador a quem pudesse apelar, em busca de ajuda, favor ou misericórdia: 'pois meu pai e minha mãe me abandonaram': uma maneira proverbial de dizer que todos os seus amigos e parentes, *aliados naturais*, tinham-lhe negado ajuda. Mas ele esperava que o Senhor o tomasse, embora todos o negassem. Ele estava *certo de que o Senhor o adotaria* (cf. Jó 2.7) e o tomaria aos Seus cuidados (cf. I Sam. 14.52 e II Sam. 11.27)" (William R. Taylor, *in loc.*).

A Revised Standard Version declara que o pobre homem havia sido abandonado por seus próprios pais, mas a nossa versão portuguesa tem a palavra condicional *se*. Prefiro o texto da tradução da Revised Standard Version. Disse Adam Clarke: "Pois meu pai e minha mãe me perdoaram". Fausset traduz com um "desde que", e não *quando* ou *se*. Isso ilustra o estado desesperado do suplicante. Algumas vezes os pais podem mostrar-se rudes e sem misericórdia. J. R. P. Sclater, *in loc.*, mencionou o cruel ato de alguns que apagam o nome de um membro da família na frente da Bíblia, onde havia sido registrado. Já foi um costume antigo, nos Estados Unidos, registrar nascimentos, batismo e mortes nas páginas providas para isso na Bíblia da família. Um membro que tivesse caído em desgraça teria seu nome apagado, por um pai ou mãe frustrados. Um progenitor pode apagar o nome, até mesmo de um filho anteriormente amado, mas Deus definitivamente não age dessa maneira.

Isa. 49.14-16 provê uma passagem direta, *paralela* e *ilustrativa* deste versículo, pelo que convido o leitor a examinar essa passagem.

27.11,12

Ensina-me, Senhor, o teu caminho. Ver Sal. 25.4,5, que é virtualmente igual a este versículo, quanto à essência. Ver também Sal. 56.2 e 59.10,11. A aflição particular do poeta era causada por falsas testemunhas, que se tinham levantado contra ele (vs. 12). Eles respiravam crueldade e desejando a condenação do pobre homem, a sua execução por alguma sentença judicial ou pelas mãos de homens ímpios. *Dentro desse contexto,* o salmista orou pedindo orientação especial: *Ensina-me o que pensar, dizer e fazer, para escapar dos planos* atrevidos e dos atos de homens bárbaros.

Testemunha falsa, que profere mentiras, e o que semeia contendas entre irmãos.

(Provérbios 6.19)

Este versículo pode ser encarado como um apelo para ser ensinado sobre a retidão. Assim equipado, do *homem bom* esperaria ser livrado dos caminhos perniciosos dos pecadores. Mas a outra idéia parece conter a noção correta: o salmista precisava de orientação especial para escapar dos terrores de seus inimigos.

27.13

Eu creio que verei a bondade do Senhor. *É típico* aos salmos de lamentação terminar com uma nota de otimismo, louvor e agradecimento. Portanto, aqui, o homem que clamou com tanto desespero confia que suas orações foram respondidas e ele não sofrerá morte prematura. Ele continuará entre os vivos, "na terra dos viventes". Isso porque ele testemunharia a operação do Senhor em seu favor. O salmista veria a *bondade* do Senhor. Os ímpios seriam cortados, e os bons continuariam vivendo. O céu permanecia escuro, mas o poeta sagrado pensou ter visto um raio de luz, a luz de um novo dia. Portanto, tomou coragem na luz. *Nesta vida,* ele seria beneficiado pela bondade de Yahweh e assim continuaria *nesta vida.*

"No fim, a confiança expressa pelo salmista vem novamente à superfície. Ele se regozija ante a possibilidade de esperar no Senhor... confiante de que sobreviveria... e veria a bênção de Deus. Por conseguinte, ele se fortaleceu esperando no Senhor pelo seu livramento" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os antigos intérpretes judeus espiritualizavam este versículo, conforme fez Kimchi: "Verei o Deus bendito com meus olhos, na terra dos bem-aventurados", *fazendo isso referir-se a uma esperança ainda futura, e não meramente à esperança presente.*

27.14

Espera pelo Senhor. Talvez este versículo tenha sido uma adição litúrgica ao salmo, tornando-o útil para a adoração geral. Aqueles que se reuniam no templo, a fim de oferecer sacrifícios, entoar hinos e cumprir votos e ritos, foram chamados a *esperar pela presença de Deus.* Este salmo podia ser usado para ensinar lições, inteiramente à parte do homem desesperado, que clamava para ser libertado de inimigos.

"Há grandes palavras neste versículo final do salmo: *espera; tem bom ânimo; fortifica o teu coração.* Todos esses sentimentos originaram-se da crença em Deus. Mas a palavra final é *esperar*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Sumariando o salmo: A bondade do Senhor é o *antídoto* para o temor em meio às tribulações. Esperemos, pois, no Senhor. Ele nos fortalecerá... O coração de *Davi estava por demais cheio de confiança em Deus, para que ele continuasse a* proferir a linguagem de desespero... Tem bom ânimo, ou seja, age com vigor. Por semelhante modo, Davi dirigiu-se à sua alma nos Salmos 42 e 43" (Fausset, *in loc.*).

Sê forte e corajoso, porque tu farás a este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais.

(Josué 1.6)

"Não podes ser malsucedido. Não temas!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Vinte e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um dos salmos de *lamentação.* Mais de 60 dentre a coletânea de 150 salmos pertencem a essa natureza.

Tipicamente, os salmos de lamentação começam com um grito de desespero, solicitando ajuda; a seguir descrevem o tipo exato de perigo envolvido; e então se encerram com uma nota de otimismo, porque a oração foi respondida, ou porque se espera que em breve o seja. Os inimigos que assediam podiam ser de "fora" de Israel, adversários tradicionais da nação; podiam ser "de dentro", ou seja, inimigos pessoais e acusadores; ou podiam ser *enfermidades* físicas que ameaçavam de morte. Este parece ser um salmo de enfermidade. Cf. os Salmos 6 e 22. Alguns intérpretes, entretanto, vêem aqui um *inimigo pessoal.*

Subtítulo. Editores subseqüentes meramente afirmaram que o autor do salmo foi Davi, o que, naturalmente, é apenas uma conjectura. Os subtítulos não faziam parte original das composições poéticas. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, mas isso, sem dúvida, é um exagero. Não há razão alguma para duvidar, entretanto, que alguns dos salmos têm origem genuinamente davídica. Essas notas de introdução algumas vezes dão os nomes dos instrumentos musicais usados para acompanhar os cânticos e mencionam também circunstâncias históricas que podem ter inspirado a composição.

28.1

A ti clamo, ó Senhor. *O apelo inicial,* pedindo ajuda, mostra-nos que este era um salmo de lamentação, pelo que vemos aqui o poeta sagrado orando a Yahweh, a sua Rocha, implorando não encontrar um silêncio de pedra ou a *indiferença.* O salmista enfrentava um período de crise que só poderia ser revertido pela intervenção divina. Sem essa intervenção, o homem desceria *à cova,* ou seja, ao sepulcro. O clamor visava apenas salvar o poeta da morte prematura, que era um terror para a mente dos hebreus. Somente a partir dos *Salmos e dos Profetas* é que encontramos alguma doutrina de um pós-vida, mas mesmo assim sem grande definição. Maiores detalhes apareceram nos livros apócrifos e pseudepígrafos, onde também começaram as doutrinas sobre o céu e o inferno. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque. E, finalmente, o Novo Testamento preencheu alguns hiatos. Neste salmo não há indício de coisa alguma senão "o fim", quando o corpo é posto no maldito sepulcro.

Alguns estudiosos pensam que o *perigo* enfrentado pelo homem era alguma enfermidade física que prometia ser fatal; outros, contudo, pensam em inimigos pessoais (dentro de Israel) como a causa das aflições.

Rocha minha. Ver as notas expositivas sobre isso em Sal. 27.5. Deus, o templo de Jesus, Cristo (profeticamente) ou o princípio espiritual podem ser chamados de a Rocha. É claro que aqui Yahweh é a Rocha, o lugar de fortaleza e proteção, a estabilidade e a segurança da fé do crente.

Quanto à *indiferença divina* potencial, ver também Sal. 35.22,23; 39.12; 50.3,21 e Isa. 65.6. Se, realmente, Deus se mostra indiferente para com o homem bom em aflição, então temos um Deus *deísta,* que abandonou a Sua criação e a deixou entregue ao governo das leis naturais. Essa noção deve ser contrastada com o *teísmo* (*ver a respeito no Dicionário*), onde o Criador também se faz presente em Sua criação, intervindo com recompensa ou castigo aos homens.

Cova. Esta é a tradução de um vocábulo hebraico que aponta para algum tipo de buraco, como uma cisterna ou armadilha na terra; e também é uma referência óbvia a sepulturas abertas na terra. As pessoas mais ricas, entretanto, escavavam túmulos nas pedras das colinas ou em cavernas. Provavelmente devemos ver aqui uma alusão ao *seol,* o lugar dos mortos; mas neste estágio do desenvolvimento da teologia, deve estar em pauta o *sepulcro,* e não um lugar onde espíritos conscientes eram confinados. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Seol,* quanto à evolução dessa doutrina.

28.2

Ouve-me as vozes súplices. O poeta sacro orava intensamente, com as mãos estendidas na direção do Santo dos Santos, onde Yahweh manifestava a Sua presença. Talvez devamos imaginar o salmista de pé, com a cabeça e as mãos erguidas, esperando alguma resposta da parte do Poder celeste. As *posturas* usadas pelos hebreus antigos em orações eram as seguintes: de pé; ajoelhado; prostrado no solo; com as mãos erguidas (ver Sal. 28.2; 63.4; Êxo. 9.29; Nee. 8.6; I Tim. 2.8); com as mãos espalmadas (ver Sal. 14.6; Lam. 1.17); com as mãos levantadas para o céu, como que esperando que elas fossem cheias (ver Isa. 1.15; Jer. 4.31). Essas posturas eram assumidas quando aqueles que oravam esperavam receber resposta da parte de Deus, como se Deus não pudesse mostrar-se *surdo* diante das orações oferecidas. Ver a persistência na oração em Tia. 5.16. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Oração.*

Nenhuma oração é feita só no mundo;
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

(Montgomery)

Mais coisas são realizadas pela oração
Do que este mundo sonha.

(Tennyson)

Para o teu santuário. No hebraico, *debir,* ou seja, *o oráculo.* Literalmente, o *santuário mais interno,* o Santo dos Santos, onde se manifestava a presença divina e onde eram dados oráculos. O poeta sagrado, pois, foi até a Fonte do Poder, buscando Sua resposta.

28.3

Não me arrastes com os ímpios. Este versículo pode dizer-nos que os inimigos acerca de quem o salmista orava eram indivíduos ímpios dentro de Israel, *obreiros da iniqüidade,* caluniadores e destruidores; aqueles que falam de paz com o próximo, mas, o tempo todo, planejam destruição. Ver I Sam. 18.17,22. Alguns eruditos, entretanto, vêem o homem bom sendo arrastado precipício abaixo, como se alguma enfermidade física fosse a *causa* de sua morte prematura. Essa explicação, sem embargo, não parece adaptar-se ao vs. 4, que quase certamente apresenta o perigo como resultante de atos de homens violentos e brutais.

Aqui a figura é a de um caçador que captura animais impotentes mediante armadilhas mortais, como a rede, a cova, a lança e a flecha. "A morte arrasta os homens sem misericórdia, como feras apanhadas na rede (cf. Sal. 10.9; 26.9 e 49.14)" (William R. Taylor, *in loc.*). *Matar* é a grande atividade do caçador. É assim que ele ganha a vida. O salmista não queria ser apanhado na *rede fatal* de Deus, quando Ele ordena que o ímpio dê fim às suas vítimas. Cf. Jó 23.33; 24.22; Eze. 32.2 e Sal. 10.9.

Está ele de emboscada como o leão na sua caverna; está de emboscada para enlaçar o pobre; apanha-o e, na sua rede, o enleia.

(Salmo 10.9)

28.4

Paga-lhes segundo as suas obras. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) foi invocada pelo poeta sagrado contra os seus inimigos, os quais assim sentiriam o ferrão da vingança de Yahweh. Esses inimigos praticavam o mal e teriam de sofrer o mal; eram violentos e teriam de sofrer violência; planejavam *realidades* malignas e praticavam o mal com as próprias mãos, portanto terão Deus planejando contra eles e ferindo-os com Sua Pesada Mão. Eles *mereciam* (Revised Standard Version) sofisticado castigo. Nenhuma injustiça podia ser permitida. O poeta clamou pedindo justiça, em busca de vindicação e de *retaliação.*

Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras.

(II Timóteo 4.14)

"... inimigos e dissimuladores hipócritas, como Absalão e seu grupo; não inimigos abertos (ver II Sam. 15.7,8)... outras pessoas são o objeto de suas maldades (Sal. 15.3)" (Fausset, *in loc.*).

Ver sobre a *Lex Talionis* (ser punido de acordo com a gravidade do crime cometido) no *Dicionário.* Muitos salmos e, de fato, a maioria dos salmos de

lamentação incluem *imprecações*, isto é, *maldições* contra inimigos. Esse elemento dos salmos, tão forte e tão freqüente, fere nossa sensibilidade cristã. Por outra parte, temos de relembrar que tais salmos foram escritos sob a pressão da perseguição da parte de homens ímpios que buscavam destruir os inocentes. "Orar pelos *inimigos" é um ideal acima desses salmos, e também acima de nós (ver Mat. 5.44).* Ademais, as palavras de Paulo contra a vingança pessoal (ver Rom. 12.19-21) são belas, sentimentos espirituais que passam acima de nossas cabeças. É conforme disse certo homem: "O evangelho nos ordena amar nossos *inimigos*. Estou encontrando dificuldades para ao menos tolerar as outras pessoas".

28.5

E visto que não atentam para os feitos do Senhor. Os inimigos do salmista eram "ateus práticos", não acerca do Senhor, pois não davam nenhuma atenção às Suas obras. Agiam *como se* Deus não existisse. Não ficavam nem um pouco impressionados com Seus céus e Sua bela terra. Viviam cegos para a beleza e o amor, mas cheios de feiúra e ódio. Com base nisso, atiravam-se contra os inocentes e deleitavam-se na morte deles.

> *Liras e harpas, tambores e flautas, e vinho há nos seus banquetes; porém não consideram os feitos do Senhor nem olham para as obras das suas mãos.*
>
> (Isaías 5.12)

Fausset (*in loc.*) pensava que as obras das mãos de Deus aqui referidas eram, especificamente, os Seus *julgamentos*. "Não ter consideração pelos juízos de Deus é uma maneira certa de ficar sujeito a eles. Uma vez que um homem perde a visão dos julgamentos divinos, ele não tem temor nem escrúpulos, e precipita-se no pecado (ver Jó 34.27; Sal. 92.5,6; Isa. 5.12)". Ellicott pensa que está em pauta a *justiça* de Deus. John Gill identificou as obras de Deus na natureza e Sua providência geral como o que é destacado aqui. Os inimigos do poeta eram totalmente *profanos*, não tendo consideração divina em sua mente e atos.

Um Tom de Otimismo: a Oração Foi Ouvida (28.6-9)

28.6

Tipicamente, os salmos de lamentação terminam em um tom de otimismo. A oração desesperada fora ouvida, ou, pelo menos, o salmista esperava que a resposta não demoraria. A oração dele se mostrara eficaz. Foi assim que o salmista subitamente mudou de tom, esqueceu-se de seu desespero e começou a *bendizer* a Yahweh. Yahweh é um Deus que ouve e responde às nossas orações. Cf. esta declaração de confiança com outras similares em Sal. 3.8; 5.11,12; 13.5,6. Todos os salmos de lamentação têm essa característica, sem exceção. Eles começam com uma atitude de desolação e terminam com um tom de confiança e louvor. Além disso, há os salmos *somente* de confiança e ação de graças (11, 16, 23, 27, 62 e 131). Algumas vezes nos é concedido o luxo de sermos capazes de agradecer, estando em períodos de paz e prosperidade, inteiramente à parte das tribulações que nos assediam.

"Após o vs. 5, um sacerdote ou profeta do templo provavelmente entregou um oráculo de *segurança* (cf. Sal. 12.5), ao que o salmista reagiu agradecido (vss. 6 e 7)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o versículo).

> *E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei.*
>
> (Isaías 65.24)

28.7

O Senhor é a minha força. Cf. Sal. 5.8; 22.19; 28.8; 46.1; 59.9,17; 81.1 e 118.14. O homem desesperado estava débil, impotente em si mesmo. Yahweh interveio e fortaleceu-o, ao mesmo tempo que espantou o perseguidor.

E o meu escudo. Comentei sobre o "escudo" em Sal. 3.3. O poeta sagrado desenvolveu uma metáfora militar para mostrar que fora ajudado e livrado de um inimigo cruel que se inclinava para a destruição.

Note o leitor a seqüência: Tendo sido livrado, o homem bom terminou:

1. *Com um coração confiante.* Ele havia aprendido valiosas lições espirituais, que o tinham tornado um *homem de fé.*
2. *Um homem capaz.* Ele tinha sido ajudado, pelo que não era mais um homem impotente.
3. *Um homem feliz.* Ele expressava sua alegria no culto a Deus.
4. *Um homem que cantava.* Ele costumava ir ao templo e cantar louvores à presença de Deus. Os cânticos eram de louvor e ação de graças, um aspecto vital a qualquer verdadeira adoração. Não basta pedir e receber, e depois não se mostrar agradecido no coração.

"Deixemos que os lábios desempenhem o seu papel. Aos outros fará bem ouvir os cânticos dos que exultam espiritualmente. Não permitamos que nosso conhecimento sobre a misericórdia de Deus se restrinja somente a nós mesmos. Se formos libertados, 'digam-no os remidos do Senhor' (107.2)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *Louvarei com cânticos o nome de Deus, exaltá-lo-ei com ações de graças.*
>
> (Salmo 69.30)

28.8

O Senhor é a força do seu povo. O salmista volta aqui à idéia de que Yahweh era a *força* do Seu povo, o que já pudemos ver e comentar no versículo anterior, primeiro parágrafo. No vs. 7, Yahweh é "a minha força"; e aqui Ele é "a nossa força", o que significa que a comunidade de Israel participava do fenômeno divino. Deus é uma *força salvadora*, conforme declara este versículo. A força que Deus dá mostra-se eficaz para que a obra seja feita por nós, sem importar no que consista essa obra. "Ao impulsionar o rei ungido, Deus também salvou o povo sobre quem o rei fora ungido (Sal. 18.50; 28.9)" (Fausset, *in loc.*).

O refúgio salvador. Assim diz a nossa versão portuguesa. Literalmente, o original hebraico diz "fortaleza salvadora", o lugar para onde retrocedia o soldado atacado, a fim de ser protegido e salvo do inimigo, e de onde podia lançar um *contra-ataque*.

Seu ungido. Aquele que suplicava era um rei ou, talvez, um sacerdote. Profetas, sacerdotes e reis eram submetidos à *Unção* (ver a respeito no *Dicionário*). Este versículo é cristianizado para que Cristo seja o *Ungido*. Porém, é um exagero fazer do Salmo 28 um salmo messiânico. Contudo, caso se trate mesmo de um salmo messiânico, então o livramento foi da morte, mediante a ressurreição e a subseqüente ascensão. Ver Sal. 20.6. A maioria dos intérpretes, entretanto, pensa que Davi está aqui em mira, em concordância com o subtítulo.

28.9

Salva o teu povo. Yahweh, o *Salvador*, tornou-se o *Pastor* que alimenta o Seu povo. Além disso, Ele é o *Pai* que lhe dá a herança na terra e cuida para que seus filhos prosperem, cada qual em sua própria terra e em seu próprio lar. Mediante o uso de tais termos, o poeta sacro falava sobre a *provisão total* de Deus. O povo de Israel era salvo de seus inimigos; contava com os cuidados da providência divina; tinha suas possessões sob a forma de terras e residências; vivia por longo tempo; prosperava; e evitava o terror, a *morte prematura*. Ademais, Israel, assim abençoado, também recebia a exaltação de ser um povo distintivo que observava a lei (Deu. 4.4-8).

Este trecho de Sal. 28.9 torna-se assim um versículo de providência geral. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

O Pastor-Salvador. O Bom Pastor encontrava pastagens para o Seu rebanho, alimentava as Suas ovelhas e carregava os animais cansados (cf. Isa. 40.11; 63.9 e Deu. 32.11). Desse modo, ficam representadas as graças solícitas de Yahweh. Ver o Salmo 23, quanto à suprema expressão dessa representação. Novamente, alguns intérpretes vêem aqui uma referência messiânica. Ver as notas expositivas em Sal. 28.8, último parágrafo.

A tua herança. Cf. Êxo. 19.5; Sal. 33.12; 78.62; 79.1; 94.14; Deu. 4.20; 7.6; 9.26; Joel 2.17; 3.2; Amós 3.2; Miq. 7.14,18. Ver os comentários em Sal. 33.12.

Este versículo foi incorporado no *Te Deum* da Igreja cristã, que vinculou a liturgia cristã à herança judaica. Naturalmente, muitos salmos foram musicados pela igreja cristã e passaram a ser usados regularmente, em certas denominações. Em outras, pelo menos alguns dos salmos, embora não musicados, são lidos regularmente.

Salmo Vinte e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *adoração*. Ele atua como uma convocação aos homens bons para que se re*únam* e efetuem a devida adoração ao Deus de Israel. O seu tema é o *Deus das tempestades*. Quanto aos *salmos de adoração*, ver também os Salmos 33, 46, 89, 97, 98, 113 e 135, que estão intimamente relacionados aos salmos litúrgicos, dos quais há cerca de doze. O gráfico fornece detalhes que *ilustram essas declarações*.

Subtítulo. Editores subseqüentes informam-nos que este salmo foi composto por Davi, mas isso não passa de uma conjectura, tal como o restante do material incluído nessas notas introdutórias, incluindo os nomes de instrumentos musicais que acompanhavam o cântico e as circunstâncias históricas que podem ter inspirado a composição. Alguns subtítulos não faziam parte dos salmos originais. Ocasionalmente, porém, alguma informação dada provavelmente está correta.

"Este salmo celebra a glória do Deus das tempestades. Para o autor deste *hino,* não era suficiente que os adoradores e o coro do templo fossem convocados a exaltar Aquele que comanda os elementos da natureza. Antes, ele conclamou os *seres celestiais* a liderar os louvores à majestade e ao poder do Senhor. Acima do ribombar dos trovões da tempestade, que se ouvia por sobre as cadeias montanhosas do Líbano, ou então no deserto de Cades, ecoava as sete repetidas vezes *gôl Yahweh* (a voz do Senhor), nos louvores do coro celestial" (William R. Taylor, *in loc.*).

Maravilhas naturais, algumas das quais são temíveis, eram adicionadas ao espírito do louvor, porquanto causam espanto à mente humana. Cf. Êxo. 19.16; I Sam. 12.17,18; I Reis 19.11,12. Quando Deus exibe o Seu poder, contudo, isso também serve de consolo, e não apenas de ameaça, porquanto Ele é o Poder que nos faz ser o que somos, e nos conduz pelo caminho. O Deus da natureza é também o Deus da história, e o Deus de todos os homens.

Este salmo é geralmente considerado bastante antigo. Uma das características dos primeiros escritos dos hebreus é a ênfase sobre Yahweh como o Deus da natureza. Fenômenos como ventos, tempestades, relâmpagos e trovões apontam para esse Deus.

A *Septuaginta* relaciona este salmo às celebrações da Festa dos Tabernáculos. Ele era usado como parte da liturgia das celebrações do primeiro e do oitavo dia dessa festividade religiosa. O tratado do Talmude chamado *Sopherim* atribui o salmo à festa do Pentecoste, e essas tradições perseveram até o nosso próprio tempo.

29.1

Tributai ao Senhor, filhos de Deus. Ou seja, estão em vista os seres celestiais, as ordens angelicais. Nossa versão portuguesa oferece-nos uma tradução literal do hebraico, mas *filhos dos poderosos* é outra tradução (da Imprensa Bíblica Brasileira). Considerando a extrema antiguidade deste salmo, alguns estudiosos pensam que os "poderosos" aqui mencionados são os *deuses* de outras nações, antes que Yahweh, no pensamento hebreu, se tivesse tornado o único Deus. Em outras palavras, alguns estudiosos vêem aqui uma referência ao *henoteísmo.* Ver no *Dicionário* o artigo assim denominado. Essa doutrina ensina que, se para nós existe um único Deus, para outros povos podem existir muitos outros. O monoteísmo hebreu, finalmente, venceu a noção henoteísta, tornando-se o padrão da fé dos israelitas. Qualquer que seja o conceito exato que este versículo apresente, quaisquer poderes que porventura existam, *que esses venham* exaltar a Yahweh-Elohim, o Poder mais elevado. Ver também a expressão *filhos de Deus* em Sal. 89.6 e Deu. 32.8. "Visto que o céu é aqui concebido como se fosse um templo, os seres celestiais são vestidos como os sacerdotes ministrantes do templo terrestre, isto é, em *vestes santas*" (William R. Taylor, *in loc.*).

Esses deuses são poderosos, mas devem sua força a Yahweh, o Deus eterno. Além disso, a glória deles pertence a Ele, e eles possuem alguma glória somente por delegação do Poder superior de Yahweh.

De Deus. No hebraico, *elim,* nome jamais usado para indicar o Deus superior (Elohim), mas para indicar ordens angelicais, poderes secundários. Ver Jó 1.6; 38.7; Isa. 6.3. Mas ministros também são assim chamados, até mesmo ministros humanos (ver Sal. 82.1,5,7; 89.6,7). E até as forças da natureza são assim chamadas (ver Sal. 104.4).

29.2

Tributai ao Senhor a glória devida. No original hebraico, "Senhor" aqui usado é *Yahweh,* o elevado Deus, que, no pensamento hebreu, finalmente tornou-se o único Deus. É Aquele a quem a glória pertencia. É o Criador e Sustentador, o Originador e Alvo de toda a criação, *especificamente dos seres inteligentes, tanto* dos céus quanto da terra. É o Deus que deve ser adorado, a quem pertence toda a devoção dos crentes, em palavras e obras. Ele está *vestido de santidade* (ver a Revised Standard Version), em Seu santo templo. Este versículo aponta para a assembléia celestial de poderes elevados que circundam Yahweh como um rei é cercado pelos seus oficiais, cortesãos e demais servos. Ele está vestido em "vestes resplendentes", um sinal de sua posição absoluta sobre todos.

> *... com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora...*
>
> (Salmo 110.3)

> *Adorai ao Senhor na beleza de sua santidade; tremei diante dele todas as terras.*
>
> (Salmo 96.9)

29.3

Ouve-se a voz do Senhor sobre as águas. *A inspiração* da adoração, que foi reduzida a um poema musicado, era como poderosa *tempestade,* o que levou o poeta sagrado a lembrar-se da majestade de Yahweh e de Seu poder sobre toda a natureza. Ver a introdução quanto a detalhes sobre esse primitivo pensamento dos hebreus — Deus na natureza, que brilha com tanto resplendor. "O salmista ouve o ribombar do trovão, enquanto a massa de nuvens tempestuosas estava por sobre a vasta expansão do mar Mediterrâneo (cf. I Reis 18.44). Visto que as tempestades são raras na Palestina, o efeito produzido por elas torna-se ainda mais impressionante: 'A voz do Senhor é poderosa e cheia de majestade'" (William R. Taylor, *in loc.*).

As muitas águas. A referência aqui é ao mar Mediterrâneo, aquele grande corpo de águas, o maior que os hebreus conheciam, embora os fenícios conhecessem maiores corpos de água ainda, "lá fora". Os hebreus eram um povo que vivia "perto do mar", mas não um povo "do mar". Os povos antigos personificavam as forças da natureza e transformavam-nas em deuses, ou faziam dessas forças manifestações dos deuses. Zeus teria seus raios, literais e figurados, mediante os quais controlava os homens ou mesmo os outros deuses. Os hebreus não eram culpados de adoração da natureza, mas faziam das forças naturais instrumentos de Deus e também viam nessas forças algo do poder e da glória de Deus.

Alguns intérpretes vinculam a referência às "águas" àquelas acima do firmamento, o qual separava aquelas das águas de baixo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* onde ofereço um gráfico que ilustra o pensamento cosmológico dos hebreus antigos.

> *... ruge a sua voz, troveja com o estrondo da sua majestade, e já ele não retém o relâmpago quando lhe ouvem a voz.*
>
> (Jó 37.4)

Cf. Êxo. 9.23,38,39; Sal. 18.13 e Isa. 30.30.

Yahweh é Soberano e Poderoso. Ele controla os céus e a terra. Há os céus elevados, acima das águas que estão no lado de cima do firmamento. Ele baixa ordens e tudo se Lhe mostra obediente. Ele exibe a Sua glória mediante atos da natureza que chamam a atenção dos homens.

29.4

A voz do Senhor é poderosa. Metaforicamente, o *trovão* torna-se a voz de Yahweh, ou, talvez, no período primitivo da composição deste salmo, Deus fosse diretamente associado às manifestações da natureza, como sua causa direta. Existem poder e majestade na pessoa de Deus, e Ele mostra um pouco disso nos fenômenos naturais. Deus criou o homem mediante o Seu poder (ver Gên. 1.3,6,9,14,20 e 24) e assim os fenômenos da natureza nos lembram desse fato.

Adam Clarke (*in loc.*) observou, antes da era atômica, que o relâmpago é a maior concentração de energia de que o homem conhece. Naturalmente, o comentarista esqueceu os terremotos (ver o vs. 6), uma força muito maior que o relâmpago, ou até mesmo que a bomba atômica.

> Deus se move de maneira misteriosa,
> *Para Suas maravilhas realizar.*
> *Ele planta seus passos no mar*
> *E cavalga sobre a tempestade.*
>
> (William Cowper)

29.5,6

A voz do Senhor quebra os cedros. *O relâmpago fere uma árvore* e a parte de alto a baixo, e nós nos admiramos do seu poder em um único instante. Até os poderosos cedros do Líbano não resistiam ao golpe desfechado por um relâmpago. Portanto, no relâmpago, o poeta sacro via a demonstração do poder de Deus. E isso o inspirou a convocar os homens à adoração. Os cedros haviam permanecido de pé durante séculos, como símbolos de estabilidade e força. Mas por um único relâmpago, um daqueles cedros foi rachado ao meio. E então a área inteira das montanhas do Líbano (onde estavam os cedros) foi posta a saltar como uma novilha. Temos aqui (vs. 6) uma referência aos terremotos, um poder muito maior que o do relâmpago. O próprio solo põe-se a fugir como um jovem e vivaz animal. O *Siriom* (nome que os sidônios davam ao monte Hermom; ver Deu. 3.9) dançava sob o poder do terremoto. Pensamos nas montanhas como massas de terras gigantescas, estáveis e eternas. Mas um bom terremoto em instantes pode solapar nossa confiança em qualquer espécie de estabilidade. É preciso grande poder para causar esses fenômenos naturais, e o salmista convoca os homens a adorar *o Poder.*

Siriom deriva-se de um nome que significa "rebrilhar", e é provável que seus picos cobertos de neve (que dão ao monte sua aparência de brilho) sejam aqui citados poeticamente. Ver esse nome no *Dicionário* quanto a outros detalhes.

29.7

A voz do Senhor despede chamas de fogo. A este versículo, como é evidente, falta uma linha. O original provavelmente declarava como o relâmpago, ou mais provavelmente ainda o terremoto, pode fender até rochas maciças. As *chamas de fogo* talvez se refiram aos coriscos de relâmpagos que podem partir rochas, ou aos fogos saídos dos vulcões, que os terremotos algumas vezes fazem entrar em ação. Seja como for, os *poderes de Deus manifestados na* natureza podem estilhaçar rochas em um instante, uma demonstração do Poder que os homens devem temer e adorar. A *voz* de Deus é um fenômeno natural, tanto no trovão como em outras manifestações. Ela nos fala sobre nosso estado humilde e sobre nossos deveres como filhos de Deus. Talvez haja aqui uma alusão à doação da lei no monte Sinai e aos fenômenos ocorridos naquela oportunidade. A *lei* era a *voz* de Deus e exerce poder sobre os homens, tal e qual acontece com o relâmpago. Pode limpar e pode destruir. Ver Êxo. 19.18 *ss.*

Para todo o sempre, alguma brilhante haste branca
Queimou através do telhado de madeira de pinho,
Queimando aqui e ali,
Como se fosse um mensageiro de Deus,
Precipitando-se através do tabique de madeira,
Precipitando-se novamente, suas armas
ferindo ao acaso,
Buscando pela culpa em você e pela culpa em mim.

(Poema adaptado de Browning)

29.8

A voz do Senhor faz tremer o deserto de Cades. A tempestade, a voz de Yahweh, abala o deserto de Cades (ver a respeito no *Dicionário*), e o faz dançar. Talvez a figura simbólica de um terremoto seja retida, ou então o poeta sacro imaginou uma tempestade tão poderosa que sacudiu o solo. O deserto de Cades é aqui mencionado para representar o extremo *sul* da Palestina, em contraste com o Líbano, que representa o extremo *norte*. Grosso modo, esse deserto é o trecho desértico que jaz entre a Palestina e o Egito, tomando seu nome do lugar mencionado em Núm. 34.4. Dessa maneira, pois, o salmista nos convocou a pensar sobre a "terra inteira" sacudida pela voz de Deus manifestada em atos da natureza. Se reunirmos os vss. 6 e 8, poderemos pensar que as tempestades se moviam na Palestina do norte para o sul, mas isso, na realidade, não acontece ali. O oposto é que acontece. Ou então as raras tempestades vinham do oeste, da banda do mar. Stanley, em seu livro *Sinai and Palestine* (pág. 67), conta sobre uma repentina tempestade de areia impelida por ventos que sopravam do mar Vermelho, a qual cobriu toda a terra e bloqueou o sol, tornando impossível qualquer viagem. A areia voava pelo ar e até rolava sobre a superfície do solo, formando ondas. Foi uma tempestade que soprou do sul.

29.9

A voz do Senhor faz dar cria às corças. O hebraico original da primeira parte do versículo é incerto. Assim é que a King James Version (juntamente com a nossa versão portuguesa) diz que a voz de Deus faz *as corças parir*. Mas a Revised Standard Version diz "faz os carvalhos rodopiar", continuando assim com a figura de uma tempestade. A mesma tempestade também desnuda a floresta de suas multidões de folhas. Portanto, todos os que vissem tão magníficas manifestações naturais ergueriam a voz em louvores no templo e juntos clamariam: "Glória!". William R. Taylor (*in loc.*) informa-nos que o texto da King James Version (que é também o da nossa versão portuguesa) foi criado pela *leitura errônea* dos massoretas, os quais confundiram os *carvalhos* (terebintos), que têm as mesmas *consoantes que a palavra corça, embora com sinais vocálicos diferentes*. O alfabeto dos hebreus consiste em vinte e duas consoantes, sem vogais, pelo que algumas palavras podiam significar coisas diferentes, dependendo de como os *sons vocálicos* eram compreendidos. Mais tarde, um sistema de linhas e pontos era escrito por baixo ou acima das letras consoantes, provendo assim os sons vocálicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto ao texto hebraico padronizado do Antigo Testamento.

O grito de *glória* foi erguido como uma espécie de eco do grito dos exércitos celestes, pelo que os céus e a terra reboaram com a mesma adoração exultante.

Há certa evidência de que tempestades violentas podem assustar animais de forma que as fêmeas grávidas dessas espécies podem prematuramente dar à luz seus filhotes (conforme Arist., *Hist. Animal* 1.9.3.3 e Plínio, *História Natural*, 1.8, cap. 47), mas embora essa seja uma verdade possível, não parece ser a referência deste versículo.

29.10

O Senhor preside aos dilúvios. *Lá em cima, por sobre a tempestade,* em Sua Paz celeste, Yahweh senta-se entronizado. Se os fenômenos naturais violentos nos lembram da instabilidade que predomina neste mundo, Yahweh, lá no alto, em Seu templo, faz-nos lembrar da estabilidade. Ele é o Rei de tudo e de todos, observando o que acontece na terra, e não se deixa perturbar de modo algum pela tempestade que a sacode. Assim sendo, a mente dos homens é atraída das tempestades na terra para a paz predominante no céu. As tempestades que abalam a terra são dissipadas pela sua própria fúria, e a paz retorna mais uma vez. O poeta era um espectador da violência, mas em seguida se tornou um *admirador da paz nas alturas. O homem foi levantado acima da tempestade.* Essa é uma excelente metáfora da certeza espiritual que temos. Os próprios julgamentos de Deus operam porque são remediais (ver I Ped. 4.6). Os próprios juízos de Deus limpam e restauram, e não somente assustam.

Dilúvios. Provavelmente está em mira o dilúvio da tempestade, que traz tanta chuva. Talvez também haja uma alusão ao dilúvio de Noé, a *ilustração final* do que pode acontecer quando Deus descarrega suas águas que descem dos céus. Quanto às águas como o dilúvio de Noé, ver Gên. 6.17 e 9.11. Quanto ao dilúvio provocado pelas tempestades, ver Sal. 104.3 e Gên. 7.11.

Assim como Deus controla os elementos da natureza, por semelhante modo Ele controla a vida humana, *visando o bem,* porquanto veja o leitor como há tremenda calma após uma tempestade. A tempestade não escreveu o último capítulo da história.

"Acima do tumulto do tufão, o Senhor reina com paz majestática" (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo).

29.11

O Senhor dá força ao seu povo. Este versículo pode ter sido uma adição litúrgica para adaptar o salmo ao ministério da música no templo de Jerusalém, em todas as ocasiões. Se a tempestade assusta e faz tremer os joelhos dos homens, Yahweh está presente a fim de emprestar forças a Seu povo. Eles deixam de temer e aproximam-se para adorar ao Poder, o Rei dos céus (ver o vs. 10).

Este versículo provê para o credo dos versículos anteriores uma bênção apropriada. A natureza fala da *força* de Deus, o reservatório infinito do qual as tempestades servem de símbolo. É salientada a força espiritual, da qual as pessoas podem tirar proveito em consonância com suas necessidades. As pessoas assim fortalecidas obtêm a paz. Trata-se de uma longa viagem, desde a tempestade até o feliz e tranqüilo Reino de Deus. O Rei faz a tempestade guiar-nos até *esse lugar e condição. A tempestade é a vereda que nos conduz, e não a condição* que nos destrói. Nós venceremos o mundo.

Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.

(I João 5.4)

Em paz, os filhos de Deus são abençoados, e a paz é uma das bênçãos centrais. Mas também está em mira a provisão divina, conforme encontramos em Sal. 1.1. Existe tanto a prosperidade espiritual quanto a material. O homem que obedece à lei de Moisés torna-se distinto dos outros homens (ver Deu. 4.4-8).

Este versículo tem sido cristianizado por alguns intérpretes, a fim de falar da paz espiritual por meio de Cristo. As palavras prestam-se a tal pensamento, mas o salmo não é messiânico.

Salmo Trinta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este salmo é chamado de salmo de *ação de graças*. A maioria dos salmos conta com alguma expressão de gratidão e louvor, mas certos salmos são especificamente de agradecimento. Mais de 30 salmos são assim classificados. Este tem alguns elementos comuns aos *salmos de lamentação* (vss. 8-10), seguidos por outra palavra de agradecimento (vss. 11 e 12).

O *principal assunto* do Salmo 30 parecem ser as ações de graças acerca do livramento de uma enfermidade quase fatal que atingiu o poeta sagrado. "... o autor agradecia pela recuperação de uma enfermidade que o levara à beira da morte. Sua atitude jubilosa é marcada mediante estrofes regulares e claramente assinaladas, bem como mediante a experiência pela qual ele passou, a qual é vividamente retratada. O resultado é um belo exemplo da classe de hinos à qual ele pertence" (William R. Taylor, *in loc.*).

O *subtítulo* oferece-nos uma razão diferente para a composição do salmo presente. Ver sobre ele, logo abaixo.

Subtítulo. Temos neste salmo um elaborado subtítulo: "Salmo de Davi. Cântico da dedicação da casa". Isso aponta para o tabernáculo que ele estabeleceu em Jerusalém, o qual, anos depois, foi substituído pelo templo de Salomão. "Mas nenhuma única linha ou palavra dá apoio a esse subtítulo, que sugere a dedicação do local do templo futuro (ver II Sam. 24.1 e I Crô. 23), a cidadela de Sião (ver II Sam. 5.11), ou a rededicação do palácio profanado por Absalão. Por outra parte, o fato de que o salmo é, dentro do ritual judaico, usado na festa da dedicação, cuja origem se acha em I Macabeus 4.52 ss., sugere que o subtítulo pode ter sido adicionado após a instituição *daquela festa*, a fim de conferir uma base histórica para o uso do salmo" (Ellicott, *in loc.*).

Na época de Judas Macabeu (164 A. C.), este salmo era interpretado como expressão da experiência da nação. Os subtítulos não faziam parte do original, *mas foram acrescentados por editores subseqüentes para afirmar quem tinham* sido os seus autores, quais instrumentos musicais deveriam acompanhar sua execução, e quais circunstâncias históricas poderiam ter inspirado a sua composição. Os editores subseqüentes devem ter conjecturado sobre essas questões e, apenas ocasionalmente, acertaram com alguma verdade. Seja como for, cerca de metade dos salmos tem sido atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Mas não há razão alguma para duvidarmos de que Davi deve ter composto pelo menos alguns salmos. Quanto ao *tabernáculo provisório* de Davi (o precursor da construção do templo de Jerusalém), ver II Sam. 6.17. Alguns eruditos vinculam *este salmo a tal acontecimento.*

30.1

Eu te exaltarei, ó Senhor. *Yahweh foi exaltado* porque alguma oração específica do salmista foi espetacularmente respondida. O pobre e enfermo homem foi livrado de uma terrível enfermidade, mas alguns estudiosos, ao verem aqui o plural, "inimigos", pensam em inimigos que ameaçavam a vida do salmista. Ou então, os *inimigos* eram aqueles que se alegravam por verem o poeta enfermo, e não pessoas que o ameaçavam. Os inimigos esperavam vê-lo morto, e isso realmente teria acontecido, não fora a *intervenção divina* em seu favor.

Os ímpios celebrariam porque o homem bom morrera de sua enfermidade, mas a alegria antecipada lhes foi furtada e eles não tiveram oportunidade de expressar sua felicidade por causa da morte do homem piedoso. Sim, faz parte da natureza humana alegrar-se pela morte de outras pessoas, mesmo dos que morrem quando não são inimigos, acredite ou não o leitor. A psicologia documenta esse fenômeno. Isso talvez porque os que ficam sabem que é melhor para a pessoa que passou para o mundo dos espíritos, o que causa uma espécie de acesso de alegria. Seja como for, não foi esse o caso dos pecadores mencionados aqui.

A recuperação do homem enfermo foi outra oportunidade de viver por mais tempo e cumprir, em grande extensão, a missão a ele destinada. Ao homem bom foi dado um *novo começo*, algo de que todos nós precisamos ocasionalmente.

> *Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida, e de novo me tirarás dos abismos da terra.*
>
> (Salmo 71.20)

30.2

Senhor, meu Deus, clamei a ti por socorro. *O homem enfermo clamou,* e Yahweh deu-lhe vida por morte, saúde por enfermidade, vida nova em lugar de fim de vida.

> *Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades.*
>
> (Salmo 103.3)

Os *antigos hebreus* não favoreciam o trabalho dos médicos. Quase sempre vinculavam a enfermidade ao pecado (mas havia a notável exceção de Jó, que sempre proclamou sua inocência, e, no entanto, estava muito enfermo). Normalmente, contudo, a enfermidade era considerada um julgamento contra o pecado, e, portanto, pensava-se ser errado tentar reverter o curso do castigo por meios *naturais.* Além disso, mesmo que a enfermidade não fosse encarada como julgamento contra o pecado, era considerado falta de fé buscar curas naturais. Ademais, antigos curadores misturavam às suas curas, mediante remédios de ervas, encantamentos e mágicas, contaminando os processos de cura com superstição. Por falta de conhecimento, os hebreus não faziam progresso em curas naturais, conforme aconteceu com outras nações. Acrescente-se a isso que eles consideravam diabólicos os fenômenos físicos, embora saibamos que os homens são naturalmente psíquicos, porque o homem é alma imaterial, e não apenas corpo. A falta de conhecimento bloqueava a investigação quanto a outras importantes áreas da personalidade humana. Por conseguinte, devemos ser cuidadosos quanto ao uso das declarações do Antigo Testamento para fechar as portas à ciência.

Alguns poucos evangélicos radicais rejeitam até hoje as curas naturais como se implicassem falta de fé. E muitos rejeitam qualquer investigação sobre a ciência psíquica, por temerem ser ferroados pelos demônios. Essa idéia é anacrônica e está em desarmonia com as descobertas modernas. Naturalmente, existem forças psíquicas negativas, e os investigadores devem ser sábios o suficiente para não cair em armadilhas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Parapsicologia,* para informações sobre essa crescente ciência e sobre a importância que ela tem para nós nos tempos modernos.

A "cura" que figura no versículo presente certamente é de natureza física, não uma enfermidade da alma etc., conforme dizem alguns eruditos. Também não devemos pensar na praga que feriu o povo de Israel, porque Davi fez o recenseamento do povo, como o assunto explorado neste versículo. Ver II Sam. 24, quanto ao evento do recenseamento.

30.3

Da cova fizeste subir a minha alma. Neste versículo, "cova" e "sepultura" certamente são sinônimos, pois o autor estava falando da morte biológica. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Seol* e *Hades* (o seu equivalente grego). Ambas as culturas (a hebraica e a grega) tiveram seu desenvolvimento no tocante a noções do *submundo.* No começo, o conceito era apenas de morte física, a cova, *o sepulcro. Então entraram no quadro fantasmas, espíritos sem mente que ficavam* voejando em derredor. Finalmente, almas genuínas eram vistas descendo a um compartimento subterrâneo, abaixo da superfície da terra. Mais tarde, esse compartimento foi separado em duas divisões, uma para os bons, e outra para os maus. Posteriormente, um céu, um lugar *lá em cima,* tornou-se o lar dos justos. Não há nenhum indício, neste versículo, de que o poeta contemplava alguma espécie de vida pós-túmulo, ou que, para ele, o *seol* fosse um lugar para onde caminharia sua alma imaterial. As doutrinas da alma imaterial, da vida pós-túmulo, das recompensas e punições foram desenvolvimentos posteriores não bem explorados no Antigo Testamento. *Os livros pseudepígrafos e apócrifos desenvolveram* essas doutrinas, e as chamas do inferno foram acessas no livro de I Enoque. E, finalmente, o Novo Testamento, adicionou detalhes a esses conceitos.

O versículo atual está ensinando apenas que o poeta esperava ser salvo de uma morte prematura, que o ameaçava por meio de alguma enfermidade terrível. Alguns intérpretes fazem da *cova* aqui mencionada a parte mais baixa e vil do *seol;* e isso, realmente, tornou-se assim posteriormente, mas dificilmente era o que o autor sacro estava querendo dizer. Ele usa os termos "cova" e "sepultura" como paralelos poéticos. Cristianizar este versículo e fazer Cristo salvar os homens do inferno é um pensamento anacrônico. Cf. Sal. 28.1, onde dou notas adicionais que se aplicam aqui.

A palavra hebraica aqui traduzida por "cova" poderia também referir-se a qualquer buraco aberto no chão, como uma cisterna ou a armadilha de um caçador. O uso da palavra mostra que o sepultamento era uma das maneiras pelas quais os hebreus dispunham os cadáveres. Os ricos tinham seus sepulcros escavados na rocha. Os pobres, em áreas apropriadas para isso, sepultavam os cadáveres em covas e buracos nas rochas das colinas.

30.4

Salmodiai ao Senhor. O poeta sagrado aparentemente firmara um voto e agora fazia um espetáculo público de sua gratidão, levando outros a cantar louvores no templo. *Outras pessoas boas (santos) reuniram-se a ele nos cânticos de* ação de graças e dirigiam louvores ao Santo de Israel, exaltando Seu santo nome. O Senhor havia salvado um homem bom, porque Ele faz o bem e responde às orações daqueles que O buscam.

Santos. Ou seja, todos os que, à semelhança do salmista, se mostravam fiéis ao Senhor, os poucos homens bons da comunidade de Israel, em contraste com os muitos céticos e cínicos" (William R. Taylor, *in loc.*).

Santo nome. Literalmente, temos aqui, no original hebraico, a palavra *memorial.* O nome do Senhor torna-O um memorial para o Seu povo. Cf. Êxo. 3.15; Isa. 26.8 e Pro. 10.7.

> *Santos sereis porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo.*
>
> (Levítico 19.2)

"O *santo nome* de Deus é aquilo que ele chama de Seu *memorial* (ver Êxo. 3.15; Osé. 12.5). A manifestação em atos de Seus atributos de poder, sabedoria e amor, em favor de Seus santos, deve ser retida por eles em memória eterna (ver Isa. 26.8; Sal. 135.13)" (Fausset, *in loc.*). Ver sobre Sal. 33.21, quanto a outras idéias e referências.

30.5

Porque não passa de um momento a sua ira. *Para o homem bom,* todas as formas de transtorno, incluindo o castigo por causa do pecado, são apenas questões *temporárias,* o que faz um agudo contraste com o eterno Amor de Deus, que inspira a Sua bondade para com os homens. Há também a Sua *ira,* que o poeta experimentou por meio de uma enfermidade física. Seu sofrimento era grande e o levara ao desespero, mas isso durou por pouco tempo. Ele *chorou,* mas apenas por uma noite (metafórica); porém a alegria prorrompeu pela manhã e perduraria para sempre. Foi assim que a graça divina se estendeu ao salmista. "A Sua ira é breve, mas a Sua bondade dura a vida inteira. Ele, por Sua própria natureza, é o Deus da graça, e não o Deus da ira" (William R. Taylor, *in loc.*). Naturalmente, há uma verdade mais profunda que isso. A *ira é uma demonstração da bondade,* por ser o instrumento que efetua mudança e proveito.

Caros leitores, uma das melhores, se não mesmo a melhor coisa, que tenho aprendido na vida, através de meus estudos e dedicação ao aprendizado, é que estas palavras são sinônimas: *ira, julgamento, amor, graça.* A ira é o amor em ação, uma *mudança* purificadora forçada. O *julgamento* é um dedo da amorosa mão de Deus, porque efetua o que o amor gostaria de fazer. Todos os juízos de Deus são atos de amor, embora pareçam ser destruidores. Todos os juízos divinos são remediais (ver I Ped. 4.6), sendo agentes que produzem o bem, *finalmente.* Os homens, entretanto, fragmentam Deus e dizem: "Agora Deus está irado; agora Ele está julgando; agora Ele ama", como se Deus fosse um agora e outro mais tarde. Antes, o Deus de amor realiza os Seus atos de bondade, redenção e restauração através de uma variedade de atos, incluindo os mais severos julgamentos. Por conseguinte, digo: *Trazei o julgamento.* Deus pode fazer o bem dessa maneira, quando outras formas estão bloqueadas pela perversão humana. Deus retifica as veredas tortuosas, bem como aqueles que por elas caminham.

Portanto, que o leitor pense nisso! Há temor durante a noite; há sofrimento no escuro, mas ao amanhecer ergue-se um grito de alegria! O choro nos acompanha durante a noite, porém ao alvorecer surge o júbilo, para morar conosco de forma permanente. Assim opera a tempestade da ira de Deus. E quando o resultado é a bondade, então a tempestade cessa, porque seu trabalho já está feito.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação,* onde examino esses conceitos. Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração,* onde desenvolvo ainda mais os temas. Este versículo, naturalmente, não ensina tais complexas doutrinas, embora nos forneça um *princípio* de tais atos de Deus, os quais ampliei ao cristianizar o versículo.

A *tristeza* é como um viajante que vem alojar-se na companhia de um homem apenas por uma noite. Pela manhã, quando a luz do Senhor brilha e dispersa as trevas, o viajante-tristeza parte e o homem clama de alegria.

30.6

Quanto a mim, dizia eu na minha prosperidade. *O homem bom foi salvo de sua enfermidade* e prosperou material e espiritualmente. Cheio de confiança, o homem exclamou: "Coisa alguma poderá abalar-me!". Ele tinha encontrado estabilidade e forças no nascer do sol do Senhor. Ao menos pelo momento ele estava fora do alcance da adversidade e fora de seu poder atrasador para sempre. Cf. Sal. 10.6, onde temos algo similar e notas expositivas apropriadas ao conceito.

O poeta sacro havia sofrido sua enfermidade física, a qual tinha perturbado a sua mente. Ele estava coberto de ansiedades. Não queria morrer. Havia coisas pelas quais ainda viveria. Portanto, Deus ouviu seu clamor insistente e livrou-o de todos os seus temores. O salmista clamou de alegria no Novo Dia e disse: "Sou poderoso no Senhor. Quem pode fazer-me o mal? Quem me pode deixar abalado?".

Que comunhão, que alegria divina,
Apoiado nos braços sempiternos;
Que bênção, que paz é a minha,
Apoiado nos braços sempiternos.

Apoiado em Jesus, apoiado em Jesus,
Seguro e a salvo de todos os alarmas.
Apoiado em Jesus, apoiado em Jesus,
Apoiado nos braços sempiternos.

(E. A. Hoffman)

Meus amigos, sou incapaz de resistir à tentação de contar uma história que conheço, e que já contei antes, *em algum ponto* nos primeiros livros do Antigo Testamento:

Era um dia de verão, em 1949, em Salt Lake City, minha cidade natal nos EUA. Meu irmão, Darrell, tinha-se formado no colegiale estava de partida para receber seu treinamento teológico, em Los Angeles. Meu pai trabalhava na Union Pacific Railroad e por isso tinha um passe (passagem gratuita) que deu ao filho para que fizesse a viagem de trem. Minha família acompanhou-o até a estação ferroviária. Reunimo-nos ao redor de Darrell, esperando pela chamada "Todos a bordo!", que o levaria para longe de casa pela primeira vez em sua vida. Enquanto aguardávamos por esse brado, de súbito o cântico de um hino reboou pelo vasto salão da estação de trens. As palavras chegaram até os nossos ouvidos:

Que comunhão, que alegria divina,
Apoiado nos braços sempiternos...

Curioso para saber quem enchia aquele lugar com louvores e orações, meu irmão dirigiu-se ao círculo de pessoas que cantavam o hino. Eram diversas famílias mórmons despedindo-se dos filhos que estavam viajando para Los Angeles, a fim de cumprir suas missões. Nós também estávamos ali, dizendo adeus a nosso filho e irmão amado. Louvores eram elevados ao mesmo Deus, tenho a fé de acreditar.

Anos mais tarde, depois que meu irmão já estivera no Congo (atualmente Zaire) por muitos anos, trabalhando como missionário evangélico, houve uma rebelião e o país obteve a sua independência. Pessoas da raça branca estavam sendo mortas, e meu irmão e sua família atravessavam profunda tribulação. Igrejas mórmons organizaram reuniões de oração em favor dele e pediram que Deus o fizesse retornar em segurança a Salt Lake City. Sofremos vários dias de extrema ansiedade e temores, e todos continuávamos a orar. Então, certa manhã, houve um telefonema vindo de Nova Iorque. Era meu irmão. Todos os seus familiares, exceto uma cunhada, tinham escapado. Eles estavam seguros, Um grito de alegria prorrompeu pela manhã! Mas a cunhada dele fora morta. Deve ter chegado a hora dela. Dentro de poucos dias, meu irmão estava seguro em nossa cidade natal. Mais tarde ele voltou ao campo missionário, porém dessa vez o destino era o Suriname. Atualmente ele mantém contato com o Zaire, visto que é representante estrangeiro da missão.

Esses incidentes (e outros semelhantes) têm-me feito um homem mais tolerante. O ódio teológico é algo terrível. Todas as denominações cristãs têm pontos bons e maus, incluindo as denominações evangélicas. A espiritualidade, algumas vezes, encontra-se onde menos a esperamos e, de outras vezes, não a encontramos onde esperávamos encontrar.

30.7

Tu, Senhor, por teu favor. O favor de Yahweh tinha feito aquele homem quase morto recuperar-se, tornando-se uma montanha alta e firme. Naquele momento crítico de sua vida, *Elohim* (o *Poder*) não ocultou dele o rosto. Suas orações não foram lançadas fora, como se fossem palhas lançadas ao vento. Antes, foram ouvidas e *respondidas.* Houve aquele grito de alegria ao amanhecer. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O pobre homem enfermo *quase desmaiou.* Ele não sabia se suas orações seriam respondidas em tempo. E então, de súbito, o poder curador perpassou pelo seu corpo, e ele ficou livre de seus temores. Os homens espirituais conhecem essas coisas.

Alguns estudiosos fazem os vss. 6 e 7 referir-se ao estado do homem *antes* de sua enfermidade. Ele então prosperava e era firme como um monte. Então apareceu a tribulação que o deixou desanimado. Todavia, ele clamou a Yahweh-Elohim, e suas orações foram respondidas. Dessa forma sua prosperidade foi *restaurada,* e ele se tornou então aquela montanha alta e forte que nenhum terremoto poderia abalar.

30.8

Por ti, Senhor, clamei. O salmista fizera uma súplica em choro copioso, a qual Yahweh, elevado em Seu céu, ouviu. Assim sendo, acima da tempestade, até a mais tranqüila oração pode ser ouvida, creio eu. "Antes de sua enfermidade, ele se sentia perfeitamente seguro (vss. 6 e 7); e quando a enfermidade apareceu, ele se voltou para Deus em oração (vss. 8-10), e Deus lhe respondeu (vss. 11 e 12)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre o vs. 6).

O homem enfermo orou "... da maneira mais humilde, apelando para a graça e a misericórdia divina, para que Deus, uma vez mais, mostrasse Sua face e Seu favor" (John Gill, *in loc.*).

30.9

Que proveito obterás no meu sangue...? Isto é, *em minha morte,* uma alusão ao sangue derramado que produz a morte. Embora o poeta sagrado não tivesse o sangue vertido por parte de algum inimigo, sua morte naquele leito miserável seria tão eficaz como se seu sangue tivesse sido derramado. Uma vez morto, o salmista não se levantaria para louvar a Deus, pelo que qual seria o *proveito tirado por* Yahweh? "*Sangue é aqui equivalente à morte violenta (quanto* ao seu significado, ver Jó 16.18). Para a mentalidade dos antigos, um deus sem ninguém que o louvasse era uma divindade extinta" (William R. Taylor, *in loc.*). "Se Deus quisesse receber louvores do salmista, teria de preservá-lo do sepulcro (ver Isa. 38.18)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O poeta sacro não levantou a esperança de uma pós-vida para além da morte biológica, o que, evidentemente, não fazia parte da teologia dos hebreus.

Existem alguns versículos, nos Salmos e nos Profetas, que falam sobre tal vida, mas a maior porção dessa doutrina veio à tona nos livros pseudepígrafos e apócrifos, e fazia parte, desde há muito, das religiões orientais e da filosofia grega. E então o Novo Testamento deu-lhe ainda maior desenvolvimento. Não devemos cristianizar este versículo, fazendo-o ensinar algo que ele não ensina. O ponto de vista do autor era que, quando um corpo humano se transforma em pó, esse é o fim dos louvores dados a Deus. Nenhum ser humano, se já foi transformado em pó, pode falar sobre a *fidelidade de Deus*. O *sepulcro* não conta nenhuma história. Ver as notas expositivas sobre Sal. 28.1, quanto à *cova*. No vs. 3, essa palavra aparece como um paralelo de *seol*. Ver ali quanto a essas idéias.

> *Pois na morte não há recordação de ti; no sepulcro quem te dará louvor?*
>
> (Salmo 6.5)

Ver a exposição sobre Sal. 6.5, onde ofereço uma explicação mais completa sobre o que fica apenas implícito neste versículo.

30.10

Ouve, Senhor, e tem compaixão de mim. *O clamor feito a Yahweh* visava receber graça e misericórdia, porquanto usualmente não merecemos aquilo que pedimos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Graça*; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misericórdia*. "Eu te declararei a verdade; e contarei a todos os homens que Senhor misericordioso e gracioso encontrei" (Adam Clarke, *in loc.*). Yahweh seria o *ajudador* do salmista, por causa de Sua misericórdia. "... naquele tempo de tribulações, quando ele sabia que seria vão buscar a ajuda dos homens, e era inteiramente seu direito buscar o Senhor, o qual era *capaz* de ajudá-lo, quando ninguém mais poderia fazê-lo" (John Gill, *in loc.*).

30.11,12

Converteste o meu pranto em folguedos. Este salmo começa e termina com *ação de graças*. Foi assim que o poeta pôs seu clamor por ajuda entre dois gritos de alegria. Verdadeiramente, quando obtemos alguma *grande vitória* (a qual buscávamos por longo tempo), a *exultação* preenche nosso coração. A lamentação cede lugar a um cântico feliz, e o cilício é substituído por vestes festivas. Essas não são palavras vazias, visto que os ritos festivos, realizados no templo, eram efetuados mediante a apresentação de um voto e uma promessa, e muito mais quando aquilo que buscávamos havia sido obtido. Novos votos de louvor eram então feitos. A alma continuaria a exultar no Senhor e a buscar novas vitórias. Nenhuma batalha ganha a guerra. O conflito prossegue, mas teremos obtido confiança mediante sucessos passados. Ver quanto aos cânticos em alta voz e às danças que acompanhavam os sacrifícios oferecidos no templo em Sal. 26.6,7 e 118.27,28. Como pode uma alma crente fazer silêncio, quando triunfa?

O meu espírito. Literalmente, no hebraico, temos as palavras "minha glória". O poeta sacro falava sobre o ser essencial no qual reside a glória de Deus. Essas palavras também têm sido traduzidas por *fígado*, onde os hebreus antigos encontravam a sede da razão e das emoções. Nós usamos a palavra "coração" com o mesmo sentido. O poeta sacro não se referia a uma parte imaterial de seu ser, e, sim, ao seu "eu" total (físico), o homem completo, conforme entendiam os hebreus da época. A alma imaterial e imortal veio a fazer parte da teologia dos hebreus em tempos posteriores e somente recebeu mais detalhes no ensino dos livros pseudepígrafos e apócrifos.

Ver o Contraste. A lamentação (literalmente, "bater no peito") demonstrava a atitude de desespero. Essas pancadas injuriosas no peito foram substituídas pelos movimentos graciosos da dança da alegria. A sede da dignidade e do valor do homem (a alma) proferiu palavras de louvor. Temos aqui uma excelente declaração acerca da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). O homem é uma criatura dependente, a quem falta poder. Mas *El* (o Poder) está presente, para fazer a diferença.

O homem estava doente. Ele ia morrer. Seu problema era sério e ele não encontrava solução em si mesmo. Portanto, ele orou! Firmou um voto e uma promessa. E obteve o que queria. Foi salvo da morte prematura. Ele continuou vivo e continuou a louvar a Yahweh *para sempre*. Algumas vezes temos de enfrentar problemas que são "superiores a nós". E é então que devemos deixar tudo aos cuidados de Deus, em oração.

> *Cantarei ao Senhor enquanto eu viver. Cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida.*
>
> (Salmo 104.33)

Salmo Trinta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que age como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação*. Mais de 60 dos 150 salmos da coletânea classificam assim: salmos de clamores em busca de ajuda. Os inimigos dos quais se pede libertação podem ser pessoas ou exércitos hostis que atacam Israel;ou podem ser pessoas ímpias e traiçoeiras dentro de Israel, que buscavam prejudicar o poeta sacro; ou, ainda, podem ser enfermidades que atacam o corpo. Após o grito inicial pedindo ajuda, é descrito o tipo de inimigo. E, finalmente, *ações de graças* encerram os salmos de lamentação. A vitória buscada foi obtida, ou então o autor cria que a resposta estava a caminho, e antecipou o agradecimento.

A razão para o clamor de desespero não fica clara neste salmo, mas alguma situação perigosa se havia desenvolvido e inspirara o *tríplice* clamor pedindo livramento. Isso pode indicar uma estrutura composta, em que mais de um salmo foi composto formando uma unidade, pelo que temos a seguinte situação:

1. Vss. 1-8: *Um salmo de proteção*. Cf. o Salmo 91, que pertence a essa natureza de salmo quase inteiramente. Muitos salmos contêm alguns elementos dessa classe.
2. Vss. 9-12: *Um salmo de lamentação*, provavelmente um salmo de alguém que estava fisicamente doente. Outros "salmos de enfermidade" são os de *número* 6, 22, 28 e 30.
3. Vss. 13-18: *Outro salmo de lamentação*, talvez um clamor contra homens ímpios que estavam atacando, e contra quem se fazia necessária a proteção.

Os vss. 9-12 e o Salmo 88 não terminam com um grito de triunfo ou de afirmação de fé. Terminam em um tom de desespero. Quanto a comentários sobre essa circunstância, ver as notas no vs. 12, a seguir.

Os vss. 19-24 terminam os três salmos com um elaborado hino de louvor e ação de graças. Esses versículos provavelmente são um hino de ação de graças, acompanhado por vários instrumentos musicais.

Dependência Literária. Os versículos de abertura (vss. 1 a 3) têm paralelo no Salmo 71.1-3; o vs. 8 é similar ao Salmo 18.19; o vs. 11 é parecido com o Salmo 38.11; os vss. 13-18 assemelham-se notavelmente a Jer. 20.10-12. É improvável que esses paralelismos tenham sido meramente acidentais. As palavras "faze resplandecer o teu rosto" (vs. 16) encontram-se em vários salmos (como Sal. 67.1; 80.3,7,19; 119.135) e em Núm. 6.25. Os críticos consideram pós-exílicos todos os salmos envolvidos.

Subtítulo. "Ao mestre de canto. Salmo de Davi." Editores, longo tempo depois da composição dos salmos, tentaram dizer-nos alguma coisa sobre questões como autoria, circunstâncias sobre o acompanhamento musical, ou eventos históricos que possam ter inspirado a composição. A maioria das declarações constantes dos subtítulos é apenas conjectura, mas algumas vezes acontecimentos históricos autênticos podem estar em evidência. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, mas sem dúvida alguns dos salmos de fato pertencem a ele. Davi foi o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

31.1

Em ti, Senhor, me refugio. O pobre homem clamou na esperança de ser salvo por Yahweh, alegando que também seria salvo de ficar *envergonhado* por haver confiado no Senhor, mas coisa alguma foi feita em seu favor. Ele exporia a vergonha por que Deus se mostrava indiferente. Cf. Sal. 71.1-3, que é similar à introdução do salmo presente. Cf. também Sal. 25.2,3,20, onde já vimos o tema de ser envergonhado diante dos inimigos. "Ele confiou em Deus, mas que bem isso lhe fez? Ele é apenas um coitado e um miserável." O *Deus justo* não permitiria que isso acontecesse, porque, naturalmente, salvaria um homem bom, um homem justo, alguém parecido com Ele. "A retidão de Deus torna impossível que o homem reto pereça, enquanto os injustos terminem prosperando" (Fausset, *in loc.*).

"Não me deixes ficar confundido por não receber a recompensa da minha fé, o suprimento de meus quereres e a salvação da minha alma" (Adam Clarke, *in loc.*).

Com base no Antigo Testamento, a *aceitação de um homem* estava alicerçada sobre a sua obediência à lei mosaica, o estatuto eterno (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17; 16.29). Essa lei fazia de Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8).

> *Deus meu, em ti confio, não seja eu envergonhado, nem exultem sobre mim os meus inimigos.*
>
> (Salmo 25.2)

31.2

Inclina-me os teus ouvidos. Para que o salmista não ficasse envergonhado, ele precisava de uma resposta imediata da parte de Yahweh, a *inclinação dos ouvidos* em atitude de condescendência, mostrando ser uma *rocha* de segurança, refúgio e proteção, e uma *fortaleza* onde ele poderia refugiar-se e de onde lançaria seus contra-ataques. Quanto a essas figuras, ver Sal. 18.2. Quanto a um socorro imediato, cf. Sal. 69.7; 70.1; 71.12; 79.8; 102.2; 141.1 e 143.7.

Inclina-me. Temos aqui a figura de um Pai majestático que se inclina por sobre Seu filho para falar-lhe aos ouvidos e livrá-lo de todos os temores. Simultaneamente, o Pai, com o ouvido tão próximo do filho, ouve todos os seus queixumes e temores e acalma-o, intervindo em seu favor.

> *Este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas.*
>
> (Isaías 33.16)

31.3

Porque tu és a minha rocha e a minha fortaleza. Yahweh já era para o poeta o que ele pedira em oração, "ainda mais" e eficazmente, naquela hora de crise, isto é, sua *rocha* e *fortaleza*. O *nome* de Yahweh seria honrado por Seus cuidados para com Seus filhos, e isso incluiria orientação e direção específica para que eles pudessem atravessar a noite da tempestade e de pressões e ser conduzidos à luz de um *novo dia*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Nessa *orientação* encontramos a metáfora do Pastor (ver o Salmo 23) ou talvez a metáfora do Capitão do Exército, o Senhor dos Exércitos, que conheceria os estratagemas corretos para obter sucesso na batalha.

> *Conduz-me, Luz Gentil, dentre a negra escuridão,*
> *Conduz-me à frente.*
> *A noite está escura e longe de casa estou;*
> *Conduz-me à frente.*
> *Mantém os meus pés — não peço para ver*
> *A distante cena;*
> *Um passo apenas, o bastante para mim.*
>
> (John H. Newman)

Quanto ao *nome*, ver também Sal. 5.11; 7.17; 8.1,9; 9.2,5; 18.49; 20.1,5,7; 22.22; 29.2; 33.21; 34.3; 44.20; 48.10; 54.1; 61.5; 63.4; 69.30; 72.17; 75.1; 91.14; 96.2; 99.3; 100.4; 102.15; 119.55; 140.13; 145.1; 148.5 e 149.3. O *nome* representa a *Pessoa* de Yahweh, o Ser divino, o Poder (El, Elohim). Seu povo *identifica-se* com Seu Nome, em contraste com os nomes falsos das divindades intermediárias dos pagãos. Há, pois, *comunhão* com o nome, e *suprimento* para cada necessidade dos crentes.

31.4

Tirar-me-ás do laço. O poeta sacro estava na *rede do caçador*, como um animal impotente da floresta, ou como um pássaro do ar apanhado na arapuca. A presa morreria se ficasse ali por longo tempo, o que explica a *urgência* da oração pedindo livramento. Cf. Sal. 10.9 e Isa. 51.20. A metáfora do caçador é comum nos salmos. O caçador pretende matar ou aprisionar. Nisso que consistem as suas atividades. Somos, assim sendo, lembrados das *astúcias* de um inimigo implacável. Não podemos determinar, contudo, se esse inimigo é um dos assaltantes "estrangeiros" de Israel, as nações pagãs em geral, ou se o salmista tinha inimigos pessoais "dentro do acampamento" da própria nação. Seja como for, a ameaça era potencialmente fatal. Ver os comentários sobre os *oito* povos inimigos que Davi derrotou, em II Sam. 10.19. Ver também o vs. 6, a seguir, que parece apontar para inimigos estrangeiros.

31.5

Nas tuas mãos entrego o meu espírito. Não tendo para onde virar-se, tendo chegado ao fim de suas próprias forças, e não tendo aplicado sua própria inteligência, o poeta voltou-se, em desespero, a Yahweh, buscando solução para o problema. Por conseguinte, o salmista entregou o seu *espírito* aos cuidados de Yahweh, pois era isso que estava sendo ameaçado. O poeta sagrado não considerava a possibilidade de um pós-vida, no qual seu espírito imaterial sobreviveria à morte física, como se ele soubesse que o inimigo teria sucesso no nível material, e então seu espírito ascenderia para Deus, no céu. Talvez o poeta acreditasse nessas coisas, mas não foi isso que ele quis dizer aqui. Espírito-respiração-vitalidade-vida-existência foram entregues a Yahweh.

A outorga que aqui vemos foi reverberada em Luc. 23.46, e essas palavras têm sido proferidas, na ocasião da morte, por uma longa linha de mártires e heróis cristãos, como Policarpo, Bernardo, Huss, Henrique V, Jerônimo de Praga, Lutero, Melanchthon e incontáveis outras pessoas famosas, além daquelas que passaram desconhecidas por esta vida. Naturalmente, a inspiração para essa declaração foi dada por Jesus, conforme nos mostra o texto de Lucas.

Senhor, Deus da verdade. Cf. II Crô. 15.3. Ali e aqui, Yahweh é contrastado com os deuses falsos da idolatria pagã, na qual não há nem vida nem verdade. Ver também Deu. 32.4. Naturalmente, Deus é também a origem de toda a verdade. "A glória de Deus é a inteligência" (Joseph Smith). Sua verdade reflete em todas as mentes e em todas as almas. Ele é um Deus distintivo, o único Poder divino, o *Redentor*, porquanto salva da destruição tanto o corpo quanto a alma.

> *E apedrejavam a Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus! recebe o meu espírito!*
>
> (Atos 7.59)

31.6

Aborreces os que adoram ídolos vãos. O poeta sagrado *odiava* os seus inimigos, aqueles que procuravam tirar-lhe a vida. Em contraste com isso, ele punha a sua confiança no Senhor da verdade. Seus inimigos eram mentirosos que lhe armavam armadilhas, com o intuito de matá-lo. O Senhor era o Yahweh-Elohim da verdade (vs. 5), ou seja, Ele reconheceria a justiça de sua causa e agiria em conformidade com esse conhecimento. Jesus ordenou que *amássemos os nossos inimigos* (ver Mat. 5.44), mas isso estava acima das forças do poeta sacro, e está acima de nossas forças. Há um manuscrito hebraico, a versão grega, a versão siríaca e Jerônimo que dizem que é Yahweh quem odeia, e a Revised Standard Version prefere essa variante, que é a mesma de algumas versões portuguesas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Manuscritos do Antigo Testamento*. Algumas vezes, especialmente a Septuaginta preserva um texto melhor que o do texto massorético padronizado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Certas vezes as versões são apoiadas pelos rolos hebraicos (manuscritos) do Mar Morto, que têm um texto mais antigo do que o da Massorah padronizada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*.

Ídolos vãos. Esta é uma interpretação, sem dúvida correta, da frase que significa *vaidades mentirosas*. Cf. Jer. 8.19. O hebraico diz literalmente "hálito de mentiras" (cf. Jon. 2.8). Incluir idolatria pagã no salmo, neste ponto, aponta para *inimigos estrangeiros* que ameaçavam a vida do poeta. Tais pessoas idólatras eram "odiadas" pelo poeta ou por Yahweh.

31.7

Eu me alegrarei e regozijarei na tua benignidade. Os *salmos de lamentação* encerram-se, tipicamente, com uma nota de confiança e de louvor, ou porque o clamor de livramento foi ouvido e o homem foi libertado de suas tribulações, ou porque ele esperava ficar livre em breve, tendo sua fé fortalecida. Portanto, os vss. 7 e 8 provêem a nota de agradecimento do *primeiro salmo* (vss. 1-8). Seguem-se outros salmos de natureza similar (vss. 9-12 e 13-18). Um hino elaborado de louvor termina então a *trilogia*, que provavelmente foi reunida por um editor subseqüente que uniu três composições distintas. Ver os vss. 19-24.

O poeta sagrado confiou na *misericórdia* do Deus poderoso, que podia fazer coisas que se transformassem o bem, pelo que já sentia alegre e começava a regozijar-se, enquanto esperava por seu livramento certo. Note o leitor o tempo verbal futuro. O salmista regozijava-se em seu livramento *antecipado*.

Misericórdia aparece como *amor constante*, na Revised Standard Version. Essa qualidade do ser divino livra o homem bom de seus temores e tribulações. Yahweh "prestara atenção" aos sofrimentos do homem e o libertara. A *alma* do homem *era conhecida* nas adversidades (conforme a King James Version traduz essa frase). Essa tradução nos dá a idéia do amor permanente de Deus por um homem que o levara a agir. O hebraico, a Septuaginta, as versões etíope e árabe e a Vulgata Latina dizem que Yahweh *conhecia a alma*, enquanto as versões caldaica e siríaca dizem que Deus *conhecia as adversidades da alma*. As traduções modernas dividem-se entre os dois sentidos.

31.8

E não me entregaste nas mãos do inimigo. Yahweh não *entregou* o homem nas mãos dos inimigos (Revised Standard Version). Ele não *o aprisionou* como um cativo na rede de um caçador (King James Version). Antes, a mão divina pôs o pobre homem em um *lugar espaçoso*. Essa metáfora é de origem militar. Em um lugar espaçoso, um homem tem a oportunidade de escapar de seus atacantes, mas em um lugar restrito certamente perecerá. Cf. Sal. 18.19:

Trouxe-me para um lugar espaçoso; livrou-me, porque ele se agradou de mim.

Cf. também Sal. 4.1, que diz algo similar, e onde ofereço comentários que também se aplicam aqui.

Lições Espirituais. O pecador é preso na rede de Satanás; fica enredado em um lugar estreito, escravizado aos vícios. Deus livra esse homem e o coloca em um lugar espaçoso de liberdade e livramento. Os vícios e o pecado são inimigos da alma. O livramento é um dos aspectos da salvação.

Outro Salmo de Lamentação (31.9-12)

Algum *editor subseqüente* reuniu três salmos e fez deles uma unidade. Por isso temos os vss. 1-8, vss. 9-12 e vss. 13-18. E, finalmente, os vss. 19-24 são um hino triunfante de louvor, que provavelmente era um término litúrgico (generalizado) da trilogia.

Os salmos de lamentação tipicamente terminam com uma nota de louvor e ação de graças. As exceções são os vss. 9-12 e o Salmo 88. Quanto a comentários sobre essa circunstância, ver as notas do vs. 12, a seguir.

Aqui o inimigo é uma *doença* do corpo potencialmente *fatal.* Quanto aos "salmos de enfermidades", cf. os Salmos 6, 22, 28 e 30. Eles formam um pequeno grupo dentro do grupo maior de 60 salmos de lamentação entre os 150 que compõem o saltério. Quanto às dezessete classificações dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea.

31.9

Compadece-te de mim, Senhor. *O pobre homem estivera enfermo* por longo tempo e chegara ao fim de seus recursos. Ele clamou por misericórdia, pois somente uma intervenção divina poderia por fim às suas agonias. Sem Deus, ele certamente morreria. O homem estava em uma "tribulação" com a qual não sabia lidar. Ele não encontrava solução ou remédio. Sua vida (alma) estava sendo consumida, e todo o seu corpo fora apanhado pelo mal. Os hebreus não tinham nenhum respeito pelos médicos. Dependiam somente da intervenção de Deus.

Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades;
quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime
a tua vida.

(Salmo 103.3,4)

Os médicos antigos, além da medicina natural, à base de ervas, com freqüência usavam encantamentos e artes mágicas. Mas, ainda que assim não fizessem, a antiga mentalidade dos hebreus via falta de fé em buscar cura de qualquer origem, que não o Ser divino. A atitude geral deles era que a enfermidade vinha sobre um homem por causa de seus pecados, isto é, por causa da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Tentar reverter o julgamento divino por meio de medicamentos era um grande pecado em si mesmo, o que só aumentava o estoque de infrações.

Algumas pessoas, até hoje, continuam pensando que honram a Deus retendo essa atitude e preferem permanecer enfermas a receber uma cura natural. Mas essa atitude está errada. Em *primeiro lugar,* porque existem enfermidades que procedem de fontes naturais, e até do caos, que nada têm que ver com a lei da colheita segundo a semeadura. Em *segundo lugar,* Deus pode curar e realmente cura através de meios naturais. Não precisamos de uma intervenção divina em todas as curas, ou mesmo para a maioria delas. Antes, *algumas vezes* precisamos de *intervenção,* e *esse* é o caminho certo a seguir. Em *terceiro* lugar, há enigmas no tocante a Deus e às ações divinas. Nunca devemos colocar uma cerca em redor de Deus e dizer que Ele "tem de fazer isto" de uma maneira específica. Visto que existem enigmas, estamos livres para tentar quaisquer meios de cura que, obviamente, não envolvam o mal, e não devemos atribuir ao mal modos de curas que não compreendemos. As *experiências* são permitidas enquanto a nossa *consciência* disser: "Está tudo certo". Cada homem deve considerar a própria consciência, mas, se meios naturais estiverem sendo empregados, então poderemos avançar. Não pode haver mal nenhum nisso.

De tristeza os meus olhos se consomem. "Cf. Sal. 6.7. Era uma antiga idéia de que os olhos podiam consumir-se" (Ellicott, *in loc.*). Há em inglês uma moderna expressão idiomática que diz: "I cry my eyes out", que fala de tristeza excessiva.

O meu corpo. Literalmente, "meu ventre", que representa aqui todo o corpo. Mas devemos estar alertas para a grande possibilidade de que a enfermidade exercera especial efeito sobre o abdome do salmista. "Talvez ele não pudesse comer alimentos ou digeri-los, o que produzia desordens internas piores..." (John Gill, *in loc.*).

31.10

Gasta-se a minha vida na tristeza. O pobre homem culpou os seus pecados como a causa da enfermidade, a atitude comum dos hebreus, comentada no vs. 9. O presente versículo mostra-nos que a enfermidade era crônica e estava piorando, e trazia com ela ameaça à própria vida. A enfermidade tinha atingido literal ou figuradamente toda a estrutura do esqueleto. Se isso acontecia metaforicamente, então o esqueleto representa todo o corpo físico, porquanto o esqueleto reúne e apóia o todo. Cf. Sal. 6.2, onde dou outros comentários sobre a questão dos *ossos.* Se o que dá apoio ao corpo for afetado, então o resto logo sucumbirá. Ou, então, se o todo estiver falhando, os ossos poderão provocar "falha total" dos poderes do corpo e de suas funções. A força do homem estava "falhando", e ele enfrentava a *morte prematura,* algo que os hebreus temiam grandemente. Parte desse temor devia-se ao fato de que os antigos hebreus, até o tempo dos Salmos e dos Profetas, não tinham idéia clara da vida para além do sepulcro, e sofrer um *fim prematuro* era uma coisa realmente triste. Ver sobre a questão no *Dicionário,* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo chamado *Imortalidade.*

31.11

Tornei-me opróbrio para todos os meus adversários. Se um homem sofria por causa de seus pecados, então ele estava sob *maldição divina,* de acordo com a mentalidade dos hebreus. Ao ver sua sorte, outras pessoas o evitariam, ou mesmo se tornariam *hostis* a ele, pois, de outro modo, também poderiam ser feridas por terem tido contato com o "homem mau". Vemos isso agudamente ilustrado no livro de Jó, personagem bíblica que foi criticada, ridicularizada e abandonada, até por parte de seus melhores amigos. Eles se tornaram seus "consoladores molestos" (ver Jó 16.1).

O pobre homem deste salmo tinha alguma espécie de enfermidade nojenta que repelia outras pessoas. Algumas enfermidades têm um tremendo mau cheiro, e muitas têm uma aparência terrível, e as pessoas evitam esses doentes de todas as maneiras. Os que se aproximassem do homem chegavam a "temê-lo". As pessoas fugiam quando ele aparecia em público.

"... eles fugiam, como se houvesse algo muito pestilento e infeccioso nele" (John Gill, *in loc.*).

Fogem de mim. O hebraico original diz literalmente, "esvoaçaram de mim", como se fossem pássaros assustados.

31.12

Estou esquecido no coração deles. *O Homem Esquecido.* Este salmo, contrariamente aos outros salmos de lamentação (exceto o Salmo 88), não conta com uma declaração final de confiança e triunfo. Refiro-me aos vss. 9-12, que, presumivelmente, foram um dos três salmos reunidos nesta trilogia unificada (vss. 1-8; 9-12 e 13-18). Naturalmente, o editor que os reuniu, formando uma unidade, pode ter considerado que o hino de triunfo subseqüente (vss. 19-24) se aplicava aos três salmos formadores. Mas parece que dois desses salmos de lamentação terminam com um tom de desespero. O clamor pedindo livramento foi proferido com ansiedade, mas nada aconteceu. O homem morreu. Meus amigos, assim é a vida. Algumas vezes, até as orações anelantes de um grupo de pessoas não produz efeito, e a oração em grupo é mais poderosa do que a oração individual. Quando a oração falha, costumamos perguntar: "Por quê?". Temos de olhar para além do sepulcro a fim de esperar na imortalidade. Temos de crer num *novo dia,* e confiar em Deus. É como diz certo hino:

Tentado e testado, por muitas vezes perguntamos
Por que as coisas deveriam ser assim o dia inteiro;
Quando existem outros que vivem ao nosso derredor,
Sem qualquer preocupação, embora estejam errados.

Algumas vezes, somos obrigados a depender da fé, sem nenhuma evidência de que existe algo "melhor" esperando por nós.

Minha alma, por que estás tão desconsolada por dentro,
Saqueada, magoada pelo dilúvio e pelo ruído do mundo?
A esperança de hoje está perdida, ou menos do que a de
anos passados,
Espezinhada e apequenada por essas lágrimas
não-derramadas?
Há esperança lá adiante, uma sublime altura dominante,
Ou, pelo menos, é isso que tenho ouvido. É uma grande
verdade, dizem eles.
Mas a fé jaz morta, com olhos bem fechados.
Uma grande verdade, dizem eles, aquela esperança lá
adiante.

A fé cega a nada responde,
E, no entanto, é verdade, seja como for.

(Russell Champlin)

Ensina-me a suportar as lutas da alma;
A resistir à dúvida que ressurge, o suspiro rebelde;
Ensina-me a paciência da oração não-respondida.

(George Croly)

Estou esquecido... como morto. É surpreendente o quanto os mortos são logo esquecidos. Quantos de nós conhecem ao menos os nomes de nossos avós? Geralmente caminhamos por um cemitério de sepulcros abandonados. Ninguém sabe quem está ali sepultado, e ninguém se importa. O poeta sagrado já estava cheirando mal da morte, e ninguém se importava com a sua alma. Ele não era mais útil a ninguém. Era como um vaso partido. Servira seu tempo e morreria uma morte prematura. Sem embargo, cada pessoa é preservada na mente de Deus. Coisa alguma se perde. Todos estão seguros. Precisamos ter fé para acreditar naquela *esperança mais além,* que é uma grande verdade, *segundo dizemos,* e, na hora da crise, é preciso *acreditar.*

Não posso ver para além do dia de hoje;
Mas em Ti, Senhor, confio em todo o caminho;
Tu és o meu guia perenemente infalível,
E me provês forças suficientes.

(Emily Beach Hogan)

Oh! podemos ainda confiar
...
Que nada caminha sem alvo.
Que nenhuma única vida será destruída,
Ou lançada como refugo no vazio,
Quando Deus completar a pilha.

(Alfred Lord Tennyson)

Ver o artigo sobre o *Problema do Mal,* no *Dicionário.* Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem?

Terceiro Salmo da Trilogia que Compõe o Salmo 31 — Salmo de Lamentação Acerca de inimigos Sussurradores (31.13-18)

O poeta sagrado foi *vítima* de uma campanha de sussurros por parte daqueles que se tinham tornado seus inimigos, "dentro do acampamento de Israel". Esses tomavam mal conselho com o intuito de matá-lo, ou seja, de efetuar uma "execução privada", uma sentença baixada por um tribunal que o sujeitaria à morte judicial. Este salmo de lamentação — dos quais há mais de 60 na coletânea de 150 salmos, começa com um grito pedindo ajuda; continua descrevendo o perigo que o salmista enfrentava, quer se tratasse de inimigos estrangeiros, quer de inimigos dentro do acampamento de Israel, quer de alguma enfermidade física. E então termina, muito tipicamente, com um grito de triunfo e fé de que a oração fora respondida, ou de que em breve o seria. Somente o Salmo 31.9-12 e 88 terminam com um tom de desespero.

31.13

Pois tenho ouvido a murmuração de muitos. O salmista estava sendo assediado por assassinos. Eles tinham iniciado uma campanha de sussurros contra ele e tentavam convencer juízes e magistrados a cooperar com o seu diabólico conselho. Promoviam a *pena capital* contra ele. Não sabemos no que consistiam as acusações, mas o poeta sagrado assegura-nos sua inocência. Talvez ele tivesse ofendido os ricos e poderosos e estivesse barrando as atividades exploradoras de seus adversários contra outras pessoas. Talvez o poeta sacro fosse um rival político. Cf. Jer. 20.10, que é trecho bastante similar a este. A expressão "temor por todos os lados" era tão comum para o profeta Jeremias, que praticamente se tornou um lema. Ver Jer. 6.25; 20.3 (margem); 46.5; 49.29 e cf. Lam. 2.22. O *terror* era uma *conspiração.* O trecho paralelo de Jer. 18.18 ss., até o fim do capítulo 19, com a presente parte do Salmo 31, tem levado alguns eruditos a supor que Jeremias tenha sido o homem perseguido neste salmo, mas não há como confirmar tal suposição.

31.14

Quanto a mim confio em ti, Senhor. O poeta não tinha recursos para combater seus implacáveis inimigos, pelo que apelou para a *confiança* em Deus. Quanto a como essa palavra é usada nos salmos, ver notas expositivas em Sal. 2.12. O homem teve de depender do poder de Deus, quando todos os outros recursos haviam falhado.

Quando outros ajudadores e consolos falham,
Ajuda dos desamparados, fica comigo!

(H. F. Lyte)

Naquele ponto da vida do salmista, quando poderia ter sofrido a tão temida *morte prematura,* ele levantou o seu *Ebenezer,* porquanto até ali o Senhor o havia ajudado. "Nada existe de mais difícil do que, quando vemos nossa fé desprezada pelo mundo inteiro, dirigir nossa linguagem exclusivamente a Deus, afirmando com clara consciência que Ele é o nosso Deus" (Calvino). Deus está no controle das coisas. E se o calvinismo exagera isso à expensa do livre-arbítrio (o que também é uma verdade), havia muita verdade na antiga declaração: "Um calvinista jamais é um covarde". O grupo de pessoas que se reuniu contra o poeta sagrado compunha-se de "bons odiadores", e, infelizmente, até mesmo crentes se têm qualificado a esse título, incluindo os calvinistas. Contudo, esquecendo-nos dos fracassos pelo momento, é claro que a fé na soberania de Deus era a esperança do poeta naquela hora. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.*

31.15

Nas tuas mãos estão os meus dias. Esta pequena declaração tornou-se uma das melhores e mais citadas afirmações dos salmos. Tem sido corretamente usada para expor como a duração da vida de uma pessoa é determinada e garantida pelo decreto divino. Todavia, isso não explica *por que* tanta gente (aparentemente sem causa) se vê sujeitada a uma morte prematura. Consideremos o caso de uma menina de 9 anos de idade que teve sua festa de aniversário em um dia, para, no dia seguinte, ser atropelada por um caminhão e morrer. Perguntaríamos por que Deus estava com tanta pressa. Além disso, como é natural, também devemos levar em conta o *caos,* um dos princípios que também operam neste mundo e contra o qual devemos orar todos os dias. Ter *nossos dias nas mãos de Deus* também subentende que *todos os eventos* são controlados, dia após dia, e não meramente por ocasião de nossa morte. A palavra "dias" é uma tradução do termo hebraico envolvido. Outras traduções dizem "tempos" ou "sorte" (cf. Isa. 33.6). Alguns estudiosos pensam estar em vista *um tempo,* ou seja, o dia do julgamento de um indivíduo, quando sua sorte seria decidida pelo júri, que poderia libertá-lo ou enviá-lo ao patíbulo, a fim de ser executado. Cf. Ecl. 8.5 e Jó 24.1. *Naquele dia,* o salmista necessitava do poder de Deus para dirigir a mente dos juízes.

Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem
daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados
segundo o seu propósito.

(Romanos 8.28)

Esse versículo fala da vida física e de suas vicissitudes, mas também trata da questão da salvação. Existe a chamada para a vida eterna, que figura entre as coisas contempladas neste versículo. Todas as coisas cooperam juntamente *para isso,* e não somente para o bem-estar diário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

Os tempos de Jesus eram controlados pela providência divina, razão pela qual está escrito, em João 7.30: "Ainda não era chegada a sua hora". Ver João 2.4; 7.6,8,30; 8.30 e I Reis 8.59, quanto a outros versículos ilustrativos. Ver também I Crô. 29.30 e Isa. 33.6.

Livra-me. O poeta sagrado queria ser livrado das mãos de seus inimigos, porquanto a ordenança de Deus controlava o seu destino. Seus *tempos* não estavam nas mãos dos inimigos, o que explica a sua confiança na oração. A mente dos juízes seria guiada pelo Espírito de Deus. E eles perceberiam a falácia das acusações feitas contra o homem bom.

31.16

Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo. Cf. Sal 67.1; 80.3,7; 119.135. Aproximava-se o dia do julgamento do salmista, e este sofria grande ansiedade. Seus inimigos enevoavam a questão e arquitetavam o caso contra ele, provavelmente incluindo falsas testemunhas. Se a Luz Divina não rebrilhasse, o pobre homem perderia o caso e, subseqüentemente, a própria vida. Por conseguinte, ele convocou Deus a mostrar Seu rosto e iluminar o dia do julgamento. Como é natural, este versículo tem uma aplicação universal. Todos os dias precisamos da luz divina e, algumas vezes, *realmente* precisamos dela. A *luz* de Deus significa o Seu *favor;* significa iluminação espiritual; significa orientação na vereda que se torna tão escura e confusa que nem sabemos para onde dar o passo seguinte. O poeta era um *servo* de Deus, pelo que seu clamor pedindo luz certamente seria ouvido. Deus não o abandonaria.

O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti. O Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz.

(Números 6.25,26)

Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem? Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto.

(Salmo 4.6)

Quando *outro ser humano* nos saúda com um rosto brilhante e alegre, ele ganha a nossa confiança. E nós temos certeza de que coisas boas acontecerão. Quanto mais quando vemos a face do Senhor! Disso só pode derivar-se o bem. Em sua aflição, o poeta sagrado estava procurando encorajamento para enfrentar o seu julgamento. Assim acontece repetidas vezes com todos os homens bons.

"Um rosto sorridente é o sinal de uma *disposição favorável* para com aquele para quem rimos" (William R. Taylor, *in loc.*). Quando um homem não merece aquilo pelo que busca, mas busca com um coração honesto, a *misericórdia* divina intervém em seu favor, tal como sugere este versículo.

Conduz, Luz Gentil
Dentre a negra escuridão,
Conduz-me à frente.
A noite esta escura e longe
de casa estou.
Conduz-me à frente.

(John H. Newman)

31.17

Não seja eu envergonhado, Senhor. Se o *servo de Deus* não recebesse aquilo que estava pedindo, seria envergonhado na presença de seus adversários. Eles diriam: "Aquele tolo confiou em Deus e orou com tanto empenho. Mas coisa alguma resultou. Não admira, pois ele é apenas um tolo. A maldição de Deus está sobre ele, e a nossa maldição também". Já encontramos este sentimento em ocasiões anteriores: um homem bom é envergonhado perante seus inimigos porque Deus deixou de responder às suas orações. Cf. Sal. 25.3 e 34.5. Os ímpios que planejam fazer o mal contra o homem bom serão, eles mesmos, envergonhados, quando a perseguição sem causa revelar-se o que ela realmente é.

Emudecidos na morte. Os lábios mentirosos serão calados por meio da morte, e no mundo-do-nada (o *seol*) não proferirão uma única palavra. Nesta altura da teologia dos hebreus, o seol era ainda apenas o sepulcro. Mais tarde, tornou-se um lugar onde almas destituídas de mente esvoaçavam sem autoconsciência. E então, finalmente, o seol veio a tornar-se um lugar onde predomina a vida consciente. Só muito gradualmente passou a ser encarado como lugar dividido em *dois compartimentos*, um para os bons, e outro para os maus. Ato contínuo, no mau compartimento, a dor era sofrida como retribuição pela vida má, ao passo que, no *compartimento dos bons*, a bênção era conferida aos que agiram bem. Encontramos essa doutrina no capítulo 16 do evangelho de Lucas. Mas foi preciso um longo tempo para que todo esse desenvolvimento ocorresse. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Hades* quanto a explicações. Ofereço o mesmo artigo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver também o artigo mais breve, chamado *Seol*, no *Dicionário*.

Este versículo não antecipa nenhuma punição para os homens maus, no seol, mas tão-somente um silêncio final, porquanto eles seriam reduzidos a nada. Essa figura simbólica foi sugerida pelo fato de que os mortos eram sepultados em covas. No tocante à morte, as covas transformaram-se na *Cova*. Em outras palavras, a *cova* (a sepultura) levou à *Cova* (o seol). Ver um gráfico de ilustrações sobre o que os hebreus pensavam da cosmologia, no artigo chamado *Astronomia*, no *Dicionário*. Até hoje fala-se sobre o "submundo", mas não se mais acredita no hades como se localizado abaixo da superfície da terra. Caros leitores, algumas pessoas continuam crendo nas antigas idéias hebréias, mas atualmente sabemos muito mais do que eles sabiam.

O Novo Testamento destaca a esperança da anulação do castigo no hades, porquanto Deus ampliou Sua missão de misericórdia até aquele lugar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Descida de Cristo ao Hades*. Portanto, a missão de Cristo foi tridimensional: na terra, no hades e no céu. E até hoje ela é tridimensional. Sua missão não cessou nem jamais cessará, e Ele não negligencia lugar algum na vastíssima criação de Deus.

Portanto, aprendemos também o princípio da *instrumentalidade*. Todos os fins são instrumentos de *novos começos*. Isso quer dizer que não pode haver estagnação nas obras de Deus. Certamente é disso que falam trechos como I Ped. 4.6 e Efé. 1.9,10. Cristo deve "preencher todas as coisas", ou seja, tornar-se "tudo para todos" (ver Efé. 4.9,10).

31.18

Emudeçam os lábios mentirosos. O salmista repete aqui a esperança de que os lábios mentirosos seriam silenciados, primeiramente por ocasião de seu julgamento, e então para sempre, no seol. Os orgulhosos mentirosos teriam de parar de mentir *sobre* a terra, e também *sob* a terra.

Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a sua língua, antes enganando o próprio coração, a sua religião é vã.

(Tiago 1.26)

A verdade, esmagada na terra, levantar-se-á de novo;
Os anos eternos de Deus lhe pertencem.
Mas o erro, ferido, delira em dor,
E morre entre os seus adoradores.

(William Cullen Bryant)

A fala precipitada flui de um coração endurecido. Que lhes importa a dor infligida por suas palavras?

Que falam insolentemente. Em outras palavras, os adversários do salmista falavam com arrogância, sem pesar o que diziam, com veneno de áspides sob os lábios. Cf. I Sam. 2.3; Sal. 75.5 e 94.4.

Vinde, e forjemos projetos contra Jeremias; porquanto não há de faltar a lei ao sacerdote, nem o conselho ao sábio, nem a palavra ao profeta; vinde, firamo-lo com a língua, e não atendamos a nenhuma das suas palavras.

(Jeremias 18.18)

Cf. Judas 14, que diz algo similar.

Ação de Graças e Louvor pela Oração Respondida (31.19-24)

O Salmo 31 combina *três salmos:* vss. 1-8; vss. 9-12 e vss. 13-18. A essa trilogia acrescentou-se um hino de louvor e ação de graças. É possível que essa porção do Salmo 31 fizesse originalmente parte de uma composição que visava a utilização do salmo em propósitos litúrgicos. Por isso, o tríplice clamor pedindo ajuda termina em agradecimentos elaborados. Sem dúvida, o todo foi musicado e acompanhado pela execução de instrumentos musicais. Ver I Crô. 25, quanto à importância da música na adoração dos israelitas. Os levitas foram encarregados de promover o aspecto musical do culto dos hebreus, uma profissão transmitida de pai para filho, através de todas as suas gerações. Esse hino de agradecimento é um clímax gracioso para as lamentações dos salmos anteriores, injetando esperança nos quadros de desespero.

31.19

Como é grande a tua bondade. Existe aquele *tesouro de favor divino*, guardado para os que temem Yahweh. Ver sobre *Deus, Nomes Bíblicos de*, no *Dicionário;* e ver também sobre *Temor*, especialmente o primeiro ponto. O homem bom pode extrair desses tesouros a qualquer momento em que precisar de ajuda especial, incluindo os tempos de perigo em que são ameaçados a vida e o bem-estar do indivíduo. "Os vss. 19-21 são exultantemente serenos, respirando paz após o temporal. Mas um ponto deve ser especialmente observado. O poeta não fala sobre si mesmo, e, sim, sobre Deus... Tu... tu... o tempo todo. O salmista mostrava-se sereno porque, finalmente, ele estava persuadido de que Deus controlava as coisas. Seus olhos tinham visto a salvação de Deus. Por conseguinte, *bendito seja o Senhor*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"... reservado como um tesouro, guardado desde há muito e pronto a ser trazido para o serviço do povo do Senhor, de acordo com o que cada ocasião requeresse" (Fausset, *in loc.*).

Eu creio que verei a bondade do Senhor na terra dos viventes.

(Salmo 28.13)

Para com os que em ti se refugiam! Ver como a palavra *confiança* (na King James Version) é usada em Sal. 2.12. O homem que está aflito grita pedindo socorro. Ele *se refugia* (versão portuguesa) em Yahweh e descobre um tesouro ao qual pode apelar a cada nova necessidade.

31.20

No recôndito de tua presença tu os esconderás. A *proteção divina* salva a alma necessitada. A *presença de Deus* a encobre. Nenhum plano maligno poderá

prejudicá-lo. Ele está protegido no interior da Fortaleza Divina. Os conselhos dos ímpios são derrotados. O julgamento manifesta-se contra os mentirosos, e os juízes declaram inocente o homem bom. Ele está livre da lei e não será executado por meio de acusações falsas. As *línguas de iniqüidade* serão silenciadas, e o julgamento cairá sobre as falsas testemunhas.

No recôndito de tua presença. A Revised Standard Version diz aqui "na cobertura de tua presença", e a referência primária parece ser ao templo, onde a presença de Deus se manifestava de forma especial. William R. Taylor (*in loc.*) traduz o original hebraico envolvido como "na cobertura de tuas asas", o que nos faz lembrar o Salmo 91.

> *O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra*
> *do Onipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus*
> *meu, em quem confio...*
> *Cobrir-te-á com as suas penas, sob as suas asas estarás seguro.*
>
> (Salmo 91.1,4)

"Ninguém tinha acesso a um rei oriental, em seu pavilhão real, no *recesso mais interior,* salvo aqueles a quem ele quisesse admitir (cf. Est. 4.11)" (Fausset, *in loc.*).

"Tu os porás na *parte mais interior* de Tua tenda. Isso subentende que eles terão *muita comunhão e união* com Deus, e serão transformados segundo a Sua semelhança, para que tenham sua mais elevada aprovação" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Habitar dentro da Luz de Deus,*
> *Como eu habito no Teu peito.*
> *E os ímpios deixarão de perturbar.*
> *E o cansado desfrutará de descanso.*
>
> (Tennyson)

Cf. Sal. 124.1-8, onde há um hino de louvor pelo livramento concedido por Yahweh dos apertos dos inimigos, do que resulta o favor na presença de Deus.

31.21

Bendito seja o Senhor. O poeta sagrado havia sido atacado como uma cidade é *assediada* por um inimigo. Um *exército* saiu em sua busca, e homens ímpios queriam vê-lo morto. Ele não tinha nenhuma esperança em si mesmo, e assim, desesperado, lançou Seu apelo pela ajuda divina. O *bendito Yahweh* ouviu as orações e livrou o pobre homem de todos os seus males. Deus mostrou-se especialmente bondoso para com ele, ou seja, manifestou-lhe amor divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.* Usualmente, Deus nos permite usar os recursos e a inteligência de que dispomos a fim de realizar aquilo que devemos fazer. Algumas vezes, no entanto, as coisas fogem do nosso conselho, e precisamos de uma intervenção divina. Então Deus sai das sombras e realiza uma obra especial de graça e misericórdia, garantindo assim que não fracassaremos.

Alguns estudiosos vêem o vs. 21 falando de como o poeta sagrado se *refugiou* em uma cidade fortificada. Porém o mais provável é que esse versículo se refira ao salmista como quem era atacado como uma "cidade assediada". Alguns eruditos fazem o próprio Yahweh ser essa cidade, na qual o salmista se refugiou, o que faria deste versículo um paralelo do vs. 20, mas com uma mudança na metáfora, do templo para uma cidade divinamente fortificada, que atuaria como lugar seguro. Ato contínuo, a cidade torna-se a bendita cidade de Jerusalém, a qual é, em seguida, espiritualizada e cristianizada, para significar Cristo, o nosso refúgio.

> *Naquele dia se entoará este cântico na terra de Judá: Temos*
> *uma cidade forte: Deus lhe põe a salvação por muros e*
> *baluartes.*
>
> (Isaías 26.1)

31.22

Eu disse na minha pressa. Em seu temor e ansiedade de que seria eliminado de forma permanente por seus adversários (ou por meio de alguma enfermidade do corpo), o poeta sacro falou precipitadamente e lançou dúvida sobre o poder de Deus. Ele se sentiu abandonado e proferiu então o grito de *desolação:* "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Sal. 22.1). No meio de seu desespero, de súbito a luz irrompeu através das nuvens, trazendo inesperado livramento. Assim a fé foi restaurada ao homem que, temporariamente, a havia perdido.

> *Neste momento de quietude, minha alma em descanso,*
> *Levantam-se em roldão pensamentos de tarefas*
> *não-terminadas;*
> *Triunfos ainda não-obtidos, vitórias de tom espiritual,*
> *Nisso se concentra o zelo da alma, em luta renovada.*
> *Então, na inquietude, um pensamento me afeta*
> *o cérebro;*
> *E se eu deixar de existir antes de os silos*
> *estarem cheios?*
> *Então a razão de minha alma me aquieta o temor:*
> *O valor humano aqui perdido é transferido*
> *aos mundos eternos.*
>
> (Russell Champlin, meditando sobre Colossenses 4.4)

"Embora a fé estivesse muito baixa e a incredulidade prevalecesse fortemente, ele não estava tão afastado do Senhor que deixasse de orar. Embora ele não visse maneira *racional* de escapar e temesse que o Senhor não prestaria atenção, ele sabia que nada seria impossível para Ele, e, por conseguinte, continuava a esperar no Senhor, conforme fizera Jonas em uma condição parecida (ver Jon. 2.4). E tal era a graça e a bondade de Deus que Ele não desprezou a sua oração, mas lhe respondeu, ignorando a fraqueza e a incredulidade do pobre homem" (John Gill, *in loc.). Ver a lição brilhar:* As orações do homem fraco foram ouvidas, e ele se tornou forte. O homem que quase tinha perdido a fé foi ajudado. É conforme diz certo hino evangélico: "Estarei perdido, Senhor, se tirares a mão de sobre mim. Portanto, tenho fé para crer que até a mais breve oração pode ser ouvida acima do temporal". Oh, Senhor, concede-nos tal graça.

31.23

Amai o Senhor, vós todos os seus santos. *Uma experiência pessoal,* que resultou em louvor, era agora posta perante toda a comunidade. *Israel* foi convocado a ver e louvar o Deus que pode responder às orações. O salmo, sem dúvida, foi assim adaptado para adoração pública, bem como os ritos acompanhantes realizados no templo. Isto posto, tal como sucedeu a tantos outros salmos, este tornou-se parte da liturgia da comunidade judaica.

A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* está sempre em vigor. Ver sobre esse título no *Dicionário.* Mas no caso do homem bom, cujo coração está em boas relações com Deus, a misericórdia e o amor de Deus intervêm além do que o indivíduo merece. Mas os ímpios, que cortam, queimam e matam, são tratados com severidade e caem diante de toda a espécie de misérias.

"O indivíduo orgulhoso é particularmente odioso aos olhos de Deus, e até diante dos homens da razão humana, quão absurdo é ele! Orgulhoso do quê? do diabo que lhe habita o interior?" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho.* Cf. o vs. 18 deste salmo. Afinal de contas, os que falam orgulhosamente e buscam prejudicar seus semelhantes haverão de colher o que semearam.

Cf. Sal. 30.4, sobre como um salmo podia ser generalizado, de modo que toda a comunidade era chamada para entoar os louvores devidos ao Libertador.

31.24

Sede fortes, e revigore-se o vosso coração. Aos que talvez estejam prestes a desistir de esperar em Yahweh, porque suas orações não são respondidas, recomenda-se que renovem a sua fé, porquanto o Poder de Deus continua presente para curar e libertar. O poder de Deus ajuda a fortalecer nosso coração e a continuar orando. Há uma *esperança* genuína para os que continuam buscando. Deus é o Deus que intervém. Quando *precisamos* dessa intervenção, ela nos é concedida. Não podemos enxergar muito longe ao longo da estrada, e as ansiedades nos enchem a mente. Deus pode parecer-nos indiferente, mas devemos continuar orando e esperando no Senhor. Recordemos aquelas ocasiões em que Ele interveio, pelo que sabemos que essa intervenção pode repetir-se, e continuemos orando para que ela realmente ocorra.

"Agi como homens, e vosso coração será revigorado" (Adam Clarke, *in loc.*). As respostas adiadas às orações nos disciplinam; o adiamento pode ensinar-nos valiosas lições. Portanto, que o leitor tudo entregue nas mãos de Deus. Faz parte dos deveres do homem ter boa coragem. Sempre será cedo demais para desistir. E faz parte das atribuições de Deus prover os meios necessários. Então teremos união nos nossos propósitos e atos. Cf. Fil. 2.13:

> *Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar,*
> *segundo a sua boa vontade.*

Os "acontecimentos" nem sempre consistem em coisas que tomam lugar em nossa vida, coisas que fazemos e coisas que experimentamos no dia após dia. Também há aquele *acontecimento divino,* operado na alma, mediante o qual somos transformados segundo a imagem de Cristo. *Isso,* entretanto, pode ser ajudado mediante o adiamento e a provação. Precisamos tanto das chuvas como da luz do sol.

O que em mim for tenebroso, ilumina.
O que for vil, levanta e sustenta;
Para que acima desse grande argumento
Eu possa invocar a providência eterna
E justificar os caminhos de Deus entre os homens.

(John Milton)

"Confia em Deus, e não continue temendo. Que a tua própria experiência seja a vindicação Dele" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder.

(Efésios 6.10)

O Sal. 27.14 é bastante similar a este versículo, e as notas expositivas que aparecem ali são úteis para iluminar nossos pensamentos neste ponto.

"Não poderás ser malsucedido. Não temas!" (Adam Clarke, comentando Sal. 27.14).

Salmo Trinta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos Salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *ação de graças* acerca da cura do corpo físico. Na liturgia cristã, este é o segundo dos sete salmos penitenciais (6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143). Com grande freqüência é recitado ou cantado durante o período da Páscoa. Alguns estudiosos classificam este salmo como um dos salmos de *sabedoria,* porquanto mostra aos homens como agir quando estão enfermos. O leitor poderá observar no gráfico que alguns salmos figuram em mais de uma classe. Outros salmos que fornecem úteis instruções aos enfermos são os de número 6, 22, 28, 30, 31.9-12; 49 e 73.

A opinião mais comum das religiões do Oriente Próximo e Médio era a de que *todas* as enfermidades se derivavam do pecado. O livro de Jó, no entanto, mostra que essa teoria é exagerada. A enfermidade pode até mesmo ser uma disciplina espiritual, inteiramente à parte de qualquer problema de pecado. O *caos*, e não a natureza pecaminosa, também pode ser a causa de enfermidades, ou seja, estas aparecem sem nenhuma "explicação". Nosso corpo é fraco e defeituoso, e o assédio de bactérias, vírus e parasitas pode atacá-lo com grande margem de sucesso, não havendo motivo para isso exceto as desagradáveis agências de natureza defeituosa. Nosso meio ambiente é *hostil* e nos acontecem coisas que Deus nem provoca nem impede. Isso faz parte da vida, e somos apanhados na armadilha. Não obstante, podemos ser libertados pelo poder da oração, e a intervenção divina realmente se manifesta.

Este salmo é de natureza *didática;* e isso pode prover ainda outra classificação. Os Salmos 1 e 15 são outros exemplos desta classe. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* quanto a raciocínios sobre as *formas* do sofrimento humano. O autor do livro de Jó teve coragem de insurgir-se contra a opinião religiosa comum de sua época e negar que o pecado era sempre a causa das enfermidades.

Subtítulo. Declaradamente, este salmo é atribuído a Davi e chamado *masquil,* palavra hebraica que significa "instrução". As notas de introdução aos salmos são invenções de editores posteriores e não fazem parte das composições originais. Usualmente não passam de conjecturas, embora, algumas vezes, possam abrigar alguma verdade. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, certamente é um exagero. Contudo, alguns dos salmos são indubitavelmente de sua autoria, visto ter sido ele o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

O termo *masquil* encabeça treze salmos. A Septuaginta traduz esse termo hebraico como "salmo de compreensão", e alguns intérpretes chamam esses salmos de "poemas didáticos". Entretanto, alguns eruditos preferem a idéia de *habilidoso,* o que poderia referir-se a habilidade na execução de instrumentos musicais que acompanham os salmos que recebem esse subtítulo, e não à natureza dos salmos propriamente ditos.

Certos eruditos crêem que este é o salmo de adultério e assassinato de Davi (ver II Sam. 11) e associam-no ao Salmo 51. Entretanto, os críticos vêem aqui sinais de tempos posteriores e não reconhecem nenhuma experiência de Davi como causa de sua composição. William R. Taylor vê neste salmo paralelos à literatura de *sabedoria,* mais recente que os salmos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria,* seção III, quanto a comentários sobre esse tipo de composição literária.

32.1

Bem-aventurado. Uma vida saudável, juntamente com a promessa de longa vida, pois a morte prematura não fazia parte do destino da pessoa. Isto está vinculado à *prosperidade* espiritual e material. Os salmos começam com essa palavra, e em Sal. 1.1 dou notas mais completas sobre o conceito envolvido. O homem perdoado é "feliz", conforme essa palavra pode significar.

Aquele cuja iniqüidade é perdoada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdão,* onde são incluídas idéias veterotestamentárias a respeito. O arrependimento sempre foi um dos elementos do perdão; e, além disso, com base no Antigo Testamento, temos os ritos e sacrifícios considerados necessários para atrair o favor de Yahweh. Se chamamos essas coisas de *ordenanças* ou *cerimônias,* os hebreus as consideravam morais em sua natureza, visto que a mente dos israelitas não separava as leis cerimoniais das leis morais. Seja como for, o homem enfermo tornava-se um *bem-aventurado* quando seus pecados lhe eram perdoados, pois nisso ele encontrava a fonte de cura para o corpo físico. O homem teria passado por sua grande provação, mas como o teste ainda estava fresco em sua mente, ele passou a narrar o acontecido. "Todas as coisas boas na vida acompanham o homem que se liberta daquilo que o afasta de Deus" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. Sal. 1.1.

Cujo pecado é coberto. A palavra "pecado" tem um sentido mais geral, indicando infrações de toda a espécie, algumas das quais talvez não tenham injunções específicas em contrário. Algumas versões dizem aqui "transgressão", ou seja, desobediência a um mandamento conhecido. Ver no *Dicionário* os verbetes *Pecado* e *Transgressão,* quanto a explicações completas. A palavra hebraica para *pecado* fala em "errar o alvo", uma infração de alguma espécie ou o fracasso em cumprir o próprio dever. Alguns pecados são *lapsos;* outros são praticados por ignorância; e outros ainda são voluntários. Alguns pensam que o pecado referido neste versículo esteja relacionado aos casos de Bate-Seba e Urias (ver II Sam. 11). Porém, o mais provável é que essa não fosse a questão sobre a qual se alicerça o salmo. Este versículo *generaliza* a questão, tornando-se assim um hino didático.

De conformidade com a mente dos hebreus, a *obediência à lei* era a própria essência da espiritualidade. Ver sobre *Estatuto Eterno,* em Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. Ver a *tríplice designação* da lei, em Deu. 6.1. Além disso, ver o artigo geral sobre a lei mosaica, com o título de *Lei no Antigo Testamento,* no *Dicionário.* Pensava-se que uma longa vida seguia-se a tal mandamento. Quanto a isso, ver Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15.

Palavras hebraicas para indicar o sentido de "pecado":

1. *Pesha:* transgressão, desobediência a um mandamento específico da lei mosaica.
2. *Chataa:* pecado, *errar o alvo,* um termo mais amplo, embora também possa indicar uma transgressão qualquer.
3. *Avon:* Aquilo que se desvia de seu curso apropriado, algo *distorcido* e *pervertido.*
4. *Remiyah:* algo fraudulento ou enganoso, uma *injustiça* qualquer.

Cf. Êxo. 34.7 e o uso que Paulo fez do vocábulo "pecado", em Rom. 4.6,7. No *Novo Testamento Interpretado,* nessa referência, expandi as idéias do salmo presente.

32.2

Bem-aventurado o homem. Deus é o Juiz, e faz parte de Suas atribuições *imputar* o pecado ao pecador, ou seja, vê-lo ali, nomeá-lo devidamente, chamá-lo de culpado e irresponsável, e levá-lo a sofrer as devidas conseqüências. Quanto a explicações completas, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Imputar, Imputação.* Deus convoca o indivíduo a prestar contas, mas quando Deus perdoa esquece o incidente todo. O uso que Paulo fez do texto naturalmente aborda a questão do sacrifício de Cristo na cruz e a administração da graça divina, além da imputação da justiça ao homem perdoado. Isso, pois, ilustra a doutrina da *justificação pela fé.* Paulo não aceitava que a administração da lei pudesse prover tais benefícios, mas somente mostra quão grande é a necessidade humana de um tipo diferente de sistema. Mas o poeta sacro não antecipou esse sistema diferente e melhor. Para ele, a obediência à lei continha todas as respostas.

32.3

Enquanto calei os meus pecados. O pobre homem *guardou silêncio* (tradução da King James Version) acerca dos seus pecados, e assim a enfermidade tomou conta de seu corpo inteiro. Ele não "declarou os seus pecados" (tradução da Revised Standard Version). Por esse motivo, seu corpo "definhou", conforme essa última versão inglesa. O salmista recusava-se a confessar e abandonar o pecado, sendo provável que teria permanecido nessa atitude de teimosia, se não fosse ameaçado por alguma enfermidade, o que poderia fazê-lo perder a própria

vida. Tradicionalmente, os homens se arrependem quando caem enfermos. E, também tradicionalmente, os homens voltam a cometer os velhos pecados quando melhoram de saúde. Os homens são obstinados, e a enfermidade pode agir como um ato disciplinador.

Alguns indivíduos, entretanto, são tão cheios de desejos e prazeres perversos que prefeririam morrer a serem saudáveis e *bons.* Deus carrega Sua pesada mão sobre os homens. Alguns correspondem ao castigo; outros, não.

Ossos. Ver Sal. 35.10, quanto à *metáfora dos ossos.* Talvez a enfermidade do salmista lhe afetasse os ossos, mas essa palavra aponta para o corpo físico inteiro, visto que o esqueleto dá sustentação a todo o corpo. Cf. Sal. 6.2.

Meus constantes gemidos. O salmista mais parecia um leão, agonizando diante da morte e emitindo fortes rugidos. "Com fortes gemidos, ele não encontrou descanso de mente e corpo" (Fausset, *in loc.*). O homem foi "atormentado pela dor do remorso" (Ellicott, *in loc.*). Sua atitude com freqüência era como a de um inimigo que se erguia e o impelia a lugares ermos e à solidão, levando-o a agonizar, pois ele continuava sendo uma alma viva.

32.4

Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim. Era *Elohim,* o Todopoderoso, quem pesava a mão sobre o salmista. O homem estava sob severa disciplina. A pressão não afrouxava, nem de dia nem de noite. Toda a sua força se tinha *secado* (conforme diz a Revised Standard Version), como que pelo calor do verão. Em lugar de *força,* a King James Version diz "umidade", uma tradução possível. O texto hebraico é um tanto incerto, pelo que encontramos certa variedade de traduções, como "meu coração foi transformado para minha ruína" ou "meu vigor foi modificado". É possível que haja nisso referência a uma febre alta que estava ressecando o homem. Uma *febre* nos assusta, porquanto sabemos que o corpo está sob ataque severo. A função da febre é matar as bactérias que são a causa de enfermidades, mas, quando a febre é alta demais, pode provocar uma cicatriz no coração e deixar a pessoa com um problema crônico nesse órgão. Por isso existem medicamentos para baixar a febre, embora, teoricamente, ela seja o agente de nossa cura. E nisso encontramos uma excelente lição. As febres enviadas por Deus atacam os homens com o propósito de curá-los, e não de destruí-los.

A Septuaginta e a Vulgata parecem seguir um texto hebraico diferente ou entender o texto de outra maneira. Por isso se compreende a tradução que diz: "Entristeci-me quando o espinho foi fixado (no corpo)". A pesada mão de Deus era como um verão quentíssimo que matava todas as coisas, porquanto não havia água.

"A aflição era devida à misericórdia de Deus, empurrando-o para o lugar da cura. Sem dúvida alguma, é algo temível cair nas mãos do Deus vivo (ver Heb. 10.31), mas é ainda pior cair *para fora* delas. É melhor o crente ser disciplinado do que ficar podre" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Selá. Quanto a esta misteriosa palavra, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

32.5

Confessei-te o meu pecado. A pressão tornou-se *insuportável.* Assim sendo, o pobre homem resolveu arrepender-se e abandonar os caminhos pecaminosos. Então confessou a Deus os pecados que ocultava no coração, bem como o de outras pessoas, pecados que ele sabia serem a *causa* de sua enfermidade.

> *Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.*
>
> (I João 1.9)

Uma vez que o salmista confessou e, ao que se presume, abandonou seus pecados, o Senhor removeu a enfermidade por eles provocadas. Na época em que o salmista compôs este salmo, ele não havia caído no erro de voltar ao pecado que lhe tinha causado tanta dor, pelo que permaneceu em bom estado de saúde. O homem, antes enfermo física e espiritualmente, concluiu que a honestidade era a melhor orientação. Ele deixou de ser um hipócrita, um ator insensato no palco da vida, e começou a tratar a Deus com seriedade.

No *Dicionário* incluo um elaborado artigo intitulado *Confessar, Confissão.* Os católicos têm seus *confessionários.* Os evangélicos treinam os pastores na arte de aconselhar aqueles que tencionam confessar seus erros, a fim de livrar a consciência. Ver sobre isso no artigo citado, terceiro ponto: *A Confissão da Igreja Católica Romana;* e quarto ponto: *Substituições Protestantes.* Uma espécie de psicologia religiosa popular tornou-se bastante proeminente, durante muito tempo, no seio da igreja, o que virtualmente tomou o lugar do estudo da Bíblia em alguns lugares. Homens bons caíram nesse ardil, e pessoas tolas tornaram-se populares psicólogos. Apesar de todo o exagero e distorções, contudo, o desenvolvimento do aconselhamento nas igrejas protestantes tem um uso legítimo. Outro erro e exagero é a confissão pública de pecados e a aceitação de Cristo, o que, em muitos lugares, não produz maior efeito que o batismo católico dos infantes. "A crença fácil" tomou o lugar do discipulado cristão sério. Desenvolvo esses temas no artigo mencionado.

As palavras que indicam o "pecado" também foram empregadas no vs. 1, onde notas expositivas apropriadas são oferecidas, com referência aos artigos do *Dicionário* que elucidam a questão.

> *Se, como Adão encobri as minhas transgressões, ocultando o meu delito no meu seio...*
>
> (Jó 31.33)

Selá. Quanto a esta palavra, à qual são atribuídos vários significados, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

32.6

Sendo assim, todo homem piedoso te fará súplicas. *O indivíduo aflito* dispunha de um recurso para ser salvo da aflição. A oração é arma poderosa e eficaz, e Yahweh recebe de braços abertos as orações de um homem bom. Tribulações podem sobrevir a um homem como se fossem as ondas do mar, mas até mesmo problemas *maciços* não conseguem derrotar o homem que se utiliza do poder da oração. O homem bom havia pecado, e isso atraíra a enfermidade para o seu corpo, mas o arrependimento reverteu a situação.

"Nas provações violentas, aflições e tentações, quando as chuvas desabam, os ventos sopram e as enchentes batem contra o homem piedoso que ora e confia em Deus — eles não se aproximarão dele a ponto de debilitar a sua confiança ou de destruir a sua alma. A casa *dele* está alicerçada sobre uma *rocha*" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Minha experiência encoraja todos a confessar de todo o coração o seu pecado, como o meio seguro de encontrar em Deus *esconderijo* (ver o vs. 7) das tribulações... coisa alguma resultará das inundações (ver o vs. 6)" (Fausset, *in loc.*).

Inundações, a imagem aplicada para falar dos julgamentos divinos (Naum 1.8) ou das tentações e provações, conforme vemos em Mat. 7.24-27.

Em tempo de poder encontrar-te. Como diz o trecho de Isaías 55.6: *"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto".*

A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário)* é lenta mas inexorável. Por conseguinte, a reação à graça perdoadora é limitada pelo horário de Deus.

32.7

Tu és o meu esconderijo. "O salmista percebeu que, a todo o tempo, fora insensato e teimoso por sua hesitação em admitir o pecado. Mas agora, ao ser-lhe restaurada a saúde, ele desfrutava o que acreditava serem as bênçãos da confissão e passou a moralizar a sua experiência" (William R. Taylor, *in loc.*).

Talvez haja aqui uma alusão às cidades de refúgio. Um indivíduo que estivesse em tribulação podia fugir para uma daquelas cidades e assim estaria em segurança. Ele estaria no exílio, é certo, mas estaria seguro do vingador do sangue. Isso falava da provisão para os desesperados. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cidades de Refúgio.*

Cantos de livramento. De maneira informal, o homem libertado entoaria cânticos de louvor. De maneira formal, nos ritos do templo, entoaria cânticos litúrgicos e salmos. Cantar é uma comum expressão humana de emoção, tanto de tristeza como de alegria. Alguns dos estudiosos das questões estéticas supõem que as formas de arte sejam, essencialmente, expressões emocionais. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Estética.* Seja como for, pois, o culto dos hebreus dava grande valor às artes musicais, aos cânticos e à execução de instrumentos, e os levitas eram nomeados para ocupar-se desse serviço, que passava de geração em geração. Ver I Crô. 25. Havia guildas musicais especiais com esse propósito, e podemos supor com razão que os músicos fossem habilidosos e corretamente treinados para cumprir suas tarefas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais.* A palavra hebraica que significa "cânticos", isto é, *ramee,* também é traduzida por *grito de alegria* (vs. 11, cf. Jó 38.7).

> *Falou Davi ao Senhor as palavras deste cântico no dia em que o Senhor o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul.*
>
> (II Samuel 22.1)

O que se segue no contexto de II Sam. 22 é Sal. 18.1-50.

32.8

Instruir-te-ei e te ensinarei. O *homem perdoado* havia sido instruído por Yahweh. Ele sabia por qual vereda deveria seguir. E depois também sabia ensinar outros a seguir pela mesma vereda do arrependimento do pecado e vitória no espírito. Mas o grande Mestre é *Yahweh.* Ele é quem ensina os pecadores e pode mostrar o caminho para os seres humanos. Ele tem o *Olho Orientador,* que indica aos homens aonde ir, que conhece o caminho do começo ao fim, que sabe quais armadilhas devem ser evitadas. Seus olhos enxergam tudo com antecedência e tornam a vereda plana e livre de perigos. Os inexperientes, pois, podem assim receber uma lição com base na experiência do poeta. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Ensino.* Naturalmente, dentro do contexto hebraico, todo aprendizado e toda instrução baseavam-se na lei de Moisés, a qual era o poder que fazia de Israel um povo distintivo (ver Deu. 4.4-8) e também o estatuto eterno de Israel (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29). A obediência à lei mosaica conferia vida longa e próspera (*ver Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15*).

"Manterei meus olhos sobre ti, e tu terás de conservar os teus olhos sobre Mim. Conforme avançares, eu te guiarei. Estarei cuidando continuamente do teu bem-estar. Estarei contigo até as extremidades da terra, e até os fins dos séculos (ver Mat. 28.20). Este salmo é "didático" (no original hebraico, *masquil,* que significa "instrução"). Ver o subtítulo do salmo, explicado na introdução das notas expositivas.

32.9

Não sejais como o cavalo ou a mula. Os animais mudos não são tão estúpidos como pensamos e como a ciência dos homens tem afirmado. Se eles não têm linguagem, não lhes falta o poder do raciocínio. Um *cavalo* tem um cérebro bem *desenvolvido, mas lhe falta educação. Sabemos hoje em dia que os chimpanzés* podem aprender a falar por meio de computadores, e são até capazes de compreender conceitos gramaticais. O cociente de inteligência do mais inteligente dos chimpanzés é mais elevado que o das pessoas embotadas. Portanto, a diferença não é tão grande como temos sido condicionados a pensar. Não obstante, se alguém está à procura da sabedoria, não haverá de consultar um cavalo ou uma mula. Esses animais são símbolos da estupidez bruta. Apesar de possuírem mais entendimento do que o poeta sagrado pensava, não são eles as fontes da sabedoria. Isto posto, não devemos agir como animais que não podem receber instrução. E quando Yahweh falar, use o leitor a sua inteligência, que reflete a inteligência de Deus, pois a "glória de Deus é a inteligência" (Joseph Smith).

Os *cavalos,* é verdade, uma vez domesticados pelos homens, agem em consonância com o que lhes é requerido. Eles assim agem porque o homem os *força* e constrange. Yahweh está procurando por homens que cumpram a Sua vontade de maneira voluntária e responsável. Ele quer que os seres inteligentes demonstrem a sua inteligência e apliquem-na à vida espiritual.

Com freios e cabrestos. Em cada ato, o cavalo precisa de algo que o *force,* ou então que, presumivelmente, lhe dê uma direção sobre como agir. Um homem que se recusa a aceitar as instruções de Yahweh se parece com um cavalo estúpido, o qual precisa de impulso para fazer o que é correto. Yahweh tinha usado uma severa enfermidade para obrigar o poeta ao arrependimento, forçando-o, assim, a voltar à vereda reta. Ver Jó 11.13-20.

> *Castigaste-me e fui castigado, como novilho ainda não domado; converte-me, e serei convertido, porque tu és o Senhor meu Deus.*
>
> (Jeremias 31.18)

32.10

Muito sofrimento terá de curtir o ímpio. Um *indivíduo ímpio,* que é mais estúpido que um cavalo ou uma mula, pode esperar castigos contínuos da parte de Yahweh. Esse homem sofrerá *muitas tristezas,* mas nada aprenderá, porque, afinal de contas, é um pecador que está perdido e se tornou o seu próprio deus. Em contraste, o pecador que se arrepende torna-se o homem bom e assim evita *muitas* tristezas, embora passe por adversidades que lhe ensinam as lições que ele precisa aprender. Os justos se juntarão ao salmista em seus cânticos; mas a vida do ímpio terminará em um cântico fúnebre. As dores impelem um homem bom para o caminho certo, mas servem somente para enlouquecer o ímpio. "Todo ímpio é miserável. Deus fez casar o pecado com a miséria, tal como uniu a santidade à felicidade. Deus uniu essas coisas, e nenhum homem é capaz de separá-las" (Adam Clarke, *in loc.*).

Mas o que confia no Senhor. Ver em Sal. 2.12 o uso da palavra "confiança" nos salmos. Para os hebreus, a lei ficava na base da confiança, o manual dos "faças" e dos "não faças". A confiança é traduzida em atos, e a fé é demonstrada em obras. Confiar é obedecer.

> *Quando andamos com o Senhor,*
> *À luz da Sua Palavra,*
> *Que glória Ele derrama em nosso caminho!*
> *Enquanto cumprirmos a Sua boa vontade,*
> *Ele continuará habitando conosco,*
> *E com todos quantos confiam e obedecem.*
>
> (J. H. Sammis)

32.11

Alegrai-vos no Senhor. Os que possuem que coração reto têm razão para viver alegres. A comunidade dos justos une-se em cânticos e salmos de louvor, por estarem vivendo na prosperidade que a bondade concede. Eles formam um *povo distintivo (ver Deu. 4.4-8) e são distintamente abençoados. Já nem sempre* pôde experimentar isso como verdade e assim queixou-se de que havia, em sua vida, sofrimentos "inexplicáveis". De fato, até os inocentes caem em estúpidas calamidades. Temos sempre conosco o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira que sofrem? A mente dos hebreus, entretanto, sempre vinculou a prosperidade à felicidade, e, em contraste, o pecado à tristeza. Eles não eram muito bons na explicação das exceções. Na realidade, há um número muito grande delas.

É possível que a expressão "alegrai-vos" figurasse no Salmo 33, e, na transmissão, este versículo se tenha vinculado ao Salmo 32, em lugar de ser o começo do Salmo 33. Ou então a composição original incluía tanto o Salmo 32 quanto o Salmo 33, mas na transmissão a unidade foi dividida em dois salmos separados. Isso explicaria por que o Salmo 33 não conta com nenhum subtítulo.

> *Continua liderando, ó Rei Eterno,*
> *Não Te seguimos com temores.*
> *Pois a alegria irrompe como o alvor,*
> *Sempre que Tua face aparece.*
> Tua cruz se eleva por cima de nós;
> *E viajamos na sua luz.*
> *A coroa espera pelo conquistador.*
> *Continua liderando, ó Deus de poder.*
>
> (Ernest W. Shurtleff)

O Salmo 32 é "o grito daqueles que triunfam, ao serem perdoados. O mundo atual seria mais rico se ouvisse mais desses clamores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Sal. 84.11 e Isa. 57.2.

Salmo Trinta e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no começo do livro, o qual atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertence a cada uma delas.

Este salmo é um *hino* a Deus como Criador e Senhor de toda a história do mundo, e age como uma convocação à *adoração.* Esse tipo de salmo estava vinculado ao aspecto litúrgico da religião judaica, sendo usado por ocasião do culto no templo. Não eram apenas expressões individuais, embora também possam ter sido empregadas dessa maneira. Os salmos eram musicados e apresentados pelas guildas musicais (ver I Crô. 25) como parte do culto.

Este salmo evidentemente seguia-se ao Salmo 32 em sua composição, e alguns estudiosos supõem que o vs. 32.11 realmente pertencesse, originalmente, ao Salmo 33. Este salmo não é o registro de uma experiência pessoal, mas visava a adoração pública.

Subtítulo. Este salmo não tem subtítulo, o qual pode ter-se perdido na transcrição. Outros que também não contam com notas de introdução são os Salmos 1, 2 e 10. Os subtítulos não faziam parte das composições originais, mas foram acrescentados por escribas subseqüentes, a fim de informar-nos algo sobre a autoria e quais instrumentos musicais deveriam acompanhá-los, ou para dar uma palavra acerca do seu conteúdo. Tais informações eram, essencialmente, produtos de adivinhação. Seja como for, cerca de metade da coletânea de 150 salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Mas parte dessa informação procede, visto ter sido ele o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1). A Septuaginta atribui o Salmo 33 a Davi, mas tal declaração não tem autoridade, sendo apenas uma conveniência influenciada pelos subtítulos usuais do texto massorético.

33.1

Exultai, ó justos, no Senhor! Talvez o "Alegrai-vos" de Sal. 32.11 na realidade seja apenas o começo do salmo, e os Salmos 32 e 33 originalmente formassem uma única composição. Isso explicaria por que o Salmo 33 não apresenta subtítulo, pois aquele do começo do Salmo 32 seria o frontispício da unidade dos dois salmos citados. Isso significaria que os dois salmos formavam um par, ou então, originalmente, eram, na realidade, uma única composição que veio a ser separada em duas partes. Cf. os Salmos 9 e 10, que formavam uma unidade ou eram um *par.* E o Salmo 10, que também não tem subtítulo.

Se os Salmos 32 e 33 eram, originalmente, uma única composição, é possível que a segunda parte tenha sido separada como um salmo distinto por razões litúrgicas. Nesse caso, o Salmo 33 tornou-se um hino de louvor, sendo usado no culto do templo de Jerusalém dessa maneira. Seja como for, *louvor sob a forma de cântico* faz parte da natureza deste salmo. Os homens têm razões para regozijar-se quando se aproximam de Yahweh, o Altíssimo Deus dos céus, que deles cuida. O Criador também é o Sustentador e Abençoador de Sua criação, incluindo os seres inteligentes que habitam as esferas por Ele criadas. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador não abandonou a Sua criação, deixando-a ao governo das leis naturais (posição correspondente ao *deísmo,* também explicado no *Dicionário).* Pelo contrário, Deus está no mundo, intervindo, recompensando e punindo. As intervenções divinas são benéficas, sendo esse o motivo pelo qual os homens podem regozijar-se e prestar louvores. Deus é a mais elevada Força do Bem, a *fonte* de toda bênção e benefício.

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

Conta-se a seguinte história, da parte de um missionário evangélico que trabalhava na África e ensinava os nativos. Uma mulher, no decurso do ensino, perdeu interesse pelo que estava sendo dito. O missionário perguntou-lhe *por quê.* Ela replicou: "O senhor disse que Deus é o meu *Pai.* Se Deus é meu Pai, não preciso saber de nada mais".

Aos retos fica bem louvá-lo. Os que são beneficiados pelo Benfeitor sempre terão razões para cantar e prestar ações de graças. "É *correto* que eles sejam agradecidos, pois Ele é a *fonte* de onde receberam todo o bem que possuem" (Adam Clarke, *in loc.*).

O padrão da justiça e da bondade era a lei de Moisés, por meio da qual Israel se tornou um povo distintivo (ver Deu. 4.4-8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei no Antigo Testamento,* onde há descrições completas a respeito.

"*Regozijai-vos.* Uma palavra comum de hino que significa, apropriadamente, 'gritar' ou 'cantar de alegria'" (Ellicott, *in loc.*).

"... retos, ou seja, tementes constantes de Deus. O louvor também cabe bem ao filho pródigo que retornou, o homem que precisava muitíssimo ser perdoado e foi bem acolhido. A boca de tal homem recebeu nova oportunidade de encher-se de ações de graças... O homem reto precisa manter os olhos fixos em Deus, e não em sua própria retidão, pois, do contrário, ele deixará de prestar louvores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

33.2

Celebrai o Senhor com harpa. O *ministério da música* era muito importante para os hebreus. Guildas musicais eram formadas por levitas e serviam a esse propósito (ver I Crô. 25). A profissão de músico era abraçada de geração após geração. Os que se envolviam nessa atividade tornavam-se habilidosos no toque de instrumentos musicais de várias categorias, para acompanhar os salmos e os cânticos espirituais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais,* quanto a descrições completas. A seção IV descreve os instrumentos empregados. Temos aqui a menção da harpa e de um instrumento de dez cordas. Josefo parece ter sugerido que os *dois* instrumentos mencionados eram na realidade um único instrumento, estando envolvido um paralelismo. A *harpa* em vista tinha também dez cordas. O nome desse instrumento era *nebel* ou *nabla.* Um plectro era usado para tocar as cordas. Ver *Ant.* 1.7, cap. 12, s. 3. Alguns fazem das dez cordas dez perfurações, e crêem estar em vista algum instrumento de sopro. Os instrumentos de corda também eram tocados com os dedos. A palavra grega *psallo* significa "tocar", e é dela que se deriva a palavra "salmos", uma referência ao toque de instrumentos que acompanhava o cântico dos salmos. Os hebreus chamavam o instrumento de dez cordas de *'asor,* o que a Septuaginta traduziu por *psalterion.* As referências históricas mostram que o número de cordas variava, e um dos instrumentos tinha doze! A lira (no grego, *nubla*) tinha o formato de um odre de couro, conforme sugere o seu próprio nome. Cf. Sal. 92.3 e 144.9.

33.3

Entoai-lhe novo cântico. Isso poderia significar: 1. O conteúdo da canção fora inventado fazia pouco tempo. 2. A ocasião em que o cântico foi entoado era recente. 3. Ou então o salmo em vista era uma *nova composição,* e não uma peça que já vinha sendo tocada fazia algum tempo. Talvez a terceira idéia esteja correta. Isso quase certamente distinguiria o Salmo 33 do Salmo 32, como uma composição separada. Cf. Apo. 5.9, onde se lê:

> *... entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação.*

Tangei com arte e com júbilo. Os levitas estavam treinados a tocar artisticamente e a cantar bem, pois, afinal, eram profissionais que promoviam a qualidade do culto do templo. Contraste-se isso com a música que se ouve nas igrejas evangélicas, hoje em dia!

Este versículo, pois, descreve o irromper de uma poesia religiosa tocada habilidosamente por músicos treinados. Eles entoavam um novo hino de louvor. Mas novidade ainda não garante a excelência. Os hinos novos deveriam ter a mesma qualidade dos antigos e *bons* hinos, sem transformar o ministério da música sacra em uma sessão de jazz.

> *Um homem com um sonho, a seu bel-prazer,*
> *Poderá sair e conquistar uma coroa;*
> *E três, com uma nova canção,*
> *Podem derrubar toda uma nação.*
>
> (Arthur O'Shaughnessy)

> *A música é o maior bem que os mortais conhecem,*
> *É aquele aspecto do céu que temos aqui em baixo.*
>
> (Joseph Addison)

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Música.*

33.4

Porque a palavra do Senhor é reta. *Os vss. 1-3* apresentam a chamada para a adoração. Agora temos o conteúdo do salmo que era cantado, as razões pelas quais os homens são inspirados a entoar cânticos espirituais. Em primeiro lugar, há a *palavra do Senhor* que é correta, pois a *lei mosaica* dá instruções e é o manual de conduta dos israelitas. A lei de Moisés tornava Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8); era o roteiro e o guia da vida em todos os seus aspectos (ver Deu. 6.4 ss.). Os conceitos da lei deveriam ser ensinados às crianças, e não apenas a pessoas maduras. Porções da lei deveriam ser escritas e amarradas às mãos das pessoas e também gravadas nas vergas das portas. A essência da lei mosaica era o amor a Deus (ver Deu. 6.5). A obediência à lei era ensinada para prover às pessoas uma vida longa e próspera, servindo de salvaguarda contra os desastres, a pobreza e a morte prematura.

E todo o seu proceder é fiel. O poeta sacro estava prestes a descrever Deus como o Criador (vs. 6). Assim sendo, a própria criação e tudo quanto nela existe, bem como todas as coisas feitas em favor dos homens e através deles, são expressões da *verdade* de Deus. Há um conteúdo moral em todos os labores de Deus. "Fiel", aqui, corresponde à tradução inglesa da Revised Standard Version, em lugar da palavra "verdade", que é a tradução da King James Version.

"A criação está baseada nos *propósitos retos,* dos quais a operação de Yahweh jamais se desvia. Retidão, justiça e bondade são valores fundamentais em um mundo criado por Deus" (William R. Taylor, *in loc.*). "Todas as palavras, leis, promessas e ameaças de Deus são perfeitamente verazes e justas. As dispensações de Sua providência e de Sua misericórdia são realmente assim. Quando Deus recompensa ou pune, Ele age de acordo com a verdade e a justiça" (Adam Clarke, *in loc.*).

As *obras* de Deus são o resultado de sua *Palavra* justa (vs. 6), e somos lembrados de como Deus, ao falar, trouxe o mundo à existência, ao que o poeta sacro pode estar aludindo neste versículo. Devemos lembrar que há um *amor inabalável* em tudo quanto Deus faz, porquanto é isso que nos infunde esperança neste mundo hostil. O amor é a essência da espiritualidade e o cumprimento de toda a lei (ver Rom. 13.9). Por conseguinte, podemos com razão mostrar-nos gratos e louvar a Bondade que mora nos céus.

33.5

Ele ama a justiça e o direito. Deus ama a retidão e a justiça, e a terra está cheia de Seu "amor constante" (segundo a tradução da Revised Standard Version). Deus é aqui referido como o *Supremo Benfeitor,* e isso inspira os homens a

entoar cânticos de louvor. Até mesmo quando o Benfeitor *julga,* Ele o faz para *remediar* um homem, e não para esmagá-lo (ver I Ped. 4.6). Vemos claramente, pois, como amor e julgamento são sinônimos, e como o julgamento divino é um dedo da amorosa mão de Deus. Meus amigos, esse é um de nossos melhores conceitos, que enche a criação de propósito e esperança, e faríamos bem em não macular tal esperança mediante uma visão inferior da natureza do amor de Deus. A cruz foi um terrível julgamento, mas, ao mesmo tempo, uma suprema demonstração do amor de Deus. Deveríamos parar a fim de contemplar o *escopo* do amor de Deus, bem como o *poder* desse amor para transformar *todas as coisas.* Deus ocupa-se do negócio do amor e da transformação dos homens, e nem uma única alma, em todo este vasto mundo, será excluída do empreendimento. E assim, poderemos dizer, cheios de agradecimento:

A terra está cheia de benignidade do Senhor.
O amor de Deus é real, *universalmente — não meramente potencial.*
O amor de Deus será absolutamente eficaz *— em última análise.*

Limites de pedra não podem conter o amor. E o que o amor pode fazer, *isso o amor* ousa fazer.

(Shakespeare)

O oposto da injustiça não é a justiça — é o amor.

O amor de Deus é muito maior
Do que pena ou língua podem mostrar.
A qualquer estrela é superior,
Até ao inferno costuma baixar.

(F. M. Lehman)

A Palavra de Deus na Criação (33.6-9)

33.6

Os céus por sua palavra se fizeram. O vs. 4 mostra-nos que as obras de Deus procedem de Suas palavras, e agora isso é dito com respeito ao ato criativo original. Ver Gên. 1.6-18, onde temos detalhes do processo de "falar e trazer à existência". Ver também Jó 26.13. Deus ordenou, e as coisas vieram à existência. Ele ordenou, e o amor preencheu, enobreceu, redimiu e restaurou todas as coisas. Eis por que somos inspirados a louvar Deus em algum nobre hino. Retrocedemos diante dos deuses que deixam somente uma senda de destruição, algum deus como Zeus, que existiria somente para lançar seus raios e destruir deuses e homens igualmente.

Portanto, temos a fórmula: poder-criação-bondade-atos-benévolos-bem-estar-amor de forma manifesta e eficaz. E somos inspirados a prestar homenagem a Deus mediante cânticos de louvor. Seu hálito (Espírito) é o agente do processo, o qual nos inspira o respeito. O homem humilde é beneficiado. A criação foi um ato no qual Deus pôde demonstrar Sua benevolência. "A *terra* supriu o salmista com ilustrações da bondade de Deus, tal como os céus fornecem provas do Seu poder" (Fausset, *in loc.*). Cf. os Salmos 8 e 19, que contêm conceitos similares.

Foi grandioso criar o mundo do nada,
Foi ainda maior redimi-lo.

Foi grande revelar Deus a seres angelicais,
Foi ainda maior valorizar o humilde homem.

Foi grande habitar no exaltado favor divino,
Foi ainda maior ser Salvador do homem quebrantado.

(Russell Champlin, meditando sobre Colossenses 1.20)

Pelo sopro de sua boca. Quando falamos, exalamos ar, e essa é a figura simbólica em vista. *Sopro,* porém, pode ser uma alusão ao *Espírito* de Deus, a Força Criadora, visto que o vocábulo hebraico significa tanto "sopro" quanto "espírito". O sopro da boca de Deus foi suficiente para fazer tudo, em contraste com os esforços laboriosos que produzem tão pouco. Cf. Isa. 1.4; Jó 33.4 e Sal. 104.30.

33.7

Ele ajunta em montão as águas do mar. A referência é ao "abismo celeste", o grande fundo de águas acima do firmamento. Os hebreus antigos imaginavam que houvesse uma taça invertida "lá em cima", a qual dividia as vastas águas acima das águas abaixo do firmamento. O ato criativo de Deus recebia crédito por haver *separado* essas águas umas das outras. Ver Gên. 1.7. Quanto a uma ilustração sobre a antiga cosmologia dos hebreus, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia.* Os intérpretes cristãos, incapazes de compreender como os hebreus podiam defender formas tão cruas de cosmologia, atualizam e fazem as Escrituras entrar em harmonia com a ciência moderna, mas tal atividade é inútil. Nossa ciência continua ignorando muito dos grandes mistérios da criação, e dentro de alguns anos haverá uma nova ciência diante da qual certos textos bíblicos terão de ser desonestamente ajustados. E assim o processo de manipulação terá prosseguimento, porque certas pessoas acreditam que a Bíblia *precisa* ser um livro científico. O fundo de águas existente acima do firmamento era encarado como uma fonte das chuvas, acima das nuvens da atmosfera. Ver Jó 38.22. Seja como for, os grandes poderes divinos, que estão sendo louvados na passagem atual, é que teriam realizado aquele tremendo feito da separação das águas, ato que também conteve os dilúvios tremendos como que em um *odre* (Septuaginta), que algumas traduções traduzem por "abismo" (conforme se lê na King James Version).

Alguns intérpretes aplicam erroneamente as palavras deste versículo à contenção das águas no mar Vermelho. Ver Êxo. 15.8.

Reservatório. Das águas contidas vêm as manifestações da meteorologia. Portanto, o Criador também exerce controle sobre as condições atmosféricas. Quanto a esse conceito, cf. Sal. 135.7 e Jó 38.16,22. Ver também Gên. 7.11 e 8.2. O poeta sagrado ilustrava assim os poderes benevolentes de Yahweh, que também agem em favor dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.* Deus dispõe de um tesouro de potencialidades meteorológicas, bem como de todas as espécies de outras provisões para o homem e a natureza, devido à Sua bondade. A referência aqui poderia ser às *profundas cavernas* da terra, que também são depósitos de águas, mas essa idéia é menos provável.

... faz sair o vento dos seus reservatórios.

(Salmo 135.7)

33.8

Tema ao Senhor toda a terra. Todo *grande poder* é motivo de admiração para os homens, e o Maior Poder é causa da maior admiração. O salmista relembra-nos disso, e assim seu cântico incluía a referência para nossa edificação. Biblicamente falando, o homem, ponto mais alto da criação de Deus, está sujeito à lei divina e tem responsabilidades morais. Do homem supõe-se que reconheça sua elevada posição, a qual lhe foi conferida por Deus, e Lhe preste louvor, por causa das bênçãos divinas que continuam a fluir para sempre.

Até aqui flui aquela maré
Que vem do mar sem praias,
Incomensurável que ela é,
Alcança a ti e a mim.

(Russell Champlin)

Tal como os rios buscam um mar
Que não podem encher,
Mas eles mesmos são cheios
No abraço do mesmo,
Absorvidos, em descanso,
Cada rio e regato —
Concede-nos essa graça.

(Christiana Rossetti)

Temam-no todos. Ver no *Dicionário* o artigo *Temor,* especialmente o ponto I. O homem bom teme a Deus, e nesse temor começa sua sabedoria (ver Sal. 111.10) e nele o justo vive constantemente. O artigo fornece detalhes e referências que ilustram o tema.

33.9

Pois ele falou, e tudo se fez. *A palavra de Deus* trouxe tudo à existência e isso foi bom. Ver Gên. 1.3,6,7,9,11,14,15,20,24. Todas as coisas "apareceram" de modo excelente, cada coisa cumprindo seu propósito e ocupando seu lugar, de acordo com as proporções e disposições divinas. A existência tornou-se um fato, uma lição objetiva do poder, da provisão e da providência de Deus. "A terra *surgiu* quando Deus proferiu a Sua palavra (cf. Sal. 104.6-8). Ante esse *poder manifesto* da Palavra de Deus, os homens deveriam tremer" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. João 1.1,2, que fala sobre o poder criativo do *Logos,* que é a referência que os Targuns dão de forma coerente quando falam sobre o ato criativo de Deus. Ver,

no Novo Testamento, Heb. 1.3 e Col. 1.17, que contêm idéias parecidas às apresentadas neste salmo. Deus é o sustentador daquilo que Ele criou, conforme nos faz lembrar a passagem do primeiro capítulo da epístola aos Colossenses.

O Conselho de Yahweh (33.10-12)

A atenção do poeta volta-se agora para a terra. Ele tinha terminado seus ensinos acerca da providência e do poder divino nos céus. Aqui aprendemos que Yahweh é o Senhor da história humana, e não meramente o Arquiteto celestial. Seu conselho é fixo, perfeito e sempiterno. O povo que se alinha com o conselho de Deus (manifestado em Sua lei) alcança felicidade, enquanto o resto dos homens permanece na miséria criada por sua vida de pecado. Yahweh é o Deus que intervém nas atividades humanas. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus não abandonou a Sua criação, conforme é ensinado pelo *deísmo* (ver também no *Dicionário*). Ele recompensa e pune, guia e intervém, Ele se faz presente e dispensa atos beneficentes mediante a Sua providência.

33.10

O Senhor frustra os desígnios das nações. O povo de Israel vivia sob a ameaça permanente de vizinhos hostis. A guerra era constante. A intervenção divina é necessária à sobrevivência, e nenhum homem pode ser bom, adorando no templo de Deus e obedecendo à lei (o código de conduta ideal para o homem), a menos que sobreviva. Davi conseguiu aniquilar ou confinar oito povos (ver II Sam. 10.19), e isso trouxe um prolongado período de paz para seu filho, Salomão, o qual foi capaz de liderar a *época áurea* para Israel, acompanhada por considerável expansão do império israelita. Quanto à intervenção de Deus nos planos dos ímpios, ver também Sal. 2.1-6.

> *Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles... no seu furor os confundirá.*
>
> (Salmo 2.4,5)

E anula os intentos dos povos. Os *planos* (tradução da Revised Standard Version) deles são sempre hostis e destruidores e usualmente envolvem guerras. O autor sagrado não fez referência aos catastróficos cativeiros assírios e babilônicos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiros*. Ele nos deixa, historicamente, nos bons tempos de Davi e Salomão, os anos relativamente tranqüilos da monarquia. Yahweh era o Senhor da história de Israel, enquanto eles obedeceram à Sua *lei*.

33.11

O conselho do Senhor dura para sempre. As benévolas decisões do Senhor, em favor do Seu povo, bem como o conselho destruidor de Seus inimigos, eram uma realidade fixa, e devem perdurar enquanto o homem continuar existindo, ou seja, para *todas as gerações*. "Em contraste com a futilidade do planejamento humano, destaca-se a eficácia inquebrantável do conselho do Senhor" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "O Senhor governa o *destino* das nações" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 10). O Deus de palavras e obras poderosas deve ser louvado. "Doravante o pensamento passa para o governo irresistível de Yahweh. Seu conselho dura por todas as gerações e, sendo tanto *justo* quanto *eterno*, frustra os planos e pensamentos das nações pagãs, ao passo que Seu povo escolhido (vs. 12) repousa sobre a paz estável da teocracia. Cf. Atos 5.38" (Ellicott, *in loc.*).

Cf. Isa. 14.24 e Pro. 19.21.

33.12

Feliz a nação cujo Deus é o Senhor. Houve um povo bendito, escolhido por Deus, em contraste com os ímpios pagãos. Tornou-se um povo *distintivo* por meio da doação da lei (ver Deu. 4.4-8). *Vida longa* e *prosperidade* (todos os tipos de bênçãos) foram concedidas, mediante a obediência à lei (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1). A lei era o código de conduta do povo, *guiando-o* à bem-aventurança (ver Deu. 6.4 ss.).

Sua herança. Deus Pai deu Sua herança espiritual aos filhos (Israel), e os filhos tornaram-se a herança espiritual do Pai. O *povo em relação de pacto* com Deus era assim tratado. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Pactos*, e também *Pacto Palestino* na introdução a Deu. 29, e o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19. Quanto a Israel como a herança de Deus, ver os comentários em Sal. 28.9.

O vs. 12, por assim dizer, é o eixo em torno do qual gira todo o salmo, que, sem dúvida era cantado em coros completos, com o alto acompanhamento de muitos instrumentos musicais: "Israel é a herança de Deus. Grandes riquezas nos pertencem. As nossas bênçãos fluem como as marés dos oceanos. Nenhum inimigo pode derrotar-nos". Cf. Êxo. 19.5. Quanto a uma aplicação espiritual da idéia da herança da igreja, ver I Ped. 2.9:

> *Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*

Cf. este versículo às seguintes referências: Êxo. 19.5; Sal. 28.9; 78.62; 79.1; 94.14; Deu. 4.20; 7.6; 9.26; Joel 2.17; 3.2; Amós 3.2; Miq. 7.14,18.

O Olho de Yahweh (33.13-19)

33.13

O Senhor olha dos céus. O Poder lá dos céus mostra-se alerta para com tudo quanto os homens fazem e é ativo em Suas recompensas e castigos. Quanto a essa idéia, cf. o *teísmo* do vs. 10, onde dou notas que também se aplicam aqui. O olho do Senhor vê tudo quanto os homens fazem, e conhece tudo quanto eles pensam ou planejam (ver Isa. 40.18-28). Nenhum truque dos homens pode salvá-los da pena de distorcer ou opor-se aos propósitos do Senhor (cf. Isa. 30 e 31.1). Mas o favor do Senhor está com aqueles que O temem, e Ele livra a alma deles da morte, mantendo-os vivos em tempos de aflição, como em períodos de fome e calamidade nacional. Os vss. 13 e 14 referem-se às operações da providência de Deus, tanto as positivas quanto as negativas. Nenhum homem escapa do olhar divino, bem como dos resultados do conhecimento divino.

Os povos pagãos puderam perceber um vislumbre desse poder. "Há um grande Deus no céu que vê todas as coisas e governa a tudo" (Sófocles, *Electra*, vss. 174 e 175).

> *O olho de Deus vê todas as coisas.*
>
> *(Hesíodo, Opera et Dies, L.1. v. 263)*

33.14

Do lugar de sua morada observa. De Sua habitação vantajosa, tão alto lá nos Seus céus, Deus pode facilmente perceber o que se passa na terra. Ele, o Rei Todopoderoso, está sentado em Seu trono, observando. Ele vigia a tudo e depois age. Ninguém pode escapar à Sua atenção. Ele é o *Poder* com o qual temos de tratar todos os dias. Ele tem as Suas leis e as impõe aos homens. Seu governo é moral, e Ele não tem respeito humano por ninguém. Fará somente o que é direito. "Deus vê todas as pessoas de Sua exaltada posição no céu, Sua residência. Cf. II Crô. 6.21,30,33,39 e 30.27. Ele conhece até seu coração e sabe de seus pensamentos (ver Sal. 33.13-15). Deus não salva os vãos autoconfiantes... Pelo contrário, salva os que confiam e esperam Nele (ver Sal. 33.18,19). Por esses, Deus tem um amor infalível (vss. 5 e 22). Essa era a sorte de Israel, aquela nação abençoada por Deus (vs. 12)" (Allen P. Ross, com uma excelente nota de sumário que começa no vs. 12).

> *... guiaste o teu povo, para te criares um nome glorioso. Atenta do céu, e olha da tua santa e gloriosa habitação... Tu és nosso Pai... nosso Redentor...*
>
> (Isaías 63.14-16)

33.15

Ele que forma o coração de todos eles. O Criador do universo é, por igual modo, o Criador dos indivíduos, pelo que exerce autoridade sobre cada um deles. Ele estabelece as regras de conduta e pune os que são desobedientes, ou recompensa os que as observam. Ele governa o destino das nações e também o dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*.

Forma. A mesma palavra hebraica usada para o ato do oleiro, o qual molda a argila na forma que quer.

> *Moldando o coração de todos,*
> *Observando todos os seus feitos.*
>
> (Ellicott)

O coração. Neste caso significa o centro das atividades emocionais e intelectuais que causa eventos entre os homens e, portanto, controla o comportamento dos indivíduos. Mas quando os homens pervertem seu coração, as dificuldades começam. Deus vê o que acontece no coração dos homens que perverteram os seus caminhos, ou vê o bem que eles imaginam fazer, e ajuda-os a alcançar eficácia.

> *O que fez o ouvido, acaso não ouvirá? e o que formou os olhos, será que não enxerga? Porventura quem repreende as nações, não há de punir? aquele que aos homens dá*

conhecimento? O Senhor conhece os pensamentos do homem, que são pensamentos vãos.

(Salmo 94.9-11)

33.16

Não há rei que se salve. Naqueles tempos de antanho, os *reis* eram escolhidos por causa de sua coragem na matança e de suas habilidades na guerra. Isso porque os tempos eram brutais e de constante guerra, ameaçando a sobrevivência humana. Assim sendo, o rei era o super-homem da tribo ou da nação. Porém, de conformidade com o poeta sacro, depender de um rei quanto à força, quando chega uma crise verdadeira e quando o Poder do alto se ira, de nada adianta. Além disso, existem outros *homens poderosos* que dependem de sua força na ocasião em que se desfere uma batalha; mas quantos deles escapam de uma morte violenta? Vivendo da espada, eles morrem à espada (ver Apo. 13.10). Somente os que temem o Senhor (ver o vs. 18), e Nele confiam, e guardam os Seus mandamentos (ver o vs. 21), podem escapar da calamidade e da morte prematura. "Essa advertência não implica que o poder humano seja inútil, mas significa que o poder com a *inverdade* é, em última análise, mais fraco do que a verdade com temporária debilidade... A história ilustra de maneira espantosa a exatidão da confiança do salmista. É essencial que os poderosos também estejam corretos" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Golias, como é claro, era mais forte do que Davi, mas foi o homem relativamente fraco que ganhou a batalha. Muitas batalhas são ganhas pelos ímpios, mas o poeta estava considerando a batalha final. Ali ele via os mortos ímpios tombados no chão.

33.17

O cavalo não garante vitória. Muitos *povos antigos* tinham cavalos de guerra bem treinados, e as referências antigas indicam que esses animais se deleitavam na guerra e nas matanças, tal como sucedia a seus cavaleiros. Temos subestimado a inteligência dos animais. O cavalo era o mais forte animal conhecido pelo homem e podia ser treinado para ajudar nas lides da guerra. Mas sua tradicional "força de guerra" era igualmente inútil, tanto quanto a força do próprio guerreiro, finalmente. Temos de depender da verdadeira Força, aquela lá do alto, se quisermos obter a vitória final.

O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor.

(Provérbios 21.31)

Um cavalo é um animal veloz, mas um leão ou um tigre é capaz de alcançá-lo e destruí-lo. Uma flecha atirada pelo inimigo é capaz de atravessar o seu pescoço. Além disso, o animal poderia tropeçar e rolar por cima de seu cavaleiro, matando-o. Sua força física era limitada, não havendo nela nenhuma garantia de vitória. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cavalo.* Os cavalos, em Israel, não eram possessão dos israelitas comuns, os quais tinham suas mulas. Os cavalos destinavam-se a servir de montaria para reis, nobres e forças do exército. Mas, conforme o povo de Israel foi-se tornando mais próspero, o cavalo passou a ser um animal de fazenda.

33.18

Eis que os olhos do Senhor. Os *olhos protetores* de Yahweh guiam os justos. Os justos *temem* a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor,* especialmente a seção I, quanto a amplas explicações sobre esse conceito. O olho de Deus sabe quais homens temem a Deus e quais são meros hipócritas. Os que realmente confiam no Senhor têm boas razões para depender de Sua *misericórdia.* Nenhum ser humano *merece grande coisa,* mas a misericórdia divina estabelece toda a diferença no mundo. Tendo sido criados ligeiramente inferiores aos anjos, todos os homens são seres espirituais poderosos, mas praticar a lei do amor, ou não praticá-la, é o que estabelece a diferença quanto àquilo que os homens são. O amor é o termômetro que aquilata a espiritualidade humana. O amor é um fruto do Espírito (ver Gál. 5.22), bem como a prova de novo nascimento e espiritualidade (ver I João 4.7). Essa verdade nos segreda onde jaz o verdadeiro poder.

As misericórdias de Deus, que tema para meu cântico!
Oh! Nunca pude nomear todas elas.
Elas são mais do que as estrelas na cúpula celeste,
Ou que as areias na praia batida pelas ondas.

Quanto a misericórdias tão grandes, que posso dar?
Para misericórdias tão constantes e certas?
Eu O amarei; eu O servirei com tudo quanto tenho,
Enquanto minha vida perdurar.

(T. O Chishom)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misericórdia,* quanto a informações abundantes.

33.19,20

Para livrar-lhes a alma da morte... no tempo da fome. Continuamos todos muito dependentes das chuvas, embora, com nossas represas, possamos sobreviver por algum tempo, antes que as coisas se ressequem e toda vida vegetal morra. Os povos antigos eram essencialmente dependentes, a cada estação do ano, e somente armazenando cereais (conforme José fez) é que os homens podiam salvaguardar-se da fome. E também havia as guerras, com sua política de terra arrasada, que *deixavam muitos mortos de inanição. Durante a Segunda Guerra Mundial,* a maioria dos soldados alemães que atacavam a área da cidade de Leningrado foram separados do grosso do exército alemão e deixados isolados para morrer de fome, e isso significa que até mesmo exércitos têm sofrido essa desgraça. A *fome* é uma das armas utilizadas pelo Senhor dos Exércitos para deter Seus inimigos. Mas a pobreza produz a fome, no caso de algumas pessoas, bem no meio da abundância de alimentos. Quanto a detalhes ilustrativos, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Fome.* Quanto à "alma", ver os comentários sobre o vs. 20.

Alma. *Não está aqui em pauta a alma imortal, a qual não pode morrer, mas a pessoa,* que é o sentido usual da palavra *alma* no hebraico do Antigo Testamento. A pessoa, pois, é livrada da morte prematura e assim continua a esperar em Deus (vs. 20), na confiança de continuar a receber Sua proteção e Seus benefícios. O vocábulo hebraico *nephesh,* "alma", posteriormente veio a referir-se à alma imortal, que sobrevive à morte biológica. Ver no *Dicionário* o verbete *Alma;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade.*

"*Conclusão.* Os crentes testificam sobre sua alegria e confiança no Senhor, como seu *auxílio e escudo* (vs. 20), e oram para que a misericórdia de Yahweh esteja com eles, visto que sua esperança está Nele (vs. 22)" (Fausset, *in loc.*). Assim acontece que os homens esperam, com toda a razão, "uma recompensa pela fé", não porque a mereçam, mas porque o próprio Deus prometeu abençoar e fazer prosperar os homens dotados de fé. Os homens de inclinações espirituais conhecem essas coisas.

Os vss. 20 e 22 provêem a parte *moral* do salmo. A força está no Senhor, que é nosso *auxílio* (em todas as situações) e nosso *escudo* (defesa de todos os erros cometidos contra nós). Prossegue, pois, a metáfora militar. O guerreiro pode ser forte (vs. 16), mas suas forças finalmente entrarão em pane. O cavalo pode ser forte (vs. 17), mas algo poderá acontecer e anular essas forças. Assim também os homens contemplam o Poder que há nos céus, para encontrar "misericórdia com o Senhor".

Vinde, todas as almas oprimidas pelo pecado,
Há misericórdia com o Senhor.
E Ele certamente vos dará descanso
Se confiardes em Sua Palavra.

(J. H. Stockton)

"Aguardar, confiar, esperar. O salmo chega rapidamente ao seu fim. Esses verbos devem ser observados. São verbos fortes e ótimos. Se esperarmos e confiarmos, encontraremos razão para esperar; e esse é o tipo de esperança que salva (Rom. 8.18-25)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Nossa Alma Espera. A vida inteira do homem bom é dedicada a essa bendita obra. Confiamos tão-somente em Deus, não nas multidões, não nos exércitos, não nos guerreiros, não nas circunstâncias. E, acima de tudo, não confiamos em nós mesmos. É conforme diz certo hino: "Estarei perdido, se tirares a mão de sobre mim". Encontramos aqui não a "cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (Heb. 13.14).

33.21

Nele o nosso coração se alegra. Há alegria para quem serve a Jesus.

Há alegria para quem serve a Jesus,
Enquanto avanço pelo meu caminho:
Alegria que enche o coração de louvores,
Todas as horas e todos os dias.
Há alegria para quem serve a Jesus,
Alegria que triunfa sobre a dor.

(Oswald J. Smith)

Aguardar e confiar, esperar na misericórdia de Deus, viver a lei do amor, dedicarnos ao princípio espiritual *são coisas que nos alegram o coração.* Os prazeres intelectuais superam os físicos, e os prazeres espirituais superam os intelectuais.

"A conclusão deste salmo é a reafirmação da fé no Senhor. O povo de Deus demonstra a fé de três maneiras: primeira, eles *aguardam na esperança* (cf. Sal. 25.5,21; 39.7; 62.5 e 71.5) pelo livramento (ver Sal. 30.10; 40.17 e 146.5). Segunda, *regozijam-se* em Deus, em quem confiam (ver Sal. 33.21). Terceira, *oram* pedindo o Seu *infalível amor* (cf. os vss. 5 e 18) e assim repousam Nele. Têm a confiança (a esperança) de que Ele consumará o programa de salvação que Ele mesmo traçou" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Pois confiamos no seu santo nome. Cf. Mat. 9.29. Disse Jesus aos dois cegos, em Jericó: "Faça-se-vos conforme a vossa fé". E bastaram essas palavras para que o milagre se completasse. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Fé*. A fé não consiste meramente em acreditar. Consiste também em dedicar-se. O homem de fé *dedica sua vida* ao princípio espiritual, pois, do contrário, ele não terá fé alguma. O homem de fé vive uma vida de fé, e não se restringe a falar sobre aquilo em que ele acredita, para ver se o seu credo agrada a outras pessoas. O homem de fé não tem paciência com a "crença fácil".

Santo nome. Yahweh é santo; Elohim é santo e é o padrão da santidade. Da santidade deriva-se a bênção eterna. Cf. Lev. 20.3; Sal. 30.4; 103.1; 105.3; 106.47; 145.21. Quanto ao *nome de Deus*, ver as notas expositivas em Sal. 30.4 e 31.3.

33.22

Seja sobre nós, Senhor, a tua misericórdia. Uma vez mais, é requerida *misericórdia* da parte do homem que estava aflito e, novamente, essa solicitação se baseia na esperança que fortalece a fé. Uma vez mais, Yahweh é encarado como a *fonte* de qualquer verdadeira esperança. Outras fontes são parciais, fracassam potencialmente, ou mesmo são falsas. Este versículo repete os conceitos que acabamos de comentar e atua como uma espécie de *sumário*. Ver o vs. 18, que tem todos esses elementos essenciais. Este versículo é uma *oração* que roga pela misericórdia de Yahweh e expressa a confiança de que ela foi posta à disposição do suplicante. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Oração*. Nenhum homem pode *permanecer* no estado de esperança e confiança a menos que tenha recebido o poder de Deus para tanto. Precisamos do toque divino para qualquer santo empreendimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança*.

> *Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.*
>
> (I Coríntios 13.13)

Salmo Trinta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *ação de graças* pelo livramento de tribulações. Alguns salmos dessa classe podem ser conclusões de salmos de lamentação, que tipicamente iniciam com um clamor pedindo ajuda, descrevem os perigos que o salmista enfrentava e então terminam com uma nota de louvor e agradecimento pela oração respondida, ou pela resposta que os poetas sacros pensavam seria certamente obtida.

Salmos Acrósticos. São os salmos nos quais cada linha ou cada segunda linha começa com letras hebraicas sucessivas, pois o poeta as encabeçou com essas letras, buscando traçar um efeito de estilo. Ver também os Salmos 9, 10, 25 e 37, quanto a esse artifício literário.

Este salmo começa cada nova linha com uma letra do alfabeto hebraico, por ordem da primeira à última. A palavra portuguesa "acróstico" deriva-se do grego *akros*, "ponta" mais *stixos*, "linha de um versículo". As palavras correspondentes são as do começo das linhas ou de outros lugares. Algumas vezes, as letras assim dadas formavam uma palavra, mas o estilo usado pelos hebreus era simplesmente seguir letra após letra, na ordem em que essas letras aparecem no alfabeto hebraico. A palavra grega *akros* também pode significar "extremo", pelo que o termo não implica, necessariamente, que o *fim* de cada linha fosse assim marcado. A obediência a esse estilo resultava, algumas vezes, em que os salmos envolvidos eram um tanto desconexos em suas idéias, faltando-lhes uma seqüência lógica. Comentando esse fenômeno, Ellicott (*in loc.*) declarou: "Este salmo consiste em uma fiada de declarações piedosas de tipo proverbial, todas elas belas em si mesmas, mas combinadas sem nenhuma arte além do arranjo alfabético, e até mesmo isso, conforme se vê no Salmo 25, não é levado avante de forma coerente". Os críticos opinam que os salmos acrósticos são mais recentes que os demais, e certamente não devem ser vinculados a Davi, embora os subtítulos pretendam que os identifiquemos dessa forma.

Subtítulo. Encontramos aqui um subtítulo elaborado, onde se lê: "Salmo de Davi, quando se fingiu amalucado na presença de Abimeleque, e, por este expulso, ele se foi". Sobre isso William R. Taylor comentou (*in loc.*): "Este subtítulo liga o motivo do salmo ao incidente da vida de Davi descrito em I Sam. 21.10-15, mas confunde Aquis de Gate com Abimeleque de Gerar (Gên. 20, 21 e 26). Coisa alguma, neste salmo, reflete aquela situação particular de Davi, entre os filisteus, a menos que pensemos nas palavras do vs. 6. A identificação, entretanto, é uma instância interessante do caráter da *exegese* judaica *posterior*". Note-se como Davi desempenhou o papel de um homem imbecilizado perante Aquis, e não perante Abimeleque (ver I Sam. 21.13-15). Os subtítulos dos salmos não faziam parte das composições poéticas originais, mas foram notas que pretendiam dizer algo sobre os motivos que as inspiraram, um pouco do conteúdo e quem foram os seus autores. Mas as informações dadas dessa maneira são apenas conjecturas. Ocasionalmente, entretanto, pode-se encontrar algum valor histórico. Cerca de metade dos 150 salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, embora alguns sejam indubitavelmente de sua autoria, visto ter sido ele o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Uma vez libertado de todas as suas dificuldades (vs. 6), o poeta convocou a comunidade a regozijar-se com ele, louvando o Senhor dos Livramentos. A nota-chave deste salmo é a *confiança* em Yahweh.

Duas Partes:

1. Os vss. 1-10 convocam os homens a unir-se ao salmista e dar graças a Yahweh.
2. Os vss. 11-22 provêem instruções (no estilo dos escritores de sabedoria) sobre como obter uma vida longa e feliz. O vs. 22 não está incluso no sistema acróstico e, provavelmente, foi uma adição de algum editor posterior. O estilo acróstico do salmo e as declarações de sabedoria identificam-no como uma composição bastante posterior.

Convocação para os Homens Unirem-se ao Salmista em Ação de Graças (34.1-10)

34.1

O *poeta sacro foi livrado* de alguma tribulação específica, mas, em sua confiança, expressou gratidão por seu livramento em geral, em qualquer e em *todas as ocasiões*. As palavras "em todo o tempo" nos fazem lembrar da declaração paulina: "Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai" (Efé. 5.20). Será isso uma hipérbole permitida na poesia? Pelo contrário, o homem espiritual está tão pleno, que vive exprimindo sua espiritualidade em palavras, atos e no coração, mesmo quando sua boca silencia. Algumas ocasiões de teste são difíceis de ajustar a esse esquema de coisas, e a maioria de nós volve-se para os queixumes e as lamentações quando está sob alguma provação. Conheci uma pessoa que, quando sofria de câncer terminal, confessou que não era uma boa sofredora e não podia dizer, juntamente com outras pessoas, que estava aprendendo muito daquela experiência. Sem embargo, todas as situações são supostamente *dias escolares*.

O livro de Jó ensina-nos que um homem bom pode ser submetido a provações, aparentemente sem nenhuma causa. Talvez o homem espiritual seja atingido, em certas ocasiões, pelo próprio caos, e precisamos resguardar-nos dessa probabilidade todos os dias, mediante a oração. Ademais, há mistérios e enigmas no trato de Deus conosco que nossa inteligência não pode acompanhar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, quanto a tentativas de explicar por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem.

Seja como for, o salmista que ora consideramos era um *sofredor;* entretanto, como lhe fora concedido livramento, ele não podia deixar de agradecer a Deus e louvar o nome de Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

> *Louvarei ao Senhor durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus, enquanto eu viver.*
>
> (Salmo 146.2)

34.2

Gloriar-se-á no Senhor a minha alma. *O ser humano inteiro* (alma) jacta-se no Senhor, tão grande é a sua confiança. Os humildes e os poderosos ouvirão a Palavra de Deus e se regozijarão, porquanto quem não precisa ser livrado por Deus muitas vezes, em sua vida? Portanto, se Deus cuida de outros homens, por que não cuidaria de mim?, podemos perguntar corretamente.

Ocasionalmente, o Salmo 34 era entoado nas celebrações da comunhão da igreja de Jerusalém, no começo da era cristã (conforme informam Cirilo e Jerônimo). Sabe-se que certos mártires citaram este salmo no momento de seu sacrifício, e noticia-se que Columbano, em suas horas finais de vida, também o declamou. A igreja escocesa sempre empregou este salmo em sua liturgia, embora ele não fizesse parte dos salmos litúrgicos da igreja judaica. Os cuidados de Deus são universais e têm afetado os homens em todos os séculos. Portanto, podemos gloriar-nos nele e alegrar-nos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*

o verbete intitulado *Columbano*. Seu dia é celebrado a 21 de novembro. As causas de todos os homens espirituais, em todas as eras, resumem-se em *uma só:* há um só Deus, um só Poder, uma só bênção universal.

Os humildes. Cf. Sal. 10.12. A Septuaginta e a Vulgata traduzem a palavra hebraica envolvida como "mansos". "Essa palavra aponta para os que têm aprendido a paciência na escola do sofrimento" (Ellicott, *in loc.*).

> *Levanta-te, Senhor! Ó Deus, ergue a tua mão! Não te esqueças dos pobres.*
>
> (Salmo 10.12)

34.3

Engrandecei o Senhor comigo. O *Poder* que livra os homens da tribulação é digno de ser *magnificado*; e esse Poder é *Yahweh, também chamado Adonai* (Senhor de escravos) e *El* (o Poder). O poeta e aqueles que viviam com ele, em *unidade* de propósitos, levantaram o mesmo cântico de louvor. "O motivo da unidade deve ser que, juntos, possamos magnificar e exaltar o Senhor, lembrando-nos que Ele não será magnificado e exaltado como deveria, a menos que o façamos juntamente" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *Sou um homem pobre, concedo,*
> *Mas tenho uma boa vizinhança.*
>
> (George McDonald)

O pobre homem que compôs este salmo reconheceu seu estado de humildade e pequenez, mas seu prestígio foi elevado por ter bons vizinhos e amigos a ele associados. Isso sempre é uma verdade no sentido espiritual. Nenhum ser humano é uma ilha isolada do continente.

> *Nenhum homem é uma ilha, inteiro por si mesmo;*
> *Todo homem é uma peça do continente,*
> *Uma parte do principal.*
>
> (John Donne)

"A oração conjunta é um doce fruto da comunhão dos santos" (Fausset, *in loc.*, em referência a Sal. 30.4):

> *Salmodiai ao Senhor, vós que sois seus santos, e dai graças ao seu santo nome.*

Quanto a notas expositivas sobre o *santo nome* de Yahweh, ver Sal. 33.21, e quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3.

34.4

Busquei o Senhor e ele me acolheu. O homem que estivera cheio de perturbações e temores buscou Yahweh, que respondeu com presteza e livrou-o de todos os seus receios. Este é um dos versículos que sempre incluo em minhas orações diárias, e assim, Senhor, concede-nos tal graça! Há muitas coisas que devemos temer "lá fora", e o homem é um ser extremamente fraco. O homem certamente não é o senhor de seu próprio destino, em nenhum sentido final. Eis a razão pela qual precisamos continuar orando ao Poder celeste.

> *Eu sou o senhor da minha própria sorte,*
> *Eu sou o capitão da minha alma.*
>
> (William E. Henley)

Ernest Hemingway pensava que as *touradas* eram a única *arte* na qual o *artista* corre perigo de morte. Mas, naturalmente, há a *arte de viver*, e todo artista, nesse jogo, diariamente arrisca-se a perder a vida. Portanto, os homens temem a morte, e muitas coisas da vida, por igual modo. Em certo sentido, os homens são os senhores de sua alma e de sua sorte, visto que suas decisões empurram-nos nessa direção. Porém, em última instância, somente Deus ocupa essa posição. Por isso o poeta clamou quando se sentiu em perigo e alcançou os ouvidos divinos; o braço divino estendeu-se em sua direção, visando seu benefício, e todos os inimigos e temores do salmista desapareceram em meio à exibição do poder de Deus. Hoje, sexta-feira, 26 de julho de 1996, penso que preciso desse benefício, tal como outras pessoas que vivem ao meu derredor. Portanto, que essa exibição de poder continue a mostrar-se em nosso próprio tempo, hoje mesmo.

34.5

Contemplai-o e sereis iluminados. O *homem que confia em Deus* pode olhar para Yahweh com o rosto radiante, porquanto sabe que o Poder está ao seu lado. Os homens orarão e não se envergonharão, porque Deus está distante e os deixa em estado de graça na presença dos seus opositores. É uma vergonha quando a oração não é respondida, porquanto ela consiste essencialmente em "pedir e receber". Pois os ímpios então dirão: "Vejam só o tolo! Ele orou ao seu Deus, mas nada de bom aconteceu. Vamos terminar com ele. Quem se importa se ele vive ou morre? Por certo o Deus dele não se interessa". Cf. Sal. 25.1, onde comento sobre a questão do homem que orou e ficou *envergonhado*, porquanto suas orações não foram respondidas.

> *Ampara-se, segundo a tua promessa, para que eu viva; não permitas que a minha esperança* me envergonhe.
>
> (Salmo 119.116)

> Aquele que se aproxima de Deus recebe raios de luz intelectual.
>
> (Teodoreto)

Pense o leitor no caso de Estêvão (Atos 6.15; 7.55,56). "Eles estão radiantes porque Deus os ouve (cf. os vss. 15 e 17) e os livra de todas as suas tribulações (cf. os vss. 17 e 19)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

34.6

Clamou este aflito, e o Senhor o ouviu. *O pobre homem de espírito*, humilhado, alquebrado, em perigo de morte prematura, *impotente* em si mesmo, foi quem clamou por causa de sua grande necessidade, e foi quem, igualmente, recebeu a espetacular resposta divina, quando o rosto de Deus sobre ele brilhou. Portanto, todos os que estão cercados de temores são também convidados a seguir o seu exemplo e receber o mesmo benefício que ele recebeu. A luz também pode brilhar no rosto deles. Evelyn Underhill descreveu certa mulher quacre, ao dizer: "A luz simplesmente emanava dela". Por isso, podemos julgar que ela contemplou a glória celestial.

Quanto ao *ouvido divino* que ouve as orações dos justos e age em favor de Seus *filhos*, ver os comentários sobre o vs. 15.

Cf. a oração de desespero de Sansão, em Juí. 15.19. Alguns intérpretes cristianizam o texto, fazendo-o referir-se a Jesus, em Suas orações de agonia. Ver Heb. 5.7.

34.7

O anjo do Senhor acampa-se ao redor. *O Ministério dos Anjos é uma Realidade.* Há carradas de evidências em favor desse ministério, tanto na literatura antiga quanto nas experiências modernas.

> *Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?*
>
> (Hebreus 1.14)

Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Anjo*. A doutrina dos anjos mostra que nenhum ser humano fica sem ajuda. Sempre haverá aquela "contraparte espiritual" que cuida da vida do justo. Alguns fazem o anjo guardião ser a parte superior do próprio ser. Isso pode exprimir uma verdade, mas as evidências também favorecem entidades espirituais *distintas* que têm por atribuição cuidar de cada cristão. Naturalmente, muitas pessoas, afundadas em seus pecados, estão completamente fora de contato com seus guias espirituais e algumas estão distantes deles. Provavelmente, nossos melhores guias espirituais são aqueles que estão em íntimo contato conosco, sem importar se temos ou não experiências externas dessa realidade. Por outra parte, alguns crentes têm *experiências abertas* com esses seres espirituais e são transformados por tal contato. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Anjo da Guarda*.

Um homem é auxiliado a atingir seu destino e os objetivos de sua missão com a ajuda de guias espirituais, os anjos. Todos os destinos úteis estão envolvidos em viver a lei do amor; e escolas, orfanatos, ciências, filosofias e todas as atividades nobres da vida estão implicadas, e não apenas as igrejas. Um cientista pode descobrir algo importante para a humanidade através da inspiração angelical. Parece que nossos políticos têm guias maus, mas até para eles haverá ajuda espiritual, se ao menos eles a buscarem e se mostrarem receptivos, esquecendo, pelo momento, de sua mera corrida atrás das riquezas e do exercício do poder.

O *Poeta Sagrado Corria Perigo*. Ele estava prestes a ser envergonhado na presença dos seus inimigos. Ele tinha razão para continuar vivendo e, assim sendo, seu anjo interveio em seu favor. Algumas vezes, os anjos manifestam-se de modo visível (ver Êxo. 14.19; Juí. 6.11,12,14), e algumas dessas aparições

são *teofanias* (ver a respeito no *Dicionário*). Usualmente, entretanto, os anjos mantêm-se nas sombras, permitindo-nos fazer aquilo que pudermos, testando a força de nossos músculos e desenvolvendo-os. Em tempos de aflição, entretanto, eles podem intervir e realmente o fazem em nosso favor. Conforme nos indicam trechos como Jos. 5.14 e II Reis 6.17, há *exércitos* de anjos. A doutrina bíblica concernente aos anjos tornou-se bastante elaborada. Alguns anjos guiam nações (Dan. 10.13,21 e 12.1). Ver também Jó 33.23 e Dan. 10.13. Quanto a anjos que atuam como exércitos guardiães em redor dos justos, ver Sal. 91.11,12 e II Reis 6.17. O poeta que compôs o salmo presente encarava o seu livramento através de uma metáfora militar. Ele foi libertado de seus temores e tribulações, porquanto um exército de anjos passou a defender a sua causa.

> *Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.*
>
> (Salmo 91.11)

Quando essa proteção fracassa (e todos os homens aparentemente falham na vida), precisamos depender da fé, supondo que as operações de Deus encerrem enigmas e mistérios que, algum dia, nos serão esclarecidos.

> *Portanto, confia em Deus todos os teus dias,*
> *Não temas, pois Ele está segurando a tua mão.*
> *Embora teu caminho seja escuro,*
> Continua cantando e louvando.
> *Algum dia, algum dia compreenderemos.*
>
> (Maxwell N. Cornelius)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal*, quanto a reflexões sobre por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem.

Ao redor dos que o temem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, especialmente a seção I, que destaca a doutrina veterotestamentária do que significa temer o Senhor. Yahweh deleita-se naqueles que O temem, o que subentende que eles são dotados de boa espiritualidade, e não meramente que tremem diante do Ser divino.

34.8

Oh! provai, e vede que o Senhor é bom. A metáfora foi drasticamente mudada para o ato de *provar*. Somente o indivíduo que prova a vereda espiritual pode realmente dizer se essa vereda é boa e satisfatória, ou não. O salmista, pois, convida-nos a fazer a *experiência*.

Na prova da espiritualidade há uma *bênção*, afirmou o salmista.

> *Descobrindo, seguindo, continuando a lutar,*
> *Certamente o Senhor abençoará!*
> *Santos, apóstolos, profetas e mártires*
> Respondem com um "sim!".
>
> (John M. Neale)

"O *banquete* suntuoso está preparado; não quereis *prová-lo* por vós mesmos? (ver Isa. 55.1; Luc. 14.16,17). O mero *ouvir* falar sobre o banquete não equivale a prová-lo (ver I Ped. 2.3). Em lugar de ficar falando sobre objeções teóricas e pontos teológicos críticos, é melhor dizer 'Vem e vê!', tal como fez Filipe, diante as objeções de Natanael (ver João 1.46)" (Fausset, *in loc.*). Seja como for, e em qualquer ocasião, é verdade que aquele que tem uma *experiência* está em vantagem sobre quem tem um argumento.

O Senhor é bom. Um dos atributos divinos é a bondade absoluta. Neste mundo de labuta e perda, é difícil para muitos perceber evidências em favor disso, pelo que um homem deve continuar a provar as águas e descobrir, em sua própria vida, as propriedades do Ser divino. Ver no *Dicionário* o artigo *Atributos de Deus*.

"Os santos têm testado e provado por si mesmos a *bondade!* A bondade sem variação! Esse é um fato que nos provoca o pensamento" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Ele é essencial, infinita, perfeita, imutável e exclusivamente bom em Si mesmo; e Ele é comunicativa e difusamente bom para com os seres humanos. Ele é o Autor de todo o bem" (John Gill, *in loc.*).

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

34.9

Temei o Senhor, vós os seus santos. *O temor do Senhor é o princípio da sabedoria* (ver Sal. 111.10 e Pro. 1.7), bem como a fonte originária de todas as bênçãos. Esta é uma expressão do Antigo Testamento que fala da qualidade espiritual do homem. O homem que teme a Deus nada tem que ver com ídolos, e mostra-se ativo na rejeição de coisas espiritualmente prejudiciais. Esse era o homem que obedecia à lei de Moisés, o padrão de toda conduta, segundo as bases do Antigo Testamento. Essa lei tornava um homem *distinto* de seus vizinhos (ver Deu. 4.4-8). A lei era o *guia* do israelita (ver Deu. 6.4 ss.) e dava ao homem vida longa e prosperidade, o que, no judaísmo posterior, chegou a incluir a idéia da vida eterna, depois da morte biológica (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O artigo sobre *Temor*, seção I, no *Dicionário*, oferece muitas outras qualidades e descrições do temor do Senhor.

"*O temor do Senhor* é uma frase própria da piedade do Antigo Testamento, que aponta para uma confiança reverente em Deus com ódio pelo mal" (*Scofield Reference Bible*, comentando Sal. 19.9). Como é claro, há muito mais envolvido nessa palavra, conforme sugere o artigo, mas esses são elementos óbvios do conceito.

O *temor do Senhor* é o lema do homem que resolveu ser um peregrino e seguir a vereda espiritual.

> *Não há desencorajamento*
> *Que o faça desistir*
> *Do seu primeiro intuito firme*
> *De ser um peregrino.*
>
> (John Bunyan, O Peregrino)

Pois nada falta. Este versículo é mais amplo do que as idéias anteriores. O homem bom não somente é protegido como também prova da bondade. *Nada lhe falta.*

> *O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.*
>
> (Salmo 23.1)

Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*, que amplia a idéia da bênção espiritual total dada por um Deus ilimitado. Cf. Sal. 16.2 e 84.11, passagens que contêm a mesma idéia.

Alguns intérpretes exortam-nos a não abandonar nossas bênçãos espirituais, sem as quais é inútil possuir bens materiais. A providência de Deus não se esquece de nenhuma necessidade humana.

34.10

Os leõezinhos sofrem necessidade. Tanto o leão quanto a leoa são caçadores implacáveis. Mas eles se limitam a caçar carne. Não apreciam castanhas, sementes, frutas e vegetais, que atraem os pássaros e as vacas. Isto posto, quando a presa do leão escasseia, ou quando os animais caçados são mais espertos do que o usual e conseguem evitar esses terríveis felinos, os leões jovens podem padecer fome. Em outras palavras, por mais poderoso que seja o leão, é uma fera *limitada*. Outro tanto não pode ser dito com relação a Yahweh, que desconhece limites. Deus tanto é poderoso quanto ilimitado, e cuida de Seus filhos. Na de bom é negado a eles.

> *O Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente.*
>
> (Salmo 84.11)

Alguns eruditos supõem que o melhor texto aqui não fala em *leõezinhos*, mas, antes, em *infiéis* ou *apóstatas*. Nesse caso, o poeta estaria afirmando como os "ímpios prosperam". No entanto, há ocasiões em que eles não prosperam e até passam fome. Outro tanto, todavia, não pode acontecer aos piedosos. A versão da Septuaginta diz *os ricos*. Mediante ligeira emenda do texto massorético, podemos ter *infiéis* em lugar de *leõezinhos*. É evidente que a versão da Septuaginta baseia-se em um texto hebraico pré-massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético* quanto ao texto hebraico padronizado do Antigo Testamento, que foi empregado como a base da maioria das traduções. A leitura da Septuaginta dá a entender que havia variantes nos manuscritos hebraicos, pelo que terminamos com estas possibilidades: *leõezinhos; infiéis e ricos*. Apolinário, seguindo a Septuaginta, comentou: "os ricos necessitados, a quem a fome pressiona" (cf. Jó 4.10,11). Quanto à opressão contra os santos humildes, ver Jó 4.10,11; Sal. 57.4 e Eze. 38.13. Os opressores tornam-se então os oprimidos. Mas os indivíduos piedosos prosperam, no final. Há um manuscrito hebraico que diz "homens poderosos", em lugar de "leõezinhos", sendo esse outro texto possível. Homens poderosos são, com freqüência, opressores, mas até tais homens caem na armadilha da fome e de outras calamidades.

Instruções sobre a Sabedoria: Como Obter uma Vida Longa e Próspera (34.11-21)

34.11

O salmo agora muda de estilo e nos faz relembrar da literatura de sabedoria, como os livros de Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão. Existem outros salmos de sabedoria. Ver as dezessete classes de salmos apresentadas em um gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sabedoria,* seção III, quanto à literatura dessa categoria, e também o artigo chamado *Sabedoria de Deus.*

Filhos. É característico da literatura de sabedoria que os autores sacros se dirijam às audiências chamando-as de "filhos". Cf. Pro. 2.1; 4.1 e 6.1. Nisso encontramos a família espiritual em torno do pai (uma pessoa espiritual superior), que assume o lugar de um mestre quanto à vereda espiritual. Era comum os "pais" dizer aos *filhos* como eles poderiam viver uma vida longa e próspera. Cf. Pro. 2.7-10; 4.20-23. O *temor do Senhor* era o princípio espiritual fundamental que eles ensinavam. Cf. Pro. 1.7; 2.5 e 9.10. Ver notas expositivas detalhadas sobre isso, no vs. 9, onde também ofereço referências bíblicas. Os vss. 13 e 14 dão aspectos práticos da vida piedosa, que o homem que teme a Deus certamente seguirá. Cf. também Pro. 10.32 e 16.21,30. A lei mosaica era o manual de instruções, o texto a ser seguido por toda a pessoa espiritual séria, o que ilustro amplamente no vs. 9. *Benditos resultados* acompanham a vida piedosa. Ver Sal. 32.8; Pro. 14.26,27.

Cf. I João 2.1, quanto ao pai que ensina seus filhos. A epístola de *Tiago,* no Novo Testamento, é o livro mais parecido com a literatura de Sabedoria do Antigo Testamento e do período intermediário (os 400 anos de silêncio profético entre o Antigo e o Novo Testamento).

> *No temor do Senhor tem o homem forte amparo, e isso é refúgio para os seus filhos. O temor do Senhor é fonte de vida, para evitar os laços da morte.*
>
> (Provérbios 14.26,27)

34.12

Quem é o homem que ama a vida...? A *vida boa,* ou seja, a vida longa, com prosperidade, eram os alvos da existência humana. Naturalmente, dentro do contexto mais primitivo do Antigo Testamento, isso apontava para uma longa vida *física* e para todas as coisas excelentes que tornam a vida boa e interessante. No judaísmo posterior, a *vida* também veio a incluir a vida pós-túmulo, bem como a salvação da alma, entendida em seus termos preliminares. Um bom lugar no *seol* foi reservado para os piedosos, ao passo que os ímpios sofriam no *lugar ruim* do mesmo seol. Essas doutrinas, entretanto, manifestaram-se só tardiamente no judaísmo. Quanto a uma *vida longa*, ver também Pro. 4.20-23. E, quanto à *longa vida,* que vem através da obediência à lei de Moisés, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. No Pentateuco, porém, estamos tratando exclusivamente da vida física. A doutrina da imortalidade ainda não havia emergido nas Sagradas Escrituras.

34.13

Refreia a tua língua do mal. Parte do *viver bem,* de modo que se atinja a vida longa e boa dos justos, consiste em ter cuidado com o uso da língua. O homem bom fala a verdade, não comete perjúrio, não fere aos outros com a língua nem engana o próximo. I Ped. 3.10 provavelmente era uma citação indireta deste versículo, ou de algum outro que lhe seja semelhante:

> Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes, refreie a sua língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente.
>
> (I Pedro 3.10)

Tiago, o livro de sabedoria do Novo Testamento, não pôde deixar de esbarrar nesse tema: ver Tia. 1.26; 3.5,6,8. O *homem religioso* controla a língua e não a usa como instrumento contra seus semelhantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.* Ver também esse tema anotado em Sal. 5.9; 12.2; 15.3 e 17.3.

> *Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que a ouvem.*
>
> (Efésios 4.29)

"... guarda teus lábios de palavras hipócritas e enganadoras, dos que falam com palavras lisonjeadoras e com um coração dúplice. Algumas pessoas usam palavras más na conversação comum, o que se deriva de um mau coração, por causa de hábitos arraigados. Alguns dizem palavras boas, mas com um mau designio. Em nenhum desses casos o temor de Deus está diante dos olhos dessas pessoas, nem no coração" (John Gill, *in loc.*).

> *Não basta que teu conselho seja veraz;*
> *Verdades brutas fazem pior do que a falsidade.*
>
> (Alexander Pope)

34.14

Aparta-te do mal, e pratica o que é bom. A lei mosaica informava os israelitas sobre o que era bom e sobre o que era mal; o que eles deveriam fazer e o que não deveriam fazer. Portanto, um homem espiritual (sobre bases veterotestamentárias) não ficava destituído de conhecimento. Para cumprir as injunções deste versículo, um israelita tinha apenas de conhecer e seguir as numerosas leis morais e cerimoniais. Em conseqüência, viveria bem e por longo *tempo* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1). *Seu guia e manual de conduta era a* lei mosaica (ver Deu. 6.4 ss.), o *estatuto eterno* (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29), que fazia do povo de Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8).

Procura a paz. Nenhum outro povo procurou a fé religiosa como os judeus. Eles viveram períodos de apostasia e inúmeras falhas; porém, como nação, eram os que buscavam a religiosidade com maior afinco. Deus e a paz eram os objetivos dessa busca. Não basta ser um *aprendiz.* Também não basta ser um *conhecedor.* Todo indivíduo precisa ser um *buscador* e um procurador ativo dos ideais da própria fé.

> *Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.*
>
> (Hebreus 12.14)

Na busca ativa existe, natural e necessariamente, a *prática* do princípio espiritual.

> *Aperfeiçoai-vos, consolai-vos, sede do mesmo parecer, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco.*
>
> (II Coríntios 13.12)

> *A bondade negativa não é suficiente. O bem prático deve ser adicionado a isso.*
>
> (Ellicott)

34.15

Os olhos do Senhor repousam sobre os justos. Este versículo é citado em I Ped. 3.12. Quanto aos *olhos do Senhor,* que guiam, corrigem, castigam e recompensam, cf. Sal. 11.4. Yahweh, de Sua posição vantajosa nos céus, vê tudo quanto acontece à face de nosso planeta. Ele se mantém *alerta* a tudo. Está *provando* para ver se os homens são falsos ou legítimos. Ele tem consciência das obras deles, tanto boas quanto más. Ele submete tudo a *teste* e então *age,* recompensando ou punindo. Isso reflete o *teísmo,* em contraste com o *deísmo* (ver ambos os termos no *Dicionário*). Deus não abandonou Sua criação. Ele não é indiferente para com ela. Ele intervém e julga de acordo com o bem ou o mal que os homens praticam. Ele recompensa os bons e castiga os maus. Ver também Sal. 66.7. As *nações* (e não somente os indivíduos) estão sujeitos a Seu olhar atento. Os fiéis são vistos e abençoados (Sal. 101.6). Ele nunca dorme nem dormita (ver Sal. 121.3,4). Isto posto, o homem espiritual fica seguro sob os cuidados divinos.

Os seus ouvidos estão abertos. Os sentidos de percepção do Ser divino estão alertas às necessidades de Seus *filhos.* Os ouvidos divinos ouvem as orações dos justos. E também ouvem as zombarias dos ímpios. Isso inspira Yahweh a agir e corrigir. Não sobe ao céu nenhuma oração que não seja ouvida; nenhuma oração que sobe fica sem resposta. Ver o vs. 6, quanto à *mesma metáfora do ato de ouvir.* Ver também Sal. 5.1; 10.17; 17.1; 31.2; 39.12; 55.1; 88.2; 102.2; 116.2 e 143.1. Por sua vez, os ouvidos do homem piedoso devem estar atentos à voz de Deus e de Sua lei (ver Pro. 2.2; 28.9 e Sal. 78.1).

O autor sagrado, como é natural, envolve-nos em um pesado *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas sabemos que ele falava metaforicamente, e não literalmente, reduzindo Deus a um super-homem. É muito difícil falar sobre Deus sem fazer referência às realidades e experiências humanas, pelo que apelamos às expressões antropomórficas para falar sobre Deus. Mas personalizar Deus torna-o menor do que Ele realmente é, embora seja impossível evitar completamente essa armadilha.

34.16

O rosto do Senhor está contra os que praticam o mal. Prosseguindo com suas expressões antropomórficas, o poeta sacro agora fala sobre o *rosto de Deus*. Essa expressão aponta para o *próprio Ser divino*. Tudo quanto Ele é, e tudo quanto faz, é dirigido *ao homem*, a fim de recompensar os bons e punir os maus. Cf. Jer. 21.10, que estipula:

> *Voltei o meu rosto contra esta cidade, para mal, e não para bem, diz o Senhor.*

Ver também Jer. 44.11 e Amós 9.4. O Senhor faz o Seu rosto *brilhar* sobre os homens (ver Núm. 6.25), ou então franze o cenho e castiga (ver Lev. 17.10). Algumas vezes, Deus exibe Seu rosto aos homens, em manifestações visionárias (ver Núm. 14.14). O rosto de Cristo produz iluminação acerca de Deus e também revela a Sua vontade (ver Sal. 4.6), o que se traduz em *glória*.

Para lhes extirpar da terra a memória. Os ímpios são eliminados, e sua memória se perde. Eles deixam de existir, o que constitui a antiga idéia dos hebreus, quando o *seol* apontava somente para a sepultura. Os iníquos verdadeiramente morrem e desaparecem. Somente séculos depois os ímpios eram vistos a sobreviver em algum lugar horrendo.

34.17

Clamam os justos, e o Senhor os escuta. Os ouvidos de Yahweh nunca falham. Assim que os justos clamam a Ele, em desespero, Ele os ouve e reverte o curso do mal; Ele os liberta de seus temores e castiga seus inimigos. Ele lhes concede abundância e os faz prosperar espiritual e materialmente. A idéia da segunda parte do vs. 15 é repetida. Ver ali sobre os *ouvidos divinos*. Ver também o vs. 6, onde encontramos idêntica idéia. Note o leitor o acúmulo de termos: há os *ouvidos divinos;* há os *olhos divinos*; há o *rosto divino* — todos voltados na direção do justo, para abençoá-lo e fazê-lo prosperar. Cf. o vs. 4: "... ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores".

Ver também o vs. 7 e os comentários que se aplicam a este versículo. O salmista não destacou casos excepcionais, em que os piedosos perecem em más situações. Ele não queria injetar mistérios e enigmas em seu tratamento otimista. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* quanto a raciocínios sobre por que os justos sofrem, e por que sofrem conforme sofrem.

34.18

Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado. *O Senhor deixa-se comover* diante do sofrimento humano. Ele não deixa de observar os homens com coração compungido. Ele respeita os humildes e dá atenção especial aos "esmagados no espírito" (Revised Standard Version). Ele está sempre *próximo* de tais pessoas, a fim de curá-las e de reverter o mal que as aflige. Este versículo, como é natural, ensina-nos algo sobre o *amor de Deus*, que é a fonte de toda a bênção divina e de todo o benefício humano. Temos aqui uma instância de *antropopatismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Em outras palavras, Deus é apresentado como dotado de emoções e sentimentos humanos. Quando personalizamos Deus, nós O tornamos menor do que Ele realmente é, mas é impossível evitar os ardis do antropomorfismo e do antropopatismo. Seja como for, supomos que essas atividades mentais revelem algo sobre o Ser divino, posto que imperfeitamente. Esses dois conceitos são, naturalmente, aspectos do *teísmo*.

"A súmula desse ensino é que, nas experiências duradouras da vida, tudo dá certo para o justo, mas errado para os ímpios. O mal mata o iníquo, mas o Senhor redime a vida de Seus servos" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Embora o Senhor habite *no alto* e em Seu santo lugar, contudo Ele condescende para estar perto daqueles que têm um espírito contrito e humilde (ver Isa. 57.15; 61.1; Luc. 4.18; Sal. 51.17 e 147.3)" (Fausset, *in loc.*).

> *... sara os de coração quebrantado, e lhes ata as feridas.*
>
> (Salmo 147.3)

"O coração quebrantado e o espírito contrito são as duas características essenciais do verdadeiro arrependimento" (Adam Clarke, *in loc.*).

34.19

Muitas são as aflições do justo. Os justos não ficam isentos do sofrimento. A despeito de todo o otimismo, o poeta sacro não esqueceu esse fato. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal,* quanto às razões pelas quais os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Mas o poeta sagrado via o *livramento* para o homem bom, enquanto a memória dos ímpios *desapareceria* da terra (vs. 16). Mas coisa alguma é dita sobre sofrimentos sem esperança, e sobre homens bons que sofrem acidentes horrendos e fatais, e enfermidades ridículas que consomem a vida humana. O poeta não queria incluir exceções e enigmas em sua abordagem otimista da situação.

> *Se eu fosse Deus —*
> *Não haveria mais: o adeus solene,*
> *A vingança, a maldade, o ódio medonho,*
> *E o maior mal, que a todos anteponho,*
> *A sede, a fome da cobiça infrene!*
> *Eu exterminaria a enfermidade,*
> *Todas as dores da senilidade.*
> *A criação inteira alteraria,*
> *Se eu fosse Deus.*
>
> (Martins Fontes, Santos, 1884-1937)

"Nenhum comandante faria justiça a um bravo e habilidoso soldado recusando-lhe a *oportunidade* de submeter a teste sua habilidade e bravura, enviando-o para combater o inimigo e não lhe permitindo guardar algum posto de perigo, quando isso se fizesse necessário. Os justos são os soldados de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Os homens são heróis meramente por estarem vivendo neste mundo hostil. Os homens são poderosos seres espirituais, e é o amor que estabelece a diferença em qualquer situação.

34.20

Preserva-lhe todos os ossos. Os *ossos* falam do corpo todo, porquanto o corpo depende dos ossos e nada seria sem eles. Acidentes e enfermidades quebram-nos os ossos. Mas o justo é de tal modo livrado, pelo Senhor, de suas tribulações, que ele sai sem um único osso partido, embora seja severamente testado. Essa é uma declaração metafórica para a asserção: "Tudo vai bem com o homem bom, no final das contas". O autor do livro de João comentou sobre o fato de que nenhum osso de Jesus foi partido, embora Ele tivesse sido crucificado (ver João 19.36), e esse versículo é um reflexo deste, além de exprimir uma realidade. Sal. 34.20 deve ser assim tomado como uma predição profética sobre o que aconteceria no caso de Jesus e de Suas severas provações.

Ver sobre João 19.36, no *Novo Testamento Interpretado*, quanto a uma explicação completa sobre o uso messiânico da questão. Este não é um salmo messiânico, mas contém esse elemento messiânico. A idéia relativa a não serem quebrados os ossos de Jesus fala sobre um livramento total. E isso, por sua vez, segreda que podemos confiar na *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). A providência divina é suficiente para todos os casos. Deus nada joga no lixo como se fosse refugo sem recuperação.

Os ossos dos animais sacrificados não podiam ser quebrados, pois isso invalidaria o sacrifício. Ver Êxo. 12.46. Nisso temos uma lição. Devemos ser *sacrifícios vivos* (ver Rom. 12.1). Os que são sacrifícios vivos contam com um favor especial de Deus.

O fato de que nenhum dos ossos de Jesus foi quebrado também foi um *sinal* da validade de Seu sacrifício, bem como da *aceitação* divina. Chegam até nós as calamidades, mas Deus as *controla e derrota,* conforme ensina a metáfora dos ossos. Podemos sair da refrega com algumas cicatrizes, mas estas serão honrosas. "Os ossos são a base da estrutura física do homem; e esses ossos serão conservados inteiros" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Cf. Mat. 10.30: Até os cabelos de nossa cabeça estão numerados. Nenhum mal, em última análise, pode sobrevir a um homem bom.

34.21

O infortúnio matará o ímpio. Os ossos do ímpio serão quebrados. Yahweh os matará quando lhes impuser retribuição por causa de suas más obras. Eles, em vida, odiaram e perseguiram os justos. Por conseguinte, colherão o que semearam. Yahweh os deixará *desolados*. Estamos falando aqui da *morte física*. A doutrina do julgamento para além do sepulcro ainda não tinha surgido na teologia dos hebreus. O Targum sobre este versículo fala na punição espiritual, mas isso pertence a um período posterior. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

O autor sagrado enfatiza aqui que a providência divina funciona de maneira positiva ou negativa. Deus recompensa e pune. Ele não pode negligenciar nem os bons nem os maus, quanto às suas obras. Ele precisa reagir diante de ambos, pois, do contrário, seria menos do que Deus. Não obstante, Seus castigos são remediais, e não apenas retributivos, e esse é um princípio que alguns estudiosos negligenciam tolamente, quando falam sobre as verdades divinas. Ver os comentários sobre I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado*.

34.22

O Senhor resgata a alma dos seus servos. Os ímpios são reduzidos a nada. Mas os *servos de Yahweh* (os justos) são *redimidos*. Contudo, não está em

vista aqui a redenção evangélica. Antes, o homem bom não sofreria *morte prematura,* um terror para a mentalidade hebréia.

Este versículo não foi incluído no sistema acróstico (ver a introdução ao salmo), e sem dúvida foi uma adição editorial à composição original. Não obstante, esta é uma boa maneira de encerrar o salmo, sumariando as idéias dos vss. 20 (acerca dos remidos) e 21 (acerca dos ímpios, que terminam desolados).

O homem bom não pode ser ferido, em nenhum sentido final, "de maneira temporal, ou de maneira espiritual, por algum mal eterno" (Fausset, *in loc.*). Ver Sal. 26.11, quanto à *redenção* referida neste versículo. Nenhum ser humano que confia Nele pode perder-se. Nenhum mal físico é capaz de anular sua razão de ser, nem a sua missão pode sair derrotada. Nenhum mal espiritual afetará a sua alma.

Salmo Trinta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação.* Mais de 60 da coletânea inteira de 150 salmos pertencem a essa classe. Os *salmos de lamentação* começam tipicamente com um clamor pedindo ajuda, descrevem os inimigos ou perigos enfrentados e então se encerram com ações de graças, porquanto o pedido pedindo livramento foi atendido, ou porque a esperança de resposta está a caminho.

Tal como sucede no caso do Salmo 31, os elementos do lamento ocorrem por mais de uma vez, pelo que os vss. 1-10; 11-18 e 19-28 poderiam ser salmos separados ou partes de salmos que foram reunidas por algum editor ou pelo próprio compilador original. Os adversários confrontados nos salmos de lamentação eram *inimigos estrangeiros,* guerreiros de povos hostis a Israel; inimigos *dentro do acampamento de Israel;* ou alguma *enfermidade física.* Não fica clara, neste salmo, a intenção do autor sagrado, mas, visto que existem três lamentos combinados, talvez mais de um tipo de inimigo esteja sendo descrito.

Para William R. Taylor (*in loc.*), eram inimigos dentro do campo de Israel que causavam as dificuldades: "Falsas acusações, planos maléficos e ódio permanente dos inimigos (resultariam) em algum procedimento judicial". O poeta sagrado declarou sua inocência e esperou um resultado favorável em seu julgamento. Ele teve de apelar para Yahweh em busca de uma *intervenção divina* direta.

Subtítulo. Neste salmo temos apenas o simples subtítulo "salmo de Davi". Os subtítulos foram adições feitas por editores posteriores e não têm nenhuma autoridade. Esses subtítulos tentam identificar os autores das composições poéticas, nomear os instrumentos musicais que acompanhavam a sua execução, e dar uma nota que assinala a essência da composição. Mais de metade dos salmos é atribuída a Davi, o que, sem dúvida, é um exagero. Contudo, alguns dos salmos realmente pertencem genuinamente a Davi, visto ter sido ele o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Primeira Lamentação: Oração Pedindo Livramento dos Destruidores (35.1-10)

35.1

Contende, Senhor, com os que contendem comigo. Fortes inimigos buscavam matar o poeta sagrado, ou mediante atos traiçoeiros praticados de maneira secreta, ou por meio de pronunciamentos de castigo capital. As acusações falsas poriam fim à vida do salmista. Ele carecia de *intervenção divina.*

"O salmista falou sobre os seus adversários como oponentes em tribunal; ou como inimigos em um *campo de batalha;* ou como *caçadores* que estendiam redes ou cavavam valetas para apanhar a presa; ou como *ladrões* que desnudavam a presa; ou, finalmente, como *feras.* Contra todas essas variedades de opositores, o salmista orou, para que Yahweh o defendesse com instrumentos de guerra" (William R. Taylor, *in loc.*).

Peleja. Isso Deus faria demonstrando uma justiça retributiva, mediante a qual Ele pune os homens em consonância com a gravidade de seus crimes. É como se o salmista dissesse: "Eles pleiteiam contra mim, como se a causa deles fosse justa; por conseguinte, pleiteia contra eles, como se a razão estivesse do meu lado". Este versículo quase certamente tem em mente algum caso da lei que produziria a punição capital. Alguns estudiosos vêem aqui as tribulações de Davi com Saul e apontam para a base bíblica de I Sam. 24.12-15, mas isso não passa de conjectura.

35.2,3

Embraça o escudo e o broquel. *Uma Metáfora Militar.* Yahweh teve de sair a campo para defender o pobre homem, pois, de outro modo, sua causa estaria perdida, e ele seria apedrejado fora do acampamento. Isto posto, o Guerreiro Yahweh precisou marchar com Sua armadura e ameaçar com Suas armas a fim de salvar uma vida. O vs. 2 mostra as armas defensivas que Yahweh usaria, e o vs. 3 fala das armas ofensivas empregadas para ferir os falsos acusadores. Esta parte do versículo salienta o fato de que os adversários do salmista eram guerreiros, no sentido literal, destacando, igualmente, o perigo de ele ser morto durante a guerra. Porém, parece melhor compreender estes dois versículos em um sentido metafórico. O salmista estaria em uma batalha vital, em um "tribunal", como se estivesse sendo atacado por um exército estrangeiro, porquanto seus acusadores, como é evidente, eram muitos.

O Campeão divino sairia à batalha protegido por Sua armadura, porquanto se encaminhava à guerra. Os dois escudos mencionados são primeiramente o pequeno e redondo, e então o escudo maior (o broquel) que o soldado levava para sua proteção *completa,* pois lhe cobria o corpo inteiro. Cf. I Reis 10.16. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Armadura; Armas* e *Guerra.*

"Note o leitor que o poeta, na intensidade de seu propósito, esqueceu-se da anomalia de armar um guerreiro com dois escudos de uma só vez. O ousado vôo da imaginação que pôde pintar o Ser divino como um guerreiro (uma figura simbólica comum de acordo com a poesia dos hebreus) é aqui mais vividamente retratado ainda do que em qualquer outro lugar da Bíblia, exceto em Isa. 63.1" (Ellicott, *in loc.*).

Empunha a lança. A lança deveria ser usada a curta distância; e o dardo, a grande distância. Algumas versões, de fato, mencionam as duas armas aqui. Mas a segunda delas é substituída pelas palavras "reprime o passo", na Revised Standard Version e em nossa versão portuguesa, a variante preferida por alguns eruditos. Se isso está correto, então o Guerreiro saiu a campo de batalha armado somente de lança para fazer cessar o ataque contra o poeta, e liquidar com a ameaça que lhe era imposta. Então o Guerreiro divino poderia dizer à alma do homem protegido: "Eu sou a tua salvação" (isto é, *livramento* de qualquer dano físico, pois não há aqui idéia alguma sobre a salvação da *alma,* em um sentido espiritual).

Minha alma. Estas palavras referem-se à totalidade da pessoa, e não somente à alma imaterial. Nenhum homem estava atacando a alma imaterial do salmista.

A tua salvação. Ou seja, o livramento de qualquer perigo *físico,* e não a salvação eterna da alma.

Os intérpretes modernos cristianizam este texto e falam sobre questões espirituais, a alma e sua salvação; mas, quando muito, isso só pode ser feito mediante uma *aplicação,* e não como uma interpretação verdadeira do salmo.

35.4

Sejam confundidos e cobertos de vexame. Se o *Divino Guerreiro* não saísse em defesa do homem que estava sendo falsamente acusado, *este* seria coberto de vergonha. Ele teria confiado em Deus; mas que benefício isso lhe havia trazido? Portanto, o salmista orou para que os seus próprios acusadores fossem confundidos e cobertos de vexame. Eles se tinham desonrado e seriam desonrados. Ver as notas expositivas sobre Sal. 25.1, quanto à questão de ser *envergonhado.*

O salmista não hesitou em invocar imprecações contra os seus inimigos. De fato, muitos dos salmos de lamentação também são salmos de *imprecação.* Está em pauta algum tempo antes de Jesus e Sua mensagem. Quem amaria os seus inimigos? Quem abençoaria os seus amaldiçoadores? (Ver Mat. 5.44). Mas o simples fato de que Jesus ensinou uma moralidade superior não significa que agora os homens a colocam em prática. Sempre será verdade que é mais fácil odiar do que amar, e isso também é muito mais peculiar da natureza humana. Até os chamados indivíduos espirituais gostam de unir-se em contenções e no ódio, atirando-se contra irmãos com quem lutam! Tal como o ceticismo é o vício e a maldição do liberalismo, assim também as contendas e as lutas são o vício e a maldição do fundamentalismo. Posições teológicas extremadas naturalmente atraem os extremistas.

O poeta sagrado reforçou suas imprecações com diversas similes (vss. 4-9).

Retrocedam. Encontramos aqui a *primeira simile.* O salmista, obviamente, continuava usando a sua metáfora militar. Ele via o Guerreiro Divino fazendo retroceder os seus inimigos e colocando-os em fuga, tão completa e final foi a vitória obtida. Eles fugiram como guerreiros confusos, que recuam em desordem. O salmista estava ao lado de Deus, e Deus estava ao lado do salmista. Seus oponentes eram odiadores e destruidores que mereciam ser odiados por Deus e pelos homens, e também ser destruídos, visto que seu intuito era destruir. Adam Clarke (*in loc.*) supunha que as imprecações (maldições) fossem legítimas, visto que não se voltavam contra a alma imortal de nenhum ser humano. Essa parece ser uma boa lógica para todos, exceto para Jesus, que vivia acima da lógica humana, em Sua filosofia de amor.

Intérpretes modernos vinculam o presente texto a I Sam. 24.22 e 26.25, onde Saul foi *impedido* de prejudicar Davi e teve de retornar à sua casa. Alguns cristianizam o texto e vêem Jesus, o Cristo, fazendo recuar os inimigos do crente, porque este não pode ser prejudicado. Trata-se de uma boa *aplicação* espiritual, mas este salmo não é messiânico.

35.5

Sejam como a palha ao léu do vento. *A Segunda Símile.* Os inimigos do homem bom são como a *palha* diante do vento. O vento é o *poder de Deus*, ou então é o paralelo disso, o *Anjo do Senhor*, que expulsa os ímpios. Os anjos são chamados no Antigo Testamento hebraico de *elohim*, ou seja, "poderes". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Anjo*, quanto a detalhes sobre a doutrina das qualidades e atividades dos seres angelicais. O homem bom é protegido pelos poderes celestiais, e o homem mal, em contrapartida, recebe oposição por parte dos poderes celestiais. O poeta sagrado solicitou que isso fosse uma realidade em seu caso.

> *Os ímpios... são... como a palha que o vento dispersa. Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo.*
>
> (Salmo 1.4,5)

"O anjo é a personificação do vendaval, que empurra adiante de si todos os obstáculos e avassala até exércitos inteiros em lugares perigosos" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Êxo. 12.29 e II Reis 19.35, quanto ao poder de destruição dos anjos, que fizeram retroceder exércitos inteiros por causa dos justos. Ver Heb. 1.14, quanto ao serviço prestado pelos anjos em favor dos remidos.

35.6

Torne-se-lhes o caminho tenebroso e escorregadio. *A Terceira Símile.* Sendo perseguidos pelos anjos, os ímpios têm de passar por *terrenos perigosos*, o que lhes garante a queda. Talvez haja aqui uma menção à experiência no mar Vermelho, onde os egípcios pereceram nas águas, enquanto Israel atravessava a terra seca. O mais provável, entretanto, é que aqui sejamos convidados a pensar em um perigoso terreno acidentado, ensopados de água devido a um temporal rugidor. "As veredas ou trilhas nas colinas de calcário da Palestina algumas vezes ficavam gastas e lisas como o mármore. Cf. Sal. 73.18" *(Speaker's Commentary, in loc.)*.

> *Tu certamente os pões em lugares escorregadios, e os fazes cair na destruição.*
>
> (Salmo 73.18)

O exército em fuga pode ter escapado dos anjos que os perseguiam; mas, impedidos por atoleiros, espinheiros e rochas lisas, caíram e tornaram-se presa fácil para os perseguidores divinos. Portanto, foram destruídos, enquanto o homem bom escapou livre.

35.7

Pois sem causa me tramaram laços. *A Quarta Metáfora.* O salmista agora apresenta símiles baseadas na vida do caçador. O homem corre para a *rede*, tal como algum infeliz animalzinho ou pássaro é apanhado em armadilha, pelo que é fácil de matar e o produto de seu corpo redunda no bem dos matadores. Note o leitor que a rede ocultada pelo caçador para apanhar a presa é a própria armadilha onde a caça cai inconsciente, em um momento de descuido. Quanto à *metáfora da rede*, cf. Sal. 9.15; 10.9; 25.15; 31.4; 35.7,8; 57.6; 66.11; 140.5; Pro. 1.17; 12.12; 29.5; Ecl. 9.12 (uma rede de apanhar peixes); Isa. 51.20; Lam. 1.13; Eze. 12.13; Osé. 7.12 e Hab. 1.15,16. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Rede*.

A Quinta Símile. A rede foi posta por cima de uma cova, onde supostamente o homem bom cairia, submetendo-se assim à destruição. A Revised Standard Version separa as símiles da rede e da cova; mas algumas traduções as apresentam em conjunto, como se a cova fosse escondida por uma rede disfarçada. Seja como for, a cova era uma armadilha comum para apanhar animais. As florestas da Palestina eram abundantemente habitadas por animais selvagens, pelo que covas escavadas nas trilhas para a água com certeza apanhavam grande "colheita" de animais. A cova oculta era algo terrível, que se tornou símbolo do *seol*, a Grande Cova, que muitos pensavam estar abaixo da superfície da terra. Quanto à *metáfora da cova*, ver também Sal. 7.15; 9.15; 30.3,9; 40.2; 55.23; 57.6; 69.15; 88.4,6; 94.13; 143.7; Pro. 1.12; 22.14; 28.10; Ecl. 10.8 e Isa. 14.15.

> *Quem abre uma cova, nela cairá...*
>
> (Eclesiastes 10.8)

35.8

Venha sobre o inimigo a destruição. *A Sexta Símile.* O indivíduo que quer destruir é, de súbito, apanhado pela *destruição*. O caçador, que estendeu a rede ou escavou uma cova, aproxima-se da armadilha e ali encontra o pobre animal caído. Com um sorriso malicioso nos lábios, mata o pobre animal com sua lança ou um golpe de espada. O animal valia somente a sua pele, ou outro produto de seu corpo. Mas o poeta reverte a metáfora e faz o caçador ser caçado, e o próprio destruidor ser destruído em sua cova, ou ser ali atingido pela flecha, ou ser *apanhado nas dobras de sua rede*. Pensemos no caso de Hamã, que foi enforcado na própria forca, ou melhor, que foi empalado em sua própria máquina de empalação. Os planos do ímpio armam o palco para sua própria destruição. Cf. Sal. 38.12; 40.14 e 70.2.

> *Sem provocação, esconderam uma rede para mim;*
> *Sem provocação, cavaram uma cova para mim;*
> *Que a rede que armaram os apanhe;*
> *Que a cova que cavaram os receba na queda.*
> *Arruinados, que fiquem ali caídos.*
>
> (Idéias sugeridas por Ellicott, in loc.).

> *Abre e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz.*
> *A sua malícia lhe recai sobre a cabeça...*
>
> (Salmo 7.15,16)

Confiança no Senhor (35.9,10)

35.9

E minha alma se regozijará no Senhor. *Conclusão.* Fracassaram todas as armadilhas preparadas pelo ímpio para matar o homem bom. Assim sendo, o homem bom tem razão de estar alegre e irromper em um hino de louvores e ações de graças. Tipicamente, os salmos de lamentação terminam com uma nota de triunfo e louvor pela resposta à oração, ou porque o autor sacro tinha certeza de que a resposta estava a caminho.

> *Acredito que o Senhor ouviu a minha oração;*
> *Acredito que a resposta está a caminho.*
> *Não te desfaças da tua confiança*
> *No Senhor, teu Deus.*

O Salmo 35 não consiste em um único salmo, mas incorpora *três* salmos de lamentação: vss. 1-10; 11-18 e 19-28. Cada um deles tem seu próprio e jubiloso término, com ações de graças apropriadas. O Salmo 31 também é composto, e um de seus elementos, os vss. 9-12, não contém nenhuma exultação final. O pobre homem morrera. Ademais, o Salmo 88, de lamentação, termina em uma atitude de desespero. Isso, meus amigos, é verdadeiro na experiência humana. Nem sempre triunfamos. Nem sempre somos livrados. Nesses casos precisamos ter fé na bondade de Deus e olhar para "além" do sepulcro como o lugar das misericórdias seguras, no estado eterno. Não obstante, visto que a maioria dos salmos de lamentação termina em triunfo, assim também confiamos que usualmente o triunfo salva o homem justo que sofre aflições, até mesmo na vida presente, pelo menos até que sua missão na terra esteja terminada.

A *nota-chave* do término deste salmo é a *alegria.*

> *Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos.*

A alegria é um poder curador, ao passo que a tristeza contínua termina criando enfermidade no corpo. Li sobre um homem que curou uma séria e fatal enfermidade mediante a alegria e o riso, produzidos por assistir a filmes cheios de comédia e alegria. Quanto mais a alegria espiritual é curadora! O triunfo provoca a alegria. O poeta sagrado triunfou sobre seus adversários, não por causa de suas *próprias virtudes, mas porque Yahweh interveio em seu favor.*

Salvação. Não está em pauta aqui a salvação da alma, mas antes o *livramento* da morte prematura, tão temida pelos hebreus. Isto posto, o homem podia continuar vivendo e cumprindo seus propósitos na vida.

35.10

Todos os meus ossos dirão. Os ossos, a estrutura sobre a qual o corpo é arquitetado, e da qual depende, foram usados metaforicamente para falar do corpo inteiro ou mesmo da *pessoa inteira*. Quanto à *metáfora dos ossos*, ver também Sal. 6.2 e 32.3, onde apresento referências bíblicas e idéias. Os ossos, pois, entoaram seu hino de livramento. Yahweh (o Eterno), que também é El (o Poder), livra os fracos de seus inimigos, que são fortes demais para eles. Os que estão prestes a serem esmagados pelos ímpios são livrados. Visto que estão *necessitados*, por isso mesmo atraem a misericórdia do Senhor. E Ele se torna a força deles.

Ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.

(II Coríntios 12.9)

O mísero. Não com respeito a questões financeiras, mas, como um *sofredor*, o homem estava em situação tão lastimável que precisava de ajuda especial. Cf. Sal. 18.17. Este versículo tem sido cristianizado para falar dos *crentes fracos*, que vivem em um mundo hostil e são salvos evangelicamente. É uma boa *aplicação*, mas não é disso que trata este salmo.

Segunda Lamentação: Testemunhas Maliciosas (35.11-18)

35.11

Levantam-se iníquas testemunhas. O Salmo 35 incorpora três salmos de lamentação: vss. 1-10; vss. 11-18 e vss. 19-28. Este segundo salmo (da trilogia) muda a razão para o clamor pedindo socorro. *Testemunhas maliciosas* tinham-se levantado contra o poeta sagrado, ameaçando-o de execução, por meio de um ato judicial. Ver o vs. 1, onde esse tipo de inimigo já havia sido identificado.

Os salmos de lamentação apresentam os seguintes elementos: 1. inimigos procedentes de exércitos estrangeiros; 2. inimigos de dentro do acampamento de Israel (como nesta seção); 3. inimigos do corpo, que ameaçavam a vida física da pessoa. Na presente seção do Salmo 35, a dor do pobre homem é intensificada porque os seus inimigos eram amigos que se tinham voltado contra ele. Mas ele continuava a orar, pedindo livramento, pleiteando e clamando. Finalmente, porém, foi-lhe concedido o triunfo, e assim ele deu ações de graças em altas vozes e louvores. A triste causa de seus inimigos havia sido derrotada, e Yahweh tinha influenciado a decisão do tribunal. Este salmo talvez faça alusão a algum plano secreto para matar o poeta sagrado, e não por decisão judiciária. Alguns estudiosos supõem estar em foco uma *enfermidade física*. Quando seus inimigos estavam enfermos, o salmista orou por eles. Mas quando chegou a sua vez de enfermar, eles se riram e esperaram sua morte. Seja como for, a oração dele mostrou-se eficaz. O salmista foi libertado da aflição, a despeito das esperanças pervertidas de outros, que desejavam a sua morte.

Iníquas testemunhas. Foram ditas coisas contra o salmista que ele nem ao menos havia imaginado e, muito menos, praticado. Este versículo põe as palavras do salmo no tribunal, onde estava sendo efetuado o julgamento do poeta sacro. O resultado do julgamento poderia ser a *punição capital*. Assim sendo, o pobre homem clamara para que Yahweh pleiteasse a sua causa e o libertasse das feras que o tinham cercado. O salmista tinha feito o bem para os seus inimigos, mas eles estavam pagando o bem com o mal (ver os vss. 11 e 12). Este versículo nos faz lembrar das falsas testemunhas que se levantaram contra Jesus, pelo que podemos ter aqui um reflexo messiânico, embora o salmo, como um todo, não seja messiânico. Ver Mat. 26.59,60. Também encontramos aqui um paralelismo com acontecimentos na vida de Davi. Ver I Sam. 24.9. Ele pode ter sido o antítipo de Jesus. Outro tanto sucedeu aos apóstolos (ver Atos 24.5,6). Os mentirosos sempre acham alguém contra quem lançar suas calúnias maliciosas.

35.12,13

Os *mentirosos* que agora buscavam a morte do homem bom haviam sido seus *amigos*. Formavam um bando de Judas. O poeta sacro fora bom para com eles. Quando eles estavam enfermos ou padeciam de alguma outra aflição, o salmista orou por eles e agiu em favor deles. Ficou tão preocupado que chegou a chorar por eles, lamentando-se e vestindo o cilício em sinal de tristeza. O homem bom chegara a *jejuar* por aqueles amigos, tentando tornar suas orações mais eficazes e mostrar o caráter genuíno de sua lamentação. Ele tinha orado fervorosamente com humildade, ou seja, com a cabeça pendida sobre o peito (ver também a Revised Standard Version). Diz o hebraico, literalmente, "minha oração voltou-se para trás", mas a referência parece ser à postura do homem, em sua oração. Isso explica a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira: "Orava de cabeça sobre o peito".

Ver no *Dicionário* os artigos *Jejum; Pano de Saco; Oração; Lamentação* (especialmente a seção III, "Alguns Modos e Costumes de Lamentação").

Este versículo pode, talvez, querer dizer que as orações do homem bom foram rejeitadas; mas não parece ser isso o que está em vista, embora alguns intérpretes vejam a questão por esse ângulo.

35.14

Portava-me como se ele fora meu amigo, ou meu irmão. A sinceridade do pobre homem, em suas lamentações e fervorosas orações, era inspirada pelo fato de que ele se lamentava como se fosse por um ente da família.

Até o meu amigo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar.

(Salmo 41.9, que é citado em João 13.18, acerca da experiência de Jesus)

Cf. isso com a lamentação de Davi pela morte de seu arquiinimigo Saul (ver II Sam. 1.17-27). O homem bom caminhava ao léu como um zumbi; ele se sentou sobre um monturo de cinzas, com todos os sinais externos do luto, clamores de tristeza, pano de cilício sobre as costas, e o rosto coberto de cinzas. Ver o artigo chamado *Lamentação*, seção III, quanto a detalhes sobre esses sinais. Cf. Gên. 37.34 e Sal. 30.11. Ver também Lev. 16.29,31 e Isa. 58.3. Ver, finalmente, como Jesus chorou sobre Jerusalém, em Luc. 19.41 ss.; 23.34 e Mat. 23.37.

35.15

Quando, porém, tropecei. Todavia, quando o salmista enfermou ou sofreu alguma aflição, seus ex-amigos se alegraram, chegando ao extremo de rir-se e zombar dele. Não somos informados *por que* isso sucedeu, mas sabemos que as amizades com freqüência são meras questões de conveniência e podem ser bastante superficiais. Um ato descuidado pode transformar amigos em inimigos, tão frívolo é o coração humano. Nada é dito acerca de *por que* os antigos amigos do poeta sacro se voltaram contra ele. Algumas vezes os homens fazem isso sem nenhuma razão evidente, mas apenas porque têm ódio no coração e precisam vergastar alguém para aliviar seu mal-estar interior.

A Revised Standard Version diz vividamente: "Ao meu tropeçar, eles se reuniram em alegria feroz", e essa reunião foi "contra" o poeta sagrado. Eles o rasgaram em pedaços, como alguém rasgaria uma peça de vestuário já velha. Talvez haja aqui um jogo de palavras. O poeta lamentava-se, rasgando suas roupas. Mas, quando chegou a sua vez de tropeçar e cair, seus falsos amigos rasgaram a ele, e não as próprias vestes. A Revised Standard Version diz que o ato de *rasgar* foi feito por meio de *calúnias*, pois alguns indivíduos realmente rasgam o próximo com suas palavras.

Oh, Deus, que carne e sangue fossem tão baratos,
Que os homens odiassem e matassem,
Que os homens silvassem e cortassem a outros,
Com línguas de vileza...

(Russell Champlin)

Que eu não conhecia. 1. Algumas pessoas desconhecidas juntaram-se ao grupo perseguidor; 2. O salmista não sabia *por que* eles agiam daquela forma; 3. Eles chegaram sem aviso, ferindo em segredo e repentinamente. O trecho hebraico é bastante obscuro, pelo que esses três pareceres são meras conjecturas.

Sem tréguas. Agiram como um exército invasor que não demonstra misericórdia, perseguindo sem quartel, não dando margem a tratados ou concordâncias. Eles queriam mesmo tirar a vida do poeta. Somente quando o vissem morto pariam seus atos nefandos.

35.16

Como vis bufões em festins. *Os homens vão a festas* e empregam a ação cortante de seus dentes. O poeta sagrado foi *mordido* como se ele fosse a festa a ser consumida. "Eles mastigaram com fúria veemente (ver Sal. 37.12; Atos 7.54)" (Fausset, *in loc.*). O trecho hebraico aqui é difícil de traduzir, sendo literalmente "como os zombadores mais profanos de um bolo" e deixando os intérpretes admirados com o sentido pretendido. Eles agiram "com profanação e barbarismo" (*Old Commentary for English Readers*, IV, 137), o que, provavelmente, é a idéia geral do texto, mas cuja tradução não é fácil derivar do hebraico original. Com razão, pois, Ellicott, observou: "Esta cláusula está eivada de dificuldades". A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem: "Eles me tentaram; zombaram de mim com zombarias". A King James Version refere-se a "*zombadores* hipócritas", mas a palavra aqui vertida em letras itálicas poderia ser mais bem traduzida por "profanos" ou "ímpios". Quanto à palavra hebraica que pode ser traduzida como "bolos", alguns intérpretes preferem dizer "festins". Além disso, somos informados sobre os "zombadores de bolos", ou seja, indivíduos hipócritas que, como parasitas, se ajuntam em torno da mesa dos ricos. Isso nos faz lembrar do tratamento zombeteiro a que Jesus foi submetido. Herodes O vestiu com uma veste de cor púrpura para escarnecer de Sua realeza, e também pôs uma cana em sua mão como se fosse um cetro; e a soldadesca se ajoelhou diante Dele, em zombarias. É provável que tudo isso tenha ocorrido por ocasião de um dos *festins* de Herodes. Ver Mat. 27.29 ss. O que foi dito acima provavelmente é compreensível sem que seja preciso explicar, em termos exatos, o sentido derivado do hebraico em questão.

35.17

Até quando, Senhor, ficarás olhando? Yahweh parecia estar olhando com *indiferença*, pelo momento um Deus deísta que tivesse abandonado a Sua cria-

ção, enquanto o poeta sagrado passava desesperada necessidade de um Deus teísta que interviesse nos negócios humanos. Pela nossa experiência de demora na resposta às orações, todos sabemos que algumas petições nem chegam a ser respondidas. E a razão disso nem sempre é que pedimos erroneamente ou que temos algum pecado que impede a resposta. Existem *enigmas* na vontade de Deus, e estaremos exagerando se dissermos que Deus sempre responde às orações quando obedecemos às Suas regras.

"Comovido pela tragédia do próprio caso, o salmista de súbito irrompeu em um apelo por si mesmo, em lugar de amaldiçoar os adversários. 'Até quando, Senhor...?', uma exclamação característica dos salmos de lamentação... O tempo de ajuda é sempre curto por causa da crueldade bestial dos que se haviam atirado contra o salmista. 'Salva-me dos leões'" (William R. Taylor, *in loc.*).

Livra-me a alma. "Alma", aqui, no hebraico literal, é "minha única". Esta é uma terna referência à vida de um homem como algo *precioso* para ele. Este vocábulo foi usado acerca de um *filho único*, em Gên. 22.2,12 e Juí. 11.34. O quanto os homens valorizam a própria vida! Não está aqui em vista a alma (o homem *imortal*). Pelo contrário, o poeta sagrado temia perder o seu grande tesouro, a *própria vida*, mediante uma morte prematura. Nenhum ser humano era capaz de tocar em sua alma. A vida humana torna-se ainda mais preciosa quando a consideramos uma *alma eterna!*

> *Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua própria alma? Que daria um homem em troca de sua alma?*
>
> (Marcos 8.36,37)

"Minha alma, de uma preciosidade sem-par, livra-a tu de adversários que são como leões (Sal. 22.21)" (Fausset, *in loc.*).

35.18

Dar-te-ei graças na grande congregação. O salmo de lamentação iniciado no vs. 11 segue agora o encerramento típico, terminando em *alegria e ações de graças*, porque a oração do salmista, pedindo livramento, tinha sido respondida, ou porque o poeta sagrado sabia que em breve seria atendido. Dentre os mais de 60 dos salmos de lamentação, somente os Salmos 31.9-12 e 88 terminam sem alegria. Continuemos a orar! O homem estava tão alegre porque fora privilegiado com uma intervenção divina que levou seus louvores à congregação, e conclamou toda a comunidade israelita, no templo, para ajudá-lo a exprimir o seu agradecimento. Em Israel, os hinos eram cantados com o acompanhamento de instrumentos musicais, e ali haveria agradecimentos comunais a Yahweh, o Deus de toda a humanidade. Provavelmente havia sido feito um voto. Uma resposta positiva à oração feita seria publicada para que todos a ouvissem.

> *A voz da oração nunca é silenciosa,*
> *Nem a insistência do louvor morre cedo.*
>
> (John Ellerton)

Há *grande multidão*, lá nos céus, que nenhum homem pode enumerar, agradecendo a Deus (ver Apo. 7.9), pelo que a grande congregação leva avante o dever e o privilégio de prestar louvores e ação de graças.

> *A meus irmãos declararei o teu nome; cantar-te-ei louvores no meio da congregação.*
>
> (Salmo 22.22)

"Este é um versículo encorajador para os adoradores que esquecem que fazem parte de uma grande congregação espalhada pelo mundo, cujas orações nunca são silentes, e cujos louvores nunca deixam de ser ouvidos" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Terceira Lamentação: um Grito Pedindo Ajuda (35.19-28)

O Salmo 35 é uma espécie de *trilogia*, ou seja, a combinação de três salmos de lamentação separados que foram reunidos em um único. Cada um deles tem as características dessa espécie de salmo, dos quais há mais de 60 dentro da coletânea completa de 150 que formam o saltério. Há aqui um grito desesperado pedindo ajuda; em seguida, são descritos os inimigos ameaçadores; e, finalmente, há o grito de triunfo quando o livramento já foi concedido. Somente os Salmos 31.9-12 e 88 terminam em atitude de desespero. Portanto, continuemos a orar! Esses três salmos são compostos dos vss. 1-10; vss. 11-18 e vss. 19-28.

Talvez os vss. 22-28 devessem ser também separados do terceiro salmo como uma composição distinta, uma adição editorial. Ou então o autor original, ou compilador, dos três salmos simplesmente tenha repetido seu clamor por vindicação. Muitos salmos de lamentação incluem fortes versículos de *imprecação* (maldição) contra vários inimigos, e isso fica aquém dos ensinos de Jesus sobre o amor que devemos ter pelos nossos inimigos, e sobre fazer o bem àqueles que nos fazem o mal (ver Mat. 5.44). Os hebreus não se mostraram dignos do ideal de Jesus, e nós continuamos a não nos mostrar dignos desse ideal. Portanto, continuemos a crescer! O terceiro salmo (vss. 19-28) é, essencialmente, um clamor pedindo *justiça*. Somente Deus pode realmente endireitar os erros cometidos, e raramente tais erros são corrigidos neste mundo físico. Emanuel Kant baseou um argumento moral sobre esse fato, em favor da sobrevivência da alma diante da morte biológica e em favor da existência de Deus. Para que a *justiça* seja realmente feita, a alma precisa sair desta dimensão física, a fim de ser recompensada ou punida. E, então, para que haja os devidos galardões ou punições, Deus precisa existir, dotado de inteligência e poder para concedê-los. De outra maneira, teremos de admitir que o *caos* governa este mundo, em lugar da justiça.

35.19

Este versículo nos brinda com uma nova descrição dos inimigos. Eles se regozijavam diante dos danos causados contra o poeta sacro e piscavam os olhos, ao zombarem dele. Eram inimigos *sem razão* (isto é, *injustamente*), e também odiavam sem justificativa. Eram simplesmente odiadores profissionais, como o são tantas pessoas religiosas, infelizmente! Tais pessoas não falam em paz. Pelo contrário, fabricam mentiras e proferem palavras inchadas de ódio e violência. É provável que os inimigos que o salmista tinha de enfrentar fossem aqueles "do acampamento de Israel", o que também acontece em toda a trilogia. No segundo salmo (vss. 11-18), eles eram ex-amigos, mas este não parece ser o caso aqui. Pessoas virulentas ferem, quando piscam uma para a outra, em aprovação ao próprio "eu" e à comunidade, enquanto o ser humano ferido agoniza no chão. Cf. João 15.25. Jesus foi odiado sem motivo algum. Cf. Rom. 3.24. Até o amor oferecido gratuitamente é desprezado por essas pessoas. É possível que Saul e seus cortesãos estejam em vista aqui, porquanto queriam ver Davi massacrado. Talvez encontremos aqui um indício messiânico, embora este salmo, como um todo, não possa ser assim classificado.

Não pisquem os olhos. Isso era, e continua sendo, um gesto comum de *concordância*, que não requer que nenhuma palavra seja dita.

> *Acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos.*
>
> (Provérbios 6.13)

> *O que acena com os olhos traz desgosto, e o insensato de lábios vem a arruinar-se.*
>
> (Provérbios 10.10)

O gesto de piscar com os olhos também fala do *prazer* que alguém sente diante de algum acontecimento ou então: "Temos um segredo sobre o qual as outras pessoas nada sabem". O poeta sacro era a vítima do piscar de olhos de seus adversários. Esse gesto também pode ser de zombaria ou motejo, através do qual um homem superior olha para um homem inferior.

35.20

Não é de paz que eles falam. Os ímpios barulhentos não dão um instante de paz aos homens que estão ocupados em seus próprios afazeres. Pelo contrário, rilham os dentes contra eles com palavras caluniosas e armam-lhes ardis, causando tremenda confusão. "... os indivíduos honrados da terra, isto é, os judeus piedosos que queriam preservar das influências estrangeiras a vida nacional e a fé religiosa, entre os quais, por certo, havia alguns levitas" (Ellicott, *in loc.*). Mas o autor sagrado parece continuar a arenga contra as falsas testemunhas, que queriam destruir um homem bom com as suas calúnias. Eles caluniam o homem bom, acusando-o de ter cometido algo que ele nunca cometeu, fazendo disso até um caso de punição capital. Veja o leitor o exemplo dos irmãos mentirosos de José (ver Gên. 37.4) e dos inimigos de Davi (ver Sal. 115.6,7), para não falarmos no caso de Jesus (ver Mat. 22.16,17 e 26.59,60).

35.21

Escancaram contra mim a boca. *Observando o homem inocente*, seus olhos inventam falsos acontecimentos e *apanham* sua vítima em algum ato perverso fictício, dizendo: "Ah! Ah! os nossos olhos viram". Ato contínuo, espalham sua ficção e tratam de incriminar o homem bom, transformando-o em um vilão diante de outras pessoas. Em seguida, apresentam o "crime" a um tribunal e tentam executar o homem bom. O hebraico por trás do "Ah! Ah!" é *heach, heach*, um *som gutural* prolongado que chama a atenção auditiva de maneira desagradável. Essas palavras irritam os ouvidos de qualquer homem bom.

Todos os que me vêem zombam de mim; afrouxam os lábios e meneiam a cabeça.

(Salmo 22.7)

Uma Oração Pedindo Vindicação (35.22-28)

35.22

Tu, Senhor, os viste; não te cales. *Yahweh Também Observava a Cena.* Ele via o piscar de olhos dos ímpios (vs. 19); ouvia as acusações guturais dos malfeitores (vs. 21); e sabia que pessoas piedosas e pacíficas estavam sendo perseguidas. Em conseqüência, Deus também falou palavras duras de julgamento contra os malfeitores, e estes haveriam de colher o que semearam. Deus não guardou silêncio, como se coisa alguma tivesse acontecido, e não se afastou da cena, como se não soubesse o que se passava.

Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade,
A Justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,
Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda,
Pois todo o erro nem a noite esconderá!
O que fizeres, de algum lugar, Deus te vê.

E pensas que poderás torcer a sabedoria divina?
E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais?
Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.
Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,
Ela virá e varrerá da terra aos iníquos.

(Ésquilo)

Cf. Sal. 10.14 e Êxo. 3.7. Os olhos de Yahweh vêem a verdade dos fatos. Ele não inventa coisa alguma e julga em retidão. Temos de escolher entre Deus e o caos. Se o Juiz de todos os céus e de toda a terra não fizer o que é certo, nem corrigir os maus e recompensar os bons, então o *caos* é o verdadeiro deus sobre todas as coisas. Mas o Deus teísta está sempre próximo e em plena operação.

... bem que não está longe de cada um de nós.

(Atos 17.27)

35.23

Acorda, e desperta para me fazeres justiça. Yahweh parecia estar distante e indiferente diante da causa do perseguido. Portanto, uma vez mais, o homem bom levantou a voz em alto clamor e chamou o Deus Eterno para despertar e agir em favor dele, o homem justo.

Invoco o Senhor, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos.

(Salmo 18.3)

Levanta-te, Senhor, na tua indignação, mostra a tua grandeza contra
a fúria dos meus adversários, e desperta-te em meu favor, segundo o juízo que designaste.

(Salmo 7.6)

Ver as notas expositivas sobre Sal. 7.6, quanto a idéias que se aplicam aqui. Ver também Sal. 44.23, trecho que lhe é bastante semelhante.

35.24

Julga-me, Senhor Deus meu, segundo a tua justiça. *Justifica-me.* O homem inocente estava sendo caluniado por todos os lados. Muitos tinham lançado o grito que dizia: "Ele é culpado! Executem-no!". Somente a intervenção divina podia salvá-lo. Ele precisava ser *vindicado* por meio de algum acontecimento extraordinário, dirigido por Deus, pois, do contrário, sua causa estaria perdida. O Deus *justo* não permitiria que a injustiça fosse feita. Deus agiria em harmonia com a Sua natureza e endireitaria todas as coisas. Ele não permitiria que os ímpios se deleitassem com o cumprimento de seus propósitos nefandos — a morte do homem inocente. De fato, eles ficariam consternados e sofreriam a tristeza dos condenados. A comunidade estava agora, porém, quase convencida da culpa do homem acusado do que não fizera, mas Yahweh reverteria a maré do mal, desmascarando aqueles que, realmente, eram culpados de calúnia e atos malignos.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários...

(Salmo 23.5)

35.25

Não digam eles lá no seu íntimo. Os maus propósitos de indivíduos iníquos não teriam cumprimento, para que eles não dissessem: "Conseguimos! O homem está morto!".

Demos cabo dele! Conforme fazem algumas feras, que apanham uma presa impotente, a qual logo se transforma em almoço. Mas o hebraico original diz aqui, literalmente, "devorar", como um peixe que apanha algo que comer, ou como um animal que esmaga, chupa e *engole* sua presa. A figura simbólica é a da vitória absoluta, cujo resultado é a destruição total da vítima. Deus não permitiria que tal *ultraje* ocorresse.

"... como leões que, rugindo, engolem sua presa, ao que ele os havia comparado, no vs. 17; e como homens ímpios que devoram o povo do Senhor, tal como comem pão (Sal. 14.4)" (John Gill, *in loc.).*

... que devoram o meu povo, como quem come pão.

(Salmo 14.4)

35.26

Envergonhem-se e juntamente sejam cobertos de vexame. O homem bom ficaria envergonhado se os ímpios triunfassem sobre ele, porquanto diriam: "Aquele tolo confiou em Deus, mas coisa alguma aconteceu em seu favor. Por que não haveríamos de destruí-lo?". Mas os praticantes do mal seriam confundidos uma vez que seus propósitos destruidores foram distorcidos e suas mentiras foram desmascaradas. Ademais, um julgamento divino haveria de mostrar que eles eram meros pecadores. Ver Sal. 25.1, quanto à questão da *vergonha.*

Cubram-se de pejo e ignomínia. Tão completa seria a reversão do caso, que os obreiros da iniqüidade se cobririam de vestes de pejo e ignomínia. E então os olhos de toda a comunidade veriam quem eles realmente eram, e o juiz do caso decidiria *contra* eles, e *em favor* do homem inocente e bom. Eles abandonariam o tribunal de olhos fitos no chão e cabeça pendida. E as pessoas assobiariam contra eles. Eles conheceriam o ardume da vara castigadora de Yahweh. Algum acidente ou enfermidade os atingiria, e eles morreriam prematuramente, o que era um terror para a mente hebréia. Eles se tinham engrandecido diante do homem perseguido e de toda a comunidade. Por conseguinte, seriam apropriadamente *humilhados* diante de todos. Eles colheriam o que tinham semeado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Vestiu-se de maldição como de uma túnica: penetre, como água, no seu interior, e nos seus ossos, como azeite.

(Salmo 109.18)

Considere o leitor o mau exemplo deixado por Saul, que perseguiu Davi com a finalidade de tirar-lhe a vida. Mas ele caiu em opróbrio final e sofreu de morte prematura. "Saul e seus cortesãos foram envergonhados, confundidos, revestidos de pejo, e, finalmente, totalmente desonrados. Tudo isso ocorreu na última batalha de Saul contra os filisteus, onde ele perdeu a coroa e a vida, e assim chegou a um fim desonroso" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver I Sam. 31.

35.27

Cantem de júbilo e se alegrem. *Os verdadeiros amigos do poeta sagrado,* que não o tinham abandonado quando ele sofria severo teste, regozijavam-se e saltavam de júbilo, ao ver a súbita reversão do caso e, juntamente com ele, teriam *grande prazer* na queda daqueles pecadores mentirosos. Então o homem bom retornaria à prosperidade e teria longa vida, porquanto havia guardado a lei mosaica, em contraste com os obreiros da iniqüidade. Veja bem o leitor como a retidão vinha por meio da lei, e como guardá-la assegurava uma vida longa e próspera, segundo se aprende em Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Finalmente, a comunidade que tinha duvidado da inocência do salmista, influenciada pelas palavras caluniosas de seus adversários, haveria de prorromper em um cântico de triunfo, adicionando sua voz aos louvores gerais de Yahweh, que tinha garantido a justiça no caso do homem bom.

"Encontramos aqui um tema frutífero, a saber, nosso *dever* de lembrar, favoravelmente, aqueles que nos têm ajudado, tanto na vida privada como nos negócios nacionais. O *esquecimento dos benefícios* é algo *feio.* É horrível quando aqueles que se tinham aliado na adversidade caem da prosperidade" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

35.28

E a minha língua celebrará a tua justiça. A *língua* do justo teria bom emprego: louvor e ação de graças. Ver o uso apropriado da linguagem, em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3 e 34.12. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da,* que provê comentários, referências e poesias ilustrativas. A alegria do homem vindicado seria tão grande que ele continuaria o seu cântico de louvor *o dia inteiro* e continuaria encontrando novas razões para louvar a Yahweh por Seus atos bondosos. O salmista e seus verdadeiros amigos não tomariam o crédito para si mesmos. Saberiam sempre que os benefícios descem dos altos céus (ver Tia. 1.17).

"Será mister a gratidão constante e a obediência de minha vida inteira para *eu pagar a dívida que devo*" (Adam Clarke, *in loc.*).

O vs. 28 tem o tom de um *voto.* É provável que o homem vindicado, cuja vida havia sido salva da execução, tenha feito um voto e uma promessa de que nunca esqueceria o que Yahweh fizera, e continuaria a louvar enquanto vivesse. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Votos* e *Promessas.*

Salmo Trinta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresentei *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é de um *tipo misto,* tendo as seguintes seções:

1. Vss. 1-4: salmo de sabedoria.
2. Vss. 5-9: hino que exalta Yahweh.
3. Vss. 10-12: salmo de lamentação.

Há certos salmos nos quais nenhuma classe domina, de modo absoluto, a composição. Eles podem ser ou não a combinação de composições separadas, unidas para formar um total mais ou menos frouxo. No caso deste salmo, a parte de lamentação é a mais proeminente, pelo que, se insistirmos sobre uma única classe, então teremos de chamá-lo de salmo de lamentação.

Tentando relacionar as partes deste salmo aos propósitos dominantes, Allen P. Ross, *in loc.,* apresentou o seguinte sumário: "Neste salmo, Davi recebeu um oráculo concernente à filosofia e ao estilo de vida dos incrédulos, enquanto eles planejavam seus esquemas malignos. Ele encontrou alívio no conhecimento experimental da gloriosa natureza do Senhor, o que traz bênçãos abundantes aos crentes. Como resultado, orou para que o Senhor desse continuidade a Seu amor leal e à Sua justiça, a fim de que os ímpios não destruíssem a sua integridade".

Foi assim que a grande bondade e o amor abundante de Deus (vss. 5,7,10) foram postos em violento contraste com a iniqüidade do homem (vss. 1-4). Este salmo termina com um apelo para o salmista ser livrado dos conselhos iníquos dos malfeitores, a fim de que a sua vida continue em meio à bondade e à prosperidade.

Subtítulo. Este salmo tornou-se parte da liturgia da comunidade judaica e foi apresentado ao mestre de canto e músico principal. Foi atribuído a Davi, que é aqui chamado de "servo do Senhor". Os subtítulos não constavam das composições originais, sendo edições posteriores de editores que conjecturaram quanto às circunstâncias históricas que podem tê-los inspirado, modo em que foram musicados e instrumentos musicais usados para acompanhá-los. Cerca de metade da coletânea de 150 salmos é declarada como de autoria davídica, sem dúvida um grande exagero. Mas não há por que duvidar que Davi compôs pelo menos alguns deles, visto ter sido ele o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Um Salmo de Sabedoria (36.1-4)

Quanto à *literatura de sabedoria* dos hebreus, ver o verbete intitulado *Sabedoria* (especialmente a seção III, *Literatura de Sabedoria*) no *Dicionário.* Na lista de classes, reuni treze salmos nessa classificação.

Exibindo autêntica sabedoria divina, o poeta descreveu a natureza nefanda dos ímpios, tal como encontramos no Salmo 1 (vss. 4 e 5). Além disso, tal como sucede naquele salmo, o homem bom é contrastado com o homem mau. *Salmo* 36: vss. 1-4, contrastados com os vss. 6-9. *Salmo 1:* vss. 1-3, contrastados com os vss. 4-6. A descrição do homem bom está contida no hino de louvor a Yahweh (vss. 5-9). Os Salmos 10 e 73 também contêm materiais similares, pelo que os Salmos 1, 10, 36 e 73 são composições relativamente vinculadas.

36.1

Há no coração do ímpio a voz da transgressão. No profundo do coração humano mal há a *transgressão,* que aparece como personalizada. O deus iníquo interior fala ao coração do pobre homem e exorta-o a não temer a Deus. No entanto, no Antigo Testamento, o temor de Deus é o termo que fala sobre a *espiritualidade básica.* Ver sobre o verbete chamado *Temor,* especialmente na seção I, quanto a comentários. Cf. Sal. 2.11; 5.7; 15.4; 19.9; 22.23,25; 33.8,18; 34.9,11; 55.19; 60.4; 61.5; 66.16; 67.7; 72.5; 85.9; 102.15; 115.11; 118.4; 135.20; Pro. 1.7; 2.5; 8.13 e 10.27. O temor do Senhor prolonga os dias do homem e lhe concede prosperidade espiritual e material. Ver as notas expositivas sobre Sal. 34.9, quanto a maiores detalhes. Não havia temor de Deus em quem não guardasse a lei mosaica, o manual de conduta que deveria governar pensamentos e atos do homem.

A lei era o *guia* de todo hebreu (ver Deu. 6.4 ss.). A lei era o fator que tornava os hebreus *distintos* de outros povos (ver Deu. 4.4-8). A observância da lei dava aos hebreus vida longa e prosperidade espiritual e material (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei era o *estatuto eterno* dos hebreus (ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17; 16.29). O ímpio é um *transgressor* da lei mosaica porque não teme a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transgressão.* O homem mau é pleno de pecados de comissão. Ele se insurge contra a lei e desobedece a mandamentos específicos. E, finalmente, quebra todos os mandamentos. A *Transgressão,* a deusa que está no interior do coração do homem, oferece toda espécie de contramandamentos a fim de anular a lei de Deus. Os versículos que se seguem fornecem alguns desses contramandamentos. À semelhança da serpente no jardim do Éden, a transgressão conquistou este mundo maligno, e juntamente com isso sua contralei e seu ódio, o oposto do amor. Para o homem bom, vale o "Assim diz *Yahweh*". Para o homem mau, entretanto, o que vale é: "Assim diz a *Transgressão*".

36.2

Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos. A *Transgressão,* a deusa do malfeitor, encoraja-o a pensar e praticar toda espécie de coisas perversas. Entre elas, em lugar de louvar a Deus, o homem maligno lisonjeia a si mesmo e faz de si um pequeno deus. Ele supõe que, se viver cheio de ódio e iniqüidade secretos, ninguém o descobrirá. Ele é um autodeus e um auto-enganado, porquanto, finalmente, todas as coisas virão à luz, o que há de bom e o que há de mal. O homem maligno pensa que pode desfazer de Deus e dos homens, e escapar. O hebraico dos vss. 1 e 2 é difícil, e, assim sendo, estou oferecendo a essência do que parece ter sido a intenção do salmista. "Não tendo temor ao Senhor, uma pessoa ímpia comete o mal continuamente. Ela aplaca a própria consciência (lisonjeando a si mesmo), a ponto de ocultar a sua iniqüidade, porquanto, se a enxergasse da perspectiva divina, ele a odiaria. Sua linguagem é licenciosa e enganadora" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *O pecado é o oráculo do homem mau em seu coração;*
> *Não há temor de Deus diante de seus olhos;*
> *Ele suaviza tudo para si mesmo, aos seus*
> *próprios olhos.*
> *Quanto a descobrir qualquer culpa, é disso*
> *que ele odeia.*
>
> (Ellicott, com uma paráfrase poética)

36.3

As palavras de sua boca são malícia e dolo. *O homem mau abusa da linguagem,* usando a boca para falar e promover a *iniqüidade.* Suas palavras são plenas de engodo. Nunca se pode dizer quando ele está dizendo a verdade ou a mentira. Ele abandonou a sabedoria e caiu na armadilha da insensatez humana. "Sua linguagem, que é o instrumento de seu coração, fere e falta com a verdade. Suas palavras são manifestações de maldade e logro. Talvez em alguma época ele tenha agido por impulsos justos, mas isso já faz muito tempo. Até mesmo nas horas da noite ele persiste em sua iniqüidade e termina cometendo suicídio espiritual, que acarreta a morte prematura.

Quanto ao uso apropriado da linguagem, ver Sal. 5.1-3; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12 e 35.28. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* que fornece detalhes, incluindo poesia ilustrativa.

Encontramos aqui um tremendo quadro de iniqüidade a qual certo homem se entregou, sem tentar refrear-se e sem sentir remorso algum, abandonando-se à inspiração do mal existente em seu próprio coração. Ele ia de mal a pior. Não tinha caráter nem podia dizer juntamente com o homem bom:

> *Poderes misericordiosos me restringem nos pensamentos*
> *malditos da natureza que me ataca quando estou em*
> *descanso.*
>
> (Ellicott, com uma paráfrase poética)

Os ímpios não repelem o mal. Pelo contrário, eles o aceitam de bom grado. "Ele chega a planejar o mal (cf. Osé. 7.15 e Naum 1.11), à noite, quando vai dormir" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Ele cortou a conexão que porventura existia entre ele mesmo e qualquer bondade" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse homem é "sábio na prática do mal" (John Gill, *in loc.*).

36.4

No seu leito maquina a perversidade. Temos aqui a descrição de um homem que se deleita tanto na prática do mal que, em suas horas de lazer, planeja como irá *realizar o mal.* Em vez de deitar-se e orar ou cultivar pensamentos profundos, ele calcula quanto mal ele tem sido capaz de praticar, e quanto ainda poderá fazer. Ele tem "programas do mal", que continuam sendo desdobrados a cada dia, com estágios já cumpridos e outros por cumprir. Ele não teme a escuridão. Seu coração jamais palpita ou o ataca em tempos de descanso. De fato, sua consciência é dura como pedra. Seu caráter fixou-se na iniqüidade como cimento já endurecido. Esse é realmente um quadro escuro. E não é impossível a um homem chegar a esse estado extremo. O indivíduo que bane Deus de sua vida já vive na dimensão dos animais irracionais. Sabemos que os criminosos endurecidos encontram prazer nos crimes bárbaros. Para eles, fazer o mal tornou-se um esporte agradável. Abominar o mal (ver Rom. 12.9) é algo completamente estranho para a mente deles. Esses homens deploráveis amam o pecado, deleitam-se nele e naqueles que o praticam.

> ... não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.
>
> (Romanos 1.32)

Hino ao Amor Constante de Deus (36.5-9)

36.5

A tua benignidade, Senhor, chega até aos céus. Em contraste com os pecadores empedernidos descritos nos vss. 1-4, existe um Deus no céu, modelo de toda bondade e amor. Além disso, há os homens bons que são imitadores de Deus, oferecendo violento contraste com os maus, há pouco descritos. É possível que as *três* seções do salmo (vss. 1-4; vss. 5-9 e vss. 10-12) originalmente fossem composições distintas que o autor original reuniu em uma unidade frouxa. Ver a introdução ao salmo.

A *benignidade* e a *fidelidade* de Deus são atributos notáveis de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Atributos de Deus.* Deus exercita a Sua benignidade quando não pune os que merecem punição. E se mostra fiel quando faz coisas beneficentes em favor dos seres inteligentes, sejam eles bons ou maus. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Misericórdia* e *Amor,* quanto a descrições completas e poesia ilustrativa.

"Subitamente, o poeta volta-se da adoração ao diabo (vss. 1-4), pois o trecho fala praticamente isso, para uma contemplação do Deus que está revestido de benignidade e fidelidade majestáticas. É quase como se o salmista se tivesse sacudido, livre das manoplas do mal e, com um suspiro e um senso de alívio, tivesse visto um bravo e novo mundo — o único mundo que realmente é *real,* o mundo no centro do qual está Deus... É precisamente a negridão de um que faz o outro tornar-se tão esplêndido e revigorante" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Não existem *fronteiras* que limitem a benignidade e a fidelidade de Deus, embora até homens bons as estabeleçam. Esses usualmente são os limites da *mente* dos intérpretes, e não limites verdadeiros das realidades e das obras de Deus. As palavras *limites, estagnação* e *términos finais* não pertencem à sentença na qual aparece a palavra *Deus.* Até os fins são instrumentais. Ou seja, são meios para que se principiem novos começos. De fato, o amor de Deus floresce, porquanto nunca é decepado.

> *Yahweh, é até os altos céus que a tua benignidade atinge.*
> *Tua fidelidade chega ao firmamento.*

(Adaptado de uma paráfrase de Ellicott, *in loc.*)

> *Se pudéssemos encher de tinta os mares,*
> *E cobrir os céus de pergaminho;*
> *Se todos os pedúnculos fossem penas,*
> *E todos os homens escribas profissionais —*
> *Escrever o amor de Deus acima,*
> *Ressecaria os oceanos;*
> *E não haveria rolo para conter tudo,*
> *Estendido que fosse de céu a céu.*
>
> (F. M. Lehman)

36.6

A tua justiça é como as montanhas de Deus. As montanhas são realidades misteriosas e, algumas vezes, assustadoras. As mais altas montanhas excitam a *imaginação humana.* Elas *sobem até as nuvens e são enormes.* A *justiça de Deus é* semelhante a elas. Não podemos limitar a misericórdia, o amor e a justiça de Deus entre as estreitas fronteiras da mente humana, pelo que o melhor que podemos fazer é inventar algum símile com vistas a comparação e ilustração. De acordo com as mitologias antigas (por exemplo, o Olimpo dos deuses gregos), os seres divinos apareciam associados a elevadas montanhas e outros fenômenos naturais impressionantes. Nos vss. 1-4 temos uma prisão fétida. Nos vss. 5-9, temos as colinas coruscantes do Ser divino e as brisas frescas da justiça de Deus.

> *Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra.*
>
> (Salmo 121.1,2)

O *Criador* das colinas e das montanhas é também o *Preservador* dos homens e dos animais, e, de fato, de todas as coisas (ver Col. 1.16,17). Todas as coisas "subsistem" pelo mesmo poder que as trouxe à existência. O homem mau é inspirado pela transgressão, ao passo que o homem bom é inspirado pela contemplação das obras e dos atributos de Deus. Cada tipo de inspiração resulta em um estilo de vida largamente diferenciado.

Os teus juízos, como um abismo profundo. Ou seja, inalcançáveis, que ultrapassam os estreitos limites da mente humana; são misteriosos e enigmáticos para os seres humanos mortais. O poeta sacro aponta para Deus como um Ser *transcendental.* A declaração clássica sobre a questão, na Bíblia, é a passagem de Rom. 11.33-36, e convido o leitor a examiná-la. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Mysterium Fascinosum* e *Mysterium Tremendum,* ambos os quais falam sobre Deus. Aprisionamos nossos conceitos de Deus dentro da linguagem humana. Esquecemos que, em Sua essência, Deus é "totalmente outro". Ver o artigo chamado *Via Negativa,* que é uma das maneiras de tentar descrever a Deus, por meio daquilo que Ele não é. Ver também o artigo intitulado *Via Positiva.* Esses modos de ver as coisas também são chamados de *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* respectivamente.

O "abismo" fala, neste caso, às águas que existem sob a terra, das quais os oceanos são vistos como a superfície. Para os antigos, os oceanos eram entidades misteriosas, que simbolizavam o profundo, o alto e o desconhecido. "... a idéia é que estão em pauta os oceanos, incomensuráveis em sua vastidão e profundidade" (Fausset, *in loc.*). Para o antigo ponto de vista hebreu da cosmologia, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* no qual apresento um gráfico ilustrativo.

36.7

Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! *Embora misterioso,* em Sua transcendência, *Elohim,* o Todo-poderoso, é bem conhecido por Sua benignidade e fidelidade, conforme já vimos e anotamos na exposição sobre o vs. 5. Aqui, o poeta sacro repete a mensagem. Por causa dessas qualidades divinas, os homens com segurança *confiam* Nele. Acerca de como a palavra "confiança" é usada nos salmos, ver Sal. 2.12. Ela se assemelha à confiança de um filhote de pássaro, que se oculta sob as *asas* de sua mãe. Cf. a metáfora usada por Jesus em Mat. 23.37. Ver também Sal. 17.8, *onde a mesma figura simbólica foi empregada e onde comento a respeito.* Ver Sal. 57.1 e 63.7, quanto à *proteção divina* especial. Cf. também Sal. 61.4 e 91.4.

> Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia, pois em ti a minha alma se refugia; à sombra das tuas asas me abrigo.
>
> (Salmo 57.1)

Pode haver aqui uma alusão aos querubins protetores do Santo dos Santos, que estendiam as asas por cima da arca da aliança. Era ali que se manifestava a presença de Yahweh.

36.8

Fartam-se da abundância da tua casa. Além disso, há o *banquete divino,* símbolo tanto da prosperidade espiritual e material como do fluxo de uma correta espiritualidade, alicerçada sobre a lei mosaica, o manual de toda conduta para a mente dos hebreus. A *casa* de Deus nos céus é a fonte de toda a abundância e dos festejos no templo terrestre, como símbolo da provisão celestial. Nos sonhos e visões, o banquete, ou mesmo os alimentos em geral, fala de provisões e prosperidade, pelo que essa metáfora é usada com freqüência na literatura sagrada. Cf. o Salmo 23, o "salmo de suprimento": "O Senhor é o meu Pastor: nada me faltará".

Abundância. Como uma interpretação, assim diz a Revised Standard Version, juntamente com a nossa versão portuguesa. O texto hebraico original diz "gordura". O sangue e a gordura das oferendas iam para Yahweh, como porções que a Ele pertenciam (ver Lev. 3.17, quanto às leis concernentes ao sangue e à gordura). Pode haver alusão à "melhor parte" das oferendas como símbolo da excelente provisão dada aos filhos de Deus. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1, sobre como a observância da lei mosaica conferia vida longa e prosperidade.

Na torrente. O "rio" é outro exemplo da *vida abundante,* baseada na devida espiritualidade. Cf. a declaração de Jesus, em João 7.38:

Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior
fluirão rios de água viva.

Ali está em vista o ministério do *Espírito que em nós reside,* conforme demonstra o versículo seguinte. Neste versículo é enfatizada a vida abundante, através das agências da graça divina. O suprimento divino *deleita* o ser humano, isto é, agrada-o e infunde-lhe alegria. Pode haver aqui uma alusão aos rios do Éden, o paraíso criado por Deus. Ademais, compare o leitor o *puro rio da água da vida,* no Éden celestial, à Nova Jerusalém (Apo. 22.12). Ver também Sal. 16.11 e Gên. 2.10. Além disso, temos de considerar trechos como Jó 20.17 e João 4.13,14, e algo similar em Eze. 47.1 e Zac. 14.8.

Há um rio, cujas correntes alegram a cidade de Deus...

(Salmo 46.4)

36.9

Pois em ti está o manancial da vida. Uma fonte, tal como um jardim, é um lugar agradável e deleitoso, a fonte de suprimento para os sedentos e de águas sustentadoras de vida para todos os seres vivos. Os animais da floresta reúnem-se em torno das fontes. Uma fonte é rebrilhante e refrescante aos olhos; é doadora de vida e um lugar de descanso para os cansados. Deus é essa fonte, a origem da vida e do bem-estar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Água,* quanto aos muitos simbolismos envolvidos.

"... contigo está a fonte da vida, a plenitude da felicidade, sem a qual a existência é morte, e não vida (ver Sal. 16.11; Deu. 30.20)" (Fausset, *in loc.*).

Na tua luz vemos a luz. "Nenhum ser humano pode iluminar a própria alma: todo entendimento deve provir do alto. Aqui, porém, a metáfora é alterada, e Deus é comparado ao *sol,* no firmamento do céu, que dá luz a todos. Pois Deus disse: 'Haja luz, e houve luz'" (Adam Clarke, *in loc.*).

Senhor de todos os seres, entronizado longe,
Tua glória flameja do sol e das estrelas,
Centro e sol de todas as esferas,
Mas de cada coração amoroso, tão próximo.

(Oliver Wendell Holmes)

Ademais, Jesus é a Luz evangélica, e os homens, uma vez iluminados Nele, também se transformam em luzes. Ver João 1.4,5; 8.12; Fil. 2.15; Mat. 5.14. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, Metáfora da,* para um tratamento completo do assunto, juntamente com ilustrações poéticas.

A Ti, Alma Eterna, seja o louvor!
O qual, desde a antiguidade aos nossos dias,
Através das almas de santos e profetas, Senhor,
Tens enviado a Tua Luz, o Teu Amor, a Tua Palavra.

(Richard Watson Gilder)

Autor de todos os seres,
Fonte de Luz, embora
Tu mesmo sejas invisível.
Brilhando em meio ao glorioso
Brilho ofuscante onde estás.

(Milton)

Um Salmo de Lamentação. A Oração de Conclusão (36.10-12)

Este salmo é uma trilogia, pois combina três salmos separados que, originalmente, podem ter sido composições distintas. Os salmos distintos seriam: vss. 1-4 (salmo de sabedoria); vss. 5-9 (hino que exalta Yahweh e descreve as bênçãos espirituais e materiais concedidas aos santos); e vss. 10-12 (salmo de lamentação). Mais de 60, dentre os 150 salmos do saltério, pertencem a essa categoria. Ver sobre as *classes* dos salmos no gráfico apresentado no início do comentário sobre o livro, onde descrevo dezessete tipos de salmos. Alguns deles são mistos, tendo mais de um tipo em sua composição, como é o caso deste Salmo 36. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um grito pedindo socorro, descrevem os inimigos ameaçadores e terminam com um tom de louvor e agradecimento pela resposta recebida, ou porque essa resposta é concebida como se já estivesse a caminho.

36.10

Continua a tua benignidade aos que te conhecem. A menção à "benignidade" de Deus naturalmente vincula este salmo aos que o antecedem. Cf. os vss. 5 e 7. O homem que padecia aflições (atacado por inimigos não identificados no salmo) clama pela *continuação* da misericórdia de Deus e pelo amor divino em sua vida. Foi por meio desses fatores que ele vivia e conseguira chegar aonde se encontrava. Mas agora a sua vida era ameaçada, e, sem a intervenção divina, alicerçada sobre o amor divino, ele sofreria morte prematura. O salmista precisava de *livramento,* uma tradução superior aqui à idéia de *salvação.* O homem não estava clamando porque a sua alma estava em perigo ou carente da salvação evangélica. Ele era um homem *justo,* dotado de *coração reto,* pelo que pensava merecer a atenção divina em sua hora mais negra. Ver os comentários sobre os vss. 5 e 7, quanto a detalhes sobre a *benignidade* e o *amor constante* de Deus, a fonte do livramento pela qual o salmista ansiava. O homem lançou-se nos braços da benignidade e do amor de Deus, porquanto já havia chegado ao fim de seus recursos pessoais. Os *justos* (dotados de coração reto) eram, obviamente, aqueles que guardavam a lei, o manual de toda a conduta, de acordo com a mentalidade dos hebreus. Ver a lei como *guia,* em Deu. 6.4 ss., bem como o poder que torna os homens indivíduos *distintos* (ver Deu. 4.4-8).

36.11

Não me calque o pé da insolência. *Os inimigos que ameaçavam a vida* nos salmos de lamentação eram: potências *estrangeiras* que atacavam Israel; inimigos de *dentro* do acampamento de Israel, que caluniavam e tramavam planos assassinos; ou a *enfermidade,* que ameaçava o corpo físico com a morte. É provável que este versículo esteja falando de inimigos de dentro do acampamento, os *arrogantes* que pretendiam tirar a vida do poeta, executando-o através de algum mandato judicial ou exilando-o. Seja como for, as coisas tinham fugido ao controle. A morte se aproximava inexoravelmente; a causa do salmista estava quase inteiramente perdida. Somente uma *intervenção divina* poderia salvar o pobre homem. Por conseguinte, ele passara a depender da misericórdia e do amor constante de Deus, que sempre o salvara, em qualquer crise.

"Este versículo é o contrário do vs. 10, tornando a causa do salmista uma questão pessoal. Aqui o poeta sagrado orou para que pudesse escapar de *dois males,* aos quais os indivíduos piedosos com freqüência são sujeitados: a *arrogância* e a *violência.* Lembramos o caso de Davi, que foi transformado em fugitivo, através dos atos ímpios de um de seus próprios filhos, Absalão. Ver II Sam. 15. Alguns estudiosos, contudo, vêem neste versículo o reflexo histórico dos cativeiros assírio ou babilônico, ou mesmo uma profecia sobre eles. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiros.* Todavia, a referência é *pessoal,* e não nacional. O ato de repelir pode ter sido a remoção de alguma "alta posição", conforme se vê em Sal. 11.1. Davi foi temporariamente destronado por Absalão.

36.12

Tombaram os obreiros da iniqüidade. Foi ouvida a oração do homem desesperado. De súbito, o relâmpago do céu atingiu em cheio aqueles homens perversos que assediavam o salmista. Ali estavam eles, prostrados, sem absolutamente nenhum poder. De fato, estavam caídos no chão de maneira permanente. Estavam mortos. Nunca mais se ergueriam. Assim sendo, este salmo de lamentação terminou com a resposta de uma oração. Os ímpios foram derrubados, tendo recebido aquilo que tão ricamente mereciam. Este versículo faz um vívido contraste com o anterior. A mão dos ímpios teria exilado o homem bom, ou cometido contra ele alguma outra maldade. Mas a mão de Deus pôs fim a todos os planos ousados dos pecadores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* "O poeta sagrado tinha em mente algum incidente definido, mas não nos disse o que era" (Ellicott, *in loc.*). Ele só nos relatou o resultado da coisa. Os inimigos, antes ameaçadores, estavam esmagados.

Alguns estudiosos falam aqui do cativeiro babilônico. Os captores foram finalmente vencidos por outra potência quando Ciro esmagou a Babilônia. Todavia, a questão apresentada aqui é de natureza pessoal, e não nacional. Contudo, esse incidente internacional ilustra o princípio da retribuição divina.

Esmaguei-os a tal ponto que não puderam levantar-se: caíram
sob meus pés.

(Salmo 18.38)

Ver também Pro. 24.16. Alguns eruditos cristianizam este texto para que ele fale da queda dos pecadores no hades. Este salmo, entretanto, fala sobre o nada ao qual os homens são reduzidos na morte, e não a respeito de algum julgamento para além do sepulcro. Essa doutrina só começou a ser considerada nos livros poéticos e proféticos do Antigo Testamento. Seu desenvolvimento ocorreu no período intermediário, nos livros apócrifos e pseudepígrafos.

Salmo Trinta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do

livro. Quanto à *classificação dos salmos,* ver o gráfico no início do comentário, onde apresento dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de sabedoria.* O poeta mostrava-se sábio ao declarar como a retribuição deve finalmente recair sobre os ímpios que importunam outras pessoas. "O argumento é dirigido àqueles que estão desanimados diante das *injustiças* que parecem dominar o mundo. A forma de um salmo acróstico explica a falta de um esboço claro ou de uma progressão lógica de pensamento" (*Oxford Annotated Bible,* em comentário sobre o vs. 1).

O Problema do Mal. Ver sobre este título no *Dicionário,* acerca de por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem. Existem dois principais aspectos desse problema: 1. *O mal natural,* que inclui acontecimentos da natureza que prejudicam os homens, como incêndios, inundações, terremotos, enfermidades e morte biológica. 2. *O mal moral,* as coisas terríveis que os homens infligem contra outros seres humanos, mediante uma vontade adversa, que demonstram completa depravação moral. O Salmo 37 trata desse problema até certo ponto. Uma resposta é que, finalmente, os pecadores têm de pagar por aquilo que fazem, ao passo que os homens bons são vindicados. Se todos os juízos e retribuições divinos têm por finalidade remediar, reabilitar e restaurar (ver I Ped. 4.6), ainda assim nunca devemos esquecer que os homens merecem ser punidos. Eles precisam sofrer por terem feito outros seres humanos sofrer. Este é um aspecto necessário do julgamento. A *retribuição* é um fato terrível que jamais deveríamos olvidar. Ver o artigo detalhado sobre esse assunto, no *Dicionário.*

Salmos Acrósticos. Quanto a este estilo literário, ver as notas na introdução ao Salmo 34.

"Este salmo, como produto da *literatura de sabedoria,* deve ser atribuído aos séculos IV ou III A. C. A forma acróstica e as citações da lei e da sabedoria (ver os vss. 30 e 31) apontam para essa data mais próxima" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* sobre *Sabedoria,* especialmente a seção III.

Os Salmistas e o Mal Moral. Por que será que o homem perseguidor vive bem e prospera, enquanto o homem bom às vezes vive na miséria e na pobreza? Os salmistas nos dão uma variedade de respostas:

1. O indivíduo perverso assemelha-se somente a uma flor, que em breve se estiola. Ele sofrerá a retribuição divina apropriada; portanto, por que nos preocuparmos com ele? Este é o argumento do salmo. Cf. Sal. 79.8.
2. Talvez o homem "bom" sofredor tenha algum pecado secreto, e o homem mau esteja sendo usado por Yahweh para fazê-lo sofrer, a fim de promover arrependimento. Ver Sal. 32.5.
3. Ou talvez Deus se mostre *indiferente* a tais coisas, em determinadas ocasiões. Em outras palavras, Ele se torna, pelo menos durante algum tempo, um Deus deísta (que se divorciou de Seu universo). Ver Sal. 10.1; 44.9,23. Jó disse isso com freqüência quando passava por seu teste severo.
4. Ou talvez o homem bom seja perseguido por causa de sua zelosa lealdade à causa divina e assim se torne um alvo para os ímpios. Em tais oportunidades, naturalmente, o poeta também deve contemplar a primeira explicação. A retribuição divina, finalmente, resolverá tais casos.
5. Na vontade de Deus existem enigmas. Seus pensamentos não são os nossos pensamentos. Exageramos a importância dos acontecimentos físicos e nos envolvemos na parte material das coisas. Essa idéia não é apresentada nos salmos.
6. *Mistérios.* Temos coisas significativas a dizer sobre o problema do mal, mas mesmo assim estamos longe de compreender as razões do sofrimento. Falamos sobre uma feliz vida pós-túmulo — argumento que não foi apresentado pelos salmistas —, que cura todos os males sofridos nesta vida física. Essa é uma grande verdade, mas ainda assim não explica por que os inocentes sofrem *agora* da maneira como sofrem.
7. Apresento outras considerações e argumentos no artigo intitulado *Problema do Mal,* e deixo ao encargo do leitor examinar o que está registrado ali. No livro de Jó temos a *presença de Deus,* que manifesta as Suas glórias. E é em Sua luz que os homens sabem que tudo vai bem como o mundo, porquanto Deus está em Seu trono. Contudo, ainda assim nem sempre podemos explicar *como* isso se dá em provações específicas. Nos tempos de crises mais severas, sobre as quais não temos entendimento, dependemos exclusivamente de nossa fé.

Dizeres de Sabedoria. Este salmo toma por empréstimo o fundo de *declarações de sabedoria* da fé hebraica, pelo que encontramos alguns paralelos significativos:

Vs. 1 com Pro. 24.19. Ver também Pro. 3.31; 24.1 e Sal. 73.3.
Vs. 5 com Pro. 16.3.
Vs. 16 com Pro. 16.8.
Vs. 23 com Pro. 16.9.

Similaridades com o Livro de Jó:
Vs. 6 com Jó 11.17.
Vs. 10 com Jó 7.10.
Vs. 13 com Jó 18.20.
Vs. 19 com Jó 5.20.

O poeta faz aqui um paralelo com os argumentos dos consoladores molestos de Jó, como fez Zofar, em Jó 20.5. Cf. Sal. 73.17. Ver também Sal. 49.

Subtítulos. Neste salmo temos a simples atribuição do salmo a Davi. Mais da metade da coletânea aparece como de autoria davídica, mas por certo há nisso grande exagero. Não obstante, sem dúvida alguns salmos foram escritos por Davi, visto ter sido ele *o mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1). Esses títulos não faziam parte original das composições, mas foram adicionados por escribas subseqüentes, que especularam sobre quem eram os autores, quais circunstâncias históricas inspiraram as composições, ou quais instrumentos musicais acompanhavam as poesias.

Trinta e quatro salmos não têm títulos. Quanto a uma lista dos "salmos órfãos", ver a introdução ao Salmo 43.

37.1

Não te indignes. Diz o original hebraico, literalmente, "não te inflames". Isso em relação aos obreiros do mal que vive em leitos de lazer, têm muito dinheiro e propriedades, e continuam a prejudicar os semelhantes. Vamos deixar que Deus se preocupe com o incêndio. Portanto, não nos consumamos com essa questão. "Não te 'incenses' com a questão", conforme William R. Taylor traduziu o original hebraico, neste versículo. Durante longo tempo Jó se debateu sobre a questão, porquanto ele sofreu como homem inocente, enquanto outros, que deveriam estar sofrendo a ira divina, viviam em paz e prosperidade. Ver na introdução ao salmo presente a seção "Problema do Mal" e também "Os Salmistas e o Mal Moral", onde examino até certa extensão o problema. O artigo chamado *Problema do Mal,* no *Dicionário,* é um estudo mais profundo.

Nem tenhas inveja. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Inveja,* quanto a um estudo completo. Um homem bom pode cair no absurdo de invejar o homem mau e próspero, esquecendo que Deus escreverá o capítulo final e que as mesas serão viradas de cabeça para baixo. De outra sorte, o verdadeiro deus deste mundo será o *caos.*

> *Tentados e testados, por muitas vezes cismamos,*
> *Por que as coisas devem ser tais, o dia inteiro.*
> *Pois há outras pessoas vivendo ao nosso redor,*
> *Sem nenhuma preocupação, embora vivam no erro.*

Cf. os vss. 5 e 8 com Pro. 23.17 e 24.1. A palavra *inveja* (no hebraico) tem significado similar ao sentido de "não te indignes", expressão que inicia o versículo. Portanto, "não requeimes de inveja" (Ellicott, *in loc.*).

Pro. 3.31 repete a *declaração de sabedoria* de Sal. 37.1. Ver também Pro. 23.16; 24.1 e Sal. 73.3. É provável que tanto o poeta quanto o autor do livro de Provérbios tenham tomado por empréstimo algum material de fundo comum de declarações de sabedoria, com base na fé dos hebreus. Ver na introdução a este salmo a seção "Dizeres de Sabedoria".

Invejar a prosperidade dos iníquos é lançar em dúvida a propriedade da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário).* Ademais, agir desse modo é enfatizar demasiadamente o valor das riquezas físicas e do poder material.

O Targum sobre este versículo dá a entender que o homem que inveja o indivíduo maldoso e cobiça as suas riquezas rebaixa a si mesmo até a posição do ímpio, esquecido como está dos valores mais altos da vida. Conforme diz o comentário, invejar tais pessoas "é ser como elas". Essa é uma observação extremamente arguta.

37.2

Pois eles dentro em breve. *Qualquer abundância terrestre* só pode durar pouco tempo. Dificilmente vale a pena sacrificar os verdadeiros valores espirituais para entrar "na corrida pelo dinheiro", em competição com o ímpio. Este é como a *erva* que floresce pela manhã, somente para ser completamente estorricado pelo sol da tarde. Ele se ressecará; morrerá sob o calor de Deus, quando tiver de prestar contas ao Senhor. Cf. Sal. 90.5; 102.4,11; 103.15,16; Isa. 40.6-8 e I Ped. 1.24, quanto à "metáfora da erva". Ao que tudo indica, a Deus não importa se os pecadores têm ou não dinheiro. Além disso, também não é importante para o Senhor (em muitos casos) que um homem piedoso possua dinheiro. De outra parte, do ponto de vista humano, é melhor ter dinheiro do que não tê-lo; portanto, deixe a questão nas mãos de Deus, e peça para Ele que lhe dê mais dinheiro. Mas não caia no ridículo sobre a questão, conforme fazem os ímpios.

O Argumento Moral de Emanuel Kant. Kant argumentava que o bem deverá conquistar o mal no fim, sob pena de o caos ser deus. Com base na idéia do triunfo final do bem, ele construiu um argumento moral acerca da sobrevivência

diante da morte biológica. Podemos observar que raramente a justiça é feita na dimensão terrestre. Os ímpios não são punidos pelo mal que praticam, e os bons não são recompensados. Isto posto, como é lógico, a alma deve sobreviver à morte física, a fim de que as contas sejam apropriadamente equilibradas. Ademais, Deus somente deve existir se tiver poder e sabedoria suficiente para equilibrar essas contas. De outra maneira, o *caos* será o vencedor, afinal, e poderá ser devidamente chamado de *Deus*.

O Que Foi Ignorado Neste Salmo. O poeta sagrado deixou de dizer que os indivíduos bons também perecem (fisicamente) como a relva, por meio do calor das enfermidades, da idade avançada, dos acidentes etc. Ele ignorou a *dimensão eterna* do problema. As doutrinas de felicidade futura para os justos e miséria futura para os injustos não são produtos do Antigo Testamento, mas tiveram de esperar pelos livros apócrifos e pseudepígrafos e, naturalmente, pelo Novo Testamento. Naturalmente, há alguns *indícios* quanto a essas doutrinas no Antigo Testamento, conforme se vê em Dan. 12.2,3.

37.3

Confia no Senhor e faze o bem. O homem bom, inflamado de inveja do homem mau, cai no ridículo. Pelo contrário, ele deveria *confiar* no Senhor. Sobre como esse conceito é usado no livro de Salmos, ver as notas em Sal. 2.12. O homem bom, em vez de preocupar-se com o homem mau, deveria continuar atarefado em suas legítimas atividades, como praticar o bem e obedecer à lei, seu *guia* legítimo (ver Deu. 6.4 ss.). Se assim fizer, já estará prosperando, embora não tenha muito dinheiro. Este versículo tem sido cristianizado para indicar que "lá", no céu, o homem bom prosperará. Isso também exprime uma verdade, mas não era o que o poeta estava dizendo. O homem bom receberá a sua herança na "pátria celestial" e não lhe faltará coisa alguma: ele será *alimentado*. Cf. Sal. 23.1: "O Senhor é o meu pastor. Nada me faltará". A Revised Standard Version diz "desfrutará segurança". Os dias do salmista eram dias violentos e Israel era continuamente atacado por tribos hostis. A sobrevivência diária era um desafio.

> *Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita; tu não serás atingido.*
>
> (Salmo 91.7)

Os ímpios alimentam-se de cinzas. Os homens bons alimentam-se da verdade (ver Isa. 44.20 e Osé. 12.1: "apascenta o vento"). A cobiça somente faz com que o homem bom se transforme em um homem mau. Embora a vida humana esteja sempre sujeita a condições precárias, o homem bom pode contar com a promessa divina de suficiência e proteção.

> *Há um riacho de dificuldades que cruza minha vereda.*
> *Ele é negro, profundo e largo.*
> *Amarga será a hora quando eu tiver de cruzá-lo,*
> *Mas sorrio, canto e digo:*
> *Sempre esperarei e confiarei.*
> *Suportarei a tristeza que me atingir.*
> *Não comprarei dificuldades hoje.*
>
> *A ponte do amanhã é algo perigoso.*
> *Não ouso atravessá-la agora.*
> ...
> *Oh, coração, deves sempre ter esperança.*
> *Deves cantar, confiar e dizer:*
> *Suportarei a tristeza que vier amanhã,*
> *Mas não comprarei nenhuma no dia de hoje.*
> *Não te preocupes!*

37.4

Agrada-te do Senhor. Em vez de cobiçar o dinheiro do homem mau e entrar com ele na corrida do ouro (tornando-se assim igual a ele), que você olhe para Yahweh, o qual o ensinará a respeito das verdadeiras riquezas. E Ele lhe dará tudo o de que você precisar e tudo o que quiser, mas também formará em sua mente os desejos apropriados, de tal maneira que você seguirá os valores verdadeiros, tornando-se assim diferente do homem ímpio e materialista.

O *homem bom* conhece e obedece à lei. Dessa maneira, torna-se *distinto* dos obreiros da iniqüidade (ver Deu. 4.4-8). Ele prosperará na bondade e nas coisas materiais, e desfrutará uma vida longa (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A condição para obter aquilo que o indivíduo quiser é deleitar no Senhor. O poeta deixou de fora exceções tão evidentes em nosso mundo a ponto de fazer soar uma *nota positiva* e não se envolver em controvérsias. Ele sabia que a oração funciona e que o homem justo será abençoado. Ele não esperava apenas por recompensas recebidas no pós-túmulo, mas que bons acontecimentos ocorressem aqui e agora.

> *Celebraremos com júbilo a tua vitória, e em nome do nosso Deus hastearemos pendões; satisfaça o Senhor a todos os teus votos...*
> *Satisfizeste-lhe ao desejo do coração, e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios.*
>
> (Salmo 20.5; 21.2)

O homem piedoso nunca se permite ter desejos que não possa transformar em orações a Deus. E jamais formula uma oração que não possa ser respondida.

Em alguns ginásios da Alemanha era costume acompanhar os formandos até a porta da cidade, entoando partes do Salmo 37, especialmente os vss. 3-5, ao longo do caminho. Estamos informados de que David Livingston, na África, com freqüência repetia essas palavras.

37.5

Entrega o teu caminho ao Senhor. *A Metáfora do Caminho.* A vida se assemelha a uma vereda, a uma estrada, a um caminho que deve ser percorrido. Ao longo desse caminho, há muitos inícios e muitas paradas; lugares escabrosos, subidas íngremes e descidas perigosas até os vales lá em baixo, através de traiçoeiras ravinas. Existem desvios nos quais algumas pessoas se perdem; trechos bons e maus, lugares fáceis e difíceis. Independentemente do que seja, somente o Senhor pode guiar-nos com sucesso do berço à sepultura. Um antigo hino compara a jornada da vida a uma viagem de trem:

> A vida é como uma estrada de ferro na montanha,
> *Com um Maquinista que é corajoso;*
> *Devemos fazer a viagem bem-sucedida,*
> *Desde o berço até a sepultura.*
> ...
> *Jesus, Salvador, Tu nos guiarás*
> *Até chegarmos à praia distante,*
> *Onde os anjos esperam unir-se a nós,*
> *Na Terra do sempre.*

Minha mãe e meu pai ocasionalmente entoavam essa canção, da qual agora só lembro certos trechos. Quando eu era ainda bem jovem, meus pais possuíam um automóvel fabricado em 1934! Minha família fez uma viagem até o espetacular lago do Urso, no norte do Estado de Utah, naquele veículo. Meu irmão e eu viajávamos no assento traseiro, permitindo que as alegrias do dia fossem passadas em revista em nossa mente. Ninguém conversava, pelo que estávamos sentados ali em silêncio e no escuro, iluminados somente pelos nossos faróis, ou então por algum ocasional carro que passava por nós. Então, naquela quietude, minha mãe e meu pai (que trabalhou na estrada de ferro a vida inteira) começaram a cantar: "... a vida é como uma estrada de ferro na montanha...". Estávamos descendo por uma *ravina* entre as Montanhas Rochosas, e jamais esquecerei aquele momento. Desde então tenho passado 32 dos meus 62 anos de idade no Brasil, ao passo que meu irmão tem trabalhado como missionário no Congo (Zaire) e no Suriname, por mais de quarenta anos. A estrada é longa, e, meus amigos, quero que vocês saibam que o Senhor tem sido fiel. Isso porque "a vida é como uma estrada de ferro na montanha, com um Maquinista que é corajoso".

E o mais ele fará. Seja o que for que você necessite ao longo do caminho, Deus estará ali para ajudá-lo a vencer e a completar uma viagem bem-sucedida. Aqueles que Nele confiam não errarão o caminho, nem ficarão aquém do plano que "foi escrito desde o começo". Isso é verdade porque Deus já planejou a jornada. Ele calculou cada volta radical na estrada, cada colina íngreme a ser escalada. Ele previu os "acidentes" e nos muniu com um mapa da estrada. Portanto, *entrega o teu caminho ao Senhor.* O hebraico diz literalmente aqui: "rola teu caminho sobre Yahweh". É provável que essa metáfora tenha sido aproveitada das viagens feitas a camelo, o cavalo do deserto. Esse animal se ajoelha a fim de que a carga possa ser *rolada* sobre ele. Então o camelo se levanta, e a caravana parte, atravessando o deserto. Um homem não é capaz de transportar a própria carga e certamente não pode fazer a viagem sozinho. Por conseguinte, ele a rola sobre o Senhor, o qual tem forças suficientes.

> *Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.*
>
> (Provérbios 16.3)

A palavra aqui traduzida por "confia" também significa, literalmente, "rola". Assim, meus amigos, "rolem as suas obras sobre o Senhor". O que quer que vocês queiram fazer, e não consigam efetuar sozinhos, entreguem a Ele. Todos os caminhos chegam a algum lugar. O Senhor garante que a vereda do homem bom o conduzirá ao Ser divino. Ali ele descansará e ele exultará.

Confia os teus cuidados ao Senhor, e ele te susterá: jamais permitirá que o justo seja abalado.

(Salmo 55.22)

Provi no *Dicionário* um artigo detalhado sobre *Caminho*, no qual essa metáfora é desenvolvida com diversas referências. Jesus foi o revelador final do caminho, sendo, Ele mesmo, o caminho (João 14.6). Os cristãos primitivos eram chamados de "povo do Caminho" (Atos 9.2). Os índios americanos chamavam o cristianismo de "a estrada de Jesus".

37.6

Fará sobressair a tua justiça como a luz. O homem bom será vindicado. Suas obras serão demonstradas como justas, ao passo que as obras dos iníquos serão provadas como malignas. A luz de Deus do meio-dia garantirá essa revelação. Nada existe que tenha sido ocultado e não venha a ser revelado (ver Mat. 10.26).

"O Senhor... trará à plena luz as cousas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações" (I Cor. 4.5). A imagem que recebemos do texto é a do sol nascente que gradualmente ilumina a terra inteira. Assim lemos em Jó 11.17 e Isa. 58.10. Ver também Miq. 7.9.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da Luz de Cristo e Seu ofício como Juiz e também da manifestação dos filhos de Deus (Rom. 8.19).

37.7

Descansa no Senhor e espera nele. *O homem que confia* também deve descansar no Senhor. Seu sono não será perturbado por pensamentos e temores negativos. Seu coração estará em paz, porquanto ele andará sob o favor do Poder celeste e será guiado pelo grande Intelecto. Ele não será perturbado por pensamentos sobre a prosperidade do ímpio, ao passo que ele mesmo é pobre. Nem andará preocupado porque o homem rico tem poder, que usa para cometer toda espécie de abuso e crime. As preocupações de um homem acerca de outro (do homem mau) por certo não terão efeito sobre a situação, mas apenas irão prejudicá-lo, visto que pensamentos negativos têm uma maneira de criar tanto enfermidades físicas quanto maus eventos.

... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.

(I Pedro 5.7)

O crente que se preocupar estará achando falta em Deus, porquanto duvida de Seu poder e planejamento. Ele pensa ser mais esperto do que realmente é, porque acha que sabe mais do que Deus o que deve ser feito. O original hebraico poderia ser aqui mais literalmente traduzido por "Calai-vos", isto é, "Fazei silêncio diante Dele", sem queixas ou acusações. "Calai-vos, em oposição a uma apaixonada autodefesa (vs. 8) e à ira, diante da prosperidade dos ímpios inimigos, é o que está aqui em vista. Cf. Sal. 38.3-15" (Fausset, *in loc.*).

37.8

Deixa a ira. *O indivíduo que se preocupa* e se mostra ansioso sobre o "desgoverno" de Deus (os justos são perseguidos, ao passo que os ímpios vivem na abundância) pode acabar irado tanto contra o homem como contra Deus. Tal indivíduo é aconselhado aqui a confiar e descansar em Deus, e deixar de lado a sua ira. Ele pode acabar cometendo algum ato violento, por "tomar a lei nas próprias mãos". E, nesse caso, não será melhor do que o homem mau, que provocou a sua ira. O poeta, pois, queria que descontinuar o curso de ira que o conduzia a sérias conseqüências.

As dificuldades do justo muitas em número podem ser.
Mas afinal, delas todas, o Senhor o livrará.

(Dito escocês)

As palavras "deixa a ira" são, no original hebraico, literalmente, "não te inflames". O homem bom queima em sua ira, e alguma coisa ruim provavelmente acontecerá. Sua ira só poderá agravar mais ainda o dano, e não corrigi-lo. Tal homem tem de entregar sua causa a Deus, e não tentar resolvê-la sozinho.

Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor... Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

(Romanos 12.19,21)

37.9

Os malfeitores serão exterminados. *A vindicação e o julgamento* estão a caminho, e, seja como for, a vida é tão curta, seja para o homem bom seja para o perverso, que as *circunstâncias atuais* não perfazem um dia de teste sobre o que a justiça pode fazer e, finalmente, fará. Que o homem mau tenha seu próprio pequeno dia. Ele será brevíssimo, e então Deus corrigirá todas as coisas, de conformidade com Seus princípios de justiça. Os que esperarem no Senhor terminarão *herdando a terra.* Talvez esta porção do versículo se refira à experiência de cativeiro de Judá, e talvez "a terra" signifique "a terra de Judá" à qual os judaítas seriam restaurados. Alguns estudiosos vêem aqui uma *referência profética,* ou seja, o milênio, mas dificilmente essa interpretação está correta. Parece que o Senhor Jesus citou (e expandiu) este versículo em Mat. 5.5. O versículo foi cristianizado para falar dos julgamentos contrastantes dos justos e dos ímpios, após a morte biológica, mas isso já seria uma *eisegese* e não uma *exegese.* Em outras palavras, essa idéia "lê no texto" o que o intérprete prefere ver, em vez de extrair o que realmente se encontra ali.

37.10

Mais um pouco de tempo. O *homem mau* está a caminho da *sepultura.* Com ele perecerão todas as suas manhas e obras. O juízo divino porá fim a toda a sua triste história. O poeta não afirma que a alma do homem mau sobreviverá atormentada no *seol.* Essa doutrina foi formulada nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e em seguida expandida no Novo Testamento. Há alguns poucos *indícios* dessa doutrina, como em Dan. 12.2,3, mas sem delineações claras. Os eruditos sabem que as chamas do hades foram acesas no livro de I Enoque, e não nos livros canônicos do Antigo Testamento. Em contraste, o salmista via aqui apenas o *nada,* que esperaria pelos obreiros da iniqüidade. As doutrinas desenvolvem-se *historicamente,* algo que muitos cristãos fundamentalistas fracassam em reconhecer. E por isso eles vivem projetando o Novo Testamento no Antigo, numa tentativa de torná-los homogêneos. Essa é uma tarefa ingrata, que agride a verdade. Até no Novo Testamento pode-se notar uma progressão histórica. Os *mistérios* de Paulo ultrapassam o restante do Novo Testamento em vários pontos fundamentais.

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade...

(João 16.12,13)

Meus amigos, o que o Senhor Jesus disse acima envolve um *processo eterno,* e não somente algum acontecimento futuro isolado. Nenhum homem finito terá, jamais, todo o conhecimento de Deus. Contudo, visto haver uma infinitude com a qual todos seremos replenados, deverá haver, igualmente, um *enchimento infinito.* Não nos maravilhemos, pois, se os apóstolos não tinham todos a mesma base de conhecimento, nem nos maravilhemos por ver uma progressão histórica no próprio Novo Testamento. Essa progressão da verdade, o seu crescimento, alivia-nos o fardo de tentar reconciliar idéias que parecem contraditórias no próprio Novo Testamento, bem como de tentar fazer o Novo Testamento confirmar (em todos os pontos) o que o Antigo Testamento ensinava.

Essas idéias não laboram contra a sã doutrina da inspiração, porquanto a *própria inspiração* progride e nos conduz ao longo de uma vereda ascendente, conforme a história se desenrola. Muitas idéias antigas simplesmente tornaram-se *obsoletas.* A inspiração divina nos conduz a "terreno mais elevado", no qual encontramos muitas surpresas que nada têm que ver com a antiga vereda. Sim, encontramos surpresas, e muitas idéias novas simplesmente *substituem* as mais antigas. Não há nenhuma necessidade de buscar reconciliação e homogeneidade. Ademais, muitas idéias novas não são desenvolvimentos de idéias antigas, mas simplesmente novas idéias, e podem contradizer idéias antigas. Portanto, no texto presente, encontramos o ensino de que os ímpios serão reduzidos a *nada.* Essa sempre foi uma doutrina da fé hebréia, até que, nos salmos e profetas, obtemos indícios de que nem sempre isso ocorre. Por conseguinte, a idéia antiga simplesmente laborava em erro e foi substituída e ampliada. Muitas idéias que temos como verdadeiras hoje, algum dia serão substituídas por pontos de vista mais elevados. O processo prosseguirá dessa maneira, interminavelmente. Tais declarações perturbam o conforto intelectual de alguns, mas estou mais interessado na verdade do que na manutenção de comodidades intelectuais.

O *nada,* conforme diz o poeta, espera pelo orgulhoso pecador, pelo homem debochado. Portanto, não devemos ficar excitados com o aparente fracasso do cronograma seguido por Deus. "As palavras simples e sombrias deste versículo foram escritas sobre os tronos de todos os tiranos e, finalmente, serão escritas sobre o próprio mal" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar, e não o acharás. O rei foi morto; a cidade foi tomada; um império caiu em um único dia. Isso tudo se passou

com a cidade de Babilônia. Então os cativos judeus retornaram e retomaram a posse da Terra Prometida, através da agência da Medo-Pérsia, a potência que substituiu a Babilônia. Cf. Jó 7.10 com 20.9.

37.11

Mas os mansos herdarão a terra. Este versículo reitera e expande o vs. 9, e Jesus nos brinda com as mesmas palavras em Mat. 5.5. Falando profeticamente, essas palavras apontam para o milênio, segundo os intérpretes cristãos, e, historicamente, referem-se ao retorno dos judeus do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Essas palavras oferecem *significados metafóricos* e são generalizadas: os malignos têm um mau *fim*. Eles serão reduzidos a nada. Os bons, em contraste, prosperam em todos os seus caminhos, obtendo terras e dinheiro e vivendo em paz, porquanto os ímpios que os ameaçavam foram obliterados. Assim dita a esperança que nem sempre se cumpre na vida terrena.

"A moral dos mansos é inquebrantável; e a moral representa nove décimos da batalha. Os mamutes humanos acabam morrendo" (J. R. P. Sclater, *in loc.).*

"Sendo homens pacíficos agora, eles serão administradores aptos no reino vindouro do Príncipe da Paz sobre a terra (Isa. 2.4; 9.6; Osé. 2.18; Zac. 9.10)" (Fausset, *in loc.*).

"O servo de Deus que é tranqüilo, sem pretensões e que se contenta com a sua sorte, obtém mais bênçãos verdadeiras na terra, e assim a possui mais verdadeiramente, do que o homem ímpio que possa ser senhor sobre muitas terras" (Ellicott, *in loc.*, com uma interpretação metafórica esperançosa deste versículo).

Os Ímpios e os Justos São Contrastados (37.12-22)

Uma série de declarações de sabedoria contrasta os bons e os maus e diz como, finalmente, as coisas acabarão para os dois grupos. Muitas excelentes declarações de sabedoria são apresentadas aqui, as quais os homens têm repetido através dos séculos. Doutrinariamente, não há progressão "para além do sepulcro". Tão-somente é afirmado (e esperado com fervor) que os homens maus terminem mal, e os homens bons terminem bem. O homem mau será reduzido a nada, mas o homem bom deverá herdar a terra e prosperar (vs. 34). Portanto, fomos presenteados com uma teologia deficiente, embora nos sejam conferidas excelentes declarações de sabedoria que podem receber e de fato recebem muitas aplicações de natureza histórica, profética e metafórica para a vida diária. Este versículo provê bons exemplos da antiga *Literatura de Sabedoria* dos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, especialmente a seção III, quanto a esse tipo de obra literária, da qual *alguns* salmos fazem parte. Em minha classificação dos salmos (dezessete tipos), listo cerca de doze salmos de sabedoria. Ver o gráfico no início do comentário sobre o livro de Salmos, que apresenta as classes e os salmos que pertencem a cada uma delas.

37.12

Trama o ímpio contra o justo. Pessoas perversas estão em guerra pessoal contra os justos. Os ímpios traçam estratagemas de batalha. Eles ferem, o que é dito metaforicamente, neste versículo, *ringindo* os dentes contra os bons, como se fossem animais ferozes que atacam e devoram suas vítimas. São pessoas com *tendências sanguinárias,* que apelam para a violência a fim de obter o que querem. São tiranos, em público e em particular, e estão sempre aumentando o número de suas vítimas.

> *... como vis bufões em festins, rangiam contra mim os dentes.*
>
> (Salmo 35.16)

> *Ouvindo eles isto, enfureciam-se nos seus corações e rilhavam os dentes contra ele.*
>
> (Atos 7.54)

37.13

Rir-se-á dele o Senhor. Yahweh olha a cena e a acha cômica, porquanto, ao olhar para baixo, Ele vê o homem mau sofrendo às mãos de outros homens maus, por rico merecimento, e, finalmente, chegando ao nada, por ocasião da morte. O homem bom, na maioria das vezes, não compartilha dessa previsão, pelo que continua preocupado e queixoso. Portanto, o poeta convida os justos a ver as coisas conforme Yahweh as vê. Presumivelmente, isso aliviaria muita indignação e tensão. Mas um número demasiadamente grande de pessoas boas são agora apenas *pessoas* e não permitem que as dimensões futuras do tempo influenciem sua maneira de pensar.

Cf. Sal. 2.4, onde também vemos o *riso do Senhor.* Isso é altamente antropomórfico e não deve ser entendido literalmente, como se Deus, realmente, risse. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Por causa dos limites de nossa mente e de nossa teologia, atribuímos a Deus nossos próprios atributos e emoções. Quando personalizamos Deus, nós O fazemos menor do que Ele realmente é; mas é muito difícil falar de Deus sem empregar tal linguagem. Em contraste, veja o leitor o Deus transcendental, referido nos artigos do *Dicionário* intitulados *Mysterium Fascinosum* e *Mysterium Tremendum.* E ver também os artigos denominados *Via Eminentiae* e *Via Negationis.*

"O homem julga somente através da aparência presente e externa das coisas" (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 137.7 e Jó 18.20.

37.14

Os ímpios arrancam da espada. Os versículos um tanto desconexos do Salmo 37, que é um salmo de sabedoria, agora entram em um campo de batalha, onde os soldados de Israel se defrontam com inimigos mortíferos. Os inimigos de Israel são os inimigos de Yahweh, e assim, o Capitão dos Exércitos precisa proteger os que Lhe pertencem. O pobre soldado de Israel deve clamar, pedindo proteção para a sua vida. Os vss. 12-22 contrastam o ímpio e o justo, e um dos tipos de homens malignos é o guerreiro que chega para matar e saquear, fazendo de Israel uma terra desolada. Os ímpios apelam para muitos artifícios, incluindo a guerra. Os dias do salmista eram tempos brutais, quando a sobrevivência diária, diante da morte violenta, era um problema sempre presente. Cf. Sal. 7.15,16; Mat. 26.52 e Apo. 13.10. Os vss. 14 e 15 têm sido encarados metaforicamente, pois devemos entender as palavras "espada", "arco" e "armas" como uma espécie de ameaça violenta, e não meramente como armas de guerra literais.

37.15

A sua espada, porém, lhes traspassará o próprio coração. A *lex talionis* (retribuição idêntica ao crime cometido) (ver no *Dicionário* a respeito) entra em cena na batalha (literal ou metaforicamente) quando o homem bom é ameaçado. Os homens violentos são mortos por sua própria violência. Consideremos a causa de Saul. Ele morreu pela própria espada (ver I Sam. 31.4).

> Abre e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz.
>
> (Salmo 7.15)

"Os homens ímpios atacam o manso, mas serão destruídos por sua própria violência. As palavras 'o pobre e necessitado' (vs. 14) ocorrem aqui juntas, pela primeira vez, dentre seis usos. Ver também Sal. 40.17; 70.5; 74.21; 86.1; 109.22" (Allen P. Ross, *in loc.*). O homem pobre, neste caso, é o homem humilde, o sofredor, e não necessariamente aquele que não tem dinheiro. Ele padece necessidade quando está sujeito a qualquer tipo de ameaça ou privação. Então descobre que Yahweh é adequado para todas as suas necessidades e para dar-lhe a proteção necessária.

Os vss. 14 e 15 nos dão outra instância da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), repetida por inúmeras vezes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

"Todas as suas execrações e maldições cairão sobre eles mesmos; e seu poder de praticar o mal será *quebrado*" (Adam Clarke, *in loc.*).

Homens devotos, homens sábios, continuam insistindo em que "a agressão violenta (o uso da *espada*) é um caminho seguro para a autodestruição. Que as nações aprendam essa lição e obedeçam" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

37.16

Mais vale o pouco do justo. O *poeta sagrado confessa agora* que o homem bom também pode ser materialmente *pobre,* um conceito não muito favorecido no Antigo Testamento, em que a prosperidade material aparece constantemente como um corolário da piedade. Mas o poeta insiste em que o *pouco* que o homem bom possui é *melhor* que as riquezas do ímpio. Poderíamos chamar tal homem de *rico em espírito;* e isso exprime uma verdade, embora não freqüentemente vista como adequado, sobre bases veterotestamentárias. Em contraste, o Novo Testamento, em alguns poucos lugares, faz da pobreza material uma virtude, porquanto foi aos pobres que o evangelho foi anunciado:

> *... não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento... Deus escolheu... as cousas fracas do mundo...*
>
> (I Coríntios 1.26,27)

> *Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?*
>
> (Tiago 2.5)

Ver também Tia. 5.1 ss., quanto a exclamações peremptórias contra os ricos que, usualmente, abusam dos pobres e dos fracos. Naturalmente, não há virtude alguma em ser pobre. Se a pobreza remove certas tentações, adiciona outras. Por motivo de pobreza extrema, os homens são forçados a furtar e a cometer atos violentos para comer e prover o necessário para sua família. Outros, em desespero, tornam-se violentos de espírito e vivem pouco melhor do que os animais. Porém, quando um homem tem poucas possessões materiais, mas também *teme* ao Senhor, é como se fosse rico, e ele não será pervertido por causa de sua pobreza. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* seção I. Seja como for, Deus abençoa o pouco que o homem bom e pobre possui, ao passo que amaldiçoa as riquezas do homem poderoso que usa seu dinheiro para abusar dos semelhantes e obter vantagens pessoais, promovendo obras nefandas.

"As riquezas que o homem ímpio amontoa para si de nada valerão em períodos de teste" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *Melhor é um pouco havendo o temor do Senhor, do que grande tesouro, onde há inquietação.*
>
> (Provérbios 15.16)

37.17

Pois os braços dos ímpios serão quebrados. O texto bíblico continua a fazer o *contraste* entre o justo e o injusto (seção iniciada no vs. 12). Voltamos agora à idéia da guerra (ver os vss. 14 e 15). Os ímpios têm armas de guerra e com elas assustam os bons. Os ímpios estão ali para matar. Mas Yahweh intervém e quebra os *braços* deles, anulando-os e tornando-os inúteis na hora crítica. Em *contraste,* o homem bom é ajudado em meio à violência que o cercou, a fim de vencer na batalha e assim sobreviver para desfrutar tempos de paz.

Este versículo também é interpretado metaforicamente. O homem mau, em tempos de crise, falha e cai, porquanto Deus não está com ele. A causa do homem bom é sustentada, e ele atravessa galhardamente as crises.

> *Quebranta o braço do perverso e do malvado; esquadrinha-lhes a maldade, até nada mais achares.*
>
> (Salmo 10.15)

Braços... quebrados. Os instrumentos de ação são o braço e a mão, uma figura comum no Antigo Testamento. Um homem com um braço quebrado de nada vale no campo de batalha. Sua condenação está selada. Ele pode ter toda espécie de arma poderosa, mas com braços quebrados não conseguirá usá-las. É dessa maneira que Deus anula o poder do ímpio. Seu poder de praticar o mal é assim abolido.

37.18

O Senhor conhece os dias dos íntegros. Os *íntegros* são *conhecidos* por Yahweh, e, assim sendo, o caminho deles também é *conhecido.* Esse conhecimento divino *não consiste em mera previsão. Antes, é um favor gentil,* porquanto Deus exerce Sua misericórdia e favorece o homem bom com Sua graça. Portanto, o *conhecer,* na Bíblia, não consiste em ter consciência dos fatos, sejam eles presentes ou futuros. Pelo contrário, é um favor divino. O homem assim conhecido é, igualmente, um *herdeiro.* Ver no *Dicionário* os artigos *Herança* e *Herdeiro,* quanto ao desenvolvimento das metáforas envolvidas. O homem pobre que teme a Deus herda de Yahweh a sua porção e, assim sendo, é um homem rico.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da "herança celestial", mas o poeta sacro estava apenas olhando para uma vida pacífica e próspera, material e espiritualmente, neste mundo. Cf. Sal. 1.6 com o conhecimento divino. Ver Heb. 9.15; I Ped. 1.4. Independentemente de ser considerada terrestre ou celeste, a herança de Yahweh é o fator que enriquece um homem. Os israelitas eram herdeiros, porquanto formavam um povo em relação de pacto com o Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.* Eles se tornaram a *herança de Yahweh* e Dele receberam a sua herança. O povo em relação de aliança com Deus recebeu a *lei,* tornando-se assim um povo distintivo. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário de como a lei estava relacionada a Israel e quais eram as suas virtudes.

37.19

Não serão envergonhados nos dias do mal. Quanto à questão de que o justo não será *envergonhado,* ver Sal. 25.1; 35.26. Nenhum ser humano poderá dizer: "Aquele insensato confiou em Yahweh e veja-o agora. Ele é uma droga. É um pobretão. Está desesperado. Ele é um homem morto! Qual foi o benefício de sua fé?".

Quando o tempo da *fome* chega, afeta tanto os bons quanto os maus. Os homens ainda não podem fazer muitas coisas para controlar a natureza e são altamente dependentes da chuva para sobreviver. Por conseguinte, se o poder divino as retém, em breve tempo a calamidade atingirá toda a humanidade. E isso também diz respeito às chuvas espirituais, a provisão de Deus para a alma. Sem essa chuva espiritual, os homens logo se transformam em desertos. Quando a fome chega, de nada adiantará ao rico ter em depósito muito ouro. Ele passará fome tanto quanto o pobre, o qual só tinha uma vaca e a comeu, quando ela morreu de fome. Nas circunstâncias difíceis, o homem bom será sustentado por Deus, como aconteceu à família de Jacó, que foi transportada para o Egito. O poeta, contudo, não diz como o homem bom será sustentado por Deus. Temos apenas de aceitar a sua palavra, esperando pelo melhor. Elias foi sustentado por corvos, e assim o alimento lhe chegava miraculosamente. Yahweh saberá como agir no tempo da crise. Ele cuidou de Jeremias nos dias da fome (ver Jer. 37.21). Ver também Sal. 33.19 e 105.16. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Fome,* para um amplo desenvolvimento do tema.

37.20

Os ímpios, no entanto, perecerão. Os ímpios perecerão em meio à fome (ou outros tipos de crises), porquanto, quando uma intervenção divina é necessária à sobrevivência, eles não são favorecidos. O homem mau é como a erva dos campos, ou como as terras de pasto onde há falta de chuvas, que são completamente arrasadas. É como a *fumaça* que sobe do fogo e desaparece na atmosfera.

Serão como o viço das pastagens. As terras de pastagem, que sustentam a vida animal, logo desaparecem quando a fome se faz sentir. Então os animais morrem, e os homens ficam sem alimentação, de origem vegetal ou animal, e também perecem. Algumas traduções, como a King James Version, em vez de terras de pastagens, dizem "a gordura dos cordeiros". Nesse caso, pode estar em vista o sistema sacrificial. Os animais sacrificados reduzem-se a fumaça. Se essa é a metáfora pretendida, então trata-se de uma nova metáfora, cujo intuito é ilustrar a natureza precária da vida. O animal sacrificado era *nobre,* por ser usado no culto divino, mas até mesmo esse animal (ou sua gordura) desapareciam na forma de fumaça sobre o altar. O original hebraico é um tanto incerto, o que explica a dúvida sobre como traduzi-lo. Mas as traduções mais modernas permanecem com a frase "a glória dos prados" ou algo parecido. A outra possibilidade fala da *gordura* sendo queimada, a qual, juntamente com o sangue, era uma das porções oferecidas a Yahweh. Quanto a isso, ver Lev. 3.17, que discute as leis concernentes à gordura e ao sangue.

> *Levanta-se Deus; dispersam-se os seus inimigos; da sua presença fogem os que o aborrecem. Como se dissipa a fumaça, assim tu os dispersas...*
>
> (Salmo 68.1,2)

37.21

O ímpio pede emprestado e não paga. O homem iníquo pede dinheiro emprestado para fazer algum investimento. Seja porque é perverso e *não devolve o que havia pedido emprestado, seja porque é derrubado mediante alguma calamidade* e *não pode* pagar a sua dívida, ele termina em terrível miséria. Em contraste, o homem bom não apenas paga as suas dívidas quando pede algo emprestado, mas também é capaz de dar dinheiro a outros, mostrando-lhes *misericórdia.* Portanto, temos aí o contraste; o que o homem rico deveria ser *capaz* de fazer, foi *incapaz* de fazê-lo. E o que o homem pobre *não* deveria ser *capaz* de fazer, terminou fazendo, para surpresa de todos. É assim que funciona a *providência de Deus,* castigando os maus e recompensando os bons. O egoísmo é punido. A generosidade é recompensada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Liberalidade e Generosidade.*

"É fato conhecido que os empreendimentos filantrópicos dependem financeiramente da seção religiosa e especialmente da religião cristã em qualquer comunidade. Também é fato que um homem que teme a Deus tem o mais longo crédito (moral), conforme concordará qualquer banqueiro. E é igualmente verdadeiro que pessoas religiosas, mesmo com pequenas possessões, são as que têm os mais rígidos princípios morais e as que são os melhores doadores e contribuidores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Compare o leitor este versículo com Deu. 28.12,44 e Pro. 22.7:

> *O rico domina sobre o pobre, e o que toma emprestado é servo do que empresta.*

37.22

Aqueles a quem o Senhor abençoa. O homem bom é abençoado por Yahweh e assim torna-se *herdeiro,* pela graça divina. Quanto à idéia de *herdar a terra,* ver o vs. 18, onde ofereço notas detalhadas sobre a questão, as quais não repito aqui. O vs. 11 repete e expande o vs. 9, e ali dou notas expositivas adicio-

nais sobre a questão das heranças. No contexto do hebraico, o vs. 22 não se refere meramente às riquezas pessoais e heranças, mas também à nação, como um todo, bendita por Yahweh, e, por isso, distinta dos outros povos da terra. Estava em jogo a continuação da raça, que só poderia ocorrer por meio da continuação das famílias que tinham sua herança na Terra Prometida, conferida por Deus. Ver o vs. 29, onde novamente é dito que os justos herdarão a terra. O tema é reiterado, uma vez mais, no vs. 34. Portanto, em um único salmo, encontramos esta idéia nos vss. 9, 11, 22, 29 e 34. Naturalmente, tais versículos são cristianizados e espiritualizados para falar da herança que os crentes têm no céu, após a morte biológica (ver Rom. 8.17; Heb. 9.15 e I Ped. 1.4). Mas o poeta sagrado não estava enxergando tão longe no futuro. Sua visão limitava-se às fronteiras da Palestina, o território que Deus havia dado ao povo de Israel.

Aqueles a quem amaldiçoa. Ou seja, os renegados que não obedecem à lei e se recusam a distinguir-se dentre as nações. Esses morrerão sem nada levar desta vida; além disso, perderão a sua herança. E naturalmente nações estrangeiras não haverão de participar da herança de Israel. A morte reduzirá todos esses indivíduos a *nada*. Esta é a doutrina do poeta sagrado. Ele não esperava que houvesse punição para além do sepulcro, pois essa doutrina ainda não se havia desenvolvido dentro das tradições dos hebreus. Alguns fazem esta parte do versículo aplicar-se aos judeus que permaneceram na Babilônia, uma vez que o povo israelita recebeu permissão de voltar a Jerusalém. Esses, como é óbvio, não tinham nenhuma herança na Terra Prometida. Eles a haviam perdido. Além disso, muitos hebreus perversos tinham morrido ali e assim foram cortados das bênçãos da restauração.

37.23

O Senhor firma os passos do homem bom. Uma *providência divina* especial está disponível para o homem bom. De fato, cada passo que ele dá ao longo do caminho é *determinado* pelo Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus,* onde o conceito é explicado em detalhes. Isso naturalmente reflete o teísmo (ver a respeito no *Dicionário*): Deus não somente criou, mas também intervém na história humana; Ele recompensa e julga; e modifica o curso dos acontecimentos. Essa é a crença da Bíblia, em contraste com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), que ensina que algum poder criador abandonou sua criação e a deixou à mercê das leis naturais. Mas as leis naturais não são um governador perfeito, e até o caos entra em cena. Isso explica o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário),* ou seja, por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem.

Por todo o caminho meu Salvador me guia,
Que mais preciso solicitar?
Posso duvidar de Suas ternas misericórdias
Dele que, toda a minha vida, tem sido o meu Guia?
...
Sei que qualquer coisa que me caiba por sorte,
Jesus fez bem todas as coisas.

(Fanny J. Crosby)

A qualquer lugar posso ir com Jesus em segurança;
A qualquer lugar Ele me conduz neste mundo.
A qualquer lugar, sem Ele, as alegrias desapareceriam;
A qualquer lugar, com Jesus, não tenho medo.

(Jessie H. Brown)

Yahweh deleita-se no caminho do homem bom, porquanto este enveredou pela senda correta. Mas o caminho do homem bom foi determinado pelo Senhor. Afinal, *esse caminho* foi divinamente estabelecido; consiste na obediência à lei, juntamente com os resultados favoráveis que esse tipo de caminhar naturalmente traz. Ver sobre a lei como guia, em Deu. 6.4 ss. Um homem distingue-se dos outros quando segue pelo caminho da lei. Ver Deu. 4.4-8 e Sal. 1.6.

Yahweh deleita-se no caminho do homem "porque é por aquele caminho que o Seu próprio Espírito o tem orientado. Ou o homem se deleita no *caminho de Deus,* na lei e nos testemunhos de seu Criador" (Adam Clarke, *in loc.*).

37.24

Se cair, não ficará prostrado. O caminho do cristão não deixará de ter infortúnios, desapontamentos e quedas, mas o homem bom nunca será totalmente rejeitado. "Os infortúnios dos justos nunca são finais e completos. Ele pode cair e ser precipitado de cabeça para baixo, mas a longa experiência demonstrou ao salmista que o Senhor faz o que é certo pelos justos, geração após geração" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Yahweh o toma pela mão e o soergue por muitas e muitas vezes (Jó 5.19; Pro. 24.16 e Miq. 7.9)... Depois de ter começado nele a boa obra, o Senhor haverá de aperfeiçoá-la até o dia de Jesus Cristo (Fil. 1.6). Pense o leitor neste belo incidente: Jesus estendendo a mão para salvar Pedro, que já se afundava nas ondas (Mat. 14.31). Ver também Luc. 22.31-34, e comparar com I Sam. 23.16" (Fausset, *in loc.*).

Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará; mas os perversos são derrubados pela calamidade.

(Provérbios 24.16)

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus. Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel.

(Isaías 41.10)

Jesus, Salvador, pilota-me pelo mar tempestuoso da vida;
Ondas desconhecidas rolam à minha frente, ocultando rochas e recifes traiçoeiros;
O mapa e a bússola estão contigo. Jesus, Salvador, pilota-me.

(Edward Hopper)

37.25

Fui moço, e já, agora, sou velho. O Senhor cuida do homem bom, e esse cuidado envolve até os seus filhos. Este versículo, um dos mais bem conhecidos de todo o livro de Salmos, assegura-nos que o justo terá suficiente *suprimento material* e seus filhos nunca terão de esmolar. O poeta vinha observando a vida por longo tempo. Ele fora jovem. Agora era um homem idoso. E por todo o caminho, a mesma providência divina controlava a tudo.

Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que alimento, e o corpo mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?

(Mateus 6.25,26)

O *homem bom* tem o suficiente para si mesmo e para a sua família, e também lhe sobra o bastante para ajudar a outros, conforme informa o vs. 26. Isto posto, seu suprimento é mais do que adequado, de modo que ele pode abundar em toda boa obra. Ver II Cor. 9.8, quanto a esse princípio bíblico.

"Acredito que isso é literalmente veraz. Agora tenho os cabelos encanecidos. Tenho viajado por muitos países e tido muitas oportunidades de observar e de conversar com pessoas religiosas de todas as situações, e, para meu conhecimento, ainda não encontrei uma única instância contrária. Ainda não vi um único homem justo abandonado, nem os seus filhos a pedir pão. Deus honra *dessa maneira* a todos quantos O temem, e assim cuida deles e de sua prosperidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

Quando dúvidas e temores assaltam-nos a alma,
E sobre teu coração rolam as ondas.
...
Apega-te às promessas.
Oh, apega-te às promessas de Deus,
Elas nunca falharão.

(Elizabeth B. Miller)

"Nunca encontrei um homem justo inteiramente necessitado, pois ele poderia ser abandonado pelos homens e até por seus mais queridos amigos e parentes, mas não pelo Senhor. De fato, poderiam *pensar* que o Senhor o abandonou em tempos de desespero... Contudo, não é esse o caso desse homem" (Apolinário, *in loc.*). Ver Isa. 41.17; Heb. 13.5; Mat. 6.33; Sal. 84.11; Rom. 8.28,32.

37.26

É sempre compassivo e empresta. O *homem bom,* que segue os princípios espirituais, ou seja, a lei do Antigo Testamento, nunca sofre aflição material, pelo menos não a ponto de padecer fome. Seus filhos são beneficiados pelo mesmo suprimento divino. Ademais, tal homem tem o bastante para doar coisas a outras pessoas. A medida de um homem é a sua *generosidade,* apenas outro nome para

UM TRATADO MELANCÓLICO SOBRE COMPLETAR 60 ANOS

(por Russell Norman Champlin, celebrando seu 60º aniversário, 22 de dezembro de 1993)

Algumas pessoas corajosas (mas mal informadas) sugerem que a vida começa aos 40 anos. Conseguiram enganar muitas pessoas. Mas ninguém (com a exceção de Ronald Reagan) tem sugerido que a vida começa aos 60. Realmente, um homem com 60 anos tem mais anos do que um homem com 59. De fato, esta é a aplicação mais óbvia da lei da relatividade.

Aos 60 anos de idade você tem cristais de ácido úrico atormentando o seu corpo, não porque come carne demais, mas porque tem insuficiência renal. Outros males o atacam como um bando de pernilongos. Com 59 anos, você não tinha tais problemas.

Aos 60 anos você olha para seus amigos e diz: "Ó não! Todos eles ficaram velhos!". Olhando no espelho, você sabe a razão de tudo isto. Então recebe um convite para assistir à reunião da turma de sua formatura de colégio, mas decide não participar porque você não quer ver a versão 60 anos das meninas bonitas que conheceu quando tinha 18 anos.

As mulheres lutam, heroicamente, contra o inevitável com cremes inúteis, tintura no cabelo, operações plásticas, e elogios absurdos que falam umas às outras. Mas dentro do corpo a decadência continua a todo vapor, coração, pulmões, todos os órgãos vitais e especialmente o cérebro.

Não, a vida não começa aos 60 anos. Quando se tem 59 anos você pode trabalhar duro e seu corpo obedece às suas ordens para cooperar. Mas aos 60 anos seu corpo está cansado e zomba das suas ordens. Completei 60 anos no dia 22 de dezembro de 1993, o dia mais curto do ano (no hemisfério norte), e isto me lembrou do fato de que a vida é curta, mesmo quando "longa" segundo avaliações populares.

Todo mundo já sabia, mas foi Sócrates quem falou o óbvio: "Todos os homens são mortais". Aos 59 anos de idade você pensa que poderia escapar do decreto da mortalidade. Mas aos 60 percebe que você não vai ser uma exceção.

Esperançosamente, com 60 anos você aprendeu algumas lições vitais da espiritualidade e que as duas grandes colunas são o amor e o conhecimento. Um sobrinho de Henry James perguntou-lhe: "O que devo fazer com minha vida?" Seu tio respondeu: "Existem três coisas importantes nesta vida: seja gentil; seja gentil; seja gentil".

Não, nem tudo é negativo. Esperançosamente, você pode dizer, olhando para trás na vida passada: "Bem, eu fiz o que eu deveria ter feito e realizei tudo, sem exceção". De qualquer maneira, se tivesse a chance de ter de volta a minha mocidade, mas ligada à necessidade de fazer tudo de novo, eu diria: "Obrigado. Mas, não, obrigado".

As hostes do céu olham para baixo e dizem: "Por que toda esta discussão? A vida é eterna". Tudo bem, mas existem poucas coisas que os mortais entendem melhor do que os imortais. Uma delas é como é coisa temível passar de 59 para 60 anos.

Nos dias da minha mocidade, eu me lembrei de Deus. Na minha velhice, Ele não tem esquecido de mim.

Robert Southey

Antes de a velhice chegar, meu desejo era viver bem. Na minha velhive, meu desejo é de morrer bem.

Sêneca

Os jovens acham que os velhos são tolos. Os velhos sabem que os jovens são tolos.

George Chapman

Quando um homem fica virtuoso na sua velhice, ele somente oferece a Deus o que o Diabo não quis.

Alexander Pope

Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão.

Salmo 37:25

o amor. Ver sobre *Liberdade e Generosidade,* e também sobre *Amor,* no *Dicionário.* Deus nos dá suprimentos materiais para nosso próprio *aprazimento,* mas também para compartilharmos com nossos semelhantes. Temos dinheiro, pelo que podemos engajar-nos mais eficazmente em boas obras de natureza espiritual, conforme ilustra II Cor. 9.8. As pessoas enlouquecem por causa da falta de dinheiro, e nisso há muitos abusos. O homem espiritual, contudo, evita os tropeços e sempre se sai vencedor com o seu dinheiro, que o capacita a ajudar ao próximo. Aquele que tem dinheiro para si mesmo, para sua família e para outros de fora de seu círculo familiar, esse é o *homem abençoado,* conforme o versículo tem o cuidado de adiantar. Podemos estar seguros de que essa bênção será tanto espiritual quanto material. Tal homem demonstra misericórdia; e recebe misericórdia; ele ama e é amado; ele dá e outros também retribuem. O homem bom é abençoado quando vê seus filhos praticando o bem, tanto espiritual quanto materialmente.

"... os filhos dos ministros cristãos provêem uma proporção muito maior de homens distinguidos do que os filhos de homens de qualquer outra profissão ou negócio" (A. W. Fergusson, em seu livro, *Sons of the Clergy*).

> *E isto afirmo: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará.*
>
> (II Coríntios 9.6)

37.27

Aparta-te do mal, e faze o bem. A lei ordena que nos desviemos do mal e também que façamos o bem. E ainda nos diz que aqueles que assim agirem terão *vida longa e próspera.* Quanto a isso, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1, bem como os comentários sobre esses versículos.

O poeta estava pensando sobre as boas coisas que nos ocorrem na vida. Este versículo, contudo, tem sido cristianizado para falar das recompensas celestes. Nisso há uma grande verdade, mas não uma verdade que já fizesse parte da teologia dos hebreus, até o tempo em que o Salmo 37 foi escrito.

"Este versículo pode representar um lugar-comum, mas os lugares-comuns não devem ser esquecidos meramente porque já os ouvimos antes. Um lugar-comum como esse implica um forte conceito de Deus. A conexão entre a prática do bem e a continuação no mundo dos vivos está Nele arraigada. Esse é o tipo de Deus que Ele é" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

O judaísmo posterior fez este versículo aplicar-se à vida diária, e o cristianismo se aproveitou do tema.

> *Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus.*
>
> (II Coríntios 5.1)

37.28

Pois o Senhor ama a justiça. A *justiça divina* garante as promessas de longa vida e prosperidade ao homem justo. Isso faz parte da providência divina e deriva-se do fato de que o Senhor, em todos os Seus caminhos, está interessado no bem-estar dos justos. Vice-versa, Ele também precisa julgar o homem mau, que ignora a Sua lei. O ímpio será *cortado,* ou seja, sofrerá por seus atos maus e então terá uma morte prematura, algo sempre temido pela mente hebréia. Não temos aqui nenhuma antecipação de recompensas eternas para o bom ou de sofrimentos eternos para o ímpio. Essas doutrinas surgiram no judaísmo posterior, e foram desenvolvidas nos livros pseudepígrafos e apócrifos e mais ainda no Novo Testamento. O judaísmo primitivo via a recompensa ou punição humana aqui e agora. O Pentateuco nada diz sobre como Deus corrigirá as coisas para além do sepulcro, e dá apenas indícios acerca da alma imaterial. A alma *começou* a surgir na fé dos hebreus nos salmos e profetas.

Os filhos dos justos têm o bastante e são abençoados (vs. 25), mas a prole dos ímpios é cortada. Os ímpios sofriam morte prematura, e seus filhos os seguiam por esse caminho ruim. Por isso, as heranças que pertenciam a indivíduos maus eram perdidas. O vs. 29 mostra-nos que o poeta estava pensando na possessão da Terra Prometida, a Palestina.

Este versículo é cristianizado para além da Terra Prometida, ou seja, para a Pátria Celestial. Mas o poeta não nos conduziu até esse ponto. O judaísmo posterior e o cristianismo tomaram a iniciativa quanto à questão. Ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* no *Dicionário.*

> *Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.*
>
> (Salmo 11.7)

"Por causa de Sua *justiça* essencial, o Senhor não pode esquecer-se, finalmente, de Seus santos (vs. 25)" (Fausset, *in loc.*).

37.29

Os justos herdarão a terra. Este versículo mostra que a "bênção" a ser obtida, segundo a mente do poeta sacro, não estava naquela terra distante do céu. Antes, o salmista estava interessado em ver o povo de Deus seguro na Palestina, a herança dos justos daquele tempo. Ele também estava interessado na *continuação* e na *paz* daquela terra. Somente uma vida reta podia garantir esses benefícios. Exércitos inimigos viriam e varreriam da terra os ímpios, seus filhos sofreriam calamidades, e a herança deles na terra se perderia. Por *aplicação,* podemos fazer este versículo significar mais do que isso, mas não devemos chamar tais explicações de exegese do texto. Não obstante, os mesmos princípios de justiça divina continuam tendo aplicação nesta vida, ou na vida posterior, mesmo que o poeta tenha tido uma visão inferior ao que se desenvolveu em tempos mais próximos dos nossos. Já vimos e comentamos esses elementos nos vss. 9, 11 e 27.

> *Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.*
>
> (II Pedro 3.13)

Talvez, historicamente, o versículo se refira ao retorno dos judeus, terminado o exílio babilônico, a fim de se apossarem novamente da Terra Prometida.

37.30

A boca do justo profere a sabedoria. Esta passagem continua a traçar o contraste entre os justos e os ímpios. Os justos saem-se vencedores em todos os embates; os ímpios acabam perdedores em todos os incidentes. O homem bom deixa-se governar pela lei de Deus (vs. 31) e sempre fala com justiça; nunca se torna culpado de perjúrio ou falso testemunho. Por hábito, ele fala a *sabedoria,* pois já aprendeu a usar apropriadamente a língua. Sua linguagem é sábia e consagrada ao bem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da,* quanto a abundantes explicações e ilustrações. Ver também sobre *Sabedoria.* "A sabedoria flui dos lábios do homem justo, e ele guarda a lei do Senhor de todo o coração" (William R. Taylor, *in loc.*). Dessa maneira, ele provê um notável contraste com o pecador, que vive cortando e queimando outras pessoas com a língua e falando tolices da depravação.

Um Caráter Piedoso. Este caráter envolve três coisas: as *palavras* do homem reto são sábias e justas; os seus *atos* concordam com suas palavras; e o seu *coração* vive sintonizado com a retidão e a justiça. Em contraste, o pecador ofende em todas essas três categorias.

> *Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições, e o buscam de todo o coração; não praticam iniqüidade, e andam nos seus caminhos.*
>
> (Salmo 119.2,3)

37.31

No coração tem ele a lei do seu Deus. A espiritualidade do Antigo Testamento não nos deve surpreender. Havia ali discernimento quanto à espiritualidade de "todo o coração" ou de "toda a alma". O *legalismo* dos hebreus não abafava o discernimento maior que qualquer fé religiosa deve ter poder além da letra, conforme nos diz, enfaticamente, o segundo capítulo da epístola aos Romanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Legalismo.* Mas devemos notar aqui que a *lei* (ver vários artigos a respeito, no *Dicionário*) era a base de todo conhecimento e busca espiritual. A lei distinguia o povo de Israel de outros povos (ver as notas em Deu. 4.4-8), e a obediência à lei provia prosperidade e longa vida (Núm. 12.9). Ver a lei como *guia* de toda a vida e vivência diária, em Deu. 6.4 ss. Em Sal. 1.2, há uma nota de sumário sobre essas questões.

O homem que aprende a lei e lhe obedece terá uma vida espiritual estável. Seus passos não *escorregarão* para o erro ou o desespero. Ele estará tão envolvido no templo e em seu culto que não terá tempo para circular entre os pecadores e imitar os seus atos. Tribulações terríveis poderão ocorrer (vs. 32), mas a proteção de Yahweh estará presente, para contrabalançar todo o mal. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O "coração santo" do homem bom "sempre dita aos seus *olhos,* à sua *boca,* às suas *mãos* e aos seus *pés.* Os preceitos que dirigem a sua conduta nem sempre estarão *escritos* em sua Bíblia. Pois também estarão em seu *coração*" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Guardo no coração as tuas palavras para não pecar contra ti.*
>
> (Salmo 119.11)

Ver Isa. 3.2; 42.4 e Jer. 31.33. O Novo Testamento é o documento que prova como a espiritualidade de um homem tem de valer mais do que a letra. Cristo habita em nosso coração (Efé. 3.17). A letra, por si só, pode matar (II Cor. 3.6).

37.32

O perverso espreita ao justo. Em contraste com o homem bom, que está sempre envolvido no culto do templo e aprendendo e obedecendo à lei, o *ímpio* é motivado pelo ódio. Ele chega ao extremo de quebrar o mandamento que proíbe o homicídio. Ele prova a malignidade de sua alma por meio de atos violentos que arrebatam vidas. Além disso, suas vítimas são pessoas boas que não merecem esses atos maliciosos. "O salmista conclui sua meditação ao descrever a luta entre os ímpios e os justos — vss. 32-38. A solução dele foi contrastar os planos maus para destruir os justos com o *poder* preservador de Deus... o Senhor não abandona os que Lhe pertencem (vss. 32 e 33)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Aplicação. Até mesmo alguns crentes (assim chamados) anseiam por surpreender um *irmão* em algum erro, a fim de satisfazer seus desejos perversos de mostrar-se superiores. Suas atitudes de juízo prejudicam o próximo, e eles estão sempre mostrando-se superiores a seus irmãos "inferiores". É marca de um espírito tenebroso, e não de um espírito iluminado, surpreender um irmão em alguma falta e lançar ataques verbais contra ele. Tais indivíduos pensam que estão acima dos pecados alheios, mas já estão provando sua inferioridade por práticas de uma "vida assinalada pelo ódio".

"... buscam matar, assassinar a reputação de um homem, destruir a sua substância, tirar-lhe a vida. Alguns compreendem que essa afirmativa se refere ao diabo... Ver I Ped. 5.8" (John Gill, *in loc.*).

37.33

Mas o Senhor não o deixará nas suas mãos. Yahweh se ergue em defesa do homem bom que vive em conformidade com a lei. Ele não permite que os planos dos ímpios prosperem e tenham *sucesso final*. Disse Sócrates: "Nenhum dano pode sobrevir ao homem bom", ao que acrescentamos "finalmente". E isso porque, como é óbvio, os ímpios prosperam e o homem bom é severamente perseguido. Alguns estudiosos pensam que o caso aqui em foco tem referência direta com questões tribunícias, nas quais homens maus tentam fazer com que juízes se pronunciem contra os inocentes, mas o versículo é mais amplo que isso. Cf. Sal. 119.31 e Isa. 54.17. O homem bom será inocentado diante dos anjos e dos poderes espirituais, mesmo que os homens achem que o inocente é culpado e os prejudiquem por suas alegadas falhas. "Quando os cristãos foram exilados sob o imperador Adriano, Tertuliano os consolou, dizendo: 'Se somos condenados pelo mundo, somos inocentados por Deus'" (Fausset, *in loc.*).

37.34

Espera no Senhor. Temos uma antiga afirmativa, incorporada aqui por um compilador posterior. A referência é ao tempo anterior à possessão do território israelita. Israel sofria devido a uma crise profunda. Havia *gigantes* na terra e muita coisa que temer. Somente os homens espirituais poderiam esperar o cumprimento do pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). A Terra Prometida seria dividida entre as doze tribos e então subdividida em grupos familiares. Tudo isso seria impossível sem uma veia de espiritualidade que permeasse a nação. Para que a promessa sobre a Terra Prometida fosse cumprida, todos os israelitas tinham de ser "obedientes à lei". O pacto dizia: "A terra vos pertence", mas somente os *dignos* (verdadeiros filhos de Abraão) podiam possuí-la. Por aplicação, pensamos na pátria celeste, e em como somente os que estão em Cristo entrarão nela.

Segue o seu caminho. Ou seja, obedecendo os preceitos da lei, o caminho pelo qual competia aos hebreus caminhar. Ver os comentários do vs. 31, quanto a uma exposição completa sobre as idéias envolvidas. Ver a exposição sobre os vss. 9 e 11, que também falam sobre entrar na posse da Terra Prometida.

Esperando no Senhor. Estas palavras aparecem na primeira porção do versículo e significam o mesmo que a próxima frase acerca de observar o caminho de Deus, ou seja, a lei mosaica. Primeiramente, um homem cumpre o seu dever. Em seguida, fica esperando a recompensa. Um homem deve "viver no espírito da obediência" (Adam Clarke, *in loc.*). A palavra hebraica para "esperar" é *kavah*, que subentende a extensão de uma linha entre dois pontos, assinalando a rota mais curta entre um e outro. O homem bom deve traçar a sua linha no caminho reto. O coração precisa estar "em harmonia com Deus".

Exaltação. Quando chegasse a recompensa pela obediência, Israel seria exaltado na Terra Prometida. Todos os inimigos seriam derrotados e confessariam o direito dos israelitas sobre a Terra Prometida. Davi derrotou *oito* povos adversários, para tornar completa a possessão; porquanto, quando Josué entrou na terra, muitos lugares ficaram por conquistar e permaneceram remanescentes dos antigos habitantes. Ver II Sam. 10.19, quanto às vitórias logradas por Davi. Ele preparou o caminho para a época áurea de Israel, sob Salomão, quando houve paz e prosperidade, e Israel expandiu grandemente as suas fronteiras, quase até os limites indicados pelas promessas do pacto abraâmico.

Quando os ímpios forem exterminados. De acordo com os ditames de Yahweh, a *guerra santa* (ver as notas em Deu. 7.1-5) apontava para o aniquilamento total do inimigo. Alguns eruditos vêem aqui o retorno dos judeus, terminado o cativeiro babilônico, mas não parece isso o que está aqui em mira. O autor pensa nos *tempos antigos*, na conquista original, e dali extrai lições espirituais. Os israelitas *viram* os egípcios mortos à beira-mar (ver Êxo. 14.30), e houve muitas outras vitórias visíveis e patentes. Cf. Sal. 52.5,6, que ilustram bem este versículo.

37.35

Vi um ímpio prepotente. Uma observação comum mostra-nos que os ímpios prosperam, enriquecem e perseguem outras pessoas. O salmista havia observado o processo e comparou-o ao admirável crescimento e florescimento do cedro do Líbano (assim diz nossa versão portuguesa, acompanhando a Revised Standard Version). Quanto a esse título, ver o artigo no *Dicionário*. Não repito aqui a informação oferecida ali. Não está em vista especificamente nenhum homem mal, tal como Nabucodonosor, conforme crêem alguns estudiosos. A declaração do autor é geral e aplica-se a qualquer indivíduo que, embora cheio de pecados e violência, consegue florescer nesta vida. A Septuaginta e a Vulgata Latina interpretam a árvore envolvida como o cedro do Líbano, o qual pode ilustrar corretamente a maneira horrenda como o ímpio cresce e obtém poder, a ponto de perseguir os semelhantes. Cf. Dan. 4.10, que serve de ilustração. Espanta-nos ver ímpios em posições de mando, usando seu poder, enriquecendo materialmente e, então, ato contínuo, prejudicando o próximo. Mas é quase só nisso que consiste a atual política mundial. Não é fácil combinar riquezas-poder-bondade. Essa é uma fórmula verdadeiramente rara!

Era doutrina hebraica padrão a idéia de que a bondade fazia um homem enriquecer; a verdade, contudo, é que existem inúmeras exceções a essa regra; de fato, há mais exceções do que exemplos positivos. Mesmo assim, os hebreus continuavam acreditando nessa teoria. Cf. Sal. 73.12; Jer. 12.1,2; Isa. 29.20 e 49.25.

37.36

Passei, e eis que desaparecera. Por onde o salmista passava, ali florescia o ímpio, como se fosse um poderoso cedro do Líbano. O salmista contemplou, consternado, essa cena. Mas, na próxima vez em que passou pelo mesmo lugar, a árvore *tinha desaparecido*. Alguém havia derrubado o cedro para transformá-lo em lenha, ou, talvez, para incorporar a madeira à alguma casa em construção. O perplexo passante ficou à procura de ao menos um vestígio da árvore; mas foi tudo em vão. O cedro do Líbano havia desaparecido sem deixar rastro de sua existência. Por semelhante modo, o salmista esperava que todos os ímpios terminassem da mesma maneira. O homem que era uma grande árvore se transformara em cinzas. O homem bom quase não podia acreditar no que via. Como era possível que um homem tão poderoso, rico e florescente simplesmente tivesse desaparecido daquele jeito? O pecador tinha perecido tão rápida e completamente. "... fora reduzido a nada. Ele se tornara uma não-entidade. Diz o Targum: 'Ele cessou de existir no mundo'... Ele se foi para o seu próprio lugar, como Judas, o traidor, sobre quem Jerônimo interpretou toda esta passagem" (John Gill, *in loc.*). "O mal não somente desaparecerá, mas também será esquecido" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

37.37

Observa o homem íntegro. Em contraste com o homem ímpio, que é rico e poderoso, e tão de repente pereceu de modo absoluto, o homem bom continua, pelo poder de Deus. *Observa* o homem bom. Ele florescerá e não desaparecerá. Será absorvido na vida eterna ao chegar o momento de sua morte. Para ele haverá paz e felicidade. O homem bom será abençoado. Talvez a mente do autor sagrado se tenha concentrado na idéia da sobrevivência da alma diante da morte biológica, idéia que começou a aparecer nos salmos e profetas, embora estivesse ausente na teologia mais antiga dos hebreus. Ou então ele simplesmente esperava que, no final, os mansos herdariam a terra (vs. 11). O autor sagrado esperava uma reversão permanente das fortunas, a qual distinguisse os bons dos maus; no entanto, ele não abordou os detalhes de como isso poderia cumprir-se. O salmista acreditava na retribuição, na justiça e na recompensa, mas não detalhou como esses princípios operam entre os homens. Alguns estudiosos supõem que o poeta tivesse em mente apenas a *posteridade* dos bons, enquanto a posteridade dos homens vis seria como galhos cortados de uma árvore morta. Mas isso parece apenas abrandar a intenção do autor sagrado.

Não obstante, a Revised Standard Version, acompanhada por nossa versão portuguesa, diz aqui "posteridade", em lugar da palavra "fim", usada na King James Version. Nesse caso, a idéia é que o homem bom *termina* continuando em seus descendentes, ao passo que o fim do ímpio perde-se na história. Uma falsa forma de imortalidade é "viver nos próprios descendentes", e a antiga teologia dos hebreus não ia além disso. Pesquisar sobre *Imortalidade* no *Dicionário,* além de vários artigos relacionados na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Toma nota do homem honesto, e contempla o homem íntegro.
Haverá uma posteridade para o homem de paz.

Em sua essência, é assim que a Septuaginta e a Vulgata Latina traduzem o hebraico deste versículo, afirmando também que "a posteridade do ímpio é cortada". O homem ímpio floresce como uma árvore, mas, quando for cortado, os galhos dessa árvore se ressecarão, devido à falta de vida que vinha do tronco. Cf. Núm. 23.10.

37.38

Quanto aos transgressores serão à uma destruídos. Visto que os *transgressores* são finalmente destruídos completamente, sua *posteridade* também deverá perecer. A Revised Standard Version retém aqui o vocábulo *posteridade,* em lugar da palavra *fim,* e assim limita o significado do versículo à cena terrena. Era algo calamitoso para uma linhagem familiar morrer ou ser destruída. Em tais casos, a herança dos pactos abraâmico e mosaico também era reduzida a nada, no caso de certas famílias. Provavelmente, devemos continuar a pensar na ilustração da árvore. Se a árvore for decepada e queimada, certamente não restarão galhos para levar avante a vida do tronco. Nossa versão portuguesa concorda aqui com a Revised Standard Version, ao falar em *descendência* e *posteridade.* Se o autor sacro queria defender a vida pós-túmulo, mostrou-se fraco em seu propósito. Ele parece ter seguido a antiga teologia dos hebreus, na qual não havia ensino claro sobre a alma e a imortalidade. A teologia limitada do autor sacro não o impediu de perceber um verdadeiro princípio espiritual. *Em última análise,* vale a pena ser bom, e é ruim ser mau.

Observa a simplicidade e escolhe a retidão, vendo que há um bom fim para o homem de paz.

(Versão siríaca)

Se traçarmos um círculo prematuro,
Que não se importe com um lucro a longo termo,
Certamente má será a nossa barganha.

(Robert Browning)

Mantém a inocência e presta atenção naquilo que é direito, porque isso, finalmente, levará um homem à paz.

(Livro da Oração Inglês)

Comparar isso com Pro. 11.3 e Sal. 119.13.

37.39

Vem do Senhor a salvação dos justos. *Salvação.* Não devemos cristianizar este versículo e fazê-lo ensinar a salvação da alma. "Livramento" ou "preservação" seriam melhores traduções. Seja como for, qualquer que seja o bem que exista, ele está reservado aos "justos", ao passo que os ímpios ilustrarão o terrível princípio de que pecar é sofrer, finalmente. O homem bom conta com um *refúgio* em tempo de tribulação, pelo que quando a sua vida for ameaçada (na mente dos hebreus era uma grande calamidade sofrer *morte prematura*) ele será protegido.

O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte.

(Salmo 91.1)

"Nos vss. 39 e 40 está contida a conclusão da questão. A ênfase recai completamente sobre o Senhor. O mundo está obscurecido. Trata-se de um lugar sem sol. Mas Deus está dentro das sombras e continua observando os que Lhe pertencem... Há muitas palavras no mundo, mas a palavra definitiva está com Deus. Portanto, é como Goethe dizia: 'Nós vos ordenamos a ter esperança'" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Escolha. O poeta viu claramente como um homem tem livre-arbítrio e precisa escolher o seu caminho. Ele tem de tomar as decisões certas. E possui luz suficiente para tanto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livre-arbítrio.*

O destino não é uma questão de chance;
É uma questão de escolha.
Não é algo pelo que devamos esperar.
É algo a ser atingido.

(William Jennings Bryan)

A sua fortaleza. Ou seja, um lugar forte, fortificado. Ver essa expressão também em 27.1; 43.2 e 52.7. Os que fazem as escolhas certas têm Deus por *lugar fortificado,* onde acham socorro para tempos de necessidade.

37.40

O Senhor os ajuda e os livra. Além de ser um lugar forte e fortificado, para onde um homem pode correr à procura de segurança e socorro, em tempos de necessidade, *Yahweh* também vive ativamente engajado em defender aos que Nele confiam. Sobre como a palavra *confiar* é usada no livro de Salmos, ver Sal. 2.12. Neste versículo encontramos os seguintes benefícios de tal confiança: 1. ajuda divina em tempos de necessidade; 2. livramento do perigo e dos ataques de inimigos humanos ou dos abusos da natureza; 3. a *salvação* de Yahweh, de qualquer maneira que se possa imaginar.

Este versículo tem sido cristianizado com freqüência para indicar a salvação evangélica, quando um homem morre. Trata-se de uma verdade, mas não é o que estava sendo contemplado pelo salmista.

Benefícios para os Homens Bons. Este versículo deixa claro que o *homem bom que confia* é quem pode esperar o cumprimento das promessas feitas na Bíblia.

Meio-crentes em nossos credos casuais;
Que nunca sentiram profundamente nem claramente quiseram.
Cujo discernimento nunca deu fruto sob a forma de ações.
Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas.
Para quem cada ano gera
Novos começos, mas também novos desapontamentos.
Que hesitam e deixam escapar a vida.
Esses perderão amanhã
O terreno conquistado hoje.

(Matthew Arnold)

Yahweh deve livrar os homens bons, porquanto eles estão sempre sujeitos a testes e tendem a cair. A vida humana depende do poder divino. Yahweh "livra-os de suas aflições e ajuda-os a sair de suas dificuldades, quando ninguém mais pode, e eles mesmos não conseguem... porque confiam Nele. A virtude salvadora está no Senhor... a paráfrase no caldaico diz: 'Ele os redimirá porque confiam em Sua Palavra'" (John Gill, *in loc.*).

Salmo Trinta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classificações* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, onde apresento dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um dos salmos de *lamentação,* que compõem o maior grupo de salmos. Aqui, o que se lamenta é uma *enfermidade* física. Os "salmos de enfermidade" são os de número 6, 22, 28, 30, 31.9-12, 32, 38, 41, 49 e 73.

Os salmos de lamentação tipicamente falam de algum inimigo, fora de Israel, dentro de Israel ou no corpo, que precisa ser repreendido para que o homem possa ser libertado de uma ameaça, com freqüência tida como potencialmente fatal. A maioria dos salmos de lamentação incorpora, no final, alguma nota de louvor sincero, porquanto a oração desesperada foi ouvida e respondida favoravelmente.

Subtítulo. Aqui o subtítulo é: "Salmo de Davi. Em memória". Talvez a coisa a ser relembrada tenha sido o perdão de pecados, que haviam causado a enfermidade, já que era um pensamento hebreu comum que toda enfermidade fosse a punição de algum mal moral. Têm sido apresentadas várias conjecturas acerca das circunstâncias específicas que inspiraram a composição, como o

pecado de Davi com Bate-Seba, mas não há como descobrir esses detalhes. Ademais, cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, sem dúvida um exagero, o que leva ao outro de identificar os salmos com algum incidente conhecido na vida de Davi. Os subtítulos foram escritos muito depois das composições originais e, em sua maioria, são apenas conjecturas com pouca ou mesmo nenhuma autoridade.

De acordo com o *uso eclesiástico,* este salmo tem sido contado entre os *sete salmos penitenciais* (6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143). Ele veio a ser associado com a *oferenda memorial* oferecida no templo, o que significa que se revestia de alguma importância naquele culto. "Havia duas espécies de oferendas memoriais: a primeira consistia em queimar sobre o altar, juntamente com incenso, uma porção da oferenda de cereal misturada com azeite (Lev. 2.1-10). A segunda consistia na queima do incenso posto a cada sábado sobre os pães da proposição (Lev. 24.7). A Septuaginta e o Targum sobre os salmos parecem favorecer o segundo tipo de oferendas, mas a natureza de súplica do salmo pode indicar o primeiro tipo" (William R. Taylor, *in loc.*). Uma vez que o salmo tenha chegado a ser usado formalmente no templo, provavelmente se tornou padrão, para pecadores arrependidos, usá-lo quando tivessem sido libertados de suas aflições. Alguns supõem que um compositor de salmos do templo tenha escrito este salmo exatamente com o propósito que estamos discutindo, em vez de tê-lo adaptado para esse uso específico.

Os *problemas do poeta* incluíam ataques de inimigos pessoais que, provavelmente, tiravam vantagem de sua condição física enfraquecida. O homem estava cercado de tribulações, e esperava-se que ele fosse livrado de todas elas. Os vss. 1-12 falam sobre como Yahweh disciplina o pecador, visando o seu próprio bem. Os vss. 13-22 tratam da esperança do sofredor. Essas duas seções continuam este salmo, que não termina com uma ação de graças formal, o que é raro nos salmos de lamentação. Os Salmos 31.1-12 e 88 terminam com um tom de desespero.

Um Apelo a Deus (38.1,2)

38.1

Não me repreendas, Senhor. A primeira seção geral (vss. 1-12) começa com um intenso apelo a Deus, pedindo ajuda. O vs. 1 é equivalente ao trecho de Sal. 6.1, que pode ter sido simplesmente tomado de empréstimo por ser apropriado às circunstâncias da presente composição. O salmista estava sofrendo *golpes divinos* sob a forma de dores corporais e angústia mental. Ele não lançou a culpa sobre Deus por causa do que lhe acontecia. Reconheceu a justiça do castigo, mas mesmo assim pediu alívio. Onde houver a ira divina, a misericórdia divina pode aliviar e curar, e era isso que o salmista esperava. Comparar este sentimento com Hab. 3.2 e Isa. 57.16.

Sal. 38.1 é uma duplicata de Sal. 6.1, onde a exposição é oferecida. O Salmo 6 é o primeiro dos salmos penitenciais no uso da igreja cristã, e o Salmo 38 é o terceiro da lista. Ambos são salmos de lamentação acerca de alguma enfermidade nojenta que o poeta sofria e da qual ele implorava livramento. Ver a introdução ao Salmo 38. Fazia parte da doutrina israelita padrão que as enfermidades eram causadas pelo pecado, pelo que o salmista não se queixou acerca de nenhuma injustiça envolvida em sua condição. Parece que ele reconheceu pecados específicos que estavam sendo punidos.

38.2

Cravam-se em mim as tuas setas. É comum a metáfora da *flecha* para representar os castigos de Deus, visto que esse instrumento de guerra foi a causa de muito sofrimento nos tempos antigos. Cf. Deu. 32.23; Jó 6.4 e 16.13,14. A flecha causava dor aguda e uma ferida duradoura, quando não matava. Os julgamentos de Deus também doem e matam. O poeta não sabia se a dor seria ou não o começo de um caso fatal, pelo que clamou pedindo misericórdia para que o julgamento não seguisse esse curso.

> *Tuas flechas enterraram-se profundamente em mim, e a tua mão desabou sobre mim.*
>
> (Paráfrase de Ellicott)

A Revised Standard Version diz que as flechas "se enterraram em mim". A nossa versão portuguesa diz "cravaram-se em mim". "Uma flecha com rebarbas é um amargo instrumento, doloroso ao entrar e doloroso ao ser retirada. As flechas de Deus são estranhas e amargas, mas são agente de cura" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Tua mão recai sobre mim. A pesada mão de Deus é outra metáfora comum para a punição divina, em retribuição a algum erro cometido, conforme também vemos em Sal. 32.4 e 39.10. Mas as punições de Deus visam a *disciplina,* que é restauradora, e não destruidora. A disciplina pode ser dolorosa e dura, mas não é arbitrária e infrutífera. O braço de Deus é forte para ferir, mas é forte também para salvar.

> *Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me atingiu.*
>
> (Jó 19.21)

Descrição da Enfermidade (38.3-10)

38.3

Não há parte sã na minha carne. São baldadas as modernas tentativas de identificar a doença que o salmista sofria. Podemos somente dizer que a questão era realmente séria. O apelo do salmista soa como uma condição fatal; e note-se que, depois de ter sido respondida a oração pedindo livramento, o salmo não termina em tom de triunfo, mas somente em outro apelo. O poeta descreveu sua enfermidade diante de Deus a fim de atrair a Sua misericórdia. Nenhum ser humano deveria sofrer da maneira como ele sofria. O autor não se considerava inocente, como aconteceu a Jó, nem acusou Deus de injustiça, conforme fez o mesmo Jó. A falta de *saúde* era resultante direto da *ira de Deus.* A justiça estava presente, mas era horrível contemplá-la. A raiz da dificuldade estava no homem, e não na administração equivocada da parte de Deus.

Nos meus ossos. Os ossos podem representar o corpo inteiro, porque são eles que o suportam. Ou talvez a doença houvesse atacado de tal forma que até os ossos estavam afetados por dentro. Cf. Isa. 1.5,6. Ver também Sal. 6.2; 31.10 e 32.3, quanto à metáfora dos ossos. Um homem verdadeiramente doente *não tem descanso.* Ele aprende que a dor pode ser contínua e insuportável, e essa é uma das razões pelas quais algumas pessoas cometem suicídio. O dr. Kevorkian, no Estado americano de Michigan, tem ajudado cerca de quarenta pessoas a cometer suicídio nos últimos anos. Muitos desses pacientes não estavam em condições terminais. Eles simplesmente padeciam, ou em breve padeceriam, de tamanhas dores, que a vida deixaria de ser digna de ser vivida. O consentimento dos familiares é necessário para o processo de suicídio, e as famílias alegremente consentem em fazer seus entes queridos escapar da dor. Médicos e teólogos continuam a disputar sobre a moralidade e legalidade do que o dr. Kevorkian está fazendo, mas ele tem obtido grande apoio nos Estados Unidos, pois a dor pode realmente tirar o significado da vida física. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Suicídio.*

38.4

Já se elevam acima de minha cabeça. A metáfora idealiza ondas que avassalam a vítima, ameaçando afogá-la. O pobre homem estava afogando-se em sua dor e tristeza, por ondas que ele mesmo havia criado, mas que também eram divinas. Cf. Sal. 42.7; 90.12; 124.4,5.

As minhas iniqüidades. O poeta sacro apontava para os *seus pecados* como a causa de sua tristeza. Ele não se queixou de injustiça da parte de Deus, embora as suas dores tivessem atingido o nível do insuportável. A teologia comum dos hebreus culpava o pecado por todas as enfermidades físicas. Paulo sabia que nem sempre esse é o caso (II Cor. 12.8). Algumas vezes as enfermidades podem ser uma medida *disciplinadora.* De outras vezes, porém, trata-se apenas de uma manifestação do *caos* estúpido, um fator real neste mundo, contra o qual devemos orar constantemente. Os hebreus rejeitavam a ajuda dos médicos, porquanto não queriam ser culpados de reverter artificialmente um castigo divino. Somente bem mais tarde, na história dos judeus, a medicina tornou-se uma ciência aceitável. Seja como for, no caso do poeta, a dificuldade residia no homem, e não na natureza caótica.

Como fardos pesados. A metáfora é agora modificada para um homem que carregava um fardo esmagador, o qual minava todas as suas forças e estava terminando com a sua vida. Jesus prometeu descanso para tais pessoas:

> *Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.*
>
> (Mateus 11.28)

Jesus dirigiu a palavra aos que estavam oprimidos pelo pecado e envergados pelo peso das preocupações e angústias. Mas Ele também se dirigiu aos que estavam literalmente *enfermos,* e os quais, por tantas vezes, Ele curou. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cura.* Ver Isa. 53.4,6,11.

Devemos lembrar a aplicação metafórica desta passagem. "Muitos homens fisicamente aptos estão, em seu *verdadeiro eu,* num estado de fétida corrupção e,

enquanto não tomarem consciência desse fato, em temor e desgosto, provavelmente continuarão nesse curso, que conduz à morte espiritual" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Tribulações assaltam-nos, como se fossem ondas, tal como disse *Hamlet*, na obra de Shakespeare: "... um mar de tribulações" (ato III, cena 1).

Cf. Jó 7.20,21.

38.5

Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas. O homem havia cometido alguma espécie de *insensatez*. Ele sabia que estava pecando, mas voluntariamente continuava em seu pecado. Não fora apanhado por uma armadilha nem fora enganado pelo diabo. Havia promovido a própria aflição e seguido inclinações loucas. Era um pecador estúpido, e não um "inocente" que havia caído numa armadilha. Sua insensatez havia provocado uma condição nojenta e até mesmo algum tipo de feridas ou úlceras fedorentas. Portanto, admitamos o fato: o pecado fede, e assim também os seus resultados. Mas o Grande Médico corre em nosso socorro para anular nossa loucura, e é isso o que deveríamos esperar da parte do amor de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amor*. As feridas do homem emitiam um fluido nojento, dotado de mau cheiro, tal como acontece em algumas formas de câncer, que tornam os doentes difíceis de suportar. Ver Isa. 1.6 ss., que contém pensamentos semelhantes aos expressos neste versículo.

> *Desde a planta do pé até à cabeça não há nele cousa sã,*
> *senão feridas, contusões e chagas inflamadas...*

Naturalmente, estamos tratando da enfermidade espiritual de uma nação, e não de uma doença literal, e por todo este salmo devemos ter em mente aplicações morais, a fim de nos beneficiarmos da mensagem transmitida.

"Usualmente os homens relutam mais em confessar sua *insensatez* do que em confessar o pecado" (Ellicott, *in loc.*). Visto que o pecado é autodestrutivo, por isso mesmo é uma forma de suicídio, pelo que é bastante *insensato*. Mas, ao longo de todo o curso de sua vida, alguns homens não conseguem aprender essa verdade simples. Ver Isa. 53.5, quanto ao Curador de todas as feridas humanas.

38.6

Sinto-me encurvado e sobremodo abatido. *Os males daquele homem* tinham-lhe causado terríveis reações: ele sofria de angústia constante; não dispunha de momento algum de descanso; andava abatido mental e fisicamente; a vida tornou-se insuportável; ele se lamentava constantemente. Ele poderia ter cometido suicídio, mas para a mente dos hebreus isso não era uma opção, e poucos recorriam a ela. Portanto, o homem continuava a viver uma vida indigna, na esperança de que a intervenção divina aliviasse a situação.

Talvez Shakespeare tivesse esta passagem bíblica em mente, quando escreveu:

> *Apaga-te, apaga-te, breve vela,*
> A vida é apenas uma sombra que anda;
> *Uma pobre jogadora*
> *Que se pavoneia e se exibe em sua hora sobre o palco,*
> *Para então não mais ser ouvida.*

"... inteiramente afligido e cheio de angústias" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 52.5,6,11 e 145.14, e ver Jó 30.30. Os trechos de Can. 1.5 e Sal. 51.7 têm algo similar.

38.7

Ardem-me os lombos. O poeta repete a queixa sobre uma *carne adoentada* (vs. 3) e adiciona uma assertiva concernente à *natureza ardente* de sua condição (Revised Standard Version e nossa versão portuguesa). A King James Version usa aqui a palavra "repulsivo". A idéia da ardência requer *uma compreensão diferente sobre o original hebraico envolvido*. A palavra assim produzida significa *assar* ou *requeimar*, e talvez devamos lembrar das ofertas queimadas, em que as vítimas eram queimadas no fogo. A ira divina tinha posto o homem no altar dos holocaustos de Deus. A Septuaginta prefere a idéia de algo repelente. A *queima* pode referir-se à natureza *inflamada* dos ferimentos, mas alguns estudiosos apontam para as *úlceras abertas* que ardiam como fogo. "A debilidade do salmista era uma enfermidade nojenta, dolorosa, debilitante, provocada por sua insensatez pecaminosa" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Lombos. As cadeiras e o baixo abdome eram considerados a região de força, mas onde um homem normal se esperava força, o salmista estava completamente debilitado.

38.8

Estou aflito e mui quebrantado. O homem estava *totalmente desgastado e esmagado* (Revised Standard Version), e seu coração estava em *tumulto*. A condição assim descrita é extrema e desesperançada. *Todo o ser* do autor estava debilitado em grau avançado. Ele havia perdido tanto as forças psicológicas quanto as forças físicas.

O homem padecia de aguda *aflição* no corpo e na alma. Ficava a *rugir* como um leão inquieto e faminto (ver Pro. 19.12; 20.2). Cf. Isa. 5.30, o *rugido do mar*. A Revised Standard Version diz aqui "gemidos", o som da voz humana quando o *homem está aflito*. "O clamor físico do sofredor era a voz externa de sua angústia interna e espiritual" (Fausset, *in loc.*). "Tão grande era a inquietude desse homem bom, sob as aflições e sob o senso do pecado e da ira de Deus, que ele não tinha descanso nem de noite nem de dia, e não podia parar de clamar, de maneira medonha, como se fosse o rugido de um leão" (John Gill, *in loc.*).

38.9

Na tua presença, Senhor. *A aflição física* tinha feito a alma do homem, com todos os seus desejos, voltar a Yahweh. É conforme diz um antigo hino: "Senhor, envia um reavivamento e permite que ele comece comigo". A punição estava tendo o resultado pretendido: a *restauração*, que é o alvo na direção do qual se movem todos os juízos divinos. Deus pode tornar algumas coisas melhores, através do julgamento, do que através de qualquer outra coisa. A *lamentação* do homem começava a produzir *cura*. Orígenes advertiu-nos que considerar o julgamento apenas como retributivo, e não também remedial, é cair em uma teologia inferior. Esse é um erro muito comum, até mesmo da parte de homens bons, ao qual devemos resistir. Até os castigos aplicados no hades serão remediais, conforme se deduz de I Ped. 3.18-4.6. Ver as notas, no *Novo Testamento Interpretado*, sobre I Ped. 4.6. O homem afogava-se no mar turbulento do julgamento contra o pecado, mas seus clamores atraíram a ajuda divina. Toda a criação geme a Deus, pedindo misericórdia, e esse é o motivo pelo qual Jesus agiu. "Por nada anseio tanto quanto por Teu favor. Quanto a isso, meu coração Te busca incessantemente" (Adam Clarke, *in loc.*).

Se existe a justiça, também existem a misericórdia e o amor. De fato, os três termos são apenas *sinônimos*. A justiça causa dor, mas também é restauradora e, assim sendo, manipula a misericórdia de Deus em favor do pecador. Além disso, há o amor divino que vence todas as barreiras, subindo acima da mais distante estrela e baixando até o mais profundo inferno. Portanto, não ousemos dividir a Deus dizendo: "Agora Ele está irado; agora Ele está amando". Pois Deus nada faz a não ser o que é ditado pelo Seu amor, e a punição é apenas um dedo da mão amorosa para efetuar o bem, *finalmente*.

A minha ansiedade não te é oculta. Deus conhece as nossas condições e nos proverá cura. A onisciência de Deus opera em favor do homem. O que guarda Israel não dorme e nem dormita (Sal. 121.3,4). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Onisciência* e *Atributos de Deus*. Quando Deus ouve o clamor do desespero humano, é levado a agir em amor e misericórdia. Sua benevolência é excitada pela dor humana.

38.10

Bate-me excitado o coração. O *coração* do homem estava no fim de suas energias, arfando de exaustão e dor. Suas forças físicas e mentais estavam quase dissipadas. Essas forças tinham diminuído diante das tribulações. A luz da vida que antes tanto brilhava em seus olhos estava quase extinta. As diversas metáforas falam do total desespero do homem. Somente a intervenção divina podia estabelecer uma diferença. De outra sorte, a morte seria a solução para os problemas. Mas o homem temia uma morte prematura, algo considerado horrendo pela mente hebréia. "Dificilmente posso discernir coisa alguma através da decadência geral de minha saúde e de meu vigor, o que tem afetado a minha visão" (Adam Clarke, *in loc.*, que tomou a questão da visão de forma literal). O homem era como um prisioneiro que queria ver-se livre, mas temia obter a liberdade através da morte. Por isso mesmo, continuava pleiteando a cura. Cf. Sal. 13.3 e I Sam. 14.27,29.

Quanto ao coração "agitado", o Targum diz "treme de medo", como quando as pessoas estão com febre alta. Jarchi falou sobre um coração que *palpitava*, quase desistindo de tudo, por causa da debilitação geral.

Os Amigos do Enfermo Eram Indiferentes; Seus Inimigos Eram Virulentos (38.11-16)

38.11

Os meus amigos... afastam-se da minha praga. O autor sagrado tinha amigos a exemplo de Jó, mas eles também o haviam abandonado. Um corpo que cheira mal realmente espanta a todos, mas devemos lembrar que os hebreus

acreditavam que uma pessoa assim afligida estava sob o julgamento de Deus, e ficar perto demais de uma pessoa nessas condições poderia atrair a ira divina. Portanto, era *aconselhável* manter distância de um pecador bem conhecido e notório. A igreja cristã exclui almas enfermas, mas os hebreus, por causa de sua teologia concernente à enfermidade, também excluíam corpos enfermos. Cf. Mat. 26.56; 27.55; Luc. 23.49; João 16.32. Os amigos de Jesus O abandonaram (mantendo-se distantes) enquanto Seus inimigos O atacavam; e o vs. 12 mostra-nos que o enfermo deste salmo tinha amigos próximos que o atacavam.

> *Aqueles que deveriam estar perto de mim mantinham-se a distância.*
>
> *(Ellicott, in loc.)*

Cf. o caso de Jó, em Jó 19.13,14,19 e ver também Sal. 69.8 e 88.18. As aflições submetem a teste os amigos de um homem, justamente a ocasião em que eles mais deveriam aproximar-se do sofredor. Estar distante de um amigo, nas aflições, é equivalente a aumentar as suas dores. Os *parentes* do homem mantinham-se afastados, o que talvez indique até seus parentes mais chegados ou, quem sabe, compatriotas israelitas. A solidão é uma das piores aflições da vida. Conforme diz o hino: "Nada existe de tão ruim quanto viver sozinho". Por isso também o autor de um hino escreveu: "Estarei perdido se tirares de mim a mão!".

38.12

Armam ciladas contra mim. Enquanto os amigos do homem enfermo se mantinham distantes, seus inimigos ocupavam-se em terminar com ele, pelo que havia tribulações de todas as partes:

> *O homem nasce para o enfado como as faíscas das brasas voam para cima.*
>
> (Jó 5.7)

E então sucede como alguém já disse: "E parece que não voam em nenhuma outra direção".

> *O homem desolado parecia-se com*
> *Um árabe, idoso e cego,*
> *Que uma caravana deixara para trás.*

Esse é o tratamento geralmente dado ao paciente terminal que sobreviveu e está impedindo o livre trânsito dos que ainda são jovens e fortes. Esse é um espetáculo que mostra como os homens esquecem de viver a lei do amor e vivem para o próprio "eu", a expensas do próximo. As pessoas que sofrem de enfermidades contagiosas ficam de quarentena, e há outras razões que explicam por que elas são abandonadas, até mesmo por pessoas religiosas. Jesus, porém, deu o exemplo contrário. Ele veio para ajudar o mundo inteiro, a despeito de seu pecado e degradação, a despeito de suas enfermidades espirituais. Jesus agiu em favor dos párias da sociedade. Os atos de indivíduos egoístas criam os párias.

Dizem cousas perniciosas. O homem enfermo foi acusado de coisas que não praticara. Talvez ele tivesse sido apresentado a algum tribunal, ou então houvesse alguns ansiosos por arruiná-lo legalmente. Ou talvez ele simplesmente fosse objeto de conversas tolas e maledicências, tendo sua reputação estragada por pessoas que de nada cuidavam. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* onde comento longamente e dou poesias ilustrativas. "Outros falavam toda espécie de males contra eles e contavam falsidades o dia inteiro" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. os vss. 19 e 20. Ver também Sal. 35.20. Tais pessoas eram culpadas de malícia em seus pensamentos; de malícia na sua linguagem; e de malícia em seus atos. O amor de Deus não residia neles.

38.13

Mas eu, como surdo, não ouço. O homem enfermo tentou (quem sabe com que sucesso) ignorar os ataques desfechados pelos inimigos. O Espírito Santo o havia orientado a não responder aos críticos. O poeta sagrado estava consciente de sua culpa na presença de Deus, mas não tinha respeito pela opinião de seus inimigos, algo similar à atitude de Paulo:

> *A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano; nem eu tão pouco julgo a mim mesmo.*
>
> (I Coríntios 4.3)

O julgamento cabe a Deus, obviamente, e um homem, em sua consciência, pode dizer com bastante precisão como ele se situa no tocante a seu verdadeiro nível de espiritualidade. Outros nos podem superestimar ou subestimar. Nunca somos exatamente aquilo que nossos amigos ou nossos inimigos pensam. Se cairmos em dificuldades, nossos críticos dirão: "Isso é bem o que você merece!". Que lhes importa se sofremos? O salmista tratava-os com silêncio, a única coisa que mereciam. O poeta era um homem surdo e mudo aos ataques verbais de outras pessoas. "Assim também, quando Simei amaldiçoou Davi, quando este fugia de Absalão, o rei replicou: 'Deixai-o amaldiçoar, pois o Senhor é que o insta a isso'" (Fausset, *in loc.*). Mas é significativo observar que o arrogante Simei foi eliminado por Salomão, filho de Davi, quando Salomão se tornou rei de Israel (II Sam. 19; I Reis 2). Comparar os atos de Saul (I Sam. 10.27) e de Jesus (Mat. 27.12-14), quando foram atacados injustamente. Ver também Isa. 53.17; I Ped. 2.23 e 3.9.

38.14

Sou, com efeito, como quem não ouve. O homem enfermo não dava atenção ao que era dito contra ele, nem respondia a seus críticos. Ele simplesmente se tornou uma não-entidade para eles. Talvez seja verdade, conforme dizem alguns intérpretes, que "ele não foi capaz de resistir-lhes" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Mas ainda é mais verdadeiro que ele simplesmente não estava interessado em envolver-se em controvérsias. Contraste-se isso com os fundamentalistas sempre dispostos a entrar em uma briga. O silêncio, para eles, não constitui virtude. Adam Clarke vê nessas palavras uma indicação de disputas "forenses". O pobre homem não levou ninguém a tribunal por motivo de calúnia, nem se envolveu em disputas a fim de defender a si mesmo. Preferiu suportar insultos com silêncio e inércia. O homem enfermo entregou seu caso nas mãos de Deus, o Juiz Supremo. Seja como for, sempre será verdadeiro que os críticos jamais silenciam em razão de desmentidos. Portanto, para que se deixar envolver?

38.15

Pois em ti, Senhor, espero. O enfermo apelou ao Juiz Supremo, Yahweh, que conhece atos, palavras, atitudes e condições do coração. Ele tinha *esperança* em Yahweh de que seria vindicado contra os seus adversários; de que escaparia daqueles que queriam arrebatar-lhe a vida e causar ainda outra morte prematura em Israel; de que seria curado.

Alguns estudiosos cristianizam o texto e trazem à questão a esperança eterna, mas isso está fora do escopo do poeta, no presente contexto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Esperança.*

> *Permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor.*
>
> (I Coríntios 13.13)

Isto posto, o homem enfermo estava "esperando que Deus agisse" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 15), em vez de dar início à sua própria *campanha de ódio,* desfechando um contra-ataque aos inimigos. Campanhas de ódio tradicionalmente são iniciadas pelo diabo; mas até homens bons (quanto a outras questões) dizem que essas campanhas são de inspiração divina.

Tu me atenderás, Senhor, Deus meu. O silêncio seria quebrado pela Voz do céu; e a vindicação seria feita em um caso, com a respectiva reprimenda para o partido contrário. Yahweh é o único Juiz sábio o bastante para condenar ou vindicar. É realmente triste ver irmãos na fé engalfinhados em campanhas de ódio, cada qual acusando o outro. Onde está o perdão em meio a tal confusão?

> *Até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.*
>
> (Mateus 18.21,22)

A palavra "tu", nas palavras citadas deste versículo, está em posição enfática: "Não tenho ajudador além de Ti" (Adam Clarke, *in loc.*).

38.16

Porque eu dizia. Este versículo conclui e reforça o que foi dito antes. Somente Yahweh poderia livrar o homem bom e doente de sua enfermidade, da indiferença de seus amigos e dos ataques de seus inimigos. Se isso não acontecesse, então o homem enfermo seria pisado aos pés de homens ímpios e desarrazoados, chegando a um fim amargo e prematuro. Não havia *segurança* nele mesmo. Seus pés resvalavam. Ele estava quase terminado. Era quase uma vítima fatal de inimigos humanos e corporais. Entrementes, os ímpios continuavam a magnificar-se, enquanto o homem enfermo era pouco mais do que um verme nojento. Os atacantes teriam uma *alegria maliciosa* na queda final dele, em sua morte, em seu corpo que apodrecia na morte. Somente Yahweh poderia por

fim à alegria feroz e triunfante de seus adversários, e às esperanças quanto à morte prematura do homem. Cf. Sal. 35.26, que é bastante similar a este versículo e onde ofereço notas adicionais que também se aplicam aqui.

O poeta sagrado apelou para que Yahweh pusesse os seus atacantes no lugar que lhes cabia, os repreendesse e os humilhasse. Certamente ele não estava em posição de fazer os registros serem endireitados, ou em condições de deter a injustiça.

O Salmista Renova Seus Apelos (38.17-22)

Diferentemente da maioria dos salmos de lamentação, este salmo não termina em uma nota de louvor, pela resposta às orações desesperadas e pela libertação dos inimigos. A conclusão deste salmo é apenas *outro* clamor pedindo ajuda. O homem enfermo continuava *esperando* pela intervenção divina. Os vss. 17-20 sumariam o caso do poeta. A dor estava consumindo as suas energias para continuar. Os inimigos não o deixariam sozinho. Os amigos continuavam a ignorá-lo. Era tempo de Deus agir, ou a causa do enfermo estaria perdida. O poeta havia chegado ao fim de suas forças. Sua dor continuava e o enfermo estava prestes a cair, finalmente. Ele haveria de sofrer morte prematura, a *calamidade das calamidades,* de acordo com a mentalidade hebréia. Ele não via esperança para o além-túmulo, pois isso ainda não fazia parte do pensamento hebreu.

38.17

Pois estou prestes a tropeçar. Sofrendo dores constantes, o enfermo preparava-se para a sua *queda final.* O hebraico diz aqui literalmente: "Estou pronto para coxear", o que é fielmente reproduzido pela King James Version. Em outras palavras, o homem chegara ao final de sua corda, conforme se diz em certa expressão idiomática moderna. Ele chegara à extremidade de seu caminho. O destino parecia tê-lo cortado com uma enfermidade terminal. Restava-lhe apenas um *pouco de vontade,* e ele havia aplicado esse resto de vontade no *arrependimento,* na esperança de provocar uma intervenção divina em seu favor. Cf. Sal. 35.15. A dor se tornara a má *companhia* do homem. Somente a companhia dos pecadores é pior. O homem havia nascido para enfrentar a adversidade. Parecia até que isso fazia parte de seu destino. Ver Jó 5.6,7. A Septuaginta diz: "Estou pronto para receber as chicotadas". Jerônimo aplicou essas palavras às experiências de Cristo, já perto do final de Sua jornada — chicotadas, sofrimentos e morte. Alguns estudiosos vêem o Messias e a esperança e experiência cristã em cada salmo, mas certamente isso é um exagero.

38.18

Confesso a minha iniqüidade. *A confissão de pecados* e o arrependimento tornaram-se a esperança final do homem doente. Por meio de tais medidas, ele esperava encorajar Deus a intervir em Seu favor, pois nele mesmo toda esperança havia desaparecido. Ademais, nenhum outro homem estava disposto ou podia ajudá-lo, e alguns até chegavam a barrar-lhe o caminho (vss. 11 e 12). "Ele tinha confessado o seu pecado; tinha seguido o que era bom... Agora restava Deus agir" (William R. Taylor, *in loc.*). "Ao confessar que era um pecador, ele esperava ser perdoado e curado (cf. 32.3-5)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo).

"*Triste.* A nota de verdadeiro arrependimento acha-se presente. A tristeza era por causa do próprio pecado, e não por causa de seus resultados miseráveis" (Ellicott, *in loc.*). "... confessar com o máximo de humilhação e aviltamento pessoal" (Adam Clarke, *in loc.*). O autor, de maneira diferente de Jó, nunca se declarou inocente, mas foi preciso algum tempo para reconhecer a seriedade de seus atos, o que o levou ao lugar onde ele estava. Cf. II Cor. 7.10:

> *Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.*

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Arrependimento* e *Confissão.* Ver também o artigo denominado *Perdão.*

38.19

Mas os meus inimigos são vigorosos e fortes. *O homem era um caso terminal,* mas seus inimigos jamais desistiam. Seus movimentos eram laboriosos e lentos, mas seus inimigos eram rápidos e decisivos. Motivados pelo ódio, faziam essas coisas a fim de ferir e destruir. Embora o homem enfermo fosse culpado de certos pecados, que haviam causado seu castigo pela mão divina, seus inimigos nada tinham que ver com essa questão e o perseguiam erroneamente. Eles *não* eram agentes no plano da correção divina. Eram apenas homens ímpios e destituídos de razão, que gostavam de ferir a terceiros. Cf. Sal. 35.19. Existem odiadores "sem causa", que se deleitam na perversão e nos sofrimentos alheios.

A palavra "vigorosos" (que descreve os maus atos enérgicos de seus inimigos) pode ser traduzida como "sem causa", e é assim que a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa traduzem a questão. Jesus sofreu por causa disso e Seus inimigos se multiplicaram (ver João 15.25), e alguns cristianizam este salmo, tornando-o messiânico por esse motivo; mas isso é apenas um exagero. Existem cerca de vinte salmos claramente messiânicos, que devem ser compreendidos como proféticos, e também os chamados salmos reais, que, pelo menos, contêm alguns reflexos messiânicos. Ver a *classificação dos salmos* no gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Cf. Sal. 69.4 e 73.4,5,7,12. *O ódio é o equivalente diabólico do amor de Deus.* Ver sobre esse tema no *Dicionário.*

> *Temos religião apenas o bastante para odiarmos, mas não o bastante para fazer-nos amar uns aos outros.*
>
> (Jonathan Swift)

38.20

Da mesma sorte, os que pagam o mal pelo bem. O *homem enfermo* merecia a sua enfermidade; mas, de modo geral, era um homem bom. Ele havia caído em alguma espécie de armadilha. Este versículo diz-nos que os inimigos do homem lhe pagaram o bem com o mal e se aborreciam com ele porquanto, usualmente, ele seguia um caminho reto. Sob a punição divina pelo mal que havia praticado, e sob a perseguição dos inimigos pelo bem que fazia, sua vida fora complicada e sua aflição aumentara. A versão árabe adiciona aqui uma vívida declaração: "Eles me lançaram fora, o amado, como uma carcaça abominável e morta", o que, sem dúvida, é uma glosa escribal. Cf. Sal. 35.12. "O que deveria ter abrandado o coração deles em amor, apenas os endureceu no seu ódio" (Fausset, *in loc.*).

> *Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.*
>
> (Hebreus 12.14)

Alguns eruditos supõem que seguir o bom caminho não fosse o hábito regular do homem enfermo. Antes, ele se reformou e então começou a agir dessa maneira. Talvez seus ex-amigos, companheiros do mal, por causa disso se tenham voltado virulentamente contra ele.

38.21

Não me desampares, Senhor. *O Apelo Final.* Assediado pelo lado de dentro e pelo lado de fora, o homem enfermo lançou seu apelo final a Yahweh. Suas orações não tinham sido respondidas. Diz certo hino: "Ensina-me o segredo da oração não-respondida". Mas o homem ainda tinha vida e esperança, que é a última coisa que morre. Portanto, embora continuasse mortalmente doente, lançou um apelo final. A maioria dos salmos de lamentação termina em louvor, porquanto as orações pedindo ajuda foram respondidas; mas alguns salmos deixam a questão parada no ar e no desespero. Seja como for, a oração funciona, pelo que continuemos orando. A oração de desespero de Jesus: "Deus meu, por que me abandonaste?" não foi atingida pelo homem, no salmo presente. Ele só clamou para que não fosse finalmente abandonado, e continuou esperando pela cura. "Ele clamou ao Senhor não por havê-lo abandonado, mas para *ajudá-lo,* por ser Ele seu Deus e Salvador" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ele procurou a "graciosa presença", conforme disse John Gill (*in loc.*). Seja como for, Deus nunca se mantém distante de nós, embora possamos pensar que Ele está sendo enganado pelas circunstâncias.

38.22

Apressa-te em socorrer-me. O homem estava perto do fim. O seu caso era terminal. Portanto, precisava de ajuda imediata e eficaz. Por conseguinte, orou. Yahweh era a sua *salvação,* ou seja, o seu *livramento,* que é o verdadeiro sentido da palavra usada neste versículo. O homem não estava procurando a salvação da alma. Ele tão-somente queria que seu corpo fosse salvo, a fim de não morrer de forma prematura. "Embora meus amigos se mostrem indiferentes, sê tu próximo de mim, para ajudar-me" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 22.19 e 35.3, que contêm declarações quase iguais e cujas notas expositivas se aplicam a este versículo.

Oh, meu Deus, não te distancies de mim! Esta oração seria respondida, pois Deus estava ao seu lado o tempo todo, o que se provava pelo fato de que Ele continuava a atingi-lo com sopapos e dores, a fim de conseguir reformá-lo. Os sopapos serviriam para despertá-lo, fazê-lo esquecer o pecado, e convencê-lo entrar na vereda correta. Em outras palavras, o julgamento divino era *remedial,* como são todos os juízos de Deus.

Salmo Trinta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Classificação dos Salmos. Ver o gráfico no início do comentário sobre este livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um dos salmos de lamentação, sem dúvida o grupo mais numeroso. Nesses salmos, os inimigos atacam, e o livramento torna-se urgentemente necessário.

Os inimigos são aqueles de *fora de Israel,* exércitos invasores; ou aqueles de *dentro de Israel,* inimigos pessoais do salmista; ou mesmo inimigos do corpo, alguma enfermidade que assalta a vítima. O salmo atual é, ao que tudo indica, um *salmo de enfermidade.* Outros salmos de enfermidade são os de número 6, 22, 28, 30, 31.9-12, 32, 41, 49 e 73. A maior parte dos salmos de lamentação termina em tom de triunfo e louvor, porque as orações do salmista foram respondidas; mas alguns poucos dentre eles terminam em desespero, porquanto as orações nem sempre eram respondidas, por razões que desconhecemos. O salmo presente não termina nem em desespero nem em louvor, mas somente em um apelo renovado por ajuda.

O *autor deste salmo* tinha algumas queixas severas, visto que, um tanto como Jó, começara a perder a fé na eficácia da bondade de Deus. Mas ele se conservou em silêncio, a fim de não encorajar o pessimismo dos ímpios, os quais, desde há muito, tinham perdido a fé na benevolência de Deus. A vida do homem é tão curta, e isso, por si mesmo, amortece os propósitos benévolos da vida, no caso de muitas pessoas, especialmente se elas não vislumbram a imortalidade. O salmista desta composição parecia não ter uma "visão muito nítida" das coisas, pelo que estava quase devastado pela sua enfermidade.

Subtítulo. Neste salmo, o subtítulo diz: "Ao mestre de canto, Jedutum. Salmo de Davi". Ver I Crô. 25, quanto à importância da música no culto hebreu. Guildas hereditárias especiais eram formadas entre os levitas para cuidar da questão. Esses se tornavam músicos profissionais e atingiam considerável habilidade em sua arte. A música era um aspecto importante e regular no culto do templo.

Os elementos que aparecem nos subtítulos dos salmos foram adicionados muito depois das composições originais. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, certamente um exagero, mas não há razão para duvidar que ele tenha composto genuinamente pelo menos alguns deles. Afinal, ele foi *o mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

"Jedutum, um levita, cantor principal e instrutor. Ver I Crô. 9.16; 16.38,41,42; 25.1,3,6; II Crô. 5.12; 35.15; Nee. 11.17. Ele é mencionado nos Salmos 39, 62 e 77. A princípio era chamado Etã" (*Scofield Reference Bible,* na introdução ao salmo).

O Salmo 39 pode ter sido uma continuação do Salmo 38. Pelo menos, eles estão intimamente relacionados. Heinrich Ewald chamava este salmo de a mais excelente *elegia* (poema fúnebre) do saltério.

O Silêncio Auto-imposto pelo Salmista (39.1-3)

39.1

Disse comigo mesmo. *O homem estava desesperado.* Ele estava doente, e Deus não havia respondido às suas orações. A vida parecia tão curta e opressiva. Mas o homem não tinha senso espiritual suficiente para manter-se calado quanto às suas queixas, para não fornecer munição aos céticos e cínicos. Contudo, não queria encorajar o pessimismo, ou seja, a idéia de que a própria vida é um mal. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Pessimismo.* Em contraste com o salmista, Jó mergulhou de cabeça no pessimismo, tão atrozes foram os seus sofrimentos.

O homem enfermo resolveu não pecar com as palavras. Ele continuava esperando livramento, e não se precipitou, acusando Deus de erro ou indiferença. Por conseguinte, manteve silêncio na presença dos inimigos, reprimindo os sentimentos de revolta que tinham sido agravados por seus sofrimentos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.* Ver também Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3.

Porei mordaça. O homem, precipitado, precisava controlar a sua boca, tal como um cavalo irrequieto tem de ser controlado, sob pena de perder o controle e ferir a si mesmo e ao seu cavaleiro. Por muitas vezes, o homem se assemelha aos animais mudos e sempre é igualmente descontrolado. Restrições se fazem necessárias. O homem deste salmo, muito sabiamente, era *autocontrolado.*

Pessimismo. Considere o leitor estas linhas de Thomas Hardy:

"Terminei outro ano", disse Deus.
"Em cinza, verde claro e marrom;
Espalhei a folha sobre o terreno,
Prendi o verme dentro do torrão,
E permiti o último pôr-do-sol."

Mas a Deus, um homem replicou:
"E que bem há nisso?".

Os Caminhos de Deus Têm Prosseguimento. A natureza permanece em seu curso, mas, afinal, qual é o bem que se deriva de tudo isso? Os homens sofrem e morrem tão cedo! Ver sobre *Problema do Mal,* no *Dicionário.* Por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem? Costumo oferecer as respostas que a filosofia e a teologia provêem, mas existem nisso muitos mistérios. A *imortalidade* é a nossa melhor luz para iluminar o problema, mas essa luz só começa a brilhar nos salmos e nos profetas. E não brilha no salmo presente. Cf. Tia. 1.26; 3.2-5,8.

39.2

Emudeci em silêncio. Tão cuidadoso se mostrou o autor para não ofender com a sua língua, que se tornou como um homem surdo e mudo; mas o seu espírito requeimava por dentro, e logo ele deixou escapar suas queixas contra a enfermidade e o sofrimento humano, embora o fizesse para si mesmo e para o papel no qual escrevia. Ele ocultou seus sentimentos e pensamentos dos cínicos. Não queria espalhar o pessimismo entre os homens, especialmente no caso daqueles inimigos da fé. Uma versão escocesa métrica destaca a razão moral para o silêncio:

Mudo eu estava, sem abrir a boca, porque esta obra era Tua.

Algumas vezes pensamos que o caos está escrevendo o capítulo em que atualmente vivemos. Mas o *Autor* é, na realidade, o compositor. Temos de esperar para ver o que Ele finalmente escreverá. Talvez Ele endireite as coisas no *próximo* capítulo.

Deus se movimenta de maneira misteriosa,
Para realizar as Suas maravilhas.
Ele implanta Seus passos no mar,
E avança em meio à tempestade.

(William Cowper)

Por muitas vezes examinamos a obra de Deus de maneira tola e vã, sacudindo a cabeça. Mas o *Mestre Artista* não erra uma única pincelada. O padrão das coisas será visto quando Ele tiver terminado Sua obra-prima.

Para o Targum e Jarchi, nosso homem, em sua revolta, guardou silêncio sobre a lei e suas excelências, supondo que Deus tivesse abusado de Seu poder, em detrimento do homem; e, embora isso às vezes seja real na experiência humana, não parece ser o que está em pauta aqui. Pelo contrário, visto que o autor não podia dizer coisa alguma que fosse boa, preferiu não dizer absolutamente nada.

39.3

Esbraseou-se-me no peito o coração. *Particularmente,* o coração daquele homem queimava dentro dele. Tal como Jó, ele tinha de dar vazão à sua frustração e ira, diante de sua condição, atirando flechas secretas contra o Ser divino, por causa da condição deplorável na qual se encontrava. Alguns estudiosos supõem que várias idéias do livro de Jó tenham sido tomadas por empréstimo e ampliadas nesta composição. Talvez a cena seja a de um homem literalmente assentado diante de uma fogueira, e também requeimando por dentro. Suas contemplações diante da fogueira tornaram-se um fogo esbraseado e violento dentro dele. Enquanto o homem continuava a pensar, o fogo dentro dele só aumentava. Ele não podia encontrar nenhuma boa *razão* que explicasse seus sofrimentos. Tudo lhe parecia inútil, fútil, cruel. Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Esse era o tipo de pensamento que perpassava a mente do salmista.

As tentativas de reprimir a ira e o sentimento de frustração serviam somente para aumentar as chamas interiores, que, finalmente, produziram as palavras candentes que se seguiram. "Quanto mais tempo ele 'falava ao seu coração', tanto mais pensamentos turbulentos lhe agitavam a alma. O fogo queimava tão quente que, a fim de aliviar sua dor, ele finalmente, teve de falar" (William R. Taylor, *in loc.*). A auto-restrição finalmente cedeu lugar às *lamentações privadas.* Mas ele continuava ocultando o jogo dos cínicos. Cf. Jer. 20.9, que é bastante similar a este versículo. Quanto à meditação ou cisma, ver o *Dicionário.*

Seria melhor nem respirar e nem falar,
Do que clamar por forças, mas permanecer fraco,
Parecendo encontrar forças, mas continuando
a buscar.

O Salmista Busca Iluminação (39.4-6)

39.4

Dá-me a conhecer... o meu fim. O homem sofredor sentia que seu tempo se esvaía rapidamente, e queria que Yahweh dissesse quanto tempo ainda lhe restava. Ele tinha de preparar as coisas; tomar as últimas providências; ou então simplesmente saber quanto tempo de sofrimento lhe restava, antes que a morte o libertasse. Ele sabia como a vida é fugidia e por isso não lhe restava muito tempo. Ele examinou a sua vida passada e viu tão poucos feitos; o tempo se escoara tão ligeiramente; ele tinha preenchido o tempo com tantas coisas fúteis. O que tudo aquilo tinha significado, afinal de contas?

A minha fragilidade. O original hebraico que foi assim traduzido significa "deixar", "abandonar". Em Isa. 53.3, tem a idéia de "abandonado". Mas aqui, tal como em Eze. 3.27, a idéia é "deixar de viver". O salmista percebeu que lhe restavam poucos dias, mas não apelou para a imortalidade, porquanto a teologia hebraica de seus dias continuava deficiente quanto a esse ensino. A vida era a *vida física,* e a noção de prosperidade relacionava-se a *esta* vida terrena. Estar enfermo lhe roubara o significado da vida terrena. Cf. Jó 6.11. John Gill (*in loc.*) provavelmente estava correto quando viu neste versículo certa ansiedade para "resolver" a questão — morrer e estar livre do sofrimento. "Era comum que os santos em ira e impaciência desejassem a morte. Ver Jó 7.15,16 e Jon. 4.8" (Gill, *in loc.*). O próprio apóstolo Paulo exprimiu essa ansiedade, embora estivesse certo da imortalidade, o que o deixava em uma atitude mental diferente do poeta sagrado. Ver Fil. 1.23. É comum que as pessoas de idade avançada vejam o fim de sua vida. Minha avó, que viveu até mais de 90 anos, *alegrou-se* quando chegou o seu tempo de morrer. A rotina da idade avançada torna-se mortífera para ela. Mas um sofrimento profundo pode fazer até uma pessoa jovem perder o interesse pela continuidade da vida física.

39.5

Deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos. Três coisas são ditas acerca da vida humana:

1. Ela pode ser comparada à largura da mão de um homem, algo muito pequeno, muito breve. Quando o homem mede as coisas usando dimensões de seu corpo, essa é uma das menores medidas. Um palmo é maior; o comprimento do braço é maior; um passo é maior. Somente o dedo é menor. A vida é, realmente, fugidia, conforme lemos em Sal. 90.12, e o homem bom tenta alcançar certa sabedoria durante esse breve período. Ver Eze. 40.5; 43.13.
2. A idade total de um homem, mesmo que seja bem maior que a duração de uma vida média, quando muito, *nada* representa. Quantos de nós sabemos os nomes de nossos bisavós, quanto menos alguma coisa acerca deles? Se avançarmos até nossos tetravós, menos ainda sabem quais eram seus nomes. Retrocedendo um pouco mais, encontramos apenas o *esquecimento,* exceto no caso de genealogistas profissionais. E até mesmo esses profissionais, no caso da maioria das famílias, encontra apenas alguns nomes, sem grandes detalhes. Naturalmente, Deus conhece tudo, e os valores de todas as vidas *continuam,* mas o poeta sacro não pensava nesses termos.
3. Todos os homens não passam de vaidade, isto é, são vazios, ou, literalmente, *nada.* Os seres humanos não pesam absolutamente nada na balança da vida. São como a poeira, que não pode ser pesada em balança comum, e, como a poeira, são arrebatados pelo vento. Em lugar de "vaidade", a Revised Standard Version diz "mero sopro". "A palavra *sopro* significa algo destituído de substância, sem valor, pelo que seu sinônimo, tal como acontece com a palavra vaidade, significa *nada*" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Todos os projetos, planos, esquemas etc. do homem logo se reduzem a nada. Seu corpo também se reduz a mofo e em breve desaparece tanto da visão quanto da memória dos homens" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 102.11; 103.15 e Jó 14.5.

Selá. Quanto a esta palavra misteriosa, ver Sal. 3.3.

39.6

Com efeito, passa o homem como uma sombra. A vida se parece com um palco, e os homens são os atores; as cenas mudam rápida e radicalmente. Coisa alguma se mostra estável. Coisa alguma é duradoura.

O mundo inteiro é um palco,
E todos os homens e mulheres são apenas atores.
Eles têm suas entradas e suas saídas;
Um homem pode, em seu tempo, desempenhar
muitos papéis.
...
Então há aquela última de todas as cenas,
Que termina essa estranha história movimentada.

(Shakespeare)

Sombra. Não há substância alguma na existência humana. Ela é plena de ruído e agitação, mas tudo em troca do nada. A vida tem apenas a semelhança da realidade, tal como uma sombra nada é em si mesma. É apenas a luz que foi temporariamente intersectada.

Cf. esta parte do versículo com Sal. 144.4 e Jó 14.2.

A *labuta humana* usualmente envolve alguma atividade que gera dinheiro, o qual é então transformado em propriedades e possessões, além de outras coisas que atraem a atenção das pessoas. Mas todas essas coisas, como o próprio homem, logo se reduzem a nada. O homem reúne e *amontoa* riquezas, somente para que outra pessoa fique com elas, embora não as tenha ganho com a força do seu trabalho. O hebraico da segunda parte deste versículo é obscuro, mas o que ofereci descreve a sua essência.

O povo de Israel labutou para construir uma grande nação. Salomão presidiu a sua época áurea. Mas em breve os assírios e babilônios transformariam tudo em cinzas. Assim sendo, as riquezas dos homens, tais como eles mesmos, são efêmeras, isto é, duram somente um dia. Essa palavra vem do grego *epi* + *hemera* (com duração de apenas um dia). Considere o leitor o caso do *rico tolo* (Luc. 12.17-20). Ver Ecl. 2.18,19.

39.7

E eu, Senhor, que espero? O nosso homem tinha perdido a saúde. Talvez, à semelhança do poeta do Salmo 38, ele também tivesse experimentado a oposição de inimigos e o abandonado de amigos. Seja como for, ele tinha cessado de esperar em qualquer coisa ou em qualquer pessoa, exceto *Yahweh.* Alguns estudiosos vêem aqui uma esperança evangélica: o homem que estava prestes a sair desta vida esperava por outra, no além-túmulo. Mais provavelmente ainda (olhando para os versículos que se seguem), o homem continuava esperando pela cura e propunha-se ser restaurado à sua vida física. Sua vida tinha-se tornado indigna de ser vivida. Ele queria algum valor de volta, com um corpo regenerado. Então poderia voltar à normalidade e retomar a vida diária. "Devemos lembrar que o poeta não se volveu para o conforto da esperança da imortalidade. Essa esperança ainda não havia raiado no horizonte. O pensamento da misericórdia de Deus e da esperança de seu próprio livramento moral e físico, *essas coisas* formavam a base de sua nobre elevação acima do senso opressor da futilidade humana" (Ellicott, *in loc.*).

E agora, qual é a minha expectação?
Não é o Senhor?
Minha substância está Contigo.

(Tradução da Septuaginta)

"A fé irrompeu do meio das brumas do sentido, que haviam envolvido o homem; e, por essa razão, ele dissera: 'Minha esperança está em Ti'" (Fausset, *in loc.*). Cf. 25.5,21; 33.20; 62.5 e 71.5. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Esperança.*

39.8

Livra-me de todas as minhas iniqüidades. *Onde Está o Poder do Amor?* Este versículo talvez dê a entender que a enfermidade do autor poderia ter sido causada por pecados. Isso certamente é verdade no caso do Salmo 38 (ver Sal. 38.4). Os hebreus acreditavam que toda enfermidade, em última análise, devia-se ao pecado. Esta, naturalmente, é uma visão míope, conforme demonstro na exposição sobre 38.4. Pois, além de fazer parte do caos geral do mundo, a enfermidade pode ser um disciplinador e um mestre. Ademais, existem elementos misteriosos na questão no tocante à vida humana e à espiritualidade, os quais escapam ao nosso conhecimento e às nossas explicações. Seja como for, os insensatos tornam-se inimigos dos fracos, e a maioria das pessoas tem uma coleção de falsos amigos e de inimigos que se regozijam diante da sua queda. Jó foi abandonado pelos amigos, e o poeta de Sal. 38.11 seguiu o mesmo padrão. Os inimigos gostam de zombar quando suas vítimas estão em aflição. Este mundo não é muito chegado ao amor. Homens profanos fazem do ferir a seus semelhantes um esporte. Considere o leitor a história seguinte:

Um homem chamado Tony Campolo contou a história de que ele foi, certa ocasião, conselheiro em um acampamento de igreja que abrigava meninos pequenos. Um dos meninos que estava no acampamento tinha sido vítima de para-

lisia cerebral. E os outros meninos se divertiam com ele, imitando os seus gestos descontrolados e, de maneira geral, tornando a vida dele uma miséria. Foi decidido que um dos meninos deveria fazer um breve sermão na última noite de acampamento. Os colegas resolveram que o candidato certo para o trabalho era o menino com paralisia cerebral. Eles se divertiriam enquanto ele lutasse por expressar-se. Portanto, o pobre menino foi a diversão, o "espetáculo" daquela noite. Os risos já se tinham espalhado por toda a jovem audiência, quando o menino subiu ao púlpito. Ele conseguiu gaguejar o seu sermão bem simples, dizendo que tinha *três coisas* para compartilhar com os outros. A *primeira* é que ele sabia que Deus o amava. A *segunda* era que ele sabia que Deus amava a todos eles. Portanto, a *terceira coisa,* segundo ele assegurou aos outros meninos, era que ele próprio os amava. Toda a audiência prorrompeu em lágrimas, e vidas foram transformadas naquela noite. Por quê? Porque o *amor* estava presente, e esse é o único poder construtivo no nosso vasto mundo. Nos anos que se passaram desde então, vários dos meninos que tinham estado naquele acampamento confessaram que, pela primeira vez, naquela noite, sentiram a Presença de Jesus, e muitos se consagraram ao serviço cristão.

Afinal de contas, nós todos somos apenas *vasos quebrados.* Além disso, é através das rachaduras nos vasos que a luz pode iluminar outros vasos. Paulo serviu em fraqueza, e não com poder, porque a graça do Senhor era suficiente para ele.

Amar é perdoar. Cf. Sal. 22.6.

39.9

Emudeço, não abro os meus lábios. Voltamos aqui ao tema do vs. 1, onde vemos o homem enfermo controlando a língua, a fim de não dar aos cínicos chance de zombar da providência de Deus. Mas agora o poeta sagrado adiciona um pensamento fatalista ao que já tinha dito: foi por *ato de Deus* que ele caíra doente, sem dúvida em retribuição por algum pecado cometido. Pensando que Deus o afligia, em contraste com Jó, o salmista não ousava falar demais. Dentro da frase "tu fizeste isso", o "tu" está em posição enfática. O pecador conhecia a causa de seus sofrimentos, bem como a *Causa* de todas as causas secundárias. "Não podia queixar-me do *homem,* pois era um feito de *Deus.* Também não poderia queixar-me de Deus, porque *eu* estava consciente de *meu* próprio pecado" (Kimchi). A mente dos hebreus com freqüência imaginava um Deus voluntarista, ou seja, um Deus que fazia coisas mediante um capricho de Sua vontade, sem deixar-se guiar pela razão; mas o que Deus fazia era considerado automaticamente certo, porque quem o fizera fora *Ele.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.*

Aqui, porém, o caso era claro: o nosso homem merecia a punição que estava recebendo. Ele não era como Jó, que se declarou inocente até o fim. Os que afirmam que este salmo foi composto por Davi vêem o incidente de Simei envolvido (II Sam. 12 e 16). Outros apontam para a morte de seu filho, por causa de seu pecado com Bate-Seba (*II Sam. 12.12,23), mas este salmo provavelmente foi* composto depois da época de Davi. Os *subtítulos* que identificam com Davi cerca de metade de todos os salmos foram produtos de uma era posterior e não se revestem de autoridade.

39.10

Tira de sobre mim o teu flagelo. O homem enfermo era como alguém que tivesse sido espancado por outra pessoa mais forte. Os golpes de Deus continuavam a cair sobre ele. A mão de Deus (cf. 38.2) era pesada e continuava a espancá-lo. E ele pleiteou alívio dos golpes (a sua enfermidade).

Teu flagelo. A palavra hebraica que foi assim traduzida aparece somente nesta ocasião em todo o Antigo Testamento. Sua raiz significa "áspero". O pobre homem estava recebendo um *tratamento áspero* da parte do Ser divino. A Septuaginta e a Vulgata traduzem a palavra como "força". O pobre e fraco homem tinha de confrontar-se com os ataques da Força Divina. Calvino, no leito de morte e em meio a grandes sofrimentos, repetiu este versículo. Triste é dizê-lo, meus amigos, mas Calvino havia atingido outras pessoas com golpes pesados e sem misericórdia, meramente porque discordavam de sua doutrina. Assim, o feridor foi ferido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Calvino.*

39.11

Quando castigas o homem com repreensões. Os ataques de Deus contra o pecador o tinham desfigurado. A sua enfermidade tinha consumido toda a sua vitalidade. Ele estava com um aspecto terrível, emaciado e desgastado; sua juventude se fora. Embora não fosse assim tão idoso, parecia um homem no fim dos dias. Uma olhada no espelho de bronze polido revelou que ele havia tomado algumas decisões bem ruins, que lhe tinham dado aquela aparência fúnebre. O homem desmaiou no tribunal divino, bem no meio de seu julgamento. Ele parecia um homem morto no chão, e não apareceu ninguém para levantá-lo.

Destróis nele, como traça, o que tem de precioso. O corpo do pobre homem estava tão emaciado que parecia um pano roído pelas traças. Seu corpo nem parecia mais humano. Era apenas uma massa de infecções e feridas.

> *Ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida...*
>
> (Efésios 5.29)

O corpo do salmista era a sua possessão mais cara; e, no entanto, Deus o deixou definhar, por causa de seus pecados. Uma vez dilapidado o corpo, não restava muita coisa que importasse ao enfermo. Homens ricos vestem trajes caros para aumentar a beleza do corpo e ocultar os seus defeitos. Mas se o corpo está debilitado, que bem fará usar belo vestuário? O Targum sobre este versículo fala de um "corpo alquebrado". Uma vez que o corpo abrigue uma doença terminal, que bem fará ter qualquer outra coisa preciosa? A vida do homem tinha entrado em colapso.

Todo homem é pura vaidade. Em pouco tempo um homem é reduzido a nada. Cf. os vss. 4-6, onde esse tema foi apresentado em longa exposição. A menos que levemos a alma em consideração (o que o poeta não fez), até mesmo o homem que vive bem e por muitos anos, e prospera, esse também é reduzido a nada devido à *idade,* até ser reduzido à cena final, a *morte.* O poeta desprezou valores contínuos, vinculados à vida humana. O vs. 5 é um paralelo direto deste versículo. Ver as notas expositivas ali.

Selá. Quanto a conjecturas sobre o significado desta palavra hebraica, ver Sal. 3.2.

39.12

Ouve, Senhor, a minha oração. Este salmo não termina com um grito de triunfo e louvor, mas, tal como o Salmo 38, meramente prossegue com pedidos intensos pela cura. Yahweh é chamado aqui a *ouvir* e *responder* às orações do homem. Isso reflete o *teísmo.* A fé dos hebreus ditava que Deus não somente criou, mas também continua acompanhando a Sua criação, recompensando e punindo os homens. Contraste-se isso com o *deísmo,* o qual ensina que o Criador abandonou a Sua criação e a deixou sob o governo das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O Deus teísta é chamado para intervir no caso desesperador diante de nós. Outros apelos e orações, ao que parece, tinham passado despercebidos, ou, se foram ouvidos, foram também ignorados. O poeta sabia o vexame da oração não-respondida. Portanto, apelou para que Deus exercesse piedade. Ele gritou com lágrimas nos olhos. É como se tivesse regressado às perambulações pelo deserto quando Israel, ao que parece, foi abandonado por Yahweh. Ele se tornou um estrangeiro e um peregrino, embora estivesse vivendo em Israel. Era um estrangeiro na própria pátria. Estava alienado de seu próprio povo e perante Deus. Até estrangeiros, porém, se residentes em Israel, *recebiam proteção da lei e um tratamento humano.*

O poeta sacro, todavia, afundava cada vez mais em sua miséria. A impressão era que Deus tinha deixado de cuidar dele. Se a doutrina bíblica ensina que o homem tem direitos sobre Deus, por causa de Suas promessas, e, no caso do autor sagrado, por causa do pacto abraâmico, o pobre homem havia perdido todo o tipo de reivindicação. Abraão seguiu adiante no deserto, buscando a cidade construída por Deus, mas o poeta estava simplesmente perdido. Ver Heb. 11.13.

Este versículo deve ser comparado com Gên. 23.4 e I Ped. 2.11. Quanto a um apelo apaixonado por tréguas, cf. Jó 10.20,21. Ver também Sal. 6.5. A única coisa que agora restava ao homem esperar eram a cova, a sepultura e o hades.

39.13

Desvia de mim o teu olhar. O homem havia desistido de tudo. Ele não esperava mais anos de vida. Queria apenas descansar um pouco, antes de chegar o seu tempo de partida deste mundo, tempo esse que não estava distante. "Ele sabia, de qualquer maneira, que não lhe restava mais muito tempo de vida, mas esperava pelo menos um pouco de trégua, por breve que fosse" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). Algumas vezes, somente a morte pode curar, depois que todas as outras medidas já falharam. O homem não levantou a esperança da vida eterna, a qual ainda não estava estabelecida na teologia dos hebreus como um dogma.

"Encontra-se com freqüência a mesma atitude na história de Jó. Contudo, essa atitude não é incomum, mas apenas outra prova da *necessidade* que a humanidade de coração pesado tem de aprender sobre o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Nele o último posto é seguido pelo som da trombeta triunfal que soa ao alvorecer" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Todas as palavras e frases deste versículo final ocorrem no livro de Jó. Ver 7.8,9,21; 14.6; 10.20,21" (Ellicott, *in loc.*).

> *Até o mais cansado dos rios serpeia*
> *De alguma maneira, seguro, para o mar.*
>
> (Swinburne)

A cansada mente do poeta sacro não se elevou a essa esperança. Ele simplesmente queria um período de descanso, antes de morrer.

Salmo Quarenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro de Salmos.

Quanto à classificação dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de ação de graças pelo livramento de alguma tribulação, em combinação com uma oração pedindo ajuda. Muitos salmos contêm algum tipo de agradecimento, mas alguns são especialmente salmos de ações de graças, e *entre eles podemos listar o salmo presente. Em minhas classificações,* listo vinte e dois desses salmos. Os vss. 7-10 são fortemente messiânicos, e parte desse material foi citado em Hebreus 10.5-7. Portanto, o salmo presente também é messiânico. Há salmos que pertencem a mais de uma classe.

Os vss. 12-17 podem ser separadamente classificados como um salmo de lamentação, sendo possível que nosso Salmo 40 na realidade seja a combinação de duas composições originalmente separadas. Tal combinação pode ter ocorrido devido a propósitos litúrgicos. Uma ordem mais natural teria sido primeiro os vss. 12-17 e depois os vss. 1-11, visto que muitos salmos de lamentação terminam em uma nota de louvor, por causa da resposta às orações pelo livramento de algum inimigo.

O Salmo 70 é praticamente idêntico ao Salmo 40.13-17, e essa *lamentação provavelmente circulava separadamente da ação de graças, mas no Salmo 40* elas vieram a ser combinadas.

Alguns intérpretes pensam que a combinação de lamentação e ação de graças é apenas natural, pois um homem feliz, ao prestar louvores a Deus, subitamente pode cair em uma dificuldade desesperada. Os críticos supõem que ambas as seções reflitam um período posterior da história de Israel, de tempos *pós-exílicos.*

Subtítulo. "Ao mestre de canto. Salmo de Davi". Este é um subtítulo bastante comum nos Salmos. Essas observações foram adições posteriores às composições originais e não se revestem de autoridade canônica. Ocasionalmente, um subtítulo pode refletir algum detalhe histórico. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, pelos subtítulos, mas isso é um exagero. Contudo, visto que ele foi *o mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1), sem dúvida compôs alguns dos salmos. Muitas composições foram musicadas e usadas no culto do templo. Ver I Crô. 25, quanto à importância da música no culto dos hebreus.

Ação de Graças a Deus (40.1-11)

O Salmista Revisa Sua História (40.1-3)

Diz um hino antigo: "Conta as bênçãos. Conta uma a uma. Ficarás surpreso com o que Deus já fez". O poeta deu uma pequena pausa para fazer precisamente isso. Ele estava no meio da grande congregação e cantou os seus louvores, acompanhado por instrumentos musicais. O Senhor o tinha livrado de toda aflição, e naquele dia ele estava triunfal, de pé, no átrio do templo. O vs. 1 por certo reflete um ou mais períodos anteriores de perigo e provação, dos quais o salmista havia sido libertado de maneira significativa. Todos somos convocados a atravessar períodos de trevas, e a maioria de nós ora quando está em um desses períodos. Tive certo professor de latim que não via utilidade alguma na oração, pelo que exclamava: "Que? *eu orar?*". Não obstante, imagino que, ao aproximar-se ele do final (o que para ele deve estar bem próximo), ele achará necessário orar. E quando o seu espírito elevar-se de seu corpo, ele haverá de maravilhar-se diante da misericórdia e grandeza do Deus a quem ele negligenciou. E assim, continuaremos aprendendo e avançando. E Deus continuará a ter misericórdia e abençoar-nos, chamando todos para Si mesmo. Portanto, vamos prestar louvores!

40.1

Esperei confiantemente pelo Senhor. O poeta já experimentara sua partilha de tribulações. Nelas ele tinha esperado pacientemente pelo Senhor, para que Deus o visse em sua triste condição e agisse a fim de libertá-lo. E cada vez que orou, obteve resposta. Nem sempre acontece assim, realmente; mas continuamos a orar, pois é na oração que o poder reside.

> Sua graça é grande o bastante para encontrar grandes cousas -
> *As ondas esmagadoras que avassalam a alma,*
> *Os ventos uivantes que nos deixam atônitos e sem respiração.*
> *As súbitas tempestades fora de nosso controle.*
> *Sua graça também é grande o bastante para enfrentarmos as pequenas coisas -*
> *As pequenas tribulações que nos incomodam,*
> *As preocupações que, como insetos, zumbem persistentes,*
> *As rodas rangedoras que desgastam a nossa alegria.*
>
> (Annie Johnson Flint)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração.* Seria grande coisa ver como a cerimônia foi efetuada no templo, aquele culto especial de cânticos e de louvores. Seria ótimo ouvir a música que acompanhava essas palavras imortais de louvor. Pois quem confiou em Yahweh como o homem hebreu, e quem jamais entoou puras canções de triunfo espiritual como o homem hebreu? "A atitude do poeta pode ser expressa mediante a tradução: 'Esperei e esperei'. O texto talvez sugira que o homem não era muito bom na questão da espera" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Não obstante, ele via claramente a questão inteira. Sua persistência rendeu dividendos. O poder divino interveio em seu favor. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Continuamos a orar, pois é aí que reside o poder. Continuamos a crer, porque essa é a esfera onde acontecem os milagres. Cf. Isa. 50.7-9 e Heb. 5.7.

"Deus fez algo de maravilhoso em favor dele, depois de um longo período de espera paciente e oração" (Allen P. Ross, *in loc.*).

40.2

Tirou-me de um poço de perdição. O hebraico original diz aqui, literalmente, um *poço de tumulto.* Com a palavra "poço", pode estar em foco qualquer buraco profundo, até o hades, embora não haja aqui nenhuma referência ao livramento do submundo. O melancólico submundo é descrito como um poço miserável, mas a antiga teologia dos hebreus ainda não havia formulado lugares onde a alma sobreviveria para além da morte biológica. O poeta usa uma figura melancólica a fim de falar de uma grande provação. Animais eram apanhados em poços, onde morriam. O poeta havia escapado das armadilhas preparadas por homens ímpios e desarrazoados. Talvez ele fosse um soldado que tivesse enfrentado os ardis do inimigo, o qual era feroz e brutal e anelava por matar. "... o *poço ruidoso,* onde nada era ouvido exceto o uivo das feras ou os sons cavos do vento, reverberando nas laterais rochosas e na entrada do buraco" (Adam Clarke, *in loc.*).

Dum tremedal de lama. Ou seja, um lugar onde um homem pode ficar preso e afundar no esquecimento. As versões siríaca e árabe dizem "lama da corrupção", dando ao original hebraico uma distorção moral. Podem estar em vista os estados arruinadores do pecado ou qualquer tribulação ou provação que submeta a alma a vexame e ameace o corpo.

"Tremedal" traduz uma palavra hebraica cujo significado é "ferver" ou "fermentar" (usada para indicar o vinho que está fermentando). É daí que se obtém a idéia de *espuma* ou *lodo,* que algumas traduções empregam. Talvez esteja em pauta a "lama das águas profundas e rugidoras" (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 69.2. Talvez lugares misteriosos de águas subterrâneas estejam em foco. Seja como for, as figuras de linguagem falam de experiências terríveis e perigosas, que podiam ser fatais.

Colocou-me os pés sobre uma rocha. Em contraste com o terrível atoleiro, o livramento do homem pobre é comparado a ter os pés sobre uma rocha estável e digna de confiança. Essa figura de linguagem fala do livramento de ameaças e do descanso em um local seguro. Por aplicação, e não por interpretação primária, podemos falar sobre Cristo como a Rocha (ver I Cor. 10.4). Por isso disse o *compositor de certo hino:* "Sobre Cristo, a Rocha sólida, estou de pé. Todo outro terreno é areia movediça". Ver a mensagem de Mat. 7.24. A rocha no Antigo Testamento, entretanto, é uma ilustração comum para indicar segurança. Ver Sal. 18.2 e 27.5. A *rocha* faz tremendo contraste com os lugares perigosos, com a cova da destruição e com a argila lamacenta.

> *Senhor de todos os seres, entronizado ao longe,*
> Tua glória flameja do sol e das estrelas.
> *Centro e alma de toda a esfera,*
> *Mas de cada coração amoroso, quão próximo.*
>
> (Oliver Wendell Holmes)

O Novo Hino: sobre a Confiança em Deus (40.3-5)

40.3,4

E me pôs nos lábios um novo cântico. Contraste o leitor o *novo cântico* com os *ruídos* da cova, no vs. 2. "O coração do homem que esteja em guerra

contra Deus é um lugar de tumulto, pois é ali que rugem as vozes do inimigo. Em harmonia com Deus, estabelece-se a paz. Onde não há muito ruído, algo está errado. A guerra é barulhenta. A nossa civilização é ruidosa. Algumas igrejas são ruidosas. Não é isso um sintoma de alguma profunda enfermidade?" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, com alguma adaptação).

O poeta introduz agora um breve *hino,* anunciado no vs. 3 e iniciado no vs. 4, com as palavras: *Bem-aventurado o homem.* Dessa maneira fala-nos sobre sua atual *felicidade,* resultado dos benefícios recebidos em decorrência da oração respondida. Ele louva a Deus (vs. 3), a saber, o Deus de Israel, para quem ele se voltou, em lugar de voltar-se para os deuses dos pagãos que circundavam o território de Israel. Ele tinha recebido *notáveis* provisões, o que capacitaria muitos a entender que algo verdadeiramente grande tinha acontecido, inspirando-os tanto a *temer* como também a *confiar* no mesmo Deus. Quando o poder divino se aproxima, os homens temem, e é daí que flui a *confiança.* Sobre como esta última palavra é usada, ver a exposição em Sal. 2.12.

Novo Cântico. Cf. Sal. 33.3, onde comento essa idéia. Ver também 96.1; 98.1; 119.1; 144.9; 149.1; Isa. 42.10; Judite 16.13, e como o Novo Testamento tomou por empréstimo essa expressão, em Apo. 5.9 e 14.3. O vocábulo pode ter significado simplesmente um novo salmo ou hino, ou pode ter assinalado o reavivamento do saltério nacional, após o cativeiro babilônico. Ver Isa. 42.9,10. Nas páginas do Novo Testamento, a expressão refere-se à *redenção,* e seu emprego no Antigo Testamento incorpora as idéias de livramento e bem-estar pessoal e nacional.

Os arrogantes. A referência é aos inimigos de Israel, aqueles que se deixaram envolver em idolatria e atos duvidosos; os odiadores e destruidores. Alguns desses homens viviam fora de Israel, mas outros faziam parte do acampamento.

Os afeiçoados à mentira. Temos aqui uma referência primária à idolatria, aos *deuses falsos* dos pagãos (alguns dos quais foram adorados pelos hebreus), que faziam os homens desviar-se do reto caminho de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria.*

40.5

São muitas, Senhor Deus meu. *Pensamentos divinos benéficos,* muito numerosos para serem listados, tinham resultado em muitos atos beneficentes, também em tão grande número que ofuscariam a imaginação e desafiariam qualquer descrição. Isso reflete um *teísmo* de primeira ordem, no qual o Criador acompanha a Sua criação e continua a guiar, abençoar e julgar, tudo em consonância com as obras humanas. Contraste o leitor essa idéia com o *deísmo,* o ensino de que o Criador abandonou o universo e deixou-o à mercê das leis naturais e impessoais. Cf. Sal. 139.17 e Nee. 9.27, quanto a impressionantes expressões da graça divina. Se o poeta tentasse falar sobre todas as coisas que Deus tinha planejado e executado em favor de Seus filhos, jamais terminaria a tarefa. "O salmista ficou assustado e confuso diante dos conselhos, da benignidade e das obras maravilhosas do Senhor, não somente na natureza, mas também em Sua graça. E era a misericórdia de Deus para com ele mesmo que ele tinha, particularmente, em vista" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Em números Tu fizeste, Tu, Yahweh, meu Deus,*
> *Feitos maravilhosos e propósitos quanto a nós.*
> *Nada existe que se compare Contigo.*
> *Declará-lo-ia eu, falaria eu?*
> *São demais para serem nomeados.*
>
> (Ellicott, com uma paráfrase)

Ver também Isa. 63.7 e Jer. 29.11. Contrastar isso com os pensamentos dos iníquos, em Sal. 56.5. Sal. 139.17,18 é um paralelo direto deste versículo.

40.6

Sacrifícios e ofertas não quiseste. *Uma espiritualidade autêntica* era mais importante do que todo o sistema sacrificial levítico, uma notável percepção neste ponto dos salmos. Ver Rom. 2, que desenvolve a idéia. Ver no *Dicionário* o artigo *Sacrifícios e Ofertas,* para uma descrição do elaborado sistema hebreu. O templo de Jerusalém foi erguido para promover esse sistema. O poeta não advogava a noção de os israelitas desfazerem-se desse sistema, mas penetrou até as suas *razões*: a mudança do coração e da alma, a transformação do indivíduo pelo Espírito Santo. Paulo, em seus muitos escritos, mostrou como o antigo sistema foi substituído pelo sacrifício pessoal do indivíduo ao princípio espiritual (ver Rom. 12.1,2), e como Cristo substituiu o sistema inteiro. Esse é o tema principal da epístola aos Hebreus. Ver Heb. 10.5, quanto à declaração clássica dessa mudança. O poeta falou em termos *comparativos.* O que realmente importa é a condição espiritual do indivíduo, e não os sacrifícios trazidos ao templo, os quais apontam na direção das operações divinas sobre a alma.

Quando os hinos eram entoados no culto do templo, sacrifícios apropriados eram feitos. Bem no meio da oferta dos sacrifícios, o salmista percebeu que Deus queria mais do que do sangue dos bodes e dos touros. Ao oferecer votos e promessas, o poeta sagrado percebeu que Deus queria *seu coração,* e não o sangue das oferendas. "O poeta lembrou que Deus preferia o seu corpo aos seus sacrifícios" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O animal prestes a ser oferecido em breve seria totalmente consumido sobre o altar, por intermédio das chamas. Até o Novo Cântico que seria entoado para acompanhar o processo sacrificial terminaria no silêncio. Mas o *homem* que fizera a oferenda permaneceria, e o cântico espiritual em seu coração jamais morreria. Por conseguinte, Yahweh estava interessado *naquele homem,* no sacrifício humano, e não em meros ritos e cerimônias, que eram apenas sombras de uma autêntica espiritualidade.

40.7

Então eu disse: Eis aqui estou. Os vss. 6-8 são citados em Heb. 10.5-7, onde assumem caráter messiânico. O autor cristão contrastou a perfeita obediência de Cristo ao sistema inferior do Antigo Testamento, que envolvia os sacrifícios levíticos. O Cristo, uma vez encarnado, *veio* cumprir a vontade de Deus de maneira superior e satisfatória. O homem que escreveu este salmo, no Antigo Testamento, também cumpriu a vontade de Deus, em consonância com a luz que já tinha recebido, e isso significava ser um sacrifício vivo, conforme o apóstolo Paulo afirmou que deveria ser (ver Rom. 12.1,2).

No rolo do livro. Os livros antigos eram *enrolados,* usualmente com o fim no meio, pelo que, pelo lado de fora, uma pessoa encontraria o começo da escrita ali contida. Somente muito mais tarde os livros assumiram o formato de códices, parecidos com os livros modernos. O papiro do Egito era um material comum usado no fabrico de rolos e códices; e também era usado o couro, chamado velum. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livro (Livros).* Ver também *Escrita,* um artigo detalhado relativo aos modos de fabrico de livros e aos estilos literários. O rolo estava enrolado em torno de uma vara como um ponto fixo, assumindo assim a forma de um cilindro.

Dizer "no rolo" é um modo muito generalizado de referir-se à origem de uma citação. O autor sagrado estava referindo-se ao *livro celeste,* onde são registradas as obras de todos os homens, para que eles possam ser devidamente julgados. Cf. Deu. 6.6; Jer. 31.33. Ou ele se referia a lugares apropriados na lei de Moisés, que falavam sobre os deveres do homem. Quanto ao livro celestial, ver Sal. 56.8; 87.6 e 139.16. Ao ler sobre os sacrifícios de animais, o homem chegou à conclusão de que ele mesmo era o melhor sacrifício a ser oferecido a Deus.

Enrolar ou desenrolar um manuscrito sob a forma de rolo, envolto em torno de uma vara, era uma tarefa complicada, facilitada descansando o rolo sobre uma mesa. Os códices começaram a ser fabricados por serem muito mais fáceis de manusear.

A meu respeito. O autor deste salmo não foi mencionado especificamente, mas toda a humanidade está certamente em pauta. O homem em geral deve fazer o que está escrito no livro e, assim sendo, o poeta estava sob idênticas obrigações. Falando em termos messiânicos, podemos dizer em verdade que Cristo foi mencionado por nome e descrito especificamente.

40.8

Dentro em meu coração está a tua lei. A *essência* do que o livro diz é: "Obedece à lei de Deus" e assim te tornarás um homem espiritual. Ver as notas de sumário sobre isso, em Sal. 1.2. O homem bom *deleita-se* em obedecer às injunções da legislação mosaica, mas, quanto mais sábio se torna, mais reconhece que a obediência mecânica não é suficiente. É preciso ele mesmo *ser* um sacrifício a Yahweh, e não meramente *oferecer* animais como sacrifícios. O homem que se deleita em cumprir a vontade de Deus é aquele que tem a lei inscrita no coração, e não apenas memorizada no cérebro. No sentido cristão, foi Cristo quem se deleitou em fazer a vontade de Deus e cumpriu sua missão salvatícia pelo sacrifício de Si mesmo. "Essas palavras foram aplicadas à encarnação de Cristo, quando ele cumpriu assim o propósito divino, conforme estava prescrito no livro" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ver João 4.34; 10.18 e 14.31. Ver também Luc. 12.50. Os crentes do Antigo Testamento, em alguma medida, tinham a lei inscrita no coração (Sal. 37.31; Deu. 6.6; 27.3; Pro. 3.3 e 7.3). Mas a plenitude do Espírito, mediante a qual a lei é inscrita no coração dos homens, estava reservada aos tempos do Novo Testamento (Mat. 5.17; Rom. 10.4)" (Fausset, *in loc.*). Por conseguinte, devemos confiar e obedecer, pois não há outra maneira de ser feliz em Jesus, senão confiando e obedecendo. Ver a lei como *guia* da vida em Deu. 6.4 ss. A orientação tornou-se mais eficaz quando o Espírito assumiu o controle das coisas.

40.9

Proclamei as boas novas de justiça. O homem era um *aprendiz*, mas também um *mestre*. Ele levava seus sacrifícios ao templo; entoava seu novo cântico de louvor; fazia votos e cumpria suas promessas. Mas também aproveitava a ocasião para ensinar a outros o caminho da lei, e podemos ter certeza de que também fazia isso em particular. A referência messiânica, como é natural, é ao Grande Mestre, o Messias, o Senhor de toda a espiritualidade e o maior comunicador de preceitos espirituais. E então, com a vinda do Espírito, os crentes tornaram-se submestres, transmitindo a mesma mensagem.

> *Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...*
>
> (Atos 1.8)

Na grande congregação. Ou seja, nas reuniões do templo, quando eram dadas instruções às massas populares. Em um sentido profético e messiânico, pode estar em vista a missão entre os gentios, quando a mensagem foi espalhada por todo o império romano, tanto a judeus quanto a gentios. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Ensino*. Naturalmente, um importante aspecto da Grande Comissão consiste no ensino, conforme se vê em Mat. 28.20. Um número demasiadamente grande de crentes esquece esse lado da moeda da evangelização.

40.10

Não ocultei no coração a tua justiça. *Em certo sentido, a espiritualidade de* um homem é uma questão pessoal. Por outra parte, para o bem do próximo, ele deve exibir a sua vida espiritual, para que ela seja imitada. Ademais, o homem espiritual exerce sobre outras pessoas uma influência melhor ou pior do que ele *mesmo é, e a sua própria vida é um meio de comunicação. O poeta não ocultou a justiça* que nele fora engendrada pelo Espírito Santo. Ele falava sobre a fidelidade e a salvação de Deus. Ele não ocultou o *amor permanente* (Revised Standard Version) do Pai, ou, conforme diz a nossa versão portuguesa, a *benignidade* de Deus. Deus tem amado o mundo inteiro em um sentido eficaz e salvatício, e isso deveria tornar-se conhecido. Assim sendo, nas mãos dos cristãos, este versículo (e, de fato, a passagem inteira) assume forte contorno evangelístico, e vários intérpretes pensam que a missão cristã de evangelismo e ensino começou com o ministério terreno de Jesus.

Com base no Antigo Testamento, a salvação aqui referida consiste no livramento do mal e do dano, bem como na preservação do indivíduo no caminho da lei. O *amor*, por sua vez, é aquele poder que se irradia da lei, em consonância com Deu. 6.5: o amor de Deus pelo homem; o amor do homem por Deus; e o amor do homem pelo homem. O amor é o maior de todos os mandamentos isolados, bem como o mandamento dentro do qual todos os demais existem e são expressos (ver Rom. 13.9,10). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*, quanto a uma afirmação completa a respeito.

Também vemos aqui menção à *grande congregação*. O grande ensino da lei (e então do evangelho) não deve ser limitado a um grupo seleto. Ele deve dirigir-se às massas, pois Deus amou o *mundo* de tal maneira que deu o Seu Filho. O versículo à nossa frente, pois, fala sobre o *dever* da comunicação. A igreja não é um clube particular e exclusivista, ainda que, na prática, algumas vezes se transforme exatamente nisso, em certos lugares. Cf. o versículo com Sal. 22.22,25 e 35.18.

> A meus irmãos declararei o teu nome: cantar-te-ei louvores no meio da congregação.
>
> (Salmo 22.22)

Petição Final (40.11)

40.11

Não retenhas de mim... as tuas misericórdias. O poeta sagrado fora o recebedor das bênçãos de Deus, de Seu amor constante, de Sua salvação (livramento) e de Seus ensinamentos. Portanto, ele agora finaliza a parte de louvor do salmo com um apelo final de que as coisas de que desfrutara no passado pudessem acompanhá-lo até o fim de sua carreira. Ele tinha recebido *misericórdia* e continuava carente de misericórdia. Ele fora alvo do *amor constante* de Deus e sempre precisaria desse tipo de amor. Ele tinha recebido a *verdade*, conforme ensinada na lei, e jamais prescindiria da verdade. O bem recebido no passado precisava perdurar. O homem orava para que não houvesse interrupção dessas bênçãos ao longo do caminho. Ele queria um futuro tão brilhante quanto fora o seu passado. Ele tinha visto a mão de Deus operando em seu favor e sempre necessitaria da intervenção divina em sua vida. No passado, ele dependera do Ser divino e continuaria sempre sendo dependente. Cf. isso com algo similar, dito em Isa. 49.8.

Um Apelo Pedindo Ajuda (40.12-17)

Provavelmente a segunda parte do Salmo 40 era, originalmente, uma composição separada, um *salmo de lamentação*. Quanto a isso, ver os comentários introdutórios antes da exposição a Sal. 40.1. Se insistirmos na seqüência do tempo, na passagem dos vss. 1-11 para os vss. 12-17, então diríamos que esse homem, que era tão abençoado e sempre livrado de todo o dano, continuaria a enfrentar crises e teria de experimentar novas intervenções divinas. Vitórias definitivas jamais são conquistadas neste mundo. Esta vida deve seguir a vereda da luta e da vitória contínua. Não há, por enquanto, coisas tais como finalidades. Os fins são apenas *instrumentos* que provocam novos começos.

Os salmos de lamentação usualmente começam com um apelo, um pedido de ajuda; em seguida, descrevem o perigo particular que estiver sendo enfrentado — um inimigo estrangeiro, um inimigo dentro do acampamento de Israel, ou uma enfermidade física. Se a oração tiver sido respondida, então o salmo de lamentação termina com uma nota de triunfo e louvor. Não é isso que sucede, no caso da segunda parte do Salmo 40, embora tenhamos tal hino de louvor nos vss. 1-11.

40.12

Não têm conta os males que me cercam. Este versículo atua como uma *transição* entre os dois salmos que constituem o Salmo 40. É provável que, originalmente, fosse um *elo editorial*, e não uma parte de um dos dois salmos. O autor escorrega da ação de graças por ter sido livrado, a um novo apelo para ser livrado de algum perigo, a saber, o perigo constituído por inimigos humanos que o assediavam, ou de fora de Israel (como soldados invasores) ou dentro do acampamento de Israel, incluindo hebreus réprobos que tinham saído para assediar homens bons. O vs. 12 fala sobre os pecados do próprio salmista, e isso parece um tanto deslocado dos inimigos descritos nos vss. 13-17. Talvez o compilador cresse que os pecados do salmista haviam causado suas dificuldades com outros homens. Ou talvez, conforme dizem alguns críticos, o vs. 12 tenha sido tomado por empréstimo de algum salmo de lamentação diferente, e assim, um tanto desajeitadamente, tornou-se uma declaração de transição. Nesse caso, o salmo de lamentação não-identificado provavelmente era um salmo de *enfermidade* causada pelo pecado, que seguia as linhas mestras dos Salmos 38 e 39. Seja como for, o vs. 13 quase certamente é a declaração introdutória real ao salmo de lamento constituído pelos vss. 13-17.

O Salmo 70 é quase idêntico ao trecho de Sal. 40.13-17, e isso serve, sem dúvida, como outra indicação da natureza separada da composição.

São mais numerosas que os cabelos de minha cabeça. O salmista queixou-se de ser ele o principal dos pecadores, tendo pecados mais numerosos que cabelos em sua cabeça. Por essa razão, ele estava *enfermo*, pois recebia punição por causa dessa condição. Pelo menos, é provável que esse seja o contexto original, em harmonia com a natureza dos Salmos 38 e 39. O coração do homem desmaiava, devido à grande carga de pecados que ele carregava, e, era de presumir, tal corrupção se refletia em seu corpo. Cf. Sal. 22.14. Alguns estudiosos cristianizam o salmo e vêem aqui Cristo, o portador do pecado (ver Isa. 53.6).

40.13

Praza-te, Senhor, em livrar-me. O poeta sagrado tinha urgente necessidade de ser livrado de homens brutais que ameaçavam a sua vida. Ele convocou Yahweh a *ter pressa!* Cf. Sal. 22.19, quanto à questão de urgência. O salmista corria perigo mortal. Não fica claro, porém, se os inimigos eram invasores de Israel, como militares, ou saqueadores que agiam por conta própria, ou mesmo se eram compatriotas hebreus brutais, cuja atividade consistia em prejudicar o próximo. Seja como for, por certo a violência física está em mira. Para certos homens, a vida humana tem pouco valor, e eles não hesitam em matar, nem sentem remorso por uma conduta tão ultrajante. Além disso, há aqueles que são assassinos de caráter, que prejudicam a outros moral e espiritualmente, e odeiam e destroem seus semelhantes. Algumas dessas pessoas podem ser encontradas até na igreja. Algum dia, porém, essa situação chegará ao fim.

> *Coisa alguma que é violenta é permanente.*
>
> (Provérbio do século XVI)

40.14

Sejam à uma envergonhados. O trecho de Sal. 6.10 é muito similar à declaração que lemos neste versículo, e os comentários dados ali se aplicam

também aqui. Ver também Sal. 25.1; 35.26 e 37.19, quanto à questão de o salmista ter orado para que não ser envergonhado porque suas orações não foram respondidas, mas que seus inimigos, esses sim, fossem confundidos.

Provavelmente tais palavras do texto apontam a alguma derrota de um exército, que saiu envergonhado do campo de batalha. Um exército perdedor fica marcado, durante gerações, pela vergonha. Além da perda de vidas, há a perda de posição social. Ademais, os exércitos antigos pensavam marchar pela ordem dos deuses. Por isso temos na cultura dos hebreus um dos títulos de Deus, o "Senhor dos Exércitos" ou o "Capitão dos Exércitos". O exército perdedor era considerado sob o desprazer divino, ou seja, era devidamente *envergonhado*. Ver Sal. 70.2, trecho quase idêntico que pode ter sido a declaração original.

A vida. Não está aqui em vista a alma imortal, mas *o homem em sua inteireza*, conforme pode significar o termo hebraico por trás dessa tradução. A Revised Standard Version traduz corretamente a palavra hebraica por "vida", e nisso é seguida pela nossa versão portuguesa.

40.15

Sofram perturbação por causa da sua ignomínia. Nada existe que pareça tão *desolador* quanto um exército derrotado em campo de batalha; e era isso o que o poeta sagrado muito desejava ver: o exército inimigo, demolido e totalmente vencido. Aquele exército havia agido desavergonhadamente, ao atacar homens bons, ao matar e violentar mulheres e ao assassinar crianças. Agora, merecia ser obliterado da face da terra. Eles haviam zombado dos bons com seu "heach, heach", a palavra hebraica onomatopaica traduzida por "Bem-feito! Bem-feito!" em nossa versão portuguesa. Ver Sal. 35.21,25. Os sons hebraicos são de *alegria*. Homens malignos encontram prazer na matança e no caos. Ver também Sal. 22.7,8. O trecho de Sal. 70.3 é virtualmente idêntico ao versículo presente.

40.16

Folguem e em ti se rejubilem. Os que *buscavam por Yahweh* são aqui contrastados com aqueles homicidas. Enquanto os homicidas se regozijam em matar o próximo, os bons se regozijam nos caminhos do Senhor. Estes últimos amam a salvação do Senhor e os Seus caminhos, que são exemplificados na lei. Os assassinos são indivíduos de tendências violentas que se orgulham em praticar atos vergonhosos e se sentem bem quando vêem o sofrimento de outras pessoas. Entrementes, os bons magnificarão o Senhor e convidarão seus semelhantes a fazer o mesmo. O caráter de um homem pode ser avaliado com bastante precisão se observarmos o que lhes dá alegria. O que faz um homem sentir-se feliz? Ele está afundado no materialismo e em pecados, e encontra sua alegria em coisas vergonhosas? Ou encontra alegria na busca de satisfações mentais e espirituais e em realizações desta categoria? Quando um homem se regozija em ensinos espirituais, isso serve de prova de que sofreu alguma transformação espiritual. Deus é magnificado no bem e pelos bons. E é diminuído por homens que esquecem os princípios espirituais. Alguns homens são pouco mais que meros animais. A vida deles é absorvida pelo que é apenas terreno. Outros têm caminhado para um terreno mais elevado. Eles vivem acima do mundo, embora os dardos de Satanás os persigam.

Estou subindo pelo caminho que sobe,
Novas alturas estou obtendo todos os dias.
Continuo orando enquanto vou subindo,
"Senhor, implanta meus pés sobre terreno
mais alto.

Quero viver acima do nível do mundo,
Embora Satanás jogue contra mim as suas setas.
Pois a fé apanhou o som da alegria,
A canção dos santos em terreno mais alto".

(Johnson Oatman)

40.17

Eu sou pobre e necessitado. O trecho de Sal. 70.5 é virtualmente igual a este versículo. O homem que estava sendo temporariamente atraído por pensamentos sobre o terreno mais alto, de súbito se acha de volta ao campo de batalha onde sua vida era ameaçada. Por conseguinte, ele orou, uma vez mais, pedindo a intervenção divina em seu favor. Uma vez mais, ele fez uma oração *urgente* rogando a Yahweh que não se demorasse, conforme já vimos no vs. 13. Nesse apelo, ele usou dois dos nomes divinos, *Yahweh* e *Elohim*, o Deus Eterno e o Deus Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

"... um suspiro de anelo está, com freqüência, nos lábios dos santos" (J. R. P. Sclater, *in loc.*), santos que sofrem vários tipos de provação. Males morais e naturais pressionam todos quantos chegam a este mundo. Ver o artigo chamado *Problema do Mal* quanto a explicações (tentativas) de por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem.

Pobre e necessitado. Cf. Sal. 37.14, onde encontramos a mesma expressão. O pobre homem não tinha recursos próprios e carecia receber ajuda *externa*.

Há uma corrente de dificuldades atravessando
o meu caminho;
É um caminho negro, profundo e largo.
Amarga será a hora quando eu
Tiver de cruzar a sua torrente.
...
Oh, coração, nunca pares de ter esperança.
Deves cantar, confiar e dizer:
Suportarei a tristeza que vier amanhã,
Mas não pedirei emprestada hoje nenhuma tristeza.

(Annie Johnson Flint)

Salmo Quarenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresentei *sete* comentários que elucidam a natureza do livro de Salmos. Quanto à *classificação dos salmos*, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação*, sem dúvida o maior dos grupos de salmos, que tipicamente começam com um clamor urgente pedindo ajuda para livramento de algum inimigo. Então é provida a descrição do tipo de inimigo enfrentado. Segue-se (usualmente) uma palavra de ação de graças e louvor, pela oração que foi respondida ou que o salmista pensava ter sido respondida. Alguns poucos salmos de lamentação terminam em desespero. Isso sucedia quando as orações não eram respondidas. Não obstante, usualmente o louvor segue-se aos testes, razão pela qual devemos continuar orando. É na oração que jaz o poder. O Salmo 41 tem a nota de ação de graças no final, pelo que podemos prosseguir com confiança.

Este salmo contém alguns toques messiânicos, como por exemplo o vs. 9, o qual foi empregado por Jesus para falar sobre Si mesmo, em João 13.18. Mas não se trata de um salmo geralmente classificado como messiânico.

Este salmo é uma "oração pedindo cura de uma enfermidade (uma lamentação)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 1). Outros salmos de *enfermidade* (nos quais o inimigo é uma enfermidade física) são os de número 6, 22, 28, 30, 31.9-12, 32, 38, 39, 41, 49 e 73. Os hebreus sempre pensaram que as enfermidades eram causadas pelo pecado, certamente uma visão míope da questão. A enfermidade pode ser uma disciplina, uma mestra. Além disso, existem elementos misteriosos na enfermidade, que, tal como se vê no artigo do *Dicionário, Problema do Mal*, contêm, de modo geral, elementos enigmáticos e caóticos. Ver II Cor. 12.8, no *Novo Testamento Interpretado*.

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo é: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi", o mesmo que encabeça o Salmo 40. Portanto, solicito que o leitor examine a introdução daquele salmo em *Subtítulo*.

"Neste salmo, Davi instruiu a congregação no sentido de que aqueles que ajudassem os necessitados obteriam, eles mesmos, o livramento. Em relação a isso, ele relembrou sua oração pedindo vingança contra os que não tinham tido misericórdia dele, mas, antes, procuraram tirar vantagem de sua enfermidade. Este salmo é uma lição baseada na oração pedindo auxílio contra a traição" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Ao relembrar a traição promovida por falsos amigos, o salmista proferiu uma bênção sobre aqueles que sentem as dores do próximo e fazem algo para ajudar. Pessoas cheias de compaixão são elogiadas, como deveria mesmo ser.

"Aquele que é misericordioso para com os aflitos, obterá misericórdia quando ele mesmo for afligido" (Fausset *in loc.*).

41.1

Bem-aventurado o que acode ao necessitado. A *ética dos hebreus* sempre se mostrou poderosa em favor dos pobres literais, e a legislação mosaica tornava certo que eles não padeceriam fome, embora pudessem sofrer severas privações. Até o estrangeiro que estivesse passando pelo país era ajudado. Mas o *pobre*, neste caso, provavelmente era alguma *pobre alma* sujeitada a abusos da parte de outras pessoas ou enferma no corpo, e não um homem com poucas riquezas materiais. Seja como for, o salmo começa lançando um apelo para que exercitemos compaixão, outro nome para o amor. É garantido ao homem compas-

sivo que ele receberá compaixão, da parte de Yahweh, e então da parte dos que forem inspirados por Yahweh, quando chegar a sua vez de precisar da ajuda alheia.

"Dor relembrada. Com base nos vss. 1-12, o curso deste salmo é claro. É a oração de um homem enfermo, talvez um rei, que estava cercado por inimigos, entre os quais ele descobriu pelo menos um 'amigo' traiçoeiro... A cena dos vss. 4-6 é o dormitório do enfermo onde, a princípio, o inválido estava sozinho, meditando amargamente (vss. 4 e 5) e, posteriormente, foi visitado por um ou mais de seus adversários. Os vss. 7-9 referem-se ao mesmo lugar de reunião de seus críticos malévolos, onde eles se alegram ferozmente devido aos infortúnios do enfermo. Os vss. 10-12 retornam à solidão e ao registro do apelo do sofredor, que estava sozinho com Deus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

O homem enfermo acabou sentindo-se bem e assim lembrou os poucos que o apoiaram em seu tempo de teste:

> *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*
>
> (Mateus 5.7)

Adam Clarke (*in loc.*) exorta seus leitores a praticar ativamente atos de caridade, com o apoio e a direção de investigações diligentes, para achar e ajudar os pobres e os enfermos literalmente. Isso é algo quase inteiramente perdido em nossas igrejas evangélicas.

41.2

O Senhor o protege e lhe preserva a vida. A vida mostra a tendência de devolver a um homem o que ele investiu, outra maneira de falar sobre *A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh põe-se ao lado do homem bom, pelo que a lei da colheita segundo a semeadura não envolve apenas fatores humanos. Este versículo promete prosperidade ao homem bom. O homem enfermo e pobre precisa de dinheiro e coisas materiais. O homem bom não negligenciará esse fato. Ele fará mais do que dizer uma boa palavra:

> *Se um irmão ou irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?*
>
> (Tiago 2.15,16)

"É digno de observação que pessoas *benévolas, que consideram o pobre* e, especialmente, o *pobre enfermo,* que os buscam em cortiços, vielas sem saída e outros lugares miseráveis de moradia, onde existem enfermidades e infecções, muito raramente caem vítimas de sua própria benevolência, adoecendo. O Senhor, de maneira especialmente benévola, conserva essas pessoas vivas e com saúde. Por outra parte, muitos dos que guardam distância dessas pessoas caem vítimas de contágios... Deus ama o homem misericordioso" (Adam Clarke, *in loc.*).

41.3

O Senhor o assiste no leito da enfermidade. O homem bom desfrutará de prosperidade material e boa saúde. Mas se ele enfermar, outros o ajudarão e o confortarão. Além disso, ele terá ajuda divina. O próprio Yahweh intervirá em seu favor e proverá a sua cura. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cura.*

Na doença tu lhe afofas a cama. O original hebraico ou é um tanto obscuro aqui, ou nos apresenta uma expressão idiomática que não entendemos. Literalmente, a expressão diz: "Tu lhe mudas toda a sua cama", que compreendemos como se significasse que o leito de enfermidade será transformado em um leito de saúde. Em outras palavras, o homem será curado. Uma emenda nos daria a seguinte tradução: "Toda a sua enfermidade Ele transforma em forças". A idéia pode ser que Deus faz a cama do enfermo tornar-se *mais confortável,* ou seja, alivia as dores do homem. Alguns compreendem a frase como se dissesse: "Ele alivia suas últimas horas", de modo que a pessoa morra em paz, mas parece haver mais esperança que isso no versículo. A Septuaginta diz: "Tu (ó Senhor) não desistirás dele", ou seja, não permitirás que ele morra (vs. 2), ou então "ele será curado de toda a sua enfermidade" (vs. 3).

As camas orientais consistiam apenas em um colchão fino, que podia ser virado ou trocado enquanto o homem levantasse ou deitasse em outro lugar, e esse fato provavelmente está por trás da idéia de *mudar* a cama.

Vss. 2-3. "Bênçãos específicas conferidas ao indivíduo misericordioso incluem: 1. Proteção e segurança na Terra Prometida (cf. Sal. 37.9,11,22, e 29). 2. O Senhor não o entregaria nas mãos de seus inimigos. 3. O Senhor o sustentaria na enfermidade" (Allen P. Ross, *in loc.*).

41.4

Disse eu: Compadece-te de mim, Senhor. Os hebreus pensaram sempre que a causa da doença seria o pecado. Eis uma das razões pelas quais o povo hebreu nunca aceitou de bom grado as administrações dos médicos. Considerava-se errado fazer cessar uma enfermidade por meios naturais, quando o próprio Yahweh tinha feito um homem adoecer, por causa de seu pecado. Ademais, os antigos "médicos" com freqüência usavam de encantamentos, mágicas e outros meios duvidosos em suas curas. Eles não eram apenas usuários de ervas. Os hebreus, entretanto, exageravam. A enfermidade pode atuar como uma disciplina, como uma mestra, e tem também propósitos mais ocultos, que fazem parte do enigma do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Considere o leitor o caso de Paulo, em II Cor. 12.8 (ver as explicações no *Novo Testamento Interpretado*). Sem dúvida há nas enfermidades a operação do caos, contra o qual devemos orar constantemente. Os médicos que curam são agentes da misericórdia divina e têm missões a cumprir, tal como se dá com qualquer outra profissão. Na verdade, é consternador quando a penicilina funciona, mas a oração não. No entanto, Deus é o poder curador por trás da penicilina e de outros medicamentos. A *natureza é benévola e cumpre a vontade misericordiosa* de Deus. Jó esteve muito doente, mas continuava insistindo na sua *inocência,* pelo que teve discernimento quanto ao fato de que a enfermidade nem sempre nos ataca como um castigo contra o pecado.

O salmista, entretanto, em contraste com Jó, tinha certeza de que seus pecados estavam por trás de suas dores. Portanto, *ele clamou pela misericordiosa* intervenção divina, e sua oração funcionou.

"É um sinal singular da sinceridade e da genuinidade do salmista que ele primeiramente tenha examinado o próprio coração quanto ao mal, *antes* de examinar o mal de seus amigos" (Ellicott, *in loc.*).

41.5

Os meus inimigos falam mal de mim. O pobre homem enfermo tinha ainda que lidar com a carga adicional dos maus tratos e da zombaria de seus falsos amigos, tal e qual aconteceu a Jó. É evidente que havia alguns falsos amigos que gostariam de ver o poeta morto, fora do caminho, deixando-os livres para fazer o que quisessem. Ou então eles eram simplesmente indivíduos perversos, que gostavam de apreciar a agonia de outros, o que é um esporte para algumas pessoas malignas. O homem já havia lançado a culpa por sua enfermidade sobre os seus pecados, mas os seus "amigos" exageraram e inventaram muitos pecados que ele nunca havia cometido. Então mofaram dele e disseram: "Considera o que Deus tem feito contra ti, tu, pecador pervertido!". Eles ansiavam pela morte do salmista e para que seu nome desaparecesse da face da terra. Talvez o homem *não tivesse familiares,* e isso seria o fim de sua linhagem. Segundo o pensamento dos hebreus, fazer uma linhagem familiar perecer era considerado uma calamidade, pelo que os pecadores desejavam o pior para o homem.

O homem enfermo estava cercado de ódio e de indivíduos cheios de ódio. Ele estava enfermo em uma atmosfera sobrecarregada de ódio, outra carga pesada que ele tinha de suportar. *Pois é mais fácil matar quando alguém odeia, e esse* é apenas outro exemplo de como agem os homens perversos. Verdadeiramente, o homem é uma criatura caída, que precisa de redenção e renovação. A *malícia* dos homens pode fazer outras pessoas adoecer, pois existe um poder psíquico que é capaz de prejudicar o próximo. Talvez o homem enfermo referido neste salmo também tenha sofrido ataques psíquicos da parte de seus falsos amigos. Conheço um caso em que uma pessoa cardíaca ficou pior, devido a essa influência maléfica, e um antigo namorado foi o agente ativo nesse caso. Considere o leitor o caso de parentes que desenvolvem *desejos de morte* por seus "amados" enfermos, a fim de ficarem com as heranças, outra perversão moral.

41.6

Se algum deles me vem visitar, diz cousas vãs. O doente estava acamado, agonizando, e seus falsos amigos tiveram a coragem de vir vê-lo e alegrar-se ferozmente por causa de sua triste condição, falando todo tipo de coisas estúpidas, a fim de desencorajá-lo e piorar a sua condição de saúde. Então eles deixam o lugar e saem a espalhar mentiras sobre o homem, a fim de azedar quaisquer amigos que lhe restassem. O autor isola um indivíduo particular, cuja conduta era *lamentável,* mas devemos compreender que o enfermo estava sob ataque de vários indivíduos perseguidores. Shakespeare, na peça intitulada *Rei Ricardo II,* pode ter tido em mira esta passagem da Bíblia, mas lhe deu uma interpretação diferente:

> *Deveriam os moribundos lisonjear os que vivem?*
> *Não, não! Os vivos é que lisonjeiam os que morrem.*

Fausset (*in loc.*), entretanto, vê esse tipo de sentido neste versículo, ao comentar: "O hipócrita professa ter-me amor, mas o tempo todo o seu coração está repleto de amargura, e espera ver-me morto. Deixando o quarto do hospital

ele sai para dizer mentiras sobre o enfermo e expressar a esperança perversa de que ele morra em breve". Alguns estudiosos vêem aqui a pessoa de *Absalão,* que maltratou o próprio pai, e, profeticamente, alguns outros vêem *Judas Iscariotes* em seu processo de traição contra Jesus. Absalão planejou uma traição contra o próprio pai e finalmente pagou com a vida por sua iniqüidade; o mesmo aconteceu no caso de Judas.

41.7

De mim rosnam à uma todos os que me odeiam. Havia outras pessoas envolvidas no plano traiçoeiro, razão pela qual, neste versículo, encontramos uma menção no plural. É provável que o pobre homem enfermo tenha recebido outras visitas perniciosas. Os conspiradores sussurravam uns para os outros os seus planos e escondiam o jogo de outras pessoas. Estavam planejando maneiras de ferir o homem enfermo, *se* é que a enfermidade não o matasse logo. Talvez até intentassem assassiná-lo caso a doença não terminasse logo com ele. "Em particular, conspiravam contra o homem. Ver Mat. 22.5; João 11.53; Mat. 26.3,4... para arrebatarem seu nome e seu crédito e, finalmente, a sua vida" (John Gill, *in loc.*).

41.8

Peste maligna deu nele. Os adversários do enfermo estavam muito alegres pelo fato de que ele tinha apanhado uma *enfermidade perigosa,* que o enredara nas manoplas da morte. E predisseram que ele não deixaria vivo o quarto de enfermo. Todos tinham alguma coisa para ganhar com a morte dele: status superior na nação; posições de autoridade; dinheiro e prestígio. A enfermidade era terminal, algo "de Belial", conforme diz a nota à margem do texto hebraico. Aplicando a questão ao Messias, encontramos as seguintes palavras em Isa. 53.4: "Nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido". A enfermidade era uma doença radical, que não se vê com freqüência, um golpe divino ou uma "doença diabólica" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns estudiosos supõem que o homem tenha sido vítima de bruxaria, e sua enfermidade fosse resultado de uma maldição; mas isso parece ser um exagero da questão.

41.9

Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava. Este versículo é citado em João 13.18. Ver Mat. 26.49. Alguns críticos vêem aqui o que se chama de "acomodação", ou seja, certos textos do Antigo Testamento, na opinião deles, foram "acomodados" às circunstâncias da vida de Jesus, mas, na realidade, não eram trechos proféticos. Nesse caso, tais versículos, como este à nossa frente, são pseudoproféticos. Uma de minhas fontes informativas nem ao menos se dá ao trabalho de dizer que o versículo foi empregado no Novo Testamento. Em contraste com isso, outros intérpretes identificam uma verdadeira referência messiânica aqui: "Este versículo foi aplicado por nosso Senhor a Judas, quando comia com ele do mesmo prato. Ver João 13.18,26. Historicamente, pode estar em pauta a pessoa de Aitofel, conselheiro e primeiro-ministro de Davi, o qual era o grande apoiador da conspiração encabeçada por Absalão" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver o artigo chamado *Acomodação,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Quebra da Hospitalidade Oriental. Compartilhar de uma refeição era um ato de amizade e confiança. Para a mente dos orientais, quando um traidor aceitava "almoçar" com um "amigo", para, logo em seguida, fazer-lhe um mal, isso era considerado um ato insano.

"A frase 'que comia do meu pão' foi extraída da prática de os reis admitirem súditos honrados para comer em suas mesas (II Sam. 9.11; 19.33). Seu terrível cumprimento deu-se quando Judas foi admitido a comer da ceia da Páscoa com o Senhor. O 'levantar' do calcanhar está baseado no fato de que um cavalo escoiceava seu proprietário. Cf. Atos 9.5" (Fausset, *in loc.*). É um insultante ato de violência "chutar um homem quando ele está caído", dizemos em uma popular expressão idiomática. A figura do texto é similar. O versículo presente é outro *"Até tu, Brutus?",* da história. Está em pauta uma extrema hipocrisia, com atos daninhos acompanhantes.

41.10

Tu, porém, Senhor, compadece-te de mim. Yahweh, o *Vero amigo,* foi invocado para anular tais atos de traição, ao levantar do leito o enfermo, para consternação de seus falsos amigos. Erguendo-se do leito de enfermidade, o homem exerceria vingança contra aqueles hipócritas, que mereciam ricamente o castigo que receberiam. Parece exagerado continuar aqui com a referência messiânica e fazer este versículo aplicar-se à ressurreição de Jesus, por meio da qual Ele desapontou os Seus inimigos e produziu uma vitória não-antecipada, que anulou toda a traição. O Novo Testamento ensina-nos a deixar a vingança nas mãos de Deus.

> *Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.*
>
> (Romanos 12.19)

A mente tipicamente hebraica, entretanto, estava preparada para tirar vingança e afirmar que Yahweh dera ordens nesse sentido. Fazemos a mesma coisa, e nem sempre de maneira tão sutil. Muitos crentes vingam-se de outros, algumas vezes com sutileza e, de outras vezes, não. Os hebreus não eram cristianizados, e nós não somos muito melhores do que eles.

Naturalmente, a pergunta feita por Paulo foi extraída do Antigo Testamento, a saber, de Deu. 32.35, pelo que o princípio da não-vingança era conhecido, mas talvez devêssemos melhor dizer, não praticado. John Gill (*in loc.*) viu Jesus tomando vingança dos judeus, após a Sua ressurreição, fazendo-lhes *o bem,* enviando-lhes o evangelho com preferência (ver Atos 1-2).

> *Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.*
>
> (Romanos 12.21)

41.11

Com isto conheço que tu te agradas de mim. *O favor de Deus* foi provado para o enfermo devido ao fato de que ele se levantou do leito da enfermidade, e os ímpios desejos de seus inimigos foram assim distorcidos. O *triunfo* pertenceu ao homem que confiou em Yahweh e Lhe fez um apelo urgente. Sem dúvida, os seus adversários foram submetidos à vergonha pública, conforme lemos em Sal. 25.1; 35.26; 37.19.

Em não triunfar. Literalmente, o hebraico diz aqui "gritar", isto é, gritar de alegria, por causa de uma vitória notável, ou seja, o "entoar do cântico de triunfo". O homem entoou o cântico de vitória porquanto Yahweh mostrara ser forte demais para os seus inimigos. Prosseguindo com a idéia da referência messiânica, os intérpretes vêem aqui o triunfo da ressurreição de Cristo, sobre o qual o mundo nunca cessará de gritar e de entoar. A perpetuação da Igreja foi possibilitada por esse clamor de alegria.

> *... o triunfo da esperança sobre a experiência.*
>
> (Samuel Johnson)

41.12

Quanto a mim, tu me susténs na minha integridade. Embora castigado por seus pecados, mediante alguma enfermidade horrenda, ainda assim o enfermo era um homem bom, um homem íntegro, em contraste com seus amigos enganadores e traiçoeiros. Yahweh tinha reconhecido a *bondade essencial* dele, e assim não permitira que a enfermidade escrevesse o capítulo final de sua vida. Isto posto, o homem foi levantado à presença de Deus para sempre, altíssimo privilégio que poderia subentender a esperança na imortalidade. Ou talvez isso significasse, no meio da grande congregação, o recinto do templo onde se manifestava a presença de Deus. Seja como for, o homem foi definidamente vindicado, ao passo que seus "amigos" hipócritas caíram na desgraça.

Continuando com a interpretação messiânica, alguns intérpretes vêem Cristo em Seu ofício de Mediador, à mão direita de Deus Pai. Compare com este versículos similares nos Salmos: 16.11; 17.15; 80.3,7,19.

Os conluiados não levaram em consideração o "fator moral". A *justiça* triunfou, como era de se supor. Na sua aplicação messiânica, a retidão é absoluta, e essa foi a razão por que o Cristo foi ressuscitado à frente e acima de Seus irmãos, para um ofício especial e ímpar.

41.13

Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. Esta *doxologia* talvez não fizesse parte do salmo de lamentação original; antes, foi acrescentada para reforçar a nota de triunfo, similarmente a outros salmos. Cf. Sal. 72.18,19; 89.52 e 106.48. No uso litúrgico, tais doxologias continham o *amém e amém,* que era dito responsivamente pela congregação. Ver Sal. 106.48 e cf. Nee. 8.6 e I Crô. 16.36.

Esta doxologia assinala o fim do *primeiro livro* do saltério, que está dividido em cinco livros, em imitação aos cinco livros de Moisés – o Pentateuco. Os cinco livros ou seções dos são: Salmos 1 a 41; 42 a 72; 73 a 89; 90 a 106 e 107 a 150. Cada uma dessas seções termina com uma declaração similar.

A *doxologia* celebra o caráter único de Yahweh, o único, verdadeiro e santo Deus, em contraste com as divindades pagãs e idólatras das nações que cercavam o território de Israel. O verdadeiro Deus é *bendito* para sempre, em contraste com os ídolos, que nada são. Quanto à eternidade envolvida, cf. Efé. 3.21.

"A glória dos salmos é que eles deixaram a humanidade, para o bem e para sempre, face a face com o Altíssimo. Por conseguinte, juntamente com esses músicos de antanho, elevamos nossos olhos para Ele e dizemos: 'Bendito seja o Senhor Deus de Israel, de eternidade a eternidade. Amém e amém'" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Note o leitor o duplo nome divino de *Yahweh-Elohim*, o Eterno e o Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Salmo Quarenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a classificações dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que age como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de lamentação, uma oração pedindo cura, em preparação para uma peregrinação. Os Salmos 42 e 43 formam uma única composição lírica, constituída por três estrofes, com um refrão (42.5,11 e 43.5). "O autor sagrado, que vivia no extremo norte da Palestina, próximo ao monte Hermom e às cabeceiras do rio Jordão (42.6,7), tinha sido impedido, por uma enfermidade (42.10) de fazer sua costumeira peregrinação a Jerusalém (42.4; 43.3,4). Seu amor ao templo e à presença de Deus que ali se fazia sentir, inspiravam-no a tais peregrinações (42.1-4)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao Salmo 42).

Em muitos manuscritos hebraicos, os Salmos 42 e 43 são um único salmo, e deveriam ser tratados como uma unidade. Certas repetições assinalam a união íntima que havia entre eles. Cf. Salmo 42.9 a 43.2 e Sal. 42.5 a 43.5. A separação da composição em duas partes ocorreu por razões litúrgicas.

Um salmo de lamentação começa tipicamente com um grito angustiado pedindo ajuda para livramento de inimigos, quer inimigos estrangeiros que atacavam Israel, quer inimigos dentro do acampamento de Israel, ou até mesmo alguma enfermidade física. Os salmos desse tipo algumas vezes identificam claramente o tipo de inimigo envolvido, mas, de outras, isso não acontece. A maioria dos salmos de lamentação termina em uma nota de triunfo, porque a oração foi respondida e o livramento foi concedido. Alguns poucos desses salmos terminam em um tom de desespero. É que as orações feitas não foram respondidas, o que, ocasionalmente, *corresponde à experiência humana, e para isso não há respostas fáceis.*

Um *tema especial* desses salmos é o ensino concernente à presença de Deus. "Do começo ao fim, a impressão sobre o imediato da comunhão do salmista com Deus só é comparável às orações que se vêem em Jer. 14.19-22; 15.15-18; 20.7-18 e Êxo. 33.3-16. O salmista era um homem que não se satisfazia em "ler a Bíblia e orar". Ele queria experimentar a presença de Deus sob a forma de alguma contemplação mística. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Misticismo.*

"O Salmo 42 é a expressão da sede do salmista por Deus. O Salmo 43 é o seu louvor, diante da possibilidade de ampla comunhão com Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. No Salmo 42 encontramos o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Salmo didático dos filhos de Coré". Note-se que esse subtítulo serve à unidade dos Salmos 42 e 43, visto que não há comentário introdutório separado para o Salmo 43. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, pelo que temos aqui uma variação. Seja como for, as notas introdutórias não faziam parte dos salmos originais, pelo que também não se revestem de autoridade canônica. Ocasionalmente, pode ser dada alguma genuína informação histórica nos subtítulos, mas, em sua maioria, os autores de tais notas estavam apenas conjecturando.

Salmo Didático. No original hebraico lemos "Masquil". Alguns estudiosos interpretam isso como um nome próprio, como se ele fosse um levita músico principal (ver I Crô. 25), ou talvez algum instrumento musical estivesse em pauta. Mas a palavra significa "instrução", pelo que alguns compreendem que os salmos assim encabeçados devem ser chamados "didáticos". Seja como for, temos essencialmente o mesmo subtítulo no caso dos Salmos 42, 44 a 49, 84; 87 e 89. No Livro II dos Salmos, além dos salmos atribuídos aos filhos de Coré (ou a um homem chamado Masquil), um deles é atribuído a Asafe (Salmo 50); os Salmos 51 a 70 são atribuídos a Davi; e há três salmos anônimos (43, 67 e 71). Ademais, há um salmo atribuído a Salomão (72).

Livro II. Começamos agora a segunda seção (ou segundo livro) do saltério. Existem cinco dessas seções ou livros, em imitação aos cinco livros de Moisés, o Pentateuco. São elas: I (1 a 41); II (42 a 72); III (73 a 89); IV (90 a 106) e V (107 a 150).

42.1

O *maior tema isolado* dos Salmos 42 e 43 (originalmente uma única unidade) é o ardente desejo do salmista em experimentar a presença de Deus, e assim ter uma comunhão completa, que fomente a sua espiritualidade. Um homem aparentemente solitário buscava comunhão com o Ser divino. Ele não se contentava em aprender, ler, instruir-se e orar. Ele jamais diria que "a leitura da Bíblia e a oração" são suficientes para o homem espiritual. Também precisamos do toque místico, do contato e da comunhão com Deus. É isso que significa o termo *Misticismo* (ver esse vocábulo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* A meditação é uma das mais úteis disciplinas da religião pessoal e, excetuando a ênfase recebida na Igreja Ortodoxa Oriental, esse tema essencialmente perdeu-se na igreja moderna. Mas na prática da meditação encontramos uma maneira de buscar a presença de Deus. Nossas igrejas são por demais barulhentas e atarefadas para saberem muito sobre o que o salmista estava dizendo. Nossas igrejas também se tornaram profanas demais para cuidarem do que o salmista estava falando. Além disso, dogmas ridículos se têm apegado à idéia da abordagem mística da fé, que é apenas *uma* das abordagens, e não a única abordagem legítima. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Como suspira a corça pelas correntes das águas. A figura nos apresenta um animal selvagem correndo para salvar a própria vida, tentando evitar os caçadores e seus cães, e que, em sua sede extrema, encontra alguma água muito necessária para beber. Buscamos a Deus como esse animalzinho busca sua água necessária? O poeta foi capaz de dizer que a *sua alma* buscava a Deus com esse afã, ou seja, com todo o seu ser. Ele não categorizou a si mesmo em secular e divino. O divino era tudo para ele.

Quando a corça (cervo) fica exausta e dolorida de tanto correr, seu último refúgio é uma poça de água. Esse animal descerá a colina e nadará no meio da água. Poderá mergulhar na água para evitar o olhar brutal dos caçadores e dos cães de caça. E sorverá do precioso líquido. Sua vida é assim restaurada. Buscamos a Deus dessa maneira?

Ó Deus. Isto é, *Elohim*, o *Todo-poderoso.* O segundo livro do saltério (Salmos 42 a 72) usa esse nome divino por quatro vezes, com mais freqüência do que *Yahweh*, usado, no restante do saltério (excetuando o caso dos Salmos 73 a 83) com vinte vezes mais freqüência. Nenhuma razão lógica foi atribuída a esse fenômeno. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

42.2

A minha alma tem sede de Deus. Este versículo expande o anelo expresso no vs. 1. A alma do homem tinha sede do *Deus vivo*, em contraste com os ídolos mortos. *Ele queria a real experiência da presença de Deus, e não o mero aprendizado sobre Deus em livros sagrados ou não.* Naturalmente, os livros são bons; o estudo é bem-vindo; a oração é boa; as boas obras são necessárias; a santificação é indispensável. Tudo isso contribui para a espiritualidade do indivíduo. Mas todos precisamos igualmente do *toque místico*, da presença de Deus, do brilho do Ser divino, da luz divina. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Iluminação.*

Sede de Deus. A maior parte dos homens deixa-se governar por seus apetites, e a *sede* é um sinal de que precisamos de água. Um homem pode viver bastante tempo sem alimentos, mas sem água ele logo morre. A água é vital para a vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água*, quanto a seus significados metafóricos. O homem do texto queria ver o *rosto de Deus.* Ele anelava pela *visão beatífica* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), *agora mesmo*, e não no fim de sua vida ou em algum ponto da existência além-túmulo. Ele queria a proximidade com Deus imediatamente. Era um estudioso da lei, um estudioso da Bíblia. Freqüentara escolas. Se havia alguma formação acadêmica a conquistar, ele as tinha conquistado. Mas alguma coisa lhe faltava. O Deus da teologia continuava *distante*, e ele se sentia tremendamente infeliz diante desse fato. Afinal de contas, Deus é a Fonte originária de toda a vida, sobretudo espiritual. Por quanto tempo um homem pode continuar-se declarando espiritual, quando não experimenta a Fonte da espiritualidade? Cf. Sal. 66.9 e 84.2. Ver também Sal. 11.7; 17.15 e Isa. 6.5.

Não devemos reduzir a presença de Deus, neste ponto, à adoração no templo de Jerusalém, onde a presença de Deus *presumivelmente* se encontrava. O poeta queria experiências pessoais e vitais, não como as havia encontrado no templo, que freqüentara em muitas oportunidades. Cultos e "ismos" multiplicam-se porque os homens não encontram Deus nas igrejas. Além disso, as igrejas com grande freqüência ocultam a Deus, em lugar de revelá-Lo, mediante dogmas tenazes aos quais a pessoa é forçada a subscrever, por sua música infernal, e por outros fatores. Muitas coisas nas igrejas são *sucedâneos* da presença de Deus. As pessoas acostumam-se com as imitações, mas o poeta que compôs os Salmos 42 e 43 anelava pela *essência* da espiritualidade. Ademais, ele tinha uma fé *teísta.* Ele não acreditava, juntamente com os deístas, que o Criador tinha abandonado a Sua criação. Ele pensara ser possível encontrar Deus entre os homens, talvez até em seu próprio coração. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

42.3

As minhas lágrimas têm sido o meu alimento. Os *céticos* tinham estado a zombar daquele que queria ser um místico autêntico. Para eles, a busca diligente

pela iluminação parecia ridícula. e eles não hesitavam em informá-lo sobre o ceticismo deles. Isso servia somente para agravar a ansiedade do poeta. Sua busca era tão diligente que lágrimas se tornaram o seu alimento, uma expressão que é peculiar para nós, mas que, provavelmente, era comum para os hebreus. Cf. Sal. 80.5. Ele não quis dizer que lágrimas caíam sobre o seu alimento enquanto ele comia, conforme supõem alguns! Nem devemos reduzir este versículo ao sentido de que o homem anelava por voltar ao templo, a fim de adorar, mas era impedido dessa participação devido a alguma enfermidade. O homem estava atrás de uma manifestação poderosa da presença de Deus, e não, meramente, sentindo saudades de um lugar de adoração, onde, supostamente, a presença divina ocasionalmente se manifestava. Parecia antes que o Deus daquele homem estava se ocultando, como sucede às vãs divindades imaginárias que fazem viagens ou vão dormir, deixando seus adoradores abandonados. Quanto às amargas zombarias sobre o *Deus ausente,* cf. Sal. 79.10; 115.2 e Joel 2.17.

Os motejadores de nosso homem não podiam ouvir a música das esferas, pelo que supunham que tal tipo de música não existisse:

> *Esse homem não tem música em si mesmo,*
> *Nem se emociona diante dos acordes de sons maviosos.*
> *Ele só serve para traições, estratagemas e estrago.*
>
> (Shakespeare)

42.4

Lembro-me destas cousas. O homem que buscava a Deus com tanta diligência era um freqüentador do templo. Ele participava ardentemente dos cultos. Seus companheiros eram pessoas de mente idêntica. Ali, música de louvor e triunfo acompanhava os sacrifícios e oferendas. Ali o homem fazia seus votos e promessas. Ele era um homem que punha em prática a sua religião, e não era apenas um religioso teórico. Sempre participava dos cortejos quando o povo saía em massa do templo, em ocasiões especiais. Ele tinha sempre o coração pleno de ações de graças e observava todas as festividades religiosas. Ver no *Dicionário* os verbetes *Sacrifícios e Ofertas* e *Festas (Festividades) Judaicas.* Essa abundante participação em tudo quanto fazia parte da adoração dos hebreus conservava a mente de nosso homem em harmonia com o Ser divino; mas isso ainda não bastava. Ele não nos estava dizendo que *essas coisas* equivaliam a experimentar a presença de Deus. É provável que o homem fosse um levita ou um sacerdote em serviço, pelo que a sua vida era o seu culto. Mas isso não significa que ele estivesse satisfeito com o espetáculo externo da fé religiosa. Contudo, deitado em sua cama, refletindo sobre todas essas coisas excelentes, ele encontrava nova esperança em sua inquirição (vs. 5). Ver Salmos 120 a 134, quanto aos salmos de romagens, ou seja, salmos de peregrinação.

Alguns estudiosos vêem neste versículo um indício de que o salmo foi composto durante o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*), e as saudades do homem pelo templo e seu culto eram tão *agudas* porque o lugar não mais existia! Nesse caso, eram os babilônios pagãos que escarneciam do salmista.

> *Escarnecei, escarnecei, Voltaire, Rousseau,*
> *Escarnecei, escarnecei. 'Tudo isso é vão';*
> *Lançais a areia contra o vento,*
> *E o vento projeta-a de volta novamente.*
>
> (William Blake)

42.5

Por que estás abatida, ó minha alma? A *memória* de toda aquela passada participação no culto infundia nova esperança no salmista. Em breve ele se levantaria do leito de enfermidade e passaria novamente a circular entre o povo. Ou talvez ele tivesse recebido discernimento profético quanto ao fato de que o templo seria reconstruído pelo remanescente que retornasse do cativeiro babilônico. Ele tinha por costume fazer peregrinações ao templo. Mas agora, doente como estava, estava impedido de fazê-las. Então imaginava que, se pudesse voltar a circular em público, sua busca mística poderia ser fomentada e ele poderia lograr sucesso. Nesse caso, ele se soergueria acima dos sacrifícios e das oferendas, e ultrapassaria as atividades de entoar cânticos e de marchar em cortejos.

Essas coisas eram boas em si mesmas, mas tinha de existir algo mais para que houvesse uma busca séria. Por isso o homem continuava encorajando a si mesmo. O rei e o aldeão algumas vezes falavam consigo mesmos, e somente os pedantes insistem que o "eu" não pode dirigir a palavra ao "eu". Falar conosco mesmos ajuda a guiar os nossos pensamentos. Isso não é sinal de que uma pessoa está enlouquecendo. O salmista falava consigo mesmo e exortava a sua alma a encontrar repouso e esperança na certeza de Deus. Ele ainda contava com outro recurso familiar do qual podia depender — a memória. Sentia-se solitário em seu leito de enfermidade, mas *lembrava-se* do seu passado. Ele estava agora distante do culto do templo, conforme aprendemos no vs. 6, mas tinha esperança de que Deus não estava distante dele.

> ... para buscarem a Deus se, porventura, tateando o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós.
>
> (Atos 17.27)

42.6

Nas terras do Jordão e nos montes do Hermom. O autor sagrado revela a sua área geográfica, o lugar de onde ele viajava em suas peregrinações a Jerusalém, para as festas anuais. Ele tinha nascido na região montanhosa de Dã, aparentemente a alguns quilômetros ao norte do mar da Galiléia. Ele anelava por não estar no *monte Mizar* (um pico existente na cadeia do monte Hermom), mas no monte de Sião. Cf. Sal. 43.3.

Os judeus do sexo masculino deveriam fazer peregrinações anuais às três festividades: a *Páscoa* (que incluía os pães asmos); o *Pentecoste;* e os *tabernáculos,* sobre os quais ofereço notas expositivas separadas no *Dicionário.* E, como um grupo (juntamente com muitos outros), no artigo intitulado *Festas (Festividades) Judaicas.* O zelo ardente do poeta pode tê-lo inspirado a outras peregrinações, além das requeridas. Seu espírito estava "abatido" porque ele fora incapacitado de viver em uma busca contínua do culto no templo de Jerusalém; e como ele gostaria de estar gozando plena saúde para que pudesse reiniciar essas atividades. Mas se sua busca espiritual o levava para além dessa participação, nem por isso ele a negligenciava, e, como é óbvio, julgava que isso era parte necessária de sua vida espiritual. Ver os nomes próprios que aparecem neste versículo, no *Dicionário.*

42.7

Um abismo chama outro abismo. A tristeza do salmista foi ilustrada pela metáfora de ondas, de torrentes que se precipitavam e avassalavam a sua alma. A maré tinha vindo sobre ele, e onda após onda deixava a sua vida em petição de miséria. Talvez nosso homem se imaginasse como um pária lançado ao mar, sua vida em estado de penúria e perigo. As ondas são personificadas e chamam umas às outras para se juntarem, agindo em temível uníssono contra o homem descoroçoado. Deus enviara as ondas da aflição, pois, segundo a mentalidade dos hebreus, Ele era a causa única. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias. Alguns pensam que o quadro aqui traçado é o de torrentes de rios e ribeiros que se empolavam, devido às neves que se dissolviam depois do inverno. Cf. Sal. 29.10 e 32.6. A idéia é extraída das regiões montanhosas do Hermom, e não do mar, de conformidade com certos estudiosos.

42.8

Contudo, o Senhor... me concede a sua misericórdia. A despeito das tempestades e ondas, e das provações durante o dia e a noite, *Yahweh* estava presente para regular as coisas, e, em Seu *amor constante,* para certificar-se de que o homem enfermo cumpria seus propósitos espirituais. *Elohim* (o Poder) era o Deus de sua vida, pelo que seu curso, bem como seu ponto final, estavam espiritualmente garantidos. Ali haveria benignidade para fazer reverter as tristezas e para trazer o triunfo em algum ponto ao longo da estrada. "De dia e de noite, Deus me concede a Sua graça consoladora para contrabalançar minhas lágrimas, pelo que sou *capacitado* por Ele a trocar minhas lágrimas por cânticos de louvor, tanto de dia quanto de noite" (Fausset, *in loc.*). Assim como Deus era a única causa na questão dos testes, também era a única causa de triunfo espiritual, com sua alegria acompanhante.

O Deus da minha vida. Deus é "o Autor, Doador e Preservador da vida... Oração e louvores andam de mãos dadas e o objeto deles não são os ídolos mortos que não podem salvar. O objeto é o Deus Vivo" (John Gill, *in loc.*).

Deus, a Rocha da Vida (42.9-11)

42.9

Deus é a rocha sobre a qual a vida está edificada, conforme anoto longamente em Sal. 18.2.31,46; 28.1; 31.2,3; 40.2. Ver também Sal. 6.12: "a rocha que é alta demais para mim". Mas há outros trechos nos salmos, igualmente usados (ver Sal. 62.6,7; 71.3; 78.35; 89.26; 92.15; 94.22; 95.1). A rocha é o *alicerce,* aquilo que dá apoio à vida inteira, tal como um edifício de qualquer espécie não pode perdurar por muito tempo sem alicerces adequados. O tema é ampliado, em Sal. 40.2.

A rocha é, igualmente, uma *fortaleza,* um termo militar, um local de refúgio e segurança, e um lugar do qual se poderia lançar ataque contra o mal.

O salmista, após seus momentos de memória esperançosa, cai de volta em desespero doentio. Tanto ele estava doente quanto estava sendo oprimido por inimigos, o que constitui um novo tema, introduzido neste ponto do salmo. Comparar Sal. 41.8 e ss. Ver também Sal. 43.2. Não nos são fornecidos detalhes a esse respeito, mas além de estar enfermo, o poeta sagrado também tinha de lutar contra a importunação de homens ímpios e desarrazoados. No vs. 3, vimos a zombaria dos céticos; e talvez eles também estejam em foco aqui, mas não com exclusividade.

42.10

Esmigalham-se-me os ossos. Os *opositores* do salmista atravessavam-no com espadas metafóricas, que podem significar palavras cortantes ou atos de violência. Sua própria vida foi atingida, e as espadas feriram seus *ossos*, a estrutura básica do corpo, da qual tudo dependia. Seus inimigos não descansavam, mas andavam caçando-o para feri-lo todos os dias. Eles desprezavam sua busca ardente por Deus como algo ridículo e inútil, e troçavam dele com as palavras "Onde está o teu Deus?". Isso repete a mensagem do vs. 3, onde apresento notas expositivas a respeito.

42.11

Por que estás abatida, ó minha alma? O poeta sagrado volta a encorajar a si mesmo, falando com a própria alma, conforme fez no vs. 5, que é virtualmente idêntico ao que se lê aqui e onde estão contidas as notas expositivas. Yahweh era a esperança, a saúde e o seu Deus. Quanto à palavra "saúde" (King James Version), a Revised Standard Version diz "auxílio", que também é o texto de nossa versão portuguesa. O homem era absolutamente teocêntrico, e não egocêntrico, e esperava que haveria, novamente, bons tempos. Em contraste com isso, há a esperança vazia deste mundo.

> *A esperança mundana sobre a qual os homens*
> *Descansam seu coração,*
> *Transforma-se em cinzas.*
>
> (O Rubaiyat)

Neste versículo, o poeta moveu-se do patético para o louvor. Este salmo de lamentação, como ocorre à maioria deles, levantou uma esperança de que as orações seriam respondidas. O homem recuperaria a saúde e, juntamente com isso, a participação no culto do templo. Então prosseguiria com diligência a buscar a comunhão mística com Deus, tema principal dos Salmos 42 e 43, os quais, originalmente, formavam uma única composição. "Foi assim que ele encerrou com uma nota de triunfo sobre os sentimentos de desânimo em que sua enfermidade e seus inimigos o tinham lançado" (Fausset, *in loc.*). Ele aguardava ainda maior triunfo e alegria em sua experiência mística, que tem como uma de suas categorias é a *alegria*. Outra categoria é o *otimismo*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Misticismo*, quanto a descrições completas. A declaração deste versículo é novamente repetida em Sal. 43.5, pelo que aparece por três vezes: Sal. 42.5,11 e 43.5.

Salmo Quarenta e Três

Originalmente, os Salmos 42 e 43 formavam uma única unidade, a qual pode ter sido dividida com fins litúrgicos. Forneço uma introdução à unidade no início dos comentários sobre o Salmo 42. O Salmo 43 não tem subtítulo, pelo que figura entre os salmos "órfãos", ou seja, sem comentários de introdução. Estritamente falando, contudo, não podemos classificá-lo assim, porquanto o subtítulo que encabeça o Salmo 42 também pertence ao Salmo 43. Os chamados salmos "órfãos" são trinta e quatro: 1, 2, 10, 33, 43, 71, 91, 93 a 97, 104 a 107, 111 a 119, 135 a 137 e 146 a 150. Originalmente, todas as composições do saltério eram "órfãs", uma vez que não continham comentários introdutórios (subtítulos), os quais foram produtos de uma era posterior e não se revestem de nenhuma autoridade canônica. Alguma informação histórica pode ter sido incluída nesses comentários, mas, em sua maioria, são apenas conjecturas.

Um Apelo Pedindo Justiça e Vindicação (43.1-5)

43.1

Faze-me justiça, ó Deus. Os vss. 1-5 formam uma nova estrofe dentro da unidade dos Salmos 42 e 43, e não é o começo de uma composição separada. Quanto a uma conjuntura geral da unidade dos Salmos 42 a 43, ver a introdução ao Salmo 42. Os inimigos referidos no Salmo 42, aqueles que ridicularizaram a busca espiritual do salmista e seu desejo de ter uma comunhão mais íntima com Deus (ver 42.3), chegaram a atravessar os ossos do homem com suas espadas metafóricas. O resultado foi que, entre a enfermidade física, que passava sobre ele como ondas do mar (42.7), e seus inimigos humanos, o salmista ficou em um estado de extrema miséria. Os israelitas pensavam que toda enfermidade física decorria do julgamento de Deus contra o pecado, pelo que o homem não tentou vindicar-se (à semelhança do que Jó tinha feito), no tocante à questão. Mas ele não cria merecer o maltrato de inimigos humanos, que eram homens ímpios e sem razão, e também profanos e brutais. Portanto, nesta estrofe (vss. 1-5, que constituem a parte inicial do Salmo 43), o poeta clama por vindicação.

Um povo ímpio tinha ofendido o salmista. Eles tinham uma *causa* maligna, que envolvia a miséria, mas, reciprocamente, o poeta sacro tinha uma causa contra eles. Alguns estudiosos vêem aqui os babilônios pagãos que tinham destruído o templo. Nesse caso, o poeta esperava que houvesse um retorno dos israelitas à Terra Prometida, e a reconstrução do templo justificaria a existência de Israel e devolveria os babilônios a seu devido lugar. Somente Deus pode vindicar os justos, seja a questão de natureza privada, seja de natureza nacional.

Contra a nação contenciosa. Diz o original hebraico, literalmente, uma "nação sem pacto". Eles não participavam do pacto abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18). Mas esse vocábulo, "contencioso", pode aplicar-se a qualquer pessoa iníqua que, por sua perversidade, anula o pacto. Assim sendo, as pessoas envolvidas neste versículo poderiam ser israelitas. O poeta não era um advogado, pelo que invocou a *Elohim* (o Poder) para defender a sua causa.

43.2

Pois tu és o Deus da minha fortaleza. *Elohim* (cujo nome significa Poder) era a força do salmista. Mas, apesar disso, ele estava sendo avassalado pelos seus adversários. Por conseguinte, o poeta invocou a Deus para que a questão fosse endireitada. A enfermidade e a opressão dos inimigos tinham deixado o homem em uma situação calamitosa, porque cada dia se renovavam as suas tribulações e não lhe era concedido alívio. A questão tinha fugido do "controle" do salmista, e somente o Poder (El) era forte o bastante para reverter a miserável síndrome na qual ele estava envolvido. Cf. a declaração de que Deus é a nossa *Rocha*, o que pode ter vários significados. Já anotei isso em Sal. 42.9, onde há uma lista de versículos dos salmos que contêm essa metáfora.

Minha fortaleza. No hebraico encontramos aqui a palavra *maoz*, um lugar fortificado, uma fortaleza. Cf. Sal. 27.1; 37.39; 52.7. Era ali que o nosso homem encontrava refúgio para descansar e sentir-se protegido. Mas, ali oculto, ele podia atacar os inimigos. Conforme dizemos em uma expressão idiomática popular, "Deus estava ao seu lado".

Por que me rejeitas? Quando as nossas orações não obtêm resposta; quando nos falta orientação; quando sofremos o que nos parecem tribulações e reversões insensatas, somos tentados a pensar que Deus nos abandonou. Encontramos aqui o grito de desespero do poeta, semelhante ao que vemos em Sal. 22.1.

A falta de luz pode, na realidade, ser uma luz secreta, porquanto estamos sendo salvos de caminhar pela vereda errada. Uma reversão pode, na realidade, ser um passo na direção certa, porquanto estamos sendo salvos de avançar por uma vereda falsa. Não receber resposta a uma oração pode ser, na realidade, uma resposta, porquanto somos forçados a enveredar em outra direção. Usualmente, nessas condições (ficamos ali sentados, no escuro), estarão sendo formadas *circunstâncias* que contribuirão para o nosso bem. Mas, em meio à noite, *algumas vezes nos queixamos amargamente, e é isso que vemos o poeta fazer* aqui. Meus amigos, todos os homens espirituais têm experimentado a condição sobre a qual lemos neste versículo e, usualmente, por muitas vezes. "Mas Deus não repele nem rejeita nenhum indivíduo que pertença a Seu povo. Eles sempre continuam em Seu amor, e em Seu pacto, e nas mãos de Seu Filho" (John Gill, *in loc.*).

43.3

Envia a tua luz e a tua verdade. Os grandes líderes, a *luz* e a *verdade*, são agentes de Deus. Por isso mesmo o poeta clamou para que aqueles instrumentos fizessem uma súbita aparição e o guiassem avante. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Luz* e *Verdade*, para averiguar a variedade de idéias vinculadas a essas palavras. O *alvo* buscado pelo homem piedoso era a *colina santa*, onde estava o tabernáculo ou o templo e onde ele poderia participar eficazmente no culto a Yahweh. Quanto ao "santo monte", cf. Sal. 48.1; 87.1 e 99.9. A lei contém esses elementos de verdade e luz, pois ela era o guia do homem bom entre os israelitas (ver a nota de sumário sobre Sal. 1.2). Esse era o poder que tornava Israel distinto entre as nações (ver Deu. 4.4-8) e lhe transmitia vida (ver Deu. 4.1 e Eze. 20.1). Ver a lei como guia da vida, em Deu. 6.4 ss. Era impossível para um hebreu falar sobre a luz e a verdade sem ter a lei em mente. Por outra parte, o autor dos Salmos 42 e 43 desejava mais do que a mera letra. Ele estava procurando um contato direto com a presença de Deus (42.1,2). Essa é uma forma de experiência mística. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo*. A letra é boa, mas o Espírito é melhor. O poeta queria desfrutar imediatamente da *proximi-*

dade de Deus. A verdadeira rota espiritual não se verifica apenas através de livros sagrados. Precisamos de contato com a Fonte originária desses livros.

43.4

Então irei ao altar de Deus. *O salmista, tendo recebido o que tanto desejara,* ou seja, a volta a Jerusalém, através de sua saúde restaurada e do recuo de forças impedidoras (entre elas, os seus inimigos pessoais), renovaria então a sua participação no culto. Ele iria em triunfo até o altar de Deus, onde ofereceria sacrifícios; entoaria os hinos apropriados durante as cerimônias; e faria seus votos e promessas. O salmista também sabia tocar muito bem a harpa, e assim participaria do ministério da música. Esses detalhes revelam que o poeta era ou um levita ou um sacerdote. Ele sentia muita falta de exercer sua profissão. Ver I Crô. 25, quanto à importância do ministério da música no antigo culto dos hebreus. Havia guildas de músicos profissionais, formadas exclusivamente por levitas. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Música (Instrumentos Musicais).*

Se o poeta sacro se deleitava com tais práticas, na qualidade de homem sábio ele nunca permitiria que elas substituíssem a busca superior pelo Deus que vive nos céus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alegria.*

Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.

(Salmo 30.5)

Hora jubilosa, nós te saudamos!

(Sir William Gilbert)

43.5

Por que estás abatida, ó minha alma? Esta pergunta já tinha sido feita em Sal. 42.5 e 11, onde a comento exaustivamente. Este salmo de lamentação (a unidade formada pelos Salmos 42 e 43) termina assim em uma nota triunfal, porquanto, mediante a fé, o poeta antecipou que sua provação terminaria, sua saúde lhe seria restaurada, e seus inimigos seriam derrotados. Ele teria oportunidade de retornar a Jerusalém, e sua inquirição espiritual produziria fruto significante. "O salmista encontrou encorajamento para sua alma abatida e perturbada, na *esperança* de que, novamente, louvaria o Senhor" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Salmo Quarenta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto à *classificação dos salmos*, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma oração pedindo o livramento de inimigos nacionais, uma *espécie de lamentação grupal.* Israel havia sofrido humilhante derrota às mãos de alguma nação estrangeira não designada, e todo o povo israelita gemeu junto, sob a carga da desgraça e da perda. Vários incidentes históricos têm sido vinculados a este salmo, como o retorno do cativeiro babilônico, ou tempos de derrota em que Antíoco Epifânio estava no poder. "Há um acordo geral de que o salmo não é pré-exílico. Não sabemos de nenhuma época, antes do exílio, na qual o povo judeu se queixaria de estar disperso entre as nações, a despeito da lealdade *inarredável de seu Deus* (ver os vss. 11, 17 e 22)... Uma data pós-exílica, pois, deve ser assumida, e a escolha parece ficar entre os períodos persa e macabeu. A partir do século V D. C., este salmo, juntamente com outros, como os Salmos 74; 79 e 83, refletiria as lutas dos tempos do macabeus" (William R. Taylor, *in loc.*). Isso daria ao salmo uma data entre 175 e 150 A. C. Alguns eruditos, entretanto, argumentam contra esse raciocínio. 1. Eles perguntam como um salmo tão tardio entrou no livro II do saltério. 2. Eles pensam que o salmo se coaduna *melhor com o governante persa,* Artaxerxes III (351-349 A. C.). Não obstante, I Macabeus narra diversos incidentes que poderiam ter inspirado um salmo como este. Ver I Macabeus 1.44-53; 2.29-38; 5.55-62.

Essência. "A oração deles foi impulsionada pelo fato de que eles estavam experimentando derrotas que não compreendiam. Este salmo é ímpar como uma assertiva de fidelidade nacional. Contrastá-lo com o terceiro capítulo do livro de Lamentações" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Este salmo tem o mesmo subtítulo que o vinculado ao Salmo 42. Ver as notas expositivas ali. *Dez* salmos têm a mesma nota de introdução, os quais identifiquei na introdução ao Salmo 42.

Explorações Divinas no Passado Histórico (44.1-3)

O autor sagrado introduz seu lamento diante do desastre nacional (no qual Deus parece ter abandonado a Israel), ao narrar como aconteceu "no passado", quando Israel logrou uma série de vitórias notáveis, através do poder de *Elohim.* Ele então demonstrou como Israel era fiel a Deus e distinguia-se entre as nações (vss. 4-8). Contudo, a despeito dessas coisas, Israel, no presente, estava perante os seus inimigos, amargando a poeira de uma derrota completa. Portanto, onde estava o antigo Deus de Israel?

"Depois de haver declarado que Israel conhecia as maravilhosas obras de Deus no passado (vs. 1), o autor sacro relembra especificamente que Yahweh lhes havia dado seu território sob Josué (vs. 2). Isso foi reconhecido como obra miraculosa de Deus, feita por *Sua mão* e por *seu braço,* em harmonia com Seu favor (rosto brilhante), e não de acordo com as próprias forças deles" (Allen P. Ross, *in loc.*). Por conseguinte, onde estava o poder para a crise presente?

44.1

Ouvimos, ó Deus, com os nossos próprios ouvidos. Embora não fossem testemunhas oculares, seus livros e tradições tinham contado claramente a história. Em muitas ocasiões, Israel havia sido ajudada pela intervenção e pela graça divina. O Poder estava sempre presente, sempre que se fazia necessário. Assim sendo, onde estava agora o poder? Encontramos aqui uma filosofia da história. A *história é linear,* ou seja, passa de um evento para outro, e não sob a forma de ciclos. A história tem um *alvo* na direção da qual se move. É *guiada* teisticamente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Filosofia da História.* Sendo teisticamente guiada, a história tem progressão e propósito. Portanto, o que aconteceu quando Israel foi reduzida a nada?

Não resta na terra
Qualquer um que ainda viva e tenha sabido (considera isto!)
Ninguém resta que viu com seus olhos
e manuseou com suas mãos,
Aquilo que veio desde o princípio —
A Palavra da Vida.
Como será quando ninguém puder dizer:
"Eu vi"?

Não obstante, *nós* sabemos por que *eles viram.*

Destas coisas eu me lembro,
Enquanto derramo a minha alma.

Cf. Êxo. 10.2; 12.26 ss. e Deu. 6.20, quanto a relembrar e chamar à memória, por razões didáticas.

Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras.

(Apocalipse 2.5)

44.2,3

Como por tuas próprias mãos desapossaste as nações. O autor sacro não forneceu um longo sumário de eventos históricos que provavam como Deus exibiu o Seu poder em Israel. Antes, escolheu um único exemplo: como a Terra Prometida foi possuída nos tempos de Josué. Essa era uma tarefa tão gigantesca que não poderia ter sido realizada sem a ajuda direta de *Elohim.* Por conseguinte, o que saíra errado? O poeta sagrado anelava saber o *porquê.* O que poderia explicar aquele retrocesso, e por que Israel estava ali, amargando a derrota, ao passo que seus ímpios inimigos comemoravam ferozmente a derrota dos filhos de Israel porque Deus não os tinha ajudado?

Tem pena de nossa ansiedade por saber
De onde viemos e para onde estamos indo.
Como chegamos ao mundo, e por quê?
Por que existe o pecado, bem como sua filha,
a miséria?

(Schiller)

Os anciãos da nação contavam a história, obedecendo à injunção de Deu. 8.2-18. Cf. Sal. 48.8; 78.3; II Crô. 20.7. Em seguida, essas histórias passaram à forma oral e, depois, algumas delas foram preservadas sob a forma escrita. Dessa maneira, tornou-se claro o que tinha acontecido. A conquista da Terra Prometida havia sido um sucesso, enquanto restassem muitas áreas que ficaram por conquistar. O povo que antes perambulava tornou-se uma nação na Terra Prometida, exatamente conforme

requerido pelo *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18, quanto às suas provisões). Em seguida, foi instituído o *pacto palestino* (ver na introdução a Deu. 29). A Terra Prometida foi dividida entre as tribos e então subdividida entre as famílias, todas as quais se tornaram proprietárias de terras. Para que tudo isso se tornasse realidade, *sete nações* tiveram de ser expelidas, o que comento em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1.

É claro que Israel, cujo exército era uma infantaria, não poderia ter conseguido tais vitórias sem a ajuda divina. Os filhos de Israel tinham espadas, mas era a Espada do Senhor que lhes conferia vitória. Eles tinham a mão direita, mas era a Mão Direita de Deus que agia em favor deles. Eles tinham braços, mas era o Braço Divino que feria e abatia os pagãos, levantando os filhos de Israel como uma nova nação. Eles tinham alegrias naturais, mas era o Rosto do Senhor, que brilhava sobre eles, que lhes emprestava coragem e alegria para o que estavam fazendo. Reunindo todos esses fatores, obtemos um quadro sobre o *favor divino*. E esse favor mostrou-se eficaz para cada ideal e para cada tarefa. Cf. Deu. 8.17 e Jos. 24.16-18. "A história de Israel é a história da graça divina. Pode essa graça ter terminado?" (William R. Taylor, *in loc.*).

> Tu, com a Tua mão,
> *Desapossaste os pagãos de todos os lugares,*
> *E implantaste Israel na Terra.*
> *Afligiste os povos,*
> *Mas fizeste Israel espalhar-se.*

E o fulgor do teu rosto. Contrastar com o vs. 24. No passado, a luz do rosto do Senhor brilhou em Israel, conferindo-lhes luz orientadora e conforto. Então, por razões desconhecidas, o povo fiel deixou de receber a luz divina. Israel foi abandonada, em vez de ser ajudada. A luz era o *favor* divino, e não meramente a Sua iluminação. Israel se tornara um povo distintivo, uma vez recebida a revelação celestial (Deu. 4.4-8), mas afinal, tudo isso pareceu não ter mais sentido. Cf. esta passagem com Deu. 8.16,17 e 9.3-6.

Israel Confia Exclusivamente em Deus (44.4-8)

Elohim era o Rei. E foi Ele quem *ordenou* vitórias para Jacó. Eis a razão pela qual as coisas sempre funcionaram, mesmo contra a razão. A história de Israel estava plena de surpresas e deleites. Subitamente, porém, tudo isso cessou. Cf. Isa. 43.25. O que Deus tinha feito no passado poderia ser esperado de novo, e, pelo momento, o poeta esqueceu o peso das tribulações presentes, bem como o enfraquecimento da fé que tinha resultado em Israel.

Deus, como *Rei* sobre toda a terra, dispõe das nações conforme quer (ver Atos 17.26). O vocábulo *rei* fala de autoridade e poder. O Rei celeste possui autoridade e poder incomensurável. Portanto, poderia acontecer qualquer coisa, embora, por enquanto, nada sucedesse. O Rei também era um aliado. A fórmula simples expressava tudo: o amor de Deus + o poder de Deus + Deus Todo-soberano + Deus como aliado. Isso havia funcionado no passado, mas na crise atual coisa alguma parecia funcionar.

44.5

Com o teu auxílio vencemos os nossos inimigos. A esperança quanto ao presente é vista agora, mas o poeta acabará por recair no desespero, na dúvida e no pessimismo. *Pela agência de Deus* (e não pelas próprias forças), Israel seria capaz de empurrar seus inimigos para qualquer lugar, anular o seu poder, tomar seus territórios e, finalmente, conquistá-los.

A mudança é interessante e é um lugar-comum, se não mesmo um fato sempre verdadeiro. Uma geração não pode viver para sempre com base nos benefícios herdados dos antepassados. Um povo precisa ser *reinvestido*. A fé de um filho finalmente deve ser a sua própria fé, e não a fé tomada por empréstimo de seus progenitores. O heroísmo do passado dificilmente pode ganhar as vitórias de hoje. E, no entanto, o dia de hoje clama por suas próprias vitórias. Mas, assim como Deus deu poder aos pais, Ele também nos concede poder, visto que muitas tarefas ultrapassam nossas forças.

Vencemos os nossos inimigos. O original hebraico diz aqui, literalmente "nós os projetamos no ar com nosso chifre", a figura de um touro enfurecido que apanha com os chifres seus atacantes e os lança no ar. Talvez esteja aqui em mira o búfalo ou outro animal grande, dotado de chifres. O animal lança o atacante no ar e, fatalmente, mete-lhe o chifre. Ver a mesma figura de linguagem em Deu. 33.17.

Calcamos aos pés os que se levantam contra nós. Se o atacante não for morto a chifradas, o touro ou búfalo terminará com ele, calcando-o sob as patas. Não haverá sobreviventes. Cf. Mal. 4.3 e Rom. 16.20.

44.6

Não confio no meu arco. Como no passado, em que o arco e a espada usados pelos homens eram inúteis para alcançar grandes vitórias, assim também acontece *agora*. O poeta percebeu que o sucesso atual dependia da intervenção divina, tal e qual sucedera no passado. Cf. o vs. 3, que é parcialmente repetido *aqui, mas agora se faz referência ao presente e ao futuro, e não ao passado*. Os estratagemas vencedores devem ser os mesmos, qualquer época em que sejam aplicados. "Não confiarei em nenhuma ajuda da criatura... mas somente na Palavra do Senhor e em Seu nome. Ver Sal. 20.7" (John Gill, *in loc.*).

44.7

Pois tu nos salvaste dos nossos inimigos. A palavra "tu", que aparece neste versículo, é enfática e é a chave da filosofia. Yahweh (o Deus *Eterno*) — *Elohim* (o Poder) era e continua sendo o agente da vitória. Pois assim como, se o Senhor não fizer o trabalho, os construtores edificam inutilmente, da mesma forma, se o Ser divino não estiver com os homens quando estes se dirigem à batalha, eles agirão inutilmente. Ver Sal. 127.1. Homens ímpios e desarrazoados, munidos com armas de guerra, estão em *seu elemento*. Eles são hábeis em matar, e a matança para eles é um esporte. Homens de paz não podem resistir a eles. O poder divino é que os derrubará.

44.8

Em Deus nos temos gloriado continuamente. A *mesma mensagem* é reiterada, com um fraseado diferente. "Em Elohim nos temos gloriado continuamente." Todo o louvor pertence a Ele, pois os homens espirituais sabem que Deus é capaz e está disposto a reverter a maré da iniqüidade e da violência. O Targum diz aqui: "Confiaremos na Palavra do Senhor", que pode ser uma antiga previsão sobre o Logos, a origem de toda a vida humana e de todo o bem-estar. Deus fala, e Sua Palavra é poderosa. Deus encarnou-se, e a Sua vontade é feita.

Selá. Quanto a notas expositivas sobre o significado desta palavra misteriosa, ver Sal. 3.

O Deplorável Estado Presente de Israel (44.9-16)

O poeta sacro agora retorna a uma *amarga realidade*, e não a uma teologia carregada de esperança. Embora, como os antigos, houvesse fé no Poder, e embora os hebreus do presente tivessem a mesma *fidelidade* a Yahweh, eles não compartilhavam das vitórias dos antigos israelitas. Pelo contrário, estavam deitados no pó, aniquilados por forças superiores e incansáveis, e Deus nada fazia para mudar a situação. Eles haviam sido abandonados, e assim temos o grito de *desespero*. Cf. Sal. 22.1. Agora o passado pode ter parecido somente com histórias românticas, porquanto descrições rebrilhantes sobre os antigos dias, que falavam em vitória e glória, pareciam não ter aplicação à situação presente. Os vss. 9-16 nos fornecem um terrível cântico fúnebre. O Israel do presente estava morto. A *providência* divina (ver a respeito no *Dicionário*) tinha providenciado a dor, e não o triunfo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*. Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Há o *mal natural:* incêndios, inundações, enfermidades, tragédias provocadas pelos golpes da natureza que redundam em morte, o mais formidável dos inimigos. Além disso, há os males criados pelo homem, aos quais chamamos de *males morais*. Por que os homens bons estão sujeitos a tais coisas?

"A despeito das vitórias passadas (vss. 3,4,7), a nação de Israel havia sido sujeitada a uma derrota humilhante. Em primeiro lugar, a derrota foi descrita literalmente e atribuída ao fato de que o Senhor não mais continuava a lutar por eles (vss. 9,10). Em seguida, a derrota foi vividamente descrita mediante uma linguagem figurada (vss. 11,12). Eles tinham sido dispersos como ovelhas (vs. 22) e *vendidos* como escravos por importâncias desprezíveis, o que sugere que não valiam grande coisa" (Allen P. Ross, *in loc.*).

44.9

Tu nos lançaste fora. Note o leitor que, do princípio ao fim desta seção do salmo, Yahweh-Elohim é acusado pelo que havia acontecido. Ele era o Poder divino por trás do que os pagãos faziam. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, fazendo de Deus a única causa, e, portanto, a causa tanto do bem quanto do mal. Ver notas expositivas sobre o vs. 12, que expandem essas idéias.

Neste versículo, os filhos de Israel aparecem como lançados fora (por Deus), porquanto tinham sido *envergonhados* pelos seus inimigos. Portanto, mais parecia que Deus estava cooperando com os inimigos na derrota dos filhos de Israel, em contraste com a ajuda passada, *contra* os inimigos de Israel. O exército de Israel tradicionalmente era só uma infantaria, mas mesmo assim obtivera vitórias notáveis. Em tempos posteriores, os israelitas empregavam todos os avanços na arte de guerrear, como cavalos, carros de combate e máquinas de guerra. Mesmo assim eles perderam para forças superiores, que estavam mais bem equipadas e contavam com melhores guerreiros. O elemento divino se fizera ausente, pelo que os israelitas não obtiveram mais vitória alguma.

44.10

Tu nos fazes bater em retirada. *Israel Saía a Batalhar com Esperança.* Yahweh nunca os havia decepcionado. E, no entanto, eram fragorosamente derrotados nas batalhas. Os sobreviventes fugiam para não serem derrotados até o último homem. Homens violentos e iníquos saqueavam o que restava do exército e faziam o mesmo com as cidades. Famílias inteiras eram varridas do mapa, e qualquer coisa de valor era levada pelos saqueadores. Os soldados antigos tinham como parte considerável de seu soldo o *saque*, pelo que os exércitos estrangeiros tinham um bom salário. Portanto, homens violentos se enriqueciam, ao passo que homens tementes a Deus ficavam feridos, envergonhados e empobrecidos. Por quê? Os ímpios faziam o que bem queriam. O dia da batalha era jubiloso para eles, mas era mortalmente triste para os filhos de Israel. "Descobrindo que nossa força se afastara de nós, eles faziam de nós presa fácil, escravizavam-nos e despojavam-nos de nossas propriedades." Nada havia nos arquivos teológicos e filosóficos de Israel que pudesse explicar tanta derrota.

É a mesma coisa pelo mundo inteiro;
os pobres são acusados,
os ricos ficam com os bens.
Não é isso uma vergonha horrenda?

(Anônimo)

44.11

Entregaste-nos como ovelhas para o corte. *As ovelhas tornam-se carne para consumo humano* e, quando isso acontece figuradamente aos homens, sem dúvida temos aí uma desgraça. No entanto, Israel torna-se não melhor do que um rebanho de ovelhas que era sacrificado para benefício e prazer de outros. As poucas ovelhas não sacrificadas eram *dispersas* e ficavam a vaguear pelas colinas, sem pastor.

"... serem mortos e então comidos como as ovelhas são, tornava-os um rebanho para ser dizimado (Zac. 11.4,7)" (John Gill, *in loc.*). Os intérpretes têm tentado encontrar incidentes na história posterior de Israel que expliquem descrições tão derrotistas como esta. Quanto ao que é dito a esse respeito, ver a introdução ao capítulo 11 do livro de Zacarias. Ver Isa. 53.6,7, quanto à imagem de ovelhas destinadas ao matadouro.

44.12

Vendes por um nada o teu povo. Vender como escravos soldados capturados e fazer a mesma coisa com homens, mulheres e crianças das cidades capturadas, tornou-se um esporte antigo. Os mercados de escravos eram supridos por meio dessa fonte. Note o leitor que Yahweh era acusado de comércio escravocrata, porque a teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias (neste caso, homens perversos), porquanto Deus era tido como a causa única, exclusiva. Se o inimigo vendia mulheres e crianças como escravos (juntamente com os soldados sobreviventes), então Yahweh deveria estar por trás de tão sórdido negócio. Naturalmente, essa é uma maneira falsa e voluntarista de pensar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* Essa doutrina ensina que a vontade de Deus é suprema, e a razão nunca deve ser considerada como um fator. A antiga teologia dos hebreus fazia de Deus a Grande Vontade, que se misturava a toda espécie de coisa dúbia e imoral. Com a passagem dos séculos, porém, nossa teologia foi-se expandindo, e causas secundárias vieram a desempenhar um importante papel em nossa maneira de pensar. Ver nos vss. 9 ss. que o *Tu* divino se transforma no sujeito de todas as sentenças lamentáveis sobre a queda de Israel. Todo esse mal era atribuído a Yahweh-Elohim.

Nada lucras. Os filhos de Israel eram contados como nada pelos povos pagãos; e, por essa razão, eram vendidos como escravos por quantias ridículas em dinheiro, comparativamente nada, não trazendo lucro algum (no dizer de nossa versão portuguesa). Isso acrescentava *opróbrio* à situação. Talvez muitos judeus, na verdade, fossem doados aos comerciantes de escravos das caravanas, somente para os doadores se livrarem deles. As mulheres mais bonitas, como é natural, eram postas em haréns pagãos, pelo que valiam alguma coisa aos compradores no mercado de escravos. Cf. Jer. 15.13. Contrastar com Sal. 72.14:

Redime as suas almas da opressão e da violência.
Precioso lhe é o sangue deles.

44.13

Tu nos fazes opróbrio dos nossos vizinhos. As *outras nações,* que viviam em redor de Israel, desprezavam os israelitas. Faz parte da *perversão* do coração humano chutar um homem caído. O homem não é uma criatura muito cheia de misericórdia. De fato, é como um animal *predador,* a menos que o princípio espiritual faça algo por ele. Um leão mata sua presa e depois a come tranqüilamente quase inteira. Então chegam os abutres e comem o que restou. Assim também, uma nação não-identificada demolia Israel, e depois outras nações; mesmo quando não tiravam proveito para saquear Israel, ao menos tinham prazer na triste sorte do povo israelita.

Os vss. 9-16 fornecem amargas queixas e recriminações. Deus (a causa única) é responsabilizado pela miséria, embora instrumentos humanos fossem reconhecidos como cumprindo a vontade da deidade. A vontade divina seria voluntariosa e enigmática, e, no entanto, de alguma maneira estava certa, a despeito de todos os queixumes amargos. Note o leitor o "tu" do princípio ao fim desta passagem: "Tu nos fazes opróbrio...". O poeta sacro dirigia-se a Yahweh nesta queixosa passagem.

Ver a predição de Moisés sobre essa questão, em Deu. 28.37. Ali ele põe a culpa na desobediência dos homens, mas o poeta deste salmo afirma a lealdade de Israel a Deus, pelo que não havia *razão* para a calamidade que tinha chegado.

44.14

Pões-nos por ditado entre as nações. *Elohim* tinha feito Israel ser uma piada entre as nações, um provérbio negativo. Os israelitas tinham-se tornado os perdedores perenes, o alvo dos ataques e sorrisos de diversão. As pessoas sacudiam a cabeça em descrédito (e prazer!) com o que acontecera àquela nação.

Todos os que me vêem zombam de mim, afrouxam os lábios
e meneiam a cabeça...

(Salmo 22.7)

A psicologia tem registrado e descrito corretamente a perversidade humana, que leva os homens a *desfrutar* da calamidade alheia. Sabemos que alguns animais matam por esporte, e que o homem também faz isso. Portanto, ver outras pessoas aflitas pode provocar o tipo de alegria que é obtida ao se participar de alguns esportes.

Um provérbio da Idade Média dizia: "Que te sintas tão miserável quanto os judeus". Acreditava-se que a ira de Deus repousava sobre eles, pelo que se tornaram um exemplo do que *aconteceria* a pessoas más. Os homens fingem regozijar-se com o que é certo, mas usualmente se regozijam com o que é *estranho.*

44.15

A minha ignomínia está sempre diante de mim. A *desgraça* regia os dias e as noites dos derrotados hebreus. A vergonha era o sol e a lua deles. A nação sofrera a vergonha da derrota e todas as suas conseqüências. Eles tinham o *estigma* dos perdedores. A vitória pertence a Deus, mas tudo quanto os judeus tinham obtido era o opróbrio da derrota, embora afirmassem confiar Nele. Cf. Jer. 3.25 e Dan. 4.8. "A tragédia havia alcançado Jacó, embora não através de alguma falta pessoal" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). E era isso que fazia a questão tornar-se tão amarga, pois tal situação não se encaixava na teologia dos hebreus. Até hoje os homens continuam tentando explicar o *Problema do Mal,* as *razões* do sofrimento humano, e isso continua a deixá-los atônitos. Ver sobre esse assunto no *Dicionário,* quanto aos tipos de respostas que geralmente nos são dadas.

44.16

Ante os gritos do que afronta e blasfema. A vergonha era produzida pelas *palavras* proferidas pelos *motejadores* e *insultadores* (Revised Standard Version). Além disso, a *visão* dos inimigos a empertigar-se em orgulho e degradação, saqueando e violando, destruindo e furtando propriedades e enviando pessoas à escravidão, adicionava-se ao ferrão da desgraça e acrescentava combustível às chamas da consternação. O poeta estava, por conseguinte, transbordante de vergonha e ira, e, no entanto, não tinha poder para fazer coisa alguma que revertesse o curso das coisas. O salmista pensava que Yahweh tinha determinado esse lamentável curso, e assim a derrota, em sua teologia, também o deixava consternado.

Vinte séculos de desgraça e sofrimento dos judeus nos sobem à mente:

Pela tortura, prolongada de era para era.
Pela infâmia, que é a herança de Israel.
Pela praga dos guetos...
Pela faixa da vergonha,
Pelas acusações dos criminosos.

(Robert Browning)

A Nação Perseguida Continua Leal a Deus (44.17-22)

44.17

Tudo isso nos sobreveio. *Israel* (na estimativa do poeta sacro) não merecia o que estava recebendo. No passado tinha havido muitas instâncias de sofrimento *merecido,* mas a atual tragédia *não* fora produzida pelo pecado ou pela desobediência. Ao contrário, o salmista afirmava que Israel era inocente de todas as acusações: Israel não havia esquecido Deus, abandonando a Sua lei; nem tinha anulado os pactos por atos de perversidade ou negligência. Os pactos dependiam da obediência à lei. Israel obedecera, mas mesmo assim achava-se em situação terrível. De algum modo, a vontade enigmática de Deus recebeu a acusação de culpa, ou seria aquilo o caos em operação?

> *Vós tendes dito: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos?*
>
> (Malaquias 3.14)

A derrota foi assim declarada desmerecida, e foi grande a perplexidade resultante. Tinha havido lealdade, obediência e estrita observância dos pactos. Portanto, o que teria corrido errado? Não bastava referir-se a pecados secretos e desconhecidos. O livro de Jó examina longamente o *Problema do Mal,* mas mesmo assim não avança muito quanto às soluções. A melhor solução é: "Na presença de Deus tudo será resolvido", mas isso não nos fornece respostas razoáveis. Simplesmente temos de depender da fé. O livro de Jó não apelou para a imortalidade como uma solução, o que é um ponto forte do cristianismo e de outras religiões. O poeta sagrado, neste salmo, também não apelou para "recompensas e bênçãos futuras como um antídoto para a miséria do presente".

44.18

Não tornou atrás o nosso coração. A espiritualidade essencial de Israel tinha sido preservada. Seu coração (homem interior por inteiro) estava reto diante de Deus, e, no entanto, Ele os tinha golpeado sem misericórdia, utilizando alguma nação pagã para feri-los, por razões desconhecidas. Israel *andava retamente* nos *passos* divinamente ordenados, que seguiam os ditames da lei. Apesar disso, os relâmpagos divinos queimaram-nos ao longo do caminho. O guia era a lei (Deu. 4.4-8), mas qual tinha sido o benefício daí advindo? Israel tinha permanecido distinta entre as nações (Deu. 4.4-8), mas que bem isso tinha feito a ela? Os pagãos tinham sido os vitoriosos, e o povo de Deus quase havia sido aniquilado. A apostasia começa no coração das pessoas, mas nem ao menos um começo de apostasia tinha ocorrido, quanto menos algum desenvolvimento, que, segundo se poderia esperar, teria excitado a ira divina.

> *São muitos os meus perseguidores e os meus adversários; não me desvio, porém, dos teus testemunhos.*
>
> (Salmo 119.157)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar,* quanto aos usos metafóricos desse termo, que indica o caráter geral da vida.

> *O Senhor firma os passos do homem bom, e no seu caminho se compraz.*
>
> (Salmo 37.23)

44.19

Para nos esmagares onde vivem os chacais. Israel não havia abandonado o caminho do Senhor, voltando-se para as veredas do paganismo, como seria o caso se eles se tivessem entregado a práticas idólatras, a despeito do tratamento severo que haviam recebido da mão divina. Israel fora *esmagado* pelos golpes divinos. Saqueado, Israel chegara a habitar lugares espantosos e assustadores, como aqueles nos quais vivem os chacais. *Trevas profundas* cobriram a nação. A luz do sol fora tapada. Israel entrou em eclipse permanente. Em vez de contar com cidades agradáveis, Israel foi deixado nos covis dos chacais. Em vez da Luz de Deus, que alegra a alma, prevaleceram as "sombras da morte". Lugares desérticos selvagens transformaram-se nos lares dos sobreviventes aos exércitos inimigos. Os israelitas perambularam por ravinas profundas e espantosas, como se fossem animais ferozes. Os chacais eram os reis daqueles lugares, e esses animais representam os perseguidores que assediavam o povo de Deus, as ovelhas do Senhor (vs. 22). Os sobreviventes, incapazes de fugir, foram obrigados a residir entre um povo pagão, e eram os objetos constantes de violência, violação sexual, assassinato e saque.

Sombras da morte. Ver Sal. 23.4. A referência pode ser ao submundo, usado aqui como símbolo de trevas miseráveis e de uma experiência assustadora. "... tornou-se como os habitantes do submundo, os homens mortos (cf. Jó 10.21 e 28.17)" (William R. Taylor, *in loc.*).

44.20,21

Se tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus. *Se o problema tivesse sido a idolatria,* estaria justificado o sofrimento dos israelitas. Deus conhece os *segredos do coração, mas o poeta estava seguro de que, se Ele sondasse o* coração de Israel, não encontraria vestígio de rebelião ou idolatria, e muito menos algum ato franco de rebeldia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* A maior parte das provações de Israel ocorria porque eles se tinham voltado para as divindades pagãs e para tolos atos de idolatria. Mas o poeta sagrado assevera que coisa alguma dessa sorte acontecera entre o povo de Israel em *seus dias.* Assim sendo, o que teria ocorrido? Um dos maiores problemas da teologia e da filosofia é a razão do sofrimento humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal.* Algumas soluções sugeridas são valiosas, e o apelo à imortalidade é correto. Mas nem mesmo isso é capaz de explicar a razão do sofrimento presente das pessoas *inocentes.* Jó também era um homem inocente e, no entanto, sofreu tanto quanto sofreram pecadores notórios. Por quê?

Asserções de Inocência. Os vss. 17 e 18 são aqui ousadamente reafirmados. Usualmente Israel tinha de orar, pedindo misericórdia por seus pecados graves e evidentes. Por conseguinte, este salmo apresenta uma refrigerante *isenção,* mas, estranhamente, mistura isso com provas severas impostas a pessoas inocentes. Isso concorda com a experiência humana; e, por esse motivo, continuamos buscando *respostas sobre por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme* sofrem.

Ou tivéssemos estendido as mãos a deus estranho. Israel não se tornara culpado de suplicar a divindades estranhas. De fato, Israel suplicava sempre a Yahweh-Elohim, mas o Senhor ignorara os apelos deles, e então os derrubara por terra, por razões *desconhecidas.* Essas coisas são comuns à experiência humana, mas não devemos culpar Deus, como se Ele fosse a única causa de nossos sofrimentos. No sofrimento humano existem enigmas que a teologia ainda não conseguiu penetrar. Ademais, existe o *caos,* contra o qual deveríamos orar todos os dias.

44.22

Mas, por amor de ti. O que fica subentendido aqui é que a Vontade Divina determinou esses sofrimentos, pelo que eles são inevitáveis e devem ser aceitos como *enviados por Deus.* Isso concorda com a passagem, do começo ao fim, que pinta *Deus* como aquele que inspirou os inimigos de Israel a atacá-los e produzir uma confusão geral. Ver os comentários sobre os vss. 9 e 12. Essas palavras usualmente eram compreendidas acerca das *perseguições* dos ímpios contra as pessoas piedosas, embora estas fossem inocentes, mas não usamos essas palavras como se *Deus* fosse a causa de os pagãos agirem como agem *contra* o próprio povo de Deus. Simplesmente reconhecemos a realidade de *causas secundárias,* e não responsabilizamos Deus por tais males.

O que acabamos de dizer é um avanço no campo da teologia que ultrapassa o voluntarismo dos antigos hebreus e sua doutrina da *única causa,* Deus. Estou dizendo aqui que a compreensão dos hebreus sobre o versículo diante de nós difere da compreensão cristã. Talvez haja um indício de que a lealdade dos hebreus a Deus tenha provocado os pagãos a fazer o que fizeram. Inimigos estrangeiros atacavam *Deus e o Seu povo,* pelo que a lealdade a Deus era uma causa das desgraças que transformaram Israel em um rebanho de ovelhas *abatidas.* Nesse caso, as palavras "por amor de ti" receberiam um significado diferente.

Romanos 8.36. Note o leitor que Paulo citou o versículo à nossa frente em sua epístola aos Romanos. Ali ele interpreta de forma cristã o versículo. As pessoas leais ao Novo Caminho naturalmente atraem a ira tanto dos judeus quanto dos romanos, os quais odiavam qualquer coisa nova que reivindicasse autoridade e fosse melhor do que os caminhos antigos. Por odiarem, eles matavam e perseguiam. Na interpretação cristã não há o menor indício de que Deus estivesse por trás dessas perseguições. A realidade das causas secundárias virulentas é reconhecida, pelo que homens malignos são responsabilizados pelo que fazem, sem a interferência de qualquer doutrina do voluntarismo.

"Visto que eles combatiam uma guerra santa em favor de Deus, experimentavam aquele desastre e foram tratados como ovelhas a serem mortas (cf. o vs. 11)" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Isto posto, longe de termos esquecido a aliança com Deus (vss. 17 e 20), somos continuamente perseguidos, *por sermos* tão fiéis a Ti" (Fausset, *in loc.*). Alguns intérpretes pensam que esse é o significado do versículo,

e que não devemos olhar para as queixas dos vss. 9 a 19, onde temos a menção ao *tu* (Deus), que aparece como a causa da dor dos israelitas. "A lealdade a Deus e à religião por Ele ensinada tinha custado caro àqueles judeus" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. Zac. 11.4,7.

Um Apelo Final à Intervenção de Deus (44.23-26)

44.23

Desperta! Por que dormes, Senhor? Este versículo é similar, em seu sentido, a Sal. 7.6 e 35.23. As notas ali aplicam-se também aqui. Yahweh é retratado como um Poder sonolento e indiferente, que permite que Seus adoradores sofram toda a espécie de males, ao mesmo tempo que Ele nada faz. Essa é a idéia deísta: o Criador abandonou a Sua criação e deixou as leis naturais governarem em Seu lugar. Mas o teísmo ensina que o Criador não abandonou o Seu povo, mas continua presente, para acompanhar a história, tanto a coletiva quanto a individual, e também para contribuir e punir. O salmista teve momentos difíceis na tentativa de explicar como um Deus teísta poderia permitir que Israel passasse pela tragédia pela qual passou. Mas se o deísmo é que exprime a verdade, então de súbito obtemos discernimento quanto a tais situações. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo,* quanto a explicações completas. O poeta sagrado chegou assim a uma conclusão ousada: com base nos fatos crus, Deus deve ter ignorado o que acontecia ao Seu povo. Ele estava atarefado em alguma viagem, atendendo a coisas mais importantes; ou então sabia mas não se importava. Ele pode ter tido as Suas *razões* para o que fez, mas evidentemente elas não eram patentes para o raciocínio humano.

Para contrabalançar seus pensamentos deístas, e na esperança de que existia um Deus teísta nos céus, o poeta sacro dirigiu, em altas vozes, um apelo apaixonado a Deus: "Desperta, e age em nosso favor, pois estamos irreparavelmente perdidos!".

É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel.

(Salmo 121.4)

Adam Clarke (*in loc.*) exibe temor diante do grau de "liberdade de linguagem" demonstrado neste versículo. E ele lança a culpa dessa liberdade na inspiração divina, pois, de outra sorte, tais declarações estariam à beira da blasfêmia.

44.24

Por que escondes a tua face...? O poeta queria ser convencido. Ele queria acreditar que o seu lapso no deísmo era injustificado. Clamou para saber as *razões* daquilo que tinha acontecido. Ele enfrentava dificuldades para reconciliar o conceito teísta de Deus com as calamidades que haviam atingido Israel. "Os vss. 23-26 quase demonstram ira. Ele negava claramente a Deus uma qualidade que outro poeta antigo Lhe imputou: "É certo que não dorme nem dormita o guarda de Israel" (Sal. 121.4).

Aqui, porém, quatro graves defeitos são imputados a Deus: sono, langor, indiferença e esquecimento. Essa ousada impiedade pode ser desculpada à base que se tratava de uma explosão temperamental de um poeta que não estava acostumado a tirar as deduções bem raciocinadas de um observador mais realista" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). O poeta muito desejava ser arrancado de sua "impiedade", mas queria *razões* sólidas para isso. Entrementes, Deus continuava a ocultar o Seu rosto. Quanto à aparente *indiferença* de Deus, ver também Sal. 10.1 e 28.1. Quanto à capacidade de ouvir de Deus, ver Sal. 35.15. "Mostra-nos a razão pela qual tens retirado de nós o testemunho de tua aprovação" (Adam Clarke, *in loc.*). O voluntarismo, devemos lembrar, não requer razões. O que Deus faz é correto, meramente porque Ele assim *o quis.* Não é preciso que isso esteja escudado em alguma razão lógica. Pelo menos, esse é o ensino dessa doutrina. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Voluntarismo.*

É mais nobre... sofrer as pedradas e flechadas da sorte ingrata, ou pegar em armas contra um mar de tribulações.

(Shakespeare)

O que Shakespeare não nos disse foi *como* podemos pegar em armas contra a *sorte ingrata.* Parece-nos que somente o Deus despertado pode fazer isso.

44.25

Pois a nossa alma está abatida até ao pó. Este é o derradeiro soluço de desespero do poeta: a alma de Israel se revolvia no pó e fora transformada em poeira. O corpo dos israelitas estava *pegado ao chão.* A cena, naturalmente, cheira a morte, a morte viva. "Da baixa perspectiva do pó, a pessoa vê um mundo distorcido. Quando alguém fica prostrado diante das amargas circunstâncias da vida, esse alguém menos provavelmente usa da linguagem da piedade do que da linguagem das queixas. Mas até o desespero permite um suspiro final de esperança (vs. 26)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Jó 10.24; Isa. 49.23 e Sal. 22.16.

"Nossa vida já começa a aproximar-se da sepultura. Se demorares em ajudar-nos, seremos extintos" (Ellicott, *in loc.*). O quadro retrata um cativo, meio-morto e talvez pronto para ser executado, jazendo de borco na poeira, com o pé do vencedor em seu cangote.

A minha alma está apegada ao pó: vivifica-me segundo a tua palavra.

(Salmo 119.25)

44.26

Levanta-te para socorrer-nos. Cf. Sal. 78.65 e Isa. 51.9. Cf. Rom. 8.31-39, quanto às provas e à certeza do amor de Deus, ao mesmo tempo que o poeta invoca Deus para que conceda provas de Sua misericórdia, livrando Israel de sua desgraça e derrota. Em lugar de *benignidade,* usada em nossa versão portuguesa e na Revised Standard Version, a King James Version e outras dizem "misericórdia". Conforme diz nossa versão portuguesa, o trecho fica ainda mais próximo daquela passagem de Paulo. "Essa é a resposta milenar apropriada do crente genuíno que está sofrendo. Cf. Jó 13.15: 'Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento'" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Diz aqui a Vulgata Latina: "Redime-nos por causa de teu nome", pondo a reputação de Deus à altura de Sua posição de benfeitor do povo. O poeta não pleiteou Sua justiça a fim de obter o favor de Deus, embora tenha insistido que Israel não estava sendo julgado por causa de alguma conduta errônea. Na hora da crise, temos de deixar todas as coisas aos cuidados de Deus, pois, nesses casos, a Sua força torna-se nossa *necessidade,* e não uma opção. "Deus é a ajuda de Seu povo, e Ele se faz presente em tempos de dificuldade. Ele é o único Deus. Ele pode ajudar e realmente ajuda quando ninguém mais pode fazê-lo" (John Gill, *in loc.*).

Nosso Deus, nossa ajuda em eras passadas,
Nossa esperança para os anos vindouros;
Nosso abrigo da tempestade ululante,
E nosso Lar eterno.
...
Nosso Deus, nossa ajuda em eras passadas,
Nossa esperança para os anos vindouros;
Sê Tu o nosso Guia enquanto a vida perdurar,
E nosso Lar eterno.

(Isaque Watts, inspirado pelo Salmo 90)

Salmo Quarenta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto à *classificação dos salmos,* ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo real, dentre os quais há cerca de dezessete. Vários desses salmos também são messiânicos, o que certamente se aplica a este salmo, que é uma ode para os casamentos reais. "Desde Calvino para cá, este salmo tem sido reconhecido como uma ode que celebrava as cerimônias nupciais de um rei. De fato, a retenção das palavras, como parte do título, 'cântico de amor', quando o salmo foi incorporado ao hinário do templo, mostra que seu caráter secular (original) foi admitido mesmo então. Há alusões históricas suficientes, neste salmo, para provocar conjecturas quanto a qual monarca foi o seu tema, mas poucas demais para permitir identificação exata... Era natural que os crentes adotassem o salmo como uma alegoria do casamento da igreja com o Cabeça divino. Esse modo de interpretação encontrava, a cada instância, expressões nos salmos que, conforme se pensava, transportavam algum tipo ou símbolo frutífero" (Ellicott, *in loc.*).

"O motivo do salmo foi o casamento do rei com uma princesa estrangeira, e a composição foi uma efusão poética dos lábios de um poeta da corte, sacerdote ou leigo, que muito se emocionara com a cena que tinha testemunhado. Pela nota paternal que corre por todo o escrito, podemos supor que o autor teve uma distinção pessoal e era uma pessoa privilegiada na corte. Sua idade, suas habilidades e sua distinção pessoal aparentemente são revestidas de autoridade... É natural que tenha havido tentativas para identificar o noivo e a noiva. Entre as personagens reais do período pré-exílico, Salomão e a filha do Faraó, Acabe e

Jezabel, Jorão e Atalia, e até mesmo Jeroboão II e sua esposa desconhecida, têm sido sugeridas. Entre aqueles do período pós-exílico, Duhm pensou em Aristóbulo I (1-5-103 A. C.). Sabemos tão pouco sobre as histórias pessoais dos reis de ambos os períodos que as identificações propostas são pouco mais que conjecturas. A frase "a filha de Tiro" (vs. 12) poderia ser traduzida por "povo de Tiro". Por conseguinte, é precário supor que a princesa em vista seja Jezabel. Mas há certas frases hebraicas, neste salmo, que sugerem uma data pós-exílica" (William R. Taylor, *in loc.*).

O Targum desde cedo fez o salmo ser messiânico e, naturalmente, a noiva seria Israel.

Indicações Messiânicas do Salmo 45. Quanto a esse aspecto, sumario o material da *Scofield Reference Bible.*

1. Este salmo olha para o futuro, para o advento glorioso. Ver Heb. 1.8,9, que cita o vs. 7.
2. A beleza do Rei (vss. 1 e 2).
3. A vinda gloriosa do Rei (vss. 3-5; cf. Apo. 19.11-21).
4. A deidade do Rei (vss. 6,7; cf. Heb. 1.8,9; Isa. 11.1-5).
5. A rainha é associada ao Rei (vss. 9-13).
6. Adonai, o marido, era o nome do Rei (vs. 6).
7. Virgens acompanhavam a rainha (vss. 14,15), talvez para simbolizar o remanescente dos judeus (Rom. 11.5).
8. Relação entre o Rei e a terra (vss. 16 e 17).

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo complexo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lírios. Dos filhos de Coré. Salmo didático. Canto de amor". Este é um dos salmos didáticos (no hebraico, *masquil*). Foi produzido por um dos filhos de Coré, sobre os quais já vimos e sobre os quais comentei no Salmo 42. A isso foram acrescentadas duas referências: A melodia seria intitulada "os lírios" (no hebraico, *sosanim*), uma referência à primavera, vinculada ao período pascal, o que poderia indicar redenção para fora da servidão. Ou então a expressão "os lírios" poderia ser somente o título de um cântico ou hino.

Adam Clarke refere-se ao título que apontaria para um *cântico nupcial.* Mas alguns rabinos pensam tratar-se de um instrumento musical. Também poderia estar em foco a primeira palavra de um cântico que se tornou o título do salmo. Temos então as palavras "canto de amor", que quase certamente dizem respeito ao amor sexual, e isso nos mostra que, provavelmente, este salmo era a princípio apenas um cântico secular e mais tarde assumiu caráter religioso. Alguns estudiosos pensam que essa frase deveria ser traduzida por "canto dos amados", ou seja, do casal que estava casando-se, mas isso parece menos provável. Seja como for, os subtítulos não faziam parte original das composições poéticas, mas foram adições posteriores que não se revestiam de autoridade canônica. Além disso, os subtítulos contêm principalmente conjecturas sobre as circunstâncias das composições.

45.1

De boas palavras transborda o meu coração. O salmista era um poeta profissional, um homem de prestígio, uma figura bem conhecida na corte real. Naturalmente, foi um dos convidados a participar da cerimônia de casamento do monarca, e o esplendor dessa cerimônia inspirou o poeta a escrever os versículos que se seguem.

Transborda o meu coração. A palavra hebraica por trás do vocábulo português "transborda" é "ferve", cuja raiz se refere a um *caldeirão* que foi posto no fogo. A Septuaginta e a Vulgata Latina dão a idéia de repuxos de água que manavam violentamente de uma fonte. Foi isso o que levou Tennyson a falar nas *antigas fontes da inspiração.* O salmista reivindicou falar por inspiração, embora ela não exija a inspiração divina. Sócrates afirmou que os poetas escrevem por inspiração, mas se queixou de que, com freqüência, outras pessoas entendem melhor o que eles estão tentando dizer do que os próprios poetas.

Na qualidade de *hábil escriba,* o salmista tinha, como tema de seu cântico, o casamento do rei com uma princesa estrangeira. Ver as notas de introdução a este salmo, quanto a detalhes sobre o pano de fundo da obra. Quanto ao artista ou artesão hábil, cf. Jer. 10.9; Eze. 27.16,18 e Can. 7.1. O poeta dispunha de um tema exaltado, de inspiração e de habilidades naturais para compor um verso, e foi assim que obtivemos uma composição notável, bela o suficiente para atravessar séculos e chegar até nós.

A *plenitude do coração* precisava expressar-se. Cf. Jó 32.18; II Cor. 5.14; Atos 4.20 e 17.5. Esdras foi chamado de "escriba versado" na lei de Moisés (Esd. 7.6). "Não lhe foi possível conter-se quando escreveu para sua majestade, o rei" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Noivo Real (45.2-9)

45.2

Tu és o mais formoso dos filhos dos homens. As descrições do poeta sagrado naturalmente começaram com o principal ator do casamento, o noivo. Essas linhas prestam-se facilmente para descrever o Messias, e até o próprio Targum fez deste salmo um hino messiânico. Ver as notas de introdução ao salmo presente. As tentativas de identificar as personagens históricas envolvidas não têm produzido resultados indiscutíveis, mas o que tem sido conjecturado, isso revisei na introdução. O rei, como Saul, era o mais belo dos homens quanto à beleza masculina, mas também era cheio de graça e dotado de caráter. Ele se assemelhava ao rei-filósofo de Platão, como cabeça de todos os outros homens, o mais experiente, o mais sábio, o mais gentil, o homem superior, afinal. Ele falava bem, comandava com justiça e seguia pelo caminho reto. "Seu encanto pessoal era acompanhado de uma linguagem graciosa e de boas maneiras. A graça saltava de seus lábios. Ele falava com cortesia e amabilidade, e por isso conquistava o favor de todos. Olhar para ele era reconhecer que o favor de Deus repousava sobre ele" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *Jamais alguém falou como este homem.*
>
> (João 7.46)

Nos teus lábios se extravasou a graça. Mediante o Espírito e um intelecto agudo. "Assim disse a rainha de Sabá a Salomão, que foi tipo de Cristo (I Reis 10.8). Isso também foi dito acerca de Jesus Cristo (Luc. 4.22). Cf. Sal. 45.2 e Isa. 61.1. Por isso mesmo, Cristo se mantinha o Ungido de Deus... E, assim sendo, Deus o abençoou com o seu domínio supremo, mundial e eterno" (Fausset, *in loc.*).

45.3

Cinge a espada no teu flanco. Qualquer rei dos tempos antigos tinha de ser um guerreiro, pois o principal dever dele era liderar os exércitos para garantir a sobrevivência do povo naqueles tempos brutais. O homem aqui descrito precisava ter a sua *espada,* e até mesmo durante a cerimônia de seu casamento precisou relembrar aos convidados que no dia seguinte poderia estar no campo de batalha, defendendo o povo. O rei era o homem mais belo e que melhor sabia falar, mas também tinha de ser o mais corajoso, um homem de ação, inspirado por bravos pensamentos, e um produtor de feitos heróicos em tempos de guerra. Ele estava revestido de esplendor real, mas também tinha de ser habilidoso no manuseio de armas bélicas. Do começo ao fim, naturalmente, as palavras aplicam-se muito bem ao Messias e, na introdução, dou um sumário de idéias acerca deste salmo real, que também é um salmo messiânico. "A majestade e a glória do Cristo estão acima de todos. Ele é mais elevado do que todos os reis da terra e tem um nome que está acima de todo nome, e todas as línguas terão de concordar com isso" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as cousas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse por meio de sofrimentos o Autor (Capitão) da salvação deles.*
>
> (Hebreus 2.10)

Capitão. "Líder, originador, pioneiro, isto é, alguém que toma a iniciativa e leva avante" (*Scofield Reference Bible,* comentando o vs. 2). "O objeto dos louvores do poeta é um herói de guerra, e não somente um homem bem apessoado" (Ellicott, *in loc.*).

"Visto que nações caíram diante dele, suas vitórias eram magníficas" (Allen P. Ross, *in loc.*). O Messias conquista as nações por meio das armas do amor e da graça, e salva, em lugar de destruir.

45.4

E nessa majestade cavalga prosperamente. *Continua Neste Versículo a Metáfora da Guerra.* O Rei-Herói cavalgava vitoriosamente em seu cavalo. A sua causa era justa, a saber, a defesa de Israel, o bem-estar e a continuidade daquela nação, a despeito de seus muitos adversários brutais. Ele defendia a causa da verdade, a lei que fazia Israel tornar-se distinta entre as nações (ver Deu. 4.4-8) e também os *direitos* de Israel como nação, por motivo das provisões do *pacto abraâmico,* que eram dadas e perpetuadas por Deus. Ver Gên. 15.18, quanto a notas expositivas a respeito. Ele transportava armas temíveis na mão direita, e assim tornou-se a mão direita de Deus (ver Sal. 20.6). Por conseguinte, realizou tremendos atos de heroísmo, que puseram Israel à testa das nações daquela área territorial. Davi conquistou *oito* povos inimigos (ver as notas em II Sam. 10.19) e assim preparou o caminho para a época áurea administrada por seu filho, Salomão. Ele fez o que era mister para que houvesse uma sociedade estável, relativamente segura diante de ataques, ou tão forte que nenhuma nação ousaria perturbar-lhe a paz. Ele defendeu o que era *direito,* adicionando justiça ao seu poder, como o guia controlador da nação. A Septuaginta diz aqui: "Tua mão direita te guiará

maravilhosamente", e devemos supor que Deus era o seu poder, a sua mão direita, na paz ou na guerra. Os julgamentos de Salomão foram terríveis, mas eram justos.

Mediante uma aplicação, os justos e poderosos feitos do Messias estão em vista aqui, e, da mesma maneira que Deus amou o mundo inteiro, também Ele se tornou o Salvador universal (I João 2.2). Ele derrotou poderes malignos (ver Col. 2.14,15) e assim removeu as altas autoridades que impedem a luta cósmica em favor do bem. O resultado foi a salvação em escala universal.

Dos próprios palácios de marfim para um mundo
de sofrimentos,
Somente Seu grande e eterno amor,
fez meu Salvador sair.

(Henry Barraclough)

45.5

As tuas setas são agudas. A seta é uma arma que atinge grande distância, e alguns homens tornam-se incrivelmente habilidosos no seu uso. Atualmente, excetuando-se em alguns países primitivos, a seta ou flecha tornou-se um esporte. Mas, nos tempos antigos, a seta era uma arma temível nas mãos de um arqueiro treinado, e muitos homens bons caíram atravessados por flechas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Flecha* e *Armadura, Armas.* O rei mencionado neste salmo atingia o máximo de suas vitórias com setas agudas: ele conseguia matar outros reis. Sendo também generais do exército, os reis antigos saíam com seus soldados. Isso posteriormente se tornou algo delegado. Saul matou pessoalmente a milhares de homens e, se pudermos crer no exagero oriental, Davi matou a dez milhares. Ver I Sam. 18.7. Ser um matador em massa, naqueles tempos, constituía uma glória, porque massas humanas tinham de ser liquidadas para preservar a identidade de um povo. Ademais, os antigos apreciavam as matanças, considerando tal atividade um esporte supremo. Coisa alguma que digamos poderá exagerar a depravação humana.

Também mediante uma aplicação, as flechas do Messias são Suas palavras de salvação, e Ele também obtém grandes feitos por meio delas. Ver Efé. 6.10 ss. quanto à aplicação espiritual das armas de guerra. A vitória a ser obtida é a quebra do poder do mal cósmico, para que o homem possa ser libertado e salvo. Mas essa passagem também inclui o desenvolvimento espiritual, e várias armas ilustram isso. O artigo intitulado *Armadura, Armas,* no *Dicionário,* dá os usos metafóricos. A *vitória final* do Messias é vista em passagens como Fil. 2.9-11. Pessoalmente creio que o *arco* é uma arma salvadora e restauradora, ou seja, salvação para eleitos e restauração para os perdidos. Somente esse tipo de realização dá a Jesus os nomes de Logos-Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.* Deus está preparado a fazer mais do que os homens pensam que Ele fará, e esse tem sido o Seu mistério (segredo) revelado somente nos últimos dias, através de Paulo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus.* Alguma obra realmente nova e espantosa está sendo realizada, e faríamos bem em não diminuir a sua importância com uma teologia inferior. Considere o leitor o largo escopo de Efé. 4.8,9. A obra do Logos opera através da ressurreição, da descida ao hades e da ascensão, e esses três aspectos cooperam no propósito e na obra dessa mesma realização. Então Cristo tornar-se-á "tudo para todos" ou "tudo em todos", ou seja, preencherá "todas as coisas". Reduzir o evangelho a menos que isso diminui a glória do Salvador.

45.6

O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre. Ver a citação deste versículo em Heb. 1.8, bem como comentários a respeito no *Novo Testamento Interpretado.* O rei terá o seu trono e também terá o Seu cetro, o sinal de Sua autoridade e poder. Ele deverá ser eficaz. Já está sentado em Seu trono, porquanto Seus inimigos foram derrotados. Já está segurando o cetro em Sua mão direita, porquanto nenhum homem foi capaz de derrotá-lo e tomar o Seu cetro. Se Ele é um Rei *justo* e poderoso, então as pessoas anelam por ver perpetuado o Seu reino. Talvez um poderoso e bom rei de Israel possa governar por quarenta anos. Mas até mesmo um rei tão excelente como Salomão perdurou cerca de vinte e cinco anos. Se um inimigo não conseguir matar o rei, então alguma enfermidade, a idade avançada e, finalmente, a morte, o removerá do trono. No caso do Messias, entretanto, está envolvida a imortalidade, o que significa que não pode haver encerramento do governo de Cristo. O poeta viu seu rei continuar sentado no trono por longos anos e chamou o seu reino de *perene,* por meio de uma hipérbole tipicamente oriental. Todavia, não podemos exagerar quando falamos sobre o governo eterno do Messias.

Ó Deus. Temos aqui uma controvérsia que envolve a teologia e a linguagem. Poderíamos traduzir esta frase como "Teu trono é um trono *de Deus*" ou como "trono divino" (conforme diz a Revised Standard Version), e isso alivia o versículo por ter chamado o rei de *Deus* (no hebraico, *Elohim*). Por outra parte, o título divino *Elohim* (os poderes) pode ser aplicado a anjos e homens, sem torná-los seres divinos. Alguns intérpretes vêem em sua aplicação messiânica um texto de prova sobre a deidade de Cristo. Isso pode ser verdade ou não. Seja como for, existem outros versículos mais claros que indicam a deidade de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Divindade de Cristo.*

Disse Jesus "Sois deuses" (ver João 10.34,35) a certos homens que ocupavam a posição de Deus, em suas respectivas missões. Além disso, o termo *Elohim,* conforme mencionado acima, não se refere a Deus, no céu, cada vez que é usado. Seja como for, o entusiasmado poeta, ao observar o resplendor do rei, poderia ter exclamado "Ele é um deus", ou então "Ele é como Elohim", sem se envolver em teologias duvidosas. No mundo antigo, os reis eram com freqüência concebidos como descendentes literais dos deuses, ou seja, divinos; mas a idéia dos hebreus não era essa, e não é provável que o poeta sagrado estivesse pensando em tal coisa. Cf. Êxo. 21.6; 22.8,9 e Sal. 82.1.

45.7

Amas a justiça e odeias a iniqüidade. Este versículo é citado em Heb. 1.9, pelo que continua ainda a referência messiânica. Ver esse versículo no *Novo Testamento Interpretado.* O rei, à semelhança do rei-filósofo de Platão, tinha de ser o mais *justo e sábio* de todos os homens do reino, e não meramente o mais poderoso. O rei concebido pelo poeta tinha a reputação de odiar a iniqüidade e ser um homem treinado e um promotor da lei de Deus. Por esse motivo, merecia a *unção* divina que o colocava acima de todos os outros homens bons e poderosos, de fato, que o colocava em posição ímpar. Tudo isso se aplica fácil e supremamente ao Messias, exceto pelo fato de que, nesse caso, está envolvida uma elevadíssima teologia. Além de ser um homem sem pecado (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Impecabilidade de Jesus*), Ele foi, positivamente, o mais justo e o maior promotor da justiça.

... te ungiu. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Unção.* No Antigo Testamento, profetas, sacerdotes e reis eram ungidos como sinal de autoridade de seus ofícios, para mostrar que eram aprovados e nomeados pelo poder divino. No presente texto, o óleo é de alegria, porque o rei fora ungido e assumira o seu papel real, e estava sujeito à felicidade e à alegria.

O Ambiente do Casamento. No presente contexto (dos Salmos), a unção provavelmente se refere ao banho oriental e à subseqüente unção pela qual passavam tanto a noiva quanto o noivo, como prática e ritual padronizado. "... o banho e a unção subseqüente faziam parte das cerimônias orientais do matrimônio" (Ellicott, *in loc.*).

Óleo de alegria. Porque as unções de reis, profetas e sacerdotes, bem como a dos noivos que iriam casar-se, eram todas elas ocasiões festivas para toda a comunidade. A unção do Messias naturalmente serviu de "alegria para o mundo inteiro, pois o Senhor tinha chegado", conforme diz um antigo hino evangélico.

Como a nenhum dos teus companheiros. Ou seja, os atendentes do noivo, incluindo todos os seus suboficiais, homens de prestígio e poder no reino, que, naturalmente, se faziam presentes ao espetáculo do casamento. No seu sentido profético, os companheiros do Messias são "todos os outros homens". Jesus é o Senhor acima de todos, mas todos eles, potencialmente, são Seus irmãos, porquanto compartilham Sua exaltação e glória. Ver Heb. 2.10.

45.8

Todas as tuas vestes recendem a mirra, aloés e cássia. Cf. Sal. 133.2. Temos aqui uma referência ao costume oriental de perfumar as roupas, camas e outros objetos pertencentes aos ricos. O rei e sua rainha naturalmente estariam usando vestes perfumadas. Mirra, aloés e cássia eram especiarias que faziam parte dos óleos sagrados descritos em Êxo. 30.23,24. Quanto a perfumar objetos pertencentes ao povo comum, cf. Can. 5.5 e Pro. 7.17. Os orientais apreciavam a mistura de fragrâncias produzida por especiarias e plantas aromáticas. Ofereço artigos separados (no *Dicionário*) sobre cada uma das substâncias mencionadas neste versículo, pelo que não amplio a questão sobre a matéria neste ponto.

De palácios de marfim. O marfim era, com freqüência, o material usado pelos ricos para recobrir painéis ou para construir as paredes de suas luxuosas moradas, transformando-as em mansões por excelência. Ver Amós 3.15 e I Reis 22.39. A palavra aqui usada poderia significar *templo,* mas não é esse lugar de adoração que está em mira.

Instrumentos de cordas. Esses instrumentos eram empregados nas cerimônias, aumentando a alegria ao cerimonial.

... instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vossos corações.

(Colossenses 3.16)

"O cântico coletivo se assemelha ao álcool na transmissão do ânimo. Cria o entusiasmo. Quando o cântico coletivo se torna um costume negligenciado, sempre é sinal de uma vida coletiva decadente. Isso já ocorreu em grande parte de nossa moderna cena. Muitas religiões pagãs têm conquistado terreno no coração dos homens nas asas do cântico. Basta-nos relembrar a *Marsellaise* da Revolução Francesa, a *Internationale* dos países comunistas, a *Horst Wessel* da Alemanha de Hitler, ou o *Hino de Batalha da República* da Guerra Civil Americana" (Wedell, comentando Col. 3.16).

45.9

Filhas de reis se encontram. Mulheres de famílias reais estavam presentes. Ao lado do rei estavam filhas de reis, o que poderiam significar filhas que ele já tinha tido mediante casamentos polígamos, antes de casar-se com a princesa de Tiro (vs. 12). Ou as filhas de reis simplesmente poderiam ser mulheres de famílias poderosas, elegantes e de posição social em Israel, as quais se tinham tornado suas filhas quando Ele se tornou o pai da nação, ao ser ungido rei. Note o leitor, porém, o plural "reis". Entre as mulheres de grande honra, havia várias princesas das nações em derredor de Israel, incluindo as da própria nação de Israel. A versão caldaica fala aqui em mulheres honradas, princesas e pessoas de prestígio de diferentes regiões e países. O texto deste versículo é incerto e o primeiro sentido, dado acima, poderia ser o correto: "... mulheres honradas, isto é, *preciosas*, e isso poderia significar as favoritas do harém..." (Ellicott, *in loc.*).

Filhas de reis, de acordo com alguns estudiosos, poderiam ser uma referência profética aos gentios que serão trazidos para a Igreja por meio do evangelho, mas isso parece conter algum exagero. Seja como for, a presença de *muitos povos,* bem como o fato de que a própria noiva era gentílica, sugere o alcance do evangelho cristão.

A rainha. Ela era da cidade de Tiro (vs. 12), sem dúvida filha de um rei, e estava adornada com ouro de Ofir, proeminente fonte daquele metal precioso, provavelmente na parte ocidental da Ásia (ver I Reis 9.28; 10.11; 22.48; Jó 22.24; 28.16; Isa. 13.12). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ofir.* Era comum que os reis orientais contraíssem matrimônio com princesas estrangeiras para fortalecer alianças e também a economia. Além disso, casar-se com uma princesa estrangeira era sinal de prestígio para qualquer rei que não quisesse imiscuir-se com jovens da sociedade local. A despeito da legislação mosaica, que proibia casamentos com estrangeiros, os reis de Israel contraíram tais matrimônios com regularidade. Ver Deu. 7.3 e Esd. 10.

Discurso Feito à Noiva (45.10-12)

45.10

Ouve, filha. A "filha", neste caso, é a princesa estrangeira que estava prestes a tornar-se rainha de Israel. O seu passado era notável. Ela era filha de um rei; uma princesa que dispunha de muitas servas que a serviam. Possuía riquezas e poder. *Agora,* porém, deveria esquecer-se de tudo isso e dedicar-se exclusivamente ao marido e rei, bem como ao povo dele. Isso seria feito em obediência ao antigo princípio:

> *Por isso deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.*
>
> (Gênesis 2.24)

O poeta sagrado, em nome de Deus, voltou sua atenção para a princesa e deu-lhe instruções apropriadas. Esperava que ela pensasse como Rute tinha pensado.

> *Não me instes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.*
>
> (Rute 1.16)

Messianicamente falando, o texto foi aplicado por Cristo à Igreja: a ela competia esquecer suas anteriores relações estrangeiras, apegar-se ao Noivo e prestar lealdade ao Pai celeste, o Rei dos céus. Ver Efé. 5, quanto a essa metáfora. Ver também Apo. 21.2,9; 22.17. "O Targum interpreta este versículo como se estivesse em pauta a congregação de Israel (a noiva do Messias), à qual competia apegar-se a Ele, dar ouvidos à lei, contemplar as maravilhosas obras de Deus e esquecer as práticas idólatras de seus antepassados" (John Gill, *in loc.*).

45.11

Então o Rei cobiçará a tua formosura. O rei, satisfeito diante da piedade, do espírito de sacrifício e da dedicação de sua rainha a ele e ao povo, ficaria ainda mais apaixonado pela sua beleza. À formosura exterior, ela adicionaria assim a formosura de alma. Cf. I Ped. 3.5,6. Abigail, quando chamada para ser esposa de Davi, "prostrou-se sobre o rosto diante de Davi" (I Sam. 25.41). Portanto, a jovem referida neste salmo deveria seguir o exemplo. Mas isso parece demais para a maioria das mulheres modernas, e a maioria dos homens modernos não se interessa por receber essa espécie de homenagem. Os reis antigos, contudo, exigiam essa forma de homenagem de suas usualmente muitas mulheres. Sara, embora demonstrando grande respeito (talvez apenas externo) por seu marido, encontrava maneiras de fazer prevalecer a sua vontade, pela simples força de vontade. E a maioria das mulheres são boas quanto a isso. Mical terminou desprezando o poderoso Davi, e certamente essa foi uma história de amor que azedou.

45.12

A ti virá a filha de Tiro trazendo donativos. *Ao lado da noiva* havia enviados e representantes especiais da parte de Tiro. Por meio deste versículo, presume-se que a noiva era tíria, embora não haja prova conclusiva quanto a isso. A Revised Standard Version diz "povo de Tiro", e não "filha de Tiro", mas isso anularia a idéia de a noiva pertencer àquela cidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Tiro.* Grandes presentes foram trazidos dali para o rei e a rainha. Havia muita gente rica naquele porto marítimo, e podemos ter certeza de que o rei daquele lugar era fabulosamente abastado. Ele se certificaria de que sua filha e seu marido-rei receberiam presentes significativos. A *filha de Tiro,* além disso, pode ser a personificação da própria cidade de Tiro. Naturalmente, presentes significariam favores esperados. Os novos laços com Tiro melhorariam as relações comerciais, e provavelmente se deu um acordo de paz de que não haveria ataques mútuos.

Te pedirão favores. Literalmente encontramos aqui as palavras "tocarão em teu rosto", um gesto de súplica e humildade. Cf. Jó 11.19 e Pro. 19.6. O toque no rosto seria uma espécie de *gesto polido,* de *fazer brilhar,* e isso sugere a idéia de resplandecimento do rosto, ou de iluminação, por causa dos presentes recebidos. Por sua vez, os presentes oferecidos esperariam receber favores.

Messianicamente falando, a solicitação era que o suplicante gentílico fosse recebido no reino de Deus (Isa. 44.5; 60.6-14; Sal. 72.10)... O Messias tornar-se-ia o desejado de todas as nações, em seu sentido mais prenhe (Ageu 2.7. Cf. Sal. 87.4). Então as mercadorias e o pedido de Tiro tornar-se-iam santos para o Senhor (Isa. 23.18)" (Fausset, *in loc.*).

O Cortejo Real (45.13-15)

45.13

Toda formosura está a filha do Rei. *O Cortejo Começara.* A atenção de todos concentrava-se sobre a noiva. Ela apareceu em um ofuscante vestido com enfeites de ouro. Era a filha do rei de Tiro, a princesa. Aparecia como a melhor e a mais rica das mulheres. "O poeta descrevia agora o esplendor do rico vestuário e das jóias da princesa, e ela é encaminhada à câmara nupcial do palácio. O texto dos vss. 13 e 14 é um tanto incerto, pelo que aparece uma variante nas traduções" (William R. Taylor, *in loc.*).

No interior do palácio. Em alguma câmara particular, no interior do palácio, a rainha foi primeiramente vestida em seu esplêndido traje. Ela foi ali preparada para sua aparição, e então veio a ser aclamada e admirada por todos, segundo sugerido acima.

Recamada de ouro. O vestido da princesa era bordado com fios de ouro, entretecidos no linho ou outro material fino. Messianicamente falando, a Noiva de Cristo veste-se em um traje divino (símbolo do ouro), porquanto está destinada a compartilhar da natureza divina (II Ped. 1.4).

45.14

Em roupagens bordadas conduzem-na perante o Rei. O cortejo prossegue, e todos admiram a jovem em seu excelente vestido *bordado,* cujos fios de ouro são entretecidos no pano fino; as companheiras virgens marcham juntamente com ela, cada uma de rara beleza, com vestes *quase* igualmente esplêndidas. Algumas mulheres continuarão a acompanhá-la como atendentes especiais no harém, e outras serão tomadas como esposas de altos oficiais da corte. Elas se movimentam ao longo de ricos tapetes bordados, espalhados especialmente para aquele cortejo. Alguns estudiosos compreendem que os bordados se referem, neste ponto, aos tapetes, e não aos vestidos das mulheres. Mas a Revised Standard Version provavelmente está correta com sua tradução de "robes multicoloridos".

Nas aplicações messiânicas, os intérpretes imaginam que o verbo "serão trazidas" implica as instrumentalidades providenciais e graciosas pelos quais a igreja (e/ou Israel) será conduzida ao Messias, seu Senhor, e à sua própria terra.

Ver Isa. 18.7; 66.20, quando os gentios ajudariam Israel em seu *retorno* (Sof. 3.10; Isa. 49.22; Can. 1.4)" (Fausset, *in loc.*). Adam Clarke (*in loc.*) limitou à igreja o ato de ser "trazida", ignorando profecias como Rom. 11.26 ss. Os críticos, entretanto, pensam que essa interpretação é fantasiosa. Alguns vão tão longe que fazem a Noiva ser a igreja, ao passo que as auxiliares virgens seriam Israel; mas por certo há nisso exagero de interpretação, a não ser como uma *aplicação* espiritual, e não como uma exegese profética.

45.15

Serão dirigidas com alegria e regozijo. *A Festa Envolvia Alegria.* Não havia razão alguma que pudesse produzir tristeza. Todas as mulheres eram jovens e gozavam de boa saúde. O rei delas era excepcionalmente bondoso e sábio, e continuaria assim, alegrando a vida das jovens. Elas tinham muito dinheiro. Seus inimigos haviam sido derrotados. Havia música, pompa e danças para a ocasião, e, sem dúvida, muito vinho e festividades que se prolongariam durante dias. A noiva era uma jovem bonita, tal e qual suas companheiras; o tempo estava bom, e o palácio era confortável e luxuoso. Em outras palavras, um pouco do céu havia descido à terra. Isto posto, havia "alegria indizível e cheia de glória", quando elas adentraram o palácio real, um símbolo do *céu*, se quisermos dar prosseguimento à interpretação messiânica.

Conclusão (45.16,17)

45.16,17

Em vez de teus pais, serão teus filhos. O *escritor sagrado predisse* uma incomum *posteridade* como resultado daquele casamento, ótimos filhos que substituiriam seus pais, conforme geração fosse sucedendo à geração. Os filhos do casal tornar-se-iam príncipes na terra e, segundo era de se esperar, imitariam seu poderoso, bondoso e sábio pai. O próprio rei, uma vez falecido, seria relembrado por ter sido um homem tão bondoso (vs. 17). "Os filhos manteriam viva a linhagem real e levariam avante o seu governo. No vs. 17, leia-se com a Septuaginta: 'Eles serão causa de teu nome ser relembrado'. Portanto, o nome do rei seria honrado todo o tempo entre as nações" (William R. Taylor, *in loc.*).

Sendo isso verdade, o povo da nação continuaria a louvá-lo para sempre. Talvez o Salmo 45 estivesse na mente do vidente, quando João escreveu Apo. 19.6-21. Enquanto ele aguardava o casamento de Cristo, o Cordeiro, no céu, percebeu como a noiva se vestiu com atos de justiça, em preparação para o encontro com Ele (Apo. 19.6-8). Ato contínuo, João descreveu o Noivo real, que saía para batalhar com justiça (Apo. 19.11-21). Tipologicamente, pois, este salmo retrata o maior rei davídico, Jesus Cristo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Uma descendência principesca e espiritual será o fruto dessa união espiritual (Isa. 49.20). A alusão é ao costume de desejar ao casal recém-casado numerosa e poderosa descendência (Gên. 24.60; Rute 4.11,12)" (Fausset, *in loc.*).

"Temos aqui o fato central do cetro de eqüidade de Deus, e do Seu trono, para todo o sempre, que o poeta estabeleceu como o centro de seu cântico, o que se torna o centro da nossa fé" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Os atos terrenos do rei foram imortalizados na literatura. Os atos do Messias serão imortalizados em um reinado eterno.

Salmo Quarenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza deste livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo tem sido variegadamente classificado e talvez participe com justiça em mais de uma classe. Em primeiro lugar, trata-se de um *grande hino* que celebra a vitória final de Deus sobre as nações. Deus preservará Seu povo até mesmo durante a tribulação cósmica dos últimos dias. Cf. Joel 3.16. O vs. 1 inspirou o grande hino de Martinho Lutero, *Poderosa Fortaleza é Nosso Deus.* Ademais, é também um salmo de ações de graças exaltadas. Tem indicações messiânicas, se é que não é totalmente messiânico. Kittell chamou-o de "composição lírica profética", enquanto, para outros, trata-se de um *hino escatológico.*

O tríplice refrão diz: "O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio". Historicamente, este salmo pode estar ligado às perturbações ocorridas no século III A. C., produzidas pelas guerras entre os sucessores de Alexandre, o Grande, mas é difícil apontar o acontecimento histórico exato aqui. Talvez seja um hino vinculado à festa do Ano Novo, que celebrava o triunfo do Senhor na época da criação.

"Este salmo evidencia um tempo em que a entoação de salmos no templo era influenciada pelo espírito profético e particularmente pelo espírito de profetas posteriores, cujas visões contemplaram um mundo sem guerras, sob o domínio do Senhor (Isa. 8.9,10; 17.12-14; 33.17-24; 59.15-20; Eze. 6.7,13; 11.10 e Miq. 4.3). ... por causa de tais coisas, o salmo tem sido datado como pós-exílico" (William R. Taylor, *in loc.*). Há um grupo de intérpretes cristãos que vêem o *milênio* referido aqui.

"O estabelecimento do reino de Deus trará paz à terra. Cf. Isa. 2.4" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao Salmo 46).

"Este salmo foi incorporado aos *Cânticos de Sião,* em face da posição central ocupada por Jerusalém, em sua mensagem" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Temos neste salmo o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Dos filhos de Coré. Em voz de soprano. Cântico". Ver o subtítulo do Salmo 42, quanto aos salmos atribuídos aos filhos de Coré. A palavra "soprano" parece ser uma tradução do termo hebraico *alamote,* de onde alguns estudiosos dizem que se deriva a palavra hebraica *almah,* "virgem", "mulher jovem". Alguns pensam que esse termo se refere às virgens do coro do templo, que talvez cantassem antifonicamente ao *sheminith,* o coro masculino. Está em vista alguma espécie de orientação musical, mas a natureza exata não pode ser determinada com certeza. Alguns eruditos, porém, dizem que essa palavra significa "coisas ocultas", o que se referiria ao assunto do salmo. Mas há outros que acreditam que a referência é a instrumentos musicais de alguma espécie. Seja como for, as notas introdutórias não faziam parte original dos salmos, mas foram adicionadas muito tempo depois, pelo que também não têm autoridade canônica.

46.1

Deus é o nosso refúgio e fortaleza. Em 1529, Martinho Lutero, inspirado por este versículo, compôs seu hino imortal, "Poderosa Fortaleza é Nosso Deus". O pano de fundo histórico foi a libertação de Viena do cerco turco. Historicamente interessantes são as palavras de Horácio, bastante similares ao fim deste salmo, a respeito da coragem de Augusto, em face dos perigos: "Caso o universo se despedace e o avassale, as ruínas desabarão sobre ele, sem que ele se arreceie".

Poderosa fortaleza é nosso Deus,
Um baluarte que nunca falha.
Nosso ajudador é Ele, em meio ao dilúvio
De males mortíferos, prevalecerá.
...
Essa palavra sobre todos os poderes terrenos... prevalecerá.
O Espírito e os dons nos pertencem,
Por meio Daquele que se pôs ao nosso lado.
Que os bens e os parentes se vão,
E esta vida mortal também.
O corpo poderão matar,
A verdade de Deus prevalecerá.
O Seu reino é para sempre.

(Martinho Lutero)

Refúgio. No hebraico temos a palavra *mahseh,* "abrigo contra o perigo". Cf. Sal. 9.9; 14.6; 48.3; 62.7; 91.2; 94.22 e 142.5.

Fortaleza. Cf. Sal. 18.2; 31.3; 71.3; 91.2. Deus é também a *rocha* em vários salmos. Ver Sal. 18.2; 27.5; 31.2; 42.9 e 62.2. Apresento notas expositivas detalhadas sobre essa figura, em Sal. 42.9. Os vários termos foram aproveitados de cenas de batalhas. Israel lutava por sua vida. O poder de Deus livrou e trouxe a paz, e agora o louvor estava na ordem do dia. O auxílio divino veio imediatamente, quando se fez necessário. Essa ajuda de Deus é bem presente. Alguns salmos de lamentação se queixam amargamente de que a ajuda divina se faz demorada. Mas o autor dá-nos aqui um tom esperançoso.

"O salmista declarou que Deus era o seu refúgio (no hebraico, *mahseh,* "abrigo que protege do perigo" (ver os comentários em Sal. 14.6) e sua força (ver comentários em Sal. 18.1). O salmista encontrou segurança e coragem para confiar no Senhor. Portanto, os santos não precisam temer (vs. 2), a despeito dos muitos perigos que enfrentam. Sem importar o que aconteça, aqueles que Nele confiam estão seguros" (Allen P. Ross, *in loc.*).

46.2

Portanto não temeremos ainda que a terra se transtorne. *Embora grandes calamidades atinjam a terra,* terremotos mudem a posição geográfica de locais, e montes inteiros sejam lançados no mar, o crente não temerá coisa alguma, porquanto sabe que Deus é seu refúgio e fortaleza (vs. 1). Tão fabulosa declaração tem de significar que as pessoas envolvidas em tão gigantescos desastres viverão após a morte biológica, o que curará todas as calamidades. *Ou então a linguagem aqui será figurada: uma tragédia, uma guerra, outras grandes* coisas que podem ser comparadas a um terremoto devastador. Nesse caso, um homem enfrentará poderosos desastres, mas continuará a viver fisicamente. Por-

tanto, continuará confiando em Deus e não temerá em meio aos desastres. *Ou então* o poeta usava uma hipérbole oriental. Coisa alguma tão grandiosa aconteceria, e, mesmo que acontecesse, ainda assim ele continuaria confiando e não temeria. E alguns estudiosos pensam aqui na dissolução do mundo, que assim chegaria ao fim, ou então em algum evento temível que *seria* como o fim do mundo.

Cf. a excelente passagem paulina de Rom. 8.37-39, que diz mais ou menos a mesma coisa.

"Israel mostrar-se-ia impávida em meio a reinos cambaleantes e dinastias em queda" (Ellicott, *in loc.*). Este mesmo autor empresta um sentido figurado ao versículo. Qualquer visitante da Palestina perceberá notáveis evidências de ação vulcânica, que revelam ali grandes convulsões geológicas no passado, as quais prepararam a cena para a linguagem usada neste versículo. Os cativeiros assírio e babilônico (ver a respeito no *Dicionário*) foram extraordinários "terremotos". Israel quase foi lançado permanentemente no mar. A marcha de Alexandre, o Grande foi um notável terremoto universal para as nações por ele derrotadas.

"As montanhas são impérios elevados bem alto (ver Sal. 30.7; Apo. 8.8). Os montes são abalados no coração do mar; reinos foram removidos (vs. 6)" (Fausset, *in loc.*). "... a destruição de reinos, impérios e cidades é expressa por meio de tais frases, tal como a destruição babilônica (Jer. 51.25), dos impérios romano e pagãos (Apo. 6.12-14), e da cidade de Roma (Apo. 8.8)" (John Gill, *in loc.*).

46.3

Ainda que as águas tumultuem e espumejem. *As montanhas estremecem* e o mar ruge; as marés são elevadas bem alto pelo tumulto provocado pelo sismo. Montes e mares se combinam para produzir um pesadelo natural que ninguém é capaz de deter, contra o qual o homem se mostra impotente, pelo que terá de *voltar-se para Deus,* rogando ajuda. As *águas* são aqui usadas como símbolos de *povos,* ou então temos aqui um estado de comoção política. Primeiramente vieram os cativeiros; depois os persas viraram de cabeça para baixo a Ásia Menor e destruíram o império babilônico. Então vieram Ciro, os gregos e os romanos. A área esteve em comoção constante, e as águas perturbadas prevaleceram. Nas idas e vindas das potências, Israel sempre foi devastada, até que chegaram os macabeus. E até mesmo o reino deles foi nivelado pelos romanos.

"Que contraste vemos entre as *águas rugidoras* e os ribeiros que alegram a cidade de Deus (vs. 4). Ver figuradamente as *águas avassaladoras,* ou seja, as hostes invasoras, em Isa. 8.7,8 e 17.12. O mar é a humanidade sem nenhum momento de descanso, sempre ameaçada. Ver Isa. 57.20. Nesse mar estão as montanhas, como impérios sempre estremecendo, sacudidos por terremotos figurados. Cf. Isa. 27.1 e Dan. 7.2,3. Ver também Apo. 17.15, quanto a algo similar. Em uma descrição similar, Homero inclui os três vocábulos, "ruge", "empola-se" e "precipita-se", ao referir-se aos atos do oceano (*Ilíada,* xxiii.230)" (Ellicott, *in loc.*).

"As *águas* rugem, e isso já é mau o bastante, e não pode ser detido. Mas as *nações* espumejam, precisamente porque algo *poderia* ter sido feito a respeito, mas não o foi, e o terror era grande... Mas quando as nações espumejavam de ódio e os reinos eram dispersos, houve um grito de vitória que dominou tudo... O Senhor dos Exércitos está conosco. O Deus de Jacó é o nosso refúgio" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Seguro nos braços de Jesus,
Seguro em Seu peito gentil.
Ali, protegida pelo Seu amor,
Minha alma descansará docemente.

(Fanny J. Crosby)

46.4

Há um rio, cujas correntes alegram a cidade de Deus. *O rio gentil,* em contraste com o mar revolto, representa os atos restauradores e a bênção de Deus que dá aos homens vida e razão para viver. O termo hebraico correspondente é *nahar,* rio perene, distinto do *nachal,* torrente que entra em ação quando as neves derretem e enchem os rios e os ribeiros. No resto do ano, essas correntes são os *wadis,* leitos secos dos rios. Portanto, o ribeiro do Cedrom não poderia estar em foco, porquanto ele se ressecava parcialmente a cada ano. Ademais, qualquer identificação com o Siloé (no dizer de Stanley) é precária, porque não existe nenhum rio que corra para a área do templo. Isto posto, devemos aceitar a questão figuradamente. A proteção divina, bem como a Sua bênção e paz, é como um rio que corre para o templo e supre tudo com suas águas muito necessárias. Ver Sal. 1.3, onde aparece a mesma palavra aqui traduzida por "correntes". Esse rio transformava o lugar em um paraíso, tal como o paraíso original tinha *rios* que supriam águas (ver Gên. 2.10,13,14). Cf. o paraíso futuro (Apo. 22.1). A figura fala dos poderes doadores de vida na presença de Deus, conforme demonstrado no vs. 5 deste salmo: "Deus está no meio dela". Cf. Sal. 36.9; Isa. 32.2; Jer. 2.13 e 17.13. Ver a torrente escatológica em Isa. 33.21, bem como o riacho celestial em Sal. 65.9 e 104.13. Ver Jesus, o Cristo, como a Água da Vida (João 4.7; 7.37,38). Ver o artigo intitulado *Água,* no *Dicionário,* que inclui notas expositivas sobre as metáforas envolvidas.

A cidade de Deus. O lugar do templo de Jerusalém, onde Deus revelava a Sua presença. O lugar determinado, a capital das alianças onde o povo escolhido se beneficia de sua eleição. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.*

"A presença do Senhor é como um rio fluente e pacífico, em contraste com as torrentes perigosas (vs. 3). Cf. Isa. 8.6; 33.21, onde o Senhor é comparado a um rio que circundava a Sua cidade" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Altíssimo. Ver notas expositivas completas sobre a expressão, em Sal. 7.17.

46.5

Deus está no meio dela. *Deus é o rio* que está no meio da cidade, conferindo-lhe vida e bênção, e isso em meio à paz, o que contrasta com os terremotos e mares revoltos dos povos pagãos. O nome dessa cidade será "O Senhor está ali" (Eze. 48.35). Quando alguma coisa vier a ameaçá-la, Yahweh absorverá o impacto do ataque, ou seja, Ele a "ajudará", e desde "antemanhã", ou seja, sem demora alguma. "Ele está no meio do mundo, e a Sua presença, embora nem sempre percebida pelos homens, é antídoto suficiente contra todos os temores dos homens e dos demônios. Portanto, ela (a cidade) não será abalada. Deus a ajudará desde a antemanhã, ou seja, quando o dia estiver amanhecendo, por ocasião da alvorada, no início do dia" (John Gill, *in loc.*, com alguma adaptação).

Desde antemanhã. No hebraico temos aqui, literalmente, "no alvorecer da manhã". O texto fala da madrugada de um dia mais brilhante.

"Assim como ao amanhecer são dissipadas as sombras da noite, também sucederá no aparecimento de Yahweh, quando as sombras da adversidade serão dispersas" (Adam Clarke, *in loc.*).

Quando a manhã doura o firmamento,
Meu coração, despertando, clama:
Que Jesus Cristo seja abençoado.

(Edward Caswall, tradutor de um hino alemão)

O choro poderá prosseguir a noite inteira, mas haverá alegria
ao amanhecer.

46.6

Bramam nações, reinos se abalam. Este versículo é a versão prosaica do que fora dito poeticamente nos vss. 2 e 3. Os terremotos e os mares rugidores são as nações perturbadas e destruidoras. Mas Yahweh acalmou a cena com Sua voz poderosa, e as coisas até pioraram, porque a terra terminou *dissolvendo-se.* Dessa forma, o poder divino impôs a paz, mediante a destruição. Todos os julgamentos de Deus são finalmente remediais e beneficentes, porque são apenas os dedos de Sua mão amorosa. Seja como for, Israel terá descansado de suas tribulações, quando Yahweh falar e dissolver o inimigo. "Tinha havido terríveis guerras por toda a parte, e estados poderosos foram esmagados, mas a pobre Israel, pelo favor especial de Deus, permaneceu em paz e segurança. Reinos foram abalados, mas Israel foi preservada" (Adam Clarke, *in loc.*).

O original hebraico é muito vívido aqui, apresentado com conjunções. Portanto, obtemos:

Pagãos enraivecidos; reinos cambaleantes;
deu o sinal com a Sua voz e eis!
a terra se dissolveu.

Israel sempre viveu em uma *nervosa antecipação* dos ataques inimigos e, quando não era atacado, atacava as outras nações. Cf. Sal. 2.2; Isa. 17.12-14; Jer. 47.2-7; Eze. 38.10-23; 39.11-24. Mas Yahweh sempre se mostrou suficiente para a defesa (Sal. 48.4-7; Isa. 37.33-38). E, embora possamos demonstrar facilmente quantos povos e nações desapareceram na confusão e na violência, Israel continua existindo.

46.7

O Senhor dos Exércitos está conosco. *O poeta ilustrou* com uma metáfora que representa a guerra. Yahweh agora tornou-se o General do exército e guiou a hoste de soldados até o conflito. Dessa maneira, Yahweh assumiu a ofensiva, e nenhuma nação pôde resistir ao Seu poder. A maré da batalha virou em favor de Israel. Yahweh, o General, é o Deus de Jacó, que foi nomeado Israel, *Deus esforça-se,* referindo-se à luta que Jacó teve com o Anjo do Senhor (ver Gên. 32.28). A idéia pode envolver o pensamento: "Quem tem poder diante de Deus?". Alguns dizem que Israel significa "príncipe com Deus". Mas essa interpretação

não é aprovada pelos eruditos modernos. De Jacó, o nome Israel passou para a nação da qual Ele foi um dos patriarcas.

O nosso refúgio. Ver as notas expositivas no vs. 1 sobre essa figura de linguagem. Yahweh é o *misgob*, "o lugar alto seguro", a "fortaleza". Ver Sal. 46.11; 48.3; 59.9,16,17; 62.2,6; 94.22. Uma palavra diferente no hebraico é assim traduzida, em relação ao vs. 1 deste salmo.

Selá. Quanto aos significados possíveis desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

Deus, o Soberano do Mundo (46.8-11)

46.8

Vinde, contemplai as obras do Senhor. As obras de Deus são *desolações*. Isso pode parecer estranho para nós, mas cumpre-nos lembrar que, para continuar a existir e ter certa medida de paz, Israel precisava destruir os inimigos. Por semelhante modo, para que os vizinhos de Israel continuassem existindo e tivessem alguma medida de paz, eles precisavam manter Israel desolada. Nunca houve fim desse matar ou ser morto. Eram tempos realmente brutais, e até mesmo a grande literatura de Israel (o Antigo Testamento) está repleta de referências e metáforas a batalhas sangrentas. Naturalmente, Yahweh era tido como o General que liderava as forças armadas, e os povos pagãos também possuíam deuses que encabeçavam seus exércitos. Portanto, guerrear era considerado uma questão cósmica, e não apenas um negócio terrestre. Cada local de desolação era encarado como obra de Deus, e Israel estava feliz por testemunhar muitos desses locais. Atos da natureza, desastres e calamidades naturais também eram atribuídos a Deus e encarados com admiração pela mente dos antigos.

Que assolações efetuou na terra. Estão em foco aqui o *silêncio* ou a *desolação*, sendo que o silêncio é o sentido primário da palavra. Ou ainda *maravilhas* (conforme se vê em Jer. 19.8). As admirações produzem silêncio. Elas são súbitas e maravilhosas. Portanto, a terra inteira permanecia calada e habitava em sepulcral silêncio, depois que Yahweh passava pelo lugar. Cf. Isa. 2.4 e Osé. 2.18. E Zac. 9.10 diz algo semelhante. Cf. Sal. 76, que amplia o tema. O general George Patton, um dos mais hábeis generais americanos da Segunda Guerra Mundial, disse que gostava da guerra e apreciava passar pelos campos de batalha onde somente fumaça e escombros tinham sido deixados. Um dia ele disse ao general Bradley: "Deus me perdoe, mas eu gosto disto". É difícil compreender tal modo de pensar, mas temos de confessar que não há pouco dessa espécie de cena nas páginas do Antigo Testamento. Naturalmente, os poemas épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*, também estão cheios desse tipo de ação. É admirável como os poetas hábeis podem fazer da matança e do ser morto um tema tão atrativo em suas composições! John Gill (*in loc.*) falou sobre tais desolações *animando* o nosso coração, porque, afinal de contas, é Deus quem provoca a destruição. Conforme a teologia vai crescendo, menos impressionados ficamos com esse tipo de ensino. Seja como for, até os duros julgamentos de Deus (sem importar a forma que assumirem) são remediais, e não apenas retributivos, e esse é um discernimento espiritual que nos *encoraja*. Mas finalmente o estabelecimento do reino de Deus trará a paz.

46.9

Ele põe termo à guerra até aos confins do mundo. *Harmonia através do Conflito.* Paz através da violência; descanso através do tumulto. Essa é a fórmula divina que o poeta sacro descreveu. É dessa forma que as guerras cessarão por meio da guerra santa, dirigida por Deus. O arco deixará de ser usado para efeito de matança, pois o arco divino terá exterminado os exércitos pagãos. As lanças deixarão de existir quando a lança de Deus tiver atravessado todos os adversários. As fogueiras dos campos de batalha deixarão de existir quando o fogo divino tiver consumido a todas as coisas. O salmista previu uma era futura caracterizada pela paz, mas não antes de a guerra final ser desferida.

> *Os habitantes das cidades de Israel sairão, e queimarão de todo as armas, os escudos e os paveses, os arcos, as flechas, os bastões de mão e as lanças; farão fogo com tudo isto por sete anos.*
>
> (Ezequiel 39.9)

"Quando Ele tiver destruído as ambiciosas potências mundiais que causam guerras, haverá paz até os confins da terra (Isa. 14.4-7)" (Fausset, *in loc.*)

"As nações não aprenderão mais a guerra, e o reino de Cristo terá sido estabelecido. Nunca cessará, e da paz não haverá fim. Ver Isa. 2.4; 9.6,7; Sal. 72.7" (John Gill, *in loc.*).

46.10

Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus. *As armas de guerra terão silenciado,* pois à terra será trazida a paz por meio da violência, quando então a Voz celeste far-se-á ouvir: "Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus". Cf. Isa. 30.15. "E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (I João 5.4). "Visto que o nosso Deus é o Senhor do mundo, não temeremos" (William R. Taylor, *in loc.*). O Deus da vitória será grandemente exalçado entre as nações, pois a terra é o Seu domínio. Portanto, temos aqui "a convocação para a confiança silenciosa no poder salvador de Deus, em antecipação à paz universal" (Allen P. Ross, *in loc.*). "O estabelecimento do reino de Deus trará a paz sobre a terra. Cf. Isa. 2.4)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo). "A miraculosa imposição de Seu povo provou que Yahweh, Deus de Israel, é Elohim, isto é, o *Poder*" (Fausset, *in loc.*).

Sou exaltado. Cf. Zac. 19.9; 10.10 e Apo. 21.3, quanto a uma aplicação *messiânica deste versículo.* Ver também Isa. 2.17. Todo joelho se dobrará diante Dele (Fil. 2.9-11).

46.11

O Senhor dos Exércitos está conosco. O termo militar retorna aqui. *Elohim* é o General do exército. Ver o vs. 7. O grande General está com Israel, garantindo que a vitória caberá a eles. Mas haverá uma pacificação universal através da qual a bondade universal de Deus terá legítima expressão. Este versículo é uma duplicação quase exata do vs. 7, pelo que o leitor deve examinar a exposição deste último. A repetição da idéia serve para encerrar o salmo de maneira excelente e *reafirmar a idéia central.* Este versículo também é bastante parecido com o vs. 1, com o qual o salmo se iniciou. Portanto, encontramos aqui uma "verdade firme, duradoura, inabalável e provada" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Quarenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo real,* que forma, juntamente com os Salmos 93 e 96 a 99, uma subcategoria dessa classe, a saber, os *salmos da entronização de Yahweh.* Eles contêm elementos messiânicos, mesmo que não sejam especificamente classificados como messiânicos. Alguns eruditos afirmam ter descoberto que, em tempos pós-exílicos, no período do Ano Novo, Yahweh era anualmente proclamado Rei de toda a terra. Ele é então descrito como quem tomou Seu lugar sobre um elevado trono, oportunidade em que os salmos de entronização provavelmente eram usados. Naturalmente, encontramos algo similar nos rituais sagrados da Babilônia, em que Marduque (a divindade principal daquele império) era instalado como Rei sobre todo o mundo. O quanto os hebreus podem ter pedido de empréstimo daquela fonte pagã é difícil dizer, mas parece não haver razão alguma para negarmos certo empréstimo.

O Reinado de Yahweh. Esta é uma idéia familiar no Antigo Testamento. Ver Sal. 44.4; 28.2; 74.12; I Sam. 12.12; Isa. 41.21; 52.7-10. Os reis iniciavam seu ofício monárquico com grandes espetáculos de clamores, louvores e hinos entoados. As trombetas e as flautas eram tocadas, e os homens batiam palmas. Isso explica as cenas do vs. 1.

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo é: "Ao mestre de canto. Salmo dos filhos de Coré". Esses são elementos comuns a certo número de salmos. Ver as explicações na introdução ao Salmo 42, onde discuto sobre a questão.

"Este salmo deveria ser entendido como um retrato profético do vindouro reino de Deus, manifestações já estavam sendo desfrutadas por Israel. No Salmo 47, o salmista convoca todos os povos da terra a homenagear o Santo Monarca de Israel — Yahweh — quando Ele assumir o Seu reinado sobre todos os povos" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Uma Convocação a Todos os Povos (47.1-4)

47.1

Batei palmas, todos os povos. *Os hebreus eram um povo emotivo.* Eram um povo de vinho, danças e canções, e eram barulhentos por ocasião das festividades. Portanto, aqui os vemos a dançar, gritar e bater palmas, ao apresentar Yahweh a *todos os povos,* quando Ele estiver sendo entronizado. Ele é *Elohim,* o Poder, o Todo-poderoso, e também é *Yahweh,* o Deus Eterno. Todos os povos, *todas as nações,* são convocados neste salmo a reconhecer e aclamar a Deus.

Talvez os salmos de entronização tenham sido compostos para o Ano Novo dos hebreus, nos tempos pós-exílicos, e a cada ano, a cerimônia se repetia. Por meio dessa festividade, os hebreus proclamavam a universalidade de sua fé, pois Yahweh como o Deus exclusivamente de Israel (ao mesmo tempo que poderia haver outros deuses para outros povos) era uma idéia que já havia sido ultrapassada. Os hebreus, assim sendo, passaram do *henoteísmo* para o *monoteísmo* (ver sobre ambos os termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). O henoteísmo ensina que, embora para nós haja "um só Deus", outros povos podem crer em deuses reais que cuidam deles. Mas o monoteísmo afirma a universalidade do Deus único, negando a realidade de outras divindades.

Quanto ao ato de bater palmas, em tempos de festividades nacionais e regozijo, como é o caso do coroamento de um rei, ver II Reis 11.12, e cf. Sal. 98.8. Ver também Naum 3.19. Quanto aos *gritos* de triunfo, ver Núm. 23.21. "Soltar gritos por um rei" era conferir-lhe apoio popular.

Em plena aclamação,
A voz de um povo,
É a prova e o eco
De toda fama humana.

(Ellicott)

Com vozes de júbilo. *Cânticos em altas vozes* (Revised Standard Version), que expressam alegria ou triunfo (King James Version). *Elohim* (o Poder, o Todo-poderoso) é endereçado aqui, e também *Yahweh* (o Deus Eterno) do vs. 2. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

47.2,3

Pois o Senhor Altíssimo é tremendo. O Altíssimo (ver as notas em Sal. 7.17) é um Rei terrível e Seu governo é universal. O monoteísmo, e não o henoteísmo, dominará, e está em foco o *Rei Guerreiro*, conforme demonstra o vs. 3. Para sobreviver, Israel carecia de proteção constante contra os ataques e também de êxito nas ofensivas, a fim de que os inimigos fossem obliterados. Ver as notas em Sal. 46.8-11, onde comentei longamente sobre tais idéias. Os reis antigos também tinham de ser guerreiros eficientes. Nenhum homem seria nomeado rei sem tal qualificação. As pequenas nações da Palestina viviam na atividade constante de matar ou ser morto, e era visto como homem virtuoso o bem-sucedido matador em massa.

Um rei terreno era considerado dotado e inspirado pelo Rei celestial, o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*). Para que um rei se tornasse monarca universal (subjugando todas as nações em redor), ele também precisava exercer poder sobre todas as nações próximas e ter posto *o pescoço de seus povos sob os seus pés,* o que significa vitória e humilhação total para os derrotados (vs. 3).

As mulheres se alegravam e, cantando alternadamente,
diziam: Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares.

(I Samuel 18.7)

Davi, o *rei ideal* (ver I Reis 15.3), naturalmente tinha de ser o *guerreiro ideal.* Ele provou que era exatamente isso ao subjugar *oito* povos (II Sam. 10.19). Aos povos que não aniquilou, ele confinou; e foi assim que Salomão, filho de Davi, conseguiu impor a *época áurea* de paz, embora o reino de Israel continuasse expandindo-se territorialmente.

Os hebreus transferiram os feitos heróicos de Davi a Yahweh e imaginavam que Yahweh fosse, em forma grandemente aumentada, o que Davi era em miniatura. Assim sendo, obtemos um conceito de Deus que não é muito atrativo para os ideais cristãos. Mas os cristãos também transferem para a era milenar esse tipo de programa. "A subjugação de nações estrangeiras foi experimentada, em pequena medida, na história de Israel, mas isso será especialmente verdadeiro na vindoura era do milênio" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Yahweh começou sua "carreira bem-sucedida" sujeitando as divindades cananéias que apoiavam os exércitos cananeus. A partir dali, Ele derrotou os deuses de todas as nações, cada qual com seu exército terreno que guerreava o tempo todo. Ao sujeitar militarmente potências estrangeiras, Israel foi capaz de conquistar *terras,* tornar-se uma nação, erguer-se poderosamente e assim cumprir diversas provisões do *pacto abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

"Temos aqui a menção não a uma obra da graça, mediante a qual os preconceitos humanos são vencidos, e seu coração é ganho para o Senhor, mas a uma obra de julgamento contra os adversários (Isa. 60.14,15; 62.10-12; 63.1-4)" (Fausset, *in loc.*). Mas ver Isa. 11.9, quanto ao lado remidor da moeda. Seja como for, Yahweh é feito aqui um super-Josué; a terra que ele subjugará será a terra inteira. Cf. Fil. 2.10 ss., quanto ao ministério redentor e restaurador de Jesus, o Cristo. E ver as notas expositivas sobre essa passagem no *Novo Testamento Interpretado.*

47.4

Escolheu-nos a nossa herança. *A herança de Israel* dependia das vitórias na guerra, e somente dessa maneira certos aspectos do *pacto abraâmico* tiveram cumprimento. A futura herança de Israel será muito mais extensa, de modo que só o poder divino poderá valer para a sua conquista. O autor sagrado pensava em Israel governando toda a terra, que se tornará a herança dela, e todas as nações como sujeitas ao seu reino superior.

"Ferozmente partidário de Jacó, a quem Ele ama, Yahweh subjugará todos os povos, expropriará suas terras e as transformará em herança para Jacó. Essa é a razão para o convite ao aplauso universal. O quadro assim descrito representa o Rei Universal como um guerreiro conquistador que ascenderá ao lugar superior, e que acabara de derrotar os defensores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

A glória de Jacó. Esta frase, que significa literalmente "a grandiosidade de Jacó", é usada em Naum 2.2 para indicar a glória nacional de Israel. Em Eze. 24.21, essa frase fala sobre o templo de Jerusalém; mas em Amós 6.8 adquire um sentido negativo, "a soberba de Jacó" ... Cf. Isa. 13.19" (Ellicott, *in loc.*). Este autor acredita que o *país* assim referido significa *uma terra excelente.* "Canaã, a terra da qual Israel se orgulhava" (William R. Taylor, *in loc.*). Outros estudiosos opinam que a excelência se refere ao *povo da terra,* conforme pensava John Gill, *in loc.*

Um Convite para Louvar a Deus, Nosso Rei (47.5-9)

47.5

Subiu Deus por entre aclamações. *Yahweh,* que também se chama *Elohim,* o Poder, o Todo-poderoso, tinha conquistado o inimigo. Assim sendo, Ele sobe até o ponto mais alto da terra de Israel, para que possa ser visto por todos ao derredor. Ele estava vociferando por causa de Sua vitória, tal como os soldados que O acompanhavam, um comum gesto de vitória dos vitoriosos. O cortejo é acompanhado pelo sonido das trombetas. Nenhum homem, em parte alguma ao redor, podia duvidar do que tinha acontecido. A subida, neste texto, obviamente é a ascensão ao monte Sião, ao templo (Sal. 24), porque é ali que ocorrerá a celebração. Nos tempos antigos, a arca da aliança era carregada em tais cortejos, porquanto isso falava da presença de Yahweh com Seu povo. Cf. II Crô. 20.28; Sal. 68.17 e Amós 2.2. O povo gritava, cantava, batia palmas e louvava o Rei vitorioso, porquanto Ele tinha acalmado a cena de guerra por algum tempo, e assim eles teriam descanso.

Subiu. "Verbos como este eram usados quando um cortejo de um terreno estava avançando (I Reis 1.40)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Canto o grande poder de Deus,
Que fez os montes se elevarem;
Que espalhou os mares transbordantes,
E construiu os céus altíssimos.

Canto à Sabedoria que ordenou
Que o sol governasse o dia;
Que a lua brilhasse cheia ao Seu comando,
E que todas as estrelas obedecessem.

(Joseph Parker)

47.6

Salmodiai a Deus. Em Israel, o ministério da música sempre se revestiu de grande importância. O culto no templo era acompanhado por músicos profissionais escolhidos. Ver I Crô. 25. Assim sendo, os cortejos eram acompanhados por vários instrumentos musicais, o sonido das trombetas e o cântico dos levitas e do povo comum que se associava aos cortejos. Yahweh, o Rei universal, em seu triunfo, excitava a ruidosa aclamação da parte do povo. Havia profundo zelo patriótico, e nenhum homem podia manter-se tranqüilo.

Cantai louvores. Só neste versículo, esta frase, juntamente com "salmodiai a Deus", é repetida por quatro vezes. O Poder (Elohim) é o objeto desses cânticos, porquanto Ele é o Benfeitor singular do povo. Cantai louvores significa, literalmente, "tocai a harpa", pois era esse instrumento musical que, com tanta freqüência, acompanhava os cânticos, pelo que os sons musicais que ele produz representam os próprios louvores. "... sente tua obrigação diante de Deus; expressa isso por meio de teus agradecimentos; sê agradecido, até mesmo eternamente agradecido a Deus, teu Rei" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Luc. 24.53, a experiência de Jesus em Sua entrada triunfal em Jerusalém.

Prossegue, ó Rei Eterno,
O dia da marcha chegou.
Doravante, em campos de conquista
Tuas tendas serão o nosso lar.
Através de dias de preparação,
Tua graça nos tem fortalecido,
E agora, ó Rei Eterno,
Entoamos nosso cântico de batalha.

(Ernest W. Shurtleff)

47.7

Deus é o rei de toda a terra. *Homens dotados de compreensão* saberão a razão para o cortejo de alegria e louvor. As coisas tinham sido bem arrumadas: Elohim se tornara o Rei de toda a terra. haviam terminado os dias de derrota e hesitação, ou de propósitos parcialmente cumpridos. A grande realização tivera lugar. Ela fora divina, e os beneficiários eram seres humanos.

Salmodiai. Está em pauta um dos salmos didáticos, cujo subtítulo contém a palavra hebraica *masquil.* Homens instruídos cantam um salmo de instrução, para que o povo de Israel pudesse entender o que significava Elohim ter-se tornado Rei de toda a terra. "*Compreendei* o que estais cantando; *senti* o que estais entendendo; permiti que o cântico vos forneça *instrução*" (Adam Clarke, *in loc.*). O Targum diz aqui: "com bom entendimento". Talvez Paulo tivesse aludido a este versículo, em I Cor. 14.15: "... cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente".

47.8

Deus reina sobre as nações. *O Grande Feito Tinha Sido Cumprido.* Elohim, uma vez louvado somente em Israel, agora se assenta no *trono do universo.* Espantosa vitória fora obtida, e Israel, acima de todos os povos, dela se beneficiará, porquanto é o Deus deles que estará entronizado.

O trono de Deus é *santo* porquanto Ele, o Legislador, o estabeleceu e sua lei governa a todas as nações.

A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

(Isaías 11.9)

"Deus reina sobre os pagãos quando, mediante a prédica do evangelho, eles são trazidos à igreja de Cristo" (Adam Clarke, *in loc.*, cristianizando o texto). O trono de Deus é o lugar de julgamento e justiça. A santidade é proclamada dali, em harmonia com a lei divina. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário de idéias acerca da lei. O Logos-Cristo termina sua missão e se assenta à direita do trono de Deus (ver Heb. 1.2).

Senhor de todos os seres, entronizado ao longe,
Tua glória flameja do sol e das estrelas,
Centro e alma de todas as esferas,
Mas perto de cada coração amoroso quão próximo.

(Oliver Wendell Holmes)

47.9

Os príncipes dos povos se reúnem. *Príncipes,* neste caso, devem limitar-se aos *príncipes de Israel, que tomarão a liderança na Nova Economia.* O Deus deles, *Elohim,* é o Rei, e eles são os Seus súditos, os Seus príncipes, os Seus delegados, aqueles que cumprirão missões e O ajudarão a governar o mundo. Eles são o povo do *pacto abraâmico* (ver notas expositivas a respeito, em Gên. 15.18), e receberão as provisões daquele pacto, e de muito mais, porquanto, nas mãos do Rei, muito mais se cumprirá do que foi antecipado naquela aliança.

"Para os judeus dos tempos pós-exílicos, a festa do Ano Novo, com a cerimônia da entronização de Yahweh, era uma previsão do tempo em que os reinos do *mundo se tornariam o reino do Senhor. Cada retorno daquele evento mantinha* viva a expectação de que o evento estava próximo. O vs. 9 deixa claro que, no pensamento deles, o império do Senhor e o império do povo do Deus de Abraão eram termos convertíveis. Cf. Zac. 8.20-23" (William R. Taylor, *in loc.*).

A Deus pertencem os escudos da terra. Os povos derrotados desfizeram-se de seus escudos. Não tinham mais necessidade deles. A guerra havia terminado. E então, quando a paz se completou e se tornou firme, até mesmo os vitoriosos *lançaram os escudos por terra. A guerra tinha acabado. Todos aqueles escudos* tornaram-se propriedade de Elohim, o Rei vitorioso. Quanto ao cumprimento cristão de tudo isso, ver Fil. 2.9 ss., comentado no *Novo Testamento Interpretado.* O Antigo Testamento apresenta a questão mediante termos militares. O Novo Testamento a apresenta como uma realização da missão salvadora-restauradora de Cristo. Dizer menos do que isso é limitar o escopo da missão de Cristo. Onde quer que os homens estejam, Cristo pode atingi-los.

Alguns estudiosos personificam esses escudos, fazendo deles poderes (homens) que antes os embraçavam. Os próprios escudos se prostram diante de Elohim. Tinham sido escudos (protetores) de seu povo, e encabeçavam facções em oposição. Agora, porém, eles se tinham unido para formar uma única companhia que se tornou a companhia dos servos do Rei celeste. "Escudos, isto é, governantes. Cf. Sal. 89.18" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 9).

Salmo Quarenta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é um dos cânticos de Sião, que celebram sua beleza e segurança, bem como os benefícios recebidos da parte do poder divino. Visto que este salmo é tão prenhe de ação de graças, também tem sido classificado entre aqueles que oferecem louvor e agradecimentos especiais. Trata-se de um dos cânticos de peregrinos de Sião, entoado pelo povo que fazia peregrinações ao templo de Jerusalém. Cf. Sal. 137.3; Isa. 26.1; 27.2-5; Jer. 31.23. "Entre eles estão incluídos os hinos entoados ou recitados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém para se unir aos festivais sagrados. Cf. Sal. 84; 87; 122 e 126" (William R. Taylor, *in loc.*). As peregrinações a Jerusalém eram ocasiões especiais. A lei requeria que todos os adultos do sexo masculino (hebreus) viajassem a Jerusalém três vezes por ano, na Páscoa, no Pentecoste e na Festa dos Tabernáculos. Mas, na realidade, alguns tinham muita dificuldade em cumprir essa exigência, ou talvez a pudessem cumprir apenas algumas em sua vida. As mulheres e as crianças não eram acompanhantes usuais nessas jornadas. Provavelmente o salmo à nossa frente é um salmo pós-exílico. A Septuaginta, em seu subtítulo, subentende que o Salmo 48 veio a ser comumente usado nas reuniões de sinagoga, pelo que não se confinava às peregrinações.

Subtítulo. Temos aqui "Cântico. Salmo dos filhos de Coré", um título comum dos salmos, comentado na introdução ao Salmo 42, onde o leitor curioso poderá fazer a consulta. Os subtítulos não eram parte original das composições, pelo que não têm autoridade canônica. Cerca de metade dos salmos tem sido atribuída a Davi, um exagero, embora, sem dúvida, ele tenha composto alguns deles. Músicos-escribas profissionais, como os filhos de Coré, também compuseram alguns salmos, mas não necessariamente todos os que lhes são atribuídos.

"O Salmo 48 é um cântico acerca de Sião, a cidade de Deus, o grande Rei. Nos seus louvores a Deus, que ama a Jerusalém, o salmista entoou as glórias e a segurança da cidade, porque o Senhor a tinha livrado de todos os seus adversários. Com base nessa percepção, o poeta ofereceu louvores a Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

48.1

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado. Os *hebreus,* que sempre foram um povo extremamente religioso, exaltaram *Elohim* como o Deus de Jerusalém. Ali Ele pôs a sua lei e manifestou a Sua presença. Yahweh, outro dos nomes de Deus, que significa *Eterno,* é aqui chamado de "grande", e por isso deve ser louvado grandiosamente. Deus é o cabeça de Jerusalém, como se fosse o governador da cidade-estado. "Sião era o monte no qual a santidade de Deus estava entronizada, sendo esse o local do templo, ou seja, o centro espiritual da cidade de Deus" (Fausset, *in loc.*).

"O salmista começa seu *hino a Sião,* louvando o Senhor de Sião, porquanto através de Sua presença é que a cidade santa é o que se descreve sobre ela" (William R. Taylor, *in loc.*).

48.2

Seu santo monte. Porquanto esse era o ponto central de onde a lei era administrada a todo o país; ali os sacerdotes e levitas exerciam ofício no culto do templo; ali a lei era supremamente conhecida e ensinada; e ali se manifestava a presença de Deus, e tudo isso tendia para a santidade, da qual a lei era o padrão. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário de idéias a respeito.

Quanto aos louvores dados a Yahweh, cf. Sal. 18.3. A capital original de Judá foi edificada sobre o monte Moriá. O templo foi construído no cume do monte, e então a cidade foi chamada de Sião, ou então esse vocábulo era aplicado à área do templo. *Ver os nomes próprios no Dicionário, quanto a detalhes.*

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sião.* Sião foi construída na colina mais alta, e o templo podia ser avistado desde grande distância. O salmista, um rapaz da cidade, jactou-se de sua beleza. A cidade se tornara uma alegria a todos os

homens espirituais de todas as porções do mundo então conhecido, visto que o comércio misturava os povos. Além disso, por causa da presença de Deus e de sua *lei distintiva,* a cidade era um motivo de alegria para todos os homens espirituais e sábios, sem importar onde vivessem.

O monte Sião tem sido identificado com a colina na região norte da cadeia montanhosa daquela área. Parecia alcançar os céus, e, se os pagãos fossem os proprietários do lugar, certamente teria sido chamada de lar dos deuses. Cf. Isa. 14.13; Eze. 1.4; Enoque 24.2,3 e 25.3. Os pagãos costumavam falar sobre a montanha mística no norte, onde os deuses estavam perenemente reunidos em assembléia, e o salmista aproveitou-se dessa alusão, fazendo de Sião uma atração para todos os homens espirituais. Nos tabletes de *Ras Shamra,* a montanha cananéia dos deuses era chamada *Zaphon,* palavra que significa "norte".

Os viajantes ficavam admirados diante do esplendor de Sião. Não era uma cidade na qual se vagueasse ou se fizesse turismo. Era um lugar sério, que elevava o coração dos homens até os céus.

"O templo ficava na parte norte do monte Sião (Isa. 14.13). O altar e o portão que dava acesso ao altar ficavam no lado norte do templo, e era ali que estavam localizadas as mesas sobre as quais se abatiam os animais sacrificados (Lev. 1.11)" (John Gill, *in loc.,* o qual exagerou quanto às declarações sobre o norte, ao prosseguir dizendo que a igreja cristã cresce para o norte, o que ele aplicava às igrejas protestantes, chamadas por Roma de *heresia do norte*).

A cidade do grande Rei. Ou seja, a cidade de Yahweh-Elohim. Ver sobre o salmo de entronização, o Salmo 47, onde isso é destacado com abundantes detalhes.

Ó Sião, apressa tua missão elevada e cumpre-a,
Dizendo ao mundo inteiro que Deus é Luz.
Que Aquele que fez todas as nações não quer
Que uma só alma pereça, perdida nas sombras
da noite.

(Mary A. Thomson)

48.3

Nos palácios dela. *Elohim tornou-se mundialmente famoso,* devido à propagação das doutrinas da lei por parte de Israel. Tornou-se conhecido que nos palácios de Jerusalém existia uma cidadela e uma fortaleza. Mas a Revised Standard Version diz: "Dentro das cidadelas, Deus tem-se mostrado uma defesa segura", e é mais ou menos assim que a nossa versão portuguesa manuseia o hebraico do texto. "Deus é conhecido experimentalmente como tal lugar alto, ou defesa de seus palácios. Cf. Pro. 18.10" (Fausset, *in loc.*).

Quanto à palavra "refúgio", ver Sal. 46.1. Cf. o vs. 13 do salmo presente. "A proeminência deveria ter dado idéia de segurança, devido à *altura*". Poderíamos traduzir aqui por: "Deus, entre seus castelos, é conhecido como uma torre elevada e segura" (Ellicott, *in loc.*). "Todos os que adoram em Sião em espírito e em verdade encontram Deus como um refúgio. Mas essa palavra pode ser entendida como se Deus fosse conhecido como a defesa dos palácios da cidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Havia palácios em Jerusalém, as esplêndidas residências dos ricos. Ver o vs. 13 e cf. Sal. 122.7. A maior e mais digna das características de Sião é que Deus estava ali e provia segurança para os habitantes da cidade.

Sião é Libertada de Seus Inimigos (48.4-8)

48.4

Por isso, eis que os reis se coligaram. Embora fosse conhecida como virtual fortaleza, onde Yahweh havia posto a Sua bênção e a Sua presença, Jerusalém não estava isenta de ataques por parte de adversários hostis. Reis chegavam para atacá-la, mas ficavam perplexos diante do que viam. Isto posto, mudavam de idéia e esqueciam a guerra. Naturalmente, os reis em derredor invejavam o poder e as riquezas de Jerusalém, e não ficavam convencidos de maneira alguma quanto àquela "conversa sobre Elohim". Enquanto a taça da iniqüidade de Israel não se encheu, Jerusalém foi invencível. O pecado pôs fim a tudo isso, conforme demonstrou a história subseqüente, por meio dos cativeiros assírio e babilônico, e, mais tarde, os poderes da Pérsia, da Grécia e de Roma. Israel era sempre derrotada por algum invasor, embora se declarasse fiel a Yahweh. Mas houve um tempo, especialmente durante o fim do reinado de Davi, e depois no reinado de Salomão, em que Jerusalém era virtualmente imbatível. Davi tinha aniquilado *oito nações* pagãs, e aquelas que não conseguiu aniquilar, pelo menos as confinou. Ver II Sam. 10.19. Salomão tornou-se um rei virtualmente invencível. Mas se este salmo é de origem pós-exílica, então é difícil situá-lo na linha do tempo, a menos que estejam em pauta os triunfos dos macabeus. Ou então o poeta sacro falava em termos *idealistas,* e não históricos. "Reis, evidentemente conhecidos pelo autor, mas que são meras conjecturas para nós... Os toques, por mais vívidos que sejam, não são tão historicamente definidos a ponto de permitir que a questão tenha solução plena" (Ellicott, *in loc.*).

Algumas conjecturas quanto a situações históricas são os casos de Rezim e Peca (ver Isa. 7.1-25), ou de Senaqueribe (ver Isa. 14.24-27; 29.1-24; 36.1 - 37; 38), além daquelas referidas acima. *Profeticamente* falando, podemos imaginar a era do reino, mas não é provável que este versículo tenha por propósito prever como as coisas serão, finalmente. Contudo, diz a *Oxford Annotated Bible:* "Quando, nos *últimos dias,* os povos pagãos se aliarem e atacarem a cidade de Deus, eles serão derrotados. Cf. Eze. 38-39; Zac. 12 e 14; Apo. 20.9,10".

48.5

Bastou-lhes vê-lo, e se espantaram. Os *reis arrogantes* tiveram toda a sua altivez arrebatada mediante um olhar para a cidade fortificada de Jerusalém. Eles sabiam estar destinados a tremenda derrota, pelo que retrocederam e fugiram, antes que os soldados de Israel pudessem ser enviados para atacá-los. Eles ficaram estupefacados diante do que viram, o deus Pan espalhou-se por suas fileiras, e eles perderam a coragem e fugiram. *Pânico:* no grego, *panikos,* palavra derivada de Pan, o inspirador de um *terror súbito,* segundo a mitologia grega. Este é um versículo semelhante a Sal. 46.6, que se fizera vívido devido à omissão de conjunções supridas pelos tradutores, os quais amorteceram assim o seu impacto. Este versículo nos faz lembrar da declaração de César: *Veni, vidi, vinci.* Cf. Zac. 11.2 e Isa. 13.6,7. A apresentação idealista do poeta só tem confirmação histórica superficial. Usualmente, Jerusalém era tomada, saqueada e destruída por exércitos estrangeiros, e o pecado, especialmente a apostasia, isto é, a idolatria, recebia a culpa.

48.6

O terror ali os venceu. Este versículo descreve a *agudeza* do temor e da dor, tal como uma mulher subitamente apanhada nas dores do parto. Essas dores são tanto súbitas quanto extremas (I Tes. 5.3), pelo que a figura é apta quanto à descrição em mãos. Isto posto, o inimigo se apressou na fuga, ou seja, desertou da localidade. "Aqui estava algo além das histórias que eles tinham ouvido. A admiração transformou-se em desânimo, e o desânimo tornou-se o ímpeto de fugir. Mas antes de se voltarem para fugir, foram feridos por um estranho temor que os fez estremecer e lhes induziu violentas e involuntárias perturbações nas vísceras. Aquele não era um lugar no qual demorar" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

48.7

Com vento oriental destruíste as naus de Társis. *Uma grande potência marítima* foi quebrada e afundada pelo vento oriental de Deus, pelo que os poderes do Senhor se estendiam para além de Jerusalém e apanharam de surpresa os inimigos de Israel, antes que eles tivessem tempo de invadir o território israelita. Talvez o que o autor sacro quisesse dizer era que os invasores que tinham chegado a Jerusalém a fim de atacá-la, foram punidos a caminho de volta para Társis, por sua insolência, e afundados pelo vento oriental, enviado por Deus. A figura parece ser a disposição de um exército terrestre que estava voltando à pátria por via marítima. O caso da frota de Josafá nos vem à mente (I Reis 22.48,49; II Crô. 20.36), mas dificilmente isso se coaduna com a história que temos aqui.

Alguns estudiosos supõem que as palavras do texto não devam ser entendidas literalmente, mas, antes, representem uma figura que descreve a total e completa destruição de um exército que contava com forças de infantaria, *como se* essa destruição tivesse acontecido por um tufão poderoso que afundou toda a frota. Seja como for, a expressão *vento oriental* é empregada com freqüência em declarações concernentes a acontecimentos destruidores e injuriadores que ocorrem súbita e eficazmente, quer tais acontecimentos tenham sido provocados por fortes ventos literalmente, quer por alguma outra força figuradamente, *parecida* com o vento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado Társis. Ver I Reis 10.22.

Quando ouvimos falar em Társis, pensamos no comércio e no poder marítimo que se estendia até a Espanha, a extremidade ocidental do mundo mediterrâneo. Cf. Eze. 27.26. Os navios de Társis tinham dimensões suficientes para permitir-lhes viagem dos portos orientais do mar Mediterrâneo, na Fenícia, até o porto de Tartesso, na Espanha. Aqui devemos pensar em um poderoso império que poderia ter liquidado Jerusalém, não fora a intervenção divina que o impediu. Alguns estudiosos tomam este versículo para referir-se ao livramento de Jerusalém, quando os assírios invadiram o reino do norte (Israel). Ver Isa. 10.8; 33.3,6.

48.8

Como temos ouvido dizer. Os reis averiguaram a veracidade das histórias fabulosas que tinham ouvido, e até usaram a terminologia dos hebreus: Verdadeiramente Yahweh, o Capitão dos Exércitos, era o chefe da cidade. Ou então temos aqui palavras de *peregrinos hebreus,* que até ali só haviam ouvido falar na grandiosidade de Jerusalém, mas agora tinham a oportunidade de verificar pesso-

almente a questão. Isso se ajusta melhor às palavras "nosso Deus", ou seja, o Poder, de quem somos súditos. O Todo-poderoso manterá Sua obra de proteção de Sião, a fim de que essa feliz condição dure *para sempre*, o que é um exagero, usado por licença poética. As gerações de uma nação religiosa estão vinculadas umas às outras pela sua piedade natural.

"Como é claro, o vs. 8 só pode ter sido proferido por pessoas cujos lares não estavam em Jerusalém, para quem uma visita à cidade era a grande experiência da vida" (William R. Taylor, *in loc.*).

Para sempre. *Idealmente*, por meio de uma licença poética nas expressões, ou *profeticamente*, em referência à era do reino, quando haverá o cumprimento da profecia.

> *Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos.*
>
> (Isaías 2.2)

Selá. Ver as notas expositivas sobre esta palavra de significado incerto, em Sal. 3.2. Cf. Isa. 33.20; 57.7 e Sal. 87.5.

Louvores ao Amor de Deus (Salmo 48.9-14)

48.9

Pensamos, ó Deus, na tua misericórdia. Os habitantes da cidade aliam-se aos peregrinos, que eram recém-chegados, para proferir palavras de louvor. Elohim havia demonstrado Sua *misericórdia* (nossa versão portuguesa) ou Seu *amor constante* (Revised Standard Version). Esses louvores soaram no monte Sinai, próximo do templo, a principal atração da cidade. Devemos pensar aqui em sacrifícios e oferendas, acompanhados pelo cântico de hinos e instrumentos musicais. Os homens faziam promessas e votos, e dedicavam-se uma vez mais a Yahweh. Era um tempo de celebração e reavivamento nacional. Este versículo sem sombra de dúvida indica que o salmo era usado para propósitos litúrgicos. "Fomos ao templo Te adorar. Meditamos sobre a Tua bondade. Esperamos por uma oportunidade de dar a ti nossos louvores" (Adam Clarke, *in loc.*).

Misericórdia. "Ou *amor constante* (Revised Standard Version)" (Allen P. Ross). O hebraico original diz *hesed*, que pode significar *amor leal.*

> *Agora agradecemos todos ao nosso Deus;*
> *Com o coração, mãos e vozes,*
> *Àquele que fez coisas maravilhosas,*
> *Em Quem este mundo se regozija.*
> *O qual, desde os braços de nossa mãe*
> *Nos tem abençoado pelo caminho*
> *Com incontáveis dádivas de amor,*
> *E continua nosso hoje em dia.*
>
> (Martin Rinkart)

48.10

Como o teu nome, ó Deus. *Elohim* é o Deus Todo-poderoso e tem um nome poderosamente bom, conhecido universalmente. O *nome* de alguém, nos dias da antiguidade, representava a pessoa, bem como suas qualidades e atributos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus*. Ver as notas sobre o artigo *Nome*, em Sal. 31.3. Quanto a *Santo Nome*, ver Sal. 30.4 e 33.21. Deus deve ser louvado de modo comensurável com o Seu nome, e isso universalmente, ou seja, até os "confins da terra". O *nome* e a *fama* de Deus são a mesma coisa. Deus tem adquirido para Si mesmo uma reputação significativa. Cf. Sal. 138.2:

> Prostrar-me-ei para o teu santo templo, e louvarei o teu nome, por causa da tua misericórdia e da tua verdade, pois magnificaste acima de tudo o teu nome e a tua palavra.

A tua destra está cheia de justiça. Usualmente, a *mão direita* é o instrumento para a realização de feitos poderosos, como a guerra ou a destruição de inimigos. Aqui, porém, a mão direita é o instrumento de toda espécie de feitos retos, atos benévolos em favor do ser humano. Ver sobre a *mão direita* em Sal. 20.6. Naturalmente, *julgar retamente* também é um ato de justiça, sendo provável que o autor tenha incluído isso em sua declaração geral. Elohim, à semelhança do Zeus dos pagãos, lança seus *raios*, mas Ele faz mais do que isso com a Sua mão direita. "... com atos salvatícios ou vitórias, em vindicação da retidão" (William R. Taylor, *in loc.*). Este versículo foi cristianizado para referir-se aos atos de salvação da missão de Cristo. E lembramos que ele está à *mão direita* de Deus Pai, a posição de poder e autoridade (Heb. 1.3).

48.11

Alegre-se o monte de Sião. Os louvores estão aqui limitados ao reino do sul, *Judá*, cuja capital era Jerusalém. Quase certamente isso indica uma data pós-exílica, quando somente a tribo de Judá supriu gente para reiniciar Israel.

Sião Regozijava-se. O centro fora preservado. O templo fora reconstruído. Os juízos divinos operavam em favor do *remanescente* de Israel. Jerusalém e as cidades-filhas de Judá tinham muito para louvar Deus. As decisões e os atos graciosos de Deus tinham mesmo de ser louvados, o que, provavelmente, é o significado de "juízos", aqui. *Tratamentos costumeiros* é o sentido dessa palavra, mais ou menos como o que aparece em Sal. 119.132:

> *Volta-te para mim, e tem piedade de mim, segundo costumas fazer aos que amam o teu nome.*

"... Teu caráter manifestado (Sal. 20.1)" (Fausset, *in loc.*), um caráter de majestade infinita, poder e bondade, o que o louvor humano é incapaz de exaltar adequadamente. Ver Mal. 1.11, quanto à operação disso nos últimos dias. Este versículo foi cristianizado para referir-se à missão de Cristo, agora e no futuro, produzindo benefícios universais.

48.12

Percorrei a Sião, rodeai-a toda. O peregrino fez um passeio ao redor de Sião, observou suas muitas maravilhas e disse: "Somente Deus poderia ter feito algo parecido com isto". Em outras palavras, o peregrino teve o coração repleto de louvores a Deus. O homem não era um turista a admirar as paisagens. Antes, era um piedoso observador. São anotadas todas as torres e todas as características topográficas, cada uma delas com o seu próprio significado. A cidade tinha até mesmo resistido a ataques potenciais. As torres de defesa lá estavam intocadas e sem dano algum. A mera presença delas havia intimidado os soldados estrangeiros (vss. 4-6). O templo, naturalmente, era a atração principal. A adoração a Yahweh tinha continuado sem interrupção, a despeito da oposição. "Tinham sido preservadas as torres, as rampas de defesa e as cidadelas" (Allen P. Ross, *in loc.*).

48.13

Notai bem os seus baluartes. Jerusalém era, virtualmente, uma fortaleza inexpugnável, com vários tipos de fortificações enumeradas por este versículo, como rampas de defesa, cidadelas e torres. "Sião continuava intacta. Nenhum inimigo fora capaz de danificá-la. Quando os peregrinos voltarem a seus lares, poderão contar à geração seguinte que a cidade era obra de Deus" (William R. Taylor, *in loc.*). Algum dia, aquela nova geração teria oportunidade de ver as maravilhas da cidade pessoalmente, mas, enquanto isso não acontecesse, teriam de confiar na palavra dos mais velhos. "O *próprio Senhor* é a torre de Seu povo, alto e forte, que os garante e os defende de todos os adversários (Sal. 18.2; 57.3; Pro. 18.10). Os *ministros* do evangelho são inabaláveis e foram postos para defesa da verdade (Jer. 6.27).

As *Escrituras Sagradas* são outra torre de defesa. Elas são harmoniosas entre si, e com base nelas os santos estão munidos com armas de justiça" (John Gill, *in loc.*, com algumas adaptações).

> *Torre forte é o nome do Senhor, a qual o justo se acolhe e está seguro.*
>
> (Provérbios 18.10)

48.14

Este é Deus. *Elohim* (o Poder) e *Yahweh (o Eterno)* são nomes do Deus louvado ao longo de todo este salmo, Aquele em quem se cumpre tudo quanto foi dito, "o nosso Deus para sempre... até a morte". Entretanto, no hebraico pode estar em pauta uma *orientação musical*, e não uma declaração quanto à duração do tempo. No hebraico encontramos aqui as palavras *'al muth'*, postas no final do poema, e não no começo, conforme se vê em Hab. 3.19. Ver o Salmo 9, onde parte do subtítulo é exatamente igual. O Salmo 46, onde tento oferecer uma explicação, também contém essas palavras no título. O fato de que Deus será o Deus do homem *para sempre* subentende a sobrevivência da alma e sua continuação em alguma espécie de lugar bom, embora essa doutrina não tivesse ainda sido desenvolvida nos Salmos. Existem apenas indícios, aqui e acolá, e este versículo pode ser um deles. Aqui ou naquele lugar superior, Deus é o nosso *Guia*. E ser guiado pelo Ser divino só poderá ser para o nosso bem.

Salmo Quarenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Existem dezessete classes, e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é *um salmo de sabedoria, uma meditação sobre a transitoriedade da* vida e das riquezas materiais. Quanto a outros salmos desse tipo, cf. Salmos 1; 37; 49; 73; 122 e 128. O poeta sagrado instruía os homens quanto às questões e aos valores fundamentais da vida. Ver sobre a literatura de sabedoria dos hebreus no artigo intitulado *Sabedoria, Literatura de.* Os críticos opinam que esse tipo de literatura foi um desenvolvimento bastante tardio na literatura dos hebreus, pelo que os salmos que representam tal modalidade de composição são considerados tardios demais.

O Governo Divino. Também sempre foi uma doutrina padronizada que um homem viverá bem, prosperará e morrerá bem se merecer tal coisa, e o merecimento, com base no Antigo Testamento, vem mediante a observância da lei mosaica. Tantos são, porém, os exemplos de bons que sofrem de má saúde, pobreza, calamidades e morte prematura, bem como de outros produtos do caos, que os homens começaram a pôr em dúvida o governo de Deus. O livro de Jó examina longamente o *Problema do Mal.* Ver tal assunto no *Dicionário.* No livro de Jó, pois, encontramos algumas respostas preliminares para o problema do mal, mas ali o problema fica realmente sem solução; e até hoje esse problema continua insolúvel. O cristianismo injetou a imortalidade na questão, como aquilo que cura qualquer mal terreno, e essa foi uma excelente adição. Mas nem isso explica por que homens bons sofrem *neste mundo,* nem por que sofrem como sofrem, de maneiras aparentemente inúteis.

Teólogos e filósofos desenvolveram suas *teodicéias,* na tentativa de justificar Deus em face de sofrimentos aparentemente sem razão, em que nem sempre reconhecemos a operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Teodicéia,* quanto a comentários adicionais.

O salmo sobre o qual ora comentamos não resolve para nós o problema do mal. Pelo contrário, deixa o homem em sua miséria e não confere à nossa mente nenhuma esperança, tal e qual faz o livro de Eclesiastes em algumas de suas passagens. "Como é óbvio, o autor sacro viveu em uma época na qual a antiga crença de equilíbrio entre o mérito e as recompensas (ver Deu. 28) estava sendo sujeitada à crítica, à luz dos duros fatos da vida. Em Provérbios, Jó e Eclesiastes, bem como em Sal. 37 e 73, vemos quão grandemente a mente dos homens de Israel se ocupava do problema do governo divino do mundo que, por um lado, permitia que não somente homens ímpios escapassem da pena que mereciam receber, mas também desfrutassem das coisas boas no mundo, e, por outro, negava a almas boas sucesso e felicidade. O autor do Salmo 37 buscou aliviar o peso da questão ao postular que Deus trata com os homens mediante uma lei imutável de *justiça retributiva,* e, no decorrer dos dias, os piedosos serão devidamente vindicados.

O autor do Salmo 49 abordou a questão de uma maneira mais fundamental e, por conseguinte, mais satisfatória. Ele enfrentou os fatos com honestidade e aceitou a vida tal e qual ela é. Ele não esperava que algum dia os justos fossem enriquecidos nesta terra, e que os ímpios fossem humilhados e derrubados... "Mas, uma vez que os homens se apercebessem da *indignidade* básica das riquezas materiais, se desvaneceria o problema que agitava sua mente" (William R. Taylor, *in loc.*). Essas notas são boas até certo ponto, mas devemos lembrar que *ser rico ou não é uma questão pequena, em comparação com os duros sofrimentos.* Seja como for, não há nos salmos apelo algum à imortalidade da alma, nem um equilíbrio das contas no pós-vida. O autor sacro jamais contemplou essa possibilidade, embora outros salmos toquem no assunto. As doutrinas da recompensa e da punição, para além do sepulcro, entrou tarde na fé dos hebreus. Essas doutrinas desenvolveram-se no período entre o Antigo e o Novo Testamento, e mais ainda no período do Novo Testamento.

A sobrevivência da alma ante a morte física, e o que isso significa, tem sido *um estudo da ciência moderna, e atualmente possuímos bem maior carga de* informações que os antigos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Experiências Perto da Morte,* além de vários verbetes que tratam da questão da *Imortalidade.* Esses artigos incluem o que a ciência está descobrindo em nossos dias, e faríamos bem em conhecer tais descobertas. O conhecimento só nos pode fazer tirar proveito. Quanto à nossa *gnosiologia,* não devemos depender somente das revelações e dos livros sagrados. Deus é o grande Conhecedor, pelo que devemos esforçar-nos por *saber* das coisas.

O vs. 15 *tem sido visto por alguns intérpretes como uma expressão da* esperança na imortalidade, mas para certos estudiosos esse versículo não envolve nada disso. Ver os comentários ali. Se se trata de uma declaração de "esperança quanto ao outro mundo", o autor sagrado não usou de modo eficaz essa doutrina para lançar luz sobre o problema do mal e das injustiças na presente esfera terrestre, *agora mesmo.*

Subtítulo. Neste salmo temos o seguinte como subtítulo "Ao mestre de canto. Salmo dos filhos de Coré", o mesmo que encabeça vários outros salmos. Ver comentários na introdução ao Salmo 42. A este subtítulo (do Salmo 49) falta a palavra hebraica *masquil,* que significa "instrução"; mesmo assim o que temos provê um ensino especulativo.

Convocação para que Todos Ouçam (49.1-4)

49.1

Povos todos, escutai isto. O poeta sacro, agitado com o tema e ansioso para dizer algo de valor, convocou todos os interessados a dar estrita atenção ao seu pronunciamento. Ele queria falar a uma audiência universal (todos os habitantes da terra) porque o problema levantado por ele era de natureza universal. Todas as classes de homens têm a experiência necessária para conhecer os enigmas e as agonias envolvidos no sofrimento humano, o problema do mal. Existem *males naturais,* como os abusos da natureza, os incêndios, as inundações, os terremotos, as enfermidades e a morte. Além desses, existem os *males morais,* que incluem os abusos dos homens contra os homens, a violência, a exploração, as guerras etc. Como poderíamos explicar tais abusos (os naturais e os morais) ao mesmo tempo que dizemos que Deus é Todo-poderoso, Todo-conhecedor e Todo-bondoso? Por que Ele permite a continuação desses males? Ver o estudo sobre *Problema do Mal* no *Dicionário,* quanto às respostas de que dispomos e as quais buscamos. Ver a introdução ao salmo presente. Nosso autor tentará solucionar o *enigma* por meio de um *provérbio* (ver o vs. 4).

Povos todos. O homem, de modo geral, nasce para as dificuldades, tal como as fagulhas voam para cima, e parecem não conseguir voar em outra direção. Ver Jó 5.7. O problema do mal não atingia somente os hebreus. Era universal.

Quanto a essa declaração de abertura, cf. Deu. 32.1; Miq. 1.2; Sal. 1.7 e Isa. 1.2. "Os primeiros quatro versículos contêm o *exórdio* do autor, ou seja, a introdução ou exortação, entregue em um estilo muito pomposo, e prometendo as mais profundas lições de sabedoria e instrução. Mas o que era *raro* então é *lugar comum* atualmente" (Adam Clarke, *in loc.*).

49.2

Assim plebeus como de fina estirpe. Todos os habitantes do mundo, todos os povos (vs. 1), naturalmente incluem os *importantes* e os *destituídos de importância* (quanto ao poder e à posição social), bem como os *ricos* e os *pobres.* O problema do mal não isenta a nenhum ser humano.

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro;
Mas que digo! Nem esse, infindos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.

(Soares Passos, Portugal)

49.3

Os meus lábios falarão sabedoria. O poeta sacro fez *grandes reivindicações.* Ele deve ter sido um teólogo ou filósofo profissional que pensava ter alcançado a sabedoria máxima. Ele se julgava dotado de *sabedoria* e *compreensão* em magnitude suficiente para resolver o problema do mal. Naturalmente, ele se levou a sério demais, embora tenha composto um pequeno mas excelente poema. Seja como for, ele havia meditado sobre a questão. Ele tinha *algo* para dizer, mesmo que não fosse uma declaração definitiva sobre a questão. O homem falava com fervor messiânico, mas homem algum, até mesmo o poeta sagrado, jamais resolveu o enigma do sofrimento humano. Nossas dúvidas são traiçoeiras. Elas nos fazem perder a batalha antes mesmo de começarmos, a batalha que, de outra sorte, teríamos ganho. As dúvidas nos levam a temer tentar grandes coisas. Todavia, o problema com que se defrontava o escritor sagrado não era uma dúvida, mas a *confiança excessiva* de que ele possuía um conhecimento que outros homens ainda não tinham descoberto. E, ademais, quem jamais removeu todas as dúvidas sobre o problema do sofrimento humano?

49.4

Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola. O termo hebraico para "parábola" é *mashal,* cuja idéia-raiz é *símile.* O poeta apresentou uma canção-provérbio, visto que seu poema tinha por finalidade ser acompanhado por cânticos e instrumentos musicais. Esse termo hebraico pode significar "parábola", "poema" (ver Núm. 21.27), "declaração profética" (ver Núm. 23.7) ou "declaração de sabedoria" (ver Pro. 10.1). Portanto, tem um grande leque de significados. O contexto sugere que o poeta estava apresentando alguma espécie de *oráculo* acerca do qual ele reivindicava inspiração divina. Se esse é realmente o caso, então podemos compreender melhor a excessiva confiança na qualidade de suas respostas para o problema espinhoso.

Decifrarei o meu enigma. O poeta apontava para um *problema difícil,* que não cedia facilmente a exame ou explicação. A raiz da palavra hebraica parece estar relacionada ao termo "nó". Portanto, o homem expunha um problema *dificílimo,* como se fosse um nó cego. O fio estava cheio de nós. Poderia ele desatá-los? A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui simplesmente *problema.* Seja como for, poucos *enigmas* são tão profundos quanto o problema do mal.

Afirmação Enigmática. "Os enigmas, quebra-cabeças e mistérios do evangelho, sendo explicados magistralmente, estão abertos e são explicados de maneira extremamente agradável... tornam-se claros e evidentes, e são como um belo cântico acompanhado por uma harpa. Ver Eze. 33.32" (John Gill, *in loc.,* o qual, na realidade, foi um grande solucionador de enigmas, especialmente quanto a questões dos hebreus; mas nem mesmo ele sabia tudo, e certamente não sabia como resolver o enigma do problema do mal).

Ao som da harpa. Desde o começo, o poema à nossa frente foi preparado para ser cantado e acompanhado por instrumentos musicais de cordas. Ver I Crô. 25, quanto à importância da música para os antigos hebreus. Eles profissionalizaram a atividade, entregando-a nas mãos de guildas musicais escolhidas dentre os levitas. Essa profissão de músicos era hereditária, e podemos ter certeza de que eles a praticavam intensamente, compondo peças musicais e, de modo geral, tornando o culto do templo mais agradável com suas contribuições musicais. A música tem sido usada como auxílio à meditação e à inspiração. Algumas pessoas podem atingir um estado de transe ouvindo música, e então *coisas criativas* podem ser comunicadas, mesmo que não sejam divinas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais.*

A Vaidade das Riquezas (49.5-12)

49.5

Por que hei de eu temer nos dias da tribulação...? O poeta sagrado começou com uma *declaração geral.* Ele falou em *tempos maus,* e assim atraiu nosso pensamento para o problema do mal. Então afunilou a questão para o problema de homens ímpios serem ricos, ao passo que homens bons eram pobres. É pena que ele tenha colocado demasiada ênfase sobre a questão do dinheiro, e pouca ênfase sobre a questão do *sofrimento.* Para resolver o problema de possuir dinheiro ou não, podemos dizer bravamente: "O dinheiro nada representa, e possuí-lo é uma vaidade". E é precisamente isso que o salmista estava prestes a dizer-nos. Porém, depois de ter dito tal coisa, dificilmente ele fez mais do que arranhar a superfície do problema do mal.

O Poeta Tinha Seus Inimigos. Eles chegaram na tentativa de assustá-lo. Ele estava falando aqui sobre o *mal moral,* o sofrimento que os homens causam a outros homens e trazem *tribulação.* Eram perseguidores que rodeavam as suas vítimas, aproximando-se delas para matá-las. Por que um Deus justo e Todo-poderoso permite que eles ajam assim e continuem a fazê-lo? Por que Deus permite que os perversos enriqueçam e gozem das coisas boas da vida, enquanto os justos passam fome?

Porque hei de eu temer...? Os ímpios são pessoas desarrazoadas e cruéis. Eles fazem muitas vítimas. Eles prosperam e prosseguem nesse caminho. Apesar disso, em última análise, eles nada são e seu dinheiro nada representa. O sepulcro haverá de nivelá-los; mas todos os homens serão nivelados juntamente (vs. 10).

O poeta assumiu uma posição pessimista, em que a própria vida é um mal. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pessimismo.* Os homens, seus atos maus e seu dinheiro são todos *não-entidades,* pois em breve serão reduzidos a nada. Portanto, por que ficaríamos excitados quanto ao processo que parece tão longo mas, na realidade, é tão breve? Podem não-entidades meter medo em nós? Meus amigos, isso soa como o *estoicismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* O que não podemos mudar, ignoramos. Se a esposa de alguém morrer, isso não será mais sério do que se esse alguém deixar cair no chão um vaso de barro e este quebrar-se. Ambos os acontecimentos são inevitáveis. Não temos poder algum contra o destino, pelo que nos mostramos *apáticos* para com a questão. *A vitória* é ganha quando nos libertamos dos *sentimentos* que nos perturbam. Se não tivermos sentimentos, então coisa alguma poderá perturbar-nos. Não podemos controlar os acontecimentos, mas podemos controlar nossas reações diante deles. Os filósofos estóicos solucionavam o problema do mal mostrando-se *indiferentes.* Muitos deles suicidaram-se. Eles simplesmente deixavam de comer, permitindo que a natureza tomasse o seu curso, somente para demonstrar quão indiferentes eram diante de todas as coisas. Os estóicos eram deterministas. O que acontece é o que tinha de acontecer. Essa é a lei da natureza. Portanto, por que se opor ao que é inevitável? Uma coisa pode ser boa ou má, mas nem inventamos vocábulos para descrevê-la. Ela simplesmente *é,* e então a ignoramos. Isso evita que tenhamos sentimentos perturbadores.

49.6

Dos que confiam nos seus bens. Os ricos usualmente são *orgulhosos, fanfarrões* e *gabarolas.* Usualmente são *socialmente inaceitáveis,* embora as pessoas os "aceitem" na tentativa de obter algo da parte deles. E usualmente também estão *enganados,* pois confiam em suas riquezas, o que qualquer tolo sabe que são transitórias, assim como eles próprios. Usualmente são *degenerados,* porque o fato de possuir muito dinheiro lhes permite experimentar toda espécie de coisas prejudiciais. Também são, a grosso modo, *injustos,* porque o dinheiro lhes permite perseguir a outros e não ser punidos pelos maus atos que praticam. E usualmente são *estúpidos,* porque esquecem que tudo quanto ajuntaram apenas vai parar nas mãos de outros, que então se tornam tolos como eles foram. E usualmente gostam de *insultar* outras pessoas, porquanto podem insultar seus "inferiores" sem ter de pagar coisa alguma.

49.7

Ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir. Um homem rico realmente tem algumas vantagens, e pensa que possui mais do que possui. Mas, quando se trata de morrer, ele não tem vantagem alguma sobre as outras pessoas. Ele não pode redimir-se da morte, pagando certa quantia em dinheiro a algum deus ou poder superior. Ele simplesmente morre, como acontece com todos os seres humanos. O que ele obtém é aquela cova no chão, e nem menos sabe que está na cova. Se alguém oferecer alguma coisa a Elohim, o Poder, para que seja dispensado de morrer, será ignorado, tal como ignorou os pobres em sua vida. De fato, ele é um *pobre tolo* e sempre o foi, embora não acreditasse nisso. "Embora um homem tenha governado um império, seu domínio, por ocasião da morte, é apenas uma sepultura" (William R. Taylor, *in loc.*). Isso parece fazer justiça em muitos casos de homens ricos, mas o poeta estava prestes a dizer o mesmo sobre todos os homens, e então tal declaração já não é tão engraçada.

Entretanto, alguns estudiosos vêem o vs. 15 como um trecho bíblico que faz certa distinção entre os bons e os maus e, nesse caso, então uma luz brilhante resplandece sobre um quadro em tudo mais lamentável. Seja como for, o autor sagrado não esperava haver alguma espécie de punição para o homem ímpio. O ímpio simplesmente terminava em nada, no seu sepulcro. Em outras palavras, pelo menos no caso dos ímpios, o poeta pensava em *aniquilamento.* Nossa doutrina cristã, porém, ultrapassou essa marca, e muitas passagens do Novo Testamento podem ser usadas contra o que pensava o autor sagrado. Meus amigos, se eu disser que Deus estende sua misericórdia restauradora até o homem rico, vocês pensarão que estou falando demais. Por outra parte, é difícil dizer demais sobre a obra remidora-restauradora do Logos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus.*

"A morte é a dívida que todos os homens têm, e que cada indivíduo terá de *pagar* pessoalmente. Nenhuma riqueza pode livrar um homem da morte. Deus, em cujas mãos estão as questões da vida e da morte, não pode ser subornado. Nenhuma riqueza material seria suficiente para tal" (Ellicott, *in loc.*). *Remir,* neste caso, não deve ser compreendido no sentido cristão do termo, envolvendo o perdão dos pecados e a redenção subseqüente que um homem rico poderia tentar comprar. O texto limita-se à cena da vida física.

49.8

Pois a redenção das almas deles é caríssima. A redenção de uma alma (vida) não pode ser efetuada a dinheiro. O vs. 9 mostra-nos que a alma envolvida é apenas a vida física. A "cova" referida no versículo seguinte não é um lugar de consciência em outro mundo. Naturalmente, o versículo é aqui explicado evangelicamente por alguns estudiosos, que fazem a cova ser o *sheol* dos hebreus, e que fazem o *sheol* ser um lugar de tormento. Nenhum ser humano pode livrar-se, a peso de ouro, do julgamento divino. Para tanto, faz-se mister o sangue de Cristo (I Ped. 1.18,19). Mas o poeta, como é óbvio, não tinha em mira tão elevada doutrina cristã, embora alguns intérpretes pensem que ele previu tal coisa em uma visão profética. O pobre homem rico talvez tenha tentado prolongar indefinidamente a sua vida física, *se é* que o dinheiro pudesse ser usado com tal propósito. O dinheiro não serve para isso, pelo que o pobre homem morre como um

animal, é lançado em uma cova, e o seu dinheiro é dado a outrem, que então se torna tolo como ele mesmo o foi. Ver o vs. 12. O homem realmente perece, como uma besta. Ele não vai viver em algum lugar do outro mundo. Na verdade vai, mas o poeta sagrado não viu isso.

Por que terra e cinzas são tão orgulhosos?
Quando um homem morre, ele herda somente
O verme e o gusano.

(Eclesiástico 10.8,11)

Nenhum ser humano pode resistir ao decreto do Deus Todo-poderoso nessa situação.

Alma. "Não há aqui nenhuma antecipação do esquema cristão de redenção do pecado. Uma redenção que comprasse um homem, livrando-o da morte, conforme alguém pode redimir-se de uma dívida ou da prisão, estaria muito acima dos recursos dos mais ricos, mesmo que a *natureza* permitisse tal barganha" (Ellicott, *in loc.*). E, naturalmente, a morte aqui é a morte física, e não a segunda morte.

49.9

Para que continuasse a viver perpetuamente. *O suborno oferecido pelo homem rico* a Elohim seria para continuar a viver indefinidamente e nunca ver a cova, uma referência simples ao sepulcro. Cf. o vs. 11. A versão caldaica e alguns intérpretes cristãos vêem aqui o julgamento do *sheol*, mas no contexto não há indicação alguma quanto a isso. A Revised Standard Version escreve a palavra inglesa correspondente, *Pit*, com o "P" maiúsculo, mas isso pode enganar os leitores, pois poderia significar o *sheol* dos hebreus. Ver no *Dicionário* quanto a esse termo, a respeito da doutrina que se desenvolveu mais tarde. Naturalmente *seol* e *cova* podem ser termos sinônimos. Mas aqui a palavra hebraica correspondente é *shachath*, que significa "buraco" ou "cova", uma valeta, uma sepultura, também usada metaforicamente com o sentido de *corrupção*.

49.10

Porquanto vê morrer os sábios. Os sábios, os tolos e os estúpidos, todos morrem da mesma maneira. Todos terminam na sepultura, e o corpo deles todos se transforma em uma massa corrupta. O poeta sagrado disse as coisas de tal modo que mostra que os homens são todos iguais quando a morte os nivela. O sábio provavelmente não deixou dinheiro à sua descendência, mas o rico passa o dinheiro a seus herdeiros e, quando eles o recebem, tornam-se tolos como seu benfeitor. Mas o rico era, ao mesmo tempo, tolo e estúpido, por ter chegado a pensar que seu dinheiro o tornaria uma criatura melhor que as outras. Portanto, fica solucionado *um dos aspectos* do problema do mal. O dinheiro nada significa, porque os homens nada significam. Tanto o dinheiro quanto o homem reduzem-se a nada. Por conseguinte, por que se preocupar com o dinheiro? Dessa maneira, o poeta ensinou o *pouco valor básico* das riquezas materiais, ao mesmo tempo que ensinou a pouca valia da vida humana, *a menos* que o vs. 15 deste salmo nos forneça uma visão superior. Mas se estivermos falando sobre o indivíduo rico e ímpio, então teremos de concordar que a sua vida foi inútil, porque foi *imediatamente* reduzida a nada. E ato contínuo, ele foi totalmente aniquilado pela corrupção do corpo físico. Tal homem era apenas o seu corpo. Não encontramos nos salmos nenhum ensino sobre uma vida pós-túmulo para o rico. E também não é certo que os salmos ensinem uma *esperança*, para o homem bom, melhor do que a que acontece ao pecador. Caímos de cabeça no pessimismo, seguindo os salmos.

Um aspecto do problema do mal está resolvido. As riquezas, basicamente, não têm o mínimo valor, assim como o homem rico em bens materiais. Por conseguinte, por que ficar com inveja dele e do seu dinheiro? Mas isso não soluciona outros aspectos do problema do mal, que envolvem o sofrimento, a menos que tenhamos a visão pessimista: o sofrimento também se transforma em nada. Portanto, que você sorria e suporte os sofrimentos, porque em breve não existirá para sofrer a dor. Essa não parece ser uma teologia muito avançada; mas parece ser o que o salmista estava promovendo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo*.

A morte devora tanto os cordeiros quanto os carneiros.

(Provérbio do século XVII)

A morte é a grande niveladora.

(Provérbio de 1732)

A morte paga todas as dívidas.

(Provérbio do século XVII)

49.11

O seu pensamento íntimo. O rico vão supõe que suas *casas* (linhagem, propriedades etc.) continuarão para sempre. Ele se empertiga como tolo e pensa que é o rei do galinheiro. Subitamente, porém, alguma doença ou acidente põe fim à triste história. Ele chega a dar às suas propriedades o próprio nome, como se isso de alguma maneira fizesse seu nome continuar perpetuamente. Mas até suas propriedades se perdem (embora durem mais que seus proprietários). E séculos mais tarde, alguns arqueólogos encontram os escombros e perguntam: "O que teria sido este lixo?".

A Revised Standard Version segue as versões grega e siríaca do Antigo Testamento aqui: "Suas sepulturas são seus lares para sempre", continuando assim a idéia do vs. 10. Se antes habitavam em casas excelentes e as chamavam por seus próprios nomes, a verdade da questão é que somente seus sepulcros (seus lares eventuais) tinham algum poder duradouro. Os homens também dão seus próprios nomes, ou os nomes de suas mulheres, a locais geográficos e cidades, como Alexandria, Antioquia, Quiriate-Arba (*Arba* era o nome do homem). *York* vem de um nome de família dinamarquesa, um nome já antigo na Inglaterra e um nome mais recente na América do Norte. Mas até cidades assim chamadas acabam perdendo toda a conexão com os nomes originais. Quem sabe e quem se incomoda com isso, exceto alguns poucos historiadores? Então até as cidades desaparecem e perdem-se sob os escombros dos séculos.

49.12

Todavia o homem não permanece em sua ostentação. Este texto é repetido no vs. 20. É possível que, originalmente, fosse uma espécie de refrão, uma declaração importante que não podia ser dita por apenas uma vez.

A despeito de toda a sua arrogância, *o rico ímpio* não é melhor do que o animal bruto que morre. Se o poeta sagrado não acreditava na sobrevivência da alma do homem mau (vss. 7-10), então certamente também não acreditava na sobrevivência da alma animal. Mas hoje em dia há alguma evidência em favor da sobrevivência da alma animal, pelo que nosso conhecimento prossegue. Platão opinava que *toda vida é psíquica* e a parte material é apenas a residência da vida. Nesse caso, todas as coisas vivas são, na realidade, espirituais, ao passo que levam avante veículos materiais. Talvez a nossa ciência algum dia comprove essa admirável doutrina, mas o poeta não era um filósofo platônico em nenhum sentido da palavra. Como hebreu, seus pontos de vista sobre a sobrevivência da alma, em todos os sentidos, estavam severamente limitados. Ver os comentários sobre o vs. 15.

Nas mãos do salmista, considerar um homem apenas uma fera bruta, pois termina no absolutamente nada por ocasião da morte, era um *insulto* dos piores para o rico pomposo, que com tanta arrogância se tinha elevado acima dos demais. Sendo essa a verdade da questão, o homem rico não era melhor do que a sua vaca. O argumento que aqui se impõe é: "Nesse caso você tem inveja do rico e de suas riquezas? Finalmente, no que ele difere dos animais domesticados que possui, ou de algum animal selvagem como um dos leões da floresta, que vive por tão breve tempo, e então se reduz a nada, por ocasião da morte?". Cf. Eclesiástico 2.19-21.

Uma Morte Lamentável (49.13-15)

49.13

Tal proceder é estultícia deles. Este versículo tem sido variegadamente traduzido: 1. Um dos sentidos possíveis é que o modo de vida do rico viver é uma insensatez, e ele perece em sua insensatez, mas a sua posteridade aprova suas atitudes na vida e, naturalmente, cai no mesmo horrendo modo de viver e morrer. 2. A *sorte* dos que têm uma tola confiança, ou seja, o *fim* dos que estão satisfeitos com suas riquezas, é acabar morrendo como ovelhas tolas. O hebraico deste versículo está corrompido, pelo que também várias tentativas têm sido feitas para arrancar daí algum sentido. O que fica claro é que o rico tolo chega a um mau fim, e morre como se fosse algum animal ignorante, o que repete a idéia do vs. 12.

Selá. Quanto aos sentidos atribuídos a esta palavra incerta, ver Sal. 3.2.

49.14

Na sepultura. Embora tenhamos aqui, literalmente, a palavra hebraica *sheol*, está mesmo em vista a sepultura. Note-se que é dito que *ovelhas* descem ao *sheol*. Como é óbvio, o autor sacro não está dizendo que as ovelhas, depois de mortas, descem ao submundo dos espíritos partidos deste mundo! E nem está dizendo que os homens vão para lá. O *sheol* (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hades*, o equivalente grego desse termo hebraico, para maiores detalhes) em tempos posteriores era concebido como uma habitação tanto para espíritos bons como para espíritos maus; e então, finalmente, um lugar de recompensa e punição. Mas o autor do salmo à nossa frente não estava envolvido nessa espécie de teologia.

A sepultura consome o corpo, mediante a morte, que é aqui *personificada* como uma espécie de monstro que se deleita em devorar os corpos ali postos. Enquanto o homem morto está ali, sendo consumido pelo monstro chamado Morte, o homem bom, que sobrevive à morte, tem domínio sobre esse monstro. Mas o ensino não diz que, de alguma maneira, os espíritos bons dominam os espíritos maus no hades.

Como se fosse um rebanho de ovelhas, eles são tangidos na direção do sepulcro escuro. A morte guia o caminho deles. A morte tornou-se o pastor deles.

A sepultura é o lugar em que habitam. O original hebraico é incerto, pelo que a Revised Standard Version diz: "Eles descem direto para a sepultura". Mas alguns estudiosos vêem aqui os justos regozijando-se com a triste sorte dos ímpios, tal como sucedeu a Israel, diante da matança causada pelo exército de Senaqueribe. Portanto, lembramos a ressurreição de Jesus, pelo que nenhum poder maligno podia regozijar-se por ter Ele permanecido no sepulcro. Isso nos fornece um contraste imortal.

"Eles não são como ovelhas em seu período de vida, inofensivos e inocentes... mas, antes, em sua morte, descem ao sepulcro como animais brutos" (John Gill, *in loc.*). Durante a vida eles se alimentaram com toda espécie de acepipes e alimentos escolhidos, mas na morte eles mesmos servem de alimento. A alusão, neste caso, é ao verme e à carne em decomposição. O monstro chamado Morte é o grande verme que se alimenta de cadáveres.

49.15

Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte. Várias interpretações têm sido atribuídas a este versículo, a saber:

1. Não há aqui nenhuma contradição com o vs. 10. O sábio morre como o insensato. Ambos chegam ao fim absoluto por ocasião da morte. Este é um ponto de vista pessimista que concorda com a teologia primitiva dos hebreus, antes que qualquer doutrina da imortalidade se desenvolvesse. A questão da redenção da vida significa apenas que o homem não sofre de morte prematura, ao passo que se pode esperar que os ímpios não vivam até idade avançada. "Este versículo pode expressar a certeza do salmista sobre a própria imortalidade, mas talvez seja melhor compreender a confiança de que ele seria livrado da presente tribulação (ver Sal. 89.48 e Osé. 13.14)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). A doutrina da imortalidade pessoal *começou* a entrar na teologia dos hebreus em alguns versículos dos Salmos e dos Profetas.
   No vs. 14, o *sheol* é obviamente apenas a sepultura. Será possível que essa mesma palavra se refira ao lugar dos espíritos partidos deste mundo no vs. 15? Nesse caso, o poeta sagrado ensinava que, para os ímpios, tem lugar o aniquilamento, mas para as almas boas, há um pós-vida no qual elas são recebidas por Deus em uma existência abençoada.
2. Outros aceitam este versículo como uma daquelas *raras* referências evidentes à imortalidade nas páginas do Antigo Testamento. Outras passagens semelhantes são Sal. 73.23-25; Isa. 26.19; Dan. 12.2-3. E acrescento mais algumas referências nesse sentido, no artigo do *Dicionário* intitulado *Alma.* William R. Taylor (*in loc.*) supõe que o autor sagrado tenha sido influenciado nesses relatos com as translações de Enoque (Gên. 5.24) e Elias (II Reis 2.11), sobre os quais é dito que eles não morreram. Seja como for, o autor sacro não elaborou essa "ousada" afirmação acerca da sobrevivência da alma diante da morte. Além do mais, este versículo encontra-se bastante isolado dentro do relato, e o poeta não o transforma em um argumento sobre o problema do mal, da maneira como gostaríamos.
3. Ainda outros estudiosos vêem aqui a doutrina da *ressurreição,* e não a doutrina da sobrevivência da alma, ou seja, a sobrevivência do espírito. "A terminologia contrasta a *ruína* dos ímpios e inclui, sob forma germinal, a esperança da ressurreição" (Allen P. Ross, *in loc.*). Portanto, temos aqui "... uma pálida amostra de uma esperança maior, de que nem a morte pode quebrar o laço do pacto entre Yahweh e o Seu povo, uma esperança na qual vemos a mente dos hebreus tateando seu caminho nos últimos salmos e no livro de Jó. Cf. Sal. 16.10" (Ellicott, *in loc.*). Como é claro, Ellicott falava sobre a *sobrevivência da alma.* A sobrevivência da alma dos ímpios, em um lugar de julgamento, ainda não havia entrado no pensamento dos hebreus. Os livros intermediários entre o Antigo e o Novo Testamento desenvolveram essa idéia, e as chamas do inferno foram acesas em I Enoque, um dos livros pseudepígrafos. Ver a série de artigos sobre a *Imortalidade,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento.*

A Magnificência Mundana É Temporal (49.16-20)

49.16,17

Não temas, quando alguém se enriquecer. Ninguém deve sentir inveja nem *temor* (como se algo tivesse saído errado com o governo de Deus) ao observar o homem rico prosperando, dominando outros, arrogante em seu poder, e ferindo outras pessoas com o seu dinheiro. Não há nenhum *problema* nesse acontecimento, pois em breve tal homem *morrerá* e dele só sobrará no sepulcro restos mortais corruptos. Ele não poderá levar consigo coisa alguma, ao morrer. Sua mortalha não terá bolsos onde possa amontoar coisas, antes de partir desta vida. De fato, ele não parte; tão somente jaz no sepulcro, apodrecendo. Não está mais vivo no mundo. O homem tinha uma *glória* terrena indiscutível. As pessoas se admiravam de sua excelente mansão e o temiam quando ele as acionava na justiça. Tinham receio de seus sequazes, que faziam o trabalho sujo, chegando até a matar os inimigos do homem. Antes, a sua glória e poder desceram para o sepulcro juntamente com ele, e foram transformados em nada. Além disso, as riquezas (glória) tinham ficado com os herdeiros, que assim se tornaram tolos como seu progenitor.

O poeta volta aqui à pergunta formulada no vs. 5, referente ao temor do rico ímpio que persegue outros, e fornece a sua resposta. As riquezas são inúteis, afinal; os ricos são inúteis. Um homem "... não precisa temer, por mais prósperos e poderosos que seus adversários se tornem, pois todos eles morrem e, ao morrerem, não poderão levar consigo nenhuma parcela de suas possessões" (Ellicott, *in loc.*). Temos aqui, portanto, outras palavras de admoestação que o salmista dirigiu aos deserdados e aos desapontados. Ele pôs as riquezas e o poder dentro de sua verdadeira perspectiva. Ele salientou o vazio dessas coisas. Mas o poeta sagrado não ameaçou tais homens com algum tipo de julgamento no pós-vida. Tais indivíduos são simplesmente aniquilados no sepulcro.

49.18,19

Ainda que durante a vida ele se tenha lisonjeado. O homem rico e ímpio reúne-se a outros homens como ele, às *gerações* que foram antes dele para seu respectivo nada. Os pais daquele homem estabeleceram um mau exemplo e terminaram mal. Enquanto tais homens viviam, consideravam-se *felizes.* Pelo menos é como alguém já disse: "Quando se tem dinheiro, mesmo que você seja um miserável, pelo menos você goza de conforto em sua miséria". Não ter dinheiro dificilmente assegura felicidade, mas garante que não haverá certo acúmulo de miséria. Os homens que buscam riquezas, e as obtêm, naturalmente são *elogiados* por aqueles que observam o seu curso da vida. É natural admirar um homem bem-sucedido, e o *sucesso* é geralmente julgado pelo dinheiro, pelo poder e pela influência que alguém é capaz de acumular nesta vida. Mas quando esse homem segue as gerações anteriores para as trevas (pois para onde eles vão não há luz), então torna-se claro que era uma insensatez admirá-los. E o exemplo distorcido deles não deveria ser seguido.

"... os quais nunca mais verão a luz, ou seja, nunca mais viverão de novo", é o sentido literal destas palavras, de acordo com Ellicott (*in loc.*). Isto posto, há um contraste com a esperança levantada no vs. 15. Eles não verão nem "a luz do sol que ilumina este mundo, nem a luz do sol superior, que alegra os santos beatificados (Apo. 21.23)" (Fausset, *in loc.*). "... eles não desfrutarão a glória e a felicidade da luz eterna. O estado de glória final algumas vezes é expresso como *luz* (ver João 8.12 e Col. 1.12). Essa é a luz que o povo de Deus, que é *feito luz* no Senhor, verá" (John Gill, *in loc.*).

49.20

O homem, revestido de honrarias, mas sem entendimento. Este versículo é uma duplicata do vs. 12, onde ofereço a exposição. O autor, por conseguinte, terminou o seu sábio poema em uma nota muito desanimada, atitude que antes já havia deixado registrada. A miséria para o homem mau ficou assim garantida. Essa miséria é como a das feras irracionais quando morrem, ou seja, transforma-se em nada no sepulcro. A alma do tolo lhe é requerida (Luc. 12.19,20), e lhe são arrebatadas a sua glória e as suas riquezas. Pior ainda, tal homem nem ao menos tem alma. Ele não tem um espírito que possa sobreviver à morte. Foi assim que o autor devolveu as coisas à perspectiva correta. Ele olha para o fim da vida física e vê ali o homem rico e mau desaparecer na extinção, no nada, mas vê o homem bom ser recebido por Deus, presumivelmente em uma existência de felicidade, embora não tenha ampliado a questão (vs. 15).

Salmo Cinqüenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é chamado de *salmo litúrgico.* Era uma peça literária usada no culto do templo, que instruía os homens acerca dos julgamentos de Deus. Haverá uma prestação de contas. Os homens são moralmente responsáveis diante da lei de Deus. O culto prestado apenas de lábios é condenado. A *mensagem profética* fala da necessidade do julgamento futuro. O poeta tornou-se um dos profetas

menores e fez entrar a sua mensagem na liturgia do saltério dos hebreus. Quanto a seu estilo e conteúdo, este salmo nos faz lembrar dos discursos dos profetas pré-exílicos, em passagens como Isa. 1.10-23; Osé. 6.6; Miq. 6.6-8 e Jer. 22.1,13-17. O poeta não se sentia à vontade com certos desenvolvimentos nos costumes que cercavam os sacrifícios, e os oficiais do templo eram tolerantes para com as tentativas de reforma. Devemos lembrar que os profetas, em algum grau, deslocaram de suas posições os levitas (e os sacerdotes). Os antigos ritos e cerimônias não foram olvidados, mas o ofício profético continuou crescendo em importância e prestígio.

Pontos de vista religiosos refletem uma era pós-exílica. Note o leitor que os vss. 8-15 nos dizem que a verdadeira religião consiste em invocar Deus em tempos de tribulação, prestar ações de graças, em um agradecimento sentido no coração, e não no mero oferecimento de sacrifícios. Cf. Isa. 1.10-17; Jer. 7.21-23; Miq. 6.6-8, trechos que já projetavam uma visão mais profunda da espiritualidade. Portanto, este salmo tem uma natureza didática, com atitudes próprias de adoração. O Senhor examinará o seu povo com base em princípios espirituais verdadeiros, e não meramente com base em um espetáculo religioso. Há formalismo e hipocrisia quanto à maneira como os homens se expressam no templo, na igreja e em seus lares. As pessoas devem ter coração confiante e obediente, e não meramente uma demonstração externa de religiosidade.

Subtítulo. Temos aqui o subtítulo simples "Salmo de Asafe", que, presumivelmente, deve ter sido um dos autores dos salmos. Os Salmos 73 a 83 *também são atribuídos a ele.* Ver a introdução ao Salmo 42, quanto a outros autores além de Davi. As notas introdutórias, entretanto, não faziam parte original das composições, mas foram obra de escribas posteriores, quase todas atinentes a conjecturas *quanto à questão da autoria e outras circunstâncias que podem ter* influenciado as composições. Asafe foi um dos grandes músicos levitas (ver I Crô. 16.4,5), e é natural atribuir a ele alguns salmos. Por outra parte, é possível que ele, realmente, tenha composto alguns salmos.

Deus Dirige-se ao Povo (50.1-23)

A Aparição do Senhor para Julgar (50.1-6)

50.1

Fala o Poderoso, o Senhor Deus. *Elohim,* cujo nome já significa *Poder,* é denominado aqui *Todo-poderoso,* o que apenas reforça a idéia básica envolvida nesse nome divino. Além disso, Ele também é *Yahweh* (o Deus Eterno). Esse título *augusto encabeça a afirmação profética e didática, cuja intenção era reformar* costumes e atitudes relativos aos sacrifícios. Ver a introdução ao salmo presente quanto a explicações completas sobre a natureza geral deste salmo. Este Deus Eterno e Todo-poderoso é o Senhor Universal, e assim *dirige-se* à humanidade inteira, mas especialmente a Israel, o possuidor de Sua lei. Mas a mensagem é para todos os homens de todos os lugares, aqueles que viviam no oriente (onde o sol nasce) e aqueles que viviam no ocidente (onde o sol se deita no horizonte). As descrições de Deus foram derivadas de elementos encontrados em Deu. 33.2 e Êxo. 19.16. O poeta continuará sua exposição, descrevendo uma cena do tribunal do céu. O ser humano é chamado para ser julgado, e *Deus* é o seu juiz. Os *primeiros seis versículos* do salmo contêm uma descrição idealizada do tribunal do julgamento divino: 1. Deus, o Juiz, aparece resplandecente. 2. O Seu Espírito convence os homens do pecado, da justiça e do juízo. 3. Ele envia Sua Palavra inerrante, e a revelação da lei como base do julgamento. 4. Sua trombeta soa e alerta os homens. 5. O julgamento será severo, perturbando a ordem da natureza e aterrorizando os homens. Sairá *fogo* da presença de Deus. 6. Estarão presentes testemunhas que garantirão as decisões e os atos apropriados. 7. *Ocorrerá uma reunião dos justos.* 8. As hostes angelicais e os sábios unir-se-ão, aclamando a justiça do processo e seus resultados.

Nomes Divinos: El, Elohim, Yahweh. Temos aqui uma tríada, cada nome entendido como um título distinto, separado. Portanto, temos o Poder, o Todo-poderoso e o Deus Eterno. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes de.*

50.2

Desde Sião, excelência de formosura. *Sião,* centro da fé hebréia, localizada na capital da nação de Judá, Jerusalém, é em si mesma a *perfeição da beleza,* e dali o Poder, o Todo-poderoso e o Deus Eterno vem para produzir a declaração profética *acerca do julgamento divino.* "A aparição de Deus foi transferida do monte Sinai para Sião, porquanto *Sião* se tornou, aos olhos das gerações posteriores, o segundo Sinai, que propagava e interpretava a lei de Moisés, a base de toda a fé dos hebreus. Cf. Isa. 2.3 e Miq. 4.1,2. O Segundo Sinai tinha uma vantagem sobre o primeiro, porque agora existia o *ofício profético* que reforçava a mensagem e dava a ela aplicação universal, com maior discernimento. Quanto à *belíssima* Sião, ver também Sal. 2.6 e 48.2,11,12. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sião.*

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo, que é a perfeição da beleza, além de ser também o Juiz. Em harmonia com isso, o julgamento é visto como operante por ocasião do Segundo Advento de Cristo. Sião será o Seu trono (Sal. 2.6), mas tudo isso estará fora do escopo da visão de nosso poeta sacro.

Resplandece Deus. Deus é a Luz Suprema e também a Revelação Suprema. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, A Metáfora da.* A cristianização deste versículo tem prosseguimento, ao fazer do Logos-Cristo a Luz que rebrilhará nos últimos dias. Cf. esta parte do versículo com Sal. 81.1 e Deu. 33.2. Está em pauta a *manifestação divina,* a Luz de um Novo Dia. Isso envolve diretamente o *teísmo.* Deus não somente criou, mas continua presente em Sua criação, a fim de julgar e recompensar. Os homens são moralmente responsáveis diante Dele. Contrastar essa idéia com o *deísmo,* que afirma que Deus criou o universo, mas então o abandonou, deixando-o entregue aos cuidados das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.*

50.3

Vem o nosso Deus, e não guarda silêncio. Deus virá como aquele que trará a palavra final da verdade, verdade que julgará os homens. Ele não guardará silêncio. Os homens serão responsáveis diante Dele. A lei moral demanda uma reação moral. O julgamento não será abafado ou esquecido. Será um acontecimento inevitável. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Perante ele arde um fogo devorador. Temos aqui uma figura simbólica, e *não a descrição literal do que sucederá por ocasião do julgamento.* Não obstante, o livro de I Enoque acendeu as chamas do hades, durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. O Novo Testamento tomou essa metáfora do julgamento e o transformou em fogo literal (ou assim parece ser), pelo menos em alguns pontos. Seja como for, os intérpretes, antigos e modernos, compreendem esse fogo como literal. Mas ninguém pode prejudicar a alma imaterial com o fogo literal, pelo que é uma insensatez falar aqui em chamas literais. O julgamento será *como* fogo. Será algo consumidor; será seriíssimo; será poderosíssimo. Tentar fazer a imaterialidade (a alma) sofrer por causa do fogo literal é como jogar pedras no sol, na esperança de acertá-lo e de alguma maneira afetá-lo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos,* onde exponho minha posição sobre a questão. Caros leitores, até o julgamento divino será remedial, e não apenas retributivo. Ver as notas em I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado.* O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. O *julgamento fará alguma coisa boa. Não terá por propósito somente ferir.* Será disciplinador, e não apenas punitivo.

Interpretações Inferiores Deste Versículo:

1. O evangelho da missão entre os gentios, que varreria todo o mundo pagão queimando a idolatria e o pecado e preparando o caminho para a salvação.
2. O julgamento por ocasião do segundo advento de Cristo.
3. O julgamento dos judeus que tiverem rejeitado a Cristo.
4. O incêndio que devorou Jerusalém, provocando-lhe a destruição, no ano 70 D. C., uma medida preliminar de maiores julgamentos vindouros.

Este versículo, pelo contrário, tem um sentido *geral,* servindo de ameaça a todos os homens de todos os lugares, mas especialmente a Israel, no sentido de que Deus é um Deus de revelação e julgamento, e os homens são responsáveis diante Dele por seus atos. Esta passagem apresenta princípios que podem ser *aplicados a qualquer julgamento.*

50.4

Intima os céus lá em cima. O *clamor do julgamento divino* subirá até os céus e então descerá até a terra. O mais provável é que o sentido dessa intimação seja que Deus convocará os céus e seus seres inteligentes para serem *testemunhas* de como Ele julgará os homens. Não é provável que esteja em vista o julgamento dos anjos. A terra, igualmente, e seus seres inteligentes, serão testemunhas da retidão desse ato de juízo divino. Coisa alguma será feita em segredo. Não haverá jogos, não haverá subterfúgios, não haverá omissões nem exageros. O julgamento divino será público e universal. Cf. Miq. 6.2. Ver também Deu. 4.26; 32.1; Isa. 1.2; Miq. 1.2 e I Macabeus 2.37.

50.5

Provavelmente estão em vista aqui os *réus,* ou seja, Israel, o povo das *alianças* com Deus (*ver a respeito no Dicionário*). Ver sobre o *pacto abraâmico* em Gên. 15.18, e sobre o *pacto mosaico,* em Êxo. 19. Embora os israelitas fossem os *fiéis* de Deus (os quais nem sempre foram muito fiéis), serão julgados.

Nenhum homem é tão bom que escape do julgamento. Haverá também o julgamento dos crentes. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Julgamento de Cristo, Tribunal do* e *Julgamento do Crente por Deus.*

A primeira parte do salmo anuncia julgamento universal, mas também se especializa no julgamento dos santos de Israel, o povo em relação de pacto com Deus. Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à igreja, aos santos do Novo Testamento e a como o julgamento será decretado ali; mas não é isso o que está em vista, embora possamos fazer tais *aplicações.*

Santos. Ou seja, homens que se tornaram *piedosos* através dos sacrifícios e dos pactos, e também mediante a observância da lei mosaica. Ser santo do Antigo Testamento era uma questão "coletiva". É possível que alguém seja um *santo* individual, mas no Antigo Testamento os santos eram a comunidade que compartilhava provisões que a ela chegavam através dos patriarcas.

50.6

Os céus anunciam a sua justiça. *Os céus declararão* a retidão de Deus. Ele não cometerá equívocos, e Sua santidade será vindicada. Outrossim, Deus julgará em conformidade com a Sua própria santidade, que supostamente foi formada nos homens enquanto eles desenvolviam seu caráter moral.

> *Portanto santificai-vos, e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus.*
>
> (Levítico 20.7)

> *Eu sou o Senhor vosso Deus: portanto, vós vos consagrareis, e sereis santos, porque eu sou santo.*
>
> (Levítico 11.44)

É o próprio Deus que julga. Emanuel Kant baseou um argumento em prol da existência de Deus sobre o postulado de que deve existir um Poder e uma Inteligência capaz de equilibrar as contas, de fazer justiça, de dispensar recompensas e punições. Paralelamente, também deve haver a *sobrevivência da alma,* para que o homem receba o castigo ou a recompensa apropriada, o que raramente acontece na esfera terrestre. Se não aceitarmos esse postulado, teremos então de aceitar a idéia de que o *caos* é o verdadeiro deus deste mundo. O poeta, porém, não apresentou argumentos filosóficos. Foi direto à conclusão: Deus é o Juiz. E também não tinha dúvidas quanto a existência Dele.

Duas acusações serão feitas contra os santos: vss. 7-15 — Deus não queria apenas a oferenda de animais sacrificados, isto é, o formalismo; e vss. 16-23 — muitos que se dizem crentes não comprovam o fato mediante uma vida ditada pela moralidade autêntica.

Selá. Quanto a significados possíveis desta palavra misteriosa, ver as notas expositivas sobre Sal. 3.2.

Sacrifícios Aceitáveis: Acusação Contra o Formalismo (50.7-15)

50.7

Escuta, povo meu, e eu falarei. "A acusação foi feita como uma palavra vinda de Deus, o *Deus deles,* para que ouvissem o recado divino. Deus não os reprovava pela observância meticulosa da letra da lei, ao oferecerem os *sacrifícios* prescritos. Mas Israel nunca percebeu que Deus não precisava de touros ou bodes (vs. 9; cf. o vs. 13). Ele é o Senhor de toda a Criação. Ele é o possuidor de tudo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os israelitas não falhavam por observarem as prescrições formais de sua religião; de fato, eles exageravam no zelo por *esse aspecto.* Pelo contrário, estavam confusos quanto ao significado do que praticavam. Tinham as formas externas, mas não a realidade interior para a qual apontavam as formas externas. Eles tinham obscurecido a espiritualidade, ao mesmo tempo que pensavam ser os homens mais espirituais na face da terra.

O resultado desse monstruoso equívoco foi que Deus precisou *testificar contra* aqueles homens supostamente espirituais e atacá-los precisamente onde jazia sua falsa espiritualidade. O mesmo está acontecendo hoje em dia no seio da igreja cristã. Homens que dão atenção estrita à letra de seus dogmas perseguem os que são ligeiramente diferentes. Em seu fundamentalismo, esses cristãos também obscurecem a espiritualidade, deixando de viver de acordo com a *lei do amor,* a própria essência da espiritualidade, conforme aprendemos em I João 4.7. Outrossim, o amor é, igualmente, a essência da lei, quando ela é corretamente compreendida (ver Rom. 13.8 ss.)

> *O oposto da injustiça não é a justiça — é o amor.*
>
> *O amor concede em um momento o que o trabalho não pode obter em uma era.*
>
> (Goethe)
>
> *O amor, como a morte, muda tudo.*
>
> (Robert Browning)

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Amor.*

Escuta, povo meu. Em *primeiro lugar,* Deus convocou homens de todos os lugares para ouvir a Sua acusação. *Agora,* porém, Deus afunilou Sua atenção para incluir somente Israel, o povo em relação de aliança com Ele. Os israelitas eram os que mais precisavam dar ouvidos a Deus, por serem os maiores depositários da verdade divina. Cf. o prefácio do decálogo, em Êxo. 20.1,2. Cf. Sal. 81.10-12.

50.8

Não te repreendo pelos teus sacrifícios. O *Poder* divino não reprovava os filhos de Israel por causa de sua ortodoxia. Eles tinham seguido zelosamente a lei. E, afinal de contas, fora *Deus* mesmo quem lhes dera a legislação mosaica. Essa ortodoxia, entretanto, laborava em erro. Não lhes tinha revelado a *essência* da espiritualidade. Tinha-os deixado tontos e secos. Atualmente, milhares e milhares de cristãos aderem a credos ortodoxos e os transformam em ídolos. Em torno desses credos, edificam fortalezas. Declaram guerra contra homens de outras denominações, que acreditam em outros credos. Essa *guerra* tornou-se generalizada, cada grupo afirmando ser ou exclusivo ou melhor que os demais. Os homens têm religião o bastante para odiar, mas não o suficiente para amar aos outros. Paulo chegou ao ponto de afirmar que os homens podem ter uma *fé genuína,* capaz de mover montanhas, e um *conhecimento* que revela profundos mistérios, que outros não foram capazes de penetrar. Também podem ser excelentes exemplos de alegada espiritualidade, além de toda espécie de realizações; mas sem amor são como nada (ver I Cor. 13).

Os fariseus eram *gigantes* quanto ao Antigo Testamento, como outros jamais foram. Mas eram *pigmeus* no que dizia respeito à *essência* da espiritualidade, ensinada pela Bíblia.

> *Para o homem, o sacrifício é um desperdício. Para Deus é algo desnecessário. A alternativa consiste em descobrir qual necessidade era satisfeita pelos sacrifícios.*
>
> *(J. R. P. Sclater, in loc.).*

> *Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas.*
>
> (Mateus 23.23)

> *Misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.*
>
> *(Oséias 6.6)*

50.9,10

De tua casa não aceitarei novilhos. *Israel tinha sua reserva* de certos animais domesticados, separados para propósitos de sacrifício. Os israelitas tinham o cuidado de selecionar animais sem defeito, ou seja, aptos para serem oferecidos a Deus sobre o altar. Eles não ofertavam porcos ou animais desaprovados, a fim de poupar dinheiro. Sua ortodoxia levava-os a seguir todas as prescrições da legislação mosaica. Entretanto, Deus não estava interessado nessas atitudes meramente exteriores. Atualmente, em muitas igrejas evangélicas são sacrificados porcos sobre o altar (programas musicais profanos) para que as multidões sejam atraídas pelo espetáculo e assim possam ouvir "a pregação do evangelho". Os hebreus nunca se tornaram culpados desse tipo de perversão. A adoração legalista dos hebreus seguia todas as regras. Mas o Espírito não se fazia presente em seus cultos.

Deus não precisava dos animais dos filhos de Israel (vs. 10), porquanto, afinal, era o proprietário de todas as coisas, incluindo todos os cinco animais nobres usados nos sacrifícios. Ver nas notas expositivas sobre Lev. 1.14-16 os *cinco animais que podiam ser oferecidos como sacrifício.*

Homens biblicamente ortodoxos, mas que tinham pouco do Espírito Santo, *dilapidavam* sua substância provendo animais seletos para os sacrifícios. Por

outra parte, para Deus, isso era desnecessário, se é que os cultos dos hebreus consistiam apenas nisso. Eles tinham trazido sacrifícios em abundância, somente animais da melhor qualidade, mas a esses sacrifícios faltava a essência.

Aplicação Espiritual. Escreveu Paulo: "Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo" (I Cor. 15.10). Os trabalhos de Paulo eram abundantes e continham a essência da espiritualidade. Quanto a nós, porém, é mister perguntar quanto de nosso trabalho é feito em favor do próprio "eu" e para servir de espetáculo perante outras pessoas. Quantos grandes pregadores são pequenos cristãos? Quanto de nossos esforços se deve ao ego e quanto se deve ao Espírito? Quantos de nós promovem o próprio "eu" através de nossas obras, em lugar de amar ao próximo? Quantos pregadores pregam e escrevem para *impressionar* os outros, em vez de para beneficiar o próximo? Quantos espetáculos na igreja (e são apenas isso) são realizados pelos atores da fé, e não por reais propagandistas da fé? Quantos *améns* são vociferados para impressionar a outros com nossa espiritualidade, e não como agradecimento sincero a Deus? Jesus demonstrou que as pessoas podem até *realizar milagres como espetáculos,* mas sem a substância do Espírito (ver Mat. 7.22).

"... a ironia permeia a reprimenda, a melhor arma contra o erro do ritualismo" (Ellicott, *in loc.*). Assim também, entre os filhos de Israel, os homens tentavam impressionar a Deus com os seus sacrifícios. Mas Deus olhava em outra direção. Yahweh não se assemelhava aos deuses pagãos, os quais, supostamente, engordavam com a carne que lhes era oferecida.

As alimárias aos milhares sobre as montanhas. Essa assertiva contrasta os *poucos* animais que os homens apresentam em suas oferendas, com a totalidade da possessão de animais existentes no mundo. Quantas milhares de cabeças de gado estão pastando sobre milhares de montanhas? Todos esses animais pertencem a Deus. Aquele que é o proprietário de *todos eles,* não precisa de alguns poucos. "Está aqui em foco todo o gado que há no mundo" (John Gill, *in loc.*).

50.11,12

Conheço todas as aves dos montes. Os animais impróprios para serem oferecidos em sacrifício, *todos* os demais animais, além dos cinco tipos de animais próprios para o altar, também pertencem ao Pai celeste. Há inúmeras aves e mamíferos de quatro patas, animais que se arrastam sobre a terra e peixes nas águas. Se Elohim tivesse fome, à semelhança dos deuses pagãos que presumivelmente devoravam os sacrifícios que lhes eram oferecidos, poderia facilmente satisfazer-se sem apelar para o sangue e a gordura que lhe cabiam nos sacrifícios. Ver as leis sobre o sangue e a gordura dos animais, em Lev. 3.17. Naturalmente, o poeta estava escrevendo com sarcasmo cortante. Deus, normalmente, nunca diria coisas tão ridículas. O que Deus realmente quer é sumariado nos vss. 14 e 15.

> *Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam.*
>
> (Salmo 24.1)

50.13

Acaso como eu a carne de touros? *O sarcasmo continua.* Elohim não estabeleceu as leis acerca dos sacrifícios a fim de ter suprimento interminável de sangue e gordura para Si mesmo. Ele fez essas leis em favor dos homens, para servirem de lições morais e espirituais que pudessem ser derivadas do sistema, em prol dos seres humanos. Este versículo tem sido cristianizado para fazê-lo referir-se a como Cristo substituiu o sistema dos sacrifícios (ver Heb. 9.11 ss. e todo o capítulo 10). Mas essa interpretação é anacrônica, pois o salmo presente não é messiânico. Não obstante, o autor sagrado sentia desde os seus ossos que havia algo de terrivelmente deficiente nos sacrifícios de animais quanto ao perdão de pecados ou quanto a outros propósitos espirituais. Os adoradores recebiam uma impressão deficiente da espiritualidade que "se deriva da aderência a um ponto de vista antigo e desgastado da eficácia de sacrifícios de animais. Que eles soubessem que os sacrifícios nada faziam em favor de Deus, no sentido de suprir Suas necessidades ou quereres" (William R. Taylor, *in loc.*).

Aplicação Espiritual. A ortodoxia da época em que o salmo foi composto tinha resguardado um ponto de vista teológico já desgastado pelo tempo. Conforme a teologia se desenvolveu, todo o sistema sacrificial foi sendo posto de lado. Algo melhor tinha chegado. Algo melhor *sempre* pode chegar, pelo que não devemos ficar preocupados com o que os homens dizem a respeito da ortodoxia.

50.14,15

Oferece a Deus sacrifício de ações de graças. O poeta ofereceu uma lista simples das coisas que realmente agradavam a Deus, sinais de verdadeira espiritualidade: ações de graças; tomar votos e cumpri-los no templo (ou particularmente, conforme o caso); usar a oração quando algo de especial se fazia necessário ou quando a pessoa estivesse enfrentando perigo; e, finalmente, acima de todas as coisas, glorificar a Deus por todo o bem que Ele faz pelo indivíduo. Essa lista simples se assemelha com a regra evangélica do "ora e lê a tua Bíblia", que inclui coisas úteis mas dificilmente envolve todas as necessidades de uma pessoa espiritual. Os grandes mandamentos de amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos (Deu. 6.5; Mat. 19.19) tornam-se aqui conspícuos devido à sua ausência. O poeta sacro estava dando somente uma lista *sugestiva* de coisas que um homem verdadeiramente espiritual faria a fim de agradar a Deus. Ao tentar destacar importantes questões espirituais, "o salmista estava tornando os sacrifícios uma questão de importância relativamente pequena (ou mesmo nenhuma importância), e, assim sendo, preparava o caminho para sua ab-rogação" (William R. Taylor, *in loc.*).

"A gratidão e o cumprimento leal dos deveres conhecidos são o ritual mais agradável aos olhos de Deus" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, qualquer hebreu diria que a lei é o manual descobrir como devemos agir, quais coisas positivas devemos fazer, e quais não devemos fazer. Ver Sal. 1.2, quanto a uma súmula de idéias a respeito.

Ações de graças. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Votos,* quanto a explicações detalhadas.

"O voto principal que Deus tinha encarecido diante de Israel era o cumprimento de tudo quanto lhes fora ordenado no Sinai: 'Tudo o que o Senhor falou, faremos' (Êxo. 19.8)" (Fausset, *in loc.*).

Acusação contra os Hipócritas (50.16-23)

50.16

Mas ao ímpio diz Deus. Os vss. 16-23 constituem a *segunda acusação,* sendo que os vss. 7-15 constituem a *primeira.* Os que eram tão cuidadosos quanto à ortodoxia, mas esqueciam os valores reais da lei, também eram culpados de hipocrisia. Eram fanáticos, cumprindo literalmente a lei atinente aos sacrifícios, mas seu coração não tinha sido transformado por seu fanatismo. Agora o poeta os chama de *ímpios,* porquanto seus pecados eram sérios, a despeito do *espetáculo externo* de fé religiosa. Eles eram violadores da lei, o manual do homem espiritual. Os *estatutos* eram claros. As provisões e responsabilidades dos pactos eram todas bem conhecidas. Ver sobre a tripla designação da lei, em Deu. 6.1. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* E ver sobre o *pacto abraâmico* em Gên. 15.18. Além disso, ver sobre o *pacto mosaico* na introdução a Êxo. 19. Os ensinamentos eram claros e viviam na boca dos hipócritas. Estes serviam só de boca, mas o coração deles estava longe de sentir e obedecer à essência dos mandamentos da lei. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para Israel. Ter e obedecer à lei fazia dos israelitas uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). A lei era o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.).

"Os ímpios indisfarçados abrigavam-se sob o nome do pacto" (Ellicott, *in loc.*). Muitos eram pecadores profanos, apesar de suas vantagens. Cf. Sal. 78.37 e Heb. 8.7,8,13.

50.17

Uma vez que aborreces a disciplina...? Este versículo nos surpreende. Na realidade, os hipócritas *odiavam* as instruções da lei, a despeito de tudo o que demonstravam em contrário. O resultado era que jogavam para trás de si mesmos as instruções espirituais, de modo que ficassem fora de sua visão, e praticavam coisas que a lei proibia. A lei dizia o que era *permitido* e o que era *proibido,* e também ensinava as *coisas positivas* que um homem deveria, com diligência, *buscar e praticar.* Os hipócritas, porém, ofendiam em todos os pontos. Ver Mat. 23.23. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hipocrisia,* quanto a comentários que ilustram o assunto e a parte presente do Salmo 50. Os versículos seguintes prosseguem, dando algumas instâncias concretas de seus fracassos. "Embora aquela gente ímpia se reunisse com os que amavam o Senhor, Deus conhecia a corrupção de seu coração" (Allen P. Ross, *in loc.*). Eles ensinavam a outras pessoas, mas não a si mesmos. Ver Rom. 2.21-23. Cf. Atos 13.45,46 e Luc. 7.30. "A lei não fora dada somente para ser falada, mas também para ser cumprida (Rom. 2.13). Os ímpios faziam coisas contra a aliança e corrompiam a outros com suas lisonjas (I Macabeus 1.30)" (Fausset, *in loc.*).

50.18

Se vês um ladrão, tu te comprazes nele, e aos adúlteros te associas. Dois pecados, que quebravam violentamente a lei, são destacados neste versículo como ilustrações: o furto e o adultério. Ver Êxo. 20.14,15. Ver sobre *Decálogo* e sobre *Dez Mandamentos,* no *Dicionário,* quanto a um tratamento geral da lei e de seus requisitos. Os hipócritas tanto praticavam quanto aprovavam tais pecados da parte de outras pessoas. Cf. Jó 34.9.

> *... não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.*
>
> (Romanos 1.32)

Eles formavam uma geração adúltera, a despeito de possuírem e ensinarem a lei mosaica. Ver Mat. 12.39 e João 8.4-8. A infidelidade a Deus é adultério *espiritual*, porquanto a pessoa abandona seu companheiro e legítimo consorte espiritual, para aceitar os obreiros da iniqüidade. E quem não é culpado disso? Além disso, o adultério também envolve pensamentos impuros (ver Mat. 5.28), e quem não se torna culpado disso? Mas os hipócritas são praticantes especiais de todos esses vícios.

50.19

Soltas a tua boca para o mal. Além desses, há também os males da língua, a calúnia e o ludíbrio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*, quanto a ilustrações desse tipo de pecado. "... a língua arquiteta o ludíbrio, pondo e juntando palavras enganadoras de maneira esperta, mediante as quais mentes simples e instáveis são enganadas" (John Gill, *in loc.*).

Trama enganos. Traduzido literalmente do hebraico, este verbo significa "tecer", algo concebido e executado com habilidade, como se fosse um tecido transformado em roupa.

> *Meu cérebro, mais ocupado que uma aranha laboriosa,*
> *Tece armadilhas tediosas, para prender*
> *em uma armadilha os meus inimigos.*
>
> (Shakespeare)

50.20

Sentas-te para falar contra teu irmão. *Calúnia.* Esses homens ímpios, abusando do uso da língua, naturalmente tornavam-se culpados de calúnia, também chamada de falso testemunho e perjúrio em tribunal. Eles até falavam contra os "irmãos" que eram parentes próximos, e não meramente concidadãos hebreus, o que se vê no acréscimo das palavras "o filho da tua mãe". Quanto à proibição a tais pecados, ver Êxo. 20.16. Aqueles hipócritas eram culpados de pecados radicais ou de conduta vergonhosa.

> *O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia; visto que só se preocupam com as cousas terrenas.*
>
> (Filipenses 3.19)

Para falar contra. Literalmente traduzida, esta expressão diria: "dar um golpe", como vibrar um golpe com uma arma mortífera. A língua deles torna-se uma arma mortal, que eles usam com júbilo contra outras pessoas.

O filho de tua mãe. Em uma sociedade polígama, um homem teria muitos irmãos e muitas irmãs que não eram filhos da mãe dele. O comentário aqui fala de um irmão que tinha a mesma mãe, ou seja, um irmão *mais próximo* do que outros irmãos, mas que nem por isso deixara de ser molestado verbalmente.

50.21

Tens feito estas cousas, e eu me calei. A *paciência divina* tinha tolerado aqueles homens maus, que talvez tenham pensado que Yahweh era como eles, sem cuidado para com as pessoas e negligente quanto à retidão. Finalmente, a paciência divina acabou e veio a repreensão, seguida por decisivos *atos* de julgamento, podemos ter certeza. Eles tinham quebrado mandamentos que a lei dos hebreus infligia com a punição capital. Os hipócritas, tendo poder no governo e dinheiro para oferecer como suborno, provavelmente haviam escapado da punição capital, mas isso não significa que pudessem escapar de um ataque celeste, sob a forma de enfermidade, acidente ou outra calamidade.

"A longanimidade de Deus, tencionada para efetuar o *arrependimento* (ver Rom. 2.4), foi mal compreendida. E os homens chegaram a pensar que Deus era indiferente para com o mal e para com o indivíduo maligno" (Ellicott, *in loc.*). "Meus olhos têm estado continuamente sobre ti, embora meus julgamentos não tenham sido derramados... mas agora te reprovarei. Visitar-te-ei com o mal, por causa de tua maldade" (Adam Clarke, *in loc.*, com alguma adaptação).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se, profeticamente, ao que aconteceu aos judeus que rejeitaram a Cristo, a começar pela destruição de Jerusalém, no ano 70 D. C. Todavia, isso é apenas uma aplicação do salmo, mas dificilmente uma interpretação.

50.22

Considerai, pois, nisto vós que vos esqueceis de Deus. Não praticar a lei é *esquecer-se de Deus*, mesmo que o indivíduo tenha a cautela de manter as formas religiosas externas. Esse discernimento que o poeta nos ofereceu é de ótima qualidade. Vice-versa, *lembrar-se de Deus* é praticar as coisas que demonstram fé no coração, inspirada pelo Espírito Santo.

Para que não vos despedace. A figura simbólica é a da fera que apanha a presa de sobressalto, atacando-a, matando-a e despedaçando-a. Os ímpios podem subitamente sofrer um julgamento que não esperavam receber e para o qual certamente estavam despreparados. "Asafe instruiu os hipócritas a considerar seus caminhos, antes que se tornasse tarde demais" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *Sou, pois, para eles como leão; como leopardo espreito no caminho. Como ursa, roubada de seus filhos, eu os atacarei, e lhes romperei a envoltura do coração; e como leão ali os devorarei, as feras do campo os despedaçarão.*
>
> (Oséias 13.7,8)

50.23

O que me oferece sacrifício de ações de graças. O autor sagrado volta agora a mencionar as coisas que agradam a Deus, que vão além do espetáculo da fé religiosa, e entre elas está *glorificar* a Deus por tudo quanto Ele tem feito, agradecendo por Sua bondade. Ver o vs. 15, onde isso é mencionado. O vs. 22 revisa, em uma única declaração, o aspecto do salmo que fala sobre os ímpios; o vs. 23 revisa o aspecto do salmo que fala sobre os piedosos. Aquele que é agradecido *honra a Deus*. Esse homem ordena corretamente a sua vereda. Ele pratica as coisas mencionadas nos vss. 14 e 15. Quanto ao ato de *andar* (incluindo seus sentidos metafóricos), ver o artigo no *Dicionário*. O homem bom põe em prática os preceitos da lei, e não faz somente oferecer sacrifícios para que outras pessoas vejam que ele é um homem "religioso".

A salvação de Deus. É apenas natural cristianizar este versículo e fazer desta a salvação evangélica, uma vida abençoada para além da morte biológica; não é provável, contudo, que a teologia do autor sacro avançasse para muito além desse ponto. Talvez ele tivesse em mente viver bem e por muito tempo, evitando a morte prematura, e, finalmente, descansar de suas boas realizações. Dessa maneira, Deus *teria livrado* aquele homem dos juízos divinos, que perturbariam o curso de sua vida e, provavelmente, a abreviariam. Esse homem observaria a aliança com Deus e se beneficiaria das promessas feitas a Abraão e a Moisés. Ele obteria a *vida* mediante a obediência à lei. Quanto a esse conceito, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. A teologia posterior dos hebreus, entretanto, fazia dessa a vida pós-túmulo. Cf. Isa. 52.10 e Luc. 2.25-30. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salvação*.

Salmo Cinqüenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação*, parte do grupo mais numeroso de salmos. O poeta lamenta um ou mais grandes pecados que ele tinha cometido, e busca perdão e renovação espiritual. Este salmo também figura entre os sete *salmos penitenciais* da liturgia cristã, uma subclasse dos salmos de lamentação. O Salmo 51 lamenta a sensualidade. Os outros seis salmos penitenciais são: 6 (lamenta a ira); 32 (lamenta o orgulho); 39 (lamenta a glutonaria); 102 (lamenta a cobiça); 130 (lamenta a inveja); 143 (lamenta a preguiça).

O vs. 14, de acordo com uma possível variante, fala sobre a *morte*, o que significa que o poeta poderia estar enfermo quando compôs o salmo. Ele afirma que seus pecados tinham causado a enfermidade. Há certo conjunto de salmos que tratam desse tema. Quanto aos *salmos de enfermidade*, ver 6.22; 28; 30; 31.9-12; 38; 51 e 88.

Os salmos de lamentação apresentam várias classes de inimigos de Israel: soldados invasores; hebreus corruptos perseguidores dentro do acampamento; e enfermidades físicas. Aqui temos o pecado, o inimigo da alma, como o causador das enfermidades físicas. Os salmos de lamentação usualmente iniciam com um clamor urgente pedindo ajuda; então descrevem o inimigo que estava atacando; e terminam com uma nota de louvor, porquanto a oração foi respondida, ou o salmista crê que a oração em breve será respondida. Alguns salmos de lamentação terminam em *desespero*, e isso ilustra o que algumas vezes acontece na vida humana.

O vs. 18 quase certamente reflete uma época posterior a Davi, embora este salmo lhe tenha sido atribuído. "O desenvolvimento da consciência de um pecado pessoal, a negação do valor dos sacrifícios animais, a reação espiritual diante as aflições, essas características gerais assinalam os salmos pós-exílicos... Ademais, no que diz respeito ao Salmo 51, vemos que o autor estava familiarizado com os ensinos superiores da profecia pré-exílica (ver Osé. 13.12; 14.2; Jer. 17.9;

31.31-33) *e também* com salmos similares do período pós-exílico (Eze. 11.19; 36.26; Isa. 57.15; 63.10,11)" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Poucos salmos têm encontrado tantos usos como este, entre os santos de todas as épocas, fato que testemunha as necessidades espirituais do povo de Deus... A mensagem deste salmo é que o mais vil ofensor entre o povo de Deus pode apelar a Deus, pedindo-Lhe perdão, restauração moral e o reinício de uma vida jubilosa de comunhão e serviço, caso ele se aproxime do Senhor com espírito quebrantado e baseie seu apelo sobre a compaixão e a graça de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo elaborado: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi, quando o profeta Natã veio ter com ele, depois de haver ele possuído Bate-Seba". Poucos eruditos tomam a sério este subtítulo, visto que há elementos no salmo que apontam para um tempo bem posterior aos dias de Davi. Ver os vss. 4 e 18 e os respectivos comentários, bem como ver informação acima, sobre a natureza tardia dessa composição. As adições aos salmos, por meio de subtítulos, foram produto de uma era posterior e não faziam parte original das composições. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, o que sem dúvida é um grande exagero, mas não há dúvida de que ele compôs pelo menos alguns deles, visto ter sido *o suave salmista de Israel* (II Sam. 23.1). Ver II Sam. 11 e 12.14,15, quanto ao presumível pano de fundo histórico deste salmo.

Um Salmo de Penitência (51.1-19)

Clamor Pedindo Misericórdia e Purificação (51.1,2)

51.1

Compadece-te de mim, ó Deus. Os salmos de lamentação, sem importar a subclasse exata a que pertençam, são introduzidos por um grito pedindo ajuda. Aqui, o salmista implora por *misericórdia*, visto que se reconhecera culpado de pecados hediondos, para os quais precisava de perdão. O poeta baseia-se na *benignidade* divina para sua esperança de perdão. O autor adoecera por causa de seus pecados (vs. 8), tendo chegado à beira da morte (vs. 14) e, naturalmente, queria ser libertado da doença. Mas a sua preocupação central era livrar-se do peso da corrupção, o que sobreviria quando ele confessasse e abandonasse seus pecados. O poeta (ao contrário dos autores de outros salmos de lamentação) não se queixava de seus inimigos. Ele tinha sido seu próprio e pior inimigo. Precisava libertar-se dos resultados negativos de sua própria semeadura. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Apaga as minhas transgressões. Deus havia registrado todas as transgressões em Seu livro de registros, e agora essas anotações serviam de testemunho contra o homem culpado. Enquanto não fossem apagadas do livro de Deus, essas notas continuariam ali, assediando espiritual e fisicamente o salmista. Ele acabaria morrendo fisicamente, e talvez, conforme ele pensava, continuasse sofrendo em algum lugar, no mundo espiritual, por causa delas. Não sabemos dizer até que ponto a teologia do autor sagrado já tinha progredido, e se ele olhava ou não para além-túmulo. Nos Salmos e Profetas, a doutrina da alma *começara* a vir à tona, mas não se desenvolveu totalmente enquanto não apareceram os livros pseudepígrafos e apócrifos. Um desenvolvimento posterior foram as doutrinas da imortalidade e das recompensas e punições; mas ele só ocorreu nas páginas do Novo Testamento. Continuamos aprendendo; a teologia, como qualquer outro ramo do conhecimento, cresce e se aprimora. Homens de mentalidade fundamentalista fazem estagnar a doutrina e a verdade. Podemos ignorá-los com toda a segurança. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Pecado* e *Perdão.*

Transgressões. Coisas *contrárias* aos mandamentos e requisitos da lei.
Três palavras remidoras: apaga (vs. 1), lava (vs. 2) e purifica (vs. 2).
Três atos divinos redentores: compaixão, benignidade e misericórdia (vs. 1).

"*Auto-reprimenda.* Sentimentos mistos como sentimentos de exposição, denúncia e ameaça eram calculados para produzir o caos nos pensamentos e nos sentimentos. O primeiro senso de alívio do pecador era de que a coisa oculta finalmente tinha vindo à superfície" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Tradicionalmente, este salmo é de Davi, lamentando o adultério com Bate-Seba e o assassinato do marido dela, Urias. Mas poucos estudiosos acreditam hoje em dia que era isso o que o salmista tinha em vista. Ver as notas sobre o *subtítulo,* na introdução ao salmo.

51.2

Lava-me completamente da minha iniqüidade. O *poeta clama* pedindo perdão, com base na compaixão, na benignidade e na misericórdia de Deus, das quais ele precisava para seu grave pecado duplo. Ele carecia que seus pecados fossem *apagados* (vs. 1), que ele mesmo fosse *lavado* (vs. 2) e inteiramente *purificado* (vs. 2). Dessa maneira, pelos atos múltiplos de Deus, o poeta seria perdoado, ficaria livre e seria restaurado. Era esse o sentido de sua oração. Como agradável subproduto, seu corpo seria curado, porquanto ele estava doente até a morte, devido aos efeitos de seus pecados. Ver os vss. 8 e 14.

Lava-me. A figura simbólica por trás deste verbo é de uma veste suja que precisava ser lavada com água e sabão, e assim seria restaurada à limpeza e a um estado renovado. Ver Êxo. 19.10.

Purifica-me. Talvez a figura de linguagem aqui seja a remoção de impurezas metálicas mediante o processo do refinamento. Ver Mal. 3.3. A pessoa precisa estar limpa para postar-se diante de Deus (Lev. 14.1). O nosso homem estava cheio de transgressões, iniqüidades e pecados, três palavras que o salmo utiliza para expressar temível pecaminosidade contraída mediante um deslize para a degeneração. Ele queria parar com aquele deslize e voltar à pureza e inocência original de que havia desfrutado. O pecado já lhe custara demasiado.

Iniqüidade. *Atos poluidores* agravados, em imitação ao que os pagãos, que não conheciam a Deus, costumavam fazer.

Pecado. Um *errar o alvo,* seguindo o pecador a vereda errada, sinistra, conforme os passos dados pelos pagãos.

O salmista tinha *pecados abundantes,* que requeriam *abundante misericórdia,* porquanto, de outro modo, seu caso não teria esperança. Mas uma coisa este salmo ensina: é que não existem casos sem esperança.

Eu estava afundando profundamente no pecado,
Longe de toda praia pacífica;
Manchado bem fundo, em meu interior,
Afundando para não mais levantar-me.
Mas o Senhor do mar
Ouviu meu grito desesperado.
Das águas me levantou,
E agora estou seguro.

(James Rowe)

Confissão e Petição (51.3-12)

51.3

Conheço as minhas transgressões. O poeta sagrado buscava cura moral e espiritual, e não cura física. Mas também precisava de cura física e, sem dúvida, calculou que livrar-se de seus pecados seria a medida certa para obtê-la. Os hebreus antigos lançavam sobre os pecados toda a culpa pela doenças. A *consciência* do salmista aplicava-lhe uma surra, e isso era sinal de sinceridade. Os pecadores aprendem a nada sentir no tocante a seus pecados. É possível ter uma consciência calejada, virtualmente inoperante. É boa a conjectura de que o homem era culpado de um pecado hediondo, algo como o adultério e o homicídio praticados por Davi. De acordo com J. R. P. Sclater (*in loc.*), no episódio que envolvera Bate-Seba, Davi teria quebrado *cinco* dos dez mandamentos, mas ele não lista esses pecados para nós. Pode você identificá-los?

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

(I João 1.9)

Confessei-se o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei. Disse: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado.

(Salmo 32.5)

51.4

Pequei contra ti, contra ti somente. Até os mais conservadores eruditos não podem reconciliar o duplo pecado de Davi, que envolveu o adultério contra Bate-Seba e o assassinato do marido dela, Urias. Na introdução ao salmo é o subtítulo que atribui este salmo a Davi, não o próprio salmo, e devemos lembrar que as adições introdutórias aos salmos não faziam parte das composições originais. Ver na introdução a este salmo a parte denominada *Subtítulo.* Poder-se-ia argumentar que todo pecado é, em última análise, contra Deus, mas isso não é a mesma coisa que dizer "somente". "O vs. 4 ajusta-se ao caso de Davi, que colocou a vida de Urias sob tremendo risco, depois de lhe contaminar o leito. O vs. 18 faz este salmo referir-se ao tempo do cativeiro... O crime mencionado não foi praticado somente contra Deus, mas contra toda a ordem da sociedade civil" (Adam Clarke, *in loc.*).

O que foi praticado foi hediondamente maligno, e assim Yahweh, ao pronunciar-se e julgar a questão, foi justificado e vindicado por afligir o homem moralmente enfermo com uma enfermidade física. A honra divina foi justificada quando o pecador confessou que Sua condenação e punição tinham sido justas.

> *Faraó mandou chamar a Moisés e Arão, e lhes disse: Esta vez pequei; o Senhor é justo, porém eu e meu povo somos ímpios.*
>
> (Êxodo 9.27)

Talvez o pecado em mira tenha sido a *idolatria,* algo que o autor praticou em segredo, talvez em seu próprio altar particular, na sua propriedade. Mas isso não passa de conjectura. Seja como for, não havia pecado pior, aos olhos dos hebreus, do que esse. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Idolatria.* A idolatria provocaria uma *brecha e a quebra da aliança,* uma questão seriíssima, visto que Israel supostamente era uma nação distinta dos pagãos, exatamente por possuir a lei (ver Deu. 4.4-8).

51.5

Eu nasci na iniqüidade. *Pecado Original?* O uso cristão padrão deste versículo é transformá-lo em texto de prova em defesa do pecado original, a idéia de que um homem já nasce em pecado e carrega uma natureza pecaminosa simplesmente por ser homem, e não porque, através de condições ambientais, se torna um pecador. Mas a interpretação rabínica dizia que a mulher, durante o ato sexual, natural e *inevitavelmente* tem pensamentos adúlteros, pelo que, quando um bebê é concebido, é concebido em meio a uma atmosfera pecaminosa. Dessa maneira, a mãe do poeta concebeu-o em meio ao pecado. O sexo é o criador natural de pensamentos e intuitos pecaminosos. Isso porque é, em primeiro lugar, um *ato racial* e, em segundo lugar, um ato pessoal. Visto ser um ato racial, tanto homens quanto mulheres sempre fazem daqueles momentos um tempo de pensamentos adúlteros. Pensar em fazer sexo com outro homem, ao mesmo tempo em que se praticava sexo com o próprio marido, é adultério mental, algo que Jesus condenou (ver Mat. 5.28).

O sexo é o meio pelo qual a raça humana se propaga. Quando as pessoas se entregam ao sexo, a mente, tanto de homens quanto de mulheres, naturalmente vagueia para outros parceiros, passados, esperados ou imaginados. Os que acreditam na teoria da evolução asseguram que os primatas são altamente promíscuos, e o mesmo pode ser dito com respeito ao ser humano, tanto mentalmente quanto na realidade. Isso faria parte da *herança genética.* Além do mais, os evolucionistas também salientam que os animais desiguais quanto ao tamanho (os machos são notoriamente maiores que as fêmeas) são todos polígamos e promíscuos. Somente os animais que têm mais ou menos as mesmas dimensões (macho e fêmea do mesmo tamanho) vivem de forma monogâmica. Se isso é verdade, então os seres humanos são fornicadores e adúlteros naturais, a menos que a poligamia facilite a situação. Mesmo nessa condição, o adultério floresceria. Portanto, parece que o caso não tem remédio. Os homens gostam de falar que são santos, mas sua vida mental particular declara-os mentirosos. Alguns supõem que pessoas santificadas venceram esse pecado, mas haverá pessoas assim tão santificadas, ou serão elas mentirosas? Imagino que I João 1.8 as chama de mentirosas:

> *Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.*

Isso não significa que devamos estabelecer tréguas particulares com o pecado. Devemos esforçar-nos para ser pessoas melhores e então permitir que a imortalidade termine o processo, até estarmos livres do pecado.

Seja como for, sem importar se o pecado original é verdade ou ilusão, não devemos apelar para o Salmo 51 como prova e apoio a essa idéia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pecado Original.*

51.6

Eis que te comprazes na verdade no íntimo. Visto que o homem é assaltado por toda espécie de pensamentos errantes e termina praticando parte significativa do que imagina, o ideal é que ele seja puro em seus pensamentos e em suas ações. É isso o que Deus requer e é isso o que o homem piedoso busca sofregamente. O homem possui um *ser interior* que pode ser cultivado para o bem ou para o mal. Está em consonância com o princípio divino que a santificação começa nesse ponto. O Espírito de Deus pode ensinar um homem, no seu *ser interior;* e, se isso acontece, então o homem é uma pessoa superior, que escapou aos vícios de outros homens, embora, em nenhum sentido, ele chegue a ser "totalmente santificado", conforme alguns ensinam em vão. Usualmente, toda a doutrina da santificação resulta no rebaixamento dos padrões de santidade, e não no fato de que o indivíduo atingiu o estado de impecabilidade. Seja como for, de que adianta isso se *hoje* um homem pode escorregar para aquele estado antigo? Quanto à santificação, ver no *Dicionário* o verbete assim denominado, especialmente a seção III.

O hebraico original, neste versículo, é um tanto obscuro, e uma tradução possível é a de Schmidt: "Eis que desejas a verdade mais do que desculpas (o encobertamento), e ensinas-me a sabedoria sobre a qual há um mistério". A Revised Standard Version diz aqui *coração secreto,* a esfera na qual o Espírito Santo ensina um homem. O coração secreto é a alma do homem, o *verdadeiro homem,* a sua pessoa espiritual. Não sabemos dizer se o autor tinha avançado até o ponto de crer na *alma imaterial,* mas a verdade é que ele sabia que um homem é mais do que se passa em seu cérebro.

51.7

Purifica-me com hissopo. Ramos da planta chamada hissopo eram usados nas purificações rituais. Um leproso declarado curado (puro) era cerimonialmente purificado mediante o uso dessa planta. Ver Lev. 14.4-6,49-57. Dessa forma, a lepra tanto desaparecia quanto era apregoada curada, e o pecador ficava livre de seu pecado, porquanto os hebreus pensavam que todas as enfermidades resultavam do pecado. Utilizando uma metáfora vigorosa, o autor sagrado descreveu-se como um homem tão doente, tão impuro, tão sujo, tão desprezado, tão aleijado e tão nojento que ninguém podia olhar diretamente para ele. Portanto, ele precisava (figuradamente falando) dessa planta, o hissopo, para ficar limpo. O óleo aromático, o sangue e a água eram usados na unção purificadora e aspergidos sobre os leprosos. O autor sagrado tinha desesperada necessidade de *aspersão espiritual,* porquanto abrigava uma repelente enfermidade espiritual. Naturalmente, a *sara'at,* comumente traduzida como "lepra", em geral não era a doença causada pela bactéria descrita por Hansen, embora essa palavra hebraica fosse lata o bastante para incluir a verdadeira lepra. Ver sobre a palavra hebraica *sara'at* na introdução a Lev. 13. Ver no *Dicionário* o artigo designado *Hissopo,* quanto a amplos detalhes.

Este versículo tem sido cristianizado para falar como o sangue de Cristo nos purifica do pecado. Ver Apo. 7.14; Isa. 1.18; Efé. 5.25-27. Ver também Rom. 3.25 e Heb. 9.25.

"Assim como o *cedro* era o emblema da *grandiosidade,* o *hissopo* era o emblema da *pequenez.* O perdão e a graça divina vêm através da condescendência de Deus (I Reis 4.33; Sal. 18.35). Extremos da majestade e da condescendência divina se encontram no perdão e na justificação dos pecadores por parte de Deus (Isa. 66.1,2)" (Fausset, *in loc.*).

51.8

Este versículo quase certamente significa que nosso homem tinha uma *enfermidade séria.* Figuradamente, seus ossos estavam quebrados. O vs. 14 pode significar que ele tinha o que parecia ser uma enfermidade mortal. Naturalmente, em harmonia com a fé dos hebreus, ele pensava que seus pecados tinham causado sua enfermidade. Os hebreus antigos não tinham nenhuma utilização para os medicamentos e para os médicos. Se a enfermidade era devida ao pecado, então seria errado distorcer o julgamento de Deus por meios naturais. Naturalmente, essa *teoria* estava errada. Algumas enfermidades atacam devido ao caos em que está envolvido este mundo, e não devido ao desígnio divino. Uma enfermidade pode ser uma disciplina ou um fator didático. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cura;* e também a declaração paulina em II Cor. 12.8. Ademais, a enfermidade, como parte do problema do mal (sendo ela um *mal natural,* ou seja, algo que a natureza faz contra o homem), tem seus *enigmas.* Pelo menos por algumas vezes não sabemos por que os homens sofrem, nem por que sofrem como sofrem.

Para que exultem os ossos. Os hebreus falavam dos ossos como representantes do corpo inteiro, pois são eles que lhe dão sustentação.

O poeta esperava uma intervenção divina para que, em vez de gemidos por sua carga moral e física, lhe fosse devolvida a alegria. "Enche-me de júbilo, curando o meu corpo de sua enfermidade, retirando o meu remorso, que atravessou a própria medula de meus ossos" (William R. Taylor, *in loc.*).

Veja o leitor como os ossos estão associados à angústia emocional em Sal. 6.2.

Este versículo tem sido cristianizado a fim de tratar da cura espiritual em Cristo, que nos é dada pelo perdão dos pecados; certamente é uma boa *aplicação* do texto, mas não uma interpretação.

51.9

Esconde o teu rosto dos meus pecados. Note o leitor as *várias expressões* usadas pelo autor sacro para falar em livrar-se dos pecados, por intermédio da ajuda divina: *apaga* (removendo a acusação do livro de memórias de Deus; vs. 1); *lava* (como se fosse uma veste suja; vs. 2); *purifica* (como que removendo a escória de um minério de metal e então do próprio metal; vs. 2); *limpa* (mediante água, sangue e óleos aromáticos, como sucedia aos leprosos pronunciados lim-

pos; vs. 7). E agora Deus é convidado a *esconder* o Seu rosto, para não contemplar os pecados do pobre homem. Ato contínuo, o poeta retornou à idéia do ato de *apagar,* já empregada no vs. 2.

Aqui o autor sagrado usa a palavra *iniqüidades,* um dos três vocábulos empregados (juntamente com transgressões e pecados) para mostrar seus feitos errados (ver comentários no vs. 2). O pecado do homem estava sempre diante de Seus olhos (vs. 3); e o salmista sabia que Deus podia ver muito melhor do que ele. Quando Deus olha para um ato pecaminoso, podemos imaginar um olhar de ira (Sal. 21.9). Deus também olha para os homens graciosamente, e era este último tipo de olhar que o poeta esperava, e isso por causa dos benefícios daí advindos.

Diante de ti puseste as nossas iniqüidades, e sob a luz do teu rosto os nossos pecados ocultos.

(Salmo 90.8)

51.10

Cria em mim, ó Deus, um coração puro. *Pelo lado positivo,* Deus poderia tomar várias medidas para garantir completa restauração. Assim sendo, temos a criação de um coração novo (vs. 10); a Sua presença com o homem (vs. 11); a concessão dos ministérios do Espírito Santo (vs. 11); a restauração da alegria (vs. 12); a ajuda especial do Espírito de Deus, cheio de boa vontade, o qual age livre e abundantemente em favor do homem (vs. 12). Depois disso, o homem estaria preparado para ajudar outros pecadores a encontrar o caminho da retidão (vss. 13 e ss.).

O pecado penetra o ser inteiro do homem e termina alojando-se no homem interior (vs. 6). Portanto, a purificação deve começar por ali. A palavra hebraica traduzida por "criar" é o mesmo vocábulo usado na história da criação, no primeiro capítulo do livro de Gênesis. Temos aqui, pois, a criação espiritual, ou seja, a criação de um novo homem. Cf. II Cor. 5.17: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

E renova dentro em mim um espírito inabalável. No dizer da Revised Standard Version, trata-se de um espírito *constante* ou *reto.* O homem desviou-se em seu pecado; tornou-se frívolo, instável; facilmente se deixava arrastar pelo caminho errado. Ele queria, portanto, que seus propósitos e tendências fossem *refeitos.* Deseja ser um homem leal que *não vacilasse* diante de Yahweh. "O homem se defrontava com o espetáculo que havia feito de si mesmo. De pé, perante o espelho da alma, via-se como um homem repugnante em todos os detalhes. E queria que Deus modificasse tudo isso" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, com algumas adaptações).

Vigia, minha alma, e ora!
Lança para trás toda a preguiça!
Vigia, as armadilhas do tentador estão mais próximas
Onde o perigo é menos temido.
Vigia, minha alma, e ora!

(Johann O. Wallin)

51.11

Não me repulses da tua presença. Para usufruir de plena *restauração,* o salmista precisava da presença de Deus. Esse é um excelente discernimento, distante do legalismo tão freqüentemente associado ao judaísmo. Carecemos do *toque místico,* algo que ultrapassa o intelecto, que vai além das meras formas externas da fé religiosa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Ser *expulso* da presença de Deus era um termo formal usado para indicar a rejeição de Israel e a anulação do pacto relativo a eles. Ver II Reis 13.23; 17.20; 24.20; Jer. 7.15. Não devemos reduzir o uso do termo "presença", aqui usado, para indicar as manifestações ocasionais de Yahweh no templo. O autor sagrado desejava ter contatos pessoais com Yahweh, de forma *permanente.* Nossos mais remotos progenitores ocultaram-se da presença de Deus por causa do pecado. Estar livre da culpa dá ao homem o potencial para elevadas experiências espirituais. É dificílimo avançar muito pela vereda espiritual sem a santificação, condição *sine qua non* do desenvolvimento espiritual. Não devemos reduzir este versículo supondo que o banimento era do templo e de seu culto, como se o homem tivesse sido excluído por causa de seus pecados. O homem queria muito mais do que apenas o privilégio de freqüentar os cultos da igreja.

O teu Santo Espírito. Provavelmente temos aqui um paralelismo com a primeira parte do versículo. Contar com Yahweh próximo e operante na vida é ter o Espírito Santo. É um exagero ver os primórdios da doutrina da Trindade em tais textos. O Espírito Santo é a influência interior mediante a qual um homem é santificado, uma experiência realmente transformadora. Ver II Cor. 3.18, quanto ao processo do ponto de vista cristão. "A oração pelo Espírito Santo segue-se, apropriadamente, às orações do salmista pedindo perdão e alegria decorrente da segurança. Pois o senso jubiloso do perdão é a alegria no Espírito Santo (ver Rom. 14.17). O dom do Espírito Santo segue-se ao perdão dos pecados (ver Atos 2.38)" (Fausset, *in loc.*). A santificação (ver a respeito no *Dicionário)* é obra do Espírito (I Ped. 1.2). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Espírito Santo.*

Espírito de Deus, desce sobre meu coração;
Desamamenta-o da terra, move-te em todo
o seu pulsar.
Concede à minha fraqueza, embora sejas poderoso,
E me faz amar-Te, como eu deveria amar-Te.

(George Croly)

Não passes de mim, ó Pai gracioso,
Embora meu coração seja pecaminoso;
Poderias abandonar-me, mas em lugar disso,
Que Tua misericórdia me sobrevenha.

(Elizabeth Codner)

51.12

Restitui-me a alegria da tua salvação. O homem espiritual encontra *alegria* na vida espiritual, em seus ritos e cerimônias, e na alma onde a vida espiritual opera. Epicuro pensava que os prazeres mentais são superiores aos prazeres físicos, e por certo os prazeres espirituais são maiores do que os prazeres mentais. Há alegria no serviço prestado a Jesus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria,* quanto a um estudo completo sobre o assunto. A alegria é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5.22).

Alegres, alegres nós Te adoramos, nosso Deus,
Deus da glória, Senhor do amor!
Nosso coração se abre como flor
na Tua presença,
Louvando o sol delas, lá em cima.

(Henry Van Dyke)

O pecado havia furtado o poeta de sua alegria. Ele continuava a ser um homem de aliança com Deus, o beneficiário da *salvação de Deus,* ou seja, do bem-estar do corpo e da alma. A salvação fala dos *privilégios do pacto.* Não sabemos dizer o quanto o salmista sabia acerca da vida abençoada do outro lado do sepulcro, pois as idéias sobre a alma imortal tinham apenas *começado* a brilhar no pensamento hebreu, nos Salmos e nos Profetas. É difícil para os escritores cristãos, ou para os escritores judeus posteriores, não projetar a palavra "salvação" para um futuro imortal e imaterial, além da morte biológica. Mas essa doutrina só surgiu tardiamente no judaísmo. Existe também outro tipo de salvação, que consiste em uma vida boa, abençoada com bens e alegria espiritual, segundo a qual se evita a morte prematura. Acerca da lei, lemos que ela dá *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.2), mas apenas no sentido de uma existência terrena longa e abençoada, ligada às formas religiosas dos hebreus. Somente no judaísmo posterior, a dimensão eterna foi vinculada a essas promessas.

Sustenta-me com um espírito voluntário. Essa tradução compreende que está em pauta o *espírito humano* do poeta, inspirado pelo Ser divino, tendo a coragem e o poder de seguir a santificação e de abandonar o pecado. Mas alguns compreendem aqui um *Espírito livre,* ou seja, o Espírito Santo operante livremente e com vontade determinada. Um *espírito voluntário* refere-se ao espírito humano renovado, com novos impulsos espirituais, ou seja, "um espírito de nobreza e de boa vontade, inclinado para a obediência" (William R. Taylor, *in loc.*). Seja como for, enfatizando o Espírito *e* o seu espírito renovado, o poeta aproximava-se da fé neotestamentária, deixando para trás a fé mais primitiva e padronizada dos hebreus, tão entranhada que estava na lei mosaica.

... onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade.

(II Coríntios 3.17)

O Voto do Poeta (51.13-17)

51.13

Então ensinarei aos transgressores. O salmista tentou entrar em acordo com Yahweh. Se Deus curasse sua alma e seu corpo, então *ele* se tornaria mestre de outros pecadores, tentando mostrar-lhes o reto caminho. Ele seria um bom mestre, visto que tinha experiência no campo. Ele havia sido um grande

transgressor, pelo que ensinaria aos transgressores; ele havia sido um grande pecador, pelo que procuraria a conversão dos pecadores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Conversão*. A *vereda* de Yahweh seria encontrada assim por alguns que, de outra sorte, não a encontrariam.

O oferecimento do autor sagrado deve ser compreendido como um *voto de ação de graças* a ser formalizado no culto do templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*. Cf. Sal. 50.23. Ver também Sal. 7.17. O sacrifício apropriado seria acompanhado pela ação de graças e pelo voto, como era costume entre os hebreus. Ver Sal. 66.13-15.

> *Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.*
>
> (Salmo 32.8)

A lei mosaica seria o manual de instruções (ver Sal. 1.3, sumário); mas o autor sacro tinha aqui discernimentos adicionais que o faziam aproximar-se da compreensão neotestamentária. Ver as notas do vs. 12.

51.14

Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus. Alguns intérpretes vêem aqui o pecado de homicídio praticado por Davi, porquanto com sucesso ele planejou e executou a morte de Urias, marido de Bate-Seba. Mas os vss. 4 e 18 contrariam essa suposição. O pecado do salmista fora um pecado *particular*, e não um pecado de violência contra um de seus soldados de confiança. Além disso, este salmo é tardio (conforme mostra o vs. 18), e não um salmo composto em cerca de 1000 A. C. (época de Davi). Parece que o pecado do salmista o havia feito apanhar uma enfermidade fatal, pelo que o seu crime terminou sendo um *pecado de sangue*, ou seja, um pecado capaz de produzir a morte. Portanto, em lugar de *crimes de sangue*, a *Revised Standard Version* prefere a tradução "morte". A *Oxford Annotated Bible* afirma que esse é o "melhor sentido" da palavra. O hebraico literal diz "sangues", o que significa "morte". Note o leitor que, no vs. 8, os *ossos* do salmista tinham sido *quebrados*, o que, provavelmente, indica séria enfermidade *física*, tida como o resultado de um pecado hediondo, como a *idolatria*, que quebrava o acordo do pacto firmado com Yahweh. Cf. Sal. 56.13, onde encontramos o mesmo uso: "... da morte me livraste a alma, sim, livraste da queda os meus pés, para que eu ande na presença de Deus na luz da vida".

Se Yahweh concordasse com o voto do salmista e cumprisse a Sua parte (curando-lhe o corpo e a alma), então o salmista usaria a sua língua, a sua faculdade de fala, tanto para louvar a Deus quanto para testemunhar em favor Dele. Ele agradeceria a Yahweh e contaria a sua experiência a outros pecadores, mostrando-lhes a vereda da retidão para que caminhassem por ela. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Os homens revelam a tendência de tentar barganhar com Deus. A experiência mostra que, algumas vezes, isso funciona, mas nem sempre. Ele levaria o seu caso publicamente ao templo, e ali louvaria a Deus sob a forma de cânticos, acompanhado por instrumentos musicais. Essa atividade era parte importante do culto no templo. A retidão de Deus e a Sua bondade eram os temas desses cânticos.

51.15

Abre, Senhor, os meus lábios. Tendo concordado com a proposta do salmista, *Yahweh* curaria seu corpo e sua alma, e isso abriria automaticamente a boca do poeta em louvores e cânticos, e todos em Jerusalém ouviriam falar do caso. Os pecadores secretos ficariam impressionados diante da conversão do homem e reconheceriam que ele havia tomado uma decisão acertada, e, em vista disso, seguiriam o seu exemplo. Seus lábios, que anteriormente tinham sido culpados de sussurros ardilosos e sedutores, bem como de fala enganadora, pois vinha escondendo os seus *pecados secretos*, explodiriam sob a forma de puros cânticos de louvor.

Lábios. Um instrumento de louvor que aqui aparece como um paralelo da *língua*, no vs. 14. É provável que o homem, em sua idolatria, tivesse sido culpado de louvar deidades e ídolos estrangeiros; mas isso só lhe causara dor, tanto mental quanto física. Afinal, ele aprendeu a abandonar seus caminhos tolos e assim reverter o curso de sua punição. E também aprendeu a usar seus lábios da maneira certa.

"... ele queria ter um espírito voluntário e a ousadia de dirigir-se ao trono da graça, o que o crente consegue quando o seu coração é purificado, pelo sangue de Cristo, de toda a má consciência. Seus lábios tinham sido selados pelo pecado, de modo que ele não podia louvar e agradecer a Deus. A culpa tinha trancado os seus lábios... mas agora ele irromperia em salmos, hinos e cânticos espirituais (Sal. 103.1-3)" (John Gill, *in loc.*).

51.16

Pois não te comprazes em sacrifícios. O salmista afastava-se dos conceitos típicos do Antigo Testamento, na direção de conceitos próprios do Novo Testamento, conforme anoto no vs. 12. Ele estava menos enterrado na lei do que antes. Avançava na fé e na prática dirigida pelo Espírito. Chegou a perceber a futilidade essencial dos sacrifícios de animais, como primitiva forma de expressão espiritual. Ele buscava a *essência* da fé, não suas expressões externas. O Salmo 50 é, fundamentalmente, um tratado sobre esse assunto. Ver especialmente os vss. 8-15. Os vss. 14 e 15 fornecem um sumário simples das coisas *vitais* da fé, em contraste com o antigo sistema sacrificial que estava sendo abandonado como obsoleto e deficiente em eficácia.

Muito antes do cristianismo, os homens estavam cansados de todo aquele sangue e carnificina envolvidos na matança de animais. Começavam a perceber que tinha de haver algo melhor. Descobriram que havia algo maior na alma e em sua espiritualidade, inspirados pelo Espírito e por Suas operações. Então Cristo chegou a este mundo e substituiu todo o sistema antigo (ver Heb. 9-10), para grande *consternação* dos tradicionalistas e fundamentalistas, os quais pensavam que tal mudança jamais seria possível. Mas mudanças sempre serão possíveis, e todos os *fins* são, na realidade, novos começos. Todos os fins são *instrumentais*, pois visam novos começos, e não pontos finais. A teologia cresce e devemos estar ansiosos por correr para o novo, quando esse novo nos dá melhores discernimentos quanto a problemas e idéias. O âmago do tradicionalismo é a *estagnação*, e penso que essa palavra não aparece no *dicionário divino*.

Os verdadeiros sacrifícios são aqueles do coração, conforme diz o vs. 17. Os tradicionalistas, entretanto, não queriam desistir dos animais.

> *Louvarei com cânticos o nome de Deus, exaltá-lo-ei com ações de graças. Será isso muito mais agradável ao Senhor, do que um boi ou um novilho com chifres e unhas.*
>
> (Salmo 69.30,31)

"A nação de Israel, exilada e privada do sistema de sacrifícios e de ritos legais, mediante essa própria privação foi compelida a olhar para *além* de suas formas eternas e encontrar paz no espírito interior" (Ellicott, *in loc.*).

51.17

Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado. *Os verdadeiros sacrifícios* são aqueles do Espírito de Deus e do espírito do homem. O espírito humano precisa apresentar-se diante de Deus quebrantado, depois que se mostrou rebelde e culpado de muitos pecados. O coração precisa entristecer-se por causa do que tiver feito. Tem de haver arrependimento e reparação. Essas atitudes Deus não desprezará, mesmo que o homem não se apresente com sacrifícios de animais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Arrependimento* e *Reparação (Restituição)*, quanto a abundantes ilustrações sobre este versículo. "Quando tudo estiver assim restaurado, Deus se *deleitará* uma vez mais em aceitar os sacrifícios de ofertas queimadas... Somos informados de que há regozijo no céu por causa de um único pecador que se arrepende. Por que não haveria, sobre a terra, intenso regozijo no coração do pecador que é perdoado?" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, referindo-se a Luc. 15.7).

"O espírito quebrantado em pedaços, e o coração compungido... são os sacrifícios que Deus requer e que Ele nunca desprezará" (Adam Clarke, *in loc.*).

Provavelmente temos aqui uma alusão à *matança* do corpo do animal. Anteriormente, pensava-se que isso agradaria a Deus; mas o autor sagrado estava afastando-se dessa idéia. O que Deus realmente queria era o "espírito quebrantado do homem, mediante o arrependimento". Essa é uma forma muito superior de sacrifício.

> *Sara os de coração quebrantado, e lhes pensa as feridas.*
>
> (Salmo 147.3)

Apêndice Posterior (51.18,19)

51.18

Faze o bem a Sião, segundo a tua boa vontade. *Yahweh é aqui convidado a fazer o bem* por Jerusalém, permitindo a reconstrução de suas muralhas. Isso fala do tempo em que Israel estava no exílio babilônico, mas esperava poder retornar, o que realmente aconteceu, terminado o cativeiro babilônico, embora a maioria dos judeus tivesse ficado para desfrutar dos benefícios recebidos naquele lugar pagão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Babilônico*. Este salmo, entretanto, pode ter sido escrito após esses acontecimentos, como uma história, refletindo os desejos do povo de Judá no exílio.

Este versículo empresta ao salmo presente uma data bastante posterior, mas caso se trate de um apêndice adicionado a um escrito mais primitivo, ele perde seu poder datador. Por outra parte, existem mais *indicações* de uma data mais avançada, o que discuto na introdução ao salmo. Não devemos mergulhar em questões de datas. Este salmo tem um grande valor como escrito espiritual, e este

versículo faz parte disso. A preocupação dos estudantes deve ser com os valores da comunidade, com o culto a Yahweh, e não com suas próprias questões particulares. No mínimo, esses detalhes devem ser considerados *secundários*. O sistema sacrificial tinha sido suspenso durante o cativeiro babilônico. A cidade de Jerusalém havia sido destruída, e suas muralhas tinham sido deitadas por terra. Os livros de Esdras e Neemias falam do retorno de um remanescente de cativos e da reconstrução das muralhas da cidade. Uma vez que isso teve cumprimento, o sistema de sacrifícios de animais pôde ser renovado (vs. 19). O autor sagrado muito desejou ver ocorrerem essas coisas.

A adição dos vss. 18 e 19 provavelmente foi feita por uma mão tardia, com o propósito específico de *modificar* a aversão aparente deste salmo diante dos sacrifícios de animais. Em outras palavras, esses versículos foram um apêndice introduzido por tradicionalistas e fundamentalistas, a fim de trazer à memória dos leitores a importância do antigo sistema sacrificial, que recebia sua autoridade da parte da lei mosaica. A primeira porção do salmo presente deve ter parecido por demais *liberal* para o autor posterior. A *depreciação* da fé ritualista tinha ido longe demais, deve ter ele pensado. Note o leitor que essa depreciação, por si mesmo, indica uma data posterior. É difícil imaginar que Davi falaria nesses termos, visto que a lei mosaica era seu supremo guia espiritual.

"Os vss. 18 e 19 foram uma adição posterior, cujo desígnio era modificar o espírito anti-sacrificial dos versículos anteriores e adaptar o salmo a um uso litúrgico" (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo).

51.19

Então te agradarás dos sacrifícios de justiça. O autor deste apêndice mostrou-se *enfático* quanto ao valor dos sacrifícios, a fim de modificar o que fora dito nos vss. 16 e 17. Aquilo que "Deus não desejava" é *enfaticamente* desejado aqui. A fim de deixar clara a sua mensagem, o autor, ato contínuo, lista várias formas de sacrifícios, para que não nos esqueçamos de nenhuma delas. Para ele, *todas* essas formas eram importantes, e *todas* tinham de ser observadas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*. O autor original defendia e antecipava um sistema sem nenhum animal sacrificado. Os hebreus tinham-se dado muito bem no cativeiro babilônico, sem aquele pesado sistema de sangue e carne queimada. Muitos judeus, é provável, mesmo depois de terem retornado à Terra Prometida, gostariam de ter continuado com um sistema incruento, tal como o fazem os judeus modernos, conservadores e tradicionalistas. Contudo, havia os fundamentalistas que insistiam na restauração total do sistema de sangue, uma vez que as muralhas de Jerusalém fossem reconstruídas e as coisas voltassem ao curso antigo. Isto posto, os conservadores "salvaram" a fé hebraica de tendências liberalizantes, como sucedeu aos judeus conservadores refletidos neste salmo. Os ultraconservadores continuam tentando "salvar a fé" e, assim fazendo, por muitas vezes obscurecem a verdadeira fé. A *bibliolatria* (ver a respeito no *Dicionário)* é um dos resultados dos esforços deles. Por outra parte, o vício do liberalismo é o ceticismo, e este é outro extremo que precisa ser evitado.

Salmo Cinqüenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação* que convoca Deus a julgar certo tirano. Talvez o indivíduo ímpio aqui atacado represente uma classe de homens, e não uma única pessoa. Tais indivíduos compartilharão da sorte horrenda de todos os ímpios, sem importar a qual classe social pertençam.

"Este salmo está intimamente relacionado com o Salmo 58, e, à semelhança dele, relembra as invectivas dos profetas (cf. Isa. 22.15-19)" (William R. Taylor, *in loc.*). Contém materiais similares a outros salmos que falam sobre a vindicação dos indivíduos piedosos. Ver Sal. 50.16-21 e cf. Sal. 11.1-7. Este salmo também é uma denúncia contra governantes tirânicos e outras pessoas do mesmo naipe, particulares ou públicas. Provavelmente trata-se de um poema pós-exílico. Tentar vinculá-lo a I Sam. 22.6-23, conforme faz o subtítulo, é algo impróprio e infundado, por causa da menção ao templo, no vs. 8.

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo complexo: "Ao mestre de canto. Salmo didático de Davi, quando Doegue, edomita, fez saber a Saul que Davi entrara na casa de Abimeleque". Em pauta está I Sam. 22.6-23, mas esse incidente ocorreu antes da edificação do templo, o que é mencionado no vs. 8 deste salmo. As adições introdutórias não faziam parte original dos salmos, mas foram acréscimos de compiladores posteriores dos salmos, e portanto não têm autoridade canônica. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, sem dúvida um grande exagero. Entretanto, alguns salmos foram realmente compostos por Davi, o *mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1).

Discurso Dirigido aos Ímpios (52.1-4)

52.1

Ó homem poderoso? Algum tirano local era homem pretensioso que muito se jactava. Naturalmente, ele representa uma classe desprezível, sempre mandando nos outros, homens de voz autoritária, de pouco pejo e grandes e deprimentes ambições, muito semelhantes aos políticos modernos. O original hebraico, em vez de "homem poderoso", diz literalmente "herói", mas sem dúvida isso foi escrito sarcasticamente.

Pois a bondade de Deus dura para sempre. Se temos realmente aqui as palavras originais do poeta sacro, o sentido delas é o seguinte: "Em contraste com teus atos tirânicos, podes ter certeza de que a aliança de Deus com o Seu povo em nada sai prejudicada pelos teus atos de violência. Ela continua, a despeito de ti e de teus esforços". Mas a versão siríaca diz: "O dia inteiro estás planejando destruição", e isso poderia refletir o original hebraico, em contraste com o texto massorético, que era e continua sendo a Bíblia hebraica padrão. Os Papiros do Mar Morto (antigos documentos hebraicos) exibem ocasionalmente textos que concordam com as versões, sobretudo com a Septuaginta, e contrariam o texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*, quanto a informações detalhadas a respeito. Ver também o verbete intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*.

52.2

A tua língua urde planos de destruição. A *língua* do tirano era como uma *navalha*, e a sua boca como uma *tempestade*. Ele abusava da linguagem cortando, queimando, destruindo e semeando contendas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*, quanto a plenos detalhes e ilustrações.

Costuma-se dizer que falar é barato, mas será mesmo? "Palavras, palavras; nada além de palavras." "Ele é apenas um falastrão." Essas declarações ilustram uma depreciação comum da importância da fala. Porém, haverá no mundo algo mais potente para o bem ou para o mal do que as palavras? A fala é a faculdade que diferencia o homem dos animais. A capacidade de falar é sinal de personalidade. A autoconsciência manifesta-se na fala. O pensamento é quase impossível sem o emprego de palavras, que contêm as idéias. Os atos são antecedidos por pensamentos; e por isso diz-se: "O pensamento precede os atos, tal como o relâmpago antecede o trovão". Mas o pensamento é impulsionado pelas sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, em seu sucesso, da comunicação verbal. A solidariedade e a cultura de um grupo baseiam-se em uma linguagem comum. O caráter dá-se a conhecer pela linguagem usada pelo indivíduo (ver Luc. 6.45). Portanto, Tiago (terceiro capítulo da epístola de Tiago) acerta o alvo em cheio quando deposita tão grande ênfase sobre a língua" (Easton, comentando Tia. 3.2). Considere o leitor o discurso de Hitler em seu livro *Minha Batalha* (título do mais bem conhecido livro daquele tirano), ou o discurso de Churchill, no qual ele falou em "sangue, suor e lágrimas". Gerações inteiras deixaram-se comover por essas palavras perversas ou encorajadoras.

> *A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração havia guerra; as suas palavras eram mais brandas que o azeite, contudo eram espadas desembainhadas.*
>
> (Salmo 55.21)

52.3

Amas o mal antes que o bem. *O tirano* habitava no meio ambiente da contenda, em que a *palavra mentira* era necessária para apanhar de surpresa os oponentes. Uma das principais armas dos tiranos (alegadamente grandes líderes políticos), locais, nacionais ou internacionais, é a "grande mentira" na qual muitas pessoas naturalmente acreditam, e cuja prova contrária é bastante difícil, embora tal "arma" seja totalmente falsa. O mal requer palavras mentirosas, e palavras mentirosas são más. O tirano especializa-se em ambas as coisas. Ele só diz a verdade quando está em jogo a sua própria vantagem. Ele é um completo pragmático, fazendo e dizendo coisas que lhe sejam proveitosas, que operem para seu bem e promovam seus desígnios e ambições. Seu lema é o seguinte: "O que funciona é direito", sem considerar quaisquer valores fixos. De fato ele não tem valores fixos, exceto a máxima: "Serve a ti mesmo". Se ele tiver de prejudicar e matar para obter o que quer, então os atos de prejudicar e matar serão classificados como *justificados* e *bons*.

> *... pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência.*
>
> (I Timóteo 4.2)

Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar no homem.
Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar em príncipes.

(Salmo 118.8,9)

Aquilo que os tiranos dizem destrói outras pessoas (ver Tia. 3.6,8).

52.4

Amas todas as palavras devoradoras. *O tirano mentiroso* deleita-se na destruição, e uma das principais armas que ele usa com esse propósito são as *palavras devoradoras.* "Ele medra em uma maneira de viver ímpia e falsa, amando palavras que devoram" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Literalmente, temos aqui *palavras engolidoras...* cf. Sal. 5.9, onde a garganta é chamada de 'sepulcro aberto'. O homem ímpio *engole* a vida do próximo, a sua honra e os seus bens" (Ellicott, *in loc.*). "... que devoram o caráter e a reputação dos homens, e é a causa de sua total ruína e destruição. Quanto às palavras devoradoras e blasfemas do anticristo, ver Apo. 13.5,6" (John Gill, *in loc.*).

Deus Vinga-se do Tirano (52.5-7)

52.5

Também Deus te destruirá para sempre. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* De nada aproveitará ao tirano jactancioso suas palavras mentirosas e devoradoras. Elas não lhe farão bem algum quando Deus lançar contra ele o Seu relâmpago. Ele tem enganado a outras pessoas, mas não pode enganar a Deus. O fato de que ele tem ferido a seus semelhantes não o isentará de ser ferido; de fato, essa retribuição é garantida pela justiça divina. "Deus te quebrará ao meio", diz a *Revised Standard Version.* A retribuição certamente atingirá os ímpios. A ênfase recai sobre *Deus. Ele* é contra tais homens. Ele os "derrubará por terra". "Ele os arrancará de seus lares, onde eles se julgavam habitar em segurança! Ele destruirá as raízes de suas terras." Assim, tornar-se-ão empobrecidos, mesmo que sobrevivam ao restante dos ataques divinos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vingança.* Isto posto, Deus destruirá sua vida comunal e doméstica. Eles chegarão à *ruína total.*

O Senhor o quebrará como se quebra o vaso de oleiro, despedaçando-o sem nada poupar; não se achará entre os seus cacos um que sirva para tomar fogo da lareira ou tirar água da poça.

(Isaías 30.14)

A *lex talionis* terá uma aplicação estrita, ou seja, aquilo que o tirano fez a outros, ao promover seus caminhos destruidores, assim Deus fará a ele, por semelhante modo e igual maneira. Naturalmente, não devemos esquecer que, em meio a toda essa fala sobre destruição, os juízos de Deus também são remediais, se não nesta vida, então na vindoura, para além do túmulo. Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado.*

Selá. Ver os vários significados dados a esta palavra, em Sal. 3.2.

52.6

Os justos hão de ver tudo isso. *As vítimas dos tiranos,* os justos, verão a vingança de Deus, e assim se *alegrarão.* Isso fará com que eles fiquem aquém do ideal cristão de os homens supostamente devem amar a seus inimigos (ver Mat. 5.44), derrotando o mal com a prática do bem (ver Rom. 12.21). Os justos *temem,* porquanto é terrível alguém cair nas mãos do Deus vivo (ver Heb. 10.31). Mas isso não fará os justos parar de rir e zombar do indivíduo que estiver recebendo aquilo que deu. "... sentimentos mistos de *admiração,* diante da terrível queda do tirano, e *exultação,* são capturados pelo poeta" (Ellicott, *in loc.*). Davi mostrou reação oposta diante da queda de Saul (II Sam. 1.19-27), mas isso foi uma exceção à regra.

Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio.

(Salmo 58.10)

52.7

Eis o homem que não fazia de Deus a sua fortaleza. Em meio a risos, os justos, vendo a queda do malvado, proferirão palavras como estas: "Aquele homem estava distante de Deus; ele preferiu confiar nas vãs riquezas; estupidamente, procurou refúgio nas coisas materiais".

Fortaleza. No hebraico temos a palavra *maoz,* "lugar fortificado". Cf. Sal. 27.1; 37.39; 43.2. Um homem corre para a fortaleza a fim de salvar sua vida e então ali preservá-la. A fortaleza também serve de lugar de onde ele lança ataques contra os adversários. O justo encontra fortaleza em Deus. Mas o deus do tirano é o dinheiro que ele foi capaz de acumular com os seus crimes. Mas logo esse tipo de fortaleza pode ser derrubado. Um acidente pode acabar com o indivíduo iníquo em um segundo. Uma enfermidade pode consumir alguns poucos meses ou anos; mas no final o seu efeito é tão seguro como o de um acidente qualquer.

Aceitai o meu ensino, e não a prata, e o conhecimento antes do que o ouro escolhido, porque melhor é a sabedoria do que jóias...

(Provérbios 8.10)

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento.

(I Timóteo 6.17)

Contraste entre o Justo e o Tirano (52.8,9)

52.8

Quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante. Um tirano é alguém que acumulou poder e dinheiro por meio de atos violentos e injustos e, da mão divina, acaba recebendo aquilo que ofereceu ao próximo. Ele é levado a um fim terrível (vs. 5). Em contraste, o homem bom floresce, medra, prospera e desfruta vida longa e útil. O homem ruim é *arrancado* de sua moradia (vs. 5) e tem um fim rápido e derradeiro. O homem bom continua a viver ao lado do rio da bênção de Deus, como se fosse uma *oliveira.* Ele se encontra no *templo,* e nenhum outro ser humano ou circunstância pode prejudicá-lo eternamente. O *amor constante* de Deus o protege e garante a Sua sobrevivência e prosperidade.

Como a oliveira. O poeta lançou mão dessa árvore como lição objetiva, visto que a frutificação e a permanência da oliveira simbolizam a condição florescente e constante do justo. Esse homem confia em Deus, e não em lucros ganhos erroneamente. Cf. Sal. 1.3; 92.2; Eclesiástico 50.10. Quanto a como a palavra "confiança" é usada nos Salmos, ver as notas expositivas em Sal. 2.12.

Simbolismos das Plantas e das Árvores:

1. O *cedro* e a *palmeira* (Sal. 92.2) — *integridade.* O cedro também fala de imponência e poder (Sal. 92.12).
2. O *hissopo* alude à humildade e à aplicação dos benefícios da lavagem e da aspersão (Sal. 51.7).
3. A *oliveira* refere-se à produtividade e à prosperidade, neste versículo e em Osé. 1.6.

Quanto a detalhes, ver as descrições sobre cada uma dessas plantas no *Dicionário.*

O azeite de oliveira obviamente simboliza a unção do Espírito Santo (Zac. 4.11,12; Êxo. 30.23-33). O homem bom tem a unção do Espírito e assim mostra-se forte, saudável e próspero. Ele continua a confiar no *amor constante* de Deus, que o tem trazido até o lugar onde ele está e o assistirá até o fim.

Estender-se-ão os seus ramos, o seu esplendor será como o da oliveira, e sua fragrância como a do Líbano.

(Oséias 14.6)

"... a *oliveira,* que é uma árvore frutífera e seleta; que contém gordura; que produz excelente óleo; que é bela em seu aspecto; que se deleita em climas quentes e lugares ensolarados; que se encontra nas montanhas... que é sempre verde e durável, e cujas folhas e ramos são símbolos da paz. Tudo isso é aplicável a pessoas verdadeiramente justas... as pessoas excelentes da terra" (John Gill, *in loc.*).

52.9

Dar-te-ei graças para sempre. Devemos prestar ações de graças a Deus, porque Ele tudo tem feito a nosso favor, ou seja, tem tirado vingança contra os tiranos e os ímpios, mas tem abençoado grandemente o homem piedoso, como uma oliveira. Visto que o homem piedoso perdura para sempre, seu louvor também perdura para sempre. Os louvores a Deus são assim expressos. O nome de Deus é magnificado, pois ele é bom e é o Deus Todo-poderoso, a fonte de toda

existência e bondade humana. Louvores a Deus também são prestados porque é bom que outros homens ouçam a mensagem e então unam-se a ela. Quanto ao nome de Deus, ver Sal. 31.3. Quanto ao "santo nome" de Deus, ver Sal. 30.4 e 33.21. Ver também o artigo detalhado chamado *Louvor*.

"Eu te louvarei, porque sei que todo o bem vem de ti. Eu te louvarei por esse bem. Esperarei no Teu nome. Esperarei que todas as minhas bênçãos venham do Todo-suficiente Yahweh, o qual é eterno e imutável. Outrossim, é correto que eu espere a continuação das Tuas bênçãos, unindo-me com os Teus santos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Esperarei no teu nome. Talvez seja mais acertada a tradução da Revised Standard Version, que diz: "Proclamarei o teu nome". O poeta sagrado propalava as boas novas porque isso seria vantajoso para outras pessoas justas. Mas também esperamos em Deus receber a Sua bondade, manifestada em nossa vida. "Deixarei que minha espera em Teu gracioso nome seja vista pelos santos, para a edificação deles" (Fausset, *in loc.*).

Salmo Cinqüenta e Três

Os Salmos 14 e 53 são virtualmente idênticos, revelando-se formas variantes do mesmo salmo. O duplo aparecimento do salmo provavelmente se deve à sua inclusão em coletâneas independentes da composição. Quando o saltério foi publicado em cinco livros, os editores não se importaram em apagar uma das versões. Editores subseqüentes, entretanto, deram um subtítulo diferente para o que é agora o Salmo 53: "Ao mestre do canto. Salmo didático de Davi, para citara". Há uma palavra hebraica no subtítulo, que nossa versão portuguesa não traduziu, *maalate*. Esse vocábulo talvez se refira a uma melodia ou a um instrumento musical, ou mesmo ao líder das danças ou cânticos. Quanto ao restante da introdução a este salmo, ver a introdução ao Salmo 14. A função desse hino era idêntica à do Salmo 52: mostrar a condenação que aguarda os ímpios (ateus práticos), quando Deus intervier em favor de Seu povo. A insolência dos ímpios, que não abrem espaço para Deus em seu coração, embora professem fé em Deus, não pode deixar de ser notada pela mente divina, entretanto. Este cântico condena uma era cínica e ímpia, na qual Deus se tornou, para homens vãos, uma idéia supérflua.

Minha exposição aqui dá apenas referências cruzadas e adiciona alguns comentários quando necessário. Note o leitor que o Salmo 14 estampa, do princípio ao fim, o nome divino *Yahweh*, ao passo que o Salmo 53, fala em *Elohim*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Os críticos acreditam que o Salmo 53 está mais próximo do salmo original, ou, quem sabe, seja o original um tanto modificado para tornar-se o Salmo 14.

53.1

Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Quanto à exposição deste versículo, ver Sal. 14.1. Temos aqui a palavra *iniqüidade* em lugar do termo geral para "feitos", isto é, "abominações, obras abomináveis".

53.2

Em Sal. 14.2 encontramos o nome divino *Yahweh*, ao passo que aqui temos o nome *Elohim*. No restante, os dois versículos são idênticos. A modificação nos nomes divinos continua até o fim.

53.3

Não há nem sequer um. No Salmo 14 temos: "Não há nenhum sequer". Em algumas versões, encontramos aqui a misteriosa palavra "Selá", a qual não figura em Sal. 14.3.

53.4

Os obreiros da iniqüidade. Em Sal. 14.4 lemos: "Todos os obreiros da iniqüidade". No original hebraico encontramos neste versículo, uma vez mais, a palavra *Elohim*, ao passo que o Sal. 14.4 apresenta o termo *Yahweh*.

53.5

Tomam-se de grande pavor, onde não há quem temer. Sal. 14.5 não contém estas últimas palavras: "onde não há quem temer". Talvez a versão deste salmo se adapte a alguma circunstância local que o revisor trouxe à luz, ou talvez a adição tenha sido apenas uma glosa de escribas. Variantes como essa implicam na maior antiguidade do texto mais breve. Era mais natural que os escribas aumentassem, e não que apagassem o texto, mas ocasionalmente textos mais longos são preferíveis.

A declaração de Sal. 14.5: "porque Deus está com a linhagem do justo" é omitida neste salmo. No entanto, as palavras "porque Deus dispersa os ossos daquele que te sitia; tu os envergonhas, porque Deus os rejeita" são omitidas em Sal. 14.5.

Quando se fala em alguém que saqueou e arruinou Jerusalém, parecem estar em foco os babilônios. Mas, de fato, o que é dito ali não aconteceu. Idealmente, o autor pode ter esperado que isso tivesse acontecido. As versões são obscuras quanto a esse particular. Quando alguém compara Sal. 14.5,6 com Sal. 53.5, as letras do original hebraico parecem similares, e a impressão que se tem é que Sal. 14.5,6 é uma tentativa de restaurar algum texto defeituoso e obscuro no salmo original. Essas tentativas nunca tiveram resultados satisfatórios.

Alguns intérpretes, pensando estar em vista os babilônios, supõem que o poeta tenha "visualizado" um julgamento divino contra eles, que tinha certeza de que aconteceria. Outros eruditos tentam encontrar alguma circunstância histórica que se adapte a essas palavras. Outros ainda vêem este versículo como um trecho profético, e Ezequiel 38 e 39 como texto paralelo, estando em pauta alguma batalha nos últimos dias. Kimchi fazia esse versículo ser paralelo à narrativa concernente a Gogue e Magogue. Além disso, alguns estudiosos cristianizam o versículo, tornando-o uma predição do triunfo do Messias sobre o anticristo. Ver Apo. 17.14.

Seja como for, Sal. 14.6, que poderia representar um trecho paralelo a Sal. 53.5 (na versão original), conforme se encontra, é singular, e não tem nenhum paralelo.

53.6

Oxalá de Sião viesse já o livramento de Israel! Este versículo é paralelo a Sal. 14.7, e não tem outra diferença além daquela, novamente, em que *Elohim* substituiu *Yahweh* como nome divino empregado.

Salmo Cinqüenta e Quatro

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como um frontispício da coletânea. Ali dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada classe.

Este é um *salmo de lamentação*, o mais comum tipo de salmo, que tipicamente começa com um clamor a Deus, pedindo ajuda contra algum inimigo e em seguida são descritos os inimigos, que podem ser soldados estrangeiros que atacavam, inimigos dentro do acampamento de Israel ou alguma enfermidade física. Então pode aparecer algum voto e em seguida uma ação de graças pela resposta à petição, ou então por uma resposta que o poeta esperava em breve ser respondida. O Salmo 54 segue esse padrão bem de perto. Talvez este salmo apresente inimigos dentro de Israel, talvez pessoas hostis que acusavam a outras em tribunal pleiteando para elas punição capital. Cf. Sal. 26.1-12. O caso aqui apresentado é desesperador, pois somente uma intervenção divina teria alguma utilidade. Ver os vss. 3 e 4.

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo elaborado: "Ao mestre de canto. Salmo didático. Para instrumentos de corda. De Davi, quando os zifeus vieram dizer a Saul: Não está Davi homiziado entre nós?". A palavra hebraica para instrumentos de corda é *neginoth*, e didático é a palavra hebraica *masquil*. Contudo, as adições às introduções aos salmos não fazem parte do texto hebraico original nem se revestem de autoridade canônica. Escribas posteriores tentaram adivinhar quais teriam sido as circunstâncias históricas que provocaram as composições e quem teria sido o autor. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero sem dúvida. Mas é claro que ele compôs alguns dos salmos, razão pela qual foi chamado de *o mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1).

54.1

Ó Deus, salva-me. O autor sagrado estava desesperado e clamou a Elohim, o Poder, para que o salvasse por amor do Seu nome e pelo poder que pertencia ao Seu nome, já que Ele era Deus Todo-poderoso. A força humana em nada havia ajudado o poeta, e ele apelou para a intervenção divina. Ele precisava ser vindicado, ou poderia sofrer, legalmente, através dos atos de algum inimigo hostil que o acusava de algum crime. Ou então pode estar em foco algum perigo indefinido. A idéia de "salvar", neste caso, é de algum perigo mortal, e não se trata da salvação eterna da alma.

Faze-me justiça. A justiça favoreceria o salmista, visto que a sua causa era justa. Cf. Sal. 7.8. Esta palavra dá a entender que o salmista esperava por um veredicto favorável, em algum caso apresentado a tribunal civil. Algum processo, religioso ou secular, tinha sido instituído contra ele. Cf. I Ped. 2.23.

OS MEIO-CRENTES

Superficiais meio-crentes, de credos casuais,
Mas que nunca sentiram no íntimo, nem desejaram;
Cujo discernimento nunca produziu fruto nas ações;
Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas;
Para quem, cada ano que passa,
É um novo começo, mas gera novos desapontamentos;
Que hesitam e titubeiam por toda a vida,
E que perdem amanhã o terreno conquistado ontem.

Matthew Arnold

O DESVIO DA ALMA

Todos se desviaram e juntamente se corromperam: não há quem faça o bem, não há nem sequer um.

Salmo 53.3

Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam iniqüidade; já não há quem faça o bem.

Salmo 53.1,2

Pelo teu poder. Somente o poder divino podia salvar o salmista. Seus adversários o tinham avassalado. Eles tinham um forte mas fraudulento caso contra ele. Contavam com testemunhas falsas. O juiz do caso tinha de receber alguma forma de iluminação, ou então seria necessário aparecer uma testemunha inesperada, impulsionada pelo Espírito Santo.

Nome. "O nome de Deus era considerado quase um segundo 'eu' de Deus, o meio de Suas operações no mundo. Invocar o nome de Deus era invocar o próprio Deus e o Seu poder" (William R. Taylor, *in loc.*). Havia poder e mágica no nome de Deus, mas talvez, na época do poeta sagrado, a parte mágica não fizesse mais parte da crença. Cf. Sal. 20.1. Apresentei notas expositivas sobre *nome*, em Sal. 31.3.

54.2

Escuta, ó Deus, a minha oração. O apelo assumira a forma de intensa oração. De fato, foi uma oração de desespero. Ele tentava chegar aos ouvidos de Elohim, o Poder, mas foi erguido pela voz fraca de um homem frágil. Ouviria Deus tal oração? O autor do hino confiava que até a oração mais apagada pode ser ouvida acima do ruído da tempestade. "Em seus apertos, ele recorreria a Deus. Somente de Deus... seu livramento tinha de proceder" (Adam Clarke, *in loc.*). Um número surpreendentemente grande de salmos apresenta o poeta a clamar para que Deus o ouvisse, visto que a maioria dos salmos compõe-se de lamentos nos quais os autores sagrados clamam pela ajuda divina. Cf. Sal. 4.1; 13.3; 17.1; 27.7; 28.2; 30.10; 38.11; 66.11; 69.16; 84.8; 102.1; 119.149; 130.2; 143.1. Então encontramos a palavra "ouvir", quando os autores sacros tinham certeza de que Deus havia atendido às suas orações.

Temos aqui o ensino do *teísmo*: o Criador não abandonou Sua criação. Ele está presente, recompensando, punindo e ajudando os necessitados. Isso, por sua vez, nega a tese central do *deísmo*, que diz que Deus abandonou Sua criação e a entregou ao governo das leis naturais. Esses termos são abordados em artigos existentes no *Dicionário*. Também encontramos aqui, e espalhados pela Bíblia inteira, termos antropomórficos — atributos humanos atribuídos a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. Ver também os artigos intitulados *Via Negationis* e *Via Eminentiae*, quanto às maneiras empregadas para falar do Ser divino. Finalmente, ver o artigo chamado *Oração*.

54.3

Os insolentes. Homens violentos e mentirosos tinham arquitetado um caso contra um homem inocente e buscavam tirar-lhe a vida por meio da punição capital pronunciada pelo tribunal. Pelo menos, essa é uma conjectura sobre o que este salmo está falando. Aqueles homens não temiam a Deus: Ele não fazia parte da visão deles, nem estava "perante eles", de modo que lhes influenciasse. O pobre homem tinha gravíssimas acusações assacadas contra a sua pessoa. Ver novamente Sal. 86.3. "Para aquele que não tem Deus à sua frente, a justiça torna-se uma questão de pouca importância. De fato, pode ser uma questão de desprezo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Os ateus não têm Deus à sua frente, nem o têm os ateus práticos, os quais talvez acreditem que há um "deus" em algum lugar, mas não reservam nenhum espaço para o poder divino em sua vida. Eles vivem como se Deus não existisse.

Selá. Quanto ao significado atrelado a esta palavra, ver Sal. 3.2.

A Posição da Fé (54.4-5)

54.4

Eis que Deus é o meu ajudador. Embora o acusado não tivesse testemunhas adequadas para provar a sua inocência, esperava em Deus, o qual é justo e sabe todas as coisas.

> *Deus ouvirá e lhes responderá, ele que preside desde a eternidade, porque não há neles mudança nenhuma, e não temem a Deus.*
>
> (Salmo 55.19)

É quem me sustenta a vida. O homem mortal é muito fraco. Todo o dia há alguma ameaça contra a sua vida. Algum acidente pode estar oculto na dobra da esquina. Alguma enfermidade fatal pode começar a qualquer instante e terminar a história inteira em breve tempo. Além disso, há os inimigos humanos, os quais, no caso do poeta sagrado, formavam uma enfermidade moral e espiritual na sociedade. Eles espalhavam como tentáculos seus planos maléficos para apanhar os inocentes. Somente Deus podia sustentar a vida em meio às condições por ele criadas. Deus é o suportador da vida (tradução da Septuaginta e da Vulgata Latina). Logo, encontramos o violento contraste: por um lado, homens ímpios que lhe buscavam extinguir a vida, e, por outro lado, a mão do Sustentador da vida, determinado a garantir-lhe a existência.

> *Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, eu, o Senhor, o primeiro, e, com os últimos, eu mesmo.*
>
> (Isaías 41.4)

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. Ver Sal. 118.7, quanto a um versículo similar.

54.5

Ele retribuirá o mal aos meus opressores. Os assassinos seriam mortos. Os exterminadores seriam exterminados. A justiça seria servida. Mas o poeta confiava em Deus para isso. Ele agiria com fidelidade (Revised Standard Version) ou "em verdade" (King James Version), isto é, em justiça rigorosa. Homens que tinham semeado a violência estavam destinados a colher violência, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

"O imperativo expressa a certeza e carrega consigo a eficácia operante da Palavra de Deus, que age por sua própria eficácia intrínseca. A verdade de Deus assegura a destruição dos ímpios. Misericordiosamente, Deus lhes dá tempo suficiente para se arrependerem" (Fausset, *in loc.*).

O Voto Prometido (54.6,7)

54.6

Oferecer-te-ei voluntariamente sacrifícios. O poeta sagrado tentou barganhar com Deus. Se a vida lhe fosse poupada, se fosse provida a necessária intervenção divina para salvar-lhe a vida, ele reagiria positivamente, oferecendo os sacrifícios apropriados de ação de graças. Esse foi o seu voto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Voto*. Ele publicaria o caso e o transformaria em uma questão de louvor público no templo. Os músicos tocariam seus instrumentos e cantariam, e a composição humana se tornaria um hino entoado no templo, parte de sua liturgia. E outros homens oprimidos, que fossem livrados de seus inimigos, usariam a composição para expressar seu agradecimento a Deus.

O homem executaria uma oferenda voluntária, ou seja, uma oferenda que não fazia parte das ofertas requeridas pela lei mosaica. Ver Núm. 15.3; Lev. 7.16; Êxo. 25.2; 35.29 e 36.3-5. Essas oferendas seriam acompanhadas com júbilo e louvor. Cânticos de ação de graças eram empregados nessa execução. O vs. 7 contém o tema do cântico.

> *Aceita, Senhor, a espontânea oferenda dos meus lábios, e ensina-me os teus juízos.*
>
> (Salmo 119.108)

Ver Lev. 3 e 4, quanto a descrições dos tipos de ofertas mencionados neste versículo. Essas ofertas eram consideradas boas obras, conforme lemos aqui: "porque é bom".

> *Dar-te-ei graças para sempre, porque assim o fizeste: na presença dos teus fiéis esperarei no teu nome, porque é bom.*
>
> (Salmo 52.9)

Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Ações de Graças* e *Gratidão*.

54.7

Pois me livrou de todas as tribulações. A razão do voto feito pode ter sido que Yahweh (Elohim) livrara o poeta, em resposta à desesperada oração, e, especificamente, da tribulação que seus inimigos lhe haviam causado e lhe ameaçaram a vida. O triunfo que eles esperavam alcançar, ao ver o homem morto, lhes seria arrebatado, e eles acabariam envergonhados e publicamente desgraçados, porque haviam tentado eliminar um homem inocente. Os olhos do salmista veriam então os juízos de Deus desabar sobre aqueles homens miseráveis. O poeta alcançaria o triunfo. Talvez eles fossem até executados por terem tentado destruir um homem inocente. A lei voltar-se-ia contra eles. Haveria vingança decretada pelo tribunal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vingança*.

Cf. Sal. 35.21; 59.10; 92.11 e Can. 6.13. A *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*) ficaria satisfeita, mediante o pagamento de acordo com a gravidade do crime cometido.

Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa.

(Apocalipse 18.20)

Salmo Cinqüenta e Cinco

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada classe.

Este é um *salmo de lamentação*, que decisivamente é a maior das classes. Trata-se de uma oração que solicita o livramento dos ataques desfechados por inimigos pessoais. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um clamor urgente, pedindo ajuda; então descrevem os inimigos que estão atacando, que podem ser estrangeiros que invadiam Israel, inimigos pessoais dentro do acampamento dos israelitas, ou alguma enfermidade física. E então, ou em expectação de um livramento imediato, ou porque Yahweh já havia respondido, o salmista oferece ação de graças, usualmente acompanhado pelos sacrifícios apropriados e hinos entoados no templo. Por muitas vezes, alguma espécie de voto é feita a fim de encorajar Deus a agir. Este salmo, entretanto, não segue de perto essa ordem de apresentação, havendo nele certa confusão de partes, sem uma apresentação clara e ordenada. Não obstante, todos os elementos estão presentes.

"Este salmo registra a experiência de traição a Davi provocada por um amigo íntimo. Os comentários especulam que se trata da traição de Aitofel (ver II Samuel 15.31), mas isso está longe de ter sido realmente o caso. No salmo, Davi invocou a Deus para capacitá-lo a escapar de sua terrível sorte. Ele lamentou a opressão que lhe sobreveio por recebido traição de seu amigo íntimo. No entanto, expressou sua confiança naquele que redime" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Alguns fazem este salmo ser um salmo messiânico e vêem nele uma profecia acerca de Judas. Normalmente, porém, este não é colocado entre os salmos messiânicos, que já formam uma classe específica contendo uma mensagem profética óbvia.

Subtítulo. Neste salmo, o subtítulo é: "Ao mestre de canto. Para instrumentos de corda. Salmo didático de Davi". Este subtítulo é idêntico ao do Salmo 53, com exceção de que a palavra hebraica traduzida por "instrumentos de corda" é diferente. *Neginoth* (também no subtítulo do Salmo 54) substitui a palavra hebraica *mahalath*. Ver os significados na introdução àqueles salmos, sob a seção *Subtítulo*.

Opressão Aterrorizante (55.1-8)

Apelo a Deus (55.1-3)

55.1

Dá ouvidos. Essas palavras substituem a fórmula mais comum de *Escuta!* (ver Sal. 54.2). Nos salmos de lamentação, Yahweh é invocado a dar atenção, escutar, dar ouvidos, prestar atenção, ter misericórdia e agir em favor do homem oprimido. O poder divino é crido e requerido quanto a uma necessidade urgente, geralmente para a salvação de uma vida, isto é, para que ela seja salva de algum perigo. Elohim (o Poder) é o nome divino usado aqui. Ele é solicitado a "não ocultar-se" do pedinte em necessidade. Alguns salmos de lamentação queixam-se da aparente indiferença de Deus. Ver as notas expositivas sobre isso em Sal. 10.1 e 28.1. O poeta sacro acreditava não somente na existência de Deus, mas também em seu interesse no que acontece aos homens (posição do *teísmo*, ver a respeito no *Dicionário*). Os que crêem que Deus está indiferente e "divorciado" dos homens caem no *deísmo* (ver também a respeito no *Dicionário*). O autor deste salmo continuou adicionando palavras em um crescendo de aflição. Sua súplica também é um lamento. Algum amigo íntimo o tinha traído. "O salmista gemia por causa do ruído e do clamor de um adversário ímpio. A tribulação está sobre ele, e a ira o assalta" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Esta é uma das mais apaixonadas odes da coletânea dos salmos, com explosões de desejos de vingança de fogo alternadas com as reflexões mais tristes e melancólicas" (Ellicott, *in loc.*).

Não te escondas. Cf. Deu. 22.2; Isa. 58.7; Sal. 10.1; Lam. 3.8,44, quanto à mesma expressão.

55.2

Atende-me, e responde-me. O poeta não podia evitar fazer uma queixa barulhenta, razão pela qual continuou chamando Elohim para que o ouvisse, para que o atendesse. Ele havia sofrido notável decepção, e isso pode ser uma ilustração do texto, embora este salmo não seja messiânico.

Sinto-me perplexo. No hebraico a palavra fala do desassossego das perambulações pelo deserto, como sucedia aos beduínos. Osé. 12.1 usa a mesma palavra para indicar instabilidade política. A mente do homem estava distraída pela sua tristeza, e ele não tinha descanso durante o dia nem podia dormir à noite. O homem agitava-se no tumulto que o tinha avassalado. Ele se sentia cercado pelo mal e talvez por circunstâncias fatais das quais somente a ajuda divina poderia livrá-lo. O terror da morte cairá sobre ele. Os que cristianizam o salmo vêem Jesus em Sua agonia, enquanto Seus inimigos O cercavam.

Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte...

(Hebreus 5.7)

E ando perturbado. Diz aqui a King James Version: "faço ruído", uma compreensão diferente do hebraico envolvido.

55.3

Clamor do inimigo. A King James Version diz aqui "voz do inimigo". O inimigo proferia barulhentas reprimendas, palavras cortantes e declarações ameaçadoras. Por trás das palavras havia ódio e intenções assassinas.

Sobre mim lançam calamidade. Ameaças de homicídio, acusações falsas, degradações, jogadas iníquas.

De mim rosnam à uma todos os que me odeiam; engendram males contra mim...

(Salmo 41.7)

O hebraico diz aqui literalmente "rolam iniqüidade", em vez de "lançam calamidade". A figura de linguagem parece ser o ato de rolar pedras sobre um inimigo, de um lugar mais alto. Em Sal. 140.10, a mesma palavra é usada para rolar carvões acesos sobre um inimigo.

Caiam sobre eles brasas vivas, sejam atirados no fogo, lançados em abismos para não mais se levantarem.

(Salmo 140.10)

55.4

Estremece-me no peito o coração. O coração do homem estava aterrorizado ou angustiado, porque os terrores da morte o tinham envolvido. Ele seria sujeitado a um julgamento de punição capital. Testemunhas mentirosas enfileiravam-se contra ele, apoiando o amigo íntimo que o havia traído. Não havia testemunhas adequadas a seu favor. O juiz tinha o poder de mandar apedrejá-lo. Talvez ele tenha sido falsamente acusado de idolatria ou de algum outro crime que merecia a punição capital.

Talvez o homem fosse alvo de algum conluio homicida por parte de inimigos que apoiavam seu falso amigo. Seria uma execução privada, a eliminação de um inimigo que atravessara o caminho de um homem iníquo. Alguns vêem aqui a guerra civil iniciada por Absalão contra seu pai, e outros cristianizam o versículo, vendo os planos de Judas e dos judeus contra Jesus.

55.5

Temor e tremor me sobrevêm. O poeta sagrado continuava a acumular frases que essencialmente significavam a mesma coisa, descrevendo a mesma aflição. Agora ele fala sobre seu temor e sobre o tremor que isso causava. O salmista estava perdendo o controle sobre as emoções. O horror o tinha avassalado como as ondas do mar, que pode ter sido a metáfora tencionada.

"Quão natural é esta descrição! Ele estava aflito; ele se lamentava; ele fazia ruídos de causar pena, como soluços e suspiros; seu coração estava ferido; ele nada mais esperava senão a morte. Isso produzia movimentos involuntários do corpo, ele *tremia... uma ruína inevitavelmente pairava sobre ele*" (*Adam Clarke, in loc.*). "... temor e terror mental, e tremores pelo corpo... um horror dominante... o máximo de consternação. Cf. a experiência de Jesus, em Mar. 14.33" (John Gill, *in loc.*).

"... começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia": este é um versículo extremamente humano, que descreve o homem Jesus, o qual sofreu terrores. Ele foi "aterrorizado". Algumas pessoas não podem compreender esses sentimentos em Jesus, considerando a Sua natureza divina; mas esquecem que Jesus, o homem, carregou nossas fraquezas e sofreu nossas limitações e lutas, porquanto isso era parte necessária do processo de encarnação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Encarnação*.

55.6-7

Quem me dera asas, como de pomba! *O Escape.* O salmista estava preso em sua gaiola de terrores, pelo que fantasiou a cena de seu escape, voando como se fosse uma pomba. Então ele repousaria. Algumas vezes, o exílio é a solução para problemas difíceis, mas o homem aparentemente não tinha chance de simplesmente desaparecer. Sócrates, ao ser julgado, recebeu uma oferta de escape por parte de seus amigos, uma fuga de Atenas em segredo. Mas ele rejeitou a possibilidade e preferiu pleitear sua causa no tribunal. Ele queria ser vindicado, e não meramente salvar a própria vida.

"... fazendo notável contraste com as notas de pavor e angústia das linhas anteriores, o salmista expressa o anelo por possuir as asas rápidas e livres de uma pomba que o livrassem do aprisionamento de seu ambiente para obter descanso da tempestade que rugia" (William R. Taylor, *in loc.*).

É possível que as autoridades de Jerusalém houvessem encerrado o salmista em prisão domiciliar, a fim de que ele não escapasse. Mas também é provável que ele não estivesse disposto a abandonar seus familiares, mesmo que pudesse escapar. Portanto, ele fantasiou sua fuga, mas permaneceu no meio do tumulto, onde sua vida corria perigo.

"A ave que estava na mente do salmista sem dúvida era o pombo das rochas (*Columba livia*), que, para fazer seu ninho, escolhe os penedos elevados e as ravinas profundas, longe do homem. Cf. Can. 2.14" (Ellicott, *in loc.*).

> *Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas...*
>
> (Cantares 2.14)

Selá. Quanto a esta misteriosa palavra, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

55.8

Dar-me-ia pressa em abrigar-me. Levantado no ar pelas asas da pomba selvagem, subiria em seu vôo e se ocultaria longe do terror que seu falso amigo lançara contra ele. E ali, escondido entre as fendas das rochas, descansaria em segurança. Ele permaneceria ali, ou seja, faria daquele lugar a sua residência. Teria uma nova vida, em um novo meio ambiente, no qual a traição não exerceria controle. Em seu novo lar haveria ventos e tempestades, mas essas coisas não lhe ameaçariam a vida. Contudo, costumamos fantasiar muitas coisas que não nos são possíveis. Nossos sonhos acordados quase sempre são agradáveis, mas dificilmente produtivos. Não obstante, continuemos a sonhar! Alguns sonhos, todavia, tornam-se realidade, contra todas as probabilidades. Talvez o que o poeta sagrado tenha querido dizer seja: "Eu apressaria o meu escape mais ligeiro do que o vento ameaçador". O temporal chegaria, mas ele iria embora "como o ganso selvagem no inverno", e, acreditem-me, o ganso selvagem não fica para trás para ver a neve cair!

> *Tal como o galeirão secretamente edifica sobre a grama alagada,*
> *Eis que eu construirei para mim um ninho, sobre a grandeza de Deus;*
> *Voarei na grandeza de Deus como voa o galeirão,*
> *Na liberdade que preenche o espaço entre*
> *o alagadiço e os céus.*
> *Pois quantas são as raízes que a erva do alagadiço envia para o alagadiço,*
> *Eu, de todo o coração, me valerei da grandeza de Deus.*
>
> (Sidney Lanier)

55.9

Destrói, Senhor, e confunde os seus conselhos. Destrói a eles, pois estão dispostos a destruir-me. Confunde suas línguas, que de tal maneira me cortam e queimam, e planejam a minha destruição. Vejo violência na cidade. Está chegando perto de minha casa. Faze-os parar, antes que seja tarde! Foi assim que o poeta interrompeu seu sonho acordado sobre o vôo da pomba e encerrou suas lucubrações com uma tirada contra os seus inimigos.

Destrói. No original hebraico, a tradução literal seria "Engole-os". O abismo do julgamento de Deus, idealmente falando, se abriria e engoliria aqueles homens ímpios, conforme o que lemos em Núm. 16.30 ss. Está em pauta destruição total. A Septuaginta usa uma figura verbal diferente, "Afoga-os no mar".

Confunde os seus conselhos. Literalmente, "Divide os seus conselhos", o que os faria parar de tentar efetuar planos ousados. Se os inimigos do salmista se dividissem em facções contrárias, poderiam escapar. Uma guerra em que eles se engalfinhassem uns contra os outros talvez salvasse o salmista da guerra dirigida a ele.

Este versículo é cristianizado para falar sobre os planos maus, na cidade de Jerusalém, através dos quais Jesus foi levado a julgamento e foi crucificado. Ver Luc. 23.51; Mar. 14.56. Ver também os esquemas armados contra os apóstolos, em Atos 23.7.

55.10

Dia e noite giram nas suas muralhas. Aqueles homens ímpios eram como assaltantes noturnos, como um bando de criminosos que buscavam vítimas. Pertenciam a uma classe de criminosos, e o poeta sagrado não era o único alvo dos ataques. Sem dúvida, eles já tinham produzido um bom número de vítimas fatais. Giravam em torno de suas muralhas, e faziam-no abertamente, dia e noite. O autor pinta o quadro de uma cidade muito violenta, na qual os habitantes não andavam mais seguros, o que ocorre em muitas de nossas grandes e modernas cidades. Os bandidos andavam alertas e sem conciliar o sono, rondando furtivamente para ver que maldade poderiam praticar. Havia planos maléficos contínuos, sedições, calúnia contra os bons, atos ilegais de tribunal contra pessoas inocentes. Homens violentos haviam tomado o lugar de atalaias, cujo trabalho era manter a cidade em paz e frustrar os criminosos. Não havia mais paz e os crimes estavam fora de controle. Havia maldade à solta, bem como a tristeza daí resultante.

55.11

Há destruição no meio dela. O salmista oferece um pequeno sumário do caráter da cidade. Multiplicavam-se a iniqüidade (todos os tipos de atos maus); o engano (toda espécie de planos e de ações injustos); a fraude (negócios distorcidos e desonestos). Se Diógenes tivesse atravessado a cidade de Jerusalém com sua lâmpada, em busca de um único homem honesto, não teria encontrado nenhum. E se houvesse algum, ele estaria escondido, temendo por sua vida. Diógenes teria sido assaltado em Jerusalém, se ousasse ir ali! E, lembre-se o leitor, Jerusalém era a cidade onde, supostamente, dominava a lei. Contudo, aquela cidade era pior do que as cidades pagãs de povos idólatras, vizinhas de Israel. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Diógenes de Sínope.*

> *... o direito se retirou e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças e a retidão não pode entrar.*
>
> (Isaías 59.14)

55.12

Com efeito, não é inimigo que me afronta. Homens maus certamente eram um vexame; mas não era essa a principal tribulação do poeta sacro. Sua grande tribulação é que ele tinha um amigo especial que o havia traído (vs. 13). Os versículos anteriores mostram que homens ímpios estavam causando toda espécie de perturbação para o salmista. Portanto, ele fala aqui comparativamente. Os ímpios eram terríveis e difíceis de suportar, mas aquele homem especialmente ímpio, seu ex-amigo, servia-lhe de perturbação maior do que todos os outros reunidos. E, naturalmente, os indivíduos violentos dificilmente agem isoladamente. Eles andam em matilhas, como animais selvagens, e aquele, o pior de todos os homens maus, tinha os seus cúmplices. Aquele homem ímpio repreendia o inocente. Dizia mentiras e ameaçava com a violência. Odiava o homem bom e fazia tudo o que podia para destruí-lo. Exaltava-se contra ele, ou seja, tratava-o com insolência, conforme diz a Revised Standard Version. Se pessoas conhecidas (ou desconhecidas) o tratassem daquela maneira, ele teria encontrado uma maneira de suportar. Mas quando seu amigo íntimo se tornou o líder da matilha, o salmista se sentiu mentalmente esmagado. E sem dúvida era verdade que seu amigo fraudulento era o principal inimigo, embora não o único.

Pois dele eu me esconderia. O homem bom poderia simplesmente manter-se afastado do caminho dos ímpios. Encontraria maneiras de evitá-los e de prosseguir em sua vida, restringido, é verdade, mas não mortalmente ameaçado. Lembremo-nos do caso de Davi e Saul. Por um tempo relativamente longo Davi escondeu-se de Saul, e o fez com êxito. Ver I Sam. 20.24; 23,19. Por algum tempo, Jesus escondeu-se dos judeus (João 18.2). Porém, seria difícil esconder-se de uma traição clara, promovida por um "amigo". Alguns eruditos vêem aqui o caso de Aitofel, que esteve à base de conspirações contra Davi. Ele apoiou Absalão em sua revolta. Essa circunstância serve para ilustrar o texto, mesmo que não seja o incidente em foco. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Aitofel,* quanto ao relato. Esse homem terminou tirando a própria vida.

55.13

Homem meu igual, meu companheiro. A principal figura ímpia, o homem que tinha ameaçado a vida do poeta, era um amigo íntimo, descrito como um igual, um companheiro e amigo do peito. O acúmulo de descrições mostra a proximidade do

relacionamento amigável. Talvez eles fossem companheiros desde a juventude. Provavelmente, em algum tempo, eles tivessem sido amigos inseparáveis, sempre vistos juntos. Talvez tivessem seguido a mesma carreira profissional e possuíssem amigos mútuos. De súbito, o homem se corrompera, cheio de planos astutos e violentos, como aqueles que são usuários de drogas e sofrem súbitas mudanças de personalidade. Diz aqui a Vulgata: "de uma alma comigo".

Aristóteles descreveu a amizade como dois corpos com uma única alma. A súbita explosão que há no vs. 15, a imprecação mediante a qual o autor sagrado desejou a morte de seus inimigos, pode ser um indício quanto à questão. Esses inimigos podem ter corrompido o bom amigo do salmista, transformando-o também em um de seus adversários. E uma vez que se convertera à maldade, ele se tornou filho do inferno mais do que todos os outros.

Judas Iscariotes? Foi apenas natural que os intérpretes vissem aqui Judas Iscariotes, tão facilmente o texto bíblico se presta para retratar de antemão certos incidentes na vida de Jesus. Alguns dos salmos contêm indícios messiânicos que geralmente não são de fato messiânicos, e talvez isso seja verdadeiro quanto ao texto presente.

> *Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo.*
>
> (João 6.70)

> *Eles, porventura, algumas vezes não clamavam 'Salve' para mim? Assim fez Judas com Cristo. Mas Ele, em doze, encontrou a verdade em todos menos em um? Mas eu, em doze mil, não encontrei nenhum.*
>
> (Shakespeare, Ricardo II)

A Judas Iscariotes fora conferido o mais elevado ofício. Ele deve ter possuído características de caráter que justificassem a sua escolha. Jesus deve tê-lo selecionado com boas intenções. Ele poderia ter sido um Pedro ou um Paulo. Mas aparentemente Judas foi um homem com profundas veias maléficas. Poderia ter vencido, mas recusou-se a lutar contra as suas más tendências. O horror eterno de tudo isso! Um dos doze, um diabo! Um dos doze, um traidor!

> *Ó Salvador, nada tenho para pleitear,*
> *Na terra abaixo ou nos céus acima,*
> *A não ser minha grande necessidade,*
> *E o teu amor sem igual.*
>
> (Jane Crewdson)

O Cristo chamara Judas à frente, para ser grande e servir grandemente. Judas se esforçou durante algum tempo, mas acabou retrocedendo às trevas. Ele se perdeu. Mas tenho fé para acreditar que, em algum ponto, de alguma maneira, em algum tempo, a amorosa mão de Cristo haverá de ajudá-lo novamente.

> *Oh, podemos ainda confiar que de algum modo o bem*
> *Será o alvo do mal, das dores da natureza,*
> *Dos pecados da vontade, dos defeitos da dúvida,*
> *Das manchas do sangue.*
>
> (Alfred Lord Tennyson)

55.14

Juntos andávamos. Isso significa que eles caminhavam juntos, ao participar dos cortejos que marchavam até o templo, em ocasiões festivas. Ambos eram observadores ativos da lei mosaica e de suas ordenanças. Usando expressões modernas, poderíamos dizer que eles "não faltavam ao culto". A intimidade amigável daqueles ex-amigos era pública, particular e religiosa.

Com a multidão. Literalmente, no hebraico, temos *multidão tumultuosa.* A adoração, entre os hebreus, era ruidosa. Havia gritos, o toque de instrumentos musicais, incluindo os instrumentos de percussão, e cânticos. Esse "ruído" exprimia a alegria.

> *Lembro-me destas cousas — e dentro em mim se derrama a alma — de como passava eu com a multidão de povo.*
>
> (Salmo 42.4)

As instruções dadas pelos rabinos ensinavam o povo a caminhar apressadamente para o templo, mas lentamente quando ao sair dali. Na ida, para indicar a ansiedade de chegar à casa do Senhor e participar de Sua adoração. Na volta, para indicar a relutância em deixar o bom ambiente do templo. Assim, um homem saía lentamente do templo, permitindo que a música e a mensagem percorressem sua mente, enquanto meditava sobre a importância do que tinha ocorrido.

O salmista e seu amigo não se assemelhavam a pessoas profanas, as quais "zombavam da religião, falavam mal das ordenanças, repreendiam ou perseguiam os santos, tudo o que era muito chocante, cortante e verdadeiramente entristecedor" (John Gill, *in loc.*).

55.15

A morte os assalte. Irado por considerações sobre como seu amigo especial (vss. 14 e 15) primeiramente azedou e então voltou-se para algo criminoso, o salmista finalmente atacou com palavras os seus inimigos. Isso talvez informe, indiretamente, que foi através da influência desses homens maus que o amigo do poeta foi corrompido. Mas se foi isso o que realmente ocorreu, então podemos ter certeza de que seu amigo não demorou a tornar-se o cabeça da matilha de animais ferozes. A tirada foi extremamente amarga, pois ele desejou a morte para a multidão. E não se tratava de uma morte qualquer, mas de uma morte terrível, na qual as pessoas fossem engolidas vivas pela terra, a qual, ao fechar-se, os esmagaria. Está em vista o caso que atingiu Coré, Datã e Abirão. Ver Núm. 16.20 ss. quanto ao relato bíblico.

O poeta sagrado não estava criando a monstruosa doutrina de que os homens podem ser engolidos vivos pelo Seol, o submundo. Neste caso, o Seol é a sepultura, enquanto que descer vivo à sepultura significa "no vergel da vida", sofrendo assim morte prematura, por causa de um golpe divino. Portanto, o autor sacro desejava para eles uma morte súbita e violenta.

Porque há maldade nas suas moradas. O original hebraico por trás dessas palavras é difícil de compreender. Literalmente, teríamos: "Males há nas habitações, em meio deles". A Revised Standard Version diz: "Que eles se vão em terror para seus sepulcros", seguindo outro texto. O poeta queria que eles sofressem morte aterrorizante. Talvez pensasse que eles invocaram uma maldição contra ele, o que explicaria a natureza virulenta de suas dificuldades. Portanto, o poeta projetou sobre eles a maldição, nos termos mais enfáticos possíveis.

Sheol. A doutrina assim chamada passou por certo desenvolvimento. Não podemos ler essa palavra hebraica em algum lugar e dizer: "Eis o que ela significa". Esse vocábulo significa diversas coisas, dependendo do estágio de desenvolvimento que estiver em pauta. A princípio, significava simplesmente o sepulcro. Em seguida, passou a indicar o lugar dos espíritos destituídos de mente, que ficavam vagueando em redor. Mais tarde, esses espíritos adquiriram autoconsciência. Então o Sheol foi dividido em dois compartimentos, um para os bons e outro para os maus. Ato contínuo, no bom compartimento foi concebida a bênção, enquanto no mau compartimento foi concebido o juízo. As chamas do inferno foram acesas em I Enoque, um dos livros pseudepígrafos escrito entre o Antigo e o Novo Testamento. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Hades* e *Sheol*, para idéias suplementares.

Caros leitores, muitas doutrinas bíblicas, e não apenas a doutrina do Sheol, passaram por desenvolvimentos similares, incluindo a doutrina do julgamento divino. Temos de acompanhar essas doutrinas para ver a qual estágio elas já tinham evoluído em seu desenvolvimento. Por exemplo, em Lucas 16 — a história do rico e de Lázaro, no hades — não precisa ser reconciliada com o que se lê em I Pedro 3.18-4.6 — a descida de Cristo ao hades. Esta última referência representa um desenvolvimento posterior da doutrina, em cujo estágio fora injetada a esperança. Quanto mais um ensino se desenvolve, mais otimista é o quadro do relacionamento de Deus com a humanidade. Portanto, sejamos otimistas a respeito da doutrina do Sheol, e não desanimados.

Como Cresce a Teologia. A maioria dos intérpretes admite que a teologia cresce, segundo ilustrei anteriormente, na passagem do Antigo para o Novo Testamento. Mas alguns relutam em admitir que o mesmo pode acontecer dentro do Novo Testamento. Mas de cada vez que encontramos um mistério no Novo Testamento, ali a teologia avançou sobre o que dizia a respeito de determinado assunto. Assim, cada vez em que Paulo fala sobre um de seus mistérios, nosso conhecimento de alguma verdade dá um significativo salto à frente. É irracional pensar que todos os apóstolos fossem igualmente iluminados.

55.16

Eu, porém, invocarei a Deus. As coisas estavam em uma condição patética. Contudo, ao poeta restava o recurso da oração, e ele estava resolvido a utilizá-lo, na esperança de que Elohim agiria em seu favor. Ato contínuo, Elohim (o Poderoso) haveria de salvá-lo de sua condição impossível. Dessa maneira, o Deus Eterno e Todo-poderoso reverteria o curso dos eventos humanos e favoreceria o homem bom. Entrementes, os amigos traiçoeiros do salmista, bem como o bando que ele liderava, ficariam cada vez piores. Essa era a escolha deles, e eles eram os responsáveis pela própria degradação.

Invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei, e tu me glorificarás.

(Salmo 50.15)

55.17

À tarde, pela manhã e ao meio-dia. O piedoso salmista persistiria em oração, empregando as tardes, as manhãs e a hora do meio-dia nesse exercício, ultrapassando qualquer requisito legal. Ele tinha necessidades urgentes e, por isso, oraria abundantemente.

Orai sem cessar.

(I Tessalonicenses 5.17)

Yahweh ouviria suas constantes orações e lhe daria a resposta de que ele precisava com tanta urgência. Na oração, importunar rende dividendos. Quanto a uma excelente ilustração do Novo Testamento sobre esse princípio, ver Luc. 18.1-8.

A tarde é mencionada em primeiro lugar nesta lista: tarde, manhã e meio-dia. Os hebreus começavam a contar seus dias à tarde (às 18 horas), em contraste com o nosso costume (às 24 horas). Portanto, vemos o homem começando o dia em oração, o que é um bom costume em qualquer época. Talvez o triplo tempo de oração fosse um costume piedoso nos dias do poeta sagrado. Ver como Daniel costumava orar três vezes ao dia (Dan. 6.10). Esse costume prosseguiu nos tempos cristãos. Os rabinos vêem mudanças ou estágios principais do dia nos três tempos mencionados, e cada um desses estágios merece seu tempo de oração. Sacrifícios diários eram oferecidos à tarde e pela manhã, pelo que aqueles tempos já eram importantes para os fiéis. Os judeus exageravam quanto à questão, supondo que os três estágios tivessem sido historicamente estabelecidos por Abraão, Isaque e Jacó, respectivamente. Ver Gên. 22.3 (Abraão); 24.63 (Isaque) e 28.11 (Jacó).

55.18

Livra-me a alma, em paz, dos que me perseguem. Os salmos de lamentação usualmente trazem uma nota de agradecimento no final, depois que o autor havia recebido a resposta à oração ou tinha certeza de que a resposta estava a caminho. Mas aqui temos o louvor e a ação de graças, seguidos por outras idéias. A paz descera sobre o homem agradecido. A batalha na qual ele poderia ter perdido a vida era coisa do passado. Muitos eram contra ele, mas ele prevaleceu pelo poder de Deus. Ele conseguiu a intervenção divina de que precisava. Alguns poucos salmos de lamentação terminam em um tom de desespero. Isso também ilustra a experiência humana, bem como o problema do mal (ver a respeito no *Dicionário*).

O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra.

(Salmo 34.7)

O Targum diz aqui: "... em muitas aflições, a Sua Palavra foi o meu arrimo". Cf. II Cor. 1.9,10 e II Tim. 4.17,18.

55.19

Deus ouvirá, e lhes responderá. O Deus que ouve livra o homem bom, mas aflige os ímpios, que perseguem a outros. Ele os humilha por se terem mostrado arrogantes, conduzindo sua vida na arrogância. O Poder ocupara posição de presidência desde a eternidade e continua a governar a terra de seu elevado lugar, no céu. No Seu trono, Ele brande o poder, na Sua posição de Rei dos reis, e assim governa as questões tanto celestes quanto terrenas. Os homens ímpios não podem escapar do Seu governo.

Porque não há neles mudança nenhuma. Esta declaração significa que os ímpios não guardam a lei nem observam mandamento algum que poderia modificar sua má conduta. E, naturalmente, eles não temem a Deus, que é a atitude básica, mental e espiritual, dos homens piedosos. Quanto ao temor de Deus, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, que ilustra plenamente esse tema. Ver também as notas em Sal. 34.9 e 36.1, onde forneço idéias adicionais.

Alguns pensam que as mudanças deveriam ser feitas por Deus, uma verdade e doutrina padrão, e talvez seja isso o que está em vista neste versículo.

Deus os ouvirá e afligirá,
Ele permanece desde a antiguidade,
Alguém em quem não há qualquer mudança,
E, no entanto, não temem a Deus.

(Paráfrase de Ellicott)

Cf. Tia. 1.17. A Septuaginta e a Vulgata Latina põem a frase no singular e fazem a ausência de mudança ser em Deus. Alguns eruditos supõem que assim dizia o texto original. "O plural foi usado poeticamente no lugar do singular" (Ellicott, *in loc.*). Kimchi permanece com o singular em seu comentário sobre a passagem, mas o Targum fala de homens ímpios que nunca modificam seus caminhos.

55.20

Tal homem estendeu as mãos contra. O amigo falso, acerca de quem o poeta se queixara tão amargamente (vss. 12-14), voltou à mente do poeta sagrado, e este continuou a queixar-se de sua traição. Ele estava em paz com seus amigos, nada esperando de incomum em sua conduta. Subitamente, porém, mudara de personalidade e fazia guerra, com o homicídio em seu coração. A aliança de relações felizes foi quebrada, e o homem rompeu relações com Yahweh, porquanto se aliara aos pecadores e perseguidores dos justos. "Ele violara a sua aliança, cobrindo seus atos com engano e fraudes" (William R. Taylor, *in loc.*).

Corrompeu a sua aliança. Diz o hebraico original, literalmente, "perfurou". Uma maneira de anular um pacto era enfiar um prego através do documento que o continha. Assim sendo, o homem tornou-se alguém que usava de um prego, em vez de ser um amigo. Considere o leitor o exemplo deixado por Aitofel. Enquanto servia ao rei e era pago pela corte real, nas costas de Davi planejava, juntamente com Absalão, livrar-se do monarca, o que certamente teria resultado na execução de Davi. Ele era ostensivamente leal, mas, no coração, mostrou-se subversivo.

... e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver.

(Daniel 11.30)

55.21

A sua boca era mais macia que a manteiga. Ele falava bem; ele falava para enganar; ele abusava de seus poderes de fala para promover a destruição. Suas palavras eram "mais macias que a manteiga", mas havia guerra em seu coração. Ele era um modelo de *hipocrisia* (ver a respeito no *Dicionário*). Suas palavras pareciam justas, mas seu coração era pervertido. Ele falava no bem, mas planejava o mal. Era alguém que "falava sobre Deus", mas de fato se revelava um "praticante das coisas de Satanás". Absalão serve de exemplo desse tipo de homem. Ver II Sam. 15.2 ss. Esse homem inclinava-se diante dos homens do povo e os osculava, mas meteu uma espada nas costas do próprio pai. Furtou o coração do povo, mas partiu o coração de seu progenitor.

Suas palavras eram mais brandas que o azeite. Em lugar de palavras, a Septuaginta e a versão siríaca dizem aqui "face", e isso poderia representar o original que o texto massorético tinha perdido. Nesse caso, estamos falando de um rosto que negociava com duplicidade, um rosto suave e doce que ocultava o ódio no coração. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético e Linguagem, Uso Apropriado da.*

Ora, se pomos freios na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro... Assim também a língua, pequeno órgão, se gabe de grandes cousas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!... de uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas cousas sejam assim.

(Tiago 3.3,5,10)

Ver outras notas expositivas sobre o uso da língua em Sal. 5.9; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3 e 39.1.

Eram espadas desembainhadas. As palavras do homem eram mais brandas que o azeite, mas ele tinha uma língua parecida com uma espada, a qual usava para ferir.

Falarei adagas a ela...

(Shakespeare)

Uma Palavra Reconfortante (55.22)

55.22

O homem assediado tinha o recurso de lançar sua carga sobre Yahweh e de acreditar que seria sustentado, que a sua vida seria preservada, que os planos arquitetados contra ele fracassariam. Dessa maneira ele jamais seria abalado, isto é, não

sofreria consternações, perdendo suas amarras e seu alicerce. "Este versículo parece ser uma palavra de admoestação e consolo sacerdotal ao homem que balançava sob os golpes mais dolorosos. Cf. Mat. 26.23. Os amigos podem ser infiéis, mas o Senhor sempre será fiel. Ele não permitirá que o homem piedoso seja abalado" (William R. Taylor, *in loc.*). Quanto à Rocha sobre a qual o homem de Deus fundamenta Sua vida, a fim de não ser abalado, ver Sal. 42.9. Quanto à promessa de o crente não ser abalado, ver notas expositivas em Sal. 10.6; 13.4; 15.5; 16.8; 21.7; 46.56; 62.2; 93.1; 96.10; 121.3. "Quando um homem confia em Deus, está seguro como se estivesse no céu, onde Deus se encontra" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.*
>
> (I Pedro 5.7)

"Deus nunca esquecerá os retos (ver Deu. 31.6; Heb. 13.5). Mas destruirá homens sanguinários e enganadores que afligem os justos (Sal. 55.15)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *Leva tuas cargas ao Senhor e deixa-as ali com Ele.*
> *Quando os temporais da vida estiverem uivando,*
> *Tempestade terrível no mar e em terra,*
> *Buscarei um refúgio*
> *Sob a sombra da mão de Deus.*
>
> (Mary E. Servoss)

55.23

Tu, porém, ó Deus. Contrastando com a condição do homem piedoso, que é sustentado por Yahweh, o homem iníquo é esmigalhado por Ele, precipitado na cova da sepultura, em morte prematura. A "cova", neste caso, não é a habitação dos espíritos malignos em uma vida pós-túmulo, conforme alguns fazem o texto dizer, cristianizando-o. Ver as notas expositivas detalhadas sobre o vs. 15, quanto ao desenvolvimento da doutrina do Sheol (hades).

Os homens violentos não viverão nem a metade do tempo que se esperaria que vivessem, porque aquele que brande a espada morrerá à espada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O homem violento sofrerá violência. Entrementes, o homem bom continuará a confiar em Yahweh e a conduzir-se em consonância com os requisitos da lei, e assim garantirá, para si mesmo, vida longa (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1).

Morte Prematura de Traidores. Doegue viveu até os 34 anos de idade. Aitofel chegou somente aos 33. Não sabemos dizer por quanto tempo Judas Iscariotes viveu, mas devia estar no início da quarta década de vida. "... tais homens com freqüência morrem no vergel da vida e não vivem a metade do tempo que a natureza lhes deu potencialmente" (John Gill, *in loc.*). Naturalmente, há exceções, e um homem bom pode morrer ainda jovem. Tais acontecimentos nos perturbam, mas sabemos que a vontade de Deus encerra enigmas. Outro tanto sucede ao *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*).

Em meio aos terrores da Segunda Guerra Mundial, o general britânico Bernard Montgomery concluiu um discurso dirigido aos seus homens com estas palavras: "Em Deus deposito minha confiança. Não terei receio. Que me pode fazer a carne?" (proferido durante a campanha da Normandia).

"Os pais, de modo geral, aplicam as principais passagens deste salmo aos sofrimentos do Senhor, à traição de Judas e à maldade dos judeus" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto à aplicação do texto, ver as notas do vs. 13.

> *Ele me abateu a força no caminho e me abreviou os dias.*
>
> (Salmo 102.23)

Mas o homem bom, o autor deste salmo, confiava que seria diferente com ele. Isso posto, continuou confiando e entregando seu caminho ao Senhor. Ele, por certo, formaria um contraste com o que sucederia aos ímpios.

Salmo Cinqüenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* constituído por uma oração rogando livramento de inimigos pessoais. Tais salmos tipicamente começam com um clamor urgente, pedindo ajuda; a seguir descrevem os inimigos que estavam sendo enfrentados, que podiam ser invasores estrangeiros, inimigos dentro do acampamento de Israel ou alguma enfermidade física; e então terminam com uma palavra de agradecimento e louvor, porquanto o salmista reconhecia que Yahweh tinha ouvido e respondido às suas orações, ou cria que em breve as responderia.

Este salmo pertence à mesma classe dos Salmos 54 e 55, e contém algumas idéias e declarações bastante parecidas. Os inimigos do salmista eram como um bando de *animais ferozes,* e sua vida corria perigo imediato. O autor, entretanto, não forneceu muitos detalhes que nos ajudam a compreender a natureza exata e as razões desses ataques. Seja como for, é verdade que "ocupar-se da luta contra as ameaças deste mundo temporal debilitou-lhes a percepção dos inimigos mortais que guerreiam contra a alma (ver I Ped. 2.11; Rom. 8.38,39; Efé. 6.16)" (William R. Taylor, *in loc.*) Isso é verdade, mas devemos lembrar que a doutrina da alma e da permanência da alma após a morte só *começou* a entrar nos Salmos e nos Profetas, pelo que dificilmente poderia ter sido uma preocupação para a maioria dos autores dos salmos.

Subtítulo. Neste caso, o subtítulo é o seguinte: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: A pomba nos terebintos distantes. Hino de Davi, quando os filisteus o prenderam em Gate". "Hino", no original hebraico, é *mictam,* que talvez signifique uma *oração* ou *hino* de sentido espiritual. *Jonate-elem-recoquim* significa "o choro da pomba dos terebintos distantes", o que outros estudiosos afirmam significar "concernente à pomba muda entre estrangeiros". A tradição relaciona este salmo aos acontecimentos descritos em I Sam. 21.10 ss. Este salmo foi composto para os acordes da canção "Pomba nos terebintos distantes", aparentemente um cântico distinto e bem conhecido que fazia parte da liturgia do templo. Tais informações foram dadas por editores posteriores, visto que os subtítulos não faziam parte das composições originais. Cerca de metade dos salmos foi atribuída a Davi, um grande exagero; contudo, alguns salmos eram indubitavelmente de sua autoria, visto ser ele o *mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1). Seja como for, uma pomba distante representava Davi no exílio, entre os filisteus em Bate, ou assim os editores queriam que crêssemos.

Apelo a Deus (56.1-4)

56.1

Tem misericórdia de mim, ó Deus. Somente um Deus misericordioso, que interviesse nas atividades humanas, poderia ter salvo o poeta, que estava prestes a ser engolido ou espezinhado por seus inimigos. Note o leitor o nome divino *Elohim* (o Poder). O salmista era oprimido *diariamente,* pelo que o caso era urgente, como usualmente se dá nos salmos de lamentação. Nos Salmos 42 a 72, no livro II do saltério, o nome divino *Elohim* substitui essencialmente o nome mais comum, *Yahweh.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Quanto à invocação do *Deus misericordioso,* cf. Sal. 4.1; 6.2; 9.13; 21.7; 25.7; 27.7; 30.10; 31.9; 51.1; 57.1; 85.7; 115.1 e muitos versículos em Sal. 136. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misericórdia.*

56.2

Os que me espreitam continuamente. No original hebraico, em lugar de "continuamente" temos a mesma palavra "todo o dia", que aparece no vs. 1. Os inimigos do salmista guerreavam contra ele, e ele precisava da ajuda do *Altíssimo,* sobre o que comento no vs. 7.7. Ver sobre isso no *Dicionário.*

Os que me espreitam. No hebraico, literalmente, "vigilantes". Eles tinham fixado os olhos sobre o salmista, na esperança de encontrar oportunidade para ferir e matar.

... me combatem. Literalmente, "me devoram", como se fossem animais selvagens sem misericórdia, que perseguiam a sua presa.

56.3

Em me vindo o temor, hei de confiar em ti. O salmista enfrentava uma *situação temível.* Mas, confiando em Elohim, era capaz de controlar os seus temores e de até tornar-se destemido, o que não era pouco, mas algo confirmado por alguns que se encontram envolvidos em guerras ou outras situações de perigo extremo. Algumas pessoas caem em pânico, o que também é uma reação comum. O original hebraico literalmente diz aqui: *naquele dia.* E nisso temos um paralelo com os vss. 1 e 2. Ele corria perigo diariamente, mas diariamente era capaz de controlar seus temores. "... assim também os crentes têm seus momentos de temor acerca de questões de amor, de graça, do pacto com Deus, de seus pecados e corrupções... temendo perecer às mãos de seus adversários; quanto aos inimigos, que são muitos, vívidos e fortes... Mas a confiança no Senhor é o melhor antídoto contra o temor" (John Gill, *in loc.*).

No amor não existe medo; antes o perfeito amor lança fora o medo...

(I João 4.18)

56.4

Em Deus, cuja palavra eu exalto. O objeto da confiança do poeta sagrado era Deus (Elohim). Ele acreditava sem temor, tamanha confiança tinha na proteção divina. Portanto, ele louvava a Elohim, por esse benefício especial. E disse: "Que me pode fazer a carne?". Sócrates tinha semelhante confiança, mas a projetava no futuro, para estender a vida da alma para além da morte biológica. Ele declarou: "Nenhum dano pode sobrevir a um homem bom", e supomos que ele queria dizer finalmente, quando Deus completasse o Seu plano. O salmista não olhava para o fim da estrada, e talvez nem tivesse contemplado uma estrada que ultrapassasse o sepulcro. Mas demonstrou ter ótima atitude de paz e confiança, e assim foi capaz de dominar o temor, mesmo que em meio a circunstâncias dificílimas. Veja o leitor como os salmos utilizam a palavra "confiança", nas notas em Sal. 2.12. Os vss. 10 e 11 repetem este versículo como uma espécie de refrão.

Palavra. Está em pauta a palavra falada (ou escrita) de Deus, a palavra no coração, a mensagem e a promessa de Deus que dão aos homens a certeza e uma razão para continuarem confiando, mesmo em circunstâncias difíceis. Os hebreus tinham tremendo receio da morte prematura, mas a palavra de Deus, expressa na lei, garantia vida longa para aqueles que obedecessem aos mandamentos. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1.

Alguns pensam que a palavra referida aqui era a palavra do homem, como se o salmista tivesse dito: "Louvo a Deus com a minha palavra, a despeito de todos os meus inimigos ainda encontro palavras para louvar a Deus" (Ellicott, *in loc.*). Ver sobre a *palavra de promessa* de Deus, em Sal. 33.4 e 119.25.

... um mortal? Os homens podem traçar esquemas, inventar armas e tentar muitas coisas contra os santos, mas nada conseguem executar senão o que for permitido pelo Senhor, e o máximo que podem fazer, quando a isso são permitidos, é matar o corpo, o que não afeta a alma" (John Gill, *in loc.*, em alusão a Mat. 10.28).

Um Apelo Pedindo Vingança (56.5-9)

56.5

Todo o dia torcem as minhas palavras. Todos os dias o salmista sofria os assaltos de homens ímpios. Eles distorciam as palavras do poeta, ou "buscavam prejudicar a sua causa", o que é uma compreensão diferente do hebraico original envolvido. Os homens malignos, que estavam diariamente ativos (ver os vss. 1 e 2), dirigiam pensamentos destrutivos contra o poeta e esforçavam-se por executá-los. Os inimigos do salmista, que "continuamente distorciam as suas palavras, *planejavam* destruí-lo seguindo-o em seus calcanhares. Eles não lhe davam descanso" (Allen P. Ross, *in loc.*). A Septuaginta e a Vulgata dão ainda outro sentido possível: "Eles amaldiçoam as minhas palavras", ou seja, desprezam-nas. Novamente, encontramos aqui os abusos de linguagem, um assunto comum nos salmos. Ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.1 e 55.21. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

56.6

Ajuntam-se, escondem-se, espionam os meus passos. A figura simbólica que encontramos aqui é de *feras postas de emboscada,* uma maneira favorita de felinos, domésticos ou selvagens caçarem. Os inimigos do nosso homem estavam à "espreita", isto é, planejavam coisas secretas nas suas costas. Eles o observavam cuidadosamente, esperando apanhá-lo de surpresa. Eles aguardavam a chance de destruir sua alma, ou seja, sua *vida física,* que era o sentido da palavra hebraica *nephesh,* na época em que o poeta compôs o hino. O versículo poderia significar que o homem estava sujeito à ação de espiões, que lhe espreitavam cada movimento. "*Nephesh,* que geralmente significa a *vida animal,* e não a alma imortal" (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, em um tempo posterior, *nephesh* assumiu o sentido de uma alma imaterial, que passou a ser concebida como um aspecto do homem que sobrevive à morte biológica.

56.7

Dá-lhes a retribuição, segundo a sua iniqüidade. Haveriam aqueles homens iníquos de escapar, cometendo os crimes que cometiam? Tais atos haveriam de servir-lhes de proteção? O salmista fez uma declaração absurda sobre a absurda possibilidade de que os destruidores continuassem destruindo, e, ainda assim, escapassem da punição contra os seus atos. Mas a Revised Standard Version dá ao original hebraico uma distorção diferente, ao dizer: "Recompensa-os pelo crime deles!". O hebraico nos dá pouco sentido, o que explica as conjecturas das versões. O hebraico original poderia ser traduzido como: "sobre a iniqüidade, escapam eles". As versões antigas também apresentam suas conjecturas, e isso só aumenta a confusão. Ellicott conjecturou o seguinte: "Pela iniqüidade tu lhes retribuirás", e terminou com o sentido essencial que aparece na Revised Standard Version. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Na tua ira! Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus.* A ira de Deus cuidará que a justiça seja feita, e a justiça divina deve incluir a retribuição. O salmista ansiava por ver esse princípio em operação, porquanto isso salvaria a sua vida. Além disso, o princípio divino estava correto, e ele conhecia a diferença entre o certo e o errado. Quando dizemos que Deus está irado, usamos termos *antropomórficos,* atribuindo a Deus características humanas. E também nos envolvemos no *antropopatismo.* Ou seja, atribuímos a Deus emoções humanas. É difícil falar sobre Deus sem compará-lo a referências humanas. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* quanto a maneiras de falar acerca de Deus. No tocante a este versículo, é aconselhável que lembremos o que disse Orígenes: "Afirmar que o julgamento divino é apenas retribuição sem nenhum elemento de restauração é condescender diante de uma teologia inferior". Ver as notas expositivas sobre I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado,* onde demonstro a validade desse conceito. Ver também o *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

56.8

Contaste os meus passos quando sofri perseguições. Literalmente, perambulações; mas visto que é um termo paralelo a "lágrimas", provavelmente temos uma menção a *desassossego mental,* ou então a idéia de que o homem ficou remexendo-se em seu leito, por motivo de angústia mental. Fausset aventou aqui "movimentos da casa para o campo", ou seja, um homem que ficava caminhando para cá e para lá, por causa de suas ansiedades.

No teu odre. "Temos aqui uma alusão a um costume antiquíssimo, que, conforme sabemos, existia entre o gregos e os romanos, isto é, o de recolher as lágrimas derramadas por um ente querido em pequenos frascos chamados *lacrimatários* ou *urnae lacrymales,* e então depositar esses frascos em túmulos, como oferendas aos deuses, ou em memória do morto. Alguns desses frascos eram feitos de vidro, outros de argila, alguns de ágata e outros de sardônica. Um desses pequenos frascos, que faz parte de minha própria coleção, é feito de argila queimada e endurecida" (Adam Clarke, *in loc.*). Deus, atento ao ritual de colocação dos frascos, registrava as lágrimas em Seu livro, e assim elas se tornavam um memorial ao próprio indivíduo que tinha sofrido por causa da retidão. Deus tem seu livro de memórias (ver Mal. 3.16, que diz):

... havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome.

Compete-nos pensar na preciosidade das lágrimas diante de Deus. Deus lembra-se do justo que sofreu às mãos de homens iníquos e reverte a sua situação. As lágrimas do justo têm poder, como somos informados no vs. 9.

"A imagem de suas lágrimas sendo recolhidas em um odre significa que Deus não esqueceu seu sofrimento" (Allen P. Ross, *in loc.*). Quanto ao livro de Deus, ver Sal. 40.7.

Alguns frascos de lágrimas eram sepultados com o ente querido morto. Outros eram colocados, mais tarde, em seu sepulcro.

56.9

No dia em que eu te invocar. O salmista clamou ao Senhor, suas lágrimas pareciam preciosas diante Dele, e, assim sendo, ele tinha poder de influenciar a mente divina. Como resultado, seus inimigos eram forçados a retroceder, porque Deus estava ao "lado dele" e não permitiria que seu clamor fosse inútil. O choro de um bebê nos comove, e usualmente terminamos fazendo o que ele quer. Assim também os lamentos de um homem pobre levam Deus a agir em seu favor. "O clamor da fé e da oração a Deus é mais temível para nossos adversários espirituais do que o brado de guerra do índio para seus irmãos selvagens surpreendidos" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Confiança do Salmista em Deus (56.10-13)

56.10-11

Em Deus, cuja palavra eu louvo. Os vss. 10 e 11 são quase idênticos ao vs. 4 e atuam como uma espécie de refrão do hino. Ver ali a exposição. Nenhum homem mortal (no hebraico, *'adam,* palavra diferente da usada no vs. 4) poderá causar-lhe mal. Qualquer poder humano é impotente para distorcer os propósitos de Deus e a Sua proteção.

"Em Deus, cuja palavra eu louvo" é uma pequena adição ao que se lê no vs. 4, trazendo para o quadro o nome divino, Yahweh, e dizendo o mesmo que fora afirmado acerca de Elohim. A pequena glosa reforça a afirmação. Esse refrão tem sido cristianizado para falar sobre a Palavra, o Logos, ou seja, Cristo, mas isso é um refinamento exagerado, sugerido pelo Targum.

56.12

Os votos que fiz. Tendo recebido resposta à oração, e sendo livrado de seus adversários, o homem dirigiu-se ao templo a fim de oferecer sacrifícios de ação de graças e fazer votos ou promessas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voto, quanto a detalhes sobre a questão. Por conseguinte, o homem fez votos*, orou e entoou hinos, e tornou pública a questão. "Na plenitude de sua segurança, o salmista falou como se o seu triunfo já tivesse vindo" (William R. Taylor, *in loc.*), ou então a porção final do cântico foi composta depois que ele recebeu a graça.

> *A voz de júbilo e de alegria, a voz de noivo e de noiva, e a voz dos que cantam: Rendei graças ao Senhor junto à câmara dos príncipes, e sobre a de Maaséias, filho de Salum, guarda do vestíbulo.*
>
> (Jeremias 33.11)

"Prometi da maneira mais solene que seria Teu servo, que Te entregaria a minha vida e que ofereceria sacrifícios de louvor e agradecimento, em vista de meu livramento" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 22.25 e 50.14. Ver também 7.17.

56.13

Pois da morte me livraste a alma. A oração feita pelo homem aflito mostrou-se eficaz. Ele foi libertado de maneira absoluta do perigo que havia enfrentado. Agora andaria na presença de Elohim, na luz da vida que Ele confere, freqüentando os cultos do templo e levando uma vida ativa, caracterizada pela fé. Isso significa que ele faria esforços por conhecer melhor a lei e ser-lhe obediente. Ver Sal. 1.2, quanto a notas expositivas sobre as idéias dos hebreus acerca da lei. Essa maneira de andar evitaria as *quedas*, ou seja, lapsos de comissão e omissão, e a lei seria o manual. O homem teria uma vida caracterizada pela ação de graças, porquanto, em *sua crise*, Elohim tinha ouvido e respondido à sua oração.

Para que eu ande na presença de Deus na luz da vida. Buscando a Sua aprovação e caminhando sob a Sua *luz*. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Luz*. Esse artigo inclui as metáforas. Ver também o verbete chamado *Andar*. "Na presença de Deus, ou seja, de uma maneira agradável a Deus, sob Sua orientação e cuidado graciosos (ver Gên. 17.1,18; Sal. 36.9; cf. Isa. 9.2 e João 12.35" (Fausset, *in loc.*).

> *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida.*
>
> (João 8.12)

Salmo Cinqüenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação*, em muito o grupo mais numeroso dos salmos, no qual há certo padrão de conteúdo e expressões. Esses salmos começam com um apelo urgente, pedindo ajuda; em seguida, são descritos os inimigos que estão sendo enfrentados; então a oração é respondida, e o salmista agradece pela bênção obtida. A maioria desses salmos de lamentação contém alguma pronunciada *imprecação* contra os inimigos, pelo que eles têm sido chamados de *salmos imprecatórios*. Este salmo é muito parecido com o Salmo 56, e até começa com a mesma declaração introdutória, um pedido de socorro pelas misericórdias de Deus. Ambos apelam para Elohim, pedindo livramento dos planos de inimigos sedentos de sangue. Nos dois há um *refrão* que consiste em dois versículos: 56.4 = 56.10,11; 57.5 = 57.11. A grande diferença é que o Salmo 57 é composto, ou seja, reúne duas composições originalmente independentes. Os vss. 1-6 e 7-11 dificilmente formavam uma única composição original. O segundo desses trechos é um hino matinal, uma espécie de saudação à alvorada (vs. 8). Esta parece ser uma situação diferente da turbulência da primeira porção, tipicamente um salmo de lamentação. Além disso, a segunda seção aparece como a primeira parte do Salmo 108, o que serve de evidência de sua natureza original independente. O vs. 5 serve como refrão da primeira parte, e a declaração idêntica, no vs. 11, funciona como refrão da segunda parte. Sem dúvida, este detalhe é parte de um trabalho editorial para juntar apropriadamente duas partes independentes.

Os eruditos que tentam reunir as duas porções, como se, originalmente, elas representassem um único salmo, supõem que a "primeira porção" fosse um salmo de lamento, e a "segunda porção" fosse um cântico de triunfo baseado na vitória sobre os inimigos que aparecem na primeira porção.

Subtítulo. Temos, neste caso, o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Não destruas. Hino de Davi, quando fugia de Saul, na caverna". Ver I Sam. 23.19 - 24.7, quanto ao alegado pano de fundo do salmo. No *hebraico*, "Não destruas" é *Al-tachete*, e "hino" é *mictam*. Provavelmente, "Não destruas" eram as primeiras palavras de um hino entoado como parte do ritual do templo. Davi disse essas palavras a Abisai, quando pretendia destruir Saul (ver I Sam. 16.9). Mas não é possível determinar as circunstâncias sob as quais este salmo foi composto. Os editores dos comentários introdutórios apenas conjecturaram sobre tais coisas, bem como sobre a autoria dos salmos. Eles escreveram longo tempo depois das composições originais. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, embora não haja por que duvidar que ele tenha escrito alguns dos salmos, uma vez que era "o mavioso salmista de Israel" (II Sam. 23.1).

Petição por Misericórdia (57.1-3)

57.1

Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia. A petição que rogava a Elohim *misericórdia* é idêntica à que inicia o Salmo 51 (ver ali as notas expositivas). Aqui, o apelo é repetido. O autor esperava pela misericórdia divina, porquanto *confiava* no *Poder*. Já comentei como essa palavra é usada em Sal. 2.12. O salmista se imaginou à "sombra" das asas do Deus Todo-poderoso, onde buscava refúgio. A figura das *asas* repete o que já tinha sido visto e anotado em 17.8 e 36.7. Ver também 121.5,6. Quanto à metáfora do *refúgio*, ver Sal. 46.1, onde apresento comentários e uma lista de passagens paralelas. Quando examinamos os salmos, notamos bastante repetição de frases e metáforas semelhantes, porquanto estamos tratando com uma "herança literária" que era conhecida por muitos autores.

Até que passem as calamidades. Nos salmos de lamentação, as calamidades são causadas por diversos inimigos: invasores estrangeiros; inimigos que atuavam no acampamento de Israel; ou enfermidades físicas. Neste salmo, o apelo pede o livramento contra inimigos sedentos de sangue dentro do acampamento, homens hostis e sanguinários que em breve extinguiriam a luz da vida. Esses ímpios são comparados ao poderoso e selvagem *leão*, fera poderosa, irracional, incansável (vs. 4). Se as asas do Todo-poderoso não lhe fizessem sombra e não o protegessem, o poeta estaria exposto a ataques fatais.

O Targum comenta: "Até que o tumulto passe", mas a Septuaginta diz: "Até que passem os pecados". Mas isso só pode apontar para atos maliciosos de homens pecaminosos que destroem. Cf. Isa. 26.20.

57.2

Clamarei ao Deus Altíssimo. O passado fora uma demonstração dos cuidados do Todo-poderoso. Deus sempre fazia *todas as coisas* para aquele que sofria necessidade, sem importar qual fosse.

> *Nosso Deus, nossa ajuda em eras passadas,*
> *Nossa esperança para anos vindouros;*
> *Nosso abrigo das explosões da história,*
> *E nosso abrigo eterno.*
>
> *Sob a sombra do Teu trono,*
> *Podemos ainda habitar seguros.*
> *Teu braço somente é suficiente,*
> *E nossa defesa é segura.*
>
> (Isaac Watts)

> *O que a mim me concerne o Senhor levará a bom termo; tua misericórdia, ó Senhor, dura para sempre.*
>
> (Salmo 138.8)

Altíssimo. Quanto a este vocábulo, ver Sal. 7.17. A Septuaginta e a Vulgata Latina falam do Deus Altíssimo, como o *benfeitor* do homem, tanto no passado quanto no futuro.

"Ele completará a obra de amor em mim" (Fausset, *in loc.*). "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus" (Fil. 1.6).

57.3

Ele dos céus me envia o seu auxílio. *A ajuda celeste,* a intervenção divina, era esperada da parte do salmista, pois somente essa ajuda poderia salvá-lo de uma morte miserável, às mãos de seus inimigos. Eles tentavam "devorá-lo" (King James Version) ou "esmagá-lo" (Revised Standard Version), maneiras diferentes de compreender o mesmo texto hebraico. Vemos essa figura e o uso das mesmas palavras hebraicas em Sal. 56.1, onde comento a respeito. O autor sagrado refere-se aqui aos esmagadores "no acampamento dos israelitas", homens ímpios que pretendiam arrancar a vida de suas vítimas. "Já encontramos esses perseguidores antes. Eles estavam bem presentes na mente do fugitivo. Ainda não tinham deitado as mãos sobre o seu corpo, mas já tinham deitado as mãos sobre a sua alma" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

A sua misericórdia e a sua fidelidade. O poeta *personificou* esses atributos de Deus e imaginou que eles fossem mensageiros especiais, enviados do céu para se apressarem em seu socorro. A *misericórdia* retira a mácula do pecado e aplica a graça divina. A *fidelidade* defende o homem de seus erros, porquanto Deus está ao seu lado. Cf. Sal. 18.16; 43.3 e 144.7. "Por causa dos atributos de Deus, o salmista sabia que seria livrado da louca perseguição dos ímpios. Cf. Sal. 56.1,2" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Selá. Quanto aos vários significados vinculados a esta palavra hebraica, ver Sal. 3.2.

A Situação do Poeta (57.4-6)

57.4

Acha-se a minha alma. Melhor ainda é pensar aqui na vida física, o significado comum do termo hebraico *nephesh*, na época da composição. Posteriormente, essa palavra hebraica assumiu o sentido da alma imaterial.

Entre leões. Os inimigos do salmista eram como leões famintos, incansáveis, sem misericórdia, poderosos, irracionais, sempre potencialmente fatais e pilhadores. Essa é uma figura simbólica comum, nos salmos, para retratar homens destruidores e ímpios. Ver Sal. 17.12 e 104.21. A palavra *leão*, no singular, aparece em Sal. 7.2; 10.9; 22.13 e 91.13.

Lanças e flechas são os seus dentes. Os dentes do leão, nesta passagem bíblica, tornam-se como armas fabricadas pelos homens, como as lanças e as flechas. Ver as *línguas* de homens malignos comparadas a essas armas, em Sal. 55.21; 59.7 e 64.3. Eram homens sedentos de sangue, ansiosos pela oportunidade de matar inocentes indefesos. Formavam o elemento criminoso da sociedade, matando para alcançar lucro financeiro ou por pura diversão, como animais predadores. Ver Sal. 140.3.

> *Maça, espada e flecha aguda é o homem que levanta falso testemunho contra o seu próximo.*
>
> (Provérbios 25.18)

Há uma frase que não aparece em nossa versão portuguesa: "respiram chamas". O autor sagrado empregou outra metáfora drástica. Os homens ímpios que o salmista enfrentava respiravam fogo, dragões temíveis com chamas a sair da boca. Aqueles pecadores viviam "pegando fogo" e espalhavam destruição por toda a parte. As chamas "devoram" os homens. Mas a Revised Standard Version relaciona a figura apenas aos leões que "devoram" homens como feras famintas, e deixa de fora a referência às "chamas", mediante uma compreensão diferente do texto hebraico envolvido.

57.5

Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus. Este versículo é um refrão repetido no vs. 11 e pode ter entrado aqui por falta de atenção. Ou então algum editor deu à primeira porção do salmo um refrão, mas um pouco fora de lugar. Ficaria melhor colocado após o vs. 6. Em seguida, o editor deu à segunda porção do salmo o mesmo refrão. É seguro que o Salmo 57 consiste, realmente, em dois salmos que foram reunidos em um só, ainda que, originalmente, fossem composições separadas. Trato dessa questão na introdução ao salmo.

O *refrão* pertence a uma nota de agradecimento e triunfo, por causa da oração desesperada que fora respondida. Elohim, o Poder, está acima dos céus, e a Sua glória governa tanto os céus quanto a terra. O Todo-poderoso foi subitamente elevado acima da tempestade das tribulações do poeta sagrado, e é reconfortante vê-Lo exaltado no alto, o que promete resposta a qualquer situação difícil. Quão grandiosamente o refrão se eleva acima da desesperadora situação do salmista. "Que a glória da Tua misericórdia seja vista nos céus, acima, e na terra, abaixo. Vários dos pais da Igreja aplicaram este versículo à *paixão* de nosso Senhor e à *ressurreição* triunfal que se seguiu" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Nos vss. 9 e 10, a misericórdia e a fidelidade de Deus são *exaltadas* entre o povo da terra e apresentadas como virtudes que 'chegam aos céus'. Aqui, porém, Deus e a Sua glória são declarados como elevados acima *tanto* dos céus quanto da terra" (Fausset, *in loc.*). O Targum diz aqui: "Sê Tu exaltado acima dos anjos, ó Elohim".

57.6

Armaram rede aos meus passos. O poeta sagrado retornou, após o refrão que interrompeu a cadeia de pensamentos, à questão das dificuldades com os seus inimigos, continuando nos vss. 1-4.

Temos aqui outra metáfora comum que foi usada, uma armadilha para apanhar animais e pássaros. Trata-se de uma metáfora de caçador, pois aqueles homens malignos atuavam no campo da caça, procurando presa para prender e matar. Quanto à *metáfora da rede,* ver Sal. 9.15 e 35.8. Eram caçadores cruéis, cheios de planos e enganos, que utilizavam vários mecanismos para ajudá-los em seus esquemas traiçoeiros. Eles preparavam armadilhas nas quais homens inocentes, que de nada suspeitavam, eram apanhados, tal como um caçador facilmente engana a ave com suas redes, postas em lugares estratégicos.

Cova. Animais de maior porte eram apanhados em buracos cavados no chão e recobertos em locais onde os animais costumavam freqüentar, como as veredas que davam à beira da água. Quanto à *metáfora da cova,* ver 7.15.

Mas eles mesmos caíram nela. Em harmonia com os requisitos da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário)* e também da *Lex Talionis* (retribuição de acordo com o crime cometido).

"Não há lei mais justa do que aquela que condena um homem a sofrer a morte pelo instrumento que ele inventou para tirar a vida do próximo" (provérbio romano). Cf. I Sam. 23.22,23 e 24.3,4, que retratam incidentes na vida de Davi que ilustram este texto. Ver também Sal. 7.15,16.

> *Afundam-se as nações na cova que fizeram, no laço que esconderam prendeu-se-lhes o pé.*
>
> (Salmo 9.15)

O Salmista Agradece: Outro Salmo (57.7-11)

57.7

Firme está o meu coração, ó Deus. A despeito do terror, o poeta conseguiu fixar seu coração em Elohim, e não em sua crítica situação, *caso* a segunda porção do salmo continue logicamente depois da primeira. Mais provavelmente, entretanto, temos aqui uma *segunda composição,* um salmo que originalmente circulou de maneira independente, mas, com o tempo, passou a ser vinculado ao primeiro, *como se* os dois fossem uma única composição. Ver as notas introdutórias sobre essa idéia, antes da exposição sobre 57.1.

O poeta sagrado prorrompeu em cânticos e em louvores ao Deus Altíssimo, porquanto seu coração estava fixado nele, como o Centro e o Significado de sua vida. O clamor expressa alegria e reconhecimento do que está além e acima do homem, mas dá ao homem sua razão de vida. Este versículo reflete um *voto* que o salmista tomou, de exaltar publicamente a Deus no culto do templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto.* O salmista estava firme, estabelecido, com uma resolução fixa, agarrado às realidades espirituais que o termo "Deus" representava para ele.

Os *vss. 7-11* são quase idênticos a 108.1-5. E isso serve de evidência de que essa porção do salmo era, realmente, independente, antes de ser vinculada aos vss. 1-6.

> *Cantarei a bondade e a justiça; a ti, Senhor, cantarei. Atentarei sabiamente ao caminho da perfeição.*
>
> (Salmo 101.1,2)

57.8

Desperta, ó minha alma! *O hino de louvor* e o voto oferecido deveriam ser acompanhados por cânticos em altas vozes e o toque de instrumentos musicais, o que tipificava o culto do templo, que era barulhento e jubiloso. Ver I Crô. 25, quanto à importância da música para os hebreus. Músicos profissionais, bem treinados, providenciavam esse aspecto do culto, e o ofício deles passava de geração para geração, sendo conduzido por certas famílias levíticas às quais o culto divino era entregue. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Música, Instrumentos Musicais.* "No arrebatamento, ele despertará a manhã, que normalmente o despertava" (Herkenne). A segunda porção do salmo tornou-se uma espécie de Saudação à alvorada, e ao

Deus da alvorada, o qual faz a vida continuar dia após dia, em uma gloriosa demonstração de Seu poder e de Sua graça. Um pouco de mito ilustra o texto. O rabino Solomon Jarchi conta-nos sobre uma harpa mágica que Davi guardava no respaldar de seu leito. Ao amanhecer o dia, a harpa era tocada pelo vento norte; e assim Davi despertava para o novo dia por meio de uma doce música! Alguns intérpretes cristãos conseguem levar a sério essa lenda, pois, afinal, tudo é possível. Entretanto, algumas vezes a fé consiste em crer naquilo que não é verdade.

O Targum vincula a este versículo as orações oferecidas por ocasião do sacrifício matinal, que poderia, realmente, estar em vista. Seja como for, o salmista, a cada manhã, bem cedo, está ali, antecipando o que Deus pode realizar e alegrando-se nesse pensamento.

57.9

Render-te-ei graças entre os povos. *A saudação à alvorada* não se limitava a um único homem. Outras pessoas ouviriam a música e acordariam, juntando-se ao grupo. Em breve o templo ressoaria com a música, e um louvor generalizado subiria ao Deus da alvorada. E então o que tinha começado entre os hebreus se estenderia a *todos os povos,* a todas as nações, porquanto os louvores a Deus não podem limitar-se a um único povo. O hino foi assim *universalizado*; e foi exatamente o que sucedeu ao evangelho, primeiramente na missão entre os gentios, e então no *Mistério da Vontade de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), que envolve *todos os povos,* de maneira realmente esplêndida. Em última análise, coisa alguma pode deter o poder de Deus, e os limites que os homens pensam enxergar são apenas os limites de sua própria mente, e não os limites de Deus. "... uma profecia relacionada aos tempos do evangelho ou uma predição de que essas composições divinas deveriam ser entoadas tanto nas sinagogas quanto nas igrejas cristãs" (Adam Clarke, *in loc.*). "... um desejo de que a exaltação a Deus e à Sua glória seja engrandecida acima de toda a medida" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *Excelso é o Senhor acima de todas as nações, e a sua glória acima dos céus.*
>
> (Salmo 113.4)

Rom. 15.9 pode conter uma alusão a este versículo: "E para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso eu te glorificarei entre os gentios, e cantarei louvores ao teu nome".

Mas é o Salmo 18.49 que está especificamente em mira.

57.10,11

Pois a tua misericórdia se eleva até aos céus. Este versículo duplica o vs. 5. Ambos atuam como *refrões* dos salmos, que foram reunidos para formar uma unidade, no que atualmente conhecemos como Salmo 57. Ver a exposição sobre o vs. 5.

> *A brilhante manhã, com luz rósea,*
> *Acordara-me do sono.*
> *Pai, reconheço apenas o Teu amor,*
> *Para que guardes o Teu pequeno.*
>
> (Thomas O. Summers)

> *A luz da manhã está rompendo,*
> *As trevas desaparecem.*
> *Vede as nações pagãs prostrando-se*
> *Diante do Deus que amamos.*
>
> (Samuel F. Smith)

Salmo Cinqüenta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação* que profere amargas maldições (imprecações) contra os inimigos do salmista. Talvez a linguagem extremamente violenta desta composição tenha sido provocada por uma maldição lançada contra o poeta, que agora ele tentava combater lançando ele mesmo uma maldição.

Os salmos de lamentação começam com um clamor pedindo ajuda, mas aqui isso só aparece no vs. 8. Em seguida, esses salmos identificam os inimigos que estão sendo enfrentados, e então se encerram com uma nota de triunfo e louvor, pela resposta à oração conseguida ou esperada para breve.

Este salmo é um protesto contra tiranos. O salmista injetou uma profecia na composição, prevendo um mau fim para elementos tão ímpios da sociedade, que perturbam a ordem e ignoram a justiça. O erro, e não Deus, parecia estar "entronizado para sempre".

"Davi denunciou juízos injustos que eram impiamente destruidores em seu trabalho. Ele clamou a Deus para que o Senhor os destruísse irrevogavelmente. Então os justo seriam fortalecidos em sua causa" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. O subtítulo deste salmo diz o seguinte: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Não destruas. Hino de Davi". Trata-se da mesma nota de introdução do Salmo 57, exceto pelo fato de que há uma pequena adição. Ver o significado desse subtítulo ali.

58.1

Falais verdadeiramente justiça, ó juízes? Julgais com retidão...? Diz aqui a King James Version: "Falais com justiça?". *Decretos* poderiam ser a principal coisa em vista aqui, isto é, palavras de natureza oficial que regulamentam as atividades humanas na sociedade, visto que estavam sendo endereçadas a *governantes.* O poeta sagrado pensava em todas as injustiças perpetradas no mundo por poderes injustos, divinos ou humanos. Refletia sobre tiranos que promovem a injustiça, decretam leis injustas e violam boas leis. O salmista protestava contra a tirania existente no mundo, o que faz parte do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, o *mal moral,* atos ruins que os homens praticam contra outrem.

No original hebraico temos uma palavra que não foi traduzida em nossa versão portuguesa, isto é, *elem,* usualmente significando "silêncio". A palavra se encontra somente aqui e no título ao Salmo 56. Isso cria um problema de várias interpretações:

1. Estão em foco juízes mudos, que guardam silêncio quando deveriam manifestar-se contra as injustiças. Eles se calam diante da tirania e a promovem. "Esses juízes injustos permanecem mudos quando devem falar, e surdos quando deveriam ouvir" (Fausset, *in loc.*).
2. Alguns intérpretes emendam essa palavra hebraica para *alim,* isto é, *deuses,* um termo relacionado a El ou Elohim, com o sentido de *poderes.* Alguns fazem desses deuses "seres divinos subordinados" (William R. Taylor, *in loc.*), a quem Elohim delegara certas tarefas. O salmista, pois, condenava tais delegados divinos, por negligenciarem a missão que lhes fora dada, caindo em injustiças e inspirando seus títeres humanos a agir da mesma maneira. Cf. Sal. 86.8; 95.3 e 97.7.
3. Outros simplesmente fazem dos *elim* juízes e governantes humanos que se corromperam e que são considerados *poderes* porque Deus os investiu de *poder do qual eles têm abusado.*

Sabemos que a palavra *Elohim* é usada para indicar poderes angelicais e humanos que têm poder delegado da parte do Deus Altíssimo, e talvez esse seja o uso aqui. Ou talvez o poeta tenha caído em uma espécie de *henoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), imaginando a existência de outros deuses, embora Elohim seja o *nosso* Deus.

Seja como for, os *poderes* abusavam de suas missões e tornaram-se tiranos, pelo que não julgavam "os filhos dos homens" com justiça; antes, mostravam-se destrutivos, aceitavam suborno e matavam visando vantagens materiais ou somente por diversão.

Os filhos dos homens? Algumas traduções, como a nossa versão portuguesa, fazem os maus juízes perpetrar injustiças *contra* os filhos dos homens. Outros fazem desses filhos dos homens figuras paralelas aos *poderes.* Isso significa que os filhos dos homens e os poderes eram uma só coisa, ou então os deuses tinham títeres humanos através dos quais perpetravam seus atos ilegais.

A pergunta deste versículo indaga se esses poderes julgavam com justiça. O vs. 2 responde com um enfático *Não!*

58.2

Longe disso: antes, no íntimo engendrais iniqüidades. Esses deuses, sejam eles divinos ou humanos, os *poderosos* (ver as três interpretações, no vs. 1) talvez tivessem começado bem, mas transformaram-se em tiranos corruptos, planejando coisas más e executando injustiças em meio à sociedade. E terminavam perpetrando a *violência* pela terra inteira. "Os deuses contra quem o salmista dirigiu suas acusações tinham sido nomeados para defender a retidão entre os homens, mas mediante maus desígnios fizeram a confusão e o sofrimento reinar entre os homens, porquanto planejavam o erro em seu coração" (William R. Taylor, *in loc.*).

A tarefa de um governante é *dupla:* declarar o que é verdadeiro, ou seja, ter uma visão clara do que é correto, e permitir que isso seja conhecido; *e* executar entre os homens aquilo que é direito, baseado no conhecimento dos fatos. Mas os *poderes* tinham abusado de sua incumbência e falhado em ambos os pontos. "Eles tratavam outras pessoas com violência, a mais séria de todas as acusações possíveis" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Posteriormente, Miquéias escreveu linhas mais ou menos idênticas sobre os líderes de seus dias. Ver Miq. 3.1-3, 9-11 e 6.12" (Allen P. Ross, *in loc.*). Eles

trocaram a balança que tinham nas mãos por algum meio de realizar coisas perversas e violentas.

58.3

Desviam-se os ímpios desde a sua concepção. Os ímpios, desde bem cedo na vida, desde a concepção no ventre materno, mostram-se tortuosos, pelo que continuam fazendo o que se tornou *natural* para eles. Naturalmente, devemos ter em mira aqui os *títeres* dos deuses, se é isso que deve ser entendido no texto. Aquelas divindades secundárias escolhem homens que são bons instrumentos para seus planos sinistros. Seja como for, homens ímpios começam a caminhar pela senda da perversidade desde cedo na vida, por serem *almas depravadas*.

Isso só pode ser explicado com base na *preexistência* da alma. Eram seres perversos na vida espiritual, antes de assumirem corpos físicos. Ou então, nos países do Oriente, a *reencarnação* seria usada para explicar a questão. No Ocidente, porém, tais casos são justificados à base do *pecado original*. É difícil dizer qual era a opinião do poeta sagrado. Atualmente a ciência informa-nos que *defeitos no cérebro* podem explicar o caso de alguns criminosos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Preexistência* e *Reencarnação*, e, no *Dicionário*, o artigo denominado *Pecado Original*. Seja como for, a noção de "maus desde o nascimento" é um fenômeno provocante, que parece realmente existir e que continuaremos tentando explicar.

Minhas fontes de informação não se aventuram a nenhuma nova idéia, pelo que deixo o leitor pensar em algo diferente para ser dito, se é que há alguma coisa que possa ser dita. Disse J. R. P. Sclater (*in loc.*): "Isso pode não ser precisamente aquilo a que se convencionou chamar de *pecado original*, mas que chega perto, chega". Então William R. Taylor (*in loc.*) observou: "Eles são como uma serpente que, a despeito da habilidade do encantador, não se deixam encantar". "... ele traça sua malignidade endurecida ao pecado de nascimento, original e universal" (Fausset, *in loc.*). Ele apela para Sal. 51.5, mas o pecado original não é ali destacado, conforme expliquei nas notas expositivas sobre esse versículo.

Proferindo mentiras. Aqueles homens são mestres do ludíbrio, e sua língua comprova isso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*, e cf. Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.18; 36.3; 39.11 e 55.21.

Eu já fui um pecador,
O pecado me controlava o coração,
Levando os meus passos,
A desviar-me de Deus.

(James M. Gray)

58.4

Têm peçonha semelhante à peçonha da serpente. O homem mau assemelha-se a uma serpente que traz na boca o seu veneno. Ele está sempre pronto a ferir diante da menor provocação. Talvez o autor esteja querendo dizer que pelo menos algumas serpentes não podem ouvir, pois são naturalmente surdas. Caso contrário, tudo quanto ele quis dizer é que tais indivíduos não dão a menor atenção a um encantador (vs. 5), pelo que são *seletivamente surdos*. Os ímpios se parecem com isso. Não escutam a nenhum conselho; são uma lei diante de si mesmos; não têm temor algum ao homem e não escutam nem mesmo a Deus. "Eles são surdos diante de qualquer reprimenda" (Allen P. Ross, *in loc.*). Poderíamos até pensar que tal réptil foi amansado. Mas de repente ele ataca e mata suas vítimas. A serpente era mortífera e continua sendo mortífera. Esperar que tais homens se reformem moralmente é esperar demais.

58.5

Para não ouvir a voz dos encantadores. "A arte de encantar serpentes e a mágica vinculada a esse encantamento era de grande antiguidade no Egito, e dali passou para outros países" (Ellicott, *in loc.*).

Seus encantamentos mantêm a serpente furiosa em paz,
E acalmam a raça venenosa das víboras até elas dormirem:
Sua mão curadora alivia a dor excruciante,
Visto que diante de Seu toque, o veneno foge.

(Virgílio, Eneida, vii. s. 750)

Mas os homens iníquos não podem ser amansados por nenhuma habilidade dos justos. Eles são desregrados, precipitados, réprobos incuráveis, e obtêm prazer do saque e do homicídio.

Porque eis que envio para entre vós serpentes, áspides contra as quais não há encantamento, e vos morderão, diz o Senhor.

(Jeremias 8.17)

Que Deus Destrua os Ímpios (58.6-9)

58.6

As Oito Metáforas do Poeta: Encantamento sobre as Serpentes (Homens Malignos)

Quebra-lhes os dentes. 1. Nos sonhos e nas visões, os dentes, quando quebrados, simbolizam a *morte*. E, naturalmente, receber uma pancada na boca forte o bastante para quebrar os dentes é um acontecimento violento. O salmista queria que Deus agisse com violência contra os tiranos. Ele queria que Elohim espezinhasse as serpentes.

Arranca, Senhor, os queixais aos leõezinhos. 2. As serpentes aparecem agora como leõezinhos, predadores sem misericórdia; e o poeta sagrado pede que Deus arranque de suas gengivas os dentes deles, particularmente os grande dentes caninos, tornando-os assim *impotentes* para ferir e matar. Provavelmente, os hebreus daquela época acreditavam no poder de tais maldições para deter aqueles que enchiam a boca de maldições contra o próximo. "No antigo Oriente Próximo, os homens acreditavam na potência mágica e automática de uma palavra de mau agouro, escrita ou falada (Zac. 5.1-4). Assim sendo, uma *maldição em sete aspectos* (ou múltiplo de sete) era tida como uma força terrível contra os tiranos. A maldição era considerada mais eficaz se fosse um *múltiplo* de sete, e entregue em uma súbita explosão de fala.

58.7

Desapareçam como águas que se escoam 3. As neves do inverno se dissolviam e uma torrente escorria pelas colinas abaixo. Nesse fluxo de água que se precipitava, havia ruído e poder. Mas então a neve toda se dissolvia, e a água diminuía de ímpeto. Finalmente, as águas desapareciam no deserto, e tudo se *acabava*. "Que eles desapareçam como as águas que algumas vezes correm pelo deserto, mas logo se evaporam com a quentura do sol, ou são absorvidas pela areia" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas. 4. Assim diz a nossa versão portuguesa. Outras versões dizem: "Sejam pisados e murchem como a relva macia". Todos sabemos que a relva, quando constantemente pisada, é morta, e nada resta senão restos de capim em seu lugar. O poeta queria que Deus, pisando, exterminasse a *relva*, os ímpios. A metáfora que acabo de comentar corresponde ao texto da Revised Standard Version. Isso falaria em flechas envenenadas, sendo atiradas por homens traiçoeiros. No trajeto, as pontas das flechas ficariam embotadas e não penetrariam nas vítimas. Alguns pensam que a idéia é que Deus atira Suas flechas contra os ímpios, de forma que todos sejam exterminados. Ainda outro significado está vinculado ao hebraico (o que nos deixa perplexos). Segundo essa opção, as flechas atiradas não podem mais ser retiradas. Esse é o seu fim. Assim também os ímpios, como flechas, são atirados e se reduzem à inutilidade.

Perdem-se inteiramente, como quando
Alguém atira suas flechas.

(Ellicott, paráfrase)

Esta última possibilidade significaria que as palavras dos ímpios (como se fossem flechas) ficariam sem poder. Seus ataques contra outros homens cessariam, pela intervenção divina.

58.8

Sejam como a lesma que passa diluindo-se. 5. O autor não se mostra zoologicamente acurado aqui, mas a sua figura poética é boa. "Fazia parte das noções populares que o lento progresso de uma lesma era uma espécie de apagar suicida. O rastro pegajoso era tido como seus próprios resíduos, gradualmente diminuindo o animal até transformá-lo em nada" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, com algumas adaptações). Por conseguinte, o salmista submeteu os tiranos à maldição do *fenômeno da lesma*, conforme ele o entendia. Foi humilhante comparar os tiranos a esses animais pegajosos, dotados de tão ínfimo valor e tão facilmente eliminados por seu *arrasto suicida*. Algumas de minhas fontes informativas tomam a metáfora a sério, e uma delas diz que a lesma morreu durante a seca, para evitar o erro zoológico.

Como o aborto de mulher, não vejam nunca o sol. 6. Um fenômeno que perturba a mente humana é o aborto. Um aborto arruína, da maneira mais odiosa,

as expectações de uma mulher. A morte dos infantes leva-nos a profundos problemas teológicos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos.* Seja como for, ó que era grandemente temido, foi desejado, metaforicamente, no caso dos iníquos, por parte do salmista. Ele desejava para os tiranos uma *morte fora de tempo,* a morte prematura por causa de algum acidente estúpido ou de alguma causa irracional. Eles "viam o sol", enquanto a criança abortada não o vê, mas o poeta esperava que não continuassem a ver o sol por muito tempo mais.

58.9

Como espinheiros, antes que vossas panelas sintam deles o calor. 7. Os homens antigos usavam espinhos como combustível, e uma panela posta sobre fogo alimentado por espinhos demoraria bastante a ferver; assim, antes que o fenômeno fosse concluído, o salmista queria que seus inimigos morressem. Talvez a figura que o autor tencionava transmitir era a prontidão com que os espinhos se acabavam no fogo. Os espinhos queimam rapidamente, o que significa que o salmista desejava que seus inimigos fossem mortos *agora mesmo.* Os espinhos queimavam tão ligeiramente que, antes que uma mulher colocasse a panela no fogo, os espinhos já se teriam acabado. Ele queria que uma *destruição repentina* sobreviesse àqueles pecadores.

Serão arrebatados como por um remoinho. 8. Esta é a tradução da King James Version, o que nos dá outra metáfora. O remoinho é destrutivo e surge e desaparece subitamente. A Revised Standard Version diz "que ele os varra para longe", referindo-se às chamas crepitantes que consomem os espinhos sob a panela. Que Deus "os arrebate como um redemoinho" (Ellicott, *in loc.*), e isso segue o original hebraico, mas não se refere necessariamente a um redemoinho de vento. Ou então Deus, com um movimento de Sua mão, imita tal vento, e com idênticos resultados. "Antes que vossas panelas sintam o calor dos espinhos queimando por baixo, Ele, com um redemoinho, arrebatará os ímpios" (Fausset, *in loc.*).

> *... como fogo em espinhos foram queimadas: em nome do Senhor as destruí.*
>
> (Salmo 118.12)

"Deus varrerá os ímpios antes que seu mal malicioso, como se fosse um fogo, possa terminar a sua obra" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os intérpretes agrupam a primeira e a segunda maldição das maldições, ou a sétima e a oitava, para conseguirem *sete* maldições, formando assim uma maldição gigantesca. Nisso encontramos o número mágico, *sete,* a maldição completa, dotada de um poder todo especial.

O Regozijo dos Justos diante da Destruição dos Ímpios (58.10,11)

58.10

Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança. O homem justo do Antigo Testamento, diferentemente do que se espera do homem justo do Novo Testamento, enche-se de alegria, quando sua múltipla maldição funciona e os tiranos injustos sofrem o julgamento divino fatal. O salmista se enchia de alegria ao contemplar a vingança de Deus. Ver sobre esse termo no *Dicionário.* Contrastar isso com as atitudes do Novo Testamento, em que um homem "ama os seus inimigos" (Mat. 5.44). Além disso, dispomos das palavras de Paulo sobre o assunto:

> *Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.*
>
> (Romanos 12.19)

Finalmente, compete-nos fazer o bem aos que nos prejudicam; e até devemos orar por eles (ver Mat. 5.44).

Segundo um provérbio do século XVI, "a mais nobre vingança consiste em perdoar".

Banhará os pés no sangue do ímpio. Estas palavras são especialmente amargas. Cf. Sal. 68.23: "para que banhes o teu pé em sangue". O tirano é vencido no campo de batalha, e seu sangue derrama-se e cobre o solo. O homem bom corre para lá, contorna as poças de sangue, e tem prazer nisso! A matança dos ímpios foi tão grande que o lugar está inundado de sangue, e concede ao homem "bom" o seu deleite. "Tudo que cheira a *vingança* nos salmos deve ser considerado totalmente estranho ao espírito do evangelho, e não deve ser imitado de forma alguma. Isso não é compatível com o tempo em que o Filho do homem veio salvar, e não destruir" (Adam Clarke, *in loc.*).

"... a vindicação é bárbara em seu realismo" (William R. Taylor, *in loc.*). Este versículo nos faz lembrar de alguma espécie de banho ritualista pagão... Este não é um poema muito bonito, mas também não está abordando uma questão muito bonita... a revolta dos homens contra a corrupção nos lugares de mando nunca foi capaz de acomodar a linguagem lírica em suas denúncias" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

A Septuaginta e a Vulgata Latina tornam a figura um tanto menos vívida por fazerem o justo lavar as *mãos* no sangue, em lugar dos pés.

58.11

Então se dirá: Na verdade há recompensa para o justo. O homem justo contempla a terrível vingança tomada contra os ímpios como uma *recompensa* por sua conduta acertada e por ter-se oposto à corrupção dos tiranos. Deus viu a sua sorte, ouviu a sua oração e executou justiça contra pecadores atrevidos. Vendo o que aconteceu, o justo reconhece que Elohim continua sentado no Seu trono, e não indiferente para com o mal que ocorre na terra.

Emanuel Kant baseou um argumento em prol da existência de Deus e da alma humana sobre a *necessidade* de fazer justiça. Chamamos a isso de *argumento moral.* É claro que neste mundo não há justiça real. Os homens bons sofrem e não recebem recompensa por sua bondade. Homens maus prosperam e escapam à punição por seus erros. Portanto, ambos devem sobreviver após a morte biológica a fim de receber suas recompensas ou punições apropriadas. Além disso, deve haver um *Juiz* adequado, quanto ao poder e à inteligência, para corrigir as coisas. Se não aceitarmos este raciocínio, teremos de confessar que o *caos* é o deus real deste mundo. "O povo não ficará à mercê de juízes injustos para sempre" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O salmista, em contraste com Kant, naturalmente não vislumbrava além do sepulcro para que as contas fossem devidamente equilibradas. Ele esperava ver suas maldições funcionar aqui e agora.

Salmo Cinqüenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ali dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação, que compõe o maior de salmos.* Esse tipo de salmo tipicamente começa com um pedido urgente a Deus por libertação do inimigo, que pode compor-se de invasores estrangeiros de Israel, inimigos dentro do acampamento israelita, ou alguma enfermidade física. Então, quando essa oração é respondida, ou quando o salmista acredita que logo será respondida, ele oferece louvor e ação de graças pela graça recebida. Este salmo é uma oração pedindo o livramento de inimigos pessoais, ou seja, aqueles dentro do acampamento dos hebreus, hebreus réprobos que assediavam a outros hebreus. Temos aqui amarga queixa contra pecadores perversos. Aqueles eram homens violentos e sedentos de sangue, obreiros da iniqüidade. O poema (em sua porção original) pode ter sido bastante antigo, mas evidentemente sofreu emendas editoriais, e sua forma final é considerada tardia, por parte dos críticos. No vs. 5, o inimigo transmuta-se em nações pagãs, o que parece ser uma mudança de inimigos pessoais para inimigos nacionais. Tal readaptação das palavras do salmista deve ter ocorrido em uma época na qual o salmista vivia condições internacionais críticas. Alguns intérpretes fazem esses inimigos ser tanto pessoais quanto internacionais, mas é provável que isso não reflita a composição em seu estado original.

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo diz: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Não destruas. Hino de Davi, quando Saul mandou que lhe sitiassem a casa, para o matar". Esta nota de introdução é a mesma que encabeça o Salmo 57, onde há comentários, exceto pelo fato de que a circunstância histórica sobre a qual o salmo alegadamente se baseia é outra. Ver I Sam. 19.11 e o contexto da história referida. Seja como for, os subtítulos não faziam parte das composições originais, mas foram adicionados por editores posteriores, e não têm autoridade canônica. Não reitero o restante de meus comentários, pois o leitor obtém detalhes na introdução ao Salmo 57.

59.1

Livra-me, Deus meu, dos meus inimigos. *Inimigos pessoais* tinham-se levantado contra o salmista. Eram homens mortíferos, de aspecto terrível, cruéis, incansáveis e brutais. O poeta se encolhia temerosamente diante deles e levantou sua única verdadeira defesa, uma oração para que Elohim (o Poder) detivesse suas ameaças. O livramento precisava incluir a *defesa* divina, porque o salmista não tinha poder suficiente para resistir àquela tropa de homens perversos. O clamor pedindo socorro se repete por quatro vezes, embora mediante palavras diferentes. Os hebreus tinham um temor especial da morte prematura, e a maioria dos salmos foi escrita em um tempo no qual a doutrina da imortalidade da alma

ainda não fazia parte do pensamento hebreu. Portanto, essa esperança não mitigava os terrores da traição e do temor diante de uma repentina morte prematura. Portanto, podemos compreender a urgência dos clamores presentes nos salmos de lamentação. Este salmo destaca o motivo familiar de uma fé inabalável em Elohim, e era isso que os poetas antigos buscavam tão ansiosamente como antídoto para seus temores.

Livra-me. Literalmente, no hebraico, encontramos: "Põe-me em um lugar alto", ou seja, fora do alcance dos meus inimigos.

59.2

Livra-me dos que praticam a iniqüidade. O *clamor pedindo livramento* sobe ao céu pela *segunda vez* (dentre quatro vezes), porquanto os obreiros da iniqüidade que o salmista enfrentava eram *homens sanguinários,* isto é, assassinos conhecidos, homens sem misericórdia, que sempre buscavam novas vítimas. O pobre homem se tornara um dos "eleitos". O original hebraico implica uma tropa de assaltantes, formada por tipos criminosos que caminhavam pelas ruas engajados em toda espécie de crime, incluindo o homicídio. O Salmo 55 nos fornece um quadro de tais homens, rodeando as muralhas e até caminhando sobre elas, patrulhando a cidade, procurando alguma maldade para praticar.

> *Dia e noite giram nas suas muralhas, e, muros a dentro,*
> *campeia a perversidade e a malícia.*
>
> (Salmo 55.10)

Adam Clarke situou a composição deste salmo na época de Neemias, para descrever as condições de vida dele. Pelo menos, isso serve como um incidente histórico que pode ilustrar a composição. Ver Nee. 6.1-4. Ver I Sam. 19.11 e o seu contexto quanto a outra ilustração.

59.3

Pois que armam ciladas à minha alma. A figura retrata aqui uma *emboscada,* formada por feras que caçam empregando esse método, ou por homens que agem como predadores, como o leão que de súbito sai de um lugar oculto para matar sem fazer perguntas. *Alma* (no hebraico, *nephesh*) seria mais bem traduzida como "vida", isto é, a vida física, pois ninguém pode matar uma alma. O homem prestes a ser atacado de emboscada era inocente. Não havia nele *transgressão* que merecesse aquele fim. Ele era puro diante dos homens. Não tinha ofendido aquelas feras e não tinha ofendido a Deus. *Yahweh* foi invocado para tomar nota do fato e, assim, defender o inocente. O vs. 4 repete a reivindicação de inocência. Aqueles homens malignos não estavam *vingando-se* do poeta, mas simplesmente queriam matá-lo para obter algum lucro financeiro ou somente por diversão. Até alguns animais matam por diversão, para nada dizermos sobre os predadores humanos. Mas usualmente há algum dinheiro ou outra vantagem material que inspira nos homens atos violentos.

Poder é Direito. Os opressores eram fortes, poderosos, e assim podiam fazer o que bem quisessem. Em um dos diálogos de Platão, um homem defendeu a tese de que "poder é direito". São os homens poderosos que criam leis em seu próprio benefício. E inteiramente à parte de suas leis, eles obtêm o que querem, manipulando seu poder e dinheiro. Por conseguinte, "poder é direito", na prática, mesmo que não seja na teoria. Platão, em seu diálogo, naturalmente rejeitou essa teoria, embora existam exemplos intermináveis de sua operação neste mundo. Hume falava sobre a *falácia natural* na qual os homens caem por ignorância. Ou seja, *o que é = é correto,* ou então *o que é = deve ser.* Mas, como deve ser óbvio para todos os homens, o que *é,* não é, necessariamente, o que *deve ser.*

59.4

Sem culpa minha, eles se apressam e investem. Os ímpios se apressam para prejudicar a outros. Entrementes, Elohim parecia estar dormindo, indiferente para com a drástica situação. Quanto à aparente indiferença de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1. Quanto a clamores dos salmistas para que Deus *despertasse,* cf. 35.23 e 44.23, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Em seu temor, o salmista caiu no *deísmo,* isto é, ele pensou no Criador como divorciado de Seu mundo, tendo-se afastado e deixado as leis naturais no governo das coisas. Pelo menos temporariamente ele abandonou o *teísmo,* o qual assevera que o Criador se mostra ativo em Sua criação, recompensando os bons e punindo os maus. Ver sobre os dois termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Uma vez mais, o homem afirmou sua inocência (ver o vs. 3), pelo que o caso era de perseguição inspirada pela impiedade, e não pela mera tentativa de corrigir uma má situação. Esse é o *terceiro* clamor de ajuda neste salmo.

Investem. O poeta sagrado apresenta aqui uma metáfora militar. Ele via homens como soldados que corriam para a batalha, a fim de entrar na matança o mais cedo possível.

> *Vêm contra mim como por uma grande brecha, e se revolvem*
> *avante entre as ruínas.*
>
> (Jó 30.14)

Inimigos Estrangeiros (59.5-8,11,12-15)

59.5

Tu, Senhor Deus dos Exércitos, és o Deus de Israel. Uma vez mais, o apelo feito a Yahweh-Elohim é para que Ele *desperte;* isso é comentado no vs. 4, com referências. Mas aqui o salmista usou o nome divino completo, o Deus *Eterno e Todo-poderoso,* que podia estabelecer uma diferença na situação, *caso* não se mantivesse indiferente. Note o leitor que os inimigos pessoais agora se tornaram pagãos, e isso pode ter ocorrido pelo *uso editado* do salmo, em tempos posteriores, quando então foram incluídas algumas adições. Ver a introdução ao salmo. O salmista falava agora contra *inimigos nacionais,* embora não disponhamos de meios para determinar o tempo envolvido.

"Observamos no vs. 5 que o livramento seria efetuado de maneira grandiosa. Yahweh-Elohim se oporia ao esquema daqueles indivíduos inimigos sedentos por sangue, bem como ao rugido e à brutalidade dos caçadores de carniça. A vítima convocou o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a tratar com os conspiradores e a não poupar nenhuma nação que ousasse opor-se a Israel" (J. R. P. Sclater, *in loc.,* com algumas adaptações).

Deus dos Exércitos. Um termo militar segundo o qual Elohim é retratado como o General do exército, bem como o principal planejador e executor da ira contra potências estrangeiras. Quanto a este título e seus significados, ver as notas expositivas em I Reis 18.15. Adam Clarke (*in loc.*) relembra-nos novamente a situação de Neemias, bem como a sua vitória final sobre os inimigos, os pagãos que assediavam Israel em seus dias. "Deus tinha o povo da aliança sob Sua proteção especial" (Ellicott, *in loc.*).

Temos aqui o *quarto clamor* pedindo ajuda no salmo, mas agora contra um inimigo diferente.

Selá. Quanto a esta palavra misteriosa, ver Sal. 3.2.

59.6

Ao anoitecer, uivam como cães. O poeta nos permite ver mais de perto os inimigos. Eles tinham invadido e saqueado a cidade, matando seus habitantes. Então, ao anoitecer, "retornaram" para uma operação de limpeza. E faziam isso soltando uivos como animais, para aterrorizar suas vítimas. Eram como uma matilha de cães selvagens, muito mais furiosos do que são os cães relativamente mansos de hoje em dia. Eram como os "cães comedores de carniça do Oriente que, desaparecendo durante o dia, voltam sob as trevas, vagueando ao redor, uivando, rosnando e rasgando. Eles buscavam empanturrar-se de tudo quanto desejavam" (William R. Taylor, in loc.). Um viajante na cidade de Constantinopla descreveu sua experiência com tais animais, como segue: "O ruído que então ouvi, jamais esquecerei. A cidade inteira estremeceu diante da vasta confusão... Diz-se que sessenta mil cães invadiram Constantinopla, e eles pareciam estar engajados no mais ativo extermínio uns dos outros, sem um momento de cessação de atividades. Os uivos, ganidos, latidos e rosnados se confundiam, formando um som uniforme e contínuo" (Albert Smith, *A Month in Constatinople,* citado no *Treasury of David,* de Spurgeon).

Talvez Constantinopla se tenha livrado de seus cães desde então, mas talvez os cães continuem sendo os reis do Oriente. "... como um cão, que é uma criatura muito barulhenta" (John Gill, *in loc.*). Os *informadores* e *oradores* foram chamados de "cães da cidade" por Demóstenes (apud Salmuth, em *Pancirol. Memorab.*).

59.7

Alardeiam de boca. Os inimigos se vangloriavam com a boca, rugiam com os lábios, e pouco se importavam com os atos de ferir e matar. Eles não contemplavam nenhum julgamento que lhes sobreviesse, nem humano nem divino, pelo que não aplicavam freio às suas matanças.

Em seus lábios há espadas. Cf. Sal. 57.4, onde já vimos esta metáfora. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da,* quanto a maiores detalhes e ilustrações. A Revised Standard Version tem uma compreensão diferente do original hebraico envolvido, e faz os cães inimigos *rugir* com os lábios. Entretanto, o hebraico literal faz referência a espadas. Ver Sal. 55.21; 57.4 e 64.3.

Como o poço conserva frescas as suas águas, assim ela a sua malícia: violência e estrago se ouvem nela; enfermidade e feridas há diante de mim continuamente.

(Jeremias 6.7, queixando-se das deploráveis condições da cidade de Jerusalém)

Proferem impiedades e falam cousas duras, vangloriam-se os que praticam a iniqüidade.

(Salmo 94.4)

Quem há que nos escute? Encontramos aqui a velha história da impunidade, que faz os homens maus piorar cada vez mais. Aqueles homens iníquos não acreditavam na *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Eles acreditavam que o verdadeiro deus deste mundo é o *caos*, e por isso saíam por toda a parte efetuando o *caos*.

59.8,9

Mas tu, Senhor, te rirás deles. *Os Recursos do Poeta.* Os que confiavam no *caos* de súbito teriam de enfrentar o Deus de Israel, Yahweh, e Ele lhes mostraria no que consiste a *retribuição*. Yahweh haveria de rir-se deles e tratá-los com derrisão. Quanto a esse pensamento, cf. Sal. 2.4. Alguns intérpretes vêem o vs. 7 referindo-se a inimigos pessoais do salmista, ao passo que o vs. 8 volta a mencionar os *inimigos estrangeiros* de Israel. Mas está sujeito a debates se a questão fica ou não assim complicada. Parece que alguma editoração ampliou o salmo original e lhe deu uma aplicação mais lata. O salmista reconhecia o poder de Deus, em sua própria *experiência e na literatura dos hebreus. Portanto, continuava esperando que Deus* agisse e efetuasse a justiça. Deus, portanto, tornou-se sua *defesa* ou *fortaleza* (Revised Standard Version) (vs. 9). Ele podia refugiar-se no Senhor e esperar por uma boa solução acerca das guerras com forças estrangeiras. Ver algo similar em Sal. 18.1 e cf. os vss. 16 e 17 deste salmo. Ver comentários sobre a *fortaleza* referida em Sal. 46.7. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Forte, Fortificação*, quanto a detalhes e referências, especialmente o artigo chamado *Usos Metafóricos*.

"A Ti entrego todas as minhas forças, que derivei de Ti. De fato, todas as minhas vantagens eu as atribuo a Ti" (Adam Clarke, *in loc.*). Deus é chamado de "força do salmista", e qualquer eventual poder seu era derivado, e não dele mesmo. A Revised Standard Version escreve a palavra "Força" com a inicial maiúscula, quando diz: "Oh, minha Força, cantarei louvores a Ti". Isso faz com que o salmista se tenha dirigido a Deus como força e destaca outro nome divino. Naturalmente, o nome divino *Elohim* já sugeria essa metáfora.

59.10

Meus Deus virá ao meu encontro. O Deus do poeta, a sua Força, por causa de Seu *amor constante*, viria correndo ao encontro do salmista, para livrá-lo de sua situação aflitiva. Dessa maneira ele experimentaria *triunfo* sobre os adversários. Algumas versões dizem aqui *misericórdia* e *amor constante*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Benignidade*. O salmista queria que houvesse severa *vingança contra os inimigos*. Ver as notas expositivas em 58.10. A nossa versão portuguesa dá ao original hebraico uma boa tradução aqui: "virá ao meu encontro". Essa é uma operação divina, em Seu amor e misericórdia, garantindo um bom fim para a batalha. Deus chegou ao campo de batalha e fez um trabalho rápido quanto ao exército estrangeiro que encontrara ali, efetuando uma grande missão de socorro em prol das forças de Israel.

59.11

Não os mates, para que o meu povo não se esqueça. *Em lugar de aniquilar imediatamente o inimigo*, o poeta queria ver as forças adversárias primeiramente dispersas, para então serem subjugadas gradualmente, a fim de que Israel pudesse testemunhar o trabalho de Deus desdobrando-se diante de seus olhos. O fim, é claro, seria o aniquilamento total. Não haveria sobreviventes, nem haveria a captura de prisioneiros de guerra. O incidente todo seria uma maravilhosa demonstração de poder, bem como a confirmação de que Yahweh era o *escudo* de Israel, ou seja, a *proteção* contra todos os tipos de males, incluindo a violência de inimigos estrangeiros. Quanto a Deus como um *escudo*, cf. Sal. 7.9,10, onde apresento notas expositivas que têm aplicação aqui. Ver também Sal. 3.3.

Fausset (*in loc.*) supõe que o poeta tenha orado para que sobrassem do inimigo alguns *sobreviventes*, de modo que eles se tornassem memoriais da vitória de Deus sobre um povo inteiro. Fausset referiu-se a trechos como I Sam. 2.36 e II Sam. 3.29. *Os espartanos não destruíam inteiramente um vizinho difícil*, a fim de que seus jovens pudessem continuar praticando a arte da guerra. Pois, afinal, como se pode lutar quando todos os inimigos foram mortos? Mas os salmistas parecem ter esperado por uma *retribuição prolongada*, a fim de que Israel continuasse saboreando a vitória, às expensas de um povo desesperado. Ou então: "Que eles percorressem a terra para cima e para baixo, como fugitivos e vagabundos, conforme sucedeu a Caim e conforme fazem agora os judeus, dispersos nas várias regiões do mundo" (John Gill, *in loc.*).

Outro Apelo por Vingança (59.12,13)

59.12

Pelo pecado de sua boca. Este versículo amplia a razão da demora na retribuição total contra o inimigo. Aqueles cuja boca estava repleta de pecado, cuja língua era como espada, seriam apanhados pelo caçador em uma armadilha, como se fossem animais ferozes, e ficariam a *sofrer*, em lugar de serem instantaneamente despachados. Cf. o vs. 7, quanto aos pecados de linguagem em que aqueles homens profanos costumavam cair. Este versículo fala sobre os inimigos pessoais do salmista, hebreus brutais, tipos criminosos ou então estrangeiros inimigos. Os cães que vagueavam pelas ruas causavam sofrimento demorado (vs. 6), pelo que teriam de receber demorada retribuição.

Na sua própria soberba. O autor sagrado usou a metáfora do caçador, que *emprega uma armadilha ou uma cova. O pobre animal sofre ali, incapaz de fugir*, à espera de outras crueldades da parte do caçador. O que fizera os ímpios cair na cova foi o próprio orgulho. Eles tinham chegado a fim de destruir, cheios de altivez. Mas terminaram humilhados da maneira mais horrenda. Eles mesmos foram a *causa* de toda a sua desgraça.

59.13

Consome-os com indignação. Finalmente, a diversão do sofrimento demorado *chegaria ao fim, e então Deus consumiria a presa, aprisionada na cova*. A *ira* de Deus garantiria um bom trabalho. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus*. "Essa foi a sorte de Saul, e essa foi a sorte dos judeus que se opuseram ao antítipo de Davi, o Messias. E essa será a condenação dos seguidores do anticristo, nos últimos dias" (Fausset, *in loc.*).

De sorte que jamais existam. Temos aqui uma alusão ao *total aniquilamento*, sem nenhuma esperança de sobrevivência da alma imortal, após a morte biológica. Quando o poeta sagrado compôs este salmo, os israelitas ainda não criam na sobrevivência da alma, pelo que a pior coisa que poderia acontecer era a morte prematura e violenta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários artigos intitulados *Imortalidade*. Seja como for, tendo ocorrido a destruição, isso servia de prova do domínio de Deus sobre todos, tanto em Israel como em todo o vasto mundo. Seu *governo justo* seria comprovado por Sua retribuição contra os pecadores. Mas o assunto aqui abordado não é uma retribuição *para além do sepulcro*. O judaísmo posterior desenvolveu essa idéia, a qual foi então incorporada na teologia do Novo Testamento. Vários intérpretes têm forçado sobre este versículo a crença atual dos cristãos, indo além daquilo em que os hebreus só acreditariam bastante tarde no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo *Soberania de Deus*.

59.14

Ao anoitecer uivam como cães. Este versículo é uma virtual duplicação do vs. 6, onde ofereço notas expositivas. O poeta tornou a usar a declaração para mostrar quão pouco temor ele possuía dos inimigos estrangeiros parecidos com os cães vagabundos. Ele sabia qual seria a sua sorte; por conseguinte, que eles viessem, invadissem e fizessem o que bem entendessem. Pois, finalmente, seriam aniquilados. Deus estava pronto a exterminá-los. A ira divina estava agora pronta para ferir. Ele os tinha em total derrisão (vs. 8). "A realidade do riso de Deus e Sua zombaria corrosiva fez tocar uma corda lírica no espírito do poeta" (William R. Taylor, *in loc.*). Por isso mesmo, ele cantou o cântico de vingança contra os cães.

59.15

Vagueiam à procura de comida. Em um esplêndido *sarcasmo*, o salmista fala aqui sobre a procura dos cães inimigos por alimentos, sem nada encontrar. Eles terminarão rosnando com ira e fome, porquanto seus planos seriam distorcidos pelo poder divino. O poeta tinha escorregado para uma atitude sinistra e zombava de seus inimigos. O trecho hebraico original é um tanto obscuro, pelo que têm sido oferecidas várias interpretações do versículo, a saber:

1. Eles não iriam embora enquanto não fossem satisfeitos, pelo que continuariam em busca de comida. Isso é o mesmo que dizer que os ímpios não desistirão facilmente, pelo que o poeta esperava tribulação contínua. Os *criminosos continuarão praticando suas deletérias atividades*. Os *exércitos estrangeiros* continuarão atacando. Mas esse significado não parece ajustar-se muito bem ao tom sarcástico do salmista.
2. Eles se satisfariam, mas mesmo assim pereceriam, porquanto Deus escreveria o último capítulo do relato.

3. Após o primeiro parágrafo, encontramos os cães famintos sem encontrar satisfação. Eles ganiam de fome, mas o riso de Deus era mais alto do que seus ganidos. Eles deveriam ter deixado Israel imperturbada. Desassossego e insatisfação serão as marcas que assinalarão, finalmente, a vida dos ímpios.

> *Os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz.*
>
> (Isaías 27.20,21)

Diz o Targum: "Eles vaguearão por toda parte para apanhar a presa para comer, e não descansarão enquanto não ficarem satisfeitos. Mas permanecerão nessa busca pela noite inteira, sem encontrar nenhuma presa" (com adaptações). Ou então eles "pôr-se-ão à espreita a noite inteira", mas mesmo assim não encontrarão presa alguma. A busca será inútil.

59.16

Eu, porém, cantarei a tua força. Em contraste com os ímpios insatisfeitos e frustrados, o salmista cantará o poder de Yahweh, que o livrara de suas tribulações e derrotara os seus inimigos. Pela *manhã*, após a noite escura, o cântico far-se-ia ouvir, porquanto Deus fora a *fortaleza* e o *refúgio* do salmista. Ver sobre *fortaleza*, em Sal. 18.2; 31.3; 71.3; 91.2; 144.2. Quanto a *refúgio*, ver Sal. 46.1. O amor constante de Deus em operação fará o homem atravessar galhardamente o seu *dia* de tribulações, conferindo-lhe um cântico de alegria pela manhã. Dessarte, este salmo ensina que o homem bom e o homem ímpio chegam a seu fim de modo diferente. Deus é quem estabelece essa diferença na vida. O salmista não se deixa envolver em uma vantagem a "longo prazo", isto é, que vá além da vida pós-túmulo. Mas ele percebeu claramente que é uma estupidez fazer um círculo pequeno demais e esquecer-se do que aparece em seguida.

> *Semeai um hábito, e colhereis um caráter.*
> *Semeai um caráter, e colhereis um destino.*
> *Semeai um destino, e colhereis — Deus.*
>
> (Prof. Huston Smith)

59.17

A ti, Força minha, cantarei louvores. Este versículo assemelha-se a uma reiteração do que foi dito nos vss. 9 e 10. Alguns estudiosos supõem que o salmo original tivesse uma duplicata virtual desses versículos aqui, mas, mediante algum erro de transcrição, as declarações foram *truncadas* e assim transformaram-se no presente versículo. Em lugar de "Meu Deus virá ao meu encontro com a sua benignidade", temos a declaração: Ele é o "Deus da minha misericórdia". Excetuando essa variação, as declarações são virtualmente idênticas. Seja como for, o homem reconheceu que ele nada tinha para falar de si mesmo, mas tão-somente tinha de fugir para Deus para encontrar valor na vida. "Não em minhas forças. Mas nas forças Dele".

> *Tenciono chegar a Deus,*
> *Pois é para Deus que tanto me apresso;*
> *Pois no peito de Deus está minha morada.*
> *Uma vez que passem aqueles raios de glória refulgente,*
> *Descansarei em minha alma, finalmente.*
>
> (Johannes Agrícola)

Salmo Sessenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação* e, mais especificamente ainda, uma "lamentação em grupo". É uma espécie de oração pedindo o livramento das mãos de inimigos nacionais. A maior parte dos salmos de lamentação começa com um apelo urgente por ajuda, mas este salmo se inicia como um cântico fúnebre: segundo todas as aparências, Deus havia abandonado o Seu povo, rejeitando-o e deixando suas defesas em ruínas. Cf. isso com Sal. 22.1, o clamor de abandono. O povo de Israel havia sofrido uma derrota estonteante, provavelmente às mãos dos idumeus (s. 9). Somente no fim (vs. 11) o clamor pedindo ajuda alcança Elohim, e este salmo, como a maioria dos outros salmos de lamentação, termina em uma nota de esperança e de louvor, a despeito do lamentável início.

"O salmista não começou com súplicas, conforme ordinariamente os salmos de lamentação são introduzidos, mas com uma comovente declaração de *aflição nacional*. A raiz da situação acha-se na retirada de Elohim do meio dos exércitos de Seu povo. Não obstante, este salmo termina sendo um apelo para ajuda em tempo de calamidade nacional. Ser alguém um hebreu, parte do povo em aliança com Deus, era trazer consigo as promessas de triunfo sobre os pagãos. Portanto, o que aconteceu no caso presente? O desastre tinha deixado os israelitas perdidos e atolados no pessimismo. A profecia dos vss. 6 a 8 pode ser mais antiga que o restante do salmo. Seja como for, as palavras eram típicas de vitória, com promessas de ganhos de terras pertencentes a outro povo. O *pacto abraâmico* também prometia terras ao povo de Israel. Ver sobre isso em Gên. 15.18. Portanto, o que havia acontecido? Como os idumeus puderam lograr sucesso?

Este salmo ensina-nos a lição desanimadora, embora verdadeira, de que a derrota, e não meramente a vitória, pode vir da parte do Senhor. No entanto, o salmista ergueu a cabeça e confiou em Deus quanto a alguma espécie de vitória remidora.

Este salmo é uma obra *composta*. Parece que os vss. 1-5 e 6.-12 procedem de composições independentes. Alguns eruditos vêem três salmos envolvidos: vss. 1-5; 6-8 e 9-12. Seja como for, os vss. 5-12 reaparecem no Salmo 108, uma evidência de que, originalmente, eram obras separadas. Os vss. 6-12 são idênticos a Sal. 108.7-13, mas é possível que um salmista posterior simplesmente tenha usado de novo algum material que ele sabia fazer parte deste salmo.

Subtítulo. Temos neste caso um subtítulo elaborado: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lírios do testemunho. Hino de Davi para ensinar. Quando lutou contra os sírios da Mesopotâmia e os sírios de Zobá, e quando Joabe, regressando, derrotou de Edom doze mil homens, no Vale do Sal". As palavras hebraicas *Susa edute* parecem significar "o lírio da fala", que podem referir-se ao título de um cântico ou hino, provavelmente como suas primeiras palavras, traduzidas em nossa versão por "os lírios do testemunho". Mas alguns estudiosos pensam que essas palavras significam "harpa de seis cordas". Contudo, a idéia de um título de cântico está mais em consonância com o que encontramos nos subtítulos de outros salmos. A palavra hebraica *Mictam*, traduzida aqui "para ensinar", significa "instrução", fazendo deste salmo um hino didático que compunha a liturgia do templo. Tais hinos eram acompanhados por instrumentos musicais, em conformidade com a ênfase que os hebreus davam à música. Ver I Crô. 25, quanto às guildas de músicos profissionais, formadas por famílias levíticas específicas, uma profissão que passava de pai para filho, *ad infinitum*.

Este subtítulo liga o salmo presente ao relacionamento de Davi com Moabe, Edom e Filistia, em II Sam. 8 e I Crô. 18. Mas poucos eruditos modernos pensam que isso forma um parecer exato. Ademais, os comentários de introdução aos salmos foram obra de editores subseqüentes, não dos autores originais, e não se revestem de autoridade canônica. Naturalmente, algo de historicamente verídico foi assim mencionado, mas a maioria dos subtítulos foi escrita como conjectura, incluindo os autores mencionados. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida, embora ele tenha composto pelos menos alguns salmos, visto ter sido o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Aflição Nacional (60.1-5)

60.1

Ó Deus, tu nos rejeitaste, e nos dispersaste. *Elohim*, o General dos Seus exércitos (I Reis 18.15), o Todo-poderoso, permitiu que o exército de Israel, que Ele comandava, fosse derrotado, espalhado e caçado como animais em fuga diante de um leão. Yahweh sem dúvida estava *irado*, pois de que outra maneira se poderia explicar o que havia acontecido? Por isso ascendeu aos céus a oração: "Restabelece-nos!".

Israel era a vítima de um *péssimo evento* de mal moral, a má vontade de seus inimigos, que faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Existem *enigmas* relativos a por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem. Invocar o nome do Senhor não os isenta do sofrimento. E então perguntamos: "Por quê?". Nossas orações nem sempre são respondidas, ou assim nos parece. Ou pelo menos, nem sempre obtemos o que queremos, mesmo quando temos certeza de que o que pedimos é justo e bom, e mesmo quando pedimos julgando que tudo é para nosso benefício espiritual, e não apenas para nosso conforto material.

Rejeitaste. Cf. Sal. 22.1. Era uma cena estranha. O povo da aliança abandonado por Aquele que a assinara. Ver também Sal. 43.2.

> *Agora, porém, tu nos lançaste fora e nos expuseste à vergonha.*
>
> (Salmo 44.9)

Dispersaste. Como? "Quebrando as nossas defesas" (Revised Standard Version). Cf. Sal. 80.12 e II Sam. 5.20. Nesta última passagem, está em mira a derrota do exército de Israel.

... vendo-me, ele clamou com grande voz: Estão quebrados, estão quebrados.

(Tennyson)

Tens estado indignado. Porém, por razões desconhecidas. Os antigos hebreus consideravam Deus como a *única causa*, pois a teologia deles era fraca quanto a causas secundárias. Por conseguinte, uma derrota em batalha era lançada na conta de Deus, e a explicação usual era que, por alguma espécie de infração (conhecida ou desconhecida), o exército derrotado havia sido castigado por Yahweh.

"Os efeitos da derrota eram comparados às devastações provocadas por um terremoto" (William R. Taylor, *in loc.*).

Vários acontecimentos históricos têm sido vinculados a essa derrota, a começar por aquele relatado na seção *Subtítulo*, na introdução ao Salmo. A queda de Samaria, em 722 A. C., é outra conjectura, mas alguns estudiosos vêem acontecimentos na época dos macabeus. Outros pensam que está em vista algum levante político e talvez a divisão do reino unido de Israel em duas facções, Israel (o norte) e Judá (o sul).

Restabelece-nos. Qualquer que tenha sido o acontecido, o desastre foi grande e deixou uma nação devastada que precisava de restauração. Alguns vêem aqui a restauração referida para os últimos dias e apontam para Rom. 11.25,26, mas não parece haver nessa passagem bíblica nenhuma profecia a longo prazo.

60.2

Abalaste a terra, fendeste-a. A estonteante derrota de Israel é comparada a um terremoto, que causou vasta destruição, quase universal em seu alcance. A terra inteira foi abalada com brechas gigantescas. O solo tremeu, os edifícios ruíram, e houve uma convulsão generalizada na natureza.

Esta maldade vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento.

(Isaías 30.13)

A causa do desastre fora Yahweh, em harmonia com a noção dos hebreus de que Deus é a *única causa*, o que comento no vs. 1 deste salmo. Os terremotos eram naturalmente "atos de Deus", conforme diz uma expressão moderna. Por isso diz o Targum: "Abalaste a terra". Voltaire mostrou-se muito amargurado contra Deus, por ter Ele permitido o grande abalo sísmico de Lisboa, que matou milhares de pessoas em 1776, embora ele fosse um deísta e, presumivelmente, não acreditasse na intervenção divina entre os homens. Os hebreus, por sua vez, assumiam uma posição teísta sobre a questão: Deus está presente nos desastres naturais que fazem parte do *mal natural*, um aspecto do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*).

60.3

Fizeste o teu povo experimentar reveses. Principalmente a derrota na guerra, o saque, a perda de território, lares destruídos, opressão da parte dos vencedores contra o povo de Israel. Tais coisas levavam os hebreus a "beber vinho que atordoa", porquanto não podiam compreender como Yahweh-Elohim, o General de *seus* exércitos, dava vitória a estrangeiros, em vez de defender o próprio povo com *Seu* exército. O vinho azedo intoxicava-lhes a mente e a alma com tristeza, em lugar da alegria, um poder atribuído ao vinho. O autor sagrado misturou desânimo e recriminação contra Deus. O que tinha acontecido estava fora de sua compreensão. "Assim como a embriaguez prostra os poderes do corpo, também estamos aqui em um impotente estado de miséria" (Fausset, *in loc.*).

Eis que encherei de embriaguez a todos os habitantes desta terra, e aos que se assentam no trono de Davi, e aos sacerdotes, e aos profetas, e a todos os habitantes de Jerusalém.

(Jeremias 13.13)

Cf. Sal. 75.8,9 e Isa. 51.17,22. "... vinho de atordoar, ou seja, suportar tais tribulações que os faziam tremer, que os deixavam em estado de estupidez mental, retiravam seu bom senso e os tornavam incapazes para qualquer coisa, parecendo feridos com loucura, cegueira e sobrecarregados de ameaças contínuas (Deu. 28.28). Ver Rom. 11.7,8" (John Gill, *in loc.*).

60.4

Deste um estandarte aos que te temem. Usualmente pensamos em uma bandeira como símbolo da vitória, mas temos aqui a bandeira de fuga do inimigo. A bandeira protetora de Deus, que diz: "Este é o meu exército. Ele é invencível", não tem nenhuma aplicação no caso que ora comentamos.

O exército em fuga reuniu-se rapidamente em torno do porta-bandeira e pôs-se em fuga desesperada, procurando escapar do *arco* do inimigo, que já lhes havia causado tantas perdas em vidas humanas.

O hebraico diz aqui "estandarte da verdade", mas a Septuaginta, provavelmente de forma mais exata e em concordância com o texto original, diz "arco". Os israelitas não tinham uma bandeira da verdade, mas um pendão para o qual corriam a fim de abandonar o campo de batalha, salvando-se assim o máximo número possível. Uma palavra aramaica aparentada *significa arco; e é provável que a* Septuaginta, e não o texto hebraico massorético padronizado, tenha ficado com a idéia correta. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético* quanto a informações a respeito. Os manuscritos hebraicos do Mar Morto (muito mais antigos do que os usados para o texto massorético) algumas vezes concordam com as versões, especialmente a Septuaginta, quando existem variantes, o que mostra que, *ocasionalmente*, eles preservam textos originais, em contraposição ao texto hebraico padronizado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*. Sob o estandarte de Yahweh, Israel defendia a causa de Deus; porém, por alguma razão inexplicável, as coisas se azedaram, e a bandeira de reunião tornou-se um estandarte de recuo, perante um inimigo invencível.

Celebraremos com júbilo a tua vitória, e em nome do nosso Deus hastearemos pendões...

(Salmo 20.5)

Alguns eruditos supõem que o poeta sagrado falava aqui com *sarcasmo*. Os filhos de Israel reuniram-se em torno da bandeira da vitória de Deus, esperando a *Sua ajuda, somente para sofrerem uma derrota contundente perante um exército* pagão, que tinha saído à batalha em nome de falsos deuses!

Selá. Quanto aos possíveis significados desta palavra misteriosa, ver Sal. 3.2.

60.5

Para que os teus amados sejam livres. O salmista clamou pela segurança dos sobreviventes, aos quais ele chamou de *amados* de Elohim, apelando assim para a misericórdia e a benignidade de Deus. Ele conclamou Elohim a "ouvir"; e é aqui que encontramos o tipo de apelo que normalmente dá início aos salmos de lamentação. Cf. Sal. 4.1,3; 10.17; 30.10; 38.16; 39.12; 54.2; 61.1; 64.1; 69.16; 130.2 e 143.1. O poeta embalava a esperança de que Deus consolidaria o que restara de Israel, de modo que Israel pudesse combater no dia seguinte.

Salva com a tua destra. A mão de poder e salvação, que era capaz de responder ao apelo. Quanto à metáfora da *mão direita*, ver Sal. 20.6.

A começar por este versículo, parte deste salmo reaparece em Sal. 108.6-13, o que, provavelmente, significa que essa parte era uma composição separada que *veio a ser usada em dois lugares. Ou então um autor posterior simplesmente incor*porou essa porção em outro salmo, que ele pensava ser aplicável à sua própria situação. Seja como for, os vss. 6-12 são virtualmente idênticos a Sal. 108.7-13.

A Primeira Promessa de Deus (60.6-8)

60.6

Falou Deus na sua santidade. Os vss. 6-8 pertencem a uma natureza diferente da que vemos nos vss. 1-5, e, mui provavelmente, representam uma composição diferente que veio a ser associada ao que hoje em dia chamamos de Salmo 60. Mas alguns intérpretes pensam que o poeta sacro pensava sobre uma *promessa anterior*, acerca de vitórias e divisões de terra, em benefício de Israel, que a súbita derrota mencionada nos vss. 1-5 parece contradizer. Temos aqui um oráculo, proferido no santuário, que dava promessas gloriosas a Israel. Ou então, conforme pensam alguns estudiosos, esses versículos formam uma *predição*. "O salmista relembrou a Deus aquilo que Ele tinha *falado em Seu santuário*, Seu santo lugar de moradia. Há um oráculo que promete coisas muito diferentes para o Seu povo. 'Dividirei Siquém (o território que, após a queda de Samaria, em 722 A. C., tinha sido ocupado por *colonos estrangeiros e seus descendentes*)' (*ver I Reis 17.24; Esd. 4.1-10*).

Esse território seria reabsorvido como herança de Israel. Por semelhante modo, o vale de Sucote, ou seja, o vale do ribeiro do Jaboque, de Sucote até o rio Jordão, que, tão cedo quanto 732 A. C., no reinado de Tiglate-Pileser, formava parte do império assírio, uma província a leste do Jordão, mas, no tempo do oráculo, ainda permanecia como parte do território de Israel" (William R. Taylor, *in loc.*). Quanto a informações completas, ver os nomes próprios no *Dicionário*. Os lugares assim mencionados foram possuídos ora por Israel ora por seus inimigos, dependendo das forças relativas nas diferentes épocas históricas. Agora chegara a vez de Israel reobter aquelas terras, mas tudo isso parece ser uma grande contradição com a confusão havida no campo de batalha.

60.7

Meu é Gileade, meu é Manassés. Outros *territórios* que seriam reabsorvidos em Israel eram Gileade e Manassés. Efraim também voltaria, sendo o *capacete* de Deus, uma fortaleza para Israel. E Judá era o seu cetro e o centro do domínio político e religioso da nação. Jer. 49.1 atribui Gileade aos amonitas, mas esse território seria recuperado. Ver Jer. 50.19 e Zac. 10.10. Deus tinha direito legal e histórico sobre Manassés. Ficava ao norte do território de Efraim, parte no lado oriental e parte no lado ocidental do rio Jordão. Seu território estava aberto à conquista (cf. I Crô. 5.26). Quando Israel se tornasse novamente uma grande nação, a sede do governo voltaria a Judá, e Efraim seria o *protetor*, o *capacete* do reino inteiro. E então os inimigos tradicionais de Israel ficariam, uma vez mais, sujeitos ao poder de Yahweh, conforme se manifestara na nação desde tempos antigos. As leis novamente emanariam de Judá, presumivelmente de Jerusalém, sua capital. Quanto a detalhes, ver os nomes próprios no *Dicionário*.

60.8

Moabe, porém, é a minha bacia de lavar. *Moabe*, com o mar Morto, seria humilhada e serviria de bacia de lavar para Israel limpar mãos e pés, e Edom seria *pisado* aos pés e reivindicado. Isso falava sobre pisar em um território, um ato simbólico que proclamava o direito de propriedade. Cf. Rute 4.8,9. Então Israel *se rejubilaria sobre a Filístia, tradicional fortaleza inimiga*. Mas somente nos dias de Davi (o qual derrotou *oito* nações estrangeiras; ver II Sam. 10.19), esse lugar ficou completamente sob o poder de Israel. O oráculo, contudo, dizia: "Isso acontecerá novamente". Por conseguinte, anexar novamente aquele território seria a causa de alegria e de triunfo.

Edom. Pisado aos pés, isto é, reduzido à servidão, "diante de quem um conquistador lança suas sandálias para que elas sejam purificadas. Cf. Mat. 3.11. Ver o ato simbólico em Rute 4.7, embora ali seja empregado um símbolo diferente. O costume que Israel trouxe do Egito (ver Êxo. 3.3), de tirar as sandálias antes de entrar em um templo (que então se ampliou para qualquer residência, incluindo casas ordinárias), vinculou aos calçados a idéia de sujeira e profanação" (Ellicott, *in loc.*). Note o leitor a idéia de "atirar a sandália", ou seja, a idéia de ser purificado.

O Targum mostra Israel pondo suas sandálias sobre o pescoço de Edom, o ato de um conquistador que humilhava o povo derrotado. Portanto, os calçados proviam vários símbolos: pisar para reivindicar propriedade; pisar no pescoço para mostrar conquista; lançar o calçado a outrem, para indicar um ato de limpeza, ou reduzir essa pessoa à posição de escravo; pisar no pescoço para mostrar sujeição na escravidão.

Um Novo Apelo a Deus (60.9-12)

60.9

Quem me conduzirá à cidade fortificada? *O oráculo prometia grandes coisas*, mas por enquanto essas promessas devem ter parecido zombaria para um Israel derrotado, pois os seus inimigos o pisavam e o próprio Israel limpava os calçados de outros. Os macabeus, naturalmente, produziram o cumprimento dessas predições, mas em breve Roma desfez tudo isso e submeteu Israel novamente, e então fez os judeus sair no exílio de sua terra que perdurou por uma dispersão e um cativeiro de muitos séculos, a pior dispersão e o maior cativeiro até hoje experimentado por Israel. Não obstante, Israel tem sido capaz de manter sua identidade e de reivindicar outra vez uma larga faixa de seu antigo território pátrio.

Cidade fortificada. Provavelmente devemos pensar na cidade de *Petra*, capital de Edom, visto que seus habitantes eram o principal inimigo de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Petra*. Ver também *Sela*, no *Dicionário*, o antigo nome dessa cidade, onde ofereço muitos detalhes e a história da cidade. Um país e sua capital eram, com freqüência, equiparados. E se Israel pudesse derrotar a *fortaleza*, então a vitória sobre Edom seria facilmente obtida. Cf. Oba. 3. O intuito primário do salmista era falar de Sela como lugar de refúgio, mas a referência a longo prazo é à reconquista da cidade. A cidade ficava em uma posição difícil, quase inexpugnável diante de ataques, pelo que seria necessário um guia especial para que o ataque fosse bem-sucedido. Havia apenas duas abordagens possíveis da cidade, cada qual uma longa e estreita ravina, de fácil defesa. A cidade estava tão bem escondida por suas ravinas que não podia ser vista de um lugar distante. Somente o Guia, Elohim, poderia liderar com êxito uma expedição militar contra ela.

60.10

Não nos rejeitaste, ó Deus? *Elohim* foi o Guia escolhido. O salmista depositou Nele a confiança de realizar uma tarefa quase impossível, mas para Deus tudo é possível (ver Mat. 19.23). Entrementes, fora Elohim quem havia rejeitado Israel, e agora lhes somente restavam promessas que muito prometiam. Por enquanto, Deus não sairia à testa dos exércitos de Israel. O autor retorna ao desânimo expresso no vs. 1. O lamento renovado provinha de um homem descoroçoado e desiludido. Mas o Deus (o Poder) que os havia humilhado perante *seus adversários, agora poderia humilhar seus inimigos diante deles*. Para tanto, bastava que Deus decretasse uma mudança. O poeta sagrado não tinha nenhuma *evidência* de que em breve ocorreria uma mudança, mas continuava esperando e confiando. Ele contava com o *oráculo* no qual se agarrar; mas as profecias, enquanto irrealizadas, servem apenas de consolo dúbio.

60.11

Presta-nos auxílio na angústia. Esperando pelo melhor, esperando que a situação ainda poderia ser revertida, o poeta sagrado ergueu outra oração desesperada, rogando ajuda. Já havia sido abundantemente provado que a força humana é vã, e que a ajuda humana é inútil. Os exércitos de Israel jaziam mortos no campo de batalha, e apenas alguns poucos desgarrados tinham conseguido escapar. Poderia Deus fazer alguma coisa com o remanescente, se nada fizera contando com a massa?

Senhor, empreende a vitória por nós.

(Adam Clarke)

Começa, minha língua, algum tema celestial,
E diz alguma coisa sem limites;
As obras poderosas e o Nome mais poderoso
Do nosso Rei eterno.

(Isaac Watts)

"... o homem é uma coisa vã, a própria vaidade, sim, mais leve que a vaidade. Até no seu melhor estado, até os grandes homens são vãos, e, assim sendo, como pode a salvação deles provir? Somente no Senhor Deus há salvação para o Seu povo, tanto temporal quanto eternamente" (John Gill, *in loc.*).

60.12

Em Deus faremos proezas. *Através do Poder* (Elohim) os homens podem agir *poderosamente*. Portanto, continuemos a orar a Ele! Ele tinha o poder de cumprir o oráculo (vss. 6-9); de outra sorte, tudo estará perdido. Ele pisará sobre todos os inimigos, e Israel uma vez mais possuirá a terra há tanto tempo concedida, a fim de cumprir as condições do pacto abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18). Agora o salmista via um arco-íris nas nuvens e, pelo momento, contemplava-o com alegria. Portanto, o mais desanimado salmo de lamentação ainda termina em uma nota triunfal. Alguns desses salmos, entretanto, terminam em *desespero, e a vida também se parece com isso. Deus dá a vitória e dá também a* derrota, mas há um arco-íris nas nuvens que nos impulsiona a continuar orando.

Salmo Sessenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, em muito o tipo de salmo mais numeroso. Trata-se de uma oração solicitando proteção, um tema comum nesse tipo de salmo. Segue o padrão das lamentações: o clamor pedindo ajuda; a descrição da aparência do inimigo; o encerramento, com uma palavra de agradecimento e triunfo; a apresentação de oferendas e hinos entoados, e a feitura de votos. O poeta que compôs este salmo tinha sofrido assaltos da parte de seus inimigos e estava alquebrado. Ele estava decompondo-se e necessitava de ajuda urgente. Ele precisava da *proteção* divina, ou não viveria para ver a luz de outro dia. As tribulações enfrentadas apresentavam certa variedade, pelo que o hino serviria a diversas situações e, assim sendo, era apropriado para a liturgia do templo. Devemos relembrar que o saltério era o manual de hinos de Israel. O salmista clamou desde "os confins da terra", ou seja, possivelmente, do exílio. Mas essas palavras poderiam indicar algum lugar distante de Jerusalém, mas ainda assim na Terra Prometida. A oração pelo rei (vs. 6) indica uma data anterior ao exílio.

Subtítulo. O subtítulo é o seguinte: "Ao mestre de canto. Com instrumentos de corda. De Davi". Temos aqui um subtítulo quase idêntico ao do Salmo 55, pelo que o leitor deve buscar informações ali. Mas o Salmo 55 contém a palavra hebraica adicional, *masquil*, "instrução". Note o leitor a palavra hebraica *neginah*, forma singular da palavra hebraica *neginoth*, que figura no Salmo 55. Talvez o Salmo 61 devesse ser acompanhado por um único instrumento, ao passo que o Salmo 55 era acompanhado por diversos instrumentos musicais.

61.1

Ouve, ó Deus, a minha súplica. *Este salmo começa como a maior parte dos* salmos de lamentação, levantando um clamor a Deus e invocando-O para que *ouça.* Ver Sal. 60.5, quanto a detalhes do apelo para Deus "ouvir". Deus é aqui retratado como um Ser capaz de ouvir e compreender, pois o poeta utilizou *termos antropomórficos. Ver no Dicionário o artigo chamado Antropomorfismo.* Ver também ali os artigos denominados *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* quanto a maneiras de descrever a Deus. Visto estarmos limitados a uma linguagem humana defeituosa, atribuímos a Deus nossas características e emoções (ver no *Dicionário o verbete chamado Antropopatismo). Compreendemos que o Criador* continua presente em Sua criação, e que Ele tanto recompensa quanto pune, intervindo na história humana. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo.* Ver, igualmente, a idéia oposta, a do *deísmo,* segundo a qual Deus abandonou Sua criação e a deixou entregue às leis naturais. *O clamor deste salmo é uma oração,* e o salmista pediu a Elohim (o Poder) que ouvisse e respondesse à sua prece.

"Temos aqui a oração de um israelita que vivia distante de seu país e declarou, nos termos mais simples possíveis que, a despeito de seu banimento, não se sentia afastado de Deus nem privado da proteção divina" (Ellicott, *in loc.*).

61.2

Desde os confins da terra clamo por ti. Possivelmente, o salmista estava fora da Terra Prometida. Talvez ele estivesse no exílio. Mas o vs. 6 indica uma data pré-exílica, pelo que a frase poderia significar "de algum lugar na Palestina, distante da capital, Jerusalém". Seja como for, o homem que "estava distante" levantou uma oração, por estar em dificuldades e carecer da ajuda divina. O Poder se manifestava em Jerusalém, mas também poderia manifestar-se em qualquer lugar da terra.

> *Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça, ó Deus,*
> *Salvador nosso, esperança de todos os confins da terra.*
>
> (Salmo 65.5)

No abatimento do meu coração. O homem sentia-se perturbado por tribulações e inimigos ferozes, que ele não identificou. Seu coração (o homem interior, o ser essencial) tinha sido afetado. Ele estava prestes a desmaiar.

Leva-me para a rocha que é alta demais para mim. Ver sobre Deus como a Rocha, em Sal. 42.9. O homem precisava ser elevado acima do vale do desespero, que era abalado pelos ventos uivantes e posto em um pico de esperança, bem distante do temor.

> *Oh, segura pela Rocha que é mais alta do que eu,*
> *Minha alma, em seus conflitos e tristezas, voaria.*
> *Tão pecaminoso, tão exausto, Teu, Teu, eu seria.*
> *Tu, bendita Rocha dos Séculos, oculto-me em Ti.*

Este versículo tem sido interpretado como uma alusão à soltura dos judeus do cativeiro babilônico, por decreto de Ciro, rei da Pérsia. Os pais da Igreja faziam dessa Rocha o Cristo, pois Ele é a Rocha elevada para todos os povos. Ver I Cor. 10.4, quanto à figura simbólica no Novo Testamento.

"Uma rocha altaneira é o símbolo da segurança, a qual não pode ser obtida sem a ajuda divina" (Ellicott, *in loc.*). Se o salmista pudesse estar em Jerusalém, no monte do Senhor, então ele estaria seguro das tribulações que agora o afligiam naquela terra distante.

61.3

Refúgio. Quanto a esta figura simbólica, ver Sal. 46.1.

Torre forte. Ou seja, fora de alcance do inimigo. Cf. Sal. 15.1 e 27.4. O poeta sacro empregou termos militares e mencionou as construções que ofereciam segurança em batalha. Certo número de torres fortes rodeava Jerusalém, e todas as cidades fortificadas contavam com torres. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Torre,* quanto a uma explicação geral a respeito. Algumas dessas torres eram pequenas fortificações, difíceis de capturar, que serviam de base para o lançamento de mísseis. Elas também permitiam que a guarnição visse a aproximação do inimigo a grande distância, dando-lhes tempo para resistir ao ataque.

O Senhor é a nossa Torre Forte (ver Pro. 18.10). Deus é a nossa torre de proteção (Sal. 22.3,51; 18.2; 61.3). Os ministros da Palavra de Deus são metaforicamente comparados a torres (ver Jer. 6.27). Contando Deus como a sua torre, um homem estava a salvo dos inimigos, e essa era a necessidade do momento. Temos aqui, literalmente, "da face do inimigo", face cheia de ódio e inclinada à violência. A vida do poeta corria perigo. Ele precisava de poder para espantar os adversários.

61.4

Assista eu no teu tabernáculo para sempre. As tendas construídas pelos homens, feitas de peles de animais, eram portáteis. Embora um pouco mais sólido, o tabernáculo de Israel era uma construção portátil e não oferecia grande segurança ou defesa. Essa era a "igreja portátil" de Israel. O salmista pensava em termos da *tenda de Deus* (a Sua moradia celeste), um lugar de segurança absoluta. Nenhum inimigo estrangeiro ousaria aproximar-se da habitação de Deus. O salmista pensava em termos de "para sempre", ou, pelo menos, enquanto perdurasse a sua vida física. Ele não sofreria morte prematura, tão temida pelos hebreus. A alusão mais provável é a Sião, onde o tabernáculo fora substituído pelo templo, em um lugar bem distante da terra do poeta sagrado.

> *... e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.*
>
> (Salmo 23.6)

Estas palavras fazem-nos entender um exílio, provavelmente durante o cativeiro babilônico.

> *Às margens dos rios de Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos.*
>
> (Salmo 137.1)

No entanto, o vs. 6 deste salmo não parece adaptar-se bem a essa idéia.

No esconderijo das tuas asas eu me abrigo. Quanto à figura de estar em segurança nas *asas divinas,* ver sobre as "asas de proteção" em Sal. 17.8 e 36.7. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Asa,* onde há informações adicionais. Como um filhote de pássaro é encoberto pelas asas de sua mãe, e ali descansa pacífico, assim a minha alma repouse em Ti, ó Deus. Lá em cima, em algum pico elevado, muito acima dos temporais da vida, deixa-me experimentar Tua proteção e Teus cuidados. Embora as tempestades da vida me ameacem, fica perto de mim!

> *O Senhor é a nossa Rocha, Nele me refugio,*
> *Um abrigo em tempo de temporal;*
> *Seguro sem importar o que aconteça,*
> *Um abrigo em tempo de temporal.*
> ...
> *Jesus é a Rocha, em uma terra cansada,*
> *Uma terra cansada, uma terra cansada.*
> *Oh, Jesus é uma Rocha em uma terra cansada,*
> *Um abrigo em tempo de temporal.*
>
> (Vernon J. Charlesworth)

61.5

Pois ouviste, ó Deus, os meus votos. *O pobre homem,* em meio aos perigos que o cercavam, fez votos a Deus: "Oh, Senhor, se me tirares desta dificuldade, eu...". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto.* Em muitos salmos de lamentação, *vemos os autores sagrados fazendo votos a Deus, para encorajar a* Sua ajuda. Eram feitos votos, e então eram dadas ações de graças no templo de Jerusalém. Hinos eram entoados, instrumentos musicais eram tocados e sacrifícios apropriados eram oferecidos. O poeta, que estava muito distante do templo, não seria capaz de participar de seus ritos, mas faria o melhor ao seu alcance, com a ajuda de seu altar particular e talvez com o auxílio de um levita que também perambulasse por ali. A questão dos votos volta a ser mencionada no vs. 8. Os votos eram levados muito a sério em Israel, algumas vezes atingindo um ponto *irracional.* Jefté, um dos juízes de Israel, fez um voto precipitado e terminou sacrificando sua filha única por causa disso. Ver sobre *Jefté* no *Dicionário.* Ver Jui. 11.1-12.7, quanto ao relato bíblico. O poeta sagrado não chegou a ser um insensato, tal como foi Jefté. Ele fez um voto legítimo, e haveria de cumpri-lo sem misturá-lo a atos tolos.

E me deste a herança. É provável que a herança referida neste versículo seja a longa vida que Yahweh prometeu aos que Nele confiam. Ver sobre como a guarda da lei mosaica dava longa vida: Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Ver também Pro. 10.27 e 19.23. Note o *temor do Senhor* como instrumento desse benefício divino. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor.*

> *O temor do Senhor prolonga os dias da vida, mas os anos dos perversos serão abreviados.*
>
> (Provérbios 10.27)

Mas a referência pode ser mais geral, em alusão aos benefícios recebidos por um israelita, um membro do povo que estava relacionado com Deus mediante a aliança do Antigo Testamento. A ele cabia a herança provida pelo *pacto abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito, em Gên. 15.18). Ou então está especificamente em mira a *terra de Canaã*, se é que o salmista estava exilado na Babilônia e esperava voltar à Terra Prometida. Mas o que está especificamente em vista aqui é uma *longa vida*, conforme podemos subentender no vs. 6. Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a *vida eterna*, mas não era isso que estava na mente do poeta sacro.

Intercessão pelo Rei (61.6,7)

61.6,7

Dias sobre dias acrescentas ao rei. Se a vida do rei fosse prolongada, outro tanto sucederia ao seu reinado. E se o seu reino fosse prolongado, então a vida dos fiéis que ali vivessem também o seria. Os hebreus se distinguiam dos pagãos como aqueles que *temiam a Yahweh*, e daí derivavam-se benefícios distintivos. Quanto a Israel como nação *distinta* de outros povos, por possuir a legislação mosaica e a ela obedecer, ver Deu. 4.4-8.

Este versículo parece anular a idéia de que o salmo é da época do exílio na Babilônia, ou seja, escrito durante o cativeiro babilônico, por alguém que estivesse ali exilado (ver o vs. 2) e ansiasse por voltar a Jerusalém. Além disso, a referência no vs. 4 ao *tabernáculo* (que provavelmente enfoca o templo de Jerusalém) tem o mesmo efeito.

A Oração pelo Rei. 1. Que ele tivesse uma longa vida, acima dos anos que Deus tinha originalmente alocado para ele. Cf. II Reis 20.6. Vs. 6. Ele teria seus "dias marcados", e, além desses, outros em acréscimo. 2. Que seu reinado nunca terminasse, seja por algum inimigo estrangeiro seja por morte prematura. Vs. 7. 3. Que ele sempre governasse na presença de Deus, ou seja, em consonância com a Sua lei e, então, reinasse inspirado pela presença divina, seja no templo seja em suas experiências místicas. Ver sobre o *Misticismo*, no *Dicionário*. Vs. 7. 4. Que os dois *guardiães de Deus*, a *bondade* e a *fidelidade*, sempre cuidassem dele e, através dele, do povo de Israel. Vs. 7.

Esta oração é uma espécie de declaração oriental extravagante, que, em teoria, não reconhecia a mortalidade do rei e a natural fraqueza humana com todas as suas limitações. Cf. Sal. 72.5. Cf. a oração dirigida ao deus-sol, cujo filho seria Faraó: "Conserva Faraó, nosso bom senhor, com saúde! Que ele celebre milhões de jubileus" (do livro de Erman, *Die Religion der Agypter*, págs. 198, 202).

"A misericórdia e a verdade são *ministros* de Deus, nomeados e enviados por Ele (Sal. 57.3)" (Fausset, *in loc.*).

"*Mediador, seus auxiliares serão sempre a misericórdia e a verdade.* Ele dispensaria a misericórdia de Deus e assim cumpriria a verdade de várias promessas e predições" (Adam Clarke, *in loc.*, que fazia essa declaração tornar-se messiânica.

61.8

Assim salmodiarei ao teu nome para sempre. Se Elohim atendesse à oração do exilado, ou à oração daquele pobre homem "lá fora", em algum lugar remoto da Palestina, o salmista entoaria louvores ao nome de Deus e cumpriria os votos que tinha feito. Para obter o pleno sentido destas palavras, temos de retroceder até antes da oração pelo rei, encontrando o salmista ainda em tribulação. Se Deus tirasse o homem de sua tribulação e cumprisse os seus desejos (o que seria benéfico para todos), ele estaria ansioso para publicar o que fora feito, mediante sacrifícios públicos. Ele faria promessas e votos (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voto*). E teria o cuidado de cumprir cada palavra proferida. Tendo sido beneficiado, ele louvaria e serviria ao Benfeitor.

O Targum acrescenta: "... no dia da redenção de Israel e no dia em que o Rei Messias será ungido, para que reine".

Salmo Sessenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ali dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de confiança* especial. Cf. Sal. 11, 16, 23, 27 e 131. A nota dominante é a confiança no Senhor. Os salmos de confiança exprimem a esperança na capacidade de Deus para ajudar Seu povo em cada uma de suas necessidades. Yahweh, em Seu trono, dispõe de recursos ilimitados e de grande reputação em cuidar daqueles que Nele confiam. Talvez alguns desses salmos se tenham originado nos salmos de lamentação, visto que os *encerramentos* de muitos deles são similares àqueles. Porém, faltando-lhe a dor profunda expressa nos salmos de lamentação, estes salmos, do começo ao fim, parecem mais cheios de esperança e foram escritos com uma nota mais elevada de confiança. Faltam-lhes o amargor de que se revestem muitos dos salmos de lamentação, e eles certamente não têm as imprecações dos primeiros. No entanto, este salmo tem dois versículos (ver os vss. 3 e 4) similares aos dos salmos de lamentação, e, por causa disso, alguns estudiosos o incluem nessa categoria. Alguns eruditos pensam que esses versículos eram a abertura original do salmo presente, que foi abrandado por algum editor posterior, mediante a adição dos vss. 1 e 2. Nesse caso, o Salmo 62 era originalmente um puro salmo de lamentação.

Os vss. 8-12 são similares aos *salmos de sabedoria*. A essência do ensino ali é que os homens, por sua própria natureza, são uma ninharia, apenas *um sopro*. As riquezas materiais ganhas pelos homens, embora através de labuta prolongada, são apenas *ilusão*. Somente Deus é verdadeiramente rico e permanente, e Ele trata com os homens de acordo com aquilo que merecem. O salmista reivindicou ter recebido revelações da parte de Deus quanto ao que dizia e de ter sido inspirado por mais de uma vez. Cf. isso com I Cor. 2.13.

Subtítulo. Temos, no presente caso, o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia de Jedutum. De Davi". "Parece que Asafe, Jedutum e Hemã eram os principais cantores no tempo de Davi" (Adam Clarke, *in loc.*). "Jedutum, um levita um dos cantores principais e instrutor" (*Scofield Reference Bible*, introdução ao Salmo 39, que tem o mesmo subtítulo que este salmo). Ver as notas expositivas ali. Ver I Crô. 9.16; 16.38,41,42; 25.1,3-6; II Crô. 5.12; Nee. 11.17. Ver também Salmo 77, onde aparecem idênticas notas de introdução, mas Asafe substitui Davi. Tal informação foi suprida por editores posteriores e não tem nenhuma autoridade canônica, pois os subtítulos não faziam parte das composições originais.

Adam Clarke (*in loc.*), que não acreditava no uso de instrumentos musicais na igreja, queixou-se da *atmosfera de casa de brinquedos* trazida à igreja e pelo uso de tais instrumentos, inclusive tambores. E finalizou observando: "Longe de nós sejam tal polução e tal sonido de trombetas na adoração da igreja de Cristo". O dr. Clarke apreciava a boa música na igreja. Ele foi amigo pessoal de João e Carlos Wesley.

A Alma do Poeta Esperava em Deus (61.1,2)

62.1

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa. A idéia dessa "espera" é uma confiança total. O poeta estava pronto para aceitar o que quer que viesse da mão divina, mas também estava certo de que o que viesse seria tanto justo como bom para ele. Ele não tinha pensamentos mórbidos sobre o julgamento divino, em atos irracionais e enigmáticos. Olhava com confiança para o Grande Benfeitor. A experiência lhe havia ensinado que a oração funciona, pelo que ele continuava orando. Diz aqui o original hebraico, literalmente: "Diante de Deus fica silenciosa, ó minha alma". O salmista não estava desassossegado nem agitado. Ele não estava ansioso. Sua fé tinha lançado fora o medo.

Dele vem a minha salvação. Quanto a esta última palavra, ver os vss. 2 e seguinte. "... ele esperava as respostas de suas orações: pela concretização das promessas divinas; pelo livramento das mãos de seus inimigos; pela isenção de toda tribulação. E sua alma deveria esperar em *silêncio* (conforme diz o Targum), o que não diz respeito às suas orações, como se ele as proferisse em voz baixa. Pelo contrário, ele não murmurava em desconfiança, mas paciente e tranqüilamente esperava a salvação de Deus, até que chegasse o tempo de o Senhor intervir" (John Gill, *in loc.*). Sua alma repousava somente em Deus (vs. 5).

O tempo santo é tranqüilo como uma freira,
Que nem respira em adoração.

(Wordsworth)

62.2

Só ele é a minha rocha. Quanto a esta figura simbólica, ver Sal. 42.9.

E a minha salvação. Quanto a Elohim (ou Yahweh), chamado aqui de "minha salvação". Aquele que provê salvação, ver Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 62.1,7; 64.29; 79.9; 85.4; 119.24; 140.7 e 149.4. Não está em vista a salvação evangélica e, sim, salvação de perigos físicos, bem como a participação nos benefícios do pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*, e ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18. Portanto, no Antigo Testamento, a salvação tem um aspecto negativo (livramento de perigos físicos ou da morte) e um aspecto positivo (participação nas vantagens de ser um hebreu e possuir a lei e tudo quanto ela provia). Quanto a essa idéia, ver as anotações de sumário, em Sal. 1.2.

O meu alto refúgio. Em lugar desta frase, a Revised Standard Version diz *fortaleza*. Quanto a Deus como uma *torre forte*, ver Sal. 61.3.

Não serei muito abalado. Quanto a esta figura de linguagem, ver Sal. 55.22. O salmista colocou essas declarações dentro de um contexto militar. O autor sagrado tinha muitos inimigos, internos e externos, materiais e espirituais, e Elohim cuidou de todos eles.

O "alto refúgio" do texto presente é a mesma "torre forte" de outros textos, o que contrasta com a "parede pendida", mencionada no versículo seguinte.

"As metáforas se multiplicavam para mostrar a convicção do salmista de que as defesas invencíveis de Deus estavam postas em defesa dele. O homem não podia ser *abalado*, provavelmente abalado por um editor para "não serei muito abalado", dando assim espaço para as tribulações naturais e criadas pelos homens, que ocasionalmente nos atingem. O vs. 3 mostra que, algumas vezes, o homem era abalado, tornando-se semelhante a uma parede ou cerca pendente.

62.3

Até quando acometereis vós a um homem. Um homem *inabalável* algumas vezes deixava-se abalar pelo problema do mal, tanto pelo *mal moral* (o que homens malignos podem fazer contra os outros, o que depende de uma má vontade humana), quanto pelos abusos produzidos pela natureza, como os desastres naturais, a enfermidade e a morte. Esse tipo de mal é chamado *mal natural*. Ver sobre o *Problema do Mal* no *Dicionário*. Essas coisas certamente nos abalam, mas, na força e no poder de Deus, somos vitoriosos no fim de cada provação. Portanto, ficamos abalados ocasionalmente, mas não de forma *permanente*.

Acometereis. Isto é, deixareis abalado. Uma parede pendente e uma parede que balança são as metáforas usadas para descrever como o homem inabalável (ou quase inabalável) fica realmente abalado em certas ocasiões. A parede que pende é comum nas metáforas de origem oriental, indicando situações de teste que podem ter resultados desastrosos. Há um provérbio oriental que diz: "Pela opressão do chefe, o povo daquela aldeia tornou-se como uma *parede arruinada*". Assim também, no presente texto, os "inimigos do homem aproximam-se dele para completar a ruína que parece iminente. Ele é como uma parede que baloiça, ou seja, está quase derrubado, diante dos ataques de seus adversários" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *... esta maldade vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento.*
>
> (Isaías 30.13)

62.4

Só pensam em derrubá-lo da sua dignidade. O *homem piedoso* é exaltado na sociedade por causa de sua bondade, e acha-se em elevada posição, com toda a razão. Os invejosos planejam derrubá-lo e destruí-lo. Para isso, mentem e caluniam, e se deleitam em tais crimes, porque essas atitudes procedem de seu coração, fazem parte natural deles. São uns hipócritas, porquanto abençoam com a boca, diante do homem, mas, por trás, mostram-se cortantes e deprimentes. A boca deles está cheia de maldições e amargura, e o poeta era o objeto de suas tiradas amargas. Com essas táticas, eles reduzem o homem a uma parede pendente, prestes a ser arruinada. Provavelmente o que encontramos aqui é a conspiração contra um homem, posto em elevado ofício. As armas da mentira e da duplicidade são usadas contra ele. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mentira (Mentiroso)* e *Hipocrisia*. Ver também ali o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. Forneço notas expositivas adicionais e ilustrações em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9 e 55.21.

"Isso não descreve uma derrota. O poeta havia predito que a parede seria abalada, e, dessa maneira, protegeu sua alma do primeiro abalo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

> *São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele.*
>
> (Salmo 3.2)

62.5,6

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa. O salmista falava consigo mesmo a fim de encorajar-se sob o ataque. Seu homem interior remetia-o a Deus, para Nele encontrar ajuda. Sua alma esperava em Deus, silenciosamente, e sua esperança firmava-se Nele. Os vss. 5-7 são, essencialmente, repetição dos vss. 1 e 2, onde já dei a maior parte da exposição. Vs. 1 = vs. 5; vs. 2 = vs. 6. O vs. 7 é um ligeiro refraseado do vs. 2 e adiciona que Deus é a *glória* do homem.

62.7

De Deus depende a minha salvação. Estas palavras reiteram o que vimos no vs. 2, onde há detalhada nota expositiva.

E a minha glória. Ou "honra" (Revised Standard Version). O homem fora guindado por Deus até sua elevada posição, porquanto merecia seu estado de exaltação, devido às suas excelentes qualidades. Visto ser dotado de uma alma honrada, ele era honrado na sociedade humana, e Deus era o poder por trás dos louvores que lhe eram prestados. "Deus era o autor de sua glória temporal, honra e dignidade, e também de toda a sua glória espiritual... a retidão em Cristo... na esperança da *glória eterna*" (John *Gill, in loc.*)

> *Tu, Senhor, és o meu escudo, és a minha glória, e o que exaltas a minha cabeça.*
>
> (Salmo 3.3)

A minha forte rocha. Quanto a Deus como a *Rocha*, ver exposição em Sal. 42.9. Essa é outra repetição do que diz o vs. 2, onde ofereço outras notas expositivas.

E o meu refúgio. Quanto a esta metáfora, ver Sal. 46.1.

62.8

Confiai nele, ó povo, em todo tempo. O salmista, que confiava pessoalmente em Deus e Nele esperava silenciosamente (vss. 1 e 6), agora recomenda que todos tenham a mesma atitude. Ele era uma espécie de oficial que deixou registrado o seu exemplo.

Veja o leitor como a palavra "confiar" é usada em Sal. 2.12.

Derramai perante ele o vosso coração. O primeiro sentido, aqui, é de uma *súplica intensa*. O *coração* é o homem interior, o *ser essencial*, e derramá-lo é uma figura de oração intensa. Além disso, podemos ter aqui a imagem de um vaso que era derramado (I Sam. 1.15; Lam. 2.19; I Ped. 5.7), a fim de ser novamente cheio. As graças divinas encheriam o coração esvaziado, e haveria ótimas respostas às orações. "As lições experimentadas pelo salmista eram agora destacadas para encorajamento e consolo de toda a congregação.... A substância do ensino, em uma palavra, é Deus como um refúgio" (William R. Taylor, *in loc.*).

Deus é o nosso refúgio. Ver o vs. 7, quanto à idéia do "refúgio" e também Sal. 46.1, onde são oferecidas as notas expositivas principais. Os homens nascem para a tribulação, como as fagulhas sobem para o céu (Jó 5.7), pelo que não somente o salmista, mas também *todo* o povo de Israel, precisava de Deus para encontrar refúgio, defesa, uma torre alta, fortaleza, asas protetoras, a Rocha — expressões simbólicas comuns nos salmos. A essa lista, o poeta adicionou no vs. 7 a idéia de *glória* (honra).

62.9

Somente vaidade são os homens plebeus. Começam aqui versículos que soam como a literatura de sabedoria dos hebreus, da qual participam os Salmos 1, 34, 36, 37, 39, 73, 91, 96, 97, 112, 127, 128 e 133. Alguns desses salmos classificam-se também em outras categorias, como é caso do salmo presente. O poeta parou para pensar acerca da frivolidade do homem, sem importar se ele pertencia às classes altas ou humildes da sociedade. Os das classes *baixas* não valiam mais do que um *sorvo de ar*. E os que ocupavam posições elevadas eram apenas *ilusão*. E então, quando ambas as classes eram pesadas na balança, nada pesavam, isto é, "subiam na balança", o que significa que eram mais leves que um sopro de vento.

Os inimigos do salmista eram homens desse naipe, dotados de pequena importância e pouca consideração, e Deus cuidaria para que fossem humilhados por haverem perseguido a um homem bom. A *humilhação* mostraria claramente o seu pequeno valor.

> *Pesado foste na balança, e achado em falta.*
>
> (Daniel 5.27)

"Homens comuns não podiam prestar nenhuma ajuda. Eles são apenas *vaidade*. É loucura confiar neles. Pois, embora se mostrem cheios de boa vontade, eles não têm capacidade de ajudar a quem quer que seja. Os ricos são *uma mentira*. Eles prometem muito, mas realizam quase nada. Despertam esperança, mas essa esperança é apenas um escárnio. Ponham-se ambos numa balança, com a verdade no outro prato, e será visto que eles nada pesam" (Adam Clarke, *in loc.*). O poder pertence somente a Deus (vs. 11), pelo que, em qualquer necessidade, olhemos somente para Ele.

O salmista advertiu que é tolice confiar no homem. Ele descreveu quão transitória e frágil é a vida humana. Os homens são tão insignificantes que nem ao menos podem fazer a balança pender na direção deles.

62.10

Não confieis naquilo que extorquis. Provavelmente estão em vista aqui homens de *elevada posição*, porquanto confiavam na opressão dos mais fracos, através da qual obtinham poder e dinheiro. Mostravam-se ativos na *extorsão*, usando seu poder para ameaçar e subjugar a outros. Eles se rebaixavam ao *furto* e não se importavam em matar para obter vantagens materiais e para se divertirem. Eles punham o coração nas riquezas. O poeta, pois, convocou os homens a não seguir o mau exemplo dos ricos e poderosos, porque, além de esse ato implicar *iniqüidade*, pela qual os homens têm de pagar, finalmente, o que eles ganham com tudo isso realmente redunda em *nada*. Portanto, para que pagar tão caro por algo que não produz resultado algum, no final das contas? O homem comum, uma vez oprimido, deve esperar a ajuda de Deus e Nele obter livramento, quando cair em qualquer espécie de provação (vs. 11).

É provável que o salmista, sendo ele mesmo um homem em elevada posição, mas não através de atos duvidosos, tenha tentado obter o apoio de outras pessoas à sua causa contra os opressores; e, assim sendo, este versículo provavelmente é de natureza *política*, e não apenas espiritual. Ele prometeu a seus possíveis apoiadores a bênção divina, caso eles tomassem as decisões certas.

As riquezas são especialmente enganadoras, pelo que um homem fará bem em não permitir que seu coração anele por elas.

> *Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento.*
>
> (I Timóteo 6.17)

cf. esta parte do versículo, igualmente, com Pro. 11.28; 23.5 e 27.24.

"... todos os opressores chegam a um mau fim, e toda a propriedade adquirida pela injustiça carrega a maldição de Deus sobre ela" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Luc. 12.15,16. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Riquezas*, onde forneço amplos comentários e ilustrações.

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33)

62.11

Uma vez falou Deus. A *fonte originária* das verdadeiras riquezas, da proteção, da ajuda e da força para qualquer tarefa ou empreendimento, reside exclusivamente em Deus, pois Ele é o Elohim (o Poder).

Falou Deus. Talvez tenhamos aqui uma referência literária. Deus falou em algum livro sagrado, ou em algum provérbio inspirado. Ou então o poeta sacro reivindicava inspiração pessoal para o que escrevia, assegurando que essa não era a primeira vez em que era usado como instrumento de Deus, por meio de revelação. Cf. I Cor. 2.13. Sócrates pensava que os poetas podiam ser inspirados, mas queixou-se de que quase qualquer um sabe o que os autores estão tentando dizer, mais do que os próprios autores. Mas a inspiração do poeta ficava aquém da inspiração divina. O poeta reivindicou *isso*. Seja como for, "uma inspiração divina, dada por mais de uma vez, reveste-se de peso especial. O conteúdo dessa revelação não consiste em duas ou mais coisas separadas, mas em uma só: a onipotência e a bondade de Deus, que trabalham juntas para o bem do homem. Se alguns escritores de sabedoria (por exemplo, Jó e o autor do livro de Eclesiastes) questionavam essa máxima, ou seja, a *invariabilidade* do governo da providência de Deus, essa idéia nunca deixou de ser um artigo de fé dos círculos ortodoxos. Cf. Luc. 13.1-5" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver sobre *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*, no *Dicionário*.

O Targum, não querendo admitir que o poeta tivesse sua própria inspiração particular, diz aqui: "Por duas vezes ouvi da boca de Moisés, o grande mestre... etc." Cf. Deu. 28.1-68.

Uma vez... duas vezes. Provavelmente essas palavras significam "vezes repetidas". "A união do poder e do amor é provada ao poeta pela retidão e justiça de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

62.12

E a ti, Senhor, pertence a graça. Ademais, o poder e a misericórdia (a benignidade) pertencem somente a Deus. As demais fontes são falsas, pois não passam de imitações. Através de Seu poder e de Sua benignidade, Deus faz bem no mundo, sempre recompensando ou punindo os homens, de acordo com o que cada um merece. Portanto, temos aqui uma assertiva das operações da lei da *semeadura e da colheita*, sem questionamentos e sem levantar dúvidas e exceções, conforme fez Jó. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. "A misericórdia de Deus não é uma indulgência indiscriminada a todos, antes é uma misericórdia discriminadora; uma misericórdia inteiramente justa, harmônica com a natureza de Deus. Ele se mostra misericordioso para com os misericordiosos (Mat. 5.7), e vingativo para com os opressores destituídos de misericórdia (vss. 3 e 4; Rom. 2.6 e Apo. 22.12)" (Fausset, *in loc.*).

O comentário acima é bom. Mas precisamos lembrar que o julgamento divino é remedial, e não apenas retributivo. Misericórdia, amor e julgamento são sinônimos, em última análise. Quando julga, Deus ama porque pode fazer maior bem dessa maneira, havendo ocasiões em que essa é a única maneira de beneficiar aos homens. Em outras palavras, o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. O julgamento faz bem. Não é apenas destruidor. Ver as notas em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado*. Pensando nos atos de Deus dessa maneira, sabemos por que a Deus se chama de *Amor*, e também acrescentamos algumas novas dimensões sobre a *providência divina*. Não encontramos descanso nos esquemas humanos, mas podemos encontrar descanso Nele, quando O conhecemos melhor.

Salmo Sessenta e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete comentários* que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea.

Este salmo tem sido chamado de *cântico de confiança*, tal como o Salmo 62. Mas com igual propriedade poderia ser classificado como *salmo de lamentação*. As notas de introdução ao Salmo 62 também podem ser aplicadas ao salmo presente. Tal como no Salmo 62, o poeta sagrado não iniciou sua composição com um clamor pedindo ajuda (o que é típico dos salmos de lamentação). Pelo contrário, inicia com uma expressão de profunda confiança em Yahweh (típica dos salmos de confiança). Somente no vs. 8 o salmista começa a queixar-se de seus inimigos, e isso se estende até o fim do vs. 10. Até o vs. 8 temos um excelente salmo de confiança. O salmo reflete uma mentalidade de elevada espiritualidade, e não comenta alguém que se contentava em conhecer e obedecer à lei, isto é, com a letra da lei. Antes, o homem tinha uma busca espiritual definida, aproximando-se do que é místico (vs. 6). Seu misticismo, contudo, não estava divorciado da lei e de suas cerimônias. Sua mistura especial de qualidades espirituais o tornavam uma pessoa distinta.

Subtítulo. O subtítulo deste salmo é: "Salmo de Davi, quando no deserto de Judá". Isso tem sido interpretado como a fuga de Davi de Saul, ou de Absalão (I Sam. 22 e 23, ou II Sam. 15 a 17). Mas as notas expositivas de introdução aos salmos não faziam parte do original das composições; antes, foram adições de editores posteriores. Esses escritores de épocas mais recentes conjecturaram sobre as circunstâncias históricas que poderiam ter inspirado os salmos, bem como sobre a autoria. Cerca de metade dos salmos tem sido atribuída a Davi, sem dúvida um grande exagero. Mas certamente ele escreveu alguns salmos, visto ser o *mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1).

Uma Alma Sedenta Busca a Deus (63.1-11)

63.1

Ó Deus, tu és o meu Deus forte. *Elohim* (o Poder) era o Deus do poeta sagrado. A crença em Seu poder e em Sua graça levou o salmista a *buscar desde cedo* a Deus, provavelmente uma referência superficial às orações matinais e aos sacrifícios efetuados no templo a cada dia, mas dando a entender principalmente a *ânsia* do salmista por entrar em contato com o Senhor. Por isso mesmo, o poeta estava sempre preparado, cedo ou tarde, para buscar espiritualmente a Deus. Outrossim, ele tinha uma alma *sedenta* por Deus, que nunca lhe permitia fatigar-se.

> Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma.
>
> (Salmo 42.1)

A *sede* é um apetite insistente que continua a informar-nos sobre nossa *necessidade* de água, sem a qual não sobreviveríamos. Assim sendo, em um *sentido real, nenhum homem pode sobreviver sem Deus*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sede*.

> *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.*
>
> *(Mateus 5.6)*

O homem que foi o autor deste salmo era, definitivamente, um místico ou quase místico. Ele não tinha uma atitude legalista, mas buscava a presença de Deus. Cf. o vs. 8, bem como um poeta de mente semelhante, no Salmo 42. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo*. A definição básica dessa palavra é o contato com um poder ou presença mais elevada que a pessoa que faz a busca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

"A essência residual da devoção religiosa é que o objeto da dedicação do indivíduo seja o *Tudo*... Nosso poeta concordou prontamente com o santificado Fenelon, o qual disse: 'Devemos pertencer a Deus sem reservas. E depois de nos termos encontrado com Deus, nada mais haverá pelo que procurar" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

O poeta sacro acordou-se com a excelente expectação de chegar mais perto de Deus, naquele dia. A luz da alvorada também foi a luz que brilhou em sua alma.

Numa terra árida, exausta, sem água. O salmista, que vivia próximo ao deserto da Judéia, sabia como um homem pode morrer rapidamente no deserto, por falta de água. E *este mundo* se parece extraordinariamente com o deserto, especialmente em termos espirituais. Meus amigos, a *espiritualidade* sem o toque místico pode tornar-se um deserto seco. Muitas *igrejas* de nossos dias são desertos, nos quais a forma de espiritualidade está contida, mas sem a presença do Espírito Santo.

63.2

Assim eu te contemplo no santuário. *Cedo pela manhã,* o salmista anelava por entrar em contato com o poder de Deus e a Sua glória. Ele ia ao templo para participar dos ritos e das cerimônias, mas esperava ali obter um réstia da glória de Deus. E também não se contentava com as aparições ocasionais da glória *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*). Em outras palavras, ele queria a glória *shekinah em* seu coração, que era o templo do Espírito de Deus (II Cor. 3.18). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Glória* e *Glória de Deus,* quanto às idéias envolvidas. "O salmista esperava, através da proximidade do templo e seus símbolos, receber da presença poderosa e majestática de Deus (cf. Isa. 6.1-5; Eze. 1.26-28) alguma certeza de que Deus lhe era favorável, em suas aflições (cf. 27.4)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Desperta minha alma, junto com o sol,
Para cumprires teus deveres diários;
Livra-te da preguiça embotada e de teu despertar jubiloso,
Para ofereceres teus sacrifícios matinais.

Desperta, e levanta-te, meu coração,
Enquanto os anjos fazem sua parte,
Que por toda a noite mostraram-se incansáveis,
Entoando louvores ao Rei Eterno.

(Thomas Ken)

Aquele que despertava, cedo pela manhã, abandonou o deserto e correu para as águas da vida, por meio da comunhão com o Deus Eterno. O coração daquele homem tornou-se um templo de louvores. "O anelo sedento por Deus e o discernimento quanto à comunhão com Ele, da parte do homem verdadeiramente piedoso, como aquele que aparece neste salmo, não têm rivais no saltério" (Oesterley, *in loc.*, que esqueceu de mencionar o Salmo 42, igualmente brilhante).

63.3

Porque a tua graça é melhor do que a vida. O Poder, Elohim, é o Deus que nos dispensa todas as coisas boas, o Benfeitor Universal. Sua benignidade é a fonte de todos os bens dos homens. Assim sendo, o poeta sagrado continuou louvando com *lábios jubilosos.* "... o homem tinha um senso tão grande da bem-aventurança do favor divino, ou seja, do Seu favor vinculado ao pacto, que pensou que essa graça era superior à própria vida. Isso requer gratidão exibida durante a vida inteira. O amor é a fonte que mina sem parar, da qual procedem todas as coisas boas" (Ellicott, *in loc.*).

O Eterno, Primeiro e Último,
Cujo poder a tudo ultrapassou,
Cuja sabedoria mostra ser infinita,
E que mostrou ser infinitamente bom.

(Adaptado de Robert Browning, em uma meditação sobre a Véspera do Natal)

Os homens profanos louvam o poder, a glória, a honra, as riquezas e os prazeres. O homem espiritual louva a Deus, em quem ele encontra, em proporções infinitas, mais satisfação que os homens mundanos podem encontrar em seus deleites.

"A vida sem o amor de Deus nada é senão a morte. O homem que não participa do amor de Deus está morto, mesmo quando está vivo. Todos os aprazimentos da vida, da saúde, das riquezas, das honrarias, das amizades etc., nada são sem o amor de Deus" (John Gill, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor,* onde ofereço detalhadas notas expositivas e poemas ilustrativos.

O verdadeiro amor é o dom que Deus deu
Somente ao homem abaixo dos céus.

(Sir Walter Scott)

O amor governa a corte, o acampamento, o sepulcro,
E os homens lá em baixo, e os santos lá em cima.
Pois o amor é o céu, e o céu é amor.

(Sir Walter Scott)

63.4

Assim cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver. *Por causa do grande* amor de Deus, o coração do poeta se abria em louvores e ações de graças a Deus, o que haveria de continuar enquanto ele estivesse vivo. Seu zelo jamais se esfriaria, seu bom propósito jamais hesitaria. Ele vivificaria suas mãos em orações de gratidão, tanto no templo de Jerusalém como em seu próprio lar. Essa era a maneira comum pela qual os hebreus oravam. Ele erguia suas mãos, oferecendo petições e entregando a própria vida ao Poder lá do alto. Suas orações e seu agradecimento seriam feitos em nome do Deus Todo-poderoso. Ver as notas expositivas sobre *Nome,* em Sal. 31.3, e sobre *Seu Santo Nome,* em Sal. 30.4 e 33.21. O *nome* de Deus representa tudo quanto Deus é e pode fazer, toda a Sua revelação (Sal. 20.1,5), e era considerado dotado de poder, somente por ser pronunciado. "Os judeus piedosos, em todos os lugares para onde tinham sido dispersos, em todas as orações e louvores, e quando faziam contratos ou entravam em acordos, estendiam as mãos na direção de Jerusalém, onde o verdadeiro Deus tinha o Seu templo, e onde manifestava a Sua presença" (Adam Clarke, *in loc.*).

O *sumo sacerdote,* como era natural, erguia as mãos ao abençoar o povo de Israel. Nosso Sumo Sacerdote ergue as mãos em nosso favor, e essa é uma aplicação cristã do salmo. O Targum fala da *Palavra de Deus,* que abre as mãos em súplica a Deus Pai, transformando este salmo em uma composição messiânica. Ver João 14.13,14 e 16.23,24,26, quanto às eficazes orações dos homens, oferecidas no nome do Senhor. Ver Sal. 28.2, quanto a um versículo similar, com um gesto típico de oração.

63.5

Como de banha e de gordura farta-se a minha alma. Aqui a linguagem retrata um banquete com acepipes abundantes, onde os participantes são capazes de consumir os melhores pratos. Nas refeições sacrificais, a porção de Yahweh era o sangue e a gordura. Ver as leis que governavam essa questão, em Lev. 3.17. O poeta imaginou uma refeição na qual o homem consegue obter os pratos finos de Yahweh, por ser ele o homem escolhido por Deus. A questão retrata apenas um *ideal,* e não algo que realmente poderia acontecer. Porém, em um sentido espiritual, o homem bom desfruta o melhor, porquanto a fonte originária é Yahweh. Não havia restrições quanto ao tutano, mas devemos pensar que a medula é uma fábrica de células vermelhas do sangue. Talvez os hebreus soubessem disso. Pelo menos, o tutano e a gordura faziam parte do prato preferido de um *gourmet.* Em Isa. 25.6 encontramos a mesma referência, falando sobre a salvação de Deus:

O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos
um banquete de cousas gordurosas, uma festa com vinhos
velhos, pratos gordurosos com tutanos, e vinhos velhos bem
clarificados.

Cf. Sal. 23.5. O banquete era uma figura simbólica comum, empregada pelos rabinos para falar sobre as glórias celestiais, depois que a teologia dos hebreus já havia avançado a ponto de postular uma existência pós-túmulo, na qual homens piedosos são recompensados. Ver Luc. 14.5 ss.

63.6

No meu leito, quando de ti me recordo. A maioria dos homens espirituais *deve apreciar o que aqui é dito. A noite é um tempo propício* para a meditação, para os pensamentos espirituais, para a busca de iluminação, para a tentativa de provocar sonhos espirituais. Quando um homem encontra dificuldades para conciliar o sono, pode tirar vantagem das horas tranqüilas da noite para buscar a presença de Deus. O poeta sagrado falou sobre essa atividade, durante as mu-

danças das *vigílias*. Os hebreus dividiam a noite em três vigílias: a primeira, ou cabeça (*rosh*); a do meio (*tikhon*, Juí. 7.10) e a da manhã (*boker*, Êxo. 14.24). O fato de todas as vigílias serem mencionadas mostra-nos que o poeta, em sua busca mística, *poderia* estar desperto a qualquer hora. Ele participava do templo e de seu culto (freqüentava os cultos da igreja); conhecia a lei e a observava (era um estudioso da Bíblia). Mas também tinha um *toque místico* em sua fé. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo*; *Desenvolvimento Espiritual*, *Meios do* e *Vigílias*. O Targum fazia o poeta meditar sobre a lei quando estava acordado, mas podemos ter certeza de que havia mais do que isso envolvido na questão.

Os gregos antigos também contavam com três vigílias noturnas (*Iliada* 10.V.252,253), mas para os romanos a noite era dividida em *quatro* sessões (ver Mat. 14.25). Atualmente, contamos com as "horas", e em alguns lugares vigias noturnos continuam acordando pessoas, com seus chamados e ruídos.

63.7

Porque tu me tens sido auxílio. O Deus, que é nossa ajuda, é Quem nos protege com Suas asas, tal como a ave-mãe reúne seus filhotes. Vemos essa figura simbólica em Sal. 17.8; 36.7; 57.1 e 61.4. O homem que medita sobre Deus recolhe-se sob as asas celestiais, tanto para ser *protegido* de seus inimigos (vs. 9), como para obter *comunhão* com o Senhor. Quando um animal voraz e destrutivo aparece, o pássaro-filhote sabe onde esconder-se, e a ave-mãe sabe o que fazer. Por semelhante modo, o homem espiritual demonstra propensão natural pelas realidades divinas. Ele busca o Santo dos Santos em seu coração.

O Targum diz aqui: "Regozijar-me-ei à sombra da glória *shekinah*", isto é, na presença de Deus, o que constitui um sábio comentário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Shekinah*. Tal homem, protegido e gozando de comunhão especial com Deus, também desfruta uma alegria toda especial. Há alegria em servir a Jesus.

> Alegres, alegres, nós Te adoramos, ó Deus,
> *Deus da glória, Deus do amor.*
> *Corações desabrocham como flores perante Ti,*
> *Louvando-Te, o Sol deles lá no alto.*
>
> (Henry van Dyke)

63.8

A minha alma apega-se a Ti. O Livro de Orações da Inglaterra tem aqui a idéia certa: "Pendura-se em Ti". A King James Version fala sobre "seguir arduamente a Ti". Essas são palavras próprias de um homem espiritual de primeira linha. Sua alegria consiste em sua espiritualidade, e sua espiritualidade está alicerçada sobre a *comunhão* com o Espírito, e não sobre as formas externas da fé. Ademais, são palavras de um indivíduo que "tem estado ali". Ele tinha experimentado aquilo sobre o qual falava, e não falava meramente de teorias e potencialidades excelentes. A alma daquele homem estava grudada no Ser divino. Sua busca era diligente e ele *obtivera redundante sucesso*. Ele estava na presença de Deus. Diz certo hino evangélico: "Hoje andei por onde Jesus andou, e senti ali a Sua presença".

> *Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.*
>
> (Oséias 6.3)

A tua destra me ampara. Quanto à *mão direita* de Yahweh-Elohim, que é uma mão protetora, ver Sal. 20.6. Quanto ao homem que, sendo assim protegido, torna-se *inabalável*, ver Sal. 55.22. Esse pensamento vem antes da conversa sobre os inimigos que ameaçavam a vida do salmista (vss. 9 e 10). Era uma situação grave, mas a mão direita de Elohim afastou o perigo. O salmista passaria incólume pela experiência. Ele não enfrentaria nenhum desastre! Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

"... Ele não cairia nas armadilhas preparadas para ele, nem tropeçaria em alguma pedra de tropeço posta no caminho. Antes, pôr-se-ia de pé e suportaria as aflições, tentações e dificuldades. Portanto, ele foi *capacitado* a seguir de perto ao Senhor... O salmista havia alcançado uma condição feliz, confortável e segura!" (John Gill, *in loc.*). Citando John Gill, o grande comentarista evangélico inglês de dois séculos atrás, isso me fez lembrar de um sonho que tive duas noites atrás, a saber, na manhã cedo de 1º de outubro de 1996. John Gill apareceu-me nesse sonho. Sua presença encorajou-me a prosseguir no ideal de comentar a Bíblia, resistindo às tensões do trabalho árduo.

> *Oh, Senhor, deixa-me andar Contigo.*
> *Em veredas humildes de serviço voluntário:*
> *Ensina-me Teu segredo, ajuda-me a suportar*
> *As tensões do trabalho, as pressões dos cuidados.*
>
> (Washington Gladden)

John Gill, a propósito, foi um trabalhador prodigioso, que detém o recorde de volume de publicações (contagem de páginas por autor) sobre a Bíblia inglesa. Alguns homens têm estado (e talvez alguns poucos continuam estando) tão envolvidos na obra do Senhor que preferem esse trabalho ao próprio Senhor. Não penso que isso retrata o caso de John Gill. Ver o artigo sobre *John Gill*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

63.9

Porém, os que me procuram a vida para a destruir. Os candidatos à posição de assassinos sofreriam desastre, mas os intérpretes discordam quanto à natureza desse desastre. Não há concordância sobre como interpretar as palavras "nas profundezas da terra".

1. Isso poderia indicar a *morte física* prematura, em alusão à história de Coré e daqueles que com ele se rebelaram. Ver Sal. 55.15 e Núm. 16.31-35.
2. Outros intérpretes estão certos de que temos aqui uma referência clara ao *sheol*, retratado como uma espécie de *câmara subterrânea* que seria o lugar de residência final dos homens maus, ou seja, dos *espíritos* dos homens maus. Nada nos é adiantado quanto a qualquer forma de castigo, a não ser que se tratava de um lugar onde imperava a tristeza. A teologia dos hebreus chegaria finalmente a essa idéia, que concorda bem de perto com o que diz o capítulo 16 do evangelho de Lucas. Cristo trouxe esperança àquele lugar miserável (I Ped. 3.18-4.6), sendo esse um motivo tipicamente neotestamentário, embora missões salvatícias no hades sejam encontradas universalmente nas histórias de vários povos, incluindo os gregos e os romanos. Ver no *Dicionário* ou na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Hades* e *Descida de Cristo ao Hades*.

   Cf. Sal. 139.15 e Efé. 4.9.

63.10

Serão entregues ao poder da espada. Este versículo, como é óbvio, descreve uma morte física prematura e violenta, e parece dizer que as *profundezas da terra* (vs. 9) devem ser consideradas apenas uma idéia paralela, e não algo além dela. Os homens tirânicos e sedentos de sangue terminariam devorados pelos chacais, sem ao menos receber um sepultamento decente. Não devemos exagerar a importância desse ato de ficar sem sepulcro, insistindo que o versículo anterior fala sobre o hades, a câmara no interior da terra, o lar dos espíritos maus que daqui partiram. É demasiado refinamento supor que, visto que o corpo dos ímpios não será sepultado, então o vs. 9 *deva* referir-se ao recebimento da *alma* deles no hades, não estando em pauta a morte física e o sepultamento do corpo. Por outra parte, talvez as idéias sobre o hades tivessem atingido, entre os hebreus, o ponto da câmara subterrânea. Essa noção era preparatória para as noções posteriores e apocalípticas sobre o seol.

"As raposas caçam carcaças de animais e os encontram onde caíram, isto é, em buracos e trincheiras no campo de batalha, conforme aconteceu com Aristomenes, segundo o relato de Pausânias (*Messênica*, 1.4. pág. 251). Isso também acontecerá aos seguidores do anticristo, cuja carne será comida pelas aves do céu (ver Apo. 19.17,18)" (John Gill, *in loc.*). Outras versões dizem aqui "raposas", mas nossa versão portuguesa está certa ao dizer "chacais".

63.11

O rei, porém, se alegra em Deus. Em contraste com os ímpios e contra quem os iníquos planejavam esquemas ousados, o rei, que estava sendo perseguido, haveria de regozijar-se em Deus, recebendo vida longa e próspera. Além disso, seus aliados, isto é, aqueles que lhe tinham jurado lealdade, compartilhariam de sua alegria.

Quem por ele jura. Estas palavras poderiam significar "aqueles que tinham jurado lealdade ao rei" ou então "aqueles que tinham jurado lealdade a Yahweh", o verdadeiro Rei de Israel, representado pelo rei Davi. Mas os caluniadores, homens mentirosos e violentos, que não tinham jurado lealdade a Deus, teriam a boca fechada e sofreriam os desastres descritos nos vss. 9 e 10.

Naturalmente, tornou-se costumeiro jurar pela vida do rei, e isso passou a ser sinal de lealdade absoluta. Ver Gên. 42.15,16. Cf. também I Sam. 1.26; 17.55 e Judite 11.7. Ao jurar pelo rei, um homem ligava sua vida à dele, aceitava a sua autoridade e mostrava-se preparado para morrer por ele. Este versículo tem sido cristianizado, tornando-se uma predição sobre o anticristo e seus seguidores. Ver Apo. 21.8.

Salmo Sessenta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do

livro. Quanto a classes dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*. Segue o padrão típico desses salmos: um clamor urgente pedindo ajuda; a descrição dos inimigos; imprecações; notas de ação de graças porquanto a oração foi respondida, ou em breve o seria. Nos salmos de lamentação, os inimigos podem ser invasores estrangeiros, inimigos pessoais dentro do acampamento de Israel, ou enfermidades físicas. Neste salmo, são inimigos pessoais. O poeta era vítima de terríveis sofrimentos, embora não nos seja dito por quê. Ele estava metido em um conflito mortal, que só poderia ser remediado pela intervenção divina. O poeta invocou a ação da *Lex Talionis*, a maldição que requeria um castigo consoante o crime cometido ou planejado contra outrem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lex Talionis*. As *flechas de Deus* (vs. 7) tinham de fazer oposição aos golpes provocados pelos inimigos do salmista. Talvez esses golpes fossem maldições aplicadas mediante magia negra ou outras coisas igualmente sinistras. Os críticos fazem este salmo ser pós-exílico.

Subtítulo. O subtítulo deste salmo é bastante simples: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi". Não se tentou definir as circunstâncias históricas que provocaram a composição deste salmo. Temos aqui o mesmo subtítulo que aparece no Salmo 41, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

O Apelo a Deus (64.1,2)

64.1

Ouve, ó Deus, a minha voz nas minhas perplexidades. Os urgentes apelos dos salmos de lamentação são bastante similares entre si. Aqui, como em muitos outros salmos de lamentação, temos o grito pedindo ajuda, solicitando que Elohim *ouça* a petição. Esse ouvir o levaria a *preservar* a vida do poeta da morte certa, aquilo que os hebreus mais *temiam*, a morte prematura pelas mãos de algum inimigo. Ver sobre o apelo para que Deus *ouça*, em Sal. 41.1; 13.3; 17.1; 20.1; 27.7; 28.2; 30.10; 38.16; 54.2; 55.2; 61.1; 64.1; 69.16; 84.8; 102.1; 119.149; 140.6; 143.1,7.

Nas minhas perplexidades. Ou seja, temos aqui uma oração de queixa. No hebraico temos, literalmente, as palavras "em minha meditação". Mas devemos pensar em um clamor eivado de grandes sentimentos.

Preserva-me a vida. Palavras escolhidas corretamente, pois era a vida física que estava em perigo, e não a *alma* (a tradução que aparece em algumas versões).

"... introduzidas com um clamor de queixume dirigido a Deus, lamentando que uma multidão de malfeitores tinha conspirado contra ele. Ele disse a Deus que precisava de proteção" (Allen P. Ross, *in loc.*).

64.2

Esconde-me da conspiração dos malfeitores. Os inimigos enfrentados pelo poeta sagrado eram hostis, brutais, homens que se disfarçavam de amigos dentro do acampamento de Israel, mas tomavam conselho secreto sobre como poderiam eliminar eficazmente o salmista. Estavam envolvidos em alguma espécie de *insurreição*, algum tipo de *esquema* atrevido. Participavam de uma liga secreta (no hebraico, *sod;* ver Sal. 25.14) e tinham reuniões ruidosas (no hebraico, *rigshah*, Sal. 2.2). Esses homens faziam do pecado o seu trabalho e dedicavam-se diariamente às suas atividades. Isso se tornara a sua ocupação. Eles se tinham transformado em criminosos profissionais, saindo em busca de novas vítimas todos os dias. Cf. Sal. 2.22.

Descrição dos Inimigos (64.3-6)

64.3

Afiam a língua como espada. O poeta sagrado usou aqui outra metáfora comum que encontramos por diversas vezes: a língua dos homens é como espada, cortante e mortífera, enquanto eles preparam planos fatais para pôr fim e tirar a vida de outras pessoas. Quanto a palavras que se assemelham a *espadas*, ver Sal. 55.21; 57.4; 59.7 e 64.3. Quanto ao uso próprio ou impróprio da língua nos Salmos, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.11; 55.21; 57.4; 59.7 e 64.4. Para detalhes e ilustrações, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

> *Isto é uma calúnia, cujo fio*
> *É mais afiado que o de uma espada.*
>
> (Shakespeare)

Apontam, quais flechas, palavras amargas. Esta é outra metáfora comum para falar sobre o uso prejudicial da língua. Quanto a palavras como *flechas, setas etc.*, cf. Sal. 57.4; 58.7 e 120.4. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Flecha*. Corações amargos atiram palavras amargas para ferir e matar. "... declarações difamatórias são aqui representadas como flechas mortalmente envenenadas, pois é a isso que se faz alusão" (Adam Clarke, *in loc.*). O Targum diz aqui: "veneno amargo e mortífero".

64.4

Para, às ocultas, atingirem o íntegro. A projeção das flechas mortíferas é feita em segredo, um truque comum dos ímpios. Os ataques feitos de surpresa são, com freqüência, mais eficazes. De súbito, flechas chispam no ar, não podendo mais voltar, e cumprem seus maus propósitos. O homem bom é ferido e sofre dores e morre. Os ímpios não *temem* por fazerem outros homens temer. Os ímpios atiram de uma posição de emboscada (tradução da Revised Standard Version). Todos já vimos coisas assim em operação. Faz parte da natureza humana agir em segredo e usar vantagens ocultas para prejudicar outras pessoas. Alguns seres humanos mostram-se totalmente destituídos de escrúpulos quanto à maneira como usam as palavras, não temendo o homem nem respeitando a Deus e ao Seu mandamento contrário a isso. Eles não temem repreensões nem castigos. São uma lei para si mesmos.

Alguns estudiosos pensam que essas palavras amargas envolvem alguma *maldição* escudada na magia negra. Cf. Sal. 58.3-5, onde também se pode obter essa idéia. Somente a intervenção divina pode desviar o poder do mal que esses pecadores costumam cozinhar.

64.5

Teimam no mau propósito. Aqueles homens ímpios estavam promovendo *maus propósitos*, armando ciladas secretas para apanhar o homem piedoso fora de guarda, como se fosse um animal qualquer, e pensavam, a todo o tempo, que nenhum homem, e muito menos Deus, estava olhando. Esses homens tinham forças, e "se fortaleciam no seu plano maléfico... o que, é evidente, significa que providenciavam tudo cuidadosamente e estavam preparados para executar o seu plano com resolução" (Ellicott, *in loc.*). Os conspiradores passavam em revista cada detalhe, incluindo o problema de se seriam detectados ou não. Chegavam à conclusão de que poderiam realizar o que lhes agradava, e estariam a salvo de empecilhos e de serem descobertos, ou, caso fossem, nada sofreriam: o velho problema da *impunidade*. Pensavam que, em vista de Deus não se vingar imediatamente, Ele se mostra indiferente para com aquilo que os homens fazem. Ver Sal. 10.11-13 e, sobre a suposta indiferença de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4.

64.6

Projetam iniqüidade, inquirem tudo o que se pode excogitar. O raciocínio sobre a *impunidade* baseava-se na idéia de que nenhum homem seria esperto o suficiente para desfindar seus planos ou para descobrir, por meio de *investigação*, o que eles tinham feito. E, visto que Deus é indiferente, eles estariam seguros e viveriam para traçar planos em outras oportunidades. Seus planos eram bem pensados: eles eram *espertos*. Eram criminosos profissionais. Seus pensamentos eram *profundos* demais para os homens sondarem, pelo que contavam com a proteção natural de serem mais espertos do que suas vítimas ou do que aqueles que tentassem defendê-las. "Seus planos tinham sido concebidos com esperteza, nas profundezas inescrutáveis do coração humano" (William R. Taylor, *in loc.*).

O original hebraico deste versículo é incerto e têm sido propostas várias correções ao texto. Apresentei aqui uma das interpretações padronizadas.

"Eles faziam de seu *estudo* a busca dos mais consumados planos de vilania" (Fausset, *in loc.*). Diz o Targum: "Eles rebuscavam iniqüidades a fim de destruir o justo". Eram inventores de coisas malignas (Rom. 1.30).

> *Não têm eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam.*
>
> (Salmo 5.9)

Deus Certamente Agirá (64.7-10)

64.7

Mas Deus desfere contra eles uma seta. Deus tem as Suas próprias setas (cf. o vs. 3). E também tem Seus próprios raciocínios e planos contrários. Subitamente, aqueles que atiraram setas contra homens inocentes serão atingidos pelas setas de Deus, por Seus severos julgamentos. Serão feridos e morrerão, agonizantes. Tudo isso ilustra a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e também a *Lex Talionis*, ou seja, o castigo de acordo com a severidade do crime (ver a respeito no *Dicionário*). Quanto às flechas de Deus (retribuições, castigos, etc.), cf. Sal. 7.13; 18.14; 21.12; 45.5; 77.17; 120.4; 127.4 e 144.6.

Instruções sangrentas que estiverem sendo ensinadas volta para servir de praga a seus inventores. Essa justiça concorda com os ingredientes de nosso cálice envenenado, e passa pelos nossos próprios lábios.

(Shakespeare)

64.8

Dessarte não serão levados a tropeçar. A *Lex Talionis* exerceria pleno efeito. Línguas caluniadoras derrubariam os caluniadores, porquanto suas palavras despertariam outros que tirariam vingança. Além disso, Deus enviaria pragas contra eles e lhes taparia a boca. "Por causa de sua língua, Ele os levará à ruína" (Revised Standard Version). Então as pessoas verão que o mal que atingiu os pecadores foi enviado por Deus e balançarão a cabeça contra os pecadores, em derrisão. Esta última porção do versículo também tem sido traduzida por "fugirão" daqueles pecadores, temerosos que as pragas que os atingiram também caiam contra eles, se porventura ficarem por perto. O hebraico original do texto é incerto e admite mais de uma interpretação. A língua daqueles homens ímpios era qual flecha (vs. 3). Mas Deus tinha Suas próprias flechas, que atirou contra eles, eliminando os pecadores-arqueiros (vs. 7); e isso foi apenas uma justa retribuição divina. O poeta sagrado, pois, cria na ordem moral das coisas e não entrava em questionamentos por causa das exceções que encontrava lá fora, onde ímpios prosperavam e piedosos morriam.

"Todos os planos, conselhos e maldições que eles proferiram e planejaram contra mim, ricochetearão contra eles mesmos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Meneiam a cabeça. Ou movimentam a própria cabeça, em atitude de derrisão (no dizer de Jarchi). Os justos se regozijam por ver a justiça sendo servida, o que também encontramos em Sal. 52.6 e 58.10. Em Jer. 31.18, essas palavras são usadas para indicar a idéia de *lamentação*.

64.9

E todos os homens temerão. Como obra retributiva de Deus, aqueles homens altivos foram humilhados, pois eram pecadores astutos que foram rebaixados, embora antes parecessem *invencíveis*. Homens de igual quilate temerão que o mesmo juízo de Deus os apanhe de repente, por causa de alguma infração. E os outros homens, piedosos, ao ver a cena, erguerão cânticos de louvor a Deus por causa de Sua exata retribuição. Eles considerarão o que Deus fizera e tomarão o acontecido como uma severa lição objetiva sobre a lei da colheita segundo a semeadura. Algum dia, talvez chegasse a vez deles sofrerem a punição divina, *pelo que deveriam caminhar retamente, a fim de evitar desgraças. Homens piedosos* compreenderão as operações de Deus e se esforçarão para não labutar contra o inevitável. Dessarte, a iniqüidade fora *ocultada* por mentes astuciosas, mas Deus derrubou todo o castelo por elas arquitetado, despedaçando-o com a Sua luz. "O juízo divino exerceria um efeito duradouro sobre o povo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

64.10

O justo se alegra no Senhor. Quanto à alegria ou regozijo no Senhor, ver os julgamentos de Deus contra os pecadores, um tema bastante comum no livro de Salmos. Questionamos a espiritualidade dessa atitude, da perspectiva cristã; mas os hebreus não encontravam dificuldade nessa questão. Cf. Sal. 52.6-9, cujas notas expositivas ilustram o assunto.

Um dos resultados para quem vê o julgamento retributivo de Deus contra os injustos é a *confiança* renovada dos homens bons. Quanto ao uso da palavra "confiança" nos Salmos, ver Sal. 2.12. Além disso, os bons se *gloriarão*, ou seja, ficarão jubilosos, glorificando a Deus pelos Seus feitos. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem que eles "brilharão", pois a causa dos piedosos será justificada diante dos homens, pelo poder de Deus. Os homens são glorificados na justiça divina, pelo que os piedosos terão *rostos rebrilhantes*.

Bem-aventurado o homem que põe no Senhor a sua confiança, e não pende para os arrogantes, nem para os afeiçoados à mentira.

(Salmo 40.3)

Alegrai-vos no Senhor, e regozijai-vos, ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração.

(Salmo 32.11)

"Eles verão que Deus não abandona os Seus seguidores à malícia de homens maus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Sessenta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ali apresento dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças*, e a questão que está sendo celebrada é a de uma boa colheita. Em tais ocasiões, os israelitas se reuniam no templo e proferiam palavras de agradecimento, entoavam hinos acompanhados por instrumentos musicais, e ofereciam sacrifícios e votos. Uma boa colheita era uma *questão nacional* que comprovava a providência divina, o que explica a celebração em âmbito nacional. A estação do ano era a primavera, que trazia esperança renovada (vss. 9-13). A natureza sorria e os homens alegravam-se. O povo sempre orava por boas colheitas, o que requeria boas chuvas, nada de tempestades desastrosas, e fertilidade do solo. Até hoje, a despeito de toda a tecnologia, dependemos pesadamente das chuvas. A seca é uma ameaça constante e uma das armas constantemente usadas por Deus para atingir um povo desobediente. Assim sendo, os israelitas acreditavam que um bom agricultor também deveria ser um homem piedoso, ou seu trabalho fracassaria.

"Neste salmo, pensamentos sobre as bênçãos da natureza e sobre a misericórdia de Deus são entretecidos, formando uma rica unidade, o que mostra como a piedade era capaz de ver, no mais baixo, o mais elevado, no exterior, o interior, e no transitório, o eterno" (A. Deichert, *Kommentur zum Alten Testament*, p. 221). A mente dos hebreus nunca esquecia a soberania de Deus em cada nível da vida, algumas vezes exagerando, como quando postulava Deus como a única causa e desprezava causas secundárias. Mas os hebreus jamais supunham que a natureza estivesse divorciada de Deus, conforme o pensamento comum dos deístas. Por conseguinte, quando não havia boa colheita, Deus estava envolvido na questão. E quando a colheita fracassava, Deus era a causa do acontecimento, devido ao pecado dos homens a alguma razão enigmática.

Os salmos de agradecimento faziam parte da liturgia e eram entoados no templo. Cf. Sal. 107, 116 e 118. Listo vinte e dois salmos entre os salmos de agradecimento (os quais, naturalmente, falam sobre várias situações, e não meramente sobre a colheita). Como é óbvio, muitos outros salmos contêm agradecimentos a Deus, embora não sejam, principalmente, salmos de agradecimento.

Subtítulo. Neste salmo encontramos o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. De Davi. Cântico". Esta nota de introdução, preparada por algum editor subseqüente (os subtítulos não faziam parte dos salmos originais), é a mesma que aparece nos Salmos 41 e 64, excetuando o fato de que aqui temos o acréscimo de uma palavra, "cântico". Ela servia para lembrar que os salmos eram musicados, acompanhados por instrumentos musicais, e tornavam-se importante parte do culto efetuado no templo de Jerusalém. O saltério é o antigo hinário dos hebreus. Ver a explicação sobre o subtítulo do Salmo 41. Os subtítulos originais não tentavam vincular ao salmo alguma circunstância histórica, mas a Vulgata Latina e a Septuaginta acrescentam aqui: "De Jeremias ou de Ezequiel, para o povo da dispersão, quando estavam prestes a retornar à sua pátria". Contudo, tais adições não passam de conjecturas.

65.1

A ti, ó Deus, confiança, e louvor em Sião! No templo, no monte Sião, eram entoados louvores; eram compostos hinos para serem acompanhados por instrumentos musicais. O ministério da música fazia parte importante do culto do templo. Cantores e músicos profissionais, escolhidos dentre os levitas, ocupavam-se dessa atividade. Ver I Crô. 25. Assim Elohim foi informado de que, em Sião, louvores acompanhados por instrumentos musicais o aguardavam. As cerimônias no templo de Jerusalém incluíam a oferta e o cumprimento de *votos*, um aspecto comum do culto no templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*, quanto a maiores detalhes.

Uma tradução literal seria "o louvor faz silêncio", o que não faz sentido para nós. Essa palavra, *entretanto, vem de uma raiz que quer dizer "é apropriado"*, sendo esse o sentido do versículo. Por isso, algumas versões portuguesas dizem "é devido o louvor". As versões, de modo geral, apóiam tal tradução. *Os votos seriam cumpridos.* "Todas as oferendas e sacrifícios devem ser feitos a Ti. Todos os espíritos humanos têm obrigação de viver e servir a Ti" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Deus sempre nos confere novas causas para que O louvemos. O louvor produz o repouso da alma em seu Deus, conforme se lê em Sal. 45.1,5" (Fausset, *in loc.*).

Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei.

(Salmo 42.5)

65.2

Ó tu que escutas a oração. Toda carne humana e todas as nações apresentar-se-ão diante do Benfeitor, Elohim, porquanto todos os povos são carentes. A reputação de Elohim os atrai. E o lugar onde Ele se manifestava era o monte Sião, onde se localizava o Seu templo. As pessoas são chamadas aqui de *carne*, a qual é notoriamente débil e, assim, esse vocábulo relembra a dependência na qual vivem os seres humanos. A teologia ensina que apenas Deus é *independente*. A "independência" é um atributo divino. E um dos atributos humanos é a "dependência".

Este versículo tem sido cristianizado para falar da missão da igreja entre os povos gentílicos, bem como das realizações a longo prazo do evangelho. "Este versículo pode ser considerado uma profecia sobre o chamamento dos gentios... bem como da ida deles para a casa de Deus. Ver Isa. 56.7; Zac. 8.21-23" (John Gill, *in loc.*).

65.3

Por causa de suas iniqüidades. Todas as pessoas, fracas e pecaminosas, achegavam-se ao templo porque ali podiam ser oferecidos sacrifícios em favor de todos os homens. As iniqüidades *prevalecem* sobre um homem, ou seja, perturbam a sua vida, deixando-o culpado e sujeito à retribuição divina. Esses males podiam ser anulados mediante os sacrifícios levíticos apropriados. O salmista atribuiu as aflições do povo à transgressão, à *violação* dos mandamentos tão conhecidos existentes na lei mosaica. Essa lei era o *guia* do povo (ver Deu. 6.4 ss.). Tornava Israel um povo *distinto* (Deu. 4.4-8) e servia de livro de texto do homem, em toda a sua conduta (ver o sumário a respeito em Sal. 1.2). Os povos pagãos podiam aprender essas coisas em suas peregrinações a Sião, e, caso se convertessem ao judaísmo, podiam participar do pacto juntamente com Israel.

Nossas transgressões. Devemos pensar aqui em todas as espécies de pecados, faltas, erros e crimes. O texto poderia ser traduzido por "palavras ímpias", o que enfatiza os pecados da língua. Transgressões são violações contra leis conhecidas.

Tu no-las perdoas. Ou seja, mediante a expiação, através de sacrifícios apropriados. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdão,* quanto a detalhes completos, segundo os pontos de vista do Antigo e do Novo Testamento. Naturalmente, este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o perdão dos pecados através da missão de Cristo, do cumprimento dos tipos veterotestamentários e da eliminação do sistema sacrificial.

65.4

Bem-aventurado aquele a quem escolhes. Todos os que chegam a Sião, para participar do culto no templo, são "bem-aventurados", ou seja, *felizes*, e isso em circunstâncias afortunadas. Deus *escolhe* os candidatos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eleição*. Mas o texto já havia deixado claro que todos os povos são convidados ("todos os homens" do vs. 2). É um erro pressionar textos como este a serviço do exclusivismo. Sabemos que a eleição é um ensino das Escrituras, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, mas outro tanto se dá no caso do livre-arbítrio e da responsabilidade humana. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Livre-arbítrio,* quanto ao outro lado da moeda.

Bem-aventurado. Ver notas expositivas completas em Sal. 1.1.

E aproximas de ti. Do templo e da presença do Deus do templo. Ninguém pode aproximar-se Dele sem ter sido trazido (João 6.44). Por outra parte, há a graça geral, mediante a qual todos os homens são atraídos, de modo que quem desejar pode aproximar-se (João 3.16; Apo. 22.17).

Ficaremos satisfeitos. Ou *refrigerados* pela bondade (os benefícios) que o templo confere. Bondade desfrutada por aqueles que tinham o privilégio de adorar no templo, bênçãos tanto espirituais quanto temporais. O adorador tinha ali os meios de obter a perfeição de Deus, o Seu perdão e o Seu favor. Ele também desfrutava, no templo, uma comunhão especial com outros adoradores em períodos de júbilo, durante a época das festividades, tomando parte nas refeições (porções dos sacrifícios) oferecidas aos participantes. Cf. Lev. 7.11-17.

> Feliz a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo que ele escolheu para sua herança.
>
> (Salmo 33.12)

Este versículo tem sido cristianizado por alguns intérpretes, e somos lembrados que o próprio crente se tornou o templo de Deus (ver Efé. 2.21).

Os Espantosos Feitos do Poder de Deus (65.5-8)

65.5

Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça. Estas palavras têm sido interpretadas como "feitos tremendos" (Revised Standard Version) ou como "coisas terríveis" (King James Version). Podem ser uma referência aos terríveis atos de Deus contra os pagãos, que assediavam o povo do pacto. Em resposta à oração, os juízos divinos sobrevirão a tais inimigos. Mas a referência não precisa ser negativa, e a nossa versão portuguesa provavelmente está certa ao deixar implícito que Deus faz coisas positivas e prodigiosas por todos os povos. Ver os vss. 1, 2 e 5. Esse é o contexto geral. Provavelmente devemos pensar aqui na grande exibição de Deus da *providência positiva* sobre toda a terra, incluindo o que acontecia no templo de Israel. No vs. 6 vemos os atos da criação como parte desse quadro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência.*

Ó Deus, Salvador nosso. Encontramos esta ou outra designação parecida em vários pontos dos Salmos: 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 62.1,2,7; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7; 149.4. Ver as notas expositivas sobre Sal. 62.2.

Esperança de todos os confins da terra. Os críticos vêem nesta declaração as atitudes do judaísmo posterior, segundo as quais se pensava que a fé em Yahweh se tornaria universal, atraindo, finalmente, todas as nações. Essa fé se estenderia aos mares mais distantes, lugares desconhecidos pelos israelitas, mas sobre os quais devem ter ouvido da parte dos marinheiros fenícios. Esse versículo tem sido entendido como uma profecia direta sobre a missão entre os povos gentílicos e sobre o alcance mundial do evangelho cristão. Cf. Isa. 66.16,18,23. O ponto culminante dessa linha de raciocínio aparece em versículos do Novo Testamento como Fil. 2.10 e Efé. 9.9,10. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Mistério da Vontade de Deus.*

65.6

Que por tua força consolidas os montes. As obras de Deus serão grandes na propagação de Sua fé e salvação, tais como o foram na criação original. A Nova Criação estará à altura da antiga. Os elevados montes serviam como ilustração desse poder. "Vemos aqui o Arquiteto divino do mundo, vestido para entrar em Seus labores, à moda das descrições tipicamente orientais. Ver Sal. 18.32. Ele está fixando firmemente as montanhas em seus respectivos lugares (cf. Sal. 75.3). Os impérios, como se fossem montes, devem a sua estabilidade a Deus" (Ellicott, *in loc.*).

> *Vacilem a terra e todos os seus moradores, ainda assim, eu firmarei as suas colunas.*
>
> (Salmo 75.3)

65.7

Que aplacas o rugir dos mares. O Deus Todo-poderoso estende a Sua salvação a todos os povos (vs. 5). Ele mostrou o Seu poder na criação física, o que se evidenciou em como Ele fundou as montanhas (vs. 6). Outra evidência desse poder encontra-se em como Ele controla os mares, o que sugere *os povos,* que são como os mares desassossegados. Ele também controla os povos (vs. 7). Mas o autor sagrado falava sobre o poder divino de *salvar,* e o Seu poder na natureza só é apresentado como uma ilustração da forma pela qual Ele opera.

"... o literal passa para o figurado. Dos mares empolados, o pensamento do poeta passa às anarquias em redor do globo terrestre e também às selvagens paixões dos homens. A literatura de muitos povos contém essa metáfora. Cf. Isa. 17.12" (Ellicott, *in loc.*).

65.8

Os que habitam nos confins da terra. Os povos que habitam nos limites mais extremos da terra temem diante das maravilhosas obras de Deus na natureza, o que inspira profundo respeito. Deus controla as idas e as vindas da alvorada e do crepúsculo, e estes fenômenos, personalizados, regozijam-se na providência constante de Deus, que mantém as rotinas da natureza. Por sua vez, todos os povos regozijam-se juntamente com a alvorada e o crepúsculo, ao contemplarem aquilo de que Ele é capaz. Todos os povos, de todos os lugares, voltam-se para Deus, com fé, porquanto Ele é o Poder no qual podemos confiar. "Os homens não se voltarão, solicitando ajuda, para alguém que não lhes inspira certeza. Visto que o pecado é uma preocupação interior, o poder da natureza deve ser o fato que opera milagres interiores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, com adaptações).

"A exibição divina de Seu terrível poder, em favor de Seu povo, finalmente impressionará de tal maneira os povos do mundo, que eles se voltarão para o Senhor (Isa. 66.16,18,23)" (Fausset, *in loc.*).

As Bênçãos de Deus nos Campos e nos Rebanhos (65.9-13)

65.9

Tu visitas a terra e a regas. "Deste versículo até o fim do salmo presente, há uma série das mais excelentes figuras poéticas do mundo" (Adam Clarke, *in loc.*)

A *providência* na qual os homens das extremidades da terra confiam, o Poder, Aquele que ordena todos os elementos da natureza, é Ele Quem continua visitando a terra e conferindo-lhe os Seus benefícios.

Visitas a terra. O Criador não abandonou a Sua criação, sendo o Deus teísta, e não o Deus deísta. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo.* Deus é retratado como Quem percorre todo o globo terrestre, buscando as necessidades em toda a terra, dirigindo as nuvens, fazendo fluir as águas e viver as plantas.

A água, doadora de vida, é dada com abundância, por meio da chuva, do orvalho e do Rio de Deus (ver Sal. 46.4), o qual, como se fosse os antigos rios do Éden, faz a terra inteira transformar-se em um paraíso. Dessa maneira toda a terra torna-se fértil e outorga abundância ao homem. O poeta abre o seu coração e fala sobre os benefícios da providência divina. Ele tinha contemplado o quadro maior; tinha visto o amor de Deus. Ele vê que coisa alguma pode interpor-se entre ele próprio e o Salvador. Ele via o amor de Deus permeando todas as coisas e acalmando o conflito eterno, impondo a paz, a serenidade espiritual e o bem-estar da vida eterna. Que outros falem sobre os trovões que rolam e sobre os relâmpagos que ferem, ou sobre os terrores do julgamento. O poeta preferia falar sobre as misericórdias de Deus, e que tema impressionante é esse para o seu cântico! Ele jamais poderia enumerar todas as Suas misericórdias. Elas são mais do que as estrelas na cúpula celestial, e mais do que a areia nas praias banhadas pelo mar. Quanto a misericórdias tão grandes, o que poderia dar de volta o nosso salmista? Ele O amará, Ele O servirá, enquanto a vida perdurar. Anteriormente ele anelava pela alegria da terra, buscando paz e descanso. Agora procurava exclusivamente a Deus, porquanto Deus dá o melhor que existe.

Amor divino, que ultrapassas a todos os amores,
Alegria celeste, desce até a terra.
...
Respira, oh, respira Teu Espírito amoroso
em todo peito perturbado!
Que todos nós tenhamos herança em Ti,
Que encontremos aquele segundo descanso.

(Charles Wesley)

65.10

Regando-lhe os sulcos, aplanando-lhe as leivas. O Poder divino estabeleceu todas as *leis naturais* que possibilitam a vida na terra, incluindo o conjunto mais fundamental, as leis que governam o desenvolvimento dos vegetais, o elemento mais fundamental. Sem vegetação não haveria homens nem animais, e a terra seria tão estéril quanto Marte. Em confiança, o agricultor põe-se a arar a terra e planta as suas sementes. Então Elohim intervém e envia as Suas chuvas que amolecem os torrões de terra e regam as sementes. Um milhar de mistérios está envolvido enquanto a planta lança os seus rebentos, o que os antigos absolutamente não entendiam, e a nossa própria ciência moderna compreende tão pouco ainda. Os rebentos se *multiplicam* (assim dizem a Septuaginta e a Vulgata Latina), e assim prossegue o milagre da vida. As multidões das gotas da chuva (diz o hebraico, literalmente) são evidências da contínua providência divina, sem a qual pereceriam todos os seres vivos (plantas e animais). As folhas tenras brotam da terra, e o Senhor as nutre e lhes protege da geada. O Seu sol eleva-se sobre o horizonte e dá às plantas o poder de crescer e ser bem-sucedidas. "Ele cuida dos jovens botões, e é o Seu terno cuidado que forma a planta. Por meio de Sua bondade abundante, os grãos maduros aparecem, até que um único grão produz trinta, sessenta, cem e até mesmo mil vezes mais" (Adam Clarke, *in loc.*).

65.11

Coroas o ano da tua bondade. Chega a época da colheita e o ano agrícola é coroado pela bondade de Deus. A carruagem de Deus, que tinha cruzado os céus cuidando da colheita, destila gordura. Todo o ciclo do ano foi acompanhado pela bondade divina. Deus preparou um ano próspero e produziu em abundância produtos agrícolas e outros. Suas *veredas,* palavra que no hebraico se deriva do verbo "rolar" ou "revolver" e com freqüência se refere à trilha feita por uma roda, falam da carruagem divina que faz circular o globo, provendo os processos necessários que permitem às plantações crescer. Assim sendo, rolam as estações do ano, e o resultado é a abundância de vida. Talvez a figura simbólica retrate como o *sol* se desloca sobre a carruagem de Deus e passa pelos doze sinais do zodíaco, produzindo as estações do ano e dando luz e calor suficiente para manter as coisas vivas. "A rotação da terra em torno de seu eixo, a revolução anual em sua órbita, e o curso da lua, que acompanha a terra, são, todas elas, *rodas* ou órbitas de Deus, que destilam a gordura ou produzem a fertilidade sobre a superfície terrestre" (Adam Clarke, *in loc.*).

O versículo é cristianizado e transformado em uma figura do sucesso dos processos espirituais de Deus no mundo todo. A providência geral de Deus, física ou espiritual, evidencia-se nos processos da natureza e do Espírito Santo.

Tu estendes o céu como uma cortina, pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro, e voas nas asas do vento; fazes teus anjos ventos. Fazes a teus ministros, labaredas de fogo.

(Salmo 104.2-3)

65.12

Destilam sobre as pastagens do deserto. As terras de pastagem vivem repletas da umidade de Deus, e a vida brota por toda a parte. As colinas enfeitam-se de alegria, porquanto a sinfonia da vida prossegue. O que era deserto medra como a rosa, a terra ressecada é regada, e inesperada abundância brota do solo. "A veia poética do salmista personaliza a cena vernal e ele ouve as colinas, os prados e os vales levantar a voz em gritos de alegria, porquanto a primavera, e depois o verão, chegaram. O poeta estava familiarizado com o antigo mito de que o Senhor visita a terra, circulando o globo terrestre em Sua carruagem, cujas rodas, enquanto passam pelos campos, enriquecem a produção" (William R. Taylor, *in loc.*).

"O frescor e a beleza da vida vegetal, que de súbito, como por milagre, encobre as fraldas das colinas nas terras orientais, assemelha-se a um belo manto lançado sobre os ombros, como se os ornasse para alguma festividade" (Ellicott, *in loc.*).

"As *colinas* enfeitam-se com exultação. A metáfora parece ter sido extraída das cambalhotas dos cordeiros, do empinar-se dos cabritos e da dança dos pastores, na estação do verão, que inspira os homens à alegria" (Adam Clarke, *in loc.*).

65.13

Os campos cobrem-se de rebanho. Os *prados,* que o inverno deixara despidos, agora são vestidos por rebanhos. Os *vales,* estéreis durante o inferno, agora são revestidos de grão, e assim erguem a voz em cânticos de júbilo, juntando-se ao entoar das pequenas colinas (vs. 12). O verão chegou, e é a fruição da primavera. E é assim que a natureza inteira, abençoada por Deus, canta juntamente um hino à providência divina, que está por trás de toda a manifestação de vida. Dessa maneira, o poeta sagrado atravessou todas as estações do ano, assegurando-nos que Deus nada abandonara à influência maléfica do inverno. O negócio de Deus é transmitir *vida,* e o Seu sol e as Suas chuvas garantem *vida abundante.* Todos os meses do ano Deus circula o globo em Sua carruagem, suprindo todas as necessidades da natureza; e o homem é a Sua criatura favorita na natureza, pelo que também é o principal beneficiário de Suas graças. Por semelhante modo, os processos espirituais rolam, pelo que disse Jesus:

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

(João 10.10)

"O salmista concluiu que a natureza toda clama de *alegria* (vs. 13). Uma frutificação abundante testifica a bênção de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

A natureza tem inspirado alguns dos mais nobres cânticos humanos, e a primavera nunca falha em tocar as cordas do coração humano. Cada estação do ano tem sua própria inspiração, até mesmo o temido inverno que os homens devem suportar. Mas a primavera é a época em que a vida se impõe, inspirando confiança nos homens de que Deus cuida de tudo. E o verão consolida o avanço da primavera.

Salmo Sessenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças,* adaptado à liturgia do louvor no templo, entoado e acompanhado por instrumentos musicais, sacrifícios e votos. Trata-se

de um hino que louva o poder de Deus e exalta Seu terno cuidado pelo povo ligado a Ele por uma relação de aliança. Mas, tal como o Salmo 65, é universal em seu escopo, pois os louvores a Deus só são completos quando soam de "toda a terra" (vs. 1).

"Eis aqui um salmo de ação de graças preparado para ser usado em uma ocasião na qual um indivíduo rico e de boa posição social (vss. 13-15) apresentou oferendas de voto no templo de Jerusalém. Este salmo faz parte da liturgia de tal ofício, compartilhada, em sua execução, tanto por um coro, ou por coros, além do próprio indivíduo e de um *porta-voz sacerdotal*... O papel mais importante é desempenhado pelo indivíduo que figura nos vss. 13-20. Ele tinha vindo ao templo para cumprir seus votos, e isso na presença de todo o povo, que se reunira para a ocasião, a fim de proclamar o que Deus tinha feito em seu favor" (William R. Taylor, *in loc.*). Visto que o adorador era um homem abastado, suas oferendas tinham de ser mais abundantes do que as daqueles de menor posição social. O salmista havia sido particularmente abençoado por Deus e se tornara um exemplo de providência divina especial. Mas o poeta teve o cuidado de falar-nos sobre as operações de Deus em prol de todos os homens (vs. 1), daqueles que estiveram no mar Vermelho, quando a necessidade era tão urgente (vss. 5-7), e daqueles que estavam exilados (vss. 8-12). Todos os homens são assim convocados para juntar-se no hino de louvor, porquanto Deus não olvidara ninguém. Mas o homem especialmente abençoado tinha um papel de solista, pelo que também levantou a sua voz em tom de júbilo (vss. 13 ss.).

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo é bastante simples: "Ao mestre de canto. Cântico. Salmo". Os editores posteriores que produziram essas observações introdutórias (elas não faziam parte original dos salmos) não se importaram em investigar as circunstâncias históricas que o produziram, nem averiguaram quem poderia ter sido o autor. Muitos estudiosos antigos sugeriam que esse subtítulo foi criado devido à restauração de Israel, terminado o cativeiro babilônico. Mas outros pensam também no livramento da servidão aos egípcios, e que ambos os eventos inspiraram a composição deste hino.

66.1

Aclamai a Deus, toda a terra. A *terra inteira* é convidada aqui a entoar um cântico de alegria e louvor a Elohim, o Poder sobre todas as coisas, o Benfeitor Universal. Cf. a natureza universal de Sal. 65.2, onde *toda a carne* é convocada a entoar o hino de louvor. Naquele versículo, amplio as implicações desta chamada universal, consolidada na missão de Cristo, na terra, no hades e nos céus, em Sua missão tridimensional. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Missão Tridimensional de Cristo,* sob o título de *Mistério da Vontade de Deus,* seção VII.

"Essa noção da universalidade do governo de Deus, ligada ao reconhecimento desse fato por parte de todos os povos da terra, aparece também em outros salmos (ver Sal. 47.7,8; 65.2; 98.4 e 100.1), e podemos tomar isso como sinal da influência da profecia exílica e pós-exílica sobre o salmista (cf. Isa. 52.10.15; 54.5; 60.1-3; 62.2 e 66.18)" (William R. Taylor, *in loc.*). A universalidade da mensagem bíblica, e sua firme aplicação a todos os homens (pois Deus amou os homens de tal maneira), dá aos homens de todos os lugares uma razão para o grito de júbilo que aparece neste versículo. O hebraico original diz aqui literalmente: "Que todos os homens O louvem com um hino glorioso".

Deveria haver louvores a Deus mediante clamores (vs. 1); mediante cânticos (vss. 2 e 4); e mediante o ato de falar (vss. 3 e 4). O júbilo é o tema, e as espantosas obras de Deus inspiram os homens a esse louvor (vs. 5). John Gill (*in loc.*) salientou corretamente que não pode haver júbilo, como o que figura neste salmo, a menos que incluamos as dimensões maiores de Cristo e Seu evangelho. Ver Apo. 14.1-7.

66.2

Salmodiai a glória do seu nome. Este hino exalça a glória do nome de Deus (ver Sal. 31.3; ver *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21) e "louva gloriosamente" a Elohim. O louvor deve ser pleno de glória. Essa é a idéia central do salmo, porquanto exalta o Deus glorioso, alto em Sua posição, bem como Benfeitor de todos os homens. Diz aqui, literalmente, o original hebraico: "Louvai-O com um hino glorioso". Este salmo tem como objeto o Ser glorioso de Deus e está eivado de termos exaltados para corresponder a essa exaltação. "Que Seus atos gloriosos e misericordiosos sejam o assunto de vossos cânticos" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Isa. 9.6 e 7.14, onde o Seu nome é "glória". Este hino de louvor é glorioso "quando cantamos os Seus louvores com graça em nosso coração; quando nós, com uma só mente e a uma boca glorificamos a Ele; e quando honramos ao Filho tal como honramos ao *Pai*" (John Gill, *in loc.*). "O louvor deve ser glorioso porque o nome de Deus é honroso. Este louvor de triunfo não deve depender de uma expressão espontânea ou miscelânea" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Glórias ao Pai e ao Filho,
E também ao Espírito Santo.
Tal como foi no princípio,
É agora, e sempre será,
Mundo sem fim. Amém.

(Charles Meineke)

66.3

Dizei a Deus: Que tremendos são os teus feitos! Cf. algo similar em Sal. 65.5. Ali está em vista a providência positiva de Deus, a qual é terrível e leva os homens ao temor. Pois Elohim é a nossa *salvação,* e os povos das extremidades mais distantes da terra recorrem a Ele como Benfeitor Universal. Os feitos poderosos de Deus constrangem todos os homens à obediência e à lealdade. Eles virão voluntária ou relutantemente, mas, ao final, todos virão (ver Fil. 2.10; cf. Êxo. 8.8-15,25,20). Alguns virão espontaneamente, mas as operações de Deus tornam voluntários os que não queriam vir. As pragas do Egito fizeram Faraó ceder, mas a bondade de Deus é um poder maior de atração do que os Seus julgamentos. E até os juízos divinos são remediais (ver I Ped. 4.6). Não existe poder como o do amor. Até o juízo divino é o amor aplicado com severidade.

Bastou-lhe ouvir-me a voz, logo me obedeceu;
os estrangeiros se me mostram submissos.

(Salmo 18.44)

66.4

Prostra-se toda a terra perante ti. *Toda a terra.* O elemento universal tem continuação aqui. A terra inteira se submeteu a Deus, tanto os que vieram voluntariamente quanto os que foram forçados a isso pelo poder e pelo amor do Senhor. E, tendo chegado, uniram-se em solene adoração. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adoração,* bem como o detalhado artigo de mesmo nome, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* "A grandeza dos feitos de Deus compele todos os homens a Lhe serem obedientes" (William R. Taylor, *in loc.*). Mas não há feito maior e mais extraordinário que se possa comparar à obra da redenção.

"Alguns poucos anos atrás, estavam sendo efetuadas as provas nacionais da Track and Field Championships. Estava em andamento a corrida de dez mil metros. Essa corrida era efetuada pelas ruas da cidade e, em alguns trechos, os atletas tinham dúvidas quanto ao trajeto. Chegando a um dos locais duvidosos, todos os cento e vinte e oito competidores tomaram o caminho errado. Isto é, todos menos um que sentiu que os atletas haviam desviado do caminho certo. E fez um sinal a outros para que o seguissem. Somente quatro corredores o atenderam, e os demais continuaram pela pista errada. Jesus Cristo está continuamente fazendo sinais para O seguirmos por um caminho diferente, mas os *outros* não dão atenção aos Seus sinais. Segui a Jesus, meus amigos. Ele conhece o caminho, pois Ele é o Caminho" (Pastor Claude).

Aquele corredor da história deu um sinal, mas somente quatro corredores o seguiram. No salmo presente, as maravilhosas obras e o poder de Deus nos acenam com um sinal, e *toda a terra,* finalmente, compreende e segue pelo caminho certo.

E então também vemos que esse caminho se caracteriza pela adoração e pelo louvor jubiloso. O *nome* de Deus é louvado e glorificado. Ver sobre *Nome* em Sal. 31.3, e sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21.

Canta salmos a ti. Está em vista o cântico da *graça remidora,* como passa a demonstrar o salmo, falando da redenção do Egito e, mais tarde, da redenção do exílio babilônico.

Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

(Salmo 22.27)

Selá. Ver sobre esta misteriosa palavra em Sal. 3.2.

66.5

Vinde e vede as obras de Deus. Todos os povos foram convidados a vir e observar as poderosas obras de Elohim, as terríveis coisas que Ele faz entre os homens, confirmadas pelos registros históricos. Com essas palavras, o poeta sagrado introduziu sua ilustração da experiência do mar Vermelho. "Não é segredo aquilo que Deus pode fazer. O que Ele fez por outros, pode fazer por ti." Assim nos lembra o autor deste hino. No passado, nações aprenderam sobre o poder divino, observando os acontecimentos históricos.

Vinde, contemplai as obras do Senhor, que assolações efetuou na terra.

(Salmo 46.8)

"A Igreja, o tempo todo, apela para o mundo: 'Vinde e vede' (conforme disse Jesus aos dois discípulos de João Batista, e conforme disse Filipe a Natanael, em João 1.39,46). As maravilhas de Deus devem ser vistas por todos, e o ato de *vê-las* é o primeiro passo para *acreditarmos* no seu Autor divino (Sal. 65.5-8)" (Fausset, *in loc.*).

66.6

Converteu o mar em terra seca. Uma grande obra foi feita por Deus às margens do mar Vermelho (historicamente, o mar de Juncos), águas um tanto para dentro do continente, afastadas do mar Vermelho (um nome popularizado pela Septuaginta). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mar Vermelho*. As palavras gregas da Septuaginta, *erutha thalassa*, são uma tradução errada do hebraico, que diz *mar de juncos*. O egípcio diz "alagadiço de papiros". Ver Núm. 33.10,11.

Às margens do mar Vermelho o impossível foi feito, porque para Deus nada é impossível (Mat. 19.26). O que era um *dilúvio* (assim diz literalmente o original hebraico) transformou-se em *terra seca*. Dessa forma os israelitas puderam atravessar o mar Vermelho com os pés enxutos, no que parecia ser uma barreira impossível de cruzar. A vida deles parecia perdida, mas eles foram salvos de súbito. Por essa razão, vós, todos os povos, louvai ao Senhor, porque estais tratando com o mesmo Poder miraculoso.

O livro de Deuteronômio repete a história do livramento de Israel da escravidão aos egípcios, e assim esse evento tornou-se um lembrete permanente de como Deus opera quando confiamos Nele. Ver Deu. 4.20, quanto à libertação de Israel naquele ponto da história. Quanto ao *poder de Yahweh*, que tirou Israel do Egito, ver Núm. 23.22.

Ali nos alegramos nele. O *terrível acontecimento*, uma vez revertido, tornou-se tema de um hino de alegria. Ver Êxo. 14.21,22, quanto à narrativa.

> *Quando Israel saiu da servidão,*
> *À frente deles havia um mar.*
> *O Senhor estendeu Sua poderosa mão,*
> *E fez o mar recuar.*

O Targum faz este versículo referir-se a um milagre posterior, a travessia do Jordão, por parte dos filhos de Israel (ver Jos. 3.17). Os hebreus antigos algumas vezes chamavam os rios de mares. Talvez a referência do salmista seja ampla o bastante para tratar de ambos os acontecimentos. "Dilúvio" (no hebraico, *nahar*), que geralmente representa o rio Eufrates, mas aqui, tal como em Sal. 74.15, representa ou o rio Jordão ou o mar Vermelho" (Ellicott, *in loc.*).

66.7

Ele, em seu poder, governa eternamente. O poder de Deus é ilimitado, infenso à passagem do tempo e universal. Seus olhos estão atentos tanto à obediência quanto à infração de Suas regras. Quanto aos "olhos de Yahweh", ver Sal. 34.15. Essa figura de linguagem aponta para a *onisciência* de Deus. Coisa alguma Lhe está oculta, coisa alguma é negligenciada, coisa alguma passa sem recompensa ou retribuição. Os que se *rebelam* serão convocados a prestar contas. Caso se mostrem orgulhosos, serão humilhados.

> *Digo aos soberbos: Não sejais arrogantes;*
> *e aos ímpios: Não levanteis a vossa força. Não levanteis altivamente a vossa força, nem falei com insolência contra a Rocha.*
>
> (Salmo 75.4,5)

Ver também Sal. 58.7 e I Ped. 5.6. O Targum adverte que eles não serão exaltados em si mesmos *para sempre*. Essa arrogância chegará ao fim.

Selá. Quanto aos vários significados vinculados a esta palavra, ver Sal. 3.2.

Perseguições contra Israel na Babilônia? (66.8-12)

66.8

Bendizei, ó povos, o nosso Deus. Todos os povos são convidados a manter-se afastados dos arrogantes e a não seguir o seu mau exemplo. Pelo contrário, devem oferecer sacrifícios de ação de graças, *abençoar a Deus*, ter a boca cheia de louvores, ou seja, manifestar as qualidades que distinguem o piedoso do rebelde. Os povos devem bendizer o "nosso Deus", Yahweh, o Deus de Israel que exerce controle e é o Criador e o Sustentador de todos os homens, em todos os lugares. Ver esse toque universal nos vss. 1 e 4, onde comento a questão. As misericórdias de Deus, demonstradas a todos, revelam que Ele deve ser bendito por todos.

66.9

O que preserva com vida a nossa alma. Deus *guardara Israel entre os viventes* (Revised Standard Version) em repetidas ocasiões, quando a identidade desse povo poderia ter sido perdida. Uma dessas ocasiões foi a travessia do mar Vermelho. Outra foi quando os exilados estiveram na Babilônia, o que pode ser refletido nos vss. 8 a 12. Israel foi severamente testado (vs. 10), mas não aniquilado. Em um sentido comparativo, Israel não teve os pés "resvalados", ou seja, não *escorregou*. Ver as notas expositivas em Sal. 55.22. Ver também os vss. 11 e 12, quanto a uma ampliação do tema. A "alma de Israel foi posta na vida", a tradução literal do original hebraico, que nossa versão portuguesa traduz por "preserva com vida". Mas também obtemos aí a idéia de um ato divino protetor, no qual a *mão divina se mostrou ativa, pondo os filhos de Israel em um lugar seguro*. Cf. Eze. 37 e Sal. 30.3: "Da cova fizeste subir a minha alma; preservaste-me a vida para que não descesse à sepultura".

66.10

Pois tu, ó Deus, nos provaste. *Israel foi comparativamente abalado por* testes severos, causados por Elohim, mas não foi fatalmente abalado. Cf. Sal. 62.2: "... não serei grandemente abalado". Quanto a Deus como a Rocha sobre a qual um homem é edificado, ver Sal. 42.9. Os testes severos não tinham por intuito aniquilar, mas purificar, tal como a boa prata passa sete vezes pelo fogo refinador. Cf. Zac. 13.9; Mal. 3.2; Isa. 48.10 e I Ped. 1.7.

> *... prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes.*
>
> (Salmo 12.6)

É digno de nota que todos os julgamentos de Deus têm essa natureza; até mesmo o julgamento dos perdidos, os quais, finalmente, serão restaurados (ver I Ped. 4.6). Pelo menos, essa é a minha fé. Ver o artigo chamado *Restauração*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Orígenes certamente estava correto ao observar que ver apenas retribuição no julgamento é condescender diante de uma teologia inferior.

66.11

Tu nos deixaste cair na armadilha. Aqui é usada a *metáfora do caçador*. Elohim submete a teste o Seu povo quando eles erram, ou disciplina-os quando não cometem nenhum erro. Ele os apanha como um animal inocente, em Sua rede. Ali eles se debatem e agonizam. Cf. Sal. 9.15; 22.15; 31.4; 37.7,8; 57.6; 66.11 e 140.5. A maior parte dessas referências fala dos atos de homens injustos que perseguem os justos. Suas redes são fatais, porquanto, quando o caçador chega e encontra um animal em sua rede, ele o mata, a fim de ficar com a carne e com o couro. Mas as redes de Deus são disciplinadoras e têm por intuito curar ou restaurar.

Oprimiste as nossas costas. A Revised Standard Version diz que Deus "depositou aflições" sobre os nossos lombos. Cf. Sal. 129.1-3. Colocar uma carga sobre a parte inferior das costas é o mesmo que sujeitar um homem a um peso muito difícil de carregar. O homem preferiria ter essa carga sobre os ombros, onde ele tem forças para suportar o peso. O Targum diz que uma *corrente* ata o peso à parte inferior das costas, algo incomum e desagradável, podemos estar certos. A metáfora provavelmente foi extraída daquilo que o homem faz com os animais de carga, atando pesos sobre suas costas. Se um homem tivesse de carregar uma carga em suas costas, a parte inferior das costas seria o pior lugar para colocá-la. Isso se refere a um *teste severo*. Todavia, o vocábulo hebraico tem sentido mais amplo do que a nossa palavra, pelo que também pode revestir-se de diferentes sentidos, conforme se vê abaixo.

> *Obscureçam-se-lhes os olhos, para que não vejam; e faze que sempre lhes vacile o dorso.*
>
> (Salmo 69.23)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lombos*. A palavra hebraica é bastante lata e fala de coisas que não associaríamos à parte inferior das costas. Um dos significados vinculados à palavra hebraica (*mothen*) é *força*, que se ajustaria bem a este versículo. Deus testa severamente a *força* do indivíduo piedoso e o debilita por meio de testes. Outra palavra hebraica, *chatats*, tem esse significado. Ver Gên. 35.11. Mas ali parece haver um eufemismo para os órgãos sexuais. Ver outro uso (com uma palavra diferente) em Sal. 38.7.

66.12

Fizeste que os homens cavalgassem sobre as nossas cabeças. Elohim, usando homens como instrumentos, seja para punir os israelitas por causa do

pecado, seja para discipliná-los e ensinar-lhes lições que eles precisavam aprender, fazia esses homens "cavalgar sobre a cabeça" deles. Temos aqui uma metáfora militar. O exército derrotado, recuando diante do inimigo, cai no chão e é pisado, e seus inimigos pisam sobre a cabeça dos soldados, tão rapidamente avançavam os seus cavalos. "Permitiste-nos cair sob o domínio de nossos inimigos. 'Eles nos têm tratado como uma infantaria derrotada', era quando a cavalaria inimiga passava por sua cabeça, humilhando-os e destruindo suas fileiras desordenadas, pisando-os ao chão" (Adam Clarke, *in loc.*).

Alguns intérpretes supõem que os vss. 8 a 12 representem o triste estado de Israel no exílio babilônico.

Outras metáforas de teste são empregadas: a passagem pelo fogo e pela água, que ficam sem restrições definitivas. Poderíamos imaginar uma inundação ou uma floresta incendiada como possíveis instâncias. Estão em pauta perigos extremos, especialmente os potencialmente fatais que quase sempre deixam os sobreviventes feridos. Os ímpios são tiranos terríveis que matam ou aleijam suas vítimas, mas diz-se que *Elohim* é a *causa* dos atos desses tiranos. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias (como os atos de homens malignos), atribuindo tudo à *causa única,* Deus.

> *Quando passares pelas águas eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.*
>
> (Isaías 43.2)

... nos trouxeste para um lugar espaçoso. Esta tradução concorda com a Revised Standard Version, pois outras versões portuguesas dizem "um lugar de abundância", ou coisa parecida. O hebraico literal fala em "saturação". Outras versões falam em "liberdade". É provável que tenha prosseguimento aqui a metáfora militar. O homem que poderia ser apanhado na rede armada pelos inimigos nela cairia sem se dar conta do que estava acontecendo. Mas se ele estivesse "em um espaço aberto", isso já não aconteceria. O homem seria apanhado em uma emboscada armada pelo inimigo, mas isso não ocorreria em um espaço aberto. Ou então uma inundação ou um incêndio poderia ocorrer em uma floresta, o que serviria de armadilha para um homem, mas, se ele estivesse em campo aberto, teria oportunidade de escapar. Nesse caso, a figura de linguagem ensinaria a idéia de *segurança,* por motivo de cuidados especiais da parte de Elohim. A versão árabe diz aqui "descansar", com a idéia de descansar do perigo.

Menos provavelmente, poderíamos compreender um *lugar rico,* ou a Judéia, ou Jerusalém, ou o lugar do templo, que tinha as riquezas culturais e religiosas de Israel. Mediante uma aplicação cristã, teríamos as riquezas de Cristo, como o destino do crente. Ver Efé. 3.8.

O Hino Pessoal do Poeta (66.13-20)

A Volta de Israel da Babilônia?

66.13

Entrarei na tua casa com holocaustos. *Se* as orações do salmista pedindo livramento de seus inimigos fossem atendidas, se ele sobrevivesse, então teria boas razões para ir ao templo oferecer sacrifícios e manifestar seu agradecimento de forma toda especial. Ele celebraria a sua vitória oferecendo votos, prometendo certas coisas a Yahweh-Elohim, porquanto Deus tinha feito tanta coisa por ele. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Voto,* onde o leitor obterá completa compreensão sobre a questão.

Além dos hinos comunais e do louvor universal, o poeta sagrado ofereceria seu próprio hino pessoal, que ele comporia especialmente para a ocasião. E também ofereceria suas próprias oferendas e mostrar-se-ia generoso, por ser um homem de consideráveis riquezas, de quem muito se poderia esperar.

"Enquanto a terra estivesse louvando ao Senhor, por que haveria ele de cantar? Essa não era a atitude do salmista. Nessa conjuntura, o seu enfoque foi estreitado para as dimensões de sua própria alma. Deliberadamente, ele se fez parte desse louvor planetário... Ele exibiu a própria piedade contra o pano de fundo da própria perturbação. O período de aflição tinha passado, mas ele não esquecera que, em meio à angústia, tomara a iniciativa de fazer votos... Portanto, ele ofereceu louvores como parte do clamor unânime de alegria do mundo (vss. 13-15)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Alguns intérpretes vêem aqui a volta de Israel da Babilônia, e talvez os votos do homem, que ele agora pagava, representem os votos da nação inteira. Muitos judeus devem ter feito votos solenes a Yahweh, *se* ele restaurasse a nação a Jerusalém.

"Com freqüência votamos, se nos livrasses de nossa servidão, que só a Ti adoraríamos e serviríamos. Agora ouviste nossas orações e nos livraste. Portanto, cumpriremos a promessa que a Ti fizemos" (Adam Clarke, *in loc.*).

66.14

Que proferiram os meus lábios. Na Babilônia, o poeta e seus compatriotas passavam por aflição. Muitas famílias haviam sido destruídas; lares tinham sido perdidos; o templo de Jerusalém fora destruído; o culto havia sido descontinuado. Em meio àquela devastação, muitos tinham feito votos a Deus. Essa é a maneira pela qual alguns intérpretes interpretam aqui a palavra "angústia". Foi a grande angústia do exílio babilônico. Ver no *Dicionário* sobre *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes completos.

Proferiram. Literalmente, o original hebraico diz "abriram-se". O homem havia aberto o coração e falado tudo quanto sentia. Seus votos, pois, foram feitos com sinceridade. Tendo passado a angústia, ele se apressou em cumprir as promessas. É possível que a palavra "proferiram" (abriram-se) também signifique que os votos do autor sagrado se tornaram uma *questão pública,* que não podia ser negligenciada. Ver Juí. 11.33 ss., quanto ao voto insensato feito por Jefté, que ele cumpriu com grande perda pessoal. Em Israel, os votos eram considerados uma questão seríssima.

66.15

Oferecer-te-ei holocaustos de vítimas cevadas. Além de ter cumprido seus *votos* (vs. 13), o poeta também fez ricas oferendas, acima de qualquer coisa requerida pela lei mosaica. "Acima e além das oferendas votadas (Deu. 23.21-23), ele trouxe holocaustos inteiros (vs. 15). Os animais sacrificados incluíram toda a espécie de animais, como cordeiros gordos, carneiros e bois" (William R. Taylor, *in loc.*). Quanto aos tipos de oferendas legítimas, ver as notas expositivas em Lev. 7.37. Quanto aos *cinco* tipos de animais que podiam ser sacrificados, ver Lev. 1.14-16. Esses eram os animais *nobres.* Havia outros animais considerados limpos, isto é, que podiam ser ingeridos pelos filhos de Israel. E havia os animais imundos, ou seja, os que não podiam ser consumidos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* "Tais holocaustos dificilmente poderiam ter sido votados por uma única pessoa. A comunidade é que falara. Ademais, o carneiro não servia de sacrifício em lugar de qualquer indivíduo, mas era particularmente apropriado para o sumo sacerdote (ver Lev. 9.2), para o chefe de uma tribo (Núm. 7) e para um nazireu (Núm. 6.14). O *incenso* aqui referido é a fumaça dos sacrifícios que subia no ar" (Ellicott, *in loc.*).

Por outro lado, o rico poeta pagou do próprio bolso todos aqueles sacrifícios e assim possibilitou que houvesse uma refeição comunal. A gordura e o sangue foram oferecidos a Yahweh. *Oito porções* cabiam aos sacerdotes oficiantes (ver Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-28; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). *O restante foi distribuído* aos participantes do evento. Se a celebração era em honra ao retorno dos cativos do exílio babilônico, então deve ter sido realmente uma grande festividade! Houve cântico de hinos, gritos, danças e ingestão de vinho. Os hebreus eram um povo feliz, que apreciava cânticos, danças e vinho, no que se distinguiam muito dos evangélicos atuais.

"Devemos lembrar que as ofertas queimadas eram, diferentemente dos sacrifícios compulsórios pelo pecado, um reconhecimento voluntário do senso pessoal de gratidão. Repetidas vezes, por ocasião das festas, acompanhadas pelo som das trombetas, tais oferendas davam uma dramática exibição pública do ímpeto interior de um homem, que assim manifestava seu agradecimento" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Dessa forma o salmista cumpriu as promessas que fizera quando estava angustiado (vss. 13 e 14).

66.16

Vinde, ouvi, todos vós que temeis a Deus. Ao oferecer seus sacrifícios, o salmista *conclamou a todos* que ouvissem por que ele fazia tudo aquilo. Ele estava cumprindo suas promessas e fez da questão uma cerimônia pública. Todos quantos temiam a Deus estariam interessados, porque eles, igualmente, eram homens espirituais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* quanto a notas expositivas sobre o assunto, pois o "temor" a Deus era um termo que descrevia a *espiritualidade geral* daqueles que guardavam a lei. Quanto ao papel desempenhado pela lei mosaica em Israel, ver sobre Sal. 1.2, onde apresento uma nota de sumário. O nosso homem estivera em angústia. Visto que ele acreditava no poder da oração, por isso mesmo orou. Suas orações foram respondidas, e assim, agora, ele estava cumprindo o seu voto. Ele queria que o povo conhecesse a história toda. Cf. os atos e as atitudes da mulher, à beira do poço, em certa experiência do Senhor Jesus (João 4.29). Jesus instruiu o endemoninhado liberto a fazer a mesma coisa (ver Mar. 5.19).

> *Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor. Cumprirei os meus votos ao Senhor, na presença de todo o seu povo.*
>
> (Salmo 116.13,14)

"Dessa maneira, ele tencionava ensiná-los pelo seu *exemplo,* sempre mais poderoso do que os *preceitos*" (Adam Clarke, *in loc.*).

66.17

A ele clamei com a boca. Quanto ao uso devido da *língua*, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21 e 64.4. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*. O hebraico diz aqui "exaltação estava debaixo de minha língua", o que equivale à moderna expressão "na ponta da língua". Em outras palavras, o salmista estava preparado, todos os momentos, a prestar louvores ao seu Grande Benfeitor. Seu coração era o armazém de bênçãos, e sua língua era o instrumento para a liberação dos louvores. Sua língua *celebrava* os atos divinos de amor e misericórdia. A abundância de seu coração é que falava através de sua língua (ver Mat. 12.34).

66.18

Se eu no coração contemplara a vaidade. O *pecado* poderia impedir o fluxo dos louvores. Se o coração fosse corrupto, como poderia a língua prestar louvores apropriados? A tradução literal seria: "Vi iniqüidade em meu coração", o que, conforme Gunkel, significa: "Eu disse em meu coração, o Senhor não me ouvirá". Um coração cheio de dúvidas dificilmente pode ser a origem do louvor apropriado. Se o homem, tal como seus inimigos, formasse esquemas malignos no coração, já estaria afastado dos louvores. Que coisa boa poderia ele dizer a Elohim? Seja como for, o versículo atua como um protesto de inocência, porquanto o homem estava muito ocupado nos louvores, o que significa que não podia ter maus designios no coração. Cf. Jó 35.1,13; Isa. 1.15; 59.2,3 e João 9.31.

> *Aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável.*
>
> (I João 3.22)

A integridade do coração deve preceder o ato de falar. "O ponto é claro. O povo de Deus deveria purificar seu coração, e então orar a Ele. E então Ele não reteria os atos de Seu amor leal" (Allen P. Ross, *in loc.*).

66.19

Entretanto Deus me tem ouvido. Elohim havia *ouvido e abençoado* o salmista, liberando os cativos e enviando-os de volta para casa, como prova de sua inocência e sinceridade. O favor divino lhes foi concedido, porquanto neles não havia hipocrisia. "Uma prova segura de que sua oração era reta" (Adam Clarke, *in loc.*). "Ele não tinha vivido uma vida de vícios e de maldades, nem era um hipócrita; doutra sorte, Deus não teria ouvido as suas orações" (John Gill, *in loc.*).

> *Teu toque tem ainda o poder antigo,*
> *Nenhuma palavra tua cai por terra inútil.*
> *Ouve nesta solene hora da noite,*
> *E, em tua compaixão, cura-nos a todos.*
>
> (Henry Twell)

66.20

Bendito seja Deus. *A Doxologia*. O salmista abençoou o Grande Benfeitor, que não desviou o rosto quando o homem orara; antes, derramou Seu *amor constante* e o enviou de volta para casa, terminado o cativeiro. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misericórdia* e *Amor*.

> *Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.*
>
> (I Pedro 5.7)

Ver Sal. 80.4 e Lam. 3.8,44, quanto a fatores que entravam as respostas divinas às nossas orações.

> *Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade sobre os que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos.*
>
> (Salmo 103.17)

"Deus não havia rejeitado a oração do salmista, nem havia retirado dele a Sua graça" (Ellicott, *in loc.*). "Nossas orações são ouvidas não por causa de nossos méritos, mas pela misericórdia divina" (Muis, *in loc.*).

Salmo Sessenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças*, louvando a Elohim pela boa colheita que tinha sido experimentada. As circunstâncias deste salmo são semelhante às do Salmo 65. Ver as notas de introdução ali, que também se aplicam aqui. Uma boa colheita era um acontecimento nacional necessário para que a vida fosse sustentada, pelo que, quando Deus concedia tal graça, havia festividade nacional com agradecimentos, sacrifícios e cumprimento de votos, cânticos, danças e folguedo geral. O salmo à nossa frente refere-se a como a colheita havia sido boa, e como uma celebração ocorrera no encerramento do ano agrícola (vs. 6). O vs. 1 foi tomado por empréstimo da conhecida e geralmente repetida bênção de Núm. 6.23-26. Deus se mostrara gracioso; fizera Seu rosto brilhar sobre o povo. Havia razão para festividades. Provavelmente este hino foi entoado durante a Festa dos Tabernáculos, assumindo importância especial depois do exílio babilônico. Ver Deu. 16.13-16; Lev. 23.34-36 e Núm. 29.12-38.

Nessa ocasião havia *alegria pela colheita* (Isa. 9.3). Peregrinações eram feitas a Jerusalém para cumprir as cerimônias apropriadas e pagar os votos. Era um tempo de quase selvagens celebrações, e tão liberais que, posteriormente, um oitavo dia foi adicionado para acalmar o povo e fazer voltar sua mente a um arcabouço mais sério. Cf. Sal. 113 a 119; 136. Este salmo também exibe um notável espírito missionário (vs. 4), onde as nações são chamadas a participar dos cânticos e das celebrações, visto que as graças divinas são universais, e aquelas conferidas a Israel também pertenciam a todos os povos. O benévolo governo de Deus tem extensões universais.

Subtítulo. Neste salmo encontramos o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Para instrumento de corda. Salmo. Cântico". O subtítulo do Salmo 4 é virtualmente idêntico, excetuando o fato que aquele salmo é atribuído a Davi (o que também é uma verdade quanto a este, pelo menos em algumas das versões da Bíblia). Além disso, o subtítulo anterior é idêntico, com exceção de que ali os instrumentos que deveriam acompanhar a execução não foram mencionados. Quanto a maiores informações, ver aqueles salmos. As tradições nos levam a crer que este salmo foi composto por ocasião do retorno dos cativos da Babilônia. Escrito em uma atmosfera internacional, assumiu conotação universal (vss. 2-4). Pelo menos com esse tanto de tradição os críticos modernos concordam. Este salmo é pós-exílico. Os subtítulos não fazem parte original dos salmos e não se revestem de autoridade canônica, sendo adições feitas por editores posteriores.

Ação de Graças por uma Boa Colheita (67.1-7)

67.1

Seja Deus gracioso para conosco. Este versículo é uma adaptação da *bênção sacerdotal* de Núm. 6.24-26, onde ofereço as notas expositivas principais. A realização de uma boa colheita era um feito especial (e necessário) que exibia a misericórdia e graça de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misericórdia* e *Graça*. A época de uma boa colheita era um tempo notável, quando o rosto divino brilhava sobre os homens, o que fala de Seu favor especial. Deus estava feliz com os homens. Ele abençoava os homens de maneira *significativa*. Ver Núm. 6.25.

> *Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem? Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto.*
>
> (Salmo 4.6)

O Rosto Brilhante de Deus. Está em foco o favor divino, que espanta as trevas da necessidade e da dúvida, traz a esperança de um novo e radioso dia, e faz recuar as sombras da pobreza. O rosto brilhante de Deus, pois, fala de aprovação e da felicidade da bênção divina. No sentido cristão, o rosto brilhante de Deus fala de Seu favor desmerecido, de Sua rica graça e de Seu favor livre, que nos abençoou com a vinda de Seu Filho, o prometido Filho de Abraão, para cumprir as alianças, para encher de abundância todas as nações, para trazer paz e perdão, bem como bênçãos eternas. O Targum diz aqui "e faz o esplendor de Seu rosto brilhar *sempre* sobre nós".

Selá. Quanto aos significados possíveis desta palavra, transliterada do hebraico para o português, ver Sal. 3.2.

67.2

Para que se conheça na terra o teu caminho. O cântico da colheita imediatamente foi empregado com um propósito missionário, porque Israel, "lá fora", no

cativeiro babilônico, tornou-se sensível para com as necessidades dos outros povos. A experiência ampliou a visão dos judeus. Ademais, Deus é universal e suas bênçãos são obviamente espalhadas por todas as nações, favorecendo a *todos os povos*. O *caminho de Deus* era mais perfeitamente revelado em Sua lei, e no templo e seu culto. Assim sendo, o poeta sagrado queria que todos os povos participassem das celebrações.

Ver uma nota de sumário quanto aos usos da lei, em Sal. 1.2. A possessão da lei mosaica *distinguia* Israel dentre as nações (Deu. 4.4-8), mas essa nação passou a ver-se como um *instrumento* de Deus para o bem de outras nações. Em outras palavras, foi gradualmente *universalizada* e, por isso, aproximou-se da natureza de Deus, o Pai de todos os homens em todos os lugares.

Ó Sião, apressa o alto cumprimento de tua missão,
Para dizer ao mundo inteiro que Deus é luz.
Que aquele que fez todas as nações não quer
Que uma só alma pereça, perdida nas sombras da noite.

(Mary A. Thomson)

Deus tem o *Seu caminho*. O homem segue esse caminho e toda a sua vida fica envolvida. O evangelho é chamado de *o caminho* (ver Atos 19.9). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Caminho*, que discute os usos metafóricos da palavra.

A tua salvação. A King James Version diz aqui "saúde salvatícia". Deus é o Médico da Alma, Aquele que deu a vida e a sustenta, incluindo a vida espiritual. As promessas de Deus a Abraão terão cumprimento em uma escala universal. Ver Gên. 22.18; 26.4; Isa. 60.3. Quanto à salvação dada, ou de quem vem a salvação, ver Sal. 62.2, onde ofereço uma lista de referências e explicações. "O propósito desta oração é que os caminhos da salvação de Deus sejam conhecidos pelo mundo inteiro" (Allen P. Ross, *in loc.*).

67.3

Louvem-te os povos, ó Deus. Note o leitor a *declaração enfática* aqui: o pedido do poeta sagrado de que os *povos* louvassem a Elohim foi imediatamente mudado para "os povos, todos". A oração do salmista é que todos os povos encontrem a *salvação* de Deus e, assim sendo, tenham razões para *louvar* ao Senhor. Note o leitor, igualmente, que a palavra "louvar" é repetida por duas vezes, pois esse é o resultado natural para quem tiver recebido alguma grande bênção. Encontramos aqui, pois, a idéia de magnanimidade de espírito, o que fez desaparecer as inclinações do salmista para o *exclusivismo*. Um dos sinais do crescimento espiritual de um crente é que seus limites teológicos se expandem. Deus amou o *mundo* de tal maneira, e os homens, tornando-se mais semelhantes a Deus, participam dessa qualidade sobre uma base mais ampla.

Dizer que temos aí o "mundo dos eleitos" é atolar-se no exclusivismo, o que é prejudicial para o espírito. Na verdade, os que fazem João 3.16 aplicar-se somente aos eleitos e proferem absurdos como dizer que Deus não amou o mundo inteiro demonstram total falta de visão, uma autolimitação que conserva a teologia oculta no porão de uma casa. O livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Vemos que Deus amou os assírios e até demonstrou consideração pelo gado que ali vivia (ver Jon. 4.11). É claro que Deus amava os habitantes de Nínive, povo arquiinimigo de Israel. Como, pois, poderia não amar o mundo? Além disso, meus amigos, é inútil falar sobre um amor que fracassa. Finalmente, o amor de Deus cumprirá todos os propósitos divinos, tocando em cada indivíduo, sem exceção. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus*.

Pequenas Teologias. O calvinismo, em sua forma especial de cegueira, diz que o amor de Deus não é universal, e, não sendo *universal*, supostamente falha no tocante a *todas* as pessoas. O arminianismo, em sua forma especial de cegueira, diz que o amor de Deus é universal, e deveria, supostamente, afetar todos os seres humanos, mas falhou porque os homens são fracos. Meus amigos, o amor de Deus tem de ser *maior* do que essas pequenas teologias. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*.

O amor de Deus é real universalmente
— não apenas potencialmente.
O amor de Deus será absolutamente
eficaz, finalmente.

Limites de pedra não podem conter o amor.
E o que o amor pode fazer,
isso o amor ousa fazer.

(Shakespeare)

Nisso consiste o evangelho, as boas-novas dirigidas aos homens. O resto não se constitui em muitas boas-novas, para a *maioria* dos homens. Essa não é uma teologia tolerável. Naturalmente, ao longo de sua narrativa, a Bíblia também apresenta teologias inferiores, mas, em sua mensagem total, as Escrituras olham para além das suas limitações. Cristo veio para preencher *todas as coisas*, ou seja, veio ser tudo para todos (Efé. 4.10). Ver como essa passagem inclui todas as esferas da atividade do Logos: vs. 6 (a terra); vss. 8 e 9 (o hades e os céus). Foi dessa maneira que Cristo cumpriu uma missão tridimensional e continua a cumpri-la. Os objetivos de suas três missões são idênticas: para que Ele seja tudo para todos, isto, para que "preenchesse todas as coisas".

Que Deus seja louvado por sua provisão sem limites! Quanto mais limitamos as operações do amor de Deus, mais caímos em pequenas teologias. Portanto, devemos dar espaço para o Espírito movimentar-se. As limitadas teologias dos homens levantam cercas em redor de Deus.

67.4

Alegrem-se e exultem as gentes. Continua aqui a *universalidade* do salmo. As nações favorecidas se alegrarão e, em júbilo, explodirão em cânticos alegres. Elas aceitarão que o Justo Juiz lhes ensine os Seus caminhos. Ele se tornará o seu *Guia*. O poeta, por conseguinte, descreve os benefícios da graça.

O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos, e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas jamais faltam.

(Isaías 58.11)

A bondade de Deus estende-se ao Seu governo universal. A graça de Deus põe as pessoas (vs. 2) debaixo da Sua lei. Sob o Novo Testamento, debaixo de Sua *graça*. As nações reconhecerão Seu governo beneficente no mundo. Em todas as coisas, Ele é o guia, mostrando-lhes o que está certo e o que está errado. Seus decretos, por toda a criação, são certos e beneficiam aqueles em favor de quem foram baixados. Sua bondade é demonstrada inclusive por meio de boas colheitas, mas isso é apenas uma lição objetiva sobre como Ele opera neste mundo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alegria*.

Antigo de dias, que se senta entronizado na glória,
Diante de Ti todos os joelhos se dobram, todas as vozes oram.
Teu amor tem abençoado a história do vasto mundo,
Com luz e vida, desde o primeiro dia no Éden.

(William. C. Doane)

Selá. Quanto aos possíveis sentidos desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

67.5

Louvem-te os povos, ó Deus. Este versículo repete o vs. 3, onde ofereço notas expositivas. O poeta repetiu o sentimento como um refrão de hino. Essas palavras reforçam a mensagem universal do autor sacro. O ardor da mente do salmista levou-o a reiterar uma declaração de valor. O Targum dizem aqui: "O povo confessará", em vista do novo favor desfrutado, o qual é ampliado no vs. 6.

67.6

A terra deu o seu fruto. "Quando todos os povos louvarem a Deus, então a própria terra será libertada de sua maldição e produzirá fruto em abundância. A bênção de Lev. 26.4 tornar-se-á realidade, primariamente na Terra Santa, e, finalmente, no globo terrestre inteiro" (Fausset, *in loc.*, com algumas adaptações).

"A terra foi amaldiçoada por causa do pecado do homem, mas essa maldição será totalmente removida por Jesus Cristo" (Adam Clarke, *in loc.*). Devemos relembrar que o pecado era concebido como se estivesse por trás de todos os estados prejudiciais. Assim sendo, a própria terra foi amaldiçoada por causa dos males morais dos homens. Isso pode ser moralmente revertido. Há a salvação da ciência. Os homens têm aprendido a melhorar a fertilidade da terra e têm erigidos grandes sistemas de represas para garantir água em tempos de seca. E quando não dependem das chuvas, dependem da neve para encher os seus reservatórios. Portanto, tudo depende de Deus quanto ao avanço da ciência. Esses avanços devem ser bem acolhidos por nós, embora não devamos permitir que tais avanços substituam as realidades espirituais. O poeta sacro nunca perdeu de vista a espiritualidade das bênçãos físicas. Este versículo, como é natural, tem sido cristianizado para falar sobre a missão de Cristo, que endireitará o mundo, abrindo caminho para a bênção material.

55.6-7

Quem me dera asas, como de pomba! *O Escape.* O salmista estava preso em sua gaiola de terrores, pelo que fantasiou a cena de seu escape, voando como se fosse uma pomba. Então ele repousaria. Algumas vezes, o exílio é a solução para problemas difíceis, mas o homem aparentemente não tinha chance de simplesmente desaparecer. Sócrates, ao ser julgado, recebeu uma oferta de escape por parte de seus amigos, uma fuga de Atenas em segredo. Mas ele rejeitou a possibilidade e preferiu pleitear sua causa no tribunal. Ele queria ser vindicado, e não meramente salvar a própria vida.

"... fazendo notável contraste com as notas de pavor e angústia das linhas anteriores, o salmista expressa o anelo por possuir as asas rápidas e livres de uma pomba que o livrassem do aprisionamento de seu ambiente para obter descanso da tempestade que rugia" (William R. Taylor, *in loc.*).

É possível que as autoridades de Jerusalém houvessem encerrado o salmista em prisão domiciliar, a fim de que ele não escapasse. Mas também é provável que ele não estivesse disposto a abandonar seus familiares, mesmo que pudesse escapar. Portanto, ele fantasiou sua fuga, mas permaneceu no meio do tumulto, onde sua vida corria perigo.

"A ave que estava na mente do salmista sem dúvida era o pombo das rochas (*Columba livia*), que, para fazer seu ninho, escolhe os penedos elevados e as ravinas profundas, longe do homem. Cf. Can. 2.14" (Ellicott, *in loc.*).

> *Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas...*
>
> (Cantares 2.14)

Selá. Quanto a esta misteriosa palavra, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

55.8

Dar-me-ia pressa em abrigar-me. Levantado no ar pelas asas da pomba selvagem, subiria em seu vôo e se ocultaria longe do terror que seu falso amigo lançara contra ele. E ali, escondido entre as fendas das rochas, descansaria em segurança. Ele permaneceria ali, ou seja, faria daquele lugar a sua residência. Teria uma nova vida, em um novo meio ambiente, no qual a traição não exerceria controle. Em seu novo lar haveria ventos e tempestades, mas essas coisas não lhe ameaçariam a vida. Contudo, costumamos fantasiar muitas coisas que não nos são possíveis. Nossos sonhos acordados quase sempre são agradáveis, mas dificilmente produtivos. Não obstante, continuemos a sonhar! Alguns sonhos, todavia, tornam-se realidade, contra todas as probabilidades. Talvez o que o poeta sagrado tenha querido dizer seja: "Eu apressaria o meu escape mais ligeiro do que o vento ameaçador". O temporal chegaria, mas ele iria embora "como o ganso selvagem no inverno", e, acreditem-me, o ganso selvagem não fica para trás para ver a neve cair!

> *Tal como o galeirão secretamente edifica sobre a grama alagada,*
> *Eis que eu construirei para mim um ninho, sobre a grandeza de Deus;*
> *Voarei na grandeza de Deus como voa o galeirão,*
> *Na liberdade que preenche o espaço entre*
> *o alagadiço e os céus.*
> *Pois quantas são as raízes que a erva do alagadiço envia para o alagadiço,*
> *Eu, de todo o coração, me valerei da grandeza de Deus.*
>
> (Sidney Lanier)

55.9

Destrói, Senhor, e confunde os seus conselhos. Destrói a eles, pois estão dispostos a destruir-me. Confunde suas línguas, que de tal maneira me cortam e queimam, e planejam a minha destruição. Vejo violência na cidade. Está chegando perto de minha casa. Faze-os parar, antes que seja tarde! Foi assim que o poeta interrompeu seu sonho acordado sobre o vôo da pomba e encerrou suas lucubrações com uma tirada contra os seus inimigos.

Destrói. No original hebraico, a tradução literal seria "Engole-os". O abismo do julgamento de Deus, idealmente falando, se abriria e engoliria aqueles homens ímpios, conforme o que lemos em Núm. 16.30 ss. Está em pauta destruição total. A Septuaginta usa uma figura verbal diferente, "Afoga-os no mar".

Confunde os seus conselhos. Literalmente, "Divide os seus conselhos", o que os faria parar de tentar efetuar planos ousados. Se os inimigos do salmista se dividissem em facções contrárias, poderiam escapar. Uma guerra em que eles se engalfinhassem uns contra os outros talvez salvasse o salmista da guerra dirigida a ele.

Este versículo é cristianizado para falar sobre os planos maus, na cidade de Jerusalém, através dos quais Jesus foi levado a julgamento e foi crucificado. Ver Luc. 23.51; Mar. 14.56. Ver também os esquemas armados contra os apóstolos, em Atos 23.7.

55.10

Dia e noite giram nas suas muralhas. Aqueles homens ímpios eram como assaltantes noturnos, como um bando de criminosos que buscavam vítimas. Pertenciam a uma classe de criminosos, e o poeta sagrado não era o único alvo dos ataques. Sem dúvida, eles já tinham produzido um bom número de vítimas fatais. Giravam em torno de suas muralhas, e faziam-no abertamente, dia e noite. O autor pinta o quadro de uma cidade muito violenta, na qual os habitantes não andavam mais seguros, o que ocorre em muitas de nossas grandes e modernas cidades. Os bandidos andavam alertas e sem conciliar o sono, rondando furtivamente para ver que maldade poderiam praticar. Havia planos maléficos contínuos, sedições, calúnia contra os bons, atos ilegais de tribunal contra pessoas inocentes. Homens violentos haviam tomado o lugar de atalaias, cujo trabalho era manter a cidade em paz e frustrar os criminosos. Não havia mais paz e os crimes estavam fora de controle. Havia maldade à solta, bem como a tristeza daí resultante.

55.11

Há destruição no meio dela. O salmista oferece um pequeno sumário do caráter da cidade. Multiplicavam-se a iniqüidade (todos os tipos de atos maus); o engano (toda espécie de planos e de ações injustos); a fraude (negócios distorcidos e desonestos). Se Diógenes tivesse atravessado a cidade de Jerusalém com sua lâmpada, em busca de um único homem honesto, não teria encontrado nenhum. E se houvesse algum, ele estaria escondido, temendo por sua vida. Diógenes teria sido assaltado em Jerusalém, se ousasse ir ali! E, lembre-se o leitor, Jerusalém era a cidade onde, supostamente, dominava a lei. Contudo, aquela cidade era pior do que as cidades pagãs de povos idólatras, vizinhas de Israel. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Diógenes de Sínope.*

> *... o direito se retirou e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças e a retidão não pode entrar.*
>
> (Isaías 59.14)

55.12

Com efeito, não é inimigo que me afronta. Homens maus certamente eram um vexame; mas não era essa a principal tribulação do poeta sacro. Sua grande tribulação é que ele tinha um amigo especial que o havia traído (vs. 13). Os versículos anteriores mostram que homens ímpios estavam causando toda espécie de perturbação para o salmista. Portanto, ele fala aqui comparativamente. Os ímpios eram terríveis e difíceis de suportar, mas aquele homem especialmente ímpio, seu ex-amigo, servia-lhe de perturbação maior do que todos os outros reunidos. E, naturalmente, os indivíduos violentos dificilmente agem isoladamente. Eles andam em matilhas, como animais selvagens, e aquele, o pior de todos os homens maus, tinha os seus cúmplices. Aquele homem ímpio repreendia o inocente. Dizia mentiras e ameaçava com a violência. Odiava o homem bom e fazia tudo o que podia para destruí-lo. Exaltava-se contra ele, ou seja, tratava-o com insolência, conforme diz a Revised Standard Version. Se pessoas conhecidas (ou desconhecidas) o tratassem daquela maneira, ele teria encontrado uma maneira de suportar. Mas quando seu amigo íntimo se tornou o líder da matilha, o salmista se sentiu mentalmente esmagado. E sem dúvida era verdade que seu amigo fraudulento era o principal inimigo, embora não o único.

Pois dele eu me esconderia. O homem bom poderia simplesmente manter-se afastado do caminho dos ímpios. Encontraria maneiras de evitá-los e de prosseguir em sua vida, restringido, é verdade, mas não mortalmente ameaçado. Lembremo-nos do caso de Davi e Saul. Por um tempo relativamente longo Davi escondeu-se de Saul, e o fez com êxito. Ver I Sam. 20.24; 23,19. Por algum tempo, Jesus escondeu-se dos judeus (João 18.2). Porém, seria difícil esconder-se de uma traição clara, promovida por um "amigo". Alguns eruditos vêem aqui o caso de Aitofel, que esteve à base de conspirações contra Davi. Ele apoiou Absalão em sua revolta. Essa circunstância serve para ilustrar o texto, mesmo que não seja o incidente em foco. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Aitofel,* quanto ao relato. Esse homem terminou tirando a própria vida.

55.13

Homem meu igual, meu companheiro. A principal figura ímpia, o homem que tinha ameaçado a vida do poeta, era um amigo íntimo, descrito como um igual, um companheiro e amigo do peito. O acúmulo de descrições mostra a proximidade do

Canto ao grande poder de Deus,
Que fez os montes se elevarem;
Que espalhou os mares inundantes,
E que edificou os exaltados céus.

(Joseph Parker)

As declarações deste versículo, para que os justos se "regozijassem", "exultassem" e "folgassem de alegria", denotam "a grandeza, a freqüência, o fervor, a plenitude e a continuação da alegria deles" (John Gill, *in loc.*). O *acúmulo* de termos procura expressar algo que não tem descrição adequada.

68.4

Cantai a Deus. *O regozijo* (vs. 3) irrompe em cânticos. A congregação avança em cortejo, na direção do templo. Os cantores e músicos iam à frente, e o povo em geral os seguia. Ver I Crô. 25, quanto à importância do ministério da música em Israel. O culto dos hebreus era cheio de alegria, mesmo quando estavam sendo oferecidos sacrifícios solenes. *Elohim* era o objeto dos cânticos, porquanto estava sendo louvado por causa de tudo quanto fizera em favor de Israel. Ele é retratado como quem cavalgava as nuvens, pois sua posição estava muito acima dos homens. Os hinos eram assim entoados ao "Deus exaltado". Deus é aqui tratado por seu nome especial *Yah*, abreviação de *Yahweh*, o *Deus Eterno*. Deus intervém na história humana, está sempre à frente dela, e sempre a segue de perto. A palavra "aleluia" incorpora esse nome divino e significa "louvado seja Yah". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Yah (Êxo. 15.2), *Yahy* e *Yeho* têm sido encontrados entre os nomes divinos dos documentos de Ras Shanra, do norte da Mesopotâmia, o que significa que esses nomes não foram inventados pelos israelitas. Antes, os filhos de Israel os tomaram por empréstimo e lhes deram nova significação. Yahweh tornou-se o nome predominante para Deus, entre os israelitas. Jeová, por sua vez, foi uma invenção artificial, para que se pudesse falar em Deus sem incorrer na culpa de pronunciar em vão os nomes divinos.

Yahweh é o Deus que cavalga as nuvens (cf. Deu. 33.26), uma figura provavelmente tomada por empréstimo dos poemas mitológicos dos cananeus, que exaltavam a Aleyan Baal, que significa precisamente "o senhor que cavalga as nuvens". Não devemos surpreender-nos diante de tais empréstimos. Afinal de contas, nossos nomes para Deus também foram emprestados de fontes pagãs, tanto a palavra portuguesa *Deus* quanto o termo britânico *God*. Mas damos a esses nomes nossos próprios sentidos.

Não há outro, ó amado, semelhante a Deus! que cavalga
sobre os céus para a tua ajuda, e com a sua alteza sobre as
nuvens.

(Deuteronômio 33.26)

Cf. igualmente Sal. 104.3 e Isa. 19.1. Essas são figuras poéticas de majestade exaltada, dando a entender poder ilimitado. Elohim é digno de ser louvado por causa de Suas *realizações* distintivas, especialmente aquelas efetuadas em favor do povo de Israel. O autor sagrado passará agora a arrolar algumas dessas realizações.

68.5

Pai dos órfãos e juiz das viúvas. *Louvemos a Yahweh* por causa das coisas que Ele tem feito em nosso favor. Ele tem sido um *Pai* para os órfãos; tem garantido que as viúvas não sejam defraudadas nos tribunais, servindo de *Juiz justo* delas. Ele tem realizado essas obras como o Deus que reside em Seus elevados céus. Ele está entronizado bem no alto, mas continua trabalhando em Sua criação. É o Deus teísta que criou todas as coisas, mas não abandonou a Sua criação. Ele intervém na história humana; recompensa e pune. Ele não se parece com o deus dos deístas, que abandonou a criação à mercê das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Teísmo* e *Deísmo*. O versículo à nossa frente combina a transcendência e a imanência de Deus, embora não tente explicar como podemos reconciliar os dois conceitos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Imanência de Deus* e *Transcendente, Transcendência*. Os versículos que se seguem continuam a listar as coisas especiais que Deus faz.

68.6

Deus faz que o solitário more em família. Aos que estão desolados, Yahweh-Elohim cuida para que tenham um lar onde morar. A palavra hebraica por trás de "solitário" poderia ser traduzida "sem filhos", apontando assim para a má sorte, tão temida em Israel, de não ter filhos e herdeiros. Mas, examinando o versículo seguinte, é melhor falar em *exilados*. O braço divino se estendeu e recolheu essas pessoas, como fez com os cativos na Babilônia. Ademais, o lar que lhes proveu foi Jerusalém, e não simples casas individuais. A referência é, antes, às vagueações pelo deserto. Israel perambulou sem lar, no deserto; mas Deus finalmente lhes conferiu uma terra, ou melhor, uma *pátria*. Assim sendo, cada família teve sua faixa de terras, e foram estabelecidos lares tribais e individuais. Isso cumpriu a grande promessa do pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18).

Tira os cativos. Pode estar em vista aqui qualquer tipo de prisioneiro. Israel ficou aprisionado no Egito; homens justos às vezes sofrem prisões. Isso aconteceu a José. Um prisioneiro sem dúvida alguma é um pobre indivíduo. Está reduzido a zero. Mas quando Elohim o tira da prisão, ele então *enriquece* (idéia que aparece na Revised Standard Version). A King James Version refere-se antes às *cadeias* que prendem os prisioneiros. A palavra hebraica em questão acha-se somente aqui em todo o Antigo Testamento e vem de uma raiz que significa "amarrar". Mas essa palavra hebraica também pode significar "prosperar", e a maioria dos eruditos modernos prefere esse significado. O Targum fala sobre a maneira *pomposa* em que os prisioneiros são tirados de seu cativeiro pela mão de Deus.

Pelo *lado negativo*, os ímpios, em contraste com os justos, ficam a habitar em uma terra ressequida. A alusão pode ser aos israelitas errantes do deserto, que não entraram na Terra Prometida por causa de sua incredulidade, o que significa que Deus simplesmente os deixou ficar no deserto. As lições morais e espirituais são óbvias. Alguns eruditos fazem essa referência dizer respeito aos que preferiram ficar na Babilônia, porquanto foi pequeno o *remanescente que voltou à Palestina*, embora todos os judeus pudessem fazê-lo. Essa parte do versículo tem sido *cristianizada e transformada em uma metáfora* do que acontece com os que rejeitam a Cristo. A casa dos tais é deixada desolada. Eles mesmos são dispersos por toda a terra, e todo o lugar onde eles moram é uma terra seca. Ver Luc. 19.4.

68.7

Ao saíres, ó Deus, à frente do teu povo. Até este ponto, as referências históricas mostravam-se vagas. Mas agora, nos vss. 7 a 10, temos três ambientes históricos inequívocos: a libertação da escravidão egípcia; a conquista da Terra Prometida; e o estabelecimento de Jerusalém como a capital política e religiosa de Israel. Todas as coisas cooperavam juntamente para o bem (ver Rom. 8.28), visto que Deus conduziu o povo de Israel através de todas as vicissitudes da vida, e, finalmente, chegou o dia em que o povo de Israel pôde marchar avante, em um cortejo, para mostrar sua força perante as nações da terra. Por isso, os israelitas prestavam louvor singular e contínuo. A jornada pelo deserto foi, essencialmente, um período de testes. Seu prolongamento foi um juízo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quarenta*, quanto ao simbolismo do número de anos que eles permaneceram no deserto. Ver também o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia)*. Quanto a detalhes completos, ver o verbete *Vagueação no Deserto por Israel*.

O autor sacro ilustrava os cuidados de Deus por Seu povo, no *passado*, e esperava que os filhos de Israel louvassem a Deus por isso, bem como pelos benefícios que eles tinham no presente. Bendito seja o Senhor, que diariamente nos cumula de benefícios (vs. 19). As vagueações pelo deserto foram um tempo de milagres, como a coluna de nuvens que liderava os israelitas durante o dia, ou a coluna de fogo que os guiava durante a noite. Ademais, houve as provisões miraculosas de água (pois eles estavam longe dos sistemas de irrigação dos egípcios, bem como das águas do rio Nilo), e de alimento, como aconteceu com o *maná*.

O salmista sabia que seus leitores lembrariam os pontos fundamentais da história, pelo que não se preocupou em entrar em detalhes. Ele estava dando lições sobre os benefícios divinos, sobre o poder divino, sobre o louvor e a gratidão humana. Com essas coisas em mente, eles marchariam triunfalmente até o templo, que era o alvo de seu cortejo!

68.8

Tremeu a terra; também os céus gotejaram. O poeta não podia mencionar a história do Sinai sem tecer algum comentário. Foi ali que o poder de Deus mais se manifestou, quando a lei foi outorgada a Israel. A terra foi abalada e os céus derramaram-se em terríveis tempestades. O Sinai estremeceu diante da presença de Deus, do Deus de Israel, o Todo-poderoso. Cf. os vss. 7 e 8 com Juí. 5.4,5. Ver também Deu. 22.2-5. Quanto à história original, ver Êxo. 19 e 20. Foi no Sinai que Deus concedeu a lei mosaica, o manual de fé e conduta de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Lei no Antigo Testamento*. Ver as notas em Sal. 1.2, quanto a um *sumário* do que a lei significava para Israel. Naturalmente, os rabinos sempre ensinaram que o maior de todos os milagres dessa narrativa foi a própria lei, e não as manifestações sobrenaturais.

68.9

Copiosa chuva derramaste, ó Deus. Os *poderosos aguaceiros* que caíram, estando Israel no Sinai, simbolizavam a restauração e o refrigério do povo. A herança de Deus tinha-se enlanguescido. Mas as chuvas fizeram reviver o espírito deles, embora continuassem no deserto. Essas chuvas falavam da terra de que

os filhos de Israel estavam prestes a apossar-se, de que eles teriam chuvas suficientes para o povo, para os animais e para as plantações, e de que não seria necessário haver irrigação, como sucedia no Egito. E, naturalmente, também "choveu" o maná, e essa foi outra provisão divina, embora, provavelmente, não seja a provisão que está em pauta aqui. A narrativa do livro de Êxodo não menciona a chuva, mas a *densa nuvem* (ver Êxo. 19.16) presume essa chuva. A história original não fala da chuva a cair no deserto, quando Israel o atravessou, pois a água manava da Rocha (ver Êxo. 17.6). Parece melhor entender essas chuvas como as que ocorreram no Sinai, e, posteriormente, na Terra Prometida. *Metaforicamente*, como é óbvio, a chuva é a água da vida, e, *profeticamente*, Cristo, a vida do homem, *nos vem à mente. Ver João 7.37. Ver no Dicionário o verbete chamado Água.*

68.10

Aí habitou a tua grei. Elohim havia conduzido o Seu povo de Israel a um lugar de bênçãos abundantes, a saber, a Terra Prometida. Até os pobres foram beneficiados, porque cada família tinha sua própria faixa de terras na Terra Prometida. As bênçãos de Yahweh beneficiaram todos os indivíduos. Nenhum ser humano foi deixado de fora das bênçãos, pelo que esse foi um notável exemplo de como opera o amor de Deus. Talvez a palavra "necessitados" se refira ao povo todo, porquanto no deserto, sem residências, eram todos pobres e necessitados. Assim, os *pobres coletivos* tornaram-se os *afortunados coletivos*.

Grei. Estão em pauta as criaturas vivas, mas também podemos pensar em hostes, como em II Sam. 23.11,13. "Todos os seres com vida" pode ser a idéia central do vocábulo. O certo é que todos eram abençoados. Algumas versões portuguesas falam em *rebanho*, e isso preserva a noção de criaturas vivas, embora aplicando a palavra a pessoas, algo que a palavra "rebanho" pode fazer.

68.11

O Senhor deu a palavra. O sentido deste versículo é um tanto obscuro. Yahweh baixa a *ordem* (a palavra). Podia ser de *atacar* os inimigos, que precisavam ser expulsos da Terra Prometida. Por isso, Israel declarou guerra santa (ver Deu. 7.1-5; 20.10-20). Ou então foi baixada a ordem para que os filhos de Israel se *regozijassem*, porque os seus inimigos tinham sido expulsos da terra ou aniquilados. Seja como for, a palavra de Yahweh, a sua ordem, estava totalmente relacionada à conquista da terra e à jubilosa celebração porque a tarefa já estava concluída. Esse versículo tem sido aplicado aos tempos do cristianismo, quando foi proferida a ordem evangélica (a Grande Comissão); mas isso está fora de lugar aqui. A Septuaginta e a Vulgata Latina fazem este versículo tornar-se profético, mas esse é um entendimento equivocado.

A falange das mensageiras das boas novas. As "mensageiras", aqui, de acordo com o hebraico original, aponta para um grupo feminino, pelo que alguns intérpretes imaginam que um *grupo de donzelas* assumiu a liderança na celebração dos cânticos, os quais eram acompanhados por muitas danças, gritos e o toque de instrumentos musicais. Se esse é, realmente, o sentido (ver Êxo. 15.20,21; I Sam. 18.6,7; Juí. 5.12 e 11.34), então o que temos aqui é uma ordem divina para que houvesse celebrações, e não para entrar em guerra. Mas, visto que a palavra "falange" pode significar "exército", voltamos à primeira idéia.

68.12,13

Reis de exércitos fogem, e fogem. Está em foco a derrota dos *pequenos reis* que havia na terra de Canaã. Quanto a uma lista das nações que foram expulsas dali, ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Davi, posteriormente, aniquilou ou confinou *oito* povos inimigos (ver II Sam. 10.19), e foi somente então que a tarefa dada por Deus a Israel se completou. Até então restavam muitos bolsões de resistência, e houve muita fustigação contra Israel por parte de recém-chegados.

Diz aqui o texto hebraico, literalmente: "Reis da terra, fugi! Fugi!". Essas palavras poderiam preservar um antigo grito de batalha, agora repetido nas aclamações da celebração. Houve grandes despojos, e as vitórias foram tão completas que até mesmo mulheres podiam entregar-se ao saque. Residências foram estabelecidas e muitos bens foram recolhidos.

As asas da pomba são cobertas de prata. Essas palavras referem-se a itens escolhidos do meio dos despojos. As pombas voavam dos campos de batalha e suas asas eram recobertas de prata, ou seja, traziam muitas riquezas. As penas de suas asas eram feitas de ouro amarelo, o que aumenta ainda mais o poder da símile. Cf. Juí. 5.16, que se dirige à tribo sem glória que preferiu ficar sentada em casa aos perigos da batalha. Eles permaneceram perto de suas ovelhas e em segurança.

Uma alusão aos tempos de Débora confunde os acontecimentos (a vitória obtida por aquela juíza), mas podemos supor que as palavras dela tiveram aplicação natural aos exércitos dos dias de Josué. As tribos de Rúben e Gade foram as únicas que se negaram a ir à guerra.

Outra distorção deste versículo é a que faz de Israel a pomba com asas douradas, *apresentando-a assim como recoberta de riquezas, por causa do saque*. Cf. Sal. 74.19. Mas alguns estudiosos pensam que a pomba é o Espírito Santo, que distribui as riquezas de Cristo.

68.14

Quando o Todo-poderoso ali dispersa os reis. O hebraico original deste versículo é obscuro, e assim todas as traduções refletem apenas conjecturas sobre o que o poeta pretendia dizer. A neve do monte Zalmom, perto de Siquém (*cf. Juí. 9.48*), *pode referir-se à neve que caiu sobre uma montanha, como ajuda a* Israel, impedindo assim a defesa do local. Ou pode significar que o povo de Deus se sentiu refrigerado, *literalmente*; ou então essa declaração é uma *figura simbólica* que se refere às *bênçãos* de Deus, da mesma forma que pode referir-se à chuva. A severidade da tempestade de neve, rara nos invernos da Palestina, intensifica o simbolismo.

Zalmom. Ver no *Dicionário* o artigo com este nome, quanto a detalhes. A palavra significa "sombreada" ou "escura", e isso contrasta com o belo branco da neve. Assim sendo, Deus transformou a noite em dia, mas essa pode ser uma interpretação fantasiosa. Além do mais, há intérpretes que ampliam muito o sentido do versículo, fazendo-o referir-se ao purgatório; "Deus extinguiu as chamas do purgatório, por amor aos justos". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Purgatório*.

68.15,16

O monte de Deus é Basã. "O Senhor preferiu ter como lugar de habitação a *colina mais modesta de Sião aos picos mais altaneiros e impressionantes de Basã.* A referência primária, neste caso, provavelmente é ao monte Hermom, o pico mais imponente entre aqueles ocupados pelos Baals cananeus. O monte Hermom poderia tornar-se o sítio do templo de Yahweh" (William R. Taylor, *in loc.*, com uma adição). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Basã*. O poderoso monte Hermom olhava com inveja para a minúscula colina de Sião e não podia encontrar razão para a escolha divina (vs. 16). Basã tinha muitos picos que poderiam ter servido como local da construção do templo, que ultrapassavam o insignificante monte de Sião. Diriam os montes: "Será que Yahweh ficará ali, naquele minúsculo lugar, para sempre? *Não reverterá Ele essa escolha nada sábia e se voltará para nós?*".

Por que olhais...? Esse verbo pode significar "saltar" (conforme traduzido pela King James Version). Se essa tradução está correta, então as colinas perto de Basã podem ser retratadas como leões agachados, prontos para saltar sobre a presa, a saber, Israel, que passa por eles para ir a Sião. Aquelas feras olhavam fixamente para Sião, com inveja.

68.17

Os carros de Deus são vinte mil. Torna-se clara a pergunta apresentada no versículo anterior. As colinas próximas de Basã foram rejeitadas, e isso foi dramaticamente demonstrado pela vasta companhia de pessoas que marchava na direção de Sião. Uma inumerável companhia de anjos, dirigindo carros de combate, descia colina abaixo, reivindicando-a como habitação de Deus. Isto posto, Yahweh tinha avançado do Sinai, onde manifestara Sua presença, para Sião, onde continuaria a manifestar Sua glória. A figura simbólica é a de um *exército triunfante* que se apossava de uma cidadela, a qual se tornara um *lugar santo*, porquanto ali Yahweh se fazia presente. Foi assim que o Rei ascendeu ao Seu trono, e é assim que chegamos ao coração deste salmo, um salmo real que celebra a entronização do Rei. Hostes angelicais são retratadas a dirigir carros de combate e a descer sobre o monte, enquanto suas contrapartes humanas ascendem pelo mesmo monte.

O Targum diz aqui: "Os carros de Deus são vinte mil com chamas requeimantes, e dois mil anjos os guiam". Assim a glória foi transferida do Sinai para Sião, e ambos os eventos foram acompanhados por ministros angelicais. "Sião não cedeu a preferência nem mesmo diante do Sinai, visto que Sião incluía o Sinai em seu interior. Os anjos que tinham ministrado no Sinai habitam continuamente em Sião. Os querubins no templo eram seus representantes visíveis" (Fausset, *in loc.*).

68.18

Subiste às alturas, levaste cativo o cativeiro. Este versículo é usado em Efé. 4.8, em referência à *ascensão de Cristo*. Mas Paulo seguiu a interpretação de seus dias, conforme estava contido no Targum, e não conforme a interpretação primária do original hebraico, em relação ao Salmo 68. Diz ali o Targum: "Ascendentes ao *firmamento*, ó profeta Moisés! levaste cativo o cativeiro; ensinaste as palavras da lei. Deste dons aos filhos dos homens". Paulo, porém, substituiu Moisés por Jesus e deu uma distorção cristã aos dons que foram distribuídos. Cristo, como conquistador da morte e das forças de Satanás, distribuiu dons entre Seus súditos reais. Ver Efé. 4.11. Além disso, temos a interpretação evangélica que faz dos *cativos* as almas

boas que estavam no hades e foram transferidas para o céu, juntamente com Cristo, por ocasião de Sua ascensão. No entanto, no texto da epístola aos Efésios, não há o menor indício sobre isso. Este, meus amigos, é um notável exemplo de *eisegese*, e não de exegese. Em outras palavras, o texto é forçado a dizer isso, a fim de fornecer prova a uma mera suposição.

A figura tem origem militar. Os cativos são forças em *oposição* a Deus. O texto simplesmente diz que as forças ímpias foram *totalmente derrotadas*, por ocasião da morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Isso lhe deu completa vitória, e assim Ele foi capaz de distribuir dons (despojos) aos justos. Além disso, parece fora de lugar fazer dos cativos almas más no hades, que Cristo, em Sua missão redentora, levou para o céu como Seus cativos. Mesmo assim, este parece ser um sentido melhor do que o anterior, visto que um bom sentido é retido na palavra *cativos* (ex-inimigos). Seja como for, ver a explicação completa sobre Efé. 4.8, no *Novo Testamento Interpretado*.

O Sentido do Original Hebraico. Tendo averiguado qual é a interpretação cristã do texto, seguindo os comentários do Targum sobre a passagem, vejamos agora qual o sentido simples do original. "Levando cativo" provavelmente é uma referência vaga e generalizada à conquista da terra e aos vários *povos inimigos* que foram derrotados. Poeticamente, *remanescentes* desses povos (os cativos) foram retratados como quem fora levado pela colina de Sião acima, como ilustrações da vitória de Yahweh sobre os Seus inimigos, o que tornou possível a subida pelo monte santo. A prática seguida nas guerras antigas era exibir os cativos em um cortejo para mostrar "o que fizemos àqueles pobres coitados". Os cativos, assim sendo, tornavam-se *troféus de guerra* a serem exibidos diante dos olhares dos cidadãos que assistiam aos cortejos de vitória. Por isso diz claramente a Revised Standard Version: "Tu subiste pelo alto monte, levando cativos em teu séquito e recebendo dons entre os homens". Segundo essa versão, Yahweh obtém dons, em lugar de dá-los, embora, como é óbvio, Seu despojo fosse distribuído entre o Seu povo.

Até mesmo rebeldes. A referência histórica é aos poderosos e teimosos jebuseus, que, finalmente, Davi conseguiu desalojar de suas fortalezas na colina. Foi ali, entre os difíceis jebuseus, que o Senhor veio habitar, a despeito da oposição deles. Generalizando o fator literal e histórico, em qualquer século, o poder de Yahweh derrota a oposição e cumpre os Seus propósitos. Sião continuava a ser, portanto, o centro da presença e do poder de Deus, bem como o lugar de onde Ele distribui dons espirituais aos fiéis. A oposição de homens ímpios não pode frustrar os propósitos divinos.

> *Salmodiai a Deus, cantai louvores; salmodiai ao nosso Rei; cantai louvores. Deus é o Rei de toda a terra.*
>
> (Salmo 47.6,7)

Dentro do contexto do original hebraico, pois, temos a entronização de Yahweh em Sião. No contexto cristão, entretanto, temos a ascensão e a subseqüente entronização de Cristo nos céus. Ver Col. 2.15, quanto a outra aplicação cristã. E ver também I Cor. 15.54.

68.19

Bendito seja o Senhor. *Uma Esplendorosa Aplicação.* Ao subir a colina de Sião a fim de ser entronizado, Yahweh recebeu dons da parte dos homens. Agora, porém, nós O vemos a distribuir favores aos fiéis. Ele distribuiu dons de maneira *abundante*, pelo que o povo ficou *sobrecarregado* de presentes. Por esse motivo, agradecemos a Ele e abençoamos o Seu nome. Tudo isso serve de prova de que Elohim é o Deus da nossa *salvação*. Quanto a isso, ver notas expositivas e referências providas em Sal. 62.2. No sentido hebraico, temos todos os benefícios da lei (ver uma nota de sumário em Sal. 1.2). No sentido cristão, temos todos os benefícios providos por Cristo em Sua *salvação* (ver a respeito no *Dicionário*). Suas riquezas foram distribuídas. Quanto a esse conceito, ver Efé. 1.7,18 e 3.8. As riquezas de Cristo são a *herança* dos justos.

Leva o nosso fardo. Essa tradução da Revised Standard Version e de nossa versão portuguesa substitui a "carga de benefícios" da King James Version. A idéia, pois, é que Yahweh é nosso *portador de fardos, ajudante* nas nossas angústias, nosso apoiador diário em qualquer tribulação. Deus como nossa salvação seria um paralelo desse pensamento, caso em que a palavra "salvação" adquire o sentido de "livramento". "Deus é quem carrega nossas cargas e nos liberta da morte. Davi estava convencido de que a entrada de Deus em Sião, em favor de Seu povo, resultaria na completa destruição do inimigo de ambos" (Allen P. Ross, *in loc.*, com uma interpretação menos inspirada, mas, provavelmente, a pretendida por este versículo). Essa interpretação harmoniza-se com a declaração do versículo seguinte. O Targum faz com que o "fardo" sejam os preceitos da lei, postos continuamente sobre os ombros dos justos. Mas isso parece remoto ao texto. Ou então a idéia poderia ser que Yahweh continuamente impõe fardos (aflições e problemas) sobre os justos a fim de submetê-los a teste; mas este também é um pensamento distante. Antes, Yahweh é o "portador dos fardos".

68.20

O nosso Deus é o Deus libertador. Este versículo dá prosseguimento à idéia do vs. 19, de que Elohim é o "portador de fardos". Ele é o Deus da nossa *salvação*, ou seja, do nosso *livramento*, e também é o Deus das alianças, mediante as quais dá muitas provisões físicas e espirituais para o Seu povo (outra idéia vinculada à salvação). As notas expositivas em Sal. 62.2 oferecem explicações sobre a palavra "salvação". Deus é quem nos permite "escapar da morte" (Revised Standard Version). A Ele pertencem "as questões da vida e da morte" (King James Version). A nossa versão portuguesa prefere ficar com a idéia da Revised Standard Version. Certamente não está vem vista a morte do hades, para além do sepulcro. Está em foco a morte física *prematura*, o que parecia deveras espantoso para a mente dos hebreus.

É o Deus libertador. Outras versões dizem "salvações", no plural, algo que as traduções deixam de observar. Muitos livramentos estão aqui em pauta. "Por mais numerosos que sejam os males ameaçadores, que nos destroem, Deus tem às Suas ordens incontáveis meios de livramento" (Fausset, *in loc.*). Haverá múltiplos livramentos de múltiplas provações. Haverá muitas fontes originárias de morte potencial e muitos livramentos dessas fontes de morte. Faz parte da fé padronizada dos hebreus, dos cristãos e dos pagãos que Deus tem poderes sobre as questões da vida e da morte, que é Ele quem estabelece o dia da morte e a sua maneira. Assim sendo, nossos dias estão numerados ou determinados. Mas as próprias Escrituras e a experiência dos homens mostra, que o dia da morte de alguém, no caso de *muitos*, posto que não no caso de todos, pode variar. Ezequias obteve quinze anos extras ao clamar e orar voltado para a parede. Ver II Reis 20.1-11. Muitas pessoas idosas, que entraram em rotinas entediantes, sem produzir coisa alguma, podem viver mais alguns anos, ou mesmo morrer no dia de amanhã, sem ferir nenhum princípio espiritual ou violar alguma determinação divina. Naturalmente, Deus sabe quando essa gente morrerá, mas conhecimento prévio não é a mesma coisa que preordenação. Deus pode saber que eles viverão alguns poucos anos mais, ou então que eles morrerão hoje.

Outra coisa deve ser dita aqui. Algumas pessoas idosas *insistem* em continuar vivendo. Sua força de vontade até parece ter o poder de fazer-lhes continuar vivas, porém, em muitos casos, tal vida ganha é apenas dor, tanto para as próprias pessoas como para os que delas cuidam, ao custo de esforços e dinheiro desnecessários. Além disso, onde está a fé? É melhor partir e estar com o Senhor. Insistir em viver mais e mais, a qualquer custo e em qualquer estado de saúde, é uma atitude tipicamente materialista.

68.21

Sim, Deus parte a cabeça dos seus inimigos. Deus tem nas mãos as questões da vida e da morte (vs. 20), o que pode significar longa vida para os bons, mas também vida curta para os iníquos (vs. 21). A morte prematura era tida como punição imposta pelo poder divino. Alguns homens idosos podem continuar indefinidamente em seus pecados, mas seu tempo finalmente chegará. Seja como for, a vida é extremamente passageira, o que quer dizer que o julgamento divino não perde um único passo.

E o cabeludo crânio. É provável que a figura aqui seja a dos inimigos de Israel, que fizeram um voto de continuar combatendo contra os descendentes de Jacó. Eles permitiam que seus cabelos crescessem como sinal do voto tomado, talvez até verem a destruição de Israel. Tais pessoas atraem contra si mesmas a pesada mão de Deus e são esmagadas por ela. Note-se que Deus fere essas pessoas *na cabeça*, onde está localizado o símbolo do voto precipitado que fizeram. Tal golpe é justo porque fere o aparelho de pensar, que, de outra sorte, continuaria maquinando planos diabólicos. A figura simbólica pode ser a de um daqueles capacetes equipados com decorações como de cabelos, que supostamente faziam os homens ficar parecendo com feras. A arma de Deus atingiria os tais homens exatamente naquela massa cabeluda, e o homem iníquo arriaria. Certas "transgressões" (contra leis conhecidas) são fatais. No entanto, "Vinde cada alma oprimida pelo pecado, pois há misericórdia com o Senhor".

68.22

Disse o Senhor: De Basã os farei voltar. O povo de Deus pode ser seguido e caçado todo o caminho até *Basã* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas o poder de Deus é suficiente para trazê-los de volta em segurança, depois de qualquer fuga. Mediante uma hipérbole poética, o autor fez Elohim trazer o Seu povo das profundezas do mar. Mas talvez as "profundezas do mar", neste caso, devam ser entendidas metaforicamente como uma *tribulação profunda*. Ou então a referência é à passagem em seco pelo mar Vermelho. Esse foi um livramento miraculoso do mar, e Deus pode continuar fazendo tais prodígios em favor de Seu povo.

> *Se se esconderem no cume do Carmelo, de lá buscá-los-ei, e de lá os tirarei, e se dos meus olhos se ocultarem no fundo do mar, de lá darei ordem à serpente, e ela os morderá.*
>
> (Amós 9.3)

No livro de Amós, o assunto é julgamento, em vez de livramento, mas se emprega o mesmo tipo de expressão poética.

"Ele livrou Seu povo de Ogue, rei de Basã, em uma ocasião anterior (ver Núm. 21.33-35), pelo que continuou prometendo essa forma de livramento... 'Das profundezas do mar', ou seja, das condições mais miseráveis e desesperadoras, das profundezas do pecado e da miséria; para fora da impotência e da desesperança" (John Gill, *in loc.*). O Targum, olhando para o distante futuro, vê nesse versículo a promessa de ressurreição.

Alguns estudiosos consideram Basã qualquer ponto a *leste*, ao passo que o mar (Mediterrâneo) seria qualquer ponto *oeste*, ou seja, *de qualquer lugar*. Isto é em seguida cristianizado para falar do alcance universal da missão de Cristo. Seu poder pode trazer homens de qualquer lugar para qualquer lugar. Onde quer que os homens se encontrem, até mesmo no hades, Jesus tem poder de alcançá-los.

68.23

Para que banhes o teu pé em sangue. A matança dos inimigos de Israel seria tão grande que rios de sangue banhariam o campo de batalha. Os soldados de Israel, no espírito de vingança e na alegria perversa, caminhariam pelo sangue. Então os cães seguiriam o exemplo deixado por eles e lamberiam o sangue, obtendo assim o "seu quinhão". Essa última observação logicamente degrada o inimigo. O sangue deles valia tão pouco que, finalmente, se tornou a porção dos cães. Ora, acreditava-se que a vida residia no sangue. Assim, no fim, os cães obteriam a sua vida. O exemplo do sangue de Jezabel, em ocasião anterior, que foi lambido pelos cães, veio à mente do poeta sagrado. O mesmo aconteceu, em ocasião ainda anterior, ao horrendo Acabe. Ver I Reis 22.38 e II Reis 9.35,36, quanto a essas narrativas. Ver algo similar em Apo. 14.20.

> *Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio.*
>
> (Salmo 58.10)

Ver as notas expositivas sobre esse versículo, quanto a maiores informações e ilustrações.

O Cortejo para o Templo (68.24-27)

68.24

Viu-se, ó Deus, o teu cortejo. O *cortejo*, por essa altura dos acontecimentos, entrou no recinto do templo. Esse é o cortejo do Deus e Rei do poeta. Os que estavam qualificados a entrar onde os sacerdotes ministravam, no santuário, o Lugar Santo, assim o fizeram. As multidões ficaram no átrio, mas sabiam o que corria no interior da nave. "A esperança do livramento nacional foi mantida viva na adoração do santuário, que o poeta passa a descrever. Um cortejo solene avança na direção do templo, e temos aqui uma descrição do que sucedida, por parte de alguém obviamente interessado no ritual, familiarizado com ele como estava" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 24.7-10.

68.25

Os cantores iam adiante. Nenhum cortejo, ou mesmo culto formal no templo, seria efetuado sem o acompanhamento apropriado de cânticos e instrumentos musicais. Os cantores seguiam na vanguarda da procissão, e os músicos com seus instrumentos seguiam na retaguarda. Além disso, havia donzelas tocando instrumentos musicais, mas elas não podiam adentrar o santuário, cujo acesso se limitava aos sacerdotes e levitas. Havia gritos e danças, e em breve haveria muita festividade, e o vinho fluiria como o rio Amazonas. Ver a importância do ministério da música em I Crô. 25. Os músicos eram profissionais, em um mister que passava de geração para geração. As mulheres não participavam da profissão dos levitas, mas, informalmente, tomavam parte dos cortejos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais*.

Donzelas com adufes. Ou seja, elas tocavam *tamborins* (ver Êxo. 15.20 e Juí. 11.34). Cf. I Sam. 18.6,7, quanto à participação das mulheres nos cortejos de Israel. Ver também Êxo. 15.20. O Targum interpreta a questão incluindo Moisés no mar Vermelho, com Miriã e as mulheres tocando tamborins, mas isso é apenas um anacronismo.

68.26

Bendizei a Deus nas congregações. Elohim era bendito por toda a congregação (a grande), que não se esquecia também de Seu nome, Yahweh, o Deus Eterno, a quem eram dirigidos louvores. Eles eram o povo da Israel, a *estirpe* da nação, ou seja, o povo derivado daquele tronco. Este versículo informa o que eles cantavam, ou, pelo menos, o âmago desses cânticos.

Estirpe de Israel. Ver Isa. 48.1 e 51.1. Parece que o sentido destas palavras é que o povo de Israel se derivava das "cabeceiras" dos antigos patriarcas, comparando-se a nação a um grande rio que vinha de longe e terminava, naquele dia, no cortejo ao templo. Deus, naturalmente, é a fonte das águas vivas, bem como a fonte de todos os homens espirituais.

> *... abandonam o Senhor, fonte das águas vivas.*
>
> (Jeremias 17.13)

As fontes jorram água viva, e qualquer coisa que metaforicamente possamos dizer sobre a água aplica-se também às fontes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, que inclui os usos metafóricos desse termo.

> *Há uma fonte cheia de sangue*
> *Tirado das veias do Emanuel.*
> *Os pecadores que mergulham nesse dilúvio,*
> *Perdem todas as suas manchas de culpa.*
>
> (William Cowper)

68.27

Ali está o mais novo, Benjamim. *Uma Completa Representação.* Naquele cortejo, Benjamim e Judá representavam o sul (reino de Judá), enquanto Zebulom e Naftali representavam o norte (reino de Israel). E assim, apesar de muitas tribos não estarem presentes, havia uma representação nacional, *simbólica*. Fazia muito tempo que as tribos do norte se haviam perdido e sido absorvidas pela Assíria; e é provável que, quando o autor sacro escreveu, o cativeiro babilônico já tivesse ocorrido. Esse cortejo, pois, deu-se depois de terminado o cativeiro babilônico, e apenas alguns poucos representavam o reino do norte. As descrições históricas provavelmente viram o culto do primeiro templo, embora o segundo templo já estivesse de pé quando o salmista compôs o seu hino. Os detalhes dados lançam luz abundante, visto ser esse um dos poucos relatos de um ato cerimonial em nossas fontes hebraicas. Cf. Eclesiástico 50.5-21.

O mais novo, Benjamim. A tribo de Benjamim virtualmente perdeu sua identidade. O que restou misturou-se com a tribo mais numerosa de Judá. Por conseguinte, após o cativeiro assírio, Judá tornou-se a nação de Israel, e, nos livros posteriores do Antigo Testamento, passou a ser chamada de Israel. Benjamim tinha sido virtualmente aniquilado por ocasião do incidente em Gibeá (ver Juí. 20.48). O primeiro rei, Saul, pertencia à tribo de Benjamim, mas isso não impediu que a tribo desaparecesse. O apóstolo Paulo também pertencia a essa tribo (ver Rom. 11.1). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tribo (Tribos de Israel)*.

Que os precede. Essa é a tradução correta do texto sagrado. A King James Version diz aqui "com seu governante". Mas isso não tem sentido algum no contexto, sendo um trecho no mínimo obscuro, se é isso o que, realmente, quer dizer. Alguns, entretanto, insistem que essas palavras enfocam Saul, o primeiro rei de Israel. Porém, é muito difícil ver por que o poeta sagrado se importaria em fazer tal referência a Saul em um hino pós-exílico. Outros estudiosos cristianizam o termo "governante", transformando-o em uma referência a Cristo, mas certamente essa interpretação labora em erro.

Se não postularmos uma composição pós-exílica para este salmo, será difícil explicar por que apenas quatro das doze tribos de Israel foram mencionadas. Quando lemos as listas dos que retornaram de Babilônia para a Terra Prometida, é como um "quem é quem" de Judá.

68.28

Reúne, ó Deus, a tua força. *Grandes realizações* foram efetuadas por Elohim, no passado, mas continuava havendo muitas coisas para serem feitas, pelo que o poeta conclamou a Deus que continuasse agindo. Isso garantiria a consolidação da nação, após o cativeiro, e produziria um Novo Israel. É provável que o segundo templo já estivesse de pé quando o salmista escreveu, dizendo que antigos inimigos estariam dispostos a destruir novamente o templo. Este versículo (e também o seguinte) faziam parte do hino que foi entoado. Este versículo tem sido cristianizado para fazer o salmo dirigir-se ao Messias, o qual trazia ainda maiores vitórias no futuro do que as havidas no passado. O vs. 29 mostra que haverá vitórias universais, quando monarcas pagãos trarão seus presentes ao Rei dos reis.

68.29

Oriunda do teu templo em Jerusalém. O *novo templo* (o segundo) tinha sido construído, consolidando assim o Novo Israel (formado, essencialmente, da tribo de Judá) na Terra Prometida, terminado o cativeiro babilônico. Dado esse

passo, o poeta conclamou Deus a estabelecer Seu culto em Jerusalém. Esse *culto tornar-se-ia famoso, e reis do mundo inteiro viriam prestar* lealdade ao Rei, diante do templo. Parte do hino composto pelo salmista, que era entoado nos cortejos para o templo, menciona essas coisas. Essa era a esperança de Israel, e essas eram as palavras dos profetas de Israel.

"Os gloriosos livramentos, concedidos por Deus ao Seu povo, pelo Deus que habitava em Sião, garantiam a futura subjugação do mundo inteiro sob o Seu mando" (Fausset, *in loc.*).

"Este versículo é um poderoso argumento para atribuir este salmo à época da reconstrução do templo, ou à sua rededicação após as poluções praticadas por Antíoco Epifânio" (Ellicott, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o templo espiritual, a igreja, bem como sobre os eventos relativos ao triunfo do evangelho no mundo.

68.30

Reprime a fera dos canaviais. Sempre haveria forças *contrárias.* Isto posto, o poeta não se olvidou de incluir no hino uma petição de que tais forças fossem derrotadas, de modo que os planos de Deus não falhassem. Certas nações *deleitavam-se na guerra,* e estariam esperando a oportunidade de atacar, a qualquer momento em que Israel se debilitasse ou elas se fortalecessem.

Fera dos canaviais. Temos aqui uma referência óbvia ao Egito, "a fera do junco", pois o singular concorda com o original hebraico. Essa fera era o crocodilo ou o hipopótamo, símbolo da força daquele povo. Em seguida, temos a menção aos *touros* e aos *novilhos,* que significam, respectivamente, os fortes e os fracos, ou os príncipes e o povo comum. Todos esses se uniriam para derrotar Israel, e haveria um ataque lançado pelo sul. Os *touros* foram mencionados, por causa da adoração ao boi do Egito, universalmente conhecida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ápis.*

O Egito estava entre os países que se deleitavam na guerra, pelo que o salmista solicitou de Deus que as forças daquele povo fossem espalhadas (King James Version) ou pisadas aos pés (Revised Standard Version). Meditemos sobre os seguintes pontos:

1. Então o Egito estaria sujeito ao pagamento de tributos e canalizaria sua prata a Jerusalém.
2. Mas o significado parece ser antes que aquele povo (o Egito), que apreciava coletar tributos, seria sujeitado a pagar tributos, conforme o vs. 31 passa a dizer-nos.
3. A referência à prata pode significar que os egípcios eram tão ricos nesse metal que com ele decoravam vestes e sandálias. O hebraico original do vs. 30 é obscuro, pelo que tem sido variegadamente traduzido.
4. Ellicott, *in loc.,* vê ainda outro significado: "Repreende aos que avançam em sua marcha para obter prata", ou seja, despojos, e assim recolhem as riquezas de outras nações para eles mesmos.

68.31

Príncipes vêm do Egito. Temos aqui outro versículo que se presta a diversas interpretações:

1. A King James Version vê este versículo como se falasse de reis (especificamente do Egito e da Etiópia) que viessem pagar tributos e lealdade ao Rei Yahweh.
2. Isso pode ser espiritualizado, dando a entender, pois, que eles se converteriam e contribuiriam com tudo quanto era deles para sua nova lealdade.
3. A Revised Standard Version fala em tributo diretamente pago: o Egito traria o bronze, e a Etiópia estenderia as mãos para Elohim, dando-Lhe tributos formados por várias espécies de produtos não especificados. Poder-se-ia pensar que esse "tributo trazido" subentendesse a conversão, embora isso não tenha sido dito. Somos informados aqui que os futuros inimigos de Israel não serão bem-sucedidos em seus ataques; pelo contrário, serão derrotados e sujeitados a pagar tributos.
4. Ou então o tributo aqui referido é *apenas espiritual.* As nações que se *converterem a Deus viriam a Jerusalém, tornando-se súditos voluntários,* espiritualmente falando, e unindo-se ali ao culto a Yahweh.
5. Este versículo é então cristianizado para mostrar como o evangelho de Cristo sujeitará a Ele todas as nações, bem como o tributo oferecido será a adoração e a lealdade da alma.

A Etiópia corre a estender mãos cheias para Deus. Por temor, assim farão os etíopes, pagando tributos, antes que alguma outra calamidade os atinja. Ou então virão adorar a Yahweh ansiosamente. Esses povos expressarão apressada submissão, quer materialmente, quer espiritualmente, ou mesmo de ambas as formas.

Príncipes. Ou seja, no hebraico, *hashmanim,* nobres ricos. Foi desse termo que os macabeus assumiram seu nome de *asmoneanos.*

Uma Nobre Doxologia (68.32-35)

68.32

Reinos da terra, cantai a Deus. Encontramos aqui uma das mais excelentes doxologias da literatura universal.

Este hino foi composto e o salmista convidou todos os povos a cantar e render graças a Yahweh-Elohim, o Rei de toda a terra. Ambos os nomes divinos, no hebraico, são usados neste versículo: Elohim, o Todo-poderoso, e Yahweh, o Deus Eterno. É esperado triunfo completo. Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o sucesso universal do evangelho:

> *... para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra.*
>
> (Filipenses 2.10)

Meus amigos, haverá uma reverência evangélica que produzirá benefícios espirituais aos que reverenciarem. E note o leitor que isso ocorrerá nas *três* grandes esferas: na terra, debaixo da terra (no hades) e nos céus. A missão de Cristo é *tridimensional.* Cf. Efé. 4.7-10, que tem as mesmas três dimensões, onde Cristo se torna tudo para todos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração. Cristo tem alcançado e continuará alcançando homens em qualquer lugar.*

Selá. Quanto aos possíveis sentidos desta palavra, ver Sal. 3.2.

68.33

Àquele que encima os céus. Elohim dirige tudo quanto acontece no céu, pelo que não será grande a tarefa de controlar o futuro de Israel. Ele é o Criador, e Sua *voz é criativa.* Por isso mesmo, Ele emite Sua voz e dá ordens diretivas que moldam os eventos. Ele troveja nos céus e assusta os homens. E estes cumprem a vontade Dele, motivados pelo temor. Ele faz soar Sua voz graciosa, e então eles cumprem o que Ele diz, em amor.

> *Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor, teu Deus, a terra e tudo o que nela há.*
>
> (Deuteronômio 10.14)

Ver também I Reis 8.27.

> *Não há outro, ó amado, semelhante a Deus! que cavalga sobre os céus para a tua ajuda, e com a sua alteza sobre as nuvens.*
>
> (Deuteronômio 33.26)

Este versículo foi cristianizado para falar sobre como Cristo tomou Seu lugar à mão direita de Deus, por ocasião de Sua ascensão (ver Heb. 1.10; Efé. 4.10). Essa *voz* é considerada o evangelho, mas o Targum pensa que é a voz da profecia. A voz diz o que se seguirá (vs. 34).

Os céus da antiguidade. Desde os tempos mais antigos, Elohim esteve no controle das coisas, e Sua voz criou os céus e a terra. E Ele continua controlando todas as coisas, e o futuro está seguro em Suas mãos.

68.34

Tributai glória a Deus. O nome de Elohim significa força; confessemos que essa é a Sua suprema possessão, e todas as criaturas humanas, em comparação a Ele, são débeis e ineficazes. Portanto, atribuamos poder ao Poder, e esperemos que Ele fará o que é correto e benévolo, conforme sempre fez. Seu poder está no *firmamento, nos céus, operando nos lugares mais excelsos. Sendo esse o caso,* a força de Deus também alcança os lugares baixos, como a terra.

> *Levantai, levantai agora as vossas vozes!*
> *O mundo inteiro regozija-se agora!*
> *O Senhor triunfou gloriosamente,*
> *O Senhor reinará vitoriosamente.*
> ...
> *Ó Vitorioso, ajuda-nos em nossa luta,*
> *guia-nos através da morte para reinos de luz;*
> *Passamos em segurança por onde caminhaste;*
> *Em Ti morremos para ressuscitar para Deus.*
>
> (John M. Neale)

68.35

Ó Deus, tu és tremendo nos teus santuários. Elohim é poderoso e terrível tanto em Seu santuário celeste como em Seu santuário terrestre. Seu poder se irradia do alto e de baixo. O Poder reside em Israel, pois Ele é o Deus deles, pelo que as Suas manifestações vêm principalmente dali, se estivermos falando da esfera terrestre. Ele concede poder e força a Seu povo, garantindo um brilhante e bem-sucedido futuro.

> *O Senhor dá força ao seu povo, o Senhor abençoa com paz ao seu povo.*
>
> (Salmo 29.11)

> *Faz forte ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem. Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*
>
> (Isaías 40.29-31)

Por conseguinte, aquele que recebe tal poder deve ser invencível, pois conta com o apoio do Deus irresistível.

Bendito Seja Deus! "A ocasião inteira da ascensão ao templo termina assim, com uma doxologia" (William R. Taylor). E assim se encerra um dos mais nobres salmos de todo o saltério. Cada linha contém uma palavra de esperança, uma nova de vitória. As cordas do coração de um homem bom continuam ressoando do começo ao fim.

Salmo Sessenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. *Dou ali dezessete classes e listo* os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação.* Tipicamente, esses salmos começam com um clamor a Deus, pedindo auxílio, ante os ataques de inimigos. Então segue-se uma descrição dos inimigos, que podem ser invasores estrangeiros de Israel, ímpios israelitas no acampamento de Israel, ou alguma enfermidade. Os inimigos *enfrentados neste salmo estavam dentro do acampamento* de Israel e fizeram falsas acusações contra o poeta sagrado, querendo que ele restaurasse o que, alegadamente, teria furtado (vs. 4). Ao mesmo tempo, o salmista era afligido por alguma enfermidade que seus inimigos naturalmente atribuíam a um suposto julgamento de Deus. Finalmente, esses salmos contêm no final uma nota de louvor e triunfo, e, embora alguns terminem em um tom de desespero, o que também é verdade, em alguns casos, nesta vida física, o Salmo 69 tem um excelente hino e sua própria nota de louvor (vss. 34-36).

Este salmo fala sobre o livramento de Sião em um tempo de aflição, e, pela primeira vez nos salmos, essa aflição tem paralelo nos próprios problemas do salmista. Em outras palavras, as suas experiências tornam-se uma espécie de miniatura das tribulações de Sião. Cf. Sal. 9.13-20; 51.18,19 e 102.12,13, quanto a algo similar. Portanto, temos aqui algo que se aproxima de uma filosofia da história. I e II Crônicas têm a contribuição literária de apresentar a filosofia da história dos hebreus. A história começa em algum ponto dentro do tempo (e não é circular); segue uma série de eventos, dirigindo-se a um alto e glorioso alvo. A história, ainda segundo essa filosofia, é *guiada* teisticamente, não sendo produto do acaso. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo.* O Criador não abandonou a Sua criação à mercê das leis naturais (conforme afirmam os deístas). Pelo contrário, Deus está na história, intervindo, recompensando os bons e punindo os maus. Os homens são moralmente responsáveis.

A data deste salmo não pode ser determinada de modo absoluto, mas à base do vs. 9 compreendemos que existia um templo (ou o primeiro ou o segundo) na época de sua composição. Sião, porém, sofria tribulações, e isso pode indicar os tempos perturbados de Esdras e Neemias. Se os vss. 34-36 forem vistos como *uma adição por parte de um editor subseqüente, então deveremos supor que a* parte maior do salmo tenha sido escrita algum tempo anterior.

Subtítulo. Neste salmo encontramos o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lírios de Davi". "Lírios", nesse caso, corresponde à palavra hebraica *sosanim,* que pode falar da primavera, ou essa pode ter sido a principal palavra do hino. Talvez os salmos caracterizados por essa palavra estivessem associados à Páscoa, o que nos faz lembrar da redenção da servidão. O Salmo 45 contém a mesma palavra, mas é atribuído a Coré. Quanto a outras idéias sobre a palavra hebraica *sosanim,* ver as notas do subtítulo do Salmo 45. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida, mas pelo menos alguns foram compostos por ele, visto ter sido o mavioso salmista de Israel (ver II Sam. 23.2). Devemos relembrar que as notas de introdução aos salmos foram escritas por editores posteriores, pelo que não faziam parte original dos salmos e não têm nenhuma autoridade canônica. A maior parte do que encontramos nesses subtítulos compõe-se de meras conjecturas, nem sempre muito refinadas.

Apelo a Deus (69.1-3)

69.1

Salva-me, ó Deus. "Davi pleiteou que Deus o salvasse da destruição, porquanto ele levou a reprimenda e a rejeição de seus irmãos, por amor ao Senhor. Tendo orado para que Deus retribuísse a desumanidade de seus opressores, ele olhava para o futuro, para louvores universais e para a restauração" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Cf. Sal. 3.7; 6.4; 20.9; 22.21; 28.9; 31.2; 54.1; 57.3; 59.2; 60.5; 71.2; 80.2; 86.2; 106.47; 108.6; 118.25; 119.24; 138.7, quanto ao mesmo apelo, "salva-me". Então, em Sal. 62.2, ver Deus como a nossa *salvação,* quanto a referências e o que essa expressão significa. O salmista precisava de *livramento* (salvação) de um duplo inimigo: homens hostis que o acusavam de coisas que ele não havia feito, e de uma enfermidade física que lhe ameaçava a vida. Ver os vss. 4, 26 e 29, quanto a essas duas perturbações. A morte estava próxima. Os cuidados de Deus se faziam urgentes.

As águas. Esta é uma metáfora comum para tribulações sérias que avassalam a vida e a arrebatam. As tribulações podem ser como o mar tempestuoso. Cf. o vs. 15 e 18.4,16; 32.6; 40.2; 42.7 e Jon. 2.5. O trecho hebraico original diz aqui, literalmente, "águas que sobem até o pescoço" (Revised Standard Version), e não "até a alma", conforme a King James Version e a nossa versão portuguesa. A figura simbólica é a de um homem prestes a morrer afogado, o que explica a urgência do caso.

69.2

Estou atolado em profundo lamaçal. *Águas profundas e lama formavam* o meio ambiente metafórico do salmista, porque, afinal, ele tinha duas espécies de tribulações, as quais poderiam ser fatais: inimigos que lhe caçavam a vida; e alguma terrível enfermidade. Ele era como um homem que afundava em um atoleiro. Não tinha lugar seguro onde se firmar de pé. Era como um homem sobrecarregado pelas ondas do mar, pelas torrentes poderosas de um rio, que o tivessem apanhado de surpresa.

> *Tirou-me de um poço de perdição, dum tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos.*
>
> (Salmo 40.2)

Os vss. 1 e 2 são considerados messiânicos, e aquele que apresentara a petição é chamado de Cristo; mas isso é uma aplicação, e não uma interpretação. "... as aflições são, com freqüência, comparadas a águas, nas Escrituras. Assim também as tristezas e os sofrimentos de Cristo são aptamente simbolizados por águas profundas e inundações que a tudo invadem, e com razão são chamados de *batismo,* pelo próprio Cristo (ver Luc. 12.50)" (John Gill, *in loc.*).

69.3

Estou cansado de clamar. Um intenso e prolongado clamor havia deixado o salmista exaurido, e sua garganta estava ressecada de tanto gemer. Seus olhos estavam ficando enevoados, depois de ter esperado em vão que Elohim o ajudasse. Ali havia Poder, mas esse poder não era posto à disposição *dele.* No entanto, ele continuava orando, porque a oração reveste-se de poder, e grande poder, quando aprendemos a explorá-la. Os hebreus eram um povo emotivo, que dava demonstrações disso em alta voz, sem importar se a emoção era a alegria ou a angústia.

> *Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas catadupas; todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim.*
>
> (Salmo 42.7)

Os meus olhos desfalecem. Um grande esforço dos olhos, depois de um tempo prolongado, debilita a acuidade visual; e o poeta sagrado usou esse fato para dizer-nos, *metaforicamente,* que os seus olhos quase se tinham cegado, depois de muito ter olhado para Deus sem receber recompensa, o que significa que ele muito orou ansiosamente.

Esmorecem os meus olhos de tanto esperar por tua promessa, enquanto digo: Quando me haverás de consolar?

(Salmo 119.82)

Ver também Lam. 4.17 e Sal. 40.12, quanto a essa figura de linguagem. Alguns estudiosos vêem nessas descrições as patéticas condições dos cativos na Babilônia, mas o poema parece ser pós-exílico, conforme demonstra o hino final, vss. 34-36.

Vede como me ajoelhei com meus braços
Levantados a noite inteira, em um ar sem resposta,
Atordoado e admirado com tanto desejo,
Branco com a total agonia do muito orar.

(F. Myers)

Secou-se-me a garganta. O salmista estava doente, além de estar sendo atacado por inimigos. Provavelmente, sua enfermidade causava uma febre que lhe ressecara a garganta, ou essa declaração indica uma garganta seca pelo muito chorar. Ou então a referência é *figurada:* choro em demasia, agonia em demasia, ansiedade em demasia por causa das tribulações.

O Apuro do Salmista (69.4-12)

69.4

São mais que os cabelos de minha cabeça. O poeta era vítima de uma *conspiração* por parte de grande número de adversários. Eles o *odiavam;* eram *insistentes;* eram *assassinos.* Eram tão numerosos que podiam ser comparados aos cabelos que ele tinha na cabeça. Eram mentirosos. Haviam feito falsas acusações contra um homem justo. Tinham-no acusado de haver furtado algo, o que ele não fizera e o que não é definido no texto sagrado. Queriam matá-lo, em um ato de vingança pessoal, ou apresentariam o seu caso diante dos tribunais da lei, tentando fazer com que os juízes ordenassem a sua execução. Eram homens poderosos e mortíferos, que estavam dispostos a destruí-lo. Eles o haviam atacado com mentiras e calúnias, além da mais pura invenção, levantando falsas acusações que não tinham base nos fatos. Cf. Sal. 35.11:

Levantam-se iníquas testemunhas, e me argúem de coisas que eu não sei. Pagam-me o mal pelo bem.

(Salmo 35.11,12)

Isso pode ser confrontado com o caso do Senhor Jesus (ver João 15.18-25). Jesus percorreu Israel fazendo o bem, sem furtar qualquer ser humano de suas propriedades ou bens. Ele servia à alma deles e trouxe-lhes uma luz resplandecente. Não obstante, foi atacado como se fosse um malfeitor. Enfrentou inimigos implacáveis (Luc. 19.14,27), tais como os inimigos do salmista. A versão siríaca usa aqui outra figura de linguagem: "Meus inimigos são mais numerosos do que os meus ossos". Ver Sal. 40.12, quanto à figura simbólica do *vasto número de* cabelos que há na cabeça de uma pessoa.

Os que com falsos motivos são meus inimigos. Esses inimigos espalhavam mentiras e notícias distorcidas acerca do salmista. Cf. Sal. 35.1 e Jer. 15.10. Eles eram seguidores dos que contam *grandes mentiras* na diplomacia internacional ou nos negócios particulares.

Por isso tenho de restituir o que não furtei. O homem estava sendo forçado a restituir algo que ele não tinha furtado. Isso significa que algo de valioso seria tomado do salmista, como uma fazenda, gado etc., coisas que lhe seriam furtadas por meio de falsas acusações. O poeta teria de desistir de possessões que, segundo alegavam seus inimigos, ele havia furtado. A legislação mosaica requeria a devolução do que fosse furtado, e mais vinte por cento como compensação (ver Lev. 6.2-7). Os ladrões eram classificados como *opressores* (Lev. 19.13). O código de Hamurabi, por sua vez, era ainda mais severo com os ladrões do que a legislação mosaica e, em alguns casos, cobrava a punição capital dos ofensores (lei 22). Um ladrão podia ser morto, e seu executor nada sofreria (Êxo. 22.1,3,4). Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Crimes e Castigos.*

69.5

Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultice. Elohim estava bem consciente de qualquer insensatez que o salmista tivesse cometido; Ele conhecia todos os seus *erros,* os quais, realmente, existiam, porquanto nenhum homem está livre do pecado. É coisa alguma está oculta da mente divina. Havia pecados no salmista, mas não os pecados de que ele estava sendo injustamente acusado. O poeta sagrado não era um ladrão e, portanto, nada tinha a restaurar. O homem estava enfermo e, naturalmente, em consonância com a atitude dos hebreus da época, seus críticos diziam que ele estava sendo punido por Deus, por causa de suas iniqüidades. O próprio autor sagrado poderia dizer: "Esta enfermidade foi causada por meus atos tolos, mas não por causa dessas acusações". A mente dos hebreus não admitia a possibilidade de que a enfermidade viesse de fontes desconhecidas e enigmáticas, nem levava o caos em consideração. Portanto, para eles, uma enfermidade não podia ser apenas uma ação disciplinadora ou treinadora, sem que houvesse pecado por trás dela. A teologia hebréia, no que diz respeito à enfermidade, era deficiente. Cf. isso à declaração de Paulo em II Cor. 12.8. Ali ele fala sobre uma enfermidade não causada por pecado, que atuava como medida disciplinadora. Deus era tido como a *causa final* de toda a enfermidade, pelo que também não se aceitava a cura natural, porquanto isso cheirava a presunção. Como poderia um homem tentar anular aquilo que Deus causara? Portanto, orações eram oferecidas em favor dos doentes, e, se isso não funcionasse, eles eram abandonados em sua triste condição. Mas nos tempos do Novo Testamento, meios naturais começavam a ser aceitos nas curas. Os médicos antigos não eram grandemente respeitados, mas também não eram rejeitados nos tempos de Jesus. Lucas foi o "médico amado" (Col. 4.14), o que mostra que a profissão médica era aceita nos círculos cristãos.

Quanto à *confissão de pecados,* cf. Sal. 32.3-5 e 51.3-5.

As tentativas para cristianizar este salmo e transformá-lo em um salmo messiânico têm falhado neste versículo. É uma tolice tentar aplicar estas palavras a Jesus Cristo.

69.6

Não sejam envergonhados por minha causa. O poeta tinha seus apoiadores e amigos, e temia que homens ímpios, bem-sucedidos em suas tentativas ousadas de prejudicar, *envergonhassem* tanto a ele mesmo como a seus amigos. Quanto a esse conceito, ver Sal. 25.1; 35.26 e 37.19. "Muitos perderiam a sua fé se o salmista não fosse vindicado" (William R. Taylor, *in loc.*). "... o espírito de coletividade do reino dos céus, que vincula grande hediondez ao pecado, porque pode prejudicar os irmãos. Yahweh seria desonrado aos olhos dos pagãos se parecesse estar desconsiderando a Sua parte do pacto, que foi assinado em favor dos bons" (Ellicott, *in loc.*). Os que acreditam que o salmo foi escrito durante o cativeiro babilônico pensam que os babilônios ficariam chocados diante de tal *injustiça, em um caso conhecido de fraude.*

Yahweh-Elohim dos Exércitos. Um título do Deus da aliança, e que deixa entendido o Seu poder, posto dentro de uma metáfora militar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Yahweh Sabaoth,* ou seja, *Senhor dos Exércitos.*

69.7

Pois tenho suportado afrontas por amor de ti. Quando um *homem bom é caluniado,* isso equivale a Deus ser caluniado, porque os dois pertencem ao mesmo pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* Por amor a Elohim ele tinha sido envergonhado, porquanto o Senhor ainda não o havia salvado das mãos de seus adversários, e ele era diariamente envergonhado diante deles. Deus tinha deixado de agir e se mostrara aparentemente indiferente para com a causa do salmista. Ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4, quanto à *indiferença* de Deus. Envergonhado diante de seus inimigos, Jó queixou-se da indiferença de Deus. Assim, o Deus teísta tornou-se um Deus deísta. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Teísmo* e *Deísmo.* Considerando o vs. 9, podemos ser levados a compreender que o poeta e seus amigos sofriam por causa de algum motivo religioso. Pelo menos, havia princípios morais em jogo. O poeta e seus amigos estavam corretos diante da lei; seus inimigos, pelo contrário, não tinham razão. Estas palavras ajustam-se admiravelmente bem ao Messias. Ver Mat. 27.67 e Isa. 50.6, mas este salmo não é, especificamente, messiânico.

69.8

Tornei-me estranho a meus irmãos. O salmista e seus amigos imediatos foram isolados e tornaram-se estranhos à comunidade. As mentiras de seus inimigos estavam sendo aceitas como verdades. Assim sendo, o "homem mau" foi separado e isolado. Ademais, ele era um homem enfermo, e isso o assinalava como um homem que havia pecado contra Deus. As pessoas guardavam distância dele e até os seus parentes chegados, isto é, seus meio-irmãos, filhos de sua mãe, mas não de seu pai. Essas eram as circunstâncias comuns naqueles dias de poligamia. Cf. isso com Sal. 31.11; 38.11; 41.9; 50.20 e 55.12,13, quanto a queixas similares de outros salmistas. Ver também Can. 1.6.

69.9

Pois o zelo da tua casa me consumiu. Com base neste versículo, aprendemos que o poeta era um homem muito piedoso que com freqüência ia ao templo

entoar hinos, oferecer sacrifícios e fazer ou cumprir votos. Ele estava tão envolvido em sua fé religiosa que a casa de Deus é aqui retratada como algo que o consumia. "... consome-me como uma chama com sua intensidade (Sal. 119.139)" (Fausset, *in loc.*).

> *O meu zelo me consome, porque os meus adversários se esquecem da tua palavra.*
>
> (Salmo 119.139)

As injúrias. Isto é, acusações de ter cometido alguma falha, de praticar a injustiça, de ter feito alguma repreensão, de reprimir a alguém, de desmascarar, de desgraçar a outrem, ou de blasfemar. Ver o vs. 19, onde temos o emprego da mesma palavra-raiz, mas que em algumas versões é traduzida de modo diferente.

Este versículo talvez deixe entendido que alguma espécie de questão religiosa estava em vista. Os que pensam estar em vista o tempo do cativeiro babilônico pensam que os pagãos zombavam dos hebreus piedosos, por causa de seu intenso desejo de voltar a Jerusalém e construir outro templo.

Uma Aplicação Messiânica. Paulo fez uso dessas palavras: "As afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim" (Rom. 15.3) e faz com que elas se apliquem aos iníquos que perseguiram a Cristo. Mas ao perseguirem a Cristo, eles também blasfemavam de Deus Pai. Por semelhante modo, o poeta, que era um homem bom, ao ser repreendido por homens perversos, desfrutou a companhia de seu Deus na experiência. O salmista era zeloso pela lei e pela boa ordem, pela pureza e pela honra, pela veracidade e pela justiça. Aqueles que o perseguiam blasfemavam desses princípios morais por meio de mentiras e fraude.

Ver a parte do *zelo consumidor,* usado por Jesus, e Sua campanha constante de prática do bem e de disciplina dos malvados (João 2.14,17).

69.10,11

Chorei, em jejum está a minha alma. O salmista, buscando intensamente a Deus, inclusive por meio de *jejum* (ver a respeito no *Dicionário),* foi escarnecido por seu zelo e foi chamado de hipócrita, porque era um homem doente que merecia a tribulação que o vitimava. O homem se vestia de cilício e jejuava, talvez em conexão com a sua enfermidade, arrependido dos pecados que pensava serem a causa de sua condição de saúde. Mas os seus oponentes generalizavam a questão e faziam dele um pecador extremo, incluindo aí a acusação de furto (vs. 4). Quanto ao cilício como um sinal de lamentação, ver Gên. 37.34; I Reis 21.27; Nee. 9.1; Esd. 4.1-4; Sal. 30.11; 35.13; Lam. 2.10 e Dan. 9.3. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Pano de Saco.* Mas os ímpios desprezam o homem, sentado em seu monte de cinzas, vestido com tecido cru e sem se alimentar.

Os estudiosos que vêem este salmo como messiânico relembram-nos as muitas reprimendas que Jesus sofreu às mãos de pecadores crassos. Ver Mat. 11.18,19; Mar. 3.20,21.

> *As minhas vestes eram pano de saco; eu afligia a minha alma com jejum, e em oração me reclinava sobre o peito.*
>
> (Salmo 35.13)

O *pobre salmista* tornou-se uma figura *proverbial,* tema constante da conversa dos habitantes de Jerusalém. Transformou-se, igualmente, em um *caso notório.* Pensavam que ele era um hipócrita, que recebia o que merecia, pelo que seus jejuns e sinais de lamentação serviam de afronta contra Deus e contra os homens. Por isso, criaram um provérbio que se adaptasse ao seu caso, e até indivíduos degenerados, como os beberrões (vs. 12), repetiam esse provérbio.

> *Tu nos fazes opróbrio dos nossos vizinhos, escárnio e zombaria aos que nos rodeiam. Pões-nos por ditado entre as nações.*
>
> (Salmo 44.13,14)

69.12

Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam. Indivíduos *alcoólatras* são mencionados como representantes da classe social mais vil, e exemplos de como um homem pode deslizar para uma vida degenerada. Até esses indivíduos pensavam ser engraçado degradar alguém "pior do que eles mesmos", o salmista, o homem enfermo, acusado de furto, o qual, como era óbvio, era um hipócrita.

À porta se assentam. Este era um lugar *eminentemente público,* de julgamento e de comércio, um ótimo local para pedir esmolas, provavelmente o que tais pessoas estavam fazendo. A bebida os tinha reduzido à pobreza e lhes destruíra totalmente as células do cérebro. Contudo, eles eram bons o bastante para zombar de alguém ainda *inferior,* o poeta, segundo pensavam. No portão da cidade havia vadios e tipos nojentos, mesmo que não afligidos pelo vício do alcoolismo. Toda aquela turba se juntava à diversão das zombarias. Eram homens de cérebros doentios que chegavam mesmo a fazer canções espirituosas, para revestir suas "declarações engraçadas". Cf. Jó 30.9; Isa. 5.11,12 e Lam. 3.14, que dizem algo similar.

Renovação do Apelo (69.13-21)

69.13

Quanto a mim, porém, Senhor. O salmista reiterou seu apelo pedindo ajuda, o qual ele havia interrompido para contar sobre as multidões insultuosas de seus inimigos. Agora, cansado de falar sobre aqueles homens miseráveis, ele declarou: "Quanto a mim, minha necessidade consiste em invocar-Te, pelo que renovo o meu apelo". Ele voltou ao relacionamento com Deus, na esperança de que suas orações alcançassem o trono divino e revertessem sua situação. Impulsionado de novo pela descrição de sua triste sorte, ele fez um novo e apaixonado apelo, solicitando auxílio e livramento de suas aflições. E voltou a um tempo aceitável, a um tempo oportuno, que era *agora mesmo,* considerando sua grande necessidade. Nada ele tinha que pleitear, na terra cá embaixo ou no céu lá em cima, exceto o grande amor de Deus e sua grande necessidade. Seu zelo anterior havia abortado em um fracasso redundante. Ele não obteve resposta às suas orações. Pelo momento, porém, desfez-se de seu desespero e frustração e começou a orar novamente. O *tempo aceitável,* naturalmente, é o tempo em que Deus age, e o poeta esperava que este houvesse chegado. Quanto ao tempo favorável e *gracioso,* ver Isa. 49.8. O hebraico original deste versículo diz aqui literalmente: "em um tempo de graça". Cf. o *"ano aceitável"* de Isa. 61.2. O tempo aceitável é divinamente limitado, pelo que ele deve apressar-se, a fim de não perder a sua oportunidade de ouro.

> *Quanto a mim, eis a minha oração, que dirijo a Ti,*
> *neste momento de Tua graça, ó Deus da abundância.*
> *Relembra-te de Tua aliança misericordiosa.*
> *Apressa-te em sair em meu socorro!*

Pela riqueza da tua graça. A graça divina era a grande esperança do poeta sacro. Com grande amor, Elohim responderia ao salmista e evitaria o desastre que já se mostrava iminente. O amor divino pode fazer mais em um único instante do que as negociações humanas em uma era inteira. O poeta precisava do *poder divino,* pelo que se voltou para a graça de Deus. Os atos mais nobres são sempre inspirados pelo amor, enquanto os atos vis repousam sobre o egoísmo humano.

O círculo do amor de Deus não teve começo, e não terá fim. O amor de Deus inspira.

> *O que o amor pode fazer, isso o amor ousa fazer.*
>
> (Shakespeare)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.*

69.14

Livra-me do tremedal. Este versículo é essencialmente idêntico ao vs. 2, o qual faz parte do primeiro apelo. Ver as notas expositivas ali. Aqui, porém, é omitido o fato de que o salmista não tinha onde firmar-se, sendo acrescentada a menção àqueles que *odiavam* (os quais o tinham colocado naquela desesperadora situação).

> *Laços de morte me cercaram, torrentes de impiedade me impuseram terror. Cadeias infernais me cingiram, e tramas de morte me surpreenderam.*
>
> (Salmo 18.4,5)

Ver também Sal. 144.6. O primeiro apelo não recebeu resposta da parte de Deus, pelo que o poeta enviou um segundo apelo, repetindo alguns pontos, mas inserindo elementos diferentes.

69.15

Não me arraste a corrente das águas. Este versículo elabora sobre os vss. 2 e 14. Continuam as águas que fluem por sobre a cabeça, sem importar se do mar ou do rio. Mas agora essas águas são vistas como capazes de "engolir" o homem, como uma espécie de monstro marinho. Além disso, as areias movediças tornaram-se um *abismo* que devora o homem como se fosse uma espécie de monstro terrestre oculto. A alusão, obviamente, é ao *seol.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Seol e Hades.* Mas aqui não há nenhum ensino sobre uma exis-

tência pós-túmulo, que seja prejudicial ao poeta sagrado. Os inimigos do salmista, porém, estão em todos os lugares, mortíferos e sempre presentes.

Poço. Quantas mortes estúpidas têm ocorrido quando adultos e, especialmente, crianças caem em poços! Os poços são como armadilhas armadas para os que de nada suspeitam. Os inimigos do salmista tinham preparado toda espécie de armadilhas para ele.

69.16

Responde-me, Senhor. O salmista enviou ao céu outro apelo. O homem necessitava de *resposta* imediata, o livramento da morte certa. Ele dependia do amor constante de Deus para suprir a sua necessidade e também carecia de *misericórdia abundante.* Em outras palavras, somente uma genuína *intervenção divina* poderia salvá-lo naquela hora de crise. O clamor que rogava misericórdia (vs. 13) é aqui renovado. "Há uma *multidão* dessas ternas misericórdias em favor dos filhos dos homens" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias.*
>
> (Salmo 51.1)

69.17

Não escondas o teu rosto do teu servo. *As palavras favoritas* de apelo, nos salmos de lamentação, foram empregadas neste versículo: *Não escondas o teu rosto!* Ver Sal. 13.1; 27.5,9; 30.7; 55.1; 89.46. 102.2 e 143.7. Nos comentários sobre os salmos, já listei bons e maus lugares de refúgio, a proteção de Deus e Sua aparente *indiferença.* Quanto a esse conceito, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4. Além disso, encontramos também a expressão "Responde-me!". Ver as notas expositivas sobre essa idéia em Sal. 64.1, onde teço comentários e referências bíblicas. O poeta sagrado precisava da imediata ação divina, porquanto estava "em aperto", e isso de duas espécies, descritas nas notas expositivas do vs. 1.

Pois estou atribulado. "Em apertos e dificuldades, pressionado por todos os lados; encerrado pela assembléia dos iníquos que dele zombavam, pelas tropas de demônios que contra ele lançavam dardos inflamados" (John Gill, *in loc.*).

69.18

Aproxima-te de minha alma. Encontramos neste versículo três palavras-chave que compõem o apelo do salmista:

1. *Aproxima-te de mim!* A presença de Yahweh anulava a temível presença dos inimigos do salmista. Ver Sal. 22.11: "Não te distancies de mim, porque a tribulação está próxima...".
2. *Redime a minha alma!* Não está em pauta a redenção evangélica, mas o livramento de uma morte violenta e prematura. A melhor palavra é "resgata", mas em algumas traduções, essa é dada como a terceira palavra, como no caso de nossa versão portuguesa. Ver sobre Sal. 26.11.
3. *Resgata-me!* O salmista estava oprimido com o perigo e as zombarias constantes de homicidas. Ele não podia continuar vivendo daquela maneira. Elohim tinha de exercer o Seu poder e libertá-lo. Sem isso, a sua vida não era digna de ser vivida.

69.19

Tu conheces a minha afronta. O poeta sagrado apontou para os seus sofrimentos, todos eles conhecidos por Elohim. Ele tinha sido sujeitado ao *opróbrio* (ver o vs. 9, quanto a notas expositivas completas). As palavras dos vss. 9 e 19 são traduzidas de maneiras variegadas, embora partam da mesma raiz hebraica. O salmista fora *envergonhado,* o que já havia sido dito no vs. 6. Dou ali notas expositivas com referências a outros lugares nos salmos onde essa idéia é apresentada. Ele tinha sido *desonrado.* Ver Sal. 35.26 e 71.13. Embora não fosse culpado das acusações contra ele assacadas, foi desonrado por mentiras e acusações falsas. Finalmente, em lugar da proximidade da presença de Deus, pela qual ele orava no vs. 18, seus inimigos estavam sempre por perto, não lhe dando descanso.

Temos aqui "... um montão de palavras que expressam a grandeza do opróbrio lançado contra ele, e as injúrias feitas à sua pessoa e ao seu caráter. Tudo isso era conhecido por Deus, podendo levar o Senhor a erguer-se e julgar o caso" (John Gill, *in loc.*, com algumas adaptações).

Elohim sabia o que os perseguidores do salmista estavam fazendo e também os conhecia pessoalmente. Com tal conhecimento, em breve responderia às orações do salmista e retribuiria contra os seus inimigos. Certamente eles colheriam o que haviam semeado com tanta diligência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

69.20

O opróbrio partiu-me o coração e desfaleci. Uma vez mais o salmista usou a palavra "opróbrio", a qual explico nos comentários sobre o vs. 9. Os *insultos* (Revised Standard Version) atirados contra ele partiram-lhe o coração, porquanto ele esperava mais da natureza humana, e especialmente de compatriotas hebreus, do que aquele tipo de oposição e ódio. Ele procurou por alguém que ficasse ao seu lado, que tivesse piedade dele, mas não achou uma única pessoa. *Caluniadores,* ele encontrou muitos; *consoladores,* nenhum sequer. "Os homens para quem ele se voltou não tinham *misericórdia,* mesmo que não zombassem abertamente dele" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Este versículo e, naturalmente, o contexto geral, têm sido cristianizados, sendo tomados como messiânico, ao descrever a vida e os sofrimentos de Cristo. Ver Mat. 26.38 e Pro. 22.14. Ver também Mar. 14.33 e Jer. 30.12,15. "... Seus discípulos O abandonaram e fugiram; os sacerdotes, os escribas e o povo comum, que vieram vê-Lo crucificado, zombavam Dele; os ladrões que tinham sido crucificados juntamente, escarneciam Dele; e o Pai celeste escondeu Dele o rosto. Somente algumas *poucas mulheres* se postaram à distância e lamentavam por Ele" (John Gill, *in loc.*).

69.21

Por alimento me deram fel. O termo hebraico correspondente relaciona-se à "cabeça", pelo que é provável que lhe tenha sido servido o suco da flor chamada papoula, cientificamente denominada *Papver arenarium,* que cresce como mato na Palestina. "Fel" foi a tradução da Septuaginta, e as traduções, de modo geral, seguem essa versão antiga. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Absinto.* Uma erva muito amarga e venenosa está em vista aqui. Devemos imaginar essa erva venenosa, misturada com o pão ou o alimento servido a alguém. A palavra hebraica aqui usada significa, literalmente, "pão medicinal", ou seja, alimento servido às pessoas que sofrem infortúnios, aflições ou a perda de entes queridos. Ver II Sam. 12.17; 13.5,7,10. Aqueles homens iníquos eram hipócritas que fingiram ajudar o poeta em sua aflição, mas o suposto pão de simpatia que lhe serviram era venenoso e amargo. Além disso, deram-lhe *vinagre,* o qual, com seu gosto ácido, aumentara a sede, em lugar de diminuí-la. Talvez esteja em pauta uma bebida composta pela mistura de vinagre e água. Mais provavelmente, ainda, talvez esteja em foco o *vinho azedo* (ver Rute 2.14). Essa mistura era geralmente rejeitada pelo gosto insuportável; era proibida aos nazireus como um luxo (ver Núm. 6.3). O poeta talvez fosse um nazireu, ou então devemos entender o texto metaforicamente — o que lhe fora oferecido era repelente.

> *O banquete onde as carnes tornavam-se absinto.*
>
> (Tennyson)

Citações no Novo Testamento. Este versículo é citado nos quatro evangelhos: Mat. 27.34,48; Mar. 15.36; Luc. 23.36 e João 19.29, pelo que este salmo parece ser messiânico. Partindo daí, alguns intérpretes cristianizam todo o salmo, transformando-o em um salmo messiânico. Os críticos vêem nisso um caso de *Acomodação* (ver a respeito no *Dicionário*).

Maldições contra os Inimigos do Poeta (69.22-28)

69.22

Sua mesa torne-se-lhes diante deles em laço. Visto que tinham servido alimento e bebida de maneira tão maliciosa, que colhessem o que haviam semeado. Portanto, que a mesa deles se lhes tornasse em laço, e que suas festas de sacrifício fossem *armadilhas.* Em outras palavras, em vez de seus atos redundarem em bem, que eles mesmos saíssem prejudicados, porquanto Elohim estava olhando para eles e amaldiçoava-os pelo que tinham feito a um justo. Em vez de serem abençoados por seus atos, que essas ações se transformassem em danos, tal como um animal que é apanhado em um laço ou armadilha, e seu corpo é então usado como produto do comércio. A mente dos povos orientais considera essa maldição poderosa, em primeiro lugar porque certas *palavras* proferidas eram assim consideradas. Em segundo lugar, porque Deus ou os deuses estavam por trás dessas palavras, tornando-as uma maldição *eficaz.* Portanto, amaldiçoar a outrem era considerado algo muito sério. Definitivamente, os antigos não concordavam com certo sentimento moderno: "Varas e pedras podem quebrar-se os ossos, mas meras palavras nunca me ferirão".

A vida torna-se amarga pelo rancor ou pela inimizade, e o poeta sagrado lançou de volta contra os seus oponentes o que eles tinham lançado primeiramente contra ele. Em outras palavras, eles tomaram vingança, uma atitude contrária à atitude da mente cristã (Rom. 12.19-21), mas algo rotineiro no Oriente, incluindo o povo de Israel.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar que o sistema de sacrifícios da lei mosaica foi anulado por Cristo. Visto que os judeus crucificaram a Cristo, a morte Dele tornou-se o único sacrifício, e todos os outros perderam o valor, exceto como símbolos.

Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Lex Talionis* (retribuição segundo a gravidade do crime cometido); *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e também *Maldição.*

69.23

Obscureçam-se-lhes os olhos. Os *olhos* são essenciais para uma vida graciosa, e o *dorso* era considerado a fonte da força física. Ver em Sal. 66.11 notas expositivas completas sobre os *lombos,* bem como os usos metafóricos do termo. O salmista queria que Elohim ferisse os seus inimigos em dois pontos vitais, os olhos e o dorso, isto é, em sua visão e em suas forças físicas. Queria que seus inimigos andassem como homens fracos e cegos, sem poder e sem visão. Essa maldição é deveras amarga porque, se fosse cumprida, deixaria aqueles homens inúteis e em aflição. O autor sagrado queria que Yahweh-Elohim os cobrisse de punições. Ele estava atrás de uma *supermatança.* Eles eram oponentes amargos, que lhe haviam despertado amargura e ânsia por vingança. Ele desejava para eles "olhos sem visão e membros trêmulos (cf. Naum 2.10 e Dan. 5.6), que são expressões de terror e desamparo" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Deu. 33.11. "... enche-os de horror e pavor e tremor, como estarão quando Cristo voltar entre nuvens (Apo. 1.7). Cf. Rom. 11.10" (John Gill, *in loc.*).

69.24

Derrama sobre eles a tua indignação. As imprecações ou maldições continuam, mais severas do que nunca. Agora o poeta sacro invoca uma direta importunação e injúria divina. A ira de Deus haveria de atingir em cheio os inimigos do salmista. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus.* A ira do salmista requeimava, e ele queria ver seus adversários queimando também. Não há aqui nenhum ensino sobre um inferno de fogo (embora este versículo tenha sido cristianizado para ensinar precisamente isso). Essa interpretação é anacrônica, porquanto nenhuma doutrina de punição para além do sepulcro existia na teologia dos hebreus quando este salmo foi escrito. Mas essas palavras pertencem ao tipo de descrições que, posteriormente, foram empregadas como *metáforas* para indicar o castigo dos ímpios depois da vida terrena. "Raramente se pode achar outro catálogo de tão *iracundas imprecações.* Estes versículos representam um perigoso excesso de zelo religioso" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Derrama. A ira divina deveria sobrevir sobre os oponentes do salmista como as águas de um *rio poderoso,* uma figura simbólica usada em I Enoque para falar sobre as chamas do hades. O autor do livro de Apocalipse preferiu a figura simbólica de um *lago,* o que deu origem à noção do lago do fogo. Ver Apo. 19.20 e 20.10.

69.25

Fique deserta a sua morada. A maldição se estenderia às famílias e às residências dos homens perversos. Isso é típico entre os orientais, os quais raramente deixavam viva a família de um homem mau, quando os matavam. Era costume aniquilar a família dos oponentes, e não apenas os próprios ofensores. Este versículo foi citado em Atos 1.20, tendo como alvo a pessoa do traidor, Judas Iscariotes. Não bastava que ele mesmo fosse julgado. O julgamento tinha de ser *coletivo.*

As suas tendas. O original hebraico significa aqui *círculo,* dando a entender um *acampamento.* Será que o poeta sacro desejava que até as *aldeias* de seus inimigos fossem destruídas? Provavelmente estão em vista tribos nômades que armavam suas tendas em um círculo. Esse círculo formava a aldeia. O poeta sagrado, pois, queria que o *círculo* inteiro fosse aniquilado. Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à destruição de Jerusalém, no ano 70 D. C., quando a "aldeia inteira" foi destruída pelos romanos. Mas isso já é uma *eisegese,* e não uma exegese, ou seja, é ler no texto aquilo que não está escrito ali.

69.26

Pois perseguem a quem tu feriste. Em primeiro lugar, Elohim havia ferido o salmista com alguma enfermidade, por causa de seus pecados. Em seguida, os ímpios também atingiram o salmista com mentiras, calúnias, maldições e imprecações. Isso deixara o salmista totalmente alquebrado, o que o levou a clamar por vingança. No tocante aos pecados que tinham sido a causa de sua enfermidade, ele se arrependeria. E, no tocante a seus oponentes, o salmista revidaria, com a ajuda de Deus, e poria fim neles. "A quem Tu feriste, eles afligem ainda mais" (Revised Standard Version). O poeta sagrado, combinando arrependimento e retaliação (divinamente impulsionada) poria fim a todas as suas tribulações. Este versículo tem sido cristianizado para falar das aflições com que o Pai afligiu o Filho, por ser Este o portador do pecado; e as perseguições causadas por Seus inimigos terreno completaram o terrível círculo de dor. Ver Isa. 53.4: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido".

69.27

Soma-lhes iniqüidade à iniqüidade. A Revised Standard Version diz: "Punição à punição", ou seja, um ferimento múltiplo e contínuo, até que nada mais reste. Essas palavras também podem ser entendidas como "soma-lhes pecado a pecado", até que a conta esteja cheia e o julgamento divino se tenha saciado. Ou então "soma-lhes culpa à culpa", de forma que cada culpa atraia o seu próprio castigo, ou seja, múltiplas punições para múltiplos pecados.

E não gozem da tua absolvição. A alusão, aqui, é à corte de justiça a que aqueles homens seriam levados; ou seja, o tribunal de Deus. Tais homens seriam condenados e executados. O resultado do julgamento do poeta ainda esperava sentença (vs. 4), mas o poeta queria que o resultado do tribunal divino fosse prefixado; aqueles miseráveis não seriam absolvidos, pois somente dessa maneira a *justiça* poderia ser servida.

69.28

Sejam riscados do livro dos vivos. Os criminosos e os traidores eram riscados da lista dos cidadãos das cidades-estados. Em outras palavras, perdiam os direitos como cidadãos, e alguns deles eram até exilados. Essa é a figura por trás da declaração bíblica. Daí, era pequena a imaginação de que Deus guarda livros de "cidadania". A morte prematura tiraria o nome dos ímpios desses livros, ou seja, eles seriam anulados como partícipes do pacto. E também era pequeno o passo para que se imaginasse que Deus tem um livro da *cidadania celestial,* do qual o nome de uma pessoa poderia ser riscado. Foi assim que os hebreus chegaram a acreditar que a alma humana sobrevive diante da morte biológica e vai para outra esfera de vida.

É nesse último estágio que encontramos a questão sobre o livro da vida, no Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livro da Vida,* quanto a uma explicação mais detalhada. Originalmente, temos o livro da vida dos cidadãos de Israel, o povo em relação de aliança com Deus. O pecado podia eliminar um homem dessa aliança. A lei, que *transmitia vida* (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1), poderia terminar *provocando a morte* do indivíduo, caso certas provisões fossem violadas. Conforme a teologia foi avançando, essa morte tornou-se a morte espiritual, pelo que um corolário necessário ao livro da vida (posteriormente) foi o castigo pós-vida daqueles cujos nomes não estavam ali registrados. Conforme se pode perceber, a doutrina do livro da vida não era simples. Antes, ela passou por um processo de desenvolvimento, o que também é verdade no tocante a diversas outras doutrinas. Para saber o que significa uma declaração doutrinária qualquer, precisamos considerar o tempo em que ela foi proferida. Com base nisso, podemos determinar o que ela significava *na época* em que foi feita. Talvez significasse outra coisa, em tempos posteriores ou anteriores.

A *época* em que foi escrito o atual versículo foi antes que a cidadania espiritual tivesse sido imaginada. Por conseguinte, disse William R. Taylor (*in loc.*), muito corretamente: "O registro divino no qual os nomes dos vivos eram mantidos, e dos quais aqueles nomeados para a morte eram apagados". A antiga teologia dos hebreus não visualizava uma existência pós-vida. Isso começou a ser falado nos Salmos e nos Profetas. A idéia da imortalidade foi consolidada nos livros pseudepígrafos e apócrifos, no período intermediário entre os dois testamentos, e foi ainda mais bem descrita no Novo Testamento. Portanto, ter o nome *apagado* do livro da vida, neste versículo, equivale simplesmente a sofrer uma *morte prematura,* algo tremendamente temido pelos hebreus.

Referências. Ver Êxo. 32.32; Jer. 22.30; Eze. 13.9; Fil. 4.3; Luc. 10.20; Apo. 3.5; 13.8 e 21.27. O artigo sobre o assunto provê ainda outras referências. O ato de apagar um nome significava exclusão (por meio da morte física) dos privilégios do pacto e da teocracia. II Macabeus 7.14, de maneira tipicamente judaica, a maneira exclusivista, limitava a ressurreição aos justos, o que significa que os nomes dos homens, uma vez apagados, não seriam escritos ali em outra oportunidade. Mas o evangelho cristão olha para adiante dessa marca, e admite que os nomes, uma vez apagados do livro da vida, possam ser rescritos. Caros leitores, Deus pode chamar os homens do exílio e restaurar-lhes a cidadania. Esse é o sentido da *Descida de Cristo ao Hades* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* Ver I Ped. 3.18 - 4.6. Portanto, penso que Deus está sempre fazendo coisas boas que ultrapassam as expectações das pessoas, e assim será sempre. O amor de Deus é muito grande, muito poderoso e muito *eficaz.* Nossas teologias continuam tentando, em vão, detratar a eficácia da missão de Cristo, impondo-lhe toda espécie de limites. Mas quanto mais aprendemos, tanto mais vemos que esses limites são artificiais, mesmo quando se encontram na Bíblia, nos estágios iniciais do desenvolvimento teológico.

Não tenham registo com os justos. Essas palavras significam que eles seriam eliminados dos benefícios do pacto. O poeta sacro não estava pensando em uma futura vida abençoada na qual eles não chegariam a participar. A teologia posterior dos hebreus empregava essa parte do versículo como texto de prova para isso, não permitindo que esses homens, assim eliminados, viessem a participar da ressurreição (ver II Mal. 7.14). Em seguida, de acordo com uma teologia posterior, essas pobres almas foram consideradas a sofrer no hades, quando então os homens declararam: "Agora está fixado". Mas veio Jesus e disse: "Coisa alguma está fixada. Eu estabeleço a diferença". O evangelho é mais amplo do que os homens permitem; portanto, que o leitor agradeça a Deus que Seu amor é *eficaz* para com todos, e não apenas potencialmente eficaz. É precisamente isso que devemos esperar da parte de Deus, de Elohim, o Poder. O Deus da maioria dos crentes do cristianismo continua excessivamente pequeno.

69.29

Quanto a mim, porém, amargurado e aflito. *Em contraste* com aqueles indivíduos selvagens e malignos, cujos nome serão apagados do livro de Deus, o poeta sentia-se um pobre e miserável homem, carregado de tristeza, porquanto sua aflição prosseguia cada vez pior. Foi por isso que ele pleiteou pela *salvação* de Deus, ou seja, livramento de todas as suas tribulações, e também queria ser *exaltado* acima dos vermes que o cercavam qual praga. Ver Sal. 62.2, quanto a notas expositivas e referências sobre Deus, nossa salvação. Naquele trecho, há uma lista de referências. Não devemos injetar a salvação evangélica neste texto. O salmista orava simplesmente para ser libertado de suas provações terrenas e escapar da morte prematura. Quanto a um tratamento geral sobre a palavra *Salvação*, no Antigo e no Novo Testamento, ver sobre esse título no *Dicionário*.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a exaltação de Cristo sobre os Seus inimigos, e Sua exaltação final no céu. Mas o "alto refúgio" que aparece neste versículo, dentro do antigo contexto hebraico, tem o sentido de ser colocado em lugar elevado, como uma fortaleza, onde homens iníquos não podem assediar. "... um lugar seguro, fora do alcance dos inimigos" (Ellicott, *in loc.*).

"Minha opressão me rebaixou. Minha salvação, porém, me soerguerá bem alto" (Adam Clarke, *in loc.*).

Louvor de Conclusão (69.30-36)

69.30

Louvarei com cânticos o nome de Deus. O salmista agradece pela resposta favorável à sua oração. Alguns salmos de lamentação acabam em desespero, e algumas vezes é assim que as coisas realmente terminam, se considerarmos somente o seu aspecto físico. Vá visitar um cemitério e ficará admirado de ver quantos jovens morrem cedo, alguns deles em meio a grandes dores e sofrimentos. Naturalmente, o evangelho ultrapassa essa visão e transforma a dor em alegria. Mas alguns salmistas não enxergavam sob essa perspectiva. Seja como for, o autor do salmo presente (tal como os autores da maioria dos salmos de lamentação) tinha recebido, ou em breve receberia (conforme pensava), resposta à oração. Isso quer dizer que sua miséria estava prestes a ser transformada em alegria, porquanto ele seria libertado de sua enfermidade física e, igualmente, dos inimigos que lhe ameaçavam a vida.

O Nome. Quanto a notas completas sobre o nome divino, e o que ele significava para os salmistas, ver Sal. 31.3. Quanto aos *nomes santos*, ver 30.4 e 33.21. Os antigos pensavam que as *palavras* tinham poder, até mesmo um poder mágico, capaz de efetuar grandes coisas quando pronunciadas. Outro tanto sucedia no caso de *nomes*. Quanto mais, portanto, teria um *nome divino*, como Yahweh ou Elohim, quando pronunciado? Metaforicamente, pois, o nome representa tudo quanto Deus é e pode fazer. A esse Nome beneficente, o salmista haveria de louvar. Ele iria ao templo de Jerusalém, ofereceria sacrifícios, entoaria hinos, ouviria os levitas tocando instrumentos musicais e cumpriria publicamente os votos que fizera. Ele publicaria o seu sucesso e daria a Elohim todo o crédito. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ações de Graças,* quanto a detalhes.

69.31

Será isso muito mais agradável ao Senhor. *Sacrifícios versus Louvor.* Conforme a espiritualidade dos hebreus foi-se aprimorando, eles passaram a ver as fraquezas de um sistema religioso baseado no sacrifício de animais. Quanto a passagens do Antigo Testamento que refletem essa crescente consciência, ver Sal. 40.6; 50.8-14; 51.16,17; Amós 5.21-24 e Jer. 7.21-23. Como é natural, foi no Novo Testamento que esse sistema de sacrifícios de animais chegou ao fim, ao fazer Cristo substituir todo o sistema do Antigo Testamento. Isso pareceu ser a blasfêmia mais desabrida para os fundamentalistas da época. Os fundamentalistas, como é óbvio, acham que as coisas nunca se modificam, e que toda mudança é heresia ou até algo pior. Eles têm um Deus estagnado, uma contradição de termos e uma crença ridícula. Seja como for, o poeta não havia abandonado o sistema de sacrifícios, conforme podemos supor à base do vs. 9. Mas já havia chegado ao ponto de reconhecer que as realidades espirituais, como as ações de graças, são os maiores sacrifícios que Elohim pode esperar da parte dos homens. "Ele queria dar às coisas principais o primeiro lugar, subordinando os ritos tradicionais ao exercício da adoração espiritual" (William R. Taylor, *in loc.*). Oferecer ações de graças de todo o coração é muito melhor do que oferecer um touro com seus chifres e suas unhas. Podemos estar certos de que a sua atitude "liberal" foi severamente criticada, e tal atitude pode ter sido uma das razões de suas dificuldades e da perseguição que estava sofrendo da parte de outras pessoas.

Os chifres e as unhas dos animais eram enfeitados antes do sacrifício, a fim de atrair a atenção das pessoas, ou a menção dessas partes dos animais queria dizer que o animal *inteiro* seria sacrificado. Os animais limpos, usados nos sacrifícios, precisavam ter cascos divididos, além do que não podiam ter defeito algum. O poeta sagrado, pois, salientava todos os requisitos que acompanhavam os animais a serem sacrificados, e colocava em dúvida o uso espiritual de tão interminháveis regras. "Acabemos com essas regras e vamos diretamente ao espírito da coisa", dizia ele, na realidade.

69.32

Vejam isso os aflitos e se alegrem. Os humildes e os oprimidos veriam *quatro* coisas que os deixariam jubilosos:

1. O salmista fora livrado de suas tribulações, e, presumivelmente, seus inimigos tinham sido apropriadamente castigados. Isso lhes daria esperança em qualquer teste que enfrentassem.
2. Então ficariam satisfeitos com a espiritualidade do salmista, que fora exibida em sacrifícios e ação de graças.
3. Eles veriam que o salmista pusera forte ênfase nas ações de graças, e talvez pudessem apreciar o avanço na espiritualidade que fora assim representada. O resultado seria que eles buscariam a Deus de alguma forma diligente, conforme tinha feito o poeta. Eles veriam a *utilidade* para quem possuísse uma boa espiritualidade.
4. Eles compreenderiam que Elohim, embora bem alto no céu, estava atento aos homens, e a *oração funcionava*.

69.33

Porque o Senhor responde aos necessitados. Este versículo salienta a *quarta* coisa listada acima, o que os aflitos ou necessitados (Revised Standard Version) aprenderiam ao observar o caso do poeta sagrado: a *eficácia da oração*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração,* quanto a maiores detalhes. A oração pode consistir em adoração e agradecimento, mas usualmente consiste em "pedir e receber". Yahweh (o nome divino usado neste versículo), ouve os necessitados e dá atenção a uma classe deles, os que estão *aprisionados*. Alguns estudiosos pensam que isso se refere aos cativos hebreus, na Babilônia, mas tal idéia não parece ajustar-se ao "ambiente do templo" que transparece no salmo. O mais provável é que devamos pensar em alguns dos oprimidos que tinham sido aprisionados por homens ímpios e desarrazoados, os quais eram perseguidores de homens como o poeta e seus companheiros. Eles vinham orando por longo tempo para que Elohim os libertasse por algum meio que estivesse fora de seu conhecimento e controle. Outros eruditos pensam que o poeta tomou essa idéia por empréstimo da literatura inspirada na esperança de retornar do cativeiro babilônico, do qual Isa. 65.17 ss. é o mais nobre exemplo. Nesse caso, o salmista pediu por empréstimo uma idéia e uma expressão, embora usasse essas coisas com diferente aplicação.

Este versículo é considerado metafórica e profeticamente uma referência aos tempos cristãos, durante os quais homens seriam aprisionados por amor de Cristo. Além disso, figuradamente, havia cativos ou pecadores que os oprimiam. Ademais, os pecadores tornam-se escravos de seus pecados, bem como das forças malignas que os inspiram, mas podem ser livrados.

69.34

Louvem-no os céus e a terra. *Todas as criaturas, terrenas e celestes*, são convocadas aqui a louvar e agradecer a Elohim pelo que Ele havia feito pelo poeta e também pelo que Ele está sempre fazendo por todos os homens de todos os lugares, em Sua benevolência universal. Até os animais mudos foram convocados a engrossar o coro de louvor, bem como os habitantes do mar, que nossos olhos não podem ver. Pois Deus é o benfeitor de todos. Deus, o Criador, não abandonou a Sua criação. Ele continua presente para abençoar; Ele intervém nas atividades humanas e governa com uma benevolência universal. Ele ouve as orações e age de acordo com os pedidos que os homens Lhe oferecem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teísmo*.

69.35

Porque Deus salvará Sião. Este salmo foi composto em um meio ambiente como o templo (vs. 31). Mas agora encontramos palavras que se ajustam ao

cativeiro babilônico, com homens orando em favor do livramento de Sião e também pela reconstrução das cidades destruídas de Judá, para que uma vez mais possam habitar ali, tendo-as novamente como sua possessão. O vs. 33 menciona os prisioneiros, e isso se ajusta ao meio ambiente babilônico.

Observações:

1. Alguns intérpretes supõem que a conclusão deste salmo foi uma adição posterior, por parte de algum editor, refletindo um tempo posterior. Isso significaria que, quando a parte maior do salmo foi escrita, o cativeiro ainda não tinha ocorrido, o que explicaria o meio ambiente parecido com o do templo de Jerusalém.
2. Ou então o corpo principal do salmo foi composto depois de terminado o cativeiro babilônico, pelo que tem um ambiente do segundo templo. Esse acréscimo posterior simplesmente refere-se a um tempo anterior, mas não muito anterior. O livramento de Judá ainda estava fresco na mente de todos.
3. Ou então os prisioneiros não eram cativos na Babilônia, e a oração pela reconstrução de Judá refere-se a uma destruição anterior, ou mesmo a uma destruição metafórica, mas não à destruição ocorrida durante o cativeiro babilônico. Essa idéia, porém, é a menos satisfatória de todas.

Os vss. 34-36 são um hino que celebra o poder libertador de Deus, que libertou a nação ou, pelo menos, alguns indivíduos. Isto posto, o poeta equiparou a sua vida à vida nacional, sendo a sua uma miniatura da vida de Israel. Ou então foi algum editor posterior, e não o autor original, que fez essa equiparação. Seja como for, é provável que a segunda das três interpretações acima seja a correta.

Quanto a outras passagens que equiparam a vida de algum indivíduo à vida nacional, ver Sal. 9.13-20; 51.18,19; 102.12,13.

69.36

Também a descendência dos seus servos as herdará. Israel (Judá) uma vez mais possuía a Terra Prometida, tendo o remanescente voltado à terra de Canaã, terminado o cativeiro babilônico. A predição do salmista, ou a de algum editor posterior, foi que essa feliz condição de "nova posse" da terra continuaria, visto que o olho profético podia ver muitas gerações seguintes na Terra Prometida. Mas o olho profético não pôde ver outro período de tempo durante o qual Israel seria exilado por outra potência mundial, a dos romanos. Seja como for, o período entre os cativeiros babilônico e romano encerrava propósitos divinos, embora tenha havido uma interrupção das gerações nos anos 70 e 132 D. C. (Tito destruiu Jerusalém e Adriano enviou Israel, uma vez mais, à dispersão).

Aqueles que amassem o Nome habitariam na Terra Prometida e desfrutariam seus benefícios. Ver Sal. 31.2, quanto ao *nome*, e ver Sal. 30.4 e 33.21, quanto ao *nome santo*. O mandamento supremo é o que ordenava aos israelitas que amassem a Deus:

> *Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força.*
>
> (Deuteronômio 6.5)

> Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.
>
> (Mateus 22.38,39)

O Decálogo original (ver no *Dicionário* o verbete denominado *Dez Mandamentos)* não continha o *primeiro mandamento*. Esse primeiro mandamento é uma *espiritualização* dos mandamentos, a sua essência. Cf. Rom. 13.8-10. Ver o artigo detalhado no *Dicionário* chamado *Amor*, quanto a ilustrações.

O vs. 36 foi espiritualizado para referir-se ao Novo Israel (a Igreja), que prosseguirá de geração em geração para sempre, ou seja, na vida eterna.

Salmo Setenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listei os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um apelo urgente pela ajuda divina. Em seguida, descrevem os inimigos que atacam e ameaçam a vida do salmista. Esses inimigos podem ser invasores estrangeiros ou homens hostis dentro do acampamento de Israel. Ou podem ser alguma enfermidade física que ameace a integridade do corpo físico. Ademais, a maioria desses salmos termina com uma nota de louvor e agradecimento, visto que a oração fora ouvida e respondida ou, segundo se esperava, logo o seria. Alguns poucos salmos de lamentação terminam em uma nota de desespero, o que também é comum na vida humana. Este salmo não tem nenhuma nota de louvor, apenas de apelo renovado. Mas também não termina tristemente. A questão fica no ar. O salmista continuou esperando pela intervenção divina.

Este minúsculo salmo, que consiste em apenas cinco versículos, é semelhante a Sal. 40.13-17, embora contenha variantes importantes. Provavelmente estamos tratando de uma única composição original, que, depois de ter sido repetidamente copiada, terminou em duas versões, que podem ter feito parte de coletâneas separadas. Uma das variantes é Sal. 40.13-17; a outra é este Salmo 70. Quando as duas coletâneas são postas juntamente (com outras) naquilo que constitui atualmente o nosso saltério, vemos que foram preservadas duas recensões. Os críticos supõem que o Salmo 70 seja mais próximo do original do que Sal. 40.13-17.

Subtítulo. Temos aqui o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. De Davi. Em memória". A nota de introdução é virtualmente idêntica à do Salmo 38, onde ofereço notas expositivas a respeito. A única diferença é que não há nenhuma atribuição ao mestre de canto.

O salmista, sem importar quem tenha sido, precisava ser livrado imediatamente de alguma situação adversa, pois homens ímpios o perseguiam e o ameaçavam de morte. Cerca de metade de todos os salmos tem sido atribuída a Davi, um grande exagero, e devemos lembrar que os subtítulos foram compostos por editores posteriores e não faziam parte dos salmos originais, pelo que não se revestem de nenhuma autoridade canônica. Contudo, não há que duvidar que Davi tenha escrito alguns salmos, pois foi *o mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

70.1

Praza-te, ó Deus, em livrar-me. Os cinco versículos deste salmo são idênticos ao Sal. 40.13-17, com exceção de algumas variantes comentadas a seguir. Quanto a todos os versículos, ver a exposição no Salmo 40.

O vs. 1 é igual a Sal. 40.13, exceto pelo fato de que aqui Deus é chamado de *Elohim*, e, mais adiante, de *Yahweh*, ao passo que em Sal. 40.13 Deus é sempre chamado pelo nome divino de *Yahweh*.

70.2

Sejam envergonhados e cobertos de vexame. Este versículo é igual a Sal. 40.14, excetuando que temos naquele salmo as palavras "sejam à uma" (ou seja, todos eles), antes da palavra "envergonhados".

70.3

Retrocedam por causa da sua ignomínia. Este versículo é virtualmente igual a Sal. 40.15, onde são dadas as notas expositivas.

70.4

Folguem e em ti se rejubilem. Este versículo é igual a Sal. 40.16, exceto pelo fato de que aqui o nome divino é *Elohim*, ao passo que no Salmo 40 é *Yahweh*.

70.5

Eu sou pobre e necessitado. Em vez das palavras "apressa-te em valer-me", que vemos neste versículo, em Sal. 40.17 lemos: "o Senhor cuida de mim". Neste salmo encontramos os nomes divinos *Elohim* e *Yahweh*, enquanto no Salmo 40 encontramos *Adonai* e *Elohim*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Neste salmo temos a repetição do clamor para que Deus se apresse, extraído do vs. 1. É difícil determinar o que dizia o salmo original, de onde as duas versões descendem, mas a verdade é que as diferenças são mínimas.

Salmo Setenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, em muito o grupo mais numeroso. Um homem idoso orou pedindo livramento de inimigos pessoais. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um clamor pedindo ajuda; em seguida,

são descritos os inimigos que assediavam o salmista; e, finalmente, aparecem ações de graças pela oração respondida, ou pela resposta esperada para breve.

Muitos salmos de lamentação têm pesadas imprecações, pelo que vários estudiosos falam em "salmos de imprecação". Este salmo distingue-se dos outros salmos de lamentação por um interesse humano quase único. O homem aflito tinha avançada idade, e seu grito de desespero chega a dar dó. Ele estava afundando nos dilúvios do submundo (vs. 20), para em breve desaparecer. Vemo-lo debatendo-se ali e implorando a ajuda de Deus. A idade avançada tinha-lhe ressecado as energias e a fonte de esperança. Contudo, quando ele considera o passado, por toda a sua longa vida, e vê todas as bênçãos que havia recebido, sua voz levanta-se em ações de graças, a despeito das muitas tribulações e aflições.

"Esta comovente característica pessoal, com sua profunda veia piedosa, dá a este salmo um lugar especial no saltério" (William R. Taylor, *in loc.*). O salmista havia passado por vários períodos críticos em sua vida, mas esta última crise parecia assinalar o seu fim. Portanto, ele clamou em altas vozes e multiplicou seus apelos. Seus inimigos se reuniram e concluíram que era também o tempo de ele sofrer seu *golpe de misericórdia,* o qual ansiavam desferir. Portanto, naquela hora de carência desesperadora, ele se voltou uma vez mais para Aquele que nunca o tinha decepcionado. Uma característica deveras curiosa do salmo é que o homem fez um voto de que, se fosse libertado, usaria suas habilidades musicais para prestar louvores a Deus (vs. 22). Isso pode indicar que o homem era um profissional, um músico levita, sobre quem lemos em Lev. 25.

Subtítulo. Visto que não tem subtítulo, este é um daqueles salmos aos quais chamamos de "salmos órfãos", para os quais os editores posteriores não proveram notas introdutórias. Outros salmos "órfãos" são os de número 1, 2, 10, 33, 43, 71, 91, 93-97, 99, 104-107, 111-119, 135-137 e 146-150, num total de trinta e quatro. Devemos relembrar que os subtítulos são obras de editores subseqüentes; não fazem parte das composições originais e por isso não se revestem de autoridade canônica. Editores posteriores conjecturaram sobre as circunstâncias históricas que podem ter inspirado os salmos e tentaram identificar supostos autores.

Este salmo tem alguns notáveis empréstimos de outros salmos, a saber, Salmos 22, 31, 35, 40 e 41. Talvez tenham ocorrido pelos autores desses outros salmos, mas são tantos os empréstimos que temos a impressão de que o poeta que compôs o Salmo 71 foi quem se inspirou em outros salmos. Há notas expositivas desses empréstimos à medida que eles aparecem.

Um Homem Idoso Apela Pedindo Ajuda (71.1-21)

71.1,2

Em ti, Senhor, me refugio. Os vss. 1-3 foram tomados por empréstimo de Sal. 31.1-3. Quanto aos vários empréstimos feitos, ver o último parágrafo da introdução a este salmo.

Os *vss. 1 e 2* são essencialmente idênticos a Sal. 31.1,2a, mas este salmo acrescenta a expressão "livra-me". O leitor também observará que a divisão por versículos é levemente diferente. Na maioria dos casos, esses empréstimos são simples cópias com alguma variação, mas em algumas ocasiões envolvem adaptações que acarretam grandes diferenças. Ver Sal. 31.1-3, onde adiciono alguns poucos comentários quanto às diferenças. No *Livro II,* ou seja, Salmos 42 a 72, o nome divino geralmente usado é *Elohim,* mas aqui temos o nome divino *Yahweh,* que provavelmente foi apenas copiado do Salmo 31, parte do *Livro I,* cujo nome divino usual é esse. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

71.3

Sê tu para mim uma rocha habitável. Este versículo tem paralelo em Sal. 31.2b,3. Mas o copiador deixou de fora a frase que diz: "por causa do teu nome, tu me conduzirás e me guiarás", que encerra 31.3. Além disso, temos neste versículo um trecho do texto massorético que os críticos rejeitam como corrupção: "ordenaste que eu viesse continuamente", o que é retido em algumas traduções mais antigas, como a King James Version. A maioria das traduções modernas segue a Septuaginta, falando em "fortaleza", e não nas palavras que acabamos de citar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético* quanto a explicações desse texto hebraico padronizado. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto demonstram que, *ocasionalmente,* as versões, especialmente a Septuaginta, retêm textos mais antigos que o massorético, tendo sido traduzidas de manuscritos ainda mais antigos que aqueles usados no texto padronizado. Ver também, no *Dicionário,* os verbetes chamados *Septuaginta,* bem como *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

71.4

Livra-me, Deus meu, das mãos do ímpio. *Os vss. 1-4* estão obviamente baseados em Sal. 31.8-10; contudo, em contraste com os vss. 1-3, que são essencialmente simples cópias de Sal. 31.1-3, temos aqui *adaptações* com algum propósito. O resultado é que encontramos aqui variações mais significativas que nos vss. 1-3.

As palavras aqui citadas são uma adaptação do Salmo 31.8: "Não me entreaste na mão do inimigo". O Salmo 71 faz dessas palavras uma petição. O Salmo 31 trata a questão como um assunto que já tivesse sido resolvido. Além disso, o Salmo 71 faz um paralelismo com a primeira cláusula que não se acha no Salmo 31: "das garras do homem injusto e cruel". É que o idoso poeta enfrentava oposição e perseguição da parte de homens cruéis e injustos. Eles lhe tinham armado laços. Ver sobre a metáfora do "laço" em Sal. 66.11, onde ofereço referências e notas expositivas apropriadas. Os inimigos do salmista foram retratados como *caçadores cruéis,* que apanhavam suas presas por meio de truques, as matavam e usavam os produtos do seu corpo no comércio. Em seguida, o Salmo 71 deixa de lado uma frase que há no Salmo 31, de acordo com algumas versões: "e puseste meus pés em um lugar espaçoso", o que anoto *in loc.*

Os intérpretes ligam este versículo às traições de Absalão ou de Aitofel, mas isso é apenas uma conjectura. Até os editores do subtítulo, no caso do Salmo 71, não se arriscaram a conjecturar. Ver o subtítulo na introdução a este salmo.

71.5

Pois tu és a minha esperança, Senhor Deus. Este versículo reflete, mas não copia, Sal. 31.10. O poeta já tinha sido jovem, e mesmo então passara por diversos períodos de crise que lhe poderiam ter tirado a vida. Agora ele estava idoso e, uma vez mais, atravessava um período crítico. Ele havia perdido as forças da juventude, mas ainda tinha *esperança* em Yahweh, que sempre o livrara. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Esperança.* No caso do Salmo 71, não temos a esperança evangélica da vida eterna. Pelo contrário, o salmista, embora homem idoso, considerava a morte nas mãos dos inimigos uma morte prematura. Ele continuava tendo razões pelas quais viver. Tendo sempre confiado em Yahweh, achava impróprio que sua vida fosse interrompida por uma morte violenta. Por conseguinte, *esperava* que uma intervenção divina o salvasse da morte cruel e lhe permitisse terminar em paz o curso de sua vida. Yahweh era o Deus de sua juventude, e assim ele esperava que Deus fosse o Deus Eterno de sua velhice, o qual lhe daria mais alguns anos de vida. Ele tinha *confiado* em Yahweh quando jovem e, agora que era um homem velho, continuava a *confiar* no Senhor. Sobre como essa palavra é usada nos salmos, ver as notas em Sal. 2.12, onde apresento uma nota de sumário. Ver as notas sobre *Esperança,* em Sal. 25.5,21; 33.20; 39.7 e 62.5. Ver os vss. 17 e ss., que têm mais ou menos a mesma mensagem deste versículo.

71.6

Em ti me tenho apoiado desde o meu nascimento. Talvez este versículo seja um reflexo de Sal. 31.10, mas não uma cópia. O poeta sagrado ampliou a idéia que já havia apresentado no vs. 5. Mesmo em sua *juventude,* quando outros jovens aproveitavam o tempo para gozar a vida, aquele homem confiava em Yahweh e conduzia sua vida em consonância com a Sua lei. Ver Sal. 1.2, quanto à lei como o manual dos hebreus, no tocante às doutrinas e à conduta. O nosso homem também acreditava na providência divina. Desde o seu nascimento, Yahweh já tinha planos para ele, e no sentido espiritual, foi o seu *Parteiro.* Cf. o caso de João Batista em Luc. 1.15, e o caso de Paulo em Gál. 1.15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

"As maravilhas da ajuda de Deus, na juventude do salmista, eram para ele um tema interminável de louvor. Cf. Sal. 109.1 e Jer. 17.14" (William R. Taylor, *in loc.*).

Os meus louvores. Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome, quanto a plenas notas expositivas. Muitos benefícios divinos, desde a juventude do salmista, tinham merecido os louvores dele, e ele continuava *louvando* o Senhor.

Este versículo parece ter sido tomado por empréstimo de Sal. 22.10, que diz: "A ti me entreguei desde o meu nascimento; desde o ventre de minha mãe tu és meu Deus".

O Sal. 22.11 nos apresenta o apelo para que Yahweh não rejeitasse esse homem que desfrutava a assistência divina desde o nascimento; e isso, naturalmente, é o tema central deste salmo.

"Esta alusão ao nascimento e a um retrospecto da vida desde a mais tenra infância não são impróprios para a personificação de Israel como indivíduo; antes, presta-se tanto para o indivíduo como para a comunidade da qual ele é porta-voz. Portanto, com freqüência essa tenha sido uma aplicação tratada como epítome da história da igreja cristã" (Ellicott, *in loc.*).

71.7

Como um portento. A idéia não é que tenha havido um milagre de preservação (pois, aparentemente, o salmista era um homem muito idoso), mas, antes, é que havia algo negativo, um *monstro.* Os homens apontavam para o poeta como alguém a quem deveriam evitar, mas Deus era o seu refúgio. Rejeitado pelos

homens como se fosse um presságio do mal, ele encontrava no Ser divino a razão para continuar vivendo. Provavelmente, parte daquilo que tanto admirava a outros homens eram os sofrimentos do salmista. Eles não queriam aproximar-se dele, com medo de que alguma maldição também os apanhasse. "... um terrível exemplo de vingança divina" (William R. Taylor, *in loc.*).

O meu forte refúgio. Quanto a esta metáfora, ver Sal. 46.1.

71.8

Os meus lábios estão cheios do teu louvor. Tendo encontrado em Deus o seu refúgio, o poeta fez sua vida habitar em Deus. E, assim, ele tinha um coração repleto de louvores a Deus, o que expressava com freqüência. Sua mente estava ocupada com a glória de Deus o dia inteiro. "Sua boca vivia cheia dos louvores a Deus, o que mostra que seu *coração* fora afetado pela bondade de Deus, que ele tinha uma profunda impressão e consciência da bondade de Deus, e assim, da abundância do coração, a boca dele falava. A boca dele, pois, vivia cheia de louvores espontâneos. As misericórdias divinas eram renovadas a cada manhã, e assim continuavam a ser pelo dia todo, pois as bondades do Senhor permanecem para sempre" (John Gill, *in loc.*).

71.9

Não me rejeites na minha velhice. Agora o salmista era um *homem idoso* e precisava da contínua Presença. O processo do envelhecimento começa com o fracasso gradual dos poderes mentais e físicos. Um homem vai-se "debilitando". Ele não é mais nem a *metade do homem* que era antes, conforme diz uma canção popular. Se um homem leva uma vida piedosa, e outros homens o rejeitam, então que recurso lhe resta? Ele terá de fugir para Deus. E foi isso que o nosso poeta fez. Conforme dizia minha mãe: "As pessoas de idade simplesmente atravancam o caminho". Era isso que acontecia no caso do salmista, e pior ainda. Ele tinha inimigos terríveis que esperavam sua morte em breve, e alguns estavam terrivelmente ocupados tentando fazer com que isso acontecesse. Havia muita gente, "lá fora", que havia brindado o nosso homem com o *desejo* e a *maldição da morte.*

Os *vss. 9-11* aparentemente dependem de Sal. 41.6-8. Já vimos como o autor deste salmo inspirou-se em vários salmos, copiando quase diretamente alguns versículos e usando outros como fonte de idéias. Ver o último parágrafo da introdução e também o vs. 1, quanto a uma ilustração sobre isso. Quanto a propósitos ilustrativos, notamos que foi na idade já avançada de Davi que Absalão promoveu sua rebelião. Se Joabe não estivesse presente para intervir, é provável que Absalão tivesse logrado êxito. Assim também, o salmista fora piedoso em sua juventude (vs. 5) e continuava a sê-lo, pelo que pensava ter crédito com Deus. Observamos o incrível fenômeno de pessoas idosas terem seus seguros de vida e saúde cancelados, à base de alguma questão técnica, uma forma flagrante de injustiça social. Até mesmo membros íntimos da família tentam tirar vantagem dos idosos e enfermos, só por poderem fazer isso. Essa é uma espécie de ataque dos fortes contra os fracos e, quando há dinheiro envolvido, tudo pode acontecer.

Justamente quando as pessoas mais precisam de ajuda, quando já são idosas e estão débeis, pessoas ímpias as atraiçoam. O salmista rogou a Yahweh que o livrasse desses exemplos perversos.

71.10,11

Pois falam contra mim os meus inimigos. Agora obtemos uma boa descrição dos inimigos do homem idoso. Eles observavam o velho homem como se fossem urubus. Falavam e agiam contra ele. Esperavam vê-lo morto, e *logo.* Então atacariam as propriedades dele. Não somos informados sobre o que esperavam ganhar com a morte do salmista, mas o certo é que não se tinham envolvido no jogo do ódio em troca de nada. Provavelmente o homem estava enfermo, pelo que seus inimigos diziam: "Vejam o que Deus fez com ele! Deus o abandonou (vs. 11). Por que deveríamos cuidar dele? Além disso, ele não tem amigos que possam fazer-nos cessar em nossos ataques. É chegado o momento de terminar com ele". Aqueles homens ímpios tinham estabelecido uma emboscada metafórica. Cf. Sal. 41.5-8, quanto a sentimentos similares.

> *São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele.*
>
> (Salmo 3.2)

Uma Idéia Equivocada. Costumam dizer os homens: "A prosperidade material é prova do favor divino. A adversidade é prova de Seu desprazer". Mas não é assim que Deus age, exceto em casos de julgamento especial. "Deus nunca manifesta Seu prazer ou Seu desprazer mediante o bem ou o mal secular" (Adam Clarke, *in loc.*). "Assim falou Aitofel, quando Davi fugia de Absalão (II Sam. 17.2)" (Fausset, *in loc.*).

71.12

Não te ausentes de mim, ó Deus. Este versículo nos faz lembrar de Sal. 22.11. O salmista pede que Deus *se apresse,* pois o seu caso era urgente. Ver sobre essa idéia em Sal. 14.1; 22.19; 31.22; 38.22; 40.13; 70.1,5. O caso do salmista era urgente porque ele era um homem idoso e já decrépito. Seus inimigos estavam perto de aplicar-lhe o *golpe de misericórdia.* Se Yahweh não se apressasse a descer do trono, encontraria o homem morto.

Quanto à idéia expressa nas palavras "não te ausentes de mim", ver Sal. 10.1. A presença de Deus protege e consola, além de garantir o sucesso. É uma teologia bíblica estabelecida que Deus, embora transcendental, é também imanente. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Transcendente, Transcendência* e *Imanência de Deus.* Sal. 22.11 também encerra a petição de que Deus não se distancie do salmista, não deixando de ouvir a sua oração. Ver também Sal. 35.22; 38.21.

> *Sou teu, salva-me; pois eu busco os teus preceitos.*
>
> (Salmo 119.94)

71.13

Sejam envergonhados e consumidos. O trecho de Sal. 35.4,26 é bastante parecido com este versículo. Sal. 40.13,14 também é quase igual, e as notas expositivas que ali aparecem também se aplicam aqui. O salmista queria uma aplicação imediata da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele havia sido envergonhado por seus acusadores, pelo que deveria saber o que é ser envergonhado. Ele fora consumido por eles; fora escarnecido e desgraçado; eles procuraram prejudicá-lo de diferentes maneiras, o que é ilustrado por variegadas descrições. Era isso o que eles agora mereciam sofrer, em conformidade com a *Lex Talionis* (castigo de acordo com a gravidade com o pecado cometido), que comento no artigo do *Dicionário* assim intitulado.

O nosso homem fora sujeitado à *desgraça pública,* o que, para a mente oriental, era muito difícil de suportar, algo considerado quase idêntico à própria morte. Até hoje há pessoas que cometem suicídio quando isso lhes acontece, mesmo quando merecem essa desgraça. Cf. Jó 29.7-10; 30.1,9-15. "Eles serão envergonhados, o que fala de uma declaração profética" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Envergonhem-se e juntamente sejam cobertos de vexame os que se alegram com o meu mal; cubram-se de pejo e ignomínia os que se engrandecem contra mim.*
>
> (Salmo 35.26)

O salmista clamou por uma terrível *vingança* (ver a respeito no *Dicionário*).

71.14

Quanto a mim, esperarei sempre. Em meio aos ataques que o vitimavam, o homem decidiu continuar *esperando* (ver o vs. 5) e louvando Deus, "mais e mais", esperando Yahweh resolver o caso. Em outras palavras, ele continuaria agindo como sempre, confiando que Yahweh cuidaria dele como homem *idoso,* da mesma maneira que fizera quando era *jovem.* Essa não seria uma tarefa tão grande para o Ser divino. O salmista já tinha visto os *atos salvadores* de Deus e pensava não ser tão velho a ponto de não poder testemunhar outras intervenções da mão divina. A *esperança* era tudo quanto lhe restava, e ele não haveria de desfazer-se dela. A esperança reaparece, em forma mais desenvolvida, nos vss. 15-21. "Conforme abundarem as bênçãos, assim abundarão os meus louvores" (Adam Clarke, *in loc.*).

71.15

A minha boca relatará a tua justiça. Este versículo desenvolve a idéia de louvor e ação de graças, apresentada no versículo anterior, tal como os vss. 15-21 desenvolvem a idéia da esperança. Yahweh tinha realizado Seus feitos justos, ajudando o homem bom e castigando os pecadores. O homem que seguisse a lei mosaica seria *distinto* dos pecadores (Deu. 4.4-8). Estaria envolvido em uma vida caracterizada por atos bons e seria sensível para com a justiça social, bem como para com a espiritualidade. Dessa maneira, teria *razões* para regozijar-se e agradecer por motivo da *retidão* de Deus, da qual ele participava. Ele esperava que esse fator finalmente pusesse fim aos seus inimigos, porquanto estavam maduros para a vingança, algo que a justiça de Deus requer da parte dos homens.

Da tua salvação. Uma vez mais encontramos a noção de salvação temporal, a preservação da vida física, que nada tem que ver com a salvação evangélica, a esperança da vida eterna para o além-túmulo. Quanto a um desenvolvimento do tema e referências, ver as notas expositivas em Sal. 62.2. O idoso poeta não haveria de sofrer morte prematura (o que era um terror para a mente dos hebreus), mas desejava apenas mais alguns anos de idade, vividos em *paz.*

Eram inúmeros os *atos de justiça* e os *feitos de salvação* de Deus, a ponto de ultrapassarem o conhecimento do poeta. Sendo esse o caso, ele ainda poderia ser testemunha de muitas manifestações divinas, e assim escapar do mal que seus inimigos contra ele perpetravam.

Cf. Sal. 40.5, que contém as mesmas idéias essenciais. As notas que aparecem ali também se aplicam aqui. É provável que o idoso poeta tenha tomado de empréstimo a sua idéia daquele versículo, quando escreveu este versículo, mesmo que não tenha usado o mesmo fraseado.

71.16

Sinto-me na força do Senhor Deus. O idoso e cansado salmista, enfermo e perseguido, não tinha mais forças próprias. Portanto, decidiu prosseguir na *força do Senhor.* Este é um excelente sentimento e deve ser compartilhado por muitas pessoas idosas, que já viveram a maior parte da vida e agora estão reduzidas a nada. O homem estava alquebrado, quase lançado no desespero, mas de súbito o vemos levantar-se e prosseguir no caminho, na força dada pelo Senhor.

> *Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*
>
> (Isaías 40.30,31)

Cf. Sal. 5.7 e 53.13.

O idoso homem provavelmente fazia referência a uma esperada visita ao templo, onde ofereceria louvores e sacrifícios, e cumpriria e faria votos, *caso* Yahweh, de alguma maneira, o libertasse de suas tribulações. Ali chegando, o salmista "faria menção" de tudo quanto Deus tinha realizado por ele, oferecendo ações de graças apropriadas.

Mas o salmista só falaria sobre as obras justas de *Yahweh,* porquanto na sociedade humana ele só encontraria fraude e coisas desagradáveis. Ele nada encontrara em seus inimigos que fosse digno de louvor, e também não encontrara em si mesmo coisa alguma de que pudesse vangloriar-se.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da retidão em Cristo, a quem apelamos quanto à nossa salvação.

71.17

Tu me tens ensinado, ó Deus. O homem já fora jovem, e desde então os atos retos de Deus estavam diante de seus olhos. Ele os vinha observando fazia longo tempo. Além disso, como jovem piedoso, ele estava sempre louvando os feitos de Yahweh, muitos dos quais tiveram aplicação pessoal à sua própria vida. O passado deixara o salmista confiante de que havia um futuro brilhante à sua frente, embora ele não pudesse ver como isso seria possível, de acordo com a razão humana. A cena é tocante, pois podemos estar certos de que o salmista não tinha seguro-saúde nem fundo de aposentadoria nos quais se apegar nos anos finais de vida. E nem os membros de sua família ou seus amigos estavam interessados no bem-estar "daquele velho", e sem dúvida tê-lo-iam deixado sozinho para que morresse. Ademais, além de todos esses problemas, ele tinha inimigos ativos que promoviam abertamente a sua morte. A despeito de todos esses pontos *negativos,* porém, havia um ponto extremamente positivo: ele prosseguia na força de Yahweh, que o tinha levado ao lugar em que estava naquele dia.

> *Cá meu Ebenézer ergo.*
> *Dá-me teu coração, diz o Pai lá no alto,*
> *Não há dom tão precioso para Ele como o nosso amor.*
> *Em breve Ele sussurrará, onde quer que estejas,*
> *Agradecido confia em mim, e dá-me teu coração.*
>
> (Eliza E. Hewitt)

"Tenho contado contigo como meu *instrutor* contínuo, e tu começaste a ensinar-me Teu amor desde a minha mais tenra infância. Ademais, quando Ele ensina, não demoramos a aprender" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ensino. Como aplicação, vemos quão importante é o ensino, e devemos lembrar também que a própria Grande Comissão é metade ensino (ver Mat. 28.20). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ensino.* Ver também *Desenvolvimento Espiritual, Meios do. Há múltiplas maneiras de ajudar a nossa fé: o estudo, a oração, a santificação,* a prática das boas obras e o toque místico, através do qual vemos a presença de Deus. E quando vemos a Deus em qualquer grau, somos transformados.

71.18

Não me desampares, pois, ó Deus. A força da juventude *tinha desaparecido;* os amigos tinham morrido; os parentes mostravam-se indiferentes; os inimigos estavam assediando; a idade avançada tinha chegado, com suas dores intermináveis e enfermidades; o homem estava de cabelos brancos, e isso *não* se parecia com a neve sobre o telhado, nem com a lareira crepitando vivamente no interior da casa, conforme diz um ditado popular. Havia neve no telhado, mas a fogueira no interior da casa quase tinha desaparecido. O homem apenas soltava um pouco de fumaça. Portanto, que poderia ele fazer? Ele se voltou para o Poder (Elohim) e clamou por mudança.

Ele queria mostrar à geração mais jovem a força de Yahweh, conforme ele mesmo a tinha conhecido em *sua* mocidade. Além disso, queria deixar garantido que as gerações do porvir seriam informadas a respeito disso. Ele diria isso com o seu hino, e hoje estamos lendo e comentando a esse respeito, mais de dois mil anos desde que a crônica foi escrita! A força de Yahweh o tinha livrado por muitas vezes dos tempos de crise, e também lhe havia dado muitas bênçãos e vitórias positivas. Ele não tinha certeza que a geração mais jovem conhecia a "religião dos tempos antigos", conforme diz o hino. Os vss. 19 e 21 nos dão uma idéia sobre o que o homem publicaria a todos os povos: o poder de Deus para livrar de tribulações terríveis; a retidão; o reavivamento; a honra e a consolação. Muitos livros e discursos poderiam ser produzidos para descrever esses tópicos.

> *Até a avançada idade, todo o meu povo provará*
> *Meu amor soberano, eterno e imutável.*
> *E quando cabelos brancos adorarem sua testa,*
> *Como cordeiros ainda assim serão levados ao meu peito.*
>
> (Hino português, autor não-identificado)

"Sal. 129.1 mostra que isso pode ter sido uma oração nacional, e não apenas uma oração individual" (Ellicott, *in loc.*).

A tua força. Literalmente, o original hebraico diz aqui "o teu braço", sendo o braço um símbolo da força. Ver Êxo. 6.6; 16.16; Sal. 44.13; 77.15; 98.1. Ver também o simbolismo da *mão direita,* em Sal. 20.6.

71.19

Ora, a tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus. *Elohim* dá abundantes evidências do poder de *Seu braço* (vs. 18). E a Sua justiça também é muito significativa porque, juntamente com o poder de Deus, "se eleva até aos céus". Tem domínio em todas as esferas que designamos vagamente pelos termos céus, terra e debaixo da terra. Não existe deus semelhante a Deus, nenhum obreiro de poder que se possa comparar a Elohim. O salmista queria mostrar essas coisas às gerações mais jovens e às gerações vindouras (vs. 18). Cf. Êxo. 15.11, onde se lê: "Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?".

Cf. Sal. 36.5 e 57.10. Quem é Deus como Elohim, "na grandeza e no poder, em poder e misericórdia, um Deus de justiça, verdade e fidelidade; nas perfeições da natureza; nas obras de Suas mãos, o que significa que Ele deve ser louvado e reverenciado e adorado, como Ele é? Ver Sal. 89.6,7" (John Gill, *in loc.*). "A misericórdia de Deus preenche todos os lugares e todo o espaço. Coroa nos céus o que é primeiramente governado na terra" (Adam Clarke, *in loc.*).

71.20

Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males. Ao longo da vida, o salmista não foi isentado da tribulação. De fato, durante o caminho ele viveu períodos de amarga tribulação, e no presente estava no meio da pior tribulação que já havia atravessado, e com menor força para enfrentá-la. Portanto, esperava que, pelo poder de Elohim, a vida lhe fosse "restaurada". Ele esperava novamente ser salvo *vivo* da tribulação, em vez de ser avassalado e morrer.

Tu. Note o leitor como o autor sagrado, com sua doutrina que dizia que Deus era a *única causa* de todas as coisas, atribuiu a Ele tudo pelo qual ele havia passado e estava passando. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias.* Até mesmo aqueles homens que o assediavam de alguma maneira cumpriam uma determinação divina. Isso não significava, contudo, que tais homens não seriam julgados. Ficamos presos em um paradoxo. Como Deus poderia julgar àqueles a quem Ele inspirara fazer o mal? Nossa teologia, que postula causas secundárias, resolve esse problema. Deus nada tinha que ver com o que aqueles homens repulsivos estavam fazendo.

De novo me tirarás dos abismos da terra. O sentido natural destas palavras é que o homem, como antes, seria libertado da morte física. Mas alguns estudiosos vêem aqui o *hades,* a residência dos espíritos humanos que partiram da terra. Se esse foi, realmente, o caso, então tal lugar era encarado com horror pelo homem justo, que nada de bom via ali. Deus o havia chamado para *salvá-lo* de ir para aquele lugar horrendo, conforme tinha feito antes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hades,* que mostra que o termo não representava nenhuma dou-

trina simples. Antes, esse vocábulo representa uma idéia em crescimento. Não temos certeza exata do estágio de desenvolvimento a que essa idéia havia chegado quando o poeta compôs o salmo que ora consideramos. O *sheol* é o nome hebraico para aquele lugar, que os antigos pensavam estar abaixo da superfície da terra, em uma espécie de câmara subterrânea. Ver a ilustração sobre o que os hebreus pensavam a respeito da cosmologia no artigo chamado *Astronomia* no *Dicionário*.

De novo me tirarás. Poderíamos ser tentados a dizer que aqui temos um equivalente, no Antigo Testamento, a uma missão de misericórdia no hades, um paralelo de I Ped. 3.18-4.6, que fala sobre a missão salvatícia de Cristo ali. Mas provavelmente isso é tentar arrancar demais desta expressão. Provavelmente o autor quis meramente dar a entender "tirar dali", pois o salmista potencialmente foi posto ali através da morte. Ademais, é provável que ele esteja apenas falando da morte física. A existência de uma câmara subterrânea para receber os espíritos dos mortos, e missões de misericórdia em tal lugar, eram um motivo quase universal na literatura religiosa. Seria realmente muito admirável se as Escrituras hebraico-cristãs nada dissessem sobre *essa esperança*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* artigo detalhado chamado *Descida de Cristo ao Hades*. Cf. as declarações de Sal. 9.13 e 30.3.

Abismos da terra. Literalmente, *abismos de água,* provavelmente uma alusão à noção hebraica de que a terra repousava sobre um abismo, tal como "acima do firmamento" havia um mar de águas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* que ilustra a idéia. Ver Gên. 1.7, quanto à idéia de que Deus, na criação, separou esses dois vastos corpos de água.

Alguns eruditos vêem aqui uma alusão à ressurreição dos mortos, mas isso parece remoto. Mais remoto ainda é tornar este salmo um salmo messiânico, embora possa haver uma *aplicação* nesse sentido. Seja como for, o poeta tinha sido livrado de seus *mares de tribulação* em diversas oportunidades, e assim orou para que a libertação ocorresse de novo.

71.21

Aumenta a minha grandeza. O salmista continuou descrevendo os benefícios derivados da força de Yahweh. Ele fora alvo de zombarias, mas a sua *honra* seria vindicada e ele se elevaria na estima de todos quantos o conhecessem. Talvez seus acusadores o apresentassem ao tribunal, e ele ganharia a causa, ou algum julgamento de Deus contra os seus críticos lhes fecharia a boca. Seja como for, o homem seria elevado da desonra para a honra, ou, pelo menos, essa era a sua crença. Então o poeta, uma vez *vindicado,* seria *consolado,* e atribuiria essa possibilidade a um ato divino. Os seus acusadores recuariam para o segundo plano, e o poeta avançaria, passando de vilão a herói. As pessoas, uma vez mais, pôr-se-iam ao seu lado, e ele reconquistaria amizades, recebendo consolação da parte de Deus e dos homens.

Louvor Agradecido Final (71.22-24)

71.22

Eu também te louvo com a lira. Além de entoar louvores a Deus, oferecer sacrifícios, e fazer e cumprir votos, o idoso poeta *tocaria seu instrumento musical* com maestria, acompanhando a si mesmo. Isso talvez indique que o homem era um levita músico, um músico profissional, um membro da guilda musical de Israel para servir no culto do templo. Ver I Crô. 25. O homem podia tocar ao menos dois instrumentos, a *harpa* e a *lira*. Os músicos profissionais tornavam-se mestres em mais de um instrumento, de modo geral. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais,* quanto a detalhes e comentários sobre quais tipos de música eram apropriados na adoração ao Ser divino.

Ó Santo de Israel. Este é um título divino empregado com freqüência no livro de Isaías, mas usado somente por três vezes nos Salmos: 71.22; 78.41 e 89.18. Os hebreus atribuíam elevadas qualidades morais a Deus, em contraste com os gregos, que faziam suas divindades serem tão más quanto eles mesmos, além de muito mais espertas em maldade. Esse título subentende o Deus que executa justiça e realiza atos justos em Israel e por todo o orbe. O termo parece ter-se originado em Israel. Cf. 6.3.

71.23

Os meus lábios exultarão. Os lábios do salmista louvariam a Deus com júbilo, porquanto, uma vez mais, ele fora libertado de uma crise potencialmente fatal. Elohim seria o objeto de seus cânticos em altas vozes, acompanhados de instrumentos musicais e gritos, visto ser Ele o Poder que o *livrara da morte*. Não há aqui nenhum laivo da *redenção* evangélica, da salvação da alma, conforme este versículo tem sido cristianizado.

O Senhor resgata a alma dos seus servos, e dos que nele confiam, nenhum será condenado.

(Salmo 34.22)

John Gill, cristianizando o versículo, disse: "Pois a redenção da alma é excessivamente preciosa; sendo resultado da sabedoria infinita, fruto da graça divina e devida ao sangue e ao sacrifício de Cristo".

71.24

Igualmente a minha língua celebrará a tua justiça. A língua, a harpa e a lira (vss. 22 e 24) unem-se em altos louvores; o culto do templo é assim animado e alegre, e o tema dos cânticos é a retidão de Elohim, Seus atos beneficentes e poderosos em favor dos homens. Ademais, os hinos cantados não ignoram que Elohim faz justiça e submete à vergonha e à desgraça os ímpios, deixando seguro que aqueles que prejudicam a outros serão, eles mesmos, prejudicados. Os perseguidores do idoso poeta colheriam o que haviam semeado, porquanto a justiça divina tinha feito as coisas dessa forma. Ver no *Dicionário* a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

O idoso poeta, que tinha por hábito louvar a Deus dessa maneira, quando era libertado de períodos críticos que lhe ameaçavam a vida, agora, uma vez mais liberto, louvava a Deus com voz mais altissonante e mais longamente.

Minha mente e alma concordando bem,
Fazem música como antes
— somente que mais vasta.

Cf. o vs. 13, parte do qual foi incorporada neste versículo derradeiro do Salmo 71.

Salmo Setenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é um *hino* composto sob a forma de oração, que solicita que a bênção de Deus esteja sobre o rei de Israel. Portanto, trata-se de um *salmo real,* que muitos intérpretes também classificam como *messiânico*. O motivo deste salmo pode ter sido uma cerimônia de coroação ou então a comemoração anual desse ato. Nada existe no salmo que nos ajude a identificar o rei específico em vista, mas as tradições atribuem a autoria do salmo à Salomão. "Tal como outros salmos reais (2, 18, 20, 21, 45, 89, 101, 110 e 132), esta oração pode ter sido recitada em alguma ocasião festiva, como a festa do Ano Novo, o aniversário do monarca, ou algum outro aniversário real, mas não demonstra nenhuma ligação com o culto do templo (isto é, associada a hinos entoados por ocasião da subida ao trono de algum rei, celebrada no templo)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Este hino contém as usuais hipérboles orientais de tais louvores ao rei: sua vida extraordinariamente longa (vs. 5); o prolongado domínio de seu reinado (vss. 8-11); e a durabilidade de sua fama (vs. 17). Este salmo é bastante nacionalista, uma das marcas das composições poéticas pré-exílicas. Com seu retrato idealizado do monarca hebreu, o hino prestou-se facilmente à interpretação messiânica, pelo que as hipérboles que nele aparecem são aplicadas literalmente ao Messias. O Targum e muitos rabinos viam aqui predições messiânicas, e os intérpretes cristãos seguem essa orientação; mas o salmo não aparece citado no Novo Testamento, conforme seria de esperar.

Subtítulo. O subtítulo do Salmo 72 diz somente: "Salmo de Salomão". Dois salmos são atribuídos à pena desse terceiro rei de Israel: 72 e 127. As notas de introdução foram acrescentadas por editores posteriores, não fazendo parte das composições originais, pelo que não se revestem de autoridade canônica. Representam conjecturas, em sua maior parte, que passaram a tradições fixas, dizendo-nos algo sobre a natureza dos salmos, atribuindo-lhes alguma circunstância histórica específica, e identificando autores. É provável que, ocasionalmente, os detalhes dados tivessem algum toque genuíno, mas poucos críticos levam a sério esses subtítulos, exceto como uma atividade das tradições do povo hebreu.

Oração para que o Rei Fosse Justo (72.1-4)

72.1

Concede ao Rei, ó Deus, os teus juízos. Naqueles *tempos brutais,* quando grandes injustiças eram perpetradas por homens selvagens e ímpios em Israel,

que agiam sem nenhuma restrição, era importante que um rei tivesse a consciência inspirada por Deus, a fim de executar a justiça no país. O rei precisava ser justo, e seu filho tinha de demonstrar retidão. O reinado tradicionalmente passava de pai para filho, e assim seria um instrumento na mão divina, visando reinados justos. Muitos salmos de lamentação falam sobre homens brutais, que planejavam a destruição do próximo e reuniam em torno de si considerável número de seguidores, o que servia somente para transformar a sociedade em um caos, provocando o temor em muitos. Reinados justos traziam prosperidade generalizada (vs. 17); mas o oposto só poderia produzir caos e destruição, seja dentro das fronteiras de Israel, seja em decorrência de invasões estrangeiras. "O rei precisava ser o garantidor da justiça em favor dos impotentes (vss. 12-15)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 1). Esperava-se que o monarca punisse os que exploravam o pobre, em lugar de ser ele o principal explorador, fenômeno tão freqüente na política moderna.

Ao Filho do Rei. O rei pertencia à linhagem real. Ele não era um usurpador, *mas um membro de reconhecida família real. É possível que o "filho", neste caso,* seja o rei em questão. Nesse caso, enfatiza-se que esse "filho" chegara a ser rei porque pertencia à linhagem real. Seu pai também tinha sido rei. As tradições fazem desses reis Davi e Salomão, mas o próprio salmo não identifica os personagens reais.

72.2

Julgue ele com justiça o teu povo. O rei seria um homem bom, *universalmente.* Julgaria o povo em geral com justiça e seria um campeão dos pobres e das classes menos favorecidas, que geralmente são tão facilmente explorados. O rei não roubaria o dinheiro dos pobres, nem seria o líder de grupos interesseiros, para beneficiá-los ou a si mesmo.

"Sem importar se Salomão está em vista ou não neste salmo, o fato é que a oração que ele fez em seu sonho, em Gibeom (ver I Reis 3.9) é o melhor comentário destes versículos. Cf. também Isa. 11.4 e 32.1" (Ellicott, *in loc.*).

> *Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois, quem poderia julgar a este grande povo?*
>
> (I Reis 3.9)

72.3

Os montes trarão paz ao povo. Os *pontos mais altos* de Jerusalém, incluindo o monte Sião, são personificados aqui e vistos trazendo bênçãos e prosperidade ao povo. O rei estava entronizado no templo, no monte, e assim, durante todo o seu reinado, as bênçãos viriam do "alto". O rei não era um sacerdote, pelo que não ministrava no templo, mas o poder do sacerdócio estava por trás dele, e o sumo sacerdote seria seu conselheiro. O poder que prestava apoio ao monarca seria a retidão. Dessa maneira ele desempenharia bem a sua incumbência. Sem essa retidão, haveria o caos, conforme tantas vezes demonstra a política. "Quanto à mesma proeminência dada às colinas, como uma das características da Palestina, uma terra que não somente era montanhosa, mas também era um *montão de colinas,* cf. Joel 3.18" (Ellicott, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar do reinado de Cristo durante o milênio.

Uma Linguagem Figurada. Talvez as colinas e os montes simbolizem os príncipes e outras autoridades subordinadas ao rei. Na qualidade de seus delegados, eles levariam o povo de Israel à prosperidade. Mas alguns estudiosos fazem reis e autoridades estrangeiras ser referidos aqui como as colinas e os montes; e, nesse caso, nações estrangeiras adicionariam prosperidade a Israel. Contudo, não parece ser isso o que está em foco aqui. Outros intérpretes acreditam que essas colinas e montes são as igrejas cristãs, ou então autoridades eclesiásticas que abençoam o povo. Mas essa já é uma interpretação bastante remota.

72.4

Julgue ele os aflitos do povo. Este versículo retorna à idéia do vs. 2: os que padeciam de necessidade especial, como os pobres e seus filhos, que não tinham nenhum poder ou defesa, atrairiam a atenção do rei justo, e ele quebraria em pedaços os opressores, mantendo os direitos dos carentes. Os políticos sempre falam bem aos pobres e fazem grandes promessas, mas não *realizam* muita coisa de valor permanente. E a justiça? Esqueça-se dela, leitor! O dinheiro e o poder é que estabelecem as leis ou desobedecem a elas. *Poder é direito,* conforme alguém já disse de modo muito observador. Cf. Isa. 11.4, que contém sentimentos similares a estes: "Mas julgará com justiça os pobres, e decidirá com eqüidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca, e *com o sopro dos seus lábios matará o perverso*".

Este versículo tem sido cristianizado para falar dos benefícios trazidos por Deus através do evangelho, administrados por meio das igrejas; ou então para enfocar o reino milenar de Cristo.

Oração por um Reinado Longo e Beneficente (72.5-7)

72.5

Ele permanecerá enquanto existir o sol. Diz aqui a Septuaginta: "Viva ele". Essa tradução é preferida por alguns intérpretes. Mas diz o texto hebraico: "Que eles te temam!". As hipérboles orientais sempre desejaram longa vida, e até mesmo a vida eterna, para o rei. Portanto, aqui se deseja que o rei viva tanto quanto o sol e a lua percorrerem seus cursos, um tempo realmente longo, se não mesmo eterno. O *sol* era um símbolo de *permanência.* Essa figura é repetida no vs. 17. A lua serve ao mesmo propósito. Ver também o vs. 7, onde é repetida a figura de linguagem, e cf. Sal. 89.7. Os trechos de Isa. 60.19,20 e Apo. 21.23 e 22.5 antecipam um tempo quando tanto o sol quanto a lua deixarão de existir, mas o salmista não estava pensando nesses termos.

Temor. Assim diz o original hebraico, sendo essa a preferência de alguns tradutores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor.* O rei, na qualidade de representante de Deus, precisava ser temido pelo povo, o que impediria o povo de cair em excessos. "O temor a Deus, continuando eternamente em resultado de Seu domínio, implica, necessariamente, na eternidade de Seu reinado. Cf. o vs. 17 e Sal. 89.36,37" (Fausset, *in loc.*).

Através das gerações. O poeta não contemplou grandes desastres em Israel, e pensava em termos da continuação eterna dessa nação. Assim sendo, a monarquia em Israel prosseguiria, o rei prosseguiria, a sucessão real prosseguiria, e a justiça também prosseguiria.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o reino eterno de Cristo.

> *A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua, e fiel como a testemunha no espaço. Selá.*
>
> (Salmo 89.36,37)

72.6

Seja ele como a chuva. As chuvas são aqui usadas como a bondade e as bênçãos abundantes que o rei, segundo se esperava, traria aos seus súditos. A chuva cai em todos os lugares e beneficia a todos. Ela é a fonte originária de toda a vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água.* "O governo do monarca deveria ser tão benéfico como a chuva que refrigera a terra, *cobrindo-a* de bênçãos e promovendo a verdura. Mediante o uso de uma imagem simbólica similar, as palavras derradeiras de Davi (ver II Sam. 23.4) descreveram um bom governo.

A campina ceifada. A palavra hebraica correspondente significa "poda" (ver Jui. 6.37). O que mais provavelmente está em vista é uma colheita do feno, que foi ceifada. Assim, sobre a "campina ceifada" cai a chuva. Ou a referência pode ser à erva dos prados, que está prestes a ser cortada, pois o tempo para isso havia chegado.

Este versículo, naturalmente, transforma-se em um versículo messiânico, como são as palavras de II Sam. 23.5.

> *O que o sol durante o dia devora,*
> *O orvalho noturno, com seu gotejar perolado,*
> *Pela manhã renova.*
>
> (Dryden)

> *Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas.*
>
> (Tiago 5.7)

72.7

Floresça em seus dias o justo. Esperava-se que o *rei justo* trouxesse retidão e paz em seu reinado. E seus súditos, como o próprio reino, durariam para sempre, da mesma maneira que a lua nunca desaparecerá, antes continuará realizando sua missão, eternamente. A obediência à lei promete prosperidade e longa vida, pelo que, como é óbvio, a retidão do rei tinha de estar *alicerçada sobre a lei.* Ver em Sal. 1.2 um sumário das coisas que se esperava que a lei fizesse pelo povo de Israel, sendo ela o manual de conhecimento e conduta do homem, durante o período do Antigo Testamento.

O justo. A Revised Standard Version e algumas versões portuguesas dizem "justiça", o que é apoiado por alguns poucos manuscritos hebraicos, pela Septuaginta, por Jerônimo e pela versão siríaca. Mas a maior parte dos manuscritos do hebraico diz "o justo", o que mostra que é o homem bom que deve florescer. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos do Antigo Testamento*, que dá informações sobre como os textos são escolhidos quando aparecem variantes. Ver também o texto hebraico padronizado no verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

Oração pelo Domínio Mundial do Rei (72.8-14)

72.8

Domine ele de mar a mar. As terras governadas por esse *rei ideal* serão imensas, da mesma forma que o período de seu governo deverá ser imenso. A vaga expressão "de mar a mar" pode ser do mar Morto ao mar Mediterrâneo, porém o mais provável é que o poeta sagrado tenha deixado a expressão propositadamente vaga, para que nossa mente não se limitasse à cena palestina. Onde quer que as ondas do mar batam nas praias, ali dominará o rei. Além disso, ele governará do rio até os confins da terra. A alusão pode ser ao rio Nilo, que supostamente marcaria a fronteira sudoeste de Israel, em consonância com o pacto abraâmico. Ou a alusão pode ser ao rio Eufrates, que delimitava a fronteira norte de Israel. Mas essa palavra sem dúvida tem um sentido figurado, tal como a referência aos *mares*. Onde quer que algum rio deságüe suas correntes, poderia ir dali até o infinito, e ali se encontrariam lugares onde o rei governa. Naturalmente, no tempo de Salomão, Israel atingiu sua maior expansão, embora nunca tenha conquistado terras tão para sudoeste como as margens do rio Nilo.

Este versículo é idêntico a Zac. 14.8, mas é provável que ambos se tenham derivado de uma expectação comum, não sendo cópia um do outro. O autor sagrado usava uma linguagem figurada para indicar "grandeza de extensão", pelo que suas palavras não deveriam ser limitadas a localizações geográficas específicas. Estamos falando acerca dos "confins da terra", ou seja, os limites extremos do mundo, uma frase familiar do Antigo Testamento usada por cinco outras vezes no saltério: Sal. 2.8; 22.27; 59.13; 67.7 e 98.3. Se aplicarmos tudo isso à situação histórica do salmista, teremos de dizer que ele estava usando típicas hipérboles orientais, tal como fizera no concernente à natureza "eterna" do reinado. Alguns intérpretes, entretanto, preferem pensar que esta linguagem é literal, atinente ao tempo e ao reinado do Messias.

Ver I Reis 4.21,24 acerca de uma declaração sobre a extensão do poder de Salomão. Essa extensão, como é óbvio, ficava muito aquém das antecipações da linguagem poética deste versículo. O Targum e muitos rabinos, antigos e modernos, vêem este versículo como profético e messiânico.

72.9

Curvem-se diante dele os habitantes do deserto. Os que habitavam lugares distantes, como os *desertos*, também estariam sujeitos ao rei. Coisa alguma estaria fora de seu poder. Em lugar de "deserto", a Revised Standard Version diz "inimigos", pois aqui essa versão moderna restaura o original hebraico com uma conjectura. Nesse caso, o sentido da frase é que todos os inimigos do rei serão trazidos para debaixo de Seu poder. Nenhum rei poderia ter um grande reino sem o concurso da guerra. Ele tinha de reduzir os adversários ao aniquilamento, ou deveria confiná-los. Somente assim um rei poderia expandir o seu reino. Veja o leitor como Davi precisou derrotar *oito* nações para conseguir o poder que obteve. Meus comentários sobre essa questão são oferecidos em II Sam. 10.19. Por meio das vitórias de Davi, a Salomão foi dado um reino muito extenso, e talvez ele mesmo o tenha ampliado mais ainda, posto ter sido um homem pacífico.

As palavras "os habitantes do deserto" são usadas algures para indicar *animais selvagens* (Sal. 74.14 e Isa. 23.13), e, nessa circunstância, Elicott (*in loc.*) vê uma alusão à necessidade que o rei teve de dominar povos *selvagens*, ou tribos nômades que vagueavam de lugar para lugar, saqueando e matando. A Septuaginta diz aqui "etíopes".

Lambam o pó. Os povos conquistados eram humilhados. Para eles não havia demonstrações de misericórdia. "Um sinal de submissão abjeta, para os reis orientais, era beijar e até lamber o pó, conforme fez L. Piso (*Valerian. Max.* vii.1.6. Cf. Isa. 49.23)" (Fausset, *in loc.*). Os povos não aniquilados eram reduzidos à servidão ou, algumas vezes, ao pagamento de tributo. Esses eram os caminhos brutais dos antigos, cujo exemplo tem sido aperfeiçoado nos tempos modernos, com o uso de armas superiores.

72.10

Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das ilhas. Agora o poeta mencionou especificamente alguns lugares que foram sujeitados ao rei. Ele não estava contradizendo sua linguagem vagamente universal, mas apenas dando ilustrações de alguns locais onde reinava o rei, em seu governo universal.

Társis. Ver Sal. 48.4-7, bem como, no *Dicionário*, o artigo com este nome, pontos 4 e 5. A Espanha ficava na direção *oeste* até onde os hebreus conheciam, embora os fenícios, ao que tudo indica, tivessem atingido o Novo Mundo muito antes das navegações de Cristóvão Colombo e Magalhães.

E das ilhas. Esta é uma designação abrangente que indica as ilhas e costas do mar Mediterrâneo. Cf. Dan. 9.18 e Isa. 11.11.

Sabá. Ver a respeito no *Dicionário*. A área coincide com o atual Iêmen, na parte sudoeste da Arábia. Salomão recebeu em seu palácio a rainha de Sabá (II Reis 10).

Sebá. Uma área no alto Egito, provavelmente a noroeste da Etiópia, entre o Nilo Azul e o Nilo Branco, que em nossos tempos modernos é Sudão egípcio. Ver Gên. 10.7 e, no *Dicionário*, o artigo com esse nome. O conteúdo e os nomes locativos dos vss. 8-11 sugerem Salomão como o rei em vista neste salmo; e isso veio a tornar-se parte da tradição, mas nada há de conclusivo quanto a essa questão. Além disso, visto que Salomão não exercia seu poder de rei sobre todos os lugares mencionados, os intérpretes voltam a dar uma explicação messiânica. Ou então, de forma hiperbólica, Salomão reinava sobre tão vasto reino.

72.11

E todos os reis. Deixando para trás sua ilustração, o salmista volta a falar em um sentido universal. *Todos os reis* e *todas as nações* haverão de servir ao rei. Assim sendo, temos de dizer que qualquer referência *histórica* foi expressa mediante uma hipérbole tipicamente oriental, ou então que o verdadeiro sentido do salmo é profético e messiânico. Ou então podemos reter ambas as idéias e dizer: História = *hipérbole;* profecia = *literal.* "Todos os reis O servirão, porque Ele é o Salvador dos necessitados" (Fausset, *in loc.*). Cf. Isa. 49.23 e 50.3,11,16. Ver também Isa. 2.2; Apo. 11.15 e 14.4. Os judeus afirmavam, no tocante ao que lemos aqui, que no mundo vindouro todos os gentios se tornarão prosélitos voluntários, vindo livre e naturalmente, movidos por um desejo do coração (*Bemidbar Rabba*, s. 13. fol. 209; *Midrash Megillat Esther*, fol. 86.2).

> *Reis serão os teus aios, e rainhas as tuas amas; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra e lamberão o pó dos teus pés; saberás que eu sou o Senhor, e que os que esperam em mim não serão envergonhados.*
>
> (Isaías 49.23)

72.12

Porque ele acode ao necessitado que clama. O salmista voltou ao tema dos pobres e necessitados, visto nos vss. 2 e 4. Embora tão poderoso que estaria governando em todos os lugares, enquanto reis de toda a parte vinham prestar-lhe homenagem e trazer-lhe tributo, mesmo assim o rei continuava pensando nos pobres, a fim de fazer-lhes justiça. Os reis da terra eram ricos e poderosos. Não precisavam da ajuda do grande rei. Mas as classes humildes certamente careciam dessa ajuda. Hoje em dia o povo pobre sai a esmolar, e nem o coração dos crentes evangélicos é grandemente tocado. Os católicos enfatizam atos de caridade e nos envergonham quanto a essa categoria de ato cristão. Israel sempre se mostrou forte quanto a atos de caridade, mas não se pode dizer que muitos reis fizeram muito em favor dos pobres, exceto servirem a si mesmos. Mas o rei a quem o poeta sacro descreveu sempre se mostrou cuidadoso quanto às demonstrações de misericórdia. Ele era o ajudador dos pobres. O rei certificava-se de que as classes humildes não eram exploradas, e que tinham, ao menos, o suficiente para comer e um lugar adequado para morar.

Os fariseus faziam um grande espetáculo ao dar esmolas em público, mas em particular devoravam as casas das viúvas (ver Mat. 23.14). O rei ideal não se parecia com os fariseus. Como rei, ele não tinha promessas de campanha a cumprir, apenas promessas em seu coração a observar. Seu coração segredava-lhe para dar e, afinal de contas, a verdadeira medida de um homem é a sua generosidade, o que é apenas outro nome para amor. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Caridade* e *Amor.*

72.13

Ele tem piedade do fraco e do necessitado. O bom rei tinha piedade dos pobres e salvava a vida dos necessitados. Tinha programas eficazes de caridade para cuidar dos pobres, e, conforme era de se esperar, ensinava alguns deles a trabalhar. Uma porcentagem bastante alta de pobres é formada por aqueles que têm defeitos mentais e baixas taxas de inteligência, incapazes de fazer muito em nosso atual mundo de trocas. Foi por isso que Jesus disse: "Os pobres sempre os tendes convosco" (Mat. 26.11). E, naturalmente, há pessoas preguiçosas cuja falta de ambição, e não de talentos, relegou-as à pobreza. O bom rei de alguma maneira sabia como separar os preguiçosos dos desprivilegiados mentalmente.

Mas uma coisa é certa: ele continuou a ser generoso. E o poeta fez esses aspectos da personalidade do rei aparecer em seus hinos, imortalizando seus atos, embora não tenha registrado por escrito o seu nome.

72.14

Redime as suas almas da opressão e da violência. *O bom rei* continuava trabalhando em prol dos pobres e necessitados, certificando-se de que as classes mais abastadas não explorariam os primeiros; que eles não sofressem de fraudes em contratos particulares, casos de tribunal ou em qualquer negócio que fizessem. Alguns podem até ter sido executados por homens ímpios, ou mortos publicamente por ordem do tribunal. Mas o *sangue deles* era *precioso* à vista do Rei e Ele não permitiria que tão flagrantes injustiças fossem praticadas. Cf. Sal. 116.15. "Para o rei, a vida de Seu povo é cara, pelo que Ele os protege de toda a violência" (Ellicott, *in loc.*). Se alguém fosse ameaçado de morte, ou se algum homem brutal cometesse assassinato, o rei tomaria providências para que a retribuição apropriada fosse executada.

Precioso lhe é o sangue deles. Neste caso, "sangue" deve ser entendido como "vida". Os antigos hebreus pensavam que o sangue continha o princípio da vida, mas o *sangue da vida* é uma metáfora comum. "O rei procurava impedir o derramamento de sangue, ou, se fosse derramado, ele vingaria a morte das pessoas que lhe eram preciosas" (John Gill, *in loc.*).

Oração pela Prosperidade do Rei (72.15-17)

72.15

Viverá, e se lhe dará do ouro de Sabá. "Viverá" é uma forma abreviada de "Viva o rei!" (I Sam. 10.24; II Sam. 16.17). O sujeito da exclamação é a pessoa do rei, e não o homem pobre que o rei protegia (vss. 12-14). O assunto havia mudado. O rei demonstrara ser um homem justo e *benfeitor* do povo, incluindo os pobres e indefesos. Esse é o homem que o povo quer que permaneça no trono por longo tempo. Esse tipo de rei é um *pássaro raro,* conforme se diz em uma expressão idiomática moderna. Um rei bom ficará cada vez mais rico, porque até o ouro de Sabá é dele. Ver no vs. 10 sobre essa palavra. Provavelmente temos aqui uma referência à rainha que trouxe presentes para Salomão, daquele lugar, incluindo ouro. O rei continuaria a receber presentes e tributos de lugares distantes. Ele continuaria *recolhendo* das boas obras por ele praticadas, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura (*ver a respeito no *Dicionário*). Somos aqui informados sobre Sabá como o lugar originário do ouro, embora isso tivesse sido mencionado entre as coisas que a citada rainha trouxe daquele lugar (ver I Reis 10.2,10).

Oração Recomendada. Todo o povo tinha prosperado diante da bondade do rei. Por essa razão, o salmista conclamou todos os cidadãos do país a orar para que Elohim continuasse a abençoar o monarca. Ademais, essas orações deveriam ser oferecidas continuamente, o dia inteiro!

O Ouro de Sabá. Um historiador grego Agatarcides fala da grande quantidade de ouro que existia naquele lugar, de modo que até os cidadãos do país enfeitavam suas casas com esse metal. No entanto, o ouro parece ter sido trazido de outros lugares. Sabá tinha um rico comércio com a Índia, e era isso que possibilitava tais luxos.

Parte do ouro de Sabá terminava em Jerusalém, provavelmente como pagamento de um tributo. Não é provável que os habitantes daquele país fossem tão generosos que dessem ouro para os estrangeiros. Elohim, porém, cuidaria para que o tributo continuasse chegando, por causa da benevolência do rei para com o seu povo.

72.16

Haja na terra abundância de cereais. Este versículo é difícil no original hebraico, pelo que temos diferentes versões que tentam explicá-lo. A Revised Standard Version e as traduções portuguesas, como a que estamos usando, concordam. Havia *abundância de cereais* na terra de Israel. Os cereais mostravam-se abundantes nos topos dos montes, e na área fértil do Líbano também havia muito cereal, belo e tradicionalmente produtivo. Ver Sal. 92.12; 104.16; Can. 4.11; 5.15; Isa. 35.2; 60.13 e Osé. 14.5-7. Mas a palavra "Líbano" é aqui compreendida por alguns como uma referência ao *Styrax officinalis*, o estoraque, valioso devido à sua goma fragrante. E algumas das referências dadas acima também são compreendidas dessa maneira. Há várias emendas que confundem o quadro, pelo que fico com as versões mencionadas, que dão um sentido inteligível ao hebraico, ainda que talvez não tenham a variante correta. Talvez estejam em foco os famosos cedros do Líbano, que o poeta sagrado tenha visto como representação da fertilidade e força da natureza. Isto posto, o salmista teria orado para que, em Israel, a agricultura florescesse como os cedros do Líbano. A Septuaginta e a Vulgata Latina nos dão uma figura grotesca, imaginando que o cereal das terras baixas crescia tanto que chegava a tornar-se mais *alto* que os montes de Líbano. As riquezas básicas da maioria dos países antigos repousavam sobre a agricultura, e isso continua verdadeiro na maioria dos países. Naturalmente, existem países com subsolo rico em petróleo, que podem importar qualquer coisa que queiram, incluindo toda a espécie de alimentos e acepipes. Mas a antiga nação de Israel era essencialmente um país voltado para a agricultura. Eles tinham o mar a seu lado, uma fonte de grandes riquezas, mas os hebreus eram um povo que habitava *próximo* ao mar, embora não fosse um povo *voltado para* o mar. Grande parte das riquezas de Israel (excetuando a agricultura) vinha de saques obtidos em atividades guerreiras. Além disso, outra grande fonte de riquezas era o tributo pago por povos derrotados.

Das cidades floresçam os habitantes como a erva da terra. Temos aqui a descrição simbólica de uma grande população. Pois assim como era importante que um homem tivesse muitos filhos, também era importante que um país tivesse muitos cidadãos. Portanto, existem duas espécies de fertilidade: 1. a da terra, quanto a produtos agrícolas; 2. a das mulheres, provendo muitos cidadãos. E ambos os tipos eram tidos como bênçãos especiais da parte de Deus, resultando de seu favor.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da missão do Messias, que é frutífera, pois muitos homens passam a fazer parte da comunidade espiritual através do novo nascimento.

Cf. esta parte do versículo com Sal. 92.13 e Jó 5.25.

72.17

Subsista para sempre o seu nome. Este versículo reitera as hipérboles dos vss. 5 e 7, onde o *sol eterno* novamente se torna o símbolo da vida interminável e do reinado do bondoso rei. Agora vemos o *nome* do rei retendo seu encanto e graça para sempre, ou seja, enquanto perdurar o sol. Para que o texto forneça um espírito de literalidade, temos de aplicar essas declarações ao Messias, e os intérpretes não hesitam em fazê-lo. Seu nome é quase como o nome de Deus, visto que deixara um inesquecível exemplo de bondade e governo correto, vinculado à generosidade para com todos os homens, especialmente no caso dos pobres.

Universalidade Novamente. O rei era homem bondoso demais para ser confinado a uma nação isolada. Seu poder e sua vida tinham importância universal. Cf. o vs. 8. Todas as nações seriam abençoadas nele, o mesmo que fora dito com respeito a Abraão. Ver sobre *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18. É fácil ver o Messias nesse tipo de afirmação e é precisamente o que faz a maioria dos intérpretes. Nesse caso, o Messias dá continuidade ao antigo pacto, incorpora-o no novo, e torna suas provisões absolutamente universais. "Assim sendo, o monarca seria, pessoalmente, uma fonte de bênçãos para o Seu povo, o qual nunca se cansará de bendizê-Lo" (Ellicott, *in loc.*).

Que nos governes por longo tempo,
E nos deixe governantes de teu sangue,
Como nobre, até o dia derradeiro!
Muitos filhos de nossos filhos digam:
"Ele operou por Seu povo um bem permanente".

Doxologia que Encerra o Livro II dos Salmos (72.18-20)

72.18

Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel. Muito provavelmente, *esta doxologia* foi acrescentada por um editor posterior, tal como o colofão. Ver como o Livro I dos Salmos foi encerrado por uma doxologia mais breve (Sal. 41.13). Os vss. 18 e 19 formam uma bênção. Seu propósito é ser um final apropriado para o Livro II dos Salmos, e não somente para o Salmo 72. O Deus dos Salmos é chamado Elohim (o Todo-poderoso) e Yahweh (o Deus eterno). *Ele* é o Deus de Israel, bem como o benfeitor da nação. Ele já tinha feito muitas coisas maravilhosas em favor do povo, e, de fato, dos povos de todas as nações, porquanto alguns salmos enfatizam a *universalidade* de Yahweh-Elohim. Ver Sal. 66.1 e 67.2 como exemplos. Além disso, ver os vss. 19 e ss. Suas obras são inúmeras, e Ele é o *único* verdadeiro benfeitor, tal como é igualmente a *causa única* das coisas. Portanto, nossos louvores devem ser dirigidos a Ele. Se alguém praticou uma boa ação, então atribuímos a Deus o fato de ter inspirado alguém a esse ato, tal como os atos maus dos homens são atribuídos a Deus como a causa única. Ver as notas sobre *Tu,* em Sal. 71.20. Para a mente dos antigos hebreus havia apenas Um Poder, tanto para o bem quanto para o mal. Isso criou um dilema e um paradoxo teológico, que foi abrandado mediante a postulação de *causas secundárias.*

O Livro II do saltério é constituído pelos Salmos 41 a 72. Por conseguinte, o Salmo 73 dá início ao Livro III, constituído pelos Salmos 73-89. Ver a introdução aos livros quanto aos *cinco* livros do saltério, sob VI.B.

72.19

O seu glorioso nome. Ver Sal. 31.3, quanto ao *nome*, e ver Sal. 33.21, quanto ao *nome santo*, no tocante a completas anotações sobre o significado e o poder de um nome, especialmente *o Nome*. Ver também Sal. 8.1 e 20.1. Aqui, o nome de Deus é *glorioso para sempre*. O Nome é o do Deus *Benfeitor*, universal em seu escopo, e povos de todos os lugares continuam falando sobre Seus feitos e Seus atos de bondade. Seu nome é universal, pois Yahweh-Elohim enche a terra inteira com a Sua glória. Portanto, exclamamos: *"Amém e Amém!* Que as coisas sejam assim!"

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

72.20

Findam as orações de Davi, filho de Jessé. *O Colofão.* Estas palavras constituem as notas de algum editor posterior, seja de quem que escreveu a doxologia (vss. 18,19), seja mesmo de outro editor, mas estão fora de lugar aqui. Existem dezoito salmos ou mais atribuídos, pelas tradições judaicas, a Davi, daqui até o Salmo 150. São os Salmos 86, 101, 103, 108-110, 122, 124, 131, 133, 138-145. É provável que esse editor tivesse consciência de uma coletânea de salmos onde o Salmo 72 fosse, realmente, o último atribuído a Davi. Talvez houvesse uma coletânea que encerrasse somente salmos atribuídos a Davi, e o Salmo 72 fosse o último deles. Mas quando a coletânea ficou completa — 150 salmos — então esse colofão ficou perdido no meio da coletânea final. Alguns eruditos supõem que o Salmo 72 tenha sido, realmente, o salmo que Davi escreveu em último lugar, embora outros tenham sido preservados na coletânea e colocados após este. Isso parece, entretanto, ser uma idéia arquitetada, com pouca chance de estar correta. Outra idéia, ainda mais remota, é a que diz que, *quando as orações de Davi forem cumpridas,* então teremos um término apropriado para elas. Isso evita mencionar o Salmo 72 como o fim de qualquer coletânea. O original hebraico não suporta esse tipo de manipulação. Talvez tenha havido uma coletânea de salmos que separava os salmos atribuídos a Davi daqueles atribuídos a outros autores, como Asafe, Moisés, Salomão etc., e o Salmo 72 era o último dessa coletânea separada. Seja como for, que um editor subseqüente fez tal declaração não tem sentido algum, exceto como uma peça de curiosidade, que nos faz indagar como seriam as primeiras coletâneas dos salmos, antes de terem sido todos reunidos em cinco livros, em uma única grande coletânea.

Salmo Setenta e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma *espécie de frontispício da coletânea*. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é classificado como um *salmo de sabedoria*, mas outros estudiosos, parece que com igual razão, preferem falar em um *salmo de confiança*. Sendo um salmo de sabedoria, parece-se um tanto com o livro de Jó e examina a justiça de Deus. "Como pode uma pessoa reconciliar a crença em Deus, segundo a qual Ele é visto como *justo*, com as óbvias desigualdades de Seu governo no mundo? Cf. Salmo 37" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao salmo).

Este salmo tem uma qualidade espiritual mais distinta que a maioria dos salmos e pode ser comparado ao Salmo 63. "Este salmo penetrou profundamente no coração interior da religião" (Fleming James). Entre as realizações mais maduras da luta da fé, no Antigo Testamento, o Salmo 73 ocupa um lugar de destaque. Encontramos aqui uma notável odisséia espiritual, bastante semelhante à que vemos no livro de Jó. O homem era piedoso, mas não podia reconciliar essa qualidade com a sua enfermidade (vs. 14), ao passo que os ímpios gozavam de boa saúde e prosperavam além de qualquer coisa que o salmista já houvesse experimentado. No templo, porém, ele teve uma poderosa experiência mística e chegou a compreender a natureza efêmera da vida dos pecadores. Também obteve uma nova visão de como Deus é a força da vida, e passou a experimentar a presença divina (vs. 23). É provável que o vs. 24 seja uma declaração de fé na imortalidade. Nesse caso, o poeta que compôs o Salmo 73 foi capaz de olhar para além daquilo que outros autores viram quanto a uma questão muito importante, com grande ligação com o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem.

Subtítulo. O subtítulo diz somente: "Salmo de Asafe". Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Asafe é identificado como autor de doze salmos, a saber: 50, 73 a 83. Alguns estudiosos postulam a existência de dois homens chamados Asafe, devido a considerações sobre possíveis datas de salmos que apresentam seu nome no subtítulo. Todavia, devemos lembrar que as notas de introdução aos salmos não faziam parte das composições originais, pelo que também não se revestem de autoridade canônica. Ademais, foram editores subseqüentes que produziram esses subtítulos, baseados em meras conjecturas quanto a questões como autoria e outros materiais históricos, que podem ter inspirado as composições.

Os Cinco Livros dos Salmos. Este salmo dá início ao Livro III, constituído pelos Salmos 73 a 89. Ver a introdução ao *livro de Salmos quanto aos cinco livros* do saltério, sob a seção VI.B. A coletânea final dos salmos foi dividida em cinco livros, em imitação ao Pentateuco. Entretanto, os salmos não foram organizados cronologicamente, nem as divisões seguem qualquer consideração objetiva. Em outras palavras, os salmos não foram agrupados em cinco livros seguindo critérios de conteúdo, por exemplo. Na realidade, a divisão nesses cinco livros é bastante arbitrária.

Fé na Bondade de Deus (73.1-3)

73.1

Com efeito Deus é bom para com Israel. Este versículo é, na realidade, uma espécie de declaração da *posição final* a que chegará o poeta, *após* os raciocínios que aparecem doravante. A despeito de todas as tribulações, desgraças, injustiças evidentes e desastres que há "lá fora", a despeito do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), o salmista descobriu que Deus é bom, e aos dotados de coração limpo (e que obedecem a Seus mandamentos e buscam Sua presença) isso é comprovado. O vs. 2 mostra que o homem chegou a essa posição otimista somente depois de ter feito investigações. Dúvidas o tinham avassalado, e somente um exame sério da questão, combinado a uma elevada experiência espiritual, salvou sua fé em um Deus bom neste mundo mal. "O salmista começou abruptamente ao declarar a *conclusão* à qual fora conduzido após melhores pensamentos no santuário (vs. 17)".

> *Certamente os deuses são bons, assim quero pensar,*
> *Se ao menos me permitissem tal pensamento.*
> Mas a virtude sempre apertada, e o vício em triunfo,
> *É o que faz os homens tornar-se ateus.*
>
> (Dryden)

Os de coração limpo. Cf. Sal. 24.4, que aponta para aqueles que amam o bem e odeiam o mal. Cf. Mat. 5.8 e 15.18-20. A lei (ver a nota de sumário em Sal. 1.2) dava aos homens coração puro sob bases veterotestamentárias.

A *providência de Deus*, em seus aspectos positivos (ver a respeito no *Dicionário*), já havia demonstrado isso ao salmista, por meio de seu homem interior, levando-o a esperar novamente em Deus.

73.2

Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés. Os pés do salmista quase escorregaram para dentro do ateísmo, ou para dentro de alguma outra coisa má, que ele via acontecendo neste mundo. Deus é aqui chamado de Todo-bom; é declarado que Ele é Todo-poderoso, Aquele que pode deter o mal e promover o bem, *se* ao menos quiser fazer assim. Além disso, Ele prevê tudo quanto acontece, e, portanto, pode fazer qualquer ajuste no futuro, que considere benéfico fazer, porquanto, afinal de contas, Ele tem o poder para tanto. Porém, que vemos neste mundo? "O mal triunfando e os bons sendo perseguidos." Portanto, *onde está Deus?* Como Ele poderia governar o mundo dessa maneira? Há declarações melhores e mais completas quanto à natureza do *Problema do Mal*, no *Dicionário*. Nesse problema, o *mal moral* está envolvido: as coisas que os homens fazem uns contra os outros, as quais ferem e matam. E o *mal natural* também está envolvido: os males que ocorrem na natureza, como terremotos, dilúvios, incêndios, desastres de todo o tipo, enfermidades e, finalmente, a morte.

O salmista estava pisando em *terreno escorregadio,* enquanto meditava sobre todas essas coisas. Foram necessários raciocínios espirituais e grande experiência espiritual para impedi-lo de cair. Seus passos também se "derramaram", conforme diz literalmente o hebraico, falando de fraqueza e instabilidade. O homem tinha quase abandonado sua confiança teológica na bondade de Deus e em Seu justo reinado neste mundo.

73.3

Pois eu invejava os arrogantes. O salmista estava doente no corpo e no coração (vs. 14) e, no entanto, os ímpios viviam bem e prosperavam. Agora ele reconhecia que os ímpios eram *insensatos*, mas antes ele não tinha certeza disso. Eles eram as pessoas que possuíam o tipo de coisas que os homens buscam, enquanto ele, que buscava a Deus, parecia ter sido abandonado em sua

miséria. E o que vexava mais claramente o poeta era a prosperidade de que os ímpios desfrutavam. Ver idêntico problema em Sal. 17.14; 37.1,35; 92.7; Jó 12.6; 21.17; Ecl. 8.14; Jer. 12.1-3; Hab. 1.13; Mal. 3.15. Não obstante, os piedosos eram exortados a não invejar os ricos maus: ver Sal. 37.1; Pro. 3.21; 23.17; 24.1,19. "Por que as pessoas que se opõem a Deus geralmente vivem melhor do que aquelas que Nele confiam? O problema era tão avassalador que o homem quase perdeu a fé" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Inveja*. E ver o paralelo bem próximo de Jó 21.4-12.

A Felicidade dos Homens Maus (73.4-12)

73.4

Para eles não há preocupações. Os *ricos arrogantes,* além de serem tão abastados, adoecem os pobres ao serem observados e não sofrem dor alguma. O corpo deles é saudável e *robusto,* enquanto o homem bom jaz em algum lugar, doente, desanimado e desesperado. Portanto, onde está Deus? Este versículo envolve o *mal moral:* os homens ricos usualmente conseguiram riquezas roubando, enganando, subornando e ameaçando. Mas Deus nada faz para fazer cessar esse processo. E este versículo também envolve o *mal natural:* o homem bom está enfermo, mas o homem mau está saudável para desfrutar seus lucros ganhos desonestamente.

73.5

Não partilham das canseiras dos mortais. Além de não viverem enfermos, aqueles ricos arrogantes também não experimentavam as tribulações de outros homens, ou, pelo menos, não as experimentavam por enquanto. Eles não lutam com as pragas físicas, mentais e financeiras que outros homens enfrentam.

Tentados e testados, com freqüência nos admiramos,
Por que deve ser assim o dia inteiro.
Enquanto outros que vivem ao nosso redor nunca
têm uma preocupação, embora vivam errado.

(Um hino)

Os ímpios não se sentem apertados como outros homens se sentem: "... feridos por Deus, corrigidos e castigados por Ele, conforme são todos os Seus filhos. A vara de Deus não está sobre os ímpios. Jó 21.9" (John Gill, *in loc.*). E se Deus não se opõe aos ímpios, podemos estar certos de que os homens piedosos, que os temem, também não se opõem.

73.6

Daí a soberba que os cinge como um colar. Os ricos arrogantes estão cativos pelo colar de seu orgulho. A Revised Standard Version é que traduziu pela primeira vez "cadeia" como "colar". Nesse caso, provavelmente devemos compreender aqui uma *peça decorativa de joalheria,* e não uma corrente que inibe os movimentos. Por igual modo, a violência é que os veste. Coisas que Deus odeia são as decorações do homem arrogante, as coisas que ele exibe a seus semelhantes. Paulo disse algo semelhante em Fil. 3.19: "O destino deles é a perdição; o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia; visto que só se preocupam com as cousas terrenas".

O orgulho é o colar que usam,
A violência é o mando deles.

(Ellicott, in loc.)

"Cadeias de ouro e anéis de ouro eram insígnias de magistratura e poder civil. Essas cadeias lhes ornavam o pescoço, braceletes lhes rodeavam os pulsos, e anéis os dedos, como sinais de seu ofício" (Adam Clarke, *in loc.*). Os ricos gastavam grandes somas em dinheiro em tais decorações. Ver Can. 1.10.

73.7

Os olhos saltam-lhes da gordura. Os ricos arrogantes ficam tão nédios de comer alimentos ricos, que seus olhos incham de gordura. Olha-se para os rostos deles, e eles parecem *inchados,* devido a alguma enfermidade, mas é somente gordura. Além disso, em seu íntimo, eles entretêm toda espécie de insensatez que cogitam praticar, por terem o dinheiro e o poder de participar de qualquer tipo de prazer, atos prejudiciais, violência e insolência. Eles se deixam arrebatar por sua maldade e orgulho, e acabam envolvidos em toda espécie de ação má.

Triunfantes, eles vivem na abastança,
E seus rostos estão sempre animados,
Quão bom é o aspecto deles,
e quão bom é o espetáculo que dão.
Eles caminham pomposamente,
com um duplo queixo.

(Dryden, com alguma adaptação)

"As más imaginações de seu coração transbordam" (Ellicott, *in loc.*). "Seus planos maus desconhecem limites" (Allen P. Ross, *in loc.*). "A obesidade externa reflete sua carnalidade interior e auto-indulgente (cf. Sal. 17.10)" (Fausset, *in loc.*).

O original hebraico, na última cláusula, está em dúvida, mas poderia significar: "Eles têm mais do que o seu coração poderia desejar" (King James Version); ou então: "do coração brotam-lhes fantasias" (Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa).

73.8

Motejam e falam maliciosamente. Aqueles *insuportáveis pecadores* zombam dos justos, falam com malícia e tratam o próximo com violência e palavras orgulhosas e atrevidas. Em vez de obedecer à lei (ver Sal. 1.2, sumário), eles são uma lei para si mesmos, vivendo essencialmente sem nenhum código moral, aos quais pensam que somente os fracos dão alguma atenção. Em vez de "motejam", algumas versões dizem "são corruptos", outra maneira de compreender o mesmo hebraico original. Diz o hebraico, literalmente, que eles "falam opressivamente do alto". O autor sagrado se referia à posição de superioridade a que seu orgulho os havia elevado. "Não demonstram eqüidade, leniência ou misericórdia. São cruéis e vindicam seus atos selvagens a si mesmos e a outros" (Adam Clarke, *in loc.*). Os puritanos, ao fugir da perseguição religiosa, ajuntaram ao decálogo os pecados tão comuns entre os ricos e os poderosos: ganância, glutonaria, orgulho, ira, concupiscência, inveja e preguiça. Eles conheceram homens similares aos que são denunciados neste contexto.

73.9

Contra os céus desandam a boca. Não contentes em blasfemar do homem, eles voltaram suas palavras iracundas contra o próprio Deus (os céus). Entrementes, a língua deles (eles mesmos, personificados no órgão de fala) ficou marchando impávida pela face da terra. Quanto ao uso apropriado da linguagem, que eles violavam tão abertamente, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4 e 66.17. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da,* que fornece abundantes informações, referências e ilustrações sobre o assunto.

Eles blasfemavam de Deus; ridicularizavam a fé religiosa; escarneciam do culto no templo; negavam a providência divina; desprezavam a lei; e não tinham fé nem interesse pela vida eterna. Temos aqui uma "imagem de um imenso orgulho, voltado contra os céus e trombeteando seus próprios louvores por todo o mundo" (Ellicott, *in loc.*).

Contra os céus. Está em vista, particularmente, *Elohim,* o Poder dos céus, mas também podem estar incluídos os exércitos angelicais. Eles não tinham tempo para teologias que falam sobre elevados poderes, nos quais não devem nem mesmo ter acreditado; ou, se porventura, acreditassem, eram *ateus práticos,* não permitindo que nenhuma consideração dessa natureza fizesse diferença em sua vida.

73.10,11

Por isso o seu povo se volta para eles. Aqueles homens eram indivíduos dotados de grande poder; por isso outros os louvavam, por temerem ser feridos com suas armas de ódio. Os homens comuns temiam criticá-los por qualquer coisa. E é até provável que muitos dentro do populacho estivessem tão enganados pelas palavras vãs daqueles homens que os louvassem sinceramente, como se fossem modelos de justiça. O hebraico original de ambos os versículos (10 e 11) é difícil, se não mesmo totalmente ininteligível. Por essa razão, as traduções apelam para emendas e conjecturas. Tanto aqueles orgulhosos homens como seus seguidores costumam perguntar: "Como sabe Deus? Acaso há conhecimento no Altíssimo?" (vs. 11). Eles duvidavam da existência de Deus no céu, e mesmo que houvesse Deus estavam certos de que o Senhor não dava atenção a eles nem ao que faziam, pelo que continuavam agindo conforme entendiam, sem temer julgamento algum. Eram deístas e ateus práticos. E mesmo que acreditassem em algum Ser supremo, não viam como isso poderia aplicar-se a eles. Tal Ser poderoso sem dúvida mantinha-se distante e divorciado de Seu universo. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver os artigos denominados *Deísmo* e *Teísmo.* O deísmo postula que o Criador abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Portanto, no que diz respeito a esse sistema de idéias, Deus não intervém nos negócios humanos, não recompensa nem pune. Cf. o vs. 11 a Sal. 10.11 e Jó 22.13.

Diz ele, no seu íntimo: Deus se esqueceu, virou seu rosto e não verá isto nunca.

(Salmo 10.11)

"Os apóstatas, ao descobrir que não são punidos *e* continuam a prosperar, concentram-se em sua apostasia e logo passam a negar completamente a providência de Deus" (Fausset, *in loc.*).

Altíssimo. Ver no *Dicionário* o verbete assim denominado, e também Sal. 7.17. Falar sobre Deus, o Deus Altíssimo, ou qualquer outro tipo de deus torna-se lugar comum para esses tolos jactanciosos. Eles vivem insensatamente dizendo que Deus não existe. Ver Sal. 14.1.

73.12

Eis que são estes os ímpios. O poeta sagrado ofereceu-nos demorada descrição dos pecadores ímpios, que tanto prosperavam devido a ganância e subornos, por causa de sua violência e arrogância, e agora nos diz: "Eis que são estes os ímpios, os quais também prosperam, ao passo que homens bons continuam pobres e oprimidos. Portanto, onde está a justiça? Onde está Deus, enquanto tudo isso acontece? Que sucedeu à aplicação de Sua lei? Que ocorreu à lei da colheita segundo a semeadura?".

Algo na ordem da criação está errado; os pássaros cantam contra nós; o sol nos requeima. A natureza nos espezinha e o temor ofusca a nossa mente. Sim, algo na ordem da criação está errado. Quem tem feito a escrituração de todas essas crises, de toda essa transição, de toda essa dor?

(Russell Champlin)

Sem nenhuma preocupação no mundo, homens ímpios e arrogantes continuam a prosperar. E onde está Deus? "Coisa alguma os perturba; eles não sofrem perturbação externa e seus pecados não os agoniam; não têm um único pensamento quanto ao mundo vindouro" (John Gill, *in loc.*).

Autobiografia Espiritual do Poeta (73.13-20)

73.13

Com efeito, inutilmente conservei puro o coração. Esta seção e a seguinte (vss. 21-28) são as que impressionam mais profundamente os intérpretes. O salmista foi forçado a buscar e encontrar uma espiritualidade mais profunda, para que pudesse solucionar por si mesmo a agonia do problema do mal. Ele não encontrou a resposta a essa indagação em livros nem em sua própria experiência passada. Mas encontrou uma espécie de resposta na presença de Deus, conforme vemos no livro de Jó, embora essa resposta tenha consistido em *sentir* que Deus está sentado em Seu trono, e tudo vai bem no mundo, sem nenhuma proposição intelectual que tente convencer-nos a mente. É bom estar perto de Deus (vss. 21-28). Mas, antes de chegar a esse ponto, o salmista fez uma pausa para contar-nos um pouco de sua odisséia espiritual.

O poeta sagrado era homem de *mãos limpas* e *coração puro*. A *vida* dele caracterizava-se pela pureza, porquanto ele seguia todas as coisas prescritas na lei mosaica e cumpria fielmente tudo quanto era requerido no culto do templo. Ele era puro em termos cerimoniais, rituais e espirituais. *Lavava as mãos na inocência,* provavelmente em referência a algum ato ritualista (cf. Sal. 26.6 e Deu. 21.6,7), mas sua alma também era limpa por meio da justiça interior. Ele era tudo quanto os ímpios não eram, e, no entanto, os últimos gozavam de boa saúde e tinham muito dinheiro, enquanto ele mesmo estava enfermo, oprimido e empobrecido. E agora precisava descobrir *por quê*. Poderia encontrar uma resposta na vereda espiritual pela qual trilhava, ou teria de buscar uma comunhão ainda mais profunda com a presença divina?

Lavo as mãos na inocência, e, assim, andarei, Senhor, ao redor do teu altar.

(Salmo 26.6)

73.14

Pois de contínuo sou afligido. *Embora fosse um homem justo,* embora andasse limpo, embora fosse espiritual em tudo quanto era requerido pela lei de Deus e pela consciência dos homens, o poeta vivia em crise o dia inteiro. Era perseguido por uma série de coisas que a mente divina, a única causa, enviava contra ele. Por quê? Quando chegava a manhã, que deveria trazer luz e esperança, ele simplesmente se afundava mais ainda no desespero. Mesmo de manhã ele sentia as chibatadas do látego de Deus. Vimos no vs. 5 que o salmista falou de modo geral sobre os justos que vivem doentes e sofrem tribulações, e agora no vs. 14 ele fez a questão assumir aspectos pessoais. Ele andava perturbado, vexado, sentia-se perseguido e enfermo. E, não obstante, a doutrina hebréia ensinava que os judeus vivem saudáveis por longos anos e prosperam, ao passo que os ímpios sofrem enfermidades, são em número pequeno e morrem prematuramente. Que aconteceu à palavra de Deus e às suas promessas? A experiência parecia provar que Deus pune os justos, mas se esquece de castigar os iníquos.

Somos para os deuses o que as moscas são para os meninos. Eles nos matam por simples esporte.

(Shakespeare)

Ora, se os ímpios prosperam e os justos sofrem, por que alguém deveria querer ser bom? O poeta precisava descobrir a resposta para essa indagação.

73.15

Se eu pensara em falar tais palavras. O autor sagrado, pelo menos por enquanto, evita *blasfemar*. Se continuasse a falar naqueles termos, acabaria poluindo toda a geração mais jovem, que se mostraria sensível diante de sua *nova filosofia*. De fato, ele ofenderia e prejudicaria *todo* o povo de Israel. Ele tinha o senso de obrigação de não se tornar demais atrevido em sua fala. "Filhos tinham de ser defendidos, uma expressão usada no Antigo Testamento para exprimir a relação íntima de Israel com Deus. Cf. Êxo. 4.22,23; Deu. 14.1; Isa. 1.2; 45.11; Osé. 11.1, onde encontramos a doutrina da paternidade de Deus. Ver também Sal. 103.13" (William R. Taylor, *in loc.*). Além disso, o salmista não queria aprovar uma vida profana, como a vida que alguém deveria seguir para obter as coisas desejadas. Cf. Jó 15.4: "Tornas vão o amor de Deus, e diminuis a devoção a ele devida".

Mas J. R. P. Sclater (*in loc.*) vê aqui outro significado. Se ele "falasse assim", estaria compreendendo a *teologia popular*, isto é, estaria repetindo o que as pessoas pensavam e diziam, seguindo uma "antiga linha" de pensamentos. Mas o poeta se levantaria contra tudo isso e tentaria apresentar novas perguntas, a fim de tentar obter novas respostas. Nesse caso, cumpriria as suas obrigações diante dos filhos de Deus, porquanto proveria novas respostas a antigos problemas. Ele seria infiel para com Israel se não se lançasse a novas aventuras, a fim de tentar prover novas respostas para o problema do mal. Ele sentia a responsabilidade de expressar-se, sem importar o resultado desses esforços, sem importar as críticas que recebesse por mostrar-se tão ousado, tão inovador. O vs. 16 quase certamente confirma isso como a interpretação correta.

73.16

Em só refletir para compreender isso. O salmista lançou-se à aventura da sua investigação, porquanto, como Erasmo de Roterdã, calculou que a *livre investigação* é tanto legítima quanto necessária. Ele tinha um difícil problema teológico para ser resolvido e não se sentia satisfeito com as respostas dadas pelo tradicionalismo. Mas, iniciando sua aventura, viu de modo bem claro que dizer qualquer coisa inteligente acerca do problema do mal não seria uma tarefa fácil. De fato, isso poderia desgastá-lo. Os filósofos e os teólogos continuam trabalhando sobre esse problema com resultados nada definitivos. As dimensões do problema do mal ultrapassam as dimensões do conhecimento e da experiência humana, e outro tanto permanece verdade até hoje.

Se dissermos que tudo é uma questão de colheita conforme a semeadura, a lei do carma, já teremos dito algo de significativo, mas essa resposta não é suficiente. Se dissermos que a *imortalidade* cuida de tudo, então teremos outra resposta significativa, mas nem isso nos segreda por que homens *inocentes* (como Jó) sofrem como sofrem nesta vida, no *agora*. Tudo parece tão sem sentido! Mas também devemos pensar em *lições por aprender* e em *disciplina*, e essas são boas respostas, mas existe sofrimento tão radical e aparentemente tão desnecessário que ainda restam muitas perguntas acerca da questão. Apresentei no *Dicionário* um artigo detalhado sobre a questão, intitulado *Problema do Mal*. Ao salmista restou *dolorosa perplexidade*. E coisa alguma é tão dolorosa e nos deixa tão perplexos como o problema do mal.

"Como reconciliar a prosperidade dos ímpios e as aflições dos justos com as perfeições e a providência de Deus no governo do mundo, mediante o mero poder da razão, sem consultar os oráculos sagrados... era tarefa difícil demais para ele, por demais laboriosa e cansativa, um trabalho para o qual ele não era idôneo" (John Gill, *in loc.*).

73.17

Até que entrei no santuário de Deus. *Consultando o Oráculo Divino.* Vexado diante de respostas inadequadas, o salmista voltou-se para os oráculos do templo, possivelmente a consulta do Urim e do Tumim, os oráculos místicos do sumo sacerdote, ou de alguma outra pessoa conhecida por seu discernimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Adivinhação*. Os hebreus conde-

navam os praticantes da adivinhação, quando esses eram pagãos; mas tinham seus próprios esquemas, que praticavam livremente. O poeta, pois, invocou o *toque místico* para tentar resolver o problema. Ver o artigo chamado *Misticismo,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Existem formas naturais de misticismo, negativas e positivas, e qualquer homem que vive próximo do Espírito de Deus pratica um misticismo positivo. O misticismo consiste em fazer contato com algum poder superior ao próprio indivíduo.

Dificilmente é adequada a explicação de que o poeta sagrado meramente obteve *boas instruções* no templo. Outrossim, ficamos profundamente desapontados com o que se segue, excetuando os vss. 23 a 26, que projetam grande luz sobre a questão. Reafirmar meramente que os ímpios *finalmente* têm uma má conclusão era uma resposta antiga, para a qual dificilmente uma pessoa precisaria consultar o oráculo. Mas essa foi apenas uma das "respostas" obtidas pelo poeta sacro.

73.18

Tu certamente os pões em lugares escorregadios. É inútil alguém ser rico e poderoso, porquanto tal homem acha-se em uma vereda *escorregadia,* sendo inevitável a sua queda. A queda aponta para a perda das riquezas, a perda da saúde, a enfermidade e a morte, algum acidente que provoque o fim, talvez até a morte prematura, que os hebreus tanto temiam. O homem que se encontra em um lugar escorregadio cai *de repente.* "A abastança é como uma vereda escorregadia. Poucos andam por ela sem cair" (Adam Clarke, *in loc.*). A palavra "destruição", usada neste versículo, aponta para a morte física. O autor sagrado não estava expondo nenhuma doutrina de que a alma vai para o hades e ali é punida. O homem rico e arrogante era, realmente, alguma coisa quando estava vivo, mas sua queda o reduzia a nada. Por conseguinte, para que invejá-lo em seu breve tempo de prazer? Deve haver mais na vida do que isso. A brevidade da vida humana anula qualquer vantagem em ser rico e poderoso e em usar as riquezas e o poder para praticar o mal. Portanto, a resposta é boa, mas apenas parcial.

Os pensadores sempre souberam o que o poeta escreveu aqui. Até este ponto, ele nada *descobrira* de novo. Talvez ouvir algum homem santo no templo, repetindo as respostas tradicionais, desse maior poder a elas. Portanto, o salmista reiterou o que já era tradicional. Esta resposta não toca no problema do homem bom que *sofre,* o que, em muitos casos, nada tem que ver com o que é ou faz o homem rico, ou com o que lhe sucede. Ver o vs. 14. O salmista estava fisicamente enfermo e padecia de outras pragas. Saber que um homem mau termina sua vida no desastre não alivia isso nem lança luz sobre o problema. Cada vez em que um homem fala sobre o problema do sofrimento, obtemos respostas inadequadas.

73.19

Como ficam de súbito assolados! Este versículo dá prosseguimento às idéias ventiladas no versículo anterior e enfatiza o fato de que a queda do homem mau é *repentina.* Um acidente qualquer arrebata-lhe a vida em um instante. Uma doença exige mais tempo, porém é igualmente eficaz. Ele *sofre* nos últimos dias de vida, embora por longo tempo (conforme os padrões humanos) tenha gozado de boa saúde e boa vida. Considere o leitor os exemplos do Faraó, às margens do mar Vermelho, dos habitantes de Sodoma e Gomorra e da perda de Senaqueribe diante de Jerusalém. E então considere a coluna de falecimentos nos jornais, todos os dias.

De súbito. Diz o original hebraico, literalmente, "no piscar" (dos olhos). Você está vendo o homem mau. Você pisca e então não o vê mais. Ele desapareceu enquanto você fechou os olhos por um centésimo de segundo.

Estou escrevendo estes comentários em Salt Lake City, no estado americano de Utah, minha terra natal. Estou aqui para passar alguns poucos meses (atualmente estamos em outubro de 1996). Visito o lado oeste da cidade, onde fui criado e passei os primeiros dezoito anos de minha vida. Onde era a minha casa, há somente um terreno vazio e abandonado. Uma grande estrada passa agora por ali, e foi removida boa parte do quarteirão onde a casa estava. Outras casas da vizinhança continuam ali, mas seus habitantes morreram há muito. Minha avó, meu avô, meu pai e minha mãe viveram ali. Todos desapareceram e suas casas também foram removidas por máquinas e tratores. Ausente por mais de quarenta anos, fazer uma visita dessas mais parece um retorno mediante uma máquina do tempo. Quase eu dizia: "É como voltar em uma reencarnação diferente", mas isso poderia ofender alguns de meus leitores. Seja como for, amigos, é tudo muito estranho. Coisas e pessoas, antes tão importantes, agora se foram. Quem se lembrará de nós, depois de quase cinqüenta anos desaparecidos? Por semelhante modo, quando o poeta sagrado deu uma boa olhada para a natureza efêmera da vida, parou de preocupar-se com o homem rico, com o seu poder, com a sua influência, com as suas más obras. Ele estava morto e tinha desaparecido.

73.20

Como ao sonho, quando se acorda. O salmista continuou a meditar sobre a natureza efêmera dos ímpios. Ele quase atribui desígnios sinistros a Deus, como se, durante todo o tempo, Ele estivesse apenas *brincando* com os ricos, como um gato faz com um ratinho, somente para devorá-lo no final. Os ímpios são como as imagens irreais de um sonho. Você acorda, e aquilo que era tão impressionante no sonho desaparece antes que você possa tomar um gole de café.

A segunda parte deste versículo é a que realmente chama nossa atenção. Deus *despreza* as imagens irreais de um sonho, ou seja, os ricos arrogantes que são meras sombras da realidade, mas não a própria realidade. O salmista conta-nos aqui a história do homem rico, de como ele prejudicava e matava outros, como servia a si mesmo, o que era semelhante a um sonho mau que só existia como sombra da realidade, para em seguida desaparecer completamente com o nascer-do-sol. As *sombras* dos mortos não são mencionadas aqui (conforme dito na teologia posterior dos hebreus), as quais desapareceram no hades, onde vagueavam ao redor como fantasmas sem mente. Antes, os mortos simplesmente desapareceram como as imagens de um sonho. Quem poderia sentir inveja disso?

Enquanto o homem arrogante vivia, tudo estava bem para ele, que pensava que a vida boa continuaria para todo o sempre.

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro.
Mas, que digo!
Nem esse, infindos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.

(Soares Passos, Portugal)

"Suas possessões eram *irreais*; suas privações eram *reais*" (Adam Clarke, *in loc.*).

É Bom Viver Perto de Deus (73.21-28)

73.21

Quando o coração se me amargou. As atitudes anteriores do salmista, ficou reconhecido, eram tolas e obtusas. Quando ele contemplou os ricos arrogantes, chegou a invejar o que eles tinham. Sua própria vida foi *amargurada* pelo que viu. Mas a iluminação que ele obteve no templo transformou-lhe a mente.

O coração... as entranhas. O hebraico original diz aqui "coração" e "rins", mas as traduções falam em *alma* e *coração,* ou então em *espírito* e *coração,* ou então, como faz a nossa versão portuguesa, em *coração* e *entranhas.* O coração era considerado a sede do *conhecimento* humano, ao passo que os rins ou entranhas seriam a sede das *emoções.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Coração; Rins* e *Órgãos Vitais.* Essas palavras foram empregadas de muitas maneiras, que não sumario aqui.

O coração ficou *amargurado* por aquilo que o homem viu. Seus rins foram espetados como que por agulhas aguçadas, ou seja, ele sentiu dor em seu homem interior. O oráculo e as instruções recebidas no templo eliminaram suas estúpidas reações. Provavelmente devamos entender que as dores e os recuos do *homem bom,* bem como sua falta de saúde, *também* causaram no homem pensamentos aflitivos. O homem contemplava o mundo de um ponto de vista realista-pessimista. O *pessimismo,* em sua definição mais fundamental, significa que "a própria existência é um mal". Ver sobre esse termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

73.22

Eu estava embrutecido e ignorante. Nosso homem tinha assumido uma atitude estúpida e até *brutal.* Era tão ignorante como um boi mudo. Tinha uma cabeça de porco, conforme diz uma expressão idiomática moderna. Seu conhecimento e suas atitudes não eram as de um homem espiritual iluminado, nem mesmo se pareciam com o conhecimento e as atitudes dos homens comuns. Ele se tornara, por assim dizer, um membro do reino animal. "Ele confessou que a amargura de alma e o ressentimento no coração o tinham tornado um sujeito estúpido e ignorante. Sua sensibilidade para com Deus fora ofuscada" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). No entanto, ele estava certo de que tinha a razão, uma característica de pessoas cheias de preconceitos e dogmas. "Ele se transformara em um homem parecido com uma fera, irracional" (Fausset, *in loc.*).

Uma Luz Melhor (73.23,24)

73.23

Todavia, estou sempre contigo. Por meio deste versículo, tem-se a impressão de que o discernimento do poeta ultrapassou os argumentos tradicionais.

Estando continuamente na presença do Senhor, e tendo recebido no templo de Jerusalém alguma espécie de *iluminação,* ele foi fortalecido pelo Ser divino: a mão de Deus segurou sua *mão direita.* Ele recebeu algum tipo de fortalecimento e orientação além do que prevêem os meros ensinos. "O salmista obteve uma consciência cortante da presença e da realidade de Deus. Cf. Sal. 63.8" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *A minha alma apega-se a ti: a tua destra me ampara.*
>
> (Salmo 63.8)

No Salmo 63, a *mão direita* de Deus segurou o nosso homem. Neste salmo, a sua própria mão direita foi tomada pelo Ser divino, pelo que ele recebeu ajuda *inexplicável.*

> *A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações...*
>
> (Filipenses 4.7)

Essas são *categorias místicas.* Estar na presença de Deus nos confere um conhecimento sobrenatural, que não pode ser expresso mediante argumentos racionais. Trata-se de algo *inefável,* mas seus efeitos são poderosos sobre a alma. As experiências místicas são *otimistas* e levam um homem a saber que Deus está em Seu trono e que tudo vai bem no mundo, embora argumentos teológicos não possam ser apresentados como evidência. Nosso poeta chegou à mesma conclusão a que chegou Jó no tocante ao problema do mal. Ele sentiu em seu coração que o Juiz de toda a terra agiria corretamente (Gên. 18.25), mesmo que não contasse com argumentos racionais para "provar" isso. Ele sentia, acreditava e se consolava, porquanto a presença de Deus tanto se aproximara dele. O salmista, por semelhante modo, recuperara sua serenidade, seu coração estava em paz, sua alma estava enlevada de otimismo. Jesus segurou a mão de Pedro, quando este começou a *afundar* no mar, e o resgatou, e essa foi, por igual modo, a experiência do salmista (ver Mat. 14.31). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo detalhado chamado *Misticismo.*

O poeta sagrado estava "sobre o coração de Deus, em Suas mãos, sob Seus olhares, sob Suas asas de proteção e cuidado, sem permissão para abandoná-Lo ou Dele desligar-se... em união com Deus... seguro pela Sua mão direita como um pai toma seu filho pequeno pela mão e o ensina a andar. O ímpio, porém, escorregou porque se achava em uma vereda escorregadia. Mas um homem bom nunca falhará" (John Gill, *in loc.*, com alguma adaptação).

73.24

Tu me guias com o teu conselho. O conselho orientador de Deus continuaria a conduzir o salmista e, mais tarde, este seria conduzido diretamente à presença de Deus, cuja presença sentira de maneira toda especial no templo. O homem seria *recebido na glória.* Este texto recebe duas interpretações principais:

1. Não fala sobre a imortalidade, mas tão-somente de uma *honraria* posterior que o poeta receberia quando Deus o livrasse de sua aflição e rebeldia. Assim, temos "glória" traduzido como *honra,* uma tradução positiva do hebraico. Além disso, poderíamos traduzir "glória" como *gloriosamente.* Haveria de chegar um tempo em que o salmista venceria suas tribulações e dúvidas e seria guiado a uma honra mais elevada entre os homens, de maneira gloriosa. Mas tudo isso aconteceria aqui mesmo, na terra. Se esse é o significado (ao qual o texto dá apoio), então não temos, neste versículo, um texto de prova em favor da imortalidade. Essa doutrina só surgiu mais tarde, dentro do pensamento hebreu, começando pelos salmos e pelos profetas. Recebeu maior desenvolvimento nos livros pseudepígrafos e apócrifos e, finalmente, sua última demão de tinta nas páginas do Novo Testamento.
2. *Por outro lado,* um respeitável número de intérpretes, incluindo liberais e críticos, tomam este versículo como uma clara referência à esperança no pós-vida, um paralelo a Sal. 49.15, que pode ser outra afirmação sobre essa verdade. Note o leitor a palavra "receber". O salmista nunca ocuparia um lugar de honra e estima na sociedade deles. Mas seria "recebido" por Yahweh-Elohim em Sua moradia eterna. O vocábulo hebraico assim traduzido é a mesma palavra usada nos livros pseudepígrafos de Enoque e Elias que descrevem seus arrebatamentos *para o céu.* Ver Gên. 5.24 e II Reis 2.3.5.9.10, quanto às narrativas sobre eles no Antigo Testamento. É justo dizer, portanto, que este salmo, que pode ter sido composto em data bastante avançada, já aceitava essa teologia, supondo que *outros* homens bons, além de Enoque e Elias, pudessem ser "recebidos na glória".

As Crenças do Salmista. Algumas dessas crenças foram inspiradas pela experiência mística vivida pelo salmista no templo.

É um erro usar os livros do Antigo Testamento para falar sobre teologias finais, e isso é tanto mais verdadeiro no caso dos livros *poéticos.* Encontramos no Antigo Testamento *estágios* diversos da teologia, os quais não deveriam ser forçados a conter afirmações teológicas *finais.* No Antigo Testamento, as doutrinas ainda estão em progresso e não oferecem sua forma definitiva. Não obstante, encontramos ali estas crenças:

1. Nos *vss. 2-5,* o salmista fala sobre como o caos opera neste mundo, onde os ricos e os ímpios prosperam, enquanto o homem bom sofre miséria. Neste mundo predomina o caos (ver Rom. 8.20), sendo essa uma das causas do problema do mal. Mas o poeta sacro esforçava-se por olhar adiante dessa marca, na tentativa de obter melhores respostas.
2. Os ímpios seriam aniquilados. Ver o vs. 27. Mas não há aqui nenhum ensino de que haverá um julgamento dos pecadores terminada esta vida. Isso *corresponde a um desenvolvimento posterior* da teologia dos hebreus.
3. Os bons são recebidos nas mansões de Deus.
4. Essas idéias ajudam-nos a compreender melhor o problema do mal. A iniqüidade tem sua época própria, antes de ser aniquilada. A bondade, porém, prossegue para sempre. Por conseguinte, é vindicado o justo governo de Deus, embora, ao longo do caminho, o sofrimento fosse uma terrível realidade. Ainda assim, não obtivemos a resposta de por que (em muitos casos) há tanto sofrimento sem razão alguma. Será que o caos se intromete na questão? E, em caso positivo, por que Deus permite que o caos opere neste mundo? Ainda não somos capazes de responder por que os inocentes sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem, aqui e agora.
5. A lei da colheita segundo a semeadura é um grande fator, mas não pode ser a causa de todo o sofrimento.
6. Deus é tudo e atua em todos (vs. 25). Esse conceito, embora não destrinçado conforme gostaríamos, obviamente está relacionado ao alívio de nossa mente no tocante aos sofrimentos.
7. No vs. 26, o poeta antecipa uma herança celeste, aproximando-se da salvação evangélica. É que ele se movimentava na direção de uma teologia superior.
8. Deus é o *Summum Bonum* de toda a existência humana (vs. 26).

73.25

Quem mais tenho eu no céu? Para o salmista, Deus tornara-se *tudo.* Ele não buscava consolo celestial nem alguma ajuda terrena acima disso. Deus não ocupava o *primeiro lugar* entre os valores do salmista, mas era tudo para ele. Esse conceito reaparece em Efé. 4.7-13. Cristo, em Sua missão tridimensional (na terra, no hades e no céu) torna-se "tudo para todos" e, ao mesmo tempo, preenche todas as coisas. Ato contínuo, dons e benefícios fluem Dele, e toda a criação — e não somente um grupo seleto de pessoas — se ergue e O chama de bendito. A perfeição e a *unidade* chegam dessa maneira. Tem havido o máximo de benefício universal, e o Logos é o grande Benfeitor.

"Deus tornou-se, para o salmista, o bem supremo" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo *Summum Bonum.* O salmista passara por sofrimentos, dúvidas e dores, mas Deus se tornara para ele o "Grande Não Obstante", conforme Lutero intitulou o Salmo 72. Os ímpios prosperam, os inocentes sofrem, predomina o caos aparente, mas "não obstante" Deus intervém e estabelece a diferença em favor do bem.

"Nenhum ser humano pode dizer o que o poeta disse, caso não tenha tomado a Deus como sua porção em *ambos* os mundos" (Adam Clarke, *in loc.*). "Além de ti, *não tenho nenhum deleite sobre a terra*" (Ellicott, *in loc.*).

73.26

Ainda que a minha carne e o meu coração desfalecem. O salmista residia neste mundo em um corpo frágil, o qual estava fracassando e, finalmente, falharia. Sua força (coração) entraria em pane, mas isso não o deixara sem *forças,* visto que ele encontrou forças em Elohim (o Poder). No hebraico, em lugar de "fortaleza", encontramos o vocábulo "rocha". Ver sobre essa figura de linguagem em Sal. 42.9, e, quanto ao fato de que o homem bom não pode ser abalado, ver Sal. 55.22 e 66.9. Essa condição duraria "para sempre", o que usualmente no Antigo Testamento, significa "por longo tempo", enquanto a vida perdurar. Mas retornando ao vs. 24, temos de supor que o poeta tivesse apanhado um vislumbre da *vida interminável,* que há depois do sepulcro.

A minha herança. A alusão provavelmente é à porção que coube a cada família e, portanto, a cada indivíduo que entrou na Terra Prometida. Todas as famílias ali tinham suas próprias terras. Mas o salmista tomou a figura como se fosse a vida eterna e vê uma *eterna porção* como sua, uma crença *preliminar* na salvação evangélica nos salmos. "Somente as possessões espirituais dos judeus perdurarão para sempre" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Herança* e os artigos chamados *Vida Eterna* e *Salvação.*

Conforme podemos ver, o salmista estava "irrompendo" para uma teologia mais elevada, e isso se tornara possível mediante sua instrutiva e mística experiência no templo de Jerusalém.

73.27

Os que se afastam de ti, eis que perecem. Neste ponto, o salmista reiterou a lamentável *doutrina de aniquilamento em relação aos ímpios*. Os que estão "afastados de Deus", em contraste com os que estão próximos ao Senhor, simplesmente perecerão. Elohim fá-los-á chegar ao fim, por terem sido *falsos* para com Ele. O hebraico original diz aqui, literalmente, "aqueles que se prostituem", porquanto fazem o papel de meretrizes, mostrando-se traidores diante de Elohim, como faria uma esposa falsa. Este versículo, pois, usa a figura da *infidelidade marital*, um tema muito enfatizado no livro de Oséias. O salmista escreveu antes que a teologia dos hebreus tivesse postulado a sobrevivência dos ímpios diante da morte física e seu confinamento no hades, onde eles levariam uma vida miserável, sob julgamento.

Ver no final dos comentários sobre o vs. 24 as *oito* crenças centrais apresentadas pelo poeta, após a iluminação recebida em sua experiência mística no templo. O aniquilamento dos ímpios era das crenças que o ajudava a solucionar o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Naturalmente, o salmista não tinha grande compreensão desse ponto. Nem mesmo as experiências místicas fornecem toda a verdade sobre a questão. A verdade é adquirida por estágios. A busca pela verdade é como o trabalho na mineração. É preciso escavar para encontrar alguma coisa. Mas ocasionalmente Deus *revela* uma verdade, por causa de Sua bondade, em consonância com Sua vontade. Além disso, chegamos a lograr grandes jóias de verdade por meio da graça divina. O poeta sacro teria ficado muito surpreendido se soubesse que, mais tarde, a sobrevivência consciente dos ímpios seria uma noção participante da teologia. Também se surpreenderia se soubesse que, posteriormente, a punição seria prometida aos ímpios depois da vida terrena. Finalmente, ficaria *muito* surpreendido se visse como a doutrina avançaria até que o Messias chegaria ao hades em uma missão misericordiosa e salvatícia, para tirar homens *dali* (ver I Ped. 3.18-4.6). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Descida de Cristo ao Hades*. A Igreja Evangélica Ocidental ainda não avançou em sua teologia até esse ponto, mas a Igreja Ortodoxa Oriental desde os seus primórdios ensina essa doutrina misericordiosa e plena de esperança.

73.28

Quanto a mim, bom é estar junto a Deus. Os ímpios escorregarão (vs. 19) e cairão, sendo reduzidos a nada; mas os bons se aproximarão cada vez mais de Deus, entrarão em Suas mansões celestiais (vs. 24) e obterão uma herança no céu (vs. 26), no pós-túmulo. O homem bom é aquele que tiver depositado sua confiança em Yahweh-Elohim. Quanto a como a palavra "confiança" é usada no livro de Salmos, ver as notas expositivas em Sal. 2.12. Entrementes, os ímpios procuram evitar o temor de Elohim, conforme nos diz o Targum. Todavia, através desse *Temor* (ver a respeito no *Dicionário*) eles obtêm uma bênção celestial, a verdadeira razão da existência humana.

O meu refúgio. Assim diz a Revised Standard Version, acompanhada pela nossa versão portuguesa. Quanto a este conceito, ver as notas expositivas em Sal. 46.1. Quanto à palavra "refúgio", algumas traduções dizem "confiança". A palavra hebraica em questão significa abrigo, refúgio, ou, metaforicamente, lugar de confiança e esperança.

Tendo sido tão abençoado por meio de sua experiência com a presença de Deus e na sua vida em geral, o salmista pôde espalhar as boas novas por todos os lugares. Todas as obras de Deus haviam sido vindicadas. Existem respostas razoáveis ao problema do mal. Além disso, há todas as obras positivas que beneficiam a todos os homens de todos os lugares. Elohim usa o Seu poder para abençoar e emprestar progresso à causa do homem. As próprias experiências pessoais do salmista figuravam entre essas obras de Deus, e ele era uma testemunha viva da bondade das obras divinas.

Salmo Setenta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, de longe o grupo mais numeroso dos salmos. Tipicamente, esses salmos começam com um apelo pedindo ajuda, porquanto o salmista se achava em alguma grave aflição; continuam descrevendo os inimigos que estão sendo enfrentados (que podem ser invasores estrangeiros de Israel, inimigos dentro do acampamento do povo de Deus ou alguma enfermidade física); e muitos desses salmos de lamentação usam amargas imprecações contra os inimigos. Além disso, a maioria desses salmos termina em uma elevada nota de louvor, ou porque as orações foram respondidas favoravelmente, ou porque se espera que logo o sejam. Alguns salmos de lamentação terminam em desespero, uma experiência comum nesta vida. Este salmo é uma oração que roga o livramento de inimigos nacionais, pelo que se revela uma lamentação em grupo. Inimigos tinham devastado e incendiado o templo. Muitos pensam que o evento em questão é a conquista dos babilônios, em 587 A. C. Mas alguns intérpretes postulam um desastre posterior, vendo no salmo evidências de um tempo pós-exílico, talvez durante o período dos macabeus.

Alguns intérpretes pensam estar em vista algum desastre de menor envergadura, em cuja descrição foram usadas as palavras "profanado e arruinado" com respeito ao templo, em vez das fortes palavras "devastado e incendiado". Isso poderia significar que o templo não foi totalmente destruído, mas poderia ser restaurado sem que tivesse de ser reconstruído inteiramente. Isso está mais em consonância com o que sabemos sobre o período dos macabeus. Seja como for, as ruínas atingiram outros lugares sagrados espalhados pela Terra Prometida (vs. 8), pelo que está envolvida neste salmo alguma *catástrofe* real.

Nos vss. 12 a 17, o poeta irrompe em um hino de louvor, pelo que podemos presumir que tenha havido um remédio para a lamentável situação. Taylor prefere ficar com a invasão babilônica de Jerusalém, crendo que somente esse acontecimento justifica a linguagem bastante radical usada nos vss. 3-7. Temos nos escritos de Josefo (*Antiq.* XI.7.1) a menção a uma poluição do templo durante o período persa, mas essa questão é por demais vaga para basearmos o salmo sobre tal evento. Eusébio refere-se a uma deportação de judeus da Palestina, promovida por Artaxerxes III, e também à dificuldade com os persas; porém, uma vez mais, não temos um pano de fundo certo para o Salmo 74. A contaminação do templo de Jerusalém, por parte de Antíoco Epifânio IV, atrai a atenção de alguns intérpretes (167 A. C.). Cf. I Macabeus 1.29-64; 4.36-61, mas isso não parece radical o suficiente para corresponder aos termos usados neste salmo. Portanto, parece melhor atribuir o salmo ao século VI A. C. e supor que os babilônios fossem os inimigos envolvidos.

Subtítulo. Temos aqui o seguinte subtítulo: "Salmo didático de Asafe", ou seja, instruções dadas por esse salmista. Seu nome foi citado como autor em doze salmos, por parte de editores posteriores que compuseram esses subtítulos. Quanto a notas expositivas completas, ver o subtítulo ao Salmo 73.

74.1

Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Este salmo começa em uma atitude de desespero, tal como sucede aos Salmos 22 e 60. O apelo ocorre sob a forma de uma oração (vs. 2) pedindo que Deus se lembre da congregação de Israel, que fora escolhida e redimida para uma vida digna de ser vivida. Depois que os babilônios acabaram com Jerusalém e áreas circunvizinhas, em Judá, não havia muito mais para destruir. Então o povo de Judá foi deportado para a Babilônia, e, setenta anos depois, somente um pequeno remanescente retornou. Isso significou que, para a vasta maioria, a vida dos hebreus tinha terminado. A introdução provê diversas conjecturas sobre qual desastre nacional foi retratado pelo Salmo 74.

Por que se acende a tua ira...? O hebraico diz aqui, literalmente, "narinas", como em Sal. 18.18. Devemos pensar na fumaça que sai das narinas de Deus, um símbolo de grande cólera. O cativeiro babilônico foi tomado como ato divino, *implementado pelos estrangeiros. Foi considerado um golpe potente contra a* pecaminosidade do povo de Judá, tendo sido tema de muitas profecias. Elohim era considerado a única causa. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias. Portanto, todo o bem e todo o mal originavam-se do céu, em última análise, e não da terra. A *fumaça da ira*, portanto, é tida como pertencente a Deus.

Contra as ovelhas do teu pasto? Deus pune o Seu próprio povo, as Suas ovelhas, embora, na qualidade de Grande Pastor, poderíamos esperar Dele somente atos de benevolência. Naturalmente, atos de julgamento são benévolos, porquanto têm por finalidade operar o bem e curar a enfermidade do pecado, que se apega aos homens como uma praga. Ver I Ped. 4.6, quanto a esse princípio. A metáfora sobre o Pastor e Suas ovelhas exprime um relacionamento íntimo, enquanto as ovelhas se tornam totalmente dependentes Dele. Ver também essa figura em Sal. 23; 79.13; 100.3; Jer. 23.1; Eze. 34.21. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Pastor* e *Ovelha*.

74.2

Lembra-te da tua congregação. Israel havia sido redimido da escravidão no Egito (Êxo. 15.16), tendo sido *comprado dali fazia longo tempo*. Essa redenção visava dar uma herança a Yahweh e também dar uma herança a Israel, na Terra Prometida. O monte Sião tornou-se o local do templo onde se manifestava a presença de Deus. Será que Deus esquecera todo o labor, todas as realizações, somente para permitir que os babilônios pagãos destruíssem tudo? O poeta sacro esperava que não. Essa foi a resposta que ele invocou que Yahweh-Elohim "lembrasse", rememorando o passado triunfante, para que houvesse um futuro

triunfante. Do começo ao fim, Elohim é a única causa. Ele fez as coisas ser como eram, para que Ele refizesse tudo, transformando a totalidade em algo inteiramente diferente. Quanto às *memórias de Deus*, ver os vss. 2,10,18 e 22.

A tribo da tua herança. Diz literalmente o original hebraico, retido pela King James Version: "a vara da tua herança". A extensão da herança, sob a forma de terras, foi medida por meio de uma vara; isto posto, no original hebraico, a vara significa a própria herança. Cf. Jer. 10.16; 51.19 e Isa. 63.17. Mas alguns estudiosos pensam que a vara se refere ao cajado de um pastor, ou então ao cetro de um rei, símbolo de seu poder de governar. Mas parece que a idéia de herança é a preferida. Ver Eze. 40.3. Todavia, a palavra hebraica que significa "vara" também quer dizer "tribo", palavra preferida por algumas traduções, como é o caso de nossa versão portuguesa. Além disso, temos a expressão "tribo da herança", isto é, todas as tribos de Israel, redimidas por Deus. Ver Isa. 63.17, Jer. 10.16 e 51.9.

Israel é a Tribo da Sua Herança. "Somos os descendentes daquele povo a quem tomaste para Ti mesmo, os filhos de Abraão, Isaque e Jacó. Nunca te reconciliarás conosco?" (Adam Clarke, *in loc.*).

Monte Sião. Ver sobre *Sião* no *Dicionário*, onde apresento elaborado artigo. O monte Sião tornou-se símbolo de toda a nação de Israel sob o governo de Deus.

74.3

Dirige os teus passos para as perpétuas ruínas. O salmista invocou Deus para dirigir os seus passos até o santuário! Ali ele encontraria somente ruínas. Mas pense nisso! Aquele era *Seu* santuário, e fora dado a *Seu* povo, como *Sua* herança!

As perpétuas ruínas. O hebraico diz aqui, literalmente, *antigas* ou *de longa data,* o que subentende que as ruínas estavam ali fazia alguns anos quando o poeta escreveu o salmo. Comparativamente era uma "história antiga", mas ainda assim uma história de dor; e o salmista queria que Elohim sentisse toda a dor que ele mesmo sentia.

Naturalmente, o Asafe do tempo de Davi não pode ter escrito isso, pelo que alguns intérpretes postulam outro Asafe, que viveu nos tempos do cativeiro babilônico. Mas isso é levar por demais a sério o subtítulo, o qual somente tentava conjecturar questões como autoria e eventos históricos que teriam inspirado as composições.

"Deus foi invocado para contemplar imediatamente as desolações do templo. Uma expressão um tanto semelhante pode ser encontrada em Gên. 29.1, à margem" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, estamos tratando de uma expressão idiomática, com a qual não estamos familiarizados, mas que é inteligível. Em Gênesis o significado dessa expressão é "seguiu seu caminho" ao falar sobre Jacó. O Targum mostra Deus levantando Seus pés para atacar as nações e colocar um ponto final na insolência delas.

74.4

Os teus adversários bramam. Os babilônios *rugiam* como um bando de animais selvagens no santuário de Deus, demonstrando desdém e ódio. Judá não foi capaz de detê-los nem de impedir a matança, o saque e a deportação que se seguiu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes completos. O lugar era *santo,* mas os babilônios o *profanaram;* e Elohim os enviara para fazer tudo aquilo pelo qual Israel (Judá) tinha entrado em uma apostasia irreversível.

Teus adversários. Em primeiro lugar, eles eram inimigos de Elohim e, depois, inimigos de Judá. Mas esse fato não fez a mente divina evitar a tragédia. O inimigo, por causa disso, implantou insígnias militares em redor do terreno do templo, afirmando que o local era deles. Elohim sentou-se nas imediações para observar, mas não tomou providência alguma. O hebraico diz aqui, literalmente, "sinais como sinais", o que parece não fazer sentido e deixa os intérpretes a matutar. A palavra hebraica para "insígnias" e para "sinais" é a mesma. Ellicott (*in loc.*) conjecturou que o poeta quisesse falar dos ídolos que os pagãos tinham estabelecido no templo, mas não teve coragem de contar a história inteira. Assim, em vez de escrever "ídolos como sinais", evitou a primeira palavra. Mas as insígnias militares falam de como o lugar foi conquistado, o que empresta um significado fácil à frase.

74.5

Parecem-se com os que brandem. O original hebraico é incerto aqui, pelo que há várias conjecturas sobre seu significado. A King James Version diz "um homem tornou-se famoso ao levantar os machados contra o espesso da floresta", o que pode falar da devastação das florestas de Judá, por parte dos babilônios. A Revised Standard Version, entretanto, fornece uma idéia mais provável, ao dizer: "Na entrada superior eles derrubaram a treliça de madeira com machados". Mas "treliça de madeira" significa, literalmente, "o espesso da floresta". Para obter a tradução "com machados", os tradutores tiveram de suprir uma preposição que não existe no hebraico original. E para obter a palavra "entrada", os mesmos tradutores também tiveram de emendar o texto no início. A tradução Atualizada de Almeida fica essencialmente com a King James Version, enquanto a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira fica com a Revised Standard Version. Kimchi refere-se às árvores grossas como árvores que foram plantadas no terreno do templo. Ou estão em mira as colunas de madeira do templo, cortadas no Líbano por famosos madeireiros, a fim de serem usadas no templo. Tudo isso soa bem, mas ninguém sabe realmente o que o vs. 5 está tentando dizer. Talvez os babilônios que cortaram as árvores de Israel, suas florestas ou as colunas de madeira usadas na construção do templo, ou aquelas árvores que foram plantadas no terreno do templo, sejam referidos como os homens *famosos*. Eles tinham sido famosos madeireiros antes da invasão e então, por ocasião da invasão, usaram suas habilidades para prejudicar Israel. Ou, por assim dizer, tornaram-se madeireiros por causa de seu "trabalho" em Jerusalém.

Allen P. Ross (*in loc.*) refere-se às toras belamente esculpidas que entraram na construção do templo. Esse trabalho feito por *entalhadores habilidosos* foi reduzido a nada pelos machados brandidos pelos babilônios. Assim sendo, os homens famosos na verdade eram *infames*. Ou, por outro lado, os entalhadores habilidosos que colocaram troncos no templo são os homens famosos do texto. Caros leitores, deixemos de lado a confusão e prossigamos para os versículos seguintes.

74.6,7

E agora a todos esses lavores de entalhe. Este versículo parece confirmar a idéia de Allen P. Ross sobre como devemos interpretar o vs. 5, ou então aqui nos movemos para um novo item, interrompendo a idéia anterior. Seja como for, a referência aqui é clara. O templo de Salomão dispunha de paredes interiores artisticamente lavradas com painéis de cedro. Esses lavores eram decorados com querubins, palmeiras e flores (I Reis 6.29). Parece que todo esse trabalho artístico do templo foi reduzido a nada, embora saibamos que o templo foi incendiado pelos babilônios em 587 A. C. (ver II Reis 25.8,9). Talvez a destruição por meio de machados e depois pelo fogo tenham sido estágios sucessivos da destruição. Os vss. 6 e 7, por conseguinte, dão a seqüência da destruição por meio de machados e fogo. Antes de incendiar o prédio, entretanto, os babilônios removeram todos os metais preciosos (Jer. 52.12-17; II Reis 25.13; II Crô. 37.18). Quanto a toda essa lamentável história, ver I Reis 6 e 7, bem como o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*, no *Dicionário*.

"Os babilônios derrubaram as muralhas de Jerusalém. E as colunas de bronze, bem como as bases, e o mar de bronze, eles quebraram em pedaços e levaram o bronze para a Babilônia. As bacias, as pás, os apagadores, os garfos, as panelas, as taças e todos os utensílios feitos de ouro e de prata eles levaram embora, e também os móveis do Santo dos Santos, incluindo a arca da aliança" (Adam Clarke, *in loc.*).

Foi assim que a habitação do *Nome* (ver Sal. 30.4; 31.3,21) foi totalmente atacada e destruída. Era a casa de Deus, mas o Senhor não fez cessar a destruição, por causa da avançada apostasia de Israel (Judá).

Conforme mostrei na introdução ao salmo, houve outras invasões e destruições, mas somente a invasão babilônica parece adaptar-se à severidade dos versículos diante de nós. O templo foi poluído, mas não destruído durante o período dos macabeus.

74.8

Disseram no seu coração. *A selvagem matança* e a destruição, com saques sem limites e crimes de sangue, espalharam-se por todo o território de Judá, em cumprimento à política de terra arrasada dos babilônios. Os babilônios não derrotavam seus inimigos. Estes eram *aniquilados*. Seus nomes eram removidos da face da terra. Os lugares de reunião, longe da capital, e também os oráculos, eram destruídos como objetos especiais do ódio, e nos lares, as mulheres e as crianças eram tratadas de maneira indizível. Em vez de "lugares santos", algumas traduções dizem aqui "sinagogas", mas isso é um anacronismo. Talvez estejam em vista santuários locais e os cultos ali efetuados. "Temos aqui uma breve narrativa, mas nada lhe falta quanto a um caráter completo. Os que ouvem a história nunca mais a esquecem" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Talvez reuniões religiosas fossem efetuadas nas casas dos levitas e dos profetas, onde a lei era lida e orações eram oferecidas. Tais casas em sentido algum eram sinagogas, mas foram precursoras das sinagogas. Alguns autores judeus dizem que nada menos de 460 (e alguns falam em 480) dessas casas foram destruídas, mas não se sabe quão precisa é essa tradição (ver *Talm. Hieros. Cetubot,* fol. 35.3, e *Megeillah,* fol. 73.4).

74.9

Já não vemos os nossos símbolos. Provavelmente estão em vista insígnias militares. O exército de Judá fora devastado, e nenhum de seus pendões seria mais visto em Jerusalém. Pendões inimigos tinham tomado o lugar daqueles (vs. 4). A palavra hebraica que significa "presságio" pode estar em vista, e isso talvez se adapte melhor ao restante do versículo. Cf. Sal. 86.17; I Sam. 10.7; II Reis 19.29; Jer. 44.28. Talvez o salmista estivesse dizendo que havia em Jerusalém profetas que interpretavam presságios ou faziam *leituras psíquicas* e declarações proféticas, na tentativa de ajudar pessoas aflitas. Nesse caso, qualquer dessas atividades havia sido completamente cessada pelos invasores pagãos. Devemos lembrar que, se os hebreus condenavam radicalmente a adivinhação por parte de outras nações, eram bastante ativos em suas próprias variedades de adivinhação, algumas das quais em nada se diferenciavam dos métodos usados por outros povos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação.*

Já não há profeta. O ofício profético se tornara muito poderoso, quase substituindo o culto no templo, e estiveram envolvidos muitos hebreus, pertencentes ou não às fileiras dos levitas. Quanto ao desaparecimento dos profetas, ver também Amós 8.11,12; Eze. 7.26. Cf. I Sam. 28.6,15.

Quem saiba até quando. Jeremias tinha predito por quanto tempo perduraria o cativeiro na Babilônia, isto é, setenta anos. Mas a publicação dessa profecia evidentemente não foi muito espalhada. Ou então foi publicada, mas o povo de Israel, estupefato diante da catástrofe, não deu atenção à previsão ou não compreendeu o que havia sido dito. Ver Jer. 25.11,12. Ou talvez o povo de Israel tenha ouvido e compreendido, mas não acreditou no que o profeta dissera.

Apelos Renovados (74.10,11)

74.10

Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará? Jeremias havia dito que o opróbrio perduraria por *setenta anos* (ver a respeito no vs. 9), mas essa informação, logicamente, não foi ouvida ou levada em conta. E assim os apelos continuavam subindo ao céu, pois as pessoas queriam saber se haveria fim naquelas aflições e, se houvesse, *quando?* Os hebreus amarguravam-se pelo que os pagãos diziam contra eles, sua fé religiosa e o nome de Deus. Quanto a notas sobre o *nome de Deus*, ou a prática pela qual Yahweh-Elohim era chamado de *o Nome*, ver Sal. 30.4; 31.3 e 33.21. Esses apelos eram paradoxais. O próprio Elohim, de acordo com a crença popular e as palavras dos profetas, tinha causado a perturbação, enviando os babilônios para acabar com a apostasia em Judá. É preciso muita fé para alguém acreditar que julgamentos severos são "bons" e *remediais*, mas esse é um dos grandes ensinamentos sobre os julgamentos divinos. Ver I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

74.11

Por que retrais a tua mão...? *A mão revertedora de Deus* não foi empregada. Antes, Ele a pôs de volta nas amplas dobras de Suas vestes, um quadro tipicamente oriental. A alusão evidente é a Êxo. 4.7. Por que Deus não estendeu a mão para destruir o inimigo? A Revised Standard Version, seguida pela nossa versão portuguesa, diz: "Por que conservas a tua destra em teu peito?", ou seja, por que a Tua mão se mantém inativa diante de tudo quanto está acontecendo em Jerusalém? Quanto à aparente *indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4.

A tua destra...? Quanto a este símbolo de "poder", ver Sal. 20.6. Quanto ao *braço* de Deus, que é usado como símbolo semelhante, ver Sal. 77.15 e 89.10. Deus tinha o poder, mas não a vontade de salvar Jerusalém dos babilônios. Ele parecia indiferente, mas a verdade é que estava permitindo que o juízo tivesse livre curso. Ele se mostrava severo, mas essa severidade haveria de curar Israel de sua apostasia.

A *veste oriental mais externa* não tinha mangas, e as mãos de Deus estavam escondidas dentro de suas amplas dobras, que atuavam como mangas, em tempos de frio. Para que qualquer ação fosse realizada, as mãos tinham de ser tiradas dentre as dobras do tecido. Deve-se presumir que as mãos fossem guardadas fora de visão, entre as dobras do pano, e isso em qualquer tempo, e não apenas na época do frio, quando as obras eram usadas para aquecer os braços e as mãos.

Louvores a Deus (74.12-17)

74.12

Ora, Deus, meu rei, é desde a antiguidade. Elohim é o Rei dos reis, exercendo autoridade nos céus, lá em cima, tanto quanto na terra, cá em baixo, e é igualmente o Deus da *salvação*. Quanto a este conceito, ver no Sal. 62.2 uma discussão e uma lista de referências bíblicas. A palavra, no Antigo Testamento, fala de livramento e segurança, bem como de participação nas bênçãos dos pactos, mas não fala da salvação evangélica, da vida eterna em outra dimensão da existência.

Visto que Elohim é esse tipo de Deus e tem comprovado ser Todo-poderoso, exercendo domínio sobre todas as coisas, o salmista continuava esperando que houvesse uma espécie de reversão do desastre que os babilônios tinham provocado.

Rei. Cf. Sal. 44.4 e Hab. 1.12. Ver também Sal. 3.2 e 10.16.

> *Tu és meu rei, ó Deus; ordena a vitória de Jacó.*
>
> (Salmo 44.4)

Os reis antigos usualmente eram guerreiros que obtinham grande dose de poder. O rei precisava ser um soldado por excelência, um matador experiente. Ele era escolhido para libertar o povo do assédio constante dos invasores. Sem esse tipo de rei, aquele povo pereceria. Portanto, Elohim, como um de Seus títulos, é chamado de Capitão dos Exércitos, e isso se ajusta bem à antiga idéia das qualificações de um monarca.

74.13

Tu, com o teu poder, dividiste o mar. A referência, neste caso, pode ser ao êxodo e à divisão do mar Vermelho (ver Êxo. 14.21; Sal. 66.6). O fato de que Israel foi libertado da servidão ao Egito é um tema muito comum de Deuteronômio, repetido por mais de vinte vezes. Ver Deu. 4.10. A vitória no mar Vermelho foi o encerramento do processo de redenção. Nesse caso, o monstro leviatã (vs. 14) simboliza do Egito. Ou, por outro lado, a referência, a começar por este versículo, é ao antigo mito da criação, comum na área da Mesopotâmia, onde assumiu diversas formas. A idéia básica era a de um conflito primevo entre o Deus Altíssimo (como Marduque, na Babilônia, e como Yahweh, em Israel), que teria combatido contra *Tiamate*, o monstro que representava o *caos*. A história acádica da criação, chamada *Enuma Elish,* conta como o Altíssimo dividiu as águas, partindo as cabeças dos monstros marinhos. E havia a história paralela dos *Amores e Guerras de Baal e Anate* (Baal significa "Senhor"), que também relatava os conflitos dos poderes divinos contra o caos. *Yam* era o Deus-mar. Os dragões eram os monstros marinhos, como Tanim, que é o nome ugarítico para leviatã. Ver também alusões a esses tipos de histórias em Gên. 1.1,2; Sal. 89.9-12; Isa. 27.1; 51.9,10; Jó 7.12; 9.13,14; 26.12. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Enuma Elish,* onde apresento a essência das antigas histórias da criação e como elas são paralelas, em muitos pontos, às narrativas dos hebreus.

Alguns eruditos, infelizes diante de tais empréstimos alegados, supõem que esses antigos relatos pagãos tivessem sido tomados por empréstimo do livro de Gênesis. Provavelmente, a verdade é que todas essas histórias tomaram por empréstimo elementos de um primitivo fundo de literatura e idéias, apresentado sob variegadas versões. E a versão hebraica terminou com uma expressão refinada e mais elevada, onde os deuses foram substituídos por Deus, o Poder, *Elohim.* Seja como for, a ênfase dos hebreus recai sobre o *poder,* e era disso que Israel precisava, em uma crise como a descrita no Salmo 74: a libertação da Babilônia (vs. 13). Eruditos evangélicos conservadores ignoram esse tipo de coisa, mas devemos estar mais interessados na verdade do que no conforto mental. Ademais, o que importa se antigas idéias (excetuando as dos hebreus) foram incorporadas na narrativa bíblica? Nossa ciência e nossa fé há muito ultrapassaram o lugar até onde a teologia dos hebreus levou os homens. Temos prosseguido, quanto a muitos pontos, e não meramente quanto a uma particularidade. Eis por que o Novo Testamento era necessário e por que temos de continuar investigando. Deus é o Deus de *toda a verdade*, a qual não pode chegar ao fim nem ser estagnada.

74.14

Tu despedaçaste as cabeças do crocodilo. Temos aqui uma menção a *leviatã*, oculta na tradução portuguesa "crocodilo". Ver no *Dicionário* o artigo com esse título, onde apresento detalhes e referências que não repito aqui. Os eruditos se debatem diante da identidade ou descrição desse animal e confundem o quadro, tentando fazer o crocodilo ou outro animal terrestre ajustar-se às várias referências. Ver Jó 41.1 e notas. Na verdade, porém, estamos abordando uma criatura sobrenatural, e não meramente terrena. Leviatã é, quase certamente, equivalente a *Yam*, o monstro marítimo do *Poema de Baal,* de origem ugarítica, no qual encontramos outra versão da mesma história. Elohim teria partido as cabeças (sete cabeças, de acordo com alguns eruditos) e então dado a carne às criaturas do deserto. Uma emenda diz "tubarões do mar", e isso talvez esclareça uma dúbia referência ao texto massorético (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético).*

A referência poética aqui é a uma *derrota total.* Não devemos pensar em tubarões a comer a carne de algum gigantesco monstro marinho. Elohim é o grande Poder que derrota até mesmo monstros temíveis, e não teria dificuldade alguma em reverter a tribulação produzida pelo cativeiro babilônico.

Visto que Elohim fora capaz de derrotar o *caos cósmico,* não Lhe seria difícil derrotar o caos babilônico.

Alguns pensam que *leviatã* aqui representa o Egito, e assim continuamos com a idéia apresentada no vs. 13 do Êxodo. "... leviatã, o monstro mitológico de sete cabeças, símbolo do poder do Egito" (Allen P. Ross, *in loc.*). Nesses casos, os alimentos referidos no vs. 14, que foram dados ao povo, ou às feras do deserto, eram os cadáveres dos egípcios. O mesmo é ilustrado por uma figura diferente: o poder de Elohim para fazer qualquer coisa. Naquela época, o leviatã era uma fera feroz e temida, mas terminou servindo de pasto para os tubarões! Deus poderia fazer o mesmo à Babilônia.

74.15

Tu abriste fontes e ribeiros. Cf. Gên. 1.6-8. A existência e criação de fontes é ensinada em Gên. 7.11. Levando adiante a história do livro de Êxodo, isso aparece como menção ao fato de que Moisés fez sair água da rocha, um ato do poder de Elohim. Ver Êxo. 17.5,6; Núm. 20.11 e Jó 28.10. A versão caldaica faz os rios Arnom e Jaboque participar dessas referências. Deus tem poder para produzir água no deserto. E também tem poder de ressecar rios. Portanto, poderia fazer qualquer coisa que Lhe parecesse bem, e o poder dos babilônios em breve se acabaria. Alguns vêem aqui a retenção das águas do rio Jordão, mas reter águas será a mesma coisa que secá-las? Talvez, *poeticamente,* onde acontecem todas as coisas fantasiosas.

Talvez a referência seja ao fato de que, em Israel, águas poderosas (rios) durante a primavera logo se ressecavam sob o calor escaldante do sol de verão. Os hebreus viam o poder de Deus por trás dos wadis. Note o leitor que Jos. 2.10 diz "secou" ao referir-se às águas do mar Vermelho, e em Jos. 4.23 e 5.1 é dito o mesmo sobre as águas do rio Jordão. O Targum fala da secagem de rios e vaus produzida pela passagem da neve que vinha do monte Hermom. Deus controla as condições da natureza, pelo que também pode controlar as atividades humanas. Ele poderia deter o dilúvio babilônico, secá-lo e restaurar Israel, o que, finalmente, fez.

74.16

Teu é o dia, tua também a noite. *O dia e a noite* pertencem, igualmente, ao poder de Elohim, e isso nos faz voltar à história da criação, que alguns estudiosos supõem ser o assunto deste salmo o tempo todo. O poder de Elohim controla o dia e a noite, o sol e a lua, e todas as condições da natureza nos céus e na terra. Por conseguinte, não seria um grande feito para Deus controlar a Babilônia. A noite do cativeiro babilônico poderia ser transformado no dia da restauração de Israel. Ver Gên. 1.3-5.

A luz. Isto é, a iluminação provida pelas *luminárias* (segundo lemos na Revised Standard Version). Elohim controla todas as luminárias do céu — o sol, a luz, as estrelas e os planetas — bem como aquelas que só aparecem de vez em quando, como cometas, meteoritos etc. Assim sendo, o cometa Babilônia, que viera riscando o céu desde o norte, poderia ser enviado de volta. Além disso, Deus tinha enviado o cometa Babilônia para castigar Israel em sua apostasia. Ele poderia curar a apostasia de Israel e remover para longe o castigo. É por isso que, nos vss. 16-18, temos um "apelo ao Deus da história, ao Deus da *natureza.* Deus não somente opera maravilhas, mas o próprio universo é obra de Suas mãos" (Ellicott, *in loc.*). Deus reina na história, na criação e na natureza. Ele também reina no mundo, entre os homens, aos quais controla segundo a Sua vontade.

A *luminária* de nota especial aqui, além do sol, é a lua. Ver Gên. 1.16. Aben Ezra vê aqui a *lua,* e Jarchi espiritualizou a questão, fazendo essas luminárias representar a lei mosaica. Os intérpretes cristãos espiritualizam mais ainda e fazem o sol ser Cristo; mas todas essas interpretações vão além das sugestões feitas no texto sagrado.

74.17

Fixaste os confins da terra. As operações divinas, no tocante à terra, também ilustram o poder de Elohim.

Os confins. "Está em pauta a terra, em todas as direções, até os seus limites extremos, ou seja, de *pólo a pólo,* conforme costumamos dizer" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Jó 38.8 e Sal. 24.2. Deus é o autor de todas as *divisões geográficas* da terra. Alguns estudiosos pensam que está incluída nesta palavra a distribuição de territórios entre povos específicos. Ver Deu. 33.8 e Atos 17.26.

Verão e inverno. Ou seja, Elohim controla todas as *estações do ano,* em seus ciclos. Para os antigos, isso parecia um mistério, e, no entanto, até hoje, os homens das ruas não tomam consciência de que essas mudanças climáticas ocorrem devido à *inclinação* da terra sobre o seu próprio eixo, que segue um ir e vir regular. As distâncias relativas entre a terra e o sol, produzidas pela órbita ovalada em torno do sol, não resultam em estações do ano. Cf. Gên. 8.22. Todas as espécies de coisas que acontecem na natureza eram maravilhas para os hebreus, cuja ciência natural nunca avançou muito. Por conseguinte, eles davam a Elohim o crédito por praticamente tudo. O Poder que controlava as estações do ano e outros mistérios da natureza sem dúvida poderia controlar os babilônios. O inverno do cativeiro babilônico poderia ser seguido pelo verão da restauração da nação de Israel à Terra Prometida.

Apelo Final pela Intervenção de Yahweh-Elohim (74.18-23)

74.18

Lembra-te disto. O poeta sagrado começou lançando um apelo a *Yahweh* e em seguida mudou o nome divino para *Elohim,* no vs. 22. Ele apelou à *memória* de Yahweh. Os babilônios, pagãos que eram, tinham blasfemado do nome de Deus, e não somente da fé de Israel. O salmista, pois, estava dizendo: "Senhor, foste o real perdedor quando Jerusalém caiu!". Ele retornou às idéias constantes no vs. 10. As notas expositivas que ofereço ali também se aplicam aqui.

A questão era radical, pois, afinal, o povo arrogante que tinha blasfemado do nome divino era um povo ímpio e insensato que não merecia o favor de Deus. Ver sobre *insensato* (ímpio), em Sal. 14.1; 39.8 e 53.1. Os babilônios eram leais a falsos deuses e, no entanto, *Elohim* os escolhera para disciplinar os israelitas e curá-los de sua apostasia. Os babilônios sem dúvida não reverenciavam o Deus de Israel. Por isso o salmista rogou que Deus mudasse de idéia, derrotando aqueles insensatos babilônios e restaurando a Israel.

Quanto ao *nome de Deus,* bem como às implicações do uso desse nome, ver Sal. 31.3. Ver também Sal. 30.4 e 33.21, quanto ao *nome santo.* Em seguida, examinar os comentários sobre o vs. 10 deste salmo.

"... o objeto da reprimenda do inimigo era o Ser que tinha feito todas aquelas maravilhas, bem como o Autor de todo este maravilhoso mundo" (Ellicott, *in loc.*).

O poeta chega assim ao mesmo tipo de apelo que fará no vs. 22. Ver também o vs. 2 deste salmo, quanto à *memória de Deus.* Portanto, encontramos o assunto nos vss. 2, 10, 18 e 22.

Tem blasfemado o teu nome. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Blasfêmia.*

74.19

Não entregues à rapina a vida de tua rola. Israel é aqui comparado a uma humilde e indefesa *rola,* um toque de ternura. Babilônia era como um gavião feroz e sem misericórdia, que atacava aves sem defesa; e a ave tão ferozmente aleijada era Israel. A metáfora de Israel como uma *rola* é empregada somente aqui em todo o Antigo Testamento. Atrás desse tão pequeno pássaro havia uma multidão de inimigos, referindo-se às numerosas hordas de babilônios, cada qual disposto a matar e ferir, a saquear e incendiar. Em seguida, essa metáfora passou a indicar a "congregação dos pobres". Agora, porém, eles são encarados como um *povo,* mas destituído de forças para defender-se, tal como a rola não tem nenhuma proteção contra o gavião. A congregação do Poder (Elohim) fora reduzida à congregação dos *pobres,* mansa e humilde de espírito, indefesa e miserável.

Perpetuamente. Os castigos divinos são para algum tempo e têm algum propósito específico em mira. Isto posto, há um tempo para os castigos *cessarem.* Aqui o autor nos leva de volta às idéias do vs. 10. As notas dadas ali se aplicam também aqui. O profeta Jeremias havia dito que o exílio perduraria por setenta anos. Mas os israelitas, em sua ignorância ou por não terem dado ouvidos ao profeta, agonizavam sob a carga da tristeza, como se o exílio nunca mais terminasse. Ver sobre a aparente *indiferença* de Deus em Sal. 10.1; 28.1 e 58.4.

74.20

Considera a tua aliança. O salmista apelou para o *pacto* que Elohim firmara com Israel. Por meio desse pacto e por meio da lei mosaica, Israel se tornara um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Ver no *Dicionário* o artigo *Pactos*; e ver em Gên. 15.18 *Pacto Abraâmico;* ver sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19; e ver sobre *Pacto Palestino* na introdução a Deu. 29. O poeta sacro dizia que Yahweh-Elohim estaria traindo seus acordos com Israel se permitisse que a Babilônia completasse seus propósitos, eliminando do mundo a identidade de Israel, o que, usualmente, era o destino que ocorria aos inimigos dos babilônios. Esse fim era obtido pela deportação dos povos conquistados, ao mesmo tempo que várias outras nações vinham ocupar o terreno vago. Fora dessa maneira que a nação de Israel (a parte norte) deixou de existir. Os poucos israelitas que permaneceram na Terra Prometida casaram-se com pagãos, transformando-se nos samaritanos. Isso poderia ter acontecido a Judá, não fora a intervenção divina que finalmente ocorreu. Israel, pois, continuou a existir mediante o minúsculo fragmento de Judá

que retornou à Terra Prometida. A grande maioria da antiga nação de Judá se perdeu na Babilônia.

Os lugares tenebrosos da terra. Não temos certeza do que isso significa. Talvez todos os lugares que os pagãos haviam dominado fossem considerados as *cavernas* dos animais selvagens, lugares *obscuros e assustadores*. A terra está repleta de tais lugares. Talvez a referência seja a cavernas e esconderijos onde os israelitas se esconderam para escapar das hordas babilônicas. Os atos das vítimas eram vãos. Os babilônios, pois, invadiram até esses lugares, pois não havia nada que escapasse à atenção deles.

Todavia, é provável que Adam Clarke (*in loc.*) tenha captado a idéia do poeta sagrado, ao dizer: "Os lugares tenebrosos da terra, como as cavernas, as masmorras e os bosques etc., estavam cheios de ladrões, cortadores de gargantas e assassinos, destruindo continuamente o Teu povo, de forma que parece que a Semente Santa será inteiramente cortada da promessa de Teu pacto, e, assim sendo, está destinada a perecer". Em outras palavras, a terra tinha-se tornado um inferno vivo para Judá. Este versículo tem sido universalizado e cristianizado para falar de todas as forças negras do paganismo, encabeçado pela Malignidade Cósmica que procura danificar os bons, especialmente a Igreja.

74.21

Não fique envergonhado o oprimido. Várias traduções dizem aqui "retorne", indicando que os cativos *oprimidos* finalmente retornariam a Jerusalém. Isso pode indicar que o poeta sagrado já sabia desse retorno e seu salmo foi composto como um retrospecto. Seja como for, ele orou para que aqueles que estivessem "esmagados" (conforme diz, literalmente, o original hebraico) não sofressem nenhuma outra *vergonha*. Quanto a ser envergonhado pelos inimigos, ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6. Se o povo de Israel voltasse *inteiramente diminuído* em número e riquezas, de que adiantaria retornar a Jerusalém? Conforme as coisas aconteceram, eles obtiveram a ajuda de Ciro, e assim foram capazes de construir novamente a cidade de Jerusalém, e, nesse sentido, a oração constante neste salmo foi respondida. Eles escaparam de qualquer outra vergonha *mortífera*.

74.22

Levanta-te... lembra-te. Talvez Elohim estivesse confortavelmente sentado em Seu trono, enquanto observava com pouco ou nenhum interesse o que acontecia em Jerusalém. Quiçá Ele tivesse esquecido Suas alianças (vs. 20). Assim sendo, o poeta conclamou para que Ele "levantasse" e "lembrasse". Quanto a outros apelos para que Elohim *levante*, ver Sal. 3.7; 7.6; 9.19; 12.5; 17.13; 44.23 (onde Deus é apresentado como se estivesse dormindo!); 68.1; 82.8 e 132.8. A linguagem aqui usada, naturalmente, é antropomórfica e antropopatética. Em outras palavras, confere a Deus *atributos* e *emoções* tipicamente humanos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*. Quando tentamos falar sobre Deus, caímos no dilema da linguagem humana, tendo de empregar palavras que se revestem de algum sentido para nós. Isso humaniza Deus. Reduzir Deus a uma pessoa O torna menor do que Ele realmente é; mas não fazer isso O torna difícil de descrever. Ver também os verbetes denominados *Via Negationis* e *Via Eminentiae*.

"A causa de Israel é a causa de Deus" (William R. Taylor, *in loc.*). Portanto, se Elohim defendesse o Seu povo, isso seria uma autodefesa e significaria a sobrevivência dos pactos. Cf. isso com a rememoração referida no vs. 18. Os *insensatos* da Babilônia, que haviam blasfemado, tiveram de ser repreendidos e postos em seus devidos lugares.

"Os vss. 22 e 23 mostram que este salmo foi composto em meio ao dia obscuro que ele descreve. Termina com uma oração que, por enquanto, não trazia nenhum raio de esperança maior do que a oração subentende e, aparentemente, foi dirigida a ouvidos surdos" (Ellicott, *in loc.*).

Pleiteia a tua própria causa. Ou seja, a razão pela qual Israel existia; o povo escolhido como instrumento para propagar a mensagem divina; os pactos e o que eles significavam; a nação por meio da qual o Messias viria; a redenção de todos os povos; a salvação, o *destino divinamente determinado* da raça humana.

74.23

Não te esqueças da gritaria dos teus inimigos. Enquanto lembrava Israel, visando o seu *bem* (vss. 18 e 23), Elohim foi solicitado a relembrar os ímpios, visando o seu *mal*. Deus deveria recordar as palavras blasfemas e os atos atrevidos. Ele veria Jerusalém incendiada e o templo destruído e queimado. Consideraria todos os atos daqueles *insensatos* da Babilônia (vs. 22) e os feriria em um ato de vingança. Eles colheriam o que haviam semeado. A justiça seria feita. Israel se levantaria de novo, enquanto a Babilônia ficaria no pó, transformada em uma relíquia arqueológica que os arqueólogos escavariam e perguntariam: "O que estas pedras significam?". Entrementes, Israel continuaria existindo como nação, parte dela transformando-se na igreja cristã e vivendo para um *dia eterno*, novo e glorioso. Os pactos seriam ampliados, desenvolvendo-se no Novo Pacto. O Messias viria e cumpriria as promessas feitas através dos profetas.

Salmo Setenta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças*. Se muitos salmos incluem esse elemento do agradecimento, cerca de vinte e dois deles são, essencialmente, de ação de graças. Temos aqui um *agradecimento nacional* por causa dos poderosos atos de Deus em favor de Israel. Este salmo tornou-se um hino da comunidade e encontrou seu caminho até a liturgia do templo. O saltério era o antigo hinário do povo de Israel. Existem diversos elementos, como os vss. 2 e 3, um oráculo de Deus, e o vs. 9, um extrato do agradecimento pessoal de alguém. Também há alguma profecia, ou profecia aparente, nos vss. 7,8,10 e, talvez, os vss. 6 e 7 (que formam uma unidade). Isso levou Gunkel a rotular o salmo como uma "profecia litúrgica", que Weiser preferiu intitular de "liturgia de culto". O tema principal, porém, é a afirmação de que Elohim sustenta a ordem moral das coisas tanto cósmicas quanto deste mundo.

Subtítulo. Temos neste salmo o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Não destruas. Salmo de Asafe. Cântico". "Não destruas" é tradução do original hebraico *Al Tachete*. O restante do subtítulo consiste em notas que temos visto repetidamente nos subtítulos. O Targum comenta: "Não destruas o teu povo"; mas alguns estudiosos preferem dizer: "Não corrompas". E, nesse caso, as palavras já não foram endereçadas a Deus. Talvez um período de pestilência ameaçasse o povo de Israel com alguma praga atribuída ao poder divino. Mas há estudiosos que pensam ser esta uma referência à peça musical particular em que o salmo deveria ser entoado, e que recebia esse nome. A Asafe, a tradição judaica atribuía doze salmos: 73 a 83 e 50. Naturalmente, os subtítulos não fazem parte original dos salmos e não se revestem de autoridade canônica. Editores posteriores puseram-se a conjecturar sobre as circunstâncias que podem ter inspirado as várias composições poéticas, e quais podem ter sido os seus autores. Provavelmente, há algum material histórico válido incluído nesses comentários, mas é difícil dizer que parte é fidedigna.

Uma Palavra Preliminar de Agradecimento (75.1)

75.1

Graças te rendemos, ó Deus. Uma *palavra de agradecimento* é dada por duas vezes, para efeito de ênfase, e logo em seguida o poeta sagrado diz-nos por que estava tão inspirado a agradecer: porque o Deus do Nome (Yahweh-Elohim) tinha feito maravilhas em favor do povo de Israel. Ver sobre *nome de Deus* em Sal. 31.3 e sobre *nome santo*, em 30.4 e 33.21. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ações de Graças*. A palavra de agradecimento era proferida por toda a congregação, porquanto era a congregação histórica e presente que tinha sido beneficiada. Isto posto, houve um *agradecimento nacional*. Portanto, "nós" te rendemos graças, ó Deus.

"Este salmo celebra a vitória antecipada. O salmista reconheceu que Deus estabelecerá julgamento no tempo determinado, e o julgamento divino destruirá os ímpios e exaltará os justos. Com base nisso, advertiu os ímpios a submeter-se a Deus, o único capaz de livrar" (Allen P. Ross, *in loc.*). "As maravilhas operadas em prol de Israel traziam consigo a antiga convicção de que o nome de Deus é uma palavra poderosa, capaz de salvar. Cf. Sal. 34.18; 105.1 e 145.18" (Ellicott, *in loc.*). Ver também Deu. 4.7; Isa. 30.27 e Sal. 119.51.

Alguns eruditos supõem que este salmo celebre a volta de Israel do cativeiro babilônico, e que é isso que esteja em vista, especificamente, mediante a expressão "as tuas maravilhas". Porém, a referência parece ser mais geral, e não podemos extrair do salmo esse cenário.

A Voz de Deus (75.2-5)

75.2

Pois disseste: Hei de aproveitar o tempo determinado. No tempo escolhido por Deus, Elohim abençoa ou amaldiçoa, e em *tudo* certifica-se de que o Seu julgamento exibe eqüidade. Julgarei "com justiça". A palavra "eu", oculta em nossa versão portuguesa, é enfática no original hebraico, porquanto a verdadeira justiça não é esperada da parte dos homens. A palavra "eu" apresenta-nos um oráculo de Deus. De repente, Deus fala, anunciando um julgamento que seguiria

as linhas da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). A conexão com o tema do agradecimento, neste salmo, parece ser que Elohim é retratado a ouvir o agradecimento expresso por Israel e a responder com uma promessa de julgar os inimigos e abençoar o Seu povo. Alguns intérpretes, entretanto, supõem que o salmo se componha de elementos heterogêneos e que não seja necessário vincular entre si esses elementos, como se o poeta tivesse escrito segundo uma seqüência lógica de idéias. Seja como for, notável entre as "maravilhas" (vs. 1), estão os *julgamentos* de Deus (vs. 2).

75.3

Vacilem a terra e todos os seus moradores. A terra aqui é vista a apoiar-se sobre *colunas,* as quais descem até abismos aquáticos. E esses abismos apoiavam-se no quê? Ver no *Dicionário* o que os hebreus pensavam sobre a cosmologia, no artigo chamado *Cosmologia.* Deus seria Aquele que firmava as colunas para impedir que a terra caísse de seu apoio. Quando chegam julgamentos divinos severos, de modo que a terra balança e há uma destruição generalizada, então Deus firma o conjunto inteiro, a fim de que a terra não perca totalmente o equilíbrio e seja destruída.

Este versículo ensina a imensidão da obra julgadora de Deus, mas também Sua imensa misericórdia, por não permitir que ocorra um aniquilamento. A idéia de que a terra repousa sobre colunas (ver Jó 9.6) é paralela às passagens que supõem haver uma espécie de *fundação* ou *alicerce* (Sal. 18.15; 104.5; I Sam. 2.8; Isa. 24.18; Miq. 6.2; Jer. 31.8; Jó 38.3-6; Pro. 8.29). A noção de que a terra repousa (ou flutua) sobre um alicerce líquido encontra-se em Sal. 24.2; 136.6 e Gên. 1.9,10. Os intérpretes, querendo evitar essas idéias crassas, supõem que os escritores sagrados tenham escrito em um sentido simbólico, poético ou metafórico. Por outra parte, sabemos, através de referências paralelas, que os antigos hebreus realmente cultivavam tais idéias, as quais são referidas na Bíblia, conforme ilustrado nesta passagem. Em quais pontos essas declarações assumem um sentido poético, é muito difícil dizer.

75.4

Digo aos soberbos: Não sejais arrogantes. Elohim repreende aqui aos *insensatos,* aos quais pode esmagar em um único momento. O poeta esperava que Deus assim agisse, e continuava na expectação desse acontecimento. Quando Deus demora a tomar providências contra os ímpios, o justo começa a orar, pedindo vingança. O oráculo de Deus promete retribuir, mas não diz *quando* será essa retribuição. Elohim dirige-se aos insensatos diretamente e adverte-os a parar suas obras insensatas, ou conforme diz a nossa versão portuguesa: "Não sejais arrogantes". Ele também lhes diz que deixem de usar seus chifres e parem de utilizá-los para prejudicar outras pessoas. Os chifres conferiam a alguns animais, como o touro, o bode, o carneiro etc., vantagens que certos animais não tinham em um combate, e eram, no Antigo Testamento, um símbolo de força e dignidade. Os babilônios possuíam *grandes chifres,* que usavam para prejudicar os povos vizinhos, e dispunham de grande força e dignidade diante dos homens, mas nem por isso Yahweh-Elohim estava impressionado. Ele quebraria os chifres da Babilônia, não nos enganemos a esse respeito. Os persas foram os instrumentos de Deus para a destruição da Babilônia, tal como os babilônios tinham sido instrumentos de Deus para a destruição da apóstata nação de Israel.

Quanto ao chifre como símbolo de *honra,* ver Sal. 112.9. Quanto ao chifre como símbolo de *força,* ver Miq. 4.13 e Deu. 33.17.

> *Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos que praticam iniqüidade.*
>
> (Salmo 5.5)

75.5

Não levanteis altivamente a vossa força. *Yahweh-Elohim* novamente avisou os insensatos babilônios que recolhessem seus chifres, não os levantando alto, a fim de ameaçar outros povos. Alguns reis usavam chifres em suas coroas, combinando as idéias de autoridade e poder. Mas isso tornava essas coroas bastante pesadas, e os monarcas, tentando sustentar a coroa sobre a cabeça por considerável tempo, acabavam com o pescoço duro ou dolorido. Mas aqueles reis demonstravam sua altivez no pescoço, razão pela qual levantavam alto seus chifres. Uma figura como essa provavelmente está por trás das palavras do vs. 5.

"Levantar alto os chifres, metáfora extraída do mundo animal, indicava atitude desafiadora e fanfarrona e demonstrava autoconfiança. Além disso, os ímpios não deveriam falar com o pescoço altivo, ou seja, em teimosa rebeldia contra Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Nem faleis com insolência contra a Rocha. O hebraico diz aqui, literalmente, "com um pescoço arrogante"; mas esta última palavra (no hebraico, *athack*) também pode significar *duro.* Contudo, a idéia de "pescoço duro" geralmente era expressa por outras palavras. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dura Cerviz.*

O Julgamento de Deus (75.6-8)

75.6

Porque não é do Oriente, não é do Ocidente. O oráculo divino tinha terminado (vss. 2-5). Agora o poeta tomou em mãos a causa e fez algumas observações sobre o julgamento de Deus. Ver no *Dicionário* vários artigos sobre o tema do *Julgamento.* Em primeiro lugar, *Elohim* é o Juiz. Ele tomaria todas as decisões sobre quem estava certo e a quem ferir. Os julgamentos humanos, das quatro extremidades da terra, não farão a menor diferença, afinal de contas. Os arrogantes são leis para si mesmos, mas isso é apenas uma situação temporária. Quando Deus finalmente julgar, nenhuma ajuda poderá vir para qualquer ímpio dos quatro pontos da bússola, mas Deus derrubará por terra os arrogantes. Se um homem tiver de ser vindicado e exaltado, isso virá da parte do Juiz celeste. Por conseguinte: 1. O *julgamento* virá exclusivamente de Deus, e não de outro lugar sobre a terra; 2. A *ajuda* também virá de Deus, e não de outro lugar da terra; 3. A *exaltação,* por igual modo, virá de Deus, e não de outra fonte humana. Este terceiro fator é especialmente referido no texto, e os outros dois são corolários necessários.

Somente *três* direções são mencionadas nesta passagem, especificamente: leste, oeste e sul. Os intérpretes esforçam-se por completar a cena, emendando superficialmente a Septuaginta e a Vulgata Latina: "Não do leste, não do oeste, nem do deserto dos montes".

O deserto pode representar o *sul,* e as montanhas, o *norte,* pelo que, dessa maneira, as quatro direções terão sido mencionadas. Isso, entretanto, é forçar uma linguagem poética para que a passagem diga com exatidão o que na realidade não foi dito. Mas mesmo assim, esse artifício requer a mudança da forma de "dos montes" para "ou montes", a fim de que a passagem se refira a duas direções. Tais refinamentos são um grande desperdício de tempo.

75.7

Deus é o juiz. Julgamento, ajuda e exaltação vêm da parte de Deus. Ele toma as decisões. É Ele quem humilha ou exalta. Essa era a teoria dos piedosos, e o poeta esperava que fosse provada no tocante aos babilônios e ao miserável caso de Israel, humilhado na poeira. Ademais, o Juiz divino nunca incorre em equívoco, conforme já vimos no vs. 2. Cf. Dan. 2.21; Luc. 1.52 e 14.11.

> *Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado.*
>
> (Lucas 14.11)

75.8

Porque na mão do Senhor há um cálice. O salmista ilustrou sua declaração do versículo anterior com uma metáfora que envolve a idéia de *beber vinho.* O divino Farmacêutico misturou uma bebida poderosa, que tinha o vinho como base. Trata-se de um vinho espumante, mais fermentado do que o usual. Diz o hebraico, literalmente, "vinho que fermenta", e não "vinho vermelho", conforme fazem algumas traduções. Ademais, esse vinho é misturado com algo temível, que não é mencionado, pelo que a bebida se torna extremamente tóxica, a ponto de derrubar um homem. Quanto ao *vinho espumante,* cf. Jó 21.20; Isa. 51.17 e Jer. 25.15. Esse vinho misturado não pode ser comparado a nenhuma bebida alcoólica conhecida. Trata-se de uma beberagem estupefaciente. "... a alusão, aqui, é àquela poção alcoólica de drogas estupefacientes, dadas a beber aos criminosos antes de sua execução. Ver uma passagem paralela em Jer. 25.15-26" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os ímpios sofrerão o cálice da ira de Deus até as próprias borras, ou seja, deverão *beber tudo,* e, assim, sofrer o justo julgamento.

> *Disse o Senhor, o Deus de Israel: Toma da minha mão este cálice do vinho do meu furor, e darás a beber dele a todas as nações...*
>
> (Jeremias 25.15)

"Esse vinho contém muitos ingredientes temíveis e chocantes... O cálice inteiro que Deus mediu e encheu será derramado, finalmente, e todos ficarão embriagados... pelos ímpios" (John Gill, *in loc.*). O mesmo autor passa a falar em seguida sobre a punição eterna, mas o poeta não tinha esta última doutrina em vista, neste momento bíblico.

75.9

Quanto a mim, exultarei para sempre. O poeta sagrado manteve o bom ânimo, embora Elohim ainda não houvesse saído do trono, nem tivesse tirado

a mão das dobras de Suas vestes (Sal. 74.11) para ferir o inimigo. Talvez Ele tivesse preparado aquela bebida revoltante e estupefaciente para os babilônios (75.8), mas, nesse caso, a beberagem ainda não estava em evidência. Não obstante, de boa-fé essa coisa terrível haveria de acontecer em favor de Israel e contra os babilônios, e o salmista deu graças a Deus com sinceridade, louvando Elohim por estar defendendo Seu povo. Foi ao Deus de Jacó que o salmista agradeceu, porquanto Judá descendia daquele que se tornara Israel.

Exultarei para sempre. O trecho hebraico literal diz: "Declararei". Compreendemos que o salmista declarará "o louvor" a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Louvor.* Ou então a declaração pode ser dos *justos juízos* de Deus, aquilo que o salmista vinha descrevendo. O Targum diz-nos o que o salmista declarará: os *pensamentos* de Deus em favor de Seu povo, Suas *misericórdias,* Suas *obras maravilhosas* (vs. 1) e Sua *bondade.*

75.10

Abaterei as forças dos ímpios. Aqueles *chifres* que foram elevados tão alto, em arrogância, contra os pobres vizinhos da Babilônia (vss. 4 e 5), seriam *cortados* pelo poder de Elohim, e isso poria fim à ameaça que vinha do nordeste. Em seguida, os justos veriam crescer seus chifres, para proteger-se e atacar, e assim assustar os pagãos ao redor de suas fronteiras. Esses chifres seriam *exaltados* não pelos homens, mas pelo próprio Elohim. Esse é um tipo de exaltação inteiramente diferente da exaltação dos chifres da Babilônia, algo feito em favor próprio. A força de Israel estava em Deus. O "eu" (oculto no verbo "abaterei") do texto massorético provavelmente aponta para Elohim, que agora falava; mas essa primeira pessoa foi desnecessariamente mudada para a terceira (ele). O salmista não teria coragem de dizer que *ele* cortaria os chifres da poderosa Babilônia, como se *alguma* força humana, muito menos a dele, pudesse resistir à grande potência da época. Por conseguinte, não há possibilidade de que o "eu" que aparece neste texto se refira ao salmista. Cf. algo similar em Zac. 1.18 ss. e Lam. 2.3.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer o poder do chifre referir-se a Cristo, que daria a vitória a todo o povo de Deus, derrotando os demônios e as hostes de Satanás.

> *Olha que hoje te constituo sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares, e também para edificares e para plantares.*
>
> (Jeremias 1.10)

Salmo Setenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que age como uma espécie de frontispício. Ali dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino de Sião,* que celebra a vitória final de Deus sobre as nações da terra, de forma similar ao Salmo 46. Também existem afinidades com o Salmo 48. Parece que o exército de Israel havia obtido uma vitória especial, a qual, naturalmente, fora atribuída ao Poder e favor de Yahweh-Elohim, que recebera assim os agradecimentos e louvores pelo acontecido. Muitos comentaristas supõem que tenhamos aqui uma alusão à derrota de Senaqueribe diante de Jerusalém, em 701 A. C. Esse hino passou, com o tempo, a ser usado no culto do templo de Jerusalém, com sua forma original um tanto modificada. Alguns estudiosos detectam uma conexão com a festividade do Ano Novo e a cerimônia de entronização de Yahweh. Nesse caso, o salmo assume um colorido *real,* e, naturalmente, alguns intérpretes vêem nele elementos messiânicos ou o tornam um salmo messiânico; mas isso, por certo, já é um exagero.

Subtítulo. Temos aqui o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto, com instrumentos de corda. Salmo de Asafe. Cântico". A palavra hebraica aqui traduzida por "instrumentos de corda" é *Neginoth.* Ela também foi usada nas observações introdutórias ao Salmo 67. O subtítulo ao Salmo 61 é virtualmente igual, mas foi atribuído a Davi. Doze salmos foram atribuídos a Asafe, por parte de editores posteriores, que compilaram as notas de introdução aos Salmos 73 a 83 e 50. Mas essas observações não fazem parte das composições originais nem têm autoridade canônica. Entretanto, ocasionalmente algo histórico é afirmado nessas observações; mas quase todas elas não passam de conjecturas.

O Deus Glorioso e Terrível (76.1-12)

Deus é Conhecido em Judá (76.1-3)

76.1

Conhecido é Deus em Judá. É provável que Judá e Israel sejam sinônimos aqui, porquanto Judá se tornou Israel após o cativeiro assírio (ver a respeito no *Dicionário*) de Israel, a nação do norte. Seja como for, Elohim é louvado por Sua proximidade do povo de Judá, do que resultou ter-lhes dado grandes vitórias militares, como o Senhor dos Exércitos, o Capitão dos Exércitos e o Controlador do que acontece nos campos de batalha. "... Judá herdou todos os privilégios do pacto com Deus, agora que o reino das dez tribos deixara de existir" (Fausset, *in loc.*). A apostasia havia eliminado o reino do norte — Israel — mas o reino do sul — Judá (as duas tribos de Judá e Benjamim) — dera prosseguimento à história do povo em pacto com Deus.

76.2

Em Salém está o seu tabernáculo. Salém (ver a respeito no *Dicionário*) é um antigo nome poético para Jerusalém. Sião era uma colina proeminente do local, na qual o templo fora construído. Esse templo era a tenda ou tabernáculo de Elohim, o lugar onde Deus se manifestava. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sião.* Foi por causa da presença de Deus em Judá que se tornou possível a grande vitória militar aludida neste salmo. "Salém (que significa *paz*) era o antigo nome de *Jebus,* posteriormente conhecida como Jerusalém. Ali foi levantado o tabernáculo, e, mais tarde, o templo, edificado sobre o monte Sião. O templo tornou-se a *morada* do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Algures, o termo "Salém" é usado somente em Gên. 14.18 e Heb. 7.1,2. Quanto à *moradia* de Deus, cf. Sal. 74.7; 84.1 e 132.5.7. Jerusalém sempre foi considerada a moradia de Deus. Davi conquistou a cidade e tornou-a capital de Israel. Ato contínuo, levou ali um *tabernáculo provisório* (II Sam. 6.17), o qual foi substituído pelo templo de Salomão, não muito tempo depois.

76.3

Ali despedaçou ele os relâmpagos do arco. Elohim, o *Habitante divino* de *Jerusalém (monte Sião)* agora é pintado como o grande guerreiro que obtivera grande vitória em favor de Judá, e que, tentativamente, tenho identificado na introdução a este salmo. Uma conjectura comum, que tem alguma coisa a ser dita em seu favor, é a vitória de Judá sobre Senaqueribe, obtida em Jerusalém, no ano de 701 A. C. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Senaqueribe,* quanto a detalhes.

Arco. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Flecha.* O arco e a flecha são símbolos da guerra conduzida à distância. Quanto às *flechas* do ímpio, ver Sal. 57.4; 58.7; 64.3; 120.4. Quanto às *flechas de Deus,* ver Sal. 64.7, onde apresento notas expositivas e referências. O paralelo de "flechas", aqui, é a palavra "relâmpagos", que pode ser uma alusão às flechas inflamadas que atravessam o céu como pequenos cometas. Ver Sal. 7.13. A palavra hebraica correspondente a "relâmpagos" é a mesma usada para indicar a "pestilência", em Hab. 3.5, que era uma das flechas metafóricas de Deus, como instrumentos de Seu julgamento. Elohim, em Seu ato de poder, ao proteger Judá, *partiu* todas as flechas lançadas pelo inimigo. E também quebrou os escudos e as espadas do inimigo, fazendo uma obra completa. Deus é o campeão das batalhas e obteve, na ocasião celebrada neste salmo, notável vitória por meio dos exércitos de Judá, naturalmente, mas também fez intervenção divina para além das armas humanas. A lista de armas destruídas é sumariada no termo *batalha.* A batalha era do Senhor.

Ver o uso metafórico desses termos em Efé. 6.10 ss. Este versículo tem sido cristianizado para fazer Elohim aqui o Cristo que derrotou todos os inimigos da igreja, dando aos crentes a vitória espiritual. Zac. 9.10 é um versículo similar. Ver Sal. 46.9, que diz: "Ele põe termo à guerra até aos confins do mundo, quebra o arco e despedaça a lança; queima os carros no fogo".

Selá. Ver Sal. 3.2, quanto aos possíveis significados desta misteriosa palavra hebraica.

A Derrota dos Inimigos de Sião (76.4-6)

76.4

Tu és ilustre, e mais glorioso. O salmista proveu aqui uma descrição detalhada da derrota do inimigo, vencido pela majestade de Elohim. Deus foi descrito através das palavras "glorioso" (vs. 4) e "terrível" (vss. 7 e 12). "Naturalmente, esse é o mais elevado tributo que pode ser prestado Àquele cuja atividade consiste em ser um terror, e por duas vezes o cumprimento é feito diretamente a Ele — Glorioso e terrível és Tu (vss. 4 e 7)" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Por conseguinte,

alto louvor foi prestado a Elohim, o qual assumira a posição de Capitão e Senhor dos Exércitos. Na antiguidade, os reis eram escolhidos por suas habilidades como guerreiros, porquanto, naqueles tempos brutais, um povo precisava combater e matar para sobreviver. Era uma questão de matar ou ser morto, e exigiam-se matadores habilidosos como líderes. Portanto, os homens transferiam para Elohim as qualidades que apreciavam em seus reis. Essa linguagem, naturalmente, é antropomórfica, isto é, qualidades e atributos humanos eram conferidos a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo,* quanto a explicações completas.

Mais glorioso do que os montes eternos. O hebraico original diz aqui, literalmente, "montes de presa", que foi emendado conforme lemos no texto. Cf. Hab. 3.6. O *texto massorético* foi assim modificado, como uma conjectura, para que desse um significado mais apropriado ao contexto. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto a uma discussão sobre o texto hebraico padronizado, do Antigo Testamento. Há aqui uma alusão às colinas em torno de Jerusalém, que se tornaram "montes de presa", onde Yahweh-Elohim reduziu os inimigos de Judá à *carnificina.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Senhor dos Exércitos.* Normalmente, os montes no território de Judá eram habitados por presas naturais, animais selvagens como leões, leopardos etc., mas esses montes ficaram repletos de homens selvagens ansiosos por destruir a Judá. Esses inimigos também eram predadores. Elohim terminou com eles, a fim de salvar a Judá. Eles tinham saído para transformar Judá em presa, mas os invasores terminaram presas de Elohim.

Em Suas vitórias sobre os montes, Elohim adquiriu maior glória do que já possuía, naquele dia. O povo de Judá apreciava muito suas belas colinas, tão repletas de caça, da qual tiravam vantagem em suas caçadas. Mas quando Elohim esteve caçando os inimigos naquelas colinas, então Ele se tornou muito mais amado e glorioso do que os animais que os filhos de Israel ali caçavam.

Os montes eternos. Essa frase tem sido aproveitada pelos nativos de Salt Lake City para referir-se às Montanhas Rochosas que circundam a cidade. Por isso, os habitantes daquela cidade costumam dizer: "A histórica praça Templo, à sombra dos montes eternos, encruzilhada do Oeste".

76.5

Despojados foram os de ânimo forte. Os que se apresentaram contra Jerusalém formavam um exército poderoso e bem treinado nas lides da guerra, muito acima da capacidade do exército de Judá, o que explica a necessidade de uma *intervenção divina.* Mas foi o poderoso exército babilônico que, uma vez derrotado, acabou sendo *despojado.* Portanto, *afundaram-se no sono,* um eufemismo para a "morte". Todos eles morreram, conforme o poeta sagrado não se demorou a deixar registrado. Foi uma vitória completa e inesperada. Elohim, sendo mais majestático e poderoso do que as fortalezas do inimigo, que havia sido enviado às colinas da Judéia, aniquilou aquele poder e trouxe paz a Sião. O adversário foi prontamente destruído (vs. 5) pela repreensão de Elohim.

Nenhum... pode valer-se das próprias mãos. As *mãos* são o símbolo do poder que os homens têm para usar. Elohim terminou com o poder deles extinguindo-lhes a vida. Cf. Jos. 8.20; Êxo. 14.31 e Deu. 32.36. Shakespeare falou a respeito do "companheiro de minhas mãos", ou seja, alguém que poderia ser usado como ajuda. Os fortes tornaram-se fracos, e afundaram em um sono eterno. Quanto ao sono da morte, ver também Sal. 8.3; Jer. 51.39,57; Naum 3.18; II Reis 19.35. Homens poderosos perderam as próprias mãos.

76.6

Ante a tua repreensão, ó Deus de Jacó. Foi a palavra de Elohim que fez parar os inimigos de Judá. Seu comando derrubou os cavaleiros dos cavalos, e eles caíram no profundo sono da morte, conforme vimos no versículo anterior. "A mesma palavra hebraica foi usada para o sono profundo de Sísera (Juí. 4.21). O cântico de Débora e o capítulo 15 do livro de Êxodo podem ter estado na mente do autor de Isa. 43.17" (Ellicott, *in loc.*). Mediante uma licença poética, o salmista fez os carros de combate e os cavalos, e não meramente os cavaleiros, cair no mesmo sono profundo. Todos mergulharam no mesmo silêncio profundo e permanente. "Todos foram sufocados numa mesma noite. Quanto à destruição dessa poderosa hoste, o leitor é solicitado a examinar as notas em II Reis 19" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Julgamento Celeste (76.7-9)

76.7

Tu, sim, tu és terrível. O terrível Guerreiro, Elohim, ficou irado, e ninguém mais pôde resistir a Ele. Ele enviou suas flechas inflamadas e feriu o exército inimigo com Sua poderosa espada. Deus governa o mundo e mostra-se paciente. Mas essa paciência se esgota. Portanto, Deus levanta-se do trono, puxa a mão de dentro das dobras de Suas longas vestes (ver Sal. 74.10), agarra Sua espada e dá nos invasores um único poderoso golpe, e eles caem no sono permanente da morte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus.* "No momento em que a ira de Deus se acende, o juízo divino é executado. Quão terrível é essa consideração! Se cento e oitenta e cinco mil homens foram destruídos em um único instante, como poderia você, um pobre, miserável e débil pecador, resistir à vontade Dele e fazer recuar os Seus relâmpagos?" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver II Reis 19.35 ss. quanto à narrativa. Ver também Naum 1.6 e Apo. 6.16,17.

76.8

Desde os céus fizeste ouvir o teu juízo. O juízo divino desceu *desde os céus.* Foi uma intervenção divina óbvia. Elohim governa os céus e a terra. O decreto saiu dos céus, porque os céus são o Seu quartel-general. A voz de Deus trovejou sobre a terra. Todos os homens, de todos os lugares, temeram e tremeram. Então tudo se acalmou. O golpe tinha logrado efeito. Tudo havia afundado naquele sono profundo. É assim que os juízos de Deus ferem os homens com espanto e terror. O jactancioso e ímpio Senaqueribe ficou desanimado, desolado, humilhado e, finalmente, emudeceu em sua admiração. O anjo do Senhor tinha passado por ali naquele dia, o qual foi imortalizado na descrição do historiador e no hino do poeta. Cf. Sal. 46.6,9,10 e Isa. 14.7.

76.9

Ao levantar-se Deus para julgar. O golpe celeste foi desferido em favor da *justiça.* Algumas vezes, a justiça requer severa *retribuição.* Os invasores estavam ali para matar; e, por isso mesmo, foram mortos. Eles sofreram os inevitáveis efeitos da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Os oprimidos foram libertados da ameaça pelo poder de Deus, e não por seus próprios esforços. Os opressores foram aniquilados. A justiça foi feita. A declaração aqui tem uma natureza geral. Todos os mansos ou oprimidos da terra são defendidos pelo Juiz supremo. Elohim se preocupa com os indivíduos e as nações afligidas. Ele exerce Seu governo, e isso opera em favor de negócios retos com todos os homens. Os homens obtêm o que dão a seus semelhantes. Por outra parte, a misericórdia adia um castigo merecido, e o amor dá benefícios desmerecidos. Julgamento é amor operando através da severidade que algumas vezes se faz necessária para curar os rebeldes.

Selá. Quanto aos possíveis sentidos desta misteriosa palavra hebraica, ver Sal. 3.2.

O Cumprimento dos Votos (76.10-12)

76.10

Até a ira humana há de louvar-te. De quais maneiras isso pode expressar a verdade?

1. Os males dos homens, uma vez julgados por Deus, provam a justa natureza dos juízos divinos. Então os homens louvam ao Senhor por haver Ele endireitado as coisas. A eqüidade e a retribuição são fatores importantes no governo universal de Elohim.
2. Da parte dos homens, não esperamos justiça neste mundo. Mas esperamos a justiça de Deus. Ele compensa as contas que forem deixadas insolúveis neste mundo. Emanuel Kant arquitetou daí um argumento em favor da existência de Deus e da existência e sobrevivência da alma humana, frente à morte biológica. Fica claro que, neste mundo, a justiça raramente é feita: os homens escapam à punição contra os seus crimes, e os indivíduos bons não são recompensados. Por conseguinte, deve haver um Deus que seja sábio e poderoso o bastante para cuidar que a justiça seja feita em outra dimensão. Ademais, a alma humana precisa sobreviver para receber o que merece, de bom ou de mal. Que isso venha a ser feito, deve redundar na glória e no louvor de Deus. Essa é uma verdade, mas não uma verdade que tenha sido antecipada pelo salmista. Ele não nos forneceu indicações de que a justiça seria servida na existência pós-túmulo, visto que não antecipava uma vida para depois do túmulo. Isso surgiu posteriormente na teologia dos hebreus.
3. O julgamento deve ser visto como parte integral da *providência divina,* pelo que é algo que deve ser louvado, juntamente com todas as Suas outras obras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Quando Deus julga a ira do homem, realiza uma boa obra de providência negativa. Ou seja, a ira do homem já causou toda espécie de caos. Isso precisa ser entravado, pelo que o julgamento divino necessariamente se segue. Então vemos Deus fazer retroceder a ira humana, e isso é algo que merece ser louvado pelos homens.
4. Falando severamente, conforme fazem alguns de meus irmãos: O homem, em sua ira, faz toda espécie de coisas malignas. Portanto, Deus os pune severamente. Algo que começou como coisa má terminou como coisa boa. Portanto, devemos a Deus todo o louvor. É bom que Deus castigue os homens com severidade. Eles merecem. A ira de Senaqueribe serve somente para que Deus manifeste a Sua glória. Seu julgamento apropriado é algo que homens bons louvarão.

5. O julgamento divino que castiga a ira humana, por parte de alguns estudiosos, aparece como o *julgamento eterno*, mas não é esse pensamento do texto. É a interpretação cristianizada e popular do versículo. É legítimo fazer disso uma *aplicação* da declaração. Muitos intérpretes da Igreja Ocidental deixam a questão nesse ponto. Louvamos a Deus porque Ele faz as pessoas queimar para sempre! Tal ato é justo! A Igreja Oriental, entretanto, vê o próprio julgamento como aplicação remedial, e não somente um castigo que esmaga para sempre. Não existe algo como justiça crua, sem a mitigação do amor e da misericórdia. Não existe algo como a *justiça nua*.
6. Deus transforma as más intenções do homem em boas intenções, pelo menos no fim. Para exemplificar: o cativeiro babilônico foi uma coisa terrível, que causou intenso sofrimento. Por outra parte, curou Judá da apostasia e levou à luz de um Novo Dia. Portanto, o mal foi, de fato, um instrumento produtor do bem.
7. O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. O julgamento opera ferozmente, mas essa própria severidade cura e restaura, e não somente toma vingança. O julgamento divino, portanto, tem aspecto remedial, e não somente retributivo. Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*. Meus amigos, essa é uma grande verdade, mas não antecipada pelo autor do salmo. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, quanto a uma detalhada descrição dessa idéia.

76.11

Fazei votos, e pagai-os ao Senhor vosso Deus. Os que são livrados das garras de homens ímpios e recebem bênçãos positivas de Deus têm muita razão de louvar Deus. Parte de seu louvor consiste em fazer e cumprir votos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*, quanto a detalhes. Os homens faziam votos particulares, porém o mais provável é que tenhamos aqui os votos formalizados do culto do templo, onde agradecimentos especiais eram prestados pelos grandes favores recebidos. Este salmo entrou no culto do templo. Devemos relembrar que os salmos constituíam o antigo hinário de Israel. Os votos incluíam ofertas que eram levadas ao templo, para sustentar o ministério. Ver II Crô. 32.23. Tais atos faziam parte do temor devido ao Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor*, quanto a comentários a respeito.

Cf. Sal. 56.13,14; Jon. 1.16; Ecl. 5.4,5. O Targum diz aqui: "Que eles tragam oferendas à casa do santuário do Deus Terrível".

> *Os votos que fiz, eu os manterei, ó Deus; render-te-ei ações de graças.*
>
> (Salmo 56.12)

76.12

Ele quebranta o orgulho dos príncipes. A palavra hebraica aqui traduzida por "quebranta" é *yibetzor*, que se refere ao ato do viticultor que remove ramos indesejáveis para que o restante da vinha medre mais forte. Cf. Sal. 48.4-6. Quanto a essa imagem, ver Joel 3.13; Isa. 18.5 e Apo. 14.17 ss. Elohim é o Colhedor Cruel no tocante aos ímpios. Ele os separará dos justos mediante severo julgamento. Embora algumas versões digam aqui "espírito", em lugar de "orgulho", essa palavra significa respiração, ou seja, o hálito de vida. Isso será cortado e eles ficarão sem respiração, isto é, *mortos*. Não há aqui referência ao espírito dos homens, à alma eterna, a qual seria vista como julgada em algum julgamento após a vida terrena. Isso ainda não fazia parte da teologia dos hebreus. Pelo contrário, os príncipes (ou seja, líderes) geralmente eram cheios de si, egocêntricos. O trecho, portanto, afirma que Deus quebra o orgulho dos reis. Comentou John Gill (*in loc.*): "... tira-lhes a respiração, ou vida, o que Ele pode fazer tão facilmente como um homem corta um cacho de uvas da vinha. Essa palavra refere-se à destruição dos iníquos".

É tremendo aos reis da terra. Esses receberão duro tratamento, para que saibam que, na realidade, só existe um Potentado. O Rei dos Reis é terrível para com os reis deste mundo. Senaqueribe serviu de temível exemplo do que este versículo fala aqui. "Todos estão sob o Seu domínio. Todos têm de prestar-lhe contas. Mesmo aqueles que o homem não pode levar às barras da justiça, Deus levará" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Setenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que age como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, o grupo mais numeroso dos salmos. Trata-se de uma oração pedindo livramento dos ataques de inimigos pessoais. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um clamor pedindo ajuda; então descrevem os inimigos que estão assediando, como invasores estrangeiros, homens perversos no acampamento de Israel ou alguma enfermidade física que ameaça com a morte. Algumas vezes, aparece mais de um tipo de inimigo. *Imprecações* contra os inimigos são comuns nesse tipo de salmo, ao ponto de alguns deles terem sido chamados de *salmos de imprecação*. E então, finalmente, eles usualmente terminam em uma nota de louvor, porque a oração do salmista foi respondida, ou então o salmista pensa que logo será, pelo que agradece em antecipação. Mas alguns desses salmos terminam em um tom de desespero, e isso também corresponde à experiência humana. No salmo presente, a natureza exata da tribulação não foi desvendada.

Um Salmo Misto. Os vss. 1-10 seguem o padrão de um típico salmo de lamentação, mas os vss. 11-20 são um hino de louvor. O assunto é o louvor a Deus por Seus atos salvatícios em favor de Israel. Talvez tenhamos dois salmos reunidos para formar um só, pois os dois foram compostos por autores diferentes, mas foram unidos por editores posteriores. Ou então, o hino é um *encorajamento* para os aflitos, individuais ou comunais, confiarem em Elohim, que, no passado, havia satisfeito todas as necessidades de Israel.

Subtítulo. Neste salmo temos o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto, Jedutum. Salmo de Asafe". Esse subtítulo é idêntico ao do Salmo 39, onde anoto seus elementos, excetuando-se o fato de que aquele salmo foi atribuído a Davi, ao passo que este foi atribuído a Asafe.

77.1

Elevo a Deus a minha voz, e clamo. Alguma tribulação ou tragédia não especificada assediava o poeta sagrado, o qual *enviou urgente clamor* a Elohim, em alta voz, solicitando livramento. O salmista clamou e rogou que Deus o *ouvisse*, um apelo comum nos salmos de lamentação. Anoto essa questão em Sal. 64.1, onde forneço uma lista de referências que dizem a mesma coisa. "O salmista Asafe clamou ansiosamente, durante a noite, baseado em seu espírito perturbado, perscrutando sua alma em busca de uma resposta para sua aflição. Ele encontrou conforto ao meditar sobre o êxodo de Israel do Egito. Essa meditação animou a coragem do salmista e levou-o tentar fazer Deus demonstrar novamente o Seu grande poder" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O hebraico literal é mais vívido do que as traduções:

> *Minha voz a Deus — e deixai-me clamar;*
> *Minha voz a Deus — e Ele me ouve.*

"A repetição, neste caso, assinala a ansiedade do salmista. A palavra "voz" mostra que o salmo não resultou de uma meditação particular, mas de profunda tribulação mental, que forçou o homem a falar em *voz alta*" (Adam Clarke, *in loc.*).

77.2

No dia da minha angústia procuro o Senhor. O autor sagrado não declara o que estava errado, mas suas palavras revelam que a questão em foco era *radical*, sem importar do que se tratasse. Ele orou a noite inteira, com as mãos estendidas, um gesto comum em tempos antigos e modernos, que ajudam no pleito sincero de um homem. Além disso, se as mãos do homem estavam estendidas, então ele também estava de pé, uma posição comum assumida pelos hebreus em oração. Essa posição ajuda uma pessoa a ficar desperta e faz a oração tornar-se mais poderosa. Andar para cá e para lá também auxilia numa oração mais intensa e poderosa. Portanto, temos aqui: O homem orou em voz alta; ele ficou de pé e estendeu os braços em atitude de súplica. A alma do salmista estava tão agoniada que ele não podia conciliar o sono. Ficar deitado de costas na cama, orando em silêncio, é uma maneira segura de cair no sono, em lugar de receber respostas da parte de Deus.

Parece até que o poeta sagrado sofrera uma grande perda pessoal. O *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) tinha atingido o salmista. Não o consolava que as massas populares padecessem dos mesmos sofrimentos. Não lhe parecia ser um consolo dizer que "o homem nasce para o enfado como as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 5.7).

> *Essa perda é comum e não faria*
> *minha própria perda parecer menos amarga. Antes, a faria*
> *ainda mais amarga. Isso faria*
> *as perdas serem comuns demais! Nunca a manhã*
> *se passou para tornar-se noite,*
> *sem que algum coração se espatifasse.*
>
> (Tennyson)

A perplexidade de um indivíduo encontra consolo na perplexidade universal? *O coração do salmista recusava consolar-se. Talvez alguns amigos tenham chegado a fim de ajudar.* Mas coisa alguma podia estancar a dor. A vida do homem foi traspassada pela espada da tristeza. Ele era pouco mais do que um cadáver ambulante.

Minha Dor Entrou Noite Adentro. Assim diz a King James Version, e alguns rabinos entendiam o hebraico dessa maneira, em vez de mãos estendidas durante a noite. Kimchi, aceitando o original hebraico dessa maneira, fez disso uma *ferida* da alma, e não um ferimento literal do corpo. "A King James Version faz a palavra hebraica significar *ferimento,* em vez de *mão* (cf. Jó 23.2), mas isso não é provável" (William R. Taylor, *in loc.*).

O que fica óbvio é que tinha acontecido algo de terrível, e o poeta sagrado não suportava a carga de tristeza.

77.3

Lembro-me de Deus e passo a gemer. Em sua tremenda dor, tal como todos os homens piedosos, o salmista voltou-se para Deus, mas continuou a gemer de tristeza. A paz que ultrapassa todo o entendimento (ver Fil. 4.7) não passou por onde ele estava. O homem *desmaiou* em sua alma, sentindo-se avassalado. Alguns intérpretes, examinando o vs. 15, supõem que o poeta aludisse à dor de Jacó diante da perda de José, para indicar o tipo de dor que *ele* estava sentindo.

Não faz muito tempo, em Guaratinguetá, cidade onde moro no Brasil, houve um caso de afogamento que ilustra bem o texto presente. Dois amigos de infância foram pescar no rio Paraíba. Um deles sabia nadar, mas o outro não. Eram homens jovens, em seus 20 anos. O que não sabia nadar era casado, tinha uma filha pequena e sua esposa estava esperando outro bebê para dentro de apenas duas semanas. O homem que sabia nadar não estava satisfeito com a viagem de pescaria naquele rio, pois sabia que havia correntezas perigosas abaixo da superfície da água. Mesmo assim, os dois foram pescar. O barco emborcou quando bateu em algo grande dentro da água, e os dois jovens caíram dentro da água.

O que sabia nadar ignorou os gritos de socorro do que não sabia, embora este tivesse vindo à superfície por três vezes, implorando para ser salvo, por causa de sua esposa e de sua filha, e do bebê que em breve nasceria. O outro homem, entretanto, continuou ignorando os pedidos de socorro do primeiro, porquanto calculou que não pudesse salvar o companheiro e a si mesmo também. Portanto, ele se salvou e deixou que o outro morresse afogado. Então, ao ouvir as más notícias, o drama temível começou no lar do homem que não sabia nadar. Já era noite. Ninguém conseguiu dormir. O pai do homem que morrera pulou no rio e ficou procurando pelo corpo a maior parte da noite, na esperança de ao menos encontrar o cadáver do filho. Somente dois dias depois, foi encontrado o cadáver, que tinha sido levado pela correnteza até quase Lorena, uma cidade vizinha. Na verdade, toda a família do morto sentiu-se avassalada, a ponto de desmaiar. Assim sendo, perguntamos: Por quê?

Quanto ao jovem que morreu, dois dias antes ele tivera um sonho no qual sua filha se afogava no rio Paraíba. Ele tentou salvá-la, mas falhou, e ela morreu. Como é óbvio, ele havia sonhado com a sua própria morte, mas pôs uma filha sua no lugar, um truque que os sonhos algumas vezes empregam.

O Poeta Começou a Duvidar. A fé do salmista começou a balançar. Isso, conforme cremos, também significa que podemos duvidar. Nossas expressões espirituais abrem espaço em ambas as direções. O profeta Baha Ullah declarou que é natural que um homem bom duvide quando está em tribulação profunda, mas isso não nos deve perturbar. A fé volta com o tempo. E Deus tem paciência com nossas tristezas e dúvidas.

77.4

Não me deixas pregar os olhos. *O homem com insônia* manteve os olhos bem abertos, porquanto atribuía a Elohim, como a *única causa,* qualquer tribulação pela qual passasse. Sua tristeza era tão profunda que ele perdeu a capacidade de falar, provavelmente por causa da paralisação de suas cordas vocais, as quais podem ser afetadas por emoções profundas. Ver as notas expositivas em Sal. 73.24, quanto aos *nove* fatores vinculados ao *Problema do Mal,* segundo foram vistos pelo salmista. Ver sobre esse título no *Dicionário,* quanto a uma discussão completa. Pequenas dificuldades podem fazer uma pessoa rir, mas grandes dificuldades deixam a pessoa estupefacada. Pequenos problemas fazem as pessoas falar muito a respeito. Mas grandes problemas calam a boca, emudecem.

A mente do salmista ficou atônita, e ele sobrevivia como se estivesse em meio a um horrível pesadelo, do qual não conseguia despertar. Ele fora apanhado na horrenda rede do problema do mal, como se fosse um inseto preso à teia de uma aranha venenosa. Ele já havia sido ferroado e vivia os últimos estágios de uma agonia fatal.

77.5

Penso nos dias de outrora. *Em sua atual miséria,* o salmista tentava relembrar o passado mais brilhante, quando o Poder de Deus construía em lugar de derrubar, quando havia bênçãos em vez de maldições. Mas ele atribuía ambos os lados da moeda a Elohim, porquanto sua teologia era fraca quanto a causas secundárias. Mas mesmo quando fazemos causas secundárias entrar na questão, isso não nos ajuda a compreender por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira que sofrem. Ver o vs. 11, onde o poeta sagrado voltou a lembrar suas atividades passadas. Naturalmente, estava em vista o *passado de Israel,* quando Elohim fazia coisas positivas estupendas. Por que tais atividades haviam cessado?

Cf. o ato de lembrar-se deste versículo com algo similar em Deu. 32.7. Diz aqui o Targum: "Mencionei os bons dias da antiguidade, os bons anos de eras passadas".

77.6

De noite indago o meu íntimo. O salmista comunicava-se com seu homem mais interior, o verdadeiro "eu", e efetuava essa atividade durante as horas da noite. Ele não era capaz de conciliar o sono, pelo que também continuava a pensar e meditar, procurando encontrar alguma espécie de resposta *interior,* já que, *externamente,* não havia resposta para o seu problema. Ele sondava seu espírito, e seu *espírito sondava,* sendo que esta última forma corresponde literalmente ao hebraico original.

Ellicott apresenta esta impressionante tradução, procurando imitar o original hebraico:

> *Deixai-me relembrar as palavras repisadas à noite;*
> *Deixai-me queixar em meu próprio coração,*
> *E meu espírito pergunta e pergunta.*

Falando sobre *música,* tocando harpa ou cantando, ele segue o texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* A música pode ajudar na meditação, induzindo a estados alterados da consciência nos quais a alma, "perscrutando", pode tornar-se mais eficaz. *Cântico* é alterado para "coração", mediante uma pequena emenda que goza do apoio de algumas versões e poderia representar o texto original. Algumas vezes, as versões estão corretas, contra o texto hebraico padronizado. Os Papiros do Mar Morto, manuscritos hebraicos muito mais antigos que o texto massorético que serviu de base para as traduções do Antigo Testamento, algumas vezes concordam com as versões, especialmente no caso da Septuaginta, e não com os manuscritos hebraicos de datas posteriores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

77.7

Rejeita o Senhor para sempre? O drama individual torna-se agora um drama nacional. Talvez o poeta sagrado tenha identificado um paralelismo entre sua tragédia pessoal e a tragédia da nação. Ver o vs. 15. O salmista tinha sido *rejeitado,* e outro tanto havia acontecido à nação de Judá. Os favores de tempos antigos haviam cessado. As obras maravilhosas de antigamente tinham secado como se fossem um wadi durante o verão. O Targum indaga, como que na incredulidade: "Será possível que o Senhor nos tenha repelido?". Teria Deus esquecido Sua boa vontade, Suas promessas, Suas alianças, Sua misericórdia, Seu amor e Sua graça? "Os períodos de silêncio de Deus sempre foram motivo de perplexidade para o espírito humano, mais ainda que Suas terríveis manifestações" (Ellicott, *in loc.*). Deus não respondia nem a orações pessoais nem a orações nacionais. Em sua dor e tristeza, o salmista estava perplexo. Contrastando o passado com o presente, que poderia sentir o salmista exceto o mais puro desânimo? A glória do Senhor se havia afastado.

77.8

Cessou perpetuamente a sua graça? Deus é o Deus de amor, mas Seu *amor constante* parecia não mais ter aplicação. Algumas traduções dizem aqui "misericórdia", em vez de "graça". Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Misericórdia* e *Amor.* Pense o leitor sobre o dia em que Deus deixará de amar! Que dizer sobre o livro de Jonas ou sobre João 3.16? A estrela guia deslizou de seu lugar, nos céus.

> *Já não vemos os nossos símbolos; já não há profeta; nem, entre nós, quem saiba até quando. Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará?*
>
> (Salmo 74.9,10)

Havia muitas e grandes *promessas* no antigo pacto, mas agora tudo isso não parecia mais representar coisa alguma. Porventura, essas promessas cessaram para o tempo todo?

Eis que já hoje sigo pelo caminho de todos os da terra; e vós bem sabeis de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma, que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor vosso Deus: todas vos sobrevieram, nem uma delas falhou.

(Josué 23.14)

77.9

Esqueceu-se Deus de ser benigno? Este versículo repete as idéias essenciais dos vss. 7 e 8. Estão em mira o esquecimento e a *indiferença* de Deus (ver em Sal. 10.1; 28.1 e 59.4). As orações tornaram-se inúteis. O Deus misericordioso esquecera Sua misericórdia. Ele tinha perdido a paciência. Deixara de dispensar Sua bondade, contra os Seus costumes de milênios:

Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade.

(Êxodo 34.6)

Ver também Sal. 103.8, bem como o apelo similar, em Isa. 63.11-15.

Terá ele reprimido..? Parece que esta metáfora foi extraída de uma fonte, a origem de águas vitais. A fonte havia secado, deixando os habitantes das proximidades desesperados por água. O território transformou-se em deserto, e as pessoas morriam de sede. A aflição tornou-se intolerável.

Selá. Quanto a esta misteriosa palavra hebraica, ver as notas expositivas em Sal. 3.2.

77.10

Então disse eu: Isto é a minha aflição. A *mão direita* de Deus (ver Sal. 20.6; cf. o *braço de Deus*, em Sal. 77.15; 89.10) tinha ficado parada e esquecido suas obras de poder em favor de Israel. Nos *anos passados*, a *mão do Altíssimo* (ver Sal. 7.17 e o artigo no *Dicionário*) escreveu a história do povo em relação de pacto. A escrita da Bíblia tinha cessado; os atos de Deus evidentes tinham sido interrompidos. Para todos os propósitos *práticos*, Israel não tinha mais Deus e se tornara como um povo pagão abandonado. Por conseguinte, o poeta *adoeceu* oü foi vencido pela tristeza (Revised Standard Version). A King James Version diz que o poeta relembrou os anos em que a mão direita de Deus estivera ativa. A Revised Standard Version afirma que a mão direita de Deus "havia mudado". O hebraico original do versículo é obscuro, e os tradutores fazem o que podem acerca do sentido do original. Alguns vêem o poeta sagrado soltando gritos desesperados, profanando o conceito de Deus e blasfemando de Suas obras. "Sou culpado de pôr em dúvida o Seu amor e de descrer em Suas promessas; inclino-me para a iniqüidade", que é como a palavra "enfermidade" é interpretada por alguns. A mão direita de Deus deixou de dispensar bênçãos, e agora castigava, ou então simplesmente deixou de agir em prol do povo de Israel.

Hino de Louvor (77.11-20)

77.11

Recordo os feitos do Senhor. O salmista voltou às suas memórias. Acrescentou discernimentos históricos a seus argumentos. As antigas tradições de Israel estavam repletas de narrativas sobre como o Todo-poderoso agira em favor deles. Havia uma longa história de intervenção divina nos documentos sagrados. Muitas *maravilhas* tinham sido efetuadas. Tudo aquilo tinha mudado, e o direito cessara de operar (vs. 10), mas o salmista, por relembrar o passado, esperava ver o reinício das atividades de Deus. Os versículos que se seguem desenvolvem o tema detalhadamente, daqui até o final do salmo (vs. 20), e assim o autor se engajou em "memórias encorajadoras", na tentativa de dissipar a tristeza que ele estava sentindo. É como se diz em uma moderna expressão idiomática: "Ele estava tentando despertar a esperança".

Recordo. O quê? "... as obras de criação e providência, o Seu governo do mundo e, particularmente, os Seus cuidados e a preservação do próprio povo, ao qual Ele não rejeitou e nem mesmo poderia fazê-lo. Essas coisas ele disse para fortalecer a sua fé" (John Gill, *in loc.*).

O nosso homem clamava em alta voz, esperando alguma manifestação da bondade de Deus, queixando-se e quase blasfemando, conforme fez Jó, por causa de sua forte aflição.

Perdoa estes clamores selvagens e admirados,
As confusões de uma juventude dilapidada,
Perdoa-lhes onde eles falham na confiança,
E, em Tua sabedoria, torna-me sábio.

(Tennyson)

"... a rememoração é o verdadeiro caminho para recuperar a esperança e a fé" (Fausset, *in loc.*).

77.12

Considero também nas tuas obras todas. O ato de *relembrar* transformou-se em profunda meditação. O salmista estava aplicando a mente e a alma à tarefa de recuperar a fé, a esperança e a confiança. Ele não queria relembrar apenas superficialmente as experiências do passado. Rebuscava a alma à procura de evidências de brasas vivas que ainda restassem, e ele abanaria as brasas até que elas irrompessem em chamas de novo. Ele juntaria memória sobre memória e encontraria forças nesse ato de relembrar-se. Cf. Sal. 145.4-7,11,12. O Targum diz aqui: "Meditarei em todas as Tuas boas obras, e falarei das causas de todas as Tuas maravilhas".

Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade, e nas tuas maravilhas.

(Salmo 145.5)

77.13

O teu caminho, ó Deus, é de santidade. O caminho de Deus é *santo*, e bastaria isso para distingui-Lo das divindades pagãs, que são imagens um pouco expandidas de suas ímpias contrapartidas humanas. O Deus santo também é *Poderoso*, pois um de Seus três nomes principais é *Elohim*, que significa *Poder*. A parte do versículo que diz que o *caminho de Deus é santo* poderia ser traduzida por "teu caminho está no santuário", e é assim que diz o texto massorético, com seus pontos vocálicos. Nesse caso, Deus se manifesta no Seu santuário e encabeça o yahwismo, uma fé distinta entre as nações. Seja como for, "Elohim é metafisicamente ímpar e moralmente majestático" (William R. Taylor, *in loc.*), e Seu povo, seguindo Seu exemplo, também é ímpar, por obedecer à lei divina (ver Deu. 4.4-8). O texto massorético talvez sugira que, para compreender Elohim, um homem precisa ir ao santuário de Deus. Ali esse homem aprende, medita e é instruído. Assim sendo, dúvidas e temores se dissolvem, e novas luzes descem sobre a alma humana. Cf. Hab. 2.20; Sal. 11.4; 18.6 e 29.2. O caminho de Deus está nos céus, exaltado muito acima dos nossos caminhos (ver Isa. 55.9). Seu caminho é compreendido em Seu santuário, mesmo que não consigamos percebê-lo como evidentes neste mundo, onde reinam o caos e a tristeza.

Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras. Perto está o Senhor...

(Salmo 145.17,18)

77.14

Tu és o Deus que operas maravilhas. As *maravilhas de Elohim*, algumas das quais foram acontecimentos miraculosos, tornaram-se lições de como o Ser divino opera, e o que o Ser divino requer dos homens, não somente quanto a Israel, mas também a quantos todos os povos nas fronteiras de Israel que observaram esses acontecimentos. Antes de mais nada, o êxodo vem à nossa mente e, então, lembramos as perambulações pelo deserto, milagres periódicos que pontuam a história inteira. Além disso, meditemos sobre a conquista da Terra Prometida, um feito realizado contra possibilidades intransponíveis, pelo menos do ponto de vista humano. O salmista continuou a meditar sobre essas coisas para elevar o ânimo de seu espírito e recuperar a fé, repelindo suas dúvidas blasfemas.

"Todo ato de Deus, tanto na natureza quanto na graça, tanto na criação quanto na providência, é *maravilhoso*... Para o observador geral, Sua *força* é o fator mais evidente. Para o investigador da natureza, é Sua *sabedoria*. Mas para os cristãos, o que mais se torna óbvio são Sua *misericórdia* e o Seu *amor*" (Adam Clarke, *in loc.*).

77.15

Com o teu braço remiste o teu povo. O *braço* divino (ver Sal. 89.10) realizou o milagre da redenção às margens do mar Vermelho, bem como as coisas que se seguiram, para consolidar o milagre. Sobre como Yahweh tirou Israel do Egito (um tema repetido por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio), ver Deu. 4.20. Quanto à *mão poderosa* do Senhor, ver Deu. 9.26 e notas adicionais em Sal. 20.6. Proeminência foi dada aos israelitas que descendiam de Jacó através de *José*, um acontecimento comum nos salmos atribuídos a Asafe. Talvez

Asafe tivesse vindo dessa parte de Israel (a parte norte), o qual, naturalmente, fazia tal ênfase. Ver Sal. 80.1 e 81.4,5. Sem dúvida alguma, está em pauta todo o Israel, embora os filhos de José, ou seja, as tribos de Efraim e Manassés, sejam as tribos *especificadas*.

77.16

Viram-te as águas, ó Deus. As *águas*, neste caso, são as do mar Vermelho, as quais se amontoaram, permitindo que Israel passasse pelo meio delas, mas voltaram ao leito natural, matando os egípcios afogados. Esse evento sempre foi relembrado em Israel como uma das obras mais poderosas de Elohim, tendo inspirado incontáveis autores até nossa própria época.

Quando Israel veio da escravidão,
Havia um mar à frente deles.
O Senhor estendeu Sua poderosa mão,
E varreu o mar do caminho.

O poeta não testemunhara esse acontecimento, mas confiava na palavra dos que o tinham visto. Uma vez que eles o tinham *visto*, ele creu. Muito daquilo em que acreditamos baseia-se em questões históricas, e, se a base é histórica, temos de colocar nossa fé naquilo que outras pessoas conheceram em primeira mão. A fé pode existir muito bem sem eventos históricos, pois, afinal de contas, é melhor a fé que mana da alma do indivíduo. Não obstante, os eventos históricos atuam como ilustrações da verdade e *fortalecem* a nossa fé. Cf. Sal. 114.3 e Hab. 3.8-10.

Note o leitor a qualidade da poesia neste ponto: as águas do mar são retratadas como se temessem aproximar-se de Elohim. Ele nem ao menos precisou falar. Elas O viram aproximar-se e fugiram. Elas tiveram receio; ficaram perturbadas na presença do Ser divino. Assim sendo, todos os seres humanos, o mar e a terra estremecem perante Deus quando Ele manifesta Seu poder e Sua glória.

77.17,18

Grossas nuvens se desfizeram em água. As *violentas tempestades*, referidas nestes versículos, podem ser apenas embelezamentos poéticos. O registro escrito no livro de Êxodo não diz nada sobre tempestades que acompanharam o evento. Mas tanto Filo quanto Josefo (ver *Antiq.* ii.16.3) dizem que essa era parte de uma antiga tradição e, portanto, talvez corresponda a fatos. As nuvens derramaram sua água, e não meramente gotejaram, como é usual. Então Elohim atirou Suas *flechas*, da maneira mais espetacular que se possa imaginar. Talvez *flechas* indiquem relâmpagos, o que, no vs. 1 deste salmo, é uma menção paralela. O "ribombar do trovão" encheu os céus, um paralelo aos *trovões* mencionados neste versículo. Os trovões eram tão poderosos que soaram como vendavais, emprestando voz aos ventos. Os relâmpagos eram tão coruscantes e imensos que iluminaram o mundo inteiro. Em seguida, houve terremotos que fizeram tremer a terra toda, um comentário adicional do vs. 18, sem paralelo no vs. 17. Essas descrições, como é natural, são hipérboles orientais expressas de forma poética.

Na redondeza. Provavelmente temos aqui uma tradução correta, embora esta seja a única ocasião em que a palavra hebraica envolvida pode ser assim traduzida. A palavra usualmente significa "rodas". Nesse caso, os trovões eram tão poderosos quanto os carros de combate, rolando para cá e para lá nos céus. Isso também resulta em uma excelente figura poética.

O poeta leu a história, creu nela e reviveu-a na memória a fim de fortalecer sua fé que já começava a murchar. Ele não era testemunha ocular dessas coisas, mas confiava nas palavras de outras pessoas.

Não resta sobre a terra
Nenhum homem vivo que conheceu (considerai isto!)
Ninguém que viu com seus olhos,
e manuseou com suas mãos,
Aquele que foi desde o princípio,
A Palavra da Vida.
Como será quando ninguém puder dizer:
"Eu vi".

(Robert Browning)

77.19

Pelo mar foi o teu caminho. O *caminho de Elohim* passava bem pelo meio do mar, enquanto poderes secundários teriam afundado ali. Ele fez um caminho no mar, que ninguém mais poderia ter feito. Contudo, Suas pegadas permaneceram invisíveis. Somente os olhos da fé poderiam vê-las. Foi um grande acontecimento espiritual, e não um mero evento físico. As obras de Deus podem não deixar vestígios visíveis, exceto para os olhos dos que Nele confiam. Cf. Jó 9.11 e 23.8,9. Elohim preparou o caminho e então liderou Seu povo, como se fosse Suas ovelhas, através do mar Vermelho (vs. 20).

O Caminho de Deus Pertence somente a Ele. Deus é o desbravador de estradas. E os homens de fé seguem pelo caminho de Deus. Ele abriu caminho através de um mar que *não pode ser atravessado;* mas os homens que têm fé para tanto podem atravessar esse mar. "Fizeste uma vereda através do mar, Teu caminho atravessou a multidão das águas. Tuas pisadas são desconhecidas, mas elas estão ali. Seu caminho não pode ser descoberto" (Adam Clarke, *in loc.*), mas homens de fé seguem por ele. Os ímpios egípcios entraram naquelas águas e não puderam descobrir o caminho de Deus, pelo que se afundaram no esquecimento.

Jesus, Salvador, pilota a minha vida,
Pelo mar tempestuoso da vida.
Ondas desconhecidas rolam à minha frente,
Escondendo rochas e recifes traiçoeiros.
Mapas e bússola vêem de Ti;
Jesus, Salvador, pilota a minha vida.

(Edward Hopper)

77.20

O teu povo, tu o conduziste, como rebanho. *Israel era o rebanho de Deus,* que Ele tirou da escravidão no Egito. Israel era o Seu rebanho, quando se aproximou das águas temíveis. Os subpastores foram Moisés e Arão. Eles chegaram à beira-mar, estando o mar à frente e o exército egípcio avançando por trás. O braço poderoso de Deus se ergueu, e as águas foram divididas. Um caminho se formou no meio do mar, e os homens, admirados, seguiram por aquele caminho em segurança. O *Pastor* divino não perdeu *uma única ovelha.* Cf. Sal. 23; 78.52; 79.13; 100.3, e ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pastor.* Quanto à liderança do Senhor durante o êxodo, ver Êxo. 13.21; 15.13 e 78.52,53. Quanto à liderança de Moisés e Arão, ver Núm. 33.1. Cf. Osé. 12.13; Isa. 63.11,12 e Miq. 6.4. Nos países orientais, o pastor lidera, em vez de tanger as ovelhas. O povo de Israel não teria atravessado o mar Vermelho se Yahweh não houvesse seguido à *frente* deles, tornando aquela vereda um caminho *possível* e *seguro.* Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Salvador, como um pastor nos lidera,
Muito precisamos de Teu terno cuidado.
Em Teus agradáveis pastos nos alimenta,
Para nosso uso prepara nossos apriscos.

(Dorothy A. Thrupp)

Salmo Setenta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo didático* (ou seja, composto especialmente para conferir *instruções*). Esta composição faz parte de um grupo de salmos preparados para serem usados nas principais festividades dos filhos de Israel, os quais se relacionam com os tratos históricos de Deus com o povo hebreu. O salmo enfatiza o tema do povo de Israel em sua desobediência e ingratidão, mencionando especialmente o desvio dos efraimitas (vss. 9-11), que levou Deus a rejeitá-los em favor de Judá, a qual se tornou então a tribo mais poderosa (vss. 67-69).

"Este salmo continua a tradição de passar o registro das maravilhosas obras de Deus, feitas na antiguidade, de uma geração a outra. O salmista, de nome Asafe, implorou à sua geração que observasse a lei mosaica e não esquecesse as obras de Deus nem se rebelasse. Eles não deveriam fazer conforme tinham feito seus antepassados no deserto, que foram mortos devido à indignação do Senhor, ou como fez uma geração posterior quando Silo foi saqueada, antes que o Senhor escolhesse a Davi. Este salmo é uma triste narrativa do episódio em que seus antepassados esqueceram como o Senhor, graciosamente, os livrara" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Esta é uma balada didática e, tal como os Salmos 105, 106 e 114, usa algumas das antigas tradições (o êxodo e os primeiros anos na terra de Canaã) para ensinar lições religiosas. Portanto, não se trata de mera recapitulação de eventos passados. O alvo é mostrar como Deus operava através da história de Israel e como isso se aplicava à presente geração" (William R. Taylor, *in loc.*). Este salmo foi escrito quando o templo de Salomão permanecia de pé (vs. 69) e nenhum grande desastre havia ainda atingido Judá. A dinastia davídica continua-

va reinando em Jerusalém, a tribo de Efraim já havia caído, e isso permitira que a superioridade de Judá se tornasse um fato.

Subtítulo. Temos neste salmo o seguinte subtítulo: "Salmo didático de Asafe". No original hebraico, "Masquil de Asafe". "Masquil" significa "instrução". As tradições judaicas atribuíam doze salmos a Asafe, 73 a 83 e 50, mas devemos lembrar que essas notas introdutórias foram trabalho de editores posteriores e não faziam parte original dos salmos propriamente ditos. Alguns incidentes históricos podem ter sido identificados, relativamente às composições poéticas, mas a maioria não passava de conjecturas; e outro tanto pode ser dito em relação à autoria das composições.

O Povo Precisava Escutar (78.1-8)

78.1

Escutai, povo meu, a minha lei. Israel precisava receber instruções. Era a *lei mosaica* que fazia de Israel um povo *distinto* (ver Deu. 4.4-8). A lei era o guia de Israel (Deu. 6.4 ss.) e dava aos filhos de Israel *longevidade* e *prosperidade* (Deu. 4.1,4-8; 5.33; 6.4 ss.). Quanto a um sumário de idéias sobre como a lei se relacionava a Israel, ver as notas em Sal. 1.2.

Escutai. Ver Sal. 49.1, onde encontramos quase o mesmo apelo para que os filhos de Israel ouvissem. Ver também Pro. 4.1,10,20; 5.1. Em Sal. 64.1, Elohim é invocado a ouvir os clamores de Israel, que sofria aflições. Poucas pessoas sabiam ler, e o número de livros era exíguo. A instrução era dada oralmente, em sua maior parte.

A minha lei. No hebraico temos aqui a palavra *torah*, um preceito, um estatuto, derivado da palavra básica que significa "lançar a sorte sagrada". Originalmente, era uma referência a oráculos, uma prática de *adivinhação oracular*. Essa palavra passou a indicar instrução e então tornou-se o título da lei mosaica, especificamente do Pentateuco. A mesma palavra é usada em sentido amplo para falar do conteúdo geral das Escrituras e revelações de Israel.

O poeta sagrado falaria somente sobre as tradições, os preceitos da lei que o tinham *inspirado*. Por conseguinte, *cada palavra* teria a autoridade de Yahweh. O salmista fora impulsionado pelo Espírito de Deus, e sua palavra era inspirada.

78.2

Abrirei os meus lábios em parábolas. Parábolas são "declarações misteriosas". Ver Sal. 49.4, quanto a expressões quase idênticas. A palavra "parábola" pode significar provérbio, poema, declaração profética ou oráculo (Núm. 23.7), ou mesmo uma declaração de sabedoria ou instrução (Pro. 10.1). As declarações misteriosas provavelmente significam somente coisas "ocultas no passado", e não coisas obscuras ou difíceis de entender. Este versículo é citado um tanto livremente em Mat. 13.35 para introduzir ou comentar algumas das parábolas do Senhor Jesus. O termo hebraico quer dizer "pontos com nós", transmitindo a idéia de algo difícil de compreender, mas esse não parece ser o sentido pretendido aqui pelo autor sacro.

A palavra "enigmas", usada em nossa versão portuguesa, é fiel ao sentido do vocábulo, mas o uso que o salmista fez aqui dificilmente dá apoio a esse sentido no contexto. Provavelmente salmos, hinos, sermões — que supostamente trariam instruções significativas — pudessem ser encabeçados com o termo "declarações misteriosas" ou "enigmas". Os leitores, então, pesquisariam esse material, na tentativa de solucionar quebra-cabeças. Em outras palavras, o termo provavelmente foi usado como *artifício literário*. "Surge, porém, uma dificuldade, criada pelo fato de que este salmo trata de uma questão histórica, mas não é nem um provérbio (*mashal*) nem um enigma (*chidah*)" (Ellicott, *in loc.*). Esse autor observou o uso *vago* de tais palavras. Cf. esses "pontos com nós" com Núm. 12.8. Em Hab. 2.6, a palavra parece significar "sarcasmo", o que ilustra como algumas palavras podem ser elásticas.

> Antigas verdades nas sombras do passado se escondem,
> *Nuvens místicas ocultam-nas de olhos curiosos;*
> *Contudo, Te agradecemos que as trouxeste de volta*
> *e as revelaste nos recessos de nossa alma.*
>
> (Russell Champlin)

78.3

O que ouvimos e aprendemos. *As tradições* foram bem preservadas. As palavras de instrução, baseadas em acontecimentos passados, eram transmitidas de geração em geração. Não havia falhas na transmissão, mas muitas no campo da obediência, conforme este salmo passa a demonstrar. O salmista era um elo na cadeia da transmissão e desempenhou fielmente sua tarefa. O "nós" oculto nos verbos "ouvimos" e "aprendemos" é pleno de esperança. Toda a congregação ouviu. Não existiu ausência de informações e ensino. O poeta sagrado esperava que todos os filhos de Israel se juntassem a ele nesse "nós", ansiando por ouvir e obedecer ao que fora dito. "Ouvimos a lei. Conhecemos os fatos" (Adam Clarke, *in loc.*). "O senso de tradição era forte, e o autor não se desviaria dele. Seu propósito era instruir, e não entreter. Ele chegou mesmo a advertir que nem tudo quanto estava pronto para dizer seria aceitável ao orgulho deles; mas isso não o deteria" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. essa atitude com o que acontece em tantas igrejas atuais, onde o entretenimento é, definitivamente, mais importante do que a instrução.

78.4

Não o encobriremos a seus filhos. Asseverou um homem espiritual: "A pior coisa que um pai pode fazer é conhecer os ensinamentos e não transmiti-los a seus filhos". O poeta sagrado tinha a mesma atitude desse homem espiritual. Ele sabia tudo sobre a história sagrada, a lei e as obras poderosas de Yahweh. Portanto, passou a ensinar essas coisas de forma sistemática, por palavra de boca e por literatura, transmitindo seu conhecimento à mais vasta audiência de Israel que pudesse encontrar. É admirável que um salmo de sua autoria tenha entrado na liturgia do templo de Jerusalém, e hoje em dia, *nós* o estejamos lendo! Isto posto, seus esforços foram recompensados com uma bênção universal e uma fantástica distribuição. Cf. Deu. 4.9; 6.6; 11.19 e 32.46, trechos que contêm mensagens semelhantes à deste versículo. Note o leitor que Yahweh é o autor das *obras maravilhosas* que assinalaram toda a história de Israel.

> *Aplicai o vosso coração a todas as palavras que hoje testifico entre vós, para que ordeneis a vossos filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei.*
>
> (Deuteronômio 32.46)

78.5

Ele estabeleceu um testemunho em Jacó. Yahweh foi o Autor da lei, e o primeiro a propagá-la. Os pais da nação de Israel a receberam e imediatamente a transmitiram a seus filhos. A partir daí, a prática foi seguida pelas gerações sucessivas de Israel.

Ver também Êxo. 13.14. "Jacó", neste caso, é paralelo a "Israel", e a mensagem a seus filhos começou com o Pentateuco, e, nos anos que se seguiram, mais literatura foi sendo reunida. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cânon do Antigo Testamento*.

Um testemunho... uma lei. Quanto à tríplice designação da lei, ver Deu. 6.1. Temos aqui somente duas palavras, que poderiam ser um simples *paralelismo*. Tomadas juntamente, elas falam sobre o corpo geral dos documentos religiosos de Israel. Posteriormente, vieram a significar, especificamente, o Pentateuco. É provável que a lei *signifique* o testemunho estabelecido em Israel, ou seja, o *testemunho que Yahweh deu de Si mesmo e de Seus ensinos espirituais*. Esse testemunho assumiu forma escrita, tornando assim mais fácil a transmissão, visto que as tradições orais estão sujeitas a mudanças e perversões. No vs. 7 temos os *mandamentos;* no vs. 10 temos a *aliança* baseada na lei mosaica; e no vs. 11 temos os *milagres*. Esses testemunhos autenticaram a mensagem e ajudaram a fazer de Israel aquilo em que ele se tornou. Os vss. 12 ss. descrevem com detalhes os milagres ou *maravilhas* que Yahweh realizou.

"O fato mais importante na vida do povo hebreu foi o que nosso poeta citou como *testemunho* e *lei*. Não há compreensão nem de suas histórias nem de suas tentativas de entender a história à parte desse fato... Voltando às suas origens, eles sempre acharam Deus como o Criador e o Legislador. A lei foi estabelecida não para agradar o Legislador, mas para prover o povo de Israel com um padrão de continuidade explícita, dentro da ordem da lei. A vida, para os indivíduos, não era improvisada para satisfazer emergências. Isso ocorreria se o povo seguisse o padrão que Deus lhe dera. A lei agia como uma proteção contra eles mesmos, contra seus irmãos e contra seus inimigos. Não havia alternativa à lei. O povo podia perecer, mas a lei permaneceria" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). A isso deveríamos acrescentar que a lei deveria fazê-los viver por longos anos e prosperamente. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário sobre as funções da lei, em Israel.

78.6

A fim de que a nova geração os conhecesse. Adam Clarke (*in loc.*) acompanha a menção a cinco gerações, e, naturalmente, os poucos mencionados devem lembrar que jamais haveria fim no processo de transmissão. Alguns estudiosos fazem o vs. 6 referir-se à época dos juízes, mas não precisamos considerar a exatidão desse cálculo. O que precisamos saber é que jamais haveria fim da transmissão. Esse processo continuava ininterruptamente, porquanto cada geração sentia que o que estava sendo dito revestia-se de imensa importância. "O que um homem sente ser de importância vital, ele se esforça por apresentar a seus familiares" (Hengstenberg).

A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura.

(Salmo 22.30)

Em tudo isso, não devemos esquecer que o que era *falado* era também praticado, e que um pai estabelecia o exemplo da prática da lei a seus filhos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Exemplo.* Um pai deve a seu filho *três* coisas: *exemplo, exemplo, exemplo.*

78.7

Para que pusessem em Deus a sua confiança. Se os pais dissessem: "Foi Deus quem fez isto. Somos atualmente uma nação por motivo do Seu poder. A lei nos torna distintos de outras nações", então os filhos, apropriando-se da mensagem, teriam *esperança* no tocante à fé e ao futuro. Os filhos não esqueceriam as obras de Elohim, mas guardariam Seus mandamentos. O resultado prático de relembrar e transmitir seria a observância da lei mosaica. E a nação acharia a graça de Elohim suficiente para seu conjunto especial de provações, porquanto Israel nunca se veria livre de tribulações e provações.

Envia Tua luz e Tua verdade,
Oh, permite que elas me guiem.
Oh, permite que elas me levem ao Teu santo monte.

(Charles F. Gounod)

Cf. Deu. 4.40; 31.11 e 33.9.

78.8

E que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde. Chegamos agora ao *tema principal* do salmo. A transmissão das tradições históricas, de geração em geração, visava deter a rebeldia, ajudando as gerações mais jovens a não imitar o *mau exemplo do deserto,* ou outro mau exemplo qualquer que os pais tivessem perpetrado. As boas palavras da lei e a observação das obras admiráveis de Elohim tinham por finalidade vencer as más tendências dos homens e mantê-los obedientes aos pactos com Deus.

Os pais da nação de Israel que erraram *não firmaram seu coração* (vs. 8), em contraste com a lei (vs. 5), a qual *fora firmada,* formando significativo paralelismo. A lei foi preparada visando o bem, mas eles prepararam o coração para o mal. Cf. I Cor. 10.6-11; Heb. 3.7-14; e os vss. 37 e 57 deste salmo. Quanto às idéias de *teimosos* e *rebeldes,* ver Deu. 21.9.

A Desobediência dos Pais (78.9-20)

78.9

Os filhos de Efraim. Entre vários maus exemplos do passado que envolveram perda de coragem, do que resultou a traição, temos o caso de *Efraim.* As referências históricas não são claras: 1. Talvez os efraimitas tivessem sido condenados por sua recusa em atacar a terra de Canaã (Núm. 14.1-10). 2. Ou a referência é à débil cooperação deles na subseqüente invasão e ocupação da Terra Prometida, nos tempos de Josué (Juí. 1.22-26). A tribo de Efraim, embora adequadamente armada e dotada de arqueiros habilidosos, voltou as costas quando deveria ter-se atirado à batalha. 3. Outro incidente é salientado, a saber, a derrota de Efraim perante Gate (I Crô. 7.21), embora essa terceira possibilidade seja mais duvidosa. Se a primeira possibilidade está em foco, então Efraim tornou-se símbolo do fracasso coletivo. Temos aqui um caso de fé quebrada, pois, se uma tribo falhasse, isso significava que todas as tribos falhariam, ou, pelo menos, seriam debilitadas. Um mau exemplo foi estabelecido, e a massa da nação foi afetada negativamente. Ver as notas expositivas sobre o vs. 6. O fracasso coletivo do reino do norte terminou no cativeiro assírio, o que deixou o sul (essencialmente, Judá) reduzido a essa tribo, que passou a ser conhecida como Israel.

78.10

Não guardaram a aliança de Deus. O *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18) prometia uma Terra Pátria, mas essa pátria não seria conseguida sem luta. "Como podemos pensar em ganhar uma grande recompensa se evitarmos a luta?", perguntou o autor de certo hino evangélico. A lei mosaica requeria obediência, e isso fazia parte do *pacto mosaico,* comentado na introdução a Êxo. 19. Sem a Terra Prometida a nação de Israel não poderia cumprir os ideais de um povo distinto que propagasse a lei entre os gentios.

Este versículo é geral, referindo-se a todas as tribos de Israel, e não somente a Efraim. Também é uma menção geral às muitas ocasiões de desobediência mediante as quais Israel perdeu seu caráter distintivo, especialmente na prática da *idolatria,* quando o povo de Israel se mostrou *infiel* para com Yahweh. Instâncias particulares foram o fracasso de todas as tribos em obedecer à lei outorgada no monte Sinai (ver Êxo. 24.7) e também em entrar na Terra Prometida (ver Núm. 14). Ademais, o pacto da circuncisão foi negligenciado durante as perambulações pelo deserto (Jos. 5), e isso sem dúvida fez parte da desobediência geral que provocou vários incidentes específicos.

78.11

Esqueceram-se das suas obras. Os *apóstatas* e *quase apóstatas* acharam conveniente esquecer as poderosas obras de Elohim e Suas maravilhas (milagres), juntamente com os requisitos de Sua lei. Nesse esquecimento, produziram muitos fracassos, alguns deles atos diretos de apostasia. Contrastar esse olvido com a conclamação para que Israel *lembrasse* e tivesse ouvidos atentos (vs. 1), bem como *tornasse conhecido* o glorioso passado de Israel à geração seguinte (vss. 2 ss.). Já vimos o mandamento para Israel não esquecer, no vs. 7, significando que haveria *esperança* no tocante às gerações mais jovens.

78.12

Prodígios fez na presença de seus pais. Este versículo expande a declaração do vs. 11. As obras maravilhosas incluíram o que Elohim fez em prol de Israel, ao tirá-lo da servidão egípcia. Ver o poder de Yahweh que livrou Israel do Egito, anotado em Núm. 23.22. Deuteronômio apresenta esse tema por mais de vinte vezes.

No campo de Zoã. Ver Núm. 13.22. Trata-se da clássica Tanis, uma corrupção da palavra Tsoan, isto é, o *país baixo,* como a Septuaginta e a Vulgata Latina traduzem o texto hebraico neste ponto. Ver no *Dicionário* sobre *Zoã,* onde ofereço artigo detalhado, cuja substância não repito aqui. Tanis era uma cidade real do baixo Egito, a leste do ramo tanítico do rio Nilo. O nome que os egípcios lhe davam era *Ha-awar,* que significa "a mansão da partida". É possível que esse nome aqui represente o Egito inteiro. Gósen, o lugar onde habitava Israel, fazia parte da área geral que pertencia a Zoã. Por conseguinte, foi *dali* que Israel partiu, no início de sua marcha para fora do Egito. Em Zoã os milagres de Moisés foram realizados na presença de Faraó.

78.13

Dividiu o mar, e fê-los seguir. Tendo escapado de Zoã (e do Egito em geral) e testemunhado os milagres de Yahweh feitos através de Moisés e Arão naquele lugar, Israel avançou em direção ao mar Vermelho, a fim de testificar ainda outra maravilha, a divisão das águas. Sal. 77.16-20 descreve esse evento longamente. Portanto, quanto a ilustrações e informações, ver essa passagem.

Como num dique. Ver Sal. 33.7. Testemunhar as águas paradas como se fossem um dique aumentou a maravilha do acontecimento. Somente Elohim podia fazer tal coisa, mudando o curso da natureza. Ver sobre Êxo. 15.8, quanto à referência original ao erguimento das águas. Ver também o vs. 19 daquele capítulo, quanto ao afogamento dos soldados inimigos, enquanto Israel se encontrava em segurança.

78.14

Guiou-os de dia com uma nuvem. De dia e à noite, as maravilhas de Yahweh eram evidentes, tanto na nuvem que guiava os israelitas durante o dia como na "luz" que os conduzia à noite. Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pilar de Fogo e de Nuvens.* Ver Êxo. 13.21,22; Nee. 9.12,19. O fenômeno divino tanto iluminava quanto guiava os filhos de Israel. O Senhor estava presente no fenômeno, e isso era um tipo de Cristo, a Luz do mundo, o nosso Guia constante. A nuvem também serviu de protetor dos raios quentes do sol no deserto. Portanto, em Cristo também dispomos de *proteção* de todo o mal e de todo o caos que assediam a humanidade. A geração mais jovem dos filhos de Israel foi convocada para relembrar essas coisas, a fim de permanecer mais próxima da lei e ser um povo distinto entre as nações, bem como servir de instrumento de instrução a todos os povos. Quanto ao caráter *distintivo* de Israel, ver Deu. 4.4-8.

78.15

No deserto fendeu rochas. A água quase inexistia no deserto, pelo que se fazia necessária a provisão divina. E ela foi conferida sob a forma de uma rocha fendida. A água que dali saiu era tão abundante que brotava como que "do abismo", uma alusão à abundância das águas do mar. A imagem mais provável é que, ao furar a rocha, tivesse atingido algum grande mar subterrâneo. Os antigos hebreus acreditavam que a terra repousava sobre o fundamento de grandes águas,

os mares subterrâneos, sendo provável que o autor sacro estivesse aludindo a essa crença. Quanto aos textos do Antigo Testamento relacionados à questão da rocha e da água, ver Êxo. 17.6 e Núm. 20.1-13. Esse milagre ocorreu uma vez em Refidim (registrada no livro de Êxodo) e outra vez em Cades (registrada no livro de Números), e ambos os prodígios foram vistos à luz do dia, para que ninguém se equivocasse a respeito. Ambos tipificam Cristo, como a *Rocha* e a fonte das *águas vivas*, ao passo que a fenda causada na rocha fala da crucificação de Jesus (ver I Cor. 10.4). Ver sobre *Rocha*, em Sal. 42.9. Ver também o artigo do *Dicionário* assim intitulado.

Oh, segura, para a Rocha que é mais alta do que eu,
Minha alma em seus conflitos e tristezas voaria;
Tão pecaminosa, tão cansada, Teu, Teu eu seria.
Tu, bendita Rocha dos séculos, oculto-me em Ti.

(William O. Cushing)

78.16

Da pedra fez brotar torrentes. Este versículo expande o anterior, ao falar da grande abundância de água suficiente para vários milhões de pessoas! Portanto, nisso temos um quadro do abundante amor e misericórdia de Deus, suficientes para *toda a humanidade*. Uma inscrição próxima ao Sinai diz:

Ferindo a rocha, fluiu um grande rio,
Moisés, pastor deles, um homem manso e humilde,
Deu água para os sedentos beberem.

Não está em pauta a ocasião em que Moisés bateu na rocha por duas vezes, e a palavra aqui está no singular, "rocha", pelo que está em vista o primeiro milagre, quando Moisés apenas falou e a água fluiu. Mas talvez esse tipo de observação seja um refinamento exagerado, e uma única rocha simbolize ambos os milagres. Deixo ao encargo dos leitores examinar o artigo no *Dicionário*, quanto aos detalhes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Rocha Espiritual* (ver I Cor. 10.4). Essa é uma aplicação cristianizada da história contida no Antigo Testamento.

78.17

Mas, ainda assim, prosseguiram em pecar contra ele. Apesar de tais maravilhas, como o êxodo, a travessia do mar de Sargaços, a água que manou da rocha, em sua rebeldia, a antiga geração de hebreus continuou a pecar e até se misturou com espantosa idolatria, louvando a divindades pagãs e quebrando assim o pacto com Yahweh. Embora tão privilegiados, estavam descontentes no deserto e seu coração transbordava de queixumes. Dessa forma, provocaram o *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário* e em Sal. 7.17). Escolheram para si mesmos o opróbrio, voltando-se para os "deuses falsos" do paganismo e abandonando o Deus Altíssimo dos hebreus. Até mesmo na cena da doação da água, o povo de Israel, sedento como estava, demonstrara espírito de rebeldia, atitude que floresceu conforme o tempo foi passando.

"Eles continuaram pecando, tal como tinham feito antes do primeiro envio de água, miraculosamente provida, e tentavam a Deus dizendo: 'Está o Senhor no meio de nós, ou não?' (Êxo. 17.2,7). E tal como foi então no tocante à água para beber, assim também aconteceu no que se referiu à carne" (Fausset, *in loc.*). "... eles exibiram sua impiedade, insensatez e vaidade, porquanto não cometeram um pecado leve contra Deus. O que fizeram foi altamente provocante e exasperador (John Gill, *in loc.*, que prosseguiu salientando que eles não teriam sobrevivido à experiência no deserto sem o cuidado constante de Yahweh).

78.18

Tentaram a Deus nos seus corações. Depois de os filhos de Israel se rebelarem acerca da água, tornaram a rebelar-se no tocante à carne. Isto posto, continuaram submetendo Elohim a teste, para verem se estava mesmo presente e continuaria a realizar maravilhas em favor deles. Isso quer dizer que eles combinavam a *rebeldia* com o *desafio*. "Presunçosamente murmuraram e exigiram, quando deveriam ter pedido humildemente aquilo de que precisavam. Puseram Deus à prova, inclinados claramente a abandonar o yahwismo, *caso* Deus não realizasse o que pediam" (Fausset, *in loc.*). Ver Êxo. 16.1-3 e Núm. 11.4-35, quanto à narrativa bíblica. Cf. Tia. 4.3, quanto a uma aplicação neotestamentária que fala das orações presunçosas que não obtêm resposta.

78.19

Falaram contra Deus, dizendo. O Salmo 23.5 refere-se a como Deus pode servir uma mesa na presença de inimigos. Poderia Ele também servir uma mesa farta em um deserto? Este seria um milagre difícil. O primeiro fornecimento seria um milagre moral; o segundo, um milagre físico. Mas Elohim (o *Poder*) foi capaz de realizar ambos. Contudo, é necessária uma fé sincera para acreditar nisso, bem como intervenções divinas para torná-lo verdadeiro. Algumas vezes, nossa fé precisa deixar o terreno das teorias, sendo vindicada pelos fatos. De outra maneira, os homens escorregam para a incredulidade ou mesmo para a apostasia. Elohim ansiava por dar ao povo as codornizes e o maná, mas não gostou da atitude exigente do rebelde povo de Israel. É fácil criticar os antigos hebreus por causa de seus pecados óbvios e estúpidos, mas a rebelião nunca deixou de ser praticada por nós, e quantos dentre nós já deslizaram para o vazio espiritual porque nossa fé era fraca demais para nos sustentar? Além disso, nas igrejas de hoje em dia vemos pessoas "presentes" que na verdade não estão ali de todo o coração. Ademais, vemos igrejas inteiras que se desviaram para o *entretenimento*, esquecidas da *razão* da existência da igreja de Cristo.

78.20

Com efeito feriu ele a rocha. *O mesmo tipo* de queixa e exigência estava envolvido nos dois milagres: o milagre da água e o milagre dos alimentos. Embora Deus tivesse realizado o primeiro desses milagres, que deve ter sido uma visão maravilhosa, eles exigiram um segundo "milagre de alimento", de maneira zombeteira. A pergunta retórica: "Pode ele...?" na realidade significou: "Sabemos que Ele não pode fazer isso. Sabemos que Ele não tem esse poder. E *se* Ele assim fizer, então deverá fazê-lo imediatamente, pois estamos exigindo isso *agora*!". A multidão era realmente muito grande, e algo de *estupendo* deveria ser feito por Deus. Eles tinham parado de confiar no Deus estupendo. O deus deles tornara-se pequeno demais, e eles substituíram o Deus Todo-poderoso por esse deus apequenado da imaginação. Eles também devem ter pensado que Elohim teria má vontade. Eles tinham perdido de vista a graciosa provisão de Deus, segundo a qual a vontade é dirigida a atos caracterizados pela misericórdia e pelo amor.

O Maná e as Codornizes (78.21-31)

78.21

Ouvindo isto o Senhor ficou indignado. Yahweh, ouvindo todas aquelas queixas e a depreciação de Seu poder, ficou muito irado. A ira de Deus tornou-se como um incêndio contra Jacó (Israel). Sua indignação, qual fogo, cresceu até tornar-se uma imensa língua de fogo, e algo drástico estava prestes a acontecer. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus*. Tal como acontece por muitas vezes nas Escrituras, temos aqui um *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário)*: atributos humanos são conferidos a Deus. Além disso, encontramos também um *antropopatismo* (ver também no *Dicionário*): emoções humanas atribuídas a Deus. É difícil uma pessoa não cair nessas armadilhas. Como poderíamos falar sobre Deus sem usar uma linguagem humana que se origine nas condições humanas? Ver os artigos chamados *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* quanto à maneira negativa e positiva de falar a respeito de Deus. Quanto ao *fogo* da ira divina, ver os vss. 30 e 31; em Núm. 11.10,33,34; Sal. 18.8, não se trata de um fogo literal (ver Núm. 11.1), e devemos considerar as chamas do julgamento, expressão que teve origem nessas expressões.

Quando a teologia dos hebreus progrediu para incluir a punição no hades, o fogo foi usado para falar dessa idéia. No livro de I Enoque, as chamas do inferno foram acesas pela primeira vez. Então o Novo Testamento levou adiante essa figura, mas mentes pedantes fizeram disso um fogo literal. Mas fazer uma alma imaterial sofrer queimaduras de fogo literal é como tentar jogar uma pedra no sol.

78.22

Porque não creram em Deus. Os rebeldes israelitas tinham perdido a fé no poder e nas promessas de Deus. Chegaram a desvalorizar os pactos com o Senhor. Eles pararam de confiar em Seu poder de salvar. Ver sobre Deus como o Salvador, bem como a Sua salvação vista em Sal. 62.2, onde há notas e referências e esse conceito está contido no saltério. Ver Núm. 11.1, quanto ao contexto histórico. Ver também Êxo. 14.13. Cf. Heb. 3.12-18, quanto à aplicação cristã da questão. Quanto às *oito* murmurações de Israel, ver a introdução a Núm. 11, bem como as notas adicionais em Núm. 14.32.

78.23-24

Nada obstante, ordenou às alturas. O maná desceu como que das *nuvens* (King James Version), tal como sucede à chuva. Ou então, conforme diz nossa versão portuguesa, acompanhando a Revised Standard Version, o maná desceu do "céu", onde Deus reside, porquanto Elohim foi a fonte divina do maná.

Este é o único lugar do saltério onde o maná é mencionado. Quanto a especulações a respeito do que era exatamente o maná, ver sobre *Maná,* no *Dicionário,* onde ofereço um artigo detalhado. Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre *Maná Escondido,* a aplicação da questão no Novo Testamento. A referência no Novo Testamento é Apo. 2.17. Naturalmente, a

questão foi cristianizada para falar de Cristo como a origem de toda a alimentação espiritual, que sustenta nossa alma. O maná era o "grão do céu", isto é, que não foi plantado nem colhido pelos homens, mas antes resultou de um ato verdadeiramente divino. Alguns naturalizam a questão, conforme mostro no artigo a respeito, mas o poeta pensava em termos miraculosos. Cf. a expressão "pão do céu", em Sal. 105.40. Ver também Nee. 9.15 e João 6.31,32. Ver Êxo. 16.4,14, quanto ao acontecimento. As "portas do céu" abriram uma possível alusão à crença dos hebreus de que há muitas águas acima do firmamento. Assim sendo, tal como a água foi obtida mediante a rachadura da rocha até chegar ao subsolo da terra (ver o vs. 15), o maná foi obtido pela abertura das portas superiores, que dão acesso ao mar que ali existe. Só que desta vez, em vez de água, foi obtido maná (alimento). Dessa forma *todas* as necessidades dos israelitas foram satisfeitas, mesmo quando eles não mereciam tal provisão. O vs. 24 é citado em João 6.31.

Provisão, Merecida e Desmerecida. "Que significa alguém ser amado por Deus? Em primeiro lugar, sugiro que significa que não obtemos aquilo que merecemos. O outro lado da moeda é a noção que obtemos aquilo que não merecemos. Recebemos então algo que é *pura bênção,* pelo qual não trabalhamos e nada fizemos, algo que não merecemos. Para exemplificar, consideremos uma mulher que ajudava a mãe idosa a limpar a casa. Quando jogou fora algo que pensava ser apenas lixo, jogou fora também uma sacola que continha quarenta mil dólares que sua mãe havia escondido ali. Quando o equívoco foi descoberto, o lixo, incluindo o dinheiro, já tinha sido jogado no incinerador. Miraculosamente, um auxiliar viu algumas notas no monte de lixo. Em vez de guardar o dinheiro para si, ele convocou outros trabalhadores, os quais, trabalhando juntos, encontraram 39.980 dólares, perdendo-se apenas vinte dólares do total! Havia no meio do dinheiro um envelope com o endereço da idosa senhora. E foi assim que ela recebeu de volta algo que não merecia, sem nenhum esforço da parte dela. Foi além da sua imaginação alguém ter encontrado e devolvido o que parecia estar perdido para sempre. Ser amado por Deus é receber bênçãos acima de nossa imaginação. É receber o amor, a graça e o perdão de Deus a despeito de dificilmente merecermos isso. Qualquer coisa que você preferir fazer com a sua vida, certifique-se em permitir que Deus o ame!" (Pastor Claude Ponting). A isso eu adiciono: Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

78.25

O pão dos anjos. *A palavra hebraica correspondente a anjos é ábiyr, que* significa apenas "poderosos" (tradução preferida por alguns), mas quase certamente estão em mira os anjos. O pão miraculoso é declarado como "pão dos anjos", visto que provinha dos *céus* (vss. 23 e 24). Somente aqui, em toda a Bíblia, o maná foi assim chamado. Quanto aos anjos como poderosos, comparar com Sal. 103.20. Não devemos compreender literalmente a metáfora, supondo que o texto implique que os anjos precisam comer, tal como os seres humanos. A tradição rabínica comum dizia que os anjos não comem. Cf. Êxo. 16.4. Alguns, examinando Jó 24.22 e 34.30, fazem o versículo dizer "pão dos nobres", mas *dificilmente era isso o que o poeta tinha em mente.* As versões em geral optam por "anjos", conforme fazem quase todos os rabinos e o Targum, que diz: "Os filhos dos homens comeram alimento que desceu da habitação dos anjos". Mas referir-se às Três Pessoas da Trindade (conforme alguns estudiosos) é realmente afastar-se bastante do sentido dessas palavras.

78.26

O vento do Oriente... o vento sul. Os ventos sopraram as codornizes, as quais, segundo muitos intérpretes, seriam aves literais, e não figuradas, pois Deus age de "muitas maneiras diferentes". Havia superpopulação de codornizes, pelo que Deus enviou o vento para tangê-las na direção de um Israel faminto. Ver Núm. 11.31 (o vento que soprou as codornizes veio da direção do mar); e Êxo. 16.13 (o grande número de aves que esteve envolvido). Os ventos primeiramente *reuniram* essas aves e então as *direcionaram* ao lugar certo. Os pregadores até hoje ficam impressionados (e com inveja) da grande quantidade de aves reunida. Foi assim que Israel, tirado de Zoã, uma grande cidade-armazém do Egito, identificada como a cidade de Ramsés, recebeu provisão dos *armazéns do céu.*

78.27

Também fez chover sobre eles carne como poeira. É enfatizada aqui a abundante provisão das codornizes. 1. Era como a chuva, em que inúmeras gotas perfaziam o total. 2. Era como as inumeráveis partículas de poeira que compõem uma tempestade de poeira, algo tão comum no deserto, conforme qualquer um nas proximidades é capaz de perceber. 3. Quanto ao número, essas aves eram como o número ilimitado das partículas de areia nas praias. Naturalmente, o poeta sagrado engajou-se em uma hipérbole tipicamente oriental, mas o número das codornizes era de fato prodigioso, podemos ter certeza. Os historiadores falam dos números enormes de codornizes que habitavam aquela região. Portanto, havia alimentos em abundância nas proximidades, mas aquelas aves teriam de *ser divinamente guiadas ao lugar certo, para que a refeição fosse servida.* As codornas voam baixo, pelo que são facilmente apanhadas, mas têm de se aproximar dos homens para poderem ser apanhadas.

Alguns estudiosos supõem que, em lugar das codornizes, devêssemos pensar em uma espécie de gafanhoto. Usualmente, podemos depender do que John Gill dizia em suas informações; e ele fala que tais gafanhotos eram "deliciosos"; mas poderíamos confiar em sua palavra *nesse ponto?* Por um breve período, trabalhei na Estrada de Ferro Union Pacific, e um de meus colegas de trabalho era um grego que simplesmente apreciava muito comer certas variedades de insetos. Ele tinha somente palavras de louvor e entusiasmo para com as *refeições de insetos.* Nunca confiei em sua palavra e também nunca a submeti a teste. Conheci um missionário evangélico que comia formigas na África e afirmava serem muito gostosas. Algumas pessoas, no norte do Brasil, consomem as formigas *tanajuras,* mas eu nunca tive coragem de participar dessa forma de refeição.

Outros estudiosos falam de uma espécie gigantesca de ganso, como a ave citada no presente texto. Esse pássaro migrava da Índia e para lá voltava, mas tal suposição não atrai muito apoio da parte dos intérpretes. Ficarei com a maioria e concordar que estão em foco aqui codornizes. Visto que o maná aparece aqui como o *pão dos anjos,* alguns supõem que as codornizes representem a *abundância material* e como os homens costumam abusar dessa abundância; esse parecer, contudo, não recebe apoio do texto sagrado. Naturalmente, as riquezas deste mundo têm asas, e assim podem voar para longe de súbito e para sempre, como acontece a alguns ricos que perdem tudo. Todos sabemos como o dinheiro voa, mas o texto não dá a entender tal coisa.

Caros leitores, o que o texto à nossa frente ensina é uma lição sobre a *abundância.* Podemos retirar grandes somas do banco celestial, se tivermos fé para assim fazer e *se* nossas respectivas missões assim o exigirem. Quando, porém, o egoísmo está envolvido nas retiradas, as portas do banco celeste automaticamente se cerram.

78.28

Fê-los cair no meio do arraial. A provisão alimentar ficou à *disposição* dos filhos de Israel. O número incrível de codornizes caiu diretamente sobre a cabeça dos hebreus. O acampamento ficou coalhado de aves. O autor sagrado nos diz aqui que houve algo de miraculoso na provisão. Tudo ultrapassou a imaginação dos hebreus. Então a provisão veio bem a tempo. Havia grande necessidade de alimentos e, *de súbito, ocorreu a provisão alimentar. Por que as codornizes caíram* precisamente no "meio do arraial" e exatamente naquele momento? Será que as aves ficaram exaustas de lutar contra o vento e não conseguiam seguir adiante? A violência do vento oriental e sul as atirou precisamente ali? Ou será que o Anjo do Senhor lhes ordenou: "Descei!". Qualquer que tenha sido a causa, o *resultado* foi divino. Ver Êxo. 16.13: "À tarde subiram codornizes, e cobriram o arraial...".

Cf. Núm. 11.4. Todos os homens espirituais sabem o que significa ser "apanhado pelo divino". E a maioria dos homens espirituais sabe quão fácil é ter a fé debilitada na rotina da vida que algumas vezes nos amortece. Núm. 11.31 diz-nos que as aves se amontoaram sobre o solo, pelo que foi formada uma camada de dois côvados (um metro, mais ou menos) de codornizes. Portanto, a provisão alimentar foi inacreditável. E quando chegam os anos de vacas magras, costumamos gemer e dizer: "Que aconteceu aos bons anos de antigamente?".

78.29,30

Então comeram e se fartaram a valer. O resultado foi que não somente todos os filhos de Israel foram saciados, mas também se fartaram de tanto comer, a ponto de todo o desejo de carne cessar. Mas antes de cessarem de comer, todos se tornaram os mais desgraçados glutões que se possa imaginar, pelo que tiveram de ser *punidos* pelo Senhor. O quadro mostra uma glutonaria ilimitada. Eles agiram como um bando de animais selvagens que tinham apanhado presas indefesas, despedaçando e devorando até que a cena começou a causar desgosto. Yahweh ficou enojado com o que viu. Aqueles loucos glutões foram castigados sem demora, enquanto a carne ainda estava entre os seus dentes. Ver Núm. 13.33. A cena fez *acender-se* a ira de Yahweh, e Ele atacou como se tudo fosse uma imensa conflagração. Dessa forma a provisão alimentar foi abundante e imediata, mas outro tanto foi a retaliação contra a concupiscência que causava desgosto e provocou tanta glutonaria.

78.31

Quando se elevou contra eles a ira de Deus. Ver sobre *Ira de Deus* no *Dicionário.* Algumas vezes a paciência divina se prolonga, e assim os homens começam a pensar que Deus é indiferente para com os males que eles praticam. Ver sobre a alegada indiferença do Senhor em Sal. 10.1; 28.1 e 59.4. Mas o caso à nossa frente revela o *extremo oposto.* Os intérpretes ficam perplexos diante deste versículo e apresentam várias explicações para a natureza e o modo súbito do julgamento divino. São oferecidas explicações naturais e sobrenaturais. Talvez

as codornizes carregassem na carne alguma espécie de bactéria ou vírus mortífero, e talvez tenha sido isso que as fez arriar sobre o acampamento de Israel tão repentinamente. Contudo, isso não parece ser muito ético: o Todo-poderoso enviar aos filhos de Israel aves infectadas!

Outra possibilidade é que a glutonaria dos hebreus foi tão irrestrita que eles sofreram um choque comunal, com a ajuda do Anjo do Senhor. Mas isso parece bastante improvável, a menos que realmente houvesse um ato divino no caso. Ou talvez Deus também tenha enviado grande quantidade de leões, ou outros animais selvagens, que fizeram dos israelitas um repasto. Ou então foi enviado fogo divino do céu, como aconteceu no caso das confrontações de Elias com os falsos profetas de Baal. Os críticos naturalmente afirmam que estamos tratando com uma hipérbole oriental, e não deveríamos levar a história muito a sério, embora algo incomum tenha acontecido naquele dia. Alguns eruditos chegam ao ponto de dizer que a história envolve um pouco de mitologia. Os homens gostam de fabricar histórias fantásticas para chocar ou entreter. É melhor, portanto, ficar com os acontecimentos incomuns daquele dia e não tentar explicar todos os detalhes. O autor do livro de Números não tentou satisfazer a nossa curiosidade sobre a questão; por conseguinte, é melhor deixá-la dessa maneira.

Seja como for, o versículo ensina que até os mais nobres e os mais fortes fisicamente não resistiram ao ataque divino, pelo que caíram com os humildes e os débeis. Foi quase um julgamento universal, mas, como é óbvio, muitos israelitas sobreviveram, pois, do contrário, a história do povo de Israel teria terminado ali mesmo. "A saúde e a juventude não permaneceram de pé diante do impacto do ataque divino" (Fausset, *in loc.*). Portanto, houve grande desperdício de vidas humanas. Os ofensores foram *sepultados*, uma forma comum de a maioria dos povos antigos, incluindo os hebreus, desfazer-se de corpos mortos. Somente os ricos perfuravam túmulos escavados na rocha, embora ali houvesse muitas áreas rochosas e também colinas com fendas e rachaduras naturais. Os mortos eram depositados em tais lugares, incluindo os cadáveres de pessoas pobres. Kimchi falou sobre os *homens escolhidos* (os nobres e os líderes) que foram mortos, e o Targum diz que até os jovens foram exterminados pela terrível praga, sem importar no que ela tenha consistido.

O Desvio de Israel (78.32-39)

78.32

Sem embargo disso, continuavam a pecar. 1. A despeito de todos os *milagres* que tinham guiado os israelitas, eles voltaram a cair na incredulidade e em toda espécie de pecados crassos. 2. Apesar dos *severos julgamentos* divinos, como a praga que os atingiu por causa do incidente com as codornizes, os filhos de Israel nunca aprenderam a lição, mas continuaram em uma trilha de perversidade, provocando Yahweh. A história de Israel, ao longo do caminho, foi extremamente frustrante, mas a graça e a misericórdia de Deus não os abandonaram, e Deus periodicamente os trazia de volta ao reto caminho (vss. 34 e 35). Eles entravam na fé espiritual e caíam de novo, eram julgados e eram abençoados. Portanto, a *massa* dos eventos formava uma situação que acabava funcionando, e é assim que acontece a quase todos os crentes.

Os vss. 32 e 33 aludem a Núm. 14.11,12,28-35. A vaidade dos filhos de Israel era grande, apesar das *obras maravilhosas* de Deus. Portanto, sacudimos a cabeça diante da estupidez espiritual deles. Mas podemos estar certos de que outros sacodem a cabeça diante de nossa estupidez espiritual. Deus continua relembrando que não passamos de carne (vs. 39); e nós mesmos não deveríamos olvidar esse fato. Os que nos criticam também não passam de carne; portanto, demos a eles uma chance. Somos apenas carne, pelo que outros também nos devem dar um crédito.

"Eles não eram atraídos pelas misericórdias de Deus nem respeitavam mais ao Senhor por causa de Seus juízos! Todavia, podemos cessar de admirar-nos desses fatos, se conhecermos realmente o nosso próprio coração" (uma declaração muito bem pensada de Adam Clarke, *in loc.*).

78.33

Por isso ele fez que os seus dias se dissipassem num sopro. Quando as pessoas deveriam estar vivendo em triunfo, os anos delas são de tal maneira consumidos com tribulações e tristezas, e elas sofrem de morte prematura. E, além disso, muitos homens morrem de uma grande variedade de pragas e enfermidades. A lição deste versículo é a perda de oportunidade em meio a grandes oportunidades. Cf. Núm. 14.29,35; 26.64,65.

Num sopro. Esta é uma metáfora comum para indicar uma vida breve, ou seja, a duração e a superficialidade de qualquer vida humana, embora alguém possa viver por muitos anos. Poucos segundos, ou mesmo décimos de segundos, são gastos para sorver o ar na respiração e tornar a expirá-lo, e de quão pouco valor é um único sorvo de ar. A figura simbólica aqui provavelmente fala da respiração humana, e não do sopro da brisa na natureza. Até mesmo o sopro da brisa nada representa, mas a respiração humana certamente serve de metáfora grávida do "pouco e superficial", bem como do "breve e inconseqüente" da vida humana.

Em súbito terror. A história de Israel sempre foi um relato de muitos choques de pragas e desastres, de invasões por parte de exércitos inimigos, e os historiadores e profetas sempre viram os pecados dos hebreus como a causa de suas agonias. O ciclo era *julgamento-arrependimento-restauração.* E o número de vezes em que esse ciclo se repetiu foi enorme. "Terror" provavelmente se refere aos tempos de julgamento desse ciclo, ocasiões em que a ira de Deus caía sobre os filhos de Israel, o que resultaria em mais uma fase de restauração. Mas o reino do norte, Israel, finalmente sucumbiu diante da Assíria, quando houve grande matança e os sobreviventes foram deportados. Os israelitas do norte nunca voltaram do exílio assírio, e assim terminou o último ciclo, e a restauração do reino do norte, Israel, não se seguiu. Pode-se esperar apenas que indivíduos foram restaurados em seu íntimo.

78.34

Quando os fazia morrer, então o buscavam. Este versículo fala sobre a parte do ciclo chamada "restauração", descrita no último parágrafo dos comentários sobre o vs. 33. A mente dos hebreus tinha compreensão limitada sobre o *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Para a mente deles, o pecado era a causa de toda enfermidade e recuo. Além disso, Deus era para eles a única causa, e assim o Ser divino era a origem de todo o bem e de todo o mal, mesmo quando estavam envolvidos enigmas e o povo não sabia por que coisas estranhas aconteciam. Assim vemos um povo que era castigado e abençoado, abençoado e castigado, sempre por Yahweh, segundo a crença deles. Havia ainda causas secundárias, como a *má vontade* do homem e os desastres naturais, aparentemente governados somente pelo *caos*. Jó tentou atingir um ponto além dessa mentalidade, porquanto sabia que era *inocente*, embora estivesse desesperadamente enfermo. Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? A despeito de nosso avanço no campo teológico, nunca fomos capazes de dar uma resposta adequada a essa indagação, embora algumas respostas se revistam de considerável força. Seja como for, o caso à nossa frente era claro para a mente do poeta sagrado. Israel vivia constantemente nesse ciclo de julgamento-arrependimento-restauração, e o pecado era a causa reiterada de tudo isso.

Historicamente falando, este versículo aponta especificamente para todos os julgamentos destruidores que ocorreram entre o envio dos espias à terra de Canaã e a morte de Moisés. Cf. Núm. 14.39,40; 21.7. "Eles oraram diante de Deus, mas com freqüência isso era feito por falsos professos que sofriam angústias; ver Isa. 21.16 e Osé. 5.15" (John Gill, *in loc.*).

78.35

Lembravam-se de que Deus era a sua rocha. Quanto à figura simbólica da "rocha", ver Sal. 42.9, onde há notas expositivas e referências. A tribulação trouxe uma santa lembrança que causou o arrependimento, pelo que houve restauração; e isso significa que mais um ciclo se completara. Cf. Deu. 32.15-18.

Redentor. Não devemos entender esta palavra no sentido evangélico, a salvação para além da sepultura, mas, sim, como um livramento temporal das provações e dos desastres, bem como a participação nas bênçãos do pacto, por direito pertencentes a Israel. Sal. 19.14 tem as mesmas descrições do Ajudador divino, a Rocha e o Redentor. Ofereço ali notas expositivas que também se aplicam aqui. O título Redentor veio a ser mais usado na história posterior dos hebreus. Aparece por treze vezes em Isa. 40-66, e por quatro outras vezes no restante do Antigo Testamento. O significado básico do vocábulo é "agir como um parente", alguém que resgata a outrem de alguma aflição. Essa forma participial refere-se a um "ajudador amigável" ou a um "salvador da tribulação". Para maiores detalhes, ver no *Dicionário* o artigo *Redenção (Redentor).*

"Eles brincavam de esconde-esconde com Deus, apesar de tantas experiências trágicas no deserto (vs. 31)... Oculto por trás da máscara do esquecimento, havia o rosto da mentira e do engano. Os vss. 36 e 37 sumariam bem o julgamento que sobreveio, por causa do conflito entre os que *resistiam* à lei e o *Legislador*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

78.36

Lisonjeavam-no, porém de boca. Eles prestavam o que chamamos "culto dos lábios", isto é, o culto que consiste em "dizer coisas boas" que não se refletiam em ações. Mas até esse mero culto de lábios era repleto de mentiras e fraudes. Dificilmente correspondia à espiritualidade que mana do coração. Eles "lisonjeavam" Yahweh em seus cultos. Diziam coisas boas, mas agiam de modo contrário ao que diziam. O termo hebraico aqui traduzido por "lisonjeavam" é traduzido por outros como "enganavam". Cf. Eze. 33.31. Qualquer arrependimento provocado pelo sofrimento só durava enquanto perdurasse os sofrimentos. Em tempos de tensão, faziam-se promessas que nunca eram cumpridas em tempos

de paz. Eles possuíam mente enganadora e língua mentirosa. As palavras aproximavam-se de Yahweh, mas o coração estava distante Dele (ver Isa. 29.13). O Targum diz: "Eles O atraíam com sua boca". A versão árabe diz: "Eles O amavam com sua boca", mas o coração deles estava desviado e cheio de ódio.

78.37

Porque o coração deles não era firme. O coração desviado levava o povo de Israel a afastar-se das condições e provisões do pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos* e, especialmente, *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.38, e *Pacto Mosaico* (anotado na introdução a Êxo. 19). O *coração* fala da "mente" de uma pessoa, mas também se refere a sua "vontade" e seus "propósitos". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Coração.* O coração deles não era "firme", e o espírito deles era "inconstante", conforme vemos no vs. 8 deste salmo. "Quando o coração labora em erro, a vida toda é errada" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sua aliança. Está particularmente em vista o pacto *mosaico,* embora os pactos formassem um pacote, o pacote de tratos de Yahweh com Israel. O povo de Israel não permaneceu firme em seu acordo com Moisés e Yahweh acerca da obediência à lei. Eles eram muito mais desobedientes à lei do que observadores. Ver a nota de sumário sobre como Israel se relacionava à lei, em Sal. 1.2. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Lei no Antigo Testamento.*

78.38

Ele, porém, que é misericordioso. O amor, a misericórdia e a compaixão de Yahweh salvaram o dia para Israel, porquanto nessas virtudes havia perdão e paciência. "Deus os perdoava repetidamente, restringindo Sua ira" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ellicott (*in loc.*), brinda-nos com uma paráfrase instrutiva:

> *Mas Ele, o Compassivo, perdoa a iniqüidade e não destrói, e por muitas vezes desviou deles a Sua ira.*

Misericordioso. Uma palavra que, no original hebraico, vem da mesma raiz que "útero", pelo que John Gill (*in loc.*) vê aqui o amor terno de uma mãe pelo filho desviado, do que podemos compreender por qual razão "as misericórdias de Deus são tão ternas e abundantes. Essas misericórdias são muitas. Deus é rico e pleno de misericórdia, pronto a perdoar... o perdão dos pecados *flui* das ternas misericórdias de Deus". Cf. Núm. 14.10,20; I Reis 8.30,34,36,39 e 50.

> *Perdoaste a iniqüidade de teu povo, encobriste os seus pecados todos. A tua indignação, reprimiste-a toda, do furor da tua ira te desviaste.*
>
> (Salmo 85.2,3)

Ver também Isa. 12.1. Eles tinham empilhado os seus pecados como se fossem um vasto tesouro, mas de alguma maneira, repetidamente, Yahweh foi capaz de desviar a Sua espada, e não os golpeou.

78.39

Lembra-se de que eles são carne. A palavra "carne" grita para nós sobre "temporalidade, enfermidade, fraqueza, limitações, fragilidade, pecaminosidade", e Yahweh compreende o que está implícito nessa palavra mais do que nós compreendemos. A mera condição de *ser humano* realmente envolve pequenez e humildade. A esse pensamento, o poeta sacro adicionou ainda outra metáfora quanto à natureza efêmera dos mortais: "um vento que passa". Cf. o vs. 33, uma tomada de *fôlego* da respiração humana. A brisa que sopra, toca no rosto de alguém, e então se vai para não mais voltar, é símbolo de quão rapidamente a vida vem e vai. Então um homem toma um único sorvo de ar e, tão rapidamente quanto começou, esse ato termina. E quão triviais são todas essas coisas. Que é mais um sopro de vento que passa? Que é mais um ato de inspiração e expiração? "Ele lembrava que eles eram apenas humanos, com vidas fugidias" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *Que é uma vida?*
> *É apenas um corpo nu, coberto de pano.*
> *É um fantasma, mantido pelo alimento.*
> *E um ser vil, que enoja a si mesmo.*
> *Quando essa vida se cansa de si mesma,*
> *Passa e se reduz a nada.*
>
> (Russell Champlin)

A fragilidade do homem excita a misericórdia e a gentileza divina. Cf. Sal. 103.14-16. Jó apelou para o mesmo fato em seu clamor por misericórdia (ver Jó 10.20,21).

O Targum diz "filhos da carne", ou seja, entidades *caracterizadas* por uma natureza frágil, fraca, mortal, "nascidas de tal fragilidade", dotadas de uma fraqueza *inerente;* incapazes de suportar o impacto da ira de Deus, tão facilmente esmagadas pelo peso de Sua mão.

> *Pois ele conhece a nossa estrutura, e sabe que somos pó.*
>
> (Salmo 103.14)

O Êxodo em Retrospecto (78.40-55)

78.40

Quantas vezes se rebelaram contra ele no deserto. Os hebreus sempre se mostraram sensíveis diante da história; eram ótimos historiadores e até criaram uma filosofia da história: a história é linear; tem um começo no tempo, segue por uma vereda; não é circular (conforme diziam os estóicos); nem é uma ilusão (conforme supunham alguns pensadores orientais); e é divinamente orientada, recebendo impulsos teístas e sofrendo intervenções divinas. E possui um alvo: Yahweh. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Filosofia da História.* Foi essa sensibilidade diante da história que levou os escritores hebreus, de prosa ou poesia, de história ou profecia, a ilustrar continuamente suas mensagens mediante referências históricas.

A *freqüência* de ilustrações extraídas das experiências de Israel no deserto surpreende. Essa freqüência permeia o Antigo Testamento e é transportada para o Novo Testamento (I Cor. 11). Talvez o que tenha inspirado esse uso freqüente das experiências de Israel no deserto foram os muitos milagres tão infantilmente negligenciados pela mente carnal, de modo que as lições de obediência nunca eram aprendidas, a despeito das divinas lições objetivas que deveriam inspirar a mente dos filhos de Israel. Em outras palavras, havia uma espécie de *crassa estupidez* envolvida na questão, que continuava surpreendendo a mente hebraica piedosa. Além disso, Israel saíra ainda há pouco do Egito, onde foram realizados milagres surpreendentes em série. Não obstante, Israel mantinha-se em atitude de rebeldia, alicerçada sobre uma incrível capacidade de "esquecer" as maravilhas de Yahweh. Portanto, aqui "o salmista se lança a uma revisão do êxodo, dando atenção especial à questão das pragas. Nos vss. 54 e 55, entretanto, encontramos Israel já estabelecido na terra de Canaã (William R. Taylor, *in loc.*).

Quantas vezes. Quanto às *oito murmurações* de Israel, ver a introdução a Núm. 11 e ver as notas adicionais em Núm. 14.32. Alguns intérpretes são capazes de dividir as histórias de tal maneira que chegam ao número de dez atos de rebeldia. O poeta sagrado, porém, contenta-se em falar sobre as "muitas vezes" em que os israelitas se rebelaram, sem citar um número exato de vezes em que isso ocorreu. Cf. Sal. 95.9,10 e Isa. 63.10. Ver Núm. 14.22, que também fornece o número dez. Por essa razão aquela geração de israelitas foi chamada de "a provocação" do tempo das tentações, quando o ser humano provocou o Ser divino, ou então "submeteu-O a testes", conforme diz o texto do livro de Números. Ver Heb. 3.8,15, onde encontramos o termo descritivo "provocação".

... se rebelaram. Temos aqui uma tradução correta, muito melhor do que o "provocaram" da King James Version. A pessoa rebelde *manifesta-se contra* um ou mais princípios que ela conhece, mas dos quais se desvia, motivada pelo ódio e pela perversidade. Esse é o *homem errado* que age contrariamente ao *caminho direito.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rebelião.*

78.41

Tornaram a tentar a Deus, agravaram. Eles *tornaram atrás,* ou seja, resolveram não cumprir suas promessas concernentes ao pacto mosaico (vs. 37), caíram na mentira e no engano, e terminaram em *franca rebelião* (vs. 40). Todos os verbos aqui usados exibem a tendência ao desvio, em pensamento e ações, e o resultado foi o desastre. Tornaram a tentar a Deus, por repetidas vezes, e isso concorda com as *dez murmurações* (vs. 40). Se procurarmos pecados específicos, veremos a quebra da lei em vários pontos, incluindo a *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário)* e o fracasso em levar avante a conquista da terra, o que era necessário para o cumprimento do *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18) e do *Pacto Palestino* (comentado na introdução a Deu. 29). Cf. Núm. 14.3,4; Êxo. 17.7.

Agravaram. Eze. 9.4 tem a palavra para indicar o ato de fazer uma marca na testa. Pode significar "gravar" a fogo. Aqui poderia dizer "lançar um estigma sobre", ou seja, "trazer descrédito" ao nome e aos planos divinos por sua rebeldia. A Septuaginta e a Vulgata usam a palavra "exasperaram". Adam Clarke sugere as idéias de "acusar" ou "desafiar". Tudo isso refere-se a uma rebeldia radical. Note o leitor a gravidade da situação. O *Santo de Israel* foi assim ofendido e rejeitado. Os atos profanos dos filhos de Israel eram contrários à Santidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Santo de Israel.*

78.42

Não se lembraram do poder dele. *Memória espiritual fraca* era uma das grandes características do povo rebelde de Israel. É feita uma referência geral às muitas *falhas de memória* da mente carnal deles, que apagava as *maravilhas* realizadas primeiramente no Egito, depois no Sinai e, finalmente, nas perambulações pelo deserto. A referência particular aqui é às *dez pragas do Egito*. Mas o autor sacro não se importa em fazer uma enumeração completa ou seguir uma ordem histórica e cronológica. Ele simplesmente oferece alguns exemplos, escolhidos bastante ao acaso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pragas do Egito*. As Dez Pragas resultaram no fato de que o Faraó cedeu diante das demandas de Moisés, bem como permitiu a saída do povo israelita do Egito. Mas, logo em seguida, lamentando sua decisão, o Faraó enviou seus exércitos em perseguição aos filhos de Israel; e assim o incidente no mar de Juncos foi necessário para completar a *redenção*, ou seja, para livrar o povo de Israel do poder do Egito e da morte certa. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Redenção (Redentor)*, especialmente a seção IV. Ali a redenção inclui a idéia do resultado: Israel tornou-se uma nação estabelecida na Terra Prometida, em cumprimento ao *pacto abraâmico*.

78.43

De como no Egito operou ele os seus sinais. Esta é uma *declaração geral* acerca das Dez Pragas. Tais milagres são chamados na Bíblia de "sinais" ou "maravilhas". São milagres de ensino. Foram exibições do poder miraculoso de Yahweh, mas também ensinaram algo sobre o Ser divino a Moisés e ao Faraó, bem como a responsabilidade humana diante desse Poder. Assim sendo, por diversas vezes é dito que o Faraó pecou, e ele mesmo confessou, mais de uma vez, que havia pecado em sua oposição ao Deus de Israel. Ver Êxo. 9.27,34 e 10.16. Os milagres operados por Jesus também foram sinais de Sua *autoridade;* e o mesmo se deu no tocante a Moisés. Mas o Poder que havia por trás desses *milagres era o Poder contra o qual os pecados foram cometidos*. Essas *obras maravilhosas* são agora contrastadas com a rebeldia dos filhos de Deus. Foi assim que Israel caiu na mesma estupidez em que o Faraó havia caído, pecando diante das maravilhas operadas em favor deles.

No campo de Zoã. Ver as notas expositivas no *Dicionário*, sobre esta localidade. Ver também Sal. 78.12, onde há idéias adicionais.

Em seu *esboço* (a seguir), o autor sacro não menciona as pragas de número três, cinco, seis e nove. Além disso, a ordem das que são mencionadas não segue os textos do livro de Êxodo (capítulos 7-12).

78.44

E converteu em sangue os rios deles. Quanto a esta praga, ver Êxo. 7.14-25. A transformação da água em sangue foi a *primeira praga do Egito*. No *Dicionário*, no artigo intitulado *Pragas do Egito*, ofereço ao leitor uma apresentação simples, mas que fornece detalhes suficientes sobre cada praga e como cada uma deve ser interpretada. Os que quiserem ainda mais detalhes devem seguir os comentários apresentados no livro de Êxodo. Tendo oferecido material adequado, mantenho aqui comentários abreviados. Cada praga era uma demonstração do poder e da graça de Yahweh, uma ilustração de julgamento e bênção andando de mãos dadas. O impacto dessas pragas era convencer Israel da obrigação e privilégio de deixar-se guiar por Yahweh, obedecer a Ele, e crescer nas provisões da aliança, para o próprio bem deles, e não meramente para a glória de Deus.

78.45

Enviou contra eles enxames de moscas. A praga das moscas foi a de número quatro e está registrada em Êxo. 8.20-32. A praga das rãs foi a *segunda* e está registrada em Êxo. 8.1-15. A Bíblia enfatiza o *poder de destruição* das pragas do Egito. Ver nas notas do versículo anterior como o leitor poderá obter amplas informações sobre os itens citados no texto presente, bem como as razões pelas quais o poder divino foi exibido dessas maneiras.

78.46

Entregou às larvas as suas colheitas. Esses insetos não são mencionados em Êxo. 10.1-20, a descrição da *oitava praga*, mas a palavra assim traduzida é compreendida, pela maioria dos eruditos, como referência paralela aos *gafanhotos*. Há um artigo distinto sobre esses insetos e sobre a tremenda destruição provocada por eles, no artigo do *Dicionário* denominado *Praga de Gafanhotos*. No hebraico, *chasil*, "larva", provavelmente é uma referência ao gafanhoto em seu estado de larva. A Septuaginta e a Vulgata dizem aqui "ruína" (causada pelos gafanhotos). Há também outras conjecturas quanto a diferentes espécies de insetos. A tradução da Imprensa Bíblica Brasileira diz *lagartas*. Ver as notas expositivas sobre o vs. 44, onde dou as razões por trás das pragas.

78.47

Com chuvas de pedras lhes destruiu as vinhas. A praga da *saraiva* é mencionada em Êxo. 9.13-35, como a *sétima praga*. Há versões, portuguesas e outras, que dizem aqui *geada*, o que não é mencionado no livro de Êxodo. Ou o salmista contava com uma fonte informativa diferente para ser usada em sua narrativa, ou então, por licença poética, adicionou um pouco aqui e acolá, como as larvas do versículo anterior, e (conforme algumas versões) a *geada* deste versículo. Alguns críticos opinam que as diferenças são grandes o bastante para postular uma fonte informativa diferente. Por outra parte, o poeta pode ter escrito de memória, o que pode ter originado uma lista reduzida de pragas, à qual permitiu adições ocasionais. As coisas entregues à memória caracteristicamente ignoram certos detalhes e adicionam outros. Alguns eruditos emendam a palavra equivalente a *geada* ou *saraiva*, oferecendo a tradução *dilúvio devastador* (assim fez Ludwig Kohler, *in loc.*). A raiz da palavra parece ser "cortar", pelo que pode estar em vista qualquer tipo de golpe destruidor divino. E outras versões (como a nossa versão portuguesa) dizem "chuva de pedras", paralelo à menção geral à *saraiva*.

78.48

Entregou à saraiva o gado deles. Continuam aqui as descrições sobre a *sétima praga*. A saraiva veio combinada com temíveis tempestades elétricas. Ver Êxo. 9.13-35, que nos dá a mesma informação. Hab. 3.5, ao traduzir a mesma palavra hebraica, dá *pestilência*, o que pode considerar algumas enfermidades contagiosas. Cf. Deu. 32.24. A Septuaginta refere-se a uma enfermidade que assolou o gado, e não à destruição pela saraiva. A maioria dos intérpretes, entretanto, *prefere ficar com as idéias de saraiva e tempestades elétricas*. Ver Êxo. 9.23,24: "... fogo desceu sobre a terra...", talvez uma referência aos raios que caíam sobre o solo.

78.49

Lançou contra eles o furor da sua ira. A morte dos primogênitos egípcios é mencionada aqui (ver Êxo. 11.1-12.51) e foi a *décima praga*. A ira de Deus foi mediada através de uma "legião de anjos portadores de males". Essa frase, literalmente, no original hebraico, diz: "uma companhia de mensageiros de coisas más". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anjo*. Os anjos eram vistos como agentes tanto de coisas boas quanto de coisas más que Yahweh, a causa única, administrava. Em Êxo. 11.4 e 12.2,23,29 é o próprio Yahweh quem age, mas em Êxo. 12.23 encontramos a mediação angelical. Cf. o anjo destruidor em II Sam. 24.16 e I Crô. 21.15. A Septuaginta e a Vulgata dizem aqui "anjos maus", mas não devemos pensar em seres demoníacos de qualquer espécie. Antes, os anjos de Deus é que faziam coisas prejudiciais aos homens, efetuando o julgamento divino. Naturalmente, os hebreus não hesitavam em retratar Deus como um destruidor e ocasionador de coisas más, conforme o caso de Jó ilustra tão graficamente. Matar os primogênitos do Egito foi realmente um castigo seríssimo, pelo que a morte de seres humanos é atribuída a Deus; e nos admiramos ao pensar por que crianças inocentes tiveram de sofrer.

Note o leitor como essa, a mais séria de todas as pragas, inspirou o poeta sagrado a acumular frases: "furor da sua ira... cólera... indignação... calamidade". O exagerado refinamento dos rabinos atribui a cada um desses termos uma praga separada, que não foi listada pelo salmista; mas a verdade é que todos esses vocábulos falam da décima e pior das pragas, e os vss. 50 e 51 continuam martelando esse tema.

78.50

Deu livre curso à sua ira. A ira de Yahweh seguiu uma *vereda* predeterminada, que varreu o Egito, atingindo a uma criança aqui e outra ali, mas poupando os filhos de Israel. Não houve misericórdia. Nenhum filho primogênito foi poupado entre os egípcios, pelo que naquele país houve uma grita universal de dor.

Pestilência. Não devemos pensar que houve entre o gado (ver Êxo. 9.3) uma praga, talvez alguma forma de vírus, que acabou espalhando-se para os seres humanos. Nem houve uma pestilência *geral* (Êxo. 9.15). Está em pauta um mal misterioso, mas por que ele foi tão *seletivo* é difícil de explicar. Pelo contrário, devemos compreender que a praga foi dirigida e dada por Deus, daí sua aplicação e eficácia especial. Em outras palavras, *houve uma intervenção divina especial no décimo milagre. Não foi* uma praga comum que tivesse matado um bando de crianças.

78.51

Feriu todos os primogênitos no Egito. Aqui é revelada qual *praga* específica estava sendo descrita. Yahweh-Elohim, através de Seus anjos da morte, "feriu" os primogênitos do Egito, as "primícias da virilidade". A praga (vs. 5) atingiu os primogênitos como se fosse um corisco de energia e foi enviada pela mão divina.

Nas tendas de Cão. Ver sobre este nome no *Dicionário*. Em Gên. 10.6, Cão aparece como o pai de Cuxe, Mizraim e Pute (todas essas nações localizadas na parte nordeste da África). Portanto, foi apenas natural que Cão tivesse sido designado como o antepassado desses povos. Por quatro outras vezes aparece a mesma referência do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* dois artigos que esclarecem a questão: *Cão* e *Nações*. Os críticos duvidam da exatidão dessas designações, especialmente por não acreditarem na historicidade dessas antiqüíssimas personagens bíblicas. Cão era "sinônimo poético para indicar o Egito" (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo).

78.52

Fez sair o seu povo como ovelhas. No caso dos egípcios, a vereda de Yahweh era uma vereda de morte (vs. 50). Mas, como Pastor, ele preparou outra vereda para Israel, tirando-os do Egito e levando-os à experiência no deserto. Portanto, Yahweh foi o grande Traçador de veredas, embora Suas providências tenham guiado a condições inteiramente diferentes. Israel foi *remido*. Quanto ao fato de Yahweh liderar os filhos de Israel como se fossem um rebanho, ver Sal. 79.13. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pastor*. Cf. Êxo. 12.37 e 15.22. "Conduzido pelas mãos de Moisés e Arão (Sal. 72.20)... indo à frente deles como a coluna de nuvens, durante o dia, e como a coluna de fogo, à noite, mantendo-os juntos como se fossem um rebanho, não permitindo que se espalhassem, se desviassem ou se perdessem, dirigindo o caminho deles pelo deserto nunca antes trilhado, através de todos os caminhos tortuosos e rodopiantes, protegendo-os dos perigos e dos inimigos" (John Gill, *in loc.*).

78.53

Dirigiu-o com segurança, e não temeram. A *primeira grande crise* ao longo do caminho, depois de os filhos de Israel terem saído do Egito, foi a travessia do mar de Juncos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Êxodo (o Evento)* quanto a uma ilustração da vereda tomada e uma caracterização geral. Eles não tinham razão para temer, porquanto a Mão Divina os acompanhava. Eles foram conduzidos com toda a "segurança" e, embora o mar tenha avassalado seus adversários, nem um único israelita foi prejudicado. Ver Êxo. 14.13,26-31. Embora os filhos de Israel tivessem temido durante a crise, seus temores logo foram acalmados. Eles sabiam que estavam em meio a grande intervenção divina, e a alegria tomou conta do coração deles. Ao passar por entre as duas muralhas de água, acumuladas de cada lado, eles tiveram um momento especial de fé. Quando já tinham atravessado em segurança, as águas tombaram ruidosamente sobre o Egito, de forma que poucos ou ninguém escapou. Os egípcios mostraram-se inimigos implacáveis e tinham saído atrás dos israelitas *para matá-los. A morte estava presente, mas atingiu os próprios egípcios.* O que planejaram para outros, eles mesmos receberam, um notável incidente da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* que o leitor deve examinar no *Dicionário.*

Sua graça é grande o bastante para satisfazer
grandes coisas —
As ondas que batem na praia e avassalam a alma,
Os ventos uivantes que nos deixam atônitos
e sem respiração,
As tempestades súbitas que nossa vida
não consegue controlar.

(Annie Johnson Flint)

78.54

Levou-os até à sua terra santa. Está em vista a terra montanhosa de Canaã, como em Êxo. 15.17 e Deu. 3.25. O monte Sinai não está aqui em pauta, conforme o Targum diz equivocadamente. A marcha pelo deserto levou às fronteiras da Terra Santa, que fora designada como pátria para Israel, uma das principais provisões do *Pacto Abraâmico* prestes a ter cumprimento (ver Gên. 15.18). Não poderia haver nação sem terra pátria, e não havia terra pátria sem conquista. A vereda aberta por Yahweh para Seu povo levou à terra de Canaã (ver sobre vereda no vs. 52). Sião e as colinas da Judéia aparecem como o significado, da parte de alguns intérpretes, mas a referência parece ser à "experiência da fronteira". Naturalmente, essa experiência foi o primeiro passo dado na direção de Sião, mas não parece ser o intuito do escritor sacro, neste ponto. O vs. 55 refere-se à conquista da terra santa como conseqüência natural da experiência da fronteira.

A sua destra adquiriu. Quanto à *destra*, ver Sal. 20.6, onde dou notas e referências. A poderosa destra de Deus tinha obtido para Israel os territórios que ele agora possuía, incluindo a Terra Prometida.

78.55

Da presença deles expulsou as nações. Quanto a uma lista dos povos que viviam na terra de Canaã, antes da chegada dos hebreus, ver Gên. 15.18-21; Êxo. 3.8 e Deu. 7.1. Quanto a uma lista das nações que foram expulsas de seus territórios por Israel, ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Foi assim que o Pastor divino levou Seu rebanho às terras de pastagem. E então os filhos de Israel conquistaram as terras que lhes haviam sido determinadas, e as distribuíram entre tribos, subtribos, clãs e famílias. Todas as famílias receberam terras, e estas se tornaram a herança que foi passando de geração para geração. Ver Núm. 34.2; Sal. 16.6; 105.11; Jos. 13.6-8,32 e 14.1-5. No *Dicionário*, ver os verbetes chamados *Tribo, Localização das*, e também *Tribo (Tribos de Israel)*. O poeta fala de notáveis provisões, e estas só foram conseguidas pela intervenção divina, porque o exército de infantaria de Israel não tinha chances contra as cidades fortificadas dos povos de Canaã. Por conseguinte, havia razão para que os israelitas se mostrassem agradecidos e louvassem a Deus, *e também* para que andassem em obediência à lei, o manual de Yahweh para o conhecimento e a conduta.

Israel em Canaã (78.56-66)

78.56

Ainda assim tentaram o Deus Altíssimo. Ver o vs. 41, que é essencialmente igual ao que lemos neste versículo, exceto pelo fato de que aqui encontramos o título *Altíssimo*, enquanto lá temos a expressão "Santo de Israel". No *Dicionário* há artigos sobre ambos os títulos. O tempo em questão é a época dos juízes de Israel. Ver Juí. 2.7-13. O período histórico havia mudado, mas a mensagem é essencialmente a mesma: a rebeldia do povo de Israel; as apostasias periódicas; a pecaminosidade insensata; os castigos sofridos; a misericórdia de Yahweh; a restauração. Isto posto, estamos reiterando o mesmo ciclo antigo: pecado-julgamento-arrependimento-reconciliação. "... rebelaram-se, após a morte de Josué e, nos dias dos juízes, adoraram e serviram os deuses das nações e se esqueceram do Senhor, seu Deus, que tinha feito tantas coisas grandes por eles. Eles não observaram os testemunhos de Deus, ou seja, as leis de Deus que testificavam e declaravam Sua mente e Sua vontade; não observaram Sua palavra e Suas ordenanças que testificavam de Sua graça e do caminho da salvação..." (John Gill, *in loc.*). Ver como a lei se aplicava ao povo de Israel (uma nota de sumário) em Sal. 1.2. Quanto à *tríplice designação* da lei, ver Deu. 6.1.

78.57

Tornaram atrás, e se portaram aleivosamente. Ou seja, mantiveram-se em desobediência à lei e aos princípios gerais do yahwismo, e seguiram as religiões pagãs escandalosas, com sua declarada idolatria. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*. Cf. o vs. 8. Aqueles miseráveis pecadores da época dos juízes imitaram seus pais no tempo da provocação no deserto.

Como um arco enganoso. "Os arcos usados pelos hebreus, tal como os usados por outras nações antigas quando não estavam com a corda, eram tortos ao contrário de quando estavam com a corda, o que torna o simbolismo ainda mais expressivo da *disposição de um homem*, em quem não podemos confiar em um momento de necessidade" (Ellicott, *in loc.*). A tortura para trás, *como é evidente, dava ao arco maior propulsão quando era encordoado corretamente.* Mas um arco ao contrário não podia prestar serviço a um guerreiro. Todo guerreiro precisava de um arco bom e forte, e não de um arco que o desapontasse em tempos de guerra. Israel se tornara uma nação de guerreiros espirituais desapontadores. Parece que os arcos ao contrário podiam subitamente *mudar de posição e atingir o arqueiro.* Cf. *Osé. 7.16, que compara os* hebreus infiéis a um arco enganador, potencialmente perigoso para ser usado, ou então insuficientemente forte para o serviço proposto. O Targum fala sobre arcos desapontadores que atiram flechas apenas a curta distância. Arama falou sobre um arco que se quebra ao ser entesado, fazendo a flecha reverter a direção e matar o arqueiro.

78.58

Pois o provocaram com os seus altos. Ver sobre o título "altos", no *Dicionário*. Era apenas natural que pessoas religiosas, de qualquer sistema religioso, edificassem santuários e altares em lugares altos, que, presumivelmente, chegavam mais perto do céu e de Deus (ou dos deuses). Provavelmente alguns desses lugares serviam para a adoração exclusiva de Yahweh, enquanto outros se prestavam à adoração exclusiva dos deuses pagãos. E também havia "santuários ecumênicos", que promoviam mais de um tipo de fé religiosa. Portanto, o yahwismo estava misturado com outras fés, surgindo daí um sincretismo repelente. Cf. I Sam. 9.12 com I Reis 15.14; 22.43; II Reis 18.4 e 23.8. Cf. Deu. 32.16.21; Juí. 2.12.20. O artigo sobre *Lugares Altos* adiciona detalhes que ilustram a questão que temos à nossa frente.

E o incitaram a zelos. A idolatria é referida como um adultério espiritual, e Israel aparece como a esposa infiel. Yahweh, o marido, ficou com ciúmes e a expulsou de casa. O livro de Oséias enfatiza o tema. O artigo sobre *Adultério* comenta essa metáfora.

78.59

Deus ouviu isso e se indignou. O indignado marido, Yahweh, veio a desprezar a esposa infiel, Israel. Portanto, Ele a "rejeitou totalmente", conforme diz a Revised Standard Version. Nossa versão portuguesa usa um termo muito incisivo, "se aborreceu de Israel". "Eles se mostraram infiéis conforme se tinham mostrado seus antepassados. Portanto, o castigo da nova geração foi idêntico" (Fausset, *in loc.*). Cf. o vs. 21. Ver também Juí. 3.7,8,12-14; 4.1,2; 10.6-8 e 13.1. No livro de Juízes encontramos muitos ciclos de pecado-julgamento-restauração, e os juízos usualmente tomavam a forma de livramento temporário diante de inimigos que se esforçavam ao máximo para tornar miserável a vida de Israel, em meio a brutalidades, assassinatos e crimes hediondos. Israel vivia sempre no pingue-pongue da escravidão-livramento, escravidão-livramento. O arrependimento que os israelitas experimentavam era prontamente anulado por outro surto de idolatria. O jogo doentio nunca cessava.

78.60

Abandonou o tabernáculo de Silo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tabernáculo,* especialmente a quinta seção, quanto às perambulações do povo de Israel e seus pontos de parada.

Silo. Ver sobre este local no *Dicionário.* O lugar antigo é assinalado pela moderna Seilun, cerca de 36 quilômetros ao norte de Jerusalém. Fora um antigo centro de adoração a Yahweh. A arca fora guardada ali (ver Jos. 18.1; Juí. 21.19; I Sam. 1.3; 3.21; 4.3 etc.). Finalmente, Silo foi saqueada e a arca foi capturada (I Sam. 4.4-11). Muita gente morreu na oportunidade, incluindo os sacerdotes Hofni e Finéias. Essa desastrosa derrota, infligida pelos filisteus, ocorreu por causa de um julgamento divino, e o local nunca mais recuperou a antiga posição. Quando se recuperou a arca, ela foi enviada a Quiriate-Jearim. E ali permaneceu, até que Davi a removeu para Jerusalém. Havia um tabernáculo temporário ali, e então, na época de Salomão, a arca ficou repousando no templo.

A destruição de Silo também é mencionada em Jer. 7.14; 26.6, mas nessas passagens não há detalhes explicativos. O santuário foi trazido à baila porque poderíamos pensar que ele perduraria por longo tempo, pois gozava da proteção de Yahweh. Mas até mesmo Silo foi finalmente destruída, em razão da apostasia do povo de Israel. O povo de Deus conseguiu *azedar* o yahwismo em muitos lugares. Os cativeiros assírio e babilônico (ver a respeito no *Dicionário*) foram causados por revoltas de Yahweh contra Seu povo apóstata. O próprio poeta que compôs este salmo teria olhado com desgosto esses acontecimentos, que só ocorreram bem depois de seu tempo.

Se você permitir que Deus lhe guie,
E Nele esperar em todos os seus caminhos,
Ele lhe dará forças, sem importar a ocasião,
E lhe sustentará através dos dias maus.

(George Neumark)

78.61

E passou a arca da sua força ao cativeiro. Está em foco a *arca da aliança* (ver a respeito no *Dicionário),* onde Yahweh se manifestava. O lugar, portanto, era um lugar de força, porque onde estivesse Yahweh ali se manifestava também o Seu poder. A arca foi conduzida ao local da batalha pelos israelitas, a fim de garantir a vitória, visto que, presumivelmente, Yahweh iria juntamente com o Seu lugar de manifestação. O *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15, quanto a notas expositivas) se agradava em ajudar Israel a obter suas vitórias militares. A despeito dessa crença, os filisteus não tiveram dificuldades em destruir Silo e levar embora a arca da aliança. No entanto, a arca nada trouxe aos filisteus senão tribulações, pelo que, posteriormente, eles se alegraram em devolvê-la aos israelitas.

Note o leitor que a arca é chamada aqui "da sua força", porquanto a presença de Deus na arca trazia parte da glória divina aos homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Shekinah.* Ver I Sam. 4.4-11, quanto à remoção da arca de Silo.

Onde quer que o Senhor dê Sua força, ali Ele também confere Sua glória. Cf. I Crô. 16.11; Sal. 29.1; 96.6,7 e Lam. 2.1. O Targum relembra que as duas tábuas da lei estavam guardadas dentro da arca, e que obedecer à lei era a garantia de graça e glória.

78.62

Entregou o seu povo à espada. A *derrota militar,* acompanhada por muitas perdas de vida, foi um fator constante na história de Israel, e a causa sempre foi considerada o julgamento divino contra o pecado. Os vss. 62-64 provavelmente referem-se especificamente a derrotas sofridas às mãos dos filisteus, nos dias dos juízes. Ver I Sam. 4.10,11. Os sacerdotes Hofni e Finéias estavam entre os que morreram. Povos estrangeiros tornaram-se o chicote na mão divina que castigava Israel.

78.63

O fogo devorou os jovens deles. A descrição da matança efetuada pelos filisteus tem prosseguimento. Os rapazes, cheios de força e inteligência, não foram poupados, nem foram poupadas as lindas donzelas israelitas. Em vez de casar-se, conforme muito desejavam, e completar a vida frutífera com muitos filhos (o ideal feminino), elas encontraram a morte; e os maridos potenciais (os rapazes) morreram juntamente com elas. Tudo isso mostra quão esbraseada ficara a ira de Yahweh, indignado diante da cena nacional. Deus fez então os filisteus obter tremenda vitória militar. Eles agiram como bem entenderam no meio de Israel. Não demonstraram piedade, e gostavam de matar; e assim a matança tornou-se o nome do jogo.

A referência aqui não é Nadabe e Abiú (Lev. 10), que morreram por causa de seus pecados especiais (conforme Jarchi mencionou ser a interpretação de alguns rabinos). Pelo contrário, está em vista principalmente a flor da juventude de Israel. Não se ouviu o cântico nupcial (conforme diz a Revised Standard Version). Pelo contrário, houve grande choro e lamentação pelos jovens que haviam morrido com tanta brutalidade. "A desolação e a miséria foram assinaladas pela ausência dos alegres cânticos nupciais" (Ellicott, *in loc.*). O versículo pode indicar que tantos jovens foram mortos que não sobrou maridos potenciais para casar com as donzelas; mas podemos ter certeza de que muitas delas também foram insensatamente mortas.

78.64

Os seus sacerdotes caíram à espada. Os próprios sacerdotes levitas não foram poupados. Hofni e Finéias estavam entre as vítimas. A mulher de Finéias morreu de parto prematuro e, assim, não pôde presenciar o funeral do marido. Não houve viúvas que se lamentassem, conforme acontece entre os povos orientais, causando uma barulheira. Ver I Sam. 4.22. Outros sacerdotes também faleceram, e, ao que tudo indica, devemos entender que naquele tempo de grande tristeza nacional, as cerimônias usuais de lamentação foram suspensas. Na ocasião, os filisteus levaram cativa a arca da aliança. Os sacerdotes de Silo morreram à espada e, quando chegaram as notícias, as esposas dos sacerdotes não choraram, porque morreram no mesmo dia.

78.65

Então o Senhor despertou como de um sonho. Entrementes, Satanás nada fez, pois, afinal de contas, fora Deus quem enviara a ordem aos filisteus para que efetuassem a terrível matança e desgraça contra Israel. Então o Senhor aproveitou o tempo para dar um cochilo e deixar as coisas como deveriam ficar. Quanto à indiferença divina, ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4. Naturalmente, pintar Yahweh como quem dormia foi um crasso *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário),* tomado por empréstimo dos costumes pagãos. Por isso, Elohim é exortado a *acordar!* Ver Sal. 35.23; 44.23. I Reis 18.27 mostra que Elias *mofou* dos sacerdotes pagãos de Baal com a idéia que o deus deles talvez tivesse feito uma viagem ou estivesse dormindo.

A figura simbólica aqui é deveras estranha, porque vemos Yahweh a dormir; mas então, de súbito, Ele desperta de Seu estupor, que era como o estupor de um homem que se embebedara e agora se recuperava da ingestão excessiva de bebidas alcoólicas! Hoje em dia não falamos dessa maneira sobre Deus, nem mesmo na linguagem poética. William R. Taylor refere-se a este versículo como uma "figura ousada" de linguagem; mas nós a achamos ridícula e imprópria. O bêbado desperta e fica irritado por causa do efeito do vinho em seu cérebro, e isso o faz gritar de raiva. Nessa ira, ele fará a vida de alguém tornar-se miserável. Cf. Sal. 104.15. Adam Clarke (*in loc.*) não coopera muito para limpar a cena, ao assegurar-nos que o homem em questão não estava realmente embriagado, mas apenas estimulado pelo vinho. A figura simbólica seria arruinada se supuséssemos que um *homem sóbrio* se deitara para dormir (e não por ter bebido em excesso), e então despertou, tomou um gole e assim ganhou coragem para entrar na batalha.

78.66

Fez recuar a golpes os seus adversários. Ao despertar, irritado pelo vinho em excesso que agitara o seu cérebro, o homem precipitou-se contra os inimigos com toda a ira, e assim acabou com eles. Ele os feriu nas "partes traseiras", porque essa foi a parte que ficou exposta quando fugiram (King James Version); mas a Revised Standard Version nos poupa essa figura e simplesmente diz conforme a nossa versão portuguesa: "fez recuar a golpes os seus adversários" e

eles retrocederam para vergonha eterna. Quanto à vergonha passada pelo perdedor, ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21. Estão em vista as vitórias de Saul e Davi sobre os filisteus, pelas quais Yahweh, como Capitão dos Exércitos (ver I Reis 18.15), recebeu o crédito. Para conseguir a liberdade de Israel, Davi precisou derrotar oito povos inimigos, sobre o que comento em II Sam. 10.19. E aqueles que não exterminou, Davi confinou. Foi assim que seu filho, Salomão, pôde ter um glorioso reino de paz quase todo o tempo e expandiu as fronteiras de Israel, para além do que Davi tinha feito. Portanto, no tempo de Davi e de Salomão, Israel atingiu sua época áurea, que nunca mais foi igualada. Yahweh, naturalmente, foi visto como Quem proveu as *vitórias* que tornaram tudo isso possível. Cf. I Sam. 7.10,11; 13.3 e 14.23.

Adam Clarke fez os ferimentos nas partes traseiras dos filisteus referir-se a *hemorróidas* que Yahweh enviou contra os filisteus (ver I Sam. 5.6-10); e isso, naturalmente, foi uma causa de "dor e vergonha", como qualquer um que sofre dessa condição pode testificar.

78.67

Além disso, rejeitou a tenda de José. Os vss. 67-68 refletem os sentimentos do Senhor contra Efraim, a mais forte tribo do norte. Ela se tornou a principal tribo de Israel após a morte de Salomão. Ver I Reis 12.1-13.34; II Reis 17.1-23; Isa. 7.1-8.22. Gradualmente, porém, a tribo de Efraim foi perdendo sua posição de "cão liderante", e Judá se tornou a tribo mais forte e, finalmente, a única a sobreviver ao cativeiro babilônico. Sob os juízes, Efraim fora a tribo mais poderosa. Ao rejeitar Deus essa tribo, a estrada estava sendo aberta para a cena futura. Além disso, Silo (localizada no território de Efraim), que também foi rejeitada como santuário nacional, foi substituída por Sião. Isto posto, os centros de poder, tanto religioso quanto civil, mudaram para Jerusalém. Cf. o vs. 60. Ver nos vss. 9-11 algumas das razões por trás dessa mudança. Efraim tornou-se símbolo do fracasso coletivo no norte, que acabou levando ao cativeiro assírio, em 722 A. C. Antes disso, porém, houve a divisão das porções norte e sul da nação de Israel em duas nações. E, dali por diante, o norte — Israel — e o sul — Judá — iam em direções opostas.

78.68

Escolheu antes a tribo de Judá. Longo tempo antes do cativeiro assírio, Judá já havia substituído Efraim como a tribo mais poderosa. As fortunas de Israel deveriam ficar na região de Judá, e isso continua sendo verdade até hoje. O monte Sião substituiu Silo; a arca acabou guardada no templo de Salomão. As festividades anuais levavam todos os homens a Jerusalém, obrigatoriamente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sião*. Yahweh "escolheu a tribo de Judá e o monte Sião para ser, ao mesmo tempo, a sede do santuário e da monarquia (vss. 69-71)" (Fausset, *in loc.*).

78.69

E construiu o seu santuário. Quase certamente temos aqui uma referência ao magnífico templo de Salomão, que se tornou símbolo da glória que viera residir em Jerusalém e Judá. Tal como a glória do tabernáculo, que estivera guardado em Silo, não podia comparar-se à glória do templo de Salomão, assim também Efraim não podia comparar-se a Judá. Cf. I Reis 6.1-38, uma detalhada descrição das grandes riquezas e outras excelências do templo. Essa estrutura projetava sua cabeça na direção do céu, e o próprio globo terrestre tornou-se o seu alicerce. Sem dúvida temos nessas declarações exageros poéticos que foram permitidos ao salmista. Os *lugares altos* dos pagãos (que também foram adotados pela nação do norte, Israel) (ver o vs. 58) não podiam comparar-se ao templo que realmente atingia a presença de Deus com seu culto. A teologia posterior dos hebreus chegou a imaginar que o templo (ver Heb. 8.5) era uma cópia do templo celestial, onde Deus teria Sua verdadeira moradia. Este versículo, naturalmente, é cristianizado para falar da igreja, o Novo Templo de Deus (ver Efé. 2.20-22).

78.70

Também escolheu a Davi, seu servo. Davi foi a figura-chave na grande modificação. Poderoso guerreiro, foi capaz não somente de levar a tribo de Judá à posição de supremacia, mas também de subjugar todos os inimigos de Israel (ver as notas em II Sam. 10.19). Ele entregou o povo de Israel a seu filho, Salomão, em paz e franca prosperidade, e Salomão inaugurou a época áurea de Israel. Davi começou humildemente cuidando de ovelhas e, antes de sua história terminar, tornou-se o pastor de Israel. Quanto à escolha divina de Davi, ver I Sam. 16.1-23. Os versículos finais deste salmo expressam a confiança na dinastia davídica em Jerusalém para reverter um passado tristonho. Embora José e Efraim tivessem sido "repelidos, Judá e o monte Sião tornaram-se amados, e Davi, o servo de Yahweh, tornou-se o pastor de Jacó e assumiu a liderança da nação, dotado de coração reto e de uma mão habilidosa. Havia todo um processo para rejeitar a infidelidade, mas também para amar e mostrar-se solícito" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Os versículos finais, naturalmente, sem serem assim tão diretos, servem de apelo para que o povo de Israel seguisse a dinastia davídica e assim aguardasse coisas melhores. Esses versículos são cristianizados para falar do Filho maior de Davi, o Messias, em quem a dinastia davídica se realizaria de forma perpétua.

78.71

Tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias. Houve tempo em que as responsabilidades de Davi consistiam somente em cuidar de ovelhas, especialmente das ovelhas que estavam prestes a dar à luz os cordeiros, pois deles dependia a continuação do rebanho. Agora, porém, ele fora guindado à posição de pastor de Israel e cuidava da sobrevivência de toda a nação. Ele terminou cuidando da *herança de Yahweh*, e não da herança de seu pai, Jessé. Assim também Cristo, a quem Davi tipificava, no dizer de Isa. 40.11, "apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio; as que amamentam, ele guiará mansamente". "A incredulidade e a desobediência que atraíram o desastre na batalha de Afeque (ver I Sam. 4.1-11) assinalaram um ponto nevrálgico que atraiu um novo sacerdócio e um novo santuário, bem como um rei que conduziria o povo, a *herança* de Deus (ver Sal. 78.62; 79.1 e comentários sobre Deu. 4.20)" (Allen P. Ross, *in loc.*). Este versículo tem sido cristianizado para falar do grande Pastor e Rei, o Messias. Ver Luc. 1.32,33; Apo. 15.4; Isa. 9.6,7.

78.72

E ele os apascentou. Davi possuía coração correto e mão direita firme para ocupar a posição de pastor de Israel. Sua alma não estava corrompida pelos pecados que o salmista tão laboriosamente descreveu por todo o salmo. Antes, Davi era um homem segundo o coração de Deus (I Sam. 13.14) e obteve esse coração piedoso da parte de Deus. Ademais, Davi tinha mãos habilidosas tanto na guerra como na paz. Fazia coisas que promoviam a causa de Israel. "O pastor, com seu cajado e seu bordão na mão, guia as ovelhas (ver Sal. 23.4). Assim também Davi exibiu suas habilidades não somente mediante conselhos, mas de acordo com a execução de suas mãos" (Fausset, *in loc.*).

A integridade do seu coração. Ver o artigo no *Dicionário* quanto ao uso metafórico do termo "coração". Ver também sobre a palavra *Mão*, no artigo intitulado *Usos Metafóricos*. Cf. I Reis 9.4, que também contém a expressão "com integridade de coração".

Este versículo tem sido cristianizado para falar da liderança mais ampla do Messias. Ver Isa. 52.13.

É assim que este longo salmo, tão entristecedor em suas descrições dos pecados nacionais de Israel, termina com uma nota exultante de expectação. Espera-se que a salvação de Israel resida na dinastia davídica. Neste salmo não há nenhuma clara referência à divisão da nação de Israel nas partes norte e sul — respectivamente, Israel e Judá — embora as sementes dessa divisão estivessem visíveis desde há muito tempo: vss. 9-11 e 67,68.

Salmo Setenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, fazendo parte de um grupo de salmos que lamentam a opressão exercida por inimigos nacionais. Há uma oração para que Yahweh-Elohim livrasse o povo de Israel dessa angústia. A ocasião parece ser a mesma que a do Salmo 74. Ver a introdução àquela composição. Tal como no caso daquele salmo, os intérpretes especulam quanto a exatamente qual desastre lançou o povo de Israel na miséria e na lamentação. "Esse lamento da comunidade foi ocasionado pelo assalto contra Judá de alguns gentios cujos nomes não são fornecidos. O país foi devastado (vs. 7). Jerusalém foi arruinada e o templo foi contaminado (vs. 1). Ocorreu tremenda matança. O sangue fluiu como um rio. Houve devastações por toda a parte. A severidade do que é dito, na opinião de alguns intérpretes, aponta para o assédio dos babilônios e o eventual cativeiro de Judá.

Os *salmos de lamentação* (que de longe formam o grupo mais numeroso dos salmos) tipicamente começam com um clamor por livramento do inimigo que estava sendo enfrentado. Além disso, são dadas algumas informações sobre o tipo específico de inimigo que estava atacando, como um inimigo estrangeiro, inimigos surgidos dentro do próprio acampamento de Israel, ou uma enfermidade física. Algumas vezes, em um único salmo, há mais de um tipo de inimigo. Com grande freqüência, os salmos de lamentação contêm amargas *imprecações* contra os inimigos. Além disso, eles usualmente terminam com uma nota de louvor,

pois fica subentendido que as orações feitas foram respondidas, ou então o autor cria que estavam prestes a ser respondidas. No salmo à nossa frente, o clamor pedindo ajuda vem após a descrição geral de destruição: vss. 5 e 9.

Subtítulo. Neste salmo encontramos o simples subtítulo "Salmo de Asafe". Tradições posteriores identificam esse personagem como autor de doze salmos: 73 a 83 e 50. Mas essas adições (os subtítulos) não faziam parte original dos salmos e não têm autoridade canônica. Podem, ocasionalmente, tocar em algum evento histórico válido que inspirou as composições, e talvez identifiquem corretamente os autores, mas o mais provável é que isso aconteça com certa raridade.

A Mortificação de Judá (79.1-4)

79.1

Ó Deus, as nações invadiram a tua herança. "Queixando-se que Jerusalém fora devastada, que os santos foram mortos e que os inimigos foram encorajados a zombar, o salmista pleiteou que o Senhor não se lembrasse de seus pecados, mas os livrasse por amor do Seu nome. Este salmo, em vários sentidos, é parecido com o Salmo 74" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Invadiram. O inimigo era um exército estrangeiro, provavelmente o babilônico, que tinha espalhado destruição generalizada, em conexão com o cativeiro babilônico (ver a respeito no *Dicionário*).

A tua herança. Elohim era o proprietário da Terra Prometida e do povo que agora ali residia. Eles constituíam a herança do Senhor. Ver Deu. 4.20 e, no *Dicionário*, o verbete chamado *Herança*. Ver também Êxo. 15.17; Sal. 72.2. Nesta última referência, desenvolvo o tema com maiores detalhes.

Profanaram o teu santo templo. O verbo "profanar", aqui usado, parece significar algo menor que *destruição* e aponta para outros inimigos que não os babilônios. Mas note o leitor que o mesmo verbo hebraico é usado em II Reis 23.8 para descrever a contaminação dos lugares altos por parte de Josias, em 621 A. C., e sabemos que o que ele fez foi destruir os lugares altos. Talvez tão cedo quanto 597 A. C. (II Reis 24.8-17), a destruição material de Jerusalém ainda fosse pequena, e talvez contaminações tenham sido efetuadas naquela época. Seja como for, as descrições certamente parecem apontar para uma devastação de Jerusalém que só aconteceu historicamente no tempo da invasão dos babilônios. Quanto ao que ocorreu em 587 A. C., ver II Reis 25.8-10. Cf. Miq. 3.12; Jer. 26.18; 51.51 e Lam. 1.10.

As contaminações praticadas por Antíoco Epifânio (ver I Macabeus 1.38 e 3.45) não foram radicais o suficiente para merecer a linguagem do vs. 1. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antíoco Epifânio*.

79.2

Deram os cadáveres dos teus servos por cibo às aves. Além de imensos danos às propriedades, o povo em geral sofreu grande matança e os poucos que sobreviveram foram, ato contínuo, levados para a Babilônia. Muitos dos mortos sofreram a desgraça adicional de não serem sepultados, pelo que se tornaram alimento para os predadores alados.

Teus santos. As formas singular e plural do vocábulo hebraico assim traduzidas (os *chasidim*) são encontradas em vários salmos, referindo-se aos hebreus piedosos que tinham alcançado algum grau de santificação, em obediência à lei. Ver Sal. 30.4. Basicamente, a palavra significa "leal", e pensamos na lealdade à lei, obediência aos aspectos morais e cerimoniais. Termos como "piedoso", "fiel" e "santo" foram empregados para traduzir esse vocábulo hebraico. Não é mister referir-nos aos tempos dos macabeus e aos *chasidim* que viveram no período deles. Ver Sal. 16.10, quanto a outras notas expositivas. Ver Isa. 6.3, onde Deus é chamado "santo". Ali está em pauta a santidade, o que, em um sentido secundário, pode aplicar-se aos homens. Arão foi assim chamado (ver Sal. 106.16), tal como o foram os nazireus (ver Núm. 6.18). No tempo dos macabeus, entretanto, essa palavra referia-se aos judeus ortodoxos, em contraste com os judeus liberais.

79.3

Derramaram como água o sangue deles. Uma torrente de sangue cercou Jerusalém, a infeliz trilha dos martirizados. Houve tantos mortos que sepultar a todos tornou-se impossível, idéia que já vimos no vs. 2. I Macabeus 7.17 contém quase o mesmo fraseado, acerca da má obra de Antíoco Epifânio, tempos depois. Porém o mais provável é que esse texto seja uma citação livre deste versículo. Para os hebreus, alguém não receber um enterro digno era uma calamidade. Ver Deu. 28.26; II Reis 9.10; Jer. 7.33; 8.2; 9.22; 14.16; 19.7 e 22.18,19. "A vergonha envolvida em tudo aquilo! Cadáveres insepultos, aves de rapina, animais devorando a carne dos santos de Deus, sangue vertido como água, e ninguém restava, entre as ruínas, para limpar o lixo ou dar sepultamento decente aos mortos. Tudo isso, no dizer do poeta sagrado, acontecera por ordem de Deus, porquanto Israel era Sua herança" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

79.4

Tornamo-nos o opróbrio dos nossos vizinhos. Os israelitas que sobreviveram foram maltratados de todas as maneiras possíveis e, ademais, submetidos a zombarias, apupos e ridicularização. Este versículo é virtualmente idêntico a Sal. 44.13, onde notas adicionais são encontradas. Tudo isso foi atribuído a Yahweh-Elohim, por causa do pecado e da apostasia, porquanto os inimigos de Israel se tornaram o látego de Deus, para que abandonassem as suas poluções. "O opróbrio era o mesmo de que já tinham sido vítimas antigamente, e tocava a parte mais vulnerável da fé deles, a saber, que eles eram os favorecidos de Deus e, no entanto, que se visse o que lhes acontecera! O quanto os pagãos se divertiam em meio à poeira, à morte e ao mau cheiro da cidade demolida!" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Os idumeus, os filisteus, os fenícios, os amonitas e os moabitas, todos se revezavam gloriando-se do povo derrotado e subjugado, e seus insultos contra os israelitas misturavam-se às blasfêmias contra Deus" (Adam Clarke, *in loc.*, com algumas adaptações).

> *Contra os filhos de Edom, lembra-te, Senhor, do dia de Jerusalém, pois diziam: Arrasai, arrasai-a até aos fundamentos.*
>
> (Salmo 137.7)

Ver o vs. 8 desse mesmo salmo, quanto ao pano de fundo histórico.

Apelo pela Intervenção Divina (79.5-13)

79.5

Até quando, Senhor? Finalmente, neste salmo, aparece o grito de socorro, o que, usualmente, vem em primeiro lugar nos salmos de lamentação. A oração foi ditada pelo desespero, perguntando por *quanto tempo mais* continuaria a agonia, provocada pela ira de Yahweh. *Ele* era a causa real por trás da miséria, e os babilônios eram apenas instrumentos Seus. Notemos aqui a *ira ciumenta* de Yahweh, repetindo a figura do adultério espiritual e do marido irado, conforme vimos em Sal. 78.58, cujas notas expositivas se aplicam aqui. A ira divina era como uma imensa fogueira que continuava a queimar sem parar, sem alívio e sem fim em mira. Cf. Sal. 74.9, quanto a uma espera interminável e desesperada pela melhoria. Embora o julgamento divino deva começar pela casa de Deus (I Ped. 4.17), contudo, não precisa prosseguir para sempre, e quem poderia justificar a matança e a destruição insensata do santuário sagrado? Cf. Deu. 4.24. Cf. também I Macabeus 1.64 e II Macabeus 8.29.

79.6

Derrama o teu furor sobre as nações. Em vez de derramar Sua ira como um rio de fogo contra a própria herança (vs. 1), o poeta requereu que a mesma ira aniquilasse os babilônios. Afinal de contas, eram eles os pagãos envolvidos na idolatria que não conheciam a Deus. Não invocavam o nome de Yahweh-Elohim, mas sempre faziam suas petições aos ídolos sem vida. Aqueles ídolos que nada representavam agora ganhariam o crédito pelo que acontecera a Israel, e o inimigo se vangloriaria da própria brutalidade. O plural aqui, "nações", provavelmente é retórico, pois devemos entender que havia apenas um adversário, a saber, a Babilônia. Agora a culpa pela catástrofe é posta diretamente sobre os pagãos, pois certamente eles eram *causas secundárias*; não obstante, a teologia dos hebreus só via Deus como a grande fonte de tão grande mal, pois, em última análise, Ele era tido como a única causa. "Tal atitude para com os inimigos políticos é comum nas páginas do Antigo Testamento. Cf. Deu. 20.10-18; Sof. 3.8; Jer. 10.25; Eze. 25.1-17. Ver também Sal. 109.1-31 e 139.1-24" (William R. Taylor, *in loc.*). Alguns intérpretes consideram os vss. 6-7 uma profecia da retribuição contra os babilônios.

79.7

Porque eles devoraram a Jacó. Este versículo expande a idéia contida no vs. 6. Jacó (Israel, que agora existia somente como a tribo de Judá) fora *devorado* pela feroz fera do nordeste como se fosse algum pequeno animal selvagem. Coisa alguma restara da bela cidade de Jerusalém com seu templo magnificente. Só restaram os ossos da carcaça. O julgamento divino espalhara desolação. Ver algo similar em Jer. 10.24,25: "*Castiga-me, ó Senhor, mas em justa medida, não na tua ira, para que não me reduzas a nada. Derrama a tua indignação sobre as nações que não te conhecem, e sobre os povos que não invocam o teu nome; porque devoraram a Jacó, devoraram-no, consumiram-no e assolaram a sua morada*".

Ver algo semelhante em I Macabeus 1.38,39 e 3.4,5.

79.8

Não recordes contra nós as iniqüidades de nossos pais. Os vss. 8-9 culpam os pecados e a tendência de desvio de Judá pelas coisas que tinham acontecido, sendo essa a doutrina padrão do Antigo Testamento, que envolve a *Lei Moral segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Quanto à expressão "iniqüidades de nossos pais", o texto hebraico diz, literalmente "iniqüidades dos antigos". Cf. Lev. 26.45, "aliança com os seus antepassados". Ver também Êxo. 20.5 e Lev. 26.39. E ver Isa. 64.9 e Deu. 5.9, quanto a sentimentos similares aos expressos neste versículo.

Em lugar de *temíveis inimigos* que viriam contra eles, o poeta agora solicita que Yahweh-Elohim viesse prontamente ao encontro dos que tinham restado em Judá, a fim de salvá-los, preservá-los e restaurá-los, de modo que essa tribo-nação sobrevivesse para ver um dia melhor. Ao "nosso encontro" são palavras que indicam resgatar, vir em socorro, ter misericórdia visando o bem. Compaixão e misericórdia tinham de vir ao encontro dos judaítas, pois, de outro modo, nada mais restaria para ser destruído e nada haveria para continuar. O poeta personalizou a *compaixão* de Yahweh, que seria o mensageiro divino, o anjo divino que salvaria o que restara de Judá. Yahweh enviara Seu *destruidor,* cuja missão tinha terminado. Agora haveria uma missão de misericórdia, sob pena de a herança de Yahweh desaparecer da face da terra. Cf. Dan. 9.16, que parece combinar este versículo com o vs. 4.

Estamos sobremodo abatidos. Diz o original hebraico, literalmente, "estamos muito finos", isto é, *poucos* restaram, e a cidade não vale mais grande coisa. A cidade tornara-se inabitável. Cf. Lam. 5.7.

Antepassados. Podemos estar seguros de que o povo da época participou dos pecados de seus antepassados, pelo que a punição era justa. Ademais, a situação se tornara *irrecuperável,* antes mesmo de o golpe divino nivelar tudo. Isso levanta a antiga questão de os filhos sofrerem pelos pecados dos pais. Ver sobre *morrer pelos próprios pecados,* em Deu. 24.16 e Eze. 18.20. Além disso, ver sobre *morrer ou sofrer pelos pecados dos pais,* em Êxo. 20.5.

79.9

Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso. Deus tinha destruído a própria herança (vs. 1). Agora, porém, foi solicitado a salvar o que restara, para a glória de Seu próprio nome. Quanto ao *nome de Deus,* ver Sal. 31.3. Quanto ao *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21. Quanto ao Deus da *salvação,* que algumas vezes é chamado *Salvação,* ver Sal. 62.2, onde ofereço notas expositivas e referências sobre onde essa expressão se encontra no saltério. Está em pauta a idéia de *livramento,* o que significa que o povo de Israel poderia continuar no *pacto* e assim cumprir os seus ideais como nação, com a bênção de Yahweh. A causa da invasão, por parte dos babilônios, era os pecados de Israel. Assim também agora, mediante arrependimento, tais pecados seriam *perdoados.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perdão.* Dessa forma, a reputação divina seria salva entre os povos vizinhos de Israel, pois Seu aparente ato irracional, ao destruir Sua herança, seria revertido. E quando os babilônios fossem dominados, o povo reconheceria que Yahweh é que tinha agido contra Israel. E, finalmente, o amor de Deus por Israel viria à tona.

O vs. 9 admite a culpa da atual geração, e não somente dos antepassados (vs. 8). Cf. Sal. 65.1-3.

79.10

Por que diriam as nações? Ao observar o que tinha acontecido a Judá, os gentios perguntariam: "Onde está Elohim, o Deus deles?". Cf. Sal. 42.3,10; 115.2; Joel 2.17; Miq. 7.10. E os povos pagãos teriam a resposta a essa indagação quando a ira de Deus se voltasse contra eles, por causa de seus *pecados,* incluindo o pecado de terem maltratado a Israel. Quanto à vingança de Deus, ver Sal. 94.1 e, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Vingança.* Israel queria ver a vingança de Deus contra a Babilônia, tal como esse povo vira o que Elohim fizera a Israel. "O salmista tem em mente aqui Deu. 32.12, mas especialmente Joel 2.17, que é repetido *verbatim,* ou seja, 'Que sucedeu à Sua mui celebrada onipotência e ao Seu amor infalível a esse povo?' (Deu. 9.28)" (Fausset, *in loc.*). Quanto à vingança a ser efetuada, ver Deu. 32.43. Cf. Apo. 6.9; 16.6,7 e 19.2, quanto a declarações e esperanças similares. "Justiça" é a palavra que domina o versículo. A justiça requer a punição de todos os culpados. Mas o amor também entra no quadro, para reverter o curso da dor. De qualquer modo, julgamento é outro nome para o amor, visto ser um dedo da mão amorosa de Deus. Finalmente, esse castigo cura e abençoa.

79.11

Chegue à tua presença o gemido do cativo. Os poucos que não morreram, foram levados cativos para a Babilônia e foram aprisionados, o que significa que seus *gemidos* ascendiam dali aos ouvidos de Elohim, tornando-se uma oração de desespero. Os clamores dos cativos talvez excitassem o Poder para salvar os condenados à morte, ou eles permaneceriam no miserável estado de detenção e servidão a uma potência estrangeira.

A grandeza do teu poder. Somente o poder de Deus, simbolizado pelo "braço", conforme dizem outras versões, poderia servir a alguma coisa. Portanto, estas palavras solicitam a intervenção divina. Ver a metáfora sobre *braço,* em Sal. 77.15 e 89.10. Quanto à *destra* (braço direito), ver Sal. 20.6. O Targum fala sobre Elohim a *libertar* os prisioneiros.

Os sentenciados à morte. Aqui, o original hebraico literal diz, graficamente, "filhos da morte", ou seja, aqueles caracterizados pelos sofrimentos que terminariam na morte, ou numa continua *morte em vida.* Só encontramos essa frase aqui e em Sal. 102.20. Além disso, a expressão "o gemido dos cativos" encontra-se somente ali, além do texto presente. Cf. uma situação semelhante em Êxo. 2.23,4. Ver também Pro. 31.6,8.

79.12

Retribui, Senhor, aos nossos vizinhos. A *ira de Deus* devastara a nação de Israel, mas a ira de Deus contra a Babilônia seria *sete vezes* maior, se o poeta pudesse fazer Elohim agir como esperava. Os babilônios mereciam tal tratamento por causa das zombarias e blasfêmias contra um povo prostrado (ver o vs. 4). O *opróbrio,* na realidade, refletia em Deus, porquanto Israel era a herança do Senhor (vs. 1), e os povos culpados riam-se Dele e perguntavam "Onde está Ele?" (vs. 10). Quanto à questão dos sete vezes mais, ver Gên. 4.15; Lev. 26.21,28 e Pro. 6.31. Alguns intérpretes supõem termos aqui uma *declaração profética.* O tempo da Babilônia era curto. Outras potências fariam a ela o que ela havia feito a seus vizinhos. Cf. Isa. 65.6,7. Naturalmente, contrastamos com a mensagem deste versículo o tema do amor cristão. Ver Rom. 12.19 ss.

79.13

Quanto a nós, teu povo. Da mesma forma que tipicamente terminam os salmos de lamentação, este salmo se encerra com uma nota de louvor, onde o poeta faz um voto a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Voto.* Haveria louvor e agradecimentos, principalmente quando o povo judeu voltasse a Jerusalém, onde Judá levaria adiante a história de Israel. Assim seria possível às gerações futuras continuar no pacto, reverberando o louvor prestado por seus antepassados. A *restauração* teria de ocorrer, ou os poucos sobreviventes na Babilônia morreriam, e esse seria o fim do povo em pacto com Deus, a morte das ovelhas do rebanho de Elohim (quanto a esta figura simbólica, ver Sal. 74.1). Ver Sal. 23.1, quanto à metáfora do pastor. Ver também Sal. 95.7 e 100.3. Dou informações adicionais da metáfora em Sal. 78.52. Este versículo tem sido cristianizado por apresentar Cristo como o Grande Pastor das ovelhas (ver João 10), e por fazer emergir a igreja de Israel como o *novo rebanho.*

Nenhum poder na terra ou nos céus
Pode separar-nos de Teu amor, pois
Teu amor nunca falha, ó Poderoso,
A Ti sejam louvor e glória.
A Ti, desde agora e para sempre, para sempre.

(Charles H. Gabriel)

Salmo Oitenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que age como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

O Salmo 80 é um *salmo de lamentação,* fazendo parte de um *lamento em grupo* que levanta uma oração pedindo o livramento de inimigos nacionais. Cf. Sal. 74 e 79. Este salmo produz um testemunho especial da confiança de Israel em Yahweh-Elohim, desde o começo da composição, chamando-O de *Pastor.* Nessa capacidade, o autor sacro invocou a Deus para que efetuasse uma vitória notável sobre inimigos estrangeiros. A Septuaginta, no final deste salmo, refere-se aos assírios, mas é quase impossível determinar com certeza quem eram os inimigos que assediavam Israel e provocaram a composição do salmo. É evidente que, quando este salmo foi redigido, existiam ainda tanto a parte norte como a parte sul de Israel, mas atribuir ao salmo uma data exata é impossível. "Tanto nos séculos IX como VIII A. C., houve numerosas ocasiões em que um apelo como o deste salmo poderia ter sido apropriadamente proferido. Cf. II Reis 6.24,25; 7.32,33;

13.22; 15.17-22,27-31; 17.1-6" (William R. Taylor, *in loc.*). Este salmo, como é evidente, tinha por intuito ser usado pela congregação de Israel e tornou-se parte do antigo hinário hebreu usado na liturgia do templo. Note os plurais nos vss. 3, 7 e 19.

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo diz: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lírios. Testemunho de Asafe. Salmo". Cf. o título de introdução ao Salmo 45. No hebraico, em lugar de lírios, temos as palavras *sosanim* (lírios) *edute*, e é no Salmo 45 que apresento as idéias sobre o que significa esta palavra como título de salmos. Os salmos que contêm, no subtítulo, a palavra hebraica *sosanim* podem ter estado vinculados à Páscoa, à estação da primavera. O termo hebraico *edute*, por sua vez, deriva-se de uma raiz que significa "testemunho". Ver Sal. 23.1. Os salmos que contêm a palavra "lírios" no subtítulo são os de número 45, 60, 69 e 80. Doze salmos são atribuídos a Asafe: 73 a 83 e 50. Os subtítulos não faziam parte original dos salmos, mas foram adições de escribas posteriores, na tentativa de dar informes sobre as circunstâncias históricas que os teriam inspirado e informações sobre a provável autoria.

Apelo Inicial a Deus (80.1-3)

80.1

Dá ouvidos, ó pastor de Israel. Este cântico é uma celebração festiva em memória do livramento concedido pelo Senhor, ou da esperança de que o livramento logo se cumpriria. O poeta sacro orou que o Senhor restaurasse e salvasse Israel de uma desgraça histórica, de alguma tremenda calamidade que pudesse ser efetuada por um inimigo estrangeiro. "O poeta descreveu a bênção e a maldição da nação como uma vinha que florescia, mas acabou sendo destruída" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Yahweh foi convocado a "dar ouvidos", isto é, escutar, uma forma comum de endereçamento a Yahweh-Elohim, da parte do agoniado povo de Israel. Ver as notas expositivas em Sal. 64.1. Quanto à idéia de "dar ouvidos", ver também Sal. 5.1; 17.1; 31.2; 39.12; 55.1; 71.2; 78.1; 84.8; 86.1; 116.2 e 143.1.

O Pastor de Israel. Essa descrição ou título exato de Yahweh-Elohim aparece somente aqui em todo o Antigo Testamento, mas a figura do pastor divino é comum. Ver Sal. 23.1-3; 74.1; 78.52; 79.13; Gên. 49.24 e Deu. 40.11. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pastor*. O título destaca como Yahweh-Elohim: 1. possuía amor e *cuidado* por Seu rebanho, que era a Sua herança (ver Sal. 79.1); 2. era um *protetor* especial; 3. era a fonte de todo o bem-estar, o *suprimento* de cada necessidade; 4. era um agente que *perseguia* inimigos que atacassem e que aliava toda a aflição; 5. era o poder que conduz a coisas melhores; e 6. tudo isso distinguia Israel dos demais povos da terra (ver Deu. 4.4-8).

José. *É difícil determinar a razão exata do uso deste nome próprio aqui.* 1. É possível que o nome represente *todo* o povo de Israel. 2. Ou talvez o nome enfatize aquele que deu origem às tribos de Efraim e Manassés, que faziam parte da parte norte de Israel. Talvez este salmo se tenha originado em uma dessas tribos, ou o autor sacro pertencesse a uma delas. Ver Sal. 78.67,68. *Israel*, nesse caso, aponta para a divisão do país em duas metades, a do norte (Israel) e a do sul (Judá). 3. Israel pode representar a totalidade dos filhos de Israel (I Reis 12.16), e outro tanto se poderia dizer no tocante a Judá (ver Jer. 2.14; Nee. 10.33). Isso quer dizer que o autor deu o nome de algumas poucas tribos representativas (vss. 1 e 2), e devemos entender que essas *poucas* tribos representam a nação *inteira*. 4. Talvez José represente o norte, e Benjamim (vs. 2) o sul. Ver os comentários sobre o vs. 2, a seguir. Nesse caso, todo o povo de Israel sofria aflição, por causa dos assédios de algum inimigo estrangeiro, pelo que precisava dos cuidados do Pastor, a fim de ser libertado e restaurado.

Querubins. Ver a respeito em Sal. 99.1.

80.2

Efraim, Benjamim e Manassés. *Ver as notas no vs. 1, quanto a teorias sobre por que apenas algumas tribos foram mencionadas na petição do salmista a Elohim.* Talvez José represente o norte, e Benjamim, o sul. José e Benjamim eram irmãos de pai e mãe, filhos de Raquel, e *neles* todo o Israel estava presente. Efraim e Manassés eram filhos de José e tornaram-se cabeças das tribos do norte. Se o autor sacro pertencesse a uma dessas três tribos (e não a Judá), em seus preconceitos regionais, poderia ter falado de *Israel* nesses termos. Benjamim, naturalmente, deixara de existir, para todos os propósitos práticos, tendo sido absorvido por Judá. Portanto, a tribo de Benjamim pode ter continuado, após o cativeiro babilônico.

"As tribos mencionadas mostram que este salmo foi produto do reino do norte, Israel. Cf. Sal. 78.67,68" (*Oxford Annotated Bible*, comentando os vss. 1-3). Não é provável que o reino do norte, na oportunidade, estivesse no cativeiro assírio, conforme sugere a Septuaginta. E se o reino do norte não mais existisse, é improvável que o poeta sagrado tivesse usado nomes típicos do norte para designar o sul (Judá), que era tudo quanto restava do antigo povo de Israel.

Yahweh-Elohim, o Pastor, foi chamado para despertar a si mesmo, para sacudir de Si a aparente *indiferença* (ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4), usando Sua plena *força*, e assim *salvar* Israel da matança que estava sendo efetuada por alguma potência estrangeira inimiga. Quanto ao Deus *sonolento*, ver Sal. 78.65. Temos aqui reflexos do *teísmo* (ver respeito no *Dicionário*). O conceito hebraico de Deus era que, após a criação, Ele continuava presente para julgar ou abençoar, ou seja, o mundo é teisticamente orientado por Deus, em Sua providência positiva e negativa. Contrastar isso com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), posição que imagina um Deus divorciado de Sua criação, que a deixou entregue aos cuidados das leis naturais.

80.3

Restaura-nos, ó Deus. A nação restaurada de Israel contaria com a face brilhante de Elohim, ou seja, teria a garantia de escapar de qualquer inimigo fatal que se levantasse novamente em poder e prosperidade. Essa seria a *salvação* de Deus. Quanto a este conceito, ver Sal. 62.2, onde é enfatizada a idéia de Deus como Salvador, e onde ofereço notas expositivas e referências adicionais.

Esse refrão, "restaura-nos", aparece três vezes neste salmo, nos vss. 3, 7 e 19. Essa restauração vem de algum desastre, mas não da catástrofe do cativeiro assírio, do qual o reino do norte, Israel, nunca foi restaurado; e o cativeiro babilônico não está em mira aqui. A nação do norte, Israel, havia sido castigada o suficiente para carecer de *restauração*, e isso quer dizer que se tratava de uma questão muito séria.

Faze resplandecer o teu rosto. O rosto de Yahweh-Elohim se tornaria então como o sol doador de vida. A figura refere-se ao favor divino, à restauração, à bênção e ao bem-estar, tudo através do poder divino. Cf. a bênção aarônica em Núm. 6.25, e ver Sal. 4.6. Cf. Sal. 31.16. Devemos pensar aqui em uma bênção sacerdotal, na qual Yahweh é o Sumo Sacerdote.

> *Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo: salva-me por tua misericórdia.*
>
> (Salmo 31.16)

Descrição da Sorte de Israel (80.4-7)

80.4

Ó Senhor Deus dos Exércitos. *Pecados nacionais tinham causado o desastre.* Agora, ao que se pode presumir, o arrependimento permitia que Deus conferisse aos filhos de Israel perdão e restauração. Por conseguinte, a intensa *ira de Elohim logo passaria e seria substituída por uma bênção positiva.* Pelo menos essa era a esperança do poeta sagrado, pela qual ele também orava. Potências estrangeiras destruidoras sempre eram vistas como látegos na mão divina. O castigo já se prolongara por tempo suficiente, e o salmista clamou pela breve interrupção. Bastante era bastante. A punição poderia ultrapassar a gravidade do crime se prosseguisse indefinidamente. Em algum ponto, a misericórdia divina teria de intervir, pois do contrário Israel seria reduzido a nada, e a herança de Deus se perderia (ver 79.1). Cf. Sal. 13.2 e Êxo. 10.3. Neste caso, seria "até quando tu soltarás fumaça, em Tua ira?". Portanto, a ira divina foi expressa em termos de *fogo* e *fumaça*, uma figura metafórica comum que finalmente se apegou aos sofrimentos no hades, terminados o tempo do Antigo Testamento, no período intermediário entre este e o Novo Testamento.

Yahweh-Elohim é retratado como dirigindo o exército de Israel, o *General*. Quanto a esse conceito, ver as notas expositivas em I Reis 18.15. O título *completo* é comum nos escritos proféticos, mas não se acha no Pentateuco e nos livros de Josué ou Juízes. Contudo há instâncias desse título nos livros históricos. Está *em pauta a soberania universal de Deus, com a idéia de que Ele poderia ferir os* inimigos de Israel com alguma espécie de golpe de guerra. Talvez os exércitos celestes também estivessem incluídos no exército do Senhor. Deus estava irado contra Israel (ver 74.1 e 79.5), mas a esperança do poeta era que Ele faria Sua ira virar-se contra os inimigos de Israel.

A King James Version e nossa versão portuguesa dão a entender que a ira de Deus se voltara *contra* as orações de Seu povo, impedindo que fossem respondidas e efetuando o contrário do que eles pediam. A Revised Standard Version, porém, parece indicar que até as orações de Israel deixavam Elohim irado, porquanto o povo ainda não estava em posição de ser libertado do desastre que o havia abatido. Segundo esperavam os filhos de Deus, a fumaça que subia (como incenso) das orações de Israel apagaria as chamas da ira de Deus. Mas, pelo contrário, ela avivava mais ainda esse fogo. "Infelizmente, Deus fazia a fumaça das orações receber a oposição da fumaça de Sua ira" (Hengstenberg, *in loc.*).

80.5

Dá-lhes a comer pão de lágrimas, e a beber copioso pranto. A "provisão" outorgada pelo Pastor ao povo de Israel era de lágrimas para comer e para beber,

ou seja, nada a não ser tristeza e dor. A expressão "pão de lágrimas" também se encontra em Sal. 42.9; 102.9; I Reis 22.27 e Isa. 30.30, ou seja, um número suficiente de vezes para alertar-nos de que essa era uma metáfora poética comum na literatura hebréia. A medida dessa horrível provisão era "plena" (Revised Standard Version) ou "grande" (King James Version). Nossa versão portuguesa, entretanto, diz "copiosa".

Temos aqui um triste contraste com o tipo de provisão referida no Salmo 23, por tantas vezes chamado Salmo do Pastor. Em vez da mesa preparada na presença de inimigos, os inimigos destruíam ativamente o acampamento de Israel.

Medida. Nossa versão portuguesa engole uma palavra que em hebraico significa "a terceira parte", e, provavelmente, é o *efa* (ver Êxo. 16.36; Isa. 5.10). Mas a expressão é idiomática e quer dizer "muito". Jarchi faz o *shalish* ser um vaso de beber, e alguns poucos outros rabinos atribuem o mesmo significado à palavra.

Talvez a figura simbólica aqui pretendida seja mergulhar o pão em uma terrina cheia de lágrimas, em vez de em um molho de carne ou vinho. Ver João 13.26,27,30.

80.6

Contendas. Algumas versões dizem "escárnio", tradução baseada na versão siríaca, e não no original hebraico, que fala em "contenda". O texto massorético (ver o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*) é o texto hebraico padrão, mas seus mais antigos manuscritos datam do século IX D. C. Dispomos de manuscritos bem mais antigos na Septuaginta. Os Papiros do Mar Morto, que são manuscritos hebraicos, demonstram que algumas vezes as versões, especialmente a Septuaginta, preservam textos originais que o texto massorético perdeu. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do* e *Manuscritos do Antigo Testamento*, para maiores informações.

Algumas emendas, com base nas versões ou em simples conjecturas, são apontadas como melhores que o próprio texto massorético, embora isso não ocorra com freqüência.

A conduta zombeteira dos inimigos de Israel também aparece em trechos como Sal. 39.8; 44.13; 79.4 e outras referências. Os inimigos *riam-se* da situação e sorte dos israelitas e lançavam indiretas contra Yahweh, porque o *Seu povo* tinha caído em desgraça e sofrimentos. "Eles nos vêem na bondade e na severidade de Deus. Todos os nossos vizinhos se reúnem para zombar de nós e execrar-nos. Somos odiados por todos e espezinhados por todos. Somos amaldiçoados" (Adam Clarke, *in loc.*).

80.7

Restaura-nos, ó Deus dos Exércitos. Este versículo é o refrão repetido (aparece nos vss. 3, 7 e 19), com a pequena adição de que aqui Elohim é chamado "dos Exércitos", tal como no vs. 4, mas não no refrão original. Ver os comentários do vs. 4, quanto ao significado dessa adição. O refrão, pois, antecede, e então encerra a descrição da amarga sorte de Israel (vss. 4 e 7). "Após terem sido humilhados às mãos de seus vizinhos e de seus inimigos, houve uma pausa solene, e então, se pudermos imaginar, e conforme provavelmente foi cantado, seguiu-se repetida afirmação de esperança imorredoura, de luz que brilha para além das trevas, e de salvação para além do desespero" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Israel como Videira Assolada (80.8-13)

80.8,9

Trouxeste uma videira do Egito. Israel é agora comparado a uma *videira* que Yahweh-Elohim trouxe do Egito. A metáfora é desenvolvida até o vs. 13, inclusive. Portanto, temos uma parábola veterotestamentária da videira. Cf. Isa. 5.17; Jer. 2.21; Eze. 17.1-10; Osé. 10.1. A metáfora foi transportada para o Novo Testamento em Mat. 21.33-42 e João 15, e é provável que tenham sido os textos do Antigo Testamento que sugeriram a metáfora. Ademais, essa era uma metáfora rabínica comum. A agricultura era uma fonte de comparações e parábolas, visto que os hebreus formavam, essencialmente, uma cultura agrícola, e não científica ou industrial.

Para que a videira fosse plantada, era mister que houvesse um território, e para que esse território fosse provido, era preciso livrar a terra das ervas daninhas (os pagãos). Estava em jogo o cumprimento do *Pacto Abraâmico* (anotado em Gên. 15.18). O território foi preparado quando a nação de Israel expeliu dali oito plantas daninhas, ou seja, oito nações pagãs. Ver sobre isso em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. O vs. 9 deste salmo é uma referência direta à "preparação" da terra para o plantio da videira. As ervas daninhas foram arrancadas do campo, para que uma planta nobre pudesse medrar sem competição. Foram esses preparativos cuidadosos e laboriosos que tornaram possível à videira lançar raízes profundas. Mas uma vez que as raízes foram lançadas, a videira espalhou-se por toda a terra, uma referência à divisão da Terra Prometida entre as tribos e famílias de Israel. A boa videira cobre a terra através dos processos de plantio, poda, enxerto e inoculação. O viticultor precisava ser habilidoso em todos os processos do cultivo. O divino viticultor tinha feito Israel (a videira) preencher inteiramente a terra, e também medrar e florescer.

80.10

Com a sombra dela os montes se cobriram. A videira cobriu as colinas e os vales, as planícies e as margens dos rios. Tornou-se forte, saudável e prolífica, tão robusta que tinha ramos como se fossem árvores de *cedro* em miniatura. Isto posto, como um cedro do Líbano, a videira espalhou-se e seu aspecto era de uma videira saudável e forte. Seus galhos e ramos tornaram-se os "cedros de Deus", o que corresponde, literalmente, ao original hebraico.

80.11

Estendeu ela a sua ramagem até ao mar. A Grande Videira ocupou o território inteiro, com suas colinas (vs. 10); o mar (Morto e Mediterrâneo); os rios (Jordão e outros). Talvez seja um refinamento excessivo identificar áreas geográficas. A mensagem é que a Videira simplesmente conquistou todo o território. Talvez não devamos ver nada tão exato como as *fronteiras* de Israel, nas palavras do texto. Mas alguns vêem pelo menos o rio Eufrates (nordeste) e o mar Mediterrâneo (oeste), que eram fronteiras naturais de Israel. Ver as dimensões da Terra Prometida no Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18. Alguns estudiosos fazem os montes referir-se à fronteira sul, e os cedros do Líbano à fronteira norte.

Sumário de possíveis fronteiras: as colinas (vs. 10, leste); o rio (Eufrates, nordeste); o mar (Mediterrâneo, oeste); os cedros (do Líbano, norte); as colinas (de acordo com outros intérpretes, sul). Sim, a videira era saudável, robusta e próspera.

80.12

Por que lhe derrubaste as cercas. *De súbito,* porém, as cercas que rodeavam a videira foram "derrubadas", e assim qualquer um podia invadir a plantação e produzir uma confusão. Em outras palavras, Israel tinha perdido o controle de suas fronteiras e, desprotegido, sofreu brutalidade da parte de seus adversários. "A palavra para *cerca,* usada aqui e em Sal. 89.40 e Isa. 5.5, não se refere às muralhas de uma cidade, mas ao tipo de cerca levantada para proteger as videiras" (Allen P. Ross, *in loc.*). Em tempos de poderes militares relativamente pequenos, as cercas serviam de proteção razoável, se contassem com guardas e sentinelas apropriados. Em outras palavras, as cercas tinham de ser vigiadas. Não constituíam proteção suficiente por si mesmas.

Algo existe que
Não ama uma cerca,
Que a quer derrubada.

(Robert Frost)

As cidades fortificadas de Israel contavam com muralhas, e, naturalmente, pode haver aqui uma referência à derrubada dessas muralhas. Mas Yahweh-Elohim era a verdadeira Muralha de Israel, e Ele tinha removido Sua proteção. Ele também havia retirado as sentinelas, deixando Israel inteiramente vulnerável. Videiras sem defesa ou cercas atraíam a atenção dos passantes e de vários tipos de animais. Israel atraíra inimigos por causa de seus pecados.

80.13

O javali da selva a devasta. *Ilustrando* suas declarações, o salmista refere-se a dois tipos de feras que invadiam a videira agora desprotegida: o javali da floresta e animais não identificados que vieram encher a barriga. A Revised Standard Version fazem do javali e dos animais selvagens uma referência paralela, pelo que um único exemplo foi dado. Embora o javali fosse um animal comum na antiga Palestina, temos neste versículo a única referência a ele em todo o Antigo Testamento. Ele estava entre os animais imundos (ver Deu. 14.8), pelo que serve de figura apropriada dos "inimigos imundos" de Israel, os pagãos. Na Índia, porcos do mato e búfalos causavam toda a sorte de confusão em plantações e pomares, e para mantê-los à distância era preciso postar sentinelas em lugares estratégicos. Portanto, o "problema dos animais" destruidores era e continua sendo crítico para os fazendeiros e os criadores de animais.

Em vingança, porque os homens negligenciavam
os sacrifícios oferecidos a ela,
Oencus enviou um porco monstruoso para os campos
Que derrubou as colheitas e arrasou as florestas.

(Homero, Ilíada)

Os *intérpretes* tentam identificar esse javali, sugerindo vários adversários de Israel, como o rei da Assíria, Edom, Roma, o cativeiro romano, e tanto a Roma pagã como a Roma papal, mas tais interpretações em pouco ou nada nos ajudam, servindo, quando muito, de ilustrações.

Apelo por Ajuda Renovada (80.14-19)

80.14

Ó Deus dos Exércitos, volta-te, nós te rogamos. Este versículo é bastante parecido com os refrões dos vss. 3, 7 e 19. Provavelmente o poeta alterou um pouco o versículo, mas talvez estejam corretos os críticos que supõem que o próprio texto sagrado estivesse corrompido. Algumas traduções simplesmente introduzem o mesmo refrão (como o dos vss. 3, 7 e 19), neste lugar, supondo que isso emenda devidamente um texto duvidoso. Por outra parte, a introdução da parábola da videira já seria suficiente para alterar o texto. Assim, em vez de "brilhar" sobre Seu povo, *Elohim dos Exércitos* "olha dos céus" para baixo, restaurando a videira e perseguindo os animais selvagens e outros invasores da videira. Lemos no Targum: "Na misericórdia, lembra-te da tua videira". O versículo é cristianizado quando Cristo visita a videira e a restaura com o Seu evangelho. Note o leitor que o Senhor da videira, o Capitão dos Exércitos, tinha abandonado a *Sua videira,* pelo que uma agoniada nação de Israel teve de chamá-Lo de volta para que restaurasse o dano feito em Sua ausência. O abandono da videira, por parte de Yahweh-Elohim, foi provocado pela rebeldia de Israel. Eles tinham derrubado, com grande efeito, as muralhas protetoras ao redor.

Esta vinha. A palavra hebraica assim traduzida é achada somente aqui em todo o Antigo Testamento, e o seu significado é duvidoso. Temos as traduções "tronco" (King James Version) e "vinha" (Revised Standard Version e nossa versão portuguesa). A Septuaginta e a Vulgata Latina traduzem a palavra como um verbo no imperativo, "protege", ou seja, "protege com a tua mão direita o que plantaste", tradução seguida pela nossa versão portuguesa. O hebraico literal deixa os eruditos consternados, à procura de alguma emenda: "... plantado e sobre o filho que criaste para ti mesmo". Se essa forma corresponde ao texto *verdadeiro, temos um abandono abrupto da figura da videira (Israel).* A vinha torna-se agora no *Filho* de Deus, um sentido bastante comum e emocional. Ver o vs. 17. Cf. isso com Êxo. 4.22,23. A King James Version diz aqui: "o ramo que fortaleceste para ti mesmo", preservando a metáfora da videira, mas a Revised Standard Version simplesmente omite a segunda parte do versículo, como uma introdução ao vs. 17. A segunda parte é declarada messiânica tanto pelos antigos rabinos quanto pelos cristãos modernos. A versão siríaca, a Vulgata Latina e a Septuaginta dizem "o Filho do homem". Se isso está correto, então esta é a primeira vez, em todo o Antigo Testamento, em que esse título messiânico aparece. Prosseguindo com este modo de interpretação, aparece aqui a exaltação de Cristo à mão direita de Deus. Mas isso se revela um exagero na interpretação do texto, como *eisegesis,* e não *exegese.* Ou seja, é tentar ler no texto o que a pessoa pensa que está ali. Cf. Zac. 3.8; Isa. 44.14 e 49.5. Alguns traduzem a palavra *Filho* por "ramo" (tal como faz a King James Version), o que preserva a metáfora original. O Targum diz: "o Rei Messias, a quem fortaleceste para ti mesmo". Ver outros comentários na exposição sobre o vs. 17.

80.15

Protege o que a tua mão direita plantou. A destra de Deus tinham plantado e sustentado a videira. Foi o poder do Senhor que deu origem e continuidade à videira. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6, onde ofereço idéias e referências. Foi a mão direita de Deus (através de povos pagãos) que devastou a videira. Agora, o mesmo poder divino poderia restaurá-la. Portanto, ao longo do caminho, Yahweh-Elohim *era e continua sendo* a força ativa.

80.16

Está queimada de fogo, está decepada. O *rosto divino,* que deveria brilhar sobre eles (ver os vss. 3, 7 e 19), fez uma carranca, atraindo cortes, queimaduras e destruição generalizada, em vez de paz e prosperidade. O original hebraico deste versículo tem sido entendido de diferentes formas. A King James Version *aplica essas declarações a Israel, ao passo que a Revised Standard Version faz* delas um desejo que os inimigos de Israel pereçam, em vista do que tinham feito. Nesse caso, a versão portuguesa concorda com a King James Version. Isto posto, o versículo continua a idéia do vs. 13, a selvagem destruição sofrida por Israel, como se um animal feroz, saído da floresta, fosse o autor da destruição. Como era usual, a *causa única* foi Yahweh-Elohim, que agora aparece no lugar do javali, Seu instrumento de destruição.

Tu, sim, tu és terrível; se te iras, quem pode subsistir à tua vista?

(Salmo 76.7)

"... cuja destruição foi devida à ira de Deus contra os seus pecados; Ele fez uma carranca na direção deles" (John Gill, *in loc.).*

80.17

Seja a tua mão sobre o povo da tua destra. Alguns eruditos supõem que partes do vs. 15 tenham sido inseridos neste versículo. Portanto, as notas expositivas oferecidas ali se aplicam também aqui, pelo que não entro em grandes detalhes. Note o leitor no vs. 15 que a mão direita de Deus, que representa o Seu poder, foi que plantou a vinha (Israel). Aqui (vs. 17), há a solicitação de que a *mão direita* de Deus fosse colocada sobre o *homem* (Israel), que também é chamado *Filho do homem,* ou seja, um frágil ser humano caracterizado pelos atributos de mortalidade e debilidade. A esperança do poeta, portanto, era de que a poderosa mão que plantara a videira e lhe dera começo — mas no momento a estava destruindo, por causa dos pecados nacionais de Israel — agora restaurasse e curasse a nação, revertendo assim o triste processo de destruição produzido por inimigos estrangeiros de Israel. Naturalmente a fraca nação de Israel, meramente humana, precisava ser fortalecida pelo poder de Elohim, para que, nessa força, achasse restauração, paz e prosperidade. Essa parece ser a simples e lógica interpretação. Os intérpretes antigos e modernos, hebreus ou cristãos, têm tornado este versículo messiânico, vendo aqui uma predição do Filho do homem. Descrevi isso nos comentários sobre o vs. 15. Algumas edições da King James Version escreveram as palavras Filho do Homem com iniciais maiúsculas, uma interpretação forçada da tradução. "Nas palavras *filho do homem,* alguns estudiosos vêem uma referência ao Messias. Mas o paralelismo e o contexto mostram que o poeta estava pensando em Israel como uma comunidade, da qual a *vinha* servia de emblema" (Ellicott, *in loc.*). Em contraste, temos os comentários de Adam Clarke, que dizem: "Parece estar aqui tencionado o Cristo. Este é o primeiro lugar, no Antigo Testamento, onde o título Filho do homem é aplicado a Ele". Quanto a outros comentários, ver a exposição sobre o vs. 15.

80.18

E assim não nos apartaremos de ti. Se fosse assim *abençoado,* se a destruidora mão direita de Elohim revertesse suas ações e passasse a abençoar, em lugar de amaldiçoar, então o bendito e privilegiado Israel *retornaria* a Ele e nunca mais se apartaria em pecado e apostasia. Em outras palavras, a *lição seria aprendida. Mas porventura Israel aprendeu a lição de forma permanente?* Israel se tornara um povo piedoso, dedicado à oração, sempre buscando o rosto sorridente de Yahweh? Isso acontecia ocasionalmente, mas agora tudo cairia por terra novamente. E então o rosto sorridente de Deus se transformaria mais uma vez em carranca, e os filhos de Israel reviveriam o antigo processo de pecado-julgamento-restauração, sempre acompanhado de intensos sofrimentos.

O pecado tinha atraído morte generalizada. A restauração traria *vida,* tanto física quanto espiritual. O poeta disse "Dá-nos vida!", porquanto Israel invocava o nome de Deus. Ver sobre *nome,* em Sal. 31.3; e sobre *nome santo,* em Sal. 30.4 e 33.21.

Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida, e de novo me tirarás dos abismos da terra.

(Salmo 71.20)

80.19

Restaura-nos, ó Senhor Deus dos Exércitos. Este versículo é idêntico aos vss. 3 e 7, pelo que o refrão é repetido pela *terceira vez.* Isso significa que o hino termina com uma nota triunfal, e a esperança no *Deus eterno* se acende de novo. As notas expositivas sobre os vss. 3 e 7 aplicam-se também aqui. "Mediante delicada gradação no estilo de endereçamento a Deus, o refrão chega a seu tom final, expressando a idéia de confiança completa" (Ellicott, *in loc.*). "Salvos: do poder e da opressão dos caldeus; da culpa e da condenação do pecado; da ira de Deus; do desprazer eterno do Senhor. Assim sendo, ó Deus, salva-nos!" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Não ousaremos buscar escape mediante o recuo a uma piedade fácil. Contudo, da perspectiva cristã, que mais poderíamos reivindicar como nossa esperança, do que este solene refrão do poema?" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Os caminhos de Deus parecem escuros, mas mais cedo ou mais tarde,
Eles tocam nas colinas rebrilhantes do dia.
O mal não pode prevalecer para sempre;
Os bons bem podem dar-se ao luxo de esperar:
O dia deles certamente virá.

(Whittier, com algumas adaptações)

Salmo Oitenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os saimos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo pertence à *classe litúrgica,* ou seja, é um *hino* que convoca o povo de Israel à adoração formal no templo de Jerusalém. A festividade especialmente em vista (vs. 3) provavelmente é a Festa dos *Tabernáculos* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver Deu. 16.13-15. Este salmo tem sido chamado de "litúrgico profético". Ele se divide em duas partes: vss. 1-5a, que parecem fazer parte de um hino mais longo, e então os vss. 5b-16, que parecem ser uma declaração profética que reflete os anseios e esperanças do povo de Deus. As palavras deste salmo, combinando admoestação e apelo, são postas diretamente na boca de Yahweh-Elohim, pelo que temos aqui o Divino orador.

A Mishnah (*Tamid* 7.4) diz-nos que este salmo era entoado pelos levitas no templo, no quinto dia da semana, todas as semanas; mas também fica claro que o hino fazia parte da celebração de uma festa religiosa, provavelmente a Festa dos Tabernáculos.

A menção a José no vs. 5 pode indicar que o hino se originou no reino do norte (Israel), mas nenhuma data aproximada pode ser confirmada. Buttenwieser sugeriu que este é um dos mais antigos salmos dentre as composições pré-exílicas do saltério.

Subtítulo. Neste caso encontramos as seguintes palavras: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lagares. Salmo de Asafe", idênticas ao subtítulo do Salmo 8 (ver ali as notas expositivas), exceto pelo fato de que o Salmo 81 é atribuído a Asafe, ao passo que o Salmo 8 é atribuído a Davi. Doze salmos são atribuídos a Asafe: 73 a 83, 50.

Louvores a Deus (81.1-5a)

81.1

Cantai de júbilo a Deus, força nossa. Este salmo é reflexo de uma celebração em memória ao livramento de Israel por parte do Senhor. Associa-se tradicionalmente à Festa dos Tabernáculos. Ver Lev. 23.33-36,39-43; Deu. 16.13-15. Alguns estudiosos, baseados no vs. 5, citam a Páscoa como a ocasião em que o salmo era empregado. Mas o júbilo do hino está mais em harmonia com a Festa dos Tabernáculos. Israel havia sido libertado da escravidão ao Egito, e isso inspirou muitas passagens poéticas e prosaicas do Antigo Testamento que passaram a atuar como memoriais do evento. O livro de Deuteronômio relembra, por mais de vinte vezes, como Israel foi "tirado do Egito". Ver Deu. 4.20.

"O salmista convocou a congregação para *cantar* em alta voz ao Senhor, a *força* deles (cf. Sal. 22.19; 28.7,8; 46.1; 59.9,17; 118.14), e para entoar louvores com acompanhamento de instrumentos musicais" (Allen P. Ross, *in loc.*). E foi assim que este salmo se tornou um hino litúrgico, empregado regularmente no culto do templo e por ocasião de festividades nacionais.

O Deus de Jacó. Neste versículo, a nação de Israel é intitulada de "Jacó", pois é dele que descendia (vs. 5). "José", por sua vez (vs. 5), sugere que o salmo se tenha originado no reino do norte, contudo não há nenhuma indicação de que as regiões norte e sul do país já se tivessem separado, à época da composição.

Os hebreus eram um povo ruidoso. O hino deveria ser cantado em voz alta, acompanhado por gritos de alegria. Os músicos levitas (ver I Crô. 25) cantavam, mas a certos intervalos a congregação ajuntava a sua voz.

Yahweh-Elohim seria uma ajuda bem presente em tempos de tribulação, tal como o foi no êxodo. Ver os vss. 14-16 e cf. Sal. 46.1.

81.2

Salmodiai e fazei soar o tamboril. Os cantores levitas, que eram profissionais, são exortados pela congregação a pegar seus instrumentos musicais e cantar o hino ou salmo de liberação. O *tamboril,* a *harpa* e o *saltério* eram os instrumentos musicais usados nos acompanhamentos, mas também era comum empregar instrumentos de sopro. Ver no *Dicionário* a discussão sobre esses instrumentos, no verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais.*

> *A música exalta cada alegria, suaviza cada tristeza,*
> *Expele enfermidades, abranda cada dor,*
> *Subjuga o poder do veneno e da praga.*
>
> (John Armstrong)

O ministério da música era um aspecto importante no culto do templo, e uma classe de levitas era nomeada tanto para cantar quanto para tocar os instrumentos musicais. Essa profissão de levitas músicos passava de pai para filho, através das gerações. Ver I Crô. 25.

Cf. Sal. 33.2. "O uso de todos esses instrumentos musicais, juntamente com os cânticos, ajudava a criar uma melodia agradável. Eles eram usados nos tempos do Antigo Testamento e aumentavam a alegria espiritual e a melodia no coração. Cf. Apo. 5.8; 14.2,3 e 15.2" (John Gill, *in loc.*). "O poema abre com uma nota de jubilosa festividade, pois os recursos musicais do povo eram mobilizados formando um grande grupo musical. Se esse hino era entoado por ocasião da festa da colheita, era uma atribuição de louvores a Deus, por Suas provisões do campo e do vinho... Seu ritmo, ao que tudo indica, era pontuado por gritos de alegria" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

81.3

Tocai a trombeta, na lua nova. A trombeta também era usada para acompanhar o hino. A trombeta era feita com o chifre de uma cabra selvagem, conforme sabemos através da Mishnah, Rosh ha-Shanah 3.3,4 e Núm. 29.1. A palavra "festa" usada neste versículo aponta para as *três* festas anuais, às quais todos os membros masculinos do povo hebreu precisavam estar presentes, peregrinando até Jerusalém. As festas eram a Páscoa, a festa das semanas (o Pentecoste) e a Festa dos Tabernáculos, mas somente a Páscoa e os tabernáculos ocorriam perto do meio do mês, quando havia lua cheia. Ver Deu. 16.16, bem como no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas.* O toque da trombeta, que ocorria no começo de cada mês (quando havia a lua nova), era feito nas trombetas de prata, e não na trombeta de chifre (ver Núm. 10.10). Mas no *sétimo mês* (que era o Ano Novo civil) usava-se a trombeta de chifre de cabra.

"Quando a *lua nova* era vista pela primeira vez, moldando seu arco translúcido contra a luz mortiça do começo do dia, um trombeteiro a *saudava;* e quando a *lua cheia* se elevava acima do horizonte oriental, uma trombeta de chifre anunciava a abertura formal da festividade. Era uma visão jubilosa, que enchia o coração, e um povo agradecido unia seus risos à música" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Os hebreus, em contraste com os babilônios, não eram nem matemáticos nem astrônomos, pelo que não tinham capacidade de determinar com antecedência o tempo exato da lua nova e da lua cheia. Adivinhar o dia aproximado era suficiente para eles.

"... tocar a trombeta, ou a cada lua nova, ou no primeiro dia do mês, era religiosamente observado pelos judeus (ver II Reis 4.23), ou então, por ocasião da lua nova do primeiro dia do sétimo mês, o mês de tisri, dia que era o dia memorial de tocar as trombetas (ver Lev. 23.34), pelo que diz o Targum: "Tocai a trombeta no mês de tisri", quando começava o novo ano" (John Gill, *in loc.*). Está em pauta a Festa dos Tabernáculos (Deu. 16.13-15), mas alguns estudiosos preferem pensar na Páscoa. O mês de tisri corresponde ao nosso setembro-outubro. Ver Lev. 23.33.

81.4

É preceito para Israel. A festa e seu modo de celebração eram governados pela lei, as instruções mosaicas. Ver Núm. 10.10 e Lev. 23.24. Quanto às leis que governavam a festa da *Páscoa,* ver Êxo. 12.18,19. Quanto às leis que governavam os *tabernáculos,* ver Lev. 23.24,34. A *lei* era o nome do jogo, em Israel. Coisa alguma era deixada ao acaso em Israel. A lei era o manual de todas as idéias e de toda a conduta.

Anelos de Deus Atinentes a Seu Povo (81.5b-16)

81.5

A José. No Egito, Israel se submetera a trabalho escravo. Seus ombros carregavam pesadas cargas, e suas mãos ocupavam-se em fabricar "cestos". A voz libertadora de Deus chamara a nação de Israel para longe das cargas, dos vasos e dos cestos. O livro de Deuteronômio diz, por mais de vinte vezes, que Deus libertou Israel da servidão aos egípcios. Ver Deu. 4.20, quanto a comentários. Os vasos eram instrumentos para transportar líquidos e para cozinhar. Os cestos eram cheios de tijolos para construções, para mencionar somente algumas das utilidades desses objetos.

Instruções divinas quanto às festas, sua natureza e como elas deveriam prosseguir começaram ainda no Egito, antes que Israel deixasse o país, ficasse a vaguear pelo deserto e então ocupasse a Terra Prometida.

Ao sair contra a terra do Egito. A referência, aqui, é ao anjo da morte, que *passou por sobre o Egito,* matando os primogênitos das famílias egípcias. Ver Êxo. 11.4. Uma voz especial entregara as instruções relativas à Páscoa, uma voz que Israel nunca antes tinha ouvido. Era a voz da libertação e da redenção, e também a voz que acompanhou Israel em suas perambulações pelo deserto. A King James Version labora aqui em erro, ao falar sobre os egípcios, cuja língua os

hebreus não entenderiam. Naturalmente, em redor da festa da Páscoa, os judeus compreendiam esse idioma. Mas a referência é à voz de Yahweh. O salmista, pois, informa-nos que Israel nunca ficou sem um Guia de confiança, que continuava a falar com eles, dando-lhes instruções e encorajamentos apropriados. Naturalmente, Moisés e Arão eram os porta-vozes de Deus, e alguns estudiosos pensam que essa voz era dos dois irmãos. Mas a verdade é que eles não tinham voz para o povo, exceto a Voz Divina, que falava por intermédio de Moisés e Arão.

81.6

Livrei os seus ombros do peso. O povo de Israel estivera sujeito ao trabalho escravo no Egito. Seus ombros tinham suportado o peso de cargas pesadas, e suas mãos ocuparam-se do fabrico de vasos de barro e cestas. Deuteronômio ressalta por mais de vinte vezes o fato de que Yahweh chamou Seu povo dali. Ver os comentários a respeito em Deu. 4.20. Sem dúvida, os hebreus tinham de fabricar cestos e vasos que depois eram obrigados a carregar. Por isso o Targum fala de como Yahweh libertou os filhos de Israel de "amassar o barro" para fabricar vasos. Cf. Êxo. 1.11 e 5.5-11.

81.7

Clamaste na angústia e te livrei. Israel tinha passado por diversas aflições em suas perambulações pelo deserto, e assim invocou Yahweh para que os ajudasse. Yahweh livrou-os bem depressa, porque neles tinha Sua herança (7.1), e com eles firmara Seu pacto (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*). "O recital do trato passado de Deus com o povo de Israel, usualmente na Festa dos Tabernáculos (ver Deu. 31.10-13; Nee. 8.18), parece seguir-se aqui como se a festa estivesse realmente acontecendo, e a multidão estivesse ouvindo o salmista" (Ellicott, *in loc.*).

Do recôndito do trovão. Consideremos aqui estes quatro pontos:

1. Esta expressão poética bastante obscura provavelmente refere-se à coluna de nuvens que guiava Israel durante o dia. Yahweh deu a Seu povo o abrigo de uma nuvem tempestuosa. Sal. 105.39 diz: "Ele estendeu uma nuvem que lhes servisse de toldo". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Colunas de Fogo e de Nuvem,* quanto a maiores detalhes.
2. Mas alguns eruditos vêem aqui uma referência geral, a voz de Yahweh que saía das tempestades do céu e guiava os filhos de Israel pelo caminho certo.
3. Outros referem-se aos trovões e relâmpagos que ocorreram no monte Sinai, quando a lei foi dada e tornou-se orientação para Israel em todas as coisas. Ali Deus foi ouvido, embora não fosse visto. "O monte Sinai pode ser a localidade em pauta (ver Êxo. 19.16-19; 20.18)" (William R. Taylor, *in loc.*).
4. Ou a referência pode ser tão geral que envolva todas essas idéias, e a mensagem é que Deus falava de maneiras admiráveis, até mesmo através de nuvens tempestuosas e lugares ocultos. Alguns estudiosos chegam a recuar até as pragas da escuridão e das tempestades que feriram o Egito, antes mesmo que Israel partisse dali (ver Êxo. 3.7-10).

Águas de Meribá. Ver no *Dicionário* o verbete com este nome, onde ofereço amplos detalhes. Em Êxo. 17.1-7 o povo submeteu Yahweh a teste. Mas aqui Yahweh quem testou o povo de Israel. Cf. Núm. 20.1-13. "Meribá" significa *querela* ou *contenda,* referindo-se às queixas de Israel contra o Senhor e contra Moisés, pela falta de água para beber.

Selá. Quanto a possíveis significados desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

81.8

Ouve, povo meu, quero exortar-te. Visto que Deus exercia um cuidado especial por Seu povo, agora o poeta conclama Israel a *ouvir* o Senhor, visto que Ele tinha uma admoestação a fazer, com o intuito de impedir-lhes o afastamento da Voz Divina. Nos salmos de lamentação, os salmistas conclamavam Yahweh-Elohim a ouvir, mas aqui o poeta convida o povo de Israel a ouvir e obedecer à mensagem divina. Cf. o ato de ouvir de Deus, em Sal. 64.1, onde ofereço notas expositivas e referências. O ato remidor de Yahweh, que comprou esse povo do Egito, além dos muitos outros favores divinos conferidos no trajeto para a Terra Prometida, deve ter servido como incentivo à atenção e à obediência. "*Ouve, ó meu povo.* A voz divina repete aqui as advertências tão freqüentemente reiteradas durante a perambulação pelo deserto" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 50.7, onde temos um versículo muito parecido e cujas anotações também se aplicam aqui. Cf. Êxo. 20.2.

> *Ah! se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! então seria a tua paz como um rio, e a tua justiça como as ondas do mar.*
>
> (Isaías 48.18)

81.9

Não haja no meio de ti deus alheio. Temos aqui o mandamento contra a *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Era um mandamento fundamental, que fazia parte do *decálogo* (ver Êxo. 20.2-5). Estar livre dessa mancha era a primeira coisa que distinguia Israel de seus vizinhos politeístas e idólatras. Ver sobre a distinção dos israelitas como seguidores da lei de Yahweh. Ver a nota de sumário sobre como Israel se relacionava à lei mosaica, em Sal. 1.2. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Dez Mandamentos* e *Monoteísmo.* "Uma devoção exclusiva ao Senhor era a marca de água de todo o verdadeiro israelita" (William R. Taylor, *in loc.*).

A idolatria era estranha a tudo quanto Israel defendia e também era o fator que mais enegrecia seu caráter em períodos de desvio ou apostasia.

81.10

Eu sou o Senhor, teu Deus. Israel fora tirado da escravidão ao Egito pelo único verdadeiro Deus, Yahweh-Elohim, e não pelos ídolos e falsos deuses dos pagãos. Eles tinham uma dívida de gratidão e deveriam pagá-la, e o monoteísmo estrito, acompanhado pela devoção sincera, era o começo desse pagamento. Ver Deu. 4.20, quanto a notas detalhadas e referências sobre o livramento de Israel do Egito. "O mais forte motivo para os filhos de Israel obedecerem ao mandamento constante no vs. 9, de não terem deuses estranhos, era que Yahweh, e não algum outro, era o Libertador de Israel. Cf. Deu. 32.12" (Fausset, *in loc.*).

"A *nota entristecedora* de um cântico fúnebre pode levar a mente dos homens a *questionar* Deus, mas era a nota alegre da dança que fazia o coração dos homens *esquecê-Lo*" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Abre bem a tua boca. Estamos informados de que era costume na Pérsia um rei, desejando favorecer um súdito ou visitante, abrir a boca do tal e entupi-la de coisas boas, como acepipes escolhidos e até jóias! Ser objeto de tal *entupimento real* era uma elevada honraria na Pérsia. Neste salmo, temos à nossa frente uma promessa condensada de provisões divinas. Cf. Deu. 7.12,13; 8.7,9; 11.13,16. Yahweh era o Mestre Provedor. "Que vossos desejos sejam o mais profundos possíveis, e eu vos satisfareis, se fordes fiéis a Mim. Nada que é bom vos faltará" (Adam Clarke, *in loc.*). "Não tendes necessidade de apelar a nenhum deus estranho. Em mim tendes tudo" (Fausset, que então se refere a Gên. 15.1 e a Sal. 16.5).

> *O Senhor é o meu pastor: nada me faltará.*
>
> (Salmo 23.1)

A figura simbólica por trás deste versículo provavelmente não é a corte persa, embora esta seja útil à guisa de ilustração. Talvez esteja em vista a mãe-passarinho, que enche os filhotes de todas as sortes de coisas deliciosas, como vermes! O Targum faz Yahweh encher a boca do povo com a *lei* e, juntamente com ela, "toda coisa boa".

81.11

Mas o meu povo não me quis escutar a voz. A despeito da história passada de estupendas obras realizadas por Yahweh-Elohim, e das promessas de uma grande provisão a ser adicionada às provisões passadas, e apesar da exortação urgente para que o povo de Israel "ouvisse", o povo mostrou-se negligente e frio. A Voz que os convocara do Egito e os guiara pelo deserto foi anulada pelas vozes do paganismo, da idolatria e do egoísmo. Havia corrupções internas e externas que prejudicaram, quase fatalmente, o yahwismo em Israel. Foi por isso que Israel assumiu uma atitude muito radical e "não quis Yahweh", conforme o poeta sagrado nos assegura. Ver as notas expositivas sobre o vs. 10, segundo parágrafo. Contudo, a "ingratidão de Israel e suas tribulações subseqüentes não diminuíram a benevolência do Senhor (vss. 11-16)" (William R. Taylor, *in loc.*). Por isso chamamos a graça divina de "favor desmerecido", e é isso o que está por trás do evangelho. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Graça.*

> *Rejeitastes todo o meu conselho, e não quisestes a minha repreensão; também eu me rirei na vossa desventura.*
>
> (Provérbios 1.25,26)

Cf. Êxo. 32.1 e Deu. 32.15-18, onde encontramos sentimentos similares.

81.12

Assim, deixei-os andar na teimosia do seu coração. Os filhos de Israel eram notoriamente teimosos, pelo que se revelavam os seus próprios piores

inimigos. Como vingança, pois, Yahweh entregou-os a seus vícios e tolices, a suas próprias paixões, para que sofressem as conseqüências. Esta foi uma notável operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). "O pior julgamento que poderia sobrevir a qualquer indivíduo é que ele seja entregue às próprias concupiscências" (Fausset, *in loc.*). Tal ato tira a capacidade de salvar do Salvador e o poder de Elohim, até onde diz respeito a esse indivíduo. Israel, dessa maneira, podia manter sua ridícula liberdade, para não servir a Deus e imitar os piores pagãos (ver Rom. 1.24,26,28). Temos uma famosa citação dos rabinos, que ilustra bem o texto presente: "Tudo está nas mãos de Deus, exceto o temor a Deus". Em outras palavras, os homens têm esse "temor" em *suas* mãos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor* (partes 1 a 3). Ver também as notas expositivas em Sal. 34.9 e 36.1.

Sigam os seus próprios conselhos. Isso faz parte integral do fenômeno de ser entregue à própria obstinação e aos próprios pecados. Precisamos de iluminação e instrução da parte do Ser divino. Mas quando tomamos essas coisas em nossas próprias mãos, não permitindo que Deus haja em nosso favor, só podemos esperar a *ruína*. Cf. esse sentimento com Jer. 7.24 e Isa. 65.2.

> *... andaram nos seus próprios conselhos, e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás, e não para diante.*
>
> (Jeremias 7.24)

Quando os homens agem assim, na hora da necessidade só encontram a si mesmos para vir em seu próprio socorro, o que significa, em última análise, que eles não dispõem de ajuda e se afundam em *calamidades*. Em primeiro lugar, Deus retira a graça contra a qual abusaram. Então, sem nenhum freio, eles começam a preencher todas as más imaginações de seu coração iníquo. E é assim que se precipitam na própria destruição.

81.13

Ah! se o meu povo me escutasse. Este versículo nos faz retroceder ao vs. 8. Israel foi convocado para *ouvir* as instruções de Yahweh. Então as coisas terminaram em toda espécie de desastres. Israel nunca gozou de paz. Algum invasor vivia fustigando a Terra Santa. Foi por isso que o poeta sacro declarou: "Oh, se Israel tivesse escutado". Cf. Isa. 48.18. Este versículo volta a atenção para o futuro, mas anula o bem que poderia ter-se seguido, mediante um passado lamentável que requeria punição, e não bênção. Quanto a versículos que contêm declarações e sentimentos similares, ver Deu. 5.29; 32.29; Isa. 48.18 e Mat. 23.37. É questão muito séria ter um futuro glorioso anulado por causa de um passado desviado.

Cf. também Sal. 23.20-22 e Heb. 3.6-8. A lei tinha dado instruções específicas. Não havia nenhum mistério. Israel simplesmente se mostrava rebelde e ignorante. Ou seja, o povo de Israel estava coberto de *transgressões* e manifestava-se contra o que era conhecido como correto.

81.14

Eu, de pronto, lhe abateria o inimigo. Um povo arrependido e restaurado de pronto teria a mão de Deus operando em seu favor, fazendo o inimigo bater em retirada, e o resultado seria a paz e a prosperidade. Ver sobre a *mão direita* de Deus, em Sal. 20.6, onde ofereço notas expositivas e referências. Ver sobre *mão* em Sal. 10.12; 21.8; 38.2; 74.11; 89.13; 106.26 e 139.10. A mão *protege; destrói* o inimigo; *orienta; consola; alimenta*. O Targum dá *golpear* em lugar de "mão", e vê os inimigos de Israel derrotados. Ver também a figura do *braço* de Deus em Sal. 77.15 e 89.10.

81.15

Os que aborrece ao Senhor se lhe submeteriam. Os que odiavam a Yahweh, ou seja, os inimigos de Israel, golpeados por Sua mão poderosa (vs. 14), terminariam implorando-Lhe misericórdia e perdão. Mas alguns estudiosos pensam que o pronome "lhe" aponta para Israel. Nesse caso, os humilhados invasores pediriam misericórdia a Israel. A Revised Standard Version diz "submeteriam", tal como a nossa versão portuguesa, ao passo que a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira diz *adulariam*. Cf. Sal. 18.44: "Bastou-lhe ouvir-me a voz, logo me obedeceu; os estrangeiros se me mostram submissos".

E isto duraria para sempre. Consideremos estes quatro pontos:

1. Alguns intérpretes pensam que estas palavras se referem ao castigo que atingiria os que odeiam Deus. Isso seria *fatal* para eles. Eles encontrariam a morte, sua *sorte* (Revised Standard Version) permanente. Não há aqui referência à punição eterna, que só tardiamente entrou na teologia dos hebreus (ver Dan. 12.12). Tal doutrina foi desenvolvida nos livros apócrifos e pseudepígrafos do período intermediário; e então recebeu sua demão final de tinta nas páginas do Novo Testamento. As chamas do inferno foram acesas pela primeira vez no pensamento judaico no livro pseudepígrafo de I Enoque.
2. Seja como for, a maioria dos intérpretes vê aqui uma referência a Israel, pois o sujeito mudou dos povos pagãos para o povo de Deus. Nesse caso, Israel teria uma existência longa e próspera, uma vez que fosse restaurado, por meio do arrependimento. Não há aqui nenhuma idéia de bem-aventurança eterna para além do sepulcro, porque essa doutrina também não havia penetrado ainda no pensamento dos hebreus. "... essa nação continuaria existindo e prosperando" (Ellicott, *in loc.*). "... isso deve ser entendido sobre o tempo ou estado feliz e condição de Israel, que assinalaria uma longa continuação de terem eles escutado o Senhor e andado em Seus caminhos. Particularmente, eles desde há muito estariam desfrutando a terra de Canaã, a qual foi dada a Abraão e sua descendência como possessão perpétua que eles receberam devido à sua obediência (Gên. 17.18; Isa. 1.10)" (John Gill, *in loc.*).
3. Esta parte do versículo tem sido cristianizada para referir-se à recompensa eterna dos justos.
4. Seja como for, este versículo ensina que era bom negócio Israel obedecer, e mau negócio desobedecer ao Senhor, e que existem galardões e punições distribuídos pela mão de Deus.

81.16

Eu o sustentaria com o trigo mais fino. Este versículo dá continuidade ao tema do *favor divino* para com Israel, que acabara de ser mencionado na segunda metade do vs. 15. Para os bons são o melhor pão de trigo e bolos e o mais fino mel. Os justos serão alimentados pela graça divina. Quanto a referências ao trigo e ao mel, juntos, ver Deu. 32.13,14. Diz o original hebraico, literalmente, "a gordura do trigo", ou seja, o mais fino e o melhor do trigo. O mel das rochas não significa, literalmente, o mel que as abelhas ajuntam nas fendas das rochas. Antes, a expressão é poética e significa "os mais doces acepipes". Ver Jó 29.6, quanto a algo similar. Como resultado desse tratamento, Israel teria intensa *satisfação*. O Targum diz aqui "o melhor pão de trigo", ou seja, o mais fino pão que pode ser fabricado. Essas coisas simbolizam provisões excelentes, o suprimento de cada necessidade. Aben Ezra refere-se ao *maná do céu*, uma boa ilustração. Canaã produzia bastante trigo, pelo que, provavelmente, devemos pensar na provisão abundante da Terra Prometida, que seria posta no regaço de uma nação restaurada. Aquela era uma terra de *leite e mel*, outra referência a um bom e abundante suprimento (ver Êxo. 3.8; Deu. 32.13; I Sam. 14.25,26). O mel que saía da rocha é comparado à água que dali fluía, mas isso só pode ser concebido como comparação, não como uma referência exata. O versículo inteiro tem sido cristianizado para aludir ao Messias e às Suas provisões. Ver I Cor. 10.4.

Salmo Oitenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ali dou dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma liturgia que descreve os juízos de Deus contra os deuses pagãos. Alguns o classificam como um *salmo didático*. Seja como for, temos aqui certos problemas teológicos, "idéias perenes, mas cujas formas externas não são mais compreendidas" (Thomas K. Cheyne). Observaremos esses problemas conforme avançar a exposição. William R. Taylor afirma que sabemos pouco sobre certas coisas neste salmo e espera que as conjecturas propostas cheguem o mais perto possível da verdade. Este salmo servia de hino, conforme depreendemos do vs. 8 e a Mishnah declara especificamente, afirmando que era entoado no templo de Jerusalém pelos levitas, no terceiro dia de cada semana (assim diz *Tamid* 7.4). Aparentemente, o salmo também era empregado na liturgia do Ano Novo e provavelmente em outras ocasiões nas quais Yahweh deveria ser exaltado acima de outros deuses. O principal problema consiste em como interpretar a palavra "deuses" que figura no vs. 1, lugar onde apresento as várias idéias propostas a respeito. A própria variedade de interpretações indica quão pouco realmente sabemos sobre a época em que este hino foi composto, bem como sobre a natureza exata da teologia dos hebreus, em períodos específicos. Sabemos que, afinal de conta, os hebreus abandonaram o conceito da existência de deuses secundários, juntamente com o *henoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), mas é muito difícil precisar quando isso ocorreu.

Subtítulo. O subtítulo é apenas "Salmo de Asafe". Doze salmos são atribuídos a ele: 73 a 83 e 50. Alguns deles têm uma simples referência a Asafe como o alegado autor. Ver as notas na introdução ao Salmo 79.

O Concílio dos Deuses (82.1)

82.1

Deus assiste na congregação divina. As palavras "Deus" e "divina", segundo as quais Elohim (o Poder) aparentemente preside ao concílio dos elohim (os poderes), têm ocasionado consternação e diferentes interpretações, como se vê a seguir:

1. Os *deuses* seriam *anjos,* seres celestiais poderosos considerados divinos, mas sob hipótese alguma tidos como deidades. Assim dizem a versão siríaca e Sal. 8.5 e 97.7.
2. Os *deuses* seriam os *deuses nacionais* dos pagãos, mas que receberam vida somente na linguagem poética, mostrando que Elohim é o único Deus vivo e verdadeiro, e todos os outros "conceitos" de Deus Lhe estão sujeitos. Yahweh-Elohim brande a autoridade absoluta.
3. Os *deuses* seriam "juízes humanos", os quais recebem o título hebraico de *elohim* porquanto governam em lugar de Elohim. Ver Êxo. 21.6 e 22.18.
4. Os *deuses* seriam *divindades reais,* mas sempre sujeitas a Elohim, o Deus Altíssimo. Ver o vs. 6.

Em favor da última e quarta interpretação, observa-se que era conceito comum, no antigo Oriente Próximo e Médio, o mundo ser governado por um concílio de deuses (cf. Sal. 89.5-7). Portanto, o poeta sagrado presumivelmente teve uma visão na qual Elohim, o Deus de Israel, aparece presidindo esse concílio e proferindo julgamento sobre todos os outros membros, por causa de falhas que eles perpetraram entre os homens. Ver outras referências que também podem ser assim interpretadas: Sal. 29.1; 58.1; 103.20,21; 148.2; I Reis 22.19-22; Jó 1.6-12; 2.1-6; Dan. 7.9,10; 20.13,20,21. Esse conceito projeta luz sobre o trono de Deus, no céu: Sal. 11.4; 103.19; e Isa. 66.1. E também lança luz sobre a supremacia de Yahweh-Elohim sobre todos os deuses: Sal. 89.5-8; 95.3; 97.7,9; Êxo. 15.11; Deu. 3.24; I Reis 8.23.

O problema é que desconhecemos o ponto, dentro do tempo, em que a teologia dos hebreus abandonou o politeísmo e fez os *elohim* ser ou anjos ou juízes humanos. Ademais, mesmo depois que a corrente principal da teologia hebréia tomou essa atitude, continuou havendo, sem dúvida, autores que não acompanharam tal modificação, mas mantiveram alguma forma de politeísmo. É possível que o salmo à nossa frente preserve uma idéia que ainda não havia sido abandonada. Um passo natural na direção do monoteísmo foi o *henoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que significa que, para nós, há um só Deus (com quem temos de tratar), enquanto outros deuses podem existir para outros povos, com quem eles têm de tratar. Mas não é essa a idéia que temos à frente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Monoteísmo.*

Seja como for, qualquer que tenha sido a teologia acerca dos *elohim,* neste salmo, o ensino é que deve haver *justiça* na criação de Deus, tanto nos céus quanto na terra, e *Elohim* garante isso em Seu governo universal.

Congregação. Pode estar em pauta o concílio celestial dos deuses, ou então a congregação de Israel, na qual juízes humanos, representantes de Elohim, têm autoridade, dependendo de como entendamos o termo "deuses". Ou então cumpre-nos pensar nos *deuses* como quem operava através de contrapartidas humanas, ou seja, autoridades entre os homens. Cf. João 10.34. Ver a exposição sobre os vss. 6 e 7 deste salmo, ambos importantes para compreendermos o vs. 1.

Elohim Dirige a Palavra ao Concílio (82.2-7)

82.2

Até quando julgareis injustamente...? A maneira como interpretamos este versículo depende de como encaramos a questão dos "deuses" referidos no vs. 1. Elohim podia estar acusando Seus anjos de insensatez (ver Jó 4.18). Ou então acusava as hostes celestes, os *deuses,* de orientar mal suas contrapartidas humanas, sobre quem exerciam autoridade, e a quem, supostamente, deveriam dirigir retamente. Cf. o crime envolvido com um incidente um tanto similar, Gên. 6.1-4. Os deuses são vistos como quem usava de parcialidade e, assim sendo, julgavam falsamente e inspiravam suas contrapartidas humanas a fazer o mesmo. Ou então o Senhor dirigia-se diretamente aos juízos humanos, chamados aqui de *elohim* porquanto operavam em lugar de Elohim. Eles "usavam de respeito humano para com certas pessoas e julgavam impiamente", ou, de acordo com o trecho hebraico original, "levantavam o rosto", expressão derivada do costume oriental de os homens prostrarem-se perante um rei ou um juiz. A autoridade constituída, pois, favorecia a alguns, dizendo-lhes palavras boas. Ao homem que jazia prostrado no solo, seria dada a ordem: "Levanta-te e mostra o teu rosto". Cf. Pro. 18.5 e II Crô. 19.7. Israel deveria ter uma justiça *incorruptível,* mas esse princípio fora violado. Ver Eclesiástico 7.6 e João 7.24. Quanto a demonstrar parcialidade para com o ímpio, ver Deu. 1.17. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Respeito (Acepção) a Pessoas,* onde são apresentados detalhes abundantes.

Selá. Ver Sal. 3.2, quanto aos possíveis sentidos desta misteriosa palavra.

82.3

Fazei justiça ao fraco e ao órfão. *Instâncias de julgamento justo* seriam: defender o pobre, que não tem dinheiro, poder e influência para resistir aos ricos e opressores sem escrúpulos; fazer o papel de pai para os órfãos e dar apoio às viúvas; em geral, servir aos necessitados e destituídos de amigos. Cf. a solene maldição de Deu. 27.19. Cf. Êxo. 22.22; Deu. 10.18; Isa. 1.17; Jer. 22.3 e Jó 29.12. Aprendemos assim que certos homens recebem autoridade para defenderem poderosamente os bons, e não para perverterem causas e empreendimentos egoístas.

Por conseguinte, a *autoridade* tem por finalidade servir ao próximo de maneira justa, e não promover o "próprio eu" e o interesse de grupos. Ver Lev. 19.15; Deu. 25.1 e Pro. 17.13. Existe a lei da *colheita segundo a semeadura,* que governa todos os atos humanos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

82.4

Socorrei o fraco e o necessitado. Este versículo expande as idéias do vs. 3. Os *fracos* (miseráveis) e os que passam por necessidade especial merecem, de acordo com a avaliação divina, tratamento especial. Os humildes não devem ser mais humilhados ainda. Pelo contrário, o poder existe para elevar os homens, e os que estão investidos de autoridade devem ser elevadores de homens. Não existe maior classe servidora que a dos políticos, pois ela é nomeada ou eleita para servir ao próximo. No entanto, não existe classe mais corrupta que a dos políticos. Cf. Isa. 1.17; 10.1,2. Ver também Jó 19.12.

82.5

Eles nada sabem, nem entendem. Os *deuses* que agem maldosamente (ver o vs. 1) não têm conhecimento nem luz, a despeito de sua elevada posição. E isso por terem pervertido o conhecimento, colocando-o ao serviço do mal. Platão sempre vinculava a sabedoria à bondade, pois quem é *sábio?* E quem é *mau?* Esses dois adjetivos são termos contraditórios que não podem ser expressos juntos na mesma sentença. Os alegados sábios que são maus na realidade são insensatos, pois se ocupam em toda a forma de atos tolos, que, no fim, os esmagarão.

Vacilam todos os fundamentos da terra. Ou seja, as "colunas" (ver Sal. 75.3). Os hebreus imaginavam que a terra repousava sobre colunas que, por sua vez, apoiavam-se sobre as águas por baixo da terra. Mas sobre o que repousavam as águas subterrâneas, era um detalhe não conjecturado. É provável que a palavra "fundamentos", neste caso, seja um termo metafórico. O significado é que a corrupção, instalada em lugares altos, põe em perigo toda a ordem moral — do céu à terra. A *justiça* está à testa das instituições, tanto divinas quanto humanas. Se não houver justiça, todo o sistema de benignidade tropeça e pode até entrar em colapso. A injustiça *solapa* a lei e a ordem (cf. Sal. 11.3). Juízes corrompidos pela *cegueira moral,* embora tenham a reputação de sábios, abalam os fundamentos da bondade.

Uma de minhas fontes informativas, da Inglaterra do século XIX, queixa-se de um lorde inglês corrupto que estava causando dificuldades. Esse homem já encontrou seu destino eterno, mas há muitas pessoas com atitudes semelhantes que operam nos círculos políticos atuais e estão abalando os fundamentos da ordem moral. O atual presidente dos Estados Unidos (estou escrevendo em fins de 1996) tem-se envolvido em escândalos sérios, bem como seus principais auxiliares. Mas a *economia* americana está equilibrada, e, portanto, quem se importa com questões morais? Na verdade, as trevas morais algumas vezes obscurecem até os mais argutos intelectos.

82.6

Eu disse: Sois deuses. O Deus Altíssimo, Elohim, agora dirige-se aos *deuses secundários* (elohim) e chama-os de *filhos* do Altíssimo (ver no *Dicionário* sobre este título; ver também Sal. 7.17). Ver o vs. 1, quanto às diferentes interpretações do termo *deuses.* Os vss. 6 e 7 parecem favoráveis à quarta interpretação, embora poucos a apoiem.

Enfrentamos um novo problema ao tomar conhecimento do que significa a palavra "filhos" aqui. Ela pode ter o sentido de: 1. filhos por criação; 2. filhos por alta autoridade, delegada da parte do Pai; 3. alguma forma de *geração* celestial, um tanto ou quanto análoga à geração humana. Esta terceira idéia não deve ser associada à teologia dos hebreus, mas, antes, à mitologia grega e romana, em que encontramos a geração divina de outros deuses e semideuses por parte de mulheres humanas. Cf. Gên. 6.1-4, quanto a indícios de um elemento bastante estranho na teologia dos hebreus de data muito antiga, o qual foi posteriormente negligenciado ou, pelo menos, não enfatizado.

Tal como no caso dos deuses (vs. 1), podemos estar tocando em alguma noção hebréia que se perdeu quando as doutrinas da corrente principal lançaram

raízes. A expressão "filhos do Altíssimo" acha-se somente aqui, mas podemos compará-la com Gên. 6.2,4; Jó 1.6; 2.1 e 38.7. Talvez somente uma "dignidade divinamente determinada" poderia ter feito o salmista chamar os deuses de *filhos*; mas a questão permanece na dúvida. Quando lemos o Talmude, topamos com toda espécie de crença que a teologia central dos judeus finalmente deixou de lado. Não é impossível que Sal. 82.1,6,7 toque em uma dessas crenças.

Não devemos, contudo, perder de vista o *ensino principal* destes versículos, atolando-nos em questões teológicas. Essas elevadas autoridades (os deuses; sem importar de que natureza), por sua própria elevadíssima posição, têm a obrigação moral de praticar a justiça e a bondade. Devem prestar conta ao Poder Superior, Elohim, que é retratado como Pai deles.

82.7

Todavia, como homens, morrereis. Esses *deuses*, embora seres divinos, são aqui ameaçados pela *morte*. Sabemos que os deuses não morrem; mas Elohim tem, como um de seus poderes, o de extinguir a vida, até de seres *imortais*. Parece ser esse o ensino do versículo. Neste caso, pois, o ensino dá apoio à quarta interpretação do vs. 1. "Fica implícito que aqueles assim chamados não são homens, pois de outra sorte a previsão de uma morte *como homens* não teria sentido" (William R. Taylor, *in loc.*). Alguns estudiosos, entretanto, falam em *morte prematura* de elevados oficiais, a despeito de sua autoridade, pois isso os teria elevado acima da sorte dos homens comuns. Nesse caso, estão em mira meros seres humanos, os quais, porém, *semelhantes a deuses*, teriam vida longa e próspera. "Vosso alto ofício não vos pode garantir a imortalidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso resulta em um bom sentido, e não ofende nossos credos, mas será exatamente o que o salmista estava querendo dizer? A crassa injustiça dos elevados poderes reduz esses filhos de Deus à sorte comum dos homens miseráveis, a saber, a morte e o *fim*. Ver Heb. 9.27.

Como qualquer dos príncipes. Temos aqui *príncipes humanos*. Como é natural, os príncipes morrem. Assim sendo, suas contrapartidas celestes também podem morrer, se Elohim assim decretar. Ambos eram culpados de injustiça e de toda espécie de crimes, pelo que a morte é o fim natural deles. As autoridades celestes morrem, tal e qual as autoridades terrestres, a menos que sejam moralmente superiores. Essa parece ser a crença do poeta, mas não expressa necessariamente a verdade, só porque ele disse tal coisa. Isto posto, o problema permanece de pé e, com ele, a controvérsia acerca do sentido destes versículos. Mas é bastante possível que o poeta sagrado tivesse crenças não aceitas por nós nem pelo judaísmo atual. Não devemos permitir que essa possibilidade escape à nossa atenção.

> *Os rios sagrados fluem de volta para suas fontes,*
> *Pelo que o direito e todas as coisas perdem*
> *o seu curso.*
> *Homens espertos estão no concílio,*
> *e não mais habita*
> *A fé inspirada por Deus, como antes acontecia.*
>
> (Eurípedes, Med. 409)

Conclusão Litúrgica (82.8)

82.8

Levanta-te, ó Deus, julga a terra. *Elohim*, o verdadeiro e elevado Deus, é agora convocado a corrigir a confusão que os deuses e suas contrapartidas humanas criaram. Os habitantes da *terra* serão julgados, e podemos supor que, juntamente com ela, os poderes do céu cairão de forma permanente. Eles não terão uma segunda oportunidade de espalhar sua corrupção à face do planeta. O resultado será que Elohim herdará toda a terra e assim firmará seus alicerces, que haviam sido abalados (vs. 5). Quanto à idéia de "julgar a terra", cf. Sal. 9.8; 58.11; 67.4 e Gên. 18.25.

Qual julgamento está em vista aqui? Consideremos estes três pontos:

1. Algum tipo de julgamento que sobreviria no dia do Ano Novo, para melhorar a situação da nação de Israel.
2. Os julgamentos periódicos de Deus contra Israel e as nações, colocando as coisas em boa ordem.
3. O julgamento do fim de nossa era, quando ocorrerão restauração universal e justiça final.

> *Saibas bem disto,*
> *Quando meio-deuses caírem,*
> *É que Deus chegará!*
>
> (Linhas sugeridas por um poema de Emerson)

A Justiça Havia Sido Pervertida. Por essa razão, o Juiz de todos teve de brandir o Seu cetro, governar sozinho e pôr em ordem as coisas e as residências no céu e na terra. Este versículo tem sido cristianizado para fazer com que Cristo, o Juiz, tome conta da terra, como Sua possessão, através da propagação do evangelho; mas, quando muito, isso é apenas uma aplicação, e não uma interpretação do texto. Cf. Sal. 7.7,8; 9.19; 10.12; 48.1,9-11; 49.5; Isa. 3.13.

> *Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano*
> *Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso*
> *sangue...?*
>
> (Apocalipse 6.10)

O problema da justiça não será solucionado definitivamente enquanto *Deus* não houver julgado a terra. Nossa moderna compreensão das coisas realmente nos levou *além* desse entendimento? Emanuel Kant alicerçou um argumento moral sobre a *necessidade* de que a justiça, finalmente, seja cumprida. Tem de haver um após vida para que as almas sejam devidamente condenadas ou recompensadas, visto ser óbvio que raramente a justiça é feita na terra. Além disso, deve haver um grande Juiz, suficientemente sábio e poderoso para efetuar o julgamento, e a esse Juiz chamamos *Deus*. Isto posto, a moralidade prova tanto a existência de Deus quanto a imortalidade da alma.

Salmo Oitenta e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação* (em muito o grupo maior de salmos). Temos aqui uma lamentação em grupo que solicita que Yahweh-Elohim livre Israel de inimigos estrangeiros. Várias conjecturas têm sido apresentadas sobre qual inimigo estaria sendo enfrentado: o tempo de Josafá, rei de Judá (ver II Crô. 20.1-37); o tempo de Neemias, terminado o cativeiro babilônico (ver Nee. 1.1-3; 4.7,8); o tempo de Judas Macabeu (ver I Macabeus 5.1-68); ou a ameaça babilônica (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*). Os salmos de lamentação tipicamente começam com um apelo a Deus, pedindo socorro; descrevem os inimigos que estão sendo enfrentados e mencionam *imprecações* contra eles; e terminam em uma nota de esperança e louvor pela resposta à oração, ou por uma resposta esperada para breve. Algumas vezes tais salmos terminam em desespero, algo típico da experiência humana.

Subtítulo. O subtítulo aqui também é bastante simples: "Cântico. Salmo de Asafe". Doze salmos foram atribuídos a Asafe (ou à tradição que o circunda) por parte de editores posteriores, que compilaram os subtítulos: 73 a 83, 50. Entretanto, tais comentários introdutórios, que não faziam parte dos originais, usualmente são meras conjecturas, e dizem respeito a questões como autoria e referências históricas, mas não se revestem de autoridade canônica.

Apelo a Deus Pedindo Ajuda (83.1)

83.1

Ó Deus, não te cales. "O salmista lamentou o grande perigo representado pelos muitos inimigos que martelavam Judá a fim de esmagar a nação. O autor orou para que Deus brandisse o Seu poder a fim de destruir os inimigos, conforme tinha feito em tantas vitórias anteriores" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Deus Silencioso e Indiferente. Israel (Judá) estava sendo devastada por um exército estrangeiro, e Elohim deveria estar ameaçando em altos brados e efetuando vingança de forma ativa. No entanto, Ele estava *silente* e *inativo*. Ver sobre a *indiferença* de Deus, um tema freqüente nos salmos de lamentação, em Sal. 10.1; 28.1 e 59.4. Quanto ao apelo a um Deus *sonolento*, ver Sal. 78.65. Essas metáforas, naturalmente, são altamente antropomórficas, ou seja, conferem à deidade atributos humanos. Ver sobre *Antropomorfismo* no *Dicionário*. Quanto a clamores endereçados a Yahweh-Elohim, ver Sal. 28.1; 35.22 e 39.12. Ver também Isa. 62.7.

Perigos da Liga que se Opunha a Israel (83.2-8)

83.2

Os teus inimigos se alvoroçam. Em contraste com o Deus silencioso e tranqüilo, os inimigos de Israel "rugiam como o mar", a tradução literal do original hebraico. A Septuaginta e a Vulgata Latina preservam o original literalmente. Cf. Sal. 46.3. Ao odiar a Israel, eles odiavam o Deus de Israel, pelo que ataques contra o povo em pacto com Deus eram ataques contra o próprio Yahweh-Elohim.

Eles "levantaram a cabeça", como se fossem erupções vulcânicas, talvez a alusão do trecho. Ou, por outro lado, poderíamos pensar em um grande monstro marinho, ou animal feroz, que levantou a cabeça ao carregar sua presa. Cf. Juí. 8.28. A idéia é a de um adversário exaltado, orgulhoso e arrogante, com pescoço altivo e olhar de superioridade. Nos olhos dos soldados inimigos havia o desejo de matar, e eles se precipitaram contra Israel para satisfazer *essa* concupiscência.

83.3

Tramam astutamente contra o teu povo. Está em pauta aqui um *inimigo específico*, mas aliado a outros inimigos. Juntos eles tinham traçado planos astutos, a fim de prejudicar a Israel (Judá) o máximo possível. As idéias ferviam diabolicamente e concebiam grande sucesso, de forma que os poderes demoníacos obteriam a vitória naquele dia. Diz o original hebraico, literalmente, "eles fizeram seus planos ser astutos". Eram especialistas na combinação de astúcia com violência. "... eles planejavam de forma coerente com seu caráter, sendo a descendência da antiga serpente, a mais astuta de todas as feras do campo, traçando planos espertos e esquemas astuciosos" (John Gill, *in loc.*).

Contra os teus protegidos. O amor de Deus parecia ter falhado porque os entes queridos haviam sido atacados e devastados, enquanto Aquele que os amava permanecia em silêncio e inato (vs. 1). Os protegidos se *ocultavam* à sombra das asas do Altíssimo (ver Sal. 17.8), mas o incrível era que os inimigos não encontraram dificuldade em violar esse esconderijo dos santos do Senhor. Eles estavam guardados como pedras e metais preciosos, no tesouro divino; mas o inimigo não teve dificuldades em arrombar o tesouro e roubar-lhe a vida. O Targum diz: "contra as coisas ocultadas nos tesouros", provavelmente uma alusão às riquezas acumuladas no templo de Jerusalém. Cf. Eze. 7.22: "Desviarei deles o meu rosto, e profanarão o meu recesso; nele entrarão profanadores, e o saquearão".

83.4

Dizem: Vinde, risquemo-los de entre as nações. O intuito do inimigo era cometer *genocídio*. Eles não estavam interessados em ter apenas um dia de vitória no campo de batalha. Estavam decididos a aniquilar todo o povo. É chocante ver como Israel, através de sua história, tem despertado esse tipo de ódio, até mesmo no século XX, quando o mundo testemunhou a "solução final" de Hitler, a tentativa de destruir um povo inteiro. Cf. Jer. 48.2. Naturalmente, vários povos que tinham o mesmo intuito deixaram de existir. De fato, Davi conseguiu aniquilar ou confinar a *oito* nações que ocupavam a Palestina antes e depois de Israel. Ver II Sam. 10.19. Os sobreviventes foram, afinal, absorvidos por outras nações, pelo que vários atos de genocídio foram perpetrados *por Israel*. A Assíria, por sua vez, removeu da existência o reino do norte, Israel. Os poucos sobreviventes foram levados a Assíria e então absorvidos pelos pagãos. O mesmo quase aconteceu a Judá (o reino do sul), por meio dos babilônios, mas pela graça de Deus um remanescente retornou após setenta anos e conseguiu dar continuidade à história de Israel, através de um fragmento de uma das doze tribos, Judá. Quando examinamos a história das guerras antigas, vemos que a *intenção* era o genocídio, mas em muitos casos faltava poder para realizar um trabalho tão completo.

Não haja mais memória do nome de Israel. Uma forma espúria de imortalidade consiste em alguém ser *relembrado*, ou seja, continuar existindo na mente de outras pessoas. Os inimigos de Israel, entretanto, não queriam permitir nem ao menos essa forma espúria de continuação. Quão breve os mortos são esquecidos! Certo poeta relembrou uma bela jovem da região ocidental dos Estados Unidos. Leve de passos era ela; mas quem se lembraria, uma vez que ela morreu, exceto em seu verso? A jovem foi reduzida a poucas linhas de um poema; mas se, Judá fosse aniquilada, nem ao menos seria lembrada por um poeta. Cf. o plano de Hamã, relatado em Ester 3.6,9.

83.5

Pois tramam concordemente. Este versículo repete parte do vs. 3, para efeito de ênfase. O plano foi bem arquitetado; era do tipo que poderia lograr bom êxito. Foi elaborado por uma confederação, formada mediante aliança. Seus membros estavam dedicados à sua causa e morreriam para que o plano obtivesse sucesso, se necessário fosse.

Firmam aliança contra ti. Yahweh-Elohim era o verdadeiro objeto das más manipulações, pois os atacados diretos eram o Seu povo, a Sua *herança* (ver Sal. 79.1). Os aliados pagãos "cortaram um pacto", conforme diz o hebraico literal. O costume aludido é mencionado em Gên. 15.17, onde ofereço notas expositivas detalhadas. Dois partidos entraram em acordo; então cortaram o animal sacrificado em duas partes e caminharam entre as duas metades, selando assim um pacto de maneira gráfica. Ato contínuo, as partes do animal foram postas sobre o altar; certas porções foram oferecidas à deidade (como a gordura e o sangue, que foram queimados e subiram sob a forma de fumaça) e o restante tornou-se a *carne de um banquete comunal de regozijo, devido ao acordo que tinha acabado* de ser feito. Contrastar Sal. 50.5, o pacto dos justos, que conta com a aprovação de Deus.

A Aliança Profana (83.6-8)

83.6

As tendas de Edom e os ismaelitas. Encontramos aqui a enumeração dos tradicionais inimigos de Israel. O intuito do autor sagrado era histórico, ou seja, mostrar quais povos, *com o passar do tempo*, atacaram Israel. Mas ele não quis dizer que esses povos, em uma única ocasião, reuniram-se para eliminar Israel da face da terra.

No *Dicionário*, dou artigos sobre cada um dos povos aqui mencionados, incluindo informações sobre como atacaram Israel, em tempos diferentes. Faço aqui um esboço abreviado dos fatos. Não há registro histórico de nenhuma época em que esses povos se tenham reunido para pôr fim a Israel (Judá). Na enumeração dos inimigos, o poeta parece seguir um padrão geográfico, olhando primeiramente para o sul, depois para o leste, depois para oeste e finalmente para o norte.

Primeiro são nomeados os que habitavam em tendas, como Edom, os ismaelitas, Moabe e os hagarenos (vs. 6). Quanto à antipatia desses povos pelos filhos de Israel, ver Sal. 137.7; Isa. 34.5,6; Eze. 35.1-15.

Ismaelitas. Ou beduínos, os quais são vistos em Gên. 25.18 como quem tinha largo espectro de atividades. A única ação ofensiva desse povo contra um povoado hebreu foi a parte que eles desempenharam no enterro de José (ver Gên. 37.25-28). E pode ter havido outros povos que acabaram não sendo citados nas Escrituras canônicas.

Moabe. Este povo estava localizado a leste do mar Morto. Eles atacaram Josafá, rei de Judá (ver II Crô. 20.1-29; ver também II Reis 1.1 e 3.4-27). Também figuram entre os inimigos de Jeoaquim (II Reis 24.2).

Hagarenos. Foram inimigos de Israel durante os dias de Saul. Viviam a leste de Gileade (ver I Crô. 5.10).

Todos esses nomes contam com artigos separados no *Dicionário*, e o leitor poderá encontrar muitos detalhes ali.

83.7

Gebal. Não se trata de Biblos, na costa fenícia, mas da região ao sul do mar Morto, perto de Petra. É a única referência bíblica a esse povo, embora haja várias menções à *outra* Gebal, um povo fenício. Ver no *Dicionário* o segundo ponto do artigo chamado *Gebal*, quanto ao povo mencionado aqui, e o primeiro ponto quanto à outra Gebal. A única ocasião em que esse povo é citado é quando fizeram oposição a Israel.

Amom. Este povo vivia na região a leste do rio Jordão, ao norte de Moabe. Foram inimigos de Israel no tempo dos juízes de Israel (ver Juí. 3.13) e também mais tarde, nos dias de Jeoaquim (II Reis 24.2).

Amaleque. É provável que tenhamos aqui uma referência aos beduínos da região do Neguebe, no sul da Palestina. Eles são mencionados em Êxo. 17.8-16 e Deu. 25.17-19 e aparecem novamente nos lugares que descrevem a conquista da Terra Prometida (ver Juí. 3.13; 6.3; I Sam. 14.48).

Filístia. Ocupava a planície marítima de Canaã, entre Jope e Gaza. Os filisteus foram adversários perenes de Israel, durante os seus primeiros dias na Terra Prometida. Ver Juí. 3.3 e 31. Ver também I Sam. 4.1. O profeta Amós os condenou (Amós 1.8).

83.8

Assíria. É provável que este nome aponte para a Mesopotâmia e/ou as áreas persas (ver Judite 2.1), e não para o império assírio que caiu em 612 A. C., quando Nínive sucumbiu diante dos babilônios. Um uso mais restrito desse nome locativo também se encontra em Esd. 6.22.

Filhos de Ló. São constituídos pelos moabitas e amonitas (ver Deu. 2.9,19). Posteriormente, foram de especial ajuda para a Assíria. Essa declaração parece fazer dos filhos de Ló os principais participantes da coligação, mas a referência é artificial, pelo que não está em vista nenhum exército unido, mas tão-somente uma espécie de pesquisa histórica geral dos inimigos de Israel, através dos séculos. Ver também Gên. 19.36-38, quanto aos filhos de Ló.

Imprecações contra a Aliança Profana (83.9-18)

83.9

Faze-lhes como fizeste a Midiã. Nestes versículos o salmista mostra o que gostaria que acontecesse a todos os inimigos de Israel, destacando exemplos das derrotas desgraçadas de alguns adversários de Israel, *no passado,* para servir de lições objetivas do que deveria suceder a todos eles, incluindo a presente coligação hipotética. De maneira um tanto confusa, *duas* vitórias significativas são apresentadas nos vss. 9 a 11:

1. Houve a inesperada e atordoante vitória de *Gideão* sobre os midianitas, o que é registrado em Juí. 7 e 8.
2. Então houve a brilhante vitória de *Débora* e *Baraque* sobre Sísera, registrada nos capítulos 4 e 5 do livro de Juízes. *Jabim* foi o monarca de Hazor, e o general de seu exército foi Sísera. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jabim,* número dois. A localidade da batalha foi *Quisom* (ver a respeito no *Dicionário*). Era um wadi que fluía e flui para noroeste, através da planície de Esdrelom, e deságua no mar Mediterrâneo, perto da moderna cidade de Haifa.

83.10

En-Dor. Esta localidade (ver Juí. 5.19, quanto à área em geral) não é mencionada nos capítulos 4 e 5 de Juízes, mas foi o campo de batalha da vitória de Débora e Baraque. Não ficava distante de Taanaque e Medito, que Débora celebrou em seu cântico de vitória. Para maiores detalhes ver no *Dicionário* o verbete intitulado *En-Dor.*

Adubo para a terra. Fica implícito nessas palavras que aos cadáveres dos inimigos não se deu sepultura, pelo que seus corpos se tornaram bons fertilizantes do solo, pois somente para isso prestavam. Naturalmente, essa circunstância foi uma situação bastante degradante para os envolvidos, para nada dizer sobre suas famílias, que nem ao menos tiveram a chance de sepultar os cadáveres. Diz o Targum: "Eles se tornaram como *esterco,* pisados sobre a terra", embora não saibamos dizer se temos aí uma avaliação correta sobre o que aconteceu.

83.11

Neste ponto, o poeta retorna à vitória de Gideão (vs. 9a). *Orebe* e *Zeebe* eram os líderes dos exércitos midianitas (ver Juí. 7.25), e Zeba e Zalmuna eram os reis midianitas (ver Juí. 8.5,6,12,18). Deve ter havido temível oposição contra os israelitas, mas Gideão venceu o adversário porque Yahweh estava com ele. O salmista esperava que todos os adversários de Israel também fossem reduzidos a nada. Gideão atacou uma força de 15.000 homens em Carcor e aprisionou os dois reis midianitas. E, ao ouvir que esses reis tinham matado seus irmãos, prontamente os executou. Um fantástico totai de 120.000 midianitas pereceu.

Os Desejos da Aliança Profana (83.12)

83.12

Que disseram: Apoderemo-nos das habitações de Deus. Aqueles homens miseráveis tinham esperança de apossar-se dos pastos de Israel (e, portanto, de Deus). Por isso o poeta sacro proferiu contra eles uma maldição para que tivessem um fim desgraçado, tal como acontecera aos inimigos de Gideão e Débora. Este versículo fala da aliança profana, retornando ao tema do vs. 8. É provável que "habitações", neste caso, seja uma referência à totalidade da terra de Canaã. Se Israel fosse obliterado, *todas* as suas terras tornar-se-iam a possessão de povos estrangeiros, os quais se aproveitariam dessas terras e dos animais domesticados de Israel. Cf. Sal. 79.7. Cf. também II Crô. 20.11.

Prosseguem as Imprecações **(83.13-18)**

83.13

Como folhas impelidas por um redemoinho. A maldição de Elohim contra os inimigos de Israel fazia deles meras folhas arrebatadas pelo tufão. Alguns pensam aqui em certo tipo de arbusto baixo que, quando está seco, é partido pelo vento perto do solo. Sendo redondo, o vento então o empurra como se fosse uma bola. O hebraico diz, literalmente, "coisa rolante", o que dá asas à imaginação dos intérpretes para pensar que tipo de coisa rolante poderia estar em pauta. Estamos informados que existem tipos desse arbusto, na Palestina, tão comuns como na parte ocidental dos Estados Unidos. "Na estação certa do ano, milhares desses arbustos chegam rolando pelas planícies, saltando impulsionados pelo vento... Até hoje os árabes, que chamam a planta de *'akhub,* empregam o fenômeno da mesma maneira figurada: Que sejas empurrado como o 'akhub, pelo vento!" (Thomson, *Land and Book,* 536)

Como a palha ao léu do vento. O ceifeiro lança os grãos no ar, e o vento pega a palha e a sopra, separando-a do grão, e isso representa os ímpios, que em breve são removidos e não mais serão vistos. O vento padeja os pecadores e os reduz a nada. Elohim é a força por trás do vento, pois tudo está sob o Seu controle. Yahweh é o redemoinho que espalha os iníquos.

83.14

Como o fogo devora um bosque. Agora a ira de Deus é retratada como se fosse o *fogo.* Esta é uma metáfora muito comum que deu origem à noção de que o julgamento no hades dar-se-á mediante chamas literais. Tentar danificar almas imateriais com chamas literais é como tentar atingir o sol com uma pedrada. Todavia, o julgamento mediante o fogo literal só entrou na teologia dos hebreus no livro de I Enoque, onde, conforme os eruditos bem o sabem, as chamas do inferno foram acesas pela primeira vez. Ali a figura é a de um *rio* de fogo, que terminou sendo um *lago de fogo* no livro de Apocalipse (19.20 e 20.10). A primeira metáfora do poeta é a de um simples queimar de um bosque, mediante incêndio, algo visto muitas vezes por ano na antiga Palestina. Então ele imaginou um fogo que fez explodir em chamas as faldas das montanhas, uma visão também comum na antiguidade. A madeira queima e se consome, e outro tanto sucede às florestas nos lados das montanhas. O fogo é destruidor, irresistível e purificador. Mas o poeta, com a sua metáfora, entendia uma *destruição feroz,* que deixaria os inimigos de Israel reduzidos a cinzas. As palavras do poeta são brutais, porquanto ele clamava por *vingança,* a fim de que aqueles que causaram sofrimentos viessem eles próprios a sofrer. Nisso teríamos o cumprimento da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Isa. 10.17,18 e Zac. 12.6, quanto a figuras similares de linguagem. No livro de Isaías, todo o império assírio seria consumido pelo fogo de Yahweh em *um único* dia.

"Na Palestina, os espinheiros e os arbustos espinhosos cresciam com tanta força que os lados dos montes tinham primeiramente de ser queimados a fogo, antes que se pudesse usar o arado" (Thomson, *Land and Book,* pág. 341). Além disso, naturalmente, havia incêndios florestais que eram e são iniciados por meio de raios, e provavelmente essa é a figura simbólica tencionada no versículo. O poeta esperava que o raio de Elohim queimasse os pagãos que perseguiam o povo de Israel. O poeta, pois, esperava pela aplicação da *Lex Talionis,* ou seja, a retribuição conforme a gravidade do crime cometido. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lex Talionis.*

83.15

Assim, persegue-os com a tua tempestade. Continuam aqui *as metáforas de vingança e imprecação.* Tempestades violentas e tufões de vento representam agora os terrores que Yahweh-Elohim enviaria contra os inimigos de Israel. As execrações proferidas pelos sacerdotes eram tidas como dotadas de poder especial. Ver o caso de Balaão, em Núm. 22.6. Presumivelmente, os deuses e Deus davam muita atenção a tais declarações.

John Gili (*in loc.*), cristianizando este versículo, faz essas tempestades seguir os ímpios até a outra vida. Cf. Jó 27.20,21 e Sal. 11.6: "Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice".

83.16

Enche-lhes o rosto de ignomínia. Quanto à *vergonha* que enevoa o rosto dos que sofrem castigo, ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21 e 78.66. Aqui, a maldição supostamente exerce efeito *remedial,* levando os ímpios a buscar a face de Yahweh. O retorno ao Senhor sempre será melhor do que a devastação, e sabemos que todos os juízos de Deus têm por finalidade curar, e não meramente castigar. Anotei esse princípio no *Novo Testamento Interpretado,* em I Ped. 4.6. É verdade que temos em vista aqui a *submissão* a Yahweh, mas qualquer ato desses deve render resultados benéficos. "Podemos ler isso como um desejo mais nobre e uma esperança mais ampla, a esperança profética de uma união de nações e a crença na paternidade comum de Deus" (Ellicott, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.*

83.17

Sejam envergonhados e confundidos perpetuamente. Mas agora, contrastando com o que se lê no versículo anterior, temos os ímpios confundidos para sempre, sem esperança de um tempo em que pudessem buscar a salvação em Yahweh. Isso significa que nenhum remédio seria encontrado e que a punição divina haveria de aniquilá-los e apagaria seus nomes para sempre. Não podemos usar este versículo como texto de prova em favor da punição eterna, o que é feito com tanto afã por alguns que o cristianizam. Essa doutrina ainda não havia entrado no pensamento dos hebreus. Cf. Dan. 12.2, onde chegamos a essa doutrina entre os hebreus, embora sem o adorno das chamas, a "contribuição" de

I Enoque, o livro pseudepígrafo que acendeu as chamas do inferno pela primeira vez no pensamento dos hebreus. Nosso autor não estava interessado em mostrar-se evangélico e misericordioso. Ele queria ver o esmagamento cabal dos adversários de Israel, em um castigo sem remédio, embora, por um momento, tenha sugerido um raio de esperança no vs. 16.

"Alguns estudiosos objetam às execrações que aparecem no livro de Salmos, mas isso porque não consideram todos os fatores envolvidos. Nenhuma dessas execrações se refere nem à *alma* nem ao *estado eterno*. Meramente tecem referência à badema nos atuais atos voluntários. Suponhamos que as potências da Europa continental se aliassem e tentassem juntas subjugar a Grã-Bretanha para destruir a fé protestante. Haveria um cristão em nossa terra que não se sentiria justificado em enfrentá-los com execrações similares ou idênticas? Prostrada minha alma, eu dirigiria a Deus cada uma dessas execrações contra tais invasores. Selá" (Adam Clarke, *in loc.*).

83.18

E reconhecerão que só tu. Se as execrações funcionassem, conforme o poeta sagrado esperava, então Yahweh seria elevado entre as nações como o Deus Altíssimo, e Seu reinado universal seria reconhecido. Isso seria justo e apropriado, e também cumpriria Sua providência negativa, bem como da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). Ver também sobre *Altíssimo,* e em Sal. 7.17, quanto a idéias adicionais. "Eles aprenderiam, pelo caminho difícil, que somente Deus é o Senhor Soberano" (Allen P. Ross, *in loc.*). "O encerramento da oração do salmista é que fosse exaltado o poder universal e onipotente do Senhor" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Soberania de Deus.* "Em outras palavras, a seu próprio modo, isso é um testemunho de fé na inviolabilidade da lei moral, a cuja harmonia todos os homens devem chegar finalmente" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "Para que eles reconheçam e se convertam a Ti. Aqui não há malícia alguma" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Oitenta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um dos *cânticos de Sião,* o alvo anelado dos peregrinos. A lei mosaica requeria que todos os hebreus do sexo masculino peregrinassem a Jerusalém e ao templo, três vezes por ano, para participar das maiores festividades religiosas anuais: a Páscoa, o Pentecoste e os tabernáculos. Mas podemos ter certeza de que, conforme Israel se expandiu, esse ideal foi paulatinamente abandonado. Não obstante, sempre houve pessoas devotas que anelavam ir a Jerusalém e participar das festividades e do culto do templo.

"O autor do Salmo 84, tal como o autor do Salmo 73, sentia que a moradia do Senhor era um lugar bem-aventurado de paz que inspirava a composição de poemas. O poeta esperava que ali o participante experimentasse a *presença* do Deus vivo (vss. 2,7,11,12). Fleming James chamava este salmo de "salmo supremo do santuário" (*Thirty Psalmists,* pág. 72). Talvez ele tenha sido composto por alguém que esteve presente em uma daquelas peregrinações e possuía memórias queridas de peregrinações anteriores, ou por alguém que havia feito a jornada e se gloriava dos esplendores de Jerusalém e seu templo. Em ambos os casos, encontramos no autor uma piedade marcante e um espírito sensível para com as realidades de Deus. Não somos capazes de conjecturar qual festival esteve envolvido na composição deste salmo. Mas o vs. 6 menciona a "primeira chuva", e isso apontaria para fins do mês de outubro e, talvez, para a Festa dos Tabernáculos (15-21 de tisri).

Subtítulo. Encontramos aqui o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Segundo a melodia: Os lagares. Salmo dos filhos de Coré". Este subtítulo é similar ao do Salmo 8, com exceção de que aquele foi atribuído a Davi, enquanto o salmo presente pertenceria aos filhos de Coré. O Salmo 81 também conta com o mesmo subtítulo, embora seja atribuído a Asafe. Os subtítulos não faziam parte original dos salmos, mas foram acrescentados por editores subseqüentes, que tentaram adivinhar a autoria e outros pormenores, como acontecimentos históricos que inspiraram a composição dos poemas. Os filhos de Coré aparecem como autores dos seguintes onze salmos: 42; 44 a 49; 84 e 85; 87 e 88. Talvez esteja em foco Coré, bisneto de Levi (ver Núm. 16.1-50; I Crô. 6.31-38; II Crô. 20.19).

Anelo pelos Tabernáculos do Senhor (84.1,2)

84.1

Quão amáveis são os teus tabernáculos. "Este salmo é companheiro dos Salmos 42 e 43, porquanto expressa o mesmo anelo pelo lugar formal de adoração. Tecnicamente, é um cântico de peregrinação, embora não faça parte da coletânea de salmos de peregrinação (Salmos 120 a 134). Ele declara a bem-aventurança de um crente que se dirige, cheio de fé, ao templo, para orar ao Senhor" (Allen P. Ross, *in loc.*).

A habitação do Senhor, o templo de Deus, onde Ele manifestava a Sua presença, é declarada aqui como lugar *amorável.* A palavra hebraica assim traduzida pode significar tanto "amado" quanto "amorável". O poeta sagrado mostrou-se entusiasmado acerca de tudo o que o templo representava, e foi ali buscar a presença de Deus, e não meramente participar de cerimônias e sacrifícios. O salmo destaca esse fato. Ver os vss. 2, 7, 11 e 12.

Tabernáculos. Ou seja, "habitações". Cf. Sal. 43.3. Os lugares onde o Senhor se manifestava tornavam-se *amoráveis.* O templo era o principal desses lugares. Mas a forma plural, "tabernáculos", foi usada poeticamente e aponta especificamente para o *templo.* Os homens espirituais aprendem que todos precisamos do toque místico em nossa espiritualidade. Não basta orar, ler a Bíblia e obedecer aos mandamentos. Na presença do Senhor há alegria e progresso espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.* Precisamos manter contato e comunhão com algo maior que nós mesmos, além dos rituais da fé; e nisso consiste a essência do verdadeiro misticismo.

> *Envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem e me levem ao teu santo monte, e aos teus tabernáculos.*
>
> (Salmo 43.3)

Cf. Isa. 32.18 e 33.20,24.

Senhor dos Exércitos! Quanto a esta expressão, examiná-la no *Dicionário* e também em I Reis 18.5. Os "exércitos" aqui referidos são os do céu e da terra, e a metáfora militar não é enfatizada. Está em vista a universalidade de Deus, o Seu domínio total.

84.2

A minha alma suspira e desfalece. O peregrino, lá fora, relembrando as agradáveis visitas ao templo, ou aquele que chegasse a Jerusalém para mais uma visita à cidade, nunca perdia o entusiasmo pelas coisas de Deus que o templo oferecia. Ele amava os ritos e as cerimônias, mas ficava ainda mais interessado por tocar, uma vez mais, as vestes celestes de Yahweh, isto é, sentir novamente a tão próxima presença de Deus. Em seu coração havia anelos tais que o espírito desfalecia dentro dele, e ele tentava suportar as fortes emoções espirituais que emanavam de sua alma. Seu coração e seu corpo clamavam por Deus, em uma profunda espiritualidade que raramente testificamos. Portanto, temos aqui menção a *alma... coração... corpo* (carne), que apontam para o ser completo do poeta.

> *Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força.*
>
> (Deuteronômio 6.5)

Suspira. O hebraico original diz aqui, literalmente, "empalidece", como acontece com aquele que está prestes a desmaiar. Uma profunda emoção tomava conta do indivíduo, pelo que ele se sentia desmaiar, sob a aura da presença do Senhor. Ver Sal. 63.1, quanto a outro anelo fervoroso pelo Ser divino.

> *Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para salvação.*
>
> (I Pedro 2.2)

"Todos os desejos de minha alma e de meu corpo, todo *apetite* e querer, tanto animal quanto espiritual, anelam por Te servir" (Adam Clarke, *in loc.*).

Deus vivo. Ou seja, Yahweh, o Deus eterno, o único Deus verdadeiro e vivo, em contraste com os ídolos e as divindades imaginárias dos pagãos. Ver Sal. 42.1-5, onde também encontramos a expressão *Deus vivo,* e sentimentos similares. Os homens podiam aproximar-se Dele através de sacrifícios, mas o poeta não se contentava somente com isso.

A Felicidade Dos que Habitam no Templo (84.3,4)

84.3

O pardal encontrou casa. Todos os seres vivos precisam de alguma habitação onde morar. O pardal constrói seu ninho com materiais humildes, mas esse

ninho lhe serve apropriadamente. A andorinha precisa de um tipo diferente de ninho e esforça-se para armá-lo. Contentes, os passarinhos encontram refúgio em seus ninhos. A verdadeira habitação do homem é a presença de Deus, a qual se manifestava ocasionalmente no templo. Portanto, o poeta sagrado corria para o templo como seu lar real à face da terra. Os ninhos dos passarinhos tornam-se seus altares, os lugares onde eles põem e chocam seus ovos e onde criam seus filhotes. Não há aqui indícios de que os pássaros tinham permissão de construir os ninhos perto dos terrenos do templo, muito menos perto dos altares. O poeta estava falando metaforicamente. Que os pássaros construíam ninhos perto do templo, sem dúvida também era verdade, e esse é o fato que sugeriu a metáfora. Encontramos uma crônica similar em Herodes, *Hist.* 1.159, onde lemos sobre Aristodico, que fez um circuito em torno do templo, em Branquidae, e encontrou ninhos de andorinhas e de outras aves nas proximidades, e até nos terrenos do templo. Aeliano fala acerca de um pássaro que construiu seu ninho no templo de Esculápio. Alguns estudiosos supõem que os *pássaros* simbolizassem os sacerdotes, os quais residiam em pequenos espaços dentro da estrutura do templo. Em certo sentido, os sacerdotes eram *pássaros aninhados*, e o poeta pode ter invejado a posição privilegiada deles.

O pardal. A palavra hebraica assim traduzida, *tsippor,* refere-se a certo número de *passarinhos,* um vocábulo que figura por cerca de quarenta vezes no Antigo Testamento. A andorinha, *deror,* devido à sua etimologia, aponta para um pássaro de vôo rápido e cheio de circunvoluções (ver Pro. 26.2), e pode ser uma das aves assim chamadas. Assim sendo, tanto as aves pequenas como as maiores tinham altares como casas; e outro tanto sucede ao homem. O siríaco traduz essa palavra por *pombo* e *rolinha,* havendo ainda outras possibilidades. Os hebreus não tinham nomes científicos para as aves e para os animais, pelo que ficamos na dúvida quanto às identificações exatas desses nomes.

Os teus altares. Ver sobre esta palavra no *Dicionário,* especialmente a seção IV.

Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu! Note o leitor os vários nomes divinos mediante os quais o salmista se dirige ao Ser divino, cada qual com seu próprio sentido especial. Essa *pluralidade* de nomes originou-se de um coração inchado, que o tornou espiritualmente verboso. O Deus de muitos nomes tem recursos infinitos e abençoa com *abundância.*

84.4

Bem-aventurados, Senhor, os que habitam em tua casa. Os peregrinos que visitavam Jerusalém e iam ao templo eram *bem-aventurados,* ou seja, eram *felizes,* emocional e espiritualmente. A presença de Deus os deixava em *êxtase,* que é uma das categorias do misticismo. A palavra "habitam", aqui usada, refere-se ao *sacerdócio* do templo, que vivia no templo. "A Mishnah registra que havia sacerdotes de plantão no templo, os quais dormiam na 'câmara do coração' (*Tamid* 1.1). E também havia abrigos na área do templo... ver Nee. 13.4-9. Quanto a anelos semelhantes pela segurança e paz do templo, cf. Sal. 23.6; 27.4 e 65.4" (William R. Taylor, *in loc.*). Também existe o templo do coração, onde o Espírito Santo veio habitar (I Cor. 6.19,20) e onde um homem pode comungar com a presença de Deus e encontrar bem-aventurança. Os sacerdotes, pois, eram os passarinhos do templo, pois ali residiam; mas qualquer homem cujo coração esteja preparado pode armar seu ninho na presença de Deus e contar com o Espírito Santo em seu coração, o que o transforma em um templo. As pessoas assim privilegiadas viverão em louvor contínuo, devido à felicidade, paz, segurança e provisão. Portanto, o Targum diz aqui "bem-aventurados são os retos", ampliando ainda mais a referência.

> *Ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.*
>
> (Hebreus 13.15)

A *chamada especializada* para habitar no templo era bem-aventurada, mas qualquer indivíduo pode especializar-se em buscar a presença de Deus. Os homens espirituais conhecem essas coisas.

A Alegria dos Peregrinos a Sião (84.5-7)

84.5

Bem-aventurado o homem cuja força está em ti. Os homens espirituais são, igualmente, os indivíduos *fortes,* e são fortalecidos por Yahweh. Eles vivem por mais tempo e melhor, e a vida deles é condimentada com aprazimentos divinos. Eles são *felizes,* e sua felicidade, concedida pelo Espírito Santo, que vive dentro deles, é subproduto de sua fé e conduta. Eles têm a esperança da vida eterna, e essa esperança ilumina-lhes o coração todos os dias. *Há alegria para quem serve a Jesus,* conforme diz um antigo hino evangélico. Os peregrinos avançam na direção de Sião. Sua caminhada os conduz para lá. É por isso que a Revised Standard Version, em vez de "caminhos aplanados", diz "Sião", visto estarmos tratando com as alegrias dos peregrinos que viajaram até aquele lugar. Alguns rabinos antigos também supriam as palavras "para Sião", conforme fazem certas traduções modernas. Cf. Deu. 16.16. Os homens para lá se dirigiam, a fim de comparecer perante o Senhor, e alguns esperavam experimentar a presença do Senhor durante a visita que faziam ali. Ritos e cerimônias podem ser interessantes, mas a alma clama por algo mais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo.*

> *No segredo de Sua presença,*
> *Como a minha alma deleita-se em esconder-se!*
> *Oh, quão preciosas são as lições*
> *Que aprendo aos pés de Jesus.*
> *Os cuidados terrenais nunca poderão vexar-me,*
> *Nem provações me podem rebaixar.*
>
> (Ellen Lakshmi Goreh)

Havia uma *mui amada rota,* bastante conhecida, que levava a um santuário sagrado; e os indivíduos piedosos tinham alegria só de pensar nela; e tinham mais alegria ainda em seguir pelo caminho que os conduziria ao lugar mais amado da face da terra, o templo de Jerusalém. Os católicos romanos, os católicos ortodoxos e os anglicanos têm santuários sagrados, mas os evangélicos são como aranhas espalhadas em campos de fragmentação. Como tantos se reúnem diante dos santuários até hoje, gozando de muitas alegrias ao longo do caminho! O papa João Paulo II, quando foi ferido, buscou em um santuário de Portugal ajuda e cura e então parou para conversar com uma das primas de Fátima. Ele se importava com a comercialização do santuário? Ele estava ali em negociações sérias. O príncipe Charles, da Inglaterra, visitou um santuário em St. Agnes, para obter cura para um ombro machucado. Talvez os evangélicos tenham perdido alguma coisa por não conservarem essas tradições históricas, cada uma em sua própria pequena igreja democrática, fazendo suas próprias coisas. E, não esqueçamos, os evangélicos sempre criticam os que são diferentes deles.

84.6

O qual, passando pelo vale árido. *O caminho* de Jerusalém passava pelo vale de Baca, lugar que em certos períodos do ano ficava bem regado, uma das bênçãos de Deus, e onde os peregrinos se alegravam estar. Esse era um trecho da *rota sagrada* pela qual eles enveredavam, e só por estarem a caminho já se enchiam de júbilo. Talvez tenhamos aqui uma referência às *primeiras chuvas* do mês de outubro, o que pode significar que a festa citada neste salmo fosse a dos tabernáculos, que ocorria no mês de tisri. Ao que tudo indica, Baca era, usualmente, um lugar desértico, mas quando os peregrinos passavam pelo local Deus os abençoava com chuvas, fazendo aquele deserto isolado florescer como a rosa. Os termos *Baca* e *vale de Baca* têm ocasionado várias dificuldades de interpretação, pelo que convido o leitor a examinar no *Dicionário* os dois artigos chamados *Baca* e *Baca, Vale de.*

"Quando os seguidores de Deus estão passando pelo deserto deste mundo, Deus abre para eles fontes no deserto e poços em lugares secos. Eles bebem da fonte da salvação. E não se vêem destituídos de *pastores.* Deus cuida, dando aos Seus seguidores *mestres* segundo o Seu próprio coração, que os alimentam com conhecimento. E enquanto esses mestres saciam a sede de sua gente, eles mesmos bebem água. Deus os cumula com os Seus benefícios, e o povo se cobre de bênçãos" (Adam Clarke, *in loc.,* com uma excelente aplicação deste versículo).

"... as chuvas benignas transformavam o deserto em um jardim, o que quer dizer que a resolução e a fé transformam as desvantagens em proveito" (Ellicott, *in loc.*).

> *Chego ao jardim sozinho,*
> *Quando o orvalho ainda está nas rosas,*
> *E a voz que ouço, ferindo-me a audição,*
> *É a voz do Filho de Deus.*
> *E Ele anda comigo e conversa comigo,*
> *E me diz que eu Lhe pertenço.*
> *E a alegria que partilhamos,*
> *enquanto ali nos demoramos,*
> *Ninguém antes já experimentou.*
>
> (C. Austin Miles)

84.7

Vão indo de força em força. Os peregrinos avançavam de força em força, pois eram homens "cuja força era o Senhor, que ficava mais forte de dia para dia, e não se fatigavam com a jornada para Sião (cf. Isa. 40.31; Pro. 4.18)" (William R. Taylor, *in loc.*). "Cada dificuldade ultrapassada aumentava a coragem e o vigor" (Ellicott, *in loc.*).

Ele não se cansava na luta terrena,
Mas avançava aumentando as suas forças;
Sua alma sentia-se capaz e vencia
todas as batalhas,
Montado de todo coração na vida eterna.

(Matthew Arnold)

Aparece diante de Deus em Sião. A versão siríaca e a Septuaginta dizem aqui "Deus de deuses"; e uma leve emenda no texto hebraico pode dar-nos esse sentido. Alguns estudiosos supõem que isso correspondesse ao hebraico original, mas o texto massorético fez uma emenda para evitar a possível referência politeísta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto a informações sobre o texto hebraico padronizado. Algumas vezes, as versões antigas retêm algum texto mais antigo que o texto hebraico conhecido atualmente, conforme tem sido demonstrado pelos manuscritos em hebraico dos Papiros do Mar Morto. O manuscrito hebraico mais antigo, por trás do texto massorético, data do século IX D. C. Era apenas lógico esperar que, algumas vezes, as versões antigas tivessem retido um texto superior ao dos últimos manuscritos em hebraico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.* Cf. a referência poética controvertida em Sal. 82.1. A palavra "deuses", que aparece então naquelas versões antigas, caso corresponda mesmo ao original, pode ser uma referência poética a alegados deuses pagãos, e não uma afirmação dogmática de que tais divindades realmente existem.

Sem importar como dissesse o texto original, o fato é que a mensagem do trecho é bastante clara. A peregrinação guia a Elohim, em Sião, e é para Ele que conduzem todas as veredas espirituais. A alegria da viagem é intensificada pela alegria da chegada. Esperava-se que a presença de Deus seria sentida por ocasião da festa religiosa, pois essa festa seria um evento bem-aventurado. Cf. Zac. 14.16, o aparecimento milenar de todas as nações diante de Deus.

A Petição dos Peregrinos (84.8,9)

84.8,9

Senhor Deus dos Exércitos, escuta-me a oração. Tendo chegado ao destino, os *peregrinos* agora se dirigem a Deus, ao qual tinham proposto visitar, em Seu templo. Orações eram oferecidas; votos eram feitos; sacrifícios eram executados, e havia intensa festividade, com cânticos, instrumentos musicais e provavelmente danças. Os vss. 8-9 dão evidência do uso litúrgico deste salmo; e alguns eruditos supõem que esse elemento tenha sido adicionado por alguns editores subseqüentes, para adaptar o salmo a esse propósito. O Capitão dos Exércitos (Senhor Deus dos Exércitos; ver o vs. 1) é, igualmente, o Deus de Jacó, ou seja, de Israel, cujos varões tinham feito a viagem, conforme o faziam três vezes a cada ano, na Páscoa, no Pentecoste e nos Tabernáculos.

Escudo nosso. Yahweh é tanto um Deus *protetor* quanto *abençoador.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escudo,* no tocante a explicações, inclusive a metafórica. Ver também Sal. 3.3; 5.12; 18.35; 28.7; 33.20; 35.2; 59.11; 76.3; 91.4; 115.9-11; 119.114 e 144.2. Ver ainda, no *Dicionário,* o artigo chamado *Armadura, Armas.*

Contempla. Quando o rosto de Elohim brilha sobre um homem, esse homem é abençoado para sempre. Quanto a isso, ver Sal. 31.16; 67.1; 80.1,3,7,19; 119.13. Cf. a bênção aarônica, em Núm. 6.25. Deus é o Sol da vida espiritual de um homem.

O rosto do teu ungido. Possivelmente está em pauta o sumo sacerdote que oficiaria durante a festa, ou então o rei que certamente se faria presente para saudar as multidões que participavam da peregrinação. Haveria um cumprimento especial do júbilo da adoração, e isso atingiria o alvo da peregrinação. Grandes vitórias sempre brindam nosso coração com uma felicidade especial, que nos encoraja a continuar na luta.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer com que o "ungido", aqui referido, seja Cristo. Cristo, pois, receberia as bênçãos ilimitadas de Deus, através de Seu rosto brilhante, e assim seria capaz de transmitir luz a todos os fiéis. Ademais, Cristo seria o Líder dos peregrinos, em sua jornada para o céu, a habitação de Deus. Ver Sal. 2.2, quanto ao *Ungido,* e ver no *Dicionário* o verbete chamado *Unção.*

Confiança no Senhor (84.10-12)

84.10

Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil. O peregrino estava tomado de alegria e assim comparou "todas as outras coisas" a Jerusalém e ao seu templo. Um *único dia* no santuário era melhor do que mil dias (três anos!) em qualquer outro lugar. Algumas pessoas preferem estar na igreja a estar em qualquer outro lugar, mas não são muitos os que pensam assim. Conheci a esposa de um diácono, a qual era fiel à freqüência à igreja; porém, referindo-se ao marido, ela declarou: "Ele é aquele que prefere estar na igreja a estar em qualquer outro lugar". Ela também afirmou: "Sempre haverá uma Betel (uma igreja batista de Salt Lake City, estado de Utah, Estados Unidos), e ele sempre estará ali". Entretanto, aquela igreja batista não mais existe, e tanto o diácono como a sua esposa desde então foram para o céu, a sua Betel celestial. Portanto, estou conjecturando que ainda pode ser dito a respeito daquele idoso diácono: "Ele prefere estar ali do que em qualquer outro lugar".

Prefiro estar à porta da casa do meu Deus. Diz o trecho hebraico original: "Prefiro estar de pé no limiar", provavelmente referindo-se a *porteiros* (ver a respeito no *Dicionário*). O papel de porteiro era hereditário. Ver I Crô. 26.1-32. Entre os levitas coraítas era distribuída a tarefa de porteiros, além de outros trabalhos manuais. Mas seria mais vantajoso um homem ter um trabalho manual, no templo, do que ser um príncipe "lá fora".

"Ele preferia adorar a Deus à companhia gentil, alegre, honrosa e nobre de homens profanos. Ele preferia adorar a Deus ao júbilo das festas, ao entretenimento público, ao palco, à plataforma de orador e aos bailes... Leitor, quantas vezes já sacrificaste tuas diversões, deleites carnais e prazeres em lugar dos benefícios de ouvir um sermão piedoso, capaz de sondar o coração? Que tua consciência diga a verdade" (Adam Clarke, *in loc.*). O que diria aquele homem bom, se pudesse voltar para visitar uma de nossas igrejas modernas, onde o entretenimento tomou o lugar da adoração, e isso no âmbito da própria *igreja?*

Nas tendas da perversidade. Ou seja, nos lugares mundanos, onde os homens se honram mutuamente, em vez de honrar a Deus; em lugares de diversão e deboche. Talvez o autor falasse sobre hebreus hipócritas e profanos, que tinham pouco uso para as "questões atinentes ao templo"; ou sobre pagãos que honravam a toda espécie de divindades e, em seus templos e em qualquer outro lugar, levavam existências caracterizadas pelo deboche. Cf. Sal. 42.3 e 120.5.

84.11

Porque o Senhor Deus é sol e escudo. Acabamos de ver Yahweh-Elohim ser chamado de escudo. Ver o vs. 9, quanto a notas expositivas completas a respeito. Mas este é o único lugar, em todo o Antigo Testamento, onde Deus é chamado de "sol". Cf. algo semelhante em Mal. 4.2. Ver também Isa. 60.19,20. Não há aqui indícios de que Yahweh-Elohim era considerado um deus-sol, algo tão comum nos países do Oriente. Aqui, o sol como representação simbólica de Deus é apenas uma figura poética. Até os antigos povos sabiam que sem o sol não pode haver vida. Portanto, temos em Deus *luz* e *vida.* Eis a razão pela qual não estamos nenhum pouco interessados nos alegados benefícios das tendas dos ímpios (vs. 10). Os peregrinos, no templo de Jerusalém, tinham algo da luz e da vida de Deus, pelo que se contentavam em estar ali, promovendo a causa espiritual. Ele é a nossa "luz e salvação" (Sal. 27.1; cf. Isa. 60.19,20). É provável que os hebreus, para evitar qualquer indicação de que poderiam estar adorando o sol, em imitação ao que os pagãos costumavam fazer, evitassem a metáfora, e assim ela só aparece aqui em todo o Antigo Testamento.

O Suprimento de Todas as Necessidades. Yahweh, que é nosso *sol* (ver Sal. 84.11), nosso *escudo* (ver Sal. 84.9) e nossa *salvação* (ver a nota de sumário em Sal. 62.2), é também nosso Benfeitor universal, pelo que não negará coisa alguma àqueles que andarem em conformidade com a Sua lei (sumariada em Sal. 1.2). A lei era o padrão do *andar reto.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* Porém, existem coisas más que Deus impedirá no caso dos piedosos, e que estes poderão encontrar nas tendas dos ímpios (vs. 10).

Os vss. 10-12 ensinam "a superioridade da vida no templo, em relação à vida em qualquer outro lugar" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 10).

84.12

Ó Senhor dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia. Ver em Sal. 16.2 e 32.10 as palavras "favor" e "coisas boas". "Outro requisito para receber as bênçãos de Deus é a *confiança*" (Allen P. Ross, *in loc.*). Sobre como este vocábulo é usado nos salmos, ver Sal. 2.12. O homem que aprende a confiar é *feliz,* porquanto derrotou as falácias das coisas boas do mundo, nas quais a alma não encontra satisfação. O *Capitão dos Exércitos* exerce controle universal, pelo que possibilita a realização desse ideal. Este versículo tem sido cristianizado para incluir bênçãos tanto temporais quanto espirituais, incluindo as bênçãos próprias

da vida eterna, mediante a salvação que há em Cristo. Depositar a confiança no Senhor é um tema freqüente nos salmos. Cf. Sal. 4.5; 9.10; 13.5 e 21.7.

"Nenhum sumário sobre a questão precisa ir além da natureza *inclusiva* do vs. 12. Cada expressão da experiência com Deus permanece sem impedimento, em seu próprio direito. Cada indivíduo encontra sua própria medida de felicidade à sua própria maneira, pelo menos enquanto for alguém que continua confiando" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Jer. 17.5,7 e Isa. 26.3,4. Diz aqui o Targum: "Bem-aventurado o homem que confia na Palavra". Essa asserção tem sido cristianizada para apontar para o Logos, o Cristo.

Louvado seja Deus, de quem fluem todas as bênçãos;
Louvai-O, todas as criaturas aqui debaixo;
Louvai-O lá em cima, vós, hostes celestes.
Louvai ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

(Thomas Ken)

Salmo Oitenta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

O Salmo 85 é um *salmo de lamentação*, o que, de longe, forma o grupo mais numeroso de salmos. É uma lamentação em grupo, um pleito para que Elohim livre Israel de sérias dificuldades internas. Esse tipo de salmo usualmente começa com um grito pedindo socorro; em seguida, são descritos os inimigos que estavam sendo enfrentados, que podiam ser pagãos atacando Israel; inimigos pessoais dentro do acampamento de Israel; ou alguma enfermidade física. Com freqüência, os salmos de lamentação contêm imprecações contra vários inimigos envolvidos. Usualmente terminam com uma nota de louvor e ação de graças, porquanto a oração feita tinha sido respondida, ou o salmista cria que em breve o seria. Algumas vezes, o salmo termina em desespero, o que também é típico da experiência humana.

Este salmo é uma lamentação grupal por causa das condições nacionais, embora não haja nenhuma evidência de que um invasor pagão esteja em pauta. Talvez houvesse uma falha grave na colheita (vs. 12), aperto econômico ou alguma outra dificuldade indeterminável. Além disso, nada existe neste salmo que nos dê uma idéia precisa sobre quando ele foi composto. Alguns estudiosos supõem que este salmo seja uma oração feita na festividade do Ano Novo ou, talvez, que seja uma liturgia profética.

Subtítulo. O subtítulo diz: "Ao mestre de canto. Salmo dos filhos de Coré". Trata-se das mesmas observações que podem ser encontradas no Salmo 42, exceto pelo fato de que a palavra "instrução" (no hebraico, *masquil*) é ignorada. Onze salmos foram atribuídos aos filhos de Coré por parte de editores posteriores, que escreveram os subtítulos: os de número 42; 44 a 49; 84 e 85 e 87 e 88.

As Beneficências Passadas do Senhor (85.1-3)

85.1

Favoreceste, Senhor, a tua terra. Israel (Judá) estava atravessando uma séria *tribulação* nacional, a qual, entretanto, é difícil de determinar por qualquer dado existente no próprio salmo, embora o vs. 12 indique uma falha na colheita. Tornou-se necessário um apelo urgente, o qual foi registrado nos vss. 4-7. Os vss. 1-3 referem-se à benevolência passada de Yahweh, que o poeta esperava repetir-se novamente muito em breve. Diz a King James Version: "trouxeste de volta o cativeiro de Jacó", em referência ao retorno de Judá da Babilônia, terminado o cativeiro, mas nossa versão portuguesa traduz essa frase por "restauraste a prosperidade de Jacó", o que poderia referir-se a qualquer número de boas providências divinas em favor da sorte de Israel ou Judá. Cf. Jó 42.10, que contém a mesma declaração: "Mudou o Senhor a sorte de Jó". "... reverteu seu estado de aflição" (Fausset, *in loc.*).

Oxalá de Sião viesse já a salvação de Israel!
Quando o Senhor restaurar a sorte do seu povo.

(Salmo 14.7)

85.2

Perdoaste a iniqüidade de teu povo. O pecado foi perdoado e esquecido, pelo que Israel foi libertado de qualquer culpa de julgamento ou retribuição divina. Todo pecado tinha sido *perdoado*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perdão*. Essa é a razão pela qual o favor divino tinha sido grande no passado, em qualquer ocasião. As aflições nacionais e pessoais sempre foram causadas pelo *pecado*, de acordo com a mentalidade dos hebreus. Portanto, a presente aflição, qualquer que tenha sido, foi tida como causada por alguma espécie de culpa coletiva.

Perdoaste a iniqüidade. Literalmente, ela foi "retirada", "posta fora do caminho", "esquecida", "ocultada". A alusão parece ser ao bode Azazel, que levava os pecados do povo para o deserto.

Iniqüidade. A palavra hebraica correspondente é *'avah*, algo *distorcido* ou *pervertido*.

Seus pecados todos. No hebraico, temos aqui a palavra *chattath*, que é qualquer tipo de ofensa, individual ou crônica. Cf. Sal. 32.1,2,5 e 78.38, quanto ao mesmo tipo de jogo de palavras que indicam todas as espécies de pecados.

Selá. Quanto aos significados vinculados a esta misteriosa palavra hebraica, ver Sal. 3.2.

85.3

A tua indignação, reprimiste-a toda. *A feroz ira* de Elohim tinha-se acendido por causa de alguma ofensa de Israel (Judá), mas os pecados foram perdoados, as ofensas foram esquecidas, e assim o castigo passou e foi transformado em bênção. "A ira de Yahweh foi uma *realidade* para o salmista (Sal. 2.5,12; 6.1; 7.6; 21.9)" (William R. Taylor, *in loc.*). Este versículo parece ter sido tomado por empréstimo de Êxo. 32.12. As notas oferecidas ali também se aplicam aqui. A ira foi *coletada* e então *levada adiante*, pois a metáfora do vs. 2 continua aqui.

O Apelo por Livramento (85.4-7)

85.4

Restabelece-nos, ó Deus da nossa salvação. "A grande era do passado, uma espécie de época áurea, não foi destacada do presente por condições que não podiam ser reproduzidas. O Senhor Deus não muda, nem pela perda de poder nem por qualquer veneta fantasiosa. É a *insensatez humana* e o pecado que atrai a miséria contra o indivíduo. Por conseguinte, está ao alcance do homem criar condições que produzem a mudança. Não era uma época nova e diferente que o poeta queria. Era uma *restauração* da época antiga, um bom relacionamento entre um Deus justo e um povo justo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"... uma restauração passada, inspirada por uma oração que pedia nova restauração. Revivificados, eles novamente seriam capazes de *regozijar-se* e experimentar Seu *amor infalível*" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O passado pode ensinar lições valiosas, mas, se os homens insistem em repetir seus erros, as punições continuarão repetindo-se. O teste pelo qual Israel estava passando evidenciava que as lições do passado não haviam sido aprendidas. O pecado continuava criando confusão. Cf. Osé. 3.5; II Cor. 3.16; Rom. 1.26. O autor assumiu uma posição teísta. Deus criou e não abandonou o Seu universo; Ele está sempre presente, pronto para recompensar ou castigar os homens. A Sua providência, negativa e positiva, está em operação; Sua soberania é operativa. Ver no *Dicionário* os artigos *Teísmo; Providência* e *Soberania*.

85.5

Estarás para sempre irado contra nós? A *severidade* da provação que caíra sobre Israel é *demonstrada* em como ela persistia, o que significava, para o poeta, que a rebeldia de Israel era contínua e sem descanso. Parecia até que os raios de Deus não somente continuariam ferindo aquela geração, mas prosseguiriam futuro adentro, sem que a tempestade da ira divina chegasse a abrandar-se. O salmista preocupava-se com sua própria geração, mas também com as gerações vindouras, porquanto tinha forte identidade com sua nação. Cf. declarações similares em Sal. 74.1; 77.7; 79.5; 80.4 e Êxo. 34.6,7. A restauração dentro do presente tristonho ocorreria se houvesse *reciprocidade*. Seria necessária uma santa reação à santidade celestial. O passado bom não era irrecuperável, mas manter-se-ia distante de um povo desviado.

Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.

(Salmo 30.5)

"Já sofremos por longo tempo. Nossos pais sofreram, e nós os substituímos em suas aflições. Não faças a Tua ira ter-nos como alvo de geração em geração" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver sobre morrer ou sofrer pelos pecados dos pais, em Êxo. 20.5. E ver sofrer ou morrer pelos próprios pecados, em Deu. 24.16; Eze. 18.20.

85.6

Porventura não tornarás a vivificar-nos...? A graça de Deus, paralelamente ao Seu amor, poderia reverter a lamentável situação, pelo que o profeta clamou pedindo uma intervenção divina. O reavivamento, pois, teria o *regozijo*. A longa noite de tristeza terminaria, e o sol faria surgir um novo dia. Quanto à *alegria* dos piedosos, cf. Sal. 9.2,15; 13.5 e 14.7. A sentença de morte estivera a ameaçá-los por muito tempo, e eles tinham temido a *extinção*. O que faria Deus sem a Sua herança (Israel) (ver Sal. 79.1)? O hebraico original diz aqui literalmente: "Não te *volverás* para nos reavivar?". Ver Sal. 71.20; 80.18; Deu. 32.29; Osé. 6.2.

Reaviva-nos novamente, enche cada coração com o teu amor;
Que cada alma seja reacendida com fogo descido do alto.

(William P. Mackay)

Alguns defendem que esta porção bíblica se debruça sobre a restauração da Babilônia, e também sobre a restauração final e nacional de Israel, em Cristo (Rom. 11.15; Eze. 37.1-10). São boas aplicações, mas não interpretações do texto.

85.7

Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia. A misericórdia divina poderia anular a ira divina, e o livramento divino poderia anular a dor presente, tal e qual as *provisões divinas*, no passado, tinham-se mostrado eficazes. "A alegria no Senhor é um dos primeiros aspectos do fruto da vida (ver Atos 2.46; 8.39; 16.34; Gál. 5.22; Rom. 5.11). A alegria santa é uma fonte de *força* (Nee. 8.10)" (Fausset, *in loc.*).

Concede-nos a tua salvação. Ou seja, livramento das aflições temporais e restauração às bênçãos do pacto, ou seja, vida longa e próspera, e privilégios do culto no templo. Quanto a notas expositivas completas sobre *Salvação* e sobre *Deus da Salvação*, ver Sal. 62.2, onde ofereço explicações e referências.

Senhor, fala comigo para que eu possa falar,
Em reverberações vivas, os Teus tons.
Como tens buscado, deixa-me buscar,
Teus filhos errados, perdidos e isolados.

(Frances R. Havergal)

A Bondade do Senhor (85.8-13)

85.8

Escutarei o que Deus, o Senhor, disser. Agora uma voz individual ergue-se dentro do cântico, talvez a voz de um dos sacerdotes; e, tal como a voz de Isaías, fala de consolação a Jerusalém (ver Isa. 40.2). Fala de paz aos *santos* que abandonassem a sua insensatez. Essa voz prometeu o amor constante de Deus e a Sua salvação, que se demorava nas proximidades. Ela lhes prometeu a glória. Seriam eles capazes de aceitar o desafio? O sacerdote parecia um intérprete; ele ouvia o que Deus dizia, e transmitia ao povo o recado divino. Ouvia a palavra de paz, e assim falava palavras de paz. Exortou os *santos* a deixar para trás sua insensatez, a fim de que as palavras divinas não caíssem por terra.

Seus santos. Quanto a notas expositivas sobre o termo "santos", conforme usado nas páginas do Antigo Testamento, ver Sal. 79.2.

Jamais caiam em insensatez. Essas palavras foram emendadas pela Septuaginta para "aos seus santos, para aqueles que se voltarem para eles de todo o coração", tradução seguida pela Revised Standard Version. Israel tinha por hábito voltar à insensatez, depois de ter sido beneficiado por uma restauração, pelo que a antiga síndrome do pecado-julgamento-restauração nunca deixou de girar. "Não haverá restauração exceto para aqueles que se reconhecerem como *povo de Deus* (assumindo sua devida identidade), aqueles cuja vida estiver sendo levada na santidade, aqueles que abandonarem a confiança tola em si mesmos. A oração de restauração foi proferida, mas sua resposta só pode ser ouvida pelos que a merecerem" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Ó ensina-me, Senhor, para que eu ensine
As coisas preciosas que me instruíres.
Dá asas às minhas palavras para que elas atinjam
As profundezas ocultas de muitos corações.

(Frances R. Havergal)

85.9

Próxima está a sua salvação dos que o temem. Os que temem devidamente a Yahweh, *esses* são os que experimentam a Sua salvação. Ver no *Dicionário* a palavra *Temor*, quanto a completas explicações e referências que mostram como esse termo é usado no Antigo Testamento. O *termo* refere-se à *espiritualidade básica* de uma pessoa. Além disso, ver sobre *Salvação* e sobre *Deus da salvação* em Sal. 2.2, onde ofereço explicações e referências. Naturalmente, a salvação é um livramento terreno, com bênçãos resultantes nos pactos, mas este versículo tem sido considerado profético e tem sido cristianizado para refletir a salvação evangélica, incluindo a vida eterna na habitação de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Salvação*.

A glória. O salmista falava sobre a glória da presença de Deus no templo de Jerusalém e então sobre a glória no templo do coração. Cf. Sal. 63.2; Eze. 10.18; 43.4; Zac. 2.5. "Glória significa a manifestação da presença de Deus (ver Isa. 60.1,2). Essas idéias exprimiam o cumprimento final de Israel na pessoa de Cristo. Tal promessa de paz e salvação, através da glória Daquele que habita entre os homens, pode ter estado na mente do apóstolo João quando ele escreveu João 1.14" (Allen P. Ross, *in loc.*, profetizando e cristianizando o texto). O poeta contemplava uma *utopia*, que, naturalmente, só pôde ser realizada em Cristo, pelo que é natural dar a tais sentimentos um viés cristão.

O salmista viu o favor do pacto uma vez mais descer e dispensar a bênção divina, que ultimamente estivera ausente, para consternação do povo de Israel. A retidão trará paz e prosperidade, uma idéia hebraica padrão. Mas, como é óbvio, nem sempre as coisas acontecem dessa maneira. Até os inocentes sofrem. Existem enigmas nos retrocessos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal*.

Cf. Ageu 2.6,7; Mal. 3.1 e Dan. 9.24. Ver também Atos 10.35 e 13.26. *Icabode* (a glória do Senhor se foi embora) tinha sido escrita sobre a nação de Israel. Mas isso seria substituído pela glória da presença divina, com benefícios acompanhantes de natureza temporal e espiritual. Ver Heb. 1.3; João 1.14; Luc. 2.32; Fil. 2.6-11 e I Cor. 2.8.

85.10

Encontraram-se a graça e a verdade. *Se Israel retornasse a Yahweh*, então "o amor constante e a fidelidade se encontrariam, e a retidão e a paz oscular-se-iam uma à outra". Essas harmonias divinas e seus resultados naturais só poderiam ser conferidos ao povo de Israel restaurado. Cf. Sal. 40.11; 89.14 e 97.2.

"O que esta metáfora está dizendo? Porventura não é que uma *alienação* desnatural tinha ocorrido entre esses quatro emblemas alegóricos?... A *graça* e a *verdade* — a *retidão* e a *paz* formam pares naturais. A *verdade* é o âmago de todas as virtudes, e, quando ela é assim poderosa, temos a *integridade* destemida, o oposto da frouxidão e da trapaça, do capricho e dos cálculos carnais" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Encontraram-se. "Essa expressão é usada sobre aqueles que *devem* ser amigos, mas aos quais as circunstâncias separaram por algum tempo (ver Pro. 22.2)" (Ellicott, *in loc.*).

A justiça e a paz se beijaram. É o beijo da *reconciliação* e também do *companheirismo renovado*, que tinha terminado por culpa da insensatez. É como a esposa desviada que volta ao legítimo esposo. O amor é restaurado. A alienação termina. A alegria volta. A espiritualidade normal ganha a batalha. A harmonia toma o lugar da contenda.

A luz matutina está rompendo,
As trevas vão desaparecendo.
Os filhos de Deus estão despertando
Para as lágrimas de penitência.

(Samuel F. Smith)

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o perdão que recebemos em Cristo, sobre a união do Noivo com a Noiva, sobre as bênçãos celestiais, sobre a vida eterna, sobre o nosso lar celeste. Ver Luc. 1.72,78; Tito 3.5; I Ped. 1.3; Efé. 2.7-10; Efé. 5; Rom. 3.25,26 e I João 1.9.

85.11

Da terra brota a verdade. A *fidelidade* é a reação humana necessária às exigências de Yahweh, particularmente as demandas de Sua lei (sumariada em Sal. 1.2). A *retidão* é a parte desempenhada por Yahweh, para ser dada aos homens e para transformá-los, pelo que é vista como que a descer do céu. Esse é outro par natural de virtudes, e elas se encontram quando na presença de Deus. É então que Deus se mostra realmente fiel e reto. E os homens tornam-se tanto

fiéis quanto retos, pelo que se verifica a união de Deus Pai com Seus filhos em uma espiritualidade básica.

A *fidelidade* medra na terra como uma planta saudável, ou como uma fonte que irrompe até a superfície e envia jatos de água no ar. A retidão olha do céu para baixo e aprova o que vê. "Quando a salvação do Senhor chega, há perfeita harmonia entre o mundo terrestre e o mundo celeste. Os atributos divinos (mencionados no vs. 10) tornar-se-ão as virtudes da humanidade" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Em conseqüência dessa maravilhosa *reconciliação,* a verdade de Deus prevalecerá entre os homens" (Adam Clarke, *in loc.*, o qual prossegue a fim de cristianizar o versículo: "As sementes dessa reconciliação foram abundantemente semeadas pela prédica de Cristo e Seus apóstolos, os quais propagaram a verdadeira religião por todo o mundo").

"A verdade (fidelidade) é pintada como que manando da terra, por causa da renovação da fertilidade. Foi assim que, embora tivesse sido abalada, a convicção da fidelidade de Deus para com o homem se restabeleceu" (Ellicott, *in loc.*). O sol tinha-se ocultado por trás das nuvens dos pecados de Israel, mas agora retornara com plena força para assegurar a produção, visto que o arrependimento arredara as nuvens.

Da harmonia, da celestial harmonia,
Começou este arcabouço universal;
De harmonia em harmonia,
Através de toda a escala das notas ela passou,
O diapasão fechou-se plenamente no Homem.

85.12

Também o Senhor dará o que é bom. Yahweh está empenhado no negócio de dar aquilo que é bom:

Porque o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente.

(Salmo 84.11)

A terra se tornará produtiva porque a *fertilidade* fora restaurada. Talvez este versículo dê a entender que a calamidade enfrentada por Israel era um *fracasso na colheita,* um verdadeiro desastre para uma nação agrícola. Seja como for, a produção espiritual de Israel havia sofrido abatimento na colheita; mas agora o Senhor uma vez mais garantiria a produtividade, ou seja, uma vida espiritual renovada e florescente.

E a nossa terra produzirá o seu fruto. Cf. Sal. 84.11 e Tia. 1.17. Ver também Sal. 67.6. O Antigo Testamento demora-se em relatar as *bênçãos materiais* da terra que tornam um povo saudável e feliz (ver Lev. 26.3-13 e Deu. 28.1-14). Mas o aspecto espiritual nunca é perdido de vista. De fato, torna-se claro, no presente contexto, que a produtividade renovada da terra (vs. 12) depende da espiritualidade renovada, da *fidelidade* (vs. 11). Ver também o vs. 13; é a retidão que prepara o caminho pelo qual o homem deve caminhar e no qual ele é abençoado.

Summum Bonum. Ver sobre este termo no *Dicionário.* O Senhor é o verdadeiro "supremo bem" do homem, bem como o propósito de sua existência. Quando um homem quebra a harmonia com esse princípio, o desastre está a caminho. A esterilidade é produto natural do homem. O texto convoca o ser humano a algo mais do que ser apenas natural. Existe um lado espiritual do homem que não pode ser negligenciado sem perigo. A *frutificação* é um corolário da espiritualidade.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre os bons efeitos da encarnação de Cristo, por meio da qual todas as bênçãos celestiais foram acumuladas sobre uma terra estéril.

A terra deu o seu fruto, e Deus, o nosso Deus, nos abençoa.

(Salmo 67.6)

85.13

A justiça irá adiante dele. Uma nova metáfora é introduzida aqui. A retidão de Deus (implantada e cultivada no homem) torna-se agora uma construtora de estradas. Há um *caminho pelo qual se deve seguir,* e a retidão é o engenheiro e construtor da estrada. O caminho tornar-se-á plano. O homem pode caminhar por ali, *caso* participe da santidade de Deus. Isso reverteria o curso do pecado, que causou alguma espécie de calamidade que desabara sobre Israel.

Quando andamos com o Senhor,
À luz de Sua Palavra,
Que glória Ele lança em nosso caminho.

(J. H. Sammis)

"A retidão é um arauto que limpa o caminho para a chegada do Senhor (cf. Sal. 89.14 e Isa. 58.8)" (William R. Taylor, *in loc.*, com outra interpretação possível de uma cláusula bastante obscura).

"O fato de que o Senhor dará o que é bom, e de que a retidão assinalará o caminho para os passos do homem, não é pouca coisa a ser reivindicada. Se os homens de nossa época condescendessem em fazer essa reivindicação, então as razões para o temor e a infelicidade não teriam de ser buscadas longe, e a razão para a desesperança seria óbvia" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. o versículo com Isa. 11.3-5. Yahweh estabeleceu os passos do homem na senda da retidão, *e* a retidão prepara o caminho para a continuação da jornada espiritual.

Severo Legislador — Contudo usas
A mais benigna graça da divindade.
Também desconhecemos algo tão justo
Como o sorriso de Teu rosto.
As flores riem-se diante de Ti...
Impedes que as estrelas se desviem.
O céu, por meio de Ti, é forte.

(Wordsworth, com algumas adaptações)

Isto posto, tal como se dá com a maioria dos salmos de lamentação, este salmo termina com uma nota de triunfo e louvor. O poeta teceu elevada poesia, magnífica e nobre, para descrever um tema sublime. E ele nos deixa na esperança, a mãe de tantas outras graças. Ele nos deixa esperando em Deus, a única verdadeira fonte das expectações humanas.

Salmo Oitenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* que em muito é o grupo mais numeroso dos salmos. Trata-se de uma oração pedindo livramento de inimigos pessoais. Esse espécie de salmo tipicamente começa com um grito pedindo socorro; em seguida, descreve os inimigos que estavam sendo confrontados e geralmente conta com uma série de imprecações contra os adversários; e termina com uma nota de louvor e agradecimento, embora alguns terminem em um tom de desânimo, o que também caracteriza a experiência humana. Este salmo parece ser uma queixa individual, e não um lamento pela nação inteira. Contudo, não fica claro quem eram os inimigos do poeta sagrado. Ele estava passando por um aperto de alguma espécie (vs. 7), e isso o deixara pobre e necessitado (vs. 1). Talvez o vs. 5 subentenda que a tribulação foi lançada contra o salmista como punição por algum pecado. O poeta era um homem intensamente espiritual, mas não era poeta de primeira linha. Quase todos os versículos refletem outros salmos ou outras porções do Antigo Testamento. Não obstante, ele fez um bom trabalho ao compilar materiais já conhecidos. A variedade de nomes divinos usados mostra-nos que ele estava fazendo empréstimos de diversas fontes informativas.

Subtítulo. Temos aqui o seguinte simples subtítulo: "Oração de Davi". As notas introdutórias não faziam parte original dos salmos e não se revestem de autoridade canônica. Elas procuram conjecturar sobre a autoria e as circunstâncias históricas que podem ter inspirado as composições. Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Mas é certo que Davi foi o autor de alguns deles, já que era chamado o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1).

Orações em meio a Grandes Tribulações (86.1-7)

86.1

Inclina, Senhor, os teus ouvidos, e responde-me. O convite para que o *Senhor* ouvisse é uma introdução comum nos salmos de lamentação. Ver Sal. 64.1. Isso pode dar a entender certa *indiferença* da parte de Deus (ver as notas a respeito em Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1. Sal. 17.6 e 40.17 são paralelos próximos deste versículo.

Aflito. Outras traduções dizem aqui "pobre".

Necessitado. Isto é, cheio de desejos não-cumpridos, cercado por inimigos, carente de proteção, com necessidade de respostas à orações, devido a problemas urgentes. O salmista sofria de *aflições* indefinidas. "Nossa miséria desperta a misericórdia do Senhor" (Fausset, *in loc.*). "O homem nasce para o enfado, tal

como as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 5.7), e essas faíscas parecem não se mover em nenhuma outra direção. Talvez nossas dificuldades palmilhem por "sendas enevoadas de glória", conforme disse Wordsworth, mas na maior parte das vezes tais dificuldades nos parecem inúteis e fúteis, sem nenhuma virtude remidora.

Neste versículo, o *nome divino* hebraico é *Yahweh,* o Deus eterno. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O autor deste salmo lançou mão de certa variedade de nomes divinos, adicionando evidências ao fato de que ele copiou quase todos os versículos de outros salmos ou outras passagens bíblicas. O nome *Yahweh* foi usado por quatro vezes neste salmo: vss. 1, 6, 11 e 17.

86.2

Preserva a minha alma. A *vida do salmista* deveria ser preservada, pois ele não era culpado de pecado algum que pudesse ser apontado como causa de suas dificuldades. Mas a possível menção ao "perdão", no vs. 5, contradiz essa declaração. Seja como for, o autor sacro, embora sem nenhum pecado grave, e embora afirmasse ser homem *piedoso,* estava sendo severamente assediado por um ou mais inimigos que, provavelmente, lhe ameaçavam a vida. A palavra "alma", neste caso, diz respeito à *vida física.* Nenhum ser humano podia prejudicar a sua alma. A ousada afirmação, "eu sou piedoso", é única em todo o Antigo Testamento, pois somente Deus podia falar dessa maneira. Cf. Jer. 3.12, onde era Deus quem falava. Seja como for, o santo homem era servo de Deus, e essa era uma razão adicional por que deveria ser protegido. Cf. Sal. 25.20. O termo "santo", aqui usado, leva alguns intérpretes a pensar neste salmo como messiânico, visto que isso não podia ser corretamente dito acerca de nenhum ser humano; mas essa opinião, sem dúvida, importa em um exagero.

Que em ti confia. Quanto a uma completa explicação sobre como o verbo "confiar" é usado nos salmos, ver Sal. 2.12. O homem era *santo;* era *um servo* de Deus; um *homem que confiava* — três razões pelas quais deveria ser protegido.

O *nome divino* usado aqui, no original hebraico, é *Elohim,* o Poder. O poeta usa certa variedade de nomes divinos, porquanto provavelmente copiava porções de outros salmos e trechos de outras passagens do Antigo Testamento para compilar este salmo. Suas fontes informativas continham uma variedade de nomes divinos, e isso, naturalmente, foi transportado para a sua composição poética. Elohim é um nome divino usado por *quatro* vezes neste salmo: vss. 2, 10, 12 e 14.

86.3

Compadece-te de mim, ó Senhor. O salmista clamou pedindo *misericórdia,* ou a *graça de Deus,* para que fosse salvo no dia da provação. Ele tinha chegado ao fim de seus recursos. E agora precisava de uma intervenção divina. Cf. Sal. 57.1. Sua oração subia ao céu *diariamente,* porque cada dia trazia uma ameaça de morte. O texto massorético diz aqui, conforme a nossa versão portuguesa, "de contínuo", ou seja, uma oração contínua e muito repetida, por causa da gravidade do caso. Quanto ao texto hebraico padronizado, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Quanto às orações freqüentes do poeta, cf. Sal. 55.1,17.

Neste versículo, o nome divino hebraico é *Adonai,* tratamento conferido a um superior por parte de um inferior. Esse nome, algumas vezes, toma o lugar de Yahweh. Quanto à variedade de nomes divinos que foram usados pelo salmista, e o que essa circunstância pode significar, ver o último parágrafo das notas expositivas no vs. 2. *Adonai* é usado por sete vezes neste salmo. Ver o vs. 4, quanto às referências.

86.4

Alegra a alma do teu servo. Uma imediata resposta e ajuda de Deus faria o poeta *regozijar-se.* Sua vida física seria prolongada e ele não teria de enfrentar a *morte prematura* que os hebreus tanto temiam. Note o leitor que o salmista, uma vez mais, chamou a si mesmo de "servo de Deus". No vs. 2, ele chamou a si mesmo de santo, servo e homem de confiança — tudo calculado para encorajar Deus a prestar atenção a seu triste caso, a fim de ajudá-lo. Ver Sal. 25.1.

Neste versículo, o nome *divino* hebraico, conforme vimos no fim das notas expositivas do vs. 3, é *Adonai,* usado por sete vezes neste salmo: vss. 3-5, 8, 9, 12 e 15. Quanto a uma possível razão por trás da variedade de nomes divinos usados neste salmo, ver o último parágrafo das notas expositivas sobre o vs. 2.

86.5

Pois tu, Senhor, és bom e compassivo. O Senhor está sempre pronto a *perdoar.* Talvez o autor sagrado tivesse pensado que suas dificuldades resultassem de pecado, mas isso parece ser contradito no vs. 1. De qualquer maneira, sabemos que os inocentes também sofrem, conforme ilustrado no caso de Jó. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal.* Os homens sofrem devido ao mal moral: abusos da natureza, como enfermidades, incêndios, inundações, terremotos, desastres naturais e, finalmente, a morte, que tem a reputação de ser o pior mal natural. O artigo penetra detalhadamente na questão dos sofrimentos. Um de nossos grandes problemas teológico-filosóficos consiste em saber *por que* os homens sofrem, e *por que* sofrem conforme sofrem. O Senhor também é abundantemente misericordioso e atende a todas as necessidades humanas, e aqueles que a Ele apelam, em busca de misericórdia, não ficarão desapontados nem envergonhados.

"Esta oração baseava-se no fato de que Deus é *bondoso,* pronto a *perdoar* e tem *amor abundante* (cf. Êxo. 34.6)" (Allen P. Ross, *in loc.*). A bondade universal de Deus controla Sua outorga universal de misericórdia. Outrossim, Sua graça mostra-se *abundante.* Assim sendo, o poeta sagrado, que se considerava um *homem piedoso,* servo de Deus e alguém que sabia *confiar,* não seria negligenciado e nem sua oração teria permissão de cair inútil, por terra. Este versículo pode ser comparado a Sal. 130.4 e Êxo. 34.6. Quanto a expressões similares, ver Êxo. 20.6; 34.6-9 e Núm. 14.18,19.

O nome divino hebraico, neste versículo, é novamente *Adonai.* Ver o vs. 3. Ver a variedade de nomes divinos usados neste salmo e por que isso aconteceu, no último parágrafo das notas expositivas do vs. 2. *Adonai* figura por sete vezes neste salmo: vss. 3-5, 8, 9, 12 e 15.

86.6

Escuta, Senhor, a minha oração. Cf. Sal. 5.2; 28.2; 55.1. O poeta tomou quase todas as declarações por empréstimo de outros salmos ou de outros trechos do Antigo Testamento, e isso significa que este salmo é, essencialmente, uma compilação de idéias extraídas de outros lugares. O vs. 1 também é bastante semelhante a este versículo. O poeta sagrado usou aqui uma forma peculiar da palavra, empregando o plural feminino, talvez com a intenção de mostrar que ele orou baseado em sua *fraqueza.* Essa forma é usada somente aqui, em todo o Antigo Testamento.

O nome divino hebraico, neste versículo, é *Yahweh,* tal como se vê no vs. 1. Quanto a por que o autor usou uma variedade de nomes divinos, ver os comentários sobre o último parágrafo do vs. 2. Yahweh é empregado quatro vezes neste salmo: vss. 1, 6, 11 e 17.

86.7

No dia da minha angústia clamo a ti. Ver Sal. 17.6 e 77.2, quanto a declarações semelhantes. A oração fervorosa do salmista estava alicerçada sobre a confiança na misericórdia de Elohim, que estava pronto a iniciar um novo dia para o salmista, retirando a maldição do julgamento. As dificuldades não permanecem para sempre. Perduram por somente um dia, ou por algum tempo particular. Então é apropriado que um homem ore, e o Senhor mesmo convida e encoraja Seu povo a clamar a Ele em oração, quando necessário (ver Sal. 50.15). Ele não se assemelha a um ídolo que não possa responder às nossas orações, pelo que a Sua resposta já está a caminho, antes mesmo que a peçamos. Essa é uma razão muito encorajadora que nos faz continuar orando. Jesus, por exemplo, era sempre ouvido (João 11.41,42), e isso estabeleceu o precedente. Portanto, entrega tuas cargas ao Senhor e deixa-as com Ele.

O Senhor Incomparável (86.8-10)

86.8

Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor. Este versículo deve ser comparado com Sal. 77.13; Êxo. 15.11 e Deu. 3.24, que dizem coisas semelhantes.

Entre os deuses. Poderíamos entender essas palavras como entre os deuses hipotéticos a quem os pagãos inutilmente adoravam. Como é óbvio, Yahweh-Elohim-Adonai, na qualidade de único Deus vivo, era incomparável. Por outra parte, podemos ter aqui uma referência politeista ou henoteísta proveniente da época em que o monoteísmo dos hebreus ainda não havia prevalecido completamente. Ver a exposição em Sal. 82.1, que fornece várias interpretações sobre os "deuses". O Targum refere-se aqui aos deuses como se fossem anjos, conforme o termo hebraico, *elohim,* algumas vezes pode significar; mas não é provável que o poeta se preocupasse em garantir-nos que os anjos não podem comparar-se a Deus. O Grande Poder, incomparável como é, obviamente poderia solucionar os pequenos problemas que o salmista estava enfrentando, e essa é uma das razões pelas quais ele fez a referência ao que é incomparável. Esse tipo de Ser tem de ser um solucionador de problemas.

Nada existe que se compare às tuas obras. O Deus incomparável faz *obras* incomparáveis, e entre elas poderia estar a solução dos problemas do salmista. E entre essas obras estão as soluções para os *nossos* problemas. Quanto aos pagãos, eles permaneciam no esquecimento, porquanto seus deuses não eram entidades, e eram *inoperantes.* "Após expressar sua convicção na dis-

posição de Deus ouvir as orações, o salmista prosseguiu para expressar sua confiança no poder divino para salvar" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a essa parte do versículo, cf. Deu. 3.24 e II Sam. 7.22.

> *Que Deus há, no céu ou na terra, que possa fazer segundo as tuas obras, e segundo os teus poderosos feitos?*
>
> (Deuteronômio 3.24)

Neste versículo, o nome divino hebraico é *Adonai*, usado por sete vezes neste salmo (ver o vs. 4). Ver o vs. 2 deste salmo razão pela qual foi usada neste salmo grande variedade de nomes divinos.

86.9

Todas as nações que fizeste virão. *Adonai* (o Senhor) é o criador de todas as nações, até mesmo das nações que estavam dilapidando seu templo com a *idolatria*. Assim sendo, finalmente todas as nações serão conduzidas a Ele e terminarão por *adorá-Lo*. Na verdade, somente o bem pode resultar. O trecho de Fil. 2.10 ss. diz a mesma coisa; e pensar que isso será uma adoração forçada, sem nenhum resultado benéfico para os pagãos, reflete uma má idéia, pois a própria palavra *adorar* subentende aquilo que é bom. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*. E ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mistério da Vontade de Deus*. Ademais, não devemos reduzir declarações proféticas como a que encontramos neste versículo a alguns poucos representantes das nações que se misturarão com os judeus durante o milênio. É melhor confessar que a missão de Cristo realizará muito mais do que a maioria das denominações cristãs antecipa.

Que o Deus de Israel é, igualmente, o criador de todas as nações, ver também Gên. 10.1-32; Deu. 32.8. Quanto ao fato de que o Deus de Israel algum dia será reconhecido universalmente, ver Sal. 22.27-29; 65.2; 66.4; 67.7; 98.4; Isa. 42.6; 43.7; 45.22,23; 66.23; Zac. 8.20-23 e 14.16. "Esse poeta bastante obscuro, que compôs o salmo que ora comentamos, mostrou ser um homem de idéias muito amplas" (William R. Taylor, *in loc.*). E devemos ter a coragem de ser, nós mesmos, homens de idéias amplas, quando falamos do evangelho de Cristo e do que ele realizará. Ver Rom. 15.9-12; Efé. 1.9,10 e 4.8-10.

> *Aproxima Tua grande salvação,*
> *Tu, Cordeiro, que pelos pecadores foste morto;*
> *Preenche a lista dos Teus eleitos,*
> *Toma o poder em Tuas mãos e reina.*
> *Aparece, Desejado das nações,*
> *Traz de volta para casa os Teus exilados.*
> *Mostra nos céus o Teu sinal prometido,*
> *Tu, Príncipe e Salvador que virás.*
>
> (Henry Alford)

Neste versículo, o *nome divino* hebraico é *Adonai*. Ver o vs. 3, quanto às sete referências a esse nome divino, somente neste salmo. Ver o vs. 2, último parágrafo, quanto à variedade de nomes divinos usados neste salmo, e a razão possível dessa circunstância.

86.10

Pois tu és grande e operas maravilhas. Este versículo repete, essencialmente, a segunda parte do vs. 8. Cf. também Sal. 72.18; 77.14 e 83.18. "Só tu és Deus" é frase essencialmente igual à primeira parte do vs. 8. Aqui a afirmação monoteísta parece clara. Esta parte do versículo é igual a Deu. 6.4 e Isa. 44.6. Notamos, ao longo deste salmo, que os versículos do poeta sacro são paralelos a outros salmos e outras passagens do Antigo Testamento, e virtualmente nada é de sua própria composição. Todavia, ele nos ofereceu uma boa compilação.

"O malho da grandiosidade de Deus quebrará a rocha do coração dos pagãos" (Hengstenberg, numa excelente declaração, mas devemos lembrar que Deus não faz meramente punir. Por trás de cada golpe, brilha o amor divino, com a intenção de restaurar).

Neste versículo, o nome divino hebraico é *Elohim*, que também aparece nos vss. 2, 12 e 14, totalizando quatro menções ao nome. Ver no último parágrafo dos comentários sobre o vs. 2, por que o autor tanto variava nos nomes divinos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Petição de Ação de Graças (86.11-13)

86.11

Ensina-me, Senhor, o teu caminho. Este versículo deve ser comparado a Sal. 26.3 e 27.11, de onde o poeta sacro, ao que tudo indica, tomou por empréstimo suas idéias. Ver também Sal. 25.5. A expressão "dispõe-me o coração" encontra-se somente aqui em todo o saltério. O mais provável é que estejamos manuseando com uma expressão idiomática no hebraico que, quando literalmente traduzida, não nos fornece um sentido claro. Talvez signifique algo como "dá-me singeleza mental", o que a tornaria similar a Jer. 32.39: "Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos".

"Une todos os meus poderes e concentra-os em Teu serviço. Sem dúvida há memórias de Deu. 6.5 e 10.12. Cf. Jer. 32.29, trecho sobre o qual, evidentemente, a expressão está fundamentada. Uma *vontade não-dividida* é igualmente essencial quanto à moral e quanto à religião" (Ellicott, *in loc.*). "A indecisão mental e a divisão nos afetos estraga qualquer trabalho. O coração deve estar unido para que o trabalho possa ser um só... Essa é uma oração que deveria ser proferida por todo crente" (Adam Clarke, *in loc.*).

Andando na Verdade. Para os hebreus, isso significava uma conduta coerente, baseada na observância da lei. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário de elementos desse modo de andar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*. É difícil pensar na fé dos hebreus sem a predominância da *lei*, a regra da fé e da conduta. Um homem era *ensinado* sobre a correta vereda pelos preceitos da lei e andava corretamente diante de Deus quando praticava conforme o que fora ensinado. Ele dava cada passo ao longo do caminho da obediência a várias centenas de mandamentos, positivos e negativos, que a lei, finalmente, veio a abarcar, depois que os rabinos comentaram a totalidade da legislação mosaica.

Para só temer o teu nome. A expressão *temor de Deus* era virtualmente usada para abranger todos os elementos da espiritualidade do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor*, quanto a detalhes. Existe um real temor ao Ser divino que protege o indivíduo de laborar em erro. Além disso, há uma confiança reverente que podemos ter em respeito pelo Ser divino.

86.12

Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu. Cf. Sal. 9.1. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Louvor*. Encontramos aqui um *voto*. Ver a respeito disso no *Dicionário*. "O poeta voltou a louvar a grandeza de Deus de todo o seu coração (vs. 11), porquanto o amor de Deus o tinha libertado da morte" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cf. os vss. 12-13 a Sal. 56.13 e 47.9,10. Quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3 e quanto ao *nome santo*, ver Sal. 30.4 e 33.21. O "nome" representava a essência da deidade, incluindo Seus atributos e a pessoa essencial, e bastava proferir o nome para pensar que se tinha o poder de efetuar qualquer coisa. Contrastar o *coração singelo* que aparece neste versículo com o coração dúplice dos hipócritas (ver Sal. 12.2 e Tia. 4.18). Quanto à harmonia do ser humano com o Ser divino, ver Sal. 85.10,11 e 86.11. "Louvarei com cada faculdade de meu coração e minha alma... com um coração unido ao Senhor, que se *apega* a Ele. Cf. Sal. 103.1" (John Gill, *in loc.*).

Neste versículo encontramos dois *nomes divinos*: *Adonai* (ver os vss. 3 e 4) e *Elohim* (ver o vs. 10). O primeiro é usado sete vezes neste salmo, e o segundo, quatro vezes. Ver no vs. 2 por que o poeta usou uma variedade de nomes divinos (último parágrafo).

86.13

Pois grande é a tua misericórdia para comigo. Duas razões gerais são oferecidas pelo louvor ardente do versículo anterior: 1. O *amor constante* de Deus operava em favor do salmista, em todos os aspectos da sua vida. 2. O poeta, especificamente, havia sido salvo de algum perigo, ou seja, da morte prematura.

As palavras "poder da morte" provavelmente referem-se somente ao sepulcro, embora, posteriormente, a mesma expressão tenha passado a referir-se ao lugar onde os espíritos partidos deste mundo iam viver. No original hebraico encontramos a expressão "poder do sheol (hades)". Este era dividido em dois compartimentos, um para os ímpios e outro para os justos. Ato contínuo, punições e recompensas foram associadas aos distintos compartimentos do sheol (hades), e é nesse ponto que encontramos a doutrina no capítulo 16 do evangelho de Lucas.

Prosseguindo, em harmonia com o motivo universal, I Ped. 3.18-4.6 pinta uma missão de misericórdia de Cristo naquele lugar, entre Sua morte e ressurreição. Essa idéia pode haver sido influenciada, nem que seja apenas estilisticamente, por I Enoque. O livro apócrifo do Novo Testamento, chamado Evangelho de Pedro, confere à missão de misericórdia de Cristo no hades uma distorção universal, como também o faz o evangelho de Nicodemos, onde temos Cristo *esvaziando* o hades de todas as suas vítimas.

Tradicionalmente, a Igreja Ortodoxa Oriental e os anglicanos incorporaram a missão de misericórdia em suas doutrinas e liturgias. Lutero incorporou-a em sua liturgia da Páscoa, ensinando que Cristo é o *único caminho*, mas Ele pode e realmente chega ao hades para salvar, o que é uma maravilha, considerando que Lutero foi um fiel representante da teologia ocidental, a qual, infelizmente, acabou

por rejeitar essa dimensão da missão de Cristo. Ver os artigos chamados *Hades* e *Descida de Cristo ao Hades* (o primeiro deles no *Dicionário*, e o segundo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Conforme pode ser visto nesta descrição, a doutrina do seol (hades) passou por um longo processo de evolução, durante um período de muitos séculos, e isso também acontece com várias outras doutrinas importantes. Como é óbvio, o Novo Testamento leva muitas idéias importantes a seu patamar mais elevado, e a verdade está sempre em desenvolvimento. A palavra *estagnação* é desconhecida no dicionário divino, embora seja uma *palavra dominante* nas denominações cristãs. A arrogância do homem sempre trancou a verdade em uma caixa hermética.

A expressão "do mais profundo poder da morte", ou seja, "do mais profundo sheol", tem paralelo em Deu. 32.22. Além disso, encontramos a frase "na mais profunda cova" em Sal. 88.6. E Sal. 63.9 apresenta esta afirmação: "abismar-se-ão nas profundezas da terra". Ver também Isa. 44.23; Eze. 26.20; 31.14 e 32.18. Poderíamos pensar que os autores dessas passagens viam gradações no sheol, conforme a teologia posterior dos hebreus passou por gradações no céu; mas os poetas sagrados estavam apenas usando fraseologias populares, e não fazendo uma profunda exposição sobre o sheol (hades).

"É evidente, com base no versículo seguinte, que o que está em foco é o *perigo da morte* por meios violentos" (Ellicott, *in loc.*). Até o normalmente ultraconservador Ross vê aqui apenas uma menção à "morte", e não algum ensino complicado em relação ao destino da alma, o qual ainda não havia entrado na teologia dos hebreus.

Um Grito por Socorro (86.14-17)

86.14

Ó Deus, os soberbos se têm levantado contra mim. Homens violentos e iníquos, que não tinham Elohim defronte de seus olhos, cultivavam intenções homicidas contra o poeta e esperavam uma boa oportunidade para mandá-lo para o hades, ou seja, lançá-lo em uma morte prematura. Este versículo define o seol (hades) do versículo anterior. Essa palavra hebraica significa "morte", conforme expliquei e conforme diz a nossa versão portuguesa, ao passo que a palavra "vida", que aparece neste versículo, é traduzida por algumas versões por "alma". Vida, neste caso, olha para o homem físico total, e não para sua alma imaterial. A teologia dos hebreus finalmente avançou para a doutrina da alma ou do espírito, em alguns poucos lugares nos salmos e nos profetas. Dan. 12.2 situa o julgamento condenatório e a recompensa em um período pós-vida. Esta doutrina foi desenvolvida nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e então, mais ainda, nas páginas do Novo Testamento. Portanto, uma vez mais, encontramos uma doutrina bíblica que passou por desenvolvimento. Ver no *Dicionário* o verbete *Alma*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*, onde apresento excelentes artigos sobre o tema. Em nossos dias, a própria ciência está investigando a questão. Ver na *Enciclopédia* o verbete chamado *Experiências Perto da Morte*.

Quanto a homens "soberbos e violentos" ver Sal. 119.21. Era um bando de homens rudes e violentos, que faziam do homicídio um negócio lucrativo. O texto sagrado não deixa claro se esses homens ímpios eram hebreus desviados ou pagãos. Mais provavelmente eram hebreus desviados. Eles não tinham consideração alguma nem por Deus nem pelos seres humanos. Eles não olhavam para Deus diante de seus olhos, mas eram leis para si mesmos, e a lei deles os ensinava a prejudicar o próximo e a servir a si mesmos.

Sal. 54.3 é quase idêntico a este versículo, sendo provável que o autor sagrado simplesmente tenha incorporado aquele versículo aqui. Quase a totalidade deste salmo foi extraída de outros salmos e de outras passagens do Antigo Testamento.

Jarchi faz este versículo referir-se às maquinações de Doegue e Aitofel contra Davi, mas quaisquer referências históricas (a menos que se trate de simples aplicações do texto) são, quando muito, precárias.

O nome divino hebraico neste versículo é *Elohim*, que ocorre por quatro vezes no salmo: vss. 2, 10, 12 e 14. Ver nas notas expositivas do último parágrafo do vs. 2 por que o salmista usou tão grande variedade de nomes divinos.

86.15

Mas tu, Senhor, és Deus compassivo e cheio de graça. *Adonai*, também chamado *El* (o Poder), ou seja, o Senhor Deus, não permitiria que aqueles homens demoníacos e perversos cumprissem seus planos maus quanto ao poeta sagrado. Deus interviria e salvaria sua vida. Isso era a verdade por ser o Senhor um Deus pleno de compaixão, misericordioso e lento em irar-se, que se mantinha abundante em Seu amor e fidelidade constante. Note o leitor como o autor sagrado vai juntando palavra por palavra, na tentativa de chegar a uma descrição adequada do amor e da misericórdia de Deus, que se lhe mostravam favoráveis. Cf. Êxo. 34.6, sobre o qual provavelmente estava alicerçado. Portanto, temos aqui as seguintes descrições: misericordioso, gracioso, lento em irar-se, abundante em amor e fidelidade constante. O autor apresentou um carrada de expressões, mas não temos razões para duvidar de sua sinceridade. O homem, que estava sendo ameaçado de morte por parte de seus inimigos, certamente era sincero em seus louvores a Deus. "... longânimo na doação da salvação; Ele os suportava e queria ser gracioso para com eles, procurando levá-los arrependimento e salvá-los (ver II Ped. 3.9,15), mostrando-se abundante em misericórdia e bondade (ver o vs. 5) e também na verdade, isto é, cumprindo todas as Suas promessas. Ver Êxo. 34.6, ao qual trecho essas palavras se referem" (John Gill, *in loc.*, com uma boa cristianização do versículo). "Aqui o salmista reverte à mesma base da esperança do vs. 5: o caráter de Deus como um caráter *pleno de misericórdia* para com todos quantos O invocam" (Fausset, *in loc.*).

São dois os nomes divinos hebraicos que aparecem neste versículo: *Adonai*, usado por sete vezes neste salmo (ver os vss. 3 e 4) e *El* (forma singular de *Elohim*), que significa "o Poder", usado somente aqui. Quanto a razões pelas quais o salmista usou tantos nomes divinos, ver o último parágrafo dos comentários sobre o vs. 2 deste salmo.

86.16

Volta-te para mim, e compadece-te de mim. Neste ponto, *Adonai-Yahweh-Elohim-El* é invocado para tornar *realidade*, na vida do poeta, todos os poderes e bênçãos potenciais que ele tinha descrito tão laboriosamente no versículo anterior. "Volta-te para mim", disse ele, "e aplica a mim tudo quanto sei que podes fazer". Esse voltar-se de Deus daria ao salmista *forças* para vencer aquele momento de crise. Além disso, ele era *servo* de Deus e, caso sofresse morte prematura, Deus seria o perdedor. Ademais, ele era filho de alguma bem conhecida hebréia piedosa, e esse fator também laborava em seu favor. É de grande ajuda ter uma mãe piedosa, e o poeta estava seguro de que Deus consideraria a morte de um homem bom, nascido de uma mulher boa, uma perda que não poderia ser tolerada.

Cf. Sal. 25.16, sobre o qual ele parece repousar. Quanto a versículos similares aos vss. 15-16 deste salmo, ver Êxo. 34.6; Nee. 9.17; Sal. 103.8; 116.16; 145.8; Joel 2.13; Jon. 4.2. Em tempos de perigo, os homens piedosos sempre clamam a Deus, pedindo-Lhe *forças*.

Precioso Senhor, toma minha mão, guia-me,
faze-me resistir,
Estou cansado, estou fraco, estou desgastado;
No meio do temporal, no meio da noite,
Guia-me até a luz.
Toma minha mão, precioso Senhor, guia-me
para casa.

(Thomas Dorsey)

O homem era um *seguidor* de Deus, mas não podia alcançá-Lo. Por isso, precisou pedir que Deus desse meia-volta e viesse a seu encontro, para assim aplicar Sua misericórdia. Deus encontraria o homem debilitado. Teria de fortalecê-lo onde ele estava. O homem não era capaz de heroísmos! Oh, Senhor, concede-nos tal graça! "Tal como estou, sem nenhum apelo, exceto Teu sangue, que foi vertido por mim" (Charlotte Elliott).

86.17

Mostra-me um sinal do teu favor. O *sinal* do favor de Deus que nosso poeta buscava era que aqueles que o odiavam vissem-no *fortalecido e seguro* pela misericórdia de Deus, e assim retrocedessem envergonhados, abandonando os planos malignos acerca da vida dele. Isso só poderia acontecer mediante a ajuda e a consolação de *Yahweh*, nome divino que, no original hebraico, é usado neste versículo. O poeta solicitava algum acontecimento indefinido, uma clara intervenção divina que fosse óbvia a todos e impedisse sua morte prematura. Talvez o *sinal* solicitado fosse a *intervenção divina* que não foi definida neste versículo. "Não um oráculo favorável no templo, nem um sonho ou bom presságio, mas alguma demonstração da graça do Senhor que impressionasse os inimigos do salmista" (William R. Taylor, *in loc.*). "... algum sinal de cuidado e amor providencial contínuo" (Ellicott, *in loc.*). "... *livramento* que outras pessoas vissem e reconhecessem ser obra de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*). A *marca* com que Deus distinguiria o homem diria: "Ele pertence a Mim; deixai-o em paz".

E se envergonhem. Ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21; 78.66; 83.16. Este versículo parece estar firmado sobre Sal. 6.10 e 35.4.

O nome divino hebraico usado neste versículo é *Yahweh*.

Sumário. Nomes divinos que, no original hebraico, aparecem neste salmo: 1. *Adonai*, usado sete vezes (vss. 3-5,8,9,12 e 15); 2. *Yahweh*, usado quatro vezes (vss. 1,6,11 e 17); 3. *Elohim*, usado quatro vezes (vss. 2,10,12 e 14); e 4. *El*, usado uma vez (vs. 15).

Salmo Oitenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ali ofereço dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *cântico de Sião,* que exalta esse lugar e seu templo como a mãe de todos os crentes, de todos os lugares. Este cântico é, realmente excelente "um dos mais impressionantes" do saltério (Gunkel). É sucinto e enigmático, dotado de estilo distintivo, repleto de amor a Jerusalém e ao culto de Yahweh. Os vss. 4-6 são universais e podem ser comparados a certas passagens exaltadas do livro de Isaías. Os convertidos ao judaísmo deveriam ser tratados como judeus por natureza. Os direitos conferidos aos membros da diáspora podem indicar que o poeta tinha vivido longe do centro de adoração por algum tempo, porquanto ganhara simpatia por "outras pessoas", e não somente por aquelas que viviam no lugar principal dos oráculos divinos. Os vss. 4-6 podem apontar para uma data pós-exílica como a época da composição. A experiência levara o judaísmo a uma atitude menos exclusivista, e a teologia dos hebreus fora universalizada. Talvez este salmo, entre outros, fosse usado pelos peregrinos que visitavam a capital da nação. O vs. 7 indica o uso formal deste salmo.

Subtítulo. Neste salmo o subtítulo diz: "Salmo dos filhos de Coré. Cântico". Ver o subtítulo do Salmo 85, que é quase idêntico.

87.1,2

Fundada por ele sobre os montes santos. A Cidade Santa, Sião, estava construída sobre o Monte Santo, pelo que era a mais bem fundamentada cidade do mundo, segundo a estimativa do poeta sagrado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sião.* A referência é à cidade de Jerusalém e às suas colinas. Cf. Sal. 125.2 e 133.3. Os alicerces de qualquer edifício ou cidade são muito importantes, quanto mais se foi o Senhor quem fundou o lugar e pôs ali Seu nome e Sua presença. Note o leitor o estilo sucinto. As sentenças começam abruptamente e lhes falta um verbo principal. Ellicott tentou reconstituir a essência dos vss. 1 e 2, duplicando o seu estilo sucinto:

> *Seus fundamentos sobre a colina santa*
> *Yahweh ama, a saber, as portas de Sião,*
> *Mais do que todas as habitações de Jacó.*

Yahweh fundou a Sião, e suas "portas" (vs. 2) equivalem a ela. Cf. Jer. 14.2. Yahweh ama Sua cidade nas colinas, e todos os homens piedosos compartilharão esse sentimento. Ela está acima de todos os demais lugares de Israel (Jacó) e até do mundo inteiro, aliás. As "portas" falam dos centros da vida econômica e social das cidades antigas, mas aqui está em pauta a cidade inteira. Cf. Rute 3.11 e Isa. 14.31. Ver também Sal. 78.68, quanto a um amor especial por Jerusalém. As "habitações de Jacó" significam qualquer lugar onde os israelitas habitassem, primariamente as vilas e aldeias da Palestina. Se a data da composição permitir, talvez a referência seja aos lares dos hebreus, durante a diáspora. Yahweh cuidava de todo o Seu povo, mas Jerusalém era um lugar todo especial, quase um paraíso.

"Espiritualmente falando, Sião foi fundada quando foi escolhida para ser a sede do santuário, seu verdadeiro fundamento. A palavra no plural, "montes", foi usada porque Sião fazia parte de uma cadeia montanhosa. Sião emprestava santidade à cadeia inteira. A santidade dos montes subentende sua separação de outras colinas que eram sagradas para Deus" (Fausset, *in loc.*). Estes versículos têm sido cristianizados para aludir, profética e espiritualmente, à igreja cristã.

87.3

Gloriosas cousas se têm dito de ti, ó cidade de Deus! Foi neste versículo que Agostinho se inspirou para dar título ao tratado *A Cidade de Deus.* O trecho também inspirou o nobre hino intitulado *Sião, Cidade de Nosso Deus.* Cf. Sal. 46.4, quanto à mesma expressão, e ver algo similar em Sal. 48.1,2,8; 101.8; Isa. 60.14.

Coisas Gloriosas Acerca de Sião. 1. O Senhor a fundou. 2. Ela se tornou o centro da fé dos hebreus, o yahwismo. 3. O principal oráculo divino foi estabelecido ali. 4. O magnífico templo de Salomão veio coroar seu cume. 5. Ela se tornou um santuário universal. 6. Era o lugar da lei, seu ensino e disseminação. 7. Era um lugar de justiça. 8. Era ali que se manifestava a presença de Deus. 9. Ela simbolizava a residência de Deus no céu. 10. Era o lugar onde mais se manifestava a alegria religiosa. 11. Era um lugar de bondade, onde se concentravam homens bons.

Ver os versículos seguintes, que expressam algo dessa glória de Sião: Sal. 132.13 (o lugar da habitação do Senhor); Sal. 48.2 (a alegria de toda a terra); Isa. 2.3 (o centro do ensino e envio da lei às nações); Jer. 31.23 (um lugar de justiça).

Este salmo prossegue a fim de mostrar que Sião era o lugar de onde o yahwismo se espalhava em *alcance universal.* A Igreja secundou a Sião, espalhando as boas-novas do evangelho cristão, e isso também torna Sião *gloriosa.* Ver o vs. 4.

> *Coisas gloriosas são ditas a teu respeito, Sião.*
> *Sião, cidade de nosso Deus;*
> *Aquele cuja palavra não pode ser quebrada,*
> *Formou-te para seres a Sua habitação.*
> *Fundada sobre a Rocha dos séculos,*
> *Que pode abalar teu seguro repouso?*
> *Rodeada pelas muralhas da salvação,*
> *Podes sorrir para todos os teus inimigos.*
>
> (John Newton)

John Gill lembra o Rei dos reis e Sua habitação celestial; Seu evangelho e Sua Igreja; a salvação dos gentios, e assim vê elementos proféticos e messiânicos neste salmo. Todos os *cânticos de Sião* contêm alusões messiânicas, mesmo quando não sejam classificados como messiânicos.

Selá. Quanto aos possíveis significados desta palavra, ver Sal. 3.2.

Os Cidadãos de Sião (87.4-6)

87.4

Dentre os que me conhecem. Quem fala aqui é Yahweh. Ele trata dos judeus da dispersão, e também, provavelmente, dos prosélitos, seguidores do yahwismo, "lá fora", distantes da capital, a gloriosa Sião. As nações mencionadas neste versículo eram inimigos incansáveis de Israel, acompanhados segundo o registro histórico. Mas agora eram membros do Rebanho Universal e prestavam lealdade ao culto do templo de Jerusalém. Esses povos haviam sido "conquistados" para a verdadeira fé. Cf. Isa. 19.24-25. O autor teve o cuidado de mencionar países próximos e distantes, procurando impressionar-nos com o apelo universal que o yahwismo tinha conseguido.

Raabe. Este era um termo para o dragão primevo (ver Sal. 89.10 e também o *Dicionário*). Ver os pontos 2 e 3 do artigo quanto a plenas informações. O nome veio a significar poderes demoníacos, especialmente associados às religiões pagãs. O termo acabou designando o Egito. O elo de ligação fica em Isa. 30.7, obscurecido na versão portuguesa. Não se sabe, porém, como foi que o vocábulo acabou sendo vinculado ao Egito, mas podemos imaginar um sacerdote ou profeta de Israel a chamar o Egito de "aquele grande monstro do sul", ou alguma outra declaração que tenha originado essa associação. John Gill sugeriu que a associação tivesse sido *verbal,* pois a palavra egípcia para o delta do Nilo era *raab,* que significa "pêra", pois o delta tinha o formato de uma pêra. Nesse caso, a palavra que aqui se encontra, *Raabe,* foi associada a *raab,* por causa dos sons das palavras envolvidas. Seja como for, no presente texto o significado da questão é que até naquele caminho do sul, no Egito, o lugar dos monstros com formato de pêra, havia aderentes do yahwismo.

Babilônia. Ver a respeito no *Dicionário.* A palavra pode revestir-se aqui de sentido geral, referindo-se à totalidade da área da Mesopotâmia. Seja como for, a Babilônia, mesmo depois de ter sido derrotada como império, permaneceu um centro cultural e comercial no qual muitos judeus se instalaram. Portanto, podia haver muitos adeptos do yahwismo naquele lugar, que prestavam lealdade ao templo de Jerusalém (Sião).

Filístia. Ver a respeito no *Dicionário.* Até mesmo onde Israel era tão odiada, e onde muitas antigas batalhas tinham ocorrido, havia convertidos ao judaísmo que prestavam lealdade a Sião.

Tiro. Ver a respeito no *Dicionário.* Ver também Sal. 83.7. Era uma das principais cidades da Fenícia. A cidade havia ajudado Salomão a construir o templo, o que significa que nem sempre se mostrara hostil a Israel (Judá). Os fenícios eram os senhores dos mares, e evidentemente, em suas aventuras, chegaram à América do Norte. Há historiadores brasileiros, como Gustavo Barroso, que admitem a possibilidade de os fenícios terem chegado à América do Sul, no interior da Amazônia. As línguas dos indígenas locais desconhecem o som representado pelo "L", e, no entanto, falavam no rio Solimões, o que a vários eruditos brasileiros soa como corruptela de "Salomão". Porventura os fenícios teriam chegado à Amazônia, a serviço de Salomão? Além disso, perto de Manaus, às margens do rio Negro, o rio que banha a capital do Amazonas, eu, o tradutor desta obra sobre o

Antigo Testamento, vi inscrições gravadas em grandes pedras que margeiam o rio Negro. Não sei dizer se essas inscrições correspondem à antiga escrita fenícia, mas que são uma inscrição em alguma língua antiga, não há que duvidar.

Era uma questão de prestígio ser fenício. Os alfabetos ocidentais também tiveram origem ali, através de muitas modificações, por meio do hebraico, do grego e do latim. Porém, de maior prestígio ainda era pertencer a Sião. Seja como for, eram nativos hebreus e prosélitos que eram leais a Sião e faziam parte da comunidade universal do yahwismo.

Etiópia. Este é o vocábulo usado no Antigo Testamento para referir-se à região e ao povo do alto rio Nilo, ao sul do Egito, ou seja, ao sul da primeira catarata. No hebraico, o nome é *Khush*, ou seja, Cuxe, em português. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Etiópia*.

Interpretações fantasiosas que equiparavam o Egito à "antiguidade", a Babilônia à "força", Tiro às "riquezas" etc. não têm nenhuma aplicação a este texto. Esta passagem ensina que o yahwismo se tornara universal; e, apesar de tudo, não havia lugar na terra como Sião, a capital de Israel.

Lá nasceram. A referência aqui é um tanto obscura. Talvez as palavras signifiquem que havia indivíduos nascidos em cada um dos lugares acima mencionados, com o tempo, passaram a adotar a fé dos hebreus. Ou então, os judeus ou prosélitos que havia naqueles lugares, embora tivessem nascido ali, eram cidadãos genuínos de Sião, e assim compartilhavam plenamente os benefícios de Sião. Nesse caso, temos um singular coletivo: os judeus da diáspora, referidos como se fossem uma única pessoa.

87.5

E com respeito a Sião se dirá. Este versículo reforça o anterior. A *cidadania* era muito cobiçada em Sião e, no entanto, aqueles "estrangeiros" (judeus da diáspora e seus convertidos) eram cidadãos tanto quanto os cidadãos natos. Portanto, "este e aquele" equivale a "lá nasceram" do vs. 4. Mas alguns intérpretes compreendem a frase "lá nasceram" como menção aos cidadãos "lá de fora", ao passo que "este e aquele" diria respeito aos nascidos em Sião. No entanto, não parece que o autor sacro estivesse estabelecendo distinção entre os homens quanto a direitos de nascimento. Portanto, o autor sagrado enfatizava a idéia de universalidade. O judaísmo tinha crescido e o yahwismo se tornara universal. Adam Clarke (*in loc.*) extraiu uma lição espiritual da questão. Era uma honra ser um cidadão de Sião, sem importar de que modo; mais honroso, entretanto, era ter *nascido ali*. Mas ter nascido "do alto", como cidadão da Sião celestial, é a maior honraria que há na face da terra.

"Todo homem, espiritualmente nascido, deriva dali o seu nascimento (Gál. 3.26)" (Fausset, *in loc.*).

O *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário*) estabeleceu Sião como Sua capital e lugar de manifestação, pelo que coisa alguma poderia ser dita que lhe desse ainda mais prestígio.

87.6

O Senhor, ao registar os povos. *Quando registrava* todos os cidadãos de todos os lugares, Yahweh fez uma menção honrosa sobre cada um deles, dizendo: "Este homem nasceu lá" (isto é, em Sião), ou seja, é um cidadão daquele lugar. Está em pauta a antiga prática do registro de cidadãos. Cf. Sal. 56.8; 69.28; 139.16; Êxo. 32.32; Isa. 4.3; Dan. 12.1 e Mal. 3.16. Há registros para vários outros propósitos. Ver Jer. 22.30; Eze. 13.9; Esd. 2.62; Nee. 7.5 e II Crô. 2.17. Essas listas de cidadania podem ter sido um ponto de orgulho para o povo de Jerusalém, por terem nascido *ali*, ao passo que outros chegaram posteriormente e eram considerados cidadãos de segunda categoria. No entanto, não há nenhuma intenção como essa aqui. Todos os cidadãos achavam-se em pé de igualdade, visto que Sião era a *mãe* de todos, sem importar onde seus corpos tivessem nascido.

Selá. Quanto a possíveis significados desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

87.7

Todos os cantores saltando de júbilo entoarão. Este cântico de Sião foi usado liturgicamente, pelo que era acompanhado de instrumentos musicais. Ver I Crô. 25, quanto a grupos musicais (profissionais) formados por levitas. Tal profissão passava de geração em geração, por ter sido um ofício hereditário.

Cf. Sal. 68.25; I Reis 10.12 e Eze. 40.44. A Revised Standard Version diz aqui "cantores e dançarinos" (em lugar de "cantores", conforme lemos em nossa versão portuguesa, ou como tocadores de instrumentos musicais, segundo se lê em outras versões). Quanto às *danças religiosas*, ver Sal. 30.11; 150.4 e II Sam. 6.14. Na verdade, a palavra hebraica pode ser entendida como *dançarinos*, sendo essa a preferência de alguns intérpretes. Ver Juí. 21.21,23, onde por certo esse é o sentido da palavra hebraica. A dança é uma expressão de emoções, incluindo a emoção da *alegria*. A alegria animal é o sentimento usual que a dança representa; mas alguns estudiosos supõem que também expresse a alegria espiritual. Seja como for, a dança sempre fez parte do culto de adoração dos templos pagãos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dança*, quanto a informações completas.

Todas as minhas fontes estão em ti. É provável que essas palavras representem o título ou a primeira linha de um hino entoado em Sião. "Fontes" aponta para os mananciais da vida e da alegria. Ver Sal. 36.9; Isa. 12.3; Osé. 12.3 e Pro. 5.16. Ou talvez mais especificamente, neste caso, como uma metáfora, esteja em pauta a idéia de "toda a minha descendência", ou seja, os cidadãos de Sião, referidos nos vss. 4-6. "... fontes... de alegria, paz e consolação estão com Ele. As fontes da salvação estão Nele, e tanto a graça como a glória vêm Dele. Ele é a fonte de toda a graça agora, bem como a fonte de toda a felicidade no outro mundo" (John Gill, cristianizando o versículo e fazendo de *Cristo* a fonte).

"As fontes terrenas não produzem nenhum deleite puro. Todas elas são misturadas, e suas águas são turbulentas. Mas as fontes espirituais são refrigerantes, satisfatórias e deleitosas" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Fonte*, quanto a informações completas, incluindo usos metafóricos.

Salmo Oitenta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, de longe o maior dos grupos. Trata-se de uma oração desesperada pedindo a cura de um corpo enfermo. Sobre o tema "doença", ver os Salmos 6, 22, 28, 30 e 38. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um grito de socorro; então falam dos inimigos que estavam sendo confrontados; geralmente contêm uma série de imprecações contra esses inimigos; e então terminam em uma nota de louvor e ação de graças pelas respostas à oração, ou porque o salmista pensava estar a caminho a resposta. Este salmo, no entanto, termina em desespero, o que também é veraz de acordo com a experiência humana. Outro salmo que termina em tom de desespero é o Salmo 31.1-12, dividido em três seções, que, originalmente, devem ter formado uma composição distinta. Ver as notas em Sal. 31.12. O Livro de Oração Comum, em inglês, selecionou este salmo como apropriado para as orações noturnas da Sexta-feira da Paixão. Provavelmente a escolha foi feita "por ser um nobre exemplo de fé que confia completamente em Deus, a despeito de todo o desencorajamento, e apega-se a Deus mais apaixonadamente, quando o Senhor parece ter-se retirado completamente da cena" (A. F. Kirkpatrick). Neste caso, provavelmente a lamentação é de um indivíduo e aborda a enfermidade física, parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*).

A enfermidade faz parte do mal natural, coisas que a natureza projeta contra os homens e os fazem sofrer. A enfermidade em foco não pode ser identificada de modo absoluto, e parece ser algo que desde a mocidade debilitava o pobre homem, talvez a lepra ou a paralisia. Seja como for, os amigos do homem não agüentavam mais o aspecto dele e o tinham abandonado. Para ele, porém, o Senhor continuava a ser a única base de esperança, razão pela qual ele continuava orando. Ele se esforçava na busca da vitória que vence o mundo (ver I João 5.4). Neste salmo há uma incomum descrição do *sheol*. Ver os vss. 4-6 e 10-12. *Parece que aqui a doutrina dos hebreus sobre o seol finalmente ultrapassou a* simples idéia da *sepultura*, que é tudo quanto está envolvido nessa palavra, na maioria dos salmos. Esse ponto, entretanto, é controvertido. O vs. 10 salmo pode refletir o primeiro passo para fora do nada total, dentro do pensamento dos hebreus.

Subtítulo. Neste salmo há um subtítulo bastante longo, a saber: "Cântico. Salmo dos filhos de Coré. Ao mestre de canto. Para ser cantado com cítara. Salmo didático de Hemã, ezraíta". Onze salmos foram atribuídos aos filhos de *Coré: 42; 44 a 49; 84 e 85; 87 e 88. Os comentários introdutórios não faziam parte* original dos salmos, mas foram produtos de editores posteriores, pelo que não se revestem de autoridade canônica. Procuram conjecturar sobre questões como autoria e pano de fundo histórico que possa ter inspirado as composições poéticas.

"Para ser cantado" é tradução das palavras hebraicas *maalate leanote.* "Maalate" parece significar "dançar com alegria"; e "leanote" significa "resposta", podendo referir-se aos cânticos que eram cantados responsivamente.

Um homem não identificado, chamado Hemã, foi identificado como o autor da *composição, e ele era ezraíta; mas a Septuaginta diz aqui "israelita". Vários indivíduos* foram assim chamados no Antigo Testamento, conforme demonstra no *Dicionário* o artigo chamado *Hemã*. Mas é inútil precisar qual deles seria o Hemã aqui referido. Alguns estudiosos pensam que a palavra hebraica *maalate* significa "en-

fermidade"; e, se essa opinião está certa, então a palavra foi suprida do contexto do próprio salmo, visto que o poeta sagrado estava realmente muito enfermo.

88.1

Ó Senhor, Deus da minha salvação. O enfermo havia clamado a Yahweh-Elohim *dia e noite* e por longo tempo. Parece que ele tinha alguma espécie de doença degenerativa desde a juventude (ver o vs. 15). Suas orações nunca haviam sido respondidas. De fato, este salmo termina em *mais orações*, e não em ação de graças por ter o salmista obtido alívio de sua condição doentia. Isso naturalmente corresponde à experiência humana. Existem enigmas no sofrimento e no *Problema do Mal* em geral (ver a respeito no *Dicionário*). Existe um mal moral, que consiste no mal que os homens podem causar a seus semelhantes. E existe também o mal natural: inundações, incêndios, terremotos, desastres naturais, enfermidade e finalmente a morte, que algumas pessoas consideram o campeão de todos os males.

O homem continuava a orar porque Deus é o Deus da salvação (do livramento), e somente Ele tem o poder de fazer qualquer coisa acerca da condição humana. Ver sobre *salvação* e sobre *Deus da salvação* em Sal. 62.2, *onde há notas expositivas e referências*. Certa ocasião acompanhei um caso semelhante. Um pastor morreu, deixando esposa e filhas. Uma das filhas tinha uma séria condição cardíaca, que lhe causava muita dor e lhe ameaçava a vida. Após a morte do pastor, a mãe viúva se associou a outra igreja, porque tinha a convicção de que somente as orações daquela igreja particular poderiam ajudar a filha enferma. Ela continuava orando. A igreja também continuava orando, sem nunca ter obtido resposta, enquanto acompanhei o caso. Por isso eu considerava aquele caso tão triste; e este salmo provavelmente é o mais triste de todo o saltério, pois as orações iam ninguém sabe para onde, mas continuavam indo. Mas, visto que a oração tem poder, nós também continuamos orando.

88.2

Chegue à tua presença a minha oração. O autor sagrado continuava orando, pedindo que Elohim, o Poder, inclinasse os ouvidos em Sua direção. Mas o Poder aparentemente se mantinha *indiferente* para com a sua necessidade (ver sobre isso em Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1). Embora Deus parecesse distante, o homem continuava a orar. Sua oração parecia fraca, e ele mesmo estava debilitado. Sua oração, entretanto, era inútil, e ele se sentia impotente; mas continuava orando, fervorosa e sinceramente.

> *As orações são filhas de Zeus, tão murchas, tão aleijadas, de olhos tão deformados.*
>
> (Homero, Ilíada, ix.498)

Quem poderia importar-se com aquelas orações murchas e aleijadas? Quem poderia respeitar uma oração de olhos deformados? Mas orar era tudo quanto o homem podia fazer, pelo que continuava orando. Ele nada tinha para pleitear, exceto a infinita graça de Deus diante de sua grande necessidade. Ele pleiteava *na presença de Elohim*, porquanto quem haveria de querer ouvi-lo orar na igreja ou em uma esquina de rua? Ele era um homem deformado, cujos amigos o tinham abandonado. Tudo quanto lhe restava era orar, o que poderia tocar um Deus distante.

88.3

Pois a minha alma está farta de males. A alma (vida) do homem estava sobrecarregada de males, e o tempo de vida que lhe restava agora parecia curto. Seus sofrimentos não lhe tinham dado descanso, e ele agora já se inclinava por sobre o sepulcro. O quadro reflete a mais completa impotência e desânimo, mas o homem continuava orando. Sua vida estava prestes a extinguir-se no *sheol*, acerca do qual ele nos oferece uma série de descrições vívidas. Alguns estudiosos supõem que tenha sido Hemã quem aventou o conceito de aquele lugar representar algo mais que o sepulcro, existente para além da vida física. Mas, ao examinar as suas metáforas, apesar de confessarmos sua beleza e graça, e o fato de serem bastante incomuns, no conjunto não parece haver coisa alguma que nos leve a pensar na vida para além do sepulcro. O vs. 10, entretanto, talvez reflita a crença em fantasmas sem mente, a esvoaçar pelo sheol, sem autoconsciência, sem auto-identidade, o primeiro passo para afastar-se do nada.

A doutrina do sheol como um lugar que existe depois da vida terrena, entrou tarde na teologia dos hebreus, ficando subentendida em alguns salmos e nos livros dos profetas. Somente em Dan. 12.2, em todo o Antigo Testamento, temos uma clara afirmação do pós-vida, com seus castigos ou recompensas. Essa idéia foi desenvolvida nos livros pseudepígrafos e apócrifos, e então mais ainda no Novo Testamento. O pobre homem não tinha nenhuma esperança na morte, mas somente esperava a extinção. O sepulcro parece cortar o relacionamento entre o homem e seu Deus (vss. 10-12).

88.4

Sou contado como os que baixam à cova. *Segundo a sua própria estimativa*, bem como a de outras pessoas, o homem já havia falecido, visto que tão pouca vida restava nele, e, como era óbvio, seu caso era terminal. Suas forças físicas estavam, realmente, no fim, pois a enfermidade o havia traspassado com mil flechas. Ele estava praticamente morto e quase não tinha esperança. Mas com a pouca esperança que lhe restava, ele continuava orando.

> *A ti clamo, ó Senhor; Rocha minha, não sejas surdo para comigo; para que não suceda, se te calares acerca de mim, seja eu semelhante aos que descem à cova.*
>
> (Salmo 28.1)

Cf. Sal. 22.15. A *cova*, outra referência ao *sheol*, era vista como uma grande câmara subterrânea. "Cova é sinônimo de *sepultura*; cf. o vs. 6; 28.1; 30.3,9; 69.15; 143.7. Ele estava abandonado como um morto, sem o cuidado de Deus (vs. 5)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

88.5

Atirado entre os mortos. Atirado entre os mortos, ele foi esquecido, tal como sucede aos soldados mortos em batalha quando as coisas saem erradas para um exército. Os soldados agora estão todos mortos, e quem poderia cuidar deles? Seus cadáveres são despejados na fossa comum, e eles são esquecidos. O próprio Elohim os esquece. Agora não são mais entidades vivas, porque não têm mais respiração nem há sangue circulando em suas veias. Não passam de uma massa de carne podre, terrível, horrenda, fedorenta, inútil, desprezível, digna de comiseração. A *mão* de Deus, o Seu *poder*, não lhes pode mais fazer bem nenhum. Estão fora de Deus e do bem. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14 e sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Ver também sobre *braço*, em Sal. 77.15 e 89.10. Se o símbolo do poder de Deus é a *mão*, contudo, no caso dos mortos, nem mesmo esse Seu *poder* adianta alguma coisa. Nesse ponto se achava a teologia dos hebreus, quando este salmo foi escrito. Os hebreus ainda não haviam desenvolvido uma doutrina da alma imaterial. Os mortos em batalha eram lançados na vala comum. Quem mais se importava com eles? Cf. Eze. 32.20-32 e 31.12, onde encontramos declarações similares.

Enquanto um homem está vivo, é responsável diante de Deus como Seu escravo. Mas, quando morre, fica livre dessa servidão. Cf. Jó 3.19. Mas qual é o bem, se um homem é reduzido a *nada?* Alguns intérpretes tentam ler outra coisa neste versículo, além do *nada;* e fazem isso apelando para outras passagens, mas isso nos desvia do que o salmista tentava dizer-nos. Como é óbvio, tal atividade nos conduz à esperança, mas neste salmo tal pensamento é um anacronismo. O estado de fraqueza física do poeta sagrado o reduzira a quase nada. O sepulcro terminaria o trabalho. O vs. 10 encerra um aparente primeiro passo, dentro da teologia dos hebreus, para longe do nada absoluto a que as pessoas eram reduzidas no *sheol*.

88.6

Puseste-me na mais profunda cova. A "mais profunda cova" talvez não passe da sepultura, ou então o poeta estava apresentando uma visão expandida do *sheol*, passando a ver ali algo mais do que o nada, o que comento no vs. 10 deste salmo. Mas este versículo, isolado, talvez não possa ser visto por tal ângulo. As regiões onde predominavam as trevas e a profundidade podem ser apenas mórbidas figuras poéticas do buraco ao qual corpo do poeta seria lançado. Ver Lam. 3.55, quanto à mesma expressão. Quanto às *trevas* do *sheol*, ver os vss. 12 e ss. e também Sal. 143.3; Lam. 3.6 e Jó 10.21,22. Sem importar qual fosse a intenção do salmista, o certo é que ele falava do total *abandono* a que ficam relegados os mortos, tanto da parte dos homens como da parte de Deus. Por conseguinte, se ele estava vendo o *sheol* como algo mais do que um sepulcro, certamente não viu muita coisa, nem divisou ali alguma esperança. Cf. as "partes inferiores da terra", em Sal. 63.9 e 86.13, bem como o mais profundo inferno de Eze. 16.20. Quando examinamos as passagens bíblicas que falam sobre o *sheol*, estamos tratando com uma noção em processo de desenvolvimento, e não com um ensino que permaneceu intacto do começo ao fim.

Talvez não esteja em vista o *sheol* literal, mas o bárbaro costume de lançar prisioneiros em uma masmorra escura, fazendo-os debilitar-se até a morte, num processo de total desesperança. Leão Africanus (*Description Africai*, 50.3, pág. 413) afirma ter visto milhares de cristãos serem assim tratados, com o cruento detalhe adicional de estarem acorrentados uns aos outros com cadeias. Tais masmorras com freqüência se tornavam a cena da morte coletiva, após a angústia coletiva.

Os intérpretes que vinculam a melancolia deste versículo à "punição" dos perdidos perdem completamente de vista o alvo. Em *primeiro lugar,* o poeta certamente não era um homem iníquo que pudesse ser tratado dessa maneira no pós-vida. Em *segundo lugar,* a teologia dos hebreus ainda não havia chegado ao ponto em que o *sheol* era encarado como lugar de recompensa para os bons e de punição para os iníquos.

88.7

Sobre mim pesa a tua ira. Temos aqui menção à *ira de Deus,* não no pós-vida, mas, sim, administrada nesta vida física, expressa através de alguma enfermidade que o homem carregaria através de toda a sua existência terrena, desde a sua *juventude,* conforme vemos no vs. 15 deste salmo. Poderíamos presumir que o homem lançava a culpa de sua enfermidade sobre um ou mais pecados que tivesse cometido, talvez até pecados desconhecidos para a sua mente consciente. Yahweh era então visto como a *Única Causa* e, se alguém adoecesse (de acordo com a teologia padrão dos hebreus), tal homem deveria ter pecado em algum ponto de sua vida para merecer tal agonia. Assim também, no livro de Jó, seus "consoladores molestos" voltavam a atiçar, por vezes sem conta, a idéia de que sua enfermidade era um castigo contra o pecado, a colheita do que ele havia semeado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* No entanto, Jó se declarava inocente e queria saber *por que* estava sofrendo. No sofrimento de Jó havia muito mais do que julgamento contra o pecado. Existem outras razões para o sofrimento, talvez até disciplina e edificação do caráter, mas também há *enigmas.* A história de vida de nosso poeta se parece bastante com a de Jó. Ele não confessava seus pecados a fim de encontrar alívio para os sofrimentos. Talvez ele nem fosse como os hebreus comuns, que sempre viam o pecado como a causa das enfermidades físicas. Este salmo não chega a examinar as minúcias da questão, conforme faz o livro de Jó. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal,* quanto a uma discussão sobre por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem.

Com todas as tuas ondas. O sofrimento se abatia sobre o autor sagrado como um homem que recebe o impacto das ondas do mar, e era Deus quem estava por trás da tempestade marinha. Isso fala muito sobre a intensidade do sofrimento. Em algumas culturas, tais pessoas com freqüência se tornam suicidas potenciais. Em nossos próprios dias, nos Estados Unidos, testemunhamos o espetáculo de certo médico que ajuda pacientes desesperados a escapar das dores por meio da morte assistida pelo médico, isto é, a *eutanásia* (ver a respeito no *Dicionário).* Sem dúvida há muitos outros médicos, ao redor do mundo, que fazem a mesma coisa, mas não permitem que seus nomes sejam divulgados. Os teólogos e os filósofos debatem a ética desses atos, e eu mesmo não estou certo sobre qual é a posição certa. Mas os hebreus não eram um povo com tendências suicidas e, embora haja alguns casos raros na Bíblia, esse nunca foi um fenômeno generalizado em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Suicídio.* De qualquer maneira, as ondas de dor eram *avassaladoras.* Assim sendo, o salmista continuava orando, embora não houvesse nenhum resultado positivo para suas orações. O poeta se parecia com um marinheiro enfrentando uma tempestade fatal no meio do oceano. Tudo estava perdido, o navio afundava, e nenhum socorro se aproximava.

88.8

Apartaste de mim os meus conhecidos. O homem, enfermo desde a juventude, portava uma espécie de enfermidade degenerativa de grau tal que o tornara repelente a seus antigos amigos. Portanto, além de seus outros problemas, ele se tornara um pária social. Alguns identificam essa enfermidade com a lepra, mas nesse caso ele teria sido formalmente separado da comunidade. Ver sobre a *sara'at* na introdução a Lev. 13. Provavelmente, a lepra tradicional estava incluída nessa palavra hebraica, que abrangia grande leque de outras aflições cutâneas, incluindo mofos e fungos que aparecem nas roupas e paredes das casas. Talvez a dificuldade do salmista fosse a paralisia. Seja como for, é inútil tentar determinar exatamente o seu problema. O que fica claro é que sua doença o privara das amizades normais e o deixara a morrer sozinho. Jó tinha feito o mesmo tipo de queixa que encontramos neste versículo. Ver Jó 19.13-19 e cf. Sal. 88.18 e 31.11. Sua enfermidade era repelente, e assim era todo o seu caso, para Deus e para os homens, pelo menos segundo o seu próprio entendimento. Ele era evitado como se fosse um objeto de *horror* (cf. Jó 30.10).

Estou preso. Isto poderia significar um informal ostracismo social, ou uma quarentena formal por causa da *sara'at,* conforme exigia a legislação mosaica. Ver Lev. 13.1-6,45,46. Talvez a expressão seja metafórica, conforme se vê em Jó 3.23; 13.27 e 19.8.

Não vejo como sair. Ou seja, de sua prisão, sem importar qual tenha sido ela, ou de sua condição geral. Ele fora apanhado na *armadilha* de sua enfermidade e de sua quase fatal condição, e somente *Elohim* lhe poderia ser de algum bem. Sua condição desconhecia *escapatória* (conforme pode ser traduzido o original hebraico), a menos que houvesse intervenção divina. O nosso homem caíra em total melancolia mental, o que com freqüência acontece a pessoas gravemente enfermas.

Este versículo tem sido espiritualizado para indicar a repelente e incurável condição espiritual que separava o salmista de qualquer graça divina, porque nele havia pecado ainda não perdoado.

88.9

Os meus olhos desfalecem de aflição. *Diariamente,* ele levantava uma oração *contínua,* sendo essa sua única esperança. E ele a exercia diligentemente. Mas de nada adiantava. Suas orações eram altos *lamentos,* mas ele não obtinha misericórdia da parte de Deus. Seus olhos ficavam molhados de tanto chorar. Cf. Sal. 6.7 e 31.9. "O homem inteiro devia orar para ser ouvido por Deus" (Fausset, *in loc.*), mas o homem inteiro orava e não era ouvido, o que certamente se revela um *enigma* para nós. Quanto à questão de *orar sem cessar,* ver I Tes. 5.17 e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Oração.* "... embora suas tribulações continuassem e até aumentassem, ele não deixava jamais de orar" (John Gill, *in loc.*).

A oração é o desejo sincero da alma,
Que fica mudo ou é expresso,
É o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito.

(Montgomery)

O Senhor é Questionado (88.10-12)

88.10

Mostrarás, tu, prodígios aos mortos...? O enfermo dirigiu-se diretamente a Yahweh-Elohim e lhe fez algumas perguntas centralizadas em torno da teologia dos hebreus, a qual pregava que os mortos são inteiramente inúteis. Nesse caso, que adiantaria para Deus contar com homens mortos? Este salmo pode continuar a teologia normal dos hebreus do total aniquilamento dos mortos, bons e maus, no sepulcro. Nesse caso, o *sheol* importaria meramente em destruição. Nesse caso, teríamos aqui o primeiro passo para longe daquele lugar como se ele apontasse somente para o sepulcro. Note o leitor que temos dois vocábulos para indicar os mortos, neste versículo. Há os "mortos" e há os "finados", que também pode ser traduzido por "fantasmas". A primeira dessas palavras hebraicas é *mooth,* que vem de uma raiz que significa "morrer" ou "matar". Essa palavra pode referir-se a um *cadáver* ou à *destruição.* E a segunda palavra é *rapha,* que pode referir-se aos gigantes da Palestina que os hebreus expeliram ou extinguiram. Esta palavra pode significar somente *morto,* pelo que algumas versões traduzem ambas as palavras como "morto", levando alguns a supor que tenhamos aqui um paralelismo poético ou dois sinônimos, no hebraico. Mas o sentido básico da segunda palavra é estar em estado de *lassidão,* ou seja, estar fraco, enfermo. A palavra também pode ser traduzida como *fantasma.* Nesse caso, temos a primeira referência clara ao segundo passo da teologia dos hebreus acerca do *sheol.*

Os mortos não estão absolutamente mortos no pós-vida, mas seriam como fantasmas destituídos de mentalidade a esvoaçar em um local lúgubre. Não devemos pensar em nenhuma distinção, entre os *rapha,* de homens bons e de homens maus, e certamente não há nenhuma idéia de recompensa para os bons e de castigo para os maus. O argumento do salmista é que, no *sheol,* entidades fantasmagóricas destituídas de mentalidade são incapazes de louvar a Deus. Portanto, o que Deus ganharia mediante a "morte" de seres humanos, mesmo que fossem entidades a esvoaçar pelo *sheol,* sem nada saber, sem dar louvor, na realidade esquecidas por Deus e pelos homens, já que, na verdade, não são verdadeiros seres vivos?

"Eles seriam formas lânguidas, enfermiças, deitadas de costas, cortadas de todas as esperanças e interesses no ar superior, e até mesmo de tudo esquecidas, mas retendo sensações suficientes para torná-los conscientes da monotonia melancólica da morte. Cf. Isa. 38.18; Eclesiástico 17.27,28 e Baruque 2.17" (Ellicott, *in loc.*).

É importante notar, quanto a um verdadeiro entendimento deste versículo, que o poeta não distinguiu os *rapha* dos homens bons e dos homens maus. Ele deve ter pensado em si mesmo como um homem bom, mas isso não significa que seu "fantasma" não acabaria naquele *sheol* melancólico e sem esperança. Atualmente se estabelece a diferença, na ciência psíquica e na espiritual, entre os *fantasmas* e os *espíritos.* O fantasma é um fragmento psíquico da personalidade humana, mas não uma pessoa real. Tem a capacidade de certos atos, como assombrar uma casa, por exemplo, causando certas manifestações mecânicas, mas não é um espírito no verdadeiro sentido da palavra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fantasma,* especialmente o terceiro ponto, chamado *Identificação dos Fantasmas.*

Parece-nos possível que os hebreus, movendo-se da teologia do corpo somente (sem a sobrevivência da alma), primeiramente tenham descoberto os *fan-*

tasmas e, somente mais tarde, os *espíritos*. Ainda mais tarde, os hebreus disseram que havia bons espíritos no *sheol* recebendo recompensas, e espíritos maus recebendo castigos, e é nesse ponto que encontramos a doutrina no capítulo 16 do evangelho de Lucas. Em seguida, I Ped. 3.18-4.6 menciona a missão misericordiosa de Cristo entre os espíritos maus no hades, aqueles que tinham sido *desobedientes* nos dias de Noé, mas receberam uma missão misericordiosa através do Messias, o que concorda com o que esperaríamos da parte do Deus de amor. Ver detalhes sobre essas questões nos artigos *Hades* (no *Dicionário*) e *Descida de Cristo ao Hades* (na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

Uma vez mais, verificamos que as idéias teológicas se expandem. Não se pode examinar a Bíblia e encontrar ali uma palavra ou uma idéia, para então dizer: "É isso que a Bíblia sempre quis dizer". É preciso acompanhar uma palavra ou uma idéia através de seu desenvolvimento teológico, o qual se torna evidente quando se compara uma passagem com outra. E o Novo Testamento *salta à frente* do Antigo Testamento quanto a *muitas idéias*, e não meramente quanto à idéia do *sheol* ou *hades*.

Selá. Ver em Sal. 3.2 sobre os vários significados atribuídos a esta palavra.

88.11

Será referida a tua bondade na sepultura? Os *fantasmas destituídos de mente,* no *sheol,* não teriam poder de declarar coisa alguma sobre o *amor constante* de Deus. Primeiro, porque o *sheol* no princípio não era visto como um lugar onde esse amor se manifestava. Em segundo lugar, porque a teologia dos hebreus do período histórico inicial afirmava que o amor só opera no plano terreno. Assim sendo, quando um homem morria e se tornava apenas um fantasma, estava condenado a uma vida sem sensações, em um lugar melancólico, não totalmente morto, mas também não vivo. A vida é maior do que os hebreus supunham, e outro tanto podemos dizer com respeito ao amor de Deus, que está operando sempre e em todos os lugares. Essa idéia, quanto a alguns aspectos, aproxima-se da moderna doutrina mitológica dos *mortos-vivos*, o tipo de vida atribuído aos vampiros.

Os vampiros não estão vivos, mas também não estão absolutamente mortos. Eles desfrutam uma espécie de imortalidade ridícula, uma vida que não vale a pena ser vivida, pois não é vida na acepção legítima da palavra. Não estou dizendo que os *fantasmas* concebidos pelos hebreus se parecem com os vampiros mitológicos. Estou apenas apontando que há certas idéias similares que envolvem uma possível "vida para além-túmulo". Além disso, no Zaire, temos certas crenças similares. Os nativos dali acreditam que um *espírito* só pode continuar a viver enquanto tiver descendentes através dos quais possa manifestar-se. Portanto, se sua linhagem acabar, ele deixará de existir, porquanto lhe falta avenida de manifestação. Eis uma das razões pelas quais a poligamia é tão importante na África. A poligamia garante a um homem uma espécie de existência, porquanto ele tem mais representantes na terra, mediante os quais se pode manifestar. Portanto, temos ali um mui pobre grau de sobrevivência, o grau nem pode ser considerado verdadeira imortalidade, pois os espíritos dependeriam de pessoas vivas para terem continuação, não há promessa de uma vida independente no além, e certamente não há céu em nenhum sentido. Tais espíritos são *prisioneiros da terra,* uma doutrina comum no espiritismo.

Naturalmente, os reais paralelos da antiga idéia dos hebreus sobre o hades eram as idéias dos gregos e dos romanos. Eles também imaginavam fantasmas destituídos de mentalidade, que esvoaçavam em uma espécie de mundo do nada. Gradualmente, os espíritos e as filosofias a respeito também adquiriram vida consciente. O *sheol* dos hebreus, tal como o *hades* dos gregos, teve crescimento evolutivo paralelo.

Note o leitor a atmosfera melancólica deste versículo. Fantasmas insensíveis podem sobreviver à morte biológica, mas eles vão para um lugar onde o amor de Deus se mostra inoperante, e onde nada se sabe sobre a fidelidade de Deus, manifestada em Suas obras. Em outras palavras, trata-se de um lugar sem Deus, porquanto não é um lugar de vida real.

Sepultura. Algumas versões dizem aqui "Abadom". Ver esta palavra no *Dicionário* quanto a explicações plenas. A destruição é personificada e transformada em um monstro destruidor que governa a não-existência do *sheol*. Ali as atividades terrenas se esboroam no nada, e as atividades que há no *sheol* nem são dignas de menção. A desesperança e o esquecimento são as palavras-chave daquele lugar melancólico. E é um erro cristianizar este versículo e fazer Abadom ser sinônimo de Satanás, que estaria envolvido em punir os espíritos maus, por ordem de Deus.

"Portanto, temos aqui mencionada a *graça do pacto*, sobre a qual o sepulcro nada conhece. A morte rompe o relacionamento do pacto. Assim sendo, conceitos como 'fidelidade', 'maravilhas', 'amor' e 'retidão' são todos usados em sentido limitado, aplicando-se somente às relações do pacto" (Ellicott, *in loc.*, o qual acertou bem no alvo no tocante aquilo em que os hebreus antigos realmente acreditavam).

88.12

Acaso nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? Deus opera *maravilhas* na cena terrestre, mas os fantasmas, no *sheol*, não têm consciência de nada acontecido no passado, e não são testemunhas das obras de Deus naquele lugar. Eles vivem nas *trevas,* e nenhuma luz brilha ali. Eles se encontram na *Terra do Esquecimento,* olvidados por Deus e pelos homens. Uma de minhas fontes informativas mostra o poeta fazendo perguntas retóricas, *esperando ouvir* que a *vida* do além é muito melhor do que ele fora induzido a acreditar. Porém, não há no texto sagrado o menor indício quanto a isso. Antes, o homem questiona Yahweh-Elohim com uma voz de acusação: "Tu me estás permitindo morrer e, no entanto, eu era um homem bom. Não mereço morte prematura. Se eu descer ao sheol, não serei capaz de louvar-Te ali; não poderei mais acompanhar Tuas obras; não me lembrarei mais de Ti e Tu não te lembrarás mais de mim. Portanto, por que não curas o corpo e me dás uma extensão de vida que seja digna de ser vivida?". O poeta mostrava-se assim amargo não porque, "algum dia", ele seria reduzido ao nada, mas porque Deus estava com imensa pressa sobre a questão, e não lhe permitia viver sua vida em utilidade, terminando seu curso com alegria.

A *Terra do Esquecimento* é um nome ímpar para o *sheol,* encontrado somente neste trecho bíblico. Deus esquece os fantasmas; os fantasmas esquecem tudo; os homens, mesmo na terra, esquecem os mortos. Cf. a "Planície do Esquecimento", da *República* de Platão (X.621). Naturalmente, ali o esquecimento é da memória. Os *espíritos autênticos* têm a memória arrebatada antes de reencarnarem, porque, conforme Platão disse: "Como pode um homem carregar a carga da memória de um passado interminável sobre os seus ombros? Portanto, o indivíduo renasce *como se* fosse a primeira vez. Aqueles que bebessem do rio Lethe (e todos, menos alguns poucos, são obrigados a fazer isso) perderiam suas memórias, porque as águas desse rio eram as águas do *esquecimento*". Em Virgílio, *Eneida,* (vi.713), encontramos uma pequena referência a isso:

> *Todas aquelas almas estão reunidas em torno do rio, e esperam que novos corpos mortais lhes sejam dados ao acaso.*

Vemos aqui claramente que a noção dos hebreus sobre o *sheol,* como um lugar de *esquecimento,* é bastante parecida com o *hades* dos gregos, embora o paralelismo seja apenas parcial. Para os gregos, havia no hades espíritos reais, que se esqueciam do passado mas não eram fantasmas destituídos de mente. A teologia dos hebreus finalmente chegou aos mesmos pensamentos das nações gregas, mas não foi incorporada a reencarnação no sistema, senão já no tempo da *Cabala* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

O Apelo É Renovado (88.13,14)

88.13

Mas eu, Senhor, clamo a ti por socorro. O salmista deixa agora para trás seus pensamentos melancólicos sobre um *sheol* melancólico e volta a pensamentos melancólicos sobre sua inútil e dolorosa vida terrena. Ele renova sua oração. Continua orando, na esperança de ser ouvido por *Yahweh.* E relembra sua oração contínua, o que já vimos no vs. 9. Ele permanecia "estendendo suas mãos", em atitude de súplica. E nada acontecia. Contudo, ele não cessava de orar. O homem costumava usar os momentos convencionais de oração, como "pela manhã", quando orações eram oferecidas no templo, todos os dias: Êxo. 29.38-42; Sal. 5.3; 59.16. Louvores eram oferecidos a cada manhã e tarde, como parte das sessões de oração (ver Sal. 92.2). Sal. 55.17 menciona orações oferecidas três vezes por dia: pela manhã, ao meio-dia e à tardinha. Cf. isso com Dan. 6.10. O poeta sagrado sentia-se por demais enfermo para ir ao templo orar, mas isso não significa que ele ignorasse os tempos convencionais de oração. Todavia, o texto deixa claro que ele clamava e orava *o dia inteiro.* Somente Yahweh poderia fazer algo acerca de sua *desesperadora condição.*

O salmista esperava que, de alguma maneira, suas orações atingissem o céu e assim se mostrassem eficazes.

> *Nenhuma oração é feita só no mundo,*
> *Pois o Espírito Santo intercede;*
> *E Jesus, no trono eterno,*
> *Intercede pelos pecadores.*
>
> (Montgomery)

Cedo pela manhã, o salmista já estava nas escadarias do templo de Deus, por assim dizer, trazendo uma vez mais a sua petição por cura e pela extensão de sua vida. Cf. a parábola de Jesus sobre o *juiz injusto,* em Luc. 18.1-8, que nos

ensina sobre como persistir na oração e assim obter respostas mediante a força da pura *insistência*.

88.14

Por que rejeitas, Senhor, a minha alma? Isto é, a alma do salmista era "repelida", como se fosse algo nojento e inútil. Cf. Sal. 43.2. A Septuaginta faz Yahweh rejeitar as *orações do salmista,* o que correspondia a uma realidade, mas o original hebraico faz o próprio *salmista* ser rejeitado. O homem repelido não podia ver o rosto brilhante e disposto a beneficiá-lo. Em outras palavras, ele estava totalmente abandonado. É conforme diz um antigo hino: "Nada existe, neste vasto mundo, que seja tão ruim como estar sozinho".

Em contraste com isso, vemos a esperança cristã expressa nas palavras deste poema:

> *Exatamente quando Dele preciso, Jesus está perto,*
> *Exatamente quando falho, exatamente quando temo;*
> *Pronto para ajudar-me, pronto a animar-me.*
> *Exatamente quando mais preciso Dele.*
>
> (William C. Poole)

A Enfermidade do Poeta (88.15-18)

88.15

Ando aflito e prestes a expirar desde moço. O homem *enfermo* chegou agora a seu apelo final, na tentativa de obter a atenção de Yahweh, salientando quão terrivelmente enfermo ele estava. Na terra ele nada possuía para apelar, exceto sua própria imensa necessidade, bem como a infinita graça de Deus. Desde sua mocidade ele andava enfermo. Ele possuía uma espécie de doença degenerativa crônica. Deus nunca o favorecera com a cura, e ele agora estava quase morto. Não obstante, não havia nenhuma intervenção divina. Sua saúde sempre fora precária, e agora o que lhe restava de vida estava num equilíbrio precário. Seus males são aqui descritos como os "terrores" de Deus, porquanto toda enfermidade era tida como tendo como causa o pecado, sendo, dessa maneira, um justo juízo de Deus. Jó objetava à teoria da "enfermidade apenas" como causa dos sofrimentos, mas nosso poeta não parece ter avançado em sua teologia até o estágio do "questionamento", onde ele poderia submeter a teste a teoria do pecado-enfermidade-julgamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* quanto a um amplo tratamento sobre por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem.

Estou desorientado. Esta é a tradução de nossa versão portuguesa. Outras versões dizem "estou desamparado". O original hebraico mesmo é incerto. Diz a King James Version "distraído", e diz a Revised Standard Version "impotente". A palavra cognata significa "roda", algo que "gira". Por isso John Gill deu "estremeço" ou "morro de uma concussão", ou seja, de repetidos *golpes* desfechados por Yahweh, que deixaram o homem estonteado. A figura que nos vem à mente é a de um boxeado encostado às cordas, sendo surrado a valer.

88.16

Por sobre mim passaram as tuas iras. Novamente, Yahweh recebe o crédito pelo tratamento brutal que o salmista estava recebendo. A feroz *ira* de Deus passava sobre o homem como um forte vento, ou como ondas do mar. "Assédios temíveis me procuram destruir" (no dizer da Revised Standard Version), "terrores me têm cortado" (segundo a King James Version). O hebraico literal diz: "me têm extinguido", mas o verbo é variegadamente compreendido e por isso traduzido de modos bem diferentes. Cf. o vs. 7 deste salmo, que é bastante similar a este versículo. A Septuaginta diz "tem-me assustado", mas essa é uma tradução fraca demais. Seja como for, a ira de Yahweh era como um dilúvio que *avassalava* o salmista. Talvez possamos dizer que o homem estava sendo "decepado", o que preserva a brutalidade da palavra e seu possível significado básico.

88.17

Eles me rodeiam como água, de contínuo. Os terrores ou assaltos de Yahweh caíam ao redor do homem *diariamente,* como dilúvios terríveis, ameaçando afogá-lo na dor. Eles o rodeavam como inimigos mortíferos. Cf. a metáfora do dilúvio com Sal. 18.16. "... como águas provenientes de muitos lugares, de todos os quadrantes, que se uniam... inúmeros males o rodeavam (Sal. 22.12,16; 40.12)" (John Gill, *in loc.*).

88.18

Para longe de mim afastaste amigo e companheiro. Já pudemos averiguar que o homem fora abandonado por Deus e pelos homens (vs. 8). O pobre homem se tornara uma abominação para os amigos. Nem amante (mulher) nem amigo (homem) nada queriam com aquele indivíduo repelente. Seus amigos tinham sido "postos no escuro", isto é, haviam-se escondido, desaparecendo das vistas. Mas o original hebraico poderia ser traduzido como: "As trevas agora constituem meus conhecidos" (cf. Jó 17.14). Por isso comentou Ellicott *(in loc.)*: "As trevas são minhas amigas". As trevas eram a única coisa que não o tinham abandonado. Há um toque de ironia na expressão do pobre homem. Já vimos que o rosto de Deus não brilhava sobre ele (ver o vs. 14). Por conseguinte, a luz de Deus havia desaparecido; os amigos do homem o tinham abandonado, mas as trevas se tornaram sua companhia constante. Ele sofrera perda total e tivera ganho *aparente,* que não passava de uma piada.

> *Oh, tristeza, viverás comigo?*
> *Não como amante casual, mas como esposa,*
> *Companheira de meu peito, e metade de minha vida?*
> *Confesso-o. Isso tem de ser.*
>
> (Tennyson)

O Salmo Termina em um Tom de Desespero. Quase todos os salmos de lamentação acabam com uma nota de fé e louvor, porquanto as orações pedindo ajuda foram respondidas, ou porque o salmista esperava que logo o fossem. Mas este e o Salmo 31.12 (que termina como um salmo de lamentação) acabam em total desespero. Isso também combina com a experiência humana. Não obstante, o salmista continuava orando. E isso também deveria ser verdade na experiência humana.

"O que o poeta sagrado fazia era ver a vida e a morte contra o pano de fundo de uma esperança que nunca foi totalmente extinta pelas escuras sombras do sofrimento. Que o sofrimento seja uma ajuda à esperança é um profundo mistério: que seja uma ajuda ao conhecimento já é menos complicado. Que o sofrimento possa levar à esperança e ao conhecimento de uma mais profunda apreensão da relação do homem para com Deus — ante e post mortem — esse já é um sutil testemunho do amargo poema do autor. Que melhor razão poderia ser encontrada para conferir-lhe um lugar no saltério?" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Salmo Oitenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma oração real pedindo livramento das mãos de seus inimigos. O rei estava passando por dificuldades, mas esperava uma solução da parte de Yahweh. Este salmo, em sua totalidade, é uma *lamentação,* mas não segue essa classificação de modo rígido. Temos aqui um hino de louvor a Yahweh (vss. 5-8); um oráculo que promete sucesso a Davi (ou à linhagem de Davi; vss. 19-37). E, em seguida, temos uma lamentação por um rei de Judá (vss. 38-51). Mas, apesar de sua diversidade, a maioria dos eruditos defende a integridade deste salmo, ou seja, ele originalmente formava uma única unidade, não se compondo de várias unidades reunidas em um único salmo. Os vss. 38-45 apontam para um grande desastre em Judá, e o cativeiro babilônico parece ser o único fato histórico que pode explicar a linguagem severa. Este salmo contém algumas alusões messiânicas (conforme se vê no vs. 3), e o Livro de Orações Comuns na língua inglesa emprega este salmo como uma oração noturna do Dia de Natal.

Subtítulo. O subtítulo deste salmo diz como segue: "Salmo didático de Etã, ezraíta". "Didático" é tradução do vocábulo hebraico *masquil;* e "Etã", ao que se presume, deve ser identificado com o homem mencionado em I Reis 4.31, pertencente à família de Zera, o qual esteve entre os célebres sábios que foram ultrapassados por Salomão, chamados ezraítas (ver I Crô. 2.6). É provável que, quando editores posteriores inventaram os subtítulos, este homem tenha sido confundido com Etã (ou Judutum), o cantor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Etã,* quanto a cidades e homens assim chamados. Seja como for, os subtítulos não eram partes originais dos salmos e não se revestem de autoridade canônica. São apenas conjecturas sobre questões como autoria e circunstâncias históricas que podem ter inspirado as composições.

Introdução sob a Forma de Hino (89.1-4)

89.1

Cantarei para sempre as tuas misericórdias, ó Senhor. Este versículo encerra declarações comuns encontradas em vários salmos, como o *amor constante* e a *fidelidade* de Yahweh, que garantirão o cumprimento das promessas

feitas a Davi e à sua linhagem. O poeta sacro fez dessas qualidades divinas o tema preliminar de seu hino, e dirigiu-se diretamente a Yahweh como Aquele que concede tais benefícios aos homens. Ele queria que seu hino fosse ouvido por todas as gerações, visto que a linhagem de Davi deveria continuar para sempre. Tal como a maioria dos salmos de instrução, este se aproveita de vários temas e se torna uma espécie de composição sagrada de retalhos que reverberam vários salmos e outras passagens do Antigo Testamento. Portanto, a este salmo falta originalidade, mas isso não prejudica a mensagem que ele anuncia. Contudo o propósito lírico logo se perde em uma lamentação fúnebre sobre como foi a queda de Judá, mediante a opressão. "Diante do problema capaz de causar perplexidade das aflições e da derrota do rei ungido, o salmista implora para o Senhor lembrar Seu juramento e por fim o desastre... Assim sendo, o salmo torna-se um estudo do conflito aparentemente milenar entre as promessas do Deus fiel e amoroso, e a negra realidade das catástrofes que com tanta freqüência ocorrem" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O *hino* prolonga-se até o vs. 18, pelo que não temos aqui um comum salmo de lamentação.

89.2

Pois disse eu: A benignidade está fundada para sempre. O *amor constante* e a *fidelidade* de Yahweh continuam como temas do poeta sagrado. O *amor constante* de Deus sempre existiu e sempre existirá. A *fidelidade* é tão firme quanto o próprio firmamento, e embora o salmo o não diga, é tão duradoura quanto ele. Esses fatores faziam Israel ser o que sempre foi, estabeleciam a linhagem de Davi (vs. 3) e continuariam a operar, anulando o cativeiro de Judá e dando a Israel um novo começo.

Repetição de Palavras-chaves: benignidade (vss. 1, 2, 14, 24, 28, 33 e 49); *misericórdia* (vss. 1, 2, 5, 8, 33, 49); *trono* (de Davi) (vss. 4, 14, 29, 36, 44); *Davi, meu servo* (vss. 3, 20, cf. o vs. 40); *Ungido* (vss. 20, 38, 51); *aliança* (vss. 3, 28, 34, 39).

"O salmista toca tão fortemente na nota da inviolabilidade da promessa divina somente para fazer a deprecação da presente negligência da parte de Deus parecer ainda mais notável" (Ellicott, *in loc.*).

Há uma luz sobre a montanha e
O dia está na primavera, quando nossos olhos vêem
A beleza e a glória do Rei.
Cansado está nosso coração de esperar, e
A vigília noturna parecia tão longa,
Mas o dia de triunfo está rompendo, e
Nós o saudaremos com uma canção.

(Henry Burton)

89.3

Fiz aliança com o meu escolhido. *Yahweh fala* aqui da aliança estabelecida com o escolhido Davi, em Seu juramento de que sempre haveria uma linhagem de Davi. Portanto, neste ponto o salmo torna-se messiânico, sendo provável que haja uma *profecia* que olha até o fim da linhagem e encontre o Escolhido, Cristo, governando do trono de Davi. Se isso não exprime uma verdade, então o poeta não tinha justificativa em suas expectações. Quanto a Davi como *rei ideal,* ver I Reis 15.3. Quanto ao *Pacto Davídico,* ver II Sam. 7.4. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pactos.* O Deus fiel e amoroso, que assim jurara a Davi, *agora* tinha de conceder a Judá livramento de todas as suas dificuldades, ou todo o programa divino seria reduzido a nada.

Cf. Sal. 89.35; Isa. 42.1; 49.3 e 53.11. Ver a exposição de Sal. 89.35 para maiores detalhes sobre as idéias contidas neste versículo.

89.4

Para sempre estabelecerei a tua posteridade. Assim como o amor constante e a fidelidade de Yahweh são *eternos,* estendendo-se a todas as gerações, também é o pacto que ele firmou com Davi e, naturalmente, com a sua descendência, ou com a linhagem de reis davídicos, terminando no reino messiânico. Aqui (vs. 4) temos um juramento divino que não acompanha o fraseado do pacto original, mas é naturalmente compreendido. "Essa aliança, de forma incontestável, tem em vista Jesus Cristo. Ele é o descendente ou a posteridade que existirá para todo o sempre e se assentará no trono de Davi" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto ao *pacto davídico,* ver os vss. 3, 4, 27-29, 35-37 e 39. Ver as notas no vs. 3, quanto a outras referências sobre a questão.

O autor sagrado projetava para nós a *certeza* de que o Deus que se movia ao longo da história de Israel não poderia deixar aquela nação derrotada diante dos adversários. Havia coisas demais em jogo.

Aquele que ficou imóvel o arcabouço
Deste mundo redondo, e construiu com leis fortes
O sólido refúgio da aflição,
Sim, as torres da retidão.

(Wordsworth)

O Criador do mundo seria também Aquele que cumpriria a aliança com Davi.

Louvores a Yahweh (89.5-18)

89.5

Celebram os céus as tuas maravilhas, ó Senhor. Alguns intérpretes supõem que, para compor este hino de louvor a Yahweh, o salmista tenha tomado por empréstimo e incorporado vários materiais mais antigos. As alusões aos montes Tabor e Hermom (vs. 12) poderiam referir-se à origem deste hino na parte norte da nação, Israel. Os vss. 5-18 não têm relação direta com os versículos que falam na perturbação — vss. 38-45 — mas provavelmente foram introduzidos a fim de garantir-nos que Deus está sentado em Seu trono e, finalmente, tudo estaria bem com Judá. Yahweh é o operador de *maravilhas* (vs. 5), pelo que o salmista esperava receber ainda outra evidência sobre isso, em *seus próprios dias.* Os céus são aqui personificados e assim falam de louvor a Yahweh, ou, mais provavelmente ainda, o autor sagrado falava das *hostes celestiais,* os seres angelicais que fazem parte do séquito de Deus. Ver o termo "santos" nos vss. 5 e 7. No vs. 6 eles são chamados *filhos de Deus,* expressão que comento logo a seguir.

Maravilhas. Estão em foco aqui as obras de Deus na criação e no governo dos céus, e nos muitos milagres que Ele realizou em favor de Israel ao longo dos séculos, a começar pela libertação do cativeiro egípcio, continuando através das perambulações pelo deserto e, posteriormente, na Terra Prometida, com Suas intervenções periódicas.

89.6

Pois quem nos céus é comparável ao Senhor? Cf. Sal. 86.8, que é bastante parecido com este versículo. Se Yahweh é incomparável nos céus, quanto mais o é na terra. Pois quem se compara ao Senhor? Ver sobre esse sentimento em Sal. 35.10; 71.19; 77.13; 89.6; 113.5; Êxo. 15.11 e Miq. 7.18. Já tínhamos sido informados quanto a Seu incomparável amor constante e quanto à Sua fidelidade (vss. 1 e 2); e também quanto à Sua aliança com a linhagem de Davi (vs. 3). Além disso, somos relembrados de Suas incomparáveis *maravilhas* (vs. 5). Agora, Yahweh é comparado aos seres celestiais, às hostes angelicais, aos filhos de Deus. Alguns estudiosos supõem que a expressão *filhos de Deus* nos leve de volta a Sal. 82.1, os *deuses,* em distinção aos simples anjos. Ver a exposição ali. Mas outros eruditos não encontram motivos pelos quais os anjos não estão em vista aqui. Os *elohim* (deuses) são os anjos, pelo menos em muitos textos bíblicos. Ver Sal. 29.1. Os seres celestiais, por maiores que sejam, são apenas testemunhas (como os homens na terra) quando comparados a Yahweh. Eles dão testemunho, tal como fazem os homens, das poderosas obras de Deus e de Sua soberania. Como os homens, os anjos são seres criados e, embora revestidos de altíssima glória, naturalmente vivem subordinados ao Criador. Ver no *Dicionário* o verbete *Anjo.* Deus é incomparavelmente superior aos anjos, o que prossegue com a idéia principal deste hino de louvor, onde a incomparabilidade de Deus é declarada de variadas maneiras.

89.7

Deus é sobremodo tremendo na assembléia dos santos. Como um Ser tão elevado e incomparável, Yahweh deve ser temido pelos anjos e pelos homens igualmente. A espiritualidade do Antigo Testamento começa por aí, conforme anoto em Sal. 34.9 e 36.1. O próprio concílio dos deuses (*elohim*) e dos anjos, sem importar como sejam identificados, e a despeito de serem eles os conselheiros celestes de Deus, deve temer o *Altíssimo* (ver as notas expositivas em Sal. 7.17). Ele é "grande e terrível, acima de todos quantos O rodeiam" (Revised Standard Version). Diz literalmente o original hebraico: "grandiosamente terrível". Ver Jó 1.6, quanto a um quadro da *corte celeste* metafórica.

Deus é sublime no concílio dos santos,
E terrível entre aqueles que O circundam.

(Paráfrase de Elliott)

Diz o Targum: "... Ele deve ser temido acima de todos os anjos que estão de pé ao redor Dele".

89.8

Ó Senhor Deus dos Exércitos. Este versículo é uma pequena recapitulação dos vss. 1, 2, 5 e 7. Salienta-se aqui a *força* de Deus, Suas *maravilhas* que

assumem poder miraculoso. Além disso, temos em nosso meio, sempre óbvios, Seu *amor constante* (ignorado neste versículo) e Sua *fidelidade* (referida nos vss. 1, 2, 5, 8, 33 e 49). Todas as coisas cooperam juntamente para enfatizar a natureza *incomparável* de Deus, a qual se estende em todas as direções e é multifacetada. "Não somente Deus é incomparável nos céus, mas Ele é também o poderoso e o exaltado na natureza e na história" (Ellicott, *in loc.*).

Deus dos Exércitos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Senhor dos Exércitos*, e ver também I Reis 18.15. Em Sal. 80.4, ofereço notas expositivas adicionais.

Esperava-se que esse tipo de Deus tirasse Judá de seu cativeiro e trouxesse Israel de volta à vida, através dessa única tribo; e o poeta sacro nos conduz na direção dessa consideração. Outra intervenção divina seria necessária para que ocorresse essa *nova maravilha*.

Ao bruxulear a luz das estrelas, podemos ver a manhã;
E as luzes dos homens estão empalidecendo
nos esplendores de Sua aurora;
Pois os céus orientais estão resplandecendo
como que com a luz de um fogo secreto,
E o coração dos homens desperta
com os soluços de um profundo desejo.

(Henry Burton)

89.9

Dominas a fúria do mar. *Yahweh controla os mares*, entidades temidas e poderosas, desconhecidas dos hebreus, um povo que vivia perto do mar, mas que não era um povo marítimo. As flutuações do mar, como seus temporais e calmarias periódicas, deixavam os hebreus totalmente admirados e assustados. Eles não eram conquistadores do mar, como os fenícios. Mas o Grande Conquistador do mar era seu Deus, Yahweh, o Criador e Controlador dos oceanos. Provavelmente o versículo se refere ao *constante* controle divino necessário para manter os mares em seus devidos lugares e em suas respectivas funções, o que estava fora do alcance dos homens. Os pagãos diziam como *Yam*, o deus dos mares, tinha sido conquistado por *Baal*, no conflito entre os deuses; e alguns estudiosos vêem aqui uma alusão a esse fato. Seja como for, as *maravilhas* de Yahweh (vs. 5) incluem o governo dos mares.

A fúria do mar. Diz o hebraico, literalmente: "o orgulho empolado do mar" (ver Sal. 46.3), pelo que o poder do mar é representado como um "orgulho empolado" que Yahweh precisava humilhar. "O poder, o orgulho e a elevação do mar, quando ele se agita e espumeja, e se enraivece, e torna-se turbulento e ameaçador contra os navios que nele estão, ameaçando tudo com ruína e destruição" (John Gill, *in loc.*).

89.10

Calcaste a Raabe, como um ferido de morte. Yahweh despedaça *Raabe*. Ver sobre esta palavra no *Dicionário*. "Raabe (arrogância). Esse não é um nome simbólico para o Egito, como em Sal. 87.4, mas um lembrete do antigo mito acádico da criação, segundo o qual Tiamat foi dominado por Marduque. A força maligna do *dragão*, conquistada, de acordo com as tradições hebréias, por Yahweh, é chamada aqui de *Raabe* (ver Jó 9.13; 26.12; Isa. 51.9 e cf. Sal. 74.13-15)" (William R. Taylor, *in loc.*).

A carcaça de Raabe foi espalhada aos pedaços, isto é, esse monstro ficou totalmente arruinado e, em geral, Yahweh espalhava todos os inimigos com Seu poderoso braço. Quanto ao *braço* poderoso de Deus, ver Sal. 77.15 e 89.10. Cf. a Sua *mão* em Sal. 81.14 e a Sua *mão direita* em Sal. 20.6. Assim sendo, os autores sagrados empregaram várias metáforas antropomórficas para falar do poder de Deus em suas várias operações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. Usamos os atributos humanos para descrever o Ser divino, por causa de nosso dilema, pois não sabemos como falar sobre aquilo que nos é superior. Além disso, atribuímos a Deus nossas emoções. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Antropopatismo*. Quanto essas descrições nos aproximam da realidade é difícil dizer, mas nos agarramos às nossas limitações humanas. Quanto aos modos gerais de falar sobre Deus, ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Via Negationis* e *Via Eminentiae*.

89.11

Teus são os céus, tua a terra. A criação do universo é obra das mãos de Deus, o qual pertence a Ele. Ele é o Criador, o controlador e o proprietário de todas as coisas, e nesses fatos temos esplêndidas ilustrações de Sua natureza *incomparável*. Cf. Sal. 116.15 (primeira parte); Sal. 24.1 (pertencem a Yahweh); e Sal. 24.2 (Ele os fundou). Ver também Sal. 33.5 e 50.10,12, quanto a declarações similares. O Deus incomparável finalmente restaurará Judá do cativeiro e fará vir à tona um novo povo de Israel, que prosseguirá governado pela linhagem de Davi, o que levaria ao Messias. Promessas feitas a Davi são destacadas nos vss. 19-37, e então os vss. 38-51 contêm o apelo em favor da restauração, descrevendo a terrível destruição que Judá tinha sofrido. O hino a Yahweh introduz esse assunto sombrio. A Babilônia estava perturbando o mundo de Deus, bem como o povo de Deus dentro do mundo. Em algum lugar, em algum tempo, tal perturbação precisava chegar ao fim.

89.12

O Norte e o Sul, tu os criaste. O autor falava sobre os pontos *extremos* da Terra Prometida daquela época, e assegurou-nos que Deus criou tudo o que conhecemos. Cf. Jó 26.7. O *Tabor* era um lugar eminente do sul da Galiléia, chegando a uma elevação de 562 metros. *Hermom* era um monte com o cume recoberto de neve, a nordeste do território de Dã, que atingia uma elevação de 2.775 metros. Esses dois montes eram características notáveis da terra de Canaã e serviam de marcos de fronteiras, a leste e a oeste. Ver sobre esses nomes próprios no *Dicionário*. Tendo falado sobre as extremidades da Palestina, é provável que o autor sagrado quisesse que pensássemos no mundo inteiro. Yahweh estava em todos os lugares, controlando Sua criação, e controlaria e finalmente esmagaria a ameaça babilônica. *Universalizando* as referências geográficas, o poeta simplesmente fala do *norte* e do *sul*, sem especificar lugares, ao passo que, em vez de leste e de oeste, oferece-nos dois excelentes marcos, por causa de suas elevações relativamente altas. A universalização feita pelo autor serve para mostrar-nos que Deus controla a terra inteira, embora ele soubesse bem pouco sobre a sua real extensão. Era típico dos autores bíblicos falar sobre a *terra* em termos da área do mar Mediterrâneo, a região do mundo que eles conheciam.

Exultam em teu nome. Já que Deus controla a terra inteira, Ele também controlaria a Babilônia e restauraria Judá para começar um Novo Israel. Isto posto, o poder de Yahweh nos dá razão para regozijar-nos. O poder de Deus é *benévolo*, contrastando com o poder dos homens malignos.

89.13

O teu braço é armado de poder. Os símbolos do poder universal de Deus são: um *braço poderoso* (repetição depois do vs. 10), ver Sal. 77.15 e 89.10; uma *mão levantada*, ver Sal. 81.14; a *mão direita* (ver Sal. 20.6). Em cada uma dessas referências, há notas e outras referências onde as mesmas figuras são empregadas. Ver as notas do vs. 10, quanto a outros detalhes e propósitos de tais referências. Naquele momento, Judá estava arruinada e o povo ou continuava no cativeiro, na Babilônia, ou já havia voltado à Terra Prometida, mas estava devastado. Somente o poder de Yahweh podia fazer-lhes algum bem. A "mão direita" de Deus, a poderosa mão "levantada", estava prestes a golpear o inimigo. "... levantada em julgamento contra homens iníquos e em defesa do Seu povo. Essa mão estava levantada alto o bastante para atingir os céus e era poderosíssima contra os adversários. Ver Sal. 118.16; Isa. 26.11 e Miq. 5.9. O Targum ajunta: 'para construir a casa do santuário'" (John Gill, *in loc.*).

89.14

Justiça e direito são o fundamento do teu trono. O trono de Deus é elevado e poderoso. E se fosse um trono como o do deus supremo dos gregos, Zeus, seria uma ameaça até para os homens bons, porquanto Zeus governava por puro capricho e sem nenhuma justiça. Em contraste, o trono de Yahweh era um lugar de onde sempre emanavam retidão e justiça. Para alguns indivíduos "poder é direito", e o poder faz o tudo, independentemente de nossos padrões morais. Mas o poder de Yahweh era, de fato, *justo*, de acordo com a maneira como compreendemos essa palavra. Há uma base moral para a *soberania de Deus*, o que garante que o poder de Deus será usado em favor do bem e não para facilitar o mal. Parte desse bem seria a restauração de Judá e o julgamento de Babilônia.

Os arautos que iam adiante de Yahweh, enquanto Ele avançava entre os homens, eram Seu *amor constante* e Sua *fidelidade*. Esse tipo de amor é mencionado nos vss. 1, 2, 14, 24, 28, 33 e 49. Sua fidelidade é mencionada nos vss. 1, 2, 5, 8, 33 e 49. Os arautos anunciavam que Yahweh estava chegando, e nós já sabemos o que podemos esperar da parte do Senhor.

O fundamento. Literalmente, o original hebraico diz aqui "colunas". Assim como a terra repousaria sobre colunas, outro tanto sucederia no caso do trono de Deus. Cada coluna é uma qualidade moral e, consideradas juntamente, elas fazem o poder divino ser dispensado de maneiras corretas, prejudiciais somente aos ímpios, que devem ser julgados como retribuição.

Trono. O trono de Davi é mencionado nos vss. 4, 14, 29, 36 e 44, e essa é a manifestação terrena do trono celeste de Deus, sujeito ao Trono Superior, tal

como todos os tronos humanos estão. O trono de Deus se fundamenta na retidão e na justiça, altas qualidades morais.

Note o leitor as elevadas qualidades morais associadas a Yahweh, em contraste com os deuses dos pagãos que inspiravam homens pecaminosos: justiça, retidão, amor, fidelidade. Esses são *atributos* divinos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus*. Esses atributos morais são como anjos ajudadores, companheiros celestes de Deus e Seus arautos na terra.

Cf. Pro. 16.12; Isa. 9.7 e Sal. 25.10.

> *Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para os que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.*
>
> (Salmo 25.10)

89.15

Bem-aventurado o povo que conhece. É mister existir um povo que corresponda às qualidades morais de Deus, a fim de receber benefícios positivos de Sua mão, e que O represente na terra. Esse povo escolhido é Israel, o qual deveria continuar através de Judá, uma vez que essa tribo voltasse do cativeiro babilônico. Esse é um povo *feliz*, por causa de sua retidão e bondade, neles implantadas pelo Ser divino, razão pela qual é um povo altamente favorecido na terra. Eles dão o *brado festivo* (Revised Standard Version) porquanto participam da alegria das festividades contínuas da retidão e da paz. Naturalmente, temos uma alusão ao culto do templo, que incluía várias festividades. Esse povo haveria de caminhar à luz que brilha do rosto de Deus. Quanto à sua conduta, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*. Quanto ao *resplendor* do rosto de Deus, que iluminava o povo de Israel bem como o caminho pelo qual eles deveriam avançar, ver Sal. 31.16; 67.1; 80.1,3,7,19; 104.15 e 119.135. Ver também Núm. 6.25, a referência básica sobre a qual as outras questões provavelmente repousam.

Os vivas de júbilo. "A referência é aos cânticos e aos clamores, com a música de acompanhamento, que eram característicos das festividades religiosas (cf. Sal. 27.6; 33.3; 47.5; I Sam. 4.5; II Sam. 6.15" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *Desperta minha alma, ao som jubiloso,*
> *E canta os louvores de teu Grande Redentor;*
> *Ele com justiça pede de mim um cântico,*
> *Sua longanimidade, oh! quão livre!*
> *Longanimidade, longanimidade,*
> *Oh! quão livre!*
>
> (Samuel Medley)

89.16

Em teu nome de contínuo se alegra. Continuamente, o povo feliz de Israel haveria de exultar no nome de Yahweh, e não somente nas ocasiões festivas. Eles exaltariam a retidão de Deus como parte do motivo de sua exultação. Essa é a retidão que derruba os inimigos, e isso, por sua vez, levantará Judá para tornar-se o Novo Israel, após o retorno do cativeiro babilônico.

Nome. Ver sobre *nome* em Sal. 31.3. Ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. Ali ofereço notas expositivas e outras referências sobre os mesmos temas. O *nome* representava a essência da *deidade* com Sua natureza exaltada e Seus atributos. Bastava a um israelita proferir o *Nome* e, segundo eles pensavam, isso teria poder de fazer qualquer coisa. As qualidades morais de Deus garantiam para o povo santo uma vida boa, livre de assédios de exércitos estrangeiros e de corrupções internas. Mas o povo de Israel precisava esforçar-se para participar dessas qualidades.

89.17

Porquanto tu és a glória de sua força. Israel derivava de Yahweh a sua força, e, ao mesmo tempo, Yahweh era a glória dessa força. Os homens gloriam-se na força, mas é uma vergonha quando a força é empregada com maus propósitos. Todavia, os homens podem gloriar-se, sem nenhuma restrição, na santa força de Deus, que é posta a trabalhar somente em favor de causas boas. A palavra hebraica literalmente traduzida por "glória" é *ornamento*. O ornamento de Israel era Yahweh, porquanto Ele fazia com que a nação fosse o que deveria ser, e fazia a força tornar-se eficaz no interesse dessa nação. Além do mais, esse poder derrubaria os pagãos que perverteram os caminhos da justiça. Cf. esta parte do versículo com Jer. 9.23,24 e I Cor. 1.31.

No teu favor avulta o nosso poder. O original hebraico diz aqui, literalmente, "nosso chifre é exaltado". O *chifre*, que se refere aos animais que usam chifres para combater, pode relacionar-se a qualquer poder, tanto o poder de um povo como o poder de um rei. Ver Sal. 75.4. O vs. 24 desse mesmo salmo refere-se ao *chifre de um rei* (Davi, ou alguém pertencente à sua linhagem). Quando Judá voltou da Babilônia, a linhagem de Davi teve prosseguimento e será eternizada na pessoa do Messias. É apenas natural que, profeticamente falando, este versículo se refira a Cristo, o Chefe de nossa salvação. Cf. Isa. 2.2; 49.8 e Sal. 30.6,7.

89.18

Pois ao Senhor pertence o nosso escudo. A idéia do *chifre* (emblema de força) sugere que Yahweh seja a arma ofensiva e defensiva de Israel. Algum dia a maré babilônica seria revertida, e Israel (através de Judá) haveria de impor-se novamente. O Senhor protegeria o minúsculo remanescente, transformando-o de novo em uma nação governada pela linhagem de Davi. Quando algum descendente de Davi subia ao trono, o Santo de Israel reiniciava Seu reinado visível em Jerusalém. Cf. esse título com Sal. 71.22-24 e 78.41. Quanto ao título *Santo de Israel*, cf. Sal. 16.10; 71.22 e 78.41. Esse título relembra os atributos divinos descritos neste salmo, sobre os quais comentei no vs. 14. O *Nome Santo* aparece em Sal. 30.4 e 33.21. Ver II Sam. 7.10, quanto ao Santo de Israel.

Escudo. Alguns estudiosos pensam que temos aqui uma arma de *defesa*, pois para isso servia o escudo, no caso de um guerreiro antigo. Quanto a essa metáfora, ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8-10. A proteção e a salvação pertencem a Yahweh. Quanto a Deus como a salvação ou o provedor da salvação, ver Sal. 62.2, onde ofereço notas expositivas e outras referências sobre o tema. "Yahweh é a fonte originária do poder teocrático" (Ellicott, *in loc.*). Israel vivia sempre envolvido em conflito, pelo que, nas páginas do Antigo Testamento, há metáforas militares, incluindo o fato de que Yahweh era o Senhor dos Exércitos, comentado em I Reis 18.15.

Promessas Feitas a Davi (89.19-37)

89.19

Outrora falaste em visão aos teus santos. Nos *vss. 38-51*, o salmista revela a deplorável condição em que os babilônios deixaram Judá, destruindo suas cidades e deportando o seu povo. Antes disso, porém, ele havia composto o exaltado hino a Yahweh, a fim de mostrar que Ele é Deus incomparável e exerce controle universal. Fica implícito, nessas noções, que em Deus há poder para reverter o curso desastroso e fazer raiar um novo dia para Israel. Além disso, nos vss. 5-18 prestou-se grande louvor a Yahweh, que, segundo o povo confiava, devolveria o passado glorioso de Israel e até estabeleceria um Novo Israel, através do remanescente de Judá. Nos vss. 19-37 encontramos um sumário das promessas feitas a Davi.

"Esse *oráculo* das promessas do Senhor a Davi foi antecipado nos vss. 3 e 4, sendo uma expressão poética das palavras de Natã ao rei Davi em II Sam. 7.4-17. Essa parte do salmo, tal como os vss. 5-18, parece ser anterior ao século VI A. C., refletindo um período de tranqüilidade e prosperidade em Judá. No uso litúrgico, essa parte do salmo pode ter sido entoada por um solista" (William R. Taylor, *in loc.*).

A menção ao rei (chifre; poder), no vs. 17, levou o poeta sagrado a expandir o tema e trazer ao primeiro plano antigas promessas concernentes a Davi e à sua linhagem.

Falaste em visão. Portanto, Deus ofereceu um *oráculo*, divinamente *inspirado*, ou seja, plenamente *autorizado*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Visão (Visões)*. Uma das maneiras de conhecermos as coisas espirituais é através das experiências místicas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo;* e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Conhecimento e a Fé Religiosa, O*, sobre como tomamos conhecimento das coisas.

Aos teus santos. A referência é ao profeta *Natã*, que recebeu o oráculo sobre o qual se baseiam os versículos seguintes. Ele foi um dos *santos* do Altíssimo, por ser porta-voz do Santo de Israel (vs. 18). Quanto aos crentes do Antigo Testamento, chamados *santos*, ver as notas expositivas sobre Sal. 79.2.

A um herói concedi. Está em pauta a pessoa de Davi, o rei de Israel, e, por extensão, seus descendentes governantes, terminando a linhagem no Homem verdadeiramente Poderoso, o Messias.

O poder de socorrer. Estas palavras correspondem ao texto massorético, que não faz muito sentido. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*, quanto ao texto padronizado da Bíblia em hebraico. Outras versões dizem "coroa". O rei tinha de ser coroado, e, no presente contexto, isso seria feito pela autoridade divina, porque estamos diante de um governo teocrático.

Exaltei um escolhido. O rei de Israel tinha um lugar garantido no plano divino, pelo que fora *escolhido* dentre outros candidatos possíveis e então fora exaltado. A questão inteira fora divinamente orientada e impulsionada, e nada ficara ao sabor do acaso. Cf. Sal. 132.1-12. Ver sobre *Pacto Davídico*, em II Sam. 7.14; e quanto a Davi como *rei ideal*, ver I Reis 15.3. Ver também Isa. 42.1 e Luc. 22.35, onde obtemos uma visão messiânica do assunto. Ver igualmente os trechos de Heb. 1.4,5 e Luc. 1.35, no que diz respeito à exaltação e unção de Davi. "A intenção de Deus vinha de antigamente. Ele exaltou alguém escolhido dentre o povo. E prometeu que Sua mão sempre haveria de proteger o ungido" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

89.20

Encontrei Davi, meu servo. Após o passo inicial, a *unção de Davi* foi a primeira etapa para consolidar o plano divino. Este versículo é citado em Atos 13.22. Cf. I Sam. 16.12,13; II Sam. 2.4; 5.3 e 12.7, e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Unção*, quanto a detalhes completos. A expressão "meu santo óleo" acha-se somente aqui. Naturalmente, o óleo da unção era considerado uma substância sagrada, aspecto aqui enfatizado. Ver Êxo. 30.25. O óleo ou azeite é símbolo do Espírito Santo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Azeite*. "O Messias foi *ungido* desde o ventre de Maria e por ocasião de Seu batismo com o Espírito, e isso sem medida (ver Luc. 1.35; 4.18; Mat. 1.20; 3.16; João 1.14,16; 3.34)" (Fausset, *in loc.*).

Faz descer o Espírito livremente,
Até que o deserto e a cidade
Se tornem um Templo para adorar-Te;
Envia o Teu Espírito, ó Senhor.

(Edward R. Siff)

89.21

A minha mão será firme com ele. Uma vez mais encontramos a *mão* e o *braço* de Yahweh como instrumentos de poder. Ver os comentários sobre o vs. 13. Ora, esse foi o poder que estabeleceu Davi como rei, e essa operação aparece como uma obra divina. Também seria necessária uma intervenção divina para trazer Judá de volta do cativeiro babilônico, restabelecer a linha de Davi e começar novamente. Finalmente, o Messias apareceria em meio a essas providências divinas. O poder de Deus tanto *fortaleceria* quanto *estabeleceria* a renovação. Israel ficaria forte e livre de ataques estrangeiros e de corrupções internas. Cf. os vss. 24 e 37 deste salmo e também I Sam. 18.12,14 e II Sam. 5.10.

Seja a tua mão sobre o povo da tua destra, sobre o filho do homem que fortaleceste para ti.

(Salmo 80.17)

89.22

O inimigo jamais o surpreenderá. Ou então, conforme diz a Revised Standard Version, "não o ultrapassará por esperteza", ou seja, não obterá vantagem sobre ele por meio de astúcia ou engano. O "inimigo", por definição, são os "filhos da iniqüidade", aqueles cuja própria natureza é serem maus e praticarem atos de violência e ódio. O rei nunca seria humilhado perante homens de maus desígnios porque, através de sua unção, sempre estaria "um passo adiante ", conforme dizemos em uma expressão idiomática popular. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui: "não tirarão vantagem de", deixando-o *empobrecido e carente*. Símaco diz: "não o desviarão", o que parece chegar bem perto do sentido do original hebraico. A versão siríaca diz: "não o enganará", ou seja, não obterá vantagem inesperada sobre ele. Ver II Sam. 7.10.

"É uma observação digna de atenção o fato de que Davi nunca foi derrubado. Ele finalmente vencia todo adversário que contra ele se levantava... Deus derrotou todos os adversários que se atreviam contra ele" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto aos *oito* povos inimigos que ele derrotou, aniquilou ou isolou, ver II Sam. 10.19. Suas vitórias, pois, prepararam o caminho para que seu filho, Salomão, reinasse em paz e até expandisse os territórios de Israel. O resultado foram tempos de prosperidade sem precedente, pelo que o povo de Israel pôde desfrutar sua época áurea.

89.23

Esmagarei diante dele os seus adversários. A verdadeira causa das vitórias de Davi era a *Única Causa*, a saber, Yahweh, que prometeu derrotar os inimigos de Israel diante de sua face. A versão portuguesa diz aqui, corretamente, "esmagarei". A referência parece ser a um *cadinho*, onde se pulveriza o grão. E assim aconteceu que Davi, com a ajuda de Deus, pulverizava os adversários e, pela primeira vez, livrou as fronteiras de Israel de ataques estrangeiros. Os muitos odiadores foram "atingidos" por golpes fatais e não se levantaram novamente nos dias de Davi e Salomão. Foram a nocaute, conforme se diz na linguagem do boxe moderno. O Senhor dos Exércitos (ver I Reis 18.15) era o líder dos exércitos de Davi e também a espada contra a revolta no reino davídico.

89.24

A minha fidelidade e a minha bondade o hão de acompanhar. Davi foi abençoado e protegido pela fidelidade e pelo amor constante de Deus. Quanto à *fidelidade*, ver os vss. 1, 2, 5, 8, 33 e 49. Quanto ao *amor constante*, ver os vss. 1, 2, 14, 24, 28 e 33. Esses fatores morais reaparecem neste salmo por repetidas vezes, em diferentes conexões. No vs. 14, essas qualidades são metaforicamente apresentadas como *arautos* de Deus. Aqui são personificadas para agir como *guardas* de Davi, sua casa e seus exércitos.

Nome. Ver as notas no vs. 16 e em Sal. 31.3, onde há idéias e referências. Ver sobre *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21. Deixo ao encargo do leitor verificar os comentários naquelas referências, pois não as repito aqui. O Targum dá o Seu nome como a Palavra de Deus, e isso, naturalmente, sugere uma interpretação messiânica do versículo. O nome residia supremamente em Jesus e, naturalmente, o Messias tinha Seu próprio poderoso nome.

Toma contigo o nome de Jesus,
Filho da tristeza e do ai;
Ele dar-te-á alegria e consolação
Toma-o, portanto, por onde quer que fores.

Toma contigo o nome de Jesus,
Como escudo contra toda a armadilha;
Se tentações te cercarem,
Sopra o Nome Santo em oração.

(Lydia Baxter)

89.25

Porei a sua mão sobre o mar. Cf. Sal. 72.8, que é bastante parecido com este versículo. O "mar", neste caso, é o Mediterrâneo. Os "rios" poderão ser o Eufrates e seus canais ou, talvez, o Eufrates e o Tigre. O oráculo predizia um reino expandido para Israel, um extenso domínio que se estenderia desde o extremo norte, como nunca tinha acontecido antes de Davi. Na época de Davi e Salomão, as fronteiras de Israel quase atingiam as fronteiras prometidas no pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18), excetuando a parte sul até o rio Nilo, que também fazia parte da promessa feita a Abraão, mas até hoje não se cumpriu. Alguns intérpretes pensam que o rio Nilo é um desses "rios", mas sabemos que nem Davi nem Salomão jamais ampliaram seus domínios até ali. O *ribeiro do Egito* (ver a respeito no *Dicionário*) formava a fronteira sul de Israel, e esse rio, algumas vezes, era chamado de *rio do Egito*, mas o Nilo não está em vista.

Este versículo ilustra como o poder de Yahweh operava junto a Davi e seu reino, e a esperança do salmista é que outro tanto aconteceria ao remanescente de Judá que retornasse do cativeiro babilônico (estão em vista os vss. 38-51).

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a grande propagação do evangelho em benefício de todas as raças, e não meramente de Israel (Judá).

89.26

Ele me invocará, dizendo: Tu és meu pai. O *rei*, que deveria ser abençoado, prosperar e resistir a todos os inimigos, clamou a Yahweh, e certamente seria ouvido em qualquer aflição. A certeza disso se reflete nas descrições divinas oferecidas:

1. *Deus é Pai.* O estudioso da Bíblia pode ver isso em Sal. 103.13 e no artigo do *Dicionário* chamado *Paternidade de Deus*, onde mostro o ensino do Antigo e do Novo Testamento sobre a questão. Ver também Sal. 68.5. Cf. II Sam. 7.14, onde o Senhor aparece como o pai da dinastia davídica.
2. Yahweh é *Elohim*, ou seja, o *Poderoso*. Ele podia realizar o que fosse necessário. Ele possuía os recursos para tanto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.
3. Deus é a *Rocha*. Quanto a esta figura simbólica, ver Sal. 42.9, onde ofereço notas expositivas e referências. Ver também Sal. 28.1,2.
4. Deus é a Rocha de nossa *salvação*. Quanto a Deus como nossa salvação, ou chamado de *Salvação*, ver Sal. 62.2, onde há notas expositivas e outras referências sobre o tema.

   Deus como Pai esteve associado à teologia do período exílico e pós-exílico. Ver Jer. 3.14,15; Isa. 63.16, mas obviamente houve outras indicações claras a esse respeito. Por certo, quando Deus chamava Israel de *filho* (ver Êxo. 4.22,23), o resultado era o mesmo. Ver Sal. 2.7, trecho considerado messiânico,

e cf. João 5.18 e Rom. 8.3,32. Ver também João 20.17; II Cor. 1.3; Efé. 1.3 e I Ped. 1.3.

89.27

Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito. Davi, como filho primogênito de Deus, é, naturalmente, uma expressão *metafórica,* que significa que ele desfrutava preeminência e favor especial de Deus, tal como o primogênito literal obtinha herança maior e privilégios especiais. Ver Gên. 8.13-20 e Deu. 21.15-17. Em Êxo. 4.22, a nação de *Israel* é chamada de primogênito de Deus. Ver também Jer. 31.9. Isso dá a entender um amor especial, mesmo que não tenha sido expresso. Tal amor impulsionaria Davi para a frente, porquanto Seu Pai sempre estaria próximo para ajudar. E assim encontramos a interessante situação de que o *filho mais jovem* de Jessé se tornou o *filho primogênito* de Deus. Ele era pequeno em relação à sua família terrena, mas elevado na família divina.

Este versículo é, naturalmente, uma predição messiânica. "Cristo, no seu sentido mais elevado, é o Filho primogênito e unigênito do Pai: Sal. 2.7; Col. 1.15,18. Por isso diz o Credo Niceno: "O primogênito de todas as criaturas, gerado por Seu Pai antes de todos os mundos, o primogênito dentre os mortos". Essa declaração indica prioridade e dignidade superlativa. Cf. Heb. 1.6. É óbvio, por conseguinte, que Ele é mais *elevado que os reis da terra* (Sal. 72.11). É somente em um sentido típico que tal linguagem pode ser aplicada a Davi (I Crô. 14.17). Mediante a união com o Messias, Israel poderia atingir seu destino original (ver Deu. 28.1). 'O Senhor teu Deus te estabelecerá acima de todas as nações da terra'" (Fausset, *in loc.*).

Antigamente, este versículo era interpretado como messiânico pelos eruditos judeus, pelo que lemos em *Shemot Raba,* s. 19, vol. 104.4:

> *Salve o brilho da alegre manhã de Sião!*
> *Alegria às terras que estavam engolfadas pelas trevas;*
> *Caladas sejam as subidas da tristeza e da lamentação.*
> *Sião, triunfalmente, começa Seu reinado suave.*
>
> (Thomas Hastings)

89.28

Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça. A dinastia davídica duraria para sempre, tendo sido isso garantido pelo *amor constante* de Deus. Ver as menções a esse respeito nos vss. 1, 2, 14, 24, 28, 33 e 49. Além disso, o *pacto davídico* (ver as notas expositivas em II Sam. 7.4) servia de outra garantia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.* Essa dinastia continuou após o retorno do minúsculo remanescente de Judá da Babilônia, mas não demorou muito para ser cortada pela dispersão romana. Profeticamente falando, porém, na pessoa do Messias, a dinastia davídica recebeu continuação eterna. Ver II Sam. 7.12,13,16 e os vss. 35-37 deste salmo, que dizem enfaticamente a mesma coisa. Ver também Isa. 55.3.

Em breves momentos, o autor nos mostraria as agonias de Israel (Israel fora reduzido à tribo de Judá), nos vss. 38-51, mas ele já nos estava garantindo que os dias maus passarão e deveria haver uma restauração, por causa do pacto com Davi e do profundo amor de Deus.

89.29

Farei durar para sempre a sua descendência. Esta é outra *declaração enfática* quanto à eternidade da linhagem de Davi, repetindo idéias que vimos no vs. 28, que serão reafirmadas nos vss. 36 e 37. Agora o autor sacro adiciona uma metáfora, a saber, a duração interminável dos céus: a linhagem de Davi será tão duradoura como *os céus.* Por conseguinte, o trono de Davi deveria continuar tal como continuaria o trono de Yahweh nos céus, uma declaração importantíssima que só pode ser expressão da verdade se pensarmos nela como messiânica. Ver o vs. 36, que é virtualmente igual a este e contém idéias e notas expositivas adicionais.

Razões pelas Quais a Linhagem Messiânica Duraria para Sempre. 1. Por causa do *amor constante* e da *fidelidade* de Deus (vss. 24 e 28). 2. Por causa do *pacto* de Deus com Davi (vs. 28) e de sua *unção* especial (vs. 20). 3. Por causa do *desígnio messiânico* dessa linhagem (vs. 29). 4. Por toda a passagem, o *poder* de Deus faria isso tornar-se verdade (vss. 21 e 23).

Os versículos que se seguem adicionam algumas outras razões, sobre as quais comentarei ao longo do caminho.

A *descendência* antitípica do Messias é o Seu povo crente e, especialmente, os reis que governariam. Eles perdurariam para sempre: Sal. 22.30; I João 2.17. Seu trono também é sempiterno: Sal. 89.37, e, antes disso, Sal. 72.4.7,17 e Deu. 11.21. Ver também Isa. 9.7, quanto a uma aplicação messiânica especial. Ver o vs. 36, quanto à *descendência* de Davi.

Como os dias do céu. Cf. Deu. 11.21 e Sal. 72.5. Ver o vs. 36 deste salmo, que dá prosseguimento ao mesmo tempo da duração eterna do céus, refletida sobre a terra. Provavelmente estão em pauta os céus estrelados *e* os céus imateriais onde Deus habita. O trono de Davi tinha de refletir as glórias do trono de Deus, um trono eterno, glorioso, brilhante como o sol (vs. 36).

89.30

Se os seus filhos desprezarem a minha lei. *Condições.* O plano poderia ser anulado mediante a desobediência, pelo esquecimento da *lei,* a qual tradicionalmente era o guia dos hebreus quanto a toda vida e conduta (Deu. 6.4 ss.). Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário de idéias sobre a importância da lei para Israel. Ver também o artigo intitulado *Lei no Antigo Testamento.*

E não andarem nos meus juízos. A maneira de andar tinha de concordar com os *mandamentos,* uma palavra paralela para lei. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* Todos escorregam e caem, mas o que Deus requer é o hábito da obediência, uma vida *caracterizada* pela obediência, e não pela rebelião.

Os vss. 30-35 são uma espécie de elaboração de II Sam. 7.13-15, provavelmente parafraseada de propósito pelo autor deste salmo. "O poeta sagrado reconheceu o pecado de Israel nos tempos passados, mas também considerou os sofrimentos do exílio como tendo sido a punição prevista. Mas o pecado fora expiado, pelo que o poeta estava perplexo de que Israel continuava afligido" (Ellicott, *in loc.*). O vs. 33 mostra-nos que, apesar da contínua rebelião do povo de Israel, o amor de Deus seria mais forte ainda e impediria a queda final. Sempre haveria restauração do povo errado. Ademais, havia aquele *pacto inquebrantável* (vs. 34).

89.31

Preceitos... mandamentos. Provavelmente estes dois vocábulos devem ser entendidos como simples sinônimos da lei, mencionada no versículo anterior. Ver sobre a tríplice designação da lei, em Deu. 6.1. Ver sobre o *estatuto eterno* em Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. A lei concede *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei incorporava o moral e o cerimonial, ou ritualista, mas a mente dos hebreus fazia de todos os mandamentos *obrigações morais.* Pode haver aqui uma alusão ao Pentateuco, mas o autor não estava fazendo primariamente uma referência literária. Israel *profanou* o pacto, mas Deus não podia profanar essa aliança (ver o vs. 34).

> *Salvador, é uma rendição completa,*
> *Deixo tudo para seguir-Te;*
> *És meu Líder e meu Defensor,*
> *E assim será desta hora em diante.*
>
> *Nada de retenções, nada poupado,*
> *Prazeres, riquezas, tudo deve fugir;*
> *Espírito Santo, toma posse de mim!*
> *Não sou mais eu — antes, Tu em mim.*
>
> (Rebecca S. Pollard)

89.32

Então punirei com vara as suas transgressões. A *punição* era certa, certificando que o mal seria castigado. Mas os castigos divinos também são remediais. Deus não tenciona esmagar e, sim, curar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* As recompensas do *yahwismo* eram grandes, mas grandes também eram as suas obrigações. A obediência ocupava lugar de destaque, porque o yahwismo se pautava pela lei. A lei nada significava sem a obediência a ela. Esse era o âmago do *pacto mosaico,* anotado na introdução a Êxo. 19. Cf. II Sam. 7.14, sobre o qual ele está fundamentado. Ver também Isa. 53.8 e Heb. 12.6.

89.33

Mas jamais retirarei dele a minha bondade. *A Garantia Divina.* Ver as notas no vs. 29, sobre por que a linhagem de Davi deveria continuar para sempre. Temos aqui a repetição de *uma* dessas razões, o *amor constante* do Senhor, mencionado nos vss. 1, 2, 14, 24, 28, 33 e 49. O amor viria em socorro daquele povo desobediente e errante. O amor de Deus sai em socorro de todos os pecadores, sem exceção (João 3.16). O livro de Jonas, que é o João 3.16 do Antigo Testamento, aborda o mesmo tema. Ver Jon. 4.11. O amor de Deus abarca até os animais irracionais! Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor,* quanto a informações completas, com ilustrações e poesias. Deus escolheu vasos de barro. O tesouro é guardado no que é precário, mas o material precário é preservado e protegido. Um vaso feito de argila é valioso por causa do tesouro que guarda, mas

vai sendo gradualmente transformado até ter um valor próprio. Ver II Cor. 4.7. É o amor de Deus que atrai os homens a Deus e ali os conserva. É esse amor que transforma o homem à imagem do Filho (ver Rom. 8.29, bem como o artigo da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, chamado *Transformação segundo a Imagem de Cristo*).

Amor divino, que ultrapassa todos os amores,
Alegria do céu, desce até a terra.
Fixa entre nós tua habitação humilde,
E coroa todas as Tuas misericórdias fiéis.
...
Transformado de glória em glória
Até que tomemos nossos lugares no céu,
Até que lancemos diante de Ti nossas coroas,
Perdidos em admiração, amor e louvor.

(Charles Wesley)

A minha fidelidade. A fidelidade de Deus serve de outra garantia do Pacto Mosaico. Ver sobre isso nos vss. 1, 2, 5, 8, 33, 49 e os comentários no vs. 29, onde apresento uma nota de sumário.

89.34

Não violarei a minha aliança. Aqui o poeta sagrado repete outra razão pela qual Israel (Judá) não pode ser rejeitado, nem a linhagem davídica pode ser anulada: o *Pacto Davídico*. Ver o vs. 29, quanto a um sumário das razões, sendo esta uma entre outras. As provisões e promessas desse pacto saíram dos lábios divinos e não podem ser alteradas em nenhum sentido, nem mesmo pela desobediência humana. Yahweh não podia *violar* Sua própria palavra, que servia de alicerce do Pacto. Diz aqui o hebraico, literalmente, "não profanarei". O que é divino não pode ser profanado. O pacto davídico era divino porque Deus o estabeleceu diretamente com o homem. "Meus profetas declararam isso e eu não alterarei o que está saindo de minha boca" (Adam Clarke, *in loc.*).

Não violarei. Embora Israel (Judá) tivesse profanado a lei de Deus com sua desobediência (ver o vs. 31), Yahweh não seguiria esse mau exemplo. Manteria de pé a aliança, a qualquer custo. "Assim como Deus não muda em Sua natureza e em Suas perfeições, nem em Seu amor e afetos, nem em Seus conselhos e propósitos, assim também não muda em Suas alianças e promessas. Elas permanecem e têm uma realização certa e imutável. O que foi dito pelo Senhor tem cumprimento seguro (ver Luc. 1.45)" (John Gill, *in loc.*).

89.35

Uma vez jurei por minha santidade. A declaração de Deus envolveu um *juramento divino* que assegurou ainda mais que o pacto com Davi não podia ser desfeito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*. Este versículo repete, em sua essência, o vs. 3 deste mesmo salmo. A linguagem usada, naturalmente, foi antropomórfica, pois o poeta sacro atribui a Deus os tipos de coisas que compõe a formação e o comportamento dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. A base do juramento divino foi a *santidade* de Deus, a qual não admitiria mentiras ou ludíbrios na questão. Os homens juram com reservas no coração e com o mau intuito de usar desses juramentos somente para manipular o próximo. Deus, entretanto, nunca manipula um juramento Seu. O juramento seria cumprido em sua inteireza.

"A humanidade veio a aprender que, em comparação com as violações dos pactos tolos e prodigiosos por parte da humanidade, a lei de Deus, Seu pacto prometido, tem prosseguido sem violação alguma" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "O ato de jurar foi atribuído a Deus segundo os homens costumam jurar, mas isso foi feito em condescendência à fraqueza de Seu povo, para remover dúvidas e hesitações do coração deles, relativamente a coisas eternas e espirituais" (John Gill, *in loc.*). Isso foi atribuído a Deus mediante linguagem antropomórfica.

89.36

A sua posteridade durará para sempre. Este versículo repete o vs. 29, exceto pelo fato de que os céus são substituídos aqui pelo *sol*. Os céus provavelmente referem-se tanto à residência imaterial de Deus como aos céus estrelados dos quais o sol faz parte, por ser, ele mesmo, uma estrela, porém muito próxima de nós, o que nos dá a impressão de ser muito maior do que as demais. O fato é que o nosso sol é apenas uma estrela de tamanho *médio*. Seja como for, é a nossa principal fonte luminosa, bem como a origem de toda vida biológica sobre a terra. Sabemos hoje em dia, pela ciência moderna, que o sol perecerá algum dia, embora isso só venha a ocorrer dentro de bilhões de anos. Mas os hebreus não sabiam disso, pelo que o sol se tornou símbolo de algo sem fim; e nesse sentido o sol é usado aqui. Assim sendo, a *descendência divina*, o povo de Deus, a linhagem dos reis davídicos, o Rei final, não pode, passar, tanto quanto o sol não pode passar. Isso fazia parte do *pacto davídico*.

E o seu trono como o sol perante mim. Primeiramente perene, mas também glorioso, dispensando luz e vida, provendo salvação para toda a humanidade. O trono de Davi incorporaria os pontos essenciais do trono celeste de Deus, postado acima das estrelas, parecido com o sol rebrilhante.

Subsista para sempre o seu nome, e prospere enquanto
resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens,
e as nações lhe chamem bem-aventurado.

(Salmo 72.17)

Ver Mal. 4.2, quanto ao *Sol da Justiça*, por certo uma versão messiânica do tipo de coisas que se vê nos vss. 29 e 36.

Sol da minha alma! Tu, querido Salvador,
Não será noite, se estiveres próximo;
Oh, que nunca se levante uma nuvem nascida
na terra,
E que Te esconda dos olhos de Teu servo.

(John Keble)

89.37

Ele será estabelecido para sempre como a lua. O poeta sagrado adiciona aqui a idéia da natureza eterna do trono de Davi ao usar a *lua* como símbolo de algo que não pode acabar. Cf. Sal. 72.5, que tem tanto a figura do sol como a figura da luz (conforme fazem os vss. 36 e 37). Os hebreus antigos tinham uma cosmologia muito deficiente, supondo que o sol e a lua fossem luzes penduradas nos céus, relativamente próximas da terra. Eles não faziam idéia da vastidão do espaço, nem tinham noção de que a terra gira em torno do sol, ou que a lua orbita ao redor da terra. Mas esses *luminares misteriosos*, obras especiais da criação de Deus, eram concebidos como muito antigos e potencialmente eternos. Eles se tornaram *testemunhas* do poder e da graça de Deus, e também da eternidade que esperavam no tocante ao trono de Davi. "Portanto, enquanto durarem o sol e a lua, e enquanto o arco-íris aparecer no firmamento, assim perdurará o reinado espiritual de Davi, e sua descendência prosperará e aumentará" (Adam Clarke, *in loc.*).

Como uma pequena emenda, podemos obter as palavras: "O testemunho dos céus é seguro", que a Revised Standard Version coloca à margem.

Selá. Ver os possíveis significados desta misteriosa palavra hebraica, em Sal. 3.2.

Pedido de Socorro a Deus (89.38-51)

89.38

Tu, porém, o repudiaste e o rejeitaste. Neste caso, o "ungido" de Deus é o povo de Israel, o rei e a linhagem real. Yahweh os repeliu por causa de sua desobediência. Chegamos agora ao *lamento* em face de Judá ter sido rejeitado por Deus, do que resultou o cativeiro babilônico. Já vimos o hino de Louvor a Yahweh, por parte do salmista (vss. 5-18), e também sua longa exposição sobre as glórias da linhagem e do trono de Davi, os quais, segundo a promessa de Deus, durariam para sempre (vss. 19-37). Depois de ter feito essas elevadas considerações, o autor sacro mergulha nas profundezas do desespero e admira-se em como essas coisas antigas podiam ser verazes à luz da atual calamidade de Judá, quando a nação continuava na Babilônia ou tinha voltado para a desolação da Terra Prometida, como um minúsculo remanescente de Judá. Como poderia Yahweh renovar alguma coisa a partir de tão miserável fragmento? Mas o autor sagrado pleiteia que Yahweh fizesse precisamente isso, restaurando as glórias do passado.

"O salmista, tendo esboçado as sanções divinas acerca da casa de Davi, agora passa a fazer sua lamentação. Esquecido de qualquer responsabilidade que porventura coubesse à família real por causa da catástrofe que desabara sobre Judá, o autor sacro descreve o estado humilhado do rei (vss. 38-45) e, quase como uma repreensão, solicita a Deus que se lembre de Seu pacto (vss. 46-51)" (William R. Taylor, *in loc.*). "Deus é repreendido por haver violado o pacto. Israel do presente é contrastado com o *prometido* glorioso destino" (Ellicott, *in loc.*).

Repudiaste... rejeitaste... te indignaste. Note o leitor a série de fortes expressões.

A completa devastação da invasão babilônica, a destruição e a matança, e então o pequeno remanescente levado para o cativeiro, deixaram o poeta sagrado

estupefato. A culpa caiu sobre Yahweh. Ele era a causa real de tudo quanto havia acontecido. A Babilônia foi apenas o instrumento usado por Deus. "A ousadia dessa exposição *escandaliza* os expositores judeus. Mas ver uma linguagem similar em Sal. 44.9,22" (Ellicott, *in loc.*). Por outra parte, se Deus trouxesse Judá de volta à Terra Prometida, depois de tudo quanto havia acontecido, transformando-o em um Novo Israel, então Seu poder e Sua glória seriam ainda mais exaltados; e justamente algo parecido estava ocorrendo. No entanto, a dispersão na época dos romanos (anos 70 e 138 D. C.) arruinou novamente a situação, o que somente em nossa própria época (1948) foi revertido de maneira bastante débil. Continuamos esperando a *restauração* maior e mais importante do povo de Israel.

"A seção final do poema exibe uma violenta alteração de postura. Após uma promessa do Senhor, de que o trono de Davi perduraria tanto como o sol, a lua e as estrelas, há uma série de oito versículos que descrevem a completa reversão de tal prospecto" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Alguns críticos supõem que a questão pode ser facilmente explicada, considerando que o Salmo 89 seja, de fato, uma colcha de retalhos de composições poéticas, formando uma unidade, e que os versículos finais se derivam de um poeta diferente dos autores de porções anteriores. Por outra parte, talvez o que eu acabei de dizer, no parágrafo acima, seja uma explicação adequada, através da qual a integridade do salmo possa ser conservada.

Ungido. Ou seja, o rei Davi (ver Sal. 28.8,9 e 84.9) ou um descendente dele.

89.39

Aborreceste a aliança com o teu servo. A linguagem aqui usada é extremamente forte e insultuosa. O poeta teve coragem de dirigir-se a Yahweh de um modo que tem escandalizado os judeus através dos séculos. Yahweh aborreceu o pacto com Davi ao permitir que invasores estrangeiros devastassem Jerusalém e levassem para o exílio os poucos sobreviventes da matança. Essa palavra, "aborreceste", tem sido traduzida de outras maneiras, como "desprezaste" e, na Revised Standard Version, "renunciaste". O original hebraico, porém, diz "lançaste fora". Cf. Lam. 2.7. A Septuaginta diz "te livraste", como se fosse algo indesejável que se tornara nojento.

Profanaste-lhe a coroa. Longe de ter sido eternamente glorificada, a *coroa real* de Davi foi lançada em terra por homens profanos, os quais a pisaram como sinal de total desprezo. Não são acusados aqui os babilônios, mas Yahweh, a Única Causa, que usara os babilônios como instrumentos. Os intérpretes vêem outras derrotas de Judá aqui; mas o texto é tão radical que somente a invasão e o cativeiro babilônico se adaptam às descrições. O pacto era obviamente *santo,* porquanto foi criação de Yahweh-Elohim, que o confirmou e estabeleceu, e então foi *profanado* por Ele, através da ação dos pagãos. Isso era algo que o poeta sagrado tomava como incompreensível, porquanto culpava Deus por aquilo que a apostasia de Judá havia causado, empregando a doutrina da *única causa.* A teologia dos judeus era fraca quanto a causas secundárias, pelo que *todos* os acontecimentos eram atribuídos a Deus.

89.40

Arrasaste os seus muros todos. Todas as muralhas da cidade de Jerusalém foram niveladas, deixando a capital e outras cidades de Judá abertas para os atos mais desgraçados, como atos de violência, estupros e assassinatos. Ninguém foi poupado, nem homem, nem mulher, nem criança. Todos foram contaminados e esmagados pela ira dos babilônios. Judá tinha cidades fortificadas, mas nenhuma delas permaneceu intacta. O quadro é de total desesperança, na presença de um adversário brutal e sem misericórdia. "Permitiste que a terra fosse desnudada de todas as suas defesas. Não há nenhum lugar forte nas mãos de Teu povo" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Isa. 5 e Sal. 80.12. Ver também Jó 16.14.

89.41

Despojam-no todos os que passam pelo caminho. Qualquer indivíduo ou grupo de soldados que passasse pelas cidades de Judá, depois que os babilônios tivessem deixado essas cidades indefesas, podia fazer o que melhor lhe parecesse. Eles podiam saquear e maltratar os sobreviventes, e a ninguém caberia protestar. É assim que podemos imaginar a figura de vários saqueadores indo a Jerusalém e outras cidade de Judá, tirando vantagem da destruição que ali havia. O que os babilônios não tinham levado, os saqueadores agora roubavam; as desgraças que os babilônios não haviam causado, os saqueadores agora impingiam. As populações *vizinhas* tornaram-se saqueadoras e aumentaram os ultrajes contra as pessoas, mediante sua salada de violências. Os registros históricos mostram-nos que os sírios, os amonitas, os samaritanos e os idumeus contavam-se entre os que praticavam esses atos desgraçados. E provavelmente houve outros saqueadores também. Este versículo tem sido cristianizado para falar das perseguições contra Cristo e Sua Igreja, mas isso é anacrônico, embora sirva como aplicação, posto que não como interpretação.

89.42

Exaltaste a destra dos seus adversários. Em vez de usar Sua *mão direita* (ver a respeito em Sal. 20.16) para abater o inimigo e salvar a Judá, Yahweh exaltou a destra (símbolo de poder) de Seus inimigos para esmagar a Sua própria herança. Na realidade, a mão direita de Yahweh tornou-se a mão direita dos babilônios, porquanto Ele era a causa real das desgraças que atingiram os hebreus, segundo a antiga maneira de eles pensarem. Ver sobre a *mão poderosa do Senhor,* em Deu. 9.26. Em vez de ter feito os inimigos de Judá chorar diante de suas perdas, Deus fê-los regozijar-se em suas vitórias devastadoras. Em outras palavras, o mundo virou de cabeça para baixo.

> *Algo de errado ocorreu na ordem da criação; os pássaros cantam contra nós, o sol nos requeima; a natureza nos espezinha e os temores nos deixam perplexos. Sim, algo na ordem da criação saiu errado. Quem está mantendo a escrituração sobre todas essas crises, toda essa transição, toda essa dor?*
>
> (Russell Champlin)

Cf. Sal. 22.7,8 e 41.8.

89.43

Também viraste o fio da sua espada. O rei de Judá, ou aquele que representava o povo de Judá, especialmente seus exércitos, teve suas espadas *embotadas* por Yahweh. Nas guerras modernas, diríamos que "as armas de fogo dispararam pela culatra". A palavra hebraica aqui traduzida por "fio" é *tsur,* ou seja, "rocha". Temos aqui uma reminiscência da idade da pedra, quando instrumentos e armas eram feitos de pedras. A palavra, porém, foi "modernizada" tanto nas traduções mais antigas quanto em nossas próprias traduções hodiernas. Por isso pensamos em espadas de metal, cegas, e não em espadas de fios de pedra. Somos informados de que os gauleses, quando invadidos pelos romanos, sofreram grande desvantagem porque ainda não haviam descoberto como endurecer o metal de seus armamentos. Assim sendo, seus instrumentos de guerra se entortavam quando recebiam golpes, reduzindo sua eficácia e tempo de utilização. Yahweh também havia reduzido a habilidade de lutar dos soldados hebreus, pelo que eles se tornavam vítimas fáceis das hordas invasoras.

Israel caiu em batalha como se fosse um enxame de moscas. Parece que seria tarefa de Yahweh derrotar os pagãos; em vez disso, porém, Ele fortificou a mão direita dos estrangeiros invasores (vs. 42), ao mesmo tempo que embotou as armas de Israel, tudo contribuindo para a vitória babilônica. O poeta sagrado mostrou-se amargurado diante da cena toda.

> *Éramos para os deuses como as moscas*
> *São para os meninos.*
> *Eles nos matavam por esporte.*
>
> (Shakespeare)

89.44

Fizeste cessar o seu esplendor. A glória da linhagem davídica foi derrubada por terra pelos babilônios, em razão do que a glória dessa linhagem *cessou,* o que era algo incrível para a mente dos hebreus. Em 722 A. C., a nação do norte, Israel, havia deixado de existir. Agora fora a vez da nação do sul, Judá! O trono de Davi, pois, foi lançado por terra. A primeira parte deste versículo diz: "sua glória cessou". Em lugar de "glória", nossa versão portuguesa diz "esplendor". Mediante uma emenda, a Revised Standard Version diz aqui: "Tiraste o cedro de sua mão", o que significa mais ou menos a mesma coisa, embora em linguagem mais poética. Diz literalmente o original hebraico: "Fizeste cessar o seu brilho", talvez dando a entender "o brilho do sol", conforme prometido no vs. 36. Houve tempo em que a linhagem de Davi era brilhante e alta como o firmamento, mas agora fora derrubada por terra. "Não restaram nem o rei nem o seu trono" (Adam Clarke, *in loc.*).

89.45

Abreviaste os dias da sua mocidade. O rei de Judá, em suas tribulações, tornou-se prematuramente *envelhecido,* a pior coisa depois de morrer prematuramente. A referência, contudo, poderia ser ao reino de Judá, que era comparativamente jovem em relação a outros estados. Foi cortado em sua juventude, seus dias foram abreviados por sua apostasia. Mas talvez haja aqui uma alusão ao brevíssimo reinado do jovem monarca Joaquim (ver II Reis 24.8-17). Ele tinha apenas 18 anos quando começou a reinar, e em três meses tudo estava terminado. Ver sobre ele no *Dicionário.* "Os últimos quatro reis de Judá governaram por

bem pouco tempo, coletivamente falando, e todos morreram à espada ou no cativeiro" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Reino de Judá*, quanto a informações completas, incluindo uma lista dos reis e breves descrições de seus reinados. Ver sobre os reis de números 17 a 20.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre Jesus e Sua breve vida terrena, porquanto Ele foi cortado cedo na vida, quando era ainda jovem. Mas o versículo certamente não é messiânico.

89.46

Até quando, Senhor? Esconder-te-ás para sempre? A *severidade* da linguagem aqui usada aponta para o tempo do cativeiro babilônico, quando então tudo se perdeu. E não há nenhuma indicação da humilde restauração depois da volta do remanescente à Terra Prometida. O profeta Jeremias (25.11,12) havia predito que o cativeiro perduraria por *setenta* anos, porém o mais provável é que essa profecia não fosse largamente conhecida, e, mesmo que fosse, poucos hebreus teriam crido nela. Portanto, em meio à agonia, parecia que o cativeiro nunca teria fim. Isso explica o apelo desesperado do poeta sagrado para que Yahweh abreviasse o tempo do exílio e retirasse Sua ira que queimava como fogo. As chamas do inferno foram acesas em I Enoque, durante o período intertestamentário, e figuras de linguagem como a deste versículo ("tua ira como fogo") provavelmente sugeriam que a punição no hades fosse como fogo, que algumas mentes prosaicas transformaram em fogo literal. A fé do poeta não estava extinta. Esforçava-se por sobreviver, mas o poeta fora apanhado por uma amargura compreensível.

Dupla, dupla labuta e tribulação;
As chamas queimam e o caldeirão ferve.

(Shakespeare)

89.47

Lembra-te de como é breve a minha existência! O poeta sagrado, tal como qualquer outro homem, teria uma vida breve; por isso, ele personalizou a questão: "Lembra-te de como meu tempo é curto". A Revised Standard Version apresenta aqui uma declaração impessoal: "Lembra-te, Senhor, de qual é a medida da vida". Nossa versão portuguesa, entretanto, prefere ficar com uma referência pessoal. Seja como for, a segunda parte do versículo generalizou a questão: Deus criou *todos os homens* para a vaidade, ou para o nada, pois a vida deles dura tão pouco.

O ponto da reflexão sobre a brevidade da vida é que tanto Judá quanto o rei de Judá provaram a veracidade dessa observação, sendo em breve reduzidos ao nada. É como se o poeta estivesse dizendo: "Tudo é fútil!". Uma nação inteira havia morrido, e, no entanto, Yahweh parecia indiferente à questão. Pior ainda, Deus mesmo era a *causa* da futilidade. O poeta, vendo defeitos em todas as demais coisas, reconhecia grande defeito no próprio ato divino da criação do homem. Ao homem foi dado tão breve tempo para viver, e que adianta viver?

Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim, e qual a soma dos meus dias, para que eu reconheça a minha fragilidade.

(Salmo 39.4)

"Se não nos livrares prontamente, alguém da atual geração verá a tua salvação? Teria todo o remanescente de nossas tribos sido criado em vão? Nunca verão eles a felicidade?" (Adam Clarke, *in loc.*).

Note o leitor que o salmista não apelou para a sobrevivência da alma diante da morte biológica. Ele não apelou para a imortalidade como uma consolação, a qual, de fato, é a única consolação para esta mui breve vida humana. Sem esse fato, o viver diário seria realmente fútil. Uma breve vida física tem elevado propósito *caso* ela se encaixe em um plano mais elevado, no qual reina a imortalidade. Nos Salmos e Profetas, começa a aflorar a doutrina da sobrevivência da alma diante da morte física, mas é notável quão poucas vezes essa doutrina transparece nas páginas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade*.

89.48

Que homem há que viva, e não veja a morte? Nenhum homem está isento da morte, conforme Sócrates disse: "Todos os homens são mortais". Por conseguinte, todos os seres humanos vivem uma vida brevíssima (vs. 47) e logo são reduzidos a nada. Nenhum poder é capaz de livrar o homem do poder do sheol, ou seja, da sepultura. Portanto, a vaidade da vida humana é declarada universal. Quanto à vaidade da vida, ver Sal. 39.5; Jó 7.6-10; 14.1,2; Eclesiastes 1.2. Cf. este versículo a Sal. 49.7-10 e a Eclesiástico 41.3,4. O poeta sempre soube da brevidade da vida humana, mas quando viu uma nação inteira morrer, isso lhe pareceu demasiado. Ele sabia, por meio da história do povo hebreu, que a nação do norte, Israel, tinha morrido em 722 A. C. Mas isso já tinha acontecido fazia agora bastante tempo e era fácil de aceitar. Mas quando ele viu a nação do sul morrer diante dos próprios olhos, isso lhe pareceu demais. Foi então que ele compreendeu claramente que até as nações têm vida curta, e, no caso de Judá, até em contradição com as muitas promessas de Deus.

Homem. No hebraico, "herói" ou "campeão", a palavra usada em Jer. 22.30 para indicar o *rei*. Cf. Isa. 22.17. Até o campeão do povo encaminha-se para a futilidade, e a *mão* do sheol em breve se estenderá na direção dele. *Mão* é sinônimo de "poder" e, assim sendo, o homem está condenado por um poder mais elevado e permanece impotente diante desse poder. O poeta provavelmente pensava no hades (no hebraico, *sheol*) como uma finalidade, um *aniquilamento*, e não como um lugar onde ele, como homem bom, pudesse encontrar uma vida razoavelmente feliz. A teologia dos hebreus, porém, finalmente veio a pintar um homem bom no sheol como alguém abençoado, conforme se vê no capítulo 16 do evangelho de Lucas; mas esse pensamento, quando o salmo presente foi composto, ainda não havia entrado na teologia dos hebreus.

Conta todas as alegrias que tuas horas têm visto,
Conta todos os dias em que estiveste livre
de angústia,
E sabe que, sem importar o que tenha acontecido.
Teria sido melhor se não existisses.

(Lord Byron)

"Tal como um homem vive, com igual certeza deverá morrer. Que ele seja forte e poderoso, tal como significa a palavra hebraica aqui traduzida por *homem*, contudo enfermo e débil ele se tornará. Ele pode ter sido importante, mas se tornará sem importância; rico, mas será pobre; príncipe ou aldeão, reto ou ímpio, pessoas de todas as classes sociais, status e condições, idade ou sexo, todos devem morrer. Pois todos pecaram, e a morte é a determinação de Deus" (assim escreveu John Gill, *in loc.*, procurando encorajar-nos). O Targum indaga: "Qual é o homem que, estando vivo, não verá o anjo da morte?".

Selá. Quanto a possíveis significados desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

89.49

Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora...? O *amor constante* de Deus é mencionado nos vss. 1, 2, 14, 24, 28, 33 e 49. O amor de Deus, que nunca desistiu nem diminuiu fez a história de Israel ser o que tem sido. Esse é um dos fatores que garante a continuação (e *eternidade*) da linhagem davídica (ver o vs. 29, quanto a um sumário de fatores). O poeta sagrado, pois, perguntou agora o que tinha acontecido àquele tão poderoso amor que se mostrara eficaz em todos os propósitos divinos. Ele indagou *Adonai* (o Senhor celeste) sobre a questão. Perguntou ao Ser Supremo qual realidade cerca a questão. O Senhor lhe respondeu em verdade (vs. 49), sem enganá-lo jamais (vs. 35). Deus prestou juramento em favor da veracidade de Suas declarações (vs. 35). Portanto, por que a palavra do Senhor não se cumpriu? Este versículo também menciona o juramento divino. A fé do salmista manteve-se firme por tempo bastante para ele renovar um forte apelo a Yahweh, de modo que o Senhor lhe desse alguma forma de explicação para a calamidade que se apossara da nação de Judá. Os antepassados tinham-se mostrado triunfantes. A linhagem de Davi continuava; mas agora (nos tempos *modernos*, para o poeta sagrado) todo o plano de Deus havia ruído por terra.

Ontem é história; amanhã é mistério; hoje é o presente, razão pela qual o chamamos de presente... Se gastarmos todo o dia de hoje lembrando as coisas que se passaram, ou tentando antecipar o que trará o amanhã, então poderemos perder a rica bênção de hoje. 'Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele' (Sal. 118.24).

(Pastor Claude Ponting)

89.50

Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos. Além de todas as outras calamidades que *Adonai* (o elevado Senhor) podia notar, certamente Ele deveria observar que Seus servos estavam sendo vítimas do ridículo por parte de invasores e saqueadores. O povo de Judá estava sendo insultado, e o poeta guardava no coração os insultos, como representante do seu povo.

"Nossos inimigos, sabendo de nossa confiança em Ti, tendo por muitas vezes ouvido nos jactarmos a Teu respeito, mas vendo agora o estado vil a que fomos reduzidos, zombam de nós e da nossa confiança, e, de fato, blasfemam de

Fique tranqüilo, ele nunca te falhou em todo o passado,
E será que agora vai te abandonar para afundar, afinal?

Não será assim, porque te esconderá embaixo de suas asas.
Lá, doce e seguramente, podes cantar.

Os ventos adversos sopram furiosamente contra a minha vida.
Meu barco pequeno com angústia se agita.
Meus planos falharam, e todas as minhas esperanças parecem arruinadas.
Então Ele levanta-se e fala a palavra de paz.
"Sejam as águas calmas!"
Noite escura, mais do que eu poderia agüentar,
Mas Ele levanta-se e fala a palavra de poder.
"Sejam as águas calmas!"
É o Senhor.

L.S.P.

Hoje a noite, minha alma, fica tranqüila e dorme;
As tempestades furiosas agitam as profundezas de Deus.
Mas são as profundezas de Deus, não tuas,
Portanto, fica tranqüila e dorme.

Hoje a noite, minha alma, fica tranqüilà e dorme;
O amor de Deus é forte enquanto as horas
Da noite se arrastam tão devagar.
É o amor de Deus, não teu,
Portanto, fica tranqüila e dorme.

Hoje a noite, minha alma, fica tranqüila e dorme;
O céu de Deus confortará aqueles que choram.
É o céu de Deus, não teu.
Portanto, fica tranqüila e dorme.

Annie Johnson Flint

Afinal, uma alvorada gloriosa – mas quando?
Oh, quem pode dizer?
A montanha mais íngreme tornar-se-á uma planície.
A terra seca será satisfeita com chuva abundante.
Os portões de bronze serão quebrados e
Transformados numa escada para as estrelas.
Mas quem tem a paciência para esperar?
Estas coisas virão no dia apontado por Deus.
Pode ser que não será amanhã,
Mas poderia ser.

Annie Johnson Flint

Ti. Isso me fere a alma. Não posso continuar ouvindo tais blasfêmias. Todos aqueles povos poderosos estão blasfemando do Deus de Jacó" (Adam Clarke, *in loc.*). "Carrego o peso das *multidões hostis* no meio da minha terra. A invasão final de Nabucodonosor teve a ajuda dos sírios, dos moabitas e dos amonitas (ver II Reis 24.2)" (Fausset, *in loc.*).

> *Retribui, Senhor, aos nossos vizinhos, sete vezes tanto, o opróbrio com que te vituperaram.*
>
> (Salmo 79.12)

Diz o Targum: "Trago em meu peito todas as reprimendas de muita gente". O homem sentia-se ferido em seu *homem interior* (significado metafórico de *peito*). Hoje em dia, em vez de "peito", usamos a palavra "coração", pelo que é comum ouvir-se dizer "ferido no coração".

89.51

Com que, Senhor, os teus inimigos têm vilipendiado. Doía no coração do salmista a reprimenda dos inimigos de Judá contra o rei dessa nação, e ele era o *ungido* do Senhor. Às injúrias, foram adicionados insultos. Quanto ao significado de *ungido,* ver os comentários sobre o vs. 38. A referência pode ser ampla o bastante para incluir o rei, a linhagem real e o povo escolhido por Deus.

Os passos do teu ungido. "Cada passo dado pelo povo de Israel era sujeito a reprimendas. Os escritores rabínicos ligam este versículo com a *demora* do Messias, visto que ela trazia opróbrio aos que por Ele em vão esperavam" (Ellicott, *in loc.*).

Talvez esses *passos* sejam de natureza *histórica:* "Eles rebuscam toda a história de teu povo; acompanham até os tempos mais presentes e encontram a desobediência de Israel por toda a parte, e assim falam de uma repreensão merecida. Mas o siríaco diz: 'Teus inimigos têm repreendido a lentidão dos passos dos pés de teu Messias, ó Senhor. Temos confiado Nele como nosso grande Libertador, e diariamente esperamos Sua vinda, mas não aparece o libertador, e nossos inimigos zombam de nossa confiança'" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Targum também transmite a idéia de que Israel era alvo de motejos por causa de suas expectações messiânicas, que nunca se realizavam. Mas este versículo parece ter uma natureza histórica, e não profética. "Deus havia esquecido a má sorte de Seus servos, permitindo o insulto, o escárnio, a zombaria a que Seu povo fora abandonado, porque a bondade de Deus se tinha retirado?" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* sobre *Problema do Mal* — por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem.

Conclusão de Bênção ao Livro III do Saltério (89.52)

89.52

Bendito seja o Senhor para sempre! Amém, e amém. Com esta breve doxologia, termina o Livro III, constituído pelos Salmos 73 a 89 do saltério. Ver as notas em Sal. 41.13, onde temos bênção similar, no fim do Livro I do saltério. Cf. Sal. 72.18,19 e 106.48, quanto a doxologias semelhantes, que terminam os outros livros do saltério. Os cinco livros são: 1. Sal. 1 a 41; 2. Sal. 42 a 73; 3. Sal. 73 a 89; 4. Sal. 90 a 106; 5. Sal. 107 a 150. A *doxologia final* é o Salmo 150, em sua inteireza. O arranjo em cinco livros imita o Pentateuco foi obra de editores posteriores, que forçaram, de modo bastante artificial, o saltério, para que tivesse essa disposição. Os livros não seguem temas, autoria ou qualquer outro fator comum para se distinguirem entre si. As versões antigas oferecem doxologias finais diferentes e mais elaboradas, como faz a versão siríaca: "Bendito seja o nome do Senhor neste mundo. Amém e Amém. Bendito seja o nome do Senhor no mundo vindouro. Amém e Amém". Adam Clarke (*in loc.*) adiciona sua própria doxologia, dizendo: "A isso o leitor não achará difícil subscrever seu próprio Amém, assim seja". O Targum tem uma doxologia parecida, juntando este mundo e o mundo futuro na questão. Naturalmente, as doxologias foram trabalho de editores posteriores, e não faziam parte integrante dos salmos que fechavam cada livro do saltério.

Salmo Noventa

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que age como uma espécie de frontispício.

Este salmo é uma *oração* pedindo a libertação de Israel da adversidade nacional, uma espécie de lamentação grupal, mas é, ao mesmo tempo, um grande hino. Ele não segue o modelo típico dos salmos de lamentação, com o clamor pedindo ajuda, uma descrição dos adversários, imprecações contra eles, e uma nota final de louvor e agradecimento, por causa das respostas à oração ou porque *se acreditava que a resposta divina estava a caminho.* Não obstante, esses elementos estão presentes, mas em uma ordem de apresentação diferente da costumeira. Além disso, o salmo eleva-se acima das lamentações comuns, sendo "uma das mais preciosas gemas do saltério" (William R. Taylor) e também "um cântico impressionante de elevação e poder quase ímpar" (Kitt).

Subtítulo. Este salmo tem o seguinte subtítulo: "Oração de Moisés, homem de Deus". Ver Deu. 33.1; Jos. 14.6; I Crô. 23.14; II Crô. 30.16 e Esd. 3.2, onde Moisés também é chamado de "homem de Deus". *Moisés* aparece somente no subtítulo deste salmo, embora o Targum lhe atribua os dez salmos seguintes, o que não reflete a verdade dos fatos. Os subtítulos não faziam parte das composições originais, e por isso não têm autoridade canônica; são meras conjecturas de editores posteriores quanto a questões como autoria e condições históricas que possam ter inspirado as composições. Se Moisés realmente escreveu o Salmo 90, então este é um dos mais antigos da coletânea, mas é insensatez basear-se no subtítulo.

Nos dezessete salmos do Livro IV do saltério (Salmos 90 a 106), apenas três não são anônimos: o Salmo 90 foi atribuído a Moisés, e os Salmos 101 e 103 foram atribuídos a Davi.

Este salmo dá início ao quarto livro do saltério. Ver as notas sobre a questão dos *Cinco Livros,* no parágrafo final dos comentários do Salmo 89.

Oração Congregacional (90.1-17)

O Deus Eterno e o Homem Mortal (90.1-12)

90.1

Senhor, tu tens sido o nosso refúgio. O salmista faria o contraste entre a eternidade de Deus e a temporalidade do homem, mas essa mortalidade do homem é *guardada* dentro da imortalidade de Deus, visto que Deus é a *habitação do homem por todas as gerações.*

"Os vss. 1-6 discutem a disparidade entre o Deus Eterno e os seres humanos finitos. Em atitude de humildade, o salmista reconheceu que Deus é a eterna *habitação* do homem, ou seja, seu *abrigo protetor,* pois Deus vai de eternidade a eternidade (vss. 1,2). Em *todas as gerações,* as pessoas se refugiam Nele" (Allen P. Ross, *in loc.*). Assim sendo, temos consciência de que somente Deus é *independente,* um dos atributos divinos, ao passo que os homens são sempre *dependentes,* um dos mais notáveis atributos humanos. Note o leitor o nome divino aqui usado: *Yahweh.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

> *Nosso Deus, nosso socorro em eras passadas,*
> *Nossa esperança para anos por vir,*
> *Nosso abrigo das fúrias da tempestade,*
> *Nosso lar eterno!*
>
> *Sob a sombra de Teu trono*
> *Continuamos a habitar seguros;*
> *Suficiente é somente o Teu braço,*
> *E nossa defesa é segura.*
>
> *Nosso Deus, nosso socorro em eras passadas,*
> *Nossa esperança para anos por vir,*
> *Sê Tu nosso guia enquanto durar a vida,*
> *E nosso lar eterno!*
>
> (Isaac Watts)

90.2

Antes que os montes nascessem. Deus aqui aparece antes da Sua criação. Houve tempo em que somente *Elohim* (o Poder) existia. Deus não era *meramente um arquiteto que tomou material já existente para formar Sua criação.* Ele mesmo criou a matéria e então a dispôs em consonância com Seu plano. Ver sobre Heb. 11.3 no *Novo Testamento Interpretado* quanto a amplas explicações. Ver o artigo geral do *Dicionário* intitulado *Criação,* especialmente a seção II, *Origens da Criação,* para uma discussão das várias teorias sobre a questão.

Para alguns eruditos, entretanto, os hebreus não ensinavam que Deus criou a partir do nada ou com base em Sua própria energia, mas apenas organizou matéria já existente, o que combina com a idéia dos gregos. O versículo que temos à frente, contudo, certamente ensina que Deus já existia quando Sua criação ainda não existia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ex Nihilo.*

Seja como for, o propósito do salmista não era provar nenhum ponto teológico. Antes, era mostrar quão insignificante é o homem, quando contrastado ao incomparável Elohim. Partindo dessa idéia, o autor sacro extrairá certo número de corolários e lições, espirituais e morais.

A terra teve uma origem. Falamos sobre as "colinas eternas", e os montes são usados para falar do "para sempre", no passado e no futuro. Mas quando examinamos a questão com cuidado, encontramos ali somente Deus, eterno; ou quando sondamos o futuro, também descobrimos que Deus continuará a existir eternamente. E, no futuro, se alguma coisa perdurar por toda a eternidade, será isso por Seu ato gracioso, e não por causa de uma natureza inerente. Quanto a outras referências sobre os anos (ou vida) de Deus, como "sem fim", ver Sal. 9.7; 10.16; 29.10; 102.24,27; 135.13; 146.10; Jó 36.26. Existem paralelos cananeus nos quais *El*, o cabeça do panteão dos cananeus, é referido como sem começo e sem fim, o que significa que os hebreus não eram os únicos a dominar esse pensamento.

As *montanhas* são símbolos de duração perpétua da eternidade ou da força. Ver Gên. 49.26 e Pro. 8.25. A Revised Standard Version tem, em Sal. 76.4, as *montanhas eternas*, por meio de uma emenda. "As montanhas, por sua altura majestática e por sua estabilidade inabalável, dão a impressão de antiguidade e imutabilidade. Ver Gên. 49.9, onde se lê sobre as 'colinas eternas'. Ver também Deu. 33.15 e Hab. 3.6" (Fausset, *in loc.*). Cf. o EU SOU de Deus, que comento no *Dicionário*.

90.3

Tu reduzes o homem ao pó. O homem se pavoneia no palco desta vida, desempenha seu papel fugidio, mas então, subitamente, ouve a voz de Deus a dizer-lhe: "Volta". E assim ele retorna ao pó, de onde veio. Essa é a *destruição* do corpo e, de acordo com a antiga teologia dos hebreus, da própria pessoa. Nos Salmos e Profetas, a idéia da existência da alma, bem como da sua sobrevivência diante da morte física, *começou* a surgir nas Escrituras. "O ponto de vista de que o destino final do homem é o *pó* nos faz lembrar Gên. 3.19" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver também Sal. 103.14; 104.29 e Ecl. 12.7.

Somos feitos do estofo de que são feitos os sonhos,
E nossa vida termina como que no sono.

(Shakespeare)

"Há inúmeras referências nas Escrituras sobre a natureza frágil e fugidia da existência humana. Pensamentos sobre a mortalidade humana percorrem, como um triste refrão, muitos dos salmos. Esses pensamentos tocam com paixão a mente e o coração dos profetas, e inspiram passagens que nos fazem pensar. 'Que é o homem?', pergunta alguém, enquanto contempla o pôr-do-sol, no fim do dia. As sombras se espessam, a luz e o dia se vão, e, por semelhante modo, o ser humano... Os cientistas prometem mais dias de vida para os seres humanos. As estatísticas provam que, nos países civilizados, a morte está sendo cada vez mais adiada. Mas, se a ciência nos mantém vivos por mais tempo, também nos empresta uma sensação cada vez maior de nossa insignificância. Veja como a astronomia tem feito o homem tornar-se um anão, bem como ao seu mundo! 'O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor, e murcha; foge como a sombra, e não permanece' (Jó 14.1,2). Por isso perguntamos: 'Não haverá estabilidade? Não haverá coisa alguma que permaneça?'. O salmista tinha uma resposta engatilhada: 'O Senhor é nossa habitação em todas as gerações'" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Assim é que um homem foge para o Ser Eterno, e Nele lhe é dada a vida eterna. Poderíamos pedir mais do que isso?

90.4

Pois mil anos, aos teus olhos. *Mil anos* representam um tempo muito longo para o homem, mas para Deus eles são como nada. Um homem vive setenta anos e, quando chega a essa idade, olha para sua vida passada, como se tudo não passasse de um dia. Sua vida inteira pode ser compactada em uma única palavra: "Ontem". E assim qualquer vida humana, por longa que seja, é, na realidade, como uma única *vigília* da noite. Na antiga nação de Israel, as vigílias ocupavam o período entre o pôr-do-sol e o nascer-do-sol. Esse período estava dividido em *três* vigílias, pelo que cada qual durava cerca de quatro horas. Ver sobre essa questão nos trechos de Sal. 63.6; 119.148; Êxo. 14.24 e Juí. 7.19. Meu sogro viveu até os 101 anos e esteve enfermo por diversos desses anos. Seus sofrimentos nos fizeram comentar: "Por quanto tempo?". Será que os sofrimentos dele nunca terminariam? Mas quando, finalmente, ele morreu, depois de haver completado 101 anos, a família toda podia lembrar-se do passado e dizer: "Isso foi apenas ontem!".

Todos os teus ontens iluminaram a estrada dos insensatos,
quando eles estavam a caminho do pó.

(Francis Bacon)

Quanto à idéia de uma *longa vida desejável*, ver as notas expositivas em Gên. 5.21. Meus amigos, é grande ter uma missão dada por Deus e ter sido ungido para tanto. Também é grande coisa ter tempo suficiente para cumprir nossa missão e não ser cortado pela *morte prematura*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Ver II Ped. 3.8, que se baseia neste versículo.

Um Uso Tolo deste Versículo. A ciência nos mostra quão antiga é a terra. alguns intérpretes utilizam este versículo para ensinar que a criação envolveu mil anos para *cada dia* da atividade criadora divina. Mas seis mil anos (um milênio para cada um dos seis dias da criação) não são uma gota do balde das eras geológicas.

90.5,6

Tu os arrastas na torrente, são como um sono. Os sonhos são os vagabundos da noite. Eles vêm e vão. Alguns sonhos são repletos de significados, e outros são lugar comum. Mas a luz da alvorada fá-los descer à mente subconsciente. Provavelmente Shakespeare tomou essa idéia por empréstimo do vs. 3. A *inundação* arrasta e varre o que parecia permanente; pois tudo não passa de um momento de fragilidade. Além disso, há a erva que floresce na terra fértil. Ela parece saudável; parece boa; parece uma característica permanente da paisagem. Entretanto, se lhe falta um pouco de água, ela morre; e se o sol a cresta por muito tempo, ela é queimada; quando chega a noite, a erva murcha e morre (vs. 6). E se os elementos naturais da natureza não a destroem, então o homem, com seus instrumentos cortantes, acabam por cortá-la e derrubá-la. A erva pode ser destruída quando um homem colhe o trigo, pelo que aquilo que é bom também pode ser um mal. O poeta sagrado fala sobre as *vicissitudes* que podem apagar-nos a vida e, por meio de suas metáforas, instrui-nos sobre a *fragilidade* da vida. Ver Sal. 39.4.

Quanto à *metáfora da erva*, cf. Sal. 37.2; 102.4,11; 103.15,16; Jó 14.2; Isa. 40.6-8. Era apenas natural que um povo dedicado ao trabalho agrícola a tivesse usado. Era algo que podia ser observado todos os dias, tal como a morte pode ser observada todos os dias. No Novo Testamento, ver a metáfora da erva em I Ped. 1.24. Há manhã e há tarde, há o florescer e há o declínio da vida, e todo o homem tem sua época na qual floresce e murcha.

90.7

Pois somos consumidos pela tua ira. Além da brevidade da vida, há pecados que precisam ser tratados (vs. 8), bem como a breve vida humana, que envolve muito castigo divino. Há certas formas de calamidade nacional que serviram de pano de fundo para este salmo, visto ser ele um *lamento nacional*. A *ira* de Deus está envolvida na fragilidade da vida humana, e temos de acreditar também no *plano divino* que simplesmente fez a vida humana tão curta. O poeta não olha para a futura vida eterna, mas deixa o homem em sua natureza miserável e na minúscula vida que ele tem a viver neste mundo. Antes de a morte chegar, porém, o homem é *perturbado* pelo Ser divino, consumido pela Sua ira. Ele sofre sob o látego divino. Está sempre esperando com temor pelas coisas. A primeira coisa que pensamos quando uma criança adoece é: "Ela pode morrer!" e esse pensamento infunde temor em nosso coração. Ou então pensamos: "Essa criança pode acabar fraca e prejudicada!" e isso é igualmente uma consideração temível. "A dor, a enfermidade e a doença são provas de nosso desvio da retidão original". A ira de Deus descarrega-se contra todos os *pecadores*. Mesmo que tenhamos uma vida prolongada, vamos sendo consumidos lentamente, e até parece que vivemos somente para morrer:

Nossas vidas que se desgastam ficam mais breves ainda,
E dias e meses se escoam;
E cada pulsar do coração que sentimos
Deixa-nos um pulsar a menos até o fim.

(Adam Clarke, in loc.)

Ver no *Dicionário* sobre *Problema do Mal*. Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? O mal pode ser *moral*, isto é, as terríveis coisas que os homens praticam uns contra os outros. E o mal também pode ser *natural*, incluindo as coisas que a natureza faz contra os homens, como enfermidades, dilúvios, incêndios, terremotos e, o pior mal de todos, a morte.

A mudança para a primeira pessoa do plural demonstra que o poeta não estava meramente moralizando a brevidade da vida humana, mas proferindo um cântico fúnebre sobre a glória de Israel que havia desaparecido. Em vez de mostrar-se superior às *vicissitudes* da vida, a raça em pacto com Deus tinha compartilhado dessas vicissitudes" (Ellicott, *in loc.*). Talvez este salmo tenha sido escrito após o cativeiro babilônico, quando a nação de Judá morreu, e não meramente quando algum indivíduo faleceu. Kimchi referiu-se ao salmo presente como

dirigido a Judá, quando o seu povo foi para o cativeiro. Mas outros estudiosos pensam estar em vista as vagueações pelo deserto. Ver Núm. 14.33,35.

90.8

Diante de ti puseste as nossas iniqüidades. As iniqüidades e os pecados secretos estavam todos diante do rosto de Elohim, o qual os olhava com ira. A luz da fisionomia do Senhor ilumina todas as coisas, incluindo os pecados secretos, e há uma retribuição exata para todos os erros cometidos. Assim sendo, Israel caiu na armadilha da fragilidade e da perturbadora mortalidade descrita no vs. 7. Normalmente, a "luz do rosto de Deus" significa favor, mas aqui está em foco o olhar iluminado da ira. Ver sobre o *rosto brilhante* de Deus em Sal. 84.9, onde ofereço notas expositivas e referências.

> *As trevas não são trevas para Ele. Onde quer que Deus esteja, há uma profusão de luz, pois Deus é luz.*
>
> *(Adam Clarke, in loc.)*

"Certa ferocidade contra o erro e os malfeitores está envolvida no real ardor em prol da bondade. Isso é necessário para que haja sanidade moral; e, se porventura, perdemos esse ardor, precisaremos recuperá-lo. A *ira,* em conexão com Deus, só será digna de objeção se for arbitrária, particular e pessoal" (W. H. Moberly, *in loc.*). Tendo assim falado, não devemos esquecer que a ira visa a cura, e não meramente a retribuição, conforme anoto em I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.*

90.9

Pois todos os nossos dias se passam na tua ira. O salmista retorna aqui à *brevidade* e à *futilidade* da vida humana. Temos apenas alguns poucos dias de vida, e até esses poucos dias são vividos sob a ira de Deus, que pesa sobre nós a cada dia. Assim sendo, nossos poucos dias multiplicam-se em poucos anos, e eles se escoam como uma história que pode ser contada em poucos minutos. A Vulgata Latina muda a figura simbólica e fala da temporalidade e fragilidade desta vida, como se fora uma *teia de aranha.* Muitas espécies de aranhas renovam suas teias a cada dia, ao passo que outras apenas reparam os lugares quebrados. As aranhas *comem* a antiga teia para prover uma maneira econômica de fabricar a nova teia. Todas as versões da Bíblia falam aqui da aranha, embora nenhum manuscrito hebraico conhecido contenha essa metáfora. A harmonia entre as versões poderia indicar que esse era o texto original, ao passo que o texto massorético padronizado perdeu a menção à aranha. O texto massorético mais antigo pertence ao século IX D. C., pelo que há ocasiões em que as versões preservaram textos mais antigos que da Bíblia hebraica atualmente conhecida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto a maiores informações. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto concordam *em certas porções* com as versões (especialmente a Septuaginta), contra os manuscritos tipicamente posteriores de nossa Bíblia hebraica atual. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

Como um breve pensamento. Esta é uma tradução mais exata do trecho hebraico. A King James Version diz "como um conto". Nossos anos chegam ao fim e terminam em um breve *pensamento,* o que provavelmente reflete o que acontece por ocasião da morte, quando a pessoa dá o último suspiro. O Targum diz: "A golfada de ar da boca no tempo do inverno". Por alguns segundos a respiração pôde ser *vista,* porquanto as partículas de água se enregelara. O ar, entretanto, como é natural, não pode ser visto. Cf. Tia. 4.14, que fala sobre a "neblina".

90.10

Os dias de nossa vida sobem a setenta anos. Os setenta anos tradicionais da vida humana são citados aqui. As pessoas, no antigo povo de Israel, nem se aproximavam desse número de anos de vida, em *média.* Mas isso acontecia a alguns indivíduos mais saudáveis e vigorosos, e esses que faziam parte da elite tornaram-se o padrão do tempo esperado de vida. Davi viveu exatamente até os *setenta anos* (ver II Sam. 5.4), e assim alguns atribuem a ele este salmo. Solon também estimou em setenta anos a duração de vida de uma pessoa (Laércio em *Vita Solon,* pág. 36). Ver também Heródoto, *Hist.* 1. cap. 6, par. 58; e Plínio *Epístola* 1.1. Eliano (*Var. Hist.* 1.4, cap. 1) falou sobre um povo chamado os Berbiccae, que matavam as pessoas quando elas chegavam aos setenta anos, se é que fossem suficientemente fortes para viver tantos anos, porquanto esse era o tempo divinamente marcado para um homem viver, e ninguém tinha o direito de viver mais do que isso.

Algumas pessoas particularmente fortes podiam atingir os oitenta anos, mas, se isso sucedesse, teriam de pagar por seu feito sendo fracos e enfermiços, terminando seu curso de vida desejando ter morrido antes. Há algo que pode ser dito em favor de "requeimar", em lugar de "enferrujar".

> *Minha vela está queimando em ambas as extremidades,*
> *Ela não perdurará a noite inteira;*
> *Mas ah! meus inimigos, e ah! meus amigos,*
> *Ela está dando uma luz admirável.*
>
> (Edna St. Vincent Millay)

John Gill mencionou certo cavalheiro de seus dias que chegou a avançada idade, mas se lamentava ter atingido aquela idade com "muita dor e pouco prazer".

> *Nem se apressando, nem vadiando...*
>
> (Christina G. Rossetti)

> *Vamos beber, dançar, rir e repousar,*
> *Vamos rodopiar até a hora da meia-noite,*
> *Pois amanhã morreremos.*
>
> (Dorothy Parker, com adaptações)

Uma vida mais longa é a mesma coisa que uma vida mais breve. Chegará o tempo em que a vida deverá ser cortada e alçar vôo, como quando uma ave é solta de sua gaiola. A ave era e tem sido um símbolo tradicional da alma, mas neste versículo não há o menor indício de que a alma voará para Deus por ocasião de sua morte. Por isso, o comentário de Adam Clarke é bom, mas anacrônico no que diz respeito ao tempo em que foi composto este salmo: "O corpo é logo cortado, mas *nós* nos vamos voando. O espírito *imortal* tem asas e levanta vôo para o mundo eterno".

90.11

Quem conhece o poder da tua ira? O hebraico original, neste versículo, é bastante obscuro, e outro tanto sucede às traduções que tentam arrancar dele algum significado. Emendas têm sido feitas, mas com resultados incertos. Os comentadores tomam a liberdade de dizer quase qualquer coisa que querem aqui. Uma das idéias é que as aflições desta vida não são dignas de ser comparadas às misérias que esperam os pecadores irreconciliados com Deus e têm de enfrentar a Sua ira até o fim da vida. Ou então um homem que compreende corretamente a ira de Deus haverá de temê-Lo, em concordância com essa sua compreensão, para assim evitar alguma punição severa. Em outras palavras, o *temor* a Deus o ajudará a evitar as manifestações maiores da ira de Deus. Essa tradução faz bom sentido, mas não podemos ter certeza de que era isso que o autor sagrado pretendia dizer. Ou simplesmente, nenhum homem pode realmente compreender a poderosa ira de Deus. Ellicott nos oferece a seguinte paráfrase:

> *Quem compreende a tua ira,*
> *E em uma medida que condiga com a reverência,*
> *Quem compreende a tua ira?*

Ellicott traduziu a palavra "temor" como se significasse "reverência". A ira e a cólera de Deus são tomadas como paralelismos poéticos. Temos aqui um triste lamento sobre a ignorância dos caminhos de Deus, bem como a insensibilidade humana para com esses caminhos; e isso termina por ferir o Senhor.

90.12

Ensina-nos a contar os nossos dias. Encontramos aqui uma das melhores declarações de todo o saltério. Todos os homens, tanto os justos quanto os ímpios, dispõem de um tempo limitado. Mas é o justo que aprende a usar sua breve vida a fim de obter um "coração sábio". "Visto que a vida é tão breve e por ser vivida sob a ira de Deus contra o pecado, o salmista, representando o povo de Deus, implorou a Deus sabedoria na enumeração de seus dias (cf. Sal. 39.4), ou seja, tomar consciência de quão poucos eles seriam (cf. Sal. 39.5,6). A expressão *nossos dias* ocorre em Sal. 90.9,10,14, e a palavra isolada, *dias,* aparece no vs. 15" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para indicar "vier por toda a eternidade", mas o poeta sagrado não estava falando sobre a vida vindoura. Antes, estava interessado em agir da melhor maneira possível com a breve vida terrena que lhe seria dada. Contudo, o salmista não explicou a utilidade de viver bem por setenta anos, *se,* depois desse tempo, nada mais existiria. Mas de algum modo, os hebreus pensavam que isso era possível, e assim a lei mosaica tinha como um de seus objetivos a longa vida física, desfrutando as bênçãos da aliança com Deus.

Ver como a lei dá *vida,* em Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Somente bem mais tarde, a teologia dos hebreus passou a interpretar isso como a vida da alma, para além do sepulcro.

Coração sábio. Quanto a amplas explicações sobre este assunto, ver o artigo intitulado *Sabedoria,* no *Dicionário.* A sabedoria consiste em obter conhecimento e saber usá-lo bem. Com base no Antigo Testamento, o conhecimento deve ser da lei de Deus, e sua boa utilização requer uma mudança de coração, efetuada pelo Espírito. Naturalmente, um modo de usar bem o conhecimento era participar e beneficiar-se do culto no templo de Jerusalém.

A Satisfação com o Amor Constante de Deus (90.13-17)

90.13

Volta-te, Senhor! Até quando? Temos aqui uma breve oração, que poderia ser uma versão sucinta de uma oração mais longa, e é similar às notas concludentes de muitos salmos de lamentação, porém mais longa que na maioria dos salmos. Alguns críticos pensam que essa porção do Salmo 90 era originalmente uma composição separada. Talvez o próprio autor da primeira parte do salmo a tenha acrescentado para dar um fim apropriado ao restante, que, essencialmente, é um salmo de lamentação, bem como um hino de alta categoria, algo parecido com a ordem dos hinos de sabedoria.

Neste versículo, Yahweh é retratado como ausente de Seu povo, que sofria reveses. Sem dúvida, o pecado era a causa de Yahweh ter-se afastado do acampamento de Israel. Castigo era a palavra de ordem. E isso sempre ocorria quando Israel se desviava para algum tipo de mal. Havia sempre a antiga síndrome de pecado-juízo-restauração. As dificuldades que o povo de Israel enfrentava são indefinidas, mas parece estar em pauta alguma espécie de tribulação nacional. O plural domina tudo. Alguns estudiosos traduzem a palavra "volta-te" por "abandona", ou seja, abandona a tua ira (ver Êxo. 32.12). Mas o sentido pode ser conforme se vê em Sal. 6.4: "Volta-te para seu servo, dá-lhe atenção, resolve os seus problemas".

Até quando? Estas palavras subentendem a pergunta: "Até quando teu desprezar perdurará e nós sofreremos a tua ira?". Cf. Sal. 74.10.

Tem compaixão dos teus servos. Ou seja, cessa o Teu castigo e apressa-Te em administrar alguma bênção positiva. Cf. Deu. 32.36. O povo esperava uma resposta rápida da parte do Senhor, para que sua desesperada situação fosse prontamente resolvida.

"De acordo com G. K. Chesterton, há dois pecados contra a esperança: a *presunção* e o *desespero.* A presunção é a atitude de que nada está sendo feito, a menos que *nós* mesmos o estejamos fazendo. O desespero é a atitude que sente que tudo mais falha quando *nós* falhamos. Precisamos assegurar-nos de que Deus está presente, mesmo quando Ele se mantém invisível, e de que Ele opera tudo para o bem daqueles que O amam" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "A compaixão era a única esperança deles" (Allen P. Ross, *in loc.*), e esse é outro nome para o *amor.* O *amor constante* de Deus é referido continuamente nos salmos. Ver o vs. 14.

90.14

Sacia-nos de manhã com a tua benignidade. O povo de Israel clamava para ser *satisfeito* com o *amor constante* de Yahweh. Isso faria a dor passar e acrescentaria bênçãos divinas. Então os israelitas poderiam *regozijar-se* após uma longa noite de sofrimentos e, de fato, terminar sua vida em alegria, porquanto os maus dias tinham passado.

> *Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.*
>
> (Salmo 30.5)

> *Bebi profunda alegria,*
> *E não beberei outro vinho hoje à noite.*
>
> (Percy B. Shelley)

"Que tenhamos a Tua misericórdia em breve, sim, pela manhã. Que ela agora brilhe sobre nós, e parecerá como a manhã de nossos dias, e exultaremos em Ti todos os dias de nossa vida" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Os vss. 14 e 15 parecem sugerir que a nação estivesse experimentando um período de castigo particularmente severo, por causa do pecado, uma *noite* de tribulação. A *manhã* sugere uma nova era de alegria para o povo de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*). O *dia* torna-se aqui uma profecia, por Kimchi e Jarchi, a salvação e o triunfo de Israel. E, naturalmente, esse dia é cristianizado, a fim de significar a nossa era do evangelho.

90.15

Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido. Israel vinha sofrendo por *longo tempo.* O poeta pediu que por um tempo correspondentemente longo o povo fosse abençoado. A noite perdurara por muito tempo; e, assim sendo, que o dia também *perdurasse.* Este versículo subentende um prolongado período de provação, o que exigia um prolongado período de paz e prosperidade. Talvez estejam em vista os setenta anos do período do cativeiro babilônico, mas isso é mera conjectura. É impossível identificar as circunstâncias históricas que provocaram a composição dos salmos.

"Na vida de um crente há uma mistura de aflições e alegrias, que é como um quadro em branco e preto, com uma proporção apropriada de ambas as cores. Assim sendo, a prosperidade e a adversidade têm sua vez apropriada, mas essas mudanças de sorte operam juntamente para o bem daqueles que amam o Senhor... e, além disso, há recompensas no céu! Quanto a esta atual adversidade, não pode haver comparação com as alegrias do céu, pelo que não podemos falar em devidas *proporções.* Ver Rom. 8.18 e II Cor. 4.17" (John Gill, *in loc.*).

90.16

Aos teus servos apareçam as tuas obras. Veja o leitor as *obras admiráveis* de Elohim, em Sal. 88.10-12. A providência *negativa* tinha afligido o povo de Israel. Agora o poeta conclamava Elohim para que providenciasse uma grande e *positiva* providência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Isso redundaria em uma glória especial para Israel. A presença de Deus seria a mediadora dessa glória e sua principal essência. "Estás trabalhando para nós, bem o sabemos. Mas permite que Tua obra apareça! Permite agora que seja demonstrado, em Teu *livramento,* que os Teus pensamentos para conosco estão plenos de misericórdia e amor" (Adam Clarke, *in loc.*). "Tua obra que nos salva e alegra (vs. 15 e cf. Sal. 92.4 e Hab. 3.2)" (Fausset, *in loc.*). A glória e a alegria duradouras desceriam até gerações futuras, aos filhos que por tanto tempo tinham sofrido. Ver o vs. 15, quanto à dor e à alegria proporcionais.

Este versículo tem sido cristianizado e aplicado aos filhos de Deus trazidos aos pés de Cristo por meio do evangelho. Seja como for, os filhos da antiga dispensação e os filhos da nova dispensação são filhos de Abraão e participantes de sua aliança. Ver os detalhes sobre esse pacto em Gên. 15.18.

90.17

Seja sobre nós a graça do Senhor nosso Deus. A King James Version diz aqui, em vez de *graça,* "beleza", e a Revised Standard Version prefere "favor". O termo hebraico por trás da palavra "graça" tem ambos os sentidos. O que está em foco é seu *rico trato* com os homens, o que se torna ainda mais específico mediante o uso das palavras "as obras de nossas mãos". Se o Salmo 90 está historicamente baseado na volta de Israel do cativeiro babilônico, então essas obras significam o que foi feito para *restaurar a nação de Israel* por intermédio da tribo de Judá; a reconstrução do país, bem como do templo e seu culto e, naturalmente, todo tipo de projetos *pessoais, familiares,* do *clã,* quando o povo de Israel recuperou o que havia sido destruído. A vida tribal seria reativada; as vidas pessoais receberiam novo significado. Note o leitor a repetição retórica das palavras "as obras de nossas mãos", para efeito de ênfase, e elas não devem ser apagadas como redundantes. "... confere-nos sucesso em tudo quanto fizermos em nossos interesses temporais e espirituais. Cf. Deu. 24.19" (Fausset, *in loc.*).

A Grande Aplicação. Qualquer indivíduo espiritual é capaz de sentir o que este versículo tenta ensinar. Todos nós temos *obras* e projetos que estão perto de nosso coração. Todos recebemos nossas respectivas missões e também unções especiais para realizá-las. Mas sabemos que todo esforço humano é vão, se Deus não edificar a nossa casa:

> *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam.*
>
> (Salmo 127.1)

A *obra protestante* da *ética* transformou o trabalho honesto em um exaltado princípio moral; e assim realmente deve ser. Nenhum homem tem direito ao ócio.

> *O ócio é, tão-somente, o refúgio das mentes fracas e o feriado dos insensatos. Não há lugar na civilização para o ocioso. Nenhum de nós tem direito ao lazer.*
>
> (Henry Ford)

> *Não há futuro para o preguiçoso.*
> *Um homem sem ambições é como uma mulher sem beleza.*
>
> (Joseph Conrad)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Trabalho, Dignidade e Ética do*, quanto a ilustrações e poemas.

Para servir à era presente, minha chamada cumprir;
Oh, que todas as minhas forças sejam engajadas,
no cumprimento da vontade de meu Mestre!
Arma-me com zeloso cuidado, para viver sob
os Teus olhos,
E prepara Teu servo para dar-te uma estrita
prestação de conta!

(Charles Wesley)

Salmo Noventa e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de sabedoria*, sendo uma meditação sobre Deus como o *protetor dos fiéis*. Há cerca de uma dúzia desses salmos, além de partes de outros salmos. Eles participam da literatura de sabedoria dos antigos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*, seção intitulada *Sabedoria, Literatura de*, para uma caracterização geral dessa literatura. Este salmo tem afinidades com o Salmo 46 e é um salmo de *confiança*, segundo a classificação de alguns eruditos. Ele também se reveste de qualidades didáticas, que formam ainda outro grupo. Seu tema central pode ser sumariado nas palavras de Paulo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom. 8.31). Se este salmo pode ser usado como um comentário sobre o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) de maneira muito positiva e otimista, não pode ser usado como um tratado teológico sobre o tema. Este hino ao Deus da proteção lista os tipos comuns de dificuldades que os homens mortais enfrentam, e vê a vitória por todos os lados para aqueles que confiam. Não entra, entretanto, no problema das exceções — aqueles *tempos de agonia em que o Protetor Celestial parece ignorar-nos*. Alguns estudiosos supõem que este poema fosse uma peça de literatura contra ataques demoníacos. O Talmude Babilônico refere-se a ele como uma "canção contra ocorrências más" ou como um cântico contra as "pragas" (*Shebuoth* 15b). Mas o hino à nossa frente por certo é muito mais do que essas estreitas classificações tolerariam.

A composição poderia provir de qualquer época, dentro da história de Israel, mas sua conexão com a literatura de sabedoria sugere uma data pós-exílica, quando esse tipo de literatura começou a florescer.

Subtítulo. Este salmo é um daqueles aos quais editores posteriores não adicionaram nenhum subtítulo. São os chamados "salmos órfãos", por carecerem de notas introdutórias. Na verdade, entretanto, todos os salmos originalmente não tinham subtítulos, os quais foram acrescentados por editores muito posteriores. Os subtítulos não se revestem de autoridade canônica e usualmente são apenas conjecturas quanto a questões como autoria e acontecimentos históricos que podem ter inspirado as composições. Existem trinta e quatro salmos "órfãos", a saber: Salmos 1 e 2; 10; 33; 43; 71; 91; 93 a 97; 104 a 107; 111 a 119; 135 a 137; 146 a 150.

Uso Pessoal. Pessoalmente tenho usado três salmos em minhas orações diárias: Salmo 23 (o salmo do *suprimento* abundante); Salmo 91 (o salmo de *proteção*); e Salmo 103 (o salmo da *saúde física*).

Deus, Meu Refúgio e Fortaleza (91.1-16)

Nenhum Mal Te Sobrevirá (91.1-13)

91.1

O que habita no esconderijo do Altíssimo. Este é um *salmo de proteção*. Alguns estudiosos afirmam que a leitura deste salmo é eficaz nos exorcismos. Seja como for, nós, os crentes, almejamos uma proteção mais ampla do que os exorcismos, e a leitura deste salmo só pode ser benéfica. Ela deve ser incorporada em nossas orações diárias.

"Visto que o salmista estava convencido de que há segurança em confiar no Deus Altíssimo, ele se encorajava de que seria livrado de vários ataques assustadores da parte do Maligno. O poeta sabia que o Senhor tinha nomeado anjos para que o guardassem e o protegessem. Este salmo é um belo testemunho sobre a segurança na vida" (Alíen P. Ross, *in loc.*).

Esconderijo. Literalmente, no original hebraico, temos a palavra "abrigo". Esta palavra algumas vezes se refere ao templo de Jerusalém (como em Sal. 27.5; 31.20; 61.4). A referência aqui poderia ser aos adoradores no santuário, que encontravam ali a presença divina, bem como paz e também proteção. O termo, entretanto, pode ser metafórico, como em Sal. 32.7 e 119.114. O que se abriga no lugar onde o *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário*) provê proteção está a salvo de todos os alarmas. Está inteiramente seguro o homem que vive à sombra do *Todo-poderoso* (ver a respeito no *Dicionário*). Este título de Deus só é encontrado no saltério aqui e em Sal. 68.14. Ver sobre a *sombra das asas* do Senhor em Sal. 17.8; 36.7; 57.1 e 63.7; e cf. Sal. 121.5. Ver as notas expositivas sobre o *Altíssimo*, em Sal. 7.1. Ver sobre as *asas de proteção* no vs. 4 deste salmo.

Que comunhão, que alegria divina,
Repousando nos braços eternos,
Que bênção, que paz é a minha,
Repousando nos braços eternos.
Repousando em Jesus, repousando em Jesus,
Em segurança e fora do alcance
de todos os alarmas.

As imagens de abrigo e sombra retratam vividamente a segurança, a paz e a confiança. O abrigo torna-se um esconderijo, um local seguro de todo temor e de todo o perigo. Assim sendo, mediante o acúmulo de termos, o poeta sacro exibe a paz que ele tinha alcançado. Os nomes de Deus aqui usados expressam Seus atributos de poder infinito e majestade, e isso só servia para aumentar mais ainda o senso de confiança do salmista. O lugar onde estava o esconderijo de Deus pode aludir ao Santo dos Santos. Nesse caso, foi-nos assegurado o *acesso final* a Deus, em quem se encontram a segurança e a paz.

91.2

Diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte. Yahweh é o *refúgio* do ser humano (ver as notas expositivas a respeito em Sal. 46.1, onde são dadas outras referências). O poeta sacro havia fugido para um lugar onde tribulações e calamidades não podiam atingi-lo, e resolveu ficar ali de maneira permanente. Seu refúgio também se tornou um *baluarte* (ver a respeito em Sal. 18.2; 31.3; 71.3 e 144.2). Algumas vezes a *rocha* é incluída nessa expressão, o que é anotado em Sal. 42.9. Além disso, ver *Torre Forte*, em Sal. 61.3. Esses termos militares mostram que Yahweh age como o *Senhor dos Exércitos* (ver as notas a respeito em I Reis 18.15) e provê ampla proteção para os ataques de todo e qualquer inimigo. Além disso, finalmente, Yahweh é também Elohim (o Poder), contra quem nenhuma força pode mostrar-se eficaz. Ver no *Dicionário* sobre *Deus, Nomes Bíblicos de*. Com seu belo acúmulo de imagens, os vss. 1 e 2 expressam, de forma admirável, o fato de que há *segurança* para o homem que confia em Yahweh. A segurança é algo que cabe à *intervenção divina*, segundo a qual as vicissitudes da vida, com seu caos, não têm permissão de atingir o homem bom. Devemos orar todos os dias contra o caos, pois o caos é um fator dentro do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*): por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Até um homem *inocente* pode sair ferido, conforme demonstra o livro de Jó.

"Ele os circunda como as montanhas de Jerusalém; Sua salvação são muralhas e baluartes para o Seu povo; sim, Ele os cerca com uma parede de fogo (ver Sal. 125.2; Isa. 26.1; Zac. 2.5). Ele põe uma guarnição militar inteira em redor deles (ver I Ped. 1.5)... portanto, é Nele que devemos confiar, pois Ele é o Deus da graça quanto a coisas temporais e espirituais" (John Gill, *in loc.*).

91.3

Pois ele te livrará do laço do passarinheiro. O *Deus da proteção* é agora visto a livrar de perigos específicos, poeticamente referidos, em primeiro lugar, como o *laço do passarinheiro*. Ver Sal. 66.11, quanto à mesma metáfora. Provavelmente estão em foco os perigos criados pelo homem. Há terríveis ultrajes que os homens perpetram uns contra os outros. Mas Deus intervém e detém os ímpios irracionais, destruindo seus maus desígnios e suas obras. Ver também Sal. 10.15; 124.7 e Eclesiastes 9.12. A figura de linguagem fala de desastres *inesperados*, que são muitos neste mundo e contra os quais carecemos de proteção divina especial. O problema do mal opera através das más obras, mediante as perversões *morais*, coisas que os homens perpetram uns contra os outros; e também opera através das calamidades *naturais*, abusos da natureza como *incêndios, dilúvios, terremotos, enfermidades e a morte*. O *mal natural* é referido aqui pelas palavras "peste perniciosa". Diz o hebraico original, literalmente, "pestilência das calamidades", isto é, acontecimentos prejudiciais e até mesmo fatais, provavelmente aqueles acidentes tolos, as enfermidades e outras coisas ruins que acontecem à parte da vontade do homem. Mas os vss. 6 e 7 talvez elaborem a questão; e, nesse caso, a vontade pervertida do homem, e não somente a natureza, imiscui-se em tais calamidades. Este salmo, bastante realista, fala das *muitas* perturbações e perigos que os homens enfrentam, pelo que precisamos de

uma proteção muito poderosa. Encontramos tal proteção no Ser divino. Sim, as dificuldades do homem são *muitíssimas* e extremamente *variadas*. Portanto, um homem deve ter alguma maneira incomum de proteger-se. Ver também o vs. 10, que expande o tema.

Pragas. Perdas do controle próprio que atuam como uma praga; a pestilência do pecado, que destrói; enfermidades que fulminam inesperadamente e sem dar descanso; a praga do coração, que destrói um homem começando pelo lado de dentro; ruína espiritual; perigos físicos; acidentes; maquinações malignas de homens, promovidas pela vontade pervertida dos indivíduos.

91.4

Cobrir-te-á com as suas penas. Retornamos aqui à figura das *asas de proteção*, sugeridas no vs. 1. Ver Sal. 17.8; 36.7; 57.1; 63.7 e cf. 121.5. Está em pauta a figura de uma ave-mãe que reúne os filhotes sob as suas asas, *quando aparece algum perigo. Embora uma raposa possa facilmente romper* a barreira protetora das asas de uma ave-mãe, o homem bom pode confiar seguramente nas *asas divinas*. A ave pode oferecer uma proteção apenas parcialmente eficaz, mas, quando Yahweh abre as asas por sobre Seus "filhos", a defesa é segura e nos resguarda de todos os perigos. Diz aqui a Septuaginta: "Ele te cobrirá com a sombra de Seus ombros". Isso provê uma *excelente figura de proteção, embora não seja a que aparece no versículo* presente. Os pais carregam os filhos fracos ou doentes nas costas ou nos ombros. O Senhor carregou Israel no deserto. Ver Deu. 32.11,12, quanto à figura das asas, onde a águia está envolvida.

É pavês e escudo. Quanto à metáfora de Deus como o nosso *escudo*, ver notas expositivas completas em Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8; 89.18. *O poeta volta a uma* metáfora militar. Ver o vs. 2, quanto a outras metáforas. "Pavês" era um escudo pequeno e redondo, ao passo que o escudo cobria o corpo inteiro e tinha um formato comprido. Deus serve de qualquer tipo de escudo, com qualquer finalidade, e a Sua *verdade* atua como essa proteção. A verdade é a Lei de Deus (ver o sumário a respeito em Sal. 1.3), bem como as promessas que Ele confere nos Seus pactos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos. O homem bom conhe*ce a verdade, obedece a ela e é protegido por ela. "Essa verdade contém promessas para todos os tempos e circunstâncias, as quais serão invariavelmente cumpridas no caso daqueles que confiam no Senhor. O cumprimento de uma promessa relativa à defesa e apoio é, para a alma do crente, aquilo que os melhores escudos são para o corpo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Cf. Efé. 6.16, onde o escudo aparece como a *fé*. Trata-se de uma fé que detém os dardos inflamados do maligno.

91.5

Não te assustarás do terror noturno. À noite acontecem coisas assustadoras, mas que não nos deveriam espantar. Furtos, assassinatos, violências sexuais. Todos os tipos de homens violentos operam sob a escuridão. Além disso, enfermidades inesperadas atacam durante a noite, quando o corpo físico se mostra mais vulnerável. Um exército invasor pode tirar vantagem de um inimigo despreparado que esteja dormindo. "A noite é o tempo dos terrores; é um tempo de traições, saques, furtos e assassinatos. O homem piedoso deita-se e dorme tranqüilamente, pois deixa seu corpo, alma e espírito, e sua substância material, nas mãos de Deus. Ele sabe que Aquele que guarda Israel não dormitará nem dormirá, pelo que Deus está estacionado à sua porta como um Guarda" (Adam Clarke, *in loc.*, com uma referência a Sal. 121.4).

Uma Oração Noturna. "Bendito Senhor, toma-nos sob a Tua proteção esta noite; e preserva-nos das enfermidades, da morte repentina, da violência do fogo, do fio da espada, do desígnio de homens ímpios e da influência de espíritos maliciosos!" (Essa era a oração em família, usada pelo dr. Clarke).

Nem da seta que voa de dia. O tempo em que o salmista viveu era brutal e violento. A guerra era uma constante. Quantos jovens eram mortos pela seta que voava durante o dia! A seta era uma arma temível, com freqüência usada como símbolo da violência da guerra. O poeta sacro usou-a como símbolo de *qualquer perigo* que pudesse ferir a um homem de súbito, durante o dia. Spurgeon errou muito quando fez esta seta representar a punição de Deus que derruba a um homem. Pelo contrário, Deus é o protetor de Seu povo, das setas que cruzam o ar durante o dia. Diferentemente dos deuses pagãos, que nem entidades eram, Yahweh é um protetor eficaz para o Seu povo, durante o dia e durante a noite. Em Sal. 11.2 as flechas representam os planos dos homens malignos, e em Sal. 64.3 representam as palavras dos malfeitores. Alguns estudiosos vêem aqui os *encantamentos mágicos* dos ímpios, que podem prejudicar os inocentes, mas isso parece muito distante da realidade dos fatos. Ademais, não é provável que as setas *representem aqui os raios do sol.* Cf. Sal. 121.6. Jarchi identifica as setas como *demônios.*

91.6

Nem da peste que se propaga nas trevas. Este versículo parece ser um paralelismo poético do versículo anterior, reiterando os perigos noturnos e diurnos. Aqui temos a pestilência que ataca durante as trevas, buscando vítimas. Ver o vs. 3, onde comento longamente sobre a "peste perniciosa". A destruição é a que fere ao meio-dia, e com isso somos levados de volta à referência militar e suas *flechas*. Isso é anotado com detalhes no vs. 5, incluindo os significados variegados sugeridos pelos intérpretes. O Targum continua com sua interpretação demoníaca: "... uma companhia de demônios que destrói ao meio-dia". Mas alguns preferem referir-se aos ventos quentes do deserto, que destroem a vegetação e ressecam os rios, deixando os homens sedentos, famintos e desesperados.

É verdade que os antigos contavam com demônios que atacavam a qualquer período do dia ou da noite, e também tinham pragas específicas. Até os deuses e semideuses participavam do ato, causando toda espécie de dor aos homens. Assim é que, nas obras de Teócrito (*Id.* 1. vs. 15), encontramos o seguinte: "Não é legítimo, não é legítimo, ó pastor, tocar a flauta ao meio-dia. Temos Pã, o qual, naquela hora, vai dormir, a fim de descansar das fadigas da caça. Naquele horário ele se mostra *perigoso*, e sua ira facilmente se acende".

91.7

Caiam mil ao teu lado. Havia destruição por todos os lados; o assassinato era generalizado; acidentes ocorriam por toda a parte; as enfermidades atacavam velhos e jovens; os hospitais estavam repletos; havia homicídios nas estradas e pragas nas escolas; não havia paz nem para o justo nem para o ímpio. Na *guerra*, milhares de homens pereciam diariamente, mas para o homem bom, que confia em Yahweh, *mil podiam cair diante dele, ou mesmo dez mil à sua direita, mas* nenhuma calamidade tocaria no homem oculto no santuário de Deus.

Em minha própria família algo semelhante aconteceu, contra o que constantemente citei este versículo como um escudo que protege alguém do perigo. Um de meus filhos estava vendo a morte quase semanalmente e, em certas ocasiões, diariamente. Quando caminhava pela calçada, via alguém ser atropelado por um *veículo. Na estrada, passava constantemente por acidentes fatais. A morte se* aproximou por várias vezes. Acontecia com tanta freqüência que ele, na verdade, estava ficando calejado diante da morte. Quando ele me telefonava de Santos, eu esperava ouvi-lo descrever uma nova calamidade. Foi uma coisa terrível. Portanto, eu continuava repetindo para ele: "Mil podem cair ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas a morte não chegará perto de ti". Eu repreendia qualquer espírito maligno que pudesse estar causando todas aquelas coisas. *Eu orava contra* o caos e continuava a citar este versículo. Gradualmente, os ataques malignos tornaram-se menos freqüentes, até que cessaram por completo. Assim sendo, o agradecimento a Deus substituiu o temor, e a confiança acalmou nosso espírito.

Entre os povos antigos corria a crença de que os deuses podiam ser adorados a qualquer tempo, mas os demônios só podiam ser abordados e honrados ao meio-dia. Isso supostamente acontecia porque os demônios se mostravam muito ativos durante a noite, e nenhum homem ousaria aproximar-se deles. Ao meio-dia, porém, os demônios estavam mais relaxados e portanto mais acolhedores a qualquer petição humana. Vivemos em um mundo de poderes estranhos e misteriosos, e temos de resguardar-nos no santuário, para escapar à colheita das forças malignas.

91.8

Somente com os teus olhos contemplarás. Como pode um ser humano escapar de todos esses males? Como pode sentir-se seguro em um ambiente hostil e precário? Ele precisa voltar-se para Deus. Precisa distanciar-se do ímpio, sobre quem estão caindo todos os tipos de desastres. Precisa levar a sério os senhores do bem e do mal, apegando-se ao senhor do bem. O homem bom pode ver o desastre cair sobre o homem mau, porquanto este último está sendo castigado pela retribuição divina, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Assim sendo, a palavra encorajadora é a seguinte: "Não somente estarás em segurança, mas também verás a justiça ser feita. Aqueles que te molestam e prejudicam não terão permissão de escapar com seu jogo doentio". Israel passou pelas águas do mar Vermelho sem ser prejudicado, mas também *viu* a destruição dos egípcios, o que lhe provou existir tanto uma providência negativa quanto uma providência positiva. Deus criou todas as coisas, mas também intervém em Sua criação; Ele recompensa, mas também pune. Em outras palavras, Ele é um Deus *teísta*, e não deísta. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Teísmo* e *Deísmo*, quanto a explicações sobre esses conceitos.

William Dobbie, governador de Malta, era o responsável pela defesa daquela ilha-fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial. Mas tratava-se de uma tarefa humanamente impossível. Embora Malta fosse um lugar densamente povoado, os navios enviados com alimentos eram constantemente afundados pelas forças do eixo (alemães e italianos). Perecer de fome era uma ameaça diária. Eles possuí-

am apenas quatro aviões ultrapassados e dezesseis canhões antiaéreos. Mas o governador, que era homem profundamente religioso, continuava confiando em Deus. Em um momento de desespero, as forças militares britânicas enviaram ao governador um telegrama que continha apenas uma referência bíblica, Deu. 3.22. Os defensores de Malta imediatamente leram em suas Bíblias: "Não os temais, porque o Senhor vosso Deus é o que peleja por vós". Coisas miraculosas começaram a acontecer, e assim Malta foi salva. O povo da ilha viu, com os próprios olhos, a destruição das forças inimigas. Dobbie publicou sua história em um livro, anos mais tarde. No início do livro, citou Sal. 46: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações". E deu ao livro o título *Um Socorro Bem Presente nas Tribulações.*

91.9

Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio. Como pode um homem evitar as coisas más que têm sido mencionadas? Como pode evitar o temor? Como pode atravessar tempos difíceis sem desmaiar? Ele fez do *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário)* o Capitão da sua vida. *Refugiou-se* Nele (ver o vs. 2). Fixou *residência* no santuário de Deus (vss. 1 e 9). Escondeu-se à sombra das asas do Senhor (vs. 4). Tinha Deus por seu *escudo* (vs. 4). "O salmista estava valendo-se da proteção conferida àquele que confia em Deus... e disse pessoalmente: 'Sim, isso é a verdade que me diz respeito, pois Tu, Yahweh, és realmente o meu refúgio'" (Ellicott, *in loc.*). "Todo homem piedoso pode esperar tal proteção da parte de seu Deus e *Pai*" (Adam Clarke, *in loc.*).

91.10

Nenhum mal te sucederá. Aquele que tornou as coisas mencionadas no vs. 9 uma realidade em sua vida pode ter confiança de estar isento de qualquer e todo mal e de que nenhuma praga se aproximará de *sua residência* (literalmente, de sua tenda), embora as pessoas estejam morrendo como moscas por todos os lados. Minha mãe costumava usar este versículo como uma oração freqüente, quando eu e meu irmão estávamos crescendo, mas especialmente no verão, quando a poliomielite matava crianças aos montões. Eu, pessoalmente, tenho prosseguido nessa prática, requerendo do Senhor a segurança e a saúde de meus filhos. É conforme diz um antigo hino: "A quem posso recorrer, senão ao Senhor?".

Este versículo provavelmente é uma alusão às muitas pragas que sobrevieram ao Egito enquanto os filhos de Israel estavam seguros em suas tendas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito.*

O poeta sagrado, naturalmente querendo fazer uma clara representação sobre a proteção divina, não se perde em exceções, quando homens *inocentes* sofrem sem razão alguma, ou por razões inteiramente triviais. O sofrimento dos inocentes faz parte do *Problema do Mal* em geral (ver a respeito no *Dicionário*).

91.11

Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito. *Anjos Guardiães.* Era não somente natural, mas também *necessário* que o salmista chegasse à questão dos anjos guardiães em sua discussão sobre a proteção divina. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Anjo* e *Anjo Guardião.* Provavelmente nossos melhores homens são os que se mantêm mais próximos de seus respectivos anjos guardiães. Esses seres celestes são *guias,* e não meramente *protetores.* Eles podem inspirar-nos com discernimento e conhecimento. São mestres, e muitas das coisas que atribuímos à mente subconsciente podem ser devidas à atividade dos anjos guardiães-guias-professores. Ver a seção XI, *Tarefas dos Anjos,* no artigo do *Dicionário* denominado *Anjos.* Ver também a divisão chamada *O Ministério dos Anjos.* Os vss. 11 e 12 foram citados pelo diabo, diante do Senhor Jesus, em Mat. 4.6 e Luc. 4.10,11. Mas ele lhes conferiu uma estranha distorção, contra a vontade de Deus. Contudo, fica evidente que é aprovado por Deus, que nos criou e nos fez como somos, que a Sua vontade opere através do poder dos anjos, bem como através de outros meios, como é apenas natural.

As modernas pesquisas psíquicas confirmam a existência de espíritos que agem como nossos guardiães, guias e professores. O "eu" superior da pessoa, o seu espírito, é uma espécie de anjo guardião, que cuida do "homem mortal" que desempenha seu papel no palco deste mundo. Mas não há razão alguma para duvidar da realidade espiritual de entidades "distintas", que estão interessadas em nosso bem-estar e que intervêm e trabalham em favor de Deus. Ver Heb. 1.14. Há um *ministério* angelical, e não meramente uma tarefa protetora dos anjos.

> *Perto de cada homem, quando ele nasce, posta-se um bom espírito, um guia santo na vida.*
>
> (Menandro)

As Veredas. Estamos falando das veredas do dever; veredas de serviço amoroso: veredas de aprendizado; veredas de vida geral. Além disso, há veredas de pecados a serem evitados; veredas de atos insensatos; veredas de infidelidade; veredas maldosas; veredas dos demônios. Nossos anjos ajudam-nos a seguir as veredas certas e a evitar as veredas más. Cf. Mat. 7.13,14.

91.12

Eles te sustentarão nas suas mãos. Este versículo prossegue com a idéia da *proteção,* que é o tema central deste salmo, mas os elementos sugeridos no versículo anterior são verídicos e ilustram a proteção divina, segundo o artigo chamado *Anjo.* O filho do general George Patton, que também era general do exército americano, combateu durante a guerra da Coréia. Ele estava no meio de uma batalha, e a sua morte, juntamente com a morte daqueles que o acompanhavam, parecia certa. Ele tinha de chegar a um local seguro e não havia esperança. Ele levantou a Deus uma rápida oração. Então saiu da trincheira e correu. Ele contou que, por incrível que possa parecer, tudo em redor silenciou. Nenhum tiro foi disparado, e nenhum adversário parecia notar o que ele estava fazendo. Era como se ele estivesse sozinho no campo de batalha. E ele correu à vontade para seu lugar de refúgio. Mais tarde declarou: "Nunca esquecerei aquele momento!". E assim acontece, igualmente, conosco. Há muitos momentos de intervenção divina em nossa vida, tempos de proteção especial, e muitos outros benefícios que vão além de nossa capacidade.

Podemos ter certeza de que o homem bom conta com a presença de seu anjo, o qual *manipula* as coisas, conforme as necessidades do homem. Nossos anjos arranjam as circunstâncias que nos cercam. Assim oramos, oramos e oramos, mas nada acontece. Não há coriscos vindos do céu, nenhuma iluminação repentina, nenhuma manifestação divina. Mas nossos anjos estão *arranjando as circunstâncias,* e logo fica claro o que devemos fazer, e então dizemos: "Oh, Senhor, continua a conferir-nos tal graça!". Ademais, há aquelas *coincidências* impossíveis que acontecem ao nosso redor. São pequenos relâmpagos que brilham do céu e nos dizem: "Viste isso, homem cheio de dúvidas? Vês como faço coisas que são totalmente inesperadas? Posso fazer qualquer coisa, portanto pede-me que te mostre alguma coisa!". Por conseguinte, respondo: "Muito bem, Senhor, mostra-me toda espécie de coisas, e eu te louvarei para sempre".

> *Andarás seguro no teu caminho, e não tropeçará o teu pé.*
>
> (Provérbios 3.23)

Pedra. Temos aqui menção a pecado, perigo, obstáculo, demora indesejada, reversão, fracasso, equívoco, ato insensato, ataque de um inimigo, enfermidade, desastre natural, falta de dinheiro, pobreza, arrogância, erro, falta de propósito definido, tentação que não pode ser vencida, promessa de Deus tolamente aplicada, promessa divina que não está sendo aplicada de forma alguma, materialismo, calamidade, morte prematura.

91.13

Pisarás o leão e a áspide. Aqui, *animais perigosos* tornam-se *metáforas* que representam perigos, reversões e tragédias que o homem bom pode sofrer. Um *leão* oculto na floresta pode realmente ser pisado por um homem descuidado! Poderia um homem sobreviver diante de tal situação? Mas a metáfora envolve mais do que isso: O homem bom pode sair lá fora, escolher seu leão e pisá-lo aos pés, mais ou menos como Sansão faria. Mas que meu leitor não conte com isso. A idéia encerrada na metáfora é que o homem protegido por Deus pode fazer coisas que são tidas como impossíveis ou extremamente improváveis.

Ou então alguma *áspide* venenosa por ser pisada por um homem descuidado, e isso também seria uma má situação. Mas o homem divinamente protegido pode sair lá fora, encontrar a áspide venenosa e pisar propositadamente sobre ela; e, no entanto, a boca da áspide continuaria fechada. Alguns evangélicos fanáticos tomam literalmente as palavras que se encontram no final do evangelho de Marcos, e organizam o "culto da cobra", no qual distribuem serpentes mortais entre os membros, de pessoa para pessoa, achando que exercem grande fé com esse "rito". Naturalmente, este versículo ficou misturado no término espúrio de Mar. 16.18, e isso tem servido somente para encorajar ainda mais o culto às serpentes. Desnecessário é dizer que muitos membros desses cultos têm morrido em tais ritos. E eles dizem que essas mortes se devem "à falta de fé", mas quem dá ouvidos a essa falta de bom senso?

Leãozinho. Talvez um homem perturbe um leão velho, bem alimentado e em repouso, e então consiga escapar do leão idoso. Mas quem enfrentaria um leão jovem e faminto? Naturalmente, Sansão conseguiu tal feito e matou o leão (Juí. 14.5,6), mas o texto sagrado deixa claro que foi o Espírito de Deus que lhe permitiu realizar o feito. De jovens leões, os homens mantêm-se afastados, e nunca houve um "culto aos leões", no qual as crianças da escola dominical ficas-

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é meu refúgio, a minha Fortaleza, e Nele confiarei. Porque ele te livrará do laço do passarinheiro e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com suas penas, e debaixo de suas asas estarás seguro: a sua Verdade é escudo e broquel. Não Temerás espanto noturno, nem seta que voe de DIA, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Somente com teus olhos olharás e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga ALGUMA chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em Todos os teus CAMINHOS.

Salmo 91
1-11

A PROVIDÊNCIA DE DEUS

A providência de Deus é exercida:

- na determinação dos caminhos e circunstâncias dos homens (I Sam. 2.7,8; Sal. 75.6,7);
- na prosperidade dos santos (Gên. 24.48,56);
- na determinação do período da vida humana (Sal. 31.15; Atos 17.26);
- na direção de todos os acontecimentos (Jos. 7.14; I Sam. 6.7-10,12; Pro. 16.33);
- para a glória de Deus (Isa. 63.14);
- para o bem dos santos (Rom. 8.28).

Os santos devem confiar nela (Mat. 6.33,34; 10.9; 29.31).

*** *** ***

Luz Que Brilha Nas Trevas

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar suas maravilhas.
Implanta seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

No profundo, em minas insondáveis
De habilidades que nunca falham,
Ele entesoura seus grandes desígnios,
E põe em obras sua vontade soberana.

William Cowper

sem a montar ao redor, na igreja. Metaforicamente, porém, homens têm pisado perigos maiores ainda do que jovens leões.

Certas serpentes nos metem medo e procuramos evitá-las, mantendo-nos a longa distância ou fugindo quando elas aparecem. Meu tio esteve certa ocasião nas colinas perto de Pocatello, estado de Idaho, Estados Unidos, onde havia muitas cascavéis. Então ouviu o barulho da cauda de uma delas e, embora fosse muito forte (pois finalmente se tornou um conhecido boxeador peso-pesado), ele se voltou e correu o caminho até a cidade, e nem olhou para trás!

E houve também o caso de um caçador insensato que encontrou uma bola de cascavéis que se tinham reunido para hibernar durante o inverno. Ele ficou orgulhoso pela descoberta e levou a bola para os outros caçadores que estavam reunidos em torno de uma fogueira. Ele colocou a bola perto demais do fogo, e logo as cobras, em hibernação, arrastavam-se por toda a parte, enquanto os caçadores fugiam em todas as direções.

"Deus capacitou Seus servos, como Sansão, Davi e Daniel, a obter vitórias sobre leões literais (ver Juí. 14.5; I Sam. 17.34,35 e Dan. 6.23), um tipo de vitória espiritual que os santos recebem sobre demônios parecidos com leões e sobre inimigos humanos (II Tim. 2.17; Êxo. 4.3,4)" (Fausset, *in loc.*).

A áspide... a serpente. O primeiro destes animais era uma cobra pequena, mas extremamente mortífera, conhecida no Egito e na Arábia, mas não na Palestina. O segundo era uma cobra grande, também bastante venenosa. Não está em pauta algum monstro marinho, conforme dizem aqui certas traduções. Cf. Deu. 32.33 e Êxo. 7.10.

O Senhor consola com Suas Palavras (91.14-16)

91.14

Porque a mim se apegou com amor. O primeiro e grande mandamento é que *amemos a Deus* (ver Deu. 6.5), embora o decálogo original não contivesse esse mandamento. Ver Rom. 13.9,10, sobre como o amor é o cumprimento de toda a lei. Se um homem consegue amar a Deus, é-lhe garantida a proteção prometida neste salmo. Não somente ele será livrado das tribulações, mas também será exaltado e honrado em tudo quanto fizer. Naturalmente, é preciso que o homem seja altamente espiritual para que consiga amar diretamente a Deus. É fácil amar ao Senhor Jesus Cristo, porquanto Ele se aproximou de nós. Mas também podemos amar os homens, os filhos de Deus, e assim amar a Deus indiretamente.

... se apegou com amor. Diz aqui a Revised Standard Version: "apega-se a mim em amor"; e a King James Version diz: "firmou em mim o seu amor". Em termos práticos, ama a Deus o homem que guarda os Seus mandamentos, pois guardá-los, e isso de todo coração, *é* amar a Deus. Ver Deu. 6.5,6; João 14.15 e I João 5.2. O homem que ama a Deus, qualquer que seja o grau desse amor, contanto que genuíno, será livrado dos ataques dos inimigos e das tribulações e será exaltado nos céus, onde reside o objeto de seu amor.

Os vss. 14-16 são uma comunicação divina que confirma as conclusões extraídas acima, da primeira porção do Salmo 91. O poeta declarou o que achou por bem sobre proteção e prosperidade, e Deus, o Protetor e Prosperador, confirma o que o salmista disse. Quando finalmente se empregou este salmo no ritual do templo de Jerusalém, provavelmente foi um sacerdote quem entoou essas palavras, como porta-voz de Yahweh. Aben Ezra imaginou Deus a dirigir essas palavras aos anjos, os quais garantirão que elas terão cumprimento entre os homens todos os dias, na vida prática.

Conhece o meu nome. Ver em Sal. 31.3 sobre como o termo "nome" era usado, e ver também sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21. Ver ainda Sal. 8.1 e 20.1.

91.15

Ele me invocará, e eu lhe responderei. O homem bom é servido pelos *anjos,* os quais fazem as promessas de Deus operar em sua vida. Além disso, ele recebe o instrumento adicional da *oração,* mediante o qual pode chegar aos céus e tocar em Deus diretamente. O homem que invocar será ouvido; o homem que for ouvido obterá respostas. Ele será liberado de todos os inimigos e perturbações, de todos os desastres e do caos, e também será honrado ou exaltado, conforme vimos no versículo anterior.

"O Senhor conhece o Seu povo e o visita na época da adversidade. Ele os visita em suas aflições e lhes concede Sua graciosa presença, apoiando-os e certificando-lhes que não serão avassalados pelas aflições. Ele os sustenta em todas as questões e faz todas as coisas cooperar juntamente para o bem. Ele honra Suas promessas e Seu povo... Concede-lhes comunhão e os conduz a seu próprio reino e glória" (John Gill, *in loc.*).

"Eu o glorificarei. Derramarei sobre ele toda a honra, a honra que só pode vir de Deus. E mostrarei a outros homens quanto O prezo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Oração.* Além de ser nossa arma ofensiva contra o mal, a oração também é nosso instrumento positivo para obter a proteção e a bênção de Deus. E a oração é um dos *meios* do desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Doce hora da oração,
Que tuas asas alcem minha petição,
Àquele cuja verdade e fidelidade
Ocupa-se a abençoar a alma que espera.
E como Ele me ordena a buscar a Sua face,
Crendo em Sua palavra e confiando em Sua graça,
Deixarei com Ele todos os meus cuidados.

(William W. Walford)

91.16

Saciá-lo-ei com longevidade. A interpretação cristã deste versículo é que o homem bom receberá *longa vida* na esfera terrestre e *vida eterna* na outra vida. E isso é uma verdade, sem importar se a visão do poeta sagrado atingiu ou não essas alturas. Receber a vida eterna é a proteção e prosperidade máxima da alma. Os hebreus temiam a *morte prematura,* e as múltiplas proteções de Deus garantiriam isso, dando uma *boa vida* para ser vivida até o fim, sem que a enfermidade e a debilidade física atacassem o crente.

Saciá-lo-ei. O indivíduo que vive por muitos anos, e bem, fica satisfeito com a vida que teve, mas terrivelmente frustrado se sua vida for cortada antes que sua missão se cumpra. Portanto, Senhor, concede-nos vida longa, concede-nos essa graça! Quanto à desejabilidade de atingir uma longa vida física, ver Gên. 5.21, onde amplio o tema.

A minha salvação. Quiçá o salmista tenha tido alguma espécie de visão sobre a existência pós-túmulo, onde ele sobreviveria e participaria de alguma esfera celeste; ou talvez ele tenha usado o vocábulo "salvação" para indicar somente o livramento de todos os inimigos e provações, acompanhado das bênçãos terrestres do povo em aliança com Deus. Ver sobre a *salvação* e sobre o *Deus da Salvação* em Sal. 62.2, onde apresento notas expositivas e referências ao tema. Ver o artigo detalhado sobre *Salvação,* no *Dicionário.* Cf. Sal. 50.23.

Tenciono chegar a Deus,
Pois é para Deus que me dirijo tão depressa,
Pois no peito de Deus, meu próprio lar,
Depositarei minha alma, finalmente.

(Johannes Agricola)

A promessa de uma *longa vida,* apesar de concordar com os sentimentos gerais do Antigo Testamento, é especialmente apropriada no fim deste salmo, o qual, desde o começo, fala sobre a proteção de perigos que ameaçavam a vida" (Ellicott, *in loc.*).

Esta colina, embora alta, cobiço subir por ela;
A dificuldade não me servirá de empecilho,
Pois percebo que o caminho da vida está aqui;
Vamos, encoraja-te meu coração, não desmaies
e nem temas:
Melhor que em meio a dificuldades, subas
pelo reto caminho,
Do que com facilidade tomes o caminho errado,
cujo fim é um ai.

(John Bunyon, em O Peregrino)

Salmo Noventa e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças,* escrito em gratidão pelo livramento de inimigos pessoais. Algum hebreu desconhecido mas piedoso tinha boas razões para louvar ao Senhor. As referências a seus problemas anteriores são vagas por

demais para sabermos quais problemas eram esses. Talvez ele se tenha recuperado de alguma enfermidade, ou então indivíduos insensatos e malfeitores o estivessem perseguindo, e o Senhor os colocou em seus devidos lugares. O vs. 3 deixa claro que este salmo foi transformado em um hino e se tornou parte do culto do templo. A Mishnah (*Tamid* 7.4) afirma que os levitas costumavam entoar este salmo no templo de Jerusalém, aos sábados, mas é difícil julgar a exatidão dessa informação. Seja como for, os Salmos 90 a 99 têm um papel importante no culto da sinagoga.

Subtítulo. O subtítulo do Salmo 92 diz o seguinte: "Salmo. Cântico para o dia de sábado". Não há nenhuma espécie de tentativa para identificar o autor, e os editores subseqüentes, que inventaram os subtítulos, não foram muito exatos. Da mesma forma, as circunstâncias históricas destacadas como fatores que inspiraram os escritos por muitas vezes não passam de conjecturas. Os subtítulos não faziam parte original dos salmos e não se revestem de nenhuma autoridade canônica.

É Bom Agradecer a Deus (92.1-4)

92.1

Bom é render graças ao Senhor. Uma das principais virtudes dos hebreus era a *gratidão,* da qual resultavam *agradecimentos,* porquanto o ser humano sempre tem alguma razão por mostrar-se agradecido ao Senhor. Um homem bom sempre era grato a Deus, ao passo que o ímpio e o pagão se queixavam continuamente. Os gregos louvavam as virtudes masculinas da sabedoria, da coragem, do domínio próprio e da justiça, ao passo que os hebreus encontravam virtudes e atos simples e comuns. Este salmo não nos fornece um quadro detalhado nem um esboço bem delineado da piedade, mas enfatiza algumas características que um homem bom deve ter, entre eles a *gratidão.* Sir Thomas Browne tinha algo semelhante a dizer: "Não faças da tua cabeça um depositário de coisas mortas, mas deixa que ela seja cheia das misericórdias de Deus. Não registres na mente apenas coisas estranhas, mas ocorrências que demonstrem misericórdia. Que teus diários fiquem grossos com lembranças de deveres cumpridos e asteriscos de reconhecimento... contemples para além do mundo e antes da era de Adão".

Render graças a Deus é uma boa prática, porque reflete o favor divino e, no caso do poeta, a *intervenção* divina em benefício de um homem necessitado. Yahweh (o Deus eterno) é Aquele que recebe os nossos louvores, e Ele é o Deus *Altíssimo* (comentado em Sal. 7.17; ver o artigo com esse nome, no *Dicionário*). A *gratidão* é uma excelente virtude, e nos diz algo sobre o caráter do homem bom. Esse homem não endurece o próprio coração, antes se enternece diante de Deus. Sua mente também não se torna mundana nem profana. Ele sabe de onde deriva o bem.

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das Luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

A gratidão mostra que um homem é *otimista,* e que rejeitou a falácia do *pessimismo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), que prega que a vida mesma é um mal e não tem características remidoras. Finalmente, a atitude de agradecimento é boa porque reconhece que Deus é bom, e este é um de Seus principais atributos, que O faz doar coisas a um mundo necessitado que Ele ama (João 3.16).

Sumário. Dar graças a Deus, refletir a gratidão é: 1. uma boa prática, digna dos homens espirituais; 2. uma evidência do fator divino interventor; 3. algo merecido pelo Deus eterno e supremo, causa de todas as coisas boas; 4. uma virtude excelente para o homem piedoso; 5. reflexo de um caráter não-endurecido, sensível às realidades divinas; 6. reflete o otimismo e rejeita o pessimismo, reconhecendo a bondade de Deus, base de todos os benefícios dos homens. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Gratidão* e *Ações de Graças.*

92.2

Anunciar de manhã a tua misericórdia. As ações de graças servem para mostrar o *amor constante* de Deus, um tema comum nos salmos. É recomendável agradecer a Deus cedo pela manhã, em nossas orações matinais e, novamente, à noite, em nossas orações vespertinas. Isso deve fazer parte de nossas devoções diárias, tal acontecia nas reuniões de Israel no templo de Jerusalém. "Manhã... as noites. A referência possivelmente é feita aos cultos no templo, provavelmente o *tamidh,* as ofertas queimadas feitas a cada manhã e a cada tarde (ver Êxo. 29.38-42)" (William R. Taylor, *in loc.*). Esses cultos eram acompanhados por orações e ações de graças, o toque de instrumentos musicais e muito regozijo.

Deve haver tanto ardor em nossos louvores quanto há constância nas doações divinas. Ele nos dá em *amor,* e nós temos gratidão a dar-Lhe, por causa de nosso amor a Deus e a nossos semelhantes (ver Sal. 91.14). Ver no *Dicionário* o detalhado verbete intitulado *Amor,* que inclui poesia ilustrativa.

O poeta sacro começava e terminava seus dias com ações de graças; e Deus estava constantemente presente, pelo que ele não estava observando certos tempos especiais.

É quase impossível exagerar a importância dos últimos pensamentos à noite, e dos primeiros pensamentos pela manhã. Nossos pais e mães, que nos ensinaram a dizer nossas orações à noite e pela manhã, eram psicólogos mais sábios do que podiam supor. As idéias que dominam nossa mente, quando ela está tranqüila, são as idéias mais determinantes da personalidade" (Leslie Weatherhead, *Psychology and Life*).

A abundante misericórdia de Deus preserva o homem bom durante a noite, pelo que Deus seja louvado. Ao amanhecer, a mesma misericórdia abundante de Deus preserva o homem bom durante o dia, pelo que Deus seja louvado.

> *Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.*
>
> (Hebreus 13.15)

92.3

Com instrumentos de dez cordas, com saltério. Quanto a descrições sobre os instrumentos musicais que os hebreus empregavam em seus cultos religiosos, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Música, instrumentos Musicais.* Este versículo menciona três instrumentos de cordas, mas os hebreus também dispunham de instrumentos de sopro e percussão. Este versículo fala em "solenidade" da harpa, mas não devemos esquecer que os hebreus eram um povo de cânticos, danças e vinho, e suas festividades eram vívidas e jubilosas. A música executada no templo era tocada por profissionais, todos pertencentes à tribo dos levitas, cujo ofício era hereditário. Ver I Crô. 25. O fato de os hebreus terem profissionalizado o ministério da música revela a grande importância que eles davam a essa atividade humana. Ver Col. 3.16, quanto à música cristã, o que comento detalhadamente no *Novo Testamento Interpretado.*

92.4

Pois me alegraste, Senhor, com os teus feitos. Quanto às *obras* de Yahweh realizadas através dos homens, ver notas elaboradas em Sal. 90.17. Observe o leitor que temos aqui, no original hebraico, a palavra "feito", no singular, mediante a qual o salmista provavelmente se reportava a algo específico pelo qual ele agradecia a Deus. Possivelmente o livramento de alguma enfermidade, de algum inimigo pessoal ou de algum perigo. Foi *esse feito* que pôs o salmista a dar graças a Deus, no que ele sentia grande *alegria.* Ademais, temos aqui a *obra* de Yahweh, o que, provavelmente, aponta para Suas maravilhas e benefícios em geral. Esse "feito" do Senhor fazia parte das obras de Deus em *geral.* "Teu feito, ou seja, alguma manifestação recente do poder do Senhor em favor do salmista. *As obras de tuas mãos* falam de todos os feitos do Senhor, na criação e na providência. Essas coisas fizeram o poeta cantar de alegria" (William R. Taylor, *in loc.*).

> *Aprende Sua lei e aceita a Sua verdade,*
> *Canta os Seus louvores com língua hábil,*
> *Enquanto o coração está jovem,*
> *Enquanto o coração está jovem.*
>
> (Edith Sanford Tillotson)

"Estou deleitado em tua conduta para comigo, com a obra da Tua providência, com as obras de Tua graça, com Tuas obras da criação" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Condenação dos Ímpios (92.5-11)

92.5

Quão grandes, Senhor, são as tuas obras! Os feitos do Senhor são, uma vez mais, exalçados. Eram realmente "grandes", resultado da providência divina universal. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.* Os "pensamentos" de Deus (planos, propósitos) são deveras profundos, compondo a câmara secreta de onde se originam todas as idéias e atos. Deus pensa e, por conseguinte, o mundo veio à existência. Ele pensa, e Sua providência negativa e positiva governam o mundo.

> *Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos. Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?*
>
> (Romanos 11.33,34)

Não é que o homem piedoso compreenda, realmente, os pensamentos de Deus, mas ele é sensível para aprender e tenta obedecer às leis de Deus, que revelam parte desses pensamentos. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para o povo de Israel. Em contraste, o pecador mostra-se completamente obtuso em relação a Deus, Seus pensamentos, Seus feitos e Sua lei (vs. 6). Quanto aos profundos pensamentos de Deus, ver também Isa. 55.8,9. O homem bom reconhecia o elemento divino na história, mas o ímpio era perseguido por pensamentos de caos e acaso. "... Seus pensamentos sobre a natureza, a providência e a graça... exibem a sabedoria, o poder e a bondade de Deus. Seus conselhos, propósitos e desígnios são insondáveis e irretorquíveis. Ver Sal. 104.24 e I Cor. 2.10" (John Gill, *in loc.*).

92.6

O inepto não compreende. Os *pagãos* e os hebreus ímpios nada sabiam sobre os pensamentos, planos, conselhos e modos de *agir* de Deus. Quanto ao homem tolo ou estúpido, ver Sal. 49.10 e 94.8. O termo hebraico aqui traduzido por *inepto* só é encontrado novamente na Literatura de Sabedoria. Ver o artigo intitulado *Sabedoria,* seção III. "Temos aqui uma menção ao homem porco, ao homem urso, aos homens em quem o intelecto nunca pareceu existir, que não compreendem as obras de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Esses são os que caminham celeremente para a destruição, embora possam florescer por algum tempo. O salmista pode estar dando a entender aqui que homens desse naipe tinham provocado as dificuldades pelas quais ele passava, das quais Yahweh, tão gloriosamente, o tinha livrado. Cf. Sal. 49.10,11 e 73.22. "A intimidade do Senhor é para os que o temem" (Sal. 25.14).

Inepto. O indivíduo *estúpido* se parece com um porco. Vive somente para *comer* (prosperar materialmente). Basicamente, este vocábulo significa "gordura" e deve ser entendido como "grosseiro", "estúpido". *Homem inepto,* onde "inepto" se deriva de uma raiz que significa *comer,* ou seja, homem de natureza animal, que passa todos os dias apenas a comer e engordar.

Não compreende. Os malignos podem prosperar por algum tempo, mas em breve são cortados como é cortada a erva, murcham como a flor, e desaparecem como uma nuvem de fumaça, sem jamais terem aprendido coisa alguma dos valores espirituais. Ou então a palavra "isto", que se encontra neste versículo, olha para trás, referindo-se aos profundos pensamentos de Deus e Seus feitos maravilhosos.

92.7

Ainda que os ímpios brotam como a erva. As pessoas ímpias são como a relva abundante que nasce nos campos, que "medra" tão rápida e abundantemente, mas está sujeita aos abusos da natureza e, assim sendo, em breve está reduzida a nada. Os raios do sol ou a geada atacam com facilidade a erva dos campos. O florescimento da erva é na verdade uma zombaria, porquanto a *destruição* não está longe. Vêm então os agricultores e põem a erva ressecada e arrancada na fogueira, ao passo que o trigo, que cresce perto e vale alguma coisa, continua desenvolvendo-se. Quanto ao uso emblemático da erva dos campos, cf. Sal. 1.3,4. Os homens interessados unicamente nas sensações da vida física pertencem apenas à ordem natural, florescendo por pouco tempo, para então desaparecerem em breve período de tempo. Eles desaparecem por meio do decreto divino, que requer a destruição e o aniquilamento de tão espúria vegetação. Quanto à erva, ver Sal. 90.5. Quanto ao seu curto florescimento, ver Sal. 49 e 73, que enfatiza o tema. O favor de Deus não se manifesta necessariamente na prosperidade externa, embora fosse uma teologia hebraica comum a que falava sobre essa circunstância. Cf. o florescimento do homem justo, nos vss. 12-14 deste salmo.

> *Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos.*
>
> (II Pedro 2.12)

Ver também Tia. 5.5, que diz algo similar ao que se lê no atual versículo.

92.8

Tu, porém, Senhor, és o Altíssimo eternamente. Em contraste com a vida fugidia dos ímpios, que, a despeito do florescimento temporário, termina em nada, Yahweh está sempre no Seu céu, promovendo coisas com Seus pensamentos profundíssimos e exercendo Seus grandes poderes para realizar maravilhas. Os ímpios são incapazes de encontrar, durante seu período de vida, *algo de valor do Ser divino,* porquanto conservam a mente ocupada nas coisas terrenas, com resultados previsíveis e desastrosos. Este versículo, naturalmente, fica aquém de João 3.16 e do evangelho cristão, com sua oportunidade universal (ver I Ped. 4.6) e resultados universais (ver Efé. 1.9,10). Estava a caminho uma Revelação Maior, um Poder Maior entre os homens. "Dentre uma fraqueza evidente, Yahweh aperfeiçoa a força. Quando os ímpios estão *elevados,* então é que estão às vésperas da destruição" (Fausset, *in loc.*) "O vs. 8 forma um elo admirável entre os vss. 1-7 e os vss. 9-15. Em contraste com os ímpios que florescem por breve tempo (vs. 7), o Senhor reina com supremacia absoluta, *para sempre.* Ele soergue o homem bom para que floresça" (Allen P. Ross, *in loc.*, com algumas adaptações). Quanto à destruição final dos ímpios, cf. Sal. 1.4,5; 5.5,6 e 11.5,6.

92.9

Eis que os teus inimigos, Senhor... perecerão. Este versículo repete, com variedade de expressões, as mensagens transmitidas no vs. 7, as quais mostram com que rapidez e facilidade perecem os pecadores, por decreto de Yahweh. Os inimigos do poeta sagrado eram, igualmente, inimigos de Deus; e o Senhor trata com esses inimigos de conformidade com sua maldade, dentro do tempo divinamente determinado, que nunca está muito distante. Eles são *dissipados* como a palha do campo, então são reunidos e lançados no fogo pelos agricultores, os quais têm um trabalho muito mais sério a fazer do que se ocupar com a sorte da erva sem valor. Os que permanecem em estado de inimizade com Deus não podem perdurar por muito tempo, ainda que, quando florescentes, pareçam imunes à ira do Senhor. Ver no vs. 8 as notas que mostram que essa maneira de pensar não se equipara aos ditames e promessas do evangelho cristão. De fato, no *Novo Plano* de Deus, o julgamento é restaurador, e não apenas retributivo.

Orígenes certamente estava correto quando insistiu que, se virmos apenas a retribuição no julgamento divino, estaremos condescendendo com uma teologia inferior.

O salmista pensava e escrevia de acordo com a teologia dos hebreus do seu tempo, a qual era obviamente deficiente de várias maneiras.

Serão dispersos. A figura aqui usada é a do padejamento do grão, processo no qual o vento sopra a palha e a separa dos grãos, espalhando-a por todos os lados. Cf. Jó 4.11. A versão siríaca diz aqui: "Serão espalhados na era vindoura, e separados da congregação dos justos". Ver Sal. 1.4,5; Mat. 3.12 e 13.30.

92.10

Porém tu exaltas o meu poder como o do boi selvagem. "Poder", neste versículo, é tradução da palavra hebraica que significa "chifre". O uso da palavra *chifre,* no original hebraico, deriva-se do fato de que certos animais usam eficazmente os chifres como armas defensivas e ofensivas contra inimigos. Cf. Sal. 75.4,5. O "boi selvagem" é aqui especificado pelo salmista como um desses animais cornudos, que nos deram a figura. O justo é fortalecido pelo Senhor e assim pode combater contra os seus inimigos e sobreviver, enquanto eles perecem. "O chifre de um animal retrata a força (Sal. 89.17,24; 112.9), e o *azeite* das festividades retrata a restauração e a vitalidade. Visto que Deus é exaltado (92.8), Ele abençoará, igualmente, o Seu povo. Outrossim, os justos verão a total destruição dos ímpios (vss. 11; cf. o vs. 7)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Derramas sobre mim o óleo fresco. O original hebraico é um tanto incerto, pelo que há várias conjecturas. Poderia significar "estou misturado", provavelmente uma referência ao óleo da unção, podendo significar "estou ungido". Mas "estou úmido" é outro sentido possível, o que daria no mesmo resultado de ter sido ungido. Ou então, conforme lemos em nossa versão portuguesa, o que significa a mesma coisa, referindo-se à unção. Alguns estudiosos supõem que a unção com óleo seja aquela aplicada aos *enfermos,* por parte do sacerdote levita. E isso, por sua vez, significaria que a dificuldade que enfrentada pelo poeta sacro, da qual ele fora livrado, era uma doença terrível. E quem não agradeceria se fosse curado de alguma enfermidade? Cf. Lev. 14.10-18.

Provavelmente não está em pauta a unção de um sacerdote ou profeta. O homem não se tornava um sacerdote figurado em sua restauração, embora isso faça sentido. Ele simplesmente fora curado mediante a unção saudável de Yahweh, o qual "sara todas as tuas enfermidades" (Sal. 103.3). Metaforicamente, podemos ter aqui uma referência ao fato de que o homem obteve graças diversas da parte do Espírito Santo, o que o tornou uma pessoa melhor, uma vez curado, além de ter escapado do poder de seus adversários. Em outras palavras, o salmista começou a florescer espiritualmente, e não apenas materialmente.

92.11

Os meus olhos vêem com alegria os inimigos. A *esperança de vingança* estava entre os motivos do poeta. Certos pecadores tinham-lhe causado danos e zombado dele. Floresciam, enquanto ele continuava pobre. Faziam negócios escusos e engajavam-se em atos violentos, para obter vantagens sobre outras pessoas. Eram *pecadores notórios,* e se riam do justo. Finalmente, contudo, o homem teve o prazer de ver a *queda* (Revised Standard Version) de seus adver-

sários. Alguns deles sofreram morte violenta, assassinados por seus companheiros; a lei se livrou de outros dentre eles; e a enfermidade e a morte despacharam a outros. Alguns perderam todo o dinheiro e terras e, com isso, todo o poder que tinham na sociedade. Os ouvidos do poeta *ouviram* o triste fim dos ímpios. Ele ficou com os olhos e os ouvidos *cheios,* conforme se diz em uma moderna expressão inglesa, e se regozijou com o que viu e ouviu. A Revised Standard Version e as versões portuguesas põem, corretamente, a questão inteira no passado ou no presente, em contraste com o que faz a King James Version, que projeta tudo para o futuro. Esse *sentimento não concorda com a atitude gentil* recomendada em Rom. 12.19 ss., mas é inútil esperar que o poeta sacro demonstrasse atitudes cristãs, quando nem mesmo nós, que somos crentes, geralmente as possuímos. O antigo coração carnal continua a regozijar-se na queda de um inimigo, seja ele um inimigo lá fora, no mundo, seja um membro da igreja. Aben Ezra fala aqui da "vingança de Deus", conforme se vê em *Sal. 58.10,* pois os inimigos do salmista também eram inimigos de Deus.

A Felicidade dos Justos (92.12-15)

92.12

O justo florescerá como a palmeira. *Em contraste com a palha dos ímpios,* que para nada presta exceto ser espalhada ou queimada (vs. 9), os justos são como a *palmeira* saudável, que resiste a todas as enfermidades e elementos da natureza, e floresce; ou como o poderoso cedro do Líbano, a árvore perene. O cedro retrata vitalidade, resistência, vida longa e frutificação (vs. 14). Está em vista a tamareira, notória por sua aparência agradável, frutificação e longevidade. A expressão "cedro do Líbano" é usada com freqüência nas páginas do Antigo *Testamento (ver Sal. 29.5; 104.16 e Juí. 9.15).* O *cedro* era árvore que se notabilizava por sua beleza e vigor. Ver Sal. 72.16. "O cedro, um emblema do poder real, tornou-se um tipo de grandeza imperial das almas virtuosas" (Ellicott, *in loc.*). O cedro atingia uma idade muito elevada e ficava prodigiosamente volumoso. Então, "figuras de flores estavam sobre as cortinas do tabernáculo, e as paredes interiores do templo de Salomão continham entalhes *representando palmeiras* e figuras de querubins" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Palmeira* e *Cedro.*

92.13

Plantados na casa do Senhor. Temos neste versículo a figura dos justos *como árvores plantadas nos átrios do templo de Jerusalém, em contraste com* a erva dos campos e a palha que simbolizam os pecadores. Estando no terreno do templo, essas árvores são vistas a florescer na presença de Deus. Ver a símile dos justos como árvores, em Sal. 1.3 e 52.8. A versão siríaca diz aqui: "Seus filhos serão plantados na casa do santuário do Senhor e florescerão nos átrios do nosso Deus". Pode não haver alusão alguma ao fato de que palmeiras e cedro tinham sido plantados ali; mas o poeta sagrado fala *como se* isso fosse verdade; e faz disso uma metáfora. A casa de Deus é, para os crentes, o que um solo rico e com muito húmus é para uma árvore. Ambos florescem nesse tipo de solo, os crentes, espiritualmente, e as árvores, fisicamente.

92.14

Na velhice darão ainda frutos. Mesmo uma árvore *velha,* mas *boa,* continuará produzindo frutos. Essas árvores boas continuarão "cheias de seiva" (Revised Standard Version) e "verdes", a cor da *vida.* O poeta esperava chegar saudável à idade avançada, sem que a morte prematura o cortasse no meio de seus anos, ou que a idade provecta e a decrepitude arruinasse tudo. A mentalidade dos hebreus dava grande importância a ficar velho e continuar saudável na velhice. Quanto a *mim, porém, não posso dizer, aos 62 anos de idade, que não estou participando* dessa mesma atitude. Que bem faz em alguém morrer jovem? "Continuarão florescendo na idade avançada, cheios de seiva e verdejantes serão, aludindo à grande frutificação da tamareira, bem como ao fato de que a frutificação dessa árvore perdura por longo tempo" (Ellicott, *in loc.*). Digo, portanto: Senhor, concede-nos essa graça, não apenas para satisfazer a curiosidade de viver por muitos anos, para a promoção de nossas missões.

"Eles bebem do rio do prazer e do favor divino e, estando nos átrios do Senhor, vivem em uma festa contínua, e assim medram e florescem. A alusão é à força e à florescência proverbiais da palmeira" (John Gill, *in loc.,* com uma alusão à *Praeferat Herodis palmetis pinguibus* e a Horácio, *Epist.* 1.2 e *Epist.* 2.v.148). "Diante de tais sentimentos, Paulo, em sua prisão, e os mártires na fogueira, e uma longa sucessão de homens e *mulheres humildes... poderiam clamar um* altissonante AMÉM!" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

92.15

Para anunciar que o Senhor é reto. Um homem idoso mas saudável, que continua produzindo frutos, deseja chegar ao céu e, *nessa condição* (se é que ele é um homem espiritual), mostrar que o Senhor é *reto* e cuida dos que Lhe pertencem, *conferindo-lhes Seus favores.* Ele *julga com justiça, derrubando os* iníquos e fazendo os bons prosperar espiritualmente, mesmo quando atingem avançada idade. Ele é o seu *protetor,* o seu firme alicerce, a sua *Rocha* (ver sobre essa figura de linguagem em Sal. 42.19, onde ofereço notas expositivas e referências).

"O Senhor não é injusto e não permitirá que o *pecador escape das devidas* conseqüências de seus pecados, que ele se livre da retribuição, ou alcance idade avançada sentindo-se bem espiritualmente, mas usando o tempo em vantagem própria. Ademais, Deus não é injusto a ponto de permitir que o homem bom morra jovem ou chegue à idade avançada cheio de dores e assim reduzido à decrepitude e à inutilidade. Essas são palavras bravas e belas, e que elas sejam eficazes! O poeta percebeu que há certas recompensas para os justos, e ele queria recolher *essas recompensas. Deus não é injusto a ponto de tolerar que os ímpios prosperem* (ver o vs. 7) e que os justos sejam afligidos. Além disso, naturalmente, há aquela coroa de justiça, no dia final" (John Gill, *in loc.*). Cf. Deu. 32.4, que é similar a este versículo.

Deus Opera na História e na Vida dos Indivíduos. H. A. L. Fisher foi um famoso historiador que fez contribuições significativas através de seu ensino e de suas obras escritas. No entanto, ele via a história apenas como uma série de *ondas* desconexas e, geralmente, sem nenhuma significação, que continuavam chegando como uma maré arbitrária. Se houvesse alguma *harmonia* e *desígnio* nos fatos históricos, Fisher declarava que essas coisas estavam "ocultas" para ele. Ele via a história sempre como algo contingente e imprevisível. Quão diferente é a *atitude dos hebreus acerca da história, a qual é vista por eles como* impulsionada e dirigida por Deus, e a qual tem em Deus o Grande Planejador. Grande erudição é algo maravilhoso e útil, mas cai no vazio, se não encontra Deus.

Salmo Noventa e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que age como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é um *hino* que exalta Deus como Rei, pelo que com toda a razão poderia ser denominado *salmo real.* Ele dá início a uma coletânea de hinos composta pelos Salmos 93 e 95 a 99, que tratam do reino universal do Deus de Israel. Provavelmente esses hinos foram compostos para serem usados nas festividades, talvez *incluindo a Festa dos Tabernáculos, mas eram* especialmente relativos à festa do Ano Novo, quando era enfatizado o tema do reinado de Deus. O Salmo 47 é bastante parecido com este, quanto às idéias fundamentais. William R. Taylor supõe que esses salmos fossem entoados por ocasião do Ano Novo dos hebreus, como parte da cerimônia solene da subida ao trono. Ver Sal. 24, 47 e 68. Era natural que os antigos hebreus pensassem em Deus em termos da figura de um *rei,* visto ser Ele a maior autoridade e *poder que eles conheciam. Portanto, temos aqui as figuras da corte celeste,* dos súditos do Rei etc.

O principal deus de um panteão era sempre pintado como um rei sobre subordinados e delegados que cumpriam sua vontade na terra e nos céus. As festas da fertilidade misturavam-se com a idéia que o rei celeste tinha como uma de suas responsabilidades a direção da natureza, com *suas estações e ciclos,* pois, de outro modo a terra cairia em terrível calamidade. A literatura dos cananeus apresenta tais figuras, e é possível que os hebreus as tenham tomado por empréstimo, para, em seguida, engrandecê-las em Yahweh. Uma história "teológica" semelhante pode ser vista na literatura mítica dos egípcios, babilônios, gregos e romanos.

"A celebração da festividade do Ano Novo, com sua idéia central do *reinado de Yahweh, começou bem cedo na história de Israel e perpetuou-se* durante o período pós-exílico e, sem dúvida, mais além (ver Fiebig, *Rosh ha-shana,* págs. 45-56). Os hinos e ritos sem dúvida sofreram mudanças e readaptações com o passar dos anos, especialmente através de refinamentos no pensamento religioso. Portanto, neste salmo, encontramos evidências de datas do fim do período pré-exílico e do início do período pós-exílico. Antigos e crus elementos dos antigos mitos desapareceram nos elevados *conceitos de Deus, conforme fica óbvio no Salmo 93*" (William R. Taylor, *in loc.).* Yahweh é visto como o Rei *universal,* uma idéia típica do judaísmo posterior.

Subtítulo. Este salmo não tem subtítulo, o que também ocorre no Salmo 91, onde ofereço comentários sobre essa característica. Da coletânea total de 150 salmos, 34 não apresentam subtítulos.

O Trono de Yahweh Perdura para Sempre (93.1,2)

93.1

Reina o Senhor. Revestiu-se de majestade. Os críticos acreditam que o pano de fundo histórico dos salmos de entronização é a batalha dos deuses contra monstros míticos do abismo primevo (cf. Sal. 74.13-17), o que, na literatura dos hebreus, é limpado, pois o monoteísmo toma o lugar dessas noções pagãs e Yahweh aparece como o vitorioso sobre todas as forças hostis, tornando-se o Rei universal. E assim as forças da natureza passaram para o domínio de Deus, como as ondas do mar (vs. 3). Quando Israel tomava por empréstimo alguma idéia, tratava de refiná-la.

"Chegara o momento solene, quando o Senhor é simbolicamente representado a sentar-se em Seu *trono,* no Santo dos Santos do templo de Jerusalém. Assim como os monarcas terrenos, em sua ascensão ao trono, usam trajes magníficos e oficiais, e penduram neles armas que simbolizam a sua autoridade, Yahweh é vestido de *majestade* e enfeitado com *poder.* A conseqüência do governo vitorioso de Deus é que o mundo de seu reino é inabalavelmente *estabelecido,* e Seu trono é firmado" (William R. Taylor, *in* loc.). Ver Sal. 96.10, quanto ao *mundo inabalável.*

Revestiu-se de majestade. Um rei não podia assumir o ofício real sem as vestes apropriadas, cuja finalidade era inspirar respeito, solenidade e temor. As vestes do Senhor eram *majestade* e *poder,* atributos divinos. Na cinta havia a espada e outras armas, símbolos de vitórias passadas e de seu poder atual contra todos os adversários possíveis.

Yahweh Tornou-se Rei. Cf. Sal. 92.1 e 99.1. Ver também II Sam. 15.10; I Reis 1.11; II Reis 9.13, onde encontramos cenas similares. "As vestes e os ornamentos, juntamente com a espada, faziam parte da cerimônia de inauguração do reinado de um monarca. Ver Sal. 45.3" (Ellicott, *in loc.*). "O salmista previu o Senhor a reinar (cf. Sal. 47.8; 96.10; 99.1 e 146.10). No Antigo Testamento, o vestuário era considerado uma extensão da pessoa, pelo que a expressão 'revestiu-se de majestade' (cf. Sal. 104.1) descreve o Senhor como majestoso e poderoso em Seu reinado" (Allen P. Ross, *in loc.*).

93.2

Desde a antiguidade está firme o teu trono. O *Rei,* tendo tomado posse do reino e avantajado de todos os direitos e poderes, estabeleceu o seu trono. Isso aconteceu desde a "antiguidade", porque o fato de Ele ter-se tornado Rei foi um ato da eternidade passada. E essa circunstância não pode sofrer mutação; o trono de Deus é eterno. Nenhum poder nos céus ou na terra pode destroná-Lo. Nenhum *Zeus* apareceria para destronar seu pai, *Cronos,* conforme encontramos na mitologia grega. Houve tempo no qual Zeus não era o rei dos céus. Ele teve um antecessor. Isso não é verdade na literatura dos hebreus, no tocante a Yahweh. Ele é eterno, e eternos são o Seu reino e a Sua autoridade (o Seu *trono).*

Sob a sombra do Teu trono,
Continuamos podendo habitar seguros.
Suficiente é o Teu braço,
E nossa defesa é certa.

(Isaac Watts)

Cf. Sal. 96.10. Todos os poderes morais, legais e espirituais foram consolidados sob o Seu domínio. Ele sempre esteve em Seu trono celestial, e a terra participará de benefícios celestes. Cf. Isa. 66.1. O reino de Deus está isento das provocantes vicissitudes da terra, que causam mudanças.

Louvado seja a Majestade
Entronizado lá no alto,
Mas para cada coração,
Tão perto.

Yahweh, Senhor das Águas Primevas (93.3,4)

93.3

Levantam os rios, ó Deus... fragor. Esta última palavra refere-se às ondas que batem na praia do mar. Está em vista o mar, com suas ondas raivosas, o que se torna símbolo de qualquer tipo de poder contrário ou de qualquer perturbação. Esses vagalhões são personalizados, "levantando as suas vozes", clamando gritos de destruição. Note a repetição dessa figura de linguagem por três vezes aqui, e por duas vezes mais no vs. 5. Estão em vista a *hostilidade* e as ameaças, tal como se vê em Isa. 17.12,13. É provável que estejam com a razão os eruditos que tomam os *vagalhões* como substitutos dos deuses, das forças da natureza, dos céus e dos mitos antigos. "De acordo com a mitologia dos cananeus, Baal atingiu uma posição de poder combatendo e vencendo Yam, o mar (no hebraico, *yam* significa "mar"). Mas nestes dois versículos (3 e 4), que contêm uma polêmica contra o baalismo, o Senhor Elohim, e não Baal, é mais poderoso do que o mar" (Allen P. Ross, *in loc.*). E então, nos mitos da criação, temos os deuses em conflito, e o Deus Supremo vencendo o *Caos.*

Os grandes monstros do abismo (os deuses) são variegadamente chamados de Tiamat, Leviatã e Raabe, e possuíam seu séquito de ajudantes. Cf. Sal. 89.10; Isa. 51.9 e Jó 9.13. Aqui, esses inimigos, dentro da adaptação dos mitos feita pelos hebreus, são os portentosos vagalhões do mar, que se tornam símbolos de qualquer poder hostil, pessoal ou impessoal. Yahweh, vencedor desses monstros, reina supremo e sempre continuará a reinar.

93.4

Mas o Senhor nas alturas é mais poderoso. A *metáfora* do mar e seus vagalhões (repetida por três vezes no versículo anterior) continua e é repetida aqui. Yahweh é, neste versículo, declarado mais poderoso do que todos aqueles deuses (vagalhões do mar) e, de fato, sobre qualquer poder imaginável nos céus e na terra. Portanto, podemos estar certos de que o Seu trono está estabelecido e é eterno, e nenhum poder pode usurpar o Seu *reino.*

"Não se trata de uma fé sem base. Foi Deus quem, por ocasião da criação, reduziu as inundações à boa ordem. Foi Ele quem deu a lei aos homens e ordenou que o templo fosse santificado. Seus testemunhos são firmes, sem importar o que mais seja abalado. Os reis da terra são seres *mortais.* O poder deles é fugidio, mas esse não é o caso do Senhor do céu" (J. R. P. Sclater, *in loc.*, considerando a mensagem do vs. 5).

"Os mais poderosos impérios não podem prevalecer em nada contra Ele. Por conseguinte, aqueles que Nele confiam nada têm a temer" (Adam Clarke, *in loc.*).

Vinde todas as terras das ilhas do mar,
Louvai a Yahweh que está ascendendo para o alto.
Caídas são as máquinas de guerra e o distúrbio,
Gritos de salvação estão rasgando o céu.

(Thomas Hastings)

93.5

Fidelíssimos são os teus testemunhos. O *Criador* da ordem natural, que derrubou todos os deuses e forças hostis imagináveis, foi também o Criador da ordem moral, quando deu ao homem as Suas leis. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei (supostamente) significava para Israel. Ver a tríplice designação da lei em Deu. 6.1. A ordem natural foi posta em sua devida altura pela ordem moral, e a ordem moral requeria que a santidade de Deus se manifestasse e se desenvolvesse no homem.

Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo.

(Levítico 19.2)

A legislação mosaica era o manual de santidade de Israel, em todos os seus contatos, e parte dessa lei dizia respeito ao culto no templo de Jerusalém, ou casa do Senhor, conforme temos no versículo presente. Da mesma maneira que o Senhor é santo, assim deve ser, para sempre, a Sua casa. Os deuses corruptos dos povos pagãos, tão celebrados em seus mitos, foram derrubados de forma permanente, e a santidade tomou conta do único santuário legítimo. Os deuses pagãos governariam mediante um poder corrupto, mas Yahweh governa em poder, dirigido pela santidade e pela retidão. Uma prova da superioridade do Deus de Israel é Sua santidade, que deve ser um dos principais fatores em qualquer são conceito de Deus.

Yahweh, na qualidade de Rei, marchava avante por ocasião do Ano Novo e renovava Suas reivindicações à lealdade do Seu povo e, de fato, de todos os povos. São firmes os seus *decretos,* palavra que alguns preferem a "testemunhos". Esse vocábulo abrange conceitos como *leis, promessas* e *advertências.* Mas podemos estar certos de que está em vista a *lei* que contém os *decretos* morais de Deus. Qualquer e toda declaração de Yahweh é autoritativa e podemos confiar nela para ser posta em prática pelo Seu povo. O templo de Jerusalém precisava estar livre de qualquer coisa profana; o povo de Deus tinha de viver livre, pois o Senhor reina na retidão.

O *poder de Yahweh* manifesta-se nos céus e na terra, e Ele chama os homens a Si mesmo, porquanto isso é bom para eles. Robert Morrison era um jovem missionário que estava viajando para a China, de navio. O proprietário do navio, que via pouco valor em tais esforços "heróicos", perguntou ao jovem missionário se ele pensava que poderia causar alguma impressão em um povo tão numeroso como os chineses. A essa pergunta, Morrison respondeu: "Não, senhor, mas espero que Deus cause".

"Nenhuma decoração pessoal ou simplicidade de vestes podem tomar o lugar dessas vestes celestiais — a santidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Zac. 14.20; Apo. 21.27 e Heb. 12.14. O Deus Todo-poderoso, santo e misericordioso, realiza a Sua obra.

Deus cumprirá Sua vontade graciosa;
Ele abre uma vereda através do mar furioso,
E envia o maná às vastidões de areia.

(Anônimo)

Salmo Noventa e Quatro

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* de longe o grupo mais numeroso dos salmos. Provavelmente foi o lamento de um indivíduo, mas se tornou o lamento de toda a congregação de Israel. Quanto ao indivíduo, ver os vss. 16-23. Quanto ao grupo, ver os vss. 5, 10 e 14. Os salmos de lamentação mui tipicamente iniciam com um clamor pedindo socorro; descrevem os inimigos que estão sendo confrontados; proferem imprecações contra esses inimigos; e então terminam com uma nota de louvor e ação de graças, porquanto as orações feitas foram respondidas, ou o salmista pensava que a resposta já estava a caminho. Alguns desses salmos terminam em uma nota de desespero, o que também é verdade no que tange à experiência humana.

Este salmo divide-se em duas partes distintas que originalmente podem ter sido composições separadas. Essas partes, muito bem definidas, são os vss. 1-15 e os vss. 16-23. É possível que as duas composições tenham sido reunidas pela primeira vez na Septuaginta. Talvez uma lamentação individual tenha sido reunida com o lamento de um grupo e, nesse caso, eis por que o Salmo 94 apresenta esse tipo de dualidade. Seja como for, o lamento feito pela comunidade ocupa a primeira porção do salmo, ao passo que o lamento do indivíduo ocupa a segunda. Como é óbvio pela leitura do salmo, inimigos diferentes estavam sendo enfrentados pelo indivíduo e pelo grupo.

Subtítulo. Este salmo, tal como trinta e três outros, não apresenta notas de introdução feitas por editores posteriores. Quanto a comentários sobre essa circunstância, ver sob o *subtítulo* na introdução ao Salmo 91.

O Lamento da Congregação de Israel (94.1-7)

94.1

Ó Senhor, Deus das vinganças. A congregação de Israel clama aqui por vingança contra elementos rudes e violentos da sociedade hebréia (ver os vss. 5-7). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vingança.* O clamor por vingança era urgente, primeiramente endereçado a Yahweh-Elohim e então somente a Elohim (o Poder). Para que houvesse a vingança desejada, seria necessária uma manifestação especial do Poder divino, a fim de que houvesse destruição decisiva. O termo "Deus das vinganças" ocorre somente aqui em toda a Bíblia. Mas a frase parecida, "vingança do Senhor", é bastante comum. Ver Deu. 32.35,41,43; Isa. 35.4; 47.3. Miq. 5.15; Jer. 51.36 e Eze. 25.14.

A *vingança,* quando merecida, consiste em *justiça retributiva,* pelo menos na Bíblia, embora os homens se deleitem na matança a que chamam de vingança, por razões falsas, imaginárias ou inadequadas. A vingança divina faz parte da providência negativa de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.* Seja como for, a vingança pertence ao Senhor (ver Rom. 12.19, que cita Deu. 32.35). Naturalmente existe a vingança exigida pela justiça humana, quando efetuada pelas autoridades civis apropriadas e por causa de alguma decisão judicial que visa alcançar a justiça. Nesse caso, a vingança é efetuada como se fosse ordenada por Deus, conforme mostra o capítulo 13 da epístola aos Romanos.

Para não se olvidar de Seu próprio povo, Yahweh tinha de vingar os erros cometidos contra eles. A justiça requer que um homem receba conforme a sua semeadura; e isso também se aplica às nações.

Resplandece. Usualmente pensamos em Deus a rebrilhar, ou na luz de Seu rosto como uma luz positiva; mas há também o resplendor de Sua ira, que apanha os homens fora de guarda. Ver Sal. 35.16, onde ofereço notas expositivas e referências. Cf. Sal. 80.1. Até os anjos no céu estremecem diante da presença assustadora de Yahweh.

94.2

Exalta-te, ó juiz da terra. Yahweh é retratado aqui sentado em Seu trono, bastante indiferente para com o que sucedia a Seu povo. Ver sobre a aparente *indiferença* de Deus, em Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1. Portanto, o poeta clamou a Deus e instou para que Ele se levantasse de Seu trono e entrasse em ação. Ele é o juiz e deve julgar, ou só poderá haver caos nesta terra, onde a justiça, positiva ou negativa, raramente se cumpre. Quanto a *julgar a terra,* ver Sal. 50.4; 98.9; Gên. 18.25; Isa. 33.22. Os orgulhosos (ver Isa. 2.12; Jó 40.11,12; Pro. 15.25) são os objetos especiais da vingança divina. Alguns pensam estar em foco aqui os babilônios, mas os vss. 5-7 por certo apontam para alguns hebreus violentos que tinham conseguido tomar o poder em Israel.

Emanuel Kant baseou um *argumento moral* na necessidade de justiça, a fim de postular a existência de Deus e da alma humana. A justiça raramente se cumpre neste mundo. Os homens fazem o bem e não são recompensados. Ou os homens praticam maldades e não são punidos. Deve haver um *Deus* que endireita as coisas, após a morte, porquanto somente Ele é suficientemente sábio e poderoso para efetuar a verdadeira justiça. Além disso, deve haver almas que sobrevivam à morte biológica para receber a justiça feita.

Cf. Sal. 28.4. O Juiz ergueu-se para examinar o caso, e será Ele mesmo quem deverá passar a sentença condenatória. Sua retribuição é justa, por estar alicerçada sobre o que cada indivíduo e cada nação tiver praticado. Existe a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), ou retribuição de acordo com a gravidade de cada caso. Cada indivíduo colherá o que tiver plantado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Deus precisa dar uma "má recompensa" aos "homens maus", conforme diz o Targum neste versículo.

94.3

Até quando, Senhor... exultarão os perversos? Homens arrogantes, destruidores e iníquos prosperam, a despeito de cometerem grandes males e causarem sofrimento aos justos. Parece que Yahweh nunca endireitará a questão errada e injusta. Estaria Deus registrando por escrito toda aquela dor? Nesse caso, por que Deus não age prontamente e não fere aqueles homens violentos? Note o leitor os três "até quando" deste salmo, dois neste versículo e um no seguinte. Cf. Sal. 6.3, onde se lê:

Também a minha alma está profundamente perturbada; mas tu, Senhor, até quando?

A alegria contínua e o júbilo dos homens violentos pareciam completamente fora de lugar diante de um governo divino reto, especialmente quando tais homens se opunham ao próprio Deus (cf. Sal. 73.3-12). Diz o Targum: "Por quanto tempo ficarão eles sentados na tranqüilidade e na prosperidade?".

94.4

Proferem impiedades e falam cousas duras. Indivíduos *violentos e arrogantes* têm um linguajar violento e arrogante, "derramando suas palavras arrogantes" ou, literalmente, "Eles derramam, eles falam uma coisa arrogante" (cf. Sal. 31.18). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Linguagem, Uso Apropriado da.* E sobre o mesmo tema, ver também Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17 e 73.9. Da abundância da maldade no vil coração é que a boca deles falava. Eles se jactavam de seus poderes mal aplicados, de sua violência e de seu ódio. Faziam do homicídio um esporte. "Eles se cuspiam ao falar, diziam coisas temerárias (ver Sal. 75.5; 31.18; Judas 15)" (Fausset, *in loc.*). Tais pessoas ostentam os males que praticam, porque nisso está a sua glória.

O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia.

(Filipenses 3.19)

A linguagem deles é dura, cheia de jactâncias e ameaças, que eles se esforçam por pôr em prática. Eles se vangloriam em seu poder e autoridade, os quais exercem para prejudicar a outros, enquanto eles mesmos prosperam em sua vida fácil.

94.5

Esmagam o teu povo, Senhor. Aqui o salmista começa a fornecer-nos alguma descrição dos inimigos da congregação. Alguns estudiosos supõem que estejam em vista aqui as hordas babilônicas, pois elas quebraram Israel (Judá) em pedaços, ou o esmagaram. Ver Isa. 3.15, onde a mesma palavra tem seu paralelo na frase "esmagais o meu povo e moeis a face dos pobres". Mas este versículo, bem como os vss. 6 e 8, quase certamente fala aos homens ímpios que

havia *dentro* do acampamento de Israel, os quais tinham adquirido o controle sobre o governo de Israel. Esses homens arrogantes estavam promovendo sérios *abusos sociais* contra as viúvas e crianças, matando os órfãos e cometendo outros atos de violência, conforme se vê no versículo seguinte.

Oprimem a tua herança. A nação é chamada de "herança" de Yahweh, com certa freqüência, no Antigo Testamento. O povo da aliança com Deus tinha sua herança na Terra Prometida e em Yahweh, e Yahweh os considerava sua herança. Ver Sal. 28.9 e Deu. 4.20. Ver também Sal. 37.9,11,22,29,34, quanto a como o povo em pacto com Deus herdou a Terra Prometida. Aqueles homens iníquos imitavam o temível Faraó, rei do Egito (ver Gên. 15.13 e Êxo. 1.12). Ver o vs. 14, quanto à herança de Yahweh, novamente mencionada. No Novo Testamento, em I Ped. 5.3, a igreja é chamada de herança de Deus.

94.6

Matam a viúva e o estrangeiro, e aos órfãos assassinam. São mencionados aqui três crimes ultrajantes cometidos por aqueles indivíduos perversos que se tinham apossado do governo da sociedade hebréia:

1. A exploração e até mesmo a matança das viúvas, certamente tendo em vista a usurpação de suas propriedades e possessões. As viúvas tradicionalmente têm sido elementos débeis e indefesos, tornando-se presas fáceis de indivíduos inescrupulosos.
2. A exploração e até mesmo a matança de estrangeiros, provavelmente de residentes estrangeiros, que tinham certos direitos como cidadãos (ver Êxo. 20.10; 22.21; Deu. 1.16; 10.18 e 14.29).
3. A matança de órfãos indefesos por terem perdido pai e mãe, ou então órfãos que tinham perdido somente o pai e cuja mãe era incapaz de defendê-los.

O poeta estava somente exemplificando o que aqueles perversos costumavam fazer, não tendo completado a lista dos crimes. Alguns eruditos vêem aqui os ultrajes da guerra, mas isso parece menos provável. Líderes justos eram chamados para proteger os elementos mais fracos da sociedade (ver Sal. 72.4,12-14). Os pecadores sabiam como atingir a sociedade e onde obter o benefício mais fácil e maior.

94.7

E dizem: O Senhor não o vê. Embora fossem culpados de *crimes ultrajantes,* eles pensavam vãmente que nunca seriam chamados a prestar conta, nem pelos homens nem por Deus. Não acreditavam na lei espiritual da colheita segundo a semeadura. Tinham poder demasiado para serem convocados aos tribunais e serem acusados por outras pessoas, e não acreditavam na existência de Deus (caso em que seriam ateus) ou não acreditavam que Deus interviesse no mundo dos homens (caso em que seriam deístas). Ver sobre os termos *Ateu* e *Deísmo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Eles eram *ateus práticos,* mesmo que cressem em um Ser supremo de algum tipo. Acreditavam na *indiferença* de Deus diante dos atos humanos (ver as notas a respeito em Sal. 10.1; 28.1; 59.5 e 82.1).

Cf. Sal. 10.11; 59.7 e 73.11, que diz mais ou menos a mesma coisa. Eles eram culpados de um ateísmo prático e *grosseiro.* E eram brutais e maus como animais selvagens.

O Conhecimento que Deus Tem dos Homens (94.8-11)

94.8

Atendei, ó estúpidos dentre o povo. Para evitar o severo julgamento divino que certamente estava a caminho, aqueles homens brutais e cruéis teriam de chegar a uma espécie de *compreensão,* o que os levaria a reconhecer Deus e mudar a sua conduta. Eles teriam de abandonar sua noção de que Deus era *indiferente* diante de seus crimes, pois, do contrário, acabariam descobrindo, de súbito, que Ele, desagradado e cheio de ira, tinha perfeita consciência do que eles faziam. Ver a exposição sobre Sal. 92.6, quanto à descrição daqueles homens animalescos, e cf. Sal. 73.22. Poderiam os *insensatos* tornar-se *sábios?* Isso não acontece muito geralmente, especialmente quando os homens corromperam a si mesmos e não lhes resta nenhuma fibra moral. Alguns deles, se não mesmo a maioria, são dominados por influências demoníacas e já perderam o livre-arbítrio. Portanto, tais indivíduos estão privados da capacidade de responder a qualquer convocação para a santidade, a menos que algum homem espiritual intervenha e os liberte da possessão demoníaca. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Possessão Demoníaca.*

94.9

O que fez o ouvido, acaso não ouvirá? Yahweh *fez o ouvido,* e Ele faz o homem perceber o que é bom e o que é mal. Aquele que deu aos homens tais capacidades requererá que os homens usem esses sentidos para o bem, e, caso não o façam, então a justiça virá na forma de retribuição divina. "Tudo quanto se puder encontrar de excelente na *criatura* deve derivar do Criador. Deus, disse Jerônimo, é *todo olhos,* porque vê tudo; *todo mãos,* pois faz todas as coisas; *todo pés,* pois está presente em todos os lugares; *todo ouvidos,* porque ouve tudo, até os pensamentos dos homens" (Adam Clarke, *in loc.*). A existência prova a existência anterior de uma Mente e de uma Vontade anterior, pelo que a mente humana e a vontade humana se derivam do Ser divino.

Fez o ouvido. Literalmente, diz o original hebraico, "plantou o ouvido". A figura de linguagem alude ao agricultor que cultiva o campo e planta a semente, do que resultará um tipo específico de vegetal. O homem estúpido, entretanto, mostra-se contrário e traiçoeiro ao plantio, porque foi plantado por Deus para o bem e, no entanto, por seu próprio plantio, assegurou-se de que ervas daninhas dali resultassem. Outra maneira de dizer isso é que Deus criou o homem à Sua *imagem* (ver Gên. 1.26,27), mas homens iníquos desfiguram propositadamente essa imagem.

94.10

Porventura quem repreende as nações, não há de punir? Se Yahweh castiga os *pagãos,* quanto mais não castigará os depravados entre Seu próprio povo, que tinham mais conhecimentos bíblicos e mais oportunidades que os primeiros. Esse conhecimento e essas oportunidades impõem uma responsabilidade, mas aqueles ímpios hebreus eram uma lei para si mesmos, obedecendo somente aos ditames de suas próprias corrupções interiores. O Ser divino *ensina* aos homens, mas, se eles não querem saber desse ensino, isso se deve à própria corrupção deles. Diz o Targum: "Seria possível que Ele desse a lei a Seu povo e, quando eles tivessem pecado, não fossem corrigidos por Ele?". A luz foi dada aos pagãos, por meio da natureza, e eles têm de prestar contas a Deus, conforme demonstra o primeiro capítulo da epístola aos Romanos. Mas a revelação direta foi dada somente ao povo de Israel, pelo que a sua responsabilidade era duplicada. Este versículo fala da responsabilidade moral. Essa responsabilidade só será razoável se o homem tiver *livre-arbítrio* para responder, pois, de outro modo, a responsabilidade será uma zombaria. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livre-arbítrio.* Os pagãos sofreram com o dilúvio e os julgamentos especiais que sobrevieram às cidades de Sodoma e Gomorra. A história sagrada demonstra que, durante todo o tempo, Israel foi corrigido, e algumas dessas correções foram severas. Assim, pois, os homens depravados da época do salmista não seriam exceções ao *modus operandi* do Ser divino.

94.11

O Senhor conhece os pensamentos do homem. A *audição de Yahweh* é tão sensível que Ele pode ouvir até os pensamentos dos homens. Ele descobre ali grande vaidade, que propositadamente erra o caminho e corrompe a boa natureza do homem, dada por Deus, transformando-o em um ser depravado. Paulo citou este versículo em I Cor. 3.20. Nos pensamentos dos homens existem esquemas malignos, desejos de ferir e matar, e o planejamento desses atos, para que possam ser efetuados fácil e eficazmente. "Visto que o homem possui todo o seu conhecimento somente devido à dádiva gratuita de Deus, Ele, a fonte originária da inteligência, deve conhecer os pensamentos dele" (Fausset, *in loc.*).

Pensamentos vãos. O hebraico diz aqui, literalmente, "respiração". Ver em Sal. 39.4-6. O homem não passa de vaidade, e assim também são todos os seus pensamentos. Mas o homem, na realidade, é só um "sopro", e outro tanto se pode dizer com relação aos seus pensamentos, ou seja, algo tão leve, tão superficial, tão vazio. "... vãos, perversos, perniciosos e prejudiciais, e o mesmo se pode dizer com relação ao que os homens produzem; e isso se reduz a nada. O Senhor desaponta os planos humanos e frustra os seus desígnios... Cf. Sal. 39.5,6 e 52.9. A versão siríaca diz aqui: 'são um vapor', com o que podemos confrontar Tia. 4.14" (John Gill, *in loc.*).

O Julgamento e Suas Obras Variegadas (94.12-15)

94.12

Bem-aventurado o homem, Senhor, a quem tu repreendes. Quando os homens temem o castigo de Deus, isso, na verdade, é uma *boa medida;* e os que recebem esse castigo de bom grado são beneficiados. Os julgamentos divinos contra o pecador e contra o justo não são apenas retributivos; são também remediais, conforme I Ped. 4.6 certamente ensina.

> *Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe.*
>
> (Hebreus 12.5,6)

Note o leitor que as consolações deste versículo são endereçadas aos pecadores *crassos*, que desde há muito tinham abandonado a aliança de Israel com o Senhor e caído em toda espécie de atos violentos e brutais. A lei tem suas demandas morais. Se essas exigências não forem satisfeitas, o julgamento divino cairá sobre o culpado. Mas esse julgamento visa a restauração, e não somente a punição (retribuição). Essa é uma lei universal, a expressão de todos os terríveis atos de Deus. Pois o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. Seu intuito é fazer algum bem, e não meramente tirar vingança. Não se engane o leitor quanto a isso: Deus tira vingança; mas o próprio julgamento tem por finalidade reformar a pessoa julgada.

O vs. 13 está em total concordância com essa linha de pensamento. O homem iníquo pode *descansar* de seus dias perturbados, mas o ímpio que não se arrepende cairá no abismo do nada e será aniquilado (a idéia equivocada da teologia dos hebreus da época). Alguns intérpretes objetam à minha linha de interpretação neste ponto e fazem este versículo aplicar-se somente aos santos perseguidos, bem como aos homens bons que estavam sendo punidos por seus pecados. Em seguida, aplicam o versículo seguinte aos ímpios e fazem-nos cair no abismo, sem terem tido uma chance para extrair benefício de seu castigo. Mas essa interpretação é míope e, se foi isso que o salmista quis dizer, então sua teologia também era míope. A cruz de Cristo certamente foi um severo julgamento, mas rendeu um *bem universal*, contanto que os homens se arrependam.

Quanto à correção dos homens, da parte de Deus, cf. Pro. 3.11,12 (citado em Heb. 12.5,6); Jó 5.17; 33.14-30; Jer. 10.34 e 30.11.

Se os vss. 12 e 13 *contrastam* os tipos de punição que recebem os bons e os maus, com *propósitos diferentes*, então tenho para dizer que o evangelho cristão aprimorou o conceito de julgamento, e isso não seria de estranhar, pois é fato conhecido que o Novo Testamento melhorou muitas das idéias do Antigo Testamento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

94.13

Para lhe dares descanso dos dias maus. O *homem mau* pode descansar de seus castigos, quando se arrepende; o homem bom também pode descansar das aflições causadas tanto por seus adversários quanto por Deus, o qual também castiga o homem bom quando ele erra. Mas o homem mau que se recusa a deixar-se ensinar por seus castigos acabará caindo no *abismo*. "Esta última palavra é freqüentemente usada para indicar o *sheol* (ver Sal. 16.10; 49.9; Jó 33.24), mas aqui, tanto quanto em Sal. 7.15 e 9.15, trata-se de um aparelho (uma armadilha) para apanhar caça" (William R. Taylor, *in loc.*). Nesse caso, está em foco uma punição temporal, um desastre ou calamidade que apanha o homem mau, tal como um pobre animal é apanhado em uma armadilha para então ser morto pelo caçador. Se compreendermos aqui o *sheol*, teremos de pensar que o *aniquilamento* dos ímpios ali era a doutrina padrão dos hebreus da época. Eles não tinham nenhuma visão de uma vida de recompensa ou punição para além do sepulcro. Essas doutrinas surgiram somente mais tarde, e nos dias de Daniel havia uma idéia ainda imperfeita sobre elas, mas, pelo menos, já se lançara um começo. Ver Dan. 12.2.

94.14

Pois o Senhor não há de rejeitar o seu povo. Surge em cena o julgamento, como também as perseguições. Os ímpios perseguem; o homem nasce para a tribulação, mas o Senhor nunca esquece Sua *herança*. Ver o vs. 5, quanto à *herança* de Yahweh. No momento da composição deste salmo, homens maus ocupavam o governo, e homens bons eram perseguidos, tendo a vida ameaçada. Mas o último capítulo seria escrito pela pena divina e, portanto, conforme disse Sócrates: "Nenhum dano pode sobrevir a um homem bom", com o que quis dar a entender "nenhum dano permanente". Os dias maus passarão, e um Novo Dia raiará. Portanto, os bons serão *abençoados* (vs. 12), ou seja, eles serão felizes em tudo quanto fizerem, em seu estado restaurado. *Arama* faz este versículo ser messiânico, e muitos intérpretes cristãos seguem essa idéia. Essa será a "bênção final" de Israel.

94.15

Mas o juízo se converterá em justiça. "O direito continuará sendo o direito" foi a maneira como Lutero traduziu a primeira parte deste versículo, e eruditos modernos como Kittel e Weiser pensam que com essa tradução ele acertou o alvo em cheio. A Revised Standard Version, porém diz: "A justiça retornará aos justos", ou seja, a causa deles será vindicada, e seus perseguidores serão lançados no abismo (vs. 13). "Os justos" são palavras que requerem uma leve emenda, mas algumas versões apóiam essa tradução. *Isso* será feito no fim, a despeito dos abusos dos homens no presente momento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Ocasionalmente, as versões exibem um texto correto contra o texto hebraico padronizado, que repousa sobre manuscritos pertencentes ao século IX D. C. Os Papiros do Mar Morto comprovam o que acabamos de dizer. Seja como for, os erros do texto massorético não atingem elevada porcentagem, mas nem sempre essa fonte está correta. Algumas vezes, as versões antigas refletem manuscritos hebraicos mais antigos e melhores que predataram a atividade dos massorah (os *transmissores*), os quais iniciaram suas atividades em cerca de 500 D. C.

Quando a *retidão* retornar, então os homens bons a seguirão, e começará uma nova era, a era messiânica, de acordo com o pensamento de alguns intérpretes. Portanto, conforme Lutero dizia, em última análise: "Sem importar o que aconteça, o direito deve permanecer direito". O Juiz de toda a terra fará o que é certo (ver Gên. 18.25). Os que acreditam que está em mira o cativeiro babilônico referem-se ao decreto de Ciro, o qual, inspirado por Deus, libertou a nação de Israel. Todavia, conforme já vimos, no momento eram homens ímpios, e não dominadores estrangeiros, que controlavam Israel e provocavam tribulação. Ver os vss. 5, 6 e 10.

A Lamentação de um Indivíduo (94.16-23)

94.16

Quem se levantará a meu favor...? Pode ser verdade que agora chega à nossa frente uma *composição separada*, que veio a ser associada a uma composição prévia (vss. 1-15). Seja como for, os verbos no plural, na seção anterior, passam a ser usados aqui no singular, refletindo algum hebreu piedoso que estava sendo perseguido por inimigos pessoais. Esse lamento individual é similar ao de alguns *salmos de confiança*, pelo que também não tem sido classificado somente como um lamento. Ver as notas de introdução ao presente salmo. Tal como se dava com a nação de Judá, assim também o indivíduo que aqui lamenta corria perigo de sofrer uma aplicação errônea da justiça. Portanto, tornava-se necessária a intervenção divina para salvá-lo de uma séria calamidade. Os vss. 17 e 21 mostram que o homem corria perigo de morte. Talvez alguns homens malignos o tivessem apresentado em tribunal e buscassem uma decisão de punição capital, por parte de um juiz. Ver os vss. 20 e 21. Mas o salmista permanecia confiante, e assim, conforme sucede à maioria dos salmos de lamentação, este termina com uma nota de louvor e confiança.

O salmista estava sendo perseguido por homens malignos que procuravam arrebatar-lhe a vida, talvez através de um tribunal de justiça, por meio do pronunciamento de sentença de morte. "Quem", pois, se apresentaria para dar um bom testemunho em favor do homem inocente? Alguém tinha de "levantar-se" para contradizer as mentiras e fraudes de seus perseguidores. Ele era inocente, mas os perseguidores estavam cheios de esquemas e atos maus. E como não aparecesse nenhuma testemunha em sua defesa, o poeta sagrado apelou para Yahweh (vs. 17). Talvez a *cena forense* fosse metafórica, e o homem estivesse realmente apelando para o Tribunal do Céu em sua defesa. Nesse caso, permanece em dúvida a natureza exata da perseguição. Os intérpretes que ficam aqui com a perseguição movida pelos babilônios perdem completamente de vista o significado do caso.

"Quem se levantará?, ou seja, quem defenderá a causa do justo? Cf. II Sam. 23.11, que fala sobre o caso de Samá, filho de Agé, o hararita. Ver também Sal. 2.2" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 35.1 e Zac. 3.1-5. O Targum erra de alvo ao fazer esta seção referir-se à *guerra* declarada contra os judeus por alguma potência estrangeira, ao passo que a presente seção, que é singular, seria a nação inteira de Judá.

94.17

Se não fora o auxílio do Senhor. A vida do salmista ter-se-ia perdido no *sheol*, a terra do silêncio, se Yahweh não se tivesse *levantado* em defesa do homem. A palavra "silêncio" provavelmente refere-se ao *sheol*, conforme se vê em Sal. 31.17 e 115.17. *É ali que não se ouve nenhum som de louvor*. Ver Sal. 6.5; 30.9; 88.10-12. Os hebreus ainda não haviam avançado para a doutrina do *sheol*, segundo a qual os justos sobrevivem à morte física e levam uma vida feliz, e segundo a qual aquele é um lugar de punição para os perdidos. Os livros pseudepígrafos chegam até esse ponto, e o capítulo 16 do evangelho de Lucas retoma a questão a partir daí. Então I Ped. 3.18-4.6 apresenta Cristo em Sua missão de misericórdia naquele lugar horrendo, e foi a partir dali que a doutrina se desenvolveu de um estágio para outro. O evangelho de Nicodemos (um livro apócrifo e pseudepígrafo do Novo Testamento) faz Cristo *esvaziar* aquele lugar de modo absoluto, e talvez cheguemos aí à *verdade final* da questão, conforme deduzimos de Efé. 1.9,10 (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus*).

Todas as dádivas boas ao nosso redor,
São enviadas do céu, lá em cima;
Portanto, Te agradecemos, Senhor,
Oh, todos os homens, agradeçam a Ele!
Agradecei-O por Seu amor.

(Matthias Claudius)

94.18

Quando eu digo: Resvala-me o pé. Quanto ao *pé que escorrega*, cf. Sal. 73.2. O resvalo espiritual do pé, bem como a misericórdia sustentadora do Senhor são vividamente retratados na história dos pés de Pedro que afundavam nas águas, quando o Senhor estendeu a mão e o salvou do perigo. Ver Mat. 14.30,31 e cf. Sal. 66.9. O homem espiritual sabe dessas coisas. Todo homem espiritual já *experimentou mais de uma intervenção e um livramento divino, em tempos de* tensão, e agora ora por mais uma divina *ajuda especial.*

O poeta sagrado estava extremamente debilitado, e seus inimigos eram incomparavelmente fortes. O caso era desesperador, mas uma intervenção do Senhor reverteu o que normalmente aconteceria, o fim da vida do salmista. "Os fins dos recursos de Seu povo são a oportunidade do Senhor. Pois é então que Ele tem oportunidade de levantar-se e agir, e é precisamente isso o que Ele faz. Ele lança um sólido alicerce de esperança, e segura nos braços o Seu povo que afundava" (John Gill, *in loc.*). A "moderna" declaração: "O fim dos recursos do homem é a oportunidade de Deus" tem, pelo menos, duzentos e cinqüenta anos de idade, e talvez o próprio John Gill a tenha cunhado.

Repousando, repousando nos Braços Eternos,
Repousando, repousando, são e seguro,
De todo o alarma.

94.19

Nos muitos cuidados que dentro em mim se multiplicam. Quando o homem bom estava sobrecarregado de pensamentos perturbados, cheio de cuidados, quando os "cuidados de seu coração eram muitos", foi então que as consolações de Yahweh *animaram* o seu coração. O hebraico diz aqui, literalmente: "Na multidão de meus pensamentos dentro de mim". Devemos compreender que esses pensamentos eram perturbadores, refletindo perigo e desespero. A Vulgata Latina diz "aflitos", e a Septuaginta diz "de tristeza". Mas exatamente quando ele estava prestes a afundar no desespero, a luz e a consolação divina brilharam em redor dele.

Cuidados. No original hebraico, temos aqui uma raiz de vocábulo que descreve os ramos de uma árvore, grossos e enrodilhados, uma massa complicada, o que aponta para muitos pensamentos estressantes.

... **me alegram.** O original hebraico diz literalmente "me tocam", referindo-se ao "toque consolador" do Ser divino, que acalenta e acalma. Essa palavra, no hebraico, é usada em Isa. 66.11, falando de uma mãe que consola o filhinho em seu seio, e em Jer. 16.7, falando do *cálice da consolação* dado aos que lamentam em um funeral (conforme Ellicott, *in loc.*, nos relembra). Yahweh mostrou-se ao salmista e infundiu-lhe coragem para viver, restaurando-lhe a alegria.

O Fim Mau dos Homens Ímpios (94.20-23)

94.20

Pode acaso associar-se contigo o trono da iniqüidade...? *Os governantes injustos*, uma vez dotados de poder, podem até criar suas próprias leis e fazer os homens obedecer, ou sofrer se não o fizerem. O salmista seria julgado por um tribunal injusto, que defendia leis ruins, criadas por homens iníquos, os quais tiravam vantagem *por meio da legislação.* Essas leis eram claras contradições às leis divinas. Isso nos faz relembrar Trasímaco, que disse em um diálogo de Platão: "Poder é direito". O poder faz o que quer, por mais que isso contradiga o que nossa consciência aponta como correto. Tais homens dificilmente podem ser "aliados" de Deus, ou seja, eles dificilmente agem em Seu favor. Pelo contrário, são destruidores da lei e do povo da lei, e ninguém pode detê-los. Somente uma intervenção divina pode endireitar as coisas.

O trono da iniqüidade. Uma expressão muito feliz para indicar um governo opressor e injusto, conforme têm aparecido tantos na história da humanidade. E, mesmo quando as leis e as constituições são boas, os pecadores conseguem corromper a sua administração, ou substituem essa legislação por sua própria perversidade. A classe política, considerada como um todo, é uma mestra na corrupção e na manipulação, conforme estamos cansados de testemunhar.

O poeta sagrado falava de um *tribunal injusto*, mas podemos ter certeza de que aqueles que controlavam esses tribunais também eram autoridades do governo, igualmente corruptas. A palavra "iniqüidade" aqui usada significa literalmente "calamidade", e é exatamente isso o que os governantes pervertidos trazem à sociedade. Cf. Sal. 57.1 e 91.3. Em Pro. 10.3, a palavra significa "desejo ilegítimo", sentido que alguns estudiosos preferem aqui também. As versões siríaca e árabe deixam claro que a *iniqüidade* dos ímpios era "contra a lei de Deus".

94.21

Ajuntam-se contra a vida do justo. O *tribunal reúne-se* e os indivíduos corruptos entram trajando pomposamente as suas vestes, mas são como abutres prontos a devorar outra vítima. Estão ali para matar, e não para apresentar justo veredicto. A vítima tinha propriedades que eles desejavam; ou então estes se vingavam de algum erro real ou imaginário que o homem havia perpetrado. Eles *já tinham resolvido que a punição capital aplicada ao pobre homem serviria me*lhor às suas finalidades, pelo que antes de começar o julgamento já haviam resolvido executá-lo. Não há testemunhas em favor do homem, que ousem levantar-se e falar, e, se houvesse, ele sofreria a mesma calamidade. Alguns estudiosos vêem aqui uma profecia messiânica sobre o julgamento injusto a que o Senhor Jesus foi submetido, mas isso só pode ser verdade como aplicação ilustrativa, não como exegese do versículo. A Septuaginta usa a figura da *caça* ao homem, para persegui-lo e matá-lo, como se ele fosse um animal, e não um homem. Alguns estudiosos vêem aqui a figura de *tropas que carregavam* o inimigo na guerra, mas isso não satisfaz as expressões dos vss. 20 e 21.

Não o que sinto ou faço
Pode dar-me a paz com Deus;
Nem todas as minhas orações, suspiros e lágrimas
Podem aliviar minha carga tremenda.
Só Tua intervenção, Senhor, tem valor.

(Horatius Bonar, com alguma adaptação)

94.22

Mas o Senhor é o meu baluarte e o meu Deus. Yahweh era tudo para o salmista: seu baluarte ou *fortaleza* (ver Sal. 9.9 e 46.7); sua *rocha* (ver Sal. 42.9); e também seu *refúgio* (ver Sal. 46.1). Cf. Deus como *torre forte* (ver Sal. 61.3), uma metáfora parecida. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Forte, Fortificação; Rocha* e *Refúgio,* onde ofereço notas expositivas mais completas.

94.23

Sobre eles faz recair a sua iniqüidade. Aqueles abutres seriam eliminados no final. Seus planos e esquemas atrairiam súbita destruição, tal como a que eles lançaram contra as suas vítimas. A própria iniqüidade deles os vitimaria. Em outras palavras, a lei da semeadura e da colheita acabaria com eles, por decreto divino. Alguns intérpretes vêem aqui as destruições causadas pelos babilônios, que haviam aniquilado muitas outras nações, mas essa conjectura só pode servir de ilustração. O poeta sacro falava sobre inimigos pessoais, juízos iníquos e autoridades corruptas do estado.

Quanto a outros versículos que tratam da destruição dos ímpios, ver Sal. 1.4,5; 5.5,6 e 11.5.6

Quanto ao perverso, as suas iniqüidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido.

(Provérbios 5.22)

A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão.

(Jeremias 2.19)

"... essa parte final do salmo cumpre a primeira parte, e prova que Deus é um Deus da vingança, a quem ela pertence, e Ele a exercerá no tempo devido" (John Gill, *in loc.*).

Salmo Noventa e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como um frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma *liturgia* que descreve o reinado de Deus. "Este breve esboço de um culto abre com um hino que celebra o reinado de Deus (vss. 1-7a, cf. Salmo 93) e se encerra com um *oráculo* apresentado por um sacerdote ou profeta do templo, advertindo a congregação contra a desobediência às leis de Deus (vss. 7b-11). Cf. Sal. 81.6-16" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao Salmo 95). O salmo, na verdade, é composto de dois hinos de louvor (vss. 1-5 e

vss. 6 e 7), sem dúvida entoados em um cortejo. O primeiro era entoado enquanto a congregação se movimentava na direção do templo, e o segundo quando entrava nos recintos sagrados, em resposta ao convite: "Oh, vinde, vamos adorar!". Um coro, ou talvez dois, era empregado nos cânticos. Se eram dois coros, então eles distribuíam os cânticos: um dos coros entoava os vss. 1-5, e o outro os vss. 6 e 7. É perfeitamente possível que este salmo fosse empregado por ocasião da festividade do Ano Novo. Ver a introdução ao Salmo 93, a *Entronização de Yahweh* como Rei Universal. Terminadas essas peças dos coros, um sacerdote ou profeta do templo entregava sua advertência sobre a guarda da lei (vss. 7b-11). Provavelmente, esse sacerdote ou profeta, que sem dúvida tinha uma boa voz de cantor profissional, entoava os versículos como um solo, e isso deve ter sido uma apresentação deveras impressionante. Não devemos esquecer que cantores profissionais levitas e outros músicos conduziam a música no templo, e que seus ofícios eram passados de pai para filho. Eles eram homens bem habilitados, pois do contrário jamais seriam empregados em tão augusto serviço. Ver I Crô. 25, quanto às guildas de músicos levitas profissionais.

Os Salmos 93 e 95 a 99 constituem uma pequena coletânea de salmos assemelhados que abordam a questão do reinado de Deus e o entronizamento de Yahweh. Provavelmente foram poemas compostos em conexão com a festa do Ano Novo, na qual o entronizamento era anualmente celebrado a fim de encorajar a dedicação ao Senhor, pela nação de Israel e pelos judeus individuais. Esses salmos enfatizavam a *universalidade* do reinado de Yahweh.

Provavelmente este hino foi escrito em tempos pós-exílicos, visto que apresenta Deus como o Rei Universal, um conceito que exigiu algum tempo para desenvolver-se no pensamento hebreu. Mas a primeira parte da composição pode ser de origem pré-exílica, com sua forte ênfase sobre a lei e a murmuração do povo contra a lei. Todavia, esse tipo de mensagem também pertence aos tempos pós-exílicos, pois então os judeus se tinham tornado sensíveis ao que podia acontecer a um povo que não obedecia a lei. Cf. Ageu 1.2; 2.14-17; Mal. 2.17; 3.14; Isa. 57.11; 58.2 e 59.9.

Subtítulo. Este salmo, juntamente com trinta e três outros salmos, não tem subtítulo. Quanto a essa circunstância, ver as notas expositivas sobre o *Subtítulo* do Salmo 91. Heb. 4.7 atribui este salmo a Davi, mas essa é mais uma convenção literária, visto que cerca de metade dos salmos a ele foram atribuídos, sem dúvida um grande exagero. Ver Sal. 91.11.

A Liturgia Congregacional (95.1-11)

Louvemos ao Senhor (95.1-7)

95.1

Vinde, cantemos ao Senhor, com júbilo. Quanto às duas divisões distintas deste salmo, ver as notas de introdução. Em primeiro lugar temos o hino dividido em duas partes, provavelmente cantado por dois coros. Começamos com um deles, entoando uma canção de *convite*. A congregação de Israel é convidada a avançar na direção do templo, para participar de ritos provavelmente relacionados às celebrações do Entronizamento de Yahweh por ocasião da festa do Ano Novo. A congregação avançava e cantava junta, conclamando a todos que ruidosamente se alegrassem no Senhor, o qual é nossa *Rocha* (ver notas expositivas a respeito em Sal. 42.9), e também nossa *Salvação* (ver notas expositivas em Sal. 62.2, onde dou idéias e referências). O ruído jubiloso era produzido pelos cânticos em voz alta, sem inibições, e pelo toque das trombetas e de outros instrumentos musicais. Era uma ocasião de alegria e júbilo, na qual todos cantavam e gritavam, e pelo menos as mulheres dançavam. "Seguindo a maneira típica dos orientais, eles exprimiam as emoções com altas exclamações de júbilo" (William R. Taylor, *in loc.).*

Quanto a outros *salmos de entronização,* ver os Salmos 47, 93, 96 a 99. Alguns intérpretes fazem deste um salmo messiânico, e a entronização do Messias é a razão para toda a alegria e os cânticos.

95.2

Saiamos ao seu encontro, com ações de graças. *Estando no caminho dos recintos do templo,* os coros continuavam a cantar, as trombetas continuavam a soar, os instrumentos musicais de vários tipos continuavam a tocar, e as mulheres continuavam a dançar. Um *ruído alegre* se fazia ouvir, e o tema dos cânticos era o *agradecimento,* pois aos homens se permitia a aproximação da presença de Deus, do seu templo, onde algumas vezes se manifestava a *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário),* a glória da presença divina. Além disso, devemos pensar na lei e no culto que distinguia Israel das demais nações da terra (ver Deu. 4.4-8); e isso também dava motivos para as manifestações de alegria. Nossos cultos de adoração podem tornar-se demasiado austeros, pois, afinal, estamos tratando com questões importantes; mas o verdadeiro perigo em nossos dias não é que haja austeridade em demasia, mas, sim, que domine o *trivial,* e até o que é *corrompido,* quando a música e as atitudes mundanas banem o Espírito de nosso meio. Mas se a austeridade demasiada é a dificuldade, então é bom aprendermos uma lição da alegria dos hebreus. Naturalmente, poderíamos deixar de fora as danças. Browning apanhou no ar a disposição feliz de vida quando escreveu:

> *Não acho a terra cinzenta, mas rosada;*
> *O céu não é tristonho, mas de uma cor alegre.*
> *Se eu me baixar, fá-lo-ei para apanhar uma flor.*
> *E quando me levanto e contemplo,*
> *vejo que o céu está todo azul.*

Saiamos ao seu encontro. Literalmente, o hebraico original diz "antecipemos o seu rosto", expressão que demonstra pressa e zelo. Cf. Sal. 21.3; 79.8 e 88.13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ações de Graças.*

95.3

Porque o Senhor é o Deus supremo. *Yahweh é um grande Poder,* dizia um dos coros, e é, igualmente, *o Grande Rei acima de todos os deuses.* Para uma discussão sobre o que poderia significar o termo *deuses* para a cultura dos hebreus, ver a exposição sobre Sal. 82.1. Qualquer que seja o significado desse termo, o Rei ocupa posição de superioridade sobre todos os deuses, é mais poderoso do que todos e, por conseguinte, merece uma cerimônia anual de entronizamento que faça o povo relembrar-se de Sua *soberania* (ver a respeito no *Dicionário*). Logo aprenderemos que a soberania e o reinado universal do Senhor estão alicerçados sobre o fato de que Ele é o Criador (vs. 5). Por conseguinte, quaisquer que sejam os seres e os poderes porventura existentes, se são seres reais, são todos criaturas, seres criados, inferiores a Deus em última instância. Sal. 96.4,5 mostra-nos um pouco da teologia posterior dos hebreus, quando o monoteísmo conquistou a mente e o coração de todo o povo de Israel, e os *deuses* eram simples *ídolos.* Mas esse foi um desenvolvimento relativamente tardio, e não necessariamente o que está em pauta no salmo presente. Por outra parte, se este salmo é mesmo pós-exílico (conforme pensa a maioria dos críticos), então Sal. 96.4,5 é um paralelo direto do versículo presente e pode ser usado como comentário. Naturalmente, o povo de Israel estava sempre escorregando para a apostasia e adorava a ídolos *como se* representassem deidades reais. Mas o salmista não aprovaria tal interpretação, pois o uso que ele fez da palavra *deuses* foi convencional, e não teológico.

95.4,5

Nas suas mãos estão as profundezas da terra. O reinado do Senhor é visto através da extensão de Seu domínio. A "força das montanhas também Lhe pertencem", ou então, conforme diz a Revised Standard Version, "as alturas dos montes são Dele". Assim sendo, Ele governa as alturas e as profundidades, até onde o homem é capaz de imaginar, para cima ou para baixo. Ademais, os mares Lhe pertencem e compõem uma parte de Seus domínios (vs. 5), por ser Ele o Seu Criador, além de ter formado, igualmente, a "terra seca". Assim sendo, com uma série de declarações bastante amplas, o poeta sagrado fala sobre o governo universal de Yahweh. O salmista deixou de mencionar os céus, mas certamente confiava que lembraríamos dos céus como domínios do Senhor, mesmo que nunca os tivesse mencionado. Existem alguns lugares onde os homens nunca estiveram, como o fundo dos mares ou o cume de certos picos, e isso ainda era mais verdadeiro no caso dos povos antigos do que hoje em dia. Mas a terra, até hoje, continua tendo lugares inacessíveis, e os mares nunca foram explorados em grande escala. Quando os exploradores se dirigem a algum lugar onde os homens nunca estiveram, chegam ali com bandeiras e celebram sua identidade nacional. Poucos homens chegam a ver tais bandeiras, mas elas continuam onde foram fincadas, a dizer: "Tal homem, de tal país, esteve aqui". Deus, porém, fincou Suas bandeiras em lugares inacessíveis por todo o mundo e nos mares, e essas bandeiras falam de Seu domínio universal. O homem já pôs sua bandeira até na Lua, mas, se o poeta tivesse desenvolvido mais ainda a sua metáfora, poderia ter dito que as bandeiras de Deus estão por todas as estrelas, bem como no mais alto céu. "O Senhor é o poderoso Criador. Todos os deuses são apenas imagens destituídas de poder (Sal. 115.3-8)" (*Oxford Annotated Bible*).

"Deus governa e dispõe de todas as coisas, conforme Ele acha por bem fazer. Ele é o Senhor absoluto da natureza universal. Por conseguinte, não há nenhum outro objeto de adoração ou confiança" (Adam Clarke, *in loc.*).

95.6

Vinde, adoremos e prostremo-nos. Por esta altura, o cortejo chegou ao terreno do templo, e é lançado o convite para o povo de Israel engajar-se na adoração que deveria incluir os atos de prostrar-se, orar, oferecer sacrifícios e apresentar votos. Os atos:

1. *Adorar,* derivado da palavra hebraica *nishtachaveh,* que literalmente significa "prostrar-se".

2. *Prostrar-se,* derivado da palavra hebraica *nichraah,* que significa "agachar-se", "dobrar as pernas", "assumir uma posição de solicitude".
3. *Ajoelhar-se,* derivado da palavra hebraica *nibrachah*: "pôr os joelhos no chão", a típica postura de súplica.

Todas essas coisas eram ordenadas e seguidas, porquanto os homens estavam na presença de Yahweh, o qual impunha respeito, pois Nele se acha todo o propósito de existir e de viver. Yahweh era assim declarado o *Criador* de todas as coisas, pelo que merecia a homenagem e a adoração oferecidas. Na qualidade de Criador, Ele era também o Benfeitor Universal. Uma vez mais, por ocasião da festa do Ano Novo, Yahweh era cerimonialmente entronizado como Rei de toda a nação judaica e de todos os corações.

"Ajoelhar-se. A prática de ajoelhar-se, no Oriente, era usada somente em momentos de humilhação, e é mencionada pela primeira vez, na Bíblia, em II Crô. 6.13. Era também uma prática seguida por Daniel (ver Dan. 6.10)" (Ellicott, *in loc.*).

Temos aqui um "vivido retrato de uma cena de homenagem reverente no templo. Tal devoção era devida ao Rei divino, por ser Ele o nosso Deus, e sermos nós o povo de Seu pasto. Essa fé evocava a confiança deles em Sua orientação na história e no livramento deles de todas as suas vicissitudes" (William R. Taylor, *in loc.*).

95.7

Ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto. O Criador é o Benfeitor Universal; Ele é o Pastor, e Seu povo é o rebanho que Ele guarda e a quem Ele satisfaz todas as necessidades e desejos. Eles são as ovelhas de Sua mão, e Ele age alimentando-as e protegendo-as. Quanto ao Pastor, cf. Sal. 74.1; 79.13; 100.3. Ele os guia, cuida delas e protege-as.

Mão. Por meio de Sua mão, Deus alimenta e protege as Suas ovelhas, mas por meio dela também as conta, certificando-se que nenhuma se perdeu ou se desviou. As ovelhas tinham de passar debaixo da mão do Pastor, que as contava (ver Jer. 33.13). Se o rebanho não fosse grande demais, um pastor podia chamar as ovelhas pelo nome, um toque de intimidade e amizade (ver João 10.3). Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao Pastor, que é o Cristo, bem como à Sua Igreja, o rebanho. João 10 é a declaração clássica dessa doutrina.

Oxalá ouvísseis hoje a sua voz! De acordo com o texto massorético, essa declaração está ligada ao que fora mencionado antes e, assim sendo, refere-se à voz do Pastor, que chama as ovelhas e lhes confere orientações, para que O sigam corretamente. Ao que parece, os animais são capazes de entender a linguagem humana e responder com atos a comandos verbais, pelo menos os mais simples, que não sejam por demais complicados. Mas, ainda que a declaração se ligue ao que fora dito antes, as palavras que se seguem são as ordens dadas pelo Pastor.

"O costume oriental de liderar os rebanhos com a voz sem dúvida é aludido em João 10.4" (Ellicott, *in loc.*). Mas a Septuaginta liga as palavras com aquilo que vem depois, e esse arranjo é seguido por muitas traduções. Nesse caso, a seção que termina com a imagem do Pastor tinha acabado, e, de modo bastante abrupto, uma nova seção fora iniciada. Ver o vs. 8, quanto a essa nova seção e seu engaste literário.

Não temas, pequeno rebanho,
Sobre a colina varrida pela tempestade;
O Pastor conhece a Tua vereda,
Ele continua guiando os Teus passos.
Sua mão ferida pelo cravo te guardará
E guiará em segurança.
Não temas, pequeno rebanho.
Finalmente, Ele te levará a teu lar.

(Adelaide A. Pollard)

95.8

Não endureçais o vosso coração, como em Meribá. O sacerdote agora se adiantava para cantar o seu solo. Era sua responsabilidade advertir o povo, que se reunira para celebrar a entronização, a qual fazia parte das festividades do Ano Novo, para lembrar o dever de cumprir a lei. Eles deveriam rejeitar de modo absoluto o mau exemplo dado no deserto, onde seus pais vaguearam por cerca de quarenta anos e constantemente provocaram a Yahweh, com seus lapsos e murmurações. Aqueles foram dias de *corações duros* e *provocações*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Provocação*, quanto a detalhes e ilustrações.

"De repente, no meio daqueles sentimentos de júbilo, irrompe uma outra voz, mas de advertência. Era um solene lembrete de que alguns tinham adorado, mas depois se esqueceram, de que alguns tinham entrado nas alianças solenes, mas depois traíram essas alianças. Não era uma interrupção fantasiosa de piedade presente, mas uma advertência baseada na história. Ficou registrado no livro de Êxodo como os antepassados deles tinham sido retirados do Egito e receberam toda espécie de ajuda divina; mas, quando chegaram as adversidades, eles murmuraram e rebelaram-se" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Em Meribá... no dia de Massá. Esses adjetivos locativos são as transliterações das palavras hebraicas que significam *provocação* e *tentação*. Ver Êxo. 17.1-7; Núm. 20.13 e cf. Deu. 33.8. Ver especificamente Êxo. 17.7, quanto a esses dois nomes locativos e as exposições sobre a questão. O povo de Israel murmurou em Refidim, porque não havia ali água para eles. Quanto a referências do Novo Testamento à *provocação*, ver Heb. 3.8 e 15. Ver Sal. 81.7 e 106.32, quanto a *Meribá*.

95.9

Quando vossos pais me tentaram. "As *murmurações dos antepassados* serviam de evidência de que o coração deles estava endurecido e surdo para o trato gracioso do Senhor, no livramento do Egito. Mas a dureza de coração não cessou com novas experiências com a bondade do Senhor. Pelo contrário, continuou" (William R. Taylor, *in loc.*).

Quanto ao fato de que Israel foi livrado do Egito por um poder divino especial, tema repetido por mais de vinte vezes em Deuteronômio, ver o trecho de 4.20 desse livro. Quanto às murmurações de Israel, ver a introdução a Núm. 11 e 14.22, que os rabinos listam como *dez incidentes.*

... me tentaram, pondo-me à prova. A murmuração e a rebeldia dos filhos de Israel submeteram Yahweh a teste. A figura de linguagem por trás dessa declaração é o teste e a purificação de metais mediante repetidos refinamentos. "Esse termo é usado para indicar as atitudes e os atos dos homens diante da providência divina, tanto em um bom como em um mau sentido (Mal. 3.10,15)" (Ellicott, *in loc.*).

Eles "viram as obras" de Deus, os milagres da provisão de água e pão do céu, depois de testemunhar todos aqueles milagres no Egito e o livramento ocorrido às margens do mar Vermelho. No entanto, olhavam tudo com escárnio e desperdiçaram sua oportunidade. Cf. Isa. 49.15. Eles continuavam testando a paciência divina bem no meio de admiráveis demonstrações do poder divino. "Eles tinham recebido amplas *provas* do poder de Yahweh para salvar e para destruir. Viram que não havia nada difícil para Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). A culpa deles foi agravada pela estupidez e pela rebelião. Ver Núm. 14.22. Ao cantar o seu solo, o sacerdote estava mostrando que o Rei só podia ser servido por adoradores autênticos, que tivessem coração responsivo. Portanto, o povo de Israel deveria dar ouvidos à advertência que vinha dos tempos das perambulações pelo deserto. Cf. I Cor. 10.9,10.

95.10

Durante quarenta anos estive desgostado com essa geração. O antigo povo de Israel chegou às fronteiras mesmas da Terra Prometida, mas tropeçou no temor e na incredulidade. Eles pensavam que a tarefa de conquistar a terra de Canaã era impossível. Isto posto, rejeitaram o bom conselho de Josué e Calebe, aceitaram o mau conselho dos outros dez espias e voltaram a internar-se no deserto, por onde tinham chegado. E aí ficaram vagueando sem alvo durante quarenta anos. Quando finalmente chegou a hora da segunda tentativa de entrada na Terra Prometida, aquela geração inteira, excetuando os dois fiéis espias, *havia morrido no deserto.* A lição não poderia ser mais clara. O próprio Moisés, símbolo da antiga dispensação, que sofreu um lapso ele próprio, recebeu a permissão de ver, mas não de entrar no território da nova pátria.

Foi assim que Yahweh ficou "desgostado" com o povo de Israel. Mas outras traduções chegam mais perto do original hebraico, com a tradução "enojado", como se os israelitas fossem alguma coisa nojenta. Ver as notas expositivas em Heb. 3.17, no *Novo Testamento Interpretado. O* povo de Israel tinha errado em seu coração, ou, literalmente, era um povo de *coração vagabundo,* o que correspondeu às suas perambulações literais pelo deserto. Quanto à *morte* daquela geração no deserto, ver Deu. 1.35 e 2.14. A versão siríaca diz que o povo de Israel tinha *ídolos no coração,* quando Yahweh é quem deveria estar ali governando.

Não conhece os meus caminhos. Ou seja, leis, estatutos e orientações específicas, dadas diretamente como a motivação para atos apropriados. A lei tornou-se o código de ensinamentos e orientações morais, o manual para Israel. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei deveria significar para a nação de Israel. Apesar das abundantes oportunidades, os retos caminhos do Senhor foram rejeitados, pelo que aquela geração, que saíra do Egito, morreu toda no deserto. Eles contavam com uma liderança óbvia e poderosa, mas conseguiram tomar o caminho errado em seu coração e em seus atos. "Eles não tinham conhecimento simpático nem apreciação pelos caminhos de Deus" (William R. Taylor, *in loc.*).

"O termo hebraico *yada*, "conhecer", é usado aqui, tanto quanto em muitas outras porções das Escrituras, para expressar *aprovação*. Eles conheciam os caminhos de Deus, intelectualmente, mas não *gostavam* deles, não os *aprovavam* e, portanto, não caminhavam por eles... Aquele povo *ingrato* não aprovava os caminhos de Deus, nem aceitava os desígnios de Deus para segui-los. Eles não prestavam atenção aos Seus milagres, nem reconheciam os Seus benefícios" (Adam Clarke, *in loc.*).

95.11

Por isso jurei na minha ira. Yahweh é aqui retratado antropomorficamente como quem fizera um juramento solene que não podia ser quebrado. Deus se encheu de *ira* contra um povo que se tornara repelente (vs. 10): "Eles não entraram na Terra do Descanso". Ver Núm. 14.22,23. A terra era a promessa que tinham recebido de um descanso seguro (ver Núm. 14.30; Deu. 12.9) e também era o fim de suas vagueações pelo deserto. Portanto, o que pôs fim às suas vagueações não foi o descanso, mas a morte. Metaforicamente, nos tempos do salmista, esse descanso pode ter representado uma das seguintes coisas:

1. O lugar de descanso, no templo de Jerusalém, onde se reuniam os verdadeiros adoradores judeus, o descanso do Senhor e o bem-estar da alma.
2. O descanso na grandeza de Deus e a participação em Seus benefícios (cf. Sal. 116.7).

"Dessa maneira, as lições do passado de Israel são aplicadas *hoje em dia*. O pecado da inconstância poderia ter-lhes custado o acesso tanto ao templo como ao favor divino" (William R. Taylor, *in loc.*). Este versículo tem sido *cristianizado* para falar do céu e da perda da bênção eterna, visto que Canaã pode retratar o "descanso no além". Ver Heb. 4.2-11, quanto à aplicação cristã da história.

Robert Lynd, em seu livro intitulado *Dr. Johnson and Company*, descreveu certo homem chamado Boswell, misto de contradições, ora piedoso, ora profano, alguém que gostava de contrastar uma coisa com a outra, mostrando-se firme figura religiosa, mas cedendo diante de cada tentação que lhe ocorria. Israel era um tanto parecido com isso.

Com essa nota solene, termina este salmo de entronização, relembrando ao povo que haveria nova cerimônia de entronização no Novo Ano, quando Yahweh, uma vez mais, seria declarado o Rei Universal, o Rei de Israel e o Soberano de cada coração individual. Mas a cerimônia estaria vazia se não houvesse pessoas que a levassem a sério, em sua própria vida. Os benefícios requeriam um coração responsivo. O conhecimento exigia reação favorável. A lei demandava obediência, pois, de outro modo, a presença de Deus voaria e deixaria o lugar *Ichabod* (ver I Sam. 4.21). *Ichabod* (a glória do Senhor foi embora) ficou gravada sobre aquela antiga geração. E também ameaçava a nova geração na Terra Prometida, por ocasião da festa do entronizamento.

Senhor de todos os seres, entronizado a distância,
Tua glória brilha do sol e das estrelas;
Centro e sol de todas as esferas,
Contudo, a cada coração amoroso, quão próximo.

Sol de nossa vida, teus raios vivificadores
Espalha em nossa vereda o resplendor do dia;
Estrela de nossa esperança, tua luz abrandada
Encoraja as longas vigílias da noite.

(Oliver Wendell Holmes)

Salmo Noventa e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino* que celebra o reinado de Deus, apresentando estrutura similar à do Salmo 95. Ver a introdução àquele salmo quanto a idéias que também se aplicam aqui. "Este salmo deveria ser estudado à luz do que foi dito em Sal. 93.1-5 e 95.1-11. Há razões para acreditarmos que, à semelhança daqueles salmos, este era entoado durante o cortejo, por ocasião da cerimônia de *entronização*, o principal acontecimento da festividade do Ano Novo. Embora possamos dizer que este salmo consiste em três *hinos separados* (vss. 1-6; vss. 7-9; vss. 10-13), também é possível considerá-lo um único hino, com três motivos distintos, cada um dos quais relacionado a um ou mais dos principais estágios de todo o procedimento" (William R. Taylor, *in loc.*).

Os Salmos 93 e 95 a 99 constituem uma pequena coletânea de salmos semelhantes, que celebram a entronização de Yahweh; provavelmente estavam associados à festividade do Ano Novo, quando essa entronização era anualmente celebrada, encorajando a dedicação da nação e do indivíduo ao Rei do universo. Esses salmos enfatizam a *universalidade* do poder de Yahweh.

O salmo parece pertencer aos tempos pós-exílicos, salientando idéias do judaísmo posterior, que também podem ser vistas em Isa. 40.18-26; 41.3,24; 44.6-8; 56.6-8; 60.14, especificamente a idéia do reinado universal de Yahweh, a nulidade dos deuses (ídolos) que os pagãos usavam e seu contraste com o Deus de Israel, sendo eles mais leves que a vaidade.

Subtítulo. Este salmo também não conta com um subtítulo. Há trinta e quatro salmos sem subtítulo. Quanto a essa circunstância, ver as notas expositivas na introdução ao Salmo 91, na seção *Subtítulo*. Este, portanto, é um dos salmos considerados "órfãos", isto é, despojados de comentários introdutórios, feitos por editores posteriores.

Um Novo Cântico É Entoado a Yahweh (96.1-13)

96.1

Cantai ao Senhor um cântico novo. O *cortejo para o templo*, para a cerimônia de entronização, a principal característica da festa do Ano Novo, começava com o coro convidando a congregação a *cantar*. Devemos pensar nas danças, *nos louvores, no toque das trombetas, no toque de instrumentos musicais e na* dança das mulheres. Ver Sal. 95.1. A chamada era dirigida não somente a Israel, mas também a "todas as terras", visto que o Rei de Israel era o Rei universal dos céus e da terra, desenvolvimento de uma doutrina hebraica posterior que entrou no Novo Testamento e se progrediu ainda mais.

Um cântico novo. Nada há de novo, estritamente falando, neste salmo, mas tão-somente um antigo tema foi refeito, dando-lhe novo arcabouço, com suas notas coloridas e jubilosas. *Yahweh* (o nome divino do texto) deve ser entronizado na nação, no mundo e em cada coração. Isso constituía um exercício anual para manter sempre fresca na memória do povo a realeza de Deus. "Novo, isto é, de excelência peculiar, pois nesse sentido o termo *novo* é reiteradamente empregado nas Escrituras" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 33.3. Esse novo cântico parece ter sido uma espécie de *clamor lírico* de ordem nacional e religiosa, após a restauração do cativeiro babilônico. Ver Isa. 42.10, que tem algo de similar a este versículo. Cf. também I Crô. 16.23. Quanto ao povo de todos os lugares, convidados a participar das festividades, ver Sal. 97.1 e 149.1. Este versículo, segundo alguns estudiosos, é entendido como uma promessa messiânica, pois Nele todos os homens convertidos se unirão no Novo Pacto (ver Efé. 1.9,10).

Que todo o mundo, em cada esquina, cante
Ao meu Deus e Rei.
A Igreja, com salmos, deve clamar,
Nenhuma porta pode mantê-la do lado de fora.
Mas, acima de tudo, todo coração deve entoar
A parte mais alta.
Que o mundo inteiro, em cada canto, entoe
Hinos a meu Deus e Rei.

(George Herbert)

96.2,3

Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome. Uma vez mais é lançado o convite para que se cante a Yahweh e se bendiga o Seu *nome*, porquanto Ele é digno, e Seu nome representa tudo quanto Ele é e faz pelos homens. Quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3, e quanto a *nome santo*, ver Sal. 30.4 e 33.21. O Nome do Senhor era tão poderoso que o simples fato de pronunciá-lo, *Yahweh*, era considerado dotado de efeitos e poderes especiais.

A sua salvação. Quanto a notas expositivas completas e referências sobre Yahweh como a nossa salvação, e sobre o conceito da salvação, ver Sal. 62.2. Este salmo mostra que o nome do Senhor se tornara universal e merecia o respeito e a adoração de todos os homens de todos os lugares.

Este versículo torna-se messiânico, na opinião de alguns intérpretes, que *vêem aqui a pregação do evangelho cristão por todo o mundo*. "Seu Nome, Jesus, Emanuel, Mediador, Salvador... um mandamento dirigido a todos os ministros do evangelho, cujo trabalho é demonstrar a salvação de Cristo, apontando para Ele como o Salvador" (John Gill, *in loc.*).

Proclamai a todos os povos, línguas e nações,
Que Deus, em quem eles vivem e se movem, é amor;

Contai como Ele se humilhou para salvar sua criação perdida,
E como Jesus morreu na terra para que os homens pudessem viver.

(Mary A. Thomson)

"Quantas maravilhas serão operadas por Ele, quando aparecer pela segunda vez!" (John Gill, *in loc.*).

Ver o artigo detalhado do *Dicionário* chamado *Glória.*

96.4,5

Porque grande é o Senhor e mui digno de ser louvado. Yahweh é *grande,* pelo que merece *louvores excelsos.* Ele deve ser temido acima de todos os *deuses.* Este salmo foi composto em um período no qual Israel já contava com um *monoteísmo* bem firmado (ver no *Dicionário*), de maneira que a referência aos *deuses* não pode significar deuses subordinados ou inferiores dos pagãos, como se eles realmente existissem. Ver Sal. 82.1, onde dou um sumário dos possíveis significados da palavra *elohim,* quando ela não aponta para Elohim, o Deus de Israel. Ver também as notas expositivas em Sal. 95.3. O termo "temível", usado aqui, antes da palavra "deuses", não significa que essas divindades fossem verdadeiras, conforme o vs. 5 passa a demonstrar. Os deuses dos pagãos eram meros *ídolos,* coisas vãs, sem poder algum, não tendo nenhuma vida, formados de materiais inanimados como pedra, madeira ou metal. Ver no *Dicionário* o termo *Idolatria.*

Essas não-entidades nada mereciam da parte do homem, visto que eram mera ficção da mente humana. Paulo (ver I Cor. 10.20) supunha que os *demônios* se escondessem por trás da adoração idólatra, e esses demônios eram reais; mas seres malignos estariam envolvidos na idolatria, conforme rezava uma antiga idéia dos hebreus. Este salmo, entretanto, não está tecendo nenhuma referência a tais coisas.

Ídolos. Literalmente, o original hebraico diz *elilim,* "nulidades", um jogo de palavras com a palavra *El* (Deus). Esse termo hebraico tem sido variegadamente traduzido como ídolos, vaidades, demônios e não-entidades. Portanto, El torna-se um não-el nas mãos dos pagãos, ou seja, um não-deus.

Os Ídolos São Coisas Inúteis. Ver Sal. 97.7; Isa. 40.25; 44.9-20,24. Em contraste, o verdadeiro Deus, Yahweh, o Criador de todas as coisas, agora as sustém (ver Col. 1.16,17). Além disso, Ele é um Deus teísta, não deísta. Em outras palavras, Deus não somente criou todas as coisas, mas continua presente em Seu mundo, intervindo, recompensando, punindo e exercendo providência tanto negativa quanto positiva. Ver no *Dicionário* sobre *Providência de Deus* e *Teísmo,* quanto a amplas explicações sobre esses dois assuntos. O ensino do *Deísmo* (também um dos verbetes do *Dicionário*) diz que, se algum poder criou as coisas que vemos, esse poder abandonou a sua criação ao governo das leis naturais. Ou seja, Deus seria indiferente diante de Sua criação.

Sal. 95.3-6 mostra que nos inclinamos diante de nosso Criador, o Deus Universal, e não diante dos chamados deuses, que são apenas ídolos, e este salmo, de forma menos elaborada, repete o tema.

96.6

Glória e majestade estão diante dele. Os membros do Seu séquito, ou Seus arautos, são a *honra* e a *majestade,* ao passo que a *força* e a *beleza* são os arautos que habitam em Seu santuário, onde Ele manifesta a Sua presença. Apolinário diz aqui: "Pureza e glória majestática adornam o Seu santuário". "O universo inteiro exibe a majestade de Yahweh, mas principalmente o Seu santuário em Israel, onde ela é tipificada pelo esplendor carissimo do edifício e seus ritos" (Ellicott, *in loc.*). Parte do Salmo 96.1-13,35,36 foi incorporada ao louvor, quando Davi trouxe a arca para Jerusalém e ali a instalou. Ver I Crô. 16. Apoiados nessa circunstância, alguns fazem de Davi o autor do Salmo 96, mas isso não é base suficiente para tal conclusão.

"As palavras *força* e *beleza,* e também *glória* e *força* (vs. 7), são aquelas mediante as quais a arca é descrita. Ver Sal. 78.61" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Metáfora. Yahweh tem *arautos* e *auxiliares,* a saber, Honra, Majestade, Força, Beleza e Glória (vs. 7), que enchem tanto Seu santuário celeste quanto o terreno, e esses auxiliares têm maior glória do que qualquer monarca terreno, por mais esplêndido que este possa parecer.

Uma Convocação à Terra Inteira (96.7-9)

96.7

Tributai ao Senhor, ó família dos povos. O salmista acabara de demonstrar que Yahweh tem vários gloriosos atendentes, o que comento nas notas do vs. 6. Todas as nações foram convocadas para unir-se no hino e no louvor a Yahweh por causa de suas qualidades, prestando-Lhe lealdade. As palavras "tributai ao Senhor glória e força" falam bem de Deus, quando os judeus vinham adorá-Lo, reconhecendo a universalidade de Seu poder e reinado, isto é, Sua soberania (ver no *Dicionário*). Nos vss. 7-9, o poeta segue a essência das linhas de abertura do Salmo 29. As "famílias dos povos" faziam *peregrinações* para dar seu apoio ao culto do templo. Essas são declarações proféticas, e não meras esperanças idealistas. Cf. Isa. 40.25; 44.9-20,24 e cf. Sal. 97.8. No Salmo 29, essas palavras são dirigidas aos anjos, mas, na adaptação do poeta, foram ditas às nações pagãs que agora abandonavam o seu paganismo. "Algum dia, todo joelho terá de prostrar-se (ver Fil. 2.10) perante esse Senhor soberano, cuja santidade impõe profundo respeito" (Allen P. Ross, *in loc.*). Podemos ter certeza de que esse ato de prostração será salvatício e restaurador, e não meramente forçado. Somente isso estará em consonância com o amor de Deus, conforme ele opera através do evangelho de Cristo. Cf. Efé. 4.8-10, que certamente contém essa mensagem.

De todos os lugares escuros das raças pagãs da terra,
Oh, vede como as sombras espessas fogem!
A voz da salvação
Desperta cada nação.
...
Com gritos, cânticos e ruído de júbilo,
Seus braços de rebelião são derrubados.
Finalmente, cada nação,
O Senhor da salvação
Eles coroarão, Rei e Redentor.

(Mary B. C. Slade)

96.8

Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome. A *honra* devida ao nome de Yahweh se manifesta nos sacrifícios e ofertas que os homens trazem ao templo. Os homens louvam a glória de Deus e Lhe prestam honra, através de seus atos e vida transformada. O culto do templo simbolizava o culto do coração devoto, e era um lugar apropriado para demonstrar publicamente o que *já estava no coração. Foi assim que a esse louvor seguia a apresentação de* ofertas que os sacerdotes punham sobre o altar, simbolizando o povo de Israel. Os cânticos continuavam sendo entoados, o povo continuava cantando, os instrumentos musicais continuavam tocando, as trombetas continuavam sendo sopradas, e as mulheres continuavam dançando. O terreno do templo, assim sendo, vibrava com um som jubiloso, terminando nos sacrifícios prescritos. Naturalmente, está em vista o segundo templo, o que se adapta à época em que este salmo foi composto. Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao sacrifício de todo o ser (Rom. 12.1,2), e as oferendas e os sacrifícios secundários tornaram-se obsoletos e foram abandonados. "Trazei dádivas ao Soberano, como sinal de lealdade. Ver II Sam. 8.2; Sal. 68.29; 72.10 e 76.11" (Fausset, *in loc.*).

96.9

Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade. Yahweh estava em suas *vestes santas,* adornado pela santidade, e deveria ser adorado como esse tipo de Deus, em contraste com os *deuses* pagãos, a quem era atribuída toda a espécie de perversão e violência. Além disso, Ele é o Deus da *força,* e isso pode ser usado negativa ou positivamente, pelo que os homens tremem na presença Dele. Homens bons chegam a ter o "temor do Senhor" (anotado no *Dicionário,* no verbete chamado *Temor*), e os ímpios continuam tremendo. Em vez de "tremer", alguns estudiosos preferem dizer "solicitai o seu favor", como correção do texto hebraico, conforme esse texto é conhecido hoje em dia. Cf. Sal. 119.58; Zac. 7.2; 8.21 e Mal. 1.9. Alguns eruditos entendem a idéia de "vestes santas", oculta nas palavras "na beleza de Sua santidade", como o santuário, caso em que estaria em pauta o templo, o lugar *apropriado* de adoração.

Tremei. Diz o hebraico, literalmente, "movei-vos diante de Seu rosto", afetados por Sua fisionomia, forçados a mudar.

Cf. Sal. 29.2, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. É dever dos homens temer ao Senhor, mas ninguém pode temê-Lo corretamente sem o concurso de Sua graça; e foi isso que Jesus trouxe, pelo que pode haver aqui um tom profético que se aplica tanto à nação restaurada de Israel como à obra da igreja. Além disso, há a beleza e a perfeição do evangelho, estampadas na face de Jesus Cristo. Portanto, o que foi dado no Antigo Testamento é expandido no Novo.

Ele mesmo resplandece em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

(II Coríntios 4.6)

Aclamada a Realeza de Yahweh (96.101-13)

96.10

Dizei entre as nações: Reina o Senhor. A palavra de que Yahweh governava *legitimamente tinha-se espalhado por todas as nações*; e, quando Ele reina, Ele estabelece o mundo inteiro e o torna inabalável, porquanto se tornou Seu reinado universal. Seu reino não pode ser abalado por adversidade alguma. Não está em vista o mundo físico, embora possa ter sido aludido. E se o próprio *mundo* não pode ser abalado, nem a *ordem mundial* de Yahweh poderá sê-lo. A palavra hebraica aqui usada, traduzida como *nações*, é *tebel*, que significa "mundo habitado". Este versículo tem sido cristianizado para fazer desse mundo o mundo cristão, mas não é isso o que está em pauta aqui. "Quando o Senhor voltar para julgar e reinar sobre a terra, Seu reinado será finalmente estabelecido (cf. Sal. 92.1) com justiça" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cf. Sal. 75.3 e Isa. 24.5. "A paz tomará conta universal do presente estado de desordem (ver Isa. 2.4)" (Fausset, *in loc.*). Alguns estudiosos pensam estar em vista aqui o futuro distante, depois que os mundos físicos tiverem sido removidos (ver II Ped. 3.10,11), mas o poeta não vislumbrava um futuro tão distante.

96.11

Alegrem-se os céus, e a terra exulte. Os céus aliam-se ao alegre hino da entronização, e os mares rugem com seu próprio ruído, aprovando o cântico universal. Essas expressões poéticas falam novamente da aclamação universal do reino de Yahweh. Não se ouve uma única voz contrária. "A ordem inteira do mundo criado é convocada para aclamar ao Senhor com cânticos jubilosos, visto que através Dele o mundo foi criado e estabelecido. Até o próprio *mar*, remanescente do *caos*, 'fechado com uma porta' (cf. Jó 38.8), foi ordenado a rugir os seus louvores" (William R. Taylor, *in loc.*). O mar ruge, e os homens temem. O mar fala do caos e de uma repentina destruição, mas aqui temos um rugido de alegria. As ilhas do mar ouvem aquele som alegre e reúnem-se nos cânticos. Uma *alegria universal* é a mensagem, e essa alegria proclama a retidão do Rei, que acaba de se apossar de Seu trono. Ordem, harmonia e bem-estar resultaram desse ato. Este versículo tem sido cristianizado para fomentar o sentido colimado, do ponto de vista profético, quando o reino de Cristo apaziguar o conflito universal.

96.12

Folgue o campo e tudo o que nele há. No versículo anterior, vemos o *mar* rugindo louvores, e agora os campos e as árvores dos bosques começam a cantar ao Senhor. A natureza *inanimada* torna-se assim animada para poder louvar o Rei Universal que criou todas as coisas. Ademais, a natureza da *vida inferior* também toma parte do coro dos *cantores da natureza*. É com figuras assim poéticas que o autor universalizou seus louvores, pois todas as coisas, em todos os lugares, são vistas sob o controle do Rei Jeová.

> *Seu louvor, vós, ventos que sopram das quatro direções,*
> *Soprai suave ou com força, e sacudi os topos dos pinheiros,*
> *Com todas as plantas saudai com vossa adoração.*
>
> (Milton)

"A terra contrasta com os céus... o *campo* contrasta com os *bosques*. O mundo físico expressará, inconscientemente, uma alegre simpatia com o mundo moral, pois ambos terão sido livrados 'da servidão da corrupção' (Rom. 8.21,23; II Ped. 3.13; Isa. 44.23; 45.12,13" (Fausset, *in loc.*).

96.13

Na presença do Senhor. *Os cânticos de alegre louvor* (vs. 12) seriam feitos *na presença do Senhor*, o qual está nos céus ouvindo e observando, ou em Seu templo, onde manifesta a Sua presença. Ele avança na direção da terra, a fim de julgar com justiça, quando então cada indivíduo receberá segundo o seu tipo de vida. E a Sua *verdade*, tal como aparece em Sua Lei, será o padrão de julgamento. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para Israel. "Cada festividade do Ano Novo relembrava Israel que a idéia do reinado do Senhor não era nenhuma relíquia do passado, nem uma esperança transferida exclusivamente para o futuro, mas, antes, era uma *realidade presente*. O Senhor veio para governar de novo em poder, a cada Novo Ano" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Note o leitor a notável repetição, a expressão natural da alegria" (Ellicott, *in loc.*).

A *falsidade* tem prevalecido na terra, mas a *verdade* escreverá o último capítulo. O governo humano, tão deficiente, mesmo quando honesto (o que raramente acontece), será substituído pelo governo integral e justo de Yahweh (ver Atos 17.31).

A Eficácia dos Cânticos. "Dai-me compor os cânticos de uma nação, e não me importarei com quem fará as leis" (Andrew Fletcher). E eu poderia mui apropriadamente acrescentar: "Deixai-me compor os hinos da Igreja, e não me importarei com quem escreva sua teologia. As leis e a teologia são muito importantes, porém ineficazes, a menos que acendam a imaginação. E, no ato de cantar, se tudo for bem e sabiamente feito, a imaginação é acesa. Porventura já houve algum reavivamento religioso que não se tenha expressado sob a forma de cânticos?... A música secular é importante, mas estamos tratando com algo mais central ainda, quando se trata de cânticos espirituais" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Salmo Noventa e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que *atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Apresento ali dezessete* classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino* que celebra a realeza de Deus. Os Salmos 93 e 95 a 99 constituem uma pequena coletânea de hinos parecidos uns com os outros, que tratam do governo de Deus sobre Israel. Ao que tudo indica, foram compostos para serem usados em conexão com uma ou mais festas, principalmente a festividade do Ano Novo, quando Yahweh era entronizado (anualmente), em cerimônias especiais, que compunham a parte central da celebração. O Salmo 47 é intimamente aparentado desse grupo. Esses salmos enfatizam a *universalidade* do reinado de Yahweh sobre os céus e a terra e sobre todas as criaturas vivas.

No atual salmo *do Rei*, encontramos referências aos seguintes pontos: 1. Yahweh como Rei (vs. 1). 2. Seu trono (vs. 2). 3. A obediência devida a Yahweh, por parte de todos os deuses (vss. 7 e 9).

A maior parte dos versículos depende de outros salmos, mas a composição tem uma graça especial em si mesmo, pelo que é uma digna adição aos salmos reais. Este salmo parece parcialmente escatológico. Aponta para o fim da presente dispensação, mas o autor não esquece o reino de Deus no que tange à alma dos homens. "Para ele, o ponto principal é o esplendor interior, a vantagem *espiritual e religiosa a ser cumprida quando da segunda vinda do Senhor*, que dará a vitória sobre todos os competidores e produzirá o triunfo do verdadeiro conhecimento de Deus, e, acima de tudo, a vitória da retidão" (Kittel, em seu *Die Psalmen*, pág. 317).

Subtítulo. O Salmo 97 é um dos trinta e quatro salmos sem subtítulo. Ver sobre essa circunstância na introdução ao Salmo 91, na seção *Subtítulo*.

O Senhor Está em Seu Trono (97.1-5)

97.1

Reina o Senhor. Regozije-se a terra. De fato, mesmo como uma cerimônia religiosa, Yahweh reinava a cada novo ano, por ocasião da festa do Ano Novo, quando era cerimonialmente entronizado. Nessa festa fazia-se menção aos seguintes pontos: Seu reinado era reconhecido; havia uma dedicação encorajadora da nação a Deus, como Soberano; cada indivíduo da nação de Israel era encorajado a dedicar-se a Ele e à Sua lei universal. Yahweh como Soberano significa que Ele era o grande Benfeitor, formando essas duas qualidades uma combinação *divina, em contraste com os soberanos terrenos, usualmente ímpios que* buscam apenas os próprios interesses.

Poder Universal. Típico dos salmos de entronização do Rei (Salmos 47, 93 e 95 a 99), o tema deste salmo é o reino universal e o poder de Yahweh, parte típica do pensamento dos hebreus posteriores. Por conseguinte, a *terra* deve regozijar-se diante do reino benéfico e universal de Deus, como devem regozijar-se todas as *terras costeiras* (Revised Standard Version) ou as numerosas *ilhas* (nossa versão portuguesa). Ver Sal. 72.10; ali, a Revised Standard Version também escolheu a palavra *ilhas* como tradução.

O poeta sagrado recebeu uma visão da vinda do Senhor, a qual confirmava a idéia que ele fazia da realeza do Senhor, e passou a fomentar essa idéia. Portanto, o salmista ensinou com base nesse ponto de vista, tornando este um salmo didático. As lições morais transparecem em meio a essa descrição, e a santidade é recomendada, visto que Yahweh julgará em retidão. Quanto à declaração de que *o Senhor reina*, ver Sal. 47.8; 93.1; 96.10; 99.1 e 146.10.

"Um largo olhar para as regiões ocidentais, que abrangesse as ilhas e costas do mar Mediterrâneo (ver Sal. 72.10)... é característica da literatura dos tempos pós-exílicos. Cf. Isa. 42.10,11; 51.15" (Ellicott, *in loc.*). À medida que os conhecimentos geográficos de Israel se expandiram, também cresceu a teologia deles quanto ao governo de Yahweh. O conceito da providência divina, em seus aspectos

negativo e positivo, cresceu juntamente com o restante. Então a profecia viu um *reinado ainda mais amplo,* e o evangelho cristão espalhou a mensagem a lugares nunca antes ouvidos pelos hebreus.

97.2

Nuvens e escuridão o rodeiam. Essas nuvens e essa escuridão *místicas* mostram que Yahweh é infinito e incompreensível, e Seus pensamentos não podem ser sondados, pois Ele é o Ser transcendental. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transcendência.*

> *Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos.*
>
> (Romanos 11.33)

Cf. essas figuras de linguagem com Sal. 18.10-12. O quadro simbólico, é claro, foi tomado por empréstimo da teofania no Sinai (ver Êxo. 19..9,16; 20.21; Deu. 4.11; 5.22,23. Cf. Sal. 50.1-3).

A base do seu trono. Literalmente, as *colunas do seu trono.* O trono de Deus é retratado apoiado sobre colunas, tal como os hebreus pensavam que a própria terra repousasse sobre colunas que se aprofundavam terra adentro, sobre alguma coisa que ninguém podia entender. Cf. Sal. 89.14. As nuvens nos fazem lembrar a ira divina e as misteriosas manifestações divinas que confundem e fazem os homens estremecer de medo. "Em seu sentido mais pleno, essas figuras descrevem a vinda do Senhor para reinar sobre a terra" (Allen P. Ross, *in loc.*), como o desconhecido e temível ser que emerge de seu lugar de esconderijo para manifestar-se visivelmente diante dos homens.

Quanto aos fundamentos (colunas) do trono de Deus, cf. Sal. 82.1-8 e 89.14. Quando o transcendental se torna imanente, isso é algo terrível.

97.3

Adiante dele vai um fogo. Constantemente o fogo é pintado como parte integrante das teofanias (ver Sal. 50.3; Êxo. 3.20; 13.21; 19.18; Deu. 1.33; 4.11). Esse fogo consiste em chamas consumidoras, uma manifestação da ira que requer os adversários de Yahweh e assim prepara o caminho para o Seu Reinado Universal. Wellhausen emenda "inimigos" para "chamas em redor de seus passos", fomentando a imaginação e eliminando a idéia de destruição. Seja como for, está em pauta o aspecto tremendo das manifestações de Deus, algo típico dos livros escatológicos da Bíblia, conforme vemos nos livros de Daniel e Apocalipse. "A tremenda escuridão começa a lampejar pelo *lado de dentro,* mediante um fogo ardente e grandes coriscos de relâmpagos" (Elmer A. Leslie, *in loc.*). "A glória de Deus é encobrir as cousas, mas a glória dos reis é esquadrinhá-las" (Pro. 25.2).

> *Nas trevas e na nuvem,*
> *Sobre os picos antigos do Sinai,*
> *Ele apareceu, enquanto Israel fazia deuses de ouro,*
> *Embora as trombetas continuassem tocando tão alto.*
>
> (Tennyson)

Cf. Sal. 1.3; 18.8 e Hab. 3.4,5. Dan. 7.9,10 "representa o Juiz soberano como quem estivesse em um trono feito de chamas de fogo, como se as rodas de Sua carruagem fossem um fogo requeimante, e uma corrente de fogo saísse dessa carruagem e chegasse até defronte do profeta. Cf. II Tes. 1.8 e II Ped. 3.7,10,11. O fogo tem seu pioneiro que destrói todos os empecilhos do caminho e abre para Ele uma passagem desimpedida" (Adam Clarke, *in loc.*). Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à volta do Senhor Jesus no fim de nossa era, bem como ao evangelho, como um fogo que saiu pelo mundo para preparar-Lhe o caminho.

97.4

Os seus relâmpagos alumiam o mundo. *Relâmpagos divinos* iluminam o mundo inteiro e a terra toda inicia um tremor incontrolável. A terra é aqui personalizada, como se representasse um ser sensível. A terra vê a terrível majestade de Deus e treme de medo. Cf. Sal. 77.17,18. Ver a figura da terra a tremer, em Sal. 77.16. Ver também Apo. 11.19 e 16.15, quanto a algo semelhante nas páginas do Novo Testamento.

> *Deus se move de maneiras misteriosas,*
> *Para realizar Suas maravilhas;*
> *Ele implanta Seus passos no mar,*
> *E cavalga sobre a tempestade.*
>
> (William Cowper)

97.5

Derretem-se como cera os montes. As *colinas eternas,* símbolos da estabilidade e do caráter perene da terra (ver Sal. 76.4 e 90.2), derretem-se diante da manifestação de fogo do Ser divino. Cf. Naum 1.5 e Juí. 5.5. Esse tremendo poder nos convence de que estamos tratando aqui com o Senhor de toda a terra, pelo que a Sua soberania universal é enfatizada, um tema constante dos salmos de entronização (Salmos 47; 93 e 95 a 99). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Soberania.* A expressão "Senhor de toda a terra" provavelmente foi tomada por empréstimo de Jos. 3.11-13. Cf. Gên. 18.25; Miq. 14.13; Zac. 4.10 e 6.5. O Deus Yahweh, que tinha começado como um Deus tribal, avançou até conquistar a terra inteira. A universalidade de Yahweh tornou-se um tema comum no judaísmo posterior. Como muitas outras doutrinas, esta também passou por uma evolução. Talvez devamos ver algum simbolismo em figuras como esta: "As colinas simbolizam as alturas do egoísmo e do orgulho intelectual, das riquezas e do poder dos homens. Diante da presença divina tudo se derrete" (Fausset, *in loc.*).

> *Envia Tua verdade, ó Deus,*
> *Por tempo demasiado as sombras têm ameaçado,*
> *Por tempo demasiado temos caminhado*
> *pelo caminho obscurecido,*
> *Tua verdade, ó Senhor, envia-a.*
>
> (Edward R. Siff)

O Senhor É Exaltado sobre Todos (97.6-9)

97.6

Os céus anunciam a sua justiça. Os céus e a terra unem-se para declarar a *justiça* e a *glória* do Yahweh Universal, cujas temíveis manifestações prepararam o caminho de Seu retorno à terra como se fossem Seus arautos. A *glória* foi vista de maneira notável, e assim os habitantes de toda a terra viram a Sua majestade. "Honra e majestade estão diante Dele como atendentes inseparáveis" (Fausset, *in loc.*). "Seu aparecimento, para estabelecer a retidão na terra, será anunciado sobre a terra" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"A glória de Sua justiça, na punição de Seus inimigos; os relâmpagos e a trovoada nos céus; os sinais de Sua ira e os seus instrumentos; a Sua ira revelada do céu (ver Rom. 1.18); ou os habitantes do céu, Seus instrumentos, os anjos do céu (no dizer de Aben Ezra); os verdadeiros ministros do evangelho, que são os anjos de Cristo... a retidão do Cristo, revelada no evangelho de fé em fé; a glória de Seu poder e a graça de Sua salvação; a glória de Deus na face de Cristo (ver II Cor. 4.6); a glória do próprio Cristo, a Sua honra coroada no céu; a glória de Seu povo, escolhido e remido. Ver Isa. 60.5,6" (John Gill, *in loc.*).

97.7

Sejam confundidos todos os que servem imagens de escultura. *Em contraste com a realeza universal e a glória de Yahweh,* o poeta sagrado agora condenava os substitutos insensatos, como a idolatria, aos quais os pagãos continuavam aferrados. As *imagens de escultura* são, uma vez mais, equiparadas aos *deuses,* conforme se vê em Sal. 96.4,5, onde há notas expositivas completas, incluindo os *deuses* mencionados na teologia dos hebreus, com referência a Sal. 82.1. Neste ponto, o salmista usa uma linguagem convencional, *como se os deuses fossem seres reais e pudessem* homenagear a Yahweh. Mas ele não estava ferindo o monoteísmo, algo totalmente contrário à teologia do judaísmo posterior, de cujo ponto de vista ele escrevia. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Monoteísmo* e *Idolatria.* Os ídolos eram feitos de madeira, pedra ou metal, ou formados como metais fundidos. Destituídos de vida e mentalidade, eram, no entanto, adorados pelos pagãos. Alguns intérpretes separam a menção aos ídolos da menção aos deuses, e transformam-nos em hostes celestiais, de qualquer tipo que possam ter sido, mas provavelmente concebidos como se fossem *anjos.* Mas não temos aqui um retorno à idéia de Sal. 82.1, que reflete as antigas especulações dos hebreus sobre os poderes divinos. Aben Ezra, a Septuaginta, a Vulgata Latina e o siríaco pensam que os *deuses,* no caso presente, são os *anjos.* Seja como for, a universalidade do poder de Yahweh, nos céus e na terra, é enfatizada.

Cristianizando o versículo, somos relembrados de que a *idolatria* não é meramente a adoração a imagens. "Qualquer coisa que interfira entre a alma e Deus é uma manifestação da idolatria e deve ser repelida". Portanto, caros leitores, isso transforma todos nós em idólatras! Minha citação aqui, é de H. F. B. Compston, em seu artigo intitulado *Idolatria,* no *Dicionário da Bíblia,* de Hartings.

Talvez Heb. 1.6 esteja baseado neste versículo. Nesse caso, os deuses devem mesmo ser compreendidos como anjos.

97.8

Sião ouve e se alegra. Este versículo é um paralelo bem próximo de Sal. 48.11. *Sião* é o lugar da manifestação da presença de Deus, o lugar de Seu templo e culto divino, ou seja, a capital da adoração sagrada.

As "filhas de Judá" são as aldeias de Judá. Cf. Núm. 21.25; Jos. 15.45; Jer. 49.2. A "justiça de Deus" consiste no fato de que Ele vindica a Si mesmo, bem como ao povo de Israel, dentro dos eventos históricos. É possível que algum acontecimento recente e poderoso tenha inspirado esses comentários. Está em vista a derrubada da idolatria e do poder dos povos pagãos, conforme demonstra o versículo seguinte. "Toda a terra de Israel, desde há muito desolada, ouvirá os julgamentos que Deus declarou contra os inimigos de Seu povo" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Apo. 19.1,2.

97.9

Pois tu, Senhor, és o Altíssimo sobre toda a terra. *Yahweh é o Senhor exaltado,* e a Sua posição está acima da terra, onde aqueles falsos deuses eram adorados. É por isso que, em Seu juízo (vs. 8), os deuses são rebaixados e Israel se regozija por causa da *vindicação* da honra de Yahweh. Cf. Sal. 83.18 e 47.2-10, que correspondem à primeira e à segunda parte deste versículo, respectivamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altíssimo,* e ver também Sal. 7.17. "... exaltado não somente sobre os ídolos destituídos de vida, mas também sobre os anjos do céu. Ele estava à mão direita de Deus, onde não existem, nunca existiram nem existirão anjos, autoridades ou qualquer outro poder. Estão todos sujeitos a Ele (ver Heb. 1.13; I Ped. 3.22)" (John Gill, *in loc.*).

A companhia dos anjos Te está louvando lá no alto,
E os homens mortais, e todas as coisas criadas, dão sua resposta.
Toda a glória, louvor e honra, a Ti, Rei Remidor,
A Quem os lábios das crianças bradam doces hosanas de louvor.

(Theodulfo de Orleãs)

Consolação para os Justos (97.10-12)

97.10

Vós, que amais o Senhor, detestai o mal. Aqueles que obedecem ao primeiro e maior dos mandamentos (Deu. 6.5) ansiarão por odiar todos os males prejudiciais que Lhe furtam a glória. Ele é o Preservador da vida de Seus santos, dos que se santificam porque Deus é santo (ver Lev. 11.44). Quanto aos indivíduos espirituais do Antigo Testamento chamados *santos,* ver Sal. 16.3; 30.4; 31.23; 34.9; 37.28; 79.2; 89.5; 97.10; 116.15; 145.10; 148.14 e 149.1,5,9.

O original hebraico diz aqui, uma vez emendado: "O Senhor ama aos que odeiam o mal". Esse teste prático da verdadeira religião nunca se tornará obsoleto. O amor a Deus implica no ódio a tudo quanto *Ele* odeia. Um autor pagão expressou isso de maneira notável:

"Amar e odiar, dizem eles, originam-se da mesma fonte informativa. Isso deveria ser mais bem conhecido por ti. Meu negócio é odiar os maus e amar e elogiar os bons. E a essa regra me apegarei" (*Diálogos de Luciano com a Filosofia,* personalizada).

Aqueles que cumprem essa condição são preservados pelo Senhor da Retidão, pelo que os ímpios não podem prejudicá-los com seus atos maus. "Ele *os ama* e *preserva,* guardando-os de todos os males" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 34.13,14; Rom. 12.9 e II Tim. 2.19. "Por serem fiéis, eles serão libertados dos ímpios" (Allen P. Ross, *in loc.*). Kimchi refere esse livramento à volta de Judá do cativeiro babilônico, o que é uma boa *aplicação* histórica.

97.11

A luz difunde-se para o justo. Um Novo Dia raiará, trazendo luz para os justos. Essa luz conferirá *alegria* aos retos de coração. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Luz* e *Alegria.* O original hebraico diz aqui, literalmente, "a luz é espalhada", o que combina mais com a metáfora da *semeadura,* retida por alguns intérpretes. Mas isso dificilmente faz bom sentido. Não obstante, Milton preservou essa símile improvável:

Agora, manhã, avançando com seus passos róseos no clima oriental, e semeando a terra com pérolas orientais.

Somos levados aqui a pensar em uma *colheita* resultante da semeadura e do cultivo: uma má colheita para os ímpios (vs. 7), mas uma boa colheita para os justos. O sol, naturalmente, faz a semente semeada brotar e prosperar, pois sem os raios do sol não poderia haver vida biológica. Seja como for, o sol traz prosperidade espiritual para o Novo Dia, e é precisamente isso o que o autor sagrado procurava comunicar.

Oh! dia de descanso e alegria,
Oh! dia de alegria e de luz,
Oh! bálsamo para as preocupações e as tristezas,
Belíssimo e brilhantíssimo.

(Christopher Wordsworth)

"A luz é semeada para os retos neste mundo, e eles colherão luz e alegria no tempo vindouro, nos dias do Messias" (Kimchi).

97.12

Alegrai-vos no Senhor, ó justos. Os *homens bons* têm toda a razão para se regozijarem ao raiar do Novo Dia, porque esse dia lhes trará vastos benefícios. O regozijo é *em Yahweh,* por ser Ele a fonte e o preservador de tudo. Portanto, só podemos dar graças ao Seu santo nome. Quanto a *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21, e, quanto ao poderoso *nome* de Yahweh, acerca do qual até a mera pronúncia realizava milagres, ver Sal. 31.3. Cf. Sal. 30.4, que é praticamente igual a este versículo.

Sereis santos, porque eu sou santo.

(Levítico 11.44)

"Os falsos crentes odeiam a doutrina da santidade. Eles se dispõem a permitir que outras pessoas se santifiquem, mas não anelam por obter a santidade eles mesmos. Há por demais autonegação e carregar da cruz nesse esforço. Eles não se esforçam por conseguir um coração perfeito" (Adam Clarke, *in loc.*).

Quando crentes verdadeiramente espirituais *lembram* a santidade de Deus, *agradecem ao Senhor,* pois Ele é o modelo de toda a vida moral. E, ao seguir esse modelo, eles são transformados e chegam a compartilhar uma abundante vida espiritual. Sobre bases cristãs, é dito que esses crentes chegam a compartilhar a imagem de Cristo e a natureza divina (ver Rom. 8.29 e II Ped. 1.4). Ao assim dizer, estaremos descrevendo a *salvação* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também *Transformação segundo a Imagem de Cristo,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Salmo Noventa e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino* que celebra a realeza de Yahweh na face da terra. A referência é ao *futuro,* pois este salmo tem natureza profética. Cf. Sal. 46; 47; 48.4-8 e 76.3. Os Salmos 93 e 95 a 99 constituem uma pequena coletânea de salmos de entronização de Yahweh, que provavelmente eram usados na festividade do Ano Novo, quando se celebrava anualmente a cerimônia de entronização. Isso servia para alertar a nação de sua responsabilidade para com seu Deus e Rei, como fiéis súditos. Um tema principal que percorre esses salmos é o senhorio *universal* e realeza do Deus de Israel, um tópico importante no judaísmo posterior. Alguns eruditos supõem que o decreto de Ciro, que permitiu a Judá retornar à Terra Prometida, terminado o cativeiro babilônico, tenha sido o evento que inspirou o hino. Os vss. 4-6 mostram que este salmo tinha por finalidade ser usado no culto do templo. Alguns lhe dão uma interpretação *escatológica,* supondo estar em pauta alguma vinda distante do Senhor, e não meramente o retorno de Israel depois do exílio na Babilônia. Ver os vss. 7-9. Talvez esse retorno se tornasse símbolo do evento maior, que ainda jaz no futuro. Dentro da liturgia cristã, este salmo se posta como alternativa para o Magnificat nas Orações Vespertinas, do Livro Inglês de Oração Comum.

Subtítulo. O subtítulo aqui é, simplesmente, "Salmo", sem nenhuma elaboração concernente ao possível autor ou às circunstâncias que podem ter inspirado a composição. Foram editores posteriores que inventaram os subtítulos. Eles não fazem parte das composições originais e não têm nenhuma autoridade canônica.

Louvando a Vindicação de Deus (98.1-3)

98.1

Cantai ao Senhor um cântico novo. Cf. o Novo Cântico deste hino com a mesma coisa dita em Sal. 33.3 e 96.1. "Novo", neste caso, não significa algo absolutamente novo, e, sim, algo esplêndido, digno de atenção. Refazer um antigo tema, com certo embelezamento, daria ao tema o verniz de algo novo. As

obras maravilhosas (ver Sal. 96.3) de Sua mão direita formam um tema comum. Talvez esteja em mira especificamente o decreto de Ciro (inspirado por Deus), que permitiu a Judá voltar à Terra Prometida após o cativeiro babilônico. Neste caso, a *vitória* assim mencionada é a mesma coisa. O poder por trás desse acontecimento foi a *mão direita* de Yahweh (ver Sal. 20.6) e o *Seu braço* (ver Sal. 77.15 e 89.10). Deus é visto aqui como a causa de tudo o que os homens fazem. A vitória foi a *salvação* de Israel, que é como a mesma palavra hebraica é traduzida por alguns no vs. 2. Há cerca de duzentas e sessenta referências na Bíblia à ação da mão (ou mão direita) de Deus, que mostra com quanta freqüência Deus intervém nos negócios humanos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teísmo*, que fala de um Criador que constantemente aplica a este mundo Sua providência negativa e positiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

Alguns estudiosos fazem com que a coisa nova aqui mencionada, que inspirou o Novo Cântico, seja a volta do Senhor à terra, como vitorioso Salvador e Senhor; mas isso é cristianizar o salmo, o que pode ou não ter sido o intuito *profético*.

98.2

O Senhor fez notória a sua salvação. A *vitória* (vs. 1) do Senhor é a Sua *salvação* (vs. 2); a mesma palavra hebraica foi traduzida para conseguir os dois sentidos. Quanto à *salvação* e ao *Deus da salvação*, ver Sal. 62.2, onde ofereço notas expositivas e referências. Talvez tenhamos aqui a volta de Judá do cativeiro babilônico como a salvação especial do Senhor. Ver Sal. 74.12, quanto a idéias adicionais.

O maior tema entoado através dos séculos;
É o maior tema para uma língua mortal;
O maior tema que o mundo jamais entoou:
Nosso Deus é capaz de libertar-te.

(William A. Ogden)

A vitória foi uma demonstração franca, na presença dos pagãos, de como Judá, servo de Yahweh, foi livrado ou *vindicado* (Revised Standard Version) pela *justiça* divina (versão portuguesa). Os babilônios tinham agido por meio de miseráveis atos de crueldade e injustiça. Mas Yahweh reverteu o curso da maré maligna e anulou o mal praticado pelos invasores pagãos. Quanto à aplicação teológica neotestamentária dessas palavras, ver Rom. 3.25,26.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da salvação evangélica em favor de todos os povos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação*.

98.3

Lembrou-se da sua misericórdia e da sua fidelidade. Judá estava exilada naquele cativeiro miserável. A maior parte dos judaítas tinha sido aniquilada e não podia mais ir a lugar algum, exceto para o sepulcro. Os poucos sobreviventes foram levados para a Babilônia, onde passaram setenta longos anos de perseguições e maus tratos. Então Deus levantou Ciro, cujo decreto pôs em liberdade os cativos. Por trás dessa ocorrência estava o *amor constante* de Deus, e esse mesmo fator estava por trás da missão de Cristo em favor de todos os povos (ver João 3.16). Cf. Luc. 1.54,55,72.

Celebrarei as benignidades do Senhor e os seus atos gloriosos, segundo tudo o que o Senhor nos concedeu, e a grande bondade que usou para com a casa de Israel segundo as suas misericórdias e segundo a multidão de suas benignidades.

(Isaías 63.7)

Sua fidelidade. Esta palavra, por muitas vezes, acompanha a idéia do *amor constante* de Deus. Ver Sal. 89.1,3,33 e 49, onde tais palavras aparecem juntas em um único salmo. Deus se mostrava fiel às promessas da aliança firmada com Abraão. Ver sobre *pacto abraâmico* em Gên. 15.28, e ver também sobre *pacto davídico*, em II Sam. 7.4. As promessas feitas pelo Senhor precisavam ser cumpridas, e Judá tinha de continuar representando a nação de Israel, após o cativeiro babilônico.

"Deus cumpriu fielmente tudo quanto havia prometido. Então tudo teve cumprimento na dispensação do evangelho" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Essa qualidade de bondade não é atribuída somente a Deus, mas é elogiada como uma das maiores virtudes humanas. Eruditos como T. H. Robinson asseguram-nos que o cultivo da misericórdia e da benignidade no coração humano é a mais alta exigência da moralidade profética" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*, quanto a notas expositivas detalhadas e poesias ilustrativas.

O Louvor Universal a Yahweh (98.4-6)

98.4

Celebrai com júbilo ao Senhor. O *cortejo* seguia caminho na direção do templo, a fim de celebrar a cerimônia de entronização, fazendo de Yahweh, uma vez mais, o Rei de Israel e, de fato, o Rei Universal. O coro avançava cantando; as trombetas tocavam; os instrumentos musicais também; as mulheres dançavam. O coro convoca *todos os povos* de todos os lugares a juntar-se ao cântico, no espírito do evento, com uma dedicação correspondente a Yahweh como o Rei da vida. Há grande ruído de alegria, regozijo e atividade frenética. Diz aqui o original hebraico, literalmente, "explodi e cantai em voz alta", como se fossem águas precipitando-se, tal qual o estampido de um raio caído do céu. Cf. Sal. 96.1; 97.1 e 100.1, quanto às *expectações universais*.

98.5

Cantai com harpa louvores ao Senhor. O *acompanhamento musical* era uma questão seriíssima para os hebreus. Ver I Crô. 25, quanto às guildas musicais (levíticas) profissionais, que se ocupavam do ministério da música em Israel. Os levitas músicos eram cantores e sabiam tocar certo número de instrumentos. Provavelmente eles compuseram muitos dos salmos que editores posteriores atribuíram a vários nomes famosos, como Davi, Asafe, Salomão e até Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais*, onde ofereço detalhes e descrevo os instrumentos musicais mais comuns empregados pelos hebreus na música sacra.

O salmo à nossa frente tinha por finalidade ser usado no templo de Jerusalém. Uma vez que o cortejo chegasse ao terreno do templo, haveria sacrifícios e ofertas, além de votos nacionais e individuais, e então a música continuaria. Cf. Sal. 95.3 e 99.4. Ver também Apo. 5.8,9 e 14.2,3, e cf. 15.2,3. O coro, profissionalmente treinado, convidava *todos os homens* a aliar-se na adoração ao Senhor.

Temos uma história para contar às nações,
E elas voltarão seu coração para o certo,
Uma história de verdade e misericórdia,
Uma história de paz e luz.
Pois as trevas cederão vez à alvorada,
E a alvorada ao resplendor do meio-dia.
E o grande reino de Cristo virá à terra,
O reino de amor e luz.

(Colin Sterne)

98.6

Com trombetas e ao som de buzinas. Continua aqui a descrição do acompanhamento musical, mencionando outros instrumentos empregados. Agora faz-se menção aos instrumentos de sopro, os quais, obviamente, tornavam o som jubiloso bem mais alto, e quero dizer realmente *alto*. Você sabia que um saxofone tem a potência de som de dezessete violinos? Esse tremendo sonido, tão repleto de alegria, era proferido "perante o Senhor", ou seja, em Sua presença, no Templo, pois Ele é o Rei Universal. Cf. esse título com Sal. 5.2; 10.16 e 24.7.

Trombetas. *No hebraico, chatsotsere*, "a trombeta reta". Este é o único lugar no livro de Salmos onde tal instrumento é mencionado. Era uma espécie de instrumento tubular sobre o qual não sabemos coisa alguma com certeza, exceto o que se pode depreender do próprio vocábulo. Josefo (*Antiq. Jud.* 1.3, cap. 12, sec. 6) descreve um instrumento chamado *asosra*, que talvez aponte para a mesma coisa. Ele afirmou que o instrumento era ligeiramente mais curto que um côvado, semelhante a um estreito tubo de órgão, porém mais grosso que uma flauta. A *buzina*, o outro instrumento aqui mencionado, era feito de chifre de carneiro, como aquele soprado pelos sacerdotes com vários propósitos. Ver Jos. 6.4. A trombeta, como é patente, era feita de metal, e não de chifre animal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais*, seção IV.2, *Instrumentos de Sopro*, quanto aos dois instrumentos mencionados neste versículo.

98.7

Ruja o mar e a sua plenitude. Tal como em Sal. 96.11 (ver as notas expositivas ali), o mar rugia sua aprovação sobre a entronização de Yahweh e juntava ao ruído de todos os povos o seu cântico alegre. Mediante essa figura de linguagem, o poeta sacro trouxe à festa a natureza inanimada e fez com que a criação de Yahweh também O louvasse. O vs. 8 continua o louvor da natureza.

Ouvi! o Poderoso Ser está desperto,
E com Seu eterno movimento produz
Um som como um trovão perene.

(Wordsworth)

Em um rugido solene, o mar lança o seu som em tons baixos e cavos, saudando ao Senhor. Todos os habitantes do mundo ouvem o ruído e acrescentam suas vozes à cacofonia.

Alguns intérpretes, ansiosos por cristianizar este versículo, fazem o *mar* simbolizar a promulgação do evangelho por parte das águas! Ou então os mares seriam as nações que se regozijam ao acolher as Boas Novas.

98.8

Os rios batam palmas. "A referência, neste caso, não é ao *abismo primevo*, conforme se vê em Sal. 24.2 e 93.3, mas às grandes correntes de água da terra, e a tradução deve ser *rios*. As palavras "batam palmas" são uma indicação de alegria, figura também usada em Isa. 55.12, que fala sobre as 'árvores do campo' como sujeito" (William R. Taylor, *in loc.*). Provavelmente a metáfora foi sugerida porque as multidões intensamente jubilosas que participavam da festa batiam palmas acompanhando o ritmo dos hinos entoados. As *colinas* captavam o cântico e reboavam-no de uma para outra, e isso fazia o mundo inteiro vibrar no cântico. Ao usar esses três elementos inanimados da natureza — o mar, os rios e as colinas — o poeta sagrado pretendia conferir-nos um quadro de louvor universal.

De pico em pico salta o vívido trovão!
O som não procede de uma única nuvem solitária,
Mas todo monte tem sua língua.

(Byron)

Cf. Sal. 96.11-13, que é bastante similar a este versículo com seu louvor à natureza. Os compositores dos salmos de entronização obviamente estavam fazendo empréstimos de um fundo comum de literatura, ou uns dos outros. Aben Ezra, seguido por alguns intérpretes, explica cada figura como símbolos de homens; as ilhas do mar com suas populações; o povo no mar a velejar e os turistas em navios; as populações que habitavam as regiões montanhosas; as pessoas que viviam ao longo das margens dos rios. Mas isso só detrata da qualidade poética dos versículos. Sabemos que os homens louvam o Senhor. O autor, contudo, declarava que a própria natureza se une ao louvor, e isso adiciona ao seu tema o reinado universal de Yahweh.

98.9

Na presença do Senhor. *Todos os elementos*, que acabam de ser mencionados nos vss. 7 e 8, aparecem na presença do Senhor. Agora Ele estava em Seu santuário, o templo de Jerusalém. O cortejo chega e os sacrifícios são iniciados. Todo o povo e todas as coisas continuam a louvar. O cântico prossegue, as trombetas emitem seu sonido, os instrumentos tocam e as mulheres dançam. O propósito da festividade foi alcançado: Yahweh, uma vez mais, por ocasião da festividade do Ano Novo, foi coroado Rei universal. É Ele quem virá, algum dia, para julgar o mundo com justiça, e todos os povos serão tratados por Ele com *justiça*. Este versículo é definitivamente messiânico e profético. O Antigo Testamento cederia lugar ao Novo, e o Novo Testamento cederá lugar à eternidade futura. Este versículo é similar a Sal. 96.13, e as notas expositivas dadas ali servem para ilustrar o texto presente. Ver também Isa. 11.

"O Senhor, mediante seu governo justo como Rei e Juiz, fará a terra, que está debaixo da miséria de uma maldição, ficar sob o estado de paz, alegria e bem-aventurança" (Fausset, *in loc.*). "O salmista contemplava a vinda do Senhor e o propósito desse advento. Ele trará salvação (98.3) e justiça" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Cântico de Maria (ver Luc. 1.46-55). Parece que esse cântico tomou por empréstimo certo número de elementos do salmo presente. Os hinos que exaltam Yahweh como Rei (93 e 95 a 99) têm certo número de paralelos nos capítulos 40 a 55 do livro de Isaías. Ver alguns exemplos disso em Sal. 24.23; 42.10 e 55.12. Portanto, houve um contínuo empréstimo literário, para lá e para cá, de um livro para outro.

Salmo Noventa e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

O Salmo 99 é um *hino* que celebra a entronização e a realeza de Yahweh. Os Salmos 93 e 95 a 99 constituem uma pequena coletânea de hinos que celebram a entronização de Yahweh: provavelmente eles eram usados na festividade do Ano Novo, quando a entronização do Senhor era celebrada anualmente, a fim de relembrar ao povo de Israel que Yahweh é o Rei universal e soberano de todo coração. Isso servia para alertar a nação de suas responsabilidades morais individuais. Um dos principais temas que percorre esses salmos é o senhorio universal e o reinado do Deus de Israel. Esse se tornou um importante tema do judaísmo posterior. A maior parte dos críticos vê estes salmos como pós-exílicos, por causa de sua atitude teológica pertencente ao judaísmo posterior. O hino presente enfatiza a santidade de Deus e, assim sendo, pode ser classificado como um "hino à santidade".

Três Temas Principais do Salmo 99. 1. Yahweh tem um reinado universal no qual Ele é exaltado entre todos os povos (vs. 2). 2. Esse Rei universal é amante da justiça (vs. 4). 3. Esse Rei universal, quando limitado a Israel, amava, julgava, castigava e perdoava, e era o que Ele é na atualidade, ou seja, "ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre" (Heb. 13.8).

Subtítulo. Neste salmo não encontramos subtítulo, o que acontece com outros trinta e três salmos. Ver as notas sobre essa circunstância, na introdução ao Salmo 91, *Subtítulo*.

Os Povos Devem Louvar o Nome do Senhor (99.1-3)

99.1

Reina o Senhor; tremam os povos. *Yahweh Reina*. Ver Sal. 97.1, quanto ao mesmo início para um salmo. Deus era novamente entronizado na festividade do Ano Novo, em *reconhecimento* a esse fato. O Senhor reina universalmente (vss. 1-3). Todos os povos devem tremer na Sua presença, por causa de Sua terrível majestade e de Seus incansáveis e justos juízos. O reinado de Deus é moral e espiritual e trata os homens em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). "Ele estabelecerá o Seu reino, a despeito de Seus inimigos. Que aqueles que se opõem a Ele tremam, devido às conseqüências de suas infrações" (Adam Clarke, *in loc.*).

Acima dos querubins. Quanto a notas expositivas completas sobre essa classe de anjos, ver a respeito no *Dicionário*. Cf. Sal. 80.1, onde a figura é usada de outra forma. *A presença do Senhor* é manifestada no Santo dos Santos, por cima da *Arca da Aliança*, que ficava entre as duas imagens de querubins, uma em cada extremidade da arca. A *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) algumas vezes enchia o Santo dos Santos. Diante do Senhor a terra estremecia, por ser Ele (então como agora) o mais elevado poder, pronto para julgar os pecadores que não se submetem ao Seu governo.

Cf. II Sam. 6.2. Yahweh primeiramente se manifestou de modo especial ao povo de Israel, mas agora Ele é o Senhor universal, e o mundo se tornou seu local de manifestação. Ver Sal. 97.5 ss. Ver Sal. 47.8; 93.1; 96.10; 97.1; 146.10, quanto a como *Yahweh reina*. "Yahweh é descrito como quem está entronizado entre os querubins recobertos de ouro (Sal. 80.1), por sobre a arca da aliança (cf. I Reis 6.23-28). Portanto, Ele é grande em Sião, onde o templo ficava localizado" (Allen P. Ross, *in loc.*). Em seguida, o Senhor toma lugar no Santo dos Santos espiritual, que agora seria a terra inteira.

99.2

O Senhor é grande em Sião. O poder de Deus sobre a terra começa por *Sião*, e Ele é um Deus de obras prodigiosas. Seu nome fora propagado por toda a terra e em breve Ele era o Deus Altíssimo, exaltado sobre todos os povos. Esse conceito é típico do judaísmo posterior; naturalmente, no Novo Testamento, os mesmos conceitos reaparecem e até são ampliados. *Todos os povos* são agora Seus súditos e se beneficiam com o justo reinado de Deus. Os antigos deuses e seus ídolos, que eram retratados como poderes imorais, foram substituídos por um conceito apropriado de divindade. Deus é poderoso, mas também é bondoso. Ele governa com severidade, mas também favorece os povos. "Na qualidade de Deus, Ele é o Criador de todos os povos, os quais estão Nele e por Ele vivem, movem-se e têm o Seu ser (ver Atos 17.28)... Ele é o Mediador; Ele é o Salvador de todos os povos... Ele é o Rei, mais exaltado que os reis da terra; superior aos céus e aos anjos... Ele é supremamente exaltado sobre todo nome que pode ser nomeado neste mundo, ou no mundo vindouro (ver Efé. 1.21)" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sião*.

99.3

Celebrem eles o teu nome grande e tremendo. Seu *nome* terrível é, igualmente, o nome mais *santo* que há. Deus não é como o imaginário Zeus, que governava com seu raio irresistível, mas era corrupto e violento e, com freqüência, envolvia-se em causas erradas e atos arbitrários. Ver no *Dicionário* o artigo cha-

mado *Santidade.* Ver também o verbete intitulado *Nome* em Sal. 31.2, e ver sobre *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21. A mera *pronúncia* do nome divino teria o poder de operar milagres em qualquer situação. Yahweh era santo em Seu nome, em Seus caminhos e em Suas obras e, portanto, *digno* de ser louvado. A santidade é a base e a razão do louvor dos serafins (ver Isa. 6.3).

Os *hebreus piedosos* evitavam pronunciar o nome divino, e os escribas, conforme somos informados, antes de escrever tal nome, lavavam as mãos. E no entanto, hoje em dia, de maneira tão negligente, até os crentes dizem "O meu Deus", além de usarem outras profanações que envolvem o nome de Deus.

Louvai a Deus pela Sua Justiça (99.4,5)

99.4

É rei poderoso que ama a justiça. Platão tinha uma visão clara de que o Poder Superior deve, igualmente, ser o mais *justo.* O rei-filósofo ideal de Platão tinha de ser o mais justo e sábio dos homens, e não somente o mais poderoso, pelo que ele participava na forma ou na *idéia* do Ser divino. Mas na religião politeísta e popular dos gregos, os discernimentos de Platão se faziam conspicuamente ausentes. Os homens imaginavam deuses segundo a própria imagem, que era corrupta. Mas os hebreus resistiam a essa atividade, exceto nos mais antigos livros do Antigo Testamento, onde os caminhos naturalmente violentos dos homens se projetam na pessoa de Deus. Mas a visão se expandiu e se aperfeiçoou, e o Novo Testamento deu prosseguimento ao processo de evolução sobre o que pode ser dito sobre o Ser divino. O *Rei Poderoso,* assim sendo, ama a justiça e julga em conformidade com ela. Ele estabelece a equidade entre os povos e governa em consonância com os elevados padrões de Sua lei. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei deveria significar para o Seu povo. O Poder Superior é também o mais elevado Poder Moral, executando a justiça em Israel e, posteriormente, no mundo todo.

Quanto ao *Poderoso Rei,* ver Sal. 98.5,6. O texto massorético diz "a força do rei", frase obscura que tem sido emendada de várias maneiras. Kittle e outros estudiosos dizem "um Forte reina", óbvia referência a Deus como Rei. Se permanecermos com a expressão "a força do Rei", talvez devamos entender que Yahweh governava através de Seu governante terreno. Mas, se compreendermos aqui o Rei (o elevado Deus como Rei), a idéia será que Ele reina em santidade, e não meramente em razão de Seu poder. O poder não é necessariamente direito. Mas quando esse poder é o de Yahweh, então sem dúvida é direito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Esse é o texto hebraico padronizado do Antigo Testamento.

Perante os Olhos das Nações (vs. 2). Os salmos de entronização a Yahweh (Salmos 93 e 95 a 99) têm essa ênfase universal, típica do judaísmo posterior. Portanto, o yahwismo avançou de Sião a todas as capitais do mundo. O cristianismo fez avançar ainda mais a idéia do reinado universal de Deus. Isto posto, se este versículo faz menção a *Jacó,* devemos pensar aqui em Israel, por ter sido Jacó o patriarca de Israel, e teremos dito muito pouco se deixarmos a questão como ela foi expressa. A justiça praticada por Yahweh em Israel estendeu-se a Seu reinado universal.

99.5

Exaltai ao Senhor nosso Deus. O Deus e Rei universal deverá ser exaltado aonde quer que Seu nome tenha chegado. Note-se o nome divino: *Yahweh-Elohim,* o Deus *Eterno* que é, igualmente, o *Poder* mais alto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O Seu *escabelo* é a própria terra (ver Mat. 5.35; Isa. 66.1). Aqui está especificamente em vista a arca da aliança (vs. 1), mas isso se tornou símbolo do mundo inteiro, onde Deus agora torna Sua presença conhecida a todos os homens de todos os lugares. Alguns estudiosos supõem que esteja em pauta o *templo* em geral. Cf. Sal. 132.7; Lam. 2.1; I Crô. 28.2, então devemos imaginar que Jerusalém e seu templo teriam sido substituídos por todas as capitais do mundo, e todos os santuários teriam sido substituídos pelo santuário universal de Yahweh.

Existem poemas em ugarítico que também apresentam *El* como tendo um escabelo perante o qual os homens devem chegar, pelo que a figura do escabelo parece ter sido bastante disseminada. "Os israelitas, ao adorar, voltavam o rosto na direção da arca, ou seja, naquela direção, sem importar onde se encontrassem" (Adam Clarke, *in loc.*). Yahweh, sentado sobre os querubins, tocava figuradamente com Seus pés na arca. Ver I Crô. 28.2 e Sal. 132.7. As versões da Septuaginta, da Vulgata, do siríaco e do árabe dizem que o *escabelo* era adorado, o que não passa de rematada tolice. Isso cheira à idolatria, pelo menos como sugestão, posto que talvez não como intenção.

Porque ele é santo. Quanto a notas completas sobre essas palavras, ver os comentários no vs. 9, que repete as idéias deste versículo quase com os mesmos termos.

Este versículo é um *refrão* repetido de forma levemente diferente no vs. 9.

Uma Lição Histórica (99.6-9)

99.6

Moisés e Arão, entre os meus sacerdotes. Os dois grandes *homens da história,* Moisés e Arão, nos tempos da lei, juntamente com Samuel, sacerdote, profeta e um dos juízes de Israel, foram figuras notáveis que deram bom exemplo a todos, ao invocar o *Nome.* Eles clamaram a Yahweh, e Ele respondeu às suas orações. O salmista estava dizendo que Yahweh, em todos os sentidos, era suficiente para os antigos; e, por semelhante modo, era suficiente para todos os povos, em todos os lugares, naqueles tempos "modernos", após o cativeiro babilônico, quando os israelitas tanto careciam de Seu auxílio. O poeta sacro estava dizendo que a história de Yahweh nunca se tornará ultrapassada ou obsoleta. O hino segreda: "O que Ele fez por outros, fará por nós também".

Levanta-te, minha alma, levanta-te!
Desprende-te de teus temores culpados;
O Sacrifício de sangue,
Aparece em meu favor.
Diante do trono minha Garantia se posta,
Meu nome está escrito em Suas mãos.
Meu nome está escrito em Suas mãos.

(Charles Wesley)

Meu nome está escrito em Suas mãos, e não somente os nomes de Moisés, Arão e Samuel. E assim também estão os nomes de todos os homens de todos os lugares (ver João 3.16). A oração comove o Senhor e pertence a todos nós, seres humanos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração.* A condição necessária para compartilhar do reino vindouro do Senhor é invocar o Seu nome com fé. Moisés, Arão e Samuel sempre obtiveram atenção, e isso foi agora *universalizado.* Dessa maneira, o poeta sagrado *fomentou* a adoração de seus dias colocando-a na mesma categoria da adoração dos dias antigos, na qual vários heróis nacionais de Israel estiveram envolvidos.

"Moisés invocou o nome do Senhor (Êxo. 32.11,32); outro tanto fez Arão (ver Núm. 16.22); e outro tanto fez Samuel (I Sam. 7.8,9; 12.18,19), e Deus respondeu a todos eles. E Ele respondeu a todo o seu povo, mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra, o que não é um pequeno encorajamento para todos os crentes orarem a Ele" (John Gill, *in loc.*).

99.7

Falava-lhes na coluna de nuvem. Outro incidente histórico dá prosseguimento à ilustração do poeta sagrado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Colunas de Fogo e de Nuvens,* quanto a informações completas sobre aquela providência especial de Deus em favor de Seu povo. Agora que a providência foi universalizada, atinge qualquer lugar nos céus ou na terra. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.* O Senhor estava ali e agora está aqui. A *lei mosaica* foi concedida a Israel, sendo aqui referida pelas palavras "mandamentos" e "lei". Quanto à tríplice designação da lei, ver Deu. 6.1. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário dos significados da lei para o povo de Israel. Em Israel, a lei era tudo para todos. Essa dádiva da lei também foi um ato providencial de Deus dado aos homens de todos os lugares. A lei destinava-se inicialmente a Israel, mas acabou sendo uma dádiva a todos os povos. Então a *graça divina* substituiria a lei, que também seria universal em suas aplicações. O Novo Testamento fomentou a idéia da providência divina para todos. Esses eventos históricos serviram de exemplos específicos para os crentes, da mesma maneira que o antigo povo de Israel foi ensinado pelos heróis antigos. Filipe quis ver o Pai, mas o Pai já estava presente, na face de *Jesus* (João 14.8,9), e Jesus foi nosso principal herói que nos trouxe a providência divina. Em seguida, os apóstolos originais foram reunidos pelo poder do testemunho que influenciou a vida de cada um deles. Ver João 1.43 ss. Assim as antigas operações foram duplicadas e fomentadas pelas modernas, e o poeta procurou encorajar os ouvintes pelos exemplos de tais operações.

99.8

Tu lhes respondeste, ó Senhor, nosso Deus. Yahweh, também chamado aqui de *Elohim* (o Poder; ver o vs. 5), respondeu ao antigo povo de Israel, quando ele O invocou em oração. A providência divina parecia suficiente. Ele também *perdoou* o povo, quando este errou, pois até os heróis da fé tinham seus momentos de fracasso. Algumas vezes eles eram derrotados por forças hostis, incluindo a corrupção interior, pois algumas vezes até um campeão é derrotado. Se os campeões, algumas vezes, sofrem derrotas, então quanto mais aqueles que lhes seguiram as pisadas, mas não compartilhavam os mesmos feitos heróicos. Não obstante, eles também tiveram de sofrer seus castigos, porquanto a lei da colheita segundo a semeadura é universal e não admite exceções. No entanto, esses

castigos tinham por finalidade curar, e não meramente cobrar um pagamento ou executar uma vingança.

O poeta sagrado encorajou o povo de Israel ao mostrar-lhes que os heróis do passado eram apenas homens, como os homens de sua geração também eram homens, sujeitos a pecados de comissão e omissão. Mas esses pecados e fracassos não fizeram cessar a providência de Deus, nem naquele momento nem agora. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdão*, e ver Núm. 14.17-24, onde há um incidente histórico de perdão divino.

O Senhor também tirava *vingança*. Ver Sal. 94.1, mas isso com um bom propósito, e não para destruir, finalmente. Quanto aos erros cometidos por Moisés e Arão, ver Êxo. 32.35; Núm. 20.12; Deu. 3.23-27; 9.20. Nenhum erro de Samuel foi registrado na Bíblia, mas esse silêncio não significa que ele nunca tivesse cometido um erro. O Senhor castigava, mas não consumia os castigados, o que prova amplamente a antiga bondade de Deus no trato com o Seu povo. O poder de Yahweh continuava presente. Ele é chamado de *o Poder*. Mas a Sua bondade também estava presente. A atual comunidade de Israel e, de fato, todos os homens devem esperar pelos atos castigadores de Deus, mas também podem depender do *amor constante* do Senhor em todas as situações. O julgamento divino é um dedo da amorosa mão de Deus. O próprio Samuel teve filhos que erraram, e talvez ele não tenha sido o pai que deveria ter sido. Mas nem mesmo esse fracasso parcial, se realmente foi de Samuel, pôde desfazer o bem que ele havia praticado. O desprazer de Deus é *paternal*, não caprichoso e egoísta. Os pais com freqüência têm muitas regras, e isso irrita os filhos; e muitas de suas regras são ditadas para confortar os pais, e não para corrigir os atos errôneos dos filhos.

99.9

Exaltai ao Senhor nosso Deus. Este versículo, tão similar ao vs. 5, é um *refrão*, tal e qual aquele outro. Vamos *reiterá-lo*: *Exaltai a Yahweh-Elohim*, e isso por Seu poder, por Sua vontade, por Sua providência contínua. Ele está em Seu *santo monte*, isto é, no *templo*, ao passo que no vs. 5 temos a menção ao *escabelo*, que talvez seja a arca. Mas o pensamento é idêntico. A essência da questão é a mesma, ainda que os detalhes sejam diferentes. O elevado e universal Poder é *santo*, uma das principais ênfases do Salmo 99. Encontramos a mesma declaração no vs. 5. A santidade de Deus é um dos temas mais freqüentes da Bíblia e, quando Yahweh se tornou o Deus universal, isso em nada foi alterado. Ver os comentários sobre o vs. 5, onde se torna proeminente a santidade de Deus aplicada ao mundo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Santidade*, quanto a detalhes. "Sede santos, porque Ele é santo" (ver Lev. 11.44). O povo de Deus, pois, é chamado de *santo* (ver Sal. 97.10). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Justiça*. Deixo ao encargo do leitor examinar os detalhes dos artigos referidos, com suas muitas referências.

Nos cumes dos montes que aparecem,
Eis que o arauto sagrado se pôs de pé,
Trazendo notícias boas para Sião:
...
O próprio Deus afrouxará seus laços.
O próprio Deus afrouxará seus laços.

(Thomas Kelley)

Em Cristo não há leste nem oeste,
Nele não há nem sul nem norte,
Mas há somente uma grande comunhão de amor,
Por toda a larga terra.

(John Oxenham)

Salmo Cem

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos que pertencem a cada uma delas.

O Salmo 100 não é, estritamente falando, um hino de entronização de Yahweh, como Rei universal, mas sua atitude é similar à dos salmos dessa espécie, a saber, os Salmos 93 e 95 a 99. Antes, trata-se de um *hino de louvor*. Outrossim, este salmo atua como uma *doxologia* daquela coletânea. Ver a introdução aos Salmos 93 e 99, quanto à natureza desses salmos. "Este salmo simples era entoado, conforme indicado por seu conteúdo, por um cortejo de adoradores que estavam a ponto de entrar nos portões e nos átrios do templo (vss. 2 e 4). Seu propósito era efetuar um culto de agradecimento e ofertas pacíficas" (William R. Taylor, *in loc.*). Quanto ao conteúdo, este salmo é similar ao Salmo 96, mas sumaria com maior concisão o credo do judaísmo (vss. 3 e 6): 1. Yahweh é Deus; 2. Ele é o Criador; 3. Israel era o povo Dele; 4. Yahweh é bom; 5. Sua bondade dura para sempre; 6. Sua fidelidade perdura para todas as gerações. Esse credo ajudou Israel em muitas ocasiões de tensão nacional.

Subtítulo. Neste salmo temos apenas as seguintes palavras como subtítulo: "Salmo de ações de graças". Nenhuma tentativa foi feita para identificar seu autor, nem para descrever as circunstâncias que podem ter inspirado a composição do salmo. Seja como for, os subtítulos foram obras de editores posteriores e não faziam parte das composições originais, pelo que também não se revestem de nenhuma autoridade canônica, usualmente expressando meras conjecturas.

Celebrai com Júbilo ao Senhor (100.1-5)

100.1

Celebrai com júbilo ao Senhor. Ver o Salmo 98.4, quanto a uma declaração virtualmente idêntica, a qual, de acordo com algumas traduções, diz "todas as terras" (como é o caso de nossa versão portuguesa), em lugar de "todas as nações". O culto dos hebreus era ruidoso, pois o coro cantava, os instrumentos tocavam, as trombetas sopravam e as mulheres dançavam. Sal. 98.5-8 fornece uma descrição completa, pelo que não repito aqui a informação. O povo seguia em cortejo na direção do templo de Jerusalém (vs. 2) e cantava o tempo todo. Eles entoavam hinos dentro dos portões do templo, realizavam sacrifícios e apresentavam votos nacionais e pessoais. Entrementes, prosseguiam o ruído elevado e as ações de graças. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Alegria; Louvor* e *Ações de Graças*. Cf. também Sal. 96.1, um tanto mais elaborado, porém idêntico em essência. Este salmo não se refere diretamente à entronização de um rei, nem menciona especificamente a entronização anual de Yahweh por ocasião da festa do Ano Novo, mas atua como uma doxologia para a pequena coletânea que se pautava pelo tema (ver Salmos 93 e 95 a 99).

Todas as terras. Ver Sal. 96.1; 97.1 e 98.4. A universalidade do culto a Yahweh é enfatizada aqui, tendo o Senhor se tornado o Rei de todas as nações. Este é um dos principais temas dos salmos de entronização. Foi também um tema muito repetido do judaísmo posterior, e podemos supor com segurança que este salmo seja pós-exílico.

100.2

Servi ao Senhor com alegria. O povo aproximava-se dos átrios do templo e continuava em seus louvores. O coro os exortava a servir "ao Senhor com alegria". Ou, em outras palavras, a fazer tudo o que a lei ordenava acerca do culto a Yahweh, incluindo elaborados ritos de sacrifícios, oferendas e votos. Isso deveria ser cumprido *com alegria*, porquanto não era pouco ser participante das bênçãos da aliança com Deus. Ver sobre *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18; sobre *Pacto Palestino* na introdução a Deu. 29; e sobre *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. Além disso, ver no *Dicionário* o verbete denominado *Pactos*.

A adoração dos hebreus era *jubilosa*, visto que sempre celebrava os feitos de Yahweh em favor dos homens. Cada vez que Israel adorava, celebrava vitórias. "A religião do verdadeiro Deus pretendia remover a miséria humana e tornar a humanidade feliz. O homem que é crente mas não é feliz não compreende a fé cristã ou não está fazendo dela o uso apropriado" (Adam Clarke, *in loc.*). "A alegria expressa-se em cânticos de júbilo, quando o povo se aproximava de Seu santuário (cf. Sal. 95.6; 96.8 e Deu. 23.2-4") (William R. Taylor, *in loc.*).

Oh, quem me dera mil vozes para cantar,
Os louvores do meu Grande Redentor,
As glórias do meu Deus e Rei,
Os triunfos da Sua graça.

(Charles Wesley)

100.3

Sabei que o Senhor é Deus. *Yahweh é Elohim, o Poder*, e esse Poder foi o Criador de todas as coisas. Ninguém deu origem a si mesmo, e o Grande Originador de todas as coisas merece o louvor e o agradecimento de Suas criaturas, pois a vida agora é boa e conduz à vida eterna. Ato contínuo, o povo criado tornou-se *o povo de Deus*, composto pelas ovelhas do Seu pastor. Agora Yahweh é visto como *Pastor*. O Salmo 23 fala disso do começo ao fim, e então o Salmo 80.1 reitera o mesmo tema, e ali dou detalhadas notas expositivas sobre o conceito. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pastor*. Esse simbolismo é apresentado em outros salmos, mencionado na referência dada acima.

Foi ele quem nos fez. Não foi o homem quem criou a si mesmo, e esta é uma possível tradução do original hebraico, preservada na King James Version. Outras versões dizem aqui "e somos dele", o que tem algum apoio nos manuscritos do Antigo Testamento. Assim dizem o *Targum* e a versão siríaca, bem como Kimchi e Aben Ezra. Por outro lado, declarar que o homem não se criou a si mesmo, embora isso pareça um truísmo autêntico, faz bom contraste com *ter sido criado por Deus*. Ter tido tal origem faz do homem uma criatura subordinada, humilde e ansiosa por louvar ao Criador. Se o homem é oriundo do Ser divino, então deve estar pronto para servir e louvar o Ser divino, por causa de todos os Seus benefícios (ver Sal. 103.2).

Sim, Deus é bom.
Dez mil vozes na terra e no céu,
Das profundezas do oceano e dos bosques,
Parecem estar clamando: Deus fez a todos nós,
E Deus é bom.

(John H. Gurney, seguindo um poema de Elizabeth L. Follen)

Rebanho do seu pastoreio. Quanto a essa figura simbólica, ver Sal. 74.1; 79.13; 95.7 e as notas expositivas em Sal. 23.1 e 80.1. As ovelhas são animais humildes, fáceis de liderar e de destruir. As ovelhas do pasto divino dependem inteiramente do Pastor para cada necessidade, e esse fato provavelmente inspirou os autores sagrados a empregar tal figura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ovelhas,* para um desenvolvimento do tema.

100.4

Entrai por suas portas com ações de graças. O cortejo agora entra no terreno do templo. O tema é o agradecimento ao Senhor, porquanto Deus é bom e criou a todos nós. Cf. Sal. 92.13 e 96.8. As *oferendas de ações de graças* eram feitas paralelamente aos votos. Ambos refletiam a *gratidão* por todas as coisas boas recebidas da mão de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ações de Graças.* Ver também Deu. 12.11 e Lev. 23.37,38.

"... sede agradecidos por todas as Suas bênçãos e por toda a Sua graça, por todas as coisas, em todos os tempos, *abençoai o Seu nome,* atribuindo-Lhe honra, bênção e glória para sempre (ver Sal. 72.19 e cf. Sal. 103.1)" (John Gill, *in loc.*).

100.5

Porque o Senhor é bom. Ações de graças são feitas verbalmente, mediante oferendas e votos apropriados, porque Yahweh é e se tem revelado *bom.* Seu *amor constante* inspira todos os atos divinos, e isso para *todo o sempre.* Sua *fidelidade* perdura por todas as gerações. Cf. o *amor constante* e a *fidelidade* de Deus, que são os companheiros de Deus, como se fossem Seus arautos das boas novas aos homens. Ver Sal. 89.1,2,33,40, onde essas qualidades são colocadas lado a lado, e os vss. 14, 24 e 28, onde o amor constante aparece sozinho, bem como os vss. 5 e 8, onde a fidelidade aparece sozinha. Portanto, são *três os companheiros* do Senhor: a bondade, o amor e a felicidade. Quão diferente era Yahweh dos ídolos que representavam os deuses imaginados pelos pagãos. O Poder Máximo operava mediante um amor infindo, e o amor era garantido pela fidelidade de Deus. O conceito pagão de que "poder é direito" fica assim eliminado, além do que as qualidades morais não eram características dos deuses pagãos.

Fidelidade. Com base nos costumes hebraicos, isso aponta para a *lei* e suas exigências. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para Israel. Naturalmente, uma fidelidade acompanha de perto a lei, e o evangelho cristão trouxe a verdade mais fiel em Cristo. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Verdade (Na Bíblia e Outras Considerações),* e também *Verdade, Cristo como.* Para um estudo filosófico, ver acerca da *Verdade* no artigo chamado *Filosofia,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Salmo Cento e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo real,* que atua como uma espécie de manual para os governantes. O rei se compromete a governar com justiça. É possível que este salmo fosse usado como parte da cerimônia de coroação. Lutero o chamava de "David's Regentesnspiegel", ou seja, "espelho de Davi para os príncipes governantes". Este salmo tornou-se parte integrante da liturgia do templo e lembrava aos governantes suas responsabilidades morais. "Este salmo, em certo sentido, é a contraparte do Salmo 15, que declara os princípios morais seguidos por um *cidadão* de Sião... e o Salmo 101 é uma solene afirmação, por parte de um *magistrado* humano, de sua adesão a esses mesmos princípios" (William R. Taylor, *in loc.).*

Subtítulo. Neste salmo temos o subtítulo muito simples: "Salmo de Davi". As notas introdutórias dos salmos foram adições de escribas posteriores, ou seja, não eram originais. Foram principalmente conjecturas quanto à autoria e às circunstâncias históricas que poderiam ter inspirado as composições.

A Dedicação do Rei ao Senhor (101.1,2a)

101.1-2a

Cantarei a bondade e a justiça. Este cântico foi composto para entoar louvores à *lealdade* e à *justiça* que um monarca terreno supostamente deveria praticar, permitindo que por meio deles fluíssem os princípios morais do Rei Yahweh, o Rei universal (ver Sal. 93 e 95 a 99). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lealdade* e *Justiça,* quanto a plenos detalhes sobre essas qualidades morais. Essas palavras foram postas na boca do monarca, que prometeu um reinado justo, moral e benevolente, rejeitando os maus exemplos da maioria dos reis e governantes. Os políticos sempre louvam essas qualidades e prometem "limpar" a confusão que seus antecessores deixaram para trás, mas geralmente terminam deixando maior confusão ainda e complicando a vida de seus súditos. "Cf. Mat. 23.23, onde o fracasso de praticar essas virtudes é lançado contra as classes governantes da Judéia naquela época. Obviamente, essas mesmas virtudes são requeridas de todo homem. Ver Miq. 6.8. E, obviamente, essas qualidades pertencem supremamente ao Rei divino" (Ellicott, *in loc.*). Ver as notas expositivas em I Reis 15.3, quanto a Davi como *rei ideal.* "O salmista cantava as *qualidades do Senhor,* como o amor (no hebraico, *hesed)* e a justiça. São características de Seu governo divino (Sal. 89.14) e fundamentais para Seu reinado eficaz" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Apanha teus óculos e finge que vês, como um político sujo,
coisas que realmente não estás vendo.

(Shakespeare)

A Vida Pessoal do Rei (101.2b-4)

101.2b

Oh! quando virás ter comigo? Um rei precisa de *sabedoria* superior à de outros homens, a fim de dirigir seus passos com retidão, visto ser ele responsável pelo destino de muita gente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria.* O poeta sagrado estava listando as qualidades que ele queria exercer em seu governo e dirigiu-se diretamente a Deus para obtê-las. Visto que o Senhor é santo, o rei também precisava ser santo (ver Lev. 11.44). As qualidades divinas exaltam o homem, e o homem espiritual é um bom governante, ao passo que o homem mau se envolverá em todo o tipo de coisas prejudiciais. Ele teria um estilo de vida caracterizado pela integridade, que contrastaria violentamente com o estilo de vida dos monarcas orientais envolvidos em toda espécie de excessos, violência e deboche.

Nas palavras deste versículo, o rei conclamou Yahweh a vir ao seu encontro e dar-lhe bons conselhos, de modo que não o deixasse afastar-se de sua boa resolução e de suas promessas. É comum que os governantes invoquem a Deus, pedindo-Lhe ajuda e dando-Lhe o crédito pelo sucesso, mas a maior parte disso é simples "conversa", que não significa grande coisa. Mas o rei clamou a Yahweh com seriedade, pedindo-Lhe socorro. O rei podia querer abençoar e livrar o salmista da tribulação (Êxo. 20.24), mas ele precisaria de ajuda generalizada, quanto a seus muitos deveres. O ofício ultrapassava a utilidade do homem. Ele precisava da ajuda divina para agir corretamente.

Em minha casa, terei coração sincero. Poderia estar em foco tanto a casa residencial do salmista quanto a "casa do governo, o estado". O bom rei teria o cuidado de levar uma vida boa em *ambas as casas.* No Novo Testamento os anciãos deveriam ter sua própria casa em boa ordem, a fim de poder governar a casa do Senhor (I Tim. 3.4). Se um homem se sai mal em sua própria casa, onde influencia apenas algumas *poucas* pessoas, como poderá lograr sucesso quando tiver de governar as *massas humanas?* Cf. Sal. 78.72; I Reis 3.14; 9.4; 11.4; Pro. 20.7. "A piedade deveria começar em casa, e, espiritualmente falando, exibir-se tanto na residência quanto na igreja" (Ellicott, *in loc.*).

"É mais fácil para a maioria dos homens andar com um coração perfeito na igreja, ou mesmo no *mundo,* do que em suas próprias casas. Quantos homens

são mansos como cordeiros entre outras pessoas, ao passo que em suas *casas* são como vespas e tigres" (Adam Clarke, *in loc.*).

Caminho da perfeição... coração sincero. A *bondade* precisa vir de dentro, para que se manifeste eficaz e constantemente do lado de fora. O coração precisa ser influenciado pelo Espírito Santo, porquanto deve estar preparado para exercer boa influência em público. Alguns estudiosos preferem dizer aqui "inculpável", em lugar de "sincero". O rei, pois, queria conservar seu coração tão limpo que ninguém poderia acusá-lo de erros crassos. Ele teria um *coração íntegro*, como alguns estudiosos preferem traduzir essas palavras. Estamos falando aqui de uma *espiritualidade básica,* que envolve muitas manifestações de virtudes dignas de encômios. Com base no Antigo Testamento, a *lei* se destacava em todas essas questões. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário acerca do que a lei significava para Israel. Esse era o manual da espiritualidade básica até que Cristo trouxe Seu Espírito, o qual veio residir em nós em Sua doutrina superior.

101.3

Não porei cousa injusta diante dos meus olhos. O *bondoso rei* enfrentaria muitas tentações e muitos maus exemplos. Coisa alguma que fosse vil seria tolerada diante de seus olhos, para que o fizesse pecar ou perpetuar alguma forma de injustiça. Os *olhos* do rei não contemplariam maldade alguma. Já um monarca maldoso cobiçaria com os olhos, e, tendo poder de obter qualquer coisa que lhe agradasse, se apossaria de tudo que o atraísse. O bom monarca, entretanto, resistiria a tal tentação.

> *Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.*
>
> (I João 2.16)

Os que *se desviam* da fé dão mau exemplo e encorajam outros a segui-los. O bom rei, entretanto, não se deixaria impressionar por esses maus exemplos, nem se permitiria tentar por seus feitos. De fato, ele *odiaria* as obras dos tais, e mal algum praticado se *apegaria* a ele. O que eles fizessem seria como uma doença mortífera. O homem bom mostrar-se-ia imune a tais *enfermidades espirituais.*

Coisas como guerras injustas, alianças profanas, saques, impostos excessivos, luxo exagerado, casas e possessões extravagantes, cortes suntuosas, nada desse jaez tentaria um bom rei. Antes, ele odiaria tais obras e as evitaria como se fossem uma enfermidade mortal, o que elas realmente são para a alma. Cf. Deu. 13.17.

Cousa injusta. Literalmente, temos aqui, no original hebraico, "coisas de Belial", ou seja, coisas *sem valor,* coisas ímpias. As coisas de Belial eram os brinquedos dos reis orientais. Mas um bom rei não brincaria com esses jogos.

Aborreço. Cf. Sal. 97.10. As notas expositivas ali também se aplicam aqui.

O proceder dos que se desviam. Desviam-se do quê? De Deus e do bem; da moderação e da lei.

101.4

Longe de mim o coração perverso. "Porque como imagina em sua alma, assim ele é" (Pro. 23.7). Homens dotados de coração perverso praticam coisas perversas. Mas o bom rei lançará a perversidade de dentro do seu coração, não praticando coisa alguma perversa. Cf. Sal. 18.26. O rei bom terá coração inculpável (Sal. 78.72; I Reis 3.14; 9.4; 11.4; Pro. 20.7).

> *Com o puro, puro te mostras; com o perverso, inflexível.*
>
> (Salmo 18.26)

> *Do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as cousas que contaminam o homem.*
>
> (Mateus 15.19,20)

O Targum interpreta o versículo como se estivesse falando de concupiscências malignas, corrupção da natureza, pecado residente, tudo o que é odiado pelo crente (ver Rom. 7.15).

A Mente é o Construtor. Aquilo em que a mente se demora, isso acaba por acontecer, seja bom ou seja mau. Ver Fil. 4.8: "... tudo que é verdadeiro... respeitável... *justo... puro... amável... de boa fama... virtude... louvor...* seja isso que ocupe o vosso pensamento".

Os Subordinados do Rei (101.5-7)

101.5

Ao que às ocultas calunia o próximo. Visto que o rei governa bem, não permitirá que outros corrompam o seu governo. Antes, destruirá os destruidores. Aos que caluniam o próximo, apresentando casos fraudulentos em tribunal (ou prejudicando o próximo de outra maneira qualquer), ele deterá no meio de seus planos ousados. O Targum fala sobre o *tríplice* efeito da língua destruidora: 1. o homem contra o qual se fala; 2. a pessoa a quem a calúnia é comunicada; 3. o próprio caluniador. Portanto, há pecados da língua que prejudicam tremendamente o próximo. Ver sobre *Linguagem, Uso Apropriado da,* no *Dicionário.* Ver o mesmo tema em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9 e 94.4. "Aquele que calunia prejudica tanto o homem contra quem fala como a si mesmo" (Jerônimo). A Septuaginta e a versão siríaca dizem aqui "com ele não comerei". Ver I Cor. 5.11. Um bom rei não se mostrará companheiro de más companhias, que promovem a injustiça social.

Além disso, homens de olhar altivo e coração arrogante, que operam independentemente ou como parte do pessoal do governo, não terão permissão de participar do governo do rei bom, nem conseguirão fazer prevalecer seus planos fora do governo, operando maus esquemas.

"Alguém que está procurando governar e dominar a outros, que faz qualquer coisa má para obter poder, que se comporta de maneira insolente em seu ofício" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Pro. 30.10. "O informador, o favorito cheio de si, personagens tão bem conhecidas nas cortes orientais" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a olhos altivos, ver Sal. 18.27; Pro. 6.17 e 30.13.

101.6

Os meus olhos procurarão os fiéis da terra. Somente os *fiéis* seriam convocados a formar parte do governo. Somente os de coração e caminhos *perfeitos,* tal e qual é o caso do rei (vs. 2), poderão participar do governo. Um bom rei pode ser arruinado por maus subordinados. Por isso, um rei precisa ser bem acessorado. Este versículo é uma reiteração do vs. 2 (ver as notas ali), exceto pelo fato de que agora se fala sobre os ajudantes do monarca, e não sobre ele mesmo. Ministros, conselheiros, prefeitos, bem como todos os subordinados, têm de ser homens dignos.

O rei Luís XIV tinha maus acessores e tentou limpar sua corte política. Disse ele: "Somente a mim pertence o poder de estabelecer leis, de modo absoluto e autocrático. A ordem pública deriva-se inteiramente de mim" (*Depois do Dilúvio,* de Leonard Sidney, pág. 97). Cf. Lev. 19.35,36. Ver também Isa. 1.13 e Pro. 21.4.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre como Cristo buscou homens honestos e bons para servi-Lo, e como os ministros cristãos devem exercer cuidado sobre essa questão.

101.7

Não há de ficar em minha casa. Os que não viviam segundo o código do rei seriam removidos e não permaneceriam na *residência* pessoal do rei nem na casa do governo. Um mentiroso não teria permissão de ocupar posições de autoridade, a ponto de corromper o governo ou causar perturbação. O termo mentiroso inclui o lisonjeiro, homem de palavras falsas e intenções enganadoras.

> *Odioso para mim como os portões do inferno é aquele que esconde uma coisa em sua mente, mas fala outra.*
>
> (Homero)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mentira (Mentiroso).* Esse artigo provê detalhes e material ilustrativo. Ver também o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.* "Se o homem mau conseguir um de meus empregados, ele não se demorará nele. (Cf. Pro. 12.3)" (Fausset, *in loc.*). "Tibério encorajava os lisonjeadores, mas Tito queimou a alguns, baniu outros e vendeu outros como escravos" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Fim dos Malfeitores (101.8)

101.8

Manhã após manhã destruirei todos os ímpios da terra. Tendo limpado a sua corte, o rei passaria a limpar o país inteiro, e nesse afã não demonstraria misericórdia. Se necessário, haveria matança generalizada. Os criminosos seriam simplesmente executados, em vez de serem aprisionados ou banidos. Haveria

audições públicas de queixas e justiça instantânea para os culpados. Haveria expurgos em Jerusalém e por toda a Judéia. A lei seria o código seguido, e suas severas penas seriam aplicadas. O rei contaria com executores especiais, que cumpririam suas normas políticas. Aqui, como é claro, temos um negócio comum dos reis orientais, que tinham a reputação de ser incansavelmente brutais. Cf. Jer. 21.12. Ver também Sal. 46.4; 48.1,8 e 87.3, quanto ao glorioso reino, pleno de justiça, que o rei estabeleceria.

Manhã. Era costume dos tribunais orientais reunir-se sempre pela manhã, e as sentenças eram executadas imediatamente. Ver Jer. 21.12; II Sam. 15.2; Luc. 22.66 e João 18.28.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao reino de Deus e Seus juízos. Ver Apo. 21.27 e Atos 17.31.

Vinde, juntai nossa multidão leal.
Ele desarraigará erros gigantescos.
É lealdade, lealdade.
Onde flutuam as bandeiras de Satanás,
Fazemos soar a nota da trombeta de
Lealdade, lealdade.

(Dr. E. T. Cassel)

Salmo Cento e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, em muito o grupo mais numeroso dos salmos. Trata-se de um clamor pela ajuda de um homem muito enfermo, que pedia cura física. Quanto a outros "salmos de enfermidade", ver os Salmos 6, 22, 28, 30 e 88. Os salmos de lamentação começam, tipicamente, com um grito pedindo ajuda; em seguida, descrevem os inimigos que estão sendo enfrentados; por muitas vezes há imprecações contra esses inimigos; e, por fim, há uma nota de ação de graças e louvor, porque a oração foi respondida, ou então pensa-se que ela já está a caminho. Alguns poucos dentre esses salmos terminam em desespero, o que é bastante verdadeiro na experiência humana.

Este salmo consiste em três porções distintas: vss. 1-11; vss. 12-22 e vss. 23-28. Alguns eruditos pensam que temos à nossa frente um salmo composto, ou seja, vários salmos individuais reunidos com propósitos litúrgicos. Outros estudiosos, contudo, parecem ter conseguido explicar adequadamente como as partes se ajustam umas às outras em um todo harmônico. As seções um e três (vss. 1-11 e vss. 23-28) são lamentações, ao passo que a seção do meio (vss. 12-22) é um hino de entronização, pelo que essa seção parece estar fora de lugar, entre as duas outras. Talvez o próprio salmista tenha tomado por empréstimo material de várias fontes, o que teria resultado na aparente incongruência. De acordo com a liturgia cristã, este salmo transformou-se em um dos sete *salmos penitenciais*. Os outros seis são os de número 6, 32, 38, 51, 130 e 143. Cada um deles serve para atacar um vício específico, o que demonstro no gráfico sobre as classes, mencionado acima. De acordo com esse arranjo, talvez de maneira um tanto forçada, este salmo ataca o pecado de *avareza*.

Subtítulo. Temos aqui um complexo subtítulo: "Oração do aflito que, desfalecido, derrama o seu queixume perante o Senhor". Os subtítulos eram adições introdutórias aos salmos, feitas por editores posteriores, e não faziam parte das composições originais, nem representam autoridade canônica. Em sua maior parte, conjecturam sobre questões como autoria e circunstâncias históricas que podem ter inspirado as composições. Alguns detalhes oferecidos ocasionalmente correspondem aos fatos.

Apelo Feito ao Deus Entronizado (102.1-28)

Os Sofrimentos do Salmista (102.1-11)

102.1

Ouve, Senhor, a minha súplica. Temos aqui a primeira das três porções (ver a introdução, bastante diferente das outras duas porções, que tem as características de um típico salmo de lamentação). O salmo começa com um urgente apelo a Yahweh. O pobre salmista proferiu seu *grito de socorro*, que ele esperava atrair a atenção divina. Ele esperava também que Yahweh não se mostrasse indiferente (ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1). Alguma terrível enfermidade tinha atacado o salmista e a vida dele estava por um fio. Cf. expressões similares em Sal. 31.2; 39.12; 46.9; 59.16 e 143.7. Quanto à chamada para que Yahweh "ouvisse", ver Sal. 64.1, onde ofereço notas expositivas e referências. Ver também Sal. 101.2. O Senhor precisava "vir ao encontro" do pobre homem, sob pena de este não sobreviver.

102.2

Não me ocultes o teu rosto no dia da minha angústia. Quanto ao Deus que "se escondia" e poderia falhar em responder ao apelo do salmista, ver especialmente Sal. 69.17, onde apresento notas e referências a outros versículos. Quanto ao rosto brilhante de Yahweh que o poeta sacro procurava, ver Sal. 84.9. Cf. Sal. 27.9 e 143.7.

Uma Resposta Imediata. Ver Sal. 31.2. Temos aqui a linguagem do homem em profunda tribulação. Sua enfermidade avançava, e uma intervenção divina imediata era necessária para salvar o homem. O corpo do homem era consumido pelo fogo, pelas chamas da febre e por uma angústia aguda (ver no vs. 3 a linguagem que exprime um desastre físico). Ver Isa. 65.24.

Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos.

(Jó 23.4)

Essas são palavras de alguém que sofria dor sem alívio e queria apresentar seus argumentos diante de Yahweh, a fim de obter uma sentença favorável do Ser divino que o livrasse dos terríveis sofrimentos.

102.3,4

Porque os meus dias como fumo se desvanecem. O salmista descrevia suas condições físicas, ficando óbvio que alguma enfermidade muito séria e potencialmente ameaçadora tinha tomado conta do seu corpo. Seu *coração* (forças, emoções, homem interior; vs. 4) estava ressecado como o deserto ou como uma fruta podre, que há muito caíra no chão. Ele era como a *erva* que o sol havia ressecado até morrer (vs. 4). O vs. 3 subentende uma febre muito alta e debilitadora que consumia o homem a cada dia, incansavelmente, tal como um fogo que continuasse a fumegar e queimar. Seus *ossos*, que representam o corpo inteiro, pois são o arcabouço do qual todas as coisas dependem, estavam ressecados. Quanto à *figura dos ossos*, cf. Sal. 6.2; 22.14; 31.10; 32.3; 38.3; 42.10 e 109.18. A febre era tão severa que os ossos do homem como que requeimavam em um forno. Ele estava sendo consumido naquele forno, e as coisas tinham de parar, ou ele não sobreviveria à experiência. Ele era como a erva cortada no prado, deixada no chão para secar e depois consumida nas fogueiras acesas pelos agricultores. Cf. Sal. 121.6.

Até me esqueço de comer o meu pão. A enfermidade usualmente nos rouba o apetite, e, de fato, esse é um sinal de enfermidade. Usualmente o alimento fortalece uma pessoa, mas algumas vezes comer pode tornar-se um ato *enjoativo*, e este era o ponto ao qual o poeta havia chegado. Cf. I Sam. 2.7 e 20.34. Homero, em *Ilíada* xxiv.129, disse algo semelhante. O salmista ficara *emaciado*, a exemplo de Jó (Jó 19.20). O Targum espiritualiza a questão do *pão* e fazem dele "a lei da doutrina" que o homem enfermo chega a negligenciar; mas esta parece uma interpretação bastante desviada.

O Targum e a versão árabe comparam a enfermidade do salmista a uma *frigideira*. Cf. Pro. 17.22 e Sal. 22.15.

O espírito abatido faz secar os ossos.

(Provérbios 17.22)

102.5

Os meus ossos já se apegam à pele. O homem sofria de *severas dores* e por isso continuava gemendo em alta voz o dia todo. Bastaria isso para desgastá-lo, razão pela qual sua pele se apegara aos ossos. Ver a metáfora acerca dos ossos, no vs. 2. Naturalmente, se o homem estivesse emaciado o suficiente, era somente "pele e ossos", conforme se diz em uma expressão idiomática moderna, de forma que, literalmente, até parecia que sua pele estava grudada aos ossos. Cf. Lam. 4.8, que diz algo semelhante. "Posso contar todos os meus ossos" (Sal. 22.17)" (Fausset, *in loc.*). Parte da fraqueza física era causada pelo jejum forçado do homem. Ver Jó 19.20.

102.6

Sou como o pelicano em o deserto. Ver Lev. 11.18. A identidade do pássaro mencionado permanece em dúvida. A Revised Standard Version conjectura ser

o *abutre*. Seja como for, o pobre pássaro estava no deserto, morrendo de fome. Os quentíssimos raios de sol o abatiam ainda mais. Ele não encontrava alimentos. O tempo que lhe restava era reduzido. Em breve ele não passaria de um esqueleto ressecado, caído na areia. O pássaro estava ali agachado em melancolia, já tendo desistido de encontrar alimentos e água, e em breve cairia de pura exaustão.

Como a coruja das ruínas. Esta expressão indica desolação e abandono. Quem se importa com uma coruja lá fora, em meio às ruínas, procurando ratos e outros pequenos roedores para devorar? Uma coruja, assim perdida, é a própria figura do abandono e da solidão. Ver Lev. 11.17. A vida do poeta estava reduzida a ruínas. "Essa figura expressa a solidão do salmista, cercado por inimigos" (Fausset, *in loc.*, olhando para o vs. 8). "... sentado sozinho, com as suas energias gastas" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Coruja*, que contém detalhes que podem ser usados para ilustrar o texto presente. Essa ave se "deleita em viver em meio a paredes arruinadas, casas arruinadas, na solidão, sem se importar em amizades com outras espécies de aves, nem mesmo com outras aves de sua própria espécie, pelo menos por longo tempo. Ela produz ruídos horríveis e tristonhos, conforme nos diz Virgílio na obra *Eneida*... Jerônimo enfatizou como esse pássaro habita lugares desérticos" (John Gill, *in loc.*).

102.7

Não durmo, e sou como o passarinho. *Continua aqui a metáfora do pássaro.* Já tivemos menção ao abutre, à coruja e, agora, ao passarinho. É verdade que algumas versões dizem "pardal", mas a identidade dessa ave permanece duvidosa, e a Revised Standard Version diz apenas *passarinho solitário.* A palavra hebraica *tsippor* é usada praticamente para indicar toda espécie de ave de pequeno tamanho. Qualquer que seja a espécie de pássaro em mira, ele está pousado no alto de uma casa, completamente *sozinho,* e era essa a idéia que o poeta sagrado queria comunicar. O homem, em sua condição desgraçada, havia sido abandonado por seus antigos amigos, e até por Deus, segundo todas as aparências.

Solitário. O salmista passou noites maldormidas, em dor e solidão. Acordado o tempo todo, continuava procurando, qual um vigia noturno, algum alívio. Ele tomava nota das horas da noite, conforme elas iam passando, e, quando os vigias anunciavam "Vai tudo bem", para ele nada estava bem. Algumas aves armavam seus ninhos dentro do território do templo, segundo todas as aparências (ver Sal. 84.3), e Heródoto diz-nos qual era a situação verdadeira do templo em Branquides (*Clio* 1.1, cap. 159). Mas o poeta sagrado estava em seu próprio deserto particular, longe do templo e da ajuda de Deus, ou então assim ele imaginava, em seu desespero.

102.8

Os meus inimigos me insultam a toda hora. Este versículo nos dá a entender que o salmista tinha inimigos, alguns dos quais eram seus ex-amigos. Os hebreus acreditavam que toda enfermidade é sempre causada por algum pecado, pelo que o homem enfermo está sempre sob o desprazer e o julgamento divino. Com base nessa crença, não estava longe do "pecador" ser perseguido e zombado, pois ele estava sendo corretamente julgado pela sua enfermidade. Jó, com sucesso, pôs em dúvida a teoria da "enfermidade somente". Uma enfermidade pode disciplinar e instruir. Mas existem mistérios nessa questão, e o *caos* também é um fator em algumas enfermidades. As doenças formam um dos elementos do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). As calamidades que os homens sofrem podem provir de causas *naturais* (abusos da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, doenças, e o campeão de todos esses abusos, segundo a estimativa da maioria dos homens, a morte). Ou então as calamidades nos podem atingir através do *mal moral,* coisas más que os seres humanos pespegam contra o próximo, por causa de sua *vontade perversa.* O poeta sofria por causa tanto do mal natural quanto do mal moral.

Os homens "praguejavam contra ele", ou seja, furiosos, lançavam pragas ao salmista, transformando o seu nome em uma palavra popular de execração. Cf. Isa. 65.15 e Jer. 19.22. A Septuaginta e a Vulgata Latina fazem um juramento ativo ser lançado *contra* o salmista. Os ímpios ansiavam pela morte do salmista, pelo que o amaldiçoavam. Ver Atos 22.12; 26.11 e Luc. 6.11.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre os escárnios e as zombarias lançadas contra Cristo, na hora de Seu teste mais severo.

102.9

Por pão tenho comido cinza. O homem, literal ou figuradamente, era forçado a comer cinzas, ou seja, "por pão tenho comido cinza", e isso só pode provocar a morte da pessoa, porque as cinzas podem ser um veneno amargo. Cf. a expressão bíblica, em Isa. 65.25: "Pó será a comida da serpente". Cf. também Gên. 3.14. Sal. 42.3 diz que *lágrimas* eram o alimento diário do salmista.

> *Mas enquanto eu bebia do riacho e comia as boas maçãs,*
> *todas aquelas coisas, de uma vez, transformaram-se em pó, e*
> *fui abandonado sozinho.*
>
> (Tennyson)

Os antigos costumavam misturar vinho com água, mas o pobre salmista, incapaz de parar de chorar, mesmo quando bebia a pouca água ou o pouco vinho que lhe restavam, misturava lágrimas à sua bebida; ou então essa declaração é uma metáfora para indicar um choro convulsivo e intenso que contaminava todas as alegrias da vida. "Lamentações e choro (*lágrimas*; cf. Sal 80.5) eram os elementos contínuos de sua dieta diária" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cf. Sal. 42.3 e 80.5.

102.10

Por causa da tua indignação e da tua ira. O próprio poeta agora lançava a culpa por sua doença sobre *atos pecaminosos.* Esses pecados tinham atraído a indignação divina. Houve tempo em que ele fora elevado na sociedade por Yahweh, mas agora fora derrubado por terra, algo parecido com a experiência de Jó. Talvez o salmista estivesse mesmo sob o juízo divino, ou talvez só tenha falado como falou porque a teologia da época o fazia sentir que não havia outra explicação para o que estava acontecendo. Talvez as idéias de "elevação" e "abatimento" sejam uma metáfora baseada nas atividades da luta livre. Nesse caso, o homem tinha sofrido uma queda muito violenta, que o prejudicara tremendamente, porque Deus o tratara como vítima de uma luta desigual. Era temível ser antagonista de Yahweh, e isso explicava a total ruína do poeta sagrado. Alguns vêem nessa metáfora a presença de um *redemoinho,* pois essa é uma força da natureza que primeiro lança uma coisa no ar, para em seguida projetá-la violentamente no chão, despedaçando-a. Cf. Jó 27.20,21 e 30.22: "Levantas-me sobre o vento, e me fazes cavalgá-lo; dissolves-me no estrondo da tempestade".

Sumário de Metáforas Possíveis: 1. As subidas e descidas das vicissitudes da vida, divinamente provocadas. 2. O tratamento violento aplicado por um lutador superior contra seu oponente mais fraco. 3. Os atos de um redemoinho ou tornado violento, que destrói tudo por onde passa. Qualquer que seja a metáfora específica aqui, fica claro que o homem estava sendo terrivelmente atacado por Yahweh.

102.11

Como a sombra que declina. Os dias do salmista pareciam as sombras vespertinas que anunciam as trevas da noite. Ainda havia um pouco de luz, mas esta não tardaria a ser consumida pela escuridão da noite. O salmista era como um "homem do crepúsculo", que logo se apagaria. O hebraico diz aqui, literalmente, "sombras que se encompridam", ficando cada vez maiores conforme o dia declina, até que desvanecer completamente. Cf. Sal. 109.23. Ver também Can. 2.17.

"O declínio do dia é assinalado pelas sombras que ficam cada vez mais longas (Jer. 6.4; Juí. 19.8)" (Fausset, *in loc.*). Para o poeta, era como um fim de tarde. As sombras estavam sendo "esticadas", diz, literalmente, o original hebraico, e isso só pode apontar para o fim, bem como para as trevas que em breve predominariam sobre tudo. Assim como as sombras não têm substância, também a essência da vida do homem se havia perdido. Cf. Sal. 90.5,6 e Isa. 54.11.

Secando como a relva. Nestas palavras, o poeta sagrado retorna à metafora da erva que já vimos no vs. 4 e sobre a qual comentamos.

O Deus Eterno é o Protetor de Sião (102.12-22)

102.12

Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre. Este salmo divide-se em três seções distintas: vss. 1-11 (salmo de lamentação típico); vss. 12-22 (cântico de Sião); vss. 23-28 (volta ao primeiro tema: lamento). Talvez o poeta tenha reunido três composições separadas, de autores diferentes, em uma única unidade. Estes vss. 12-22 são, de fato, diferentes e dificilmente podem ser chamados de lamentação. Mas podemos imaginar que, visto terem eles prometido proteção a Sião, um homem enfermo como o poeta poderia receber daí alguma consolação, visto ser um cidadão do lugar. Se Deus favorecia a Sião, também poderia favorecê-lo.

Os *vss. 12-22* são bastante similares aos salmos de entronização de Yahweh, os Salmos 93 e 95 a 99 e, originalmente, podem ter sido um salmo distinto que pertencia a essa classe. Ver a introdução aos Salmos 93 e 99, quanto a informa-

ções completas a respeito. Aqui, como ali, é enfatizada a universalidade do reinado de Yahweh (ver o vs. 15). Chegará o dia em que todos os reinos do mundo adorarão a Yahweh. Ver também o vs. 22.

Em contraste com homens enfermos (vss. 1-11), Yahweh permanecerá para sempre. Ele não está sujeito às vicissitudes da vida e dos sofrimentos do ser humano, o qual vive sempre em declínio e ameaçado pela extinção. Esse é o tipo de conexão que o poeta queria ver entre os vss. 1-11 e 12-22.

Permaneces para sempre. O reino de Yahweh não pode sofrer nenhum ataque fatal ou deixar de existir. Essa parte do versículo nos liga aos Salmos 93 e 95 a 99, os salmos de entronização de Yahweh. Ele tem um nome que deve perdurar por todas as gerações, sendo conhecido e reverenciado por todos. As *gerações* podem aplicar-se aqui somente a Israel (Judá), mas a idéia é universalizada para referir-se a todas as nações, nos vss. 12-22. Ver, no Sal. 31.3 sobre *nome*, e ver Sal. 30.4 e 33.21, quanto a *nome santo*. O Nome fala sobre tudo quanto Yahweh é e pode fazer, ou seja, Seus atributos e poderes ativos. Até mesmo pronunciar o Nome de Deus, segundo criam os israelitas, teria poderes surpreendentes e miraculosos, quanto mais o Ser chamado *Yahweh-Elohim*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Nome*. Ver sobre *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Cf. este versículo a Sal. 9.7; 29.10 e Lam. 5.19. A *eternidade* é um atributo divino, não inerente a todo ser criado, mas que se tornará um dos atributos dos homens salvos, mediante *dádiva* divina, formando uma *eternidade futura*. Isto posto, somos transformados à imagem de Cristo (Rom. 8.29) e também seremos *imortalizados*, quando então compartilharemos da natureza divina (II Ped. 1.4).

Senhor de todos os seres, entronizado no alto,
Tua glória flameja do sol e das estrelas;
Centro e alma de todas as esferas,
Mas de cada coração amoroso, quão próximo!

(Oliver Wendell Holmes)

102.13

Levantar-te-ás e terás piedade de Sião. Era tempo de o Senhor demonstrar favor a Sião. Se isso acontecesse, então o enfermo dos vss. 1-11 também poderia ser favorecido. Alguns eruditos vêem aqui menção ao cativeiro babilônico, e isso bem pode exprimir uma verdade, visto que os salmos parecidos, os Salmos 93 e 95 a 99, certamente eram pós-exílicos. A nação *restaurada de Israel* faria de Yahweh o soberano universal. Sião tornar-se-ia a capital religiosa do mundo. Cf. Sal. 12.5 e 68.1.

É tempo. Ou seja, um tempo divinamente determinado, no qual, pelo menos para alguns estudiosos, profeticamente falando, os tempos dos gentios se cumprirão e o reino de Cristo será estabelecido (Luc. 21.25 e Rom. 11.25). Ver também Dan. 12.7. O retorno dos exilados na Babilônia poderia servir de tipo da maior restauração da mensagem profética, a restauração final.

Oh, adorai o Rei, todo glorioso lá no alto,
Cantai agradecidos o Seu poder e o Seu amor.
Nosso Escudo e Defensor, o Antigo de Dias,
Que vive em um pavilhão esplendoroso,
e revestido de louvores.

(Robert Grant)

102.14

Porque os teus servos amam até as pedras de Sião. Os *servos de Yahweh* têm prazer nas *pedras* e na *poeira* de Sião. Provavelmente isso se refere aos escombros deixados pelos babilônios depois que invadiram Jerusalém, nivelaram as muralhas e destruíram o templo. Até mesmo o que restou daquela destruição era sagrado para os sobreviventes. "Temos aqui uma tocante descrição da devoção dos judeus à sua cidade arruinada, e isso é mais bem ilustrado pela história narrada nos capítulos 3 e 4 do livro de Neemias. Além disso, havia as cenas descritas pelos viajantes que foram até ali e voltaram à Babilônia" (Ellicott, *in loc.*). Ou então essas palavras são as de uma testemunha ocular, passado o cativeiro e antes da reconstrução do templo. Parte desse material arruinado poderia ser usado novamente na restauração. Ver Nee. 4.2 e Sal. 69.35. "... quanto ao amor e ao carinho que os servos de Yahweh tinham por Sião, mesmo em ruínas, ver Isa. 66.10" (Fausset, *in loc.*).

A aplicação cristã deste versículo, que faz o "pó" representar os inúmeros convertidos à fé cristã nos tempos do Novo Testamento, e depois, tornando-se material para construir o Novo Templo, equivoca-se pelo exagero.

102.15

Todas as nações temerão o nome do Senhor. O vs. 12 tem a *geração* de Israel (Judá) como serva de Yahweh. Agora isso é universalizado segundo o estilo dos salmos de entronização (ver Salmos 93 e 95 a 99). Uma das características do judaísmo posterior foi universalizar o yahwismo, transformando Sião na capital do mundo.

"O mesmo resultado da *restauração* da Cidade Santa, a saber, o reconhecimento do poder e da glória universal de Yahweh, por parte dos povos pagãos, ocupa a grande profecia de Isa. 40 a 46" (Ellicott, *in loc.*). A porção final de Isaías tem a teologia típica do judaísmo posterior, pelo que Yahweh, como Rei universal, é ali enfatizado. Quanto à restauração de Sião, cf. Sal. 68.29-32 e Isa. 59.19,20. A experiência com os babilônios, embora tremendamente destrutiva, abriu os olhos dos habitantes de Judá para o "mundo lá fora". Sem dúvida, esse foi um dos elementos que influenciaram a teologia mais ampla do judaísmo posterior. Alguns intérpretes cristianizam este versículo a fim de predizer a vinda de Cristo, a grande extensão do evangelho cristão e a era do reino de Deus. Seja como for, a abertura conceitual deu a Israel o que se tornou tão importante em algumas passagens do Novo Testamento, ou seja, o alcance universal da missão de Cristo. Algum dia, Cristo será tudo para todos (ver Efé. 4.10), bem como a aplicação de Sua missão universal, que abrange cada indivíduo (ver Efé. 1.9,10).

Temos um Salvador para mostrar às nações,
Alguém que palmilhou a senda da tristeza,
Para que todos os grandes povos do mundo
Cheguem-se à verdade de Deus,
Cheguem-se à verdade de Deus.

(Colin Sterne)

102.16

Porque o Senhor edificou a Sião. Este versículo, com certeza quase absoluta, refere-se à reconstrução das muralhas e ao segundo templo de Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico, embora o versículo tenha sido cristianizado para referir-se à vinda de Cristo, em Seu primeiro e segundo advento. Quando Judá estava na Babilônia, tal antecipação era, do ponto de vista humano, improvável, para dizermos o mínimo. Mas tudo quanto se fez mister foi uma ação divina na mente de Ciro que ordenou o decreto restaurador. E tudo quanto Israel teve de fazer foi cumprir o decreto com boa vontade e trabalho árduo, e até isso foi grandemente ajudado pelo rei Ciro, que proveu homens e material para o trabalho ser realizado.

Sede fortes! Não estamos aqui para brincar, sonhar ou deixar
o tempo passar;
Temos trabalho duro a fazer e cargas para levantar;
Não eviteis a luta, mas enfrentai-a; é um dom de Deus.
Sede fortes! Sede fortes!

(Maltble D. Babbock)

Muitos dos que foram para o exílio na Babilônia contentaram-se em por lá ficar, pelo que, dentre os sobreviventes, menos ainda foram os que retornaram. Assim, boa parte da nação deixou de ver a *glória de Deus*, que brilhava através do segundo templo, e deixou de ver o Novo Israel, que foi levado avante por uma única tribo, Judá.

102.17

Atendeu à oração do desamparado. Uma lição derivada da experiência com a invasão babilônica foi que até a menor oração pode ser ouvida acima do temporal. O povo de Israel, *destituído* na Babilônia, orou e provocou um milagre. Yahweh não desprezou a oração deles, embora fossem fracos como a água, e toda a glória lhes tivesse sido tirada pela crueldade dos pagãos. Que a restauração de Israel dependia das orações dos humildes é a lição mais notável deste versículo, pois na oração há um poder que pode ser manipulado, mesmo pelos *fracos*. Ademais, os fracos estavam em circunstâncias impossíveis. O que poderiam fazer, exceto orar? Não havendo nada mais que *pudessem fazer*, fizeram o que era possível e obtiveram o miraculoso resultado de suas orações.

A oração é a carga de um suspiro,
O cair de uma lágrima,
O olhar dirigido para cima,
Quando ninguém, senão Deus, pode ouvir.

(James Montgomery)

Desamparado. Originalmente, o hebraico diz aqui "despido", ou seja, aquele que foi furtado de tudo quanto era precioso e também do último laivo de esperança, em troca de uma esperança impossível em Deus.

Tudo foi gerado pelo Desespero,
Sobre uma impossibilidade.

(Andrew Marvell)

O sacrifício dos perversos é abominável ao Senhor, mas a oração do retos é o seu contentamento.

(Provérbios 15.8)

102.18

Ficará isto registado para a geração futura. Tal como no vs. 12, provavelmente estão em foco gerações sucessivas de Israel, formando um paralelo com os povos pagãos referidos nos vss. 15 e 22, compondo os súditos universais do reinado de Yahweh. Ademais, temos os *povos* que ainda nasceriam, os quais ouviriam sobre como as orações dos mansos levaram Yahweh a reerguer Sião, depois da devastação. "... *registado.* Este versículo é interessante por ser o único lugar nos salmos onde se declara que a memória de um grande evento foi preservada em forma *escrita.* A tradição oral é mencionada em Sal. 22.30; 44.1 e 78.2" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Êxo. 17.14; Deu. 31.10,21. Era uma *obrigação sagrada* certificar-se de que todos os povos conhecessem a restauração de Sião por meio de um registro escrito. Parte do registro seria o detalhe sobre a eficácia da oração que estava por trás desse evento.

102.19

Que o Senhor do alto do seu santuário. Yahweh olhou para baixo, de Seu alto céu, observou o estado miserável em que estava o Seu povo, na Babilônia, e comoveu-se ao contemplar a cena horrenda. Deus é o que mora no alto, mas não tão no alto a ponto de não se preocupar com o que acontece ao Seu povo. Deus olhou e logo em seguida se pôs a agir, o que é uma ótima declaração *teísta* (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*). O Criador continua imanente em Sua criação, aplicando providências negativas e positivas, intervindo, recompensando e castigando, em contraste com o conceito *deísta* de Deus, segundo o qual Deus se divorciou de Sua criação, deixando que as leis naturais governassem em Seu lugar. Cf. Sal. 14.2; Deu. 26.16; Zac. 2.13. "O Deus onisciente a contemplar o Seu povo é um ato divino freqüentemente mencionado nos salmos. Isso mostra o grande interesse de Deus. O Senhor intervém" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Deus *olha* em um *sentido providencial.* Ele contempla os ímpios... contempla os bons, para chamar a prestar conta de seus atos... com um olhar de amor, graça e misericórdia... Ele atenta na tirania, na barbaridade e na crueldade e em breve dará o pago devido" (John Gill, *in loc.*).

102.20

Para ouvir o gemido dos cativos. Os cativos eram *prisioneiros* na Babilônia e gemiam sob o peso de sua tristeza. Poucos *sobreviventes* escaparam do ataque bárbaro dos babilônios contra Jerusalém e contra a Judéia, e até mesmo esses temiam por sua vida, porque onde pararia a matança? A palavra "cativos" aqui pode ser geral o bastante para apontar para todos os povos oprimidos, e não somente para os cativos na Babilônia. Onde quer que estivessem os cativos, Yahweh os via e ouvia seus gemidos e orações. Nenhum homem é livre quando outros estão em estado de escravidão. Alguns estudiosos pensam que os *cativos* são os pecadores, prisioneiros de seus pecados, mediante uma interpretação metafórica. A essa pobre gente Deus também liberta. Isso é verdade, mas não parece ser este o intuito do poeta sagrado aqui. Cf. Êxo. 2.23-25; Sal. 12.5; 79.11 e Eze. 37. Este versículo é parecido com declarações semelhantes, em Isa. 61.1,2, e, geralmente a todo o magnífico ciclo de declarações proféticas, na porção final do livro de Isaías, que refletem a teologia do judaísmo posterior.

Temos uma mensagem a ser dada às nações,
Que o Senhor que reina nos céus,
Enviou Seu Filho para nos salvar,
E mostrar-nos que Deus é amor;
E mostrar-nos que Deus é amor.

(Colin Sterne)

"Cristo os livra das algemas e correntes do pecado, da escravidão à lei, da tirania de Satanás e do temor da morte, e lhes concede a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (John Gill, *in loc.*).

102.21

A fim de que seja anunciado em Sião o nome do Senhor. Em breve, Sião haverá de tornar-se o *centro espiritual* do mundo, e assim o elevadíssimo nome de Yahweh será declarado naquele lugar a todos os povos. "O vs. 21 alude à adoração pública no templo" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver Sal. 26.7. "Tanto Israel quanto as nações gentílicas que se tiverem convertido por meio de Israel poderão declarar ou *tornar conhecido* o nome do Senhor, correspondente ao vs. 15" (Fausset, *in loc.*). Isso será amplamente concretizado no ministério do evangelho entre os gentios e no reinado subseqüente de Yahweh.

Que catadupa de aleluias
Preenche toda a terra e o céu!
Que sonido de mil harpas
Publica o triunfo lá nas alturas.
Oh, dia, quando a criação
E todas as tribos foram feitas.

(Henry Alford)

102.22

Quando se reunirem os povos. Todos os povos, *todas as nações,* serão reunidos, formando um só Reino, unido em louvores a Yahweh, e todos O servirão. Em tais declarações será recolhido o tema do Reinado universal de Yahweh, bem como a união de todos os povos em uma fé comum. Cf. Sal. 22.27; 78.30-32; Isa. 45.14 e Apo. 11.15. "... os reinos do mundo tornar-se-ão Dele e O servirão em retidão e santidade, livre e alegremente, em consenso. Reis prostrar-se-ão diante do Senhor e todas as nações O servirão (ver Sal. 77.11) e então chegará o tempo em que os prisioneiros serão soltos e o Senhor será louvado em Sião" (John Gill, *in loc.*).

Deus, o teu Deus haverá de restaurar-te agora.
Ele mesmo aparece como teu Amigo.
Todos os seus adversários fugirão diante de ti.
Grande livramento o Rei de Sião enviará,
Grande livramento o Rei de Sião enviará.

(Thomas Kelley)

Continuação do Apelo (102.23-28)

102.23

Ele me abateu a força no caminho. Abruptamente, o poeta voltou-se de seu hino de entronização (vss. 12-22) para o cântico de lamentação (vss. 1-11). É provável que aquilo que temos nos vss. 23-28 seja um salmo diferente de lamentação acrescentado à última parte da unidade criada pelo poeta ou algum editor posterior. Assim sendo, temos as três porções do Salmo 102: vss. 1-11, uma lamentação; vss. 12-22, um hino de entronização; vss. 23-28, uma continuação da primeira lamentação ou uma lamentação separada. Seja como for, a primeira lamentação consiste na queixa de um pobre homem enfermo, que estava sendo destruído por sua enfermidade, ao passo que esta segunda lamentação continua aquele tema.

O poeta considerava-se sob o julgamento de Deus. Yahweh o tinha enfraquecido e o tinha tornado um homem doente. Os hebreus, com toda a consistência, lançavam toda a culpa sobre o pecado, embora Jó mostrasse que um homem *inocente* pode enfermar por outras razões, algumas conhecidas e outras enigmáticas. A enfermidade era muito severa e tinha *abreviado* os dias do homem, trazendo sobre ele a maior de todas as calamidades, segundo a mente dos hebreus, a *morte prematura.* Assim sendo, se ao homem restavam algumas forças físicas, ele continuava a orar, pedindo intervenção divina, para que terminasse seus dias em paz. A idéia reverte aos vss. 3 e 11.

102.24

Dizia eu: Deus meu, não me leves na metade de minha vida. Deus dura para sempre, mas a vida de um homem é fugidia. Portanto, é como se o poeta realmente tivesse dito: "Oh, Deus eterno, o que te custaria me dares alguns poucos anos mais de vida, para que eu me parecesse um pouco contigo? Amplia os meus dias; elimina esta ameaça de morte prematura; dá-me alguns *poucos* de teus anos abundantes; cura esta terrível enfermidade; fortalece meu corpo e cura-o. Eu te servirei estes poucos anos extras que tu me concederes".

"Este era um argumento freqüentemente usado para induzir Deus a ouvir a oração. Nós somos *frágeis* e estamos *perecendo;* mas Tu és *eterno.* Livra-nos, e nós te glorificaremos" (Adam Clarke, *in loc.*). Diz o Targum: "Não me tires no mundo na metade dos meus dias. Leva-me até o mundo por vir". Cf. Sal. 90.2.

102.25

Em tempos remotos lançaste os fundamentos da terra. O Deus *eterno* foi também o Criador. Ele lançou os fundamentos da terra, e os céus são obras das Suas mãos. Mas até os céus, finalmente, perecerão; pelo que todos, excetuando Deus, são transitórios e dependentes. Admitindo que isso seja uma verdade, não custaria praticamente nada ao Deus eterno permitir que um homem humilde desfrutasse mais alguns poucos anos, livre de sua enfermidade. Cf. o vs. 25 com Isa. 44.24 e 48.13. "O caráter imperecível e a natureza imutável de Deus são ilustrados em contraste com a mais permanente das coisas materiais. No entanto, até mesmo essas coisas têm duração relativamente curta, quando comparadas ao Deus eterno" (Fausset, *in loc.*). Quão mais miseravelmente breve é a vida de um enfermo, que enfrenta a possibilidade de uma morte prematura. Que o Deus eterno intervenha em seu favor!

Os vss. 25-27 deste salmo são citados em Heb. 1.10-12. A idéia da natureza *inabalável* da terra (ver Jer. 31.37; Sal. 24.2 e 104.5) é aqui contradita, mas o poeta não estava preocupado com finas harmonias entre os textos.

102.26

Eles perecerão, mas tu permaneces. "A transitoriedade do mundo presente não é um pensamento comum no Antigo Testamento. Cf. Isa. 34.4 e 51.6. De fato, essa idéia é contrária à idéia de Sal. 78.69; 104.5 e Ecl. 1.4. Mas no Novo Testamento existem numerosas referências ao fim da nossa era (ver Mat. 24.25; Mar. 13.24,25; I Cor. 7.31; Heb. 12.26,27)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Cf. este curioso paralelo existente na literatura ugarítica: "Os céus se gastarão e perderão a firmeza como a presilha de tuas vestes".

Mas tu permaneces. Diz aqui o hebraico, literalmente, "Tu és Ele", ou seja, Deus é Aquele que não pode perecer, em contraste com as coisas criadas. "Tu permaneces." A eternidade e a imutabilidade de Deus são aqui salientadas.

Como um vestido. Todos temos consciência de como vestes novas gradualmente envelhecem e acabam puindo-se de velhas, como seu aspecto novo acaba estragando-se, e como sua beleza torna-se bastante sofrível. É então chegado o momento de comprar roupas novas. A ciência nos diz tais coisas hoje em dia, mas mesmo sem a ciência, os antigos percebiam a veracidade da questão. Naturalmente, a matéria não morre, mas em suas transições sofre a morte das formas que tinha assumido. A Forma do Criador, entretanto, não muda. Eternidade e imutabilidade são qualidades atribuídas exclusivamente a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus*.

Contigo não há sombra de variação;
Tu não mudas, Tuas compaixões não se alteram.
Como foste, serás para sempre.

(Thomas O. Chisholm)

O homem é vítima de uma mudança incessante e de uma decadência visível, mas até o chamado mundo material participa em sua própria forma de mortalidade. A fonte originária da imaginação do poeta, ao que parece, é Isa. 51.6. Ver também Isa. 34.4. "Os céus e a terra envelhecem como um vestido, o que, realmente, eles são — as vestimentas do Deus eterno" (Sator, *Resartus* I.xi). Todas as coisas se deterioram e, finalmente, se transmutam em pó, a menos que sejam renovadas; e é Deus quem se ocupa da atividade renovadora na salvação e na restauração. Dessa maneira, ele garante a continuação do que é temporal por sua própria natureza. Dessa forma, o que é novo procede do que é *velho*, e isso por intervenção divina, e não pelo curso natural da natureza.

102.27

Tu, porém, és sempre o mesmo. A eternidade e a imutabilidade de Deus, já afirmadas no versículo anterior, são agora enfaticamente *reafirmadas*. A mente dos gregos lutava diante do problema do que é transitório e do que é eterno. Heráclito só via uma coisa permanente, a *mudança*. Por isso ele cunhou a famosa afirmação: *Panta rei*, ou seja, tudo está em estado de fluxo. Nos escritos de Platão, isso aparece como uma das características deste mundo material e temporal; mas, acima e para além deste mundo, ele postulou a existência de um mundo eterno, das formas ou universais. O mundo temporal teria sido criado em *imitação* ao mundo universal. De acordo com essa doutrina, tudo quanto vemos é apenas imitação, outra maneira apenas de dizer "temporal" e, no campo da decadência, "mudança". Emanuel Kant tomava o tema e falava sobre "a coisa em si mesma", que não sofre modificações, ao passo que todas as suas relações, internas e externas, sofrem modificações. A mente dos hebreus não se adaptava bem ao pensamento filosófico e analítico, pelo que os hebreus simplesmente atribuíam toda a eternidade e imutabilidade à pessoa de Deus, e todas as mudanças que ocorrem no mundo ao que está fora de Deus, sem criar nenhum argumento ou raciocínio.

O Caso de David Brainerd. Criado no estado americano de Connecticut, David Brainerd tornou-se missionário de grande energia na Índia, tendo ali labutado com notável propósito e devoção. Ele se desgastou nesse mister e morreu com a pouca idade de apenas 29 anos! Seus amigos se reuniram em torno de seu leito de morte e entoaram o Salmo 102. Brainerd foi um ser temporal, é verdade, mas suas obras o imortalizaram, e ele foi absorvido pelo Ser divino. Isso lhe deu permanência, em contraste com sua breve vida terrena.

Tudo tem seu ciclo de concepção, crescimento, aperfeiçoamento, decadência, dissolução e morte. O Salmo 90 contrasta a eternidade de Deus com a transitoriedade do ser humano. Contudo, Deus intervém e garante a continuação; há novos ciclos e a juventude é obtida de novo!

"É interessante pensar como a ciência da geologia confirma a imagem aqui descrita pelo salmista, mostrando como a passagem do tempo modifica literalmente a terra de aparência sólida, desnudando-a das vestes que cobrem as colinas, dobrando-as em algum delta de rio ou no fundo do mar" (Ellicott, *in loc.*). Como é óbvio, todas as ciências demonstram a mesma coisa, à sua própria maneira.

Os vss. 25-27 são aplicados a Cristo em Heb. 1.10-12, dando a entender que o Logos eterno é o Criador e Sustentador dos universos, do mundo e dos homens. É assim que Deus chega a influenciar o homem temporal. O Logos é, igualmente, o Eu Sou (o "Tu és" do vs. 26). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Eu Sou*. No *Eu Sou*, o homem remido torna-se também um *eu sou*. Ver no *Dicionário o Eu Sou do Homem*.

102.28

Os filhos dos teus servos habitarão seguros. Visto que o homem, uma vez convertido, torna-se também um *eu sou* (ver o último parágrafo dos comentários sobre o versículo anterior), tal homem continuará, mas se continuar, terá de ser como servo de *Yahweh*, ou seja, do Deus eterno. O homem que continua também terá *posteridade* contínua. E essa posteridade será *estabelecida* diante de Deus; não cairá em decadência nem desaparecerá.

"O poeta encontrou consolo na reflexão de que as gerações por vir habitariam na segurança do mesmo Senhor" (William R. Taylor, *in loc.*). Esse é um belo pensamento, mas uma forma espúria de imortalidade, que fala sobre a existência de um homem continuar em seus descendentes. Conforme disse um de meus professores de filosofia determinado dia: "Essa forma de imortalidade envelhece depois de algum tempo", dando com isso a entender que perde seu frescor quanto mais tempo é aplicada. Tipicamente, porém, o poeta sagrado, em harmonia com a mente dos hebreus, não olhava para um tempo depois da sepultura, mas para a Terra Prometida, que continuaria a prosperar com os novos habitantes. Ver Sal. 37.22 e 69.36. Ver também Isa. 2.2 e 33.20.

A noção de uma alma imaterial, que sobrevive diante da morte biológica, *começou* a aflorar no pensamento dos hebreus no tempo dos salmos e dos profetas. Floresceu no período intermediário (entre o Antigo e o Novo Testamentos), nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e mais ainda nas páginas do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre a *Imortalidade* (vários artigos).

Nosso Deus, nosso socorro em eras passadas,
Nossa esperança nos anos do futuro.
Nosso abrigo da fúria da tempestade,
E nosso lar eterno.

Sob a sombra do Teu trono,
Deixa-nos habitar em segurança.
Basta-nos o Teu braço protetor,
E nossa defesa estará segura.

(Isaac Watts)

Salmo Cento e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *cântico de ações de graças*, por parte de um homem cujas orações tinham sido respondidas e cuja enfermidade fora divinamente curada. Este cântico é igualmente um *hino notável*, pelo que esta composição tem sido classifi-

cada dentro dessa categoria. De fato, o Salmo 103 é um dos hinos mais nobres do saltério. Parece ter-se originado de uma profunda gratidão da parte de alguém que havia experimentado o toque da cura divina, de alguém que se aproximara bastante da presença augusta de Deus. Observou Henrich Herkenns: "Dificilmente qualquer outra parcela do Antigo Testamento permite-nos perceber a verdade de que Deus é *amor*, de modo tão íntimo como o Salmo 103" (*Das Buch der Psalmen*, pág. 331).

"O agradecimento do salmista não é diminuído em nada por seu reconhecimento (vss. 14-18) de que os dias do indivíduo são numerados como aqueles da *flor do campo*, pois, contra a temporalidade do homem, ele colocou a eternidade de Deus. E concluiu seu hino convocando tanto os céus quanto a terra a louvar o Senhor (vss. 19-22)" (William R. Taylor, *in loc.*). Não fornece evidências de que este salmo tenha sido usado na liturgia do templo, mas tal silêncio não prova que não o fosse. Uma composição tão notável provavelmente foi empregada nesse sentido.

Uso Pessoal. Tenho usado consistentemente três salmos em minhas orações pessoais: Salmo 23 (de suprimento); Salmo 91 (de proteção); e Salmo 103 (de saúde física).

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo simples: "Salmo de Davi". As notas introdutórias aos salmos foram adicionadas por editores posteriores e não faziam parte das composições originais, pelo que também não têm nenhuma autoridade canônica. Cerca de metade dos salmos foi atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Mas alguns dos salmos foram genuinamente seus, visto ter sido ele o "mavioso salmista de Israel" (II Sam. 22.51).

O Poeta Induz a Si Mesmo a Louvar (103.1-5)

103.1

Bendize, ó minha alma, ao Senhor. O salmista estava muito doente. Mas foi tocado pelo poder divino. A presença de Deus chegou bem perto dele. Não admira, pois, que tivesse ficado tão agradecido! Sua enfermidade, que era um *vexame e ameaçava a sua vida, foi súbita e permanentemente removida*. Ver o vs. 4. Sua vida foi *redimida*, devolvida, visto que suas orações de desespero foram ouvidas e respondidas.

Minha alma... tudo o que há em mim. O salmista agradeceu e bendisse a Yahweh-Elohim de toda a alma e de todo o coração, bem como com todas ás faculdades, forças e inteligência. Ele bendisse a Deus com a alma, "sua melhor parte, a alma, que viera diretamente da parte de Deus e agora retornava a Ele, que é imaterial e imortal, e vale mais do que o mundo inteiro" (John Gill, *in loc.*). Foi com "tudo que estava dentro de sua alma" que ele agradeceu, expressando plena intensidade e repetindo essas ações de graças.

O salmista *bendisse* aqui por três vezes (vss. 1-2) e, mais adiante, quatro vezes mais (vss. 20-22), o que corresponde de perto as bênçãos da parte do Senhor à alma, na fórmula mosaica de Núm. 6.24-26.

Seu santo nome. Visto que o Poder que o curou é também o Poder Santo. Ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. Ver acerca do *nome* em Sal. 31.3. O Nome de Deus era considerado de grande poder, pelo que bastaria a um homem proferi-lo (isto é, *Yahweh*) para obter resultados surpreendentes e até miraculosos. Os hebreus combinavam a Bondade Suprema, a Santidade e o Poder em seu conceito de Deus, ao contrário dos pagãos, que faziam os poderes divinos operar o mal. Que o poder opere o bem, e que bendito seja esse poder.

> *Bendito seja o homem, pobre e necessitado, cuja enfermidade foi curada pela súplica insistente. Bendito seja o homem cuja oração foi ouvida, na hora da enfermidade, na hora da necessidade.*
>
> (Russell Champlin)

103.2

Bendize, ó minha alma, ao Senhor. O homem abençoado por Deus tinha recebido muitos benefícios da parte do Senhor e, por essa razão, bendisse novamente a Deus. Esse homem tinha recebido o dom da *vida*, por isso não é de admirar que haja um poder doador da vida, transformador, que o acompanhava ao longo do caminho.

Seus benefícios. Mais literalmente ainda, "ações", que podem ser boas ou más (Jui. 9.16; Sal. 12.14), mas que, no caso do salmista, tinham sido consistentemente boas. Mesmo quando ele foi punido por seus pecados (vs. 3) e adoeceu, as punições de Yahweh foram tão gentis que ele foi conduzido a um plano mais elevado de espiritualidade. Os atos de Deus são todos beneficentes, até mesmo os Seus juízos.

> *Estou pressionando no caminho para cima,*
> *Novas alturas estou conquistando todos os dias.*
>
> (Johnson Oatman, Jr.)

A bênção é aqui repetida para mostrar o desejo veemente do salmista em mostrar os benefícios que ele havia recebido, de modo que ele não se tornasse culpado do pecado de esquecimento ou ingratidão. As misericórdias de Deus são inúmeras e se renovam a cada manhã. O estoque das misericórdias divinas nunca se acaba. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gratidão*, quanto a outras idéias.

Bernard L. Manning, do Colégio de Jesus, em Cambridge, na Grã-Bretanha, foi uma brilhante luz espiritual que morreu cedo e assim furtou tanto a erudição quanto a piedade de muitos de seus benefícios. Quando menino pequeno, para evitar o tédio dos sermões que ouvia na igreja, ele costumava ficar sentado em silêncio, folheando seu hinário e selecionando os hinos que eram bons e os que eram ruins, enquanto o pregador prosseguia em sua cantilena. Entre os hinos de valor, está o Salmo 103, adaptado para uso cristão. Algumas vezes um hino pode tanger uma corda do coração, quando nossos raciocínios e explicações fracassam. Assim também nesta exposição do saltério, um livro de inquestionável arte poética, esforcei-me por incluir muitos poemas e hinos que ilustram a exposição.

103.3

Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades. Era uma noção tipicamente hebraica que as enfermidades sempre têm como causa algum pecado. Mas Jó demonstrou que isso nem sempre é correto. Ele era inocente e, no entanto, sofreu de uma enfermidade física da pior espécie. Nas enfermidades há disciplina e instrução, mas também há caos e insensibilidade. Portanto, que o crente nunca se esqueça de orar, a fim de corrigir os seus erros. A enfermidade faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). O mal consiste no mal *moral* — coisas más que os homens fazem contra o próximo, devido à sua vontade pervertida — e no mal *natural* — abusos da natureza, como os incêndios, as inundações, os terremotos, as enfermidades e a morte.

Será Errada a Cura Natural? É sempre humilhante para o homem espiritual quando a penicilina cura uma infecção que a oração em nada contribuiu para curar. Os hebreus eram contrários à cura natural, porque a julgavam profana. Eles pensavam que somente os faltos de fé recorriam aos médicos para obter suas ervas. Naturalmente, os médicos antigos misturavam com seus processos de cura mágicas e encantamentos duvidosos, e isso espantava os hebreus. Mas, mesmo que não fossem essas coisas, a natureza alegadamente profana das curas naturais teriam sido suficiente para manter afastados os hebreus. Somente no judaísmo muito posterior é que a medicina começou a ser aceita.

Conheci um caso em Manaus, capital do estado do Amazonas, que ilustra a questão. Havia ali uma missionária pentecostal que tinha uma pústula muito infecciosa, bem no meio da testa. As pústulas são meras infecções bacteriológicas, causadas por estreptococos ou estafilococos, mas que podem tornar-se muito dolorosas e ameaçadoras. Os pregadores pentecostais reuniram-se para curar a pústula. Suas orações encheram a circunvizinhança com exclamações e apelos em vozes altas. Mas os estreptococos ou estafilococos não se afastaram. Portanto, foi chamada uma enfermeira missionária batista, que lhe aplicou algumas injeções de penicilina, as quais fizeram quase imediatamente secar a pústula, apesar de serem medicamentos *profanos*. Meus amigos, nós, os crentes, costumamos orar pelos enfermos. Algumas vezes vemos grandes coisas, e de outras vezes não vemos resultado algum. Há um enigma em tudo isso. Nada há de profano em torno dos medicamentos naturais, pelo que podemos usá-los também. Qualquer coisa capaz de deter a enfermidade é digna de ser usada, sem que precisemos ficar com a consciência culpada por causa disso. Mas se pensarmos, acompanhando os hebreus, que toda enfermidade é causada somente pelo pecado, então talvez temamos fazer as enfermidades retroceder mediante o uso de medicamentos naturais. Contudo, mesmo que isso fosse um pecado, Deus é misericordioso e pode perdoar pecados; assim sendo, podemos usar medicamentos naturais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cura*.

Note o leitor a conexão entre o pecado e as enfermidades. Existe aí certa conexão, mas não exclusiva, pois outras coisas podem causar enfermidades.

As enfermidades, da mesma forma que o amor, são multifacetadas. Com freqüência estamos mexendo com fatores pouco compreendidos ou mesmo totalmente desconhecidos. Por conseguinte, existem muitos meios de atacar esse mal natural.

> *Se eu pensar que o pecado causou a minha dor,*
> *Posso desdenhar dos medicamentos naturais.*
> *Por outra parte,*
> *Como poderei saber com certeza,*
> *Qual meio Deus poderá usar para curar?*

O perdão dos pecados busco para ter alívio,
Talvez somente assim eu possa curar
minha tristeza.

(Russell Champlin)

103.4

Quem da cova redime a tua vida. A *redenção* aqui mencionada não é a redenção evangélica. Antes, é a salvação de um corpo enfermo, com a restauração da saúde física, e isso por uma intervenção divina, tal como a redenção espiritual é um ato divino, e não uma realização humana. A *destruição,* neste caso, é a destruição do corpo, e não da alma, em alguma existência em um mundo distante, após a morte. Ou então, a destruição é a do *sepulcro.* O salmista queria continuar vivendo fisicamente, e não olhava para além desta vida, vendo sua alma salva do *sheol,* o que pode, algumas vezes, ser o sentido da palavra *cova.* O homem curado é então coroado por muitas coisas boas em sua vida por meio do amor constante e da misericórdia de Yahweh. O amor divino é a fonte originária de toda a bondade e de todos os benefícios, sejam eles espirituais ou físicos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Amor* e *Misericórdia,* quanto a detalhes, declarações e poesias ilustrativas. Cf. Sal. 16.10.

E te coroa. "Uma metáfora extraída do costume comum de usar coroas e grinaldas em ocasiões festivas (ver Eclesiástico 32.2). Cf. Sal. 8.5" (Ellicott, *in loc.*). O homem bom havia ganhado na corrida contra a enfermidade e a morte, e fora coroado por Yahweh como o vitorioso; mas na verdade a vitória era de Yahweh, por ter sido Ele o Autor da cura, depois de ter acolhido a oração do pobre salmista. "Coroar", neste caso, significa conferir uma bênção.

Conta as bênçãos,
Uma a uma, conta-as de uma vez,
Hás de ver surpreso
O que o Senhor já fez.

(Johnson Oatman)

Temos aqui menção aos grandes e abundantes favores que Ele cumula sobre os homens, como honrarias e boa saúde, dinheiro suficiente para fazer tudo quanto eles precisam fazer, proteção, bem-estar, avanço espiritual e prosperidade física, todas as coisas boas dadas à vida e à existência.

Coroas o ano da tua bondade; as tuas pegadas destilam
fartura.

(Salmo 65.11)

103.5

Quem farta de bens a tua velhice. A satisfação com *bens* é uma promessa geral: tanto os *benefícios* referidos no vs. 2, quanto a *graça* e a *misericórdia* referidos no vs. 4. Mas está especialmente em mira a cura física, que restaura a boa saúde desfrutada na juventude. Poderia estar em vista a renovação da juventude, o que seria um estupendo milagre. Mais provavelmente ainda, porém, temos aqui a remoção dos efeitos da idade avançada e das enfermidades. As enfermidades envelhecem as pessoas, e desse tipo de envelhecimento um homem pode retornar a relativa juventude.

Como a da águia. Ou então, conforme outros estudiosos, o grifo ou grande abutre. Entre os rabinos, havia uma história sobre a águia que era capaz de ficar jovem novamente, com certo paralelismo à história da Fênix do Egito, mas o poeta sagrado refere-se aqui à aparência rejuvenescida e vigorosa desse pássaro, com sua nova plumagem anual, que parecia dar-lhe nova vida. Nesse caso, a referência é apenas à troca de plumagem. Alguns estudiosos realmente percebem aqui uma referência à história da Fênix. Cf. Jó 29.18; 33.25 e Isa. 40.31. Pessoas que supostamente deveriam saber das coisas contam-nos que uma águia bastante idosa pode ser notada por seu vigor e força e, assim, tal *atributo* das águias pode ter provocado a símile. Havia um provérbio grego que dizia o seguinte: "A idade avançada da águia é tão boa quanto a juventude da cotovia".

Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem
com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e
não se fatigam.

(Isaías 39.31)

As Relações de Deus com Israel (103.6-13)

103.6

O Senhor faz justiça. Tendo falado sobre atos divinos graciosos para com *ele mesmo,* em sua cura espiritual, o salmista doravante apresenta uma pesquisa do trato bondoso de Deus para com *Israel.* A símile é a da relação entre pai e filho, na qual há um amor forte e puro, que ultrapassa o amor das mulheres. O poeta sagrado não se separou do grupo maior. O amor de Deus é o benfeitor universal, tanto de um quanto dos muitos. Estes versículos falam sobre a remoção do pecado, que causa sofrimentos, mas deixa completamente de fora a menção aos sacrifícios e rituais; todavia, não deveríamos pressionar demasiadamente esse silêncio. Seja como for, o autor traz à tona a essência espiritual do perdão e seu benefício ao indivíduo e à comunidade. "Aludindo a certos fatos da história de Israel, Davi meditou sobre a *lealdade ao pacto,* que Yahweh vinha mantendo no caso de frágeis pecadores" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os *oprimidos* são *vindicados* (Revised Standard Version), visto que Yahweh *faz justiça* (nossa versão portuguesa). Ver sobre *ajuda salvadora* em Sal. 88.12. O Poder benéfico que o poeta sacro estava prestes a descrever também era justo e observador do pacto. Contudo, Ele administrava gentilmente Sua justiça, quando tratava com Seus *filhos* (vs. 7). O amor dirigia e controlava a Sua justiça (vs. 11), visto que, para Deus, todos os juízos têm por finalidade curar, e não meramente tirar vingança. A palavra "oprimidos" prepara-nos para coisas que aconteceram na época de Moisés, quando os filhos de Israel estavam escravizados no Egito.

103.7

Manifestou os seus caminhos a Moisés. Mediante uma declaração *abrangente,* o salmista convoca-nos a relembrar tudo quanto aconteceu a Israel no Egito; como os filhos de Israel foram oprimidos; como Deus realizou vários milagres, os quais, em seu conjunto, resultaram em libertação; como Moisés dirigiu o povo de Israel até tirá-lo para fora do Egito. Em tudo isso, *os caminhos de Deus fizeram-se conhecidos,* sendo atos poderosos, bons, restauradores e feitos na justiça. Moisés e Israel foram vindicados, e o Egito foi *condenado.*

Aos filhos de Israel. Uma expressão encontrada somente aqui e em Sal. 148.14 no livro dos Salmos, mas vista por mais de seiscentas vezes no restante do Antigo Testamento. É destacada a relação entre pai e filho. Assim é que em Êxo. 4.22,23, Yahweh chamou Israel de *filho.* A *Paternidade de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*) é um dos maiores ensinamentos espirituais.

Um missionário evangélico que trabalhava na África contou a história de como ele tentou ensinar aos nativos a oração do Pai Nosso. Certa mulher recusava-se a ir além das palavras: "Pai nosso, que estás no céu" (Mat. 6.9). Quando lhe perguntaram por que interrompia a oração, ela replicou: "Se Deus é meu pai, isso é tudo de quanto tenho necessidade de saber". Cf. Êxo. 33.13. "Desde a primeira parte de nossa história, Ele tem sido nosso protetor e benfeitor" (Adam Clarke, *in loc.*). Moisés estava familiarizado com os muitos caminhos tomados pela providência divina, com muitas instâncias especiais de testemunhos pessoais. Esses caminhos começaram na sua infância e seguiram-no por toda a vida; e outro tanto sucedeu no caso daqueles que o acompanhavam. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

103.8

O Senhor é misericordioso e compassivo. Esta declaração tem um sentido geral, mas devemos continuar compreendendo que essas qualidades divinas beneficiaram a Israel quando Moisés esteve com eles, e também mais tarde, quando eles viveram sob outros líderes. Yahweh é *misericordioso e gracioso.* Havia muitos benefícios positivos que continuavam a abençoar o povo de Israel a cada passo do caminho. Quando Israel *pecava,* então Yahweh mostrava-se *tardio em irar-se,* porquanto, de outra sorte, a nação em breve seria consumida, considerando-se quantas e quão sérias provocações contra Deus eles praticavam. Yahweh tornou-se assim famoso por Seu *amor constante,* e Ele tratava com Israel como um pai trata de seu filho. O poeta tinha experimentado a cura divina de sua enfermidade e está dizendo aqui que Yahweh havia curado Israel repetidamente de sua enfermidade do pecado, pois, do contrário, a doença do pecado teria exterminado os filhos de Deus. O salmista também está dizendo que o amor é a fonte da cura, tanto da enfermidade física quanto da enfermidade espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor,* onde ofereço detalhes e ilustrações. O amor de Deus é muito mais profundo do que língua ou pena podem contar. Vai até mais alto que a estrela mais distante, e desce mais baixo que o inferno.

O amor me saudou boas-vindas; mas minha alma
recuou.
Culpada de poeira e pecado.

Não obstante, o amor consiste em uma bondade incansável, que não desiste de socorrer os pecadores.

O amor foi insistente e disse:
"Deves sentar-te e provar de minha carne".
Assim sendo, sentei-me e comi.

(George Herbert)

Cf. Sal. 86.15. Ver também Joel 2.13 e Sal. 145.8. Esses sentimentos transformaram-se na fé nacional de Israel. Ver sobre a *Paternidade de Deus* em Êxo. 4.22; Deu. 14.1; 32.6; Isa. 1.2; 45.11; 63.16; Jer. 3.4,9; 31.9; Osé. 11.1; Mal. 1.6; 2.10; 3.17. Ver Êxo. 34.6, a base da fé nacional de Israel. O Salmo 86.15 repete as declarações constantes no livro de Êxodo. Ver os comentários sobre o vs. 13, mais adiante.

103.9

Não repreende perpetuamente. O amor, no entanto, não impede um castigo eventual pelo erro; de fato, o amor requer esse castigo, visto que o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Cf. Isa. 57.16; Lev. 19.18 e Jer. 3.5. Algumas vezes, Deus pode agir melhor através do julgamento do que através de qualquer outro meio. O Deus que continua *censurando* Seus filhos terá de agir, afinal, se eles não Lhe derem ouvidos. Finalmente, Deus deixará Suas palavras e admoestações e passará a agir através de algum juízo que capture a atenção de Seu povo. Mas o amor O fará aplicar esse castigo não em ira ou ódio. Embora Deus conheça a fragilidade humana (ver Rom. 7 e o vs. 14 deste salmo), também sabe que os homens perdem a fibra moral quando estão namorando com o mal. Platão dizia que a pior coisa que pode acontecer a um homem que pratica o mal é não ser julgado pelo mal que pratica. Assim fazendo, ele corrompe a sua alma, o que é uma grande calamidade, muito pior que o julgamento divino.

Cf. Miq. 7.18. O amor separa o pecador de seus pecados (vs. 12). O homem bom quer viver acima do pecado, o qual não é um bom companheiro e termina sendo um traidor dos melhores interesses do homem.

103.10

Não nos trata segundo os nossos pecados. O amor intervém, temperando a justiça com o amor, pois para Deus não existe o que poderíamos chamar de *justiça crua*. De fato, a misericórdia e o amor são *partes integrais* da justiça. Assim sendo, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, vê-se que Deus poderia julgar os pagãos que são condenados, somente à luz da natureza; mas, de fato, Ele não age assim, porque fazer isso seria usar de uma justiça crua. O evangelho intervém e provê uma *oportunidade universal* (I Ped. 4.6). Em vez de condenar o homem, o amor divino atua para separar completamente o homem de seu pecado.

Este versículo não quer dizer que Deus deixa de julgar quando há razões para tanto. Isso já seria uma *injustiça*. O que este versículo quer dizer é que Deus opera de tal maneira que prefere restaurar a aniquilar. É precisamente isso o que deveríamos esperar da parte do amor de Deus. Torna-se, pois, evidente, que o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Em Cristo, temos o portador do pecado, pois Ele age conosco conforme os *nossos pecados*, e nós saímos livres, a suprema manifestação do amor divino (ver João 3.16; Rom. 3.21 ss.).

103.11

Pois quanto o céu se alteia acima da terra. Com estas palavras, o poeta ilustra a misericórdia ou o *amor constante* de Deus. O perdão divino é como a vasta distância que separa o céu da terra, algo grande, alto e incomensurável. Os que *temem* a Deus, que têm uma espiritualidade autêntica, que se deixam governar pelos ditames da lei (estamos falando do ponto de vista do Antigo Testamento) recebem esse amor que cura, em vez de destruir. Temos aqui uma *restrição* às operações do amor de Deus. Este pensamento é reiterado nos vss. 13, 17 e 18. O evangelho é restringido aos que têm fé em Cristo, mas o importante é que o poderoso amor de Deus remove todas as restrições, porque transforma os pecadores. Eis a razão pela qual Cristo teve Sua missão tridimensional, na terra, no hades e no céu, para que pudesse tornar-se "tudo para todos" (ver Efé. 4.10). Essa é, igualmente, a razão por que o evangelho foi pregado aos mortos ímpios no hades, para conceder-lhes vida (ver I Ped. 3.18-4.6).

As misericórdias de Deus! Que tema para meu cântico. Oh! eu jamais poderia enumerar todas as misericórdias de Deus. Elas são mais numerosas do que as areias nas praias batidas pelas ondas do mar, e mais numerosas do que as estrelas na cúpula celeste. As misericórdias de Deus, para com aqueles que O temem, são infinitas (ver Sal. 36.5; 57.10). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, quanto a informações completas a respeito.

Porque mui grande é a sua misericórdia para conosco, e a fidelidade do Senhor subsiste para sempre. Aleluia!

(Salmo 117.2)

103.12

Quanto dista o Oriente do Ocidente. O *leste* e o *oeste* são as extremidades absolutamente opostas em direções contrárias e nunca podem encontrar-se.

Oh, o leste é o leste, e o oeste é o oeste,
E nunca se encontrarão esses gêmeos.

(Rudyard Kipling)

Aqui, esse fato significa que os pecados de um homem jamais poderão prejudicá-lo, pois o homem e seu pecado estão separados um do outro, e isso pelo Poder divino. Ver a mesma mensagem, com uma metáfora diferente, na declaração de que Deus *esquece* os pecados do homem perdoado e justificado, porquanto eles ficam fora da visão e são apagados. Ver Sal. 25.6 e 79.8. Pelo contrário, Deus *lembra* Suas misericórdias (ver Sal. 25.6).

Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade, e te esqueces da transgressão...?

(Miquéias 7.18)

Há uma aplicação especial da graça perdoadora. Ver II Sam. 12.13 e Zac. 3.4. Cristo levou os nossos pecados, pelo que a separação entre nós e os nossos pecados foi completa. Ver Lev. 16.21,22 e Zac. 3.9.

Meu coração não tem desejo de permanecer
Onde se levantam dúvidas e o temor faz desmaiar.
Embora alguns habitem onde essas coisas abundam,
Minha oração, meu alvo, é um terreno mais alto.

(Johnson Oatman, Jr.)

103.13

Como um pai se compadece de seus filhos. *Elohim é Pai; Yahweh é Pai.* Existe o tratamento bondoso e paternal dos filhos, que salva o dia. O Pai celeste tem pena de Seus filhos, sentimento que qualquer bom pai compreende perfeitamente bem. A misericórdia consiste em *terno amor*, pois o relacionamento entre pai e filho é de ternura, de puro amor, ultrapassando o amor das mulheres. Ver a lista de versículos que ensinam a paternidade de Deus no Antigo Testamento, no vs. 8 deste salmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paternidade de Deus* quanto a detalhes. O *temor* entra de novo como uma restrição, conforme se vê no vs. 11, mas o evangelho foi aplicado para remover restrições, porquanto Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu próprio Filho. Cf. Sal. 78.38,39 e 89.47. "Essa antecipação da revelação de Cristo do amor paternal de Deus se encontra também nos Profetas" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Compaixão*.

Deus é amor. Sua misericórdia ilumina
Todas as veredas por onde nos locomovemos.
Bênçãos Ele desperta e ais Ele ilumina.
Deus é sabedoria. Deus é amor.

Chances e mudanças estão sempre ocupadas,
O homem entra em decadência e a idade avança.
Mas a Sua misericórdia nunca desaparece.
Deus é sabedoria. Deus é amor.

(John Bowring)

O Eterno Amor de Deus (103.14-18)

103.14

Pois ele conhece a nossa estrutura. O Criador usou o pó da terra para criar o homem, o qual não passa de poeira. Deus lembra o humilde começo do homem e seu atual estado humilde, e trata o homem em consonância com Seu conhecimento e amor. Ver Gên. 2.7, sobre o qual repousa o sentimento do versículo. Quanto ao retorno final do homem ao pó, ver Gên. 3.19; Ecl. 3.20; 12.7; Jó 4.19; 10.9; 34.15. Portanto, o homem é uma criatura entre *o pó e o pó*. Os vss. 15 e 16 não entretêm nenhuma esperança de uma existência além do sepulcro, o que também tipificava a teologia dos hebreus em seus primeiros estágios. Nos salmos e profetas *começou* a entrar a idéia da imortalidade, e essa idéia começou a ser desenvolvida nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e então mais um pouco ainda nas páginas do Novo Testamento. A fé oriental e alguns filósofos gregos sempre mantiveram essa doutrina, pelo que a teologia dos hebreus estava um tanto

atrasada quanto a esse ponto particular. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários artigos sob o nome de *Imortalidade.* Alguns tentam ler o tema da imortalidade no vs. 17, mas a descrição de eternidade ali pertence ao amor de Deus, e não ao homem amado, o qual supostamente continua para sempre a receber o amor de Deus. Isso já é uma *eisegese,* e não uma exegese.

A Septuaginta apresenta este versículo como se ele expressasse uma petição: "Oh, Senhor, lembra-te que somos apenas pó", e, assim sendo, aplica a nós o Teu amor eterno.

103.15

Quanto ao homem, os seus dias são como a relva. *Duas* metáforas comuns do Antigo Testamento são usadas agora para ilustrar a fragilidade e a *temporalidade do homem: a relva. Quanto a esta metáfora,* ver Sal. 90.5. Ver também Sal. 37.2; 92.7; 103.4 e 5. Além disso, temos a *flor do campo,* a qual floresce por breve tempo, mas logo se resseca e morre. Ver Sal. 90.5,6 e Jó 14.1,2. A relva tem seu dia. Quando o agricultor planta ou colhe, ele corta a relva. A flor é bela e alega-se que as coisas belas perduram para sempre. Mas o vento escaldante, ou os raios do sol, ou uma tempestade, logo põem fim à vida daquela coisa bela. E outro tanto acontece ao homem. A relva é *queimada,* como se não tivesse valor, e o valor temporário da flor, porquanto chegou a adornar os campos, *perde-se* e é *esquecido.* Cf. Isa. 40.6-8.

103.16

Pois, soprando nela o vento, desaparece. *O quente vento do deserto* que sopra do sul passa pela bela flor (a última coisa mencionada no versículo anterior) e a resseca, levando-a ao fim. Pois em pouco tempo ela fica sem vida e ressecada. Quando ainda vivia, a flor era bela e graciosa. Mas quando morre, perde seu lugar, que é ocupado por outra flor. E assim é completa a destruição de algo que os homens tanto admiraram.

Considerei como crescem os lírios do campo...

(Mateus 6.28)

Os lírios do campo são mais belamente ornados do que Salomão em toda a sua glória (vs. 29), mas tudo isso se perde de modo breve e repentino, e de maneira absoluta. Assim também um homem, a despeito de qualquer glória que possa ter obtido, acaba perdendo-se. Morto e desaparecido. Naturalmente, a verdade é como o título de certo livro sobre a imortalidade: *Mortos Mas Não Desaparecidos.* Entretanto, quando o poeta sacro compôs este salmo, a teologia da época continuava sendo *mortos e desaparecidos.* Assim sendo, tudo quando encontramos aumenta o nosso otimismo.

Se uma lufada de vento quente passar pelo campo,
A flor se resseca em uma única hora.

(Ellicott)

Este versículo pode ser comparado a Isa. 40.7.

103.17

Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade. O *amor constante* de Deus não teve começo e não terá fim, pelo que se aplica a cada geração sucessiva, sem falhas ou interrupções. Uma vez mais, porém, o poeta coloca uma restrição nos vss. 11 e 13: é somente para os que *temem a Deus.* As notas expositivas que foram dadas naqueles dois versículos também se aplicam aqui. Visto que a imortalidade é uma verdade tremenda, somos tentados a compreender que este versículo afirma que, visto ser eterno o amor constante de Deus, eternos também são aqueles a quem esse amor se aplica. Mas a verdade exata é que os eleitos, uma vez convertidos, se tornam eternos (pois têm a vida eterna). "O salmista mantém sua fé em Deus a despeito do fato de que ele não abrigava nenhuma esperança de imortalidade pessoal" (William R. Taylor, *in loc.*).

Este versículo também pode ser usado para ensinar a imortalidade do grupo, visto que a nação de Israel continua de uma geração para a outra, interminavelmente, todas elas sujeitas ao mesmo amor constante. E Deus também aplica Sua *retidão* ou justiça, certificando-se de que a vida de cada geração é vivida na equidade, a fim de continuar a prosperar material e espiritualmente. Portanto, a mensagem é positiva, pelo menos até onde chega, embora não se adiante muito, o que é a verdade no tocante a todas as teologias. As teologias são deficientes, incluindo os credos de nossas denominações cristãs atuais. Portanto, pergunto: "Como este salmista pode mostrar-se tão feliz se não acreditava na imortalidade?". Respondo que, *no coração,* ele conhecia essa verdade, mas essa noção ainda não havia subido ao seu cérebro, onde ele conservava seus arquivos teológicos. Se seu coração continuasse a testemunhar para ele que isso era verdade, então *ele,* pelas misericórdias e pelo amor de Deus, estava destinado a viver para sempre, e não importavam as limitações impostas por seu cérebro. Penso que isso também se aplica às limitações que os credos cristãos nos *impõem.* Sabemos que Deus, por exemplo, não pode queimar pessoas para sempre em um inferno flamejante, pelo que podemos ouvir isso ou até repetir essa miserável doutrina, e não ficar muito afetados. Sabemos, em nosso coração, que isso não exprime a verdade. Sabemos que a esperança do evangelho é maior que isso, em favor de *todos os homens;* pelo que podemos continuar falando em limitações que não existem, porque nosso coração nos deixa feliz.

O amor e a retidão andam de mãos dadas e ministram aos que temem ao Senhor, ou seja, homens espirituais sérios que estão andando segundo a lei, que é como temos entendido a declaração nos termos hebraicos, vista no vs. 18. Esse programa é estendido por todo o mundo, pela igreja, por meio da administração do evangelho, e a mensagem de esperança em Cristo continua atingindo sucessivas gerações, uma aplicação cristã legítima deste versículo.

103.18

Para com os que guardam a sua aliança. Os que *temem a Deus,* que acolhem Seu amor constante e Sua retidão (vs. 17), são os que guardam a lei. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei mosaica significava para Israel. A mente do homem deve estar tão saturada pela lei que ela é uma *memória* contínua para que o homem aja em consonância com o que Deus dele requer.

Tu és, ó Deus, o Deus de poder,
Teu poder jamais fracassa.
Tu és o Deus da verdade,
Tua palavra permanece inabalável.
Tu és o Deus de amor,
Teu amor jamais será abalado.

(Emily S. Perkins)

Aliança. Amor, misericórdia e justiça foram prometidos nos pactos (ver a respeito no *Dicionário*). Deus trabalhava através dos pactos, a fim de abençoar. Ver sobre *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18. Ver sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19, bem como sobre *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. Promessas foram feitas para serem cumpridas, e isso poderia significar apenas boa vontade, bem-estar e prosperidade para Israel e, através de Israel, para o mundo (vs. 19). O trono de Yahweh é *sobre todos,* e isso só pode significar o bem.

"Os mandamentos de Deus devem ser relembrados para que sejam cumpridos. Ele os insufla em nosso coração e em nossa mente; Ele os escreve em nosso espírito e os grava em nosso coração. Ele faz os homens andar segundo os Seus estatutos. Cf. Jer. 31.34 e Eze. 36.27" (John Gill, *in loc.*).

O Louvor Universal (103.19-22)

103.19

Nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono. A questão é aqui universalizada. Não foi bastante que Deus deu a Sua lei e estabeleceu Sua aliança com Israel. Deus era grande demais para interessar-se por apenas uma nação. Ele também é grande demais para interessar-se somente pelos eleitos. Antes, Deus também fez uma provisão para os não-eleitos. Por isso, posso continuar a falar sobre a redenção e sobre a restauração (Efé. 1.9,10), porquanto somente uma doutrina desse tipo se equipara à grandeza de Deus. No estilo dos salmos de entronização (93 e 95 a 99), os benefícios são estendidos ao mundo todo, onde o trono de Yahweh foi estabelecido. Ele pôs um dedo em Jerusalém, em Sião, no templo, mas colocou Seu coração em todo o mundo (ver João 3.16). O trono de Deus está no céu, mas Seu reino está em toda a terra. Cf. Sal. 11.4-7. Os homens atrapalham seu destino com muitos defeitos, mas é a mente divina que realmente molda o nosso fim. Eis por que o plano é mais amplo do que se permite em muitos lugares da igreja atual.

Nos céus... o seu trono. Ver Sal. 9.4,7 e Heb. 1.11. Quanto ao Seu reino *sobre toda a terra,* ver Sal. 2; 47.2; Dan. 4.25; Fil. 2.10 ss.

Do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações.

(Salmo 22.28)

Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!

(Mateus 6.13)

Não deixarás a minha alma na morte,
nem permitirás que o teu
Santo veja corrupção.
Tu me farás ver os caminhos
da vida.

Salmo 16.10,11

Quem da cova redime a tua vida, e
te coroa de graça
e de misericórdia;
quem farta de bem a tua velhice;
de sorte que a tua mocidade
se renova como a da águia.

Salmo 103.4,5

Ó Cristo ressurrecto, ó Flor da páscoa!
Quão cara a tua graça se tornou!
De Oriente a Ocidente, com Poder amante,
Faz do mundo inteiro a tua possessão.

Philips Brooks

Quando este mundo passageiro desaparecer,
Quando houver descido além do sol brilhante;
Quando estiver com Cristo na glória,
Contemplando a história terminada da vida;
Então, Senhor, é que conhecerei bem,
Mas só então, o quanto eu Te devo.

M' Cheyne

103.20

Bendizei ao Senhor todos os seus anjos. Visto que o trono de Deus é universal, abrangendo tanto os céus quanto a terra, o poeta convocou os anjos, os poderosos, a executar a palavra dele e ouvir a voz do Senhor. E também exortou Israel; e exortou as nações; e exortou os anjos; e exortou a si mesmo (vs. 22), para que ninguém se esquecesse de obedecer. Quanto à invocação da *assembléia celestial,* cf. Sal. 82.1-8. Ver também Sal. 34.4-7. Os anjos poderosos são excelentes em suas forças, uma frase que ocorre somente neste versículo em toda a Bíblia. A força deles, entretanto, é derivada, e não inerente a eles mesmos. Ademais, essa força deve ser usada no serviço do Rei.

Sou feliz no serviço do meu Rei,
Cada talento trarei.
Gozo, paz, alegria e bênção,
No serviço do meu Rei.

"Tal como, na mais elevada revelação feita por Jesus Cristo, os anjos no céu se regozijam diante de um pecador que se arrepende, assim também, do ponto de vista do salmista, a misericórdia de Yahweh para com Seu povo fiel é uma causa de altas aclamações entre as hostes em redor do trono" (Ellicott, *in loc.*).

103.21

Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos. Alguns estudiosos vêem nesta expressão geral o mandamento para que a natureza inteira, animada ou inanimada, incluindo o sol, a lua, as estrelas e os planetas, louve ao Senhor e faça aquilo que é do Seu agrado (ver Sal. 19.1). Veja o leitor como a natureza é personificada para louvar a Deus em Sal. 98.7,8. Mas alguns eruditos vêem aqui os *exércitos* como que formados somente por seres inteligentes celestiais ou terrenos. Nesse caso, o salmista parece ter três classes em mente: os poderes angelicais em torno do trono divino, a maior das classes; outras hostes angelicais; e os homens fiéis na terra. Mas, no vs. 22, visto que ali as obras também são convocadas a louvar ao Senhor, provavelmente recuamos outra vez à idéia de Sal. 98.7,8.

Vós, ministros seus. Uma referência aos seres angelicais, mas postos aqui em terceiro lugar, o que significa provavelmente menção a outra ordem angelical. "Visto que quase nada sabemos sobre as ordens das hostes celestiais, por isso mesmo não podemos falar muito sobre as diferenças entre os anjos, os poderes, as hostes e os ministros. Mas sabemos que todas essas classes de seres angelicais devem todo o seu ser e todos os seus benefícios a Deus... Portanto, *todas* essas classes deveriam louvar ao Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto a uma enumeração neotestamentária das ordens angelicais, ver Efé. 1.21. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo,* quanto a maiores detalhes.

103.22

Bendizei ao Senhor, vós, todas as suas obras. Tendo exortado a todos os seres e poderes, agora o salmista convoca *todas as coisas* criadas, as *obras* de Yahweh, a louvá-Lo; e, finalmente, tal como no começo do salmo, também insta a si mesmo para unir-se ao coro universal. Cf. essas *obras* (possivelmente incluindo a natureza e até as coisas inanimadas) a Sal. 96.11,12 e 98.7,8. Todas as coisas mencionadas fazem parte do domínio universal de Yahweh e participam de Seus muitos benefícios; e isso significa que *devemos* louvar a Deus.

Avante vai o grupo de peregrinos,
Cantando cânticos de expectativa,
Marchando para a Terra Prometida.

(B. S. Ingemann)

Cf. esse final de louvores, por parte de todas as coisas e de todos os seres, a Sal. 147.7-12, onde o salmista fornece uma longa lista de coisas e seres que, potencialmente, devem louvar a Deus.

A terra com suas mil vozes louvando a Deus.

(Ellicott)

O poeta sagrado começou seu hino exortando a si mesmo a louvar a Yahweh e termina aqui da mesma maneira. "Em meio ao coro do universo inteiro, o salmista retorna à sua humilde participação no conjunto de louvores" (William R. Taylor, *in loc.*). Ele era um homem muito enfermo. Seu caso era terminal, mas, como resposta à oração, ele foi miraculosamente curado. Portanto, ele compôs este hino para o Deus que cura, o qual é também o Rei de todas as coisas, digno do louvor universal. Ele fora um homem extremamente enfermo. Mas bendito seja o homem, pobre e necessitado, cuja enfermidade foi curada por meio de intensa súplica. Sim, bendito seja o homem cuja oração foi acolhida pelo Senhor, na hora da enfermidade, na hora da suprema necessidade. Oh, Senhor, concede-nos a graça de que o uso deste salmo, em oração, seja tão poderoso que cure os enfermos, especialmente as crianças pequenas.

Salmo Cento e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um nobre *hino* que pode ter sido escrito pelo mesmo autor que compôs o Salmo 103. Ambos começam com a exortação: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor!". O Salmo 104 é um *Hino ao Criador,* cujas obras testificam, por toda a parte, Seu contínuo poder e graça, e não meramente Seu ato criador original. O Criador é igualmente o Preservador e Operador universal, para o bem de todos. Por conseguinte, Ele merece o nosso louvor, e o salmista estava resolvido a continuar louvando o Senhor enquanto vivesse neste mundo (vss. 33).

"O tema central é a glória de Deus e a Sua sabedoria, segundo ela se manifesta na criação do mundo. Neste salmo, na realidade, há uma filosofia da providência beneficente de Deus na ordenação do mundo... Deus viu que tudo quanto Ele havia feito era muito bom (Gên. 1.3)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Este salmo tem alguns notáveis paralelos com o *Hino Egípcio a Aton* (o sol como a fonte da vida), o qual data da época de Aquenatom (1380-1362 A. C.), governante egípcio conhecido por seus interesses monoteístas. John A. Wilson (no livro *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament,* da autoria de J. B. Pritchard, págs. 370 e 371), salientou *dez* paralelos próximos. Talvez esses paralelos possam ser explicados em face de uma teologia semelhante por trás das duas composições. Ou então, conforme insistem alguns, o autor do Salmo 104 estava familiarizado com o hino egípcio. Nesse caso, é difícil explicar por que deixou de lado tanto material que teria sido útil para os seus propósitos, tendo tomado por empréstimo relativamente poucas idéias. A grande *diferença* entre as duas coisas é que, no hino egípcio, o criador é o sol, ao passo que, no Salmo 104, o sol figura apenas como *parte* da criação de Deus.

Subtítulo. O Salmo 104 é um dos trinta e quatro salmos sem subtítulo. Quanto a esta circunstância, ver as observações na introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo.*

Bendito Seja o Senhor, Criador de Todas as Coisas (104.1-35)

O Primeiro Estágio da Criação (104.1-4; Gên. 1.1-8)

104.1

Bendize, ó minha alma, ao Senhor! Este salmo começa da mesma forma que o Salmo 103, com a diferença de que agora a bênção se estende a Yahweh-Elohim, e não ao simples Yahweh. O Deus Eterno e Todo-poderoso é descrito como *muito grande* e revestido de honra e majestade, visto ser o Criador de todas as coisas, bem como Aquele cuja providência tanto sustenta quanto faz prosperar todas as criaturas vivas.

Magnificente. Isso porque somente um Poder assim descrito poderia ser a Causa primária e única de tudo quanto existe. Os *efeitos* provam a grandeza da Causa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Causa,* quanto a uma série de artigos relacionados ao tema. "As provas mais fortes da existência de Deus derivam-se das obras da criação, em sua magnitude, variedade, número, economia e uso" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários argumentos em favor da existência de Deus: *Cosmológico; Teleológico; Ontológico; Graus de Perfeição* e vários outros artigos de interesse.

Sobrevestido de glória e majestade. Ou seja, qualidades que caracterizam o Ser de Deus; esses são Seus atributos e descrições corretas. Quanto a tais descrições em outros lugares, cf. Sal. 93.1; 96.6; 145.5; Jó 37.22 e 40.11. Elohim estava vestido com vestes *reais,* nos dias da criação.

104.2

Coberto de luz como de um manto. Este versículo, em um sentido poético, provavelmente deve ser considerado paralelo ao trecho de Gên. 1.3-5 — o primeiro dia da criação —, onde encontramos a *luz primeva.* Ver também I Tim. 6.16:

Deus habita em luz inacessível. Cf. o *fogo* da presença divina, em Êxo. 3.2; Dan. 7.9. O Deus revestido em luz diferente da luz terrena fala de Sua majestade, mas também do fato de que Ele se esconde de nossa compreensão, sendo *inescrutável* e *transcendental*. Em Isa. 60.19, Deus é a Luz de Sião, pelo que é uma luz que ilumina, e não meramente que cega os olhos dos que a contemplam. Combinando os vss. 1 e 2, vemos que esse revestir é honra, majestade e luz.

Como uma cortina. Os próprios céus se assemelham a uma cortina, em um paralelo ao tabernáculo (Can. 1.5) que Elohim estendeu. Ver Êxo. 26 e 27, quanto às cortinas do tabernáculo. O poeta sacro dá a entender que toda a criação se parecia com uma tenda gigantesca, um lugar de habitação de todas as coisas, celestiais e terrenas. Isso pode ser uma alusão poética ao *segundo dia* da criação (ver Gên. 1.6-8).

A eterna
Câmara da presença, templo, lar
Abóbada de cobertura,
Atos de eras ainda por vir.

(Shelley)

104.3

Pões nas águas o vigamento da tua morada. Este versículo parece ser a expressão poética de Gên. 1.7, uma continuação do *segundo dia* da criação. Foram separadas as águas de cima das águas de baixo, ou seja, o grande céu celeste acima da taça invertida, e as águas abaixo, as águas da terra, fundamentadas sobre colunas que mergulhavam para descansar ninguém sabia no quê. Ver o artigo sobre *Astronomia*, onde ilustro o que os hebreus pensavam sobre a criação e a cosmogonia. O que eles acreditavam foi obscurecido pelo nosso ponto de vista da criação e da ciência, fazendo com o que o livro de Gênesis concorde com algumas coisas que a ciência diz hoje em dia. A maior parte da interpretações da história da criação do livro de Gênesis consiste mais em *eisegese* do que em *exegese*. Isso significa que os intérpretes lêem no texto o que querem ler, em vez de extrair o que o significado real do texto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Criação*, quanto a explicações tanto bíblicas quanto de outras naturezas. Então Deus cavalgava pelos céus intermináveis, recoberto de nuvens, em Sua carruagem de fogo, ou então fazia das próprias nuvens uma carruagem, cavalgando sobre as asas do vento. Cf. Sal. 18.10. Temos uma expressão poética similar na *maldição de Kehama*, acerca do Palácio de Indra.

Construída sobre o lago, as águas eram seu soalho;
E aqui suas paredes eram de água arqueada com fogo,
E espirais e pináculos de fogo
Limitadas por cúpulas de água aspirando,
E cúpulas de arco-íris repousando sobre
torres de fogo.

Tomas as nuvens por teu carro. Cf. Sal. 68.4-6,33; Deu. 33.26; Isa. 19.1. Temos uma descrição poética do poder e da majestade divina, mas é difícil dizer exatamente o que o poeta quis dizer com essa expressão, e o quanto disso era literal e o quanto era figurado. O assento da presença divina é chamado aqui de "carro". Nas mitologias grega e romana, Júpiter (considerado por esses povos o deus supremo) é retratado como se estivesse sendo transportado em um carro, através dos céus, cujo movimento causava os relâmpagos e os trovões.

104.4

Fazes a teus anjos ventos. Os *anjos* de Deus aparecem aqui como ministros de fogo flamejante; mas alguns eruditos naturalizam a referência e fazem dos ventos naturais mensageiros de fogo e chamas. Heb. 1.7 dá as interpretações rabínicas posteriores, que falam em *anjos*. O original hebraico pode estar tratando tanto de *ventos* como de *espíritos;* e, se estão em vista espíritos, então os anjos aparecem aqui como seres imateriais.

Em seguida, aqueles seres imateriais se tornam mensageiros de Yahweh-Elohim, atravessando o céu e a terra enquanto realizam missões divinas. Em Heb. 1.7, tais servos aparecem como subordinados ao Filho, e o fato de que são apenas "chamas de fogo" mostra sua natureza inferior ao Filho de Deus, que é deidade essencial. Porém, não parece haver nenhuma tentativa de diminuição da estatura dos anjos nesta referência do salmo. Também não há nenhum indício de que os anjos foram auxiliares na criação, ajudando em certas tarefas o Criador de tudo. Isso estaria em harmonia com o pensamento do judaísmo posterior, do qual o autor sagrado participava. Presumivelmente continuamos aqui a relembrar o *segundo dia* da criação neste versículo, mas o que é dito aqui ultrapassa em muito a narrativa do livro de Gênesis. Uma interpretação judaica crassa, literal e materialista do versículo fazia os anjos aparecer como ventos literais, e o coro celeste, como chamas literais (assim lemos em Moore, *Judaism*, I.405).

A Fundação da Terra (104.5-9; Gên. 1.9,10)

104.5

Lançaste os fundamentos da terra. Estamos agora no *terceiro dia* da criação. Os antigos israelitas viam a terra repousando sobre colunas, e essas colunas estendiam-se na direção das águas abaixo, repousando ninguém sabia no quê. Ver a ilustração do pensamento cosmológico dos hebreus, no artigo chamado *Astronomia*, no *Dicionário*. Os fundamentos da terra eram vistos como absolutamente firmes e *eternos*, visão contradita por Sal. 102.26, que é uma idéia alternativa — haveria um fim da criação material, a qual, embora de grande antiguidade, não compartilhava a eternidade de Deus. Essa segunda idéia é mais próxima do que a ciência ensina hoje em dia, pois, se a matéria não pode ser destruída, sua forma pode ser modificada de tal maneira que fica destruído o que fora formado. Jó 26.7 diz que Deus "faz pairar a terra sobre o nada", o que emite uma idéia estranha aos hebreus, mas a qual obteve a aprovação diante de alguns poucos israelitas. Lemos ali que a terra está suspensa no espaço, equilibrada por forças gravitacionais e de campos magnéticos, algo sobre o qual Jó praticamente nada sabia. O certo é que o poeta sagrado não fazia idéia que se tinha aproximado das noções expressas por Jó, sem importar o que este tivesse querido dizer.

Seja como for, é uma atividade desonesta aquela que tenta fazer a história da criação — apresentada no livro do Gênesis, ou esta versão poética em Sal. 104 — adaptar-se ao que conhecemos atualmente. Além disso, o que sabemos na atualidade sofrerá muitas modificações revolucionárias conforme o conhecimento humano se desenvolver, e os intérpretes literais da Bíblia continuarão a fazer a narração do livro de Gênesis acompanhar a marcha da ciência. Toda essa atividade, entretanto, está equivocada e é vã, além de ser uma tremenda *eisegese*, porquanto lê no texto o que os intérpretes querem ler.

104.6

Tomaste o abismo por vestuário e a cobriste. "O mundo de água é primeiramente considerado uma *vasta vestimenta* enrolada em torno da terra, de tal modo que até os topos das montanhas foram cobertos. Mas as águas subiram além do que era legítimo, pelo que uma repreensão divina as levou a recuar" (Ellicott, *in loc.*). Embora este não seja um quadro completo do *caos*, conforme vemos nos hinos de criação babilônicos, o qual foi repreendido e forçado a largar sua prisão sobre a terra, certamente não está muito distante. É inteiramente inútil tentar forçar a ciência quanto a isso, e ver as *águas* como nuvens que se condensaram e formaram os nossos oceanos. Seja como for, está em mira Gên. 1.9.

E fazer essas águas falar metaforicamente de uma corrupção universal que tinha engolfado o mundo inteiro, o que foi repreendido por decreto divino através do evangelho, é uma interpretação bastante fantasiosa.

Mas parece que temos aqui uma idéia primitiva de que o mundo original não era inteiramente destituído de forma. Havia montanhas, mas elas estavam submersas no grande oceano universal. Isso poderia significar que a criação foi um trabalho de reforma, e não uma criação absoluta (trazendo à existência algo que não existia antes). Ou, mais provavelmente ainda, no *primeiro* ato da criação, as montanhas foram trazidas à existência, uma visão estranha e anticientífica. Não obstante, é possível que seja isso o que o poeta sagrado pretendia dizer aqui. Com todo o seu conhecimento sobre as noções dos hebreus, era isso o que John Gill pensava indicar o poeta.

104.7

À tua repreensão fugiram. O vasto oceano que havia engolfado o globo terrestre inteiro, excetuando alguns poucos picos montanhosos que se projetavam para cima, tinha ido longe demais em suas ambições, pelo que foi repreendido por Yahweh-Elohim e teve de retroceder a limites mais humildes. Para o poeta, por causa disso nossos oceanos e outros corpos de água vieram à existência. Foi necessária a *voz de trovão* da deidade (um grande poder, o *decreto divino*) para realizar *essa* tarefa. Mas, quando se fez ouvir a voz divina, trovejante, as águas tiveram de baixar, temerosas da ordem que lhes foi passada pelo Poder. Gên. 1.9 continua em foco, e o salmo elaborava sobre o assunto com metáforas poéticas. É ridículo tentar arrancar ciência de tal poesia.

Temos aqui a "vitória de Deus sobre as águas, o símbolo do *caos;* ver Sal. 93.3,4" (*Oxford Annotated Bible*, falando sobre os vss. 6 e 7). Deus a repreender a Satanás, com um rosto severo, é uma aplicação deste versículo, mas dificilmente uma interpretação.

104.8

Elevaram-se os montes, desceram os vales. Os montes se *alteraram*, e os vales *afundaram*, e então desceram as águas, assumindo seu lugar no leito dos oceanos, bem como nos leitos dos riachos e rios. Em outras palavras, a ordem foi conseguida mediante o poder de Yahweh-Elohim, que interveio no caos e tornou

ESPÍRITOS MINISTRADORES

Richard Laurence, *Book of Enoch*, 1821.

Fazes a teus anjos ventos. E a teus ministros, labaredas de fogo.

Salmo 104.4

Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?

Hebreus 1.14

Os anjos são referidos na Bíblia de Genêsis ao Apocalipse, desde "os carvalhais de Manre" (Gên. 24.18) até a ilha de Patmos (Apo. 1.9). As mais antigas evidências arqueológicas em favor da crença na existência dos anjos vêm de Ur-Namus (2250 A.C.), onde anjos são vistos a adejar por sobre a cabeça do rei enquanto ele orava.

as coisas habitáveis. O autor elabora poeticamente o que se lê em Gên. 1.9. Ver também Sal. 107.26. "Deus, como o Construtor Mestre, fundou as profundezas do mar como os receptáculos apropriados para as águas com seus incontáveis habitantes (vss. 5,25; Sal. 102.25)" (Fausset, *in loc.*). Naturalmente, a geologia conta como os montes se elevam, ou subitamente, mediante terremotos, ou através de algum longo tempo. Os Montes Rochosos, na parte ocidental dos Estados Unidos da América, conforme nos informa a geologia, são relativamente jovens e continuam a elevar-se do subsolo, por forças subterrâneas que os fazem subir. A taxa de elevação, naturalmente, é bastante pequena a cada ano. Mas o poeta sagrado não sabia coisa alguma a respeito desses fenômenos, nem estava descrevendo tal tipo de coisa. Antes, falava nas intervenções divinas na natureza. É possível traduzir o original hebraico aqui de tal maneira que se diga que as águas é que subiram, e não os montes. Nesse caso, o poeta sagrado tê-las-ia visto subindo, mas perdendo terreno, para então descerem a seus respectivos leitos. O Targum tem essa interpretação, sendo seguido por muitos intérpretes. Mas embora, gramaticalmente, isso seja possível, a outra idéia por certo tem mais sentido.

Ovídio disse algo similar:

> *Ele sombreia as florestas, e aos vales*
> *Ele restringiu com montes rochosos...*
>
> (Met. lib. 1, vs. 43)

Mas Milton está mais em harmonia com a passagem bíblica, ao dizer:

> *Imediatamente as gigantescas montanhas*
> *Apareceram emergentes...*
>
> (Paraíso Perdido, livro vii)

104.9

Puseste às águas divisa que não ultrapassarão. As restrições aos oceanos são sobrenaturais, de acordo com o poeta sagrado. Os antigos nada sabiam sobre as forças gravitacionais. Por isso se admiravam como os oceanos eram contidos e não invadiam continuamente a terra. Os mares eram objeto de temor. Os hebreus viviam *perto* do mar, mas não eram um povo *marítimo* (como os fenícios, por exemplo). Para os israelitas, as grandes águas não serviam nem para o prazer nem para o comércio. As águas eram consideradas hostis por eles. Portanto, os hebreus ficaram alegres com o fato de Deus tê-las limitado. O caos de águas, uma vez repreendido por Yahweh (vs. 7), permaneceu em seu lugar. Com a ajuda dos fenícios, Salomão desenvolveu o comércio marítimo e ganhou muito dinheiro (ver I Reis 5.1,2; 9.10-14). Josafá tentou repetir o feito, mas sua frota afundou (ver II Crô. 20.35-37; I Reis 22.49). Mas esses esforços por dominar o mar foram exceções entre os israelitas.

Fontes de Águas (104.10-13)

104.10

Tu fazes rebentar fontes no vale. Essa provisão de água, como parte do ato da criação, não tem paralelo no livro de Gênesis, embora Gên. 7.11 mencione duas fontes de águas. O autor sagrado reconheceu a importância da água no sustento dos animais e das pessoas, e deu crédito a Yahweh por cuidar da questão. Todas as coisas vivas precisam de água, pelo que temos aqui fontes *esguichando* águas em abundância, que formaram rios que, ato subseqüente, levaram as águas a toda a parte. Rios formaram-se no vale, cercados pelas montanhas. Foi assim que as águas, antes hostis, transformaram-se doadoras de vida. A água era necessária para o sustento da vegetação, pelo que Yahweh não fez um trabalho imperfeito, ao criar uma coisa sem a outra.

Simbolismos foram destacados por meio de aplicação: Deus, a fonte, a Água da Vida; Cristo a Água da Vida; provisão, providência; as ministrações do Espírito Santo; o pacto de Deus, a fonte de todas as bênçãos; as ministrações do evangelho, que saltam para a vida eterna. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, para um desenvolvimento do tema.

> *Há um rio, cujas correntes alegram a cidade de Deus.*
>
> (Salmo 46.4)

104.11

Dão de beber a todos os animais do campo. Os animais são um dos grandes beneficiários das águas e, por sua vez, uma grande fonte de benefícios para os homens, por causa dos produtos que representam. Além disso, há o amor abrangente de Deus, que inclui o interesse até pelos animais (ver Jon. 5.11). "Devemos ensinar as criancinhas a nunca ferir desnecessariamente uma criatura ou machucar uma flor. Esse é o princípio da reverência. E isso, naturalmente vai crescendo na mente dos adoradores sinceros, até abranger o Deus vivo... A mais vil criatura na terra reflete a santidade e a grandeza de Deus" (J. R. P. Sclater, comentando Sal. 99.1).

> *Um tordo de peito vermelho em uma gaiola*
> *Faz todo o céu ficar indignado.*
> *Um cão morto de fome no portão de seu senhor*
> *Prediz a ruína de um estado.*
> *Um cavalo abusado na estrada*
> *Exige do céu o sangue de um ser humano.*
> *Cada grito de um coelho caçado*
> *Rasga uma fibra do cérebro.*
>
> (William Blake)

Quanto ao *jumento selvagem,* ver Jó 39.5-8. Esses eram animais humildes, que pouco ou nada serviam aos homens, mas Deus cuida deles. Esse é um animal tímido, que evita o homem, o qual pode aprisioná-lo. Mas a providência de Deus se estende a eles, que encontram água no deserto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Asno*. "Se Deus cuida das feras do campo, incluindo até os mais selvagens e estúpidos animais, não cuidará Ele de Seu próprio povo? Ele cuidará e cuida. Ele abre rios em lugares altos e fontes no meio dos vales. Ele dá águas e rios no deserto, para dar de beber a Seu povo, aos Seus escolhidos. Ver Isa. 41.18,19; 43.19,20" (John Gill, *in loc.*).

104.12

Junto delas têm as aves do céu o seu pouso. As aves do céu não são esquecidas. Elas executam sua atividade comer e beber o dia inteiro, e não fazem quase mais nada. Deus providenciou para esse tipo de vida. As aves são adornos ao firmamento e têm algum uso para o homem, mas Deus dispensa seu cuidado por causa delas mesmas, e não meramente pelo bem que, porventura, elas façam ao homem. "As aves do céu e os animais do campo têm o seguinte em comum: ninguém cuida deles. Mas Deus, que cuida dos animais com os quais ninguém se importa, cuidará com igual cuidado de Seu próprio povo (Mat. 6.26)" (Fausset, *in loc.*). A água chega e faz as plantas e as árvores crescer, e os pássaros aninham-se ali, cantando suas canções entre os ramos. Ver Eze. 7.23 e Mat. 13.32. Os santos são comparados às aves, tão fracos, tão dependentes, tão indefesos, fáceis de ser apanhados em armadilhas, fáceis de ser destruídos. A providência de Deus é lata o bastante para incluir todas essas criaturas vivas.

> *Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais que as aves?*
>
> (Mateus 6.26)

104.13

Do alto de tua morada regas os montes. Do alto de Sua morada, Deus envia a água ali guardada para a terra. São reservatórios típicos, que alguns hebreus consideravam literalmente, embora outros considerassem figuradamente. As águas acima da cúpula invertida poderiam ser uma fonte de água para a terra, e essas águas, o mar celestial, eram ilimitadas. Alguns estudiosos reduzem a figura às *nuvens* e comparam-nas ao vs. 3 deste salmo, mas dificilmente devemos pensar só nessa fonte como o que está em vista aqui. As nuvens são uma subfonte, e não a *única fonte de águas celestiais*. A ciência tem demonstrado que todas as águas que estão nas nuvens vêm dos oceanos, mas os hebreus não sabiam disso. Portanto, a água existente "lá em cima" constituía um mistério. Eles tinham consciência de que as nuvens davam chuvas, mas imaginavam alguma fonte exótica, maior do que as nuvens. O Targum fala sobre os *tesouros superiores* de águas. E se as fontes são abundantes, assim também é o suprimento, e a terra floresce nessa abundância. Assim são supridos todos os *frutos* da terra. As colinas obtêm sua porção; os vales, por igual modo. As águas fluem dos céus e se locomovem nos rios. O homem se *satisfaz* com o sistema e continua existindo por causa dele. Deus conta com múltiplas operações na Sua dádiva de água, e, de modo geral, cuida pessoalmente das coisas. As chuvas são apenas uma pequena parte do sistema completo. Ver Gên. 7.11. Não se pensava que o dilúvio havia sido causado meramente pelas chuvas. As câmaras celestiais se abriram, tanto quanto os depósitos de águas na terra. A chuva teria sido a parte menor da fonte de águas que inundou a terra inteira.

Vegetação (104.14-18; Gên. 1.11-13)

104.14

Fazes crescer a relva para os animais. Continuamos a tratar com o estudo do poeta sobre o *terceiro dia* da criação. A vegetação era fundamental para toda a

vida animal, incluindo a vida humana, e assim a *providência* de Deus (ver a respeito no *Dicionário*) também cuidava disso. O homem teria de trabalhar no campo (o hebraico diz aqui, literalmente, "cuidar das ervas com labor"), mas possuía instrumentos para tanto. Assim sendo, teria plantas para *cultivar* e gerar sustento para a vida. "A relva medra espontaneamente, mas os grãos e os legumes só crescem através de cultivo laborioso; contudo, isso é um dom de Deus, e parte de Sua provisão criativa (ver Gên. 2.5; 3.18,19,23 e 4.2). E é assim que o homem produz alimentos, segundo se vê em Jó 28.5" (Fausset, *in loc.*). "Porventura Deus cuida do gado? Sim. E não existe um só animal dos campos que não compartilha do misericordioso interesse divino" (Adam Clarke, *in loc.*). Na germinação e no cultivo dos grãos e dos frutos, manifesta-se uma profusão de milagres, de modo que um punhado de feijão no fundo de uma saca deixa confundidos os ateus deste mundo.

104.15

O vinho, que alegra o coração do homem. Alguns produtos agrícolas são especialmente deleitáveis e benéficos aos homens. O poeta nos dá aqui um exemplo: o *vinho,* que alegra o coração do homem quando o deixa em um leve estado de embriaguez, sempre que não haja excessos. O *azeite* tem seu uso como cosmético, fazendo o rosto de um homem brilhar, e também se reveste de valores medicinais apreciados. E, finalmente, o *pão* (que representa aqui o alimento feito de grãos), a principal fonte de sustento da vida humana. Definitivamente, o suco da uva se azeda um pouco, ao fermentar sob a forma de *vinho;* mas mesmo assim é muito melhor que o suco de uva não fermentado. E era assim que os hebreus sentiam, sendo eles um povo de vinho, canções e danças. Os evangélicos não gostam dessas idéias, mas eles têm, em seus costumes, coisas piores que um pouco de vinho. Eu mesmo não toco em vinho. Sabemos hoje em dia que o vinho corta o colesterol, mas também sabemos que mata células do cérebro. As pessoas que costumam beber pouco vinho vivem mais que as pessoas que não o tomam, mas também penso que elas serão um pouco mais estúpidas. Portanto, que o leitor faça sua escolha: viva por mais tempo um tanto menos mentalmente vivo; ou viva menos com uma inteligência superior. Naturalmente, existem outros alimentos que cortam o colesterol, mas o vinho também é um sedativo suave, que ajuda o homem a manter os nervos sob controle. O principal, entretanto, é cada indivíduo cumprir a sua parte e deixar que Deus cuide de quanto tempo cada qual viverá. Ver no *Dicionário* os artigos sobre *Vinho, Azeite* e *Pão,* quanto a maiores detalhes.

"O *vinho,* em quantidade moderada, tem a notável tendência de reviver e revigorar o ser humano... torna um homem animado e provê a continuação dessa animação ao fortalecer os músculos e deixar os nervos em seus devidos lugares. Essa é a utilidade do vinho... O *azeite* serve para ungir o corpo, especialmente as partes expostas ao sol e às intempéries. Isso era muito importante nas terras áridas... O *pão* impedia a fome. Estando com fome, um homem se sente indisposto, não pode ser emulado nem encorajado" (Adam Clarke, o qual, em minha opinião, exagera no caso do vinho).

104.16

Avigoram-se as árvores do Senhor. Os *cedros do Líbano* (ver a respeito no *Dicionário*) têm grande valor estético e também são uma excelente madeira de construção. Deus certifica-se de que os cedros prosperem, provendo tudo o que é necessário para que a sua seiva transmissora de vida continue circulando. Foi Deus quem originalmente *plantou* essas árvores e agora as *sustenta.* Outro tanto se dá no caso de todas as árvores necessárias ao bem-estar dos homens. Há muitas árvores frutíferas que são consumidas na alimentação humana, bem como árvores dotadas de flores embelezadoras. As árvores também seguram o solo e impedem a erosão. O cedro aparece com freqüência na literatura dos hebreus, para quem é a mais nobre de todas as árvores, produtora de uma madeira usada até na construção do templo de Jerusalém. Essa árvore representa: beleza, força, nobreza, utilidade, prosperidade — tudo conferido por Deus. O artigo referido acima dá mais detalhes úteis como ilustração.

As árvores ficam *satisfeitas com a seiva,* diz literalmente o original hebraico. Satisfação espiritual, mental e física são fatores importantes para o bem-estar de todas as coisas vivas.

Um dos grandes mistérios da vida é como os peixes chegaram ao mar, como a relva chegou aos campos, e como as árvores chegaram às florestas. O salmista não tinha nenhuma explicação científica para isso, e nós pouco sabemos mais do que ele. Contudo, ele nos assegura que Deus é a Causa desses mistérios, como a Causa Primitiva e Única para todas essas coisas. Ver a série de artigos sobre *Causa,* no *Dicionário.* Note o leitor a expressão "as árvores do Senhor". Sim, as árvores se originaram no Senhor e agora têm Nele a sua continuidade. Ver sobre os "cedros de Deus", em Sal. 80.10.

104.17

Em que as aves fazem seus ninhos. As aves constroem seus ninhos nas árvores, pelo que as árvores são úteis como *residências* dos pássaros, e não somente como madeira de construção para os homens. Deus lhes envia água adequada para manter o programa em continuação. A garça edifica seu ninho no *cipreste* (ver a respeito no *Dicionário*). Portanto, árvores especiais servem a propósitos especiais, e muitas árvores são específicas para determinado propósito, o que é supremamente ilustrado nas árvores frutíferas. Os passarinhos descobrem que algumas árvores se prestam mais a seu uso, ao passo que os pássaros maiores preferem outras árvores. "Em Sua sabedoria, Deus fez a terra admiravelmente bem adaptada a todas as formas de vida" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cegonha,* quanto a detalhes sobre a ave que ilustra o versículo.

104.18

Os altos montes são das cabras montesinhas. As cabras montesinhas estão ali, nos penedos montanhosos, que não servem para outros animais, mas é ali que elas acham a sua moradia. Portanto, Deus também cuida dessas cabras, e há muitas demonstrações da *providência divina* naquelas paragens. A provisão alimentar é boa e abundante, especial para os animais que têm ali o seu hábitat. "A natureza acomoda-se ao reino animal" (William R. Taylor, *in loc.*). Ali o minúsculo *querogrilo* encontra o seu lugar, juntamente com outros animais corpulentos. O querogrilo é menor que o gato caseiro comum, dotado de longos pêlos, cauda curta e orelhas arredondadas. Era comum nas serras montanhosas do Líbano. A identidade desse animal não é certa, contudo, e alguns vêem aqui apenas o *rato.* Outros estudiosos, como aqueles por trás de nossa versão portuguesa da Bíblia, vêem o *arganaz,* comentado no *Dicionário.* Há um pequeno roedor, chamado *gliridae,* que poderia estar em pauta, ou então o *hyraz,* animal pertencente à família do coelho.

A Lua e as Estrelas (104.19-26; Gên. 1.14-19)

104.19

Fez a lua para marcar o tempo. Daqui por diante temos a descrição poética do *quarto dia* da criação. Os hebreus não faziam idéia da vastidão do espaço "lá fora" e supunham que a lua fosse uma luminária relativamente pequena, pendurada por Deus não muito acima da atmosfera da terra. Servia para iluminar a noite. Também não sabiam que sua luz é refletida do sol. Além disso, eles pensavam que o sol era a grande luminária para iluminar o dia, não muito mais distante do que a lua, e que ambos giravam em torno da terra, em vez de a terra girar em torno do sol, e a lua girar em torno da terra, conforme afirmava Galileu; mas agora sabemos qual é a verdade. Tanto a lua quanto o sol são muito maiores do que os hebreus desconfiavam, embora vivessem devidamente impressionados com as duas grandes luminárias que serviam à humanidade. Ambos os corpos celestes eram adorados como divindades em boa parte do mundo conhecido da época, mas os hebreus, em sua maioria, resistiam a essa pequena demonstração da *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Os hebreus, entretanto, sabiam que a luz do sol era necessária para a vida, e faziam da lua o relógio de seu calendário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Calendário Judaico (Bíblico).* Ademais, quanto a detalhes que ilustram este versículo, ver os artigos chamados *Sol* e *Lua.*

Para marcar o tempo. Esta é uma referência ao calendário dos hebreus. O sol, de fato, produz as estações, conforme seus raios incidem sobre a superfície da terra de forma mais ou menos direta. Portanto, estritamente falando, a terra produz suas próprias estações, mediante sua inclinação variável durante o ano. Não está envolvida aqui a idéia de distância entre a terra e o sol. Foi a providência de Deus a responsável por pendurar as duas luminárias em seu devido lugar, e era isso que o poeta sacro sabia, embora nada conhecesse sobre o *modus operandi* dos luminares. Com toda a nossa ciência, ainda não sabemos muita coisa. Até mesmo as viagens do homem à lua criaram mais mistérios do que solucionaram. O que é claro é que existe um grande Poder e uma grande Inteligência por trás do jogo cósmico e, maravilha das maravilhas, esse Poder e essa Inteligência servem ao ser humano e, de fato, a toda a natureza. O salmista, pois, sabia do que estava falando quando discursou sobre *esse* tema.

104.20

Dispões as trevas, e vem a noite. A noite serve para que os animais que caçam à noite saiam à cata de suas refeições. E, pela providência divina, existem outros animais noturnos esperando por serem apanhados e comidos! *Yahweh* (diretamente ou mediante a ausência do sol) os dirige, porquanto toma conta deles. Isso representa um elevado teísmo. O Criador cuida de Sua criação, e não a abandonou às leis naturais, conforme ensina o deísmo. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.* A lua e o sol estão envolvidos no governo das ações dos animais, mas a verdadeira Causa disso é Deus.

Vagueiam. Literalmente, *arrastam-se,* uma descrição que se ajusta a animais tais como as serpentes e os lagartos, mas também estão envolvidos todos os

animais cuja locomoção é quase agachada, para poderem apanhar suas presas. Até o leão quase se arrasta como a serpente, bem ao rés do chão, avançando lentamente, farejando e olhando e, finalmente, saltando sobre algum pobre animal, que de nada suspeita e se deixa enganar pela maneira esperta do felino. "arrastando-se... para expressar a maneira furtiva como andam certos animais, quando estão atrás de suas presas" (Ellicott, *in loc.*).

104.21

Os leõezinhos rugem pela presa. À luz fraca da lua, os famintos leõezinhos *procuram a sua presa. Os pássaros noturnos podem ver a aura* (campo luminoso) que os animais têm ao derredor, que olhos humanos não são capazes de enxergar. Assim, um gavião ou uma coruja podem facilmente apanhar um animal à noite, pelo fato de poder vê-lo. Os homens também têm inventado telescópios que podem ver no escuro. Não sei se o leão possui ou não esse tipo de visão, mas certamente deve ter melhor noturna do que nós, pois, de outro modo, não caçaria à noite. Naturalmente os leões também caçam em plena luz do dia. Além disso, esse grande gato dispõe de olfato extremamente sensível. Alguns animais têm um sentido tão agudo de olfato de que nossa mente se espanta. Uma abelha que esteja em Aparecida do Norte pode sentir o perfume de um campo de flores em Guaratinguetá (a oito quilômetros de distância). Um urso polar pode sentir o *cheiro de sua presa a uma distância de cerca de doze quilômetros. Uma pomba* que esteja em São Paulo pode ouvir um temporal no Rio de Janeiro, e essa é outra maravilhosa instância da percepção animal. Assim sendo, existe um Poder e uma Inteligência que equipam os animais com suas incomuns habilidades e garantem sua sobrevivência neste mundo hostil.

Em alguns casos, as trevas mostram-se benévolas, e em muito mais casos, é a luz que se mostra benéfica. Deus opera por meio de ambas as coisas, em Sua providência. O sol e a lua ajudam Deus na administração de Sua providência. Todas as coisas servem a Deus, e Deus serve a todas as coisas.

Rugem. Uma de minhas fontes informativas diz que o rugido de um leão é *tão terrível que pode fazer parar a presa que estava fugindo. O animal, em seu* temor, fica paralisado e deita-se para ser comido. Não sei dizer se essa informação é correta ou não. John Gill (*in loc.*) diz que o rugido do leão *aterroriza e estupidifica* animais menores, roubando-lhes a coragem para correr. Não admira que Satanás tenha sido comparado a um leão, segundo se lê em I Ped. 5.8. Ver sobre *Leão* no *Dicionário,* quanto a propósitos de ilustração.

104.22,23

Em vindo o sol, eles se recolhem. Ao amanhecer, os animais (incluindo o leão), que estavam caçando durante a noite, sabem que é chegado o tempo de descansar. Assim sendo, os animais caçadores *recolhem-se satisfeitos a seus* abrigos, de estômago cheio. Matar e comer é a alegria da vida deles, e é essencialmente para isso que eles vivem. Pelo menos, essa é sua *principal* atividade e prazer, e a cada noite renova-se a diversão. É surpreendente verificar quantos animais vivem essencialmente para comer, e não são poucos os seres humanos apanhados nessa tola armadilha. Alguns pensam que somente o homem foi condenado a *trabalhar* a fim de comer; mas estou pensando que toda essa caça e comilança, comilança e caça, é um trabalho cansativo para os animais. O sol e a *lua contribuem para regular os períodos de trabalho e descanso,* alternando o descanso com o trabalho. O salmista considerava todas essas coisas como partes integrantes da providência divina. O leão tinha terminado seu trabalho noturno. O sol havia surgido no horizonte. Então o homem (vs. 23), que não dorme bem de dia, geme um pouco e parte para o trabalho, enquanto o sol brilha e aprova ou desaprova o que ele faz. Alguns homens, pouco melhores do que os animais, fazem da atividade criminosa o seu trabalho, e caçam outros homens como presas nas ruas de nossas cidades, as quais se tornaram para eles terrenos de caça. Assim sendo, a natureza é pervertida e fica demonstrada a pecaminosidade do homem. Mas a maioria dos homens dirige-se a seu trabalho de um dia, com coração sóbrio e pouco interesse em atacar o próximo, e trabalha para comer, tal *qual os animais. Contudo, "o labor do homem faz parte da ordenação de Deus no* mundo (ver Gên. 14.19,22)" (William R. Taylor, *in loc.*).

O Mar e Seus Animais (104.24-26; Gên. 1.20-23)

104.24

Que variedade, Senhor, nas tuas obras! O salmista passa agora à descrição *poética do quinto dia* da criação. Pensando em tudo quanto tinha dito até agora, o poeta irrompeu em uma palavra de louvor, expressando sua admiração por todas as *obras* de Yahweh. Toda a criação veio à existência de maneira ordenada. Foi necessária muita *sabedoria* para realizar uma tarefa tão gigantesca como a obra da criação. A terra está cheia das *criaturas* de Deus (Revised Standard Version) ou das *riquezas* de Deus (nossa versão portuguesa). Uma compreensão diferente da mesma palavra hebraica está envolvida nessa diferença. A Septuaginta também diz aqui "riquezas", mas "criação" parece ser tradução melhor. A Vulgata Latina fala em *possessão,* incluindo todas as coisas criadas por Yahweh. E a *tradução criaturas ajusta-se bem ao que se segue, aos inúmeros* animais marítimos de todos os tipos e espécies (vs. 25).

"Neste versículo há *três* proposições: 1. As obras do Senhor formam multidão e são variegadas. 2. Essas obras foram arquitetadas de tal maneira que mostram o seu desígnio e as razões pelas quais foram formadas. 3. Todas essas obras são propriedades de Deus... Todo abuso e desperdício das criaturas de Deus não passa de despojo e furto contra a propriedade do Criador" (Adam Clarke, *in loc.).* Cf. Gên. 14.19 e Sal. 24.1: "Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam".

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Argumento Teleológico.*

104.25

Eis o mar vasto, imenso. *O mar é grande e espaçoso,* muito maior e mais amplo do que os hebreus imaginavam; além disso, eles só tinham experiência com os mares Mediterrâneo e Vermelho. Nada sabiam sobre os oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. Mas os fenícios conheciam pelo menos o oceano Atlântico, tendo chegado à América do Norte muito antes que Colombo. Os hebreus não possuíam meios para explorar intensamente as profundezas do oceano, embora tivessem consciência de um grande número de animais marinhos. "Inúmeros animais pululam nos mares", em grande e quase interminável variedade de espécies. *Várias ciências tratam dos oceanos e de suas criaturas, pelo que possuímos* extensa quantidade de informações de que os antigos não dispunham, e isso serve somente para aumentar nossa admiração diante de toda essa variedade. Os filósofos desenvolvem vários argumentos em favor da existência de Deus, com base nessa espécie de informação. Assim sendo, temos o argumento baseado na necessidade de explicar as causas (*argumento cosmológico*); o argumento baseado no desígnio que se observa no mundo, animado e inanimado (*argumento teleológico*); o argumento baseado nos graus de perfeição (*argumento axiológico*); e o argumento baseado no ser (*argumento ontológico*). Ver sobre todos eles na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* A Bíblia contém esses argumentos em forma críptica, não exatamente argumentos, mas sugestões, como o primeiro capítulo de Romanos declara elaboradamente ao *afirmar que os homens são* indesculpáveis, tendo o testemunho da natureza tanto quanto à existência, à sabedoria e ao poder de Deus. Este salmo é uma espécie de argumento hebraico, não-filosófico, derivado de questões como causa e desígnio, não para provar-nos que Deus existe, mas para demonstrar por que Ele merece nossa adoração e lealdade. Além disso, inteiramente à parte de tudo isso, é bom reconhecer Deus naquilo que Ele é, prestando-Lhe graças e louvor, corretos exercícios da alma. A mente dos hebreus estava mais interessada em exercícios espirituais do que em *discussões intelectuais. Ambas as coisas são certamente boas; portanto, por que* manteríamos uma mente estreita a respeito delas?

"A água é um tema predominante neste salmo (vss. 3, 6-16, 25,26). Na mente dos sábios antigos, a água surgia como força poderosa. Este salmo retrata a soberania do Senhor sobre a água" (Allen P. Ross, *in loc.*).

104.26

Por ele transitam os navios. Deve ter parecido incongruente a alguns estudiosos essa menção a navios, em uma porção bíblica que se refere a animais marinhos, pelo que eles têm emendado "navios" para "monstros marinhos" (tecendo referência a Gên. 1.21) ou para "coisas temíveis". *No entanto, é errado supor* que o salmista não pudesse ter incluído algo incongruente em seu tratamento. Além disso, é provável que tenha acontecido o seguinte: o poeta estava sentado em seu estúdio, olhando na direção do vasto mar Mediterrâneo. Sua imaginação sugeriu perante visões de todos os maravilhosos animais que vivem no mar, em suas inúmeras espécies, tamanhos, formatos e cores. Então, quando ele imagina a cena, passa um veleiro fenício. Por um momento, até isso se torna parte da admiração do salmista, a conquista, até certo ponto, dos mares, por navegadores *humanos, a quem Yahweh deu inteligência para a tarefa. Assim sendo, apesar de navios* não se ajustarem bem à cena, no meio das criaturas do mar, por um momento a idéia de embarcação pareceu ao salmista caber bem, por fazer parte da admiração diante dos mistérios do mar. Por alguns momentos, um salmista hebreu sentiu a excitação dos mares que tinham inspirado exploradores de diferentes países a arriscar a vida para explorá-los.

O monstro marinho. Ver sobre esta palavra no *Dicionário,* quanto a completas explicações. Em Jó 41.1 temos um animal mitológico, um tipo de divindade que causa confusão tanto a deuses quanto a homens, que poderia até provocar eclipses do sol. A palavra poderia referir-se a um crocodilo neste versículo, porém *é mais provável que devamos pensar sobre um grande e temível monstro marinho* de alguma espécie, não definido pelo poeta. Ele pôs esse animal na discussão para aumentar a admiração em torno de suas descrições. Qualquer identificação específica do animal, como uma *baleia, um crocodilo etc.*, isto é, algum animal

conhecido, diminui a força da descrição. Em qualquer evento, os rabinos fizeram do leviatã ou monstro marinho um brinquedo de Yahweh, e isso está em consonância com o que o autor diz sobre o poder do Criador. Cf. Sal. 74.14.

Toda Vida Depende de Deus (104.27-30; Gên. 1.29,30)

104.27

Todos esperam de ti. Os animais do mar são bem alimentados graças à generosidade de Yahweh. Em Sua graciosa providência, Deus forneceu os alimentos apropriados para os diferentes tipos de animais.

A seu tempo. Estas palavras devem significar que Deus alimenta os animais por toda a vida. Também podem representar *tempos apropriados para comer*, mas os animais marinhos comem o tempo todo, e isso não se ajusta bem ao caso. O poeta diz que a providência de Deus é generosa, em acordo com a sua sabedoria. O que há de significativo é que o teísmo do salmista se estende até os animais, e isso é importante porque algumas pessoas na igreja nem ao mesmos pensam que isso inclui os *homens* não-eleitos! Se Deus se preocupa com os peixes do mar e dos rios, é razoável supor que Ele não se preocupa com um ser humano vivo, uma alma imortal que poderíamos denominar não-eleita?

104.28

Se lhes dás, eles o recolhem. Assim que Yahweh estende Sua mão alimentadora, as criaturas do mar ansiosamente engolem tudo quanto Ele lhes confere, e o que eles obtêm são *coisas boas,* isto é, as próprias coisas de que precisam, e na quantidade correta. Eles têm uma vida boa, cheia de aprazimento sob as águas, e sem dúvida pensam que a vida deles é importante, e suponho que a vida deles realmente seja importante. Do contrário, seria difícil dizer por que Yahweh é tão cuidadoso quanto ao bem-estar deles. Além disso, é claro que o que é feito, é feito em favor deles, e não pelo bem que eles poderiam significar aos homens. Cf. Sal. 103.5, onde a mesma coisa é dita sobre a provisão de Deus em favor dos homens. Temos subestimado a importância e a qualidade da vida animal. Talvez eles sejam *pessoas,* conforme insistem alguns eruditos, e talvez alguns tenham uma alma individual ou grupal, segundo a opinião de outros. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Alma dos Animais.*

104.29

Se ocultas a teu rosto, eles se perturbam. Quando a providência de Deus parece estar ausente, perturba os animais da mesma maneira que esse acontecimento perturba o coração dos homens. Em outras palavras, os animais têm sentimentos e podem comparar uma coisa com outra a fim de saberem quando ficam em pior situação no presente, em relação à situação passada. O poeta confere aos animais os mesmos atributos aplicados aos seres humanos. Quanto mais sabemos sobre os animais, mais cremos que essa opinião está correta. Cf. Sal. 90.7.

Se lhes cortas a respiração. Ou seja, o princípio da vida, o princípio animador, o dom da vida física. Ver Gên. 6.17; 7.15,22 e Jó 27.3. Por ocasião da morte, esse princípio retorna a Deus (Jó 34.14; Ecl. 12.7). Quando o espírito volta a Deus, no caso do homem, estamos falando sobre a alma imaterial, mas o objetivo do poeta aqui não era promover a sobrevivência animal diante da morte biológica. Pelo contrário, o pobre animal transforma-se em simples pó (Gên. 3.19), tal como acontece ao corpo humano. Ver 103.14-18. Esta passagem certamente fala sobre o aniquilamento do ser humano, por ocasião da morte. Essa era a antiga noção dos hebreus. A alma, como algo imaterial e sobrevivente começou a aparecer na fé dos hebreus nos salmos e nos profetas, onde a maioria das referências à morte faz referência à idéia do aniquilamento. Portanto, é óbvio que o poeta não cria na sobrevivência de uma espécie de alma por ocasião da morte do animal, embora isso não signifique que a idéia não contenha nada de verdadeiro. Platão ensinou-nos que toda vida é psíquica ou espiritual, e todos os corpos são físicos, e essa é a parte de qualquer criatura terrena que se transforma em pó. Quanto mais mistérios desvendamos na vida terrena, mais parece que Platão tinha razão em tudo quanto disse.

104.30

Envias o teu Espírito. O hálito de Deus é um hálito criador (Gên. 2.7; 6.17). Alguns intérpretes vêem aqui o Espírito de Deus como o agente da vida contínua na terra. Mais provavelmente, porém, a expressão hebraica é poética e representa as contínuas atividades criadoras de Deus. Os animais morrem, mas logo são substituídos, porque o hálito criador de Deus continua soprando. A face da terra também está sendo continuamente substituída em sua vida animal. A alusão parece ser a Gên. 7.4, referência segundo qual, após o dilúvio, as coisas foram renovadas.

Eis que faço novas todas as cousas.

(Apocalipse 21.5)

"... ainda que Deus possa causar tribulação, ao esconder o Seu rosto por algum tempo, Ele enviará o Espírito Santo. O salmista evidentemente considera o hálito de Deus apenas como um poder vivificador que dá à questão uma existência distinta e individual, embora transitória" (Ellicott, *in loc.*).

Adam Clarke vê nessas palavras uma promessa de ressurreição animal, e não meramente humana, mas isso certamente desvia-se muito do centro da questão.

Alguns vêem um sentido escatológico aqui, acreditando que o versículo está ligado aos novos céus e à nova terra (ver Isa. 65.17,18).

Doxologia Concludente (104.31-35)

104.31

A glória do Senhor seja para sempre! Este versículo tem o ato concludente de louvor deste salmo. "O salmista clamou para que a glória do Senhor continuasse, visto ter Deus tão poderoso controle sobre a criação" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"O poeta continua seguindo o livro de Gênesis ao representar Deus olhando com prazer para Sua obra terminada, mas nada diz sobre o sábado. É possível, contudo, que o pensamento com respeito aos hinos de louvor sobre o sábado o tenham levado a juntar o ser humano com o Ser divino, na celebração da glória e da perfeição da criação" (Ellicott, *in loc.*).

Canto o poderoso poder de Deus,
Que fez as montanhas se erguerem;
Que espalhou os mares fluentes por toda parte,
E que edificou os céus elevados.

Canto a Sabedoria que ordenou
Ao sol que governasse o dia;
E que a lua brilhasse sob o Seu comando,
E a todas as estrelas que obedecessem.

(Joseph Parker)

"O Senhor regozijar-se-á em Suas obras, tal como fez quando terminou a criação (Gên. 1.31). Assim como Deus é glorificado e, portanto, regozija-se em Suas variegadas obras, visando a preservação de todas as Suas criaturas (vss. 13 e 14; Sal. 19.1), assim também é a causa de ser louvado por tê-las entregado à disposição dos homens" (Fausset, *in loc.*).

Mediante explicação, diz-se que Cristo regozijou-se em Sua obra terminada, a obra da redenção. Ele se regozija em Seu povo e nunca deixará de fazer o bem por eles.

104.32

Com só olhar para a terra ele a faz tremer. Deus lança o Seu olhar para a terra e declara que ela é boa e gloriosa, mas o próprio olhar do Todo-poderoso leva a terra a tremer, pelo que o louvor é unido ao profundo respeito no manuseio da história da criação. A própria existência da criação depende do favor contínuo do Criador, pelo que basta Seu olhar para fazer a terra tremer até os alicerces. Quando Ele toca nas montanhas, elas pegam fogo, um reflexo da história que relata como a lei foi outorgada (ver Êxo. 19.18). Cf. Sal. 144.5 e 148.8.

Alguns intérpretes pensam que estes versículos se referem à renovação final da terra conflagrada, ou então os vinculam a II Ped. 3.10. Mas isso já significa ver demais na poesia.

104.33

Cantarei ao Senhor enquanto eu viver. A meditação do poeta sobre a criação, sobre o amor constante de Yahweh, em Sua poderosa providência, em Suas misericórdias perenes, em Seu pacto fiel, em Seu propósito de renovar, infundiram-lhe imenso sentimento de gratidão (ver a respeito no *Dicionário*), que fez Seu coração cantar louvores. Enquanto ele vivesse, conservaria Seu louvor, e isso de todo o seu ser. Ele se tornara um homem totalmente espiritual, e todo aspecto profano desapareceu.

A questão foi cristianizada: "O pensamento sobre a glória de Deus, que assegura a eterna segurança da igreja, levou o salmista (representando tanto Israel quanto a igreja) a louvar o Senhor enquanto a sua vida lhe permitisse (cf. Sal. 63.4), antes que a morte o impedisse de louvar a Deus na face da terra (Sal. 6.5; 88.10)" (Fausset, *in loc.*).

Enquanto eu viver. Visto que ele não contemplava um pós-vida; mas esse elemento foi cristianizado. "Ele sabia que este mundo seria também seu emprego

eterno, o mundo dos espíritos, onde estaria sua alma quando se separasse do corpo, e então em corpo e alma, na ressurreição" (John Gill, *in loc.*).

104.34

Seja-lhe agradável a minha meditação. "O salmista respondeu à grandiosidade da criação de Deus ao fazer três coisas. Primeiro, fez um voto de louvar a Deus com cânticos enquanto vivesse. Segundo, resolveu fazer meditações agradáveis (cf. Sal. 19.14). Essa é a reação apropriada de um adorador que relembra seu Criador. Terceiro, orou para que os pecadores desaparecessem da terra, por estarem em desarmonia com a criação divina" (Allen P. Ross, *in loc.*, comentando o vs. 35)". Ver sobre *Meditação* no *Dicionário*.

O autor sagrado meditou de modo agradável, porque isso era agradável tanto para ele como para o Ser divino, ou era agradável para *Elohim*, conforme diz o *hebraico original*. O *Targum* faz da questão uma petição: "Que minha meditação seja agradável", o que corresponde de perto à nossa versão portuguesa. A Septuaginta e a Vulgata dizem *fala* no lugar de meditação. Cf. Sal. 91.2. As versões árabe e siríaca dizem *louvor*. O salmista continuaria a pensar em todos os benefícios de Yahweh na criação. Cf. Fil. 4.8, "seja isso o que ocupe o vosso pensamento". Pensamento, aqui, pode significar "conversa" ou "conversação", o que explica as diferentes traduções. Portanto, no dizer de Siyach, esta palavra é bastante flexível, podendo ser traduzida em uma variedade de maneiras.

104.35

Desapareçam da terra os pecadores. Os que estivessem em desarmonia com a criação de Deus, segundo o desejo do poeta, seriam aniquilados. Esse não era um pensamento muito generoso, e também não era uma maneira muito brilhante de resolver o problema do mal (neste caso, mal moral) dos que produz contendas na criação e também entre os seres criados. Não obstante, era um desejo bastante comum nas páginas do Antigo Testamento. Mediante a destruição total dos ímpios, muitos tinham a convicção de que o bem obteria triunfo total. Cf. Sal. 1.4-6; 5.5,6; 37.38; 74.11 e 139.1-24. O Novo Testamento elevou a questão inteira a um plano superior, reconhecendo, primeiramente, que a alma de todos os homens é imortal e também que a restauração é melhor maneira de produzir a harmonia do que a destruição. Assim sendo, o mistério da vontade de Deus é um fortíssimo fator contribuinte (ver Efé. 1.9,10), e Cristo fez uma provisão para que, até no hades, os ímpios "mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito, segundo Deus" (I Ped. 4.6). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades*, que mostra modos melhores de produzir a harmonia do que o simples aniquilamento de seres malignos. Caros leitores, é uma tristeza ver crentes comentando favoravelmente quanto ao modo de o Antigo Testamento produzir a harmonia. Por que não podemos olhar para a maior provisão da missão de Cristo? Por que temos de ficar presos a idéias inferiores que diminuem a missão de Cristo, em vez de avançar para o que é melhor, capaz de prover um caminho mais são? É uma loucura ver a missão de Cristo falhando, se realmente é verdade que Deus amou o mundo. Por que os homens inventam teologias que anulam o amor de Deus, atolando-se na vontade humana, a qual está fadada a fracassar? Ou estariam os calvinistas radicais com a razão, ao ensinar que a missão divina, em Cristo, no que se aplica ao mundo inteiro, estava destinada divinamente a fracassar? Esse ensino contradiz os mais nobres ensinamentos do Novo Testamento, embora haja alguns poucos versículos negativos (que insuflam o judaísmo dentro do Novo Testamento) que sirvam de prova. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*.

O autor sagrado relembrava como a criação original foi perturbada, como sua harmonia foi quebrada, com a entrada do pecado (Gên. 3). Em seguida, em vez de aplicar a este salmo a história da restauração dos dois pecadores originais, como solução para a desarmonia, o autor sacro caiu de volta nas imprecações comuns dos salmistas contra seus adversários. Algumas teologias cristãs atuais continuam apelando para as imprecações a fim de solucionar o problema do mal e da desarmonia; mas essa é uma teologia inferior, e, até onde sou capaz de ver as coisas, não apresenta um ponto de vista são sobre como Deus operará, finalmente, ainda que, ao longo do caminho, o autor sacro use o julgamento divino como um modo de restauração. Os teólogos se atrapalham nos julgamentos e perdem de vista a razão final de sua aplicação.

Salmo Cento e Cinco

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

O Salmo 105 relata a história sagrada. Existem sete salmos que são essencialmente históricos, a saber, os de número 78, 105, 106, 124, 126, 135 e 136. Todavia, muitos outros incluem esse tema. O Salmo 105 conta a história dos grandes feitos de Deus em favor de Seu povo. Cf. Sal. 78. Ele forma um par natural com o Salmo 106, e ambos foram compostos para serem usados em uma ou mais das grandes festividades religiosas. São recitados nos mesmos acontecimentos básicos da história de Israel. As inúmeras misericórdias de Deus são evidentes! Este salmo começa e termina com a palavra hebraica para aleluia (vss. 1 e 45).

Os vss. 1-4 deixam claro o uso ritual deste salmo por parte da congregação, embora não tenhamos nenhum indício sobre a ocasião em que a composição era usada. Os eventos históricos selecionados foram escolhidos e apresentados cuidadosamente. Todas as referências aos fracassos do povo foram omitidas. Esse tema não se ajustava ao intuito otimista do salmo. O autor sacro contou as narrativas como representantes da filosofia hebraica da história; começou aqui, neste plano terrestre, com acontecimentos específicos; os acontecimentos avançam dirigidos pela mão divina; Deus fez o bem para os participantes; todos os eventos se concentram na direção do supremo cumprimento divino. Nada temos neste salmo sobre os ciclos do Oriente, mas uma história que avança ao longo de um plano linear. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Filosofia da História*.

Os vss. 1-15 aparecem como os vss. 8-22 de I Crô. 16, e sem dúvida o empréstimo foi feito pelo cronista, baseado nos salmos.

Subtítulo. O presente salmo não tem subtítulo, sendo um dos trinta e quatro que não sofreram a atuação de editores posteriores, os quais tentaram (usualmente de maneira vã) contar-nos algo sobre a autoria ou as circunstâncias que podem ter provocado as composições poéticas. Ver a anotação na introdução ao Salmo 91, em *Subtítulo*, quanto a detalhes sobre os chamados "salmos órfãos" (sem notas de introdução).

Convocação para a Ação de Graças (105.1-6)

105.1

Rendei graças ao Senhor. Os vss. 1-5 deixam claro que este salmo era liturgicamente usado pela congregação de Israel para recitar a história sagrada. Cf. os Salmos 78, 106, 107, 135 e 136. Contudo, não somos informados sobre a festividade particular envolvida no seu uso. Todos os povos foram convidados a agradecer a Deus, pelo que está refletido neste salmo o universalismo do judaísmo posterior, tal como vemos nos salmos de entronização: 92 e 95 a 99. Os que prestavam graças também tiveram o privilégio de orar pedindo os benefícios intermináveis que podiam ser adquiridos. Eles também tinham a responsabilidade de tornar conhecidas as obras de Yahweh a outros povos, pelo que há um elemento evangelístico nos salmos, desde o começo. "Vss. 1-6; uma introdução parecida com um hino, convocando a congregação a louvar e agradecer" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 1). "O salmista estivera meditando sobre a graciosa maneira de Deus tratar com seus pais, pelo que conclamou a si mesmo e aos outros a magnificar a Deus por causa de Suas misericórdias" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* os artigos *Nome* (ver também Sal. 31.3); *Ações de Graças* e *Gratidão*.

105.2

Cantai-lhe, cantai-lhe salmos... as suas maravilhas. O autor sagrado repete essa idéia com base no vs. 1. Ele estava prestes a contar-nos sobre as obras de Yahweh em favor de Israel, por meio de uma lista cuidadosamente selecionada e idealisticamente apresentada, na qual não constavam os fracassos que também acompanharam a história de Israel. Cf. Isa. 63.14 e Sal. 103.7. Yahweh tinha conquistado para Si mesmo um nome excelente e glorioso, por causa de Seus feitos. Ele merecia os cânticos de louvor do povo, particularmente o presente hino, que celebra o que Ele fez por intermédio da história de Israel. Ele insuflou Sua glória nessa história. Deus é um Deus teísta, que criou, intervém e abençoa, mediante Sua providência especial. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Providência de Deus*. Deus revelou a Israel Seu nome, Sua pessoa e Seus atributos de maneira prática, e é sobre isso que versa o amor de Deus. Poderíamos traduzir o termo hebraico por "meditar" sobre esses feitos divinos. "Temos aqui um espaçoso campo para a meditação... meditar sobre as obras de Deus é algo doce, agradável e proveitoso" (John Gill, *in loc.*).

105.3

Gloriai-vos no seu santo nome. O salmista estava preparado para contar uma grande história, e desde o começo convocou a audiência a gloriar-se no nome de Yahweh, o Poder que tinha executado todas as coisas que iria descrever. Todos os que buscavam a Deus, ou seja, todos os que obedeciam à Sua lei,

o padrão de todas as coisas, deveriam regozijar-se. Ver o que a lei, ao que se supõe, significava para Israel, em Sal. 1.2, onde apresento um sumário. Cf. Sal. 34.

Santo nome. Ver sobre este título divino em Sal. 30.4 e 31.3, onde ofereço anotações e referências. Os hebreus sempre uniram a santidade ao poder (implícito no nome), diferentemente do que faziam os pagãos, cujos deuses eram concebidos como poderosos, mas raramente bons. Quanto ao regozijo, cf. Sal. 69.6. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alegria*.

105.4

Buscai o Senhor e o seu poder. Foi o poder do Senhor que fez as coisas sobre as quais passamos a ler. Ele era forte e estava fazendo todas aquelas coisas; por conseguinte, que os israelitas buscassem a força do Senhor agora mesmo. Que os israelitas buscassem o Seu rosto, isto é, a Sua presença, a comunhão íntima com Ele, que dá forças novas à alma. Que os israelitas buscassem a Yahweh, que é a presença e o possuidor da força. Essa busca devia ser feita das seguintes maneiras: 1. Conhecendo e obedecendo à lei, que faria Deus mostrar o Seu rosto sorridente. 2. No culto do templo, uma fonte de força. 3. Buscando a presença real de Deus, ou seja, o toque místico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios de*. 4. A santidade é outra fonte de poder, e podemos dizer o mesmo sobre as boas obras, pois nela crescemos espiritualmente. Assim é que este versículo fornece alguns pontos básicos da saúde espiritual, na qual encontramos força e alegria. Os prazeres mentais são superiores aos físicos (conforme afirmava Epicuro), mas os prazeres espirituais são superiores a ambos, conforme nos prova a vida espiritual. O estudo superficial da Bíblia pode ser enfadonho para muitas pessoas, mas o estudo das Escrituras em profundidade e de todo o coração é um prazer excelente.

"O homem é, por natureza, fraco, e assim precisa de conexão com o Deus forte, para que possa ser capaz de evitar o mal e praticar o bem" (Adam Clarke, *in loc.*). A Septuaginta, a Vulgata Latina e a versão siríaca dizem: "Buscai o Senhor e fortalecei-vos". A própria busca do princípio divino fortalece o homem.

Nenhum poder na terra ou nos céus
Pode separar-nos do Teu amor,
Aquele amor que nunca falha,
Poderoso Deus, a quem sejam louvor e glória.
A ti, agora e doravante, para sempre.

(Charles H. Gabriel)

105.5

Lembrai-vos das maravilhas que fez. O autor continuava dando-nos, em sua introdução, o tema que se seguiria, ou seja, tudo quanto Yahweh fizera por Israel através da sua história. Portanto, temos agora tudo quanto é sumariado pela palavra "maravilhas", a qual já encontramos no vs. 2. O poeta exortou a audiência a relembrar essas obras, porque tal memória inspiraria um serviço espiritual de alta estirpe, bem como maior alegria na revelação divina da lei e de Seus juízos.

Dos juízos de seus lábios. Quanto à tripla referência à lei, ver Deu. 6.1. Quanto à lei como orientadora, ver Deu. 6.4 ss.; quanto a Israel distinguido por essa lei, ver Deu. 4.4-8. Quanto à lei como doadora de vida, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Quanto a um sumário do que a lei significava para Israel, ver Sal. 1.2.

Parece que temos aqui, especificamente, a palavra de Deus operando em Suas decisões judiciais, que visam estabelecer a justiça entre os povos. Ele falou e julgou os egípcios e a mesma palavra abençoou a Israel, e tanto o julgamento como a bênção estavam baseados na justiça requerida pela lei. "Sua palavra é firme. Ele sempre guarda a promessa de julgar ou vindicar a causa de Seus eleitos contra o adversário (ver Sal. 119.13)" (Fausset, *in loc.*). "Tudo quanto Ele tem falado concernente ao bem ou ao mal, os Seus mandamentos, promessas, ameaças e, particularmente, o que Ele predisse e o que tinha feito" (Adam Clarke, *in loc.*). A Sua providência é universal e eficaz. Portanto, lembre-se do que disse certo poeta:

Você sabia que o mundo está morrendo
Por um pouco de amor?
Por toda parte ouvimos suspiros,
Pedindo um pouco de amor.
Quanto ao amor que corrige os erros,
Quanto ao amor que enche o coração de cânticos.
O povo tem esperado por tanto tempo,
por um pouco de amor.

(Edwin O. Excell)

105.6

Vós, descendentes de Abraão, seu servo. A introdução agora nos apresenta Abraão, de quem descendia Israel, a saber, Jacó, o seu ancestral mais imediato, e por cujo nome eles foram chamados. O poeta falava sobre a linhagem escolhida, e o poeta nos dará agora detalhes sobre como Yahweh abençoou essa linhagem, por toda a sua história. Tal história, uma vez relembrada, inspiraria os homens ao louvor e à ação de graças, para clamar o aleluia (louvor, vs. 1) em altas vozes.

Um ato especial de amor e misericórdia era o Pacto Abraâmico, por meio do qual operava o amor constante de Deus. Ver sobre isso em Gên. 15.18, onde discuto as suas provisões. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos*, quanto a um quadro geral do trato especial de Deus com Israel. Abraão era amigo e servo (título que aparece neste versículo) de Deus; nele, todo o Israel tornar-se-ia servo e amigo de Deus. Neste versículo, Israel é retratado como filho de Jacó, um toque de ternura e um indício diante da *Paternidade de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*).

Buscai-O e conhecei o Seu amor, pleno e livre.
Até que vosso coração esteja cheio de cânticos:
Ele ama os homens, Ele me ama.

(René Brower)

O Pacto com os Patriarcas (105.7-15)

105.7,8

Ele é o Senhor nosso Deus. Cf. Gên. 12.1-20; 15.18; 17.1-27; 26.1-35; 28.1-22. O Pacto Abraâmico foi repetido com sucesso aos patriarcas seguintes. "A nação deveria lembrar-se do Senhor (vs. 5), pois Ele se lembrava da nação! (vss. 8,42). O Senhor Deus, que exerce governo universal (Seus julgamentos por toda a terra), relembrava as Suas promessas e pactos, para cumpri-los" (Allen P. Ross, *in loc.*). Deus é, obviamente, o governante universal, pelo que os juízos de Deus são os padrões de justiça para o mundo inteiro, mas Ele operava de maneira especial e através de Israel. Potências mundiais hostis são controladas por Seus julgamentos, pelo que "as potências mundiais não podem prevalecer, finalmente, contra o povo de Yahweh" (Sal. 94.2). (Fausset, *in loc.*). Havia o caso conspícuo dos julgamentos contra os egípcios, através dos quais Israel foi libertado. Em Deuteronômio, por mais de vinte vezes, temos referências à libertação de Deus do povo de Israel para fora do Egito. Ver Núm. 23.22 e Deu. 4.20. Sem intervenções divinas periódicas contra as potências hostis, Israel não teria tido a longa história que teve, e Yahweh não teria obtido nenhum louvor da parte de um povo extinto.

Que empenhou para mil gerações. Com uma hipérbole tipicamente oriental, o poeta viu Yahweh reafirmando o pacto abraâmico por mil gerações. Os pactos divinos foram empenhados, ou seja, ordenados ou afirmados com veemência às gerações sucessivas. Ou, então, devemos tomar este versículo em um sentido profético; todas as gerações sucessivas, muito depois da vida do salmista, por mil gerações ou mais, teriam o mesmo pacto afirmado diante deles. Temos aqui uma alusão verbal a Deu. 7.9 e Êxo. 20.6. Ver também Luc. 1.72,73.

Tão certo como Tua verdade perdurará,
A Sião será conferida.
As glórias mais brilhantes que a terra pode produzir,
E as bênçãos mais abençoadas do céu.

(Timothy Dwight)

105.9

Da aliança que fez com Abraão. O poeta sagrado elaborou o ponto: o pacto foi firmado com Isaque, depois com Jacó e, mais tarde, com um milhar de gerações, e foi confirmado com o juramento divino que resolve todas as discussões se seria ou não cumprido. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Juramento*; e ver a exposição sobre Gên. 15.18. A palavra "fez" é, literalmente, "cortou", lembrando as circunstâncias em que os antigos pactos eram feitos. O animal a ser sacrificado era cortado pela metade, e os participantes do pacto andavam entre essas metades como sinal de que concordavam com as disposições. Uma vida fora sacrificada para tornar a ocasião santa e produzir seriedade. Então o sacrifício tornava-se parte de uma refeição comunal, e os participantes comiam e bebiam juntos, como amigos. Cada um dos participantes cumpria a sua parte. Quanto ao juramento, ver Gên. 26.3. Quanto à confirmação do pacto com Isaque, ver Gên. 26.1-35.

105.10

O qual confirmou a Jacó por decreto. Quanto à confirmação do pacto com Jacó, ver Gên. 28.1-22. Então o mesmo pacto foi confirmado com Israel, sendo expandido mediante vários outros e tornando-se um pacto eterno. Cf. as mil gerações do vs. 9. Após o pacto abraâmico veio o *pacto mosaico* (comentado na introdução a Êxo. 19). Em seguida, houve o *pacto palestino* (ver a introdução a Deu. 29) e então o *pacto davídico* (anotado em II Sam. 7.4). E, naturalmente, veio o Novo Pacto ou Pacto em Cristo, e isso universalizou e generalizou todos os pactos anteriores. Ver sobre *Pacto do Novo Testamento* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Este último pacto tinha de "reter um vigor perene, como algum decreto solenemente proclamado" (Venema).

105.11

Dar-te-ei a terra de Canaã. A Terra Prometida era uma das principais promessas do pacto abraâmico. A Terra Prometida foi dividida entre tribos, então entre clãs, então entre famílias, de forma que não havia família destituída de terras em Israel. "Israel, disse Deus, seria uma grande nação e possuiria as terras prometidas por Ele" (Allen P. Ross, *in loc.*). A fronteira sudoeste era o rio Nilo; a fronteira nordeste era o rio Eufrates; a ocidental era o mar Mediterrâneo, e a fronteira oriental ficou sempre indefinida, estendendo-se lá fora, assinalada aqui e acolá por uma cidade. Davi e Salomão estenderam Israel a todas as fronteiras antecipadas, excetuando a direção sul. O ribeiro do Egito (ver no *Dicionário*) tornou-se a fronteira sudoeste de Israel. Também era chamado de rio do Egito, mas não está em vista o Nilo, embora esse grande rio tenha sido chamado de rio do Egito. Para que a nação de Israel cumprisse o seu destino, precisava de um território pátrio, o que explica a grande ênfase dada a esse fator.

Quanto à distribuição do território, ver Jos. 14.1,2. O autor sagrado deixa de lado grande parte da agonia envolvida na possessão da Terra Prometida, mas este breve esboço seria o suficiente para relembrar os hebreus, que eram bem versados sobre o assunto, já que ouviam as narrativas por muitas e muitas vezes. Eles repassavam mentalmente a história e descobriam nela o exercício mais vitalizante.

105.12

Então eram eles em pequeno número. As dificuldades pareciam intransponíveis. Eles eram poucos; o território era vasto e muitos lugares eram inacessíveis; as nações que habitavam o território eram ferozes, numerosas e brutais. Qualquer sucesso de um exército formado por uma infantaria mal equipada, contra cidades fortificadas, requeria intervenção divina. Portanto, a verdade é que sempre foi Yahweh quem realizou a conquista. Alguns intérpretes fazem este versículo aplicar-se a Abraão e aos patriarcas em suas peregrinações pela Terra Prometida, e essa aplicação ajusta-se melhor ao que se segue. Havia oito ou mais nações diferentes que ocupavam a terra e teriam de ser expelidas dali. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Talvez a referência deste versículo seja lata o bastante para incluir tanto o tempo dos patriarcas quanto o tempo de Josué, visto que condições hostis prevaleciam na Terra Prometida em ambos os períodos.

105.13

Andavam de nação em nação. Este versículo descreve as perambulações dos patriarcas entre as nações pelas quais passavam na região da Palestina. Eles eram agentes livres, indo de um lugar a outro, sem jamais realmente sentir-se em casa, mas também nunca expulsos dali. Eles tiveram suas dificuldades, mas conseguiram sobreviver. Finalmente, foram forçados a entrar no Egito, por causa da fome, realizando o que nenhum povo conseguira fazer. Um pequeno núcleo de hebreus formou Israel no Egito, no cativeiro, e seria necessário um feito do Deus Todo-poderoso para fazê-los voltar à Terra Prometida, onde formaram uma nação.

"A referência é à migração de Ur a Harã, os movimentos em Canaã, a visita de Abraão ao Egito, de Jacó a Harã etc. (ver Gên. 11.27-32; 12.1 - 13.18; 20.1-18; 28.1 - 29.35)". Os tempos eram precários, mas os propósitos de Deus foram preservados; e aquele outro servo de Deus, Moisés, a quem coube a responsabilidade pela invasão, daria outro impulso significativo a esses propósitos divinos.

105.14

A ninguém permitiu que os oprimisse. Os israelitas sofreram injustiças, mas nenhum erro fatal que interferisse no programa de Deus. Talvez exista uma alusão aos erros potenciais sofridos por Sara e Rebeca, nas mãos dos pagãos egípcios e filisteus (Gên. 26.11). Mas os patriarcas escaparam de muitas injustiças potenciais e com freqüência receberam maior graça do que mereciam. O poeta, entretanto, evitou cuidadosamente mencionar qualquer fracasso da parte dos patriarcas, pois seu alvo sempre foi apresentar positivamente (idealmente) a narrativa. "Os pastores de Gerar não tiveram permissão de causar prejuízo algum a Isaque e seus pastores... Labão não pôde ferir a Jacó, e nem puderam fazê-lo os siquemitas... o terror de Deus caiu sobre todas as cidades ao derredor (Gên. 26.20,26,31). Ver também 31.29 e 35.5. Reprovados: o rei do Egito foi repreendido, tal como foi Abimeleque de Gerar (Gên. 12.17 e 20.3,18)" (John Gill, *in loc.*).

Guia-me, ó tu, grande Redentor,
Sendo eu peregrino nesta terra estéril.
Sou fraco, mas tu és poderoso,
Segura-me com Tua mão poderosa.

(W. William)

105.15

Dizendo: Não toqueis nos meus ungidos. Se tomarmos essas promessas somente para o período patriarcal, então a referência provavelmente é à idéia de que os patriarcas, como pais da nação, eram personalidades ungidas. Isso teria transferido de volta para eles uma prática de um período posterior, de maneira honorária. Além disso, figuras como Abraão foram chamadas de profetas, a fim de receberem honra, embora não tivessem ocupado tal posição como função real. "Eles foram ungidos com o óleo da graça, com uma unção do Santo, com o Espírito Santo, e receberam presentes e graças do Espírito, conforme acontece a todos os crentes" (John Gill, *in loc.*). Em Gên. 20.7, Abraão é chamado de profeta, mas isso provavelmente também é uma terminologia posterior que foi injetada no texto, embora não fosse típica do período patriarcal. Por outra parte, o Antigo Testamento fala sobre os patriarcas como recebedores da revelação divina, e isso, por si só, justificaria o termo *profeta*, mesmo que o ofício profético nunca tivesse sido exercido. Seja como for, o versículo ensina que tão augustas figuras, a ponto de terem sido ungidas e terem sido profetas, receberam a proteção divina. Pessoas hostis eram forçadas a retroceder em seus desígnios maliciosos. Ver Gên. 15, quanto à comunicação de Yahweh com Abraão, por meio de sonhos. O mesmo aconteceu a Isaque, em Berseba, e a Jacó, em Betel, em Maanaim e no ribeiro do Jaboque. De fato, Jacó foi definitivamente um visionário, uma espécie mística de pessoa.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Unção* e *Profeta.*

Começo da Narrativa de José (105.16-22; Gên. 37.1-41.57)

105.16

Fez vir fome sobre a terra. A narrativa sobre José é uma das mais belas e instrutivas do período patriarcal, e o sumário apresentado pelo poeta não podia deixá-la de lado.

Yahweh foi quem causou a fome e forçou Jacó e seus familiares a descer ao Egito, por motivo de um desígnio grandioso e a longo termo, que Jacó e seus familiares não entenderam enquanto viveram. Assim acontece com freqüência. É fácil alguém olhar para trás e perceber por que certas coisas aconteceram; mas isso não é tão fácil quando olhamos para o futuro.

Cortou os meios de se obter pão. Diz o hebraico original, literalmente, "o cajado de pão", em que a palavra "cajado" aponta para um "apoio" ou "muleta". O pastor apoiava-se em seu cajado e assim também, quanto à alimentação, as pessoas apoiam-se sobre o cajado de pão, ou seja, sobre o suprimento alimentar. Por isso, a palavra portuguesa "sustento" é apropriada para o sentido tencionado. Quanto ao cajado de pão, ver também Lev. 26.26 e Eze. 4.16.

Cortou. Literalmente, "quebrou". As pessoas dependiam de grãos para sustentar a vida. Yahweh apareceu e cortou o apoio alimentar, entregando-os à fome.

105.17

Diante deles enviou um homem, José. O pioneiro do povo de Israel no Egito foi uma figura relutante, a saber, José, que chegou àquele país como escravo. A providência divina esteve por trás da questão, conforme disse o próprio José (Gên. 45.5; 50.20). Grandes acontecimentos adversos podem ser providenciais; contudo, sentimo-nos felizes por ver outras pessoas assim privilegiadas. Não obstante, na vida terrena, o homem espiritual terá experiências com tais eventos. Essa é uma grande lição sobre o *modus operandi* dos caminhos misteriosos de Deus. Nossas tentativas de racionalização fracassam, mas é claro que os revezes podem impedir-nos de seguir a vereda errada. Uma rejeição pode conduzir a maior aceitação. A certo estudante foi negada admissão na Universidade de Harvard (um grande desapontamento!) somente para ser aceito posteriormente pelo MIT (uma grande vitória!). Certo pastor foi maltratado por um missionário que chegou a liderar uma campanha para que ele fosse despedido pela sua igreja com base em acusações totalmente triviais. Sei porque vi o que aconteceu e conheci bem o caso. Tendo perdido sua igreja (e os meios de subsistência), o homem foi "forçado" a mudar-se para outra cidade, onde em breve se tornou

secretário pessoal de um departamento em uma prestigiosa universidade, que lhe pagava muito mais do que ele recebia na igreja. Além disso, ele obteve outro salário quando se tornou pastor de outra igreja, na mesma cidade onde conseguira o emprego de secretário. O resultado foi uma tremenda melhoria em suas condições de vida, bem como em tudo quanto lhe aconteceu, dentro de um único ano. Conforme diz uma expressão popular em inglês: "O homem foi chutado escadaria acima" (em lugar de ser derrubado escada abaixo).

Todo mundo conhece uma ou duas histórias semelhantes às que relatei acima, pelo que não prosseguirei, exceto para dizer que a providência pode abrir uma porta fechando todas as demais. Quando José foi levado para o Egito, não o fez por escolha própria. Mas Deus estava com ele, e dali emanou uma das mais belas histórias da Bíblia inteira, repleta de ilustrações para uma vida boa e piedosa. O escravo que chegou no Egito acabou tornando-se primeiro-ministro, e muitos escravos se têm tornado o homem mais importante, figuradamente.

Deus se move de maneiras misteriosas
Para realizar Suas maravilhas.
Ele implanta Suas pegadas no mar
E cavalga sobre a tempestade.

(William Cowper)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Chance*, que contém algumas excelentes histórias que podem ser usadas para ilustrar a história de José. E, naturalmente, ver o artigo acerca dele, no *Dicionário*. Ver Gên. 37.1-41.57, quanto ao começo da história de José.

105.18

Cujos pés apertaram com grilhões. O aprisionamento de José envolveu as barbaridades usuais, além dos sofrimentos de um homem inocente, a traição dos seus próprios irmãos, e a separação de seu pai e de sua mãe. A vontade perversa do homem (o mal moral, um dos aspectos do Problema do Mal; ver a respeito no *Dicionário*) aplicou a José um golpe mortal; de alguma maneira, porém, o Senhor estava envolvido na questão, visando algum propósito distante. O Livro de Oração em Inglês diz vividamente que "o ferro entrou em sua alma". Os sofrimentos físicos eram a parte menos importante. Diz a Vulgata Latina: "O ferro atravessou a sua alma". Na época, José era apenas um rapazinho com 17 anos de idade, mas foi chamado por Deus para vencer um sofrimento próprio da vida adulta. Ele foi um tipo de Cristo, e amplio esse tema no artigo chamado *José*, no *Dicionário*.

105.19

Até cumprir-se a profecia a respeito dele. José possuía dons psíquicos, e esse fator foi empregado para cumprir o propósito divino de libertá-lo. Ele interpretava os sonhos corretamente (ver Gên. 41.12), e essa capacidade, que foi útil para o Faraó, fez José chamar a atenção do monarca egípcio. Mas até o tempo de sua libertação, José continuou a ser testado por Yahweh, que desdobrava Seu plano, passo a passo. O poeta deixa de lado o incidente que envolveu a vida da esposa de Potifar, oficial do rei, que caluniosamente o acusara de assédio sexual (embora ela é que o tivesse assediado). Ver Gên. 39. O autor deste salmo oferece aos leitores uma versão compacta, sabendo que eles lembrariam os detalhes da história. A palavra do Senhor submeteu José a teste, ou seja, o Seu oráculo, a palavra de Seu mandamento. Essa palavra testou-o e fortaleceu-o através de suas provações, da mesma forma que a prata é testada e purificada mediante o refinamento, provavelmente a figura sobre a qual devemos pensar. Alguns crêem que a palavra profética aqui referida seja o oráculo de José que interpretou os sonhos, habilidade conferida por Yahweh. De acordo com essa circunstância, onde a palavra do Senhor esteve em operação, José foi testado. Foi por esse motivo que José disse ao Faraó: "Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó" (Gên. 41.16).

Nossos pais, acorrentados em negras prisões, continuavam
livres no coração e na consciência.

(Frederick W. Faber)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Sonhos*, onde é dado material que ilustra o texto presente.

105.20

O rei mandou soltá-lo. A mais alta autoridade do Egito, o próprio Faraó, foi quem o libertou da prisão e então o nomeou primeiro-ministro do país. Portanto, o plano divino estava operando de maneira dramática, tanto em relação a Israel quanto ao Egito. José foi conduzido ao palácio real (Gên. 41.4), onde ele mesmo, em breve, exerceria a sua autoridade. Alguns eruditos vêem nisso um quadro da ressurreição de Cristo, a suprema intervenção divina. A providência divina (ver a respeito no *Dicionário*) estava em franca intervenção, sendo esse um tema central do hino do poeta que contava a história sagrada de Israel. Espera-se que sintamos gratidão e prestemos graças a Deus. A história tinha por propósito aperfeiçoar as atitudes e a vida. A maior observância da lei emergiria como último apelo do poeta à sua audiência (vs. 45).

Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no
teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus
caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.

(Provérbios 3.5,6)

105.21

Constituiu-o senhor de sua casa. José, o sonhador, agora era elevado à posição de primeiro-ministro do Egito, algo que somente o poder de Yahweh poderia ter realizado, algo maravilhoso aos nossos olhos.

Isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos.

(Salmo 118.23)

Cristo, após a Sua ressurreição, foi levantado à mão direita de Deus, pelo que o tipo continua em vigor. José passaria a ser um grande provedor, e isso aconteceu supremamente com Cristo, em Sua posição exaltada. José cuidava do dinheiro e dispensava ordens a subservos, que tomavam conta dos negócios do reino (Gên. 41.40,41,43), sendo esse um quadro das "riquezas de Cristo", das quais participamos (Efé. 3.8,16).

105.22

Para, a seu talante. José sujeitou os líderes egípcios não com a prisão, mas com leis e instruções. Ele exercia o poder do rei sobre seus subordinados. A Revised Standard Version diz "instruiu" com uma leve emenda do texto hebraico, e isso conta com o apoio da Septuaginta, da versão siríaca e de Jerônimo. Algumas vezes, as versões se mostram corretas contra o texto massorético padronizado, conforme mostram os manuscritos do Mar Morto, que ocasionalmente concordam com as versões, especialmente no caso da Septuaginta, contra o texto hebraico posterior. Ver sobre *Massora (Massorah); Texto Massorético* no *Dicionário*. Ver também sobre *Septuaginta* e sobre *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) de*. José foi um bom líder, um bom chefe, e ganhou o respeito de seus subordinados. Ensinou-lhes a sabedoria, porquanto estava inspirado por Yahweh, a origem de toda a sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria*. Jesus foi, portanto, o grande mestre que sujeitou Seus seguidores com Sua sabedoria e com Seu amor. A sabedoria, dentro das questões do estado é o significado do texto, mas podemos estar certos de que José estava interessado em uma sabedoria ainda mais ampla. Afinal, José era dotado de discernimento profético, e isso deve ter continuado a aparecer na questão. Ele era como Salomão, entre os egípcios, e podemos imaginar que era consultado com freqüência para a solução do problema.

O nome diz-me o que meu Pai tem para mim,
E embora eu palmilhe uma vereda escura,
Contudo, há a luz do sol ao longo do caminho.

(Frederick Whitfield)

A Migração para o Egito (105.23-25; Gên. 46.1- Êxo. 1.22)

105.23

Então Israel entrou no Egito. O poeta sagrado deixa o resto da história de José de lado e, de súbito, volta-se para a descida de Jacó ao Egito, por meio da circunstância de seus filhos a buscar alimentos. José, em sua sabedoria, tinha previsto tempos maus e feito provisões universais a respeito. Assim também Jesus, em Sua obra real, fez provisões para toda a humanidade. Israel era agora (em forma de semente) um peregrino no Egito, e em breve seria tomado como escravo. Assim também temos agora o cativeiro egípcio, o primeiro dentro de algum cativeiro para nações estrangeiras. De algum modo, a providência de Deus estava trabalhando através de dificuldades e situações aparentemente impossíveis.

Na terra de Cão. Ver no *Dicionário*, pois era tradicional que os egípcios descendiam de Cão, filho de Noé. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Nações* onde há um gráfico que mostra a descendência genealógica dos povos. Ver também Gên. 46.1-27.

"Este versículo posta-se a meio caminho nos salmos como um fato proeminente. A descida de Jacó ao Egito foi o último elo na cadeia de eventos providenciais, que começaram com a fome (vss. 16-22). Jacó e seus familiares viajantes tomaram a posição de estrangeiros residentes (ver Gên. 42.4). Eles nunca se naturalizaram" (Fausset, *in loc.*). Eram estrangeiros e peregrinos na terra e então tornaram-se escravos, e isso estabeleceu palco para uma das maiores histórias de Israel, a redenção de Israel do Egito, mencionada mais de vinte vezes somente no livro de Deuteronômio (ver as notas em Deu. 4.20). Ver Sal. 78.51, quanto à terra de Cão.

105.24

Deus fez sobremodo fecundo o seu povo. Entrementes, dos poucos que desceram ao Egito (setenta pessoas, Gên. 46.27), houve grande multiplicação, de forma que o núcleo de uma nação foi formado ali mesmo, no Egito. Assim sendo, Yahweh preparava para eles uma mesa na presença de seus inimigos (Sal. 23.5). Não somente aumentou o número deles, mas também a sua força, provavelmente sob a forma de jovens que podiam servir como soldados. Assim sendo, finalmente, o novo Faraó queixou-se de que Israel se tinha tornado mais forte do que os egípcios (ver Êxo. 1.7,9). Ver também o vs. 12 daquele capítulo, que fala no alarmante aumento dos israelitas, que se espalharam por todo o Egito. "... mais fortes fisicamente, mais saudáveis, mais robustos, o que podia ser visto e observado por seus inimigos (Êxo. 1.9)" (John Gill, *in loc.*, que espiritualizou a questão e a usou como retrato do crescimento espiritual dos discípulos de Cristo).

105.25

Mudou-lhes o coração. O autor sagrado afirma aqui que Yahweh foi a razão pela qual os egípcios começaram a odiar Israel. Sem isso, Israel poderia ter ficado no Egito para sempre e, afinal, ter sido absorvido por aquele povo. Nesse caso, toda a história de Israel ter-se-ia perdido, e o pacto abraâmico ficaria sem cumprimento. Portanto, uma vez mais, uma condição adversa (pois não é bom ser odiado) foi o instrumento na mão divina que produziu grande propósito. Cf. as notas expositivas no vs. 17, onde amplio o tema. Observa-se facilmente que a maior parte do progresso humano é obtida diante da adversidade e do conflito. Até mesmo guerras geram novas tecnologias que têm usos pacíficos importantes, como o poder atômico, para mencionarmos apenas um exemplo conspícuo. Então temos pragas que impulsionam os homens a inventar medicamentos que aliviam os sofrimentos por longo tempo, de forma bastante distinta da praga original que causou aquele esforço. Até mesmo o homem que tenta fazer um bom trabalho, em qualquer profissão, precisa trabalhar arduamente, solucionando problemas, superando enfermidades, ganhando seu sustento mediante labores adicionais, problemas familiares, dependência familiar, de forma que tem de aliviar as dificuldades de outros membros da família, e não meramente as suas próprias. Em outras palavras, ele precisa encarar vários tipos de adversidade se tiver de fazer bem o seu trabalho e especialmente se quiser servir a outras pessoas (o ideal!) com o que estiver fazendo. Deus controla os atos dos homens de tal maneira que não destrói seu livre-arbítrio. Isso é um fato, mas não sabemos exatamente como a questão opera. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo. Portanto, os egípcios odiaram os filhos de Israel, mas, de alguma maneira, Deus foi a causa de tudo.

O Faraó endureceu o seu coração, mas Deus também endureceu o coração do Faraó. Ver Isa. 6.9,10 e Mar. 4.12. O Faraó dos dias de José foi um benfeitor para Israel, pelo que todo o povo de Deus se regozijou e tomou tudo quanto pôde adquirir. Outro Faraó, que não conhecera a José, foi o perseguidor de Israel, e o povo de Deus não gostou da experiência. Mas era disso que os israelitas precisavam para sair do Egito.

Moisés e as Pragas do Egito (105.26-36; Êxo. 7–12)

105.26

E lhes enviou Moisés, seu servo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pragas do Egito*, quanto a uma descrição detalhada e um sumário da questão, que o poeta agora passa a descrever. Os novos atores no palco foram Moisés e Arão. José realizara seu trabalho com louvor, enfrentara adversidades e vencera. Como agiriam os novos atores? Teriam eles a mesma coragem de José? Teriam a mesma sabedoria? Porventura Yahweh lhes daria poder conforme dera a José? Para todos os homens espirituais, aplicam-se as mesmas questões, pois cada indivíduo tem seu próprio Egito a enfrentar, suas próprias batalhas pessoais a ganhar. O salmista não segue rigidamente a história que se lê em Êxo. 7-12. Há muitas diferenças quanto aos detalhes, o que não deve perturbar nossa fé. Algumas diferenças se devem à licença poética, e outras talvez reflitam tradições hebraicas acerca da questão não empregadas pelo autor do livro de Êxodo. Ver também Sal. 78.44-51.

A quem escolhera. E isso porque o poder por trás da cena era Yahweh, que tinha vários instrumentos de operação. Todos os homens espirituais são instrumentos nas mãos de Deus, e cada um deles é um instrumento especial. Ver Apo. 2.17, sobre a doutrina da *pedra branca*, no *Novo Testamento Interpretado*. Cada indivíduo tem em sua mão metade de uma pedra branca, e Deus tem a outra metade. Algum dia, as duas metades serão reunidas de novo. O indivíduo terá cumprido a sua missão, e a pedra, símbolo da confiança de Deus, novamente formará um todo. Alguns homens são revestidos de unção especial, por terem missões especiais a cumprir, e então ver-se-á algo de apostólico em operação. Finalmente, todos os homens espirituais ultrapassarão não somente os apóstolos, mas até os próprios anjos em seu poder e serviço, visto estarem sendo transformados segundo a imagem de Cristo, tornando-se instrumentos poderosos nas mãos de Deus, para Seu serviço e glória, no mundo eterno. Ver Rom. 8.29 e II Cor. 3.18.

> *Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.*
>
> (Efésios 4.13)

105.27

Os seus sinais e maravilhas. Isto é, operações miraculosas que agiam como sinais, tal como aconteceu aos milagres realizados por Cristo. O original hebraico diz "as palavras de seus sinais". As palavras de Yahweh produziram os milagres. Yahweh baixou as ordens, e Moisés e Arão foram capacitados a causar as pragas, as quais só poderiam ocorrer através do poder divino, tão incomuns e poderosas eram. Coisa alguma na natureza poderia ter provocado esses sinais, por qualquer processo natural. O poeta continuou, dando um esboço sobre a questão, sem apresentar uma recitação completa sobre ela. "A terra de Cão, isto é, o Egito (vs. 23), foi o lugar de tais acontecimentos. Deus calcou Seu dedo ali, a fim de fazer grandes coisas, porquanto ali tinha surgido a necessidade.

> *Preciso de ti a toda hora,*
> *Na alegria ou na dor.*
> *Vem logo e habita comigo,*
> *Ou minha vida será vã.*
>
> (Annite S. Hawks)

105.28

Enviou trevas, e tudo escureceu. A enumeração omite as pragas quinta e sexta, começando com a nona e acrescentando uma cláusula que deixa os intérpretes perturbados: "não foram rebeldes à sua palavra". Outro tanto não poderia ser dito acerca dos egípcios, pelo que essas palavras sem dúvida dizem respeito a Moisés e Arão, os quais, em contraste com a resistência e hesitação anterior de confrontar o Faraó, uma vez que as pragas se iniciaram, tiveram uma atitude de obediência. A Septuaginta e o siríaco, seguidos por algumas traduções modernas, excluem a negação e dizem que os egípcios se rebelaram. O relato da história, no Salmo 78, também tem variações significativas em relação às narrativas originais e omite as mesmas pragas aqui omitidas. O Targum diz: "tornaram-nos trevas", isto é, obscureceram nosso entendimento e levaram-nos a não entender os propósitos das pragas, para que elas percorressem todo o seu ciclo e produzissem os resultados desejados. Cf. Luc. 8.10, onde Jesus declarou que Ele dizia parábolas a certos indivíduos para ocultar de propósito o significado de Suas palavras.

105.29

Transformou-lhes as águas em sangue. Continua aqui o envio de pragas da parte de Deus. Essa foi a primeira das dez pragas. Ver Êxo. 7.19-21. As águas ficaram ruins, como se estivessem poluídas com sangue, e os peixes morreram. Cf. Apo. 16.3-6, onde temos algo similar, sem dúvida dependente do texto do livro de Êxodo. Quanto a teorias sobre o que aconteceu, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pragas do Egito* e também a história em Êxodo, onde dou outras idéias. Yahweh estava exercendo sobre os egípcios a pressão necessária para garantir a soltura de Israel. O fato de eles terem sido libertos tornou-se um dos grandes temas do Antigo Testamento, repetido por mais de vinte vezes somente no livro de Deuteronômio. Ver sobre esse fato em Deu. 4.20. O poder de Yahweh ficou demonstrado sobre outros deuses, e Ele obteve glória e reputação universal, que serviram de degrau para a universalização do *yahwismo*, um acontecimento necessário na preparação para a dispensação do Novo Testamento.

105.30

Sua terra produziu rãs em abundância. As rãs formaram a segunda das pragas. Nenhum homem será livre enquanto qualquer homem estiver injustamente cativo. E, naturalmente, nenhum homem é verdadeiramente livre enquanto for escravo do pecado. As rãs entraram em todas as residências, e nenhum homem,

rico ou pobre, de alta ou de baixa posição social (como os reis e seus nobres), ficou isento da praga.

Apo. 16.13,14,16 e 19.20 comparam as rãs a espíritos imundos, que agem como pragas para os homens. As rãs chegaram até os fornos, dormitórios, gavetas, armários, a corte do Faraó, debaixo de seu trono, em cima dos chapéus das senhoras, dentro dos sapatos e nos alimentos. Como os pecados dos homens, infestavam e corrompiam tudo.

105.31

Vieram nuvens de moscas. A natureza continuava revoltada contra os pecadores, e apareceram inúmeros insetos, moscas e piolhos. Essa foi a terceira praga. Ver Êxo. 8.16-19. Deus usou instrumentos desprezíveis para executar Seu trabalho, pelo que até a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Os mágicos do Egito não puderam imitar a praga, nem produzir nada similar. Cf. Sal. 78.44. Kimchi faz com que estivessem envolvidos aqui feras (animais quadrúpedes) que presumivelmente invadiram o Egito por todas as fronteiras, mas isso é apenas uma fantasia. Cf. Sal. 78.45.

105.32

Por chuva deu-lhes saraiva. As pragas libertadoras continuaram. Agora descia a ira do céu, sob a forma de uma chuva extraordinária, acompanhada de tempestades elétricas. Houve poderosa exibição de fogo no céu, acompanhada de pesadas chuvas e saraiva. Essa foi a sétima praga. Ver Êxo. 9.18-26. Cf. Apo. 16.21. Alguns intérpretes vêem algo de sobrenatural na exibição de fogo. Outros pensam que a questão foi natural, mas altamente incomum. Cf. Sal. 78.45. O artigo sobre *Pragas do Egito* expande a questão, quanto às passagens da história original. As chamas celestes exaltaram Yahweh sobre os deuses dos pagãos, e essa foi uma das razões para a exibição. No artigo citado, listo e discuto como os deuses pagãos foram derrotados em cada praga.

105.33

Devastou-lhes os vinhedos e os figueirais. Este versículo continua a descrição da sétima praga, mostrando quão mortífera ela foi para a agricultura. Quase toda a irrigação no Egito vinha do rio Nilo, e não por meio de chuvas. Mas quando a praga chegou, foi um grande e destruidor exagero. Cf. Apo. 16.21. Ver também Sal. 78.47. Ver especialmente Êxo. 9.25. Chuvas e tempestades usualmente trazem água que distribui a vida, mas aquelas tempestades serviram de instrumentos de morte para a agricultura. Os detalhes do vs. 33 não aparecem no relato original e podem ter sido fruto de elaboração poética.

105.34

Ele falou, e vieram gafanhotos. Os gafanhotos e suas larvas, gafanhotos jovens e velhos, de toda espécie, tipo e tamanho imaginável, constituíram a oitava praga. Ver o artigo altamente informativo chamado *Praga de Gafanhotos*, no *Dicionário*. Ver Êxo. 10.12-15, quanto à história original; e ver Apo. 9.3,4, quanto a uma aplicação neotestamentária a respeito. Ver também Joel 1.4; 2.25; Naum 3.15 e Jer. 51.14,27. Nessas passagens encontramos menção a *yelek*, gafanhotos jovens, talvez referindo-se às larvas ou aos gafanhotos adultos jovens, todos eles com apetite voraz e admirável capacidade de devastar todas as plantações e árvores frutíferas. A palavra hebraica *yelek* significa, literalmente, "lambedor" ou "devorador". Alguns estudiosos pensam estar em mira a espécie de gafanhotos com cabelos nas asas. O que temos aqui é uma invasão por parte de um exército hostil de insetos, com muitas espécies de gafanhotos, em número tal que os egípcios não tinham como defender-se. O povo de Israel estava sendo hostilizado pelos egípcios e, assim sendo, o Egito foi hostilizado pela natureza. Todas as dez pragas do Egito diziam: "Deixai ir o meu povo!" (ver Êxo. 6.11).

105.35

Os quais devoraram toda a erva do país. Este versículo dá prosseguimento à descrição sobre a oitava praga do Egito. Tudo quanto era bom para comer, e até mesmo o que não prestava para ser consumido pelos seres humanos, os gafanhotos devoraram. O que os agricultores tinham plantado, desapareceu; o que cresceu por si mesmo da terra, sem a ajuda da mão humana, desapareceu; e, quando os gafanhotos voaram, de estômago cheio, o Egito estava desolado. Os egípcios desolaram Israel, pelo que a natureza desolou o Egito. Cf. a história original, em Êxo. 10.15 e ver Apo. 9.4, quanto a uma aplicação neotestamentária da narrativa. Foi assim que os deuses pagãos, dos quais os egípcios dependiam para ter uma agricultura próspera, foram redondamente derrotados pelos ataques de Yahweh.

105.36

Também feriu de morte... os primogênitos. Essa foi a décima e última praga e também a pior de todas, o golpe de misericórdia que Yahweh desfechou *contra o Egito, a intervenção decisiva que libertou o povo de Israel*. Ver Êxo. 11.5; 12.29-33. Incluiu os primogênitos dos seres humanos e dos animais, e deixou o Egito tão abalado que os egípcios se sentiram alegres com a partida de Israel (vs. 38). Os filhos primogênitos, tradicionalmente denominados a força principal de suas gerações, foram arrebatados dos egípcios. Ver Gên. 49.3. Cf. Sal. 78.51. Foi assim que as pragas do Egito não somente derrotaram os egípcios, mas também os muitos deuses que, supostamente, exerciam autoridade sobre os vários elementos afetados pelas pragas. Ilustro isso no artigo do *Dicionário* denominado *Pragas do Egito*. Portanto, que os crentes modernos agradeçam a Deus; temam a Yahweh; obedeçam a Seus mandamentos e sejam bons membros do povo em pacto com Deus, por meio de Jesus Cristo. Bradai um alegre aleluia (vs. 45)!

O Êxodo e as Vagueações pelo Deserto (105.37-42)

105.37

Então fez sair o seu povo, com prata e ouro. Alguns egípcios deram riquezas voluntariamente aos israelitas, porquanto tinham feito amizade com os filhos de Israel; mas outros deram coisas preciosas para que os israelitas saíssem do Egito, antes que outra calamidade os atingisse. Além disso, houve outras ameaças dos israelitas, pelo que os egípcios deram bens por motivo de temor. Ver Êxo. 3.21,22 e 11.2,3; 12.35,36. Israel, pois, saiu do Egito muito bem equipado e com consideráveis riquezas materiais. Sempre será mais fácil viajar com a carteira recheada de dinheiro. Notemos, entretanto, que a Causa de todas essas doações foi Yahweh, que cuidou para que houvesse abundância. Por conseguinte, nosso suprimento vem do Senhor:

> *Deus pode fazer-vos abundar...*
>
> (II Coríntios 9.8)

Não havia um só inválido. Além de levar muito suprimento material, a comunidade dos hebreus tinha uma saúde espetacularmente boa, não havendo um único enfermo ou aleijado entre eles. Seiscentos mil homens saíram do Egito (ver Núm. 11.21), sem incluir as mulheres e as crianças. Contudo, nenhum só israelita saiu do Egito "tropeçando", conforme diz, literalmente, o original hebraico. Isso foi, por si mesmo, um grande milagre divino que dava a Israel um bom começo: boa saúde e muito dinheiro para ser desfrutado, uma situação invejável em qualquer idade e para qualquer povo ou indivíduo. Notemos, porém, que tudo isso foi dado aos filhos de Israel para preencher os propósitos do Êxodo. Eles não estavam saindo em alguma viagem de lazer. Estava envolvida uma atividade séria, e houve provisões para tanto. Escritores pagãos riram-se diante da multidão mista que saiu do Egito, inventando a história de que os egípcios os expulsaram, por estarem carregados de doenças como a lepra, as coceiras e problemas físicos múltiplos (Justin. e Trogo. 1.36. c. 2; Tácito 1.5.3; Lisímaco *apud* Joseph. contra Apion 1.1 s. 34). Mas o texto bíblico contradiz tudo isso, e assim também acontece com a lógica.

> *Sede fortes! Não estamos aqui para brincar,*
> *para sonhar e para nos desviarmos.*
> *Temos trabalho duro para fazer,*
> *cargas para carregar,*
> *Sede fortes, sede fortes!*
>
> (Maltble D. Babcock)

> *Como esperaremos ganhar uma grande recompensa*
> *Se agora desistirmos da luta?*
>
> (Eliza Snow)

105.38

Alegrou-se o Egito quando eles saíram. As Dez Pragas tinham feito bem o seu trabalho e, além disso, houve a compreensão geral de que o poder divino estava por trás da questão inteira, pelo que as coisas poderiam repetir-se. Portanto, estabeleceu-se o temor, e os egípcios apressaram-se a fazer Israel deixar o país. Cf. Êxo. 11.1; 12.33. Quanto às palavras "lhes tinham infundido terror", ver Deu. 11.25 e Êxo. 15.16. O temor algumas vezes inspira a generosidade, sendo essa *uma das razões pelas quais os egípcios se mostraram tão generosos* (vs. 37).

105.39

Ele estendeu uma nuvem que lhes servisse de toldo. O assunto, neste versículo, é a nuvem liderante durante o dia, bem como a coluna de fogo descrita

no artigo do *Dicionário* chamado *Colunas de Fogo e de Nuvem*. Ver Êxo. 13.18,21,22; Núm. 14.14. As nuvens serviriam para orientar os filhos de Israel, nos livros históricos, mas aqui a nuvem diurna serviria para cobri-los ou protegê-los dos raios do quente sol do deserto, e o fogo serviria para iluminar e, presumivelmente, ser uma fonte de calor, pois o deserto pode ficar muito frio durante a noite. Alguns escritores rabínicos imaginam várias nuvens, mas isso, apesar de razoável, não é bíblico. Existem explicações naturais e sobrenaturais para os fenômenos então ocorridos, e sobre esses fenômenos discuto no *Dicionário*. Seja como for, acreditou-se que Yahweh fosse a Causa desses fenômenos, ou seja, era mais uma coisa pela qual agradecer ao Senhor. Israel era acompanhado pelo Ser divino, e nunca permaneceu desolado. As duas nuvens — a que aparecia de dia e a que aparecia de noite — são tipos de Cristo para expressar Sua orientação, liderança e consolação. Ademais, a nuvem que aparecia durante o dia pode falar de suprimento, visto que a água veio das nuvens diurnas.

105.40

Pediram, e ele fez vir codornizes. O povo de Israel sentiu fome; não havia colheita no deserto, e havia poucos animais para comer. Assim Yahweh deu-lhes muita carne, sob a forma de codornizes, as quais foram desviadas de sua rota de migração e adentraram o deserto a fim de serem consumidas. Ver Êxo. 16.4,12,13, e, no *Dicionário*, ver *Codornizes*. Ademais, havia o *maná*, sobre o qual também dou um artigo. Ver sobre isso em Êxo. 16.4 e notas adicionais em Sal. 78.24. O maná foi chamado de "pão dos céus" na história original e, novamente, neste versículo. O povo estava satisfeito, ou, literalmente, no hebraico, "cheios e repletos". Cf. Êxo. 16.3,8,12. Estamos aprendendo que as provisões eram tanto grandes quanto divinamente concedidas. Alguns anos mais tarde, houve uma segunda provisão de codornizes, com péssimos resultados para a comunidade (ver Núm. 11.31,33). O maná era um tipo de Cristo, como o pão do céu (ver João 6). Ver Sal. 47.24,25. Em Sal. 78.24, o maná é chamado de "cereal do céu", como se tivesse havido uma colheita no céu, e não na terra, uma declaração estranha, para dizer o mínimo.

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33)

105.41

Fendeu a rocha. O suprimento de água saída da rocha foi tão abundante que fluiu pelo deserto como se fosse um rio. Ver Êxo. 17.1-7. Cf. Sal. 78.15,16, e ver *Rocha*, em Sal. 42.9. O trecho de I Cor. 10.4 faz a Rocha ser Cristo, a água da vida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, que inclui usos metafóricos. Ver sobre *Rocha* quanto a informações gerais sobre as três ocasiões em que ocorreu o milagre da água que saiu da rocha. Ver Êxo. 17.6; Núm. 20.11 e 21.16. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Rocha Espiritual*.

As histórias das codornizes, do maná e da rocha ilustram o variegado e abundante suprimento que Yahweh deu a Israel quando este vagueava pelo deserto. Também demonstram que intervenções miraculosas foram necessárias e foram providas.

> *Pão do céu, alimenta-me até que eu não queira mais.*
> *Abre agora a fonte de cristal de onde fluem*
> *as águas curadoras.*
> *Deixa que a coluna de nuvem e de fogo*
> *me guie por toda a jornada.*
> *Forte Redentor, sê ainda minha força*
> *e meu escudo.*
>
> (William Williams)

105.42

Porque estava lembrado da sua santa palavra. O Pacto Abraâmico era a força ativa que levou Yahweh a fazer tudo quanto fez em favor de Israel, no deserto. Ver Gên. 15.18, quanto ao *Pacto Abraâmico* e ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos*. Israel era o povo em aliança com Deus, e isso fazia da nação de Israel um povo distinto dos demais. Grandes propósitos, em favor de toda a humanidade, estavam sendo operados através de Israel e, então, depois de Israel, através de Cristo, quando o plano divino fosse universalizado. Assim sendo, todos os homens espirituais tornam-se filhos de Abraão, sem importar a sua raça (ver Gál. 3.7,26).

Abraão, seu servo. O amigo de Deus (II Crô. 20.7) também era servo de Deus e, nessa capacidade, agiu corretamente. Houve lapsos, é verdade, mas, neste salmo, o salmista deixou de lado, propositadamente, qualquer menção a coisas negativas. Isso posto, apresentou uma história ideal. Abraão agiu corretamente, mas o povo de Israel não agiu tão corretamente como o seu grande progenitor. Por amor a Abraão, entretanto, as bênçãos do Senhor jamais cessaram de fluir.

Uma Omissão Conspícua. O poeta deixou de lado a história da doação da lei, mas no vs. 45 mostrou (no nome *Yahweh*) que a obediência à lei foi requerida da parte de Israel. Ele não confirmou essa demanda com uma história, mas a sua audiência lembraria essa narrativa acima de qualquer outra.

Conclusão (105.43-45)

105.43

E conduziu com alegria o seu povo. O poeta voltou agora ao seu tema, depois que, conforme todas as aparências, terminara a sua história, com a menção do pacto abraâmico. A declaração é geral, pelo que provavelmente inclui estes lances:

1. O livramento da servidão no Egito, um tema muito comum no Antigo Testamento, mencionado por mais de vinte vezes, somente no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20.
2. A travessia do mar Vermelho.
3. A experiência geral no deserto. A alegria foi uma nota-chave, porquanto tudo tinha sido feito em triunfo. Seus escolhidos seguiram o caminho com cânticos (Revised Standard Version e nossa versão portuguesa).
   Nenhuma falha é mencionada (embora tenha havido muitas), porquanto o salmista está mantendo elevadas as suas descrições.

Com jubiloso canto. Literalmente, no hebraico temos "com um grito de ovação". Provavelmente está em foco o ato de cantar, e pode haver uma alusão ao cântico de Miriã, às margens do mar Vermelho. Ver Êxo. 15, especialmente o vs. 20 até o fim.

105.44

Deu-lhes as terras das nações. Com uma declaração abrangente, o poeta revisou toda a questão da possessão da terra, tão elaboradamente narrada no livro de Josué. Cf. Sal. 78.55. Eles se apossaram de todo o território e também de todas as cidades com todo o seu equipamento, casas, terras etc. intactos, com exceção daquilo (uma pequena porcentagem) que eles destruíram na invasão. Eles não entraram na Terra Prometida como pioneiros que edificassem a partir do marco zero. Simplesmente se apossaram de todas as instalações e, naturalmente, houve grande matança de gente, incluindo mulheres e crianças, o que o autor sagrado preferiu deixar de fora, a fim de não azedar a sua narrativa. Cf. Deu. 6.10,11. A possessão da terra foi o cumprimento de um importante aspecto do Pacto Abraâmico (comentado em Gên. 15.18).

Para conquistar a Terra Prometida, foi mister expelir sete nações distintas. Ver sobre isso em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Foi necessário declarar *guerra santa*, comentada em Deu. 7.1-5; 20.10-18.

Tudo isso serve de tipo de como os homens obtêm uma rica herança em Cristo e, finalmente, como chegam a possuir a Terra Prometida celeste (Rom. 8.15 até o fim).

> *Salve o resplendor da alegre manhã de Sião!*
> *Desde há muito predita pelos profetas de Israel!*
> *Salve os milhões que voltam da servidão,*
> *Gentios e judeus contemplam a bendita visão.*
>
> (Thomas Hastings)

105.45

E lhes observassem as leis. *Obedecendo à Lei.* Embora o poeta não tenha relatado a outorga da lei em sua narrativa da história sagrada, ele agora nos mostrava que todas as coisas levavam à obediência de Israel à lei, algo que tornava Israel uma nação distintiva (ver Deu. 4.4-8). A lei era o manual de instruções de Israel (Deu. 6.4 ss.) e o que lhes conferia vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Ver sua tríplice designação em Deu. 6.1. Ver, em seguida, o sumário do que a lei significava para Israel, em Sal. 1.2. Sem a observância da lei, toda a história de Israel, com seus muitos milagres e intervenções divinas, ficaria sem significação. Mas, em vista dessa obediência, Israel vivia e continuaria vivendo, recebendo os benefícios das alianças com Deus (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*). Cf. Deu. 4.1,10 e Sal. 78.7. A fidelidade era uma palavra-chave para Israel, tal como se dava com o total compromisso para com a obediência à lei. A desobediência, porém, causava tragédias nacionais como os cativeiros assírio e babilônico, ou como a tragédia maior de todas, a dispersão romana, que se ampliou até os nossos próprios dias (o Estado de Israel só ocorreu em 1948), mas

que, em outro sentido continua, pois a maioria dos judeus permanece "fora de Israel", dispersos entre países gentílicos.

"Israel deveria ser fiel quanto à sua parte no pacto, obedecendo às leis de Deus (Sal. 95.7-11)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 45). "Aquele que não se conforma à Palavra de Deus, não entrará no reino de Cristo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Aleluia! Este salmo começa e termina com uma palavra: "Aleluia!". Assim sendo, a história sagrada provoca esse tipo de reação no coração dos que a conhecem. Grandes são os benefícios divinos que têm sido conferidos aos homens.

Louvado seja o Senhor!
Todas as nações batam palmas!
Clamai a Deus em voz alta, espalhai ao redor
a Sua fama.
Louvai-O em voz alta e longamente,
Com cânticos de triunfo.
Prostrai-vos conforme vos aproximais,
pois o Senhor Altíssimo
É o Deus terrível, terrível
em Sua dignidade.
Seu reino circunda toda a vasta terra.

(Dewey Westra)

Salmo Cento e Seis

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma espécie de gêmeo negativo do Salmo 105. A atitude do Salmo 105 é triunfante do começo ao fim. Nenhuma falha de Israel é mencionada, quando o salmista relata a história sagrada. Mas a atitude do autor sacro, neste Salmo 106, é sombria, salientando a perversidade e a obtusidade do povo, ao longo de toda a mesma história sagrada. Em outras palavras, temos aqui o reverso da moeda. Ambos os salmos começam e terminam com a palavra "Aleluia!" (Louvado seja o Senhor!). Ambos são salmos históricos, que abordam a questão da história de Israel, mas tratam o tema por lados opostos. Entretanto, ambos enfatizam a necessidade de guardar a lei mosaica e destacam a responsabilidade diante do pacto (o de Abraão e todos os demais, compreendidos como extensões do pacto abraâmico).

Aparentemente, temos dois salmos separados entretecidos em um no Salmo 106: os vss. 1-5 e os vss. 6-47. O primeiro deles serviria como introdução ao segundo. A triste narrativa aqui encontrada pode ser comparada ao Salmo 78 e a Nee. 9.5-37. Temos aqui aquele antigo e triste ciclo de pecado-julgamento-restauração, um padrão que aparece com tanta freqüência no livro de Juízes. Os vss. 1,6,47 podem indicar que este salmo era usado com propósitos litúrgicos, tornando-se uma espécie de cântico fúnebre de fracasso. Por outro lado, ele termina com uma nota elevada de esperança e louvor.

Subtítulo. Este é um dos trinta e quatro chamados "salmos órfãos", que não contam com subtítulos. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

Introdução na Forma de Hino (106.1-5)

106.1

Rendei graças ao Senhor. A sombria história sagrada, repleta com as falhas de Israel, é introduzida por um hino de louvor que, originalmente, era um salmo distinto. O hino começa com a palavra hebraica para aleluia!, e o salmo composto terminará com a mesma palavra (vs. 48). Isso duplica o que acontece no Salmo 105 (vss. 1 e 45). Louvor e agradecimento são prestados a Yahweh por causa de todas as coisas boas que Ele tinha feito por Israel, inspirado por Seu amor constante. O povo em aliança com Yahweh era objeto do amor especial de Deus. Ver o vs. 45. Ao relembrar o pacto, Yahweh tinha misericórdia de Seu povo, via suas aflições e se continha quando devia puni-los, por causa de Seu amor constante. Se isso não tivesse acontecido, então Israel, como nação, certamente teria perecido. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Aleluia*. E ver também os artigos chamados *Ações de Graças* e *Louvor*. Ver especificamente sobre *Amor*, a causa de todas as coisas pelas quais devemos agradecer ao Senhor. Cf. a convocação ao louvor em Sal. 105.1,2,5 com base nas obras beneficentes de Yahweh em favor de Seu povo. O amor constante de Deus perdura para sempre, a despeito de todos os fracassos registrados neste salmo.

106.2

Os poderosos feitos do Senhor. Israel tinha fracassado, mas o amor constante de Deus continuava (vs. 45). Louvores e agradecimentos são prestados a Yahweh por Suas obras poderosas e benéficas, conforme lemos em Sal. 105.1,2,5, gêmeo deste salmo. O Salmo 105 é a apresentação positiva da história sagrada, ao passo que o Salmo 106 é a apresentação negativa da mesma história. "Quanto mais alto Yahweh é elevado acima de nossos poderes de louvá-Lo adequadamente, com maior intensidade ainda devemos prestar-Lhe nossos melhores louvores (Sal. 90.5; 71.15)" (Fausset, *in loc.*). A lealdade ao pacto requer louvor e agradecimento, por ser óbvio que Yahweh tem feito a Sua parte. Suas obras maravilhosas foram demonstrações supremas de Sua fidelidade.

Todos os povos que habitam na terra,
Cantam ao Senhor com vozes jubilosas.
Servi-O com temor!
Narrai os Seus louvores.
Vinde à presença Dele e regozijai-vos.

(William Kethe)

106.3

Bem-aventurados os que guardam a retidão. Os que observam a justiça (Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa) sentem-se felizes porque são receptores dos benefícios divinos. O homem que observa a justiça, pratica a retidão o tempo todo. Ele obedece à lei, o padrão da retidão no caso de Israel. Ver sobre Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para Israel. O Senhor ama a justiça e está pronto a abençoar aqueles que a praticam. Cf. Sal. 15.1-5; 24.3-5; 72.2; 105.45 e 119.121. Na penúltima dessas referências, temos a condição vinculada às bênçãos de Yahweh. Ver também Dan. 9.4, nessa conexão. Deus observa a Sua aliança, e o povo faz o mesmo guardando os Seus mandamentos. "Aqueles cujo teor geral da vida não se conforma com a vontade de Deus não têm verdadeira felicidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para significar a retidão realizada pelo poder do Espírito em um homem, que vive a vida cristã e por isso é abençoado.

106.4

Lembra-te de mim, Senhor. O salmista fez aqui um apelo pessoal: ele queria ser relembrado e abençoado quando Israel o fosse. Ele não queria ser ignorado.

Não me deixes de lado, ó gentil Salvador,
Ouve meu choro humilde; enquanto a outros
Estás chamando, não me deixes de lado.

(Fanny J. Crosby)

Alguns manuscritos hebraicos e a Septuaginta mudam o "mim" para "nós", com o propósito de tornar mais óbvio que o salmo presente se aplica a Israel como um todo. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, que inclui princípios sobre como os textos são escolhidos quando existem variantes.

Yahweh pode e deve relembrar o povo a fazer o bem, por causa do pacto; e essa memória é encorajada pela obediência à lei (vs. 3).

Salvação. Quanto a Deus como o Salvador, ver as notas em Sal. 62.2, onde também dou uma lista de referências onde esses temas são ensinados. O versículo é cristianizado para referir-se à salvação evangélica em Cristo (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação*). Nos salmos, porém, a "salvação" usualmente refere-se ao livramento do povo de Israel de alguma tribulação, acompanhado por bênçãos positivas ao povo em aliança com Deus, com base na espiritualidade deles, manifestada na observância da lei, quando eles praticavam o culto do templo. Em alguns poucos lugares, os salmos olham para uma esperança além da vida física; mas usualmente está em foco a boa vida presente, vivida na terra que fora provida em cumprimento do pacto abraâmico (com notas em Gên. 15.18).

106.5

Para que eu veja a prosperidade dos teus escolhidos. O salmista não era egoísta. Ele queria ser relembrado por Yahweh, a fim de receber Dele o bem não

somente como indivíduo, mas como membro da nação em pacto com Deus, escolhida por Deus e abençoada acima de todos os demais povos do mundo. O homem regozijava-se na alegria da nação de Israel, e não somente como indivíduo. A relação de comunidade sempre foi forte na mente dos hebreus. O homem bom queria a glória de sua herança, porque, afinal de contas, era ali que as bênçãos individuais deveriam ser encontradas. Ele não se sentia como uma ilha separada das terras continentais. O poeta estava prestes a introduzir a história dos fracassos de Israel e da infidelidade dessa nação ao pacto, mas, de alguma maneira, mediante a graça de Deus, as bênçãos continuariam a fluir para a herança de Deus (Sal. 28.9; 33.12; 78.55). Deus aborrecera a Sua herança (vs. 40), mas o Seu amor constante era profundo o bastante para reverter até mesmo isso (vs. 45). Cf. Isa. 43.20 e 45.4. Ver o apelo de Moisés em favor do povo desviado, em Deu. 9.29.

Guia-nos, Pai Celeste,
Pelo mar tempestuoso deste mundo;
Guarda-nos, guia-nos, mantém-nos, alimenta-nos,
Pois não temos ajuda senão de Ti.

(James Edmeston)

Israel no Mar Vermelho (106.6-12)

106.6

Pecamos, como nossos pais. Tendo terminado a introdução positiva, o poeta não se demorou a chegar ao seu tema: por quantas vezes Israel fracassou, a despeito das miraculosas provisões de Yahweh. Antes mesmo de chegar ao incidente do mar de Juncos, que dá início à narrativa da história sagrada de Israel, ele já se queixava dos pecados de Israel, especificamente dos pecados de seus antepassados, que a geração presente estava imitando. Note o leitor três palavras enfáticas, todas elas negativas: *pecamos, iniqüidade, mal.* Esses foram pecados de comissão, omissão e franca perversidade, manifestados por meio de inúmeras rebeliões. Ver sobre as muitas murmurações de Israel, anotadas na introdução a Núm. 11, além de outras menções em Núm. 14.32. Os rabinos listaram dez de tais quedas na ingratidão. É possível que este salmo tenha sido escrito durante o tempo do cativeiro babilônico, quando a consciência de pecado de Israel estava em seu ponto culminante. Os homens tiveram tempo ali, naquela terra estrangeira, para passar em revisão a história inteira. Por outro lado, temos a positiva apresentação do Salmo 105, que nos mostra o outro lado da moeda. A história era má e boa, mas as profecias de reversão são todas boas. "As palavras 'como nossos pais', mostram que os judeus, na época do salmista, formavam com seus progenitores uma só massa corrompida. Eles seguiram seus pais e, assim sendo, participaram da culpa deles" (Fausset, *in loc.*). "... pecados presunçosos, pecados contra a luz recebida e o conhecimento, pecados contra a graça e a misericórdia; pecados contra ambas as tábuas da lei; pecados contra Deus e contra o próximo. E todos esses pecados acompanhados por muitos agravantes... Cf. I Reis 8.47 e Dan. 9.5" (John Gill, *in loc.*).

106.7

Nossos pais, no Egito. A palavra de Yahweh foi dada, incluindo Suas leis e muitos mandamentos e orientações, mas os antepassados preferiram não entender essa palavra. Eles também viram as obras poderosas de Yahweh, mas desviaram delas sem se deixar impressionar. A ignorância e a rebelião começaram no Egito, e essa foi uma das razões pelas quais Moisés teve tanta dificuldade em congregar o povo de Israel para sair do Egito. E então, quando eles finalmente saíram, tiveram memória curta e esqueceram os milagres das *Pragas do Egito* (ver a respeito no *Dicionário*). E mesmo à beira do mar Vermelho, antes e depois que se rebelaram, quase se rebelaram fatalmente (ver Êxo. 14.15). Mas as palavras de Moisés fizeram-nos continuar avançando. A graça foi suficiente na hora mais negra. "No mar", segundo o original hebraico, que nas versões recebe a emenda "Vermelho", refere-se ao incidente no mar Vermelho. Traduções modernas seguem essa emenda com vistas a maior clareza. Mar Vermelho, em vez de mar de Juncos, acompanha a Septuaginta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Vermelho*, que inclui comentários sobre o *Mar de Juncos*. Ver também o texto do Antigo Testamento, onde ofereço detalhes: Êxo. 14.15-21.

106.8

Mas ele os salvou por amor do seu nome. Yahweh continuava presente e não permitiu que os temores e a relutância de Israel O detivessem. Por conseguinte, operou através de Moisés e empilhou as águas, abrindo um caminho que atravessou o mar.

Quando Israel saiu da servidão,
Havia diante deles um mar.
O Senhor estendeu Sua mão poderosa,
E fez o mar rolar dali.

Yahweh repreendeu o mar (vs. 9). Ver a história em Êxo. 14.15-31. O poeta enfatizou o elemento miraculoso. Não há nessa passagem nenhuma informação que nos faça pensar em algum acontecimento natural. Apresento todas as interpretações desse evento, naturais e sobrenaturais, *in loc.*, em Êxo. 14.

Por amor do seu nome. Isso por causa de Suas promessas a Abraão e a Moisés, e por causa do plano que Ele estava desdobrando, e que teria aplicação universal. (Quanto a esse tema, ver Sal. 93 e 95 a 99, sobre como todas as nações serão finalmente trazidas ao aprisco, em cuja direção o evangelho cristão labora). Quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3, e quanto ao *nome santo*, ver Sal. 30.4 e 33.21. O nome era poderoso e representava tudo quanto Yahweh era (é) e fazia (faz). O mero pronunciar desse nome, segundo se pensava, possuía poderes miraculosos. O *Pacto Abraâmico* tornou-se o Novo Testamento (Pacto); ver a respeito no *Dicionário*. Cf. Eze. 20.14.

O poder de Deus tornou-se conhecido no incidente no mar Vermelho, e esse foi o começo do Seu reconhecimento, por parte da nação de Israel, como Senhor e Salvador universal. Cf. Deu. 9.28. Ademais, esse poder vindicava tudo o que tinha sido feito no Egito. A justiça de Deus tornou-se evidente.

106.9

Repreendeu o Mar Vermelho e ele secou. Um Poder superior fez retroceder as águas, que, do contrário, teriam avassalado o povo de Israel. Quando era necessário, esse Poder se fazia presente. Os hebreus temiam o mar e ficavam perturbados diante de seus mistérios. Assim sendo, o milagre do mar Vermelho foi especial, e sua história, pois, fez passar temores especiais. A repreensão divina, já que fora eficaz ao menos por uma vez, poderia continuar a ser eficaz, mas um povo desobediente veria o fim das maravilhas.

Fê-los passar pelos abismos. Os mares encobrem abismos misteriosos. Cadeias montanhosas inteiras, mais elevadas do que as que conhecemos à superfície dos continentes, jazem sepultas sob as águas e, algum dia distante no passado, estiveram à superfície, pois os leitos dos oceanos já mudaram por muitas vezes, e as massas de terras também. O deserto, neste caso, é meramente a profundeza da água desde o topo da pilha que se elevou até o fundo do mar aberto, que o povo seguiu. Mas essa profundeza falou sobre outros mistérios e sobre o poder de Deus em sondar as profundezas. O que fora certa profundeza de águas era agora um deserto fácil de ser atravessado a pé. Cf. Isa. 63.13. Ver Êxo. 14.21, quanto ao *modus operandi* da acumulação das águas e do ressecamento, por meio de um forte vento. Ver uma aplicação cristã sobre a questão em I Cor. 10.1,2. Ver também Sal. 78.13.

106.10

Salvou-os das mãos de quem os odiava. O resultado da intervenção divina no mar Vermelho foi a salvação de Israel, que tão recentemente tinha saído do Egito; e agora eles escapavam de outro perigo. Assim sendo, foi o ódio que os ameaçou, o que é o abc do Poder do alto. Havia o amor divino para livrá-los, que é o abc do Poder lá do alto. Quanto à aplicação cristã do princípio, ver Luc. 1.71,74. O ódio é para o diabo o que o amor é para Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ódio*, quanto a informações completas. Os que trabalham com o *exorcismo* (ver a respeito no *Dicionário*) dizem-nos que, sem o ódio em algum lugar, a possessão demoníaca é quase impossível. Ilusões utópicas românticas estão em maré vazante em nosso mundo, onde se torna cada vez mais claro que há algo diabólico no ódio, na destruição e nas múltiplas formas de males que podem ser observadas neste nosso mundo, onde as coisas estão fugindo ao controle. Até as pessoas que desconhecem a teologia ou a filosofia sabem que algo muito sombrio está acontecendo. Existe "algo de radical e desastrosamente errado na natureza humana" (D. R. Davies), e algumas das histórias do Antigo Testamento ilustram isso. Todos os dias recebemos uma nova demonstração dessa tese negativa.

106.11

As águas cobriram os seus opressores. Os odiadores foram cobertos pelas águas da ira de Deus. Eles morreram exatamente quando procuravam matar, sendo essa uma excelente demonstração da *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, eles receberam o devido e exato castigo por sua maldade. Ver também sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Não houve sobreviventes, e isso demonstrou o terror que ocorreu naquele dia, um julgamento completo, uma "limpeza da mesa", conforme se diz em certa expressão idiomática moderna. Ver Êxo. 14.28 e 15.4,5,10. Assim também Cristo porá fim ao pecado e às forças satânicas (ver Col. 2.15). As Escrituras ensinam, profeticamente, que a limpeza da mesa será necessária para corrigir este nosso mundo corrupto. Algum dia, a violência será tratada de modo violento.

Já estive perdido nas planícies do pecado;
Já fui escravo de paixões ferozes internas:
Já estive prisioneiro, mas agora sou livre.
Já estive cego, mas agora vejo.
Já fui morto, mas agora estou vivo.

(Extraído do Hinário de Londres, anônimo)

106.12

Então creram nas suas palavras. As palavras pareciam boas demais para acreditar nelas, fantásticas demais para serem verazes, mas contemplar o que aconteceu às margens do mar Vermelho convenceu Israel, e todos os israelitas começaram a cantar. Ver Êxo. 15, quanto aos cânticos de Moisés e Miriã, aos quais o poeta sacro provavelmente faz alusão aqui. Todo homem espiritual já viu uma ou outra grande vitória em sua vida, e tem conhecimento sobre esse cântico de louvor. Oh, Senhor, concede-nos a graça de muitas outras vitórias inspiradoras!

As palavras "creram nas suas palavras" referem-se à declaração de Yahweh de que ele satisfaria todas as necessidades deles, e a palavra específica de que Ele os faria passar pelo mar Vermelho sem nada sofrer. Contudo, "bem-aventurados os que não viram, e creram" (João 20.29). A esses pertence a fé maior; todavia, temos de ver agora algo que nos mostre que o Poder divino continua presente, que estamos sendo cuidados por aquele Poder, e que Ele pode intervir a qualquer momento em nossa vida.

Pegadas na Areia. Nos olhos de nossa mente, podemos ver pegadas na areia. Existem duas trilhas dessas pegadas. Amigos estão caminhando juntos. Chegamos assim a compreender que uma das trilhas é do homem, e a outra é do Senhor. Então, quando olhamos de novo, vemos apenas uma trilha. O amigo desapareceu? Ou o Senhor abandonou o homem? E então ouvimos a voz do Senhor, o qual está dizendo: "Quando você vir apenas uma trilha de pegadas, isso foi quando comecei a carregar o homem, pois ele estava fraco demais para fazê-lo". E é então que compreendemos o quadro. Em tempos de provações severas, somos transportados pelo Ser divino, e não abandonados.

A Vagueação pelo Deserto (106.13-18; Êxo. 15.1 – 17.16; Núm. 11.1-35)

106.13

Cedo, porém, se esqueceram das suas obras. Neste ponto, em suas descrições, o autor sagrado sai da região do Mar Vermelho. Aquele foi o lugar de um notável milagre que levou toda a nação a crer. Agora, porém, os dias se tinham tornado uma canseira e novos problemas haviam surgido. As pessoas estavam cansadas, tendo voltado a seus dias "normalmente maus". A mente delas estava repleta de aflições e dúvidas. O que acontecera ao Poder que os acompanhara no mar Vermelho? Muitos continuavam vivos, dentre os que viram as obras poderosas de Yahweh no Egito. Muitos tinham visto as águas se empilhar, mas esqueceram tudo e começaram a pôr em dúvida que algo tão estupendo tivesse acontecido algum dia. E começaram a negligenciar a lei de Deus, que os aconselhava em todas as situações. Eles não tinham nenhum novo milagre que lhes pudesse dissolver o coração endurecido. Não dispunham de milagres recentes que lhes refrescassem a mente ressecada. Para aquele povo rebelde, uma calamidade se formava logo ao dobrar da esquina. "Eles se mostravam impacientes e não conseguiam esperar até que Deus, à Sua maneira, cumprisse Seus desígnios" (Adam Clarke, *in loc.*).

Eles não pediram o conselho de Deus, embora a Deus caiba orientar e Ele se mostre maravilhoso em Seus conselhos. Antes, eles consultaram sua própria mente obscurecida. Eles estavam comendo o maná a cada dia, mas o maná não era bom o bastante para eles. Preferiram submeter Deus a teste, pedindo por aquilo que Ele não tinha planejado para eles. Queriam obter o que desejavam, mas a morte se interpôs no caso deles.

106.14

Entregaram-se à cobiça, no deserto. A cobiça aqui mencionada refere-se a Núm. 11.4 ss., quando os israelitas, lembrando os bons alimentos do Egito, ficaram desgostosos com aquele pão leve chamado maná. O povo continuou a cobiçar e a desejar comer carne; e foram-lhe dadas codornizes. E então uma grande praga sobreveio à multidão queixosa (ver Núm. 11.33). Não nos é dito no que consistia essa praga, mas foi uma praga mortífera que atingiu muita gente.

O incidente inteiro foi chamado de tentação a Elohim, ou seja, submetê-Lo a teste no tocante a provisões, misturado com o problema de uma má atitude. O lugar onde os mortos foram sepultados chamava-se *Quibrote-Hataavá* (ver a respeito no *Dicionário*), que significa "sepulcros de concupiscência". A história foi empregada no capítulo 10 de I Coríntios, onde Paulo faz o incidente significar cobiçar coisas proibidas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cobiça*.

Quanto ao problema das provisões, por meio das quais Yahweh foi submetido a teste, cf. Êxo. 17.7 e Sal. 78.18-20.

106.15

Concedeu-lhes o que pediram. Este versículo é um dos mais conhecidos do saltério. Israel obteve o que desejava, mas foi julgado pela pobreza de espírito. Isso significa que eles ganharam materialmente falando, mas retrocederam espiritualmente, visto que a rebeldia tinha reduzido seu teor espiritual. Mas a Revised Standard Version diz aqui "enviou uma enfermidade debilitante" (aparentemente referindo-se à praga mencionada em Núm. 11.33). A tradução da Imprensa Bíblica Brasileira concorda com a Revised Standard Version e faz a questão ser física, e não um debilitamento espiritual. Adam Clarke faz o povo de Israel emagrecer com a dieta de maná e codornizes, inadequada do ponto de vista nutritivo. Ellicott refere-se à questão da mera satisfação da fome: eles se saciaram em face de todos os seus esforços de cobiça, o que não seria uma recompensa boa para tanta queixa. Além do pão, os filhos de Israel obtiveram codornizes, ou seja, carne em abundância. Mas isso serviu somente para lhes satisfazer a fome; contudo, sofreram uma surpresa. Veio uma praga e destruiu a todos, enquanto seu estômago ainda estava cheio. Cf. Sal. 78.27-29.

A palavra hebraica aqui usada é *nephesh*, a "alma animal" (não a alma espiritual, conforme essa palavra, posteriormente, passou a significar). "O castigo foi infligido ao mesmo tempo que o pedido deles foi concedido (Sal. 78.29,30). A alma deles, ou seja, a alma animal, foi o que tanto clamou por alimento (Núm. 11.6; Sal. 17.18). Essa alma animal obteve o que tanto desejava e, com isso, o próprio castigo, uma enfermidade debilitante que terminou em morte" (Fausset, *in loc.*). Tudo soa como se as codornizes estivessem infeccionadas por alguma bactéria ou vírus mortífero. Quando os israelitas comeram das codornizes, o agente infeccionante fê-los morrer quase imediatamente, depois de debilitados fisicamente devido à infecção. Houve algo de patético em Yahweh ter enviado codornizes infectadas para matar o povo de Israel, por causa de seus pecados!

106.16

Tiveram inveja de Moisés no acampamento. Os vss. 16-18 são reflexo de Núm. 16 e 17. Moisés foi chamado de santo, um adjetivo que seus oponentes afirmavam caber à congregação inteira de Israel, e não somente a ele. Ver Núm. 16.3-5. Ver sobre *Santos*, no *Dicionário*, quanto a detalhes. Arão também assumiu o título, e ambos eram tidos em alta conta em relação a outros líderes. Portanto, foi um caso de inveja profissional aguda. Este salmo refere-se especificamente à rebelião liderada por Datã e Abirão, e não a rebeldia de Coré, mas isso não quer dizer que ele fosse melhor do que os outros. "O caso de inveja foi atribuído a todo o povo, embora tenha sido desmascarado somente no caso de certos elementos, porquanto não foi repreendido por eles. Ver Núm. 16.1-3" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* sobre *Inveja* e *Rebelião*, artigos que ilustram amplamente o texto presente.

106.17,18

Abriu-se a terra e tragou a Datã. "A omissão de Coré está em harmonia com as narrativas históricas que indicam uma diferença tanto na atitude de Coré e seus familiares quanto na atitude de Datã e Abirão, e também uma diferença de sorte. Cf. Núm. 16.23 ss.; 26.10 e Deu. 11.6" (Ellicott, *in loc.*). Essa gente foi engolida pela terra, como todos os homens que se bandearam para o lado de Coré. O vs. 18 dá a punição dos 250 rebeldes dentre os levitas, cujo cabeça era Coré. Eles foram punidos pelo fogo, da mesma maneira que pecaram com o fogo, ao oferecer incenso. Ver Núm. 16.17-19. Os filhos de Arão pecaram oferecendo fogo estranho e foram consumidos pelo fogo, em ocasião anterior (Lev. 10.1,2). Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* os artigos chamados *Datã*, *Abirão* e *Coré* (quinto ponto).

O Bezerro de Ouro (106.19-23; Êxo. 32.1-35; Deu. 9.8-21)

106.19

Em Horebe fizeram um bezerro. O poeta sacro dedicou cinco versículos a esse incidente, um dos mais "brilhantes" atos estúpidos. Bem na época da doação da lei, que estava baseada sobre rígido monoteísmo, Israel caiu em crassa idolatria, e o próprio Arão ajudou no ato, dando ordens para o fabrico do bezerro de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Bezerro de Ouro*, quanto a detalhes que não são repetidos aqui. No livro de Salmos, o nome do lugar onde isso ocorreu aparece como Horebe, embora, na história original, seja coerentemente o Sinai. Ver no *Dicionário* sobre ambos os termos. "Horebe" é o nome com que o mesmo lugar aparece no Deuteronômio (4.15 e 5.2). Horebe é um antigo nome para o Sinai (Deu. 5.2 e Mal. 4.4).

"O pecado deles foi horrendamente agravado devido ao fato de que essa cena ocorreu em Horebe, onde Deus acabara de revelar maravilhosamente Sua lei, Sua glória e Sua retidão. Depois de terem rejeitado indiretamente a Deus, na pessoa de Seus ministros (vs. 16), eles passaram a rejeitar diretamente ao próprio Deus, repelindo Seus mandamentos diretos. Êxo. 20.4,5 proíbe não somente a

adoração de qualquer outro deus, mas também o fabrico de qualquer imagem, até mesmo do verdadeiro Deus. O ídolo por eles fabricado foi chamado de bezerro por motivo de desprezo. Eles queriam fazer um touro ou boi (ver Êxo. 33.4). Era uma imitação da adoração ao boi Ápis, do Egito, o touro sagrado. Israel, afinal, já tinha sido culpado de idolatria no Egito (Jos. 24.14)" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ápis*. "Esse pecado foi tão hediondo que os judeus dizem que não foi expiado até hoje, e que os judeus não sofrem outra punição (por causa de outros pecados) que não diga respeito a pelo menos uma onça do bezerro de ouro" (John Gill, *in loc.*).

106.20

E assim trocaram a glória de Deus. Foi assim que os israelitas trocaram a glória de Deus pela imagem de um novilho, que come relva; e isso, verdadeiramente, foi algo estúpido. Alguns estudiosos supõem que Yahweh estivesse sendo adorado por eles por meio daquela imagem. Nesse caso, temos um crasso sincretismo, e não uma simples cópia da adoração ao touro egípcio. Josefo diz que a imagem foi uma espécie de novilho do tipo querubim, uma monstruosidade difícil de imaginar. Se isso for verdade, então o querubim assumiu a forma de uma imagem misturada com um touro, o que não corresponde à realidade dos fatos. O tabernáculo e seus objetos ocorreram só mais tarde, pelo que misturar o querubim com um touro certamente é um anacronismo, provavelmente devido à imaginação dos homens, e não a um fato real.

A glória de Deus. Esta tradução, embora forneça resultados melhores que a tradução inglesa e de algumas versões portuguesas, tira alguma liberdade com o original hebraico. Cf. Rom. 1.23, onde encontramos a expressão: "Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis".

106.21,22

Esqueceram-se de Deus. As obras maravilhosas de Deus foram apagadas na mente deles, e outro tanto aconteceu ao próprio Deus. Não obstante, Deus era o Salvador. Quanto ao *Deus da salvação*, ou Deus chamado *Salvação* ou *Salvador*, ver Sal. 62.2, onde ofereço notas expositivas e referências. Não está em pauta a salvação evangélica, da alma, e, sim, o livramento do Egito, além dos privilégios e bênçãos do povo vinculado a Deus por um pacto. Cf. Sal. 105.23,27. Quanto à "terra de Cão" (vs. 22), ver Sal. 105.23, onde se lê sobre as muitas maravilhas realizadas que agora foram esquecidas. As Dez Pragas são as obras maravilhosas referidas aqui.

No Mar Vermelho. A palavra "vermelho" foi uma corrupção do original hebraico que entrou na Septuaginta e, mais tarde, em outros textos. A palavra hebraica correspondente, *soof*, significa "junco", "papiro". Ver as notas no vs. 7 deste capítulo. O poeta, uma vez mais, lembra-nos desse incidente, ao qual ele já tinha dedicado uma passagem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pragas do Egito*.

106.23

Tê-los-ia exterminado. Moisés, o mediador, interpôs-se no caminho entre Yahweh e o povo de Israel, quando o Senhor estava pronto para administrar o golpe de morte contra os israelitas. Moisés se "interpôs" como quem defende uma cidade assediada. Ver Eze. 22.30. Ver também Gên. 41.46; Êxo. 32.10 e Deu. 1.38. O trecho de Isa. 30.13 contém algo similar. Diz o Targum: "Assim sendo, Moisés postou-se na brecha; ele se apresentou a Deus, precipitando-se como um homem de guerra e derramando a sua ira como uma inundação de águas". Isso deve ser entendido como oração fervorosa e importuna a Deus, em defesa de Seu povo, a qual foi bem-sucedida. Moisés "desviou a ira de Deus" (ver Êxo. 32.11-14,30-32). "Moisés, o Seu escolhido, levantou-se e fortaleceu-se, e prevaleceu com a sua oração diante do Senhor, para desviar a ira divina da destruição".

Este versículo tem sido cristianizado para falar da incansável obra medianeira de Cristo, que faz parar a ira de Deus, a qual, de outra sorte, destruiria todos os homens. Moisés protegeu o povo de Israel. Cristo protege o mundo inteiro; devemos relembrar esse fato, e não diminuir o Seu ofício.

Ver sobre *Mediação (Mediador)*, II, *Doutrina Bíblica da Mediação*, segundo ponto, quanto ao ofício medianeiro de Moisés, em contraste com o ofício medianeiro e salvatício de Cristo. Esse é um artigo teológico, ao passo que o texto do Antigo Testamento, sobre a mediação de Moisés, envolveu um livramento da destruição física. Naturalmente, no judaísmo posterior, Moisés e sua lei eram considerados meios da salvação da alma. Ver a seção III do artigo intitulado *Cristo, o Único Mediador*.

Minha esperança está firmada sobre nada menos
Do que o sangue e a retidão de Jesus.
Não ouso confiar no arcabouço mais doce,
Mas tão-somente depender do nome de Jesus.
Seu juramento, Seu pacto, Seu sangue
Sustentam-me no dilúvio mais inundante;
Quando tudo ao redor de minha alma cede caminho,
Então Ele é toda a minha esperança e permanência.

(Edward Mote)

O Relatório dos Espias (106.24-27; Núm. 13.1 - 14.3)

106.24

Também desprezaram a terra aprazível. Dois dos espias apresentaram um relatório favorável à invasão, mas o povo rejeitou o bom relatório e aceitou o mau. O resultado prático foi que eles "desprezaram a terra" que lhes tinha sido dada como parte das provisões do pacto abraâmico. Em outras palavras, a rebelião foi um rompimento com o pacto, uma questão seriíssima. Privilégios desprezados mostram uma forma especial de ingratidão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Gratidão*. Ver Núm. 14.31. A Terra de Beleza era feia para eles. Ver Êxo. 3.8; Deu. 11.11-15; Jer. 3.19; Eze. 20.6; Dan. 8.9. Uma rebeldia generalizada seguiu-se ao relatório negativo de dez dos espias.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar dos pecadores que rejeitam o convite para o céu, porquanto são rebeldes em seu estado pecaminoso. Esses também "não acreditam em Sua Palavra". Ver Heb. 3.18,19. "... um pecado verdadeiramente horrendo, desacreditar em Deus que é veraz e não pode mentir" (John Gill, *in loc.*).

106.25

Antes murmuraram em suas tendas. A enfermidade da incredulidade espalhou-se dos espias incrédulos para as tendas da congregação. E as conversas liberadas ali convenceram o povo de Israel em geral a não tentar a invasão. Eles tinham suas razões e, verdadeiramente, algumas delas eram razoáveis, mas eles deixaram Deus do lado de fora e esqueceram as situações impossíveis que Suas obras admiráveis tinham revertido. Por isso, a voz de Deus, que os convocava a avançar, não foi ouvido, e a Palavra de Deus foi desconsiderada. Cf. Sal. 78.22,32. Eles deram ouvidos à voz que destoava de Deus, mas não à Voz de Deus. Isso é uma característica de todos os pecadores. Assim, eles perderam a Terra Prometida e voltaram a internar-se no deserto. Ver sobre as muitas murmurações de Israel na introdução a Núm. 11 e também Núm. 14.32. Os rabinos numeraram dez rebeliões. Ver Heb. 3.7,8, quanto ao uso do Novo Testamento da história. Eles regressaram ao deserto e ali morreram, com exceção dos dois espias fiéis, Josué e Calebe. Tudo isso fez parte da grande provocação no deserto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Provocação*.

106.26

Então lhes jurou, de mão erguida. Visto que a voz de Deus foi rejeitada, visto que o pacto abraâmico foi violado, Yahweh levantou-se contra aquela geração, e todos eles morreram no deserto. Não houve renovação de oportunidades. A má decisão deles foi fatal.

Mão. Aquele instrumento de poder que fizera tantas maravilhas em favor de Israel levantou-se contra esse povo. Caiu sobre eles um golpe fatal de julgamento. Eles foram derrubados no deserto. Ver sobre a *mão direita* em Sal. 20.6; ver sobre *mão*, em Sal. 81.14; e ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Essas figuras representam o poder de Yahweh. Foi temível que o poder de Deus tivesse sido usado contra Israel, a herança do Senhor (ver o vs. 5, onde outras são dadas outras referências sobre essa figura).

A mão erguida era um gesto que reforçava um juramento (Gên. 14.22,23; Apo. 10.5,6). Também servia de figura de pancada, pois a mão erguida desceria para ferir. Deus tanto jurou quanto feriu. Cf. Isa. 26.11 e 30.30. "... eles foram consumidos, debilitados e morreram (Núm. 14.32,33,35; I Cor. 10.5; Heb. 3.17)" (John Gill, *in loc.*). A substância do juramento contra Israel aparece em Núm. 14.28-35. Ver Êxo. 6.8.

106.27

E também derribaria entre as nações a sua descendência. Primeiramente vieram as perambulações pelo deserto. A geração mais idosa (aqueles com 20 anos de idade ou mais) morreu. A geração mais jovem teve permissão de entrar na terra, em ocasião posterior, porquanto não tinham participado daquela má decisão.

Meu Deus e Pai, enquanto eu me desvio
Para longe de casa, no caminho áspero da vida,
Oh, ensina-me a dizer de todo o coração,
Tua vontade seja feita.

(Charlotte Elliott)

Yahweh foi capaz de ensinar a geração mais jovem a fazer o que a geração mais idosa se recusara a fazer. O erro foi finalmente corrigido, mas não para aqueles que caíram no erro.

Os que poderiam ter sido "recolhidos em casa" foram dispersos e tornaram-se nômades entre outros povos nômades, especialmente os árabes. Cf. Eze. 20.23. Mas alguns estudiosos vêem aqui a dispersão como se incluísse o que aconteceu mais tarde, os cativeiros assírio e babilônico, pois os pecados estavam sendo pagos e sempre havia novos pecados que aumentavam o estoque. Quando as coisas se tornaram insuportáveis, os assírios foram enviados para esmagar Israel; e então, mais tarde, os babilônios foram o instrumento usado por Yahweh para esmagar Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. Quanto a ser castigado ou morrer pelos próprios pecados, ver Deu. 24.16 e Eze. 18.20. Quanto a ser castigado ou morrer pelos pecados dos pais, ver Êxo. 20.5.

Em Baal-Peor (106.28-31; Núm. 15.1-18; Êxo. 34.15)

106.28

Também se juntaram a Baal-Peor. *Baal-Peor* (ver a respeito no *Dicionário*) era o local onde havia práticas estranhas. Núm. 25 revela-nos o caráter licencioso do culto a Baal (ver a respeito no *Dicionário*), mas isso era apenas parte da corrupção que ali ocorria. Havia sacrifícios e ritos efetuados em favor dos mortos. Isso podia ter algo que ver com as atividades espíritas, nas quais se efetuavam sacrifícios para proteger as pessoas de espíritos humanos partidos, descontentes, que continuavam assombrando àqueles a quem conheciam. Ou, então, a tais espíritos eram solicitados todos os tipos de favores em benefício dos vivos. Ou ainda esses espíritos tinham sido deificados, tornando-se divindades secundárias, adoradas juntamente com os deuses tradicionais e mais poderosos. O versículo, como é óbvio, mostra-nos que aqueles que praticavam tais coisas criam na existência da alma e em sua sobrevivência ante a morte biológica (em contraste com os hebreus, que só recentemente tinham entrado em contato com tais coisas). Mas este versículo também mostra que havia entre os hebreus uma visão inferior sobre o que acontece após a morte. Presumivelmente, esses espíritos precisavam da adoração ou da atenção dos mortais para sentir-se bem. Quanto a ritos de necromancia, ver Deu. 18.11 e Isa. 8.19. Se os hebreus se referiam aos ídolos como não-entidades, ou seja, ídolos mortos, o fraseado deste versículo não se ajusta a tal tipo de expressão.

É triste ver que os hebreus, ao se aliar a esses ritos, aceitaram visões inferiores da existência para além do sepulcro, tornando-se, igualmente, culpados de uma idolatria crassa. Cf. as idéias pagãs sobre os heróis glorificados (espíritos que tinham obtido elevada estatura no pós-vida a ponto de merecerem ser adorados). Essa doutrina era muito antiga entre os gregos, aparecendo com referência na Ilíada de Homero. Este versículo, por conseguinte, não está contrastando a adoração a ídolos mortos com a adoração ao Deus vivo (ver Jer. 10.3-10; Sal. 115.4-7; I Cor. 12.2). Está falando sobre um tipo diferente de idolatria (ver a respeito no *Dicionário*).

106.29

Assim, com tais ações, o provocaram à ira. Uma praga pôs fim à corrupção em Baal-Peor (ver Núm. 24.8). Assim sendo, a apostasia que houve naquele lugar chegou a um triste fim. O pecado é uma invenção dos homens. Nossos primeiros pais, Adão e Eva, pecaram, inventando atos errados. A posteridade deles tem continuado essa prática. Todas as doutrinas falsas e toda falsa adoração são invenções dos homens, em contraste com a revelação de Deus.

A punição divina foi severa. Morreram vinte e quatro mil pessoas (ver Núm. 25.9).

106.30

Então se levantou Finéias e executou o juízo. *Finéias* (ver a respeito no *Dicionário*), à semelhança de Moisés, conseguiu, por sua mediação, deter a praga. Ver Núm. 25.8. Seu ato foi realmente violento, pois ele matou duas pessoas, um homem israelita e uma mulher midianita, culpados de adultério. Ver a intervenção de Arão em outra ocasião (ver Núm. 16.48). As coisas nunca davam certo quando Israel imitava os pagãos, envolvendo-se em idolatria, bem como nos muitos outros pecados que a acompanhavam. Mas Israel nunca aprendeu a lição, a despeito dos muitos castigos recebidos. O Targum diz que Finéias "orou" à semelhança de Moisés, mas a Septuaginta está correta: ele aplacou a Yahweh por seu ato violento, tirando a vida do homem israelita e de sua parceira midianita.

Este versículo tem sido cristianizado, salientando que a crucificação deteve a praga provocada pelos pecados dos homens.

106.31

Isso lhe foi imputado por justiça. Embora tivesse agido de modo violento, Finéias aparece como homem justo, que endireitou as coisas. Ver Núm. 25.10-13. "Isso foi contado a seu crédito como um ato de justiça, para ser recompensado por Deus com um pacto de paz, a saber, com a aliança do sacerdócio permanente, pois se mostrou zeloso pelo seu Deus e fez expiação pelos pecados de Israel" (Fausset, *in loc.*). "O pacto feito com ele, confirmado em Zadoque, um sacerdote de sua linhagem, continuou até os tempos de Messias, o qual se tornou Sumo Sacerdote para sempre. Ver Eze. 44.15 e Jer. 33.17-22" (John Gill, *in loc.*). É somente quando incluímos o Messias no quadro que obtemos uma descrição eterna, mas o poeta não antecipava isso. Não obstante, essa é uma maneira legítima de manusear o assunto. Os hebreus não antecipavam nada tão severo quanto o cativeiro babilônico ou a dispersão romana, a qual, até os nossos próprios dias, ainda não foi totalmente revertida.

Meribá (106.32,33; Núm. 20.1-13)

106.32,33

Depois o indignaram nas águas de Meribá. *Meribá* (ver a respeito no *Dicionário*) significa "águas de contenda", um lugar mau tanto para Israel como para Moisés. O povo estava tão amargo que o amargurou e o levou a um profundo estado de irritação, de forma que ele caiu em erros. Moisés foi apanhado fora de guarda. Não era fácil controlar aquela inquieta multidão. "Moisés, em Meribá, perdeu a paciência com Israel, quando eles se rebelaram contra Deus (Sal. 81.7; Êxo. 17.7 e Núm. 20.2-13). Em resultado, Moisés também perdeu o privilégio de entrar na Terra Prometida" (Núm. 20.12)" (Allen P. Ross, *in loc.*). Moisés repreendeu duramente o povo (vs. 33) por causa de sua incredulidade quanto a Deus prover água para eles, e acabou batendo na rocha, em vez de simplesmente falar com ela, segundo Deus havia ordenado. Muitos intérpretes porém, não se sentem satisfeitos com essa explicação simples, que não impediu Moisés de entrar na Terra Prometida. Quanto a um amplo tratamento sobre o pecado de Moisés, ver as notas expositivas em Núm. 20.12; Deu. 1.37; 3.23,26 e 4.21. Reunindo todos os textos, obtemos uma idéia mais completa do que lendo apenas um deles.

Moisés falou irrefletidamente. O original hebraico também tem apenas duas palavras que descrevem o ato de Moisés, *bayebatte bisephathaiv*, que significa "ele gaguejou", ou, "ele gaguejou com seus lábios", isto é, em um jato desconexo de palavras, porquanto seu cérebro irado não permitiu que seus órgãos de fala se expressassem com precisão. Estou assumindo aqui que todos os homens, e quase todas as mulheres, já experimentaram esse tipo de impedimento da fala. Moisés ofendeu Yahweh com suas palavras e seu modo de falar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*, e notas expositivas adicionais em Sal. 5.9; 12.2; 15.3 e 17.3.

Os Muitos Pecados na Terra de Canaã (106.34-39; Deu. 7.1,2,16; 20.16-18; Juí. 1.21; 27.36)

106.34

Não exterminaram os povos. Tendo entrado na Terra Prometida, os hebreus não foram capazes de exterminar os cananeus nativos, conforme as referências dadas anteriormente o demonstram. Apareceram muitos bolsões de resistência, e em cada um houve uma má influência qualquer que fez com que Israel pecasse, especialmente imiscuindo-se na idolatria. Somente nos tempos de Davi os inimigos de Israel foram finalmente aniquilados ou confinados. (Ver em II Sam. 10.19 como Davi derrotou oito nações inimigas.) Tendo derrotado esses povos, Davi possibilitou a Salomão uma boa era de paz, a época áurea de Israel. Mas isso levou vários séculos para ser realizado. O poeta sentiu que a falta de fé de Israel impediu o processo da conquista. Os israelitas contentaram-se com o que já tinham conseguido, pelo que estavam sendo constantemente atacados pelos povos não dominados, além de se deixarem corromper moral e espiritualmente. Eles deveriam ter feito guerra santa contra aqueles povos, levando-os ao aniquilamento total, incluindo homens e animais, e nem ao menos ficando com os despojos. Quanto a isso, ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

106.35

Antes se mesclaram com as nações. Israel continuou a mesclar-se com os povos em derredor, aprendendo más idéias e maus hábitos, especialmente a idolatria e a variedade de pecados que sempre a acompanha. Essas práticas eram imorais, incluindo prostituição sagrada e até sacrifícios infantis (vss. 37-40), a mais terrível de todas as práticas associadas à idolatria (ver a respeito no *Dicionário*). Os pagãos os engaiolaram como pássaros e os fizeram transformar-se em um povo pagão. Ver Juí. 2.3; Êxo. 23.33; Deu. 7.16. Josué e outros homens de Deus avisaram acerca do que estava acontecendo (Jos. 23.12,13), mas os filhos de Israel não atentaram para essas advertências. Os casamentos mistos promoviam a corrupção geral (Deu. 7.3,4).

106.36

Deram culto a seus ídolos. A idolatria era o pior dos pecados de Israel, multifacetado e mortífero para o espírito. A síndrome do pecado-julgamento-restauração nunca deixou de rolar até que os cativeiros assírio e babilônico puseram fim a esse ciclo. Ver Êxo. 23.33 e Juí. 8.27. A armadilha causou destruição, tal como uma ave é apanhada pela rede e depois é morta, de maneira que o seu corpo pode ser usado como alimento ou em algum outro propósito. Ver Êxo. 10.7. Quanto à adoção dos pactos canaanitas, ver Juí. 2.11,12; II Reis 16.3,4. "... tal como uma ave ou fera em uma armadilha, eles foram levados à tribulação e à angústia, das quais foram incapazes de livrar-se" (John Gill, *in loc.*).

Vinde, e Ele vos dará descanso,
Confiai Nele, pois Sua palavra é clara;
Ele acolherá os mais pecaminosos.
Cristo acolhe a homens pecadores.

(Erdmann Neumeister)

106.37

Pois imolaram seus filhos. O fato mais horrendo da idolatria era o sacrifício de crianças, o que era feito tanto para aplacar como para obter o favor dos deuses, identificados como demônios. Cf. o uso de Paulo em I Cor. 10.20. A palavra aqui traduzida por "demônios", entretanto, é literalmente "senhores", o que só pode significar falsas divindades, já que nenhum pensamento havia a respeito de poderes demoníacos por trás dos ídolos adorados e servidos por coisas tão horríveis como sacrifícios de crianças. Entretanto, a palavra em questão é de origem acádica, usada em todo o Antigo Testamento somente aqui e em Deu. 32.7. Esse vocábulo parece denotar regularmente algum tipo de ser espiritual, usualmente inferior a um deus. Portanto, provavelmente os tradutores aqui estavam com razão ao empregarem algum termo como demônio, que envia nossa mente para o mundo dos espíritos, e não a ídolos de madeira, pedra ou metal. O Targum comenta como segue: "Espíritos, nojentos e prejudiciais". Naturalmente, não demos a entender nenhum desenvolvimento da demonologia, que já pertence a uma época posterior.

Quanto ao sacrifício de crianças, ver II Reis 3.27; 21.6,16; Eze. 16.20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque (Moloque)* quanto a detalhes sobre essa prática condenável. Com isso, entramos nas regiões mais pervertidas do mau moral, que faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). O sacrifício infantil era a mais profunda de todas as apostasias.

106.38

E derramaram sangue inocente. O poeta demora-se em relatar o pior de todos os pecados, o sacrifício de crianças. Filhos e filhas de israelitas, o povo do pacto, a herança de Deus, estavam sendo brutal e inutilmente sacrificados a demônios e a falsos deuses. Sangue inocente estava sendo derramado, e por isso algum preço horrendo tinha de ser pago, quando Deus estivesse pronto para julgar. Crianças inocentes estavam sendo desmembradas e queimadas, ou queimadas vivas nos altares dos deuses cananeus e de outras entidades diabólicas que se deleitavam no terror. Assim sucedeu que a terra estava poluída com sangue e vibrava com o choro dos inocentes. Que poderia haver de tão feio quanto esse pecado?

Sempre que Deus ergue uma casa de oração,
O diabo sempre edifica por perto uma capela;
E descobrir-se-á, após um exame,
Que a congregação deste último sempre é maior.

(Daniel Defoe)

"Sacrifícios humanos, sobretudo de crianças, eram uma prática cananéia. Parecem ter sido herdados pelos costumes fenícios, pois Cartago, dois séculos depois de Cristo, era notória por esse motivo" (Ellicott, *in loc.*). "Essa abominação que mostrou a desesperada corrupção dos cananeus, foi a razão mesma de eles terem sido expulsos da terra" (Fausset, *in loc.*). A lei mosaica proibia sacrifícios de crianças; mas somente os pecadores mais crassos, cujo coração já estivesse de todo corrupto, teriam praticado tal abominação. Ver Lev. 18.21 e 20.2-5. Punição capital era a sentença passada pela lei contra os culpados. "... um homicídio da natureza mais hedionda" (John Gill, *in loc.*).

106.39

Assim se contaminaram com as suas obras. O sacrifício de crianças impunha contaminação total sobre aqueles que o praticavam, bem como sobre toda a terra de Israel. Israel agia tal e qual uma prostituta, pois essa corrupção era adultério espiritual contra Yahweh, retratado na Bíblia como o marido de Israel. "Além de se mostrarem desleais para com o verdadeiro Deus, de quem eram considerados noivas ou esposas, os atos de adoração aos ídolos eram, com freqüência, acompanhados por várias práticas de impureza" (Adam Clarke, *in loc.*). "A fornicação espiritual aliena o coração de Deus e o une aos ídolos (ver Lev. 17.7; Núm. 16.39)" (Fausset, *in loc.*). O livro de Oséias expande o tema. Cf. Apo. 17.1,2,5. O artigo chamado *Adultério*, no *Dicionário*, comenta sobre essa representação figurada da idolatria. Ver o artigo intitulado *Severidade do Novo Testamento, Uso Metafórico.*

Pecado, Julgamento e Misericórdia (106.40-46)

106.40

Acendeu-se, por isso, a ira do Senhor. O julgamento divino por certo sobreviria a Israel, em face de seus muitos pecados na terra de Canaã (vss. 34-39). A ira de Deus (ver a respeito no *Dicionário*) era inevitável, pelo que, ao longo do caminho, houve muitas instâncias de sua aplicação, e os principais golpes da ira de Deus foram os cativeiros assírio e babilônico (ver no *Dicionário* sobre ambos). Houve, igualmente, repetidos atos de clemência divina, que deveriam ter levado o povo de Israel ao arrependimento (ver Rom. 2.4). Mas melhorias temporárias sempre terminavam em novas quedas. Novas quedas sempre terminavam em novos julgamentos, e assim continuava o ciclo de pecado-julgamento-restauração, até que Deus se cansou desse jogo e aplicou os severos golpes dos cativeiros.

Acendeu-se. Um fogo requeimante é um símbolo natural para a ira, pelo que também dizemos "ira requeimante". A ira, de fato, gera o calor, e assim o fogo, como símbolo da ira, veio por meio de observação. Os homens exageraram quando fizeram da ira de Deus um fogo literal, e isso obscureceu, em vez de iluminar o assunto. O livro de I Enoque foi o primeiro livro a citar um rio de fogo, e então esse símbolo transformou-se em um lago de fogo, no livro de Apocalipse.

Ele abominou a sua própria herança. Quanto à herança, ver Sal. 37.9,11,22,29,34. Quanto a Israel como a herança de Yahweh, ver Deu. 9.29; 18.2; Sal. 33.12. Quanto a Yahweh como a herança de Israel, ver Deu. 10.9; 19.10; Sal. 16.5; 78.71. Em vez de ter amor constante por Seu povo de Israel, Yahweh veio a odiá-los, uma expressão muito forte que mostra a natureza do pecado e o que ele pode fazer. Naturalmente, os termos são antropomórficos e antropopatéticos, ou seja, conferem a Deus nossos próprios atributos e emoções. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*. Ficamos presos ao dilema lingüístico, tendo de usar a linguagem humana para descrever o Ser divino, e, naturalmente, a abordagem inteira acaba inexata. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Herança* e *Herdeiro*.

106.41

E os entregou ao poder das nações. Durante o tempo dos juízes, houve muitas ocasiões em que Israel ou partes de Israel estiveram sujeitos à ocupação estrangeira, e o resultado disso foram guerras intermináveis. Ver Juí. 2.14 e Lev. 26.17. Alguns intérpretes pensam que este salmo tenha sido escrito durante o tempo do cativeiro babilônico e, nesse caso, então a referência, no presente versículo, provavelmente é a isso. A ira de Deus manifestou-se sob a forma de exércitos invasores que escravizaram a Israel (e Judá). O vs. 41 fala como se estivesse em vista apenas uma entrega ao poder das nações, mas o versículo seguinte lembra-nos de que isso aconteceu por muitas vezes, ao longo da história de Israel, e que isso é, definitivamente, uma referência ao livro de Juízes.

106.42,43

Também os oprimiram os seus inimigos... muitas vezes. O vs. 43 situa esses acontecimentos nos dias dos juízes, como também o faz a palavra no plural, "inimigos", no vs. 42. É provável que o autor tivesse em mente o cativeiro babilônico quando escreveu o vs. 41, mas então percebeu que estava avançando demais em sua história, tendo saltado de uma cena no deserto (vs. 40) por todo o caminho até o cativeiro babilônico. Portanto, ele retrocedeu e escreveu uma referência geral *acerca de todos os revezes que Israel sofreu nos tempos dos juízes, os quais se* conectam bem, cronologicamente falando, com o vs. 40. Houve muitos outros cativeiros menores, e então os dois grandes cativeiros, dos quais Israel ainda não se recuperou completamente. A nação de Israel estava coberta de pecados, e foram necessários acontecimentos revolucionários para trazê-los de volta à consciência.

"A maior de todas as falhas é não ter consciência de falha alguma. O pecado mais mortífero é a consciência altiva de não ter pecado; mas isso já é a própria morte. O coração que tem essa espécie de consciência está divorciado da sinceridade, da humildade, e, de fato, está morto" (Thomas Carlyle, em seu livro *Heroes and Hero Worship*).

Quanto aos muitos livramentos que foram dados a Israel, ver Juí. 2.16; Nee. 9.36,37. Israel, provocado por propósitos corruptos e rebeldes, manifestou-se contrariamente à mente e aos planos divinos. Os propósitos de Israel eram contrários aos de Deus. "Foi uma história de rebeliões e livramentos" (Adam Clarke, *in loc.*).

... os libertou. "Por meio dos juízes Otniel, Eúde, Baraque, Gideão, Jefté, Sansão e outros" (John Gill, *in loc.*). Naturalmente, os livramentos da época dos juízes livraram apenas porções do território de Israel, visto que, na época, Israel não estava solidificado como uma nação unificada, pelo que também, naquele período, nunca esteve sob a opressão estrangeira como uma nação inteira. Os juízes, até Samuel, eram autoridades sobre localidades específicas, e não sobre todo o Israel, conforme aconteceu aos reis posteriores.

106.44

Olhou-os, contudo, quando estavam angustiados. Como sempre, prevaleceu o amor constante de Deus, de forma que, apesar de ter havido muitas apostasias e julgamentos, esses passos eram sempre seguidos por restaurações. A restauração também haverá de escrever o capítulo derradeiro da história de Israel. A dispersão romana será completamente revertida, e então haverá restaurações seguindo outras calamidades. Tudo isso fará parte da missão de Cristo no tocante a Israel.

"No Salmo 106, o pecado não se destaca sozinho. Há sempre a consciência de Deus, o qual, sempre lembrado de Seu pacto e movido pela compaixão e pela grandeza de Seu amor, ouve o clamor dos homens e os salva. Essa mensagem do Antigo Testamento torna-se tanto mais conspícua no Novo Testamento, quanto à mensagem que esse novo pacto prega" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Na história fictícia de Catherine Furze, o autor, Mark Rutherford, conseguiu apreender uma grande verdade. Um homem, movido pela inveja, acusou falsamente um colega de trabalho de estar agindo erroneamente e conseguiu que o patrão despedisse o homem. Mas então a má consciência assediou o caluniador e fê-lo confessar a falsidade das acusações ao patrão. O homem que tinha sido despedido foi restaurado ao emprego, e isso foi excelente. Mas a melhor coisa que sucedeu foi que o caluniador aprendeu algo sobre o amor. Então ele prosseguiu para tornar-se um benfeitor entre os homens; de fato, passou o resto de sua vida servindo e favorecendo a seus semelhantes. Isso pode parecer por demais idealista para uma história sobre os homens, mas temos aí o *abc* do livro divino sobre o amor.

106.45

Lembrou-se, a favor deles, de sua aliança. Yahweh lembrou-se de Sua aliança, ou seja, o pacto abraâmico, incorporando-o aos pactos mosaico e davídico. Isso significa que Ele se auto-obrigou de relembrar a misericórdia e de restaurar os que se tinham desviado e caído em tribulações. Deus se compadeceu deles (mudou de mente, King James Version) ou afrouxou (isto é, deixou de lado a Sua severidade, Revised Standard Version), ou aplacou-se (outras versões portuguesas). Cf. Lev. 26.41,42. Ver também Deu. 32.36 e Isa. 63.7. Quanto ao arrependimento de Yahweh, ver as notas expositivas sobre Êxo. 32.14. Foi assim que uma providência positiva substituiu uma providência negativa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

Pactos. Ver sobre *Pacto Abraâmico*, em Gên. 15.18; sobre *Pacto Mosaico*, na introdução a Êxo. 19; sobre *Pacto Davídico*, em II Sam. 7.4. E ver o artigo geral sobre os *Pactos*, no *Dicionário*.

Contai sobre a esperança aos destituídos de amigos;
Animai os lares onde eles habitam;
Ide, com a luz e a salvação,
Até a masmorra escura da prisão.

(Fanny J. Crosby)

106.46

Fez também que lograssem compaixão. É muito difícil imaginar que qualquer dos oito povos a quem Israel expeliu da Terra Prometida (Êxo. 33.2; Deu. 7.1), caso tivesse obtido vitória sobre os filhos de Israel, mostrasse misericórdia para com eles. Portanto, a referência deste versículo deve ter sido à situação do cativeiro babilônico. Israel, após setenta anos, foi favorecido por Ciro, quando ele conquistou aquela parte do mundo. Mas mesmo antes disso, Evil-Merodaque, rei da Babilônia, tratou bondosamente a Joaquim, rei de Judá. Ver II Reis 25.27, e talvez parte dessa compaixão tenha incluído o povo de Israel. No tempo dos juízes de Israel, as cidades de Israel foram saqueadas, e talvez alguns israelitas tivessem sido tomados cativos, especialmente no caso de mulheres e crianças, mas a questão dos cativos aponta para a experiência babilônica posterior.

"Ciro deu-lhes liberdade; Dario favoreceu-os e conferiu-lhes privilégios; Artaxerxes enviou-lhes de volta Neemias e ajudou-os a reconstruir Jerusalém e o templo. Os livros de Esdras e Neemias não fornecem o registro histórico" (Adam Clarke, *in loc.*).

Apelo Final Pedindo Ajuda (106.47,48)

106.47

Salva-nos, Senhor, nosso Deus. O Salmo 106 inteiro nos preparou para esta oração do vs. 47. Israel (Judá), durante o cativeiro babilônico, merecia estar ali, por causa de seus muitos pecados. Eles tinham seguido o horrendo exemplo das intermináveis falhas de que seus antepassados se tornaram culpados, conforme este salmo esboça tão laboriosamente. E tinham sofrido pior calamidade que seus antepassados, e também mereciam tal tratamento. Mas agora o poeta sagrado esperava uma reversão da dor, em consonância com as misericórdias do pacto (vs. 45). Chegara o tempo da restauração no velho ciclo de pecado-julgamento-restauração. Esta oração repousa sobre a promessa existente em Deu. 30.3.

Para que demos graças ao teu santo nome. O louvor é alçado ao Nome Santo de Deus (comentado em Sal. 30.4 e 33.21). A santidade tinha requerido punição, no cativeiro, mas o amor requer também a restauração. Além disso, estamos falando sobre a mesma coisa, porque o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus.

E nos gloriemos no teu louvor. O povo libertado louvaria ao divino Libertador, por causa de Seu amor constante e de Seus atos gloriosos e beneficentes. Cf. Sal. 48.10, bastante similar ao que se lê aqui, mas é um cântico de louvor universal. Ver também Sal. 34.1-3.

Toda a glória, louvor e honra,
A Ti seja, Redentor e Rei,
A quem os lábios das crianças
Fazem retinir doces hosanas.

106.48

Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. *Doxologia*. Esta doxologia põe ponto final do Livro IV do saltério, a saber os Salmos 90 a 106. É quase idêntica à que termina o livro I, a saber, Sal. 41.13. As notas expositivas ali existentes também se aplicam aqui. Temos aqui a adição das palavras "e todo o povo diga", além do aleluia! (louvai ao Senhor!) final, com o qual este salmo se iniciou (vs. 1). O Salmo 105, gêmeo positivo do Salmo 106, também começa e termina com a expressão aleluia! Sal. 41.13 tem um duplo Amém, enquanto este Salmo 106 se contenta com somente um "Amém", isto é, "que assim seja". É provável que as doxologias tenham sido supridas por editores subseqüentes; e a esses editores também se atribui a divisão em Cinco Livros do saltério, com a qual eles tentaram imitar o Pentateuco, os cinco livros de Moisés. Cf. I Crô. 16.36, que apresenta a doxologia como se ela fizesse parte do Salmo 106, conforme provavelmente era quando esse autor tomou a composição por empréstimo. É possível que, quando o cronista escreveu, o saltério já tivesse sido arranjado em cinco livros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salmos*, VI. *Os Cinco Livros*.

Louvado seja Deus, de quem fluem todas as bênçãos;
Louvai-O, todas as criaturas cá de baixo.
Louvai-O acima de todas as hostes celestiais.

(Thomas Ken)

Salmo Cento e Sete

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo pertence a um grupo de *salmos de ação de graças*, destinado especialmente aos peregrinos. Provavelmente era entoado por grupos de peregrinos varões que vinham a Jerusalém para as festividades anuais, como a Páscoa, o pentecoste e os tabernáculos. As viagens apresentavam os seus perigos, pelo que também agradecimentos eram prestados pela segurança e pelo privilégio de poderem participar dos ritos e das festas do povo em pacto com Deus. Talvez

este salmo reúna dois salmos anteriormente distintos — os vss. 1-32 e vss. 33-43, que não parecem ter conexão vital entre si. Os vss. 1-32 são salmos bem estruturados de agradecimentos. Os vss. 33-43 são um hino que celebra a disposição imprevisível da providência divina e como Yahweh cuidava dos que Lhe pertenciam em qualquer situação. O tratamento, se assim podemos chamá-lo, do problema do mal, nesta parte, é bastante elementar; mas não podemos esperar do poeta uma espécie de teologia que tentasse resolver esse mais difícil dos problemas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*. Contudo, ele conhecia a bondade do Senhor que adoça qualquer situação amarga. Ele apresenta a sua própria experiência, que é valiosa como estudo.

Os Cinco Livros dos Salmos. Editores posteriores dispuseram os salmos em cinco livros, em imitação aos cinco livros do Pentateuco. O arranjo, embora bastante antigo, é artificial, porquanto os cinco livros dos salmos não se distinguem como unidades separadas por meio de conteúdo, agrupando salmos similares. Os livros são: Livro 1, Salmos 1 a 41; Livro 2, Salmos 42 a 72; Livro 3, Salmos 73 a 89; Livro 4, Salmos 90 a 106; Livro 5, Salmos 107 a 150. Portanto, neste Salmo 107, damos início ao quinto livro da quinta divisão de Salmos.

Subtítulo. O Salmo 107 é um dos trinta e quatro livros que não apresentam subtítulos. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

A Litania de Ação de Graças (107.1-32)

O Convite para Agradecer (107.1-3)

107.1

Litania é uma série de invocações e respostas usadas como oração. Deriva-se do termo grego *lite*, "pedido". Esta parte dos salmos parece ter sido um cântico usado por peregrinos que vinham a Jerusalém assistir às festas anuais. Ver a introdução, anteriormente. Alguns pensam que, originalmente, esta parte do salmo era um cântico de louvor, entoada por cativos que retornavam do cativeiro babilônico. A idéia também parece adaptar-se à segunda parte, os vss. 33-43, que trata, de maneira não-teológica, do problema do mal.

O vs. 1 é uma espécie de doxologia muito similar a Sal. 106.1, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O Salmo 107 omite o aleluia! (louvado seja o Senhor!) inicial.

Yahweh é Bom. Ele dera a mais inteira prova disso. Sua bondade é uma torrente contínua de misericórdia que em todas as situações salva e abençoa o Seu povo.

107.2

Digam-no os remidos do Senhor. Os vss. 2 e 3 podem ter sido escritos imediatamente após o cativeiro babilônico, parte de uma canção que celebrava a liberdade daquele evento horrendo. Naturalmente, essas palavras podem celebrar qualquer libertação, mas, visto que o cântico pertence ao primeiro grupo, a idéia do cativeiro pode estar correta. Israel (Judá, a tribo que continuou a nação de Israel depois do cativeiro babilônico) foi remido (trazido de volta) da Babilônia e restaurado à sua terra para reconstruir a nação, a capital Jerusalém e o culto do templo, o que foi expresso através do segundo templo de Jerusalém. E então, depois, a primeira parte do salmo, pelo menos, foi empregada como litania para uso geral na visita de peregrinos a Jerusalém, na ocasião das festas religiosas.

Da mão do inimigo. Temos nestas palavras a imagem constante de poder nos salmos. Quando o cativeiro babilônico começou, a Babilônia era a maior potência mundial, mas em breve seria derrubada por Ciro, o qual então foi gracioso para com Israel e libertou o povo de Deus. Ele mostrou ter uma boa mão, ao passo que a mão dos babilônios era pesada e destruidora. Yahweh usou instrumentos humanos em ambos os casos, porquanto Ele foi considerado a causa tanto do cativeiro quanto da restauração, punindo o pecado e então exercendo Seu amor constante. Cf. Isa. 35.9; 52.2 e 63.4.

107.3

E congregou de entre as terras. Houve uma reunião universal e o povo em pacto com o Senhor foi trazido dos quatro cantos da terra. Naturalmente, há nisso certo exagero porque os cativos foram trazidos da direção norte. Mas o poeta falou em termos universalistas, por motivo de ênfase. Quando usadas para indicar os peregrinos das festas religiosas de Israel, podemos dizer que as quatro direções se referem aos quatro pontos do compasso em Israel. As três festividades religiosas, ou seja, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos requeriam um bando universal de peregrinos, vindos de todo o Israel. "No retorno de Israel dos quatro cantos da terra (vs. 3), cf. Isa. 43.5,6; 49.12" (William R. Taylor, *in loc.*).

Alguns estudiosos vêem neste versículo uma declaração profética acerca do recolhimento final de Israel pelo poder de Cristo, para o estabelecimento da era do reino. As palavras deste versículo ajustam-se bem à idéia, e talvez haja mesmo um "lançar de olhos" até aquele acontecimento. Somente a reunião dos tempos do fim realmente satisfaz o recolhimento de israelitas vindos de todos os quatro pontos da bússola, mas a linguagem não deve ser pressionada, visto termos aqui uma fórmula fixa da restauração, onde e quando isso ocorrer. Ver Rom. 11.26 no *Novo Testamento Interpretado*, quanto à restauração final de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Restauração de Israel*.

Aqueles que se Perderam nos Lugares Desérticos (107.4-9)

107.4

Andaram errantes pelo deserto. A vereda pelo deserto, que apresentava perigos, parece aplicar-se melhor às peregrinações anuais do que ao cativeiro babilônico, que talvez esteja em vista nos vss. 2 e 3. Os peregrinos atravessavam uma bela terra estéril, onde havia largos trechos desabitados, cujos únicos moradores eram perigosos animais ferozes.

Ilimitado e despido, com
As areias solitárias e planas,
Estendendo-se até muito longe.

(Shelley)

Havia múltiplos perigos, e predominavam a fome e a sede. Para alguns dos filhos de Israel, atravessar aquele deserto foi uma aventura perigosa, conforme demonstram as descrições que se seguem. Alguns pensam que essas descrições se referem à descida da Babilônia por parte dos cativos israelitas, que tinham sido libertados, mas não há como ter certeza acerca do ambiente histórico. Estes versículos ilustram metaforicamente a maneira que vivem os peregrinos neste mundo desolado, quando eles se encaminham para uma cidade que tem alicerces estabelecidos por Deus (Heb. 11.10). A cidade que os peregrinos buscavam era Jerusalém, mas no deserto eles não encontraram nada que se comparasse a ela.

107.5

Famintos e sedentos. A morte derivada de fome ou sede estava entre os perigos da jornada, e também havia extrema exaustão por parte dos que percorriam a pé grandes distâncias. Assim sendo, a alma desmaiava dentro deles, e quase desesperava de chegar à bendita cidade habitada, Jerusalém, o alvo da jornada. Eles atravessavam trechos desérticos (vs. 4), que sustentavam larga variedade de vida, mas não a vida humana. "O Salmo 137 descreve a fome e a sede dos verdadeiros filhos e filhas de Sião, que buscavam a cidade santa. Mas fome e sede literal não eram experimentadas pelos cativos que retornavam da Babilônia" (Fausset, *in loc.*). É verdade que eles foram regiamente providos do necessário, mas os peregrinos das jornadas anuais a Jerusalém experimentavam dificuldades temíveis. Não obstante, estavam satisfeitos com coisas boas, ou seja, eram recompensados por seus esforços (vs. 9), por bênçãos tanto materiais quanto espirituais. Cf. Sal. 104.28.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se às bênçãos outorgadas por Cristo a Seus discípulos, ou seja, a Sua graça, a água da vida, o pão da vida, a retidão, a justificação e a salvação.

Em seu escabelo, em oração, eu posso ir,
Pedindo uma parte do Seu amor,
E se buscá-lo intensamente aqui embaixo,
Haverei de vê-Lo e ouvi-Lo lá em cima.

(Jemina Thompson Luke)

107.6,7

Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor. Yahweh guiou-os diretamente a Jerusalém, o alvo da peregrinação. Isso posto, o caminho era perigoso e repleto de privações, mas eles contavam com o suprimento e a ajuda divina para que a jornada fosse bem-sucedida (vs. 7). Isso se deu por causa de suas orações (vs. 6). Yahweh ouviu os clamores quando eles estavam aflitos, e não se mostrou indiferente para com seus pedidos de socorro. O deserto não contava com veredas, mas Ele os guiou em um "caminho reto", diz o hebraico literalmente. Isso significa uma vereda reta, que não se desviava da rota necessária.

Meu Senhor conhece o caminho pelo deserto;
Tudo quanto tenho para fazer é seguir.

A primeira parte deste versículo ocorre novamente nos vss. 13, 19 e 28. Cf. os gritos de aflição com Sal. 50.15 e 106.44. "As dificuldades são como

cães que impelem as ovelhas desviadas de voltar ao aprisco" (Fausset, *in loc.*). Eles não descobriram nenhuma cidade onde habitar ou parar a fim de obter repouso e suprimentos. Assim sendo, Yahweh guiou-os diretamente a Jerusalém, a Sua própria cidade. E lhes ensinou o bom caminho pelo qual deveriam trilhar (I Reis 8.36,38). Ver também Esd. 8.21. A verdadeira oração é uma que deve ser guiada pelo reto caminho (Sal. 143.8). "Mediante a Sua providência, Deus dirige os viajantes que se perdem pelo caminho. Não há dúvida de que havia uma verdadeira preocupação com a providência, o que devemos reconhecer com agradecimentos. Assim, o Senhor dirige almas despertadas e inquiridoras pelo caminho reto da salvação, até Cristo, o qual é o caminho, a verdade e a vida" (John Gill, *in loc.*).

Por todo o caminho, meu Salvador me guia,
Que me resta pedir além disso?
Posso duvidar de Sua terna misericórdia,
Se Ele, por toda a vida, tem sido meu Guia?

(Fanny J. Crosby)

107.8

Rendam graças ao Senhor por sua bondade. Orações desesperadas foram feitas, e Yahweh as ouviu e respondeu. Isso encorajou o poeta a conclamar todos os homens a louvar ao Senhor, ou proferir, em alto e bom som, o aleluia! por causa de Sua bondade e por todas as Suas maravilhas em favor de Seu povo. Os vss. 8, 15, 21 e 31 repetem a mesma declaração, pelo que atuam como um refrão do cântico dos vss. 1-31. "Obras maravilhosas, acima de todas as coisas, tanto na providência quanto na graça... confessam, isto é, declaram a Deus a Sua bondade, reconhecendo o que Ele tem feito, e também declaram a mesma coisa aos homens, conforme enfatiza o Targum" (John Gill, *in loc.*). Ver comentários adicionais nos vss. 15, 21 e 31. A "bondade" referida neste vs. 8 amplia-se, neste mesmo versículo, para as "maravilhas".

Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.

(Tiago 1.17)

107.9

Pois dessedentou a alma sequiosa. A alma que está sedenta, ou, literalmente, a alma ansiosa, recebe a água da vida, e é salva de uma morte horrenda ou de circunstâncias muito provadoras. Assim também a alma faminta recebe a sua porção da graça de Deus. Os homens que têm fome e sede de justiça serão satisfeitos, declarou Jesus em Mat. 5.6. Os peregrinos enfrentavam literalmente fome e sede, e poderiam ter perecido ao longo do caminho, mas a intervenção divina os salvou da morte certa.

Conta-se a história de um homem que sofrera naufrágio e era vitimado pelas ondas, que estavam a ponto de afundar seu escaler. Assim sendo, ele começou a orar, e orar, e orar. Em breve, porém, surgiu outro navio que o resgatou do mar. Então o homem disse: "Esquece-te de minha oração, Senhor. Eu resolvi por mim mesmo este problema!". Essa historieta ilustra como muitos homens não reconhecem a providência divina quando esta sai em seu socorro, ou quão breve os homens esquecem aquilo que Deus faz. O poeta, contra tal atitude, conclamou os homens a relembrar as obras de Deus e Sua bondade, agradecendo-Lhe de todo o coração. O coração agradecido é aquele que tem alguma espiritualidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*, quanto a notas que ilustram o texto.

Os Confinados em Prisões (107.10-16)

107.10

Os que se assentaram nas trevas. Este versículo quase certamente reflete o cativeiro babilônico. Alguns dos cativos israelitas foram aprisionados e presos em cadeias. Lançados em escuras masmorras, passaram horas miseráveis no cativeiro. Quando estavam em tais apuros, a situação parecia ser insolúvel. Mas quando foi publicado o decreto de Ciro, todas essas condições foram revertidas, pelo que um forte aleluia! subiu aos ares dentre toda a comunidade de Israel, especialmente da parte daqueles que sofriam tais dificuldades. O quadro resultante reflete extrema miséria. Ver Isa. 9.1; 42.7 e 49.9. Cf. "sombras da morte" com Sal. 23.4.

Nossos pais, acorrentados em escuras prisões,
No coração e na consciência ainda eram livres.

(Frederick W. Faber)

Este versículo tem sido espiritualizado de duas maneiras: primeiro, fala sobre como o pecado aprisiona um homem e como ele pode ser libertado mediante a missão de Cristo. Segundo, há uma sujeição espiritual a Cristo, que significa completa dedicação a Ele como Seu escravo, pronto a cumprir a missão que Ele atribuiu a cada um.

Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios.

(Efésios 3.1)

Nas trevas. Neste versículo, a palavra "trevas" provavelmente serve apenas de sinônimo de *masmorra*. As prisões, na antiguidade, eram lugares desprezíveis, indescritíveis. Ver Isa. 42.7; 49.9, e cf. Miq. 7.8. Os versículos aqui referidos, no livro de Isaías, falam sobre experiências no cativeiro babilônico.

107.11

Por se terem rebelado contra a palavra de Deus. A má sorte deles foi uma retribuição por causa de males passados que eles haviam cometido. Sua má sorte foi a obra de Yahweh, parte de Sua providência negativa. Mas visava o bem deles e não perdurou para sempre. Foi um julgamento de cura, conforme são todos os julgamentos de Deus. Mas isso não quer dizer que os julgamentos de cura não possam ser severos. São tão severos quanto precisam ser para que a obra da restauração seja realizada. A rebelião e a apostasia de Judá levaram Yahweh a enviar contra eles o exército babilônico. Fica claro, por toda esta porção do salmo (vss. 1-32), que o poeta entreteceu a experiência babilônica com as peregrinações a Jerusalém. Ambas as coisas ilustravam tempos de tensão, embora a retribuição (vs. 11) deva ser confinada às descrições que afetam os babilônios. Os peregrinos não estavam sendo punidos de maneira alguma. Foram os cativos da Babilônia que tinham desprezado o conselho do Altíssimo. Ver no *Dicionário* sobre *Altíssimo*, bem como Sal. 7.17.

Cf. a provocação no tempo de Moisés, em Núm. 14.11,22, bem como o quanto Yahweh ficou aborrecido diante do pecado dos israelitas (ver Deu. 32.19). Cf. 106.40, onde Yahweh é visto a odiar a Sua herança, sem dúvida palavras fortes. Mas essas palavras falam da natureza do pecado que tão facilmente esquecemos ou, pelo menos, cuja gravidade diminuímos. O versículo é erroneamente aplicado aos captores babilônicos, e não aos cativos. "Visto que meios lenientes não surtiram efeito para mudar Judá, Deus os visitou com julgamento" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo toca no *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). A vontade humana perversa causara muitas provações (isto é, o mal moral), mas o autor diz-nos que Yahweh, a única Causa Final, esteve por trás da questão. Muita gente inocente sofre os ultrajes dos ímpios, e é difícil explicar por quê. Não podemos acusar ao Senhor pela matança de pessoas inocentes. Portanto, temos de propor causas secundárias aos que fazem coisas más e são inspirados somente por suas corrupções interiores. Por que Deus nem sempre protege os inocentes, é uma pergunta agonizadora.

O conselho do Altíssimo. Ou seja, a lei de Deus, bem como mandamentos para ocasiões específicas. Ver Sal. 1.2, quanto ao que a lei significava para Israel. Naquele ponto, dou um sumário de idéias. Cf. Luc. 7.30 e Atos 20.27. Desprezar a lei era uma questão séria para os filhos de Israel (ver Pro. 1.25,26). Isso atraía a retribuição divina segundo a gravidade do pecado cometido, a função da *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

107.12

De modo que lhes abateu com trabalhos o coração. O seu homem interior, o seu coração, teve de inclinar-se e foi esmagado devido à violência do cativeiro e à severidade de seus opressores. Eles ficaram encarregados do árduo trabalho que usualmente era entregue aos povos cativos, incluindo a franca servidão à qual muitos deles foram vendidos. Era comum que esse tratamento fosse dado a povos conquistados. Judá caiu sob o peso, e o Ajudador, por algum tempo pelo menos, tornou-se o Destruidor. Não obstante, a destruição foi restauradora, e assim, o tempo todo, o Ajudador é que estava agindo.

... **lhes abateu... o coração.** Diz aqui o hebraico, literalmente: "ele lhes humilhou o coração". O quanto eles se tinham mostrado arrogantes em sua apostasia, assim também Yahweh teve de tratar duramente com eles. E, quando caíram, sua arrogância e autoconfiança não lhes fizerem bem algum. O Ajudador estava distante, oculto nas sombras, esperando para ver qual seria o resultado de Seu julgamento.

"O versículo inteiro apresenta o quadro de homens que se debatiam, sob o trabalho forçado, a que os cativos eram sujeitados pelas grandes monarquias orientais" (Ellicott, *in loc.*). "Deus os esqueceu porque eles O tinham esquecido" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para informar-nos que o único Ajudador quanto à salvação é Cristo, e que Sua salvação reverte a escravidão ao pecado, o que causa tanta aflição aos homens.

107.13

Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor. Angustiados, os filhos de Israel clamaram, porquanto não encontraram nenhuma ajuda em si mesmos. E logo Yahweh, que os tinha ouvido, estava remediando a situação, pelo que o antigo ciclo de pecado-julgamento-restauração funcionava uma vez mais.

Devo contar a Jesus todas as minhas dificuldades,
Não posso agüentar esta carga sozinho.
Em minha aflição, ele, bondosamente, me ajudará.
Ele sempre ama e cuida dos que Lhe pertencem.

(Elisa A. Hoffman)

"Este é o efeito salutar que as aflições devem produzir... Misericordiosamente, Deus ouviu as suas orações e reverteu o seu estado" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Mat. 8.25.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao livramento da ira de Deus na salvação evangélica.

107.14

Tirou-os das trevas e das sombras da morte. Este versículo é a reversão de tudo quanto fora dito no vs. 10: Ele os tirou da masmorra escura; removeu-os da sombra da morte; quebrou as correntes que os amarravam (Sal. 2.3). O que era, assim, negativo foi transformado em algo tremendamente positivo. A parte mais admirável de toda a questão foi quão rapidamente (em setenta anos) se reverteu o cativeiro babilônico. Isso exigiu uma mudança de potência mundial dos babilônios para os persas, naturalmente a operação de Yahweh na cena internacional. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ciro*.

Vinde, todos vós, cansados e oprimidos;
Oh, vinde! e eu vos darei descanso.
Ordenarei que todos os vossos temores ansiosos se vão,
Pois sou manso e humilde de coração.

Este versículo foi cristianizado para referir-se ao poder de Cristo em libertar os homens do pecado, partindo as perversidades que os prendiam, livrando-os da destruição, dando-lhes o Espírito de liberdade e amarrando os poderes do mal.

107.15

Rendam graças ao Senhor. Este versículo é uma duplicação do vs. 8, onde são dadas notas expositivas. Confessem a bondade do Senhor; espalhem as boas novas entre os homens. Ver Rom. 8.17. O vs. 9 confere-nos maiores detalhes de por que devemos render graças e louvores a Deus. As obras maravilhosas de Deus tornam-se pessoais em todas as coisas boas que são providas pelo amor constante do Senhor. A providência negativa dos vss. 10 e 12 é completamente revertida para a providência positiva deste versículo. "Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos fluem" (Thomas Ken). Os vss. 21 e 31 repetem a declaração, e também a encontramos nos vss. 8, 15, 21 e 31. Temos aqui um refrão repetido a intervalos do cântico.

Louvai vós ao Senhor, que, sobre todas as coisas,
Tão maravilhosamente reina. Louvai a Ele, que
Abriga a alma, sustentando-a tão gentilmente.

(Joachim Neander)

107.16

Pois arrombou as portas de bronze. As prisões eram fortificadas com portas de bronze e barras de ferro. Ademais, as fortificações militares tinham o mesmo tipo de reforço. O império babilônico era uma potência poderosamente equipada. Seus portões eram impenetráveis. Coisa alguma poderia tê-lo derrubado, exceto a vontade de Deus; e essa vontade, operando através de uma nova potência mundial, a Pérsia, mostrou-se eficaz. Assim sendo, os cativos israelitas foram libertados de um poder que "existira antes". "Ele despedaçou a prisão e cortou as barras de ferro pelo meio" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os homens são empurrados por potências que não podem controlar. Um soldado foi morto em ação, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando foi examinado, encontraram um tabuleiro de xadrez que ele tinha gravado em seu próprio corpo. Mas o tabuleiro era muito curioso, porque tinha somente um peão, que, sem dúvida, representava o próprio homem, engajado em um jogo cujos movimentos ele não podia controlar. A fé dos hebreus, entretanto, contava com um Controlador dos movimentos, e o que acontecia no tabuleiro de xadrez dependia de Sua vontade, e não da vontade dos peões no tabuleiro. Cf. Isa. 45.2: "Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei as trancas de ferro". Estas palavras foram ditas a Ciro, instrumento nas mãos de Yahweh. Cf. Sal. 116.16.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da bem-sucedida missão de Cristo, e de como o poderoso império romano foi capturado por Seu poderoso amor. Então, as prisões que seguram os homens cativos são derrubadas pelo Seu poder.

Os Enfermos (107.17-22)

107.17

Os estultos, por causa de seu caminho de transgressão. O poeta agora descrevia condições adicionais pelas quais os cativos passaram, na Babilônia, ou ilustrava sua tese com um novo modelo, o de um homem enfermo, a quem o Senhor curara. Mas o sentido resulta no mesmo: Yahweh é capaz de libertar-te, pelo que sejamos agradecido (vs. 22).

Os estultos. Assim diz o texto massorético. Se o texto está correto, isso aponta para a crença hebraica de que a enfermidade era causada (sempre) pelo pecado. Jó desafiou essa crença com sucesso, mas isso não se fixou na consciência dos hebreus. Portanto, as pessoas enfermas seriam os tolos do diabo, pessoas que saíram da linha e foram feridas por alguma praga. Os cativos pela Babilônia também eram estultos, independentemente de estarem ou não enfermos fisicamente. Além disso, as pessoas enfermas, de modo geral, ilustram o mesmo princípio. O pecado é o destruidor. Mas Yahweh tinha curado os literalmente enfermos e figuradamente os enfermos quando reverteu o cativeiro babilônico. Todavia, em algumas versões, "estultos" foi emendado para "enfermos". A mudança não afeta o sentido do versículo, visto que, em seguida, é dito que havia os afligidos por alguma enfermidade. Os pecadores estultos estavam enfermos por causa de seus pecados, e isso permanece um fato, sem importar se os chamamos de estultos ou não. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*, quanto ao texto hebraico padronizado que algumas vezes pode ser melhorado com emendas cuidadosas.

De acordo com a estimativa do poeta sacro, os enfermos têm suas transgressões (pecados contra mandamentos específicos) e suas iniqüidades (pecados de todos os tipos), razão pela qual estão enfermos. Seja como for, a nação de Judá (Israel), que foi levada para a Babilônia, certamente compunha-se de um povo enfermo, seja moralmente, seja fisicamente. O caso, porém, não era irremediável. Havia um Curador (vs. 19) que a tudo contemplava e, afinal, agiria movido pela piedade e pelo amor. "Este é o decreto da Bíblia: o pecado é uma estultícia suicida" (Fausset, *in loc.*). Ver Jó 35.3, quanto à freqüente conexão entre a insensatez e o pecado.

As pessoas enfermas por muitas vezes afligem a si mesmas. "A maior parte das enfermidades humanas é fruto de pecados e excessos. A miséria e o pecado estão casados mediante laços que simplesmente não podem ser quebrados" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso se aproxima da teoria hebréia das enfermidades. Ver as notas em Sal. 103.3, quanto a idéias adicionais sobre o pecado e as doenças. Todavia, as enfermidades podem ser uma disciplina, e não uma punição; podem ser uma orientação dada a um homem bom; e também existem nas enfermidades um elemento enigmático, tal como ocorre no caso do *Problema do Mal* em geral (ver a respeito no *Dicionário*). As enfermidades fazem parte do mal natural, as coisas ruins que acontecem aos homens, causadas pelas forças da natureza: incêndios, terremotos, seca, enfermidade e morte.

107.18

A sua alma aborreceu toda sorte de comida. As pessoas enfermas não toleram nenhum alimento sólido, na verdade nenhum tipo de alimento. Elas enjoam com qualquer comida e sentem-se tão mal que parecem estar morrendo, o que o poeta sagrado descreveu como quem se aproxima das portas da morte. "Alma", aqui, provavelmente significa "apetite". Nesse caso, "seu apetite se transforma em enjôo", longe de quererem comer mais, o que usualmente resulta de um apetite saudável. Cf. Jó 33.20. O ponto salientado pelo salmista é que os pecadores realmente enfermam; portanto, não sejas um pecador. As pessoas realmente enfermas logo podem morrer, e então a nutrição, por meio da alimentação, torna-se algo inteiramente supérfluo. O que insiste em continuar pecando poderia atravessar para dentro dos portões da cidade da morte, tornando-se um cidadão ali. Quanto às "portas da morte", cf. Sal. 9.13. Ver também Jó 33.22 e Sal. 88.3.

107.19

Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor. O povo de Israel, enfermo e prestes a morrer, voltou-se para o arrependimento e a oração. Eles se retiraram

do mundo e de suas atrações. Meditaram sobre a lei do Senhor e tomaram resoluções de reforma. E, uma vez mais, chegamos à fase da restauração da antiga síndrome do pecado-julgamento-restauração. Yahweh ouviu suas orações e lhes concedeu outra oportunidade. De fato, Deus é o Deus da segunda chance. Lembre-se o leitor da história de Ezequias. Ele estava morrendo, mas orou a Deus. Voltou-se para a parede e chorou e orou, e orou e chorou. Yahweh honrou a oração e lhe deu quinze anos extras de vida. Senhor, concede-nos tal graça! Ver a história em II Reis 20.6. Todas as pessoas espirituais já testemunharam pessoalmente, ou já ouviram da parte de amigos, a história de alguma cura miraculosa, portanto estamos tratando aqui de uma gloriosa realidade. O poeta não precisa tentar convencer-nos de sua tese. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cura*. Estudos recentes mostram que a oração, mesmo quando oferecida em favor de pessoas desconhecidas, produz efeitos, e as orações em grupo são muito mais eficazes do que as orações feitas por indivíduos isolados. De fato, há um poder explosivo nas orações oferecidas por grupos. Leia o Salmo 103 e ore, e você ficará surpreendido diante do que Deus pode fazer. Além disso, há o amor. Onde estiver o amor, aí haverá grandes milagres. O amor sincero e a oração anelante, uma vez ligados um ao outro, podem fazer qualquer coisa. Portanto, ame e ore.

Não fique desencorajado. Deus está acima de todos.
Conte suas muitas bênçãos, os anjos o ajudarão,
Ajuda e consolo eles lhe darão, até o fim
de sua jornada.

(Johnson Oatman)

107.20

Enviou-lhes a sua palavra e os sarou. Yahweh enviou-lhes a Sua palavra, isto é, o Seu decreto, e curou os que estavam desesperadamente enfermos, arrebatando-os das portas da cidade da morte. A palavra é o agente divino da criação, tal como se dá na história da criação, e essa palavra continua ativa até hoje. Cf. Gên. 1.3,6,9 etc. e Sal. 147.15,18. Ver também Isa. 55.11. A idéia tem sido cristianizada para fazer com que "palavra" seja a palavra do Logos, mas o poeta sagrado não estava oferecendo uma teologia avançada. Ele tão-somente disse que, quando Deus fala, coisas começam a suceder.

Do que lhes era mortal. O autor sagrado falava sobre a morte física, e não sobre o julgamento além-túmulo. A cura física impede a morte física, mas não a segunda morte. O hebraico literal diz "covas", isto é, sepulturas, porquanto as pessoas comuns eram sepultadas em tais buracos. Mas não há aqui nenhuma referência ao sheol.

Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades;
quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime
a tua vida.

(Salmo 103.3,4)

Oração Poderosa. O Dr. Thomas John Barnardo conta uma história que merece nossa atenção. Ele tinha um orfanato e precisava de cobertores para as crianças. Mas não tinha dinheiro para comprá-los, e as crianças continuavam a tremer em suas caminhas. Barnardo começou a orar para valer. No terceiro dia de oração, chegou um cheque pelo correio, com quase exatamente a quantia necessária para comprar os cobertores. Acompanhando o cheque, havia uma nota que dizia: "Este dinheiro é para prover roupas adicionais para este inverno inclemente" (livro da autoria de A. E. Williams, *Barnardo of Stephy*, pág. 183). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres sobre a Oração*. Eu mesmo já fui curado miraculosamente por duas vezes, quando era criança, pelas orações de minha mãe, uma crente que nunca desistia. Portanto, digo, continue lendo o Salmo 103 e orando, e você ficará surpreso de ver o que Deus pode fazer. Jesus naturalmente era o Curador Mestre. Ele continua vivo! Sempre será cedo demais para desistir; por conseguinte, continue orando. Dê graças a Yahweh por Seu amor constante (vs. 1).

107.21

Rendam graças ao Senhor por sua bondade. Os vss. 8, 15, 21 e 31 são iguais, sendo o refrão do cântico constituído pelos vss. 1-31. Ofereço notas expositivas nos vss. 8 e 15. "A saúde física é, algumas vezes, restaurada de maneira maravilhosa, quando todos os demais meios já foram usados sem sucesso, e todas as prescrições médicas falharam. O perdão dos pecados opera maravilhas agora, e será uma maravilha da graça por toda a eternidade. Por tais coisas devemos dar graças ao Senhor" (John Gill, *in loc.*).

107.22

Ofereçam sacrifícios de ações de graças. *A lei mosaica exigia toda espécie de sacrifícios e estes eram devidamente efetuados no culto do templo. Ver no Dicionário o verbete denominado Sacrifícios e Ofertas.* Parte importante do sistema de sacrifícios era a música, e o tema do agradecimento a Deus era uma constante. Além disso, havia as oferendas de agradecimento, que eram uma subcategoria das ofertas pacíficas. Ver Lev. 7.11-15; 22.29,30. Tais oferendas acompanhavam os sacrifícios de sangue. Dessa maneira, eram reconhecidas e declaradas publicamente as obras maravilhosas de Deus. Oferendas de ações de graças especiais foram realizadas na primeira festa dos Tabernáculos, após a restauração, terminado o cativeiro babilônico. Ver Esd. 3.4,5.

Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre,
sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o
seu nome.

(Hebreus 13.15)

Louvai vós ao Senhor, o Todo-poderoso,
O rei de toda a criação!
Ele é a vossa saúde e a vossa salvação.

(Joachim Neander)

Homens do Mar (107.23-32)

107.23

Os que, tomando navios, descem aos mares. Os hebreus eram um povo que vivia à beira-mar, mas não um povo marítimo. Somente Salomão e Josafá tentaram o comércio marítimo — Salomão com sucesso, mas Josafá com desastre. No entanto, eles ouviam falar nas histórias dos fenícios, os grandes marinheiros da época, e por isso sabiam quão perigosa era a navegação pelo mar. Yahweh, porém, era o Senhor dos mares, pelo que podia ajudar os marinheiros quando eles corriam perigo; e, assim sendo, louvado seja o nome de Deus! "Os hebreus eram, essencialmente, homens que se locomoviam em terra. A novidade do tema náutico pode explicar este longo tratamento, bem como o exagero nas descrições que aqui encontramos" (William R. Taylor, *in loc.*).

Na imensidade das águas. A expressão "os que descem aos mares" corresponde ao que os gregos diziam, sendo possível que tenhamos aqui um empréstimo direto de uma expressão grega. Está em vista a idéia de embarcar, não sendo necessário imaginar hebreus descendo das altas terras da Judéia para o mar, a fim de iniciar alguma viagem marítima. Os judeus, de fato, não faziam isso. Devem estar em foco os fenícios, e o poeta não estava tentando convencer-nos de que os hebreus seguiam o exemplo dos vizinhos do norte. Ele meramente está falando sobre os perigos das viagens por mar. Cf. Isa. 42.10 e Jonas 1.3. Os que tomavam navios tentavam ganhar dinheiro, e os fenícios, na realidade, enriqueciam com os produtos que traziam de grande distância para serem vendidos por todo o mundo conhecido na época. Mas os que embarcavam punham em risco a própria vida, e, como é óbvio, muitas vidas foram perdidas. Essa circunstância proveu, para o salmista, a ilustração de que ele precisava. O autor sagrado estava mostrando como Yahweh é o Salvador dos que se arriscam, correm perigos, adoecem — e por tudo isso devemos dar graças ao Seu nome. Agradecemos ao Senhor por Seu amor constante, e podemos inventar muitas ilustrações que demonstram como isso opera entre os homens. Esse é o tema central dos vss. 1-32.

107.24

Esses vêem as obras do Senhor. Os mares eram e continuam sendo regiões misteriosas. Os marinheiros, porém, estão muito mais afeitos aos mistérios do mar do que nós. Eles vêem acontecimentos estranhos, esquisitos animais marinhos, algum dragão ocasional e tempestades ferozes que ameaçam a vida de todos quanto se atiram aos mares. Eles viam o próprio mar, um monstro de água que aparentemente não tinha fim e cujos movimentos permanecem sem explicação real até hoje. A principal coisa que viam e os deixava admirados era como o mar pode elevar-se como uma montanha, chegando a alçar aos céus, e então descer repentinamente, tão prenhe de destruição (vss. 25 e 26). É Yahweh quem causa tais terrores, pois Deus é a Causa única, e, quando os ventos ajudam a empolar o mar, fazem-no somente como servos do Senhor. "As obras do Senhor, esplêndidas e divinamente impressionantes e gloriosas no tempo bom, mas terrivelmente tremendas em uma tempestade" (Adam Clarke, *in loc.*).

"As obras do Senhor, na criação, no próprio mar, em seu fluxo e refluxo; nas criaturas que no mar existem, peixes de várias formas e tamanhos; na preservação de navios e de homens que correm perigo iminente; e até mesmo em milagres, algumas vezes causando um furor de ventania e de outras vezes acalmando-os, e as ondas... em notáveis aparências da providência divina, ao livrar das maiores aflições, e ninguém por perto para ajudar" (John Gill, *in loc.*).

Sozinho, sozinho, completamente só,
Sozinho em um largo, largo mar!

E nunca um santo teve piedade de
Minha alma em agonia.

(Samuel Taylor Coleridge)

107.25

Pois ele falou, e fez levantar o vento tempestuoso. Yahweh é declarado aqui como a causa do empolamento do mar, embora o vento tempestuoso seja o seu instrumento. Ele levantou seu terrível peso como se nada fosse e espantou o pobre marinheiro para fora de sua mente. Exibiu o Seu poder no mar, levando os homens a temer o Seu nome. O Senhor ordenou, como Seu todo poderoso *fiat* na criação (Gên. 1), quando Sua Palavra levou todas as coisas a assumir formas designadas. O poder do Senhor mostrou ser ilimitado, inexplicável e sem oposição, e o pobre marinheiro se viu apanhado em meio ao redemoinho. Yahweh fez o marinheiro gritar, para que logo começasse a louvá-lo! Cf. este versículo a Sal. 42.7. "O que, menos do que a ordem de Deus, pode tumultuar o mar de modo a que pareça estar saindo de seu leito?" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Sal. 148.8.

107.26

Subiram até aos céus. As ondas sobem até o céu, e então tombam repentinamente até o leito terrestre do mar, e o coração dos homens quase desmaia de terror. O coração dos homens se "dissolve" dentro deles, porque a morte súbita está passando por eles.

Desfalecia-lhes a alma. Assim diz literalmente o original hebraico, que pode ser aqui traduzido por *coragem*. Os homens perdem a coragem quando coisas espantosas acontecem no mar, pois a coragem deles se dissolve em nada, e nada lhes resta, senão o medo. Os mares tornam-se altos montes e vales profundos, e sem cansar vivem trocando de posição, enquanto o navio é apanhado no meio do tumulto.

107.27

Perderam todo o tino. Os marinheiros são projetados para cá e para lá incontrolavelmente, enquanto sua embarcação é apanhada pelas ondas empoladas, de forma que eles perdem o tino. Diz literalmente o original hebraico "toda a sua sabedoria é engolida", isto é, eles não sabem o que fazer, visto que a sua razão começa a desmaiar. A sabedoria consiste em saber como controlar os navios. Mas eis que essa sabedoria, de súbito, torna-se inútil, pelo que eles são deixados à misericórdia do mar. A sabedoria deles quanto às questões marítimas, sua arte de navegação, sua habilidade em controlar as embarcações, tudo deixa os homens aturdidos e bastante confusos. Conforme disse Ovídio, "a arte deles fracassa".

107.28

Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor. Naquele estado temível e desesperador, eles fizeram a única coisa que lhes restava: ergueram suas orações a Yahweh, o qual criou os mares. Ele já tinha visto o bastante daquele terror e, imediatamente, lhes concedeu alívio. Deus acalmou as águas. A tempestade passa e os mares retornam ao estado normal. "Se há alguma coisa capaz de levar um homem a orar, essa coisa é uma tempestade no mar" (Fausset, *in loc.*).

Agora levantamo-nos em um arco altíssimo de ondas,
Sacudidos pelas ondas impulsionadoras até o céu.
E então, quando as ondas rugidoras desceram,
Precipitamo-nos de cabeça até os portões do inferno.

(Pitt)

De repente, Yahweh repreendera as ondas, e reinara uma grande calmaria.

Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se bonança. E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?

(Mateus 8.26,27)

E, no entanto, não muito tempo depois, esse tremendo Poder foi crucificado. Jesus disse a Paulo que a Sua graça era suficiente, e, algumas vezes, temos de deixar a questão nesse ponto (ver II Cor. 12.9).

107.29

Fez cessar a tormenta. Ele, Yahweh-Elohim, o Eterno, o Todo-poderoso, fez as ondas obedecer à Sua vontade; e assim, obedientes, elas abandonaram o seu desvario. As ondas que gritavam e rosnavam tornaram-se mudas e inativas. A fúria delas desvaneceu-se pela palavra do Senhor. Cf. Sal. 89.9. A ameaça desapareceu tão repentinamente quanto tinha aparecido, e os homens, assustados diante do mar raivoso, ficaram igualmente assustados com a calmaria. Os romanos consideravam as tempestades divindades, motivo pelo qual erigiam templos e realizavam sacrifícios para as tempestades, esperando com isso que as viagens se tornassem mais seguras. Agora, em meio à calmaria, os marinheiros seguem viagem e logo chegam à terra e à segurança. Algo divino acontecera em favor deles, e assim eles tinham razões para agradecer a Yahweh. O Salmo 107 é um salmo de ação de graças, e o poeta sagrado nos oferece certo número de ilustrações que mostram por que esse agradecimento estava justificado.

107.30

Então se alegraram com a bonança. O temor foi substituído pela alegria, e a alegria provocou cânticos de louvor e ação de graças; e assim, seguindo seu caminho, felizes, os marinheiros chegaram a seu destino, seguros, cheios de esperança. Yahweh os tinha levado até aquele lugar, conforme o poeta deixou bem claro. Por meio de uma aplicação, vemos que todas as "viagens" que os homens tomam nesta vida estão sob a orientação e o controle divino. Conforme diz um hino evangélico, "cumpre-nos correr a corrida com sucesso, do berço à sepultura".

Ao desejado porto. Diz o hebraico, literalmente, "o lugar esperado", o local que a mente dos homens anela contemplar, um espaço de descanso e segurança. A viagem terminou em boas condições atmosféricas, e os marinheiros estavam animados. Algo de divino tinha acontecido naquele dia, e o coração deles estava repleto de gratidão e alívio. "Tudo fora obra do Senhor, em Sua providência... tudo se deveu à Sua secreta orientação, que eles foram conduzidos até sua pátria em segurança, ao porto almejado... o texto pode ser aplicado ao povo de Deus que tinha embarcado na causa de Cristo, comparável a um navio, do qual Cristo é o Mestre Capitão, o Piloto. Seu povo veleja através de mares tempestuosos no qual este mundo e nós mesmos fomos projetados" (John Gill, *in loc.*). Mas os crentes, finalmente, estão "seguros nos braços de Jesus", conforme diz certo hino evangélico.

Devo ser transportado para o céu
Em canteiros de lazer, cheios de flores,
Enquanto outros lutam para conquistar o prêmio,
E velejam através de mares sangrentos?

(Charles Wesley)

107.31

Rendam graças ao Senhor por sua bondade. Os vss. 8, 15, 21 e 31 repetem a mesma declaração. Já dei amplas notas sobre as declarações dos vss. 8, 15 e 21, que se aplicam aqui. Esses versículos atuam como um refrão para os vss. 1-32, o cântico de ação de graças. O poeta já tinha usado várias ilustrações para mostrar como os homens são inspirados a agradecer a Yahweh. Os homens do mar dão graças a Deus, conforme fizeram os marinheiros referidos no livro de Jonas (Jon. 1.16). Todas as jornadas dos homens, através deste mundo hostil, são temíveis, a menos que o Ser divino esteja presente para ajudá-los em tempos de aflição.

107.32

Exaltem-no também na assembléia do povo. Todos os que são salvos do perigo chegam à assembléia do povo para narrar suas histórias, para exaltar e louvar o Senhor, o Libertador. Temos aqui o louvor público, a apresentação de oferendas de agradecimento que acompanham as ofertas regulares de sangue, misturadas a cânticos de louvor, fazendo grande ruído em honra ao Senhor. Ver o vs. 22 que é, essencialmente, o mesmo que temos aqui, e onde comento a questão com maiores detalhes. Diz o Targum "na congregação do povo da casa de Israel", uma referência ao ritual do templo, e não a um corpo governante, o Sinédrio. Naturalmente, os anciãos governantes estariam ali para ver e ouvir a celebração jubilosa. Quanto aos líderes governantes, ver Êxo. 3.16-18; 12.21; 18.21; e, quanto ao tempo de Esdras, ver Esd. 10.8,14. "No Deuteronômio, a eles foram atribuídas funções jurídicas (Deu. 19.12; 21.2,19; 22.15; 25.7), que podem ter exigido a reunião em grupos locais (cf. Rute 4.2). Eze. 8.1 e 14.1 também se referem à reunião dos anciãos" (William R. Taylor, *in loc.*), e é assim que alguns estudiosos dizem que este versículo fala em louvor perante tais grupos, e não durante o culto do templo. Talvez isso seja uma verdade aqui, ao passo que o vs. 22 certamente contempla o culto no templo. Os intérpretes estão divididos sobre a questão, mas penso que o culto no templo é a referência mais provável, com a presença de alguns anciãos. Seja como for, o versículo ensina que pessoas livradas de suas aflições agradeceram publicamente ao Senhor.

Um Hino Didático (107.33-43)

107.33

Ele converteu rios em desertos. Tão diferente é esta segunda parte do salmo da primeira (vss. 1-32) que muitos intérpretes têm pensado que, originalmente, ela era uma composição separada anexada por editores posteriores para formar o que é conhecido como o Salmo 107. O tema é o poder de Deus sobre a natureza, por causa do qual os homens devem regozijar-se e agradecer, porquanto a Sua graça soluciona para os homens o *problema do* mal (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, os sofrimentos dos homens, algumas vezes tão insondáveis. O problema do mal é abordado de maneira não-teológica, e algumas observações úteis são feitas, embora não haja realmente respostas conclusivas sobre o porquê dos sofrimentos humanos, pois até os inocentes, ao que tudo indica, são afligidos estupidamente. "O salmista fala do governo providencial sobre o mundo, como uma segunda grande razão para os louvores" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Entre os atos divinos especiais de providência, temos as águas dadas de forma tão abundante que fazem os rios jorrar através dos desertos, e as fontes que jorram águas onde a água é rara, conforme diz a mensagem de introdução ao vs. 33. Isso estabelece a cena para a discussão geral. Na Palestina, muitas áreas constantemente sofriam do problema de falta de água, pelo que o poeta tocou em um ponto sensível, com sua declaração inicial. Yahweh tem poder sobre a natureza, que assume muitas formas, algumas das quais o salmista usou como ilustração. Devemos agradecer ao Deus dos suprimentos. Fazer o deserto florescer como uma rosa não era algum feito pequeno:

> *O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como a rosa.*
>
> (Isaías 35.1)

107.34

Terra frutífera, em deserto salgado. Mas também existe a providência divina negativa. A terra boa e frutífera pode ser transformada em deserto quando os habitantes se corrompem com toda espécie de vícios.

Deserto salgado. Assim diz literalmente o hebraico original, embora algumas traduções digam meramente *esterilidade*. Cf. Isa. 41.18; 43.19,20. Os desertos tornam-se salgados se os riachos e rios trazem essa substância e ali a depositam, e não há saídas para a água corrente. O Grande Lago Salgado, perto de Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos, é cerca de seis vezes maior que o mar Morto e, tradicionalmente, tem mais ou menos o mesmo conteúdo de sal. É salgado porque não tem saída. Além disso, no estado de Utah há as chamadas planícies de sal, vastos terrenos de solo salgado deixados ali por grandes corpos de água que, há muito, se secaram. Toda água praticamente tem algum conteúdo de sal, e esse sal pode ser acumulado em lugares onde os rios não "percorrem" a terra.

A infertilidade pode resultar do pecado, adverte-nos o poeta sacro, enquanto a fertilidade representa a providência positiva de Deus. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui *pântanos salgados*. Existem muitos pequenos lagos salgados ao redor do mundo, produzidos pelo processo descrito acima. Alguns desses lagos são envenenados pelas plantas que crescem ao redor e então tornam-se realmente estéreis. As pessoas que passam sede nos desertos são avisadas a beber água somente onde houver evidência de vida animal ou de insetos. Os animais e os insetos evitam água envenenada. Os pagãos também atribuíam infertilidade à punição aplicada pelos deuses (Hygin. Fab. 88). Cf. Jó 39.6.

107.35

Converteu o deserto em lençóis de água. Volta a ser enfocada a providência positiva de Deus. Agora vemos grandes lagos formados onde não havia água, e fontes jorrando onde o terreno era seco. Este versículo repete, essencialmente, o vs. 33, onde uma linguagem levemente diferente é usada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, que inclui os usos metafóricos dessa palavra. Cf. Isa. 35.7; 41.18,19 e 42.15. Parece que o poeta sagrado dependeu dessas passagens. Isaías tinha em mente a alegria do povo de Israel que estava retornando à sua terra (cf. vss. 39-41), mas o poeta aplica a questão à reversão da fortuna dada por Deus. Assim, os homens agradecem ao Senhor quando Deus "está do lado deles", conforme diz uma moderna expressão idiomática.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre as bênçãos outorgadas a todos os homens através do evangelho, pois Cristo é a água da vida (João 7.37).

> *Fonte Tu de toda bênção*
> *Vem o canto me inspirar;*
> *Dons de Deus, que nunca cessam,*
> *Quero em alto som louvar.*
>
> (Robert Robinson)

107.36

Estabeleceu aí os famintos. Onde há abundância de água, dificilmente impera a fome. A agricultura é então favorecida, e o povo pelo menos deve ter legumes e verduras para comer. Se não houver tais alimentos sob essas condições, então o povo será preguiçoso e o governo será inepto. Onde há água, as cidades podem ser edificadas e grandes populações podem ser sustentadas. Áreas desérticas podem ser lugares desabitados, a menos, como é natural, que a água seja trazida de longe e reservatórios sejam construídos. Os povos antigos, porém, não tinham tecnologia suficiente para esse tipo de obra, pelo que eram forçados a fazer reservatórios onde a água já existia, excetuando os nômades que gostavam de percorrer desertos.

Cf. os vss. 4, 5 e 7 deste mesmo salmo. Pessoas que dispõem de água abundante têm muitos alimentos. Elas desenvolvem o comércio e juntam riquezas através de seus negócios. Em breve suas cidades estão repletas de bens de consumo de todo o tipo. Metaforicamente, pensamos na cidade de Deus, a Igreja, que tem prosperado através da água da vida.

> *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.*
>
> (Mateus 5.6)

107.37

Semearam campos e plantaram vinhas. O coração da prosperidade é a agricultura. O país que negligencia a agricultura tende à pobreza. Naturalmente, temos exceções, como o Japão; mas essa já é uma história diferente, não duplicada no mundo antigo, a menos que pensemos nos fenícios, que obtiveram riquezas por meio do comércio marítimo. "Em um sentido espiritual, os campos são o mundo, e a semente é a Palavra. Os agricultores são os crentes que semeiam, e o resultado final é a prosperidade espiritual. Os crentes são as plantas agradáveis, e os jovens convertidos são as uvas ternas. Igrejas são plantadas e se multiplicam com o aumento de Deus, produzindo frutos de justiça para a glória de Seu nome" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura*, que inclui os usos metafóricos desse termo.

> *Senhor, quero reconhecer teu terno cuidado,*
> *Vejo todo o Teu amor por mim, o alimento*
> *que como, as roupas que visto.*
> *Todas as coisas são dadas por Ti.*
>
> (Jane Taylor)

107.38

Ele os abençoou. As bênçãos de Deus fazem florescer a agricultura e a criação de animais. Portanto, há riquezas nos campos (vs. 37), vinhedos e uvas abundantes (vs. 37) e grande multiplicação de gado saudável (vs. 38). Cf. Deu. 30.16. Quanto à situação inversa, ver Lev. 21.22.

> *Por tal bondade, Senhor, e por esse cuidado*
> *constante,*
> *Um homem nunca poderá pagar de volta.*
> *Mas em nossas orações*
> *Diárias, nós Te agradecemos,*
> *Pois a Ti amamos e obedecemos.*
>
> (Jane Taylor)

Ovelhas e bois eram considerados uma bênção temporária especial (Sal. 144.13,14). Cf. um uso espiritual em I Cor. 9.9 e I Tim. 5.17.

O Amor Constante do Senhor (107.39-43)

107.39

Mas tornaram a reduzir-se. "O Senhor também exerce poder sobre as experiências das pessoas. Ele humilha e rebaixa os orgulhosos, mas eleva os pobres e necessitados. Por conseguinte, os remidos louvam ao Senhor, mas os ímpios são silenciados" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os hebreus realmente maus foram entregues ao castigo de Yahweh através de potências estrangeiras, como se deu no caso do cativeiro babilônico, que o

poeta sacro talvez tivesse em mente ao escrever este versículo. Mas a declaração geral aplica-se a todas as situações nas quais os homens são apanhados em pecado e debocham. Também podem ser oprimidos por inimigos locais, levados a toda espécie de tribulação e tristeza. "... algumas vezes, mediante a guerra ou a pestilência ou a fome" (Adam Clarke, *in loc.*, o qual passa a falar sobre como as guerras na Europa apanharam as pessoas de surpresa e enviaram muitas almas despreparadas para a eternidade. Ele repreendeu os líderes que trouxeram esses desastres e disse: "Quando Deus fizer inquirição pelo sangue, em quais cabeças Ele encontrará o sangue dos que foram trucidados?").

"A memória freqüente de suas humilhações passadas desperta a consciência mais profunda da dívida de gratidão para com Deus, por sua presente prosperidade" (Fausset, *in loc.*).

107.40

Lança ele o desprezo sobre os príncipes. Os príncipes não estavam isentos dos golpes castigadores de Deus. Eram reduzidos a nada e enviados a perambular pelos lugares desérticos, com quase nada para comer. A gordura que havia nos palácios era trocada pela magreza de mantimentos no deserto. Eles vagabundeavam por ermos sem caminhos (Revised Standard Version). Os pecadores sofriam uma variedade de punições disciplinadoras da parte de Deus, as quais compunham o problema do mal, quando aplicado a eles. O autor sagrado, à semelhança dos amigos molestos de Jó, viu todos os males como derivados da maldade humana; mas esse é apenas um pequeno aspecto da razão pela qual os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, para uma explicação multifacetada sobre o sofrimento humano.

> *Lança desprezo sobre os príncipes, e afrouxa o cinto dos fortes... Tira o entendimento dos príncipes do povo da terra, e os faz vaguear pelos desertos sem caminho.*
>
> (Jó 12.21,24)

"Perambular por um deserto sem caminho denota uma perplexidade desesperadora" (Fausset, *in loc.*).

"Quem pode considerar a sorte do falecido imperador francês, Napoleão, sem ver a mão de Deus em sua queda? Ele derrotou todas as potências da Europa coligadas contra ele. Mas, mediante as geadas da Rússia, Deus destruiu suas dezenas de milhares, e então a providência divina interveio em Waterloo, quando todas as forças de seus inimigos tinham sido reduzidas a quase zero. Quão terrível és Tu, ó Senhor, em Teus julgamentos!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Nabucodonosor passou a comer erva como os bois (Dan. 4.25), e Herodes foi comido por vermes (Atos 12.23).

107.41

Mas levanta da opressão o necessitado. Em contraste com os príncipes humilhados, os pobres, embora espiritualmente ricos, são exaltados, cada qual em seu trono particular, por assim dizer. O homem em seu trono particular fica livre das aflições que avassalam os ímpios. Além disso, sua família compartilha de sua boa sorte. E eles são como um rebanho bem guardado, que não passa necessidade.

> *Deixam correr suas crianças, como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria.*
>
> (Jó 21.11)

No que diz respeito ao problema do mal, o poeta dizia que a vida reta provê uma boa vida física, bafejada pelas riquezas e pela saúde. Isso é uma grande coisa, mas nem sempre expressa uma verdade. E assim somos obrigados a dizer que, com freqüência, ou mesmo até usualmente, as coisas se vão nessa direção; mas, se não o fazem, então Deus tem algum outro plano que inclui um sofrimento desmerecido. Assim sendo, o problema do mal permanece insolúvel em muitos casos.

107.42

Os retos vêem isso e se alegram. Quando pessoas retas vêem como as coisas terminaram, ou seja, com os ímpios humilhados e os retos prosperando, elas se regozijam; mas os obreiros da iniqüidade têm de fechar a boca. Embora a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) faça as coisas acontecer dessa maneira, com freqüência, do ponto de vista teológico, esse é o modo simples do homem resolver o problema do mal. O fato é que o poeta tinha analisado o livro de Jó (ver os comentários sobre os vss. 40 e 41), mostrando que ele estava preocupado com o porquê do sofrimento humano. Entretanto, ele apresenta os argumentos essenciais dos opositores de Jó, culpando a todas as coisas segundo a lei do carma, ou seja, cada indivíduo colhe o que semeia. Ele não aplicou as observações de Jó ao problema. Ver a introdução ao livro de Jó, seção V, quanto à contribuição desse livro para a discussão. O artigo intitulado *Problema do Mal*, no *Dicionário*, abre muitas outras avenidas de pensamento sobre a questão, incluindo assuntos distintamente cristãos.

> *Os justos o vêem, e se alegram, e o inocente escarnece deles.*
>
> (Jó 22.19)

Ver Jó 5.16, quanto à iniqüidade a cerrar a boca. A iniqüidade é a personificação abstrata dos poderes malignos, pagãos ou não. Ver Zac. 1.15; Oba. 11-15. Com a boca os homens iníquos blasfemam de Deus e de Seu povo; finalmente, porém, a boca deles será fechada, quando a justiça prevalecer, afinal.

107.43

Quem é sábio atente para essas cousas. Os sábios saberão que o poeta disse algo realmente significativo sobre o problema do mal e sobre a lei da colheita segundo a semeadura. Os ignorantes continuarão pecando, entretanto, e forçarão a mão de Deus a mover-se contra eles. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sabedoria*. "É uma insensatez pecaminosa não observar e, portanto, mostrar-se ingrato no tocante aos amores do Senhor (o hebraico dá o plural). Ser observador agradecido do trato do Senhor com Seu povo, conforme diz este salmo, nisso consiste a verdadeira sabedoria. Os sábios piedosos recebem o que merecem. Sua sabedoria piedosa e, portanto, sua felicidade, aumentam (Osé. 6.3; Miq. 13.12)" (Fausset, *in loc.*).

"Este salmo termina no estilo e quase nas mesmas palavras da profecia de Osé. 14.9" (Ellicott, *in loc.*). "A pessoa sábia considerará as meditações apresentadas, prestando atenção especial ao grande amor do Senhor (ver os vss. 1, 8, 15, 21 e 31)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Sábio, aqui, aponta para os que são espiritualmente sábios para a salvação, capazes de compreender a sabedoria do coração e da alma, e não a sabedoria meramente mundana. Eles apreciarão as maravilhosas manifestações da providência divina, em consonância com o tema principal dos salmos, prestar ao Senhor o devido louvor e as devidas ações de graças, um saudável exercício da alma. "A bondade do Senhor será compreendida por homens sábios, como R. Moses e Aben Ezra disseram" (John Gill, *in loc.*).

Salmo Cento e Oito

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma *oração litúrgica*, pedindo a vitória sobre os inimigos nacionais. Ele não é original, pois está baseado em dois outros salmos: os vss. 1-5 são essencialmente iguais a Sal. 57.7-11; e os vss. 6-13 são essencialmente idênticos a Sal. 60.5-12. Mas não há como demonstrar se este salmo foi um empréstimo baseado nesses salmos ou um empréstimo dos materiais também tomados por empréstimo para composição daqueles salmos. O que é indiscutível é que este salmo não forneceu material de empréstimo para os Salmos 57 e 60. O vs. 6 é típico dos salmos de lamentação, e talvez a idéia original do Salmo 108 fosse produzir tal tipo de composição. Nesse caso o apelo original foi fortalecido prefixando-se a ele um breve hino (vss. 1-5), o que, de fato, aconteceu a alguns dos salmos de lamentação. O fato de que a correspondência verbal é muito próxima dos dois salmos mencionados favorece a noção de um empréstimo direto. O próprio John Gill, que usualmente comenta com detalhes, envia seus leitores a lugares onde esses salmos foram duplicados. Portanto, sigo o mesmo plano de John Gill.

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo simples: "Cântico. Salmo de Davi". Os dois salmos de onde esta composição foi compilada (57 e 60) também são atribuídos a Davi. Entretanto, as notas de introdução foram adicionadas por editores posteriores e não se revestem de autoridade canônica. Cerca de metade dos salmos foi atribuída a Davi, mas isso, sem dúvida, representa um grande exagero. Não obstante, por certo ele compôs alguns salmos, visto ter sido chamado de o mavioso salmista de Israel (II Sam. 23.1).

Um Hino de Ação de Graças (108.1-5)

108.1

Firme está o meu coração, ó Deus. Esta primeira parte do salmo foi copiada de Sal. 57.7-11, em termos quase idênticos. O vs. 1 é uma leve

modificação de Sal. 57.7. As notas expositivas dadas ali também se aplicam aqui. A segunda expressão, "meu coração está pronto" ou "é constante", não se acha no texto massorético, mas está presente em alguns manuscritos hebraicos, bem como nas versões da Septuaginta e do siríaco. Sal. 57.7 contém a expressão. O simples "cantarei" é ampliado para "cantar-te-ei louvores" aqui.

108.2

Este versículo é virtualmente igual a Sal. 57.8, onde são dadas notas expositivas.

108.3

Este versículo é quase igual a Sal. 57.9, onde são oferecidas as notas expositivas. O nome divino aqui usado é *Yahweh*, embora no trecho paralelo seja *Adonai*. O autor sacro, mediante essa modificação, não quis dizer nada diferente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*, quanto aos sentidos e usos.

108.4

Este versículo é quase igual a Sal. 57.10, onde ofereço as notas expositivas. O trecho paralelo diz "se eleva até aos céus", ao passo que aqui temos "acima dos céus". Mas não se pretende nenhuma diferença sutil de significado.

108.5

Este versículo é idêntico a Sal. 57.11 (onde termina aquele salmo). Ver as notas expositivas ali.

Um Apelo Pedindo Ajuda (108.6-13)

108.6

Esta porção do salmo composto foi tomada por empréstimo diretamente de Sal. 60.5-12. Aquele salmo é um lamento em grupo, e o poeta compilador preservou aqui o mesmo tom. Mas ele prefaciou isso com um hino de ação de graças. Agradecimentos quase sempre eram associados a salmos de lamentação, que terminam com um sinal de que a oração feita fora respondida e o indivíduo ou nação tinha sido libertado do perigo, ou então como sinal de que se pensava estar a resposta a caminho.

Este versículo é essencialmente igual a Sal. 60.5. Ver as notas expositivas ali.

108.7

Este versículo é igual a Sal. 60.6, onde ofereço a exposição.

108.8

Este versículo é igual a Sal. 60.7, onde são dadas as notas expositivas.

108.9

Este versículo é igual a Sal. 60.8, onde são dadas as notas expositivas.

108.10

Este versículo é igual a Sal. 60.9, onde são dadas as notas expositivas.

108.11

Este versículo é igual a Sal. 60.10, onde são dadas as notas expositivas.

108.12

Este versículo é igual a Sal. 60.11, onde são dadas as notas expositivas.

108.13

Este versículo é igual a Sal. 60.12, onde são dadas as notas expositivas.

Assim termina a oração solicitando ajuda, o que, conforme disse Lutero, é algo poderoso, visto que Deus se comprometeu a ouvir-nos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Oração*.

Salmo Cento e Nove

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação*, uma oração que pede o livramento de inimigos pessoais. Os salmos de lamentação tipicamente começam com um grito urgente de socorro e então descrevem os inimigos que estavam sendo confrontados, fossem eles invasores inimigos, adversários pessoais dentro do acampamento de Israel ou uma enfermidade física; ato contínuo, com freqüência aparecem imprecações contra o inimigo. A maioria dos salmos de lamentação termina com uma nota de louvor, pois a oração feita foi respondida, ou se pensava que a resposta estava a caminho. Alguns dos salmos de lamentação terminam, porém, em total desânimo, pois a oração feita não foi respondida, o que algumas vezes corresponde à experiência humana.

O salmista fora falsamente acusado de um crime (vss. 22-25) e a sua vida estava na balança. Ele precisava da ajuda urgente de Yahweh para sair daquela horrenda situação. O pobre homem também sofria de alguma enfermidade física e, sem dúvida, os inimigos zombavam dele como se estivesse sofrendo punição divina por algum pecado. Os hebreus sempre associavam as doenças ao julgamento contra o pecado. Ver em Sal. 103.3 uma explicação sobre a questão. O salmista carecia de uma intervenção divina imediata: vss. 1,21,26-29. A resposta ainda não lhe tinha sido dada, mas o poeta estava certo de que seria reivindicado, pelo que expressou de antemão seus agradecimentos. Os vss. 6-19 formam uma elaborada imprecação, elemento quase sempre encontrado nos salmos de lamentação. Os hebreus não tinham paciência com adversários desviados e queriam vê-los mortos. Os vss. 1-5 têm uma companhia de inimigos, mas nos vss. 6-19 apenas um inimigo é referido. A versão siríaca muda o versículo para o singular, a fim de evitar qualquer confusão.

O vs. 8 é citado em Atos 1.20, e assim o salmo se torna messiânico: o próprio Cristo é atacado por Seus inimigos. Alguns comentadores chegam ao extremo de ver Judas Iscariotes como o adversário endereçado. Presumivelmente, a traição de Judas é referida, bem como sua sorte infeliz. Talvez tudo isso seja ler demais na questão, mas pelo menos o salmo tem uma correta aplicação à experiência de Cristo, bem como à experiência dos homens bons em geral que estejam sofrendo alguma perseguição.

Subtítulo. Encontramos aqui o seguinte subtítulo: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi". Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, o que parece um claro exagero. Mas pelo menos alguns deles devem realmente ter sido escritos pelo chamado mavioso salmista de Israel (II Sam. 23.1). Contudo, devemos lembrar que os subtítulos não faziam parte original dos salmos. Foram acrescentados por editores posteriores, que tentaram adivinhar os autores e as circunstâncias históricas relacionadas às composições.

O Apelo a Deus (109.1-5)

109.1

Ó Deus do meu louvor, não te cales! Os salmos de lamentação começam com um urgente clamor pedindo ajuda. Os poetas sagrados com freqüência temiam a indiferença de Yahweh à sua chamada. Ver sobre isso em Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1. O autor do salmo presente assim clamou para que *Elohim* (o Poder) não se calasse; antes, que se atirasse contra os seus inimigos, os quais mereciam ricamente a repreensão divina. Se o Senhor assim fizesse, então o salmista daria louvor, pelo que Elohim é chamado de "Deus do meu louvor". Cf. Sal. 16.2,3 e Sal. 33.1. "Talvez 'Deus de minha glória ou de minha jactância' dê a força do original. O salmista ora para que Yahweh não silencie e torne vãs as promessas do pacto" (Ellicott, *in loc.*). "Defende minha causa; não faças silêncio" (Adam Clarke, *in loc.*). As palavras "do céu" reverteriam as palavras adversas e os atos dos inimigos do salmista.

109.2

Pois contra mim se desataram lábios maldosos. Os inimigos eram pessoais e caluniadores; talvez fizessem acusações legais de crimes contra ele e buscassem a punição capital. Eles tinham enganado a outros; eram ímpios, mentirosos; usavam sua capacidade de falar para fazer mal ao próximo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*. E ver o mesmo tema em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4 e 101.5.

Um golpe com uma palavra fere mais fundo
Do que um golpe com a espada.

(Whichcote)

Este versículo tem sido cristianizado para que seja aplicado ao caso de Jesus (ver Mat. 26.59), visto que no vs. 8 temos uma declaração incorporada a Atos 1.20, o que, para alguns eruditos, torna o salmo messiânico.

109.3

Cercam-me com palavras odiosas. O salmista estava inocente. Não somos informados a razão pela qual ele estava sob ataque, se por inveja ou por ter-se oposto a alguns planos ou feitos tresloucados daqueles homens ímpios. Eles o rodeavam como um bando de animais ferozes e castigavam-no com palavras de ódio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ódio*. O ódio é o equivalente diabólico do amor, um poder que torna possível toda espécie de mal. Sem isso, a possessão demoníaca é quase impossível. "Eles lutavam contra ele, usando a língua como arma (Sal. 55.21; 57.4)" (Fausset, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se aos homens perversos que circundaram a cruz e zombaram de Jesus.

> *Temos apenas religião suficiente para fazer-nos odiar,*
> *Mas não o bastante para fazer-nos amar uns*
> *aos outros.*
>
> (Jonathan Swift)

109.4

Eu, porém, orava. Os inimigos devem ter sido amigos íntimos do salmista, pois ele afirma tê-los amado. Eles lhe devolveram o mal pelo bem, o ódio pelo amor, e isso por razões não reveladas. A despeito de tudo isso, o salmista continuava orando por eles, na esperança de ver alguma mudança na sua atitude e comportamento.

> *Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.*
>
> (Mateus 5.44)

É mais fácil enfrentar o ódio com o ódio, e é isso que usualmente fazemos. As palavras de Deus exprimem um ideal elevado demais para nós. Apesar de toda a nossa jactância, falta-nos a espiritualidade, que nos faria obedecer a mandamentos dessa natureza. Cf. Sal. 120.7. A história das perseguições sofridas por Jesus naturalmente tem paralelos nos salmos, e é isso que faz o presente salmo ser reputado messiânico por alguns. Ver Luc. 6.12, quanto à oração de Jesus em meio às Suas provações. Ver também 21.37 e 22.41. "Essa foi a arma que Ele usou contra os Seus adversários. Ele não devolveu afrontas por afrontas, mas entregou-se em oração a Deus, o qual julga retamente (I Ped. 2.23)" (John Gill, *in loc.*).

109.5

Pagaram-me o bem com o mal. O homem amava e foi odiado por isso. Ele praticou o bem e foi perseguido por parte de homens de mente distorcida. Cf. Sal. 35.12; 38.20 e Jer. 18.19,20, onde encontramos declarações similares. Outro tanto se deu no caso de Jesus: "Pois em resposta às boas obras e à sã doutrina que Ele lhes entregou; às boas obras e aos milagres que operou entre eles, tendo-os curado, Ele recebeu um tratamento perverso. Ver João 10.32. Ademais, eles O odiavam, embora Ele tivesse vindo para buscá-los e salvá-los. Eles não queriam que Jesus governasse sobre eles (ver Luc. 19.10,14)" (John Gill, *in loc.*). Êxo. 20.5 conta sobre os odiadores de Deus, e como isso provoca a ira de Yahweh-Elohim. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ódio* e *Amor*, que ilustram amplamente a passagem à nossa frente.

> *Que o amor nos perdoe, pois somos apenas brasas, cinzas e poeira.*
>
> (John Keats)

> *O amor edificado sobre a beleza morre quando a beleza morre.*
>
> (John Donne)

O amor divino, entretanto, não se edifica sobre a beleza humana, mas sobre os princípios eternos da natureza divina. Por isso, Jesus foi um benfeitor para os odiadores e os destruidores.

> *Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios... Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.*
>
> (Romanos 5.6,8)

Imprecações (109.6-20)

109.6

Suscita contra ele um ímpio. A despeito do amor declarado por seus inimigos, e do hábito de orar por eles, o salmista explodiu em muitas e pesadas imprecações. Nesse particular, o autor sagrado ficou muito aquém do amor de Jesus; mas, na verdade, quem não ficaria? Ele era apenas um homem comum que enfrentava o ódio com o ódio, nosso comum modo de agir. Os salmos de lamentação geralmente têm muitas imprecações contra os inimigos, pelo que isso faz parte do seu *modus operandi*.

Os homens ímpios tinham poder e usariam esse poder para levar o poeta a julgamento. Nesse ato, provavelmente eles buscavam a punição capital do salmista. Não temos informações suficientes para compreendermos as razões exatas e a natureza dos atos perversos, mas compreendemos muito bem a severidade desses atos como uma ameaça à vida do homem inocente. Naturalmente, somos relembrados sobre o julgamento fraudulento de Jesus e seus terríveis resultados. Cf. Lev. 16.16; Núm. 4.27; 27.16; Jer. 15.3 e 51.27.

Um acusador. Esta é uma tradução melhor do que Satanás. O autor sacro não queria personalizar o erro que estava sendo praticado pela pessoa supremamente ímpia, o diabo pessoal. O poeta meramente dizia que homens ímpios, ou algum indivíduo perverso específico, faria acusações contra o salmista em seu julgamento. Que a questão toda era diabólica, sem dúvida o era, mas o diabo pessoal não aparece no quadro traçado pelo salmista, pois isso seria anacrônico. Todavia, este versículo tem também uma outra interpretação: o poeta olhava para a frente, quando os seus inimigos tivessem de apresentar-se no tribunal, e esperava que algum poderoso adversário se levantasse para falar contra eles. Nesse caso, o vs. 6 já é parte das imprecações contra os acusadores. Possivelmente, o salmista estava falando no lugar de seus opositores, descrevendo o que eles diziam e faziam. A passagem, naturalmente, aplica-se bem ao julgamento de Jesus, e alguns estudiosos do Novo Testamento fazem Judas Iscariotes (sob a inspiração de Satanás) ser o acusador contra o Justo. Quando examinamos os versículos que se seguem, parece que o sentido é que o poeta esperava que seus oponentes teriam sua vez de serem julgados e desde agora profere imprecações contra eles.

109.7

Quando o julgarem, seja condenado. Continuamos aqui com duas possibilidades de interpretação: 1. O poeta olhava para o dia futuro em que seus acusadores seriam, eles mesmos, acusados e condenados, tal como Pilatos foi finalmente convocado a Roma para responder a acusações e, desesperado, finalmente cometeu suicídio. 2. Ou então o poeta fala como se estivesse no lugar de seus acusadores, repetindo as palavras e os planos que eles tinham traçado: eles já o tinham julgado de antemão, tentando torná-lo um homem ímpio; condenando-o, procuravam fazer com que a sua oração (que ele tinha levantado em favor deles, em amor; vs. 4) fosse um pecado, algo muito perverso. Dessas duas interpretações, a primeira é a melhor, em harmonia com a idéia de o poeta ter proferido imprecações contra seus adversários, embora, se aceitarmos a segunda das idéias, também possamos compreender que o salmista estava condenando os atos praticados contra ele.

109.8

Os seus dias sejam poucos. Este versículo é citado em Atos 1.20, e o nome apontado era Judas, um dos acusadores originais de Jesus. Portanto, Judas Iscariotes perdeu o seu ofício e então a vida, tendo morrido prematuramente, algo que os hebreus tanto temiam. Portanto, a aplicação neotestamentária da passagem favorece a primeira dentre as duas interpretações, conforme comento nas notas sobre o versículo anterior. Judas, o acusador, será julgado. Assim também os acusadores do poeta serão julgados algum dia. Este versículo é aplicado ao tribunal de Cristo, quando a justiça será feita no caso de todos os homens, e os falsos acusadores sofrerão pelo mal que praticaram.

"É claro que o propósito da linguagem violenta e repelente desta seção (vss. 6-19) deve prover um contracurso que será eficaz contra as maldições da magia negra dos inimigos do salmista (ver vss. 17-19 e anotações)" (*Oxford Annotated Bible*, vs. 6).

"O apóstolo Pedro cita esta passagem e aplica-a a Judas, em Atos 1.20. Seu ofício era o de um apóstolo, elevado e honroso, o principal ofício da igreja. Era tudo uma incumbência sobre as almas, uma supervisão do rebanho que não devia ser tomada por constrangimento, mas voluntariamente, não por amor ao dinheiro, mas de mente voluntária. Mas Judas tinha em mente o lucro imundo, e seu ofício lhe foi tomado e dado a outro, Matias (ver Atos 1.21-26). Isso também dizia respeito aos sacerdotes e escribas e fariseus que foram despidos de seus ofícios não muito tempo depois, quando a lei foi cumprida em Cristo" (John Gill, *in loc.*). Ver Zac. 11.8.

109.9

Fiquem órfãos os seus filhos. O homem mau, o acusador dos justos, sofrerá outras calamidades. Sua esposa ficará viúva, e seus filhos ficarão órfãos,

pelo menos de pai. Os pecados paternos pesariam sobre os filhos e os prejudicariam. Podemos presumir que eles tivessem os seus próprios pecados, que justificariam isso; mas a mente dos hebreus não requeria necessariamente esse pormenor de justiça. Ver sobre o sofrer ou morrer pelos pecados dos pais, em Êxo. 20.5. Ver também sobre sofrer ou morrer pelos próprios pecados, em Deu. 24.16 e Eze. 18.20. As imprecações do salmista estenderam-se até os descendentes dos pecadores, em consonância com a mentalidade dos hebreus, que as notas expositivas referidas acima descrevem.

A aplicação deste versículo a Judas, em quaisquer termos precisos, é um exercício duvidoso. Não sabemos se ele tinha esposa ou filhos, e é inútil fingir que sabemos disso ou aceitar tradições infundadas, que tentam preencher o hiato de nossa ignorância.

"É uma das mais tristes características desta série de maldições que o ressentimento do imprecador não pode satisfazer-se na pessoa do adversário, mas agarra-se também aos seus descendentes inocentes. Invocar a morte imediata não o contentava. Ele devia festejar a sua ira com o pensamento dos filhos sem pai e com uma viúva desolada" (Ellicott, *in loc.*, salientando como a mente dos hebreus diferia da mente dos cristãos posteriores sobre a questão da vingança). Cf. Rom. 12.20,21: "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem".

109.10

Andem errantes os seus filhos, e mendiguem. O salmista não estava contente que os filhos do acusador passassem por tempos difíceis; antes, ele os queria totalmente desolados, sem alimentos e abrigos adequados, vagabundos na terra. É inútil tentar justificar tais maldições do ponto de vista cristão, conforme fazem, erroneamente, algumas de minhas fontes informativas. É melhor ficar com os comentários sobre o versículo anterior, incluindo a citação de Ellicott, a qual mostra a verdadeira atitude cristã, tal como faz Paulo em Rom. 12.20,21. "Os filhos do acusador são 'imaginados a sair das ruínas de seus lares para esmolar'. Mas a Septuaginta e a Vulgata Latina mostram-se ainda mais duras: 'que sejam expulsos de suas casas'" (Ellicott, *in loc.*).

Sêneca, em Med. 1.19, diz algo bastante similar: "Oro que pior ainda aconteça ao meu cônjuge: Que ele continue vivendo, percorrendo cidades estranhas, sofrendo necessidades. Que ele seja exilado, vítima de suspeitas, acovardando-se, sem lar".

Cf. Sal. 59.11,15 e 37.25. Este versículo é aplicado à destruição profética de Jerusalém, quando tantos ficaram desolados e muitos foram exilados pelo império romano. A grande casa, o templo, ficou desolada, tal como Jesus disse que aconteceria (Mat. 22.38); o mesmo sucedeu a muitas casas particulares, de ricos e pobres em Jerusalém. Na verdade, naquele tempo, muitos judeus foram reduzidos à perambulação pela terra e por certo não foram capazes de manter o estilo de vida que desfrutavam antes de serem atingidos pela calamidade.

109.11

De tudo o que tem lance mão o usurário. Ademais, o pobre vagabundo não seria capaz de pagar as suas contas, o que significa que seus credores se acercariam para tomar as poucas possessões que ele fora capaz de recolher. Eles haveriam de saqueá-lo como se fossem forças armadas hostis. E comeriam os frutos de seus labores.

O poeta orou para que total desolação sobreviesse aos descendentes de seus inimigos, dificilmente uma atitude cristã, mas bem em harmonia com o antigo pensamento dos hebreus, que clamava por uma severa vingança contra os inimigos. Assim sendo, muitos dos salmos de lamentação (que formam, de longe, o grupo maior dos salmos) contêm tais maldições severas. Do ponto de vista histórico, alguns intérpretes vêem os romanos cumprindo essas imprecações. Eles nivelaram tudo e saquearam sem misericórdia; e fizeram dos judeus um povo de vagabundos. Ver João 11.48. "Os judeus foram expulsos de seu país após a destruição de Jerusalém; proibidos de voltar; tiveram de pagar altos impostos e foram assim reduzidos a uma pobreza extrema" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Os judeus foram banidos, e toda a riqueza deles podia ser contida em um pequeno cesto, como se fosse um punhado de feno.*
>
> (Juvenal, Sat. vs. 11)

> *Que as prisões os engulam, e que as dívidas os reduzam a nada.*
>
> (Timon)

As circunstâncias históricas ilustram bem as maldições, mas não devemos pensar que os versículos à nossa frente sejam realmente profecias referentes às calamidades que os judeus sofreriam durante o período do Novo Testamento. Isso seria cristianizar excessivamente o salmo.

109.12

Ninguém tenha misericórdia dele. Os espezinhados não teriam quem cuidasse de sua alma, quem se apresentasse para oferecer alívio, inspirado por pensamentos de misericórdia e piedade. Nenhum bálsamo seria posto sobre seus ferimentos. E homem algum se importaria com os pobres órfãos. Um credor poderia ser paciente e permitir um pouco mais de tempo para que o homem pagasse suas dívidas. Uma mulher misericordiosa poderia dar às crianças famintas algo para comer. Mas o salmista não queria que nada aliviasse a agonia dos desolados. Ver Sal. 37.2; 85.5. Eles seriam explorados, odiados e saqueados por causa de seu progenitor. Esse era o sentimento padrão dos antigos hebreus, e é inútil tentar encontrar tais sentimentos na filosofia cristã.

109.13

Desapareça a sua posteridade. Os descendentes imediatos do homem mau passariam por todas essas provações por causa das maldições do poeta, e, finalmente, a linhagem do homem mau simplesmente desapareceria por completo. O nome do homem não continuaria em seus filhos. Isso seria o fim da triste história do homem, e os desejos do salmista seriam satisfeitos. "A teoria hebréia do governo divino ditava que, se a ruína não atingisse o próprio pecador, recairia sobre sua posteridade. O nome do homem mau seria esquecido, e sua raça seria extinta" (Ellicott, *in loc.*).

Na seguinte geração se extinga o seu nome. A alusão é a Deu. 29.20 ss. As antigas cidades-estados tinham registros dos nomes de seus cidadãos. Era possível que esses nomes fossem apagados quando atos criminosos desqualificavam um homem como cidadão. Nesses casos, usualmente se seguia o exílio. Então, quando o homem morresse, seu nome seria apagado, mas pelo menos o nome de seus filhos permaneceria. Mas o salmista queria um apagar completo dos nomes da família inteira. Cf. Sal. 37.28: "O Senhor ama a justiça, e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada".

Ver Mat. 3.10, onde se lê sobre o machado que está prestes a ferir a raiz das árvores, decepando-as inteiramente. Mas não há aqui nenhuma noção de destruição no seol, após a morte física, onde o homem ímpio e seus descendentes compartilhariam uma sorte miserável na outra vida, algo que alguns intérpretes injetam no texto.

109.14

Na lembrança do Senhor viva a iniqüidade de seus pais. Temos aqui uma declaração geral. Os acusadores do poeta sacro tinham esposas e, portanto, filhos. Presume-se que homens maus se casassem com mulheres más, pelo que haveria todos os tipos de pecados a julgar, entre eles, a traição contra o salmista. Homens maus que tinham seus pecados, mulheres más que tinham seus pecados, filhos maus que tinham seus pecados, todos encontrariam um fim horrendo. O salmista tomou um ponto de vista completamente pessimista das famílias de seus acusadores. Todos representavam uma gente ruim e não escapariam das maldições do poeta.

Talvez haja aqui uma alusão a Sal. 51.3-5 ou ao conceito ali contido. Os rabinos supunham que uma mulher que se ocupasse em contatos sexuais, mesmo com o próprio marido, teria pensamentos adúlteros, e assim, em certo sentido, todos os filhos seriam concebidos no adultério. A inclinação para o mal foi uma interpretação posterior da passagem. A esposa do homem mau, por conseguinte, tinha os seus próprios pecados que precisavam ser punidos.

A doce vingança não será assim tão doce, a menos que seja completa. Tinha de atingir o seu lado, ferindo a esposa do homem; tinha de derrubar seus filhos; tinha de continuar ferindo e golpeando os seus descendentes. Os ramos tinham de ser cortados, as raízes precisavam ser esmigalhadas, até decepar os ramículos da árvore genealógica. Depois que a árvore toda tivesse sido completamente destruída, a maldição teria tido cumprimento.

109.15

Permaneçam ante os olhos do Senhor. Aquelas pessoas miseráveis teriam de ser conservadas diante dos "olhos do Senhor", não para serem abençoadas, mas para serem continuamente amaldiçoadas. Dessa maneira, nem mesmo a memória do homem mau e de sua má família sobreviveria aos assaltos dos golpes divinos. O poeta reclamou novamente o completo apagamento dos nomes dos tais. Somente então ele se sentiria feliz com a vingança tomada. Naturalmente, tais imprecações chocam nossa sensibilidade cristã, mas não a dos antigos hebreus. Algum progresso foi feito no campo do amor e da moral. O salmista não clamou por arrependimento e restauração,

conforme faz o evangelho cristão. O jogo dele era a aniquilação total dos seus inimigos.

Espírito selvagem, estás Te movendo
por toda parte,
Destruidor e Preservador. Ouve, oh ouve!

(Percy Bysshe Shelley)

O poeta sacro deixou de lado a parte do Preservador. O resto era o seu credo.

109.16

Porquanto não se lembrou de usar de misericórdia. Segundo a estimativa do salmista, Yahweh relembraria os seus inimigos (vs. 15) para destruí-los e aniquilá-los, mas não para aplicar algum tipo de misericórdia. Isso por terem sido eles perseguidores de um homem inocente. Os ímpios chegaram a esmagar os que já tinham o coração partido e estavam a caminho da sepultura. Eles não usaram de misericórdia e, por isso mesmo, não lhes foi demonstrada misericórdia; eles tinham agido movidos pelo ódio, para destruírem; por isso mesmo foram odiados e destruídos. Colheriam o que haviam semeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Os perversos não se lembram de usar a misericórdia; por isso mesmo, Deus não se lembra de usar de misericórdia para com eles; homens maus pensam em toda espécie de males para ferir o próximo; por isso, Yahweh pensa em como poderá destruí-los melhor. A *Lex Talionis* (vingança de acordo com o crime cometido) era a regra do jogo.

A Seqüência. Yahweh lembra a iniqüidade, a fim de puni-la (vs. 14). Ele elimina toda a memória de pessoas más (vs. 15). Os ímpios não lembram de usar a misericórdia, pelo que também não a recebem (vs. 16).

Este versículo tem sido aplicado aos sofrimentos de Cristo nas mãos dos homens malignos. Mas o mais notável nessa história é que sua expiação visava o perdão e a restauração daqueles homens maus, algo que este salmo ignora completamente. A verdade avançou em favor dos bons e, quanto mais sabemos, mais razões temos para ser otimistas sobre o destino final de todos os homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.* O dedo de amor de Deus escreverá o capítulo final do drama humano.

109.17

Amou a maldição; ela o apanhe. O acusador era um homem que amava a maldição, e por isso foi amaldiçoado; ele nunca abençoou a quem quer que fosse, pelo que, finalmente, nem homem nem Deus jamais o abençoou. Ele não tinha alegria por abençoar a outros, pelo que nenhum homem se sentia bem ao abençoá-lo. Ele perdeu a oportunidade de fazer o bem neste mundo, e os homens desistiram de gastar tempo com ele. "Os judeus disseram, ao crucificar nosso Senhor: 'O seu sangue seja sobre nós e sobre os nossos filhos'. Nunca houve imprecação mais terrivelmente cumprida" (Adam Clarke, *in loc.*). "A justiça divina paga os homens na própria moeda deles (Eze. 35.6). 'As maldições, tal como as aves jovens, voltam para seus ninhos ao anoitecer' (Yehama, de Southey). Cf. Sal. 35.8" (Fausset, *in loc.*).

Os hebraico original é aqui bastante vívido, e Ellicott procurou reproduzi-lo com mais exatidão:

Ele amou a maldição; assim sendo, ela veio.
Ele não se deleita na bênção; e ela se vai embora;
Sim, ele se vestiu de maldição como se fosse
a sua túnica.
E ela desceu como água até as suas entranhas,
E como o azeite até os seus ossos;
Que assim seja.

109.18

Vestiu-se de maldição como de uma túnica. O homem mau vestiu-se da maldição como se fosse sua túnica favorita e saiu a exibir-se em sua loucura. Em seguida, a túnica foi vista a ensopar o seu corpo, corrompendo-o total e absolutamente. Sem dúvida há aqui uma alusão às águas do ciúme (ver Núm. 5.18), que permeava todo o corpo da mulher e então a adoecia mortalmente. Assim também aconteceu ao homem mau, com suas maldições, pois sem dúvida ele estava moral e espiritualmente enfermo. O azeite era usado como medicamento (ver Isa. 1.16) e ungüento (Amós 6.6; Miq. 6.15). O homem mau tomou seus medicamentos de maldições, e isso lhe corrompeu os ossos, a estrutura da qual dependia todo o seu ser.

Um óleo natural não penetra nos ossos nem serve de cura para tudo. Mas o óleo das maldições tem uma estranha eficácia que penetra e corrompe o homem inteiro. Ao poeta sagrado faltava discernimento para perceber que suas imprecações só podiam corromper a si mesmo.

Ainda que os seus ossos estejam cheios do vigor da sua
juventude, esse vigor se deitará com ele no pó.

(Jó 20.11)

109.19

Seja-lhe como a roupa que o cobre. Este versículo refaz superficialmente o versículo anterior. As roupas e o cinto que o cingem. Isso é uma figura inferior à do versículo anterior, mas não inútil. Alguns intérpretes vêem aqui um anticlímax que Ellicott comenta curiosamente: "As imprecações demonstram sua impotência da seguinte maneira: a alma iracunda nunca pode desvencilhar-se inteiramente das maldições. A linguagem violenta morre em meio a balbucios ininteligíveis e gestos impacientes". As maldições apegam-se ao homem irado quando ele fala sobre elas como se estivessem presas aos inimigos que o tinham amaldiçoado. "Que as maldições de Deus amarrem os malefícios e as enfermidades ao seu corpo e à sua alma" (Adam Clarke, *in loc.*). "As maldições envolvem-no e confinam-no" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Que ele seja cercado por todos os lados com a ira de Deus" (John Gill, *in loc.*).

109.20

Tal seja, da parte do Senhor, o galardão. O poeta concluiu o salmo com uma calma declaração, pedindo que todas as maldições de fogo que ele havia proferido se cumprissem na vida de seus adversários. Assim como tinham falado contra ele, as maldições diminuiriam a duração da vida deles. Embora não haja aqui fórmulas mágicas, o salmista conclama Yahweh para que suas maldições sejam eficazes. "Todas essas maldições cumprir-se-ão em meus inimigos. Eles as receberão como recompensa" (Adam Clarke, *in loc.*, que aplicou a questão aos judeus dos dias de Jesus, e fez Dele o homem oprimido).

Continua o Apelo a Yahweh-Elohim (109.21-31)

109.21

Mas tu, Senhor Deus, age por mim. Após as terríveis imprecações contra os acusadores (vss. 6-20), o salmista agora voltou a orar a Yahweh-Elohim, pedindo-Lhe ajuda. Portanto, a presente seção dá prosseguimento ao que foi interrompido no vs. 5. Este versículo é um apelo para que Yahweh cumpra as maldições, por amor do Seu nome, porquanto, afinal, o poeta era um membro fiel da família do pacto, ao passo que seus acusadores eram uns apóstatas. Quanto ao *nome*, ver Sal. 31.3. *O poeta dependia do amor constante de Yahweh para que* o defendesse, pois a sua vida estava em perigo. Visto que seus inimigos tanto o amaldiçoavam, ele carecia da bênção divina para contrabalançar o dano que fora feito e que ainda poderia vir a fazer. O mero pronunciar do nome divino era poderoso, e assim o poeta dependia de Deus naquela crise. Cf. Sal. 89.21,22,34.

109.22

Porque estou aflito e necessitado. "Coisa alguma tenho para pleitear, exceto o Teu grande amor e a minha profunda necessidade", como que disse o salmista. Seu coração estava "ferido", que alguns comentadores emendam para "convulsionando-se". Assim dizem também a *Septuaginta, o siríaco e Jerônimo. Algumas vezes, uma* emenda dessas restaura um texto original que o texto massorético havia perdido, visto que o texto massorético foi compilado de manuscritos hebraicos bastante recentes. Existem manuscritos da Septuaginta mais antigos do que os do texto massorético. Septuaginta: século IV D. C.; texto massorético: século IX D. C. Os Papiros do Mar Morto (manuscritos hebraicos) têm demonstrado que, em alguns casos, as versões estão corretas em comparação com os manuscritos hebraicos posteriores usados para compilar o texto massorético. Ver os artigos do *Dicionário* chamados *Massora (Massorah); Texto Massorético; Septuaginta; Mar Morto, Papiros (Rolos) do.* E ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Cf. Sal. 55.4.

Ele me tem como seu filho,
Não posso mais temer.
Com confiança eu me aproximo:
Pai, Abba.
Meu nome está escrito em Sua mão;
Meu nome está escrito em Sua mão.

(Charles Wesley)

109.23

Vou passando, como a sombra que declina. À tarde, as sombras se alongam quando o sol se aproxima do horizonte e, então, quando ele desapare-

ce por trás do horizonte, as sombras também desaparecem. Assim curta é a duração das sombras. Por igual modo, a vida do poeta, por causa das ameaças de seus mortíferos inimigos, estava quase desaparecendo. Porventura Yahweh faria a Sua luz brilhar sobre ele e salvaria sua vida, antes que as sombras fatalmente desaparecessem? E então a vida do homem não perdurava mais do que o tempo em que um gafanhoto pousasse na manga da camisa de um homem, somente para ser sacudido dali imediatamente. Essa é uma nova metáfora que fala sobre a brevidade da vida humana, pelo que devemos dar o crédito ao poeta pela metáfora. O gafanhoto pousa; o homem o sacode dali para fora. Quanto tempo isso duraria? Tal é a vida fugidia de um homem, miseravelmente curta para o salmista, se Yahweh não interviesse. Alguns intérpretes pensam que a metáfora do gafanhoto aponta para como esse pequeno inseto é agitado pelo vento, pelo que voa de um lugar para outro, a intervalos tão curtos. Embora potencialmente fosse um inseto tão destruidor (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Praga de Gafanhotos*), o gafanhoto serve de símbolo da timidez (Jó 39.20). Como tal, qualquer agitação no ar o faz sair voando. Portanto, se não houvesse agitação, a vida do poeta se perderia.

"Passei o meridiano da saúde e da vida; e assim, da mesma forma que o sol está quase desaparecendo atrás do horizonte, estou prestes a passar para baixo da terra" (Adam Clarke, *in loc.*).

O tempo de viver é tão breve!
Mas passar essa vida curta de modo tão vil
Faria a vida parecer longa demais.

(Shakespeare)

109.24

De tanto jejuar os joelhos me vacilam. O pobre homem tinha praticado um jejum forçado, pois estava enfermo. Ele não tinha parado de comer como exercício espiritual. Toda a sua gordura extra tinha sido queimada por falta de alimentos, e seus músculos tinham perdido muito volume. Visto que estava doente, seus acusadores disseram que ele estava sendo julgado por Deus (vs. 25), já que os hebreus pensavam que toda a enfermidade só podia ser causada pelo pecado. Jó havia provado que a falácia dessa idéia, mas é provável que não tenham sido muitos os hebreus que aprenderam a lição. Por isso mesmo, o poeta foi atacado pelo lado de fora e pelo lado de dentro, e isso por duas razões: ou ele experimentava a intervenção divina, ou sua causa estaria perdida. Alguns estudiosos supõem que o homem, devido à sua angústia mental, tivesse passado por um longo período de jejum; mas as palavras aqui usadas são próprias de um homem e não de um homem muito doente fisicamente. Jó resistiu bem à provação, até que Deus tocou em seu corpo. Diante desse toque divino, ele se encolheu e refugiou-se no pessimismo.

Meus joelhos podem ceder, subjugados pela fome,
Eles se dobram, incapazes de sustentar o peso.

(Merrick)

Meus olhos ficam entreabertos; meus joelhos
Enfraquecem diante da fome.

(Lucretius)

109.25

Tornei-me para eles objeto de opróbrio. O salmista, em sua enfermidade, tornou-se um objeto de escárnio para seus acusadores. Eles acreditavam que Deus estava castigando o homem, o qual era pior que eles, se isso fosse possível! Eles contemplaram seu corpo emaciado e sacudiram a cabeça, mas podemos ter certeza de que o fizeram sorrindo. Estando doente como estava, o homem só poderia ser um grande pecador, pelo que raciocinaram: "Ele merece morrer, e nós garantiremos que obtenha o que merece. Ajudaremos Yahweh a fazer o trabalho!". Homens distorcidos têm pensamentos distorcidos, e aqueles homens não eram exceção à regra. Davi foi tratado por Simei dessa maneira (ver II Sam. 16.5,6), embora o rei de Israel não estivesse fisicamente enfermo. E os judeus ímpios sacudiram a cabeça contra Jesus, quando Ele sofria Sua maior provação (ver Mat. 27.39). Cf. Sal. 27.6,7 e 31.11. Note o leitor aqui o "eu" enfático. "Eu, que deveria ser objeto de simpatia, tornei-me objeto de reprimenda."

109.26

Socorre, Senhor Deus meu! Desesperados, os poetas sagrados, por todo os salmos, apelaram para o amor constante de Yahweh, como a esperança de livramento, pelo que é óbvio que assim ditava a fé padrão dos hebreus na época. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, o qual ilustra esse princípio. Esse é o primeiro princípio espiritual em qualquer teologia. O Ser endereçado foi Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, que algumas vezes também é chamado de Pai, e cujas designações adicionam esperança e poder à expectação. Cf. Sal. 89.21 e Isa. 1.7; 49.8 e o vs. 21 deste mesmo salmo, praticamente idêntico ao presente versículo.

109.27

Para que saibam vir isso das tuas mãos. A reação positiva da parte de Yahweh-Elohim demonstraria que a mão divina operava entre os homens. Ver sobre *mão*, em Sal. 81.14; ver sobre *destra*, em 20.6; e ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10; 98.1, quanto às metáforas de poder que resultam da intervenção divina. Cf. Sal. 59.13. O Targum diz: "Para que saibam que este é o teu golpe". O Senhor tinha feito aquilo, e os homens deviam temer e cancelar seus planos contra o justo. Ver Sal. 123.21-23.

109.28

Amaldiçoem eles, mas tu, abençoa. Os homens continuarão amaldiçoando até que Deus os faça parar; paralelamente, porém, Deus pode vencer qualquer maldição mediante Sua bênção contínua. Quando sua oposição a Deus se tornar evidente, eles serão envergonhados (ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21; 78.66; 83.16 e 86.17). Os vss. 28-31 repetem de forma fraca algumas das imprecações contidas na seção mais longa (vss. 6-20). O poeta estava cansado de suas vociferações, e assim a sua voz se reduz quase a um sussurro, em comparação com sua fúria anterior. Ele se desgasta em face de sua ira, mas, estando ainda na mesma aflição, não termina o salmo em silêncio.

Este versículo tem sido naturalmente cristianizado para referir-se ao clamor do Servo Sofredor, bem como à vindicação divina final Dele e de Sua missão entre os homens.

109.29

Cubram-se de ignomínia os meus adversários. Este versículo, de maneira bastante moderada, leva-nos de volta às imprecações dos vss. 18 e 19, onde são dadas notas sobre as figuras apresentadas. A nova distorção é que eles deveriam ser cobertos de confusão como quem veste uma túnica, ou melhor, uma longa peça de vestuário posta por cima da túnica, o que nossa versão portuguesa não traduziu. O salmista queria que eles vivessem em total vergonha (vs. 28) e também em confusão mental, quando o poder divino vindicasse a sua causa. Talvez tenhamos aqui uma alusão ao resultado favorável de seu julgamento defronte dos juízes. Se Yahweh inspirou os juízes a favorecer a causa do salmista e a arquivar as acusações, então aqueles que o tinham acusado caluniosamente seriam envergonhados e lançados na confusão. Eles seriam desonrados e envergonhados (vss. 28 e 29). Mas nada disso faria ao poeta sagrado um grande bem, a menos que Deus também o curasse de sua terrível enfermidade. Portanto, se ele saísse do tribunal tanto livre de acusações quanto vigoroso de corpo, teria conseguido um grande triunfo e haveria motivos para louvar para sempre a Yahweh (vs. 30). "... com a longa manta que chegava aos tornozelos, que eles se cobrissem de vergonha da cabeça aos pés" (Adam Clarke, *in loc.*).

109.30

Multas graças darei ao Senhor com os meus lábios. Tendo sido livrado de seus adversários e ficado limpo de todas as acusações, e tendo sido fisicamente curado, o poeta seria inspirado a dar louvores tanto privadamente quanto em público. Ele iria ao templo oferecer sacrifícios e ações de graças formais; e ali entoaria cânticos espirituais. Toda a multidão de povo que ali estivesse seria testemunha da cena e ouviria os seus cânticos. Ele tomaria votos e faria promessas. Quanto às oferendas de ações de graças, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas*, seção III.D.3. Ver também os verbetes intitulados *Voto* e *Ações de Graças*. O salmista já havia recebido sinais de que triunfaria, pelo que agradeceu ao Senhor de antemão. Talvez um sacerdote tivesse lido para ele um oráculo, ou talvez ele tivesse sonhado com um resultado favorável em seu julgamento.

Cf. Sal. 22.22,25, que tem declarações similares e outras notas expositivas. Ver também Mat. 26.30. O Targum diz que o salmista louvou a Deus diante dos sábios, dos juízes e dos governantes, e sem dúvida isso diz uma verdade; contudo, este versículo é geral em seu sentido e fala de coisas que ele faria publicamente como parte do culto no templo.

109.31

Porque ele se põe à direita do pobre. Ele, Yahweh-Elohim, era aliado dos pobres e necessitados, dos perseguidos e enfermos, e assim punha-se de pé à direita deles, quando estavam em tribulação. Yahweh seria a testemunha em tribunal e influenciaria a decisão dos juízes em favor deles. Salvaria os pobres de uma condenação injusta e vindicaria a causa deles. De outra sorte, os pobres e

necessitados sofreriam punição capital. Naturalmente, o versículo tem uma aplicação geral a todos os que estão aflitos, aos quais Yahweh é capaz de salvar.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da obra de Cristo como o Advogado de Seu povo, e a agonia é a condenação da alma (ver I João 2.1). Cf. também Sal. 16.8; 110.5 e 121.5. "Yahweh é o advogado do homem pobre, tal como um adversário era o acusador do homem ímpio" (Ellicott, *in loc.*). Este salmo (e este versículo) também foi cristianizado para falar da vindicação de Jesus por parte da deidade, embora Ele tivesse sido condenado em Seu julgamento e tivesse sido executado, com a ajuda do arquiacusador, Judas Iscariotes.

J. R. P. Sclater, *in loc.*, está certo em sua defesa do perdão cristão em contraste com a incansável vingança que transparece neste salmo. Esse princípio não deve ser esquecido no meio das maldições. "'Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito' (João 3.16). Esse é o evangelho que nos é conferido. Ali encontramos esperança para o nosso 'eu' pecaminoso. E somente ali podemos encontrar redenção para um mundo pecaminoso e sofredor".

Oh, irmão! abriga em teu coração o teu irmão;
Onde a piedade habita, a paz de Deus está ali;
Adorar corretamente é amar um ao outro;
Cada correta adoração é um hino,
Cada feito bondoso é uma oração.

(John Greenleaf Whittier)

Infelizmente, é verdade o que foi dito: "Temos religião suficiente para fazer-nos odiar, mas não o suficiente para que nos amemos mutuamente" (Jonathan Swift).

Salmo Cento e Dez

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo real* e também, com toda a razão, é chamado de *salmo messiânico*. Yahweh prometeu a vitória ao rei de Israel. Em seu engaste profético, essa vitória foi prometida por Deus ao Messias. Provavelmente, o salmo foi originalmente composto para ser usado em um rito de coroação. Cf. Sal. 2. "Este salmo, tal como os Salmos 2 e 18 etc., deve ser classificado como um salmo real. Um rei judeu está sendo endereçado ou referido. Alguma atividade militar está em pauta, o que pode associar os séculos IX ou VIII A. C. como a época da composição. O motivo imediato provavelmente foi a coroação do rei. Se o salmo tem um significado primário, rico em promessas para a época no qual foi escrito, sua fraseologia e seu simbolismo prestam-se a aplicações mais latas, e esse fato explica por que a igreja encontrou nessas palavras, tal como em Isa. 53, e noutros trechos do Antigo Testamento, alusões proféticas ao ministério e à obra de Jesus. Este salmo é um dos mais citados nas páginas do Novo Testamento, por receber uma interpretação messiânica. Ver Mat. 22.41-46; Mar. 12.35-37; Luc. 20.41-44. Ver também Mat. 26.64 e seus paralelos nos demais evangelhos. Ver ainda Atos 5.31; 7.55; Rom. 8.34; I Cor. 15.25; Efé. 1.20; Col. 3.1; I Ped. 3.21 e especialmente Heb. 1.13; 5.6,10; 6.20; 7.11,15,17,21; 8.1; 10.12,13 e 12.2)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Alguns intérpretes divorciaram completamente este salmo de seu contexto histórico, considerando-o, de um ponto de vista idealista, o salmo de coroação de um rei ideal ou de uma figura visionária, e essa idéia é facilmente aplicada ao longamente esperado Messias.

Subtítulo. Temos aqui o subtítulo simples: "Salmo de Davi". Cerca de metade dos salmos é atribuída a Davi, um grande exagero, sem dúvida. Mas não há por que descrer que pelo menos alguns deles saíram de sua pena, visto ter sido ele o mavioso salmista de Israel (II Sam. 23.1). Contudo, os subtítulos não eram parte original dos salmos, tendo sido acrescentados por editores subseqüentes, pelo que não se revestem de autoridade canônica. Na maioria, os subtítulos imaginam quais teriam sido os autores e as circunstâncias históricas que inspiraram as composições.

Yahweh Fala (110.1-4)

110.1

Disse o Senhor ao meu Senhor. 1. Historicamente, Yahweh, o Rei eterno e celestial, dirigiu-se ao rei terreno no dia da coroação deste. 2. Idealisticamente, Yahweh fala a um rei ideal, e mostrou que glória seria a de Israel se seus reis fossem assim. 3. Profeticamente, Yahweh dirige-se ao Rei Messias. A ordem que foi dada pressupõe o lugar legítimo do Rei Messias, à mão direita do poder divino, até que todos os inimigos do rei sejam reduzidos ao escabelo de Seus pés. Este versículo foi citado em vários lugares do Novo Testamento: Mat. 22.44; Atos 2.34; I Cor. 15.25; Efé. 1.20 e Heb. 1.3,13. E isso faz deste salmo uma profecia messiânica. No Novo Testamento, a aplicação aponta para a Segunda Vinda de Cristo e para a consolidação final da autoridade do Messias, da qual Ele se apossou por ocasião de Sua ressurreição e ascensão. Devemos considerar a era do Reino ao longo dos corredores do tempo. Tudo quanto agora sucede faz parte do processo que trará à existência o reino messiânico na terra, uma eternidade futura que levará ao fim colimado os ciclos eternos.

A direita é o lugar de poder e favor (ver Sal. 45.9; I Reis 2.19; Zac. 3.1). O estrado dos pés é o lugar de serviço humilde. Até os inimigos de Deus serão sujeitados, e os Seus súditos serão elevados a um lugar de serviço útil. Ver Fil. 2.9 ss. Cf. Sal. 2. Essa declaração era comum no Oriente Próximo, mostrando como os inimigos seriam tratados. Ver Jos. 10.24.

Yahweh, o Senhor, fala a Adonai, o Rei, o segundo nome sendo uma forma comum de endereçamento a um superior e também usado como nome divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* As traduções portuguesas dizem "Senhor" para Adonai. A pesquisa histórica para identificar o rei em vista (Davi, Salomão, Zedequias ou algum rei do período dos Macabeus) é inteiramente inútil. Mas este salmo (o mais citado no Novo Testamento) tem um caráter messiânico, se é que algum salmo pode ser assim categorizado. "Davi ouviu um diálogo entre o Senhor (Yahweh) e o Senhor de Davi (Adonai), ou seja, entre Deus Pai e o Messias... mão direita, o lugar de autoridade, até a consumação dos séculos (cf. Sal. 2.8,9). Naquele tempo, o Senhor enviará o Senhor de Davi, o Messias, para sujeitar seus inimigos. Um estrado para os pés retratava completa sujeição. Com o Seu cetro, o Messias governará sobre os Seus inimigos" (Allen P. Ross, *in loc.*). Esse reinado será redentor ou restaurador, e não será meramente forçado, visto que, finalmente, deverá tornar-se tudo para todos (ver Efé. 4.10).

110.2

O Senhor enviará de Sião o cetro do seu poder. Sião será o centro de Seu governo, pelo que dali Yahweh enviará o Seu poderoso cetro (o cetro de força e poder, o cetro governante), para garantir a extensão universal e o sucesso de Seu reinado. Esse cetro pertence e será manipulado pelo Senhor (Adonai, o Messias). Até os inimigos serão sujeitados, o que repete a idéia do vs. 1, onde ofereço notas expositivas. Cf. Jer. 48.17 e ver Sal. 2.9, que usam, no original hebraico, duas palavras diferentes para o cetro de Sal. 2.9, embora o significado seja o mesmo. O cetro não é necessariamente um instrumento de destruição, mas apenas de governo real (ver Sal. 45.6). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cetro*, para maiores detalhes a respeito. O cetro pode disciplinar, destruir, governar ou simplesmente ser o símbolo de governar com poder. No cetro do Messias há poder e autoridade, mas esse poder e essa autoridade serão administrados com amor constante e misericórdia. O cetro atingirá para curar, e não para destruir.

110.3

Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo. O hebraico literal diz aqui: "Teu povo são ofertas voluntárias", algo como o conceito de Rom. 12.1. Se os inimigos forem inicialmente forçados a ser o estrado dos Seus pés, o povo de Deus mostrar-se-á disposto e servo entusiasmado do reino.

No dia do teu poder. Literalmente, "no dia das tuas hostes", quando todas as hostes honrarem e servirem a Yahweh. Mas alguns manuscritos hebraicos, com o apoio de Jerônimo, dizem "sobre os montes santos". Ver Sal. 87.1, quanto a isso. O fim poético, "com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora", tem por trás um difícil original hebraico, que deixa os intérpretes com a cabeça rodando. A manhã é a mãe do orvalho, e o orvalho aparece de novo a cada manhã. Assim sendo, tal como o orvalho que se renova a cada manhã, o Messias está cheio de juventude eterna e vigor. O texto massorético diz "o orvalho de tua juventude". A figura sugere que o Messias sempre reinará, como um jovem no vigor da vida, ou seja, com energia, frescor e convicção. O Messias nunca envelhecerá nem cairá abaixo do estado ideal, velho e decrépito.

Alguns vêem aqui uma figura militar; o Messias liderará suas hostes para tomar Sião e dali liderar o mundo. Então Ele fará de seus soldados jovens eternos, muito bem-sucedidos em batalha. O frescor e o vigor juvenil foram uma declaração atribuída a Israel (Miq. 5.7); e, assim sendo, a figura poderia aplicar-se às hostes que ajudam o Messias. Cf. II Sam. 17.12. Alguns traduzem aqui por "o devido a teu nascimento", e fazem isso referir-se à concepção impecável do Messias. Isso leva à cristianização total, fazendo esse nascimento referir-se ao Novo Nascimento (ver João 3.3). Esses exemplos mostram ao leitor como a segunda parte do vs. 3 tem sido variegadamente interpretada, com base em diversas traduções. Prefiro ficar com a referência messiânica, e não tanto com o que diz respeito às hostes do Messias.

110.4

O Senhor jurou e não se arrependerá. Agora Yahweh declara que o rei é, igualmente, um sacerdote. Os sacerdotes vinham da linhagem levítica. Os reis em Judá vinham do patriarca Judá, e a linhagem de Davi continuava através dessa linhagem. Era um acontecimento incomum (em Judá) um sacerdote também ser um rei, não pertencente à linhagem levítica. De fato, essa situação era tão incomum que precisou ser criado um sacerdócio diferente e superior. Quanto a notas expositivas completas, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Melquisedeque*, que oferece notas completas e detalhes abundantes que não repito aqui. Ver Heb. 7.1,15.

"O povo do Messias terá um Rei eterno e um eterno Sumo Sacerdote, como Melquisedeque, o rei de Salém (Jerusalém), e o sacerdote do Deus Altíssimo (ver Heb. 5.6; 6.20; 7.17,21). Foi como Sacerdote que Jesus sacrificou a Si mesmo na cruz (Heb. 7.27,28; 10.10). Jesus não pertencia à linhagem de Arão (cf. Heb. 7.11-18). Ele é o Eterno Sumo Sacerdote (Heb. 7.21-26,28) do Novo Testamento (Heb. 8.13; 9.15). Visto ser Ele, por igual modo, o prometido Rei davídico, ambos os ofícios foram unidos em uma Pessoa" (Allen P. Ross, *in loc.*, com um sumário excelente sobre a questão). Naturalmente, tais declarações, como a do presente versículo, ultrapassam tudo quanto se poderia dizer sobre qualquer rei terreno em Judá, pelo que esse rei tem de ser idealista ou profético, e não uma figura histórica. Ver os modos de interpretação no vs. 1.

"O extraordinário juramento de Deus mostra-nos que o Sacerdócio do Rei, neste caso, é algo sem paralelo. Davi morreu. Mas o Rei-Sacerdote, semelhante a Melquisedeque, viverá para sempre. Zac. 6.9-15, especialmente o vs. 13, descreve semelhantemente o Messias: 'Ele se sentará e governará sobre o Seu trono, e será um Sacerdote sobre o Seu trono'" (Fausset, *in loc.*). Devemos apressar-nos em declarar que reis-sacerdotes eram comuns nas culturas orientais não-hebraicas, pelo que a idéia não é destituída de precedentes. Cumpre-nos imaginar que houve uma linhagem de reis-sacerdotes que se seguiram a Melquisedeque, e que o mais elevado dessa linhagem foi o Messias; mas esse pouco de história imaginada é apenas um arcabouço literário, e não verdadeiramente histórico.

O Salmista Dirige-se ao Rei (110.5-7)

110.5

O Senhor, à tua direita. Yahweh tinha feito o juramento (vss. 1-4). E agora o poeta tira proveito da palavra. Ele viu Adonai (o Senhor-Messias) à mão direita de Deus Pai, pleno de poder e terrores, prestes a ferir os Seus adversários no dia da ira. A metáfora militar é resumida com base no vs. 3. Quanto à metáfora da *mão direita de Deus*, ver Sal. 20.6, onde dou notas e referências. O poder e a autoridade do Messias são conferidos por Yahweh, o Poder Mais Alto, pelo que nenhum adversário pode resistir. Ele despedaçará os reis que não Lhe oferecerem lealdade voluntária. Isso ocorrerá no dia de Sua ira, quando o julgamento de Deus cair sobre as nações e o Reino de Deus tiver sido inaugurado. Novamente, as descrições vão muito além do que poderia ser dito acerca de qualquer monarca terreno, pelo que a interpretação deve ser ou idealista ou profética, e entre essas duas opções, a interpretação messiânica-profética é a escolha óbvia.

Então o salmo presente fica inteiramente na órbita da metáfora militar, mas ainda restam muitas coisas a serem ditas além desse tipo de descrição. Fil. 3.9 aborda o mesmo tema, com uma diferente fotografia por meio de palavras. Haverá um reinado universal de Cristo. Será um reinado forçado, sempre que isso for necessário; mas onde esse reinado for forçado, os indivíduos forçados tornar-se-ão súditos dignos e produtivos. O mistério da *vontade de Deus* (ver no *Dicionário* e em Efé. 1.9,10) entrará na questão e todas as coisas terão unidade em Cristo. Ele encabeçará a criação inteira. Então isso envolverá o Seu ser "tudo para todos" (Efé. 4.8), pelo que, nessa unidade, haverá restauração e redenção. Por conseguinte, se ficarmos somente com a metáfora militar e somente com o Antigo Testamento, teremos uma visão parcial e inadequada do que significará a restauração. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Restauração*.

110.6

Ele julga entre as nações. O salmista continuava incansavelmente usando a metáfora militar e encontrou terras pagãs repletas de cadáveres deixados pelo ataque das forças do Messias. Ele ferirá a cabeça dos chefes, e isso ocorrerá por toda a terra. Provavelmente o salmista pensou nisso em termos literais, como se Yahweh tivesse literalmente desfechado uma guerra santa (ver Deu. 7.1-5 e 20.10.18). Ver sobre Yahweh como o Senhor dos Exércitos, em I Reis 18.15. Embora haverá realmente um aspecto de julgamento na restauração, e esse julgamento será muito severo, devemos relembrar que o próprio julgamento é um agente de restauração, visto ser esse um dedo da mão amorosa de Deus. Outrossim, mergulhar nas referências do Antigo Testamento sem destacar as passagens paulinas quanto à questão necessariamente produzirá uma teologia inferior. Fazer o Messias declarar guerra santa sem um ministério salvatício e restaurador é algo bastante ridículo. Alguns estudiosos vêem aqui uma alusão ao *Armagedom*. Ver Apo. 19.17,18, como também o artigo no *Dicionário* sobre esse assunto. Mas isso é apenas uma pequena parte do quadro total.

110.7

De caminho bebe na torrente. "O Rei, enquanto persegue os seus adversários, beberá de um riacho à beira da estrada. Isso parece ser um fim inconseqüente para o salmo, sendo possível que algo tenha sido perdido do texto" (William R. Taylor, *in loc.*). "O vitorioso líder 'como que desmaia enquanto persegue' (Juí. 8.4), faz uma pausa no riacho que cruza a sua vereda e se refrigera. E assim, de cabeça erguida, ele continua a perseguição e termina Sua tarefa" (Ellicott, *in loc.*). Alguns intérpretes cristianizam o versículo e vêem aqui o Messias morto na cruz, para em seguida reviver e continuar em Sua missão. Isso pode ser uma aplicação, mas por certo não é o significado profético do versículo. Provavelmente não há aqui nenhum significado profético, mas apenas parte da metáfora militar que tinha sido empregada. Há até alguns intérpretes cristãos que fazem o riacho representar as águas dos sofrimentos de Cristo, que Ele sofreu, mas então ultrapassou, erguendo a cabeça. Todas as interpretações dessa ordem, entretanto, não passam de curiosidades.

Continua guiando, ó Rei eterno,
É chegado o dia da marcha;
Doravante, nos campos da conquista
Tuas tendas serão o nosso lar.
Através de dias de preparação
Tua graça nos fortaleceu.
E agora, ó Rei eterno,
Entoamos nosso cântico de batalha.

(Ernest W. Shurtleff)

Salmo Cento e Onze

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é um *hino de louvor* a Yahweh, por causa de suas obras maravilhosas. Ele tinha sido fiel à aliança estabelecida com Israel e esperava a mesma coisa da parte deles. Este salmo é o que tem sido chamado de composição acróstica, pois cada linha começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Quanto a notas expositivas completas sobre os salmos acrósticos, ver a introdução ao Salmo 34. Provavelmente, este salmo tinha por intuito ser usado nas festividades, pela congregação de Israel, que tinha muitas razões para clamar um alegre aleluia! (louvai ao Senhor!). A este salmo falta claro desenvolvimento, como acontece com os verdadeiros salmos acrósticos, nos quais o estilo literário interfere no fluxo do pensamento. Vinte e duas linhas curtas são criadas por meio desse artifício, cada linha iniciando com uma nova letra do alfabeto hebraico. Certa artificialidade naturalmente resultava desse modo de expressão literária. O Salmo 112 tem estrutura bastante parecida com algumas idéias correspondentes, pelo que é possível que os dois salmos tenham sido compostos pelo mesmo autor.

Subtítulo. Este é um dos trinta e quatro salmos sem subtítulos ou declarações introdutórias, supridas por editores posteriores. Quanto aos chamados "salmos órfãos", ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

Introdução: O Aleluia (111.1)

111.1

Aleluia! De todo o coração renderei graças ao Senhor. O salmista começou este hino com um aleluia! elaborado, que ele deixou fora de seu arranjo acróstico (ver a introdução, anteriormente). Ele convidou a congregação de Israel a louvar o Senhor e então declarou que faria a mesma coisa. O hino de agradecimento começou com essa chamada para todos se juntarem no mesmo louvor. Talvez o hino que se segue fosse empregado nas festividades, no ritual do templo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Louvor* e *Aleluia*. Quanto à assembléia, ver Sal. 25.14.

Justos. Ou seja, homens espirituais, de acordo com os padrões dos hebreus, os que conheciam e guardavam a lei. Ver em Sal. 1.2 um sumário do que isso significava em Israel.

As Grandes Obras de Yahweh (111.2-4)

111.2

Grandes são as obras do Senhor. Estão em pauta as obras de Deus na criação e em todas as manifestações de Sua providência, nos tempos antigos e *no tempo presente*. O louvor começa relembrando as muitas e poderosas obras que beneficiam a toda a humanidade. Aos homens compete "sondá-las" (conforme diz a King James Version) ou "estudá-las" (segundo diz a Revised Standard Version) para conhecê-las melhor e falar sobre elas. Os que estudam as grandes obras divinas nelas terão prazer. Elas satisfazem os desejos dos santos, conforme o Salmo 23 nos diz longamente.

"O salmista, sem dúvida nenhuma, estava pensando nas provas históricas da bondade de Yahweh para com a raça escolhida, mas suas palavras são capazes de uma aplicação mais ampla" (Ellicott, *in loc.*). O Salmo 105 é uma narrativa positiva da história de Israel, ou seja, a narrativa da história sagrada. Ali, nenhum fracasso por parte de Israel é registrado, mas somente as obras poderosas de Deus em favor deles. Mas o Salmo 106 é o relato negativo da história sagrada, em que muitos fracassos são creditados a Israel, embora as mesmas obras poderosas de Deus brilhem no relato.

111.3

Em suas obras há glória e majestade. Nessas obras há motivos para o povo de Israel louvar a Deus, sendo elas reconhecidas e pagas com uma vida reta. Essas obras são gloriosas e majestáticas, e isso não deve ser esquecido. Pois, quanto mais vamos sendo transformados pelas obras de Deus, mais desenvolvemos uma maneira espiritual de pensar. Isso, sem dúvida, exerce algum efeito sobre a espiritualidade básica do homem. Cf. Sal. 104.1. Lemos ali que o próprio Yahweh se reveste de "glória e majestade", pelo que o que pode ser dito acerca Dele, também pode ser dito acerca de Suas obras.

A sua justiça permanece para sempre. Parte das vestes de Deus são a Sua glória e a Sua santidade. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Retidão* e *Justiça*. Os deuses dos pagãos imaginariamente operavam grandes coisas, mas não combinavam o poder com a bondade. Platão dizia claramente que o Poder Supremo também precisava ser santíssimo, pois, de outra sorte, qualquer verdadeiro conceito de poder seria maculado.

111.4

Ele fez memoráveis as suas maravilhas. As obras poderosas e maravilhosas de Deus requerem ser relembrados pelos seres humanos. De fato, Yahweh as praticava para que ficassem gravados na mente dos homens o Seu poder, a Sua glória, o Seu governo, o Seu amor constante e as Suas obras benéficas em favor dos homens. Suas obras demonstravam ser Deus gracioso e pleno de compaixão. Ele as praticava para beneficiar os seres humanos, pois Ele sempre age em amor. Note o leitor como o poder é vinculado ao benefício dos homens, bem como à compaixão e ao amor de Deus. Poder não é, necessariamente, direito, na teologia dos hebreus. O direito busca o bem dos homens. O poder beneficia, em vez de destruir. Visto que o versículo seguinte diz como Yahweh proveu carne para o Seu povo no deserto, pode haver uma alusão, neste versículo, às Suas poderosas obras no Egito, por meio das dez pragas, e também às Suas obras às margens do mar Vermelho e então por todas as perambulações pelo deserto do Sinai. Entretanto, alguns estudiosos vêem aqui uma menção ao livramento de Judá do cativeiro babilônico. Seja como for, houve muitos memoriais (conforme diz literalmente o original hebraico) de obras poderosas, que Israel jamais deveria olvidar. Isso deveria provocar, em primeiro lugar, o louvor a Deus, e então, em seguida, agradecimento, em consonância com a lei (Sal. 1.2, sumário). Cf. Jos. 4.7.

Benigno e misericordioso. Cf. Sal. 86.5,15; 103.8 e 145.8. Ver sobre esses termos no *Dicionário* (*Compaixão* e *Misericórdia*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre os labores de Cristo em favor dos homens, do que resulta a salvação dos homens.

Os Cuidados de Deus por Seu Povo (111.5-9)

111.5

Dá sustento aos que o temem. O autor sagrado começou a enumerar as obras de Deus que são memoriais para o homem, com uma referência indefinida (vs. 4). Agora ele chegou a algo específico. Deus dá ao homem todo o suprimento físico de que ele necessita. "A ilustração disso foi o suprimento de maná e codornizes, ao tempo do Êxodo (ver Êxo. 16.11-16), mas a idéia pode ter uma aplicação ainda mais geral (cf. Sal. 34.9,10; 104.14,15; Mat. 6.25-34)" (William R. Taylor). A palavra *sustento* aqui usada geralmente significa presa, por certo um uso estranho. Devemos lembrar, porém, que o poeta sagrado seguia o estilo acróstico e, assim sendo, limitou o vocabulário conforme esse esquema. Ver a introdução ao salmo quanto ao sentido de acróstico. Ver também a introdução ao Salmo 34, onde há observações mais completas. Contudo, alguns estudiosos insistem em tomar literalmente a palavra *presa*, referindo-se aos despojos que Israel tomou do Egito e, mais tarde, da terra de Canaã.

Sua aliança. A alusão aqui é ou ao pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18) ou ao pacto mosaico (anotado na introdução a Êxo. 19). Ou então o pacto mosaico é encarado como se tivesse sido incorporado ao pacto mais antigo, o abraâmico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*, quanto a um sumário. Deus trabalhou em favor do povo relacionado com Ele por meio de aliança, por determinação de Sua vontade. O povo do pacto supostamente respondeu com louvores, vivendo segundo as ordens de Yahweh. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para o povo de Israel.

Este versículo é cristianizado para referir-se a tudo quanto Cristo tem feito por Seu povo do Novo Testamento.

111.6

Manifesta ao seu povo o poder das suas obras. Aconteceram em Israel coisas que não concordavam com o curso normal da natureza. Houve o poder do alto. Israel, não possuindo grande exército e tendo acabado de sair do deserto, enfrentou sete ou mais bem organizadas nações na terra de Canaã. Essas nações mais organizadas contavam com cidades fortificadas e carros de combate de ferro. Também possuíam cavalos, armas especiais e mecanismos de guerra. Não era humanamente possível que Israel derrotasse seus adversários. Ver sobre as nações expelidas da Terra Prometida, em Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. É verdade que muitos bolsões de resistência permaneceram, pelo que Israel foi sempre assediado até os dias de Davi, séculos mais tarde, quando ele aniquilou ou confinou todas essas nações. Ver sobre os oito inimigos derrotados por Davi, em II Sam. 10.19. Foi então que Salomão, filho de Davi, foi capaz de levar a Israel à sua época áurea, em meio a uma paz quase total.

A Terra Prometida tornou-se a herança de Israel, tal e qual o pacto abraâmico dizia que aconteceria. Essa era uma das grandes promessas daquele pacto. A doação da terra a Israel foi uma das grandes obras de Yahweh, uma daquelas que mereciam louvor e gratidão, resultando em uma vida correta, ou seja, a obediência à lei. Ver Sal. 1.2, quanto ao sumário do que a lei significava para Israel. Cf. Sal. 78.55.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da herança de Cristo que consiste em todos os povos e terras, mediante a ação conquistadora do evangelho e de um reinado eterno.

111.7-8

As obras de suas mãos são verdade e justiça. O Poder divino só faz o que é justo, sempre fiel aos princípios santos, em contraste com as divindades pagãs, as quais, alegadamente, tinham poder, mas pouca ou nenhuma santidade. Cf. estes versículos com o vs. 3. Ademais, Ele nos deu leis que revelam a Sua natureza santa. Essas leis são tanto santas quanto firmes. Os hebreus imaginavam que a lei mosaica seria eterna (vs. 8). Eles não antecipavam coisa alguma que pusesse a lei em eclipse ou a substituísse, pelo que o fato de que o Messias pudesse fazer isso parecia incrível para a mentalidade dos judeus. Cf. Sal. 19.8. Esta declaração tem sido cristianizada para fazê-la referir-se ao evangelho cristão. Os mandamentos (no dizer da King James Version) ou preceitos (conforme se lê na Revised Standard Version) são estabelecidos para sempre, pelo que devem ser seguidos de forma fiel e exata. O fiel precisa ser fiel, não esquecendo a lei e seus requisitos. Os preceitos tinham de ser cumpridos com retidão, de modo pleno e da maneira prescrita. O autor sacro falava sobre a lei inteira, ou seja, seus aspectos moral e cerimonial. Os hebreus não estabeleciam distinção entre esses dois aspectos, pois, para eles, todas as leis cerimoniais eram injunções morais sérias. "... estáveis para sempre (no hebraico, *semuchim*), ou seja, apoiadas e sustentadas, e assim seria para sempre. Jamais poderiam fracassar, visto que o poder de Deus sustentava Suas obras e Sua lei. A providência divina preserva o registro do que tinha sido feito" (Adam Clarke, *in loc.*, com alguma adaptação).

111.9

Enviou ao seu povo a redenção. Não está em vista aqui a redenção evangélica, mas o livramento. A referência é geral. Essa palavra foi usada para indicar o livramento da servidão no Egito (Deu. 7.8), no caso de Davi (II Sam. 4.9; I Reis 1.29) e no tocante ao exílio babilônico (Jer. 31.11). Ademais, pode referir-se à futura redenção de Israel (Isa. 35.10; I Cor. 3.30; Rom. 8.23). Yahweh ordenara que Seu pacto perduraria para sempre. Ver sobre o vs. 5. Cf. Sal. 42.8; 133.3 e Deu. 28.8.

Santo e tremendo é o seu nome. A Revised Standard Version diz aqui "santo e terrível", ao passo que o texto inferior é o da King James Version, "santo e reverendo". Quantos jovens pregadores têm argumentado acerca da legitimidade de um ministro ser chamado de "reverendo"! Os mais radicais respondem com um "não", ao passo que os mais liberais dizem "sim". A resposta negativa sempre foi apoiada por este texto de prova: somente o nome de Deus é reverendo, ou seja, digno de ser reverenciado. No entanto, o verdadeiro texto é "terrível". Ora, existem pregadores terríveis, mas nenhum deles quer ser chamado assim. Poderíamos traduzir o termo hebraico envolvido por "espantoso", sinônimo de "tremendo". Como é claro, nenhum pregador é "tremendo", pelo que esse adjetivo só pode ser aplicado a Deus. "Isso significa que Ele é santo de tal maneira que os homens chegam a temê-Lo" (Allen P. Ross, *in loc.*). E ainda é maior do que isso; pois além de ser santo, o nome de Deus é tão poderoso que realiza obras notáveis e espantosas, pelo que podemos dizer que o nome de Deus é "tremendo". Os Seus julgamentos fazem os homens temê-Lo e, assim sendo, o nome de Deus também é "terrível".

111.10

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Esta declaração, tão bem conhecida por todos nós, é igualmente encontrada em Jó 28.28; Pro. 1.7; 9.10 e Eclesiástico 1.18. Cada um dos versículos que a contêm terminam com alguma outra declaração. *Temor* é uma espécie de palavra geral que fala sobre a espiritualidade do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor*. "Temor... reverência ao Senhor, um termo compreensivo para indicar adoração, ritual e moralidade de Israel, também é encontrado em Sal. 19.9; 34.11 e 119.38" (William R. Taylor, *in loc.*). Mas não devemos divorciar o conceito do temor genuíno, pois Yahweh é o Deus terrível (vs. 9). Naturalmente, a prática da lei é a base do temor a Deus.

Princípio. Esta tradução é favorecida por Pro. 9.10, mas algumas traduções dizem aqui *chefe*, e por isso algumas versões falam que "o mais elevado" ou "a sabedoria chefe" é o temor de Deus.

Revelam prudência. Este é um tema freqüente dos escritores de sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo *Sabedoria*, seção III, *Literatura de Sabedoria*. O ideal é que o crente tenha uma mente compreensiva. Ver Pro. 3.4 e 13.15. Para alcançar uma mente compreensiva, temos de observar a lei em seus muitos requisitos, negativos e positivos, e também observar o culto e o ritual do templo. Na lei de Moisés concentrava-se a sabedoria, e os que praticavam a sabedoria, como é óbvio, também praticavam a lei.

O seu louvor permanece para sempre. Consideremos aqui os seguintes pontos: 1. Essas palavras podem significar que o louvor deve ser dado para sempre a Yahweh, o que significa que este versículo está ligado ao vs. 1. A palavra aleluia! começa e termina o salmo. 2. Mas alguns estudiosos pensam que aqui o louvor mana do coração do homem bom, que teme o Senhor e conseguiu alcançar um bom entendimento. Não se pode chegar a uma conclusão indiscutível. Ver como o Salmo 106 começa e termina com um aleluia! Talvez os cânticos de louvor começassem e terminassem com freqüência, se não mesmo costumeiramente, com aleluia! e, nesse caso, isso poderia favorecer a primeira idéia.

Salmo Cento e Doze

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de sabedoria*, o qual contrasta a sorte dos justos com o destino dos ímpios. Parece-se um tanto com os Salmos 1 e 111, mas preocupa-se mais com as recompensas dos justos (vss. 1-19) do que com os castigos dos ímpios (vs. 10). Trata-se de um poema acróstico, o que significa que cada linha começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Ver sobre esse artifício literário na introdução ao Salmo 34, com notas adicionais na introdução ao Salmo 111. As similaridades entre os Salmos 111 e 112 podem indicar que essas as composições foram redigidas pelo mesmo poeta. O Salmo 111 é um hino nacional, mas o Salmo 112 é um salmo didático sobre a sabedoria, especialmente voltado à bênção dos ímpios. Algumas das palavras aplicadas a Deus no Salmo 111 são ousadamente transferidas para o homem piedoso no Salmo 112. Cf. Sal. 111.3 a Sal. 112.3, e Sal. 111.4 a Sal. 112.6. Além disso, Sal. 111.8 é paralelo a Sal. 112.8. Tal como o salmo anterior, este salmo considera verdades fundamentais as recompensas verbais para os justos e a punição iminente para os ímpios. Esse é um tema que se encontra com freqüência no livro de Deuteronômio. A verdadeira piedade é descrita aqui mais claramente do que no salmo anteriores, e as virtudes sociais são salientadas mais ou menos no estilo do Salmo 15.

Subtítulo. Este é um dos trinta e quatro chamados "salmos órfãos", ou seja, destituídos de títulos ou notas introdutórias. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

112.1

Aleluia! Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor. *O Segredo da Bem-aventurança.* Este versículo começa com um aleluia! de introdução, como acontece em Sal. 111.1. Ver as notas expositivas ali. Sal. 106 também começa com um aleluia! Isso talvez seja uma característica dos hinos de louvor, alguns dos quais foram preservados no saltério.

O restante deste vs. 1 é virtualmente idêntico ao final do Salmo 111, a saber, o vs. 10, exceto pelo fato de que o homem que teme a Yahweh e guarda os mandamentos é chamado de bem-aventurado ou feliz. Cf. também Sal. 34.22 e 69.36. "O temor, longe de ser um serviço duro, é o único serviço feliz (bem-aventurado) (Jer. 32.39). Cf. I João 3.23,24 e 5.3. A verdadeira obediência não é uma tarefa dura, mas um deleite (Sal. 1.2). Os deleites mundanos, que fazem a piedade tornar-se cansativa, são suplantados pelo deleite dos nascidos de novo, que provam a vontade e os caminhos de Deus (Sal. 19.7,10)" (Fausset, *in loc.*). "Edificando com base no fim do salmo anterior, este versículo diz que aquele que teme o Senhor e se deleita em Sua lei é bem-aventurado. Cf. Sal. 1.1,2. Quanto ao louvor ao Senhor, ver Sal. 104.35" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Não basta temer a Deus, também precisamos amar a Deus. O temor nos impedirá de cair no mal. O amor nos levará à obediência" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Felicidade da Família (112.2-4)

112.2

A sua descendência será poderosa na terra. O homem bom e bem-aventurado terá abundante posteridade e será um indivíduo distinto e bem-aventurado ou feliz, tal como foram seus antepassados. Isso toca em uma questão muito importante para a mente dos hebreus. Uma das principais promessas do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18) era exatamente essa. Não basta que a bênção divina tenha bafejado a Abraão. Precisava alcançar também a sua posteridade, porque Yahweh tinha um plano coletivo, não apenas individual. Alguns estudiosos fazem deste versículo uma profecia e transferem a questão para a era do Reino, mas isso é exagerar a questão. Outros eruditos também o cristianizam vendo aqui os descendentes espirituais distantes de Abraão, a Igreja.

Poderosa. O primeiro significado aqui é o sentido militar, mas a prosperidade em todas as coisas, onde nada falta, deve ser a aplicação primária da palavra.

112.3

Na sua casa há prosperidade e riqueza. A bênção hebraica típica era essa, o bem-estar físico, incluindo extraordinária prosperidade financeira, grandes riquezas materiais, e isso vinculado a uma genuína espiritualidade, pois a retidão também caracterizaria os descendentes do homem bom. "O homem piedoso teria tanto uma vida longa quanto dinheiro" (Adam Clarke, *in loc.*). A espiritualidade teria de ser permanente, uma característica constante, ou seja, para sempre, o que, dentro do contexto hebraico, significaria passar de uma geração à seguinte, interminavelmente. O vs. 9 aplica a questão às obras beneficentes de um homem em favor dos pobres. Assim sendo, a justiça deve manifestar-se mediante caminhos de benevolência, como a caridade e as doações, que eram valores hebraicos constantes. Nisso, a bondade seria eterna.

> *Nada existe, nada, que seja inocente ou bom, e que morra e seja esquecido.*
>
> (Dickens)

Este versículo tem sido cristianizado para falar do "tesouro no céu que nunca falha" (ver Luc. 12.33). "Assim sendo, até mesmo na terra, esse princípio é válido, pelo menos em parte (Mat. 6.33)" (Fausset, *in loc.*). O homem bom é generoso e justo, e Deus não permite que ele ou sua descendência (se seguirem o seu exemplo) escorreguem para a nulidade. O Bom Deus preserva os bons. Para o homem bom, a abundância material gira em torno do que é eterno, espiritual, conforme alguns interpretam o versículo, vendo nele um indício da salvação cristã.

112.4

Aos justos nasce luz nas trevas. O justo tem a luz de Deus brilhando sobre ele, mesmo quando está nas trevas. Yahweh mostra-se gracioso, misericordioso e justo para com ele. Sua causa é defendida. Sua missão é assegurada, e a ele é

dado tempo para cumpri-la. Ele prospera para sempre no dia-a-dia. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Luz* e *Trevas*. O homem bom tem a Luz do sol nascente em sua vida, provavelmente a figura tencionada aqui. Ver Sal. 97.11 e Isa. 58.8. "Para o homem bom, a noite mais escura de tribulações e tristezas trará um amanhecer cheio de esperança" (Ellicott, *in loc.*). Alguns estudiosos pensam que está em vista aqui a noite do cativeiro babilônico. Em Esdras e Neemias, um novo dia alvoreceu. Mas a referência parece ser geral. Todas as noites, para o homem *justo, serão seguidas por um glorioso alvorecer.*

O homem bom é generoso para com outros homens (vss. 3 e 4), pelo que também Yahweh é generoso para com ele. No original hebraico, ao verbo ser, "é", falta um sujeito; e alguns eruditos suprem a palavra Yahweh como sujeito, mas outros fazem o próprio homem bom ser gracioso, misericordioso e reto em todos os seus tratos com outras pessoas.

Valores Sociais (112.5-9)

112.5

Conforme o trecho de Rom. 5.7, um homem justo pode não ser um homem bom, no sentido de generoso, ou expressar sua espiritualidade sob a forma de boas obras, em favor de seus semelhantes. O versículo à nossa frente fala sobre um homem justo e bom. Ele mostra favor a outros, porquanto Yahweh tem sido favorável para com ele; *ele empresta aos que estão em necessidade*, porque Deus tem dado a ele. Em seguida, a maior parte de seus empréstimos termina por ser doações, porquanto a alma do homem bom lhe dirá para não somente emprestar a alguém. Estamos falando aqui sobre a lei do amor, a mais elevada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*. Esse é o primeiro princípio espiritual porque Deus é amor (I João 4.8). E o homem regenerado naturalmente ama (I João 4.7), ou então não será um homem regenerado. A diferença não é o credo que o homem tem, mas o seu espírito generoso. A generosidade é outro nome para o amor.

Limites de pedra não podem conter ao amor,
E o que o amor pode fazer, isso ousa tentar.

(Shakespeare)

O oposto da injustiça não é a justiça — é o amor. O amor, como a morte, muda tudo.

(Kahlil Gibran)

Cf. Sal. 37.26. Ver também Deu. 23.19,20. "As descrições aqui existentes caracterizam o judaísmo em seu melhor aspecto. Charles Singer (*The Christian Failure*), que citou casos de liberalidade judaica, salientou que o hebraico clássico contava com uma única palavra (*cedhaqah*) tanto para caridade como para justiça" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Portanto, o homem do texto, efetuando todos os seus negócios com justiça, será generoso em tudo quanto fizer. Será um bom economista, mas não esquecerá os necessitados. Será um bom administrador e sempre fará seus negócios com honestidade, mas parte da boa administração consiste em não deixar esquecido o homem pobre.

112.6

Não será jamais abalado. Visto que ele se lembra do bem de outras pessoas, Yahweh se lembra do bem dele, pelo que ele nunca se sente inseguro nesta vida: seu alicerce de espiritualidade permanece firme. Quanto a como o homem piedoso nunca é abalado, ver Sal. 15.5 e 16.8. O homem generoso é relembrado por outras pessoas; muito tempo depois de ter morrido, outras pessoas falarão favoravelmente a seu respeito.

A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão.

(Provérbios 10.7)

Jesus é o exemplo supremo a ser seguido. Ali encontramos perdão justiça própria, misericórdia e magnanimidade sem condescendência ou desculpas; um amor que não conhece limites e nunca cede diante do sentimentalismo.

Jesus, cuja sorte foi lançada conosco,
Que viu o quadro inteiro, do começo ao fim.

(Fred Brittain)

"Para alcançar a perfeição, temos de ultrapassar o Antigo Testamento e chegar até Ele" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Mal. 3.6; Heb. 6.10 e Mat. 25.35.

112.7

Não se atemoriza de más notícias. Se nosso homem não pode ser abalado (vs. 6), então nem mesmo más notícias poderão impressioná-lo, e aquele que não se deixa abalar pelas más notícias é realmente um homem forte. Ele possui uma fé que ultrapassa o seu credo. Ele continua confiando em Yahweh, que tem uma maneira de transformar coisas más em coisas boas. Deus é o Deus das boas reversões, pelo que o nosso homem continua a confiar Nele. "Ele sabe que Deus governa o mundo, pelo que não teme o futuro. Quanto às calamidades, não as teme, porquanto seu coração está firme, determinado a continuar ao longo da vereda reta, sem desviar-se, sem importar as perseguições ou outras coisas que venha a sofrer. Ele confia no Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Somos levados a pensar no caso de Jó, que quantas vezes recebeu notícias tristes da parte de mensageiros, enquanto sua vida caía aos pedaços. Não obstante, continuou confiando em Deus. Naturalmente, quando Deus tocou em seu corpo, ele se voltou para o pessimismo, mas praticamente qualquer homem que tenha sofrido como ele sofreu faria a mesma coisa.

A virtude é ousada, e a bondade nunca é temerosa.

(Shakespeare)

"Qualquer mal que lhe sobrevenha, Deus pode e realmente desviará esse mal visando o bem (Rom. 8.28)" (Fausset, *in loc.*).

112.8

O seu coração, bem firmado, não teme. Este versículo refaz os vss. 6 e 7. O nosso homem é inabalável; seu coração está firme; ele não sente medo, podendo receber tanto o mal quanto o bem, sem se deixar abalar. Se algum adversário o perseguir, ele sabe que tal homem receberá o que merece, e sentir-se-á livre do mal que outros queiram fazer contra ele (Sal. 54.7). Isso faz parte de sua fé, pelo que o seu coração não fica agitado quando outros o criticam ou lhe fazem mal. A espiritualidade desse homem toma-o um homem superior. Não se pode medi-lo segundo os mesmos padrões com que se mede as massas populares. Cf. Sal. 59.10.

Diz-se que Bernard Manning, do Colégio de Jesus, era um homem modesto, que evitava ser louvado pelos homens. Mas era do tipo de homem que não se esquivava quando outros o procuravam. Ele gastava pouco consigo mesmo, mas era generoso com outros e com as causas boas. Esse homem bom também poupava o seu tempo. Seu tempo e seu dinheiro pertenciam aos outros, conforme diz o seu biógrafo, Fred Brittain. Manning, tal como a figura humana deste versículo, não podia ser medido segundo a mesma medida com que se mede as massas. Era um homem à parte.

112.9

Distribui, dá aos pobres. O poeta retorna à generosidade do homem bom. Ele distribuía livremente aos pobres (Revised Standard Version), e isso fazia parte de sua retidão. Ver as notas expositivas sobre o vs. 5. A caridade e a justiça eram representadas por uma única palavra hebraica.

O seu poder se exaltará em glória. "Poder", neste caso, é a mesma palavra hebraica traduzida por "chifre", símbolo de poder, visto que vários animais têm sua força, para defesa e para ataque, nos chifres. Ver sobre essa figura em Sal. 75.4,5. O homem bom terá poder e honra, e isso fará parte da recompensa de Yahweh a ele, por causa de sua generosidade para com outros. O homem generoso receberá todas as coisas generosamente da parte de Deus. Paulo emprega este versículo em II Cor. 9.9: "Como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre".

Ver também Pro. 11.24. É certo dar aos outros e, dessa maneira, a retidão (e também outras virtudes) perdurará para sempre. A generosidade é um fruto da fé, e a fé é uma qualidade da espiritualidade. Mas a generosidade é a qualidade suprema da espiritualidade genuína. Cf. o vs. 3.

"O opróbrio lançado contra ele será retirado. Ele se tornará cada vez mais próspero e o mais honrado entre os homens na terra. E na manhã da ressurreição ele terá domínio sobre os ímpios e aparecerá juntamente com Cristo em glória, e estará com Ele por toda a eternidade" (*John Gill, in loc.*).

112.10

O perverso vê isso, e se enraivece. *O Desbarato dos Ímpios.* O homem perverso, que persegue ao homem bom, somente para ver Deus tomar a causa do homem bom e abençoá-lo com ainda maior abundância, dando-lhe dinheiro, posição, poder e honra, desmaiará diante dos acontecimentos. Ele ficará tão faminto que rangerá os dentes e então os seus próprios desejos serão dissolvidos e transformados em pó. Ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*, no *Dicionário*, que este versículo ilustra tão vividamente. Quanto ao *ranger dos*

dentes, cf. Mat. 8.12. Alguns intérpretes emendam a palavra *desejo* para o termo *esperança*. O desejo ou esperança do homem mau, de ver-se rico e honrado, e de ver o homem bom na pobreza e abatido de espírito, perder-se-á. O reverso acontecerá porque Yahweh sabe a quem deve abençoar e a quem deve amaldiçoar. Cf. Sal. 9.18; Jó 8.13; Pro. 10.28 e 11.7.

> *A esperança dos justos é alegria, mas a expectação dos perversos perecerá.*
>
> (Provérbios 10.28)

"Dissolver-se-á, como a cera perto do fogo (Sal. 68.2)" (Fausset, *in loc.*). Dissolver-se-á como a neve sob o sol escaldante, outra figura possível. Ou, então, como a lesma que parece dissipar-se enquanto avança (Sal. 58.8).

> *São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus; e a esperança do ímpio perecerá.*
>
> (Jó 8.13)

A cena descrita pelo salmista é terrena. Ele não estava predizendo o castigo do homem mau na outra vida. Tal interpretação seria aqui anacrônica.

Salmo Cento e Treze

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é um hino que celebra Yahweh como o ajudante dos humildes. É outro *salmo de aleluia*, que começa e termina com a expressão aleluia!, que significa "louvado seja o Senhor". Ver os Salmos 106 e 111.

"De acordo com a tradição litúrgica dos judeus, os Salmos 113 a 118 constituem o chamado Hallel Egípcio (ver 114.1), usado em conexão com as grandes festividades. Por ocasião da Páscoa, os Salmos 113 a 114 eram entoados antes da refeição e, depois dela, eram entoados os Salmos 115 a 118 (cf. Mat. 26.30)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução a este salmo). Em seus poucos versículos, este salmo consegue apresentar algumas das idéias teológicas mais básicas do Antigo Testamento.

"Este salmo começa com o Hallel (louvor) ou, conforme algumas vezes é chamado, com o Grande Hallel, embora esse nome seja mais apropriadamente restrito ao Salmo 136, recitado por ocasião das grandes festividades judaicas. Este salmo foi parcialmente modelado segundo o cântico de Ana" (Ellicott, *in loc.*). Quanto ao cântico de Ana, ver I Sam. 2.1-10. Cf. o Magnificat de Maria (ver Luc. 1.45-55). As grandes festividades eram a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos, as três festas religiosas anuais às quais todo varão hebreu deveria fazer-se presente. Os Salmos 113 e 117 começam e terminam com a palavra aleluia! Os Salmos 115 e 116 terminam com esse vocábulo, mas não apresentam essa exclamação no começo. O Salmo 118 tem a atribuição de ações de graças no começo e no fim.

Subtítulo. Aos *Salmos Hallel* (Salmos 113 a 118) falta qualquer anotação de introdução ou título, pelo que eles estão entre os trinta e quatro chamados "salmos órfãos". Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

Louvores a Deus Entronizado no Alto (113.1-9)

Exortação ao Louvor (113.1)

113.1

Aleluia! Louvai, servos do Senhor. Temos aqui o aleluia geral, que convoca todo o povo de Israel, os servos de Yahweh, a clamar Louvor! Yahweh é o alvo dessa aclamação! Ele é digno de ser louvado. Seu nome merece ser exaltado. O nome representa a Sua pessoa e todos os Seus excelentes atributos. Ver as notas em Sal. 31.3. Talvez servos, neste caso, seja um adjetivo aplicado aos levitas, os servos profissionais de Yahweh, mas o salmo tem sido tradicionalmente usado para indicar toda a comunidade. Ver sobre a congregação inteira de Israel em Sal. 34.22; 69.36, e ver sobre os ministros de Deus, em Sal. 134.1. "... servos... Israel (Sal. 69.36)" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Louvor* e *Aleluia*. Quanto a *Israel, Seu Servo*, ver Sal. 136.22; Esd. 4.11 e Nee. 1.10.

"A reiteração da exortação denota ou a abundância dos louvores a serem dados ao Senhor, ou a sua constância e continuação, o que deveria ser prestado todo o tempo, todos os dias, visto que as misericórdias do Senhor são novas a cada manhã (John Gill, *in loc.*). Note o leitor a tríplice repetição do vs. 1: 1. louvores ao Senhor; 2. aos servos compete louvar ao Senhor; 3. os louvores são dados ao nome do Senhor.

Sua Glória Sobe acima dos Céus (113.2-4)

113.2

Bendito seja o nome do Senhor. Estes três versículos representam a resposta do coro. A mensagem é o governo eterno e universal do Deus de Israel, chamado Yahweh. Os homens O abençoam por causa de Sua bondade universal. Seus benefícios são grandes e intermináveis.

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

Bem-aventurado, "honrado, glorificado, bendito" (John Gill, *in loc.*) e, naturalmente, louvado, por causa de Suas obras poderosas e beneficentes em favor do homem.

Agora e para sempre. Ver Sal. 115.18; 121.8; 125.2 e 131.3, onde encontramos as mesmas palavras. Seu louvor deve ser eterno e universal. Ver também Jó 38.4-7. O texto fala de tempos do Antigo Testamento, do Novo Testamento, ampliando-se para a frente e para trás até o infinito.

113.3

Do nascimento do sol até ao ocaso. A mesma declaração acha-se em Sal. 50.1 e Mal. 1.11. Essa declaração é tanto temporal quanto espacial. O sol brilha sobre toda a terra; e também ergue-se sobre o horizonte e deita-se sobre o lado oposto do horizonte incansavelmente, eternamente, e assim devem ser os louvores a Yahweh, por toda a parte e em todos os tempos. Deus merece receber louvores do Oriente e do Ocidente, ou seja, de todos os povos (vs. 4); e também desde o tempo em que o sol surge no horizonte até que se põe no horizonte, em todos os tempos.

> *Louva, minha alma, ao Rei do céu;*
> *Trazei tributo aos Seus pés. Cantai*
> *Sempre os Seus louvores! Aleluia! Aleluia!*
> *Louvai o Rei eterno.*
>
> (Henry F. Lyte)

Os hebreus, em contraste com alguns pensadores idealistas, não tinham nenhuma fé extravagante no homem, mas somente em Yahweh. A teologia dos hebreus sempre foi teocêntrica, pelo que Israel fazia convergir toda a sua vida no Ser divino. Eles acreditavam que Deus estava nos céus, mas também estava com eles na vida diária. Viam muitas provas históricas disso e, quando a história parecia não evidenciar isso, eles apelavam de novo para a fé.

Tudo o que está dentro do percurso do sol, em seus ciclos diários, também estaria dentro do compasso de Seu cuidado e Sua providência contínua, pelo que todos os povos têm a obrigação de louvá-Lo. Aqueles a quem Ele governa, Ele também abençoa. Seu governo é benévolo.

113.4

Excelso é o Senhor acima de todas as nações. O salmo é agora claramente universalizado. O sol aparece no Oriente e desaparece no Ocidente. Passa por todos os povos, e todos esses povos pertencem ao reino de Deus. Assim como o sol está muito acima da terra, Yahweh está acima de todas as nações. Assim como o sol governa o dia, Yahweh governa todos os povos. Sua glória está acima dos céus, mas também se espraia por toda a terra. Cf. Sal. 8.1.

> *Louvai a Deus, de quem fluem todas as bênçãos.*
> *Louvai-O, todas as criaturas cá de baixo.*
>
> (Thomas Ken)

Assim como o sol traz luz e vida a todos os homens, também todos os homens existem por Sua benevolência. Em Deus, os homens vivem, movem-se e têm o seu ser (ver Atos 17.28). O Deus de Israel é supremo; Ele abençoa *supremamente e deve ser louvado supremamente*.

Os céus declaram a glória de Deus (Sal. 19.1); os seres celestes atribuem glória a Deus (Sal. 29.1; 103.20,21); falam de Sua santidade e Seus poderosos

atributos (Isa. 6.1), assim é próprio que os homens, na terra, imitem as atitudes e os atos celestiais.

O Senhor Cuida dos Necessitados (113.5-9)

113.5

Quem há semelhante ao Senhor nosso Deus...? Temos aqui a segunda resposta do coro. Os homens que louvam a Yahweh devem ser relembrados sobre a bondade de Deus para com todos, e isso lhes daria razões para louvar e fomentaria o entusiasmo de suas canções. Embora Deus viva tão elevado em Seus céus, e mesmo acima deles, e Sua glória esteja cima daquele lugar elevado, Ele se humilha a Si mesmo e estende Seu amor constante e Sua misericórdia para com os homens humildes neste lugar humilde.

"Deus é incomparável, ninguém é como Ele (cf. Sal. 35.10; 71.19; 77.13; 89.6; Êxo. 15.11; II Sam. 7.22), pois Ele se senta entronizado no alto (Sal. 2.3)" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Os que são altamente exaltados são geralmente inabordáveis. São orgulhosos e dominantes. Cercam-se de magnificências e lisonjas porque, para eles, os pobres não merecem respeito nem devem ter acesso a eles. Mas Deus, embora infinitamente exaltado, humilha-se a si mesmo e condescende em contemplar a terra e seus habitantes a fim de abençoá-los" (Adam Clarke, *in loc.*). "Não há ninguém como ele, quanto às perfeições de Sua natureza, quanto à Sua sabedoria, poder, verdade e fidelidade; e também quanto à Sua santidade, justiça e bondade; quanto à Sua graça e misericórdia; pois Ele é eterno, imutável e onipotente" (John Gill, *in loc.*).

> *O único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém.*
>
> (I Timóteo 6.16)

113.6

Que se inclina para ver... ? O alto e presumivelmente inacessível Deus, o único auto-existente que de nada depende, é também Aquele que se humilhou a Si mesmo para ser o benfeitor do homem. Deus é retratado como quem desceu de Seus altíssimos céus e deixou a Sua glória para trás, para contemplar como as coisas estão na terra. Ali Ele encontrou uma terra necessitada bem como homens necessitados. Portanto, Deus vem ao encontro dos homens, para abençoá-los. Não admira, pois, que eles O louvem! "Ele ama às Suas criaturas e se regozija em fazer o bem até para o pior deles" (Adam Clarke, *in loc.*).

... se inclina para ver... ? Diz o hebraico, literalmente, "o qual se abaixou para ver". Quando Deus desceu à terra para inspecioná-la, realmente Ele precisou rebaixar-se. Cf. Sal. 11.4; 14.2; 102.19; 138.6; Fil. 2.5-11. "Contrastar essa condescendência com a indiferença para com as alegrias e tristezas humanas que, segundo se diz, as divindades pagãs demonstrariam". Temos aqui um elevado *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador continua presente em Sua criação a fim de abençoar e punir; a fim de praticar Sua providência negativa e Sua providência positiva. Contrastar essa idéia com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), o qual postula um Criador que abandonou a Sua criação à mercê das leis naturais.

> *De palácios de marfim para um mundo de ais,*
> *Somente Seu grande e eterno amor, fez*
> *meu Salvador vir.*
>
> (Henry Barraclough)

Quanto a uma declaração messiânica que concorda com as noções do texto presente, ver Fil. 2.5-11.

113.7,8

Ele ergue do pó o desvalido. Agora vemos o Yahweh benevolente em operação, e Ele se dirige diretamente aos pobres, em sua poeira, e aos necessitados sentados em seu monturo de cinzas. A esses Ele eleva, e em breve eles serão príncipes do povo (vs. 8). Os vss. 7 e 8 estão alicerçados sobre I Sam. 2.8. Cf. Luc. 1.52. Em I Sam. temos o Cântico de Ana. E o Magnificat de Maria também está baseado nisso, em Luc. 1.45-55. Assim sendo, o poeta dependia de um fundo de literatura como parte de sua composição.

Do monturo. Isto equivale à antiga cremação das cidades, onde os pobres tentavam separar algo que pudessem comer dentre produtos alimentares estragados. O hebraico original diz literalmente "montão de lixo". Tal como em tempos modernos, chamas eternas queimavam a fim de consumir o lixo. Crianças pobres, ou voluntariamente ou forçadas por seus pais, estavam (estão) sempre ali. Aves de rapina ali se reuniam, e aqueles lugares tornaram-se paraísos de urubus. Os ratos infestavam. As enfermidades grassavam. "Ali as crianças brincam o dia inteiro. Ali jazem, atirados, os abandonados e os enfermos, que foram expulsos da sociedade" (Delitzsch). No livro de Jó há uma cena similar (2.8), porquanto ali o pobre pária foi para rapar suas feridas! Tais lugares eram populares para os verdadeiramente pobres, que precisavam do calor do fogo sempre queimante. Esse era um dos seus "luxos". Metaforicamente, Israel, como nação, terminou naquele triste estado (Sal. 44.25). Não obstante, exatamente daquele tipo de condição, Yahweh levantava os pobres e os necessitados, e deles fazia príncipes! A lição espiritual é clara; a redenção evangélica desce até as borras, isto é, todos os homens podem ser elevados a altos lugares em Cristo. Nisso, eles compartilham a humilhação de Jesus, para então compartilhar Sua exaltação. Cf. Jó 36.7.

"... tudo quanto os santos são por nascimento, como filhos de Deus (o Rei dos reis), são de um espírito principesco, dotados de Seu Espírito livre, e assim se oferecem a si mesmos e a seus serviços livres e voluntários ao Senhor... Agora os tais serão levantados por Cristo de seu humilde estado e serão postos entre os príncipes... Espiritualmente, serão colocados entre os patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó... e com os apóstolos, em Seu reino, feitos reis e sacerdotes para Deus (Sal. 45.16)" (John Gill, *in loc.*).

Disso aprendemos algo da graça e do amor de Deus, que O inspiram a fazer o que Ele faz. Dessa maneira, nós O louvamos por Suas obras maravilhosas em favor dos homens.

113.9

Faz que a mulher estéril viva em família. Um dos terrores de Israel era a mulher estéril que, obviamente (segundo o pensamento antigo), estaria sob o julgamento de Deus. Sem dúvida, Ana estava na mente do poeta, visto que ele tomava por empréstimo para seu hino parte da canção dela. Cf. I Sam. 1.1-28; 2.5. O contrário de tais casos era outra evidência dos cuidados de Yahweh. Ver Sal. 127.3-5, quanto ao alto valor atribuído às crianças. Só a maternidade assegurava a uma esposa uma posição segura e dignificada na casa de seu marido. Naquela sociedade, em que dominava a poligamia, havia outras mulheres em competição com ela. E mesmo que um homem tivesse apenas uma esposa (o que era bastante raro), facilmente poderia divorciar-se dela somente pelo fato de sua mulher ser estéril, e nenhum juiz de Israel se oporia. Por conseguinte, quando uma mulher estéril finalmente tinha um filho, isso era ocasião especial de regozijo e se pensava que Yahweh tinha revertido o curso das coisas em seu favor.

Na história de Israel, há famosas mulheres estéreis que, finalmente, triunfaram gerando um filho: Sara, Raquel e Ana. O Targum sobre esta passagem nos dá a interpretação metafórica de que a própria nação de Israel seria a mulher estéril que, finalmente, se regozijou diante da bênção da reversão, concedida por Yahweh, de seu humilde estado de esterilidade. Cf. Isa. 44.1 e Gál. 4.27.

Aleluia! Foi com um aleluia! que este salmo começou, e com outro aleluia! ele termina. Mas alguns intérpretes deslocam este aleluia! para o início do Salmo 114, pelo que este salmo não teria nenhuma dessas expressões, nem no começo e nem no fim. Ver sobre Sal. 113.1, quanto a notas expositivas sobre a nota de louvor. O Deus exaltado tinha abençoado supremamente o homem, das várias maneiras destacadas neste salmo. Daí, é próprio que haja um aleluia! no fim da composição.

Salmo Cento e Quatorze

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino* que louva a Deus por suas grandes obras, como a criação de Israel. É um escrito original e um dos mais artísticos de todo o saltério. É tanto conciso quanto vívido. Nada existe que identifique qual pode ter sido o uso original, mas seu conteúdo demonstra que era apropriado para a época da festa da Páscoa, pois, de fato, pode ter sido composto como parte da liturgia daquela época.

De acordo com a tradição litúrgica dos judeus de época posterior, os Salmos 113 a 118 foram reunidos no chamado Hallel egípcio (salmos de louvor). Ver Sal. 114.1, quanto à referência egípcia que proveu esse nome. Esses salmos eram usados em conexão com as grandes festividades, as três festas anuais que requeriam a presença de todos os varões hebreus: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. O Salmo 114 não tem a expressão aleluia!; mas os Salmos 113 e 117 contam com ela, no começo e no fim, ao passo que os Salmos 115 e 116 a apresentam somente no final. Já o Salmo 118 tem uma nota de agradecimento a Deus no começo e no fim.

Dante (1265 - 1321) fez deste salmo um hino entoado pelos espíritos no barco que levaria as almas humanas às praias do purgatório (*Purgatório*, canto II.

11.45-47). As palavras deste salmo tornaram-se, assim, representações místicas do êxodo da alma deste mundo para o próximo.

Subtítulo. Aos Salmos Hallel (113 a 118) falta qualquer anotação de introdução ou título, pelo que eles fazem parte dos trinta e quatro chamados "salmos órfãos". Quanto a isso, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

Começos de Israel (114.1,2)

114.1

Quando saiu Israel do Egito. O livramento de Israel do Egito, por parte de Yahweh, é um dos grandes temas do Antigo Testamento, repetido por mais de vinte vezes somente no livro de Deuteronômio. Ver sobre isso em Deu. 4.20. Ver Êxo. 12, quanto à história original. Nos salmos, há um bom número de alusões a esse acontecimento. Ver Sal. 68.31; 78.12; 80.8; 81.5,10; 105.23,38; 114.1; 135.8,9; 136.10.

Casa de Jacó. Esse foi o patriarca que deu seu nome a Israel, um vínculo direto entre o povo de Israel e Abraão e seu pacto (anotado em Gên. 15.18).

Língua estranha. A língua egípcia pertencia ao grupo chamado semito-camita, mas abrangia um semita distante, que não podia ser entendido por aqueles que falavam o hebraico. Naturalmente, Israel, depois de passar muitos séculos no Egito, entendia o egípcio, provavelmente juntamente com o próprio idioma hebraico, mas o poeta deixa de lado esse fato, a fim de não debilitar seu argumento: Israel estaria em uma terra estrangeira, que falava uma língua não compreendida. Cf. Gên. 42.23.

114.2

Judá se tornou o seu santuário. Em referência àquela data remota, o salmista não poderia estar fazendo distinção entre Judá e Israel, embora uma distinção posterior tenha emprestado certo colorido à referência. Judá tornou-se o lugar de seu santuário. Talvez o autor se refira a Êxo. 19.6, como se previsse potencialmente que, algum dia, esse seria o lugar onde a presença de Deus haveria de manifestar-se. O templo certamente está em vista aqui, embora isso tenha sido anacrônico em relação ao contexto em que este salmo é posto. Israel, como o lugar de seu domínio, é uma referência geral a todo o Israel, como distinto do lugar da *shekinah*. O Targum faz aqui um comentário curioso: "A congregação da casa de Judá estava unida à sua santidade, e Israel estava unido ao seu poder", o que substitui santuário e domínio. O Israel inteiro era o lugar de manifestação do poder de Deus, mas Judá era o lar da espiritualidade dos hebreus, por causa da lei e da glória da presença divina especialmente ligadas àquele local.

A Natureza Reconhece a Presença do Senhor (114.3-6)

114.3

O mar viu isso e fugiu. O mar de Juncos e o rio Jordão são personificados aqui. Eles eram testemunhas do poder da presença de Deus, quando os milagres foram realizados em favor de Israel, depois de estes terem deixado o Egito. O mar de Juncos foi repreendido e suas águas se elevaram em um montão, ao passo que as águas do rio Jordão foram barradas. Em ambos os casos, os milagres permitiram a passagem segura de Israel quando estava chegando em casa. Quanto à questão do mar, ver Êxo. 14.21,22; Sal. 77.16 e Hab. 3.10. Quanto à questão do rio, ver Jos. 3.9-17. O poder da presença de Deus beneficiou a todos os homens bons, enquanto eles avançavam na direção do Lar.

Fugiu. Esta tradução está correta e preserva o hebraico vívido. A presença gloriosa de Deus assustou de tal modo o mar, que este fugiu. O Jordão, apesar de seu poder, foi virado ao contrário, ou seja, um poder menor que o do mar foi vencido a ponto de não ser capaz de seguir seu curso como era usual. O rio foi "obrigado a retornar em seu curso", agindo de modo contrário à natureza. Nem a natureza pôde resistir à intervenção divina. O salmo não chama os homens, especificamente, a louvar o Deus de poder, porque Suas obras maravilhosas estivessem beneficiando a Israel, mas este salmo foi corretamente colocado entre os Salmos Hallel (de louvor, 113 a 118), porquanto oferece provas históricas de por que Israel deveria ser um povo agradecido.

114.4

Os montes saltaram como carneiros. Os montes foram personificados como pequenos carneiros, em vez de objetos altos e imóveis, e saltando lá se iam; e, juntamente com eles, as colinas menores, que não passavam de cordeiros. A presença de Deus diminuiu esses montes e essas colinas, deixando-os assustados. Está em vista a teofania do Sinai (Êxo. 19.18; Sal. 68.8; Juí. 5.5). O rebanho de objetos alegadamente imóveis foi posto em desordem. Talvez os montes simbolizem os reinos do mundo que temem na presença do Senhor (ver Sal. 76.4; Zac. 4.7). O poeta pintou o poder de Yahweh de maneira poética. A presença de Deus faz a própria natureza sentir-se perturbada e abalada.

114.5

Que tens, ó mar, que assim foges? O salmista retrocede aqui ao vs. 3 e ironicamente pergunta ao mar Vermelho e ao rio Jordão o que os fez agir de forma tão antinatural. De fato, deve ter sido algo poderoso. Por que o mar fugiu e o rio retrocedeu de seu curso normal? O efeito foi inesperado e estranho, pelo que a causa deve ter sido divina. As coisas criadas tiveram de obedecer à vontade do Criador.

114.6

Montes, por que saltais como carneiros? O salmista retrocede ao vs. 4 e ironicamente pergunta aos montes por que eles estavam fazendo coisas estranhas como estremecer e espalhar-se. O Grande Pastor aparecera e dera ordens, e eles se apressaram em obedecer. O tom usado pelo poeta sagrado é zombeteiro. Os montes foram reduzidos ao máximo e tornaram-se ridículos. Que poderia ter causado tão surpreendente ação?

"Essa ousada personificação teve por desígnio dizer que toda a criação reconheceu e obedeceu à vontade do Criador. A presença do Senhor, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é freqüentemente evidenciada por Suas demonstrações de poder" (Allen P. Ross, *in loc.*).

114.7

Estremece, ó terra, na presença do Senhor. O salmista respondeu aqui às suas próprias perguntas: Foi a presença de Deus que causou aqueles acontecimentos incomuns. Foi a presença de Yahweh, a presença de Elohim (o Poder). Foi isso que estremeceu as montanhas. Esse poder é o Deus de Jacó, identificado com Israel, mas com uma aplicação universal, quer na natureza, quer entre os habitantes da terra. Esse mesmo poder tinha libertado Israel (vs. 1) e era também supremo sobre toda a natureza. Deus é temível, mas também beneficente. Ele deu Sua lei no Sinai. Ele não causava apenas espanto.

> *Os seus relâmpagos alumiam o mundo; a terra os vê, e estremece. Derretem-se como cera os montes, na presença do Senhor de toda a terra.*
>
> (Salmo 97.4,5)

114.8

O qual converteu a rocha em lençol de água. A presença de Deus também fez a rocha dura transformar-se em água potável, para suprimento de Seu povo, que perambulava pelo ermo. Isso ocorreu tanto em Refidim quanto em Cades-Barnéia. Ver Êxo. 17.1-6; Núm. 20.1-11; Deu. 8.15; Sal. 78.15,16; 107.35; Isa. 41.18. Dessa maneira, o poema termina abruptamente, com a menção de um dos atos benevolentes de Deus em favor de Seu povo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água*, que inclui notas expositivas sobre os usos metafóricos desse vocábulo.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo como a *Água da Vida* (ver João 7.37.

> *... beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.*
>
> (I Coríntios 10.4)

"Acredito em Deus conforme acredito em meus amigos, pois sinto o hálito de Sua afeição, sinto Sua mão invisível e intangível, atraindo-me, guiando-me, segurando-me, por muitas e muitas vezes em minha vida... tenho sentido o impulso de um Poder muito forte, consciente, soberano e amoroso" (Miguel de Unamuno, *O Trágico Senso da Vida*).

> *Guia-me, ó Tu, grande Yahweh,*
> *Peregrino embora nesta terra estéril.*
> *Sou fraco, mas Tu és poderoso.*
> *Segura-me com Tua poderosa mão.*
> *Abre agora a fonte de cristal,*
> *De onde fluam as águas curadoras.*
>
> (William Williams)

Salmo Cento e Quinze

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma *liturgia* que contrasta o poder de Yahweh com a impotência dos deuses pagãos e, como tal, é um *hino de louvor e exaltação*. Esse hino provavelmente era entoado como antífona, com partes alternadas entre um solista e o coro. Os vss. 3-8 são um *hino didático*, ou seja, um hino cujo intuito era ensinar sobre um grande tema, a saber, a fraqueza da idolatria pagã, em contraste com a grandeza de Deus. Os vss. 9-13 parecem envolver três grupos de cantores, cada qual entoando sua parte, o solista e duas partes do coro, mas talvez isso seja refinar em demasia a parte musical. A Septuaginta une este salmo ao Salmo 114, perfazendo um único poema, mais longo; mas parece não haver boa razão para supor que, originalmente, eles formassem uma única composição. Esse ato perturba a enumeração dos salmos entre o saltério hebraico e o da Septuaginta.

De acordo com a tradição litúrgica dos judeus, de tempos posteriores, os Salmos 113 a 118 foram reunidos, formando o chamado *Hallel egípcio* (salmos de louvor). Ver Sal. 114.1, quanto à referência egípcia que proveu esse nome. Os salmos eram usados em conexão com as grandes festas hebraicas anuais, que requeriam que todos os varões hebreus peregrinassem a Jerusalém. Essas grandes festividades eram a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Os Salmos 113 e 117 têm o aleluia! no início e no fim. O Salmos 114 não apresentam nenhum aleluia! Os Salmos 115 e 116 têm o aleluia! no final. E o Salmo 118 abriga agradecimentos no começo e no fim.

Subtítulo. Aos *Salmos Hallel* (113 a 118) faltam anotações introdutórias ou títulos e, assim sendo, eles se encontram entre os trinta e quatro chamados "salmos órfãos". Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

Um Lamento Começa o Salmo (115.1,2)

115.1

Não a nós, Senhor, não a nós. A glória deve ser dada inteiramente a Yahweh; a glória deve ser exibida não em favor de Israel, mas em favor do Nome que a nação exaltava entre as nações. Ver Sal. 31.3, quanto ao *nome de Deus*. Esse termo subentende a natureza essencial de Yahweh e Seus maravilhosos atributos, conforme demonstrados entre os homens. O salmista requereu que Yahweh demonstrasse o Seu poder e a Sua glória para derrubar as palavras pessimistas dos pagãos concernentes ao Deus de Israel. Os pagãos precisavam ser convencidos, visto que o domínio de Deus é universal, e as blasfêmias dos pagãos deveriam ser caladas. Yahweh demonstrava Seu amor constante e Sua fidelidade a Israel, e o poeta sagrado estava convencido da glória de seu Deus por meio de muitas evidências indisputáveis, mas os povos pagãos continuavam a blasfemar. O poeta sacro lamentou esse fato e quis revertê-lo por meio de uma exibição do poder de Deus no mundo, que fosse de natureza tal que os pagãos não pudessem negar.

"A glorificação de Deus e do nome de Deus, que envolve a exaltação da justiça, da verdade e da misericórdia, é o summum bonum do Antigo Testamento. Portanto, 'a principal finalidade do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre' (Catecismo Inglês Abreviado)" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. Sal. 108.4; 117.2; 138.2. Diz o Targum: "Não por nossa causa, ó Senhor, não por nosso merecimento, para ao Teu nome seja a glória".

Provavelmente era o coro quem introduzia essa antífona, nos vss. 1 e 2.

115.2

Por que diriam as nações. Este versículo subentende que os pagãos vinham blasfemando do Deus de Israel. E o povo de Deus sentia que esses escárnios deveriam ser repreendidos por meio de alguma manifestação divina. Cf. Sal. 42.3,10 e 79.10. A zombaria era um escárnio dos pagãos contra a aparente ausência do Deus de Israel. "Onde está esse maravilhoso Deus de vocês?" O poeta, portanto, contrastou o Deus onipotente dos céus com a inutilidade e ausência de poder dos ídolos dos pagãos. Talvez Israel tivesse sofrido alguns revezes significativos, como em campo de batalha, e isso inspirou os pagãos à zombaria. Ver Joel 2.17 e Miq. 7.9,10.

A Impotência dos Ídolos (115.3-8)

115.3

No céu está o nosso Deus. O Deus aparentemente ausente estava nos céus, Sua habitação natural, mas isso não significa que Ele fizesse aparições regulares na terra e exibisse Sua glória também neste mundo. Em contraste, os deuses dos pagãos não estavam nem no céu nem na terra, porquanto os ídolos nada são. Deus é independente e faz o que Lhe agrada. Nisso é exibida a Sua soberania. Em contraste, os ídolos nada fazem, porque são fabricados de material inanimado, e não têm inteligência nem força. Foi usando esse argumento que o poeta sagrado zombou da idolatria pagã (ver a respeito no *Dicionário*). "Os pagãos desconheciam a distância infinita que separava o nosso Deus dos seus ídolos (ver Sal. 2.4; 11.4; 103.19). Revestido de majestade celestial, Ele está muito acima da terra, que é o lar dos ídolos. Os ídolos são meros artifícios dos homens, pelo que estão sujeitos à impotência terrestre" (Fausset, *in loc.*).

115.4

Prata e ouro são os ídolos deles. Se Deus está nos céus, um poderoso Ser espiritual, os ídolos estão na terra, objetos feitos de materiais inanimados, como prata e ouro, e são apenas o que os homens imaginam. Esses ídolos podem ter algum valor comercial, por causa dos materiais que os compõem, mas não têm nenhum outro valor. Não possuem autoconsciência, quanto menos a consciência dos homens. Não podem querer ou fazer coisa alguma. Em contraste com os ídolos, Deus é o Criador e o executor de todas as coisas. Ele faz tudo quanto deseja (vs. 3; cf. Sal. 135.6 e Jó 23.13). Se, porventura, Israel fora abandonado, como no caso de alguma batalha, Yahweh teria alguma razão para tanto. Deus nunca age de modo arbitrário. Ademais, Deus sempre volta para beneficiar, pelo que Israel estava disposto a esperar pela reversão de sua fortuna. Yahweh continua vivendo e governando o Seu povo que está (temporariamente) no pó. Se os pagãos não estavam no pó, isso não se devia a seus não-deuses. Cf. Osé. 8.6.

115.5

Têm boca, e não falam. Os ídolos são fabricados segundo a imagem dos homens, com um rosto como eles têm, mas com uma boca que não fala e olhos que não vêem. São piores do que suas contrapartes humanas, as quais, pelo menos, podem fazer essas coisas básicas, embora sejam muito fracas quanto a outros aspectos. Os ídolos não têm a mínima habilidade, o que mostra quão vã é a idolatria. No entanto, os povos pagãos gabavam-se de seus deuses inertes e inoperantes. Os ídolos não têm nem mesmo as habilidades humanas, para nada dizer sobre as capacidades divinas. Esses fatos são óbvios a qualquer um que possua o mínimo de discernimento espiritual, ou mesmo as percepções do bom senso comum, mas os pagãos estavam perdidos em seu mundo imaginário. Cf. os vss. 4-6 com Sal. 15.15-18, um paralelo direto desta passagem.

O "teor geral desta parte do Salmo 115 é similar a Isa. 40.18-20; 44.9-20; 46.6,7; Jer. 2.26-28; 10.3-15. Tão tarde como no século I A. C., as práticas idólatras continuavam sujeitas às críticas judaicas (Sabedoria de Salomão 13.10-19; 14.12-21; 15.1-17)" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver também Hab. 2.18; I Reis 18.26,29. Dan. 5.23 também é um paralelo deste versículo. "Os desejos de Seu povo estão perante Deus. Seus olhos estão fixos nos justos, e Seus ouvidos estão abertos para seus clamores. Ele nunca os evita" (John Gill, *in loc.*).

115.6,7

Têm ouvidos e não ouvem. Os não-deuses estão plenamente equipados com membros e órgãos que imitam o corpo humano mas não funcionam, o que mostra quão ridículos são. No entanto, os pagãos levavam muito a sério esses ídolos. O texto à nossa frente não considera o fato alegado por alguns idólatras de que as suas imagens eram apenas símbolos externos de uma realidade espiritual, havendo, em algum lugar, seres inteligentes que eram adorados através dessas representações físicas. Quanto a essa idéia, I Cor. 10.20 diz: "Digo que as cousas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam, e não a Deus.

"Esta passagem não pode comparar-se com a magnificente ironia de Isa. 44.9-20, mas mesmo assim há uma notável veia de sarcasmo que atravessa suas linhas... cf. Sal. 135.15-18" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado denominado *Idolatria*. Ver a proibição acerca da idolatria, em Deu. 7.25,26.

É possível que um solista (dentro da antífona) entoasse os vss. 3-8.

"Ele usou do ridículo para salvar o povo de algo que tinha arrastado para baixo seus vizinhos. Ele estava lidando com uma enfermidade mortífera e não podia dar-se ao luxo de ser polido... A idolatria era uma ameaça perpétua. É fácil para nós ter piedade ou zombar dos habitantes da Índia, por exemplo, que ainda se prostram perante imagens que não podem falar, nem ver, nem ouvir, nem cheirar. Mas o que dizer sobre aqueles que, nas comunidades mais civilizadas, adoram as riquezas, ou a si mesmo? Alguns fazem de deuses idéias abstratas (por exemplo, o nazismo ou o comunismo), que são as coisas mais explosivas e traiçoeiras do mundo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

115.8

Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem. Os fabricantes de ídolos são como os seus próprios ídolos, ou seja, insensíveis, tolos, ridículos, ignorantes e em bancarrota espiritual, e outro tanto acontece aos que fazem das imagens objetos de adoração.

Aquele que molda em ouro ou pedra alguma face sagrada,
Na realidade não está fazendo um deus,
e não resta
Ninguém de quem possa pedir alguma bênção graciosa.

Um fabricante de ídolos degrada sua inteligência e torna-se aviltado como o ídolo que ele molda. Os vss. 4-12 são quase verbalmente repetidos em Sal. 135.15-19, pelo que ou um poeta copiou de outro, ou havia algum fundo comum de idéias ou de literatura aproveitados por ambos os autores.

"As pessoas que fabricam ídolos e neles confiam tornam-se como eles, sem poder na presença do Senhor Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*). Podemos dizer o mesmo acerca de toda a forma de idolatria e fabricação de ídolos, incluindo os tipos modernos que fazem das coisas e das atividades materiais o objetivo de sua vida. Todos nós temos algumas formas ridículas de idolatria que servem de pragas em nossa vida. As idolatrias sutis são exatamente tão destrutivas como as formas crassas de idolatria. Até mesmo uma chamada pessoa espiritual pode fazer do trabalho espiritual o seu ídolo, visto que através disso obtém seu louvor e glória, em vez de render louvor e glória a Deus.

Confiança no Senhor (115.9-11)

115.9

Israel confia no Senhor. Aqui o poeta sagrado contrasta a crassa idolatria com a verdadeira adoração, dada ao Senhor dos céus, Yahweh, o Deus de Israel. Ele é o ajudante e o escudo do homem espiritual.

Nossa alma espera no Senhor, nosso auxílio e escudo.

(Salmo 33.20)

Amparo. Ou seja, o homem bom depende da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) quanto a toda a sua vida e existência. A providência divina repousa sobre o conceito teísta de Deus de que o Criador não tenha abandonado Sua criação, mas está sempre presente entre os homens para guiá-los, abençoá-los, puni-los e intervir na vida humana, quando qualquer dessas coisas se faz necessária. Isso deve ser contrastado com o deísmo, que supõe que o Criador abandonou Sua criação, entregando-a aos cuidados das leis naturais. Ver sobre *Teísmo* e *Deísmo* no *Dicionário*, quanto a detalhes. A longo prazo, quando o corpo se desgasta, as pessoas já não conseguem ajudar-se direito, e todas as forças do homem fracassam. E é então que temos de fugir para Deus, a fim de receber qualquer benefício que possa ser obtido. A ajuda divina é material e espiritual, e a ajuda final é a salvação, e ficamos dependentes de Deus para todo e qualquer tipo de ajuda. Ver sobre salvação e sobre o Deus que a dá, em Sal. 62.2, que provê notas expositivas e referências.

Escudo. Ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8; 89.18; 91.4. Esta é uma metáfora militar que fala sobre proteção e ajuda em tempos difíceis. Naturalmente, temos aqui um tipo de ajuda. "... para protegê-los de todos os perigos, males e inimigos, materiais ou espirituais" (John Gill, *in loc.*). Ver Sal. 5.12; 18.35; 91.4; Isa. 59.19.

115.10

Nos vss. 9-11 há três grupos endereçados: 1. Israel (vs. 9), provavelmente apontando o corpo laico, e não todo o povo de Israel. 2. A casa de Arão, os ministros, sacerdotes e servos do templo, pertencentes à tribo de Levi (vs. 10). 3. Os que temiam a Yahweh (vs. 11), homens especialmente espirituais, que se distinguiam das massas populares, embora todo o Israel, até certo ponto, pudesse ser chamado de "aqueles que o temiam". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, quanto ao significado dessa palavra. Prosélitos também podiam estar nessa classe, "aqueles que tinham chegado a temer Yahweh", tendo sido atraídos para o judaísmo, vindos do paganismo. Porém, seria artificial aqui tentar buscar três grupos distintos, em vez de simples variações poéticas de vocabulário.

Para o corpo laico de Israel, para todo o Israel e para todos os que temiam ao Senhor, se é isso que está em foco, Yahweh era tanto ajuda quanto escudo, conforme já anotei neste versículo.

A casa de Arão confia no Senhor. O segundo grupo, a casa de Arão, os ministros, todos eles pertencentes à tribo de Levi, é agora endereçado, e Yahweh é também a ajuda e o escudo deles, de acordo com as anotações no vs. 9. Os sacerdotes tinham de pertencer à linhagem levítica de Arão, mas levitas não-aarônicos também serviam como ajudantes aos descendentes de Arão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas*. Alguns deles serviam em guildas musicais e proviam música sagrada, cantando ou tocando instrumentos durante os cultos no templo (ver I Crô. 25).

115.11

Confiam no Senhor os que temem o Senhor. O terceiro grupo, formado por aqueles que temiam a Yahweh e Nele depositavam a confiança, também tinha Yahweh como ajuda e escudo, o que explicam as notas do vs. 9. Esse grupo é difícil de identificar e algumas idéias são: 1. homens espirituais de notável reputação; 2. prosélitos, pagãos que tinham vindo prestar lealdade a Yahweh; 3. servos do templo, como cantores, porteiros, trabalhadores manuais de raça não-judaica, *netinim*, filhos dos servos de Salomão (Esd. 2.41-56; I Crô. 9.2); 4. a parte impedida dos sacerdotes (ver Esd. 2.61,62; na Mishnah, Kiddushin, 4.1). Ou talvez o salmista tenha incluído todo o Israel nessa alegada terceira classe, visto que o temor do Senhor é uma das maneiras de o Antigo Testamento referir-se à espiritualidade segundo termos hebreus. Ver no *Dicionário* as notas expositivas sobre *Temor*, além de outras idéias, em Sal. 111.10. Seja como for, as três classes aparecem novamente nos vss. 12 e 13 deste capítulo e em Sal. 118.2-4; 135.19,20. Nesta última passagem mencionada, temos também a menção à casa de Levi. Cf. Eclesiástico 50.16-19. Para todos esses grupos, Yahweh era ajuda e escudo, uma providência ativa em contraste com a não-ajuda dos não-deuses (vs. 8).

"A expressão 'os que temem o Senhor' envolve toda a verdadeira 'descendência de Jacó' (Sal. 22.23), tanto pequenos quanto grandes (vs. 13), o corpo leigo em distinção à casa de Arão, isto é, os sacerdotes. Assim sendo, no vs. 9, temos Israel em geral; no vs. 10, temos os sacerdotes; no vs. 11, temos o corpo laico" (Fausset, *in loc.*).

Seja como for, o coro convidou a todos os israelitas, de qualquer classe a que pertencessem, a confiar em Yahweh, em contraste com os pagãos, que confiavam nos não-deuses.

O Senhor Preocupa-se Conosco (115.12-18)

115.12,13

De nós se tem lembrado o Senhor. Yahweh não é como os ídolos dos pagãos, os não-deuses (vss. 4-8), pois Ele é a Inteligência. É conforme Joseph Smith declarou: "A glória de Deus é a inteligência". O verdadeiro Deus é não somente a grande Inteligência, em um sentido abstrato; Ele usa todo o Seu poder mental para saber as necessidades de Seu povo e então o abençoa abundantemente. Aristóteles chamava Deus de o Intelecto, ao passo que todas as outras mentes são intelectos que possuem algo da grande Mente, uma bela idéia filosófica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Intelecto*. A teologia dos hebreus emprestava à mente e à inteligência uma distorção beneficente. Platão associava o amor e a justiça em um único conceito, pelo que mente e bondade são igualmente associadas no pensamento dos hebreus.

Yahweh Sabe do que Precisamos. Ele age em concordância com esse conhecimento e nos abençoa. Ele abençoa todas as três classes que foram listadas nos vss. 9-11, que aparecem novamente aqui e nos vss. 12 e 13. O vs. 12 diz a casa de Israel (correspondente ao vs. 9) e a casa de Arão (correspondente ao vs. 10). O vs. 13 fala novamente nos que temem a Deus (correspondente ao vs. 11). Esses, tanto grandes quanto pequenos, são abençoados nas mesmas proporções. Assim sendo, essa bênção tríplice corresponde à tríplice chamada do poeta para que os homens confiem em Yahweh. Quando confiam Nele, são abençoados. Ver no Sal. 2.12 o que a confiança significa nos salmos. O vs. 15 mostra que a bênção tem de ser grande, porquanto é o Criador a abençoar a Sua criação.

"Eles não querem nenhuma coisa boa agora e têm muita bondade depositada à espera, para ser desfrutada posteriormente. O Sol da Justiça levanta-se sobre eles, e um livro de memórias foi escrito por causa deles. O Senhor deleita-se neles, e Seus olhos estão fixos sobre eles. Eles são abençoados com maior graça agora, e serão abençoados com glória no porvir. Tanto pequenos quanto grandes, jovens quanto velhos, ricos quanto pobres, elevados quanto humildes, menores quanto maiores, sejam eles crianças, homens, pais, mulheres ou mães. Ver Apo. 11.18" (John Gill, *in loc.*).

Ele nos dá mais graça
Até que a carga se torna mais leve.
Ele nos dá maior graça,
Até que a vitória é ganha.
Ele dá, Ele dá, e
Ele dá novamente.

115.14

O Senhor vos aumente bênçãos mais e mais. Este versículo enfatiza a liberalidade da bênção. É provável que os vss. 14 e 15 encerrem uma bênção sacerdotal, afirmando o que se passou antes. O Senhor continua a dar, e a dar de novo. Israel continua a crescer, e a crescer novamente. Não há fim nas doações divinas, nem no recebimento humano.

A batalha não é dos fortes,
E nem dos ligeiros a corrida.
Aos verdadeiros e fiéis,
A vitória foi prometida por meio da graça.

(Fanny J. Crosby)

Yahweh amontoará bênçãos sobre ti,
Sobre ti e sobre os teus filhos.

(Ellicott, tradução)

"Há uma alusão ao nome de José ('o Senhor adicionará a ti e aos teus filhos'), Gên. 30.24, 'ela chamou o nome dele de José e disse: o Senhor me adicionará outro filho'. As palavras 'a ti e aos teus filhos' subentendem que o aumento deveria começar naquele tempo, ou seja, logo depois do retorno da Babilônia, mas o aumento pleno está reservado para os dias da glória final de Israel juntamente com o Messias (Isa. 66.7-13)" (Fausset, *in loc.*).

115.15

Sede benditos do Senhor. O Criador é, igualmente, o Abençoador, pelo que isso nos dá uma idéia da bênção potencial. O título, "que fez os céus e a terra", aponta para Sua obra soberana na criação. Ver esse título usado acerca de Deus em Jó 4.17; 32.22; 35.10; Sal. 121.2; 124.8; 134.3; 146.6; Eclesiástico 11.5; Jer. 10.16. Ademais, os homens são criaturas de Deus, as obras de Seu poder, pelo que também são aqueles a quem Ele anela beneficiar. Mas os deuses dos pagãos, que não passam de ídolos vãos, nada tiveram que ver com a criação, pelo que perecem quando os materiais da terra perecem. Ver Jer. 10.11. "Mas Ele é infinitamente rico para tornar o Seu povo um povo abençoado, sem importar suas muitas tribulações e a despeito de seus muitos inimigos" (Fausset *in loc.*).

"O Criador dos céus e da terra tem o poder para dispensar bênçãos sobre a terra" (Kirkpatric, *Psalms*, pág. 686).

"O livramento com que fomos brindados, as bênçãos que temos recebido, as vitórias que nos conferem a alegria da colina de Sião — essas não são nossas realizações, mas são abundâncias de Deus. Podemos ser Seus instrumentos para abençoar outras pessoas, mas foi Ele quem nos deu a visão, a coragem e a força para tolerar tudo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"Jesus Cristo já roubou o pecado, a morte, o diabo e o inferno de seus poderes respectivos... O homem não é o Atlas que está destinado a suportar o peso da cúpula do céu em seus ombros" (Karl Barth). Quão facilmente caímos no egocentrismo. Quanto precisamos fugir para o Senhor, o Criador e o Abençoador. Em Deus não há ausência de poder.

Oh, à graça, quão grande devedor
Diariamente sou constrangido a ser!
Que Tua bondade, como uma algema
Ligue meu coração vagabundo a Ti.

(Robert Robinson)

115.16

Os céus são os céus do Senhor. Os céus são propriedade exclusiva de Yahweh. Mas a terra foi entregue aos homens. O poeta deixa de fora as hostes celestes como habitantes dos céus, com sua declaração absoluta. Cf. Gên. 1.28,29; Isa. 45.18. Deus é também o possuidor da terra, mas, por prerrogativa divina, Ele a deu aos homens. Mesmo assim, Deus continua presente neste mundo a fim de abençoar os homens. Deus não abandonou a terra que criou. De fato, a própria doação da terra aos homens foi um ato inicial de benevolência, que certamente prosseguiria. Ver Sal. 89.11, quanto à possessão universal de Yahweh dos céus e da terra. Os inimigos não podem tomar a terra de Seu povo, que é o verdadeiro proprietário da terra. Ver Mat. 5.5, quanto a uma afirmação similar. Este versículo nada tem que ver com a posterior controvérsia "cristã" de se os homens bons vão ou não aos céus, mas somente permanecem sobre a Nova Terra do período milenar. De fato, o vs. 17 não dá indícios de sobrevivência diante da morte biológica a quem quer que seja, bons ou maus.

115.17

Os mortos não louvam o Senhor. É um grande mistério saber por que o poeta sacro lançou esta desanimadora afirmação em seu hino em tudo mais tão vivaz. Por que ele nos teria relembrado, neste hino de aleluia, que os homens não sobrevivem à morte física? Era doutrina hebraica padrão, na época em que este salmo foi composto, que não existia algo como uma alma imaterial e imortal, pelo que não haveria sobrevivência para o ser humano. Mas nos Salmos e nos Profetas a doutrina da imortalidade começou a ser mencionada. Essa doutrina foi desenvolvida nos livros intertestamentários, os livros apócrifos e pseudepígrafos e, mais ainda, no Novo Testamento.

"Por que o salmista, de súbito, teria tido o pensamento espantoso que a morte quebraria a relação de aliança entre o homem e Deus, silenciando a oração e o louvor, não é algo fácil de ver" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, ele queria que os homens se atarefassem e agradecessem ao Senhor, bradando alegres aleluias enquanto podiam fazê-lo. Talvez este salmo tenha sido primeiramente relacionado a alguma vitória, na qual houvera, entretanto, algumas baixas. Talvez aqueles corpos tivessem sido recentemente sepultados, e o salmista tenha visto a cena entristecedora, pelo que falou sobre o silêncio que a morte impõe ao ser humano. Pensando nisso, ele exortou os vivos a prestar louvor e ações de graças a Deus.

Descem à região do silêncio. Está em pauta o sheol; mas aqui temos o ponto de vista mais antigo sobre aquele local, como um lugar do nada, e não como um lugar de almas humanas sobreviventes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hades*, para acompanhar a evolução que essa doutrina experimentou com a passagem dos séculos, conforme Deus adicionou a ela pormenores. Ver também as notas expositivas sobre Sal. 6.5; 9.13,17. Ver especialmente as notas em Sal. 88.10, onde encontramos fantasmas a voar em um lugar obscuro, destituído de mentes claras, o primeiro passo de um sheol que começa como o nada, até atingir um conceito superior, embora ainda desanimador. Também dou um breve sumário de idéias ali, acerca do sheol, as quais ilustram a evolução da doutrina. Cf. Sal. 6.5,30 e 88.10-12.

115.18

Nós, porém, bendiremos o Senhor. Este *Salmo Hallel* (hino de louvor) termina com um aleluia! e uma nota de bênção de Yahweh, que nos abençoou (vss. 12-15). A Septuaginta e Jerônimo vinculam o louvor ao começo do Salmo 116. Cf. este final com Sal. 118.17 e Isa. 38.18,19. Os vivos continuam em seus louvores e bênçãos a Yahweh, em contraste com o silêncio próprio da sepultura (vs. 17). "Esses dois versículos (17 e 18) contêm o apelo de por que Yahweh deveria livrar o Seu povo da extinção. Cf. Sal. 6.6; 30.9; 88.10-12 e Isa. 38.18,19" (Fausset, *in loc.*). "A língua de nossos antepassados está silenciosa em seus sepulcros. Ocupamos agora o lugar deles e desejamos magnificar o Teu nome, pois tens sido abundante em Tuas bênçãos para conosco... Nós Te louvares como monumentos vivos de Tua misericórdia, e o louvor que agora iniciarmos continuaremos a oferecê-lo para sempre" (Adam Clarke, *in loc.*).

Salmo Cento e Dezesseis

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este expressa *ações de graças* por uma cura física. A enfermidade do pobre homem o tinha conduzido à beira da extinção; ele tinha orado e o Senhor tinha ouvido; ele fora salvo da morte e assim agradeceu com sinceridade e louvor. Este salmo foi escrito para ser usado na liturgia do templo, diante da congregação de Israel. Tornou-se um modelo de agradecimento para aqueles que se tinham recuperado de enfermidades ou outras crises pessoais. O ex-enfermo agradeceu, realizando sacrifícios e oferecendo votos, tudo em consonância com as especificações da lei mosaica. O poema exibe um tom de devoção sincera, fomentada por um profundo senso de gratidão diante das misericórdias recebidas. Kittel detectou neste salmo um nível de piedade acima do normal para os santos do Antigo Testamento. O Livro Inglês da Oração Comum usa parte do salmo presente em seu "Agradecimento das Mulheres Após o Parto".

Na tradição litúrgica judaica de um tempo posterior (ver Salmos 113 a 118), esses seis *Salmos do Hallel* (salmos de louvor) são chamados *Hallel Egípcio*. Ver Sal. 114.1, quanto à referência egípcia. Eram usados em conexão com as três grandes festividades anuais, às quais todos os varões israelitas tinham a obrigação de atender, fazendo peregrinações a Jerusalém. As festas eram a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Os Salmos 113 e 117 têm o aleluia no começo e no fim. O Salmo 114 não tem nenhum aleluia. Os Salmos 115 e 116 apresentam o aleluia no final. E o Salmo 118 contém agradecimentos no começo e no fim.

Subtítulo. Os *Salmos Hallel* (113 a 118) não têm anotações ou títulos adicionados por editores posteriores, pelo que estão entre os trinta e quatro chamados "salmos órfãos". Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo.*

A Experiência do Salmista com a Enfermidade (116.1-11)

116.1

Amo o Senhor, porque ele ouve. Em vez de começar com um aleluia!, o salmista declara que amava a Yahweh, porquanto seu apelo urgente, pedindo ajuda, fora atendido, e o poder de Deus o livrara de sua doença mortífera, que quase pusera fim à sua vida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*, onde são oferecidas notas expositivas e ilustrações abundantes. Presumivelmente o homem obedecia à lei, e é a lei que dá vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Ver *Deu. 6.5 ss. quanto à primeira responsabilidade do homem, que é amar a Deus*, ao passo que o segundo mandamento é amar ao próximo como a si mesmo. Cf. Rom. 13.8 ss. O amor é o cumprimento da lei. Ver Gál. 5.22, onde o amor aparece como um dos aspectos do fruto do Espírito. O homem regenerado tem obrigação de amar (I João 4.7), pois, do contrário, será uma fraude. Deus é amor (I João 4.8), e os que amam compartilham a natureza santa de Deus. A justiça nunca pode ser separada do amor. Uma única palavra hebraica aponta para ambos os princípios. "No hebraico clássico, a palavra *cedhaqah* equivale tanto à caridade quanto à justiça" (Charles Singer, *The Christian Failure*).

As minhas súplicas. O homem estava extremamente enfermo. Esperava receber a cura da parte de Yahweh (Sal. 103.3), pois Deus cura todas as enfermidades. Ele não dependia de medicinas à base de ervas, encantamentos e mágicas dos curadores físicos, mas dirigiu-se diretamente a Yahweh. Confessou seus pecados, porquanto a antiga idéia dos hebreus era que, nos casos de enfermidades, o pecado estava sempre presente. Jó mostrara que nem sempre as coisas eram assim, mas a idéia permanecia bastante fixa na mentalidade dos hebreus. Yahweh ouve, ou seja, toma consciência de nossas necessidades e recebe nossas orações.

"O começo deste salmo é uma expressão ímpar de amor pelo Senhor, que vem de alguém que foi libertado por Ele" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cf. Sal. 18.4: "Laços de morte me cercaram". A cura significava que Yahweh amava, e por isso o poeta amava a Deus.

Nós amamos porque ele nos amou primeiro.

(I João 4.19)

"O amor de Deus ultrapassa todos os amores" (Charles Wesley). Cf. Sal. 34.1-6. Ver Heb. 5.7 e João 6.41,42.

116.2

Porque inclinou para mim os seus ouvidos. A oração tinha funcionado magnificamente em favor do poeta sagrado, pelo que ele resolveu continuá-la usando enquanto vivesse. Ele sabia que o amor de Deus é forte, e qualquer coisa pode acontecer quando um homem ora. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*, quanto a notas expositivas, referências e ilustrações.

"Ele estava sofrendo aflição e, naquela hora de necessidade, fez um voto de que, se Deus o livrasse, ele faria uma peregrinação ao templo e ofereceria os sacrifícios apropriados. O livramento lhe foi concedido, e, assim sendo, ele cumpriu o seu voto. Ele agradeceu e louvou publicamente" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Foi assim que seus amigos e compatriotas estavam ali para testemunhar seu dia de triunfo, e cada qual recebeu uma lição objetiva sobre a eficácia da oração. Não somos informados quanto à natureza da enfermidade, mas a descrição que se segue mostra-nos que foi "para a morte". A oração tinha trabalhado em favor de uma causa desesperadora. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. Isa. 39.8. "Invocarei a Ele enquanto eu viver, em dias de adversidade e aflição, pedindo ajuda e alívio; em dias de prosperidade, com ações de graças pelos favores recebidos. Invocarei a Ele cada dia em que eu viver, e diversas vezes por dia. A oração deve ser uma constante, e não devemos desanimar. A oração é a primeira e a última ação da vida espiritual... É o Senhor, ao ouvir a oração, que nos encoraja a continuar orando" (John Gill, *in loc.*).

116.3

Laços de morte me cercaram. A morte apresentou sua armadilha para capturar o homem. Ele quase fora apanhado. O sheol abrira a boca horrenda e quase conseguira devorá-lo. Perseguira incansavelmente o pobre homem; mas, pelo poder de Deus, ele conseguiu iludir a força perseguidora. O sheol tinha dores a infligir, a saber, um caso terminal no qual o homem piora cada vez mais até agonizar e morrer como um cão. O homem passava por grave aflição e angústia. Por conseguinte, o que poderia fazer? Ele levantou a voz, do leito de enfermidade, e até mesmo sua breve oração foi ouvida acima do rugir da tempestade.

"Suas palavras pintavam dramaticamente o fato de que ele estava sendo caçado pela morte e pelo sepulcro. Ele quase tinha morrido" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Sheol. Aqui, conforme sucede usualmente nos Salmos, está em pauta a morte simples. A doutrina do sheol (como a maior parte das doutrinas) passou por uma evolução. Acompanho essa evolução doutrinária nas notas de Sal. 88.10. Quanto a detalhes completos, ver os artigos do *Dicionário* chamados *Sheol* e *Hades*. O sheol, dentro do pensamento dos hebreus, tornou-se o lugar dos espíritos partidos deste mundo; um lugar de bênção e maldição; o objeto de uma missão de misericórdia pelo Cristo; mas foram necessários vários séculos para essa doutrina desenvolver-se, e provavelmente ainda há muitas coisas que desconhecemos, o que, naturalmente, acontece à maioria das doutrinas.

Que Tua rica graça conceda
Forças a meu débil coração.
Oh, que meu amor a Ti
Seja puro, caloroso e imutável,
Uma chama viva.

(Roy Palmer)

116.4

Então invoquei o nome do Senhor. A oração interveio, porquanto Deus resolveu limitar-se pela oração. Determinou que ouviria e responderia ao clamor. Talvez o homem enfermo, por descuido ou pecado, tenha trilhado o caminho do ataque. Mesmo assim, a oração foi suficiente para salvá-lo de uma enfermidade quase fatal (cf. Sal. 18.4,5).

Livra-me a alma. O hebraico literal, que menciona o livramento da alma, usualmente significa nos salmos a vida física. Posteriormente, na teologia dos hebreus, essa expressão veio a referir-se à alma imaterial e imortal do homem. Mas o homem foi libertado da enfermidade física e da morte, e não de uma punição no pós-vida.

116.5

Compassivo e justo é o Senhor. Estas palavras reúnem, em uma unidade, o amor e a justiça. O amor cuida, mas também é moralmente correto. E a misericórdia é um companheiro natural das duas virtudes. O poeta exaltou as qualidades morais de Deus não meramente por causa de sua bondade aos homens, mediante atos beneficentes. "Livrando a mim e ao meu povo, Ele demonstrou ser, verdadeiramente, tudo quanto a lei definiu que é (Êxo. 34.6,7)" (Fausset, *in loc.*). "... como um pai para seu filho, ele simpatiza com o Seu povo, sob todas as suas aflições, e os salva. Ver Sal. 86.5,15" (John Gill, *in loc.*).

116.6

O Senhor vela pelos simples. No hebraico, "simples" é *pethaim*, que algumas versões traduzem por "pequeninos". Estão em pauta os mansos e humildes de coração; homens simples, e não sofisticados, não perseguidos pelo complexo do "ego" e por desejos egocêntricos; nem homens espertos, planejadores de toda espécie de males.

... que sejais sábios para o bem e símplices para o mal.

(Romanos 16.19)

Uma simplicidade infantil é contrastada com a sabedoria inescrupulosa dos pecadores e exploradores do próximo.

Achava-me prostrado. O salmista refere-se aqui à sua enfermidade, que quase o tinha reduzido a nada. Sêneca pensava que é bom que todos os homens tenham o espírito demonstrado pelas pessoas enfermas e, assim, contentem-se com pequenas demonstrações de misericórdia, livrando-se da precipitação pelas coisas vãs que os homens tanto prezam. A enfermidade do homem, pois, abençoou-o com um espírito correto. Isso nem sempre opera. Minha mãe, que sofreu de câncer por quatro anos e meio, não concluiu que seus sofrimentos tivessem feito grande coisa por ela. Ela simplesmente continuou gritando, conforme o exemplo de Jó. Naturalmente, os sofrimentos de Jó eram tão severos que tudo quanto ele pôde fazer foi lutar com Yahweh, indagando a razão de todo aquele sofrimento. Ademais, ele era inocente, pelo que a pergunta seguinte se tornou crítica: Por que os inocentes sofrem? Os males físicos fazem parte do mal natural. O *Problema do Mal* (ver o artigo com esse título no *Dicionário*) é o sofrimento de males: morais (aqueles que partem da vontade perversa do homem) e naturais (os abu-

sos por parte da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, enfermidades e a morte).

Cf. o caso de Ezequias em Isa. 38.4, e ver Sal. 142.6. Ele foi "rebaixado", mas o Senhor o exaltou, revertendo aquela drástica situação e transformando as lamentações em louvores.

Doce hora de oração,
Que me chama de um mundo de preocupações,
E me ordena ir até o trono de meu Pai,
E que tornam conhecidos
Todos os meus quereres e desejos.

(William W. Walford)

Diz o Targum: "Ele olhou para mim a fim de redimir-me".

116.7

Volta, minha alma, ao teu sossego. Yahweh deu descanso ao espírito e ao corpo do pobre homem. Este deixou de agonizar e chorar, chorar e agonizar. O homem alcançou a intervenção divina, a cura divina. Mesmo que tenha sido o seu sistema de imunização quem, finalmente, derrotou a enfermidade, o poeta ainda assim teria atribuído tudo à obra de Yahweh. O texto sagrado, porém, parece apontar para algo dramático, algo (quase) instantâneo que reverteu o curso da vida do salmista de maneira espetacular. Portanto, ninguém seria capaz de fazê-lo parar de clamar alegres aleluias! E ele saiu correndo para o templo, ainda a clamar, fazendo com que todos soubessem que o Mestre estava vivo.

Este versículo tem sido nacionalizado para falar do descanso de Israel da servidão egípcia ou do cativeiro babilônico. E também tem sido cristianizado para falar do livramento que os homens experimentam na obra redentora de Cristo.

Maravilhosa graça de Jesus,
Maior que todo o meu pecado.
Como minha língua a descreverá,
Onde começará o seu louvor?

Inigualável graça de Jesus,
Mais profunda que o poderoso mar agitado.
Maravilhosa graça de Jesus,
Suficiente para mim, sim, para mim.

(Haldor Liffenas)

Meus amigos, o salmista tornou-se, por assim dizer, um fanático. E por que não, se outros homens são fanáticos com muito menor razão, por coisas muito menores? Ele continuava declarando a todos com quem se encontrava sobre como Yahweh é poderoso, e como esse poder resultou em tão grandes riquezas espirituais para ele. Quem tem uma experiência vence quem conta apenas com um argumento. Alguns homens mostram-se fanáticos quanto a ganhar dinheiro. Falam a respeito disso noite e dia, planejando, investindo e enganando, se necessário for. Até têm sonhos que lhes dizem como fazer mais dinheiro. Mas o real tesouro que temos nestes nossos vasos de barro é a pérola de grande preço, o tesouro escondido da alma. O homem que encontra esse tesouro jamais deixará de clamar: "Uau!". Sua experiência separou-o das massas que labutam diariamente, com o rosto franzido. Mas o homem fanático é uma peste. Ele não deixa os outros em paz. Vive falando sobre a religião e a fé. E sempre se mostra exageradamente entusiasmado. Sempre tem uma nova história para contar a respeito de suas experiências, porquanto elas não são apenas uma ou duas. Ali você tem um homem a quem o Espírito Santo escolheu, e ele nunca mais será o mesmo homem. Os homens espirituais sabem dessas coisas.

116.8

Pois livraste da morte a minha alma. Houve um tríplice livramento: a alma, que foi livrada da morte; os olhos, que foram livrados da tristeza; e os pés, que foram livrados dos tropeços. Parece haver aqui uma alusão a Deu. 28.65,66. "Deus o livrou dos olhos grudados ao chão, das dúvidas da vida, do desassossego dos pés, das ameaças feitas por inimigos. Mas a plenitude desse livramento ainda jaz no futuro, que a restauração do exílio babilônico tipificou" (Fausset, *in loc.*). O salmista estivera à beira do sepulcro, pronto para tombar dentro dele. Mas o braço de Yahweh se estendeu e o trouxe de volta ao solo firme.

O sol dourado, a lua prateada,
E todas as estrelas Lhe pertencem,
E Ele é meu amigo.

(James H. Sammis)

"Tu me tiraste da terra dos ardis e precipícios e me levaste a uma vereda plana" (Adam Clarke, *in loc.*). "O povo de Deus inclina-se por cair tanto no pecado quanto na calamidade. Somente o Senhor é poderoso para guardá-los. E isso é algo que eles podem esperar Dele, visto que participam de Seu amor, de Sua aliança e de Suas promessas. E, além disso, eles estão seguros nas mãos de Cristo. Ver Sal. 56.13" (John Gill, *in loc.*).

116.9

Andarei na presença do Senhor, na terra dos viventes. O homem cujos pés até recentemente quase tropeçavam para dentro da sepultura, agora caminhava ao longo da vereda da paz que fora preparada pelo Senhor. Ele caminhava pela "terra dos viventes", em vez de estar deitado de costas na terra dos mortos. Por isso, ele andou reto na direção do templo e ali clamou louvores a Deus. Os sacerdotes vieram saber o que estava acontecendo e disseram: "Oh, é apenas mais um daqueles fanáticos". Mas quando ouviram a sua história, reconheceram "Oh, Deus tem poder", e em breve também estavam gritando seus aleluias e améns.

Houve um filósofo chinês do século III A. C., chamado Mêncio. Ele era um homem sábio. Disse ele que, quando o céu está prestes a conferir alguma grande bênção a um homem, primeiramente lhe enviava uma provação severa. "A vida origina-se na tristeza", declarou ele. Isso soa atrativo, pelo que costumamos dizer: "Que isso aconteça a outras pessoas".

116.10

Eu cria. O homem enfermo tinha fé e, finalmente, foi recompensado de maneira espetacular. O homem "guardou a fé", mesmo quando esteve em meio à sua grave aflição. "Oprimido e aflito como eu estava, sempre acreditei que Tuas promessas eram verazes. Estive empenhado em grandes lutas para manter a minha confiança, pois minhas aflições foram enormes, opressivas e de longa duração" (Adam Clarke, *in loc.*). Ele confiou conforme Abraão também tinha confiado, pois havia grandes promessas que firmavam a sua alma". Não que o salmista se jactasse de sua fé, mas ele a mencionou a fim de glorificar ao Senhor, que lhe havia dado aquelas promessas" (Fausset, *in loc.*).

Paulo, o apóstolo, também passou por grandes provações, mas manteve a sua fé: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (II Cor. 4.7). Os versículos seguintes falam de suas grandes dificuldades, e então o apóstolo lembrou as palavras deste versículo de Salmos e disse: "Eu cri, por isso é que falei" (II Cor. 4.13).

O apóstolo tinha fé na vitória final, por ocasião da ressurreição e glorificação dos crentes. Nosso poeta, entretanto, estava atrás de um alvo menor. Ele acreditava que lhe poderia ser dada a cura física, e a sua fé foi recompensada. Mas embora seu alvo fosse menor, não estava divorciado da espiritualidade.

116.11

Eu disse na minha perturbação. *Possíveis Significados Deste Versículo:* 1. Os homens, como sacerdotes, falam sobre o poder de Deus para curar, mas visto que "todos os homens são mentirosos" (ver Tito 1.12), como confiar naquilo que eles dizem? Mas o poeta percebeu que fizera um julgamento apressado. Algumas vezes os homens dizem a verdade, especialmente quando falam sobre o poder que Deus tem de curar e abençoar. Se o salmista tivesse escutado todos cuja língua solta os identifica como mentirosos, não teria acreditado que pudesse ser curado. Os homens desapontam a confiança que outros homens depositam neles. Verdadeiramente, eles nos dão razão para não confiarmos neles. Não obstante, algumas vezes pode-se confiar em um homem quando ele está falando sobre o poder de Deus. Ademais, o poeta sagrado contava com o testemunho do Espírito de Deus em seu coração, o qual transcende tudo quanto os homens são e dizem, e isso continuava a segredar-lhe como ele poderia ser curado. Seu clamor pedindo misericórdia submetera Yahweh a teste, e nosso homem não fora desapontado. 2. Há outro sentido possível neste versículo: quando o poeta sagrado buscava a cura, outros diziam-lhe que ele estava iludido em sua fé. Mas eles é que acabaram sendo um bando de mentirosos. Assim sendo, em "consternação" (Revised Standard Version), o poeta chamou-os de mentirosos. Ele não ficou desencorajado ao ouvir todas aquelas mentiras, mas continuou esperando em Yahweh (vs. 12). 3. Ainda outro sentido é possível: o poeta tinha posto sua esperança nos homens. Talvez ele tenha consultado os médicos que o decepcionaram. Então ele disse, "em sua consternação, que os homens são todos vãs esperanças". Com essa atitude mental, voltou-se para Yahweh.

O Salmista Vai ao Templo (116.12-19)

116.12

Que darei ao Senhor...? O salmista fora curado. Recebera abundância de bênçãos de Yahweh. Ele tinha feito votos: "Senhor, se me curares, farei isto e

aquilo por Ti". Mas seus votos (vs. 14) haviam sido superficiais, e o que ele tinha prometido era muito pouco. Portanto, o que ele poderia fazer para demonstrar sua gratidão?

Por misericórdias tão grandes
Que posso eu devolver a Deus?
Por misericórdias tão grandes e verdadeiras,
Eu O amarei e servirei
Com tudo quanto tenho,
Enquanto minha vida perdurar.

O Procedimento no Templo:

1. O homem vai ao templo. Ele pode estar acompanhado por amigos que tinham seguido de perto o seu caso. Ele leva um animal para ser sacrificado.
2. O sacrifício do animal é efetuado, bem como uma libação.
3. O homem cumpre os votos anteriormente tomados tanto quanto é possível fazê-lo dentro do terreno do templo. Talvez ele traga outros animais para serem sacrificados, ou dinheiro ou algum cereal. Ele tem votos a pagar "ali".
4. Há cânticos e regozijo. Os sacerdotes e membros da comunidade se juntam a ele. Os levitas músicos (ver I Crô. 25) participam dos cânticos e tocam seus instrumentos.
5. Ele ergue o cálice da salvação, isto é, uma libação de vinho, derramado sobre um vaso perto do altar. Ver o vs. 14, quanto a esse item.

"O escritor sagrado, ao perguntar o que poderia dar ao Senhor como pagamento pela bondade demonstrada (ver o vs. 7; 13.6; 142.7), fez um voto de louvar ao Senhor na congregação" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se a uma vida de dedicação em troca das bênçãos recebidas na salvação.

116.13

Tomarei o cálice da salvação. Está em pauta uma libação para agradecer a Yahweh por Seu livramento da enfermidade. Uma libação de vinho era vertida em um vaso que estava sobre o altar, um dos "concomitantes de praticamente todo sacrifício animal (cf. Êxo. 29.40; Lev. 23.37; Deu. 32.38; Eze. 20.28; Eclesiástico 50.14,15)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Nunca te sintas triste ou desanimado
Se tens fé para acreditar;
Graça para os deveres à tua frente,
Pede de Deus e recebe.

(Fanny J. Crosby)

A libação seria oferecida em meio aos louvores e às orações, mediante os quais o homem invocaria o nome de Yahweh, para receber Sua oferenda, Seu louvor e Sua vida.

Nosso coração dividido por nada,
Contente por deixar tudo por Ele.

(James Allen)

"... estando bem disposto, sob o senso das misericórdias recebidas, para suportar ou sofrer qualquer coisa por amor Daquele que o tinha chamado, sabendo que isso seria sinal de sua salvação. Talvez a alusão seja a um chefe de família que, no término de uma festa ou refeição, costumasse tomar um cálice na mão e dar graças a Deus. Ver Mat. 26.27" (John Gill, *in loc.*).

116.14

Cumprirei os meus votos ao Senhor. O poeta pagou publicamente os seus votos, na presença de muitas testemunhas. Outros votos ele também pagaria "ali". Haveria presentes outorgados ao templo, atos de caridade, sinais de dedicação e evidências de viver a lei do amor. Excetuando a questão dos sacrifícios e das cerimônias acompanhantes que prestavam louvor público, não somos informados sobre o que seriam esses votos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Votos*. Essa declaração é repetida no vs. 18. Os votos incluíam toda a espécie de promessas de que a pessoa faria isto ou aquilo, ou daria isto ou aquilo. Esses votos eram considerados com o máximo de seriedade e precisavam ser cumpridos.

Dá-me o teu coração,
Nenhum dom é tão precioso para Ele
Como o presente do nosso amor.
...
Dá-me o teu coração,
Dá-me o teu coração,
Ouve o suave sussurro.
Afasta-te deste mundo escuro:
Dá-me o teu coração.

(Eliza H. Hewitt)

116.15

Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos. Este versículo é um dos mais citados do livro de Salmos, sendo utilizado freqüentemente em ritos funerais. A temível morte é preciosa segunda a avaliação de *Yahweh*, que significa *Eterno*. A palavra hebraica traduzida aqui "preciosa" é *yakar*, que significa "brilhante", "clara", "excelente", "valiosa", "preciosa". Mas em quais sentidos o Eterno Deus poderia considerar a morte de um pobre mortal "preciosa"?

1. O *Eterno* zela para que seus santos não sejam entregues à morte quando seus inimigos atacam. Isto é, eles não sofrerão morte violenta ou prematura. "Eles não serão entregues à morte" (Fausset, *in loc.*). Compare-se este versículo com Sal. 77.14. A morte deles deve ser *valiosa* aos olhos do Eterno, não uma coisa trivial, forçada por inimigos ou por uma doença absurda que remove a pessoa antes de sua missão ser completada.
2. A morte é *valiosa* quando coroa uma vida de propósito e espiritualidade, como o *triunfo final*. "Ele fez o que devia ter feito, sem exceção, e agora descansa de seus labores." Este tipo de morte é preciosa, e nela não há remorso algum.
3. Uma morte é valiosa quando completa uma vida valiosa. Uma morte pode ser vazia quando termina uma vida vazia e sem propósitos. Claro, Deus é o Deus da oportunidade, que continua depois do sepulcro; portanto, uma vida vazia aqui poderá ser, afinal, anulada com uma vida de valor além do sepulcro (ver I Ped. 4.6).
4. Quando a morte for a *porta da vida eterna*, então, obviamente, é *preciosa* porque introduz a alma às riquezas da salvação da vida imortal. Note-se aqui que é a morte dos "santos" que é preciosa, e isto implica que a santidade triunfa na vida além da morte biológica, transformando a pessoa à imagem divina. Nesta transformação, há participação na vida e na imagem de Deus (o Pai), através do Filho (Rom. 8.29; II Cor. 3.18; II Ped. 1.4).

... à vista do Senhor... O Eterno Deus acompanha de perto a carreira do pobre mortal. O Criador não abandonou Sua criação, mas está presente para guiar, castigar e abençoar. A isto chamamos de *Teísmo*, em contraste com o *Deísmo*, que ensina que o Criador (uma força pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Ver sobre os dois ternos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver também sobre *Santos*.

116.16

Sou teu servo. O nosso homem fora libertado para ser escravo voluntário do Senhor. A mãe dele era Sua criada. O salmista dedicou-se novamente ao Senhor e ao serviço do Senhor, e alegrou-se em entregar ao Ser divino a sua vontade. Cf. Sal. 86.16, que diz algo similar. Este salmo, segundo a declaração do vs. 16, certamente vai além da piedade normal do Antigo Testamento, com sua fanática dedicação à lei. O poeta sagrado aproximava-se cada vez mais do divino Legislador, o que é a essência da espiritualidade. "Sou Teu servo, livrado de meu desespero pelo Teu poder." Ele estivera na prisão de um corpo muito adoentado. De súbito, todas as coisas se renovaram. Tendo sido libertado de maneira tão espetacular, o salmista correu para tornar-se escravo de Yahweh para sempre, para ser seguro nos laços do amor de Deus. "Não somente ele mesmo foi posto dentro da servidão a Deus, mas também seus familiares foram incluídos no pacto. Como era comum no Oriente, a mãe foi mencionada em lugar do pai" (Ellicott, *in loc.*). "... servo, não por mera criação, mas como obrigado pelos favores providenciais de Deus; pela graça de Deus que o tornava bem disposto. Não como os que dizem 'Senhor, Senhor', mas acabam não cumprindo a vontade de Deus. Ele veio a servir o Senhor alegre e voluntariamente" (John Gill, *in loc.*).

116.17

Oferecer-te-ei sacrifícios de ações de graças. Havia oferendas especiais de agradecimento, que acompanhavam as oferendas cruentas. Ver sobre Sal. 107.22. Mas, com base no vs. 16, compreendemos uma oferenda espiritual — a dedicação da vida. As oferendas eram feitas enquanto se invocava o nome de Yahweh. Ver sobre *Nome*, em Sal. 31.3, e sobre *Nome Santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. A invocação do nome emprestaria poder à oração. O sacrifício espiritual envolvia agradecimento, um dos grandes temas do saltério. Ver sobre *Ações de Graças*, no *Dicionário*, que dá detalhes abundantes sobre o assunto, com referências e ilustrações.

Mais agudo que as presas de uma serpente
É ter uma criança ingrata.

(Shakespeare)

116.18

Cumprirei os meus votos ao Senhor. Este versículo é uma duplicação do vs. 14, onde apresento notas expositivas. O Targum sugere algumas coisas que poderiam estar entre os votos tomados pelo salmista: "Declararei então os sinais e as maravilhas a todo o Seu povo", isto é, Deus havia feito coisas maravilhosas, incluindo a cura física.

116.19

Nos átrios da casa do Senhor. Este salmo termina com a nota do alegre aleluia! que soava no átrio do templo, onde deixamos o poeta a cantar seus louvores a Yahweh, que curou o corpo do salmista quando ele estava à beira da morte. O louvor saiu da colina de Sião, no meio de Jerusalém, capital espiritual da nação israelita. O homem tinha levado Seus louvores ao quartel-general e assim apresentou seu ato máximo de adoração e ações de graças. Agora o salmista estava no templo, juntamente com os sacerdotes, entoando o cântico de aleluia, mas amanhã ele estaria fazendo boas obras por outras pessoas, da mesma forma que Yahweh tinha feito uma boa obra em seu favor. Ele não haveria de enclausurar sua virtude. "O altar estava no átrio descoberto, e não dentro do edifício do templo, e naquela área os adoradores estavam reunidos (comparar com Sal. 96.8)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Eu estava ferido, mas Jesus me curou,
Quase desmaiado estava eu, de tanto cair.
Ele me envolveu com Seus braços amorosos
E guiou-me pelo Seu caminho.

(Francis H. Rowley)

Salmo Cento e Dezessete

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é uma *doxologia*, da mesma maneira que o último salmo, o Salmo 150. Este salmo derradeiro termina a coletânea do saltério, mas os intérpretes debatem de qual salmo este salmo foi separado, e entre as sugestões estão os salmos de número 116 e 148. Mas é possível que, tal como temos doxologias em nossos hinários modernos, sejam apenas doxologias e não pertencem a outros hinos, também o Salmo 117 seja um minúsculo salmo com seus próprios direitos, uma doxologia flutuante que os editores que coligiram os salmos decidiram ser boa demais para ignorar, embora não fizesse parte de um salmo mais completo.

Os Salmos 113 a 118, dentro da tradição litúrgica judaica de um tempo posterior, eram chamados de *Salmos Hallel* (salmos de louvor) egípcios. Ver Sal. 114.1, quanto à referência egípcia. Esses salmos eram usados em conexão com as três festas anuais que requeriam a presença de todos os varões hebreus, a saber, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Os Salmos 113 e 117 têm aleluias! no começo e no fim; o Salmo 114 não tem nenhum aleluia! Os Salmos 115 e 116 trazem o aleluia! no final. E o Salmo 118 tem agradecimentos no começo e no fim.

Subtítulo. Os *Salmos Hallel* (113 a 118) não contam com nenhuma nota introdutória ou títulos de editores posteriores, pelo que se acham entre os chamados "salmos órfãos", que são em número de trinta e quatro. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo*.

117.1

Louvai ao Senhor. A doxologia de Thomas Ken contém quatro louvores em duas linhas; outros variam com a palavra "glória", como o Gloria Patri; e ainda outros dizem "santo". Todas essas doxologias estão baseadas em doxologias bíblicas, que usam palavras-chave. O Salmo 117 tem o aleluia! (louvor) por três vezes; a convocação é estendida a todas as nações; então a todo o povo; e então, geralmente, como um término.

Oliver Cromwell e suas tropas entoaram este salmo após uma grande vitória obtida em Dunbar. Outras pessoas o têm entoado como antídoto para a depressão e o temor. Existem aquelas horas negras em que os homens dizem:

Nada existe, no céu ou na terra,
Que possa elevar a minha alma.

(W. H. Davies)

Mas o coração mais cansado pode ser animado por uma das grandes doxologias. O louvor é um antídoto para a preocupação, pois no louvor recordamos razões pelas quais devemos encorajar-nos. Conta-se a história de Francisco de Assis que, certa ocasião, estava muito enfermo. Ele pediu então que um frade tomasse por empréstimo uma guitarra. Mas o que desejaria o santo com uma guitarra? A guitarra estava ali, no quarto de Francisco, porém ele não tocou no instrumento. Naquela noite, entretanto, Deus enviou um anjo para tocar o instrumento, e ele proveu um concerto que nunca será esquecido, e as dores do homem santo foram vencidas. E é em oportunidades como essa que o louvor pode contra-atacar as críticas e as palavras ofensivas.

É mais fácil odiar do que amar; é mais fácil abusar da linguagem do que fazê-la abençoar. As grandes doxologias nos recordam o uso apropriado da linguagem. Os descobridores de faltas são indivíduos pestíferos, mas os que abençoam são benfeitores. Além disso, o louvor amolece o coração em tempos de adversidade. Os homens, algumas vezes, mostram-se zelosos e até fanáticos, mas suas palavras são ecos vazios a menos que edifiquem e abençoem. O fanatismo em breve transforma-se em intolerância, mas o louvor une os homens sob um só Deus. Epicteto foi um grande estóico romano, e seus escritos estão cheios de declarações expressivas, dignas, sábias, mas lhe faltava a espontaneidade e a alegria dos apóstolos cristãos.

O vs. 1 deste salmo é apropriadamente universal. O poeta conclamou todas as nações a louvar alegremente a Yahweh; em seguida, convidou todos os povos a fazer o mesmo. Esse é um paralelismo universal.

Este é o mundo do meu Pai,
E em meus ouvidos que ouvem,
Toda a natureza canta ao redor de mim,
Tocando a música das esferas.

(Maltbie D. Babcock)

"Este é o mais breve de todos os salmos, podendo bem ser chamado de *multum in parvo*, pois nas poucas palavras que contém, conforme o apóstolo Paulo sentia (ver Rom. 15.11), está o germe da grande doutrina da universalidade do reino messiânico. Não há que duvidar que este salmo visava o uso litúrgico, e possivelmente tenha sido apenas uma das muitas variedades da doxologia dos hebreus" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 42.1; 67.1-3; 98.3,4 e Rom. 16.9-13.

117.2

Porque mui grande é a sua misericórdia. Por que todos os povos devem louvar a Yahweh? Porque Ele é o Supremo Benfeitor, o Summum Bonum de todos os povos. O Criador é, igualmente, o Benfeitor de toda a criação. Sua providência é universal. Yahweh manifesta Seu amor constante e Sua fidelidade, os quais tantas vezes aparecem reunidos nos Salmos. "Esses dois atributos, mencionados por Paulo em Rom. 15.8-12, são os que Jesus Cristo veio manifestar, a fim de que os gentios pudessem 'regozijar-se com o Seu povo'" (Fausset, *in loc.*).

O Governo e as Bênçãos Universais de Deus. Um renomado ensaísta inglês contou a história de Bulstrode Whitelock, embaixador da Inglaterra em Haia, Holanda. Os tempos dele foram muito perturbados, e o embaixador, cheio de preocupações diplomáticas, não conseguia dormir. Um servo tentou aliviar a tensão dele por meio do seguinte diálogo: "Senhor, posso fazer-lhe uma pergunta?". "Certamente", replicou o embaixador. "Senhor, Deus governava bem este mundo, antes de o senhor chegar aqui?" "Sem dúvida", replicou o embaixador britânico. "E Ele governará bem este mundo quando o senhor sair dele?" "Sem a menor sombra de dúvida", foi a resposta do cavalheiro inglês. "Então, senhor, não pode o senhor confiar que Ele governará bem este mundo enquanto o senhor continua aqui?" O embaixador não respondeu, mas voltou-se para o outro lado da cama e dormiu" (W. R. Inge, *Lay Thoughts of a Dean*).

Quanto à combinação do amor constante com a fidelidade, cf. Sal. 108.4; 115.1 e 138.2. "Visto que a palavra do Senhor é digna de confiança, Deus é fiel. Esse termo fortalece o conceito da lealdade de Deus aos Seus pactos. Este salmo termina com o familiar Louvado Seja o Senhor (Aleluia!). Ver Sal. 104.35" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Aleluia! Com esta palavra se encerra esta minúscula doxologia, o menor salmo do saltério. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Aleluia*, quanto a detalhes. Louvado seja Deus quanto ao Seu amor e fidelidade, pois em Cristo nenhuma promessa de Deus jamais falhará. Louvado seja Deus por Sua graça superabundante e eterna veracidade. Todos os povos, de todos os lugares, em todos os tempos, em todas as nações, louvem-No!

Damos a Ti apenas o que é Teu,
Sem importar qual seja o Teu dom.
Tudo quanto temos pertence a Ti somente,
Um fideicomisso, ó Senhor, de Tua parte.

Salmo Cento e Dezoito

Quanto a informações gerais que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de ação de graças.* Comemora alguma grande vitória em batalha. Os vss. 10-14 parecem indicar que o próprio rei veio ao templo para agradecer ao Senhor. Os Salmos 113 a 118, de acordo com a tradição litúrgica dos judeus de uma época posterior, são chamados de *Salmos Hallel* (salmos de louvor) egípcios. Esses salmos eram usados em conexão com as três festas anuais obrigatórias, que requeriam a presença de todos os varões hebreus, a saber, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Os Salmos 113 e 117 têm o aleluia! (louvor) no começo e no fim; o Salmo 114 não tem nenhum aleluia! Os Salmos 115 e 116 apresentam o aleluia! no final. O Salmo 118 tem agradecimentos no começo e no fim, com a mesma declaração.

O Salmo 118 poderia ser usado em qualquer ocasião em que o agradecimento ao Senhor fosse requerido, mas parece que era apropriado especialmente durante a festa dos Tabernáculos. Os vss. 1-4, 20, 22-27 e 29 mostram que este salmo foi adaptado para uso congregacional, e os "eus" do rei foram personificados para indicar a nação de Israel. A identificação da composição com algum rei específico, como Davi ou Ezequias, não tem nenhuma evidência conclusiva.

Subtítulo. Aos *Salmos Hallel* (113 a 118) faltam quaisquer notas introdutórias ou títulos adicionados por editores posteriores, pelo que se acham entre os trinta e quatro chamados "salmos órfãos". Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo.*

Que Israel Agradeça (118.1-4)

118.1

Rendei graças ao Senhor. Este último dos *Salmos Hallel* (salmos de louvor), compostos pelos salmos de número 113 a 118, começa com um agradecimento a Deus e termina com declaração idêntica. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ações de graças* e *Aleluia.* Na antífona do hino, o vs. 1 pode ter sido entoado por uma pessoa, ou dividido entre duas pessoas, o que também acontece com o vs. 29, declaração idêntica. Aparentemente uma grande vitória militar tinha sido lograda, e assim o coro, formado por levitas cantantes, invocou Israel a agradecer ao Senhor. Este hino era especialmente adaptável à festa dos Tabernáculos, um tempo de agradecimento nacional, e também usado em outras festividades da liturgia judaica posterior, conforme nos informa a Mishnah. Cf. os vss. 1-4 com Sal. 115.9-13, quanto a um arranjo coral similar. A fórmula real de agradecimento foi usada, pela primeira vez, por Davi, quando a arca foi estabelecida em Sião (ver I Crô. 16.8,34).

"Em resposta ao convite para reconhecer a bondade do Senhor (vss. 1,29), a nação, Israel, os sacerdotes (a casa do Senhor) e todos os adoradores (os que temiam ao Senhor; cf. Sal. 115.9-13) declarou que o seu amor leal era eterno" (Allen P. Ross, *in loc.*).

A bondade de Yahweh se manifestava por causa de Seu amor constante. Ver no *Dicionário* os artigos *Benignidade* e *Amor.*

118.2-4

Diga, pois, Israel. Os vss. 2 e 4 sugerem uma antífona do hino com diferentes grupos cantando diferentes partes. Assim, Israel (a congregação) foi primeiramente chamado para render graças, falando sobre o amor constante de Yahweh e como esse amor dura para sempre. Provavelmente essa chamada à participação por parte de Israel era entoada por um solista, um cantor profissional (ver I Crô. 25). Primeiramente, Israel (a congregação) responderia ao convite (vs. 2), e então os sacerdotes (a casa de Israel; vs. 3) reverberariam o mesmo tema do amor constante de Yahweh (vs. 3). Uma terceira categoria, "aqueles que temem o Senhor", teriam então a sua vez, refletindo a mesma mensagem (vs. 4). Discuti sobre esses três grupos em Sal. 15.10 e 11, pelo que não repito aqui o material. As mesmas classificações aparecem novamente em Sal. 135.19,20. Nesta última referência, é designado outro grupo, a casa de Levi. No Salmo 115, os três grupos possuem a ajuda e o escudo de Yahweh. Aqui eles devem cantar um hino especial para celebrar o amor constante de Yahweh, o qual perdura para sempre. Cf. Sal. 100.4,5, quanto a algo similar, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

A Oração Respondida pelo Senhor (118.5-9)

118.5

Em meio à tribulação invoquei o Senhor. Aqui temos atos específicos do amor constante de Deus, pelo qual são dados agradecimentos. Yahweh tinha libertado o rei, ou seja, literalmente, "me deu folga". O texto foi emendado para "guiou-me para um lugar espaçoso". Provavelmente está em foco alguma vitória militar, segundo a qual o rei e seus exércitos, em aflição, foram capazes de obter triunfo. Provavelmente assim dizia a composição original, mas esse hino passou a ser usado para agradecer a Deus por qualquer situação de agonia em que algum indivíduo ou a nação de Israel tivessem sido livrados e obtido a vitória. Cf. Sal. 18.19, a "liberdade de Yahweh", ou seja, uma liberdade ilimitada, onde o lugar espaçoso também é mencionado. O rei invocara a Yahweh quando estava em um lugar apertado (aflição), e recebera um lugar espaçoso, onde a vitória poderia ser obtida. Cf. Sal. 4.1; 18.19; 31.8. Alguns vêem aqui o livramento de Judá do cativeiro babilônico, mas, na verdade, isso não parece estar em vista.

Este versículo tem sido cristianizado para falar das grandes vitórias de Cristo em Sua ressurreição, ascensão e posição à mão direita de Deus Pai, e das grandes vitórias compartilhadas então com o Seu povo.

118.6

O Senhor está comigo. Yahweh estava ao lado do rei, participando da batalha, pelo que assumira o controle como o General dos exércitos de Deus, e assim garantira a vitória. O temor dos homens, que poderia matar e destruir, foi assim afastado. Ver sobre o *Senhor dos Exércitos* em I Reis 8.15.

Seu pendão sobre nós é amor,
Nossa espada, a Palavra de Deus.
Palmilhamos a estrada que os santos acima,
Com gritos de triunfo, palmilharam.
Pela fé, eles, como um sopro de tufão,
Varreram por todos os campos.
A fé mediante a qual eles conquistaram a Morte,
Continua sendo nosso escudo rebrilhante.

(John H. Yates)

Este versículo é uma reminiscência de Sal. 56.9-11, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Ver especialmente os vss. 4, 9 e 11. O trecho de Heb. 13.6 repete a declaração do Antigo Testamento dentro do contexto do Novo Testamento: o Senhor nunca abandonará o Seu povo. Ver sobre essa passagem no *Novo Testamento Interpretado.*

Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita; tu não serás atingido.

(Salmo 91.7)

118.7

O Senhor está comigo entre os que me ajudam. Com a ajuda de Yahweh, o rei não tinha razões para temer (vs. 6); ele não tinha razões para acreditar que os homens pudessem prejudicá-lo (vs. 7); ele tinha triunfado sobre os inimigos que, movidos pelo ódio, queriam destruí-lo. Os jovens são ensinados a odiar o treinamento militar, visto que isso torna mais fácil a matança de seres humanos. Coisa alguma que digamos pode glorificar a guerra, embora muita literatura, em prosa ou poesia, tenha sido dilapidada nesse projeto.

Ele retribuirá o mal aos meus opressores.

(Salmo 54.5)

O triunfo do rei era ver morrendo no campo de batalha os homens que tanto queriam vê-lo perecendo ali. Cf. o vs. 10 a esse respeito. Yahweh obteria o crédito pela matança. Essas coisas são difíceis de engolir, mas podemos fazer aplicações espirituais da questão e obter algum benefício para nossa vida espiritual. Jesus conquistou os poderes malignos (Col. 2.15 ss.) e dessa maneira somos elevados até os céus. Diz o Targum: "A Palavra do Senhor está ali para ajudar-me". E essa declaração é uma afirmação messiânica. Ver Sal. 54.7.

118.8

Melhor é buscar refúgio no Senhor. Quando o rei e seus exércitos lutavam desesperadamente pela sobrevivência em campo de batalha, levantaram as vo-

zes, apelando para o Senhor, visto que perceberam não poderem contar com nenhuma ajuda humana. E, tendo obtido a vitória, tornaram-se testemunhas de que é "melhor" confiar em Yahweh do que depositar confiança no homem. Assim sendo, foi aprendida uma lição quanto à fé espiritual.

Vinde, cada alma pelo pecado oprimida,
Há misericórdia no Senhor,
E Ele certamente vos dará descanso,
Quando confiardes em Sua Palavra.

(John H. Stockton)

"É melhor confiar no Senhor do que apelar para os recursos humanos" (Allen P. Ross, *in loc.*). Cf. Sal. 62.8,9 e 146.3. "O homem é débil, ignorante, volúvel e caprichoso. Por certo é melhor confiar em Yahweh" (Adam Clarke, *in loc.*). "Depositar a confiança no homem é confiar em um cajado quebrado, em meras sombras. É melhor confiar no Senhor, pois, além de ser capaz de ajudar, Ele também está disposto a isso" (John Gill, *in loc.*).

118.9

Melhor é buscar refúgio no Senhor. Este versículo é um leve refraseado do vs. 8, onde os homens em geral agora se tornam príncipes. Até mesmo a alta posição social é inútil em tempos de profunda aflição, quando a própria vida da pessoa se vê ameaçada. Os homens em elevada posição social geralmente são cheios de orgulho, vanglória e autoconfiança, além de serem precipitados. Por muitas vezes, mesmo querendo fazê-lo, eles não podem livrar seus amigos do perigo. E, de outras vezes, mesmo quando podem livrar seus amigos, não se mostram dispostos a tanto. Portanto, é melhor que voltemos nossos olhos para Deus.

Confiança é uma palavra de conteúdo espiritual nos salmos. Ver sobre isso em Sal. 3.12. Mas aqui está em vista a confiança no ser humano. Yahweh tinha um pacto com o Seu povo, e os crentes podem confiar quanto ao cumprimento desse pacto. Os homens entram em pacto com outros homens, incluindo tratados militares, mas nem sempre os cumprem. De fato, eles só cumprirão o contratado se isso lhes for vantajoso. Certo príncipe já tinha galgado à sua posição mediante o serviço prestado ao próprio "eu". Provavelmente ele era um assassino e um destruidor, ou não teria sido capaz de chegar ao topo do monte. Seria melhor confiar em um homem ordinário do que em um príncipe. Os príncipes têm maior capacidade de ajudar, mas a ajuda deles será sempre uma questão problemática. Possuir alguém a grandeza humana não torna um homem magnânimo.

As Nações Hostis (118.10-14)

118.10

Todas as nações me cercaram. O rei estava cercado por uma confederação de potências hostis. Isso reduzia enormemente as chances de obter a vitória contando somente com as próprias forças. Mas, confiando em Yahweh, ele fora capaz de exterminar seus inimigos, literalmente, "cortei-as", ou seja, "eu as destruí". Temos nessa tradução literal o termo comum para a "circuncisão", embora a palavra hebraica seja ampla o bastante para apontar para qualquer tipo de golpe.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o triunfo final do Messias quando todos os poderes hostis forem subjugados, mas não é provável que devêssemos entender esse versículo em um sentido profético. Davi precisou subjugar a oito potências hostis, conforme se vê em II Sam. 10.19 e suas notas expositivas. Algumas vezes ele teve de combater contra confederações de nações. É impossível, porém, determinar quem foi o rei aqui mencionado, mas facilmente podemos extrair do contexto lições espirituais de razoável significado para nós. Os vss. 10-12 contêm a metáfora do cortar e funcionam como uma espécie de refrão que adorna o cântico de batalha.

O teu nome, amigo, está arrolado,
Entre os fiéis e verdadeiros?
Ousas agora postar-te com
Os poucos fiéis ao Salvador?
Na frente da batalha,
Tu me encontrarás.

118.11

Cercaram-me, cercaram-me de todos os lados. Este versículo reitera a mensagem do versículo anterior, porém de forma muito mais dramática. Os inimigos tinham cercado o rei e suas tropas, tornando a batalha desesperadora, e o resultado do entrevero, posto na balança, é mencionado por duas vezes; e então vem o refrão do ato de cortar (aplicado por três vezes; vss. 10-12). Este vs. 11 também menciona o nome que confere a vitória, uma vez invocado. O nome representa a essência divina, bem como todos os atributos divinos. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3, e sobre *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. Yahweh é o possuidor do nome que realiza milagres. O mero pronunciar desse nome era tido como dotado de poderes admiráveis.

118.12

Como abelhas me cercaram. O ato de cercar é repetido de novo (pela quarta vez: vs. 10, uma vez; vs. 11, duas vezes; vs. 12, uma vez). Mas agora os adversários são comparados a um gigantesco bando de abelhas ou a uma fogueira de espinhos. O fazendeiro recolhe a palha e os espinhos em pilhas, e os queima. Essas coisas estão secas e queimam facilmente, pelo que ocorre uma grande conflagração. Se o fazendeiro não fosse cuidadoso, poderia sair queimado na experiência, rodeado pelas chamas. Algumas traduções apresentam o rei a queimar seus inimigos, como se fosse um fazendeiro militar, porém o outro sentido parece mais provável. A metáfora, entretanto, poderia referir-se ao costume de espantar as abelhas por meio do fogo. Nesse caso, o fogo vem de Yahweh, por ser Ele o Defensor. Mas o rei cortou as abelhas pela força de Deus, e essa é a terceira vez em que a questão é mencionada, sendo ela um refrão para o cântico de batalha (vss. 10-12).

A Septuaginta diz "como abelhas em redor do favo", introduzindo assim um tipo diferente de metáfora. Alguns estudiosos supõem que esse fosse o texto original, e a palavra "favo" tivesse sido descontinuada do texto hebraico por um copista que tinha em mente Deu. 1.44, que fala em abelhas, mas não em favo. Algumas vezes as versões, sobretudo a Septuaginta, preservam um texto mais antigo que o texto hebraico padronizado, o texto massorético. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*, e também a Septuaginta. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, que antecedem os manuscritos empregados no texto massorético por alguns séculos, ocasionalmente concordam com a Septuaginta, contra o texto hebraico posteriormente padronizado. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*. E então, quanto à forma como são escolhidos os textos corretos (e quanto a informações gerais), ver *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*, no *Dicionário*.

Quanto ao fogo produzido por espinheiros, cf. Sal. 58.9. A rapidez com que os espinhos pegavam fogo empresta força a essa metáfora. A Septuaginta apresenta os inimigos queimando como um fogo de espinhos (cercando seus inimigos), o paralelo de um enxame de abelhas; mas o texto hebraico diz que os próprios inimigos é que pegaram fogo. Cf. Isa. 9.18.

118.13

Empurraram-me violentamente para me fazer cair. Os inimigos empurravam com toda a força o exército de Israel, desequilibrando os soldados hebreus para caírem e morrerem; e foi então, em meio a tal situação, que Yahweh interveio e salvou o dia. O *tu*, que aparece no original hebraico, poderia fazer do próprio Yahweh quem estava empurrando, mas isso não parece muito elegante. Portanto, o rei provavelmente é pintado a dirigir-se aos seus inimigos. As versões grega e siríaca mudam o "tu" por "me", e assim é resolvido o problema, e foi dessa forma que Jerônimo citou o versículo. "O livramento dado por Deus ao Seu povo, a despeito de feroz oposição do inimigo, é uma promessa de garantia de que Ele finalmente os livrará" (Fausset, *in loc.*).

Quando as tempestades da vida estiverem rugindo,
Tempestades violentas no mar e na terra,
Buscarei um lugar de refúgio,
À sombra da mão de Deus.

(Mary E. Servoss)

118.14

O Senhor é a minha força e o meu cântico. Este versículo é igual a Êxo. 15.2 e Isa. 12.2. Este hino é como o do texto do livro de Isaías, mas extraído do cântico de Moisés, o primeiro dos cânticos de agradecimento sobre o qual estão baseados outros hinos bíblicos. Cf. Apo. 15.3. Yahweh tornou-se a salvação ou o livramento do rei. Ver Sal. 62.2, quanto a Yahweh como a salvação de Israel ou como Aquele que dá a salvação. Apresento ali notas e referências. "A salvação aperfeiçoada estava especialmente associada à Festa dos Tabernáculos, ocasião em que o presente salmo era entoado. Hosana era o grito usual (vs. 25). O Hallel era entoado (ou seja, os Salmos 113 a 118) e água tirada do poço de Siloé era derramada sobre o altar, e dali era conduzida, por meio de canos, até o ribeiro do Cedrom (ver Isa. 12.3). Quando os cantores atingiam o vs. 1 do Salmo 118, toda a multidão sacudia seus *lulabs*, ou seja, ramos que eram atados formando molhos. Eles habitavam temporariamente em cabanas (*succah*), em distinção a tendas feitas de peles de animais, mostrando a humilhação de suas perambulações pelo deserto" (Fausset, *in loc.*).

A minha força. Yahweh era a força dos israelitas. Cf. Sal. 22.19; 28.7,8; 46.1; 59.9,17; 81.1. Era igualmente o cântico deles. A providência divina mantinha-os cantando e era o tema principal dos hinos. Era a fonte da alegria, porquanto aqueles hinos eram gritos de triunfo e alegria. O vs. 15 continua o tema com maiores detalhes. Os vss. 16 ss. mostram que o cântico era um clamor de vitória. O exército de Israel havia obtido sucesso em batalha, mas podemos aplicar isso de muitas maneiras significativas para nós. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Providência de Deus* e *Alegria*. "... o Autor da salvação temporal, espiritual e eterna" (*John Gill, in loc.*).

Vitória para os Justos (118.15-21)

118.15

Nas tendas dos justos há voz de júbilo e de salvação. Havia, nas tendas de Israel, cânticos de triunfo e alegria, o que sugere a celebração de uma vitória militar. Vozes eram elevadas em regozijo. A Revised Standard Version tem aqui uma vívida tradução: "Ouvi, jubilosos cânticos de vitória nas tendas dos justos". Tinham ocorrido muitos atos heróicos no campo de batalha, o que garantira a vitória contra inimigos mais numerosos, porquanto o exército de Israel lutava contra uma grande coligação de povos (vs. 10). Diz o hebraico, literalmente: "O som de gritos e de salvação". Poderia estar havendo amargas lamentações, mas Yahweh garantira a vitória e a alegria.

A alegria era a principal característica da festa dos Tabernáculos, pelo que as palavras desta passagem, a começar por este vs. 15, são boas para expressar isso. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Tabernáculos, Festa dos e Festas (Festividades) Judaicas*, II.4,c, quanto a detalhes que podem ser usados para ilustrar este texto.

A destra do Senhor. Temos aqui o símbolo do poder. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6, e sobre *mão* em Sal. 81.14. Além disso, ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10; 98.1. Essas partes do corpo são instrumentos de ação, meios de aplicação de poder, ou seja, metáforas para indicar o poder divino. O vs. 16 prossegue a fim de repetir a figura da mão direita por duas vezes, pelo que a metáfora é usada por três vezes.

118.16

A destra do Senhor se eleva. A mão direita do Senhor fora exaltada, mostrando-se vitoriosa sobre o poderoso inimigo e sobre qualquer inimigo. A coligação dos pagãos recebeu uma derrota definitiva, o que mostrou, acima de qualquer dúvida, o poder e a intervenção divina. Pela terceira vez, a mão direita de Yahweh foi mencionada, uma ênfase nascida do entusiasmo. Cf. Êxo. 15.6.

"Os homens que têm a coragem de resistir ao mal e postar-se contra ele até o fim, por motivo de consciência e defesa da verdade, com freqüência são impulsionados por quentes paixões e línguas insultantes. Eles possuem forças e, com freqüência, grande habilidade, mas não são perfeitos. Não nos cabe, entretanto, julgá-los, nós que vivemos nestes dias de conforto e segurança. E nem haveremos de desejar repreendê-los, se nós mesmos temos sofrido por amor da justiça... Enquanto os ensinamentos do evangelho tinem em nossos ouvidos, é fácil para nós condenar os excessos. Que Deus seja o Juiz deles" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

... **se eleva.** A figura pode ser a do punho erguido e preparado para golpear, ou então da mão erguida celebrando uma vitória já ganha. Seja como for, a mão é a mão dos valentes de Yahweh em batalha, prontos para defender a paz. "... Sua mão estava levantada, com a qual faz prodígios de poder" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Êxo. 15.6, quanto ao poder de Deus, superior ao de todos os Seus inimigos.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de como as obras do Espírito Santo, através do evangelho de Cristo, produz milagres da graça na salvação dos homens.

118.17

Não morrerei; antes viverei. O soldado israelita vê a maré da batalha virar ao contrário, vê o inimigo fugindo; o homem sabia que estaria entre os sobreviventes e acompanharia o seu rei na parada triunfal. Cf. algo similar no caso de Ezequias (II Reis 20.1-11 e II Cor. 6.4-10). Este é o cântico dos sobreviventes, *mas quantos foram mortos ali, no campo de batalha, em uma guerra insensata?* Talvez este versículo mostre o rei que representava Israel. A vida como nação continuaria, por causa do sucesso na batalha. Cf. Sal. 116.15; 71.20; Hab. 1.12.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre os que foram salvos dos efeitos do pecado, os quais já partiram para viver na eternidade.

118.18

O Senhor me castigou severamente. A atividade da guerra é assustadora. Os próprios sobreviventes nunca chegam a recuperar-se inteiramente. Lemos aqui que os soldados, o rei ou o povo de Israel tinham sofrido o castigo de Yahweh, embora fossem sobreviventes. Alguns relacionam esse castigo a Judá na Babilônia, castigada no cativeiro, para mais tarde retornar à Terra Santa purificada. Ver Hab. 1.12. Mas é impossível determinar uma ocasião específica. Pelo contrário, matar e quase ser morto leva o homem a aproximar-se de Yahweh, porque aquela terrível atividade de guerra tinha deixado sua alma mais séria.

Freud, em seu estudo sobre os sonhos, fez de todos os sonhos cumprimentos de desejos. No entanto, há uma espécie de sonho, aquele em que um ex-soldado alivia sua angústia da guerra, que não se encaixa nessa categoria — o sonho traumático, no qual a pessoa revive suas experiências horríveis e, aparentemente, por meio desse mecanismo, tenta diminuir o temível efeito do trauma sobre a psique. Apesar de não ter sido entregue à morte física, ele experimentou uma espécie de morte em vista, a qual nunca esquecerá.

Na qualidade de soldado espiritual, Paulo experimentou a morte em vida e nos conta a esse respeito em II Cor. 6.6 ss. Sem dúvida alguma, essas experiências exerceram sobre ele um efeito castigador e purificador. Até o próprio Jesus aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu (ver Heb. 5.8).

118.19

Abri-me as portas da justiça. As portas que davam entrada ao templo eram apropriadamente chamadas de portas da justiça, porquanto davam ao adorador *acesso ao culto, onde haveria sacrifícios apropriados, canções, oferendas de* agradecimento, votos e o cumprimento desses votos. O exausto soldado, tão alegre por estar de volta em casa, ou o rei, ou o povo de Israel, libertados dos terrores da morte, iriam ao templo com ações de graças, e toda a congregação celebraria juntamente com eles.

"Devemos imaginar um cortejo entoando o cântico triunfal, segundo se vê no Salmo 24, e convocando as portas para se abrirem ante a aproximação do cortejo" (Ellicott, *in loc.*).

O versículo tem sido cristianizado para falar da aproximação do céu dos cansados peregrinos, que terminaram sua guerra. Diz o Targum: "Abri para mim as portas da cidade da retidão" e Jerusalém é assim chamada em Isa. 1.26. Alguns fazem este salmo ser paralelo ao Salmo 24 e vêem o Messias aproximando-se das portas do céu após o Seu triunfo. Ver Sal. 24.7-10.

118.20

Esta é a porta do Senhor. O rei e seus soldados aproximam-se das *portas do templo e solicitam ser admitidos. Uma voz interior informa-os que* somente os justos entrarão ali. Cf. o *Te Deum* de Ambrósio. "Quando você tiver dominado a agudeza da morte, fará o reino dos céus abrir-se para todos os crentes". Esta é uma excelente figura, porquanto os justos são aqueles que acompanham o Rei, e não os santos por motivo de suas qualificações espirituais.

> *Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.*
>
> (Salmo 24.9,10)

"... justos, através da imputação da retidão de Deus a eles. Ver João 10.1,9 e 14.4. Ver também Mat. 7.14" (John Gill, *in loc.*). Com base no Antigo Testamento, os justos eram aqueles que observavam a lei, em suas provisões cerimoniais, morais e rituais. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para Israel.

118.21

Render-te-ei graças porque me acudiste. Há agradecimentos logo no começo deste salmo, e também no meio e no final. Yahweh é louvado como o Deus da salvação. No atual contexto, o rei, seus homens e o povo de Israel é que louvaram a Deus, por Ele tê-los livrado da confederação de inimigos (vs. 10); eles *eram sobreviventes de uma guerra sanguinária e tinham vindo ao templo para* agradecer ao Senhor por terem sido livrados da morte. Ver Sal. 62.2, quanto ao Deus da salvação, bem como a salvação que Ele provê, vista especificamente do ponto de vista do Antigo Testamento. Dou notas naquela referência e em outros lugares onde o mesmo é dito, envolvendo um número bastante grande de versículos nos salmos.

O rei e seus homens armados tinham sido agora admitidos às instalações do templo. Eles tinham sido ouvidos quando clamaram por socorro e foram qualificados como justos, que tiveram permissão de entrar (vs. 20). Cf. o vs. 14 deste salmo e também Sal. 116.1; Êxo. 15.2.

Hino pelo Templo (118.22-27)

118.22

A pedra que os construtores rejeitaram. "É possível que este vs. 22 seja um provérbio: uma pedra originalmente rejeitada para efeitos de construção acabou sendo excessivamente útil. A "pedra principal", provavelmente uma pedra de esquina, sobre a qual repousava o peso do edifício, na esquina do alicerce (ver Isa. 28.16), foi usada pelo salmista para salientar que o povo de Israel, que os gentios tinham desprezado, sob Deus, tornou-se a mais honrada das nações" (William R. Taylor, *in loc.*, com alguma adaptação).

Usos do Novo Testamento. Cristo é aqui destacado, o Messias rejeitado pelo Seu próprio povo, tornou-se o cabeça do edifício espiritual de Deus, e a Igreja está sendo edificada sobre Ele, como o Novo Israel. Ver Mat. 21.42; Mar. 12.10; Luc. 20.17; Atos 4.11; Efé. 2.20; I Ped. 2.4,7. Ver a exposição desses vários versículos no *Novo Testamento Interpretado*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pedras Angulares*, quanto a explicações plenas sobre as figuras envolvidas.

118.23

Isto procede do Senhor. Este versículo reconhece que a mão de Deus é que esteve edificando a muralha de Neemias para o segundo templo (ver Nee. 6.16). E assim também muitas outras muralhas e edifícios têm contado com a ação da mão divina, especialmente no novo templo espiritual, a igreja fundada pelos apóstolos (Efé. 20), tendo Jesus Cristo como a principal pedra de esquina, que prende em seus lugares todas as partes do edifício da igreja (ver I Ped. 2.4,7). Israel é a pedra no sentido primário e típico (Jer. 51.26; Sal. 113.7,8). Mas temos de olhar para Cristo a fim de alcançar o sentido espiritual mais elevado.

No contexto presente, Yahweh tinha libertado Israel da morte, como uma nação, quando os israelitas enfrentaram uma coligação de nações (vs. 10). Isso possibilitou a sua exaltação. Os sobreviventes viram a mão de Yahweh em seu livramento e confiaram Nele quanto ao resto.

"Esta pedra vem de Deus (ver Gên. 49.24), pois foi escolha Sua, tendo sido nomeada e depositada. Até mesmo a sua rejeição deu-se por Sua permissão, segundo a Sua vontade. Eles nada fizeram que estivesse fora da vontade de Deus (ver Atos 2.23; 4.27,28). E a exaltação dessa pedra à posição de cabeça da esquina também veio da parte Dele. Ele está altamente exaltado à mão direita de Deus, acima de todo nome, de toda criatura, de tudo. Isso é maravilhoso aos nossos olhos. Essa pedra é maravilhosa de ser contemplada, ali, em sua elevadíssima posição. Vejamos a sua beleza, a sua força e a sua utilidade. Vejamos a sabedoria, o amor e o poder de Deus que a colocou ali... Isso é maravilhoso aos nossos olhos" (John Gill, *in loc.*).

118.24

Este é o dia que o Senhor fez. Aquele dia foi um bom dia. Eles tinham ganhado a batalha. Eram os sobreviventes. Yahweh tinha feito aquele dia para eles. Mas o dia especial, na mente do poeta, que havia composto o hino para ser cantado, foi o dia da festividade em que todo o Israel cantaria e tocaria instrumentos musicais enquanto as mulheres dançariam de alegria. "A festa dos Tabernáculos, um descanso para Israel por meio do dom de Deus, correspondendo ao sábado original que Deus tinha nomeado para comemorar o descanso da criação, e descansar no deserto, foi um tipo do futuro dia do Senhor (ver Apo. 1.10)" (Fausset, *in loc.*). Aqueles dias especiais, quando alguma grande vitória é obtida, aqueles dias em que temos razão de regozijar-nos mais do que nos outros dias, estão em pauta aqui. Algumas vezes, esses dias nos apanham de surpresa. Algumas vezes temos de orar longa e arduamente para que esses dias apareçam. Esses são dias de destino, dias de apontamento divino, dias de triunfo e alegria.

118.25

Oh! Salva-nos, Senhor, nós te pedimos. Tendo visto a salvação do rei e de seus homens em uma importante batalha, o poeta agora invoca a salvação e a prosperidade para toda a nação de Israel. O duplo "oh! Senhor, oh! Senhor" mostra-nos a intensidade do pedido feito pelo salmista. Este versículo era usado em conexão com a festa dos Tabernáculos (Mishnah, *Sukkah* 4.5). Israel foi salvo do Egito, e, ato contínuo, foi protegido durante as perambulações subseqüentes pelo deserto. E a atual nação de Israel também depende de tais misericórdias divinas. Ver Sal. 62.2, quanto ao Deus da salvação e quanto à salvação segundo os termos do Antigo Testamento. Dou ali notas e outras referências que transmitem a mesma mensagem. "Com base na palavra aqui traduzida por *salvar,* temos a palavra hebraica *hosanna*. Isso formou um hino. Esse hino foi entoado pelas crianças judias quando Jesus entrou triunfalmente em Jerusalém. Ver Mat. 21.9" (Adam Clarke, *in loc.*). Essas palavras eram o equivalente das palavras modernas "Salve o rei, que viva por longos anos!". O bom rei garantiria a segurança e a prosperidade de Seu povo.

118.26

Bendito o que vem em nome do Senhor. Este versículo contém uma bênção sacerdotal. A primeira parte do versículo, que diz "Bendito o que vem em nome do Senhor", foi citada por seis vezes nos evangelhos: Mat. 23.39 e Luc. 13.35. Jesus usou essas palavras ou como uma referência indireta à cena da Páscoa, que ocorreria em breve (os *Salmos Hallel* eram usados por ocasião dessa festa); ou, nessas palavras, temos uma antecipação do iminente estabelecimento do reino de Deus. Então temos a citação dessas palavras por quatro outras vezes, onde elas aparecem associadas à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, imediatamente antes da Páscoa: ver Mat. 21.9; Mar. 11.9; Luc. 19.38 e João 12.12.

O sacerdote dirigiu-se ao rei e aos seus soldados, afirmando que ele e os demais sacerdotes, aos quais ele representava, tinham-nos abençoado no templo. Eles haviam chegado a um bom lugar, a casa de oração e poder espiritual. No sentido cristão, o Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, pronuncia Sua bênção sobre o povo, estando Ele no templo celestial de Deus.

118.27

O Senhor é Deus, ele é a nossa luz. No hebraico, as quatro primeiras palavras em português são tradução das palavras hebraicas que querem dizer, mais literalmente, *Elohim é Yahweh*, ou seja, o Deus Todo-poderoso é o Eterno. Ele é o objeto de nosso louvor e a fonte originária de nossa salvação e prosperidade. Ele nos deu a luz, fazendo Seu rosto brilhar sobre nós. Ver Sal. 31.16; 67.1; 80.3,7,19; 119.135. Quanto ao brilho do rosto de Yahweh, ver as notas expositivas sobre Sal. 84.9. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Luz, Metáfora da*. O rosto brilhante representa a bênção divina, pois aquele que vê o rosto do Senhor é automaticamente abençoado, por fiat divino.

Adornai a festa com ramos até às pontas do altar. Assim diz a nossa versão portuguesa, acompanhando, mais ou menos de perto, a Revised Standard Version. A King James Version e a tradução portuguesa da Imprensa Bíblica Brasileira dizem: "Atai a vítima da festa com cordas às pontas do altar", mas sem grande apoio nas tradições judaicas. Por isso, nossa versão portuguesa fala dos ramos usados durante o cortejo, que faziam parte do ritual da festa dos Tabernáculos. Os ramos (*lulabs*) não eram "atados" às pontas do altar, mas o cortejo trazia os buquês até perto dali. Alguns estudiosos supõem estar em vista a colocação do sangue sobre o altar (ver Lev. 4.7). As versões variam em suas traduções deste versículo bastante difícil, o que dá conforto aos tradutores modernos. John Gill tentou resolver o quebra-cabeças afirmando que o animal sacrificado era atado para, em seguida, ser conduzido e posto sobre o altar, mas não amarrado ao altar. O Targum também compreende a questão dessa maneira. Mas John Gill mencionou outra interpretação concernente aos ramos e citou Lutero, que também compreendia a questão por esse prisma. A Septuaginta e a Vulgata, por igual modo, aferram-se à idéia dos ramos. Seja como for, estamos tratando com um alegre rito do templo, que falava da provisão de Yahweh-Elohim, o qual nos deu luz e bênçãos.

Doxologia Final (118.28,29)

118.28,29

Tu és o meu Deus, render-te-ei graças. Yahweh é Elohim, o Poder, e esse poder é o Deus de todo o Israel, que agora era louvado com o alegre cântico de aleluia, conforme se vê na King James Version. Mas outras traduções, como a nossa versão portuguesa, dizem "render-Te-ei graças" ou "Te agradeço". Essa expressão é reiterada no vs. 29, pelo que este salmo termina com uma palavra de agradecimento. A palavra hebraica envolvida é *yadah*, que significa, apropriadamente, "agradecido", e não "aleluia". Ver o vs. 1. O vs. 28 é uma nota pessoal de agradecimento. Preste atenção o leitor ao "eu" oculto, dentro da frase "(eu) render-te-ei graças". Essa pode ter sido a palavra do poeta ou do sacerdote que representava a casta sacerdotal, ao proferir sua bênção e doxologia. E o vs. 29 é a resposta do povo, trazendo a mesma mensagem divina. Yahweh é agora o nome divino (vs. 29), e é o Seu amor constante que perdura para sempre, tal como Ele mesmo é o Eterno (significado da palavra Yahweh).

"O vs. 29 é a doxologia do coro. Todo o povo se une no agradecimento, e assim o salmo termina como começou. A misericórdia divina começou antes da criação e assim continuará até que a terra se queime" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Os vss. 19, 28 e 29 reconhecem o Senhor Deus, agradecendo por Sua bondade e Seu amor leal. Por ocasião da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, este salmo, entoado pelo povo enquanto eles avançavam na direção do templo, foi mui apropriado enquanto Ele entrava na cidade para começar a obra da redenção, em favor daqueles que Nele criam" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Este salmo termina conforme tinha começado. Muitas instâncias da bondade divina foram mencionadas, o fato de que Deus ouviu, livrou e fez prosperar, a salvação das mãos do inimigo, as vidas poupadas, a pedra rejeitada que veio a tornar-se a pedra angular; a misericórdia de Deus que perdura para sempre. Este salmo demonstra tudo isso, enquanto a misericórdia divina continua e sempre continuará. Termina aqui o grande *Hallel* (Salmos 113 a 118), hinos de agradecimento e louvor entoados durante a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos" (*John Gill, in loc., com algumas adaptações*).

Salmo Cento e Dezenove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo (de longe, o mais longo do saltério, com seus 176 versículos!) é um *salmo de louvor,* o *supremo elogio* da lei mosaica. Quanto a um *sumário* do que a lei significava para Israel, ver Sal. 1.2. Se os Salmos 1 e 19 (segunda parte), além de outros salmos, louvam a lei, coisa alguma pode comparar-se ao Salmo 119 nesse sentido.

Salmos Acrósticos. Ver a introdução ao Salmo 34, quanto a esse estilo literário. Os Salmos 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112 e 145 também exibem a forma acróstica. O Salmo 119 tem uma mui elaborada e ímpar apresentação acróstica: o poeta tem *vinte e duas* estrofes de *oito linhas* cada. Cada uma das estrofes utiliza uma letra do alfabeto hebraico em sua apresentação; a primeira tem o *álefe* repetido; a segunda, o *bete* repetido, e assim por diante, até que todas as vinte e duas letras do alfabeto hebraico são utilizadas. Ademais, cada linha de cada estrofe tem sua letra respectiva, de modo que na primeira linha, por exemplo, as primeiras palavras de cada linha *começam com a letra hebraica álefe*; e todas as primeiras palavras das oito linhas da segunda estrofe começam com a letra *bete* etc. Na exposição a seguir, identifico cada uma das estrofes encabeçando-a com a letra hebraica apropriada. Mas não tento mostrar onde essa letra se repete nas sete linhas seguintes. Esse estilo literário artificial limita muito a expressão verbal do autor sagrado, forçando-o a selecionar palavras que poderiam ser melhoradas mediante expressão superior; mas, no todo, a magnificência do salmo nem por isso foi eclipsada. A mesma limitação é evidente na poesia moderna, quando o autor tem de fazer cada segunda linha rimar com a primeira, ou, em alguns casos, a terceira com a primeira e a quarta com a segunda linha. Alguns poetas apelam para um estilo livre, ignorando a rima para obter melhor significado.

Seja como for, "este salmo é distinguido por seu extraordinário tributo à lei de Israel. O autor sacro tentou fazer, em cada um de seus versículos, uma referência por muitas vezes elogiosa à lei, de forma que somente em sete casos isso não é verdadeiro, a saber: nos vss. 84, 90, 121, 122, 132, 140 e 156" (William R. Taylor, *in loc.*).

A Prática das Boas Obras. A lei não era meramente um manual para ajudar um homem bom a aprimorar sua espiritualidade. Também era um manual que ensinava como deveríamos servir ao próximo mediante boas obras, inspiradas pelo amor. A lei recomendava a prática do bem ao próximo.

Em seu prolongado tributo à lei, para evitar a repetição da palavra lei, lei, lei etc., o autor empregou grande número de sinônimos ou semi-sinônimos. Assim é que temos a palavra *lei* (muitas vezes), *prescrições* (vs. 2 e outros); *caminhos* (vs. 3 e outros); *mandamentos* (vs. 4 e outros); *preceitos* (vs. 5 e outros); *juízos* (vs. 7 e outros); *palavra* (vs. 9 e outros); *palavra* (vs. 11, com uma palavra hebraica diferente); *promessa* (vs. 11, a mesma palavra anterior, com uma tradução diferente, no vs. 38); *preceitos* (uma palavra diferente da empregada no vs. 5, usada somente no vs. 15). Portanto, *dez* vocábulos diferentes indicam a lei mosaica.

Este salmo, apesar de ser supremamente um elogio à lei, contém elementos comuns a outras categorias ou classes de salmos: é um salmo de sabedoria; é um salmo didático; é um salmo de agradecimentos; e contém elementos dos salmos de lamentações; é um hino e apresenta referências messiânicas. Muitos eruditos pensam que este salmo seja pós-exílico, isto é, que ele foi escrito depois do cativeiro babilônico.

Subtítulo. Trinta e quatro salmos não têm subtítulos e são chamados "salmos órfãos". A esse respeito, ver a introdução ao Salmo 91, sob *Subtítulo,* que lista os trinta e quatro salmos. As notas introdutórias e os títulos foram obra de editores subseqüentes, pelo que não fazem parte original das Escrituras nem se revestem de autoridade. Obviamente, os inícios das estrofes, as *letras* do alfabeto hebraico do Salmo 119, foram produtos do autor original.

A Lei é o Deleite do Homem Bom (119.1-176)

ÁLEFE: A Primeira Estrofe (119.1-8)

119.1

Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho. Em acordo com o estilo literário acróstico, o autor inicia as primeiras palavras das oito linhas desta estrofe com a letra hebraica *álefe.* Ver na introdução ao salmo, sob *Salmos Acrósticos,* quanto a esse estilo literário.

Esta primeira estrofe usa *sete* dos dez nomes selecionados pelo autor sagrado para falar sobre a lei mosaica. Ver a introdução ao salmo, onde são listados esses *dez vocábulos.* A designação usual do Antigo Testamento era apenas tríplice. Ver quanto a isso em Deu. 6.1. Seis termos são achados em Sal. 19.7-9.

Os *sete* termos empregados nos vss. 1-8 são: *caminho* (vss. 1,3); *lei* (vs. 1); *prescrições* (vs. 2); *mandamentos* (vs. 4); *preceitos* (vs. 5); *juízos* (vs. 7); *decretos* (vs. 8).

O vs. 1 faz soar a *nota-chave* de todo o salmo ao declarar que o caminho de um homem não pode ser contaminado, sem estar assinalado por infrações à lei; e um homem deve andar no caminho da lei, isto é, precisa habitualmente estar engajado na guarda da lei. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar,* quanto a detalhes da metáfora. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para os hebreus piedosos.

O conhecimento de um homem, as motivações e a vida em geral devem ser governados pela lei, pois era isso que tornava Israel um povo distinto entre as nações (ver Deu. 4.4-8), era isso o que transmitia *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei era o *guia* do indivíduo piedoso (Deu. 6.4 ss.).

O homem que pratica todas as coisas ordenadas pela lei, anda nos seus caminhos e por ela é guiado, será o homem *feliz* (ver Sal. 1.1). Existe a felicidade da lei perfeita que poucos conseguem atingir, mas todos devem continuar esforçando-se nesse sentido. Parte do andar na lei é praticar *boas obras* em favor do próximo.

As dez palavras usadas para designar a lei podem ter sido escolhidas cuidadosamente para dar um paralelo aos *Dez Mandamentos,* mas isso talvez seja um refinamento exagerado de interpretação. Por outra parte, este é um salmo bem pensado e executado, e esse paralelismo pode ser intencional.

Freqüência do Uso das Dez Palavras no Hebraico:

1. *Torah (lei):* 25 vezes.
2. *Dabar (ordenança):* 20 vezes. Algumas versões dizem aqui "palavra".
3. *'Imrah,* um sinônimo poético de *dabar:* 19 vezes.
4. *Huqquim (estatutos):* 21 vezes.
5. *Miswah (mandamentos):* 21 vezes.
6. *'Edah (testemunhos):* 22 vezes.
7. *Mispot (juízos, ordenanças):* 19 vezes.
8. *Piqqudim* (preceitos): 21 vezes.
9. *Derek (caminho, caminhos):* 5 vezes no plural e 6 vezes no singular.
10. *'Orah (caminho, trilho):* 5 vezes, um paralelo de "caminho" (nº 9).

As traduções portuguesas dão várias traduções, produzindo mais de dez palavras, mas dou aqui as traduções padronizadas das dez palavras hebraicas envolvidas.

O próprio emprego de tantas palavras para referir-se à "lei" ilustra quão importante ela era para a mente dos hebreus. Além disso, produzir 176 linhas acerca da lei revela-nos a mesma coisa. O Novo Testamento simplificou a questão e pôs uma palavra em lugar de toda essa complexidade: *Cristo.*

119.2

Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições. A *felicidade* dos que observavam a lei, aqui chamada de "prescrições", é novamente declarada. A palavra hebraica, *'edah,* a sexta da lista de palavras usadas para representar a lei, aparece vinte e duas vezes por todo este salmo. Mas essa felicidade depende de buscar a Yahweh de *todo o coração,* quando um homem "anda" na lei do Senhor (vs. 1). Grande parte de *sentir-se feliz* depende de *servir a outros,* com amor.

> *Amarás, pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.*
>
> (Deuteronômio 6.5)

A *obediência* é uma palavra-chave porque, quando andamos com o Senhor, à luz de Sua Palavra, Ele lança glória em nosso caminho.

"A felicidade dos piedosos é um tema familiar dos salmistas: Sal. 1.1; 2.12; 34.8, além de livros de outros autores sacros, como Deu. 28.1-14 e Pro. 8.24,34. Os obedientes têm um caminho *sem culpa* e encontram nele sua felicidade" (William R. Taylor, *in loc.,* com algumas modificações).

Importância do Saltério quanto à Espiritualidade. Fomos informados que um dos patriarcas de Constantinopla não quis ordenar um homem que não tinha

memorizado todo o saltério. Alguns repetem este salmo de memória, diariamente. Diz-se que Patrício e Kentigern teriam repetido o saltério inteiro diariamente, mas quem quer que tenha contado tal história sem dúvida estava exagerando. Nenhum *herói* poderia ter feito isso por absoluta falta de tempo, a menos que se dedicasse exclusivamente a isso. Os salmos representam a décima parte de todo o Antigo Testamento, e seriam necessários cerca de 360 minutos, ou seis horas, para repetir os 150 salmos, mesmo que a pessoa avançasse muito rapidamente.

119.3

Não praticam iniqüidade. Andando nos caminhos da lei (a palavra "caminhos" é aqui repetida pela segunda vez em três versículos), um homem não praticará a iniqüidade. Pelo lado positivo, ele fará boas obras pelos outros.

Os que não praticam a iniqüidade evitam toda a idolatria, toda a injustiça e toda a espécie de ato errado ou prejudicial; eles caminham pelos caminhos de Deus, e não pelos que atraem homens malignos; o coração deles não se sente atraído pelos caminhos tortuosos dos ímpios; eles não agem de modo impensado e precipitado.

"O autor empilha frase sobre frase, cada qual cheia de sinceridade e gratidão, e, da maneira mais sincera, compromete-se a guardar e a ensinar esse caminho de *sabedoria* até o fim" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. I João 3.9 e Rom. 8.1.

119.4

Tu ordenaste os teus mandamentos. A *vida espiritual* não é fácil, e existem muitas tentações. Por isso, nem todos os homens que dão início à caminhada pela vereda espiritual são capazes de prosseguir caminhando. Muitos desistem. Certa vez ouvi um sermão intitulado "Os Desistentes da Escola". Em outras palavras, há estudantes que continuam na escola, mas, em seu íntimo, não estão mais presentes. Eles desistiram, embora continuem freqüentando as aulas. E também existem "os desistentes da igreja". O poeta sagrado não queria ser um desses. É conforme diz certo coro:

Resolvi seguir a Jesus;
Resolvi seguir a Jesus;
Resolvi seguir a Jesus —
Nada de desistência, nada de desistência.

Outro hino diz: "Como pensaremos em ganhar uma grande recompensa, se fugirmos da luta?". E outro hino diz ainda: "Estou perdido, Senhor, se tirares a mão de sobre mim". O salmista tinha sentimentos como esse em seu coração e insuflou alguns desses sentimentos em seu hino à lei. Ele tinha diligência e entusiasmo para manter-se na vereda que significava manter os preceitos da lei. O autor sagrado usou dez palavras hebraicas para falar sobre a lei de Deus e, mediante tal variedade, apresentou-nos um amplo conceito do que é requerido do homem como obediência (ver as notas no vs. 1). *Mandamentos* é uma dessas palavras, a quinta na lista das palavras hebraicas usadas neste salmo.

119.5

Oxalá sejam firmes os meus passos. Os *caminhos* do homem espiritual precisam ser governados pelos preceitos. Ver a oitava das dez palavras usadas para indicar a lei, no vs. 1. Esses caminhos não deixam de ter sinais direcionais. Trata-se de um estrada regulamentada por muitas leis. Um homem não pode inventar o seu próprio caminho. O caminho é divino e somente os homens que conhecem o Ser divino são realmente direcionados ao longo desse caminho. O judaísmo posterior produziu mais de 600 leis distintas sugeridas pelo caminho de Deus. O judaísmo bíblico não tinha um número menor de leis, sem dúvida alguma. As leis cerimoniais, rituais e morais eram muitas, realmente, e, para a mente dos hebreus, todos os mandamentos eram morais. O coração inconstante avança sem grande entusiasmo e facilmente é distraído do firme propósito que se faz mister para seguir o caminho de Deus. Visto que Yahweh já mostrou o Seu *amor constante*, pleno de benefícios, assim também o homem sério deve ser fiel e constante. Tendo recebido o amor de Deus, devemos demonstrar nosso amor ao próximo mediante boas obras.

Guia-nos, Pai celeste, guia-nos,
Através do caminho tempestuoso da vida.
Guarda-nos, guia-nos, conserva-nos,
Pois não temos ajuda senão de Ti.

(James Edmeston)

"Relembrando a fragilidade e a instabilidade humana, e sabendo que o homem não pode obedecer à lei de Deus contando apenas consigo mesmo, o salmista orou para que o poder de Deus regulasse corretamente e estabelecesse os seus caminhos" (Fausset, *in loc.*). Cf. Jer. 10.23; Sal. 37.23; Pro. 3.6 e Eze. 36.27.

119.6

Então não terei de que me envergonhar. O homem bom, que caia ao longo do caminho, será uma vergonha para si mesmo e para a comunidade. Portanto, ele quer resguardar-se, realizando uma obra respeitável em sua vida espiritual. Com essa finalidade, ele deve ser sensível para com os *mandamentos*, o número *cinco* da lista apresentada no vs. 1. O poeta variou suas palavras e assim impressionou-nos com a justiça de sua tese: a lei é tudo em todas as coisas, para o homem espiritual. "Todo ato de transgressão tende a endurecer o coração do pecador. Ele fica *calejado*. Se um homem que teme a Deus cai em pecado, ele se sente envergonhado e a sua consciência o repreende. Ele se sente envergonhado perante Deus e perante os homens. Isso é prova de que ele não se afastou totalmente do caminho e de que o Espírito Santo continua operando. Portanto, ele pode arrepender-se e ser curado" (Adam Clarke, *in loc.*). A sabedoria requer obediência global da lei (Tia. 2.10,11).

Quando considerar. Literalmente, "olhar para", onde o espelho sem dúvida é a figura em pauta. Ver Tia. 1.23, quanto ao desenvolvimento dessa figura. O hebraico diz "olhar para dentro da lei", o espelho espiritual. O crente olha para o "espelho" espiritual que é Cristo, e é transformado pelo que vê no Senhor Jesus (ver II Cor. 3.18).

119.7

Render-te-ei graças com integridade de coração. Um *bom aprendiz*, que ponha em prática o que aprendeu na lei, terá razões para clamar o alegre *aleluia!*, visto ter feito algum progresso na vereda espiritual. Coisas boas acontecem quando ele obedece à lei, que é a fonte originária da vida, da bênção e da prosperidade. O homem desenvolveu um coração reto, aprendendo os *juízos* de Deus, a sétima das dez palavras listadas no vs. 1. Os juízos de Deus são santos, pois representam a Sua lei. Ele nos ordenou sermos santos, pois Ele mesmo é santo (Lev. 11.44). O manual de santidade era a lei, nos tempos do Antigo Testamento. A palavra hebraica aqui usada, *mispot*, "juízos", é sinônimo de lei. "Para louvar a Deus corretamente, o indivíduo precisa ser reto. Precisa conhecer e seguir os ensinamentos da lei, pois eles constituem a reta conduta. Ver os vss. 12 e 26 deste salmo, bem como João 6.45. A conduta reta inclui a prática das boas obras para ajudar o próximo.

De vitória em vitória,
Ele guiará o Seu exército,
Até que todo inimigo seja conquistado
E Cristo seja Senhor, verdadeiramente.

(George Duffield)

119.8

Cumprirei os teus decretos. O poeta novamente afirma sua determinação de praticar a lei, e não somente de conhecê-la. Aqui a palavra hebraica usada é *huqqim*, "decretos", a mesma palavra usada no vs. 5, que ocupa o quarto lugar na lista do vs. 1.

Não me desampares jamais. O hebraico significa, literalmente, "desampara-ro", e o sentido é: "Não me permitas desviar para um lado, para não ter de gritar desamparado"; "Não me deixes entregue às minhas próprias forças, segundo os impulsos do meu coração, sem o apoio da Tua graça". Ele queria praticar os mandamentos da lei inteiramente, para que jamais fosse abandonado. "O crente pode parecer *quase* abandonado, mas, na verdade, nunca é inteiramente esquecido. Cf. Sal. 22.1 e 37.24,28" (Fausset, *in loc.*). Algumas das maiores vitórias da vida podem ocorrer após um período de aparente abandono por parte do Ser divino, conforme foi o caso de Jesus, e é também o nosso caso, em algum ponto de nossa vida. E é assim que o Senhor nos concede tal graça.

Não Te esqueças de mim, ó gentil Salvador,
Ouve meu clamor humilde.
Enquanto outros estiveres visitando,
Não te esqueças de mim.

(Fanny J. Crosby)

O poeta nos relembra que até um homem piedoso pode passar por noites de trevas, quando parece ter sido abandonado por Deus. Em tais ocasiões, ele tem de depender da fé que desenvolveu ao longo dos anos.

BETE: A Segunda Estrofe (119.9-16)

119.9

De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Temos aqui a *segunda estrofe*, com outras *oito* linhas que glorificam a lei. Ver na introdu-

ção a este salmo a seção chamada *Salmos Acrósticos*, quanto a explicações sobre o estilo literário deste salmo.

O jovem. Como podem os jovens, cheios das chamas da juventude e sempre tentados a experimentar coisas novas, com freqüência pecaminosas, manter-se *puros?* Até o piedoso e inocente Jó, que não possuía pecado que causasse seus horrendos sofrimentos, cometera pecados em sua juventude (ver Jó 13.26). "O interesse pelo bem-estar dos jovens é uma das grandes características do escritores da *Literatura de Sabedoria.* Ver Pro. 1.4,8,10,15; 2.1; 3.1; Ecl. 11.9 e 12.1" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria,* seção III, quanto a esse tipo de literatura na composição hebraica. Os salmos, aqui e acolá, e certas porções deste salmo, participam desse fenômeno. Cerca de treze salmos são essencialmente dessa natureza. Ver as *classes* dos salmos exibidas no gráfico no início do comentário, o qual atua como uma espécie de *frontispício do saltério. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a* cada uma delas. Entre essas classes, estão os *salmos de sabedoria.*

O salmista encontrou a resposta para o seu problema na lei, chamada aqui de *dabar,* a segunda dentre as dez palavras usadas para indicar a lei, conforme notas no vs. 1. Compreende-se que um jovem que estude a lei não somente *saiba* o que é melhor, mas também receba o *poder* de Yahweh, Autor da lei, possivelmente através do poder do Espírito Santo. Muitos jovens não são pecadores endurecidos, mas tradicionalmente enfrentam problemas de pureza da vida, porquanto se inclinam a fazer experiências, em parte movidos pela curiosidade, em parte por suas corrupções interiores, que já possuem bem desenvolvidas e que são facilmente despertadas. Contudo, não é suficiente a um jovem ser pessoalmente puro. Um homem deve fazer o bem em favor do próximo, através de obras de amor.

> *Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza.*
>
> (I Timóteo 4.12)

"As concupiscências dos jovens são naturalmente fortes e inclinam por contaminar a alma (Pro. 1.4; 20.11)" (Fausset, *in loc.*).

> *Dá o teu melhor ao Mestre,*
> *Dá da força de tua mocidade;*
> *Lança o ardor intenso e fresco de tua alma,*
> *Na batalha pela verdade.*
>
> (Sra. Charles Barnard)

119.10

De todo o coração te busquei. Encontramos aqui uma excelente espiritualidade, que não depende exclusivamente da guarda da lei. Existem corações dedicados a Yahweh, que temem desviar-se da vereda reta e pedem proteção divina contra esse desvio. Uma espiritualidade verdadeira deve ser generosa, pronta a servir o próximo, vivendo a lei do amor.

> *Dá-me teu coração, diz o Pai, lá no alto,*
> *Nenhum presente é tão precioso quanto o dom*
> *do teu amor.*
> *Deste mundo tenebroso ele nos quer desviar,*
> *Falando com tanta ternura:*
> *Dá-me o teu coração.*
>
> (Eliza E. Hewitt)

O poeta sagrado havia *internalizado* a lei de Deus, e o produto disso foi o amor. Ver Rom. 13.9 ss., onde o amor aparece como o cumprimento da lei toda. Cf. Deu. 6.5, quanto ao amor de todo o coração, mente e alma. A primeira cláusula do versículo é provada como genuína pela segunda, que exibe a desconfiança consigo mesmo. O alvo é muito elevado, e o homem duvidava de si mesmo, conforme se vê em certa passagem do Novo Testamento: "Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé" (Mar. 9.24). Para que houvesse busca ao Senhor, de todo o coração, o autor sagrado não podia desviar seu coração dos mandamentos de Deus; doutra sorte haveria um novo objetivo em seu amor. Ver o vs. 176, quanto a uma declaração similar. Ver também I Crô. 15.12,15 e Isa. 63.17.

119.11

Guardo no coração as tuas palavras. Qualquer criança que freqüente a escola dominical conhece este versículo e qualquer crente adulto também o conhece, mas porventura nós o observamos? Este versículo é largamente usado para falar sobre a sabedoria da *memorização* da Bíblia e, embora provavelmente não seja esse o sentido pretendido, é uma boa aplicação. Não precisamos ser como os fanáticos que decoram todo o saltério e o citam diariamente. Eu mesmo memorizei as epístolas paulinas (além da epístola aos Hebreus, que não é paulina) em minha juventude, pelo que agi como um fanático. É possível que as pessoas que colocam em prática esses prodígios mentais se ocupem da *Bibliolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Além disso, talvez eles façam viagens pelo próprio "eu", gabando-se de quantas Escrituras conseguem memorizar. Por outra parte, os abusos não anulam o bem, e a memorização é um modo digno de estudar a Bíblia.

Naturalmente, este versículo fala sobre a *lei,* empregando a terceira das dez palavras listadas no vs. 1.

Guardo. Isto é, "escondo" (conforme diz a Revised Standard Version), aludindo à metáfora de um tesouro escondido. O homem que tem o tesouro escondido em seu coração tem menor inclinação a ceder à tentação. "A palavra de Cristo deve *habitar nele ricamente.* Caso contrário, em breve ele pode ser surpreendido por algum pecado teimoso" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Habite ricamente em vós a palavra de Cristo, instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vossos corações.*
>
> (Colossenses 3.16)

"Escondei... como os orientais escondem seus tesouros. Cf. Mat. 13.44" (Ellicott, *in loc.*). Ver II Cor. 7.1 e Tito 2.11,12, que contêm passagens neotestamentárias similares. Ver o vs. 14, quanto a idéias sobre *riquezas.*

119.12

Bendito és tu, Senhor. O Senhor é o bendito, quando o indivíduo tem em mente sempre habitar na lei. O Senhor é a riqueza da alma (vs. 11). Quanto à superioridade da sabedoria e da piedade em relação às riquezas materiais, ver o vs. 14, onde dou uma lista de referências a esse fato. O Senhor é a fonte originária da lei e é o Mestre da lei, chamada aqui de "preceitos".

"O salmista é um *estudante* que se dispôs a aprender as coisas mais excelentes, a fim de ordenar sua vida de acordo com elas. Ele não era apenas um poeta capaz de vôos de expressão bem imaginados, nem um filósofo cujo intuito era edificar algum sistema de pensamento. Mas ele sabia como tirar proveito da verdade essencial para mantê-la sempre diante de sua mente e recomendá-la a outros... Ele era, igualmente, um homem de profunda piedade. Não era um pioneiro espiritual como Amós, nem uma personalidade vigorosa, a exemplo de Moisés ou Elias... Mas era um homem de mente humilde, de espírito acomodado, mas de alta espiritualidade" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Em sua humildade, ele precisa depender intensamente de Seu Mestre, Yahweh, e de seu manual de instruções, a lei. Podemos ter certeza que ele estudava o seu texto diariamente. Essa era a coisa mais importante em sua vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ensino.*

119.13

Com os lábios tenho narrado. Uma vez ensinado pelo Mestre Supremo, o salmista foi capaz de ensinar a si mesmo. E transmitia sua mensagem a outras pessoas. É conforme disse um profeta moderno: "O maior equívoco que um pai pode fazer é conhecer os ensinos e não transmiti-los a seu filho". Além disso, há os filhos de outras pessoas, que se tornam nossos alunos, e em breve toda a *comunidade* se beneficia do estudo bíblico, bem como do estudo de livros e princípios espirituais. O nosso homem andava impressionado com a mensagem dos *juízos* de Deus (outro nome para a lei) e assim impressionava seus alunos. Talvez este versículo subentenda algum ensino sistemático do Pentateuco, a *Torah.* "Ele não conservava oculto para si mesmo o seu tesouro, mas, como um bom dono de casa dos evangelhos, tirava do seu baú coisas novas e coisas antigas" (Ellicott, *in loc.).*

> *Todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas.*
>
> (Mateus 13.52)

Cf. Deu. 6.6,7. "... doutrinas e preceitos de justiça e de verdade... da abundante experiência entesourada no seu coração, pelo que ele desejava mais e mais para instruir a outros, para ensinar e para declarar da maneira mais sincera" (John Gill, *in loc.*). Não basta instruir os outros. Também devemos servi-los mediante boas obras.

119.14

Mais me regozijo com o caminho dos teus testemunhos. Nosso homem alegrava-se no estudo da Bíblia. Estudar as Escrituras superficialmente pode ser

enfadonho, mas o homem que estuda a Palavra *em profundidade* muito se diverte. Nisso está a alegria. O homem descobre em seus estudos um grande tesouro que ele passa a considerar mais valioso do que os bens materiais e as riquezas. O Antigo Testamento prometia prosperidade material aos que guardassem a lei, mas também prometia alegria espiritual, e, entre essas duas bênçãos, o poeta sagrado preferia as espirituais. Quanto à superioridade da sabedoria e da piedade sobre as riquezas materiais, cf. os vss. 72 e 127 do salmo presente, e também Jó 28.13-19; Pro. 3.14,15; 8.10,19. Sobre esses valores o salmista tinha fixado seus olhos e seu coração. "Ele considerava sua *principal felicidade* ser achado na vereda da obediência, dando a Deus todo o seu coração e todas as suas forças" (Adam Clarke, *in loc.*).

Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto. Mais alegria me puseste no coração do que a alegria deles, quando lhes há fartura de cereal e de vinho.

(Salmo 4.6,7)

"... riquezas... a *alegria* que os crentes têm nos caminhos de Deus, superiores ao que qualquer homem natural ou mundano tem em suas riquezas materiais de qualquer espécie que seja... Em Cristo há a pérola de grande preço e de riquezas insondáveis, as riquezas da graça e as riquezas da glória" (John Gill, *in loc.*).

119.15

Meditarei nos teus preceitos. *A lei, os preceitos, os mandamentos, as palavras, os caminhos, as ordenanças* mereciam meditação, pelo que o homem resolveu cumprir a lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Meditação.* A lei tornou-se um *caminho de vida* para o homem. Com o aprendizado, a qualidade espiritual de sua vida continuava melhorando mais e mais. Ele mantinha os olhos fixos nos passos de Deus. Ele continuava a escavar na mina de ouro que escolhera como sua própria mina. E passava de uma grande emoção para outra, enquanto ia encontrando pepitas de ouro cada vez maiores. Quanto mais ele escavava, mais percebia que o suprimento de ouro era interminável. Nem que escavasse a vida inteira ele desenterraria todos os tesouros à sua espera.

Uma Bíblia aberta para o mundo,
Que esse seja o nosso lema!
A cada brisa, de bandeira desfraldada,
Espalhando bênçãos ricas e livres.

Bendita Palavra de Deus, envia a tua luz
Por cada terra e pelo mar,
Até que todos quantos vagam durante a noite
Sejam levados a Deus e ao céu por ti.

(Henry M. King)

119.16

Terei prazer nos teus decretos. O salmista enfatizou quão *deleitoso* é conhecer e seguir a lei. Para ele, a fé religiosa era motivo de alegria. Por conseguinte, ele nunca poderia esquecer a *Palavra.* Esta se tornara sua constante companheira e guia, algo que ele não conseguia abandonar. Ele se deleitava em estudar e praticar a Palavra, em exercer o bem em favor do próximo, em meditar sobre a Palavra, em andar segundo a seus preceitos. "... no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus" (Rom. 7.22). O poeta repetiu seu tema da *alegria* nos vss. 24, 92 e 97 do salmo presente. Ele tomou providências para não esquecer a Palavra, mediante o estudo, a meditação e o ensino a seus semelhantes (ver os vss. 11, 13 e 15).

O seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.

(Salmo 1.2)

GUÍMEL: A Terceira Estrofe (119.17-24)

119.17

Sê generoso para com o teu servo. Seguindo o plano acróstico, o autor sagrado oferece agora o terceiro conjunto de oito linhas em seu elogio à *lei,* acerca da qual continuou a usar vários termos a fim de variar sua expressão. Ver na introdução a este salmo a parte chamada *Salmos Acrósticos* e, nas notas expositivas sobre o vs. 1, as *dez* palavras que usadas para falar sobre a lei. Esta terceira estrofe é encabeçada pela letra hebraica *guímel.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alfabeto.* A primeira palavra de cada uma das próximas oito linhas começa com essa letra.

Para que eu viva e observe a tua palavra. O salmista queria *viver* da melhor maneira possível, e assim via a lei, aqui chamada de *a palavra,* como o manancial de seu bem-estar. Provavelmente ele fala tanto da prosperidade material quanto da prosperidade espiritual, porquanto feliz é o homem que tem ambas as bênçãos. Cf. o vs. 14. Naturalmente, a verdadeira fonte dessas e de todas as demais bênçãos é Yahweh, mas a Palavra é o Seu instrumento de bênçãos. Sendo abençoado, o nosso homem abençoaria a outras pessoas, mediante boas obras. Cf. Sal. 13.3,6 e 116.7,8. É provável que esteja incluído no pedido deste versículo o desejo de ter uma longa vida, evitando o terror da morte prematura. Os vivos louvam ao Senhor; os mortos *silenciam,* de acordo com a teologia dos hebreus da época (ver Sal. 31.17). Lemos que é a lei que *transmite vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Este versículo faz de Yahweh a fonte originária da vida, e Sua lei aparece como o instrumento mediador. Mas essa bênção destina-se ao homem que *guarda* os mandamentos, conforme também se vê nas referências que acabo de oferecer.

Tua Palavra é como um jardim, Senhor,
Com flores brilhantes e coloridas.
E qualquer que busca pode colher, ali,
Um belo buquê de flores.
Tua Palavra é como uma mina profunda
Com jóias ricas e raras.
Elas estão escondidas em suas profundezas,
Para todo o que busca ali.

(Edwin Hodder)

119.18

Desvenda os meus olhos. O poeta sagrado buscava *iluminação* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele não sentia que, por meio de seu próprio engenho, pudesse descobrir todos os tesouros da *lei mosaica.*

Abre os meus olhos para que eu possa ver
Vislumbres da verdade que tens para mim.
Abre meus olhos, ilumina-me, Espírito divino.

(Clara H. Scott)

"Tira o véu que encobre o meu coração, e então verei maravilhas em Tua lei. As Santas Escrituras são claras o bastante, mas o coração do homem está obscurecido pelo pecado" (Adam Clarke, *in loc.*). Além disso, não basta "ler a Bíblia e orar", conforme é recomendado nas igrejas. Também carecemos do toque místico do Espírito, um dos meios de desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* Um desses meios consiste em praticar o bem em favor de nossos semelhantes. Cada ato de amor eleva nossa espiritualidade.

"*Abre,* literalmente, *descobre,* como se sem a graça divina os olhos estejam velados para as maravilhas e para a beleza da lei (cf. II Cor. 4.1)" (Ellicott, *in loc.*). "As maravilhas da lei, o que envolve não somente os seus *profundos mistérios,* mas também suas *verdades práticas,* que dela procedem, mas que chegam somente aos iluminados espirituais de maneira plena. No hebraico temos a palavra *gal,* "tirar o véu de". Os crentes contemplam a Deus, conforme se lê em II Cor. 3.18: "Com o rosto desvendado contemplando, como por espelho, a glória do Senhor", sendo transformados "de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito".

119.19

Sou peregrino na terra. O salmista não era uma pessoa grande e importante. Era apenas um peregrino que passava sua experiência no deserto da terra, da melhor maneira que lhe fosse possível. Por conseguinte, ele muito carecia da ajuda divina, durante toda a sua vida, especificamente quanto à compreensão e à obediência à lei, que o guiava no deserto. O autor sagrado continuava a explorar o tema da iluminação no vs. 18, mas agora fazia a luz de Deus ser o guia de sua alma, na peregrinação. Ver a lei como *guia* em Deu. 6.4 ss. Yahweh era o Guia real, mas Sua lei era a Sua lanterna. "Guia-me, oh! Tu, grande Yahweh", conforme disse certo autor de hino.

Cf. este versículo ao vs. 54 deste mesmo salmo e então a Gên. 47.9 e Sal. 39.12. A vida é transitória e pode ser comparada a um homem que apenas está passando. O homem mortal é um estranho à face da terra. Faltam-lhe tanto tempo como forças. Ele pode terminar o seu curso de acordo com o caminho desejado, mas somente com assistência divina. Um homem "... forçado a perambular de um lugar para outro, sou um estrangeiro em minha própria terra" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Peregrino,* que tem materiais que ilustram este versículo.

Confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.

(Hebreus 11.13)

"Como um estrangeiro na terra, não sei o que devo fazer, nem o que evitar: ensina-me tanto revelando os teus ensinamentos como iluminando-me a mente. Esta terra não é o lar do crente, mas apenas seu alojamento... o caminho dos mandamentos é o caminho para a cidade celestial, onde o povo de Deus não mais será composto por peregrinos e, sim, por filhos na casa de seu Pai" (Fausset, *in loc.*). A Tua Palavra... uma luz para os meus pés e uma lâmpada para o caminho... andai como filhos da luz, com sabedoria e circunspecção" (John Gill, *in loc.*).

119.20

Consumida está a minha alma. A alma do poeta estava sendo "consumida" por seu anelo pelas ordenanças, e não apenas de vez em quando, mas o tempo todo. Somente um hebreu podia fazer tal observação. O homem estava *obcecado pela lei,* mas no bom sentido. Ele era fanático quanto à lei. Sua principal ocupação era estudá-la, e sua principal preocupação era praticá-la. Ele conhecia os mais de 600 mandamentos de cor, e todos os dias aumentava o seu já vasto conhecimento. A maioria dos homens flutua nesta vida com sua tola obsessão por dinheiro, posição social e conforto material, e, através dessa obsessão, ganha algo de uma ou outra dessas coisas. O salmista, porém, desprezara todas as coisas mundanas. Dwight Moody, o grande evangelista do século XIX, era uma pessoa bastante simples, não muito erudita, um homem que falava mal. Ele era um homem "de um livro só", a Bíblia. Mas conhecia bem esse livro e impulsionou milhares de pessoas por meio *desse* conhecimento. Aqueles que o conheciam diziam que algo maior do que ele mesmo o impelia. Assim também o autor do Salmo 119 dava evidência de que era um homem empurrado por algo maior do que ele. Para ele, Yahweh e Sua lei eram valores supremos e moviam-se supremamente em sua alma. Sendo esse o caso, ele praticava boas obras em favor de outras pessoas. Ele não era egoísta com as suas bênçãos.

Resolvi não mais demorar-me,
Encantando pelos deleites do mundo.
Coisas superiores, coisas mais nobres,
Essas me conquistaram a visão.

Consumida. Outras traduções dizem aqui "quebrantada". Por isso ele fala sobre o *coração quebrantado,* a pessoa esmagada por alguma tristeza ou provação. Falamos em anelos excessivos, em terríveis desapontamentos, ou mesmo em um amor desesperador, quando usamos tais palavras. Também falamos em ter fome e sede pela justiça (ver Mat. 5.7). A referência do poeta é positiva. Ele quis dizer que a lei era uma força tão poderosa em sua vida que continuava a quebrantá-lo por dentro com fortes emoções, quando ele lia a lei ou a contemplava em momentos de tranqüila meditação.

119.21

Increpaste os soberbos, os malditos. *Em contraste* com o poeta, havia os que enfrentavam de modo superficial a lei de Deus. Esses tinham suas próprias idéias, planos e obsessões. Eles também não tinham tempo para os fanáticos *acerca das coisas espirituais, preferindo ser fanáticos acerca de seus próprios* interesses pessoais, e não hesitavam em seguir caminhos ímpios. Eram os *orgulhosos,* que precisavam da reprimenda de Yahweh, *malditos* cuja vida os condenava a receber o juízo divino. Não eram peregrinos que seguissem a vereda espiritual (vs. 19), mas pessoas apanhadas nas excentricidades do pecado. Desse modo, eles se *afastavam* dos mandamentos do Senhor, para seu próprio prejuízo. O poeta, pois, contrastou o afastamento deles com a sua própria peregrinação espiritual. O primeiro era o "caminho largo" que levava à destruição; o último caminho era o "caminho estreito" que conduzia à vida (ver Mat. 7.13). Os bons peregrinos servem a outras pessoas, e não meramente a si mesmos.

Aqueles que erram quanto aos mandamentos de Deus estão sob as maldições que proferem. Ver Deu. 27.26 e Gál. 3.10. A Septuaginta e a Vulgata dizem aqui: "Tens repreendido os orgulhosos. Eles são malditos". Por qual motivo eles eram malditos? Porque eram fanáticos centrados em si mesmos, e não centrados em torno da lei.

Quanto aos *orgulhosos* e *insolentes,* ver também os vss. 51, 69, 78, 85 e 122. Esses versículos são um tanto parecidos com os salmos de lamentação. O Salmo 119 tem toques de outras classes, como os salmos de sabedoria, os salmos didáticos, os salmos de louvor (aleluia!) e os salmos de agradecimento. Quanto às dezessete classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério.

119.22

Tira de sobre mim o opróbrio e o desprezo. Parece que os soberbos, referidos no versículo anterior, eram perseguidores do salmista, pelo que temos nisso um toque dos salmos de lamentação. A referência, nesse caso, é aos hebreus irreligiosos, e não a invasores estrangeiros. Os réprobos, pois, escarneciam do salmista e mostravam-se odiosos.

Tira de sobre mim. Literalmente, *rola para fora,* tal como Yahweh rolou os mares para permitir que Israel passasse por terra seca. Cf. Jos. 5.9: "Hoje revolvi de sobre vós o opróbrio do Egito...". O salmista pediu que o ódio de seus inimigos fosse rolado para fora do caminho, porquanto ele tinha observado a lei (era justo) e *merecia* esse favor. Ou então este versículo significa que, por seu caráter religioso, o salmista era perseguido e desprezado aos olhos dos pecadores. "É interesse de Deus vindicar aos que guardam os Seus testemunhos que não sejam desencorajados de guardá-los" (Fausset, *in loc.*). Com freqüência neste salmo, o autor sagrado referiu-se aos ímpios e àqueles que o oprimiam (vss. 23, 25, 53, 61, 69, 70, 78, 85-87, 95, 110, 115, 119, 122, 134, 155, 156, 158 e 161). A vida do homem bom não era muito tranqüila, e homens perversos faziam sua vida tornar-se miserável, mas ele não se desviava de seu curso dedicado ao estudo e à prática da lei. Provavelmente, o poeta repreendia os pecados daqueles homens maus e desafiava seu estilo de vida, que sem dúvida incluía a opressão do pobre, atos de violência, perversões das leis visando o benefício próprio e talvez até ameaças de morte contra qualquer um que se opusesse às injustiças sociais. Esses são tipos de pecados que descobrimos nos salmos de lamentação, em que os inimigos enfrentados eram os que residiam no território de Israel, e não invasores estrangeiros.

Tais indivíduos pareciam-se com cargas postas nas costas do salmista, que Yahweh precisava fazer "rolar para fora", a fim de ele não carregasse cargas desnecessárias. Cf. Jer. 20.8; Apo. 1.9 e I Ped. 4.3,4. Livre de sobrecargas, ele estaria mais bem equipado para servir a outras pessoas.

119.23

Assentaram-se príncipes e falaram contra mim. Até mesmo *príncipes* estavam entre os inimigos do salmista, isto é, os que tinham o poder de ferir e matar. Mesmo com esse tipo de oposição, o salmista permaneceu fiel à causa da lei e da justiça. A implicação do versículo é que pessoas em altas posições sociais usavam seu poder e seu dinheiro para promover causas injustas. Eles estavam oprimindo os pobres; tinham-se tornado culpados de atos de violência; furtavam e ameaçavam a outras pessoas. O poeta era um dos objetos de sua ira, mas isso não fazia dele um homem corrupto, conforme eles eram. Ele continuava a meditar na lei e a aprender, e saía a praticar o que tinha aprendido. Isso o punha em conflito com os que praticam o contrário. Os *príncipes,* neste caso, eram todos líderes irreligiosos de Israel, e não indivíduos estrangeiros, como os babilônios, conforme alguns estudiosos têm interpretado. Uma ilustração aqui são os príncipes da corte de Saul que, juntamente com aquele monarca, buscavam tirar a vida de Davi (ver I Sam. 29.4). Isso não está em vista neste salmo, mas serve de ilustração. Cf. Sal. 2.2 e I Cor. 2.8.

119.24

Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer. Os *testemunhos* do Senhor permaneciam o deleite do salmista, a despeito da oposição que ele estava experimentando. Esses testemunhos eram os *conselheiros* do autor sacro, em contraste com os conselheiros perversos dos príncipes que trabalhavam contra os interesses do poeta. Os conselheiros do salmista davam-lhe bom e justo conselho, e ele sempre seguia esses conselhos, em contraste com as obras desastrosas dos príncipes. Cf. os vss. 77 e 92 deste mesmo salmo. Nosso homem poderia ter perecido em sua aflição, se a lei não sustentasse seu coração encorajado. Dotado de um coração encorajado, ele podia servir a outros com boas palavras, melhor do que a lei requer. Ter uma teoria não é suficiente.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do evangelho como a alegria e o deleite do homem justo. "O evangelho é o conselho de Deus relativo à salvação. Nele, Cristo aparece como um Conselheiro maravilhoso, aconselhando santos e pecadores... e toda a Escritura, sendo divinamente inspirada, é proveitosa para doutrinar, para corrigir e para instruir na retidão (II Tim. 3.16)" (John Gill, *in loc.*).

DÁLETE: A Quarta Estrofe (119.25-32)

119.25

A minha alma está apegada ao pó. Seguindo o plano acróstico, o autor agora dá a quarta coleção de oito linhas louvando a lei e continua a usar vários termos a fim de variar a sua expressão. Ver na introdução ao salmo a parte chamada *Salmos Acrósticos,* e ver o vs. 1, quanto às dez palavras empregadas para indicar a lei. A quarta estrofe é chamada *Dálete,* sendo essa a letra hebraica repetida no começo dessas oito linhas. Em outras palavras, as primeiras palavras de cada uma das oito linhas começam com a letra hebraica *dálete.*

O Salmista Sofria Agonias. Aqui a sua alma apega-se ao pó. No vs. 28, sua alma vertia lágrimas. Portanto, ele estava sofrendo alguma provação severa (embora não-identificada). Quanto à figura do *pó*, ver também Sal. 22.29 e 44.25. No primeiro desses dois salmos está em pauta a *morte* e, no segundo salmo, algum tipo de profunda *degradação* ou *desonra*. A palavra "vivifica-me" subentende que o pó estava associado a alguma espécie de *morte em vida,* ou seja, um teste muito severo. O salmista pode ter sido caluniado por seus inimigos, e isso pode ter incluído a possibilidade de ser assassinado. O pó pode significar *a ansiedade* por causa da morte potencial iminente.

> *Um sussurro ímpio veio e fez*
> *Meu coração tornar-se tão seco como o pó.*
>
> (Coleridge)

Teodoreto (vs. 18) diz que o imperador Teodósio recitou este versículo quando fazia penitência à porta da catedral de Milão, por causa do massacre de Tessalônica.

O poeta sagrado estava *amortecido* por sua tristeza, pelo que apelou para que a Palavra de Deus fosse usada por Yahweh para dar-lhe renovada coragem e tirá-lo do pó. A lei contém muitas promessas, incluindo a promessa da vida para os que a observarem. Ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1. Quanto ao *reavivamento,* ver também os vss. 88, 107, 145, 154 e 156.

Salmos de Lamentação. Esta seção *Dálete* tem o caráter de um salmo de lamentação. Ver os vss. 23, 50, 53, 61, 69, 70, 78, 85 e 86, quanto a versículos similares que dizem respeito a provações, perseguições e coisas tais que aparecem dentro dessa classe de salmos. Tipicamente, esses salmos contêm algum clamor por ajuda e descrevem os inimigos opressores, quer da parte de hebreus renegados, quer de atacantes estrangeiros ou de enfermidades físicas. Além disso, usualmente levantam uma nota de louvor pelas orações respondidas. Ver o vs. 32, que pode funcionar como tal.

119.26

Eu te expus os meus caminhos, e tu me valeste. O homem declarou, isto é, contou os seus caminhos, provavelmente apontando para sua vida passada, incluindo (conforme o contexto o demonstra) os seus pecados e as suas orações pedindo perdão. Yahweh ouviu suas orações sinceras e continuou a ensinar-lhe Seus estatutos, a fim de que a vida do nosso homem melhorasse e fosse libertada dos assédios. "Ele pediu compreensão da parte de Deus, bem como fortalecimento e resguardo (vss. 26-20), e esperava que Deus o atendesse, visto que ele tinha entesourado a lei" (Allen P. Ross, *in loc.*). Os caminhos provavelmente também significam que estavam em foco a *vida presente* do homem e todas as suas condições, incluindo as perseguições sofridas. Ele também *escolhera* seus *caminhos* de conduta, inspirado pela lei. E recitou isso a Yahweh, esperando favor e orientação em uma hora crítica.

119.27

Faze-me atinar com o caminho dos teus preceitos. Contrastando com o caminho do poeta, havia o caminho de Yahweh, a vereda perfeita e ideal a seguir. Assim sendo, o salmista tinha de moldar seus caminhos aos caminhos de Yahweh e, de fato, isso já era verdade em grande parte, conforme deduzimos do próprio salmo. O caminho de Deus é o caminho dos preceitos e da lei, que se torna um manual para o homem bom; ou então, preservando a metáfora do caminho, a lei torna-se um *mapa da estrada.* Compreender o caminho de Deus permite que um homem fale melhor sobre as *obras maravilhosas* de Deus. A vida do homem assume todas as formas de grandes e miraculosos acontecimentos, porquanto ele participa do poder de Yahweh. Seguindo a *vereda,* o homem bom servirá a seus semelhantes, e não apenas a si mesmo.

Meditarei. O salmista precisava estudar o manual ou mapa da estrada. Quando fazia isso, via quantas maravilhas Deus tinha preparado para o justo, coisas que se tornavam parte de sua vida diária. "Somente o israelita verdadeiramente leal ao pacto era considerado digno de inquirir as maravilhas dos tratos de Deus com o homem. Talvez ele tenha estendido o pensamento até o ponto de dizer que o verdadeiro *discernimento histórico* é possível somente àquele cujo senso moral é corretamente treinado e dirigido" (Ellicott, *in loc.*).

> *Quem saberá contar os poderosos feitos do Senhor, ou anunciar os seus louvores? Bem-aventurados os que guardam a retidão, e o que pratica a justiça em todo tempo.*
>
> (Salmo 106.3)

119.28

A minha alma de tristeza verte lágrimas. Cf. o vs. 25, onde se lê que a alma do poeta estava apegada ao pó. Agora encontramos outra poderosa metáfora nessa ação de "verter lágrimas". A palavra pode ser traduzida por "gotejamento", conforme se vê em Eclesiástico 10.18, ou então "dormitar", conforme se vê na Septuaginta e na Vulgata. Jó também usa a palavra "lágrimas" em 16.20. Uma crise e uma situação crítica são salientadas, por causa das quais o salmista precisava de ajuda urgente, através da *palavra,* outro nome dado à lei.

Se o ato de *dissolver* está em pauta, conforme dizem algumas versões, em vez de "lágrimas", então devemos pensar na cera diante do fogo, ou na prata a refinar no forno, um retrato de teste severo. Se a idéia aqui é de *gotejamento,* então devemos pensar em um choro tristonho. Palavras graciosas animam o homem, porém é mais provável que a palavra saída da boca de Yahweh seja contra os inimigos do homem. Essa é uma aplicação do Legislador à vida humana, que usou Sua palavra criadora. A palavra escrita contém promessas dessa natureza, e essas promessas se cumprem mediante o poder de Deus.

119.29

Afasta de mim o caminho da falsidade. O "caminho de falsidade" do qual o salmista queria escapar pode ser o seu próprio caminho. Se não ouvisse atentamente o ensino da lei, poderia desviar-se. Ou melhor, no presente contexto, o caminho de falsidade poderia ser de seus oponentes, que tornariam sua vida miserável. Aquela gente seguia pelo "caminho da mentira", fazendo da mentira e do engodo um modo de vida, em detrimento de outros. Para evitar ser como eles, o salmista queria que a lei lhe ensinasse as tendências corretas e retas. Os homens falsos com outros homens também são falsos com Deus. Nessa posição, os homens caem em todos os tipos de pecados. Está incluída a infidelidade para com o *pacto abraâmico* (ver as notas expositivas a respeito em Gên. 15.18), visto estar em vista o povo em aliança com Deus. A lei corrige a propensão à falsidade e à prevaricação, mas a idéia de "mentira", constante neste texto, parece apontar para as palavras e os atos de homens ímpios e violentos, os quais, através de suas mentiras e calúnias, encontram meios de obter vantagens próprias e de prejudicar os outros.

Favorece-me com a tua lei. O autor conclamou Yahweh a aplicar Seus métodos de ensino gracioso para que ele pudesse aprender. A bondade de Yahweh significava que Ele ensinaria bem o nosso homem. O Targum também fala sobre o "caminho da falsidade", como aquilo do que o poeta queria ser libertado pelos ensinos divinos e pelo Mestre divino.

119.30

Escolhi o caminho da fidelidade. Em contraste com o "caminho da falsidade", o poeta escolheu o "caminho da fidelidade", ou seja, o caminho da fidelidade a Yahweh, através da obediência à Sua lei. Ele sempre guardava as *ordenanças* diante de seus olhos, para manter-se fiel. O *caminho da falsidade* (vs. 29) provavelmente era proveitoso aos ímpios, e os homens maus desfrutam os caminhos da maldade, visando seus próprios interesses. O criminoso encontra prazer em prejudicar o próximo, tal como o homem de bem gosta de ajudar aos outros. O homem mau odeia a lei e suas muitas demandas, negativas e positivas. Mas o homem bom tem prazer em ser bom e em praticar o bem. Não há aqui advertências sobre recompensas ou punições para além da vida física, pois somente mais tarde essa noção penetrou na teologia dos hebreus; mas, mesmo sem isso, o homem bom será bom e o homem mau será mau, devido às suas propensões interiores. A *regra de conduta* origina-se no coração. O justo seria justo a despeito de qualquer lei à parte da lei da consciência.

Este versículo tem sido cristianizado e personalizado para fazer o homem enveredar pelo caminho reto de Cristo, que é o padrão da nossa conduta. O Targum fala aqui do *caminho da fé,* mas a lei está por trás dessa fé, enquanto no cristianismo os mais de 600 mandamentos do Antigo Testamento são destilados em uma palavra: *Cristo.*

119.31

Aos teus testemunhos me apego. *O poeta sacro mostrou-se tenaz.* Seu tesouro era a lei. Sua alma envolvia-se nos testemunhos. Ele estava *preso* aos testemunhos de Deus. Sua firme associação com a lei haveria de impedi-lo de ser envergonhado, quer por seus próprios atos, quer pelos atos de seus inimigos. Quanto a envergonhar-se, ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.2; 78.66; 83.16; 86.17 e 108.28. Ele não ficaria desapontado em suas esperanças e alvos no tocante à sua vida espiritual e às expectações criadas pela lei mosaica. Coisa alguma poderia separá-lo das boas intenções de fazer da lei a fonte originária de toda a sua maneira de pensar e de todos os seus atos. Não são muitas as pessoas tenazes em sua vida espiritual e em seus propósitos, embora muitos se apeguem a algum interesse *mundano.*

Quão firme o alicerce, santos do Senhor,
Que é posto para a vossa fé em Sua excelente Palavra.

(J. F. Wade)

119.32

Percorrerei o caminho dos teus mandamentos. Nosso homem poderia trilhar o *caminho* prescrito pela lei, mas, em seu entusiasmo, resolveu correr. Ele faria isso quando Yahweh alargasse seu coração (compreensão). Ele teria um coração voltado para a corrida, por causa da influência do Espírito que o transformava em um atleta espiritual. O bom atleta cristão vence a corrida servindo ao próximo.

... desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta.

(Hebreus 12.1)

Nada havia no mundo capaz de desencorajar o salmista de seu primeiro intuito de ser um peregrino cristão (vs. 19). Yahweh poderia retirar todos os obstáculos do caminho, os pecados e as oposições, a falta de entusiasmo, a falta de propósito espiritual, a falta de entendimento, e então o caminho estaria desimpedido para o corredor ligeiro. "... corre com alacridade e velocidade, através de todo o curso da corrida dos mandamentos e dos requisitos, para atingir o alvo da perfeição. Ver I Cor. 9.24; Gál. 5.7; Fil. 2.16; 3.12,14. Sejas como o sol em seu curso (Sal. 19.6)" (Fausset, *in loc.*).

HÊ: A Quinta Estrofe (119.33-40)

119.33

Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus decretos. Seguindo o plano de um poema acróstico, o autor sagrado oferece-nos agora o quinto jogo de oito linhas, todas começando por outra letra hebraica, o *hê*, em seus louvores à lei, para o que ele continua a usar termos variados. Ver a introdução a este salmo, sob *Salmos Acrósticos*, e, no vs. 1, as *dez* palavras usadas para indicar a lei.

Neste versículo, o poeta supõe que a lei seja algo tão importante para ser estudado que requer a assistência divina no empreendimento. Assim sendo, ele invocou Yahweh para ser seu mestre. No vs. 18, o poeta reconhece a necessidade de *iluminação* do Espírito. O vs. 12 contém o pedido direto para que Yahweh fosse o seu *mestre*, pedido reiterado aqui. Aquele que dera a lei a Israel seria o melhor mestre da lei. O homem ensinado por esse Mestre celeste seria capaz de seguir em seu aprendizado até o fim, ou seja, até que a morte interrompesse o processo, ou até que ele atingisse a perfeição em seu estudo. "Presume-se que a referência seja ao fim da vida do salmista. Outra tradução possível do termo é *como uma recompensa* (cf. Sal. 19.11), em que a guarda da lei seria a própria recompensa" (William R. Taylor, *in loc.*). O homem que é ensinado por Deus obedecerá àquelas leis que o estimulam a servir ao próximo. Não basta saber. Um homem deve pôr em *prática* o que conhece, vivendo também a lei do amor.

"Eis aqui uma boa coisa requerida com uma boa finalidade. Ele queria receber o ensino celestial: conhecer as referências espirituais de todos os estatutos, o que Deus requer da parte dos homens" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. este versículo ao vs. 112: a *inclinação* do salmista em seguir pela vereda espiritual, prescrita pela lei, até o fim. É fácil alguém terminar sua carreira da vida de maneira muito pior do que isso. Diz o Targum: "Continuarei seguindo o caminho até atingir a perfeição". O homem jamais se afastaria da lei, deixando-se ficar para trás como um fraco, nem se desviaria para a direita ou para a esquerda, saindo da linha certa (vs. 32).

119.34

Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei. O salmista, uma vez mais, roga que lhe seja dada *compreensão* da lei. Ver os vss. 18 e 27. Ele veria claramente quais eram os requisitos da lei, para então observá-los de todo o coração. Ele *ampliaria sua compreensão* (vs. 32), ou seja, atingiria uma obediência mais completa. Para esse propósito ele precisava de fortalecimento (vs. 28), bem como de uma *resolução* dada por Deus (vs. 30). Ele teria de viver *apegado* à lei (vs. 31). Cf. o vs. 73, onde retorna o tema da compreensão. Ver Pro. 2.6.

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.

(Tiago 1.5)

O salmista estava determinado a não tratar com Deus levianamente, conforme faz a maioria dos homens todos os dias. Ele não teria uma compreensão dividida e também não teria um coração dividido. Deus e a Sua lei seriam tudo para ele.

Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

(I João 5.20)

119.35

Guia-me pela vereda dos teus mandamentos. O salmista deleitava-se no caminho da lei, e assim fez o pedido especial para que Yahweh o guiasse por *esse* caminho. Ele tinha experiência suficiente para saber sobre outros caminhos, os quais já havia trilhado por algum tempo. Ele tinha escolhido o caminho certo e melhor, mas precisava do fortalecimento divino para cumprir sua resolução. Os homens buscam caminhos nos quais encontram recompensa e, se tudo correr bem, alegria. O poeta precisava de *poder para cumprir sua resolução*. Desejo, ele já possuía.

Pela vereda. "Vereda, palavra derivada de uma raiz cujo sentido é *pisar*, o *caminho repisado*, a vereda deixada clara porque os pés de todos os peregrinos piedosos do passado tinham andado pelo caminho" (Ellicott, *in loc.*). O poeta sagrado não era o primeiro peregrino a palmilhar o caminho da lei. Havia uma vereda bem demarcada para seguir, mas ele necessitava que o Senhor o acompanhasse.

"Dizia o coro: 'Embora ninguém vá comigo, ainda assim eu seguirei'. E essa declaração exprime um bravo sentimento. Mas o Senhor sempre vai com aqueles que escolhem o Seu caminho, mesmo que outras pessoas não acompanhem o homem bom. Ele precisava que Yahweh operasse nele tanto o querer quanto o realizar, 'concedendo-lhe novos suprimentos da graça, e mais forças espirituais'; e isso Deus faria puxando-o com as cordas do amor e dando-lhe o Seu bom Espírito da graça, para que Ele andasse nos estatutos do Senhor e guardasse os Seus juízos, para praticá-los. Ver Eze. 36.27. Pois era nesses juízos que o salmista tinha o seu regozijo, porquanto se deleitava na lei de Deus, de conformidade com o homem interior. Ademais, os mandamentos do Senhor não são pesados. Sua vereda é a vereda agradável e de paz" (John Gill, *in loc.*, com outra de suas excelentes anotações).

Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

(Filipenses 2.13)

119.36

Inclina-me o coração aos teus testemunhos. A *cobiça* pelas coisas deste mundo, como o dinheiro, a fama, o poder, o conforto etc., é um grande competidor do coração dos homens, que é desviado da vereda espiritual para seguir alguma vantagem meramente temporal. O poeta, pois, precisava do Espírito para que *inclinasse* os seus desejos para os valores espirituais, em vez de para algum caminho inferior (e, finalmente, prejudicial). A cobiça é traduzida por "lucro" em outras traduções, estando em vista alguma vantagem injusta ou inferior. "O amor a Deus e o amor às coisas materiais não podem habitar no mesmo coração. Uma coisa por certo suplantará a outra (ver Mat. 6.24; I João 3.15; I Tim. 6.17; Eze. 33.31). Os cuidados, as riquezas e os prazeres desta vida *abafam* a boa semente da Palavra, de tal maneira que nenhum fruto é levado a perfeição (Luc. 8.14)" (Fausset, *in loc.*). O Targum, quanto a este versículo, menciona especificamente o dinheiro, bem como o amor ao dinheiro, como o empecilho às intenções do homem bom.

119.37

Desvia os meus olhos para que não vejam a vaidade. A *vaidade*, que são os prazeres vazios e a busca pelas coisas próprias desta vida, faz os olhos de quase todos os homens volver-se em sua direção. Atualmente temos os fabulosos bens de consumo, que nos custam a metade do custo da vida, e os homens continuam trabalhando arduamente para continuar consumindo. O salmista queria que seus olhos se desviassem das vaidades, dos deleites supérfluos, das buscas tolas, do trabalhar pelo que é trivial. O poeta queria receber *vida* nos caminhos de Deus, viver nesses caminhos, dirigir a sua vida inteira de acordo com eles, ser vivificado para ter sucesso na busca. Ele queria *correr* na boa vereda (vs. 32) e para tanto necessitaria da força da juventude, com seus poderes físicos renovados como as forças da águia (Sal. 103.5). Até mesmo uma águia velha é mais forte do que uma cotovia jovem. Alguns estudiosos pensam em *ídolos* quando encontram a palavra "vaidade", mas o poeta não seria atraído por algo tão crasso como os ídolos. Por outra parte, existem os *ídolos sutis*, criados pelos homens,

cuja adoração envolve quase todos nós, ainda que não continuamente. Até mesmo as coisas boas, quando buscadas exageradamente, podem tornar-se ídolos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria*.

O indivíduo idólatra é aquele que busca seus próprios interesses, aquele que serve a si mesmo. A verdadeira espiritualidade inclui servir ao próximo mediante boas obras, e isso nos faz voltar a visão para fora de nós mesmos, bem como para longe de muitos ídolos.

> *Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.*
>
> (Colossenses 3.2,3)

"Todos os ídolos mundanos são um *engano;* todos os ídolos mundanos nos quais a felicidade e a paz são buscados, à parte de Deus, como o poder, as riquezas etc. (Pro. 23.5), como também os prazeres, a justiça própria, e o louvor humano ou a ajuda dos homens (Sal. 31.6; 40.4; 62.9). Os bens terrenos apelam ao olho, como foi no caso de Eva (ver Gên. 3.6), e criam a 'concupiscência dos olhos' (*I João 2.16*); são os agentes negociadores do pecado (Núm. 15.39). Cf. Jó 31.1,7; II Sam. 11.2; Pro. 4.25. Nossa segurança consiste em evitarmos olhar para as coisas tentadoras (Mat. 5.28,29; 6.22,23; Pro. 23.31)" (Fausset, *in loc.*).

119.38

Confirma ao teu servo a tua promessa. A lei contém muitas e grandes *promessas* para o homem que é obediente. O poeta, que agora se chama de *servo* de Yahweh, queria ser relembrado quanto a essas promessas, tendo seu coração, uma vez mais, inspirado por elas, a fim de *buscá-las*. Ver o vs. 11. A palavra aqui traduzida por "promessa" é traduzida em outras versões por "palavra". Essa é uma das palavras usada para indicar a lei. A lei é a Palavra. A lei é uma *promessa*. Ver no vs. 1 as dez palavras que indicam a lei. Esse vocábulo, usado nos vss. 11 e 38, é o termo hebraico *'imrah, a terceira palavra da lista.*

> *Firmado sobre as promessas de Deus, meu Salvador;*
> *Firmado sobre as promessas de Deus.*
>
> (R. Kelso Carter)

O Temor de Deus. Aqueles que *temem* a Deus têm as promessas divinas cumpridas em sua vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* quanto ao significado do termo. Essa expressão é de uso freqüente nos salmos e, de fato, em todo o Antigo Testamento. Representa a *qualidade geral* do homem espiritual no Antigo Testamento. Trata-se de uma confiança reverente, mas é, por igual modo, a espiritualidade do homem que segue a lei com diligência. Inclui o *temor literal* (ver o vs. 120), porque Yahweh é espantoso; esse não é, contudo, todo o seu significado, mas apenas um dos elementos de seu sentido. Este versículo fala dos que são "devotados" a esse temor. Nesse tipo de temor há amor pelo bem e ódio pelo mal. Ver os vss. 97 e 104. É um tesouro para os santos (Pro. 15.16). Faz parte necessária da verdadeira adoração (Sal. 5.7). Os que temem a Deus O agradam em sua vida (Sal. 147.11). O temor de Deus é uma virtude, uma qualidade espiritual (Sal. 86.11) vantajosa para os homens (Pro. 15.16). Encoraja-nos a servir aos outros mediante as boas obras, obedecendo aos muitos mandamentos da lei (Sal. 34.11). O temor de Deus é a vereda espiritual do homem piedoso. É o cumprimento da lei mosaica com um coração reto, mediante o amor, por meio do constrangimento. Quanto a muitas outras coisas que podem ser ditas sobre esse assunto, ver no *Dicionário* o artigo referido, *Temor,* seção I.

119.39

Afasta de mim o opróbrio, que temo. O salmista era homem que tinha temores terrenos, e não meramente temor de Deus. Ele era repreendido e perseguido por homens maus, que provavelmente ameaçavam tirar-lhe a vida. Naturalmente, ele temia tais ameaças e agora clamava para que Yahweh *arredasse dele* esse tipo de temor. As universidades de hoje contam com especialistas em ajudar pessoas com seus "ataques de ansiedade", que podem tornar-se uma obsessão descontrolada, sendo algo extremamente temível em si mesmo. Talvez o poeta sagrado estivesse tendo ataques de ansiedade por causa de seus inimigos. E esperava ansiosamente que Yahweh detivesse os ataques e o temor por eles produzidos. Talvez o salmista estivesse sendo perseguido por ser um fanático religioso que demandava justiça pessoal e social por si mesmo e por outras pessoas. Dessa maneira, ele estava sujeito aos ataques de homens ímpios, para quem a injustiça era uma atividade constante. Nosso homem seguia as *ordenanças* da lei e, portanto, seguia uma boa vereda (vs. 35), mas a boa vereda nem sempre é um caminho fácil. Os homens criticavam o salmista por seu caminho de retidão, ou pior ainda: o poeta se tinha manifestado contra as injustiças praticadas, e eles agora procuravam vingar-se. Ver no vs. 25 elementos dos salmos de lamentação.

Os teus juízos são bons. Nosso homem queria continuar em sua boa vereda, visto que a lei era boa em si mesma, tendo-lhe sido proveitosa. Ele não permitiria que homens maus o fizessem desviar-se do caminho reto. Além disso, o Legislador e Doador sairia em seu socorro e o salvaria do temor aos homens.

> *O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?*
>
> (Hebreus 13.6)

Cf. Mat. 10.28. Os homens que só podem prejudicar o corpo não devem ser objetos do nosso temor. Este é um elevado ensino espiritual, que nos escapa porque, com freqüência, nos identificamos com nosso corpo.

"A reprimenda do inimigo fazia o suplicante temer que ele pudesse ter um mau fim, afinal (cf. Jó 3.25; 9.28)" (Fausset, *in loc.*). Alguns fazem do *pecado* o agente potencialmente *destruidor* que a lei de Deus pode anular e, assim sendo, impedir o prejuízo humano. Nesse caso, o versículo simplesmente invoca Yahweh, pedindo livramento de pecados pessoais que são destrutivos (ver Rom. 6.23). Cf. o vs. 22, que diz algo quase idêntico.

119.40

Eis que tenho suspirado pelos teus preceitos. É impossível compor 176 elogios à lei e não repetir nenhum. Por conseguinte, este versículo repete elementos que já tivemos ocasião de encontrar. Nosso homem *anelava* pela lei, sendo ela o desejo de seu coração, seu primeiro objetivo na vida. Ver o vs. 20, que expressa a mesma idéia, mas com maior força. Vemos ali que o coração do homem era *consumido* por aquele forte desejo. Ademais, o salmista também já tinha orado pelos poderes *revivificadores* de Yahweh, no sentido de que sua devoção à lei se tornasse ainda mais profunda e operante em sua vida. O poeta estava recebendo vida através da lei. Ver os vss. 17, 25, 40 e 50. Temos aqui a retidão doadora da vida, mediada pela lei. Quanto ao poder revivificador da lei, ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a vida dada por meio do evangelho de Cristo, mas o poeta estava pensando na boa vida terrena para a qual a lei continua provendo benefícios. Entre esses benefícios, naturalmente estão os bens espirituais que o homem bom desfruta quando *teme a Deus* (vs. 39).

O homem devotado à lei praticará a lei do amor e, por isso, servirá ao próximo.

VAVE: A Sexta Estrofe (119.41-48)

119.41

Venham também sobre mim as tuas misericórdias. Seguindo o plano de *compor um poema acróstico, o autor sagrado dá-nos agora o sexto conjunto de* oito linhas. Ele estava louvando a lei e continuou usando vários termos para variar suas expressões. Ver na introdução ao salmo presente a seção chamada *Salmos Acrósticos* e, no vs. 1, as *dez palavras* que o autor sagrado usou para exprimir a lei. A sexta estrofe é chamada *Vave,* sendo essa a letra hebraica repetida no começo de cada uma das oito linhas da estrofe.

O poeta sagrado orou pedindo o *amor constante* de Yahweh para monitorar a sua vida e fez disso um paralelo de sua *salvação.* Ver Sal. 62.2, quanto ao Deus da salvação e sobre o que esse conceito significa no Antigo Testamento. O amor e a salvação são dados de acordo com as *promessas* da lei (cf. o vs. 38, onde "promessa" é o vocábulo usado para referir-se à lei).

Este versículo continua a falar sobre o elemento de "hostilidade" que aparece no vs. 39. O salmista queria *livramento* (salvação) de poderes que se opunham e *ameaçavam prejudicá-lo. Temos aqui o caráter dos salmos de lamentação,* elementos que reaparecem, aqui e acolá, neste salmo. Ver as notas sobre isso no vs. 25. *Dálete* representa, praticamente, um salmo de lamentação. Os vss. 23, 53, 61, 69, 70, 78, 85 e 86 contêm esse elemento.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a salvação evangélica da qual usufruímos em Cristo.

119.42

E saberei responder aos que me insultam. Vemos aqui que a palavra *opróbrio* (vs. 39) é aplicada aos inimigos do homem e a seus atos iníquos. Ver as notas no vs. 39, quanto a essa e outras interpretações que poderiam ser aplicadas *àquele* versículo, mas não a este. O salmista achava-se sob um cerco de perseguições que lhe poderia ser fatal. Portanto, ele clamou a Yahweh, pedindo livramento, segundo o estilo dos salmos de lamentação. Ver as notas no vs. 25. O homem tinha feito do grande alvo de sua vida praticar o bem e seguir os mandamentos divinos. Ele não aumentara sua popularidade entre os homens ímpios lutando pela justiça e manifestando-se contra os erros sociais. Pelo contrário, fizera muitos inimigos por causa de sua piedade. Os inimigos queriam silenciar

sua voz perturbadora, pelo que ele clamou a Yahweh pedindo livramento (vs. 41). O salmista continuou a confiar nas *promessas* da lei, especialmente no aspecto da doação de longa vida aos obedientes (Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1).

Saberei responder. Se Yahweh *vindicasse* sua vida reta, ele poderia apontar para aquela vindicação como prova da aprovação divina e assim contradizer as palavras e os atos duros de seus oponentes. O amor constante de Deus e o Seu livramento atuariam como a réplica do poeta aos seus inimigos. Isso tornaria evidente do lado de quem Yahweh estava. O salmista confiava na *palavra* (a lei) e assim foi-lhe dada uma *palavra* (resposta) para os inimigos. Ele viveria uma vida longa e próspera, mas seus inimigos sofreriam de morte prematura, que os hebreus tanto temiam.

119.43

Não tires jamais de minha boca a palavra da verdade. Neste ponto, a lei é chamada de *palavra da verdade*. Cf. a *palavra da fé* (I Tim. 4.6) e a *palavra da vida* (I João 1.1). Uma verdade é a verdade do *livramento* e, embora a referência seja geral, é provocada pela promessa (a palavra) acerca do livramento.

Não retenhas teu livramento salvatício (salvação; vs. 41), ou a capacidade, uma vez liberto, de dar a *resposta* apropriada aos meus adversários (vs. 42). O poeta tinha posto sua esperança nos juízos de Yahweh e em Sua palavra acerca da salvação para então esperar uma demonstração divina da validade de suas esperanças.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao evangelho, a palavra da verdade e da vida. Ver Efé. 1.13 e Tia. 1.18, que falam na palavra da verdade, com referência à revelação cristã. "Isso o salmista desejava que não fosse tirado de sua boca, mas, antes, que fosse mantido em um doce pedaço ali, enrolado sob a língua para ser comido e servir de alimento, regozijando-se ele em seu coração" (John Gill, *in loc.*).

A lei, neste passo, pode ser a *palavra de julgamento* que, segundo o salmista esperava, poderia corrigir os ímpios e assim deixá-lo livre de ameaças. Ou então o homem esperava nas ordenanças como um caminho de vida, e não queria que esse caminho fosse provado incorreto pelas vitórias dos pecadores.

É o maior tema na terra ou no oceano,
É o maior tema para um ser humano mortal.
Nosso Deus é capaz de livrar-te.

(William A. Ogden)

119.44

Assim observarei de contínuo a tua lei. Tendo recebido provas do poder de Yahweh para agir em seu favor, o poeta continuaria observando a sua prática, guardando a lei, sem nenhum lapso, enquanto estivesse vivo. A *gratidão* é um grande poder, e vemos isso em operação no versículo. Ver sobre o tema da *gratidão* no *Dicionário*.

Recomendo a mim mesmo,
Para ser guiado por Ti, a partir desta hora.
Oh! que minha fraqueza tenha fim!

(Wordsworth)

A observância da lei, dos testemunhos, dos estatutos, dos preceitos, da palavra, dos mandamentos, é o tema dominante deste salmo. Ver os versículos seguintes como exemplos: 2, 4, 5, 8, 17, 33, 34, 44, 57, 60, 63, 69, 88, 100, 101, 106, 115, 129, 134, 136, 145 e 146. Guardar a lei obviamente significa praticar boas obras em favor de outras pessoas. O homem espiritual não é egoísta.

119.45

E andarei com largueza. Cf. Sal. 31.8 e 118.5-9. Provavelmente o poeta queria dizer aqui "livre de qualquer restrição", ou seja, das restrições que lhe tinham sido impostas pelas ameaças e maldições de seus adversários. O salmista estava sofrendo de *opressão* externa (vss. 29, 42 e 43). Uma vez libertado, ele buscaria os *preceitos* da lei de Deus mais ainda e continuaria sua obsessão pela lei. O salmista via suas tribulações como uma espécie de escravidão da qual anelava livrar-se, para que pudesse dar atenção a coisas mais importantes e proveitosas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! "Agora que fui livrado da tensão, não precisarei voltar-me para veredas secundárias, mas seguirei pelo caminho largo da tua lei, o qual, embora possa ser estreito e espinhoso para a carne, contudo é um lugar espaçoso, fácil e seguro para o espírito e para a consciência regenerada" (Fausset, *in loc.*). O Targum diz aqui: "A largura da Tua lei".

"... tendo o seu coração ampliado com o amor de Deus, em seu temor e com alegria espiritual, exercendo cada graça" (John Gill, *in loc.*).

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

(Mateus 11.29,30)

119.46

Também falarei dos teus testemunhos na presença dos reis. O salmista, uma vez *libertado* de suas opressões e andando pelo espaço largo da liberdade, no qual aprendia cada vez mais sobre a lei e a colocava em prática, tornaria uma atividade sua ensinar a outras pessoas. Ele chegaria até a falar sobre os testemunhos do Senhor na presença de reis e príncipes, pessoas de elevada posição, diante de quem a maioria das pessoas temeria aparecer. É evidente que o salmista estava em uma posição social bastante elevada para que isso fosse possível. Ele faria isso sem sentir pejo algum. Ele não temeria o rosto dos reis e dos príncipes, porquanto coisas maravilhosas tinham sido feitas em seu favor.

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.

(Romanos 1.16)

Yahweh era o Mestre do salmista (vs. 26), e ele, por sua vez, seria um professor entusiasmado de outros. O lema da Confissão de Augsburgo é a tradução da Vulgata para o presente versículo:

Et loquebar in testimoniis tuis in conspectu regum, et non confudebar.

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Confissões da Igreja Histórica*.

Paulo era um *vaso escolhido* para falar a palavra perante reis e príncipes de vários poderes romanos no mundo gentílico, encontrando-se entre eles alguns dos mais poderosos, como Agripa, Félix, Festo e Nero. O salmista, embora de maneira mais modesta, teve esse tipo de oportunidade em Israel. Testemunhamos mediante nossas *boas obras* em benefício do próximo, e não meramente por nossos ensinamentos verbais.

119.47

Terei prazer nos teus mandamentos. Este versículo repete sentimentos que já tivemos oportunidade de ver. Seria mesmo impossível compor 176 elogios à lei sem jamais repetir-se. O poeta já havia demonstrado imaginação admiravelmente fértil para continuar a falar sobre o mesmo assunto de tantas maneiras diferentes, mas cada homem tem suas próprias limitações. Quanto ao *prazer* e ao *amor* à lei, ver os vss. 16, 20, 24, 40, 47, 48, 70, 74, 92, 97, 113, 119, 159, 163, 167 e 174.

Oculta dentro de mim o Teu amor,
E assim renovarás o meu amor.

(Ernest G. W. Wesley)

Cumprindo a Lei do Amor. Parte do deleite na lei e do amor pela lei é a prática das *boas obras*, que são uma expressão do nosso amor. Outras pessoas, e não apenas nós mesmos, devem tirar proveito de nosso amor à lei.

119.48

Para os teus mandamentos, que amo, levantarei as minhas mãos. O amor à lei era acompanhado por atos piedosos de oração, provavelmente dando a entender que tais orações *agradecem* à lei, que era amada. A oração é aqui referida pelo ato de *levantar as mãos*. Ou então as orações eram gerais, fazendo parte da vida devocional do poeta. Ele dava grande valor à Bíblia e à oração, elementos igualmente valorizados pela igreja evangélica hoje. Ou então o homem levanta as mãos em oração, a fim de *solicitar poder* para guardar a lei. Alguns eruditos vêem aqui as "mãos" usadas na prática das *boas obras* exigidas pela lei, mas, apesar de essa noção exprimir uma grande verdade, não parece ser o que está em pauta. Ou então o levantar das mãos é aqui um símbolo externo da elevação do coração na devoção ao Legislador e à lei mosaica. Outros estudiosos vêem um esmoler que morria de fome levantando as mãos para obter alimentos.

Sumário de Idéias: 1. agradecer em oração pela lei; 2. a oração e a lei compunham a vida devocional do poeta; 3. usar a oração para buscar o poder de guardar a lei; 4. usar a oração para pedir o poder de fazer as boas obras requeridas pela lei; 5. levantar as mãos é símbolo da elevação do coração na devoção ao

Legislador e à lei; 6. orar pedindo suprimento, sobretudo o alimento espiritual que vem através da lei.

ZAINE: A Sétima Estrofe (119.49-56)

119.49

Lembra-te da promessa que fizeste ao seu servo. Seguindo o propósito de compor uma poesia baseada no plano acróstico, o autor sagrado nos dá agora o *sétimo conjunto* de oito linhas elogiando a lei, para o que continuou a usar diversos termos a fim de variar seu modo de exprimir-se. Ver a introdução ao salmo na seção *Salmos Acrósticos*, bem como o vs. 1, quanto às *dez palavras* que usadas para exprimir a lei. Esta sétima estrofe é chamada *Zaine*, sendo essa a letra hebraica repetida no começo de cada uma destas oito linhas. Ou seja, a palavra que encabeça cada uma das oito linhas é essa letra hebraica.

Yahweh foi chamado a relembrar a *palavra* da lei, onde a *esperança* é referida. Em outras palavras, ele orou para que Yahweh lhe desse esperança, conforme havia prometido na lei. Consideremos estes pontos:

1. O salmista volta a falar sobre a sua aflição (vs. 50). Esta seção, chamada *Zaine*, retorna ao caráter dos salmos de lamentação que anotei no vs. 25. A lei prometia vida e prosperidade aos que seguissem o antigo pacto com Israel (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1), e nenhum homem pisado aos pés por inimigos poderosos viveria à vontade ou teria grande prosperidade.
2. Alguns estudiosos vêem aqui uma oração pelo livramento do cativeiro babilônico, mas não parece ser esse o pano de fundo. Cf. este versículo aos vss. 38, 74, 76, 81 e 147, que têm algo similar.
3. Alguns vêem a promessa do estabelecimento do reino davídico para sempre, que o poeta esperava ser trazido através do poder divino. Ver II Sam. 7.16-29.
4. Outros cristianizam o versículo e vêem aqui a *esperança* evangélica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança*. O vs. 50 quase certamente aponta para a primeira dessas interpretações. Os outros pontos podem ser aplicações do texto.

119.50

O que me consola na minha angústia. A palavra vivificadora provê *conforto* na aflição. Os inimigos do salmista, que odiavam a lei e a tinham esquecido, inclinavam-se por prejudicar o homem piedoso, chegando a ameaçar sua vida. Ele buscava *conforto* na tribulação. A palavra de Deus, contudo, garantia que ele viveria e não sofreria de morte prematura, porquanto era um homem bom, e Yahweh não o abandonaria.

Quanto à Palavra, ou à lei que dá a vida ou *vivifica*, cf. os vss. 25, 37, 40, 50, 88, 93, 107, 149, 154, 156 e 159. O homem poderia ter sido vítima de tentativa de assassinato, mas Yahweh não permitira tal coisa. Antes, deu-lhe vida longa e próspera, material e espiritualmente falando. Dessa maneira, ele teria muito tempo para servir o próximo, praticando boas obras, algo recomendado pela lei. Ele não viveu meramente para servir a si mesmo. Outras pessoas esperavam bênçãos de *suas mãos*, tal como ele fora abençoado por Yahweh. É um consolo ter uma vida longa e gozar de saúde relativamente boa, e é um consolo ser capaz de servir aos outros com a vida que temos. O principal mandamento é o *amor* a Deus e ao próximo (Rom. 13.9 ss.). A lei é sumariada no amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

119.51

Os soberbos zombam continuamente de mim. Homens *arrogantes* perseguiam o homem que tinha considerado maus os atos deles, além de ter tomado medidas para impedir suas injustiças sociais. E eles o odiavam por esse motivo, e por isso ameaçavam sua vida. Alguma cena desse jaez estava provavelmente por trás da aflição do salmista. Apesar das crueldades sofridas, o homem bom continuava bom, e a lei continuava seu padrão e inspiração. Em contraste, ele era um bom elemento na sociedade, aplicando o princípio de "servir ao próximo", em obediência aos muitos ditames positivos da lei mosaica. Cf. Sal. 69.11,12; Luc. 16.14 e 18.9.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Jesus, que, a despeito da oposição de homens ímpios, levava avante a Sua missão salvatícia, em obediência ao Deus Pai.

119.52

Lembro-me dos teus juízos de outrora. O perseguido salmista consolava-se nos *julgamentos* da lei. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) cuidaria dos seus inimigos, e o seu caso seria vindicado. Ou então o nosso homem se consolaria simplesmente seguindo os juízos do Senhor, sabendo que sua recompensa viria da parte de Deus, a despeito do que os homens lhe tivessem feito. Ele não se sentia inspirado a seguir o mau exemplo de seus inimigos, apesar dos sofrimentos que sua bondade atraíra contra si mesmo.

"A palavra *juízos* é aqui compreendida no sentido de *tratos providenciais*... Era a memória desses juízos que o fazia sentir-se consolado" (Adam Clarke, *in loc.*). "... as vindicações passadas de Deus a Seu povo, *mediante os poderosos livramentos* dados a Israel, que faziam a nação escolhida ter uma esperança firme quanto ao futuro, por mais desencorajador que o estado presente pudesse ser" (Fausset, *in loc.*).

119.53

De mim se apoderou a indignação. Consideremos aqui estes pontos:

1. Nosso homem sentiu-se *horrorizado* diante do que os ímpios faziam a outros, e do que poderiam fazer contra ele. Contudo, ele não servia ao próximo seguindo seu próprio caminho de justiça e sua própria espiritualidade.
2. Ou ele gerava *forte indignação* contra tais homens que tinham esquecido a lei e agiam como corruptores e saqueadores da sociedade.
3. Em terceiro lugar temos de considerar a própria natureza corrupta do salmista, que atuava como uma grande pestilência contra ele. A primeira dessas três possibilidades parece ser o sentido aqui tencionado. Esdras ficou horrorizado com o que os homens maus fizeram contra Israel antes e depois do cativeiro, quando a semente santa se misturou com a semente dos pagãos (Esd. 9.2,3). Mas não está em vista aqui o exílio babilônico. O poeta mesmo estava enfrentando inimigos pessoais. Cf. os vss. 120 e 139 ao atual versículo, e ver Sal. 69.9.

119.54

Os teus decretos são motivo dos meus cânticos. O peregrino continuou a *entoar os cânticos* inspirados pela lei, enquanto seguia seu caminho como *peregrino*. Ver o vs. 19. Alguns estudiosos pensam estar em pauta aqui um *exílio*, e não uma peregrinação, e aplicam a questão ao cativeiro babilônico. Os prisioneiros e exilados inventam toda espécie de maneiras de manter animado o espírito, incluindo o que temos aqui, cânticos e canções, a composição de novos cânticos, e uma variedade de jogos matemáticos e outros. Certos prisioneiros de guerra norte-americanos se reuniram e compilaram sua própria Bíblia, versículo por versículo, a qual podiam relembrar, alguns com precisão, outros de maneira imperfeita. E então eles liam sua "Bíblia" como um meio de manter-se encorajados. Mas parece que nosso autor estava em uma *peregrinação espiritual*, e não em uma peregrinação literal. Cf. o vs. 54, onde também temos os estatutos de Deus como os cânticos dos justos. Ali ofereço comentários adicionais que também se aplicam aqui.

Quando teu coração, transbordando de alegria
Entoa uma oração de agradecimento,
Em tua alegria, permite que teu irmão
Compartilhe-a contigo.

(Theodore Williams)

119.55

Lembro-me, Senhor, do teu nome, durante a noite. *Durante a noite* (ver as notas no vs. 62), nosso homem continuava a cantar seu cântico jubiloso. Ele continuava a relembrar o *nome* de Yahweh, e a presença do Senhor demorava-se perto dele para consolá-lo. Mas as coisas eram assim porque o homem tinha guardado a lei divina. Quanto ao poder do *nome*, ver Sal. 31.3, e, quanto a *nome santo*, ver Sal. 30.4 e 33.21. A peregrinação nos faz lembrar quão transitória é a vida humana. Quando muito, a vida do poeta seria breve e poderia ser grandemente diminuída em sua duração pelos seus perseguidores. Mas ele continuava entoando seus cânticos de peregrino, e seu coração era estranhamente consolado. "Na noite mais profunda de aflição, o nome de Yahweh o consolava" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 63.6.

O Senhor, durante o dia, me concede a sua misericórdia, e a noite comigo está o seu cântico.

(Salmo 42.8)

119.56

Tem-se dado assim comigo. Nosso salmista tinha *essa bênção*, ou seja, o cântico à noite, o consolo divino e o encorajamento para continuar avançando, porquanto ele *guardava a lei*. Ver no vs. 44 um desenvolvimento do tema da guarda da lei. A espiritualidade de nosso homem o fazia escapar de sua provação, e a principal fonte disso era a lei de Deus. A lei, que mantém um homem afastado do pecado, também o protege em tempos de tribulação quando os ímpios, que desconsideram a lei, têm livre curso. "Não me deixaste sob o poder de meus inimigos. Não me deixaste sem a consolação do Espírito" (Adam Clarke, *in loc.*). "A memória consoladora das misericórdias de Deus, de Sua *graça do pacto*, estava com ele, em conseqüência de sua obediência habitual. A virtude é, portan-

to, a maior parte de sua própria recompensa, em tempos de quieta reflexão, tal como no período da noite, quando os culpados são assaltados por sentimentos de desassossego e remorso; mas o homem bom tem pensamentos calmos, regulares, como a respiração de um infante" (Ellicott, *in loc.*).

Em meu coração há uma melodia,
Jesus sussurra doce e baixo:
Não temas, estou contigo, paz, acalma-te,
Em todas as marés e fluxo da vida.

(Luther Burgess Bridges)

Cf. este versículo aos vss. 50, 54 e 165.

HETE: A Oitava Estrofe (119.57-64)

119.57

O Senhor é a minha porção. Seguindo o plano de compor uma poesia acróstica, o autor sagrado oferece-nos agora o oitavo conjunto de oito linhas louvando a lei, para o que continuou a usar diversos termos a fim de variar as suas expressões. Ver a introdução a este salmo, na seção intitulada *Salmos Acrósticos*, e, no vs. 1, ver as *dez palavras* usadas para indicar a lei. A *oitava estrofe* é chamada de *Hete*, sendo essa a letra do alfabeto hebraico repetida no começo das oito linhas, ou seja, a palavra que encabeça cada uma dessas linhas começa com a letra hebraica *hete*.

Visto que Yahweh era a *porção* do poeta, ele continuaria a falar sobre a lei do Senhor. Quaisquer perdas que seus inimigos tivessem causado foram compensadas pelo suprimento divino. Cf. Sal. 16.5; 73.26 e 142.5. Ver especialmente Sal. 119.11.

Ellicott pensava que este versículo seria mais bem traduzido como:

Esta é a minha porção, ó Senhor, eu disse:
Para guardar Tuas palavras.

Nesse caso, a lei é declarada como a porção do salmista, e não Yahweh. O homem compôs seu cântico de vitória com base na lei (ver o vs. 54). A maioria dos tradutores e intérpretes, entretanto, apega-se à idéia de que Yahweh era a porção do salmista, e aponta para as referências, dadas anteriormente, que contêm essa idéia. "Que o mundo incrédulo escolha os bens mundanos como sua porção. Eu prefiro o Senhor e as Suas palavras como meus" (Fausset, *in loc.*). "... a quem ele escolheu, preferindo-O acima de todas as demais coisas, as riquezas e as honras deste mundo" (John Gill, *in loc.*). A tribo de Levi não tinha herança sob a forma de terras, mas foi transformada na tribo sacerdotal. Foi assim que Yahweh e Seu serviço tornaram-se a herança da tribo de Levi. Ver Núm. 18.20: "Eu sou a tua porção e a tua herança no meio dos filhos de Israel".

119.58

Imploro de todo coração a tua graça. Visto que Yahweh era a porção e a herança do salmista, era apropriado para ele buscar todas as suas bênçãos naquela Fonte originária. Ele buscava o favor divino de todo o coração, porquanto precisava desse favor. Os ímpios o estavam atacando (vs. 61). Eles tinham saqueado seus bens, punham em perigo a sua vida e ameaçavam-no constantemente. Assim, de todo o coração, o poeta voltou-se para Yahweh, para Dele receber sustento e a própria vida. A lei continha muitas *promessas* para o homem bom. Obedecer à lei dá vida e prosperidade (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1). O homem bom fazia o bem a outras pessoas. Ele se mostrava sempre generoso e esperava que Yahweh fosse generoso com ele. A lei o instruía a amar e a dar o que tinha. Ele esperava esse tipo de tratamento da parte de Deus, o qual ama o mundo (ver João 3.16). Deus nos dá mais graça quando a carga se torna muito pesada. Deus nos dá e dá, e dá de novo.

O salmista dependia das promessas de Deus (Sal. 33.19). Ele buscava o *rosto* de Deus (tradução literal do termo aqui traduzido como "graça"). Ele tinha todo o coração na questão, porquanto precisava dessa graça.

Firmado sobre as promessas, não posso falhar,
Ouvindo a cada momento o chamado do Espírito.
Repousando sobre meu Salvador como meu tudo e tudo;
Firmado sobre as promessas de Deus.

(R. Kelso Carter)

119.59

Considero os meus caminhos. A meditação do salmista girava em torno do *caminho do Senhor*, outro nome, neste salmo, para a lei, visto que a lei é o mapa da estrada do homem bom. Pensando no caminho divino, o homem voltava seus pés na direção daquela estrada. Cf. o vs. 30: "Escolhi o caminho da fidelidade"; e também o vs. 32: "Percorrerei o caminho dos teus mandamentos". O "caminho" é *a vereda bem palmilhada*, e a palavra hebraica *'orah* é a décima palavra que o salmista usou para expressar a lei, conforme a exposição sobre Sal. 119.1. Essa palavra é usada cinco vezes no salmo presente. A lei assinalava o caminho, sendo essa a vereda bem palmilhada dos peregrinos (vss. 19 e 54). O caminho *é* a lei, como este versículo deixa perfeitamente claro. O homem que obedecer à lei estará caminhando ao longo da vereda dos peregrinos. Os que não obedecem à lei seguem pelos caminhos do mundo. Existe a vereda estreita que conduz à vida, e também existe o caminho largo que leva à destruição (ver Mat. 7.13). Quando andamos com o Senhor, à luz de Sua Palavra, que tremenda *glória* Ele projeta em nosso caminho (conforme diz certo hino evangélico). Diz o Targum: "Pensei em corrigir os meus caminhos", e alguns intérpretes vêem neste versículo o arrependimento de um homem que se tinha desviado do caminho reto. Cf. o caso do filho pródigo, o qual, ao começar a pensar melhor, retornou ao caminho reto (ver Luc. 15.17,18). Cf. este caso à igreja em Éfeso, que foi convidada a relembrar-se e, assim, a arrepender-se (ver Apo. 2.5):

Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras.

119.60

Apresso-me, não me detenho. O poeta *apressou-se* a voltar ao caminho da lei, o caminho dos peregrinos, e assumiu a prática da lei novamente, de todo o seu coração. Ele já tinha visto o bastante dos caminhos de destruição e os deixaria para os seus inimigos, que se tinham pervertido e desconsideravam a lei de Moisés (vs. 53).

"Apressei-me, e não me demorei. Isso o autor sagrado fez com o máximo de prontidão e não brincou com as suas próprias convicções, nem procurou abafar a voz de sua consciência. A palavra hebraica traduzida aqui por "detenho" marca claramente a indecisão mental com a suspensão de qualquer ação positiva" (Adam Clarke, *in loc.*). "Assim que ele se tornou sensível para com o seu dever, imediatamente cedeu. Não consultou nem carne nem sangue, mas imediatamente cedeu a uma calorosa obediência aos mandamentos de Deus. Encontramos instâncias de obediência evangélica desse tipo na história dos três mil convertidos por ocasião da pregação de Pedro, da conversão de Saulo e da conversão do carcereiro e seus familiares (ver Atos 2.41; 9.18 e 16.33)" (John Gill, *in loc.*). Cf. também o afã de Zaqueu para encontrar-se com o Salvador (ver Luc. 19.5,6). Ver o contra-exemplo de Félix (ver Atos 24.25) e dos ouvintes atenienses de Paulo (ver Atos 17.32).

119.61

Laços de perversos me enleiam. Poderíamos entender este versículo como uma passagem que menciona o saque dos bens materiais do poeta sagrado por *parte de homens ímpios e desarrazoados. Eles o "roubaram"; ou então as palavras* "laços de perversos me enleiam" indicam alguma perseguição que não foi nomeada. Seja como for, vemos o salmista ferozmente assediado por seus inimigos. Em meio a toda essa perseguição, porém, ele não abandonou sua espiritualidade, alicerçada sobre a observância da lei. Cf. Sal. 18.5,6. O Targum diz aqui: "A companhia dos ímpios se reuniu contra os homens", transmitindo assim a idéia de que eles os haviam cercado, literal ou figuradamente, para saquear e para matar. Cf. esse pensamento com Sal. 18.4. Entretanto, nosso homem não se esqueceu da lei e de suas demandas. Ele continuou em sua vida altamente espiritual e, em contraste com seus perseguidores, servia ao próximo mediante boas obras, em vez de ser uma maldição para a sociedade humana. Ele obedecia a Deus e servia aos homens, ao passo que seus oponentes desobedeciam a Deus e saqueavam os semelhantes.

Uma obrigação tenho para guardar,
Um Deus a glorificar...
Para servir à era presente,
Para cumprir meu chamamento.
Oh, que todos os meus poderes estejam envolvidos
Para fazer a vontade de meu Senhor.

(Charles Wesley)

119.62

Levanto-me à meia-noite para te dar graças. A *noite* é um tempo propício e abençoado para os exercícios espirituais. O indivíduo desperta no fim de cada ciclo de sonhos e tira vantagem disso para meditar e orar, ou para buscar a presença do Senhor. O poeta aproveitava essa oportunidade para clamar um alegre *aleluia!* em seu coração; e era a lei das justas ordenanças que o inspirava

a tanto. O coração transbordava de louvores, que irrompiam por entre as costuras de seu coração. O salmista estava tomado pelo Espírito, em seu interior, e procurava encontrar expressão por meio de Suas palavras e atos. Os crentes espirituais sabem dessas coisas. Já vimos algo semelhante no vs. 55. Cf. Sal. 19.9; Pro. 8.20. Este versículo não se refere aos julgamentos de Deus contra os inimigos do poeta, à meia-noite, em um divino ataque de surpresa, conforme supõem alguns eruditos. Ver Êxo. 12.29. O anjo do Senhor, no Egito, atacou à meia-noite.

O que estava sendo atacado era o coração do homem, e o atacante era a bondade de Deus, que despertava sua alma e o levava a saltar da cama para dar graças e louvores a Deus. A meia-noite não era um tempo de adoração formalmente designado entre os israelitas, mas o era para o poeta sagrado.

119.63

Companheiro sou de todos os que te temem. Embora estivesse enfrentando muitos inimigos, o salmista *não estava sozinho.* Havia companheiros que *compartilhavam sua busca espiritual. Havia outros que temiam a Yahweh e observavam* os *preceitos* do Senhor. Cf. o caso de Elias, o qual, ao opor-se aos sacerdotes de Baal, pensara estar sozinho (ver I Reis 19.8). Deus havia preservado 7.000 homens fiéis que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal. Esse número não era grande em toda a nação de Israel, mas era muito mais do que um só homem. O salmista estava separado dos pecadores e era companheiro dos que possuíam mentalidade espiritual igual à sua. Os que têm mente idêntica nos fortalecem, e nós os fortalecemos, e isso é parte importante do andar espiritual. A *força da comunidade* se faz mister para o sucesso. Dwight Moody conheceu de certa feita um crente que não gostava muito de ir à igreja. Ele pensava que era dotado de uma espiritualidade independente. Os dois estavam sentados perante uma lareira, e o carvão pegava fogo. Moody não tentou refutar os argumentos do homem. Ele simplesmente apanhou uma brasa daquelas com uma tenaz e a separou das outras. Estando assim separada, logo a brasa se apagou. O homem olhou para cena e disse: "Vejo o que você quer dizer".

O salmista havia *escolhido os seus companheiros.* Ele não estava interessado na companhia dos ricos e poderosos, que saqueavam a seus semelhantes e seguiam seus próprios caminhos ímpios. Ele escolheu o bando humilde de crentes, para quem o crescimento espiritual e a prática do bem eram o que mais importava. Na lei, o salmista aprendera a crescer espiritualmente e conhecera os muitos mandamentos que ordenavam fazer bem ao próximo. Alguns poucos outros homens se juntaram a ele nesse caminho de vida. Cf. Amós 3.3 e Mal. 3.16,17.

Aves com as mesmas penas se reúnem juntamente.

(Provérbio do século XVI)

Um homem se torna conhecido pela companhia com a qual se junta.

(Provérbio do século XVII)

É melhor andar sozinho do que com más companhias.

(Provérbio do século XV)

119.64

A terra, Senhor, está cheia da tua bondade. A terra inteira está plena do *amor constante* de Deus, uma antecipação de João 3.16, o amor universal e todopoderoso de Deus. Na lei temos essa palavra, pois ela nos ordena amar (Deu. 6.5), e o sumário da lei é o amor (ver Rom. 13.10: "O cumprimento da lei é o amor"). O amor de Deus nos inspira e nos capacita a amar (I João 4.7). O homem que ama conhece a Deus. O homem que não ama não conhece a Deus, porquanto Deus é amor (I João 4.8). Os que nascem de novo têm o amor como parte de sua natureza regenerada (I João 4.7). O amor significa viver a lei do amor, que leva os homens a praticar boas obras em favor de seus semelhantes. Boa parte dos mandamentos da lei determina essas obras. Deus é o grande Benfeitor, em uma escala universal. Quanto a nós, somos pequenos benfeitores dentro de nossos pequenos mundos. Mas alguns homens trazem o ódio e a contenção a seus pequenos mundos, e ferem àqueles a quem deveriam amar. "Quando Cristo vem morar no coração de alguém, mediante a fé, nada temos senão a bondade para exprimir aos que nos rodeiam. Outros se queixam deste mundo ímpio, mas para nós a própria terra parece estar cheia da misericórdia do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*).

TETE: A Nona Estrofe (119.65-72)

119.65

Tens feito bem ao teu servo. Seguindo o plano acróstico, o autor oferece-nos agora o *nono conjunto* de oito linhas louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos, a fim de variar a sua expressão. Ver na introdução a este salmo a seção chamada *Salmos Acrósticos* e, no vs. 1, ver as *dez palavras* que o salmista usou para indicar a lei. Esta nona estrofe é chamada de Tete, sendo essa a letra hebraica que dá início às próximas oito linhas.

Todas as promessas e implicações da lei tinham sido cumpridas. A totalidade dessas promessas e implicações fica demonstrada como fidedigna e exata. Cada *servo* de Yahweh acrescenta seu testemunho a esses fatos. As palavras "tens feito o bem" mostram que Deus havia tratado o poeta de maneira *benéfica. Yahweh tinha sido generoso, tal como Ele ordena* que as pessoas sejam. Ver o vs. 11, onde alguns traduzem a expressão "palavras" como "promessas". Ver no *Dicionário* o verbete *Promessa,* para notas expositivas completas.

Segundo a tua palavra. "... tua palavra de promessa, tuas misericórdias providenciais, tua bondade para com os homens e a provisão de coisas boas para a vida; bênçãos espirituais guardadas como um tesouro no céu e na terra; glória e felicidade eterna na vida vindoura; a promessa do Deus que não pode mentir, decretada antes de o mundo ter começado" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Alguns estudiosos vêem aqui especificamente a promessa de soltura do cativeiro babilônico, mas a referência tem um caráter geral.

119.66

Ensina-me bom juízo e conhecimento. *Bom juízo,* neste caso, é literalmente *gosto,* referindo-se às questões morais e não ao senso estético. Talvez o termo *tato* capte o sentido. Não basta estar certo. Devemos saber como aplicar o que é certo sem causar ofensa. O conhecimento também deve ser utilizado quando aplicamos os mandamentos, com suas ameaças e promessas. Talvez *bom senso* fosse uma boa maneira de falar sobre a questão. A lei, se nela *acreditamos,* ameaça e promete; o homem sábio compreenderá ambos os tipos de afirmação e viverá em conformidade. Alguns estudiosos emprestam à palavra *gosto* o significado de *discernimento.* Assim como o sentido do paladar nos diz o que é bom e o que é mau entre os alimentos, também a lei nos ensina a discernir entre o bem e o mal, através do sentido espiritual do "gosto". "Provai, e vede que o Senhor é bom" (Salmo 34.8) é, pois, um paralelo geral.

119.67

Antes de ser afligido andava errado. Talvez o salmista estivesse falando aqui de alguma *enfermidade física,* que ele atribuía ao pecado. Os *salmos de lamentação* incluem vários "salmos de enfermidades", nos quais o inimigo é alguma enfermidade física. Como exemplos, ver os Salmos 6, 22, 28, 38, 88, 102 e 116. Se é isso o que está em foco neste versículo, então o poeta sagrado pensava estar sendo punido por causa de algum pecado, mediante uma enfermidade, e, depois de arrepender-se, acreditava seria curado. Uma vez arrependido, o homem renovaria a sua dedicação ao estudo e à prática da lei. Os hebreus, com raríssimas exceções, acreditavam que a enfermidade *sempre* resultava do pecado e só poderia ser remediada pelo arrependimento. Já demonstrou que essa teoria estava incorreta, mas isso não quer dizer que os hebreus, de forma geral, desistissem da opinião popular.

Ou talvez a "aflição" mencionada neste versículo seja outra referência às perseguições movidas pelos inimigos do homem. Ver os vss. 29, 39, 42, 51 e 61. Nesse caso, o salmista olhava para o lado brilhante das perseguições de que estava sendo vítima, acreditando serem elas uma disciplina que o ajudava em termos espirituais. Ele se tinha desviado, mas fora trazido ao caminho reto pelas suas dificuldades. Examinando o vs. 69, provavelmente é correto *considerar a segunda dessas idéias como o que diz este versículo.* Alguns estudiosos vêem aqui o cativeiro babilônico, que levou Judá ao arrependimento e então à restauração. Nesse caso, o "eu" (subentendido) do texto representa a nação de Judá como se fosse um só homem. Cf. Sal. 116.10. Quanto ao efeito curador, ver os vss. 71 e 75 do salmo presente; e também Jer. 31.18,19 e Heb. 12.11.

Andava errante. A figura provavelmente pretende enfocar o desvio de ovelhas que, subseqüentemente, são trazidas de volta ao rebanho. Ver o vs. 176, onde uma "ovelha" é especificamente mencionada. Quanto a diversas interpretações do desvio do poeta, ver a exposição naquele versículo.

119.68

Tu és bom e fazes o bem. Yahweh é declarado bom em *si mesmo* e também o *Praticante do bem.* Nisso Ele se tornou exemplo supremo de todos quantos conhecem e obedecem à lei: eles também devem fazer o bem em favor de outras pessoas, imitando o Pai celeste. Não basta ser bom; é preciso *praticar o bem.* Quanto a essa distinção, ver também Rom. 5.7, que contrasta o homem justo e bom com os ímpios. Naturalmente, em análise final, somente o homem

generoso, que serve a seus semelhantes cumprindo a lei do amor, é de fato um homem justo. Platão associava as idéias de justiça e bondade em um único atributo. O hebraico clássico também tinha um só vocábulo para exprimir ambos os princípios. Deus nunca julga sem também curar, porquanto a cura é um dos atributos do julgamento divino. Por isso, a justiça e a bondade redentoras e restauradoras andam juntas. O julgamento é apenas um dedo da mão amorosa de Deus. Cf. Atos 14.17.

> *Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.*
>
> (Atos 10.38)

Ensina-me. Cf. os vss. 12, 26, 33, 64, 108, 124 e 135, quanto ao Divino Mestre, a quem o poeta invocou para receber instruções especiais sobre pontos específicos. Uma lição que sempre temos de continuar aprendendo é o que lemos neste versículo. Fazer o bem ao próximo é um dos grandes princípios da lei, uma necessidade moral de primeira ordem. Esse ensino leva à prática da lei do amor (ver Deu. 6.5). É muito mais fácil ter um credo correto e pensar que isso é a essência da espiritualidade, do que reconhecer a prática das boas obras em favor de outros, cumprindo a lei do amor, pois esta, sim, é a *real essência* da espiritualidade. Ver I João 4.7. O homem que nasceu de novo pratica a lei do amor, e Deus é a fonte originária desse amor, bem como o exemplo por excelência de sua operação (ver I João 4.7-9).

"Um mestre afeta a eternidade. Ele nunca poderá dizer onde sua influência cessa" (Henry Adams).

119.69

Os soberbos têm forjado mentiras contra mim. Além de seus outros pecados, os inimigos do homem o tinham *coberto* de mentiras (Revised Standard Version) ou *tinham forjado* mentiras (King James Version e nossa versão portuguesa). O hebraico diz aqui, literalmente, *remendado*. Cf. Jó 13.4 e 14.17. Talvez essas fabricações tenham ocorrido nos tribunais de justiça, onde os inimigos do poeta buscavam sua punição capital. Essa interpretação é distintamente contra aquela que diz que estes versículos têm em mira o cativeiro babilônico. Contra a calúnia, o poeta apelou para o fato de que ele tinha observado os preceitos da lei, pelo que não era culpado de nenhum erro. Eles costuraram ou amarraram uma mentira após outra contra o homem, como uma veste. Como ferreiros, eles faziam artefatos feitos de mentira, uma fabricação contra um homem inocente.

119.70

Tornou-se-lhes o coração insensível. O coração deles ficou insensível, como que *recoberto de gordura,* uma figura que retrata a *insensibilidade* para com o certo e o errado. Eles fizeram tudo quanto quiseram e não sentiram remorso na consciência. A palavra "gordura" usada neste versículo significa gordura intestinal (ver Juí. 3.22), bem como a gordura da vítima sacrificada (ver Lev. 3.3,4). Visto que se pensava que o coração é a sede da inteligência, a gordura próxima ao coração significava que eles estavam *impedidos* de compreender. A figura simbólica também subentende *orgulho* ou *rebeldia*. Ver Sal. 17.10; 73.7 e Isa. 6.10. Insensíveis quanto às realidades espirituais (Atos 28.27), eles eram dotados de mentes reprovadas e incapazes de julgamentos corretos (Rom. 1.28). O salmista, em contraste, deleitava-se na lei, no seu homem interior (ver Rom. 7.22). Quanto a *deleitar-se* na lei e *amá-la*, ver Sal. 119.47. Esse é um dos grandes temas do *salmo presente*.

119.71

Foi-me bom ter eu passado pela aflição. Este versículo é uma leve elaboração do vs. 67. O homem se tinha desviado, como se fosse uma ovelha que se afasta do rebanho de Deus; ele foi afligido, o que provavelmente significa a perseguição de seus inimigos; mas ele se arrependera de seu desvio, o que, sem dúvida alguma, incluíra a comissão de alguns pecados específicos, e não apenas indiferença; ele fora castigado pelas aflições e assim aprendera a lição. Depois disso, estava em melhor posição para aprender, além do que tinha assimilado lições difíceis, baseadas nas próprias aflições. O castigo tinha operado a sua obra. Ver Heb. 12.1.

> *Que guia os mortais à sabedoria, fazendo-os apreender as lições através de suas dores.*
>
> *(Ésquilo, Agam., 172).*

Cf. João 15.2; Jó 5.6 e os vss. 67 e 75 do salmo presente.

119.72

Para mim vale mais a lei que procede de tua boca. Os homens costumam buscar riquezas materiais, e em breve o dinheiro se torna o seu *deus*. Essa divindade dita tudo quanto fazem. Eles passam a vida inteira buscando algo que nada acrescenta à sua vida e que por certo não serve de passagem para a outra vida. *Nem a prata nem o ouro podem obter a redenção. O deus dinheiro é um* senhor severíssimo que transforma um homem em *escravo*. Ele elimina Deus do quadro, porquanto ninguém pode servir a dois senhores (ver Mat. 6.24). A única coisa que um homem pode reter em sua mão é o que Ele distribui como dádiva. O homem que tem tesouros neste mundo facilmente esquece os tesouros "celestiais" (Mat. 6.19,20). É fácil ao homem rico esquecer as verdadeiras riquezas da alma, que têm poder permanente.

> *É melhor viver rico do que morrer rico.*
>
> (Samuel Johnson)

> *O amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.*
>
> (I Timóteo 6.10)

A *sabedoria espiritual* é o verdadeiro tesouro que temos neste vaso de barro, nosso corpo (ver II Cor. 4.7). Em Cristo estão todos os tesouros espirituais que perduram além desta vida terrestre (ver Col. 2.2,3). A sabedoria espiritual fala da *glória* vindoura, ao passo que os homens insensatos buscam a glória terrena neste mundo, através da manipulação de seu dinheiro.

Milhares de ouro ou de prata. No hebraico, literalmente, temos estas palavras, mas precisamos compreender aqui algo como *muitas moedas* ou *peças* de ouro e prata. Cf. o vs. 127 deste salmo e Sal. 19.10. A história do rabino José conta-nos que ele se recusou a ir a certo lugar, onde ganharia muito porque ali não havia sinagoga. O salmista concordava com esse tipo de atitude, porquanto ele também preferia a lei às riquezas. É possível que aqui tenhamos uma alusão ao ganho desonesto dos pecadores que perseguiam o salmista. Ele não haveria jamais de unir-se ao grupo. Permaneceria em seus estudos do livro da lei. *Esse* era o seu tesouro.

Judas Iscariotes foi o principal contra-exemplo no tocante ao dinheiro. Em *troca de meras trinta peças de prata, ele atraiçoou Jesus* (ver Mat. 26.15). O Targum diz no presente texto que o dinheiro mencionado foi mil talentos, uma bela soma em dinheiro, de fato, mas nada que pudesse ser comparado dignamente com a verdade de Deus. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Dinheiro* e *Tesouro*. Esses artigos incluem usos metafóricos das palavras.

IODE: A Décima Estrofe (119.73-80)

119.73

As tuas mãos me fizeram e me afeiçoaram. Seguindo sempre o plano de compor uma poesia acróstica, agora o autor sagrado dá-nos o *décimo* conjunto de oito linhas que louvam a lei, para o que ele continua a usar diversos termos, a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente, na seção chamada *Salmos Acrósticos*, e ver no vs. 1 as *dez* palavras usadas para referir-se à lei. Esta décima estrofe é chamada de *Iode*, e essa é a letra hebraica repetida no começo das oito linhas. Em outras palavras, a letra hebraica *iode* encabeça cada palavra inicial nessas oito linhas.

Tuas mãos me fizeram. O Criador foi também o Legislador. Aquele homem tinha sido feito pelo poder criador de Yahweh; e a lei então foi dada a ele para sua iluminação espiritual. Por conseguinte, a *compreensão das coisas divinas* estava ao alcance do salmista. Através dessa compreensão, o poeta seria um profundo conhecedor da lei, capaz de viver segundo seus ditames, visando tanto seu desenvolvimento espiritual como também ajuda a outras pessoas. Cf. Deu. 32.6 e Isa. 44.2. Ver Jó 10.8 e Sal. 139.13-15, que têm elementos similares.

O Que É Divino Domina. O poder divino criou; a iluminação divina leva os homens à compreensão da lei dada por Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Iluminação*.

Compreensão. Este é um dos grandes temas deste salmo. Ver os vss. 34, 73, 99, 100, 105, 130, 144 e 169. A raiz no hebraico significa "separar", "distinguir", ou seja, *discernir,* ter uma visão inteligente sobre alguma coisa.

Senhor, já fechei a porta,
Fala agora a palavra que
Na bulha da multidão não pudera ser ouvida.
Sussurra Tua vontade, enquanto me separo, Sussurra Tua vontade enquanto estou tranqüilo.

(William M. Runyan)

119.74

Alegraram-se os que te temem quando me viram. Os companheiros do salmista, que também temiam a Yahweh (ver o vs. 63), observariam o seu caso de bem-estar e iluminação espiritual (vs. 73) e se *regozijariam* e o imitariam. Eles veriam que é altamente benéfico continuar esperando nas promessas da lei e seguir suas injunções. Assim sendo, aproveitariam melhor a *Palavra* para atingir as mesmas bênçãos que o salmista havia logrado alcançar. Quanto a *Temor,* ver Sal. 119.38, como também o artigo no *Dicionário* sobre esse assunto, quanto a idéias concretas e plenas.

Então se alegravam os companheiros de peregrinação do salmista, tendo-se descoberto mais sobre a "grande verdade espiritual da comunhão, e da ajuda mútua e consolação dali derivadas. Em seu sentido primário temos aqui, as idéias da preservação e do livramento dos justos da perseguição, bem como do consolo que isso fornece aos crentes" (Ellicott, *in loc.*). "... regozijai-vos na prosperidade externa, livrados de todas as tribulações, estabelecida no trono de Israel, incluindo o descanso dos ataques de todos os inimigos..." (John Gill, *in loc.*).

119.75

Bem sei, ó Senhor, que os teus juízos são justos. O poeta retorna agora à idéia dos vss. 67 e 71. Ele se tinha desviado como uma ovelha se afasta do rebanho de Deus, através de alguns pecados e da indiferença. Em Sua fidelidade, Yahweh tinha aplicado a ele a *aflição,* a fim de trazê-lo de volta ao bom caminho. Provavelmente estão em vista as aflições da perseguição, que seus inimigos lançaram contra ele. O homem sofrera *castigo* e isso merecidamente, mas a punição também operou como medida purificadora, a fim de aprimorar sua espiritualidade.

Existe uma providência negativa e uma providência positiva, e ambas são medidas de misericórdia, porquanto operam o bem para aqueles que as recebem. Essas coisas também são feitas em sabedoria e graça divina. São ambas dedos da mão amorosa de Deus. São justas, pelo que são boas, porquanto não podemos separar essas duas qualidades. Cf. Deu. 32.14; I Cor. 11.32 e I Ped. 4.19. Ver também Lev. 26.4 e Sal. 89.30-33, passagens que contém noções similares. Quanto a notas expositivas adicionais, ver os versículos paralelos, 67 e 71.

119.76

Venha, pois, a tua bondade consolar-me. O *amor constante* de Deus opera de forma negativa (através do castigo) e positiva (através de bênçãos positivas). O amor de Deus é versátil e, como tal, mostra-se especialmente eficaz em suas operações. Portanto, esse amor tende para a *consolação,* e não para a consternação. A lei, aqui chamada de "palavra", informa-nos disso; e, assim sendo, nosso homem continuava a esperar naquela palavra. Algumas versões dizem aqui "promessa", em vez de "palavra", um dos vocábulos usados para falar da lei, e o termo hebraico é *'imrah,* o de número três na lista das dez palavras listas no vs. 1. Assim sendo, as promessas de Deus mitigariam o salmista de suas aflições, que atuavam como um açoite corretivo nas mãos de Yahweh. E o resultado desse processo de disciplina seria a *consolação.*

119.77

Baixem sobre mim as tuas misericórdias. As aflições foram difíceis de suportar. O salmista temeu por sua vida e clamou para que as *ternas misericórdias de Deus interviessem, a fim de que o castigo que ele estava sofrendo não* fosse severo demais e fugisse do controle. Não existe algo como *justiça nua,* ou seja, desacompanhada do tempero do amor e da misericórdia. O poeta sagrado, pois, orou para que a justiça de Deus não fosse desacompanhada dessas qualidades divinas. Afinal de contas, muitas promessas na lei lhe davam razão para esperar que, na qualidade de homem piedoso, ele não seria consumido por algum golpe divino. A palavra de Deus e a Sua promessa (vs. 76) garantiam-lhe o afeto e a compaixão do Pai, um sentimento divino. Cf. o vs. 17 deste mesmo salmo.

O meu prazer. A lei era o *deleite* do salmista, e esse deleite e amor à lei é um dos grandes temas deste salmo. Ver as notas expositivas no vs. 47. Ver também os vss. 49 e 70.

119.78

Envergonhados sejam os soberbos. Os homens de bem, mesmo sofrendo aflições, seriam consolados e corrigidos, em meio à sua boa atitude. Em contraste, os arrogantes se recusam a aprender lições baseadas na lei e nada aproveitam das operações divinas. Por conseguinte, devem ficar envergonhados afinal. Quanto a esse pensamento, ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21; 78.66; 83.16; 87.17; 109.28 e 119.31. Os pecadores cairão em desgraça franca. Suas más escolhas voltarão a caçá-los. Aqueles homens ímpios tinham *besuntado* o salmista com suas mentiras (vs. 69). Elas acabariam apanhando os transgressores. Os homens descobririam o verdadeiro caráter dos ímpios e deles zombariam. Seriam mantidos em derrisão e escárnio. Eles sentiriam o ferrão da língua de outras pessoas, da mesma maneira que a língua deles tinha sido usada como instrumento cortante contra seus semelhantes. Eles tinham agido *perversamente,* com atos e palavras profanos. Outros haveriam de agir profanamente com eles. Esse seria um fator que levaria o poeta a continuar esperando na lei e colocando-a em prática. Ele reconhecera que era muito melhor para um homem estar em terreno santo do que tentar caminhar por sobre as areias ímpias, que faziam os que por ali passavam escorregar para a desgraça.

Alma trêmula, cercada de temores.
Teu Deus reina.
Olha para o alto e enxuga tuas lágrimas.
Teu Deus reina.
Embora teus inimigos com poder assaltem,
Nada contra ti poderá prevalecer.
Teu Deus reina.

(Fred S. Shepperd)

119.79

Voltem-se para mim os que te temem. Os que *temiam a Deus* haveriam de voltar-se para o poeta, um homem de experiência no campo espiritual. Os que eram perseguidos pelo lado de dentro ou pelo lado de fora, esses se beneficiariam de sua experiência. Voltando-se para o poeta, eles ouviriam suas palavras de sabedoria, aprendidas no estudo dos *testemunhos* de Deus, outro dos nomes usados para indicar a lei mosaica. Ver sobre *Temor de Deus,* em Sal. 119.38, bem como no artigo com esse título, no *Dicionário.* O poeta estudava, mas também tinha larga experiência com a espiritualidade positiva, e era castigado quando se desviava dos santos caminhos de Deus. Ele poderia citar experiências pessoais para ilustrar suas palavras. Ou seja, ele seria um bom *mestre* para outras pessoas, tal como tinha sido beneficiado pelo ofício do *Mestre* divino (ver os vss. 12, 26, 33, 64, 66, 68, 108, 124 e 135), um dos grandes temas deste salmo. Mas ver também Sal. 25.4,5,8,12; 27.11; 32.8; 34,11; 45.4 e 86.11.

O salmista era o *companheiro* de homens bons (vs. 63) e se manteria próximo deles a fim de ajudá-los a compreender a lei e os caminhos de Deus.

119.80

Seja o meu coração irrepreensível nos teus decretos. Para evitar ser envergonhado, como tinham sido os seus adversários (vs. 78), o salmista continuaria a aprender os *decretos* de Deus, outro nome dado à lei divina. Em vez de sofrer pejo, ele se mostraria *irrepreensível.* Os pecados que ele havia cometido, por causa dos quais estava sendo *afligido* (vss. 67, 71 e 75), tinham sido apagados mediante o arrependimento. Agora ele era irrepreensível e, assim sendo, continuava merecendo o favor divino. Ele não seria como os pecadores teimosos que nada tinham aprendido das operações divinas. Nosso homem, ao aprender a lei, e tendo recebido muitas experiências valiosas, fora levado a esperar em Yahweh. Ele não seria desapontado diante dessa esperança.

Um Coração Perfeito. O autor sagrado queria uma fé *sincera* e uma espiritualidade genuína. Diz certo hino evangélico: "Nada entre a minha alma e o Salvador", e isso corresponde ao desejo do poeta sagrado. Tendo uma preocupação sincera quanto à lei de Deus, ele também viera a amar os decretos da lei. Ele seria um verdadeiro israelita, um elemento ideal do pacto abraâmico (anotado em Gên. 15.18). Cumpriria o ideal da lei, o amor a Deus e ao homem, a espiritualidade interior e as boas obras externas, praticadas em favor do próximo.

Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força.

(Deuteronômio 6.5)

Irrepreensível. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perfeição.* Ver também Sal. 18.30,32; 19.7; 37.37; 64.6; 101.2,6 e 138.8. A Revised Standard Version diz aqui *inculpável.* A palavra hebraica é *thamim,* isto é, são, integral, perfeito, sem sinal de justiça própria, defeito ou falsidade. Cf. Gên. 17.1.

CAFE: A Décima Primeira Estrofe (119.81-88)

119.81

Desfalece-me a alma, aguardando a tua salvação. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o autor sagrado dá-nos agora o *décimo primeiro jogo* de oito linhas louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos, a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente, na seção chamada *Salmos Acrósticos,* bem como o vs. 1, quanto às *dez* palavras que o poeta usou para exprimir a lei. Esta décima primeira estrofe é chamada de *Cafe,* e essa é a letra hebraica repetida no começo das oito linhas. Isto é, a palavra que encabeça cada linha começa com essa letra hebraica.

Desfalece-me a alma. O nosso homem amava de coração a lei de coração e nela se deleitava (vs. 47). Cf. o vs. 28, o *coração desfalecido,* que é apenas outra metáfora para falar das mesmas emoções intensas que o autor sentia no tocante à lei. Mas aqui a emoção intensa estava voltada na direção das *promessas* que asseguravam o *livramento* (salvação) dos ataques dos inimigos que queriam arrebatar-lhe a vida, conforme mostram os vss. 84 e 85. O poeta voltou a produzir um *salmo de lamentação,* tal como sucedeu à seção Dálete (vss. 25-32). O tema de ser perseguido e carecer da ajuda divina para ser libertado percorre todo o Salmo 119 e vem à tona aqui e ali. Se o Salmo 119, em sua inteireza, é um hino que *louva a lei,* também apresenta elementos que cabem em outras classes, como de sabedoria, referência messiânica, didática e lamentação. As perturbações do nosso salmista com pecadores insolentes são enfatizadas nos vss. 51, 69, 78, 85 e 122. Cf. o vs. 123, que lhe é quase igual, e ver Sal. 84.2. "Embora testado severamente, não desisto da esperança" (Fausset, *in loc.*).

Que grande amigo temos em Jesus,
Todos os nossos pecados e tristezas Ele levou!
Que privilégio é levarmos
Tudo a Deus em oração.

(Joseph Scriven)

119.82

Esmorecem os meus olhos de tanto esperar por tua promessa. A figura retrata alguém que ficava vigiando por muitas horas para ver Deus operar e livrá-lo de suas perturbações, esperando por tanto tempo que seus olhos esmoreciam. A *promessa* aqui é, especificamente, a de livramento das mãos de indivíduos opressores. A lei tinha muitas promessas para os bons, promessas de vida longa e próspera, e do julgamento de homens ímpios e desarrazoados. Nessas promessas, a despeito da longa demora, o salmista continuava esperando. Cf. Sal. 69.3 e Jó 31.16, quanto a sentimentos parecidos e esperanças de homens aflitos. "A constância e a piedade da igreja tornam-se mais salientes nas perseguições" (Cocceius).

Meus olhos de mágoa se acham amortecidos, envelhecem por causa de todos os meus adversários.

(Salmo 6.7)

Eu forçaria meu músculo do olho, e o cansaria, somente para obter uma vista d'olhos dele.

(Shakespeare, Cymbeline)

Este versículo tem sido cristianizado para falar da espera ardente da Igreja pela volta do Messias, ou, dentro do contexto histórico, a mesma esperança é vista em relação ao primeiro advento de Cristo. Não há razão alguma para supor que este versículo seja messiânico, embora esta seja uma boa aplicação.

Assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

(Hebreus 9.28)

119.83

Já me assemelho a um odre na fumaça. "Talvez tenhamos aqui uma referência à aceleração artificial do processo de envelhecimento na fabricação do vinho, em que o odre inevitavelmente se torna cada vez mais escuro e também cada vez mais fraco. A símile aponta para o salmista como quem fora figuradamente escurecido por meio de algum agente externo, como algum perseguidor" (William R Taylor, *in loc.,* com certa adaptação). Um odre pendurado por cima do fogo naturalmente encolheria e se tornaria mais fraco. Seja como for, temos aqui uma alusão ao costume de suavizar o vinho por meio do calor, acerca do que Ovídio nos fala em *Fast.* 5.517. Embora esse processo produzisse um vinho superior, certamente punha em perigo o odre, e o poeta se assemelhou a isso, e não ao bem que o processo faria ao vinho. As perseguições do ímpios tinham feito nosso homem envelhecer, debilitando-o, pelo que ele estava à beira de escorregar para dentro da sepultura, antes do tempo, sofrendo de *morte prematura,* algo aterrorizante para a mente dos hebreus. Cf. Sal. 32.4; 102.3,4; Jó 30.30.

"Isso representa o estado exaurido do corpo e da mente do salmista, mediante longa aflição física e angústia mental" (Adam Clarke, *in loc.*).

Não me esqueço dos teus decretos. A despeito de seu muito e longo sofrimento, esperando inutilmente por alívio através das promessas da lei, nosso homem continua em seus estudos de seus decretos. "Ele continuava atendendo à palavra, à adoração, aos caminhos e ordenanças do Senhor, esperando, no tempo devido, encontrar ali o consolo" (John Gill, *in loc.*).

119.84

Quantos vêm a ser os dias do teu servo? Desenhou-se diante do poeta a possibilidade de sua vida ser cortada pelo meio, de vir ele a sofrer morte prematura. Se Yahweh continuasse a demorar-se, os inimigos do homem poderiam decepar-lhe a vida a qualquer minuto. O caso era urgente.

Essas palavras podem ser entendidas por outro prisma, a saber, que o poeta desejava saber por que os que sofrimentos eram tão *prolongados.* "Por quanto tempo o teu servo terá ainda que suportar?" (Revised Standard Version). Nesse caso, o clamor não é por causa da morte iminente, mas meramente uma queixa quanto ao teste que parecia continuar infindável e sem alívio. Em qualquer dos casos, por causa da brevidade da vida humana (aumentada devido à violência dos homens) *ou* por causa de um aparente cerco de perseguições, o salmista clamou por uma solução imediata para seu problema, mediante a rápida intervenção de Yahweh, ao julgar os seus opressores. O Senhor poderia fazê-los cair em batalha, ser feridos por alguma enfermidade, sofrer algum acidente; e isso resolveria o problema do sofrimento sem paliativo do poeta. Cf. Sal. 39.4,13, bem como o apelo similar de Jó, em Jó 7.6-21; 9.25 e 16.22.

"Tal como em Sal. 89.47,48, o salmista profere aqui qual era o temor de cada geração de Israel, o temor da morte antes do dia do livramento" (Ellicott, *in loc.*). "Não sabes que tenho tão poucos dias para viver, e que até esses poucos dias são tão repletos de tribulação? Executa julgamento contra aqueles que me perseguem" (Adam Clarke, *in loc.,* o qual, ato contínuo, aplica este versículo aos exilados na Babilônia, que sofriam severas provações).

119.85

Para mim abriram covas os soberbos. Aprendemos aqui que os arrogantes perseguidores do salmista tinham por intuito vê-lo morto. Tinham aberto covas para ele, potencialmente uma condição fatal. Tal traição opunha-se à lei de Deus, mas o que isso lhes importava? Eles queriam que nosso homem estivesse morto. Provavelmente ele tinha feito oposição ao saque de inocentes, o uso errado do poder, a obtenção de riquezas por meios desonestos e violentos. O poeta, pois, se intrometera no caminho de seus feitos injustos, e eles queriam vê-lo eliminado. O que seria mais um assassinato no meio de tantos atos de violência? Eles nunca se tinham ajustado à lei de Deus e não seria agora que haveriam de fazê-lo, somente porque um homem *inocente* lhes estava bloqueando o caminho.

"Eles buscavam tirar-lhe a vida e planejavam esquemas com esse propósito. A alusão é à escavação de covas para apanhar animais" (John Gill, *in loc.*).

Havia um preceito contra a prática de escavar covas para animais e deixá-las descobertas, pois isso poderia ser o fim de um homem, caso este passasse por ali. Ver Êxo. 21.33,34. Essa lei visava a proteção de animais domésticos e seres humanos. De maneira metafórica, os perseguidores do salmista estavam fazendo o que era proibido. Suas covas não eram buracos cavados no solo, mas planos e atos de traição cujo propósito era matar.

119.86,87

São verdadeiros todos os teus mandamentos. Os mandamentos de Yahweh são firmes e fiéis. Eles prometiam julgamento para os pecadores, e o poeta ansiava ver o cumprimento deles. Os inimigos de nosso homem eram o contrário exato da lei. Eles o perseguiam por meio de falsidades. Cf. o vs. 69. Eles faziam outras pessoas voltar-se contra o salmista por causa de suas mentiras. Talvez eles o acusassem fraudulentamente com base na lei e quisessem que ele fosse executado por crimes que não havia cometido. A lei era santa, mas eles eram ímpios; a lei ordenava misericórdia, mas eles punham em prática a violência; a lei ordenava o amor, mas eles praticavam o ódio; a lei determinava que se fizesse o bem ao próximo, mas eles eram destruidores profissionais; a lei ordenava que todas as ações humanas fossem governadas por motivos piedosos, mas eles eram motivados por suas perversões interiores. Portanto, era urgente a necessidade de uma intervenção divina que detivesse aqueles réprobos.

119.88

Vivifica-me, segundo a tua misericórdia. Talvez a Revised Standard Version tenha razão aqui com a tradução: "Poupa a minha vida". O salmista queria viver, e não ser sacrificado ao ódio de seus opressores. Somente Yahweh tinha o poder de salvar sua vida. *Se* sua vida fosse salva, então ele continuaria vivendo espiritualmente, guiado pela lei. Se Yahweh preservasse sua *vida física,* ele continuaria a cultivar sua *vida espiritual.* Essa é a essência do versículo. Outra maneira de dizer isso seria: "Dá-me vida e eu a devolverei a Ti".

Dar-te-ei de volta a vida que devo
Para que em Tuas profundezas oceânicas seu fluxo
Possa ser mais rico e mais pleno.

Oh, luz, que me seguiste por todo o caminho,
Cedo a Ti minha tocha tremeluzente.
Meu coração restaura seu raio tomado
por empréstimo,
Para que no brilho de teu raio de sol
Seu dia seja mais claro e mais limpo.

(George Matheson)

LAMEDE: A Décima Segunda Estrofe (119.89-96)

119.89

Para sempre, ó Senhor. Continuando o plano de compor um poema acróstico, o autor agora dá-nos o décimo segundo conjunto de *oito* linhas louvando a lei, para o que prossegue usando diversos termos a fim de variar sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente, na seção intitulada *Salmos Acrósticos,* e ver o vs. 1, quanto às dez palavras que o poeta sagrado usou para indicar a lei. A décima segunda estrofe é chamada *Lamede,* o nome da letra hebraica repetida no começo das oito linhas. Ou seja, a palavra que encabeça cada uma das oito linhas começa com essa letra hebraica.

Este versículo contém uma afirmação erroneamente usada para falar da Bíblia como um todo. Era parte da fé dos hebreus que a lei, chamada aqui de *a palavra,* veio por revelação divina, ou seja, dos *céus,* onde está fixada, eterna e perfeita. Pela *lei,* devemos compreender não apenas os Dez Mandamentos, mas todas as regulamentações mosaicas, de natureza tanto cerimonial quanto moral. A lei ritual era, para os hebreus, um empreendimento extremamente moral, pelo que a distinção cristã entre leis morais e cerimoniais é anacrônica. A vinda da graça, em Cristo, tomou o lugar da lei.

Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.

(Romanos 10.4)

Para os judeus, a posição de Paulo era radical e apóstata, sendo uma das razões pelas quais ele foi tão perseguido. Os próprios reformadores do século XVI não puderam reformar o cristianismo por todo o caminho, acompanhando Paulo, nem o puderam fazer os puritanos, que confessavam que a graça divina visava a justificação, mas guardavam os crentes sob a lei, quanto à santificação. Em outras palavras, eles promoviam a espécie de legalismo que foi tão completamente condenada na epístola de Paulo aos Gálatas.

Portanto, quero fazer as seguintes observações:

1. Do ponto de vista cristão, o poeta estava errado em sua afirmação do vs. 89. A lei mosaica não era a palavra final de Deus e, de fato, nunca pode haver uma palavra final de Deus. Sempre haverá novos movimentos, novos territórios para cobrir, novos alvos para atingir na vida espiritual. A revelação de Deus, por meio de Paulo, foi um avanço significativo, mas haverá outros quando a vontade divina assim o determinar. É ridículo fazer estagnar o poder de Deus. Os limites dos homens são os limites de sua própria mente, e não limitações verdadeiras.
2. É frívolo escolher um versículo como este e aplicá-lo à Bíblia inteira, e assim afirmar que coisa alguma na revelação pode ser parcial ou carente de modificação. Se quisermos defender essa tese, não devemos inventar textos de prova falsos para isso.
3. Os padrões morais de Deus não mudam, mas as representações humanas desses padrões, nos livros sagrados, modificam-se, conforme demonstra a passagem do Antigo para o Novo Testamento. Não guardamos mais o sábado, o qual era sinal do pacto mosaico, mas os judeus, e também alguns cristãos, pensam que isso é um erro crasso. O sistema sacrificial inteiro, de importância suprema para os hebreus, foi substituído por uma palavra: *Cristo.* Não obstante, o autor deste salmo nunca antecipou que isso poderia representar uma verdade. Se ele tivesse algum conceito do Messias, teria dito que o Messias cumpriria e *reforçaria,* e não substituiria, a lei, longe de permitir que algum outro sistema tomasse o seu lugar. Ele não teria antecipado o fim dos sacrifícios animais, e os ritos do templo jamais teriam sido concebidos por ele como *temporários.* As coisas que dizemos hoje em dia, contrastando a lei e a graça, seriam *inconcebíveis* para ele. A verdade avança. Nesse avanço, a verdade tornou Sal. 119.89 obsoleto do ponto de vista teológico, embora, como declaração, tenha valor falar da permanência dos padrões morais de Deus. E também tem valor afirmar que a revelação divina é a principal origem da verdade espiritual.
4. Todas as coisas inventadas pelos homens têm começo e fim. Todas as coisas terminam porque todas começam. Mas isso não acontece no caso da verdade de Deus. A verdade de Deus é *eterna.* Ver os vss. 142, 144 e 160. Todavia, os modos de expressar essa verdade, nos livros sagrados, realmente se modificam. Outrossim, a verdade de Deus, por si mesma, não tem começo nem fim, nem se modifica, mas os veículos dessa verdade vão e vêm, e são modificados ou mesmo substituídos.
5. A verdade de Deus, por si mesma, é *perfeita,* mas os seus veículos literários, ao passarem pelas mãos dos homens e ao serem adaptados ao limitado estado de iluminação dos homens, são *imperfeitos.*
6. Se quisermos salvar a declaração deste versículo de quaisquer problemas teológicos, poderemos dizer que a lei de Deus está fixa e é perfeita *no céu,* mas não necessariamente na terra.
7. Todas as coisas na terra têm suas *imperfeições* (vs. 96), incluindo as expressões da verdade de Deus nos documentos espirituais escritos pelo homem. O salmista teria isentado a lei mosaica dessa imperfeição, mas a história demonstra que nem mesmo a lei estava livre de imperfeição.
8. Cf. Mat. 24.25. A palavra de Deus não passará jamais, mas equipará-la com livros dificilmente pode resistir a um exame criterioso, nem essa noção resiste à experiência humana. Caros leitores, o poeta disse isso quanto à lei mosaica, escrita no Pentateuco, mas agora já deixamos para trás o Pentateuco. Devemos levar adiante as coisas boas, mas se Cristo deixou algo de lado, assim devemos também fazer.

119.90

A tua fidelidade estende-se de geração em geração. *A fidelidade de Deus* perdura por todas as gerações, tal como sucede à Sua lei. A fidelidade de Deus opera por meio da lei mosaica, mas por certo a ultrapassa. O Criador da terra também foi o Criador da lei. Ele estabeleceu a terra por meio de Seu primeiro ato, e a Sua lei foi estabelecida na terra por Seu segundo ato.

A Terra Permanece. Os hebreus concebiam a terra como algo que "duraria" para sempre. Cf. Ecl. 1.4. Ver também Sal. 78.69 e 104.5. Mas também havia a idéia corrente (embora certamente menos comum) de que a própria terra era *transitória.* Quanto a isso, ver Sal. 102.26. O poeta, porém, preferiu a primeira idéia, que serviu de anteparo para seu argumento sobre a inalterabilidade da lei (vs. 89). A terra e a lei de Deus seriam igualmente permanentes e imutáveis. Ver, contudo, a exposição do vs. 89. Sua criação eterna também fornece apoio para a idéia da fidelidade eterna de Deus.

A benignidade está fundada para sempre: a tua fidelidade, tu a confirmarás nos céus, dizendo: Fiz aliança com o meu escolhido, e jurei a Davi, meu servo.

(Salmo 89.2,3)

119.91

Conforme os teus juízos, assim tudo se mantém até hoje. *Esta terra* continua, a fidelidade de Deus continua, a lei continua: essas coisas continuam até o dia presente, porquanto são *servas de Yahweh,* e Ele é o Ser Eterno, conforme o Seu nome indica. O poeta precisava desse tipo de segurança para continuar confiando na lei, ensinando-a a outras pessoas e mantendo vivas as esperanças quanto à ajuda divina em seu favor. Ellicott pensa que *os céus e a terra* são os servos contínuos do Senhor a que o salmista se referia, mas a menção parece estender-se além. As ordenanças, neste caso, podem ser os decretos de Deus mencionados na lei: esses decretos estão por trás da eterna continuação das coisas mencionadas. Deus dá ordens a tudo e a cada uma das coisas nos céus e na terra, e sua existência e funções dependem Dele. Cada coisa cumpre sua devida função e realiza sua correta missão. Este versículo fala da *Soberania* de Deus (ver a respeito no *Dicionário*).

119.92

Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer. O salmista estava sendo severamente testado por adversários que queriam arrebatar-lhe a vida. Ele fora salvo por *seu deleite na lei, a qual lhe dava promessas e esperança.* Quanto a deleitar-se na lei e amá-la, ver as notas expositivas no vs. 119.47. "Caso não tivéssemos tido

a consolação religiosa, há muito teríamos perecido de um ataque de coração" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto às *aflições* do salmista, ver os vss. 51, 69, 78, 85 e 122. A estrofe Dálete é, virtualmente, um salmo de lamentação clamando pela ajuda de Deus contra inimigos brutais e, aqui e ali, outras partes deste salmo retomam o tema. A porção Dálete é constituída pelos vss. 25-32, sendo o melhor comentário acerca das *aflições* deste versículo.

119.93

Nunca me esquecerei dos teus preceitos. Este versículo parece indicar que o grito pedindo ajuda foi ouvido e respondido ou, pelo menos, que o poeta estava tão seguro de que seria ouvido e respondido que considerou isso um fato consumado. Outros versículos que falam de aflição, entretanto, haverão de seguir-se. A nosso homem fora dada a vida; sua vida fora poupada. Ver o vs. 88, onde o poeta requereu que Yahweh garantisse que a sua vida seria poupada, a despeito das violentas tentativas de seus inimigos. Ver o vs. 95. Este versículo tem sido interpretado em um sentido mais geral, fazendo da *vida* mencionada a vida espiritual, ao passo que as *bênçãos* seriam a *vida física*. Lemos, igualmente, "por teus preceitos me tens dado vida", ou seja, nesses preceitos, o salmista encontrava seu *valor* na vida. Essas coisas podem ser verdadeiras, mas a principal interpretação é a preservação da própria vida física, a anulação das intenções dos inimigos assassinos do poeta sagrado. Yahweh, pois, o capacitara a lograr vitória sobre os inimigos, mantendo-o vivo e próspero.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar que a vida espiritual, e até mesmo a vida eterna, é dada através da Palavra de Cristo, uma boa aplicação, embora não uma interpretação das palavras do salmo.

Seja como for, o salmista declarou que jamais poderia esquecer o que Yahweh tinha feito por ele, mediante os preceitos da lei. Deus tinha julgado os homens maus e dado vida ao homem bom, exatamente como havia dito em Sua palavra. "Por misericórdias tão grandes, como posso mostrar gratidão, por misericórdias tão constantes e verdadeiras? Eu o amarei, eu o servirei, com tudo quanto tenho, enquanto a minha vida perdurar" (conforme diz certo hino evangélico).

119.94

Sou teu, salva-me. Não é que o autor sagrado estivesse à procura da salvação da alma, pois esse pensamento ainda não estava bem claro na mente dos hebreus da época. Antes, ele apelou para o Senhor com base no fato de que era de Deus (estava salvo, o que ele reconheceu tacitamente) e queria ser livrado de seus adversários.

Pois eu busco os teus preceitos. Mais ou menos seguindo as atitudes próprias do povo hebreu, nos tempos do antigo pacto, o salmista se considerava merecedor do livramento divino com base no fato de que ele cultuava os preceitos da lei. Isso contrasta violentamente com a atitude do Novo Testamento, para o qual todas as bênçãos divinas se originam na graça de Deus, em Jesus Cristo, tanto a bênção original do novo nascimento como as bênçãos seguintes, que poderíamos sintetizar na palavra "santidade de vida".

119.95

Os ímpios me espreitam para perder-me. Estas palavras nos mostram que o versículo anterior deveria ser interpretado como atinente à *vida física*. Assim sendo, o poeta fora salvo do assassinato, por decreto de Yahweh, que o protegia e cumpriu as promessas constantes na lei. O salmista pertencia a Yahweh, porquanto disse "eu sou teu" (vs. 94) e, desse modo, era objeto especial dos cuidados divinos. Daniel não abandonou o costume de orar três vezes ao dia por ter sido ameaçado de execução. Portanto, o salmista também conservou sua vida devocional, aderindo à lei, a despeito das ameaças que recebera. Essas ameaças voltavam-se contra um homem bom, da parte de homens perversos, que queriam vê-lo fora do caminho. Neste versículo não há nenhum pensamento de que homens perversos queriam arrastar o homem piedoso para o baixo nível de moral deles, para que, porventura, ele perdesse a vida eterna, conforme alguns judeus posteriores interpretavam a declaração. O salmista cumpria a lei e cria em suas promessas. Além disso, o Legislador era, igualmente, o Doador da Vida.

119.96

Tenho visto que toda perfeição tem seu limite. O poeta sacro referia-se aqui a todas as reivindicações da *perfeição humana*. Após um bom exame, qualquer *reivindicação* de que haja algo perfeito entre os homens, em suas obras, em seus planos, em seus sistemas, demonstrará ser falsa. Nisso, o ser humano é obviamente contrastado com a perfeição divina, que o poeta encontrara na lei de Deus (vs. 89). Naturalmente, o salmista não limitava a perfeição divina à lei mosaica, mas sua principal preocupação foi demonstrar que a lei de Deus, em contraste com os seres humanos, não está limitada em sua perfeição.

O teu mandamento é ilimitado. "Limitado" significa imperfeito; "ilimitado" significa perfeito.

Este versículo foi posto sobre a lápide do túmulo do deão Stanley, em Westminster. Ele foi um anglicano de vistas largas, cujas investigações descobriram toda a espécie de limitações e imperfeições nas idéias e organizações humanas. Para os homens, Deus não requer a perfeição, exceto em última análise, através da transformação em Cristo. Mas os homens reivindicam para já tal perfeição, em si mesmos, mediante sua equivocada doutrina da perfeição da impecabilidade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Perfeccionismo*.

Nos idiomas modernos, podemos dizer que o estado real de alguma coisa nunca se equipara ao ideal; mas o ideal de Deus se cumpre na lei. Contudo, ver as notas expositivas sobre o vs. 89 (onde esta estrofe começa): nem mesmo a lei era perfeita, razão pela qual foi substituída pela superior graça divina.

Equivocadamente, alguns eruditos pensam que este versículo se refere à Bíblia inteira e, em particular, à revelação cristã e às perfeições de Cristo; mas o salmista não estava antecipando nenhuma dessas coisas.

MEME: A Décima Terceira Estrofe (119.97-104)

119.97

Quanto amo a tua lei! Seguindo o plano acróstico, o autor sagrado oferece-nos agora o *décimo terceiro conjunto* de oito linhas louvando a lei, para o que continua a usar diversos termos a fim de variar sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente, na seção chamada *Salmos Acrósticos*, e ver também as notas do vs. 1, onde comento sobre as *dez palavras* diferentes que o autor usou para indicar a lei. Esta décima terceira estrofe é chamada de *Meme*, sendo essa a letra hebraica repetida no começo de cada uma das oito linhas.

Este versículo é uma repetição de declarações encontradas ao longo deste salmo. Seria impossível compor 176 linhas de louvores à lei sem repetições. Portanto, temos aqui, uma vez mais, a idéia de *amor* à lei. Quanto a isso, ver o vs. 47. E, quanto ao fato de que o salmista *meditou* sobre a lei, ver os vss. 15, 23, 48, 78 e 148. Sobre a palavra *meditação*, ver o vs. 99, bem como este versículo. A palavra hebraica para "meditação" é *siyach*. Este vocábulo hebraico pode significar "conversar", "proferir" e também "cismar", "orar" e "meditar", isto é, "contemplar" com um espírito tranqüilo, que é o sentido preferido dos versículos citados. Assim sendo, o poeta não tomava a lei superficialmente, mas fazia dela seu objeto de contemplação.

Em sua meditação, sob esta estrofe Meme, o poeta produziu um pequeno *salmo de sabedoria*. Aceito em seu conjunto total, este salmo é corretamente intitulado de Hino de Louvor à Lei. Mas partes dele enquadram-se em outras classes, como os salmos de lamentação (ver Dálete), os salmos didáticos e fragmentos de salmos messiânicos. Ver sobre *Sabedoria*, seção III, quanto à Literatura de Sabedoria do judaísmo posterior.

Esta estrofe tem mais unidade do que se vê na média das estrofes. "Seu tema principal é uma sabedoria superior, derivada do estudo da lei. Também se caracteriza pela ausência de qualquer petição" (William R. Taylor, *in loc.*).

119.98

Os teus mandamentos me fazem mais sábio. Os mandamentos, uma das *dez* palavras usadas para indicar a lei, representa o quinto termo usado pelo autor sagrado. Esses mandamentos tornavam o salmista mais sábio que seus inimigos. A palavra hebraica *miswah* foi usada vinte e uma vezes no Salmo 119. Até mesmo neste minúsculo salmo de sabedoria, o poeta sagrado trouxe à tona os brutais inimigos que lhe buscavam tirar a vida. Ver os vss. 92 e 94. Nosso homem estava sendo *afligido* e precisava de proteção contra aqueles réprobos. Aqui, porém, ele não levantou a Deus uma petição contra eles, o que fez com tanta freqüência até este ponto, mas tão-somente salientou que ultrapassara em muito aqueles homens maus em termos de sabedoria espiritual.

Eu os tenho sempre comigo. Esta declaração significa que a lei era a companheira constante do poeta, sempre ocupando a sua mente, sempre contemplada e empregada em sua vida, para sua própria espiritualidade, e como um guia para suas boas obras em benefício alheio. Algumas traduções, porém, dizem que seus inimigos o viviam assediando com seus ataques. Mas o versículo gira em torno dos *mandamentos*, que visavam a segurança, o livramento e, evangelicamente falando, a salvação (ver II Tim. 3.15-17), que alguns intérpretes enxergam no texto. Kimchi fazia dos inimigos do salmista os agentes da sabedoria de nosso homem, porquanto as aflições a que esses inimigos o lançavam levaram-no a meditar sobre a lei de Deus, através de proteção; mas não é isso o que está em vista aqui, embora possa também exprimir uma verdade.

119.99

Compreendo mais do que todos os meus mestres. O poeta sacro não somente estava à frente de seus inimigos no campo da sabedoria, mas ultrapas-

sava os próprios *mestres*. Por que isso era verdade? Porque ele passava mais tempo meditando do que eles; e, considerando o amor da mente dos hebreus pela lei, não era uma pequena realização. Conforme Paulo disse, ele labutara mais abundantemente do que eles todos (ver I Cor. 15.10). Os mestres humanos são contrastados com o Mestre divino da lei, com o qual ele não se equiparava, mas sua mente era sempre influenciada pela lei, dando ao salmista uma sabedoria cada vez maior. Em outras palavras, ele crescia cada vez mais no entendimento, bem como no poder de aplicar corretamente a lei em sua vida diária. Dessa maneira, nosso homem se tornava um homem mais e mais espiritual, bem como um agente mais eficaz para servir ao próximo mediante boas obras. Sua espiritualidade era *expansiva*, e não introvertida. Quanto a idéias completas sobre *Sabedoria*, ver o artigo com esse título no *Dicionário*. De modo geral, os rabinos não gostavam do homem que afirmava ter maior sabedoria que os seus mestres, o que, segundo eles pensavam, poderia solapar-lhes a profissão. Por isso este versículo foi distorcido para dizer: "De todos os meus mestres adquiri sabedoria". Isso está em acordo com o pensamento geral, mas, a bem da verdade, não é o que o salmista disse. Fausset (*in loc.*) vê os mestres do salmista negligenciando a lei e imiscuindo-se na política, mas o texto não dá o menor indício disso. O poeta simplesmente afirmou ser mais zeloso e mais intenso em sua devoção à lei.

119.100

Sou mais entendido que os idosos. Agora o autor sagrado reforça e expande sua ousada declaração do vs. 99 sobre ser mais sábio que seus mestres. De acordo com o que lemos em certas traduções, ele era mais entendido do que os *antigos*, mas em nossa versão portuguesa e outras encontramos que ele era mais entendido que os *idosos*. Seja como for, essa é uma reivindicação bastante ousada. Os idosos eram tidos em altíssimo respeito. Nosso poeta, entretanto, ultrapassava a todos eles em entendimento. Os intérpretes sentem-se desconfortáveis quanto à fanfarronice do poeta: ele era mais sábio que seus mestres, mais sábio que os antigos, e mais sábio que os idosos. Até onde sabia, era o homem de número um quanto ao conhecimento e queria que as pessoas soubessem disso. Estou supondo, entretanto, que o poeta estivesse com a razão, pois criou um salmo de 176 versículos para louvar a lei! O poeta que o compôs era o *fanático* número um, o *estudante* número um, e o *pensador* número um sobre a lei; e sua devoção à lei estava rendendo dividendos. O homem tornou-se o aluno número um. De fato, ele tinha devotado toda a vida e energia à lei. Vamos dar-lhe crédito, portanto!

Cf. este texto com a glorificação de Eliú aos antigos (ver Jó 8.8-10; 12.12 e 32.6,7,9). Novamente, este versículo tem sido distorcido pelos rabinos que não podem suportar sua ousadia e nos oferecem a seguinte distorção: "Obtive compreensão dos antigos". Mas não era isso que o salmista estava reivindicando.

119.101

De todo mau caminho desvio os meus pés. Por causa de seu muito estudo, de sua meditação e de sua intensa devoção à lei, o salmista era, naturalmente, um *homem santo*. A lei se mostrara eficaz em sua vida. Ele não se desviara por veredas estranhas. Seu pés não trilharam os caminhos secundários do pecado. Antes, ele seguia o caminho ditado pela lei. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar*, que inclui os usos metafóricos dessa palavra. Esse homem andava na santidade e em obediência prática das boas obras em favor do próximo. Ele não era como uma "torre de marfim", um erudito que sabe muito mas não sai "lá fora" e nem vai ao encontro de homens ordinários a fim de servi-los. Antes, era uma enciclopédia ambulante de conhecimento, o que, nele, se transforma em *sabedoria*. Mas também era servo do próximo, característica que, afinal, faz parte da sabedoria. Nosso homem agia como agia mediante a inspiração do *amor*, e não por dever, e certamente não por temor de ser punido. Ele simplesmente estava acima de todas essas motivações inferiores, acima de todas as veredas desencaminhadas, por ser ele, afinal, o *homem número um*, o exemplo a ser emulado, o líder a ser seguido.

119.102

Não me aparto dos teus juízos. Yahweh é novamente chamado aqui de *mestre* do salmista, um tema freqüente neste salmo. Ver as notas do vs. 108. Tendo sido ensinado pelo Ser divino, o homem não se afastou das *ordenanças* que lhe haviam sido transmitidas. A exemplo de Paulo, ele não se mostrou desobediente à visão celestial (ver Atos 26.19). Era ensinado "interiormente pelo Espírito, sem o que todo outro ensino seria ineficaz... e não se desviou do que aprendera (Osé. 11.3; Isa. 54.13; Jer. 31.34)" (Fausset, *in loc.*). A figura pode envolver uma ovelha que se afasta do rebanho. Ele não se desviara como algumas ovelhas fazem. Ver nos vss. 10 e 67, quanto a esse pensamento.

119.103

Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Já encontramos a figura do *gosto* no vs. 43. A lei era algo de bom na boca do homem, e ele continuava a prová-la e a aprovar suas qualidades. Esse gosto é caracterizado como doce. O *doce* é para muitos, especialmente crianças, o gosto favorito. O salmista encontrava sua nutrição espiritual favorita nos carboidratos da lei. Cf. Sal. 19.10: "São mais desejáveis do que ouro; mais do que muito ouro depurado; e são mais doces que o mel".

Ver também Jó 12.11 e 34.3, quanto a algo similar. *Homem número um*, o poeta tinha profunda comunhão com seu Criador e Legislador. Essas expressões exibem uma alma cheia de Deus. Mas o crente tem privilégios muito mais vastos, pelo que também deve ter maior comunhão com o Senhor.

119.104

Por meio dos teus preceitos consigo entendimento. Uma vez mais, o salmista repete declarações que já tinham sido feitas antes. Compor 176 louvores à lei requeria repetições, pois nenhuma imaginação é grande o bastante para produzir tantas declarações originais e inéditas. Cf. o vs. 73 e outras referências dadas ali. O ódio ao pecado e aos caminhos falsos também é tema repetido. Ver o vs. 29.

> *Vós, que amais o Senhor, detestai o mal: ele guarda as almas dos seus santos, livra-os das mãos dos ímpios.*
>
> (Salmo 97.10)

Naturalmente, o salmista falava sobre caminhos ímpios, e não sobre as idéias alheias, nem sobre as próprias idéias. Existem na igreja os odiadores profissionais, que odeiam a todas as coisas *diferentes* deles mesmos, supondo serem eles os padrões da verdade. Isso é um absurdo. Mas certas pessoas absurdas não reconhecem idéias absurdas.

> *Temos religião apenas o bastante para odiar, mas não o bastante para amar uns aos outros.*
>
> (Jonathan Swift)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ódio*, quanto a um tratamento completo sobre a questão. O ódio usualmente é o substituto do diabo para o amor de Deus, pois, se Deus é amor, o diabo é ódio. E na igreja existem os que se deleitam em imitar os seguidores do diabo, em vez de imitar os seguidores de Deus. Portanto, ponhamos na devida perspectiva as questões de amor e ódio.

NUNE: a Décima Quarta Estrofe (119.105-112)

119.105

Lâmpada para os meus pés é a tua palavra. Seguindo o plano de compor uma poesia acróstica, o autor sagrado oferece-nos agora o décimo quarto conjunto de oito linhas louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos com vista a variar sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente na seção chamada *Salmos Acrósticos*, bem como no vs. 1, quanto às *dez* palavras que o poeta sacro usou para indicar a lei. A décima quarta estrofe é chamada de Nune, o nome da letra hebraica repetida no começo de cada uma destas oito linhas. Ou seja, a palavra que encabeça cada uma dessas linhas começa com essa letra hebraica.

Deus é Luz (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Luz, Metáfora da*), ou seja, sua lei fornece luz e torna-se uma lâmpada para os pés dos peregrinos (ver o vs. 54). O salmista tinha iniciado a vereda espiritual e possuía luz suficiente para que sua jornada fosse bem-sucedida.

Cf. este versículo a II Ped. 1.19 e Pro. 6.23, que expressam sentimentos semelhantes. Existe o Sol da retidão (ver Mal. 4.2), que nos traz luz e cura. Todos os caminhos justos e atos humanitários são recomendados pela lei. Devemos odiar e evitar as coisas más. A lei fornece luz para cada atitude, para cada passo, para cada busca, e o poeta era um especialista em todas essas coisas, por causa da *iluminação* (ver a respeito no *Dicionário*) que havia recebido em seu estudo e meditação sobre a luz (vs. 97).

> *Existe uma chamada que chega por sobre*
> *As ondas inquietas: envia a Luz.*
>
> (Charles H. Gabriel)

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo e de Seu evangelho como a luz. Ver João 1.4,5,8,9; 8.12.

119.106

Jurei, e confirmei o juramento. O homem fez um *juramento* tão sério que era como se fosse o guarda da lei. Ele entregou sua alma a esse princípio, talvez

com um voto formal no templo. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Juramento* e *Voto*. Ou então seu juramento foi uma afirmação de seu próprio coração, tendo Yahweh por testemunha. Ele estava determinado a seguir cada preceito da lei, a observar todas as suas ordenanças, tanto morais como cerimoniais e rituais, que eram todas *morais* pela mentalidade dos hebreus. Israel tinha um pacto firmado com Yahweh, que assumiu forma sob o pacto abraâmico (ver Gên. 15.18). O poeta tinha seu pacto pessoal público e/ou particular, que ele afirmou por meio de um juramento. Cf. o vs. 48 e Isa. 45.25. De fato, ele tinha feito de novo o juramento do Sinai (ver Êxo. 19.8; 24.3,7). Quanto ao pacto mosaico, ver a introdução a Êxo. 19. O nosso homem não se contentara em ter participação no antigo juramento acerca da lei. Ele tinha de reafirmar esse juramento em sua própria vida e experiência. Os filhos têm de adquirir a própria fé. Chegará o dia em que não poderão tomar emprestada a fé de seus pais. Alguns pais se deleitam com o que acontece, e outros amargam desapontados quando os filhos não seguem a mesma vereda que eles.

119.107

Estou aflitíssimo. O poeta volta a explorar suas *aflições* (ver os vss. 50, 67, 71, 75, 92 e 107) e sua necessidade de ser reavivado (vss. 25, 37, 40, 88, 149, 154, 156 e 159). Até este ponto, as aflições eram impostas por inimigos brutais, e o reavivamento era a salvação da vida física das mãos de homens homicidas. Não há razão alguma para supormos que o assunto tinha mudado. Aqui e ali, o autor injetou pensamentos dos salmos de lamentação que clamam pela ajuda e misericórdia de Yahweh para livramento dos adversários.

Dálete (vss. 25-32) forma, essencialmente, um salmo de lamentação. O poeta, que era o homem número um quanto à sabedoria (vss. 99 e 100), e também o observador número um da lei, não fora poupado dos atos prejudiciais de homens ímpios. O próprio Jesus não seguiu um curso pacífico. Ver o vs. 95, que mostra claramente as aflições do salmista. Ver as notas expositivas no vs. 93, quanto a uma interpretação mais generalizada sobre o *reavivamento*. Alguns intérpretes pensam estar em foco a questão das agonias do cativeiro babilônico; mas os inimigos deste salmo são pessoais, e não nacionais. A vida foi prometida sob a condição de obediência à lei (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Dentro do contexto do Antigo Testamento, essa vida geralmente é a vida física, a vida por longos dias — evitar a morte prematura e ter *prosperidade* na terra. O termo "palavra" (sinônimo de lei, neste caso) continha várias promessas sobre esse tipo de vida para o indivíduo que a obedecesse.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar a vida eterna em Cristo, mas não era isso que o salmista tinha em mente aqui.

119.108

Aceita, Senhor, a espontânea oferenda dos meus lábios. É provável que o salmista tenha feito votos e oferecido sacrifícios no templo (vs. 106). Entre suas oferendas estavam ações de graças e de louvor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, seção III.D.3, quanto a informações.

Ou então o poeta falava de suas próprias oferendas particulares de louvor e agradecimento, suas devoções no lar, uma espécie de extensão de suas devoções públicas. Cf. Sal. 50.14; Osé. 14.2.

> *Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.*
>
> (Hebreus 13.15)

Ver também I Ped. 2.5 e Apo. 8.3,4. Yahweh aparece novamente como o Mestre. Ver comentários acerca disso em Sal. 119.68. Ver outras notas expositivas sobre os vss. 12, 26, 33, 64, 124 e 135.

119.109

Estou de contínuo em perigo de vida. Literalmente, "em minha mão". Cf. Jos. 12.3. Para nós, essa não é uma expressão comum, mas aquilo que é seguro meramente pela mão está em posição precária. Ver também I Sam. 1.5. Xenarcos, em *Athenaeus*, lib. xiii. cap. 4, também diz "vida na mão", pelo que os gregos compartilhavam dessa expressão. Colocamos nossa vida nas mãos de Deus, pelo que ficamos em segurança, mas se nossa vida estiver nas mãos dos homens, corremos perigo constante. Ver Luc. 23.46. A Septuaginta e as versões siríaca e etíope fazem a "mão" que aparece neste versículo, no seu original hebraico, ser a *mão divina*, mas isso arruína a metáfora. O homem, dependente de sua própria mão, não tinha poder de salvar sua vida, mas por não esquecer a lei de Yahweh foi-lhe conferida a segurança divina, porquanto a lei prometia vida (vs. 107).

119.110

Armam ciladas contra mim os ímpios. Este versículo é bastante similar ao vs. 95, cujas notas expositivas cobrem os sentimentos deste versículo. O poeta sagrado era caçado como um animal. Seus inimigos tinham armado *covas* para ele (conforme vemos no vs. 85). Agora aparecem as *ciladas*, redes para apanhar animais e pássaros. Mas os adversários do salmista eram *assassinos de homens*. A despeito de uma perseguição potencialmente legal, que provavelmente tinha por alvo nosso salmista, ele era um homem santo que promovia a justiça social e não se desviava de sua amada lei. Não se sentia forçado a *desviar-se* através do medo do que os homens poderiam fazer contra ele. Cf. o vs. 67. A aflição do salmista trouxe-o de volta do desvio, o que provavelmente fala de experiências negativas passadas. Ver o vs. 10, onde lemos que nosso homem orou para que não lhe fosse permitido desviar-se. A figura mais provável é a da ovelha desviada que se afasta do rebanho e precisa ser trazida de volta pelo Pastor. "Ele continuava firme no caminho de seu dever; ele não desistiu por esse motivo, nem se desviou iniquamente de seu Deus e da adoração a Ele, na tentativa de escapar dos laços armados contra ele por parte de homens maus" (John Gill, *in loc.*).

119.111

Os teus testemunhos recebi-os por legado perpétuo. A lei, chamada aqui de *testemunhos*, era a herança do salmista. Novamente, essa é a repetição de uma anterior declaração. Ver o vs. 57, onde Deus é chamado de *porção*, clara referência à questão da herança. As notas expositivas ali expandem a figura e dão referências adicionais. Quanto à lei como base do *regozijo* do poeta sagrado (que também é uma idéia repetida) ver os vss. 77, 93 e 174.

"Se um homem nada puder deixar a seu filho senão uma Bíblia, *nisso* ele lhe terá doado o maior tesouro do universo" (Adam Clarke, *in loc.*). As coisas são como disse certo profeta moderno: "A pior coisa que um homem poderá fazer é conhecer os ensinos, mas não transmiti-los a seu filho". O nosso poeta tinha a lei como herança, e Yahweh como porção (vs. 57). Ele se mostrava ocupado transmitindo esse tesouro a outros e também se atarefava cumprindo suas demandas, pessoais e sociais, sob a forma de boas obras. A lei estava escrita sobre o coração do homem. Ele não podia esquecer-se dela.

Este versículo tem sido cristianizado para apontar para a nossa herança em Cristo (ver Rom. 8.17); não era o que o salmista tinha em mente, mas é uma boa aplicação do texto.

Por legado perpétuo. O salmista jamais *esqueceria a lei*. Cf. declarações similares nos vss. 16, 83, 93, 141, 153 e 176 deste salmo.

119.112

Induzo o coração a guardar os teus decretos. Por certo número de vezes, o salmista havia demonstrado que a fé provinha do seu *coração*, isto é, era algo vital, e não meramente ritualista. Ver os vss. 2, 7, 10, 32, 34, 36, 58, 69, 70, 80, 111, 112, 145 e 161. Portanto, temos aqui outro tema reiterado por todo o salmo. O versículo presente mostra que é o Ser divino que inclina um homem a tal fé e prática, e a lei é o elemento governante dessa inclinação. "Usei o poder que Deus me deu e voltei-me para os Seus testemunhos de todo o meu coração" (Adam Clarke, *in loc.*). O coração do salmista era naturalmente adverso aos caminhos dos ímpios e naturalmente receptivo às realidades divinas.

Até ao fim. O sentido destas palavras é enquanto ele vivesse, e então chegaria o fim com a morte do seu corpo físico. O poeta não estava considerando o tempo depois da morte biológica. A versão árabe fala em *recompensa eterna*, e o versículo tem sido cristianizado para destacar exatamente esse pensamento. A Septuaginta fala sobre recompensa, presumivelmente o galardão por uma vida bem vivida, mas essas são glosas, e não o que o texto sacro está realmente ensinando. Se for indagado por que os hebreus demonstravam alegria nas coisas espirituais, se não olhavam para além do sepulcro como a continuação da vida espiritual, respondo que, no íntimo, eles criam numa existência pós-túmulo. A teologia deles não tinha mantido o passo juntamente com o seu coração. Foi nos salmos e nos profetas que a doutrina da alma e da vida pós-túmulo *começou* a vir à superfície. Dan. 12.2 nos dá uma declaração bastante direta sobre isso, e a doutrina desenvolveu-se durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento, nos livros pseudepígrafos e apócrifos. O Novo Testamento deu ainda maior impulso ao ensino. Atualmente a ciência dos homens começa a dizer que a morte biológica não coloca ponto final à vida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Experiências Perto da Morte*. Apresento também ali uma série de artigos que giram em torno da *Imortalidade*, incluindo dados das investigações científicas.

SÂMEQUE: A Décima Quinta Estrofe (119.113-120)

119.113

Aborreço a duplicidade. Continuando seu plano de compor um poema acróstico, o autor oferece-nos agora o décimo quinto conjunto de oito linhas louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos, a fim de variar a

sua expressão. Ver a introdução a este salmo na seção chamada *Salmos Acrósticos,* e ver também o vs. 1, quanto às *dez* palavras que o autor sagrado usou para indicar a lei mosaica. Esta décima quinta estrofe é chamada *Sâmeque,* sendo essa a letra hebraica que o autor sacro usou para iniciar cada uma destas oito linhas. Em outras palavras, essa é a letra hebraica que encabeça cada uma das oito linhas.

Esta estrofe assemelha-se a um salmo de lamentação, como também foi o caso da estrofe chamada *Dálete* (vss. 25-32). Embora este salmo, em sua inteireza, seja corretamente chamado de *Hino de Louvor à Lei, há outras classes dos* salmos em versículos espalhados ou em blocos. Se *Dálete* e *Sâmeque* podem ser consideradas salmos de lamentação, *Meme* (vss. 97-104) pode ser intitulada salmo de sabedoria. Há implicações messiânicas aqui e ali e também existem versículos didáticos espalhados por todo o salmo.

Duplicidade. Esta é uma tradução difícil do hebraico, que poderia significar "homens de mente dúplice". Alguns intérpretes dizem aqui "vãos pensamentos", uma tradução menos provável. No vs. 115 temos a palavra "malfeitores", mas está em vista o mesmo grupo de pessoas. O salmista apresenta os seus inimigos que com tanta freqüência neste salmo queriam vê-lo morto. Ver o vs. 95. Eles estavam dispostos a *destruí-lo.* Nosso homem precisava de *segurança* física (vs. 117). Quanto a insolentes perseguidores, ver os vss. 51, 69, 78, 85. Quanto a aflições passadas nas mãos dos ímpios, ver os vss. 50, 57, 71, 75, 92 e 107. Quanto a *odiar* as coisas más, cf. o vs. 104. Cf. I Reis 18.21. Em contraste com o ódio manifestado pelos seus inimigos, o poeta sagrado *amava a lei.* Quanto a amar a lei e nela deleitar-se, ver o vs. 47.

119.114

Tu és o meu refúgio e o meu escudo. Um tema comum nos salmos é que Deus é o refúgio e o escudo do homem bom. Ver sobre a primeira metáfora em Sal. 46.1; e, quanto à segunda, ver Sal. 3.3; 7.9; 9.10; 84.8; 89.18 e 144,2. Ambos os temas são encontrados juntos somente aqui no Salmo 119. O *escudo* reaparece apenas uma vez (em Sal. 144.2). Por causa dos favores de Yahweh expressos nesses dois termos, o poeta continuava a esperar na palavra (lei). Quanto ao tema da *esperança* na lei, ver os vss. 43, 49, 74, 81, 114, 116, 147 e 166. Essa esperança incluía a segurança em relação aos perseguidores, os quais queriam remover o homem da face da terra (ver o vs. 117).

119.115

Apartai-vos de mim, malfeitores. Novamente, o poeta sagrado falou sobre os *inimigos* que o assediavam e ordenou-lhes que se *afastassem.* Ele estava determinado a *guardar os mandamentos,* e é provável que tenha sido essa determinação que o colocou em tribulação, antes de qualquer outra coisa. Ele defendia os pobres, a quem os homens malignos exploravam; ele defendia a justiça social e se manifestava contra os políticos que ganhavam à base da desonestidade. Ele fez muitos inimigos entre as classes ricas e poderosas, que usavam suas forças e riquezas para saquear os miseráveis. Quanto à ordem "Apartai-vos de mim", ver Sal. 6.8. Quanto à *guarda dos mandamentos,* ver Sal. 119.44, onde há notas expositivas e referências sobre o mesmo tema.

A resistência aos tiranos é obediência a Deus.

(Thomas Jefferson)

Graças a Deus, cumpri o meu dever.

(Horatio Nelson)

119.116

Ampara-me, segundo a tua promessa. Este versículo amplia o anterior. Nosso homem *precisava de ajuda* contra os adversários. Precisava do *cumprimento das promessas* da lei, que proferem o bem sobre o homem bom, e o mal sobre o homem mau. Ele carecia ver suas *esperanças* na lei *cumpridas* pelo poder divino; precisava *não sofrer vergonha alguma* porquanto tinha esperado na lei de Deus. Todos esses temas dos salmos reaparecem aqui e ali, usualmente em conexão com as aflições que o salmista estava sofrendo.

Ampara-me. Literalmente, "escora-me", porquanto o salmista estava prestes a cair e precisava do amparo divino, uma metáfora para a idéia de *ajuda.* Ele precisava apoiar-se nos braços eternos de Deus.

Para que eu viva. Ou seja, para que eu não seja assassinado pelos meus inimigos (ver o vs. 95). Este versículo é cristianizado para indicar a ajuda divina para levar um homem à salvação e à vida eterna.

O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo de ti estende os braços eternos.

(Deuteronômio 33.27)

119.117

Sustenta-me, e serei salvo. O salmista repete aqui a primeira petição do vs. 116. Ele precisava ser *sustentado,* amparado para não cair, livrado do desastre, guardado para não ser assassinado pelos inimigos que em torno dele fechavam o cerco. Se Yahweh o ouvisse, ele estaria *seguro,* ou seja, escaparia dos planos homicidas e sobreviveria fisicamente; não sofreria a morte prematura e continuaria estudando, meditando na lei e pondo-a em prática, que para ele era toda a sua vida.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da segurança do crente em Cristo, de sua salvação e da derrota dos inimigos da alma.

Devo ser levado até os céus
Em leitos floridos de lazer
Enquanto outros lutam para ganhar o prêmio
E singram por mares sangrentos.

(Isaac Watts)

119.118

Desprezas os que se desviam dos teus decretos. Os pecadores confiam em sua alegada sabedoria, mas toda a sua esperteza é inútil. Eles se desviaram e serão julgados em consonância com a lei. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A sabedoria diabólica não impede o golpe de Deus contra a impiedade. O autor sagrado esperava que seus inimigos parassem de atacá-lo quando Yahweh resolvesse cumprir as ameaças que faziam parte de Sua lei. Isso poria fim à sua perseguição. "O engodo esperto mediante o qual eles pensavam em esmagar o homem piedoso mostraria voltar-se contra eles... Ver Isa. 29.16" (Fausset, *in loc.*). "Suas astúcias eram tão infrutíferas quanto eles estavam equivocados" (Ellicott, *in loc.*). Eles erravam, e o faziam de todo o coração, tal como o poeta buscava a lei de todo o coração. No final, os sutis esquemas dos ímpios operaram a própria destruição deles.

119.119

Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra. Este versículo expande o anterior. Mediante um ato divino, os ímpios são transformados em escória, ou seja, são repelidos como lixo, porquanto se reduziram a lixo por sua má conduta. A figura simbólica aqui é o *processo de refinamento.* Os indivíduos bons saem desse processo como ouro puro, mas os ímpios são a escória deixada quando tudo de bom é removido. Cf. Jer. 6.28-30 e Eze. 22.18-20. Todo homem está sendo testado para ver de que qualidade de metal é feito. O processo divino de refinamento é completo e revelador.

Todos os tesouros, dignidades e poderes,
São todos estimados como escória,
exceto o Todo-poderoso.

(Milton)

Quando são testados pelo fogo, aos iníquos não resta nenhum metal precioso. O fogo serve somente para consumi-los, em vez de refiná-los. Provavelmente há aqui uma alusão à *escória* que se forma à superfície do metal dissolvido, durante o processo de refino. A escória não tem valor algum e é retirada, e isso livra o metal bom do material inútil. Alguns intérpretes vêem aqui um julgamento final, mas isso é anacrônico. A teologia dos hebreus ainda não tinha atingido os sentimentos de tempos posteriores, como os refletidos em Dan. 12.2.

Uma das razões pelas quais o poeta *amava a lei* era que as suas ameaças finalmente se descarregam contra os homens ímpios, libertando assim os bons que são por eles perseguidos. Quanto ao deleite do salmista na lei e seu amor por ela, ver o vs. 47.

119.120

Arrepia-se-me a carne com temor de ti. Ao contemplar o que sucede aos ímpios, por meio da ira de Deus (vs. 119), o poeta caiu *trêmulo* diante do espantoso Yahweh. Portanto, o *temor de Deus* inclui um temor literal, e não meramente uma confiança reverente. Ver um sumário sobre *Temor do Senhor* nas notas expositivas do vs. 38, e também no artigo chamado *Temor,* no *Dicionário.* O salmista temia os julgamentos de Deus, isto é, as ocasiões em que o Senhor devolve aos pecadores o que eles merecem. Diz aqui o original hebraico, literalmente, "os pêlos de minha carne se eriçam", algo que realmente acontece quando

da contração da superfície da pele decorrente de um acesso de medo profundo. Cf. Jó 4.15. Cf. I Crô. 13.12, Eze. 27.35 e, especialmente, Hab. 3.2,16.

Cf. o vs. 161 do salmo presente quanto a um pensamento similar. Ver também o vs. 53.

AINE: A Décima Sexta Estrofe (119.121-128)

119.121

Tenho praticado juízo e justiça. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o salmista oferece-nos agora o *décimo sexto* conjunto de *oito* linhas exalçando a lei, para o que ele continuou a empregar diversos termos a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente na seção chamada *Salmos Acrósticos,* e também o vs. 1, quanto às *dez* palavras usadas para indicar a lei. Esta décima sexta estrofe é chamada *Aine,* sendo essa a letra hebraica repetida no começo de cada uma das oito linhas. Em outras palavras, essa letra hebraica encabeça cada uma das oito linhas.

Esta estrofe é outro pequeno *salmo de lamentação,* como são as estrofes de nomes *Dálete* (vss. 25-32) e *Sâmeque* (vss. 113-120). Se este salmo, como um todo, é corretamente chamado de *Hino de Louvor à Lei,* ele também contém porções que representam outras classes de salmos, como as três estrofes de lamentação mencionadas até este ponto. Além disso, a seção *Meme* (vss. 97-104) é um *salmo de sabedoria.* Outras porções deste salmo são didáticas, e há algumas alusões messiânicas.

Tenho praticado juízo. Tendo-se devotado à lei, buscando conhecê-la e obedecer-lhe, o poeta sagrado sentia merecer a proteção de Yahweh contra inimigos que procuravam destruí-lo (vs. 95). A justiça divina não permitiria que o homem fosse deixado ao sabor dos planos violentos de seus opressores, pecadores arrogantes, orgulhosos e homicidas. Cf. os vss. 51, 69, 78, 85 e 122, quanto à natureza maligna daqueles homens. Ver no vs. 119 como eles foram finalmente reduzidos a escória. Se os julgamentos de Deus fazem tremer até os homens bons (vs. 120), o que finalmente acontecerá aos ímpios?

119.122

Sê fiador do teu servo para o bem. Em Israel, quando os ímpios se apossavam das rédeas do mando, a vida se tornava *precária.* Homens como o salmista, que se opunham aos ímpios, eram objetos do ódio por parte dos ímpios, bem como de sua perseguição assassina. Coisa alguma deteria aqueles *arrogantes,* exceto a intervenção divina. Por isso mesmo, o salmista conclamou Yahweh a tornar-se seu *fiador,* ou seja, sua "garantia". "Da mesma forma que Judá se tornou a segurança para Benjamim (ver Gên. 43.9), assim também o salmista pediu a Deus que respondesse pelo servo que tinha sido fiel ao pacto, interpondo-se entre ele e os ataques dos orgulhosos. Assim também Ezequias (ver Isa. 38.14) pediu que Deus o defendesse da ameaça de morte. Sem dúvida há outro pensamento, o de que a proteção divina *vindicaria* a profissão que o servo leal fazia de obediência ao Senhor, tal como se vê em Jó 17.3, onde Deus figura como a *única* garantia possível. Este versículo e o de número 132 são os únicos, em todo o Salmo 119, que não mencionam diretamente a lei" (Ellicott, *in loc.*).

"... *garantia,* tradução de um vocábulo hebraico que significa literalmente *intercâmbio,* em que o garantidor tomava o lugar de seu amigo (ver Jó 17.3; Isa. 38.14). Ver Jer. 30.21. O salmista considerava seus inimigos como se fossem oponentes à lei. Por ocasião do teste do homem, o Senhor tomaria a responsabilidade de seu amigo. Somente o Messias é capaz disso. Ver Zac. 3.1-5; Heb. 7.22; 9.11-15" (Fausset, *in loc.*).

119.123

Desfalecem-me os olhos à espera da tua salvação. Este versículo é uma leve modificação do vs. 82, cujas notas expositivas dadas aplicam-se também aqui. Em vez do *consolo* esperado, aqui o poeta esperava que a *retidão* da lei fosse cumprimento, ou seja, salvando-o e julgando seus inimigos homicidas.

Este versículo tem sido cristianizado para significar a esperança em Cristo e Sua retidão, lançada na conta dos homens. Contudo, este versículo não é messiânico.

119.124

Trata o teu servo segundo a tua misericórdia. O salmista invocou Yahweh para tornar o Seu *amor constante* eficaz em favor dele, livrando-o dos inimigos que o ameaçavam de morte. Sobrevivendo, ele continuaria a ser ensinado por Yahweh, o *Mestre divino.* Quanto a esse pensamento, ver as notas expositivas no vs. 68. O poeta estava interessado em todos os benefícios que poderia derivar da lei, mas, uma vez que a lei tinha origem divina, seria mais bem ensinada pelo Ser divino. Em contraste com seus perseguidores, o salmista fizera da lei o seu caminho de vida. Ele fazia o bem aos seus semelhantes, em vez de persegui-los. Ele fora transformado em um homem melhor, espiritualmente falando, por meio da lei; portanto, estava fazendo o bem para si mesmo, o que também contrastava com os pecadores desviados da lei. A lei era como uma lâmpada que iluminava os seus *pés, enquanto ele avançava em sua peregrinação* (vs. 105). Ser ensinado pelo Ser divino é um dos principais temas deste salmo, conforme já mostrei nas notas do vs. 68. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ensino.* Sendo ensinado pelo Ser divino, ele tinha ultrapassado seus próprios mestres (vs. 99), tornando-se mais entendido que os anciãos, os idosos e os que tinham vivido antes dele (vs. 100).

119.125

Sou teu servo; dá-me entendimento. O salmista, apesar de ser muito mais preparado que seus contemporâneos, mais sábio que seus mestres ou que os *homens idosos, era apenas um servo de Yahweh, o Legislador e Mestre supremo.* Por conseguinte, o autor sagrado humilhou-se perante o Senhor, embora não tivesse muita razão para humilhar-se diante dos homens. E então, nessa posição de humildade, solicitou do Senhor ainda maior entendimento. Tendo ultrapassado a todos os outros, agora queria ultrapassar a si mesmo.

> Estou pressionando no caminho ascendente,
> Novas alturas estou adquirindo todos os dias.
> Continuo a orar, pois estou a caminho.
> "Senhor, implanta meus pés em terreno mais alto".
>
> (Johnson Oatman, Jr.)

Temos aqui uma verdade. O nosso Exemplo supremo leva todos os homens a ultrapassar a si mesmos, sem importar quais sejam suas realizações.

> *Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus.*
>
> (Hebreus 12.2)

A compreensão, em termos espirituais, é uma dádiva de Deus. Ver Luc. 24.45 e I João 5.20. O servo ganharia compreensão como recompensa por seu serviço fiel.

119.126

Já é tempo, Senhor, para intervires. Yahweh teria de agir prontamente, ou o pobre homem desapareceria para sempre da cena terrestre. Seus perseguidores eram contínuos e habituais transgressores da lei. Eles não hesitariam em matá-lo, e possuíam esquemas preparados exatamente com esse propósito. O nosso homem estava indefeso; e essa era a razão pela qual Yahweh tinha de erguer-se em sua defesa, por algum ato de graça que lhes anulasse as maquinações malignas.

Este versículo tem sido cristianizado imaginando-se que a solicitação do salmista era de que Deus enviasse o Messias para endireitar os caminhos tortuosos da terra, a fim de que Ele operasse a retidão e anulasse o pecado e os pecadores. Nesse caso, a lei transforma-se nas Escrituras. Na verdade, porém, este versículo não tem alcance tão lato.

Aqui temos uma lição sobre a *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*); e isso é bom para todos os tempos e para todas as eras, operando através de inúmeros agentes.

119.127

Amo os teus mandamentos mais do que o ouro. Nenhuma pessoa que se sentasse para escrever 176 louvores à lei poderia evitar repetir-se. Por conseguinte, temos aqui duas repetições. A primeira é o *amor* do poeta pela lei, um dos grandes temas deste salmo, conforme anoto no vs. 47, onde também há referências sobre esse conceito. Além disso, já vimos como o salmista valorizava a lei muito mais do que as riquezas terrenas, mencionadas sob os termos *ouro* e *prata.* Ver o vs. 72. Aqui o autor sagrado deixa de lado a praga e se refere somente ao *ouro,* ao ouro altamente refinado e puro e, portanto, de maior valor que o ouro ordinário. Esse ouro não continha nenhuma escória.

> *(As leis divinas) são mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado.*
>
> (Salmo 19.10)

A lei pura faz promessas aos indivíduos bons e ameaça de castigo os maus, e essa era uma das principais coisas que o poeta buscava, naquele momento crítico em que era assediado por seus inimigos. Ele precisava ver uma demonstração do valor da lei. Esse valor elevava os servos de Yahweh, tornando-os algo especial, pelo que também o Senhor os protegia e eles prosperavam.

119.128

Por isso tenho por em tudo retos os teus preceitos todos. Novamente, o autor sagrado reitera sentimentos que havia expresso antes. A pura lei, de maior valor do que quaisquer tesouros terrestres (vss. 72 e 127), era o Guia do poeta, dirigindo todos os seus passos. Cf. o vs. 105, onde a lei é declarada como *lâmpada para os pés* do salmista. O original hebraico é aqui um tanto incerto, mas "dirijo os meus passos por todos os teus preceitos" (Revised Standard Version e a tradução portuguesa da Imprensa Bíblica Brasileira) provavelmente é o verdadeiro sentido pretendido. O hebraico diz aqui, literalmente, "portanto, todos os preceitos de tudo quanto faço de correto", mas isso faz pouco sentido e provavelmente reflete um texto defeituoso. A Septuaginta e a Vulgata tentam adivinhar: "Portanto, por todos os teus mandamentos eu estava sendo dirigido". Ver a lei como *guia,* em Deu. 6.4 ss.

E aborreço todo caminho de falsidade. Temos aqui a repetição exaltada da segunda parte do vs. 104. Ver as notas expositivas ali. Cf. Sal. 101. Nosso homem não pisava em nenhum caminho falso, para fazer de alguma vereda perversa o seu costume. Pelo contrário, andava no caminho iluminado pela lei (vs. 105).

PÊ: A Décima Sétima Estrofe (119.129-136)

119.129

Admiráveis são os teus testemunhos. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o autor oferece-nos agora o *décimo sétimo conjunto* de *oito linhas* louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos para variar a sua expressão. Ver a introdução a este salmo na seção chamada *Salmos Acrósticos,* e ver também o vs. 1 para tomar conhecimento das *dez palavras* usadas para indicar a lei. A décima sétima estrofe é chamada *Pê,* sendo essa a letra hebraica repetida no começo das oito linhas. Em outras palavras, o termo que encabeça cada uma das oito linhas começa com essa letra hebraica.

A estrofe *Pê* é um Hino de Louvor à Lei e de agradecimento em vista de o salmista ter sido livrado dos inimigos. Assim sendo, em miniatura, parece-se com o próprio Salmo 119 em geral, com um pouco de salmo de lamentação misturado. Como um todo, o Salmo 119 é um Hino de Louvor à Lei.

Yahweh, o maravilhoso Deus e operador de coisas maravilhosas, tinha revelado Sua natureza e Sua vontade na esplêndida lei. O poeta dizia algo de significativo do Poder Eterno (Yahweh-Elohim), conforme Ele se revelou em Sua lei, a qual opera coisas maravilhosas em nosso favor, ou seja, em favor dos que obedecem, conforme deixa entendido a segunda parte do versículo.

Guardar a lei é um dos principais temas do Hino de Louvor à Lei, o Salmo 119. Ver sobre isso no vs. 44. A alma do salmista, todo o seu ser, dedicava-se à observância da lei. Sua vida consistia em observar a lei. Não era uma mera faceta de sua vida.

"Existe uma altura, um comprimento, uma profundidade e uma largura, na Palavra e nos Testemunhos, que são verdadeiramente estonteantes. Por essa causa, minha alma ama a lei e eu a estudo profundamente" (Adam Clarke, *in loc.*).

119.130

A revelação das tuas palavras esclarece. Já vimos a lei como *Luz.* Ver as notas expositivas no vs. 105. O peregrino no caminho de Deus não fica sem testemunho; ele não é deixado sem o mapa apropriado para atravessar esta vida terrena. Seus pés são postos no caminho reto, e esse caminho é bem marcado. Até o homem mais ingênuo (símplice) pode obter entendimento do estudo e da prática da lei. Naturalmente, nenhum homem poderia comparar-se ao autor deste salmo. Ele estava mais adiantado no conhecimento que os próprios mestres e anciãos (vss. 99 e 100). Mas suas altas realizações não impediriam um homem inferior de atingir algo menor, embora igualmente bom. Quanto à lei como fonte de *entendimento,* ver o vs. 73.

Ver *Luz, Metáfora da* e *Sabedoria,* no *Dicionário,* quanto a detalhes que servem para ilustrar este versículo.

A revelação. Quando a lei é *desdobrada* pelo grande Mestre, e por algum mestre humano delegado pelo grande Mestre, então até um homem símplice pode obter entendimento. Ver *Ensino,* no vs. 68 deste salmo. A Vulgata diz aqui *declaração.* A lei é declarada através do ministério de ensino e pelo Espírito. A Septuaginta diz aqui *manifestação.*

119.131

Abro a boca, e aspiro. Quanto a *aspiro,* cf. Sal. 38.10 e 42.1. Quanto ao *anelo* do coração do salmista por conhecer bem a lei, cf. o vs. 20 do salmo presente. O homem tinha sentimentos profundos a respeito da lei, sempre buscando mais e mais entendimento; sempre valorizando-a mais e mais; sempre obedecendo-lhe mais e mais. Essas palavras exibem uma espiritualidade que parte do coração, em contraste com um conhecimento racional. Nada havia de superficial no salmista.

Anelo. Há um sinônimo desta palavra no vs. 20, "desejar, incessantemente", que indica também ali o desejo ardente de conhecer e praticar a lei. Nosso homem "aspirava de boca aberta", conforme fazem os animais que têm profunda fome, ou como os que estão esfriando ou ventilando o corpo por causa de grande fadiga. Cf. Jó 29.23. Nosso homem era como alguém que desejava ardentemente a água quando está com sede, ou o ar quando está fatigado, as únicas coisas que podem satisfazer as necessidades básicas. Para o poeta, a lei era a necessidade básica. Foi aproveitada a metáfora de um animal sendo caçado. Ele corre, de boca aberta, para aspirar ar fresco; seu coração bate rápido e ele fica muito sedento. Ele deseja ardentemente a água doadora de vida e nada mais deseja naquele momento.

119.132

Volta-te para mim, e tem piedade de mim. Os brutais inimigos do salmista voltaram ao quadro, como tantas vezes aconteceu neste salmo. Mesmo no meio de seus hinos de louvor à lei, o salmista não podia esquecer aqueles homens bestiais que estavam dispostos a tirar-lhe a vida. Ver o vs. 95. Portanto, meditando sobre a grandiosidade da lei, sua maravilha e plenitude de promessas divinas, o poeta parou para invocar a Yahweh, pedindo livramento dos assédios de homens iníquos. Ele carecia de atos divinos graciosos para ser salvo. Precisava de uma *aplicação pessoal* do famoso amor de Deus, de misericórdias divinas acerca das quais homens piedosos compõem canções. Ver o vs. 134. A opressão estava amargurando sua vida. Ele estava buscando um *caminho de escape,* acreditando que somente a intervenção divina poderia conseguir tal resultado O salmista também queria ser amigo de Deus e, como tal, receberia Seu amor e cuidado. A reputação de Yahweh encorajava-o a levantar essa oração, pois sobre Deus é dito que Ele ama e ajuda os homens justos. O poeta sagrado encontrava textos de prova na lei a esse respeito. O *pacto abraâmico* garantia ao salmista uma resposta amorosa da parte de Yahweh. Quanto a esse pacto, ver Gên. 15.18.

Este versículo tem sido interpretado de maneira *geral,* sem tocar nos perseguidores do poeta sagrado. Todos os homens necessitam do amor divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor,* quanto a amplos detalhes. Além disso, este versículo tem sido *cristianizado* para fazer desse amor o amor de Cristo em Sua missão e em Seu evangelho. Isso nos leva diretamente a João 3.16. Quanto ao Senhor voltando-se para os homens, cf. Sal. 25.16 e 86.16.

O salmista buscava o rosto sorridente de Yahweh. O mero olhar do Senhor poderia curá-lo e livrá-lo. Cf. o vs. 90, onde se fala da *fidelidade* de Deus. Ver o vs. 76, quanto a um versículo quase paralelo. Somente este e o vs. 122, dentre todos os 176 deste salmo, não fazem menção à lei.

119.133

Firma os meus passos na tua palavra. O salmista estava convencido de que seguia a vereda certa, obedecendo à lei, de forma que todos os seus *passos* eram ordenados pelo Senhor. Assim ele teria uma proteção natural contra os seus inimigos, de tal forma que nenhuma iniqüidade exerceria domínio sobre ele. Essa é uma idéia geral. Ele se preocupava que todo o mal, interior e exterior, fosse derrotado, pelo menos até onde ele estava envolvido. Ver Rom. 6.14. Mas os versículos anteriores e posteriores mostram que ele continuava especificamente temeroso daqueles que queriam destruir-lhe a vida, e foi contra esse mal que ele orou especificamente.

Avançando com Passos Firmes. Se nosso homem desobedecesse à lei, estaria andando com passos claudicantes, como um aleijado. A lei tornava os passos de nosso homem firmes e seguros. Cf. o vs. 105, a vereda pela qual os peregrinos caminham. Cf. Jer. 10.23 e Pro. 3.6.

> *O Senhor firma os passos do homem bom, e no seu caminho se compraz.*
>
> (Salmo 37.23)

119.134

Livra-me da opressão do homem. Mediante expressões diversas, esta solicitação é feita repetidamente neste salmo. Cf. os vss. 115-117 e 122. Se nosso homem sofresse morte prematura, não poderia continuar escutando a lei, crescendo espiritualmente, ensinando a lei ao próximo e praticando boas obras. Um homem morto não pode observar a lei mosaica neste mundo.

A *observância da lei* é um dos temas principais do salmo. Ver notas no vs. 44.

Este versículo tem sido cristianizado para indicar o livramento do pecado de Adão, o perdão do pecado pelo sangue de Cristo; e os preceitos tornam-se os ensinos de Jesus quanto ao evangelho, e não os ensinamentos da lei.

Embora oprimido pelo pecado,
Vai a Ele em busca de descanso.
Ele é poderoso para livrar-te.

(William A. Ogden)

119.135

Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo. Ao que parece, essa era uma declaração favorita da fé dos hebreus, aparecendo aqui e ali nas Escrituras, de uma forma ou de outra. Provavelmente Núm. 6.25 é a origem das outras formas dessa declaração. No livro de Números, ela faz parte da *bênção sacerdotal* proferida por Arão. Ver Sal. 80.3,7,19, quanto a três repetições dessa afirmação. Sal. 4.6 diz aqui a *luz* do rosto de Yahweh, uma variação dessa afirmativa. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Luz, Metáfora da.*

O qual é uma luz para guiar, para corrigir, para entravar os errados e para reprovar.

(William Wordsworth)

Alguns Significados Possíveis do Rosto Brilhante de Deus:

1. *Proteção.* Compreendida com base no contexto. As trevas são más, e esse mal procurava arrebatar a vida do salmista.
2. *Iluminação.* Yahweh, por meio da lei, tornaria o homem sábio ainda mais sábio. Ver os vss. 98-100. Yahweh seria o seu *professor* especial. Nem tudo quanto sabemos vem de nosso estudo pessoal.
3. A certeza da *boa vontade* de Deus, que está sorrindo para nós, em vez de franzir o cenho.
4. Aparições ocasionais da presença de Deus, em uma visão *transformadora.*
5. *Providência geral* de Deus. Ver sobre *Providência de Deus* no *Dicionário.*
6. *Teísmo,* em lugar do deísmo. Deus criou todas as coisas e permanece com Sua criação a fim de guiar, intervir, punir e abençoar. Em contraste com o teísmo, o deísmo ensina que o Criador (ou alguma força criadora) abandonou a Sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Teísmo* e *Deísmo.*
7. *O favor divino* em favor daqueles que andam na lei.

Ensina-me os teus decretos. Ser ensinado por intermédio da lei, ou diretamente da parte de Yahweh, ou por Yahweh usando a lei — esse é um dos principais temas deste salmo. Quanto a notas expositivas a respeito, ver o vs. 68.

119.136

Torrentes de água nascem dos meus olhos. O salmista falava especialmente dos seus inimigos inclinados ao assassinato. Ele os temia, como é óbvio, odiava o caminho pelo qual seguiam e provavelmente os odiava também, em muitas ocasiões (vs. 104). Mas se sentia especialmente entristecido pelo fato de que eles e outros pecadores menores não obedeciam à lei de Deus.

Nascem dos meus olhos. Isso mostra a intensidade de sua tristeza, o uso bem colocado de uma hipérbole oriental, que exprime um sentimento genuíno, a despeito do exagero. As *lágrimas,* neste caso, representam uma profunda emoção. O poeta ficava emocionalmente perturbado quando pensava em homens sem piedade que desobedeciam aos mandamentos do Senhor. Ele sabia que isso só podia significar o sofrimento humano, e ele era sensível diante do sofrimento. Os ímpios fazem muitas vítimas inocentes e também caem vítimas de suas próprias corrupções.

O hebraico original é bastante vívido: "Meus olhos descem (dissolvidos) como riachos de águas". As versões árabe e siríaca retêm a declaração literal. Cf. Eze. 9.4, onde encontramos algo similar.

Jesus lamentou-se diante da rebelde cidade de Jerusalém (ver Mat. 23.37-39). "O zelo deveria ser temperado pela ternura de espírito. A indignação diante dos transgressores deveria ser juntada à tristeza e às lágrimas por causa deles" (Fausset, *in loc.*).

Muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes eu vos dizia e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.

(Filipenses 3.18)

"Oh, aquele espírito que lamenta as transgressões da terra! Mesmo assim, não ficamos devidamente convencidos da extrema pecaminosidade do pecado" (Adam Clarke, *in loc.*).

TSADÊ: A Décima Oitava Estrofe (119.137-144)

119.137

Justo és, Senhor. Seguindo o plano acróstico, o autor oferece-nos o *décimo oitavo conjunto* de *oito linhas* louvando a lei, para o que ele continuar a usar diversos termos, a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente na seção chamada *Salmos Acrósticos,* e ver também o vs. 1, quanto às *dez* palavras usadas para indicar a lei. Esta décima oitava estrofe é chamada de *Tsadê,* sendo essa a letra hebraica repetida no começo destas oito linhas. Em outras palavras, a palavra que encabeça cada uma das oito linhas tem início com essa letra hebraica.

A fonte originária da lei é justa, e o produto, a lei, é reto. Temos aqui a palavra "juízos", que pode ser sinônimo da lei, ou então essa expressão destaca o fato de que a lei requer julgamentos apropriados ou então a recompensa para os bons.

Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto.

(Deuteronômio 32.4)

Ver o vs. 142, onde é reiterada a mensagem essencial do versículo presente.

Retos os teus juízos. "Esses juízos acompanham as regras da justiça e da eqüidade; os preceitos da palavra, as doutrinas do evangelho, bem como os julgamentos de Deus contra os homens ímpios, todos os relacionamentos providenciais de Deus com o Seu povo e também o juízo final" (John Gill, *in loc.,* com uma cristianização da passagem).

Estes oito versículos, chamados Tsadê, são essencialmente um hino de louvor à lei, uma miniatura do Salmo 119, que tem essa natureza; mas, à semelhança de Pê (vss. 129-136), também há um pouco de salmo de lamentação, como é evidente nos vss. 139 e 143. Os *juízos* do vs. 137 provavelmente aludem àqueles versículos. O homem queria que os inimigos que lhe ameaçavam a vida fossem julgados por suas intenções homicidas. Dessa forma, o poeta teria sua vida poupada e poderia continuar em sua devoção à lei. Ver as notas expositivas desses dois versículos quanto a detalhes.

119.138

Os teus testemunhos tu os impuseste com retidão. Este versículo repete o que se lê no versículo anterior, exceto pelo fato de que aqui os juízos são os testemunhos. Os juízos eram retos e agora os testemunhos são muito *fiéis.* O autor continuava acumulando louvores à lei, atingindo o total de 176 versículos, cada qual com seu próprio louvor, embora com muitas repetições. Seria um estudo interessante alguém examinar todos esses 176 versículos para ver quantos deles são realmente distintos, isto é, originais no Salmo 119, sem repetição. Se comparássemos cada um deles ao saltério, é provável que não haveria muitos versículos originais. Somente os vss. 122 e 132 não mencionam a lei. Também há muitos trechos paralelos no livro de Jó, pelo que estamos tratando aqui com um fundo comum de declarações poéticas que um poeta tomou por empréstimo.

"Teus testemunhos são retos e fiéis ao máximo" (Burgess). Cf. Sal. 7.6 e vs. 144 do salmo presente. Muitas promessas e ameaças estão contidas neste salmo. E, conforme o autor sagrado reivindicou, todas são *dignas de confiança.* Nenhuma falsidade foi perpetrada em seus versículos. A providência divina, negativa e positiva, cuidaria que tudo seria demonstrado nas experiências humanas. O vs. 86 já informara que "todos os mandamentos são fiéis". Cf. Sal. 93.5, que tem uma mensagem idêntica. "Essas são afirmações do Deus que não pode mentir" (John Gill, *in loc.,* o qual prossegue a fim de cristianizar o versículo, dizendo que as promessas têm todas o *sim* e o *amém em Cristo.* Nisso ele até incluiu a justificação pela fé).

119.139

O meu zelo me consome. Este versículo é uma leve modificação dos vss. 87 e 136, mas aqui é o poeta que é consumido por seu zelo pela lei, em vez de seus inimigos, e a figura do muito chorar por causa de homens desviados é substituída pela simples declaração de seu imenso zelo pela lei. No vs. 136 os inimigos brutais do salmista tinham buscado a sua vida (vs. 95), não *guardavam* a lei e, além disso, *esqueciam* as *palavras* de Yahweh. O impacto dos versículos é o mesmo. O salmista estava envolvido de tal modo em seu alvo que quase fora destruído internamente por seu zelo, em contraste com os seus adversários, que não tinham o menor zelo pela lei mosaica (a qual tinham esquecido). Pelo contrário, eles cultivavam o desejo de quebrar o maior dos mandamentos, matando a um semelhante.

Quanto a um paralelo direto à primeira parte deste versículo, ver Sal. 69.9. Ali, porém, o zelo declarado era pelo templo, a casa do Senhor. O zelo de nosso homem era como um fogo que consome tudo quanto está em seu caminho, um animal faminto que devora rapidamente a sua presa.

119.140

Puríssima é a tua palavra. Já vimos no vs. 139 a declaração sobre a pureza da lei, chamada aqui de "palavra", na figura do ouro purificado, ao qual a lei é comparada. Ver o vs. 127. Sal. 12.6 é um paralelo direto. A lei tanto é pura em si mesma como é um agente purificador: o estudo e a meditação da lei tornam os homens puros. "Ela é pura em si mesma e purifica o coração humano" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Imprensa Bíblica Brasileira diz "fiel a toda prova", na tentativa de preservar mais o original hebraico envolvido. O hebraico literal diz "expurgado pelo teste". A Septuaginta diz "testado a fogo", dando-nos a figura do vs. 127. Mas a Revised Standard Version traduz as palavras por "tua promessa é bem testada".

Por isso o teu servo a estima. A palavra, bem testada como é, cumpre, para o homem que a estuda, todas as promessas ali contidas. Assim sendo, o homem aprende a amar a lei, devido à sua fidelidade e bondade para com os seres humanos. Quanto a amar à lei e nela deleitar-se, ver as notas expositivas no vs. 44. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*. O mais elevado mandamento da lei é o amor, e uma das coisas que os homens bons amam é a lei. Ver Deu. 6.5.

119.141

Pequeno sou e desprezado. *Se o poeta se tinha tornado mais sábio* do que seus mestres, e também mais sábio que os idosos ou anciãos (vs. 100), então, espiritualmente falando, era um grande homem em Israel. No entanto, vivia sendo pisado por inimigos assassinos, que o haviam reduzido a quase nada. Diariamente, a vida dele era ameaçada por essa loucura. Mesmo assim, ele não abandonou seu zelo fanático pela lei. Aquele documento condenava os atos dos inimigos do nosso homem, que tinham subido a posições de mando e oprimiam os pobres. *Eles já tinham feito muitas vítimas. O poeta tornara público que tipo de homens* eles eram e quais eram seus maus caminhos. Não era de admirar que eles procurassem tirar-lhe a vida. Assim sendo, apesar de o salmista ser um gigante espiritual, era um verme espezinhado na sociedade. Tanto zelo pela lei era a causa das perseguições que o vitimavam, mas nada disso o forçava a abandonar seu zelo. Eles quase o haviam esmagado, mas isso não significava que ele tinha parado em suas tiradas contra os transgressores da lei e contra as injustiças sociais. Embora pequeno aos olhos dos homens, ele era grande diante de Deus. Ver I Cor. 1.27; Luc. 1.15. Sem dúvida alguma ele temia os seus inimigos, pois através de todo o salmo clamou para Yahweh livrá-lo de planos violentos; contudo, esse temor não era suficiente para vencer o temor a Deus e à Sua lei. Portanto, ele não se desviou de seu curso justo. Cf. Sal. 22.6 e Isa. 53.3, versículos considerados messiânicos; alguns estudiosos vêem neste versículo alusões messiânicas.

119.142

A tua justiça é justiça eterna. Este versículo é paralelo aos vss. 7, 62, 106, 137, 144, 160, 164 e 172. O Legislador é justo, e justa é a lei que Ele deu à nação de Israel. Em cada uma dessas referências há notas expositivas adicionais. A retidão da lei é um tema central deste salmo. A justiça e o amor se unem. Uma única palavra hebraica (de acordo com o hebraico clássico) era usada para ambas as idéias. Platão sempre vinculou o poder mais alto como bem mais alto, e sempre fazia esse bem mais alto, justo. Ademais, não devemos esquecer a benevolência daquele Bom Poder, que é, igualmente, um dos grandes temas dos salmos, inclusive deste salmo. *Cf. Rom. 3.25,26 com o trato misericordioso de Deus com os* homens, visando seu eterno bem. Aqui a lei é chamada de "própria verdade", sendo essa uma das qualidades da retidão. A lei não pode mostrar-se falsa às suas promessas, as quais operam o bem para os homens. Cf. Sal. 19.9 e João 17.17.

> *Os juízos do Senhor são verdadeiros e todos igualmente justos.*
>
> (Salmo 19.9)

Justiça eterna. A justiça e a retidão de Deus são eternas, e isso se reflete na lei. Se o Doador é eterno, eterno também é o Seu dom.

119.143

Sobre mim vieram tribulação e angústia. O poeta sagrado, quase tão consumido pela tribulação que estava atravessando, como se consumia por amor à lei, novamente voltou a falar das perseguições que estava sofrendo às mãos de homens violentos, cheios de planos assassinos. Não obstante, bem no meio de sua angústia, ainda assim ele se deleitava na lei (um dos grandes temas deste salmo). Ver sobre amar a lei e nela deleitar-se, no vs. 47. Cf. o vs. 95, quanto à severidade de sua provação. A seção do Salmo 119 chamada Tsadê, embora seja essencialmente um hino de louvor à lei, tem vários versículos que se assemelham a salmos de lamentação. Ver as notas no vs. 137, quanto à natureza desta *décima oitava estrofe*. Ele estava sendo caçado por seus inimigos, "como cães que seguissem um animal feroz" (Fausset, *in loc.*). Ver o vs. 110, quanto às *armadilhas* armadas para ele. Ver o vs. 85, quanto às *covas* preparadas para ele. *Parte de sua tribulação era que ele se deleitava na lei e continuava pronunciando*-se contra os perversos, que tinham maculado a sociedade. Estes ansiavam vingar-se, mas isso em nada alterou a relação do salmista para com a lei, seus estudos e seu uso privado e público dos decretos divinos.

119.144

Eterna é a justiça dos teus testemunhos. *Mais dois elementos* que já tinham sido vistos várias vezes neste salmo são repetidos aqui. Vejamos:

1. Novamente somos informados sobre a *retidão* da lei, aqui chamada de *testemunhos*. Ver no vs. 1 as *dez* expressões que o poeta usou para apontar a lei. Ver os vss. 7, 62, 106, 142, 160 e 164, quanto à retidão da lei.
2. Em seguida, o salmista, uma vez mais, convocou Yahweh a dar-lhe *compreensão*, outro tema principal deste salmo.

Embora o salmista já tivesse logrado maior compreensão que os seus mestres (vs. 99) e os anciãos (vs. 100) e embora fosse o homem *número um* na lei, em Israel, ainda assim continuava a invocar Yahweh para dar-lhe mais sabedoria e entendimento. Embora o autor sagrado fosse um *mestre consumado,* ainda assim tinha muito que aprender da parte de Yahweh. Quanto ao *entendimento,* ver um sumário dos significados no vs. 73. *Cf. João 17.3. Conhecer a Cristo é ter* a vida eterna. O salmista não antecipava o fato messiânico, mas tinha boa compreensão da espiritualidade e dos poderes doadores de vida da Palavra de Deus, quando um homem adquire compreensão.

CÔFE: A Décima Nona Estrofe (119.145-152)

119.145

De todo o coração eu te invoco, ouve-me, Senhor. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o autor sacro oferece-nos agora o *décimo nono conjunto* de *oito linhas* louvando a lei, para o que ele continuava a usar diversos termos para variar a sua expressão. Ver a introdução ao salmo presente na seção chamada *Salmos Acrósticos,* bem como o vs. 1, quanto às *dez* palavras usadas para indicar a lei. Esta décima nona estrofe é chamada *Côfe*, sendo essa a letra hebraica repetida no começo de todas essas oito linhas. Quer dizer, a palavra que encabeça cada uma das oito linhas começa com essa letra hebraica.

Esta estrofe é essencialmente um *salmo de lamentação,* embora mesclada a vários louvores à lei. Outro tanto se pode dizer em relação às seções *Dálete* (vss. 25-32) e *Sâmeque* (vss. 113-120). Os salmos de lamentação são, de longe, o grupo mais numeroso do saltério. Ver as dezessete classes de salmos no gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea.

Os clamores do poeta, *de todo o coração,* dirigiam-se a Yahweh, para que Ele o livrasse daqueles homens iníquos que pretendiam destruí-lo (vs. 95), sendo este um tema persistente neste salmo. Yahweh, porém, parecia distante, talvez até indiferente (ver *Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1*). Portanto, o salmista clamou a Deus que voltasse os ouvidos na sua direção e o *ouvisse*. Tais expressões são, naturalmente, antropomórficas, atribuindo a Deus o que é comum aos homens. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.*

Observo os teus decretos. Temos também aqui um tema comum a este *salmo e, de fato, a todo o saltério. No vs. 44, apresento notas a respeito e outras* referências sobre a guarda da lei. A lei, neste caso, envolve os aspectos moral, cerimonial e ritual. Os hebreus pensavam que todos esses aspectos eram morais. Isso também significava praticar boas obras em favor de outras pessoas, em contraste com as obras socialmente destrutivas dos inimigos do poeta.

Temos aqui uma promessa, que pode ter sido formalizada sob a forma de um *voto,* firmado no templo: se Yahweh livrasse o salmista de seus inimigos, então ele continuaria a fazer da lei a sua vida, com toda espécie imaginável de obediência e devoção. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*. Acredito que a menor oração pode ser ouvida acima do fragor da tempestade, conforme diz certo hino evangélico. E essa era a confiança do poeta.

119.146

Clamo a ti; salva-me. Este versículo é uma leve modificação do versículo anterior, que o poeta adicionou para efeito de ênfase. O salmista trocou a palavra "decretos" pelo vocábulo "testemunhos". E também usou a palavra "salvar" para completar o grito pedindo "ajuda". Ele disse: "Ouve-me! Salva-me!". Mas não temos em vista aqui a salvação evangélica que alguns cristianizam neste versículo. O que o salmista realmente pediu foi a intervenção divina *necessária* para que fosse salvo de ser assassinado. Yahweh precisava poupar a sua vida, pois, do contrário, a qualquer momento ele seria um homem morto, e os mortos não

louvam a Deus, de acordo com a fé dos hebreus naquele tempo. Ele estava cercado de *tribulações* e *angústias* (vs. 143), pois sofria ameaça de morte prematura, que os hebreus tanto temiam. Precisava de Deus como *fiador* (vs. 122), porquanto estar sozinho era estar perdido. Era *tempo* de Yahweh *agir* (vs. 126), pois do contrário seria tarde. Ele precisava de um *livramento final* de seus adversários (vs. 134) para que pudesse dar prosseguimento à sua vida piedosa.

119.147

Antecipo o alvorecer do dia e clamo. O homem estava consumido por sua angústia de tal modo que não podia dormir sossegadamente, e mesmo antes do *alvorecer* já estava acordado, lançando apelos para que Yahweh o livrasse de seus inimigos. Ele clamava a Deus e continuava esperando em sua *palavra*, a lei, que promete vida longa e prosperidade para os bons e julgamento súbito contra os maus. Portanto, ele estava lançando um "clamor apaixonado para ser salvo da perseguição" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 145). Cf. Sal. 5.3 e 45.17.

O alvorecer. O hebraico original diz aqui, literalmente, *o respirar,* termo usado para indicar uma brisa fraca que sopra tanto ao nascer-do-sol (Jó 7.4) quanto ao pôr-do-sol (Jó 24.15; Pro. 7.9).

Na tua palavra espero confiante. Quanto à idéia de esperar o cumprimento da lei, ver também os vss. 43, 49, 74, 81, 114, 116 e 166. O livramento dos inimigos repousava sobre a esperança de que Yahweh tinha insuflado em Sua lei muitas promessas para aqueles que lhe obedecem. Isso é cristianizado para fazer dessa esperança a esperança em Cristo, com a resultante vida eterna. Ver Heb. 4.14,17 e 9.19-23. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança.*

119.148

Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas. O salmista continuava levantando-se durante a noite para orar pedindo alívio e, naturalmente, isso também fazia parte de seus exercícios espirituais. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Oração.* Ele se levantava antes do alvorecer, quando brisas frescas começavam a soar, anunciando para breve a chegado do sol (vs. 147), e também se levantava antes das várias vigílias da noite. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vigílias.* Os tempos ordinários de oração eram pela manhã e à tardinha, e alguns adicionavam a isso o meio-dia. Mas o poeta se levantava para orar intermitentemente, durante a noite inteira. Se ele não estivesse enfrentando a ameaça de morte, talvez se mostrasse menos zeloso em oração. É em tempos de necessidade especial que nos voltamos para a oração, o que, algumas vezes, é nossa única solução. A experiência demonstra que há poder na oração, pelo que continuamos a orar. A oração continua a operar coisas que este mundo profano nem ao menos sonha.

A oração é o hábito vital do crente,
E a sua atmosfera nativa,
É o seu lema às portas da morte,
Pois ele entra no céu pela oração.

(James Montgomery)

Para os antigos piedosos anglo-saxões (contido no manuscrito *Saxon Homily,* Doming. 3, com data de 971 D. C.) há orientações detalhadas para se fazer o sinal da cruz *sete vezes* ao dia. Esses eram tempos de observações devocionais, incluindo a oração. Era exigido que, à noite, as pessoas se levantassem pelo menos uma vez no meio da noite, preferivelmente à meia-noite.

O salmista, com piedade similar, estava sempre *meditando* sobre a lei. Ver comentário desse assunto no vs. 97, onde ofereço notas expositivas e referências a outros lugares, neste salmo, que falam sobre a mesma prática.

119.149

Ouve, Senhor, a minha voz. Uma vez mais, o salmista clama para que Yahweh *o ouça* (ver o vs. 145). Ele queria ser ouvido à base do *amor constante* de Deus, expressão encontrada por muitas vezes no saltério. Se Yahweh ouvisse, a vida do salmista estaria salva. Yahweh agiria com *justiça,* porquanto o poeta era um homem bom, inocente de qualquer crime, e isso provavelmente tê-lo-ia tornado alvo do ódio de seus inimigos. A lei prometia vida longa e próspera para os indivíduos justos (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Mas ameaçava de morte prematura ao homem mau. A teologia hebraica da época não adicionava em suas promessas uma recompensa para os bons *além-túmulo,* nem, em suas ameaças, a punição para o ímpio na *outra vida.* Em Dan. 12.2 encontramos esse tipo de ensino, que foi bastante tardio no judaísmo. Os livros do período entre o Antigo e o Novo Testamento, pseudepígrafos e apócrifos, desenvolveram essas doutrinas, e o Novo Testamento deu um passo ainda mais adiante. Cf. o vs. 132. Os que amam o nome de Deus serão amados e, se forem amados, então a vida deles será longa e abençoada.

Quanto à justiça de Deus ao salvar a vida do homem, ver os vss. 156 e 175. Quanto a declarações similares, ver os vss. 25 e 132.

Vivifica-me. Ver neste salmo os vss. 25, 37, 40, 88, 107, 149, 154, 156 e 159. O homem orou pela *preservação* de sua vida física como se precisasse de uma infusão divina. Ele não estava falando da ressurreição nem da sobrevivência eterna da alma, embora muitos intérpretes vejam ambas as coisas nesses versículos, e também aqui. O homem perseguido estava na lista das possíveis vítimas de seus inimigos. Se nenhuma intervenção divina ocorresse, ele já poderia até ser considerado morto. Portanto, como se já tivesse morrido, o poeta orou para ser-lhe outorgada vida nova. "Esta é uma oração pela primeira obra da graça vivificadora, ou como a primeira implantação do princípio da vida espiritual" (John Gill, *in loc.,* que cristianizou o versículo).

119.150

Aproximam-se de mim. Os inimigos propensos ao assassínio estavam aproximando-se do salmista, e o cercavam como se ele fosse um animal a ser morto. Ele era a presa e eles o haviam encostado à parede. Assim o poeta orou para que Yahweh agisse com prontidão (vs. 126). Era *tempo de Yahweh agir.* Quase tarde demais. O pobre homem estava sendo perseguido com um *mau propósito,* com o que era a pior coisa possível para a mentalidade dos hebreus: *a morte prematura.* Aqueles homens assassinos estavam *perto* e, por isso, Yahweh também teria de *aproximar-se* sem tardança. Se os pecadores estavam *próximos* do poeta, a fim de tirar-lhe a vida, estavam muito *distantes* da lei, a qual proibia as injustiças e o homicídio. "Quanto mais perto chegavam, com impiedade premeditada, mais se distanciavam da lei" (Fausset, *in loc.*).

"Certos homens não conseguem dormir enquanto não praticam alguma maldade. Eles se inclinam para o mal e passam de mal a mal. Buscam freneticamente a maldade, como um caçador que se aproxima de sua presa. Na verdade, porém, eles se estão apressando para a própria morte" (John Gill, *in loc.*). Cf. Rom. 8.7 e Isa. 5.24.

119.151

Tu estás perto, Senhor. O poeta confiava que Yahweh estava *aproximando-se,* naqueles momentos críticos, para eliminar os homens homicidas, aos quais ele encontraria na porta do homem pobre.

> *Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade.*
>
> (Salmo 145.18)

Ver também Jer. 23.23. Deus aproxima-se dos homens bons quando eles estão passando por suas crises, visto que têm honrado e obedecido à lei, e porque essa mesma lei lhes faz promessas verazes. "Todos os teus mandamentos, com suas ameaças e promessas, são verdadeiros" (Fausset, *in loc.*). "Quando eles estão prestes a destruir, assim também Deus está prestes a salvar" (Adam Clarke, *in loc.*).

Verdadeiro, Verdade. Quanto à lei e suas provisões como *verdadeiras,* e a lei como *verdade,* ver os vss. 30, 43, 142, 151 e 160. Cf. Sal. 19.9. A lei faz ameaças e promessas verdadeiras; exprime verdades espirituais para o progresso da alma; fala palavras verdadeiras acerca de Deus; dá orientações verdadeiras quanto à vida diária (ver as notas em Deu. 6.4 ss.); essas são as provisões do pacto mosaico (ver a introdução a Êxo. 19).

Oh, Verdade, imutável, sem mudanças,
Oh, Luz de nossos céus escuros.
Nós te louvamos pela irradiação
que vem da página santa.
Uma lâmpada para nossos passos
Que brilha de era para era.

(William W. How)

119.152

Quanto às tuas prescrições. Cf. o vs. 89, onde discuto sobre a alegada eternidade da lei, um princípio de crença para os hebreus, ultrapassado pela revelação cristã. O poeta há *muito sabia* que a lei fora fundada por Yahweh, e nada jamais poderia abalar esse alicerce. Essa foi uma das primeiras coisas que o mestre do poeta lhe havia ensinado. A lei é retratada como um edifício planejado e construído por Deus, com um firme fundamento.

Quão firme fundamento
Foi posto para a tua fé em
Sua excelente Palavra.

(J. F. Wade)

Cf. os ensinamentos de Jesus sobre os dois alicerces: Mat. 7.25.

Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

(Lucas 21.33)

As estabeleceste. De conformidade com o ensinamento dos rabinos, na eternidade passada, mas então revelada parcialmente no *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18) e então mais plenamente no *pacto mosaico* e na *lei* (ver a exposição no capítulo 19 do livro de Êxodo).

... as cristianização deste versículo diz que a lei teve prosseguimento no evangelho e nos ensinamentos de Cristo; portanto, a lei aparece aí como eterna. Ou então poder-se-ia dizer que Cristo e sua lei espiritual do Espírito tomaram lugar da antiga lei mosaica.

RECHE: A Vigésima Estrofe (119.153-160)

119.153

Atenta para a minha aflição, e livra-me. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o autor sagrado dá-nos agora o *vigésimo conjunto* de *oito linhas* para louvar a lei, e para isso ele continua a usar diversos termos a fim de variar sua expressão. Ver a introdução a este salmo para averiguar as *dez palavras* usadas para indicar a lei. Esta vigésima estrofe é chamada *Reche*, sendo essa a letra hebraica que se repete no início de cada linha. Ou seja, a palavra que encabeça cada uma dessas oito linhas começa com essa letra hebraica.

Reche é outro *salmo de lamentação*, como *Dálete* (vss. 25-32), *Sâmeque* (vss. 113-120) e *Côfe* (vss. 145-152). Tal como essas outras seções, também há louvores à lei espalhados por todo este salmo. Essa é uma "oração para a preservação da vida do salmista" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 53).

Atenta para a minha aflição. Todas as declarações deste versículo foram vistas antes no salmo. O clamor do poeta sagrado era que Yahweh desse atenção à sua desesperadora situação. Do contrário, seus inimigos muito em breve o assassinariam. Ele carecia, pois, de ajuda imediata. Yahweh tinha de ser o fiador do homem (vs. 122), estando com ele na tribulação e na angústia (vs. 143). O salmista precisava contar com o poder de Deus para que seus destruidores potenciais estacassem (vs. 95); chegara o tempo de Yahweh agir (vs. 126); o poeta precisava de um livramento final de seus inimigos (vs. 135).

Aflição. Cf. os vss. 50 e 92. Ver Sal. 25.18.

Livra-me. Cf. os vss. 134, 154 e 170. A despeito de suas provações severas, o salmista não *esquecia* a lei. Quanto a esse pensamento, ver os vss. 16, 83, 109, 141 e 176. Na lei, pois, o salmista tinha *esperança* (ver o vs. 147).

Lembra-te, Senhor, do que nos tem sucedido; considera, e olha para o nosso opróbrio.

(Lamentações 5.1)

119.154

Defende a minha causa, e liberta-me. Cf. Sal. 35.1 e Miq. 7.9. O pobre homem queria viver, e não ser vítima de algum insensato em um esquema de assassinato. A linguagem aqui usada é a de um tribunal. Ele precisava de um *advogado* e entregara isso nas mãos de Yahweh. Talvez seus inimigos o estivessem acusando diante de um tribunal na tentativa de executá-lo judicialmente por algum crime alegado. O salmista era um homem bom que guardava a lei; defendia a causa dos pobres e fracos; objetava aos saques praticados por homens ímpios contra outras pessoas e contra o salmista; era odiado por esse motivo e tornou-se objeto de um plano assassino.

Acorda, e desperta para me fazeres justiça, para a minha causa, Deus meu e Senhor meu.

(Salmo 35.23)

Este versículo também tem sido cristianizado. Cristo torna-se aqui o *Advogado* do crente para pleitear a sua causa no tribunal dos céus e assim conseguir-lhe a vida eterna (I João 2.1).

Vivifica-me. Sobre como estas palavras são usadas nos salmos, ver o vs. 149, onde ofereço notas expositivas e referências. O homem solicitava a preservação de sua vida física.

119.155

A salvação está longe dos ímpios. É altamente improvável que o poeta estivesse observando aqui que a salvação da alma não é obtida pelos ímpios. Esta é uma doutrina primária no Novo Testamento, mas quase sempre está em vista, nos salmos, a idéia de *livramento* de qualquer dano físico ou morte prematura. O que o salmista estava dizendo é que um homem bom pode pleitear por sua vida quando em situação de perigo, e sempre será ouvido. O homem mau, embora ore, não será livrado, mas cairá vítima da morte prematura. Isso sucede porque ele merece tal coisa, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Que esse é o sentido pretendido fica provado pelo contexto geral no qual o homem clamava para Yahweh livrá-lo de seus inimigos mortais. Um homem bom busca obedecer aos estatutos da lei, e por isso é favorecido. Um homem mau desvia-se da lei como uma ovelha perdida que desobedece ao Pastor (vs. 118). Ele esquece os mandamentos (vs. 139) e, por isso, é esquecido pelo Legislador. Tal homem não deve esperar ser livrado por Yahweh quando clamar em sua hora de desespero. Pessoas desse naipe não *buscam* conhecer os mandamentos nem colocá-los em prática. E nem são favorecidas por Deus em tempos de necessidade. Em contraste, o poeta buscava Yahweh de todo o seu coração (vs. 10) e pleiteava que Ele o livrasse, porquanto buscava conhecer e obedecer aos seus preceitos (vs. 94). Os homens que estão distanciados da lei também estão distantes do livramento (vs. 150).

119.156

Muitas, Senhor, são as tuas misericórdias. O poeta sagrado, que estava em aflição, observou que as *misericórdias* de Deus são realmente grandes, pelo que ele tinha boa oportunidade de ser mantido vivo, a despeito dos planos atrevidos dos que procuravam matá-lo. Quanto à idéia de *ser mantido vivo*, o salmista usou a expressão *Vivifica-me, como acabamos de ver no vs. 154, e que foi* anotado no vs. 149. Este é um dos grandes temas do salmo, quando o autor fala de suas aflições e expressa a necessidade de libertação dos inimigos que queriam tirar-lhe a vida (vs. 95).

As misericórdias de Deus formam uma *multidão* (conforme diz o hebraico, literalmente) e são suficientes para acudir a todas as misérias e pecados humanos. As misericórdias de Deus operam através da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), tanto em seus aspectos negativos quanto em seus aspectos positivos. Ver também no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Misericórdia (Misericordioso).* É a misericórdia de Deus que inspira a misericórdia humana, sendo esse um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5.22,23). O poeta sagrado, por observar a lei (vs. 44), mostrava-se cuidadoso em cumprir as obras de misericórdia em favor do próximo e, por isso mesmo, merecia a misericórdia de Deus em sua hora de provação. A *misericórdia doadora de vida* haveria de salvá-lo dos planos homicidas de seus adversários. A misericórdia de Deus lhe daria um lugar de refúgio.

Se quiseres ser feito puro e são,
Se quiseres atingir o mais elevado alvo,
Então tua alma deve ocultar-se em Deus.

(Alfred H. Ackley)

119.157

São muitos os meus perseguidores e os meus adversários. O salmista não tinha abandonado a lei, conforme fizeram os ímpios (vs. 118), embora a perseguição de seus muitos inimigos o inspirasse exatamente a isso. Sem dúvida, parte dessas perseguições era porque ele fazia o bem pelos pobres, apoiando-os em face de seus exploradores, objetando aos saques de seus inimigos, dele mesmo e de outras pessoas. Ver o vs. 51, bastante similar a este versículo.

Não tornou atrás o nosso coração, nem se desviaram os nossos passos dos teus caminhos.

(Salmo 44.18)

Não me desvio. Uma *guinada* (ver a Revised Standard Version) por causa da oposição, tomar uma direção diferente como um regato que tinha topado uma barreira ou obstáculo intransponível.

119.158

Vi os infiéis, e senti desgosto. Os obreiros da iniqüidade eram um desgosto para o poeta sagrado. Outra versão portuguesa diz aqui *me afligi.* Ellicott (*in loc.*)

explica a palavra hebraica como "cheio de desgosto" ou "doente de desgosto". O vs. 104 diz que ele "odiava cada caminho falso", e este versículo chega muito perto de afirmar que ele também odiava os que perpetravam e trilhavam caminhos falsos. Em contraste com o salmista, eles não guardavam a lei, chamada aqui de "tua palavra". Ver a obediência à lei, anotada no vs. 44.

Os traidores eu sondo,
E os mando embora, aborrecido.

(Keble)

Cf. Sal. 25.3. Cf. o vs. 136 e Esd. 9.4. "... infiéis a seu dever do pacto para com o próximo, bem como para com Deus" (Fausset, *in loc.*). "Eles não tinham consideração pelas doutrinas, nem observavam os preceitos nelas contidos, antes desprezavam, rejeitavam e se alijavam delas" (John Gill, *in loc.*). A rejeição à lei não se dava meramente em teoria; eles eram corruptores da sociedade, perseguidores dos pobres, saqueadores e assassinos.

119.159

Considera em como estremeço os teus preceitos. Encontramos aqui várias repetições de coisas que já tinham sido vistas neste salmo: 1. O poeta amava os mandamentos e neles se deleitava (ver as notas do vs. 47). 2. Ele estava sendo perseguido e fazia parte da lista de possíveis vítimas dos destruidores, pelo que precisava ser vivificado. Ver sobre *vivifica-me,* no vs. 149. 3. Ele dependia do *amor constante* de Deus para ser livrado da morte. Ver os vss. 88, 149 e 159. Ver os seguintes outros trechos dos salmos: 17.7; 26.3; 36.7,10; 40.10,11; 42.8; 51.1. 63.3; 88.11; 89.33; 92.2; 103.4 e 107.43.

Yahweh, observando o homem fiel, teria misericórdia dele, exercendo o Seu amor e salvando-o de seus inimigos.

119.160

As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio. Temos aqui três conceitos que repetem declarações anteriores do salmo, a saber: 1. A *palavra,* ou seja, a lei, é verdadeira (vs. 151). 2. A *palavra* (lei) é eterna, o que também pode significar que veio "desde o princípio". Nesse caso, temos um paralelo ao vs. 89, onde dou notas expositivas e referências sobre o conceito. Ver também Sal. 119.142 e 144. Mas, em vez de "desde o princípio", alguns intérpretes preferem traduzir por *súmula,* ou seja, "a súmula da tua palavra é a verdade". Mas, avançando mais um passo, o mesmo versículo declara-se favorável à eternidade da lei — "dura para sempre". 3. Os juízos de Deus são justos (vss. 7, 62, 106, 138, 160 e 164). Ver a retidão eterna de Deus no vs. 142, e a eternidade dos Seus justos testemunhos no vs. 144.

Cf. o vs. 152 e Sal. 19.8,9. Os louvores da lei aqui não são meramente por causa do louvor a alguma grande coisa. Se essas coisas são verdadeiras no tocante à lei, então o poeta sagrado tinha boas razões para ser favorecido, por exemplo, com o livramento dos inimigos, tema constante desta seção (Reche, vss. 153-160).

CHINE: A Vigésima Primeira Estrofe (119.161-168)

119.161

Príncipes me perseguem sem causa. Seguindo o plano de compor um poema acróstico, o autor agora oferece o vigésimo primeiro conjunto de *oito linhas de louvor à lei,* para o que ele usou diversos termos a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução a este salmo na seção chamada *Salmos Acrósticos,* e então o vs. 1, quanto às *dez* palavras usadas para indicar a lei. Esta vigésima primeira estrofe é chamada de *Chine,* pois cada uma de suas oito linhas principia com a letra hebraica assim chamada.

Chine: "Contraste o leitor a piedade do poeta com as ações injustas de seus perseguidores" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 61). Este salmo é uma mistura de elementos: contém declarações de lamentação, bem como declarações que tipificam os hinos de louvor à lei.

Entre os muitos inimigos do salmista, muitos eram pessoas bem colocadas na sociedade dos hebreus, como oficiais do governo, homens que tinham adquirido posições de mando mas abusavam dessa posição. Cf. o vs. 23 com a idéia, que ali foi apresentada pela primeira vez. O poeta havia ofendido homens poderosos, os quais usavam sua posição para explorar homens menos favorecidos, saquear os pobres e promover atos de egoísmo e violência. Tudo isso vinha sendo praticado sem consideração por indivíduos inocentes, entre os quais o salmista se incluía. Em contraste com tais homens, que não levavam em conta a justiça requerida pela lei, ele admirava profundamente os decretos divinos, em seu homem interior e espiritual, ou seja, em seu *coração.* Ele temia ser como eles, porquanto temia os julgamentos divinos.

O meu coração teme. Quanto ao temor a Deus e à Sua lei, chamada aqui de *palavra,* ver o vs. 38, *onde ofereço um sumário de idéias. Ver também, no Dicionário,* o verbete denominado *Palavra,* quanto a maiores detalhes. Através de seu profundo respeito reverente, o salmista evitava a companhia má de homens malignos e promovia o bem sob a forma de feitos de caridade e amor, em favor do próximo. Em vez de ser um *explorador* (como eram os seus adversários), o salmista era um *benfeitor* da sociedade.

Esta seção (vss. 161-168), tal como a seção 97-104, não contém nenhuma petição.

119.162

Alegro-me nas tuas promessas. O nosso homem se regozijava no bem, em Deus e nas palavras (lei). Aí estava o seu grande despojo, em contraste com seus inimigos, que tinham um *despojo literal,* ou seja, os bens materiais e a propriedade daqueles a quem tinham expropriado injustamente. Cf. Isa. 9.3. "Quando Deus abriu os seus olhos, ele passou a contemplar as maravilhas da lei, e cada nova descoberta era como encontrar um prêmio" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. a história do homem que encontrou um tesouro em um campo e, com arrebatadora alegria, comprou o campo para que pudesse garantir para si aquele tesouro (Mat. 13.44).

A alegria estava na *compreensão* do salmista, conforme disse Kimchi (ver o vs. 73) e como é óbvio para os que seguiam a lei mosaica. As doutrinas podem *produzir alegria, porquanto existem deleites mentais, mas fazer o bem ao próximo,* em obediência à lei, e conferir aos outros alguma felicidade, nunca pode ser ignorado. É a mesma coisa que viver a lei do amor, o primeiro de todos os mandamentos (ver Deu. 6.5).

Este versículo tem sido cristianizado para falar da alegria na fé cristã. Há alegria para quem serve a Jesus.

119.163

Abomino e detesto a mentira. Este versículo reitera dois conceitos encontrados repetidamente: a) O ódio à mentira e aos falsos caminhos (ver os vss. 104, 113, 128 e 163). Ver o vs. 158, onde somos informados que nosso homem adoeceu ao contemplar os ímpios que desconsideravam a lei. Ele ficou cheio de desgosto quanto a eles e a seus caminhos. b) Em contraste com os ímpios, o salmista amava e colocava em prática a lei de Deus. Essa era a razão mesma de sua vida. Quanto a deleitar-se na lei e a amá-la, ver o vs. 47, onde dou notas e outras referências que falam sobre o tema. Ver no vs. 113 a mesma antítese entre odiar a mentira e a vaidade e amar a verdade (da lei).

119.164

Sete vezes no dia eu te louvo. Talvez, literalmente, a extrema piedade do poeta o fizesse louvar a Deus (ocupando-se de suas devoções) *sete* vezes a cada dia, ou talvez essa afirmação seja retórica, para indicar a idéia de *freqüência.* No entanto, o número *sete* estava associado, entre os hebreus, às perfeições divinas (cf. Lev. 26.18; Pro. 24.16 e Mat. 18.21), e o autor dificilmente usaria tal número levianamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia).* Na sociedade dos hebreus, requeriam-se orações somente pela manhã e à tardinha, mas alguns também oravam ao meio-dia. Ver as notas expositivas em Sal. 88.13. O poeta, porém, era extremamente zeloso quanto às suas orações. Cf. os vss. 147 e 148, quanto a outras referências ao zelo religioso do salmista, ao observar tantas vezes por dia suas orações e louvores. Ver Sal. 55.17, quanto às *três ocasiões* de oração.

Um antigo documento anglo-saxão, *Homily, Domin.* 3, 971 D. C., quiçá em imitação deste versículo, requeria dos homens piedosos (incluindo o uso do sinal da cruz) *sete vezes de oração* por dia. Poderíamos pensar nisso como superpiedade, mas na verdade existem poucas pessoas tão zelosas. O poeta sagrado, como o homem número um em Israel, no tocante ao amor à lei (ver os vss. 99 e 100), encontrava tempo para tantas devoções. Nosso homem precisava usar o período noturno para louvar, porque, obviamente, durante o dia não havia tempo suficiente para essa prática.

Para a prática das ações de graças por todas as coisas, ver Efé. 5.20 e I Tes. 5.18. Ben Ezra provavelmente estava correto ao salientar que a freqüência das orações do homem era determinada pela provação severa que ele estava enfrentando, especialmente pelas perseguições dos príncipes (vs. 161) que ameaçavam a vida do salmista. Provações severas nos forçam a orar mais e também a maior espiritualidade.

119.165

Grande paz têm os que amam a tua lei. Embora estivesse sob provação severa, sofrendo ameaça de morte, o poeta encontrava grande paz através de sua espiritualidade e prática espiritual altamente desenvolvida. Acima de tudo, brilhava o amor à lei (ver o vs. 47), na qual ele encontrava promessas de proteção para os bons. Os que vivem estudando e praticando a lei não se

deixam *ofender* por coisas comuns, conforme fazem outros seres humanos. Também não *tropeçam* tanto quanto outros homens. Pessoas menores se ofendem e tropeçam diante de ofensas pequenas. Os fiéis, porém, não tropeçam. Ficam ofendidos com as ofensas de outras pessoas, mas não se mostram neuróticos sobre isso, pelo que participam menos do jogo da ofensa-tropeço. Ao contrário, esses fiéis têm uma calma e uma paz espiritual que os eleva bem acima das massas populares. A espiritualidade tem vários subprodutos, e o subproduto deste versículo é um deles.

> *A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus.*
>
> (Filipenses 4.7)

119.166

Espero, Senhor, na tua salvação. "Salvação", neste caso, não é o mesmo que salvação evangélica. O poeta não estava clamando porque sua alma corria perigo. Antes, eram os intuitos assassinos de seus inimigos que perturbavam sua vida. Mas, por causa das promessas dos *mandamentos* de Deus (a lei), ele tinha a *esperança* de escapar da morte prematura, considerada tão inútil, somente porque homens malignos estavam explorando e prejudicando a outros, com pequena oposição. O poeta queria que Yahweh se opusesse, livrando-o do terror que eles estavam promovendo. *A esperança* é um tema freqüente deste salmo. Ver as notas expositivas sobre o vs. 147. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Esperança*. Cf. Gên. 49.8 e o vs. 174 do salmo presente.

Este versículo, como é natural, tem sido cristianizado para falar da esperança cristã da salvação, um assunto profundo, embora não fosse isso o que o poeta tinha em mente quando escreveu o texto. Ver I João 3.2,3.

> *Quando as tristezas rolam como as ondas do mar,*
> *Sem importar qual seja a minha sorte,*
> *Tu me tens ensinado a dizer:*
> *Tudo está bem, tudo está bem com minha alma.*
>
> *Oh, Senhor, apressa o dia quando a fé*
> *será visão, as nuvens rolarem para trás*
> *como um rolo. A trombeta soará e*
> *o Senhor descerá, e assim*
> *Tudo estará bem com minha alma.*
>
> (Horatio G. Spafford)

119.167

A minha alma tem observado os teus testemunhos. Este versículo repete dois temas comuns a este salmo, a saber: a) A guarda da lei, chamada aqui de *testemunhos*. Quanto a esse tema ver as notas expositivas e as referências no vs. 44. b) O amor à lei (ver as notas expositivas a respeito no vs. 47). O autor sagrado, agora já se avizinhando do fim de suas 176 declarações de louvor à lei mosaica, que é o tema central do Salmo 119, começava a ficar sem assunto, e repetiu suas declarações centrais. "... ele observava a lei pelo princípio do amor, e não com motivos mercenários e egoístas. Seu amor era realmente profundo, não frio nem morno, mas ardente e fervoroso, ou seja, um amor em *grau superlativo*" (John Gill, *in loc.*).

119.168

Tenho observado os teus preceitos e os teus testemunhos. Uma vez mais, o autor sagrado tornou a fazer suas declarações muito repetidas acerca da *observância da lei*. Ver sobre isso no vs. 44. A fim de observar bem a lei, ele sempre guardava os mandamentos de Deus diante de seus olhos e de sua alma, mediante estudo, meditação e *prática* do que fora ordenado. "Todos os meus atos são conhecidos por Ti, e Tu me recompensarás de acordo. Em todos os meus caminhos lembro que os Teus olhos estão sobre mim, e faço todas as coisas como em Tua presença (Sal. 73.23; Gên. 17.1)" (Fausset, *in loc.*).

> Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas.
>
> (Provérbios 5.21)

"Tu sabes que não estou mentindo. Teus olhos têm contemplado o meu coração e a minha conduta. Tu sabes que me tenho esforçado por andar na tua presença com coração perfeito" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. os vss. 1-3 deste mesmo salmo, que nos dão um prefácio apropriado ao Salmo 119.

TAU: A Vigésima Segunda Estrofe (119.169-176)

119.169

Chegue a ti, Senhor, a minha súplica. Seguindo o plano de compor uma poesia em forma acróstica, o autor sagrado oferece-nos agora o *vigésimo segundo (e último) conjunto das oito linhas* louvando a lei, para o que ele continuou a usar diversos termos a fim de variar a sua expressão. Ver a introdução a este salmo na seção chamada *Salmos Acrósticos*, e ver também no vs. 1 as *dez palavras* usadas para indicar a lei. Esta vigésima segunda estrofe é chamada *Tau*, sendo essa a letra hebraica repetida no começo dessas oito linhas. Em outras palavras, a letra que encabeça cada uma das linhas começa com a letra hebraica *tau*.

Tau: Embora o poeta desse algumas frases levemente variadas, não há novas declarações louvando a lei. O autor sagrado usou de poderosa imaginação para fazer tantas declarações acerca da lei, embora haja muitas repetições. O poeta sagrado não tentou sumariar seu poema aqui nem apresentou uma conclusão distintiva para o salmo. Ele meramente repetiu vários de seus temas centrais. Por conseguinte, é impossível classificar esta estrofe, conforme fizemos com outras, como as chamadas *Dálete, Sâmeque* e *Côfe*, que são salmos de lamentação, e *Meme*, que é um salmo de sabedoria. A mensagem principal do salmo é que, se o poeta "fosse livrado, tinha votado entoar louvores à lei de Deus" (*Oxford Annotated Bible*, no vs. 169).

Contrastar esta conclusão bastante humilde do Salmo 119 com o poderoso Hino de Louvor (Salmo 150) que atua como uma doxologia para todo o saltério.

Chegue a ti, Senhor. A estrofe *Tau* começa com um apelo típico dos salmos de lamentação. O poeta estava em perigo de perder a vida. Homens iníquos queriam *destruí-lo* (vs. 95). Ele acabaria morto, a menos que Yahweh logo o ajudasse (vs. 149). Somente em Deus ele tinha *segurança* (vs. 117). Por conseguinte, continuou a clamar com todo o coração (145). Ele chegava a acordar no meio da noite para clamar por ajuda (vss. 147 e 148). Estava sendo cercado e em breve poderia cair presa de seus adversários (vs. 150). O salmista continuava pedindo que Deus interviesse, com Suas ternas misericórdias (vs. 156). Ele sofria angústia e tribulação e perdera a esperança em si mesmo (vs. 143). Clamou a Yahweh para ser salvo (vs. 146). Levantava antes do amanhecer a fim de orar (vs. 147). Precisava de Deus nas proximidades e em breve seria executado (vs. 151). O livramento é o *primeiro tema* repetido nesta estrofe final.

Dá-me entendimento. Nosso homem, tendo obtido entendimento, e sendo uma pessoa altamente espiritual, poderia esperar que Yahweh respondesse a suas desesperadas orações, e assim o livrasse. "Entendimento" é um dos grandes temas do salmo, que anoto no vs. 73. *Entendimento* é o *segundo tema* repetido nesta estrofe final. Ele esperava encontrar entendimento na lei, ou seja, ainda maior entendimento, visto que já ultrapassava seus mestres e até os anciãos (vss. 99 e 100).

119.170

Chegue a minha petição à tua presença. O clamor do salmista é aqui chamado de "petição", e o pedido que ele fez ao Senhor é idêntico, ou seja, um apelo para que seu pedido chegasse à presença do Senhor, que Ele ouvisse e então respondesse, conferindo-lhe livramento dos inimigos. Se Yahweh prestasse atenção e tivesse misericórdia, então o salmista seria arrebatado das mãos de seus adversários, em consonância com as promessas da lei. Este versículo é uma leve modificação do versículo anterior e reproduz o clamor pedindo livramento, que é o *primeiro tema* repetido na estrofe final do Salmo 119. Quanto ao livramento do poder dos inimigos, cf. os vss. 134 e 153. Ver também Sal. 18.59 e 32.7. E o Salmo 90.12-15 tem algo similar.

> *Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.*
>
> (Salmo 50.15)

119.171

Profiram louvor os meus lábios. Declarações de *louvor* representam a principal declaração do Salmo 119, pelo que são um tema bastante repetido. Esse é o *terceiro tema* repetido nesta estrofe final. Quando um homem aprende a lei, inclina-se naturalmente a dar graças. Ele vê o cumprimento das promessas bíblicas; experimenta os benefícios recebidos por aqueles que guardam a lei, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Cada tema repetido representa um benefício provido pela lei, e as *provisões* da lei formam um tema geral, ao qual podemos chamar de *quarto tema*, reiterado nesta estrofe final do Salmo 119.

Profiram louvor. Literalmente, "produzam uma correnteza de louvor". A palavra *louvor* encontra-se somente por quatro vezes neste salmo (vss. 7, 164, 171 e 175), mas, por meio de sinônimos, este salmo tem o louvor como tema central,

pois é, supremamente, o Hino de Louvor à Lei. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Louvor*. "Louvor, produzido como que de uma fonte que extravasava, borbulhante (Sal. 19.2)" (Fausset, *in loc.*). Ver também Sal. 78.2. Ver o Hallel (Louvor) (Salmos 113 a 118). *Aleluia!* é tradução de uma expressão hebraica que significa "Louvado seja Yahweh".

A *Providência de Deus* é imensa, a fonte originária de todas as coisas boas desta vida e da vida futura. Ver sobre esse tema no *Dicionário,* quanto a idéias completas.

119.172

A minha língua celebre a tua lei. Este versículo relembra-nos do *uso apropriado* da lei. Neste salmo, isso significa *louvor,* pelo que temos aqui todos os versículos e idéias que tinham acabado de ser dados na explicação sobre o versículo anterior. Isto fornece o *quinto* tema repetido da estrofe final deste salmo, que é uma variação ou subcategoria do terceiro tema (o louvor). Quanto ao uso apropriado da língua, ver as notas em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5 e 109.2. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* quanto a notas expositivas completas e referências.

Todos os teus mandamentos são justiça. Este é o *sexto* mandamento repetido da estrofe final do Salmo 119. O autor sacro não nos oferece aqui declarações novas, mas repete certo número de dizeres que já havia usado no salmo e tira uma conclusão dessas repetições. Quanto a este sexto mandamento, ver o vs. 142, onde dou anotações e referências.

O salmista louvou a palavra de Deus (a lei), por ser ela reta e contribuir para a justiça. Entre elas estaria o seu livramento dos conluios inimigos e também o julgamento apropriado deles, por causa dos muitos anos de impiedade que haviam perpetrado. Disse aqui Aben Ezra: "Ensinarei aos filhos dos homens as Tuas palavras, para que eles saibam que Teus mandamentos são justiça". "Minha língua louvará a Tua palavra, porque ela é inteiramente justiça" (Kimchi).

119.173

Venha a tua mão socorrer-me. A mão *ajudadora* de Deus é assunto constante do Salmo 119 e constitui o *sétimo* tema repetido desta estrofe final. A principal ajuda que se fazia necessária era livramento dos inimigos homicidas. Cf. o vs. 175, onde a idéia é repetida. Quanto à *mão* de Deus, o instrumento de Seu poder, ver Sal. 81.14. Quanto à *mão direita* de Deus, ver Sal. 20.6. Quanto ao *braço* de Deus, ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1.

O poeta merecia a ajuda de Deus, porquanto tinha escolhido a lei como seu guia especial e como sua possessão, e se atarefava em guardá-la, nela deleitando-se e amando-a.

Pois escolhi os teus preceitos. Por sua livre vontade, o salmista havia escolhido a lei de Deus e o Seu caminho. Naturalmente, foi uma escolha educada, porquanto ele havia estudado a questão, em detrimento do mal. Esse é o *oitavo* tema repetido na estrofe final do Salmo 119. Ver os vss. 30 e 59. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Livre-arbítrio.*

Diante de cada homem abre-se um caminho,
Um caminho ou caminhos.
E cada homem deve escolher
O caminho pelo qual enveredará.

Ver Sal. 1.1,6, quanto a versículos sobre os caminhos dos justos e dos ímpios. Ver também Sal. 119.101 e 105.

119.174

Suspiro, Senhor, por tua salvação. O *intenso desejo de ser libertado* é o *nono* tema repetido da estrofe final deste salmo. Ver sobre o vs. 20, que contém algo similar, embora ali o anelo seja pela própria lei, que promete ajuda. Ver o vs. 145, onde nosso homem clama de *todo o coração,* solicitando a salvação de Yahweh. Entretanto, ele não estava clamando para que sua alma fosse salva, e, sim, para que Deus o poupasse de um insensato homicídio, pela mão de seus inimigos. Ele orava para que a multidão das misericórdias divinas (vs. 156) se mostrasse eficaz quanto à sua segurança (vs. 117). Ver também o vs. 146.

Nada prometo, amigos se afastarão.
Todas as coisas devem terminar, porque todas
tiveram começo.
Verdade e singeleza de coração
São mortais, como mortal é o homem.

(A. E. Housman)

O poeta sagrado sabia que algum dia teria de deixar este mundo e separar-se de seus amigos, mas não queria sofrer morte prematura por meio das mãos ímpias de seus opressores. Na lei existem promessas dirigidas ao homem bom, garantindo que isso não aconteceria. Portanto, ele continuou a confiar nas promessas.

A tua lei é todo o meu prazer. Quanto a amar à lei de Deus e nela deleitar-se, ver as notas e referências em Sal. 119.47. O salmista esperava que sua dedicação absoluta à lei inspiraria Yahweh a poupar sua vida da destruição (vs. 95). Ele prosseguiria com seu amor à lei, praticando os mandamentos com fidelidade e sendo benfeitor de muitos semelhantes. Um homem morto não poderia fazer isso. O amor intenso pela lei é a *décima* repetição de idéias nesta derradeira estrofe do Salmo 119.

119.175

viva a minha alma para louvar-te. Usando *outra figura metafórica,* o salmista *pediu livramento do assassinato que seus opressores tinham planejado para ele: Viva a minha alma!* Ele não estava falando da vida eterna da alma, embora alguns intérpretes tenham cristianizado o versículo para dizer isso. Para os antigos hebreus, somente um homem fisicamente *vivo* podia *louvar* a Deus. A teologia dos hebreus da época não contemplava a vida pós-túmulo, nem para os bons nem para os maus. Por conseguinte, para eles, os louvores ao Senhor terminavam à beira do sepulcro. Esse é o *décimo primeiro tema* da estrofe final deste salmo, o qual já tínhamos visto antes. Também é um tema comum do saltério. Nos salmos e nos profetas começou a vir à tona a doutrina da sobrevivência de uma alma imaterial e mortal. Em Dan. 12.2 temos um julgamento e uma recompensa que esperavam pela alma humana, e nos livros apócrifos e pseudepígrafos esse tema é desenvolvido, tal como se vê no Novo Testamento, em maior grau ainda. Mas, antes de todo esse desenvolvimento, os hebreus pensavam que, uma vez que um homem morresse, estaria extinto e não mais louvaria a Deus. Ver Sal. 88.10; 115;17; Ecl. 9.5. Cf. os vss. 88 e 112 do salmo presente. Os julgamentos de Deus, condenando os pecadores e outorgando boa vida aos bons, eram declarações nas quais o poeta colocava sua *esperança.*

119.176

Ando errante como ovelha desgarrada. Pega-nos de surpresa, no final do salmo, a referência do poeta, o número um de Israel, a seu *desvio.* Ver os vss. 99 e 100, quanto à sua proeminência entre o povo como um homem espiritual. Ele excedia a todos os seus mestres e até os antigos. Portanto, por qual razão teria feito referência a um ou mais erros cometidos, a fim de encerrar seu *Hino de Louvor à Lei?*

Consideremos os seguintes pontos:

1. Todos os homens são pecadores, e não é preciso pensar muito para trazer à mente um ou mais pecados dos quais gostaríamos de livrar-nos. Por outra parte, chamar alguém a si mesmo de ovelha que se desviara e em necessidade de ser trazida de volta ao divino Pastor, subentende um desvio maior do que poderíamos atribuir ao poeta sagrado.
2. Alguns estudiosos pensam em um *pecado sério,* um crime, supondo que os inimigos do nosso homem procuravam vingar-se disso. Mas isso não se parece com o homem que escreveu este Hino de Louvor, e, do princípio ao fim, afirmara deleitar-se na lei e amá-la (ver o vs. 47).
3. Ou então, mais provavelmente ainda, o salmista não usou a palavra *errante* em um sentido *moral.* Ele era apenas uma ovelha perdida, lançada em meio às vicissitudes da vida, por perseguição de seus inimigos. Ele era uma ovelha perdida *inocente,* e não uma ovelha culpada. Referia-se apenas às suas condições deterioradas, imaginando-se como uma ovelha desamparada e distante da proteção do Pastor. Se essa é a explicação correta, então o versículo final deste hino não está fora do lugar. O poeta sagrado era um cordeiro desamparado perante os inimigos assassinos, que já o conduziam para a matança.

Na qualidade de *cordeiro desamparado,* ele invocava agora o Pastor a fim de salvá-lo, e baseava seu apelo no fato de que ele nunca esquecia os mandamentos (a lei).

Assim sendo, o último versículo do Salmo 119 repete dois temas que já haviam aparecido no hino. Tema número *doze*: O salmista tinha-se desviado e precisava ser trazido de volta. Ver o vs. 67. Tema número *treze:* O salmista merecia a graça do livramento (salvação) porque não tinha olvidado a lei. Ver os vss. 16, 83, 109, 141 e 153.

A *conclusão* do Salmo 119 é, assim, a *repetição* de alguns *temas centrais.*

Sumário:

1. Necessidade de livramento de inimigos homicidas: vs. 169.
2. Entendimento superior da lei: vs. 169.
3. Declaração especial de louvor: vs. 171.
4. Provisões da lei para todas as ocasiões: vs. 171.
5. Uso apropriado da linguagem: vs. 172.

6. Retidão da lei: vs. 173.
7. Mão ajudadora de Deus: vs. 173.
8. Escolha do caminho certo: vs. 173.
9. Desejo intenso de livramento: vs. 174.
10. Deleite na lei: vs. 174.
11. Os vivos louvam a Deus; os mortos não podem fazer isso: vs. 175.
12. Desviando-se do rebanho: vs. 176.
13. O poeta não esquecera a lei: vs. 176.

A Ti, Alma Eterna, seja o louvor!
À qual, desde a antiguidade aos nossos dias,
Através de almas de santos e de profetas, Senhor,
Tens enviado Tua luz, Teu amor, Tua palavra.

(Richard Watson Gilder)

Salmo Cento e Vinte

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* a oração de um exilado para livrar Israel (Judá) de seus inimigos. Este salmo está no singular, pelo que devemos pensar em um dos cativos que proferiu esta oração e então a aplicou aos cativos como um todo. "Nada existe neste salmo que indique claramente a sua data, através do que podemos conjecturar que este salmo pressupõe a diáspora e que, portanto, é pós-exílico" (William R. Taylor, *in loc.*). A incerteza acerca da data também criou a incerteza acerca das conexões históricas exatas, pelo que a aplicação deste salmo aos cativos que retornavam da Babilônia não forma uma teoria universalmente aceita.

"No Salmo 120, o salmista orou pedindo livramento de pessoas traiçoeiras que queriam a guerra, enquanto o salmista queria a paz" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. "Cântico de romagem". Quinze salmos (120 a 134) têm os mesmos misteriosos subtítulos, no hebraico *Shir hammaaloth,* diferentemente interpretados. Alguns eruditos defendem que essas palavras significam *Cântico dos Degraus,* significando estágios da subida (conforme diz, literalmente, o hebraico original) dos cativos a caminho de Jerusalém, vindos da Babilônia. Os intérpretes que concordam com isso salientam que temos a palavra hebraica *maalah,* em Esd. 7.9, para referir-se ao retorno da Babilônia. Contra essa teoria temos o fato aparente de que alguns dos salmos refletem datas possivelmente posteriores ao retorno da Babilônia (conforme se vê nos Salmos 125, 127, 129, 131 e 133). Mas também temos a possível tradução de *Cântico da Subida,* que poderia apontar para algo semelhante a "cântico dos degraus". Ou então isso poderia referir-se aos *quinze degraus* que ligavam o átrio das mulheres ao átrio dos homens. Acerca disso disse Kimchi: "Havia quinze degraus pelos quais os sacerdotes subiam ao templo, e em cada um deles ele entoava um cântico dos quinze, empregando esses salmos".

Além dessas traduções, temos também a tradução *Cântico do Peregrino.* Nesse caso, a referência poderia ser aos salmos usados pelos peregrinos que se encaminhavam para Jerusalém, nas três visitas anuais que requeriam a presença de todos os varões, a saber, as festas da Páscoa, do Pentecoste e dos Tabernáculos.

Seja como for, a única coisa que poderíamos provar *se pudéssemos* solucionar o problema do que esse subtítulo significa, é que editores subseqüentes *pensavam* que para isso é que os subtítulos eram usados. Devemos lembrar que os subtítulos foram compostos por editores posteriores e não faziam parte original dos salmos. Não têm nenhuma autoridade canônica, embora, ocasionalmente, possam ter feito referência a alguma situação histórica associada às composições.

Desses quinze chamados *Cânticos de Romagem,* os Salmos 122, 124, 131 e 133 são atribuídos a Davi; o Salmo 127 é atribuído a Salomão, e dez deles são anônimos.

Esses salmos têm temas comuns que os percorrem, sendo essa a razão por que terminam apresentando os mesmos subtítulos. Por outra parte, é provável que editores subseqüentes os tenham agrupado precisamente por causa de seus temas comuns, mas isso não significa que eles sejam realmente históricos, *até* que tenham sido artificialmente reunidos. Cf. os *Salmos Hallel* (salmos de louvor) (Salmos 113 a 118). Esses salmos foram usados posteriormente na liturgia judaica como um grupo de cânticos entoados nas festividades religiosas, mas original e historicamente não formavam um grupo distintivo. Também precisamos relembrar que foram editores posteriores que puseram na ordem atual os 150 salmos do saltério. Usualmente não podemos discernir nenhuma razão para a ordem em que eles estão dispostos. Mas no caso dos "cânticos de romagem", pelo menos vemos um agrupamento efetuado por causa de temas comuns. Então, o agrupamento dos salmos em cinco livros, em imitação ao Pentateuco, é algo totalmente artificial. Ver a introdução ao livro, seção VI.B quanto aos *cinco livros.* Ver também a seção VIII quanto a certos agrupamentos dos salmos.

O Apelo em Favor do Livramento (120.1-2)

120.1-2

Na minha angústia clamo ao Senhor. A *angústia* não foi definida, mas alguns eruditos a associam com os sofrimentos do cativeiro babilônico. Os pedidos de ajuda transformaram-se em agradecimento, porquanto o pedido foi honrado e o homem foi libertado. O vs. 2 deste salmo não parece favorecer a idéia do cativeiro babilônico. É difícil perceber por qual razão aqueles estrangeiros foram chamados de *mentirosos,* em vez de algo como *pecadores assassinos.* Lábios mentirosos são lábios de pessoas que empregam formas de falsidade para prejudicar o próximo; ou lábios de pessoas que dão falso testemunho; que roubam propriedades mediante a fraude; que caluniam os outros; e que se ocupam da duplicidade. Mas os vss. 5-7, nesse caso, parecem falar de um exílio em algum país estrangeiro. Portanto, quem pode solucionar esse problema? *Ellicott* tentou encontrar a solução para o dilema, supondo que a nação de Israel, sob domínio estrangeiro, sofresse as zombarias e as calúnias de seus opressores. Disse ele: "Isso deixou uma cicatriz permanente". "... mentiras emanadas de um povo sem fé, sem verdade, sem religião; que buscavam, mediante mentiras e calúnias, destruí-los" (Adam Clarke, *in loc.*). Sem importar qual fosse a angústia, o salmista dá a Yahweh o crédito pelo livramento dele mesmo (e de seus colegas compatriotas). Era mister que houvesse intervenção divina.

Alguns intérpretes cristianizam este salmo para fazer dele um apelo de Cristo para ser livrado de Suas angústias. Outros pensam tratar-se de uma descrição das experiências de Davi, quando ele fugia de Saul ou Absalão, e não vêem aqui coisa alguma que se aproxime do cativeiro babilônico.

Punição para os Inimigos (120.3-4)

120.3-4

Que te será dado, ou que te será acrescentado? O salmista dirige-se a uma língua personalizada, a faculdade dos ímpios de falar de seus inimigos, e pergunta o que ele deveria dizer a tal entidade maligna. Outrossim, o que deveria ser *feito* acerca da iniqüidade que se tinha transformado no agente da perseguição a um homem (ou povo) inocente? São dadas duas descrições: a primeira fala da natureza destruidora do adversário; e a segunda fala da punição do adversário.

Setas agudas. Estão em vista as setas de um soldado ou caçador, instrumentos de terror e destruição. Ver Sal. 57.4; 58.7; 64.3 e 120.4. Cf. Pro. 25.18,19; 26.18 e Isa. 50.11.

Brasas vivas de zimbro. Está em vista a *Retama roetam,* que no "Oriente Próximo era o mais popular dos arbustos espinhentos, colhido para servir de combustível, porquanto assegura um fogo longo e quente" (Grace M. Crowfoot, *From Cedar to Hyssop*). Com essa descrição, o autor sagrado predisse o que aconteceria aos ímpios que atirassem setas agudas contra outras pessoas. Eles chegariam a um fim súbito e violento. Suas casas seriam incendiadas. Eles, por sua vez, seriam transformados, literal ou figuradamente, em cinzas. Essa atitude superior de não-vingança (ver Lev. 19.18; Pro. 25.21,22) não tinha por fim atender ao interesse do salmista. Ver também Rom. 12.19 ss. As *imprecações* nos salmos de lamentação são comuns quando a pessoa perseguida quer ver um poder final e violento tomar contra dos adversários.

Alguns intérpretes fazem *ambas as figuras simbólicas* aplicar-se à punição dos ímpios. Aqueles cuja língua foi como setas agudas, e que destruíram seus semelhantes, tornar-se-ão vítimas das setas de outros. Está em pauta a retribuição conforme a gravidade do crime cometido. Ver sobre *Lex Talionis* e sobre *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* no *Dicionário.* Cf. Sal. 18.12,13 e 140.10. Ver também Tia. 3.6 e Sal. 52.4. "... punição contra a língua maligna... julgamentos severos com freqüência são comparados a flechas (Deu. 32.23,42; Eze. 5.16; Sal. 7.13, porquanto vêm do alto e trazem rápida e repentina destruição)... são muito agudas no coração dos inimigos, muito severas e cortantes, sendo as flechas do Todo-poderoso (Jó 6.4; Jer. 1.9)" (John Gill, *in loc.*). As chamas do arbusto sugerem julgamento através de chamas eternas, pelo que, anacronicamente, este versículo é aplicado ao julgamento da morte no pós-vida. Mas a teologia dos hebreus ainda não tinha chegado a esse nível. Cf. Dan. 12.2.

Ver quanto ao uso apropriado da língua em Sal. 5.5; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2 e 119.172. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

A Triste Experiência do Salmista (120.5-7)

120.5

Ai de mim, que peregrino em Meseque. Isso falava sobre um exilado perseguido por inimigos estrangeiros, como se estivesse no cativeiro babilônico, um hebreu qualquer que estava entre um povo estrangeiro e cujas experiências eram negativas. Ver Sal. 39.12. No *Dicionário*, ver sobre *Cativeiro Babilônico* e *Peregrino*.

Meseque... nas tendas de Quedar. Quanto a notas expositivas completas sobre estes lugares, ver o *Dicionário*. Meseque era uma nação que ficava na Ásia Menor (cf. Gên. 10.2; Eze. 32.26,27; 38.3; 39.1). E Quedar era uma região do deserto da Síria, ao sul de Damasco, onde habitavam as tribos de Quedar (ver Gên. 25.13; Jer. 2.10; 49.28-30). Esses dois nomes significam *barbarismo* e representam os inimigos em cujo meio o poeta sagrado tinha vivido, e por meio de quem sua vida era diariamente ameaçada e transformada em miséria. Esses dois nomes poderiam ser referências crípticas a centros bem conhecidos da população judaica na *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*), e não àqueles lugares propriamente ditos. Sabemos que o termo *Babilônia* era usada para indicar *Roma*, em tempos posteriores. Ver sobre a *Babilônia* no *Dicionário*, quanto ao uso do código.

120.6,7

Já há tempo demais que habito com os que odeiam a paz. O salmista, por tempo demais, longe da pátria, fora obrigado a viver entre aqueles homens brutais. Ele era diariamente vexado pelas maneiras mal-educadas e bárbaras e pela total falta de qualidades espirituais deles, que cuidavam somente da guerra e da destruição. Se ele lhes falasse sobre a paz, dele fariam e escarneceriam. Tudo quando eles tinham fora ganho na guerra. A paz seria para os fracos. Os vitoriosos seriam guerreiros; pessoas pacíficas seriam seus escravos. A violência trouxera recompensas imediatas e gratificantes. A paz só permite que o inimigo tire vantagem de você. Os sábios faziam guerra; os tolos continuavam a falar sobre a paz. "Quando falo para recomendar a paz, eles só respiram a guerra. Eles zombam de minhas palavras de paz e aproveitam-se delas para declarar a guerra" (Fausset, *in loc.*) "O poeta era um homem de paz, de disposições pacíficas" (Aben Ezra), mas ter tal atitude era estar completamente deslocado onde ele habitava.

Este versículo tem sido cristianizado, para falar sobre o *Príncipe da Paz*, bem como sobre os homens contra ele e contra a sua causa de salvação. Além disso, este versículo tem sido transformado em uma descrição da luta universal e já por várias vezes milenar do bem contra o mal. Ver Isa. 9.6, quanto ao *Príncipe da Paz* e o que esse termo significa.

Minha alma, monta guarda,
Levantam-se dez mil inimigos.
As hostes do pecado estão pressionando
Para arrancar-te dos céus.

(George Heath)

Salmo Cento e Vinte e Um

Os Salmos 120 a 134, quinze salmos, são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Nas notas introdutórias ao Salmo 120 há uma nota aplicável a todos esses salmos, pelo que convido o leitor a examiná-las.

O Salmo 121 é uma *liturgia de bênçãos*. Talvez seja a mais bela composição escrita dos Cânticos de Romagens. "É construído em forma de antífona, conforme denota a mudança nas pessoas dos pronomes. Contudo, há diferenças de opinião a respeito de ser um diálogo entre o autor e a sua alma, ou se temos aqui um leigo e um sacerdote na liturgia do templo, ou mesmo entre um grupo de peregrinos e seu líder espiritual. Esse terceiro ponto de vista parece ser o mais aceitável" (William R. Taylor, *in loc.*). Não podemos ter certeza quanto ao emprego deste salmo na liturgia posterior, mas quase certamente as palavras refletem experiências reais dos peregrinos, os quais enfrentavam muitos perigos ao longo do caminho, enquanto faziam sua viagem a Jerusalém, para ali participar das festividades religiosas. Havia enfermidades, fome e sede, e ataques de ladrões. Somente Yahweh podia protegê-los e conferir-lhes uma jornada segura. Certos saqueadores faziam de seu negócio atacar os acampamentos de peregrinos, e os peregrinos tinham pouca proteção contra tais ataques. Os peregrinos não formavam um exército.

Nem todos os eruditos aceitam a explicação dos "peregrinos" sobre este e outros Cânticos de Romagens, e apresento as outras teorias e os comentários na introdução ao Salmo 120.

A Fonte de Ajuda (121.1)

121.1

Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? Com uma *pergunta retórica*, o salmista introduz a sua afirmação de que Yahweh é a fonte de ajuda para qualquer pessoas que esteja correndo dificuldades, sem importar a causa. Alguns eruditos fazem este versículo ser uma afirmação: a ajuda do homem viria dos montes, presumivelmente onde estava a presença de Yahweh, algo parecido com a idéia grega do Olimpo, o lar dos deuses gregos. Mas os montes, neste caso, provavelmente são aqueles em torno de Jerusalém, e o próprio templo seria um desses montes. Portanto, dizer que a ajuda viria dos montes era o mesmo que dizer: "A ajuda virá do templo, onde Yahweh se manifesta". Essa expressão é especialmente apropriada se este é um dos salmos dos peregrinos que se dirigiam ao templo para cumprir seus deveres. As três festividades religiosas – a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos – requeriam a presença de todos os varões hebreus, pelo que havia peregrinações regulares associadas.

A Natureza dos Salmos. Este salmo é misto e não pode ser classificado como pertencente a uma única categoria. Começa com um lamento e termina com um oráculo. Quanto às *classes* dos salmos (são dezessete classes ao todo), ver o gráfico no início do comentário, que atua como espécie de frontispício do saltério.

Nos montes ele sentiu uma fé especial,
E ali seu espírito formou
Suas esperanças.

(Wordsworth)

Elevo os meus olhos. Ver as notas expositivas completas em Sal. 123.1.

O *peregrino*, avançando lentamente pelas planícies e pelos desertos, nos olhos de sua mente, podia ver as colinas em derredor de Jerusalém, onde o templo se destacava diante de seus olhos, e ele se encorajava, pois em breve veria as manifestações de Yahweh e sentir-se-ia seguro. Elevar os olhos é um gesto de oração (ver João 11.41), pelo que o nosso homem orou para que chegasse em segurança ao monte santo.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer o peregrino ver o céu a distância, mas já se aproximando de sua pátria celestial, onde terá a salvação eterna. Cf. Sal. 24.3,4.

Yahweh é o Guardador e o Ajudador do Homem (121.2-8)

121.2

O meu socorro vem do Senhor. Os vss. 2-8 respondem, detalhadamente, à pergunta formulada no vs. 1: "De onde me virá o socorro?" O *Criador* de tudo e de todos é também o *Ajudador* de todos os homens que estão em aflição, bem como Aquele que dispensa Sua bênção a todos como *Benfeitor*. "Poderia haver melhor Ajudador do que Aquele que criou os céus e a terra?" (William R. Taylor, *in loc.*). Os cananeus tinham uma superstição, a de que existem deuses das colinas, mais poderosos do que os deuses das planícies. Mas esses deuses não eram vistos como criadores, o que, obviamente, não eram mesmo. Mas na colina de Sião, o próprio Criador se manifestava para benefício, e não para prejuízo dos homens. Os hebreus faziam pouco da idolatria pagã, que exibia como objetos de adoração ídolos de madeira, metal e pedra, que não podiam ser *deuses* verdadeiros. Os hebreus apontavam para o *Criador*, Yahweh. Ver Jer. 10.11. Cf. Sal. 115.15.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da esperança e da ajuda que Cristo nos confere, estando Ele assentado à mão direita de Deus, nos céus (Heb. 1.3).

121.3

Ele não permitirá que os teus pés vacilem. Os pés do homem bom avançam firmemente pela vereda reta. Ele não escorregará nem se desviará do reto caminho, caindo e sofrendo algum dano. Algumas traduções usam aqui o singular: o seu pé não se moverá. Outras têm um desejo expresso: que seu pé não escorregue. Esta última é a melhor tradução do hebraico original, sendo também a tradução que aparece na Septuaginta e na Vulgata Latina. Cf. Sal. 26.12; 38.16; 91.2; 94.18, quanto a versículos similares acerca de pés escorregadios. Quanto a pés que não se movem, ver Sal. 10.6; 15.5; 16.8; 30.6; 55.22 e 62,2,6.

Não dormitará. Ver Sal. 35.23 e 44.3. Os poetas sacros invocam Yahweh para que Ele acorde! Era comum entre os pagãos pensar na indiferença dos seus deuses, os quais estariam dormindo ou teriam saído de férias, deixando que seus adoradores bracejassem sozinhos com suas desditas. Algumas vezes, até os hebreus piedosos pensavam que Yahweh estaria indiferente a seus sofrimentos (ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1). O pensamento usual entre os hebreus, entretanto, era que o Deus Altíssimo

não dormia nem se mostrava indiferente para com os sofrimentos dos seres humanos. Quanto a Yahweh, que não dormita, ver também o versículo seguinte. Homero representou os deuses secundários a dormir, mas o deus supremo dos gregos, Zeus, não precisava nem dormir nem repousar. O significado da metáfora é que "Ele não se tornará indiferente nem deixará de prestar atenção a eles. Ele estará sempre alerta, protegendo os que Lhe pertencem" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Gussetius lê este versículo todo como se fosse uma oração: "Não permitas que teu pé escorregue. Nem que teu Guardador dormite".

121.4

É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel. Isto reforça a declaração do versículo anterior. Yahweh nunca dorme e está sempre guardando Israel de todo dano e perigo. Deus está sempre alerta. Ele nunca se mostra indiferente; antes, está sempre pronto a atender às necessidades de Seu povo. Ele também nunca tira férias, mas está sempre disponível, a qualquer tempo em que um ser humano eleve oração ao céu. Ele é o Guardião de Israel e está sempre de prontidão. Os peregrinos temerosos podem contar com a ajuda do Senhor. E o Senhor leva os peregrinos em segurança até Jerusalém. Qualquer peregrino espiritual sempre poderá contar com a ajuda do Senhor, e Ele o levará ao templo celestial.

"O salmista viu não somente poder. Ele viu o Amor divino que protege os indivíduos através de veredas que o ser humano tem de atravessar na vida. Deus guia em experiências ordinárias e extraordinárias. Ele é um Deus pessoal e tem interesses pessoais. Ele sustenta os homens, pelo que estes não precisam tropeçar. Ele os vigia quando estão dormindo, e protege os viajantes do calor do meio-dia, bem como do resplendor mágico da lua. O poeta começou falando sobre ajuda que vem dos montes e terminou exibindo confiança na providência divina" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Cf. Deu. 32.10 e Sal. 44.23. Os frígios tinham a noção de que os deuses dormem no inverno e acordam no verão (Plutarco, *de Iside et Osir*). Mas Yahweh não é um Deus apenas das boas condições atmosféricas.

> *Os olhos de Zeus nunca são afetados*
> *Por todo sono que a tudo subjuga, como*
> *Os olhos mortais são. Sempre vigilante, ele*
> *Vigia através do círculo*
> *dos Anos Eternos.*
>
> (Sófocles, *Antig.* vs. 613)

121.5

O Senhor é quem te guarda. A idéia do Guardador se repete aqui. O Deus que não dormita guarda o Seu povo. Ele é seu Protetor e Benfeitor.

A tua sombra. Assim diz, igualmente, o hebraico literal. A idéia é de que, sob a sombra do Deus Todo-poderoso, há proteção e suprimento para toda necessidade. Cf. a sombra do Todo-poderoso e estar debaixo de Suas asas protetoras.

> *O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente... Cobrir-te-á com as suas penas, sob suas asas estarás seguro.*
>
> (Salmo 91.1,4)

Sombra. Uma imagem metafórica de proteção, particularmente atrativa para os orientais e para os que viajam pelos desertos quentes. Cf. Núm. 24.9; Isa. 25.4 e 32.2. Os que viajavam por um deserto continuamente procuravam alguma sombra para a hora do descanso.

À tua direita. Esta figura simbólica fala de onde se encontra o poder. Ver sobre a *mão* de Yahweh (ver Sal. 81.14) e sobre a *mão direita* (ver Sal. 20.6). Ele nos põe à Sua direita para liderar-nos, para proteger-nos e para guardar-nos. Ele está sempre ao nosso *alcance*, sempre *perto* de nós — essas são as idéias da figura. Os companheiros especiais na guerra ficavam à mão direita de seus companheiros, visto ser esse o lado que não era protegido por um escudo (ver Sal. 16.8 e 109.31).

Era assim que os peregrinos podiam prosseguir, sem temor algum, em sua jornada, certos de que estavam sendo resguardados por alguém.

121.6

De dia não te molestará o sol. O poeta volta agora à metáfora da *sombra* que aparece no versículo anterior: a insolação era sempre um perigo para os que viajavam atravessando lugares desérticos. Mas o salmista também pensava em como os assaltantes operam à plena luz do dia, surpreendendo o grupo de peregrinos em algum ponto ao longo do caminho, a fim de saqueá-los e matá-los. Cf. II Reis 4.18,20; Jon. 4 e Judite 8.3, quanto ao terror do sol nos desertos. Apolo, associado ao sol, era representado com um arco e uma flecha, como os prejudiciais raios do sol (Macrob. *Saturnal.* 1.1, cap. 17).

Nem de noite, a lua. Durante a noite, até o deserto esfria, para nada dizer de outros lugares. A proteção do frio sem dúvida é algo sugerido aqui, mas nesta referência há muito mais que isso. Os antigos temiam as influências *maléficas* da lua e chegavam a falar sobre a *mágica da luz*. Por isso temos expressões modernas como "lunático". Os antigos acreditavam na correlação entre as fases da lua e certas enfermidades, como a epilepsia e algumas febres. Haveria demônios da lua que percorriam a terra, operando malefícios durante as horas da noite. Ver Mat. 4.24 e 17.15. Estudos modernos têm demonstrado que certas formas de enfermidades mentais pioram por ocasião da lua cheia, ao mesmo tempo que há um aumento nos crimes violentos. O Targum tem um interessante comentário que ilustra a questão: "Durante o dia, quando o sol governa, os espíritos matinais não te atingirão: nem os espíritos noturnos, à noite, quando a lua surgir no horizonte".

O poeta, entretanto, estava seguro de que Yahweh iria proteger Seu povo contra quaisquer males, reais ou imaginários.

> *Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia.*
>
> (Salmo 91.5,6)

121.7

O Senhor de guardará de todo o mal. Yahweh é o Protetor contra a tribulação, bem como o Guardião da alma; e, sendo esse o caso, o peregrino que estivesse a caminho de Jerusalém poderia ter confiança em uma viagem segura, a despeito dos muitos perigos potenciais. Os hebreus não desistiriam de suas peregrinações, apesar de seus temores, e também podiam invocar Yahweh como sua *mão direita* (vs. 5), para que os acompanhasse na jornada.

"Aquelas peregrinações significavam muito para os israelitas devotos. Sem dúvida, para alguns deles, essas jornadas eram apenas eventos sociais. Também havia os que possuíam uma mente patriótica, que seguiam viagem por motivo de *dever* nacional, a fim de preservar a unidade nacional. Mas também havia os que eram elevados aos píncaros da religião espiritual naquelas oportunidades... Esses exibiam atos de confiança pessoal no Deus que os tinha protegido através dos perigos do caminho e os tinha guiado através do monótono deserto" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado e espiritualizado a fim de falar da peregrinação do crente em Cristo, por um caminho protegido, até chegar à Jerusalém celestial. Ver João 17.12,15.

Guardará a tua alma. Está em foco a vida física e não a alma imaterial que sobrevive após a morte biológica do corpo físico. Os peregrinos não temiam os perigos da vida pós-túmulo, a qual ainda não havia penetrado na teologia dos hebreus.

121.8

O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada. Os peregrinos, em sua saída (partida de Jerusalém) e em sua entrada (chegada de volta a Jerusalém, terminada a peregrinação) podiam depender do poder de Yahweh para protegê-los. Essas palavras têm sido espiritualizadas para indicar o caminho do homem bom, sob todas as circunstâncias. "Em todas as tuas atividades e práticas; através de todo o curso da vida, para sempre" (Adam Clarke, *in loc.*). Além disso, este versículo tem sido cristianizado para significar o caminho que leva à vida eterna, o *caminho do peregrino*, que busca a cidade celestial (ver Heb. 12.22). Cf. Deu. 28.6 e I Tes. 5.23. Note o leitor, nos vss. 7 e 8, o três vezes repetido "guardará", uma forte *afirmação* de proteção e ajuda aos peregrinos.

Assim sendo, com coragem e *ideais elevados*, os peregrinos seguiam caminho, confiando em que Yahweh os guiaria em cada passada no caminho, até que, finalmente, estivessem em Sua presença, em Jerusalém.

> Levantai-vos, ó homens de Deus!
> *Dispensai as coisas menores;*
> Dai o coração, a alma, a mente e as forças
> *Para servirdes o Rei dos Reis.*
>
> (William Pierson Merrill)

Salmo Cento e Vinte e Dois

Os Salmos 120 a 134, que são quinze, são chamados *Cânticos de Romagem* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Dou uma introdução geral a esse grupo, no início dos comentários sobre o Salmo 120 e, por isso, não repito a informação aqui.

Este é um hino que louva Sião como o alvo dos peregrinos. Outros Cânticos de Sião são os Salmos 48, 76, 84, 87 e naturalmente aquelas partes de outros salmos que poderiam ser assim chamadas. Ver as dezessete classes dos salmos no gráfico apresentado no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. É principalmente esse salmo que tem dado credencial à teoria de que os Salmos 120 a 134 são odes dos peregrinos, isto é, cânticos dos peregrinos que se encaminhavam para Jerusalém por ocasião das festividades. Alude (vs. 4) às três festividades que requeriam a presença de todos os varões em Jerusalém, a saber, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*). "Esse era o salmo dos peregrinos que iam a Jerusalém. O poeta seguia na companhia de outros judeus, para quem o privilégio de fazer a viagem à Cidade Santa era uma experiência rara e que sacudia a alma. É claro que a peregrinação fora completada. Na véspera da partida para a capital, ele sumariou suas impressões sobre tudo quanto tinha acontecido... concluiu apropriadamente invocando ricas bênçãos sobre a cidade de Jerusalém e desejou paz e prosperidade em favor de todos quanto a amavam" (William R. Taylor, *in loc.*).

As implicações deste salmo são transferidas para todo o grupo dos Cânticos de Romagens, mas devemos relembrar que o ajuntamento desses salmos em um único grupo foi uma conveniência posterior. Originalmente, não formavam um grupo. Eles variam quanto a data, e assim os panos de fundo históricos, no caso de cada um, diferiam dos demais e não podem ser determinados com exatidão. Editores posteriores que incluíram *subtítulos* geralmente estavam apenas especulando sobre questões como autoria e pano de fundo histórico que podem ter inspirado as composições.

A Alegria da Peregrinação a Jerusalém (122.1,2)

122.1

Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor. O peregrino, agora de volta à sua casa, relembrava com que alegria ouvira e aceitara o convite de subir a Jerusalém e participar de uma das festividades anuais que ali se realizariam. Conforme Israel foi crescendo, e a população se multiplicava, a regra que decretava que todos os varões subissem a Jerusalém três vezes por ano (na Páscoa, no Pentecoste e nos Tabernáculos) não mais foi obedecida pela maioria dos israelitas. Para alguns, uma única visita em toda a vida deve ter sido o que realmente ocorria. Ou então os peregrinos subiam a Jerusalém apenas ocasionalmente. Além disso, havia os indiferentes, os muito pobres, os enfermos e os aleijados, que nunca tinham feito a viagem. Por conseguinte, a julgar por este salmo, para muitos a viagem era algo bastante raro, sendo feito com o máximo de prazer e alegria, a despeito dos muitos perigos enfrentados ao longo do caminho. "Por causa dos perigos do percurso, as viagens a Jerusalém eram raras para os que habitavam em lugares distantes e, por isso, para efeito de segurança, os peregrinos viajavam em grupos" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Sal. 122.1 está inscrito por cima do pórtico da catedral de São Paulo, em Londres" (Ellicott, *in loc.*).

Alguns estudiosos vinculam a alegria da viagem a Jerusalém ao retorno dos cativos da Babilônia, possibilitado pelo decreto do imperador Ciro. Este versículo é uma metáfora que encoraja a freqüência à igreja, sendo cristianizado para falar da viagem espiritual dos peregrinos à Jerusalém Celestial.

122.2

Pararam os nossos pés. O *peregrino* estava agora retornando para casa. Ele primeiramente relembrou quão alegre ficou ao receber o convite para fazer a peregrinação a Jerusalém com um grupo de pessoas (vs. 1). E em seguida relembrou com que alegria eles se puseram de lado de dentro da Cidade Santa. Ele deixou de fora qualquer menção à viagem que levou os peregrinos à cidade, mas podemos corretamente supor que eles enfrentaram perigos e foram livrados por Yahweh, tema tão enfatizado no Salmo 121. Eles tinham feito a jornada em segurança, e agora chegara o grande momento: estavam do lado de dentro dos portões da cidade e olhavam em todas as direções, admirados diante da paisagem. Eles tinham ouvido tantas coisas acerca do lugar, mas, agora que viam as coisas, a cidade cumpria todas as suas expectações. Se o pano de fundo histórico foi o cativeiro na Babilônia, então podemos imaginar a alegria com que os peregrinos finalmente voltaram para casa. Mas isso não se ajusta bem ao salmo, porquanto a Jerusalém à qual aquele povo tinha retornado era um montão de ruínas. Seja como for, ter chegado ali para participar de uma grande festividade era uma grande oportunidade e uma grande alegria. "Aqui estamos, finalmente, em tuas portas, ó Jerusalém." Podemos imaginar os peregrinos caminhando e parando, observando cada maravilha da cidade. Eles não eram exatamente turistas, mas um pouco de turismo não faria mal algum.

Este versículo tem sido cristianizado por vários intérpretes que nos convidam a pensar no que seria estar dentro das portas da Jerusalém celestial, após a peregrinação da vida! Cf. Sal. 42.2-4, que adiciona colorido à descrição:

> *A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo:*
> *quando irei e me verei perante a face de Deus?*
> *As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia*
> *e noite, enquanto me dizem continuamente: o teu Deus, onde*
> *está? Lembro-me destas cousas — e dentro em mim se*
> *derrama a alma —, de como passava eu com a multidão de*
> *povo.*

122.3

Jerusalém, que estás construída como cidade compacta. Estas palavras significam que a cidade parecia mais impressionante por causa da maneira como suas muralhas maciças estavam construídas, como se fossem uma só unidade. Suas ruas tinham muitas casas juntas uma da outra. Havia muita gente vivendo em quarteirões tão compactos! A coisa inteira deixava atônitos os aldeões do interior, que estavam acostumados com pequenas aldeias e fazendas. A Jerusalém do tempo de Davi tinha uma parte inferior e uma parte superior, pelo que o Targum diz: "Jerusalém está construída no firmamento como uma cidade, como uma cidade na terra". Parece bastante impossível aplicar tais palavras à Jerusalém reconstruída, terminado o cativeiro babilônico.

Cf. a impressão de Martinho Lutero depois de sua primeira visita a Roma. Seu coração ficou estranhamente comovido quando ele chegou à cidade das sete colinas, viu a grande metrópole e contemplou a cidade de São Pedro e São Paulo, o centro do catolicismo romano. Ele se lançou por terra e exclamou: "Roma santa, eu te saúdo!" (ver a história contada na obra de Jean Henri Merle d'Augigne, *History of the Reformation,* livro II, cap. vi).

122.4

Para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor. Os membros *masculinos* das tribos de Israel eram obrigados por lei (ver Deu. 16.16,17) a ir a Jerusalém três vezes por ano, para as principais festividades religiosas, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Todas essas três festas eram ocasiões festivas, mas a festa dos Tabernáculos era um tempo especial de agradecimentos, e alguns intérpretes supõem que este salmo aluda especialmente à festa dos Tabernáculos. No vs. 1, demonstro que a lei sobre essa questão não era plenamente cumprida quando Israel se multiplicou em números, mas o poeta conheceu talvez a lei original. O coração do salmista se comovia diante da percepção do significado espiritual do lugar, de seus vínculos com o passado antigo, com a lei de Moisés, com os patriarcas. Era ali que se via o *centro* da lei espiritual, ritual e cerimonial. Jerusalém também era a sede do governo, o local onde ficava o templo e a cidade de muitos profetas. Finalmente, e mais importante, Jerusalém era o lugar do nome, do nome de Yahweh, onde Ele manifestava Sua presença. Ver sobre *nome,* em Sal. 31.3, e sobre *nome santo,* em Sal. 30.4 e 33.21.

Como convém a Israel. Nossa versão portuguesa engole aqui um trecho, que preferiu não traduzir: as palavras "como testemunho". Talvez fosse melhor traduzir como faz a Revised Standard Version, "conforme foi decretado", com uma referência direta à lei que governava as peregrinações anuais (ver Deu. 16.16,17). Em vez de "testemunho", Ellicott diz "ordenança", ou seja, uma lei concernente a peregrinações. Cf. Êxo. 23.14. Como nossa versão portuguesa chegou a essa tradução, "como convém a Israel", não sabemos dizer.

122.5

Lá estão os tronos de justiça. O poeta estava pensando nos *antigos reinos* do passado, os reis de Israel e de Judá que tinham governado de Jerusalém, e isso em adição à admiração provocada pela cidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rei, Realeza,* onde a questão fica demonstrada. Houve cerca de quatrocentos anos de atividade real naquele lugar, antes do cativeiro babilônico.

"Relembrando o passado histórico da cidade, o salmista pensou no governo de Davi e de seus sucessores como um governo justo. Ele viveu em uma era que idealizava coisas que eram passadas e desaparecidas" (William R. Taylor, *in loc.*).

> Quão agradado e abençoado era eu,
> *Ouvir o povo clamar:*
> *"Vinde, busquemos hoje o nosso Deus!"*
> *Sim, com um zelo animado*
> *Apressamo-nos para a colina de Sião,*
> *E ali nossos votos e homenagens são pagos.*
>
> (Isaac Watts)

Alguns estudiosos separam os "tronos de justiça" dos "tronos da casa de Davi", fazendo dos primeiros o sistema de juízes e menores oficiais governantes (talvez incluindo o sacerdócio), que faziam parte do sistema de autoridades da cidade. "... o bando dos juízes que derivavam sua autoridade do rei (Isa. 32.1)" (Fausset, *in loc.*).

122.6

Orai pela paz de Jerusalém! O salmista, tão impressionado pela grandeza de Jerusalém, queria que a cidade perdurasse para sempre. Para que isso acontecesse, a *paz* precisava prevalecer. Invasores estrangeiros, como os babilônios, tinham de manter-se afastados. Alguns eruditos supõem que os exilados, havendo retornado do cativeiro, tenham pedido a Yahweh que não permitisse que uma calamidade como essa acontecesse novamente! Mas, quando aqueles cativos voltaram, não havia grandeza restante em Jerusalém que pudesse inspirar um salmo como este. Este é um Cântico de Sião, e sem dúvida haveria um lugar impressionante para o qual entoar um cântico. De outra forma, temos de assumir que os peregrinos eram, na realidade, *um bando de caipiras que não tinham meios de comparar a humilde* Sião (após o cativeiro) com a Sião de tempos melhores. Aqueles que *amam a Jerusalém* haverão de *prosperar*, porquanto amavam o que estava bem perto do coração de Yahweh. Jerusalém era sua cidade terrestre, um lugar amado.

Conhecido é Deus em Judá; grande o seu nome em Israel.
Em Salém está o seu tabernáculo, e em Sião a sua morada.

(Salmo 76.1,2)

Shalom (paz) para Shalom (Jerusalém significa paz)! Quanto a um sumário das petições feitas nesta oração, ver o fim do vs. 8.

122.7

Reine paz dentro de teus muros. Tinha havido orações pela *paz* de Jerusalém, e agora a paz é invocada sobre as *muralhas* ou terraplanagens da cidade, quer dizer, sobre as *fortificações* da cidade. "Que o clamor da guerra nunca seja ouvido dentro de tuas fortificações" (William R. Taylor, *in loc.*). Então a paz foi invocada sobre os *palácios* da cidade, que algumas versões preferem trocar por "torres". Que a sedição e a traição nunca a perturbem. Nunca haja homem descontente ali, com suas tentativas de derrubar o monarca. Que a paz *rodeie* Jerusalém e a governe por *dentro*, a fim de que nenhuma coisa perturbadora estrague a harmonia e imponha o caos.

Perante o trono temível de Yahweh,
Vós nações, inclinai-vos com alegria sagrada.

(Isaac Watts)

122.8

Por amor dos meus irmãos e amigos. Os *irmãos* são, aqui, os habitantes de Jerusalém; os *amigos* são os peregrinos que estavam ali justamente para participar das festividades. Os *interesses nacionais* dos peregrinos e residentes em Jerusalém eram que a paz continuasse a reinar "em ti", ou seja, em Jerusalém. A paz em Jerusalém garantiria a paz no país inteiro, e isso fortaleceria os laços da *fraternidade*. A paz dentro do país seria igualada pela paz externa, e assim a prosperidade espiritual e material aumentaria tanto na capital como, de resto, em todo o país.

A Paz É Invocada. 1. Em prol de Jerusalém (vs. 6). 2. Por suas fortificações (vs. 7). 3. Pelos palácios e habitações dos oficiais secundários (vs. 7). 4. Pelos habitantes de Jerusalém (vs. 8). 5. Pelos peregrinos e pela combinação dos peregrinos e habitantes de Jerusalém. 6. Pelos dois países, irmãos dentro do mesmo pacto. 7. A paz no *interior* de Jerusalém, fechando assim o círculo, até onde a invocação tinha começado: Jerusalém, a Áurea.

122.9

Por amor da casa do Senhor, nosso Deus. Agora o poeta fornece a *principal* razão pela qual ele se mostrava tão zeloso acerca da paz e da prosperidade de Jerusalém. Era *ali* que estava a casa de Deus, o santuário, o *templo*. Por amor ao templo, o salmista queria ver Jerusalém abençoada por Yahweh. Se a espiritualidade falhasse, falharia também a nação inteira. Israel era uma nação *distinta* por causa da lei (ver Deu. 4.4-8), e o templo era a cidadela da lei. A fé espiritual é o poder que mantém afastados os poderes estrangeiros que buscam destruir. A fé espiritual promove a fraternidade. A observância da lei dava vida e prosperidade (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). O Targum diz que o homem estava interessado na *adoração* e no *culto* que o templo promovia. Quando falamos no culto, não podemos esquecer as boas obras práticas em favor do próximo, cumprindo a lei do amor, que é o coração da fé espiritual.

A viagem a Jerusalém era uma experiência de aprendizado para o salmista. Ele sentia mais agudamente a unidade nacional. Ele se tornou mais dedicado ao que Jerusalém e seu templo representavam. Estivera em Jerusalém, a cidade dourada, e nunca mais seria o mesmo de novo.

Note o leitor que este salmo *começa* contemplando a casa do Senhor (o templo, vs. 1) e *termina* da mesma maneira (vs. 9).

Jerusalém, a Dourada
Urbs Beata

Jerusalém, a dourada, abençoada com leite e mel!
Por baixo de tua contemplação, afunda o coração e a voz se oprime.
Não sei, oh, não sei, que alegrias espera-nos ali;
Que irradiação de glória, que bênção incomparável.
Há um trono de Davi; e ali, livres de cuidados,
O cântico deles que triunfa, os gritos daqueles que festejam;
E eles, com seu Líder, que venceu na luta,
Para todo o sempre estão vestidos de vestes brancas.

(Bernardo de Cluny)

Salmo Cento e Vinte e Três

Este salmo é uma oração que pede livramento do poder dos inimigos, revelando-se uma *lamentação em grupo*. Quanto às dezessete classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Nada existe neste breve clamor de angústia, dirigido a Yahweh-Elohim, que nos faça identificá-lo com um Cântico de Romagens, ou com a ida dos peregrinos ao templo para atender às festividades religiosas de Israel, ou com o retorno do exílio, terminado o cativeiro babilônico.

Este salmo é uma típica lamentação com seu clamor urgente pedindo ajuda e com a descrição dos inimigos do povo. Mas não termina com uma nota de agradecimento e louvor e, sim, em desespero, conforme acontece a alguns dos salmos de lamentação. E isso concorda com a experiência humana. Este salmo talvez descreva os exilados enquanto eles continuavam na Babilônia e/ou na *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*). E talvez essa tenha sido a consideração que fez os editores classificar este salmo na classe dos cânticos de romagens. Quanto a outros salmos de lamentação que terminam em desespero, ver Sal. 30; 31.9-12; 38.88.

Apelo pela Ajuda Divina (123.1-2)

123.1

A ti, que habitas nos céus. Nosso homem, em sua aflição, olhou para os céus buscando a Yahweh, na esperança de encontrar ajuda em tempos de necessidade. Na terra, o salmista não havia achado solução para salvar sua vida ou ser livrado de homens assassinos. Assim, apelou a Deus para reverter a situação, mediante alguma providência divina drástica. Note o leitor o uso da primeira pessoa do singular "eu" (subentendido nos verbos), nos vss. 1 e 2. Este salmo de lamento pessoal começa como se fosse a lamentação de um único indivíduo. Então, no vs. 3, entra no salmo a primeira pessoa do plural, e assim o lamento se torna a lamentação da nação inteira. Talvez aquele indivíduo isolado represente a comunidade de Israel, no começo da composição. Ou então o homem de número um da comunidade exprima sua própria aflição pessoal.

Elevo os meus olhos. Temos aqui um gesto de oração. Ver Sal. 121.1, quanto a um paralelo, onde apresento notas expositivas. Ver também Nee. 1.4 e 2.4. Ver Sal. 22.2, quanto ao levantar das *mãos*, um gesto semelhante de oração. Sal. 119.48 repete isso. No Novo Testamento, ver Mat. 14.19; João 11.41 e 17.1. "... com os olhos abertos pelo Espírito, os olhos da fé... expressando confiança em Deus... os indignos não podem elevar seus olhos (Esd. 9.6; Sal. 40.12; Luc. 18.13). O Targum mostra Yahweh em Seu trono glorioso no céu, e é nessa direção que o salmista elevou seus olhos, atrás de ajuda.

123.2

Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores. O homem que busca ajuda da parte do Senhor era apenas um humilde servo, um *escravo*, que não tinha real controle sobre a própria vida, dependendo do Senhor até para a continuação de seus dias e para que todas as suas vicissitudes se voltassem na direção certa. Tal como os escravos terrenos nada podem fazer por sua própria autoridade, mas precisam olhar para seus senhores ou senhoras quanto à direção geral que devem tomar, às instruções diárias e ao sustento da vida, assim também todos os homens bons mantêm essa posição diante de Yahweh, em Seu trono, lá em cima, o Grande Senhor de todo o mundo. O homem se humilhou por estar em um período de aflição especial e carecer da intervenção divina. Talvez ele estivesse no exílio, durante o cativeiro babilônico, sendo um dos poucos sobreviventes do ataque mortífero contra Jerusalém, e ainda corresse o perigo diário de ser morto. E mesmo que não fosse morto, era vítima diária dos abusos de homens traiçoeiros. Talvez ele estivesse "lá fora" na *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*), um daqueles que voltou a Jerusalém, a fim de reconstruí-la.

"Os escravos ficavam de pé em silêncio, no fundo da sala, com as mãos cruzadas sobre o peito. Com os olhos abertos e fixos no seu senhor, eles buscavam cumprir todos os desejos do senhor" (*Slavery, Letters on Egypt*, pág. 135).

"... para corrigir, guiar, castigar, dar sustento" (conforme disse Kimchi).

Desprezo Excessivo (123.3-4)

123.3

Tem misericórdia de nós, Senhor. Temos aqui o começo do uso da primeira pessoa do plural — nós —, sem dúvida uma referência a todo o Israel em aflição no cativeiro babilônico, na *diáspora* ou durante algum outro período radical de sofrimento esmigalhador para cujas orações este minúsculo salmo não via resposta alguma, pelo que terminou em forte tom de desespero (ver Sal. 30; 31.9-12; 38.88). O poeta estava repleto de ódio, porquanto era odiado; e o mesmo poder-se-ia dizer quanto aos sobreviventes judeus na Babilônia, ou quanto aos israelitas que permaneciam espalhados nos países pagãos para onde tinham sido arrojados, uma vez que o remanescente retornou a Jerusalém. Conforme C. G. Montefiore tem observado, foi necessário um longo tempo para os judeus aprenderem que Deus não tem inimigos, que Sua misericórdia e Seu amor são universais e não conhecem limites. E foi por isso que Montefiore declarou: "Jesus tinha uma *mensagem nova*. Ele deu aos homens esperança. Ele lhes devotava compaixão e amor, como nunca antes haviam experimentado" ("Contemporary Jewish Religion", em *A Commentary on the Bible*, págs. 122-123).

Temos aqui a antiga circunstância segundo a qual um homem reage a um insulto ou prejuízo recebido insultando ou causando prejuízo. Os judeus "lá fora", nas terras pagãs, eram tratados com desprezo e assim andavam plenos de desprezo pelos ímpios. Falamos sobre o amor, mas no momento de crise, se formos maltratados, imediatamente passamos a maltratar os homens maus que nos prejudicaram. Jesus, porém, em nada se parecia com isso; mas até Paulo, em algumas de suas epístolas, algumas vezes mostra um espírito amargo, como acontece nas duas epístolas aos Coríntios e, sobretudo, na epístola aos Gálatas, onde ele chama a circuncisão de "mutilação". Contudo, a circuncisão era o sinal do pacto abraâmico! Os judeus permaneceram no cativeiro por *longo tempo*, que talvez seja um significado possível da palavra "sobremodo", conforme afirmaram Aben Ezra e Kimchi. À medida que o tempo passava e os judeus continuavam a ser maltratados, eles desenvolveram um desgosto acentuado por seus inimigos. E, assim sendo, invocaram a Yahweh para que tivesse misericórdia e aliviasse o que se tornara uma situação insuportável.

123.4

A nossa alma está saturada. Os captores zombavam dos cativos. Os captores faziam destes últimos o objeto de sua opressão e de suas piadas. E, por essa causa, os cativos passaram a desprezar seus captores. Os captores gozavam de lazer e viviam do trabalho dos escravos cativos. Isso servia de combustível e despertava as chamas de ódio de ambos os lados. Nenhum homem será livre enquanto alguém estiver cativo, e assim os que forçam essa condição desnatural sobre outros homens são, eles mesmos, desnaturais e tornam-se desgostosos e nojentos para si mesmos e para os outros. Aqueles homens ímpios eram "orgulhosos", isto é, "inchados" com sua própria importância. Eles se mostravam *arrogantes* e estavam *à vontade*, sendo "homens que, em razão de sua alta posição na sociedade e de suas riquezas, sentiam-se seguros em sua tirania" (William R. Taylor, *in loc.*). "Que nosso desejo seja satisfeito plenamente, com zombarias dirigidas aos que andam à vontade e aos que desprezam os orgulhosos e nos escarnecem" — esse era o sentimento dos oprimidos. Os opressores eram senhores e senhoras que viviam no luxo enquanto os escravos esperavam suas ordens" (Ellicott, *in loc.*). Genesius comentou sobre a devassidão dos que se sentiam seguros e tinham poder exagerado sobre outros seres humanos.

> *Quanto ao soberbo e presumido, zombador é seu nome:*
> *procede com indignação e arrogância.*
>
> (Provérbios 21.24)

Pontos de Vista Horizontal e Vertical. Jacques Maritain apresentou-nos uma útil metáfora concernente aos mestres. Existem os que assumem uma posição *horizontal*, ou seja, eles se ressentem da falta da visão para cima, para o Ser divino, e passam a ensinar e a aplicar a sabedoria e os métodos terrenos. Podem ser bons mestres, mas falta-lhes a dimensão superior. E existem os que também têm uma dimensão *vertical*. Eles não ensinam sem uma visão para o céu. Esses têm valores superiores e uma referência eterna. No início de sua oração, o salmista começou pela referência vertical, mas logo caiu na referência horizontal e não emergiu novamente na referência vertical. E, assim sendo, este salmo terminou em desespero, com o pobre salmista cheio de problemas por resolver, e seus sofrimentos em nada diminuídos. Assim também muitos mestres da igreja atual, no tocante ao *destino final do homem, promovem uma posição pessimista e terminam sendo mestres com* tendências horizontais. Quanto à espiral que aponta para o céu, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*, que apresenta os dois lados da questão, mas que é, em sua essência, um ponto de vista *vertical*.

Salmo Cento e Vinte e Quatro

Os Salmos 120 a 134, quinze salmos, são chamados *Cânticos de Romagem* (ou dos Degraus ou dos Peregrinos). Ofereço uma introdução geral a esse grupo, no começo dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui a informação.

Este é um *hino de gratidão* pelo livramento da nação de Israel. Com este tema, ele se ajusta bem a certo ponto de vista sobre os Cânticos de Romagem. Ou seja, eles, ou, pelo menos, alguns deles, refletem historicamente a volta dos cativos do cativeiro babilônico. No entanto, este é apenas um pano de fundo possível e histórico desse conjunto de quinze salmos, não sendo necessário supor que todos eles tenham sido inspirados pelo mesmo acontecimento. Quanto a tais questões, deixo ao leitor a tarefa de examinar a introdução ao Salmo 120. Quanto às dezessete classes dos 150 salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício do saltério.

A fim de exaltar o livramento conferido por Yahweh ao povo de Israel, o poeta forneceu detalhes sobre os apertos terríveis em que se encontrava a nação israelita. Israel estava quase inteiramente devorado, quase inteiramente varrido, apanhado em uma rede; mas o poder de Yahweh foi suficiente para anular todas essas perturbações. A emoção do salmista subentende que as tribulações passadas eram recentes. Se este salmo parece apontar para o cativeiro babilônico, alguns vêem nele um levante político do judaísmo posterior, especialmente pelo fato de que o poeta falava a *homens* (vs. 2), e não a *povos* ou *nações*.

No subtítulo, lemos as palavras "de Davi", o que o assinala como o autor; mas essa informação não faz parte original do salmo; antes, é uma adição editorial de tempos posteriores. É óbvio, porém, que, se o cativeiro babilônico está mesmo em pauta, Davi não pode ter sido o autor deste salmo.

Agradecimento pelo Escape (124.1-8)

Yahweh e o Seu Povo (124.1-5)

124.1

Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado. *Yahweh Estava ao Lado de Israel.* A Babilônia era a maior potência da época. O cativeiro foi efetuado com brutal poder, muita matança e destruição. Parece que Judá, tal como sucedeu *antes a Israel, nunca retornaria de terras pagãs e perderia a sua identidade.* Mas Yahweh, que manipulava a cena internacional, fez o império persa esperar por sua vez de agir, e Ciro expediu aquele decreto misericordioso que reverteu a situação, libertando Israel para voltar a Jerusalém, e até prometeu dinheiro e homens para ajudar na atividade restauradora. Essa reversão, que ocorreu bastante cedo (após somente setenta anos em que o cativeiro babilônico havia começado), definidamente foi fruto de *intervenção divina*, e o poeta sagrado reconheceu esse fato nos vss. 1 e 2.

O *Cativeiro Babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) foi o único acontecimento da história de Judá que poderia ter extraído do poeta as descrições que se seguem neste salmo. E é então que encontramos alguns aramaísmos que anulam totalmente qualquer idéia de que Davi tenha composto este salmo. O autor é anônimo, conforme é verdade no caso da maioria dos salmos, a despeito da identificação de vários autores por editores posteriores. Allen P. Ross, que se mostrou ansioso por defender os subtítulos, como se houvesse algum erro em questionar essa opinião, faz aqui um estranho silêncio. Em seu comentário, ele se refere somente ao *escritor*. Entretanto, no vs. 5, ele tenta redimir o falso subtítulo ao falar em outro rei da linhagem de Davi. Falta de bom senso!

Usos Litúrgicos. A incumbência dada a Israel, de declarar o que Yahweh tinha feito, sem dúvida é reflexo do uso litúrgico deste salmo. Este salmo tornou-se um cântico de livramento no segundo templo de Jerusalém.

Kimchi e Ben Melech dizem aqui "esteve conosco", uma declaração menos presunçosa do que falar de Yahweh ao lado de Israel. A mesma cautela se reflete na moderna afirmação de que "estamos ao *lado de Deus*; Ele não está ao nosso lado". Seja como for, o Rei, Protetor e Salvador deles interviera em favor de Judá, ou a nação teria terminado em total *esquecimento*.

124.2

Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado. Para efeito de ênfase, este versículo repete a declaração do vs. 1. É provável que este cântico de agradecimento repita a declaração como uma espécie de refrão do salmo.

Quando os homens. É provável que excessiva importância seja dada a esta expressão. Alguns eruditos dizem aqui que algo nada menor que os temíveis babilônios deve estar em foco. Nenhum acontecimento menor, como um tumulto político, *antes ou depois do cativeiro, seria suficiente para provocar as descrições* que se seguiram. *Homens* podem ter estado por trás desses acontecimentos secundários e, visto que esse termo é usado em lugar de *povos,* alguns olham para outros eventos, que não o cativeiro babilônico, como acontecimentos que provocaram a composição do poema. Mas isso é ver demais no uso do termo *homens.*

... **se levantaram.** Como se fossem um grande dilúvio, conforme o vs. 3 passa a definir. Judá poderia ter sido engolido para sempre, sem remédio, se Yahweh não tivesse intervindo e virado a maré, conforme sucedeu às margens do mar Vermelho, à época do êxodo. Arama fala dessas palavras como se elas estivessem referindo-se à experiência do êxodo.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao anticristo, que ainda surgirá no futuro, mas isso não passa de exagero. O único sentido fácil e natural foi a horrenda varredura produzida pelos exércitos babilônicos.

124.3

E nos teriam engolido vivos. Os *exércitos babilônicos* chegaram como um dilúvio aterrorizante e teriam devorado Judá para sempre, se Yahweh não tivesse revertido a maré da história em outra direção. Cf. Núm. 16.30 e Jer. 51.34, que têm figuras semelhantes para eventos extremamente radicais. A alusão é ao *monstro marinho* que fora trazido pelo dilúvio. Cf. Jon. 1.17 e Pro. 1.12. Winston Churchill falou de vários perigos pelos quais tinha passado e de suas orações contra eles, e então afirmou: "Minha oração, ao que me parece, foi rápida e maravilhosamente respondida" (extraído do livro de autoria de Churchill, *Roving Comission: My Early Life,* pág. 276). Em outra ocasião, ele falou sobre aquela "forte sensação de que uma mão tinha sido estendida para mover-me do lugar fatal em um ápice de tempo", quando sua vida poderia ter sido apagada, caso ele não se tivesse movimentado dali. Havia um poder superior dirigindo a vida de Winston Churchill, porquanto ele era necessário no período mais crítico da história da Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial. Os homens espirituais sabem sobre essas coisas. O poeta deste salmo e a nação de Judá da época também *sabiam dessas coisas.*

A sua ira se acendeu contra nós. O império babilônico expandia-se por meio da violência, e nenhum povo da antiguidade podia resistir a esse assalto. Os homens são ensinados a odiar aos que têm por tarefa matar. Isso facilita a questão. O ódio é insuflado até as chamas da ira, e então a matança torna-se fácil. Muitas foram as vítimas da ira babilônica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Babilônia,* que conta a história inteira. Assim sendo, o poeta move-se da metáfora do *monstro marinho,* para a grande *conflagração* que poderia incendiar uma floresta inteira. Babilônia era ambas as coisas. A ira deles era "cruel e ultrajante" (John Gill, *in loc.*).

124.4

As águas nos teriam submergido. O poeta sagrado voltou à metáfora das águas, deixando de fora, nesta vez, o monstro marinho. O dilúvio estava totalmente fora de controle. Judá era vítima do dilúvio e teria sido uma vítima perdida para sempre se Yahweh não tivesse revertido a maré, controlando a situação internacional. As águas rugiam com a ira dos babilônios. "Aqui o escritor sacro poderia estar pensando nos conflitos desesperados de um homem afundando nas águas turbulentas do mar (cf. Sal. 42.7 e 88.17)" (William R. Taylor, *in loc.*). Mas Yahweh estendeu Sua poderosa mão e arrancou Judá das águas!

> *Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas*
> *catadupas; todas as tuas ondas e vagas*
> *passaram sobre mim.*
>
> (Salmo 42.7)

Arama prefere ficar com a história do êxodo, o exército egípcio como as ondas do mar, e o incidente no mar dos Juncos, mas, se isso ilustra o texto, o salmo à nossa frente está descrevendo, definitivamente, as ações do exército babilônico.

124.5

Águas impetuosas teriam passado sobre a nossa alma. A metáfora das ondas prossegue. Agora os adversários são chamados de *orgulhosos* ou *arrogantes.* Algumas versões e traduções dizem aqui "águas rugidoras"; mas essa é uma aplicação dada ao vocábulo, e não uma tradução literal. O poeta refere-se à insuportável insolência que tanto caracterizava os babilônios, os quais, conforme diz uma moderna expressão, eram "o rei do terreiro e o alto do montão", no mundo antigo da época. Foi assim que, em breve, tudo isso caiu por terra e outro poder, também orgulhoso porém mais benévolo, tomou conta da cena internacional. Yahweh usou o primeiro poder insolente para castigar a Judá, por causa da sua apostasia. Então usou o poder mais benevolente para ajudá-los a retornar do cativeiro, quando os judeus se arrependerem. Cf. Sal. 89.9:

> *Dominas a fúria do mar; quando as suas ondas*
> *se levantam, tu as amainas.*

Cf. Jó 38.11. "... os ímpios que, por meio de seu orgulho, perseguem os pobres santos; aqueles orgulhosos tiranos e perseguidores..." (John Gill, *in loc.*).

Ajuda no Nome de Yahweh (124.6-8)

124.6

Bendito o Senhor que não nos deu por presa aos dentes deles. Yahweh foi aqui louvado e recebeu os agradecimentos dos judeus. Yahweh foi exalçado porque teve misericórdia de Judá e reverteu as águas que poderiam ter consumido completamente os judeus, pondo fim à história deles para sempre. Agora a metáfora foi modificada, e os babilônios tornaram-se *animais selvagens,* como se fossem um leão que mata sem misericórdia. É provável que, neste ponto, a *congregação começasse a cantar,* trazendo à tona essa nova metáfora, para falar do perigo mortal em que se encontrava Judá. A antiga nação de Israel tinha, em seu território, grandes animais de presa, e muita gente caía vítima diante deles. Deve ser coisa muito desagradável tornar-se presa de um grande gato e tornar-se sua refeição! Isso parece tão ridículo, tão absurdo, mas essa tem sido a experiência triste de muita gente. Ver Êxo. 23.29, quanto ao perigo em que estava o antigo povo de Israel. Cf. Sal. 57.4; Pro. 30.14; I Ped. 5.8; I Sam. 17.34,35.

124.7

Salvou-se a nossa alma. Uma nova metáfora foi então aplicada; Judá é agora uma avezinha inocente, que um caçador brutal apanhou em sua rede, para comer aquele pouquinho de carne em torno dos frágeis ossos, ou para usar as penas para enfeitar uma capa. Yahweh, entretanto, quebrou a armadilha. Isso soa como aquele tipo de armadilha feito de duas peças de madeira, entre as quais uma rede é esticada. Quando a ave era apanhada, as duas peças de madeira eram fechadas como se fossem as capas de um livro. A pobre ave entre essas capas ficava totalmente presa. Mas, se uma das peças de madeira se quebrasse, era difícil fechar o aparelho, e a avezinha podia escapar.

"Esta é uma excelente imagem que mostra, ao mesmo tempo, a *debilidade* dos judeus e a *esperteza* de seus adversários" (Adam Clarke, *in loc.*). E também mostra o amor constante de Yahweh, que é aqui retratado como quem quebrava as peças de madeira da armadilha e livrava a ave impotente, na hora de seu maior desespero. Uma variedade dessa arapuca para aves era aquela que ficava achatada de encontro ao solo. Tinha uma espécie de mecanismo pelo qual, quando a infeliz ave a tocava, a armadilha disparava e se fechava, prendendo-a na armadilha.

"O povo de Deus assemelha-se a passarinhos, inofensivos e inocentes, entoando louvores de Deus e tão impotentes diante de seus inimigos: sendo bastante indignos em si mesmos, pela estimativa dos homens, mas de grande valor diante do Pai no céu. Satanás e os homens iníquos são como os passarinheiros que armam ciladas para os impotentes...

I Tim. 3.7; II Tim. 2.26; Sal. 119.110" (John Gill, *in loc.*).

> *Armam ciladas contra mim os ímpios, contudo não me desvio*
> *dos teus preceitos.*
>
> (Salmo 119.110)

Ver também Sal. 10.9 e 91.3: "Ele te livrará do laço do passarinheiro".

124.8

O nosso socorro está em o nome do Senhor. O *Nome* era considerado tão poderoso que bastava sua menção para ser capaz de operar maravilhas. Ver no *Dicionário* e em Sal. 31.3 o artigo chamado *Nome.* E ver *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21. A ajuda viria da parte do *Nome* de Yahweh, e foi assim que Israel (Judá) saiu da Babilônia, embora os que retornaram dali para Israel formassem apenas um minúsculo fragmento do que tinha sido Judá. Yahweh era o próprio Criador, e isso nos diz que havia poder suficiente para produzir um Novo Israel, através do reavivamento da tribo de Judá. E foi então que Judá se tornou conhecido como *Israel.* Cf. Sal. 121.2, que é quase igual ao versículo que temos à nossa frente. Os temores se transformaram em alegria. Uma derrota esmagadora foi anulada por um Novo Dia.

Palavras de consolo vêm ao nosso encontro,
Fazendo calar-se cada temor,
Faladas no meio do silêncio,
Pela voz de nosso Pai.

Avante, portanto, e não temais,
Oh, filhos do dia.
Pois a Sua palavra nunca,
Nunca passará.

(Frances Ridley Havergal)

Salmo Cento e Vinte e Cinco

Os Salmos 120 a 134, em um total de quinze salmos, são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou dos Peregrinos). Ofereço uma introdução geral a este grupo no início dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não reitero aqui o que comentei ali.

Este é um salmo de *lamentação em grupo*, uma oração pedindo o livramento das mãos de inimigos nacionais, ou seja, possui a mesma natureza que o Salmo 123. Ambos os salmos vieram a fazer parte dos Cânticos de Romagens, através da decisão de editores posteriores que criaram um grupo especial com esses quinze salmos. Esses Cânticos de Romagens estão todos interligados por meio de certos temas comuns, mas não, de fato, por fatores históricos. Esses dois salmos (123 e 125) estão incluídos nesse grupo devido ao fato de que os intérpretes, antigos e modernos, pensam que eles refletem o cativeiro de Judá na Babilônia. Além disso, uma das teorias que cerca os Cânticos de Romagens é que eles falam do retorno do remanescente judeu da Babilônia à sua antiga Terra Prometida. Mas outros dentre esses salmos são canções de peregrinos que subiam para participar das festas religiosas anuais em Jerusalém. Ver o Salmo 122, que obviamente também faz parte desse grupo. Portanto, é evidente que o mesmo pano de fundo histórico não uniu esses quinze salmos para que formassem uma unidade. Houve vários incidentes passados que inspiraram a sua composição, e desço a detalhes a respeito, na introdução ao Salmo 120.

Existem bons argumentos, contudo, para encararmos este salmo como um cântico de peregrinos, e não essencialmente como um salmo de lamentação. Nesse caso, ele se assemelha ao Salmo 122 e o classificaríamos como um Cântico de Sião. Quanto às dezessete classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro de Salmos, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Tal como os Salmos 23, 123 e 131, este é um salmo de confiança e consolação, pelo que nenhuma classificação nos conta a história inteira do salmo. Talvez seja melhor chamá-lo de salmo *misto*. O poeta se sentiu consolado ao contemplar os montes de Jerusalém, que simbolizavam a proteção divina. A data de sua composição quase certamente é pós-exílica, em algum tempo entre 587 e 150 A. C., ou seja, do retorno do cativeiro babilônico até o período de domínio dos hasmoneus. Opressores iníquos mencionados poderiam ser homens como Sambalate e seus aliados samaritanos (ver Nee. 4.7-9; 6.10-14). Mas nada existe no próprio salmo que nos permita fixar datas ou marcar referências a circunstâncias históricas.

Um Tema Geral. "Os crentes retos estão seguros nas mãos do Senhor, o qual não permitirá que eles sejam testados a ponto de desviarem de sua integridade. Entretanto, os que se desviarem, devido à incredulidade, serão banidos das bênçãos de Deus juntamente com os ímpios" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O Senhor Está Presente para Proteger o Seu Povo (125.1-5)

Proteção Esperada (125.1-3)

125.1

Os que confiam no Senhor. Se este é um *salmo de lamentação*, então os vss. 1-3 falam da esperança e da consolação de um povo perseguido, de que as coisas seriam endireitadas. A visão do monte Sião inspirara tal confiança. Mas se este é um *cântico de peregrinos*, então o povo de Deus que estava ali, e que sofria tribulações, incluindo as perseguições movidas por homens ímpios, então Israel podia consolar-se no pensamento de que em breve chegaria a Jerusalém, onde esperavam que reinasse a justiça pela qual esperavam, sendo assim curadas todas as injustiças que eles tinham sofrido. Os montes ao redor da Cidade Santa como que montavam guarda por amor à justiça, visando a proteção de todo o Israel, incluindo os peregrinos que se encaminhavam agora para a antiga capital da nação, cumprindo seus deveres e fazendo peregrinações para participar das festividades religiosas ali efetuadas. Três dessas festividades requeriam a presença de todos os israelitas de sexo masculino: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Assim ditava a lei (ver Deu. 16.16,17), embora, em tempos posteriores, quando a população de Israel aumentou e o povo vivia distante da capital, essa lei não continuasse a ser bem obedecida.

O monte Sião torna-se aqui o símbolo de uma segurança eterna e da permanência, idéia essa que, nas páginas do Antigo Testamento, com freqüência é associada aos montes. Ver as notas expositivas sobre Sal. 76.4 e 90.2. Naturalmente, Sal. 102.26 tem uma idéia contrária, mostrando que a própria criação em última análise será reduzida a nada. Mas esse pensamento não era aquele enfatizado no judaísmo. Seja como for, o próprio monte Sião, ou aquilo que ele simboliza, deve ser eterno e um símbolo de paz e prosperidade, bem como de proteção, pelo que os piedosos têm razão de continuar confiando em Yahweh. Ver como a noção de confiança é usada no livro de Salmos, em Sal. 2.12. Ver Sal. 121.1,2 e 122.1,2, quanto a jubilosas antecipações de visitas a Jerusalém.

125.2

Como em redor de Jerusalém estão os montes. Os montes, como se fossem sentinelas, estão de pé, em redor de Jerusalém, para protegê-la de qualquer dano. Assim também o Senhor é a Montanha que protege o Seu povo, cercando-o com Seu amor constante e Suas misericórdias. Da mesma forma que o monte Sião é a figura da bondade eterna, prosperidade e segurança, assim também o Senhor é isso mesmo para o Seu povo. Cf. Sal. 121.2: "O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra". A vara do Senhor está pesadamente apoiada sobre os ímpios (vs. 3), mas não será esse o caso daqueles que confiam no Senhor.

Jerusalém Está Cercada por Colinas Rochosas. Isso acontece por todos os lados da cidade, exceto pelo lado norte. Existem colinas íngremes e vales profundos, pelo que a cidade está situada como se estivesse no meio de um gigantesco anfiteatro. Ao *leste* fica o monte das Oliveiras, separado da cidade pelo vale de Josafá. Ao *sul*, elevam-se os montes do Ofiner, e entre eles e a cidade está o vale do Gehinom. A *oeste* eleva-se outra cadeia de colinas, e entre elas e a cidade está o vale do Giom. Dessa maneira, Jerusalém estava encravada em um conjunto de defesas naturais, simbolizando o poder de Yahweh para guardar em segurança os que Nele confiam. Se historicamente as defesas naturais de Jerusalém não eram suficientes para proteger seus habitantes, mesmo que ajudadas por fortificações construídas pelo homem, tal fracasso jamais poderá ser atribuído a Yahweh. Não obstante, as pessoas morrem, mesmo quando postadas na linha do dever, servindo ao próximo. É conforme disse Sócrates: "Nenhum mal pode sobrevir a um homem bom"; e a isso poderíamos acrescentar: "finalmente". A proteção divina é uma realidade profunda, embora nem sempre se estenda ao corpo, e nem sempre a este mundo. Nossa fé está pelo *lado de dentro* do *véu*, e ali O encontraremos, finalmente (ver Heb. 6.19). Ao pensar nos sofrimentos de Jesus, lembro do que disse certo dia meu tradutor, João M. Bentes: "Deus não facilitou as coisas nem para o Seu próprio Filho, pelo que como poderíamos esperar que as coisas sejam fáceis?". Não obstante, hoje podemos pôr seguramente nossos pés no monte Sião. Ali domina a paz. Há alegria em Jerusalém, a cidade Dourada.

Ele te dará forças, aconteça o que acontecer;
Ele te sustentará nos dias maus.
Aquele que confia no amor imutável de Deus
Edifica sobre a Rocha que não pode ser abalada.

(George Neumark)

125.3

O cetro dos ímpios não permanecerá. A vara castigadora de Deus desceria de súbito sobre pessoas como os ímpios babilônios, os quais tinham destruído Jerusalém e muitas cidades de Judá. Essa vara divina haveria de castigar homens maus em qualquer lugar, dentro ou fora de Israel, caso merecessem a Sua ira. Mas não se descarregaria pesadamente sobre o povo de Deus, a quem Ele dera a terra, para que não se desanimassem com o excessivo sofrimento e abandonassem a vereda da retidão. Um filho excessivamente disciplinado perde a fé na bondade de seus pais. Os pais costumam ter muitas regras, as quais impõem como se fossem decretos de Deus. Uma disciplina moderada e temperada pelo amor faz o bem, mas os exageros levam as crianças a exagerar em seus atos.

Tudo isso é verdadeiro e digno de ser mencionado aqui. Mas o *significado do versículo* é que a regra dos ímpios não demora a perder o controle da Terra onde habita o povo de Deus. *Isso* acabaria fazendo-os desviar-se para caminhos errados. Eles se voltariam para o mal, por causa do mau exemplo, e porque um sofrimento tão inútil, sob os pecadores, levá-los-ia a desanimar e finalmente a desviar-se.

Talvez este versículo teça referências a um Judá restaurado (agora Israel), de volta à sua Terra Prometida. O Novo Israel já começou. Deus protegerá o Novo Israel de outra experiência como a do cativeiro babilônico; no entanto, nas pegadas desta, novas catástrofes sobrevieram a Israel através de outras potências estrangeiras, entre elas a maior de todas, o exílio romano, que ainda não foi completamente revertida, mesmo em nossos próprios dias. Lançamos a culpa de tudo isso no pecado, embora no relacionamento de Deus com os homens existam

enigmas que desafiam explicações fáceis. Contudo, podemos acertar com o sentido deste versículo observando que a vara dos ímpios não *repousará* ali. Poderá ocorrer, mas não permanecerá para sempre. Portanto, podemos contemplar o futuro e dizer: "O presente castigo acabará passando".

"O cetro do Messias finalmente quebrará o cetro dos ímpios (Sal. 2.9; 45.6)" (Fausset, *in loc.*).

125.4,5

Faze o bem, Senhor. *Um apelo direto* é feito aqui, para que Yahweh faça o bem aos bons e seja generoso e gentil para com os que têm coração reto, dando prosperidade e vida aos que estão ligados ao pacto com Deus e guardam a lei (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). O domínio por parte de potências estrangeiras tinha corrompido muitos hebreus, e estes, por temor ou por quererem adaptar-se, tinham desviado do caminho reto e haviam imitado seus senhores estrangeiros (vs. 5). Mas os hebreus que assim fizeram foram castigados e sofreram a mesma punição aplicada aos pagãos, ao passo que os hebreus bons continuariam a prosperar na terra. Não podemos dizer com certeza quais circunstâncias históricas inspiraram o autor a compor os vss. 4 e 5, mas temos aí uma regra geral que pode ser aplicada a muitos casos. Sabemos, entretanto, que, dos hebreus que entraram na Babilônia, muito poucos voltaram à Terra Prometida. Os demais ali permaneceram, ou como cativos, ou por se terem atirado aos negócios e terem prosperado conforme as linhas seguidas pelos ímpios. Eles tinham abandonado sua herança na Terra Prometida. Apesar de todos os lapsos que tinham ocorrido, a paz governava em Jerusalém. A bênção de Deus repousava sobre o lugar. A cidade e o templo foram reconstruídos. Veio à existência um Novo Israel. Quanto à *paz que dominava em Jerusalém,* cf. a declaração de paz em *sete aspectos* de Sal. 122.6-8. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Paz.*

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à paz trazida aos homens pelo Messias, ao passo que o Novo Israel seria a igreja abençoada e reinando suprema.

Quando uma paz como um rio acompanha meu caminho,
Quando a tristeza como o mar espumante rola;
Qualquer que seja a minha sorte,
Tu me tens ensinado a dizer:
Tudo vai bem.
Tudo vai bem em minha alma.

(Horatio G. Spafford)

Salmo Cento e Vinte e Seis

O elo livramento concedido por Deus. Presumivelmente os vss. 1-3 falam do retorno dos exilados do cativeiro babilônico. Um período de alegria sem paralelo foi experimentado quando os exilados retornaram da Babilônia. O vs. 4 deste salmo, pois, pode referir-se a alguma nova calamidade, na qual a graça anterior foi repetida. Mas também pode estar em mira que a boa sorte dos que retornaram à Terra Prometida tinha de continuar, mediante a reconstrução da cidade de Jerusalém e de seu templo, contra inimigos que assediavam os judeus. Alguns intérpretes não conseguem identificar acontecimentos históricos específicos que correspondam ao que lemos neste salmo e simplesmente vêem nele apenas uma oração geral: Yahweh, nos tempos passados, tinha revertido a calamidade, pelo que os judeus oravam para que as coisas continuassem seguindo nessa direção. Na exposição a seguir, ofereço outros sentidos possíveis. "O salmista estava encorajando os homens a crer em um fim feliz... Essa crença faz parte do evangelho cristão e não pode ser descartada como se fosse apenas um pensamento ditado pelo desejo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início da exposição do livro, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Alguns dos salmos, como o de número 126, não podem ser claramente identificados como pertencentes a determinado tipo, pelo que podem ser classificados como tipo misto.

"O salmista estava jubiloso porque o Senhor tinha restaurado a Judá e orava pela *plena* restauração dos cativos. Ele encontrou o seu consolo no princípio da colheita segundo a semeadura" (Allen P. Ross, *in loc.*).

126.1

Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião. *Houve uma alegria geral* entre os judeus quando, por meio do poder de Yahweh e por decreto do imperador persa, Ciro, os cativos voltaram do cativeiro babilônico para Jerusalém. Foi tudo como um belo sonho que, para os exilados que retornavam, em breve se tornou um pesadelo, uma vez que despertaram para a dura realidade da vida. Mas não! Não foi apenas um sonho, pelo que entraram em um estado de êxtase. Eles prorromperam em risos e louvores, reconhecendo que Yahweh é que tinha feito aquilo tudo.

Isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos.
Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.

(Salmo 118.23-24)

Algumas traduções vertem os verbos dos vss. 1-3 no futuro e assim emprestam um sentido escatológico ao texto; mas essa tradução não tem encontrado grande aprovação. Naturalmente, esses versículos têm sido cristianizados e espiritualizados para dar ao salmo esse significado; mas isso pode ser feito mediante aplicação, embora não como interpretação do texto.

Além disso, no caso de alguns estudiosos, temos aqui uma espécie de liturgia da quaresma, em preparação para o Ano Novo, com promessas de reavivamento da vida e da esperança; mas isso certamente é um exagero.

126.2

Então a nossa boca de encheu de riso. A lamentação e o gemido foram substituídos pelo riso e pelos cânticos de alegria, a ponto de os próprios pagãos reconhecerem que algo de incomum havia acontecido. Quando o povo de Israel entrou no cativeiro e suas terras foram habitadas por outras pessoas, para impedir a reocupação, parecia que a situação era permanente. Mas eis que o remanescente de Judá voltou à Terra Prometida apenas após setenta anos! O cativeiro ocorreu como um castigo da parte de Yahweh, por motivo de apostasia; e a volta à Terra Prometida ocorreu por causa de Yahweh, em vista do arrependimento de Israel. O poder divino tinha movimentado os babilônios e posteriormente movimentou Ciro, rei da Pérsia, para estabelecer seu decreto misericordioso e benevolente.

A nossa língua de júbilo. Louvores a Deus foram entoados espontaneamente, por parte de indivíduos judeus e, então, pela comunidade judaica, e louvores litúrgicos formais foram entoados de acordo com o ritual que cercava os sacrifícios. Eram louvores dados pelos restaurados, tal como também encontramos em Isa. 42.11; 44.23 e 44.1. Alguns pensam estar em foco os cânticos escatológicos dos últimos dias (conforme fez De Burgh), uma aplicação legítima do texto. Ver Eze. 36.35,36; 37.21 e 28.

"Podemos encontrar tanto bem derivado do mal que isso nos serve de inspiração quanto ao futuro... A atitude do homem espiritual no tocante ao passado não é sentimental nem preconcebida. Antes, é um esforço para declarar a verdade sem temor ou favor, e não somente a verdade sobre as intenções e os atos humanos, mas também a verdade a respeito de Deus e do desdobramento de Seus propósitos. Outra lição é que o mundo não é inconsciente do que acontece ao povo de Deus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Antes de lamentar, os judeus penduraram suas harpas nos salgueiros (ver Sal. 137.2). Eles não conseguiam cantar ao Senhor enquanto estiveram em terras estrangeiras. Mas agora o coração deles transbordava de gratidão e louvor. Todos os seus gestos eram jubilosos. A transformação foi verdadeiramente divina.

126.3

Com efeito, grandes cousas fez o Senhor por nós. Benditos são os tempos em que podemos repetir essas palavras. Quanto a mim, posso dizer que esses tempos não têm sido poucos. Dessa maneira, reconhecemos a mão de Deus atuando em nossa vida, e sabemos que certas coisas não poderiam ter ocorrido a menos que a mão de Deus tivesse agido no meio delas.

Deus nobis haec otia fecit —
Só Deus nos deu essa expansão.

"Tantas aflições do mundo se originam de querermos dizer o que *temos feito,* e não o que *Deus* tem feito por nós. As aflições, devemos guardá-las para nós mesmos. As bênçãos, devemos compartilhá-las com outras pessoas. Essas bênçãos *não são poucas nem pequenas"* (J. R. P. Sclater, *in loc.*). "Foi um período de júbilo, após um tempo de tristeza" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre a obra terminada de Cristo, Suas obras de redenção, a salvação dos homens. "... essas obras são *tão* grandes e gloriosas, tão ricas e livres, mas, para os pecadores, tão desmerecidas" (John Gill, *in loc.*). Tal é o triunfo do amor. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira..." (João 3.16).

Oh, dia de descanso e de alegria,
Oh, dia de júbilo e de luz,
Oh, bálsamo para a preocupação e a tristeza,
Belíssimo e brilhante.

(Christopher Wordsworth)

126.4

Restaura, Senhor, a nossa sorte. As palavras do vs. 1 são repetidas. Consideremos aqui os seis pontos seguintes:

1. Isso poderia significar que Israel (Judá) achava-se agora em outra aflição e pedia um livramento divino como aquele experimentado em outras ocasiões.
2. Ou então o remanescente judeu, tendo voltado da Babilônia, precisava agora da ajuda divina para reconstruir Jerusalém, a despeito da oposição que estava sendo encontrada.
3. Ou então todos os termos são gerais sem nenhuma referência a uma provação específica, isto é, este versículo é *didático*, ensinando sobre a ajuda divina em qualquer provação que possa ser experimentada.
4. Alguns eruditos pensam aqui em um sentido escatológico, estando em vista o livramento do futuro, operado pela intervenção divina.
5. Ou então o poeta estava pensando nos seus muitos compatriotas hebreus que continuavam escravizados a povos estrangeiros, pessoas que não retornaram com o remanescente e continuavam vivendo na *diáspora* (ver a respeito no *Dicionário*). Os filhos de Israel também careciam de outra intervenção divina que os levasse a Jerusalém.
6. Esta oração solicita, essencialmente, que o Senhor *complete* o processo de restauração, talvez tanto em relação ao remanescente que já havia voltado a Jerusalém e a estava reedificando, quanto em relação aos que ainda retornariam à Terra Prometida. Torço pelas posições quinta ou sexta como o que está em foco aqui.

Como as torrentes no Neguebe. Parece estar em pauta uma nova restauração do povo de Israel, ou então a que já tinha sido iniciada se completaria, parecendo-se com a renovação das águas nos desertos do sul (Neguebe), onde imperava a sequidão, mas que, a certos períodos do ano, devido à neve que se dissolvia no norte, eram invadidos por águas que fluíam abundantemente por algum tempo. Ou podemos pensar na estação chuvosa, quando havia abundância de águas, embora apenas temporariamente. Torrentes de águas transmissoras de vida fluíam (Jó 6.15-17). Essas torrentes falam da misericórdia divina em lugares secos. Os israelitas que tinham sido deixados na diáspora (dispersão dos judeus) estavam como que em desertos materiais e espirituais e precisavam receber uma misericórdia inesperada. Os desertos na parte sul do território de Judá, durante a estação chuvosa, experimentavam enchentes súbitas que extravasavam as margens de seus wadis, ou seja, água abundante. E era isso que Judá tanto precisava para que houvesse *restauração completa*. Portanto, a oração do profeta foi: "Alegra esta terra crestada". Alguns estudiosos vêem aqui as enchentes sazonais do rio Nilo, pois eram elas que davam vida ao Egito. A água das enchentes provinha da neve derretida que havia na cabeceira do rio Nilo.

126.5

Os que com lágrimas semeiam. Neste ponto, o autor sagrado passa a usar outra figura simbólica, o tempo da colheita, que era sempre um tempo de *alegria*. Ele queria ver a restauração de Israel ser completada, tal como a colheita era o término das atividades do ano agrícola, o sumário do ano de trabalho, o resultado esperado de todo o labor que permeara o processo inteiro. Na Babilônia, os cativos israelitas choravam. De volta a Jerusalém, ficavam cheios de alegria (vs. 2). Eles tinham obtido grande colheita espiritual, na qual se regozijavam. O salmista, pois, queria que isso fosse verdade no que concernia a todos os hebreus, tanto os que já haviam retornado do cativeiro babilônico como os que ainda precisavam ser restaurados.

Com júbilo ceifarão. Algumas traduções dizem aqui "com cânticos de júbilo", que é mais ou menos o que já se viu no vs. 2. Outras traduções, como a nossa versão portuguesa, dizem apenas "júbilo"; mas o hebraico diz, literalmente, *cantando*. Ver nas notas expositivas sobre o vs. 2 uma explicação da figura simbólica. Outros eruditos pensam que o autor sacro empregou um provérbio comum que lhe subiu à mente, e isso explicaria a súbita mudança da figura da *torrente* para a figura da *colheita*.

A agricultura era, naquela época, como é até hoje, um *negócio precário*, sempre dependente das chuvas e da neve, bem como de proteção contra as pragas, a invasão de estrangeiros e outros fatores que podiam entravar o processo e anular a *colheita esperada*. Por isso mesmo, Judá vivia em tempos precários.

126.6

Quem sai andando e chorando. Este versículo *reforça* a declaração simples do versículo anterior. O agricultor enfrenta uma tarefa difícil. Quando sai a semear, ele se defronta com muitos fatores desconhecidos. Haverá chuvas? As torrentes de águas continuarão fluindo? As doenças destruirão as jovens plantinhas? O gafanhoto e outros insetos devorarão a safra do ano? Saqueadores virão e roubarão os frutos do trabalho, antes que a colheita seja efetuada? Todos esses perigos potenciais ou experiências de reais tribulações e retrocessos são comparados às *lágrimas* que o agricultor derrama. E essas lágrimas são uma figura de tudo por que Judá passara no cativeiro e de tudo o que alguns ainda experimentavam. Se todos os fatores, divinos e humanos, cooperassem juntamente, então a colheita se seguiria. A *semente preciosa* que fora semeada em meio a lágrimas produziria frutos abundantes de alegria. O cativeiro seria totalmente revertido; Jerusalém seria reconstruída e prosperaria; outros exilados voltariam à Terra Prometida. A *diáspora* seria revertida, e o resultado seria um Novo Israel, por meio da restauração de uma das tribos de Israel, Judá. Essa seria uma das obras maravilhosas de Yahweh, e os homens se regozijariam nela. Cf. as palavras de Ageu, que foi um dos contemporâneos com o retorno de Israel à sua terra: Ageu 1.10,11; 2.19. Ver também Amós 9.13. A alegria foi a nota-chave quando "os sacerdotes e os levitas, bem como todo o resto do povo cativo, observaram a dedicação do segundo templo, a nova Casa de Deus (cf. Esd. 6.16; Nee. 12.42)" (Ellicott, *in loc.*).

Quanto ao Novo Testamento, cf. II Cor. 9.6; Gál. 6.8,9 e I Tim. 5.7,8. Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à obra realizada por Jesus (ver Mat. 13.1-8,18,23), então à obra subseqüente dos apóstolos e então à obra da igreja, o que tem resultado em grande colheita espiritual em todas as nações. Ver também Isa. 66.20, que tem uma aplicação aqui.

Andaremos e andaremos e choraremos,
Levando a mão cheia de semente preciosa.
Ele voltará, voltará cantando,
Trazendo os seus molhos.

(Ellicott)

Aben Ezra lembra-nos da sacola de semente que o fazendeiro carregava, a qual trazia as esperanças de uma colheita. A semente era algo tão pequeno, mas que produzia tão grandes e jubilosos resultados. Ver João 4.31-38 e II Tes. 2.19,29.

Trazendo os molhos,
Trazendo os molhos.
Chegaremos nos regozijando,
Trazendo os molhos.

Salmo Cento e Vinte e Sete

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Ofereço uma introdução geral a esse grupo, no início dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *salmo de sabedoria* que celebra um lar seguro e uma família numerosa, ambos referidos como presentes de Yahweh. Um pai que com muitos filhos sente-se em segurança e é especialmente abençoado, e atribui suas bênçãos à providência divina. Editores posteriores adicionaram este salmo à coleção dos Cânticos de Romagens, porquanto poderíamos compreender que esse salmo fala sobre as felizes condições dos cativos restaurados que retornaram do cativeiro babilônico. Alguns vêem neste salmo a alegria dos peregrinos que foram abrindo caminho para Jerusalém, a fim de comparecer a uma das festividades sagradas, possivelmente em grupos familiares. Mas essa idéia parece bastante improvável. É difícil justificar a presença deste salmo entre os Cânticos de Romagens. Mas ver os comentários no fim da exposição sobre o vs. 1, que poderiam prover uma razão para essa inclusão. Já pudemos averiguar que esses quinze salmos, embora estejam juntos, reunidos por um ou mais editores posteriores, na realidade formam um grupo heterogêneo. Temos alguns que refletem o retorno da Babilônia; outros se ajustam melhor à idéia de um peregrino; alguns refletem o cativeiro na *Babilônia;* e agora encontramos este salmo de sabedoria! Quanto a outros salmos de sabedoria, ver os Salmos 1, 49, 73, 128 e 133. Portanto, mais dois salmos de sabedoria foram incluídos entre os quinze Cânticos de Romagens, formando assim um total de três salmos, no grupo.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que forma uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

A Total Dependência do Homem a Deus (127.1,2)

127.1

Se o Senhor não edificar a casa. Este salmo de sabedoria enfatiza a importância e o valor da unidade familiar, o que faz o clã tornar-se saudável, e bons clãs podem tornar toda a nação feliz e segura. Yahweh edifica lares, clãs e casas, no interior do país e nas cidades. Ele também é o guardador das cidades, onde famílias felizes vivem. Ele é o guarda da cidade, a qual viveria em um

estado precário, a despeito das sentinelas humanas que estão sempre em atitude de dever.

Quatro atividades humanas e estados que precisam da ajuda divina, a saber:

1. A *casa*, em sentido literal ou figurado, é a habitação simples de uma família, ou então é a casa da nação (vs. 1).
2. A *proteção* da cidade (vs. 1). Yahweh é a Sentinela Suprema.
3. Ele *dá significado ao trabalho*, pois é inútil levantar-se para trabalhar, comer e ocupar-se de outras atividades, a menos que Ele esteja ali para proteger, guiar e dar vida contínua (vs. 2).
4. Ele dá a Seus amados o *descanso e o sono necessário* (vs. 2), pelo que eles podem continuar vivendo. Ou seja, Ele *restaura* os homens para realizar o trabalho. Portanto, *torna-se evidente a dependência total do homem a Deus*, e isso de muitas maneiras. Essa é a *quarta* área na qual a ajuda divina se faz necessária.

Três Significados Possíveis para "Casa". 1. A casa de Deus, a reconstrução do templo, o segundo templo de Jerusalém. 2. Casas individuais para famílias individuais, a primeira unidade da sociedade. 3. Posteridade, prole numerosa.

O Senhor Guarda a Cidade. Poderia estar em vista a cidade reconstruída de Jerusalém. O remanescente estava de volta, mas a cidade reconstruída precisava de Yahweh como uma sentinela, pois, de outra sorte, todo o empreendimento poderia ser anulado por oponentes como Sambalate e seus aliados samaritanos. Talvez essa interpretação seja a que tenha levado o Salmo 127 a ser incluído entre os Cânticos de Romagens.

127.2

Inútil vos será levantar de madrugada. Ver os comentários no vs. 1, sob as *quatro atividades humanas*, onde o autor sagrado declara precisar da ajuda divina. Dessas quatro atividades, temos aqui a terceira e a quarta. Provavelmente, o agricultor é a pessoa em vista aqui. Ele se levanta bem cedo e trabalha arduamente, até o pôr-do-sol. Figuradamente, o agricultor "come o pão do trabalho ansioso" (Revised Standard Version). Seu trabalho é tão difícil que é com ansiedade que ele tem de comer. Ou então, se o alimento literal está em foco, cumpre-nos entender que o que ele come é uma coisa miserável. O agricultor não é como um rei em seu palácio, mas é como um trabalhador diarista, que tem apenas um pouco de tudo, incluindo o alimento. Isso nos faz lembrar de Neemias e seus ajudantes, que trabalharam duramente dia e noite para reconstruir as muralhas, tinham poucas provisões e suportavam as zombarias de seus inimigos. Ou, por outra parte, a referência é geral, indicando qualquer pessoa que tenha de trabalhar para sobreviver. O trabalho dos homens é infrutífero, a menos que Yahweh esteja presente para dar sentido ao trabalho. Alguns agricultores eram tão pobres na Palestina que tinham somente uma *refeição*, a qual ocorria no fim do dia, e note-se aqui que o ato de comer é posto no fim da seqüência.

Aos seus amados ele o dá enquanto dormem. Estas palavras parecem referir-se aos poderes restauradores transmitidos pelo sono, aqui atribuídos às bênçãos e à bondade de Yahweh. Essa é a *quarta coisa* de que os homens precisam para continuar com a sua luta. Sem tal restauração, todo o processo da vida cessaria. Há estudos modernos que demonstram a necessidade absoluta tanto do sono como dos sonhos. Ambos contribuem para a restauração física e psicológica. A descrição toda é extremamente humana. O homem que trabalha arduamente continua a trabalhar da manhã à noite. Ele come quase correndo, demorando-se, no máximo, dez minutos para comer. E volta para casa muito cansado. Ele literalmente cai na cama. Repousa e dorme como se fosse uma rocha. E então, para sua surpresa, na manhã seguinte, sente-se refrigerado e restaurado e assim pode repetir o processo.

O trabalho árduo reveste-se de certa qualidade espiritual. O trabalho limpa a alma das coisas supérfluas. É uma virtude em si mesmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Trabalho, Dignidade e Ética do.*

> *O ócio é o refúgio das mentes fracas, e o feriado dos insensatos.*
>
> (Lord Chesterfield)

> *Não existe lugar na civilização para o ocioso. Nenhum de nós tem o direito ao lazer.*
>
> (Henry Ford)

> *O trabalho árduo redime o tempo. A preguiça o desperdiça.*

Aos seus amados. Primariamente, temos aqui uma referência ao povo de Israel, o povo em pacto com Deus, e, secundariamente, uma referência a qualquer homem bom, a qualquer homem espiritual. Ver Sal. 60.5; 108.6. "Amados" é um termo comumente empregado para designar os crentes nas páginas do Novo Testamento (ver Rom. 1.7; 16.8; I Cor. 4.14). Em Rom. 9.25, Israel é chamado de "amado" de Deus. Além disso, Cristo é, supremamente, "o Amado" (Efé. 1.6). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amado.*

Os antigos consideravam o sono uma *dádiva divina*, uma parte necessária da vida (conforme disse Virgílio, *Eneida*, 1.2, vss. 264 e 265).

Neste salmo se ensina a absoluta dependência do homem a Deus. Ver as palavras de Jesus sobre isso, em Luc. 12.12-31.

Filhos, a Herança do Senhor (127.3-5)

127.3

Herança do Senhor são os filhos. Continuamos dentro do *contexto do agricultor.* Quanto mais filhos tinha um homem, mais trabalhadores no campo ele possuía, o que explica sua maior prosperidade, uma bênção para toda a família. Mas o versículo ultrapassa as considerações econômicas. Era uma característica dos hebreus querer famílias numerosas, e ver a mão de Deus fazendo prosperar o homem que tivesse muitos filhos. Não ter filhos era uma grande calamidade. Ter poucos filhos era algo aceitável, mas não ideal. Portanto, temos exibido aqui o forte desejo de um homem que esperava ardentemente ter mais e mais filhos. Esse desejo foi uma das razões para os casamentos polígamos. É difícil para uma mulher dar a um homem todos os filhos que ele deseja. Yahweh estava bem no centro da questão, recebendo crédito por dar ao homem uma *herança especial*, sob a forma de filhos. Um homem é *recompensado* por Yahweh sob a forma de filhos, possivelmente, na maioria dos casos, em vez de prosperidade material que iludia os pobres. Os homens gostam de prosperar materialmente e obter heranças. Quanto ao homem pobre, ambas as coisas podiam ser verdadeiras em seus muitos filhos.

A Continuação da Linhagem. Uma das razões para um homem ter muitos filhos era a continuação da sua própria linhagem. Na Terra Prometida, cada família tinha sua própria herança sob a forma de terras, mas era mister que a família continuasse para que a terra fosse retida por aquela família. No caso de não haver filhos, as filhas podiam herdar as terras, *se* elas se casassem dentro de suas próprias tribos. Isso mantinha as terras sempre dentro da respectiva tribo. Ver Núm. 27.1-11. Cf. Gên. 33.5; 48.9 e Jos. 24.4.

127.4

Como flechas na mão do guerreiro. Consideremos aqui os seguintes pontos:

1. Quase certamente temos aqui o reconhecimento de que Israel precisaria defender-se pela força, ou seja, precisaria sempre de muitos *soldados.*
2. Mas uma *família* também seria mais bem defendida de qualquer tipo de inimigo ou oposição se um homem possuísse muitos filhos vigorosos ao seu lado. Também seria difícil um juiz declarar-se contra ele injustamente. Tal homem poderia enfrentar de rosto erguido a face dos que quisessem vingar-se contra ele. Seria difícil perpetrar qualquer ato de violência contra tal homem, pois sempre haveria um vingador de sangue.
3. Os filhos seriam suas *flechas metafóricas*, que ele poderia atirar contra qualquer problema ou vexame. Os filhos seriam seus solucionadores de problemas.
4. Além disso, os filhos de um homem seriam suas *flechas psicológicas.* Haveria o amor de família que ajudaria cada membro a ter uma vida mais feliz e mais próspera.

Os filhos da mocidade. Consideremos aqui os seguintes pontos:

1. Era e é um sentimento que os filhos nascidos de pais mais jovens são mais fortes e, talvez, intelectualmente mais brilhantes.
2. A ciência tem demonstrado que os espermatozóides de um homem não variam da juventude à idade avançada. Os espermatozóides continuam saudáveis, como os da juventude, por todos os anos de vida de um homem. Infelizmente, porém, não se pode dizer o mesmo a respeito dos óvulos de uma mulher idosa.
3. Provavelmente a declaração inclui a idéia de que um homem que tenha filhos quando jovem poderá cuidar deles melhor do que um homem já idoso, pois os seus filhos ainda serão muito pequenos quando ele chegar a certa idade. O pior de tudo é que ele morrerá quando os filhos ainda estiverem relativamente jovens, e isso deixará os filhos sem pai em um período crítico da vida.
4. Além disso, há um sentimento geral de que, de alguma maneira, é *mais apropriado* a um jovem casal ter filhos que os acompanhem quando eles ainda estão relativamente jovens, do que filhos que tenham de fazer companhia a pessoas de mais idade, como se fossem seus avós. Por outra parte, estudos sociais demonstram que homens de mais idade (cerca da idade de um avô) tornam-se melhores *pais* do que homens mais jovens. Esses pais de mais idade têm mais conhecimento; têm mais sabedoria; são mais sensíveis e, com freqüência, mais amorosos. Eles impõem demandas menos insensa-

tas sobre os filhos. Espiritualmente, os pais estariam mais bem preparados para levar uma vida juvenil do que um homem jovem que encontre dificuldades em dirigir a própria vida. A grande desvantagem, naturalmente, é que um homem mais idoso, embora seja um pai superior, não pode ficar por perto tempo suficiente para conduzir os filhos em suas missões. Por outro lado, Deus tem graça suficiente para dar *esse privilégio* ao homem. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

127.5

Feliz o homem que enche deles a sua aljava. Um homem que tenha muitos filhos, à semelhança do arqueiro que tem sua aljava cheia de flechas, é abençoado, ou seja, é um homem *feliz*. Todas as *vantagens* listadas nos vss. 3 e 4 são dele. Ninguém será capaz de envergonhá-lo. Seus filhos correrão para o seu lado, com sobrolhos carregados, ao olhar para seus inimigos. Esses filhos defenderão a família e o país. Os inimigos não conseguirão lançá-los facilmente ao opróbrio, sem importar se esse opróbrio é pessoal ou nacional (ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.21; 77.66; 83.16; 86.18; 109.28 e 119.31,78). Adam Clarke (*in loc.*) observou estranhamente: "*Gravida sagittis*, isto é, uma *aljava grávida com flechas*. Feliz é o homem que tem uma esposa frutífera, que lhe dá muitos filhos".

Quando pleitear com os inimigos à porta. Ou seja, em uma das portas de entrada na cidade, onde eram efetuados o comércio e as transações legais. A esse homem estaria garantida a prosperidade no comércio, ou a justiça nos tribunais, caso ele tivesse filhos vigorosos que o acompanhassem e o apoiassem em todas as coisas.

Este salmo poderia ser intitulado: "O Solilóquio do Feliz Dono de Casa". Até um homem pobre pode ser rico quanto à sua posteridade.

Cf. este versículo a uma citação significativa, extraída da literatura grega:

> *Os homens oram para que seus filhos os rodeiem,*
> *Uma prole obediente, para se vingarem de seus inimigos*
> *Com danos, e honrarem àqueles a quem seu pai ama.*
> *Mas aquele cuja prole não tem proveito,*
> *Gera somente tristeza para si mesmo,*
> *E ele aumenta o riso de seus inimigos.*
>
> (Sófocles, *Antig.* 641)

Contrastar as declarações deste versículo com Jó 5.4, onde vemos os filhos de um homem "espezinhados" nas portas da cidade. O pai deles, que fora forte e próspero, morrera, e outros homens fizeram com eles o que bem entenderam.

O Targum diz aqui "Na porta da casa do julgamento", ou seja, refere-se particularmente a questões legais que um homem poderia sofrer se não tivesse filhos para apoiá-lo em sua hora de tribulação.

Salmo Cento e Vinte e Oito

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados de Cânticos das Romagens (ou Cânticos dos Degraus ou Cânticos do Peregrino). Apresentei uma introdução geral a esse grupo de salmos no início dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *salmo de sabedoria*, cuja mensagem central é que o homem que se devota a Yahweh terá numerosa e próspera família como *recompensa*. Este salmo é como uma seqüência ao Salmo 127, também um salmo de sabedoria e também um salmo sobre a família. Talvez editores posteriores tenham adicionado este salmo e o anterior a um grupo de *Cânticos de Romagens* porque eles declaram a prosperidade e a felicidade de grupos familiares na restaurada cidade de Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico. O Senhor era a sentinela da cidade restaurada, conforme se aprende em Sal. 127.1, e também quem abençoava as famílias que ali residiam. Esse raciocínio parece bastante remoto, mas talvez seja isso o que inspirou os compiladores quando eles produziram o conjunto dos *quinze salmos*. O certo é que, historicamente falando, esses salmos originalmente não formavam um grupo distintivo. São bastante heterogêneos, contando com alguns salmos que pertencem mais à classe dos cânticos do peregrino, outros que falam de Judá no *cativeiro* na Babilônia, e outros que falam da volta do remanescente *do cativeiro*, além de haver salmos de sabedoria que, provavelmente, não têm nenhuma conexão real e histórica com os demais. Ver no final dos comentários à introdução do Salmo 120 o *sumário* sobre os tipos de salmos incorporados no conjunto.

O *homem bom* terá numerosa posteridade (vs. 6) e será recompensado por seu temor a Yahweh (vs. 4). Em outras palavras, sua posteridade será elevada, o que, em sua essência, é aquilo que é o *temor de Deus*, no Antigo Testamento. Ver as notas em Sal. 119.38, quanto ao temor do Senhor, e ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Temor*, quanto a maiores detalhes.

Outros *salmos de sabedoria* são os de número 1, 49, 73 e 113 (além dos de número 127 e 128). Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ali ofereço dezessete classes e listei os salmos pertencentes a cada uma delas.

Bem-aventurado o Lar onde Deus é Temido (128.1-6)

Desfrutando os Frutos do Próprio Labor (128.1-2)

128.1

Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor. O *temor do Senhor* é a *nota-chave* deste salmo e um dos principais temas do saltério. É um conceito bastante complexo, pelo que recomendo ao leitor examinar Sal. 119.38 e o artigo do *Dicionário* chamado *Temor*, quanto a amplas explicações. O ensino inclui o temor literal, conforme encontramos em Sal. 119.120. Mas em sua essência significa algo como a *espiritualidade*, segundo as bases do Antigo Testamento, juntamente com a obediência à lei, em suas demandas morais, cerimoniais e rituais, pois as questões cerimoniais e rituais, para a mente dos hebreus, faziam parte das questões *morais*. Naturalmente, o espantoso Yahweh era literalmente temido, mas isso era apenas parte do todo, e não a questão inteira.

Seja como for, aquele que teme a Yahweh é que será o homem feliz, porquanto receberá toda espécie de recompensa por sua piedade. Ele caminhará ao longo de seus caminhos, ou seja, os *caminhos* da lei mosaica, o manual de fé e conduta para os hebreus.

Quanto aos *caminhos* de Yahweh, ver também Sal. 1.1 e 37.5. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*. O Salmo 119 conta com catorze referências ao caminho da lei ou aos caminhos errôneos. Quanto a alguns exemplos, ver Sal. 119.1,9,14,27,29,30,32,33,37,101,104 e 128. Os termos *bendito* e *caminhos* são vocábulos favoritos nos salmos de sabedoria. Ver no *Dicionário* sobre *Sabedoria*, seção III, quanto a esse tipo de produção literária.

Este versículo tem sido espiritualizado para que se refira ao caminho do Novo Testamento de Cristo e sua bem-aventurança, que conduz à vida eterna.

128.2

Do trabalho de tuas mãos comerás. O bom marido estava tentando criar uma família feliz. Ele contava com a cooperação de seus familiares (vs. 3). Precisava trabalhar para sustentar sua família, mas o fazia com a segurança, por causa de sua piedade, de que obteria sucesso em seu trabalho. Ele comeria do fruto de seus labores. Seu trabalho seria produtivo e produziria resultados prósperos. Esse é um homem feliz, e *tudo* vai bem com ele. Quando as tragédias nos ferem e parecem anular toda essa fotografia otimista, temos de depender da fé. Há *enigmas* no trato de Deus com os homens, e existem os golpes do *caos*, contra os quais devemos orar todos os dias. Portanto, o homem bom nem sempre está no meio da abundância e da felicidade, por causa de suas circunstâncias físicas. Seja como for, em última análise temos de retornar às questões da alma, de sua vida, da sobrevivência e da participação na felicidade celeste, que garantem o cumprimento das promessas divinas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal*.

As passagens do Antigo Testamento que prometem a felicidade e a prosperidade para os bons indivíduos (que temem a Deus) são agradáveis de ler, embora tenhamos de pensar nas exceções. Para garantir a validade dessas promessas, é preciso fazer a alma entrar no quadro, o que os escritores hebraicos daqueles tempos primitivos não fizeram, pelo menos em sua maior parte.

Os hebreus, no período mais antigo da história, eram nômades. Então se estabeleceram em comunidades e se ocuparam da agricultura. Mas a agricultura era uma atividade precária que com freqüência deixava as pessoas famintas. Inimigos devoravam as plantações (Deu. 28.30; Lev. 26.16). A seca podia destruir o labor de uma estação inteira. Portanto, para manter os males afastados, um israelita precisava ser um homem bom, porque tais males eram considerados castigos divinos.

Prosperidade, um Teste da Bondade (128.3-4)

128.3

Tua esposa, no interior da tua casa. O *homem bom* seria como uma esposa fértil, e o resultado seria muitos filhos que medravam por toda parte, como se fossem oliveiras. Isso faria parte das atividades agrícolas de um homem. Sua *fazenda*, dentro do lar, seria uma vida abundante e próspera, como sua *plantação* no campo. Nos campos, tal homem veria muitas oliveiras e videiras e, em sua casa, contaria como muitas "oliveiras". Ambas as plantas seriam resultado natural de sua bondade e temor a Yahweh (vs. 1). Ele seria um homem abençoado por boas colheitas, no campo e no lar. Quando a família se sentava para as refeições,

haveria muitos brotos crescendo em redor da mesa, oliveiras jovens, saudáveis e entusiasmadas, crescendo em abundância, em saúde e alegria.

"A *vinha* e a *oliveira*, na poesia hebraica, eram símbolos freqüentes de frutificação e de um estado feliz e florescente. Ver Sal. 52.8; Jer. 11.16. A comparação entre as crianças e os brotos jovens e saudáveis de uma árvore, naturalmente, é comum a toda poesia, sendo, de fato, latente em expressões como 'o descendente de uma casa nobre'. Cf. a obra de Eurípedes, *Media*, 1.098, *um doce e jovem rebento de crianças*" (Ellicott, *in loc.*).

O poeta nos dizia que Yahweh recompensa o homem bom com a *herança* (127.3) de uma boa família, e uma *boa família* significava uma família com *muitos* filhos. Essa era a atitude da época. Atualmente, uma família de quatro membros (dois filhos) é considerada o ideal neste mundo superpopuloso e empobrecido.

Videira frutífera... rebentos de oliveira. Note o leitor que a boa esposa seria como uma videira e, por implicação, teria muitos filhos, que seriam comparados com *cachos de uvas*. As *crianças também são comparadas a oliveiras* saudáveis. Dessa maneira, dois principais produtos agrícolas são referidos neste salmo. Fazer da mulher uma videira e de seus filhos, oliveiras é uma incongruência agrícola, mas o autor sagrado não estava preocupado em produzir metáforas correspondentes.

128.4

Eis como será abençoado o homem que teme ao Senhor! Temos aqui a *conclusão* do minúsculo parágrafo que trata da posteridade como uma prova de bondade. *O poeta afirmou essa idéia como um Eis como será abençoado o homem que teme ao Senhor.* O homem verdadeiramente espiritual prosperará tanto em seu lar como no local de trabalho. A declaração moderna de que "Nenhum sucesso no mundo pode compensar o fracasso no lar" seria apreciada pelo salmista. Ele vinculava de perto o sucesso no campo com o sucesso no lar, e pôs as duas coisas em um único pacote. O poeta dizia que o homem que teme a Deus teria um *grande galardão*, o que significa que qualquer esforço para garantir tal resultado valeria a pena.

Eis como será. O autor sagrado nos convida a dar uma espiada no belo quadro por ele pintado, a fim de tirarmos proveito da cena. "Ele nos chama a atenção, porque somos pobres observadores dos caminhos retos e graciosos de Deus!" (Fausset, *in loc.*).

Os que procuram vincular este salmo aos peregrinos lembram como famílias inteiras se reuniam para a celebração das festividades anuais, embora somente os indivíduos do sexo masculino fossem obrigados a comparecer (ver Deu. 16.16,17), mas isso é uma evidência fraca.

A Prosperidade de Jerusalém (128.5-6)

128.5

O Senhor te abençoe desde Sião. Em adição à sua própria felicidade pessoal, *o homem de boa família também receberia a bênção de Yahweh*, proveniente de Sião. Jerusalém seria uma cidade próspera, e ele veria isso com seus próprios olhos e assim receberia bênção sobre bênção. Um hebreu piedoso não seria plenamente abençoado enquanto não visse que a capital de sua nação estava em paz, com o templo funcionando, e as coisas em ordem, no culto ali celebrado. Esta porção do salmo pode sugerir que ele era usado em algumas espécies de reuniões religiosas, mesmo que não fosse usado na liturgia do templo. Cf. Sal. 20.2, que tem algo similar. Jerusalém era o centro de cada fato da vida, pelo que sua prosperidade era essencial à prosperidade coletiva e pessoal.

128.6

Verás os filhos de teus filhos. O homem que fosse progenitor de uma boa família veria sua posteridade com os próprios olhos, o que, conforme este versículo, incluiria pelo menos os netos. Assim sendo, ele teria uma vida longa, o que a lei prometia aos judeus piedosos, e caracterizada pela prosperidade. Ver como a lei promete vida longa e prosperidade ao povo de Israel, em Deu. 54.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.1.

Paz sobre Israel! Ver a invocação em sete aspectos da paz que começa e termina com Jerusalém, em Sal. 122.6-8. Ver também Sal. 29.11; 125.5; 131.3 e Gál. 6.16. Salomão, aproveitando-se de seu reinado de paz, levou Israel à sua *época áurea*. Com invasores estrangeiros a assediar a cidade, ou enfrentando sedições promovidas dentro da nação de Israel, por parte de homens traiçoeiros, Jerusalém dificilmente encontraria paz e prosperidade.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da paz evangélica com Deus, através da missão de Jesus Cristo.

Paz, paz perfeita;
Nosso futuro desconhecido?
Paz, paz,
Jesus está no Seu trono.

(Edward Bicersteth)

Salmo Cento e Vinte e Nove

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Ofereço uma introdução geral a este grupo, no começo dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Esta é uma *lamentação em grupo*, uma oração que pede o livramento das mãos de inimigos nacionais. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no começo do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Dou ali dezessete classes dos salmos e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

A presença deste salmo entre os chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino) pode dever-se ao fato de que, tal como outros salmos dentro da coletânea (120 a 134), pode estar em destaque o cativeiro babilônico, do qual Judá foi finalmente libertado. Portanto, este salmo arma o palco para isso ao falar sobre as aflições do cativeiro. Ou, de acordo com outros estudiosos, é um salmo do peregrino, que fala sobre as dificuldades enfrentadas na subida a Jerusalém para participar das festividades anuais às quais todos os varões deveriam comparecer (ver Deu. 16.16,17). Todavia, devemos relembrar que foram editores posteriores que inventaram este conjunto de quinze cânticos, como se houvesse alguma conexão real e histórica entre eles. O último parágrafo da introdução ao Salmo 120 mostra a natureza de cada um dos quinze salmos, demonstrando que eles não formam um grupo homogêneo. Alguns intérpretes, entretanto, têm-se mostrado diligentes para fazer deles uma coletânea homogênea, a qualquer custo, a fim de satisfazer o impulso dado por antigos editores e afirmar o uso deles no judaísmo posterior, como um conjunto distinto.

Embora possamos considerar este salmo, em sua inteireza, como uma lamentação, ele de fato pertence a uma tipo misto. Os vss. 1-4 lembram um salmo de confiança (como os Salmos 23 e 131); os vss. 5-8 são semelhantes aos salmos de imprecação de lamentação (cf. o Salmo 137). Alguns críticos supõem que tais porções do salmo presente fossem originalmente separadas, isto é, composições distintas.

Este salmo apresenta boa qualidade artística, empregando notáveis metáforas e declarações expressivas. Parece pertencer a uma data bastante tardia, demonstrando várias influências do aramaico.

Um Cântico de Confiança (129.1-4)

129.1

Muitas vezes me angustiaram. Presumivelmente, no cativeiro, Judá ergueu esperanças de que seria libertado e falou de como, antigamente, Yahweh os havia libertado de suas aflições, tirando-os de suas dificuldades. O autor sagrado, agora um homem idoso, relembrou as aflições de Israel, que ele havia testemunhado pessoalmente em sua juventude. Talvez a referência seja *histórica*. As opressões da parte dos egípcios, e então dos cananeus, filisteus, arameus (I Reis 20; II Reis 6), assírios (II Reis 18 e 19), babilônios (II Reis 25) e outros, como os persas e seus sucessores (em tempos pós-exílicos) são relembradas. Se a referência é histórica, então o poeta fala aqui em favor de Israel e, assim sendo, fala de uma jovem nação de Israel, que agora estava ficando velha, mas que continuava sendo perseguida. Talvez a intenção do autor sagrado não fosse projetar a esperança quanto a um futuro livramento, mas agradecer por vários livramentos divinos já concedidos. O vs. 4 deste salmo certamente se parece um tanto com o que já tinha acontecido. Além disso, as imprecações podem ter sido contra inimigos potenciais ou contra novos inimigos, que surgiram após o cativeiro, e, uma vez mais, perseguiam o povo de Israel.

O vs. 1 convida insistentemente o povo de Israel a relembrar suas tribulações e ato contínuo afirma que os perseguidores, sem importar quem e quão poderosos tenham sido, não prevaleceram contra Israel. As tribulações começaram no Egito e continuaram a vir. Ver Jer. 2.2 e Eze. 16.4, mas Yahweh sempre se mostrou gracioso e sempre libertou a Israel, seu *filho* (ver Êxo. 4.22). Ver também Jer. 22.21 e Eze. 23.3.

129.2

Desde a minha mocidade me angustiaram. Este versículo apresenta a declaração que Israel foi convocada a proferir. Israel, com a ajuda de Yahweh, não foi, afinal, conquistada por nenhum inimigo. Dou notas completas sobre a idéia na exposição do vs. 1. O autor deixou de mencionar a finalidade do cativeiro

assírio no caso do reino do norte, Israel. Ver sobre isso no *Dicionário*. Visto que Judá levava avante a herança dos hebreus e o pacto abraâmico, podemos asseverar que esse incidente foi fatal para Israel, porquanto Judá se tornara Israel. "Os ímpios continuavam a oprimir o povo de Deus, mas desde o princípio não tinham sido vitoriosos".

129.3

Sobre o meu dorso lavraram os aradores. O poeta inventa neste ponto uma vívida metáfora: Os assoladores são vistos como agricultores maliciosos que aram as costas de um homem, cortando-a profundamente e quase o levando à morte. Acidentes ocasionais desse tipo ocorreram. Agricultores descuidados caíam debaixo do arado e eram horrendamente aleijados ou mortos. Israel era o campo que foi quase destruído, mas não morto por homens violentos. Apesar de tão radicais perseguições, cujo intuito era matar, Israel sobreviveu.

Os aradores fizeram longos sulcos ali,
Até que todo o seu corpo era apenas uma ferida.

(Paráfrase de Adam Clarke)

Espancamentos que deixam ferimentos como se fossem sulcos provavelmente sugeriram a metáfora. E, com base nisso, alguns intérpretes cristianizam a declaração, aplicando-a aos sofrimentos de Cristo, que foi terrivelmente espancado. A versão siríaca faz este versículo aplicar-se simplesmente aos espancamentos. Jesus voltou as costas para os espancadores (ver Isa. 1.6; Mat. 27.27). Kimchi faz o versículo aplicar-se à *servidão e à escravidão* que Israel sofreu em diversas oportunidades, as quais, naturalmente, foram acompanhadas por espancamentos.

129.4

Mas o Senhor é justo. Doravante, o poeta muda a sua metáfora e fala das cordas que prendiam os escravos ao cativeiro. Essas cordas foram cortadas por *Yahweh,* porquanto um homem amarrado não pode libertar-se. A libertação foi um ato *justo,* da parte de Yahweh, porque Israel foi afligido como é afligido um homem inocente, por ímpios opressores. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* libertou Israel e puniu os ímpios que tinham prejudicado o próximo (vs. 5). Ver o artigo sobre a *lei,* no *Dicionário,* sob o título oferecido aqui. Yahweh é "leal ao que é reto e vindica os justos, redimindo e livrando o Seu povo (cf. Isa. 45.24,25 e Nee. 9.8)" (William R. Taylor, *in loc.*). "Em Sal. 124.7, a *rede* foi rompida e a ave escapou, e assim também aqui a corda que prendia o escravo (cf. Sal. 2.3) foi cortada e o escravo ficou livre" (Ellicott, *in loc.*). O *Targum* fala sobre as *cadeias do ímpio.* Cf. Isa. 5.18.

Imprecações contra os Inimigos (129.5-8)

129.5

Sejam envergonhados e repelidos. A partir deste ponto, faz-se a mudança do Cântico de Confiança (vss. 1-4) para as imprecações de um salmo de lamentação. As terríveis perseguições mencionadas nos vss. 3 e 4 sem dúvida inspiraram essa mudança. Os que perseguem a seus semelhantes obviamente *odeiam,* e nisso encontramos a substituição diabólica do amor divino em operação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ódio.* Em muitas ocasiões, Sião foi objeto do ódio dos pagãos. O autor sagrado, pois, invocou uma maldição contra os que odeiam, para que Yahweh os envergonhasse e os fizesse recuar, de forma que eles caíssem no solo. O poeta escritor queria que eles fossem derrubados e eliminados. Quanto a ser *envergonhado,* ver Sal. 25.1: 35.25; 37.19; 69.6; 74.21; 78.66; 83.16; 86.17; 109.28; 119.31,78 e 127.5.

Quanto ao ato de *voltar as costas,* isso sugere a metáfora de um caçador que ataca sua presa, ou de um exército que vem saquear. O atacante é freado e então enviado de volta, ou seja, é golpeado na cabeça e derrubado no chão. Cf. Isa. 37.29, que tem algo similar, sob uma metáfora diferente.

129.6

Sejam como a erva dos telhados. O poeta sagrado passa a empregar aqui ainda outra metáfora. Ele queria ver seus inimigos mortos, pelo que queria vê-los como a erva que medra nos telhados. Se qualquer semente pudesse encontrar caminho para lançar raízes e germinar, e enviar raízes ao ar, o quente sol da tarde logo poria fim a tudo. O autor queria que os adversários de Israel fossem sujeitados ao calor causticante da ira de Deus, ou seja, que fossem mortos. Isso poria fim aos perseguidores e às suas perseguições. As plantas sujeitas aos raios requeimantes do sol se ressecam antes que possam crescer. As plantas perversas já tinham vivido por tempo bastante. Israel já fora atacado por tempo bastante longo. A morte é o que tais plantas merecem, e foi a oração do poeta sacro. Na Palestina havia algumas casas com telhados cobertos de palha, que eram as casas dos elementos mais pobres. Ali podia medrar até mesmo a relva, a despeito do sol muito quente. Mas estão em foco aqui as casas dos elementos mais ricos. Elas eram feitas de tijolos e uma espécie de cimento, e seus telhados planos e cimentados não eram um lugar propício para nascer e crescer a relva. E assim, se alguma semente caísse ali, mesmo que achasse um lugar um pouco sujo, não haveria chance de que disso resultasse alguma relva. E ainda que alguma semente germinasse, o sol escaldante se encarregaria de matá-la, antes que a tarde terminasse.

O Targum fala da vinda do *vento oriental,* soprando sobre a semente e a relva e reduzindo-as a nada. A versão siríaca também inclui o vento na metáfora.

129.7

Com a qual não enche a mão o ceifeiro. Os raminhos de relva que, por pouco tempo, poderiam crescer no telhado de uma casa, certamente não ficariam tão altos que um ceifeiro pudesse cortá-los. E por certo também não alcançariam tal quantidade que um ceifeiro pudesse colher dali um molho. O autor, pois, estava falando sobre a inutilidade de certas coisas, como a que mostra que a relva nada tem que ver com a colheita de grãos de que o povo precisa em sua alimentação. Mediante essa figura, o salmista falou sobre a inutilidade dos pecadores e especificamente daqueles que tinham prejudicado Israel. "Que os babilônios sejam como tal erva, boa para nada, até ser reduzida a nada" (Adam Clarke, *in loc.*).

"O ceifeiro, segurando as hastes com a mão, aplica a foice; e, depois dele, chega o amarrador, que reúne as hastes na beirada de suas vestes, até que tenha bastante delas para amarrar e formar um molho" (William R. Taylor, *in loc.*). Mas o pecador, representado pela erva inútil dos telhados, nunca chegará a frutificar. A maldição de Yahweh pesa sobre eles ou, pelo menos, esse era o desejo do salmista.

129.8

E também os que passam não dizem. Prosseguindo com a metáfora da colheita (vs. 7), o poeta lança outra maldição contra os ímpios destruidores. No tempo da colheita, as pessoas sentiam-se felizes porque seu trabalho de tantos meses tinha rendido resultados. A colheita estava em processo. Portanto, todos se sentiam satisfeitos. Ao passarem uns pelos outros, eles se cumprimentavam com saudações amigáveis. Mas o homem ímpio não saúda os outros nem lhes deseja paz e prosperidade, e nem alguém o saúda ou lhe diz palavras boas. O homem mau, visto ser um saqueador, termina sem amigos. Os povos antigos acreditavam que as bênçãos produziam bons efeitos sobre a vida vegetal, bem como sobre a vida humana. As maldições tinham para eles poderes similares, embora negativos. Isto posto, alguns intérpretes supõem que os que trabalhavam na colheita falavam com as plantas. Sabe-se hoje em dia que pensamentos e palavras bondosos, além de uma música suave, realmente produzem bons efeitos sobre as plantas, e que as plantas enfermas podem melhorar e ficar mais saudáveis mediante o uso de tais métodos.

Além disso, a *água abençoada* parece transportar uma energia que melhora as plantas. Talvez, portanto, os antigos tivessem acertado com uma verdade que só recentemente se descobriu realmente existir. Como é óbvio, as bênçãos e as maldições carregam poderes psíquicos, uma para o bem e a outra para o mal. Seja como for, o poeta sagrado estava dizendo que todos tinham uma palavra boa para os grãos úteis, mas somente maldições para a erva; e, mediante essa metáfora, fala de bênçãos e maldições que se referem aos homens, e não meramente às plantas. Os pecadores são como os espinhos e os abrolhos, os quais, como a palha, só são colhidos para serem queimados, a menos, naturalmente, que haja misericordiosa intervenção divina em favor deles. O evangelho é essa intervenção, por meio do qual Cristo veio salvar os pecadores.

Quem palmilhou pela vereda da tristeza,
Para que todos os grandes povos do mundo
Cheguem à verdade de Deus.
Cheguem à verdade de Deus.

(Colin Sterne)

Salmo Cento e Trinta

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Apresento uma introdução geral a este grupo, no início dos comentários ao Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *salmo de lamentação* que clama pelo livramento das mãos de inimigos pessoais. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do

comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

A inclusão deste salmo entre os chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino) pode dever-se ao fato de que, tal como outros existentes na coletânea (Salmos 120 a 134), ele talvez se refira ao cativeiro babilônico e às aflições sofridas por Israel naquele período. Isso armou o palco para o livramento seguinte e volta a Israel. Ou poderia falar dos sofrimentos que os peregrinos experimentavam em seu caminho para Jerusalém a fim de participar das três festividades anuais que requeriam a presença de todos os varões israelitas (ver Deu. 16.16,17). Todavia, devemos lembrar que não havia nenhuma unidade histórica entre esses salmos e que eles foram reunidos como uma unidade distinta por editores posteriores. Esses editores podem ter pensado que o conjunto refletia o cativeiro babilônico e o livramento posterior, ou que os salmos eram cânticos dos peregrinos. Descrevo essas teorias na introdução ao Salmo 120, cujo último parágrafo descreve a natureza de cada um desses salmos, demonstrando que eles não formavam originalmente um grupo homogêneo.

Este salmo por certo é uma das gemas do saltério, pelo que se reveste de valor próprio, inteiramente à parte de seu relacionamento com os outros catorze salmos do grupo. O salmista, com muita habilidade, descreveu a alienação do homem de Deus e sua necessidade de ajuda divina, se é que sua vida valia alguma coisa. O pecado estava ali e estragou todas as coisas, e a restauração tornou-se o mais ardente desejo do homem. Não podemos determinar a natureza exata da aflição que o salmista estava sofrendo. Mas fica claro que ele era um homem frágil e inseguro (vs. 3), que precisava do apoio divino; e isso descreve a natureza de todos nós. O homem reuniu fé suficiente para supor que sua oração, clamando por ajuda, em breve seria respondida; e, por isso, não perdeu o ânimo. Nenhum sacrifício expiatório foi mencionado, e isso pode indicar uma data posterior para a composição do salmo. Talvez ele tivesse uma fé que se afastava do mero ritual para o que é mais espiritual.

Um Apelo Urgente a Yahweh (130.1-2)

130.1

Das profundezas clamo a ti, Senhor. O Salmo 130 é um clamor aflitivo para que o Senhor demonstre misericórdia para com o Seu povo. O salmista, certo de que Deus perdoa os pecados, exortou a nação a unir-se para esperar o tempo em que o Senhor os redimiria de todas as suas iniqüidades.

Alguns intérpretes vêem o sofrimento no cativeiro babilônico como resultado dos pecados de Israel, e fazem o poeta ser o representante da nação no clamor pela redenção desse sofrimento (vs. 8).

Temos neste versículo uma imagem da *aflição avassaladora* (Sal. 18.16 e 88.7, que têm a mesma expressão). Em Isa. 51.10 o *mar* é referido, e talvez seja essa a figura pretendida. Cf. o clamor de Jonas saído do "ventre do abismo" (Jon. 2.2). Uma tristeza intensa é comparada a águas profundas que inundam a alma, ou a um abismo (Sal. 40.2; 69.2). Ver também Eze. 27.34.

Alguns eruditos pensam ser referido aqui o *tehom* – as presumíveis águas inundantes do sheol, o local onde os mortos afundam – e dão a referência de Jonas, aqui mencionada. O clamor é de alguém *alienado* de Deus, e não, aparentemente, de alguém que estava à beira da morte. Teodoreto fala nas profundezas da própria alma do homem, mas isso é menos provável.

130.2

Escuta, Senhor, a minha voz. Yahweh é convocado a *ouvir* a pequena voz que saía das profundezas e não se mostrar indiferente. Nos salmos de lamentação, é comum o clamor para que Yahweh *ouça*. Cf. Sal. 4.1; 13.3; 17.1; 18.33; 27.7; 30.10; 39.12; 54.2; 55,2; 61.1; 64.1; 66.16; 86.1; 102.1; 130.2; 140.6; 143.1 e 145.19. Quanto à aparente *indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1.

Minhas súplicas. Isto é, petições intensas pedindo ajuda, perdão e redenção (vss. 4, 7, 8). "... as orações dele, apresentadas de maneira humilde e súplice, pedindo graça e misericórdia" (John Gill, *in loc.*).

A Grande Misericórdia de Yahweh (130.3-4)

130.3

Se observares, Senhor, iniqüidades. Se Yahweh assinalasse as *iniqüidades* dos homens, seguindo-as criteriosamente e registrando cada uma delas em Seu livro de memórias, não teria misericórdia de ninguém e em breve enviaria Seu julgamento final. Todavia, não existe algo como a justiça nua, sem o tempero da misericórdia e do amor, e por isso o poeta sagrado continuava a orar, a fim de que, através do arrependimento, uma grande mudança fosse efetuada em seu estado deplorável. Se Deus não aplicasse Sua misericórdia, ninguém seria inocentado diante do tribunal divino (ver Mal. 3.2). Um homem qualquer teria de prostrar-se diante do Juiz e apelar para que sua vida fosse poupada (Jó 9.15), mas isso não lhe traria bem algum.

Observares. Ou seja, "levar em estrita consideração" (ver Jó 10.14; 14.16; Sal. 90.8), guardar um *registro exato* das evidências contra o homem a ser julgado. O homem em julgamento seria avassalado com seu registro lamentável e acabaria condenado. Assim sendo, o único testemunho remidor em seu favor seria o amor constante de Deus, que anularia os seus pecados e lhe passaria um julgamento favorável.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de arrependimento e perdão de pecados através de Cristo e Seu amor, por meio da *expiação* (ver a respeito no *Dicionário*). "... sem nenhuma consideração para com o sacrifício e a satisfação dadas por Seu Filho, todo o arrependimento dos homens, toda a humilhação e as lágrimas não lhe fariam bem nenhum, nem expiação por seus pecados, e todas as suas marcas de iniqüidade continuariam bem nítidas perante Deus" (John Gill, *in loc.*).

"Nossos atos maus são como filhos que nos nasceram. As crianças podem ser estranguladas, mas os atos não podem. Se tivermos cometido o erro, é inútil que clamemos" (George Elliott, com uma declaração pessimista, não-redimida pelo amor de Deus).

130.4

Contigo, porém, está o perdão. Para o homem há apenas um livro razão de pecados registrados, que contribuem para a sua condenação, "mas com o Senhor há misericórdia", conforme diz um antigo hino evangélico. Com Yahweh, entretanto, há perdão, e essa é uma razão a mais pela qual Deus está em tão elevada reverência. Ver em Sal. 119.38 os comentários sobre *Temor de Deus*, quanto a maiores detalhes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Perdão*.

Vem, cada alma oprimida pelo pecado;
Há misericórdia com o Senhor.
Certamente Ele te dará descanso,
Confiando em Sua palavra.

(John H. Stockton)

"Essa é a razão pela qual o Senhor não guarda registros de pecados estritos: Ele perdoa! Os crentes, através dos séculos, têm-se regozijado nesse fato" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Que o Deus Todo-poderoso seja assim fere o coração com admiração, maravilha e temor. Mas, uma vez que a mente se recupere do choque inicial diante dessa idéia, o homem abençoado prorrompe em louvores e atos de ação de graças.

As versões da *Septuaginta* e da *Vulgata Latina* dizem aqui: "Contigo está a propiciação". Este versículo é cristianizado com declarações sobre a *expiação* através do sangue de Cristo, um perdão alicerçado sobre Sua missão e Seu sacrifício na cruz. Os homens são influenciados por tão profunda misericórdia para servir a Deus em agradecimento, por motivo de Sua bondade (Tito 2.11,12; Heb. 12.8; Osé. 3.5).

O Salmista Espera o Perdão (130.5-6)

130.5

Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda. No perdão há a *redenção*, pelo que o nosso homem estava esperando ansiosamente a graça divina. A sua alma continuava olhando para Yahweh para receber a aplicação de Sua graça. O homem não fez Seu apelo baseado no sistema de sacrifícios de animais, mas buscou o perdão diretamente da parte de Yahweh. Esse fato diz-nos que este salmo representa a teologia judaica e a consciência posterior dos judeus. Há aqui um movimento na direção de uma fé mais espiritual, menos ritual, menos cerimonial, mas com um *discernimento mais espiritual*. Trata-se de um passo na direção de Jesus, o Cristo, na consciência dos hebreus. O poeta depositava exclusivamente em Yahweh a *esperança* de que Ele perdoaria porque o homem assim pedira e dera evidência de sua sinceridade através do *arrependimento* (ver a respeito no *Dicionário*). O homem confiava no amor constante de Deus, como base da restauração que ele procurava.

Há uma largueza na misericórdia de Deus,
Como a largueza do mar;
Há uma bondade em Sua justiça,
Que é mais do que a liberdade.
Pois o amor de Deus é mais largo
Do que a medida da mente humana.
E o coração do eterno
É verdadeiramente muito maravilhoso.

(Frederick W. Faber)

Arama e Kimchi referem-se aqui à promessa do livramento do cativeiro, pelo que viam perdoados os pecados nacionais, e não apenas os pecados de um homem. Cf. Sal. 119.74,81,114 e 147 e Hab. 2.3.

130.6

A minha alma anela pelo Senhor. Este versículo reforça o anterior, mostrando a profundidade e a intensidade da espera pelo perdão de Yahweh. As pessoas enfermas ou atribuladas durante a noite aguardam ansiosamente a madrugada, onde esperam encontrar um novo dia. Por conseguinte, o poeta, na noite de sua alienação, esperava pela madrugada de um Novo Dia, que lhe traria perdão e restauração. Para efeito de ênfase, ele repetiu sua símile por duas vezes. Ele era o homem que aguardava a manhã, na esperança de que sua escura noite de aflição logo passaria.

A figura pretendida pode ter sido a de um *vigia* que estivera em seu posto de vigilância a noite inteira e ansiava por chegar em casa e deitar-se em seu leito. Ele era o homem que ficava no aguardo do amanhecer o dia com profundo desejo. Então, quando via os raios do sol iluminando o firmamento oriental, seu coração saltava no peito. Outra noite havia passado e o amanhecer chegara, e esse também foi um sinal para o começo dos ritos sagrados que começariam no templo (Sal. 134.1) e, pelo menos para alguns, um momento esperado com ansiedade. Nisso verifica-se uma espécie de amanhecer espiritual todos os dias. Cf. Deu. 28.67.

O vigia, que estivera guardando as muralhas da cidade ou que tinha protegido a caravana sonolenta, esperou com ansiedade os primeiros raios do sol matinal.

Vigia, conte-nos sobre a noite,
Pois a manhã parece estar raiando.
Viajante, regozija-te,
Pois as trevas já estão em fuga.

(John Browning)

A Redenção de Israel (130.7-8)

130.7

Espere Israel no Senhor. Israel tinha uma *esperança* válida quanto à redenção, por causa das misericórdias e do amor de Yahweh. Deus tem uma redenção abundante para dar, de mistura com a paz e a prosperidade, e longa vida para a nação de Israel. Ele dá uma redenção abundante ou *multiforme* (*Ehrlich*), imitando o hebraico literal. Talvez estejam corretos os intérpretes que vêem aqui mais do que o livramento do cativeiro babilônico. Este versículo poderia ser escatológico, chegando até a futura *restauração* de Israel, conforme se vê em Rom. 11.26. Pessoalmente sinto que a palavra "todo", que aparece no texto de Romanos, indica que todo o Israel será salvo, estendendo-se tanto para o *passado* quanto para o *futuro*, concedendo a redenção a todo o Israel de maneira real e significativa. O Israel *histórico* e o Israel *futurista* serão salvos. Essa será mais uma das grandes e magníficas operações da graça divina. Penso que obteremos grande surpresa quanto à magnitude da obra beneficente final de Deus. Ver o artigo chamado *Restauração,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, quanto a detalhes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Redenção.*

"... uma redenção abundante, para libertar os homens da tribulação, do perigo e da morte" (S. R. Driver, no *International Critical Commentary*). Cf. Sal. 86.5,15.

"Este versículo é o lema da fé dirigido à nação. Cf. Sal. 131.3." (Ellicott, *in loc.*).

Kimchi interpretou este versículo como referindo-se à libertação de Israel do Egito, da Babilônia e de outros lugares da diáspora. A presente diáspora romana, que continua arrastando-se, também deve estar em vista. Tem sido apenas parcialmente anulada. Muitas outras coisas sem dúvida ainda acontecerão.

130.8

É ele quem redime a Israel. A *redenção* (vs. 8) deve incluir o *perdão* dos pecados, porquanto, sem esse perdão, seria impossível. No Senhor reside a misericórdia. "Vinde, cada alma, pelo pecado oprimida, há misericórdia com o Senhor." Uma vez perdoados os pecados, Israel também seria libertado de todas as penalidades devidas pela culpa. "Ele primeiramente redime da iniqüidade, a *causa*, e então redime da punição, a *conseqüência*. (Ver Sal. 103.3,4; Mat. 1.21)" (Fausset, *in loc.*).

"O Senhor assim faria, pelo que Israel foi encorajada a *esperar* Nele, com quem residem a graça e a redenção. Ademais, Ele foi nomeado Redentor" (John Gill, *in loc.*).

Os vss. 7 e 8 têm sido cristianizados a fim de envolver todos os povos, incluindo os do tempo presente e do futuro, os quais com retidão podem esperar em Cristo quanto à redenção, através do perdão dos pecados e de Seus poderosos atos salvatícios e glorificadores.

Remido, como aprecio proclamar isso!
Remido pelo sangue do Cordeiro!
Remido através de Sua infinita misericórdia.
Seu filho, para sempre, eu sou.

(Fanny J. Crosby)

Salmo Cento e Trinta e Um

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Apresento uma introdução geral ao grupo, no início dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *cântico de confiança*, através do qual o autor sacro (provavelmente representando a nação de Israel) humildemente se submeteu à vontade divina, confiando nos atos beneficentes de Yahweh. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Cânticos distintivos de confiança são os Salmos 4, 11, 16, 23, 27 e 62. Muitos têm elementos similares aqui e ali. Provavelmente alguns dos cânticos de confiança eram, originalmente, as conclusões dos salmos de lamentação, visto que a maioria deles termina com uma nota de confiança, louvor e agradecimento. A presença desse salmo entre os *Cânticos de Romagens*, também chamados Cânticos de Degraus ou Cânticos do Peregrino, podem dever-se à idéia de que Israel devia confiar em Yahweh para receber livramento e segurança do cativeiro babilônico; e os peregrinos que subiam a Jerusalém para atender às três festividades anuais conforme exigido pela lei (ver Deu. 16.16,17), também tinham de confiar em Yahweh quanto à sua segurança. A nação restaurada de Israel, em Jerusalém, teria igualmente de continuar confiando no Senhor. Isso nos fornece uma ligação com os cânticos do peregrino, embora essa conexão, historicamente falando, na verdade não existisse. De fato, os Cânticos de Romagens são bastante heterogêneos e, originalmente, não pertenciam a nenhuma coletânea comum. Foram editores posteriores que os arranjaram juntamente, e então, no judaísmo posterior, esse arranjo foi retido por causa de propósitos litúrgicos. Ver o último parágrafo dos comentários sobre a introdução ao Salmo 120, quanto à natureza heterogênea desses quinze salmos.

O autor deste salmo, conforme afirmou Schmidt (*in loc.*), era um homem "de sangue quente, que antes tinha anelado por riquezas, pelo luxo, pelos prazeres e pelo poder", mas finalmente conseguira converter-se a Deus e viera humildemente à presença de Yahweh, com confiança e ação de graças. Antes ele tinha sido desassossegado como uma criança, mas agora era semelhante a uma criança acalmada ao seio de sua mãe. Ele tinha começado a esperar em Deus (vs. 3). Como negociante, visitara muitos mercados e aprendera muitas coisas. Finalmente, chegara a um lugar de descanso, a porta onde Yahweh esperava pelo vagabundo.

O Vagabundo Volta para Casa (131.1-3)

131.1

Senhor, não é soberbo o meu coração. Antes o coração do salmista era altivo; os seus olhos eram soberbos; ele era um homem orgulhoso. Antes ele sempre se exercitava nas grandes questões como os negócios, o dinheiro, a política e o jogo do poder. Antes ele perseguia coisas grandes e maravilhosas, que poderiam incluir pretensões teológicas, segundo as quais disputava com os sábios de Israel, como se fosse uma autoridade em pé de igualdade com eles. Mas as *grandes questões* podem ter significado apenas ambições exageradas que realmente estavam fora de sua esfera, fora de seu alcance. Cf. Sal. 18.27; 101.5; Pro. 6.17 e 30.13. Mas agora ele se apresentava humildemente diante de Yahweh, tendo abandonado seus caminhos anteriores. Ele tinha chegado ao porto da alma.

Vivem,
Pensam que vivem
Embora não tenham conhecido a vida.
Fazem suposições,
Querem dominar tudo,
Mas esquecem de dar o primeiro passo
Para o domínio do mundo interior.
Eu penso que um dia
Todos se voltarão
Para a própria alma
Como quem respira.

Por enquanto não passam de estátuas,
Que querem ser colocadas no alto
Para serem adoradas.
Pobre humanidade ausente!

(Maria Cristina Magalhães)

131.2

Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma. A criança inquieta *entrou em um estado de ânimo pacífico, tal como um infante que encontra contentamento* e paz no seio de sua mãe. A alma do homem se aquietou quando se encontrou consigo mesmo e com seu Deus.

Como a criança desmamada. Esta tradução é possível, mas ao mesmo tempo lamentável. A figura não é a de uma criança que foi desmamada e não mais mama, mas é a figura de um infante contente ao seio de sua mãe, idéia que o hebraico também abriga. Portanto, a Revised Standard Version está correta quando traduz: "aquietada ao seio de sua mãe". Naturalmente, *se* a versão portuguesa, com sua palavra, "desmamada", significa uma criança que acabou de encher a barriga com leite e agora descansa próxima aos seios de sua mãe, então essa palavra pode ser retida. Mas não está em foco uma criança que não mais mama. Essa criança dificilmente pode estar tranqüila *ipso facto*. Os hebreus não se apressavam em desmamar uma criança. A maioria dos bebês em Israel continuava mamando até os 3 anos de idade.

A criança contente, "inocente e inofensiva, sem nenhum mau desígnio... mansa e humilde, sem ambições e aspirações, desmamada do desejo dominante pelo dinheiro, pela posição e pelo poder" (John Gill, *in loc.*).

131.3

Espera, ó Israel, no Senhor. O autor sacro pensa em Israel, que tão freqüentemente se mostrava soberbo, cheio de orgulho e de pecados. Israel também precisava voltar-se para Yahweh, para encontrar Nele sua esperança, tal e qual o poeta já tinha feito. Cf. Sal. 130.7,8, quanto à esperança e à redenção de Israel. Pode haver aqui uma alusão ao cativeiro babilônico, o que, para Israel (Judá) significa confiança em Deus, em vista de sua anterior apostasia. Mas a apostasia poderia ser revertida pela mudança de coração.

"Considero mais corajoso aquele que domina os seus desejos do que o homem que conquista seus inimigos" (Aristóteles). "Nenhum conflito é tão severo quando aquele que luta por subjugar a si mesmo" (Thomas à Kempis).

Melhor... o que domina o seu espírito do que o que
toma uma cidade.

(Provérbios 16.32)

"Se examinarmos a história, encontraremos os santos que aprenderam de Cristo e ficaram contentes com a sua sorte, sem importar qual seja ela e ainda que vivam na obscuridade. Mas também encontraremos a arrogante figura eclesiástica, prelados dominadores, pregadores orgulhosos e todos os tipos de homens pequenos que subiram a posições de autoridade. E, tenha Deus misericórdia de nós, pois não há um só entre nós que, algumas vezes, não se veja atraído pelo *glamour* do mundo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

"A vaidade está tão escorada no coração do homem que um mero soldado, ou mesmo um servo de um soldado, um cozinheiro, ou um porteiro ou um carregador de bagagens, costuma vangloriar-se e deseja ter admiradores. Até os filósofos desejam receber louvores dos homens. Os que escrevem contra a vaidade querem a glória de ter *escrito bem* a respeito dela. Os que lêem o que escreveram querem a glória por terem lido peças escritas tão bem arquitetadas. Somos tão vãos, que a estima de cinco ou seis vizinhos nos deleita e contenta" (Pascal, *Thoughts*, que escreveu com tanta propriedade que podemos presumir que ele se tenha orgulhado do trabalho que realizou).

Salmo Cento e Trinta e Dois

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Ofereço uma introdução geral a esse grupo de salmos no início dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *salmo de liturgia* que comemora a escolha divina de Sião e da dinastia davídica. "Este salmo é um hino litúrgico usado em cortejos" (William R. Taylor, *in loc.*). Faz-nos lembrar dos eventos ocorridos quando Davi trouxe a arca para Sião, depois que tornou Jerusalém a sua capital. Talvez devamos pensar em como Judá se sentia agora, que tinha voltado a Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico, e estava colocando as coisas em ordem, conforme Davi tinha feito no passado.

"Tal como outros cânticos anônimos do peregrino, este salmo pertence ao período em que Israel voltou da Babilônia, quando o reino e a raça de Davi estavam deprimidos, mas então foram restaurados" (Fausset, *in loc.*). Cf. o Salmo 139. Tais pensamentos provavelmente inspiraram os editores a incluir este salmo entre os alegados Cânticos dos Degraus. Historicamente, todavia, estes quinze salmos não formavam um grupo, e eles nem mesmo são homogêneos. Ver os comentários no último parágrafo da introdução ao Salmo 120, que demonstra isso.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes de salmos e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Os salmos litúrgicos são os de número 24, 50, 68, 81, 82, 95, 108, 115, 121, 132 e 134, embora muitos outros fossem usados para efeitos litúrgicos no culto do templo ou no judaísmo posterior.

Alguns estudiosos supõem que este salmo seja pré-exílico e fosse usado nas comemorações do Ano Novo, talvez em conjunto com a cerimônia da entronização. Mas a data é, mui provavelmente, pós-exílica. Um descendente de Davi estava no trono do Israel restaurado. Os hasmoneanos (macabeus) não pertenciam à linhagem de Davi, pelo que não é direito associar este salmo com sua data posterior.

Um Cântico para a Casa de Davi (132.1-18)

Oração pela Casa de Davi (132.1-5)

132.1

Lembra-te, Senhor, a favor de Davi. *O poeta arma o palco para a composição a respeito da linhagem davídica, a qual, aparentemente, continuava dominando em Jerusalém, em alguma data, não especificada, após o cativeiro babilônico.* Ele queria que Yahweh se lembrasse de Davi e de suas aflições. Mas demonstraria isso como o homem que finalmente se tornou governante, pelo que a linhagem real de Davi, mesmo depois do cativeiro babilônico, continuava no poder e ainda precisava do favor de Yahweh.

"O tema deste salmo é expresso no clamor de abertura ao Senhor, para que se *lembrasse de Davi*. A vida e a obra de Davi foram agudamente sentidas ao tempo da restauração da Babilônia, visto ter sido ele o rei que centralizara a adoração da nação em Sião" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ver como Davi derrotara *oito* nações inimigas, dando a Israel plena possessão da Terra Prometida (ver II Sam. 10.19). Judá (agora Israel), que estava de volta à Terra Prometida, precisava do favor contínuo de Yahweh, para que a Jerusalém pós-exílica se tornasse um sucesso.

Yahweh havia firmado um pacto com Davi e, mesmo nos dias pós-exílicos, isso tinha sido cumprido; e no Messias está havendo cumprimento eterno. Ver esse pacto em II Sam. 7.4.

132.2

De como jurou ao Senhor. *O Voto.* Davi estava obcecado pela idéia de levar a arca para Jerusalém e edificar ali um templo central para a adoração a Deus. Davi conduziu a arca à sua nova capital. E edificou ali um tabernáculo temporário para abrigá-la. Quanto ao *tabernáculo provisório* de Davi, ver as notas em II Sam. 6.17. Assim sendo, Davi fez um *voto solene* de cumprir suas boas intenções, e não descansou enquanto não terminou a tarefa. Devemos aprender a lição que nos foi ensinada pelas boas idéias de Davi e seus infatigáveis esforços por cumpri-las. Não há nenhum registro bíblico sobre tal voto, mas os hebreus eram um povo de votos, pelo que não há nenhuma razão para duvidarmos da palavra que o poeta sagrado deu aqui a esse respeito. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Voto*. II Sam. 7.1-3 e I Reis 8.17 mostram-nos como todo esse projeto tinha um lugar especial no coração de Davi, e não há por que duvidar que disso resultou alguma espécie de voto no tocante a tal projeto. O título divino, "Poderoso de Jacó", também não aparece na história original. Elohim (o Poder) não foi o nome divino usado aqui, mas o que realmente foi dito é mais ou menos equivalente. Davi dependeu do poder de Deus para que o Senhor o ajudasse a cumprir seu voto, mas ele mesmo desempenhou todo o esforço necessário. Ele não esperou por um milagre para realizar o que podia fazer por si mesmo. Seja como for, o título usado pelo poeta foi um título antigo. Ver Gên. 49.24; Isa. 49.26; 60.16 e Isa. 1.24.

132.3

Não entrarei na tenda em que moro. Tão empenhado estava Davi em construir um templo para o Senhor em Jerusalém, que resolveu não entrar em casa, nem deitar-se no leito, nem dormir, nem fazer qualquer outra coisa, enquanto não contasse com um lugar para ali guardar a arca e estabelecer um templo, uma residência para Yahweh.

Quanto ao pano de fundo histórico, ver II Sam. 7. O desejo de Davi naturalmente evidenciava sua grande devoção a Yahweh e ao culto ao Senhor. Apesar de todas as suas falhas, Davi nunca se desviou dessa devoção e nunca se tornou culpado de *idolatria*, que tanto atraiu reis subseqüentes, tanto de Israel quanto de Judá. II Sam. 7.2 deixa entendido o voto, mas é inútil pesquisar a história quanto a uma declaração específica sobre esse voto. A Septuaginta e a Vulgata Latina adicionam aqui frases que enfatizam ainda mais a questão de um voto santo da parte de Davi!

Nem subirei. Este verbo foi usado porque nos lares dos mais abastados de Israel os dormitórios eram situados nos andares superiores, para apanhar a brisa fresca que ajudava a pessoa a dormir naquele clima quente. Algumas pessoas, nos meses mais quentes, dormiam nos eirados das casas. Cf. Sal. 129.6. E mesmo nos lares mais humildes, as camas eram elevadas e as pessoas precisavam galgar degraus para chegar aos leitos.

132.4

Não darei sono aos meus olhos. O salmista declarou que não subiria ao seu dormitório, nem encontraria outra cama para obter o necessário descanso físico. Ele sacrificou algo necessário para que seu trabalho pudesse ser realizado. Como é natural, provavelmente temos aqui um toque de hipérbole oriental, mas não há razão alguma para questionar seu santo fanatismo sobre a questão. Fausset afirmou que Davi, "virtualmente", não se deitava em seu leito, embora não em sentido absoluto. Aben Ezra interpretava isso como se fosse uma *sesta vespertina,* isto é, um sono extra, e não o sono regular noturno. Mas deixar de dormir à tarde não importa em um sacrifício exaustivo, mesmo quando o dia está quente.

132.5

Até que eu encontre lugar para o Senhor. Davi levantou seu tabernáculo provisório (ver o vs. 2) para abrigar a arca, mas o *lugar* aqui mencionado é o templo, que ele esperava poder construir. Esse lugar destinava-se ao Poderoso Deus de Jacó, um título que o salmista repetiu, já o tendo usado no vs. 2, onde ofereço notas expositivas. Ver II Sam. 7, onde se encontra a história inteira aqui referida. Ver também II Crô. 22.1 ss. quanto a outros detalhes. Ver Deu. 12.11,18,21, quanto à localização específica da capital e centro do culto da nação; mas essa profecia não determinava a localização exata do templo, o que foi uma contribuição de Davi. A escolha original da localização geral foi de Yahweh, e assim também foi a escolha posterior do lugar específico. Davi foi o instrumento dessa realização divina.

Descrições do Cortejo até o Templo (132.6-10)

132.6

Ouvimos dizer que a arca se achava em Efrata. O coro participava agora do cântico e apresentava Davi e seus homens descobrindo a arca da aliança. Quando Davi residia em Efrata (ver a respeito no *Dicionário*), um antigo nome para Belém (ver I Sam. 17.12; Rute 4.11; Miq. 5.2), ele ouviu dizer que a arca estava nos campos de *Jaar* (ver a respeito no *Dicionário*), que era um nome poético para Quiriate-Jearim (I Sam. 7.1,2; ver também II Sam. 6.2,12 e I Crô. 13.1-14). "Por conseguinte, o coro convocou o povo a unir-se no transporte da arca para o lugar, no templo, onde deveria descansar, e adorar o Senhor que ali se manifestava" (William R. Taylor, *in loc.*). A arca experimentou várias andanças até, finalmente, descansar em seu devido lugar, em Jerusalém. Ver sobre *Arca da Aliança*, no *Dicionário*, quanto a outros detalhes. Quanto ao mais antigo nome de Belém, ver também Gên. 35.16-19; 48.7. Quanto aos "campos de Jaar" (no hebraico, *sedey-ya'ar*, "campos dos bosques"), esse é outro dos nomes aplicados a Quiriate-Jearim, localidade que possuía vários apelativos. Ver Jer. 26.20; Esd. 2.25; Jos. 15.10,11. A arca ficara guardada naquele lugar desde os dias de Samuel até que Davi se tornou rei em Jerusalém (I Sam. 7.1,2 e II Crô. 1.4).

132.7

Entremos na sua morada. O povo de Israel resolveu adorar no lugar que Davi tinha designado para a arca, ou seja, o *lugar da habitação de Yahweh.* Cf. Sal. 74.7; 76.2; 84.1; 132.5,13. Esse lugar também era conhecido como o *estrado* dos pés de Deus, onde Deus demonstrava o Seu poder sobre a terra. A arca era chamada de arca do *poder de Deus* (ver o vs. 8), porquanto era conduzida ao local das batalhas na esperança de que a presença divina acompanhasse os combatentes israelitas e manifestasse Seu poder contra os inimigos. Onde quer que a presença do Senhor se manifestasse, nos campos de batalha ou no templo, o poder de Deus ali estava.

Este versículo provavelmente pretende falar tanto do lugar preparado por Davi como do segundo templo, que foi uma restauração do primeiro templo, depois do cativeiro babilônico. Cf. Sal. 99.5 (o escabelo ou estrado) e Heb. 10.25 e Isa. 2.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escabelo*, quanto a detalhes completos a respeito.

O Cortejo Prossegue (132.8-10)

132.8

Levanta-te, Senhor, entra no lugar do teu repouso. A *referência dupla* aplica-se aqui. Nos tempos de Salomão e também no caso do segundo templo, os sacerdotes carregaram a arca até o interior do templo. Só os sacerdotes tinham autoridade para realizar essa tarefa. Note o leitor como a arca é aqui combinada com o Senhor. Quando a arca entrou em seu lugar de descanso, o mesmo aconteceu ao Senhor. A presença de Deus acompanharia a arca, porque ela estava ali para que Yahweh manifestasse Sua glória a Israel.

A arca da tua fortaleza. Onde estiver a presença de Deus, aí estará o poder, pois o Seu nome é *Elohim* (o Poder). Foi levada à batalha para ajudar Israel a conquistar os seus inimigos, e estava ali, no Santo dos Santos, sendo esse o lugar onde se manifestava o poder espiritual. Em Yahweh combinavam-se o maior bem, o maior poder e a maior justiça. Enquanto isso, os deuses pagãos, apesar de concebidos como poderosos, não eram concebidos como todo-poderosos, e só ocasionalmente se incomodavam em ser bondosos ou justos.

Este versículo usa as mesmas expressões empregadas por Salomão por ocasião da dedicação do templo (ver II Crô. 6.41,42).

"A arca é descrita como *poderosa* porque, naquela ocasião, quando o passado estava sendo repetido, os temíveis efeitos da presença da arca foram relembrados (ver Jos. 3.14-17; I Sam. 6.1-21). É provável que o rei, imitando Davi, realizasse uma dança cúltica, à testa do cortejo, e o povo saudasse a arca com gritos de alegria" (William R. Taylor, *in loc.*).

O cortejo primeiramente aproximava-se das portas de Sião e do templo. Os sacerdotes já estavam prontos para receber a procissão. Um elevado grito era dirigido à arca e a Yahweh, para que entrassem (ver I Sam. 4.5). Pensava-se que o Espírito assinalaria o momento apropriado para tanto, visto que a questão não podia ser decidida por um homem. Cf. isso com a antiga aclamação de Núm. 10.35,36. Então, no meio de uma alegria frenética, com gritos, cantos e danças, a arca entrou no Santo dos Santos.

Este versículo tem sido cristianizado para falar da entronização de Jesus no templo celeste (ver Heb. 1.3). Em seguida, os crentes O seguem até aquele lugar, e será obtido *acesso* pleno à presença de Deus (Heb. 4.16).

132.9

Vistam-se de justiça os teus sacerdotes. Os sacerdotes que acompanhavam a arca ao seu lugar de descanso entravam no templo. Eles se vestiam com vestes sagradas. Presumivelmente, somente o Sumo Sacerdote realmente poderia entrar no Santo dos Santos. Os demais sacerdotes paravam diante da cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, enquanto o Sumo Sacerdote tomava os últimos pequenos passos, entrando sozinho no santuário máximo. Entrementes, os *santos* (ver Sal. 97.10), no terreno do templo, continuavam com seus gritos de louvor e seus cânticos. E o rei continuava a dançar sua dança ritualística. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacerdotes, Vestimentas dos.* Ver também o vs. 16 e Zac. 3.1-7.

Os teus fiéis. Assim chamados por serem fiéis em si mesmos e por dispensarem a justiça; pois eles são santos acima dos outros santos (ver acima), e são santos porque Deus é santo (Lev. 11.44). O vs. 16 diz "de salvação", como também diz a oração original de Salomão (ver II Crô. 6.11).

132.10

Por amor de Davi, teu servo. O rei presente era o *ungido* e pertencia à linhagem de Davi, portanto de maneira alguma seria rejeitado. O rosto de Deus brilhava sobre ele (ver as notas em Sal. 84.9 e 119.135, onde são dadas referências a outros lugares em que a figura aparece). Yahweh não lhe negaria a luz nem voltaria o rosto noutra direção, ou seja, não o rejeitaria, mas antes o abençoaria, em consonância com a sua necessidade. O rei, por sua vez, voltava o rosto na direção daqueles a quem ele aprovava, mas desviava o rosto daqueles com quem nada queria. Essa pode ser a figura pretendida aqui.

Após terminar a cerimônia da condução da arca até o interior do Santo dos Santos, o rei saía, oferecia um sacrifício e orava pelo favor divino em seu reino. Tentava seguir as pisadas de Davi, que era o *rei ideal* (ver as notas sobre isso, em I Reis 15.3). "Tal como a comunidade primitiva [de Israel] tinha seguido a arca até seu lugar de descanso, e ali orara por bênçãos sobre os sacerdotes e sobre Davi, também a comunidade atual orava pelos sacerdotes e pelo seu rei, todos descendentes dos primeiros ministros do pacto com Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*).

No original, Salomão orou por si mesmo e por seu sucesso como rei (ver II Crô. 6.42). Este versículo tem sido cristianizado para referir-se a todos os crentes

que são reis e sacerdotes (ver Apo. 1.6). Sobre esses, Deus faz brilhar o Seu rosto, e eles recebem do favor conferido por meio de Cristo.

O Propósito de Yahweh para a Linhagem Davídica e para Sião (132.11-18)

132.11

O Senhor jurou a Davi com firme juramento. Quanto ao *pacto davídico*, ver II Sam. 7.4. *O trono de Davi deveria continuar eternamente, sem nunca desaparecer*, e sempre através de algum descendente de Davi. Isso naturalmente terminou, pois os hasmoneanos (macabeus) não descendiam de Davi. Isto posto, só podemos ver o cumprimento dessa profecia se admitirmos que o Messias continua a linhagem, e isso é precisamente o que dizem os intérpretes. Ver Atos 2.30,31, onde essa interpretação é declarada. Ver II Sam. 7.14-16, onde é dada a profecia original. O rei orou pelo sucesso de seu governo, e foi apresentado um oráculo, sem dúvida entoado por um sacerdote. O tema do oráculo é a Escritura referida. Cf. Sal. 89.3,4,27-29,35-37.

O Senhor jurou a Davi. A palavra divina era *juramento*, de acordo com a observação de Kimchi. A história original não menciona um juramento, mas era assim que o poeta sacro via as coisas. Essa palavra concentrava-se sobre Salomão, que era tipo de Cristo, pois assim como o primeiro deles trouxe a época áurea terrena de Israel, também o segundo trouxe a época áurea universal da salvação, da qual participam todas as nações.

132.12

Se os teus filhos guardarem a minha aliança. Se a retidão de Davi fosse imitada por seus descendentes, dentre eles sempre apareceria outro representante da linhagem para assumir o trono de Israel. E isso continuaria para sempre. Isto posto, encontramos nessa condição uma promessa e uma admoestação, pois a continuidade da linhagem real de Davi era condicional. Mas, conforme as coisas acabaram acontecendo, essa linhagem foi descontinuada por meio de pecado, e/ou existem enigmas nos tratos de Deus com os homens, exceto que no Messias nada é condicional ou provisório. "O não cumprimento da condição causou uma *suspensão*, mas não a *ab-rogação* da promessa" (Fausset, *in loc.*). "No que concerne ao Messias, a promessa e o juramento são absolutos. Mas essa é uma condição no que diz respeito aos descendentes de Davi, tanto imediatos como sucessivos. O *pacto* e o *testemunho* significam a mesma coisa" (John Gill, *in loc.*, o qual prosseguiu a fim de listar os fracassos dos descendentes de Davi, a começar por Salomão, especialmente lapsos na idolatria, que causaram tanta confusão e, finalmente, puseram fim à linha real, à espera da renovação no Messias).

132.13

Pois o Senhor escolheu a Sião. *Sião* era o lugar escolhido; ali Yahweh poria o Seu nome e se manifestaria, algumas vezes de modo espetacular, sob a forma de *shekinah* ou "glória do Senhor" (ver a respeito no *Dicionário*). Por conseguinte, a vontade de Deus estava por trás do programa, como o local, a linhagem de Davi, o culto e a linhagem real. O bem-estar de Sião estava intimamente associado com a continuação da casa real de Davi. De Sião, Deus distribuiria salvação sobre todos os povos. Ver Sal. 48.1.2. Ver Sal. 78.67,68, quanto à associação entre Sião e a dinastia de Davi. Portanto, as situações provisórias que envolveram Silo e Quiriate-Jearim foram ultrapassadas. Buscava-se agora a permanência, mas as condições constantes no vs. 12 anularam o programa, até que o Messias apareceu na terra.

A *habitação*, nas páginas do *Novo Testamento*, tornou-se a habitação do Espírito na igreja, no Novo Templo e em cada crente. Ver Sal. 68.16; II Cor. 6.16 e Efé. 1.22. Mas isso não anulou a antiga promessa.

132.14

Este é para sempre o lugar do meu repouso. Este versículo reitera elementos que já foram vistos e anotados. Considere o leitor estes pontos: 1. O descanso em Sião. A arca da aliança cessou em suas perambulações e veio descansar em Sião, e o templo falava de permanência. 2. A habitação divina foi estabelecida ali. 3. A vontade de Deus estava por trás de toda a questão, garantindo sua realidade e permanência. Para assegurar tudo isso, os intérpretes, uma vez mais, têm de apelar para o Messias e para as futuras operações de Deus. Não poderia haver nem permanência nem cumprimento sem que isso fosse realizado na dispensação futura, quando será cumprido o mistério da vontade de Deus (Efé. 1.9,10). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Mistério da Vontade de Deus*.

Cansado estava o nosso coração de tanto esperar,
E a noite parecia ser tão longa,
Mas seu dia triunfal está amanhecendo,
E nós o saudamos com um cântico.
Há uma luz que ilumina a montanha
E o dia está em plena primavera,
Quando nossos olhos virem a beleza
E a glória do Rei.

(Henry Burton)

132.15

Abençoarei com abundância o seu mantimento. O *triunfo* da linhagem davídica traria grande provisão espiritual que seria boa para o corpo e para a alma. Temos aqui a promessa da *prosperidade*. Até os pobres terão o suficiente quando o cumprimento for concretizado. A antiga verdade que diz: "Sempre tereis os pobres convosco ", repetida por Jesus (ver Mat. 26.11), teria sido anulada nas glórias do reinado da linhagem de Davi. Essa noção naturalmente tem sido espiritualizada e cristianizada para falar da igreja e de sua provisão abundante em Cristo, especialmente quanto ao aspecto espiritual. "Haveria abundante provisão de salvação, em favor da humanidade, na igreja cristã. A multiplicação dos pães e dos peixes por Jesus servia como tipo e prova dessa provisão" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. o versículo com Sal. 147.14 e Isa. 33.16,20. A mente hebréia sempre associou a piedade com a prosperidade física e espiritual. As exceções à regra nos envolvem no *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Isso nunca foi solucionado de modo adequado, a despeito dos esforços heróicos da parte dos teólogos e filósofos.

Abençoarei com abundância. O hebraico diz aqui literalmente: "Abençoando abençoarei", que Arama declara significar a *grandeza* das bênçãos; e ele aplicou isso principalmente à *fertilidade* da Terra Prometida, que sempre proveria alimento adequado para todos.

132.16

Vestirei de salvação os seus sacerdotes. Cf. o vs. 9: os sacerdotes estavam vestidos de *retidão*. Mas temos aqui a declaração original, "de salvação". Então o restante deste versículo é igual ao que se lê no vs. 9, onde os santos clamam de alegria. Ver II Crô. 6.11, a oração de Salomão sobre a qual os vss. 9 e 16 estão alicerçados e onde está contida a forma original da declaração. Ver Sal. 62.2, quanto a notas sobre o que a salvação significava para os hebreus, dentro do contexto dos salmos. Existe o Deus da salvação e a salvação que Ele provê. Naquela referência listei uma série de outros lugares no livro de Salmos que falam sobre a mesma coisa. Normalmente, o termo "salvação" significa apenas livramento de inimigos e prosperidade física e espiritual, associados ao culto no templo e à observância da lei. A teologia hebraica da época não antecipava uma vida gloriosa do outro lado do sepulcro. Essa idéia começou a surgir nos Salmos e nos Profetas, desenvolveu-se em Dan. 12.2, depois nos livros pseudepígrafos e apócrifos, e mais ainda nos livros do Novo Testamento. Seja como for, os sacerdotes eram os principais veículos do ensino da salvação de Deus, e também para efetuar a salvação através de suas ministrações sacerdotais no culto do templo e no cumprimento e demandas *para que outros cumprissem as provisões da lei*. Ver Sal. 1.2, quanto a uma nota de sumário sobre o que a lei significava para Israel. A lei era o manual para tudo, tanto na crença quanto na prática. A observância da lei provia vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1).

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre o evangelho de Cristo, o Sumo Sacerdote da nova dispensação. Ver I Tim. 4.16. Além disso, Cristo torna Seus discípulos reis e sacerdotes (ver Apo. 1.6). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salvação*.

Quanto aos santos *a gritar de alegria*, ver as notas expositivas sobre o vs. 9. Estão em vista certos aspectos do cortejo até o templo, a fim de depositar a arca da aliança no Santo dos Santos. Essa era uma jubilosa ocasião em que os filhos de Israel gritavam, cantavam, louvavam e agradeciam — tudo acompanhado pela dança ritual do rei.

132.17

Ali farei brotar a força de Davi. A "força" aqui aparece como *chifre* em outras traduções, pois o chifre era o instrumento que certos animais tinham como arma ofensiva e defensiva. O chifre de Davi é especial, porquanto, de súbito, florescia, como se fosse a vara de Arão (ver Núm. 17.1-10; Heb. 9.4). Mas a referência principal é ao Messias, como o *renovo* que apareceria através da prosperidade da linhagem de Davi. Ver Jer. 23.5; Isa. 11.1; Zac. 3.8 e 6.12. Cf. Luc. 1.69.

Preparei uma lâmpada para o meu ungido. "A lâmpada que queimava era uma figura extraída dos móveis e utensílios do tabernáculo. Aqui significa a continuação da dinastia davídica (cf. II Sam. 21.17; I Reis 11.36" (Allen P. Ross, *in*

loc.). A lâmpada, que dava sua *luz,* sua iluminação para toda a vida e existência, *continuaria,* tal como as lâmpadas do tabernáculo continuavam perpetuamente a queimar. Ver Êxo. 27.21 e Lev. 24.2.3.

> *E a seu filho darei uma tribo; para que Davi, meu servo, tenha sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém, a cidade que escolhi para pôr ali o meu nome.*
>
> (I Reis 11.36)

"A casa nunca seria escura e vazia" (William R. Taylor, *in loc.*).

Meu ungido. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Unção.* Cada rei sucessivo seria devidamente ungido, até que finalmente surgisse em cena, o Ungido, para terminar e tornar eterno o processo e seus propósitos. Cf. Sal. 18.28. *Ungido* é uma espécie de termo paralelo para indicar Davi, mas aplica-se também a seus sucessores.

132.18

Cobrirei de vexame os seus inimigos. Sempre haveria oposição à linhagem de Davi, *internamente,* por parte de possíveis suplantadores, e *externamente,* por parte de invasores estrangeiros. Todos esses elementos, entretanto, seriam *envergonhados,* porquanto seriam derrotados, e seus desígnios seriam demonstrados estranhos aos interesses de Israel. Quanto a ficar *envergonhado,* ver Sal. 25.1; 35.26; 37.19; 69.6; 74.66; 88.17; 109.28; 119.31,78; 127.5 e 129.5. Em contraste, o rei devidamente ungido teria uma coroa posta em sua cabeça, seria exaltado, e assim prosperaria em seu reino aprovado por Deus.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do reino e triunfo da igreja, em Cristo, com resultados benéficos para toda a humanidade. "Todo oponente da causa cristã ficará confuso. Ele florescerá, e de Seu governo não haverá fim. Com base no vs. 11, vemos que o Davi espiritual e sua posteridade são o assunto do salmo presente" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Este salmo é uma confirmação encorajadora que declara que, sem importar as circunstâncias, as promessas de Deus seriam cumpridas" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os opositores seriam *vestidos em vestes de vergonha,* conforme diz o Targum, que contrasta isso com a coroa do rei. "O Messias floresceria como um rei, brilharia e seria conspícuo e glorioso, conforme afirmaram Aben Ezra e Jarchi. O mesmo termo para *coroado* é usado para falar da coroa santa que os sacerdotes punham na cabeça, na qual estavam inscritas as palavras *Santidade ao Senhor.* Cf. I Ped. 5.4 e II Tim. 4.8" (John Gill, *in loc.*).

Salmo Cento e Trinta e Três

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Ofereço uma introdução geral a esse grupo, no começo dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este é um *salmo de sabedoria* que celebra as alegrias da *harmonia fraternal.* Outros salmos de sabedoria são os de número 1, 34 (vss. 11-21), 36, 37, 49, 73, 91, 96, 112, 127 e 128. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que forma uma espécie de frontispício do saltério. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Presumivelmente a presença deste salmo entre os chamados Cânticos de Romagens deve-se ao fato de que ele reflete as alegrias de uma boa sociedade, governada por um bom governo, o qual existiria idealmente na Israel restaurada, após o cativeiro babilônico, ou como a Jerusalém que os peregrinos encontravam ao dirigir-se para lá três vezes por ano para as três grandes festividades anuais, a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos, que requeriam a presença de todos os varões hebreus. A lei mosaica (Deu. 16.16,17) não era perfeitamente cumprida quando Israel estava crescendo, e a multidão dos israelitas ainda tinha um longo caminho para viajar por caminhos perigosos.

Quanto à natureza da literatura de sabedoria, ver sobre *Sabedoria,* seção III, no *Dicionário.*

A solidariedade familiar era uma grande preocupação em Israel. Todas as famílias recebiam sua herança na Terra Prometida, e a família era a unidade básica da sociedade. Então, no clã, os *irmãos* (vs. 1), segundo se esperava, viveriam em harmonia uns com os outros, e nisso residia a força da nação. A solidariedade garantia a preservação da cultura e da religião. O culto havia sido centralizado em Jerusalém, e as festas anuais ajudavam a conservar o espírito nacionalista nos campos da política e da fé religiosa. O exílio babilônico impusera um ponto de vista mais universalista, e também devemos pensar no comércio, que florescia no Oriente. Os hebreus sempre corriam o perigo de perder sua posição distintiva entre as nações. Ver como Israel seria distintiva através da possessão e da prática da lei, em Deu. 4.4-8. Portanto, um salmo como este relembraria os hebreus para continuarem sendo hebreus, com fortes laços fraternais.

Os Cânticos de Romagens são pós-exílicos, e isso também se aplica ao atual Salmo 133. O tema do salmo sugere um período de judaísmo nos tempos helenistas.

A Bem-aventurança do Amor e da Unidade Fraternal (133.1-3)

133.1

Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos! Estão em foco os hebreus, agora sujeitados a fatores universalizadores após o retorno do cativeiro babilônico, aprendendo os caminhos do mundo helenista. Conforme diz um cântico popular, isso ocorreu no fim da Segunda Guerra Mundial: "Como você pode mantê-los agora nas fazendas, depois que viram Paris?". Agora que Israel se expandia para fora, enquanto seus vizinhos se expandiam *internamente,* seria possível conservar os hebreus dentro de seu contexto distintivo, que fora criado por serem eles o povo da lei (ver Deu. 4.4-8)? O autor desta pequena porção da literatura de sabedoria esperava que suas palavras ajudassem Israel a reter sua fraternidade especial. Naturalmente, essas palavras aplicam-se a indivíduos, e não somente a comunidades nacionais, mas podemos estar seguros de que a inspiração da paz era uma preocupação que dizia respeito a *laços nacionalistas* na nação restaurada de Israel.

Uma Ilustração Cristã. F. A. Iremonger era filho de um arcebispo da comunidade anglicana. Poder-se-ia esperar que ele saísse apenas um homem daqueles que diziam "somente nós, os anglicanos". Mas se ele era um fiel denominacionalista que galgara a elevada posição de arcebispo de Canterbury, estava sempre olhando por cima das muralhas de sua denominação e espiando os acampamentos das denominações "rivais". Ele queria saber o que de bom haveria "do outro lado" do muro e desejava compartilhar do bem que eles tinham em sua própria comunidade. Ele cultivava uma paixão pela unidade cristã que ultrapassava em muito as conveniências das organizações unificadas. Em um discurso feito na cidade de Nova Iorque, ele declarou que "não era principalmente um representante da Inglaterra, nem do ramo inglês da Igreja Católica, mas um ministro do evangelho universal e da própria Igreja Católica:, termo que usou sem o sentido "romano".

Contraste-se isso com a posição assumida por muitos homens da igreja, que pensam ser uma virtude a crítica, a desunião e a intolerância. Tais homens nunca olharam para fora de suas muralhas denominacionais, exceto para ver como apontar seus mísseis contra os acampamentos inimigos.

> *Bendito seja o laço que ata*
> *Nossos corações em amor cristão:*
> *A comunhão de mentes aparentadas*
> *Assemelha-se à comunhão lá de cima.*
>
> (John Fawcett)

A unidade e a comunhão dependem da maior virtude espiritual de todas: o *amor* (ver a respeito no *Dicionário,* quanto a idéias completas que podem ser usadas para ilustrar este versículo).

133.2

É como o óleo precioso sobre a cabeça. Este versículo não toca no coração dos povos ocidentais e talvez soe com excessivo sentimentalismo; para dizer o mínimo, parece bastante estranho. No caso dos *hebreus,* porém, as coisas não eram assim. Em *primeiro lugar,* estamos falando acerca de Arão, o sumo sacerdote que servia toda a comunidade dos irmãos, sendo a mais alta figura religiosa da Terra Prometida. Fazia parte de suas responsabilidade produzir a unidade na fé e na prática. Era sua tarefa deixar o exemplo de fraternidade sincera. Em *segundo lugar,* temos a honrosa *barba,* altamente respeitada pela mente dos hebreus. Uma boa barba era sinal de distinção e sabedoria. No *Dicionário,* há um detalhado artigo intitulado *Barba,* o qual ilustra bem o assunto e lança luz sobre este versículo. Em *terceiro lugar,* temos de considerar o precioso óleo da unção, a unção para o ofício sacerdotal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção,* quanto a maiores detalhes. O trabalho de um homem tornava-se oficial mediante essa unção, e ele era ungido para servir à comunidade, sob a direção de Yahweh. Reunindo agora essas três coisas, podemos ver a força que esse versículo tinha para os hebreus. Seu intuito era levá-los a emprestar grande valor à unidade da fé e à unidade da nação de Israel.

"A *copiosa efusão* da cabeça do sumo sacerdote diferia da aspersão feita na testa dos sacerdotes ordinários. O salmista chamou a unção de *preciosa,* em referência à graça espiritual do amor, o primeiro fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5.22), do qual era uma imagem. O Espírito Santo foi o precioso ungüento com o qual, em sua infinita plenitude, o Messias havia sido ungido (ver Dan. 9.24; Atos 10.38 e João 3.34)" (Fausset, *in loc.*). Hengstenberg e a versão árabe fazem da

barba de Arão a coisa que fluía, mas as versões, de modo geral, preservam a referência ao óleo que escorria.

O óleo derramado pela barba descia sobre os ombros de Arão e então sobre suas vestes, inscritas com os nomes das doze tribos de Israel. Assim sendo, o óleo simbolizava a *unidade nacional,* sob as bênçãos do *único Deus.* Não poderia haver unidade sem sincera fraternidade. "Era costumeiro, no Oriente, derramar o óleo sobre a cabeça em profusão tal que descia e atingia cada membro" (Adam Clarke, *in loc.*).

133.3

É como o orvalho do Hermom. "Não temos aqui o monte Sião (no hebraico, *tsiyon*), em Jerusalém, mas Sião, que fazia parte da cadeia do Hermom. Ver Deu. 4.48: "... desde Aroer, que está à borda do vale de Arnom, até o monte Siom, que é Hermom". Sobre esse monte, o orvalho cai muito copioso. Mr. Maundrell diz que "devido a esse orvalho, mesmo em tempo seco, as tendas das pessoas ficam tão molhadas como se tivesse chovido a noite inteira" (Adam Clarke, *in loc.*). O orvalho do que normalmente chamamos de Hermom não atinge Jerusalém. Se esse lugar mais distante está aqui em foco, então o autor aplicou uma hipérbole oriental. Seja como for, sem água a terra fica crestada e estéril. Mas com água surge a fertilidade e a prosperidade, e essas coisas são produtos da fraternidade sob a direção e a bênção de Yahweh. O *orvalho* representa o que é refrescante, doador da vida, um símbolo apropriado para a bênção do Senhor. Mas essa bênção é conferida através de instrumentos humanos que vivem no espírito do amor.

"Devemos tomar o *orvalho do Hermom* como um *orvalho especial.* Não há por que duvidar que a altura do monte Hermom e o fato de esse monte ser tão conspícuo determinaram a expressão" (Ellicott, *in loc.).* O copioso orvalho do Hermom foi associado ao óleo copioso da unção (vs. 2).

Yahweh decretou suas bênçãos sobre Jerusalém, e essa bênção era especialmente a vida para sempre. Vida longa e prosperidade material e espiritual eram os ideais dos hebreus, e a guarda da lei era declarada como produtora desse tipo de vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Mas isso só se tornaria realidade se Jerusalém contasse com uma comunidade de irmãos que vivessem em harmonia. Caso contrário, essa bênção poderia falhar. A contenção sempre faz a bênção divina fracassar.

Este versículo tem sido cristianizado para falar sobre as bênçãos que Cristo traz por meio de Seu evangelho e através de Sua Igreja. Ver II Cor. 13.11. Mas o amor é necessário para que isso se torne uma realidade prática. Dessa maneira, as palavras "para sempre" são aplicáveis à vida eterna.

Em Cristo não há nem Oriente nem Ocidente,
Nele não há nem Norte nem Sul,
Mas há somente uma grande comunidade de amor,
Que se espalha por toda a larga terra.

(John Oxenham)

Salmo Cento e Trinta e Quatro

Os Salmos 120 a 134 — quinze salmos — são chamados *Cânticos de Romagens* (ou dos Degraus, ou do Peregrino). Ofereço uma introdução geral a esse grupo, no começo dos comentários sobre o Salmo 120, pelo que não repito aqui esse material.

Este salmo é uma *liturgia* que profere bênção especial. Os sacerdotes foram convocados a oferecer louvores ao Senhor. Eles abençoaram a congregação.

Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Apresento dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

"Este salmo é o último da coletânea dos Cânticos do Peregrino (120 a 134). Servia apropriadamente como um *Nunc Dimittis,* entoado no fim ou em um dos cultos noturnos de devoção no templo, durante uma festividade, ou durante a última vigília da festividade, quando os peregrinos estavam prestes a retornar a seus lares. É provável que este salmo pertencesse à liturgia da festa dos Tabernáculos, visto que fica subentendido, no vs. 1, que os ministrantes sacerdotais cumpriam seus deveres no templo, não por uma noite apenas (conforme se vê no caso da Páscoa), mas por diversas noites. Ademais, no caso da Páscoa, as famílias estavam em seus lares, e não no templo. Nos tempos pós-exílicos, a Festa dos Tabernáculos tornou-se a *festa* que deveria ser atendida (ver Zac. 14.16)" (William R. Taylor, *in loc.*).

Todo o conjunto dos Cânticos de Romagens parece pertencer ao período pós-exílico.

Um Hino Noturno para o Templo (134.1-3)

134.1

Bendizei ao Senhor, vós todos, servos do Senhor. "Dirigindo-se aos sacerdotes e levitas, que mantinham vigilância sobre o templo, os peregrinos pediram que lhes fossem dadas as bênçãos celestes de Sião" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Que assistis na casa do Senhor. Ou seja, todos os ministros que *ministravam* (cf. Deu. 10.8 e II Crô. 29.11) no templo, durante a noite, foram convocados a bendizer Yahweh, ou seja, louvá-Lo e dar graças por Suas múltiplas bênçãos. Somos levados a pensar em um *Nunc Dimittis* (agora despede!) em um culto especial noturno. Os peregrinos voltariam para casa bem cedo na manhã seguinte. Provavelmente está em pauta a Festa dos Tabernáculos. Ver a introdução ao salmo, quanto a detalhes. Ellicott (*in loc.*) via aqui uma exortação aos levitas que serviam à noite para louvar especialmente ao Senhor. "Temos aqui um desafio para os levitas louvarem a Deus durante a noite, tal como outros o tinham feito à luz do dia", mas isso não é uma explanação tão satisfatória como a que fala na despedida do culto noturno, e onde não há nenhuma distinção entre os que serviam durante o dia e os que serviam durante a noite. Antes, *todos* estariam presentes ao final da festividade e diriam adeus aos peregrinos. Kimchi pensa em sacerdotes presentes, que acordaram à noite para orar; mas isso também é uma interpretação inferior.

Senhor, despede-nos com a Tua bênção,
Ordena que partamos em paz.
Alimentando-nos ainda do maná celeste,
Permite que nossa fé e amor aumentem.

(Robert Hawker)

134.2

Erguei as mãos para o santuário. Os peregrinos pediram aos sacerdotes e a todos os servos do templo que abençoassem Yahweh, levantando as mãos no gesto próprio da súplica e da oração. Mãos erguidas naquele solene ritual atrairiam bênçãos para que os peregrinos pudessem iniciar caminho em paz e alegria. Ali se tornava necessário o poder dos sacerdotes, para que a peregrinação chegasse à sua conclusão apropriada. A bênção pronunciada sobre Yahweh seria devolvida ao povo (vs. 3). Abençoado, Yahweh abençoaria. Cf. I Tim. 2.8:

Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade.

Fale bem do nome de Yahweh; reconheça tudo quanto Ele tem feito por nós. Suas maravilhas foram executadas por nós. Ele é a fonte originária de todas as nossas bênçãos. Cf. Sal. 28.2.

O santuário. Ou seja, onde os sacerdotes comuns costumavam ministrar. Mas como podiam eles fazer isso no santuário, se o povo não podia entrar ali? A Revised Standard Version diz "no santo lugar", que poderia significar no Santo dos Santos. O sacerdote poderia proferir suas bênçãos naquele lugar onde Yahweh manifestou Sua glória e onde Ele habitava. As palavras que aqui encontramos, "para o santuário", mostram a despedida daquela solenidade noturna, no terreno do templo, com as mãos na *direção* do Lugar Santo.

134.3

De Sião te abençoe o Senhor. Yahweh ouviu os sacerdotes abençoando Seu nome, e respondeu enviando bênçãos a todo o povo de Israel. A bênção divina é muito poderosa, por ser Ele o Criador, o que significa que Ele é também o Supremo Abençoador. Sua providência será abundante. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Os sacerdotes, tendo abençoado o nome do Senhor, clamavam para que Yahweh retribuísse o favor, abençoando os peregrinos que estavam prestes a voltar para casa. Cf. Sal. 121.2. "Quando bendizemos a Deus, Ele nos abençoa imediatamente. Cf. o intercâmbio de bênçãos entre o homem e o Altíssimo, em Gên. 14.19,20. Este salmo é o epílogo da coletânea dos cânticos do peregrino (Salmos 120 a 134)" (Fausset, *in loc.*).

Por conseguinte, é bom estar ali esperando por Ele, e adorando, orando e louvando, porquanto Aquele que criou os céus e a terra é capaz de abençoar com coisas celestes e terrenas. Essa descrição do Senhor dá-nos razão para sermos encorajados e termos fé Nele. Pois o que é que Ele não pode fazer, pergunto?" (John Gill, *in loc.*). Portanto, quanto a nossas necessidades especiais do momento, pedimos bênçãos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Senhor, deixa-nos partir em paz,
Pois em Teu nome nos temos reunido aqui;
Desvenda o brilho do Teu rosto,
E mantém-Te, para sempre, perto.

(William Lester)

Salmo Cento e Trinta e Cinco

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como um frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino litúrgico de louvor,* uma espécie de salmo gêmeo do Salmo 136. Provavelmente ambos eram usados em uma ou mais das grandes festividades, como as três festas anuais que todos os israelitas do sexo masculino supostamente deviam atender (a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas,* e também Deu. 16.16,17, quanto à lei que governava a questão. Quando Israel se multiplicou e havia muita gente vivendo distante da capital do país, a lei sobre essa questão não continuou sendo observada. A despeito disso, as festividades anuais eram freqüentadas por muitas pessoas, pois eram tempos de louvores e agradecimentos especiais, tempos de regozijo, de fazer e cumprir votos, de cânticos e danças.

"É claro que este salmo tinha por intuito ser entoado em forma de antífona. Mas isso só se conseguia mediante a distribuição de partes entre vozes que cantavam solos, coros e congregação: vss. 5-7; 15-17 (partes de solo); vss. 1-4; 19-21 (combinação de coro do templo e congregação); vss. 13,14,18 (respostas gerais nas quais tanto o coro como a congregação se juntavam" (William R. Taylor, *in loc.*).

"Este cântico de louvor perfaz um mosaico de porções da lei mosaica, dos profetas e dos salmos. Nele, o salmista conclama os sacerdotes a louvar ao Senhor, pelo que está quadradamente apoiado sobre o Salmo 134. É um cântico que louva a grandeza do Senhor e Sua fidelidade ao povo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Exortação a Louvar (135.1-4)

135.1

Aleluia! Louvai o nome do Senhor. Temos aqui um *tríplice louvor.* A congregação invoca os sacerdotes a louvar a Yahweh: Louvai ao Senhor; louvai o Seu nome! Dai louvores! Os sacerdotes e os levitas são chamados de *servos do Senhor.* Cf. Sal. 134.1, onde encontramos idéias similares. Ver os artigos do *Dicionário* chamados *Yahweh* e *Nome.* Quanto ao *nome,* ver também Sal. 31.3, e quanto ao *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21. A chamada tríplice assume um tom de urgência. O louvor aqui é dado através da palavra hebraica *Aleluia* (ver a respeito no *Dicionário*). Os intérpretes que cristianizam este versículo e vêem nesta passagem uma chamada tríplice e um indício sobre a Trindade, certamente exageram.

135.2

Vós que assistis na casa do Senhor. Temos aqui uma expressão idiomática que significa *cultuais ali.* Isso duplica a declaração de Sal. 134.1, onde há anotações. Os sacerdotes punham-se de pé na casa, ou seja, no Lugar Santo, a fim de ministrar; o povo em geral postava-se nos átrios, fora do santuário propriamente dito. Naturalmente, os levitas que serviam, que não eram sacerdotes, faziam trabalhos braçais no templo e talvez estejam em foco na segunda cláusula. Cf. Sal. 92.13 e Luc. 2.37. Ver também II Crô. 4.9. quanto ao grande átrio onde ficavam todos os israelitas. Felizes são os participantes!

Este versículo parece bastante lato. Convida todos os participantes, sacerdotes, levitas e a congregação em geral, dentro e ao redor do templo, a levantar a voz em *unissono,* em um grande grito de aleluia!

135.3

Louvai ao Senhor, porque o Senhor é bom. A *teologia dos hebreus* combinava os atributos da bondade, do poder e da justiça em uma única qualidade, e nos salmos Yahweh era louvado por causa desses atributos. Platão viu que a bondade e o poder devem andar de mãos dadas, em qualquer sã avaliação da espiritualidade, e o hebraico clássico tinha um único termo para amor e justiça. A bondade de Deus origina-se em Seu amor. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Bondade* e *Amor.* O *aleluia!* era bradado porque Deus é bom, e cânticos de louvor eram entoados, pois é agradável prestar louvores e ações de graças. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Louvor* e *Ação de Graças.* Cinco aleluias são proferidos nos vss. 1 e 3. Este é um hino de louvor. Quanto a quão agradável é dar louvores, cf. Sal. 147.1.

> *Porque é cousa agradável os guardares no teu coração, e os aplicares todos aos teus lábios.*
>
> (Provérbios 22.18)

Aben Ezra e Kimchi fazem com que o *nome* seja aquilo que é agradável de falar. Mas os hinos de louvor são as coisas especificamente mencionadas aqui. "... sendo esse o emprego dos anjos e dos santos glorificados. O assunto da questão é deleitoso" (John Gill, *in loc.*).

135.4

Pois o Senhor escolheu para si a Jacó. Este versículo descreve uma *instância* da bondade de Deus (vs. 3) sobre a qual é agradável cantar: a escolha de Jacó (Israel) que tornou o povo de Israel distinto entre as nações (por meio da obediência à lei; ver Deu. 4.4-8). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Eleição.*

Sua possessão. Não por causa do que Israel era em si mesmo, mas por causa do que foi feito com aquele povo, em consonância com as operações de Deus. Cf. Deu. 7.6,7; 14.2; 26.18. A *possessão* de Deus era algo raro, único e muito valorizado, um tesouro guardado à parte de outros tesouros, por ser de grande estima. Cf. Tito 2.14; Mal. 3.17 (jóias especiais). Ver também Isa. 62.3. O tesouro especial é um nome de pacto para Israel. Ver Êxo. 19.5, quanto à "propriedade particular" (e ver também I Crô. 29.3; Ecl. 2.8).

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se à eleição da igreja, o Israel Novo e Espiritual.

> *... purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.*
>
> (Tito 2.14)

A Grandeza do Senhor (135.5-7)

135.5

Com efeito, eu sei que o Senhor é grande. Yahweh tinha sido louvado por Sua bondade (vss. 3 e 4) e agora era louvado por Seu poder. Aquele que era grande também era bom. Aquele que era poderoso também era forte em amor. Os deuses pagãos tinham, concebivelmente, um grande poder, mas não se importavam em ser bons. Mas Yahweh, acima de todos os deuses, é inerentemente bom e poderoso, e usa Seu poder para efetuar boas obras extraordinárias. Os homens são como os deuses pagãos. Quanto mais poder obtêm, menos bondade se importam em praticar. O próprio "eu" torna-se uma divindade, e tudo é feito em favor de si mesmo. O poder e o dinheiro são usados para abusar. Deus é soberano, pelo que faz o que quer, mas o que Ele quer é bom e origina-se de Seu amor. Os homens incorrem em erro quando criam o seu *deus voluntarista,* cuja vontade é arbitrária e faz coisas que o pensamento humano sobre o bem condena. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Voluntarismo.* Deus não cria uma lei moral para nós e outra para Si mesmo. Pelo contrário, as leis morais de Deus são dadas para que os homens as observem.

Deuses. Esta declaração simples poderia ser usada em favor do *henoteísmo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* Temos aqui a idéia da existência de muitos deuses, enquanto mantemos relações apenas com um desses deuses. Nesse caso, nosso único Deus estaria acima dos outros deuses aos quais algumas pessoas prestam lealdade. Provavelmente essa é a idéia que devemos procurar em Sal. 82.1. Mas o Salmo 135 provavelmente é pós-exílico e, nessa época, reinava um completo *monoteísmo* (ver no *Dicionário*) em Israel. Examinando o vs. 15, vemos que estavam em foco ídolos de prata e ouro, obras das mãos humanas, sendo muito provável que o salmista tenha equiparado os *deuses* aos *ídolos,* os quais, na realidade, nem deuses eram. A onipotência é atribuída a Deus e a impotência aos deuses.

Provas da Grandeza de Deus. Os vss. 5-12 fornecem uma impressionante lista da grandeza de Deus, em *Sua própria pessoa* (vss. 5-7) e em *Suas obras.* O vs. 5 fornece os *dois* primeiros itens, dentro de um total de treze. O vs. 13 adiciona outra grande característica da pessoa de Deus, compondo um total de catorze. Consideremos estes pontos:

1. A declaração geral sobre a *grandeza de Deus,* inerente à Sua pessoa. Isso inclui a onipotência de Deus, que é exercida em Suas obras, como se vê na criação e nas obras beneficentes de Deus em favor dos homens. "Grande" também significa que Ele é ilimitado em Suas perfeições de todas as espécies, em Seu poder, sabedoria, fidelidade, graça e bondade. Deus também desconhece limites em Suas obras de providência, que Ele opera em favor dos homens.
2. *Somente Ele é Deus,* pelo que, como é óbvio, Ele é superior a todos os alegados deuses. Para nós, isso é um truísmo, mas não para os povos pagãos dos tempos do salmista. Ver a discussão anteriormente.

135.6

3. A terceira qualidade divina que mostra a grandeza de Deus (chamado Yahweh neste texto) é Sua *soberania.* Ele faz o que Lhe agrada, e isso inclui tanto a

SOBERANIA BONDOSA

Tudo quanto aprove ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos.

Salmo 135.6

Louvai ao Senhor porque o Senhor é bom; cantai louvores ao seu nome, porque é agradável.

Salmo 135.3

BONDADE HARMONIOSA

O ano está na primavera,
O dia está ainda na manhã
A manhã está úmida de orvalho;
A cotovia está nos ares;
O caracol está na espinheiro;
Deus está no seu céu
E tudo vai bem com o mundo.

Robert Browning

esfera celeste quanto a esfera terrena. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. Descrevendo Sua soberania, temos de insistir que ela é guiada pela bondade e pelo amor (vs. 3). É absurdo anular a bondade de Deus quando se trata de Sua soberania. Ver os comentários sobre o vs. 5, primeiro parágrafo. Alguns intérpretes, até mesmo intérpretes cristãos, afirmam que o poder de Deus é arbitrário e colocam-no atrás da destruição e não atrás do amor que restaura. Mas até mesmo os juízos de Deus são efetuados em meio ao amor. O hebraico clássico contava apenas com uma palavra para indicar justiça e amor, e isso está correto. O julgamento é apenas um dedo da amorosa mão de Deus. Todos os julgamentos de Deus tanto restauram quanto vingam. Conforme dizia Orígenes, é uma *teologia inferior* a que vê somente retribuição no julgamento, sem o tempero de qualquer ato restaurador, fruto do amor.

O autor sagrado, doravante, lista várias maneiras através das quais o poder e a soberania de Deus se manifestam na natureza.

4. Deus controla os *mares* que sempre representaram poderes misteriosos e assustadores para a mente dos hebreus. Israel era um povo que vivia contínuo ao mar, mas não era um povo marítimo. Dentre todos os monarcas de Israel e Judá, somente Salomão e Josafá tentaram aventurar-se ao mar, o primeiro com grande sucesso, e o segundo com miserável fracasso.
5. Deus exerce autoridade sobre *todos os abismos*, como os do mar, os das grandes cavernas da terra, e talvez até os do *hades*.

135.7

O autor sagrado continua a falar sobre as maravilhas da terra que Deus faz e que servem de provas de Sua grandeza.

6. Deus é a causa do aparecimento das *nuvens doadoras de vida* e dá chuvas até os confins da terra. Toda a vida depende das nuvens, e as nuvens que alteram o clima originam-se nos oceanos. Os lagos não são grandes o bastante para modificar o clima. As águas, pois, voltam para os oceanos, e o ciclo se reinicia. A mente dos hebreus dava ao poder de Deus o crédito por tudo isso, embora eles não compreendessem com exatidão no que consistia esse ciclo.
7. Juntamente com as nuvens apareciam as tempestades, e os *relâmpagos* são um dos resultados espantosos das tempestades. Os povos antigos não sabiam o que eram os relâmpagos, mas sabiam o que eles podiam fazer. Conheciam o *poder* dos relâmpagos, e provavelmente é isso o que está em vista aqui. Os hebreus não adoravam os elementos. Eles sabiam, contudo, que o Poder divino (Elohim) estava por trás dos elementos.
8. O *vento dos tesouros de Deus* era outro dos poderes conhecidos pelos hebreus. De acordo com Jó 38.2, Deus tem tesouros de *neve* e de *geada*, e isso é uma figura similar. Deus controla todas as condições atmosféricas que, alternativamente, deleitam e assustam os homens. Jer. 10.13 e 51.13 são paralelos diretos, falando dos *depósitos* de vento. Os hebreus não sabiam o que fazia o vento soprar e abater-se. E não adivinhavam que a temperatura é a principal força que impulsiona os ventos, mas viam a providência divina trabalhando em todos os fenômenos da natureza. Os gregos e os romanos postulavam que os ventos procediam das *cavernas*, idéia provavelmente similar à dos hebreus. As figuras poéticas ocultavam a ignorância dos fatos científicos sobre a natureza. Em Atenas, um templo de mármore, sob a forma de um octógono, foi edificado em honra aos *oito ventos* e, naturalmente, cria-se que os deuses manipulavam os ventos. Triton, com sua vara de bronze, estava montado no alto dos edifícios. A imagem de Triton podia mover-se com o vento, e assim balançava de um lado para outro, mostrando em que direção o vento soprava. Jerônimo interpretava esses ventos como anjos, e isso já nos apresenta poderes pessoais que atuam sob as ordens de Deus, operando como se fossem ventos.

Este versículo tem sido cristianizado para falar das graças do Espírito Santo que operam no mundo. Todos os tesouros se encontram em Cristo. Ver João 3.8 e Atos 2.1-4.

Os Feitos Poderosos de Yahweh (135.8-12)

135.8

Foi ele quem feriu os primogênitos no Egito. O *autor sacro continuou* a falar sobre a grandeza de Yahweh. Primeiramente o autor disse como Deus é grande em Si mesmo; então como Deus é grande na natureza; e agora mostra como Deus é grande quanto às coisas que fez para que Israel estivesse no lugar onde se encontrava naquele dia.

9. A *décima* e *última praga* foi decisiva: a morte dos primogênitos de todos os seres humanos e animais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pragas do Egito*, onde se conta a história das dez pragas em sua inteireza. Cada praga, além de ser uma derrota para os egípcios, era uma derrota para alguma divindade específica do Egito. Foram as obras miraculosas de Yahweh, em prol de Israel, que tornaram possível a existência da nação de Israel. Houve o envolvimento tanto de providências negativas como positivas no caso, e as pragas do Egito foram da primeira variedade. Ver a história relatada em Êxo. 12.22,23,27,29 e 30. Se Israel não tivesse escapado do Egito, teria sido absorvido pela população egípcia, ou, quando muito, teria sido transformado em uma província daquele país, porém jamais teria sido uma nação separada. E o propósito de Deus de ter um povo especial (vs. 4) seria frustrado.

135.9

10. Esta é uma referência geral às *dez pragas* do Egito, dentre as quais o vs. 8 menciona somente a última. Ver as notas sobre o número 9, que se aplicam aqui. As pragas do Egito sempre foram consideradas sobrenaturais. Coisas como essa acontecem na natureza, mas não com tal gravidade e precisão. Cf. Sal. 116.19 e Êxo. 15.7. Na mão divina, o que poderiam ser acontecimentos naturais tornaram-se sinais e maravilhas, ou seja, "milagres didáticos". O poderoso rei do Egito, o Faraó, não escapou ao látego divino, e, de fato, tudo foi provocado por sua teimosia e estupidez. E seus servos não foram mais espertos que ele mesmo. A classe dominante do Egito fez a nação sofrer arduamente por longo tempo e desnecessariamente. Se eles tivessem permitido a saída de Israel no começo do entrevero, teriam impedido muito sofrimento. Naturalmente, a indicação da história foi que a questão supostamente seria *prolongada*, a fim de que Yahweh tivesse oportunidade de demonstrar Seu poder e soberania, derrotando todas as divindades egípcias. Em si mesmo, o prolongamento do conflito foi uma situação de ensino.

135.10

11. Esta é uma referência geral à história do livro de Josué, mostrando como Israel, para conquistar a Terra Prometida, teve de enfrentar certo número de adversários e derrotá-los. Foi aplicada a *guerra santa* (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18), uma total obliteração de povos, sempre que possível. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, quanto a listas de nações expulsas de seus territórios. Nos dias de Josué, e por muito tempo depois, a tarefa ficou incompleta. E só foi terminada por Davi. Ele aniquilou ou confinou todos os inimigos de Israel, em um total de *oito* nações (ver II Sam. 10.19). Isso armou palco para a *época áurea* de Israel, sob Salomão. O exército de Israel consistia apenas em infantaria. Teve de enfrentar povos poderosos, com equipamentos de guerra superiores, como cavalos e carros de combate, e cidades fortificadas. Portanto, foi considerado uma intervenção divina que Israel fosse capaz de obter tantas vitórias na Terra Prometida. Havia trinta e um pequenos reis na terra de Canaã (ver Jos. 12.7-24) que dominavam essencialmente cidades-estados. Mas havia *sete povos* distintivos, como mostram as referências dadas anteriormente. O poeta sagrado, pois, demonstrou a grandeza de Yahweh, que era o Capitão dos exércitos de Israel.

135.11

12. O salmista não entrou em detalhes, mas mencionou algumas das mais difíceis tarefas da conquista. *Seom* e *Ogue* estavam entre os reis mais poderosos que Yahweh ajudou Israel a subjugar. Ver Núm. 21 e cf. Sal. 136.19,20. Os outros sete povos distintivos e as trinta e uma cidades-estados são citados por uma referência generalizadora, mas os hebreus lembrariam muitos nomes e muitas vitórias, cônscios de que nada daquilo teria acontecido sem a intervenção divina. Todas essas coisas, portanto, demonstravam a grandeza de Yahweh, bem como a debilidade das idolatrias pagãs que não tinham poder para impedir esses acontecimentos. As vitórias começaram com o triunfo sobre Seom e Ogue. Esse sucesso estabeleceu o padrão para as vitórias seguintes. Ver Deu. 3.11 e Amós 2.9.

135.12

13. A *herança* da Terra Prometida cumpriu ma das grandes provisões do *pacto abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18). A grandeza de Yahweh foi demonstrada na concretização do pacto. O povo em pacto com Deus precisava ter uma pátria. Deus não poderia ter cumprido o Seu propósito em Israel se eles tivessem permanecido como nômades árabes, vagabundos. Israel tinha de levantar-se como um poder entre as nações; tinha também de ser o guardião das Escrituras, servindo de contínua lição objetiva de como o poder de Deus operava, buscando cumprimento em elevados propósitos. Cf. Sal. 105.44 e 111.6.

"As terras dos dois reis mencionados foram dadas aos rubenitas, aos gaditas e à meia-tribo de Manassés (ver Deu. 3.12-17). E as terras pertencentes aos vários outros reinos de Canaã foram dadas ao restante das tribos" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Tribo (Tribos de Israel)* e *Tribos, Localização das*.

Yahweh Vindica Seu Povo (135.13-14)

135.13

14. O *Nome* de Yahweh subsiste para sempre, em contraste com os ídolos e os deuses pagãos que não têm vida real, e também em contraste com todas as outras coisas. O Nome de Deus representa a Sua pessoa, os Seus atributos e os Seus poderes, e demonstra a Sua grandeza. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3 e também no *Dicionário*. Ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. Yahweh tem uma *fama* que dura para sempre, paralelamente ao Seu Nome.

Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que Sou.

(Êxodo 3.14)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Eu Sou. Yahweh* significa o Eterno, pelo que o Nome divino ilustra a mensagem do presente versículo. Ver sobre isso no *Dicionário*. Cf. Deu. 32.36. Yahweh vindicou Seu povo perante as nações pagãs, mostrando que o verdadeiro poder divino estava operando entre os israelitas, em contraste com os deuses sem vida que os pagãos adoravam e de quem inutilmente dependiam. O Nome de Yahweh tornar-se-ia um *memorial* para todas as gerações futuras, ao passo que os nomes das divindades pagãs seriam totalmente olvidados.

Este versículo depende essencialmente de Êxo. 3.15. O autor tinha agora completado suas *catorze* provas da grandeza de Deus, por causa das quais os homens deveriam *louvar ao Senhor*. Pois Yahweh é digno e Suas obras sempre foram benéficas para Israel.

135.14

Pois o Senhor julga ao seu povo. Este versículo repousa essencialmente sobre Deu. 32.36. "Em todas as gerações de Israel, Ele cumpriu a promessa de Deu. 32.36 para vindicar o Seu povo 'quando vê que o poder deles desapareceu'" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. a oração de Moisés (Sal. 90.13). Yahweh precisava de vindicação aos olhos dos pagãos, e assim também fez o Seu povo. As nações seriam julgadas e o Seu povo receberia compaixão, e isso mostraria que eles estavam *com a razão*. Yahweh vindicaria a causa deles. Ver Sal. 9.4; 10.18; 44.1. Os israelitas sofreriam seus próprios julgamentos, mas teriam bons propósitos para serem trabalhados. Através de Seus julgamentos, "os Seus servos retos retornarão às Suas misericórdias" (Targum), ou seja, receberiam as misericórdias divinas e assim seriam aprimorados. Yahweh manteria o caráter *distintivo* de Israel (Deu. 4.4-8).

A Vaidade da Idolatria (135.15-18)

135.15

Os ídolos das nações são prata e ouro. "A grandeza do Deus dos deuses é novamente exaltada através de uma descrição zombeteira sobre o que realmente são os ídolos das nações. O salmista usou o argumento favorito dos protagonistas da religião de Israel para demonstrar a superioridade do Senhor, ao provar a nulidade de Seus rivais. Os deuses são equiparados às suas imagens, e então a inutilidade e a impotência das imagens são transformadas em ridículo (cf. Sal. 115.3-8; Jer. 10.7-16; Isa. 44.9-18; Sabedoria de Salomão 15.14-17)" (William R. Taylor, in *loc.*). Isso pode parecer-nos um lugar comum, por ser tão óbvio, mas nos tempos antigos, quando a idolatria florescia, o assunto era de profunda preocupação para os que possuíam visão superior. Corretamente modernizamos o assunto, salientando que todos os homens caem na idolatria, ou melhor, são idólatras constantes, porquanto ficam inventando novos deuses para seguir: ambições, trabalho, dinheiro, honra, poder, sensualidade etc. Alguns até fazem de si mesmos seus próprios deuses. Seja como for, a grandeza de Deus se estende sobre os deuses dos pagãos, os quais, no mundo antigo, eram seus rivais.

Os vss. 15 e 16 são semelhantes a Sal. 115.4-8, com leves variações. O vs. 15 corresponde a 115.4, onde ofereço as notas expositivas. A grandeza de Yahweh é demonstrada mediante as maravilhas por ele realizadas, mas as não-entidades nada fazem pois nada são. Cf. Hab. 2.6; Pro. 3.14,15; 8.10,11; Sal. 19.10. Ver o artigo detalhado do *Dicionário* intitulado *Idolatria*.

135.16

Têm boca, e não falam. Este versículo é virtualmente igual a Sal. 115.5, onde ofereço as notas expositivas. "Os ídolos não respondem aos pedidos e às petições daqueles que os servem" (John Gill, *in loc.*). A inutilidade resulta do nada.

135.17

Têm ouvidos, e não ouvem. Este versículo é virtualmente igual a Sal. 115.6, exceto pelo fato de que o nariz sem olfato se tornou a boca e os pulmões que não respiram. Não podem falar, nem ao menos respirar, sendo mais inúteis do que os animais, os quais, embora não falem, pelo menos respiram, pois são criaturas vivas. Os ídolos são apenas estatuetas sem vida, cujo único valor reside no material de que são feitos, de acordo com o preço do mercado. Contrastar isso com o Deus Vivo, que ouve e responde às orações dos homens e cuja providência suporta toda a vida. É difícil imaginar como alguém poderia adorar um ídolo e esperar alguma coisa da parte dele. Naturalmente, várias formas de idolatria supõem que um ídolo represente alguma espécie de *realidade* que se oculta em algum lugar, um deus oculto, alguma espécie de poder cósmico. O autor deste salmo, entretanto, simplesmente ignora essa forma refinada de idolatria, o que nos faz ver que essa forma também não passa de uma farsa.

135.18

Como eles se tornam os que os fazem. *Três classes* – os que fabricam os ídolos; os próprios ídolos; e os que confiam neles – são igualmente ridículos. Todo o jogo dos ídolos serve a propósito nenhum e se reduz a nada; e é um absurdo que alguém tome um ídolo a sério. Além de outros absurdos vinculados à idolatria, que o leitor acrescente este outro: os ídolos não podem salvar, e todos os povos esperam algum tipo de salvação. "As pessoas nunca podem elevar-se acima do nível de seus deuses, que são para eles reflexos de sua melhor natureza" (Fausset, *in loc.*). Este versículo é virtualmente idêntico a Sal. 115.8, onde ofereço notas adicionais. Todas as formas de idolatria, desde a crassa até a refinada e sutil, são destrutivas.

Convocação Final ao Louvor (135.19-21)

135.19

Casa de Israel, bendizei ao Senhor. Os vss. 19-21 foram extraídos de Sal. 115.9-11, exceto pelo fato de que temos aqui a adição das palavras "casa de Levi" (no vs. 20). Além disso, a palavra "confiar", naquele salmo, torna-se aqui "bendizer", para fazer com que a linha final concorde com a mensagem geral do salmo, o aleluia! Todo o Israel, e então suas classes distintivas, incluindo os ministros, os sacerdotes e os levitas, são convocados a *confiar* no Senhor (ver Sal. 115) e a *louvá-Lo* (vss. 35). E então Sião, o lugar onde o Senhor habitava, une-se na bênção a Deus. No Salmo 115, Yahweh abençoa o Seu povo, ato divino que é omitido aqui. Portanto, o poeta tomou grande liberdade com os materiais tomados por empréstimo. Uma comparação entre os dois salmos mostrará que o poeta ignorou alguns outros elementos, que não tive o trabalho de mencionar aqui.

Devemos considerar as obras passadas da providência de Deus que demonstram Sua grandeza, os catorze itens listados nos vss. 5-12. Contemplando todas aquelas coisas operadas em favor de Israel, o povo de Deus não podia mesmo deixar de louvar ao Senhor.

Casa de Arão. Toda a casa de Israel tinha razão em louvar e prestar ação de graças, mas especialmente os ministros, os sacerdotes e os levitas, a quem fora confiada a liderança espiritual da nação. Como líderes, eles eram os principais recebedores da graça divina, pelo que também deveriam ser os primeiros a expressar os alegres aleluias! Ver Êxo. 28 e Núm. 6.23-27. Eles tinham um emprego sagrado e útil, pelo que tinham obrigação de bradar louvores e viver em consonância com os privilégios que haviam recebido.

"Este salmo termina com um crescendo de louvores antifonais, nos quais o corpo laico, os sacerdotes, os levitas e os servos do templo (ver I Crô. 9.2) contribuíam todos com sua parte nos cânticos, sucessivamente, e então no coro" (William R. Taylor, *in loc.*).

135.20

Casa de Levi, bendizei ao Senhor. A casa de Levi não era a fonte originária desses sentimentos (ver Sal. 115.9-11). Essa tribo tornou-se a casta sacerdotal, não tendo recebido herança sob a forma de terras (ver Núm. 18.20). A porção aarônica da tribo de Levi suprira os sacerdotes, e o restante dos levitas supriram os ministros inferiores, que serviam dentro e fora do templo. Ver idéias completas nos artigos chamados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas, no Dicionário*.

Vós, que temeis ao Senhor. Os ministros tinham mais motivos para louvar a Yahweh do que outras pessoas, e comentei sobre essa noção no vs. 19. Eles, acima de todos os homens, eram realmente tementes a Deus. O *temor do Senhor*, nas páginas do Antigo Testamento, é um sinônimo para a idéia de *espiritualidade*. Apresento notas expositivas completas sobre essa questão no artigo do *Dicionário* chamado *Temor*. Ver as notas adicionais em Sal. 119.38, onde há referências a outros lugares onde esse ensino ocorre. Cf. Núm. 3.6-8; I Crô. 23.4,30 e o cap. 25.

Alguns estudiosos vêem uma classe distinta nos que *temiam ao Senhor*, a saber, os *prosélitos*, que se tinham bandeado de outras religiões para a fé judaica; mas a referência parece estar mais ligada aos sacerdotes e aos levitas que

acabam de ser mencionados, ou então teremos um sentido geral, que abrange todas as classes de pessoas em Israel.

135.21

Desde Sião bendito seja o Senhor. Sião, a capital de Israel (Judá), seria a origem de mais louvores a Yahweh. Os louvores ao Senhor procederiam daquele lugar. Alguns eruditos supõem que a tradução *em Sião* seja melhor. Nesse caso, os louvores são prestados a Yahweh *naquele* lugar, o centro do culto, o lugar onde Sua glória residia e se manifestava.

Louvai ao Senhor. A chamada para louvar ao Senhor inicia e termina este salmo, pois se trata de um hino de louvor. Cf. os *Salmos de Hallel* (salmos de louvor: 113 a 118). Os Salmos 113 e 117 têm o *aleluia!* no começo e no fim. O Salmo 114 não tem nenhum *aleluia!* Os Salmos 115 e 116 apresentam o *aleluia!* no final. O Salmo 118 tem *agradecimentos* no começo e no fim. Sal. 135.3 cita Yahweh abençoando o Seu povo de Sião, e aqui Yahweh é bendito naquele lugar, pelo que a bênção é recíproca.

Em Jerusalém. Ou seja, a cidade onde Sião ficava localizada, tornando a referência mais enfática. Naturalmente, a *cidade inteira de Jerusalém* estaria bendizendo a Deus, e não apenas os ministros do templo. Yahweh tinha restaurado Jerusalém-Judá, terminado o cativeiro babilônico, e um novo templo ocupava o lugar do antigo, para a prática do culto a Yahweh. Essas eram razões especiais para os louvores sobre os quais lemos aqui. Este versículo e, de fato, o salmo inteiro têm sido cristianizados para falar dos louvores dados a Cristo por causa de Sua Nova Jerusalém e dos benefícios dispensados àquele lugar.

Louvai-O por Sua graça e favor dados
Aos pais, em suas aflições;
Louvai-O, pois Ele é o mesmo para sempre,
Lento em repreender e rápido para abençoar.
Aleluia! Aleluia!

(Henry F. Lyte)

Salmo Cento e Trinta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício da coletânea. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino de ação de graças*, que nos faz lembrar dos grandes feitos de Yahweh, realizados em favor de Seu povo. É uma espécie de gêmeo do Salmo 135, cuja introdução o leitor deve consultar. "Ele é ímpar em razão de seu caráter inteiramente antifonal. Cada um de seus vinte e seis versículos é constituído por duas linhas: a *primeira,* que tem o tema das ações de graças, entoado pelo coro, e a *segunda,* entoada por outro coro (cf. I Crô. 16.41) ou pela congregação (cf. II Crô. 7.1-3), como reação. Se as respostas foram removidas, as linhas restantes constituirão um poema que se parece muito com o Salmo 135" (William R. Taylor, *in loc.*). Este salmo representa a tentativa de elaborar um hino tendo por base um único tema, algo comum nos cânticos litúrgicos do templo. O vs. 1 declara o tema, e então cada versículo subseqüente o amplia. Cf. o tema deste salmo com Sal. 106.1; 107.1; 118.14; I Crô. 16.34; II Crô. 20.21; Esd. 3.11 e I Macabeus 4.24. O texto hebraico de Eclesiástico 51.12 imita o modo das expressões.

Este salmo era usado na liturgia, em muitas ocasiões do culto a Yahweh, e nas grandes festividades dos filhos de Israel. Seja isolado, seja em parceria com o Salmo 135, tornou-se conhecido como o Grande Hallel (louvor), em distinção ao Pequeno Hallel (Salmos 113 a 118). Naturalmente, o termo "grande" era uma referência às vinte e seis repetições da resposta à bondade de Deus: "Seu amor constante dura para sempre" (Revised Standard Version). Com isso temos um lembrete do amor de Deus, a fonte originária de todas as bênçãos e a razão pela qual os israelitas agradeciam.

O autor sagrado dependeu quanto às suas idéias, pelo menos em parte, de outros salmos, e isso se repete com a maioria dos salmos. O Senhor como Criador e Suas obras na história de Israel, como Guia e Campeão de Israel, são temas dominantes.

Este salmo pertence à era pós-exílica e, sem dúvida, era usado nas grandes festas judaicas, o Ano Novo e a Páscoa, e talvez até outras. O título *Deus do Céu* ocorre somente em materiais pós-exílicos posteriores, como os livros de Crônicas, Esdras, Neemias e Daniel.

Grande parte do material deste salmo foi extraída do do Pentateuco, visto que se envolve na narrativa da história de Israel. Ao longo do caminho, darei referências específicas.

Convocação para Dar Graças a Yahweh-Elohim (136.1-3)

136.1

Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom. O tema aparece logo no princípio: "Rendei graças ao Senhor". A menção direta às "graças" só se repete nos vss. 2, 3 e 26, mas todas as frases principais dos versículos exprimem as razões por que deviam ser dadas ações de graças. Com frases principais, quero dizer a primeira declaração de cada versículo, constituído por duas declarações, em que a *segunda,* "porque a sua misericórdia dura para sempre", é igual em todos os versículos. Quanto à estrutura ímpar deste salmo, ver a introdução, primeiro parágrafo. Ver sobre *Ações de Graças,* no *Dicionário.*

A *convocação inicial* provavelmente era entoada por um sacerdote ou pelo coro. A mensagem era endereçada a toda a congregação. E então o coro, se não mesmo a congregação, respondia à convocação pela frase repetida: "porque a sua misericórdia dura para sempre". Essa expressão é variegadamente traduzida nas versões, conforme mostro nas notas expositivas que se seguem. E se deixarmos essa frase muito reiterada, então o conteúdo do salmo ficará parecido com o Salmo 126, que lhe é quase gêmeo. Esses dois salmos juntos, ou mesmo somente o atual Salmo 136, vieram a ser conhecidos como o Grande Hallel (louvor), na liturgia judaica posterior. Louvores e agradecimentos eram dados ao Senhor, que tinha realizado grandes *maravilhas* pelo Seu povo.

Primeira Razão para Dar Graças a Deus: a bondade de Deus, que é a base de todas as demais manifestações.

Porque ele é bom. Este é o principal atributo de Deus, visto que o Maior Poder é, igualmente, o Maior Bem. As sentenças dos vinte e seis versículos dão razões pelas quais Deus deve receber ações de graças por Sua bondade. O vs. 1 oferece a razão geral: o atributo divino da *bondade.* Os outros vinte e cinco versículos baseiam-se nessa tese. Ver sobre *Atributos de Deus,* no *Dicionário.* Supunha-se, na antiguidade, que os deuses pagãos fossem dotados de grande poder, mas seus devotos não se incomodavam em torná-los deuses de bondade. Pelo contrário, eles eram descritos como possuidores de todos os vícios dos homens e eram violentos e selvagens, ainda por cima. Platão compartilhava o discernimento dos hebreus sobre como a divindade deveria ser, e fazia a Forma Mais Elevada incluir a bondade. Em seu diálogo chamado *Leis,* que, de alguma maneira, assumiam o lugar de suas anteriores descrições das Formas (Idéias), ele punha Deus no lugar das Idéias e fazia de Deus o *supremo bem,* como, igualmente, o poder supremo. No tocante aos deuses pagãos do politeísmo, que eram tão plenos de mal e atos arbitrários que causavam dano às pessoas, Platão era um autodeclarado agnóstico, mas, na verdade, era um *ateu,* quanto a esse *tipo* de Deus. Mas até mesmo no cristianismo atual, temos o deus voluntarista, que faz o que bem entende, quebrando as regras morais que Ele mesmo transmitiu aos homens, pois age brutal e arbitrariamente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* E ver no *Dicionário* o verbete denominado *Bondade.*

Porque a sua misericórdia dura para sempre. Esta resposta, entoada por outro coro ou pela congregação inteira, é repetida vinte e seis vezes, sendo a segunda sentença de cada versículo. As primeiras sentenças falam da bondade de Deus e listam as razões para os israelitas agradecerem ao Senhor. As segundas sentenças nos dão, por repetidas vezes, a *base* para todos os bons atos de Deus em favor de Seu povo.

A palavra hebraica aqui traduzida por "misericórdia", *hesedh,* recebeu uma variedade de traduções, como segue: 1. misericórdia (King James Version e Atualizada). 2. benignidade (tradução da Imprensa Bíblica Brasileira). 3. amor leal (NIV). 4. amor constante (Revised Standard Version). 5. Bondade. Esta palavra, como é óbvio, tem mais facetas que uma única tradução pode oferecer, o que explica a variedade de traduções. Por todos os salmos, o autor do comentário sobre o Antigo Testamento usou "amor constante". Na tradução que apresentamos aqui também damos uma variedade de traduções. Todos os atos bons de Deus derivam de Seu amor. Ver no *Dicionário* a palavra *Amor,* quanto a idéias e ilustrações. Essa palavra, no livro de Salmos, é uma espécie de João 3.16 do Antigo Testamento, que se repete muitas e muitas vezes. Está ligada a toda a espécie de atos e atitudes divinas e beneficentes.

Eis, que amor, que amor ilimitado,
O Pai concedeu,
Concedeu a pecadores perdidos,
Para sermos chamados,
Filhos de Deus!

(Robert Boswell)

O que o amor pode fazer,
Isso ele ousa tentar.

(Shakespeare)

O amor de Deus é muito maior
Do que língua ou pena podem contar.
Sobe acima da mais elevada estrela,
E atinge o mais profundo inferno.

(F. M. Lehman)

136.2

Rendei graças ao Deus dos deuses. As palavras reais, "rendei graças", aparecem somente nos vss. 1, 2, 3 e 26, mas todas as primeiras sentenças dos vinte e seis versículos deste salmo oferecem *razões* para agradecermos. Em seguida, as vinte e seis segundas sentenças são iguais: "porque a sua misericórdia dura para sempre". Essas segundas sentenças são comentadas no fim do vs. 1.

Segunda Razão para Dar Graças a Deus: Yahweh é o *Deus dos deuses*, o *único Benfeitor.* Consideremos os seguintes pontos: a. Se este salmo é pré-exílico e realmente antigo, então temos aqui uma declaração *henoteísta.* O henoteísmo afirma que poderia haver *outros deuses*, com esferas definidas de governo; mas, nesse caso, o nosso Deus é o Deus Supremo, que tem poder sobre esses outros deuses, e é maior benfeitor que eles. Provavelmente, Sal. 82.1 é uma declaração henoteísta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Henoteísmo.* O henoteísmo ensina que só há um Deus que se aplica a nós, mas não nega outros poderes que se aplicam a outros deuses. b. Visto que este salmo é pós-exílico, podemos ter certeza de que o autor se apegava a um *monoteísmo* estrito (ver a respeito no *Dicionário),* pelo que a palavra *deuses*, aqui usada, subentende somente a *crença* dos pagãos em outros poderes divinos, que poderiam ser benfeitores. Ele os alertou quanto ao fato de que eles tinham uma crença, mas o único Deus *real* era Yahweh. Por conseguinte, qualquer bem que um homem possa esperar tem de ser da parte *Dele.* Outrossim, Ele é realmente o Benfeitor, o Ajudante e a Bondade que todos quantos esperam Nele com sinceridade poderão receber. Portanto, temos razão para dar graças pelo Seu amor constante, que dura para sempre. Ver Deu. 10.17, sobre o qual este versículo repousa.

Fazer uma tríplice oferta de agradecimentos, nos vss. 1, 2 e 3, uma referência trinitariana, é um exagero cristão do texto. O termo "deuses" aqui usado (no hebraico, *elohim*) pode referir-se a anjos ou mesmo a poderes humanos, conforme demonstro na exposição sobre Sal. 82.1. Alguns intérpretes dependem de tais significados possíveis para evitar qualquer pensamento de referência politeísta, mas isso é uma fuga desnecessária.

136.3

Rendei graças ao Senhor dos senhores. O autor sagrado agora alicerçava-se sobre a segunda parte de Deu. 10.17, além de dar-nos outra razão para agradecer.

A Terceira Razão para Dar Graças a Deus: Yahweh é o *Senhor dos Senhores.* Isso é apenas outra maneira de dizer *Deus dos deuses*, embora destaque o *senhorio* do Deus de Israel, em contraste com senhorios falsos ou inferiores. "Ele é o Deus que, por causa da bondade de Seu caráter, merece a devoção dos seres humanos, pois é supremo acima de todos os deuses, dominando todos os senhores, sejam eles governantes humanos, anjos ou demônios (cf. Rom. 8.38,39). Por causa de Sua bondade e gentileza fiel, Ele não permitirá que os homens estejam sujeitos a qualquer domínio que não seja o domínio Dele mesmo" (William R. Taylor, *in loc.*). Cf. Sal. 135.5.

Fica entendido que o domínio exercido por Yahweh é *benevolente*, pois, de outro modo, os homens não se inclinariam a dar graças a Deus. Seu reinado benévolo anulará aqueles que não são benévolos.

A segunda sentença sobre o amor constante e eterno de Deus é anotada no final do vs. 1.

Deus é o Criador e Governador de Tudo (136.4-9)

136.4

Ao único que opera grandes maravilhas. A primeira sentença não é aqui introduzida para "agradecer" ao Senhor, e somente no vs. 26 esse "dar graças" se repete. Mas cumpre-nos compreender que todas as declarações, do vs. 4 em diante, até o vs. 25, são razões para darmos graças a Yahweh, por motivo de Sua bondade. Veremos um total de vinte e seis dessas razões.

Quarta Razão para Dar Graças a Deus: Os homens podem fazer coisas às quais chamamos de "maravilhas", mas quando o assunto são as *maravilhas divinas,* podemos estar certos de que somente Yahweh as opera. A maioria das maravilhas atribuídas a Yahweh, como as muitas maravilhas necessárias para levar Israel à Terra Prometida, provendo assim uma pátria para o cumprimento do pacto abraâmico, foi considerada *miraculosa.* Cf. Sal. 135.8-12. Mas antes dessas maravilhas temos as obras maravilhosas na *natureza*, que tornam a vida na terra possível (vss. 6,7). Sal. 135.5-13 tem quinze provas da *grandeza* de Yahweh, e a maioria delas também supre razões pelas quais os homens deveriam agradecer ao Senhor. Uma revisão dessas razões adiciona idéias para a compreensão da presente passagem, visto que os Salmos 135 e 136 são bastante similares, desde que retiremos o refrão "porque a sua misericórdia dura para sempre". Comentei sobre esse refrão somente no vs. 1, embora ele apareça por vinte e seis vezes no salmo.

É provável que o vs. 4 indique especificamente as *maravilhas de Deus na criação,* porquanto é isso o que se segue, até incluir o vs. 9. O parágrafo inteiro fala de Sua obra (maravilhas) na criação. Isso o torna paralelo a Sal. 135.6.

A obra de Deus na criação fez os ajustes necessários e delicados na natureza, tornando possível à terra suportar formas de vida tão variadas, conforme se vê todos os dias, e isso por certo é uma *maravilha.* Ao considerar os aspectos diversos da criação, temos provas racionais e experimentais da existência de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes *Argumento Axiológico; Argumento Cosmológico; Argumento Teleológico.* E ver também argumentos contemporâneos em favor da existência de Deus, no artigo intitulado *Reafirmação Contemporânea* e *Cinco Argumentos em Prol da Existência de Deus*, por Tomás de Aquino. Cf. Sal. 72.18.

136.5

Àquele que com entendimento fez os céus. Nenhuma menção específica de agradecimento encabeça este versículo, mas devemos entender que o autor prossegue com as razões pelas quais os homens deveriam agradecer a Yahweh. O tema da criação continua aqui. Todas as razões apresentadas dependem da bondade de Deus (vs. 1).

Quinta Razão para Dar Graças a Deus: Somente o Poder Supremo tem *sabedoria* para efetuar a criação que vemos com nossos olhos todos os dias. Quanto mais a ciência examina a criação (e todos os aspectos da ciência examinam um ou outro lado da criação), mais impressionados ficamos com a *grandeza* e o *desígnio* nela contido. Eis a razão pela qual os filósofos e os teólogos têm-se ocupado em inventar provas racionais e experimentais da existência de Deus baseadas na existência e nas maravilhas da natureza. Ver os artigos que fazem parte da atividade mencionada no fim dos comentários sobre o vs. 4. Encontramos a *sabedoria* de Deus na criação, a qual tem operado em nosso favor, primeiramente para conferir-nos vida e então para sustentar a vida em um tipo de mundo que pode ser habitado. Naturalmente, temos a *criação espiritual,* que se origina da criação física, e isso também constitui uma maravilha de Deus pela qual nos cumpre agradecer. Deus criou reinos espirituais, e não meramente reinos físicos. Os homens podem viver no mundo vindouro, e não meramente neste mundo, e isso é uma provisão da salvação. Cf. Sal. 104.24; Pro. 3.19 e Jer. 10.12.

Que variedade, Senhor, nas tuas obras! todas com sabedoria
as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.

(Salmo 104.24)

Na criação participaram um poder infinito e uma sabedoria infinita. Além disso, houve um amor infinito na criação, pelo que agradecemos pela "misericórdia" que "dura para sempre". Quanto a esse pensamento, ver a exposição no fim do vs. 1.

136.6

Àquele que estendeu a terra sobre as águas. Continuam aqui as razões para agradecer a Yahweh. Mas todas as razões apresentadas dependem da *bondade* do Senhor (vs. 1).

Sexta Razão para Dar Graças a Deus: Yahweh esticou a terra dentre as águas, sendo isso, provavelmente, uma referência à antiga idéia hebraica de que a terra descansa sobre grandes águas. Mas não temos aqui uma referência à terra saindo das águas, fazendo os mares retroceder. As águas não são os mares, mas as grandes águas subterrâneas sobre as quais a terra, segundo os antigos concebiam, repousava como seus alicerces. Em geral, as descrições concordam com Gên. 1, mas este versículo tem paralelos parciais com Isa. 42.5 e 44.24. Ver Sal. 24.2, quanto a um paralelo direto.

Quanto à descrição das idéias cosmológicas hebréias, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Astronomia.* Dou ali uma ilustração sobre a questão. Uma terra plana era concebida como se flutuasse sobre os abismos de água. Por baixo desses abismos haveria *colunas*, e por baixo dessas colunas haveria uma massa inteira que nenhum homem ousava conhecer.

O propósito do poeta sagrado não foi o de instruir-nos sobre a cosmologia, mas afirmar que o ato criativo de Deus, em cada um de seus estágios, resultou de Sua *bondade* inerente (vs. 1).

A segunda sentença acerca do amor constante de Yahweh, a durar para sempre, é comentada somente no fim do vs. 1, embora apareça no final de cada versículo, por um total de vinte e seis vezes.

A Marca dos Setenta por Cento. Ao terminar o comentário sobre Sal. 136.6, termino setenta por cento da exposição do Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo. Hoje, onze de dezembro de 1996, agradeço pelas forças que o Senhor me tem dado, trazendo-me até este ponto.

Cá meu "Ebenézer" ergo,
Pois Jesus me socorreu.
E, por sua graça espero
Transportar-me para o céu.

136.7

Àquele que fez os grandes luminares. O autor mostrava vinte e seis razões pelas quais devemos dar graças a Yahweh, neste grande *Salmo de Hallel* (louvor). As palavras "ações de graça" figuram somente nos vss. 1, 2, 3 e 26, mas devemos compreender que há uma expressão de louvor após cada primeira sentença, de duas em duas linhas. Cada versículo tem duas sentenças: a *primeira* dá uma razão qualquer para agradecermos ao Senhor; e a *segunda* é a repetição (em cada versículo) da "misericórdia que dura para sempre", sobre a qual comento apenas no vs. 1.

Sétima Razão para Dar Graças a Deus: Todas as razões para darmos graças a Deus derivam-se do *atributo* da bondade de Deus (1.1). Deus é bom, pelo que fez essas vinte e cinco coisas que merecem nossos louvores, listados nos vss. 2-26.

Este versículo continua com o parágrafo que pertence ao ato da criação. Cada estágio da criação trouxe alguma coisa boa para o homem. Aqui temos a menção aos *luminares* do céu, as *grandes luzes*, o sol e a lua (vss. 8 e 9). O poeta não menciona as estrelas, mas podemos compreender isso como um fato, mesmo que não especificamente mencionado. Os hebreus não tinham nenhum conhecimento real de distância e também acreditavam que o sol, a lua e as estrelas estavam *pendurados no firmamento*, não muito distantes de nós, visando nosso benefício, dando-nos luz de dia e de noite. Deus é o doador da luz. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Luz, Metáfora da*. Naturalmente, Deus é luz em Si mesmo, e esse é um aspecto tratado no artigo. O poeta tinha combinado Gên. 1.3 com os vss. 14 e 15 do mesmo capítulo. Por conseguinte, enquanto a palavra hebraica neste versículo pode apontar para a luz em si mesma, e não para luminares, é certo que o salmista se referia a *luminares*, e não à luz de uma maneira abstrata. A *luz primeva* (Gên. 1.3), que surgiu antes dos luminares, não parece estar em vista aqui.

"... luzes, para os habitantes do mundo andarem e trabalharem; cumprirem todas as atividades da vida de maneira confortável, sendo isso uma instância de misericórdia e bondade" (John Gill, *in loc.*).

136.8

O sol para presidir ao dia. Cada ato da criação, em todos os seus estágios, foi benéfico ao homem. O autor sagrado continuou a relatar a história da criação a fim de ilustrar a bondade de Deus (vss. 4-9).

Oitava Razão para Dar Graças a Deus: O *sol* foi pendurado no firmamento e levado a girar em torno da terra, dando ao mundo luz e vida. Os hebreus, sem dúvida, não tinham consciência das grandes distâncias do espaço, mas pelo menos sabiam que o sol não é meramente útil como fonte de luz, mas também absolutamente necessário para a vida. Eles sabiam que a terra precisa tanto do calor do sol como da luz do sol. Eles não caíram na adoração ao sol, conforme aconteceu a outras nações, mas fizeram o sol ser um *servo* de Yahweh, através do qual o Senhor abençoa a todos os homens. O sol é a maior luz que brilha no céu, a lua é a segunda maior luz, e o planeta Vênus é a terceira. Mas esses eram apenas *instrumentos* da vontade divina, segundo a mente dos hebreus, e não objetos de adoração apropriados. Coisas preciosas ocorrem por meio do sol (ver Deu. 33.14), que se tornou o emblema dos cuidados de Deus por Seu povo. Além disso, há o Sol da Justiça, a luz espiritual (ver Mal. 4.2 e Sal. 72.17).

136.9

A lua e as estrelas para presidirem à noite. O autor sacro continuou aqui sua descrição de como as obras da criação visam o benefício do homem, inspirando-o a agradecer a Deus.

Nona Razão para Dar Graças a Deus: A Lua. A segunda grande luz do céu é a *lua*, e ela governa a noite, conferindo luz aos homens. Ver Gên. 1.16, quanto à sua posição como a *segunda luz* do céu. A lua tem o benefício de iluminar a noite e também de marcar tempos, dando ao homem uma maneira de contar os meses e elaborar um calendário, por meio das fases pelas quais ela passa. Ver Deu. 33.14 e Jó 37.32. A lua fornece luz para os viajantes durante a noite, especialmente para os que navegam pelo mar (ver Atos 27.20). Mistério e maldade também eram associados à lua. Quanto a isso, ver Sal. 121.6 e as notas expositivas ali. Até um homem tão iluminado como Sócrates referiu-se à lua como uma divindade.

As Estrelas. As estrelas também forneciam luz e ajudavam na navegação. Figuravam entre os servos de Yahweh e também era consideradas benéficentes pelos hebreus. Outros povos, como os babilônios, desenvolveram uma astrologia complicada e pensavam que os homens são influenciados pelas estrelas. Essa noção era ridicularizada pelos profetas hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astrologia* quanto a informações completas que não repito aqui. Os hebreus não sabiam que a lua reflete a luz do sol e também não sabiam dizer a diferença entre um planeta e uma estrela. No pensamento cristão posterior, a lua se tornou um emblema da igreja, pois reflete a luz de Cristo. Ver Mat. 5.14 e 28.20.

A Bondade de Deus na História de Israel (136.10-12)

136.10

Àquele que feriu o Egito nos seus primogênitos. Continuando a desfiar as vinte e seis razões pelas quais os homens deveriam agradecer a Yahweh, o poeta agora desce do céu à terra, e começa a considerar as coisas que Deus fez por Israel, por toda a história dessa nação. Os itens do Salmo 135 são essencialmente repetidos.

"O salmista tira proveito das fontes tradicionais ao descrever, estágio após estágio, os começos épicos da nação de Israel. Ver Êxo. 12.29-37; 13.3; 14.22-29; Núm. 21.22-26,33-35" (William R. Taylor, *in loc.*).

Décima Razão para Dar Graças a Deus: Tal como em Sal. 135.8, o autor começa com a *última* das *dez pragas*, por meio das quais o Faraó foi finalmente obrigado a cumprir a vontade de Yahweh e a libertar Israel do Egito. No Salmo 135, os itens apresentados demonstram a grandeza de Deus, e aqui temos a apresentação de Sua bondade. Ser grande é ser bondoso. Ver a exposição naquela referência. O fato de que Israel estava transformando-se em uma nação requeria que os israelitas saíssem do Egito. O pacto abraâmico (anotado em Gên. 15.18) teria falhado se Israel se tornasse apenas uma província do Egito ou fosse absorvido pela população geral egípcia. Aquilo que Yahweh fez no Egito foi outra de Suas obras maravilhosas, demonstrando como *a misericórdia de Deus dura para sempre*, o refrão repetido vinte e seis vezes neste salmo. Ver a exposição sobre isso no final do vs. 1. O amor de Deus era a *graça do pacto*. Esse amor precisava operar para que o pacto fosse cumprido.

136.11

E tirou a Israel, do meio deles. O fato de que Israel foi tirado do Egito é um dos grandes temas do Pentateuco, mencionado mais de vinte vezes somente no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20. Esse tema é freqüente nos salmos, e esse ato era conspícuo, demonstrando a bondade de Deus.

Décima Primeira Razão para Dar Graças a Deus: Israel escapou da escravidão aos egípcios e assim foi estabelecido o estágio para a nação tornar-se uma nação independente, através da qual os propósitos de Deus pudesse operar. Foi um *sine qua non* das operações divinas e da graça, no tocante ao povo hebraico. O versículo presente é paralelo às implicações de Sal. 135.8,9, onde a grandeza de Deus é demonstrada, enquanto aqui está em foco a bondade de Deus. O *amor constante* de Deus jamais fracassará. Ver essa parte do versículo explicada no final da exposição sobre o vs. 1. "O Egito era habitado por um povo iníquo e idólatra, entre os quais os israelitas sofriam grandes apertos, e seu livramento foi efetuado por julgamentos de Deus sobre os pagãos, uma instância da misericórdia e da bondade de Deus em favor de Israel" (John Gill, *in loc.*).

136.12

Com mão poderosa e braço estendido. O autor sacro demora-se na história do livramento de Israel do Egito, sem o que o propósito da existência de Israel não poderia ter-se cumprido. Ver Deu. 4.4-7, quanto ao caráter *distintivo* de Israel como nação.

Décima Segunda Razão para Dar Graças a Deus: O poder de Deus operava em favor de Israel para efetuar o *livramento*. Cada passo desse livramento é atribuído a uma intervenção divina. A mão de Deus, como símbolo de poder (ver sobre Sal. 81.14), e o Seu braço, outro símbolo comum para o poder de Deus (ver Sal. 77.15; 89.10; 98.1), eram estendidos em favor dos filhos de Israel. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Ver Êxo. 13.3,9; 15.6,16 e 32.11. A mão direita redimiu os israelitas das mãos do inimigo, porquanto o *amor constante* de Deus dura para sempre e continua a operar sob muitas circunstâncias. Quanto a esse refrão, repetido vinte e seis vezes neste salmo, ver a exposição no final do vs. 1.

136.13

Àquele que separou em duas partes o Mar Vermelho. São dados *vários detalhes* do livramento dos israelitas do Egito, aos quais o autor do Salmo 135 se referiu com duas declarações gerais (vss. 8 e 9). Essa porção da história de Israel demonstrou tanto Sua *grandeza* (Salmo 135) quanto Sua *bondade* (Salmo 136).

Décima Terceira Razão para Dar Graças a Deus: O *Mar Vermelho* foi dividido, *abrindo diante de* Israel o caminho da cruz, embora, ao voltar ao seu lugar, tenha afogado o exército egípcio. O termo *mar Vermelho*, no que diz respeito a esse incidente, originalmente se derivou na Septuaginta, e a expressão criou raízes. O original hebraico, porém, diz *mar de juncos*. Ofereço notas sobre isso e sobre a situação geral do milagre no artigo do *Dicionário*, chamado *Êxodo (Evento)*. Assim sendo, aconteceu que, "quando Israel saiu da servidão, diante deles estendia-se um mar. O Senhor estendeu Sua poderosa mão e fez o mar afastar-se", conforme diz o hino. Ver Êxo. 14.21,22. Jarchi, Kinge e Arama referem-se à tola tradição de que o mar se dividiu em doze porções, cada uma delas servindo de passagem para uma das tribos, mas esse evento foi espetacular o bastante para não requerer mais fantasia. Foi uma obra *maravilhosa e miraculosa que inspirou admiração e agradecimentos.*

136.14

E por entre eles fez passar a Israel. A terrível ameaça transformou-se em *um simples passeio*. Foi aberta uma *passagem* para Israel, em um lugar onde isso era impossível, porquanto pergunto ao leitor: O que Deus não pode fazer?

Décima Quarta Razão para Dar Graças a Deus: Os passos de Israel foram ordenados pelo Senhor, e quando o passo seguinte requeria um milagre, este era *efetuado. Israel atravessou o mar; e os milagres de Deus também nos fazem marchar* através de tempos difíceis. Os homens espirituais sabem essas coisas. Eles atravessaram o mar voluntariamente, e não com relutância; corajosamente, e não com temor, enfrentaram o perigo mas agiram com cuidado. Nenhum único israelita se perdeu. Cf. Sal. 78.53. É devido ao *amor constante* de Deus que não somos consumidos (ver *Lam. 3.22,23*). *Atravessar o mar Vermelho em um único dia teria sido impossível para* cerca de três milhões de pessoas, pelo que o milagre precisou de um *poder permanente*. Ver Êxo. 12.37. Cerca de seiscentos mil homens capazes de entrar na guerra saíram do Egito, pelo que, contando mulheres, homens idosos e crianças, o total seria cerca de três milhões de pessoas, para nada dizer sobre os animais domésticos que *os israelitas levaram consigo para fora do Egito.*

136.15

Mas precipitou no Mar Vermelho a Faraó e ao seu exército. Não foi bastante que Israel *tivesse escapado do Egito. O Faraó precisava ser castigado* por sua teimosia e estupidez. Portanto, seu exército se perdeu no mesmo mar que permitira a passagem em segurança de Israel.

Décima Quinta Razão para Dar Graças a Deus: A justiça foi feita. Israel foi vindicado; o poder de Deus foi demonstrado; os perseguidores foram eliminados. Israel pôde assim marchar para o deserto, em confiança e segurança. No deserto, os filhos de Israel enfrentariam um novo conjunto de perigos que exigiriam novo conjunto de provisões divinas.

A providência divina operava através de aplicações negativas e positivas. Nesse caso, Israel obteve as aplicações positivas, e o Egito, as negativas. Mas ambas as aplicações operaram o bem, e ambas ilustraram o amor constante de Deus que dura para sempre (ver as notas no fim do vs. 1). Todos os atos bons de Deus derivam-se de Seu atributo de *bondade* (vs. 1). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Atributos de Deus* e *Providência de Deus*. Ver também Êxo. 14.18-21.

136.16

Àquele que conduziu o seu povo pelo deserto. Ações de graças devem ser dadas Àquele que conduziu Seu povo pelo deserto, depois de tê-lo livrado do Egito. As palavras "rendei graças" são usadas somente nos vss. 1, 2, 3 e 26, mas nós as subentendemos no início das primeiras sentenças das vinte e seis declarações deste salmo.

Décima Sexta Razão para Dar Graças a Deus: Tendo escapado do Egito e do perigo mortal às margens do mar Vermelho, Israel teve de atravessar o deserto estéril, carregado com muitos perigos, incluindo o perigo da inanição. Tinha de haver uma provisão divina contínua, para manter vivo todo aquele povo. Portanto, foi preciso agradecer a Deus por Sua bondade, quanto aos diversos milagres que tornaram possível a passagem pelo mar e pelo deserto. O autor sagrado fala de toda a experiência do deserto com esta única declaração, mas os hebreus versados na história sagrada lembrariam muitos outros detalhes.

Já que não havia veredas, Deus preparou uma vereda. Já que não havia rios, Deus fez sair torrentes da rocha. Não havia colheitas a colher, pelo que Deus enviou o maná e as codornizes. Esse incidente é contado com detalhes em Êxo. 15. Ademais, temos também as descrições nos livros de Levítico, Números e Deuteronômio. Tudo quanto aconteceu fomentou, para Israel, o conceito da bondade de Deus e inspirou ações de graças.

"Foi um espantoso milagre de Deus sustentar a muitas centenas de milhares de pessoas no deserto, estando elas totalmente privadas das coisas necessárias para a vida humana, e isso pelo espaço de *quarenta anos*" (Adam Clarke, *in loc.*).

136.17

Àquele que feriu grandes reis. Após praticamente quarenta anos de perambulações de Israel pelo deserto, surgiu um novo conjunto de dificuldades, que demandou um novo conjunto de soluções divinas. Essas soluções possibilitaram a Israel conquistar a Terra Prometida e tornar-se uma nação na terra, cumprindo um dos principais requisitos do pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18).

Décima Sétima Razão para Dar Graças a Deus: Este versículo é paralelo a Sal. 135.10. Ali o versículo é dado para ilustrar a *grandeza* de Deus, mas aqui a razão é a *bondade* de Deus. Aquele que é realmente grande também é bom. Ver as notas expositivas naquela referência, as quais também se aplicam aqui. Sua única declaração geral refere-se ao conteúdo do livro de Josué. A terra de Canaã tinha sete nações distintas e dependentes de outras (ver Êxo. 33.2; Deu. 7.1). Havia trinta e um reis dependentes (ver Jos. 12) que estavam dispostos a defender suas cidades-estados. Israel, pois, foi forçado a fazer *guerra santa* (ver Deu. 7.1-5; 20.10-18) com uma infantaria humilde, contra povos dotados de cavalos e carros de combate, armamento superior e cidades fortificadas. A tarefa da conquista seria impossível, não fossem as muitas intervenções divinas.

136.18

E tirou a vida a famosos reis. Israel teve de defrontar-se com famosos inimigos, liderados por reis-generais cujos nomes faziam outros povos tremer. Israel teria de depender do poder e da bondade divina para derrotar esses povos aguerridos e fortes.

Décima Oitava Razão para Dar Graças a Deus: Os reis vassalos da terra de Canaã também eram guerreiros *famosos*, homens dotados de força bruta e sabedoria animal. Os reis daqueles tempos eram como líderes de matilhas de cães selvagens. Os mais fortes eram os que se levantavam para governar e, para os mais fortes, o poder de matar era a palavra-chave. Aqueles homens brutais, como o selvagem *homem, Joabe, que limpou muitos dos problemas enfrentados por Davi*, vieram a dominar suas pequenas cidades-estados e se mantinham em suas posições mediante esperteza e matanças. Eles tinham de derrubar rivais internos e lutar contra outros homens violentos de outras cidades-estados para manter a si mesmos e ao seu povo vivos. Naqueles tempos, a vida consistia em matar ou ser morto. Considerando tudo isso, *obtemos um pequeno quadro do que Israel teve de enfrentar. Havia inúmeros* temíveis reis-guerreiros para matar, a fim de conquistar suas terras. Para que Israel conquistasse a Terra Prometida, era mister que cada soldado israelita fosse um Joabe. Uma intervenção divina era mister para o programa da conquista da Terra Prometida.

136.19

A Seom, rei dos amorreus. O autor sacro ilustrou os vss. 17 e 18, mencionando dois daqueles temíveis reis-generais que Israel precisou derrotar. Ele os escolheu no início da conquista da Terra Prometida. As primeiras vitórias encorajaram Israel a continuar sua tarefa gigantesca e extremamente difícil. Portanto, os vss. 19 e 20 ilustram os vss. 17 e 18.

Décima Nona Razão para Dar Graças à Deus: Estou supondo que Seom (ver a respeito no *Dicionário*) nunca tivesse sofrido uma derrota. Ele era um homem selvagem cuja reputação era de ser uma grande máquina de matar. Ver as notas expositivas sobre o trecho paralelo de Sal. 135.11. As idéias oferecidas ali aplicam-se também aqui. Ali a *grandeza* de Deus é ilustrada, enquanto aqui a *bondade* de Deus dava a vitória sobre um homem terrível e sobre suas tropas.

> *É muito melhor ousar coisas poderosas, ganhar gloriosos triunfos, embora maculados por certos fracassos, do que associar-se àquelas pobres almas que nem desfrutam muito nem sofrem muito, por estarem vivendo no lusco-fusco cinzento que nem conhecem a vitória nem a derrota.*
>
> (Theodore Roosevelt)

Porque a sua misericórdia dura para sempre. Este mesmo refrão é reiterado exatamente, palavra por palavra, por vinte e seis vezes, sendo a segunda sentença de cada versículo. As primeiras vinte e seis sentenças falam das razões para dar graças a Deus. Quanto às segundas sentenças, ver a exposição no fim do vs. 1.

136.20

E a Ogue, rei de Basã. O *segundo* dos famosos reis-guerreiros é mencionado aqui. Ele ilustra como a bondade de Deus tornou possível que Israel conquistasse a Terra Prometida.

Vigésima Razão para Dar Graças a Deus: Ogue, rei de Basã (ver a respeito no *Dicionário*), foi outra máquina de matar, semelhante a Seom. Ambos foram mencionados

em Sal. 135.11, onde dou notas expositivas que também se aplicam aqui. Opressores tirânicos *que tinham a reputação de sempre ganhar as batalhas, e que gostavam de* matar outras pessoas, tiveram de ser cortados da Terra Prometida, a qual, de outra maneira, jamais seria possuída. Contudo, Israel deixou muitas tarefas por cumprir. Eles não ganharam em todas as frentes de batalha que abriram. Permaneceram grandes bolsões de resistência, que somente Davi, alguns séculos mais tarde, foi capaz de eliminar. Davi teve de derrotar *oito* inimigos, ou por aniquilamento ou por confinamento, preparando o caminho para a época áurea sob Salomão. Ver II Sam. 10.19. Naquele tempo, as fronteiras de Israel estenderam-se até se tornarem quase o que tinha sido prometido pelo pacto abraâmico, excetuando a fronteira sul, que deveria estender-se até as margens do rio Nilo, mas que nunca se estendeu tanto.

136.21

Cujas terras deu em herança. As vitórias significavam a possessão da Terra Prometida, e esse era o ponto do empreendimento inteiro. Israel não poderia continuar como nômades no deserto, e cumprir, ainda assim, seus propósitos no plano divino.

Vigésima Primeira Razão para Dar Graças a Deus: As *vitórias militares* garantiam terras, o que, histórica e tradicionalmente, sempre foi uma das principais razões de os povos guerrearem uns com os outros. O pacto abraâmico tinha como uma de suas principais provisões adquirir a Terra Prometida para Israel. Ver as notas expositivas sobre isso em Gên. 15.18. Israel agradeceu a Yahweh pela provisão da Terra Prometida, mas, naturalmente, os israelitas se esforçaram para tornar isso real. Porém, passo a passo, os milagres acompanhavam o esforço e tornando possível o que, de outro modo, seria impossível.

Sua graça é grande o bastante para enfrentar
Os grandes problemas,
As ondas esmagadoras que
Avassalam a alma.

(Annie Johnson Flint)

136.22

Em herança a Israel, seu servo. Este versículo é, essencialmente, a repetição do versículo anterior, para efeito de ênfase, por causa da *maravilha* que havia em todos os acontecimentos relativos a Israel. Grandiosa coisa fora realizada. Agora, Israel estava seguro na Terra Prometida.

Vigésima Segunda Razão para Dar Graças a Deus: Este versículo amplia o vs. 21. A possessão da Terra Prometida foi uma grande realização. Também foi um milagre maravilhoso de Deus que inspirava os homens a agradecer ao Senhor. Israel, servo de Yahweh, libertado da escravidão no Egito, apossou-se da terra como uma *herança.* As terras foram transmitidas ao servo de Deus por causa de Seu amigo e servo, Abraão, no pacto abraâmico. Cada família de Israel tornou-se possuidora de terras, algo raro entre as nações, antigas ou modernas. O livro de Josué relata a história da divisão das terras entre os clãs de Israel, e *então entre as famílias. Posteriormente, as terras passavam de pai para filho,* através das gerações. Essa foi outra maravilha a ser considerada, bem como uma razão para dar graças a Yahweh, Aquele que tornou possível tal coisa.

Ver Gên. 15.14, quanto ao fato de que a Terra Prometida foi arrancada das mãos de seus antigos habitantes (listados nos vss. 19 e 21), porquanto suas iniqüidades finalmente encheram a taça da paciência divina até que ela transbordasse. Portanto, houve justiça e vindicação nesse caso, e não meramente uma mudança de propriedade, com base em conquistas militares.

Deus, o Salvador (136.23-25)

136.23

A quem se lembrou de nós em nosso abatimento. Agora vem um breve parágrafo que retrata Deus como o Salvador. Quanto a notas expositivas sobre esse assunto, ver Sal. 62.2, onde apresento idéias e referências. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Salvador, Deus como.* Nos salmos, a idéia por trás da palavra "Salvador" é a noção de *Libertador* de algum teste temporal, ou de alguma necessidade, e de *Benfeitor* — o Deus da lei, cujo culto era efetuado no templo. Pode haver algumas poucas referências, entretanto, nas páginas do Antigo Testamento, onde a palavra "salvação" retrata algo como a salvação evangélica. Ver também a palavra *Salvador,* que se refere igualmente ao tema. Deus lembrou-se de Israel desde os dias em que Israel saiu do Egito, bem como através das aflições que os israelitas passaram às mãos dos arameus, assírios e babilônios.

Vigésima Terceira Razão para Dar Graças a Deus: Deus, o Salvador, lembrou-se de Israel em cada momento de sua aflição, mas também nos tempos favoráveis, e essa *lembrança* significava que Ele os livrara e os fazia prosperar. Alguns intérpretes *acreditam que o estado rebaixado que transparece neste versículo se refere* especificamente ao *cativeiro babilônico.* Lembrando-se de Israel naquela oportunidade, Deus levou Ciro, rei da Pérsia, a reverter o cativeiro e enviar um remanescente de Israel de volta à sua pátria, para fazer com que as coisas se reiniciassem em Jerusalém. Dessa forma Israel foi salvo e recebeu um novo começo no Novo Israel, que se compunha praticamente de uma única tribo, Judá. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Babilônico.* Jarchi faz recuar aqui a menção do texto ao Egito, mas Aben Ezra e Kimchi falam no cativeiro babilônico.

Este versículo tem sido cristianizado para falar dos homens salvos do estado humilhante de pecado e degradação, por meio do evangelho.

136.24

E nos libertou dos nossos adversários. A *redenção* (ver a respeito no *Dicionário*) é um ato da bondade divina, e houve diversas redenções na história de Israel. O hebraico literal é aqui bastante pitoresco: "Ele nos *quebrou,* ou seja, ao quebrar o nosso jugo, redimiu-nos de nossos inimigos. Ver Gên. 27.40 e Êxo. 32.2" (Fausset, *in loc.*). "... inimigos, tiranos e opressores; e também os de natureza espiritual, como o pecado, Satanás, o mundo, a lei, a morte e o inferno" (John Gill, *in loc.*). Alguns dão um aspecto geral a este versículo, referindo-se a todos os atos salvatícios de Deus, que fizeram Israel ser o que era. Mas outros estudiosos pensam que este versículo continua com a idéia do vs. 23, o cativeiro babilônico. Cf. Gên. 27.40 e Êxo. 32.2.

Vigésima Quarta Razão para Dar Graças a Deus: Esses atos são comuns e contínuos, porquanto Sua "misericórdia dura para sempre", que é a segunda linha de cada verso, provendo um refrão contínuo para o salmo. Ver a exposição desta declaração no fim do vs. 1.

136.25

E dá alimento a toda carne. Todos os homens de todos os lugares participam dessa bondade divina, a provisão básica de alimentos para os homens e, de fato, para todas as criaturas vivas. O Salmo 104 desenvolve a mesma tese. Ver os vss. 11 e ss.

Vigésima Quinta Razão para Dar Graças a Deus: As provisões misericordiosas das necessidades básicas estendem-se a todas as criaturas vivas, a homens *de todas as nações, e até as alimárias do campo. Cf. Sal. 111.5; 132.15; 145.15;* 146.7; 147.9. Essa provisão universal é uma "prova avassaladora da maravilhosa providência, sabedoria e bondade de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Dotados de uma mente alegre,
Louvemos o Senhor, pois Ele é bom.

(John Milton)

"A misericórdia do Senhor perdura de geração após geração. Ela é inexaurível. Só pode haver uma resposta para isso: uma tentativa ao louvor e à adoração" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Mat. 6.11,26 e Atos 14.16,17. Além disso, há aquele *alimento espiritual por intermédio de Cristo, o qual é o Pão da Vida (ver sobre Pão da Vida* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

Doxologia de Conclusão (136.26)

136.26

Oh! Tributai louvores ao Deus dos céus. Este salmo termina como começou, um hino no estilo de doxologia, mantendo o tema do *agradecimento.* E repete, pela vigésima sexta vez, o refrão "porque a sua misericórdia dura para sempre". Comento sobre esse refrão no final do vs. 1 deste salmo.

Vigésima Sexta Razão para Dar Graças a Deus: Os homens têm razão por agradecer a Elohim (o Poder), pela Sua bondade (vs. 1), visto ser Ele o Benfeitor Celeste, o "Deus dos céus". A descrição implica Seu poder para fazer qualquer coisa. Alguns manuscritos hebraicos e a Septuaginta acrescentam aqui: "Agradecei ao Senhor dos Exércitos", mas essa adição não pode ser considerada original. O Deus onipotente é também Aquele que é bom (vs. 1), e Ele se dedicou ao nosso bem-estar. Esse é um pensamento tremendo a considerar, pelo que o leitor que o faça por alguns momentos.

Ao Deus dos céus. Esta é a única ocorrência deste título divino em todo o saltério. Cf. Esd. 1.2, que diz "Senhor Deus dos céus". Exaltação, poder e autoridade são as idéias envolvidas.

Aquele que tem Suas mansões
No alto, acima do alcance do olho mortal,
Tem Seus olhos fixos no homem frágil cá embaixo.

O Senso do Sagrado. J. R. P. Sclater encontra neste salmo um senso do sagrado e exorta-nos a considerar o toque místico da vida espiritual, que penetra mais fundo que as formas das obras e da adoração. Ele nos oferece uma excelente definição do misticismo, ao citar William R. Inge: "O misticismo é uma comunhão imediata, real ou suposta, entre a alma humana e a Alma do Mundo, ou Espírito divino".

Sobre esse aspecto da questão, disse Sclater: "De toda religião verdadeira, essa é a grande coisa necessária. É provável que todo movimento religioso que trouxe luz e liberdade à raça humana tenha começado com tal experiência. Algumas vezes, a experiência tem sido acompanhada por fenômenos extraordinários. Tem havido visões e vozes, fala extática e feitos miraculosos, novos grupos sociais e movimentos missionários. Mas sempre o mais importante tem sido o contato com a Realidade absoluta, e não os acompanhamentos extraordinários da expressão institucional... Essa é a cura para as igrejas vazias. Quando isso se faz presente, uma nova nota entra no trabalho e na adoração, e um novo espírito penetra até nos negócios eclesiásticos. Por trás das formas do trabalho e da adoração, há *reverência,* um senso do sagrado, que os homens sentem e ao qual eles respondem. Como se fosse a maré, que encobre as rochas e a areia, e depois sobe rios acima, o Espírito de Deus vem e enche corações vazios e desperta congregações mortas, até que, novamente, de continente a continente, o coro de louvores ressoa". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo detalhado intitulado *Misticismo;* e no *Dicionário* ver sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Salmo Cento e Trinta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um salmo de *lamentação* em grupo, que ora pedindo vingança contra os adversários de Israel. Este salmo tem um princípio encantador, com um apelo especialmente vívido e emocional, mas isso não nos cega para seu propósito real, a *maldição* contra os babilônios, pelos maltratos a Judá, por ter levado cativo o povo de Deus, e pelo tratamento desprezível que eles perpetraram contra os filhos de Deus, estando eles em terra estrangeira. Os povos antigos tinham fé especial nas bênçãos e maldições, sobretudo quando elas estavam escoradas sobre o Nome divino ou quando Deus ou os deuses eram invocados como colaboradores. Este salmo mostra-nos que uma atitude de ódio fora insuflada no coração dos habitantes de Judá, e é inútil falar sobre os sentimentos cristãos como os que aparecem em Rom. 12.17 e ss., que condenam o devolver o mal com o mal e desencorajavam a vingança pessoal. O salmo também nos dá algum discernimento sobre como os judeus mais piedosos resistiam às tentações de comprometer sua fé, envolver-se na idolatria ou abandonar as tradições da fé dos hebreus. O vs. 8 pode ser interpretado como se desse a entender que os babilônios ainda não haviam caído diante do poder dos persas, pelo que, como é óbvio, o decreto de Ciro, que ocorreu em 538 A. C. e liberou Judá para voltar à Terra Prometida, ainda não tinha sido lavrado. Isso faria deste salmo um salmo exílico. Pode ter sido publicado após o retorno da Babilônia para a terra de Judá, ou, se isso aconteceu antes, talvez o autor sagrado tivesse escapado do cativeiro. Os vss. 1-3 foram escritos com os verbos no tempo passado, *como se* o poeta já estivesse fora da Babilônia quando os escreveu. É impossível determinar com exatidão a data em que o salmo foi escrito e/ou publicado, mas isso em nada detrata do valor histórico e poético da composição.

Subtítulo. Este salmo não tem título de introdução. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *subtítulo.*

O Cântico de um Exilado (137.1-9)

137.1

Às margens dos rios de Babilônia. Provavelmente temos aqui uma referência aos rios ou canais que interligavam a terra entre os rios Tigre e Eufrates. Os exilados judeus, até agora distantes das terras pátrias, estavam assentados na postura de lamentação, pois, até onde podiam ver as coisas, Judá, seu templo e tudo quanto era importante para eles, estava morto. Ademais, eles eram pouco mais do que cadáveres vivos, cortados de tudo quanto lhes tinha sido importante. Assim sendo, eles *choravam* quando se lembravam de Sião, símbolo de sua fé e de seu país. As margens dos rios eram consideradas lugares bons para a oração, porquanto esses rios fluíam com a água da vida e representavam o fluxo eterno da vida e da existência. Cf. Atos 16.13. Os judeus que residiam na cidade de Filipos dirigiram-se às margens, "onde nos pareceu haver um lugar de oração".

Ver Eze. 1.1, quanto a uma referência ao rio *Quebar,* perto do qual se estabeleceu uma colônia de exilados judeus. Ver o artigo com esse nome, no *Dicionário,* quanto a detalhes. Alguns dos judeus viam nas correntes de águas da Babilônia um símbolo de suas lágrimas incessantes (ver Lam. 2.18 e 3.48). Ver Dan. 8.2, quanto ao rio Ulai, também associado aos exilados.

"Numa linguagem patética mas bela, o salmista exilado lamentou a sorte dos que choravam em uma terra estrangeira e não podiam entoar os cânticos típicos de Sião. Em contraposição a esse amor intenso por Sião, havia o ódio dos judeus pelos destruidores de Sião; portanto, o salmista expressou imprecações contra Edom e a Babilônia, que tinham destruído a cidade de Deus.

Refletindo o período do exílio, este salmo pode ter sido composto já quase no fim do cativeiro babilônico. Talvez o salmista tenha sentido que o tratamento bondoso dos persas aos babilônios foi um julgamento insuficiente para os que haviam devastado Israel" (Allen P. Ross, *in loc.*).

137.2

Nos salgueiros que lá havia. As "harpas" seriam tangidas para acompanhar as alegres canções de Sião, mas agora elas jaziam penduradas, porquanto nada havia para os judeus celebrarem. A alegria tinha desaparecido. As pessoas no exílio não têm o coração voltado para a música. O homem tinha trabalhado arduamente o dia todo como escravo de seus captores, e à noite teria sido natural aliviar a tensão com a música, mas se não havia música no coração, de que adiantava tocar música? "As harpas são o instrumento de acompanhamento da música jubilosa (Gên. 31.27; II Sam. 6.5). Pois estávamos longe de nossa pátria, Sião, onde Deus revela Sua presença, e, por conseguinte, distantes de toda alegria (Isa. 24.8; Jó 30.31; Apo. 18.22)" (John Gill, *in loc.*).

Salgueiros. Talvez tenhamos aqui menção a uma espécie popular de salgueiros, que crescia perto das correntes de água da região, talvez o *Populus euphraticus.* Ovídio fala sobre o álamo e sobre o salgueiro às margens do rio Eufrates (*Fast.* 1.2). "... salgueiros às margens dos cursos de água (Lev. 23.40; Isa. 4.4), particularmente do rio Eufrates, que corria pelo meio da Babilônia" (John Gill, *in loc.*).

137.3

Pois aqueles que nos levaram cativos. Com *escárnio e zombarias,* e em risos estentóreos, os captores babilônios queriam que os israelitas entoassem canções de Sião, como as que eram usadas no culto do templo, e os judeus foram forçados a atender ao pedido. Mas tudo quanto obtinham de seus captores eram insultos e piadas tolas. Os exilados, em trabalhos forçados, presos por grilhões, imaginando Jerusalém em cinzas e o templo que tinha sido construído por Salomão destruído, não tinham disposição para cantar. Não se dispunham a celebrar coisa algum. Os senhores brutais sem dúvida tinham ouvido falar dos cânticos do culto no templo e assim começavam a jogar o jogo doentio com seus escravos, em meio a gargalhadas e escárnios. Eles se *divertiam* com aquilo que era questão séria em Israel. Sem dúvida, os músicos eram os levitas que tocavam profissionalmente os cânticos sagrados (I Crô. 25). Os captores dos judeus eram *atormentadores.* Comparar isso com o caso de Sansão, a quem os filisteus queriam que cantasse, a fim de diverti-los (Juí. 16.25).

137.4

Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor...? Os cânticos eram do Senhor, isto é, os cânticos que acompanhavam o culto do templo, mas os israelitas se sentiam tão deslocados na Babilônia pagã que não era próprio que esses cânticos fossem entoados e tocados para pecadores pagãos, os quais só queriam ouvi-los para fazer pouco deles e de seus cânticos. "Neste estado de escravidão, nós, os exilados, distantes de nosso país, desnudados de nossas propriedades, reduzidos a zombarias, privados de nossos privilégios religiosos, nesta terra pagã, poderíamos *cantar*?" (Adam Clarke, *in loc.*). Para os exilados, era requerida uma profanação, algo imundo e profano (Amós 7.17; Osé. 9.3-5). Como poderiam cantar os cânticos sagrados, quando o coração deles chorava?

Como vozes de estranhos eles soam,
Em terras onde apenas memórias permanecem
E tudo é terreno profano.

(Tennyson)

Cantar os cânticos de Sião na Babilônia, para diversão dos pagãos, era como lançar pérolas aos porcos e dar aos cães o que é santo (ver Mat. 7.6). É até

possível que os babilônios requeressem que os escravos hebreus atuassem em seus templos pagãos e para seus ídolos que nada representavam. Aben Ezra diz "na terra de deuses estranhos", e Kimchi e Ben Melech também dizem que eles eram forçados a cantar com alegria falsa.

137.5

Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém. "O pensamento de alguém entoando os cânticos sacros para coçar os ouvidos de um povo ímpio evocou, da parte do salmista, uma expressão de amor apaixonado por Jerusalém, e ele proferiu uma maldição contra si mesmo se lhe faltasse lealdade à cidade" (William R. Taylor, *in loc.*). Ele amaldiçoou a própria habilidade de tocar um instrumento, da qual, antes, deve ter-se orgulhado, caso chegasse a usá-la de maneira profana. Contudo, ele era forçado a cantar e, assim sendo, transformou sua canção em uma maldição contra os opressores. Ele não reconciliava a si mesmo com a sua escravidão, como se se agradasse de sua escravidão e de seu estado de estrangeiro. Sua *mão direita* era a mão com a qual ele tocava o seu instrumento; e ele havia desenvolvido considerável habilidade como músico profissional; mas o que era sua principal distinção fora contaminado pelos pagãos. "Maldita seja a minha mão direita se eu a prostituir para agradar as multidões impias, os inimigos de meu Criador!" (Adam Clarke, *in loc.*).

As palavras deste versículo são apropriadamente aplicadas à música impia que corrompe os cultos de adoração de muitas igrejas de hoje em dia. Contudo, essa música é tocada pelos membros de igrejas consideradas normais! Malditas sejam as mãos direitas deles que poluíram o santuário! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música (Instrumentos Musicais).*

"Se, em um momento daqueles, o poeta esquecer-se da miserável servidão de Jerusalém, de modo a dedilhar as cordas com alegria, então que sua mão direita perdesse para sempre a habilidade de tocar" (Ellicott, *in loc.*). Isso seria uma retribuição apropriada pela profanação. O Targum, neste passo bíblico, fala sobre a voz do Espírito que inspirara tal declaração do salmista.

137.6

Apegue-se-me a língua ao paladar. Se brandisse alegremente o seu instrumento para os pagãos, profanando assim os cânticos santos, o salmista estaria, *ipso facto,* esquecendo Jerusalém e o culto sagrado. Em vez de querer que sua língua cantasse de maneira tão imprópria e em tal contexto de profanação, ele preferia que ela se apegasse ao céu da boca, para que assim silenciasse; sua única alegria era Jerusalém e seu culto, e nada mais poderia inspirá-lo a cantar. Foi assim que o poeta sagrado amaldiçoou tanto sua mão direita quanto sua língua, caso ele atendesse de bom grado aos desejos dos pecadores babilônios, o que só faria se fosse absolutamente forçado. Provavelmente ele era obrigado a tocar, mas seu coração amaldiçoava o inimigo a cada nota de seu instrumento. É em torno disso que gira todo este salmo: uma *maldição* contra os inimigos de Judá. "... ele desejava ficar mudo por ter contaminado a fala se cantasse cânticos de alegria, esquecendo-se de Sião (Eze. 3.36; Jó 29.10)" (Fausset, *in loc.*).

137.7

Contra os filhos de Edom, lembra-te, Senhor. O salmista proferiu uma maldição contra os edomitas, porque, em 587 A. C., os idumeus se regozijaram diante da destruição do templo e tomaram parte ativa nessa destruição. (Cf. Oba. 10; Lam. 4.21,22; Eze. 15.12 e 35.5.) A participação dos idumeus piorou de figura pelo fato de que Edom era irmão de sangue de Judá (Amós 1.11), e ambos descendiam de Esaú, irmão gêmeo de Jacó. A tradição dos idumeus, portanto, tornou-se mais chocante e difícil de entender. Os judeus nunca se esqueceram disso e nunca deixaram de odiar os descendentes de Edom, conforme diz Robinson, em sua *História de Israel,* II, pág. 341. Ver também Jer. 12.6; 25.14. "Os idumeus aliaram-se ao exército de Nabucodonosor contra seus irmãos, os judeus, e foram os principais instrumentos que arrasaram as muralhas de Jerusalém até o rés do chão" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso os idumeus fizeram para sua vergonha eterna. Esse foi um dos grandes e mais vergonhosos atos traiçoeiros da história humana.

> *Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a vergonha, e serás exterminado para sempre.*
>
> (Obadias 10)

O Targum faz com que Miguel, o anjo guardião de Israel, tenha proferido essa maldição aqui.

137.8

Filha de Babilônia, que hás de ser destruída. A destruição de Babilônia, referida aqui, foi efetuada pela próxima grande potência internacional, a Pérsia, sob o governo de Ciro. Ciro também ordenou o decreto de libertação, permitindo que um remanescente de Judá voltasse a Jerusalém. O destruidor de Israel precisava ser destruído, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Este versículo tem sido usado na tentativa de identificar a provável data de composição do salmo. Ele deve ter sido escrito antes do decreto de Ciro, que foi expedido em 538 A. C. e, por conseguinte, antes da queda de Babilônia, conforme dizem alguns intérpretes. Por outra parte, o poema pode ter sido composto enquanto os exilados ainda estavam na Babilônia, mas, quando o salmo foi publicado, os cativos já estavam livres. Ou então a maldição foi proferida quando o exílio ainda estava em efeito, mas foi escrita mais tarde, como parte deste salmo. Ver a introdução a este salmo, quanto a outros detalhes. O mais importante aqui não é tanto determinar a data da composição do salmo, mas reconhecer que a maldição já estava em operação, tema dominante na composição poética.

Maldições e bênçãos eram aceitas como dotadas de poder especial, especialmente quando eram usados nomes divinos, e os deuses ou Deus colaboravam com elas. Mas a *retribuição* viria da parte de Yahweh. Não se tratou de algo pessoal ou nacional, como se um contra-ataque de forças militares, por parte de Israel, fosse eficaz. A *Pérsia* seria o *instrumento* da vingança, mas não é provável que o salmista soubesse disso quando escreveu esta *maldição-profecia.* O destruidor (Babilônia) seria destruído.

A *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*) requeria retribuição correspondente ao crime cometido. Na esfera terrestre, as coisas nem sempre operam dessa maneira, e então teremos de voltar a depender da vontade de Deus para fazer o que é certo, em algum lugar distante, na existência pós-túmulo.

Filha de Babilônia. Ou seja, a cidade de Babilônia. Cf. Isa. 1.8; 47.1 e II Reis 19.21. O Targum faz Gabriel proferir a maldição e servir de garantia de seu cumprimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjos,* que também dá informações sobre os *arcanjos.* Ver sobre *Rafael,* onde dou mais informações sobre o tema.

137.9

Feliz aquele que pegar teus filhos. A Pérsia, governada por Ciro, seria a *feliz* nação que atuaria como alegre instrumento de Deus para pôr fim ao império babilônico e esmagar seus habitantes contra as rochas, uma das ações mais terríveis que as nações promoviam umas contra as outras. Israel, em suas *guerras santas* (ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18), fazia a mesma coisa, visto que o objetivo desse tipo de guerra era aniquilar tudo, tanto homens quanto mulheres e crianças, e até animais domésticos. Até mesmo objetos físicos eram destruídos e queimados. E o conjunto todo era oferecido a Yahweh como holocausto, no qual coisa alguma era poupada do fogo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Holocausto.* A idéia de esmagar as crianças contra as rochas era um *genocídio,* a destruição de uma raça inteira. Israel, ao conquistar a Terra Prometida, praticou genocídio, essencialmente destruindo oito nações distintas. Ver II Sam. 10.19. Os poucos sobreviventes foram absorvidos em raças subseqüentes, especialmente os árabes, que vieram a possuir a Terra Prometida. Essas nações simplesmente desapareceram da face da terra, e era isso que o salmista queria que acontecesse com a Babilônia. É inútil injetar em textos como este sentimentos e a moralidade cristã. Se os persas realizaram o que o poeta sagrado esperava que acontecesse (conforme pronunciado na sua maldição), eles seriam heróis. Não haveria julgamento de "criminosos de guerra". Nossa sensibilidade sente-se chocada pelo que lemos aqui. Mas consideremos a doutrina do julgamento conforme ensinada por muitas igrejas hoje em dia. Isso é pior do que o genocídio, porquanto as vítimas são preservadas vivas e sensíveis às chamas, e isso para sempre! Há muito tempo abandonei esse conceito de Deus. Ver o artigo intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos,* no *Dicionário,* quanto a um estudo sobre o que estará envolvido no julgamento divino, trazendo à luz versículos que olham para além de textos primitivos, conferindo um quadro mais cheio de esperança.

Cf. algo semelhante na *Ilíada* de Homero, em livro xxii, vs. 62:

> *Meus heróis mortos, meu leito nupcial revirado,*
> *Minhas filhas desonradas e minhas cidades queimadas;*
> *Meus infantes sangrando e espatifados contra*
> *o chão.*

Cf. II Reis 8.12; Isa. 13.16; Naum 3.10. Compreendemos que os babilônios fizeram coisas terríveis contra Judá, pelo que coisas terríveis seriam feitas contra eles.

"Os comentadores têm tentado, em vão, disfarçar e justificar essa expressão de paixão. O salmo é belo como poema, mas o crente deve buscar algures sua inspiração" (Ellicott, *in loc.*).

Salmo Cento e Trinta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um cântico de agradecimento pelo livramento dos israelitas da tribulação. O autor pintou-se como se estivesse no templo para agradecer por alguma intervenção divina em seu favor. Muitos salmos de lamentação terminam com notas de louvor e agradecimento. Provavelmente, alguns desses finais acabaram separados do restante e tornaram-se salmos independentes. Mas houve salmos escritos para dar graças a Deus que eram exatamente isso. Parece ser esse o caso deste salmo. É um cântico de agradecimento por um indivíduo que tinha recebido algum favor divino especial quando passava por aflição. Alguns cânticos de agradecimento são nacionais. Cf. Isa. 38.10-20; Jon. 2.2-9; Eclesiástico 51.1-30; Salmos de Salomão 15.1-5; 16.1-15; Odes de Salomão 25.1-12; 29.1-11.

O gráfico referido anteriormente lista os salmos de agradecimento no saltério. O poeta experimentara alguns livramentos muito significativos quando sua vida estava em perigo. Portanto, ele não fez meramente convocar amigos para ajudá-lo a louvar ao Senhor no templo. Ele convocou os "reis da terra" para entoar os caminhos de Yahweh (vs. 4). O poeta ficara tão impressionado pelo que tinha acontecido que acreditou que Yahweh poderia agir novamente em seu favor, sempre que caísse de novo em algum aperto (vs. 8).

Há uma antiga tradição que atribui a composição deste salmo a Zacarias, imaginando que ele o tenha escrito visando o cativeiro babilônico. Mas isso é apenas fantasia de algum hebreu posterior piedoso.

Subtítulo. Este salmo encabeça um pequeno grupo de salmos (Salmos 138 a 145), chamados *Salmos de Davi.* Cerca de metade dos salmos, dentro da coletânea de 150, é atribuída a Davi, o que, sem dúvida, constitui um grande exagero. Mas não há que duvidar que Davi escreveu pelo menos *alguns* dos salmos, pois foi chamado de o *mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1). Cumpre-nos relembrar, entretanto, que os subtítulos não faziam parte original dos salmos e, por conseguinte, não se revestem de autoridade canônica. Nesses subtítulos temos principalmente a opinião de editores posteriores que tentaram vincular nomes de autores aos salmos, supondo que certos eventos históricos poderiam ter inspirado essas composições poéticas.

O Cântico Entoado perante Deus (138.1-3)

138.1

Render-te-ei graças, Senhor, de todo o meu coração. O salmista louvou ao Senhor de todo o coração e apresentou agradecimentos diante dos *deuses.* Ver Sal. 82.1, quanto aos vários significados vinculados à palavra hebraica *elohim* (deuses). Isso parece ter sido uma referência politeísta ou henoteísta; mas o salmo é tardio demais, na história de Israel, para que pensemos que o autor estava contradizendo o *monoteísmo* dos hebreus (ver no *Dicionário;* ver também *Henoteísmo*). O conceito do henoteísmo é que, se há um só Deus por nós, há muitos deuses que têm aplicação a outros povos. Alguns dão aqui homens poderosos, juízes ou anjos, como idéias sugeridas pelo termo "deuses", e isso não é impossível. Ou então a declaração pode ser um tanto sarcástica, especialmente se os salmos refletem o livramento do cativeiro babilônico. Nesse caso, os deuses da Babilônia também foram convidados a ouvir o cântico de ação de graças do salmista, para mostrar que eles tinham perdido a batalha e que Yahweh fora a reversão desse estado lastimável. A Septuaginta e a Vulgata dizem aqui *anjos,* ao passo que o siríaco diz *reis,* naturalmente traduções interpretativas. Ou então o poeta simplesmente caiu na linguagem politeísta, sem querer fazer uma afirmação teológica. Ao tentar descobrir o que o termo *deuses* poderia significar, não deveríamos perder de vista o sentido do versículo. O poeta sagrado, em sua exultação, queria que todos, em todos os lugares, e até os poderes altos e divinos, ou supostos poderes, o ouvissem dar louvores a Deus. Foi uma espécie de *Agora ouçam isto!* poético, mediante o qual foi convocada a atenção geral.

138.2

Prostrar-me-ei para o teu santo templo. O salmista dirigiu-se agora diretamente a Yahweh e ao Seu templo. Ali, o poeta sacro iria louvá-Lo sozinho pelas muitas evidências de Seu *amor constante* (ver isso comentado em Sal. 136.1). O Salmo 136 fornece-nos vinte e seis razões para agradecer. A cada razão, o autor vincula o refrão "porque a sua misericórdia dura para sempre". Ver Sal. 136.1, quanto a notas expositivas. Aqui o *Nome de Yahweh* é louvado. Ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. Louvam-se o *amor constante* e a *fidelidade* de Deus. Em sua hora de teste severo, Yahweh ouvira o apelo do salmista e o libertara de maneira espetacular (vs. 3). Portanto, agora, ele estava no templo, dando notícia de que tinha um coração agradecido e queria proferir publicamente sua gratidão, fazer e cumprir seus votos. Ele estava como que dizendo: "Que fique conhecido, O Senhor vive e favorece os homens".

Note o leitor que o autor sagrado convocou os deuses a *ouvir* o seu louvor, mas somente Yahweh foi louvado. É ridículo usar este versículo para favorecer qualquer forma de idolatria, segundo a qual anjos, santos ou imagens são adorados ou se tornam objetos especiais de veneração e agradecimento.

A Palavra Magnificada. A fé em Yahweh tinha a lei mosaica como base. Na lei há muitas promessas. O homem bom sabe que essas promessas são cumpridas quando ele obedece aos ditames do yahwismo. O termo hebraico aqui usado, seguido fielmente pela King James Version, é perturbador para a teologia. "Tens exaltado a Tua palavra acima do Teu nome", o que, teologicamente, não faz sentido. A Revised Standard Version faz aqui a seguinte conjectura: "Pois tens exaltado o Teu nome e a Tua Palavra acima de todas as coisas". As versões, de modo geral, dizem: "Pois tens magnificado acima de todas as coisas o Teu santo nome", deixando de fora a referência à *palavra.* Alguns revertem os termos "nome" e "palavra" e fazem o *nome* ser mais exaltado do que a *palavra,* isto é, as *promessas.* Deus é maior que Suas promessas, como é óbvio, mas a declaração continua sendo estranha, como se Deus estivesse competindo com Suas próprias promessas.

138.3

No dia em que eu clamei, tu me acudiste. O *homem bom* tinha muitas promessas na lei, além do que foi livrado das aflições e dos ataques dos homens ímpios que viviam com ele. Yahweh tinha feito exatamente o que prometera. Ele havia libertado o poeta de alguma provação severa na qual sua vida correra perigo. Alguns fazem disso o cativeiro babilônico. Nesse caso, pois, compreendemos que o homem foi primeiramente um sobrevivente em Jerusalém; em seguida, na Babilônia, onde sua vida foi preservada; e, finalmente, ele voltou à Terra Prometida, Jerusalém. Por isso, ele fizera os agradecimentos do mais fundo do coração.

Sem importar qual fosse a aflição do homem, seu agradecimento de todo o coração é um exemplo para louvor, em pequenas e grandes situações, "para receber luz, para receber ar, para receber doces sons e sentido; para ter ouvidos para ouvir; para harmonias celestiais; quanto a olhos para ver até o invisível; para um coração que chega a compreender Deus em todos os lugares", conforme nos relembrou o poeta John Oxdnham. Dar graças o tempo todo por todas as coisas, faz parte das idéias do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ações de Graças,* quanto a maiores detalhes. Ver I Tes. 5.18 ("em tudo") e Efé. 5.20 ("por tudo").

> *Graças a Deus pelo sono, na longa e quieta noite,*
> *Pelo dia claro que brilha através das vidraças,*
> *Pela água clara e rebrilhante e pela quentinha*
> *luz dourada,*
> *E pelas veredas lavadas pela chuva branca*
> *e cantante.*
>
> (John Drinkwater)

Alentaste a força de minha alma. O homem tinha uma necessidade de alma; sua própria vida estava sendo ameaçada; ele quase desmaiou debaixo da pressão. Diz aqui o hebraico, literalmente, "fortaleceu-me fortemente". Cf. o Cântico de Salomão 6.5: "... devemos entender isso como uma força interior" (John Gill, *in loc.*).

Os Reis da Terra Darão Graças (138.3-6)

138.4

Render-te-ão graças, ó Senhor, todos os reis da terra. A *internacionalização* da questão poderia favorecer a interpretação de que está em vista o cativeiro babilônico. Essa foi uma questão internacional. O livramento do poder babilônico, através do soerguimento do império persa, provavelmente deu conforto a muitos reis que tinham sofrido a opressão dos babilônios, tal como acontecera a Judá. Ou então a questão é aqui apresentada como uma hipérbole oriental mediante a qual o autor convocou reis a ouvir sobre seu triunfo pessoal e agradecer com ele pelo Poder divino que fizera grandes coisas. O livramento foi de tamanha importância para o autor sacro que o poeta imaginou que ele deveria ser conhecido pelos reis das nações fora de Israel. Ou então o poeta em vista era rei de Israel, ou algum elevado oficial, e sua boa sorte pessoal revestir-se-ia de interesse internacional. Os que atribuem este poema a Davi vêem nisso o seu significado.

Seja como for, o homem viu alguma significação universal em seu livramento e pode ter imitado os *salmos reais* em sua expressão. Cf. I Tim. 1.15.

Quando ouvirem as palavras da tua boca. Ou seja, as promessas de Yahweh a homens em aflição e, por extensão, Suas palavras em geral, que demandam aceitação universal. Provavelmente, estava essencialmente em mente a lei mosaica, por ser essa a agência ensinadora de Deus, durante os tempos do Antigo Testamento.

Este versículo tem sido cristianizado para dar a entender a Palavra de Cristo, o evangelho, e a eventual lealdade das nações a Ele. Ver Isa. 52.15.

138.5

E cantarão os caminhos do Senhor. Este versículo implica alguma espécie de conversão dos reis pagãos ao yahwismo, porque terminam cantando a ele com alegria, imitando a atividade do salmista. Observando as obras maravilhosas da providência de Deus, eles desejarão tirar proveito delas, porque, afinal de contas, seus deuses nunca fizeram grande coisa por eles. E eles correrão para unir-se ao povo de Deus. Esse foi um ideal judaico que nunca aconteceu, e tornou-se um ideal cristão que conta com muitas profecias de confirmação, além do alcance universal dos evangelhos, como prova preliminar. Ver Fil. 2.7-10 e Efé. 1.9,10. Quanto aos caminhos de Deus e Seus atos poderosos, ver Jó 26.14; 40.19; Sal. 18.30; Deu. 32.4. Quanto aos reis caminhando pelos caminhos de Deus, ver Miq. 4.2. O significado é que as circunstâncias e a observação compelirão os reis pagãos a reconhecer a glória de Yahweh, e, assim, eles buscarão ser um objeto de Sua graça.

138.6

O Senhor é excelso. A menção aos reis levou o poeta a pensar na autovalorização do povo de Israel, ou daqueles que adquirem poder através da força ou do dinheiro e, assim sendo, estão acima das outras pessoas. Tais pessoas precisam pensar que Yahweh lhes dará alguma atenção, porquanto seu orgulho os separa do Rei. Por outra parte, os humildes têm um canal de acesso aberto para o Céu.

Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

(Tiago 4.6)

Por isso mesmo, o evangelho é pregado aos pobres. "Infinitamente grande como Deus é, Ele considera até o mais baixo e ínfimo como parte de Sua criação, mas os humildes e aflitos são objetos especiais de Sua graça" (Adam Clarke, *in loc.*). Em contraste, Ele olha para os orgulhosos de grande distância, com total desdém. Cf. Pro. 3.34; I Ped. 4.5 e Sal. 18.27. "Eles se afastaram de Deus (ver Jer. 12.2), e assim, em uma justa retribuição, Deus os conhece, mas somente a distância" (Fausset, *in loc.*). O Targum diz que Deus os conhece "somente para destruí-los", mas isso é ir longe demais.

O Preservador da Vida (138.7-8)

138.7

Se ando em meio à tribulação. Este versículo provavelmente considera o *futuro,* quando o poeta sagrado tivesse de sofrer alguma outra pesada tribulação e sua vida fosse novamente ameaçada. Se isso viesse a acontecer, talvez novamente houvesse alguma outra aflição, lançada contra ele por seus inimigos, como aconteceu na primeira vez. Nesse caso, o salmista esperava que a mesma coisa ocorresse: Yahweh estenderia a mão e feriria os seus inimigos, salvando-o uma vez mais. "Mão", neste caso, significa "poder" e a capacidade de usar esse poder. Ver a metáfora sobre Sal. 81.14; e, quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6. Ver também sobre *braço,* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. O poeta sacro, por causa do dilema lingüístico, usou expressões antropomórficas, atribuindo a Deus coisas que pertencem aos homens. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.* Este versículo mostra que a vida do homem estava em perigo porque Yahweh teve de *preservá-lo* com vida. Seu *andar* anteriormente o conduzira a uma severa tribulação, e poderia acontecer o mesmo novamente. O homem bom não está a salvo de perigos. O homem bom tem de passar por momentos perigosos, mas Yahweh está sempre presente, para garantir que a passagem do homem por esta vida seja segura. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar,* quanto a essa metáfora. Cf. Sal. 23.3,4; 17.13 e 60.5.

Não tenho outro refúgio qualquer;
Entrego minha alma desamparada a Ti.

(Charles Wesley)

"A tribulação acompanha até o melhor dos homens, tanto interna quanto externamente, atacando-o através do pecado, de Satanás ou do mundo. Sim, os homens estão no meio da tribulação, cercados por ela. Esse é um caminho pelo qual importa que caminhem, a fim de chegarem ao Reino de Deus. Trata-se de uma longa caminhada, mas, finalmente, eles chegarão ao final (ver Sal. 23.4). E, além disso, a mão direita de Deus os salva, mão que pode ser entendida como Cristo, que é a mão direita da retidão de Deus. Por meio de *Sua mão,* Deus salva o povo com uma salvação espiritual e eterna, tanto quanto com a salvação temporal (Isa. 41.10 e Osé. 1.7)" (John Gill, *in loc.,* que cristianizou e espiritualizou o versículo).

138.8

O que a mim me concerne o Senhor levará a bom termo. Yahweh tinha uma *razão* para salvar a vida do homem. O poeta tinha fé de que o propósito por trás de sua vida continua seria realizado. O *amor constante de Deus, que dura para sempre,* é a garantia do cumprimento desse propósito. Essa frase ocorre por vinte e seis vezes no Salmo 136 e é o refrão para cada uma das vinte e seis declarações pelas quais temos razão para dar graças. Anoto isso em Sal. 136.1. Por causa de Sua grandeza e bondade, com base em Seu amor constante, Yahweh nunca pode abandonar o homem, que é a obra de Suas mãos. O homem foi criado por Deus e agora deve aproximar-se Dele e Nele ter o seu cumprimento. Portanto, Deus é o *Alfa e o Ômega* (ver Apo. 1.8,11; 21.6 e 22.13). Este versículo reverbera Sal. 23.4; 30.3 e 71.20. "Os vss. 7 e 8, que dão a estrofe de conclusão, assumem a natureza de salmo de confiança e, na verdade, pode-se dizer que são uma epítome do Salmo 23" (William R. Taylor, *in loc.*).

Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus.

(Filipenses 1.6)

Qualquer outra coisa que precise ser feita, Deus o fará. Ele ajudará o homem em toda a sua compreensão. O nosso poeta tinha confiança nas operações da providência divina. Ele acreditava que Deus criou e continua preservando a Sua criação, intervindo sempre que necessário, beneficiando a vida humana. Ele era um teísta, e não um deísta. Ver sobre esses termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* nos artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

Salmo Cento e Trinta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Dou ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é, em parte, uma lamentação, sendo um oração de livramento de inimigos pessoais. No entanto, ele não segue o padrão usual desse tipo de salmo, contendo declarações parecidas com o que se lê na literatura de sabedoria dos judeus. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Sabedoria,* seção III, quanto a esse tipo de literatura hebréia. Há neste salmo certo calor devocional, e algumas de suas grandes declarações não são típicas dos salmos de lamentação. O poeta estava profundamente impressionado com a onisciência e onipresença do Senhor, atributos do Ser divino que ele encontrara em sua própria experiência, e não nos escritos dos sábios. Este salmo originou-se na alma do autor sacro, e não em uma teologia formal. Esse homem estava envolto em Deus, e não disse coisa alguma sobre a história de Israel e sobre as maravilhosas obras de Deus nessa história. E ele também não falou sobre o culto do templo. O templo de Deus estava em seu coração, e assim ele antecipou o melhor do judaísmo posterior e o avanço constante no Novo Testamento. Esse tipo de espiritualidade levou os críticos a atribuir ao Salmo 139 uma data bastante avançada. Alguns aramaísmos adicionam evidências a essa avaliação.

Subtítulo. Temos aqui um subtítulo bastante simples: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi". Os Salmos 138 a 145 formam uma pequena unidade cuja autoria é atribuída a Davi. Cerca de metade dos 150 salmos que fazem parte do saltério são atribuídos a Davi, o que, sem dúvida, constitui um grande exagero. Contudo, certamente ele escreveu alguns deles, visto ter sido o *mavioso salmista de Israel* (ver II Sam. 23.1). Devemos relembrar que os subtítulos dos salmos não faziam parte das composições originais, mas foram adições de editores posteriores e, portanto, não se revestem de autoridade canônica. Nesses subtítulos temos, principalmente, pareceres de pensadores posteriores acerca da autoria e dos possíveis acontecimentos históricos que podem ter inspirado as composições.

A Onisciência do Senhor (139.1-6)

139.1

Senhor, tu me sondas e me conheces. Cf. esta seção com Isa. 55.8,9. O salmista não desce a ensinar a onisciência de Deus como uma proposição teoló-

gica. Ele não citou homens sábios, nem deu referências bíblicas. Aprendeu uma grande verdade em sua própria experiência. O poeta não nos segreda todos os caminhos pelos quais ele chegou às suas conclusões, nem como Yahweh (o nome divino usado neste versículo) chegou ao seu conhecimento. Mas ele tinha evidências da iluminação do Espírito (vs. 7) através de sua própria experiência. Para detalhes e referências, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Onisciência.*

Tu me sondas. O original hebraico diz "espalhas" ou "peneiras": mas alguns estudiosos pensam que o vocábulo se refere às "operações de mineração" (Jó 28.3) ou à "exploração" de uma região (Juí. 18.2). Sem importar qual seja a alusão exata, o significado da palavra é bastante claro: o poeta pensava que sua alma e sua vida inteira eram um "livro aberto" diante de Deus, conforme se diz em uma moderna expressão idiomática. A onisciência de Deus significa que Sua mão estava com o poeta a fim de guiá-lo (vs. 10). E também quer dizer que o homem estava sob o total controle divino (vs. 11), antes mesmo de ter nascido. Naturalmente, o exame de Yahweh e o conhecimento que Ele tinha também atingia o lado moral da questão, e isso fica implícito nos versículos finais.

Contraste-se isso ao pequeno conhecimento do homem e sua hesitação:

Não compreendendo,
Avançamos alquebrados,
Nossa vereda vai-se alargando,
Conforme avançamos nos anos.
Maravilhamo-nos e admiramo-nos
Porque a vida é a vida,
E então caímos no sono.
Sem nada compreendermos.

(Walter Eccles)

Jer. 17.10 é trecho que aplica a onisciência de Deus ao andar do homem, o qual receberá, no final, a divina recompensa ou a divina punição. Há muitas aplicações, e eu as descrevo no artigo referido anteriormente. Arama diz que o tema principal deste salmo é o conhecimento especial de Deus sobre os homens, e a providência Dele na vida deles. Ver o final dos comentários sobre o vs. 2, quanto a outra função da onisciência de Deus.

139.2

Sabes quando me assento e quando me levanto. O poeta sacro entra em alguns detalhes para apoiar sua declaração geral sobre a onisciência de Deus. Ele sabe quando o homem faz coisas triviais, como *sentar-se* ou *levantar-se,* pelo que muito mais sabe quando o homem faz coisas importantes, boas ou más. Ele também conhece os pensamentos do homem, pelo que Sua percepção desce bem mais fundo do que um conhecimento sobre atos francos. Segundo os pensamentos do homem, Yahweh descobre seus *motivos,* algo que os homens gostam de esconder de outros por todas as variedades de engano, engodos e mentiras. É impossível enganar a um Deus assim. Ele conhece o real valor de nossos atos, sem importar se são egoístas ou benéficos a outras pessoas. Os homens chegam a fazer coisas boas movidos por motivações vis, e isso anula suas boas obras, segundo a estimativa divina das coisas.

De longe. Isso poderia significar que Deus, estando tão distante no céu, ainda assim é capaz de compreender os pensamentos humanos. Ou então Deus pode até mesmo antecipar o que o homem irá pensar. A primeira idéia é um apoio de Sal. 138.6.

Os meus pensamentos. O hebraico original usa o singular, "pensamento", o que pode significar meu "propósito", meu "alvo" ou minha "motivação". Mas algumas versões emendam isso para a forma plural, "meus pensamentos", conforme faz a nossa versão portuguesa, e fazem o singular servir de coletivo para todos os processos do pensamento e para os objetivos do pensamento.

A Onisciência de Deus. Homens ímpios tinham-se erguido contra o poeta. Eram mentirosos e destruidores, mas ele era um *homem inocente.* Como é óbvio, Yahweh sabia disso e finalmente o livraria e o vindicaria. Portanto, aprendemos que a onisciência de Deus também está envolvida em seus julgamentos, pois de que outra maneira poderia Ele julgar corretamente?

139.3

Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar. Yahweh sabe tudo sobre o andar e o deitar do homem (vss. 2,3) e todos os seus *caminhos:* não meramente sua vida diária, mas o teor geral da vida humana, seus motivos, propósitos e alvos. Tentar dar o texto hebraico literal é uma maneira compreensível de enfrentar a questão. Ellicott (*in loc.*) traduziu como segue:

Sobre minha vereda e sobre meu leito tu és um convidado,
Em todos os meus caminhos tu habitas.

"Tu conheces o número inteiro de meus caminhos, bem como os passos que tomo neles" (Adam Clarke, *in loc.*).

Esquadrinhas o meu andar. No hebraico é "cercas", o que vem de uma palavra-raiz que significa "um círculo". Essa palavra também pode significar "coar inteiramente". Obtemos a idéia de Yahweh separando a palha do trigo quando examina cuidadosamente a vida geral do poeta. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* As versões da Septuaginta e árabe dizem "investigaste". O homem estava sob o escrutínio divino.

Yahweh, conhecendo tudo, abençoou o homem abundantemente (vss. 17 e 18) e vindicou-o contra seus inimigos (vss. 20 e 21).

Aquele que fez o coração é o único
que pode testar-nos corretamente;
Ele conhece cada corda, bem como seus vários tons.

(Robert Burns)

139.4

Ainda a palavra me não chegou à língua. Agora o poeta avança para comentar sobre a faculdade da fala, o uso apropriado da linguagem (ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2; 119.172 e 120.3,4). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da.* Nesse aspecto da vida, o poeta sacro era inculpável, mesmo depois do escrutínio divino, o que é, realmente, uma raridade. Sua boca estava cheia de louvores (vs. 14), e ele contrastava com os pecadores que usam a faculdade da fala de maneiras erradas ou mesmo blasfemas (vs. 20).

Já a conheces toda. Antes mesmo que o salmista falasse, Deus conhecia o conceito total e sua motivação para falar. "A totalidade da fala, de onde tudo manava, as razões para a fala, seus desígnios, as boas palavras em oração, antes mesmo de ele falar e quando estava falando, e o que era dito em conversas privadas. Ver Isa. 65.24; Mal. 3.16; Luc. 19.31,33" (John Gill, *in loc.*).

139.5

Tu me cercas por trás e por diante. O significado deste versículo não é claro. As palavras "tu me cercas" podem ser "sitiar", "fechar dentro", mas, nesse caso, o que estará em vista? Consideremos estes três pontos:

1. Alguns emendam o texto para "ter formado" e transformam-no em um ato de criação e então de sustento contínuo.
2. Outros eruditos vêem aqui a onipresença de Deus: Yahweh estaria na frente e atrás dele, acima e por baixo dele, cercando-o. "De todos os lados, estou em Tuas mãos, para receber castigo ou para ser abençoado" (Fausset, *in loc.*).
3. Preservando a idéia de "sitiar", a noção pode ser a de um homem totalmente sujeito ao poder divino, tornando-se assim humilde e obediente. "... ele era como uma cidade assediada, da qual não há como escapar" (Ellicott, *in loc.*).

Sobre mim pões a tua mão. Por qual motivo? Consideremos os pontos seguintes: 1. Para firmar e ajudar, e para que o homem gozasse de boa saúde e prosperasse. 2. Para castigar, quando isso fosse necessário. 3. Para proteger.

O Targum tem a idéia de punição, ao dizer: "Agitou contra mim o golpe de tua mão". Mas parece que temos aqui a providencial mão divina, de bênção e proteção. Ver sobre a *mão* de Yahweh em Sal. 81.14, e sobre a *mão direita* em Sal. 20.6.

139.6

Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim. Temos aqui uma espécie de sumário que a tudo abrange: tal conhecimento (que foi descrito nos versículos anteriores) era algo maravilhoso demais para o salmista compreender. Conforme disse William R. Taylor (*in loc.*), esse conhecimento "era inacessível e extraordinariamente elevado. Portanto, o poeta sacro quedava-se admirado diante de Yahweh e tinha cuidado com seus pensamentos, palavras e maneira de agir. "Ele prorrompeu em louvores diante da admirável vastidão do conhecimento infinito de Deus, que transcende os poderes finitos da compreensão humana (Rom. 11.33)" (Fausset, *in loc.*). O texto hebraico tem o artigo com a função de pronome adjetivo demonstrativo: "Este conhecimento" é aquele que é elevado demais para mim.

A Septuaginta e a Vulgata traduzem aqui "Teu conhecimento". Kimchi, Jarchi e Aben Ezra ligam esta frase ao versículo seguinte, falando do *espanto* do salmista diante da onipresença de Deus.

A Onipresença de Deus (139.7-12)

139.7

Para onde me ausentarei do teu Espírito? Cf. Jer. 23.23,24. Ver no *Dicionário* sobre *Onipresença* de Deus e também sobre *Atributos de Deus*. Talvez tenha ocorrido ao salmista, diante de tão vasto conhecimento, a idéia de escapar momentaneamente de tal Ser. Mas, ao contemplar como fazer isso, ele ficou profundamente admirado de encontrar Deus em todos os lugares, um Ser onipresente, não meramente onisciente. Assim sendo, o vs. 7 apresenta duas questões retóricas que esperam uma resposta como "em parte alguma". O homem poderia refugiar-se em algum lugar para ocultar-se do Espírito de Deus. O salmista poderia tentar fugir do Espírito para um lugar distante e desconhecido. Porventura, isso o esconderia do Espírito de Deus? Poderia ele encontrar algum lugar onde o Espírito de Deus não estivesse? Obviamente, *não;* portanto, o poeta nem ao menos deu-se ao trabalho de responder às próprias perguntas. Deus é um Ser ativo, sempre presente, em todos os lugares. Cf. Sal. 51.11; 104.30; 143.10; Isa. 63.10,11; Ageu 2.5 e Zac. 4.6.

Do teu Espírito. Não sabemos dizer até que ponto avançara a evolução da doutrina do Espírito. O poeta quis dar a entender apenas a *presença sensível* de Deus, e não a personalidade do Espírito Santo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Espírito Santo*. A fuga poderia ser motivada pelo temor ao castigo por motivo de pecado (Amós 9.2), ou era simplesmente um ato de temor perante um Poder Espantoso. Espírito, neste caso, significa "a mente toda-consciente, o entendimento todo-abrangente e o conhecimento que diz respeito a todas as pessoas, lugares e coisas. Cf. Isa. 40.13; Rom. 11.34 e I Cor. 2.16" (John Gill, *in loc.*), o qual então escolhe a idéia em que está em foco a personalidade do Espírito.

Da tua face? Esta é uma tradução literal do original hebraico. Ver Jer. 23.24.

139.8

Se subo aos céus, lá estás. Deus é pintado como estando nos céus e no sheol, isto é, no lugar mais elevado e no lugar mais baixo e, portanto, também entre esses dois extremos. Ele está no mundo dos espíritos, e não meramente neste crasso mundo material. Deus preenche todas as coisas, e o mesmo acontece ao Filho, no bom sentido de ser tudo para todos (ver Efé. 4.10). Cf. Pro. 15.11 e Jó 26.6.

Ainda que desçam ao mais profundo abismo, a minha mão os tirará de lá; se subirem ao céu, de lá os farei descer.

(Amós 9.2)

Nesse texto de Amós, encontramos os *sondadores julgamentos* de Deus, mas o sentido não parece ser esse no texto. O poeta sagrado não era um pecador que estava fugindo de Deus. Era um santo espantado diante da onipresença de Deus que tentava descrever isso em seus versos, da melhor maneira que pudesse. Parte dessa idéia é o governo universal de Deus e Sua providência universal. O salmista não estava falando apenas abstratamente.

Abismo. No original hebraico, *sheol*. Quase todas as referências nos salmos a esse lugar ou (esfera) são meros sinônimos de *sepultura*. Em Sal. 88.10, encontramos algo diferente. O *sheol* é um lugar onde espíritos destituídos de mente esvoaçam sem consciência das coisas, nem de Deus nem de sua própria natureza. São *fantasmas*, de acordo com o conhecimento com que as pessoas falam hoje em dia, quando contrastam um *fantasma* com um *espírito* humano genuíno. Ver a exposição naquele versículo, e, no *Dicionário*, sobre *Hades* e *Fantasma*. Este versículo parece ser uma declaração acerca do *sheol* espiritual, aquele que vai além do sepulcro. O Espírito de Deus está ali, cuidando das coisas. Se Ele está fazendo isso, então ali deve haver algo pelo que cuidar. Ou então as palavras do poeta na realidade são apenas poéticas, não desejando afirmar nada de específico. Que Deus está "no mais alto e no mais baixo" pode ser o único propósito da declaração.

"A convicção de que o submundo não estava isento da vigilância e até da visitação de Yahweh contribui para um avanço no pensamento, a partir de Sal. 6.5, onde a morte é vista a cortar os hebreus inteiramente de seu relacionamento com a teocracia" (Ellicott, *in loc.*). Se essa é uma avaliação verdadeira do pensamento do poeta, então devemos adicionar que, por enquanto, ainda não existia nenhuma idéia de recompensa ou punição em um ou outro compartimento do hades, até onde o capítulo 16 de Lucas havia avançado. O *sheol* (*hades*) é um conceito crescente. I Ped. 3.18-4.6 apresenta Cristo levando o evangelho àquele lugar e oferecendo ali a salvação evangélica (que é o que penso ser o sentido) ou melhorando aquele local, o que é uma idéia inferior, embora ainda aceitável. No livro apócrifo do Novo Testamento, o evangelho de Nicodemos, Cristo aparece a *esvaziar o lugar*, ou seja, a promover um pensamento universalista.

O Targum aventa a Palavra de Deus no hades, sugerindo que algo bom era feito ali, mas não podemos afirmar que o salmista estava dizendo tal coisa. Seja como for, "é um novo pensamento de que Deus está tanto no céu quanto no *sheol*" (*Oxford Annotated Bible*, comentando este versículo). Alguns intérpretes vêem Deus, ridiculamente, a castigar os pobres espíritos que estavam no hades, como se essa fosse a *razão* pela qual Ele estava ali; mas o poeta não diz coisa alguma parecida com isso.

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades*. Cristo tem uma missão tridimensional visando o bem de todas as almas: na terra, nos céus e no hades. Eis a razão pela qual, finalmente, Ele "preencherá todas as coisas" e será tudo para todos (ver Efé. 4.10).

139.9

Se tomo as asas da alvorada. O poeta continua em seu vôo imaginário, buscando encontrar algum lugar onde pudesse escapar da presença do Senhor Deus. Literalmente, de acordo com o original hebraico, teríamos aqui a seguinte tradução:

Elevo as asas da alvorada,
Habito nos confins do mar.

Quando o sol se eleva acima do horizonte, espalha seus raios gloriosos como se fosse um pássaro gigantesco, não havendo lugar na terra que deles escape. Se o homem se tornasse como o sol, encontraria algum lugar, qualquer lugar, onde não encontrasse Deus? Na época, o mar era, para os hebreus, uma vasta e misteriosa entidade, e alguns mares pareciam estender-se a lugares que não podiam ser conhecidos. Poderia o homem encontrar algum lugar, nos extensos mares, onde não encontrasse Deus? Cf. as asas do sol (Mal. 4.2) e as "asas do vento", em Sal. 18.10. As "asas da alvorada" são "uma frase poética para expressar a rapidez instantânea com a qual os raios da alvorada matinal, como flechas, alcançam todo o horizonte, do Oriente ao Ocidente" (Fausset, *in loc.*). "O poeta imaginou-se projetado como um dardo, do Oriente ao Ocidente, com a rapidez da luz" (Ellicott), procurando um lugar onde o Espírito de Deus não estivesse presente, mas sem encontrar lugar nenhum.

139.10

Ainda lá me haverá de guiar a tua mão. Onde quer que a luz do sol chegasse, em todas as terras banhadas pelo mar, "lá fora", no mundo misterioso do além, ali o poeta encontraria o seu Deus. E ali também encontraria a providência de Deus, pois, sem importar por onde fosse, acharia a poderosa, sustentadora, consoladora e guiadora *mão* de Deus. Ele encontraria a atenção pessoal do Criador em favor da criatura, uma façanha maravilhosa só de pensar! Ele encontraria Deus como um "Amigo, Sustentador e Guiador Todo-poderoso (Sal. 23.3; 27.11; 73.24). Deus guia os retos pelo caminho eterno. Tu estenderás a Tua mão contra a ira dos meus inimigos e Tua mão direita me salvará (Sal. 25.24; 138.7)" (Fausset, *in loc.*). Quanto à *mão* de Deus, ver Sal. 81.4; e, quanto à *mão direita* de Deus, ver Sal. 20.6. No versículo presente a mão de Deus aparece *providenciadora*, e não retributiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*, quanto a idéias completas.

139.11

Se eu te digo: As trevas, com efeito, me encobrirão. A *noite escura*, que tudo oculta da visão humana, talvez também o ocultasse da presença de Deus. Por conseguinte, ele imaginou a noite mais escura possível e recuou para algum lugar de esconderijo. Ele se mostrou quieto e cuidadoso para não chamar a atenção de ninguém. Mas quando chegou ao suposto esconderijo, ali encontrou Deus esperando! Talvez o poeta use a palavra "trevas" em um sentido metafórico, para indicar *qualquer condição* que pudesse bloquear a luz de Deus e impedir o homem de ser detectado. Mas a luz de Deus ilumina todas as esferas e não deixa de sondar lugar algum.

... **me encobrirão.** O original hebraico diz "me esmagarão", pelo que temos aqui a idéia de *trevas opressivas*. A Septuaginta e a Vulgata preservam o hebraico literal, mas outras versões antigas e muitas traduções modernas evitam isso mediante emendas. Sêneca (*Epist.* 82) falou sobre a opressão das trevas, uma figura poética comum. As trevas podem referir-se à morte (Sal. 88.6), e isso, na mente da maioria dos homens, é a pior opressão de todas. Alguns estudiosos fazem o salmista falar, em sua figura, sobre as trevas da morte. Se isso está correto, então Deus encontra-se perto de um homem na sua hora mais opressiva, a hora da morte. Esta é uma excelente idéia, mas não há certeza de que seja o que está em pauta aqui. Sal. 23.4, contudo, tem no *vale da sombra da morte* a idéia essencial.

As trevas transformam-se em luz quando Deus está próximo. Esta é a idéia da segunda parte do versículo, e naturalmente a Luz é Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Luz, Metáfora da*, quanto a um desenvolvimento da figura. O hebraico aqui é pitoresco: "Assim como as trevas, assim a luz". "Deus é a luz que,

embora nunca vista em si mesma, torna todas as coisas visíveis e reveste-se de cores" (Richter, *in loc.*). Cf. Jó 34.21,22. "Trevas e luz são a mesma coisa para Ele, por causa de Sua onisciência e onipresença" (Allen P. Ross, *in loc.*).

139.12

Até as próprias trevas não te serão escuras. Este versículo *expande* a *idéia do* vs. 11. Nenhuma forma de trevas, literal ou figurada, tem a menor oportunidade de ocultar a Deus ou de Deus. Yahweh faz a noite brilhar como o dia. Portanto, para Deus, a noite não tem a qualidade de ocultamento, como acontece aos homens. Nada está oculto de Deus, porque Ele conhece tudo e observa todos os lugares. "O que está oculto para nós, por causa de nossa ignorância, é perfeitamente conhecido por Deus, porque Ele vê com todo o Seu Ser, como também é todo-ouvidos, todo-sentimentos, todo-alma, todo-espírito, Ele é Tudo. Ele é infinito. Embora Sua essência seja inescrutável e indivisível, contudo Sua influência é difusa por todas as coisas. Oh, vós, sábios tolos! Yahweh, a fonte da perfeição eterna, é diferente de vossos credos. Ele é diferente de vós, que inventais credos que fazem um filete de amor atingir milhares — mas fazeis um *ódio* eterno, transbordante e irresistível avassalar milhões" (Adam Clarke, *in loc.*, com um míssil dirigido contra o calvinismo, que faz o amor de Deus realizar tão pouco neste mundo de trevas). A nota de Adam Clarke aqui parece bastante fora de lugar, mas devemos lembrar que o Deus onisciente e onipresente opera mediante Sua benevolência, e esse é um dos principais temas do salmo presente.

Kimchi afirma que Ele tem claro discernimento das coisas feitas na noite escura, como se elas fossem feitas no mais claro meio-dia. Cf. Jó 34.21,22.

O Senhor como Criador (139.13-18)

139.13

Pois tu formaste o meu interior. Cf. Jó 10.8-11. Deus, o Criador, formou as partes internas e misteriosas do homem, e é Deus quem controla o desenvolvimento do feto no ventre de sua mãe. Diz literalmente o hebraico, *rins*, que os hebreus consideravam a sede das emoções. Algumas versões traduzem essa palavra, em outros lugares, por "coração" (ver Sal. 7.9; 16.7; 26.2 e 73.21). Mas, considerando que o poeta via Deus a "costurar" o homem no ventre de sua mãe, então talvez seja melhor pensar nos rins como se falassem, genericamente, sobre todas as partes do feto em desenvolvimento. Faltando-lhe conhecimento científico e falando como poeta, o autor usou a figura de uma mulher costurando uma peça de tecido. Tal como uma mulher é habilidosa no trabalho de costura, assim também eles são habilidosos em "costurar junto o feto", uma excelente figura poética.

"Os hebreus acreditavam que os rins eram a primeira parte formada em um feto humano, pelo que essa declaração pode significar que Deus lançou os fundamentos do ser de um homem" (Adam Clarke, *in loc.*). Ou, em outras palavras, o poder divino é retratado como o *agente orientador* da formação do feto, que os homens atribuem às forças naturais, não muito bem definidas, até mesmo em nossos próprios dias. Na qualidade de Agente, Deus, como é óbvio, sabia tudo sobre o salmista, mesmo quando ele ainda estava em formação no útero de sua mãe. O que Deus conhece plenamente, nossa ciência continua tateando na busca pelo conhecimento, e nunca encontrará uma resposta aos mistérios da formação do feto, enquanto não reconhecer que há algo de operação divina nessa misteriosa criação. Deus inventou o processo, e deixou que as leis naturais o perpetuassem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Rins*.

139.14

Visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste. O poeta parou a fim de louvar e agradecer a Deus, que operou tão maravilhosamente na vida humana e cuja providência esteve presente, como continua presente hoje em dia. Um homem foi temerosa e maravilhosamente criado. Houve grande providência no processo: grande inteligência e poder estiveram em operação. A idéia do feto foi tremenda. A criação de um desígnio a ser realizado foi uma manipulação tremenda. Assim são *todas* as obras de Deus. O salmista chegou a saber algo sobre tais coisas e maravilhava-se diante de tudo. Sua alma recebeu iluminação divina sobre a questão, e sua mente obteve alguma compreensão.

Assim o poeta agora adicionava pensamentos sobre a *onipotência de Deus* aos pensamentos concernentes à Sua onisciência e onipresença. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Atributos de Deus*. Somente um Deus onipotente poderia ter realizado as obras maravilhosas que foram efetuadas. O poeta expandiu a idéia da maravilha do feto para as maravilhas da *criação em geral*. O Deus Todo-poderoso foi o Criador. Primeiramente, o salmista declarou o *particular*, a maravilha do feto; em seguida, declarou o *geral:* todas as obras de Deus na criação; em seguida, voltou ao *particular* (vss. 15-18); e então levou o parágrafo a um fim, ao reconhecer a *providência* divina na questão inteira: os pensamentos de Deus sempre *foram* benéficos; e *agora* são sempre beneficentes. Ele opera para dar e sustentar a vida, e para tornar a vida longa e próspera. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! As maravilhas criativas de Deus levam a mente humana a *temer* tão espantoso Poder, que as operou. Os homens quedam-se admirados diante da obra da criação e, quanto mais nossa ciência nos revela, tanto mais nossa admiração cresce. Todas as ciências seguem os pensamentos de Deus, e há muitas e notáveis descobertas ao longo do caminho. Verdadeiramente, a natureza é algo assustador.

139.15

Os meus ossos não te foram encobertos. O hebraico original diz literalmente assim, e os ossos são pintados como a base de todo o corpo, a estrutura da qual o resto depende. Cf. Sal. 6.2; 22.14,17; 31.10; 32.3; 102.2. O *corpo*, formado em torno dos ossos, não estava oculto para Yahweh. Seu Espírito, o agente de toda a operação, estava presente.

No oculto fui formado. Uma obra secreta estava ocorrendo em um lugar secreto, ou seja, no útero materno, evidente somente para Deus.

Nas profundezas da terra. Esta frase, bastante misteriosa, tem recebido certo número de interpretações. Considere o leitor os pontos seguintes:

1. Alguns estudiosos supõem haver aqui um reflexo do mito platônico de pessoas sendo formadas e alimentadas no ventre da terra (*República*, III, 414C-E), o que nos conduz a outros mistérios que poderiam ser subentendidos por meio dessas palavras.
2. Ou o poeta fala poética e delicadamente sobre o ventre de uma mulher. Naquele lugar, o feto estava sendo *formado em toda a sua complexidade*.
3. Alguns eruditos vêem aqui um indício da idéia da *preexistência*, que se tornou uma doutrina comum no judaísmo posterior. Isso, entretanto, quase certamente é um anacronismo neste ponto. A preexistência foi aplicada a almas no céu, e não a almas no *sheol*. Por outra parte, as partes inferiores da terra poderiam ser uma referência ao "mundo invisível". Contudo, é um anacronismo ver aqui a idéia da preexistência da alma. Provavelmente, essa é uma verdade com a qual o judaísmo posterior teria topado. A Igreja Ortodoxa Oriental tradicionalmente tem-se apegado a essa crença.

Provavelmente, a segunda dessas três posições é a correta. O poeta falava em linguagem poética sobre as operações escuras da natureza, seus enigmas, a formação do homem no *ovário* dos mistérios de Deus, realizados no *ventre de uma mulher*, se quisermos abordar de maneira crassa e literal a questão.

139.16

Os teus olhos me viram a substância ainda informe. O hebraico deste versículo é difícil, pelo que existem várias idéias e emendas a respeito, conforme demonstrará uma vista de olhos nas traduções deste versículo. O hebraico diz literalmente como segue:

> *Meu feto (literalmente, rolou) viu teus olhos,*
> *E no teu livro todos eles ficaram registrados;*
> *Dias foram formados, e nenhum deles neles.*
>
> (Tradução de Ellicott)

Meus amigos, não citarei aqui a Revised Standard Version, que me deixa quase tão confuso quanto o hebraico literal. A tradução da Imprensa Bíblica Brasileira dá um sentido excelente e suave, embora não seja, necessariamente, o que o hebraico queria dizer:

> *Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para mim.*

Todas as versões antigas fazem dos *dias das vidas dos homens*, ou os homens nascidos no decurso daqueles dias, o significado da última parte do versículo. Aqueles dias foram escritos no livro de Deus, por meio de conhecimento anterior, provavelmente para sugerir que esse conhecimento prévio funcionou em favor do homem, beneficiando-o. No livro de Deus, o homem já é um ser vivo, sendo favorecido por Sua providência, antes mesmo de vir à existência. O versículo parece apontar para alguma forma de *predestinação* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Jer. 1.5 (um trecho usado por alguns para ensinar a idéia de preexistência) e Rom. 8.28-30. Este versículo parece ensinar mais do que a simples idéia de que Deus já dera ao homem o número de dias que ele deveria viver, antes mesmo de seu nascimento. Antes, no número alocado de dias, a providência de Deus opera em favor do homem, dando-lhe o tipo certo de vida, de acordo com a vontade de Deus. Provavelmente, a idéia parece incluir este ensino: os passos de um homem bom são determinados pelo Senhor (ver Sal. 37.23). Cf. este versículo também com Mal. 3.16 e Sal. 6.8.

139.17

Que preciosos para mim, Senhor, são os teus pensamentos! Deus pensava acerca dos homens, e Seus pensamentos eram benéficos, realmente *preciosos*.

O número deles também era vasto, e cada um deles era um agente do bem. Este versículo, pois, torna-se uma ótima declaração sobre as operações da providência divina. Ver no *Dicionário* sobre *Providência de Deus*. "Quão frios e pobres são *nossos pensamentos* em relação a Deus! E quão indizivelmente amáveis e gloriosamente ricos são os *pensamentos Dele* para conosco. Cf. Efé. 1.18" (Fausset, *in loc.*). Muitos dos pensamentos de Deus são incompreensíveis para os homens, mas o que sabemos é que esses pensamentos são agentes do bem em prol dos homens. Ver Jer. 29.11; Sal. 40.17 e 31.19. Deus pensa no leitor hoje (um profundo pensamento) e todos os Seus pensamentos resultarão no bem para o leitor (um sentimento ainda maior). Naturalmente, isso importa em um elevado *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus criou e continua profundamente interessado em Sua criação, recompensando ou punindo, quando necessário, e intervindo na vida humana. Contrastar isso com o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*), que postula que, embora haja uma força criadora, ela abandonou a criação ao governo das leis naturais.

139.18

Se os contasse, excedem os grãos de areia. Os pensamentos de Deus que importam em benefício para os homens são mais numerosos que as partículas de areia em todas as praias do mundo. Visto que esses pensamentos são em tão vasto número, o trabalho que eles efetuam também deve ser grande, porque, como é óbvio, nenhum dos pensamentos do Senhor é anulado ou cai inútil por terra. O poeta continua aqui as suas descrições quanto às providências superlativas de Deus. A figura da *areia* é usada algures para indicar os filhos quase inumeráveis de Abraão ou de Israel (ver Gên. 22.17; 32.12; Osé. 1.10). Píndaro (*Olymp.* ode 2) criou uma interessante metáfora dizendo que *a areia foge* em números incontáveis, como sabe qualquer um que já esteve em uma praia. O oráculo pitiano jactava-se do grande número de grãos de areia nas praias do mar (*apud* Heródoto, *Clio,* sive 1.I. cl. 47). Arquimedes tentou provar que o número das partículas de areia não é infinito (*Vid. Turnebi Advers.* 1.26, cap. 1). Sem dúvida isso exprime uma verdade, mas se alguém tentar enumerá-los ficará impressionado com a soma quase infinita.

Contaria, contaria. Com estas palavras, o poeta quis dizer que, durante a noite, ele jazia deitado em seu leito, pensando sobre Deus e sobre todas as Suas obras maravilhosas em seu favor. Seus pensamentos estavam entremeados com esse assunto. E, ao acordar, sua mente continuaria trabalhando nas mesmas linhas. Cf. Isa. 26.9; Sal. 16.7 e 53.6.

> *Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo.*
>
> (Provérbios 6.22)

Esse provérbio fala da lei mosaica e de suas operações no homem, mas o poeta falava sobre os pensamentos providenciais de Deus, que emprestavam significado à sua vida. Durante a noite, em seus sonhos, e quando ele despertava, seus pensamentos se centralizavam em *Deus* e nos Seus muitos atos providenciais.

Imprecação contra os Ímpios (139.19-22)

139.19

Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso. O salmista agora mergulha de seus elevados e inspiradores pensamentos para o abismo das imprecações dos salmos de lamentação. A descida é tão rápida e radical que alguns intérpretes não acreditam que os vss. 1-18 e 19-22 originalmente pertencessem ao mesmo salmo, mas que algum editor posterior reuniu as duas porções, formando um único salmo. Outros estudiosos, porém, vêem na descrição da onisciência de Deus uma antecipação do que encontramos aqui. Deus sabe de todas as coisas, pelo que também sabia que o poeta era um homem inocente que estava sendo assediado por muitos inimigos, os quais queriam destruir-lhe a vida. Assim sendo, Deus vindicaria o inocente e julgaria o culpado. Os vss. 23-24 retrocedem à primeira parte, e os vss. 19-22 se parecem com uma introdução em um poema em tudo mais esplendoroso. Por outra parte, um homem, por si mesmo, é o mais elevado e o mais baixo, pelo que isso pode ter influenciado a composição das duas partes do salmo. "A natureza humana, mesmo quando santificada por uma profunda fé religiosa, algumas vezes exibe curiosas incoerências" (William R. Taylor, em sua introdução a este salmo). O poeta sagrado, ao erguer tão elevados e belos pensamentos, de súbito poderia ter lembrado de todos os pecadores, lá fora, que não tinham utilidade alguma para Deus. Por isso, parou de proferir maldição contra eles.

Desses cabo do perverso. O salmista queria que os pecadores morressem e orou para que algum acidente, enfermidade ou golpe divino espetacular tirasse os perversos da terra, de modo que eles sofressem de morte prematura, algo tão temido pelos hebreus. Visto que Deus estava prestes a golpeá-los, o poeta tomou coragem para dirigir-se a eles diretamente, dizendo que deixassem esta vida. Eram homens *sanguinários,* assassinos que tinham planejado contra a vida de inocentes (inclusive a vida do próprio salmista), pelo que mereciam o golpe divino súbito e final. Cf. as declarações de Apo. 16.6,7; 17.6 e 18.24. Ver também Mat. 7.23 e 25.34.

139.20

Eles se rebelam insidiosamente contra ti. Os adversários do poeta eram adversários de Yahweh. Não somente matavam vítimas inocentes, mas até desafiavam, iniquamente, ao próprio Deus. A King James Version diz que eles tomavam em vão o nome do Senhor, mas isso é uma interpretação inferior de um original hebraico um tanto incerto. Uma leve emenda do texto massorético resulta no texto que diz: "Os quais se elevam contra Ti, visando o mal". Com isso concorda a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira. A versão portuguesa Atualizada usa a tradução possível "falam malícia". Ver no *Dicionário* o artigo *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto ao texto hebraico padronizado das modernas Bíblias em hebraico. Alguns acham o uso do nome de Deus, ou a conversa sobre Deus, uma piedade hipócrita por parte dos pecadores, os quais ocultam assim seus maus desígnios e suas palavras mentirosas e hipócritas. Portanto, os intérpretes do Targum explicam este versículo como se envolvesse juramentos falsos e enganadores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Juramentos e Mentira (Mentiroso).*

139.21

Não aborreço eu, Senhor, os que te aborrecem? No momento em que proferiu sua imprecação, o poeta descobriu em seu coração ódio contra os que odiavam a Yahweh. Ele *se enojava* daqueles que, com tanta presunção, se erguiam contra Deus com palavras e atos vergonhosos. A Revised Standard Version diz *loathed,* correspondente ao "abomino" na nossa versão portuguesa. O salmista mergulhou na tristeza quando pensava sobre os pecadores que matavam e blasfemavam contra Deus. Ele os abominava. "Ninguém pode, ao mesmo tempo, amar ao Senhor e amar a Seus inimigos (Sal. 119.158)" (Fausset, *in loc.*). Esse sentimento, como é óbvio, fica aquém da elevada espiritualidade na qual os homens amam até mesmo seus inimigos (Mat. 5.44). Na verdade, porém, todos ficamos aquém dessa declaração.

> *Mas não devo eu odiar os teus odiadores, Yahweh, e sentir abominação pelos que te atacam?*
>
> (Tradução de Ellicott)

"Eles se rebelam contra Deus e contendem com Ele, o que é loucura e desvario. Isso é motivo de tristeza para os homens bons, por causa de sua insolência e impudência. Esses se expõem à ruína e à destruição" (John Gill, *in loc.*).

139.22

Aborreço-os com ódio consumado. O salmista não podia deixar de lado sua imprecação sem reiterar, uma vez mais, o seu ódio contra aqueles assassinos insolentes. Ele transformara o ódio em virtude; e assim pergunto: Quem de nós já não fez tal coisa, e com certa freqüência? De fato, nas igrejas evangélicas existem odiadores profissionais que fazem de seus atos maliciosos alegados atos de piedade. O hebraico literal aqui é "com perfeição de ódio". Na verdade, alguns homens pensam que seu estado superior e aperfeiçoado lhes dá licença para odiar. Esses podem encontrar textos de prova para suas atitudes, e outros homens, com eles parecidos, consideram-nos heróis. Alguns homens fazem do ódio ao próximo uma arte e vivem praticando a fim de que sua arte seja aperfeiçoada, porquanto a perfeição vem da prática.

> *Temos religião o bastante para odiarmos,*
> *Mas não o bastante para nos amarmos mutuamente.*
>
> (Jonathan Swift)

> *É muito difícil odiar o pecado de todo o coração,*
> *E, no entanto, amamos o pecador.*
>
> (Adam Clarke)

> *Além disso, é o* Odium Theologicum *(ver a respeito no* Dicionário*).*
>
> *Ó Deus, que carne e sangue fossem tão baratos!*
> *Que os homens viessem a odiar e matar,*
> *Que os homens viessem a silvar e decepar a outros*
> *Com línguas de vileza,*

... por causa de...
"Teologia".

(Russell Champlin)

O artigo geral intitulado *Ódio,* no *Dicionário,* adiciona detalhes e ilustrações a esses comentários. O ódio é o substituto do diabo para o amor de Deus: o diabo odeia; Deus ama.

Sondando e Conhecendo o Coração (139.23-24)

139.23

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração. O salmista acreditava-se inocente. E, se não fosse inocente, propunha uma sondagem divina que lhe revelasse no que ele havia falhado. E então ele corrigiria sua deficiência. A vida tem de ser totalmente exposta à onisciência de Yahweh, um grande tema deste salmo (vss. 1-6). O poeta não queria ser como os ímpios pecadores aos quais odiava e contra quem acabara de pronunciar uma imprecação causticante (vss. 19-22). Parte de sua operação para a busca divina era que ele fosse vindicado e libertado das calúnias e dos planos assassinos de seus inimigos. Não somos informados sobre como isso aconteceria, mas haveria uma forma de intervenção em seu favor.

O salmo começa com a palavra "sonda", descrevendo o fato de que Yahweh já havia feito o Seu trabalho de escrutínio. "O inevitável escrutínio foi convidado" (Ellicott, *in loc.*). Ou então o poeta pediu que isso fosse feito de novo, pelas razões apresentadas.

Os meus pensamentos. Esta última palavra foi usada apenas mais uma vez no Antigo Testamento, isto é, em Sal. 94.19, derivada do sentido básico de *ramos* ou *ramificações* e enfatizando os inúmeros pensamentos de um homem. Somente Deus poderia encontrar e compreender a todos eles.

139.24

Vê se há em mim algum caminho mau. A sondagem teria o propósito de descobrir qualquer *caminho mau* na vida do homem, do qual ele não tivesse consciência, porquanto lhe faltava o tipo de conhecimento que Yahweh possuia e métodos superiores de pesquisa. Quanto a caminho ímpio, o hebraico diz, literalmente, *caminho de dor,* o que, presume-se, significava um caminho que inevitavelmente levava à dor, por ser inerentemente errado. Uma vez libertado dos caminhos da dor, o homem poderia então ser guiado no *caminho eterno.* Consideremos os quatro pontos seguintes:

1. Alguns estudiosos pensam que isso significa o antigo caminho e cf. Jer. 6.16.
2. Além disso, a passagem teria a idéia de *bem firmado,* e naturalmente a lei, para a mente dos hebreus, era precisamente isso. Quanto ao que a lei mosaica significava para Israel, ver o sumário em Sal. 1.2. "Segundo o *antigo caminho,* o caminho no qual nossos antepassados *andaram...* o caminho certo pelo qual um homem deveria andar" (Adam Clarke, *in loc.).*
3. Um caminho que é "certo em todas as ocasiões" (William R. Taylor, *in loc.*). Isso significaria no passado, e por todo o tempo futuro, mas não apontaria necessariamente para o tempo depois do sepulcro, que conduz à vida eterna. Provavelmente, a teologia dos hebreus ainda não chegara ao ponto de ver o que existia para além do sepulcro, onde a alma imaterial encontraria um lar celeste. E mesmo que isso tivesse sido proposto, não é provável que seja a referência deste versículo. A palavra hebraica *'olam* significa basicamente oculto, fora da mente, contínuo, sem começo ou fim discernível.
4. Alguns intérpretes vêem aqui um presságio da posterior doutrina do caminho que leva a uma vida interminável, e alguns eruditos cristianizam abertamente o versículo, transformando-o exatamente nisso. Mas até mesmo um intérprete extremamente conservador, como Allen P. Ross, só encontra aqui a idéia de uma *vida prolongada.* Isso poderia significar que o poeta meramente orou pela longa vida e pela prosperidade que a legislação mosaica prometia (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Se o poeta não tinha esperança maior do que essa, isso não significa que outras passagens do Antigo Testamento e, especialmente, do Novo Testamento não tenham essa mensagem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vida Eterna.* Ver também vários artigos sobre *Imortalidade* (alguns deles científicos), na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

O Targum diz aqui: "Guia-me pelo caminho dos retos do mundo".

Salmo Cento e Quarenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação* típico, uma oração pelo livramento dos inimigos pessoais. Os salmos de lamentação começam com um grito desesperado pedindo ajuda; falam sobre os inimigos que estiverem sendo enfrentados, que podem ser nacionais ou pessoais; com freqüência proferem imprecações contra esses inimigos; e usualmente terminam em uma nota elevada de louvor e agradecimento, por causa da oração respondida ou que se esperava que em breve ser respondida. Alguns poucos desses salmos de lamentação omitem a palavra de agradecimento e terminam em uma nota de desespero, o que também tipifica a experiência humana. A maioria dos salmos de lamentação não é muito agradável; mas este é um dos mais ásperos do grupo.

"O homem bom do Antigo Testamento acreditava e odiava, pelo que orou fervorosamente pela morte de seus inimigos. Até o maior de todos os lamentadores, o profeta Jeremias, nem sempre se via isento dessa fraqueza humana na oração (cf. Jer. 18.19-23; 17.17,18), e quanto menos homens de menor calibre em Israel" (Willy Staerk, "Die Schriften des Alten Testaments in Auswahl"). "Em contraste, o homem bom, nas páginas do Novo Testamento, quando assediado por homens que planejam o mal, age de acordo com os princípios expressos em Rom. 12.14,17-21" (William R. Taylor, *in loc.*). Ver as palavras de Jesus em Mat. 5.44, que nos ultrapassam totalmente, porque *agimos* mais como os santos do Antigo Testamento, embora *falemos* como santos do Novo Testamento.

"O salmista proferiu severas imprecações contra os ímpios, que buscavam envenenar e prendê-lo com seus vários planos espertos. Ele proferiu aquelas imprecações na plena confiança de que o Senhor garantiria a justiça em favor dos aflitos, contra os ataques dos espertos. Essa é a substância de sua oração inicial" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. O subtítulo deste salmo é igual ao do salmo anterior. Ver as notas expositivas ali.

Um Apelo Feito a Yahweh (140.1-5)

140.1

Livra-me, Senhor, do homem perverso. *A maioria dos salmos de lamentação* clama a Deus, pedindo proteção contra *homens violentos* que puseram em movimento mecanismos homicidas; e este salmo não é exceção. A palavra "homem" é usada coletivamente porque em breve veremos que o salmista tinha vários inimigos que lhe ameaçavam a vida. O vs. 5 implica planos para matar, pelo que o salmista pleiteava por sua própria vida, e somente Yahweh tinha os recursos para libertá-lo do terrível perigo que ele corria.

140.2

Cujos corações maquinam iniqüidades. O verbo, antes usado no singular, agora é mudado para o plural, e aprendemos que os homens malignos em vista tinham esquemas malignos em operação, para *continuamente* arrebatar a vida de outros, corromper as coisas em seu coração e tentar trazer à realidade planos ímpios, que agitavam uma guerra particular contra o poeta sagrado. A *ocupação* deles era pensar e agir ousadamente. Cf. Sal. 56.6, que diz algo similar. "Eles viviam continuamente a incitar guerras. Essa é a situação descrita em Sal. 120.7" (Ellicott, *in loc.*). Compreendemos conflitos particulares de alguns poucos contra um só, e não um conflito nacional, pois descobriremos que inimigos *pessoais* estavam sendo descritos. São dados exemplos escriturísticos, como os cortesãos de Saul que planejavam contra Davi; os pecadores em lugares altos que planejavam a morte de Jesus; os inimigos da igreja primitiva que promoviam perseguições contra o Novo Caminho cristão. É impossível identificar historicamente as circunstâncias, mas os exemplos dados servem de ilustrações.

140.3

Aguçam a língua como a serpente. Figuras semelhantes a esta ocorrem em Sal. 10.7; 52.2; 58.4 e 64.3. Mediante um pequeno equívoco lógico, o salmista faz a língua afiar-se, em vez de suas presas; e, naturalmente, esse equívoco ocorreu porque aqueles homens malignos usavam a *língua* para danificar. Quanto ao abuso da linguagem, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.26; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.4; 101.5; 109.2; 119.172; 120.3,4 e 139.4. Este é um tema comum no livro de Salmos, e a maior parte de suas ocorrências aparece nos salmos de lamentação e como pronunciações contra os atos de homens ímpios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

Veneno de áspides. "Áspides" vem de duas palavras hebraicas que combinam as idéias de *rolar* e pôr-se de *emboscada.* Mas é impossível identificar a espécie exata de serpente, sendo provável que o poeta sagrado nem ao menos tivesse em mente uma espécie particular de cobra. Os inimigos do homem usa-

vam uma linguagem aguçada e destruidora. Os povos antigos não eram bons conhecedores de questões zoológicas, pelo que, se imaginavam que a *língua* das serpentes carregava veneno e era um instrumento destruidor, era uma boa idéia substituir as presas pela língua nas metáforas empregadas. Cf. Sal. 10.7, quanto ao veneno *debaixo dos lábios*. Não são fornecidos detalhes sobre a fala maliciosa dos pecadores, mas sem dúvida essa linguagem incluía calúnias mentirosas, e talvez *maldições* secretas, que os hebreus aceitavam como eficazes, especialmente quando acompanhadas por nomes divinos. Ver os vss. 9 e 11.

> *Maça, espada e flecha aguda é o homem que levanta falso testemunho contra o seu próximo.*
>
> (Provérbios 25.18)

Os que falavam coisas más tinham saído para desferir ferimentos mortíferos. Eles não se deteriam apenas nas maldições. Assegurariam que as maldições fossem cumpridas. Cf. Sal. 52.4 e 54.3. No Novo Testamento, ver Rom. 3.13, quanto à mesma figura. O Targum fala aqui sobre o veneno de temíveis *aranhas*.

(Selá). Ver as notas expositivas de Sal. 3.2, quanto a explicações sobre esta palavra.

140.4

Guarda-me, Senhor, da mão dos ímpios. O poeta sagrado precisava ser *guardado* por Yahweh, a fim de livrar-se das mãos destruidoras dos ímpios. Ele carecia que a sua vida fosse *preservada* de homens violentos. Este versículo mostra claramente que os ímpios eram assassinos. Eles não queriam apenas assediar. Ver Sal. 71.4, quanto a expressões similares.

Os quais se empenham por me desviar os passos. A vida do salmista seria completamente desordenada. Ele cairia em confusão total, e então eles o atacariam com suas presas, matando-o. Cf. esta parte do versículo com Sal. 66.3 e 118.13. O hebraico diz aqui, literalmente, "lançar para um lado os meus passos". "... levá-lo a tropeçar e cair, para que afundasse em desgraça" (John Gill, *in loc.*). Arama pensa estar em vista o *exílio* para Israel.

140.5

Os soberbos ocultaram armadilhas e cordas contra mim. Para os inimigos, o homem era apenas como um animal. Quem se importaria se ele fosse morto? Eles armaram armadilhas e espalharam redes, conforme os homens fazem para apanhar animais mais corpulentos e aves.

Na ansiedade para contar as severas provações que estava sofrendo, bem como as ameaças à sua vida, por meio das maquinações de seus inimigos, o autor sagrado usou três palavras diferentes para referir-se aos métodos usados pelos caçadores para caçar e então destruir os animais. É uma elaboração do que encontramos em Sal. 9.15. Ver também 141.9,10 e 142.3. Os inimigos do salmista eram perigosos e mortíferos (ver Sal. 140.3).

Armadilhas. Como se fossem covas abertas no chão.

Uma rede. Uma corda a esticava de um lugar para outro, perto de buracos com água e lugares onde os animais costumeiramente iam.

Ciladas. Armadilhas para animais que costumavam passar por lugares longe de áreas populosas. Cf. Sal. 31.4; 57.6; 64.5; 142.3. "Ele multiplicou termos sinônimos, para expressar toda espécie de planos maus contra ele empregados. Ao mesmo tempo, porém, apontou para o Senhor como Aquele que o livraria de todas essas coisas" (Fausset, *in loc.*).

(Selá). Ver Sal. 3.2, quanto a possíveis sentidos desta palavra.

Oh, Senhor, Frustra os Ímpios (140.6-8)

140.6

Digo ao Senhor: Tu és o meu Deus. *Yahweh era Elohim*, ou seja, o Eterno. Aquele que tem o *poder* de livrar. A situação do homem se havia desintegrado de tal maneira que ele sabia que somente uma intervenção divina poderia salvá-lo. A oração tornou-se sua única arma, sua única defesa. Sua oração transformou-se em uma *súplica*, um clamor e um apelo sincero. O nome divino, *Yahweh*, foi então repetido no final do versículo, porquanto o homem continuava a orar e a proferir os nomes divinos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes de*. Cf. Sal. 131.14 e, quanto à súplica, ver Sal. 28.2,6. Os homens aprendem por experiência que a oração funciona, em razão do que podem lançar mão dela em qualquer tempo de necessidade. Até mesmo homens profanos oram, quando a vida deles está sendo ameaçada.

140.7

Ó Senhor, força da minha salvação. Os mesmos nomes divinos são usados neste versículo tal como foram usados no versículo anterior; agora o poder divino foi chamado de *força da salvação* do salmista, ou seja, a força que poderia efetuar o *livramento* dos planos inimigos. Cf. Sal. 62.1,11. Impotente para salvar a si mesmo, o salmista voltou-se para o Salvador. O Senhor era um capacete para sua cabeça, em tempos de batalha. A cabeça é a parte mais vulnerável do corpo, quando ruge a batalha. Cf. Sal. 60.7 e I Sam. 28.2. A "guarda especial" do rei foi chamada de "guardadores da cabeça". "Deus cobria a cabeça dos guerreiros, isto é, provia-lhes o 'capacete da salvação' (ver Isa. 59.17 e Sal. 60.9)" (Ellicott, *in loc.*). Kimchi, Aben Ezra e Arama falam sobre o capacete da salvação. Ver Efé. 6.17, quanto à figura na qual está em vista a salvação evangélica. Neste salmo, a "salvação" aponta para o *livramento* da mão dos assassinos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Capacete*.

140.8

Não concedas, Senhor, ao ímpio os seus desejos. O poeta sagrado orou para que Yahweh não fizesse avançar os planos de seus adversários, porque, se o Senhor lhes prestasse ajuda, sua causa estaria perdida. Talvez ele estivesse pensando que seus problemas resultassem de uma espécie de julgamento divino ou, pelo menos, de indiferença. Ele precisava demais de Yahweh ao seu lado, como um agente ativo em sua defesa. Sabia que inimigos planejavam sua morte e mantinham-se em conluio para obter tal resultado. Portanto, o salmista orou para que Deus não ajudasse os ímpios em seus planos, mas, antes, os frustrasse. Cf. Sal. 27.12.

O hebraico literal diz: "seu plano para não fomentar — eles se elevam", isto é, exaltam a si mesmos, chegam até o nosso homem como um bando de matadores arrogantes. Por conseguinte, o poeta sacro orou para que se cortassem ao meio os planos de seus adversários, antes que fosse tarde demais. Rabinos, como Jarchi, e outros viram aqui o pedido de que Yahweh não permitisse que as coisas escapassem ao controle divino. Somente Deus poderia constrangê-los a não agir em harmonia com os planos malignos.

(Selá). Ver Sal. 3.2, quanto a explicações sobre este vocábulo.

Que o Mal Avassale os Meus Inimigos (140.9-11)

140.9

Se exaltam a cabeça os que me cercam. Temos agora as imprecações tão comuns nos salmos de lamentação. Yahweh foi invocado a pôr fim aos assédios e fazer com que aqueles ímpios pecadores descessem ao *abismo* (vs. 10), ou seja, *morressem*.

Diz aqui o hebraico original, literalmente: "aqueles que me cercam têm a cabeça levantada", ou seja, são assassinos arrogantes que não ouvem a nenhum apelo por misericórdia. Em vez do capacete da salvação, que cobre a cabeça de indivíduos inocentes (vs. 7), aqueles homicidas ímpios tinham o ludíbrio de seus próprios lábios como cobertura da cabeça. O que eles proferiram contra outros cairia sobre a própria cabeça deles. Cf. Sal. 7.16. O ludíbrio que eles haviam traçado com tanta diligência, acerca de outras pessoas, de súbito ricochetearia contra eles, que sofreriam as próprias maldições. Ver Eze. 9.10.

A cabeça. A palavra hebraica aqui usada pode significar *veneno* e, nesse caso, somos levados de volta ao vs. 3, o veneno da serpente. O veneno proferido voltaria para envenenar os faladores. Cf. Jó 20.14, quanto a esse uso. Arama, como também alguns poucos comentadores modernos, interpretou assim essa cláusula mas esse significado parece forçado neste ponto da escritura.

140.10

Caiam sobre eles brasas vivas. As *imprecações*, a partir daqui, tornam-se excessivamente violentas. Continuando com a idéia da *cabeça* de seus adversários a receber as maldições do versículo anterior, a cobertura da cabeça torna-se agora brasas vivas. Não podemos deixar de pensar em Rom. 12.20, onde as brasas sobre a cabeça dos inimigos faz o bem por eles! Mas o salmista queria que o bem os *cobrisse*, o que consistia na total destruição daqueles homens malignos, por meio de alguma praga divina, acidente, enfermidade etc., que lhes garantisse a morte prematura. O *agente* da morte deles seria o próprio Yahweh, que usaria algum plano arguto para realizar Sua vontade.

> *Que a injúria traga sobre eles brasas de fogo,*
> *Que sejam lançados no abismo,*
> *Para que não mais se levantem.*
>
> (Burgess)

Abismos. O termo hebraico aqui correspondente é empregado somente neste trecho bíblico, em todo o Antigo Testamento. Deriva-se de uma raiz que significa "ferver", e *redemoinhos* poderiam estar em mira, significando perigos traiçoeiros, dos quais os ímpios não poderiam escapar. Tendo caído nesses abismos, os adversários nunca mais viriam à superfície. Alguns rabinos e Jerônimo dão aqui *valetas,* e, se essa interpretação está correta, então um sentido diferente é frisado. Delitzsche fala dos *buracos* onde eram queimados homens, animais ou refugo. "Em primeiro lugar, eles os queimavam em abismos. Quando a carne era consumida, eles juntavam os ossos e os enterravam em caixões de defuntos". A forte linguagem do texto significa a *total destruição* dos inimigos do salmista. Cf. Sal. 18.12,13 e 120.4. *Arama ilustrou o texto referindo-se a Coré, o qual foi* engolido pelo chão (ver Núm. 16.30).

Este versículo tem sido espiritualizado e cristianizado para falar do julgamento contra os homens maus no Grande Abismo, o *sheol.* Ver Dan. 12.2 e Mar. 9.45.

140.11

O caluniador não se estabelecerá na terra. Aqueles caluniadores não seriam capazes de firmar-se na terra, continuando a viver, mandando em outros e destruindo a quem bem entendessem. Yahweh haveria de cortar suas carreiras ao meio e fatalmente. O mal (personificado) tornar-se-ia como um animal poderoso que os atacaria e, ao apoderar-se deles, os destruiria para sempre. Portanto, os caçadores (vs. 5) seriam caçados, e a matança que eles tinham planejado para suas vítimas os poria fora do caminho. Alguns pensam que o "caçador", neste caso, era o *Anjo do Senhor,* o correto e divino instrumento de Yahweh. Alguns intérpretes fazem o caçador ser o próprio Yahweh. Ao comentar sobre este versículo, o Targum fala do Anjo de Yahweh. O que fica claro nessa afirmação é que uma intervenção divina salvaria o salmista e mataria seus inimigos, com um acidente, uma enfermidade ou um ato homicida da parte de outros homens violentos.

Confiança no Senhor (140.12-13)

140.12

Sei que o Senhor manterá a causa do oprimido. O salmista queria vindicação da parte de Deus. Yahweh mostraria que o salmista era a parte inocente, e os seus inimigos é que eram culpados de crimes graves. É comum a conclusão dos salmos de lamentação exprimir confiança na vindicação do salmista. Vingança e vindicação eram questões importantíssimas. O homem pobre era afligido, e isso provavelmente não se refere à falta de recursos materiais, mas à exploração dos elementos mais débeis da sociedade por elementos poderosos. Cf. Sal. 9.4,16. Ver também Sal. 40.17; 70.5; 86.1 e 109.22.

> *Embora a Vingança faça alto, raramente ela*
> *Permite que aqueles miseráveis escapem,*
> *Cujos passos ela segue.*
>
> (Horácio, *Odes* iii.2)

140.13

Assim os justos renderão graças ao teu nome. Os justos (os pobres e aflitos; vs. 12) terão razão para regozijar-se e agradecer ao Senhor, pois suas orações por vindicação serão respondidas e os pecadores serão punidos. Eles agradecerão ao Nome de Yahweh, porquanto Seu poder realizou obras de justiça. Ver sobre *nome* em Sal. 31.3 e também no *Dicionário.* Ver sobre *nome santo,* em Sal. 30.4 e 33.21. Yahweh é o defensor da causa do homem justo e, finalmente, termina por cortar os pecadores desta vida.

Habitarão na tua presença. Consideremos os seguintes pontos:

1. No culto do templo, onde a presença de Yahweh abençoava e onde ocasionalmente brilhava a *shekinah* (ver no *Dicionário*), isto é, a glória de Deus.
2. No *favor* de Deus, chamado de Sua presença.
3. Na oração (em qualquer lugar onde ela fosse oferecida), quando um homem entrava na presença de Deus, conforme diz o Targum ao comentar sobre este versículo.
4. Este versículo é cristianizado para falar da presença de Deus, no céu, o lar final dos retos. Cf. Sal. 16.11; 61.7 e 102.28. Na presença de Deus, o poeta podia encontrar paz, o que contrastava com os assédios sofridos da parte de seus adversários.

> *No segredo de Sua presença, minha alma deleita-se em ocultar-se. Oh, quão preciosas são as lições que aprendo ao lado de Jesus. Os cuidados terrenais jamais me poderão vexar, nem as provações me poderão abater.*
>
> (Ellen Lakshmi Goreh)

"O conforto da presença de Deus não se devia a uma convicção súbita. Uma vez, no passado, Deus tinha coberto a sua cabeça com o capacete da salvação (vs. 7). A paz perto de Deus não é algo que ocorre por acidente ou por coincidência. Os mesmos benefícios aconteceriam sempre e sempre, não em favor de alguns poucos escolhidos, mas em favor de todos os que se voltam para Ele" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Salmo Cento e Quarenta e Um

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento de *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de um frontispício do saltério. Ali apresento dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* uma oração que pede o livramento de inimigos pessoais. Os salmos de lamentação são, de longe, o maior grupo dos salmos. Tipicamente começam com um clamor urgente pedindo ajuda; descrevem os inimigos que estão sendo enfrentados, pessoais ou nacionais; proferem imprecações contra eles; e então terminam com uma nota de louvor e agradecimento, *porque a oração feita foi respondida, ou porque o salmista crê que em* breve o será. Este salmo tem uma distinção acima de outros de sua classe. Possui maior espiritualidade em seus pedidos, visto que não apenas requeria vingança contra os inimigos (outros homens), mas também pedia livramento das tentações espirituais que uma comunidade ímpia lhe apresentava. Por outro lado, os vss. 9 e 10 são típicos dos salmos de lamentação que clamam por vingança contra inimigos pessoais. Portanto, pode ser melhor dizer que os inimigos em vista são tanto as tentações projetadas contra ele, por parte de homens ímpios, quanto os próprios ímpios. O salmista estava servindo lealmente a Deus e, quando era oprimido especificamente por causa disso, pode ter sido tentado a dizer: "De que adianta a minha piedade? Ela só me rende dores".

Os vss. 3-5 mostram a influência da sabedoria judaica posterior, e isso implica uma data pós-exílica, quando tal tipo de literatura cresceu dentro do judaísmo. Parece haver reflexões de Ahikar e do livro de Provérbios (vs. 4 com Ahikar, 2.16); vs. 5 com Ahikar 73; Pro. 9.8; 27.6; vs. 6 com Pro. 8.7). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria,* segunda seção, quanto a informações sobre a *Literatura de Sabedoria.*

Subtítulo. Ver a introdução ao Salmo 139. As notas explicativas dadas ali também se aplicam a este salmo.

Apelo Enviado a Yahweh (141.1-2)

141.1

Senhor, a ti clamo, dá-te pressa em me acudir. O apelo deste salmo é típico dos salmos de lamentação. O homem atravessava séria tribulação, pelo que clamou para que Yahweh se apressasse em acudi-lo. Ele solicitou que Yahweh *ouvisse* sua oração, e não se mostrasse indiferente para com a questão que o afligia. Quanto à aparente *indiferença de Deus,* ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4 e 82.1. Quanto ao *clamor* endereçado a Yahweh, ver Sal. 17.6. Quanto ao ato de *apressar-se,* ver Sal. 22.19; 31.2; 70.5 e 71.12. Quanto ao apelo para que *Yahweh o ouvisse,* ver Sal. 32.2 e 140.6. Como é fácil de averiguar, todos os elementos deste versículo têm paralelos em outros salmos e são típicos dos salmos de lamentação. Deve ter havido um fundo comum de afirmações e escritos literários dos quais dependiam os salmos. Essas coisas tinham em comum tanto a fé quanto a literatura. Ademais, Yahweh era Aquele a quem todas essas coisas apelavam.

141.2

Suba à tua presença a minha oração, como incenso. A referência à oração e ao incenso identifica o tempo regular da oração vespertina. O sacrifício feito era à tardinha, conforme este mesmo versículo informa. "O sacrifício referido é a oferta de cereais ou *minhah,* regularmente oferecido tanto pela manhã como à tardinha (ver Êxo. 29.39-41; Núm. 28.4-8), juntamente com o *incenso* (Jer. 41.5; Lev. 2.1; 6.14 e 15). Era costume fazer orações nessa ocasião (ver I Reis 18.36; Esd. 9.5; Dan. 9.20,21) e este salmo sem dúvida era proferido durante a realização dos ritos sacrificiais" (William R. Taylor, *in loc.*).

O erguer de minhas mãos. Temos aqui um importante gesto de oração, no qual os braços eram mantidos levantados com a palma das mãos voltada para o alto, como se a pessoa quisesse receber o que Deus estivesse disposto a conceder; era o gesto de um filho para seu pai; era o gesto do homem necessitado que não tinha suprimento próprio; era o gesto de um homem dependente. Aristóteles manifestou-se a respeito de como os gregos oravam, com braços levantados e as mãos abertas, em posição de súplica (Vid. *Barthii. Anima.,* em *Claudian ad Rufin,* 1.2, vs. 205).

Os homens são melhores do que as ovelhas ou as cabras,
Se nutrirem uma vida cega dentro do cérebro,
Se, conhecendo a Deus, não levantarem as mãos
em oração,
Tanto por si mesmos como por aqueles a quem chamam de
amigos.

(Tennyson)

Orando pela Obtenção de Coração Reto (141.3-4)

141.3

Põe guarda, Senhor, à minha boca. Os pecados da língua certamente são teimosos e universais em sua prática. Os salmos dizem muito sobre o uso apropriado da linguagem. É possível que, primariamente, este pedido se refira a declarações desleais acerca de Deus e de Seus caminhos, com a aprovação (verbal) do que os pecadores diziam e faziam. Existem pecados de blasfêmia, mentira, perjúrio, maldição, calúnia e muitos outros, que são perpetuados pelos homens que falam demais e não resguardam a língua. Quanto ao uso da fala e o uso apropriado da linguagem, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 55.21; 64.4; 66.17; 73.9; 94.1; 101.5; 109.2; 119.172; 120.3,4; 139.4 e 141.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da*, que oferece declarações e poesias ilustrativas.

Guarda. A alusão, neste caso, é à guarda policial postada nos portões das cidades e nas muralhas, para manter fora da cidade tudo o que era daninho.

A porta dos meus lábios. Cf. Miq. 7.5. Xenócrates dizia: "Tenho-me arrependido muitas vezes por ter falado, mas nunca por ter guardado silêncio". Ver Sal. 39.1,9.

Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são primeira: É verdade?
Em seguida: É necessário?
Em tua mente fornece uma resposta veraz.
E a próxima é a mais estreita: É gentil?
Se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres,
Qual seja o resultado de tuas palavras.

(Beth Day)

141.4

Não permitas que o meu coração se incline para o mal. A *boca* precisa ser resguardada do pecado (vs. 3), e outro tanto acontece ao *coração*, o homem interior, a fonte dos atos externalizados. É o coração que é atraído pelas coisas más; ele se volta para o mal antes que os pés comecem a trilhar o caminho da concretização. O coração recomenda "Faz isso!", e logo o homem está ocupado em praticar feitos malignos. O coração é a inclinação e o desejo mau. O coração é a fonte dos *motivos*. O coração é de onde manam as concupiscências que se ocultam até que surja oportunidade para um pecado franco. O homem que peca francamente em breve estará caminhando com os que praticam coisas idênticas, pelo que tal homem começa a andar no caminho dos pecadores. E, uma vez nessa companhia, estará banqueteando-se com eles, comendo suas gulodices, bebendo seu vinho, dançando suas danças e, de modo geral, já terá sido transformado em um deles. O santo tornou-se um pecador, e teve cumprimento a antiga declaração que afirma: "Aves com as mesmas penas se ajuntam" (provérbio do século XVI).

É melhor andar só do que com más companhias.

(Provérbio do século XV)

"Não inclines o teu coração a nenhuma maldade, porque o coração é a sede dos pensamentos e da vontade, ou seja, a fonte primária do que os lábios proferem e a comissão de atos maus, através da impiedade. O salmista estava sendo tentado a passar para a companhia de pessoas prósperas mas ímpias, abandonando seu caminho estreito" (William R. Taylor, *in loc.*, com algumas adaptações). Mais adiante, esse comentador mostrou-nos que ele reconhecia que tais tentações eram *armadilhas* nas quais um homem bom podia cair (vs. 9). Nenhum homem passa por esta vida sem cair nas muitas armadilhas que lhe são armadas por indivíduos ímpios e pela iniqüidade. Mas um homem bom não tem como modo de vida tais ardis. Ele escapa das armadilhas e continua seu caminho, seguindo por uma trilha superior. O homem que mantém companhia com os iníquos começa a imitar a sua maneira de viver. Chega mesmo a desfrutar o modo de conduzir-se dos ímpios, a liberdade de fazer qualquer coisa que quiser, e acabará comendo de todos os seus frutos proibidos. Sem dúvida, os judeus posteriores desculpavam sua participação nos ritos pagãos ou nos banquetes imorais por inúmeras justificativas. Mas o poeta sagrado não queria tornar-se um homem que apresentava *desculpas*.

O Targum fala sobre as canções alegres das festas pagãs, que eram tão atrativas. Além disso havia sempre o vinho, as mulheres e as danças, tudo revestido de uma força de atração a que poucos homens conseguiam resistir. Cf. Pro. 23.1-6. Os ímpios prosperavam em seus caminhos jubilosos mas pecaminosos, e isso, por si mesmo, poderia ser um ímã que atraía os outros para o estilo de vida ímpio. Ver Sal. 73.10, que abriga a mesma idéia.

141.5

Fira-me o justo, será isso mercê. Este versículo contém em sua segunda cláusula algumas expressões hebraicas difíceis, mas a primeira cláusula é de fácil compreensão. O poeta queria que um justo o *ferisse*, se ele se afastasse do caminho reto. Nesse caso, o golpe ou a repreensão do justo seria um *favor* ao salmista. A palavra para "ferir" aqui é usada para indicar golpes com o martelo, em Juí. 5.26. Ver também Isa. 41.7.

Será como óleo sobre a minha cabeça. Esta cláusula é obscura no hebraico. Alguns intérpretes pensam que o poeta continuava a falar do *homem bom*, a cometer seu ato disciplinador, algo que seria como uma excelente unção com azeite. Em contraste com as pancadas, essa unção não *partiria* a cabeça do homem bom. A Revised Standard Version segue a Septuaginta e diz: "Que o óleo do ímpio nunca venha como unção sobre a minha cabeça". Isso produz um bom paralelismo, mas não podemos ter certeza de que a idéia está correta. A versão portuguesa fica essencialmente com a primeira idéia. A segunda idéia tem um excelente sentido: "Eu acolheria a repreensão do justo, mas rejeitaria até mesmo o óleo festivo oferecido pelo ímpio" (Ellicott, *in loc.*). Ou então as coisas são conforme disse William R. Taylor: "É muito melhor sofrer os ferimentos da correção do que ter a cabeça ungida com os óleos perfumados que os ímpios derramam sobre a cabeça dos convivas, em seus banquetes (cf. Sal. 132.2 e Luc. 7.46)".

A terceira linha também é difícil, embora pareça querer dizer: "... continuarei a orar contra os feitos dos ímpios".

141.6

Os seus juízes serão precipitados penha abaixo. Este versículo também está prenhe de obscuridades que têm forçado os intérpretes a emendas e adivinhações. Ele pode ser entendido como uma imprecação contra os juízes injustos, desejando que eles fossem lançados despenhadeiro abaixo, para morrerem em terreno pedregoso lá embaixo, a fim de que o ímpio tivesse medo de tal tratamento e começasse a sentir como eram doces as palavras de Yahweh. Em resumo, os que observassem o fim sangrento dos juízes reformariam a sua conduta. Outro sentido possível é que, quando os ímpios de modo geral (e não especificamente apenas juízes) fossem entregues àqueles que os julgassem ou condenassem, aprenderiam que a palavra de Yahweh é veraz, porquanto requer e obtém justiça e castigo apropriado. As versões portuguesas ficam com a primeira das duas significações possíveis.

Agradáveis. Esta tradução da versão Atualizada é melhor em relação a outras traduções portuguesas, que dizem aqui "verdadeiras", o que arruína a figura do versículo, pois a palavra está ligada ao termo "iguarias", no vs. 4. "Esta expressão é irônica. Os ímpios, quando têm seu poder quebrado, em vez de se deixarem entreter pelo poeta, em um banquete licencioso, ouvirão as palavras *dele* e escutarão da parte dele um *cântico agradável*" (Ellicott, *in loc.*). Para eles, as palavras de repreensão do homem seriam como um acepipe delicioso, embora, na realidade, sejam o contrário, isto é, *amargas*, porque o poeta está falando ironicamente.

141.7

Ainda que sejam espalhados os meus ossos. Consideremos os seguintes pontos:

1. Este versículo pode ter o propósito de mostrar a qual fim horrendo os ímpios chegarão. Assim como alguém corta lenha ou despedaça pedras, os ossos dos ímpios serão espalhados à entrada da sepultura, isto é, sem um sepultamento decente.
2. O original hebraico diz aqui *nossos ossos*, em cujo caso a declaração pode ser mórbida, mostrando a sorte de todos os homens. Por outro lado, o Códex Alexandrino (Septuaginta) diz "seus ossos". Isso pode representar a mudan-

ça de um texto difícil, o texto verdadeiro, para um texto mais fácil, que salva os homens bons de compartilhar da mesma sorte que os ímpios. Como é óbvio, o autor sagrado aponta para um *fim,* por ocasião da morte. Ele não estava olhando para o além-túmulo, para uma vida posterior, nem dos bons nem dos maus. A história do homem terminaria à entrada do sepulcro, onde seus ossos seriam espalhados.

3. Há uma *terceira explicação.* Talvez o poeta estivesse tecendo referências a algum massacre acontecido aos justos. Eles tinham sido mortos, e os ímpios nem ao menos se deram ao trabalho de sepultar os corpos. Assim sendo, os ossos dos homens justos ficaram na boca dos potenciais sepulcros, desordenadamente. Por atos horrendo como esse, os ímpios certamente serão punidos, e, quanto a esse castigo, o salmista continuava invocando a Yahweh (vs. 10).
4. Uma *quarta explicação* fala do terrível ato dos ímpios como um *assédio,* que, *figuradamente,* deixou os indivíduos bons à beira da morte.

Quando se lavra e sulca a terra. Temos aqui uma interpretação. Se ela está certa, então a figura simbólica seria a de um arado, o arado dos ímpios, que corta a terra tão profundamente a ponto de desenterrar os ossos dos justos, espalhando-os à boca de seus sepulcros.

Sepultura. No hebraico original encontramos a palavra *sheol,* com o sentido iniludível de sepultura. É muito difícil ver como os ossos dos homens podem ser espalhados à boca do submundo, a menos que *ossos espalhados* formem uma figura para falar da *destruição total* de uma pessoa. Se foi pretendido o sentido figurado, poderíamos ver aqui que os ímpios haviam assediado de tal modo os justos a ponto de levá-los à beira do submundo dos espíritos, ou ao sepulcro, tal como o ato de espalhar os ossos de mortos mostra que esses mortos foram totalmente destruídos. Sal. 129.3 fala no ato de arar como uma imagem de aflição.

Em Ti Busco Refúgio (141.8-10)

141.8

Pois em ti, Senhor Deus, estão fitos os meus olhos. Os ímpios queriam deixar a vida do salmista *destituída,* pelo que o salmista clamou para que Yahweh não permitisse que isso acontecesse. Os olhos do poeta sagrado fixaram-se em Yahweh por ser Ele a *esperança.* Yahweh é aqui *Elohim,* ou seja, o Poder adequado para a concretização desse pedido. Sua *confiança* estava posta sobre o Poder divino. Ver como essa palavra é usada em Sal. 2.12. "Meus olhos estão fixados em Ti, em todos os lugares, em todos os tempos, em todas as ocasiões" (Adam Clarke, *in loc.*).

Não desampares a minha alma. O original hebraico diz aqui, literalmente: "minha alma está nua". A mesma expressão hebraica está por trás de "derramamento do sangue", onde reside a vida física (ver Isa. 53.12). "... destituído de bens diários, de ajuda e assistência, do Espírito Santo e da graça de Deus, e não despido ou impotente, mas, antes, cercado pelo poder onipotente e pela graça; não me deixes ser apanhado por meus inimigos nem ser morto (Isa. 53.12). O Targum diz aqui: "Na Palavra do Senhor confio. Não deixes a minha alma vazia", isto é, fora do corpo, pois, conforme observou Aben Ezra, é a alma que preenche o corpo" (John Gill, *in loc.*).

Quero viver acima do mundo,
Embora os dardos de Satanás sejam lançados contra mim;
Pois a fé apanhou o som jubiloso,
O cântico dos santos em terreno mais elevado.

(Johnson Oatman Jr.)

141.9

Guarda-me dos laços que me armaram. Este versículo é uma virtual reiteração de Sal. 140.5, onde ofereço notas expositivas. Ali temos três palavras que indicam as armadilhas postas pelos homens, enquanto aqui temos duas palavras. Ver também 142.3, um trecho bíblico similar. O vs. 4 dá-nos a essência sem a figura dos ardis preparados pelos ímpios. Estão em foco os *hábitos pecaminosos* de homens maus e, talvez, seus *planos para prejudicar.* Cair nas armadilhas deles seria compartilhar da sua destruição (vs. 6). O hebraico literal aqui é um tanto estranho: "Guarda-me das *mãos* do ardil" (onde o autor misturou as metáfora das *mãos* e das *armadilhas*). Cf. Isa. 47.14. Yahweh livra os que Lhe pertencem de tais coisas (Sal. 124.7).

Na transgressão do homem mau há laço, mas o justo canta e se regozija.

(Provérbios 29.6)

Ver também Osé. 9.8; II Tim. 2.26.

141.10

Caiam os ímpios nas suas próprias redes. Os ímpios caçadores que tentam apanhar outras pessoas em seus maus hábitos e planejam contra a vida delas experimentarão o ferrão da *Lex Talionis* (a lei que demanda que os criminosos sofram conforme seus crimes; ver no *Dicionário*). Essa lei funciona em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver também no *Dicionário*). Quanto a esse desejo expresso na conclusão do salmo, ver declarações semelhantes em Sal. 7.15,16; 9.15 e 35.8. As armadilhas estão preparadas ali, mas Yahweh protege o homem bom, e o resultado disso é que o homem "passa por cima dessas armadilhas de maneira segura" (Noldius) e não sofre nenhum prejuízo ou dano. Mas o homem ímpio, em um momento de descuido, cai em sua própria armadilha, e isso é o seu fim.

Salmo Cento e Quarenta e Dois

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* que é, de longe, o grupo mais numeroso dos salmos. Levanta uma oração pedindo livramento de inimigos pessoais. Esse tipo de salmo segue um padrão típico: há um clamor urgente pedindo ajuda; em seguida, são descritos os inimigos enfrentados, que podem ser pessoais ou nacionais. Usualmente há imprecações contra esses adversários e então o salmo termina com uma elevada nota de agradecimento, pois a oração foi respondida ou o salmista espera que o seja em breve. Alguns poucos salmos de lamentação terminam com uma nota de desespero. Ver Sal. 31.9-12; 38; 88; 123, quanto aos salmos de desespero.

Homens ímpios, com práticas e plano malignos, tentaram prender o homem em sua armadilha (vs. 3). O homem teve de buscar o refúgio divino (vs. 5). Ele fora posto em uma prisão literal ou figurada (vs. 7). Este salmo termina com um louvor potencial, e o homem continuava esperando livramento. Alguns estudiosos pensam que o "cárcere" era a caverna onde Davi se ocultou quando fugia de Saul (I Sam. 22.1), mas isso é pura fantasia.

Subtítulo. Ver as notas na introdução ao Salmo 139 que também se aplicam aqui. Esse grupo de salmos — 138 a 145 — forma uma pequena seção atribuída a Davi, embora não tenha o mesmo tema. O salmo presente é chamado de *masquil* (instrução), composto por Davi, supostamente quando ele estava na caverna de Adulão (ver I Salmo 22.). Editores posteriores adicionaram comentários, os quais, entretanto, não fazem parte do original e, portanto, não têm nenhuma autoridade canônica.

O Apelo a Yahweh (142.1-3)

142.1

Ao Senhor ergo a minha voz e clamo. Encontramos aqui uma típica oração feita a Yahweh, que tem sido vista repetidamente nos salmos de lamentação. O homem clamou por ajuda porque estava desesperado e não tinha quem o ajudasse além do Ser divino. Ele levantou *súplicas* intensas. O salmista acreditava na oração porque já havia testado esse método e descobrira sua eficácia. Assim sendo, na noite escura de sua provação, ele apela novamente para a oração como arma de defesa e ataque, a fim de ser aprovado nos severos testes da vida. Sal. 141.1 é bastante parecido com o presente apelo; e as notas dadas ali também se aplicam aqui. O clamor subentende um grito em voz alta. Tais súplicas não eram proferidas em silêncio ou em baixos tons de voz. Cf. Sal. 55.7; 61.1 e 102.1. "Até mesmo as *expectações* silenciosas e espirituais de todos os crentes são gritos lançados a Deus" (Hilário); mas aquele homem mostrou-se vociferador, porque estava atravessando um tempo de angústia profunda. Cf. Sal. 30.8 e 3.4.

142.2

Derramo perante ele a minha queixa. A oração foi uma *queixa,* porquanto o poeta estava sendo assediado por pecadores ímpios. Sua oração foi uma *declaração melancólica* que exprimia queixa contra seus opressores. Ele atravessava *tribulação* por causa dos opressores que estavam dispostos a destruí-lo. Sua oração foi copiosa, porque ele a *derramou* como se esvaziasse um grande vaso cheio de líquido. A mesma palavra hebraica é usada com um sentido similar em Sal. 42.4 e 62.8. Alguns ligam a questão à fuga de Davi de Saul. Embora inocen-

te, Davi enfrentava um poder assassino; e assim tinha razão para apresentar queixas contra as injustiças sofridas. Entretanto, os aramaísmos contidos neste salmo apontam para uma data pós-exílica, enquanto as tribulações de Davi ilustram a questão, pois o poeta era um homem pobre como o que estava sofrendo seu próprio conjunto de injustiças.

142.3

Quando dentro em mim me esmorece o espírito. O espírito do poeta estava *esmorecido, avassalado, de boca atada*, segundo diz, literalmente, o hebraico. Ele estava amarrado dentro de uma situação sufocante. Não via saída para sua situação. *Todas as veredas* estavam carregadas das *armadilhas* preparadas pelos ímpios. Quanto a esse simbolismo, ver Sal. 140.5, onde encontramos três palavras que significam "armadilha"; e também Sal. 141.9, onde temos duas palavras com esse significado. O pobre homem sofria numerosas tribulações, o que o punha em uma situação potencialmente desastrosa. Por conseguinte, ele pediu que Yahweh lhe mostrasse uma saída segura. Somente a Mente divina sabia como livrá-lo daquela situação aflitiva, mostrando-lhe a vereda certa.

Nunca estive assim, nem orei para me liderares,
Eu gostava de escolher e de ver minha vereda,
Mas agora, guia-me Tu.

(John Henry Newman)

Cf. Sal. 1.5 e Jó 23.10. O homem vinha andando pelo *caminho reto* (R. Moses, Aben Ezra e Kimchi), mas agora esse caminho fora bloqueado, e todas as veredas nas quais ele podia pensar continham armadilhas escondidas pelos ímpios. Yahweh, pois, tinha de abrir um *novo caminho* para ele.

142.4

Olha à minha direita e vê. *A Difícil Situação do Salmista.* O poeta oferece agora uma metáfora militar. Um soldado carregava seu escudo com a mão esquerda, e segurava sua arma de ataque com a mão direita. Visto que a mão direita estava ocupada com uma arma de ataque, isso deixava seu lado direito *indefeso*. Um soldado importante teria um escudeiro que protegeria seu lado direito, mas o soldado de infantaria teria de preocupar-se em proteger o seu lado direito de ataques que partissem desse lado. O salmista, pois, era como um soldado comum, indefeso, pelo que tinha de invocar a Yahweh para defendê-lo naquela hora crítica. Ninguém prestava atenção a ele com o intuito de ajudá-lo. E *nem ele tinha um refúgio no qual pudesse abrigar-se em segurança. Portanto, ele* pediu com urgência que Yahweh fosse o seu *refúgio*. Quanto a esse simbolismo, ver Sal. 46.1, onde ofereço notas expositivas e referências. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Refúgio*, quanto a detalhes.

Oh, vós de pequena fé,
Deus ainda não vos decepcionou!
Quando tudo parece escuro e tristonho,
Logo vos esqueceis.

Estais esquecidos de que Ele vos tem guiado,
Ele tem gentilmente limpado o vosso caminho.
Sobre as nuvens Ele tem derramado Sua luz do sol,
E transformado vossas noites em dia.

(Annie Johnson Flint)

Não há quem não me reconheça. Este é um grito de desolação. O homem não contava com amigos ou aliados que o ajudassem contra seus adversários. Ele teve de pleitear diante de Yahweh para que o Senhor fosse a sua porção (vs. 5). Ninguém estava presente para salvá-lo, para consolá-lo, para dar-lhe orientação. Ver Sal. 22.11; 38.11; 88.18.

Renovação do Apelo (142.5-7)

142.5

A ti clamo, Senhor. Renovando o apelo, o poeta repete a petição de que Yahweh fosse o seu refúgio, sobre o que comento no versículo anterior. Em seguida, ele também solicitou que Deus fosse a sua *porção na terra*, a sua herança, o bem de sua vida, aquilo que emprestaria valor à sua vida, visto que nenhum homem se importava com a sua alma. "... porção, das mais excelentes é Ele, uma porção grande, imensa e inconcebível, com todas as Suas perfeições e benefícios, com Suas promessas e bênçãos; um Deus que satisfaz a alma, que jamais poderá ser diminuído nem arredado do caminho, nem consumado; Ele é uma porção para esta vida presente, bem como para a vida vindoura, enquanto esta vida perdurar, por ocasião da morte e então para todo o sempre (Sal. 73.26)" (John Gill, *in loc.*). Os levitas não herdaram terras, mas tinham Yahweh como herança. Ver Núm. 18.20. Assim sendo, o salmista ocupava o lugar privilegiado dos ministros, caso Yahweh lhe concedesse o que ele pedia. Cf. Sal. 16.5; 31.3; 73.26 e 119.57. Cf. também Lam. 3.24.

O salmista continuava implorando que Yahweh fosse seu protetor e livrador. Sempre é cedo demais para desistir.

Nunca cedas diante de tuas tristezas,
Nunca desistas.
Confia no Senhor,
Confia no Senhor.

(Fanny J. Crosby)

142.6

Atende ao meu clamor. Nosso homem, oprimido por seus inimigos, sem contar com um único amigo humano, continuava clamando a Yahweh, porquanto tinha sido reduzido a uma *condição baixíssima*. "Apóia-te no Senhor; habita nas profundezas de Seu amor; o Senhor será contigo; nunca desistas" (Fanny J. Crosby). Os inimigos do poeta sagrado eram fortes demais, pelo que ele precisava de uma intervenção divina que assumisse a forma de livramento, provavelmente salvando-o de planos covardes que seus adversários arquitetassem. "Nunca estive eu tão perto da ruína total" (Adam Clarke, *in loc.*). Seus inimigos eram mais fortes que ele, mas não mais fortes que o Poder divino, Yahweh-Elohim. Ver Sal. 7.1 e 115.24. Somos fortalecidos em nossa debilidade porque podemos apoiar-nos nos Braços Eternos. Ver I Cor. 1.25. Os inimigos do povo de Deus com freqüência são mais fortes. Ver Jer. 31.11; Efé. 6.12. Saul dispunha de *3.000 homens* escolhidos, que saíram para matar Davi, enquanto Davi contava somente com 600 homens em seu pequeno exército, pelo que estava claro quem era o mais forte, excetuando a presença salvadora de Yahweh.

142.7

Tira a minha alma do cárcere. Consideremos aqui os pontos seguintes:

1. Não se trata do purgatório, como alguns supõem, desesperados por encontrar textos de prova em favor dessa doutrina. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Purgatório*.
2. Também não se trata da caverna na qual Davi se ocultava de Saul, quando sua vida estava sendo ameaçada (I Sam. 22.1).
3. Talvez o poeta sagrado tivesse sido lançado em uma prisão literal por seus inimigos, que poderiam vir executá-lo a qualquer momento que quisessem.
4. O mais provável é que a palavra tenha sido usada em sentido figurado, para indicar aflições severas e opressivas. Cf. Sal. 143.11.

Para que eu dê graças ao teu nome. Em sua aflição, o homem só podia mesmo clamar pedindo ajuda. Se fosse liberado de sua grande provação, estaria ansioso para louvar a Yahweh e contar a todos sua experiência pessoal. Provavelmente ele iria ao templo para oferecer sacrifícios formais de ações de graças e para tomar votos. E então, naquele lugar público, outros homens bons também se postariam ao lado dele, dando graças a Deus, que trata tão graciosamente com os homens. E o poeta serviria de lição objetiva do indivíduo que muito fora humilhado, afligido por muitas tribulações e, no entanto, vencera pelo poder de Deus.

Se Deus o tem ajudado até este ponto,
Ele o deixará agora desapontado?
Não continues duvidando,
Entrega a Ele o teu caminho.
Confiaste Nele no passado,
E Ele é exatamente o mesmo hoje em dia.

(Annie Johnson Flint)

"José é o tipo de Israel em tribulação. Assim como ele foi tirado do cárcere para sentar-se entre príncipes, o mesmo acontecerá com Israel (Sal. 105.17-22)" (Fausset, *in loc.*).

... **me rodearão.** Homens bons formariam uma *coroa* ao redor dele, conforme é sugerido pelo hebraico, literalmente. Ele estava rebaixado, mas fora levantado tão alto. Homens de Deus se reuniriam em volta dele, ouvindo falar de sua boa sorte e de que a graça divina tinha vindo sobre ele. Eles ouviram que Yahweh "o havia recompensado" (Tigmol). A oração é realmente poderosa.

O Targum diz aqui: "Por minha causa, os justos farão para Ti uma coroa de louvores", o que é um excelente toque de espírito. Yahweh realizou a tarefa, pelo que também adquiriu a coroa.

Salmo Cento e Quarenta e Três

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico existente no início do comentário do livro, que forma uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *salmo de lamentação,* uma oração que pede o livramento das mãos de inimigos pessoais. Esse tipo de salmo tipicamente começa com um grito desesperado pedindo ajuda; descreve o inimigo que estava sendo enfrentado, sem importar se pessoal ou nacional. Usualmente aparecem imprecações contra os inimigos e então os salmos terminam em um ponto alto de louvor e agradecimento, porquanto a oração fora respondida ou porque o autor sacro esperava que a resposta divina já estivesse a caminho. Alguns poucos salmos de lamentação terminam em desespero; e isso também faz parte da experiência humana. Quanto a salmos de lamentação e desespero, ver Sal. 31.9-12; 38; 88 e 123. Este salmo encerra um fervoroso grito pedindo livramento de inimigos pessoais que ameaçavam a vida do salmista. O homem tinha perdido o seu caminho, talvez por causa de pecados que se intrometeram na questão, além das severas provações que estavam sendo experimentadas. Seja como for, na liturgia cristã, esse salmo foi escolhido como um dos sete chamados *salmos penitenciais* (6; 32; 38; 51; 102; 130 e 143), visto que as palavras se aplicam facilmente a um homem quebrantado por causa do pecado, que buscava restauração. O vs. 2 pode indicar que havia um problema de pecado para o poeta, e não apenas um problema de perseguição.

Este salmo tomou por empréstimo vários trechos de outros salmos, mostrando que havia um fundo comum de literatura de onde o salmista tirou proveito. O fato de que o autor sagrado mostrasse ter conhecimento de tantos outros salmos sugere uma data posterior para esta composição. Seu desenvolvimento superior do senso de pecado em relação às tribulação pode indicar uma data posterior em relação à maioria dos salmos.

Paralelos: vs. 1 (17.1; 39.12); vs. 3 (7.5; 88.6; Lam. 3.6); vs. 5 (77.5,11,12); vs. 6 (63.1); vs. 7 (27.9; 28.1); vs. 8 (25.1,2,4); vs. 9 (31.15; 142.6); vs. 11 (25.11).

Subtítulo. Ver a introdução ao Salmo 139, quanto a comentários sobre o subtítulo, visto que temos a mesma coisa encabeçando ambos os salmos, excetuando-se que aqui não há menção ao fato de o salmo ter sido entregue ao *regente do coro,* a fim de ser executado.

Um Apelo a Yahweh (143.1-2)

143.1

Atende, Senhor, à minha oração. Cf. Sal. 17.1 e 39.12. O autor sagrado fez empréstimos de vários salmos. Ver sobre *Paralelos,* na introdução a este salmo. Note o leitor o *triplice* clamor: Atende... (ver Sal. 64.1, onde dou notas expositivas e referências); dá ouvidos... (ver Sal. 5.1; 17.1,6; 31.2; 39.12; 45.10; 54.2; 71.2; 80.1; 84.8 e 102.2); e responde-me (ver Sal. 36.5; 40.10; 89.1,2,5,24,33; 92.2; 119.75,90). Na *lealdade constante* é que o Deus do pacto ouve e responde às orações dos membros do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18). O apóstolo João viu na fidelidade de Deus bases para o perdão de pecados por Ele concedido (ver I João 1.9; ver também Sal. 65.5).

Este versículo tem sido cristianizado para indicar o perdão de pecados na missão de Cristo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Fidelidade* e *Perdão.*

143.2

Não entres em juízo com o teu servo. O salmista *sentiu o seu pecado,* e talvez esse fosse um fator das perseguições que o atingiram. Portanto, ele pediu que Yahweh não fosse muito exato no escrutínio de sua vida e nos Seus julgamentos, pois, se assim fosse, quem poderia resistir? O homem pediu certa medida de graça.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do perdão obtido no sangue de Cristo, na missão divina por Ele realizada, em Sua *expiação* (ver a respeito no *Dicionário).*

Cf. o apelo deste homem aos apelos de Jó, o qual não podia atribuir seus sofrimentos ao pecado, visto que era um homem inocente. Há muitos casos em que o pecado não pode ser lançado na conta do sofrimento humano. Os homens sofrem coisas más perpetradas pela má vontade do homem, ou seja, o *mal moral.* E os homens também sofrem com os abusos da natureza, como inundações, terremotos, incêndios, enfermidades e a morte, isto é, o *mal natural.* Portanto, pergunto, por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Ver no *Dicionário* sobre *Problema do Mal,* um artigo que trata a questão e tenta oferecer algumas respostas.

O pecado, contudo, é um grande assunto. Não fora a misericórdia do Senhor, todos seríamos consumidos por Ele (ver Lam. 3.22).

> *O mérito vive entre homem e homem,*
> *Mas não entre um homem, ó Senhor, e Tu.*
>
> (Ellicott)

Cf. Rom. 3.20, que parece estar escudado nesta passagem, mas onde Paulo adiciona as palavras "por obras da lei". O salmista, como é natural, teria em vista a lei e as obras da lei, em qualquer versículo que falasse sobre o pecado e a justificação diante de Deus. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei mosaica significava para os santos do Antigo Testamento. A lei era penetrante em seu discernimento quanto à natureza do pecado e pronunciava toda espécie de maldições contra os infratores. Portanto, o poeta não pensava que poderia permanecer na presença de Deus a menos que alguma medida da graça fosse aplicada. Os ensinos paulinos sobre a justificação alicerçavam-se sobre a promessa da *necessidade* da graça divina e sobre um caminho de justificação diferente do que o proposto no Antigo Testamento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Justificação.*

O salmista, entretanto, não estava falando sobre a justificação da alma, mas somente sobre a condenação divina e a libertação do homem do castigo pelo pecado na vida terrena. O judaísmo posterior aplicava versículos como este à justificação da alma. Mas isso é anacrônico aqui.

A Situação do Salmista (143.3-4)

143.3

Pois o inimigo me tem perseguido a alma. Os inimigos do salmista estavam muito atarefados na tentativa de prejudicá-lo. Perseguiam sua alma, e sua própria vida estava sendo ameaçada. Eles já o haviam derrubado por terra e o observavam para administrar o golpe fatal. O homem já fora posto em temíveis trevas da alma, uma crise da qual dificilmente escaparia novamente. A "escuridão", neste caso, é a morte potencial. A alusão é ao *sheol,* onde estão atualmente os mortos, e que, neste caso, representa apenas o sepulcro, onde não há nem luz nem vida. O autor sagrado não temia ir para o inferno, no sentido evangélico.

> *Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos,*
> *nos abismos.*
>
> (Salmo 88.6)

"Em lugares tenebrosos como alguém eternamente morto" (Hengstenberg). O poeta não demonstrou crer que um homem fosse a algum lugar depois da morte física. Essa idéia *começou* a aparecer nos salmos e nos profetas, foi desenvolvida nos livros pseudepígrafos e apócrifos, do período intertestamentário e, depois, mais ainda, nos livros do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver *Imortalidade.*

Devemos fazer a ligação mental entre os vss. 3 e 2. O castigo recebido por uma pessoa se deve, pelo menos parcialmente, ao pecado. Seus inimigos talvez sejam instrumentos de Yahweh para produzir purificação. Cf. o vs. 3 a Sal. 7.5 e 88.6. Ver também Lam. 3.6.

143.4

Por isso dentro em mim esmorece o meu espírito. O espírito do salmista desmaiava dentro dele, e seu coração estava estupefato pelo que lhe acontecia. Talvez nosso homem precisasse receber algum castigo por motivo do pecado, mas a sede de sangue de seus inimigos tinha levado as coisas longe demais. O salmista não fizera coisa alguma que merecesse o que ele estava experimentando. Deus não podia ser acusado por tão monstruoso tratamento. O poeta estava "estupefacado", que é o sentido que temos no original hebraico (ver Isa. 59 .16; 63.5; Dan. 8.27). A Septuaginta e a Vulgata Latina trazem um termo mais brando, "agitado". John Gill (*in loc.*) fala do salmista como alguém que estivesse sob a *providência divina,* e isso talvez seja parcialmente verdadeiro. Devemos lembrar, contudo, que existem *causas secundárias* que nos são maléficas, e não apenas o julgamento divino. Os hebreus, em sua maioria, falavam em Deus como a *causa única,* pelo que até a maldade que os homens provocavam tinha de ajustar-se, de alguma maneira, a essa causa única. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias. Há muitas coisas que acontecem no mundo que absolutamente nada têm que ver com Deus e Suas operações.

Reflexos das Misericórdias Passadas de Deus (143.5-6)

143.5

Lembro-me dos dias de outrora. O salmista caiu em certa meditação mórbida sobre os "bons dias antigos", na tentativa de aliviar os sofrimentos presentes. "Ontem" o homem fora abençoado por Deus. Ele poderia lembrar toda espécie de bons acontecimentos do passado, que conservaram sua vida doce e digna de ser vivida. Ele recordava o que a mão divina fizera em seu favor, no dia de ontem, e

admirava-se com o que tornara sua vida tão amarga. Tudo isso é muito humano, e as pessoas geralmente ocupam-se de tais exercícios, especialmente quando ficam mais idosas. No passado, o homem tinha vivido pela vista. Ele fora testemunha de muitos acontecimentos significativos que o favoreciam, e dava a Deus todo o crédito por essas coisas. Agora tentava insuflar alguma fé em tais memórias, a fim de que o passado pudesse repetir-se no futuro, pelo menos até certo ponto. Talvez as *obras* incluíssem aquelas realizadas pela providência de Deus, sobre a natureza e sobre Israel, e não apenas as que tinham sido feitas especialmente em seu benefício. Se ele conseguisse abarcar com sua visão a *grandeza de Deus,* poderia sentir que algo grande ainda lhe ocorreria. Cf. Sal. 77.5,11,12.

143.6

A ti levanto as mãos. O espírito debilitado do salmista tinha revivido o suficiente, por sua meditação sobre vitórias passadas (vs. 5), a ponto de poder soerguer-se do chão e exprimir ainda outro apelo a Yahweh, em busca de ajuda. Por conseguinte, ele assumiu a postura de oração, estendendo os braços e erguendo a palma das mãos para cima, em atitude de súplica. Quanto a essa postura de oração, cf. Sal. 141.2, onde comento a questão. Visto que a oração sempre funcionara, o salmista continuava orando.

O poeta sacro buscava a Yahweh qual *terra sedenta*; mas não devemos supor que essas palavras se concentrassem apenas sobre aquela qualidade espiritual, com a pura intenção de obter alguma coisa para ele mesmo. A expressão reflete profunda espiritualidade, conforme verificamos em Mat. 5.7, que diz algo similar. A *fome* e a *sede* são impulsos básicos e falam de coisas necessárias para a vida diária; assim também a espiritualidade é algo necessário para a vida diária. Cf. Sal. 63.1, que se parece muito com o presente versículo, sem duvida porque o salmista o copiou dali. Ver sobre *Paralelos* na introdução ao salmo presente quanto aos vários empréstimos que o escritor sagrado fez de outros salmos.

"Como uma terra ressequida e sedenta, queimada pelo sol, anela pela chuva, assim a minha alma sedenta anela pelo Deus vivo" (Adam Clarke, *in loc.*). "Deus está mais disposto a enviar chuvas espirituais refrigeradoras que o coração humano está disposto a recebê-las" (Ellicott, *in loc.*). O homem precisava livrar-se de seus inimigos, com *urgência,* razão pela qual sua oração era tão urgente. Isso fazia parte de sua busca por Deus de modo tão fervoroso, pois, afinal de contas, o homem queria conservar-se vivo. Mas isso não esgotava a totalidade de suas razões para buscar a Deus daquela maneira.

Selá. Quanto aos possíveis sentidos desta misteriosa palavra, ver Sal. 3.2.

143.7

Dá-te pressa, Senhor, em responder-me. Este versículo depende de Sal. 27.9 e 28.1. A invocação dirigida a Yahweh foi repetida tendo por base o vs. 1 deste salmo, onde o conceito é anotado. Quanto a Deus a *ocultar-se* do homem, ver Sal. 69.17, onde apresento notas expositivas e referências. Quanto à aparente *indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28 e 36.3. Quanto ao ato de descer à cova, ver o vs. 3 e Sal. 9.15; 28.1; 30.3,9; 40.2; 55.23; 69.15 e 88.4,6. Está em pauta o *sepulcro.* O poeta não se preocupava com um julgamento pós-vida. Ele queria escapar da morte prematura às mãos de seus inimigos.

> *O homem desaprova e a deidade me rejeita,*
> *O hades pode conferir às minhas misérias*
> *um abrigo,*
> Por isso, mantém aberta contra mim
> *A sua boca faminta.*
>
> (William Cowper)

O salmista se sentia tão descoroçoado que nem ao menos pensava que o hades haveria de querê-lo! Pelo menos o poeta podia acreditar que seria retirado da cova, se Yahweh agisse prontamente.

"Queremos que nossas orações sejam respondidas *imediatamente.* Não podemos compreender a paciência do Senhor... Não permitiríamos que um filho ou um irmão continuasse a sofrer, se pudéssemos intervir. Devemos apanhar a fruta antes que ela amadurecer. Devemos realizar nossas operações antes do tempo determinado. Falamos quando deveríamos calar, mas devemos fazer alguma coisa!" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Dá-te pressa. Cf. Sal. 102.2 e 69.17.

Cova. Diz aqui o Targum "a casa do sepulcro", ou seja, a cova da destruição, a morte física, quando, após o último suspiro, o corpo físico é deitado em um sepulcro.

143.8

Faze-me ouvir pela manhã da tua graça. O poeta sagrado queria agora ouvir ansiosamente, pela manhã, uma cântico sobre o *constante amor* de Deus. Ver em Sal. 136.1 esse tema muito repetido nos salmos. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* Nesses dois lugares ofereço anotações e declarações ilustrativas e poemas, pelo que não repito aqui o material. O homem que *confia* (comentado em Sal. 2.12) atrairá esse amor, uma vez que tenha passado a noite escura. Então, quando as coisas se aprimorarem, uma novo *caminho* será mostrado. Por todos esses benefícios, o homem *elevará sua alma* a Yahweh, em oração. Cf. o vs. 6, quanto às mãos "levantadas" em oração. Quanto ao "caminho", ver Sal. 37.5. Ver também Sal. 5.8; 25.1,2,4,5. E ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Caminho.*

Jarchi, ao comentar sobre este versículo, falou em redenção, e Kimchi falou em salvação. Isso traz à tona conceitos do judaísmo posterior, e alguns intérpretes cristãos destacam o cântico da redenção e a esperança cristã da salvação.

Pela manhã. "Isso simboliza a alvorada da esperança e da salvação" (Ellicott, *in loc.*).

143.9

Livra-me, Senhor, dos meus inimigos. Em meio a elevados pensamentos e petições, o poeta sagrado mergulha de novo ao nível em que seus inimigos atacavam e ameaçavam sua vida. Nenhuma de suas elevadas aspirações poderia *tornar-se realidade se Yahweh negligenciasse suas orações.* O salmista *apelava* ao Senhor para ocultar-se de seus adversários. Ver sobre *refúgio* em Sal. 46.1 e no *Dicionário.* Arama disse: "Escondi-me em Ti", o que nos faz lembrar do antigo hino que diz:

> *Oh, salvo na Rocha que é mais alta do que eu,*
> *Minha alma em seus conflitos e tristezas deveria voar;*
> *Tão pecador, tão cansado, Teu, Teu somente quero ser.*
> *Tu, bendita Rocha dos Séculos, oculto-me em Ti.*
>
> (William O. Cuching)

A extremidade do homem é a oportunidade de Deus".

(John Gill, in loc.)

Cf. Sal. 31.15 e 142.6, de onde o versículo foi essencialmente tomado por empréstimo.

144.10

Ensina-me a fazer a tua vontade. "O livramento e, se possível, o livramento *imediato* é desejável. Porém o mais importante de tudo é conhecer e amar a vontade de Deus, bem como dispor-se a submeter-se à sabedoria divina" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

O ensino, com base no Antigo Testamento, alicerça-se na lei, pois ela era o manual dos hebraicos quanto a todas as coisas. Mas o Espírito coopera com Sua iluminação, e esse é um dado muito importante. Precisamos do conhecimento dos livros sagrados, mas também precisamos da *iluminação* do Espírito. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Não sabemos dizer quão perto da doutrina do Espírito de Deus o salmista estava chegando, mas é seguro que ele se dirigia para a revelação do Novo Testamento. Combinando o conhecimento com a iluminação, o salmista seria levado à "terra da retidão" (King James Version). Mas a melhor compreensão aqui gira em torno do *nível da vereda,* mediante a qual o autor olha de volta para o vs. 8, o *caminho* que ele estava seguindo. Cf. Deu. 4.43, que fala do *planalto.* Ver Jer. 48.21. O homem fala de *tranqüilidade,* sem as subidas e descidas radicais da vereda que ele vinha trilhando. Ver também Isa. 26.10 e Sal. 27.11. Nessa nova vereda plana, o homem estaria *livre das armadilhas e dos ardis dos homens ímpios.* Ele estaria em *segurança,* conforme diz o Targum.

A versão siríaca faz a vereda conduzir à vida eterna, ao céu e à felicidade eterna, a vereda que leva ao mundo onde habitam os justos. O texto tem sido cristianizado para indicar o estado final da glória (ver II Ped. 3.13). Quanto a isso, "o Espírito de Deus é o Líder e o Guia de Seu povo" (John Gill, *in loc.*).

> *Que este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre: ele será*
> *nosso guia até à morte.*
>
> (Salmo 48.14)

143.11

Vivifica-me, Senhor, por amor do teu nome. Depois de nova ascensão para um alto pensamento espiritual, o poeta sagrado, uma vez mais, mergulha no seu vale de tribulações, onde permanece até o final do salmo. Ele clama nova-

mente para que Yahweh preserve a sua vida. Ele havia tido belos pensamentos e altas aspirações, mas o fato era que sua vida continuava em perigo. Seu novo apelo baseava-se na *retidão* de Yahweh, e ele queria dar a entender que sua causa era *justa:* embora ele tivesse pecados que precisassem ser remediados, não merecia o tratamento brutal que estava recebendo de seus inimigos e certamente não merecia a morte prematura. Ele precisava que sua alma (vida) fosse livrada da tribulação, ou essa tribulação significaria o seu fim. "Vivifica-me, pois sou como um homem morto, e minhas esperanças estão quase mortas dentro de mim" (Adam Clarke, *in loc.*). "Em tua justiça, ou seja, em consonância com o fato de que és o campeão do direito, preserva a minha vida" (William R. Taylor, *in loc.*).

Por amor do teu nome. O homem bom, a salvo da morte prematura, continuaria louvando Yahweh, espalhando Sua fama e falando de Sua bondade, ainda por longo tempo, e isso seria vantajoso para o Seu *nome* entre os homens. Ademais, o nome de Deus representava tanto a justiça quanto a misericórdia, e essas coisas seriam fomentadas pelo amoroso tratamento dispensado ao pobre homem. "Por amor da Tua própria glória, que tens demonstrado ser o Deus da bondade amorosa" (Fausset, *in loc.*). Ver sobre *nome* em Sal. 31.3, e sobre *nome santo,* em Sal. 33.21. E ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Nome.* Cf. Sal. 25.11.

143.12

E, por tua misericórdia, dá cabo dos meus inimigos. Para finalizar este salmo, o poeta sagrado volta-se agora para amargas *imprecações.* Ele queria que Yahweh aplicasse o Seu *amor constante* em favor dele, e *aniquilasse* completamente, isto é, *cortasse* os seus inimigos. Ele queria vê-los *destruídos* e sem remédio. Ver Sal. 136.1, quanto ao *amor constante.* Isso deveria ser aplicado ao salmista, porquanto ele era *servo* de Yahweh. Ele tinha servido e continuaria servindo, mas para tanto precisava continuar vivo.

"Esse amor santo é nossa esperança em cada era. Ele é mais poderoso do que o mal, e é adequado a todas as nossas necessidades. A própria morte não pode vencer esse amor santo" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Como é óbvio, essas palavras acerca dos homens maus não concordam com as palavras do gentil Jesus: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem". Somente Jesus poderia ter amado aqueles que, então, já procuravam matá-Lo. Cf. Sal. 18.40 e 54.7.

Salmo Cento e Quarenta e Quatro

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo parece ser a combinação de outros dois, ou seja, de dois tipos de salmos. Os vss. 1-11 são um *salmo real de lamentação,* no qual o rei ora para ser libertado de seus inimigos. Os vss. 12-15 mudam completamente de assunto e são uma oração em favor de um ano próspero. Esse segundo salmo era originalmente um salmo de bem-aventurança, no estilo de um hino de sabedoria. Pode ter sido o fragmento de um hino um tanto parecido com o Salmo 146. É possível que originalmente as duas partes bastante distintas fossem composições de um único autor e formassem uma única composição. Nesse caso, teríamos de supor que o rei, uma vez libertado de seus adversários, quis exprimir a confiança de que o Senhor também faria Seu povo aproveitar as bênçãos divinas de alguma maneira especial.

O rei era um rei guerreiro, conforme sucedia à maior parte dos reis antigos, pois os melhores matadores é que galgavam as mais altas posições políticas. Naqueles dias de brutalidade, uma das principais virtudes era matar os inimigos, e os mais habilidosos nesse mister naturalmente eram os mais bem-sucedidos na política. Era tudo uma questão de matar ou ser morto. Deus, ou os deuses, quase sempre obtinha o crédito por fortalecer o rei guerreiro. As vitórias eram dadas pelo Senhor. Foi assim que o rei deste texto (que o subtítulo diz ser Davi) agradeceu a Yahweh pela força que lhe fora dada ao subjugar os inimigos. Apesar de ter reconhecido que o homem é pequeno em si mesmo (vs. 3), contudo era necessário que ele pedisse forças para a destruição dos inimigos de Israel. Pela vitória recebida, o rei agradeceria de todo o coração (vs. 9).

Há Muitos Empréstimos Neste Salmo. Os *paralelos* são como segue: vs. 1 (18.46 e 18.24 — os dois empréstimos foram feitos nessa ordem); vs. 2 (18.2,47); vs. 3 (8.4); vs. 4 (39.5,6); vss. 5-8 (18.9-17; ver 104.32, quanto à segunda parte do vs. 5); vs. 9 (33.2,3); vs. 10 (18.50). Como é óbvio, o autor estava bem familiarizado com a literatura litúrgica.

Subtítulo. Ver a introdução do Salmo 139 na seção chamada *Subtítulo.*

Apelo Pedindo o Livramento de Inimigos Estrangeiros (144.1-11)

144.1

Bendito seja o Senhor, rocha minha. Os vss. 1-11 são perfeitamente distintos dos vss. 12-15, e as duas unidades podem ter sido, originalmente, salmos separados. Ver a introdução, anteriormente, que comenta sobre isso.

O *rei guerreiro* invocaria a ira de Yahweh contra os seus inimigos, mas antes de tudo bendisse a Deus por ter-lhe dado forças para ser um bom rei, guerreiro e matador. Ele tinha aprendido as artes bélicas, e isso era considerado uma virtude. Naqueles tempos brutais, o rei era o melhor guerreiro, o homem capaz de matar mais inimigos do que qualquer outra pessoa. "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (I Sam. 18.7). E isso era dito como elogio, e não com horror. O nome do jogo era "Mate ou seja morto", e os matadores eram os sobreviventes. Este versículo revisa eficientemente o poder de matar, ao passo que o vs. 2 passa em revisão sucessos passados.

Este versículo repousa sobre Sal. 18.46 (primeira parte) e sobre Sal. 18.34 (segunda parte). Mãos habilidosas eram treinadas para guerrear; dedos habilidosos eram treinados para combater. Uma boa luta era um jogo de habilidades ensinado divinamente. "Deus é homem de guerra e ensina a arte da guerra, tal como ensinou a agricultura e outras coisas. Ver Êxo. 15.3 e Sal. 18.34" (John Gill, *in loc.*, contendo noções primitivas que dificilmente se adaptam ao Deus do Novo Testamento). Deus era chamado de *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*).

144.2

Minha misericórdia e fortaleza minha. Vários títulos foram atribuídos a Deus, que dera forças e habilidades ao rei guerreiro para sujeitar vários povos ao seu controle: *Rocha* (ver as notas em Sal. 42.4), o que, para alguns comentadores, seria a origem do amor constante (comentado em 136.1); *Fortaleza* (ver Sal. 18.3; 31.3; 71.3 e 91.2); *Libertador* (ver Sal. 18.2; 40.17; 70.5 e 140.7); *Escudo* (ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8; 89.18; 91.4; 115.9 e 119.114). Todos esses títulos falam de proteção, livramento, poder de vencer as batalhas, poder de sujeitar povos e de mantê-los em sujeição. Quanto aos *oito* povos que Davi ou aniquilou ou confinou, ver II Sam. 10.19. Quanto à *guerra santa,* ver Deu. 7.1-5; 20.10-18.

Cf. Sal. 18.2,47, sobre o qual este versículo repousa. Quanto a vários *empréstimos* e/ou paralelos, ver a introdução ao salmo sob o título *Há Muitos Empréstimos Neste Salmo.* O autor sagrado extraiu materiais de um fundo de literatura litúrgica que ele conhecia bem.

Quem me submete o meu povo. Assim dizem alguns manuscritos hebraicos, ao passo que outros apresentam *meus povos,* com o que concordam as versões siríaca e árabe, assim como o Targum. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Povos estrangeiros tinham-se tornado o povo ou os povos dele, por direito de conquista militar. Está em pauta mais do que Israel, como é óbvio, visto que o rei guerreiro não precisava guerrear para conquistar os israelitas.

A Transitoriedade do Homem (144.3-4)

144.3

Que é o homem para que dele tomes conhecimento? O *rei guerreiro* contempla as suas grandes realizações, mas percebe que o Poder real em tudo era Yahweh-Elohim, por ser Ele o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*). Portanto, até mesmo um homem poderoso como o rei nada era em si mesmo. Este versículo é paralelo a Sal. 8.4, que o autor sacro tomou por empréstimo com algumas alterações. Ver as notas naquele texto, quanto a informações que também se aplicam aqui. "Davi perdeu-se na admiração da graça divina que fez abundar amor sobre alguém tão frágil e insignificante. Ver II Sam. 7.18,19; Isa. 55.8" (Fausset, *in loc.*). "O homem é apenas uma criatura, feita do pó da terra, uma criatura pecaminosa, que sorve a iniqüidade como a água; e, no entanto, o Senhor o conhece e estende Sua providência sobre ele" (John Gill, *in loc.*).

Este versículo é citado em Heb. 2.6, que é acompanhado por outras citações (extraídas do Salmo 8) aplicadas a Cristo em Sua humilhação.

144.4

O homem é como um sopro. Um homem é apenas um *sopro* de vento; é apenas uma *sombra,* vai e vem com os movimentos das nuvens e do sol, ou é lançado por um pássaro em seu vôo. "Como pode o Senhor, que é tão grande, interessar-se em qualquer das raças humanas que, quando muito, são apenas essas coisas?" (William R. Taylor, *in loc.*). Que Deus dá atenção a tão frágeis criaturas é prova de Sua *magnanimidade,* outra significativa qualidade divina. Esse pensamento inspirava o salmista a fazer pedidos ousados e a seguir ao Senhor. Cf. Sal. 42.9; 39.5,6; 102.11 e 103.15.

A jactância da heráldica, a pompa do poder,
E toda aquela beleza, toda aquela riqueza
Espera juntamente por aquela hora inevitável.
As veredas da glória levam somente ao pó.

(Thomas Gray)

Este versículo descansa sobre Sal. 39.5,6. "Pode ser a humildade do guerreiro que atribui todo o sucesso a Deus, e não à capacidade humana, ou pode ser um reflexo proferido sobre os cadáveres de camaradas que caíram durante o combate, ou talvez, pode ser uma mistura das duas coisas" (Ellicott, *in loc.*).

Oração Pedindo uma Teofania (144.5-8)

144.5

Abaixa, Senhor, os teus céus, e desce. O *rei guerreiro,* tão triunfante nas vitórias que Yahweh lhe havia dado, sabia que precisava de outros triunfos que consolidassem e expandissem as suas fronteiras. Quanto a isso, ele carecia de uma intervenção divina direta, na forma de *teofania* (ver a respeito no *Dicionário*), alguma manifestação incomum de Deus, Sua *shekinah*, Seu Anjo. Ele aludia ao que acontecera no monte Sinai, quando a legislação mosaica foi dada ao povo de Israel. Ver Êxo. 19.18. O autor usou a linguagem clássica aplicável a tais eventos, dependendo de Sal. 18.9-17 e 104.32. Se Deus ao menos tocasse nas montanhas, estas esfumaçariam (Sal. 104.32), porquanto as árvores seriam queimadas a fogo e as rochas se derreteriam. Talvez as montanhas simbolizassem as forças que se opõem a Yahweh e ao seu rei guerreiro, com o propósito de prejudicar o Seu povo. Essas forças seriam consumidas pelo toque da presença divina como um grande incêndio. Todos os adversários seriam derrotados e povos inteiros seriam extintos, conforme Israel deflagrasse sua guerra santa, que exigia o total aniquilamento de homens, mulheres, crianças e até mesmo de animais domesticados e objetos inanimados. Tudo seria oferecido como uma oferta queimada a Yahweh, um holocausto (ver a respeito no *Dicionário*).

Kimchi fala aqui sobre coisas poderosas, como os *montes;* e algumas vezes os reinos são chamados de "montes". Ver Zac. 4.7 e Jer. 51.25, que falava sobre o império babilônico.

144.6

Despede relâmpagos, e dispersa os meus inimigos. A *manifestação divina* incluiria fenômenos como poderosos raios e coriscos, ou poderes espirituais parecidos com essas coisas. A manifestação divina seria como as setas de Deus, atiradas de longe, administrando golpes mortíferos, derrotando o exército inimigo inteiro e deixando Israel triunfante no campo de batalha. Cf. os *poderes* divinos com Sal. 18.13,14. "Todos os atos de Deus são como profecias" (Hengstenberg); podemos esperar que eles ocorram novamente em outras ocasiões. "... como relâmpagos, rápidos, cortantes, *penetrantes e destrutivos*... flechas, *fome, pestilência e espada*, voando rapidamente, cortando profundamente, despedaçando agudamente, como se fossem dardos de fogo, causando grande dor e tribulação" (John Gill, *in loc.*). Kimchi e Ben Melech comparam as figuras simbólicas dos relâmpagos e das flechas aos poderosos decretos de Deus que descem do céu e mudam as coisas à face da terra.

144.7

Estende a tua mão lá no alto. Os relâmpagos e as flechas agora são a *mão* de Deus que se estende e esmaga o inimigo, dando a Israel uma intervenção divina direta. Ver sobre *mão de Deus*, em Sal. 81.14; sobre Sua *mão direita*, em Sal. 20.6. Ver sobre Seu *braço*, em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Estão em vista aqui agentes divinos de poder, ajuda ou intervenção divina. O rei guerreiro seria livrado de *grandes águas*, isto é, tribulações com potências estrangeiras que ameaçavam seu sucesso na terra, bem como a consolidação de seu império. A grande mão de Deus livraria o salmista da *pequena mão* de seus inimigos. A Grande Mão era de Deus, ao passo que a pequena mão era dos estrangeiros, que não tinham por encargo controlar os territórios pertencentes a Israel.

Este versículo repousa diretamente sobre Sal. 18.16. Ver a introdução sob *Há Muitos Empréstimos Neste Salmo*, quanto aos vários paralelos literários. A grande mão desceria dos *altos céus* (conforme diz o Targum). Quanto às águas avassaladoras, cf. Isa. 43.2. O Targum, Aben Ezra, Kimchi e Ben Melech faziam dessas águas os "exércitos em multidões". Cf. Apo. 17.1,15; Isa. 8.7,8; Jer. 51.42. "... os dilúvios de homens ímpios que o circundavam" (John Gill, *in loc.*).

144.8

Cuja boca profere mentiras. Os inimigos do rei guerreiro eram *mentirosos.* Eles quebravam as alianças; enganavam seus semelhantes e faziam deles aliados em suas causas falsas; proferiam blasfêmias contra Yahweh; e também participavam de cultos idólatras e falsos. Estendiam a *mão direita* como se estivessem *oferecendo amizade, mas usavam-na para distribuir golpes.* Cf. II Reis 10.15. Ver também como Joabe tomou Amasa pela mão direita para beijá-lo, mas deu-lhe uma estocada fatal (II Sam. 20.9). Há estudiosos, porém, que vêem o costume de levantar a mão direita a fim de fazer um *juramento* (Sal. 106.26). Nesse caso, os juramentos são perjúrios e traições. Esses homens eram o oposto do que Robert Browning imaginou:

Mãos dadas, olho no olho,
Em boa amizade,
Corações expandidos e voltados
Para o sentido da vida neste mundo.

O Voto do Rei Guerreiro (144.9-11)

144.9

Este versículo parece ter sido emprestado de Sal. 33.2,3. Ver no *Dicionário* os verbetes *Música (Instrumentos Musicais)* e *Louvor.*

A ti, ó Deus, entoarei novo cântico. Cheio da esperança de que sua oração seria ouvida e respondida, e de que Yahweh o fortaleceria para enfrentar batalhas futuras, conforme acontecera no passado, o rei guerreiro começou um cântico de louvor. Seria um "novo cântico", talvez uma nova composição, um novo hino para a liturgia, ou um cântico que celebrava novas esperanças e expectações. Quanto a outras referências a algum "novo cântico", ver Sal. 33.3; 40.3; 98.11 e 149.1. O novo cântico aqui referido é um hino de agradecimentos a Deus pelos novos socorros recebidos, mas a idéia de uma nova composição poética para a liturgia do templo provavelmente é uma noção que também deve ser incluída.

No saltério de dez cordas. No culto do templo, cantores levitas profissionais e outros músicos proviam acompanhamento para os ritos e as cerimônias, e também na ocasião de grandes festividades. Ver I Crô. 25, quanto às guildas musicais. O rei não participava dessas guildas, mas isso não impediu que ele acompanhasse o seu novo cântico com instrumentos musicais. Ver a declaração acerca de Davi:

Davi, filho de Jessé, ... mavioso salmista de Israel.

(II Sam. 23.1)

144.10

É ele quem dá aos reis a vitória. O novo cântico era entoado ao Grande Benfeitor, o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*), Aquele de quem se esperava *livramento* em batalhas futuras, a fim de que Davi não fosse ferido ridiculamente por espada, enquanto defendia Israel no campo de batalha. Davi era *servo* de Yahweh, enquanto os inimigos de Davi eram, igualmente, *inimigos* de Yahweh; portanto, é claro que deveria ser favorecido. Este versículo foi tomado por empréstimo de Sal. 18.50, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Davi conseguiu derrotar *oito* nações inimigas, libertando assim Israel, por um bom tempo, de assédios militares estrangeiros. Então Salomão pôde dedicar-se a trazer a Israel sua época áurea, que incluiu expansões territoriais. Ver II Sam. 10.19, quanto às amplas vitórias de Davi.

Dá aos reis. A passagem originária, Sal. 18.50, tem o singular aqui, "rei", referindo-se, obviamente, a Davi. O plural aqui, "reis", que conta com o apoio da Septuaginta, da Vulgata e do Targum, pode estar correto em contraposição ao singular do texto massorético. Algumas vezes, as versões antigas trazem um texto correto, contra o texto hebraico hodiernamente padronizado. Ver no *Dicionário* os verbetes *Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Este segundo artigo inclui princípios de crítica textual do Antigo Testamento. Os manuscritos hebraicos conhecidos como *Papiros do Mar Morto* algumas vezes concordam com as versões, especialmente com a Septuaginta, contra o texto hebraico padronizado que se deriva de um tempo muito posterior. Embora significativa, a porcentagem desses textos não é muito grande. Ver também, no *Dicionário*, o artigo denominado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos).* A forma plural, *reis*, pode ter sido um modo de expressão mediante o qual o autor do salmos tentou dizer aos leitores que ele não era Davi, o rei. Ele pertencia à classe dos reis, mas não era o próprio rei Davi.

144.11

Livra-me e salva-me do poder de estranhos. Este versículo repete elementos vistos anteriormente. Consideremos os seguintes pontos:

1. O livramento do rei guerreiro e sua salvação são a mesma coisa: o livramento dele dos seus inimigos, conforme se vê no vs. 7.
2. O livramento do poder de *estrangeiros* também aparece no vs. 7. O autor mencionou-os sob a forma de "muitas águas".

3. Os inimigos do salmista eram mentirosos, perjuros e levantavam juramentos falsos e enganadores, "erguendo a mão direita", conforme já vimos no vs. 8. Portanto, este versículo é, essencialmente, um sumário dos principais elementos que já tinham sido mencionados. E com esse sumário, termina o salmo dos vss. 1 a 11. Segue-se então um tipo totalmente diferente de composição (vss. 12-15).

As Bênçãos que Yahweh-Elohim Dá a Seu Povo (144.12-15)

144.12

Que nossos filhos sejam, na sua mocidade, como plantas viçosas. Provavelmente, este é um salmo separado que, de alguma maneira, veio a ser vinculado ao anterior (ver os vss. 1-11). Ver os comentários na introdução ao salmo presente quanto a essa possibilidade. Quase certamente este salmo é pós-exílico. Foi escrito no estilo das obras de sabedoria, algo como os Salmos 127 e 128. Poderia ser um fragmento de um salmo um tanto parecido com o Salmo 146. Várias palavras aramaicas e hebraicas posteriores revelam o tempo pós-exílico da composição. Este salmo é uma espécie de "oração por um ano próspero" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 12).

Que nossos filhos sejam. O tempo verbal subjuntivo em português oculta o fato de que o original hebraico começa este salmo separado com uma conjunção, traduzida como *que,* na King James Version. Parece-se com o vs. 12, que continua outra composição, e foi baseado nesse versículo, e então os vss. 12-15 transformaram-se em um salmo separado. Este salmo está ligado com o salmo anterior por algum comentário como: "Visto que o Senhor livraria o Seu servo, o rei, a terra desfrutaria grandes benefícios" (Allen P. Ross, *in loc.*). "O livramento dos inimigos é uma medida preliminar necessária para ter uma população vigorosa" (Fausset, *in loc.*). Talvez editores posteriores também tenham tido tais idéias quando acrescentaram esses novos sentimentos ao que fora dito antes.

Seja como for, a *oração em busca de prosperidade* desejava, em primeiro lugar, que os *filhos* fossem como plantas que já tivessem crescido plenamente, fortes, saudáveis e prósperos na força física e na plenitude material, tal como as plantas que medram às margens dos rios, por contarem com uma fonte perene de águas. "O vigor da juventude é comparado com o das plantas florescentes de um jardim" (William R. Taylor, *in loc.*). A Septuaginta, a Vulgata, as versões etíope, siríaca e árabe, todas começam com a palavra "cujo", evitando assim a conjunção desajeitada, e também ligam a segunda parte à primeira; mas fazem isso de maneira um tanto desajeitada, porquanto não há antecedente para essa palavra nos versículos anteriores, a menos que imaginemos que isso se refira ao rei guerreiro, cujo filho deveria prosperar, uma vez que tivesse obtido a vitória universal.

Ademais, as *filhas* de Israel, de acordo com o pedido do autor, deveriam ornamentar-se como *pedras lavradas das colunas* de um palácio magnífico. Essas pedras seriam escolhidas por sua beleza e por proporções perfeitas e seriam lavradas com habilidade e ornamentadas com belos desenhos, por artífices habilidosos. O poeta pensava em belas e saudáveis jovens, em cujos rostos continuasse a evidenciar-se o viço da juventude. Uma sociedade ideal contaria com esse tipo de juventude: filhos altos e fortes; filhas de rara beleza. O Targum faz, das plantas referidas, palmeiras, árvores notórias por seu vigor e longa vida.

Plautus (*Mostellaria,* ato 1, seção 2) tem uma figura semelhante, ao falar de crianças como se fossem edifícios, e pais como construtores desses edifícios, polidos e ornamentados, onde nenhuma despesa era poupada para transformá-los em palácios de beleza rara, bem como lugares de grande utilidade.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao Novo Templo, a igreja (Efé. 2.20 ss.). O Targum tem uma idéia semelhante, ao falar do edifício referido neste versículo como o templo, apropriado para ali os sacerdotes administrarem. A versão siríaca também oferece essa metáfora: "suas filhas e esposas adornadas como templos".

144.13

Que transbordem os nossos celeiros. Agora o poeta sagrado volta sua atenção para a *prosperidade agrícola,* a necessidade de qualquer sociedade apoiada na agricultura, como era o caso da maioria das nações antigas, bem como da maioria das sociedades modernas. Eram necessários solos bons, trabalho abundante na semeadura e na colheita, ou seja, *celeiros cheios.* Isso significaria que não haveria fome, além de haver produtos excedentes para trocar por outros itens de consumo. Além disso, os animais domésticos precisavam ser saudáveis e numerosos; deveriam ser férteis e reproduzir-se em massa, gerando milhares e dezenas de milhares. Esses fenômenos eram sempre atribuídos à bondade de Deus ou dos deuses; e assim a oração do salmista requeria que Yahweh cuidasse desse aspecto necessário de uma nação próspera e saudável. "Trapos e a fome seriam banidos da cena" (William R. Taylor, *in loc.*). De cada coisa boa deveria haver *multiplicação aos milhares,* conforme diz o hebraico original, literalmente. E então não haveria clamor de desespero ou queixume nas *ruas,* ou melhor, nas *pastagens* e nos campos, conforme se vê em Jó 5.10.

Este versículo tem sido cristianizado para falar do sucesso do evangelho ao trazer muitas ovelhas ao rebanho de Jesus (João 10).

144.14

Que as nossas vacas andem pejadas. Este versículo é compreendido de modos largamente diferentes por parte dos intérpretes. Está eivado de obscuridades, pelo que o melhor que devemos fazer é entendê-lo sem nos mostrar dogmáticos sobre nossas escolhas ou significados possíveis. Considere o leitor estes pontos:

1. O gado devia andar pejado com filhotes (as vacas sempre grávidas), sem nunca sofrer abortos (conforme diz a Revised Standard Version). Ou devia ser forte, pronto para cumprir as tarefas da agricultura, pois o boi equivalia ao trator moderno nos tempos antigos (conforme se lê na King James Version). Ademais, a palavra empregada aqui para *bois* também pode significar "líderes". O termo é aplicado aos duques de Edom, em Gên. 36. Nesse caso, espera-se que os líderes sejam moralmente bons e fortes em sua liderança. O mais provável, entretanto, é que estejam em foco os bois, visto que o vs. 14 prossegue com a idéia voltada para os animais domésticos (ovelhas), conforme se vê no vs. 13.
2. *Não lhes haja rotura.* Ou seja, *violências internas,* que arruínam qualquer sociedade. Mas a Revised Standard Version, acompanhada pela nossa versão portuguesa, aplica isso a abortos entre os animais domésticos.
3. *Nem mau sucesso.* Talvez o autor sagrado estivesse falando no saque de animais domésticos, ou sobre qualquer ato de ataque ou ato destrutivo contra os animais. Outros vêem aqui a idéia de "ir à guerra" ou "ir para o cativeiro". Nesse caso, o poeta sagrado orava em favor da paz. "A utopia não é oriunda do labor da guerra. Na guerra, os recursos materiais são dissipados, e os ódios humanos se concentram. A guerra não é um progresso na direção da paz. O salmista percebeu a verdade concernente à paz e à prosperidade" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).
4. *Não haja gritos de lamento em nossas praças.* Alguns intérpretes fazem desses gritos os "gritos de batalha", pensando que uma declaração anterior do salmo fala sobre a guerra. Outros fazem a declaração ter um sentido geral, qualquer tipo de clamores nas praças por parte de um povo faminto e descontente, devido às más condições na sociedade. "Não algum infortúnio mediante o qual a inteireza e a felicidade de nossa sociedade podem ser resgatadas, não havendo clamores por motivo de perda (Isa. 24.11)" (Fausset, *in loc.*).

144.15

Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Qualquer povo que obtivesse as bênçãos anteriormente mencionadas seria certamente um povo *feliz!* E isso seria verdade, caso esse povo tivesse Yahweh por seu Deus, ou seja, *Yahweh-Elohim,* o eterno Deus Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Note o leitor quão conspícua por *sua ausência* é qualquer menção a uma possível pós-vida futura, que seria abençoada por Deus, o que certamente acompanharia qualquer texto dessa natureza no Novo Testamento. Veja o leitor como Heb. 11.10,14-16 ensina que o real objetivo dos patriarcas na vida era a "Cidade Celestial", mas isso já é uma avaliação neotestamentária da situação, derivada do judaísmo posterior. É um anacronismo fazer este salmo falar sobre isso. Ver as notas expositivas sobre Deu. 4.1; 5.33 e 6.2, quanto a esse *tipo de vida,* que a lei supostamente proveria.

Então cairiam todas as algemas,
Não haveria mais clamor de selvagem guerra,
O amor apagaria o fogo destruidor
Da ira, e nas cinzas seria plantada
A árvore da paz.

(John Greenleaf Whittier)

Salmo Cento e Quarenta e Cinco

Quanto a *informações gerais* aplicáveis a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início da exposição sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino de louvor,* que celebra o caráter de Deus. A composição começa como um hino individual, mas logo todas as obras de Deus e dos santos são convocadas para unir-se no cântico (vs. 10).

Este salmo é *acróstico* (como o são os Salmos 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112 e 119). Cada versículo começa com uma letra hebraica diferente, seguindo a ordem

do alfabeto dos hebreus. Ver as notas expositivas sobre esse tipo de estilo literário na introdução ao Salmo 34. O Salmo 119 tem uma forma extremamente elaborada de estilo acróstico, e o leitor curioso poderá informar-se sobre isso nas notas dadas ali. O estilo acróstico de composição poética não se limita aos escritos bíblicos.

Empréstimos. Tal como acontece com muitos outros salmos, este salmo conta com certo número de empréstimos feitos de outros salmos, a saber: vs. 1 (107.32); vs. 3 (48.1; 96.4); vs. 4 (78.4); vs. 9 (86.5,15 e Êxo. 34.6); vs. 14 (146.8); vss. 15 e 16 (104.27,28). Além desses empréstimos diretos, muitas frases fazem-nos lembrar de outros salmos.

Subtítulo. Temos aqui o seguinte subtítulo: "Louvores de Davi", ou seja, um salmo a ser entoado como um ato de louvor e adoração a Deus. Ver a introdução ao Salmo 139, quanto a comentários, sob *Subtítulo.* A palavra hebraica *tehillah* encontra-se somente neste salmo, como um título. Pode ser traduzida por "louvor".

O Propósito do Salmista (145.1-3)

145.1

Exaltar-te-ei, ó Deus meu, e Rei. Este salmo começa com louvores pessoais, mas logo se divide em um salmo cujos louvores são da comunidade e até dos objetos inanimados (vs. 10). O nome de Elohim, o Poder, é exalçado, pois Ele é o Rei da vida humana e exerce domínio sobre todas as coisas. Seu *nome* deve ser louvado para sempre. Ver sobre *nome,* em Sal. 31.3 e também, a esse respeito, o *Dicionário.* Ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. A natureza essencial de Deus, Seus atributos e Suas obras são destacados por meio do *Nome* que era concebido como tão poderoso que bastava ser pronunciado para exercer poder miraculoso. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Louvor.*

Exaltar-te-ei. Elevarei o Teu nome lá no alto, exaltar-Te-ei para sempre, isto é, enquanto eu viver ou, de acordo com o judaísmo posterior, neste mundo e no próximo.

Por toda a eternidade a Ti,
Um cântico alegre levantarei;
Mas, oh! a eternidade é curta demais
Para proferir todos os Teus louvores.

(Addison)

"Ao contemplar a grandeza e a majestade de Deus, o tempo deixa de existir. O poeta prometeu uma homenagem indefinidamente prolongada" (Ellicott, *in loc.*).

Em certo sentido, os Salmos 145 a 150 formam uma *grandiosa doxologia de louvor,* embora este seja um tema principal no saltério inteiro e certamente não isolado desse grupo. Seja como for, a palavra "louvor" está contida nesses seis salmos por quarenta e seis vezes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Louvor.*

"A grandeza do Senhor é insondável. Ninguém jamais perscrutou suas profundezas" (Allen P. Ross, *in loc.*). Portanto, temos aqui um grande assunto que provoca louvor. Cf. Sal. 107.32, do qual este versículo é parcialmente dependente.

Usos Históricos do Salmo 145. As comunidades judaicas têm empregado este salmo na sinagoga, nos cultos matinais e vespertinos. No cristianismo primitivo, este salmo era empregado na refeição do meio-dia como uma bênção, e posteriormente também começou a ser usado no domingo do Pentecoste. Nas devoções particulares, também era um salmo muito usado, conforme tomamos conhecimento através dos escritos de Agostinho, William Carey e outros. Era encontrado, em letras gregas, sobre o portal da igreja em Damasco, que foi uma catedral cristã, mas agora é uma mesquita maometana.

145.2

Todos os dias te bendirei. O salmista insistia com o seu louvor, que reboava dia e noite, a qualquer tempo durante o dia. Ele declarou uma vez mais o seu propósito de bendizer o nome de Yahweh-Elohim, e isso para sempre, repetindo as afirmações do versículo anterior. Nada existe neste versículo que o vs. 1 já não contenha, excetuando a intenção de proferir a bênção a *cada dia.* Cf. Sal. 68.19 e 69.30.

Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo. Deus é a nossa salvação.

(Salmo 68.19)

Louvores devem ser prestados diariamente, visto que as misericórdias de Deus se renovam a cada manhã. Para cada suprimento divino há um novo louvor. Além disso, Deus é o mesmo a cada dia, pelo que esse cântico deve ser entoado a cada novo dia. Ver Lam. 3.22,23 e Heb. 13.8.

145.3

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado. Yahweh, por Sua natureza inerente, é Grande, o que fala de Sua *imensidade.* Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Atributos de Deus.* "Quanto à grandeza de Deus, não há investigação", que é o hebraico literal agora traduzido para o português. "Tudo em Deus é ilimitado e eterno" (Adam Clarke, *in loc.*). "Uma grandeza que ultrapassa a capacidade humana de compreensão" (William R. Taylor, *in loc.*).

As investigações científicas tomaram inacreditável impulso nos últimos cem anos, e isso nos enche de admiração. Deus, entretanto, está fora de nossas investigações, e nossa ciência tão-somente sugere a grandeza de Deus, em vez de descrevê-la. Mas vemos duas coisas óbvias na natureza: imenso conhecimento e imenso poder. A teologia tem sido chamada de "a rainha das ciências", embora alguns eruditos suponham que o máximo que ela pode fazer nesta era científica é ocupar a posição de serva. Não obstante, a teologia continua sendo a rainha das ciências. Existem argumentos racionais em favor da existência de Deus, com base em Sua grandeza, exposta na natureza. Embora coisas inteligentes tenham sido ditas contra esses argumentos, continuamos sentindo a força deles. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos denominados *Argumento Cosmológico* e *Argumento Teleológico.*

Cf. Sal. 48.1 e 96.4, dos quais este versículo parece depender. Ver também Isa. 40.38 e João 11.7, quanto à segunda parte do versículo. O Targum diz: "Da grandeza de Deus não há fim", que é, igualmente, a tradução da Septuaginta, da Vulgata Latina e das versões siríaca e árabe. "A grandeza do Senhor é insondável. Ninguém jamais perscrutou Suas profundezas" (Allen P. Ross, *in loc.*).

145.4

Uma geração louvará a outra geração as tuas obras. Sendo Deus imenso, naturalmente produz obras que deixam estonteada a mente humana. Nossas ciências descrevem todos os aspectos de Suas obras e, quanto mais descobertas científicas fazemos, mais admiráveis as coisas ficam. Suas obras admiráveis são providenciais, negativa e positivamente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.* Os homens observam os milagres e as demonstrações do poder de Deus, e registram-nos em livros sagrados e no coração; e então essas informações passam de uma geração a outra. Ocasionalmente, novos capítulos são adicionados com novas experiências humanas sobre o Ser divino. O número dessas obras é incontável, se incluirmos as maravilhas da criação sobre as quais poucos sabemos, mas sobre as quais nossas ciências estão fazendo investigações diárias. A ciência investiga e os homens fazem experiências, e recebemos as mesmas informações de diferentes ângulos. Naturalmente, a despeito de todas as evidências que colhermos, Deus permanece, essencialmente, o *Mysterium Tremendum* e o *Mysterium Fascinosum,* idéias que recebem artigos no *Dicionário.*

145.5

Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade. As gerações falam das esplendorosas obras de Deus, e o autor sagrado, *pessoalmente,* tinha de acrescentar o que ele sabia e sentia. Ele tomou sobre si mesmo falar do *esplendor de Sua majestade* (Revised Standard Version) e também da admiração de Suas obras e daqueles assuntos espantosos sobre os quais ele continuou a *meditar.* Diz aqui o hebraico literal: "A honra da glória de Sua Majestade e as questões (palavras) de Suas maravilhas". O coração do poeta enchia-se de exuberantes *sentimentos,* mas seus superlativos verbais na realidade não estavam à altura do tema que ele tentava exprimir. Cf. uma tentativa similar em Sal. 18.2, ao descobrir algo sobre Deus. Ver também Isa. 62.7. Voltando-nos para os comentários sobre suas palavras, verificamos que elas também acabam mostrando-se inadequadas.

Este versículo tem sido cristianizado para falar das maravilhosas obras de Cristo em Sua missão redentora, o que, afinal de contas, foi a obra mais magnificente de Seu amor (João 3.16 e Rom. 5.8).

Não sendo capaz de expressar a grandeza de Deus e sabendo que os nossos sentimentos também ficam aquém de qualquer tipo de conhecimento sobre Deus, simplesmente paramos diante da Grandeza de Deus.

Assim como a galinha-do-pântano constrói no terreno inundado,
Eis que levantarei para mim um ninho sobre a Grandeza de Deus;
Voarei na grandeza de Deus como a galinha-do-pântano voa,
Na liberdade que enche o espaço entre o pântano e os céus;
Por meio de tantas raízes que a erva do pântano envia para o terreno inundado,
De todo o coração descansarei sobre a grandeza de Deus.

(Sidney Lanier)

145.6

Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos. À longa lista das maravilhas divinas, o poeta acrescenta aqui os *feitos tremendos* de Deus, que podem ser uma simples repetição poética de coisas já mencionadas, ou talvez "Suas teofanias inspiradoras de terror estejam em vista" (conforme sugeriu William R. Taylor, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Teofania*. A maravilha divina mais impressionante dá-se quando Ele manifesta de algum modo Sua presença, mesmo que seja através de algum instrumento, como um anjo. Todas as coisas mencionadas nesta impressionante lista (vss. 3-6) ilustram a grandeza de Deus. Portanto, essa palavra deu início à lista, no vs. 3, e agora a conclui, neste versículo. O salmista esforçou-se ao máximo para declarar a grandeza do Senhor, e embora, como é óbvio, tenha ficado muito aquém de seu alvo, registrou uma impressionante descrição. Os homens agora unem-se aos louvores dele.

Senhor de todos os seres, entronizado lá longe,
Tua glória flameja do sol e das estrelas,
Centro e alma de todas as esferas,
Porém, de cada coração amoroso, quão próximo.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Grande (Grandeza).*

145.7

Divulgarão a memória de tua muita bondade. Os homens que se tinham juntado aos louvores (vs. 6) agora continuavam *derramando abundantemente* cânticos sobre a fama da imensa bondade de Deus. Suas obras poderosas são *benéficas*, pelo que é evidente que o poder mais alto é igualmente o bem supremo. Deus é o *summum bonum* da vida humana (ver a respeito no *Dicionário*). O poder mais alto, que é também o sumo bem, é igualmente a mais elevada retidão, a principal e superior expressão de *retidão* (ver a respeito no *Dicionário*). "... visto nos cuidados pelas Suas criaturas e pela Sua vindicação de todos os que requerem Sua ajuda salvadora" (William Taylor, *in loc.*). Os homens *cantarão* alegremente (literalmente, *com altos elogios*) sobre essas qualidades divinas. Cf. Sal. 119.68, o *atributo* da bondade, e não meramente coisas boas realizadas.

Divulgarão. Literalmente, no hebraico, "derramarão", como uma grande cascata de água, derivada de uma fonte abundante. Cf. Sal. 19.2 e 78.2. Aben Ezra adicionou ao final do versículo, "cantando", para fazer do que se segue a substância dos cânticos que os homens cantam.

A Notável Compaixão de Yahweh (145.8-9)

145.8

Benigno e misericordioso é o Senhor. O que os homens derramam em louvor é agora sumariado. Este versículo tem uma *quádrupla* declaração do que o gracioso Yahweh está disposto a fazer pelo homem:

1. Deus é bondoso e cheio de compaixão. O Deus de amor aproveita todas as oportunidades para exibir Sua bondade e compaixão. Seu amor é *constante*. Ver as notas em Sal. 136.1. O amor de Deus O torna *bondoso*. Ver o vs. 7, quanto à *bondade* de Deus.
2. Deus é misericordioso. Ele retém o Seu castigo mesmo quando há grande provocação.
3. Deus é *lento em irar-se* e demonstra paciência com os homens, sabendo que eles são apenas pó. Ele adia Seus julgamentos, esperando pelo arrependimento (Rom. 2.4. Ver também Êxo. 34.6; Nee. 9.17; Sal. 86.15; 103.8; Joel 2.13 e Jon. 4.2).
4. Deus abunda em Seu famoso *amor constante* (Sal. 136.1). Essa é a base de todas as Suas outras qualidades e causa a providência positiva que Ele dá aos homens. Tudo o que é contrário a isso deve ser a temida e ridícula *reprovação* (ver a respeito no *Dicionário*), da qual falam alguns teólogos.

Sua graça por toda alma é livre.
Seu decreto é que o amor flua,
Amor por todo réprobo e por mim!

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*, onde dou detalhes e ilustrações sobre o assunto. Cf. declarações similares em Sal. 86.15; 103.5 e 111.4.

"Deve-se supor que a grandeza do amor de Deus seja comensurável com a Sua própria Infinita Grandeza" (Fausset, *in loc.*). Este versículo tem sido cristianizado para falar da pessoa e da obra de Jesus, o Cristo, que foi a mais magnificente demonstração do amor de Deus.

145.9

O Senhor é bom para todos. Este versículo fala de uma *providência generalizada*, sumariando as idéias anteriores. Os objetos da providência positiva de Deus são tudo o que Ele tem feito. Ele fez tudo, pelo que também favorece a tudo. Por conseguinte, este versículo é uma espécie de João 3.16 do Antigo Testamento. Este versículo, tal como o livro de Jonas, inclui a criação animal (ver Jon. 4.11). Neste caso, estão em vista até os sistemas de vida inferiores e a natureza inanimada, conforme podemos recolher do vs. 10.

"Este largo ponto de vista do mundo como objeto, com tudo o que está nele contido, da piedade e do amor divino, é uma nobre antecipação do ensino de nosso Senhor no Sermão do Monte, tendo sido introduzido de maneira similar" (Ellicott, *in loc.*). Adam Clarke, *in loc.*, estende essa misericórdia e amor às "almas no inferno", e a história da *Descida de Cristo ao Hades* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia)* mostra que Adam Clarke está com a razão. Naturalmente, a teologia dos hebreus na época ainda não tinha atingido o ponto de postular uma vida pós-túmulo, quer para os bons, quer para os maus, mas se já o tivesse atingido, então uma declaração geral como a que se acha neste versículo provavelmente teria incluído *almas*, onde quer que elas estivessem.

Convocação para que Todas as Coisas Louvem o Senhor (145.10-13)

145.10

Todas as tuas obras te renderão graças, Senhor. Visto que absolutamente tudo, seres e coisas, são os objetos da providência positiva de Deus (vs. 9), por isso mesmo todas as coisas devem louvar a Deus ativamente. *Todas as coisas* são, por isso mesmo, convidadas a fazê-lo. Note o leitor a progressão dos louvores: o poeta, como homem, começou a louvar (vss. 1-5); os *homens*, em geral, tomaram o louvor (vss. 6-8); e finalmente *todas as coisas* se uniram no louvor ao Senhor. O resultado foi que a *providência universal* de Deus obteve *louvor universal*. "Os entenebrecidos, os tristonhos, os duros de coração, os preconcebidos, que nunca tiveram o amor de Deus derramado no coração, sem sentimentos, enfrentam a condenação de seus iguais" (Adam Clarke, *in loc.*). "Alguns louvam com sua voz, outros fazem-no silenciosamente, pela eloquência de seus próprios seres (Sal. 19.1-3; 103.22)" (Fausset, *in loc.*). Os *santos* completam então a lista dos que dão louvores, pois eles, acima de todos os outros, têm razão para fazê-lo. Com base no Antigo Testamento, estamos falando daqueles que se tornam distintos por possuírem e praticarem a lei mosaica. Ver Deu. 4.4-8. Ver sobre *Santos*, em Sal. 97.10, bem como no *Dicionário*, quanto a um tratamento geral.

"Que todas as Suas *obras*, isto é as Suas criaturas, e, mais explicitamente ainda, Seus *santos*, o Seu próprio povo, tornem conhecido o caráter da soberania e da providência do Senhor, a todos os filhos dos homens... O salmista vê a realização do domínio mundial de Deus como o grande alvo da história. Os vss. 3-9 (que abrem o salmo) e os vss. 13-21 (que o encerram) definem o que Ele indica pela glória, pelo poder e pelo esplendor desse reino" (William R. Taylor, *in loc.)*.

145.11

Falarão da glória do teu reino. Os homens serão todos reunidos formando um *reino glorioso* no qual Yahweh exercerá controle total, exibindo universalmente Sua providência. O Rei tem a glória, o poder, a bondade, o amor, a compaixão, coisas listadas no vs. 8. Ele é *esse tipo* de Rei, pelo que as expectativas para o futuro são brilhantes e universais. Naturalmente, coisa alguma poderia ter lugar não fosse a *restauração universal*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*. Cf. Fil. 2.9-11 e Efé. 1.9,10, quanto à explicação evangélica dessa divina e gloriosa operação. Ver também, na mesma *Enciclopédia*, o verbete intitulado *Mistério da Vontade de Deus*.

O teu poder. "Um poder exercido na criação e na providência, mas também na operação da salvação dos homens, e na conquista e subjugação de todos os inimigos espirituais de Deus e de Seu povo, o pecado, Satanás, o mundo e a morte" (John Gill, *in loc.*).

145.12

Para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos. Todas as *obras de Deus* continuavam sua canção de louvor. Elas tornam conhecidos de todos os filhos dos homens, e não meramente do povo eleito de Deus, Israel, os atos poderosos e a gloriosa majestade de Yahweh, que é o Rei universal, Benfeitor, Salvador e Senhor. A mente do autor retorna aos atos poderosos e terríveis de Deus (vss. 4-6), e todos os seres e todas as coisas criadas por Ele reconhecem esses atos e louvam a Deus. Yahweh é elogiado por todas as coisas como o objeto próprio para a adoração e para os louvores humanos, pois Ele é o Benfeitor universal. Ele governa para fazer o bem; Ele opera para demonstrar o Seu amor. Meus amigos, essa é a mensagem de Rom. 9, que certamente está acima do exclusivismo ordinário dos hebreus. Trata-se de uma mensagem que antecipa os ensinos melhores do Novo Testamento e, afinal, a missão de Cristo que confirmou o espírito dessa mensagem.

"Assim foi preparado o caminho para a revelação que estava em Jesus Cristo... transcendendo todas as barreiras de língua e de raça, e afirmando que

todos os homens são filhos de um só Pai, que está no céu. Para que se possa interpretar plenamente essa mensagem, é preciso contar com um crente com o Novo Testamento aberto para entender as implicações daquilo que o salmista disse" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

145.13

O teu reino é o de todos os séculos. O *maravilhoso reino,* que traz aos homens compaixão, amor, misericórdia e benefícios do Ser divino, *não poderá ter fim.* Assegurará a todas as gerações esses benefícios, pelo que os homens para sempre participarão das mesmas vantagens e privilégios. Cf. Dan. 2.4; 4.3,34 que diz algo similar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Reino de Deus.* Do começo ao fim, devemos ler no texto a compreensão cristã da questão, porquanto é claro que o salmista, embora vivesse na época de uma teologia inferior, estava *antecipando algo maior* do que aquilo que se conhecia até então. Isso tipificou o judaísmo posterior. Acredite-se ou não, os livros pseudepígrafos e alguns livros apócrifos continuaram a abrir a mente dos judeus a um ponto de vista mundial mais amplo, e o Novo Testamento continuou o processo de maneira mais significativa.

A estrofe da letra hebraica *num* (lembremo-nos que este é um salmo acróstico) viria imediatamente depois do vs. 13, mas foi apagada por alguma circunstância histórica desconhecida, ou é possível, igualmente, que o autor original fosse descuidado e simplesmente a tenha esquecido. A Septuaginta, e as versões siríaca, Vulgata e etíope compensam aqui a omissão inserindo uma variação do vs. 17. Ver, na introdução deste salmo, a questão do estilo literário em forma de poesia acróstica.

A Justiça e a Bondade do Senhor (145.14-20)

145.14

O Senhor sustém os que vacilam. "Nesta seção final, o rei de Deus é implicitamente contrastado com todos os outros reinos com os quais os filhos dos homens estavam familiarizados. O governo de Deus será um governo de *ternos cuidados* por todos os que olharem para Ele. Ele é fiel, justo e bondoso para com todos os que O invocarem na verdade; mas aos ímpios Ele destruirá. O *evangelho do amor de Deus do salmista*, conforme ele desdobra aqui a questão, constitui um rico elemento do saltério. Esta é uma das notáveis peças de literatura do Antigo Testamento. Incidentalmente, este evangelho de amor revela a qualidade espiritual da fé religiosa pessoal do salmista" (William R. Taylor, *in loc.*).

Os remidos que caíssem, Yahweh ajudaria a se levantar. Em outras palavras, Ele os restauraria a seu bom estado. Se já estiverem caídos, Ele os levantará em um ato remidor. O reino de Deus consiste, na realidade, em *homens caídos*, mas levantados pelo poder e pela graça de Deus. Homens caídos são a única forma de homens que existem. Os que já estiverem inclinados para cair receberão nova coragem.

> *Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.*
>
> (Mateus 11.28-30)

Cf. Sal. 37.17,24. Ver também Sal. 146.8, do qual aquele salmo depende. Esta é a primeira instância em que a Majestade Divina se mostra *condescendente* com a fraqueza dos homens, revelando piedade da fragilidade e da necessidade humana" (Ellicott, *in loc.*). É próprio de um rei cuidar dos homens caídos (a essência de Ovídio, *Ep. de Ponto* II.9,11), mas também se assemelha às atitudes de Deus, algo que Ovídio não percebeu nem destacou. Homens bons supostamente devem imitar a condescendência divina (ver Rom. 12.16).

145.15

Em ti esperam os olhos de todos. Todas as *criaturas,* homens e animais, continuam olhando para o Deus gracioso, que condescende diante da debilidade, esperando por seu suprimento, que aqui aparece como de natureza física, seu *alimento no tempo devido.* O contexto deixa claro que os atos beneficentes de Deus aplicam-se a todas as esferas da vida, mas aqui o poeta sagrado nos leva à necessidade mais básica de todas — ter o suficiente para comer e ser saudável o bastante para manter-se vivo e fazer o que se quer fazer. Jesus se interessava por todas as coisas e pôs o suprimento alimentar básico dentro do mesmo contexto que as provisões espirituais mais altas. Ver Mat. 6.25-34. "Deus é aqui representado como o Pai Universal, provendo alimento físico a toda a criatura" (Adam Clarke, *in loc.*). Todos os homens olham para Deus como Pai, mais ou menos como as crianças pequenas olham para seus progenitores, esperando o suprimento de todas as suas necessidades fundamentais. Trata-se de um quadro bastante terno. Nenhum pai pode ler este versículo sem se emocionar.

> *Qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?*
>
> (Mateus 7.9)

Cf. Luc. 12.42 e Pro. 15.23. Os vss. 15 e 16 repousam sobre Sal. 104.27,28.

145.16

Abres a tua mão. *Todas as necessidades e desejos* de todos os seres vivos encontram *satisfação* no Benfeitor Celestial. Deus abre Sua mão e não se mostra parcimonioso em Suas dádivas, em contraste com as mãos fechadas e sovinas do homem médio. "Um volume muito grande poderia ser escrito sobre esse assunto, os tipos próprios de alimento para as várias classes de animais" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Sal. 104.28. Cf. Deu. 33.23. A mão de Deus é uma mão de providência e graça.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar das provisões da missão de Cristo, e Dele como o pão da vida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Pão da Vida, Jesus como.*

> *Irrompe, Tu, Pão da Vida,*
> *Querido Senhor, para mim.*
> *Tal como partiste os pães*
> *À beira-mar.*
> *Para além da página sagrada,*
> *Eu Te busco, Senhor.*
> *Meu espírito anela por Ti.*
> *Ó Palavra viva.*
>
> (Mary Ann Lathbury)

145.17

Justo é o Senhor... benigno em todas as suas obras. Note o leitor como a *justiça* é seguida de imediato pela *benignidade.* Os atributos de Deus não podem ser divinizados. A justiça e o amor, no hebraico clássico, são representados por um único vocábulo. Deus é santo-justo-bondoso-amoroso. E, mesmo quando Ele julga, está exercendo Sua bondade, pois o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Ele disciplina, corrige, restaura e não requer meramente a retribuição. O mais elevado bem é, ao mesmo tempo, o mais santo. O salmista, pois, estava dizendo que é *moralmente correto* para Deus abençoar. Isso nos ensina a repetida lição de que é dever do homem amar e servir a seus semelhantes. Assim agirá o homem bom. O homem reto também agirá dessa forma, porquanto isso faz parte da justiça pessoal. As versões refazem este versículo (a Septuaginta e a Vulgata Latina, bem como as versões siríaca e etíope), acrescentando um versículo após o vs. 13, incluindo no poema acróstico uma linha que começa com a letra hebraica *num* (com o mesmo som de nossa letra "n"), que o poeta evidentemente deixou de fora por acidente. Ver os comentários no último parágrafo do vs. 13. As versões fizeram assim uma boa escolha, porque o presente versículo tem uma importante mensagem a comunicar.

"*Chasid* (palavra hebraica que significa "santo"), quando aplicada a Deus, expressa a bondade e a benignidade clemente nas dádivas e no perdão" (Fausset, *in loc.*). É como diz um antigo hino evangélico: "Ele dá, dá e dá novamente".

Benigno em todas as suas obras. As obras de Deus são abundantes, e essa demonstração é de amor, pois o amor é a primeira de todas as leis espirituais. Contudo, alguns homens deleitam-se na destruição, o que chega a penetrar na teologia da igreja cristã. A providência de Deus substitui o mal pelo bem, e isso é mais claramente demonstrado na missão de Cristo e nos resultados que ela obteve.

145.18

Perto está o Senhor de todos os que o invocam. *Deus é um Deus Teísta.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo,* que refletem noções diferentes sobre a relação de Deus para com a Sua criação. Ele criou todas as coisas e continua presente em Sua criação, exercendo nela tanto Sua providência positiva quanto Sua providência negativa. Ele recompensa e castiga; Ele intervém na história humana. Ele é imanente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Imanência de Deus.* Com isso se quer dizer que, embora Deus esteja entronizado nos altos céus, está mais próximo de cada coração do que podemos imaginar. Deus está perto das pessoas que oram a Ele. E também se aproxima de todas as pessoas que O louvam. Ele finalmente está perto de todas as pessoas. "Leitor, eleva a tua alma em oração ao Deus misericordioso!" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Deu. 4.7; Sal. 24.6 e Tia. 4.8.

> *Ele está mais perto do que a respiração;*
> *Mais perto do que mãos e pés.*
>
> (Tennyson)

A Ti, Alma Eterna, sejam os louvores!
A qual, dos dias antigos até os nossos dias.
Através das almas de santos e profetas, Senhor,
Tens enviado Tua luz, Teu amor, Tua palavra.

(Richard Watson Gilder)

Os que o invocam em verdade. Essas verdades são dotadas de bom coração. Nenhum ser humano é livre de pecado, mas esses são homens que vivem em harmonia com Deus. Conforme disse Kimchi sobre este versículo, "sua boca e seu coração concordam".

145.19

Ele acode à vontade dos que o temem. Os que invocam o Senhor com coração verdadeiro, não vivendo nos vícios e em geral não vivendo em jogos com o diabo, próximos de Deus e de quem Deus está próximo (vs. 18), aqueles que *O temem*, isto é, os que têm boa espiritualidade geral, esses obterão tudo quanto desejam da parte de Deus. Oh, Senhor, concede-nos tal graça. Quanto ao *temor do Senhor*, ver a nota de sumário em Sal. 119.38 e também o artigo do *Dicionário* chamado *Temor*, onde dou detalhes e muitas referências. Cf. Sal. 37.4, que diz: "Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração".

E os salva. Do quê? De todos os perigos físicos e danos, o que, sem dúvida, faria parte de suas petições. A vida humana é tão precária que sempre há a necessidade de ser salvo de algum perigo ameaçador. Ver em Sal. 62.2 notas sobre *Deus como Salvador*, bem como sobre *salvação*, do ponto de vista do Antigo Testamento.

Este versículo, naturalmente, tem sido cristianizado para falar da salvação evangélica. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Salvação*.

145.20

O Senhor guarda a todos os que o amam. É provável que a idéia de "guardar", neste versículo, seja igual à noção de "salvar" do versículo anterior, e ambos signifiquem resguardar de qualquer tipo de dano físico, incluindo a morte. O "exterminio" referido neste versículo é a matança dos ímpios, estando eles ainda na terra. O poeta sagrado não estava falando sobre a punição para além-túmulo, idéia que ainda não havia entrado na teologia dos hebreus. Mas cf. Dan. 12.2. Embora o salmista tivesse acabado de descrever a admirável providência divina em favor de todos os homens (vss. 14-17), agora proferia uma maldição negativa contra eles. Não há que duvidar que ele estava pensando em destruidores, os quais, mediante a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), mereciam a destruição. Seja como for, os salmos estão plenos de imprecações contra os ímpios, a maioria das quais desejando-lhes a morte física. Essas maldições figuram principalmente nos chamados salmos de lamentação, sendo-lhes uma característica regular; mas mesmo fora desses salmos ocasionalmente encontramos imprecações, tal como no salmo presente, que é um hino de louvor. Aqueles dias eram tão brutais que "a guarda dos bons implicava a destruição dos iníquos" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, regularmente encontramos os dois conceitos juntos em um mesmo versículo. Kimchi mostrava-se esperançoso de que este versículo se referisse a um tempo futuro, em que nenhum homem ímpio permaneceria sobre a face da terra.

Doxologia Concludente **(145.21)**

145.21

Profira a minha boca louvores ao Senhor. Este salmo começa com uma significativa palavra de louvor e termina no mesmo tom de elogios ao Senhor. A segunda parte deste versículo é uma *convocação* dirigida a todos os homens, de todos os lugares, a unir-se ao salmista na outorga de louvores a Yahweh, para que Seu nome seja abençoado para sempre. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3, e sobre *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. O *nome* representa tudo quanto Yahweh é, em Sua natureza inerente, juntamente com todos os Seus atributos e obras. Sua providência positiva opera através das obras e benefícios a todos os homens (vss. 6-12). É apropriado, pois, que eles iniciassem o cântico de louvor. "A grandeza e a graça de Deus são razões para louvar" (Allen P. Ross, *in loc.*). As obras de Deus são tão grandes, em favor de todas as Suas criaturas vivas, que todas elas, cada qual em sua categoria e em seu próprio caminho, "sejam excitadas para louvar e bendizer o Santo Nome do Redentor... e assim o salmo termina conforme começou, com louvores e bênçãos" (John Gill, *in loc.*).

Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos fluem;
Louvai-O, todas as criaturas cá de baixo.

(Thomas Ken)

Cf. o versículo com Tia. 1.17. "O vs. 21 nos leva de volta ao modo pessoal do autor, nos vss. 1-3" (*Oxford Annotated Bible*, comentando o vs. 21).

Salmo Cento e Quarenta e Seis

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento sete comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário do livro, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um hino de louvor a Deus pela Sua ajuda especial. Mas também é um hino de agradecimento. É o primeiro de uma coletânea de cinco salmos de aleluia que foram propositadamente colocados no fim da coletânea por editores posteriores. Alguns estudiosos, entretanto, incluem nessa pequena coletânea o Salmo 145, perfazendo *seis* salmos. Alguns desses salmos são pessoais, e outros são nacionais. O Salmo 146 é um hino pessoal que brada um aleluia! ao Senhor. Cf. esse grupo com os *Salmos Hallel* (salmos de louvor), de número 113 a 118. A palavra que exprime *louvor* (aleluia!) aparece quarenta e seis vezes nesses seis salmos. É tanto apropriado quanto refrigerador que o saltério termine com uma elevada nota de louvor, afastando-se dos salmos de lamentação, com suas imprecações contra os adversários, que formam o maior grupo isolado dentre os dezessete tipos de salmos.

O poeta fez os seus votos e obteve o cumprimento das promessas. Ele estava em atitude expansiva e assim levantou o seu *aleluia!* Convidou os seus amigos a acompanhá-lo e dar graças no templo de Jerusalém, oferecendo sacrifícios, fazendo votos e cumprindo as promessas do passado. Assim sendo, uma jubilosa companhia terminou compartilhando o triunfo do autor sagrado. O salmista conseguiu suas vitórias por meio de orações diretamente dirigidas a Yahweh. Ele não foi beneficiado pelos homens, que não tinham forças para fazer por ele o que era necessário. O salmista contrastou o Deus exaltado com o homem humilde. O estilo do poeta sagrado é simples e sem grandes pretensões literárias. Não obstante, ele foi capaz de comunicar uma mensagem encantadora. Para tanto, teve de livremente fazer empréstimos de outros salmos, a saber: vs. 3 (Sal. 118.8,9); vs. 4 (104.29); vs. 7a (103.6); vs. 7b (107.9; 145.15; vs. 8b (145.14); vs. 10a (10.16; 93.1; 97.1; Êxo. 15.18). Temos aí grande quantidade de empréstimos em um salmo que conta com apenas dez versículos.

Subtítulo. Os Salmos 146 a 150 não têm subtítulo. Quanto a essa circunstância, ver as notas de introdução ao Salmo 91, na seção *Subtítulo*.

Exaltando a Yahweh-Elohim (146.1-2)

146.1

Aleluia! Louva, ó minha alma, ao Senhor. O duplo *aleluia!* forma a introdução a estes salmos, e o autor sacro invoca seu ser interior (sua alma), seu próprio *eu*, a bradar louvores. Ver no *Dicionário* os verbetes *Louvor* e *Aleluia*. Cf. Sal. 103 e 104, que também começam dessa maneira. O Salmo 14 também termina com um alegre *aleluia*. "Louvores pela grandeza e graça de Deus são o tema deste salmo" (Allen P. Ross, *in loc.*). A Septuaginta e a Vulgata Latina fazem do *Aleluia!* o título deste salmo.

146.2

Louvarei ao Senhor durante a minha vida. Nosso homem estava decidido a clamar o seu *aleluia!* e a cantá-lo bem, em particular e na liturgia do templo, enquanto vivesse. Yahweh-Elohim (os dois nomes divinos que aparecem neste versículo) seria o alvo desses louvores, por causa de Suas bênçãos poderosas e de Sua graça. "Ele votou que, enquanto lhe restasse respiração, nunca cessaria de dar louvores ao Senhor. Como é óbvio, seu coração transbordava de gratidão por causa de algum livramento de circunstâncias difíceis que Deus operara em seu favor. Podemos deduzir que ele pertencia à classe de pessoas descritas nos vss. 7 e 9" (William R. Taylor, *in loc.*).

Confiando em Yahweh-Elohim, e Não no Homem (146.3-4)

146.3

Não confieis em príncipes. Os homens não são dignos de confiança, por causa de sua duplicidade e engano. Mas aqui o poeta sagrado mostra relutância em confiar no mero homem por causa de sua incapacidade de fazer por sua vida o que é preciso ser feito. Quando o homem mergulha no abismo e a vida física é ameaçada, é preciso Yahweh para tirar o homem dali. Assim também, quando o

homem cai em aflição, tristeza ou dor, é preciso que Yahweh venha aliviá-lo e consolá-lo. Os homens podem ter boas intenções; podem ter poder e autoridade terrena; mas em muitas situações ficam impotentes. Até mesmo os príncipes, que têm autoridade para ordenar muitas coisas, com freqüência enfrentam problemas, tanto deles mesmos como de outras pessoas, com os quais não podem lidar.

O pensamento de Sal. 118.8,9 é elaborado com base nos vss. 3 e 4 deste salmo. Ver as notas expositivas ali quanto a informações adicionais. Também há uma alusão a Gên. 2.7 e 3.19. I Macabeus 2.63 diz algo similar. Shakespeare parece ter alicerçado aqui suas linhas seguintes:

> *Oh, quão miserável é aquele pobre sujeito*
> *Que depende, em suas esperanças, dos favores*
> *dos príncipes.*

Alguns eruditos fazem este versículo referir-se à desistência de Ciro de cumprir a promessa de construir as muralhas, quando os cativos judeus voltaram a Jerusalém. Ele foi primeiramente um campeão, mas, quando atacado pelos adversários dos judeus, não cumpriu a palavra. Todos vivemos experiências pessoais negativas com as promessas dos homens, os quais, embora tendo falado com sinceridade, por muitas vezes falham. *A salvação vem de Deus* (ver Sal. 62.2, quanto a idéias e referências).

146.4

Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó. Este versículo está baseado essencialmente em Sal. 104.29. O homem é um ser de vida precária. Ele sopra seu "último suspiro", conforme se diz em uma expressão idiomática moderna. Deus soprou sobre ele o Seu hálito, e foi assim que ele se tornou um ser vivente. Quando o homem solta seu último suspiro, morre. No dia de sua morte, o homem perde toda a consciência, seus pensamentos desaparecem, seus planos cessam. Ele *vai-se embora desta vida.* O salmista refere-se aqui à comum teologia hebraica da época, segundo a qual o homem seria *totalmente extinto* por ocasião da morte. A idéia sobre a alma e sua sobrevivência *começou* a prevalecer nos salmos e nos profetas; mas a maioria dos salmos tem essa antiga teologia dos hebreus do *fim total* do ser humano por ocasião da morte. Ver Gên. 3.19. Visto que a vida do homem é tão precária, a ponto de poder ser apagada a qualquer momento, dificilmente o homem está em posição de defender a causa de seus semelhantes. Para tanto, temos de olhar para um Poder Mais Alto. Cf. Ecl. 3.20, que diz:

> *Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó, e ao*
> *pó tornarão.*

Em Ecl. 12.7 encontramos a idéia de que o *espírito* humano retorna a Deus, talvez uma declaração posterior do mesmo autor sagrado, que tinha obtido maiores luzes espirituais, ou de um autor diferente.

> *Ontem a palavra de César pode ter resistido ao mundo; mas*
> *agora ele jaz morto ali, e ninguém é tão pobre que lhe preste*
> *reverência.*
>
> (Shakespeare)

Seus desígnios. Isto é, *fabricações, maquinações,* as coisas de que são compostos os planos. "De repente, a morte rebenta a teia de projetos e, por isso, perece toda a esperança que pode ter gerada" (Fausset, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma,* bem como os vários artigos chamados *Imortalidade,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

146.5

Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio. O homem *feliz* é o que encontra ajuda *do alto, Elohim,* o Poder divino, que é, ao mesmo tempo, capaz e bem disposto. Visto que Elohim era o Deus de Jacó, Ele ajudará qualquer membro que participe do pacto abraâmico. Todos os descendentes de Jacó têm *esperança* Nele, a despeito das tribulações que estiver sofrendo. Nessa *bem-aventurança,* o salmista contrastou os ajudadores humanos, potencialmente inúteis (vs. 3), com a ajuda divina segura, que era privilégio especial de Israel. Esse tipo de bem-aventurança era típico da escola de sabedoria e pode ser visto em Sal. 1.1-6; 128.1-6; Pro. 3.13-17; 4.14-19. Quanto ao *Deus de Jacó,* cf. Sal. 114.7. Na literatura pós-exílica, Jacó tinha-se tornado Judá. Ver Isa. 65.9 e Oba. 10. Para Elohim, não existe limite de poder. Ele é o Criador. Por conseguinte, Ele não desapontará nenhum ser humano que Nele confie. Cf. este versículo, igualmente, com Sal. 33.12 e 144.15. Ver sobre *esperança,* em Sal. 104.27 e 119.166.

146.6

O que fez os céus e a terra. Coisa alguma é mais convincente sobre o poder que Deus tem para ajudar do que dizer que Yahweh-Elohim, *o ajudador e a esperança* dos homens bons, é igualmente o *Criador.* Em seguida, o poeta ilustrará o caso com outros fatores (vss. 7-9). O Criador é o Ajudador, ou seja, é o dispenseiro de toda forma de atos e intervenções providenciais. O grande ato criativo é equiparado diariamente na vida dos homens em atos menos criativos. O próprio ato de criação era uma promessa da providência que se seguiria, porquanto Ele *criou e sustenta* (Col. 1.17). Em seguida foram dadas todas as espécies de promessas no pacto abraâmico, especialmente no caso de Israel.

> *Tu criaste o homem, ele não sabe dizer por quê,*
> *Mas ele pensa que não foi criado para morrer.*
> *Tu o criaste. Tu és justo.*
>
> *(Tennyson, Memoriam)*

Deus proferiu a palavra, e mundos vieram à existência. Ele continua falando, e grandes coisas continuam acontecendo. "A palavra Dele é poderosa, segura e permanente" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para falar da Palavra, do *Logos,* em quem a salvação inteira foi operada em favor do homem, o que mostra, acima de todas as coisas, como o Ajudador opera.

Os Atos Graciosos de Yahweh (146.7-9)

146.7-8

Faz justiça aos oprimidos. *Se um homem qualquer estiver sendo oprimido,* Yahweh cuidará para que a *justiça* seja feita. Ver Sal. 103.6, sobre o qual parte deste versículo pode ser baseado. Ele supre o sustento físico necessário, incluindo alimentos para os famintos. Essa parte do versículo repousa sobre Sal. 145.15. Mas Deus cuida para que os prisioneiros sejam soltos (ver Sal. 107.10). O salmista dá uma lista abreviada das coisas que eram importantes para os hebreus da época: injustiças, opressões, fome, exílios e aprisionamentos. Essa lista continua até o vs. 10. Cf. Sal. 103.3; 104.27; 107.9; 136.25 e Isa. 55.1.

Seis Obras de Yahweh. Encontramos nos vss. 7-10 seis declarações sobre os benefícios providos por Yahweh. Cada sentença começa com o nome divino:

1. Yahweh liberta os prisioneiros, o que poderia falar sobre trazer de volta os exilados da Babilônia. Vimos esse benefício no fim do vs. 7.
2. Yahweh *abre os olhos aos cegos,* o que podemos compreender como a cura literal de alguns casos raros de cegueira e, figuradamente, como o discernimento espiritual dado às pessoas para que obedeçam à lei, a essência da espiritualidade hebréia (Sal. 1.2). "A cegueira algumas vezes figura a aflição e a impotência (Deu. 28.29; Isa. 59.9), algumas vezes simboliza a falta de discernimento mental ou espiritual (ver Isa. 29.18; 42.7). Neste caso, provavelmente temos em vista o primeiro caso" (Ellicott, *in loc.*). A *iluminação espiritual* é uma aplicação desta declaração bíblica.
3. Yahweh *levanta os que estão caídos.* Isso inclui os desanimados por causa da carga do pecado ou de outras espécies de opressões e tristezas. Cf. Sal. 145.14 e Mat. 11.29,30.
4. Yahweh *ama os retos,* e por isso lhes faz muitos favores. No sentido evangélico, Ele faz deles sócios da natureza divina (II Ped. 1.4), o ato supremo de Sua graça.

146.9

O Senhor guarda o peregrino. Continuando a falar das *seis* obras especiais de Yahweh, temos aqui a *quinta* delas, igualmente encabeçada pelo nome divino, Yahweh, e subdividida em três:

5. a. Ele *cuida dos peregrinos,* ou seja, os estrangeiros que estavam atravessando o território de Israel, ou que vinham passar ali algum período de tempo, engajados no comércio ou em busca de um novo lar. Aquela pobre gente também era objeto da proteção da legislação mosaica. Ver Deu. 10.18 e Sal. 68.5.
   b. Deus *ampara o órfão e a viúva.* Este era outro ato social exigido pela lei mosaica (Deu. 10.18). A lei se preocupava com os membros mais fracos da sociedade, que geralmente se encontravam em posições precárias. Ver Sal. 68.5.
   c. Deus realizava a justiça, *transtornando o caminho dos ímpios.* Literalmente, o hebraico diz aqui: "Ele entorta o caminho deles", levando-os a cair na ruína. Eles se trataram perversamente, bem como a outras pessoas, pelo que Yahweh passou a tratá-los de modo perverso, aplicando contra eles a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*). Assim a providência divina opera positiva e negativamente neste mundo. Ver Sal. 1.6 e 147.6.

A Doxologia (146.10)

146.10

O Senhor reina para sempre. Esta doxologia apresenta a *sexta* obra divina de Yahweh e introduz mais um pensamento acompanhado pelo nome divino, terminando com o mesmo *aleluia!* que iniciou o salmo.

6. *Yahweh reina* na justiça, na bondade, na misericórdia e no amor e, assim sendo, traz muitos benefícios a seus súditos. Ele é Elohim, o Poder, capaz de cumprir Seu reinado com habilidade e justiça. Ele reina em Sião, o centro das atividades civis e religiosas de Israel. Ali, o Senhor manifesta Sua presença. E Ele reina para sempre, no que difere das meras autoridades humanas. Cf. Êxo. 15.18; Sal. 10.16; 145.13 e Apo. 11.15.

Deus é *Poder*, o que significa que Ele nunca falha nem comete equívocos. Deus ajuda Seu povo e continuará a fazê-lo para sempre. Por conseguinte, devemos proferir os mais jubilosos *aleluias!*. Cf. Sal. 44.6; Isa. 9.7 e Dan. 2.44. Jarchi e Kimchi viam uma referência messiânica aqui, e assim também fazem muitos comentadores cristãos modernos. Yahweh merece o *aleluia final*, o que é deveras apropriado para encerrar este hino de louvor a Yahweh.

Salmo Cento e Quarenta e Sete

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino de louvor*, que celebra o poder e a providência universal de Deus. Ele é o Alto Rei, como também o Alto Benfeitor. Os últimos *cinco* salmos do saltério (alguns falam em *seis*) são salmos de *aleluia*, reunidos em um pequeno grupo, por parte de editores posteriores, apropriados para encerrar o saltério, que é o hinário de louvores de Israel. Alguns desses louvores são pessoais, e outros são nacionais. Cf. esse grupo final de salmos com os *Salmos Hallel* (salmos de louvor), isto é, os de número 113 a 118. A palavra louvor (aleluia!) aparece quarenta e seis vezes nesses seis salmos finais. É ao mesmo tempo apropriado e refrigerador que o saltério termine dessa maneira, em distinção ao numeroso grupo dos salmos de lamentação, com suas imprecações contra os adversários.

O Salmo 147 é um hino litúrgico. Era entoado como parte do culto do templo de Jerusalém, pontuado pelos altos aleluias, conforme avançava. Talvez esses salmos finais também fossem empregados por ocasião das grandes festividades, como o Ano Novo, a Páscoa, o Pentecoste e a festa dos Tabernáculos. Estas três últimas celebrações requeriam a presença de todos os varões judeus em Jerusalém. Esse mandamento (ver Deu. 16.16,17) não foi bem guardado quando o povo de Israel se multiplicou, e os israelitas viviam à grande distância da capital do país.

Este salmo originalmente pode ter sido dividido em três (vss. 1-6; 7-11 e 12-20) e isso talvez explique a maneira desconjuntada como ele apresenta seus pensamentos. Começa e termina com o alto aleluia que pontilha os últimos cinco salmos do saltério.

Este salmo consiste essencialmente na narração de como Yahweh-Elohim se mostra ativo entre os povos, dispensando bênçãos e correções providenciais. "O salmista louvou ao Senhor Deus por Sua grandeza ao sustentar toda a criação, e por Sua graça e cura dos crentes aflitos, dando-lhes Sua Palavra. Ele convidou toda a congregação de Israel a unir-se aos louvores, porquanto eles também tinham recebido seus muitos benefícios. Deus deve ser louvado por Sua graça (vss. 2, 3, 6, 10-14 e 19 e 20) e também por Sua grandeza (vss. 4,5; 8,9 e 15-18)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Os últimos cinco salmos de louvor não têm comentários introdutórios ou títulos. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *subtítulo*. Trinta e quatro dos 150 salmos não possuem subtítulo.

O Poder de Deus na História e na Natureza (147.1-6)

147.1

Louvai ao Senhor. Este salmo começa e termina com um jubiloso *aleluia* (ver a respeito no *Dicionário*), o que ocorre nos últimos cinco salmos do saltério. É *coisa boa* dar louvores a Deus, pois isso exibe uma grande virtude não muito comum neste mundo, a qual poderia ser definida com uma palavra — *gratidão* — (ver a respeito no *Dicionário*). O ato de louvor é: 1. bom; 2. agradável; 3. adequado em todas as ocasiões. Sempre é algo *decoroso*, adornando a vida dos homens com brilhantes decorações e coloridos.

Os *cânticos de louvor*, que faziam parte da liturgia do templo e das grandes festividades religiosas, eram o veículo dos aleluias. Levitas eram treinados para serem cantores profissionais e tocadores de instrumentos (I Crô. 25), o que demonstra quão importante era o ministério da música para a mente dos hebreus, embora os louvores individuais, sob a forma de cânticos, também fossem uma prática comum. "O louvor é decoroso, isto é, decente, conveniente e apropriado a cada criatura inteligente que reconhece os benefícios recebidos do Ser Supremo, que opera em favor dos homens como um Pai age em favor de seus filhos" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Sal. 92.1; 135.3 e 33.1, na ordem correspondente à apresentação das idéias.

147.2

O Senhor edifica Jerusalém. Provavelmente temos aqui uma alusão à *reedificação* de Jerusalém, após o cativeiro babilônico. O salmista, sem dúvida, conhecia as histórias de Esdras e Neemias. Tanto o templo como as muralhas da cidade foram reconstruídos. Os exilados foram recolhidos, embora apenas uma pequena porcentagem tivesse retornado à Terra Prometida, pelo que reiniciar a história de Israel como um pequeno fragmento de Judá não foi tarefa fácil, mas a sobrevivência daquela gente dependia do sucesso da reconstrução. Por conseguinte, o poeta sagrado teve o cuidado de louvar especialmente a Yahweh-Elohim por essa notável realização.

Os dispersos de Israel. Isto é, os que tinham sido *expelidos* para fora da Terra Prometida. Cf. Isa. 11.12 e 56.8. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui "a dispersão". Símaco segue literalmente a idéia do hebraico com as palavras "os que foram lançados fora". Após acontecimentos tão radicais como a partida para o exílio, houve uma cura radical pelo poder divino.

Este versículo tem sido cristianizado para significar a reunião universal dos expulsos por motivo de pecado, recolhendo-os no rebanho do Redentor.

147.3

Sara os de coração quebrantado. Os exilados eram homens de *coração quebrantado*, conforme demonstra claramente o Salmo 137. Os judeus voltavam com muitas feridas literais e psicológicas que precisavam ser curadas. O recolhimento dos judeus também foi uma administração de cura divina. Cf. Sal. 34.18 e Isa. 61.1. Ver também Sal. 102.16 e Deu. 30.3. Quanto às "feridas", ver Jó 9.28 e Pro. 15.13.

O versículo tem sido cristianizado para falar do ministério de Jesus, terreno e celestial, no qual pecadores carregados de feridas são curados pela graça divina. Deus é o edificador e o curador, e as pessoas da tribo de Judá muito precisavam de ambas as coisas — edificação e cura. Instrumentos humanos contribuíram, mas o poder real por trás da restauração foi divino. Deus é o Grande Médico, a quem homens quebrantados e enfermos devem recorrer em seus extremos de aflição. Os homens esforçam-se para curar mentes e corpos, e conseguem fazê-lo com alguma medida de êxito, mas há muitas coisas que estão além de suas capacidades. Até mesmo por trás dos médicos e das enfermeiras avultam o amor e a providência de Deus, o que torna possível seu esforço e eficácia. A bondade humana nunca existe isoladamente. Há o Pai lá em cima que se preocupa com tais casos. Ver Sal. 51.17; Isa. 57.15; 61.1; Luc. 4.18.

147.4

Conta o número das estrelas. Em Sua *onisciência* (ver a respeito no *Dicionário*), Yahweh sabe quantas estrelas existem e dá a cada uma delas um nome. Naturalmente, com olhos desarmados, podemos ver somente cerca de cinco mil a seis mil estrelas, todas em nossa pequena esquina do universo, a Via Láctea. O salmista não fazia idéia dos bilhões de galáxias, com seu bilhões de estrelas, mas sem dúvida concebia as estrelas como *inumeráveis*, pelo que conhecer a todas elas pelo nome era algo que somente a mente divina poderia realizar. Quanto ao número incontável das estrelas, ver Gên. 14.5; Isa. 40.26. Este último versículo, no livro de Isaías, também fala acerca de Deus chamar as estrelas pelo nome. A *astrologia* (ver a respeito no *Dicionário*) tinha nomes para as constelações, além de algumas estrelas isoladas; mas Yahweh não está limitado por essa "ciência". Os pagãos adoravam as estrelas, mas a teologia dos hebreus não caía no absurdo de substituir o Criador por Suas criaturas, adorando meras coisas criadas. O poeta sacro falava de um grande conhecimento e poder divino que os homens deveriam louvar; mas também dava a entender que essas coisas visam contribuir para o benefício dos homens. Além disso, nomes eram dados às estrelas por aqueles que as adoravam e personificavam (Sabedoria de Salomão 13.1-3), mas essa é uma substituição humana insuficiente.

"Isso é prova do grande poder de Deus para ajudar" (Ellicott, *in loc.*). "... louvando o poder e os cuidados providenciais de Deus" (*Oxford Annotated Bible*).

Aratas e Eudoxus fixaram o número das estrelas em cerca de mil (Vida de Agostinho, *De Civ. Dei.* 1.16, cap. 23).

147.5

Grande é o Senhor nosso, e mui poderoso. O Senhor é grande em atos criativos e ilimitado em Seu conhecimento. Sua criação é infinita, e infinito é o Seu conhecimento. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Onipotência* e *Onisciên-*

cia. Ele fez esse conhecimento e esse poder voltar-se na direção do homem. Tais atributos postam-se por trás de Sua providência. Deus pode fazer todas as coisas, porquanto conhece todas as coisas e tem poder suficiente para a tarefa. Cf. I Crô. 16.25; Sal. 48.1; 96.4; 145.3; Naum 1.3. "Como todas as coisas da criação e da providência são incontáveis e não podem ser sondadas pelos homens, assim também são a compreensão e o poder de Deus. Tais coisas não podem ser declaradas" (John Gill, *in loc.*).

O seu entendimento não se pode medir. Literalmente, no hebraico, temos "sem número". Cf. Sal. 143.3 e Isa. 40.28.

147.6

O Senhor ampara os humildes. O Todo-poderoso se abaixa para levantar os fracos. Eles estão aflitos e são mansos. Cf. Sal. 146.8,9. Ver os comentários sobre Sal. 145.14, que fala da condescendência divina para com os fracos. Ver também Mat. 11.28-40. É divinamente real e divinamente grande condescender diante dos fracos. É nisso que consiste o evangelho. Então, paralelamente, os orgulhosos são humilhados, ou seja, são projetados por terra.

> *Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça.*
>
> (I Pedro 5.5)

Este versículo encerra um ensino claro concernente à *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). A providência divina opera tanto de maneiras negativas quanto positivas.

O Sustentador do Mundo (147.7-11)

147.7

Cantai ao Senhor com ações de graças. Os pensamentos anteriores (o poder de Deus sobre a história e a natureza) e os pensamentos que se seguem (Sua providência e poder sustentam todas as coisas) levaram o salmista a irromper em cânticos de louvor. *Ação de graças é o tema deste cântico. Aleluias pontuam* o cântico em lugares estratégicos; instrumentos musicais foram usados para fomentar o som jubiloso. A congregação se aliava aos cânticos e assim muitas vozes se levantaram em alegres ruídos em honra a Yahweh. Aqui o Senhor é chamado de o Poder (Elohim) porque o poder Dele foi que fez o salmista ser o que era, concedendo-lhe a esperança que lhe pôs um cântico no coração.

Cantai. Esta palavra é tradução de um vocábulo hebraico que subentende o cântico antifonal, com vários participantes respondendo uns aos outros, com versos e refrões. Os cânticos produzem uma *celebração espiritual.*

> *Falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais.*
>
> (Efésios 5.19)

147.8

Que cobre de nuvens os céus. O Criador sustenta a Sua criação com atos especiais da providência e também os torna beneficentes aos homens. As nuvens *originam-se no mar, e todas as condições atmosféricas são controladas por aquela entidade.* Os antigos hebreus, entretanto, não compreendiam esse fato natural, e imaginavam Deus como quem tinha Seus depósitos, dos quais ia retirando a umidade e de onde espalhava as nuvens para prover as chuvas necessárias, ou seja, a água que dava sustento à terra. As chuvas fazem crescer as plantas, as quais servem de alimento para todas as coisas vivas. O ciclo das chuvas é retratado como iniciado e controlado pelo poder divino, e isso termina beneficiando os homens e todas as criaturas da terra. A Septuaginta, a Vulgata e outras versões fomentam o versículo adicionando "erva para o serviço do homem", que alguns eruditos supõem ter sido o texto original hebraico que se perdera acidentalmente. Cf. Jó 38.26,27 e Sal. 104.13,14.

Este versículo tem sido cristianizado para falar de Cristo como a origem da água da vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água*, onde ofereço metáforas e referências.

147.9

E dá o alimento aos animais. Tanto os quadrúpedes dos campos como as aves do céu, e até o mais glutão deles, como o *corvo*, obtêm grande abundância de alimentos. Esse é o empreendimento que consome todas as energias deles, e a providência divina é tão grande que nem mesmo aos corvos falta coisa alguma. "Por trás dos processos naturais está uma Pessoa. A vida humana não atende a ordens mecânicas. As leis não são regulamentos que atendem a horários e, sim, à orientação divina e à vontade santa de Deus" (J. R. P. Sclater, *in loc.*). Cf. Sal. 104.14; 145.15; Jó 38.41 e Luc. 12.24. Sabedoria, força, habilidade e gentileza são combinadas, e a vida torna-se toda dos beneficiários. "Os corvos, com seus gritos roucos, apelam inconscientemente para o Criador e Preservador quanto ao alimento de que carecem. Eles dependem não dos frutos regulares da terra, mas de uma subsistência precária (ver Luc. 12.24; Sal. 104.21; 145.5)" (Fausset, *in loc.*). Deus cuida até dos casos mais precários. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Corvo.*

"*Os antigos pais da igreja interpretavam isso figuradamente; e, quando encontravam a palavra corvos,* compreendiam estar em pauta os gentios, enquanto os *filhos dos corvos* seriam os cristãos que deles se originam, que invocam o verdadeiro Deus" (John Gill, *in loc.*).

147.10

Não faz caso da força do cavalo. Os homens confiam em todas as coisas fracas como ajuda, até mesmo na força do cavalo e de suas pernas, onde reside considerável porção de sua força física. Deus, entretanto, não se parece com o homem, que confia em coisas assim tão vãs. Por natureza, Deus é onipotente e não precisa gloriar-se em poderes sempre inadequados nas situações de crise. Cf. Sal. 33.16-18 e Osé. 1.7. Embora grande, Ele não se deleita em poderes inferiores, mas dá atenção aos humildes e fracos (vs. 6). Os poderes inferiores ficam inchados em sua importância e se tornam perseguidores das pessoas. Mas Deus os abaterá.

Cavalo... músculos do guerreiro. *Talvez o salmista nos quisesse relembrar* do poder da cavalaria e da infantaria, ou seja, do poder dos exércitos, coisas vãs para Deus. No Antigo Testamento, o cavalo era símbolo de poder e de resistência (ver Jó 39.19-25). Ver também Sal. 20.7. Os homens se deleitam no poder, sobretudo nas formas de poder que eles mesmos inventaram. Deus, em contraste, deleita-se naqueles que O temem (vs. 11). "As coisas que são agradáveis a Ele são os exercícios espirituais, como o abrigar-se em Jesus, a torre forte; correr a carreira cristã visando a obtenção da coroa incorruptível; a luta feroz contra os principados e os poderes, e tais atos de graça que são descritos abaixo" (John Gill, *in loc.*).

147.11

Agrada-se o Senhor dos que o temem. O prazer de Yahweh é com as pessoas que Nele confiam, que O temem, que estão engajadas na causa espiritual. Ver no *Dicionário* e em Sal. 119.38 o artigo e as notas expositivas sobre *Temor.* Esse termo fala da espiritualidade segundo os moldes do Antigo Testamento.

O *homem espiritual* fixa suas esperanças no amor constante de Deus, e elas são justificadas. Quanto ao *amor constante de Deus,* ver as notas em Sal. 136.1, e quanto à *confiança,* ver Sal. 2.12. Visto que Deus tem prazer nos fracos, eles terminam confundindo os fortes, porquanto Yahweh está ao seu lado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Esperança.*

Este versículo tem sido cristianizado para falar da esperança em Cristo. Os que se aproximam de Deus através de Cristo são altamente favorecidos. Existem três grandes coisas: a fé, a esperança e o amor (ver I Cor. 13.13), e o amor está no alto da lista. O versículo presente fala do amor constante de Deus e da esperança Nele.

A Solicitude do Senhor por Israel (147.12-20)

147.12

Louva, Jerusalém, ao Senhor. As três seções do salmo, começando nos vss. 1, 7 e 12, começam com uma chamada ao louvor. O poeta agora falará acerca dos muitos aspectos da providência de Deus em favor de Seu povo, pelo que o começa a louvar ao Senhor e a levantar cânticos com alegres aleluias. *Toda Jerusalém deveria clamar a Yahweh com aleluias; e, por semelhante modo,* a capital, Sião, deveria expressar-se. Esses lugares eram bem supridos e bem cuidados. As pessoas tinham uma boa vida ali. Sião era o lugar do culto, e esperava-se que ela tomasse a liderança sobre a questão do louvor, tal como tinha tomado a liderança em todos os demais exercícios espirituais.

147.13

Pois ele reforçou as trancas das tuas portas. *Após o exílio,* os judeus que retornaram da Babilônia foram capazes, contra muitos inimigos, de reconstruir as *muralhas de Jerusalém, levantar torres e outras fortificações, o que lhes dava* certa proteção contra os inimigos potenciais. Os portões nas muralhas eram fechados por meio de trancas. Dentro das muralhas e fortificações, os filhos de Judá, o Novo Israel, habitavam em segurança e confiança, e por essas coisas

deveriam dar louvores. Cf. Isa. 60.17,18. "A prosperidade interna seguiu a segurança externa" (Fausset, *in loc.*). Parte da idéia de ser próspero era que eles, uma vez mais, começaram a multiplicar-se para compensar as tremendas perdas sofridas por ocasião da destruição de Jerusalém no cativeiro, do qual apenas alguns poucos retornaram. A prosperidade aumentava, e o povo se multiplicava.

147.14

Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras. Este versículo nos dá as provisões necessárias para a prosperidade: a paz governava depois de um terrível período de destruição e sofrimento. Haveria mais guerras e matanças e, mais adiante na estrada, haveria até uma grande dispersão e cativeiro, o cativeiro romano. Por algum tempo, a paz predominou, e isso era absolutamente necessário para a restauração da capital da nação, Jerusalém. Então, a *agricultura*, a fonte de todas as riquezas e de todo o bem-estar, foi novamente posta em *operação, com bons resultados*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura*. Eles contavam com o "melhor do trigo", e, por implicação, com o melhor de todos os grãos e animais domésticos. Cf. Sal. 81.16. Ver também Isa. 60.17,18; Sal. 132.15 e Deu. 32.14.

147.15

Ele envia as suas ordens à terra. A palavra era o agente da vontade divina, os Seus *mandamentos*; e isso significa que a palavra criativa é igualmente a palavra providencial. Mediante Sua Palavra, Deus controla toda a natureza, conforme também lemos em seguida na Bíblia. Primeiramente, Deus criou e depois está controlando. "A palavra do Senhor é a emissão de Seus mandamentos à natureza (Gên. 1.3,6,9) e vem da palavra hebraica posterior, *memra*" (William R. Taylor, *in loc.*). Essa palavra é personalizada como Seu agente, algo como o anjo do Senhor. Cf. João 1.1-3. Cf. Sal. 107.20. O Targum fala da Palavra, e esse termo tem sido personalizado pelos intérpretes cristãos para significar "o Logos" (João 1.1). A palavra de Deus é como um corretor ligeiro, porquanto está sempre com pressa para cumprir as ordens divinas.

Oremos para que a graça possa abundar por toda a parte,
E que por toda a parte seja encontrado um espírito cristão.
De praia a praia, que a graça rebrilhe.

(Charles H. Gabriel)

147.16

Dá a neve como lã. A *palavra* é enviada em sua missão divina, pronta para cumprir as ordens celestes, e a primeira tarefa que a palavra vai cumprir é manipular as condições atmosféricas, conforme vimos no vs. 8. Mas agora foi a neve que se depositou sobre a face da terra, como um cobertor de lã, e a geada se espalhou como cinzas produzidas por uma grande conflagração. Cf. Jó 37.6. A figura concernente à neve foi sugerida por sua brancura e suave textura.

Marcial falava da neve como *densum vellus aguarum*, "um grosso tosão de água" (*Epigram.* 1.4, ep. 3). Aristófanes (*Nubes*, parte 146) falou das nuvens como *tosões esvoaçantes*. Plínio (*História Natural*, 1.17, cap. 2) falou da neve como a "escuma das águas celestiais". Quanto à neve, a figura sugere a aparência de cinzas lançadas abundantemente sobre as coisas. Temos a idéia de lançar cinzas em Êxo. 9.8,9 para representar úlceras abundantes que rebentariam sobre os homens e os animais; mas esse já é um simbolismo diferente, e ainda não descobri referências literárias que se pareçam com este versículo.

Esses símbolos significam *água* que é benéfica, tanto quanto a chuva. Em alguns lugares secos, as populações dependem da neve para suprimento de água, visto que ali as chuvas não são abundantes nem freqüentes. A neve das Montanhas Rochosas, da parte ocidental dos Estados Unidos, supre os desertos adjacentes com água, embora ali praticamente nunca chova. A neve, ao dissolver-se, enche os reservatórios.

147.17

Ele arroja o seu gelo em migalhas. A alusão aqui provavelmente é ao granizo, que se parece com migalhas. O granizo é outra forma assumida pela água e, quando as condições atmosféricas são favoráveis, ele pode acumular-se nas ruas tal e qual a neve. Visto que o granizo é uma das armas do arsenal divino, a figura pode referir-se a uma providência negativa. A água é artigo de primeira necessidade. Pode cair como algo útil, embora também possa ser destruidor. Sob a forma de granizo, pode ser um poder aterrorizador e destruidor; ver Êxo. 9.18 ss., onde aparece como uma das pragas do Egito. Ver também Apo. 8.7; 11.19; 16.21, quanto ao granizo como julgamento divino.

Quem resiste ao seu frio? O frio é um agente vexador do Ser divino (na mente do poeta), quando se torna excessivo. Muitos acidentes e mortes podem ser causados pelo frio extremo, mesmo quando os homens se preparam para enfrentá-lo, por meios artificiais. Boas condições atmosféricas são necessárias para que haja vida: muito sol e chuva. Más condições atmosféricas podem destruir a vida: granizo e frio excessivo. Existem lugares tão frios durante o inverno que um copo de água que caia da altura da cabeça de um homem pode virar gelo antes que atinja o solo; e esse tipo de frio pode matar uma pessoa em um minuto. Thomas Jefferson disse que não conseguia entender por que um homem prefere viver em um país de clima frio, se pode viver em um país de clima quente. Mesmo nos Estados Unidos, em lugares como Cheyenne, estado de Wyoming, que não é assim tão frio (se comparado a lugares como o Alasca), a carne humana pode enregelar em apenas três minutos, se ficar desprotegida no frio extremo. Estou escrevendo estas linhas em Salt Lake City, estado de Utah, nas sombras das Montanhas Rochosas. O dia é 19 de dezembro de 1996. Tenho enfrentado aqui uma temperatura de 25° centígrados abaixo de zero. O mês de dezembro é de inverno moderado. Mas nestes dias tivemos seis tempestades de neve e uma noite realmente fria. Durante o verão, porém, pode haver um calor de empolar a pele, visto estarmos à beira do Grande Deserto Norte-americano. Portanto, a variação de temperatura é muito grande durante um ano, e isso pode ser assustador para pessoas que não vivem aqui. Não obstante, este lugar é moderado em comparação a muitos outros.

147.18

Manda a sua palavra, e o derrete. O poeta sacro fala sobre o *degelo da primavera*, que cria grandes torrentes de água. As pessoas que não têm experiência com a neve não compreenderão o que é dito aqui. Nas Montanhas Rochosas, que dão frente para o vale do Lago Salgado, a neve pode acumular-se por mais de três metros de profundidade. Mas em maio e junho, na maioria dos lugares, ela se derrete completamente. Alguns lugares nos picos mais elevados resistem ao degelo e, de fato, até nesses lugares moderadamente frios há alguns poucos pontos de neves eternas, que nunca se derretem completamente e cobrem o solo. O Grande Lago Salgado, que mede de 80 a 120 km existe por causa do degelo da primavera, visto que ali praticamente nunca chove. A maioria dos grandes rios norte-americanos é alimentada pelo degelo da neve. Portanto, a neve, um terror durante o inverno, é o suprimento da água doadora de vida durante a primavera e o verão. Sai da boca de Deus a Sua palavra, dizendo à terra para aquecer-se, e começam a soprar ventos quentes que derretem toda aquela neve. Em breve a neve transforma-se em uma caudalosa torrente de águas que enche os ribeiros, e os ribeiros tornam-se rios espumejantes que inundam a terra e enchem os lagos e os reservatórios feitos pelo homem. A providência divina está operando, e os homens são os beneficiários.

Metáfora. Nossos gelados invernos de desespero, quando as chamas da esperança queimam baixo, podem ser transformados em primaveras balsâmicas que trazem bênçãos abundantes. O coração frio, enregelado pelo pecado, pode ser degelado pela graça de Deus. O amor frio pode flamejar de novo. O sol traz o calor que pode derreter o gelo e a neve. O sol traz o calor e a luz.

O mundo inteiro se perdeu nas trevas do pecado;
A Luz do mundo é Jesus.
Tal como a luz do sol, ao meio-dia, Sua glória brilhou.
A Luz do mundo é Jesus.

(Philip P. Bliss)

147.19

Mostra a sua palavra a Jacó. A palavra de Deus realizou Sua principal obra até então, a lei mosaica. Encontramos aqui uma *tríplice designação* da lei: a palavra, as leis e os preceitos (ver Deu. 6.1). Ver o vs. 15, quanto ao agente, a *palavra*, os mandamentos, que saíram para cumprir as obras de Yahweh. A maior dessas obras foi a legislação mosaica. Ver Sal. 1.2, quanto a um sumário do que a lei significava para os hebreus. Na introdução ao Salmo 119, dou uma lista das *dez* designações da lei. O Targum interpreta essa *palavra* como se indicasse a lei "e, de fato, a lei ou decálogo foi dado aos israelitas, a posteridade de Jacó, tanto a cerimonial quanto a judicial; as Escrituras, os oráculos de Deus, foram entregues a eles de maneira especial. Ver Deu. 4.6-8; Rom. 3.1,2 e 9.4" (John Gill, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para indicar a revelação divina que foi dada após a lei, a Palavra de Cristo, o Seu evangelho, a mensagem da salvação.

"No vs. 19, a Palavra do Senhor é equiparada à lei. Quanto à noção do dom especial dado a Israel, ver Deu. 4.8. Esse particular adquiriu uma nova ênfase após a obra de Esdras" (William R. Taylor, *in loc.*).

147.20

Não fez assim a nenhuma outra nação. Deus tratou com a nação de Israel de maneira toda especial. Esse povo recebeu a revelação divina que deveria

governar toda a vida e a existência deles. Outros povos não tinham essa revelação e só usufruíam de seus benefícios se se convertessem à fé hebraica e tomassem o jugo da lei mosaica. *Essa* era a distinção de Israel. Várias nações palestinas tinham cultura, ciência e arte superior. O próprio Salomão precisou valer-se de materiais e artífices especializados dos fenícios, para construir o templo de Jerusalém. Os egípcios tinham uma grande cultura, que já se vinha prolongando por treze dinastias, antes mesmo de Abraão ter chegado à Palestina. Os babilônios contavam com grandes edificações, artes e ciências. Os gregos tinham um intelecto brilhante que produziu uma filosofia superior e várias classes de obras literárias que ultrapassavam tudo quanto os judeus conheciam. Os romanos espalharam sua cultura por toda a região do mar Mediterrâneo, de tal maneira que esse grande mar interior se tornou um lago romano, e a grandeza deles foi muito maior que a de Salomão. *No entanto,* os judeus tinham a lei, com o seu "Assim diz o Senhor". Um por um, os grandes reinos fracassaram e, com eles, suas culturas distintas. Israel, embora tivesse permanecido por três vezes no cativeiro — o assírio, o babilônio e o romano — contra todas as possibilidades conseguiu sobreviver. *Por quê?* Porque os israelitas tinham sua lei, e ela não lhes permitia chegar ao fundo do poço ou desistir.

Aleluia! Este salmo termina como começou, tal como ocorre com os últimos *cinco* salmos do saltério: Aleluia!... Aleluia!

Salmo Cento e Quarenta e Oito

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto às *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério.

Este é *um hino de louvor,* que convoca todas as coisas criadas a louvar ao Senhor. Os últimos cinco salmos (alguns eruditos falam em seis) são *salmos de aleluia,* reunidos em um pequeno grupo que encerra o saltério. Alguns desses louvores são pessoais, outros são nacionais. Cf. isso com os *Salmos Hallel* (salmos de louvor), de número 113 a 118. A palavra "louvor" (ou "aleluia") aparece quarenta e seis vezes nesses cinco salmos finais. É tanto apropriado como refrigerador que o saltério tenha terminado dessa maneira, deixando para traz o numeroso grupo dos salmos de lamentação, com suas amargas imprecações contra os inimigos.

Este salmo expressa a crença de que toda a natureza deve cantar ao Senhor, e toda a natureza é aqui concebida a cantar, por meio dos que se reúnem no templo para dar ação de graças. O salmista dirige-se a várias partes da natureza, de uma em uma, chamando cada uma por sua ordem e encorajando cada uma a produzir seus próprios louvores. "A cosmologia segue o antigo conceito que orienta do mundo como uma estrutura em três andares (Sal. 8; Deu. 33.13). Tendo o céu como o andar superior, a terra como o andar do meio, e então o submundo como o andar inferior, a atitude do salmista acerca do mundo se assemelhava à do primeiro capítulo de Gênesis, onde o mundo aparece como bom. O poeta, diferentemente do autor do livro de Eclesiastes, acreditava que a bondade do Criador pode ser vista e acompanhada em todas as coisas" (William R. Taylor, *in loc.*).

"O salmista convocou todos os exércitos dos céus a louvar ao Senhor, porquanto Ele os estabeleceu por decreto. E Ele chamou a terra para louvar o Seu glorioso nome, visto que tinha exaltado a Israel" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Os últimos cinco salmos do saltério não têm observações introdutórias nem títulos. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *subtítulo.* Dentre um total de 150 salmos, 34 não têm subtítulos.

Convocação ao Mundo Celestial para Louvar (148.1-6)

148.1

Aleluia! Louvai ao Senhor do alto dos céus. Yahweh aparece aqui como um Ser transcendental, cuja habitação está fora de Sua criação. Portanto, o aleluia com o qual o salmo começa é retratado como subindo até Deus, chegando a Ele nos céus. Conforme a teologia dos hebreus se desenvolveu, assim também se acentuou a idéia da transcendência de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transcendente, Transcendência, Transcendentais.* Entretanto, se Deus tiver de ser louvado, isso deve incluir o fato de que Suas obras chegam ao homem, no que Ele também é imanente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Imanência.* A teologia posterior dos hebreus falava em três ou sete céus, cada qual com sua própria glória, e a glória de Deus habitaria no mais elevado dos céus. O livro de Enoque conta com sete céus, e há reflexos dessas idéias no Novo Testamento. Ver II Cor. 12.2,4; e cf. Heb. 4.14 e 7.26.

O salmo começa com um *duplo aleluia.* Esse alegre grito de aleluia é freqüente por todo o hino e é também sua declaração final. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Louvor* e *Aleluia,* quanto a informações completas. As hostes celestiais foram as primeiras a ser convidadas a louvar o Senhor Yahweh nos mais altos céus (*nas alturas).* "O louvor não se dirige à terra. Existe um coro celestial. No céu as questões são claras; os motivos não são misturados. Pode ser visto um rosto vivo, e não uma imagem em um espelho cru. Por conseguinte, o louvor angelical é mais puro, os clamores são mais altos, as frases são triunfantes, e a alegria é altamente exaltada" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Nas alturas. Quase certamente temos aqui uma alusão a múltiplos céus, embora nenhum número específico seja vinculado. "... ou no mais elevado céu, onde Ele habita, ou com as mais elevadas notas de louvor que podem ser levantadas. Ver Sal. 149.6 e Luc. 2.14. O Targum diz apenas "no alto", referindo-se às mais elevadas hostes de anjos" (John Gill, *in loc.*).

148.2

Louvai-o todos os seus anjos. As *hostes angelicais dos céus* são convocadas a louvar Yahweh, ou seja, a clamar alegres aleluias ao Senhor. A teologia posterior dos hebreus via os anjos como organizados em muitas ordens, e essa idéia foi incorporada no Novo Testamento.

... principados e potestades nos lugares celestiais.

(Efésios 3.10)

... tronos... soberanias... principados... potestades...

(Colossenses 1.16)

Ver a exposição desses versículos no *Novo Testamento Interpretado.*

O Targum fala sobre as hostes "que ministram diante Dele" e também ministram a Seu povo na terra (ver Heb. 1.7,14). São seres criados (ver Col. 1.16) que formam *hostes,* uma alusão militar às divisões e patentes de um vasto exército. Cf. Sal. 103.20,21.

148.3

Louvai-o, sol e lua. *Entidades inanimadas muito elevadas,* como o sol, a lua e todas as estrelas, são agora convocadas a louvar a Yahweh. Essas entidades estão no céu, mas não no mais alto dos céus. Os hebreus não faziam idéia das grandes distâncias existentes nos céus estrelados, nem das tremendas distâncias que as separavam da terra ou umas das outras. Mas essas entidades existiam em seus céus distintos, e para o benefício dos homens. Embora tenha havido alguns poucos lapsos, os hebreus não se envolviam na adoração às estrelas, nem o sol e a lua eram objetos por eles adorados. Antes, esses corpos celestes eram vistos como coisas criadas, demonstrações do mais elevado poder de Deus, mas não eram o poder supremo em si mesmos. Como coisas subordinadas, figuradamente, elas também tinham de submeter-se ao Deus Supremo e dar-Lhe louvor. "Deviam sua existência e funções a Ele" (William R. Taylor, *in loc.*). O estudo sobre os corpos celestes dá-nos razão para louvar o Criador, e devemos incluir isso na noção aqui destacada. Os corpos celestes, entretanto, são personificados e tornam-se uma hoste separada, como um poderoso exército, e então se reúnem no louvor a Deus. Cf. Sal. 136.1,7-9 e Deu. 33.14.

148.4

Louvai-o, céus dos céus. O céu e o céu dos céus devem prestar louvores e ação de graças, os céus das estrelas e os céus dos anjos. Cf. Sal. 68.33. Ver no *Novo Testamento Interpretado* o verbete denominado *Lugares Celestiais,* acerca dos múltiplos céus. O poeta sagrado não vinculou um número a eles, mas se referia definidamente a múltiplos céus, um conceito comum no judaísmo posterior e adotado pelo Novo Testamento, conforme demonstro na introdução a este salmo. Os céus foram comparados às divisões do templo terrestre, o qual, ao que se presume, era uma cópia do templo celestial. Haveria ali *vários compartimentos,* e cada um deles falava de um degrau de acesso. Havia os átrios dos gentios, das mulheres, o Lugar Santo, e então o Santo dos Santos, onde Deus manifestava Sua presença. Embora houvesse vários compartimentos, todos faziam parte do templo.

Águas que estão acima do firmamento. A antiga cosmologia hebréia ensinava que existem vastos depósitos de águas acima dos céus e, também, vastos depósitos de água que foram uma espécie de alicerce de água sobre o qual a terra repousa. Ver o artigo chamado *Astronomia,* onde apresento um diagrama que ilustra esse ponto de vista. De nada adianta supor que tais termos sejam figurados, e é difícil traçar em que ponto do tempo eles se tornaram figuras poéticas, e não figuras sérias que tentavam explicar a natureza da criação. Estou imaginando que, neste ponto do Antigo Testamento, as referências sejam literais.

De qualquer modo, o certo é que as *grandes águas* foram personificadas e elas também devem prestar louvores a Yahweh, gritando alegres *aleluias*. É ridículo reduzir essas águas ao *céu cheio de nuvens*, que podemos ver todos os dias. O Targum diz que essas águas foram "penduradas acima dos céus" pelo decreto da Palavra de Deus. Devemos pensar em algum tipo de vasto mar celestial "lá em cima", acima dos céus, outro dos magnificentes atos divinos da criação.

148.5

Louvem o nome do Senhor. Este *versículo expande* os vss. 3 e 4. As poderosas entidades dos céus acima, o sol, a lua, as estrelas e o mar celestial, que se tornassem pessoas e que louvassem a Deus, pois eram criações Suas, *demonstrações de Seu poder e de Seu domínio*. O Poder (Elohim) estabeleceu todas as coisas criadas em seus devidos lugares e em sua ordem certa. Elas devem a Deus sua existência, pelo que lhes cumpre louvar ao Senhor. Deve *haver um louvor completamente universal, de uma criação unida* (ver Fil. 2.9 e Efé. 1.9,10). De outra maneira, a criação perfeita seria menos que perfeita, algo intolerável na divina economia das coisas. Os homens, com suas idéias ultrapassadas de julgamento, contentam-se em deixar a criação de Deus menos do que perfeita e Seus louvores incompletos. Ver Heb. 12.9; Tia. 1.17 e Sal. 33.6,9 com aspectos paralelos aos deste versículo.

148.6

E os estabeleceu para todo o sempre. O *decreto divino* estabeleceu a natureza inanimada (vss. 3-5), pelo que Ele tem domínio sobre essas coisas, e elas, personificadas, Lhe devem *louvores*. Não vale a pena ser adorado, pois o adorador é somente um servo de Yahweh, como o são os homens ou os anjos. A criação é imperecivelmente fiel a Deus, e assim deveriam ser todos os seres vivos. Esse decreto não pode ser ultrapassado, pois "ele estabeleceu uma lei que não pode passar" (William R. Taylor, *in loc.*). Alguns estudiosos fazem o decreto retroceder até o vs. 5, na declaração incluindo os anjos e os céus. Cf. Jer. 31.35,36 e 33.25. Ver também Isa. 14.27; 25.1 e 41.10.

Convocação à Terra Para Louvar a Deus (148.7-14)

148.7

Louvai ao Senhor da terra. O poeta sagrado vai descendo aqui pela escala de valores. Ele tinha falado sobre os céus e suas muitas ordens de seres que deviam louvores a Deus (vss. 1 e 2). Ele trouxe os mais baixos céus para a banda de louvores, o sol, a luz das estrelas e o mar celestial, lá em cima (vss. 4 e 5). Agora chega ao escabelo de Deus, o último lance da escada. Naturalmente, os *abismos* referidos no vs. 7 poderiam significar o submundo e, nesse caso, ele não desceu mais um degrau, abaixo da superfície da terra, pois até do *sheol* o louvor precisa ser rendido ao Senhor. Por meio daqueles degraus, do alto até embaixo, o autor sacro incluiu dentro dos hinos de louvor toda a ordem criada. Passou por toda a extensão da criação, conforme a conhecia, desde os céus mais altos, onde Deus habita, até o mais baixo inferno, com o amor de Deus estendendo-se a toda a criação. Esse amor "vai até acima da mais elevada estrela e baixa até o mais profundo inferno", conforme diz um antigo hino evangélico.

O louvor também deve *subir* da terra. Yahweh, embora transcendental em seu céu superior, certamente ouvirá os *aleluias*. Ato contínuo, os monstros marinhos, criaturas de Deus, não serão esquecidos. O hebraico diz *tehom*, palavra que incluía animais reais e míticos dos mares profundos, como raabe e leviatã, e seus temíveis ajudadores (ver Jó 9.13), que estavam associados às profundezas no tempo da criação. Cf. Sal. 74.12-14; 89.10; 91.13 e Isa. 51.9, cujas notas também se aplicam aqui. Ver também no *Dicionário* os verbetes denominados *Raabe* e *Leviatã*.

Abismos todos. Provavelmente está incluso o *sheol*. Seria muito estranho se o poeta sacro ignorasse o lance mais baixo da escada, visto que ele tinha descido desde o topo. Ver em Sal. 139.8 como a presença governadora de Deus chega ao hades, e não meramente apenas ao céu. Não há nenhuma afirmação clara aqui sobre "haver algo" que governe o hades, ou sobre algo que dê louvores ali. Só podemos conjecturar que um completo hino de louvores deve incluir aquela região inferior. Esse conceito certamente é evidente no livro de I Enoque e mais ainda em I Ped. 3.18-4.6, onde vemos a missão misericordiosa de Cristo no hades. Portanto, a liderança universal de Cristo deve estender-se até ali (ver Fil. 2.9 ss.). Cristo deve ser *tudo para todos*, até mesmo no hades (Efé. 4.9,10). Sua restauração universal de todas as coisas dificilmente poderia deixar o hades intocado (ver Efé. 1.9,10). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Restauração*. Julgo que o autor do salmo presente compreendia essa questão pelo menos em parte, do contrário seu hino universal de louvores não seria *completo*. Essa seria a última coisa que o salmista desejaria ouvir sobre seu hino universal de louvores. O conceito básico oriental do mundo em *três andares* da criação deve ter avultado na mente do poeta sacro neste ponto. Um mundo com dois andares apenas estaria fora de questão para a mente oriental.

148.8

Fogo e saraiva, neve e vapor. O poeta sagrado fala agora de coisas *próximas da terra, que lhe pertencem por direito*: o fogo (os relâmpagos), a saraiva, a neve, a geada e os ventos procelosos, isto é, tempestuosos. Todas essas coisas, personificadas como foram, cumprem os mandamentos do Senhor e clamam o alegre *aleluia* a Yahweh. Os antigos pensavam, com toda a razão, que a providência divina controlava as condições atmosféricas. Os hebreus não tinham uma visão mecanicista da natureza. Cf. Sal. 147.15-18, que contém pensamentos similares. Cada elemento da natureza realiza um propósito especial, sob os decretos de Deus, e cumpre assim Sua vontade, proferindo louvores ao Criador.

148.9

Montes... todos os outeiros, árvores frutíferas... todos os cedros. Em uma declaração generalizadora, o autor reúne nesse hino universal de louvor tanto os objetos inanimados como a vida vegetal: montes e outeiros, árvores frutíferas e cedros. Ele não tentou apresentar uma lista completa, longa ou mesmo representativa de coisas. Sabia que entenderíamos o que ele queria dizer: todas as coisas à face da terra, inanimadas ou animadas, existem pelo ato criativo de Deus, e, personificadas, devem clamar o alegre *aleluia* a Deus. Algumas dessas coisas foram plantadas pelos homens, e outras, como os bosques, Deus as plantou sem a ajuda humana. Mas *todas* essas coisas devem louvores a Deus. Cf. Isa. 24.23; 49.13; 55.12. Ver também Sal. 104.16. Foi Yahweh quem plantou os cedros.

148.10

Feras e gados, répteis e voláteis. Agora o poeta sagrado chega à vida animal, toda espécie de quadrúpedes, animais domésticos e aquelas espécies de animais que se arrastam sobre a terra, como as serpentes, os lagartos, as formigas e os demais insetos, e até os vermes que perfuram a terra e fazem moradias humildes, próximas à superfície da terra. Além disso, devemos pensar nos pássaros, uma vasta classe da criação animal de Deus que não pode ser ignorada. Deus criou todos esses animais, ilimitados em espécies e números, e todos eles devem louvar a Deus. Nossa mente estonteia diante das inúmeras espécies de animais, e todas as habilidades especiais de cada uma dessas formas de vida derivam-se da Inteligência divina. Na verdade, a glória de Deus é Sua inteligência, segundo afirmava Joseph Smith. Cf. Gên. 1.26; 2.19; 7.23; 18.17; Deu. 4.17; Eze. 39.17 e Dan. 7.6.

148.11,12

Reis da terra e todos os povos. Finalmente, o salmista chegou ao *ser humano*, o mais elevado ser criado, e citou os reis e as populações em geral, os príncipes, os juízes e os cidadãos comuns. Novamente, temos uma espécie de declaração geral que divide certas classes de homens, tal como o poeta tinha feito com os animais, desde os grandes até os pequenos. Criaturas importantes e sem importância, dotadas ou não de autoridade e poder, são seres criados que devem louvores a Deus. O vs. 12 estende a declaração aos jovens, tanto rapazes quanto donzelas. E, finalmente, o salmista chegou às crianças, que ocupam a classe mais baixa. Note o leitor que o poeta sacro fala sobre *todos os povos*; todas as criaturas receberam Dele a vida e são sustentadas por Ele; e, como é óbvio, todas Lhe devem louvores. Assim como este salmo tem uma natureza universal, incluindo todas as formas de vida na casa de três andares criada por Deus, estes vss. 11 e 12 têm uma natureza universal, incluindo todos os povos e todas as camadas da sociedade humana. Por termos sido criados e estarmos recebendo a providência sustentadora de Deus, todos temos algo pelo qual agradecer, e devemos todos expressar essa gratidão.

Todos verazes, todos sem defeito e todos sintonizados.

(Kable)

Cf. Sal. 2.10,11; 8.2 e Mat. 21.15,16.

Da harmonia, da harmonia celestial,
Começou este arcabouço universal;
De harmonia para harmonia
Através de toda a escala de notas passou,
O diapasão fechando-se por inteiro,
em torno do Homem.

148.13

Louvem o nome do Senhor. O intuito deste versículo pode ter sido convocar todos os seres e todas as coisas, de qualquer esfera, a clamar o *aleluia!* Ou pode estar limitado aos homens de todas as raças, de ambos os sexos e de qualquer posição social. Adam Clarke (*in loc.*) faz uma convocação geral para encerrar o salmo, "tudo adredemente especificado". "Todas as coisas enumeradas acima, tanto nos céus quanto na terra" (Fausset, *in loc.*).

O *Nome* de Yahweh deve ser louvado, e a palavra "nome" representa Sua natur8.1 e Isa. 12.4. *Yahweh* está acima tanto dos céus quanto da terra, por ser Ele o Criador. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Glória*, quanto aos detalhes. A onipotência de Deus, Seus atributos, Sua elevada posição, Sua santidade, Suas perfeições, Seus labores supremos são idéias incluídas. No Novo Testamento, Cristo é a glória de Deus. Ver Sal. 83.2 e Heb. 1.3. Ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Glória de Deus.*

Glória ao Pai, e ao Filho
E ao Espírito Santo.
Tal como era no princípio, agora,
E para sempre o será, por todos
Os séculos. Amém e Amém.

(Charles Meineke)

148.14

Ele exalta o poder do seu povo. Tendo sido exaltado pelo Seu povo, Deus também exaltou um *chifre* entre o povo de Israel. Quanto a essa figura de linguagem, cf. Sal. 75.5; 89.17,23,24. Consideremos os seguintes pontos:

1. O "chifre" significa "poder". E parece estar em vista alguma vitória específica obtida por Judá, a qual pode ter impulsionado a composição deste salmo.
2. Alguns eruditos fazem com que esta declaração assuma natureza geral: o poder havia retornado a Jerusalém, após o retorno dos exilados da Babilônia.
3. Ou então está em pauta algum rei específico, que estaria cumprindo o ideal davídico. Quanto ao chifre como um chifre forte, ou rei, ver Sal. 87.17 e 132.17.
4. Esse chifre seria uma predição messiânica, e o Messias aparece como o Chifre especial.
5. Ou está em vista o poder de Yahweh, como Rei, a governar o Seu povo.

Todos os demais elementos da natureza, animados e inanimados, e todos os povos levantaram o seu aleluia. Agora os *santos* de Jerusalém deviam prestar graças a Deus porque tinham sido especialmente abençoados, acima de todos os outros, para adorar e louvar o elevado Deus do céu. Os santos são identificados como os filhos de Israel, a herança de Deus. Eles estavam *próximos* de Yahweh como nenhum outro povo estava, especialmente como possuidores e seguidores da lei. Ver Sal. 1.3, quanto ao que a lei significava para Israel. Sobre *santos*, ver Sal. 97.10 e ver também o *Dicionário*. Por conseguinte, o Israel espiritual estava próximo do Senhor (ver Efé. 2.13,17). Os sacerdotes podiam aproximar-se Dele (ver Lev. 10.3; Eze. 12.13; Deu. 4.6; Êxo. 19.6; Núm. 16.10; Sal. 147.19,20); da mesma forma, os santos do Novo Testamento, porque se tornaram sacerdotes, têm acesso ao Senhor. Ver Heb. 4.16.

Aleluia! Este salmo termina como começou, o que também acontece aos últimos *cinco* salmos do saltério: Aleluia!... Aleluia!

Este salmo inspirou o tradicional hino evangélico de autoria de Maltbie Babcock: "Este é o Mundo de Meu Pai". Este hino celebra os vários elementos do louvor que fazem parte do salmo. Cito apenas o primeiro verso:

Este é o mundo de meu Pai,
para os meus ouvidos que ouvem,
Toda a natureza canta,
E em volta de mim reboa a música das esferas.
Este é o mundo de meu Pai:
Descanso no pensamento
De rochas de árvores, de céus e mares —
Maravilhas feitas pela Sua mão.

(Maltbie D. Babcock)

Salmo Cento e Quarenta e Nove

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Apresento ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este é um *hino de louvor*, acompanhado por uma dança festiva. Os últimos cinco salmos do saltério (alguns falam em seis) são hinos de aleluia. Eles foram colocados no fim do saltério para criar uma conclusão apropriada ao livro de Salmos. Alguns desses salmos finais são louvores pessoais, e outros são louvores nacionais, e é provável que todos fossem usados na liturgia do templo, em ocasiões especiais, como as três festas anuais que requeriam a presença de todos os hebreus do sexo masculino (ver Deu. 16.16,17). Esse preceito não continuou sendo devidamente respeitado quando a população de Israel se multiplicou e se espalhou por lugares distantes de Jerusalém. A palavra que indica "louvor" (aleluia!) aparece quarenta e seis vezes nesses salmos conclusivos. Cf. os *Salmos Hallel* (salmos de louvor), de número 113 a 118. É tanto apropriado quanto refrigerador que o saltério termine com essa elevada nota de louvor, distinguindo-se do numeroso grupo dos salmos de lamentação, com suas amargas imprecações contra os inimigos.

O salmo presente tem idéias semelhantes ao Salmo 148, pois invoca vários grupos a louvar o Senhor e dar graças a Deus, mas tem uma natureza nacionalista, confinando-se a Israel, ao passo que o Salmo 148 é universalista. Tomados juntamente, os dois convocam intensos louvores a Yahweh. E é com essa nota que termina o saltério, pelo menos em seus últimos cinco salmos. Isso enleva nosso espírito, depois de bracejarmos em meio a tantas imprecações de castigos contra os inimigos.

Este salmo celebra alguma experiência renovada da bondade de Deus, visto ser um *novo cântico*, quanto ao seu conteúdo, uso ou composição musical. Quanto aos *novos cânticos*, cf. Sal. 33.3; 96.1 e 98.1. Certamente pertence a uma data pós-exílica (idéias mais recentes acham-se nos vss. 4 e 9). Alguns estudiosos datam este salmo no período dos Macabeus. "A data é avançada; a construção sintáxica dos vss. 7 a 9 é frouxa e posterior. Nos vss. 6 e 8 existem palavras posteriores, uma delas significando 'altos louvores', e outra significando 'cadeias'... A linguagem do salmo é notadamente paralela a frases nos livros dos Macabeus e de Judite (cerca de 150 A. C.). A assembléia dos fiéis ocorre em I Macabeus 2.42. A situação refletida neste salmo assemelha-se à de I Macabeus 7.46-49. Ver também Judite 13.14,15" (William R. Taylor, *in loc.*, que não insiste sobre esse argumento, supondo que é possível alguma data mais antiga).

Alguns eruditos, como Kittel, Gunkel e outros fazem deste salmo um salmo escatológico, olhando profeticamente para algum dia distante, talvez dos tempos messiânicos, quando se cumprirem as muitas promessas dos profetas.

"O salmista convida Israel a entoar louvores ao Senhor, o qual dá salvação aos mansos e capacita Seu povo a executar vingança contra as nações" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Subtítulo. Os cinco salmos finais do saltério não contêm observações introdutórias ou títulos. Quanto a essa circunstância, ver a introdução ao Salmo 91, sob *subtítulo.*

O Triunfo de Israel (149.1-9)

Que Israel Louve ao Senhor (149.1-4)

149.1

Aleluia! Cantai ao Senhor um novo cântico. Este salmo, tal como os últimos cinco salmos do saltério, começa e termina com aleluias (louvores). O saltério é o hinário de Israel, pelo que se encerra com um alvoroço de quarenta e seis aleluias, do Salmo 146 até o fim. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Louvor* e *Aleluia*. Este é um *hino novo*. Cf. Sal. 33.3; 96.1 e 98.1, quanto a notas expositivas a respeito. O objeto dos louvores é a pessoa de Yahweh, o Criador, o Sustentador e o Despenseiro de muitos atos da providência divina. Este salmo fala dos louvores de Israel, em contraste com o louvor universal do Salmo 148. Israel estava próximo de Yahweh (148.14) e, assim, tinha grandes razões para mostrar-se agradecido, especialmente por ser distinto de outras nações, sendo possuidor da lei e a ela obedecendo. Ver as notas expositivas em Deu. 4.4-8, quanto à *distinção* de Israel sobre outras nações. A congregação de Israel é a congregação dos *santos*, o que comento em Sal. 97.10 e também no *Dicionário*.

Este salmo pode celebrar alguns novos triunfos e milagres divinos em favor de Judá, e isso daria alguma razão para que fosse chamado de *novo*, como os que listei nas referências. Cf. o "chifre" no Sal. 148.14.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer do *cântico novo* o cântico de Cristo, segundo o qual se cumpriu a missão remidora do Senhor Jesus. Alguns estudiosos supõem que este salmo tenha natureza escatológica e, talvez, messiânica.

149.2

Regozije-se Israel no seu Criador. Esta declaração tem duplo significado:

1. Um Criador absoluto.
2. O Criador de Israel, e então a reorganização de Israel com base na tribo de Judá, terminado o cativeiro babilônico.

A natureza de Criador de Yahweh é apresentada com freqüência nos salmos como uma razão para que Israel desse louvores e ações de graças. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Louvor* e *Ações de Graças*. Ver Jó 35.10 e Isa. 54.5.

> *Sabei que o Senhor é Deus: foi ele quem nos fez e dele somos; somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio.*
>
> (Salmo 100.3)

Exultem no seu Rei os filhos de Sião. Cf. Zac. 9.9; Mat. 21.5; Sal. 145.1. Assim como o guerreiro mais valente se tornava rei, o poder mais alto era o Rei de todo o Seu povo, bem como de todos os povos. Cf. no *Dicionário* o artigo denominado *Senhor dos Exércitos*. Os súditos do Bom Rei têm muitas razões para regozijar-se, um tema repetido por duas vezes neste versículo. Os produtos de Sua providência são ilimitados, pelo que sempre haverá motivos para os Seus súditos se alegrarem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria*. Este versículo tem sido cristianizado para falar da alegria na salvação que Cristo nos trouxe. Ver Fil. 4.4.

149.3

Louvem-lhe o nome com flauta. *Cânticos de louvor* eram executados por cantores profissionais, com o acompanhamento de danças e instrumentos musicais. Esses eram bons meios para expressar jubiloso louvor. "O cântico deste salmo ocorria com danças sagradas, tudo acompanhado pelo tamborim e pela lira" (William R. Taylor, *in loc.*). O vs. 4 parece especificar alguma razão para todo esse regozijo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música (Instrumentos Musicais)*. Nesse artigo descrevo os instrumentos musicais referidos na Bíblia. A arte dos músicos levitas profissionais era transmitida de geração a geração. No templo de Jerusalém, a música era provida por aqueles que descendiam de Levi. Naturalmente, havia devoções particulares acompanhadas por instrumentos musicais, dentre as quais Davi foi o exemplo mais conspícuo. Ele era o *mavioso salmista de Israel* (II Sam. 23.1).

149.4

Porque o Senhor se agrada do seu povo. Consideremos estes pontos:

1. Yahweh, de modo geral, agradava-se em Seu povo, pelo que vivia a abençoá-lo.
2. Ele se alegrava em ouvir os louvores com todos aqueles cânticos, instrumentos musicais, danças e gritos de aleluias.
3. Visto que Deus se sentia tão agradado, Ele adornava os humildes com a *vitória:*
   a. uma vitória específica que não foi explicada, talvez obtida por meio de batalha.
   b. a vitória em geral, como a volta dos cativos da Babilônia ou outros eventos históricos dos quais Yahweh foi a causa.
   c. profeticamente, a vitória na vinda e no reino do Messias.
   d. as *honrarias* conquistadas por Judá quando libertado da Babilônia; as próprias nações pagãs disseram: "O Deus deles fez isso por eles!".

Este versículo é cristianizado para falar da vitória em Cristo, a salvação do Senhor realizada através da vitória da alma. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Visão Beatífica*.

Aqui, conforme acontece com tanta freqüência tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, encontramos expressões antropomórficas e antropopatéticas. Conferimos a Deus nossos próprios atributos e emoções. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*.

O Julgamento das Nações (149.5-9)

149.5

Exultem de glória os santos. A *glória do Senhor* é refletida em Seus santos, da mesma maneira que a lua reflete a luz solar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Glória*, bem como Sal. 148.13. Os santos, pois, *exultam* nessa glória, e isso os distingue de outras nações, porquanto a glória deles brilha através da lei mosaica. Ver em Sal. 1.2 o que a lei significava para Israel. Ver Deu. 4.4-8 sobre como Israel se tornou uma nação distinta por meio de sua lei. Eles exultam no *triunfo*, para o qual dou várias interpretações. Ver o vs. 4, ponto 3 (a, b, c, d). Cf. Sal. 112.9.

"Os racionalistas podem estudar a história do Antigo Testamento e encontrar na sobrevivência de Judá um *mistério*. O crente vê nisso um milagre. Outro tanto aconteceu ao salmista. isso o convidou a uma nova explosão de louvores" (J. R. P. Sclater, *in loc.*).

Os santos. Ver Sal. 97.10 e o *Dicionário*. Este salmo, do começo ao fim, refere-se a Israel, enquanto o Salmo 148 é universal, abrangendo todas as coisas, todos os seres inteligentes, incluindo *todos os povos*, em seu hino de louvor. Os *santos* neste salmo apontam somente para Israel, embora este versículo tenha sido cristianizado para abarcar os santos do Novo Testamento, que exultam nos *triunfos doados por Cristo*.

Nos seus leitos. Consideremos aqui estes pontos:

1. A referência poderia ser a festas efetuadas ao estilo romano, ou seja, em divãs. Assim sendo, as festividades seguiam noite adentro, e os cânticos de louvor eram continuamente entoados.
2. Ou pessoas espirituais que queriam ter um bom dia, mesmo quando se deitavam para descansar, não podiam parar de regozijar-se e cantar hinos de louvor. Nem todo aquele que se deita para dormir acaba dormindo, sabemos disso. John Gill (*in loc.*) lembra que alguns santos *enfermos* não permitem que isso aconteça. Estão doentes, mas continuam a cantar, em vez de gemer o tempo todo.
3. Arama faz disso a sepultura, o leito dos que morrem, cujo espírito não dá atenção à alegada tragédia e continua entoando louvores.
4. As palavras podem ser emendadas superficialmente para obtermos "em seu templo"; mas isso é uma mudança desnecessária.

Este versículo tem sido cristianizado para fazer dos braços de Jesus o leito dos santos, isto é, onde vai a alma deles quando o corpo morre. Portanto, eles estariam seguros e cantando nos braços de Jesus. Esta é uma boa aplicação, mas dificilmente serve de interpretação do texto.

149.6

Nos seus lábios estejam os altos louvores de Deus. As circunstâncias nas quais Israel se encontrava, ou tinha vivido recentemente, levaram o poeta a descer de seu elevado monte de louvores e tocar a espada sobre os inimigos. No caminho descendente para o vale das imprecações, ele parou e proferiu mais uma convocação de louvores. Mas, enquanto esse louvor continuava, os israelitas deveriam manter suas espadas de dois gumes em punho, prontas para serem usadas. Sem dúvida, a alusão aqui é à reconstrução das muralhas de Jerusalém:

> *Os carregadores, que por si mesmos tomavam as cargas, cada um com uma das mãos fazia a obra, e com a outra segurava a arma.*
>
> (Neemias 4.17)

Portanto, a convocação era para continuar entoando louvores e matar, ao mesmo tempo, pois os inimigos de Israel nunca desistiam. Isso me faz lembrar de uma canção popular, durante a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos: "Louva ao Senhor e passa a munição, e nós todos permaneceremos livres".

O Targum perde aqui o espírito da coisa e faz das palavras na garganta o mesmo que uma espada de dois gumes. Assim, "em sua garganta como espada de dois gumes". As palavras são poderosas, mas o poeta sagrado não estava falando sobre isso.

149.7

Para exercer vingança entre as nações. Agora, no *vale das imprecações*, o poeta transbordava de maldições contra os inimigos de Israel. Sua atitude tinha degenerado. A música não mais seria agradável aos ouvidos cristãos. Notas estridentes cruzavam o salmo de louvores. Temos de relembrar, entretanto, que aqueles eram tempos brutais. Uma nação de Israel despreparada para matar ou ser morta não cantaria louvores por muito tempo. A *vingança* era uma grande realidade. É difícil averiguar a circunstância histórica dessas palavras violentas e bravas. Talvez estejam em vista os tempos dos macabeus, quando Israel obteve algumas vitórias significativas. Mas alguns eruditos vêem desdobrar-se aqui eventos futuros, a saber, as vitórias obtidas pelo Messias. Este versículo pode ser espiritualizado para falar das vitórias obtidas por Cristo (Col. 2.14,15), em benefício de Seus seguidores.

A *vingança, uma vez administrada*, seria o *castigo* dos pagãos. O agente, para a mente dos hebreus era, naturalmente, Yahweh, o qual, ao praticar a justiça, tinha de ferir e matar. Cf. esse sentimento com Apo. 19.15,21. Alguns aplicam este versículo à limpeza da casa em Israel, após o cativeiro babilônico (ver Nee. 13.15 ss.), mas isso é brando demais para o texto. Eles, na verdade, queriam *vingança*.

149.8

Para meter os seus reis em cadeias. Judá seguiu algemado em cadeias quando foi levado para a Babilônia, pelo que foram amarrar a outros, especialmente a seus reis, para serem humilhados. Eles queriam tratar os nobres da mesma maneira, aplicando-lhes a *Lex Talionis* (retribuição segundo a gravidade do crime cometido; ver sobre esse termo no *Dicionário*). Eles queriam fazer aos outros o que tinha sido feito contra eles, e não o que gostariam que se fizesse

com eles, o oposto à lei de Cristo (Mat. 7.12). Naturalmente, essa lei era impraticável e, se Israel tivesse agido de modo diferente, seria obliterado.

O amor concede em um momento o que o trabalho não
poderia obter em uma era.

(Goethe)

Essas são belas palavras, mas os inimigos de Israel não estavam interessados em palavras. O que eles queriam eram terras, poder, dinheiro e trabalho escravo que lhes fosse prestado. Assim, Judá foi esmagada pelos babilônios e, depois de terem voltado à Terra Prometida, os judeus queriam esmagar quaisquer inimigos que se levantassem, se ao menos tivessem o poder de fazê-lo. Portanto, o negócio continuou igual: matar ou ser morto. Isso nos mostra o nível de espiritualidade naquele tempo. Eram todos um bando de selvagens. Eis por que Jesus veio a este mundo miserável — para salvar os pecadores. Os judeus, naturalmente, queriam executar a justiça, retribuindo o mal com o mal.

O poeta sagrado tinha cessado completamente de cantar seu novo cântico (vs. 1). Ele caiu novamente no antigo cântico de vingança, sangue derramado, matanças e imprecações. A *sobrevivência* era o nome do jogo. Boas teologias ainda teriam de esperar por uma época mais propícs de todos os lugares (Efé. 1.9,10; 4.8-10).

149.9

Para executar contra eles a sentença escrita. É uma tristeza que, em meio aos cinco hinos de louvor concludentes (146 a 150), na última porção do Salmo 149, o poeta sacro tenha escorregado de volta às *imprecações* típicas dos salmos de lamentação. O saltério poderia ter passado sem essa mácula em suas declarações finais. Que esse tipo de material tivesse aparecido bem no meio dos louvores, mostra-nos a quais terrores a mente dos hebreus fora sujeitada pelos assédios brutais de inimigos que não davam tréguas.

Executar contra eles a sentença. O salmista desejava que os inimigos de Israel recebessem juízos divinos como os que sobrevieram ao Egito e/ou sofressem invasões e cativeiro como tinha acontecido com os filhos de Israel. Obviamente, o poeta sacro desejava que a própria nação de Israel fosse escolhida por Yahweh como instrumento da vingança, para executar o juízo apropriado contra homens insolentes. Os vss. 6-8 mostram que as imprecações incluíam o desejo de que *Israel* tomasse parte na concretização dos julgamentos divinos. Este versículo confirma o desejo.

O que será honra para todos os seus santos. Israel, como instrumento de justiça da parte de Yahweh, seria assim honrado por ter sido escolhido para tal tarefa. "Eles seriam apoiados, defendidos e salvos pelo Senhor. Israel tinha essa honra e tais vitórias sobre os seus adversários, ao mesmo tempo que continuasse a ser fiel a seu Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

A linha final transforma-se em uma profecia, na opinião de alguns. "Essa *honra*, ou seja, o privilégio de compartilhar com o Senhor o julgamento do mundo (Dan. 7.22; Luc. 22.29,30; Apo. 3.21 e 20.4). Essa será a sua honra coroadora" (Fausset, *in loc.*).

Este versículo tem sido cristianizado para indicar a espada de dois gumes de Cristo, que divide os homens, salvando alguns e condenando outros (ver Heb. 4.12 e Apo. 1.16).

Salmo Cento e Cinqüenta

Quanto a *informações gerais* que se aplicam a todos os salmos, ver a introdução ao Salmo 4, onde apresento *sete* comentários que elucidam a natureza do livro. Quanto a *classes* dos salmos, ver o gráfico no início do comentário, que atua como uma espécie de frontispício do saltério. Ofereço ali dezessete classes e listo os salmos pertencentes a cada uma delas.

Este salmo é a *doxologia* de encerramento do saltério inteiro. Cada um dos cinco livros dos salmos se encerra com uma breve doxologia. Ver livro 1 (Sal. 41.13); livro 2 (Sal. 72.19); livro 3 (Sal. 89.52); livro 4 (Sal. 106.58); livro 5 (todo o Salmo 150). Os últimos cinco salmos (alguns falam em seis) são salmos de aleluia. Foram colocados no fim do saltério para criar um término apropriado para o livro de Salmos. Então vem o Salmo 150, que é o *final* do hinário de louvores de Israel. Os últimos seis salmos contam com quarenta e seis jubilosos *aleluias*. O Salmo 150 tem treze exortações para que se louve a Yahweh, isto é, treze convites para que se clame o *aleluia!* Tal como os quatro salmos anteriores, o Salmo 150 começa e termina com essa exortação, mas diferentemente do grupo anterior cada versículo contém essa exortação. Somente outro salmo da coletânea de 150 é apenas uma *doxologia*, ou seja, o Salmo 117.

Este salmo responde a quatro perguntas: 1. *Onde* Yahweh deveria ser louvado (vs. 1)? 2. *Por que* Yahweh devia ser louvado (vs. 2)? 3. *Como* Yahweh devia ser louvado (vss. 3-5)? 4. *Quem* deveria louvar a Yahweh (vs. 6)?

Subtítulo. Os últimos *cinco salmos* do saltério não contam com anotações ou títulos. Quanto a essa circunstância, ver as notas de introdução ao Salmo 91, sob *subtítulo*.

"Por causa da poderosa excelência de Suas obras, o salmista convocou o povo a louvar o Senhor no santuário de Jerusalém, acompanhados por toda espécie de instrumentos musicais" (Allen P. Ross, *in loc.*). Note o leitor o uso da *trombeta*, um instrumento musical usado somente pelos sacerdotes de Israel. Os outros instrumentos podiam ser usados apenas pelos levitas que não eram sacerdotes. Essa distinção entre os dois tipos de levitas poderia indicar uma data posterior, isto é, pós-exílica, para esta doxologia final. Este salmo pode ter sido composto tendo em vista dar um fim apropriado ao saltério, ou então o Salmo 150 já existia e foi aproveitado porquanto bem servia a esse propósito.

Onde Yahweh Deve Ser Louvado (150.1)

150.1

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário. Por *treze* vezes o salmista expediu a convocação para os israelitas louvarem a Deus.

1. *Yahweh*, o Deus eterno, deve ser louvado. Ele é o Criador e Benfeitor de toda vida e merece os *aleluias* de todos os anjos, homens, criaturas sem razão e coisas inanimadas (conforme se vê em Sal. 148).
2. *Elohim*, o Deus Todo-poderoso, o *poder*, deve ser louvado por causa de todo o Seu poder e Suas obras beneficentes, começando pela criação e então através de Sua providência diária.
3. *Onde* Yahweh deve ser louvado? Yahweh-Elohim deve ser louvado em *Seu santuário, o templo*, o lugar onde Ele manifesta a Sua presença. Esse templo era uma cópia do templo celestial, pelo que, por extensão, Ele também deveria ser louvado. Ele deve ser louvado *no firmamento do Seu poder*, uma referência geral aos *céus*, o santuário divino de Deus, em contraste com o santuário terrestre. Isso significa que tanto os anjos (lá no alto) quanto os homens (cá embaixo) devem bradar o aleluia em honra ao Senhor. Cf. Sal. 19.1 e Gên. 1.8. "Terra e céu são convocados a elevar a voz em louvor" (William R. Taylor, *in loc.*).
   Por aplicação, devemos tomar consciência de que qualquer lugar pode ser um santuário de Deus, onde o Senhor manifesta Sua presença. Isto posto, qualquer lugar pode ser apropriado para louvar a Deus.

   Pois Tu não estás limitado dentro de muros,
   Mas habitas na mente humilde.

   (William Cowper)

   Por isso mesmo, cada crente individual é templo do Espírito Santo (ver I Cor. 6.19), como também o é a igreja (Efé. 2.20 ss.).
   Quanto ao céu como habitação de Deus, ver Sal. 11.4 e 102.19. Ver também Sal. 88.33,34 e 19.1.

Inspiração para o Louvor. Louvamos a Yahweh-Elohim (vs. 2) por causa de Sua *grandeza extraordinária*, inerente à Sua Pessoa, com todos os Seus atributos e perfeições, e porque essas coisas trabalham em favor do homem. "Louvado seja Aquele cujo poder e bondade se ampliam por todos os mundos. Os habitantes daqueles mundos compartilham o grande coro, pelo que pode ser absolutamente universal" (Adam Clarke, *in loc.*).

Por que Yahweh Deve Ser Louvado (150.2)

150.2

Louvai-o pelos seus poderosos feitos. Neste versículo, o autor sagrado continua com suas *treze* convocações ao louvor.

4. Yahweh-Elohim deve ser louvado *por causa* de Seus atos poderosos, começando pela criação e estendendo-se a toda a sua providência em benefício do homem. Sua *notável grandeza* é posta a funcionar para fazer toda espécie de coisas por todas as suas criaturas, como anjos, homens e os inúmeros animais da terra (ver Salmo 148). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. Toda a criação é *inspirada ao louvor*, por causa da "abundância de Sua grandeza" (literalmente compreendida no original hebraico), isto é, sua grandeza e poder inerente, porque Ele é Elohim (o Poder). A grandeza de Sua pessoa opera poderosas e beneficentes obras na criação. Nossos louvores devem equiparar-se, em algum grau, às grandiosas obras da criação.

5. *Yahweh-Elohim* deve ser louvado porque Sua grandeza inerente é também uma grandeza manifesta. Ele e Suas obras são excelentes, e os resultados são excelentes, tal como a criação original foi chamada *boa* (ver Gên. 1.4,10,12,18,21,25,31) e até mesmo *muito boa, conforme diz a última referência dada.*
Cf. Sal. 145.5,6 e 147.13. Ver também Deu. 3.24.
Este versículo tem sido cristianizado para indicar a obra remidora de Cristo, a qual leva todos os homens a agradecer e clamar o aleluia por causa da salvação, que, para o homem, é a *boa obra* final.

150.3

Louvai-o ao som da trombeta. O autor continua aqui com suas *treze* convocações para o louvor.

6. Os *sacerdotes* (levitas aarônicos) foram convocados a trazer suas *trombetas* para destacar o hino de aleluia. Somente os sacerdotes tinham permissão de tocar trombetas. Eles tomam a liderança na realização do hino, e aprendemos que este salmo era um hino litúrgico.

Os Instrumentos Musicais e Seus Músicos. 1. A trombeta soprada pelos sacerdotes (vs. 3). 2. Os levitas músicos tocavam o saltério e a harpa (vs. 3). 3. Os leigos, tanto homens quanto mulheres, juntavam-se aos cânticos e ao toque de alguns instrumentos, como o adufe, a flauta e os címbalos (vss. 4,5). Foi assim que uma *participação universal* ocorria nos cânticos, no toque de instrumentos e nas danças (vs. 4).

7. Os *levitas musicais* (não-aarônicos, treinados profissionalmente; I Crô. 25) também foram convocados a clamar o aleluia e a acompanhar o hino de louvor. Eles tocavam o saltério e a harpa e tinham habilidades profissionais como músicos. Assim eles proviam a "boa música" dos eventos, enquanto outros provavelmente adicionavam ruídos jubilosos.
Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música (Instrumentos Musicais),* onde ofereço uma breve descrição dos instrumentos musicais mencionados na Bíblia, até onde nosso conhecimento permite determinar.

150.4

Louvai-o com adufes e danças. O salmista continua aqui com suas *treze* convocações para as pessoas louvarem a Deus.

8. Os *leigos* juntaram-se na realização do Hino de Louvor e foram convocados a tanto pelo poeta sagrado. Os leigos tocavam o *adufe* ou *dançavam.*
9. Outros *leigos* usavam instrumentos de cordas ou a flauta. E também faziam parte do grupo de dançarinos. Esse grupo também chamava para dar louvores.

150.5

Louvai-o com címbalos sonoros. O autor sagrado continua aqui com suas *treze* convocações para que as pessoas dessem louvores a Yahweh.

10. Ainda outros dentre os leigos ouviriam a convocação para juntar-se ao Hino de Louvor. Esses tocavam *címbalos sonoros,* ajudavam no ritmo para as danças, e podemos estar certos de que, quando tocavam esses instrumentos ruidosos, estavam meneando, soltando gritos, cantando e bradando aleluias.
11. Ainda outros leigos tocavam *címbalos retumbantes.* Um amigo judeu observou de certa feita que os judeus são um povo de cânticos e de danças, e os versículos do salmo presente comprovam esse fato. O ruído deve ter sido ensurdecedor. "O volume de som aumentava em um grande crescendo" (William R. Taylor, *in loc.*). Esses tocadores barulhentos também foram convocados a juntar-se aos louvores.

150.6

Todo ser que respira louve ao Senhor. O autor termina neste versículo suas *treze* convocações para que a comunidade de Israel louve a Yahweh.

12. Agora a convocação para os israelitas se alegrarem e gritarem os aleluias é *universalizada,* tal como aconteceu no Salmo 148. "Todo ser que respira" devia unir-se no hino de louvores a Deus. Todas as criaturas vivas, humanas e animais, são convidadas a participar dos louvores. Supomos que, embora tenham sido deixados de fora da décima segunda convocação, os anjos devam ser incluídos na convocação final. A Vulgata Latina, valendo-se do fato de que *respiração* e *espírito* são a mesma palavra no hebraico, incluiu os anjos nos louvores neste ponto.

Louvado seja o Deus da nossa salvação!
Hostes celestiais, Seu poder proclamai.
Céus e terra, e toda a sua criação,
Louvai e magnificai o Seu Nome!

13. Finalmente, chegamos ao *aleluia de conclusão,* não somente do Salmo 150, mas do saltério inteiro, bem como o quadragésimo sexto aleluia dos seis salmos finais (145 a 150). Consideramos esta convocação final ao louvor, a décima terceira deste salmo, *absolutamente universal* em seu escopo, tal como encontramos no Salmo 148, incluindo todas as criaturas vivas, o reino vegetal, as hostes celestiais e até as coisas inanimadas. "Há música nas folhas, na árvore farfalhante; sim, até nos oceanos, por cruel que isso pareça ser" (W. H. Davies). "O amor remidor tem sido o meu tempo, e assim será até a minha morte" (William Cowper). "Aleluia! Salvação, glória, honra e poder sejam ao Senhor nosso Deus. Aleluia! Reina o Senhor Deus onipotente. Amém" (Fausset, *in loc.*).
Este versículo tem sido cristianizado para aplicar-se às realizações da missão de Cristo, em favor de quem o aleluia final deve ser clamado.
"Muito apropriadamente, este último versículo do saltério inclui um convite para todas as coisas vivas... louvarem o Senhor. E então o livro de Salmos se encerra com o aleluia final!" (Allen P. Ross, *in loc.*).
Este magnificente livro poético, que constitui cerca da décima parte do Antigo Testamento, é o livro mais citado no Novo Testamento.
Epicteto, terrivelmente aleijado, queixou-se de que, na realidade, a vida dele era uma *existência etérea,* tropeçando sob o peso de um cadáver (seu corpo). Por outro lado, ele percebia que não deveria permitir que uma *perna miserável* arruinasse seu contentamento. E ele continuou (*Discursos,* I.16):

Que mais posso fazer, eu, que sou um aleijado, um homem idoso, a não ser cantar louvores a Deus? Ora, se eu fosse um rouxinol, estaria cantando as canções de um rouxinol, ou, se fosse um cisne, estaria cantando as canções de um cisne. Mas sendo um homem dotado de razão, é meu deve entoar hinos a Deus. Essa é a minha tarefa, e eu a cumpro.

O salmista levou a questão mais adiante e fez o rouxinol e o cisne entoar louvores a Deus, porquanto seu convite é *universal.*

Ele enfeixou o mundo inteiro nas mãos,
Uma Luz, um Sol,
Um único sol iluminando a todos.
Um mundo girando
Um mundo girando para todos.

Ele enfeixou o mundo inteiro nas mãos,
Um mundo, um lar,
Um único lar mundial para todos.
Um sonho, uma canção,
Uma canção ouvida por todos.

Ele enfeixou o mundo inteiro nas mãos,
Um Amor, um só Coração,
Um Coração aquecendo a todos.
Uma Esperança, uma Alegria,
Um Amor preenchendo a todos.

Tenho uma razão especial para bradar o alegre *Aleluia,* porque hoje, 21 de dezembro de 1996, um dia antes de meu sexagésimo terceiro aniversário natalício, tive as forças e o privilégio de completar a exposição dos Salmos. Estou esperando com confiança que, não dentro de muito tempo, adicionarei minha nota de agradecimento por haver completado a exposição de Mal. 4.6, ou seja, por ter encerrado o comentário de todo o Antigo Testamento. Peço ao Senhor a força e a glória para completar a jornada.